OBRAS COMPLETAS

DE

ALMEIDA GARRETT

ALMEIDA GARRETT

OBRAS COMPLETAS

DE

ALMEIDA GARRETT

GRANDE EDIÇÃO POPULAR, ILLUSTRADA

PREFACIADA, REVISTA, COORDENADA E DIRIGIDA

POR

THEOPHILO BRAGA

VOLUME I

POESIA — THEATRO (PROSA E VERSO)

H. ANTUNES

LIVRARIA EDITORA

145, Rua Buenos Ayres, 145 | 9, Travessa da Espera, 11

RIO DE JANEIRO | LISBOA

CONSAGRANDO

O

QUINQUAGENARIO DA MORTE

DE

GARRETT

9 DE DEZEMBRO

M DCCC LIV

GARRETT E A SUA OBRA

No estudo de uma alta individualidade, que subsiste além da vida por uma acção social e historica, ha a considerar o elemento psychologico revelando-lhe a personalidade, e os impulsos latentes da sua época, cujas aspirações são tambem uma psychologia collectiva, que elabora as grandes creações humanas a que os genios individuaes dão fórma. A relação intima entre estas duas psychologias, como entreviram o philosopho Herbart e o ethnologo Lazarus, torna inseparaveis a Biographia do individuo e a Historia social, politica, economica e artistica. E esta dependencia é tambem a prova do relêvo de uma individualidade preponderante, por mais que os seus contemporaneos ou correntes antagonicas a amesquinhem. Todas as manifestações do grandioso vulto de Garrett são illuminadas pelas crises historicas do seu meio social; cada creação esthetica do seu genio está ligada ás phases da implantação do regimen constitucional parlamentar, que elle serviu, unificando pelo ideal da patria os espiritos dissociados pelos odios partidarios. Póde-se dizer, que a Obra de Garrett, a par da sua belleza artistica, é um aspecto da Historia moderna de Portugal; ao contrario da obra morta do erudito, ella vivifica, porque o seu auctor exerceu conscientemente uma missão constructiva.

Uma das renovações mais profundas do criterio da Historia, determinada pelo grande philosopho Herbart, é a que subordinando a origem e desenvolvimento das instituições sociaes ao conhecimento da mentalidade humana, quer reagindo ao meio ou modificando-o, quer elaborando os costumes que se systematisam no consenso das idéas moraes, descobre as caracteristicas de cada povo e civilisação. N'este processo, o apparecimento das *individualidades* é uma resultante da elevação do *meio social*, que se eleva á consciencia, e que por essa mais alta manifestação psychologica se define. Herbart considerava este conhecimento da mentalidade collectiva ou a *Volkerpsychologie* como a base da Sciencia da Historia, e o estudo da Psychologia como a fórma explicativa de todas as capacidades individuaes. E', pois, pelos dados da Psychologia que se póde recompôr a vida dos homens de genio revelada nas expressões da sua idealisação; é tambem pelos dados da Ethnogenia ou Psychologia das multidões, que se reconstituem os caracteres da raça que se manifestam indeleveis na vida historica das Nacionalidades.

Applicando este criterio ao estudo de Garrett e a sua Obra pela biographia, nas suas particularidades pessoaes e domesticas, vê-se claramente como elle foi levado a sentir o caracter nacional, não só pelas tradições que lhe deram a emoção sympathica da Patria, como pela comprehensão da corrente da civilisação europêa depois da violenta crise revolucionaria. Esta relação determinou todas as revelações do seu genio e superior iniciativa na fundação das novas instituições politicas do liberalismo constitucional, e na renovação da Litteratura portugueza sob o influxo do Romantismo. O presente estudo é o desdobramento d'esta fórmula psycho-historica. Garrett apparece como um espirito constructivo no meio da derrocada de uma sociedade atrazada que lucta na decomposição geral do antigo regimen. Emquanto as novas idéas e a agitação politica cavam odios implacaveis nas classes que decáem e nas que se elevam, Garrett dá fórma esthetica aos elementos da Tradição portugueza, vivifica o passado nacional, e acorda uma emoção de sympathia approximando quantos os partidos separam pela convergencia do — sentimento da Patria. Elevando-se acima d'esses mesquinhos interesses de momento, odiado por uns, calumniado por outros, expoliado pelos habeis, mas sempre generoso, elle deu expressão ás

vagas aspirações, ás tendencias que se impunham, e foi, segundo a phrase de Lazarus, — um guia da sua época, que pela sua obra ainda exerce uma acção necessaria.

Em um dos periodos mais angustiados da sua existencia, em 1843, em que viu quasi destruidos os trabalhos da renovação do theatro portuguez, e affrontado o principio da Soberania nacional pelo facinoroso Cartismo, Garrett escreveu uma Autobiographia definindo com clareza qual a sua acção litteraria e politica. O que ahi apparece de louvor proprio, não é mais do que uma legitima reacção contra a depressão systematica da sua valia mental e moral, exercida por todos os meios desde a camarilha palaciana até aos jornalistas assalariados da imprensa cartista. Esse documento é um excellente fio conductor para a comprehensão da trama complexa da sua existencia.

Em 1852, quando Garrett estava em uma evidencia politica como ministro da transição regeneradora em que os dois partidos extremos se fusionaram, foi-lhe pedida da Allemanha a sua biographia, por via da casa editora Bertrand. Garrett encarregou de colligir essas notas biographicas um litterato que se accolhêra á sua protecção, Gomes de Amorim, dando-lhe um elenco precioso das épocas da sua vida, para seguir essa successão e coherencia dos factos. Gomes de Amorim sem conhecimentos da historia litteraria e politica, primeira condição para o julgamento de Garrett, e privado do sexto sentido para comprehender aquelle genio emotivo cheio de intuições surprehendentes, aproveitou-se da intimidade que lhe era generosamente concedida para colligir apontamentos dos seus papeis particulares, e submetteu-o a um interrogatorio incommodativo, que forçou Garrett a dizer-lhe com fina ironia: —«Você, com essas perguntinhas, faz uma coisa que ninguem lê.» E assim foi; Garrett morreu sem ter visto encetado o trabalho do seu biographo, e os tres volumes das *Memorias biographicas*, só pódem ser lidos por quem carecer de estudar documentos ahi transcriptos só a elle confiados. O verdadeiro caminho a seguir para o biographo é cumprir a indicação de Garrett, fundamentando com factos todos esses contôrnos esboçados no elenco das Epocas da sua vida. Por felicidade, esse elenco da propria letra de Garrett foi publicado em uma folha fac-simile, que o torna authentico; isto permitte que as *seis epocas* em que elle divide o decurso da sua vida, attendendo mais á situação historica e social se resumam em quatro epocas completas em si, e perfeitamente caracterisadas. Seguindo esses contornos, iremos transcrevendo as proprias summulas do elenco biographico.

1.ª EPOCA

Nascimento no Porto. — Angra, (Nos Açores.)—Educação. — Universidade. — Secretaria de Estado.— Queda da Constituição: Emigração em 1823.

Ao terminar o seculo XVIII, embora continuado nas luctas que perturbaram o novo seculo, nasceu Garrett na cidade do Porto em 4 de fevereiro de 1799; seus paes Antonio Bernardo da Silva, e D. Anna Augusta d'Almeida Leitão, pertenciam á burguezia activa, honrada e saudavel, forte pela fecundidade, condição para occupar todas as hierarchias sociaes no conflicto da vida. Na sua numerosa familia das linhas paterna e materna, fez-se sentir a dissidencia entre as duas correntes da epoca que se extinguia e da que se inaugurava; e emquanto a quasi totalidade dos seus membros eram affectos ao antigo regimen, apoiando-se no exagerado sentimento religioso e n'um prurido infundado de fidalguia, Garrett manifestou-se desde muito criança enthusiasta das transformações modernas, e toda a sua existencia seguiu o pendor para que tendia o novo seculo.

O seu nascimento foi em uma casa na rua do Calvario, ás Virtudes, assignalada por uma lapide municipal, e com os n.os 37, 39 e 41. Não é indifferente para o critico o aspecto d'essa casa, e por isso transcrevemos aqui a sua descripção feita com perfeição pelo joven escriptor João Grave: «A casa onde nasceu o illustre auctor do *Frei Luiz de Sousa* fica na rua do Calvario, um trecho caracteristico do Porto antigo, orlada dos dois lados de predios assymetricos, e subindo penosamente das Taipas para a Cordoaria. Do ponto em que se encontra, domina um horisonte extenso, respirando para as amplidões do mar, que ao longe se estende como um ermo sem fim, envolvido nas tenues vaporisações da neblina, que o sol de verão doira. Em baixo, nos primeiros planos, desenrolam-se panoramas vastos, scenographias de construcções velhas e arruinadas, viellas sombrias e negras, que se despenham nas encostas do Douro aggressivamente; mais adeante os caes sempre movimentados onde moireja uma população curiosissima de carga e descarga dos navios,

o porto coalhado de embarcações, toldado de fumeiros densos, agitado e ruidoso; depois espraiam se as collinas de Gaya, elevam-se os terrenos montanhosos do Candal, e alargam-se campos, terras de cultivo, pomares, quintas, devezas, pinheiraes e arvores. E toda esta platonica verdura, que pelos estios é um dos mais bellos espectaculos que no norte a natureza offerece aos olhos dos contempladores, apparece manchada de quando em quando, do vermelho de um muro, da brancura de uma habitação escondida entre parques e vergeis. A paisagem é encantadora, especialmente nos dias quentes,—bem arejada, desafogada, varrida de ventos, inundada de luz, tem as variedades das sombras, as gratas frescura da agua arvoredos, flôres, planicies, relvas, e dá a impressão idyllica da cidade e do campo.» Descrevendo a situação actual, João Grave reconhece ainda o influxo que essa perspectiva exerceria na imaginação do futuro cantor de *Camões:* «Os que amam a memoria do lyrico admiravel, viriam em romaria a este logar enlevar a imaginação e evocar aquelles versos de ouro, dos melhores que ha na nossa lingua:

> Longe, por esse azul dos vastos mares,
> Na soidão melancholica das aguas,
> Ouvi gemer a lamentosa alcyone,
> E com ella gemeu minha saudade.»

A familia crescêra abençoadamente; em 1797 veiu o primogenito Alexandre, em 1799 *João Baptista*, e a pequenos intervallos Joaquim Antonio, Antonio Joaquim, D. Maria Amalia; nasceu ainda um outro filho na Quinta do Castello, na margem sul do Douro, onde em 1804 o pae do poeta fixára a sua residencia. Foi ahi que o poeta passou a infancia descuidada, até ao exodo da familia em 1811 para a ilha Terceira, no archipelago dos Açores. Em uma nota do *Frei Luiz de Sousa* descreve Garrett estes doze annos, que foram a iniciação do sentimento poetico, communicado pela sympathia das tradições populares com que era embalado; e no poema de *D. Branca*, pinta o enlêvo que lhe causavam as recitações da velha criada Brigida. Proximo á quinta do Castello sua avó D. Maria do Nascimento de Almeida, habitava na opulenta residencia da Quinta do Sardão, a meia legua do Porto, e ahi encontrava tambem um thesouro das tradições poeticas do povo na velha mulata Rosa de Lima, que no seu espontaneo fetichismo lhe estimulava a imaginação com maravilhosas lendas e contos.

Emquanto este perfume da tradição poetica fecundava para sempre a sua alma para a idealisação esthetica, desencadeava-se no mundo a tempestade napoleonica, confundindo os impulsos generosos da Revolução com os desvarios egoistas da orgia militar do côrso. Aquelle joven espirito achava-se seduzido entre estas duas correntes, que tinham uma intima relação denunciada pelos factos: quando os Poemas homericos appareceram em 1794 como uma creação do genio popular da Grecia antiga, essa mesma entidade collectiva o Povo revelava se pela demolição das instituições catholico-feudaes, esboçando a reorganisação social sobre a consciencia individual proclamando os *direitos do homem*. Quando a liberdade politica irrompeu através da reacção napoleonica e da colligação conservantista da Santa Alliança dos Reis contra os Povos, n'esse regimen da transição ingleza sob a fórma das Cartas outorgadas, simultaneamente as modernas Litteraturas reflectindo as grandes crises sociaes se remodelavam approximando-se das tradições nacionaes, pela corrente geral do Romantismo. Mas a orientação saudavel da sublime creança, ia ser abruptamente sustada pelo pedantismo erudito da cultura latino-ecclesiastica. Apesar do seu retiro na Quinta do Castello, o pae do poeta, deante das invasões dos exercitos de Napoleão em Portugal, resolveu refugiar-se com a familia na ilha Terceira, onde tinha a maior parte dos seus bens, e os irmãos dignitarios da sé de Angra. De 1 de Dezembro de 1807 a 15 de Setembro de 1808 deu-se a occupação e expulsão dos francezes em Lisboa; em 1809, foi a invasão do Porto pelo marechal Soult, e essa terrivel mortandade dos que fugiam pela ponte de barcas sobre o rio Douro; a presença de Massena em 1810 avançando sobre Lisboa, e indo esbarrar nas Linhas de Torres Vedras, e fazendo a devastação em volta de si, accentuara um quadro de horror, que determinou o exodo, a que alludimos, para a ilha Terceira.

Antonio Bernardo da Silva era o septimo filho da numerosa familia de José Ferreira da Silva, que em 1736 casára na ilha do Fayal com D. Antonia Margarida *Guarrett*, nascida em Madrid, e filha de D. Bernardo *Guarrett* e de D. Angela Maria Vesinaro. Importa fixar esta minucia, porque este appellido (*Guarrett*, *Guarret*, *Guarretta* e *Goreta*, assim escripto nos varios registos e certidões) serviu para architectar uma genealogia fidalga, sendo adoptado depois da morte do Bispo D. Frei Alexandre em 1818. Dizia-se que essa familia dos Garrett emigrára da Irlanda para a Hespanha por motivos de perseguição religiosa, e vindo para Portugal no tempo do casamento de Dom José. Contra esta origem *irlandeza* do avô de Garrett, oppõe Sant'Anna Nery a origem *italiana*, sugge-

rido pelo encontro d'este appellido de *Garretto* e *Garrett* em varias familias aristocraticas piemontezas. Tambem seria indifferente esta pesquiza genealogica, se ella nos não revelasse correntes de impulso atavico. A paixão de Garrett pela tradição portugueza, acordada na serenidade domestica, e apagada pelo meio pedantesco em que se achou envolvido depois dos doze annos, não revivesceu na sua alma pela simples emoção de artista ou conclusão critica; era uma revivescencia da sua fibra ethnica, que o tornava como que inconscientemente o revelador do *lusismo*, do sentimento da raça. Estes dois ramos genealogicos, longe de se contradictarem, conciliam-se. Nas memorias de familia, seu bisavô Bernardo Garrett era de proveniencia irlandeza, e coma se sabe pelos modernos estudos anthropologicos a esta raça pertence pelo tronco ligurico o ramo *lusitano*. Sant'Anna Nery, encontrou em uma memoria genealogica referencias a uma dama illustre Margherette Valenza *Garrette*, nascida em 1665, cujo appellido *Garretti* é ainda usado pelos condes de Ferrere e de Trana; d'este facto concluiu: «Foi provavelmente no fim do seculo XVIII que um filho segundo dos seis ramos dos Garrett iitalianos, emigrou para Portugal e ahi deixou descendencia. Almeida Garrett seria portanto de origem italiana: um *piemontez* de Asti.» Conciliando: a Alta Italia, é de origem *ligurica*, differença definida nas tradições poeticas da Italia do sul. Quer pela genealogia *irlandeza* quer pela italiana ou *piemonteza*, de Garrett, estes dois povos caracterisam-se anthropologicamente como ramos da raça dos Ligures, representada na peninsula hispanica pelos Lusitanos ou Lusonios, inconfundiveis e inconciliaveis (*eterna divortia*) com os Iberos. E' por isso que o esforço de Garrett para revivificar as Tradições da Nacionalidade portugueza e sentimento historico do seu passado nacional, mesmo a sua idolatria feminista, o fundo da religiosidade e coragem resistente nas suas desoladoras emigrações politicas, e no conflicto das calumnias partidarias, destacam-o como um typo complecto do lusismo. Elle descreveu ethnicamente a raça, quando na Carta de Mucio Scevola a sentiu na sua resistencia inquebrantavel a todas as calamidades e decepções.

Ao fixar a residencia em Angra, alli se foi tambem reunir o irmão de seu pae, D. Alexandre da Sacra Familia, bispo resignatario de Angola, sendo em 1812 eleito bispo de Angra. Era D. Frei Alexandre um humanista e poeta arcadico, sectario do pseudo-classicismo francez; muito cedo descobriu o talento do sobrinho e o dirigiu nas primeiras leituras de classicos gregos e romanos, de tragedias francezas e poemas didacticos. No prologo da sua tragedia *Merope* descreve Garrett essa educação classica junto do tio, em cujo palacio episcopal habitava, usando vestes talares e já com ordens menores. O bispo sonhava alli um presbytero e porventura um futuro coadjuctor. Na numerosa familia de seu pae havia mais ecclesiasticos, taes como o tio P.^e^ Manuel Ignacio da Silva, Arcediago da Sé de Angra desde 1783, o P.^e^ Joaquim Antonio da Silva, e o P.^e^ Ignacio da Silva que foi conego de meia prebenda. Não admira que n'este meio a criança se entregasse ao estudo do latim, e cultivasse a rhetorica parenetica, enchendo de grandes esperanças o austero bispo. A pressão domestica completava esta illaqueção d'aquelle espirito luminoso, agora tolhido por um humanismo opaco e pedantesco. Só uma circumstancia inesperada poderia lançar lhe na intelligencia a insurreição emancipadora. Para a ilha Terceira tinham sido deportados todos os presos da *Septembrisada* de 1810 por professarem *idéas francezas* ou jacobinismo; por este motivo se acharam alguns annos em Angra homens de alto valor intellectual como Ferreira Gordo, Pimentel Maldonado, Mascarenhas Netto, Jacome Raton, Domingos Vandelli, e outros, que creariam um ambiente de livres opiniões politicas e scientificas. Mais directamente actuou o despertar da puberdade. Emquanto o bispo D. Alexandre foi ao Rio de Janeiro pedir a D. João VI a graça de poder ser transferido o logar de selador da Alfandega do Porto de seu irmão Antonio Bernardo para o filho primogenito d'este, a disciplina domestica foi afrouxada e Garrett sentiu o primeiro amor por uma criança ingleza Isabel Hewson, que pouco tempo depois seguia com seu pae para a ilha de S. Miguel. Foram estes amores que lhe inspiraram as suas primeiras *Odes anacreonticas*., cujo manuscripto se conservou na ilha da Graciosa, quando elle alli foi em visita em 1813. Assistindo na matriz de Santa Cruz á festa da missa nova do P.^e^ Manuel Corrêa da Silva, na ilha Graciosa, alli por acto impulsivo subiu ao pulpito, prégando um sermão improvisado sobre essa festividade. O facto, apesar da agradavel surpreza, foi censurado pelo Dr. João Carlos Leitão, irmão de sua mãe, que era então Juiz de Fóra no Fayal, que o communicou ao Bispo, já de regresso do Rio de Janeiro. A circumstancia de ter alcançado a substituição do logar de selador da Alfandega no sobrinho Alexandre, que teve de partir para o Porto, actuou sobre a situação do joven poeta, que oppoz uma resistencia inflexivel a acceitar a vida ecclesiastica, e

por interferencia de seu tio, o Juiz de Fóra, obteve que lhe concedessem ir para Coimbra para seguir uma formatura em sciencias naturaes ou juridicas. Nos seus artigos facetos do *Chaveco liberal* dá bem a entender que foi o amor de uma mulher que o salvou de ser padre.

A Universidade de Coimbra na epoca em que alli entrou estava sob a férula severissima do Bispo Conde Reitor Reformador, e em uma apathia mental como na epoca anti-pombalina. Abandonado o curso de mathematica, matriculou-se em 1816 em direito tornando-se o porta-estandarte das idéas liberaes e tomando parte nas récitas escholares de tragedias philosophicas da eschola de Voltaire, á sombra das quaes se declamavam grandes tiradas rhetoricas de protestos politicos e moraes. Foi n'estes divertimentos, que o Bispo Conde veiu a prohibir, que Garrett se revelou como poeta, e fez as suas primeiras tentativas litterarias, como *Lucrecia*, *Merope*, *Sophonisba*, *Oedipo*, que na maior parte ficaram abandonadas. Isto bastou para intrigarem-no com o tio Bispo, que nunca mais fez caso d'elle, não o nomeando sequer no testamento com que faleceu em 1818. O poeta sentiu-se d'esta intriga originada na sua propria familia, em que preponderava o espirito conservador com que foi sempre hostilisado até chegar a ter uma acção publica importante.

Nas férias escholares ia Garrett visitar as tias maternas do Porto, e alli se apaixonou por uma prima que elle designa como *Thomasia*, e poeticamente como *Amalia* (D. Thomasia Maria Amalia do Amaral); estes amores inspiraram-lhe muitos dos versos da *Lyrica de João Minimo.* Foi em um d'estes galanteios amorosos, que em 1819 deu o poeta uma terrivel queda de um cavallo fogoso na rua da Boa Vista, de que esteve quasi á morte; voltando a Coimbra debilmente convalescente ahi recebeu varios epigrammas de invejosos que o personificaram no annagramma de *Tibasta* (Baptista). N'esta morosa convallescença, surprehendeu-o em cheio o successo da Revolução de 24 de Agosto de 1820, que elle em uma Ode ao Porto pouco antes tinha vaticinado.

A Revolução de 1820 era um symptoma assombroso em que a nacionalidade portugueza se affirmava repellindo a occupação ingleza sob o governo dictatorial de Beresford; que sacudindo esse protectorado cedido por um rei covarde que abandonára o seu povo á invasão napoleonica, avocava a si a propria *soberania* para estabelecel-a em uma Constituição reformadora das suas anachronicas instituições. A Revolução de 1820 derivava de um movimento commum ás nacionalidades meridionaes, que depois da queda de Napoleão em 1814, e do estabelecimento da Santa Alliança, revindicavam a liberdade politica abafada pelas duas reacções militar e absolutista; esse movimento de 1820 manifesta-se em Hespanha, Portugal, Napoles e Grecia moderna. E' este caracter solidario que revela a sua innegavel importancia.

Garrett descreve a impressão que produziu entre os estudantes aquelle despertar da nacionalidade. Em um artigo publicado no *Portuguez constitucional renegerado*, explicando o seu poemeto *O Retrato de Venus*, allude a esse extraordinario successo, que decidiu de toda a sua vida: «Chegou o dia 24 de Agosto, tão amargurado para tanta gente, tão festejado por mim, e por todos os homens de bem. Todos os corações bem formados sentiram uma revolução de ventura, e todos os espiritos sãos um desenvolvimento de faculdades. Entre as muitas esperanças que todos os bons portuguezes tiveram, entrou a de vermos *restabelecida a nossa Litteratura*, enxotada do templo da arte e sciencias os zangãos do seu mel, affugentadas as trévas da nossa ignorancia, accesa a luz da verdadeira sabedoria e gosto.» O primeiro texto impresso de Garrett foi um Hymno á Constituição de Vinte adaptada provisoriamente da revolução hespanhola; em Coimbra elle foi um agitador para a concessão do suffragio eleitoral ao Corpo academico, e um dos membros mais influentes do Club dos Jardineiros, na defeza contra as tentativas da reacção que se preparava, que se manifestou na crise de 13 de Novembro a 17, em que a Junta do Governo esteve periclitante. Ainda bastante doente Garrett tomou parte no celebre Outeiro da Sala dos Capellos em 22 de Novembro de 1820 pelo regosijo do dia 17, recitando a Ode que começa: «Ergo tardia voz, mas ergo-a livre...» Provado o seu curso em fins de Abril de 1821, Garrett obteve licença para voltar á ilha Terceira a visitar a familia, aonde se demorou até agosto d'esse anno. Muitas das suas impressões foram assumptos de bellas poesias da *Lyrica de João Minimo.* Em Angra assistiu á reacção tentada por Garção Stockler, que elle começou a ridicularisar em um poemeto que intitulava *O X ou a Incognita*, por que o personagem Garcklesto era um consummado mathematico. No regresso a Lisboa, Garrett foi esperado por antigos companheiros da Universidade, entre elles Paulo Midosi, que o convidaram para a representação de tragedias revolucionarias no celebre Theatro do Bairro Alto; o poeta prestou-se a compôr uma Tragedia em harmonia com

as aspirações dominantes, e escreveu no espaço de vinte dias o *Catão*, que se ensaiava á medida que o compunha, e que se representou em 22 de Setembro de 1821, desempenhado por Joaquim Larcher, Morato Roma, Carneiro Leão, Pereira Marecos e pelo proprio auctor. Foi na segunda recita memoravel que viu Garrett em um camarote da familia Midosi a gentilissima filha de José Midosi, D. Luiza Candida, que entrava nos seus quatorze annos. Garrett foi empolgado por esta psychose que decidiu do seu futuro, e desde que obteve o despacho de official da secretaria do Ministerio do Reino em 12 de Agosto de 1822, tratou de effectuar o seu casamento, que se realisou em 11 de Novembro, treze mezes depois da celebre recita do *Catão*. O retrato de D. Luiza Candida é de uma suavidade impressionante; como descreve seu primo segundo o Dr. Paulo Midosi, quando a conheceu em Londres: «Os cabellos eram fios de ouro, os olhos de um azul limpido como céo sem nuvens; etc.»

Durante esta crise de exaltado amor Garrett teve de ir a Coimbra para fazer acto de formatura em direito em 19 de Novembro de 1821. Ahi tinha sido impresso e publicado na Imprensa da Universidade o seu poemeto didactico *O Retrato de Venus*, que é uma simples glorificação da Pintura e caracterisação das suas varias escholas. O innocente poema foi denunciado ao Corregedor da Comarca de Coimbra, por ter versos tocados de *philosophismo*, e abuso de liberdade de imprensa, sendo por isso apprehendido e o poeta processado. Garrett residindo em Lisboa, para aqui avocou o processo, e com grande altura e dignidade se defendeu perante o jury, sendo absolvido por sentença de 4 de outubro de 1822. Defendendo o seu poema no *Portuguez constitucional*, Garrett consigna o facto: «Calumnias, odios, criticas (não digo invejas, que bem louco fôra quem de tão pouca cousa as tivera) tudo caíu sobre mim. Porque? Não sei. Para que? — Mui bem o conheço e claramente o digo... Para destruir todo o genero de letras, aniquilar todo o genero de instrucção, extinguir todo o lume de estudo. Conheceram-me moço, viram-me algum talento, descobriram-me vislumbres de applicação: e assentaram de obstar a que eu me desenvolvesse e fizesse um dia alguma cousa util. Urdiram nas trévas as suas machinações, preparam no escuro as suas calumnias e pretenderam denegrir-me na opinião publica, e enredar-me na malha dos seus embustes.» Estava a formar-se a corrente da hostilidade que havia perseguil-o em 1823. O P.e José Agostinho de Macedo considerava *O Retrato de Venus* o poema mais impudico que até então sahira dos prelos; o Patriarcha de Lisboa incluia-o em um Edital entre obras condemnadas. Eram os sentimentos liberaes e opiniões politicas do que fizera a glorificação do dia 24 de Agosto e o panegyrico de Fernandes Thomaz, que suscitavam essas temerosas hostilidades.

No 1.º de outubro de 1822 a Constituição decretada pelas Côrtes é jurada por Dom João VI, mas logo em março de 1823 começam os levantamentos de Traz-os-Montes para o restabelecimento do Absolutismo; em 27 de maio sáe para Santarem o coronel Sampaio (Santa Martha) com o seu regimento, indo-se-lhe reunir o infante D. Miguel que proclamou a abolição das Côrtes. Em 31 de maio D. João VI, perjurando a Constituição de 1822, promette *outorgar* uma Constituição liberal, saindo para Villa Franca, regressando a Lisboa em 5 de junho, puchado pelos militares e fidalgos, que disputaram entre si os logares dos cavallos. Estava destruida a Constituição de uma nação livre, que pela reacção dos *Apostolicos* cooperando com a Santa Alliança, retrocedera ao absolutismo. Todos temiam os excessos sanguinarios, que já se tinham manifestado em Hespanha; Garrett era visado pelo seu liberalismo, e abandonando o seu emprego partiu para Inglaterra em 9 de junho de 1823, porventura com missão para os outros emigrados como Ferreira Borges, Silva Carvalho e outros. Partiu no paquete *Duque de Kent II*; nos apontamentos de viagem escreveu: «Com que olhos nos verá a Europa, nós, que perdemos tão vilmente no espaço de tres dias toda a gloria portugueza... Tudo ahi fica n'essa patria de escravos e de miseria!» Em breve regressou Garrett a Lisboa, em 22 de agosto de 1823, porque a perseguição que se esperava, no animo de D. João VI transformou-se em uma amnistia. Mas Garrett foi excepcionalmente preso por ordem da Intendencia Geral da Policia, por ter *vindo de Inglaterra e de estar alli com individuos summamente suspeitosos*. Encarcerado no Limoeiro á ordem da Intendencia, devendo *sahir immediatamente para fóra do reino*, foi-lhe intimada a ordem em 25 de agosto, e entregue ao commandante do paquete *Duque de Kent* pelo official do bairro do Limoeiro em 26 d'esse mez. Casado de poucos mezes com uma mulher bella de dezesete annos, e privado do auxilio da casa paterna, este exilio, sobre a sua primeira emigração, era para quebrar o temperamento mais tenaz. Foram angustiosas as privações em Inglaterra, vendo-se forçado a procurar em França recursos de trabalho. Estas calamidades não o quebraram; accentuaram o ideal que lhe deu ener-

gia para a realisação de um destino. No relatorio do projecto da fundação do theatro portuguez revelava elle, em uma nova época de soffrimentos, a fonte d'esta energia intima: «suaves pensamentos das Bellas Artes, que em verdade em nenhuma desgraça nos abandonam, que *até de mim posso dizer, que nos carceres e degredos em que tantos annos andei* por ser fiel — á causa da civilisação e liberdade do meu paiz, me desampararam nunca...»

2.ª EPOCA

Estudos mais serios. Poemas *Camões*, *D. Branca*, etc.—* Volta a Portugal. Politica. Imprensa.—Segunda emigração. *Portugal na Balança da Europa. Da Educação.* Porto.

No verso da invocação do poema *Camões* — Deixa o caminho da infeliz Pyrenne — synthetisou Garrett a violencia da reacção dos *Apostolicos* em Hespanha, pela intervenção armada do exercito francez, ordenada por Chateaubriand, e pela indecorosa victoria do Trocadero, «thema de todas as vaidades da Restauração.» Em Portugal a indignidade do militarismo e da aristocracia não deu occasião a D. João VI de se aproveitar da reacção sanguinaria a que o impelliam sua mulher D. Carlota Joaquina e o Infante D. Miguel. Desterrado pela Intendencia da Policia, Garrett chegou a Londres em principio do verão de 1823; em 13 de Septembro saudava «a terra estrangeira, que lhe foi azylo e segurança.» Em 16 d'este mez era recebido com sua esposa pela familia do abastado negociante Thomaz Hadley no condado de Warwick, em cuja casa encontrou o mais affectuoso agasalho. Quando no anno de 1824 elaborava o poema *Camões*, n'essa terrivel crise da sua vida, ao saudar a Inglaterra, no verso: — Eu te saúdo, oh terra hospitaleira, — poz-lhe esta nota pessoal: «Eu quiz designar aqui o couto e guarida que os perseguidos acharam sempre n'aquella ilha feliz; por mim pessoalmente não encontrei só isso, mas casas e corações abertos, que me agasalharam, e em que me esqueci muita vez de que era estrangeiro e proscripto.» E mais particularmente allude á familia Hadley, quando glorifica Warwick por ter sido patria de Shakespeare, dizendo que alli «passei a volta de seis mezes, não os mais satisfeitos, mas os mais socegados, e por ventura os mais felizes da minha vida. Seja-me permittido assellar aqui os leaes sentimentos da minha estima e saudade a uma familia verdadeiramente respeitavel e *ingleza*, em cujo seio achei *o que nem no meu sangue encontrei*, verdadeira e desinteressada amisade. Se algum dia chegarem estas insignificantes folhas á abençoada e tranquilla pousada de Egbaston, conheçam os meus amigos Hadleys que não ha um só pensamento no meu espirito em que se não misture a memoria da sua amisade, mais sagrada para mim do que nenhuma outra.» A convivencia na familia ingleza revelou-lhe um novo aspecto da vida, a harmonia intima, a elegancia das commodidades, o conforto, e as relações intellectuaes conjunctas com as affectivas. Em digressões com os rapazes da familia Hadley visitou as principaes fabricas, castellos feudaes, egrejas gothicas, collecções artisticas e perspectivas de paizagens, que lhe orientaram o espirito n'essa corrente poetica que de Inglaterra suscitára na Allemanha a iniciativa do Romantismo. N'essa convivencia domestica leu Garrett pela primeira vez Shakespeare, e isso bastava-lhe para a revelação de que a poesia era a linguagem que melhor exprimia os phenomenos do mundo moral. O conhecimento dos Cantos populares da Inglaterra e da Escocia acordava-lhe na alma a reminiscencia das tradições com que fôra embalado na infancia venturosa da quinta do Castello, e essa fórma do sentimento da patria levava-o a achar os recursos para dar expressão ás suas saudades. A tradição nacional apparecia-lhe pura diante dos abalos politicos de uma reacção que se firmava sob o apagamento do espirito da nacionalidade. E foi assim, em todas as crises da sua vida: sempre que os retrocessos politicos atacassem a liberdade e a sociedade portugueza, no estudo da Tradição é que Garrett se refugia, procurando consolação e estimulo para a sua organisação de artista. *Estudos mais serios*, indica elle como caracterisando esta época de desterro; foram seis mezes de tranquillidade em que esboçou todo o plano da sua existencia, preparando-se para essa constructiva actividade. Tinha junto de si a esposa, criança e encantadora, á qual na Ode *O Exilio* diz: — A minha patria agora é nos teus braços. —

Era porém urgente sair d'aquella situação de uma generosa hospitalidade; o absolutismo em Portugal estava firmado, e convinha resolver o problema economico da vida. Garrett deixou Warwick indo procurar em Londres trabalho; o negociante portuguez

* Garrett faz das alineas — Volta a Portugal. Segunda emigração — duas épocas distinctas; entendemos reunil-as aqui pela sua continuidade historica.

Antonio Joaquim Freire Marreco procurou-lhe collocação. Commentando o verso do poema *Camões*,—certo amigo na angustia—alludia ao generoso patricio «a quem eu e tantos emigrados portuguezes somos devedores de impagaveis obrigações, não só pelos muitos soccorros com que generosamente acudia até aos desconhecidos, mas sobretudo pelo modo cavalheiro e nobre com que o fazia.» A dedicatoria da primeira edição do *Camões* a Freire Marreco vale um reconhecimento homerico. A angustia de meios era terrivel em Londres, e como não fosse possivel achar-lhe emprego n'essa capital, Marreco obteve collocar Garrett na casa bancaria Laffite, em Paris, como traductor da correspondencia commercial com o Brasil. Foi esse o motivo por que fixou a residencia em França nos principios de 1824, indo habitar Ingouville, ao pé do Havre-de-Grace, na margem direita do Sena. No passageiro descanso do labor quotidiano, para alcançar o amargo pão do exilio, Garrett refugiava-se na sua idealisação artistica, dando relêvo esthetico ao sentimento patriotico que o alentava na sua desolação moral. Camões appareceu-lhe ao espirito como um symbolo da nacionalidade portugueza; quando Portugal estava sob o governo militar de Beresford, a estupida Regencia dos Governadores nominaes impediu que se levantasse um monumento a Camões, com receio que se acordasse qualquer impulso de revivescencia nacional; para esses homens que preparavam o movimento dos espiritos, que se effectuou na revolução de 1820, Camões era a expressão nitida de um ideal, como se vê n'essas manifestações da Edição monumental dos *Lusiadas*, feita pelo Morgado de Matheus, na *Missa de Requiem* de Bomtempo, e no quadro da Morte do Poeta por Sequeira. Esta mesma aspiração levou Garrett para idealizar a vida de Camões n'essa tremenda crise em que a nacionalidade se affunda. O exilado estava em condições para comprehender a relação da vida do cantor dos *Lusiadas*, que se extinguia simultaneamente com a nação portugueza; Garrett presentia que na pujança do seu talento, que se ia revelar na iniciação do Romantismo, lhe competia acompanhar a nacionalidade decahida tentando o seu renascimento. No retiro de Ingouville meditava e soffria: «Passei alli cerca de dois annos da minha primeira emigração (*desterro*, propriamente) tão só, e tão consumido, que a mesma distracção de escrever, o mesmo triste gosto que achava em recordar as desgraças do nosso grande Genio, me quebrava a saude e destemperava mais os nervos. Fui obrigado a interromper o trabalho...» O poema *Camões*, escripto em verso solto era na fórma uma renovação poetica derivada do estudo de Filinto Elysio, que déra á construcção do verso endecasyllabo as mais variadas e imprevistas combinações syllabicas. Garrett tomou-lhe todas as bellezas afogadas no classicismo filintista, tal como Mozart e Beethoven fizeram elaborando sobre as Fugas de Bach. Nas suas leituras dos quinhentistas portuguezes, em que Garrett se confortava no desterro, uma referencia achada na Chronica de D. Affonso III por Duarte Nunes de Leão, ácerca de um filho que a infanta D. Branca tivera, quando abbadessa das Olgas, de um fidalgo hespanhol, levou-o a idealisar esta aventura, dando-lhe como fundo o facto historico da conquista do Algarve. Fez o poema da *D. Branca*, n'esse estylo digressivo e faceto com que Wieland tratára a lenda de *Oberon* sobre o esboço da Gesta dos *Huon de Bordeaux*.

Revela-nos o poeta, — alludindo á sua doença nostalgica: «Essa foi a origem de *D. Branca*, que fez seguidamente e sem interrupção, desde julho a outubro d'esse anno de 24, completando-a antes do *Camões*, que primeiro começára, e que fui acabar a Paris no inverno de 24 a 25. E quasi que tenho hoje (1839) saudades — tal nos tem andado a sorte! — das engelhadas noites de janeiro e fevereiro, que n'uma agua-furtada da rua Coq-Saint-Honoré passavamos com os pés cozidos no fogo, eu e meu velho amigo o sr. J. V. Barreto Feio, elle trabalhando no seu *Sallustio*, e eu lidando no meu *Camões*, ambos proscriptos, ambos felizes, mas ambos resignados ao presente, sem remorso do passado,—e com esperanças largas no futuro...» N'esses dois poemas *Camões* e *D. Branca*, o desolado proscripto fundava uma éra nova da Litteratura portugueza, acordando na nacionalidade o alento da sua tradição, e relacionando o seu espirito com a nova corrente de idealisação esthetica do Romantismo. Mais do que obras d'arte, esses dois poemas são um monumento da historia litteraria. Garrett conheceu em Paris esse conflicto doutrinario da nova geração litteraria que iniciava a renovação do *Romantismo*; sem adoptar logo este nome, seguia o processo organico remontando ás fontes tradicionaes. Verdadeiramente o Romantismo só poderia ser bem comprehendido quando, depois da renovação esthetica, se entrasse na organisação da historia litteraria.

Desde o seculo XVI que as nações da Europa, pelo predominio do humanismo da Renascença, se tinham esquecido das suas origens medievaes; a esta decadencia do seu elemento organico, o estabelecimento do

absolutismo monarchico correspondeu tambem á decadencia politica. Classicismo e Cesarismo foram solidarios na sua auctoridade. A França, que iniciára todas as fórmas da Litteratura medieval, esqueceu-se das suas Canções épicas ou Gestas, do Lyrismo dos Trovadores provençaes, e dos esboços dramaticos realisados nos seus Mysterios, Farças a Soties, ligando sómente importancia aos escriptores rhetoricos, que abrilhantaram o seculo de Luiz XIV. A Allemanha e a Italia seguiam o mesmo espirito servil na imitação do pseudo-classicismo francez. Pelas relações politicas da Hespanha com a França, no reinado de Philippe V, esta nação rica de tradições nacionaes, de um grande individualismo ethnico, abnega da sua espontaneidade, legislando Luzan para o Parnaso hespanhol segundo o gosto francez. Quando nações fortemente constituidas pelos seus costumes e tradições, perderam durante o seculo XVIII as legitimas feições do seu individualismo litterario, quanto profunda não seria a decadencia da Litteratura portugueza sob a pressão do crasso despotismo bragantino, entre a intolerancia da Inquisição, a cultura jesuitica e os rigores preventivos da Intendencia geral da Policia? A iniciação do Romantismo em Portugal só poderia ser tentada pela geração que se achasse forçada á remodelação das instituições politicas; foi esta terrivel logica dos acontecimentos que deu a Garrett esta primazia.

O rompimento com a cansada imitação da Litteratura franceza só poderia começar em uma forte nação, vigorosa pela raça e pela riqueza das suas tradições; assim poderia revocar-se ás suas origens conscientemente, e inspirando-se n'ellas os seus poetas elevarem-se á creação de obras primas. Por occasião da Guerra dos Sete annos, a Allemanha abandona a imitação da Litteratura franceza, e o conhecimento directo dos poetas de Inglaterra revela-lhe que ha fórmas bellas cheias de realidade e vida, fóra d'essa apagada rhetorica da côrte de Luiz XIV. A Inglaterra tambem soffrera o jugo do pseudo-classicismo, como se vê em Pope, Dryden e Addisson, mas os seus costumes da sociedade feudal conservando os aspectos sympathicos da Edade média, mantiveram-na Litteratura ingleza essa impressão de realidade e de nacionalismo, que a destacaram entre as outras litteraturas medievaes. Reflectindo na Allemanha essa importancia organica, Lessing, na *Dramaturgia*, funda a nova prosa allemã e dissolve pela critica as banaes theorias dos tragicos francezes. A côrte de Weimar, engrandecida pela paz da regencia de Anna Amelia, e pela altura de espirito com que allia essa pleiada de genios, de que Goethe foi o chefe, tornou-se o fóco d'esta renovação que veiu reflectir-se nas litteraturas occidentaes. A erudição scientifica coopera com os cultores da arte; os dois Grimm estudam historicamente a lingua, os mythos, o direito consuetudinario, as velhas Epopêas e os Contos populares da Allemanha; e sobre este fundo estavel, a Litteratura allemã logo nos seus primordios tornou-se uma das mais opulentas do seculo XIX. Produziu esta maravilha de creação esthetica a fecundação que aos grandes genios deu o conhecimento subito das obliteradas tradições germanicas. O espirito revolucionario apparecia na Allemanha sob o impulso *litterario*. Em França a renovação litteraria era especialmente determinada pela lucta da *politica* liberal. A Revolução franceza recomeçara a lucta das Classes servas da Edade média, dominadas pela creação dos exercitos permanentes no seculo XVI e pelo estabelecimento da Monarchia absoluta; a aspiração revolucionaria perturbada pela orgia militar napoleonica, e pela Santa Alliança do decahido absolutismo, obtivera essa liberdade politica de favor chamada a *outorga* das Cartas Constitucionaes concedidas pela monarchia absoluta. N'esta corrente da Restauração, o partido Apostolico annullou a Constituição de 1822, que Portugal tinha estabelecido pelos Vintistas, reservando-se D. João VI *outorgar* uma de sua vontade, o que só veiu a realisar-se por D. Pedro IV em 1826. Este regimen das Cartas era tomado da fórma politica da Inglaterra peculiar ao genio saxão, que conservara uma aristocracia feudal a par de uma burguezia industrial. A's nações occidentaes foi lhe imposta a conciliação politica ou propriamente a *transição ingleza*. A litteratura franceza serviu de levantar os espiritos contra a Santa Alliança que dominava sob a fórma de governo de Restauração, que se mantinha no mais absurdo conservantismo. Rémusat evidenciara como a Restauração «constantemente desconhecia e punha o seu orgulho em desconhecer a realidade e a profundidade da revolução nas ideias. Queria attribuir tudo ás paixões individuaes, ás illusões de um momento, e representar como um mal passageiro uma renovação social.» Apesar de todas as repressões materiaes, as doutrinas sociaes, politicas e economicas irrompiam por todos os meios, manifestando-se em orgãos litterarios que davam convergencia ás iniciativas da mocidade das escholas, notavelmente talentosa. De 1824 a 1830 apparece em Paris o jornal *O Globo*, sob a direcção e impulso de Dubois, redigido por novos escriptores como Jouffroy, Damiron, Patin, Agostinho Thierry, Lerminier, Charles de Rémusat, Saite Beu-

ve, Vitet, Mérimé, J. Jacques Ampère, Thiers, Pierre Leroux e Armand Carrel, auxiliados pelas communicações academicas de Guizot Villemain e Victor Cousin. A liberdade da imprensa ingleza e o espirito scientifico allemão appareciam conciliados no *Globo*, que proclamava a superioridade da França moderna sobre a do Antigo regimen, e iniciava-se a critica litteraria ao mesmo tempo com os estudos archeologicos da Edade media. A distincção entre *Classicos* e *Romanticos* estabelecia-se no espirito conjunctamente com as doutrinas politicas, aquelles sustentando a auctoridade do passado e a sua imitação subserviente, estes proclamando a independencia mental e artistica da consciencia moderna. Os odios politicos aggravaram as dissidencias litterarias, chegando o *classico* Baour-Lormiant a reclamar o desterro para todos os *romanticos* como medida de segurança publica. A mesma confusão da reacção politica com a emancipação litteraria, servia na Italia para perseguir os escriptores que aspiravam á queda do despotismo austriaco, e os que redigiam o *Conciliatore* eram accusados de incitarem á independencia politica por meio da independencia litteraria, como refere Salfi. Em Hespanha a *Academia del Mirto* converte-se na sociedade secreta dos Numantinos, e entre os presos accusados de independencia politica encontram-se o grande lyrico D. José de Espronceda e o poeta Escussura. Na Grecia moderna Rhigas, na Hungria Poetofi, na Russia Puchkine, na Polonia Mickievicz e Zaleski inspiram-se no espirito da revivescencia das suas nacionalidades universalisado pelas Litteraturas. N'esta aspiração da liberdade, tambem a Irlanda e a Escocia revelaram os seus sonhos de independencia pela expressão nova da litteratura; Thomaz Moore canta as tradições da verde Erin, e Walter Scott collige os Cantos populares das fronteiras da Escocia, e recompõe a vida da *Clans* nos romances historicos, que se lêram na Europa com o maximo interesse, como modelos da nova fórma litteraria. Pelo seu lado, o genio dominante de Byron em dissidencia com a aristocracia ingleza, na impetuosidade das suas paixões, torna a achar a individualidade saxonia, revelada em Shakespeare e Marlow, e elevando-se á idealisação universalista, vota a sua existencia ao sacrificio servindo a revolução que fez reviver a Grecia moderna.

Sem estes preliminares historicos fôra impossivel comprehender e bem apreciar a acção de Garrett na tranformação fundamental da Litteratura portugueza, e a sua cooperação directa no estabelecimento das novas instituições do liberalismo constitucional parlamentar. Por isso Herculano, que via de perto estes abalos sociaes e referindo-se ao Romantismo, de que tambem foi um iniciador, comprehendeu como esta revolução litteraria «appareceu simultanea com as revoluções sociaes e explica-se pelo mesmo pensamento d'ellas.»

Portugal tambem soffreu, como os outros estados europeus, a invasão napoleonica, sendo aqui o ponto de apoio da resistencia da Inglaterra, que nos submetteu ao seu deprimente protectorado com uma occupação militar. Pela vinda de Garrett para a Universidade de Coimbra (1816-1821) entrou o seu espirito n'uma corrente de jacobinismo tradicional da época de 93, que preponderava na classe academica em conflicto com o conservantismo doutoral. N'esse meio agitado comprehendeu a degradação da nacionalidade portugueza, avergada ao commando supremo de Beresford, e diante do nefando attentado da execução de Gomes Freire e dos sete patriotas tambem enforcados e queimados no Campo de Sant'Anna em 1817, Garrett soltou esse protesto da consciencia: «Geme sem protector a liberdade.» A repressão canibal de Beresford cobardemente acobertada com o cumprimento de ordens dos estupidos Governadores do Reino, levantou o espirito nacional, que na revolução de 24 de Agosto de 1820 revindicou a sua soberania, repellindo o jugo estrangeiro. O anno de 1820 representa na vida de Garrett o acordar da intelligencia, do sentimento, da acção, de todas as suas energias diante de um ideal que elle vae servir em todos os momentos da sua existencia, orientado pela tradição.

O poeta que abraçára esse movimento glorioso, e que se inspirava n'elle para improvisar e representar a sua tragedia *Catão*, estava condemnado em todos os conluios para o retrocesso politico. Portugal, que affirmára a sua *Soberania nacional* na Revolução de Vinte, soffreu tambem o attentado da Santa Alliança em 1823, que lhe impoz a restauração do Absolutismo bragantino. Deram-se em consequencia d'este retrocesso as emigrações de individuos que se evidenciaram mais pela aspiração democratica ou pelo liberalismo constitucional. Entre os directamente perseguidos destaca-se Garrett, que refugiado em Inglaterra, passou para França em busca de trabalho; deveu a esta circumstancia o tomar conhecimento da nova corrente litteraria do Romantismo, que elle a principio procurava separar da revolução politica. Na obra d'este iniciador a concepção ideal é sempre vivificada pela relação social; e a sua vida achou-se sempre ligada intimamente com os movimentos politicos para a fundação do regimen parlamen-

tar em Portugal, acceitando a transição ingleza, mas sem renegar a tradição vintista.

Os dois poemas *Camões* e *Dona Branca* acham-se explicados nas cartas ao seu amigo Duarte Lessa, tambem emigrado, sob o novo aspecto litterario. Assim em 27 de julho de 1824 lhe escrevia: «Desde que resido no Havre, tenho-me constantemente occupado de uma obrasita cuja materia nacional e popular espero lhe dêem sahida.—A obra é um poema em dez cantos, cujo titulo e assumpto é — *Camões.* — Suas aventuras, e suas composições fórmam o fundo historico; mas os *Lusiadas* principalmente occupam a scena. A acção é a composição dos *Lusiadas*—e portanto, grande parte do meu poema uma analyse poetica d'elle. Já vê que me não faltam episodios com que guarnecer e enfeitar o quadro. Dei-lhe um tom e ár de Romance, para interessar os menos curiosos de lettras, e geralmente falando o estylo vae moldado ao do Byron e Scott (ainda não usado nem conhecido em Portugal,) mas não servilmemente e com macacaria, porque sobretudo, quiz fazer uma obra nacional.» Na carta dirigida do Havre a Marreco em data de 4 de Agosto de 1824, vem este trecho, que incorporou no prologo da primeira edição do *Camões*: «Não sou classico nem romantico, não tenho seita nem partido em poesia, assim como em cousa nenhuma, e por isso me deixei ir por onde me levam minhas ideias boas ou más, e nem procuro converter as dos outros, nem inverter as minhas nas d'elles.» Escusando-se das responsabilidades ou antipathias que envolveram a designação de *Ranantico*, Garrett applica esse ideal interessando-se pelas tradições nacionaes e populares, a que o exilio deu um relêvo pittoresco e sentimental. E em carta de 19 de novembro de 1824, a Duarte Lessa, revela-lhe: «Acabo n'este momento de escrever as linhas de um novo poema (dou-lhe este por não acertar com outro nome).

«Lembra-se das nossas conversas de Londres sobre antigualhas portuguezas e o muito que d'ellas podia aproveitar quem de umas legendas e velhas historias e tradições fizesse o que tam bem fazem inglezes e allemães, que é vestil-as dos adornos poeticos. e sacudir-lhes a poeira dos seculos com assisada escolha e apropriado modo? Pois desde então (e já de mais tempo me fervia isto na cabeça), não fiz eu se não pensar no geito com que me haveria para armar assim uma coisa que se parecesse, mas que de longe, com tanta coisa boa que por cá ha por estas terras de Christo, e que pelas nossas, de tão ricos que somos, se esperdiçam e andam a monte, por desacerto de letrados e barbarismo de ignorantes.» E refere como encontrou na Chronica de Nunes de Leão a lenda dos amores da Infante *D. Branca*, filha de D. Affonso III: — *Com esta infante teve amores um cavalleiro... do qual pariu um filho...* —Deu-me no gôtto esta edifiante historia, e como lhe não vi impossibilidade poetica, assentei de a ligar com a da conquista do Algarve, e fazer d'ahi poema, romance, ou o que mais queiram chamar-lhe.» N'esta preciosa carta define com clareza o *maravilhoso* popular, mais vivo que os velhos recursos da mythologia classica; e em postscriptum de 1.º de janeiro de 1805, diz que como o poema *Camões* a *D. Branca* «é affinada no mesmo tom *romantico*, supposto, exactamente falando, não segue eschola nenhum...»

A lucta da vida vinha perturbal-o n'estas idealisações; em principios de janeiro vira-se despedido da casa Laffitte: «Já saberá... que se desarranjou o meu tal quejando estabelecimento, dei parte d'isso a Marreco, pedindo-lhe conselho — não me responde. Aconselhe-me: que devo fazer, que posso? Ir para Portugal—e se me succede outra? Se ao menos eu me pudesse entretêr aqui publicando alguma cousita até mais tarde; mas ir já!»—N'esta angustia de recursos é que sua mulher parte para Portugal, e Garret lança-se ao trabalho por conta do livreiro Aillaud, para o qual organisou o *Parnaso lusitano*, selecção das composições mais bellas dos nossos poetas, precedida de uma introducção historica sobre a litteratura portugueza, base lucidamente entrevista para a transformação da nova phase da do Romantismo. Freire Marreco pela consideração que gosava na casa Laffite conseguiu que Garrett fosse readmittido. Em carta 7 de Março de 1825, escrevia a Duarte Lessa: «Pude miraculosamente arranjar o meu negocio, e por ora não tenho mais que temer dos terriveis receios que me agitaram: apresso-me em communicar-lh'o, porque sei que se interessa por mim.» N'esta carta falla com amargura do egoismo francez, como em outra época Mozart: «Nada pude fazer em Paris, nada: terra de egoistas *nacionaes* e *estrangeiros*. Assim, apenas imprima o *Camões* parto para o Havre, onde minha mulher tinha ficado; e emfim, veremos...» N'estas fundas amarguras é que se interessava pelas tradições populares; e referindo-se aos seus papeis que deixara em Londres, escreve a Duarte Lessa: «d'esses me faltam uns *Romances populares*, que me tinha mandado uma senhora de Lisboa, sobre cuja falta escrevi a Machado—ainda sem resposta— veja se m'a póde obtêr, porque muito preço dou áquelles papellinhos.»

Entre os autographos de Garrett appareceu um traslado de 1824, contendo cincoenta xácaras e romances com o titulo de *Cancioneiro de Romances, Xácaras e Soláos, e outros vestigios da antiga Poesia nacional, colligidos, a maior parte, da tradição oral do povo...»* Embora as peças que contém estejam publicadas no *Romanceiro*, tem a collecção a importancia de nos authenticar a epoca em que Garrett tanto se interessava pelos cantos populares portuguezes, tendo já chegado á differenciação dos trez generos da Canção popular, que elle mais tarde lucidamente definiu nas fórmas de *Romance, Xácara* e *Soláo*. Em todas as crises desoladas da sua vida vêl-o hemos voltar sempre ao estudo da tradição popular para vivificar-se n'essa energia organica. Em principios de 1826 vê-se outra vez com a sua vida economica desarranjada; é quando D. Luiza Candida, de regresso a Portugal, requer ao ministro da justiça para seu marido poder voltar á patria, por isso que desde 1823 não se lhe fez processo algum, e sem ter acto praticado nada o inhibe de aproveitar a amnistia dada em 1824. Apesar d'isto, o requerimento foi mandado a informar ao Intendente da policia em data de 9 de Maio de 1826, o qual respondeu exigindo cautellas contra o poeta, por que «arrebatado pelas ideias do tempo, pela verdura dos annos e pelos excessos de uma imaginação ardente, foi, como outros muitos hoje restituidos aos patrios lares, um sectario fogoso dos principios democraticos, que vogaram durante o fatal periodo da revolução, e que infelizmente hallucinaram as cabeças dos incautos e inexperientes, etc.» Por Aviso de 3 de Junho de 1826, permittia o ministro da justiça que voltasse Garrett para Portugal, com a affrontosa condição — *ficando debaixo da vigilante inspecção da policia*... Garrett não desceu á indignidade de acceitar esse favor da regia beneficencia. Os acontecimentos precipitaram-se, determinando uma nova ordem; Dom João VI morre quasi subitamente em 6 de Março de 1826; em um decreto posthumo confiava a Regencia á Infanta D. Isabel Maria. Noticias chegadas a Brest, trazidas no *Diario Fluminense*, espalharam-se com o decreto em que Dom Pedro *outorgava* uma Carta de alforria a Portugal, com data de 29 de Abril. Em 8 de Julho lord Stuart chega do Brasil com a Carta constitucional, e appresenta-a a D. Isabel Maria, pretendendo sustar a sua proclamação; porém, Saldanha fal-a proclamar no Porto, e em 30 de Julho é jurada pela nação. Garrett regressa immediatamente á patria, sendo reintegrado no seu logar da secretaria do ministerio do reino em 26 de Agosto de 1826. As suas ideias politicas e economicas tinham-se desenvolvido ao contacto da civilisação da Inglaterra e da França, que lhe revelavam o poder social dos publicistas e sobretudo da imprensa jornalistica. Logo em 9 de Septembro de 1826 publica a *Carta de guia de Eleitores*, cheia de indicações para reformas fundamentaes; mas essas eleições e os manifestos que provocaram tornaram bem patentes que o governo da Regencia de Isabel Maria era exercido sob a vigilancia do governo inglez através do Marquez de Palmella, e ainda dos *Apostolicos*, todos elles temerosos do espirito vintista, contra o qual deblateraram e empregaram violencias. O P.^e José Agostinho de Macedo, que desde 1824 exercia a censura litteraria por ordem do Patriarchado, estava assalariado pelos frades de Alcobaça e outros elementos para desacreditar a Carta constitucional, a que elle chamava a *Besta esfolada*. Garrett fundou uma empreza para a publicação de um jornal moderno, para dirigir a opinião publica desvairada, adoptando a serenidade doutrinaria empregada na imprensa ingleza e franceza. O seu jornal *O Portuguez* appareceu em 30 de Outubro de 1826, em grande formato a trez columnas, tendo por collaboradores e socios Paulo Midosi, Morato Roma, Antonio Maria Couceiro, Luiz Francisco Midosi (irmão de Paulo) e Joaquim Larcher. Em Março de 1827 fundou o jornal *O Chronista*, semanario politico e litterario de sua exclusiva responsabilidade pessoal. O P.^e José Agostinho de Macedo, no seu facciosismo brutal, detestava Garrett desde 1821, e tratou de o comprometter pela sua sympathia vintista, fazendo acreditar que *O Portuguez* fomentava a guerra civil. No n.º 244 do *Portuguez*, de 17 de Agosto, publicou Garrett um extenso artigo—*O Portuguez e o Padre José Agostinho*—reagindo contra a petulancia do ex-frade: «Foi longa, foi constante, foi exemplar a soffrida paciencia com que temos visto o padre José Agostinho de Macedo vomitar contra nós sarcasmos, injurias, improperios, calumnias atrocissimas. Para tudo ha termo, e para nossa paciencia tambem o houve. Communicamos hoje aos nossos leitores o requerimento que dirigimos a S. A. a Seren. S.ª Infanta Regente sobre os aggravos que á nossa reputação tem feito gratuitamente um ecclesiastico, a quem seu ministerio, sua religião, sua edade deveriam inspirar menor crueza, mais humanidade, mais modestia e pelo menos um furor não de energumeno.

«Argumentar com quem mente sabendo que mente, calumnia sabendo que calumnia, é perder tempo. Não responde, e continúa com novos insultos e aleives. Não ha outro

meio senão obrigal-o a provar os primeiros, para o fazer mais comedido para os segundos.» E inseria um articulado de doze imputações do P.e José Agostinho, pedindo para que, «não as provando, seja declarado calumniador infame segundo as leis do reino.» Garrett ainda tinha a ingenuidade de confiar na corrupta Regente, a quem em Fevereiro d'esse anno fôra entregar um exemplar encadernado do *Parnaso lusitano*. Viu-lhe logo o effeito. Por portaria do ministerio do reino de 17 de Agosto de 1827, *O Portuguez* foi suspenso e juntamente *O Chronista*, e os seus redactores arrojados á prisão discrecionaria como criminosos de lesa-magestade. O governo da Regencia sentia-se do hysterismo de D. Isabel Maria e da variedade das opiniões dos seus amantes; e a accusação era perigosa, porque a intolerancia politica não hesitava em impôr-se por um espectaculo de sangue. As esposas e mães dos redactores requereram á Infanta D. Isabel Maria, a qual se collocou por detraz das Consultas da Mesa do Desembargo do Paço. Foi n'este perigo, entre a hypocrisia e a estupidez, que os presos representaram ao Parlamento.

Em 24 de janeiro de 1828 os redactores do jornal o *Portuguez*, representaram ao parlamento contra a iniqua prisão a que se viram arrojados; transcreveremos alguns trechos elucidativos do facto: «Eram elles collaboradores de um jornal—*O Portuguez*,—que algum nome adquiriu entre extranhos e domesticos, e por moderado de ideias, decente de expressões algum credito grangeou de assisado e prudente, e por firme e inabalavel na defensão da causa legitima... não desmereceu do nome, já tão respeitado e illustre de *Portuguez*, que do coração lhe haviam dado seus redactores, do coração procuraram sempre desempenhar, e, sejalhes permittido dizer, que se muitos bem mereceram da Patria e do rei n'estes ultimos tempos com a espada, com a voz, *e talvez alguem com a penna*, se impõem com mais empenho, com mais lealdade, com mais boa fé e zelo, de certo ninguem com tanto risco e sacrificio procurou servir o Estado, e prestar á Causa publica. — *O Portuguez* era, como tudo quanto em Portugal se publíca ha cinco annos, impresso com censura prévia. Estabelecida esta por lei, declarados por lei os Censores, verdadeiros magistrados e verdadeiras sentenças nas qualificações e censuras, quando a moderação do estylo, a legalidade dos seus principios não abonassem este jornal, tudo quanto elle publicasse era conforme á lei e sem imputação para os publicadores.

«Meditada porém ha muito a destruição d'esta folha, serviu de pretexto, para se levar a effeito o movimento popular dos fins de julho, que, por illegal e inconstitucional que a todas as luzes o era, *O Portuguez* desapprovou e censurou e criminou, invocando a Carta, citando o artigo respectivo e expondo a doutrina d'elle. Não obstante isso, quiz-se aproveitar a occasião, e pelo Ministerio dos negocios do Reino se expediu a Portaria de 2 de Agosto, em cujos fundamentos os srs. Deputados da Nação portugueza julgarão na Carta constitucional, seus principios organicos e vitaes, essa letra expressa foi attendida e guardada.

«Sem mais corpo de delicto, sem mais fórma ou ordem de processo foram por esta Portaria sómente denunciados e incurialmente pronunciados em 12 de Septembro, presos com apparato de força armada, cercadas suas casas por ella, e conduzidos pelas ruas publicas d'esta capital como salteadores, um espectaculo odioso para muitos, escandaloso para todos, vergonhoso para a Nação, injurioso para o soberano, horroroso e barbaro diante das leis.

«No mesmo dia que foram presos, requereram ao Magistrado a cuja ordem estavam, o Corregedor do Bairro do Rocio, Amaral Semblano, que, na conformidade do art.° 145.°, § 7.° da Carta constitucional, lhes désse por escripto o motivo da sua prisão; e não houveram despacho... Ao terceiro dia de prisão (19 de Septembro) na Cadêa da Côrte foram de repente de manhã entrados nos quartos por officiaes de justiça, acompanhados do carcereiro, e lhes foi dada busca a todas as suas cousas, camas, papeis, roupas, etc., sem que até aqui se pudesse saber, nem dos autos consta, o fim, o motivo ou pretexto de tal acto. Immediatamente depois foram os recorrentes separados dois a dois, e distribuidos pelas tres prisões da capital, Côrte, Cidade e Castello. Joaquim Larcher e Paulo Midosi mandados para a Cadêa da Cidade, ahi foram lançados n'uma quasi enxovia, misturados com os faccinorosos e réos dos maiores crimes, em perigo de suas vidas e desabono de seu credito — pela gente com que os emporcalharam, em perda visivel de sua saude pela insalubridade do logar. Em vão requereram para lhes ser dado algum dos muitos quartos que n'aquella prisão havia poucos e vagos; tudo se lhes denegou com os mais frivolos e ridículos pretextos.

«Ainda dada a impossivel hypothese de que elles pudessem ter imputação pelo facto de não ser, qual a publicação de um papel censurado, ainda assim lhes competia gosar do beneficio da Carta, o alvará de fiança concedido pelo § 8 do artigo 145 d'ella. Requere-

ram n'essa conformidade ao Governo, e não se attendeu a nada.

«O aggravo da injusta pronuncia era o meio que parecia mais natural para reparar tão vergonhosas injustiças; mas elles recusavam lançar mão d'elle para não reconhecer por este modo a authoridade e competencia de um juiz que outro direito não havia para o ser em tal caso senão a Commissão do Ministerio pela portaria de 4 de Agosto, reprovada, bem como todas as commissões, e annullada pela Carta, art.º 118. Persuadidos, pois, que aquella injusta e illegal Portaria havia sido obrepticiamente passada, ou ignorando-a S. Alteza Serenissima... não quizeram progredir judicialmente em sua causa sem ir... supplicar reverentemente a Sua Alteza Serenissima, se dignasse mandar explicar aquella Portaria, e fazer cessar com uma explicação authentica d'ella o processo informe e horroroso que aquelle acto arbitrario e inconstitucional do Ministerio tinha occasionado.

«O modo do jogo e zombaria com o que o Ministerio dos negocios do Reino lançou de si este negocio com o ridiculo e nem sequer apparente pretexto de que o negocio era da competencia do Ministerio da Justiça, sendo pelo do reino que a Portaria de 2 de Agosto se passou, ao do Reino que pertence e sempre pertenceu a inspecção da imprensa, por onde ao Desembargo do Paço se expedem ordens, por onde se nomeiam Censores... Não melhoraram de sorte os abaixo assignados na remessa do seu requerimento ao Ministerio da Justiça; alli foi indeferida a pretenção com outro frivolo pretexto, assim como se excusaram todos quantos recursos intentaram, postoque fundados em leis, em rasão e em patente justiça.

«Das copias juntas da pronuncia, auto do summario, do requerimento do aggravo de injusta pronuncia, resposta do Juiz, accordam da Relação sobre elle, embargo do dito accordam e sentença, aggravo da lei não guardada, e assento, allegeção e sentença final, verão os Senhores Deputados da Nação portugueza o incomprehensivel e jámais visto escandalo d'este processo, d'esta causa nova no mundo, que não será comprehendida de nenhum povo da terra, de nenhum magistrado, de nenhum tribunal, e de cuja escandalosa invenção estava o vergonhoso merito guardado para os nossos tempos calamitosos, e para o nosso desgraçado Portugal.

«Não falarão elles, Senhores, das perseguições menos patentes e directas, que foram em quantidade e qualidade incriveis; não mencionarão, porque lhe faltam os documentos, a vergonhosa covardia de quem assalariava peçonhentos e despresiveis scribleros para estar invectivandocontra homens presos, que não podiam defender-se, que, se o tentassem, lhe fariam d'isso um novo crime, cujo processo pendia, e era com estes lebellos prejudicado.—O magistrado que em virtude de uma Portaria (contra expressa letra da Ordenação do Liv. 2.º, Tit. 41 e Alvará de 13 de Dezembro de 1604) procedeu tão atroz e arbitrariamente urdindo este vil processo, segundo lhe encommendaram talvez, foi reconduzido ao mesmo logar, sem embargo da Ordenação em contrario, Liv. 1.º, Tit. 5 § 4.º e da Carta de Lei de 23 de Novembro de 1770!

«Mais afflictos das calamidades publicas que durante nove mezes nos inundaram, do que sentidos da sua pessoal injuria e perda, elles se appresentam na respeitavel presença da Camara, não como accusadores, mas como queixosos.» Vem o documento assignado: «*Joaquim Larcher — Carlos Morato Roma — Paulo Midosi* — João Baptista da Silva Leitão d'Almeida Garrett — *Luiz Francisco Midosi — Antonio Maria Couceiro.*» [1]

Ficou sem effeito esta representação pela dissolução das côrtes.

Os jornalistas só conseguiram a liberdade pela intervenção pessoal do ex-ministro José Antonio Guerreiro, e do desembargador Palha.

Durante estes tres longos mezes de prisão no Limoeiro, cheio de incertezas e de desolação pelo estado politico do paiz, Garrett procurou allivio moral no estudo dos cantos populares de Portugal, que tanto o alentaram no prolongado e injustificado desterro. Diz elle no prologo do *Romanceiro*: «Lançado n'uma prisão pela maior e mais patente injustiça que jámais se ouviu, voltei-me para occupar minha solidão e amarguras de espirito, aos meus *Romances populares,* que sempre commigo têm andado.. Assim passei muitas horas de minha longa e amofinada prisão, suavisando maguas e distrahindo pensamentos.» E' surprehendente este effeito fortificante no meio das perturbações moraes e sociaes; em outras crises se verificará o poder d'este influxo da tradição em quem tanto se inspirou d'ella como artista e politico. Foi nas desalentadas horas de carcere que elaborou e poemeto tradicional da *Adosinda*, que irá dar ao prelo em uma nova e ainda mais desalentada emigração. Até Garrett nunca os Romances populares tiveram importancia para serem

---

[1] Publicado em 1832 em Londres, incluso no opusculo *O Innominado para escapar aos Chocalheiros*, pag. 14 a 18.

colligidos; e até se suppunha que em Portugal não existiam esses cantos seculares. Garrett conta como foi embalado na sua meninice pelas trovas do *Conde Alarcos*, e esse impulso primitivo coadjuvou a libertarlhe o gosto litterario das imitações das Odes arcadicas e das Tragedias francezas. A emigração e desterro em Inglaterra e França fel-o assistir a este estudo sempre crescente dos origens tradicionaes das Litteraturas: «Antes, que excitado pelo que via e lia em Inglaterra e Allemanha, eu começasse a emprehender n'este sentido a rehabilitação do romance nacional, já Grimm, Roldd, Depping, Muller e outros varios tinham peblicado importantes trabalhos sobre as preciosas quam mal estimadas antigas collecções castelhanas.» Longe de Portugal, sentia mais a poesia da tradição avivada pela saudade: «Recorri á tradição; estava então fóra de Portugal; estimulava-me a leitura de muitos ensaios estrangeiros que n'esse genero iam apparecendo todos os dias em Inglaterra e França, mas principalmente na Allemanha.»

Garrett teve de interromper outra vez as suas investigações e a vida normal para se escapar ás cruas catastrophes que lhe preparavam os acontecimentos. A Infanta D. Izabel Maria arranjou a situação politica para entregar o governo a D. Miguel, que regressára de Vienna d'Austria, o fóco da reacção européa. Em 3 de maio de 1827 D. Miguel perjurando a Constituição, proclamase absoluto, e convoca as Côrtes pela formula feudal dos Tres Estados. Toda essa simulação das Ordens foi de um cynico descaro; Garrett em principios de Junho de 1828 presentindo os enforcamentos e o cacete miguelino emigrou para Inglaterra, e quando d'alli ia ser enviado para o Porto, onde em 16 de Maio rompêra a revolta contra a traição de D. Miguel, soube que ella tinha sido abafada por imposição do exercito inglez que occupava Lisboa, e que em 6 de julho o exercito liberal se retirára para Hespanha sob o commando de Quevedo Pisarro, porque os chefes superiores tinham abandonado a cidade fugindo a bordo do *Belfast*. Deu-se o nome de *Belfastada* a esta ignominiosa covardia, que só pode ser attenuada pelo facto pouco conhecido da imposição do exercito inglez, que immediatamente, a pretexto de garantir a ordem, se pôz ao serviço de D. Miguel. As tres ordens acclamaram-o em 11 de Julho de 1828; e já em 12 de Outubro era exigído tambem aos emigrados portuguezes um juramento de fidelidade á menína D. Maria da Gloria.

Em 1828 Paulo Midosi publicou em Londres a traducção da obra anonyma *Quem é o legitimo rei de Portugal*? José Agostinho, que era o libellista do miguelismo, imaginou que fosse trabalho de Garrett, e falla d'elle na *Besta esfolada*, n.º 5, «do bandido e facinoroso *Garrett;* este mais que todos os outros escouceou, e sem figura, este é o mais atroz, o mais escandaloso, mais infame, mais ultrajante da Soberania de Nosso Augusto Monarcha e Senhor Natural e Legitimo.» A linguagem de José Agostinho de Macedo contra Garrett, açulado pelo partido *apostolico*, não fica abaixo das objurgatorias dos partidarios da Carta outorgada, quando o poeta, continuando a tradição vintista, sustentava a doutrina da soberania nacional.

As perseguições miguelistas só se conhecem bem pelos protestos que soaram no parlamento inglez; e a emigração foi extraordinaria, não encontrando refugio certo na Inglaterra, França, Belgica e Hollanda, emquanto as potencias da Santa Alliança actuavam na politica européa. A vida dos emigrados, sem recurso de subsistencia, e sempre em risco de expulsão, foi tremenda; quem lê os folhetos impressos d'essa época, sobretudo os que descrevem o barracão de Plymouth, pasma da situação medonha, contra a qual Garrett nobremente se insurgiu na celebre *Carta de Mucio Scevola.* O poeta tornou outra vez a procurar allivio nos queridos estudos litterarios, publicando em 1829 o seu poema da *Adozinda*, e uma primeira escolha dos seus versos arcadicos com o titulo de *Lyrica de João Minimo.* O *Catão* ahi foi representado pelos emigrados, como recordação d'aquelles dias de liberdade, por occasião da vinda de D. Maria da Gloria para Inglaterra; e elle já ao serviço da embaixada, começou a escrever o seu *Tratado de Educação*, dirigido em Cartas a Dona Leonor da Camara (depois Marqueza de Ponta Delgada), a cujo cargo estava a educação da joven rainha.

Estas publicações, dispendiosas na imprensa ingleza, eram feitas por subscripção entre os portuguezes emigrados, soffrendo o poeta por vezes difficuldades para solver os seus debitos. Os seus recursos eram limitadissimos, tendo apenas o subsidio de emigrado a titulo de ordenado na secretaria da Embaixada. Foram bem amargos os dias soffridos na quasi indigencia, com a doença da esposa, recorrendo ao emprestimo sobre as cinco libras mensaes que recebia. Alguma parte da sua vida n'esta crise apparece em cartas particulares a contemporaneos e amigos.

Em carta de 13 de abril de 1830, escrevia Garrett a José Gomes Monteiro pedindolhe que «mandasse copiar uma lista com nomes (com seus endereços, *adresses* ou direcções, como queira) de negociantes e pessoas

portuguezas estabelecidas aqui, para o fim de diligenciar eu alguma assignatura a mais para o meu *tratado de Educação*, pois quero entrar com a impressão do segundo volume, e desejava aliviar-me do pezo das muitas despezas que ás costas ainda tenho. Fica porém isto entre nós. Espero que o meu amigo me faça este favor e o mais breve que possa.» (*Mem.*, I, 496.) Garrett passava mal; na carta datada de 8 de Maio escrevia-lhe: «tenho estado bastante doente...» E na escasez de recursos, enviava-lhe em junho seis exemplares do *João Minimo* para vêr se lh'os vendia: «O portador... leva 6 *minimos* para ficarem á sua disposição e fazer o que puder e quizer d'elles. Lembrei-me que pode apparecer acaso uma alma caritativa que tire um ou ou outro das chammas do purgatorio. Não se esqueça de recommendar para o Porto a *Educação*. A propósito; por que não hade assignar ahi 2 ou 3 copias o ricasso Stritt? Faça este milagre, meu santo Monteiro, que póde.» José Gomes Monteiro estava então praticando em uma casa commercial, e tinha relações na classe para vender alguns dos livros de Garrett. Era n'este sentido que o occupava: «Tenho muito empenho em mandar para a ilha de S. Miguel uma carta que vá debaixo de sobrescripto de pessoa capaz que a entregue logo. A carta é para um padre: o objecto é negocio pecuniario: não compromette. Aqui ha muito quem negocie para S. Miguel. Arranje-me esta coisa?»

E depois d'este P. S.: «Póde mandar-me 5 libras? Se puder, faça este favor ao seu amigo, que ha de pagar; e sobre tudo agradecer muito.»

A situação dos emigrados era desesperada deante da protecção que os governos da Santa Alliança davam a D. Miguel. Apenas na Ilha Terceira, pelo espirito liberal da população, se abriu alli um fóco de refugio e resistencia para todos os perseguidos politicos. O governo inglez, que em 1828 apoiára o bloqueio contra os liberaes no Porto, perseguia a tiros de artilharia os que se dirigiam para desembarcar na Ilha Terceira. Os emigrados eram a cada instante ameaçados de serem dispersados por differentes povoações inglezas ou transportados para o Brasil como escravos; e os seus proprios chefes, como o Candido José Xavier, tratavam-os com rigorismo militar, obrigando-os a juramentos á D. Maria II e á Regencia da Terceira, roubando-os no subsidio dado do dinheiro de um emprestimo nacional do tempo de D. João VI, e attribuindo ainda esse parco recurso a generosa esmola de D. Maria da Gloria! Não admira que o poeta empunhasse o látego contra esses mirmidões e sycophantas, que se dividiam embaraçando toda a acção, uns querendo que D. Pedro se declarasse rei de Portugal depois de ter sido forçado a abdicar no Brasil, outros que fosse simplesmente regente por ter abdicado na filha, e fazendo os esponsaes d'ella com seu tio D. Miguel. Ninguem se entendia no meio d'este cahos complicado pela politica da Santa Alliança, que dominava nos governos da Austria, Inglaterra e França, que se reflectia nas luctas internas de Hespanha e de Portugal.

No meio d'esta terrivel crise imprimiu Garrett o seu importante livro *Portugal na balança da Europa*, historiando todos os acontecimentos de Portugal, desde a proclamação do principio da Soberania nacional pela Revolução de 1820 até a angustia de 1830, em que elle appresenta na sua crueza o problema de qual será a sorte de Portugal: ficar uma feitoria ingleza? ser annexado a Hespanha com uma provincia? E n'esta altura, a sua intelligencia clara, e a pureza de sentimentos patrios fizeram-lhe entrevêr a unica solução natural, racional e digna, —a Federação dos Estados peninsulares, em que Portugal seria uma nação livre no pacto commum das outras nacionalidades livres. Foi uma terrivel crise, e vergonhosa, como a *intervenção armada* pedida por D. Maria II em 1847, que fez comprehender o principio da Federação a Henriques Nogueira. Como sahir pois da apathia e marasmo moral em que tinham cahido os chefes da emigração?

O governo de D. Miguel, dominado por uma insania de ferocidade, chegou a provocar conflictos com os governos francez e inglez, e a ser duramente atacado pelo seu estupido barbarismo no parlamento de Inglaterra. Mas a colligação da Santa Alliança dava-lhe apoio. D. Pedro, ex-imperador do Brasil, estava desacreditado tambem pelo seu facinorismo, e a causa da filha D. Maria da Gloria achava-se debilitada pelos planos d'uma *unificação iberica*, imperialista sob a iniciativa de D. Pedro, audaz e ambicioso, continuando assim a ambição de D. João VI, que tambem planeára a entrega de Portugal a sua filha primogenita D. Maria Thereza, casada com o infante de Hespanha, D. Pedro Carlos. Sómente um importante acontecimento na Europa, e que viesse enfraquecer a reacção da Santa Alliança, poderia libertar Portugal d'estes liâmes de uma tortuosa politica.

A revolução de Julho de 1830, que precipitou Carlos X do throno de França e proclamou Luiz Philippe rei dos francezes, deu á politica constitucional um alento de esperança; a Inglaterra, reconhecendo o governo

da nova monarchia burgueza, deu um golpe decisivo na Santa Alliança, que ficou apenas sustentada pelas potencias do norte, a Austria, a Prussia e a Russia. A' França, do regimen constitucional, convinha-lhe apoiar a causa dos liberaes portuguezes e hespanhoes; e a Inglaterra, para conservar o prestigio entre os povos meridionaes, começou então a manifestar-se a favor da revolução liberal. A queda da Restauração foi o impulso decisivo; Garrett comprehendeu-o, e, na celebre *Carta de Mucio Scevola* increpa os dirigentes da emigração da apathia com que observam os acontecimentos: «E o tempo urge. A liberdade triumphante no Sena já escala os Pyreneos, e talvez singra para o Tejo... E os parasitas, os venaes escravos da aristocracia, começam a ensaiar suas artes para nos enganar, e desunir e desvairar.» Isto escrevia em 4 de Outubro de 1830. Em carta de 8 de Agosto de 1831, já cansado da apathia dos chefes, escreveu para um amigo em Hamburgo: «Dom Pedro vae em pessoa a Portugal á testa da expedição; e eu estou deliberado a não ser dos que ficam no quartel da saude. Nunca tive, certo, a balda de valentão, mas agora, sem a minima fanfarronada, prefiro muito e muito antes morrer de uma bala do que estar mais tempo emigrado.» E em carta de 6 de Outubro de 1831, revela-lhe o perigo em que esteve de se mallograr toda a tentativa de resistencia, confessando: «o abatimento de espirito e de coração em que me trouxe a *fatal intermittencia* de nossos negocios, que n'este instante pareceram mais que estacionar, quasi os vi desandar. Felizmente passou esse triste estado de calma pôdre — temos com certeza navios e dinheiro. Accrescentarei só que D. Pedro vae, sem duvida, á testa da expedição, e que por estes dias estamos a partir para a Terceira, d'onde apenas chegado elle deve sahir.» Para coadjuvar este acto decisivo, fundou o pequeno jornal *O Precursor*, dizendo no seu 1.º numero de 27 d'Outubro de 1831, que para a unidade da acção e de vontade só faltava um chefe. Porém a demora na organisação da tentativa expedicionaria continuava, e Garrett sentia-se doente e falho mesmo do auxilio dos emprestimos de amigos; D. Pedro chegára a 12 de junho a Cherburgo, mas via-se sempre illaqueado pelas intrigas do governo inglez. Garrett, privado de todo o subsidio, deixou a Inglaterra, e em dezembro de 1831 apresentou-se em Paris, para ir encorporar-se na expedição á Ilha Terceira. D. Pedro, em 25 de Janeiro de 1832, dirige-se para Belle-Isle, d'onde afinal partiu a expedição para os Açores, em 10 de fevereiro. Garrett assentou praça em um batalhão de caçadores, em que se achava tambem Alexandre Herculano, embarcando na corveta *Amelia*. No prologo do *Romanceiro* escrevia elle este traço autobiographico: «Nos fins de 1831 abandonei tudo o que eram cuidados de sciencia ou recreações litterarias, para me alistar no exercito da Rainha e embarcar para os Açores. Em janeiro de 1832 sahi de Paris com praça de simples soldado, e consegui por este modo tomar minha humilde parte n'aquella expedição, cujos avisados e cautellosos directores com tanto empenho afastavam toda a gente conhecida de verdadeira liberal, por todos os modos, modos que hão de parecer incriveis...» Durou dezesete dias a tormentosa viagem, chegando á Terceira em fins de Março de 1832. Ahi dissolvido o batalhão em que se alistára, passou para o *Batalhão academico*. Durante dois mezes permaneceu Garrett em Angra; tendo-se transferido a séde da Regencia para a ilha de San Miguel, foi Garrett chamado para collaborar com os ministros nos decretos das reformas dictatoriaes que transformaram as instituições portuguezas, judiciaes, administrativas economicas e politicas; recebeu ordem de marcha em 7 de Maio de 1832. Foi um consciente collaborador do ministro Mousinho da Silveira, que exercia um grande ascendente no animo de D. Pedro IV. Sendo verdadeiramente um poder espiritual, com Mousinho da Silveira elle funda, pela lei dictatorial de 16 de Maio de 1832, o codigo de Administração civil portugueza, baseado sobre o espirito das doutrinas de Bonin, tendendo em excesso para o centralismo francez, pela necessidade de sua implantação na nova ordem de cousas. Collaborou tambem na redacção da Lei dos Foraes, e por portaria de 18 de Agosto de 1832 é nomeado membro da Commissão encarregada de redigir os Codigos Criminal e Commercial. Garrett tinha a consciencia da legislação que elaborava, quando dizia dos citados decretos de 16 de Maio, 30 de Julho e 13 de Agosto: «são o termo onde verdadeiramente acaba o velho Portugal e de d'onde começa o novo». Apesar de toda esta tão excepcional actividade scientifica, Garrett retomou o seu logar de soldado, com arma e muchila ás costas no embarque da Expedição que se dirigiu a Portugal, — chegando ao fim de dez dias, em 7 de Julho de 1832 a avistar terra, e a fazer-se o desembarque no Mindello em 8, entrando no Porto o exercito libertador ao alvorecer do dia 9. Momentos de grandes emoções, que tempéram o espirito para a energia moral. No Porto occupava-se Garrett no seu mister de soldado, quando foi chamado para reorganisar a secretaria do mi-

nisterio do reino, cuja pasta estava confiada a Palmella, e o ex-imperador encarregou-o de formular o decreto reorganizando a ordem da Torre e Espada. No Porto, no meio das primeiras decepções do cêrco, não deixou Garrett de alentar-se nas suas idealisações litterarias, lançando os primeiros contôrnos do romance *O Arco de Sant'Anna*, que em um dos seus manuscriptos apresenta a data do —Porto—Agosto de 1832.—Na dedicatoria ao seu commandante Soares Luna, diz que o escrevêra por elle o ter dispensado, por vezes, do serviço da peça e do fusil. Dentro do cêrco do Porto havia a luctar não só contra o exercito miguelista, mas contra as intrigas dos pedristas e dos que seguiam a causa da rainha, que se enfraqueciam. D. Pedro cuidou vêr a sua campanha perdida, chegando a embaraçar materialmente que os seus generaes fizessem uma segunda *Belfastada*, como em 1828, expondo assim o Porto a uma tremenda carnificina abandonado ao inimigo. Foi esta ideia que deu firmeza á resolução de D. Pedro luctar até ao desespero; não fiando nos seus meios de resistencia, determinou pedir uma intervenção das potencias constitucionaes, e para isso, em Novembro de 1832 mandou Palmella em missão extraordinaria ás côrtes de Londres, Paris e Madrid para obter esse soccorro. Garrett foi escolhido para secretario d'essa missão, na qual Mousinho d'Albuquerque ia como adjuncto e José Balbino tambem como secretario. O pedido da intervenção não chegou a fazer-se, porque a resistencia do Porto apresentou-se com um aspecto surprehendente de heroismo; Palmella foi dispensado da missão, que se lhe deu por terminada, e Garrett viu-se repentinamente sem recursos em Londres, esquecido do governo, tendo de se dirigir para Paris na esperança de *viver com os parcos subsidios* que o governo francez concedia aos emigrados. Esta situação desesperada era-lhe preparada por Candido José Xavier, resentido das queixas contra a sua direcção dos barracões de Plymouth. Vivendo com sua mulher, que trouxera de casa de uma tia Cromefort, na angustia de recursos em uma mansarda na Chaussée d'Antin, ahi se interessava ainda pelas letras portuguezas, perguntando para Altona noticias do achado das obras de Gil Vicente, e elaborando ainda o *Arco de Sant'Anna*, agora incitado pela leitura da *Notre Dame de Paris*, de Victor Hugo.

A causa liberal tendia para o triumpho, depois da expedição do Algarve, em 24 de Junho de 1833, e entrada do Duque da Terceira, em 24 de Julho, em Lisboa. Garrett resolveu vir apresentar se ao serviço, pedindo uma miseravel quantia ao seu consul para a viagem. Ao chegar a Lisboa, em Outubro de 1833, foi-lhe communicada a baixa militar por ser nomeado para uma commissão civil. N'esta lucta surda das mediocridades contra Garrett, elle presente que, com a implantação do regimen liberal, começa tambem para a sua vida uma epoca nova, epoca de luctas ainda maiores e mais angustiosas, mas em que o genio brilha em todos os seus aspectos como espirito constructivo.

3.ª EPOCA

Entrada na carreira diplomatica. Volta a Lisboa. Deputado ás Cortes constituintes. Litteratura. Opiniões. Impressão das Obras. Theatro—Conservatorio.—* Entra na opposição de 1841. Mais outras varias... de 1847. Porque? *Comerage* litteraria.

As dissidencias que se manifestaram durante a emigração entre os publicistas doutrinarios, ao iniciarem-se as novas instituições mais se accentuaram na apparição de dois partidos inconciliaveis que se denominaram os *amigos de D. Pedro* e os *Exaltados*, a que correspondiam na giria facciosa os *Pasteleiros* e os *Demagogos*, os *Devoristas* e os *Discolos*.

Estas duas designações significavam realidades inilludiveis, que tinham de ser conciliadas para que o novo regimen fundasse a prosperidade da nação depois da odiosa lucta fratricida; longe d'esse espirito conciliador, actuou a violencia, a perfidia, o egoismo dynastico, e essas paixões dos dois bandos systematisaram-se em dois partidos politicos, em que Portugal se dividiu—os *Cartistas* e os *Septembristas*, que através de revoltas, conspirações, intervenções estrangeiras; fusões transitorias, ministerios de resistencia, ainda hoje subsistem sob o nome de *Regeneradores* e de *Progressistas*. Qual o pensamento que separava os dois partidos? De um lado os *amigos de D. Pedro*, queriam que as cousas se conservassem taes como em 1826, quando se effectuou a outorga da Carta, mantendo D. Pedro IV a regencia na menoridade da filha e na forma de dictadura militar, chamando ao poder sómente os homens da sua confiança pessoal, reservando

* Garrett separa estes factos para uma Epoca isolada sendo aliás consequencia da anterior.

para elles os altos cargos publicos, e concedendo favores especiaes aos miguelistas para lhes minar a força moral. O epitheto sarcastico de *Pasteleiros* exprimia esta politica conservadora, em que figuram todos os palacianos e militares ávidos com burguezes e bachareis que exploram a situação. Do lado dos *Exaltados* estão alguns espiritos lucidos que reclamam que termine a odiosa dictadura militar, que a nação seja consultada em uma Constituinte, e que o Codigo politico derive da affirmação da *Soberania nacional.* Chamaram a isto doutrinarismo politico; mas a força d'esta corrente proveiu da accumulação de arbitrariedades dos chamados amigos de D. Pedro.

A questão das indemnisações foi uma das mais violentas no parlamento, onde appareceu o extraordinario tribuno Manuel da Silva Passos, que se tornou o paladino do principio da *Soberania nacional.* E' entre estas duas correntes que se encontra Garrett em 1834; é na escolha do partido politico que está a revelação do seu caracter, e a rasão de toda a sua vida activa e mental. Sem este aspecto, tão complexa individualidade é incomprehendida.

Garrett fôra nomeado em 2 de novembro de 1833, depois do regresso a Portugal, para trabalhar como secretario da reforma de Instrucção publica. Ninguem como elle estava então habilitado para este problema pedagogico, como se vê pelo seu tratado de *Educação.* Conhecia os vicios da organisação da Universidade de Coimbra, e a necessidade de implantar as instituições pedagogicas fundadas pela Convenção. Fez um plano de reforma integral, um traçado que não foi levado á practica pelo fatal pretexto de não haver dinheiro, mas do qual foram a pouco e pouco tirados todos os elementos para ulteriores fundações em que o seu nome nunca mais fosse lembrado.

Ainda Garrett não tinha entregado á secretaria do reino os papeis da commissão pedagogica, e já o ministro Agostinho José Freire o obrigava a partir para o logar de Consul geral e encarregado dos negocios de Portugal na Belgica, para que fôra nomeado em 14 de fevereiro de 1834. Vê-se que da parte do governo dos *amigos de D. Pedro* havia vontade de afastal-o de Portugal, sabendo-se que elle não renegára a tradição vintista e que a sua intelligencia daria força á corrente dos exaltados. Garrett partiu em junho d'esse anno, e o modo como elle se viu abandonado sem recursos na Belgica, para proceder ás installações indispensaveis do Consulado geral, revelam que o trataram como inimigo e com o intuito de o desgostarem da vida publica e de o exautorarem. Garrett tudo soffreu, como se vê nos importantes officios dirigidios ao ministro dos estrangeiros, sem que fosse attendido; n'esses officios vê-se como elle informava sobre as instituições municipaes e administrativas da Belgica, um pequeno estado que bem podia servir de modelo para Portugal nas suas novas instituições parlamentares. Descobre os vestigios das antigas Feitorias portuguezas de Flandres, e observa no seu elevado criterio politico, que a Belgica em harmonia com a Inglaterra e França, pelas relações das tres familias reaes, e ambas essas potencias desligadas da Santa Alliança mantida só pelas potencias do norte, tornam aquelle centro uma verdadeira eschola diplomatica para os embaixadores portuguezes. A falta de importancia e desprezo a que o governo dos *pasteleiros* votou Garrett na côrte de Bruxellas, foi supprida pelas distincções pessoaes que lhe prestava Leopoldo e o seu primeiro ministro Muelenar, que reconheciam o seu fulgurante talento e saber, que o destacavam no corpo diplomatico. Garrett viu-se em apuros para pagar as despezas feitas com a passagem do principe Augusto Leuchtenberg por Bruxellas, quando veiu para Portugal casar com D. Maria II; e apoz o falecimento quasi repentino do real esposo; maior apuro soffreu Garrett logo que se tratou do casamento de Fernando de Coburgo, que passou tambem pela côrte de seu tio o rei Leopoldo, sem que o encarregado de negocios de Portugal fosse informado d'estas combinações! Mas não param aqui estas affrontas; quando menos cuidava, apresenta-se-lhe um individuo para substituil-o sem credenciaes nem carta de *rappel.* Garrett fora prevenido por um seu amigo no ministerio, Jervis de Athouguia: que pelo casamento de D. Fernando de Coburgo, a embaixada de Bruxellas ia ser elevada na cathegoria e rendimentos.

Para estes benesses foi nomeado D. Luiz da Camara, sobrinho de D. Leonor da Camara, que dirigira a educação de D. Maria II; como é que Palmella, amigo pessoal de Garrett, e Rodrigo da Fonseca, seu intimo, permittiam este atropêllo á dignidade e direito do homem cujo talento admiravam! Attribuia-se o caso aos destempêros da politica; mas na *Vida do Duque de Palmella*, vem um bilhete de D. Maria II, mandando-lhe que seja despachado para a Belgica o D. Luiz da Camara, e que o Garrett vá... para outra parte. A rainha tinha então dezeseis annos, e fez o que quiz quem estava junto d'ella e a suggestionava. Assim D. Leonor da Camara pagava a homenagem que lhe prestára Garrett dedicando-lhe todas as Cartas do *Tratado de Educação.* Garrett só

poude sair de Bruxellas depois de lhe fornecerem os meios de pagar as dividas do Consulado geral, soffrendo ainda o vexame de uma penhora e execução judicial.

Para o compensarem da expoliação do cargo que creára, despacharam-no ministro plenipotenciario de Portugal na Dinamarca, de que não chegou a tomar posse, não tendo sido ouvido, e sendo demittido por necessidade de fazer economias em 9 de janeiro de 1836. Para adoçar este travo ultrajante, acenaram-lhe com a offerta do cargo de chefe da legação no Rio de Janeiro, mas Garrett excusou-se com o pretexto de que resolvêra retirar-se á vida privada, e entregar-se aos estudos litterarios regressando á patria, o que effectuou em junho de 1836. Eis o quadro da sua vida diplomatica; e esse espirito, que se não lamenta nem descorçôa, sente em si um poder que fará vergar deante da sua intelligencia os ministros e a propria rainha no desvairamento das revoluções em que elle exercerá um poder organisador e constructivo.

Volta a Lisboa, deputado ás Côrtes constituintes, diz a alinea do elenco das épocas da sua vida. E' aqui que começa verdadeiramente um época fecunda em que exerce uma acção social decisiva, e em que o seu genio esthetico realisa as mais deslumbrantes creações. Nos dias tormentosos de Bruxellas, entregára-se á leitura das obras da Litteratura allemã, como elle confessa na autobiographia. Ahi reconheceu como os germens tradicionaes se elaboram em creações individuaes exprimindo o sentimento da nacionalidade; mas d'entre esses escriptores, foi especialmente Goethe que lhe revelou, que acima do nacionalismo está o *universalismo*, em que a concepção philosophica dá ao escriptor e artista o conhecimento da generalidade do sentimento humano, que torna a obra de arte contemporanea de todas as épocas e civilisações. O iniciador do Romantismo nos poemas de *Camões* e *Dona Branca*, tinha agora vistas mais amplas que o levavam para a fundação do theatro portuguez.

A entrada na corrente politica serviu-lhe para dar realisação aos seus planos de reforma litteraria. Regressando a Portugal em junho de 1836, logo em 2 de julho apparecia o primeiro numero do jornal *O Portuguez Constitucional*, em que elle fez a analyse do governo dos amigos de D. Pedro, e dos factos odiosos que motivaram os epithetos de *Devoristas*, *Chamorros* e *Pasteleiros*, porque eram conhecidos. Responderam-lhe com calumnias, acoimando-o de vendido, de ter passado contrabando quando veiu da Belgica, de se apresentar em Bruxellas como titular e ainda por cima de ter explorado a belleza da mulher. E' preciso ser mais do que heroe para resistir a esta lucta, contra as armas da infamia. Calar-se é faltar á consciencia, escrevia elle, e continuou na brecha até ao momento em que rebentou a Revolução de 9 de Septembro de 1836, que estava nos espiritos como consequencia das torpezas do governo, mas que a influencia do jornal de Garrett foi como o rastilho explosivo. Se elle visasse á vingança, podia ter um legitimo regosijo. Garrett achou-se cooperando com os homens da Revolução de Septembro, de que era o chefe prestigioso Manuel da Silva Passos, que n'elle tinha uma confiança absoluta; pelo seu lado Garrett servindo-o desinteressadamente, elaborando-lhe os decretos de reformas fundamentaes, imprimia á Revolução a continuidade da tradição *vintista* apenas interrompida pela reacção de 1823 pelo perjurio de D. João VI, e pela traição de D. Miguel em 1828 proclamando-se rei absoluto. A Revolução de Septembro revindicava o principio da *Soberania nacional*, base de toda a politica séria e fundamento de todas as liberdades; os partidarios da *outorga* da Carta pozeram-se do lado do paço em favor do sophisma liberal, que acobertava com a apparencia da Carta o absolutismo da dynastia dos Braganças. Esta reacção do paço apoiava-se na intervenção diplomatica dos gabinetes de Inglaterra e da Belgica, que por influencia dos Coburgos, que estavam n'esses dois thronos, entendiam coadjuvar o sobrinho e primo Coburgo de Portugal, o joven D. Fernando, que tramava contra a nação com os agentes Goblet, Van der Weyer e lord Howard. Chegaram a fazer-se desembarques de força armada, a rainha D. Maria II chegou a escrever por sua mão um pedido de intervenção armada ás potencias, e os generaes ao serviço do paço, como o duque da Terceira e Saldanha, fizeram revoltas militares para restabelecerem a Carta, simples pretexto de mantêr o poder pessoal na monarchia. Contra todos estes crimes e indignidades que se chamaram a *Belemsada* e a *Revolta dos Marechaes*, manteve-se o ministerio septembrista com a comprehensão do seu dever, e foi o apoio da Guarda Nacional, que, embaraçando as traições palacianas, garantiu ao ministerio a acção para proceder a reformas fundamentaes. Antes de se reunirem as Côrtes Constituintes em 18 de janeiro de 1837, Garrett achou-se sempre junto de Passos Manuel e de Sá da Bandeira, redigindo-lhes as proclamações de que elles careciam, preparando-lhes os decretos com as reformas publicas, e sustentando na imprensa as doutrinas da soberania nacional. E ao passo que era encarregado do projecto

da reforma do Corpo diplomatico, e de uma Junta de Contabilidade, é por portaria de 28 de Septembro encarregado de formar um plano para a fundação e organisação do Theatro nacional. No meio das terriveis surprezas da *Belemsada*, Garrett elabora esse plano sobre a creação do Conservatorio da Arte dramatica, Inspecção geral dos Theatros, e construcção de um Theatro normal em Lisboa, que entregou ao ministro em 12 de novembro de 1836, sendo referendado em 15 do mesmo mez. Foi esta a base de todo esse impulso dado á litteratura romantica, e em que Garrett actuou directamente pelas bellas composições, como *Um Auto de Gil Vicente*, o *Alfageme de Santarem*, o *Frei Luiz de Sousa*, a *Sobrinha do Marquez*, que elle compoz nas luctas violentas da Constituinte em 1838, nas repugnantes reacções cabralinas em 1841 a 44 e de 1846 e 47. A revolução de Septembro subsiste ainda hoje pelas reformas profundas que fez tambem na Instrucção publica, e n'essa parte é patente que em grande parte o plano pedagogico de Garrett de 1834 foi realisado por outros iniciadores. O espirito revolucionario provinha do regimen pedagogico iniciado pela Convenção; Garrett o comprehendêra, e outros o seguiram depois pela força das circumstancias.

E' digno de consideração este phenomeno da relação entre as instituições politicas e as disciplinas pedagogicas; quando no seculo XIII as classes servas tornando-se proletariado, concorriam á participação civil, é quando se organizam as Universidades como fórma de instrucção secular; no seculo XVI alargam-se as disciplinas scientificas fóra do quadro das Universidades, correspondendo esse facto á liberdade de consciencia na Reforma, apparecendo através da reacção dos Jesuitas que se apoderam do ensino publico, o primeiro typo de uma instrucção média ou secundaria; tambem a grande elaboração scientifica e dos progressos mathematicos, aperfeiçôam os processos da methodologia, vindo a determinar, no anno III da Republica, uma nova reforma de Instrucção publica decretada pela Convenção em 1794. Da *Eschola central de Trabalhos publicos*, que Monge, Bertholet e Fourcroy organisaram, proveiu a *Eschola Polytechnica*, um novo typo pedagogico, em que se incluiram as sciencias até então constituidas, e que hoje ainda prevalece em toda a Europa. Passos Manuel por decreto de 11 de Janeiro de 1837 funda em Lisboa a *Eschola Polytechnica*, com dez cadeiras para cinco cursos de quatro annos, no edificio do Collegio dos Nobres; e no Porto é tambem transformada em uma *Academia Polytechnica* a antiga Academia real de Marinha.

O espirito de especialidade prevalecia na organisação pedagogica da Convenção, por falta de uma synthese objectiva que lhe imprimisse a hierarchia theorica; esta mesma corrente é a que em 1837 (e ainda hoje) prevalece em escholas especiaes como a *Eschola do Exercito*, a *Eschola Medico cirurgica*, a *Academia de Bellas Artes*, o *Conservatorio da Arte dramatica*, a *Eschola de Declamação*. O estudo das sciencias naturaes alargado pela Convenção determina essa reforma polytechnica na Universidade de Coimbra em 1837, extinguindo a faculdade de Canones, como o projectára Garrett, e creando as duas faculdades de Mathematica e Philosophia. Dos antigos Collegios que circumdavam a Universidade partiu-se para a fundação do ensino médio ou elementar creando os Lyceus nacionaes. Assim tinham procedido Laplace e Garat, substituindo os antigos Collegios em França pelas Escholas centraes, unindo o ensino das Lettras com o das Sciencias. O Collegio das Artes, de Coimbra, que fôra o reducto dos Jesuitas, por decreto de 5 de Dezembro de 1837 é convertido em Lyceu nacional, e este typo escholar é decretado para os principaes centros de Portugal, capitaes de districtos administrativos, por decreto de 17 de Novembro d'esse mesmo anno. Ainda o mesmo espirito da Convenção tambem se reflectia na Academia real das Sciencias de Lisboa, que se dividia como o Instituto Nacional de França, em tres classes: Sciencias Physicas e mathematicas — Moraes e Politicas — Litteratura e Bellas Artes. Collaborando activamente com a dictadura septembrista, Garrett creou o *Pantheon nacional*, decretado por Passos Manuel, que não póde effectuar-se immediatamente, mas que as ideias e os costumes realisaram no monumento dos Jeronymos, para onde Garrett ao fim de cincoenta annos da sua morte foi levado em apotheose. Póde-se dizer que á Revolução de Septembro se deve essa revivescencia da Litteratura portugueza, em que a creação do Theatro como uma fórma da opinião publica, se tornou nos esforços de Garrett uma missão nacional. E' no meio das fadigas parlamentares de 1837 e 38, em que elle é o *leader* da Constituinte, que organisa a Inspecção geral dos Theatros, e o Conservatorio, e compõe o primeiro drama que vae acordar a nossa tradição artistica apagada desde Gil Vicente. Herculano insurgia-se então contra o triumpho da revolução de Septembro, e escrevia o seu protesto, imitado das *Palavras de um Crente*, no seu opusculo da *Voz do Propheta*, verdadeiro libello contra estas affirmações da soberania nacional; por isso depressa foi Herculano empolgado

pelo Coburgo, que o fez seu bibliothecario. Deante da historia moderna de Portugal póde-se concluir, que todo o desenvolvimento material e intellectual que se realisou depois da queda do Absolutismo, foi iniciado pela revolução de Septembro, desnaturando-se sempre a sua origem; e se algumas liberdades ainda existem, são os restos d'essa affirmação da soberania nacional. Garrett seguira esse partido através de todas as reacções palacianas, e foi perseguido, calumniado, demittido dos seus empregos, hostilisado com lendas affrontosas ou ridiculas; mas seguiu impavido sustentando esse alto ideal, por fórma que apparece como a verdadeira gloria de uma época, que se se reduzisse aos que brilharam nas cadeiras do poder, ou nos altos cargos do estado, seria uma gehena de odios, traições e egoismos em tripudio sobre uma patria desconhecida e explorada.

No seu interesse de acompanhar a Constituinte de 1837, Garrett regeita o logar de Enviado extraordinario e ministro plenipotenciario em Madrid, para que fôra nomeado em 9 de janeiro d'esse anno. Em todos os actos capitaes da camara, como mensagens ao paiz ou á rainha, provocadas pelos acontecimentos, era sempre escolhido para lhes dar fórma escripta, sendo tambem o encarregado de redigir o projecto na nova Constituição votada em 1838, e egualmente nomeado por decreto de 3 de Agosto de 1838 para a reorganisação do Codigo Administrativo que elle redigira em 1832, e para a nova organisação a dar á Guarda Nacional. Os seus numerosos discursos na Constituinte todos fôram importantes pela doutrina. sobretudo o que versava sobre o estabelecimento das duas camaras.

E' em 1838 que escreve e faz representar no theatro da rua dos Condes o drama historico *Um Auto de Gil Vicente*, a que primeiramente dera o titulo *A Côrte de D. Manuel*. O pensamento d'esse drama estava ligado a situações da sua vida, quando pela primeira vez a noticia da descoberta da rarissima edição dos Autos de Gil Vicente fôra encontrada em Goettingue. Para fundar o Theatro nacional remontou-se á origem historica, e no vulto do seu creador encontrou bellos elementos para acordar o enthusiasmo pela sua restauração. Tomou como base historica o facto do casamento da Infanta D. Beatriz com o Duque de Saboya, e a intriga dos amores do poeta Bernardim Ribeiro, segundo as tradições que corriam; prendeu-se o desenvolvimento e desfecho do drama á situação de uma figura que no fim da peça de Gil Vicente vem metter no dedo da Infanta um annel de ventura. Bernardim Ribeiro aproveita-se da circumstancia d'essa figura fallar com mascara, e em vez de dizer os versos de bom augurio exalta-se em uma improvisação apaixonada, que ia perturbando o festival. Garrett teve de ensaiar os actores e de supportar todas as contrariedades; o exito excedeu toda a espectativa, era uma revelação do passado que acordava a mais vehemente sympathia. Segundo o manuscripto autographo *Um Auto de Gil Vicente* foi começado em 11 de junho de 1838 e acabado em 11 de julho; durante esta elaboração intensa tratou de importantissimas questões na Constituinte. Nos seus prologos ha sempre uma parte autobiographica preciosa, e no que precede *Um Auto de Gil Vicente* descreve esse estado de espirito com que iniciou a phrase romantica do Theatro: «O que eu tinha no coração e na cabeça— a restauração do nosso Theatro, seu fundador Gil Vicente, seu primeiro protector el-rei Dom Manuel, aquella grande epoca, aquella grande gloria, de tudo isto se fez o drama.» Garrett conseguiu o que aspirava; *Um Auto de Gil Vicente* enthusiasmou o publico, que era um elemento restaurador como a obra do poeta, que sem esse enthusiasmo ficaria esteril. Cabe tambem a Garrett a gloria de ter introduzido na scena portugueza a eximia actriz Emilia das Neves, cuja estreia se fez n'esse primeiro drama romantico.

Contra a Constituição de 1838 já se conspirava descaradamente, e Garrett foi excluido da eleição de deputado, o que o levou com desgosto a demittir-se da commissão de reforma do Codigo Administrativo. Intrigaram-o com os burguezes do Porto, por onde elle tanto aspirava a ser eleito; de Angra do Heroismo lhe veiu o mandato legislativo, por isso em pleno parlamento em 1839 proclamou a ilha Terceira como a patria aonde desabrocharam os seus sentimentos. Foi na sessão de maio de 1839 que apresentou o seu projecto de Lei sobre propriedade litteraria, que Alexandre Herculano então approvou, para combatel-o em libello quando foi sanccionado como lei em 1851, pois era essa lei contraria aos intuitos do Imperador do Brasil que o lisongeava. N'esta legislatura, em um discurso em resposta ao discurso da Corôa, fez o acerbo balanço dos actos da politica partidaria, cheio de pungentes ironias, que o tornaram celebre sob o titulo de *Discurso do Porto Pyreu*, proferido em 8 de fevereiro de 1839; logo a 25 de fevereiro foi o parlamento dissolvido. O odio da facção cartista era o reconhecimento de um poder. Garrett bem conhecia quem lhe suscitava as hostilidades; D. Fernando Coburgo, detestando o septembrismo, mantinha uma antipathica reserva contra o poeta, e a rainha pretextava a sua má vontade alludindo aos cos-

tumes de Garrett, sem critica para conhecer as calumnias da camarilha que a dirigia. Garrett foi generoso, como grande. Na festa organisada no Conservatorio para um anniversario na familia real, fez ensaiar por discipulos da Eschola de Declamação o drama *Amor e Patria*, que elaborou depois com o titulo de *D. Philippa de Vilhena*, sobre uma bella tradição que cerca de poesia o movimento revolucionario de 1640, quando Portugal recuperou a sua autonomia. N'esse bello quadro em que a orgulhosa fidalga D. Philippa de Vilhena arma cavalleiros seus filhos para irem luctar pela independencia da patria, toda essa emoção crescente que converge para o ultimo acto, finalisa pelo grito: *Viva a casa de Bragança*. Garrett bem podia dizer como Camões: «A's musas agradeça... o muito amor da Patria que as obriga... a dar-lhe nome e fama.» Garrett tinha sob a Revolução de 1640 o drama francez *Pinto*, de Lemercier, no gosto do seculo XVIII; mas só lhe servia para achar o verdadeiro processo de tirar o movimento dramatico da tradição nacional, evitando o escolho da imitação. N'esta luctas parlamentares de 1839, Garrett organisou o plano para a publicação das suas Obras completas. No elenco d'essas obras, em que entra já *Um Auto de Gil Vicente*, faltam todas aquellas que depois de 1840 foram creadas em um periodo de fecundidade genial simultaneo das tremendas crises porque passou a nacionalidade na reacção violenta do Cartismo, que tomou o nome de *Cabralismo* pelos processos odiosos empregados por Costa Cabral feito ministro instrumento da Rainha.

Em 9 de Junho de 1841 o ministerio reforçado com elementos cartistas, Costa Cabral que provocára a carnificina da Guarda nacional no Rocio em 1838, é o que vae ao Porto proclamar a restauração da Carta. Garrett no meio d'estas traições escrevia o *Alfageme de Santarem ou a Espada do Condestavel*, em 1841, em que representava a revolução popular que pela sua soberania collocára no throno o Mestre de Aviz. Parece entrevêr-se que o poeta por vezes visava Sá da Bandeira, um dos chefes do septembrismo, no typo do Condestavel Nun'Alvares; a força popular, contra a invasão estrangeira, que agora era a intervenção dos Coburgos de Inglaterra e da Belgica, acha-se alli como que vaticinando esses movimentos provinciaes que se chamaram em 1846 da *Maria da Fonte*. Tambem n'este drama fundou Garrett a acção sobre a lenda maravilhosa da Espada temperada pelo armeiro de Santarem, referida na *Chronica do Condestavel*. O drama depois de ensaiado, e de pintadas as pittorescas vistas de Santarem, foi embaraçado para não poder apparecer em scena, e quando já nenhum obice se lhe podia oppôr, prepararam os façanhudos cartistas uma cabala violenta para abafar o *Alfageme* sob uma estrondosa pateada. Garrett quizera conservar o anonymo, como se deprehende do Autographo que tem na primeira pagina: «Entregue ao Sr. Conde do Farrobo para o Theatro da Rua dos Condes pelo author, *que por ora não deseja dar o seu nome a publico.*» O drama foi representado com assombro, e o publico e cabala cartista foram todos empolgados pela emoção patriotica que lhes incitára essa evocação sublime, em que os versos em lingua portugueza, os proprios cantos populares, eram tratados com musica tambem nacional. Era assim que a nacionalidade revivescia. Os jornaes do tempo fallam das suspeitas de allusões politicas, que levaram os Cartistas no poder a prohibirem o *Alfageme de Santarem*, o que forçou Garrett a imprimil o immediatamente em livro. No elenco das épocas da sua vida, Garrett abre uma pela phrase: «Entra na opposição de 1841». São da legislatura d'este anno os discursos contra os augmentos de impostos, e contra o Salvaterio, ou as propostas de fazenda de um alcance mesquinho apresentadas por Antonio José de Avila. Para ferirem Garrett machinaram extinguir o Conservatorio da Arte dramatica, que o poeta defendeu com assombrosa altura no seu discurso contra a lei da Decima, em que Avila foi caricaturado com os traços com que em toda a sua vida ficou conhecido: o *pavão*. Garrett tirára dos mediocres que o assaltavam estas vinganças immortaes, como fez tambem com o conselheiro Agostinho Albano da Silveira Pinto, que fizera no parlamento um banal discurso contra o Conservatorio, e que ficou encarnado no typo do orador Gileannes do *Arco de Sant'Anna*. O ministro vingou se, assignando Joaquim Antonio de Aguiar o decreto de 10 de Julho de 1841, demittindo Garrett de director do Conservatorio. Faz mais nojo do que assombro. As demissões continuaram, com outros decretos que o exoneram dos logares gratuitos de Inspector geral dos Theatros, da Direcção das Escholas de Declamação, e de Chronista-mór do Reino. Espanta a inconsciencia como estes homens ligam o seu nome a actos que serão de eterna vergonha, e dão prova da sua opacidade mental deante de um genio creador. O partido da Carta ou *devorista* servia o egoismo do paço; Costa Cabral, ministro da justiça, a pretexto de uma visita á familia, vae ao Porto, e, em 9 de Janeiro de 1842, por uma insurreição militar, faz a restauração da Carta outorgada,

dizendo em Lisboa que fôra forçado pela tropa; trabalhava de accôrdo com o Coburgo; a rainha fingiu-se coacta por ter feito juramento solemne da Constituição de 20 de Março de 1839, e fez o ministerio do entrudo, para em 10 de Fevereiro adherir por decreto ao restabelecimento da Carta, com a condição capciosa ou arteira de ser reformada por uma camara eleita com poderes constituintes. O ministerio de 9 de fevereiro, em que entraram homens sinceros, vendo que em 24 d'esse mez Costa Cabral entrava como membro do gabinete, confirmaram a promessa da reforma da Carta no decreto de 5 de Março de 1842, mas havia um espirito de reacção que não deixava cumpril-o. Em volta da reclamação do cumprimento do decreto de 10 de Fevereiro de 1842, é que se foram creando as fortes resistencias, que explosiram pela revolta de Almeida em 1844 começada em Torres Novas, pela revolução do Minho de 1846, chamada da *Maria da Fonte*, e revolução da *Patuléa* contra a Emboscada de 6 de Outubro de 1847, esmagada pela intervenção armada de Inglaterra, Hespanha e França a pedido da propria rainha.

São estes os factos que explieam as palavras do elenco biographico de Garrett: «Entra na opposição de 1841. Mais outras varias... de 1847. Porquê?» pergunta elle proprio. Porque o homem que na litteratura trabalhava pela ressurreição e sentimento de nacionalidade, nos debates politicos sustentava com dignidade civica e consciencia philosophica o principio da Soberania nacional, como base de todos os poderes. E' isto o que se chama ser homem; e era a este homem que os vendidos ao egoismo dynastico arrojavam todas as calumnias para desprestigial-o e moralmente enfraquecel-o. N'este elenco biographico vem uma phrase que poucos terão comprehendido: «*Comerage litteraria.*» Que pequenas intrigas seriam estas que chegaram ao conhecimento de Garrett? D. Fernando Coburgo, como inimigo figadal do Septembrismo, e protector de Herculano, que desde a *Voz do Propheta* se confessára cartista e entrára para bibliothecario da Ajuda, tratava de offuscar Garrett, pondo em evidencia um émulo admirado nas Academias estrangeiras. Como allemão, o Coburgo procurou fazer a Herculano socio da Academia de Berlin, empregando para isso a sua influencia. Não o conseguiu; e mudou de rumo, empenhando-se com o Instituto de França; ahi foi facil, e de Portugal foram enviados os dados biographicos de Herculano em folhas lithographadas para serem distribuidas aos socios do Instituto; o auctor dos *Falsos D. Sebastião* é que foi o encarregado d'essa distribuição. Tambem com a vinda do conde de Rackzynski a Portugal, D. Fernando fel-o admirar Herculano como um espirito de primeira ordem, e Rackzynski só conheceu Garrett por essas mesquinhas notas da Historia da Pintura, que acompanham o *Retrato de Venus*, obra da sua mocidade.

Intimos desgostos o torturaram n'este periodos das luctas da reacção cartista, como o falecimento de Adelaide Deville, que se lhe sacrificára, e que lhe deixára uma filha, a quem legalmente não podia reconhecer. E' n'esta angustia de espirito, que se aturde nas discussões parlamentares em 1843, pondo em relêvo a burla do systema da Carta baseado sobre sophismas liberaes, cobrindo um affrontoso poder pessoal; combatendo o *bill* para os actos dictatoriaes do governo, e protestando contra os esbanjamentos, respondeu-lhe por uma fórma imprevista, envolvendo-o em um duello com um militar façanhudo, o major Joaquim Bento, que foi Barão do Rio Zezere, conhecido quando commandante da guarda municipal-pretoriana pelo *Barão do chicote*. Garrett sahiu-se com nobreza d'esse encontro. Pela reclusão forçada de um mez a que o obrigou uma canellada, Garrett escreveu n'esse periodo o extraordinario drama *Frei Luiz de Sousa*.

Effectuou a primeira leitura a Alexandre Herculano em uma visita que este lhe fizera; leu-o depois ao Conservatorio da Arte dramatica, em 6 de Maio, sendo representado por curiosos no Theatro particular da Quinta do Pinheiro em 4 de Julho de 1843. E' preciso notar o facto: que esta maravilha do Theatro moderno da Europa foi prohibida de se representar em publico pela Censura dramatica, que considerava o final do acto com o incendio do palacio de Manoel de Sousa como uma offensa para a Hespanha, e o painel da Senhora da Piedade que apparece em scena como um melindre para o Nuncio. Chegaram se a fazer estes córtes, e, quando já o Theatro normal chamado de D. Maria II, estava prompto e a funccionar com representações de pifios dramas traduzidos, o drama *Frei Luiz de Sousa* continuava excluido d'aquella scena que fundára a energia de Garrett, e só em 1850 é que alli appareceu. Lê-se isto nos jornaes do tempo; a Censura estava confiada officialmente ao Marquez de Fronteira, que a entregou a um seu empregado Andrade. Com o drama *Frei Luiz de Sousa* deu-se uma circumstancia que origina as grandes obras de arte: assim como Goëthe se inspirou para a creação do *Fausto* no drama popular dos bonifrates *(Puppenspiel)*, Garrett tambem recebeu a impressão generativa do *Frei*

Luiz de Sousa, em uma comedia do cordel de um theatro ambulante, em 1818, na Povoa de Varzim.

Esse germen que ficou actuando no seu espirito, ampliou-se com maior importancia pela Memoria historica sobre Frei Luiz de Sousa pelo bispo de Viseu D. Francisco Alexandre Lobo, e pelas narrativas de Fr. Antonio da Encarnação. A tradição do regresso do Cavalleiro, que era já considerado morto e chegara de terra santa, é frequente nas lendas da Edade media; conta um caso analogo o Cavalheiro de Oliveira nas suas Cartas, e Balzac fez o romance do *Coronel Chabert*, tradição de um militar que ao fim de muitos annos é que regressou da campanha da Russia. O incendio que Manuel do Sousa Coutinho ateia no seu palacio de Almada quando sabe que os Governadores do Reino vão alli refugiar-se da peste que grassa em Lisboa, acha-se tambem em uma tradição hespanhola, em que o Conde de Benevente incendeia o seu palacio quando Carlos V o manda sair d'elle para ser entregue ao Duque de Bourbon. Já depois de Garrett ter escripto o *Frei Luiz de Sousa* é que o duque de Rivas, um dos iniciádores do Romantismo em Hespanha, escreveu o romance um *Castelhano leal*. São estas fortes raizes tradicionaes que vivificam a poesia das supremas obras de arte. Esse espirito de *esperança invencivel*, que caracterisa a nossa raça, Garrett deu-lhe fórma artistica na tradição *sebastianista*, representada em Telmo Paes; as situações reaes levam-o á sublimidade shakespeareana, e a uma verdade e naturalidade incontestaveis.

Garrett estava na floração plena do seu genio. Faltava-lhe em roda o apoio, que não podia encontrar em uma sociedade perturbada pelos conflictos dynasticos; combatendo o governo cabralista, que pedia ao parlamento auctorisação ou concessão de poderes extraordinarios, Garrett viu se ameaçado com o carcere (as *presigangas* de 1844) e teve de refugiar-se em casa do embaixador brasileiro, onde esteve algumas semanas escondido até terminar esse terror cabralista. N'este anno de 1844 Edgar Quinet passava por Portugal e observava este medonho contraste de uma Nação que resurgia, e que procurava reanimar-se com as suas tradições, com uma viçosa litteratura, e por outro lado uma monarchia pezando com o seu egoismo dynastico para comprimir e extinguir todas as manifestações da liberdade, N'esse opusculo *A Santa Alliança em Portugal*, representa Garrett como um dos extraordinarios espiritos que trabalham para este renascimento de uma nacionalidade, e a rainha D. Maria II, como uma entidade posthuma em um throno que só pretende imperar sobre uma nação morta tambem. E depois d'esta condemnação por Edgar Quinet, ainda se desceu mais baixo, quando essa rainha em 1847 pediu ás armas estrangeiras que lhe sustentassem o throno, e que assim o fizeram pela violencia degradante.

Costa Cabral pôde restaurar a Carta outorgada nas provincias, apoiando se no elemento militar; em Lisboa, extincta a Guarda nacional, contava com o paço, que faria um ministerio da facção. E como a Constituição de 1838 se conservasse ainda em Lisboa pelo ministerio formado de puros cartistas, foi rapidamente substituido por outros chefes cartistas, que, pondo em vigor a Constituição de 1826, pelo decreto de 10 de Fevereiro de 1842, n'elle introduziram a clausula da convocação de uma camara com poderes constituintes para procederem á *reforma da Carta*. Foi um raio que feriu a facção palaciana, de que Costa Cabral era o agente. Reconhecer a necessidade da *reforma da Carta* era transigir em parte com os Septembristas; era uma ponte para a conciliação dos elementos liberaes, que depois do decreto de 10 de Fevereiro de 1842 se manifestou em 1845 na Coallisão de vultos cartistas importantes com os principaes chefes septembristas, e por fim n'esse pacto de 1851 da Regeneração.

Garrett apparece em todos estes movimentos de lucta e de protesto, por que elle confiava nos bons resultados do decreto de 10 de Fevereiro, nunca levado á pratica. Os seus sentimentos ácerca da restauração da Carta communicou-os em carta de 5 de Março de 1842 a Silva Abreu: «Mais uma palavra de politica e acabou-se. Folgo com a Carta; creio que me crê: não folgo no modo como se restituiu, nem com o uso que d'ella se faz. Sou portanto da opposição, mas ao ministerio.» E em carta de 12 de Abril de 1842, ao mesmo Silva Abreu: «Desagrada me o estado das cousas e a tendencia dos homens. Sou *pasteleiro* pelo coração e pela cabeça; sentimento, reflexão me fazem desejar e crêr que não seja nacional nem fixo todo o governo exclusivo e intolerante. E então n'este Portugalsinho tão pequeno, do qual todo junto ainda custa a espremer gente para uma só governança: que fará para tantas andainas exclusivas quantas exige o exclusivo e brutal ciume dos partidos? Eu queria e quero a Carta para que ella fosse, ou seja reagente contra estas immoraes amalgamações de *cotteries*. Mas parece que vamos ainda peor. Portugal não é dos Septembristas nem dos Cartistas, é dos portuguezes; e eu não posso adherir a nenhum partido que se queira fazer Carta privilegia-

da e declarar caipóras ou párias aos outros: é contra a minha religião politica; seria desmentir os meus principios, tantas vezes e tão solemnemente professados; renegar da minha fé, cuspir na minha honra. Tive-me á barba com os heroes de Septembro, luctei com elles por este principio — dizem que não sem gloria — como hei-de eu querer quinhoar a responsabilidade moral com est'outros? — De todos sou amigo, de nenhum tenho queixas: quizeram obsequiar-me; e peza-me por alguns d'elles, e mais que tudo pela bandeira que alçaram, não poder estar n'aquellas fileiras. Não posso. — Sustente-se a Carta; mas seja bandeira de paz e de união e de nacionalidade — não vexilo de discordias, balsão de despiques, — banderola de vingancinhas de bairro e bairristas.» Era por estes sentimentos justos, que uns o consideraram versatil, emquanto a facção cabralista e palaciana o perseguiam embaraçando-lhe a entrada no parlamento, e tentando mesmo prendel-o. Eleito deputado pela Extremadura em 1842, ao tomar assento na camara, em 22 de Agosto combate a interferencia do governo nas eleições; em proseguimento da legislatura em 1843 sustentou uma poderosa opposição contra as burlas introduzidas no systema constitucional. E' n'este periodo agitado por conspirações, revoltas e formação de Juntas revolucionarias, que cria as suas mais bellas obras, como o *Frei Luiz de Sousa*, de 1843, o *Arco de Sant'Anna*, e as *Viagens na minha Terra*, de 1845, e a *Sobrinha do Marquez*, representada em 1848. Como nas violentas crises da emigração, Garrett volta-se outra vez para a poesia popular, e imprime em 1843 o primeiro volume do *Cancioneiro e Romanceiro portuguez*; era um refugio de espirito, por que essa tradição lhe fortificava o sentimento da nacionalidade abalada pela derrocada da politica e dos caracteres. Nos themas narrativos dos romances presentia uma unidade da tradição occidental, que não podia demonstrar, como o confessa; affirma, sem conhecer as ideias de Jacob Grimm, a verdade da tradição do povo; entrevê as relações dos romances portuguezes com os da Andaluzia; determina um elemento social no *Malado* (da época gothico-arabe) em que se formou a classe popular, e chega á clara comprehensão das fórmas generativas da Canção do povo, narrativa, cantada e dansada, definidas nas designações de *Romance*, *Salao* e *Xacára*. Seguiu o processo defeituoso dos colleccionadores inglezes, que retocavam as tradições populares, como em França Villemarqué em 1839 fez aos Cantos populares da Bretanha. Penitenceio-me por tel-o accusado da falta de criterio historico e philosophico para saber respeitar na sua integridade estas venerandas reliquias da tradição de um povo.

Tudo n'esses documentos inconscientes encerra um testemunho sincero do passado; os Romances portuguezes estão cheios de symbolos germanicos, que se encontram executados nos actos da vida real expressos no direito consuetudinario das *Cartás de Foral*; isso leva á conclusão, que a mesma classe social que formulou essas garantias jurídicas do estatuto territorial, reflecte nos seus cantares os costumes de independencia em que se fundaria a sociedade moderna. Essa classe em que predomina o elemento germanico, como lucidamente analysou Muñoz y Romero — é o *Mosarabe*, isto é, aquella parte dos invasores germanicos que seguiam a condição de Colonato, e como homens-livres não pertenciam á banda guerreira, os quaes deante da invasão dos Arabes acceitaram o novo dominio, que, pela sua tolerancia politica e religiosa, lhes permittia o culto, o trabalho, a propriedade, emfim todas as suas tradições.

Garrett consultava sobre o sentido social do *Malado* a Herculano, que trabalhando então na sua *Historia de Portugal* ahi estudava a constituição da classe mosarabe. Pela vivacidade da tradição poetica em certas provincias de Portugal, notou Garrett pertencerem a um fundo ethnico mais intenso, como o confessava ácerca da Beira Baixa, d'onde lhe vinham as lições mais completas e originaes do seu *Romanceiro*. Garrett foi auxiliado n'esta colleccionação dos Cantos populares por amigos que contribuiram com as riquezas das suas provincias, como o Dr. Emygdio Costa em relação ao Alemtejo, Dr. Nunes de Carvalho á Extremadura, Silva Abreu e Gomes Monteiro ao Minho, Castilho, Pichon, e uma dama lisbonense em relação a Lisboa. Este trabalho longe de Portugal exerceu logo uma influencia directa, começando Amador de los Rios a colligir os Cantos populares das Asturias, e encetando os criticos os estudos comparativos dos cantos europeus com os portuguezes. Foi ainda em um abalo violento da politica portugueza que conduziu á fusão forçada de Cartistas e Septentrionistas em 1851, na Regeneração, que Garrett volve outra vez á tradição popular e realisa o plano do *Romanceiro*, então publicado em tres volumes. Parece que essa decadencia nacional que predomina nos caracteres da pedantocracia liberal, se resentiu no sentimento da tradição; depois de Garrett, só em 1869 é que se recomeçaram esses abandonados estudos, e se tornou a acordar o interesse pela poesia popular portugueza am-

pliada depois nas investigações de Folk-Lore.

A Camara eleita em 1842, na sua opposição contra o governo cabralista, sentiu-se reforçada pelos cartistas mais considerados como o Duque de Palmella e José da Silva Carvalho, e outros; é por isso que ella na sua minoria insistiu para que se determinasse o anno em que terminaram as suas funcções legislativas. D'essa fixação dependia o saber-se quando haveria novas eleições, na esperança dos amplos poderes para a *reforma da Carta*, promettida no decreto de 10 de Fevereiro de 1842. A maioria cabralista votou, que a sessão de 1845 seria a ultima da legislatura. Tudo se preparou para essa violenta pugna; os Septembristas colligados com os Cartistas puros prepararam-se para a lucta eleitoral, que foi memoravel, como a mais disputada em todo o decurso da historia do regimen parlamentar em Portugal.

Depois da mallograda revolta de Torres Novas em 1844, que terminou refugiando-se as tropas insurrectas na praça de Almeida, diversas guerrilhas capitaneadas por um esquadrão de lanceiros são dispersadas, emigrando os officiaes para Hespanha. Foi n'este momento, que se manifestaram alguns homens de estado reconhecidos cartistas, representando contra o governo cabralista em 18 de Março de 1844. N'esta corrente de protesto organisou-se em Lisboa um baile por subscripção em favor dos officiaes emigrados; convidou-se a insigne cantora Rossi Caccia, do theatro de S. Carlos, para ir cantar, e Garrett compoz a bella Ode *Os Exilados*, que lhe foi dedicada, e se distribuiu em folha avulsa. Era tambem uma manifestação contra o facciosismo politico dominante. Este facto teve consequencias decisivas sobre a vida de Garrett; a necessidade da sua presença n'este baile publico forçou-o a interromper o lucto de alma em que ficára depois da morte de Adelaide Deville N'esse baile encontrou a mulher deslumbrante, que primava pela sua belleza seductora na alta sociedade lisbonense; falaram das relações dos Clubs revolucionarios hespanhoes com a opposição portugueza, e como em Madrid eram tratados com sympathia os emigrados a favor de quem se dava o baile. Entenderam-se no mesmo interesse politico, comprehenderam-se, e Garrett, que exercia um enorme poder de attracção pelo seu genio, pela palavra dominante, elle é que foi o seduzido, o deslumbrado por essa luz. Nasceu a paixão que inspirou esse lyrismo ardente e inimitavel das *Folhas cahidas*, verdadeiras pela realidade da emoção, e pelo titulo, porque publicadas em 1853, pouco tempo depois passava-se o facto do seu falecimento.

Em Lisboa, uma reunião preparatoria eleitoral constituiu a Commissão suprema, de que ficaram presidentes Sá da Bandeira e Manuel Passos, os dois prestigiosos chefes septembristas; com elles, Mousinho da Albuquerque, que referendara o Decreto de 10 de Fevereiro de 1842, assignou com esses dois o Manifesto de 15 de Março de 1845, que em harmonia com o discurso de Passos Manuel em 18 de Outubro de 1844, era o programma do futuro parlamento e governo. Procurava-se agremiar o elemento contribuinte como corpo eleitoral; era um processo verdadeiramente democratico. A' assembléa geral da commissão eleitoral do reino, em que se encontravam os ministros cartistas Mousinho de Albuquerque, Joaquim Antonio de Magalhães e Joaquim Antonio de Aguiar, pertenceu tambem João Baptista Leitão de Almeida Garrett. Pelo seu lado, Costa Cabral tratava de enfraquecer a Coallisão excluindo do voto aquelles de que mais se temia; assim foram eliminados varios pares do reino do recenseamento, como o marquez de Niza, o visconde de Fonte Arcada, e magistrados como Felgueiras, juiz do Supremo Tribunal de Justiça, e Garrett, juiz do Tribunal commercial de segunda instancia. Todas as tricas hoje normalmente usadas pelos governos nas eleições, foram extraordinariamente exploradas por Costa Cabral. Depois das estupendas violencias de 1845, vinha a revolução popular, prevista por Manuel Passos; começou no Minho, propagou-se a Traz-os-Montes, e estendeu-se á Beira. No Manifesto da Junta de Santarem, assignado por Manuel Passos, lê-se: «A' bella provincia do Minho, á princeza das nossas provincias, coube a honra immortal de ser a primeira que arvorou o estandarte da patria com incrivel constancia; mas a nós, habitantes do districto de Santarem, caberá a gloria de sermos os primeiros a entrar na capital do reino, ajudando a libertal-a dos seus cruentos oppressores.»

As *Viagens na minha terra*, são de 1845, descrevem uma excursão de Garrett a Santarem; é bello esse estylo animado e digressivo, quasi conversado, em que reproduz Garrett as paizagens ribatejanas e o sentimento do viver portuguez, revivescendo o seu passado. Mas no fundo de todo aquelle quadro, o que é o seu espirito intimo e implicito sentido é a romagem ao patriarcha do septembrismo, a Passos Manoel, que dirigia de Alpiarça, onde residia, os planos da Coallisão.

Já em 1846, quando Palmella estava no poder, depois da queda de Costa Cabral, era Garret enviado a conferencias particula-

res a Santarem. Nas iniciaes das *Viagens na minha terra* designam-se nomes de varios septembristas que entraram na Coallisão.

Diante do movimento crescente da Revolução de 1846, ou *Maria da Fonte*, o duque da Terceira declarou á rainha que se achava sem força sufficiente para debellar a revolta, deixando o poder; foi assim que um chefe cartista resignou o poder determinando a queda de Costa Cabral. Deputados e pares entregaram uma mensagem a D. Maria II; lêem-se estas palavras, que alludem ás promessas do decreto de 10 de fevereiro de 1842: «hoje esperançados nas *promessas feitas do alto do throno*, elles sinceramente desejam vêr restituida a ordem regular e normal do estado. Mas a tyrannia, Senhora, foi tão longa, tão cruel, tão systematica; foram tão illudidas todas as promessas, tão sophismados todos os principios, tão escarnecidas todas as leis, que o povo não póde ser criminado se ainda cheio de anciedade e de duvidas reclama efficazes e seguras garantias do que em justiça lhe é devido. ..» Assignam esta mensagem o marquez de Loulé, Joaquim Antonio de Aguiar, e entre os demais cartistas o septembrista João Baptista de Almeida Garrett, com certeza o redactor da mensagem.

No novo ministerio, sob a presidencia de Palmella, e em que entraram Mousinho de Albuquerque, Sá da Bandeira, Joaquim Antonio de Aguiar e outros individuos que representavam a sinceridade da Coallisão, decretou-se a lei eleitoral de 27 de julho de 1846, elaborada pela commissão de que Garrett era membro. Quando as cousas se encaminhavam para o estabelecimento de uma politica normal, D. Maria II era envolvida nas intrigas de Coburgo seu marido e de Dietz o preceptor d'elle, e inesperadamente deu um golpe de estado chamado — *emboscada de 6 de Outubro*, demittindo Palmella (dizia-se que de combinação tacita) e lançou-se de novo na aventura do Cabralismo, entrando Saldanha, esse Dom João VII, como lhe chamavam no paço, para presidente de conselho. A noticia foi transmittida de Villa Franca para o Porto, e o valente tribuno José Passos, que fôra arrastado e espancado na restauração da Carta em 1842, insurreccionou a guarnição da guarda municipal, e obteve a adhesão de artilheria 3 e infantaria 6. O duque da Terceira enviado ao Porto para abafar o movimento, é preso pelos revolucionarios, e estabelece-se o governo da Junta, presidida pelo conde das Antas.

Numerosas Juntas se estabeleceram por todo o paiz, e já em outubro de 1846 intentava Saldanha pedir a intervenção armada da Quadrupla Alliança. As forças da Junta, commandadas pelo conde das Antas, fôram batidas em Torres Vedras, e alli na acção de 22 de dezembro morreu contuso por uma bala fria Mousinho de Albuquerque. Este successo influiu para que o governo inglez satisfizesse os continuados pedidos de D. Maria II para a *intervenção estrangeira*. Diante d'esta traição, verberada no parlamento inglez, observou se que por menos tinha sido posto fóra do throno Carlos X, e por menos foram depostos Luiz Filippe e Izabel II, productos d'essa simulação liberal, que D. Maria II nem mesmo comprehendia. Nos documentos diplomaticos do Livro Azul e nos discursos dos dois parlamentos inglezes, é que se vê esse assombroso sudario de miserias, em que o governo inglez, associando á infamia da *intervenção armada* a Hespanha e a acquiescencia da França, matou a liberdade em Portugal, entregando a nação calcada e humilhada aos desvarios de D. Maria II.

E' certo que por ordem do governo inglez foi mandado sahir de Portugal o conselheiro de D. Fernando, Dietz; mas era recebido intimamente pelo Coburgo de Londres, como não tendo acabado ainda a sua missão. N'este anno calamitoso de 1847 não teve Garrett a fecundidade para idealisações artisticas; a comedia *A Sobrinha do Marquez* baseava-se sobre o fim de uma epoca, succedendo-lhe um retrocesso, em que ao governo de Pombal succedia a ignobil *viradeira*. N'essa bella comedia encontra-se um prologo ironico em que descreve o fidalgo de fresca data, como que alludindo a Costa Cabral feito conde pelos seus serviços ao egoismo dynastico. Representada a *Sobrinha do Marquez* em 1848, no theatro de D. Maria II, a facção cabralista que trabalhava para a reconducção do seu idolo, fez que a representação cahisse ante uma glacial indifferença, glorificando com estrondosos e delirantes applausos a *Afilhada do Barão*, comedia de Mendes Leal, jornalista e empregado administrativo do cabralismo.

A data de 1847 — da odiosa *intervenção armada*, deixou Garrett em um certo desalento moral; a paixão amorosa que lhe illuminara a imaginação absorveu lhe o sentimento e envolveu-o n'essas tempestades intimas. Tinha ella vinte e oito annos e o poeta quarenta e seis quando começaram a amar-se violentamente; em 1849 já tudo estava acabado, indo Garrett refugiar-se algumas semanas no eremiterio da Ajuda, em casa de Alexandre Herculano. Procurou no trabalho a anesthesia do soffrimento moral, e ahi n'esse remanso da casa do historiador, escreveu o segundo volume do *Arco de*

Sant'Anna. Mas as cousas politicas de novo se embrulharam, e a esse retiro ia Saldanha a conferenciar sobre a situação. Saldanha na sua proverbial inconsistencia moral teve a singular iniciativa de indicar a D. Maria II, que chamasse ao poder o Conde de Thomar, o que se realisou immediatamente. Custa a crêr a obcecação da mulher, e a hallucinação do egoismo, que abria em 1849 uma nova campanha de resistencia depois da turbulenta Convenção de Gramido que forçou 14:000 homens a depôrem as armas deante de uma força hespanhola, que para isso o governo inglez fez avançar sobre Portugal. Garrett continúa na sua lucta, publicando em 1850 o Protesto contra a chamada *Lei das rolhas*, publica o segundo volume do *Arco de Sant'-Anna* e refugia se no estudo e publicação do *Romanceiro* em 1851. O pensamento de conciliação dos partidos deante do crime de lesa-patria tornou se uma realidade, e elle assiste a essa genese de Regeneração. E' uma época nova, não que signifique um inicio, mas a phase final de um regimen de transição que só se mantém á custa da degradação dos caracteres.

4.ª EPOCA

Regeneração. — Chamado aos negocios publicos

Quando Garrett confortando-se no estudo da poesia tradicional publicava em 1843 o seu primeiro tomo do *Romanceiro*, no momento da reacção cabralista ser exclusiva no governo, escrevia em 12 de agosto d'esse anno: «Pelos tempos em que vivemos, tam baralhado anda tudo, que até *a historia litteraria e poetica se confundem com a dos successos e relações politicas.* O que nos conflictos da Carta outorgada lhe parecia uma confusão, é hoje a luz para conhecermos os impulsos que suscitaram as suas creações litterarias. Trabalhando pelo renascimento da nacionalidade, pela fundação de instituições livres, e acordando o sentimento de patria, pela idealisação das suas tradições, Garrett só pode ser comprehendido na sua vida e na obra dentro do quadro d'essas luctas entre o absolutismo mascarado pela hypocrisia liberal da dynastia e o principio da Soberania da nação.

A época ultima da sua vida é caracterisada pelo facto politico da Regeneração. Esta palavra veiu da tradição vintista, mas foram lhe apagando o seu sentido historico, para vir a designar o partido do paço. Desde a imposição do regimen cabralista de 1842 a 1846, muitos cartistas sinceros foram forçados a oppôrem-se a essa corrente de desvario da rainha, representando respeitosamente uns, outros aproximando-se dos septembristas, pelo amor á sua patria. Em quanto surgiam as revoluções pela provincia contra o ministro favorito, a rainha, vendo se forçada a demittil-o em 1846, em 1847, provocando pela emboscada as resistencias que lhe abalaram o throno, recorreu á intervenção das potencias da Quadrupla Alliança, faltando ainda mais outra vez ao seu compromisso; porque dando a Costa Cabral o titulo de Conde de Thomar, fazia o em 1849 seu primeiro ministro. Para este acto tão provocador foi ella aconselhada pelo Marechal Saldanha, a quem confiara o governo depois da emboscada de 6 de outubro, e cooperara no plano da intervenção armada estrangeira. Este regresso ao cabralismo tinha de ser supportado pela nação manietada pela Quadrupla Alliança; no emtanto os sinceros cartistas consideraram, que o regimen da Carta outorgada servia para acobertar o despotismo da facção palaciana, e reconheceram a necessidade de se unificarem todos os liberaes deante do interesse e dignidade da patria commum. Garrett trabalhara sempre n'este pensamento, e os historiadores radicaes accusam-o por isso, de versatil. Mas para que essa unificação se effectuasse era necesario contar com o exercito, que o Conde de Thomar trazia sempre bem pago e em dia. Um despeito trouxe o ensejo favoravel.

Saldanha, que aconselhara D. Maria II a chamar o conde de Thomar ao poder em 1849, insurge-se contra elle em 1851, uns dizem, por D. Maria II não lhe admittir que atacasse o seu governo na camara dos pares, porque não admittia tal atrevimento aos seus creados; outros, porque as medidas financeiras e fiscaes do conde de Thomar desagradavam á Inglaterra. E' certo que sendo Saldanha Mordomo-mór foi pela rainha demittido d'esse logar.

Esta circumstancia motivou a sua sahida de Cintra, indo fazer a sublevação dos batalhões 1 e 5 de Caçadores; mas os demais corpos do exercito ficaram hesitantes, e Saldanha achando-se sem o apoio com que

contava pelo seu excepcional prestigio refugiou-se em Hespanha.

N'esta situação de homem perdido, é que os liberaes, sob a pressão cabralina, viram n'elle um excellente elemento de resistencia, e José Estevam, o eloquente septembrista, escreveu-lhe a chamal-o para o movimento revolucionario. O modo enthusiastico com que Saldanha entrou no Porto, bastava para se inferir que a nação via n'elle agora um salvador; a entrada em Coimbra e o delirio da Academia deram ainda mais força a esta corrente já agora invencivel. Saldanha já como dictador officiou do Porto em 29 de abril de 1851 a todos os governadores civis, explicando em circular este movimento que chamava de *Regeneração*, pretextando «consolidar o throno da rainha, e as liberdades consignadas na Carta constitucional, com as reformas que a experiencia tem mostrado necessarias.» E tudo isto era «*a fim de que as mesmas liberdades não possam ser sophismadas como até agora* á sombra da mesma Carta.»

Eis a liquidação do systema constitucional authenticada pelo homem que mais actuara no seu exercicio. Homens como Herculano, que era sincero cartista, trabalharam para a *Regeneração*, em que figuravam Garrett e José Estevam. Herculano, despeitado por não ser ministro d'esta nova éra liberal, abandonou a politica; Garrett foi chamado ao poder, em 4 de março de 1852, como ministro dos negocios estrangeiros. Garrett era um trabalhador desinteressado; em março de 1851 fôra encarregado por parte do governo de Portugal para tratar da convenção litteraria com a França, e os seus conhecimentos especiaes o levaram á pasta dos negocios estrangeiros, para se fazer o tratado de propriedade litteraria com a França. Herculano, que acceitára o projecto primitivo de Garrett, agora no seu despeito, combateu-o acremente, a ponto de melindrar o seu admirado amigo. Garrett foi tambem encarregado de redigir a reforma da Carta, que recebeu o nome de Acto addicional, porque um documento authentico não se altera, additam-se-lhe os esclarecimentos ou ampliações de que carece. O Acto addicional realisava em grande parte a promessa do decreto de 10 de fevereiro de 1842, sempre illudido nos conflictos cartistas.

N'esse mesmo anno de 1851, foi ainda Garrett encarregado de collaborar na reforma da Academia Real das Sciencias, fazendo os seus novos Estatutos; e a Garrett se deve o ter regressado Castilho á Academia, d'onde tinha sido expulso, bem como Herculano, que se retirára com despeitoso desgosto. O Conselho Ultramarino, de que elle era vogal, foi creado por indicação sua; e servindo o seu intuito de conciliação liberal fundou o jornal a *Regeneração*, que redigiu até julho de 1852. Um homem d'estes era necessario n'um parlamento; foi nomeado par do reino em 13 de janeiro de 1852, tendo no mez anterior feito na camara dos deputados o projecto de resposta ao discurso da corôa. Logo no começo da *Regeneração* recebeu Garrett o titulo de Visconde, por decreto de 25 de junho de 1851; Garrett, que tanto apodára os titulares no *Arco de Sant'Anna* e nas *Viagens da minha terra*, em 1845, porque acceitaria essa distincção que o amesquinhava?

Tinha um pensamento, que tornava esse acto um sacrificio altruista; tinha uma filha, sem nome, e a quem queria salvaguardar o futuro, imprimindo-lhe distincção com esse titulo. Mais tarde a filha, resentida do seu nascimento, não quiz o titulo nobiliarchico, e viveu confinada em uma voluntaria obscuridade domestica. Servindo com fervor a Regeneração, fôra em 11 de junho de 1851 encarregado de conferenciar com o Internuncio apostolico sobre negociações com a Santa Sé, e em 28 do mesmo mez nomeado membro da Commissão encarregada de *propôr as reformas* necessarias na reorganisação dos differentes ramos de serviço publico; e em 22 de setembro nomeado vogal do Conselho Ultramarino, onde advogou a causa da libertação dos escravos nas possessões de Africa. A sua chamada ao ministerio em 4 de março de 1852, não era para satisfazer um prurido de vaidade, como se vê n'esses litteratos que escalaram o poder, na evolução da pedantocracia liberal. Garrett assignalou a sua passagem na governacão, creando o correio diario entre Portugal e Hespanha, a convenção sanitaria com a França, a convenção postal com a Belgica, e a solução do conflicto Armstrong com os Estados Unidos, e na administração interna a creação da Mala-posta.

Foi rapida a sua passagem no poder, pedindo a demissão em 17 de agosto de 1852. O motivo foi uma deslealdade dos collegas; auctorisado por elles a negociar o tratado de propriedade litteraria com o ministro da republica franceza e a assignal-o, entenderam os collegas que não foram consultados para a assignatura definitiva do tratado! E o que revela a perfidia, é que Jervis de Athouguia, ao referendar o tratado, não alterou uma virgula do que negociára Garrett. Elle não se deu por despeitado da pólitica; no anno de 1853 refugiou-se nas suas predilecções litterarias, publicando a refundição da *Lyrica de João Minimo*, e esse ardente livro das *Folhas cahidas*, que produziu uma sur-

preza e extraordinario encanto, e trabalhava no seu romance *Helena*, que deixou incompleto. Fallou na camara dos pares em 21 de janeiro de 1854 sobre a reforma administrativa, em 10 de fevereiro, combatendo os erros da administração, e em 4 de março atacava o governo, porque a *Regeneração* tendia á preponderancia do elemento cartista sobre o setembrista. A larga agitação da sua vida, contrariedades dos mediocres, calumnias, decepções, causaram-lhe perturbações que já desde a Belgica em 1835 se foram aggravando: uma lesão hepatica o fez soffrer todo o anno de 1854, expirando em 9 de dezembro. A sua morte causou uma impressão geral. Latino Coelho, escrevendo sobre este acontecimento, achou uma phrase de um alcance profundo: «A morte de Garrett é o fim de uma época.» De facto, a época que terminava com elle era o regimen constitucional na sua ultima tentativa de sinceridade politica. Desde então o *Devorismo* acobertou-se com a fórmula de melhoramentos materiaes, e a Nação foi successivamente expoliada dos seus direitos.

A decadencia a que se chegou começou pelos caracteres, exercendo-se em toda a ordem de actividade politica ou economica, artistica e litteraria um processo de *desnacionalisação*, que nos tirou todas as energias, todas as resistencias e iniciativas. E' então que a Obra de Garrett brilha como um fóco intenso de sentimento nacional. Póde-se dizer com verdade; assim como Camões manteve com os *Lusiadas* o fogo sagrado da independencia de Portugal sob a dominação castelhana, a obra de Garrett é uma energia que impede a decomposição da nacionalidade portugueza sob o regimen politico que a degrada. Uma mesma missão irmana os dois genios, como representantes e palladios de um povo.

THEOPHILO BRAGA.

AUTO-BIOGRAPHIA

(Publicada no tomo III do *Universo Pittoresco* em 1843)

O sr. João Baptista (da Silva Leitão) de Almeida Garrett, deputado da nação portugueza, do conselho de Sua Magestade, fidalgo cavalleiro da casa real, ex chronista-mór do reino, bacharel formado em leis pela Universidade de Coimbra, cavalleiro da antiga e muito nobre Ordem da Torre e Espada do Valor, Lealdade e Merito, commendador da Ordem de Christo, e official da de Leopoldo na Belgica, juiz do Tribunal Superior de Commercio, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario de Sua Magestade, ex-Inspector geral dos theatros, socio de varias Academias nacionaes e estrangeiras, nasceu na cidade do Porto a 4 de fevereiro de 1802. Seu pae, Antonio Bernardo da Silva Garrett, fidalgo cavalleiro da casa real, sellador-mór da alfandega d'aquella cidade, era natural dos Açores, e descendente de uma nobre familia irlandeza, que emigrára por motivos de religião para Hespanha, e d'alli viera a Portugal no séquito da rainha D. Marianna, mulher d'el-rei D. José; foi casado no Porto com D. Anna Augusta de Almeida Leitão, filha de José Bento Leitão, deputado da Junta da Companhia da agricultura e commercio dos vinhos do Alto Douro, e um d'aquelles poderosos negociantes que a politica do marquez de Pombal obrigou a vir do Brasil estabelecer-se na sua patria.

Ricos de todas as virtudes religiosas e civis, e moderadamente abastados dos bens da fortuna, deram estes a seus filhos, que foram cinco, uma educação liberal e completa. Comtudo, o talento precoce de seu filho João fez com que fossem mais desvelados os cuidados que de sua cultura se tomaram.

Já lhe era familiar a lingua franceza, que sua mãe falava perfeitamente, e a castelhana, que seu pae cultivou quasi como propria; e começava a traduzir com facilidade os primeiros auctores latinos, quando a tomada do Porto pelos francezes em 1809 obrigou o seu pae a retirar-se para Lisboa, e d'alli para a ilha Terceira, onde tinha a melhor parte de sua casa. Não tardou a ir juntar-se áquella familia exemplar, e geralmente estimada, o respeitavel bispo resignatario de Malaca, D. Fr. Alexandre da Sagrada Familia, irmão mais velho de seu pae, homem já então adeantado em annos, mas ainda verde de forças e com entendimento vigoroso, que se esclarecia de immensa e variada instrucção. Tomou logo o veneravel prelado grande predilecção por este sobrinho, e começou de dirigir a sua educação, iniciando-o em todos os mysterios da litteratura e das sciencias. [1] Perfeito no latim, forte nos elementos da arithmetica e da geometria, principiou a estudar ao mesmo tempo (aos doze annos de edade) a lingua grega, a rhetorica e a poetica. Aos treze para os quatorze estava versado em quasi todos os auctores classicos da antiguidade, em os nossos melhores escriptores e em muitos dos francezes, italianos e castelhanos. Do inglez foi senhor mais tarde; e do allemão só bastantes annos depois foi sabedor; mas já n'esta edade tinha lido nas traduções francezas as obras de Locke e de Newton, e ousava arrojar-se ás difficuldades de Leibnitz, e de Kant, ao mesmo passo que Homero e Camões, Horacio e Racine, faziam as delicias das suas horas de recreio.

Vagando por este tempo o bispado de Angra, foi n'elle provido D. Fr. Alexandre, que levava tanto em gosto que o sobrinho abraçasse o estado ecclesiastico, que lhe alcançou um dos beneficios da Ordem de Christo, em que devia professar, e para o que tomou ordens menores. Entrando, porém, no anno de 1816, e aos 14 para 15 de edade, para a Universidade de Coimbra, renunciou *in to-*

[1] Vide introducção da *Merope*.

tum ao beneficio, e começou n'esse mesmo anno o curso juridico com grande reputação de estudo e talento.

Julgando-se offendido por lhe não darem o premio n'aquelle anno, [1] no seguinte foi, por despique, matricular-se no 1.º anno do curso mathematico e philosophico. Porém, ordens positivas de seu pae o fizeram voltar ao 2.º anno juridico, apesar da repugnancia com que foi obrigado a quebrar seus protestos de abandonar a faculdade por quem se julgava aggravado.

Havia bons quatro ou cinco annos que o nosso estudante fazia versos e prosas; mas, ou por zelo de seus novos estudos, ou por acanhamento, guardava com muito segredo esses fructos de seu talento, até que, no 3.º ou 4.º anno da Universidade, alguns amigos mais particulares, e depois toda a academia, vieram emfim a descobrir o arcano. Um epicedio ou Elegia á morte do dr. Fortuna, lente muito popular entre os estudantes, foi a primeira composição sua, que geralmente foi conhecida e lhe grangeou o titulo de poeta: nome tam ambicionado ainda n'aquelles tempos e edades! Depois, em 1818, appareceu a tragedia *Xerxes*, de que o proprio auctor nos dá noticia no já citado prologo da sua *Merope*, e da qual apenas sabemos que foi representada com applauso em um theatro particular de estudantes na Universidade. No seguinte anno, e pelo mesmo modo, appareceu a *Lucrecia*, outra tragedia de que vimos alguns fragmentos, com versos muito sonoros e cheios de energia, mas que nos pareceram mais heroicos que dramaticos.

N'esse mesmo anno começou o nosso joven auctor a *Merope*, que ultimamente appareceu impressa no 3.º vol. das suas Obras completas, e que, segundo as suas proprias expressões, é um mero reflexo de Maffei e de Alfieri.

Veiu o anno de 1820, e com elle a memoravel Revolução de 24 de agosto. A palavra *liberdade* retiniu no coração do moço escriptor; e a sua primeira composição, em que se mostram já traços de um estylo proprio, assente e original, cheio de força, naturalidade e convicção (que são os caracteres distinctivos do estylo do sr. Garrett), foi uma especie de Ode, ou discurso em verso, recitado na sala dos capellos da Universidade, nos fins do anno de 1820, por occasião de alli se celebrarem os acontecimentos politicos da época.

Desde esse momento o poeta entrou na questão politica; o cultor apaixonado das letras e das artes lançou-se na carreira publica, tomando parte activa nas coisas do Estado, que nunca mais largou. Fiel á causa da liberdade, tem-na seguido em todas as suas fortunas, escrevendo por ella no gabinete, orando na tribuna, padecendo nos carceres, gemendo em voluntario exilio, pelejando, mas cantando-a sempre em seus versos.

Já por aquella epoca estava composto o celebre poemeto o *Retrato de Venus*, que tanta bulha fez depois; mas sómente foi impresso no seguinte anno de 1821. Alguns versos mais livres e algumas phrases tocadas do philosophismo, que n'esse tempo era tam moda, trouxeram sobre o primeiro opusculo do joven escriptor uma perseguição quasi ridicula, se se attender á venialidade da offensa e, ainda mais, á curta edade do offensor. Instituiu-se, porém, um processo regular: foi accusado em Coimbra perante o jury; e julgada materia a processo, o indiciado réo, que já então concluira a sua formatura e se achava em Lisboa, para aqui avocou a causa, que defendeu pessoalmente perante o tribunal. Foi o primeiro e mais solemne acto do jury para a liberdade da imprensa na capital. Juntou-se uma concorrencia immensa: e o poeta artista, que tanto se elevára para cantar a sublimidade dos pinceis de Raphael e do cinzel de Miguel Angelo, soube remontar-se como orador da mais alta esphera, talvez: o seu estylo, a sua voz, o seu gesto, a facilidade e poder da sua joven eloquencia, deixaram nos animos de todo o auditorio uma impressão profundissima.

Houve n'esta sessão uma anecdota digna da historia. O immortal Correia da Serra, o amigo de Lafayette, de Gregoire, e de quanto havia de illustrações liberaes e litterarias no mundo; o bom velho Correia da Serra, dizemos, então de volta ao seu paiz, onde veiu morrer, estava sentado no banco dos jurados: a gravidade da sua situação não o podia conter de applaudir o poeta orador, de sorte que, apenas este tinha acabado de falar, rompe o veneravel ancião toda a solemnidade do acto, desce da bancada, e vem aos abraços ao que ainda era réo e a quem alli, em pleno tribunal, beijou e abençoou como esperança da honra e gloria da tribuna portugueza. Vivem ainda muitas testimunhas d'este facto.

Foi absolvido completamente o poeta e o poema.

Não podemos analisar aqui uma composição, posto que verde, animada, comtudo, de um grande talento, e abraçando em seu objecto quanto as artes têem de mais sublime e a poesia de mais elevado.

Notaremos, porém, que desde seus primeiros annos e ensaios o joven poeta mos-

[1] Vide prologo da *Merope*.

trava a tendencia para reunir o profundo espiritualismo do pensamento com a expressão das fórmas plasticas; união que o famoso Goëthe (a quem o nosso auctor seguramente não conhecia então) proclamava como a perfeição da poesia, e que hoje é o cunho mais especial e brilhante das composições do auctor de *Camões*, de *D. Branca*, de *Gil Vicente*, do *Alfageme* e de *Fr. Luiz de Sousa*.

Havendo-se formado em leis em 1822, e não podendo seguir, como desejava, a carreira da magistratura judiciaria, por não ter a edade (25 annos) que a lei das côrtes exigia, entrou para a secretaria de Estado, emquanto não era empregado na diplomacia, como lhe prometteram alguns dos ministros, seus amigos pessoaes. Estabeleceu-se em Lisboa; mas nem as suas novas obrigações, nem as distracções da capital poderam impedil-o de se occupar de litteratura. Emprehendendo alguns amigos seus representar em um theatro de sociedade, encarregou-se o sr. Garrett de fazer uma tragedia. Começou um a compôr e os outros a ensaiar acto por acto; [1] e sahiu o *Catão*, já quatro vezes impresso, duas em Lisboa, uma em Londres e outra no Rio de Janeiro: tam popular se fez logo, e assim tem permanecido, esta composição, que foi, como depois verêmos, a precursora da regeneração do nosso theatro.

Entrado no serviço publico, como acima dissémos, foi nomeado official ordinario da secretaria d'Estado dos negocios do reino, e chefe da repartição de Instrucção publica, que pela primeira vez teve em Portugal um centro de direcção e inspecção especial. Na pratica dos negocios, e no trabalho assiduo de tam importante repartição, foi amadurecendo com a experiencia um talento naturalmente elevado, e que, aliás, correria o perigo de se desmandar pelas bellezas chimericas do ideal, que fascina, e muitas vezes torna para sempre inuteis os mais subidos engenhos. Estas circumstancias, juntas a suas maneiras polidas e a um verdadeiro enthusiasmo pela causa da liberdade, grangearam lhe a estima e consideração dos mais distinctos caracteres da época.

No fim do anno de 1822 faleceu Fernandes Thomaz, perda que todos os liberaes lamentaram como uma verdadeira calamidade publica; e certamente o era. A Sociedade Patriotica, em que então se achava alistado tudo quanto havia de notavel e distincto no partido constitucional, resolveu fazer uma sessão solemne em honra do falecido: e o Elogio funebre foi encarregado ao sr. Garrett. O talento natural de orador, que já tinha mostrado na celebre sessão do jury, aqui se desenvolveu por outro modo e em mui diverso genero de eloquencia. Um immenso e escolhido auditorio applaudiu com lagrimas: foi um triumpho verdadeiramente popular.

Entretanto avisinhou-se o termo do curto periodo constitucional: muitos dos partidarios d'este systema, não querendo transigir com a nova ordem de coisas, foram procurar a paizes estrangeiros a liberdade para suas opiniões, que em Portugal fôra banida. D'este numero foi o nosso joven litterato, que, no proprio dia em que el-rei D. João VI sahiu para Villa Franca, abandonou o seu emprego e pouco depois a patria, partindo para Inglaterra.

Chegou a Londres pelo meio do verão do anno de 1823: e o desejo de profundar o estudo da lingua, das leis e da litteratura ingleza, o levaram a viver no campo. No bello condado de Warwick residiu até quasi ao fim do inverno seguinte, estudando e escrevendo. [1] Sabemos, pelo ouvir da propria bocca do auctor, que n'este pacifico retiro começou a delinear e a colligir os materiaes de duas notaveis obras, que talvez seriam, se chegasse a acabal as, os seus mais distinctos titulos litterarios. Uma d'ellas já em parte é conhecida pela publicação do 1.º tomo (que veiu a imprimir-se em Londres em 1829) do *Tratado da Educação*. A outra era um poema de um genero caprichoso entre o *Orlando* de Ariosto e o *D. João* de lord Byron; e o seu titulo e acção principal era o *Magriço e os doze de Inglaterra;* mas, excentrico e indeterminado na sua esphera, abraçava todas as coisas antigas e modernas, e ora philosophava austeramente sobre os desvarios d'este mundo, ora se ria com elles; umas vezes se remontava ás mais sublimes regiões da poesia do coração ou do espirito; outras descia a seus mais humildes valles a colher uma flôr singela, a apanhar talvez ás bordas do ribeiro a pedrinha, que só era curiosa ou extravagante. Este poema, de que por intervallos sabemos que o auctor se andou occupando até ao anno de 1832 (nove annos da sua vida), em que tinha consignado as impressões de suas variadas viagens, e que era, finalmente, uma rica e immensa collecção de variadissimos estylos poeticos, veiu a perecer, com muitos outros trabalhos litterarios e scientificos do auctor, na entrada da barra do Porto, com a perda de um navio, que no fim d'esse anno (1832) vinha dos Açores, e ahi metteram a pique as baterias inimigas. Grandes fragmentos

[1] Vide prologo do *Catão*.

[1] Vide prologo do *Camões*, edição de 1839.

d'aquelle poema foram vistos por muitas pessoas, de quem houvemos estas informações. E' uma verdadeira perda para a litteratura portugueza, que dos vinte e tantos cantos, que já estavam compostos e que levavam o heroe até ás portas da estacada de Smithfield em Londres (onde se pretende que fôra o combate dos Doze), é pena, dizemos, que não possa salvar alguns a reminiscencia do auctor. Mas temos-lhe ouvido protestar, que nunca mais poderia achar-se nas diversas disposições de animo em que estivera ao compôr aquelles variados Cantos. Lamentamos que assim seja.

Chegada, porém, a primavera do anno de 1824, extinctos os tenues recursos com que até alli fôra vivendo, e não lhe soffrendo o animo estar a depender da generosidade de amigos, posto que muitos achou, e mui valiosos, n'aquella terra hospitaleira, diligenciou procurar trabalho que, ainda que mais repugnante aos seus habitos e inclinações, lhe segurasse, comtudo, honesto meio de viver independente. Um bom e verdadeiro amigo, o sr. Freire Marreco de Londres, lhe alcançou emprego em França, na celebre casa de Laffitte, para onde partiu logo a occupar-se da vasta correspondencia portugueza e brasileira d'aquella casa.

Estabeleceu-se no Havre em uma pequena casa fóra da cidade, e alli passou, dando os dias ao seu trabalho de escriptorio e as noites ás suas recreações litterarias, até quasi ao fim do anno seguinte, sem que a presumpção de cavalheiro ou a vaidade de homem de lettras o fizessem descontente com tamanha mudança de fortuna.

Foi aqui, junto ás margens do Sena e n'este humilde retiro, que compôz o poema *D. Branca* e a maior parte do *Camões*, ambos os quaes se imprimiram pouco depois em Paris; e aqui principiou tambem a bellissima tragedia *O Infante Santo*, que veiu a completar-se no anno de 1827 em Lisboa, mas não chegou a imprimir-se e foi perecer, como o *Magriço*, nas aguas do Douro.

Do *Camões* não precisamos dizer coisa alguma: todo o Portugal o conhece. A primeira edição de Paris extinguiu-se n'esse mesmo anno. No Brasil fizeram-se edições subrepticias d'elle. A novissima edição de Lisboa de 1839, tambem logo desappareceu. [1]

Varios jornaes litterarios, assim portuguezes como estrangeiros, têm examinado esta obra; e nós para elles remettemos os leitores. Mr. Kinsey no *Portugal Illustrado*, Southey e varios outros inglezes, francezes, allemães e castelhanos lhe têm feito os maiores elogios.

Este poema, e mais ainda talvez o de *D. Branca*, proclamaram e começaram a nossa regeneração litteraria; nacionalisaram e popularisaram a poesia, que antes d'elles era, quasi se póde dizer, sómente grega, romana, franceza, ou italiana, tudo menos portugueza; e encaminharam os nossos auctores a

> Vestigia græca desirere...
> Et celebrare domestica facta:
>
> (*Horat.*)

Da sua publicação data e procede tudo quanto hoje se está fazendo para illustrar a nossa historia, os nossos usos, as coisas da nossa terra. Não nos julgamos habilitados nem competentes para qualificar o merito litterario d'estas duas composições; mas não receiamos dizer com affoiteza que ellas prestaram aquelle grande serviço.

D. Branca foi publicada com este titulo — *Romance — obra posthuma de F. E.* Muitos leitores superficiaes a tiveram por obra de Filinto Elysio, nome poetico do P.^e^ Francisco Manuel do Nascimento, a que aquellas iniciaes correspondiam. E', comtudo, visivel que foi um innocente disfarce do auctor, talvez para lançar poeira nos olhos aos dignos representantes de *Fr. Soeiro* e de *Mestre Gilvaz*, para que lhe não perseguissem a *D. Branca*, como já lhe tinham perseguido o *Retrato de Venus*.

Veiu o anno de 1826, notavel pelo fallecimento de dois principes, que nas duas extremidades da Europa abalaram o mundo, quando cahiram no jazigo de seus antepassados: ambos imperadores, um, que havia exercido o maior e mais forte poder na terra, era o imperador Alexandre: o outro, a quem deram esse titulo quasi por escarneo nos ultimos e impotentes dias da sua vida, era D. João VI. A importante crise europeia, que estes dois successos visivelmente traziam, deu thema ao sr. Garrett para o seu primeiro escripto politico de verdadeira transcendencia, em que apparecem claramente a cabeça do homem de estado e a penna do publicista. Imprimiu-se com o titulo de *Europa e America* em um jornal, que então se publicava em Londres, denominado o *Popular*. Depois refundiu-a o auctor nos primeiros capitulos da sua obra—*Portugal na balança da Europa*, impressa em Londres em 1830.

Emprehendendo Mr. Aillaud, livreiro em Paris, publicar uma chrestomachia dos nossos melhores poetas, foi o sr. Garrett en-

[1] Os srs. Bertrand estão fazendo outra edição actualmente na Imprensa Nacional de Lisboa.

carregado de a dirigir, e para ella escreveu aquella breve, concisa, mas profundamente pensada memoria, que vem no 1.º volume da referida collecção, a que deram o titulo de *Parnaso lusitano*. A memoria é um bosquejo da historia da nossa litteratura, e principalmente da nossa poesia; rapido, desenhado a grandes traços, mas verdadeiros e naturaes, e animados pelo colorido de um estylo fluido e elegante. Talvez seja deficiente na parte que respeita ás origens primitivas da lingua e da poesia popular: porém, o auctor não tinha, nem podia ter n'aquella edade, em paiz estrangeiro, sem livros nem auxilios alguns, os meios necessarios para preencher as faltas que alli se acham: comtudo, desde o seculo XVI o quadro é completo e perfeito, apesar de suas estreitas dimensões.

No prologo da *Adozinda*, impressa em Londres em 1828, protestou o sr. Garrett contra os defeitos d'aquella collecção, em cujos cinco volumes declarou que não vinha a ter mais parte que essa bella memoria de que falámos, porque outras mãos lhe alteraram e destruiram tudo o que elle tinha feito. E é certo que ainda não estava impresso o 1.º tomo do *Parnaso lusitano*, quando chegou á Europa a Carta constitucional do sr. D. Pedro IV, que libertou o partido liberal e restituiu á patria os foragidos. N'este numero, e dos primeiros, voltou, já amadurecido pela experiencia, pelo estudo e pela infelicidade, que é grande mestra, o nosso joven poeta, que agora se ia dar todo aos mais sérios e menos agradaveis cuidados das coisas publicas.

Emprehendeu, apenas chegado a Portugal, a publicação de um jornal, que, se não foi o melhor, foi seguramente o mais popular que se tem escripto entre nós: o *Portuguez* obteve logo duas mil e tantas assignaturas, e era citado como a mais importante auctoridade constitucional no paiz.

O *Chronista*, semanario de litteratura e politica, que pouco depois appareceu á luz, tambem foi principalmente redigido pela infatigavel penna do nosso auctor.

A *Carta de guia para Eleitores*, opusculo publicado por occasião das eleições, cheio de moderação, gravidade e prudencia politica, foi outro escripto que lhe grangeou muita reputação n'aquella epoca.

Não era de esperar que tão poderoso antagonista do absolutismo deixasse de ser alvo do odio d'esse partido, que exerceu sua vingança, já por meio de violentas diatribes, dirigidas pelos principaes escriptores realistas, já por meio de rigorosas perseguições. Depois de jazer tres mezes em um carcere, foi restituido á liberdade, para o que concorreram não pouco os srs. ex-ministro Guerreiro e desembargador Palha, segundo temos ouvido da propria bocca do sr. Garrett.

Após estes successos vieram outros de maior transcendencia: os sabidos acontecimentos de fevereiro de 1828, transtornando a ordem de coisas estabelecidas, constrangeram a uma nova expatriação muitos dos parciaes da liberdade portugueza. O sr. Garrett foi dos primeiros que sahiram a foz do Tejo em demanda de Londres, onde chegou ao tempo que o sr. duque de Palmella acabava de partir para a cidade do Porto na mallograda expedição do Belfast. Dispunha-se logo para ir em auxilio de seus correligionarios politicos, mas a rapidez dos successos, fazendo abafar promptamente o grito de liberdade levantado no Porto, dispensou esta viagem.

E' geralmente sabido como logo se formaram na emigração diversos partidos, que encarniçadamente se gladiaram e que tristemente fizeram gemer as imprensas da Inglaterra, da França e da Belgica. O sr. Garrett soube conservar-se alheio a esses odios, que dividiam seus compatriotas. Chamado pelo sr. duque de Palmella a trabalhar na embaixada de Londres, onde serviu muito tempo, voltava nas horas de seu descanço á cultura das lettras e aos trabalhos de arte e de sciencia.

Nos fins d'esse anno de 1828 appareceu a *Adozinda*, romance poetico de summa novidade e originalidade, e que é talvez a coisa mais extremadamente portugueza, isto é, toda e em tudo nossa, que desde os *Luziadas* até agora se tem composto. Pela primeira vez um litterato nosso fez caso e deu importancia aos romances e xácaras populares, chamando a attenção de nacionaes e estrangeiros para este interessante objecto. Parte d'esse volume foi logo traduzido em inglez, e festejado como uma descoberta. [1]

No anno de 1829 imprimiu, em Londres tambem, a engraçada collecção de poemetos avulsos, que tem por titulo—*Lyrica de João Minimo*, designação phantastica, que tomou, para prender essa publicação a uma especie de introducção aventureira e romanesca, que faz lembrar as de—Jededias Cheishbotam—em sir Walter Scott.

Mll.º Pauline Flauguergues traduziu em francez algumas peças d'esta collecção, que publicou no seu elegante livrinho intitulado —*Au bord du Tage*, Paris 1841.

N'esse mesmo anno de 1829 appareceu o 1.º volume do *Tratado de Educação*. Esta obra, filha de longos estudos e profundas

[1] Vide *Romanceiro e Cancioneiro Geral*, Lisboa 1843; *Foreign Quarterly Review*, 1832.

meditações, escripta em um estylo que todos admiram, devia constar de tres volumes. Sabemos que estavam escriptos os outros dois, e que egualmente se afundaram no Douro na occasião do cêrco. Sabemos tambem que o auctor tem reproduzido o seu trabalho perdido, refundindo-o por novo methodo e fórma, e que virá a ficar obra muito mais perfeita do que nos promette esse mesmo primeiro volume, apesar de suas conhecidas excellencias.

A primeira victoria dos constitucionaes depois dos successos de 1828, a acção da Villa da Praia, foi celebrada por uma canção que o sr. Garrett publicou tambem n'esse mesmo anno em Londres, e que no parecer de alguns é a sua melhor composição poetica. Tem por titulo — *A Lealdade em triumpho, ou a Victoria da Terceira.*

O anno seguinte foi talvez mais productivo ainda para a litteratura nacional. O *Catão*, essa juvenil composição do nosso auctor, merecia ser reconsiderada em annos mais maduros, e quando já as inspirações do poeta estivessem esclarecidas pela experiencia do homem e do cidadão. Felizmente assim o entendeu o sr. Garrett, recompondo e corrigindo de novo por tal modo a sua obra, que, na edição que d'ella deu n'este anno de 1830 em Londres, publicou o mais completo e mais perfeito poema dramatico da lingua portugueza. A severidade do assumpto, a solemnidade do estylo, a grandeza das paixões e dos affectos não têm, talvez, modelo em outra lingua senão fôr em Alfieri; todavia, é mui differente nos modos e caracter geral de poesia.

Chegava ao seu meio este memoravel anno de 1830, quando a crise do mez de julho veiu abalar povos e individuos. Não houve animo liberal que se não exaltasse com o prospecto de esperanças que lhe abria a revolução de França n'aquelle mez. A moderação, comtudo, a prudencia, a generosidade, eram a ordem do dia do partido popular, que por toda a parte parecia triumphante. N'este espirito está escripto um notavel livro, que então publicou o nosso auctor, e a que já alludimos, no qual a politica e a historia reciprocamente se illustram e se commentam: o *Portugal na balança da Europa*, impresso em Londres por este tempo, é uma obra que, se fôra escripta em outra lingua mais vulgar e conhecida no mundo, teria dado brado n'elle, e bastaria para fazer a reputação de um escriptor.

Os acontecimentos, que trouxeram á Europa o immortal duque de Bragança, mudaram inteiramente a sorte dos emigrados portuguezes. Este principe resolveu ir pôr-se á frente dos defensores da Terceira e dar começo á restauração da liberdade em Portugal. Em fevereiro de 1832 partiu de Belle-Isle a expedição destinada a tão alta empreza. O sr. Garrett embarcou na corveta *Juno*, com praça em um batalhão de caçadores, e, depois de uma longa e tormentosa passagem, desembarcou com o seu batalhão na Terceira em fins de março d'aquelle anno.

Dissolvido o batalhão em que se alistára, passou para o Corpo academico, em que permaneceu até ao fim da campanha. Emquanto o Regente se conservou na Terceira, trabalhou elle constantemente no gabinete do sr. José Xavier Mousinho da Silveira, então ministro de estado.

Voltando por meio de tão extraordinarias circumstancias ao seio de sua familia, de que estava separado havia dez annos, mal pôde gozar o socego e doçura da casa paterna. No fim de dois mezes, achando-se o governo na ilha de S. Miguel, foi alli chamado o sr. Garrett para trabalhar na confecção de algumas medidas legislativas; e alli compilou e redigiu o Decreto de 16 de maio, que, apesar de suas grandes imperfeições, é talvez a lei organica administrativa menos incompleta que temos.

Concluidos aquelles trabalhos voltou ao seu Corpo academico, com o qual, e como simples soldado, embarcou para Portugal, sendo constrangido a deixar em S. Miguel os seus papeis, fructo de estudos e vigilias de muitos annos, pois que lhe não permittiram levar mais que o bornal e mochila de soldado. Em ultimo resultado todo esse seu querido peculio foi, como já dissémos, para o fundo do mar, no inverno seguinte, junto da foz do Douro.

As praias do Mindello viram desembarcar, de espingarda ao hombro e de mochila ás costas, o auctor de tantas obras já conhecidas no mundo litterario; viram-no participar da pequena ração de bacalhau e bolacha, que se distribuiu pela tarde aos soldados: e seus companheiros de armas o viram alegre, e cheio de esperanças, a marchar a pé toda a noite, e até ás 3 horas do dia seguinte, em que entrou no Porto a guarda da rectaguarda do exercito, que fôra confiada ao Corpo academico.

Poucos dias depois da sua chegada áquella cidade, foi encarregado de organisar a secretaria d'estado do reino, que dirigiu muito tempo. Estava esta repartição, e a dos negocios estrangeiros, em que tambem muitas vezes trabalhou, collocada na propria casa em que residia o Imperador, a quem por essa occasião tratou de perto, recebendo d'elle muitas provas de consideração e estima. Pessoalmente lhe encarregou aquelle

principe a reorganisação da Ordem da Torre Espada; trabalho que muito agradou ao Imperador, principalmente o preambulo do alvará, que realmente é obra de primor.

Nos fins de setembro d'esse anno quiz o governo enviar ás ilhas o sr. Garrett com uma commissão; porém, não chegou a partir, pois que pediu e obteve a sua exoneração. Porém, passados dois mezes, quando os apuros da situação obrigaram o Regente a mandar a Londres, em missão extraordinaria, os srs. duque de Palmella e Mousinho d'Albuquerque, foi nomeado o sr. Garrett secretario d'ella, e n'esta qualidade chegou á capital da Gran-Bretanha.

De Londres passou a Paris, onde então se achava o sr. duque de Palmella, e em companhia do qual contava tornar para o Porto, o que não teve effeito, ou pela repentina partida d'este illustre diplomata, ou por alguma outra rasão de conveniencia publica.

No emtanto, a fortuna, que com tamanho rigor tinha experimentado os heroicos sitiados do Porto, cedeu a um ultimo e desesperado esforço, que elles se resolveram a fazer na expedição ao Algarve. Um mez depois da partida da sua pequena armada, Lisboa entoava enthusiasmados vivas á liberdade.

Com esta subita e grande nova foi possivel ao sr. Garrett alcançar os meios necessarios de satisfazer aos seus empenhos, e voltar a Portugal. Assim o fez immediatamente, e, entrando em Lisboa durante o cêrco, foi apresentar-se ao seu Corpo, onde, comtudo, não chegou a fazer serviço militar, porque pelo ministerio do reino lhe foi dado o grande encargo da reforma geral dos Estudos, sendo nomeado vogal e secretario de uma commissão que para esse importantissimo negocio se creou.

Como quem se tinha dado longamente áquellas materias, não foi difficil apresentar logo á commissão um projecto de lei completo em todas as suas partes, que ella discutiu com o maior escrupulo, e afinal adoptou depois de alguns mezes. Porém, a doença do Imperador, os outros cuidados do governo, os diversos interesses, que as reformas ferem sempre, e que fortemente se agitaram, não permittiram que o novo plano de Instrucção e educação publica fosse sanccionado. Ficou o projecto na secretaria d'estado, e, ao que parece, ahi tem servido para d'elle se copiarem, aos pedaços e sem a unidade do systema com que fôra concebido, todos esses planos de reforma que successivamente se têm adoptado

Nos ultimos dias de junho de 1834 partiu o sr. Garrett para Bruxellas, na qualidade de encarregado de negocios de S. M. F. junto d'el rei Leopoldo. Nos principios de julho estava na capital do novo reino da Belgica, aonde, pelo pouco trabalho official que tinha a satisfazer, facilmente pôde dar se a adquirir, o que ha muito desejava, o conhecimento da lingua e da litteratura allemã, que até então não podéra cultivar.

O ardor com que se deu a este estudo fez que em breve podesse ousar accommetter as maiores difficuldades d'elle, lendo, a par de Herder e de Schiller, as mais difficeis composições de Goëthe. E o gosto, que tomou, principalmente por este ultimo escriptor, influiu de tal sorte nas suas opiniões litterarias, no seu estylo, em tudo o que se póde chamar — o genero e modo de escrever de um auctor — que as suas composições posteriores têm todas um cunho differente, ao menos em nossa opinião, um caracter de maior transcendencia e profundidade, pensamento mais vigoroso, estylo mais proprio e feito, mais verdadeiramente original.

Não chegou a estar dois annos encarregado de negocios em Bruxellas, sendo transferido, na qualidade de ministro residente, para Dinamarca. Receoso do clima, não acceitou o augmento de cathegoria e ordenado que lhe dava aquella transferencia; e, tendo recebido d'el-rei Leopoldo a condecoração de official da sua ordem, voltou para Portugal, e se reduziu á vida privada, recusando tambem a nomeação, que o governo lhe offerecia, sendo ministro o sr. marquez de Loulé, de enviado extraordinario e ministro plenipotenciario para o Rio de Janeiro, e depois, no seguinte ministerio, a do cargo de governador civil para um dos principaes districtos do reino.

Não é este o logar proprio de examinar se foi justa ou injusta a ideia que então formou o sr. Garrett dos homens e das coisas que predominavam no paiz; narrando sómente os factos, diremos que, entre os dois partidos liberaes, que veiu achar litigando na arena constitucional, elle optou pelo da opposição. Solicitado pouco depois pelos seus amigos politicos, condescendeu em dirigir o novo jornal que a opposição tratava de publicar e que tomou por titulo — *O Portuguez Constitucional.* O primeiro numero appareceu no principio de julho de 1836: passado pouco mais de dois mezes succedeu a Revolução de 9 de Setembro, acontecimento que o fez resolver a renunciar absolutamente á direcção d'aquelle periodico. Posteriormente foi-lhe offerecida uma pasta em um ministerio composto de amigos seus particulares, a qual recusou, bem como na reorganisação da ordem judiciaria recusou o logar de conselheiro no Supremo Tribunal de Justiça, e o de presidente do Tribunal Superior de Commercio, que successivamente

lhe foram offerecidos. Acceitou, porém, o de vogal d'este.

Não se aproveitando da influencia e amizade que tinha com os ministros para se engrandecer, soube, comtudo, servir-se d'ellas em um negocio que lhe faz honra e que foi de honra para a nação. A rogos seus concedeu Sua Magestade ao cavalheiro João Adamson, o auctor das *Memorias de Camões*, e a Roberto Southey, o auctor da historia do Brasil, a condecoração da Torre Espada; e a de Christo ao barão de Reifemberg, illustre sabio allemão, que defendêra a causa da rainha e da liberdade portugueza no tempo da emigração, e a Mr. Quetellet, membro do Instituto de França, director do Observatorio de Bruxellas, e celebre na Europa pelos seus escritos moraes e scientificos. Nos diplomas enviados a estes quatro principaes da republica litteraria ia exarado o proprio facto, de que a concessão se fizera por solicitação e pedido do seu amigo o Sr. Garrett.

Convocando-se as Côrtes constituintes, foi eleito deputado pelo Minho, provincia da sua naturalidade, e pelos Açores, sua segunda e adoptiva patria. E aqui começa uma nova e brilhante éra na vida publica do Sr. Garrett. O illustre poeta mostrou em breve, na tribuna de S. Bento, que o divino dom da eloquencia, com que a natureza o dotára, tinha sido cultivado e enriquecido por vastos e profundos estudos. Os seus discursos sôbre o projecto da Constituição, sobre a organisação da Segunda Camara, sobre o ultra-mar, e muitos outros, que fôra longo referir, o accreditaram como orador consumado. Na força do estylo; na viveza das imagens; na facilidade com que habilmente passa do grave ao sublime, da argumentação logica e pausada á ironia sarcastica, e ás mais animadas prosopêias; na riqueza da linguagem; na propriedade verdadeiramente admiravel dos termos; e sobre tudo, na difficil qualidade de ser sempre claro sem descer á vulgaridade; sempre elevado sem affectação; o Sr. Garrett não tem rival entre os nossos oradores.

Concluida e jurada a Constituição, dissolvidas as côrtes, e organisado o ministerio, a que presidiu o Sr. Visconde de Sá, foi o Sr. Garrett incumbido logo de duas das mais espinhosas e difficeis tarefas, que aquelle gabinete tinha a tratar: a da reforma administrativa, e a dos negocios de Roma, que pela primeira vez se ia encetar.

Todavia, no meio d'estas tão graves occupações de homem d'estado, e de jurisconsulto, o illustre poeta soube tirar alguns momentos para os dar com summo proveito á gloria da litteratura nacional. Foi entre estes cuidados e trabalhos tão serios, que nasceu o *Gil Vicente*, primeiro e verdadeiro restaurador do nosso theatro, que todo Portugal saudou como tal, e que fez as delicias e enthusiasmo do publico durante muitos mezes, que continuamente esteve na scena.

Esta bella e delicada composição do *Gil Vicente*, que é um primor da lingua portugueza, e que mostrou á Europa, que nós tambem podiamos disputar com as outras nações no genero dramatico; esta obra, dizemos, tão exclusiva e puramente litteraria, teve sua origem politica. Escolhido pelo governo em 1836 o auctor do *Catão* para reformar e restaurar o Theatro nacional, encarregou-se, não sem hesitar, d'esta ardua missão: e o seu relatorio dirigido a S. Magestade sobre este assumpto, em data de 26 de Novembro, é um d'aquelles raros documentos officiaes que tambem pertencem, como verdadeiras obras litterarias, á litteratura. Nomeado inspector geral dos theatros, occupou-se logo dos tres pontos essenciaes, que em Portugal não existem ha muitos seculos, se é que alguma vez existiram: uma caza para theatro nacional em Lisboa; uma escola para crear artistas; e a formação de um reportorio portuguez.

Quanto á primeira indicação, á força das diligencias e trabalhos, a que deu o primeiro impulso, tem hoje o Sr. Garrett a satisfação, e o povo de Lisboa terá em breve o proveito, de a ver prehenchida no bello monumento, que tam perto está de concluir-se na praça de D. Pedro. A segunda tem encontrado estorvos e difficuldades, que levariam longas paginas a referir, e que, talvez, só depois de concluido e aberto o novo theatro, se possam vencer. A terceira, a mais importante, a mais difficil, arcou de face a face com ella o nosso illustre poeta; e com o exemplo, com as lições, e com uma abnegação admiravel de amor proprio, conseguiu fazer apparecer um numero consideravel de jovens auctores, que tanto promettem, e bastante têm já feito para a formação do reportorio nacional.

Tal foi o pensamento do Sr. Garrett na organisação do Conservatorio: ligar estas tres coisas, e fomental-as simultaneamente: a edificação do theatro; a creação dos artistas: a cultura da litteratura dramatica. Para isso, ao pé das Escolas, que já existiam na Casa Pia, e que fez transportar para o centro de Lisboa, creou uma especie de academia de genero novo, composta dos professores e artistas, de homens de letras, de homens influentes, de tudo o que lhe pareceu, que mais ou menos podia concorrer para o fim proposto. Ligou esta instituição com a Inspecção dos theatros; entregou-lhe a censura

dramatica, que até então andava por mãos leigas, e quando menos illitteratas; instituiu premios e concursos; e, renunciando a toda a gloria e vaidade, pôz-se elle proprio a trabalhar na reputação alheia, revendo, dirigindo, e encaminhando os esforços de todos os que procuravam o seu auxilio.

Para dar a estes o primeiro exemplo, é que o Sr. Garrett, na primavera de 1838, compoz e fez representar o seu *Auto de Gil Vicente*. O exemplo foi poderoso e fertil: nem todas as plantas, que floreceram, poderam talvez sazonar os seus fructos; mas basta que alguns cheguem á maturidade para já termos ganho muito.

Com este mesmo intuito, e possuido de sentimentos generosos, o illustre poeta solicitou e obteve da regia benevolencia, que fossem concedidos testimunhos de distincção e apreço a alguns dos nossos mais distinctos caracteres litterarios. O Sr. Alexandre Herculano, e o Sr. Antonio Feliciano de Castilho receberam a insignia da Torre e Espada; os Srs. Migone, Jordani, Epiphanio, e outros artistas de esperanças, a Ordem de Christo. D'est'arte se viu pela primeira vez em Portugal premiado d'este modo o merito litterario, e elevada a consideração dos artistas. E foi um poeta, um homem de lettras, que deu o exemplo, e que desmentiu o proverbial ciume da classe! Honra seja ao Sr. Garrett! E' das mais nobres e mais bellas obras de que tem a honrar-se. Fez um grande serviço á arte, á gloria da rainha, á reputação do paiz; mas a sua propria ganhou ainda mais.

A redacção dos decretos porque as insignias são concedidas, extremamente lisongeira para os agraciados, menciona positivamente, que a mercê fôra feita a rogo do Sr. Garrett.

Procedeu-se no fim do anno de 1838 a eleições geraes: e o Sr. Garrett teve assento na camara dos deputados pela sua provincia dos Açôres.

N'esta sessão de 1839 principalmente se occupou do seu bello e profundo trabalho sobre a Propriadade litteraria, apresentando e sustentando na discussão um projecto de lei, que é seguramente muito superior a todas as leis, que hoje regulam este genero de propriedade em toda a parte. O relatorio ou preambulo d'esta lei é obra de muito primor, quer por seu estylo, quer por seus pensamentos. Mandado imprimir pela camara, bem depressa correu pela Europa, e em toda a parte, mas principalmente na pensadora Allemanha, recebeu os maiores elogios. Infelizmente, depois de largas interrupções na discussão, o projecto só foi approvado pela camara dos deputados no anno seguinte de 1840; e demorado na dos senadores por imperdoavel descuido, agora, em consequençia das alterações politicas, carece de voltar aos deputados para ser novamente approvado, e poder entam passar á camara dos pares.

Fechada a camara, concluiu a edição do 1.º volume das suas Obras completas, que, debaixo de seus auspicios e direcção, emprehendera a bem conhecida e respeitavel casa de mercadores de livros dos Srs. Viuva Bertrand & Filhos. Contém aquelle 1.º volume o poema *Camões*, muito augmentado, correcto, e illustrado de notas de grande merecimento litterario.

O principio do seguinte anno viu apparecer o 2.º volume da mesma collecção, contendo a terceira edição portugueza do *Catão*, tambem muito mais correcta e additada por muitas notas historicas e moraes.

Abriu se em 1840 a camara com outro novo gabinete, o de 26 de Novembro, contra o qual toda a esquerda estava em grande excitação. O programma do ministerio captou porém os votos do centro. Além d'isto, a pessoal amizade de um dos ministros, o Sr. Rodrigo da Fonseca Magalhães, ligava tambem o illustre orador do centro: não era ainda ministerial, mas as suas inclinações e sympathias visivelmente pendiam todas para o banco dos ministros. Algumas provocações da esquerda acabaram de o aballar. Na discussão da resposta ao discurso da corôa, e redarguindo ao mais vehemente orador da opposição, pronunciou o seu famoso discurso, que obteve a designação do *Porto-Pyreu* pela felicidade com que voltou para os seus contrarios a sabida anedocta do doido atheniense. E' este, sem questão o mais vigoroso e elequente discurso, que até hoje tem sido pronunciado na tribuna portugueza: tem periodos, que não envergonhariam a Demosthenes ou a Cicero; imagens, estylo, e conceitos, que os primeiros oradores da França e da Inglaterra folgariam de tomar por seus. A muitas pessoas de diversos partidos, que assistiram áquella memoravel sessão, temos ouvido asseverar, que no espaço de duas horas, que durou o discurso, a camara toda estava como arrebatada, e sentia dominada a sua attenção por um poder sobrenatural.

D'ahi a pouco fôram dissolvidas as côrtes, e se mandou proceder a nova eleição. N'este intervalo o Chronista-mór do Reino, não querendo possuir um titulo vão e inutil, abriu o seu Curso de leituras sobre Historia portugueza. A solemnidade da abertura, coisa inteiramente nova em Portugal, foi um verdadeiro triumpho publico: a côrte, o corpo diplomatico, o ministerio, as academias, ambas as camaras do parlamento, os tribunaes, todos alli concorreram em grande maioria,

que mal cabia na immensa sala da Eschola do Carmo; muitas senhoras a ornavam. A espectação era grande, mas foi satisfeita. Em um discurso de quasi duas horas, e que a assembléa escutou com attencão e interesse sempre crescente, o Sr. Garrett, depois de manifestar o motivo e fins do curso, que ia abrir, desenvolveu o plano d'elle, e já com reflexões profundas, já com brilhantes pensamentos, excitou sempre a attenção, e muitas vezes o enthasiasmo d'aquelle escolhido auditorio. Apenas concluiu, uma explosão de applauso e admiração retumbou na sala, e, n'aquelle momento, ao menos, a inveja ou a dissidencia dos partidos não achou voz no meio da approvação geral.

N'essa mesma noite se apurára na municipalidade de Lisboa a votação do districto pelo qual foi eleito o Sr. Garrett para a nova camara dos deputados com grande maioria. A mesma escolha fizeram os districtos de Vianna do Minho, e dos Açores. Mas em quanto se não abria a camara, o Chronista-mór continuava o seu Curso de leituras, frequentadas sempre por um grande e escolhido auditorio.

No meio d'estes trabalhos, e apesar d'elles, occupava-se o incansavel litterato de tarefas mais ligeiras, mas não menos honrosas para o paiz, nem menos proveitosas para a litteratura. Para os exercicios publicos dos alumnos da Eschola da declamação do Conservatorio compoz um pequeno drama, que elles representaram na presença de Suas Magestades, em um festejo que se dignaram acceitar como anniversario do nome de S. M. El-Rei. *D. Filippa de Vilhena*, armando seus filhos para a gloriosa revolução de 1640, é um dos mais bellos episodios da historia portugueza; mas não parecia poder dar assumpto para um drama. O auctor soube porém construir sobre esse facto tam simples uma acção dramatica simples tambem, mas de mui vivo interesse. A qualidade dos actores, e o circumscripto do tempo, que devia levar o espectaculo (porque na mesma noite tinham de dar tambem as suas provas as Escholas de Musica e de Dança do mesmo Conservatorio) impediu certamente, que este pequeno drama em tres actos tivesse todo o desenvolvimento, que podia dar-lhe.

Aberta a nova camara no verão de 1840, continuou o sr. Garrett a tomar assidua parte na discussão das reformas administrativas, que principalmente occuparam aquella sessão, e nas quaes, como relator da commissão de administração publica desenvolveu seus profundos conhecimentos n'aquelle ramo de jurisprudencia.

Por este tempo lhe foi encarregada uma difficil e laboriosa commissão, cujo objecto desde 1822 tinha sido encetado muitas vezes por diversas pessoas, mas nunca pudéra concluir-se. O governo dos Estados-Unidos desejava e solicitava ha muito concluir comnosco um tratado de navegação e commercio. Instado nas camaras pelos membros mais influentes de ambos os lados, o governo resolveu entabolar as negociações, e o Sr. Garrett foi nomeado plenipotenciario de S. M. para este fim.

Pouco partidista dos tratados de privilegios e favores, que, na sua opinião, têm sido a morte do paiz, e a ruina da industria, sem nenhuma grande vantagem solida para a agricultura e commercio, entendeu comtudo, que um tratado sobre bases geraes de sincera reciprocidade feito com aquella potencia, que difficilmente poderá nunca influir em a nossa politica, nem exercer sobre nós nenhuma preponderancia oppresiva, podia servir de alguma coisa, e principalmente concorrer muito para fixar os principios de direito commercial internacional, que tam transtornados têm sido sempre em as nossas relações com os paizes estrangeiros. Com este intuito acceitou pois a honrosa missão, e a desempenhou com approvação completa do governo, e das côrtes, que sanccionaram o seu trabalho.

A sessão parlamentar de 1841 abriu-se com a celebre questão denominada *das injustas exigencias d'Hespanha*. As demoras e difficuldades em se terminar o regulamento para a navegação do Douro entre as duas nações, deu causa, ou pretexto, áquellas injustas exigencias do gabinete de Madrid, cujo tom ameaçador obrigou o nosso a fazer preparativos de resistencia armada Por esta occasião o sr. Garrett, tendo para si que o ministerio não podia satisfazer a sua missão, deixou de lhe prestar o seu appoio, e quando no meiado d'esse anno se recompoz o gabinete, passou para os bancos da opposição, onde tem permanecido desde então. Não somos nós seus juizes, nem queremos dar opinião alguma politica politica sobre o procedimento d'este ou de qualquer outro dos nossos abalisados caractéres publicos, que pertencem á nação como homens que a illustram, mas cujas ligações de partidos talvez interessem pouco a mesma nação. Como litterato, como homem da arte, como professor da lingua, e como cidadão zeloso da gloria do paiz, é que nós consideramos aqui o sr. Garrett, não podendo, comtudo, deixar de referir aquelles factos politicos, que necessaria e intimamente estão ligados com a vida e escriptos de um auctor, que, a par de homem de lettras, tem sido tambem sempre homem publico.

Em julho d'este anno de 1841, teve logar

a discussão sobre a lei da decima, e por occasião d'ella, em desaggravo de algumas expressões menos consideradas do então ministro da fazenda, prorrompeu o offendido orador n'aquelle discurso de memoravel vehemencia, em que, decerto, elle excedeu os termos da moderação, e que politicamente não é talvez um modelo, mas considerado como obra litteraria é sem duvida a oração moderna, que mais faz lembrar as declamações classicas da velha Athenas, e que em muitos dos seus periodos recorda os turbilhões de Demosthenes contra Eschines.

No dia seguinte foi demettido da presidencia do Conservatorio, da Inspecção geral dos theatros, e do officio honorifico de Chronista-mór do Reino. Parece não fez grande impressão este acto do governo no animo do nosso auctor, porque n'esse mesmo tempo se occupava elle tranquilla e agradavelmente nos seus cuidados litterarios. A sua obra litteraria mais fortemente concebida, de mais poderoso e rico estylo, a que parece feita com o animo mais repoisado e tranquillo, o *Alfageme de Santarem*, foi composto n'esta epoca, e ao mesmo tempo que dirigia a impressão do 3.º volume das suas obras, volume precioso, que contém o *Auto de Gil Vicente*, *Merope*, e dois originalissimos prefacios, que servem de introducção áquellas duas peças dramaticas, e que estão escriptos com uma graça e uma vivacidade de estylo inteiramente novas em a nossa lingua.

O *Alfageme de Santarem ou a Espada do Condestavel*, drama em cinco actos, é um grande quadro historico, que o proprio auctor nos descreve como *pintando a face da sociedade em um dos grandes cataclysmos politicos porque ella tem passado em Portugal.* Em torno da celebre anecdota da espada de Nun'Alvares Pereira, e da prophecia do Alfageme (barbeiro ou cutileiro) de Santarem, o poeta reuniu toda a historia da guerra civil e reacção popular, que poz no throno o Mestre d'Aviz. Não fazemos a analyse d'esta peça, que seria superior ás nossas forças, mas diremos o que é um sentimento nosso: que tres figuras como a do tribuno popular, o Alfageme, a do cura d'aldeia, Froilão Dias, e a da bella e joven Alda, não as vimos eguaes em quadro algum, ou pelo menos não fizeram em nós a impressão inexplicavel, que este delicado grupo nos causou. Representou-se no theatro da rua dos Condes, em março do anno seguinte com grande apuro e perfeição nos *costumes* e muito apparato; mas a doença do actor, que fazia o principal papel, a impropria e mal executada musica dos córos diminuiram muito a grandeza do effeito dramatico. Felizmente o drama foi elegantemente impresso logo, e correu por todo o reino. E' um dos mais puros monumentos da lingua.

Estavam já adiantados os ensaios do *Alfageme*, quando rebentou no Porto a revolução de 27 de janeiro de 1842. Procedendo-se pouco depois a novas eleições, foi o sr. Garrett eleito deputado por Lisboa, e tomou assento na camara com os poucos deputados, que alli foram representar a opposição.

A morte do seu collega e amigo intimo, o conselheiro Vieira de Castro, que profundamente o affligiu, porque desde a Universidade se conheciam e estimavam com sincera e cordeal amizade, deu motivo a uma nova e bella composição de sua infatigavel penna no Elogio historico d'aquelle cavalheiro, a qual n'este mesmo anno se imprimiu. Pondo de parte o que são considerações politicas, e que a differente posição dos partidos forçosamente ha de avaliar de um modo diverso, este Elogio é um rico modelo de estylo, e linguagem, de sentimento e de gravidade.

A sessão parlamentar d'este anno não tinha chegado ainda ao ponto de interesse, que depois tomou, quando um golpe dado accidentalmente em uma perna reteve o illustre deputado desde os principios de março até ao fim de abril em forçada reclusão. A litteratura ganhou com este ocio involuntario. *Frei Luiz de Souza*, o mais perfeito e mais original drama, que hoje conta o nosso theatro, foi composto n'este intervallo. Antes de ser conhecido pela imprensa, um grande numero de pessoas tiveram a satisfação de o admirar na leitura, que o auctor d'elle fez em sessão plena do Conservatorio, e na representação, que depois teve no theatro particular da quinta do Pinheiro.

Quando apresentou o seu drama ao Conservatorio real, leu uma Memoria sobre os principios e theorias litterarias, que adoptara n'aquella composição. E' um verdadeiro prologo de Victor Hugo, uma nova obra gerada ao pé da outra.

No fim d'aquella memoria nos annuncia, que, terminando ou suspendendo os seus trabalhos de litteratura propriamente dita, vae dar-se todo a uma tarefa longa, e de ha muito preparada, que elle declara ser hoje o objecto e principal cuidado da sua vida. Esta grande empreza é a historia da revolução de Portugal desde 1820 até ao presente; obra em que sabemos, que por vezes tem trabalhado largos espaços, para a qual tem ajuntado immensos materiaes, e cujo acabamento e publicação agora considera quasi como um ponto de honra, a que tem de satisfazer, e para a qual tem applicadas toda a energia e todas as forças do seu espirito.

Fazemos votos, e todos os portuguezes os devem fazer, para que a vida e a saude do

illustre litterato, lhe deixem rematar este grande monumento da sua e da nossa gloria.

Nos fins do anno passado (1843) imprimiu-se o 4.º volume das suas Obras, que é uma especie de introducção á preciosa collecção de Xacaras e trovas populares, que tem ajuntado e corregido com admiravel paciencia e trabalho, e que já formam um volumoso Romanceiro. Cada uma das peças d'esta rica collecção é acompanhada de observações litterarias e historicas, formando um todo, que será de grande illustração para a historia, não só da litteratura peninsular, mas da de todas as nações modernas. E' esta outra obra do nosso auctor, que muito desejaremos vêr já na posse do publico pela imprensa.

Pouco ha publicou-se o 5.º volume das suas obras, que contém *Fr. Luiz de Souza*, esse formoso drama de que acima fallámos, enriquecido de notas do auctor, e do juizo critico sobre esta producção pelo sr. L. A. Rebello da Silva.

Temos dado um esbôço rapido da biographia de uma das maiores notabilidades d'esta época, extrahida principalmente das suas mesmas obras, dos seus discursos impressos, das actas dos corpos legislativos ou scientificos, a que tem pertencido, de documentos authenticos, que nos foram communicados, de geraes e inquestionaveis testemunhos de notoriedade publica, outros havidos de amisade intima, mas imparciaes. Para um contemporaneo não julgamos ser permittido passar além. Só a posteridade é que póde instituir verdadeiramente o processo, e julgar definitiva e imparcialmente os homens, que se apresentam na summidade de uma nação.

BIBLIOGRAPHIA

DAS

OBRAS DE GARRETT

BIBLIOGRAPHIA

DAS

OBRAS DE GARRETT

1820

Hymno patriotico. Porto, 1820. Na typ. Alvares Ribeiro e Filhos. Folh. 4 pag.

1821

Collecção de Poesias recitadas na Sala dos Actos grandes da Universidade de Coimbra, nas noites de 21 e 22 de novembro. Coimbra, Imp. da Universidade, 1821. In-8.º (A ultima poesia é de Garrett; vem incorporada na *Lyrica*, p. 147.)

O Retrato de Venus. Poema. Coimbra, Imprensa da Universidade. (Anno I.) 1 vol. in-8.º

O Dia 24 de agosto. Pelo cidadão J. B. L. A. Garrett. (Anno I) Lisboa, Typ. Rollandiana, 1821. In-8.º folh. (Discurso em prosa.)

1822

Catão. Theatro de J. B. S. L. A. Garrett. Tomo I. Anno II. Na Imprensa Liberal. In-8.º 1 vol. (Contem a farça *O Corcunda por amor*, collaboração de Paulo Midosi.)

O Toucador. Periodico sem politica. Lisboa, na Imprensa liberal. (7 numeros, de collaboração com L. Francisco Midosi.) In-8.º grande.

1823

Discursos e Poesias funebres recitadas a 27 de novembro de 1822, na morte de Fernandes Thomaz. Lisboa, Typ. Martins, 1823. In-8.º (Collaborado por Garrett.)

Heraclito e Democrito. Jornal. Começou em 19 de março de 1823.

1825

Camões. Poema. Paris. Imprimerie de J. Mac Carthy, 1825. 1 vol. in-12.

1826

D. Branca. Obra posthuma de F. E. Paris. Imprensa de H. Fournier. 1826, in-12. (Tinha então 7 cantos.)

Carta de Guia para Eleitores. Lisboa, Typ. de Desiderio Marques Leão. 1826. In-8.º folh.

O Portuguez. Jornal in-fol. a 3 columnas, collaborado por Paulo Midosi e outros. Lisboa, 1826-27.

Parnaso Lusitano, ou Poesias selectas. Paris. J. P. Aillaud, 1826-27. In-18. 5 vol. (O tomo VI é de 1834.)

1827

O Chronista. Semanario. 1.º numero em 4 de março de 1827.

1828

Adozinda. Romance. Londres. Boosey, & Son. 1828. In-8.º oblongo, 1 vol.

1829

Lyrica de João Minimo. Londres, Sustenance e Stretch. 1829. In-8.º peq. (Na 2.ª edição incluiu mais treze poesias.)

Da Educação, por J. B. da S. L. de Almeida Garrett. Livro primeiro. Londres. Sustenance e Stretch. 1829. In-8.º grande. 1 vol.

Indicação e Discurso... de Mackintosh sobre Negocios de Portugal. Londres. Greenlaw. 1829. In-8.º grande. (Versão de Garrett.)

Chaveco liberal. Jornal collaborado com Ferreira Borges e P. Midosi. Londres, 8 de setembro de 1829. Saíram 17 numeros.

A Lealdade em triumpho, ou a victoria da Terceira. Canção. Londres, 1829. Greenlaw. (Reimpressão do

texto do n.º III do *Chaveco.*) Incorporada em 1845 nas *Flores sem fructo.*

1830

Elogio funebre de Carlos Infante de Lacerda. Londres. Greenlaw 1830. Folh.

Portugal na balança da Europa. Londres. Sustenance. 1830. 1 vol. in-8.º (Anonymo.)

Carta de Mucio Scevola. Londres. 1830. In 8.º Folheto anonymo. (Suppõe-se uma edição de Rennes em 1832.)

Catão. Tragedia. Londres. Sustenance. 1830. In-8.º 1 vol.

1831

O Precursor. Jornal. 4 numeros. Londres, 1831. Binghan. In-8.º pequeno.

1832

Relatorios aos Decretos n.ºs 22, 23 e 24: Organisação e Administração da Fazenda publica: Organisação administrativa e judiciaria. (Na Collecção de Legislação) Imprensa nacional.

1834

O Parnaso lusitano. Paris. J. P. Aillaud. 1834 Tom. VI: Satyricos: *Hyssope*, *Reino da Estupidez*, e *Os Burros*, que foram substituidos por *Satiras* de Tolentino.

1836

O Portuguez Constitucional. Lisboa. 1836 Sahiu o 1.º numero em julho.

1837

Da formação da Segunda Camara das Côrtes. Imp. nacional. 1837. Folh. in-8.º p.

Manifesto das Côrtes Constituintes á Nação. In-fol. de 4 pag. (Da tiragem do Diario do Governo de 23 de Agosto de 1837.)

O Entre-Acto. Jornal de Theatro. O 1.º num. de 17 de Maio de 1837.

1838

Camões. Poema. Rio de Janeiro. Imprensa Americana. 1838. In-8.º 1 vol.

1839

Camões. Poema. Bahia, na Typ de Serra. 1839. In-8.º (Notavel por um individuo na dedicatoria a uma D. Ignacia dar-se por auctor do poema de Garrett)

Dona Branca. Bahia. Typ. Constitucional. 1 vol

Camões. Poema. Lisboa, Typ. Morando. 1839. In-12.

Programma para a publicação das Obras completas. Lisboa, 1839. In 8.º de 4 pag. (Constava o plano de 12 volumes.)

Circular para a abertura do Curso de Historia. Lisboa. Imp. Nac. 1839. Folha solta.

1840

Programma do Festejo que pelo faustissimo anniversario de—D. Maria II—faz o Conservatorio dramatico de Lisboa, em 1840. Imprensa Nac. In-4.º

Discurso do sr. Deputado pela Terceira em 2 de Fevereiro de 1840. Imprensa Nacional. Folh. (É o celebre Discurso chamado do Porto Pyrem.)

Catão. Lisboa. Typ. Morando. 1840. (I do Theatro.) In-12. 1 vol. (É a 3.ª ed.)

1841

Discurso do sr. Deputado por Lisboa, na discussão da Lei da Decima. Typ. Gouvêa. 1841. Folh. In-4.º

1842

Mérope. Rio de Janeiro. 1842. Fol. peq. a 2 columnas.

Um Auto de Gil Vicente. Rio de Janeiro. Typ. Villeneuve. 1842. Fol. pequeno a 2 columnas.

O Alfageme de Santarem ou a Espada do Condestavel. Rio de Janeiro. 1852. Fol. peq. (Vem no Archivo Theatral.)

O Alfageme de Santarem ou a Espada do Condestavel. Lisboa. Impr. Nacional 1842 In 8.º 1 vol.

1843

Jornal de Bellas Artes. (A introducção é de Garrett.)

Memoria historica do Conselheiro Vieira de Castro. Lisboa. Typ. Morando. In-8.º Folh.

Romanceiro e Cancioneiro geral. Tomo I. Lisboa. Typ. da Soc. propag. de Conhecimentos uteis. 1843. In-8.º peq.

Catão (Contrafacção brazileira, em formato grande.)

1844

Frei Luiz de Sousa. Edição do Theatro de Pinheiro. Lisboa. Imp. Nacional MDCCCXLIV. In 4.º com retrato de Garrett.

Frei Luiz de Sousa. Ed. in-4.º VIII. 236 pag. (Com a Memoria lida ao Conservatorio.)

Frei Luiz de Sousa (III do Theatro.) Lisboa. Imp. nac. 1844 In 8.º peq.

Fr. Luiz de Sousa. Rio de Janeiro. Typ. Villeneuve & Comp.ª 1844. (No Archivo Theatral). Sem frontespicio. In-4.º

1845

Miragaia. Lisboa, 1845. Edição em separado do texto do Jornal de Bellas Artes In-4.º de 19 pag., tres grav.

Os Exilados. Folha solta. Lisboa, 29 de Março de 1845

Catão. Lisboa, Imp. Nac. 1845. In-8.º

O Arco de Sant'Anna. Chronica portuense. Lisboa. Imprensa Nac. 1845. 1.º vol. Anonymo. (O 2.º vol. appareceu em 1850.)

Flores sem fructo. Lisboa. Na Imprensa Nacional. 1845. In-8.º 1 vol.

1846

Viagens na minha Terra. Lisboa, Typ. da Gazeta dos Tribunaes, 1846. In-8.º 2 vol.

D. Philippa de Vilhena. Lisboa. Imp. Nac. 1846. In-8.º peq. (Representado pela primeira vez sob o titulo *Amor e Patria.*)

1847

O Chapim d'El-Rei ou Parras Verdes. Lisboa. Typ. Borges. 1847. In-8.º (Divertissement extrahido da Xacara de Garrett.)

Luiz de Sousa (versão allemã). Frankfort. In-8.º gr. VII —116 pag. (Com o retrato de Garrett.) Trad. de Lukner.

1848

A Sobrinha do Marquez. Lisboa. Imp. Nac. 1848. In-8.º de XIII, 15 a 176 pag.

Reproducções, tendo no ante-rosto t. x, e v do THEATRO.

Memoria historica da Ex.ma Duqueza de Palmella. Lisboa. Imp. Nac. 1848. In-4.º de 10 pag.

1849

Memoria historica de J. X. Mousinho da Silveira. Lisboa. Imp. da Epoca. 1849. (Tiragem do artigo do n.º 52 da Epoca.)

1850

Dona Branca. Lisboa. Na Imprensa Nacional. 1850. In-8.º

Protesto contra a Proposta sobre a Liberdade de Imprensa. Lisboa. Typ. da rua da Bica de Duarte Bello, 1850. In 8.º

O Arco de Sant'Anna, Lisboa. Imp. nacional. 1850. O 2.º vol. In-8.º

1851

Romanceiro: Romances cavalheirescos antigos. Lisboa. Imp. nacional, 1851. In-8.º (O tomo II e III da collecção.)

Relatorio á Lei das Misericordias de 26 de Novembro de 1851. (Incluido no livro do Dr. J. A. Maia, *A Misericordia de Torres Vedras*.)

Catão Lisboa. Imp. Nac. 1851. In 8.º

1852

Estatutos da Academia real das Sciencias de Lisboa. Typ. da Academia. 1852.

Cópia de uma Carta dirigida ao Encarregado de Negocios de França. 19 de Agosto de 1852 (Lithographada.)

Fra Luigi de Sousa. Drama. Trad. Vegezzi Ruscalla. Torino. 1852. 1 vol.

La Nièce du Marquis. Trad. por Ortaire Fournier. Lisboa, na *Revue Lusitanienne*, t. I, de 1852.

O Camões do Rocio. Comedia em 3 actos. (Collaboração com Feijó.) Lisboa, Typ. do Panorama. s. d.

Rosalinda. Trad. por Edouard Fournier, na obra *Un Prétendant portugais*. Paris, 1852.

1853

Folhas cahidas. Imprensa Nacional. Viuva Bertrand. 1853. In-8.º

Fabulas e *Folhas cahidas*. Lisboa. Imp. Nacional. 1853. In 8.º (Formam o Livro II dos Ultimos Versos.)

Folhas cahidas. Rio de Janeiro. Typ. de Vianna Junior. 1853. In-8.º

Folhas cahidas. Rio de Janeiro. Typ. Imperial e Constitucional. 1853. In-8.º grande

Versos. Lyrica. Lisboa. Imprensa Nacional. 1853. (Primeiros Versos: *Lyrica de João Minimo*.) In-8.º

1854

Camões Poema. Lisboa. Em casa da Viuva Bertrand e Filhos. Imp. Nac. 1854. In-8.º

Carta a Licinio de Carvalho. No Drama O Rajah de Bonsuló. Porto, 1854.

1856

Merope. — *Um Auto de Gil Vicente*. Lisboa. Imp. Nacional. 1856. (II do THEATRO) 1 vol. in-8.º

O Alfageme de Santarem ou a Espada do Condestavel. Lisboa. Imp. Nacional. 1856. 1 vol. in-8.º (Incorporado nas Obras, t. XVIII.)

Frei Luiz de Sousa. Lisboa. Imprensa Nacional. 1856. In-8.º (THEATRO do Visconde de Almeida Garrett.)

1857

Um Noivado no Dáfundo. Proverbio em um acto. Lisboa Typ Sousa Neves. (No Theatro Moderno, n.º 4, 1.ª série. Incorporado no t. x.)

1858

Falar verdade a mentir. Comedia em 1 acto. Rio de Janeiro. Folheto in 8.º grande de 40 pag.

Flores sem fructo. Lisboa. Na Imprensa Nacional 1858. In-8.º

1859

Dona Branca. Porto Alegre. A expensas de Streccius, 1859. In-8.º

O Arco de Sant'Anna. Lisboa. Imp. Nacional, 1859. In-8.º 2 vol.

Catão. Lisboa. Imp. Nacional. 1859. In-8.º peq.

Philippa de Vilhena. — *Tio Simplicio*. — *Falar verdade a mentir*. Lisboa. Impr. Nac. 1859. In-8.º

A Sobrinha do Marquez. Lisboa. Imprensa Nacional 1859. In-8.º

Frey Luiz de Sousa. Trad. hespanhola de Emilio Olloqui. Madrid. 1859. (No tomo III das Poesias do Traductor.)

Frey Luis de Sousa Trad. Olloqui. Lisboa Imprenta Nacional. 1859. In-8.º

1860

Fra Luigi di Sousa. Milano. 1860. (Pertence á collecção *Fiori di Talia*.)

Frei Luiz de Sousa. Lisboa. Na Imprensa Nacional. 1860. In-8.º (Ha exemplares em papel de linho numerados.)

Dona Branca N. York. 1860. R. Marrey, editor.

1861

O Retrato de Venus. Rio de Janeiro. Editores Soares & Irmão. 1861. In 8.º

Dona Branca. Lisboa. Imp. Nacional. 1861. In 8.º

1863

Romanceiro. Lisboa. Imprensa Nacional. 1863. Viuva, Bertrand. 3 vol. in-8.º

Camões. Lisboa. Imprensa Nacional. 1863. Viuva Bertrand. 1 vol. in 8.º

1867

Da Educação. Porto. Viuva Moré. 1867. Typ. Commercial. 1 vol. in-8.º

O Retrato de Venus. Porto. Viuva Moré 1867. 1 volume in-8.º (É o t. XXI das Obras.)

1869

Retrato de Venus. Rio de Janeiro. 1869. In-8.º peq.

Frei Luiz de Sousa. Lisboa. Imp. Nacional. 1869. 1 vol. In-8.º

Versos. Lyrica. Lisboa. Imprensa Nac. 1869. In-8.º (I das Lyricas.)

Fabulas e *Folhas cahidas*. Lisboa. Imprensa Nacional. 1869. In-8.º

1870

Viagens na minha terra. Quinta edição. Lisboa. Na Imprensa Nacional. 1870. In-8.º 2 vol.

Flores sem fructo. Terceira edição. Lisboa. Imp. Nacional. 1870. In-8.º 1 vol.

1871

Discursos parlamentares e Memorias biographicas. Lisboa. Na Imp. nacional. 1871 In-8.º p. 1 vol.

Helena. Fragmento de um romance inedito. Precedido do Catalogo dos Autographos... Lisboa, Imp. Nacional. 1871. In-8.º 1 vol.

O Arco de Sant'Anna. Chronica portuense. Lisboa. Imprensa Nacional. 1871. In-8.º 2 vol.

1872

O Alfageme de Santarem. Lisboa. Imp. Nacional. 1872. 1 vol. in-8.º

Aus Portugal and Brasilien. Munster. 1872. (Traz poesias de Garrett traduzidas pelo Dr. Wilhelm Storck.)

1873

Viagens na minha terra. Traducção de Senbert. Leipzig. 1873. 1 vol.

1874

Dona Branca. Lisboa. Imp. Nac. 1874. In 8.º 1 vol.

Flores sem fructo. Terceira edição. Lisboa. Imp. Nac. 1874. In-8.º 1 vol.

1875

Romanceiro: Romances de renascença. Lisboa. Imp. Nacional. 1875. In-8.º (O t. 1 da Collecção) 3 vol.

1876

Dona Philippa de Vilhena. Lisboa. Imprensa Nacional 1876. In 8.º 1 vol.

1877

Escriptos diversos... Colligidos por C. Guimarães. Lisboa. Na Imp. Nacional. 1877. In 8.º 1 vol.

A Sobrinha do Marquez.—As Prophecias do Bandarra.—Um noivado no Dáfundo. Lisboa Imp. Nacional. 1877. In-8.º (V do THEATRO.)

Catão. Sexta edição. Lisboa. Imp. Nacional, 1877. In-8.º 1 vol.

1880

Camões. Prefaciado por Camillo Castello Branco. Porto Livr Chardron. In-8.º com o retrato de Garrett. Dedicado ao Centenario de 1880. 1 vol.

Camões. Contrafacção brasileira da edição anterior, com a designação: Lisboa, Typographia Nacional. (Sem data.) In 8.º de LXXXV-285 pag.

Camões. Poema. Traduit du portugais par H. Faure. Paris, 188. In-18. (Retrato a agua forte)

Camoens. Trad. pelo Conde Schak. Stuttgart 1880 (?).

Merope—Gil Vicente, Lisboa. Na Imp. Nac. 1880. In-8.º 1 vol (Appareceu incorporado nas edições da Empreza da Historia de Portugal.)

Fr. Luiz de Sousa. Imp. Nac. 1880 1 vol. in 8.º

Fr. Luiz de Sousa. Trad. Vegezzi Ruscala. (2.ª ed.) Milano, 1880. 1 vol. in-8.º

Ignez de Castro. Scenas de uma tragedia (Vem no Tricentenario de Camões de A. Fernandes Thomaz.) Lisboa. Typ. Castro Irmão, 1880. In-8.º grande.

1881

Romancero. Choix de Vieux Chants portugais, trad. C.te Puymaigre. Paris, 1881. In 8.º (Traz romances da collecção de Garrett.)

1882

Adozinda. Trechos vertidos em inglez em 1832, reproduzidos no volume *The Poets and Poetry of Europe*. Boston, 1882.

Versos (Lyrica de João Minimo.) Porto. Edit. Chardron. Typ. Teixeira. 1882. In 8.º

Discursos parlamentares e Memorias biographicas. Lisboa, Imp. Nac. 1882. 1 vol.

1883

Discursos e Poesias funebres, recitadas em 27 de novembro de 1822 na morte de Fernandez Thomaz. Lisboa. Na Typ. G. M. Martins. 1883. Folh. in 8.º

Viagens na minha terra. Lisboa. Imp. Nacional. 1883. 2 vol. in-8.º

Frei Luiz de Sousa. Lisboa. Imp. Nacional. 1883. In-8.º

1884

Portugal na balança da Europa. Porto. Chardron, Editor. Typ. Teixeira. 1884. 1 vol

O Retrato de Venus. Porto. E. Chardron, Editor. 1884. In-8.º 1 vol.

Falar verdade a mentir. Comedie trad. du portugais. (Na *Revue du Monde Latin,* t. II) Paris.

Fray Luis de Sousa. Traducção castelhana de D Emilio Olloqui. (No tomo III das suas Obras Poeticas. Tipolitographia Penasson.) 1883.

1886

Camões. Lisboa. Imp. Nacional. 1886 1 vol.

1887

Náo Catherineta. Livorno. (No opusculo: Nozze Sarafini—Boelhouver.) In-8.º de 14 pag.

La Nave di Catarinetta. Romanza portoghesi. Trad. da Ettore Toci. Livorno. 1887. In-8.º

1890

Camoens. Gedicht—trad. Graf von Schack. Stuttgart. 1890. In 8.º (Na Coll. *Orient und Occident.)*

1893

Memoria historica do Conde de Avilez. Aveiro. Typ. Aveirense. 1893. In-8.º (Appareceu primeiro no Campeão das Provincias.)

1896-7

La Jeune-fille au rossignol. (Trad. das *Viagens na minha terra,* publicada na Revue Britannique)

1897

Ignez de Castro. Projecto de drama. Livorno. Tip. R. Giusti. 1897. In-8.º de 15 pag.

1898

Morte di Camoens (De Garrett) da Domenico Perrero. Parma. L. Bottei. 1898. Folh.

O Impromptu de Cintra. (Nas Flores Garrettianas, pag. 5 a 13) Folh.

1899

Da Educação. Lisboa, Empreza da Historia de Portugal. 1899. In-8 º 1 vol.

Escriptos dispersos. Colligidos por C. Guimarães Lisboa. Empreza da Historia de Portugal. 1899. 1 vol. in-8.º

Fr. Luiz de Sousa. Lisboa. 1899. (Designada quinta edição) In-8.º 1 vol.

Folhas cahidas. Trad. italiana, de Tomazzo Cannizzaro. Messina, 1899.

O Impromptu de Cintra (Publicado no Jornal Saloio, n.º 59, de 4 de fevereiro de 1899.)

Idem. Livraria Guimarães & Libanio. Lisboa, 1899. In-8.º (N.º 1 do Culto Garrettiano.)

Camões. Canto V. Fragmento da versão. Padova. Frat. Gallina. Folheto.

Versi di Almeida Garrett. Versão de Diogo Garoglio. Venezia. Folheto de 16 pag.

Petits Chefs d'Oeuvre de Garrett, par Marc Legrand. Moulins. 1899. In-8.º 16 pag.

Flores Garrettianas, colhidas por Joaquim de Araujo. Napoli. Tip. Auria. 1899. In-8.º de 15 pag.

Da Obra de Garrett. Trechos escolhidos por D. Anna de Castro Osorio e Paulino de Oliveira. Lisboa, 1899. In 8.º gr.

Morte di Camoens, por Prospero Peragallo. Padova. Tip. Frat. Gallina. 1900. Folh.

1900

Elogio de Carlos Infante de Lacerda, barão de Sabroso. Lisboa. Typ. da Empreza de Historia de Portugal, folh. 1900.

Memoria historica do Conde de Avilez. Lisboa. (Reproducção do texto da Revolução de Setembro, n.º 1210, de 1845.) Typ. da Empreza da Historia de Portugal, folh. 1900.

Flores sem fructo. Lisboa. Empreza da Historia de Portugal. 1900. In-8.º 1 vol.

Lyrica: Primeiros versos — *Lyrica de João Minimo.* Lisboa. Emp. da Hist. de Portugal. (Rosto nas folhas da ediç. da Imp. Nacional.) 1900. In-8.º peq.

Romanceiro. Lisboa. Empreza da Hist. de Portugal. 1900-1901. In-8.º 3 vol.

O Camões, pelo Visconde de Almeida Garrett, Prefaciado por S. Monteiro. Lisboa. Imprensa Nacional. 1900. In-4.º grande. (Edição luxuosissima de que se imprimiram apenas 40 exemplares, como specimen typographico para a Exposição de Paris.)

Catão. Lisboa. Emp. da Hist. de Portugal. 1900. In-8.º 1 vol.

D. Philippa de Vilhena —Tio Simplicio.—Falar verdade a mentir. Lisboa. Empreza da Hist. de Portugal. 1900. 1 vol in-8.º

A Sobrinha do Marquez.—As Prophecias do Bandarra. —Um noivado no Dáfundo. Lisboa. Emp. da Hist. de Portugal, 1900. 1 vol. in-8.º

Mérope. — Um Auto de Gil Vicente. Lisboa. Emp. da Hist. de Portugal. 1900. In-8.º 1 vol.

Brother Luiz de Sousa. A. Study, with translate Extrats, by. Edgar Prestage. Altruichan, 1900. Folh

O Alfageme de Santarem. Lisboa. Empr. da Hist. de Portugal. 1900. 1 vol. in-8.º

1901

Discursos parlamentares e Memorios biographicas. Lisboa. Empreza da Historia de Portugal. 1901. 1 vol., in-8.º

Dona Branca. Lisboa. Empreza da Hist. de Portugal. 1901. 1 vol. in-8.º

Fabulas—Folhas cahidas. Lisboa Empr. da Historia de Portugal. 1901. In-8.º 1 vol.

1902

Frei Luiz de Sousa. Lisboa. Empreza da Hist. de Portugal. 1902. In 8.º 1 vol.

Os primeiros versos de Garrett. Porto, Livraria Universal. (Publicado por Moniz Bettencourt.) Folheto.

1903

Odes anacreonticas. Evora, Minerva Commercial. 1903. Folheto. (Edição melhorada sobre Ms. de José do Canto, por A. F. Barata.)

Camões. Lisboa, Empreza da Hist. de Portugal. 1903. In-8.º 1 vol.

1904

Frère Luiz de Souza. Drama em 3 actos, trad. Maxime Formont. Livourne. Imp. Giusti. 1904. 1 vol. (Impresso a expensas de D Antonio de Portugal Faria.) —Ha outra traducção em folhetins do jornal *L'Epoque.*

Camões. Lisboa. Empreza da Historia de Portugal.— Sociedade Editora. 1904. 1 vol. (Designado 9 edição.) 1 vol. in-8.º

Obras completas de Almeida Garrett. Grande edição popular illustrada.—Prefaciada, revista coordenada e dirigida por Theophilo Braga. (Profusa e brilhantemente illustrada pelos notaveis artistas portuguezes Manuel de Macedo e Roque Gameiro.) Lisboa, Typ da Empreza da Historia de Portugal, R Ivens, 45 e 47. 1904—2 grossos volumes in 4.º maximo, tendo o 1.º LX-836 pags., e o 2.º VIII-840 pags. [1]

Obras completas de Almeida Garrett. Lisboa. Empreza da Historia de Portugal, 1904. Em 28 volumes, in 8.º pequeno:

1.ª *Retrato de Venus* — Historia da Pintura — Fragmentos de Poemas ineditos.
2.ª *Lyrica*—Vol. 1.º *Lyrica de João Minimo* — Fabulas e Contos — Sonetos — Odes anacreonticas.
3.ª *Lyrica*—Vol. 2.º *Flores sem fructos — Folhas cahidas.*
4.º *Camões*, poema em dez cantos.
5.ª *D. Branca*, poema em dez cantos.
6.ª *Adozinda* — Romances reconstruidos.
7.ª *Romanceiro* — Vol. 1.º Romances da tradição oral.
8.ª *Romanceiro* — Vol. 2.º Romances da tradição oral — Romances com fórma litteraria.
9.ª *Theatro*—Vol. 1.º *Catão.*
10.ª *Theatro*—Vol. 2.º *Merope* — Impromptu de Cintra — Corcunda por amor.
11.ª *Theatro*—Vol. 3.º *Auto de Gil Vicente — D. Philippa de Vilhena.*
12.ª *Theatro*—Vol. 4.º *Alfageme de Santarem — Tio Simplicio.*
13.º *Theatro*—Vol. 5.º *Falar verdade a mentir—As Prophecias do Bandarra—Um noivado no Dáfundo - O Camões do Rocio.*
14.ª *Theatro*—Vol 6.º *Frei Luiz de Sousa — A Sobrinha do Marquez*
15.ª *O Arco de Sant'Anna* — Chronica portuense. — Manuscripto achado no Convento dos Grillos, no Porto, por um soldado do Corpo academico—Vol 1.
16.ª *O Arco de Sant'Anna*—Vol. 2.º
17.ª *Helena* (Fragmento de um romance).
18.ª *Viagens na minha terra*—Vol. 1.º
19.ª *Viagens na minha terra*—Vol. 2.º
20.ª *Da Educação* — Cartas dirigidas a uma senhora illustre, encarregada da instituição de uma joven princeza
21.ª *Bosquejo da Historia da Poesia e Lingua portugueza —Outros escriptos — Impressões e viagens.*
22.ª *Memorias biographicas.*
23.ª *Portugal na balança da Europa* — Do que tem sido e do que ora lhe convem ser na nova ordem de coisas do mundo civilisado.
24.ª *Politica* — Reflexões e Opusculos — Correspondencia diplomatica—Vol. 1.º
25.ª *Politica* — Reflexões e Opusculos — Correspondencia diplomatica --Vol. 2.º
26.ª *Discursos parlamentares.*
27.ª *Cartas intimas.*
28.ª *Garrett e a sua obra*, por Theophilo Braga. (Contém a Auto-biographia de Garrett.)

[1] Entendemos terem aqui cabimento as seguintes palavras com que Herculano noticia o apparecimento em 1839, do prospecto para a publicação, pela primeira vez, das *Obras completas de Almeida Garrett*, palavras que egualmente reproduzimos no prospecto que distribuimos, em vesperas do apparecimento da nossa grande edição, a que esta nota se refere.

«Nas obras do sr. Garrett, como poeta, ha além do merito extraordinario, que as distingue, uma circumstancia que lhes dá o primeiro logar na litteratura portugueza do seculo 19.º, e vem a ser — que ellas começam o periodo da transição entre a velha litteratura da Eschola chamada *classica*, e a da Eschola que denominam *romantica* e a que nós chamamos ideal, nacional e verdadeira. Antes de D. Branca, a nossa poesia, moldada pelo typo da poesia franceza e italiana do seculo passado, não era senão um reflexo pallido da luz serena da arte grega, reverberado frouxamente no poetar dos romanos, e ainda mais descorado no da epoca de Luiz XIV. A influencia da nossa Arcadia, se destruiu os desvarios gongoristicos do seculo 17.º, matou tambem a nacionalidade e a vida intima da poesia; a arte converteu-se em sciencia e erudição: os poetas *fizeram-se*, não *nasceram*, e por cada poeta *inspirado* houve vinte educados pela férula das poeticas e rhetoricas. Protegidas por metrificação severa, por peloticas de lingua, por tropos collocados em bateria, por estylo pomposo e estudado, por harmonias vãs e sem pensamento, quantas semsaborias e trivialidades estão aninhadas por esses muitos volumes de versos de meio seculo!... O padre Macedo, tão accusado e malquisto por invectivar contra Camões, e escrever o *Oriente* para contrastar os *Lusiadas*, não fez mais que resumir e exprimir claramente por theoria e pratica o espirito da Arcadia, que a propria Arcadia ou nunca em si entendera, ou nunca ousara declarar. A *forma* da arte era o fim da Arcadia; era com as *formas* que Macedo guerreava Camões; era para as *formas* que construia a montanha de gelo a que poz nome — *Oriente.* Foi elle quem definiu a chamada restauração da poesia feita pelos poetas do Marquez de Pombal; e os discipulos e admiradores dos Arcades, que tão assanhadamente pelejavam com Macedo, nem o entendiam nem se entendiam; e por isso na lucta ficaram sempre e sem excepção vencidos.

Quando essas luctas cessaram, e Macedo atirou á balança politica a sua penna violenta e mordaz, o cyclo pseudo-poetico da eschola de Diniz estava completo: devia morrer e morreu, porque a sua missão acabára. A influencia da philosophia litteraria allemã tinha se espalhado na Europa, e uma poesia livre e robusta fazia curvar diante do pensamento a fórma, diante do ideal o material, diante do nacional o extranho, diante do poeta a poetica. Foi n'esta epoca que o sr. Garrett atirado pelas revoluções para as praias do desterro, no vigor da mocidade e do talento, viu de longe passar o saimento das Eglogas, dos Sonetos, dos Dithyrambos; das Elegias e das Odes pindaricas, d'aquellas bemaventuradas Odes, sobre cuja tumba *chora-*

SÉRIE DAS EDIÇÕES

DAS

PRINCIPAES OBRAS DE GARRETT

Retrato de Venus: 1821; 1861; 1867; 1868; 1884; 1904 bis.
Catão: 1822; 1830; 1840; 1845; 1859; 1877; 1900; 1904 bis.
Camões: 1825; 1838; 1839 bis; 1844; 1854; 1863; 1880 bis; 1886; 1900; 1904; 1904 bis
Dona Branca: 1826; 1839; 1850; 1859; 1860; 1861; 1874; 1901; 1904 bis.
Adozinda: 1828; 1843 (incorporada no *Romanceiro:* 1851...)
Lyrica de João Minimo: 1829; 1853; 1869: 1882; 1900; 1904 bis.
Da Educação: 1829; 1867; 1898; 1903; 1904 bis.
Portugal na Balança da Europa: 1830; 1867; 1884; 1900; 1903; 1904 bis.
Merope — Um Auto de Gil Vicente: 1841; 1842; 1856; 1880; 1900; 1904 bis.
O Alfageme de Santarem: 1842; 1856; 1863; 1872; 1900; 1904 bis.
Romanceiro e Cancioneiro geral: I, 1843. II, III, 1851.— 1865; 1875; 1900; 1904 bis.
Frei Luiz de Sousa: 1844; MDCCCLIV; 1856; 1860; 1869; 1880; 1883; 1899; 1902; 1904 bis.
Viagens na minha terra: 1845-6; 1856-7; 1870; 1883; 1899; 1903; 1904 bis.
O Arco de Sant'Anna: I, 1845; II, 1850. — 1851; 1859; 1903; 1904 bis
Flores sem fructo: 1845; 1858; 1870; 1874; 1900; 1904 bis.
D. Philippa de Vilhena: 1846; 1859; 1876; 1900; 1904 bis.
A Sobrinha do Marquez: 1848 bis; 1852; 1859; 1877; 1900; 1904 bis.
Folhas cahidas: 1853 bis; 1853 (tres contrafacções brazileiras); 1853, junto ás *Fabulas:* 1869 1901; 1904 bis.
Noivado no Dáfundo: 1857; 1877, incorporada; 1900; 1904 bis.
Helena: 1871; 1903; 1904 bis.
Discursos parlamentares: 1871; 1882; 1901; 1903; 1904 bis.
Escriptos diversos: 1877; 1899; 1903; 1904 bis.
Obras completas: I e II, 1904.
Obras completas: vol. 1 a 28, 1904.

vam as liras com as bujarronas esvoaçando soltas por mares de louvores, seguidas por um clarão sonoro de buscapés, meio dezazado, voando com os pés pelo chão, costa arriba do Pindo. Cousa mui piedosa de ouvir e vêr, e que fazia chorar as pedras. Via isto de longe o sr. Garrett (que certas cousas só de longe se vêem bem, como com tanta pilheria o disse um poeta da escola arcadiana:

Se de perto o não vês, põe-te de longe,)

e conheceu que a elle, que nascera poeta, que estava fóra da influencia escholastica, e que via surgir de roda de si a poesia da consciencia e da inspiração, cumpria tomar na litteratura patria o logar que Scott, Byron e Crabbe, Goethe, Schiller e Burger, Lamartine e Soumet tinham nas litteraturas ingleza, allemã e franceza. **D. Branca**, e o **Camões** foram por certo o resultado d'esta convicção. **D. Branca**, é o ideal da Edade media portugueza convertido em typo poetico; **Camões** o ideal do poeta christão, valente e generoso, revelado no quadro da longa agonia dos ultimos annos do rei dos poetas modernos. Estes dois poemas, lançados sem discussão preliminar na arena litteraria de Portugal, fizeram estremecer de horror os homens das regras, os homens das poeticas e rhetoricas. E, com effeito, esta apparição não podia ser comprehendida: porque a transição era repentina, e porque ninguem percebêra que as tradições da Arcadia deviam perecer logo que fossem difinidas, que ellas o tinham sido, e que as suas rigorosas consequencias se haviam completamente deduzir. Os criticos agarraram-se á linguagem, ao estylo, á metrificação, emfim, áquillo que sabiam, ás fórmas; mas o espirito e o resultado d'estes dois poemas ficou sem ser percebido, nem calculado e hoje é que elles se começam verdadeiramente a sentir.

Como todos os escriptos do sr. Garrett tragam o sello da sua missão regeneradora; como a influencia d'elles na litteratura actual se tenha desenvolvido, não o podemos examinar aqui, que a estreiteza d'este jornal nol-o veda, e um tal exame equivalera á historia litteraria dos ultimos quinze annos. Tambem de defeitos não podemos fallar, nem quizeramos; que até n'isso foi completa a revolução litteraria; os antigos criticos alimentavam-se da podridão, e por isso o seu maior empenho buscar erros e vicios nas producções do engenho; hoje, a critica mais generosa, indaga formosuras e meritos para os revelar ao mundo, onde a arte só deve servir para consolar o homem de tantas amarguras que sobre elle entornou a mão mysteriosa da providencia.

Entendemos que a edição das **Obras do Sr. Garrett** é um bom serviço que os editores fazem ás letras portuguezas, e que todos os que as amam os devem ajudar em tão honrado proposito. Repetil-o hemos: além do seu merito absoluto, ellas têm o mais valioso ainda — de pricipiarem uma epoca de verdadeira regeneração litteraria.»

SECÇÃO I — POESIA

PARTE I — PERIODO ARCADICO

RETRATO DE VENUS
(Poema)
— HISTORIA DA PINTURA — Fragmentos
de POEMAS INEDITOS
Lyrica: Primeiros versos: LYRICA DE JOÃO MINIMO
— FABULAS E CONTOS — ODES
ANACREONTICAS

O RETRATO DE VENUS

> *. . . while it pursues*
> *Things unattempted yet in prose, or rhyme.*
>
> Milt. *Parad. lost*: book I, v. 15.

CANTO PRIMEIRO

Doce mãe do universo, ó Natureza,
Alma origem do sêr, germe da vida,
Tu, que matizas de verdor mimoso
Na estação do prazer o monte, o prado,
E á voz fagueira de celeste gôso
De multimodos entes reproduzes
A variada existencia, e lh'a prolongas;
Que, no fluido immenso legislando,
Libras sem conto ponderosos mundos,
Que na ellipse invariavel rotam fixos,
O' alma do universo, ó Natureza,
Teus sacros penetraes em vôo ardido
Busco, rasgo-lhe o véo, prescruto, e vejo
Insondaveis mysterios: puro, e simples
Nunca ouvidas canções na lyra entôo.
Nua d'enfeites vãos a face amena
Tu volve ao mundo, que te ignora errado.
Qual és, qual foste, qual te apura os mimos
A arte engenhosa, tu lhe amostra e ensina.

Como é dado aos mortaes bellezas tuas
C'o divino pincel, co'as magas tintas
Estremar com primor, colher-lhe o beijo,
Sem donosas ficções meu canto ensine.

Ficções!... E aureas ficções desdenha o sabio?
A douta, a mestra antiguidade o diga.
Não; fabula gentil, volve a meus versos;
Orna-me a lyra c'os festões de rosas,
Que ás margens colhes da Castalia pura:
Flores, que outr'ora de Epicuro ao vate
C'o austero assumpto lhe entrançaste amenas,
Essas no canto me desparze agora.

Venus, Venus gentil! Mais doce, e meigo
Soa este nome, ó Natureza augusta.
Amores, graças, revoae-lhe entorno,
Cingi-lhe a zona, que enfeitiça os olhos;
Que inflamma os corações, que as almas rende.
Vem, ó Cypria formosa, oh! vem do Olympo,
Vem c'um mago surrir, c'um terno beijo.
Fazer me vate, endeusar-me a lyra.

E quanto pódes c'um surriso, ó Venus!
Jove, que empunhe o temeroso raio:
Neptuno as ondas tempestuosó agite;
Torvo Sumano desenfreie as furias..
Se dos olhos gentis, dos labios meigos
Desprender um surriso a Idalia deusa,
Rendido é Jove, o mar, o Averno, o Olympo.

Mas quanto é bello, é grato o vencimento,
Se á dôr suave do pungir fagueiro,
Da ferida se encontra amigo balsamo,
E nos olhos da linda vencedora
Do ardimento o perdão brando se acolhe!
Tu, Marte, o dize, o Cyprio moço, o Teucro;
E vós, que ousais na terra imitar numes,
Que do summo prazer rompendo arcanos,
N'um momento gosais da eternidade.

Emquanto nas lidadas officinas,
Forjando o raio vingador dos numes,
Vive o coxo marido sem receios,
Já deslembrado da traidora rede;
Do Cynireo mancebo entre os abraços,
Jaz a espôsa gentil ennamorada.
Nas languidas pupillas lhe transluze
O prazer divinal, que a opprime, e anceia;
Nos inflammados beijos, nas caricias,
No palpitar do seio voluptuoso,
No lascivo apertar dos braços niveos,
Nos olhos, em que a luz quasi se extingue,
Na interrompida voz, que balbucia,
Nos derradeiros ais, que desfalecem ..
Quem do prazer não reconhece a deusa
No excesso do prazer quasi expirando?
Surri-lhe ao lado o filho de travesso,
E d'entre o myrtho as candidas pombinhas
C'o estremecido arrulho a dona imitam.

Ah! se o gôsto supremo a um deus não peja,
Porquê mesquinhas leis nos vedam barbaras
Tam suave pecar, doce delicto,
Antes virtude, que natura ensina!
Dest'arte as breves horas decorriam
Aos alheados, férvidos amantes;
E vezes tres rotára o disco argenteo
Trivia gentil, sem que no Olympo, ou Lemnos
A espôsa de Vulcano apparecesse.
Já na etherea mansão vagos juizos
Maliciosos forma a inveja, a intriga;
E surriso maligno ás deusas todas,
Do marido infeliz excita o fado.

Em zelosa vingança affana e freme
O despeitoso Marte; corre, voa,
E em busca da infiel vagueia o mundo.
Coxeando o segue o malfadado espôso,
Dos antigos errores esquecido:
Tal é, paixão zelosa, o teu imperio!

[illegible] somno d'amor espavoridos,
Os dous amantes c'o ruido accordam.
De pavor esmorece o joven timido;
Por elle anceia a carinhosa amante,
Descuidosa de si; geme, soluça,
E do amado na dor, sua dor recresce.
Que fará?... vacillante... Adonis... Marte.
O esposo... Ideias, que alma lhe confundem!
Com o amante ficar, morrer com elle?
Defender com seu peito o peito amado?
E salval-o é possivel d'esta sorte?
Deixal-o?... Fera ideia!... ir as suspeitas
Dos numes dissipar com sua presença!
Que! deixal-o! o seu bem! Venus a Adonis!
Tanto não póde a mesma divindade.

Mas este só lhe resta unico meio:
É forçoso: comsigo ao carro o sobe:
Voa a Paphos, e ás Graças lisongeiras
O precioso penhor saudosa entrega,
Que n'um basto rosal mimoso o guardem,
Velem sempre por elle, té que aos deuses
Se esvaeça o furor. Subito ao Olympo,
Composto o vulto, serenando os olhos,
Num momento chegou; mago atractivo
Que lhe spira dos labios, das púpillas,
Do todo encantador, odios, suspeitas
Desfaz, esquece em animos divinos;
Tam pouco, ó bellas, persuadir nos custa!

Arde voltar ao suspirado asylo;
Mas teme a vejam desconfiados olhos;
E em tanto Adonis geme, e o seu tormento
Mais que o proprio penar lhe punge n'alma.
Desenhos volve.. Alfim um lhe suscita
Novo a mente engenhosa: ei-lo abraçado

Jaz muito alem do tormentorio cabo,
(Sempiterno brasão da Lusa gloria)
Em não sabido mar, jamais sulcado,
Ilha aprazivel, deliciosa, e breve.
A mão dos homens destruidora, e barbara,
Mimos da creação não lhe estragára.
A seu grado crescia o bosque, a selva;
Vecejava sem leis o prado ameno;
D'alvas pedrinhas pelo leito amigo
Se espreguiçava o crystalino arroio,
Sem temer que impia dextra ouse perversa,
No brando curso interromper-lhe as aguas.
Prêsas não gemem fugitivas Nayas,
Nem Dryades gentis feridas choram:
Sem arte a natureza era ainda a mesma.
No mais escuro do copado bosque
Ternas suspiram maviosas rôlas;
E em mais alegres sons, prazer mais ledo,
A meiga ave d'amor no arrulho exprime.
Outro vivente algum a aura fagueira
Não ousa respirar. Silencio eterno
Impera na soidão, dobra-lhe encantos.

Tam suave mansão nem mesmo os numes
No ceo conhecem. Da ternura a deusa,
Só Venus sabe do recanto ameno.
Tu, do universo creador principio,
Venus! oh mãe d'amor, oh mãe de tudo!
Que amor é tudo, que só tu com elle,
Ambos creastes e regeis o mundo,
Que a natureza sois, ou ella é vossa:
Cypria, Cypria gentil, pódes acaso
Ignorar uma so das obras tuas?

«Mãe, (lhe diz, entre alegre e malicioso.
Mas compassivo, o filho), «nessa ignota
«Ilha do Indico mar ..»—Um doce beijo
O conselho pagou.—Subito parte.
Já chega; e nova se difunde a vida
Na solitaria estancia; em novos germes
O deleite, o prazer renascem, pulam.

Quam doces d'antemão gosou delicias
A mui fagueira deusa! O sitio ameno
Extasiada contempla. «Oh! quam ditosos
(Clamou) «seremos! Ignorado, occulto,
«O' doce amante, viverás sem medo.
«Aqui, no seio da ventura e goso,
«Nos meus braços...» Parou suspensa, e geme.
Cruel lembrança lhe assomou na mente;
Agros deveres, perfidas suspeitas,
Quantas vezes do amante hão de apartal-a!
Suspira: as rosas do prazer se esvaem
Das lindas faces niveas. Pensativa,
Melancolica, e triste... (Eis fausto agouro!)
Estremecido arrulho alvas pombinhas
Deram á sestra mão. Ah! sim: é elle:
Amor, apoz a mãe, veiu ajudal-a.

«Filho (co'a voz lhe diz, que impera em Jove,
Que tam suave rege a natureza),
«Tu me feriste; não accuso o golpe:
«Amo, adoro esse ferro, que me punge,
«Que na chaga, que abriu, doçura entorna;
«Só quero, só te peço (que não peja
«De implorar-te soccorro a mãe ferida)
«Derradeira mercê: oh! deixa um pouco
«D'humanos corações facil conquista:
«Cesse qualquer amor quando ama Venus.
«A culta Europa rapido discorre,
«E a progenie d'Apollo, almos, divinos,
«Os pintores me traze aqui n'um ponto.

Pasmou c'o rôgo inesperado o numen:
A causa inquire. «Ah! não: (lhe torna a deusa)
«Não cumpre ainda revelar-t'a, ó filho;
«Cubra o véo do mysterio o doce intento.»

Mal disse: e o raio mais veloz não rue
Da rubra dextra do Tonante irado,
Do que a tuba dos candidos amores
A voz da deusa fende os ares liquidos.
Quaes voam de Minerva ao sabio clima,
Hoje torpe, e servil c'o bruto imperio;
Quaes á augusta senhora do universo;
Senhora, emquanto Roma era inda Roma:
Quaes ao paiz do mysterioso Etrusco:
A' formosa Bolonha, á gran Veneza;
Grande emquanto reinou sobre o Oceano:
Quaes á soberba Gallia, á Iberia, á Lysia;
Que de Lysia tambem, tam cara ás musas,
Da poesia a rival, a irman tem filhos.

De toda a parte a obedecer contentes
Correm ao mando de Cyprina bella,
Da natura em despeito, homens creadores.
Prometheus, que á materia informe e bruta
C'o divino pincel dão fórma, e vida;
Erguem da campa gerações extinctas;
Plantam copados, que enfloream, bosques;
Co'a viva historia os homens eternisam;
E, fitando no ceo audazes vistas,
Aos pasmados sentidos apresentam
Visivel, sem rebuço a divindade.

Da fertil em prodigios, d'alta Grecia
O pae d'arte divina, Apelles marcha,
Thimante, Zeuxis, e Parrhasio, e quantos
A culta Grecia, a deliciosa Roma
Famosos produziu em sec'los d'ouro.
Cimabúe famoso apoz caminha,
Que as esfriadas cinzas animando
Do engenho, do talento o facho vivido
Fez na Europa brilhar, e abriu de novo
O caminho gentil da natureza

Do barbaro furor fechado, ha muito.

Aos golpes crebros, incessantes, duros
Da ferrea mão do avaro despotismo,
Sem forças, sem vigor jazia, ha muito,
A misera Bysancio. Em surda guerra
Fallaz superstição d'infames bonzos,
Fanatismo cruel, bifronte, e iniquo.
Hypocrisia vil, perfida e dobre,
Ruina infausta lhe apressava, e morte.
Avidos sorvos de Roman cubiça,
Da Latina ambição, riquezas, pompa
Roubado haviam insaciaveis, feros
De Constantino á côrte. Espessa nuvem
De negros vicios, de perversos crimes
Pousou medonha sobre os tristes netos
Degenerados, vis d'um povo illustre.
Crestadas, sêccas pelo sôpro ardente
Da tyrannia atroz definham morrem
Apesinhadas as virtudes candidas;
Ao cûmulo chegou desdita, opprobrio
Dos fados teus, ó Grecia. Eis ante as portas
Da famosa cidade, audaz, soberbo
Musulmano feroz, Mahomet se ostenta.
Monstros que o sangue do mesquinho povo
Impios bebestes, ah! tremei, que é elle:
Austero açoite das celestes iras
Sobre vós descarrega a mão divina.
Bonzos, no centro aos claustros profanados
Embalde a frente d'horridas maldades
Carregada escondeis: lá vae, lá chega;
Sobre as aras d'um deus, a um deus, que ousastes
Incensando-o, offender, lá vos immola.

Artes, sciencias, a guarida extrema,
Perdeste' a em fim; voltae, fugi; que Hesperia
Os carinhosos braços vos estende.
Ei-las: oh! folga, venturosa Europa.
Lá cai a pouco e pouco em terra o throno
Da barbara ignorancia: as trevas do êrro
Vai accossando da verdade o faxo.

Arte divina, magica pintura,
Foragida tambem, thesouros, mimos
Vens espalhar na mui ditosa Italia.
Italia! oh! folga: Raphaeis já pulam.

CANTO SEGUNDO

Mas eis, distinctos esquadrões formando,
As escholas assomam; reina entre ellas
Vivaz emulação, que gera os sabios:
Vão lhe na frente os affamados chefes,
Que a patria honraram c'o pincel divino.

No bello antigo modelando as graças,
Que em mais sabio pincel, mais bellas surgem,
A frente airosa sobre erguendo ás outras,
Vem tribu excelsa dos Romãos pintores.
Deram-lhe o grau supremo ardua sciencia
Das atitudes, d'expressão, verdade,
De audaz composição, nobre elegancia,
O correcto desenho, e puro, e grave,
E quanto inspira Apollo ás almas grandes.
Em extasi sublime altas ideias.
É filho seu (que mais sobeja gloria!)
Raphael, o divino, o mestre, o numen
Da moderna pintura, eterno brilho,
Que os Apelles offusca, e Roma e Grecia;
Que, as barreiras transpondo á natureza,
Olhou de face a face a divindade,
E as glorias do Thabôr fez ver ao Tybre,
E aos d'arte amantes desejar com Pedro
Junto ao prodigio habitação ditosa. [1]

Julio o mestre imitou, foi digno d'elle:
Forte, ardida expressão lhe anima os traços,
Que ás proficuas lições dão gloria e lustre.

Em cêrca aos muros da gentil Parthénope,
Onde aprimora a natureza os mimos,
E a voz do creador soou mais bella,
Onde, entre montes de sulphureas cinzas,
Umas sobre outras, as cidades jazem,
E a rôdo os d'atro fogo horridos rios
A poeticas ficções dão ser terrivel;
Alli, silencio eterno ergueu severo
Religiosa mansão; firmou-lhe as bases
Austera, descarnada penitencia
Sobre as azas do engenho, á voz d'um numen,
Vigoroso, expressivo Spanholeto
Lá foste, e a assomos do pincel terrivel
Em longas vestes surgem, pulam, vivem

[1] A *Transfiguração* de Raphael.

Fatidicos anciãos; ás portas velam
Da estancia outr'ora silenciosa, e sancta.
E quando atroz, hypocrita veneno,
Lavrando a furto sob o sacco, e cinza,
Os muros profanou, que ergueu virtude,
Inda no mesto panno afflicto suam;
E a gloria do pintor fulge entre o crime. [1]

Fostes, como elle, heroes da arte divina,
Polidoro gentil, vivaz Fattore,
Saliente Caravaggio, que exprimiste,
Senão bella, fiel a natureza.

Nobre, altivo Cortona, quanto vivem
Scenas famosas da nascente Roma!
Nas mães trementes, pallidas filhinhas,
Vê como a mesma dôr redobra encantos!
E o fero aspeito dos Quirinos Martes,
Onde a furto da glória amor scintilla!
Ah! proximo o prazer vae dar ao mundo
Prodigios de valor, extremos d'honra,
Prole Romana .. Eis o universo em terros. [2]

Amavel, terno Sacchi, a ti súrriram
Do magno cinto de Erycina as graças;
Meigos, suaves dons te esparzem n'alma,
Que nos quadros gentis reflectem doces.
Belligero Cerquozzi avulta aos olhos
Brandir no panno, lampejar mil ferros,
E'aos roucos sons da sanguinosa guerra,
Entre as phalanges baralhadas, rôtas.
Entre abysmos d'horror alçar-se a morte. [3]

Quam magos fulgem divinaes, sublimes,
Maratti encantado, facil Giordano,
Mimoso Dolce, e vós, que á nova Roma
Engenhos tantos, insondaveis, grandes,
Por guerreiros tropheos, soberbos róstros,
Triumphos cem do ovante Capitolio,
Dais, se menos viril, menos heroico,
Ornamento gentil, belleza, encantos.

[1] Quadros dos prophetas por Spanholeto, na Cartucha de Napoles.
[2] O roubo das Sabinas por Cortona
[3] Pintor de batalhas.

Já de acurvados reis não brilha o fasto
Da escravidão contentes; não se antolha
Em cada senador um nume, um Jove.
Já nas praças, nos templos não campeiam
Os despojos do mundo; o Circo, o Fóro,
Prodigios d'arte, da opulencia, e luxo,
Da barbara ignorancia ás mãos cederam.
Cheio de Livio o viajante absorto
Não vê do Capitolio a frente erguida
Torreada avultar com ferros cento,
Não vê povo d'heroes girar-lhe entórno;
Da inesp'rada mudança pasma, e geme,
E no centro de Roma a Roma busca.
Porém, se amiga mão lhe guia os passos,
Se o Vaticano e mil prodigios nota,
Que do antigo esplendor moderam fama;
Então Roma conhece, então venera

Nobres resquicios de gloriosos évos.
Taes da moderna Roma os filhos iam
Por travesso menino conduzidos;
E d'altiva belleza ornada a frente,
A magestosa, Florentina eschola
De perto os segue: no atrevido ensejo
Parece disputar-lhe o grau supremo.
Co'a sublime expressão, desenho ardido,
Gigantesca maneira, audaz, mas bella,
Se antolha ennobrecer a natureza.
Brandas graças d'amor, ternura, encantos
Feroz desdenha; só lhe avulta á mente
O nobre, a pompa da ideal grandeza.

Não foi sobre o Synai mais formidavel,
Que d'Angelo entre as mãos, Moysés terrivel;
Nem lá no extremo, derradeiro dia
Julgamento final será mais horrido.
C'o deus, que o peito vos perturba, anceia,
Mais pavorosas não rugis, Sibylas.
Da mão nervosa cada traço é raio,
Que espanta os olhos, que deslumbra a mente;
Que enxofrado clarão, medonhas larvas
Em todo o horror do Averno ostenta horrivel;
Que, se um deus pinta, é do castigo o numen,
Que em longa geração pune um só crime,
O deus, que no deserto, entre os relampagos,
Entre o rouco estampido das trombetas,
Pela voz do trovão legisla ao mundo.

Eis. desdobrando hydraulicos segredos,
E as mechanicas leis com sabia dextra
Movendo a seu sabor, á gloria sua,
Vinci tam caro aos reis, de o ser tam digno,
Seu correcto, purissimo desenho,
Engenhoso compor o eleva aos astros,
Aos astros, onde fôra em vôo ardido
Os pinceis escolher, buscar as tintas,
Com que d'ultima ceia debuxára
Amor, transportes, mysteriosas scenas.
Ah! gire o teu prodigio o mundo inteiro;
E de grado a razão cede ao mysterio.

Cores roubando á natureza, e mimos,
Bello como ella, o inimitavel Porta
Ao gelado silencio de ermo claustro
Chamou das nove irmans o chôro arguto.
Urbino o conheceu; e o sceptro augusto
Curvou ante elle; e, confundindo os raios,
Os dous d'alma pintura astros brilhantes,
Sem negro eclypse, scintillaram juntos.
Vens, ó Sarto, apoz elle, ameno, e brando;
Vens, Peruzzi gentil, fertil Pantorma,
Que ao nobre assômo do pincel nervoso,
C'o doce encanto das mimosas tintas
Fizeste a Raphael, a Buonarrotti
D'arte a coroa estremecer na frente.
Sec os famosos d'Alexandre, e Augusto

Na Italia renovou macio Allori;
E as meigas cores do pincel Lombardo
Quasi Ciogli usurpára ao grão Corregio.

Ah! veda a musa e pequenez do engenho
Seguir-vos todos, divinaes pintores:
Segura a fama vossa alteia a frente,
E o vate ao longe vos contempla os vôos.

Gentil Bolonha, que na Europa barbara
O facho das sciencias accendeste,
Que o Gothico stupor tiraste ás artes,
E as cinzas da virtude apesinhadas
Por sanctos crimes de sagrados monstros
C'um Benedicto consolaste em Roma,
Eis vem dignos de ti, teus sabios filhos,
Numerosa familia, antiga e nobre,
Que o mel das graças delibando férvida
Em quantas flores produzira Apollo,
Nobre desenho modelou no antigo,
A' natura usurpou vivaz belleza,
E o mago, o puro dos gentis contornos,
A verdade, a expressão, o rico d'ordem,
E o colorido inimitavel, bello,
Que emparelha com a arte a natureza

Assim brilhou divino o gran Corregio,
Assim Francia gentil, assim Mantegna,
E Bolognese vigoroso, e forte;
E tu, que o terno amor, e seus encantos,
Simplices graças da natura virgem,
Da innocencia infantil o mimo, os jogos,
A singelas beldades exprimiste
No mavioso pincel, mavioso Albano.
Nem deslembre de Guido a fertil mente,
Talento universal, vago, mas bello...

C'a expressão de Zampieri ordem, nobreza,
Vê d'Agnese gentil a ardua constancia
Como os p'rigos desdenha, e vê risonha
Já do ferro do algoz pender-lhe a morte.
Ferino aspeito dos ministros barbaros,
Da augusta religião viril triumpho
Aos engolfados olhos se apresenta,
E arrebatando o esp'rito a deus, ao vate,
Um prodigio a prodigios amontoa.
Vê Guerchino tambem, que ora nervoso,
Ora sombrio, e fero, e terno outr'ora,
Mas sempre encantador, em cada rasgo
C'um portento de mais a arte enriquece.
Qual vira a Palestina o pae dos crentes [1]
De fé, de submissão dar nobre exemplo;
Tal vive no pincel, tal inda avulta
Co'as veneraveis cans, e honrado aspeito.
Misero velho! desgraçado infante!
Que! tu mesmo, infeliz! c'o a mão paterna
Hasde cortar-lhe o fio á tenra vida,
Unica esp'rança de cançados annos,
De mui doces promessas? Como... ai triste!
Oh! como voltará sem elle á tenda?
Com que olhos fitará maternos olhos?
Com que voz lhe dirá? .. Mas parte: e a dextra
Já, já quasi... Suspende: um deus o ordena;
Um deus é pae tambem: suspende o crime:
São leis da natureza as leis divinas;
Em premio da tua fé recebe o filho.

Ah! se ao nome Lombardo é pouco tanto;
Eis triplice ornamento á patria ao mundo,
Doutos Caracis, que o divino engenho,
Ou c'o a dextra gentil ornando a Italia;
Ou dando á juventude almos preceitos
Da arte formosa, perpetuando-a aos évos,
Nova, extremada lhe augmentáram gloria.

[1] O *Sacrificio de Isac*, quadro famoso de Guerchino.

CANTO TERCEIRO

Musa, deixemos a mansão terrestre,
Sobre o infido elemento estende os voos.
Eis sobre as ondas c'o pincel divino
Maga pintura, legislando ás vagas,
Enfreia as iras de Neptuno indomito.
Vê d'Adria o golfo tempestuoso, e fero
A' voz da liberdade agrilhoado.
Surge do seio das domadas aguas
A cidade gentil: pasmou de vêl a,
E córou de vergonha a natureza.
E a mão do creador, ao ver confusos,
Baralhados antigos elementos,
Se ao homem, que os trocou, não dera a vida,
Quasi, quasi um rival temêra n'elle.
Alli, fugindo aos clamorosos brados,
Ao jugo, á servidão da tyrannia,
Homens, poucos, mas homens, começaram
Com ancia a defender sacros direitos.
Emporio foi depois do rico Oriente,
E do alado leão tremeu gran tempo
O atrevido colosso Mussulmano.
Hoje (ideias de dor, lembrança amarga!)
Da popa olhando o navegante ao longe:
«Veneza aquella foi» — exclama, e geme;
E segue a esteira das cortadas ondas.

Veneza foi: compridas, longas eras
Foi a patria d'heroes, foi mãe de sabios;
E as dadivosas musas lhe outorgaram
Egregios filhos, que o talento, as vidas
A' formosa sciencia consagraram;
Que imitando fieis a natureza,
Olhos seduzem, e deleitam alma,
Que nos toques graciosos, na belleza
Da gentil invenção, doce magia
Do claro-escuro, rico invento d'arte,
Aos mais sabios pinceis não cedem nada

Deusa, acode á avidez, que o vate enleia,
Fere nas cordas da estremada lyra
Dos famosos varões o nome e os dotes:
Dize a Ticiano, dize quaes natura
Lhe entornou dadivosa encantos simples,
Que, ou arte ignoram, ou subtis a escondem;
Já d'humanas feições transsumpto exacto,
Já co'as nativas côres exprimindo
No engenhoso pincel tudo o que existe.

Adriades gentis, oh! vinde, as frentes
Coroadas de dôr, na campa avara
Humido pranto derramar saudoso!
Ai do triste mancebo! o fado iniquo,
Só por choral o, o concedêra ao mundo!
Oh! com quanta expressão, nobre altiveza
Castel-franco brilhou, fulgiu mais que homem!
E tam breve lhe deu a sorte a vida!
E no fuso cruel a Parca dura
Um fio tam gentil fiou tam curto!

Oh! suspendei as lagrimas formosas:
Longa carreira os céos marcaram próvidos
Aos dois Bellinis, venerandos chefes
Da nomeada escola; á gloria vossa
Vivem padrões eternos; Piombo illustre,
Que a fama ousou balancear d'Urbino;
Pordenone inventor, de quem Ticiano
Temeu roubadas as divinas côres;
Completo Palma, a quem mostrou natura
Sempre formoso o variado aspeito;
Animado Bassano verdadeiro;
Fertil, e vivo Tintoreto rapido;
E tu, Paulo gentil, delicias, mimo
Dos voluptuosos olhos da donzella;
(Mui grato enlevo do insoffrido amante)
Qual Verona folgou com seu Catullo,
Tal comtigo: mil graças, mil encantos
Sem mysterio, sem véo te deu, lhe dera
Nua de pompas vans, a natureza:
Seu renome inda vive; e o teu com elle,
Em que lhe péze á inveja, e seus furores,
Ha de eterno brilhar. Assim raivosas,
Frustradas gralhas invejosas grasnam
A' ave olympia de Jove; e entanto os vôos
Ella ao sol remontando, as mofa, e burla.

Porém mais longe da risonha Hesperia
Voltemos a attenção: vê como em Flandres,
Scena outr'ora infeliz da gloria Franca,
Da Cypria deusa demandando a estancia
Vae turba immensa dos rivaes d'Italia.

As graças naturaes, singellas, puras
A' porfia a accompanham: não se enfeita
Por suas mãos a simples natureza:
Em loução desalinho bella, e nua
Mimos lhe outorga, que ella só conhece,
Que a vós é dado só, magos pintores,
Com arte ignóta do universo ao resto
No pincel exprimir fiel, divino.
Prodigios falem de Van-Eick famoso,
Do correcto, vivaz, firme Duréro;
Dize-o por todos; se inda alguem no mundo
Ignora tanto, que te ignore os dotes;
Fertil, brilhante, verdadeiro Rubens.
Rubens! Oh nome! O' filhas de Memoria,
Vós, que no Pindo entre o verdor mimoso
Lhe bafejastes divinal espirito,
Quando, librado sobre as azas d'ouro
De sublime, elevada allegoria,
Viu, pintou... Ah! fez mais: creou, deu vida
A chymericos vãos, mas bellos,
Que o vivo imaginar lhe debuxara.
Quam doce, e meiga a enternecida Venus
Com suspiros, com ais, com ternos beijos
Tenta a furia applacar, reter nos braços
Gradivo impaciente! Olha do monstro
O torvo gesto, o facho sanguinoso...
Ella!... a guerra cruel! a horrivel frente
Co'a máscara da gloria esconde ao numen,
E o veneno lethal lhe infunde n'alma
Lá baqueia de Jano o templo augusto:
As artes, as sciencias calca o monstro;
E a d'auradas espigas, rubros pomos
Gentil coroa á agricultura arranca.
Ternura, horror, assolação, belleza
Com portentosa mão juntaste, ó Rubens.[1]

Quam bello é na expressão Vaén correcto!
Holbein sublime, vigoroso, nobre!
Van-Rin saliente, harmonioso, e doce!
Quam firme é Wanderwérff singello, e puro!
E tu, mimoso Van Dernér, que em Gnido
Bebeste as graças possuiste os risos.

Ah! já cançada se me affrouxa a lyra:
Rouca, e sem voz mal associa ás cordas,
Difficeis nomes de estremados mestres.
Um por tantos direi; e o nome illustre
Te baste, ó Flandria, a coroar-te a gloria:

Quadro allegorico da guerra por R.

O bello, o simples, verdadeiro, e grande,
Do mestre a obra maior, Vandick insigne.

Mas, qual ruido, que tumulto, ó musas,
Do Pindo a sacra paz impio disturba?
Quanto vivem!... Que heroes da patria raios!
Armas! guerra! o furor! o sangue! a morte!
Destrôço! horror! assolações! ruinas!
Eis dos Alpes franqueado o gêlo eterno;
Nada resiste; c'o rugido extremo
Baqueia exangue de Pyrene a fera.
Co'a Europeia ruina Africa nuta,
Asia treme; e nas praias de Colombo
A fugitiva liberdade apporta.
A longes terras se accolheu Minerva,
Sem rumo as artes desgrenhadas fogem,
A Roma de Catão, d'Augusto a Roma
Não é de Pio a effeminada côrte;
E em vez d'um Fabio tardador, d'um Quincio,
D'um Bruto, um Manlio; prostituta prole
No deshonrado Capitolio avulta.

Quem, bellezas d'Italia, hade amparar-vos?
Quem!... Animos cobrai; volvei sem medo
Artes, sciencias; já no Sena ovante
O proprio vencedor no seio amigo
Vos accolhe, e accarinha, e no alto alcaçar
Augusto solio perenal vos ergue.
No Sena ovante (oh do porvir assombro!)
Em quanto os filhos seus, terror do mundo,
Raios desferem, que o universo aterram;
Renasce mais gentil, vive mais fúlgido
O sec'lo de Luiz; succede á velha,
A' pedante Sorbona, almo Instituto.
Eis novos Raphaeis, arte divina!

Não lamentes Poussin, Gallia ditosa,
De Mignard, e Blanchard divinas côres,
De Lebrun a expressão, fieis costumes,
Paizagens de Lorrain, maga ternura
Do voluptuoso, encantador Santerre,
Grandioso stylo do vivaz Subleyras:
Teus modernos heroes excedem tudo;
E ao seio da opulencia amammentados,
A' voz da glória redobrando esforços,
Talvez irão com denodado arrôjo
Do solio d'arte derribar a Italia.

Se, entre barbaras mãos gemendo outr'ora,
Devêste a Belisario a vida, ó Roma;
Se das furias crueis d'horrida guerra
O juramento te isentou d'Horacios;
Se quanto foste em gloriosas quadras
A um necessario roubo, á paz, que o segue,
Ao ferro audaz de Romulo devêste; [1]
Treme d'elles agora, treme, ó Roma;
Que no heroico pincel David illustre
As cinzas lhe animou; marcham por elle
Tua fama a conquistar, roubar teusl ouros:
De Urbino, e Buonarrotti o throno prostram;
Eis campeia David! — Não longe d'elle
O terno Girodet, suave e brando,
Que, do Meschacebeu vingando as margens,
C'o vate insigne emparelhou nos vôos,

Quadros celebres de David.

E na pasmada Europa ergueu d'Americo
As pomposas florestas, e a nobreza,
Ornamento feroz d'um mundo virgem:
Que os encantos d'amor, e os seus furores,
O poder da virtude, e os seus exforços
Dignos d'elle exprimiu, e fez de novo
Olhos sensiveis afogar em pranto.

Eis á voz de Gérard das campas rompem
Extinctas gerações: Saturno as azas
Indignado encolheu, e a prêsa antiga
Viu roubar-lh'a o pincel, quebrar-lhe os élos
Da impreterivel, perennal cadeia

Ruge fremente o mar, bramindo, e ronca
Nas oucas rocas, nas quebradas fragas
Do tormentorio mar.. Lá se ergue ingente,
E immenso troa o colossal gigante.
Treme d'entôrno o mar, e a terra, e o mundo;
E a voz, que os polos com fragor desloca,
Pela primeira vez á gente Lusa
Pallida imprime a sensação do medo.
Só impavido, um só, Vasco lhe arrosta:
Pasma a ousadia d'um mortal a um nume.

Oh lagrimas d'Ignez, sangue innocente,
Correi, correi do milagroso panno
E em lagrimas de sangue o applauso eterno
Aos vates recebei, aos vates ambos
Oh Gérard! oh Camões! qual mão divina
Vos uniu, vos juntou? Oh! folga, ó patria!
E tu, Sousa immortal, grata homenagem
Recebe eterna da mui grata Elysia. [1]

Vê nas mãos de Guérin qual geme e anceia
Pincel, que hervou na dor, que embebe em pranto
Que incestos, crimes (de Trezena horrores)
C'o Euripides Francez disputa ainda
Quem de pavor, de compaixão não gela
Ao ver nas murchas, esmyrradas faces
Da bella ainda, miseranda Phedra
Surgir do panno, que as conter mal póde,
D'um criminoso amor, violencia e fogo? [2]

Guerreira a mente de Vernet fulmina
Os raios de Mavorte, o horror das armas;
E sobre os quadros de Le-Gros famoso
Os manes folgam de Rollin, Voltaire.

Mas tanta glória inda não basta, ó Francos.
Para o completo, universal triumpho:
Que no Ibero pincel inda refulge
O nome de Ribera, o de Murillo,
E duvida d'Albion mosqueada fera,
Vaidosa d'West, conceder-te a palma;
Inda lhes guardam justiçosas musas
No bifido Parnaso um grau distincto.

Assim quando no ceu, callada a noute,
Candida brilha sup'rior Diana,
Se com menos fulgor, astros com tudo,
Gentis avultam nitidas estrellas

[1] Celebres pinturas de Gérard na edição dos *Lusiadas*, pelo sr. José Maria de Sousa.
[2] Pinturas de Guérin tiradas de Racine.

RETRATO DE VENUS, PAG. 4 Amor apoz a mãe veiu ajudal-a.

CANTO QUARTO

Eia! colhamos as cançadas vélas,
Musa: o filhinho da amorosa Venus
Já pelos ares liquidos se entranha,
E ledo corre co'as donosas tribus
Dos illustres rivaes da natureza.
Da Europa toda já voaram fervidos
Da voz ennamorada ao som fagueiro,
Só Lysia falta .. A minha Lysia, ó Venus!
A patria dos heroes, a mãe dos vates,
A patria de Camões, do teu Filinto!
Onde a voz de Bocage, a voz de Gomes
Sempre em teu nome resoou na lyra!
Onde a teu culto, mais que em Roma, ou Grecia,
Em cada coração se eleva um templo!
Lysia, de Venus esqueceram filhos!
Ah! volve os olhos immortaes, divinos,
os seculos remotos; vê no Tejo
Como entre as sombras da ignorancia Gothica
Brilham nas trevas Lusitanas tintas;
Vê do gran Manoel na epocha d'ouro
Sobre as bellas irmans como se eleva
A divinal pintura; vê mais perto,
Em quanto geme c'o ferrenho jugo
A flor, a augusta das nações princeza,
Erguer das ruinas sobranceira a frente;
E alfim nas quadras que marcara o fado
Ao brio Lusitano extremo esforço:
Calcando a juba de Leões gryfanhos,
Parando ás Aguias remontados voos,
Como á porfia sobre o Tejo e Douro
Apelles mil e mil revivem, fulgem;
Brilha o Luso pincel. . Ah! se aura amiga
Continúa a soprar. Não; ferrea pésa
A mão do despotismo, opprime, esmaga,
Destroe renovos das mimosas artes.

Mas qual ouço confuso borborinho!
E sois vós! Ah! perdoa, alma Erycina:
O teu povo fiel tu bem conheces;
Nem chamal-o cumpria: é-lhe sagrada,
Inviolavel lei um teu desejo.
Eil-o corre: que luz, que ethereo brilho
De louro e rosas lhe engrinalda as frentes!

Olha entre a nevoa de alongados évos
De atroz barbaridade embrutecidos,
Como Alvaro rebrilha, um Nuno, um Annes,
E do energico Vasco a fertil mente;
E Duarte, e Gomes tam famosos ambos,
Tam caros ao gran rei, Manoel ditoso
Vê do illustre Rezende a mão facunda,
Trocando a penna, que mandara aos évos
Os feitos dignos de perenne historia,
Pelo arguto pincel; o sabio Carlos,
Que ao divino Correggio usurpa as côres:
Dias, que á patria transportára ovante
O mel, e as graças dos famosos mestres,
Harmonioso Christovão, claro Sanches,
Que os monarchas d'Europa inteira vira
D'honras, de bens accumulal o anciosos.

Eis sobre as azas de elevado arrojo
Vinga altivo Campello o cume erguido
Dos montes de Judá Lá surge, e avulta
No mysterioso panno um deus, um homem.
Pasmou a natureza ao ver confusos
No seio maternal o pae e o filho.
Mago pintor lhe renovou prodigios;
E aos tormentos d'um deus tremeu de novo
A longa serie dos criados mundos. [1]

Sensiveis corações, vinde espelhar-vos
Nos ternos quadros, que sagrou virtude;
Vinde á sombra do vate, ao seio augusto
Da sancta religião, da mãe caroavel
De humanas afflicções verter o pranto:
Vinde; e entre a dor vos surgirão prazeres,
Prazeres do Christão, doçuras d'alma.
Quanta gloria Fernando ao sabio mestre,
Quantos louros grangeou! Lopes sublime
Juntou d'Urbino aos expressivos rasgos
A ardideza gentil d Angelo altivo.
Vasques douto, e regrado os traços mede
No exacto petipé da natureza.
E tu, Leonor, d'entre a nobreza e fasto.
Origens sempre de brutal inercia,
Soubeste ás artes levantar o espirito.

Qual do Luso pincel nos fastos vive.
Hollanda creador! Deusas do Pindo,
Eis novo esmêro vosso, invento novo!
Vastos arcanos da pintura se abrem,
Accumulam-se a rodo almos thesouros;
Graças lhe admira o árbitro da Europa,
E na bocca dos reis louvores fulgem.
Hollanda venturoso! Ah! de tuas ditas
Taes as menores são: mais déste ás musas,
Mais a ti, ao teu nome, á patria, ao mundo
No filho, o grande filho, a glória nossa,
Mimo ao patrio pincel do numen louro.

Cedendo á voz d'um deus, que o chama a nome,
O Cicero Africano erros abjura;
Sancto prelado o omnipotente invoca,
E d'agua exulta candido Agustinho.
Portento d'expressão, viva faisca
Do lume eterno, que lhe ardeu na mente.
Vate!... Ah! não vate; um anjo, um deus te guia,
Move o arguto pincel na sabia dextra.
Do Olympo eis surge a magestade, a pompa;
Olha d'Ambrosio o venerando aspeito,
Os olhos, onde em goso alma trasborda,
D'Agustinho a humildade, e o gesto vivido,
Onde a força transluz d'activa mente,
Da eloquencia viril, saber profundo. [1]

Pereira natural, severo e forte
O terrivel pincel por entre ruinas,
Entre chammas e horror meneia ardido.
De novo a cinzas reduzida Troia
Por elle foi; por elle Pyrro ingente
C'o facho assolador vagou por Illion.
Antolha ouvir-se em pavidos lamentos
O confuso ulular da mãe, que espira,
E no extremo bocejo aperta os filhos,
Do pae tremente, que a rugosa face
Entre o seio da filha esconde, e geme,
E quizera morrer no doce amplexo.
O crepitar das estridentes chammas,
O baquear dos templos, dos palacios,
E quantas vozes de terror, d'espanto,
Quantas scenas d'horror cantaram vates
Nas Gregas cordas, Mantuana lyra. [2]

Elementos, cedei-lhe ao mago encanto
Das vozes do pincel! Stridentes rompem
Com ruidoso estampido as cataratas;
Confunde a natureza a essencia, os termos,
Na face do universo impera a morte,
Mysterioso baixel ao longe avulta;

[1] Quadros da *Paixão* de Ch. por Campello.

[1] Quadro do *Baptismo de S. Agustinho.*
[2] Quadro da *Destruição de Troia.*

E de novo o castigo formidavel
Os olhos da razão cega de espanto. [1]

Olha como apoz elle vem seguindo
Valle expressivo, delicado e grande,
Nobre Gonçalves, entendido e ornado,
Rebello audaz, o Buonarroti Luso,
E as do patrio pincel divinas Saphos,
Ayalla, e Guadalupe, e Ritte, e Browne,
E Luiza gentil, que os sabios tempos
Ao porto renovou da Grega Aspasia.

Fastoso monumento d'alta Iberia,
Voragem, golphão, que absorveste os rios
De precioso metal, que a ti correram
Do Chily, e Potozi, das Indias duas,
Soberbo Escurial, onde se aninham,
Sob apparente sacco o vicio, o crime,
Tu de Claudio por mim celebra o nome,
Do Camões da pintura, a quem deveste
De teus ornatos o maior, mais bello.

Nem sorva o Letes de confuso olvido
Victorino engraçado. André mimoso,
Verdadeiro Apparicio, simples Barros,
Vivaz Alexandrino, destro Senna,
Barreto original, brando Oliveira,
E tu, Rocha correcto, ameno e vivido,
Que obscuras scenas da marinha Pathmos,
E o confuso vêdor nos exprimiste.
Olhos em alvo, mysteriosos seguem
Prophetico furor, que o volve e agita.
Na dextra a penna mal segura fórma
Nunca entendidas, enredadas notas. [2]

Terra fertil d'heroes, solo fecundo,
Salve! Eis novo clarão, eis novos louros
Sobre a frente gentil pululam, vivem!
Eis do patrio esplendor eterna gloria,
Raios de Lysia, que a remotas praias,
Do magico pincel nas azas d'Iris
Levaram em Triumpho o Tejo e Douro,
Dous Vieiras! Não ousa a minha lyra
Dotes brilhantes numerar nas cordas:
Assaz por meu silencio o dizem, cantam
Lysia, Hesperia, Britannia, Europa, o mundo.

Dest'arte á voz da meiga Cytheréa,
D'amor guiados, sobre as azas do éstro,
Rapidos voam n'um momento, e chegam:
Pasmam de vêr a face á natureza,
Tam bella e simples qual na infancia ao mundo;
Os bosques entram: no matiz do prado
Vão com delicia apascentando os olhos.

Eis outeiro gentil se eleva á dextra;
Sobre elle... Assombro quem já viu, que iguale
Dos illustres varões subito assombro?
Amor, o mesmo amor parou de espanto,
De maravilha subita cortado.
Sobre altas se ergue Doricas columnas
De fino jaspe cupula soberba.
Brilha c'o azul do céo linda saphira
Nos capiteis, nas bases. Das cornijas
Scintilla em fogo do carbunculo a chamma.
Mimos, riquezas de pomposo fausto,
Quantas com larga mão semeou profusas
Nas entranhas da terra a natureza,
Na vastidão dos mares; tudo aos olhos
Extasiados se ostenta. Riu do encanto,
E a causa do prodigio amor conhece:
Entra; e apoz elle os estremados chefes.

[1] Quadro do *Diluvio*.
[2] Quadro de S. João, escrevendo o Apocalypse.

Languidamente o braço repousado
Nos hombros niveos do formoso Adonis,
Eil-a ao encontro a deusa da ternura
Lhes sae, e assim lhes fala: «Esta, que vêdes,
«Consagrada ao prazer, mansão ditosa,
«Ergueu á minha voz a natureza.
«De per si se puliu, lavrou-se o marmor,
«E se entalharam gemmas. N'um instante
«Meu doce intento completado houvera,
«Se o que vós só podeis, dar-lhe eu pudera.
«Frio, e sem vida não me fala ao peito,
«Não fala ao coração todo esse esmero.
«Oh! cortae-lhe a mudez, dae-lhe existencia,
«E c'o mago pincel tornae-o á vida.»

Disse: e a divina voz do ouvido aos peitos
Chammas d'estro, e de engenho accende aos vates;
E em breve espaço divinaes assomos
D'aqui, d'alli se apinham. Clio alteia
Com portentosa mão contados feitos:
Alem da natureza o vôo erguido
Alça a maga, gentil Allegoria;
Desalinhada, rustica beldade,
Singella, e pura a Paizagem doce
Sem mysterio, sem véo candida ostenta.

Já vida é tudo; satisfeita a deusa
Vai alfim completar os seus intentos;
E c'um meigo surrir, c'um doce agrado,
Que vale tanto, que enamora tudo,
Assim lhes fala a carinhosa Venus:
«Vinde, ó filhos; que um nome tam suave
«Vossos dotes merecem; vinde: e a empreza,
«Que na mente revolvo, effeituai-me.
«Não mando, peço... (Ah! d'uma bella o rogo
Quanto mais vale, que uma lei d'um nume!)
«Retratai-me, ó pintores.» Nisto a deusa
O mimoso sendal, já pouco avaro
Do thesouro, despiu. Quantas bellezas,
Que divinos encantos não descobrem,
Nao pesquizam, não vêm avidos olhos!
Sonhos da phantasia, ah! não sois nada!
Guindado imaginar, ideal belleza,
E' frouxo o vôo, limitado o arrôjo;
Não tenteis franquear mysterios tantos.

Cai das mãos o pincel, sem que o percebam,
Aos pintores na vista embevecidos;
No Olympo os deuses, ignorando a causa,
De insolito prazer sentem banhar-se.
A natureza inteira revolveu-se;
Sonhada Pythagorica harmonia
Nas espheras soou mais branda e doce.
Aos entes todos pelas veias lavra
O incentivo do gosto: gemem ternas,
Que ha pouco uivaram, pelo bosque as feras;
Arrulharam d'amor meigas pombinhas;
Correu á esposa o nadador salgado;
E nos olhos da amante leu ditoso
O constante amador perdão á culpa;
A' doce culpa tam querida e bella!

Ah! muitas vezes não descubras, Venus,
Magos encantos; ou verás que em breve
A força de prazer se extingue o mundo.

Já do extasi accordada um pouco a turba
Dos vates se prepara ao doce emprego.
Tintas fornece amor, pinceis as graças;
E eis no panno avultando a pouco e pouco
Assomos divinaes!... E' ella... é Venus!
Eis a fórma gentil do corpo airoso
Salta, deslisa o fundo apavonado;
Roseos descurvam, se arredondam braços,
Ondeiam n'alva frente as tranças d'ebano;
Doce brilham d'amor os olhos meigos,

Os meigos olhos, que prazer scintillam,
Que o facho accendem dos desejos soffregos,
E contra o debil resistir do pejo
Do atrevido mancebo a audacia imploram,
Nas lindas faces purpureia a rosa,
Que insensivel esvai na côr de neve;
Surri nos labios o delirio, o encanto,
Que importuna razão tam doce afasta,
Que ávidos beijos, deliciosos ternos,
Annuncios de prazer, mutuam fervidos.
Despontam no alvo, crystalino collo
Os arcanos d'amor, que anceiam d'elle,
Que a furto ousaste, mui ditoso Anchises,
Nas trevas do prazer palpar ardido;
Formosos pomos, que ao pastor Idalio
Pelo tam cubiçado outr'ora déste.
Déste; que bem o sei: (não te envergonhes)
Era pobre o pastor, e os seus thesouros
Juno lhe franqueou, seus mimos Pallas:
Sem troca tam gentil tu não vencêras.

Mas quanto voa nas mui sabias dextras
O divino pincel! Que eburneas fórmas
Voluptuosas surgir das tintas vejo!
Que exactas, lindas proporções esbeltas!
Que norma tam gentil as regra, as mede!

Já, por milagre de Cyprina, é prompta
Num momento a grande obra. Ei-los de novo
Á vista do retrato absortos, raptos,
E, novos Pygmaliões, por elle anceiam.

De transportada a deusa ao doce amante
Nas mãos a entrega; e: «Esta (lhe diz) conserva
«Copia fiel da tua amada Venus.
«Com ella ausente, ó caro, te consola
«Quando longe de ti me retiverem
«Crueis deveres, perfidas suspeitas.»
Admira o joven a belleza, as graças
Do mimoso traslado; beija e rega
Com lagrimas d'amor qual um, qual outra.

Co'elle, em quanto viveu, sempre abraçado
As poucas horas, que ficava ausente,
Mitigava a saudade: e quando a morte
O mancebo infeliz roubou sem pejo,
No templo a deusa o collocou de Paphos,
E longas eras recebeu d'amantes
Ternas off'rendas, amorosos votos

Alli, quando natura se empenhára
Em dar-te ao mundo, carinhosa Annalia,
Um e um copiou meigos encantos,
Que, ó minha Venus, te compõe, te adornam.
Alli, olhos no quadro, os teus formosos
Estremada rasgou; alli as faces
De neve, e rosas coloriu divinas;
Alli risonha bocca, onde contino
Foi aninhar-se amor, te abriu mimosa:
Alli o collo d'alabastro puro;
Os lacteos pomos, que devoram beijos
Do faminto amador; lisas columnas
Que sustentam avaras mil segredos,
Segredos, que... Perdoa: eis-me calado

Volve a meus versos, compassiva amante,
Benignos olhos: para ti voando,
Da critica mordaz censuras fogem:
Se acolheres o rude offertamento,
Serão meus versos, como tu, divinos.

NOTAS AO CANTO PRIMEIRO

«Alma origem do sêr, germe da vida.»

.... i er te quoniam genus omne animantum
Concipitur, visitque exortum lumina solis;
....
. . . . . tibi suaves de lala tellus
Summittit flores.

LUCRET. *De rer. nat.* Lib. I.

«Que na ellipse invariavel rotam fixos»

Todos sabem, que tal é a orbita, que todos os planetas descrevem.

«Qual és, qual foste, qual te appura os mimos
«A arte engenhosa.»

Artes repertæ sunt, docente natura.

CIC. *De Leg.* Lib. I, 8.

«Como é dado aos mortaes bellezas tuas.»

Platão, falando da musica, diz: *(De republ.)* que se não deve conceituar pelo prazer, nem preferir a que não tem outro objecto, senão o prazer; mas a que em si contiver a similhança da *bella natureza*. Esta sentença é perfeitamente applicavel á pintura. E tal é d'ha muito a opinião de todos os rhetoricos e philologos. (Vid. Aristot., Le Batteux, Laharpe, Lemercier, etc.) Não nos enganemos porém com esta — *natureza bella*. — Nem só aquillo que tem *bellas* e lindas fórmas, é *bello;* e nem tudo aquillo, que as tem, o é. Boileau o declara manifestamente, e o prova:

Il n'est point de serpent, ni de monstre odieux,
Qui, par l'art imité, ne puisse plaire aux yeux.
D'un pinceau délicat l'artifice agréable
Du plus affreux objet fait un objet aimable.

BOILEAU: *Art. Poet.* Chant .

«A mestra, a sabia antiguidade o diga.»

Quid virtus, et quid sapientia possint
Utile proposuit nobis exemplar.

HORAT. *Ep.* II, L. I

. .... Fabularum cur sit inventum genus,
Brevi docebo. Servitus obnoxia . etc.

PHOEDR. Lib. III, prolog.

«Não: fabula gentil, volve a meus versos.»

.... Et, s'il est vrai, que la fable autrefois
Sut à tes fiers accents mêler sa douce voix;
Si sa main délicate orna ta tête altière;
Si son ombre embellit les traits de ta lumière,
Avec moi sur tes pas permets-lui de marcher.
Pour orner tes attraits, et non pour les cacher.

VOLTAIRE: *Henr.* Chant I.

Cosia egro fanciul porgiamo aspersi
Di soave licor gl'orli del vaso, etc.

TASSO: *Gerusalem*, Canto I, stanz. 3.

«....... O Cyprio moço, o Teucro.»

Adonis, filho de Cyniras, rei de Chypre *(Cyprum)* Anchises, Troiano, etc.

Anchises conjugio Veneris dignate superbo.

VIRG. *Æn.* Lib. 2.

«Em quanto nas lidadas officinas.»

Retumbam nas *lidadas officinas*
Echos gostosos das nascentes almas,
Que novos corpos a habitar caminham.

FILINT. ELYS. *Ode a Venus* (Tom. 5).

«C'o estremecido arrulho a dona imitam.»

Presentem já no *estremecido arrulho*
Os propinquos prazeres.

FILINT. ELYS. ibid.

«Porque mesquinhas leis nos vedam barbaras
«Tam suave peccar .....»

Si il peccar è si dolce,
E'l non peccar si necessario; ò troppo
Imperfetta natura,
Che repugni ala legge!
O troppo dura legge,
Che la natura offendi!

GUARINI: *past. fid.*

Se este crime é tam doce,
Se tanto fugir d'elle é necessario;
Imperfeita parece a natureza,
Que fraca á lei repugna,
Ou lei muito severa,
Que a natureza offende.

Traducç. de THOM. JOAQ. GONZAGA.

«E do amado na dor, sua dor recresce.»

Che l'esempio del dolore
É un stimolo maggiore,
Che richiama a sospirar.

METASTAZ: *Artass.* atto I.

«Dos antigos errores esquecido.»

Errores é usado por Camões no sentido de — *longas, e desvairadas viagens* —; Ferreira porém, e outros classicos de egual nota o tomaram na mesma accepção, em que aqui se toma.

«Com o amante fugir, morrer com elle?»

Uma deusa não póde morrer: me diz já algum critico, muito contente do quinau. Assim é, Sr. critico; mas no delirio das paixões quem se lembra da sua natureza?—Uma deusa com paixões! — Os deuses da mythologia, os numes dos Gregos, e Romanos não são o mesmo que o deus do philosopho (digno de tal nome) que, satisfeito de reconhecer a existencia d'um ente supremo, pára, onde se lhe acabam as forças, nem prosegue em investigações, onde se lhe apaga a luz da fraca razão; nem empresta á desconhecida causa das causas os habitos, as paixões, a fórma, e toda a natureza da fragil e apoucada humanidade. O orgulho de se occultar a si proprio a sua fraqueza, e de abaixar até á sua mesquinhez a idea de deus, por não poder subir até á altura d'ella, nasce da nossa vaidade, da nossa ignorancia e da nossa miseria. Por isso os theologos desboccadamente nos pintam, e nos querem fazer crer em um deus vingativo, irado, e capaz em fim de todos os crimes e vicios, que elles em sua alma alimentam e nos querem vender por virtudes.

«..... Comsigo ao carro o sobe.»

Subir é um verbo neutro; mas é este um idiotismo bem notavel da nossa lingua, usar de taes verbos com força activa, como o fazem os nossos classicos a cada passo.

«Que lhe spira dos labios, das pupillas.»

Aquelle não sei que,
Que *spira* não sei como,
Que invisivel sahindo, a vista o vê.

CAMÕES: *Ode* 6.

Spirem suaves cheiros
De que se encha este ar todo.

FERR. *Castr.* act.

«Arde voltar ao suspirado asylo.»

.... Jamdudum errumpere nubem
Ardebant.

VIRGIL. *Æneid* L. I. v. 580.

«Disenhos volve..........»

Esta palavra mui portugueza e antiga (embora de origem estrangeira) não é gallicismo; exprime bem o *dessein* — francez, e tem por si a auctoridade d'um escriptor bem notavel e bem antigo, qual é Damião de Goes. (v. *Chron. de D. Man.*, part. I, cap. 4, e *passim*).

«Que tam suave rege a natureza.»

.... Omnis natura animantium
Te sequitur cupide.

LUCRET. Lib. I. v. 15.

«Mal disse; e o raio mais veloz não rue.»

Este verbo muito adoptado por Filinto Elysio, e pelo erudito traductor da lyrica de Horacio, Antonio Ribeiro dos Santos; e cujos compostos, e derivados já tinhamos (*correr*, *decorrer*, etc.) tem todas as qualidades necessarias para a sua naturalisação.

«Da rubra dextra do Tonante irado.»

.... *Et rubente*
Dextra sacras jaculatus arces
Terruit urbem.

HORAT. *Od.* 2, Lib. I.

«Á voz da deusa fende os ares liquidos.»

... . Per liquidum aethera:

VIRG. *Æn.* Lib. I.

«Quaes ao paiz do mysterioso Etrusco.»

Florença na Toscana, ou antiga Etruria, dita *mysteriosa* em razão dos seus áugures.

«A' formosa Bolonha.. ......»

De Bolonha conta Ganganelli (ou antes Carraccioli) nas suas cartas, que um Portuguez, encantado de sua belleza, exclamara: «Não se devia mostrar senão ao domingo.»

«E fitando no céu andazes vistas.»

Cœlum ipsum petimus stultitia

HORAT. Lib. II, Od.

«Aos golpes crebros, incessantes, duros.»

O imperio Grego acabou em 1448 pela mor-

te do ultimo Constantino, e entrada de Mahomet II em Constantinopla, a cujos muros se limitava, ha muito, o vasto imperio Grego e Romano. Os horrores d'esta tomada de Cp., a immensidade de familias que fugiram para a Italia, e principalmente para Veneza, Genova e Florença, o adeantamento, que este successo causou ás sciencias e artes do occidente; são cousas sabidas de todo o mundo. (Vid. Anquetil: *Précis de l'hist. univers.* tom. 4, pag. 249, etc., e Chateaubriand: *Génie du Christ.* part. 3, liv. 1).

NOTAS AO CANTO SEGUNDO

(«*Vão-lhe na frente os affamados chefes*»).

Aquelles sam sós homens que se affamam.

Ferreir. *Cart.* 6, Liv. I.

«*No bello antigo modelando as graças.*»

O verbo *modelar* está geralmente adoptado mas que não seja antigo. Assim como de *molde* se fez, e deduziu *moldar*; de *modelo* se póde derivar *modelar*.

«*Vem tribu excelsa de Romãos pintores.*»

Gregos, *Romãos*, e toda a outra gente.

Ferreir. *Cart* 3, Liv. I.

«*E quanto inspira Apollo*:......»

O fito que n'este poema levei, foi simplesmente celebrar os louvores da pintura, e de seus principaes mestres. Sou apaixonado amador d'esta sublime poesia: contento-me de admirar; mas nunca dei a menor lapizada. A leitura, a observação curiosa, e exacta do pouco, que tenho visto, me deram os limitados conhecimentos, que em tam comprida materia possuo, Ideias vastas, ainda mesmo na historia só da pintura, apenas poderão ser o fructo de longos estudos, que a minha pouca edade, e mais sérias, mas que ennojosas occupações prohibem. Declaro pois, que se êrro encontrarem os professores, mui grata e grande mercê me farão de me avisar; e conhecerão pela minha docilidade na emenda a pouca presumpção do auctor.

«*E aos d'arte amantes desejar com Pedro*
«*Junto ao prodigio......*»

Faciamus hic tria tabernacula.

Matth *Evang.*

«*Em cêrca aos muros da gentil Parthénope.*»

Napoles, assim dita antigamente de Parthénope, uma das sereias, que se enchêram de desesperação por não poder vencer Ulysses com o seu canto. Junto ao tumulo d'esta semideusa ou nympha se edificou uma cidade, que d'ella tomou nome. Destruida ésta, se tornou em seu mesmo logar a edificar outra nova, dita Napoles (*Neapolis* — Νεαπολις— cidade nova) nome que ainda hoje conserva.

«*Umas sobre outras as cidades jazem.*»

Pelos fins do seculo passado se descubriram nas visinhanças do Vesuvio as antigas cidades de Herculano e Pompeia. A cidade de Portici está quasi situada sobre a antiga Pompeia, que, assim como o Herculano, fôra submergida em uma explosão do Vesuvio.

«*E a rôdo os d'atro fogo horridos rios.*»

Nas grandes irrupções do Vesuvio corre do alto da montanha um, como rio de fogo, que dá uma imagem das fingidas torrentes do sonhado Averno. —Virgilio, que de certo dos volcões de Napoles houve a idea do seu *Phlegetonte*, situou por aquelles logares os seus — *Plutonia regna.*—(Vid. Stael na *Corin.*)

«*Inda no mesto panno afflictos súam.*»

.... Sudant in marmore mœsto.

Sili. *Ital.* Lib. I.

«*Saliente Caravaggio, que exprimiste*»

Saliente; porque as figuras de seus quadros têem um ar de relevo, que engana. E' necessaria metonymia, de que uso muitas vezes para caracterizar os pintores, segundo suas mais distinctas qualidades.

«*Já de accurvados reis não brilha o fasto.*»

O simples nome de Roma basta para fazer nascer uma infinidade de ideias grandes e de magestade. Todos os pensamentos sublimes, que a imaginação póde crear, todas as

RETRATO DE VENUS — Cai das mãos o pincel, sem que o percebam, — PAG. 12

sérias reflexões, que póde suscitar a razão, todas as memorias augustas, que a virtude e a humanidade podem fazer nascer, occorrem e borbulham associadamente na alma do homem pensador com a simples ideia de Roma. O exfôrço dos Horacios, a castidade das Lucrecias, a integridade dos Brutos e Catões, o patriotismo dos Fabios e Scevolas, a magnanimidade e valor dos Scipiões, a eloquencia dos Ciceros, o saber dos Plinios, a liberalidade dos Augustos, a grandeza dos Trajanos, a humanidade dos Titos, tudo se recorda com a memoria illustre da cidade por excellencia.

Imagine-se um homem cheio de toda a magnificencia d'estas ideias, possuido de respeito e veneração, ao entrar em Roma. — Ruinas, sepulcros, templos derrocados, estradas solitarias, ruas desertas... são os miseraveis objectos, que lhe ferem os olhos, mui de longe preparados para admirar a senhora do universo. De espaço a espaço descobre (é verdade) um templo magnifico, um grande palacio; mas breve se desvanece este vislumbre de grandeza, e subito se esvai a nascente esperança de encontrar a Roma de Augusto. Estes palacios, estes templos, que se elevam do meio das choupanas (habitação da indigencia e da fome) carregados d'ornatos, de sobejo embellezados, serão acaso aquelles esmeros de architectura grande e magestosa, suberba e varonil dos edificios Latinos? Poderá algum d'elles similhar-se ao *Fóro*, ao *Palacio*, ao *Amphitheatro*? Descubrir-se-ha n'alguma d'estas modernas praças o menor vestigio dos *Rostros*? O Capitolio, o terrivel, o venerando Capitolio, onde se julgava dos destinos das nações, onde os reis curvavam os sceptros, e depunham os diademas; d'onde sahiam os irrevogaveis e tremendos decretos, que dispunham da sorte dos povos, e legislavam ao universo, que é feito d'elle? — O solicito viajante ainda o descobre; o seu *cicerone* (guia) ainda lhe mostra o logar d'elle. — E será este? — Differente estrada conduz ao cimo do monte; o palacio do *senador*, alguns restos de quebradas estatuas, de desfigurados relevos são todas as riquezas, todos os tropheos, todos os despojos, que ornam o antigo alcaçar do mundo.

Confuso, humilhado, o viajante não se atreve já a encarar nenhum edificio. — «Os habitantes ao menos (diz elle) talvez conservem alguma cousa ainda de Romanos. Tantas virtudes, tanta grandeza não podiam extinguir-se de todo.» — Um bando de miseraveis, uma plebe indigente, vil e sem costumes, são os successores do povo rei; uma côrte effeminada, e entregue aos deleites do ocio occupa o logar dos Brutos e Catões; declamadores sem gôsto, com affectadas e guindadas phrases (que ou não entendem ou não crem) fazem retenir aquelle mesmo ar, que ouviu os eloquentes e numerosos sons de Cicero e Marco Antonio; assucarados trovadores infectam com os seus *concetti* — a degradada lyra de Virgilio e Horacio; os Scipiões, os Emilios, os grandes generaes, as invenciveis tropas da triumphante republica são substituidos por um bando de assoldados Suissos, cujas grandes proesas e valor, cujos guerreiros exforços são o fazer a guarda do papa. Em vez do augusto e venerando senado, um ajuntamento d'homens ambiciosos, insaciaveis d'ouro, regem despoticamente, não os direitos das nações, e deveres dos reis e povos pelas invariaveis leis da justiça, como os antigos *conscriptos*, mas o corpo invalido da egreja por elles arruinada e depravada, levando simplesmente o fito em pescar para a barca do humilde S. Pedro as riquezas das nações com o sagrado anzol das indulgencias, reliquias e breves. — «Roma! oh Roma! (exclamará o contristado viajante) tu já não existes; a tua liberdade expirou em Catão, e tu com ella! A liberdade te conservava as virtudes, que, mais que tuas façanhas, te constituiram no imperio do orbe. Perdeste-a; e desde então caminhaste sempre com gigantescos passos ao abysmo de miseria e vileza, em que jazes sepultada para eterno exemplo do universo.

E com effeito, tal é a sorte de quasi todas as nações! Florecem, reinam emquanto a liberdade, ou a larva d'ella subsiste; apenas se eleva a tyrannia, cai de rôjo com a liberdade o amor das virtudes; a servidão embrutece o homem; a sociedade se muda em um rebanho de escravos; e a miseria succede á opulencia. Assim cahiu Roma, assim Sparta, assim Hollanda, assim tantas outras. Que exemplos para os tyrannos, e que terrivel escarmento para os povos! Miseraveis despotas, em breve estendereis o sceptro de ferro sobre montões de ruinas. Os Vandalos, os Godos, os Arabes não se acabaram ainda; e vós os chamaes com tanta ancia! [1]

[1] E' facil de vêr que esta nota foi escripta antes do dia 24 d'Agosto. Felizmente já se podem tratar estes assumptos com menos atrabilis.

NOTAS AO CANTO TERCEIRO

«*Enfrea as iras de Neptuno indomito.*»

Imperio premit, et vinclis, et carcere frœnat.
VIRG. *Æn.* Lib. I, v. 54.

«*Vê d'Adria o golpho tempestuoso e fero.*»

E' o golpho de Veneza, antigamente chamado de Adria, ou Adriatico, d'uma cidade d'este nome.

«*Alli, fugindo aos clamorosos brados.*»

No meio do seculo v, foram destruidas por Attila, rei dos Hunos, as cidades de Aquilea, Altino, Concordia, Opitergo e Padua, todas visinhas ao golpho, então chamado Adriatico. Os habitantes d'estas cidades, fugindo ao furor irresistivel, e cruel ferocidade dos barbaros, se foram refugiar nas pequenas e desertas ilhotas do mar Adriatico, e fundaram assim o começo de Veneza. (Vid. *Anquétil, Millot, e la Istoria de Vinegia per* ***)

«*Emporio foi depois do rico oriente.*»

Antes que ha India fosse descuberta pelos Portuguezes, ha mayor parte da especiaria, droga, e pedraria se vazava pelo mar roxo, donde ya ter á cidade Dalexandria, e d'alli ha compravão hos Venezianos, que a espalhaavão pela Europa.

CASTANHEDA: Lib. I, cap. I.

«*E do alado Leão tremeu grau tempo.*»

Um leão com azas era o timbre, ou armas da republica, ou senhoria de Veneza.

«*E segue a esteira das cortadas ondas.*»

Esteira, ou *esteiro*, que assim, e indifferentemente escrevem e usam os nossos classicos, é aquelle sulco, que os navios vão fazendo e deixando depoz si nas aguas, e que bom espaço se conserva depois. Maior é talvez o numero das pessoas que sabem a simplicissima razão physica d'este natural phenomeno, do que o das que o nome portuguez lhe conhecem.

«*Foi a patria d'heroes, foi mãe de sabios.*»

... All' Adria in seno
Un popolo d'eroi s'aduna.......
METAST. *Ezio:* atto I.

«*Adriades gentis, oh! vinde as frentes.*»

Assim como de *Tagus* Latino fez Camões *Tagides;* e outros do Douro — *Durius* — *Duriades*, etc.; quem me impede a mim, que de *Adria*, faça *Adriades?*

«*Qual Verona folgou com seu Catullo.*»

.... Gaudet Verona Catullo,
Pelignae dicar gloria gentis ego.
OVID. *Trist.*

«......... *Mil graças, mil encantos*
«*Sem mysterio, sem véo te deu, lhe dera.*»

Assim como Catullo, Paulo Veronese é notado de pouco honesto. Todos sabem a lascivia e voluptuosidade dos versos do primeiro: os quadros do segundo têem uma poesia d'este genero bem mais expressiva.

«*Em que lhe peze á inveja, e seus furores.*»

Eu, que apezar da inveja, e seus furores
Aos astros levo o nome Lusitano.
ELPIN. NONACR. Od. a Vasc. da Gam.

Em que lhe peze, e *em que lhe pez* são phrases dos melhores classicos; mil exemplos, por um, pudera apresentar; mas citarei o que tenho aqui mais á mão, que é o P. Vieira *(Vozes saudosas: voz histor.)*

«*Scena outr'ora infeliz da gloria Franca.*»

As provincias Flamengas foram um dos principaes theatros das ambiciosas guerras de Luiz XIV com a Hollanda. (Vid. VOLTAIRE *Siécl. de Louis* XIV).

«*Lhe bafejastes divinal espirito.*»

Quasi divino quodam spiritu inflari.
CICER. *Pro Arch.* § 8.

«*E o veneno lethal lhe infunde n'alma.*»

Sic effata, facem juveni conjecit, et atro
Lumine fumantis fixit sub pectore tædas.
VIRG. *Æn.* Liv. VIII, v. 56, e seg.

«*Quam bello é na expressão Vaén correcto.*»

Porventura não serão os verdadeiros accentos da pronúncia nacional, os que ponho aqui n'este e nos outros nomes dos pintores fla-

mengos: puz-lhe os necessarios para o rythmo, que é a minha obrigação; dos outros não sei, pois que ignoro a tal lingua; no que, segundo creio, não perderei nada.

«*Difficeis nomes d'estremados mestres.*»

E bem difficeis, com effeito, para accommodar ao verso com os seus —*kk*—*rr*—etc.: não são d'aquelles, de que Horacio diz:

Verba loquor socianda chordis.
HORAT. Lib. II, Od.

«*Do mestre a obra maior, Wandik insigne.*»

Voltaire diz algures, falando de Tasso, que, se é verdade o que vulgarmente se diz, que os Lusiadas, e seu auctor formaram a Jerusalem do primeiro, fôra esta a melhor obra de Camões. Não estou *absolutamente* por este *espirituoso* dito de Voltaire; mas com justiça o appliquei a Rubens, e Wandick.

«*E em vez d'um Fabio tardador.... .*»

Assim traduziu Filinto Elys. o *Fabius cuntactor* dos Latinos. (Vid. FILINT. *Ode á Liberdade*).

«......... *Já no Sena ovante.*»

Sobre a margem feliz do rio *ovante*,
Donde arrancando omnipotencia aos fados
Impoz tropel d'heroes silencio ao globo.
BOCAG. *Od. a Filint.*

«*Que do Meschacebeu vingando as margens.*»

Este é o verdadeiro nome do célebre rio da Luisiana, na America Septemtrional, chamado vulgarmente *Mississipi.* (Vid. CHATEAUBRIAND: *Génie du Christ.* Part. III, Liv. 5).

«*C'o Euripides Francez disputa ainda.*»

Racine bem se póde assim chamar, não somente por suas absolutas e eminentes qualidades, mas pela relativa, e mui particular da similhança dos engenhos, e feliz imitação de Racine. (Vid. LAHARPE: *Cours de Littér.*; LEMERCIER: *ibid.*; e o P. BRUMOY no *Theatr. dos Gregos*).

«*Ao ver nas murchas, esmyrradas faces.*»

J'ai langui, j'ai séché dans les feux, dans les larmes.
RACIN. *Phoedr.* Act. II.

Desfalleci, murchei no ardor, no pranto.
Trad. ms. do Sr. H. E.

«*D'um criminoso amor violencia e fogo.*»

Quand je suis toute en feu, vous n'êtes que de glace.
PHOEDR. Act. II.

«*Os manes folgam de Rollin, Voltaire.*»

Le-Gros é pintor historico; e Rollin e Voltaire foram historiógraphos francezes.

NOTAS AO CANTO QUARTO

«*Onde a voz de Bocage, a voz de Gomes.*»

Outros quaesquer poetas, e de mais nomeada porventura, pudéra eu citar; mas quiz, quanto em mim era, e o permittia o assumpto e a obra, prestar homenagem a dous engenhos, que honraram a patria e a lingua; e dos quaes o primeiro depois d'uma fama gigantesca, e maior que seu merecimento, passou a ser enxovalhado por quanto Mevio e Bavio sabe dizer—*Traduziu, traduziu, traduziu tudo*—como se um traductor como Bocage não fosse um poeta de muito merecimento, e de muito maior, que tantos originalistas de nome (de nome sim; que realmente deus sabe o que é); como se Pope, Dryden, Annibal Caro, João Franco Barreto, e tantos outros illustres traductores não figurassem mais na republica litteraria que tantos *epicos modernos*... Eu não sou dos apaixonados do privilegio exclusivo, que ha certo tempo obtiveram entre nós as traducções. Uma nação que assim obra por espirito de priguiça, ou menos-preço de si propria, em vez de enriquecer sua litteratura, empobrece-a e perde-a. De J. B. Gomes e da sua *Castro* tanto mal como bem se tem dito. Não a dou por uma tragedia perfeitamente regular, não a comparo ás grandes peças de Racine e Alfieri; mas sei que tem muitas bellezas, e que n'um theatro tam pobre, como o nosso, é digna de muita e muita estimação. Para criticar a *Castro* de Gomes é preciso enchugar muitas vezes as lagrimas, que ella excita continuamente.

«*Calcando a juba dos Leões gryphanhos,*
«*Parando ás Aguias etc.*»

Revoluções de 1640 e 1808.

«........ *Ah! se aura amiga*
«*Continúa a soprar*......»

Em Roma, assim como na Grecia, se formariam Zeuxis e Apelles, se os Romanos dessem a Fabio as honras, que seus talentos mereciam. Diz Cicero algures nas *Questões Tusculanas.*

«*Inviolavel lei um teu desejo.*»

Nação nenhuma (diz Florian no *avant propos* de *Sancho*) possue a arte d'amar, como a portugueza.

«*Os feitos dignos de perenne historia.*»

.... as cousas ....
Que merecerem ter eterna historia.

CAMÕES. *Lus.* Cant. 7.

«*Sensiveis corações, vinde espelhar-vos*» etc.

Vidi sæpius inscriptionis imaginem, et sine lacrymis transire non potui.

S. GREGOR. II. *Concil. Nicen.* act. 40.

«*Prazeres do christão, doçuras d'Alma.*»

Le nouveau testament change le génie de la peinture. Sans lui rien ôter de sa sublimité, il lui a donné plus de tendresse.

CHATEAUBRIAND. *Gen. du Chr.* part. III, Liv. I, cap. 4.

«*Portento d'expressão, viva faisca*
«*Do lume eterno*......»

Les peintres... famille sublime que le souffle de l'esprit ravit au dessus de l'homme.

CHATEAUBRIAND, ibid.

«*Fastoso monumento d'alta Iberia.*»

Resta ainda resolver o grande problema: *Se a descuberta da America foi util ou prejudicial á Europa*; o qual, emquanto a mim, depende d'outro mais generico: *Se as conquistas, principalmente longinquas, podem ser uteis a uma nação.* Não me atrevo a resolver nem um nem outro. As theorias falham quasi sempre em politica, bem como em moral: Só noto imparcialmente, que a Hespanha foi poderosissima nação antes do XVI seculo; que Portugal, só nos tempos de D. Manuel e João III floreceu, e deu brado na Europa e no mundo; depois não fez mais que luctar contra innumeraveis desgraças: que não tivemos mais um João II; e que as conquistas d'Asia e Egypto deram por terra com o imperio Romano. — Provêm isto das descubertas em si? — Provêm do uso que d'ellas se fez?—Continúa a minha ignorancia. —Os monarchas hespanhoes fundiram no Escurial, e n'outras cousas d'esta ordem, as immensas riquezas das Indias occidentaes, ganhas á custa de tantos crimes, barbaridades, irreligião, fanatismo e sacrilegios de Cortez e de mil outros. Diminuiu no continente hespanhol a população; não se fez o menor caso da agricultura; o commercio não foi senão passivo; e, depois d'um breve esplendor, a suberba Hespanha cahiu na miseria d'uma nação pobre e falta de tudo, a pezar de toda a sua prata. E que diremos de nós? —O mesmo, com alguma differença para peior. Todo o homem, que pensa, sabe o que eu poderia dizer n'este artigo; como para estes só escrevo, elles me entendem; e eu, com o meu silencio, me poupo ás criticas da ignorancia e da sordida adulação. *(É bem facil de ver que ésta nota foi egualmente escripta antes do dia 24 d'Agosto).*

«*Terra fertil d'heroes, solo fecundo,*
«*Salve!*.......»

Salve magna parens frugum... tellus,
Magna virum.

VIRG. *Georg.*

«*O mimoso sendal, já pouco avaro.*»

O véo dos roxos lirios pouco *avaro.*

CAMÕES *Lus.* Cant. 9.

Diripui tunicam, nec multum rara nocebat.

OVID. *Eleg.* Lib. I, Eleg. 5.

«*Que divinos encantos não descobrem*» etc.

E tuto ciò, che più la vista alletti.

TASSO *Gerusal.* Canto XV, st. 59.

«*Sonhada, pythagorica harmonia.*»

A harmonia das spheras é um dos sonhos de Pythagoras. Póde-se ver a satyra galantissima d'estas e outras philosophicas extravagancias no celebre poema allemão — *Musarion* — de Wielland: Canto II.

«*Arrulharam d'amor meigas pombinhas.*»

Presentem já no estremecido *arrulho*
Os propinquos prazeres.

FILINT. ELYS. *Ode a Venus* (Tom. 5).

«Roseos descurvam, se aredondam braços.»

Ν'μος δ' ηρ'ιγυεια φαάνη ροδ οδ ακιλυλος ήωτ.

HOMER, *Odyssea* B. (Lib. II.)

«Ondeiam n'alva frente as tranças d'evano.»

Os cabellos e olhos pretos eram os mais estimados dos Romanos — *Nigra oculis, nigraque capillis:* Horat. — Se é mau gôsto, confesso que o tenho. Quem amar mais os louros, não tem senão dizer:

«Ondeiam n'alva frente as tranças d'ouro.»

Assim, eu, e o leitor ficamos ambos satisfeitos. De mais, até lhe posso ensinar um texto, com que provar o seu gôsto. E' a auctoridade de Petrarca, que não é pêca n'este ponto:

Lauro, e i topazj al sol sopra la neve
Vincon le bionde chiome presso agli occhi.

PETRARCA, *Rim.* Part. I. cans. 9.

«Déste; que bem o sei........»

Assim é de crer piamente; e, comquanto o não digam os DD., eu o penso. O leitor póde ficar pelo que quizer —*salva fide*— pois estas materias são de mythologia, e não de theologia.

«Já por milagre de Cyprina é prompta.»

Manca il parlar; di vivo altro non chiedi.
Ne manca questo ancor, se agli occhi credi.

TASS. *Gerus.* Cant. XVI.

«E novos Pygmaliões por elle anceiam.»

Pigmalion, quanto lo dar ti dei
Dell' imagine tua, se mille volte
N'avesti quel, ch'io sol' una vorrei

PETRARCA, *Rim.* Part. ', sonett. 5

«Admira o joven a belleza......»

Faria, pouco mais ou menos, as mesmas extravagancias com o retrato, que o amante de Julia com o da sua bella.

(Vid. *Nouvell. Héloï* Part. II, Lett 22).

«Os lacteos pomos.....»

Le *pome* accerbe, e crude...

TASS. *Gerus* Cant. XVI.

«Serão meus versos, como tu, divinos.»

Me juvat in grœmio doctæ legisse puellæ,
Auribus et puris dicta probasse mea:
Hæc si contingant...
.... Domina judice, tutus ero.

PROPERT. *Eleg.*

ENSAIO SOBRE A HISTORIA DA PINTURA

O objecto principal d'este ensaio é a historia da pintura. A maior parte do meu poema será inintelligivel sem elle a todo o leitor, que não tiver feito um comprido estudo n'esta materia. Menos porém bastaria talvez para a intelligencia do opusculo: fui mais longo e extenso, principalmente na historia da pintura portugueza, porque julguei util dar á minha nação uma coisa que ella não tinha, a biographia critica dos seus pintores. Sobejo e enfadonho trabalho me deu: oxalá que aproveite! Bem pago fico, se, entre todos os leitores, deparar com dous, em quem faça impressão o amor de boas-artes, e da patria, que toda a obra respira.

CAPITULO I

Dos pintores Gregos e Romanos

O numero dos pintores Gregos e ainda Romanos, cujos nomes chegaram até nós, é grande, mas o d'aquelles, cujas obras ou maneiras conhecemos, é bem diminuto. O respeito da antiguidade com tudo nol-os faz admirar, por ventura mais, do que o seu merecimento exige. Os quadros modernamente descobertos nas cinzas de Herculano e Pompeia, alguns *frescos* conservados nas ruinas de Roma e outras cidades de Italia tem sobejamente mostrado aos entendedores imparciaes, que a pintura dos antigos, ainda mesmo no seu maior auge, não póde soffrer comparação com o menor quadro dos *Rafaelos*, dos *Corregios*, dos *Caraccis*, nem mesmo d'outros pintores de segunda ordem das modernas escholas. Duas coisas principalmente faltavam aos antigos pintores. Uma, as tintas, cujas bellas composições, descobertas em mui posteriores seculos, absolutamente ignoravam; não conhecendo, senão as terras de côr, e os metaes calcinados; faltando-lhes aquellas côres, que dão o tom medio, entre a luz e a sombra, que formam o matizado e assombrado, e exprimem a natureza tal qual ella é, e com toda a sua formosura: outra, o conhecimento das leis da perspectiva, como bem mostram todas as suas obras, que nos restam: defeito este, que salta aos olhos, e de impossivel disfarce. Só aquelle cego fanatismo, que faz cançar os pedantes no estudo do Hebraico e Syriaco e d'outras inuteis antigualhas, póde achar nos quadros Gregos e Romanos bellezas, não digo superiores, mas eguaes ás das magnificas pinturas do bom tempo das modernas escholas, e ainda mesmo das de hoje; com quanto a pintura, á excepção da franceza, bastante se approxima da decadencia pelo espirito servil, mania das copias e mal entendida imitação.

CAPITULO II

Restauração da pintura na Italia

Cimabúe, nascido em 1230,[1] e morto em 1300, é conhecido em toda a Europa pelo honroso titulo de restaurador da pintura. Ouviu os principios de sua arte d'alguns pintores Gregos vindos a Florença, que ainda conservavam restos do bom stylo da nação: aperfeiçoou-se depois com o estudo, e imitação dos poucos modelos antigos, que então appareciam na Italia. Preciosas descobertas, que se fôram pelo andar dos tempos fazendo, pouco a pouco desterraram a barbaridade, que, entre as outras boas-artes, tinha tambem sepultado a pintura. As estatuas, os quadros, os relevos arrancados das cinzas e ruinas dos famosos monumentos romanos, quantos mestres, quantos primores d'arte, d'architectura, esculptura e pintura não deram á Europa! Miguel Angelo confessava dever toda a sua sciencia ao assiduo estudo,

[1] Pruneti o faz nascido em 1240 [illegible] 10 annos depois.

que por toda a vida fizera no *tronco*[1] de Hercules, no *grupo*[2] de Laocoon, no Apollo[3] do Belveder, e n'outros modelos da bella antiguidade.

Com quanto porém a pintura e mais boas-artes não possam propriamente dizer-se restauradas antes do seculo de Leão X, que foi o de Raphael, de Miguel Angelo, de Leonardo da Vinci, etc., Cimabúe comtudo foi o pae da pintura moderna; suas obras espalhadas pela Italia renovaram o bom gôsto, e abriram os alicerces, sobre que se havia depois formar o grande edificio das escholas Florentina, Romana, etc.

Todavia, em abono da verdade devemos confessar, que, posto que Cimabúe possua com razão o titulo de restaurador da pintura, outros antes d'elle houve, que se o não excedêram, lhe não fôram ao menos inferiores. De Guido de Senna, pintor do XIII seculo existe em uma egreja de sua patria um quadro da Virgem, tão bom como os melhores de Cimabúe: o seu desenho é de bom stylo, e ainda fresco de côres, apesar de ser feito no principio do mesmo seculo, como indica a inscripção, que se lê por baixo.

Me Guido de Sennis
Diebus depinxit amenis;
Quem Christus lenis
Nullis nolit agere penis.
A. D MCCXXI.

Ora, a data d'este quadro é anterior ao nascimento de Cimabúe, affirmado por uns em 1230, e por outros (como Pruneti) em 1240; e por isso os Sennenses querem disputar a Cimabúe o titulo, que a elle e sua patria, Florença, tanto ennobrece. Mas debalde; porque de Guido não se conhece outra obra; e de Cimabúe existem ainda muitas, cuja nomeada o faz hoje mesmo celebre e conhecido, e que n'aquelle tempo serviam de modelo aos seus discipulos.

Do principio tambem d'este seculo XIII se conservava em Luca um antiquissimo quadro de certo pintor d'aquella cidade: representava S. Francisco d'Assis. Seu desenho é correcto, posto que um pouco rude; o ar-de cabeça tem muita expressão, e as mãos são bem tratadas.[4]

D'este, e d'outros alguns monumentos d'esta epocha, devemos concluir: que Cimabúe não foi o primeiro que na Italia começou a pintar com menos defeitos: mas nunca se poderá asseverar, que elle, e sua eschola (a Florentina) não fôram os restauradores e paes da moderna pintura.

O que Pruneti diz a este respeito não destroe os meus principios.

Jamais as sciencias e artes foram de repente á perfeição. Antes de Socrates e Platão existiu Pythagoras e outros philosophos, que lhe abriram o caminho; antes de Hippocrates, Avicenna e Averroes[1] houve Esculapio, e outros mezinheiros; antes de Homero, Hesiodo e Virgilio, havia Orpheus e Linos; Eschylo, Sóphocles, Euripides e Aristophanes foram precedidos por Thespis; os erros de Descartes allumiaram Newton; Mairet, Rotrou e Corneille formaram Racine e Voltaire; e entre nós finalmente, antes de Camões, Ferreira e Bernardes houve Gil Vicente, Bernardim e outros muitos, que lhes franquearam a carreira poetica. Agora quasi em nossos dias, na brilhante restauração das letras, os Elpinos, os Filintos, os Gomes e os Bocages não appareceram de repente.

Assim gradualmente foram crescendo os pintores na Italia, e adeantando se a perfeição de suas obras. Nos ultimos paroxismos do imperio Grego uma infinidade de professores vinham procurar entre os Italianos um asylo mais seguro, e uma patria menos despotica; e quando finalmente em 1448, tomada Constantinopla por Mahomet II, se extinguiu de todo aquelle phantasma colossal, maior numero ainda se espalhou por todo o meio-dia da Europa, e concorreu para a perfeição da pintura moderna; assim como a alluvião de theologos Gregos concorreu, e muito, para a perpetuação das barbaridades scholasticas, e atrazo das sciencias. São d'este tempo — Gioto, cujas obras se acham ainda em Florença, Piza e Roma, nascido em 1276, e morto em 1336: foi discipulo de Cimabúe, e contribuiu muito para a perfeição da arte pelo bem ordenado da sua pintura, e boa disposição de figuras.

Masaccio, nasceu em 1417, e morreu em 1521; seria o verdadeiro e completo restaurador da pintura, se vivesse mais tempo: o pouco que d'elle resta, acha-se em Florença.

Luca Signorelli di Cortona, nasceu em 1449, e morreu em 1521; foi celebre pela precisão de desenho e belleza de composição, todavia fraco no colorido. Notam se bem estas propriedades nos seus quadros,

[1] Famosos restos da estatua de Apollonio Atheniense.

[2] Obra de tres escultores, Rhodios Athenedoro, Agesandro e Polidoro.

[3] Estatua bem conhecida.

[4] Advirto, e fique advertido por todo o decurso d'este ensaio, que quando digo, que este, ou aquelle quadro, ou estatua se acham em Roma, Florença, ou outra qualquer cidade, deve sempre entender-se antes das ultimas revoluções da Europa.

[1] Não confundo Avicenna, e Averroes com Hippocrates; bem sei a distancia de tempos e merecimentos. Faço porém esta advertencia, porque não leia isto algum Esculapio enthusiasta que grite: *au scandale!*

que ainda se encontram no Loreto e Roma. E este é o ultimo pintor de fama anterior a Leonardo da Vinci, que depois. com Miguel Angelo, foi julgado fundador da eschola Florentina.

CAPITULO III

Da Eschola Romana

Apezar de que a eschola Florentina com razão se possa chamar a mais antiga, pois que, seus alumnos se começam a contar desde Cimabúe; com tudo a Romana foi, e sempre será como a primeira olhada, não só em favor e respeito de seu illustre chefe Raphael Sanzio de Urbino; mas pela belleza de desenho, elegancia de composição, verdade de expressão, e sobretudo intelligencia de attitudes, que a caracterisam e sobreelevam a todas as outras.

As descobertas dos grandes monumentos de pintura e esculptura. que os zelosos cuidados de alguns papas, e outras principaes pessoas de Italia desenterravam todos os dias das ruinas da antiga Roma, formaram o gôsto dos mestres d'esta eschola, moldando-o no antigo. E tal é a caracteristica das suas producções. Os rasgos mestres d'aquelles preciosos *antigos* lhes inspiraram uma magestosa solemnidade de expressão nas grandes ideias que concebiam; e esta mira, que levaram sempre os pintores Romanos, lhes fez desprezar alguma cousa o colorido: defeito que bem se esquece por outras, e tam brilhantes qualidades.

Para tecer o elogio da eschola Romana basta nomear Raphael. Que nome nos fastos das boas artes! Se Virgilio e Homero não são mais celebres, que Zeuxis e Apelles; a gloria de Raphael quanto é superior á de Tasso e Ariosto! Não me agrada aquella sentença dos antigos:

> —Ut pictura poesis—
> *A poesia será como a pintura*
> Bocage.

A poesia (atrevi-me a pensal-o assim. e se a novidade não agradar nem por isso me desdigo), é uma só: aos poetas pintores. seus primeiros filhos é dado tratal-a viva: os poetas-versejadores só com o véo do mysterio coberta a podem vêr e seguir. A poesia animada da pintura exprime a natureza toda: a dos versos porém, menos viva e exacta, falha em muita parte na expressão de suas bellezas. Que poeta nos poderia dar uma ideia de Romulo como David no seu quadro das Sabinas? Que versos nos poderiam fazer imaginar a Divindade como a transfiguração de Raphael? Que poema nos faria conceber a magestade d'um *Deus Creador* dando fórma ao cáhos, e ser ao universo, como a pintura de Miguel Angelo?

Estas reflexões sobre o parallelo das duas especies de poesia são minhas; por taes as dou, e me encarrego do mal, ou bem, que d'ellas se pensar. Por ventura não foi este o conceito dos antigos; mas a arte mui atrazada entre elles não estava em proporção da nossa; os gregos não tinham, como nós, Homeros em pintura. Immensas vantagens, como já notamos, lhes levam os modernos pintores; a que de mais accresce o nobre invento da gravura, que (bem como a imprensa nos facilita o trato dos mais antigos poetas do mundo) transmitte á posteridade e nações remotas os esmeros da pintura. e ainda da esculptura. Os nossos Apelles não podem temer o ser conhecidos pelos vindouros só de nome e fama, como o é por nós o dos antigos; a estampa lhes assegura o conhecimento de *facto* no mais remoto porvir e mais longes climas.

Mui fertil foi a eschola Romana; grande é o numero dos seus pintores: daremos de cada um d'elles uma brevissima, porém exacta noticia: d'esta maneira terá a mocidade applicada, como em synopse, e sem o trabalho enfadonho de revolver muitos e antigos cartapacios, a historia completa d'esta e das outras escholas, em que seguiremos o mesmo methodo.

Seculo xvi

Raphaelo Sanzio d'Urbino, nascido em 1483, morto em 1520. facilmente julgado o principe dos pintores; nenhum (se não fôr o moderno francez, Mr. David) poderá rivalizal-o. O brilhante colorido de Ticiano, a belleza das tintas de Corregio, a gigantesca, altivez de Miguel Angelo não fazem a menor sombra á gloria do grande Romano. Raphael levou a sua arte ao grau de perfeição, de que é capaz a humanidade. Pretender dar uma ideia d'elle é tentar o impossivel: o estudo das suas producções é o unico meio de o conhecer. Elle ainda vive repartido por seus quadros. um dos mais bellos e ricos ornamentos das cidades que os possuem. Digam-o os templos de Roma, as casas dos principes, o Vaticano (onde existe a sua famosa *Biblia*), e sobretudo a egreja de *S. Pietro in monte* situada no Janiculo; onde se conserva o primeiro quadro do universo. a unica producção da arte, que excede a natureza, a maior honra do engenho humano. a melhor obra de Raphael, a sua *Transfiguração*. Tal foi um dos primeiros homens do mundo; de quem (e com mais razão por ventura, do que Horacio dizia de si) podêmos asseverar, que não morreu todo: *Non omnis*

moriar; ou como já se disse em portuguez: *O sabio não vai todo á sepultura.* A belleza principal das suas obras é o desenho e attitudes.

Julio Romano (Giulio Pippi), n. 1492, m. 1546; foi discipulo de Raphael. Em suas obras, que principalmente se acham em Roma, se vê que o caracter d'este pintor era a força e ardimento: o seu colorido é obscuro, mas o desenho admiravel.

João Francisco Penni (il Fattore), n. em 1488, m. em 1528; trabalhou quasi sempre debaixo das vistas, e pelos desenhos de Raphael, seu mestre. Suas obras principaes são as galerias do Vaticano.

Polidoro de Caravaggio, n. 1495, m. 1543; foi bom colorista, correcto no desenho, nobre e fero nos ares de cabeça.

José Ribera, hespanhol, e por isso dito *il Spagnoleto*, nasc. em Valença em 1589, e m. em 1656; o seu caracter é o vigor e expressão: todas as figuras austeras e carregadas, prophetas, philosophos, tudo quanto exige um pincel forte e vigoroso, sahia de suas mãos, como das da natureza. Suas obras principaes existiam na Cartuxa de Napoles; e entre ellas, a mais conhecida é a collecção dos prophetas.

Perrino del Vague Buonacorsi, n. em 1500, m. em 1547; foi tam feliz imitador do stylo de Raphael, seu mestre, que muitos dos seus quadros passam por d'elle.

Innocencio d'Imola, n ..., m ...; desenhou segundo a maneira de Raphael, mas coloriu muito bem. Seus quadros são preciosos e raros.

Giulio Clovio, n. 1498, m. 1578; trabalhou sempre em miniatura, e aprendeu o desenho com seu mestre, Julio Romano.

Frederico Barrocci, n. 1528, m. 1612; suas excellentes obras, que se acham em Milão, Bolonha, Pesaro, Loreto e Roma, se distinguem pela belleza do colorido (pouco vulgar na sua eschola) e que assemelha ao de Corregio, grande exactidão de desenho, muita sciencia de luz, e graciosos ares de cabeça.

Thadeo e Frederico Zucaro, irmãos, morto o primeiro em 1566, o segundo em 1609; Thadeo tinha grande engenho e bom colorido; Frederico, menos habil, acabou quasi todas as obras, que seu irmão começára. Acham-se em Veneza, Tivoli e Roma.

Antonio Tempesta, n. 1555, m. 1630; foi eminente em batalhas, caçadas, mercados, animaes, etc. —Roma.—

José Cesar d'Arpin (Il cavalier Giuseppino), n. 1560, m. 1640; seus quadros grandes, que se vêem no Capitolio, são historicos e bons; e notaveis, sobre tudo, pela belleza dos cavallos.

Michel Angelo Ameriggi de Caravaggio, n. 1569, m. 1609; suas obras são mui faceis de conhecer pelo ar de relêvo, que dava a todas as figuras por via do assombrado. Esta originalidade imita bem a natureza. O seu desenho é preciso e fero.—Roma e Napoles.

Domenico Feti, n. 1589, m. 1624; imitou o *antigo*, e Julio Roman; d'onde houve um caracter de desenho fero e vigoroso, com quanto incorrecto. Seus quadros, mui procurados se distinguem por uma graça particular, e picante.—Roma.—

Giovanni Lanfranco, n. 1581, m. 1647; foi eminente nas grandes obras, como platafundos, cupulas, etc.—Napoles.—

Seculo XVII

Pietro Beritini di Cortona, n. 1596, m. 1669; todas as suas engenhosas producções tem um ar de nobreza, que encanta. Mas a obra prima d'este grande mestre é o *Roubo das Sabinas*, que Lebrun servilmente copiou —Roma e Florença.—

Mario Nuzzi di Fiore, n. 1599, m. 1673; alcançou um grande nome pela maneira excellente de pintar flores.

Miguel Angelo Cerquozzi, dito o *das batalhas e bambochatas,* nasc. 1602, m. 1656; teve um colorido vigoroso e um pincel ligeiro. Era tam habil no seu genero, que, pela simples narração d'uma peleja, traçava logo a ordem do quadro no mesmo panno, em que havia de pintar.—Roma.—

Claudio Geleo (Lorrain), n. 1600, m. 1682; todos conhecem este nome; todos sabem que foi o principe dos paizagistas. Ninguem conheceu como Lorrain a perspectiva aeria, e o effeito dos pontos de vista.—França.—

Andrea Sacchi, n. 1599, m. 1661; suas pinturas ternas e graciosas são admiraveis pelo desenho, colorido e verdade de expressão.

Domenico Passignani pelos annos de 1630, pintou com gosto e nobreza, muita expressão, porém mau colorido. Florença.—

Pietro Testa, n. 1611, m. 1648; moldou o seu stylo nos antigos de Roma, d'onde houve um bom e correcto desenho, com quanto rude.—Roma.—

Salvator Rosa, n. 1614, m. 1673; trabalhou muito; e suas obras se acham por toda a Italia: todas ellas teem um ar de originalidade, que as distingue, muita verdade e bom colorido; porém o desenho não é perfeito.

Carlin Dolce, n. 1616, m...; célebre pela graça da composição e frescura do colorido. Roma.—

Hiacinto Brandi, n. 1623, m. 1719 (outros querem que em 1691); seus quadros são muito vulgares: apesar das incorrecções do

desenho, e fraqueza de côres, teve com tudo uma belleza d'ornato, e fecundidade de imaginação, que admira.

Carlo Maratti, n. 1624, m. 1713; foi eminente nos ares de cabeça: seu desenho é mui assisado, e seu colorido brilhante. Todas as composições d'este mestre encantam, e são bem acabadas.

Luca Giordano, n. 1632, m. 1702; seu merecimento principal é a facilidade e presteza, com que trabalhava: muitas obras d'elle são d'uma bella expressão.

João Baptista Bacici, n. 1639, m. 1709; retratava bem; e os seus quadros mostram muito talento, e bello colorido.

Mattia Preti (Il Calabrese) teve o engenho mais feliz na invenção, bella e rica ordem, e muita originalidade. Nasc. em 1643, m em 16 9.

José Passari, n. 1654, m. 1714; discipulo e imitador absoluto de Carlo Maratti.

Seculo XVIII

Francesco Solimeni, n. 1655, m. 1747; bella imaginação, muito talento, um desenho fero e correcto o constituem n'um dos primeiros logares da pintura; com quanto o seu colorido seja sombrio e pouco doce A grande qualidade porém d'este mestre, e em que elle sobre-excedeu a todos, é o ar de vida, animação e movimento das suas figuras. — Napoles. —

Sebastião Concha, morto pelos annos de 1740. Imitou Solimeni; mas o seu genio frio o não ajudava. Comtudo no hospital de Sienna ha d'elle uma boa pintura a fresco.

Paolo Panini, vivo em Roma ainda no anno de 1767. Tem bom colorido, e muito espirito.

Paolo Monaldi do mesmo tempo foi pintor de *bambochatas* muito estimadas.

Pompeio Battoni, retratista e pintor historico: o seu colorido é bem imitado de Corregio.

Muitos outros pintores, posto que não de grande fama, tem produzido mais modernamente a eschola Romana; mas não temos d'elles sufficiente conhecimento para poder formar um exacto conceito.

CAPITULO IV

Da Eschola Florentina

A eschola Florentina é, por sua antiguidade, a mais respeitavel: seu primeiro mestre foi Cimabúe; com quanto, falando em rigor, só Leonardo da Vinci e Miguel Angelo mereçam (como já notámos) o nome de fundadores. As obras dos seus alumnos occupam um logar mui distincto nas collecções mais ricas; e a Italia, e toda a Europa se julga com elles ennobrecida. Seu gosto de desenho é fero e decidido; sua expressão sublime, algumas vezes atrevida, e gigantesca, e mesmo contra-natural, mas sempre magnifica: o colorido nos seus principios era rude; aperfeiçoou-se depois, sem perder nada da sua viveza, magnificencia e outras brilhantes qualidades. Esta eschola é menos numerosa, mas não a menos celebre.

Seculo XVI

Leonardo da Vinci, n. 1445, m. 1520: um dos grandes engenhos do seu seculo; foi esculptor, architecto e pintor. Seu desenho é correcto e puro, e suas obras todas d'uma composição engenhosissima; das quaes a melhor é sem questão o grande quadro da ceia em Milão. Foi muito estimado de Francisco I de França, em cujos braços morreu. O canal de Milão foi dirigido por elle.

Pietro Perugino, n. em 1446, m. em 1524; coloriu graciosamente; mas, apezar de ser discipulo de Cimabúe, todos sabem quanto é rude o seu engenho.

Fra Bartholomeu della Porta, n. 1465, m. 1517; formou o seu delicado gosto no de Vinci, d'onde houve muita correcção e pureza. Seu colorido é bello e natural. Rafaelo não se dedignou de aprender d'elle a arte de colorir, ensinando-lhe em troco as necessarias regras da *perspectiva*. — Roma e Florença. —

Miguel Angelo Buonarroti, n. 1475, m. 1564: esculptor incomparavel, magnifico architecto, pintor sublime; não póde decidir se a qual das boas-artes pertenceu mais: suas estatuas, seus edificios, seus quadros, tudo mostra o maior homem do seu seculo. Teve uma maneira de pincel altiva e fera, e em geral similhante á da sua eschola; vastissima concepção, ideias sublimes e arrojadas, e muita expressão e vigor. Seus quadros principaes se acham na capella Sixtina do Vaticano. A antiguidade toda e talvez os seculos posteriores não tem nada que oppor a tão grande engenho: seus quadros são inferiores aos de Raphael, e por ventura aos de alguns outros ainda; porém Miguel Angelo é mui superior a todos elles.

Andrea del Sarto, n. 1478, m. 1580; foi o maior colorista da eschola de Florença; suas obras, em que se distingue uma maneira larga, e um pincel fresco e brando, conservam ainda hoje um brilho singular.

Baltazar Peruzzi, n. 1481, m. 1536; além dos grandes mestres, estudou sobre tudo a natureza; foi grande na perspectiva, porém fraco no colorido. Ninguem antes de Pe-

ruzzi executou com gosto uma decoração de theatro.

Giacomo Pontorma, n. 1494, m. 1559; desenhou como Leonardo da Vinci, e coloriu como Sarto. Seu pincel vigoroso, seu colorido brilhante, sua imaginação bella e fecunda o fizeram olhar por Mig. Ang., e Raphael como seu mais temido rival; e se a louca mania de imitar as maneiras allemãs o não fizesse mudar de estylo, por ventura os dois grandes mestres não gosariam sós da gloria do primado.

Macherino de Sienna (chamado Domenico Beccafumi), n. 1484, m. 1549; desenhou com gosto e correcção, mas coloriu mal.

Mestre Rosso, ou Roux (como lhe chamam os francezes), n. 1496, m 1541; pintou com muita expressão e viveza, porém ás vezes um pouco rude. Trabalhou quasi sempre em França, onde teve muitos discipulos, e de cuja eschola é julgado fundador.— Fontainebleau —

Alexandre Allori, n. 1535, m. 1607; foi gracioso e macio, e desenhou com toda a pureza do *antigo*.

Francisco Rossi (il Salviati), n. 1510, m. 1563; é muito estimado pela grande intelligencia de luz; desenhou e coloriu bem; seus quadros se distinguem pelas singulares attitudes das figuras. — Florença e Bolonha.

Jorge Vasari, n. 1511, m. 1574; muito celebre pelas vidas dos pintores, que escreveu: seu desenho é bom, mas sem energia, e seu colorido fraco. — Roma. —

Jacoppino del Ponte, n. 1511, m. 1570; as suas maneiras são as de Andrea del Sarto, seu mestre. Foi o melhor retratista da sua eschola.

Seculo XVII

Daniel Bacciarelli de Volterra, n. 1579, m. 1625; desenhou bem, e o que lhe deu grande nomeada, sobre tudo, foi a sua *descida da cruz* na egreja *della Trinita del monte* em Roma.

Ludovico Ciogli, n 1559, m. 16 5; pintou d'uma maneira firme e vigorosa; mas coloriu principalmente com o pincel de Corregio.

Francisco Vanni n. 1563, m. 1615; coloriu muito bem, e desenhou soffrivelmente.

João Manozzi (Giovanni di S. Giovanni), n. 1490, m. 1636; foi um dos melhores pintores de sua eschola; seus quadros, que mostram muita intelligencia de perspectiva e architectura, se acham em Roma, principalmente no palacio Pitti.

CAPITULO V

Da Eschola de Bolonha

A eschola de Bolonha, ou Lombarda juntou em si quanto pode produzir a perfeição da arte. Talvez (geralmente falando) nenhuma das outras o conseguiu tanto. O *antigo* foi o seu modelo; mas sem uma servil e exclusiva imitação; não tratou de formar systema ou, se o formou, foi extrahindo de todos o que achou melhor. As bellezas vivas e sensiveis da natureza, a verdade de expressão, a riqueza da ordem, a pureza dos contornos, a facilidade admiravel de pincel, e sobre tudo o colorido da mesma natureza, verdadeiro e encantador; tudo emfim, quanto offerece a pintura, bello e eterno, tudo reuniram os con-alumnos de Corregio.

Auctores ha hi (como Pruneti) que dividem estas duas escholas de Bolonha e Lombardia; porém a geral opinião é a que sigo. Sobre o chefe, ou fundador d'esta eschola, diversos são tambem os conceitos, querendo uns que seja Francia, outros Mantegna; a questão é de pouca utilidade.

Seculo XVI

Francisco Francia, n. 1450, m. 1518; suas obras são d'um desenho muito asisado, e mui boa côr para o seu tempo. Raphael lhe enviou o seu quadro *Santa Cecilia* para que o corrigisse. Diz-se que a inveja e dor de ver tam perfeita obra em um mancebo de tam pouca edade, lhe causara a morte.

Andrea Mantegna, n. 1451, m. 1517; seus quadros rarisssimos conservam ainda muito brilho, e são de melhor desenho que os de Francia.

Francesco Primaticcio Bolognese, n. 1490, m 1570; coloriu graciosamente, e desenhou no estylo de Julio Romano. Alguns, como Pruneti, o querem fazer chefe da eschola de França, onde quasi sempre viveu e pintou.

Antonio Allegri (Corregio), n. 1494, m. 1554; tinha chegado á perfeição da arte, e ignorava o seu merecimento. O *antigo*, Rap ael, Vinci, etc., tudo lhe era desconhecido; não sabia senão a natureza. Ouviu gabar muito um quadro de Raphael, observou-o, e conheceu o seu proprio merecimento; soube o que valia, e nem por isso foi mais vaidoso; antes continuou a dar por mui rasteiro preço seus inestimaveis quadros, cujo colorido e frescura de pincel ainda não pôde ser imitado.

Francesco Massuoli (o Parmezão, ou Parmegianino), n. 1504, m. 1540; maneiras graciosas, colorido fresco e natural, muita facilidade e correcção no desenho o constituiram um dos primeiros pintores da sua rica e fecunda eschola. Os quadros d'este mestre são raros e carissimos.

Lucas Cangiagio, ou Cambiagi, n. 1527, m. 1585 ou 85; pintou com muita facilidade, e o que é de admirar, com ambas as mãos

ao mesmo tempo. Teve muita verdade e viveza, e tal expressão nas figuras, que parece que falam:

Manca il parlar: di vivo altro non chiedi;
Ne manca questo ancor, se agli occhi credi.

Tasso, Gerus.

Os Caraches, Carachas, ou Caraccis, (segundo a nacional e verdadeira orthographia) mais celebres e conhecidos são tres. Luiz Caracci, n. 1555, m. 1618; estudou muito os grandes mestres e adquiriu uma maneira nobre e verdadeira, expressão e belleza de colorido. Instituiu uma academia ajudado de Agostinho e Annibal Caracci, seus primos, na qual se formaram Albano, Guido, Guercino e outros illustres artistas. — Agostinho Caracci desenhou perfeitamente e coloriu bem: dos tres é o menos celebre n. 1558, m. 1603.—Annibal Caracci, n. 1560, m. 1609; foi superior a seu irmão e primo; teve um estylo nobre e sublime, desenho preciso e fero, e colorido muitas vezes admiravel. A galeria *Farnesi* é de todas as suas obras a mais famosa.

Bernardo Castelli, n. 1559, m. 1629; grande amigo de Tasso, a quem retratou, bem como a quasi todos os bons poetas do seu tempo. Foi insigne n'este genero: desenhou bem e coloriu melhor.

Guido Renni (o Guido), n. 15 5, m. 1624; costumam distinguir-se tres maneiras differentes n'este pintor famoso: a 1.ª forte e assombrada; a 2.ª natural e bella; a 3.ª terna e doce, porém mais fraca. Pintava com a maior facilidade.

Seculo XVII

Francesco Albani (o Albano), n. 1573, m. 1660; deu-se absolutamente aos assumptos galantes e graciosos: seu genio doce e terno o determinou na escolha. O nosso Vieira Portuense o estudou muito e imitou bem.

Domenico Zampierri (Domenichino), n. 1581, m. 1641; observou sempre uma ordem magnifica nos seus quadros, muita nobreza, correcto desenho e verdade de expressão.

Francesco Barbieri da Cento (o Guerchino), n. 1590, m. 1666; trabalhou com uma facilidade incrivel; e os seus quadros se encontram por toda a parte: teve um desenho fero e expressão nobre; mas o colorido não é egual. Sua 1.ª maneira é escura e fraca; a 2.ª é mais dura e fortemente assombrada; a 3.ª é bella e encantadora, e participa do gosto de Ticiano e Corregio. Nos fins de sua vida, porém, obrigado da miseria, trabalhou mal e sem gosto.

Luciano Borzoni, n. 1590, m. 1645; verdade e intelligencia de expressão, e delicioso colorido o fizeram um excellente pintor. Teve dois filhos, que o imitaram, e se distinguira n. sobre tudo Francisco Borzoni nas paizagens e marinhas.

João Francisco Frimaldi, n. 1606, m. 1688; coloriu suavemente e com harmonia; suas paizagens são excellentes.

Benvenuto da Ferrara (o Garofalo), n. 1015, m. 1092; foi muito bom colorista e desenhou bem. As suas cópias de Raphael são muito estimadas.

Benedicto Castiglioni; sua pureza de desenho, frescura de colorido, delicadeza de toque e grande intelligencia de *claro-escuro* fizeram os seus admiraveis quadros preciosissimos e caros. Nasceu 1616, m. 1670.

Carlo Cignani, n. 1629, m. 1073; teve muito boa composição e desenho: mas pouca expressão por causa do *muito acabado* dos seus quadros.— Bolonha.—

Seculo XVIII

Thiarini, chamado o *expressivo*, morto pelos annos de 1750: teve muita expressão e um colorido vigoroso: exprimiu bem as paixões.

Izabel Cirani, do mesmo tempo. Estudou com proveito os grandes mestres: adquiriu um gracioso colorido; e, com quanto preferia os assumptos terriveis, executou muito melhor os doces e ternos.

Marcantonio Franceschini (o Francesquino), morto em 1729; seu colorido é muito engraçado, seu desenho preciso, e sua maneira tem uma bella simplicidade. Os quadros de Francesquino tem muita estimação e valor.—Bolonha.—

Marcos Benefiale, n. 1684, m. 1764; foi um dos bons mestres de sua eschola por seu correctissimo desenho, grande energia e expressão, e fecundidade de pincel —Roma.—

CAPITULO VI

Da Eschola Veneziana

A eschola Veneziana, que reconhece por fundadores os Bellinis, Giorgione e Ticiano, produziu excellentes pintores, que imitaram a natureza com uma fidelidade, que seduz os olhos. Seu colorido é sabio e encantador, seu *claro-escuro* de muita intelligencia, a imaginação bella, a ordem rica, e os mais galantes e espirituosos toques; em fim sua maneira é originalmente encantadora, sobre tudo nas formosas e sabias composições de Ticiano e Paulo Veronese. Os grandes mestres d'esta eschola desprezaram todavia a

guma cousa o desenho, tam essencial á boa pintura. Ticiano e Giorgione elevaram o modo Veneziano a um ponto, que será difficil egualal-os. Nota-se em geral a esta eschola pouco conhecimento do *antigo*, e attitudes.

Seculo xv

Gentil e João Bellini mortos, o primeiro em 1501, o segundo em 1512, e mui velhos; seus quadros rarissimos mostram ainda um desenho verdadeiro, mas sem ordem; seu maior merecimento é terem sido mestres de Giorgione e Ticiano.

Giorgione de Castel-franco n. 1477, m. 1511; sciencia de claro escuro, ordem, colorido e desenho o elevaram em brevissimo tempo (pois viveu só 34 annos) á perfeição.

Seculo xvi

Ticiano Vecelli da Cadore, n. 1477, m. 1576; suas obras espalhadas por toda a Europa fizeram conhecer este mestre, que discorreu uma longa e feliz carreira, vivendo 99 annos; um quasi inteiro e glorioso seculo empregado na mais nobre das artes. Ignorou o *antigo*, e falhou no desenho; mas o colorido de Ticiano, e sua expressão, assim como não tiveram modelo, não terão imitadores.

Gio. Antonio Regillo (il Podernone), n. 1484, m. 1540; a belleza de seu colorido, facilidade de desenho e apurado gôsto de invenção o fizeram temer muito de Ticiano. Nada mais é necessario para seu elogio.

Sebastião Piombo, n. 1485, m. 1547; o quadro da *resurreição de Lazaro* feito para oppôr ao da *transfiguração* de Raphael lhe adquiriu muita fama; e Miguel Angelo, cujo é o desenho do dito quadro, quiz por via d'elle disputar a Raphael o primeiro logar; mas a expressão, e colorido de Piombo não poderam triumphar do incontrastavel merecimento de seu illustre rival.

Giacomo Ponte Bassano, n 1510, m. 1592; amou os assumptos communs, em que foi grande: seu stylo é verdadeiro, e as suas côres excellentes.

André Sciavone, n. 1522, m. 1582; desenhou incorrectamente; porém coloriu tam bem, teve um modo tam facil e engraçado, tam bom gôsto nas roupagens, e tam bellas attitudes, que se lhe não póde negar o titulo de grande pintor.

Giacomo Robusti (il Tintoreto), n. 1524, m. 1594; uma imaginação vivissima, uma rapidez incomprehensivel e um finissimo gôsto o elevaram á primeira ordem dos mestres. E' prodigioso o numero de suas obras.

Paolo Calliari Veronese (Paolo Veronese), n. 1532, m. 1588, seus quadros farão sempre as delicias dos amadores da arte pela riqueza d'ordem, belleza de caracteres, bom gôsto de roupagens, frescura de colorido e nobre elegancia de figuras.

Giacomo Palma (Palma il Vecchio), n. 1540, m. 1588; imitou a natureza sempre bella, e com um *bem acabado* sem affectação.

Seculo xvii

Tiago Palma (Giacomo Palma il Giovane), n. 1544, m. 1628; foi discipulo de Tintoreto, que imitou optimamente.

Carlos Veneziano, n. 1585, m. 1625; seu colorido imita bem Corregio, e suas physionomias engraçadas as de Guido.

Alessandro Veronese, dito o *Turchi* ou *Orberto*, n. 1600, m. 1670; desenhou bem, e coloriu como um Veneziano.

Seculo xviii

Giam Battista Piazzeta, morto no fim do xviii seculo; seu colorido é mau, mas o desenho imita muitas vezes, e com verdade, a nobre altivez de Miguel Angelo.

Rosa Alba Carriera, n..., m. 1761; seus retratos e pasteis são conhecidos em toda a Europa; seu principal merecimento é o novo gôsto, e maneira singular, com que trabalhou em miniatura.

CAPITULO VII

Da Eschola Flamenga

A escola Flamenga é a de Rubens e Wandick; tanto basta para o seu elogio. Van-Eick, tam conhecido pelo invento da pintura a oleo, foi o seu chefe. Quem amar a nobreza do pincel Romano, a bella arrogancia do Florentino, as graças do *antigo*, as gentilezas Gregas, não será decerto muito apaixonado das producções Flamengas. Os gelos do paiz, o temperamento frio dos habitantes são as causas necessarias e naturaes do pouco fogo que se lhes nota. Mas, em troco d'esta falta, que bellezas lhes não achará o amador imparcial e singelo! Ninguem, senão os pintores Flamengos, apresenta em seus quadros um *bem-acabado*, um *completo*, que parece superior á paciencia humana; uma fidelidade original na imitação da natureza, que encanta e admira. O seu defeito todavia é o menospreço d'aquella generica e fundamental regra das boas-artes: *Imitar a bella natureza* isto é, *saber extremar n'ella o bello do mediocre*. Nisto falharam de certo, exprimindo-a muitas vezes com a cega pontualidade, e o

verbo ad verbum d'um *fidus interpres*; mas este mesmo defeito (permitta se me julgal o assim, com quanto vou contra o commum parecer) dá muitas vezes ás pinturas Flamengas encantos simplices e singelos, que em nenhumas outras se encontram.

N'esta numerosa eschola se classificam todos os pintores das nações do norte; e se os caracteres, mais que as patrias, devem ser n'este ponto os verdadeiros dados, não duvidarei tambem enumerar n'ella os poucos bons inglezes. Nunca pude gostar da pintura Britannica: um contra-natural, um monotono, um forçado no colorido, um sempiterno gêlo na expressão, que sempre lhe notei, me fizeram olhal-a com desprezo, e a não ser o moderno West, (de quem adeante falarei) decerto os Inglezes avultariam bem pouco n'este ramo das boas-artes.

Seculo xv

João Van Eick, n. 1370, m. 1441; fundou a sua eschola, e inventou a pintura a oleo. Nada mais se sabe.

Alberto Durero, nasceu em 1471, e morreu em 1528; seu desenho é correcto, sua imaginação viva, sua maneira firme: mas falhou muito nos costumes.

Seculo xvi

João Holbein, nasceu em 1498, e morreu em 1554; sua imaginação é sublime, o colorido vigoroso, e suas figuras tem um ar de relêvo, que engana. Em geral o pintar d'este mestre parece mais Lombardo, que Flamengo.

Otam Vaen ou Vaenio, nasceu em 1556, morreu em 1634; formou-se no gosto Romano, que lhe deu muita correcção de desenho, e belleza de expressão: qualidades, a que juntou grande intelligencia de claro-escuro.

Bloemart, nasceu em 1567, e morreu em 1647; um toque expedito e livre, bellas roupagens, muita sciencia de claro-escuro são os caracteres d'este pintor.

Pedro Paulo Rubens, nasceu em 1567, e morreu em 1640; nada será bastante para fazer descer este grande homem do grau il lustre de primeiro pintor historico. Não quero, nem devo occupar-me de seus defeitos: releva-me só dizer: que o seu colorido é verdadeiro e brilhante, sua imaginação fertil, seu claro escuro sabio, todo elle é encantador. —A galeria do Luxembourg é a sua melhor obra: mas um quadro allegorico da guerra (no palacio ducal de Florença) no meu parecer, e no de muitos, não é inferior. Fogo brilhante, nobreza poetica, côr excellente;[1] caractéres interessantes, composição precisa, intelligente distribuição de luz; tudo se juntou n'este quadro: e n'um grau de formosura, a que só a allegoria póde remontar. A simples ideia d'este painel vale bem uma *Iliada*, e todos os Klopstocks juntos talvez a não produzissem: «É a *transfiguração* de Rubens» dizia um philologo meu conhecido, alludindo ao celebre quadro de Raphael. «A vida dos homens sabios é o catalogo de suas obras» diz um grande litterato[2]. Esta sentença desculpa a minha diffusão

Seculo xvii

Antonio Wandick, nasceu em 1599, e morreu em 1641; foi discipulo de Rubens, e a maior honra do mestre, verdadeiro e simples na imitação da natureza. O seu genero foi o retrato, em que ninguem o excedeu.

Rembrant-Van-Ryn, n. 1606, m. em 1674; foi grande no *claro-escuro*, na harmonia das côres: na imitação do relêvo. Seus quadros são conhecidos pelo fundo negro.

Vander Kabel, nasceu em 1631, e morreu em 1695; distinguiu-se absolutamente da sua eschola pela imitação dos Caraccis e Salvator Rosa.

Eglone-Vandernér, ou Vandernêer, nasceu em 1643, e morreu em 1697; um colorido vivo, um pincel mimoso lhe fizeram naturalmente procurar os assumptos amorosos, em que foi excellente.

Wanderwerff, nasceu em 1659 e morreu em 1722: seus toques são firmissimos, e seu desenho correcto.

Seculo xviii

Antonio Raphael Mengs, nasceu em 1728 e morreu em 1779; tem uma verdade de colorido, e uma facilidade de pincel, que distingue as suas obras de quaesquer outras.

Gerardow n.. , bem conhecido pelo seu *Hydropico*, que existia no palacio real em Turin, e que Mr. Cochin na sua viagem de Italia não duvída chamar o melhor quadro Flamengo, e assegura ter sido um dos mais estimados do principe Eugenio[3].

[1] A muito me affoito, conceituando da belleza de côr de um quadro, que nunca vi, senão em estampa. e má estampa; mas fio-me na auctoridade de eruditos viajantes. Haverá dois annos que me communicou esta estampa em Lisboa o sabio philologo J. B S. Dos apontamentos, que então fiz, extrahi esta e outras descripções, que por ahi vão.

[2] Voltaire: *Siècle de Louis XIV*.

[3] Muito ha que li estas viagens, assim como as memorias de Mr. l'Abbé Richard; de maneira que agora não poderei asseverar em qual dos dois encontrei Gerardow, e o seu Hydropico. A' leitura d'ambos remetto os curiosos.

CAPITULO VIII

Da Eschola Franceza

A eschola Franceza, filha da Romana (segundo Pruneti) honra muito a sua progenitora. Desde o seculo XVII as Italianas (seu modelo) declinavam muito; já se não viam Raphaelos, Corregios, nem Ticianos: parece que a natureza, exgotada por tam grandes talentos, queria descançar. E n'esta mesma epocha (principios do seculo XVIII, e fins do seculo XVII) brilhavam em França Le Brun, Lesueur, Subleiras, etc. Veiu o seculo XIX tam memorando pelas extraordinarias mudanças, que viu a Europa; e emquanto a revolução Franceza, e suas consequencias aniquilavam em toda a parte[1] as boas-artes; a França apresentava ao mundo o mais brilhante espectaculo. Por entre o ruido das armas o e estrepito dos combates, as margens do Sena,

D'onde, arrancando omnipotencia aos fados,
Impoz tropel d'heroes silencio ao globo

Bocage

se ornavam com todo o esplendor das sciencias e artes. A mesma Theologia tam sêcca, e enfadonha nas mãos de Santo Thomaz, tam immoral nas de Molina, e Sanches, muda de fórma, toma nova essencia, e na milagrosa penna de Chateaubriand surge com uma belleza e magestade, que jámais puderam dar-lhe o douto Agostinho, o eloquente Origenes. Com bem justiça, emquanto a mim, se podem a si proprios applicar os Francezes, a respeito das outras nações, aquella sentença de Seneca: *Multum egerunt qui ante nos fuerunt, sed non peragerunt.*[2] N'esta epocha brilhante e memoranda nos fastos da humanidade, das sciencias e das artes, a pintura renova em Paris os seculos de Augusto, de Leão X e de Luiz XIV. Os generaes victoriosos traziam de toda a parte os monumentos mais preciosos das boas-artes. O Vaticano, o Belveder, o Capitolio, Roma, toda a Italia foi exhaurida, e suas riquezas de esculptura e pintura transportadas á nova capital do mundo. Então appareceram em França David, Girodet, e muitos outros, que vão parelhas com os mais famosos Italianos, se em parte os não excederam. Lavater no seu engenhoso livro das physionomias não se atreveu a caracterisar os Francezes. Seus genios e maneiras tam incertos e incapazes de classificação, como sua variada physionomia, impedem affixar lhes com exactidão a caracteristica; e philologos por isso houve, que não quizeram considerar na Franceza uma eschola; porém esta asserção é sem critica, e pouco seguida. Pruneti no seu *Ensaio Pictorico* accusa a eschola Franceza de mau colorido, e ignorancia do *antigo*. Eu, sem me atrever a constrastar este parecer, julgo que tal imputação não póde ter logar na moderna eschola franceza; mas sómente se deve referir á antiga. Pruneti todavia não conheceu a eschola de David; mas devia conhecel a seu traductor Taborda: devêra estudal-a para emendar o seu original, e exceder assim a mediocridade d'um traductor servil, accrescentando-lhe novas ideias. O grande genero francez é geralmente o historico. O chefe d'esta eschola, querem uns que seja Roux, ou Rosso, outros que Leonardo da Vinci: Pruneti assevera que fôra Primaticio Bolognese e o faz alumno da escola Romana. Eu o classifiquei na Lombarda; mas confesso que me enganei; porque o seu pintar, verdadeira norma, é mais Romano, que Lombardo.

[1] A excepção da Inglaterra e Russia, e tambem de Portugal, que então colhia os fructos de todas as fadigas de Pombal e Manique.

[2] Seneca *Epist.* 65.

Seculo XVI

Vovet, n. 1590, m. 1649; teve um desenho altivo, e um pincel vigoroso, mas imitou depois todas as boas e más qualidades de Mig. Ang. de Caravaggio.

Nicolau Poussin: Pruneti o faz nascido em 1594; mas Voltaire *(Siècle de Louis XIV)* assevera esta data em 1590. A boa critica decide por este, como nacional, e tam instruido nos successos d'um tempo, cuja historia nos deu. O mesmo Voltaire diz que Poussin era chamado o pintor das pessoas de espirito, e accrescenta que tambem das de gosto se podia dizer. Soube bem o *antigo* e o desenho; mas o gôsto Romano lhe deu um colorido sombrio. Sua philosophia (diz o grande escriptor) o fez superior ás intrigas de Le Brun, e morreu pobre mas contente em 1665.

Pedro Valentin de Colonier, n. 1600, m. 1632; imitou Poussin; teve um colorido harmonioso, boa ordem nas figuras, mas pouca correcção no desenho.

Jacques Blanchard foi imitador feliz das bellezas de Ticiano. Nasc. 1600, m. 1638.

Lesueur, n. 1617, m. 1655; seu engenho é sublime e elevado, seu gosto de roupagens magnifico. E' um dos primeiros pintores da antiga eschola Franceza.

Pedro Mignard, n. 1610, m. 1638; o estudo, e imitação de Raphael e Ticiano o fizeram algum tempo rival de Le Brun; mas a posteridade imparcial o extremou bem.

Carlos Le Brun, n. 1619, m. 1690; sua composição, dignidade de exprimir, e fidelidade de costumes se conhece principalmente pelas batalhas de Alexandre, que Voltaire julga superiores ás de Paulo Veronese; mas apezar do meu respeito a um tal historiador, e philologo, creio que n'isto se engana, bem como no elogio do seu colorido, que todos taxam de menos correcto

Seculo XVIII

José Vivien, nasceu em 1651 e morreu em 1735; retratou bem a pastel, teve muita belleza e fecuudidade de ideias, e executou bem.

Pedro Subleiras, nasceu em 1699, e morreu em 1749; fertilidade de engenho, grandeza de estylo, viveza de colorido, magnifica perspectiva, boas roupagens são os seus caracteres, e os d'um grande pintor.

João Baptista Santerre, n..., m...; seu merecimento principal é um colorido verdadeiro e terno. O quadro de *Santa Thereza* na capella de Versailles é um dos esmeros d'arte mais preciosos e bellos; com quanto um pouco voluptuoso de mais, de que ao assumpto e logar cumpria.

Seculo XIX

David[1] é não só o primeiro pintor da moderna eschola Franceza, mas por ventura o primeiro do mundo, depois de Raphael. Que vastidão e sublimidade de ideias! Que força e verdade no colorido! Finalmente as suas composições reunem todas as boas qualidades, que apenas se acham dispersas pelos quadros mais famosos das antigas escholas, e que só a elle foi dado juntar. Falem os prodigiosos quadros de Belisario, do juramento dos Horacios, da morte de Socrates, e sobre tudo o incomparavel quadro das Sabinas, o *non plus ultra* da concepção e execução, e a eterna inveja de todos os pintores existentes e futuros.

Girodet egualmente se tem distinguido muito pela elegancia de suas composições, e suavidade do seu colorido, que nos seus quadros, quer de perto, quer de longe, presenta quasi o mesmo effeito. Não tem as graças viris de David; mas um acabado, uma doçura, uma maneira de exprimir, que o caracterisam, e tornam por extremo encantadoras suas bellas producções. Vejam se os quadros do *enterro d'Atala*, e da Virgem.

Gérard por seus excellentes retratos, chamado o Wandick de França, é tambem pintor historico e famoso pelo bom arranjo e ordem de seus grupos, pannejado ou trapejado de suas figuras, e bella correcção de desenho. Seus grandes quadros são o Belisario, a Batalha d'Austerlitz, e ultimamente a entrada de Henrique IV em Paris, que lhe grangeou o logar de primeiro pintor da Camera de Luiz XVIII: não porque Girodet seja superior a David, nem mesmo egual, mas porque soube lisongear a tempo.

Régnault é muito conhecido pela correcção do desenho: porém o seu colorido, em demasia brilhante, é mais contrafeito, que natural: todavia deu muitos e bons discipulos, e entre elles o mais famoso é:

Guérin tem celebre pelos seus quadros de Phedra, e Hyppolito. de M. Sexto e da narração de Eneas a Dido. Seus caracteres são fogo pictoresco e muita sciencia de *claro es ouro.*

Le Gros bem conhecido pintor de historia segue a David. E' mui celebre o seu quadro de Francisco I, e Carlos V em S. Diniz.

Vernet, filho do paizagista do mesmo nome, e que no genero de batalhas é sem par. Só elle conseguiu exprimir com todo o fogo, e energia os brutos, que puxam o carro de Neptuno.

CAPITULO IX

Dos Pintores Inglezes e principalmente de West

West é o unico inglez, cujas obras mereçam collocar se a par das boas das outras nações. Os Inglezes não tem o genio da pintura. A natureza do paiz não e bella, o seu frio e desleixado; as proporções do corpo em geral irregulares, mal feitas; o caracter da nação duro e rispido; os costumes ferozes; tudo emfim concorre a impossibilitar a Gran-Bretanha de produzir bons pintores. Um inglez bem conhecido, o barão de Chesterfield o confessava, quando n'uma de suas cartas a certa dama franceza diz: *Every country has talents peculiar to it, as well as fruits, or other natural productions. We here think deeply, and fathom to the very bottom. Italian thoughts are sublime to a degree beyond all comprehension. You keep the midle path, and consequently are seen followed, and beloved* (CHESTERFIELD *Letters:* Lett. 444). Comtudo West soube distinguir-se de seus compatriotas por um genio vasto, e desenho correcto; mas seu caracter de pintura não é sublime; e o seu colorido (como o geral da nação) contrafeito e improprio.

[1] Tinha-me feito a mim proprio uma lei de nao nomear nenhum pintor vivo; mas o reconhecido merecimento d'estes, o serem estrangeiros, a necessidade de falar da moderna eschola Franceza, e não podêr fazêl o de outra maneira, me obrigou a infracção da lei, e quebra do protesto.

CAPITULO X

Dos Pintores Portuguezes

Tem-se escripto muito, e muito controvertido sobre a Pintura portugueza, e sua historia; mas tanto nacionaes, como estrangeiros (affoitamente o digo) sem critica. O exame de seus escriptos, das obras dos nossos artistas me suscitou a ideia de entrar com o facho da philosophia n'este cahos informe e desembaraçar, quanto em mim fosse, com o fio da critica este inextricavel labyrinto. Não pretendo adeantar ideias novas: pois d'onde as haveria? Menos ainda refutar as poucas historicas que temos: pois que documentos poderia allegar? Mas simplesmente examinar o que ha, e dar lhe ordem e methodo. Eis-aqui o que é meu, o resto é dos escriptores, de quem o houve. Com estes dados considerei em Portugal quatro epochas de pintura, umas mais, outras menos brilhantes: por via d'estas divisões será por ventura mais facil o formar um systema historico d'esta boa-arte entre nós.

EPOCHA I

(Seculos XI até XIV)

O erudito arcebispo Cenaculo, Barbosa e outros modernos, na investigação das antiguidades da pintura portugueza, conjecturaram muito e com muita fadiga, mas pouco fructo. O desleixamento d'aquelles seculos meio barbaros em se lembrar da posteridade com a historia de seu tempo, não deixa aos animos estudiosos, e amigos da gloria patria, senão o desejo e infructuoso trabalho de vagar sem rumo por um pelago de conjecturas, a qual mais vaga. Que Italia e Portugal eram, n'estas epochas remotas dos seculos XI, XII e XIII, as provincias menos barbaras da Europa; seus monumentos publicos, templos, estatuas e ainda livros o mostram. Alcobaça e Santa Cruz de Coimbra são, alem d'outras, incontrastaveis provas da minha asserção. Vivia entre nós a pintura; e vivia o melhor, que do gosto do tempo se podia esperar Quem exigir mais diffusão, póde ver os citados Barbosa e Cenaculo, e todos os allegados pelo moderno Taborda. O resultado philosophico de quanto disseram é em poucas phrases: — Que esta arte antiquissima entre nós remonta ao principio da monarchia. — Que barbara e gothica ao principio, se foi pouco e pouco melhorando, já pelas viagens dos nossos mestres á Italia, já pelas obras e pintores que de lá vinham chamados pelo bom acolhimento, que lhes nossos monarchas faziam. — Que existem ainda d'este tempo algumas pinturas, cujo auctor se ignora. — Que nos reinados d'Affonso V, e João II já tinhamos pintores de nome, como Gonçalo Nuno, João Annes, e Alvaro de Pedro. — Que o estylo da nossa pintura d'este tempo, era um mesclado de gothico e grego-moderno, similhante ao de Cimabúe, Guido de Sienna, e Pedro Perugino. — O gôsto do *antigo*, que então começava a prevalecer na Italia, e que de lá se communicou a Portugal pela protecção, com que o amador das boas-artes, D. Manuel, especialisou a pintura, assignala a segunda epocha, que se deve contar do XV seculo.

EPOCHA II

(Seculos XV e XVI)

«Emquanto a França se occupa em justas e torneios, em discordias e guerras civis, Portugal descobria novos mundos, fazia o commercio da Europa, e produzia um sem numero de Camões, antes que em Paris houvesse um só Malherbe» diz Mr. Voltaire *(Siècle de Louis XIV)* e devêra accrescentar que, antes que nascessem Le Brun e Poussin, já Portugal contava, na longa serie de seus pintores, Gran Vasco, Francisco de Hollanda, Claudio Coelho, e mil outros. D. Manuel chamado o feliz, foi o pae das sciencias e artes: e se João III contou no seu tempo mais sabios, que seu illustre antecessor, fructos foram, que em seu tempo amaduraram; mas devidos ás fadigas do semeador e cultor o grande Manuel. Gran Vasco, Gonsalo Gomes, Fr. Carlos todos são d'este tempo. O commercio e conquistas da India tinham elevado o reino a um gráo de opulencia, desconhecido então das outras nações. D. Manuel quiz eternizar-se com a fabrica do mosteiro de Belem; conhecendo:

Que d'acções immortaes se murcha a gloria,
Se a não regam as filhas da memoria.

DINIZ, Od.

Os mancebos de mais esperanças foram mandados á Italia a aperfeiçoar-se na pintura. Affonso Sanches, Fernão Gomes, Manuel Campello, Christovam Lopes e outros, voltaram aproveitados, e enriqueceram não só Belem e Lisboa, mas o reino e toda a Europa com suas primorosas obras. Veiu depois Francisco de Hollanda, Diogo Pereira e Claudio Coelho, que não deixaram ao seculo de Manuel e João III[1] que invejar ao de Luiz XIV. O estylo pomposo de Mi-

[1] Nunca pude affeiçoar-me a D. João III apesar da sua piedade e bondade, apesar do seu amor das sciencias, protecção que lhes deu, etc., etc. Donde virá isto? Será do seu ainda maior amor, e do generoso accolhimento, que fez á Sancta Inquisição?

guel Angelo, que tanto agradava ao genio altivo d'uma nação conquistadora, prevalecia muito entre os pintores portuguezes, que nem por isso menos presaram o desenho de Raphael, e o colorido de Ticiano, que ainda hoje se admira, em suas bellas composições.

EPOCHA III

(Seculo XVII)

Expiraram com D. Sebastião nas areias de Africa o valor e espirito portuguez; caiiram as sciencias, esmoreceram as artes; e, com quanto os intrusos Philippes favoreciam alguma cousa o talento; a abundancia e riquezas, em cujo seio se crearam sempre os grandes engenhos tinham desamparado o reino, e sepultado a nação no lethargo politico, na miseria e na ignorancia. As cinzas das sciencias fumegavam com tudo; e os ultimos vislumbres d'um clarão moribundo, mas ainda grande, allumiaram ainda a Amaro do Valle, Estevam Gonsalves, José d'Avellar e Bento Coelho. — Surgiu finalmente a independencia portugueza depois de 60 annos de escravidão; mas o genio da nação estava muito abatido; era necessario ainda o decurso de muitos seculos para o levantar. Vêem-se com tudo d'esta quadra muitas pinturas, supposto não mereçam comparar-se com as do bom tempo de Campello e Claudio. Bem como nos animos, reinava na pintura por estes desgraçados tempos a servidão e mau gosto, que se limitava a copiar e imitar com baixeza; e por ventura pela mesma razão, que nos fez desprezar a materna lingua, para escrevermos na hespanhola: lisonja vil e indigna do nome portuguez, eterno opprobrio e mancha de escriptores, aliás benemeritos, como Faria e Souza, que enxovalhou sua fama com tal baixeza e vituperio[1], e a marcou indelevelmente com o ferrête da sordida adulação; perniciosa mania, que tanto estragou o idioma de Camões e Barros, e a tal ponto, que os esforços e fadigas de tantos sabios e philologos tem sido pouco para a restaurar.

EPOCHA IV

(Seculos XVIII e XIX)

A longa paz do reinado de D. João V, o commercio das colonias Americanas, as riquezas e abundancia consecutivas fizeram reviver as artes e sobretudo a pintura e architectura. Começou-se Mafra pela mesma razão, que se começára Belem: a Italia recebeu de novo muitos alumnos portuguezes; e como Luiz XIV fizera em Roma, fez João V, instituindo n'aquella cidade uma academia de pintura. Francisco Vieira Lusitano, Ignacio d'Oliveira, e muitos outros foram o digno fructo dos cuidados do monarcha, merecedor por seus bons desejos d'um seculo mais philosopho. e d'uma côrte menos hypocrita. N'este estado de cousas começou a reinar D. José, e com elle o marquez de Pombal: tudo mudou de face; cahiu o colosso jesuitico, o reino d'Aristoteles e a barbaridade Thomistica[1]; brilhou a pintura como a poesia, e as outras artes e sciencias. O governo doce e moderado de Maria I acabou de aperfeiçoar o que principiára e adeantára D. José, e o marquez de Pombal, que na universidade de Coimbra,[2] em Mafra, no collegio dos nobres, e outras partes tinham instituido aulas de desenho e pintura. D. Maria fundou a academia do *nu;* em seu tempo[3] se instituiu a de desenho do Porto. A nenhum bom portuguez devem esquecer os vigilantes cuidados do intendente Manique, a quem a pintura, a esculptura e mais artes devem tanto em Portugal. Esta fertil epocha produziu um Pedro Alexandrino, Vieira Lusitano, Teixeira Barreto, Vieira Portuense, Sequeira, e muitos outros, cujos nomes calo, mas bem conhecidos pelas suas bellas producções. A verdade, a expressão, o bello natural são os caracteres dominantes n'estes tempos.

PINTORES PORTUGUEZES DA I EPOCHA

(Seculo XI atè XIV)

Alvaro de Pedro viveu e pintou na Italia pelos annos de 1450. Nada mais se sabe; mercês á incuria de nossos avoengos. Oxalá que este miseravel e vergonhoso exemplo sirva de estimulo a netos, que possam melhor que eu, transmittir á posteridade a memoria illustre de nossos coévos. Noto de passagem que o traductor da oração de Belori assevera, com uma intrepidez que me espanta, serem de Gonsalo Nuno, ou Nuno Gonsalves as

[1] E com effeito qual será o bom portuguez, que possa perdoar a Faria e Sousa o ter escripto as suas historias em castelhano? Os seus taes e quaes commentarios a Camões, ao melhor dos escriptores portuguezes, ao mais célebre da sua nação, na lingua dos oppressores da patria, dos tyrannos de Portugal?

[1] Todos sabem que a philosophia Aristoletico-Thomistico-escholastica, tam querida de nossos avós, era o opposto diametral d'aquella definição de Seneca: *Non est philosophia populare artificium, nec ostentatione paratum Non in verbis, sed in rebus est* SENEC. Epist. XVII ad Lucil.

[2] Em Coimbra não teve effeito: dizem as más linguas, que por ser cousa d'utilidade e especie ommissa nos *ff* e *Inst.*

[3] Na regencia do actual reinante, e demencia da rainha.

pinturas da capella de S. Vicente na sé de Lisboa. O mesmo dizem Francisco de Hollanda e Bermudes.

João Annes. Deixadas conjecturas, nada mais sabemos d'este pintor, senão que vivia pelos annos de 1429 por uma carta de privilegio dada por D. Affonso V. (*Vide* Taborda, Cenaculo, etc.)

Vasco dito o grande (Gran Vasco). Sabemos por documentos d'aquelle tempo, que vivia ainda nos fins do XV seculo. Seu estylo do antigo modo Florentino faz julgar aos sabedores, que estudára com Pedro Perugino. Desenho, ainda que rude, exacto, attitudes energicas, grande conhecimento de architectura, bellas paizagens são os caracteres d'este insigne mestre, que, fertil, e assiduo no trabalho enriqueceu todo o reino com seus primores. Muitos templos de Lisboa, o da Ordem de Christo em Thomar, e outros o attestam. Foi pintor de D. Affonso V, e segundo o traductor portuguez de Belori, tambem de D. Manuel. Um periodico de Lisboa (que infelizmente se intitula Mnemosine Lusitana) quer que o melhor quadro de Vasco seja o da paixão de Christo no horto (em Thomar); pintura (diz elle) porque um Inglez philologo, dava 6:000 cruzados, e uma boa copia. Desejava de todo o meu coração, que o redactor, ou redactores tivessem, ao menos n'isto, razão: em quanto a mim o amor da patria m'o faz crer facilmente.

PINTORES PORTUGUEZES DA II EPOCHA

(Seculos XV e XVI)

Gonsalo Gomes, de quem nada mais se sabe senão que vivia nos fins do seculo XV, foi pintor de D. Manuel: e a estimação, que este sabio rei d'elle fez, é o unico, mas relevante testemunho do seu merecimento.

Na chronica de D. Manuel é chamado Duarte Darmas *grande pintor*, e como tal enviado por el-rei a debuxar as entradas de Azamor, Salé, etc. (*Vide* Damião de Goes, *Chron. de D. Man.* part. II, cap. 27, pag. 208, ediç. de 1819).

Firmado no proprio testemunho do auctor assevera (e não sei se com razão) Vicente Carducho, e com elle Taborda, que o nosso historiador Resende fôra tambem grande pintor. Não sei se a singeleza d'aquelles tempos é bastante para crermos um homem no artigo dos seus louvores.

Fr. Carlos, monge de S. Jeronymo vivia no principio do seculo XVI. Pintou no estylo de Bolonha, e sobre tudo no de Corregio. Ainda que flamengo de origem, suas obras tem mais nobreza, que o commum d'aquella nação, sem deixar de ter sua bella simplicidade.

Gaspar Dias viveu pelos principios do XVI seculo. Mandado a Italia por D. Manuel a estudar os grandes modelos, e formar o stylo, sua alma elevada não se contentou d'outros mestres, que não fossem Raphael e Miguel Angelo. Estudou os, e mereceu imital-os com dignidade.

Christovam d'Utrecht nasceu em 1478, e morreu em 1557; ainda que nascido em Hollanda, nossos escriptores o fazem portuguez. Soube perfeitamente a perspectiva, e juntou ao gôsto de Perugino, e João Bellini a maior delicadeza e harmonia de pincel.

Affonso Sanches Coelho, nasceu em 1515, e morreu em 1590; dotado pela natureza de quanto constitue um grande pintor concebeu fortes desejos de passar á Italia, onde ouviu as lições de Raphael; honra, que bem mereceu por seu aproveitamento. Chamado por Philippe II á Hespanha ennobreceu Madrid; e sobre tudo o Escurial com suas pinturas. Um dos poucos exemplos do merecimento premiado foi este illustre portuguez. João III de Portugal, Philippe II, Gregorio XIII, o grão duque de Toscana, o da Saboia, o cardeal Alexandre Farnese o estimaram, enriqueceram e honraram á porfia. Sua alma bem formada escutou sempre a voz da natureza; e o philologo não excedeu n'elle o homem. (*Vide* Palomino, Bermudes, etc.)

Fernão, ou Fernando Gomes, mandado á Italia por D. Manuel, e em consequencia vivendo no principio do seculo XVI, foi aproveitado discipulo de Miguel Angelo; e suas obras o provam bem.

Manuel Campello tambem enviado á Italia, e tambem do mesmo tempo. Ainda hoje se admira em Belem nos seus quadros, aquella correcção de desenho da eschola Romana, aquella grandeza de estylo, que faz a gloria de Miguel Angelo, seu mestre, e que a não faz menos do illustre discipulo. Estas brilhantes qualidades lhe grangearam os elogios de todos os sabios nacionaes e estrangeiros. (*Vide* D. Francisco Manuel de Mello: *Hospital das lettras*; Guarenti, etc.)

Vasques... viveu pelos annos de 1562; poucos pintores souberam, como elle, anatomia tam necessaria para o bom desenho, e proporções, em que se avantajou, e que lhe déram um mui distincto logar na historia da arte, apezar de seu estylo um pouco rude.

Christovam Lopes, nasceu em 1516 e morreu...; o estylo pomposo de Miguel Angelo, que tanto agradava ao genio sublime e elevado dos Portuguezes, foi o seu modelo; e juntando a tam brilhante qualidade a expressão de Raphael, enriqueceu a Patria com as magnificas producções, que ainda hoje são admiradas depois de tantos seculos pelos sabedores, e amantes das boas-artes.

D. Leonor de Noronha da casa de Linhares, nasceu em 1550 e morreu em 1636; de Duarte Nunes de Leão na *Descripção de Portugal*, e de Barbosa na *Biblioth. Lus.* sabemos só que pintou *excellentemente a oleo e illuminação.*

Antonio de Hollanda, inventor da illuminação a pontos brancos e pretos em Portugal; e com tanto mais merecimento, que absolutamente ignorava a mesma descoberta que então se começava na Italia. D'elle disse o Imperador Carlos V, que *mejor le habia saccado al natural Antonio de Hollanda en Toledo de illuminacion, que Ticiano en Boloña.* Bem pouco vale este elogio, porque homens d'esta classe nada entendem de ordinario de tudo o que póde ter algum valor ou merecimento, tendo de mais a mais a presumpção do voto decisivo. Não consta porém, que Deus creasse mais que um Salomão, e como este *um* morreu ha muito tempo, e estes senhores se não dão o incommodo de fazer aquillo, que fazem os que não são Salomões, ou não tem a tal *infusa*, é bem claro o valor de similhantes elogios. Carlos V porém (façamos justiça) posto que o mais odioso monarcha por seu cruel despotismo, não era comtudo o mais tolo, e algumas luzes lhe tinham ficado de senso commum, que se costumam apagar com a...

Francisco de Hollanda floreceu pelo meio do seculo XVI.—Pintor, architecto, poeta e philosopho.—Na Italia Paulo III, e todos os grandes e sabios; toda a Hespanha; em Portugal João III, e toda a corte o estimaram como merecia. (Pois n'aquelle tempo tambem em Portugal se dava preço ao merecimento!) O muito que se tem escripto sobre este memoravel portuguez, me desobriga de mais extensa apologia. De sobejo lh'a fazem seus preciosos escriptos, suas pinturas, e toda a Europa.—De suas producções é sem questão a obra-prima, o baptismo de S. Agostinho (que ainda se conserva em cabeça de morgado na casa dos Castros) em que se admiram reunidos a sabia composição de Raphael, o desenho nobre e altivo de Mig. Angel., e o bello colorido de Ticiano.—Julga-se que morreu em 1574.

PINTORES PORTUGUEZES DA III EPOCHA

(Seculo XVII)

Diogo Pereira nasceu em 1570 e morreu em 1640; trabalhou muito; e o desvalimento, em que sempre viveu, não lhe affrouxou as graças naturaes e puras, que fazem a belleza de suas composições. Mas sobre tudo as scenas de horror foram o mimo do seu pincel. Tive o prazer de admiral-o muitas vezes em suas obras, que por decisiva prova de merecimento, são procuradas por altissimos preços para Italia, França e Inglaterra.

Estevam Gonsalves Neto, n..., morreu em 1627; é d'elle o missal do convento de Jesus tam gabado pelas excellentes miniaturas que o ornam. Soube bem o ornato e perspectiva.

Amaro do Valle, n.., morreu em 1610; seu gosto é delicado; seu estylo grande e expressivo; o desenho correcto, e assizada a perspectiva. Foi pintor de Philippe II.

José de Avellar Rebello viveu no tempo de D. João IV, que o condecorou com o habito de Aviz; caracterizam suas obras (das quaes a melhor é o *S. Jeronymo* da livraria de Belem) um estylo da grandeza de Mig. Ang., e um colorido de summa verdade.

D. Josepha de Ayla, n..., e morreu em 1684; um engenho fertil, muita verdade, expressão vivissima são a caracteristica de seus quadros, pela maior parte, de flores e fructos; mas o seu grande genero foi o retrato.

Claudio Coelho, n..., e morreu em 1693; este homem tam grande e tam conhecido tem sido aboccanhado por muitos, e exagerado por alguns; mas a opinião geral o constitue n'um dos mais superiores graus entre os mais illustres pintores. Desenhou correctamente; coloriu como Ticiano; e conheceu, como poucos, o effeito da perspectiva. Tudo isto se observa principalmente no seu primoroso quadro da sacristia do Escurial bem divulgado pela moderna estampa de Bartholozi. (*Vid.* Palomin. *Mus. Hist.* pag. 440 até 444; o abbade Ponzz. *Viag. d'Esp.* Tom. V. pag. 65 até 126; Bermudez *Diccion Histor.* Tom. I. pag. 337 até 347; Bourgeoin *Tableau de l'Espagne moderne.* Tom. I. pag. 227).

Bento Coelho viveu no XVII sec. Grande facilidade, bom colorido, como o de Rubens, que imitou; pouca correcção no desenho. Conservam-se ainda muitas de suas obras.

PINTORES PORTUGUEZES DA IV EPOCHA

(Seculo XVIII)

Victorino Manuel da Serra, n. 1692, m. 1747: foi o primeiro, que em Portugal introduziu o gôsto e ornato francez.

André Gonsalves, n..., m...; foi correcto no desenho, e bom no colorido; mas seu merecimento principal é o de copista.

Ignacio d'Oliveira, n..., m. 1781: distinguiu-se sobre tudo pelos encantos do colorido: estudou em Roma, e trabalhou muito em Mafra.

Francisco Vieira Lusitano, n..., m. 1783, estudou muito em Roma, aonde, por concurso, levou o premio da Academia de S. Lucas. Foi grande na allegoria; desenhou bem, coloriu divinamente, e teve muita expressão Apezar de tudo o que a inveja tem suscitado contra este grande mestre, elle será sempre um d'aquelles, com quem a pintura nacional mais se honra e ennobrece. Vieira Lusitano é muito conhecido, para me obrigar a maior elogio

Joaquim Manuel da Rocha, n. 1730, m. 1786; distinguiu-se pela correcção do desenho, e muita expressão. Foi director da academia do *nu*, e professor na aula do desenho de Lisboa.

Francisco Appariçio n..., m. 1787; distinguiu-se muito no retrato e sobre tudo, por uma grande verdade de colorido. Estudou em França.

Luiz Gonsalves de Senna, n. 1713, m. 1790; foi mui destro no pintar; e em Lisboa se vêem muitas obras suas de grande merecimento.

Jeronymo de Barros Teixeira, n. em 1750, m. em 1803; o stylo simples e natural, bom colorido, muita sciencia de claro-escuro, e de architectura, grande talento para o retrato o constituem em mui distincto logar na ordem dos bons artistas.

Pedro Alexandrino de Carvalho, n. 1730. m. 1810; teve um pincel livre, viveza de côres, e maneiras engraçadas, e foi um dos directores da academia do *nu*.

José Teixeira Barreto, n. no Porto 1763, m. 1810; estudou muito em Roma, e com grandes mestres. Seu stylo é caprichoso, mas bello. Foi lente de desenho na Academia do Porto.

Francisco Vieira Portuense, n. 1765, m. 1805; foi primeiro pintor da camera e côrte, director do instituto de desenho do Porto, e estimado e honrado de toda a nação, e das estrangeiras, principalmente da Ingleza. Foi premiado pela Academia de Londres. Pintou no stylo do Guido e Albano; e, no seu genero, não deixou aos portuguezes nada que invejar ás outras nações.

ADVERTENCIA

Fui sempre muito pouco amigo de dar satisfações. Porém esta minha repugnancia não é filha de presumpção, nem de orgulho. De todo o meu coração o digo, e todos os que me conhecem, o sabem. Nascem da persuasão, em que estou, de que a justificação d'uma coisa está na maneira por que essa cousa se faz. E applicando esta generalidade ás composições litterarias, cada vez me convenço mais que os prologos, prefacios, avisos a leitores, etc. nada fazem, nem fizeram, nem farão nunca ao conceito que da obra se fórma.

E principio foi este, por que na fachada do meu poema não puz tal ceremonia. Revendo o porem agora, examinando este *Ensaio*, e conhecendo-lhe infindos defeitos, que me tinham escapado; sendo me impossivel emendal-os; resolvo-me a dar satisfação; não para pretender justifical-os, e salvar me da critica com subtilezas, e argucias; mas para fazer confissão pública d'elles.

Se me é licito porém dizer duas palavras em meu abono, direi que tanto o poema, como as notas, e ensaio são da minha infacia poetica; são compostos na edade de dezasete annos. Isto não é impostura: sobejas pessoas ha ahi, que m'o viram começar, e acabar então. É certo que desde esse tempo até agora, em que conto quasi vinte e dois, por tres vezes o tenho corrigido; e até submettido á censura de pessoas doutas, e de conhecida philosophia, como o foi o Excellentissimo Senhor S. Luiz, que me honrou a mim. e a este opusculo com suas correcções. Mas todos estes cuidados não puderam (emquanto a mim) tirar lhe o vicio do nascimento.

Eis aqui a minha confissão geral. Os que me absolverem ficar-lhes-hei muito obrigado; os que não quizerem, paciencia; não me mato por isso. Comecei esta obrinha por desenfado: acabei-a por divertimento: publico-a por amor das artes: se me criticarem, rio-me, e não fico mal com ninguem.

FRAGMENTOS DE POEMAS INEDITOS

AFFONSAIDA
OU FUNDAÇÃO DO IMPERIO LUSITANO

(FRAGMENTO)

As armas, e o barão canto de Lizia,
Que sabio, que guerreiro, ao mesmo tempo,
Fundou o excelso Imperio Luzitano.
Embalde se lhe oppoz Leão sanhudo,
O hispanico Leão co'as feras garras.
O Alfange de Mahomet falsou seus golpes;
Luzitano revez lhe embota os fios.
Ajudado do céo, do céo mandado,
Deu nova Roma ao mundo, fundou Lizia.
    Musa de Smyrna, mantuana Musa,
Que largos annos habitaste o Tejo,
Tu, que inda acordas com prazer o tempo
Em que afinaste ao grão Camões a Lyra,
Que meiga te sorriste ao sabio Castro,
A Quevedo, a Menezes, e a mil outros,
(Que tantos a Aganipe envia o Tejo);
Volta outra vez ás saudosas praias,
Entorna impeto novo em minhas veias,
Um raio a Apollo rouba, em mim o infunde,
Que não menos careço em tal empreza
A que os hombros furtou té'qui o Helicon.
    Lá no campo d'Ourique, que inda roxo
Se vê c'o torpe sangue do Ismaelita,
Envolto em mil tropheus estava Affonso,
Affonso, o grande heroe, de Henrique filho,
Nas tendas marciaes, de heroes cercado,
Revolvendo na mente bellicosa
Mil disenhos guerreiros, mil batalhas.
    Fronte a fronte lhe estava Ismael sanhudo
Que do pingue Alemtejo os campos rege.
Socios lhe eram na Seita e nos intentos
Os tyranos de Silves, e Merida.
Sevilha, Badajoz, e de Aljezira.
E o teu, bella Lisboa, que em tal quadra
Jazias sob o jugo sarraceno.

O ROUBO DAS SABINAS

(FRAGMENTO DO CANTO I)

Quero cantar de amor delicias, gozo.
Que as lassas cordas já não soffrem prantos,
Que a lyra enrouquecida, e frouxa, e debil
De Melpomene aos ais os sons recusa.
Roma, de teus heroes guarda os prodigios,
Não quero o teu valor, quero os teus fados
Quando em teu seio divinaes bellezas
(Ditoso furto!) de prazer torrentes
De inefavel prazer doce entornaram.
Prazer filho d'amor de ti só canto,
Só a ti, só a amor consagro a lyra.
Em curto espaço de acanhados muros
Da gloria no crespuculo jazia
A futura senhora do universo.
Occupava o logar do Circo e Fôro,
Do erguido Capitolio, do palacio
Infructifero bosque emaranhado.
Onde em seculos d'ouro o luxo, a pompa
Obeliscos ergueu, alçou colossos,
Mal se divisam rusticas choupanas.
Mancebo audaz, progenie de Mavorte,
Um punhado de heroes, vaidosos d'elle
Só ricos de valor, pobres do resto;
Eis a infancia viril da altiva Roma.
Mais deuses que o da guerra não conhecem:
Só lhe avultam na mente bellicosa
Armas, guerra, furor, conquistas, mortes;
Das paixões a mais bella, a mais fagueira
Desconhecem ferozes, menoscabam.
Raivoso os viste, amor, quebrar teus fóros.
E quem te offende em vão? Juraste irado
Pelos olhos da mãe, que te sorria
A futura vingança presentindo,
Juraste de punir o sacrilegio
Com toda a furia do rancor de um nume.
A vós sabinas venturosas cumpre
Ao feroz vencedor roubar os louros,
Cumpre vingar amor, correi ao Circo,
Não temaes do inimigo o rude assalto,
Victoriosas sereis quando vencidas.
Heroica musa, que do heroe de Homero
Cantaste a ira tão funesta aos gregos;
Que as armas pias do piedoso Eneas
Nas lacias cordas resoar fizeste;
Que a altiva tuba de um Camões, de um Tasso
Nos muros de Salem, nas margens do Indo,
Magestosa empunhando alçaste aos deuses,
Não, teus eccos de horror não quero, oh Musa:
Volve-me os sons melifluos, deliciosos,
Os meigos sons da namorada lyra
Que os ternos beijos, que as lascivas guerras,
Os divinos combates debuxára
De Armida nos jardins, na ilha de Venus.
Nem deslembres de Angelica formosa
O mago somno, que inflammou sem pejo
Do frouxo velho encanecidos membros.
. . . .
. . . .

O X OU A INCOGNITA

(POEMA SATÍRICO)

CANTO I

Canto o X, e o varão, que andou traz elle,
Sem achar-lhe o valor, tão longo espaço,
Té que, borrado o calculo famoso,
De quebrado em quebrado foi caindo,
Té na mais simples expressão mirrar-se.
Embalde o valor todo do algarismo,
Quanto vae desde o zero ao infinito,
Sabiamente empenhou; travessos numes
Nos penetraes geometricos lhe deixam
Eternamente a incognita escondida.
O magra musa que não és das nove,
Nem do futil Permesso á margem vives,
Mas coroada de eternaes triangulos
No sete-estrello taciturna imperas:
Vem por um pouco á arabica linguagem
Ensinar-me a roncar, vem resolver-me
O não sabido, magico problema
Do meu geba immortal, a quem agora
De Boileau e Diniz consagro a lyra.
Da verdade fugindo á luz que o cega,
Da liberdade ao grito espavorido,
Ia cortando os mares de Neptuno
O magro fanfarrão, o heroe Garcklesto, [1]
Levando aos seccos, acurvados hombros,
Novo hypocrita Enéas, as reliquias
Da Troya corcundal já feita em cacos.
N'alma perversa revolvendo enganos,
Astucias, trampolinas, quixotadas
Com que algebricamente os tristes povos
Ha de aturdir dos miseros Açôres.
Farto de cifras, de algarismos, senos,
Decassenos, de cubicas raizes,
Mas sem vintem na bolsa encarquilhada,
Vae calculando o modo de engordál-a;
E restaurando o imperio dos corcundas
Entre os pobres ilhéos, simplice gente,
Pimpar de grão senhor, fazer de lord,
E o X achar emfim que tanto busca.
Qual tricaudal bachá de alto bigode
Ia da estupidissima Bysancio
(Aonde as caras se não vêem ás moças,
Nem do Padre Lyeu viceja o ramo
Na galhofeira tasca pendurado)
Para o boçal paiz dos geroglificos
No arabe infeliz fazer fachina,
Emquanto não approuve aos mamelucos
De mandar á tabúa o pae dos Crentes,
Tal ia o nosso heroe....... ....

MAGRIÇO E OS DOZE DE INGLATERRA

(FRAGMENTO)

CANTO I

Eu no entrar da singela juventude,
Sem conhecer os homens, fui sincero.
Ardente coração, paixões fogosas,
Alma franca, de impulso me levaram
Aos paizes do cego enthusiasmo.
Por lá cantei de amor pureza e mimos,
Doçuras de amisade, enlevos de alma.
Heroismo, gloria, liberdade e amores,
A porfia na lyra me soaram;
E na alteza do espirito sublime
Só vi nos homens a verdade e a honra.
Experiencia fatal; tu me roubaste
A tão doce illusão, em que eu vivia!
Bordado véo de lisongeiro engano
Rasgou-m'o d'ante os olhos embaídos
C'o a descarnada mão sêca verdade.
Tal como elle é vi o homem! Aos meus olhos
De vergonha e de dó vieram lagrimas.
Chorei; — tam louco fui! Só gargalhadas
As loucuras do mundo nos merecem.

E assim foi que, attentando mais de perto,
Vi tanta asneira, vi tanta sandice,
Que desatei a rir, por fim, de tudo.
De Heraclito chorão deixei a escola,
E alegre sigo o pachorrão Democrito.
Quero rir com Diogenes, com elle
No cynico tonel entrincheirar-me
Contra as sandices d'este parvo mundo.

[1] Francisco de Borja Garção Stokler.

LYRICA

I

PRIMEIROS E ULTIMOS VERSOS

Com o titulo de PRIMEIROS E ULTIMOS VERSOS, se publicam estes dois volumes, que são o complemento das FLORES SEM FRUCTO, e contêem varias collecções de poemas menores, ou poesias fugitivas, como dizem. A primeira e mais antiga das collecções é a LYRICA DE JOÃO MINIMO, cuja primeira edição havia muitos annos que já em 1841 estava extincta, e n'esse anno foi revista e preparada pelo auctor para tornar a imprimir se. Não se fez então por estarem de permeio outros volumes de suas novas composições. Agora vae formando o primeiro tomo da presente publicação. O segundo contêm FABULAS e outras coisas ineditas antigas, e tambem as FOLHAS CAHIDAS, e outras coisas novissimas.

PRIMEIROS VERSOS

LYRICA DE JOÃO MINIMO

NOTICIA DO AUCTOR D'ESTA OBRA

Debaixo de ruim capa se esconde
um bom bebedor.

RIF. POPUL.

Do rifão que tomei para epigraphe d'esta memoria, verá o leitor que mui bem senti os inconvenientes do nome exquisito e desconhecido que vae á frente da obra. Peior será se, parecendo *ruim* a *capa*, não parecer melhor o *bebedor*.

Quem é este novo e esdruxulo poeta, este Sr. João Minimo? — O mais que posso responder é contar tudo o que d'elle sei, que não é muito.

Eu estava a respeito do Sr. João Minimo na mesma ignorancia perfeita em que está o publico: era poeta de que não tinha a minima ideia Ora todos sabem que para se adquirir este nome em Portugal é necessario annos maltrapido, viver vida cynica pelos cafés e bilhares do Chiado ou do Quebracostas, onde, com o charuto na bocca e o ponche ou a philippina na mão, se discute de sonetos, decimas, odes pindaricas e dithyrambos, que são os unicos generos hoje admittidos pela legitima, pura e orthodoxa poesia lusitana, fulminado terrivel anathema contra toda e qualquer heretica nequicia discrepante [1].

Além dos mencionados cafés e bilhares, os outeiros de freiras, e nas occasiões publicas —como juramentos, perjuramentos, acclamações, desacclamações, usurpações, etc., etc. — os theatros são os meios de publicidade para os verdadeiros e legitimos filhos do lusitano Apollo que desprezam a ridicula gloria de *auctores impressos*.

Em nenhum d'estes sitios tinha eu visto ou ouvido falar do Sr. João Minimo. Tam

[1] Escrevia-se isto em 1825.

pouco não era elle *poeta impresso;* pois graças a Deus, tenho corrido todos os folhetos e folhetaços de poesias — em todo o sentido fugitivas — que ha vinte annos se têem impresso; e bem assim os volumes poeticos de papel pardo que regularmente constam, como é sabido, de algumas grozas de sonetos de annos, abbadessados, etc.; logo, segundo a liturgia commum, as odes pindaricas e os dithyrambos; acabando tudo com a miscellanea das glosas, colchêas, anacreonticas, e alguma ecloga — se as ha.

Portanto era me perfeitamente extranho o nome d'este novo poeta. E agora contarei como viemos a fazer conhecimento e amizade, e como, por uma extraordinaria circumstancia, vim a ficar universal herdeiro de todas as suas obras; das quaes na presente collecção dou ao publico pequena amostra.

No verão de 182... succedeu, uma tarde de Junho, que me encontrei no conhecido café do Marrare com uma sucia de rapazes, leaes filhos de Apollo; e, como é natural, a nossa animada conversação entrou logo pelos districtos poeticos. Veiu-se a falar em *Outeiros*—alegre e engenhoso passatempo de nossos paes, quasi perdido hoje na barafunda das malditas politicas, desprezado e mal avaliado por uma mocidade estragada e libertina que tem o descôco de preferir as cartas da Nova-Heloísa e do excommungado St. Preux ás eclogas do pastor Albano e da pastora Damiana, - que ousam antepôr os descompostos versos de Francisco-Manuel e suas odes hyeroglyphicas aos retumbantes, altisonantes e nunca assás louvados sonetos da escola elmanica! Isto é, quando estes senhores se dignam de olhar para versos; porque hoje a moda é prosa e mais prosa, economias politicas, estatisticas, chimicas, physicas, e outras inuteis frandulagens que nunca entraram nas topetadas e apolvilhadas cabeças de nossos paes, n'aquelles felizes tempos de Portugal em que a procissão de Corpo de Deus vinha pelos arruamentos abaixo, — e na vespera á noite oh! que brilhantes outeiros por aquella rua do Oiro! — quando todas as *blue-stockings*, *bel-esprits* e *précieuses* de Lisboa se requebravam pelas adamascadas janellas em motes alambicados e sublimes, fructo de muita semana d'estudo nos preciosos volumes de *João Xavier*, da *Marilia*, — e tambem, para honra e gloria do meu patrio rio, do *Belmiro pastor do Douro!*

Tempos, ditosos tempos que nunca mais heis de voltar! A's vezes ponho-me a pensar commigo, se os manes do *pastor Albano*, ou a alma *parda* do cantor Caldas,[1] ou o energumeno espirito do vate Elmano[1] apparecessem de repente entre as cigarri-ponchiondulantes nuvens de um café do Rocio, — theatro de suas façanhas, templo de suas glorias! — e ouvissem e vissem a profanação e prostituição actual de taes logares!.. Gazetas, jornaes, periodicos!... O *Portuguez*[2] a matar a gente com a *publicidade dos processos* e com a traição do ministerio; a Gazeta ás unhadas ao *Portuguez*; o padre José Agostinho=até este, o proprio *Elmiro Tagideu! Tu quoque, Brute!* .. o padre José Agostinho ás chalaças arrieiraes com elles! Com menos escandalo, é verdade, este digno filho de Apollo se abaixa á *vil prosa*, porque em nenhuma materia de sciencia ou arte, ou litteraria (diga-se para honra do seu *poetismo)* o vemos entrar solidamente e como quem a sabe ou a professa: apenas uma tintura de florilegio para embasbacar os pataus, e fazer encaixe a descomposturas, insultos e pachochadas. Mas emfim é vil prosa, indigna do sesquipedal imitador de Stacio, que, com tanto credito de seu delicado gosto, o antepõe ao semsaborão de Virgilio. . ai! isso é o menos: que diremos do rival — do rival vencedor do *torto Camões!*

Oh! o que diriam aquelles illustres manes! Com que maldições e esconjurios não fugiriam elles outra vez para a habitação das sombras, fulminando sobre a degenerada raça bastos sonetos de anathema, e pindaricas odes de confusão eterna!

Qu'é dos poetas portuguezes de hoje? Que se não póde chamar poetas a esses fazedores de poemas e romances[3] — enfronhados em romanticos, — ou a esses frios imitadores de Horacio no genero lyrico, que fazem odes com *senso commum*, — ou a esses proselytos da escola de Gesner, em que tudo é natureza e verdadeira imitação d'ella, — ou a ess'outros feitores de tragedias, salvo um ou dois cujos versos tragicos são dignos do soneto e da ode pindarica. Nada! isso não é gente a quem se chame poetas. Oh! qu'é d'aquelles famosos athletas que no circo poetico luctavam infatigaveis com Furias, Gorgonas, Tisiphones e Megeras, e bramiam e pulavam e troavam e retumbavam, e faziam versos que nem elles enten-

[1] Não se fala do grande poeta o padre Caldas, mas do mulato improvisador Caldas.

[1] O vate *Elmano* é mui differente coisa do poeta Bocage O excentrico, inintelligivel, escatapafurdico Elmano dos cafés e dos outeiros não póde ser o mesmo que o nobre poeta Bocage, o traductor de Ovidio, o auctor de *Leandro e Hero*, de *Tritão* e de tanta coisa boa e bella.

[2] Jornal dirigido pelo A em 1826-27.

[3] Parece alludir a certas publicações modernas de exquisito feitio e anomala descripção que apparecem ha tres para quatro annos a esta parte, como o poema *Camões*, uma tal *D. Branca*, e outras modernices.

diam, de tam sublimes, de tam guindados! — Tudo isso banido, tudo isso fóra de moda por estes ridiculos bonecos de hoje, para quem tudo é natureza e natural, que chamam á noite *noite*, ao sol *sol*, e a todas as coisas pelo seu nome! Quaes poetas, que se lhes entende tudo quanto dizem sem ir ao diccionario da fabula! Poetas que começam ou ode, ou seja o que fôr, sem invocar musas nem Apollo — até creio que nem Apollo nem musas reconhecem os excommungados.

E a isto chamam *romantico*; e diz que é importação de Madame de Stael e do ascetico Chateaubriand, que nos estragaram nossa poesia do Sul com estas semsaborias do Norte. Pois a antiga eschola *Marino-gongoristico-italo-castelhana*, que resistiu aos esforços de Garção e Diniz, que reviveu mais brilhante e triumphante em toda a seita *Elmanica*, luctou com *Filinto* e *Filintistas*, marimbou para antiquarios-innovadores de toda a especie, e por uma sublime *ruse de guerre*, com differente nome e fingida apparencia, capitaneia as phalanges dos *Elmiros*, e de não sei quantos mais *miros* e *iros*, contra os pretendidos restauradores das simplicidades *camõesinas* e *sámirandinas* — esta escola, que tamanhos genios, embora esquecidos hoje, tem produzido, ha de acabar ás mãos de quatro peralvilhos sem nome e sem gloria?

O peior é que não é posssivel concentrar a attenção publica em ponto tam importante: as endiabradas politicas tudo absorvem. E elles, os romancistas, os nacionalistas, os racionalistas, os inimigos da brilhante antithese, do campanudo conceito, da fina e intrincada e inintelligivel phrase sublime... elles ganham terreno; e talvez, talvez não tarde a epocha em que se veja um dia de annos sem soneto, um anniversario real ou nacional sem ode pindarica; em que as eclogas de João Xavier, e de muitos outros, causem somno, os sonetos elmanisticos fastio e as epopêas *agustinhas* nôjo.

Ah! d'onde vem tudo isto, d'onde procede todo este damno? — Do esquecimento e abandono dos antigos, respeitaveis e orthodoxos usos nacionaes. Durassem ainda os *Outeiros*, houvesse d'aquellas justas, d'aquelles torneios poeticos em que cada um fazia *prova singular* e publica de seu talento e finura, e em que nenhum insulso fazedor de versos soltos e frigidissimas odes ousava intitular-se poeta... houvesse elle *Outeiros*, e não veriamos o que vemos.

Tal era o thema e variações da nossa conversação, quando outro alumno da antiga eschola, outro filho do *outeiral* Apollo, nos veiu interromper agradavelmente. — Rapazes! correu elle para nós, muito estimo encontral-os aqui. Sucia! Vamos a Odivellas ao outeiro de S. João, que é hoje, esta noite.

— Quê! ainda elle ha d'isso? Olha a nossa conversa... Pois devéras um outeiro?

— Outeiro, sim senhor, vamos; é brilhante coisa: ha mais de dez annos que se não faz. Mas hoje temos tudo arranjado, tudo prompto. Vae N., N. e N., que hão de aterrar tudo com sonetos e colchêas, e já levam provisão de quartetos e consoantes—d'isto que chamam de *nariz de cêra*, que servem para todo o mote; mas não importa: o caso é fazer bulha e estallar como um foguete de lagrimas nos ouvidos d'estes pedaços d'asnos. Havemos de meter tudo n'um chinello. Nem Bocage nem Malhão viram nunca no seu tempo um outeiro como este ha-de ser. Vamos, rapazes, que só faltam vocês. Toca, marcha!

E nós tocámos e marchámos capitaneados pelo nosso director; e eis-nos saltando e folgando, todos umas paschoas: e elle que dá comnosco na *redolente* e viçosa praça da Figueira, onde encontrámos arreiados e vistosos ginetes e haqueneas mordendo de impaciencia — *os doirados freios* não — mas um resto de albarda velha. Eram burros. Porém os mais pimpões e menos asinarios animaes-burros que trotam nas visinhanças da inclyta Ulyssea.

E os rapazes burriqueiros comnosco, e: — Este, meu amo, isto é que é jumento! — Este, o meu Junot! — Leve o meu Bonaparte. Isto é que é fera. — Leve o meu Lord inglez, que nunca tropeçou na sua vida. Para Cintra, fidalgo, para Cintra? Está lá em duas horas, o muito; é ir no meu Doutor.

E com estas gritarias e desordem e encomios dos ruços travou bulha suja entre os donos e conductores da *asinaria*; durante a qual, o *tertius gaudet* de uma boa velha, que creio que vende toucinho e queijos do Alemtejo, aproveitou a occasião e nos veiu offerecer as suas cavalgaduras — aliás burricaduras — que estavam ajaezadas e promptas atraz do *logar*. [1] Estipulou-se prompto o preço, montámos sem mais detença e partimos em garrido trote entre os gritos e assobios da rapaziada burrical, que vendo-se *desapontados* pela nossa repentina deliberação, largaram a bulha para nos rogar em côro um sem-numero de suas chulas pragas, a nós e á *mãe dos burros*, a boa velha que nos accommodára tam bem, e que não teve o menor quinhão nas jaculatorias da rapazia.

[1] *Logar*, para intelligencia do leitor provinciano, é a barraca de madeira em que estão anichados os vendilhões da praça da Figueira e de outras praças e ruas de Lisboa.

E já passámos as sujas e enlameadas ruas, e já em campo aberto a gosar a mais bella e deliciosa tarde de Junho que ainda sorriu nos abençoados climas do nosso Meio-dia.

O ár doce e temperado apenas se agitava de uma ligeira viração, tam branda como a que póde causar a trémula vibração de ventarolla asiatica em mãos de formosa escrava, nos regalados jardins de algum nababo delicioso...

Apre! que esta foi poetica de mais — romantica de mais.

Sejamos classicos:

> Qual a suave ondulação mimosa
> Que emtorno á mãe dos languidos amores,
> Em tarde estiva na estação calmosa,
> Meneando os leques de cheirosas flores,
> Fazem as Graças nos jardins de Gnido
> Para emballar e acalentar Cupido.

Que tal? —o diacho é o maldito *leque*. Parece-me prosaico e vulgar como o

> Escreve a seu irmão que lhe mandasse
> A fazenda com que se resgatasse.

Paciencia. —Abano, abanico... nada! Ventarolla já está dito: leque... leque .. Leque sempre é o melhor. E mais não é bom. Mas não diz lá o grande poeta da *Phenix* [1], falando do ferreiro Polyphemo:

> E porque só no vento se affiança,
> Lhe servia de *folle* uma esperança?

Pois *folle* não é mais poetico do que *leque:* e em sublime, guindado, elevado e culto, se alguem sabia, era aquella gente da *Phenix renascida*.

As digressões matam-me: é a minha terrivel e imperdivel manha Onde iamos nós? — No caminho de Odivellas: é verdade.

E iamos nós andando, andando, isto é, os nossos burros trotando, trotando, e o ár delicioso, e os campos lindos, e as vinhas e os pomares e os bosques exhalando fragrancia; e tudo alegre e risonho, respirando saúde e vida e contentamento; e nós discutindo consoantes, questionando sobre rimas, ventilando metros e outras que taes coisas de sublime importancia.

— E quem conheces tu lá para te dar mote? disse um da sucia para outro.

— E para dar doce?... que é um pouco mais interessante.

[1] *A Phenix renascida*, preciosa collecção do principio do seculo passado, em que ha mais versos e poesia gongoristica e elmanica do que em todas as collecções poeticas imaginaveis.

— Em que tu falas! Vergonha...

— Falo no que penso, que já tenho fome: e que será lá para noite velha, quando os consoantes começarem a faltar, as ideas a fugir, a um pobre homem com o *fecho* do soneto atravessado na garganta, que nem para traz nem para deante! Ahi é que os eu quero vêr: o estomago vazio, e o parto de um soneto atravessado? Ninguem resiste a isso: eu por mim...

— Fuma-se.

— Bom é: mas fumar não enche.

— Querem vocês ouvir um soneto que eu fiz em Coimbra, de *consoantes forçados*, a um maldito que estava a jogar a ronda commigo, ganhando-me o dinheiro, e não me quiz dar um *pontifice* em que eu tinha o olho, que me damnava por elle?

— Venha! disseram todos.

— Pois ahi vae continuou o auctor do soneto:

> Dá cá d'esse cigarro uma fumaça
> Antes que a lata a cachações te meça:
> Dá-o por bem, antes que a mal t'o peça;
> Passa cá o pontifice, louraça.
>
> Isso agora é de mais, isso é pirraça,
> Dou o cavaco, azôo com tal peça;
> Se não m'o dás, já já com toda a pressa,
> Desconfio, inquizilo co'a chalaça.
>
> Deixa estar que inda um dia quando eu possa,
> Se algum diabo, meu ratão, te atiça
> A pedir-me um cigarro, é logo coça.
>
> Es hereje, infiel, não vaes á missa.
> Uma ponta negar não te faz móça
> Porque a alma tens de estopa ou de cortiça.

Bravos geraes e unanimes e sinceros. Tenho observado que entre auctores —e poetas, que é a peior raça de auctores — as coisas joco serias, de galanteria, são geralmente apreciadas sem inveja, e applaudidas sem aquellas frias restricções do amor proprio que impedem os filhos de Apollo de acharem gosto e prazer no que é bello ou grande nas obras de seus confrades. Não é affectação, não é maledicencia; é que *gostar* é *gosar*, e quem não *gosa* não gosta. E como ha de um poeta gosar no merecimento e na gloria de outro poeta? — coitados! As obras de mera brincadeira não têem pretenções, não disputam logar a ninguem; todos lhe acham graça por pouco que ellas valham. E assim foi esta.

Mas sempre houve quem viesse com a reflexão: — Ah! sonetos d'este genero, o Bocage: aquelle

> Cara de réo com fumos de juiz,
> Figura de prezepe ou de entremez. .

— Não, senhor, eu prefiro o outro:

> Da minha ingrata Flerida gentil
> Os verdes olhos esmeraldas são ..

Isso não são consoantes forçados.

— São, sim, senhor. — Não são, não, senhor. — Essa é bôa! não sei eu o que são consoantes forçados? — Não sabes; que essas nunca o fôram

São, não são; trava questão renhida,

> Cada qual seus amigos favorecem.

E rédeas que se descuidam, e o quadrupede de um dos principaes questionadores de joelhos a terra, e o cavalleiro atraz d'elle — mas de narizes em vez de joelhos, — e o burro immediato que tropeça no cavalleiro — aliás burriqueiro — e no burro; e zaz, a terra tambem — como um regimento de cartas de jogar. E risota; e *ai meu braço! ai meu nariz!* — E um dos burros que se levanta e foge, e o cavalleiro coxeando atráz d'elle, e nós todos a cercar, e o liberto animal ao galope e relinchando e pinoteando e escaramuçando em todo o sentido e por todos os orgãos que estes *generosos* animaes costumam... E nós fazendo um alarido de todos os diabos. E se não é um pobre saloio que vinha do mercado e agarrou o burro, algum dos outros animaes tinha de ser commum-de-dois para o resto da jornada.

Felizmente o resto era bagatella; e sem mais questões nem incidentes, chegámos ao cruzeiro gothico que fica na pequena eminencia, d'onde tivemos ampla vista do antiquissimo e celebrado convento de Odivellas, em cuja egreja jaz o grande rei D. Diniz, e em cujo dormitorio tantas vezes jazeu outro rei — que não sei se foi grande ou pequeno — D. João V, de freiratica memoria.

Entrámos solemnemente pelo portão de ferro que fecha a grande praça do convento, como uma banda de cavalleiros em estacada de torneio. Pelos modestos e pacificos ginetes bem se deixava vêr — quando por *al* não fôsse — que mais eram trovadores do que justadores os que assim chegavam aos venerandos muros do antigo castello monastico.

O mosteiro com effeito, ainda que situado em uma baixa pouco pittoresca, seus ares tinha de castello nos edificios primitivos; mas um sem-numero de irregulares accrescentos de diversas datas destroem a illusão romanesca.

E nós ás cortezias ás madres que apontavam a espreitar pelas janellas, — e alguns a visitar o padre confessor,

> Gordo-cachaci-pansudo Bernardo,[1]

que, segundo *uso usado*, havia uma commoda e confortavel vivenda defronte do convento. — E eu que me escapo da sucia, e por meu natural curioso e amigo de antigualhas, fui-me sumindo pelo antigo e lageado corredor, ou claustro externo, formado pela balaustrada para o lado da porta da egreja. Estava aberta a porta, e eu entrei com a imaginação exaltada no solemne e magestoso espectaculo do interior de um templo gothico: tal o promettia o exterior d'elle. — Em geral a architectura gothica é para mim um quadro de solemne tristeza que me absorve os sentidos todos n'um goso indefinivel, n'um estado que não sei explicar, porque se não parece com nenhuma das sensações que os monumentos de outro genero, que as outras bellezas das artes me excitam.

Mas esta especie de architectura — e a mais simples mais se embelleza — no interior de um templo solitario, com uma luz escassa, como elles geralmente a têem, enche-me a alma de um certo não-sei-quê entre goso, respeito, devoção, melancholia e suavidade, que posso alli estar horas esquecidas sem me lembrar nem me importar mais nada. Muitas vezes me succedeu entrar na antiga e veneranda cathedral de Coimbra, deserta e desamparada, — rico monumento gothico, um dos mais antigos da Europa, talvez anterior á conquista dos arabes, e que está no desprezo e abandono porque nós somos uma nação desmazelada: — não eramos, mas assim nos fez a monachocracia que apodreceu a nação até o amago. O retabulo da capella-mór da sé, chamada a *Sé velha* de Coimbra, é o mais fino e perfeito e delicado lavor gothico em talha de que tenho noticia, e talvez, que exista. Haverá oito annos estava ainda perfeitamente conservado.

E então, os ricos monumentos sepulchraes dentro e fóra da egreja! — que em Inglaterra ou n'outro paiz *christão* seriam conservados com respeito e veneração de reliquias! — alli, estragados, as inscripções illegiveis, alguns cobertos de implastos modernos... Que vergonha, que deshonra nacional!

E mais ainda bem que o bispo de Coim-

[1] Este verso não é meu, e não me lembro de quem é.

bra e o seu cabido commetteram [1] a vergonhosa acção de abandonar a antiquissima e veneranda Sé da que foi por seculos capital do reino, em que floreceram prelados illustres por sciencia e virtudes, varões de tanto nome e merito — a que não hão-de chegar de certo os modernos desertores do venerando e augusto templo! Ainda bem, digo eu, que elles o abandonaram: senão já estaria a esta hora aquelle interessante monumento da antiguidade estragado e desfigurado com as modernisações *graeco-gallas* [2] que emplastam e mascaram em Portugal as mais bellas reliquias da antiguidade gothica — e sueva — e romana — e grega, que de tudo isso havia por nossos templos e palacios e edificios publicos. Se eu tivesse auctoridade publica, mandava *un beau matin* desemplastar tudo isso, descaiar as pyramides, columnas e monumentos que abundam pelos montes do Minho e charnecas da Beira, pelos baldios do Alemtejo, por toda a parte, e que por toda a parte o mau gosto tem caiado e emplastado, quando não destruido pelos fundamentos: não sei porquê. Só se porque a estupidez e deshonra dos netos se envergonha da memoria dos avoengos — tam differentes! — Talvez.

Mas nada d'isto me lembrou ao entrar a porta da antiquissima egreja de Odivellas; e com a imaginação toda cheia das pacificas glorias do grande Diniz, entrei possuido de respeito no sanctuario em que repoisam suas cinzas.

Desapontamento — desapontamento inglez — que não ha outra palavra em lingua nenhuma que expresse o que eu senti — desapontamento tam triste e tam agudo, nunca o provei. O interior da egreja é exactamente o tal mixto hermaphrodito de architectura amphibia e ridicula, de doirados e marmores fingidos, de columnas anomalas que a nenhuma *ordem* pertencem — ou mais exactamente, formam a nova ordem *asnatica*, adoptada para a construcção de quasi todos os novos edificios de Portugal, e para a *emplastação* e degradação de todos os antigos.

E o sepulchro, o tumulo de D. Diniz, qu'é d'elle? — Não é nenhuma d'estas sepulturas razas, espero eu ao menos. Não. — No altar-mór? Não. Absolutamente não apparece. Emfim deparei com um pobre homem, assim como de sachristão, muito velho e muito bruto, que me valeu de *cicerone*: — Ha de ser n'aquella capellinha velha á esquerda. — Como! n'esta aqui, abandonada, cheia de teias d'aranha, indecente!... E era n'essa; n'essa estava o tumulo de D. Diniz; uma especie de sarcophago meio moderno *afrancezado*, meio antigo *agregado* ou *egypcianado*, feito de estuque, pintado a *morte-côr*, fingindo pedra lioz; as armas de Portugal, tambem pintadas na frente, mas pintadas como hoje as pinta e grava e esculpe a geral e descuidada ignorancia, — escudo redondo que nunca foi escudo real, corôa da Senhora da Conceição, que nunca foi corôa portugueza: semsaboria e ridicularia vulgar nos sellos publicos, na moeda, nos edificios do Estado, em tudo: que até n'estas coisas pequenas está Portugal degenerado, mudado e parodiado.

Pois nem o singelo monumento do grande rei D. Diniz escapou á emplastagem universal! Nem o respeito á sua memoria, nem a veneração a tam honradas cinzas, nada valeu! — Coitadas, as pobres freiras, e o toicinhudo confessor (o convento é Bernardo e governado por Bernardos) cuidaram talvez fazer uma obra meritoria, uma honraria á memoria do fundador, caiando-lhe, encaliçando-lhe, borrando-lhe e sarapintando-lhe o monumento.

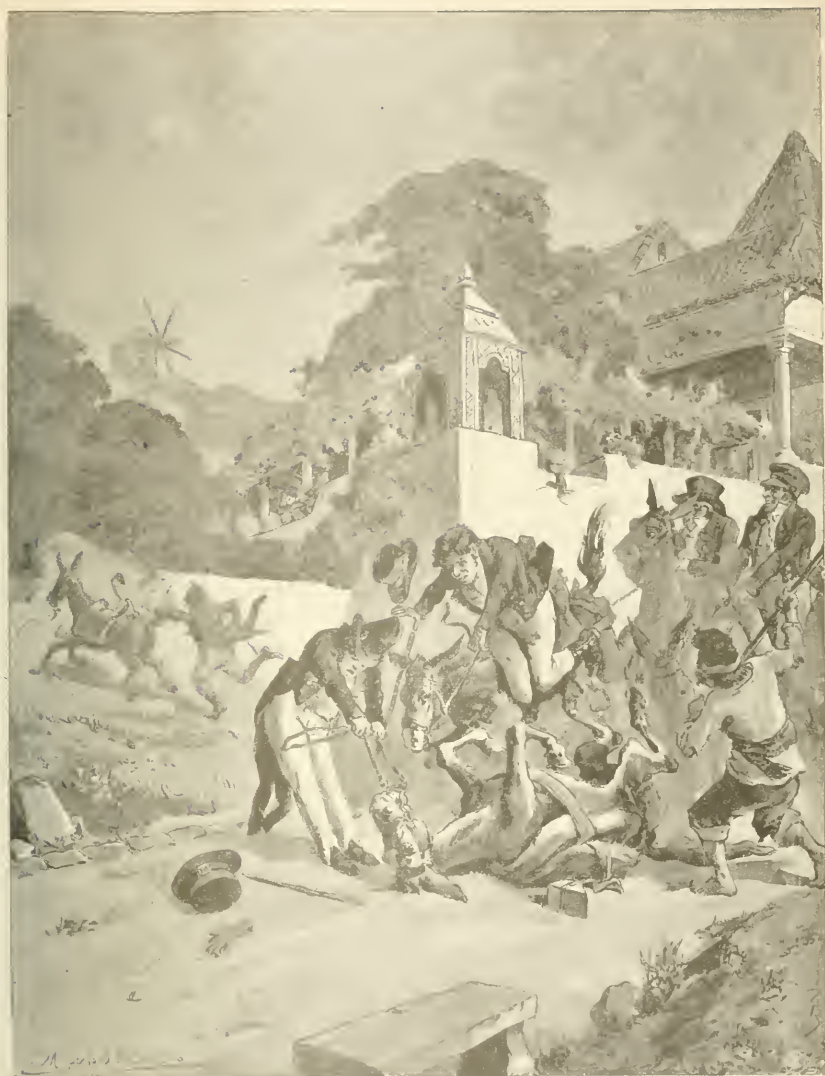
O meu cicerone teve a bondade de se ir embora, e de me deixar só á minha vontade fazer de meu vagar estas reflexões, em que não levei pouco tempo.

Quando eu mais embebido estava n'ellas, e com os olhos machinalmente fitos no monumento, senti de repente ao pé de mim signal de folego vivo. Acordei do meu quasi lethargo, e ao voltar-me encarei com um homem môço ainda, mas desbotado de toda a flor da edade, mal trajado, mas de uma figura não vulgar, d'estas que ficam, olhos vivos e penetrantes, e com certo não-sei quê extraordinario em todo elle que me tocou. Tinha se approximado de mim sem o eu sentir, e com os braços cruzados sobre o peito, como que me media com uns olhos tam vivos que pareciam entrar me até o mais recondito do coração. Observámo-nos algum tempo em silencio. Rompeu-o elle: — E' a primeira vez que vem a esta nossa Egreja?... se não sou confiado em perguntar...

— Faz-me muito favor. — A physionomia do homem, o som da voz, certo quer que fôsse particular me prevenia em favor d'elle.

— E' certamente a primeira; e com grande mágoa e desconsôlo meu, a primeira que

[1] Na extincção dos Jesuitas em Portugal, o bispo e cabido de Coimbra abandonaram a sua antiquissima cathedral e fôram occupar a egreja dos Jesuitas.

[2] Graeco-gallas faz cacophonia em portuguez, mas não importa. Chamo *graeco-gallo* uma especie ou estylo de architectura do tempo de Luiz XIV, que nem é grega, nem romana, nem oriental, nem gothica, mas uma mistura muito florida e recortada de diversos generos, muito carregada de ornatos e muito mesquinha e inelegante. É estylo ainda hoje predominante em Portugal em retabulos de capellas e que taes.

LYRICA DE JOAO MINIMO — ... e o burro immediato que tropeça. — PAG. 47

vim vêr este monumento do nosso grande rei, que o vim achar...

Desfigurado, mascarado pela ignorancia e perverso gôsto d'estes monges das *edades barbaras*; que taes ou peiores são estes aqui. Estes vandalos fizeram a essa veneranda reliquia nacional o mesmo que faziam seus confrades da *meia edade* aos manuscriptos dos auctores gregos e romanos, que os raspavam, ou lhes comiam a tinta com suas esconjuradas drogas, para aproveitarem o pergaminho e escreverem n'elle suas fradarias mysticas e glosas theologicas.[1]

A comparação engenhosa trazida sem pedantismo, e que mostrava ao mesmo tempo instrucção e gôsto, causou-me viva admiração: involuntariamente — tal é o podêr dos maus habitos e preconceitos! — voltei a contemplar a mal-roupida figura do homem, o ár humilde de seu corpo e trajo, que tam notavelmente contrastava com a expressão nobre do rosto, a pureza e correcção da pronúncia, o escolhido da phrase, e mais, agora esta mostra de illustração tam pouco equivoca. O desconhecido penetrou-me o ânimo:

— Bem sei em que pensa, e não me admira o seu espanto. Parece-lhe impossivel que uma fraca figura como eu fale n'estas coisas com algum senso commum. Tem muita razão, e eu muito pouco juizo em ceder assim ao primeiro impulso voluntario com que me desmandei de meu silencio e estupidez habitual. Seduziu-me o extasi em que o achei contemplando esse monumento, e a *communhão* mental de nossas idéas. Quantas vezes tenho eu feito essas mesmas dolorosas reflexões em que o achei embebido, sobre nossa actual miseria e degradação!

Eu pasmava de olhar e ouvir o homem.

— Dá-me licença, lhe disse, que pergunte com quem tenho a honra de falar?

Sorriu-se com uma especie de affectação philosophica; mas bem se via que era o amargor misanthropo quem lhe franzia os labios n'aquelle sorriso... *amarello*.

— Sou um pobre homem, senhor: para que quer saber minha humilde condição? Para perder algum pequeno conceito que lhe eu tenha merecido? Mas eu não sou homem que occulte a baixeza da minha esphera. N'isto sou bem pouco portuguez. Pois, senhor, saberá que sou *sacristão-menor* d'esta egreja, e o mais é, que muito *contente* e *satisfeito* da minha sorte. E' escusado notar que as palavras sublinhadas foram ditas com certo tom emphatico mui particular e expressivo.

Arregalei uns olhos mui pasmados: o homem tornou a sorrir, mas agora mais naturalmente, isto é, menos philosophicamente: e continuou:

Sim, senhor; mas eu não faço nunca meias confidencias: a minha historia é curta, e quando a conto é toda. Este velho que lhe mostrou o tumulo de D. Diniz, é meu tio; elle é que é o sacristão principal do convento. Meu pae era lavrador abastado da vizinhança, quiz-me conego ou juiz de-fóra, fez-me estudar, mandou-me para a Universidade, onde pouco aprendi; — sahi do reino, viagei por paizes estrangeiros, onde aprendi muito. Assentei de não ser ministro nem da egreja nem do estado — por muitas razões, que são longas e fóra d'aqui. Emfim voltei á minha patria, mendigo, sem protecção (meu pae tinha morrido no emtanto coberto de dividas), e para maior tormento e desgraça, com cabedal de lettras, que é a mais ruim fazenda que n'este paiz se póde ter... contrabando, moeda falsa, peior. Vi-me sem mais achego nem amparo que este meu tio sacristão, velho rustico e ignorante, mas excellente alma. Foi a unica mão que se estendeu para me levantar da miseria. Beijei-a com lagrimas, e heide servil-o e ajudal-o até o ultimo dia da sua vida, que, inda mal! me não parece longe. Lá se empenhou com os frades e com a abbadessa, de modo que me fizeram seu ajudante, uma especie de subsacristão ou coisa que o valha. Tomei resolução, conformei-me com a minha sorte, mais, assentei de tirar partido d'ella. Todos aqui me têem por mais rudo, mais ignorante ainda que meu proprio tio: varro capellas, accendo velas, ajudo missas, — nos intervallos dou meu passeio por estes formosos arredores, vejeto de dia; e ás noites... á noite é que eu *vivo*. Sósinho, fechado no meu quarto leio, escrevinho, medito, rabisco, góso, *vivo* emfim. E ninguem me amofina, ninguem me intriga, me rala, me mata — porque ninguem me conhece. Vivo feliz, Diogenes n'um tonel de nova especie, e um Diogenes que não dá nos olhos — verdadeira felicidade. Acredite-me, meu rico senhor: ninguem se esconjurava de sua sorte se soubesse *annivelar-se* com ella. Eu defino desgraça e pobreza — a *desproporção entre o desejo e os meios de a satisfazer*. Quem não póde ensanchar os meios, não lhe resta senão cercear o desejo. Mas a quantos lhe chega fôrça de animo para isso?

Não sei pintar a admiração e a especie de pasmo e absorpção de todos os sentidos em que eu estava. O meu philosopho de genero novo continuou:

[1] Entre outras obras classicas da antiguidade que se têem recobrado fazendo reviver nos *palimpsestos* a antiga escriptura e apagando a dos monges, é o interessante tratado de Cicero *De Republica*, que ha pouco se imprimiu.

—Meu rico senhor N... (o meu nome! quem lh'o diria?) eu conheço-o de Coimbra; era muito creança quando entrou para a Universidade, mal se póde lembrar de mim: eu formei-me no seu segundo anno; mas fui companheiro de um amigo seu, e conheço-o. Estou certo que me não hade trahir: seria perder-me para toda a minha vida...

—Descance: dou-lhe minha palavra de honra mais sagrada. Porém não seja esta a ultima vez. .

—Bem: mas isto é tarde, os seus companheiros hão de vir por ahi em sua procura; e eu com elles não quero nada. Deixe-lhe mostrar o que é ainda visivel do tumulo de D. Diniz!

Passámos com difficuldade por entre um dos lados do monumento e a parede da capellinha, e descubri a face opposta do sarcophago, a qual não estava emplastada e se conservava em sua primitiva rude elegancia: — um lavor gothico simples, com sua orla semeada dos escudos de Portugal ao uso antigo, de muitos castellos (i. é, mais de sete no escudo algarvio exterior) e várias inscripções latinas em lettra *monachal*. A luz do crepusculo escasseava já; não pude decifrar nenhuma das inscripções: e era impossivel, creio eu, porque os comêços e complementos estavam nos outros tres lados do tumulo interrados no maldito estuque *iconoclastico*.

Eu que teimava ainda a vêr se podia interpretar alguma das inscripções, quando sentimos entrar gentes na egreja e ouvimos muitas vozes. Eram os meus companheiros que me procuravam. O philosopho sacristão summiu-se como um spectro; e eu, depois de muitos motejos pela minha devoção que me tinha ha mais de hora e meia na egreja, voltei com elles para o adro ou largo do convento, onde já as fogueiras annunciavam a folgança e alegrias da abençoada noite de S. João, e chamavam o povo da vizinhança, que acudia aos magotes com violas e festas, e tangeres e cantares, segundo os permitte e requer a orthodoxa solemnização de tam bemaventurada noite. Começaram logo a illuminar-se as janellas das freiras, e a luzir pelas rótulas, pelas grades, as airosas toucas e os feiticeiros véos — certamente *pouco avaros* — que de vez em quando o lampejo de um lindo rosto, de matadores olhos inflammavam a imaginação dos nossos jovens poetas e lhes faziam dizer milhares de coisas bonitas. Era electricidade que se estava esperdiçando.

— Vamos a isto, a isto, rapazes! foi a voz unanime. E brados de *mote*, *mote!* aos quaes, depois de breve silencio, respondeu uma voz flautada e sonora, que parecia mesmo de um cherubim,—de quem não está costumado a coisas d'este mundo:

Amor seu facho n'esta noite apaga.

Debandou toda a phalange poetica; passeiou-se, esfregou-se a testa, roêram se unhas até o sabugo, e a final — palmas, *lá vae!* E sahiu o soneto seguinte, que transcrevo para divertimento, instrucção e edificação do leitor — que veja como nós estavamos devotos e bons rapazes.

Amôr seu facho n'esta noite apaga.

GLOSA

Parabens, parabens, devotas bellas;
Cupido converteu-se, e mui contrito
Vem, abjurando do paganismo o rito,
Festejar esta noite em Odivellas.

O arco e settas — atirou com ellas,
Quebrou tudo. Como elle vem bonito!
Tira-lhe o carro um alvo cordeirito,
E na aljava só traz flóreas capellas.

Franqueae-lhe, não temaes, vossa clausura,
Que elle hoje não faz mal a quem o affaga.
É pombinha sem fel, todo é doçura:

Tudo o contenta, qualquer coisa o paga;
Extinguindo ao desejo a chamma impura,
Amôr seu facho n'esta noite apaga.

Seguiram-se colchêas, e mais sonetos, e muitas versalhadas outeiraes de toda a especie e calibre, com muito e mui guloso doce que as madres nos deitavam, e que—ao menos para mim — não foi a menos agradavel circumstancia da noite. Já bem adeantada ia ella, quando ainda eu brigava muito embirrante com uma maldita decima que nem pela fortuna se queria encaixar no mote. Era o sobredito o seguinte:

E' doce allivio chorar;
Feliz quem póde fazel-o!

Eu que tinha minhas certas razões para brincar com este mote, porque sabia *d'onde elle vinha*, estava martellando *rime et raison* para o fazer com algum geito. Mas nunca em minha vida fui tam infeliz; nem para traz nem para deante. Passeiava só e assim engasgado no meio do largo, a turba multa dos vates e espectadores accumulada ao pé do angulo que formam as duas alas do convento, quando senti alguem atraz de mim, e que me tocavam no braço... Adeus! lá se foi o consoante! Valha-o a breca.

— Pois não está farto d'essas semsaborias! Se quer continuar, perdôe, eu me retiro. Mas cuidei...

— E cuidou bem; que é grande loucura com effeito estar-me eu aqui a moêr, e a taes horas da noite. Basta de outeiro. Mas elles estão encarniçados, e primeiro que acabem...

— Se quizesse vir honrar a minha pobre casa e entretêr até que acabem, (eu moro aqui ao pé) conversavamos... Eu tambem gosto de versos, e por desgraça até os faço... os fiz.

— Bravo! estou com a minha gente: vamos.

Escuso dizer que um dos interlocutores d'este dialogo era o meu sacristão philosopho, o outro eu, que immediatamente acceitei o convite, com dobrada vontade depois que soube que o homem era poeta. Voltámos costas ao outeiro e entrámos logo em uma casita pequena e humilde á sahida do largo. Fômos para o quarto do meu novo amigo, que era mui confortavel e aceiado em sua pequenez e modesto arranjo. Deu-me guapa ceia de saboroso peixe frito e salada, com delicioso vinho do sitio, puro e sem aguardente — coisa que abomino, perversa moda portugueza de conservar o vinho, que equivale a perdel-o. Conversámos largamente e vagamente sobre diversos objectos, e viemos a descahir naturalmente no capitulo dos versos. — Que lhe parece, disse eu, o que se tem feito ahi no outeiro? Os rapazes resuscitaram hoje com todo o brilho a antiga usança nacional.

— Sim; algumas faiscas de engenho têem vislumbrado por entre uma corja de semsaborias e disparates, que é o de que sempre se compõe um outeiro.

— Oh! que blasphemia! se os meus companheiros o ouvissem... Já vejo que é da tal eschola extrangeira: dos *horacianos* ou dos *romanticos*?

— Não sou nada d'isso: não gosto de escholas e detesto extrangeirices. Em tudo sou *portuguez velho*, e assim hei de morrer. Mas a nossa differença toda vae no fixar a epocha dos verdadeiros modelos. Os primeiros portuguezes affonsinhos eram gente semi-barbara, e em litteratura, em costumes, em linguagem, têem pouco que se imite; os degenerados portuguezes que soffreram o jugo castelhano sessenta annos a fio e desprezavam já a sua lingua bella, sonora e natural, para escrever na empollada e presumpçosa lingua dos tyrannos, quem os ha de imitar? Tampouco o merecem os que depois se seguiram e que não sabiam senão alambicar conceitos e guindar phrases descommunaes e desnaturaes. Outro tanto direito dos ultra-filintistas, dos ultra-elmanistas e dos ultras de toda a especie que hoje infestam e infectam a litteratura portugueza. O que fica, tiradas estas epochas, são os bons tempos da monarchia, são os reinados da raça Joannina antes do captiveiro castelhano, e depois d'elle, o curto mas glorioso periodo que se comprehende na ultima parte do reinado de D. José e na primeira do de D. Maria. Costumes nacionaes, linguagem (a dos bons auctores) tudo é portuguez legitimo, com as variações que o seculo, as luzes, a differente civilização produziram. E restringindo á especie em que estamos, de versos, nos poetas d'essas duas epochas é que apparecem os nossos unicos mestres e modelos. Estudal-os cuidadosamente é indispensavel a quem quizer fazer versos portuguezes; imital-os cegamente, não; já porque elles têem muitos defeitos que convem evitar, já porque ha muitas bellezas que elles desaproveitaram e que nós não devemos. Este é o meu *credo poetico* nacional.

Quanto a extrangeiros, convem estudal-os, convem imital-os no que é imitavel, nacionalizando-o: mas o que faz gala de imitar ás tontas os extrangeiros e desprezar os seus, não é só tolo, é ignorante e estupido.

Eu fiz muito verso, muito verso mau, alguns soffriveis. Tenho queimado milhares, ainda ahi tenho muitos. Mas fiz sempre por fugir do vicio das *escholas*: nem sempre o consegui; geralmente é coisa que detesto. Que quer dizer horacianos, filintistas, elmanistas, e agora ultimamente classicos, romanticos? Quer dizer tolice e asneira systematica debaixo de diversos nomes. Pois quando quero fazer uma ode *genial* — ou elegante de qualquer genero simples e natural, não é o stylo, a maneira de Horacio o melhor modêlo? Se faço um soneto ou um epigramma porque não heide tomar Bocage por meu exemplar? Se se trata de sublimes raptos lyricos, quem chegará tam alto como Francisco-Manuel? Se o meu assumpto é classico, se o talho e adórno no genero grego da arte antiga, se invoco sua elegante mythologia, porque não heide ser eu classico, porque não hei de afinar a minha lyra pela dos sublimes cantores que tam estremados a tocaram? Mas se escolho assumpto moderno, nacional, que precisa um *maravilhoso* nacional, moderno, se em vez da lyra dos vates, tómo o alahude do menestrel ou a harpa do bardo, como posso então deixar de ser romantico! Que ridiculos não serão os moldes e adornos classicos do Parthenon ou do Pantheon embrechados n'este edificio gothico?... Não acha que tenho razão?

— Tanta, que me converteu. E não me vou d'aqui sem ver, sem estudar os seus versos. Por força...

— Por vontade será, e muito boa vontade; que — deixe-os falar — não ha poeta nem au-

ctor de casta nenhuma que não folgue de mostrar as suas locubrações, por mesquinhas que sejam.

O meu philosopho abriu uma arca affonsinha, em que havia immensa papelada de todos os tamanhos e descripções.

— Prosas, versos, um tutilimundi de escrevinhaduras, disse elle, está aqui n'esta arca de Noé. Este é o primeiro bicho que sae da arca, e Deus queira que lhe não succeda como ao corvo da sagrada historia.

Dizendo isto, tirou um grosso e pesado cartapacio informemente cozido a modo de livro, e deu m'o. Abri no princípio, e dizia:

— Versos de João Minimo — Pois este é o seu nome?

— É o nome porque todos me conhecem. Quando eu andava no mundo chamava-me N.; João Minimo foi o que adoptei quando me fiz sacristão, e com que provavelmente me hei de enterrar debaixo de uma d'aquellas lages, se Deus quizer, ou meu tio não morrer antes, que então...

Comecei a lêr; e interessou-me sobre maneira a leitura. Pedi para trazer o livro, e obtive com certas condições, que tenho cumprido á risca. Despedimo-nos com promessas de nos tornarmos a vêr cedo; e não tardei a ir reunir-me aos meus companheiros, que, já fartos de versos, de doce e de freirear, montavam os quadrupedantes ruços. Voltámos a Lisboa sem mais aventura nem coisa digna de se contar.

Li de meu vagar os versos do Sr. João Minimo, em que realmente achei, segundo elle dissera, muita coisa má, muita coisa boa, e muita coisa nem má nem boa.

Tinham passado alguns mezes, e andava eu fazendo tenção de ir uma tarde a Odivellas ver o meu Diogenes sacrista, quando inesperadamente me entrou pela casa dentro um saloio carregado com uma arca enorme, o qual me apresentou a seguinte carta, que vae fielmente trasladada para informação do leitor:

— Muito meu Sr. — Bordo do navio N. — de Janeiro 182... Quando esta lhe chegar, terei dito um eterno adeus á minha patria. A morte de meu tio cortou os unicos laços que me prendiam a este malfadado paiz. Não sei ainda aonde irei dar commigo: mas sei que ha de ser para longe de portuguezes. D'elles e de tudo quanto é portuguez me despeço. N'este número entram os meus rabiscos, de que o instituo legatario universal com auctoridade absoluta para d'elles dispôr como entender — com a condição unica de que, se algum se publicar, nunca será senão com o nome de — João Minimo.

Em virtude d'esta auctorização me resolvi a publicar o presente volume, que é a escolha do que me pareceu melhor d'entre a immensa farragem de versalhada conteúda na vasta collecção dos versos de J. M. que eu tinha trazido de Odivellas.

Das outras obras, que são muitas e de mui variado genero, prosas, versos, novellas, historia, moral, direito, etc., etc., darei pelo tempo adeante ao público o que as minhas circumstancias — e as do público — permittirem.

Birmingham, em Warwickshire, Inglaterra,
Dezembro 15—1828.

LYRICA

LIVRO PRIMEIRO

I

A PRIMAVERA

Come, gentle Spring, ethereal mildness, come
THOMSON.

Que estancia tam feliz, de Flora alvergue,
Mimo da natureza!
Que saudavel bafêjo d'aura estiva
Me renova a existencia!
Doce a mansão das Dryades florentes
O olfato lisongeia;
Ledo c'os filhos o cantor plumoso
Gorgeando esvoaça
De raminho em raminho, e vae na relva
Colhêr o tenro gômo
Da hervinha que desponta, e vem trazél-a
Ao fabricado ninho,
Onde a molle pennuge apenas cobre
Os caros pequeninos
Tudo é vida, que pula, que germina
Na alegre natureza.
Quasi se antolha, ao reviver dos troncos
Ao nascer de mil plantas,
Ouvir a voz que ao cahos tumultuario
A face deu primeira,
Toar de novo, re-crear os entes
Das semines do nada.
Ah! vós, que respiraes ár empestado
Entre o murice e o oiro,
Que ignorais os prazeres da existencia,
Vinde, vinde commigo
No seio da risonha natureza
Conhecêl os, gosál-os.
Ella, que é simples como a flor dos campos.
Não creou para o homem
Doirada habitação, mentida estancia
De prazer depravado.
Aquelle a quem razão limpou dos olhos
Do preconceito as névoas,
Préza seus dons, desliza a turba inchada
De estupidos pavões:
Em quanto elles o vacuo insaciavel
Do ingenito appetite
Errados buscam saciar a tea,
Ri de sua lida o sabio.
Furtando-se ao clarão de Phebo irado.
Entre loučãos verdores,
No mysterio da vida, nos prodigio
Da creação se embebe.
Olha o matiz da flor, olha esse luxo
De purpuras e d'oiro!
Nem Salomão em toda a sua pompa
Trajou galas tam ricas
Este campo, esta vista apura n'alma
Os sentimentos nobres,
Virtuosos, singelos; restitue
O homem a essencia d'homem
Assim, latino Orpheu, cantor das Graças,
Nas modicas Sabinas,
Co'a philosopha musa ao lado, ao peito,
Passavas aureos dias.

Ilha Terceira — [illegible] 12, 1[illegible]5

II

DESPEDIDAS DO CAMPO

É forçoso deixar-te, ameno asylo,
Solidão deliciosa;
Mas fica-te, em penhor, minha saudade,
Minha lembrança eterna.
As doces horas que passei comtigo,
Innocentes prazeres,
Que em teu seio de paz gozei tranquillo,
Jamais hão de esquecer me
A sombra de tuas arvores viçosas
Veiu a divina Euterpe
Dar-me a provar os melles venusinos
Em tuas soledades
A musa austera que ao terror preside,
Na lyra envolta em luto,
Os modos me ensinou que á Grecia culta
Lagrimas arrancavam
Em remoto por ir, teu chão pisando
Genio votado ás musas
Os ecos ouvira de meus primeiros
Meus innocentes cantos
E, adorando piedoso o teu recinto,
Dirá: "Selva feliçe,
Em que habitou do Pindo o santo coro
Salve! eu te adoro humilde!"
Assim dirá: e tua soberba fama,
Deixando longe os terminos
Do pequeno terrão que o mar rodeia,
Se estraiará no mundo:
A ti virá de longe o peregrino,
Como a Sabina e Tibur,
Pendurar pelos ramos d'essas faias
As votivas capellas.

Ilha Terceira — Septembro 20, 18[illegible]

III

A SOLEDADE

Haec incondita solus
Montibus et silvis studio jactabit inani.
VIRG.

Oh como dilatar-se
Sinto no peito o espirito opprimido!
Como nova existencia
D'este ár da solidão vou recobrando!
Não sinto das cidades
O ár pestilente carregar-me os olhos,
Nem oiço o borborinho
Rugir-me em torno, do insolente povo,
E a turba petulante
De ociosos vadios circumdar-me.
Aqui n'este recanto,
Que mal o errado vulgo olhar se digna,
Disfructando prazeres
Só concedidos a gosar do sabio,
Da vida affadigada
Repoiso brandamente, no regaço
De cara Soledade
Oh! porque já, na aurora de meus annos,
No despontar primeiro
Do crepusculo tenue da existencia,
Te quero eu tanto e busco,
Ó solidão, amparo de infelizes,
Confidente de mágoas?
De paixões virgem, socegado ainda
Não tem meu coração
Que vir contar aos eccos de teus valles,
Ás brenhas de teus montes:
E já te busco, e já tam docemente
Me embebo nas delicias
Da suave tristeza melancholica
Que de teu seio spira!
Mau signal é, mau agoirar (me dizem)
Este fugir da vida
Ás portas d'ella.—Embora: hóspede antigo,
O cara Soledade,
Me acoitarás então quando, fugindo
A pezares e angústias,
Te for pedir consolação e allivio
Dos porvindouros males.

Ilha Terceira—Outubro 30, 1815

IV

A SESTA

Veniam merridiatum
CATULL.

De um sereno ribeiro ás frescas margens
Bordadas de boninas,
Na mão nevada repoisando a face,
Lilia, a mais bella das gentis pastoras
Socegada dormia.
Ella dormia; e zephyro ligeiro
Timido e respeitoso
Nem se atrevia a sussurrar-lhe emtórno.
Mais placida corria a debil onda
E o plumoso cantor nem murmurava.
O sol, que no zenith
Vibrava raios da mais alta esphera,
Parecia afastar-lhe ao longe a calma.
Espêsso freixo, que rodeiam myrtos,
Longe estendia a cupula frondosa,
E, vaidoso do abrigo que prestava,
De namorado requebrava os ramos.
Aos pés da nympha a medo se beijavam,
Quasi affogando o gôso,
Sem lascivo arrulhar, meigas pombinhas.
Mal lhe cobria os membros delicados
Pouco avaro sendal candido e fino:
Via-se a perna, resvalando a furto,
De pulido marfim, que d'alvo cega:
Via-se a fórma do elegante corpo,
E o delicado seio
Suave palpitando
Em doce, voluptuoso movimento.
Dos labios entre-abertos lhe spirava
Mais divino perfume que a ambrosia;
Pouco restava ao soffrego desejo
Debil imaginar de almos thesouros.
Julguei da equorea Chypre nas florestas
Vêr a meiga Erycina de cansada
Por Adonis chamar, que adormecêra.
Manso e manso approximo, em cada passo
Confuso, arrebatado,
Cuidando commetter um sacrilegio.
Afasto a medo os ramos invejosos
Ah!... Lilia reconheço, Lilia, a ingrata
Que ha muito me fugia: corro a ella,
Começo a lhe beijar as roseas faces,
Beijo-lhe as niveas mãos e os garços olhos:
Nas veias me pullula ardor celeste...

Osculo ardente
Do brando seio
Já sem receio
Lhe ouso roubar:

Prazer celeste
Lhe entr'abre os lumes,
E mil queixumes
Ia a formar:

Vou a applacál-a,
Balbuciâmos..
E ambos ficâmos
Sem respirar...

Ilha Terceira—Maio 5, 1815.

V

O ANNIVERSARIO DE FILINTO

A UM AMIGO

Cuncta festinat manus: huc et illuc
Corsitant mixtæ pueris puellæ:
Sordidum flammæ trepidant rotantes
Vertice fummum.
HORAT.

Teremos do bom Porto os copos tintos,
Tambem virá Madeira,
O saudavel, ameno Carcavellos,
E o topazio brilhante
Dos campos de Tubál, cheiroso e bello,
C'o recedente Pico;
Não em doiradas exquisitas taças,
Mas em puros crystaes.
Corre, amigo, que o lombo acostellado,
Coroado de batatas,
Já lá vejo do espeto retorcido
Fazendo-me negaças.
A meiga Armia, a minha doce amiga.
Doirará nossos gostos:
Vem, não tardes, que os cópos já retinem,
Vem, que por mór festejos,
A' memoria do nosso gran' Filinto
Já levantar mandei
Sumptuoso mausoleo de alto relêvo:
Acude e corre, amigo,
Antes que nol-o pesquem lambareiros:
Vem, que é de trouxas d'ovos.

Porto — 1817.

LYRICA DE JOAO MINIMO — Encarei com um homem, moço aind[a] — PAG. 48

VI

A UM JOVEN POETA

Não librado em dedaleas, cereas azas,
Ousaste o Pindo commetter de um vôo,
E do olympio cantor.
Sem medo ao vitreo pégo,
Altissimo emulaste o arrôjo altivo.

Teus versos lendo numerosos, fortes,
Do vivo imaginar senti o impulso,
Do extasi brilhante
Que ardido, que enlevado
Os homens levantou a par dos deuses.

De acções heroicas, discorrendo a tea
Antigos vates, alheiada a mente,
Na confusão sublime
Do impeto divino,
Aos céus ergueram a impetuosa lyra,

De Elide ás palmas, ao suor honroso
Corre turba de heroes: na méta fervida
Eis o vate após elles...
Lidou no pó brioso,
E colhe os loiros com que lhe orna as frentes.

Vingando o espaço de alongados máres,
Do Tejo ao Indo, o denodado Gama
Vae tremular as Quinas
Victoriosas sempre
No occulto berço da remota aurora.

Já de Albuquerque aos temerosos golpes
Goa succumbe e Ormuz; fusila a espada,
E troveja a victoria;
Por entre a grita horrenda
Pávida ulula pelo campo a morte.

Se na campina Elea voôu Pindaro;
Soltando o panno á magestosa lyra,
Immenso rue Elpino
Pelos máres do oriente
E tropheus ergue que não vence o tempo.

Tal Filinto depois, egual com elles;
Após as Quinas lusitanas corre.
E tu, que os segues, vôa
Por esse esteiro lucido:
Não temas, vae, que hasde encontrar co'a gloria.

Coimbra — Janeiro 12, 1818.

VII

A NOIVA

Já no primeiro oriente desfolhando
Suas rosas vem a aurora;
Já pouco a pouco o manto desdobrando
Da névoa que evapora,
Vem o sol pelas altas cumiadas
Dos elevados montes
Acordando hervas, flores esmaltadas,
E alvejando nas fontes.
Mais galas não trajou nem mais belleza
Nas vodas de Pelleu
Á voz de Jove toda a natureza,
Quando tredo escondeu
No pômo tam formoso e cubiçado
O malfazejo nume
Faiscas d'esse fogo que, ateado
Em chammas de atro lume,
Da miseranda Troya, que abrazava,
Para a Grecia lavrou,
E os dilatados campos lhe assolava,
As cidades lhe ermou...
Oh! não vem esta aurora assim pejada
De tão negro porvir:
Que o pômo da belleza disputada,
Quem n'o hade aqui renhir,
Co'a a linda noiva que hoje amor corôa?
Contenda, bem n'a houvera
Entre os que invejam Páris e... e aguilhôa
O ciume que lacera:
Mas Hymeneu e Amor — rara alliança!
Lhes fecharam as portas da esperança.

Coimbra — Maio 15, 1818.

VIII

O MONUMENTO

AO DOUTOR J. F. A. FORTUNA

Absint inani funere næniæ,
Luctusque turpes, et querimoniæ
Compesce clamorem, ac sepulchri
Mitte supervacuos honores.
HORAT.

Esmeros de ambição pomposa, inchada,
Monumentos de glória imaginaria,
Fastosos mausoleus, onde forçadas
A ceder á vaidade, as bellas artes
Entalharam no marmore sombrio
Prodigios do cinzel, da architectura,
Quaes vira Memphis, admirára a Grecia
E Roma triumphante erguêra aos Cesares!
Ao som de minha voz lugubre e rouca,
Que a singela verdade descarnada
Hoje em accentos rigidos me inspira,
Patenteae um momento á minha vista
O pavoroso, cinerario seio.

Eu vos vejo... Ah! mentidos epitaphios!
Hadriano aqui jaz, alli Augusto?
Não; só comtemplo de asquerosas cinzas
Mesquinhos restos, miseros sobejos
De esfomeados, odiosos vermes.
Thebas, Roma, Carthago, Athenas, Sparta,
Onde são teus heroes? — Ao nada horrivel
Do esquecido sepulchro baquearam.
Juntos se densam no funereo acervo
Os evos deseguaes; vão de mistura,
Entre o squalido pó, jazer c'a morte
Lanças de heroes, cajados de pastores.
Come a terra os andrajos do mendigo
Co'a purpura dos reis. Imperios, thronos,
Portentosas facções, riquezas, glória,
Tudo a campa invejosa opprime a um tempo.
— Só tu, sabedoria, tu, virtude,
Sôbre a pyra da morte acrysolada
Mais nitida refulges, só te isentas
Da lei universal da natureza.
Inda existe Catão, se Augusto é morto,
E, se Crasso morreu, Cicero vive.
A fama lhes prolonga eternamente
Nas gerações futuras a existencia.
Volvem no longo curso inteiros seculos,
E na roda incansavel das edades,
Ao tempo sobranceiros vivem, fulgem.

— Oh! lusa Athenas, deixa o pranto funebre,
Lança da frente o lugubre cypreste:
Louros te cumpre — redivivas palmas
Ao teu sabio incansavel, ao teu mestre,
Ao teu Fortuna. Venerando nome!

Nome que de meu peito excitas grato
Lagrimas doces de lembrado affecto,
De saudade eterna! Quantas lidas
Para nos illustrar, quantas fadigas
Constante não soffreu! Quantas barreiras
Ousado franqueou c'o facho vivido
Da san philosophia! Ah! vós o vistes:
Methodo obscuro, na região das trévas
Por subtilezas vans, vanmente urdido,
Despe á sua voz a fórma enredadora.
Já ousa o joven, que estudioso anhela,
No academico seio entrar o arcano,
Da moral natureza, as leis e a essencia,
C'o fio luminoso, que teceram
As sábias mãos do esclarecido mestre,
Seguir audaz na enrevezada senda
Metaphysico, antigo labyrinto.
O colosso cahiu de arduas chymeras,
A tocha da razão vive, e dissipa
A inextricavel noite da ignorancia.
O homem vê mais distinctos seus direitos,
E a ser homem apprende c'os mais homens.
Quanto lhe deve a academia, a patria!
Quanto lhe deve a humanidade inteira!

Ah! que em vão clamas, ruidosa inveja,
Silvando embalde co'a viperea lingua
Tentas ennodoar com teu veneno
Os lucidos tropheus que ergueu Minerva.
Oh! grita embora; ninguem te ouve os brados,
Settas que vibras no pavez embatem
Que a fama illustre perennal resguarda
Sobranceiro a teu odio, a teus imbustes,
Pela estrada da glória foi ao Olympo.

Oh! vê lá da estellifera morada,
Onde, altaneiro á rotação dos astros,
Vês girar a teus pés milhões de mundos,
Olha como entre nós ainda vives,
Olha a multiplicar tua existencia
Por milagre de amor unida á nossa

Eia! corramos: toda a natureza
Á voz da gratidão ha de seguir-nos.
Ja do centro da terra o marmor duro
Em medidas porções se talha e ajusta;
Altas columnas de per si se alisam,
Se lavram capiteis, cornijas pullem;
Pouco a pouco se espalma, e brune o jaspe;
Estatuas se erguem, desencurvam, pousam,
D'emtôrno á campa magestosa e bella.
Alli se vê a candida amizade
Com a sciencia nobre; alli avulta
Em franco aspecto a san philosophia;
Alli .. Novo prodigio observo, e pasmo:
Mão invisivel em lustrosa tarja
Em aureas lettras a gravar começa.
O nome de Fortuna .. Oh! não, suspende:
Injúria á gratidão fôra gravál-o,
Impresso em nossos peitos vive ha muito;
Que em cada coração lhe ergue a saudade
Um busto, um mausoleu, talvez um templo

Coimbra—Março, 1819

IX

A MORTE

A. D. M. J. VANZELLER

How deep implantled in the mind of man
Is the terror of death. I sing it's sov'reign cure
YOUNG.

A morte!.. Sim a morte; ouvi-lhe o brado,
Senti ranger-lhe a formidavel foice
Com que as mirradas mãos lhe armou o Eterno.
Porque, Senhor, do cahos tumultuario
Tam bella e esperançosa ergueste a vida,
Se aop da vida collocaste a morte!
. . . .
Surge do abysmo a face do universo,
Rotam no espaço rutilantes astros;
E, sôbre o eixo revolvendo, a esphera
Em compassado e fixo movimento
Das leis se rege de immutavel ordem;
Viceja a terra e se infloreia e brota
O util dos fructos c'o prazer das flores;
natureza inteira vive e cresce;
Brilha a mão do Creador nas obras suas;
E tudo. . com um golpe extingue a Morte!
Basta-lhe um sôpro, e o sôpro da existencia —
Que do Eterno emanou, se esvae ao nada!...

Musa das trévas, do pavor, do espanto,
Que os sons, que os ais da gemedora lyra
No silencio da noite, á luz tremente
De froixa lua, em soledade esparzes;
Que os funebres lamentos inspiraste
Ao herdeiro christão de antigos bardos,
Ao propheta, ao philosopho da noite, [1]
Que ensinaste as endeixas do sepulchro
Ao sublime cantor da eternidade, [2]
E do gêlo da campa á mente erguida
Lhe dardejavas scintillante fogo;
Agora as fauces do medonho abysmo
Me rompe, ó deusa, ao barathro insondavel
Desce da Morte, vem: sigo-te affoito.

Eil-a sentada no horroroso solio
De amontoados, resequidos ossos!
Aos escarnados pés se apinham, jazem
Infindas gerações em cinza e vermes.
A um lado o tempo, com veloz compasso,
Lhe bate as breves, fugitivas horas;
E a cada golpe, que um instate marca,
Desce um golpe da foice carcomida,
Que milhares de victimas lhe prostra.
Cae c'o trémulo ancião tenra donzella,
C'o o pastor desvalido o rei potente. .
Em voraz sorvedouro, aos pés do throno,
Se precipita e some em van torrente
Riqueza, formosura, esfôrço, glória. .
Sabedoria, e tu tambem accurvas
A lei universal da natureza
Mas porque de repente no seu throno
Vacilou e tremeu a omnipotente,
Implacavel rainha no universo?
O longo braço descarnado e sêcco,
Mas certeiro no golpe, ensaia e move;
Trez vezes tenta, e trez recúa e silva;
De raiva os ossos com stridor lhe rangem.
Ás tuas leis, ó Morte, alguem se atreve
A resistir?... Já vibra o golpe e fere...
Não, não chega a ferir ..—Subito horriveis
Tremedores trovões nos áres trôam,
Rue rapido o raio, as nuvens fende,
E do Senhor a voz soôu na altura.

De um baque o throno, o monstro, o horror e as trevas
Cahiram, dissiparam-se: em bonança
Raia sereno, luminoso dia.
Azul saphira os horisontes vestem,
E com o sol no céu se junta a aurora;
De flores e verdura se recama.
E o prado, os montes matizando cobre;
Amenas fontes, placidos ribeiros
Cáhem das penhas cobrejando correm
E entre fulvas areias se deslizam;
Pelas selvas o zephiro sussura,

[1] Young.
[2] Foscolo.

E plumoso cantor ledo gorgeia,
De sobre o verde ramo que baloiça,
Angelica, suave melodia.

Tal do Eden nos jardins, do orbe na infancia,
Do homem sem culpa habitação ditosa,
Sorria de innocencia a natureza.

Que amena estancia!... Se outra vez se abriram
Aos degredados as vedadas portas
Que o primeiro peccado lhes cerrára?
Já leio em caracteres rutilantes
Fulgurando no ár—«Mansão dos justos»:
Vejo em candidas vestes refulgentes,
Pelo prado em corêas divididos,
Entes quasi divinos... Quem são estes?
Oh, se vos sois os justos, ensinae me
A essa estancia feliz qual senda guia.

Com voz como de mãe que o filho ameiga,
Me responde um de angelico semblante:
— So conduz para aqui uma vereda
Espaçosa e suave, amena e grata,
A da virtude; estreita, enrevezada
Do mundo os sabios vãos a imaginaram
Desvairada moral o finge á mente;
Sombra enganosa da razão soberba
Que á virtude chamou difficil, ardua,
Por fazer glória van do que é ventura!
Não, filho, só no crime ha dor e angústia.
Só delicia e prazer ha na virtude:
Um preceito de amor suas leis são todas:
D'este principio os outros se derivam.
N'elle, no só amor se encerram todos.
Ama os homens, e a Deus amarás n'elles,
Ama-os, soccorre-os; e a virtude n'alma,
E os céus no coração terás com ella!

Disse, e do gesto divinal acceso
Lhe transluzia a férvida virtude
Que do instincto do amor fez lei suave.

Absorto, embevecido, os olhos fitos,
Extasiado contemplo, e a pouco e pouco
Distinguir me parece... Oh, sim que é ella!
— Anjo consolador, alma celeste,
És tu, clamei, e ao mundo, aos desgraçados
Te roubaram os céus! Ai do orpham triste,
Ai da mesquinha, misera viuva,
Ai da afflicta donzella desvalida.
Que assim ficam sem mãe e ao desamparo!
O patria minha, Porto venturoso,
Oh, desgraçado agora!...

Ia eu por deante
Mas subito rubor lhe cobre as faces;
De humildade córou, e os olhos baixos
Vae-se afastando em vagoroso passo.

A celeste visão desapparece.
Esvae-se a amena, deliciosa estancia;
Só n'um deserto árido me vejo
Abrolhos, sarças, rubidos espinhos
Em sôlta areia apenas se divisam;
Montes a pino, de escalvada rocha,
Mettem ao longe horror á natureza,
Pinheiro esguio, a espaço e espaço erguendo
Co'as oir çadas, verde-negras cómas
Vae topetar nas carregadas nuvens.
Aqui o sol que os raios bemfazejos
Presta á vegetação, dá vida aos gomos
Excita o germen das nascentes plantas,
Aqui, só quando ardendo em rubro fogo
No cão rabido as furias dobra e punge,
Raio consummidor dos ceus dardeja.

Tal na arenosa solidão de Zahra
Está morta e queimada a natureza.

Mas começava a revolver na mente
O que vejo, o que sinto—eis braço occulto
Me segura; alta voz das nuvens rompe:
— Mortal, a imagem vês do mundo inteiro.
Quando o egoismo pelo mundo impera.
Foje dos crimes o mais negro e horrivel,
E a primeira das candidas virtudes
Segue em tuas acções, canta em teus hymnos.

Disse, e a invisivel mão na minha lyra
Senti batendo resoar nas cordas:
A medo as pulso, melodioso accento
Som mais que humano me sahiu da lyra.
Nem doçuras de amor, nem ais, nem prantos,
Glórias, feitos de heroes, já tudo esquece:
Só da virtude amor e amor dos homens,
Só de philanthropia heroes entoa.

E a ti, boa Isabel, a ti primeira
Tecerei com meus hymnos a grinalda
De immorredoiras, sempre vivas flores
Das praias d'Albion, da patria ingente
Da gloria, da razão, da liberdade,
Te mandaram os céus em dom piedoso
A estas nossas praias que adoptaste,
Que orphans te choram, desherdadas hoje.
Aqui, planta de bençãos e virtude,
Cresces, e amparas com a sombra amena
O adoptivo terreno; aqui teus braços
Delicados e tenros se encostaram
A antigo tronco já copado, e fundo
De longas, salutiferas raizes,
Que em nossos doces climas esquecido
De sua batava origem, nos adorna
As magestosas ribas d'este Douro.

Tal em vergel mimoso acobertado.
Fructo de assidua vigilante industria,
A esforços d'arte e esmêro de cultura.
Que os climas, estações, que os tempo muda,
De longes plagas, de apartadas terras
Se encontram juntas extrangeiras plantas,
Por mutua inclinação se estreitan, se unem,
E com seus castos, candidos amores
Nova se criam deliciosa patria.

D'este par virtuoso o Porto o sabe,
Sabem-nos os infelizes — que virtudes
A união bemfadada coroaram!

Oh! corram, patria minha, de teus olhos,
Eternas corram saudosas lagrimas
Se ella mais venturosa existe agora,
Se nos seios da glória coroada
O premio colhe da fadigas suas;
Se em cópia digna d'ella—aos seus amigos
Os infelizes deixa vinculado
O thesouro de amor e de piedade
Que no materno coração guardava.
Oh! nem assim a dor se nos ameiga,
Não póde diminuir nossa saudade.
O anjo consolador vôou da terra;
A mãe do pobre, a mãe do desvalido
Foi, voltou para o céu que no'la dera
Mas n'este valle, aonde tantas lagrimas
Enchugou sua ardente caridade,
O nome ficará perpetuamente,
O doce nome de Isabel gravado
Nos corações da gente portugueza,
E de seculo em seculo contadas
Suas memorias, que morrer não podem,
Serão modêlo ás gerações futuras.
De virtude, de amor da humanidade.

Coimbra—Dezembro 31, 1819.

X

A INFANCIA

A UM MENINO

Tel dans un secret vallon
Croit a l'abri de l'aquilon
Un jeune lys, l'amour de la nature
RACINE.

Aurora da existencia, infancia amavel,
Edade abençoada
Da mão que rege, que aviventa os dias,
Mimo da natureza,
Da candida innocencia bafejado,
Breve, mas linda flor
Sobre o gômo da vida despontada.
Infancia! — oh meiga edade!
Tu no facil prazer de simples gôsto,
De mui sinceros brincos,
Estreitando mentidas esperanças
Ao prazo de um momento,
E aos desregrados vôos do desejo.
A mesquinhez do enjôo
Ignorancia feliz sem fôrça oppondo.
Vês no porvir remoto
Sem asco, sem desdem, porque mui longe,
O pavoroso aspecto
Da aborrecida, misera velhice,
Que os mal seguros passos
Vae na fouce da morte abordoando,
E os membros engoiados
Ao gêlo do sepulchro estende, e treme
C'o frio horror do nada.
Infancia! oh quadra mais gentil da vida,
Risonha primavera.
Quanto mais doce que o fervente estio,
Que o tormentoso outomno!
Avara natureza! ella é tam breve,
A manhã da existencia!
Quam tenue, pouco e pouco, a flor desbota,
Esvae, murchando, e sécca!
Eis o calmoso estio: — brilha em fogo
Clarão sulphureo e rubido,
Sol de ardentes paixões, astro sem orbita
Tumultuario planeta,
Que ao bem negando as criminosas luzes,
Presta fulgor terrivel
A solapados, incobertos males,
A falsarios prazeres.
Paixões! barbaro dom da natureza!
Carniceiros verdugos
De humanos corações, que em vossos griflos
Espedaçaes cruentos,
Ah! longe o bafo pestilente e sordido,
O halito da morte!
Longe do imperio vosso existe e folga
A mui fagueira edade.
Infancia! doce, carinhoso enlêvo,
Objecto suspirado
Da minha saudade, dos meus prantos,
Dos prantos crus, amargos
De acerba dor, no venenoso calix
Do tormento vertidos!
Prantos que um deus cruel, o deus das mágoas,
O refalsado numen
Dos seccos, roxos, macerados olhos
Vaidoso arranca ainda;
Que sobre a campa, que escavou co'as settas
E sorrindo me aponta,
Folgando atraiçoado, zomba e mofa
De meu gemer e angústias;
Um despota, um cruel. Amor — Socega,
Não chores, tenro infante
Ah! já tremes de ouvir-lhe o nome horrivel?
Sentes o som stridente
Da pejada pharetra: — Oh! longe és d'elle;
Teus olhos innocentes
Não podem ver-lhe a face desabrida.
Amor (descança) é monstro:
Mas, se um deus bemfazejo, um deus amigo
Lhe embebe a furto as settas
No suave licor d'alma virtude,
De innocente desejo;
Então, em vez de horror, dos tiros brotam
Ineffaveis delicias:
Então, falsado o intento ao sevo numen,
(Mas quam raro prodigio!)
Nectario favo de ventura e gôso
Doce do peito estila;
Foge o bando cruel de infidos zelos;
Pura, suave chamma
Em virtuoso altar recende e brilha;
Aurea, gentil cadeia
Sinceros corações enlaça e prende.
Taes o céu bondadoso,
Tenro menino em prosperados dias,
Prazeres te future.
Tal conheças amor, qual puro e candido,
Innocente rebrilha
No seio á Divindade Oh! fixa os olhos
Des criminosos, simples
No mui ditoso par de teus ingenuos,
De teus amantes paes:
Vê como em santa união mutuam férvidos
Suavissimos deleites;
Como ternos suspiram, como existem
Nos braços da ventura.
Lê nos olhos gentis da bella espôsa
Seu fado lisongeiro
O satisfeito espôso: eil-os se espelham
Na cópia suspirada,
Dom tam pedido aos ceus, dom grato e meigo
De mui caroaveis numes.
Nymphas do Lima, dae, trazei alegres
Recendentes boninas;
A mãos cheias vertei, coroae-lhe as frontes,
Matizae-lhe as pisadas:
E, se o vosso podêr se estende ao olvido,
Se da tenaz memoria
C'o mago encanto das formosas aguas
Cortaes lembranças vivas,
Não corraes por aqui, deixae piedosas,
Para memoria grata
Das virtudes dos paes, na cópia amada,
No mimoso transumpto
Do filhinho gentil, vivo traslado
De exemplo á humanidade

Coimbra — Dezembro, 1819.

XI

SONHO PROPHETICO

Dabit Deus tandem.
VIRGIL. ÆL.

Sombras espessas da calada noite
O matutino albor vinha rasgando,
E da lucida estancia, onde apontava
Languido e froixo ainda o sol nascente,
De incerta, fraca luz vestigios candidos
Desparzia no polo; o dubio aspecto
Corava a pouco e pouco a natureza.
Do renascente dia a mensageira
Já nos balcões surgira do oriente
D'entre os amplexos do marido annoso;
Soltas ao vento as crespas, aureas cómas,
E envolta em roxo, resplendente manto
Que interlaçadas perolas bordavam.

O pezado vapor do grave somno,
Que em olvido tranquillo a alma sepulta,
A dissolver-se lento começava;
Meio aberto e fechado estava ainda
O usado trato entre a alma e entre os sentidos:
As suspensas ideas resurgiam.
Mas sôbre azas ligeiras vagueando,
Sôltas do imperio da razão que as guia,
Em cáhos novo e estando amalgamadas,
Mudavam, cada instante, aspecto e forma
Por este doce tempo a eburnea porta
Se abre no Elysio, e a turba grata e leve.
Dos lisongeiros, dos volateis sonhos
Azas cór d'Iris para o mundo estende.

N'este dubio, confuso e brando estado
De esquecimento o espirito suspenso,
Voar cuidei a solitario, inculto,
Ermo, sonbrio valle: alta e fragosa
Escalvada montanha o fecha a um lado,
E á negra bocca de horrida caverna
Desfallecida e languida pousava
Veneranda matrona: armas, bandeiras,
Luas, Aguias, Leões, trophéus guerreiros
A seus pés se apinhavam Olho attento:
Pesavam em seus pés grilhões de ferro,
Ferreas das mãos algemas lhe pendiam.
Como de forcejar cançada ha muito
Jazia em languidez, e as alvas roupas
Tinha o sangue dos pulsos salpicado.
Despertou-se algum tanto. e em ais sentidos
Do intimo peito rompe. Absorto e mudo,
Ouvi que em froixa voz assim falava:
— Prantos! prantos! Já nada mais sobeja!
Eu a flor das nações, eu que, outro tempo.
Contava pelos dias meus triumphos!
Que em cada um de meus filhos tinha um nume,
Eu agora... ai de mim!... só gemo e choro!
Só ais, só prantos, só gemidos restam
A quem do mundo governou o imperio!
Estas mãos victoriosas, que, outro tempo.
Empunharam o sceptro do Oceano,
D'onde o fado pendeu d'Africa e d'Asia,
Agora em vez do sceptro, em vez das palmas,
Grilhões! .. ferreos grilhões! . e os pulsos roxos
E as vis algemas com meu sangue e lagrimas
De contínuo lavadas!... miseranda!
A mesma inda serei? Tenho inda filhos?
Filhos! Oh nome que me rasga o peito
Oh lembrança de dor, idea amarga!
Passadas glórias de que serve á mente
N'angústias recordar? Essas bandeiras,
Esses despojos, triumphaes reliquias
De esquecidas venturas. fado horrivel,
Para o pêzo augmentar de meus tormentos,
Só m'os deixa o cruel, so m'os conserv
Aguias soberbas, remontadas Luas.
Açulados Leões, por quantas vezes
Ante mim já prostrados, confundidos,
E submissos no pó, trementes, pavidos
Não me adorastes curvos! quantas vezes,
Ao só brandir a minha dextra um ferro,
Alfanges mil e mil se espedaçaram,
Lanças cahiram! bastiões de rôjo,
Soberbas grimpas, elevadas torres,
Altas muralhas subito baquearam!
Tal fui; taes foram filhos meus outr'ora
Ah! senhores então, escravos hoje .
Escravos! oh que nome abominavel.
E ha céus que mandem tal, deuses que o ordenem?
Sem leis, sem patria, na oppressão, nos ferros
Não vêdes, filhos meus, não tendes peito,
Olhos não tendes para ver o abysmo
Que vos abre ante os pés a tyrannia?
A tyrannia, esse execrando monstro
Que, ladeado de furias, de maldades,
De sobre o throno, que lhe ergueu a intriga,
Que o fanatismo vil, que a cobardia,
Que a barbara ignorancia lhe sustentam:
Punhaes, venenos; carceres reparte!
Esse monstro! . e das garras sanguinarias
Não lhe roubais a miseranda patria?
Não tendes labios já, não tendes braços
Para bradar vingança e executal-a!...

Aqui gemeu de novo, e amargo pranto
Pela face já pallida desliza,
Nas contorsões da dor, na ancia do peito
Moveu se um pouco, e vi .. Brasão fulgente.
Tinha no seio venerando .. as Quinas!
As Quinas, sim: e Lysia era a matrona.

Senti o coração todo estalar me
Co'a dolorosa vista... Eis repentino,
Como das nuvens, subito cahido
Desmesurado, esqualido gigante
Em molle immensa e colossal se amostra:
Ferrea lhe cobre os membros a armadura,
Ferrea na dextra lhe fulmina a espada,
E ferreo todo no semblante e gesto.
Ao vêl-o correr á triste victima
C'o ferro em punho, conheci quem era,
E tremi do execrando Despotismo.
Falou-lhe o monstro assim com fero cenho:

—Bradar vingança! executal-a! E ousas
Proferil-o sem pejo e sem remorsos?
Quem eu sou, quem tu és já te esqueceste
Queres forçar a espada da justiça?..
«Justiça! E em nome tal és tu quem falas!
Justiça adonde impera o Despotismo!
Onde as leis...'
—Meu prazer, minha vontade;
As leis são estas Ao vassallo cumpre
Executal-as só, não conhecêl-as:
Os direitos do sceptro a vós não cumpre,
Mesquinha plebe, examinar audazes.
Cegos obedecer, tremer ante elle,
Curvar-se e respeitar ..
«E esse direito,
E a nossa obrigação d'onde e provinda?
—Da força.
«E a força é lei?
—Dos ceus á terra
O supremo podêr aos reis proveiu.
Seus direitos .
«E Deus, se lh'os outorga,
Nenhuma obrigação lh'impoz com elles?
Aos desgraçados, miserandos povos,
Que aos ferros condemnou e a desventura,
Co'a eterna obrigação do soffrimento
Nenhum direito deu?
— Altos decretos
Do Eterno examinar vos e vedado.
«E' boa por essencia a Divindade.
—E' justa.
«Sim
— E vingativa.
«Opprobrio
Que só vós lhe fazeis, blasphemia horrivel!

Mal soaram pelo ar os sons extremos,
Eis repentinos, rapidos fuzilam
Raios, coriscos; troa o céu tremendo,
E em fumo e fogo se me esconde o valle.

Vae-se acclarando a cerração; e em breve
Vejo em mais pura luz que a tocha d'alva
A matrona gentil brilhar já livre.
Morto a seus pés o monstro lhe jazia,
Que em negro sangue se escoava ainda.

Exultei de prazer... acordo . e vejo
Que era sonho a visão, phantasma o gôso.
Maldisse os ferros que me pezam inda,
E aos tyrannos jurei odio implacavel.

Coimbra—Dezembro, 1819.

XII

PEDIDO A UM POETA

O MEU AMIGO J. F. DE OLIVEIRA-LEITÃO

Tu, na difficil mas segura estrada
Que o nosso bom Ferreira nos trilhára,
Corres, fitando a meta luminosa,
Do mestre de Venusa.
Sinceros e de lei teus versos puros
O brilhante oripel não têem da moda;
Despreza a tua bella e casta musa
Meretricios enfeites.
Quaes egrejinhas de infantil folguedo
Se armam no ár, de papelão e talco,
Essas trovas tafues por ahi tinem
Nos ouvidos dos nescios;
Outras inda mais oucas, assopradas
De tola affectação de van sciencia
Pilhada, aqui, alli, nos diccionarios,
Pedantes Mevios louvem.
Eu quero de teus versos regalar-me,
E descançar o ouvido fatigado
De tanto descompasso e destempêro,
Em sua doce harmonia.
Sei que um novo penhor das aureas musas
Houveste agora:—deixa-me admiral-o;
Com o profano vulgo não me afastes
Dos mysterios divinos.

Coimbra—1819.

XIII

A ANNALIA

Salve dia de amor sempre jocundo!
Annalia encantadora,
N'esta risonha aurora
Para me aventurar vieste ao mundo.

Quando assomar no apavonado oriente
Amor te viu fagueiro,
As frechas prazenteiro
Aguçou, e sorriu todo contente:

Fugiu da mãe aos amorosos braços,
E em teu rosto divino
Depor foi, de contino,
Encantos, phyltros e amorosos laços.

Assim me enfeitiçaste!—assim rendida
Trago alma e coração,
Que, sem esta prisão,
Nem eu já sei viver nem quero a vida.

Annalia, amado bem, tam fausto dia
Celebremos contentes;
E as flores innocentes
Colhamos d'esta vida fugidia:

O tempo vôa, as horas despedidas
Tam ligeiras decorrem,
Murcham tam breve e morrem
Rosas que do prazer não são colhidas!.

Porto—1819.

XIV

FILINTO

A patria sagrou tudo,
Tudo sagrou á ingrata
FIL. ELYS

Portuguezes, morreu!... D'aquelles labios,
D'onde manavam de Hyppocrene os melles,
D'onde angelicos sons coavam n'alma,
Sahiu o último alento.
Aos mui carpidos, dolorosos brados
Em que o Sena rompeu, um pouco ainda
Lavrou no coração mágua sentida
Ao Tejo envergonhado.
Filinto é morto. As derradeiras vozes
Do vate, ja co'a morte á lucta extrema,
Foram, entre ais de amor, de saudade,
O adeus á patria ingrata.
Desamorada mãe, o filho egregio..
Um filho tal!. . Não, musa, o véu do olvido
(Se é possivel correl-o) á acção nefanda
Com dor sobrepunhamos.
Patria é dos sábios o universo inteiro:
No eterno alcáçar de estremada glória,
Sobranceiro aos vaevens de homens, de fados,
Seguro existe o vate.
Ah! lagrimas, só lagrimas nos restam:
Afrouxo os olhos se debulhem n'ellas,
Inunde a campa que lhe guarda as cinzas
O pranto do remorso
Oh! nem vos peje, ó Lusos, derramal-as:
Vêde o coro gentil que impera aos évos,
Das fatidicas virgens coroado
Em feral rama as frentes.
Alquebradas de dor, eil-as em turma,
E o deus que tanto o amou, mudo, a desleixo,
Descoroado da luz que inflamma os peitos,
Que a mente lhe avexára,
Tardio os passos, demudado e triste,
Após ellas caminha. . Aonde, ó musas!
Fugidias? . . Ah! sim, longe da terra:
Sim, que Filinto é morto.
—É morto, em som funereo, em voz de lucto
Brada o coro donzel, viuvo, afflicto.
Morta é com elle a sonorosa lyra
Que dera aos Lusos vida.
Desentoadas as divinas cordas
Esbambeadas, frouxas, nem dão visos
Das que ao Lethes, á morte, ao tempo, ao fado
Tantos heroes roubaram.
A lyra onde, entonando o collo erguido
Aos gritos da razão e da virtude,
Alçou tropheus a liberdade augusta,
Tremulou estendartes;
E de Penn a moral, e o esfôrço ardido
D'Washington, de Franklim sôou com glória,
E a mui lidada, pertinaz constancia
Do povo Philadelphico:
Onde em sublimes, arrojados extasis
O vate embevecido alteia os vôos,
E audaz a par e par c'os Novos Gamas
Topéta o firmamento.
Clama no enlêvo do aquecido engenho.
Que é roubo aos penetraes da natureza,
Mas que, sem medo ao pégo, Icáreas artes
As leis hão de inverter-lhe.
Ja sons mais do [illegible] lhe [illegible] ri[illegible]ora [illegible] deusa
Que entorna a vida aos gomos do universo;
E em nectar voluptuoso derretidos
Dos labios lhe deslisam.
Languidez do prazer lhe embebe a mente.
E em devaneio doce transviado,
Com mão incerta tenteando as cordas
Fita gososo a diva.

LYRICA — Afasto a medo os ramos invejosos — PAG. 56

Como no rapto os olhos mais que humanos
Mysterios divinaes prescrutam, fitam!
Eil-o rival do vate de Epicuro
A natureza abraça.
Mas oh! que a mãe dos candidos Amores,
De agradecida aos dons, aos ais maviosos,
Lhe dôa a que o pastor vencêra do Ida,
Enfeitiçada zona.
A rôdo as nuas Graças prazenteiras
Risos, jocos brincões lhe vão sparzindo
Quando elle entôa namorados metros,
Desleixadas cantigas:
E a que tam doce ri, bella *Delmira*,
E a Sapho-*Alcipe*, e *Daphne*, e a quantas coube
Ternas beldades a ventura illustre,
Vivem nos sons divinos.
Mas já firmado em solida exp'riencia,
Nos vaevens da fortuna acrysolado,
Da virtude, da san philosophia
Nos dictames se embebe;
Aos amigos louvor, louvor a Horacio,
Á virtude, á razão, á liberdade,
No mestre de Venusa os olhos sempre,
Hymnos entôa sacros.
De longe incita os animos briosos
De tam amados seus, tam caros Lusos;
Do acovardado, misero lethargo
Os chama á glória e punge.
Em geniaes, agradecidos canticos
A bemfazeja mão celebra e louva
Que ás mãos griffanhas de açulados tigres,
O roubou denodada.
Ou galhofeiro, por despir angústias,
Dar largas ao espirito opprimido.
Ao fausto Bromio entôa c'os amigos
Festivaes Evoés.
Ah! que limites desconhece o engenho
Do vate a quem fadou no berço a musa!
Francos lhe abriu do Pindo almos thesouros,
Quantos encerra, Apollo.
Centelha em fogo do cantor d'Olympia,
Arde, ferve, trasborda e rompe e rue;
Dá-lhe rebate ao sangue o extasi d'alma,
Transpõe a natureza.
Qual deliriosa em contorsões fatidicas.
C'o deus que a preme a Phébade relucta,
E anciada, os olhos envesgando ulula
Mal entendido orac'lo.
Já d'Albuquerque a temerosa dextra
Rompe altanges de Ormuz, xaras de Goa,
E ao som tremente do terrivel bronze
Malaca esbroa os muros.
D'emtôrno ao ferro lhe esvoaça a morte
As fervidas phalanges ladeando;
A um bote portuguez se apinham cento
De escalavrados Indios;
Derrocam torreões, alcaçar's ruem;
Curvam despotas mil joelho altivo,
E sobre as ruínas triumphaes tremóla
Mão vencedora as Quinas.
Castro, o Fabricio luso, o Quincio, o Fabio,
Pacheco, o Scipião na glória e esfôrço,
Scipião nas virtudes, na desdita
Do ingrato ostracismo;
Vós, honrados de Lysia e honra d'ella,
Tambem da lyra as cordas lhe afinastes;
Tambem, lidando em canto ardente e novo,
Vos engrinalda a fama.
E qual ha hi nos Fastos portuguezes
Que digno fosse de extremado nome,
Que não lhe deva incenso, altares, templo
No bipartido monte?
Ou na trompa marcial victorias trôe,
Ou patrios cysnes descantando á lyra,
Nos harmonicos sons arrebatado.
Imitando os admire.

Ora clamando aos hospedeiros Gallos,
Ora aos pesados Bátavos sombrios:
«Meonias tubas, Mantuanas cordas
«Tambem possuem Lusos:
«Primeiro que entre vós já nos luziram
«A aurora, o sol das artes, do bom gô
«Godofredo e Salem não vira o orbe,
«Nem donaires de Armida,
«Nem vizinho aos confins do Eden vedado
«Chorára o pae da triste humanidade,
«Nem Davidicos sons a harpa germanica
«Pulsára ao Deus já homem;
«E nós á mestra, á douta antiguidade,
«Nós ao porvir mostravamos soberbos
«O Gama abrindo as emperradas portas
«Da não-sabida Aurora,
«Galgando cabos, arrostando em face,
«C'os revezes luctando arca por arca,
«Fitando ardido, desdenhando ameaços
«De Adamastor irado.
«Inda nas margens do afamado Sena
«Hervadas settas em delirio, em crimes,
«Á espôsa de Theseu do peito anciado
«Não arrancaram prantos;
«Nem sons carpidos da infeliz Zaíra,
«Esvaecida de amor, firme á virtude,
«Deram ao vate, em lagrimas, suspiros,
«O applauso do universo;
«E já nas brandas veigas do Mondego,
«Na soidão formosa extasiado
«Um luso empunha o sceptro de Melpómene
«E a Euripides se eleva.
«Beldade afflicta em pranto se definha,
«Chama em vão pelo espôso que a não ouve
«E os olhos turvos devolvendo ainda
«Aos tam caros filhinhos,
«Inda estendendo amortecidos braços,
«Inda affagando imagens do seu Pedro.
«Entre os amplexos maternaes expira
«Balbuciando o espôso.»
Tal inflammado em zêlo o vate exclama,
Tal brada á Europa: ferve-lhe nas veias;
Brioso n'alma lhe pullula e vive
O amor da patria cara.
Por ella empunha assacalada foice
E affouto corta os vicios infezados
Que d'arrebique extranho affeiam sordidos
A tam formosa lingua;
A lingua de Camões, que usaram barbaros
Com mescla vil manchar, turpar lhe as galas;
Tal que se a vira a deusa que a amou tanto
A descrêra latina.
Por ella alteando mais o plectro á lyra,
Aos Lusos mostra os seculos famosos,
Évos de glória, de estremados feitos,
De afamados prodigios;
Do ocio covarde os animos argue,
E pela voz do despota dos máres
Agros convicios desatando iroso,
Lhe excita os peitos frouxos.
Mostra-lh'as ricas plagas do Oriente,
Tam regadas do sangue lusitano,
E o sceptro augusto dos cerúleos mares
Nas mãos do Dace e Bátavo.
Oh vate, oh numen, oh brazão perenne
Do portuguez renome! em seio ás musas
Bebes-lhe n'alma altiloquos mysterios
De remontados extasis!
Eil-o rival do voluptuoso Ariosto
Cavalga affouto hypogriffos alados,
E aureas, priscas ficções de heroicos tempos
Renova em doce metro.
C'o auxilio amigo do fiel menino,
Huol co'a espada de encantado gume
Talha gigantes, despedaça a esmo
Ruíns, descridos moiros;

Grizalhas barbas ao Soldão arranca.
Rouba-lhe em trôco a donairosa Amanda;
E os magos sons do portentoso corno
(Especial condão!)
Com affanosa, derrengada dança
Austeros cenobitas poleando,
O pranto, admiração, piedade e riso
No vário canto juncta.
Ingenuas graças de nativo pico,
Attico sal do brando Lafontaine,
Mimoso encanto de gentil simpleza,
De loução desalinho,
Com arte mais que humana aos Francos rouba;
De oppostas linguas os thesouros abre,
Depar-empar franqueia-lhe os segredos,
Pasma co'a Lysia a Gallia.
Musas, o canto é longo, a voz fraquea...
E agora quando intento erguer-lhe os vôos,
Beber no seio a Phebo almos segredos,
Patentear-lhe o sacrario;
Agora... oh dae soccorro ao vate anciado,
Subi-me á esphera que domina os orbes;
De Apollo um raio fulminae no canto...
Não: dae-m'o de Filinto.
É d'elle... já nas veias se me embebe,
Corre, pullula, ferve, espuma, agita-me...
E d'elle... A mente alhea acode ao peito
A vida... o fogo... os extasis ..
Quaes firo novos céus! que estrellas topo!
Que mundos estes são!.. Fugiram d'homem
Ideias, sensações .. o Pindo, o Olympo. .
Elysios .. não são estes.
Côam divinos sons do ouvido n'alma...
Eternas alleluias! Face a face
Quasi que o vejo. . o Sêr que impera aos sêres
O Deus, o numen unico!
O brilho, a luz da gloria me deslumbra;
Curva coro d'ancioes a frente ao Agno:
Abre-se em par septi-sellado livro ..
Quaes decretos escuto!
—Joven ditoso, os crimes se apagaram;
Eis a coroa, a palma .. É ganho o mundo:
Triumpha a luz, e as trévas acossadas
Já de rondão no Barathro.
Oh que formosa, candida donzella!
Que meneio gentil no ad'man tam simples!
Alva dos hombros lhe devolve a veste,
Cinge lhe a frente o louro.
Homerea virgem, ai quanto mais linda
Sob os trajos de Inez! quanto mais ternas
Dos meigos labios vozes se deslizam,
Avitos soam canticos!
Como as choreas festivaes guiando,
Garbo donoso e sôbre sae a todas!
Corre, transviada na tortuosa senda
Do monte que descia.
Clama em vão pelas Nayas que a não ouvem,
Amesquinha-se em vão, chora... Eis depara
A luz dos raios tremulos de Phebe
C'o adormecido joven.
—Não és Endamião?—Não és um anjo?
Dizem.—Já d'ambos puro amor nos peitos
Settas varára que embebêra em doce,
Celestial arrobe.
Com que suaves praticas neganam
As fadigas da estrada! Como esplende
Na bôcca pura do Arcade mancebo,
Luz de verdade eterna!
Que ameno quadro aos olhos se affigura,
Côa no coração doçura e gôso,
Quando em contraste com ficções idólatras
O do christão viver!
Oh! na singela narração que encantos!
Soam-me n'alma ainda os eccos oucos
Dobadadas catecumbos lobregas
Quando o silencio funebre
Contricta devoção lhes corta em hymnos.
Como é terso e viril e grande o stylo
Quando nos pinta o Capitolio erguido
C'os despojos vergando!
Quando romanas denodadas hostes
Com as cabildas Francas baralhadas,
Quando a simpleza dos costumes rudes
Vigoroso descreve!
Inda de horror as carnes se arripiam,
Inda c'os roucos sons retreme o ouvido!
Depar-empar do inferno em bronzeos gonzos
Rugindo as portas rompem ..
Oh que espantosa confusão de abysmos!
Tormentos uns sobre outros se amontoam,
E empé sobre elles, requintando angustias,
Se alonga a Eternidade!...
Ouço aldravadas nos portões da morte;
Vejo um ramal de lagrimas gelado
Pender de olhos já seccos, já queimados
Do ardor acre do pranto!
Vejo . Não, cerra, o Musa, a negra estancia
Tapa lhe o boqueirão c'o atro penedo
Que a separa do cahos. Leva o rumo,
Guia a visões mais brandas
Os meigos sons de amor volve-me á lyra
Volve-me o doce metro desleixado,
Ais deliriosos, lagrimas sentidas,
E a dor que afflaga e punge.
Mostra me á toa pe a selva escura
A inculta virgem, destraldando ao vento
Os não cuidados ja, sacros adornos,
Que a paixão desalinha:
Quando entre a[illegible]osos, descarnados troncos
Co'a simpleza de amor que ignora enfeites,
Mostra sem arte o coração que anceia,
Ao tan esquivo amante:
Diz-lhe (e entre as ramas escondido a furto
Sorriu maldoso o deus que lh'o ensinára)
Diz-lhe que é ella que n[illegible] mura n'aura,
Que suspira na fonte.
Como ao sentir o coração do ingrato,
Sob a tremente mão pulsar tam lento,
Lhe esfria a esp'rança, lhe regela n'alma,
Corta-lhe a voz nos labios!
Ja devaneia trémula, e suspira,
Ja sôbre o pico do rochedo alpestre
Nova Sapho a arrojar-se ao mar que freme,
Que em fragas oucas quebra.
Quasi... quasi. . Ah! suspende. Ingrato Eudoro!
Tanto amor!... tanta fé!... veda-lhe um crime.
E não é crime o teu? Mais deshumano.
Mais impio tu não foste?
As doçuras de amor vivos prazeres
Com negro fel de esqualidos remorsos
Misturastes, infeliz! Viste (e no peito
A ferrea mão da angústia
Sentiste o coracão ir-te affogando).
Viste o ancião deshonrado, o pae tremente
Vibrar o dardo imbelle, e moribundo,
Horrendo amaldiçoar-te.
E ella!... Ao collo gentil eis volve a foice;
O sangue, que a bolhões des[illegible]ta o golpe,
Lhe murcha as rosas, lhe ennoitece o lume
Dos olhos já tam bellos.
Qual flor mimosa ao sol do estio ardente
Pallida inclina a hástea delicada,
Morre, e inda bella no deliquio extremo
Suspira Eudoro.... Eudoro! ..
Deusas do Pindo, oh! já não ousa o vate
Nem rastejar-vos! De cançada, a lyra
Incertos sons confusos, desvairados
Mal entoar já pode.
E pude tanto! e ousei c[illegible]nt[illegible] Filinto!
E ainda ousarei seguir-lhe o vôo altivo.
Já nas do Nilo catadupas bravas,
Já nas soidões do Egypto.

Onde em furor prophetico extasiado
O solitario ancião futuros rompe;
Ou pelos sacros de Salem vestigios
Prodigiosos, divinos!
Direi memorias da guerreira Sparta,
Ou do austero Lycurgo,—ou de Leonidas
Que o ferro, outr'ora defensor da patria,
Ao novo amante esposo
Presta á defeza da virtude amada?
Direi as falas concertadas, nobres,
Com que ante a curia que ladeiam impios,
Orador denodado
Ousou a pró da causa da verdade
Expor-se ás iras sanguinarias, cruas
Do fanatico vil, do atheu soberbo,
Do atraiçoado hypocrita?
Direi, na arena entre açulados tigres,
O adeus, o extremo adeus do amor mais puro?
E a morte já não feia, não terrivel
Entre as lucidas palmas?
Não musas, não: baldado o arrojo ardido,
Em despenhada, vergonhosa quéda
Fôra dar nome a não sabidos máres
Co'as atrevidas pennas.
Creae, creae na minha patria, o deusas,
Novo engenho que hombrêe co'a alta empreza
Dae-lhe, inda mais que a quantos bafejastes,
Os paternos thesoiros;
Dae-lhe altiloquo e doce e puro stylo,
As côres, os pinceis da natureza;
Seja um deus ... ou se tanto inda podesseis!—
Seja um novo Filinto.

Coimbra—Abril, 1819.

XV

AS FÉRIAS

A UM AMIGO

> Vejo, mas longe, vir surgindo um dia
> Que hade pôr entre mim, entre estes Getas
> Terra em meio
>
> FILINT.

E em que pensas, amigo, que se occupa
N'este grande aldeão que chamam Porto,
O teu Garrett amigo? — Come e ronca
Come, e torna a dormir.
Dormir! que bella vida! E nos pequenos,
Lucidos intervallos, por debique,
Duas Odes de Filinto, uma d'Horacio,
Tres scenas de Racine.
Que vida! A longe e longe, um rober d'whist,
Mais longe ainda, breve *pas-eggiata*.
Ao monte das irmans, castas donzellas.
Castas, sim, que não obsta
A auctoridade de Camões brejeiro;
Porque, se Orpheu *pariu a linda dama*,
Como d'antes ficou donzella e casta,
Virgem depois do parto.
—E o namóro? (dirás) Abunda o Porto
Em Delmiras, em Marcias, grato emprêgo
A um rapaz amador do bello sexo,
Enthusiasta e callido—.
Foi bom tempo esse tempo do namôro:
Muitas já me roubou horas e dias,
E da amiga pachorra á gorda pança
Me cerceou bom naco.
Acabou-se: n'um *cercle* o mais luzido
Passeio agora os olhos indiff'rentes;
Qual arrotando, espriguiçando os braços,
Bocejando amiude,
Inda sabendo a bôcca a ferros velhos,
No outro dia de longa comezana,
Mui disputado *toast*, em lauta mesa
Fastiento attentára.
—E a sucia galhofeira dos rapazes?—
Rapazes! Não conheces esta terra,
Que perguntas por tal? Aqui o germen,
Aqui os elementos
Escondidos estão, que a vida nova
Hão de chamar a abastardeada especie
Da corrompida gente lusitana.
D'aqui, d'onde houve nome
O velho Portugal, seu nome ainda
Honrado surgirá. Presago vejo
Na geração crescente ir despontando
As feições renovadas
Com que a antiga familia portugueza
Se distinguia outr'ora; o brio, a honra,
Os seus costumes, puro amor de patria,
A singela franqueza,
A nobre independencia de outras éras
Resurgirão d'aqui. — E então o aspecto
D'esta formosa terra, hoje encuberto
De nevoeiros britannos,
Replendera co'a natural belleza
Que villões fidalguinhos de má medra
Cockneys caixeiros, frades ignorantes,
Agora lhe deturpam.
Oh! quando te hei de eu vêr, patria querida
Limpa de inglezes, salva de conventos,
E varridas tuas ruas da immundicie
De fidalguesco mixto!
Ira com elle a sordida ignorancia,
E o seu teimoso *be*, nasal restolho
Que arrepia, nausêa, aturde e zanga;
Ira co'esses gallegos
Coaxar no lodo vil d'onde a mofina
Nos trouxe o sestro bráchoro maldito
Que o rotundo falar da nossa origem
Tam feio corrompeu.
Rusticas *Misses*, *Ladies* semsabores,
Em toda affectação de inglez bronquice
Enfronhadas á força, á força gebas,
Desairosas bonecas.
Arroje-me do Douro co'esses trajos,
Portuenses donzellas — Quem podéra
Pleitear comvosco em formosura e graças
Se quaes sois vos mostrasseis?
Formas que Venus para si tomara,
D'essa mortalha de invenção fradesca
Quem as libertará? Bioco negro,
De d'onde mal vislumbra
Raro lampejo de celeste face,
Oh quem o rasgará? Purpureos labios
Em que o Desejo co'a Innocencia riem,
D'onde Amor seus thesoiros,
Alvo dos beijos de sequioso amante
Co'a mão divina dadivoso esparze:
Labios que entreabrem folgazans e alegres
As nuas Graças lindas,
Quem lhe ha de restituir o som canoro
Que torpes fradalhões desaffinaram
Co'o ensino ignorante — e o presumpçoso
Morgado *lá de schuma*
Acostumou ás inflexões galuchas?
Oh! será teu poder celeste numen
A quem adora, como a Deus ignoto
Tacito adora o Luso
Em mysterioso altar erguido a occultas
De çafaros patricios, de impios flamines,
E oh! mais que tudo, do estrangeiro odioso
Que no insoffrido jugo
Nos rebitou os cravos que abalavam,
E, mercador chatim, do nosso sangue,
De nossa honra fez trafico e ganancia
C'os bachás do tyranno.
Sim, amigo; ésta córja odiosa e barbara,
Oppressora da Lusa liberdade,

Esta canalha d'Al-b-on suberbo
Aqui fixou seu throno.
De botelhas coroado, e de olhos, bocca,
Das orelhas, nariz e de outras partes
Esguichando cerveja, n'uma *glória*
De espesso nevoeiro,
Pousou seu genio bruto em nossos muros;
C'o nacional *God-damn*, e o frasco a pino,
Nos bebe o vinho, nos esbulha as bolsas,
Dá nos em trôco os sestros,
Dá-nos as manhas, os costumes féros,
As ridiculas modas, emfim tudo
Quanto não é o amor de certa coisa
Que a bonzos, nayres fede.

Porto—Junho 15, 1819.

XVI

A RECAHIDA

Agnosco veteris vestiiga flammæ.
VIRG.

Venus! Venus! ainda no meu peito,
Inda acha que atear teu filho ingrato?
Do fogo que, ai de mim!—julgava extincto,
Do fogo, que ardeu n'elle,
As solapadas cinzas
Desprezada faisca inda encubriam!
Tenho inda coração? não m'o arrancaram?
Feito pedaços pelas mãos dos zelos
Não acabou de todo?
Inda ousa o desgraçado,
Inda se atreve a suspirar d'amores?
E ella! a perjura! Não a vi sem pejo
A promettida fé quebrar tranquilla?
E os tam ditosos laços
Que a mão perfida atára,
Impia co'a mesma mão despedaçal os?
Não vi aquelles labios, d'onde outr'ora
Tantas vezes pendeu minha ventura,
Que amor, por tantas vezes,
Constancia me juraram,
Não os vi pronunciar minha desgraça?
Dos olhos, d'onde amor me cravou n'alma
Hervadas settas em delirio, em gôso,
Dos negros, lindos olhos,
Em que só me espelhava,
Que a mim só viam, só de amor falavam,
Não vi, fugindo, a lealdade candida
As niveas azas desprender ao longe?
Os languidos suspiros,
Que em doce devaneio,
Mandava outr'ora o coração aos labios,
Ante mim sem piedade não fugiram,
Inconstantes não foram n'outro peito
Buscar traidor abrigo?
A nivea mão formosa,
Do acre beijo de amor já devorada,
Não a vi? .. Não; que os olhos desvairados
Tinham a luz perdida.—Amor perverso,
E ousas mostrar-m'a ainda!
Mostra embora, não temo:
Não temo o teu podêr, desprézo o d'ella
Philtros apura, nos farpões embebe
Quantos enganos lhe pozeste n'alma.
O alvo das frechas tuas,
O coração que buscas...
Ella m'o espedaçou. Atira embora.

Porto—Julho 18, 1819.

XVII

O VENTRILOQUO

AO MEU AMIGO N. DA ARROCHELLA

Dar-lhe-hão os escriptores
Doze milhões de louvore.
CAMÕES

Qual entre velhas, impeçadas rumas
De negociaes papeis,
Entre gordos, pesados calhamaços
Do *Deve—e—Hade haver*,
Afflicto sua, sem achar-lhe o rumo
De arranjar os credores,
Commerciante infeliz, que já fallido,
Vendeu cavallos, seges;
Tal me vi eu pejado de bilhetes,
Que obsequioso amigo
Me enviou das margens do sombrio Douro.
Oh! mal haja mil vezes
O que primeiro ousou roncar na pansa!
Mal haja o chulo Mômo
Qual tal ideia lhe verteu no bojo!
E tu, Rich'rand facundo,
Podeste lettras dar a tal sandice!
E o douto, guapo livro
Com tam nojenta coisa emporcalhal-o!
Oh! nunca os doces pratos
Dos succosos, opiparos manjares
A taes barrigas cheguem!
Bromio, se entrar a logrativa guella
Que nos agacha os cobres,
Fuja irritado os sons ventri-strepentes
Das grazinantes tripas.
E queira deus (se ha deus que reja os fados
Das humanas barrigas)
Ao loquaz charlatão com mão piedosa
Torcer-lhe o rumo aos ventos:
Volte-lhe acima o som que vae por baixo,
E almiscare os narizes
Da curiosa, pedantesca turba,
Que ousar dar-lhe um só x.
Desgraçado de mim! victima triste
Eu fui da tal sciencia;
Vi-me coalhado de louçãos boccados
De papelão brunido:
Lidei, suei, dei voltas ao miollo,
Por espalhar — amigo
Do bem commum, das boas, bellas artes,
Os bonitos impressos.
Oh tempos! oh costumes d'outro tempo!
Não ha quem faça bem,
Nem sequer um: diz a Sagrada pagina,
Que, é de fé, nunca mente.
Nem sequer um! — Um houve: e este meu canto
Lhe erga padrão eterno,
Padrão que arroste os ventri-loquios todos
Que houver por esse mundo.
Pregôem-te nos oucos das barrigas
Quantos panci-falantes
Deitar Deus nos quadris d'este universo.
Irás, ó Nicoláo,
De bilhetes impressos coroado
Dar vaias ao porvir.

Coimbra — Janeiro, 1820.

XVIII

A JULIA

(SAPHICA)

VOLVEM, ó Julia, seculos e seculos,
Em longos evos amontoando os annos;
Correm as horas açodadas, breves,
Que em tenue espaço
Uma sobre outra gerações apinham;
A extincto imperio succedendo novos,
D'entre as ruinas de finados reinos
Subito avultam...
Foge á memoria limitada e fraca
A longa teia de enredados fastos,
Enturvam sombras de confuso olvido
Tam longa historia.
Mas pôde a arte resistir ao tempo;
Cortou-lhe as pennas que a lembrança apagam,
E epochas, certas, memoraveis, grandes
Lhe atou nas azas.
Assim do mundo subjugado outr'ora
Duros senhores, despotas romanos,
Dos fundamentos dos romuleos muros
Seus annos contam;
D'est'arte a Iberia, agradecida a Cesar,
Deduz suas éras das victorias d'elle;
E na Asia credula as contadas luas
Volvem da Hegyra.
Porque té'gora, nos annaes confusos
D'esse deus cego que domina o mundo,
Não fixa as éras de tão longa historia
Epocha certa?
Porque os triumphos são continuos sempre,
Faceis victorias succedendo a outras,
Já os não conta seus vulgares feitos
O avido numen.
Oh! se em teus labios desprendendo um riso,
Nos meigos olhos despontára, ó Julia,
Faisca tenue do que me abraza
Vívido fogo!...
D'esse momento venturoso e bello
Amor contára nova glória eterna:
Em nescio olvido sepultáras, Julia,
A sua historia.
Mas eu, ai triste! de esperanças louco
Conto delicias de sonhadas glórias...
O sonho acaba, leva-me a ventura,
Só ficam mágoas
Sapho extremosa, na divina lyra
Pranteando injúrias de Phaon ingrato,
Assim, carpindo, tresvaria as cordas,
Misera, e geme.

Coimbra — 1820.

XIX

A CÔR DA ROSA

ALVEJAVA de neve outr'ora a rosa,
Nem como agora, doce recendia;
Baixo voava Amor sem tento um dia,
E na rama espinhosa
De sua flor virginea se feria.
Do sangue divinal gotta amorosa
Da ligeira ferida lhe corria,
E as flores da roseira onde cahia
Tomavam do encarnado a côr lustrosa.
Agora formosa
A rubida flor
Recorda de Amor
A chaga ditosa.

Para os braços da mãe vôou chorando;
Um beijo lhe accalmou penas e ardores:
E tam doce o remedio achou das dores,
Que Amor só desejou de quando em quando
Que assim penando,
Com seus clamores
Novos favores
Fôsse alcançando.

Subito vôa, pelos áres fende;
As rosas viu de sua dor trajadas,
E que só de suas glorias namoradas
Nada dissessem com razão se offende:
A mão lhe estende,
E delicioso
Cheiro amoroso
N'ellas recende.

Vós, que as rosas gentis buscaes, amantes,
Nos jardins do prazer,
E, em vez da flor, espinhos penetrantes
Só chegaes a colher,
Resignados soffrei, sêde constantes,
Que a desventura
Que a mágoa e dor,
Sempre em doçura
Converte Amor.

Coimbra— Fevereiro, 1820

LYRICA

LIVRO SEGUNDO

I

A LIBERDADE

EM VINTE E QUATRO D'AGOSTO

Quæ sera tamdem
Nos respicit.
VIRGIL.

Os ferros... os grilhões?... E as mãos já livres?
E os descarna dos pulsos
Desalgemados, soltos!... Nós escravos
Já miseros não somos?
A patria é patria já, nós somos homens!
Homem! tal nome é dado
Proferir sem vergonha!—Os santos fóros,
O eterno jus sagrado
Que, da origem do sêr, nos soprou n'alma
A natureza augusta,
Já não são crimes! Já não sorve o abysmo
De esqualidas masmorras
Ao que intrepido ousou clamar por elles,
E com livres accentos
Aos homens disse:—Erguei-vos, que sois homens!
Oh prodigio, oh ventura!
Oh nobre arrôjo de esforçados peitos!
Tu, doce liberdade,
Sôlta dos torpes laços da ignorancia,
Tu desprendeste o voo,
E em nossos corações, na voz, nos labios,
Oh suspirada ha tanto!
Vieste emfim pousar, vives e animas
C'o almo bafejo os Lusos.
Tu do nosso horisonte as densas trevas,
O enviusado manto
Da hypocrisia vil, do fanatismo,
Da tyrania acossas;
Tu nos franqueias da existencia o gôso;
E as ferrolhadas portas,
Que o sacrario das leis da natureza
Arduas téqui fechavam,
Tu nos abres em par— homens já somos!

Porto—Agosto, 1820

II

Á PATRIA

Des lois et non du sang.
J. CHENIER.

Aos pés do marmor de Pompeu, exangue
Cesar triumphador cahiu de rôjo;
Ergueu-se Roma, e a sombra despeitosa
Nos Elysios exulta.
Ao golpe audaz do intrepido mancebo
Liberdade folgou, gemeu natura...
Trajando galas, arrastando luctos
Parricida virtude.
E os ferros?—outra vez aos pulsos roxos,
Eil-os, novo oppressor os volve á patria...
Foi breve sonho a liberdade, a gloria:
Crimes só gera o crime.
Vês lá nas praças d'Albion suberba,
E nas tuas, ó douta, ó culta Gallia,
D'entre as mãos vis do algoz jorra, insanguenta
Regio cruor a terra:
Calca-se aos pés o sceptro já pedaços,
Rebenta o dique á popular licença,
Veste a anarchia as côres da egualdade..
Eis Cromwel, Robespierre.
Horror do cahos, confusão da noite,
Em que elementos reluctantes pugnam
Antes que a voz do Creador de tudo
Lhes dê n'um sópro a ordem,
Imagem, froixa imagem sois do abysmo
Que sob os pés cavou de tantos povos
O extasi, o phrenesi de liberdade
Que não regrou prudencia.
Razão, virtude, sacrosantos numes,
Quantas vezes a veste pura e candida,
Vistes nódoas do crime enxovalhal-a
Por mãos da irman querida?
Da irman!... da augusta liberdade! É sonho:
Sois illudidas, ó nações do mundo;
Rasgae a venda que vos cobre os olhos,
Que atou perversa dextra:
Vereis, vereis, sob os altares d'ella,
Solapada a ambição, a intriga, a inveja;
Queimando incensos (que levára ao throno,
Se o throno inda existisse)
Sordido adulador, o baixo int'rêsse.
Liberdade!—Ah, que a máscara só vistes,
Que horrivel furia sobre a face perfida,
Vos illudiu, compondo.
Lysia, Lysia, não tremas, não receies,
Que um novo fado a liberdade accende:
Pelos alheios erros ensinados
Saberemos fugil-os.

Porto—Agosto 30, 1820

III

SAN MARTINHO

Siccis nam omnia deus proposuit.
HORAT.

RAPAZ, que bulha é essa de chocalhos
Que me rasca no ouvido?
Que matinada, que barulho é este?
Vae ver, anda. Tu ris-te,
E ficas-te! Não ouves? — Mudo e quêdo
O magano a surrir-se.
Sabes o que é? Pois fala. — «O repertorio
(Diz o moço) «ahi'stá.»
O repertorio! — Sim, e o *Borda-d'agua:*
Vejamos de quem reza.
San... San Martinho .. Hoje! isso é impossivel!
O San Martinho! E cópos,
E garrafas, barris não ha na casa?
E eu, rapaz malditto,
Eu co'a barriga impanzinada d'agua!
Com estas sôpas magras!
Eu de dieta! — Sim, dieta. Oh! louco,
Oh! parvo que estou hoje.
Pela brecha do caco o pouco resto
Se evaporou da bolla:
Nem me lenbrava já o tal saltinho
De andante folestria.
Que mal haja mil vezes o primeiro
Que ousou com mão damnana
Sobre o espinhaço cavallar cingil-o,
P atraiçoado couro!
Mal haja esse patau de Dom Quichote,
Ou quem quer que antes d'elle
A moda introduziu das Dulcineas
E de andar atrás d'ellas!
Mal haja a párvoa secia de ir buscal-as
A' Foz, ou ao inferno!
E que tinha eu que vêr co'as taes meninas
Ou c'o seu fazer d'annos?
E, se o tinha, não era mais bisarro,
Em felpudo jumento
De guapa albarda, aperaltado Sancho,
E sem medo aos manteios
De encantada estalagem, tezo e crespo
Pela rua *Direita*
Mui direito fazer a minha entrada,
Mais falada e brilhante
Que a do Marialva na imperial Vienna,
De régias vodas nuncio?
Disse brilhante? — Sim, brilhante, e guapa;
Que a grazinante sucia
Da assoviadora, basta rapazia
Em garotal triumpho
Mui ancho havia acompanhar-me á porta
Da senhora dos annos.
E os assovios e a risota? — Oh! fôssem
Escarros e chapadas,
E não me visse agora assim tam murcho
Almejando garrafas,
Sonhando cópos, delirando frascos,
E ai! tudo, tudo em falso!
Condoei-vos de mim, festiva malta,
Galhofeira caterva
Do vinifero, placido Mondego,
E com piedosas fauces
Á saúde bebei (antes por alma)
Do pobre irmão carissimo
Que chucha cá de longe pelos dedos,
E, encarquilhando os beiços,
Co'alma nos cópos que brindaes alegres.
De vossos gostos gosa;
E aposentado, inválido chupista
Só folga na taberna.

Porto — novembro, 1820

IV

AO CORPO ACADEMICO [1]

ERGO tardia voz, mas ergo-a livre
Antes vós, ante os céus, ante o universo,
Se os céus, se o mundo minha voz ouvirem.

Inda a braços co'a esqualida doença,
Mal posso o brado alçar debil e froixo.
— Já lá estão sobre os cumes da alta gloria
Coroados os heroes que, ao forte impulso

De seus invictos, denodados braços,
O barbaro colosso derrocaram
Do despotismo atroz, da tyrannia,
Que á hypocrisia a máscara traidora
E a cega venda ao louco fanatismo
Com destra mão impavidos rasgaram.
— Tam nobres feitos, tam sublime arrôjo
Assás dos vates resôou na lyra;
De sobejo entre nós do Pindo os cysnes
Com louro eterno ao porvir mandaram;
Em nossos peitos, de sobejo ha muito
Em caracteres os gravou de fogo
A eterna gratidão de um povo livre.

Não posso eu tanto, não me atrevo, ó socios;
Mas tenho um coração que é lusitano,
Mas tenho um coração que é livre e é d'homem.
Livres, como elle, minha voz, meu brado
O que alma sente vos espalhe n'alma,
E o grito da razão troveje ao mundo.

Livres... ah! livre um Portuguez foi sempre,
Que a morte, que os grilhões nunca o renderam.
— Sim, que essa infame, sórdida caterva,
Esse rebanho vil de vis escravos
Que ao sceptro da ignorancia acurvam timidos,
Do nome portuguez vergonha e opprobrio,
Portuguezes não são, já mais o foram.
Sel-o-hão esses que, envoltos nos farrapos
Da avita glória que trajar não sabem,
Julgam virtude o merito da sorte,
E em si pretendem concentrar direitos
Que ao povo inteiro, que á nação pertencem?
Reus do crime maior que a terra ha visto,
Reus do crime maior que os céus puniram,
Reus do crime maior que urdiu o inferno,
Esses .. Luzos serão ou serão homens?
—E o nome portuguez, o nome augusto
Ante o qual se prostrou rendida a terra,
O nome portuguez cabe a tal gente?
Cabe n'ess'outros que, affumando o throno
C'o torpe incenso de venal lisonja,
Olhos no int'rêsse, ao paternal sob'rano
Lhe impedem vêr as públicas desgraças,
Gemer nos males de seu povo afflicto?

O rei, ó pae, ó suspirado ha tanto,
Ah, rompe de uma vez da intriga as malhas,
Denso negrume que te envolve o solio
C'o sceptro vingador dissipa, e vinga
As injúrias do povo que te invoca.

Ó flor da patria, ó mimo de seus filhos,
Ó lusitana illustre juventude,
Jugo de ferro, que pesava outr'ora
Nos insoffridos collos, já desfeito
Em pedaços quebrou; e a mão soberba
Da ignorancia fanatica e oppressora,
Que os insoffridos labios nos tapava,
Ao golpe audaz cahiu da Liberdade.

[1] Recitada na Sala dos Actos grandes em Coimbra.

Annos de escravidão vingue um só dia,
Seculos ganhem fugitivas horas;
Em livres brados á virtude, á gloria
O froixo peito aos cidadãos movamos.
Póde mais do que a espada a voz e a penna;
Mas, se a espada cumprir, cinja-se a espada,
E veja o mundo com terror e espanto
Em cada filho de Minerva um Marte.

Tremam á nossa voz, caiam por terra
Aos nossos golpes, quantos se atreverem
A usurpar os direitos d'este povo
Que em nós, sua escolhida juventude,
A melhor esperança tem da patria.

Oh! não lhe mallogremos esta esp'rança.
Sejamos como sempre Portuguezes,
Vivamos livres...ou morramos homens.

Coimbra—Novembro, 1820.

Eis a redacção genuina da Ode, tal como a recitou Garrett na noite de 22 de Novembro de 1821:

AO CORPO ACADEMICO

N'este limpo terreno
Virá sentar seu throno
A san philosophia mal acceita;
E leis mais brandas regerão o mundo,
Quando homens mais humanos
C'o raio da Verdade a luz espalhem.

FILINT. ELYS., *Ode á Liberd.*

Ergo tardia voz, mas ergo-a livre,
Ante vós, ante os céos, ante o universo,
Se os céos, se o mundo minha voz ouvirem.

Inda a braços co'a esqualida doença,
Mal posso o brado alçar debil e frouxo,
Subir aos cumes da estremada gloria,
Heroes cantar, que a impulsos formidaveis
De pujante valor, de ardente esforço
Ao chão baquearam barbaros collossos
Do despotismo atroz, da tyrannia,
Que a mascara perversa, enganadora,
Da hypocrisia vil do fanatismo
Com destra mão impavidos rasgaram.
Tão rudes feitos, tão sublime arrojo
Assás dos vates resôou na lyra;
De sobejo entre vós, cysnes do Pindo,
Com louro eterno no porvir c'roaram;
Nos peitos vossos de sobejo, ha muito
Em caracteres se gravou de fogo.

Não posso tanto, não me atrevo, oh socios;
Mas tenho um coração que é lusitano;
Mas tenho um coração que é livre, é de homem.
Livres como elle, minha voz, meu brado.
O que a alma sente vos espalhe n'alma,
E o grito da razão troveje ao mundo.
Livres!... Ah! livre um Portuguez foi sempre.
Sim; que essa infame, sordida caterva,
Esse rebanho vil de vis escravos,
Que ao sceptro da ignorancia incensam curvos,
Esses... esses... oh Lusa academia,
Do nome Portuguez vergonha, opprobrio,
Portuguezes não são, jámais o foram.
Esses perfidos monstros, que enfatuados
Das sociaes distincções usurpam gloria,
Julgam virtude o merito da sorte,
Do feudalismo atroz crueis sectarios,
Aristocratas barbaros, insanos,
Que em si pretendem concentrar direitos,
Que ao povo inteiro, que á nação pertencem,
Réus do crime maior que a terra ha visto,
Réus do crime maior que o céo previra,
Réus do crime maior que urdiu o inferno;
Estes, Lusos serão, ou serão homens?
E o nome Portuguez, o nome augusto,
Ante quem se prostrou de rojo o mundo,
O nome Portuguez cabe em taes monstros?
Cabe nos monstros, que affumando o throno
O torpe incenso da venal lisonja,
Abjectos, vis, aduladores, perfidos,
Olhos no int'resse, ao paternal sob'rano
Lhe impedem vêr as publicas desgraças,
Gemer nos males do seu povo afflicto?

Oh rei! oh pae! oh suspirado! oh caro!
Ah! rompe d'uma vez da intriga as malhas;
Denso negrume, que te offusca o sceptro,
Co'o sceptro punidor dissipa e vinga.
JOÃO!.. Quanto este nome é caro aos Lusos!
JOÃO!... Deslembra alguem teu sacro nome?
E cumpre á prepotencia a nós lembral-o?
E cumpre ao orgulho suscital-o aos peitos!
A nós, a Portuguezes, quaes nós somos,
A filhos de Minerva!... A offensa é crua,
Barbara a affronta, perfido o conselho,
Indignos... Ah! perdoemos, socios caros;
Generoso perdão se outorgue á infamia;
Das dadivas do céo disponham Lusos.
Oh flor da Patria! oh mimo de seus filhos!
Oh lusitana illustre juventude!
Jugo de ferro, que pezava outr'ora
Sobre vossas cabeças, já desfeito
A pedaços cahiu; e a mão soberba
Que os insoffridos labios nos tapava,
Ao golpe audaz jazeu da liberdade.
Annos de escravidão vingue um só dia;
Seculos ganhem fugitivas horas;
Em livres brados á virtude, á gloria,
O frouxo peito aos cidadãos movamos.

Pode, mais do que a espada, a voz e a penna;
E, se a espada cumprir, cinja-se a espada:
E veja o mundo com terror e espanto
Em cada filho de Minerva um Marte.
Tremam, caiam preversos aristócratas.
Sejamos sempre heroes, e sempre livres;
Sejamos, como sempre, Portuguezes;
Vivamos livres, ou morramos homens.

JOÃO BAPTISTA DA SILVA LEITÃO D'ALMEIDA GARRETT.

(Na *Collecção das Poesias recitadas na Sala dos Actos grandes da Universidade de Coimbra, nas noites dos dias 21 e 22 de Novembro, em publica demonstração de regosijo pelo feliz resultado do dia 17.* — 1820. — Coimbra. Na real Imprensa da Universidade. 1821.—A pag. 55 a 59.)

V

OS MEUS DESEJOS

Id arbitror
Adprime in vita esse utile, ne quid nimis.
TERENT.

Se entre os diversos dons da natureza
Me fôra dada escolha,
Não me attrahíra o fasto das riquezas,
Nem a pompa da gloria.
Brilhante engenho, divinaes talentos,
Quanto folgára tel-os!
Mas ai! tantos no mundo os possuiram,
E foram desgraçados!
De Achilles o cantor de terra em terra
Foragido esmolava;
O primeiro brasão da nossa gloria,
Vate de Ignez divino,
Entre as garras da esqualida penuria
Desamparado expira;

Ao sublime cantor da maga Armida,
D'Erminia, de Clorinda
Sôbre o cume do erguido Capitolio
Já o esperava o louro,
Do cysne de Vauclusa a sombra arguta
Já revoava emtôrno,
Quer ser-lhe guia, dirigir-lhe os passos
Na difficil vereda...
Eis após longa teia de infortunios
A morte .. e a morte é tudo!
E a ti, britanno bardo, não bastavam
As trevas e a cegueira?
Tu que da miseranda humanidade
Na harpa de Sion choraste
Primeira perda, tudo emfim perdeste:
Tudo!... Restou-te a filha,
Sobejou-te a razão: que importa ao sabio
O resto do universo?
Empunhando a cicuta é grande ainda
O modêlo dos sabios,
Consolando os amigos que o pranteiam
É venturoso ainda.
Guardae os vossos dons, gloria e fortuna,
Vossas mercês levae-as;
Deixae-me um coração puro e sensivel,
Um peito generoso.
Dae-me a ventura n'um fiel amigo,
Na razão dae-me um guia.

Coimbra—Dezembro, 1820.

VI

A SAUDADE

Desiderio... nitenti
Nescio quid charum.
CATULL.

Saudade! Oh saudade amarga e crua,
Numen dos ais, do pranto!
Deusa que os corações sem dó, sem mágoa
Tam cruel dilaceras!
Sinto, sinto o teu ferro abrir-me o peito.
E na chaga que abriste
Roçar-me as tranças desgrenhadas, humidas,
Que da pallida frente,
Sobre os torvados, macilentos olhos,
Sôbre a face te descem.
Continuamente os barbaros ministros
De teu furor tyranno,
(Duras lembranças de passados gostos,
De fugidia gloria)
Batendo as negras, as funereas azas,
Dentro me esvoaçam n'alma.
Piedade! um só momento oh! por piedade
As angústias suspende;
Da já convulsa vista um so momento
Oh! tira esse retrato,
Tira esse gesto que adorei, que adoro,
Que amor por meu tormento,
Que a natureza pródiga formaram.
Da branda voz tam meiga
Porque imitar-me o som, coar-m'o ao peito
Dos cortados ouvidos?
Porque lembrar-me os ditos engraçados?
Porque na face pallida
Renovar-me a impressão, que foi tam meiga,
Dos osculos lascivos?
Porque aos labios, que em fel azedo escumam,
De teu sôpro crestados,
Mandar assômos dos tornados beijos.
Do saboreado nectar!
Risca... Mas ah! perdôa, ó sacra deusa,
As sacrilegas vozes
De blasphemo delirio! Volve ao peito
O pungir de tuas dores:
Teus ais, teu pranto são delicias, mimo
Dos corações sensiveis,
Os gemidos que arrancas dentro d'alma
São desafôgo ás mágoas.
Ternas memorias, deliciosas, meigas,
Sem ti que fôra d'ellas?
Sem ti que fôra do prazer gosado?
Sorveria um momento
Seculos tantos que ajuntou de gôsto,
Que accumulou sobre elle,
Que, novo Prometheu, roubou do Olympo
Amor co'a mão piedosa.

Coimbra — Dezembro, 1820.

VII

AO CORPO ACADEMICO [1]

Banha-se o coração em santo júbilo
De vos vêr, socios meus, n'este momento.
Transluz em vossos peitos
A alma, virtude divinal, sublime
Que eleva, exalta, que emparelha e une
Aos céus a terra, a humanidade aos numes.

Lá da etherea mansão, o Sêr dos sêres
Vos viu dar este exemplo que envergonha
O egoismo dos grandes:
Viu-se adorado nas imagens suas,
Viu-se imitado, reflectido n'ellas,
E a dextra omnipotente a nós estende.

Da Divindade o culto é a virtude,
São leis da natureza as leis divnas:
Disse-o a Palavra d'Elle,
Diz-nol-o a voz do coração que é sua.
O incenso que se queima nos altares
Não vae tam alto, que o receba o Eterno!

Mas o perfume de suave cheiro
Que das boas acções, que da virtude,
Incruento holocausto!
Spira, e se eleva acima das espheras,
Esse é fumo de grato sacrificio
Que acceito apraz ao Arbitro dos mundos.

Oh! de tal religião, oh! de tal rito
Sejamos sempre apostolos; préguêmos
Na terra ésta doutrina.
Allumie-se a terra, e a terra é livre;
Abram-se os olhos do embahido povo,
E o povo pugnará por seua direitos.

A vós, ó socios, bem nascida esp'rança
Em que já se revê da patria a glória,
Sua antiga liberdade,
A vós incumbe a empreza. Esia em que entrâmos
Guerra é da luz co'as trevas:— eia! á guerra!
A' guerra, que a victória ha de ser nossa.

Coimbra — Dezembro, 1820.

Improvisos de Garrett, impressos nos jornaes do tempo.

Borges! oh nome que sagrou virtude?
Oh! Borges! oh Catão dos Lusitanos!
Copia, esmero, rival dos Quincios, Brutos,
Dos Lycurgos, Solons, dos Tullios, Numas!

[1] Na festividade pública em que se celebrou a Revolução de 1820 com distribuição de esmolas e com outros actos de caridade.

Lysia, Lysia, não tremas, não suspires:
Um novo facho a liberdade accende;
Sem ferros, sem punhaes, ahi tens um Bruto;
Borges é quem te salva.

Borges! Teu genio á liberdade é sopro,
Que as solapadas cinzas lhe afugenta,
E as quasi extinctas lhe avivou faiscas.

(Alludindo aos deputados:)

Vêde os olhos cravar de emtorno o mundo
Em Portugal, e em vós: vêde-o que escuta,
E o brado imparcial diffunde em breve.
Tremei do juramento que prestastes,

Tremei; que um Deus ouviu, que ouviu a patria,
Que os seculos vindouros vos aguardam;
E no recto provir, ou gloria, ou mancha,
Com sêllo eterno vos espera a fama.

VIII

O BRASIL LIBERTO

Na quarta parte nova os campos ara,
E, se mais mundo houvera, lá chegára.

CAMÕES.

Houve Grecia, houve Italia, e Sparta e Roma;
Houve, e morreram, jazem.
Sec'los de ferro de enrugadas frontes
As sorveram no abysmo.
Crespas de abrolhos, hirtas de ruinas
As terras venerandas,
Que os pés calcaram de Lycurgos, Brutos,
Envolveu-as no opprobrio,
No olvido as sepultou, sumiu-lhe a gloria,
Fugindo, a liberdade.
Crueis ministros de abhorrido inferno,
Reinae, reinae sem medo;
Sobre montões de cinzas, de cadaveres
Estendei ferreo sceptro;
Hervae no azedo fel das taças negras
Os punhaes sanguinarios.
Eis em auxilio vosso armado, eis corre
Pejado de flagicios,
Affiando os griffos de empolgar sedentos
O traidor fanatismo.
O inferno, que os uniu, tremeu de vêl-os,
E viu no mundo o inferno.
Lá fervem bonzos, remurmuram, fremem. .
Lá c'o facho da morte
Estala crepitando a flamma horrisona
Da hypocrita fogueira ..
Ai do infeliz que viu a natureza,
Que a viu, que ousou seguil-a
Eil-o, aos pulsos grilhões, aos pés algemas,
Arremessado ás chammas
Lá torce em convulsões torrados membros:
Redobra a morte horrores.
Oh virtude! oh razão! oh liberdade!
Deuses! de todo extinctas
Sobre a terra as deixaes? Não resta ao mundo
Senão gemer, carpir-se?
Ah! primeiro, co'a dextra omnipotente
Que outorgou, sêr ao nada,
Primeiro ao nada lhe volvei a essencia:
Acabae-lhe co'a vida,
Que a vida em crimes, não é vida, é morte.
Morra... Mas quê? de novo
A novos mundos dilataes o globo!
Quereis mais crimes, vicios?
Ousadas quilhas de Cabral, Colombo.
Aonde, aonde o rumo?
Prenhes de ferros, de punhaes, de fachos,
Aonde as dextras cruas?
Que quereis d'essas terras innocentes?
—Oiro!—Responde a sordida
Cubiça do homem.—Oiro!—Ah! fome indigna
Não *sagrada*, inhumana,
De quanto ha hi sagrado, quanto ha santo
Profanadora impia!
Montezuma, Ataliba, os vossos gritos
Me retumbam no ouvido.
Que horror, oh natureza!—Em novos campos
Não arroteados inda
Da hervada charrua da maldade,
Degenerada especie
Da terra já caduca, vae faminta
De sangue e atrocidades,
Co'as esmirradas mãos semear, colhel-a,
Ampla ceifa de crimes!
Corre-te, humanidade; o velho mundo
A larga se duplica
Para teu mór opprobrio.—Não; lá surge
N'esse mesmo terreno
Quem vingará a oppressa natureza,
E a mão lhe dá que se erga.
Lá campêa Franklin, Washington fulge,
Lá Penn, o esmêro, a honra,
O lustre, a admiração do nome de homem.
O brado—ingente brado!—
Vem retumbar na encanecida Europa:
C'os sons retreme a terra,
Cae a pedaços á ignorancia o throno,
A hypocrisia a máscara.
O Lyrio ajudador, que foi a auxilio
Da nascente republica.
Volta reflorecido, e já veceja
C'o prolifico *polen*
De outra mais pura flor, de outra mais candida,
Que é flor de liberdade.
Facho, que accendes, inexperta Gallia,
Em tuas mãos se queima:
Esse clarão que dá, tambem é chamma
Que abraza o que allumia.
Mas em teus erros a acertar aprendem
Os povos que só querem
Alva tocha de luz, não tição negro
De labareda e fumo.
A patria de Viriatho assim conquista
A avita liberdade.
Espadas... para que?—Guerra.. qual guerra,
Se paz queremos todos?
Oh! virgens plagas de Cabral famoso,
Se barbaros outr'ora
Vos levámos grilhões, levámos ferros,
(Que tambem arrastavamos)
Hoje comvosco alegres repartimos,
Irmanmente vos damos
Parte egual d'esse dom que os céus nos deram,
Que a tanto custo houvemos.
Lá vae, lá surge em terra, avulta e cresce
A lusa liberdade.
Folgae, folguemos: Portuguezes todos,
Em laços egual unidos,
Sobre o seio da patria reclinados,
Como irmãos viveremos.
Oh! seja eterna tam feliz concordia:
Mas, se em má hora um dia
(Longe vá negro agoiro!) d'essa escura
Caverna onde o prendêmos,

Resurgir ferreo o despotismo ao throno,
Então hasteae ousados
Os pendões da sincera independencia.
Sim, da paterna casa
Salvae vós as reliquias, os thesoiros,
Antes que os roube o monstro.

Coimbra—Janeiro, 1821.

IX

CONSOLAÇÕES A UM NAMORADO

Ne doleas plus nimio, memor
Immitis Glicerae, heu miserables
Decantes elegos cur tibi junior
Læsa perniteat fide.
HORAT.

Consola-te commigo, meu Sarmento,
Consola-te commigo.
Tambem eu fui patau, tambem as Marcias,
As Annalias, Armias,
Me deram que fazer, me atarantaram
Nos meus tempos de amante.
Tambem de uns olhos já pendeu meu fado;
Tambem já n'um sorriso
Se estreitou de meus sôffregos desejos
O circulo acanhado.
N'um desdem, n'um suspiro, ou morte ou vida
Me deram meus delirios:
Entre dois labios alvejou-me a esperança;
Tambem entre dois labios
Me negrejou terrivel desespêro
C'roado de ciumes.
Como tu me esqueci de que era um homem;
Esqueci-me, e chorei.
Não me envergonho; derramaram lagrimas
Meus olhos enturvados:
Mas foi meu pranto o pranto que deslisa
Quando arrasados n'elle
Os cegos lumes no porvir se colhem
Desventuras e morte.
Sim, fui; mas já não sou. Correu, desfez-se
Mago véu da illusão:
Olhei pasmado, e conheci de novo
Diff'rente a natureza.
Vi encantos de amor e os philtros d'elle,
Vi seu imperio, e ri-me.
Vi de mil bellas adornar-se o mundo,
Qual vêjo pelo prado
Matizar-se o verdor com lindas flores
Para enlevo dos olhos.
Votei-lhes desde então, Sarmento amigo,
Quantos me deu sentidos
A mão do Creador, ás bellas todas:
Mas reservei prudente
Dentro do peito, coração e affectos
Para melhor emprêgo.
Ficou-me o coração, ficou ferido
Da porfiada lucta;
Mas pouco e pouco, o balsamo do tempo
Nas ulceras do peito
Foi acalmando a dor, foi-a ameigando,
E alfim cicatrizou-as.
Fomos, fomos eguaes nos desvarios,
Egual nos seja a emenda.
Deixa tu Marcias como eu deixo Annalias,
Ri-te como eu me rio.
E, se inda assômos de prazer, ventura,
De encantador delirio
Vierem surrateiros assaltar-te,
Lembrem-te os meus conselhos,
Faze-lhe cruzes, deita-lhe agua benta;
São tentações do diabo.

Coimbra—Fevereiro, 1821.

X

MADRUGADA

NO JARDIM BOTANICO DE COIMBRA

Como é grato o passeio entre boninas
Aljofradas das lagrimas da aurora
FILINT.

N'este sagrado a Flora, almo recinto,
Throno e delicias d'ella,
Aqui onde o perfume saudavel
Respiro de mil flores,
Como sinto embeber-se-me a existencia
Em cada trago d'estes
Que os sequiosos pulmões, téqui só fartos
De ár pestilente e mau,
D'este suave e puro ávidos sorvem,
E com elle o remedio
Ao trabalhado, enfraquecido peito,
Ao mui pausado sangue!
Quanto é doce á fagueira, amena sombra
Dos variados arbustos,
Co'a fresquidão das plantas rociadas
Das lagrimas da aurora,
Nos prazeres cevar da Soledade
O descançado espirito!
Como então pela mente se revolvem
Já passadas ideas,
E vêm umas trás outras, acudindo
A' lembrada memoria!
Como depois no espaço desmedido
Se espraiam do futuro!
A cada objecto. . Aqui esta palmeira:
Da eternidade o symbolo
Lhe chamou a sabida Antiguidade.
Vêde-a; a cabeça airosa
Sobr'ergue altiva ao circumstante povo
Das variegadas plantas.
Qual jazem nas soidões do Egypto ou Grecia
Desparzidas, confusas
Aqui, alli ruinas venerandas,
Já sem nome esquecidas;
Passa o viajante e indifferente as olha:
Mas se entre ellas alçar-se
Corynthio marmor vê, columna doria,
Que em pé sem medo ao tempo
Parece desafiar a eternidade
E desdenhar dos seculos,
Então pára, respeita a mão dos homens,
Folga de ser um d'elles.
Tal entre o immenso vegetal cortejo
Que me rodeia agora,
Involuntaria a vista só contempla
A nobre, alta rainha
Do vecejante imperio. Alma se expande,
Se engrandece como ella.
Sinto crescer-me, avigorar-se o espirito;
E o coração no peito
Pulsa com mais vigor, bate mais forte.
Homem! a natureza
Quam grande te creou! quanto poderas
Se não fugisses d'ella!
Quanto és grande se á voz caroavel sua
Prestas ouvidos sempre!
Aqui junta á frieza d'esta serra
A palmeira do oriente!
Como poderam dar-lhe vida e patria
Em tam distante clima?
Longe, longe talvez dos seus amores
A triste se amesquinha;
Talvez, surdos queixumes espalhando
Aos solitarios ventos,
Lamente e fertil pó n'elles perdido,
Que levaria a vida,

O germen da existencia a novos filhos.
Homem, sê mais piedoso,
Concede um companheiro aos seus amores.
Quam terno, quam sensivel
Foste, Linneu divino! tu que ás filhas
Da amena Primavera,
A flor lhes déste que a existencia doira,
O favo dos prazeres.
Córa ao desabrochar, tinge-se a rosa
De virginal pudor
Já presentindo os osculos lascivos
Do voluptuoso amante;
Sorri no calix a assucena, o lirio
Ao sentir o bafejo
Da aura lasciva que lhe tráz nas azas
O penhor suspirado
De seus ternos castissimos amores
Fugi, fugi, ruidosos,
Crus ministros de horrendas tempestades:
Lá na deserta Lybia,
Queimadores Suões, bramantes Euros,
Lá na torrada Arabia
Rolae sem medo os movediços pégos
Da infructuosa areia:
Gire em nossos vergeis suave e puro
Zephyro amigo e doce,
Que ao consorcio gentil das lindas flores
Ajude prazenteiro.
Não tenham que chorar a patria ainda
As hóspedas fragrantes
Que de Asia os montes, de Colombo os plainos
Deixaram saudosas
Por vir embalsamar c'o activo aroma
Nossos jardins ornal-os,
E a dar-nos vida, restaurar saudes,
C'o próvido especifico.
Linneu! e a patria, o mundo agradecido
De rôjo aos pés não viste?
E aqui teu busto, o de Brotero e Serra
Não vejo collocados!
Ah gente indigna, ah povo desalmado!
Patria... Não, patria é d'elles
A Europa e o mundo que os conhece e admira.
Ide c'o sacro louro,
Que ao merito, á sciencia, que á virtude
Com mão roubastes impia,
Coroar os simulacros odiosos
Ao despotismo, á inercia,
Á cruel ambição, á hypocricia,
Á sordida ignorancia.
Ide; queimae-lhe o incenso da vileza:
Ide... sois digno d'elles.

Coimbra — Março, 1821

XI

A LIBERDADE DA IMPRENSA

Do seio do alto Deus, d'onde descendes,
Raras as terras visitas.
FILINT.

VERDADE! Oh! vem da escuridão que ha tanto
De emtôrno aos raios teus se embastecia,
Negro, inviusado véo rasgar do engano
E da calúmnia perfida.
Vem: mostra emfim ao mundo a face austera;
Traze ao lado a Razão, traze a Justiça;
São filhas tuas, foragidas ambas,
Comtigo desterradas.
Do facho, ardente luminar que empunhas,
Desparze em raios o clarão a Elysia;
Mostra-lhe a natureza, que vendada
Sem teu lume não viam.
Homens que o forem — folgarão comtigo;
E os que o não são... que tremam, que se arrojem
Ao cahos da ignorancia e dos phantasmas
Onde o crime despenhas.
Raios que vibras fulminantes, rapidos,
Fôfos em cinza os codices dispersem
Que a ignorancia lavrou, sagrou cubiça
E endeusou maldade.
Mas, ah! primeiro veja-os o universo:
Sopra-lhe o pó dos amontoados seculos,
Leiam-lhe os povos n'essas notas barbaras
O aviltamento antigo:
Córem, pejem-se emfim de seu ludibrio,
Ao jugo accurvador o pêso tomem,
E co'a vara de Lei, desaffogados
Meçam o seu e o alheio.
Mas não vês essa turba murmurante
De homens que aos homens declararam guerra,
Não vês como orgulhosos se encastellam
Nos profanados templos?
Não os vês com que horrendo sacrilegio
Estão detrás do véo do sanctuario
Um negro monte de maldade e horrores
Perfidos a escondel-o?
Ah! co'a mão descarnada á face horrivel
Rasga a máscara vil do embuste hypocrita;
Deixa lêr-lhe no gesto horrendo os crimes,
As traições, o perjurio.
Oh! não consintas, não, que as sacrosantas,
Candidas vestes Religião lhe empreste,
Lhe empreste!... ousem roubar-lh'as os perversos,
Salpicar-lh'as de infamia.
Sim, vem, ó numen, vem, cede benigna
Aos sons carpidos da liberta Elysia.
Um povo inteiro, um povo amesquinhado
Por ti clama e suspira,
A ti clama, a ti brada, em ti só espera:
Tu só, filha do Eterno, em tanta nevoa
Que nos embarga os passos mal seguros,
Podes abrir caminho.

Coimbra — Março, 1821.

XII

LONGA VIAGEM DE MAR

Nequicquam deus abscidit
Prudens occeano dissociabili
Terras, si tamen impiæ
Non tangenda rates transiliunt vada.
HORAT.

ESSE doudo Jason, taful de espôsas,
Como, certeiro no alcunhar, lhe chama
O nosso bom Filinto,
Que perversa mania
Se lhe encaixou no âmago do casco?
Como na tresloucada phantasia
O fado avesso e mau
Dos miseros humanos
Lhe foi pintar as recurvadas quilhas,
A aguda prôa, os mastros, as antenas,
As concavas cavernas
E os voadores linhos!
E tu, padre Neptuno, nem ao menos
Lhe soubeste c'o madido tridente
Pregar uma fisgada?
Tam a salvo o deixaste
Levar ao cabo a desvairada empreza,
Que, a pouco e pouco, de teu vasto imperio
Ousada os mais escuros
Foi pesquisar recantos?
O teu velho Protheu nos seus cantares
Não te soube avisar que um dia um Vasco,
Um Colombo haveria,
Um Magalhães, um Cook?

Que, as magas ciphras combinando, um Nunes
Ao universo admirado mostraria
O pasmoso instrumento?
Mui desleixado andaste,
E mui pouco zeloso de teu reino,
Neptuno, rei das encrespadas ondas.
Ah! se mais justiçoso
Houveras castigado
O quebrador primeiro de teus fóros;
Se as marulhosas vagas sacudindo,
E o vendaval ruidoso
Soprando das procellas,
Tiveras sua audacia sepultado
No insondavel abysmo d'essas aguas,
Não viera eu mesquinho,
Não vieramos tantos
Pagar por elle agora, e sem remedio
Soffrer balanços, amargar enjoos,
Sêdes curtir ardentes,
Rapar canninas fomes;
Vêr só intermeiar comsigo e a morte
Fragil tabuínha, que o bater das ondas
Póde n'um só momento
Fazer em mil pedaços!
Ai de mim! Trinta vezes no horisonte
O pae das luzes despontou radioso,
E co'a tocha brilhante
A meus cansados olhos
Nada mais amostrou que o quadro immenso
De soledade infinda — os céus e os máres!
Já trinta para os braços
Correu da alva Amphitrite,
E os froixos raios, que na irman reflecte,
Nada allumiaram mais que os céus e as aguas.
Vós, nitidas estrellas,
Em meu cortado peito
Que mais vistes senão saudade e mágoa?
No coração ralado de amarguras
Que mais podestes lêr-me
Senão tristes lembranças
Dos amigos fieis, do trato ameno,
Das horas doces que passei ditoso
No ameigador regaço
De amor e da amisade?
Delicias, que eu gosei, tinha eu de vêl-as
Tam algozmente lacerar-me o peito!
Memorias tam fagueiras
N'alma cravar-me a morte!
Oh! se um dia, feliz, a amada terra
Beijando religioso, e descançado
Nos braços dos amigos
A salvo tórno a vêr-me,
E... Mas que é isto? — Lá me foge a penna...
Lá me vôa o papel. — Baloiço ingrato
Té este me cerceia
Extremo desaffôgo.

No mar, em Abril, 1821.

XIII

A LIDIA

Ingratam Veneri pone superbiam,
Non te Penelopem difficilem procis
Tyrrenus genuit pater.
HORAT.

Basta de crueldades, Lydia bella,
Que das castas Penelopes a moda
Ha muito que se foi;
Nem tanta ha já de *procos* abundancia
Nos dias de escacez em que vivemos:
Que esses que outr'ora em Ithaca
Aos pares, nas vacancias pretendiam
De opposição levar o beneficio
Do falador Ulysses,
Não têem cá entre nós quem os imite:
Que assim se abastardea o velho mundo,
E os usos bons se perdem!
Já beneficios taes são todos simples,
E os leva *de barrete* a todo o instante
Qualquer padre de *requiem*.

Angra — Maio, 1821.

XIV

O ANANAZ

Tal vive o sabio, extrangeira planta,
Em terreno ignorante.
FILINT.

Coroado rei dos filhos de Pomôna,
Quam galhardo e formoso
Entonas essa frente de monarcha,
E a purpura doirada
Vestes na linda côr com que te involve
A rica natureza!
Oh! como pôde as leis assim cortar-lhe
Arte engenhosa de homens,
E, desvairados climas confundindo;
No acobertado encêrro
A patria dar te, e fecundar-te os germes
No mui feliz exilio!
D'est'arte o sabio, que rodeiam gelos
De rispida ignorancia,
O halito foge dos ruins que o cercam;
Cria-se nova patria
Na solidão, c'os livros, co'a virtude,
E no olvido dos nescios.
Tal nos pantanos d'Haya o bom Filinto
C'o seu Horacio e Musas,
Aureos fructos da lyra sazonava
No solitario alvergue.

Angra — Junho, 1821.

XV

O BEIJO

Mêlons ces baisers, ó ma vie!
De leur nombre je veux douter,
Et si souvent les répéter
Que l'œil courroucé de l'envie
Désespére de les compter.
MOLLEVAUT: — CATULLE.

Quando, entre o alegre, festival cortêjo
Das ondas namoradas,
Sahiu a aventurar os céus e o mundo
A meiga Venus linda;
As lisas Graças candidas, despidas
Logo emtôrno a cercaram.
Singelo e puro ainda, Amor fagueiro,
Formoso innocentinho
Que n'um suspiro lhe nasceu do peito,
Entre os maternos braços
Com as ternas mãosinhas affagando
Lhe vinha a face bella.
Sorria para o filho docemente
A languida Cyprina;
E os derretidos olhos voluptuosos
No filho se reviam.
Nos labios de ambos sussurrava a medo
O enxame dos prazeres,
E doce por entre elles lhe emanava
Todo o mel das delicias
Por divinal instincto se approxima
A face á face do outro,
Brandamente seus labios se tocaram,
E do prazer celeste

Que no mago contacto saboreiam,
Eis que subito nasces,
Filho ardente de Amor, de Venus filho,
Suavissimo Beijo.
Logo das tres irmans a mais formosa,
A prazenteira Agláe
No lindo seio te escondeu de neve;
E na mansão fagueira
De amorosos desejos rodeado
Viveste espaço longo.
Té que, do furto sabedora a deusa,
Te emplumou niveas azas,
Com que voaste para a mãe lasciva,
E andas de seio em seio,
Entre as bellas, que Amor fere co'as settas,
Furtivo demorando.
E ora atrevidos, inflammados labios
Cubiçosos te roubam;
Ora és o premio de ferventes súpplicas
De respeitoso amante.
— Premio tardio e raro e mal seguro,
Quanto és ditoso roubo! —
E quantas vezes no virgineo seio,
Que alveja de innocencia,
De entrar não ousas, que a modestia o guarda,
Que t'o veda o recato?
Corrido foges um momento, e triste;
Porém subito voltas,
E vens pousar-lhe languido nos labios
Meio infantis e abertos.
Não tarda que o desejo lhe scintille
Nos olhos descuidados;
E então virá não timido mancebo
Os arcanos franquear-lhe.

Angra — Junho, 1821.

XVI

A DÉLIA

Lembras-te, dize, ó Délia, do momento
Que aos teus formosos labios
Vôou dos meus o filho de Cyprina?
Acaso não sentistes
Abrir-se um céu de amor para nós ambos?
Não te bateu no peito
Anciado o coração de gôso arfando?
Tenro menino elle era,
Timido ainda, envergonhado infante;
Quanto depois, ó Délia,
Cresceu de ousado, e se atreveu a quanto!
Quaes penetrou sacrarios!
De virgineo pudor que véos teimosos
Não ergueu confiado!
Os prazeres o sabem, e a ventura
Que nos teve no collo ..
Elles que o digam — dêmos-lhe licença,
Que o ensinem áquelles
Que tanto como nós inda se amarem,
Se é que os houver no mundo.

Angra—Junho, 1821.

Morto a seus pés o monstro lhe jazia,

PAG. 63

LYRICA

LIVRO TERCEIRO

I

A MEU TIO D. ALEXANDRE DA SAGRADA FAMILIA

Lousa da morte! as lagrimas não podem
Amolgar-te a dureza:
Nem mais sobeja do que tristes lagrimas;
Que o mais, tu o roubaste.
A enferrujada chave do sepulchro,
Mal deu a fatal volta,
Some-se, e affunda ao pégo das edades. .
Nem ha tornar a vêl-a.
A mui pesada mão da eternidade
Carrega o sêllo eterno
Nos angulos da campa; e sobre a lagem
Mui breve se condensam
Geladas aguas de lodoso olvido.
Acaso alguns momentos
Morredoura saudade emtôrno adeja,
Que mal de escasso pranto
Amor ou gratidão lhe rociaram
As curtas, debeis pennas:
Até que, pouco e pouco, ao longe a afasta
A viração do tempo,
Ou do ingrato assettear de cru desprêzo
Acinte mal-ferida,
Cae d'aza morta ás ribas descuidadas
Do paludoso Lethes.
Ah! que os olhos ainda se me arrasam,
Ainda agradecidas
Em fio e fio as lagrimas deslisam!
Tu, varão extremado,
Tu não morreste ainda no meu peito:
Tu que em minha alma tenra
As primeiras sementes desparziste
Das letras, da virtude,
Que á sombra augusta de teu nobre exemplo
Tenras desabrochando,
Cresceram quanto são. Infante ainda,
O ânimo singelo
Me avigoraste da constancia tua,
Da nobre fortaleza
Com que, dignos de Roma, a Lysia deste
De alto valor exemplos.
Oh! que o meu coração sobre essa lagem
De angústia se espedaça!
Eu não te verei mais, rugosa face
Do venerando velho,
Que da existencia na vereda ingreme
As primeiras pisadas
Me endireitou no trilho da justiça.
Orpham de tal amigo
Terei de ir so ávante, onde é mais árdua,
Mais difficil a estrada!
Sagrados manes, allumiae-me a vida
C'um facho lá do Elysio:
Sêde-me guia na escabrosa senda
Que temeroso enceto,
Porque vossas pegadas retrilhando
Qual fostes seja, um homem.

Angra — Junho, 1821.

II

O AMOR MATERNAL

Of nature's gifts thou may'st with lilies boast,
And with the half blown rose.
SHAKSPEARE.

Que doce que é ser mãe! — Que meigo quadro
É ver a espôsa ao lado do consorte
Nos braços lindos embalando o filho,
Seu unico desvelo,
Que largou de cansado o niveo seio
E foi suavemente adormecendo
No amplexo maternal. — Inda invejoso
Não encobriu de todo
O casto veo segredos pudibundos
Só do espôso sabidos: enlevada
Nas doçuras de mãe, toda prazeres,
Só para o filho attenta.
Vêde-a sorrindo ao tenro innocentinho,
Como se espelha nas mimosas faces,
E colhe nas feições, uma por uma,
O transumpto do espôso.
Com que graça lh'o diz! como suspira
Magoada e triste se o consorte amado
Toda, toda não vê a similhança
Que a ponto ella distingue!
Oh! se pallida ousou tocal-o a febre,
Aqui são os desvelos, os extremos,
As não dormidas noites, os cansados,
Affadigosos dias.
Eil-a que se definha junto ao berço,
Que as lagrimas retem, que os ais suffoca
Se condoido Morpheu nos tenros olhos
Pousou do filho caro.

Que promessas, que votos tam do peito
Se um deus compadecido... E os deuses ouvem
Mais que rógo nenhum maternas preces.
Já visos de melhora
No semblante infantil vão despontando,
Ai que alegrias! — recortadas inda
De enternecidos sustos, que os prazeres
Aguados emmurchecem.
E salvo emfim: já cresce e ao lado folga
Da carinhosa mãe; já co'as mãosinhas
Lhe trava da orla ao candido vestido,
Ou travêsso lh'o rasga.
Os annos correm, graças vão medrando
No corpinho gentil, n'alma embebida
Em suaves lições de san virtude
C'o exemplo avigorada.
Tal, esmêro de Flora e mimo d'ella,
Cresce alvo lirio em valle deleitoso;
Brando zephyro o ameiga, a aurora o rega,
E as bellas o cubiçam.

Angra — Julho, 1821.

III

O AMOR PATERNAL

A love that makes the breath poor and speech unable.
SHAKSPEARE.

NATUREZA, que déste ao sexo bello
As feiticeiras graças,
O mimo attrahidor, e as mui fagueiras,
Carinhosas meiguices;
Que lhe orvalhaste os labios com sorrisos
De mellica doçura
Que entram no coração, que esparzem n'alma
Delicias e prazeres;
Que nos olhos da mãe pozeste o aflago,
E no materno peito
Acrysolaste esmeros e desvelos,
As âncias que suspiram
D'extremecido amor e de ternura
Timida e receiosa,
Toda meigas caricias, toda extremos
De apaixonado affecto;
Tu, mais viril porção doaste ao homem
De constante firmeza,
E em menos terno coração pozeste
A solidez, e affinco
No levar certo o rumo compassado
Dos negocios da vida.
Tu, nos olhos do pae, tu em seus labios
Providente juntaste
Os severos dictames da virtude
E da verdade rigida,
C'os amorosos ralhos, c'os amigos
E prudentes conselhos.
Tu lhe adornaste a face veneranda
Da magestade augusta
Que ao filho respeitoso espelha a imagem
Dos soberanos deuses.
Olha como na voz lhe trôam asperas
Reprehensões austeras,
Emquanto os seios d'alma se lhe rasgam,
O coração lhe chora.
Amor que não deixou cingir-se a venda,
Terno mas justiçoso;
Que o facho accende á tocha da virtude,
Facho que não deslumbra,
Faisca d'esse amor que a pró dos homens
Arde de um Deus no seio.

Angra — Julho, 1821.

IV

ANNIVERSARIO DA REVOLUÇÃO DE 24 DE AGOSTO

Jure solemnis mihi, sanctiorque
Natali proprio.
HORAT.

COMO vens, linda aurora,
Formosa desdobrando
Por esse azul dos céus o roseo manto!
Co'as lagrimas de gôsto que desparzes
Abres cortejo ao dia
Que inda viram maior os Lusitanos.

Dize me, ó bella espôsa
Do remoçado velho:
Na patria minha, na ditosa Elysia
Quaes fitos viste em ti olhos, semblantes,
Que jubilosos vivas
D'esse berço d'heroes aos céus erguer-se.

Dá-me esse unico allívio
A mim, que malfadado
Nem me outorgaram invejosos numes
Vêr-te assomar nos patrios horisontes,
E d'esse povo illustre
O meu tenue clamor juntar aos brados.

Ó paginas da Historia,
Depar-empar abrir-vos,
Que a mão lá vae gravar da eternidade
Em caracteres rutilos de fogo
O dia augusto e grande
Que a Lysia trouxe liberdade e gloria.

O patrio Douro altivo,
Espedaçando os ferros,
Nega o tributo ao madido Oceano;
Só guerra quer levar: guerra, que Lysia,
Do tridente senhora,
De novo o sceptro recobrou dos máres.

«Ondas, tremei» lhes brada:
Trema o tyranno vosso;
Que as Quinas outra vez se erguem, se hasteiam
E vão das vagas legislar ao mundo,
Vão do orbe ás partes quatro
O jugo antigo renovar co'a espada.»

O duro som terrivel
Tôa de polo a polo,
Os eixos do universo estremeceram,
E sobre a face da convulsa terra
Pallido o susto frio
Horrendo estende as azas côr da morte.

Socegae, nações do orbe,
Recobrae-vos do medo,
Que Lysia os ferros seus, que espedaçára,
Não leva em dom cruel aos outros povos.
Da ambiciosa Roma
A criminosa glória não procura.

Romanos, oh! não foram
Os Cesares e Augustos,
Romano foi Catão, romano Scevola;
E quaes esses então são hoje os Lusos:
Nem cabem n'um só peito
Avareza e ambição co'a liberdade,

Oh patria, oh patria minha,
Que dia de ventura!
Que sincero, que puro regosijo

Em praças, em theatros não rebenta,
Em sinceros prazeres,
Festas condignas de um liberto povo!

E eu misero e mesquinho,
De mágoas retalhado,
Só vejo a vasta solidão dos máres,
Só a mudez dos céus no azul monotono,
E um sol que as luzes balda
N'essa immensa soidão que me circumda.

Lembranças, que me affogam
De angústia e de martyrio,
Vêem recordar-me a patria, amigos, tudo,
E deixar-me depois — se é que me deixam,
Em vão pelo horisonte
Rastrear de olhos longos a esperança.

Assim o vago Ulysses
Longe da cara espôsa,
Do filhinho, do pae, todo saudades,
Só pede aos deuses crus por graça extrema
Vêr dos paternos lares
Erguer-se o fummo, e morrerá de gósto.

No mar — Agosto 24, 1821.

V

AO REI

JURANDO A CONSTITUIÇÃO

Ordinem
Rectum, et vaganti frœna licentiæ
Injecit, amovitque culpas.
HORAT.

Celeste emanação do Sêr-primeiro,
Verdade, oh luz eterna! alfim poderam
Ante olhos regios fulgurar teus raios;
Pôde tua voz severa
Dos enganados reis soar nos paços;
E o grito da calcada natureza,
Do amesquinhado, miserando povo,
Ao coração bater-lhes.
Nos labios o sorrir, no seio a morte,
De traidoras perfidias coroadas
A vil Adulação, o negro Embuste,
A cavilosa Intriga
Já d'ante o solio espavoridas fogem,
Tremendo aos brados teus lá vão no abysmo
Do averno sepultar crimes e horrores
Com que o throno infestavam.
De vesgos olhos macilenta Inveja
Co' a pallida Ambição debalde intentam
Valer-lhe ainda, sustentar-lhe o imperio
De tam compridos sec'los
Embalde a manto enganador lhe estende
Falaz Superstição, que as vestes santas
Á augusta Religião, ousou sem pejo
De trajal-as, roubadas:
Que as trevas que ante o solio condensavam,
Teu brilho as dissipou, e entrou risonho
O dia da razão nos paços regios
Co'a aurora da virtude.
Fulgiu do amado Rei na frente augusta
O calcado téqui, sacro diadema;
E a que mancharam veneranda purpura
Da tyrannia as nodoas,
Eil-a de novo nitida se arreia
De oiro puro de lei, da san justiça,
Téqui do vicio escravas fugidias,
Corridas, insultadas.
Já livre do grilhão, sôlto dos ferros
Póde o monarcha segurar na dextra
O sceptro que mil perfidos amigos
A seu sabor moviam.
Sem venda os olhos, pela vez primeira
Olhou de emtorno a si, e viu.. Oh! quantos
De horror, de execração, de atrozes crimes
Milhares descobriste!
Quantos não viste, ó Rei, juncto a teu solio
Monstros de sangue as garras empolgando
Nas miseras entranhas de teu povo,
Palpitantes ainda?
E não viste esse povo miserando
As lagrimas beber, conter no peito
Cortado de amarguras os suspiros
Que algozes lhe arrancavam?
Deixando-se esvair no sangue a vida
Só porque em nome teu lh'a arrebatavam
Só porque em nome teu lhe agrilhoaram
Braços, razão e vozes!
Sim, tu os viste; e o coração paterno
Sentiste retalhar-t'o a piedade:
Tu gemeste nos males do teu povo,
Gemeste, e a mão benigna
Dadivosa outorgou remedio aos males
Que em ferreo acervo sobre nós pesavam.
Recresceu nosso amor, dobrou tua glória!
Serás eterno e grande.
Maior imperio que os avós ganhaste:
Seus Subditos fiéis, leaes e amigos
Já te não chaman rei, só pae te chamam,
Que em corações só reinas.

No mar—Agosto 26, 1821.

VI

A ROSA

A DÉLIA

Ροδον ω φεριστον ανζος
Ροδον εαρος μελημα.
ANAKP.

Venus! ás lindas flores que rainha
Tam bella lhes não déste!
Nasceu-te no alvo seio, inda mais alva,
A Rosa namorada;
E a reinar pelos prados a mandaste
Da primavera ás filhas.
Tam pura como a virgem das florestas,
A neve da innocencia
No botão meio aberto branquejava:
E a candidez singela,
Timida ainda, lhe embuçava as folhas.
Pelo matiz dos campos
Zephyro de lascivo sussurrava,
E ao vêl-a tam formosa
Avido corre, vae furtar-lhe um beijo:
A innocente rainha
Córou de pejo, e a côr envergonhada
Na alvura se lhe embebe.
Triste, ao vêr-se no proximo regato,
Da perda se lamenta.
Acaso passa Amor, que á mãe fugindo
Vagava nas campinas;
Dos sentidos lamentos condoído:
«Não pranteies» lhe disse,
«Não chores, linda flor; males que eu faço
«Sempre em delícia os pago.»
Docemente a bafeja, e doce aroma
Eis subito recende
Do seio á maga filha de Erycina.
Desde aquelle momento
A innocencia, o prazer e a formosura
De rosas se coroaram.

Prémio da singelez que orna belleza,
Desde então consagrada
Ao sexo amavel que nos doira os dias
Foi e hade ser a Rosa.
És, minha Délia, mais gentil do que ella,
Mais singela, mais pura;
Para ti esta flor nasceu no prado,
Eil-a, recebe-a, é tua.
Ternura, candidez, belleza e mimo
Para ti a colheram.
Amor lhe despegou co'a mão divina
Os espinhos traidores;
Ia a dar-t'a.. ólha. . e vê... rapido foge,
Que a mãe te viu nos olhos.
Oh que dor tam gentil, oh que ais tam meigos,
Então soltava Délia!
De emtôrno aos labios que o lamento entr'abre,
Os risos feiticeiros
Revoando-lhe estão, e as Graças nuas
No seio que palpita
Lhe andam, por consolal-a, desparzindo
Os jasmins côr de leite.
Desejos mil e mil co'as vestes lindas
Da simplice pastora
(Com as vestes, que a mais se não atrevem)
Lhe folgam como a medo.
Vê que suave, melica harmonia
Sôa na meiga bocca!
Que prazer voluptuoso lhe humedece
Os olhos derretidos!
Que sons do coração lhe vêm tam brandos
A conquistar os nossos!
Que acções, que gestos, que expressão do peito
No rosto se lhe pintam!
Amor, não te enganaste, é ella, é Venus!
Mas não receies, volta;
Ou, se temes voltar, dá-me essa rosa,
Deixa-me venturoso
Entre a neve do seio ir esconder-lhe
A flor tam cubiçada.

Lisboa — Setembro, 1821.

VII

FAZ HOJE UM ANNO

A DÉLIA

Um anno já correu, foi hoje mesmo,
Por estas horas, Délia, n'este instante
Que nasceu nosso amor — hoje tam doce,
E tam amargo já, que tantas dores
Tantas lagrymas, Délia, tem custado;
Esse amor que hoje é favo delicioso
Do mel suave de prazer fagueiro,
Mas que já foi torrente escura e negra
Do azedo, amargo fel de agros tormentos.

Parece-me que o vejo... oh foi agora:
O coração me diz que este momento
Foi o proprio, o feliz, aquelle instante
Em que te vi primeiro. Estão no ouvido
Inda a tenir-me os sons melodiosos
Que banhavam aquella estancia amena
N'essa hora fadada. — Inda era livre
O coração no peito, inda os meus olhos
Giravam soltos...o fatal momento
Sôou — e em teus olhos se cravaram;
Tua linda imagem reflectiram n'elle,
E para nunca mais sahir do peito.
Parou-me então o coração — não minto,
Parou-me o coração do sobresalto:
Minha sorte, o meu fado, a minha esp'rança,
Todo o meu sêr, a minha vida toda,
N'esse momento para ti voaram.

Pois dize: não sentiste no teu seio
Ir o meu coração ao teu juntar-se?
Oh! nunca mais voltou. — Correram tempos,
E o benigno primeiro accolhimento
Que ao princípio lhe davas, quantas vezes
Repetidas mudanças alteraram!. .
Elle só não mudou, foi sempre o mesmo...
Mas deixemos lembranças importunas:
Volve os teus olhos para os meus, querida,
Co'a doce languidez, co'a graça ingenua
Com que a primeira vez me olhaste, ó Délia.
Oh quanto amor não brilha n'esses olhos!
E é meu todo esse amor? Toda, querida,
É toda para mim essa ternura?
Que excesso de prazer!.. trasborda-me a alma
Não tenho coração onde elle caiba.

Não tenho coração... Que é d'elle, ó Délia,
Que é do meu coração, que lhe fizeste?
— Dôze vezes no céu o astro do dia
Girou inteiro o círculo dos mezes,
E eu sem ter coração como hei vivido?
Como? — Só de esperanças. Mas o termo,
O termo d'ellas é chegado, amiga:
Esses olhos que amor dardejam n'alma
Já de amor e desejos resplandecem;
Esse de neve delicado seio
De languida ternura voluptuosa
Já o sinto bater; esses teus labios
Já sinceros me dizem que me adoras,
Já me asseguram que serei ditoso.
Esse teu coração por mim só bate,
Esses braços gentis já vejo abertos
Que me esperam, amada, no teu seio...
Oh no teu seio . Mais feliz no mundo
Se alguem ha do que eu sou? — Não é possivel:
Não tem mais que uma Délia o mundo inteiro,
E Délia um coração — e esse é meu todo.

Dia, dia feliz, quando voltares
Tragam-te as Graças amimado ao collo;
Traga-te Amor no seio da ventura
E os prazeres de emtôrno te esvoacem.
Nunca vejas mudado o meu destino
Nem para mais feliz... — Nos céus não ficam,
Não ha mais glorias que mandar á terra.

Coimbra — 18...

VIII

SAPHO

NO SALTO DE LEUCATES

A JULIA

En chantant tu baisses les yeux
Qu'ont couverts des voiles funèbres
DUCIS

Amor que doce que ! Oh! quam ditoso
Quem sabe e póde amar ! Prazeres meigos,
Graças louçans e risos brincadores
De emtôrno lhe esvoaçam;
A existencia lhe doiram:

Toda lhe ri de gôsto a natureza,
Esmalta-se-lhe o prado de boninas,
O bosque se lhe copa de verdura,
Crystaes lhe jorra a fronte,
Perlas lhe verte a aurora.

De noite o céu de estrellas se lhe tolda,
Que aureos topazios lucidas rebrilham,
De dia em chamma de clarão formoso
Vibra-lhe o sol nos raios
Doce calor de vida.

Qual lago que innocente pequenino,
Alvas pedrinhas atirando, fere,
Em que uns dos outros circulos innumeros
Dobram, se augmentam, crescem
E em gradação se alongam:

Tal em prazeres se lhe espraia a vida
Ao amante feliz; tal o universo
Mar immenso de gôsto se lhe estende,
E de um prazer lhe nascem
Infindos os prazeres.

Ameno quadro, delicioso, ó Julia!
Folga de vêr-te n'elle, olha, revê-te:
Mas Ah! jamais o voltes. Negro, escuro
Mais feio do que a morte
É o reverso d'elle.

Dores armadas de aguçadas pontas,
Remorsos negros como a luz do inferno,
E a Angústia roxa que no collo aperta
O laço corredio
Com que acinte se affoga.

Da côr do ferreo-azul das chammas do Ethna
Lá está sobre elles de ouriçada coma,
De verdenegras serpes ennastrada,
Rasgando-se as entranhas,
Co'as farpeadas unhas,

O monstro horrendo.. Qual?—Treme; o Ciume!
Vês-lhe o peito?—olha: um cancro ascoso róe-lh'o,
Chega-lhe ao coração, heiva-lhe o sangue,
Empeçonha-lhe a vida,
Nega-lhe o bem da morte.

Eis o avêsso do quadro. E amor é este?
Esse filho dos languidos prazeres,
Esse amor, todo mimos da ventura!
Por que milagre horrivel,
Por que potencia infausta?...

Queres sabel-o? A perfida Inconstancia,
Eil-a, essa furia o transmudou do que era,
Lhe ensopou de veneno a flor dos gostos,
E em fructo amargo e podre
Lhe converteu o germen.

Não temas, Julia; para nós os fados
O reverso do quadro não pintaram.
Mal-venturosos pelo mundo os houve
Que n'elle se espelharam.
E quantos! Desgraçados!

Não ha belleza que lhe esquive os golpes,
Prendas não ha que a sanha lhe embrandeçam,
Feitiços que lhe empeçam, oiro a rôdo
Que uma hora de tormentos,
Nem a peso, lhe compre.

Sapho... Tu bem conheces este nome;
As Graças e os Amores o repetem,
Sabem-n'o as Musas, Venus em seu templo
Co a linda mão divina
O gravou por memoria.

Sapho, a meiga cantora dos prazeres,
Sapho, a extremosa, a delicada amante,
Victima d'ella foi; nas áras negras
Da Inconstancía traidora
Sapho expirou de angústia,

Ninguem mais que ella amou, ninguem como ella
Soube amar sobre a terra Amor tam fino,
Se o ha no mundo, só tu, Julia o gosas,
Só tu do teu amante
O hasde encontrar no peito.

Phaon, mais bello do que amor nascente,
Como as Graças gentis gentil e airoso,
Tal foi o objecto dos amores d'ella
Mais felizes gran'tempo
Do que os dois não os houve.

Mas no peito a Phaon entrou de manso
E lavrou surda a chamma da inconstancia,
Lampejou-lhe o clarão... Que horror! A triste,
A malfadada o sente,
Estremeceu e pasma.

Dôr a que os sons da lyra se recusam,
Mágoa que as vozes exprimir não sabem,
Angústia que a mortaes dizer não cabe,
Mais negra que o sepulchro,
Mais horrivel que a morte...

Como é que heide descrever-t'a, ó Julia?
Falem-te os ais da misera expirante,
Digam-t'o os eccos da sua voz maviosa:
Nas rochas de Leucates
Amor inda os repete,

Inda Phaon as grutas vão soando,
Já sobre a rocha vendo o mar bater-lhe
Na base carcomida, já medindo
C'os olhos enturvados
A desmedida altura,

Inda ousa modular canções de morte,
Inda co'as frias mãos apalpa as cordas
D'essa lyra que amor coróou de rosas,
Rosas que emmurcheceram,
Que em folhas sêccas cáhem.

Qual cysne ao fenecer gorgeia os hymnos
Que eterna vida aos deuses mereceram
Se ao canto os deuses não fadassem morte,
Tal moribunda em transes
Sapho cantou assim:

«Deixae um pouco o throno dos prazeres,
Ternas irmans de amor, Graças ingenuas!
De Phaon inconstante assiduas socias,
Meus ultimas suspiros,
Ao ingrato, levae-lh'os.

«Celestes Musas, Sapho desgraçada
De vossos cantos a doçura eguale!
E tu, lyra infeliz, triste instrumento,
Ecco de meus gemidos,
Apura os sons tocantes.

«Quando o céu tempestuoso ameaça o prado,
E os despregados ventos se enfurecem,
Choupo erguido no cume das montanhas
Menos se agita ainda
Que o meu anciado peito.

«Formosos dias, de minha alma encanto,
Em que sujeito ás minhas leis o via,
Dias em que eu gosei de o vêr ao menos,
Dias de glória e jubilo.
Crueis! onde fugistes!

«E eu que amava, a rival aborrecida!
Ingrata! o coração fingia abrir-me,
E entanto ao meu com sua mão traidora
As feridas rasgava
Que hade fechar só morte!

«Embora: sê feliz, co'a tua amada;
(Póde haver coração que teu não seja!)
No delirio de amor na paz do gôso
Venturas que eu não próvo,
Saboreia-as embora.

«O meu fado infeliz foi só de amar-te,
Foram destinos teus ser sempre amavel
Já desde quando em tua maga infancia
A praias encantadas
O teu baixel guiavas.

«Nos trajos de mortal Cyprina bella
Para as aguas vadear te implora auxilio;
Tu a passaste, e as ondas satisfeitas,
Com ella conduziam
Risos, graças e amores.

«Voaram aos teus olhos os amores,
Nos labios teus os risos se esconderam.
E a ti de emtorno as Graças namoradas
Travaram lindas danças
Em que amor te expressavam.

«Venus te disse:—Venturoso infante,
«Serás d'entre os mortaes o mais amavel,
«E dos altares meus seguro esteio:
«Meus philtros poderosos
«Eu t'os confio todos.—

«Suspirava de inveja Amor ao lado:
Eis que eu passava; despicar-se intenta,
E n'um tiro de setta assim me fada:
«—Sapho será mais terna
«Do que Phaon amavel.

«Mas tu na minha dor, cruel! me foges!...
Irei, por te abrandar, correr os máres,
Subir aos montes, vaguear desertos,
Voar desatinada
Aos limites do mundo?

«Fala: nada receia um desditoso.
Irei de gosto arremessar-me aos p'rigos.
Feliz em te seguir e obedecer te,
Irei roubar-te o cinto
Das Graças, com que prendes.

«Por doces beijos nossos labios juntos...
Unido ao teu, meu coração batendo...
Já de prazer anceio .. já nas veias
Seu ardor devorante
Me corre atropelado...

«Oh desgraçada! acorda d'esse engano.
Tudo perdeste... Fique-te o repouso:
Aqui o tens, as rochas de Leucates...
Ellas... e nada mais!
Terminarão teus males.»

Disse: e a lyra cahiu-lhe sobre a rocha:
Deu rouco som de morte, as cordas todas
Estallaram, e foi de chofre ás aguas
Do mar que remugia.
Viu-a cahir a triste,

Ainda a viu, a sua maga lyra
Pelo ár na quéda... Subito, após ella:
«Venus» clamou «que outr'ora m'a doaste,
Filha do mar, recebe-a!»
Disse, e arrojou-se ás ondas.

Lisboa—Novembro, 1822.

IX

O ROUXINOL

O nome que no peito escripto tinha
CAMÕES.

Parabens, minha tristeza,
Foi-se a luz aborrecida;
N'esta sombra appetecida
Posso ao menos respirar.
Aqui meus ais, meus gemidos,
Aqui prantos amargosos
Não vêm olhos curiosos
Nos meus olhos espreitar.

Sentado sobre esta penha
Entre espêssos arvoredos,
Só ha de ouvir meus segredos
O canoro rouxinol.
Vem, mago cantor da noite,
Vem fazer-me companhia;
Não receies, foi-se o dia,
Não temas, é longe o sol.

Eil-o vem, eil-o se appressa
O sensivel passarinho;
Lá poisou no seu raminho,
Lá principia a cantar.
Silencio, florestas, bosques!
Silencio tambem, meu pranto!
Co'a doçura d'este canto
Minha dor quero ameigar.

Que doce melancholia
N'aquelle som tam carpido!
Quanto é suave o gemido
Em que exhala a sua dor!
Como é seu canto expressivo!
Oh! se a ingrata aqui o ouvisse!
Parece que «Délia» disse,
Parece que disse «amor.»

Quem te ensinou esses nomes,
Singela, incauta avesinha?
Não os digas, pobresinha,
Se o teu socêgo te appraz.
São doces! — Assim dizia
A minha cega ternura;
Mas custou-me essa doçura,
Que perdi a minha paz.

Como tu nos teus gorgeios,
Eu cantava a minha amada;
Mas a lyra desmontada
Nem tristes ais sabe dar.
Nos olhos seccou-se o pranto,
Emmudeceu meu gemido,
De cansado, de abatido,
Nem me atrevo a suspirar.

Adeus, fiel companheiro,
Sê feliz nos teus amores;
A provar meus dissabores,
Oh! jamais te dêm os céus!
Foste alivio ás minhas penas,
Escutaste o meu lamento...
Mas — já me causas tormento
Fiel companheiro — adeus!

Cintra — Maio, 1822.

LYRICA — Que doce que é ser mãe! — Que meigo quadro — PAG. 83

X

A GUERRA CIVIL

Audiet cives acuisse ferrum.
HORAT.

I

Voz de morte sôou, — e o ecco funebre
Do Manzanares retiniu no Tejo.
Brado que ouvimos, que nos fere n'alma,
Que vens trazer-nos! — *Liberdade eu trago.*
Oh! que essa é voz de gloria. E gloria, e vida
Nem outra vida a coração que é d'homem
A natureza deu: nem outra morte
Mais que o viver nos ferros. N'esses vive,
Não só, vegeta miserando escravo.
E do escravo a existencia é vida d'homem?
Oh não! é sangue torpe e froixo e fraco,
Que nem lhe leva ao coração heivado,
Nem vem trazer-lhe ao corpo mal fornido
Princípio nobre de vital alento.

II

. . . .

. . . .
Como ousa pois, como se atreve a morte
A hastear a foice nos torreões da Iberia?

III

Co'as azas côr dos tabidos sepulchros
Tapára o lume ao sol noite de engano:
Por entre as sombras do ennublado escuro
A Traição vaga de bifronte aspecto;
Na dextra, que lhe treme de covarde,
Trás o punhal de Sylla; pende á esquerda
De Catilina audaz a adaga treda:
Frente que em rugas lhe encrespára a astucia,
Cinge-lh'a emtôrno, salpicado em sangue,
Doirado ao vêr-se, e ferreo na estructura
O diadema de Nero. — O grito ardido,
O brado de honra que á peleja avoca,
Não o dá essa infame: a medo, a furto
Vae com trémulo accento despertando
Almas como ella timidas, covardes,
Tam faceis no esgrimir punhaes no escuro,
Como em fugir da espada que lampeja
No campo aberto da franqueza honrada.
Lá vão que a seguem, avidos se apinham
De emtôrno á Cruz por elles profanada
A tribu de Levi, sequiosa de oiro,
A tribu que abjurou riqueza e honras,
Por mais pompas, mais honras, mais riquezas,
Ir furtiva usurpando ao povo illuso.

IV

Onde, ó monstros, aonde ó gente indigna?
Que bandeiras são essas de mentira
Que arvoraes entre irmãos? — A estola candida
Da Religião quereis tingil-a em sangue,
Sangue civil, fraterno! . . .
—Eis d'outro lado
Crescem, redobram c'o frequente povo
Os que defendem a árvore sagrada
Que inda infante crescia, e que esses monstros
Queriam dar-lhe ao vento a raiz tenra.
Eil-os, emtôrno, os peitos generosos
Ao bronze off'recem que lhes trás a morte;
Eil-os o braço ao braço, a espada á espada
Do amigo que foi já, do pae que o nega,
E do irmão que o não é, oppõem bramindo.
Só patria é tudo em corações só livres,
Laços da natureza estão quebrados.
E quem os quebra? — Vós, escravos tredos,
Vós co'a mão gottejando sangue amigo,
Vós lhe desdais os nós, e c'o impio ferro
De um golpe lhe cortais prisões sagradas.

V

Juncada a terra de golpeados membros
Soffrega bebe o denegrido sangue;
E o sangue impuro que espadana a jôrro
Lá vae regar essa árvore sagrada,
Essa árvore de rama e flor e fructo
Escassa e pobre se a não banha o sangue
Do que á nascença lhe pragueja a planta,
Da que só lhe agoirou, só lhe deseja
Granizo queimador, tufão de morte.

VI

De glória e louros coroada exulta
A Liberdade . Ah! bem o vejo, os louros
C'o verde-negro do cypreste entrançam.
O grito da victoria entre ais se perde
Que a dor arranca dos sentidos peitos.
Chorâmos sobre irmãos: foi caro o preço,
E é bem duro morrer por mãos de escravos.
Mas pela patria, mas no campo da honra,
Martyres d'ella! . . . Oh gloria e gloria excelsa!
Esses lutos, rasgae-m'os; essas c'rôas
De cypreste feral longe da campa!
Por endeixas de morte hymnos de vida,
Por tristes nenias, canticos festivos!
Esse atahude que lhes leva as cinzas
É cofre de oiro que heroismo encerra,
É thesoiro de glória e liberdade,
É monumento de nobreza eterna,
É memória ao porvir, é brado ingente
Que irá no longo curso das edades,
De geração em geração bradando:
'Tremei no solio, ó despotas da terra.'

Lisboa—Julho, 1822.

XI

MELANCHOLIA

They sat reclined
On the soft downy bank damasked with flower
MILTON.

Que ameno sitio, ó Délia! — Estende os olhos
Por toda essa planicie deliciosa,
Coberta de verdores,
E esparze amor e vida n'esses prados
Dos olhos creadores;
Anima, co' esses raios de ternura,
A languidez das flores.
Susurre de prazer toda a espessura
O influxo teu sentido;
E, ao vêr teu gesto lindo,
Tua divina, magica belleza,
Sorria de prazer a natureza.
Vê como é bella a solidão, querida,
Como entra pelo peito
Não sei que gôsto cheio de brandura!
Isto não é viver, é mais que vida.
Como n'esta doçura

O coração vae placido alargando,
E o ânimo satisfeito
Dentro d'elle sereno dilatando!

Como insensivelmente descahindo
Se vae n'aquelle estado
De languidez suave e melancholica
Em que, já não sentindo
O trabalho pesado
Da existencia penosa— docemente
Pelas vêas a vida circulando
Vae mansa e brandamente
No silencio do nada repoisando!
E toda só no instante,
Toda só no momento que decorre
N'alma o passado c'o futuro morre. .

Oh! bebam outros na doirada taça
De mentidos prazeres
O envenenado goso que, mal passa
Dos labios, todo é fezes,
Que a insaciavel sêde não apaga
Do coração queimado...
Nós puro e socegado
Este prazer gosemos da innocencia.
Vivamos para nós: deixar o mundo
Volver-se na inquieta turbulencia
Do pelago sem fundo
Dos seus desejos vãos, sua loucura.
Na serena doçura
Da maga solidão—n'esta belleza
Vivamos para nós, co'a natureza.

Cintra—Agosto, 1822.

XII

O CARCERE

Brightest in dungeons, Liberty, thou art,
For there thy tabernacle is the heart.
BYRON.

Fechou-se a ferrea porta: o som tremendo
Que os remorsos desperta ao delinquente,
Detraz de mim deu ecco temeroso
Pela funebre estancia.
Eis-me aqui pois do crime na morada,
Eis-me entre bandos vis de malfeitores
Que me olham com sorrisos satisfeitos,
E parecem dizer-me
«Bem vindo companheiro!»—Eu socio d'elles,
Eu criminoso, eu preso, envilecido
Co'estes grilhões de infamia!—Oh! que asquerosos,
Que medonhos aspectos,
Que esqualidas figuras, que olhar tôrvo!
Não, tal horror nunca sentiu minha alma
Desde que viu á triste luz do dia
A vergonha, que ha tanto
Sentia de *ser homem*, redobrada
Me cresce c'o spectaculo abhorrido
D'esses que ahi vêjo.—Homens, vós sois, espectros
De feia catadura?
Sim, homens são. E eu?—Outro como elles.
Atomo que volteio sobre a terra
Ao sabor das paixões, minhas e alheias,
E á tôa vogo os mares
Na viagem da vida —Mas impresso
É o ferrete do crime n'essas frontes
Que franze a angustia c'o pungir de dentro
Do espinho do remorso;
E eu no peito nem bater mais vivido
ação... Oh! criminoso
Não sou eu. Insolente me confunda
A proscripção injusta,
N'esta mansão do crime e da vergonha
C'os malfeitores vis: dentro do peito
A consciencia me diz que sou virtuoso,
Que, fiel ao rei e á patria,
São inimigos seus quem me persegue,
Que me honra o seu odio, me engrandece,
Tecendo-me a corôa do martyrio
Nas immer'cidas penas.

Lisboa, no Limoeiro Agosto, 1833.

XIII

O EXILIO

Ha! bannishment? be merciful, say—death:
For exile has more terror in his look
Much more than death.
SHAKESPEARE.

Vem, minha Délia, vem, querida amiga,
Sentar-te junto a mim.—Vês essas névoas
Como escondem o azul e os céus, que engrossam
Co'a cerração pesada e melancholica
D'este paiz de exilio, d'esta patria
Dos taciturnos, gélidos britannos?
Oh! como é triste a terra do destêrro!
Tam só como as areias do deserto,
Triste como o cahir das folhas pallidas
No desbotado outomno. — Solitario
No meio das cidades, das campinas
Vae após de esperança mal segura
O que deixou amigos, paes e patria
Para fugir ao açoite da injustiça.
Oh! se uma voz ao menos lhe falára
Lhe coasse no ouvido os sons tam gratos
Do patrio idioma que ninguem lhe entende...
Não, que tudo lhe é surdo; e só responde
O coração, que bate, aos ais do triste.

Ai, infeliz de mim!... eu já d'essa arte
Vi horas longas deslizar se o Thamesis
Por entre esses palacios, essas tôrres
Coroadas dos despojos do universo,
Salpicadas do sangue de reis improbos...
Ou malfadados — monumentos grandes,
Tôrres, palacios que memórias guardam
D'artes, de heroicos feitos, de virtudes
E de crimes tambem. — Oh! quantas vezes
Solitario vaguei por esses porticos,
Por entre essas columnas apinhadas
De reboliço e povo! . . e em meio d'elles
Eu solitario e só! — Porquê? Porque alma,
Por que o meu coração voava ao longe.
Entre essa multidão nem um amigo!
E se um fôra, onde a amante, onde os carinhos
Que amolgam penas e accalentam dores?

Suave Délia, agora o teu amigo
Já não vive no exilio: a minha patria,
A minha patria agora é nos teus braços.
Deixál-os, os tyrannos que se apprazem
Co'as lagrimas da oppressa humanidade,
Proscrever me da terra! Que me arrojem
Para os gelos da inhospita Siberia,
Onde o tam puro sol da nossa Elysia
A polar cerração nega os seus raios,
Ahi, de um teu sorriso allumiado,
Entre essas solidões darei co'a patria,
Acharei os amigos, paes, e tudo,
Que tudo me darás nos teus afagos.

Warwickshire, em Inglaterra — Novembro, 1823.

XIV

A LYRA DO PROSCRIPTO

A MADAME CATALANI

Ciere viros, martemque accendere cantu.
VIRG.

Eu do meu patrio Tejo desditoso
Deixei nas praias desmontada a lyra;
Suas aguas, já tam puras, hoje envôltas
Em lagrimas e sangue,
Ás ondas a trouxeram do oceano:
Lá naufragou. As nymphas compassivas
Que á foz do Tejo, com vergonha e mágoa
Contemplam de Ulyssea
A lamentavel última ruina,
Inda lhe ouviram no soçôbro extremo
Uns sons de glória, uns eccos dos amores
De quando amor e glória
Cantou sonora nos jardins d'Elysia.
Silencio do sepulchro, a um proscripto
Tu só competes: quando a patria é morta,
Morrem com ella as Musas.
E silencioso e mudo eu caminhava
Pela terra do exilio... que prodigio,
Que electrico podêr veiu acordar-me
D'este morto lethargo?
Serão as cordas da perdida lyra
Estas que sob os dedos me palpitam?
Não, oh, não: esse genio alvo-trajado
Da névoa das montanhas
Que me tocou co'a vara mysteriosa,
Me trouxe a harpa dos britannos bardos,
E as desaffeitas mãos me agita e rege
Pela harmonia estranha.
Foi teu podêr, foi tua voz divina
Que os eccos acordou d'estas florestas
E os reflecte em meu peito, ó Catalani.
Desprende-me dos labios
Um cantico de novas melodias
Quaes eu nunca aprendi —Salve, o salve,
Glória eterna do Tibre, que levaste
Das Musas o triumpho
Ao Neva frio, ao Rheno, ao culto Sena,
Ao Thamesis, ao Tejo.. —O Tejo outr'ora
Já por suas grutas resoar ouvira
Teus primeiros accentos.
Ai! que diff'rente então, do que hoje, elle era!
Seu leito de oiro em ferro se ha tornado,
E o brio de seus filhos tam famoso
Hoje é vergonha e opprobrio.
Oh Catalani! co'essa voz que impera
Irresistivel n'alma, tu lhes brada,
Chama-os á gloria, punge-os á virtude
Co'aquelle accento angelico
Que faz tremer o coração no peito,
Quando em teus labios vibra como a espada
De Harmódio, que os eternos myrtos c'rôam!
Mais audaz, mais segura
Britannia se ergue a dominar os máres
Quando a tua voz aos filhos seus bradando
"*Rule, Britannia!*" eterna lhe promette
A avita liberdade.
Eia! a Lysia infeliz tu dize:—*Surge!*
Vel-a-has alçar a frente laureada,
Cahir por terra os barbaros tyrannos,
Triumphar liberdade.

Warwickshire — Novembro, 182[illegible]

XV

A MORTE DE RIEGO

Nascetur aliquis tandem sex nostris ossibus ultor
VIRG.

Quem será essa dama inconsolavel
Que ahi geme n'esses átrios solitarios!
A seus pés vae o Thamesis tranquillo
Por entre margens de tropheos correndo:
Myriadas de povo satisfeito
Gíram emtórno d'ella. —E ella só, geme!
Em languido silencio, quasi morte,
Só vida, porque sente —E vêem-se as lagrimas
A fio e fio a lhe cahir dos olhos
Tam roxos, tam inchados .. já sem lume,
Que lhe apagou a dor, a luz e o brilho.
Olha as mãos esfriadas que lhe cáem,
Desfallecidas!—Misera! que mágoa
Não está desfazendo aquelle peito!
Ai do seu coração! como o tem ella!
Ralado, consumido de amarguras,
Traspassado de espinhos, embebido
De fel e de veneno!—Mas nas faces
Desbotadas, no corpo amortecido
Como ha visos ainda de belleza?
A flor dos annos entre angústia e penas
Murchou-lh'a o padecer! Cuidaes porcerto
Vêr a estatua de Niobe no marmore
Que geme só e tacito, cercado
De grupos, de relêvos, de medalhas,
De pinturas, de estatuas, em profusa
Galeria regal.—Mas esse gesto,
Essas feições não têem d'Albion as filhas:
Um sol mais vivo n'essa tez pulida
Amorenou os lirios, e deu visos
D'arabe ou grega face. As alvas nymphas
Do Thamisa têem outra formosura;
Mas essa neve e profusão de rosas
Será mais bella, — não me fala tanto
Ao coração cá dentro.
—Eis outro aspecto
Melancholico, afflicto, descahido..
Respeitavel presença! Algum amigo
D'essa infeliz que vem por consolal-a.
Triste! como no gesto comprimido
Se lhe vê que das lagrimas retidas
Bebe o amargor, porque ellas lh'as não veja
E redobre a sua dor co'a dor do amigo.

—«Filha» diz elle á misera que anceia:
«Filha, socega: da esperança ainda
Não se foi todo o albor. Confia, aguarda:
Deus ha-de ouvir teu pranto... e o meu.» E rompe-lhe,
Ao dizer isto, a fôrça dos soluços
Que o suffocam de dentro. A quem é dado
Vencer a natureza? Homens de ferro,
Se os ha, fêl-os o crime. — Mente o orgulho
Que se envolveu no pallio dos estoicos
Para clamar: «Não sinto paixões de homem;
Dor ou prazer são nomes, são fraquezas
Indignas do meu sêr.» — Fatal vaidade,
Em que miserias, em que desvarios
Não despenhas os miseros humanos!
— Infelizes, chorae, dae rédea larga
Ao coração, que estalará no peito
Se o comprimis; deixae-o que se expanda,
Que desabafe, e mande para os olhos
Quantas mágoas nas valvulas lhe pesam.

Ai! que interêsse eu tomo em vossas dores!
Um não-sei-quê me diz que tenho parte
N'esta afflicção. Oh dae-me um quinhão d'ella,

Reparti d'essas lagrimas commigo;
Tambem sou infeliz, tambem votada
Tenho a cabeça aos fados impiedosos...

Mas que é isto?.. correndo apressurado
Um mensageiro ahi vem Que tristes novas
Trará com tantos luctos que o trajaram?
Preparae a vossa alma... eis uma carta.
—«Uma carta!» bradou a afflicta dama;
Volve d'emtôrno os olhos desvairados,
Lá dá c'o mensageiro.. Um grito agudo
Céus e terra feriu: —«...i,» disse, e fecha
Os olhos, cae de golpe em terra, e jaz.
Toma-a de um braço o triste companheiro,
Aperta-a sobre o seio — e co'a mão livre
Abre a carta fatal — «Adeus, esp'ranças!
Morreu..»
«Nobre extrangeiro, quem foi esse?»
—«Riego! Riego!» clamou com voz tremenda:
Riego expirou, malvados! Deus eterno,
Que é da tua justiça? Porque dormes,
Porque dormes, Senhor? Elles profanam
O teu nome, a tua lei, os teus altares,
E tu deixaste triumphar seu crime!
A virtude cahiu aos golpes d'elles,
E os céus abandonaram a innocencia!
Oh Deus, oh Deus, perdôa ao meu delirio.
O sangue de um heroe sobre o patibulo
Jorrando ás mãos do algoz na terra ingrata,
Que não se fende em boqueirões que sôrvam
Os ministros do crime!. O caro sangue
De um irmão tam amado, a minha glória...
Traidores! e esse Nero que vos calca
Com pés de ferro, e vos açoita as costas
Infames c'o azorrague do desprêzo,
Esse é o idolo a quem sacrificastes
O campeão da patria, o heroe pacifico
Que vossos fóros conquistou perdidos,
Vencedor sem cubiça, triumphante
Sem ambição? Ah monstros! ah covardes
Indignos de renome castelhano!
Indignos.. Oh miserrima viuva,
Triste orphansinha, joven malfadada,
Tu me arrancas do peito estes suspiros;
Tu só, que a indignação e atro desprêso
Não me davam logar nem a lamentos.
Vem, filha, vem commigo; n'estas praias
De liberdade ergamos-lhe em memoria
Singelo monumento. A noite e o dia
Sobre elle nos verá pedir vingança,
Pedir justiça aos céus. A ingrata patria
Seus ossos possuirá; mas aos seus manes
Nós daremos o culto» — E aqui pausando,
Do venerando rosto enchuga o pranto.
Os nobres filhos d'Albion se apinham
De emtôrno dos illustres desgraçados
Por dar-lh'allívio, consolar-lh'as magoas
Generosa nação, digna do sceptro
Que aos angulos estendes do universo,
Oh! recebe em depósito sagrado
Essas reliquias de mui nobre sangue,
Dae-lhes, no seio bemfeitor e amigo,
Outra patria mais digna, mais honrada.
Um dia inda virá. Jurou-o o Eterno,
E a justiça o gravou com diamante
Nas táboas do destino—Um dia egregio
Que hade raiar co'a aurora da vingança
Nos horisontes da infeliz Hespanha.
Então aportará nas vossas praias
Um baixel triumphante que os conduza
Entre vivas de gloria ao patrio Ebro.

Que sacrificio então será bastante
A applacar esses manes irritados
Do Cid da liberdade? Sobre as áras
Da mansidão, da placida indulgencia,
Virtudes do heroe, timbre em sua glória,
Victima seja o tigre famulento
Que lhe bebeu o sangue, e c'um sorriso
Do impio holocausto recebeu a offrenda.

Prófugo e só na terra do destêrro
Estes versos cantei: viera d'aima
A triste lyra resoar nas cordas
Humidas do meu pranto. Ide, lamentos
Da minha voz, coae por essas neves,
Ide levar ao Tejo os meus suspiros;
Este canto de morte, repeti-lh'o
De ecco em ecco nos concavos rochedos:
E se entre esse tropel de miseraveis,
Portuguezes outr'ora, que hoje arrastam
Os vis grilhões do opprobio e da vergonha,
Virdes algum que ao menos a memoria
Conserve da perdida liberdade,
Bradae-lhe ao peito: «Escravo, escravo infame,
Pesa mais um punhal que uma cadeia!»

Londres—Dezembro, 1823.

XVI

O NATAL EM LONDRES

Anathema sit
CONC. TRID

Que Natal este! — Sempre sois herejes,
Meus amigos inglezes
Bem haja o santo padre e a sua bulla
De fulminante anathema,
Que excommungou estes ilhéos descridos!
Oh! nunca a mão lhe dôa.
Vêr na minha catholica Lisboa
As festas de tal noite!
Sinos a repicar, moças aos bandos
Co'a bem-trajada capa,
E o alvo-tezo lenço em côca airosa,
D'onde um par de olhos negros
Dão as boas festas ao vivaz desejo
Do tafu'o devoto
Que embuçado accudiu no seu capote
A' pactuada egreja!
Natal da minha terra, que lembranças
Saudosas e devotas
Tenho de tuas festas tam gulosas,
E de teus dias santos
Tam folgados e alegres! Como vinhas
Nos frios de Dezembro
De regalados fartes coroado
Aquecer corpo e alma
C'o vinho quente, c'os mechidos-ovos,
E farta comezana!
E estes excommungados protestantes,
(Olhem que bruta gente)
Sempre casmurros, sempre enregelados,
Bebendo no seu *ale*,
E tasquinhando na carnal montanha
Do *beef* cru e insipido!
Pois os *Christmas-pyes*, gabado esmêro
De sarmatas manjares!
Olhem estas pequenas.. são bonitas,
Mas que importa que o sejam
Se das Graças donosas praguejadas,
Rusticas e selvagens,
Nem dança airosa, nem alegre jôgo
De divertidas prendas
Arranjar sabem, e passar o tempo
Em honesto folguedo!
Jogar um whist morno e taciturno
Sentar-se em mona roda

Junto ao fogão, fazer um detestavel
Chá preto e fedorento,
Sem ár, sem graça. Oh madre natureza,
Quanto mal empregaste
A formosura, o mimo, as lindas côres
Que a taes estátuas déste!

Londres — Dezembro, 1823.

XVII

O ANNO NOVO

(MDCCCXXIV)

Mutat terra vices
HORAT.

Bem vindo sejas, novo anno, e tragas
Melhorado teus dias mais propicios
A' minha pobre, malfadada patria
E a meus fieis amigos

Esse mal-agoirado que nos pégos
Affundou hontem do Oceano, Apollo,
Não deu senão colheita de infortunios.
Nem grannou outras messes
Mais que o joio semeado por mãos tredas
Entre os sulcos do trigo Não mondado
A tempo, foi crescendo, e em flor ainda
Affogou a esperança
Do triste povo que a tam maus caseiros
Tam inexpertos deu suas lavoiras,
Que assim desmazellados lh'as perderam,
E quem sabe até quando?
Quem sabe quanto tempo ha de durar-lhe
O gelo d'este inverno em nossos campos,
Té que o derreta o sol, ora ennevoado,
Da antiga liberdade?
Dorme a vegetação n'essas sementes
Que á terra se lançaram. Mas eternas
As estações não são: teu dia, ó patria.
Teu dia ha de chegar

Londres — Janeiro. 1824

NOTAS AO LIVRO PRIMEIRO

Nota A

Este Sr. João Minimo........................... pag. 43

A perseguição absurda—e tam vergonhosa para quem a exerceu—que soffri pela minha primeira publicação poetica o Retrato de Venus, foi o principal motivo de eu publicar anonymas quasi todas as outras, o Camões, a Dona Branca, a Adozinda, e esta propria collecção que pela primeira vez se imprimiu em Londres, em 1829, com o titulo, que lhe conservo, de Lyrica de João Minimo.

Nota B

A ti virá de longe o peregrino
Como a Sabina e Tybur................................ pag. 55

Bem se vê que só um poeta criança podia escrever similhantes vaidades, que hoje o fazem rir até a elle. Pensei que devia eliminar estes versos; mas reflecti depois que ha humildades muito mais presumpçosas e muito mais tolas ainda, que o tempo d'agora é todo d'essas hypocrisias, e não quiz sacrificar a ellas porque as detesto.

Nota C

Vem, que é de troixas de ovos............. ..... pag. 56

É bem sabida a predilecção de Francisco Manuel por es'a gulosice que elle tanto celebrou em seus versos comparando-a á ambrosia dos deuses. O meu enthusiasmo n'este tempo não via no mundo poetico senão Horacio e Filinto-Elysio.

Nota D

Esmeros de ambição pomposa, inchada.. . ..... pag. 59

Este epicedio, elegia, ou como queiram chamar-lhe, foi a primeira denúncia que de mim dei ao público, a primeira e desgraçada confissão de poeta que fiz Era no meu terceiro anno de Coimbra. O dr. Fortuna, por extremo popular entre os estudantes porque professava as ideas liberaes, era por isso mesmo detestado dos lentes seus collegas. O seu funeral foi para a mocidade academica um acto de solemne protestação por seus principios queridos; e eu com toda a doudice dos meus dezeseis annos fui com a rapaziada, como era de razão, fiz estes maus versos, que não têem stylo, nem compostura, nem nada que preste. Mas fizeram um *furor* incrivel. E d'ahi nunca mais me pude libertar da maldita poesia que jámais me deu senão desgostos em seu culto público. No particular, oh sim! muito lhe devo.

Na edição de Londres expungi da collecção esta peça porque me envergonhei d'ella: tam falso lhe achei o stylo, tam vulgar e commum o pensamento. Restituo-a agora porque entendo que similhantes collectaneas só valem a pena de ser percorridas como series de documentos em que se observe o progresso ou decadencia do espirito e do engenho do homem, ou do seu seculo.

Nota E

E a ti, boa Isabel, a ti primeira .... pag. 61

A Sr.ª D. Maria Isabel Van-Zeller era uma senhora ingleza de extremosa caridade, cuja morte foi chorada por todos os habitantes do Porto, e a quem a sua familia adoptiva deveu em grande parte a popularidade de que n'aquella cidade gosava.

Estes versos, que são ainda bem falsos, já têem comtudo alguma coisa melhor que os do epicedio anterior. Pelos mesmos motivos que dei na nota anterior, os tinha excluido da edição de Londres e os ajunto na presente.

Nota F

Nymphas do Lyma, dae, trazei alegres... .... pag. 62

Para intelligencia d'esta passagem e de toda a peça, convem dizer que foi feita para o natalicio de um menino cuja familia habitava as margens do rio Lyma—que pretendem seja o Lethes ou rio do Olvido dos antigos.

Nota G

Sinceros e de lei teus versos puros............... pag. 64

O padre José Fernandes Alvares Leitão, professor de latinidade na universidade de Coimbra, era um philologo distincto, honradissimo homem, e poeta horaciano legitimo. Creio que foi o último classico de inquestionavel merito. Os romanticos seus adversarios não o conheceram; e os classicos seus confrades desprezavam-n'o: elle valia mais que uns e outros. Conservam-se por mãos de alguns amigos —poucos—as cópias, muitas d'ellas já viciadas, de suas excellentes Odes. Quanto melhor não fariam os nossos jornaes litterarios se as salvassem pela imprensa em vez de se constituirem o asylo da infancia desvalida para todo o que soletra no abecedario poetico: grasnido rudimental bem poucas vezes agradavel de ouvir!

Nota H

Portuguezes, morreu! d'aquelles labios. .... pag. 64

Esta peça, composta por occasião da morte de Francisco Manuel do Nascimento, é pouco mais do que um recôrdo de suas principaes obras; e não poderá ser entendida pelos que não estejam versados n'ellas.

Nota I

N'este grande aldeão que chamam Porto......... pag. 69

Isto são versos de um senhor estudante zangado de se não divertir nas férias quanto desejava, e que se desforra, com assás de mau gôsto, em chufas sem-sabores á mais bella, á mais benemerita e á mais nobre das cidades portuguezas. Não duvido, por isso mesmo que tanto me honro de ser portuense, conservar n'esta collecção o insulso gracejo, tal qual elle appareceu na primeira edição de Londres. «Estamos mais alto que nenhum portuguez» dizia a nota respectiva n'essa edição, e não podêmos desconfiar com

LYRICA — Filha do mar, recebe-a! — PAG. 88

similhantes bagatellas. Se na nossa cidade ha muito quem troque o *b* por *v*, ha muito pouco quem troque a honra pela infamia, e a liberdade pela servidão.»

Sempre hei de consignar aqui todavia, como verdadeira curiosidade litteraria, digna da collecção de D'Israeli — e não menos interessante curiosidade politica — o ter eu perdido uma vez a minha eleição no Porto porque um zeloso e integerrimo patriota bozinou com estes pobres versitos ás orelhas dos eleitores — que deviam de ser bo s e grandes orelhas — para lhes fazer crer que eu era um mau e renegado cidadão da cidade invicta.

Nota J

Que o rotundo fallar da nossa origem .... pag. 69

Do Porto contam os nossos bemaventurados antiquarios que foi colonia grega; e dos gregos cantou Horacio que falavam *ore rotundo*.

Nota K

Tal me vi eu pejado de bilhetes .... pag. 70

Para que entenda este gracejo, saiba o leitor benevolo que, vindo-me recommendado do Porto para fazer seu beneficio em Coimbra, onde eu estava, um certo charlatão cuja principal habilidade era ser *ventriloquo*, eu me vi sobrecarregado de um grande numero de bilhetes que tive de lhe tomar. Acudiu-me, ficando com boa conta d'elles, o meu já então particular amigo Nicolau da Arrochella, a quem retribui com esta ode laudatoria segundo convencionámos.

Com que saudade recórdo, entre alegre e triste, estas primeiras memorias da vida! E que satisfação em pensar que, tirados os que a morte levou, ainda não perdi nenhum dos bons amigos de infancia que n'ellas têem parte!

NOTAS AO LIVRO SEGUNDO

Nota A

Aos pés do marmor de Pompeu.................. pag. 72

Esta ode que na primeira edição se numera XXXIX, tem ahi por titulo A LIBERDADE LEGITIMA, e se diz composta em 1826 por occasião da outorga da Carta. Não é verdade. Confésso que, publicando-se a LYRICA em Londres em 1829, epocha de temores e difficuldades politicas, receei aggravar as desconfianças dos timidos declarando-me o Alceu da Revolução de Vinte, e attribui a data posterior o que fôra feito muito antes. Os principios moderados, o amor da liberdade legal, creio sinceramente que nasceram commigo; é-me instinctivo o horror da anarchia, da exageração, innata a crença — mais de sentimento ainda que de razão — no podêr da fórma monarchica para cohibir os excessos dos outros elementos e forças sociaes.

Vivem ainda bastantes amigos que em Coimbra me viram fazer estes versos na data que hoje lhes restituo.

Nota B

Ergo tardia voz, mas ergo-a livre .... pag. 73

Além das mesmas razões que sinceramente expuz na nota antecedente, outra, e propriamente litteraria, me fez radiar da collecção de Londres esta peça.

Achei-a turgida, bombastica, e sem nenhum merito poetico. Não obstante, ella corre impressa com o meu nome nas collecções de Coimbra, foi alli popular no momento, e sei de muitos contemporaneos da Universidade que d'ella se recordam com excessivo e bem pouco merecido enthusiasmo. Não a quero pois renegar, e aqui vae.

Nota C

Verdade, oh! vem da escuridão que ha tanto...... pag. 78

O titulo que esta peça agora leva é o com que realmente a compuz. Veja as notas antecedentes.

Nota D

Nem tanta havia de *procos* abundancia........... pag. 79

Os traductores verteram sempre o grego de Homero n'este vocabulo latino. A quantidade d'aquelles *procos* — *proci* a προιξ — ou mais *lusitanicè* pretendentes de Penelope, foi extraordinaria: basta vêr as immensas *varas* de bons porcos gordos e cevados que os maganões devoravam em casa d'el-rei Ulysses, em quanto sua augusta espôsa tecia e destecia, como é sabido.

NOTAS AO LIVRO TERCEIRO

Nota A

Tu que em minha alma tenra
As primeiras sementes desparziste.............. pag. 83

Meu tio D. Fr. Alexandre da Sagrada Familia pertenceu áquella brilhante constellação de sabios e homens de lettras que illuminou o reinado da Sr.ª D. Maria I. Seus intimos amigos, Fr. José do Coração de Jesus, o Arcebispo Cenaculo, o Abbade Correa, Antonio Ribeiro dos Santos, o padre Theodoro, e todos os outros bem conhecidos, o tinham pelo primeiro orador e primeiro prosador do seu tempo. E com effeito o era. Depois de ser bispo de Malaca, de Angola, de ter viajado muita parte da Europa e da America, veiu a fallecer bispo de Angra no archipelago dos Açores, sua patria.

De seus muitos e variados trabalhos litterarios só pude obter alguns sermões, preciosos de doutrina e de linguagem: tudo o mais se perdeu por indesculpavel descuido dos que assistiram á sua morte.

Nota B

Celeste emanação do Sêr primeiro.............. pag. 85

Na collecção de Londres tambem se attribue inexactamente esta ode — que ahi é XL — á epocha da Carta. Veja nota A ao Livro II, pag. 99 da presente edição.

Nota C

Celestes Musas, Sapho desgraçada................ pag. 87

D'este verso até o quinquagesimo de pag. 88 é versão de uns fragmentos de Sapho que o traductor, ou antes imitador, francez ajuntou em uma só peça.

Nota D

Os nobres filhos de Albion se apinham
De emtôrno dos illustres desgraçados............ pag. 94

Para intelligencia d'esta rhapsodia cumpre dizer que a infeliz espôsa de Riego estava refugiada em Londres em companhia de seu cunhado, ancião e sacerdote, quanto aquelle foi immolado em Madrid. A municipalidade de Londres tentou levantar um monumento á memória do illustre martyr da liberdade constitucional nas Hespanhas.

Nota E

E estes excommungados protestantes............. pag. 94

Em tudo e em toda a parte ha um lado ridiculo que não é difficil achar: nem criminoso descobrir se não forem excedidos os limites do folguedo, que não degenere em satira amarga. A intenção do auctor por certo não foi chegar lá; porque nunca o fez — nem a seus mais crueis inimigos — e bem póde dizer com Crebillon:

Aucun fiel n'a jamais empoisonné ma plume.

LYRICA

II

A QUEM LER

No anno de 1828, em Londres, se publicou o primeiro volume dos versos ou *poesias fugitivas* do sr. Garrett. Extinguiu-se em pouco tempo a edição; mas o auctor, occupado de outros trabalhos e preoccupado de mais serios cuidados, não tratou nunca de preparar a reimpressão que, entre nacionaes e estrangeiros, pediam todos os collectores de suas obras.

Até ao anno de 1841, não lhe foi possivel nem lançar os olhos áquelle modesto volume que, sob o nome de LYRICA DE JOÃO MINIMO, tam popular o tinha feito, e algumas de cujas peças já tinham merecido ser trasladadas nas linguas mais cultas da Europa.

N'esse anno, retirado a descançar no campo de grandes fadigas de corpo e de espirito, deu emfim algumas horas de mais lazer a repassar as composições de sua infancia litteraria, e a escolher as principaes das que, em mais feita edade, lhe tinha arrancado a condescendencia com amigos, ou a irresistivel inspiração de algum objecto ou circumstancia da vida que mais o impressionára.

Resmas e resmas de papel lhe vimos destruir e queimar ao fazer d'esta escolha. E apezar do desapiedado apuramento, ainda ficou uma collecção copiosa que, entre o já impresso e o ainda manuscripto, dava materia para bons quatro volumes.

Enfileirou tudo por generos e datas, — algumas das quaes só estavam na pouco exacta reminiscencia do auctor. Mas depois de tentados e desprezados varios methodos, assentou porfim que dos quatro volumes, ficaria sendo o primeiro essa mesma LYRICA DE JOÃO MINIMO, apenas alterada da primitiva edição de Londres em leves differenças de collocação, e acaso additada com alguma composição juvenil que o auctor desprezára, mas que reclamavam os seus apaixonados; — que o segundo, sob o titulo de FLORES SEM FRUCTO, conteria o resto das composições lyricas da sua primeira e segunda epocha; — que o terceiro seria destinado ás FABULAS E CONTOS, e por appendice aos poucos Sonetos que não entregára ás chammas; — o quarto volume finalmente, com o titulo de FOLHAS CAHIDAS, foi dedicado ás producções de edade mais madura e que elle considerava como os seus ultimos versos.

D'estes quatro volumes assim detalhados, não se tratou todavia por emquanto de dar ao prelo senão o segundo, as FLORES SEM FRUCTO, que ainda assim só vieram a imprimir-se em 1845.

E nem a popularidade que obteve o livro, nem o remanso de maiores lidas, que por então gosou o auctor, o poderam mover a pôr a ultima mão a nenhum dos outros.

Sómente em principios de 1851 entrou na imprensa o primeiro volume, isto é, a segunda edição da LYRICA DE JOÃO MINIMO, e o quarto, isto é, as FOLHAS CAHIDAS.

Motivos bem notorios de serviço publico vieram reclamar toda a efficacia e attenção do nosso auctor; e os dois volumes lá ficaram abandonados na imprensa, meio compostas e meio revistas as folhas. Assim estiveram dois annos até principios do actual, 1853, em que felizmente desembaraçado e liberto, pôde outra vez dar-se aos seus queridos cuidados litterarios.

Publicou-se então a LYRICA e as FOLHAS CAHIDAS; aquella muito correcta e avantajada á primeira edição; estas cerceadas e mondadas pelo auctor, que apenas ficou uma pequena brochura do que tinha sido um volume regular.

Em poucos dias porém desappareceram

as FOLHAS; — levadas de bons e de maus ventos... voaram.

E sendo reclamada pela opinião e pelas necessidades do commercio uma segunda edição, resolveu-se o auctor a fazer da reimpressão d'esse voluminho, e do inedito que era destinado ás Fábulas, Sonetos, etc., um só tomo, com o titulo de *Segundo volume dos* PRIMEIROS E ULTIMOS VERSOS.

Para resumir d'este modo, era necessario porém queimar ainda mais Sonetos e mais Apologos. Assim se fez, sendo genero de occupação em que muito parece comprazer-se o auctor.

Mas por tal modo, com estes dois volumes e com o das FLORES SEM FRUCTO, está completa, em tres tomos regulares, a collecção das poesias menores do sr. Garrett; nome pelo qual sempre será mais conhecido o *Visconde de Almeida Garrett*, a quem as dignidades politicas não elevam nunca acima do que a si proprio se eleva por seu engenho e estudo.

Detractores e inimigos gratuitos — porque não invejosos tambem? — podem clamar que essas dignidades rebaixam o nome que não podem exaltar.

E' um sophisma de calúmnia, porventura admissivel como epigramma se, republicano e demagogo, o auctor de CAMÕES, de GIL VICENTE e de FR. LUIZ DE SOUSA, houvesse alguma hora professado as hypocritas doutrinas do nivelamento social, que tam poucos acclamam com sinceridade, e menos ainda com perseverança. Mas a tribuna, a imprensa e o Conselho o viram sustentar sempre com denodo e dedicação a causa da monarchia, sustental-a como inseparavel da causa da liberdade do povo, da qual é não menos zeloso e strenuo defensor.

A verdade é que as distincções monarchicas tanto dão lustre ao merito e o recebem d'elle, quanto se envilecem e prostituem lançadas á ignavia ou ao demerito que não conseguem ennobrecer.

O dia em que os reis comprehenderem bem este axioma, será o ultimo das aspirações demagogicas.

Voltemos porém á historia da nossa collecção. Não ficou ella nem rigorosamente chronologica nem perfeitamente systematica. Participa de uma e de outra coisa, ennevoada de um certo mysterio que muito por acaso a envolve, sem nenhuma prevenção ou pretenção da parte do auctor.

Na LYRICA DE JOÃO MINIMO, tal como no principio d'este anno se publicou, está a infancia poetica, toda a vida juvenil do homem de lettras, do artista, do patriota sincero e innocente, do enthusiasta da Liberdade que ainda não conhece, que ama com exaltação, que serve com fervor, e pela qual sacrifica de bom grado a patria, o socêgo domestico, a fortuna, a saude e quanto os homens mais prezam. Ha n'essa lyra uma corda que já sôa de amor, do amor apaixonado, ardente, cioso que um dia abafará talvez as outras todas. Mas os gemidos soltos que por agora lança, os vagos suspiros que balbucia mostram bem claro que no coração do poeta dormem ainda as tempestades que porventura lhe hão de agitar depois a vida. Para tudo o que não é a Patria e a Liberdade, é tibio e froixo o seu canto, desgarrado e mal sentido. Hade entrar muito fundo n'esse coração a pena ou o prazer, antes que chegue a fazer vibrar a corda intima que está silenciosa, distendida — e apenas geme a espaços como harpa eólia pendente do ramo, que, agitada por incerta brisa, suspira vaga e saudosa, sem a percutir ninguem, por ninguem, por coisa nenhuma, e só movida de um indeterminado presentimento do que hade ser, do que póde ser, do que talvez não seja nunca.

Fala de amor o poeta... Sim, fala; e ha Délias e ha Lilias, e ha flores e ha estrellas, e ha beijos e ha suspiros, e ha todo esse estado maior e menor de um exército de paixões que sae a conquistar o mundo no principio da vida de um rapaz cheio de alma, de fogo, de exuberante energia e vehemencia de sangue. Mas esse exercito é todo de parada, forma bem na revista — em travando peleja séria, hade fugir, porque é boçal e não o anima nenhum sentimento verdadeiro e tenaz. Vê-se o poeta através do amante: falso amor e falsa poesia! Quando um e outro são verdade, não apparece senão o amante, não se vê senão a paixão, a arte some-se, annulla-se deante d'ella: então vem a poesia do coração.

Não ha ainda d'essa poesia na LYRICA DE JOÃO MINIMO. A da alma sim. Nos tres livros em que se divide a LYRICA estão as tres primeiras epochas da existencia do mancebo. As impressões e aspirações da infancia que desponta á puberdade, os instinctos da glória, do amor e do patriotismo suspiram no primeiro livro, que se sente escripto no socego da casa paterna á repousada sombra das faias e das larangeiras da sua ilha no meio do Atlantico,[1] e logo depois ás margens classicas do Mondego, nas horas vagas dos estudos superiores. O segundo livro é nova éra para o poeta e para o patriota. Alceu imberbe, tribuno de dezeseis annos, levanta-se com a revolução, destitue todos os idolos velhos, e não canta senão hymnos á liberdade. O profundo sentimento monarchi-

[1] Em Angra, na ilha Terceira, capital dos Açores.

co lá resumbra todavia sempre dos mais exaltados cantos com que se insurge a sua musa revolucionaria. Vê-se que, apezar de todo o impeto que leva essa carreira, jamais hade precipital-o na anarchia. O irreconciliavel inimigo dos despotas e dos hypocritas, não hade ser nunca o amigo dos demagogos, nem blasphemará jámais contra Deus e contra a religião em nome da liberdade que adora como emanação do seio divino.

No terceiro livro ahi está elle repousando no lar paterno das primeiras lidas publicas: ahi canta em suaves endeixas os mais puros affectos da familia, a saudade dos que já não vivem, o carinho dos que ainda o abraçam. Mas a patria, essa patria que hade renegal-o e proscrevel-o d'ahi a pouco, a liberdade que hade fugir bem depressa, vem tiral-o do seu momentaneo descanço. Os cinco annos da vida de Coimbra passaram, o socêgo da casa materna a que regressou cança-o. Elle que sae outra vez da sua ilha tranquilla para as tempestades da capital. A causa do povo é trahida, abandonada . . elle não a abandona; prefere e exilio, e em terra estrangeira o ouvimos cantar as suas imprecações, as suas saudades e a constancia indomita do auctor do Catão.

Tal é a historia da Lyrica de João Minimo, que termina em 1824.

Começa no anno seguinte a das Flores sem fructo, collecção já muito menos volumosa, porque a superabundancia de seus espiritos poeticos tem já outras derivações. O Camões, a Dona Branca, a Adozinda, absorvem muito d'elle. Fórma-se com a experiencia e a observação na terra estrangeira o talento do publicista, aperfeiçôa-se na patria com a prática; começam as luctas politicas de 1826, em que o redactor do Portuguez e do Chronista mostra que, se a natureza o fez poeta, o estudo e o amor do seu paiz o fizeram orador eloquente e escritor politico abalisado.

Nova emigração, novos trabalhos litterarios e politicos, e novos cantos lyricos tambem, em que ora geme, ora triumpha a liberdade —Mas no segundo dos dois livros das Flores começam as paixões do coração a tomar posse mais ampla e mais tenaz do poeta. Sería que as desillusões da politica, os desapontamentos da vida pública, as deffecções da amizade o levassem a refugiar se nas chimeras d'esse outro paiz de sonhos, em que o despertar não é todavia nem menos desanimado nem menos triste?

Não sei: a vida de um poeta hade sempre ter capitulos mysteriosos, transições inexplicaveis e inesperadas; a filiação de suas ideas e de seus sentimentos é quasi sempre *cryptogamica*. O certo é que, nas primeiras composições dramaticas do restaurador do nosso theatro, o amor não existe. No Catão e na Merope só ha as paixões d'alma, o amor da patria ou da familia; no Gil-Vicente porêm já o coração toma o primeiro logar, — disputado ainda pela gloria, pela paixão das lettras, da arte — mas o primeiro.

N'esta segunda collecção lyrica do nosso auctor, basta a peça que tem por titulo *As minhas azas* para se ver que o homem público, o philosopho, o poeta da gloria e da liberdade pagou emfim o tardio e pesado feudo de sua independencia vencida e subjugada. Até então as homenagens ao suzerano eram meias de escarneo, eram um tributo de condescendencia—de uma como elegante ironia! O estado de coisas é outro agora.

As Folhas cahidas continuam esse estado Os seus dois livros (que na primeira edição foram um só) visivelmente o mostram.

As Folhas cahidas são o principal n'este segundo volume dos Versos, que vem a ser o terceiro, porque entre elle e o primeiro estão as Flores sem fructo. As Fábulas e os Sonetos não são senão appendices ou accessorios; e por suas datas e por seu genero pertencem mais a primeira collecção de que acima falámos, do que a esta terceira de que vamos occupar-nos.

Aqui os sentimentos patrioticos, o amor da gloria, o enthusiasmo da liberdade têem ainda saudosos eccos na lyra do poeta. Mas a energia, a vehemencia de suas cordas não vibra ja senão com outra paixão mais ciosa e mais exclusiva. As Julias, as Délias, não se contentam já de inspirar, dominam absolutamente o coração de poeta, os hymnos, as canções, as imprecações mesmas da sua lyra.

Que é de o Alceu que bramia liberdade, o Anacreonte que zombava com o prazer, o Tyrteu que precedia as phalanges da Terceira ao pé do pendão azul e branco da joven Rainha dos exilados? Que é das elegias suaves e melancholicas do auctor do Camões? Que é feito dos desgarres semi-rabelaicos do poeta de Dona Branca, dos sarcasmos byronicos e incredulos, dos sorrisos mephistophelicos espalhados por essas Viagens na minha terra, pelo Arco de Sant'Anna, por tanto volume de prosas e de versos?

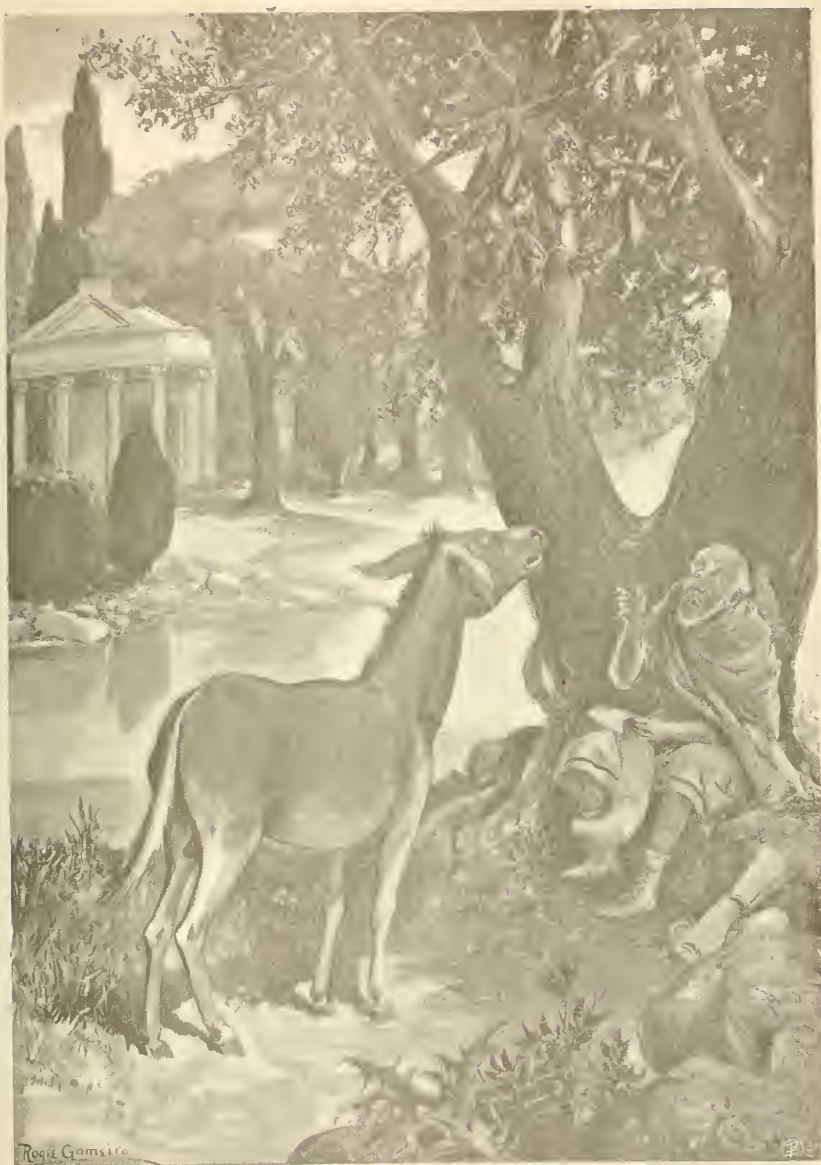
Tudo isso acabou, porque acabaram provavelmente todas as decepções do seu ânimo, e não ficou, em logar d'ellas, senão outra decepção maior que engana mais cega, e venda mais apertada.

Taes são as Folhas cahidas, *última palavra* até agora, mas que não será a *derra-*

deira do nosso poeta: affoitamente o confiâmos. Confiâmol-o de seu engenho grande, de sua alma elevada e nobre, traduzimol-o da sua admiravel introducção ao pequeno volume que hoje reproduzimos.

As Folhas cahidas não são o fim, são a transição.

O que virá depois sabe-o Deus, sabe-o o destino mysterioso de uma existencia á parte, que não tem lei nas regras, mas nas excepções da humanidade.

O tempo o mostrará, porque uma vida, que tam longa parece por tam cheia que tem sido, é ainda curta e môça bastante para nos deixar aguardar socegadamente pelo futuro que esperâmos d'ella... e muito!

O bom do Esopo olhou para a figura

(Esopo e o burro)

PAG. 115

PRIMEIROS VERSOS

FABULAS E CONTOS.—SONETOS

Senti sempre que a lingua portugueza era para todo o genero de composições. E o rebellar-se ella em algumas pareceu-me que era mais inhabilidade de quem a conduzia do que defeito proprio seu. Por honra d'ella, mais que por vaidade minha, tentei compôr em tam desvairados assumptos e generos como tenho feito. Hoje estou crente e firme convencido de que a tudo serve, a todo stylo se presta. Nem me persuadi mais d'isso por alguma coisa em que sahi bem de meus ensaios, do que pelas muitas em que falhei.

A singeleza de seu dizer, uma certa malicia popular e mordente de sua innocencia saloia faz o dialecto portuguez eminentemente proprio para o Apologo e para o Conto. Está pouco trabalhado o genero entre nós em verso. Mas as Fábulas dos animaes, contadas em prosa pelas gentes do campo, têem tanta graça de stylo como as de Esopo e de Pilpay; e as narrativas do Decameron popular em que sempre figura o frade, a mulher do çapateiro, o marido logrado, o amante umas vezes bem succedido em seus artificios, outras colhido n'elles proprios e punido de sua audacia, não têem que invejar a Lafontaine ou ao licencioso italiano que fez as delìcias de nossos gaiatos avós da Renascença.

Quando, em bem creança, quiz tambem ensaiar a minha penna n'este genero, não adverti tanto no que agora escrevo e penso.

Fique pois o meu mau exemplo, fique a minha quéda por farol de aviso aos que navegarem n'éste rumo, para que saibam que as imitações dos estrangeiros são perigosas sempre, e quasi sempre infelizes quando se não põem bem deante dos olhos os unicos typos verdadeiros, que são a natureza, a indole da lingua, e os modos de dizer do povo em cujo idioma se escreve.

Tambem comprehende a segunda parte d'estes meus «primeiros versos» alguns Sonetos, poucos. De centos que fiz, e que me fizeram fazer, apenas deixei estes. Não são bons, e eu não gósto do genero, que por indole propria é pretencioso e facticio. Mas confesso que hoje tenho remorso da reacção que promovi contra o Soneto. Tinha ao menos restricções e difficuldades que não tem a sôlta liberdade das Canções descabelladas e plusquam romanticas, pelas quaes foi substituido; na qual soltura cresceu descompassadamente a turma dos janisaros do Parnaso, que levaram a anarchia poetica além de todas as raias do senso commum.

Se nós invocaremos ainda o Soneto e a Arcadia e a Academia, como os povos, cançados e enfastiados das orgias da liberdade desenfreada, invocam a tyrannia, último e fatal remedio dos males presentes, que lhes fazem esquecer os passados? Oxalá que não, porque a coisa era muito semsabor e muito pedante. Mas esta é tam piegas!

Da litteratura piegas nos livre Deus, sobre todas as coisas.

Emfim, a historia do mundo não é senão uma serie de reacções e contra reacções. A da Litteratura é o mesmo. O que unicamente fica immutavel são os eternos principios da verdade, do gôsto, e da razão em tudo.

Lisboa—Janeiro 1853.

FABULAS E CONTOS

LIVRO UNICO

I

INTRODUCÇAO

CAHIRAM com a folha os meus prazeres;
E as musas, caro Gomes,[1] que, outro tempo
Torrentes d'estro me esparziam n'alma,
Até as mesmas musas
Sem dó, sem compaixão desampararam
O froixo amante inválido.
Embalde as chamo, e as desmontadas cordas
Da saudosa lyra
Lhes peço ao menos que sequer me affinem
São bellas, como bellas, caprichosas
Não me admirou que fujam.

Porém, amigo, no celeste côro,
Como por cá na terra,
De milagre inda ás vezes se depara
Com alma bemfazeja.
Das nove irmans gentis a mais gaiata,
Garrida e brincalhona,
A galhofeira, magica Thalia,
Rindo-se ás gargalhadas
Da lamuria que fiz por vêr fugil-as:
—Deixa, me disse, és louco;
Deixa, que ellas virão sem que as tu chames
É costume do sexo,
Assim fazemos todas.
E que lhes queres tu? que encantos achas
Na macilenta, pallida Melpómene,
Que, desde que houve em Grecia um tal Eschylo
Até o dia d'hoje,
Sempre lagrimejando
Nos sécca, nos enjôa
E nos quebra os ouvidos com gemidos?
Sempre se anda a matar e nunca morre!
As outras—na verdade,
Aqui muito em segredo
Estas minhas irmans.. Não é má lingua;
Não é geito da *saia*... mas decerto
Não sei esses poetas
Porque tanto as incensam, tanto as buscam.
Olha: o velho Philinto,
Que tu, e os teus patricios—boa gente!—
Tanto gabaram, applaudiram tanto,
Sem lhe matar a fome,
Postoque a todas nós galanteava,
Comtudo a do seu peito
Foi a mana Polymnia.

[1] O Dr. Francisco Gomes da Silva, meu companheiro e amigo da Universidade.

Nunca vi um namôro mais rançoso;
Fizeram duzias de Odes. duzias!—centos.
Tanas e tantas foram,
Que em fim o mano Apollo
Já de Odes enfastiado,
Assim que o pobre velho deu á casca,
Protestou, e protesta
Não dar a mais ninguem o officio vago
De Lyrico da casa.

Caliope, essa tola empavezada,
Que Homero, e o teu Camões, Virgilio e Tasso
Tam mal acostumaram,
Sempre de bico doce,
Torce o nariz a tudo,
E diz que a ningum mais quer dar cavaco;
E até, se não soubesse
Que um tal poeta lá da tua terra
Que faz *Orientes* e baptiza *Gamas*,
E a quem nós todas temos mortal osga,
Fôra frade tambem... que ia ser freira.
As mais é tudo o mesmo,
São todas desdenhosas:
Alêm d'isso têem lá os seus namoros,
E não querem largal-os.

Eu cá não sou assim... Porêm não penses,
Por me ver rir com todos,
Que a todos quero, que namóro a todos.
Engana-se commigo muita gente,
Tenho enganado a muitos
Que julgam conseguir os meus favores:
Cáem como uns patinhos
Nas peças que lhes armo.
Cuidou que me pilhava aqui ha tempos
Um tal cantor de *Burros*,
Macaco encyclopedico
Que em tudo quer metter-se.
Preguei-lhe um lôgro... oh este foi machucho:
Vesti a minha môça da cozinha,
Que vocês lá no mundo
Appellidam Chalaça,
Que sempre anda mettida entre estudantes
Marujos e arreeiros,
Vesti-a c'uma roupa do meu uso
Já rota e desbotada,
E mandei-lh'a em meu nome ao tal poeta,
Que a pillula engoliu,
E muito satisfeito da conquista,
Por tal a deu aos parvos
Que as sujas trovas, que os immundos versos
Extasiados applaudem.

Quando eu tinha os meus dôze, e era donzella...
(Que hoje, crê-me a verdade,
Vae cá no Olympo o que lá vae na terra!)
Namorei me de um Grego: oh! bello amante!
Chama-se Aristophanes:
Dei-lhe, entreguei-lhe tudo
—Como o teu Camões disse—
O que deu para dar-se a natureza.
Um phrygio corcovado,
Mas que tinha mil graças
Que a corcova das costas lhe encubriram,
Soube tambem vencer-me.
Com estes dois gosei prazer tam doce,
Tam deleitosas horas,
Que os monumentos d'ellas
Inda lá pela terra os mimos fazem
De quantos sentem de meus dons o preço.

Quando no Sena ovante,
Quando no Tejo e Tibre
Se ergueram nossos templos
Que a barbara ignorancia derrubára,
Ao cantor do *Lutrin*, ao da *Pucelle*,
Ao mago auctor do sautarrão *Tartufo*,
Ao teu do bento *Hyssope*,
E a esse galhofeiro Italiano
Que aos animaes deu fala,
Dei-lhe os favores, franqueei-lhe os mimos
Que a Ariosto, a Gil-Vicente,
Que aos outro todos concedera outr'ora.
Se o que elles foram sabes,
Quanto eu valho aprecia.
Eu não sou como as manas,
Rio de tudo, tudo rindo ensino;
E nas coisas mais sérias
Acho, descubro o lado
Em que o sal do epigramma encaixa a geito.
Por mim da atroz affronta,
Por mim da escravidão, por mim da inveja
O engenho se despica,
E n'um só *trait d'esprit*, de eterno opprobrio,
C'o sêllo do ridiculo,
Marca indelevel na ignorancia imprime,
Na presumpção, no orgulho.
Toma (e, dizendo, me entregou a lyra.)
Toma, e conhece quanto podem risos
Da magica Thalia.
Fere-a, e, se os sons mal destros,
Desafinados, rudes te sahirem,
Começa n'isso mesmo
A gosar minhas dadivas;
Ri-te d'elles, de ti, ri-te da lyra,
E de mim se quizeres.—

Tal me falou a minha bella deusa
Que tantas gargalhadas,
Nos dias folgasões de nosso tempo,
Nos fez dar tantas vezes
Quando na voz roufenha
Do nosso mathematico Alvarenga, [1]
As mãos cheias vertia
Pilherias do *Kai-Pira* e *Sgnarello*, [2]
Do empulhado *Avarento.*
Satisfeito da offerta, e mais que d'ella,
Do longo e bom cavaco,
—Cavaco que jejuo ha tanto tempo!
Cavaco suspirado
Com que me acenam já vesperas santas
De tardio feriado!—
Toquei, ou antes arranhei á tôa
Os versos que te mando.

Ri-te se forem bons e se gostares,
Ri-te se forem maus e te enjoarem.
Ri-te, ri-te, que o mundo
Não se póde levar de outra maneira:
Assim o ensina a deusa.

Coimbra—1820.

II

PELO ZURRO O BURRO

CONTO ACADEMICO

Naturam expellas
Furca, tamen usque recurrat.
HORAT.

Era uma vez: diz mestre Lafontaine,
Que lh'o dissera Phedro seu amigo,
Que lh'o dissera um grego corcovado...
Pois tudo n'este mundo vae por ditos,
Tudo se diz porque outros o disseram...
E talvez que não fôsse Lafontaine,
Mas foi outro que tal, que vale o mesmo:
Um dia . mas o fio á minha historia
Não o tórno a quebrar por coisa alguma;
Poema que tem muitos episodios
Nunca póde ser bom, nem bons ser elles:
Diz padre Horacio ou outro tal como elle
D'estes que intentam acanhar o genio
Com leis servis por elles arranjadas,
Que, segundo a moderna guapa eschola,
As não póde soffrer de taes birbantes.
Um dia pois o pae de homens e numes,
Como eu ia contando aos meus leitores...
—Se é que a sorte, que os nega a bons poetas,
M'os deparar a mim, chulo trovista—
A rogos, mas de quem já me não lembra,
Asno felpudo de orelhões cahidos
Quiz transformar em fervido ginete;
E ao bom Mercurio, seu fiel ministro,
Manda que o longo pêllo lhe tosquie
E um bom naco cerceie das orelhas.

Era grande o burrico, nedio e gordo,
E por milagre do supremo Jove,
Que sempre faz como este bons milagres,
Eil-o desempennado e mui lampeiro,
Qual andaluz corcel ou egua arabia,
Apar de outros corceis se vae trotando.
O povo cavallar na fórma nova
Não reconhece a burrical maranha.
Como elles folgazão retouça e pula,
Ladeia, faz corcovos, trava o passo,
Emfim parece—tanto podem numes
E tal é o poder de um bom milagre! —
Cavallo mestre e feito em picaria
—Qual rustico peão de bronca aldea,
De tamancos nos pés, no sacco a bróa,
Que vem para embarcar lá da provincia,
E para um tio, que é senhor de engenho,
Ricaço em pretos, em arroz, mellaço,
Engoiado apprendiz vae ser caixeiro:
Morre-lhe o tio, eis o rapaz n'um sino,
Vende pretos e pretas e mellaço,
E vem, Cresso de côcos e patacas,
Metter toda Lisboa n'um chinello;
Já por boas, luzentes amarellas
Serodeo compra fidalguesco fôro...
D'antes—que hoje a visita da saude,
Em cheirando a caturra, a bordo o prende,
E é já barão quando põe pé em terra.

1 Outro amigo da Universidade.
2 Farças que representavamos no nosso theatro

Eil-o que alteia os hombros encolhidos,
Entufa em vento as bochechudas bellfas,
Empina a pansa, engrossa a voz pausada,
E no tropel dos nobres envolvido,
Se o não conheces, crêral o provindo
Dos que nos velhos pergaminhos vivem.
Tal já desorelhado e ufano o burro
Entre altivos ginetes campeava.
Mas, oh fado infeliz, mesquinha sorte!
Quando entre os novos ledos companheiros
Se vae trotando com pimpão meneio,
Eil-o depara com villan jumenta
De hirsuta felpa e de costado esguio,
Que os fios corta d'alma a quem a vê,
Como bem diz latino luso vate
De mui gaiata e festival memoria.
Subito esquece o recem-nobre estado,
Lembram-lhe antigos, burricaes requebros
E o tom galanteador de asnal namoro:
Estira amante o beijador focinho,
E em notas de invejar por um Lablache,
Psalmeia airoso, compassado orneio,
Deixa os amigos e a azzurrar se fica!

Ora pois, como fez o senhor Jove,
Fez certo gran'senhor de lettras gordas
E protector das magras. — Foi milagre
Que pela intercessão foi operado
De uma a que chamam deusa da Sandice.
De outra Impostora e de outra Pedantice.

Começa o caso c'o outro parecido.

Havia em certa terra muito longe,
Lá nas pontas dos pés d'este hemispherio,
Que dizem fôra outr'ora povoada
Por certo beberrão feitor de Baccho,
Havia uma familia de animalculos,
Aos quaes Linneu, que achou nomes a tudo,
Nunca deu nome, nem especie ou genero,
Nem eu lh o sei tambem, só sei que arrotam
Textos, medalhas, chimicas rançosas,
Que trazem n'algibeira um compassinho,
Muito acanhado, curto e pequenino,
Talhado ao molde dos miolos d'elles,
Com que querem medir todo este mundo.
D'estes pois — e aqui vae o gran'milagre —
Burros na fórma, na sciencia burros,
Mas burros mais que tudo na cachola,
Quiz o tal gran'senhor, citado acima,
Fazer — ó musa o quê ? — Dize, não temas,
Não fujas, dize e vae-te. — «Uma Académia»
Disse a musa e safou se ás gargalhadas.
Mas que Académia! — Oh! venham as brilhantes
De Londres, de Paris. de Petersburgo
Beber aqui sciencia não sabida
De assopradas, pomposas ninharias.
Que producções, que producções! Oh quanto
Quanto seria mais se um deus maligno,
Inimigo dos guapos academicos,
Das tres que Deus nos deu potencias d'alma
Lhes não saccasse duas á surrelfa,
Deixando só memorias e memorias . .
Quanto seria mais, quanto fulgíra
Em gordos, grossos, grandes calhamaços
A portugueza, magestosa lingua,
Se os novos sabios, no comêço á emprêsa,
A antigas manhas não perdendo o affinco,
Não encontrassem por desgraça nossa
C'um perfido *azzurrar* — zurrar maldito !. .
Ficaram no *Azzurar* sempre zurrando.

Coimbra — 1818

III

AMOR E VAIDADE

FABULA

Já mais veloz corria o espaço uasdo
Que as horas marca ao dia
O deus que atrás de Daphne
— Infructuoso trabalha! — dera ás gambias.
E aos braços d'Amphitrite ia mais cedo
Dos trabalhos da luz gosar nas trévas
Desejado descanço.
Iam seccando pelo prado as hervas,
E o verde-escuro dos frondossos montes
Amarello cahia;
Sentado ao pé da magustal [1] fogueira,
Vermelho e rubicundo
O bemdito e louvado San Martinho,
— Que a cega antiguidade,
Por não tomar a bulla da cruzada,
Nem jejuar aos dias de jejum,
Baccho chamava em sua escandalosa
E misera ignorancia —
Bastas fazia navegar, nos mares
Da barriga santissima,
As puchantes castanhas;
Banhos e quintas ao socego antigo
Despovoados tornavam;
Voava a folha, sibilava o vento,
E emfim, sem metaphoricas periphrases,
Era já meio outomno.
Amor, Cupido, ou Ero, ou qual mais gostem,
Dar-lhe baptismo ou chrisma,
Comtanto que não chegue
A tanto o desafôro
Que ousem - como eu ouvi, por meus peccados,
Co'estes que a terra um dia
Ou mar tem de comer —
Por louca affetação de anglo-mania,
(O que não farão modas!)
Chamar-lhe em portuguez chamar-lhe *Love!*
Amor pois ou Cupido,
— Que assim nossos avós sempre disseram
Em tempos venturosos
Que tudo se chamava por seu nome,
Que ás bellas se dizia
Em portuguez sincero e sem malicia
O que hoje é fôrça rebuçar no manto
De allegoria equivoca —
Amor, do rebulicio da cidade,
Do barulho enfastiado,
Farto já de frexar c'os aureos tiros
Os corações tam gastos,
Usados, velhos, estropiados, frouxos
Da gente que a povóa,
Para o campo fugiu d'onde ella foge
Lá nos singelos bosques,
Nas simplices cabanas
Singelos corações, simplices almas
Spera achar ainda
Em Daphnis e Amaryllis.

Por um ameno solitario valle,
Em seus projectos imbebido o numen,
Caminhava . . Eis da encosta de um outeiro
Vê descendo gentill, esbelta dama
Que bem, no airoso enfeite,
No perluxo das modas,
Conheceu que não era habitadora
De rustica espessura.

[1] *Magusto,* no dialecto da minha provincia, é a fogueira em que se assam as castanhas nos dias marcados pelo ritual minhoto.

Fugil-a quer; mas sentimento occulto,
Que entre nós cá na terra
Se diz curiosidade,
—Não sei como no céu lhe chamam numes!—
Sentimento imperioso
No sexo lindo que nos doira a vida...
—Que a doira, se gozar sabemos d'elle,
Que aos parvos a envenena—
Este o reteve, suspendeu-lhe os passos,
Quem será? Quer sabêl o.
Eil-os juntos; o Amor que á bella dama
Cortezmente sauda:
«No campo ainda e só, quando á cidade
Apressurada corre toda a gente!
Tam delicada, tam formosa dama
Da quadra desabrida
Os insultos não teme?
Foge acaso o prazer da sociedade,
E n'estas mudas selvas
Vem porventura, desgraçada amante,
Chorar na soledade?»

Não gostou do cortejo e cumprimento
A nympha bella, desdenhosa e dengue;
Offendida que o nome lhe ignorassem,
Orgulhosa responde:
«Conhece-me o universo; em toda a parte
Templos, altares tenho;
Domino os corações, governo as almas,
Sou uma deusa, e chamo-me Vaidade.
Por mim co'a morte, c'os revezes lucta
O guereiro no campo;
E ante o espelho traidor consome a vida
A belleza que aos annos se não rende.
Por mim o litterato sôbre os livros
Curva a fronte abrazeada;
Por mim nos gestos, no falar se estuda
O adamado peralta;
Por mim vivem contentes, satisfeitos
Os que menos razão têem de viverem;
E o mago meu podêr se estende a tanto,
Que entro no seio mesmo aos que me offendem,
Desprezam e injuriam.
Por meu influxo, n'esse proprio escripto
Em que me insulta o sabio,
Corrige e apura o sabio o stylo, a penna,
Aos louvores armando.
Eu as soberbas, elevadas cupulas
Ergo de vãos palacios;
E até na estancia gellida da morte,
Nas mentirosas lapidas
Lavro pomposas lettras
Que a enganado porvir levam memorias
De parvos, de maus reis, santões Tartufos,
De tonsuradas bêstas.
Eu em certa famosa Academia
As charamellas tanjo,
As Conclusões defendo,
Em vandalo latim peroro ás turbas,
Tufo a brilhante borla
Com que as caveiras jumentaes adórno.
Emfim até de amor perturbo o imperio:
Por mim, por meus auspicios,
A parvoa chusma dos galans mais parvos,
Dos fôfos petimetres
Já do sexo gentil não quer favores:
Indiff'rentes ao gôso e á ventura,
Basta que o mundo os tenha por felizes...
Por mim a dama desdenhosa e bella
Já não procura amores,
Nem de Venus suavissimos deleites,
Mas o gaudio maior, mais lisongeiro
De que os outros a creiam
Cercada de servis adoradores,
De humildosos escravos...»

Ia por diante; mas o deus zangado,
Furioso a interrompe:
—«Basta; o numen d'amor sou eu: não entra
Tam facil em meu reino
Teu sacrilego pé: sobejas vezes
De muitos corações tenho extirpado
Teu petulante vicio.
Em vão esse Hymeneu, que deus se chama
E egual a mim se inculca,
Ousa pleitear commigo:
Os nós lhe quebro que appellida santos,
E em seu templo introduzo
(Embora a testa doa
Aos miseros maridos)
Quem me apraz, quem me segue, e a quem eu quero.
Por mim se egualam desvairadas sortes,
Que as baixas condições uno ás mais altas.
Lidia, a orgulhosa Lidia,
Que a ladainha dos avós empurra
A todo o instante e a todos,
Lidia que nunca ri... c'um tiro as pompas
E as sombras dos avós lhe desfiz n'alma:
Puni-a, fil-a escrava,
Fil-a escrava.. e de quem?... do seu lacaio.
Togas, aureos bastões, borlas, espadas,
Mitras, corôas, toucas e capuzes
Ao meu imperio tudo está sujeito.»

Desdenhosa e sorrindo ouviu a deusa,
E em submissa ironia lhe responde:
—«Pois bem: assim será; não valho nada
No coração das bellas.
Mas expliquem sem mim seu vário peito;
Isso que o mundo appellidou capricho,
Que em sua alma domina,
Dize-me o que é? será sem causa o effeito?
Suas obras tam variaveis, tam confusas,
Com que os amantes pasmam,
Não as decifro eu só, de mim não partem?»

Esquentou-se a questão; de novo os deuses
Pro e contra razões allegam, mostram.
É cabeçudo Amor, ella teimosa...
Não acabavam nunca,
Ficariam na mesma,
Se o meio de findar contendas tantas
Não acordasse á deusa:
—«Prescindamos (clamou) de vans palavras,
Argumentos deixemos;
Vamos a factos, e de nossas armas
Façamos experiencia.»

Sahia a ponto do vizinho bosque
Pastorella innocente:
Alma inda nova, coração ingenuo,
No simples do vestido,
No mal composto dos cabellos louros,
De sobejo mostrava:
Era toda ao pintar para exp'riencia.
Consentem ambos em provar, na bella
E timida pástora,
O podêr de suas armas.
Jurou Amor de dar-se por vencido
Se de seus magos tiros
Podésse defendel-a a Vaidade.

Com lisonjeiro, placido semblante
E com doces palavras,
Tomando-a pela mão, a affaga a deusa;
Pungente frexa Amor no arco imbebe,
E mostrando-lhe a um tempo
Joven pastor que dera inveja a Páris,

FABULAS — E, sem mais Deus te salve ou mais embora, — PAG. 116

(A Saude e a Medicina

O tiro lhe dispara.
Vôa a setta fatal .. mas no momento
Em que lhe toca o peito,
Subito a deusa aos olhos lhe apresenta
No mesmo instante crystallino espelho.
Pasma, extasiada e fixa
A simplice donzella,
O semblante gentil contempla immovel;
Nem um só volver de olhos para o bello
Mancebo lhe escapou.

So riu-se a deusa; Amor de envergonhado,
De corrido fugiu.

Coimbra — 1818

IV

ESOPO E O BURRO

FABULA

A TH. DA SILVA QUINTANILHA

Foi grande tempo, amigo,
Aquelle tempo antigo:
Eram maiores pêras e mellões...
Pois uma melancia?
Por essa casa dentro não cabia.
Bem o mostram as sábias conclusões
Do famoso Gil Braz de Santilhana:
Guardadas proporções,
Se a conta não engana,
Certamente seria
A maçan com que Adão Eva enganou,
Maior do que uma abobora-menina:
E então já bem se atina
Como ella lhe encalhou
No gargallo do pae da humanidade;
Cuja enorme hombridade,
Segundo o mesmo cálculo constante,
Devia ser maior que a de um gigante.

N'esse tempo feliz da Carochinha,
Em que pato e peru, porco e gallinha,
Burros e burras — e o rhynoceronte —
Cabreavam, ahi por esse monte,
Com toda a mais canalha
Que era da sua egualha
Toda essa corja dizem que falava,
Como nós, na sua lingua mistiforio.
Não sei se Deus fez bem no seu decreto
Que a mercê lhe tirou do falatorio;
Pois, segundo mui douto me ensinava
Meu mestre José Vaz, homem discreto
E de saber profundo,
Em toda a sociedade d'este mundo
Por fôrça ha de reger
O famoso *direito de accrescer*.
Accresceu para nós, tristes humanos,
Toda a loquacidade
De quantos bicharrões, bichos, bichanos
D'este universo á grande sociedade
Veiu a perdas e damnos:
E assim vemos falar moços e môças;
Velhos e velhas, sabios e tarellos,
Com vozes finas e com vozes grossas,
O gentio, o christão, mouro e Judeu,
Por quantos cotovellos
Deus e o *direito de accrescer* lhes deu.

N'esse tempo feliz então havia
Em Grecia um corcovado
Que de todo o animal, ave ou pescado
Entendia e falava a algaravia.

Muitas já tinha em grego traduzido
Das famosas comedias.
Altisonas tragedias,
Entremezes chistosos e engraçados,
A que tinha assistido,
Dos bichassos auctores mais falados.
Um dia passeando
Por junto de um ribeiro,
— Talvez algum dialogo pilhando
De bichitos de couve ou formigueiro —
Eis-ahi senão quando
Direito a elle em frente
Orelhudo jumento vem trotando:
E depois de o saudar mui cortezmente
Com uma cavatina
Em notas que nem já Lablache afina,
Findado o ritornello,
Assim o nosso burro,
Em sua lingua asinina
De mui pulido zurro,
Ao corcunda falou,
Quero dizer — orneou:
—«Tenho um favor que te pedir, Esopo:
No apologo primeiro
Que em lingua traduzires da tua gente,
Não me faças tam zôpo
Como, useiro e veseiro,
Fazes constantemente.
Em meus discursos mette alguma graça
E pilherias com sal e com finura,
Que eu, a zurrar, sou forte na chalaça.»

O bom do Esopo olhou para a figura
Do elegante orelhudo,
E com tam destampada,
Tremenda gargalhada
Lhe respondeu ao animal felpudo,
Que elle, de orelha murcha e mui trombudo,
Se foi sem dizer nada.

Do sincero de Esopo quam diff'rentes
Andam certos auctores
Que altisonantes falas farfalhudas
Emprestam a pa'etas gran'senhores,
Excelsos presidentes
De pedantes reaes Academias,
Illustres senadores
Que as cachollas vazias
Inchados ornam de compradas flores!
Quantos ha ahi garraios descarados
Que vão pimpar, sem pejo, pelos pulpitos
Com os sermões espurios
Que aos padres mestres da ordem são furtados!
Quantos vates servís, famosos gansos,
Que, em vis dedicatorias campanudas,
De podres versos ranços,
Na linguagem da *Phenix renascida*,
Vão dar ethica vida
A Zenobias barbudas,
E a Mecenas palhaças
De sabichões da Grecia dão fumaças!

Mas Esopo ficou qual d'antes era,
E o burro, burro estreme;
Mas aos nossos Mecenas sécca e tréme
Na frente o loiro, a hera
Com que venaes poetas
Lhes coroaram as testas de patetas,
Em trovas semsabôres;
Mas os nossos modernos escriptores
Ficam asnos sem sizo
Para os homens de bem e de juizo.

Coimbra — 1821.

V

O MENINO E A COBRA

C'UMA cobra doméstica folgava
Criança innocentinha,
E «Meu bicho» dizia a criancinha;
«Comtigo tam seguro eu não brincava
Se primeiro, o veneno refalsado
Não te houvessem tirado.
Que vós sois muito más, muito ingratonas,
Minhas serpentesonas.
Oh! nunca a tal historia me esqueceu
D'aquelle homem que a cobra achou na rua,
—Talvez fosse avó tua—
E tanto se doeu
De a vêr toda de frio retransida,
Que no seio a metteu
E comsigo a aqueceu.
Que fez a bicha mal agradecida?
Apenas se recobra
A traidora da cobra,
Vae, e zaz!—e mordeu
O pobre homem, que logo da ferida
Venenosa morreu.»

— Bem parciaes, responde-lhe a serpente
São as vossas historias.
O teu homem, que tens por caridoso,
Creu realmente a cobra já finada,
E foi por cubiçoso
Da pelle, que era linda e mosqueada,
Que o teu santinho d'home'-a quiz salvar:
Era para a esfolar.—

«Vae-te» responde em cholera o menino,
«Vae-te, bicho mofino:
Todo o ingrato é ladino
Para se desculpar,
E ao seu bemfeitor calumniar.»

O pae da criancinha, mui contente
Toda esta conversa ouvindo esteve;
E—«Pois, meu filho» disse «honradamente
Julgaste como deve
Todo homem de bem:
Mas é preciso em tudo ser prudente,
E injusto com ninguem.
Ha casos de tam feia ingratidão,
Que a razão
Não se atreve
A crêl-os, sem exame, assim de leve
Raras vezes a ingratos obrigaram
Os que são verdadeiros bemfeitores;
Mas o mundo, meu filho, por desgraça,
Harto está cheio de ruins Mecenas,
De falsos protectores,
Que a detestavel raça
Dos ingratos no mundo propagaram,
Arrastados favores,
Inda menos baratos
Que interesseiras sordidas onzenas,
O que hão de produzir, senão ingratos?

Coimbra—1821.

VI

A SAUDE E A MEDICINA

JÁ tenho, meu Eloy,[1] tudo emmallado;
Fica até no bahu o estro fechado.

[1] O Dr. João Eloy Nunes Cardoso, de Monte-mór-o-Novo, outro amigo velho, e verdadeiro, da Universidade.

Mas ante de partir,
Quero contar-te um conto, que hasde rir
Hontem o encontrei
N'aquelle teu Pignotti tam magano;
E, se em meu portuguez não desbotei
As côres do italiano,
Hasde lhe achar a graça que eu lhe achei.
Vou abrir o bahu, e venha o estro!
Sobre o canhão da bota,
Como dizer se usa,
Farei regrinhas curtas e compridas,
Botas... e esporas tenho já cingidas,
Montarei o Pegáso, que nem trota
Commigo, de esfalfado.
Eu muito descançado
Ahi me vou choitando,
O meu conto contando.
O conto é da Saude e Medicina.
E trata de te rir,
Que, se não ris, serviu-te a carapuça.
É um reles doutor de mula ruça,
Doutor que se amoffina
E não quer consentir
Que a pobre, atormentada humanidade
Se desforre uma vez co'a faculdade.

Jove, esse Jove em Grecia tam temido,
Que imperava nos céus, nos elementos,
Nos raios e nos ventos,
De moda emfim cahido,
O credito perdeu e está falido.
Mas quando elle reinava
Viam-se casos n'este baixo mundo
Que o vulgo parvo assegurar ousava
Desdizerem de seu saber profundo:
E n'este ponto a grega theologia
Por desculpa dizia
Que, ao dar ordem a coisa tam soez
Como é d'esta vida o entremez,
Lhe cáem muita vez
Os oc'los do nariz;
E que n'estes momentos
Tudo o que faz e diz
É asneira—sandice por um triz.
Em um d'estes accessos mazelentos,
Em que de facto, do nariz divino,
E sem elle dar tino,
Tinham cahido os seus oculos bentos,
A' terra nos mandou,
Só para nosso bem, como julgou,
Duas boas divindades companheiras,
Ambas ricas herdeiras
De sua graça divina:
A saber, a Saude e a Medicina.
Na fôrça juvenil tinha uma d'ellas
Ageis e vigorosos
Fortes os membros, cheios, musculosos,
Tintas de côr rosada,
Florída e engraçada
As frescas faces bellas;
E nos olhos tranquillos e gozosos
Tinha a indolencia com a paz pintada.
A outra, de gesto magro e macilento,
Cabello pouco, e o pouco de alvo argento,
Com as faces rugosas descahidas,
As carnes resequidas,
E em circulos de chumbo encaixilhados
Os olhos encovados
Remelosos, vidrados.
Entrançada de malva e de chicoria
Ampla corôa a frente lhe cingia,
Como um splendor de glória;
E a negra sotana que vestia
Rota, e cossado o pêllo, lhe luzia
Com erudita e sábia porcaria.
Aos hombros alquebrados,

Que a muita edade impêna,
Em fórma de capuz, junto ao toitiço
Assim como uns calções esfarrapados
De antigo, velho riço,
E da côr de bandeira em quarentena.
N'um frangalho de tal coisa amarella
Lhe pendia á feição de bambinella,
Não Tosão de Oiro ou a Polar estrêlla,
Vermelho Christo ou roxo San Thiago,
Mas o instrumento aziago...
Certo tubo que todos conhecemos,
Que no lúbrico páo escorregando,
Emquanto vae e vem assim bricando,
Ao nobre oficio serve que sabemos...
Cingida era de em tôrno
A venera pendente
De um magnifico adôrno
De pilulas, lancetas em pingente,
Sinapismos, ventosas,
Com que, a modo de pedras preciosas,
A nova Ordem militar fulgia,
De Esculapio em memoria e honraria.

A este sabio Mentor Jove entregára
Em guarda a bella deusa das rotundas
Bochecbas rubicundas,
E mui severamente
Que em tudo a governasse, lhe mandára.

Eil-as, breve, a caminho:
E a deusa obediente
Submissa e reverente,
A sua mestra seguia
Como ao guardião faria
Um timido noviço, capuchinho.
Mas alguns passos dados,
A magra Medicina
Prega na outra os olhos encovados,
De admiração malina
Franze o sobrôlho esguio,
E tomando-lhe o pulso, em ár sombrio,
Com palavras que ignoras,
Profano vulgo, graves e sonoras,
Disse—«que a robustez já muito athletica
Que lhe achava, a fazia mui plethorica,
E daria em pleuritica ou phrenetica.
Provou-lhe mais com medica rhetorica
Que um excesso mui rude
Soffria de saude;
E para que o morboso estado mude,
E ella possa viver seguramente,
De todo era forçoso
Que tivesse o seu tanto de doente.»
Disse, empunha a lanceta,
Fere um vaso venoso,
E á pobre da pateta
Tres libras de sadio e generoso,
Vermelho sangue puro lhe sacou:
Muito menos a muito já matou!

Mas era a paciente
Tam pouco natural a estar doente,
Que á sua directora vigilante
De melhorar não deu signal bastante.
Pelo que foi gramando ás ordens d'ella,
Nojenta beberagem amarella,
Fedorenta, asquerosa,
Em dóze prodigiosa!...
Tanto, tanto bebeu,
Que a rebelde natura emfim cedeu.
O appetite, o vigor
Iam diminuindo;
E a brilhante côr,
A frescura das faces vae fugindo.
—«Bravo,» gritava a outra em ledo aspeito
«Bravo, que a arte vae fazendo effeito!»

E temendo funesta recahida
Em quanto de uma vez
Não tinha debelada e bem vencida
No morbo a robustez,
Manda avançar as horridas catervas
Dos xaropes, conservas,
Seguros laxativos,
Fortes aperitivos .
Com tal fôrça e podêr, que a desgraçada
Em sua consciencia
De todo em todo se sentiu curada.
Mas com tanta sciencia
Tam eruditamente era tratada,
Por via de tam graves aphorismos,
E agudos syllogismos,
Lardeados de Grego e de Latim,
Que até, morrer assim,
Morrer n'esta doçura,
Morrer tam sabiamente era ventura.
Da nossa boa alumna, por má sorte,
Era estupida um tanto a natureza,
E romba de agudeza:
Graça a mais superfina
Que nos póde fazer a mão divina!
De tam ditosa morte
Não póde comprehender toda a belleza.
Cobrou medo a mofina
Da sciencia divina.
E, sem mais Deus-te-salve ou mais embora,
Desanda-me a fugir, dando á canella
Por esse mundo fóra.
Larga a outra atrás d'ella
A correr. . e correu, e correrá...
Mas nunca a apanhará.
E d'então para cá
Ninguem mais se gabou
De que juntas ou perto as encontrou.
Tal medo uma da outra concebeu,
Que aonde a Medicina appareceu
E logo — n'um momento
Foge a Saude mais veloz que o vento.

Coimbra — 1821

VII

O GALLEGO E O DIABO

Eu, por mim, gósto de contos,
Diga o mundo o que quizer;
E para matar o tempo
Um conto quero escrever.

Matar o tempo é preciso
Aos ignorantes — dirão;
Ao sabio sempre elle corre
Voando, que lento não.

Porêm, amigo censor,
E quem me fez sabio a mim?
Sou eu lente ou academico,
Prégador ou coisa assim?

Verdade e, no Quebra-costas
Minha vez escorreguei,
Fui prêso por Verdeaes,
E á porta Ferrea m...ei.

Mas que doutor fiquei eu,
Se nunca o Martini li,
Se, o que sube da *Instituta*
E do *Digesto*, esqueci?

Sabenças para que servem?
Bruxaria, eu t'arrenego!
Vou-me contar o meu conto;
E o meu conto é de um Gallego.

Era uma vez um Gallego
Boçal, felpudo e lanzudo,
Um Gallego em corpo e alma,
Em chancas, juizo e tudo

Nunca lá das Gallileas [1]
Saíu cabeça tam romba
A alistar-se nas companhas
Dos bravos heroes da bomba.

Melena loira e comprida,
Azeitada e corredia,
Olho azul, pasmado e parvo,
Bôcca aberta, a barba esguia.

Calção de abanante orelha,
Por onde fura o quadril,
Nos pés a fragrante chanca,
Ás costas sacco e barril;

Eis aqui a vera effigie
De Thiago Manuel Juan,
O mais fiel dos gallegos
Que jamais *comieron pan*

Em devoção não falemos,
Que n'isso era exemplar;
Deixára um prato de tripas
Para á missa não faltar.

A miudo ia a confêsso;
E nunca o somno o pilhou
Senão a rezar o terço,
Que—nunca mais acabou.

Em duas ou tres egrejas
Era freguez de *basar*;
O seu barril tinha a honra
De agua benta ás pias dar

Tam devoto, tam modesto
Nunca houve outro Thiago,
Não ha memorias de ouvir-lhe
Nem uma só vez um—*ajo*.

Um dia, á volta das onze,
Cançado de apregoar,
—Era em Julho, que escaldava
Um calor mesmo de assar!

N'uma egreja de Capuchos
O bom do Thiago entrava
E a egreja tam fresquinha,
Que á oração convidava.

Por tendencia natural,
Instincto de chafariz,
Ajoelhou aopé da pia,
Herdeira de seus barris.

Mal se tinha *santiguado*, [2]
Isto é, se persignou,
Um berreiro destampado
Detrás de si escutou:

Era um membrudo Capucho,
Destemido Ferrabraz,
Que a duros botes de estolla
Brigava com Satanaz.

Tinha-se o demo encaixado
No bôjo de uma beata,
E d'alli se defendia
Como de uma casa-matta.

1 Terra de Gallegos, em dialecto escholastico
2 Feito o signal da cruz

Arripiaram se as melenas
A Thiago no toitiço,
Pôz-se-lhe em pé no cachaço
Até o proprio choiriço [1].

Mas o ôlho arregalado
Em ponto de admiração,
Não se atrevia a tiral-o
D'aquella horrivel visão.

Travava a descompostura
Do dize-tu, direi-eu . .
Falava o frade latim
Que nem o demo entendeu.

Satanaz é bom latino,
Ninguem lh'o póde negar:
As syllabadas do frade
Faziam n'o blasphemar.

Grita o frade:—*Abrenunci-ô!*
E o cachôrro do Asmodeu:
«Assim não me deitas fóra:
Dize *abrenún-cio*, sandeu.»

—Latim sabe elle, o maldito. .
Disse o frade aos seus cordões;
Que os frades, como os não usam,
Não falam com os seus botões:

—No Latim me venceu elle,
E não fez grande façanha;
Elle é o Diabo; e eu sou Capucho!
Veremos se o faz na manha.—

Ria o demo ás gargalhadas
Por ter o frade encovado;
E o Capucho, de velhaco,
Dava-se já por cangado.

Mas co'a mão á caldeirinha,
Sem que o pesque Satanaz,
Vae mansinho. . e de repente
Prega-lhe a hyssopada—zaz!

Deu tal estoiro a beata,
Que parecia uma bomba. .
Não era ella, era o demo:
Cheira a enxofre que tomba.

—Eu te esconjuro, maldito,
Brada o frade em portuguez;
(Que não quiz comprometter
O seu Latim d'esta vez)

—Eu te esconjuro, maldito,
Que d'este corpo te vás,
E não tornes a entrar n'elle,
Negregado Satanaz.—

«Vou-me, disse o porco-sujo,
Vou-me embora, Frei Sandeu,
Que me escalda essa agua benta.
Mas para onde hei de ir eu?»

—«Para onde?... E deitando os olhos
A um lado de improviso,
Deu o frade com Thiago
Que rebentava de riso.

Thiago, de um grande medo
Passára a grande alegria;
E, esfregando as mãos no sacco,
Como um perdido se ria.

1 O non-descriptum de trapos e cordagens que o gallego põe no cachaço quando carrega a pao e corda.

Leitor, não te escandalizes;
Que o vêr logrado o demonio,
Até fez perder de riso,
N'um sermão a Santo Antonio.

—Para onde?... repete o frade,
Que me importa a mim, pespêgo!
Vae-te meter, se quizeres,
No c.. d'aquelle Gallego —

Conhecem-se os grandes homens
Nas grandes occasiões:
Thiago, sem mais demora,
Deitou abaixo os calções

E, em menos tempo ainda
Do que o demo esfrega um ôlho,
Já na pia da agua benta
Tinha elle o seu de môlho.

Bate-me quatro palmadas
No rechunchudo de traz,
E diz-lhe: —Agora, sô diabo,
Venha pr'a cá, se é capaz.—

Havre de Graça—1824.

VIII

O CASQUILHO

(JANOTA)

FÁBULA

Quem de Ovidio os contos leu,
Certo inda tem na memoria
A mais curiosa historia
Que elle em seus contos meteu:
—De como Jove indignado
C'uma nação de velhacos,
Para os não fazer em cacos
Os converteu em macacos.
Vendo se assim humilhado,
Veiu o povo castigado,
De contricto coração
A pedir perdão
Ao deus que fulmina o raio e o trovão.

Fazendo caretas, ganindo e guinchando
Lhe vinham bradando
Em mona e bugia:
—Restaura-nos, o padre soberano,
O antigo vulto humano
Co'a perdida razão.—

O Tonnante, a quem passado
Era o primeiro furor,
Dos bugios ao clamor
Prestou ouvido apiedado;
Mas do macaco requerimento
Não despachou senão ametade,
E o resto a deidade
Mandou dispersar nas azas do vento.

Mal o aceno omnipotente
Trôou na celeste abobeda,
A monaria contente
Se ergueu altiva, impavida:
Toda se empavesou
E repimpou;
E como gente
A andar por esse mundo se deitou,

O pêlo esfarripado,
Que as cabeças té'lli lhes ouriçava,
Em lindos caracoes se debruçava
Agora pelo rosto transmudado.
Não mudou por dentro o caco,
Que ficou sempre macaco;
E a cara por fóra
Tambem não mudou muito do que fora
Os mesmos focinhos,
As mesmas caretas,
E os parvos risinhos
E as fôfas e as tretas.

Assim meio mudados, meio não,
Lhes fez o padre Jove um bom sermão,
E lhes mandou tomar
Ao pé da raça humana o seu logar
O homem com desprêzo o bicho olhou,
Nem siquer nome para dar-lhe achou;
Mas a mulher gostou
Da tal farofia de apparente brilho,
E á *coisa* pôz o nome de—CASQUILHO

Londres—1829.

IX

OS AMANTES GENEROSOS

CONTO

A J. LARCHER

Pois os mimosos sons da branda musa
Do tam Gentil Bernard, na patria lyra
Queres ouvir suave modulados.
E em luso trajo disputar-se um beijo
De Tempe os generosos amadores,
As cordas ferirei por comprazer-te,
Cortar-lhe-hei galas dos pastores nossos;
Na lingua de Camões, se posso tanto,
Virão aqui a suspirar de amores;
E os eccos d'estes valles mais sinceros
Te dirão suas falas namoradas.
Tu, que és meio francez, meio germano,
Que á meiga Leshouliers canções tam finas,
Que a Gesner mais singelo ouviste o canto
Na propria avena de seus tons cantado,
Se os teus pastores nas ribeiras nossas,
N'estas suaves margens do Mondego
Vires diff'rentes, demudada a graça,
E alternando sem arte a cantilena
Que em seu patrio idioma foi tam bella,
A ti só, que o quizeste, imputa o êrro,
Nem acoimes á lingua tam formosa
O desprimor e as faltas do poeta.

Junto aos valles de Tempe, amena estancia,
Mansão querida de Pomona e Flora,
O joven Hylas, Egle inda mais joven,
Ambos loucos de amor, o amor se occultam.
A um terno olhar suas falas se limitam,
Sua chamma constrangida não se exhala:
O innocente pastor falar não ousa,
Nem, que falasse, a simples o entendêra.
Mas tarde ou cedo, se o desejo a inflamma,
Amestram a innocencia amor e a edade.
Tirou-os d'este nada em que jaziam
O acaso um dia. A' sombra da espessura,
Tam bella, ou mais que amor, Egle dormia,
Hylas a encontra, e os olhos namorados
Para admiral-a não lhe bastam ambos.
Venus, exclama: eu tibio em teu serviço
Ouso implorar-te: dá-me que estes labios,
Em quanto aqui na relva Egle descança,
Possam nos seus colher suave beijo.
E eu te juro, ó divina Cytherea,
Que em trôco lhe darei dois mansos pombos
Muito mais lindos que os que tens em Chypre.»

O voto fez-se; o beijo foi colhido:
Fingido somno aproveitou á bella,
E, á noite o preço recebeu do voto.

Veiu outro dia, e Égle a dormir sempre...
Mas não dorme o pastor:—«Deus dos amores,
Vês alli quanto adoro n'este mundo.
Ah, de tanta belleza, tantas graças
Consente que uma só eu gose ao menos.
Se eu podesse—sem que Égle o presentisse,
Sob o lenço invejoso ir co'a mão trémula
Tocar n'aquelles candidos thesouros,
Dar-lhe-hia pelo roubo—tam secreto!
O cordeirinho que entre os meus mais quero.
Oh! adormece, amor, Egle formosa!»

O mais profundo somno Hylas encontra.
Viu, tocou, apalpou, beijou cem vezes
O seio d'Égle, que retem manhosa
Até o respirar, e a somno sôlto
Mais dormia... quanto elle mais velava.

Custou-lhe no outro dia a vir ao bosque,
Timida ainda e vergonhosa a bella;
Mas veiu emfim .. Foi só curiosidade,
Tinha curiosidade—era o que tinha—
De saber que presente aquelle dia
Lhe faria o pastor; veiu. Após ella
Hylas veiu tambem:—«Eternos deuses,
Aqui a encontro! Oh! concedei-me agora
Um último favor, que nos seus braços
Eu gose emfim dos seus encantos todos.
Ah! vós bem o sabeis: eu nada tenho,
Mais nada do que o meu cão—e dou-lh'o.»

Oh que pesado somno Égle dormia!
E é bem de crêr que o instante em que o mancebo
o extasi do prazer fechára os olhos,
Os lindos olhos d'Égle não se abriram.
Mas o sonho acabou .. e despertaram.
O pastor embrenhou-se na espessura
E o cãosinho fiel ficou co'a bella.

Encontraram-se á tarde, envergonhados...
A pastora córou, elle suspira...
Sós se achavam, sem medo, sem receios...
Ao amante acordada Égle se entrega,
Acha mais doce não dormir agora,
E toda a embriaguez do amor conhece:
Quantos dons do pastor Égle recebe,
Com dulcissima usura os restitue.

Mas as antigas dadivas pesavam
A' pastora gentil:—Sei que te devo
Duas pombinhas que uma vez me déste.
E se me ellas fugirem! vivo sempre
N'este receio! Toma-as lá, e o preço
Que por ellas te dei tambem m'o torna.—
Surriu-se o joven, e pagou as... ambas.

Um momento depois o cordeirinho
A pastora lembrou: —Tanto te quero,
E heide-te privar do que mais amas?
Tam bonito! era a tua companhia,
Comia-te nas mãos! Nada, não quero,
Recebe-o, que t'o dou.—E o cordeirinho
Foi restituido.— O cão só lhe restava:
Novas razões, e emfim ordem por fôrça
De acceitar outra vez o seu rafeiro:
—Não tens mais que um, é o guarda do rebanho,
Recebe-o, doce amante, e ainda em cima,
De fóra parte te heide dar um beijo.
Eu não quero mais dadivas, querido;
Com o teu coração estou contente.—

Oh! taes dons para dar custaram pouco,
Mas o preço da entrega era dobrado...
O pastor affroixou, negocio serio
Veiu porfim a ser o tal brinquedo.
Ao pé de Égle acordada Hylas dormia...
E ella, que mais pretextos já não tinha,
A suspirar dizia tristemente:
—Não me dar elle todo o seu rebanho!—

Coimbra — 1821.

SONETOS

I

PORFIA DE AMOR

D'EMTORNO á arvoresinha que murchára
Se affadiga o cultor esperançoso;
Envisca as varas caçador teimoso,
Armando ao passarinho que escapára;

Porfiado rompe com a dextra avara
As entranhas da terra o cubiçoso;
Sua co'a bomba o nauta pressuroso
Por estancar a náo que lhe arrombára.

Mas larga cada qual desesperado,
Quebra furioso o inutil instrumento
Se o contínuo trabalho vê baldado.

Só eu, com desenganos cento e cento,
Só eu, por Délia sempre desprezado,
Teimo cada vez mais no meu tormento

Angra — 1814.

II

CAMÕES NÁUFRAGO

CEDENDO á furia de Neptuno irado
Sossobra a náo que o gran'thesouro encerra;
Lucta co'a morte na espumosa serra
O divino cantor do Gama ousado.

Ai do Canto mimoso a Lysia dado!...
Camões, grande Camões, embalde a terra
Teu braço forte, nadador afferra,
Se o Canto lá ficou no mar salgado.

Chorae, Lusos, chorae! Tu, morre, ó Gama,
Foi-se a tua glória... Não; lá vae rompendo
Co'a dextra o mar, na sestra a lusa fama.

Eterno, eterno ficará vivendo:
E a torpe inveja, que inda agora brama,
No abysmo cahirá do Averno horrendo.

Angra — 1815.

FABULAS — Venha p'ra cá, se é capaz. — PAG. 119

(O Gallego e o Diabo)

III

A UMA FEIA COM LINDA VOZ

Quando Orpheu pela espôsa suspirada
Desceu co'a maga lyra ao reino escuro,
Encantado Plutão ferrenho e duro
De júbilo exultou na atroz morada

—Furias, clamou, e turba condemnada,
Quero tudo a cantar; do mais não curo.
Ralhe Jove ou não ralhe, eu voto e juro
Que não heide ouvir mais esta assuada.—

Eis empunhando o açoite crepitante,
Rege Megera o condemnado côro,
Cantando em doce voz pura e tocante.

Ah! quando te oiço, ó N·y, o som canoro,
E arrebatado attento em teu semblante,
Um milagre de Orpheu no Averno adoro.

Lisboa—1816.

IV

Suffoque as iras, cale e sinta e gema.

Se de uns olhos gentis, de um gesto brando,
D'um sorrir desdenhoso ennamorado,
Emprega o triste amante o seu cuidado
Em quem das leis de amor se vae zombando;

De tormento em tormento variando,
Té o proprio queixume lhe é vedado:
Ri-se a bella do mal que lhe ha causado,
Dos ferros mofa que lhe vae forjando.

Pene emtanto o infeliz, suspire ao vento,
Té de que o saiba a perfida se tema,
Não lhe assome no labio um só lamento,

E ao som da ferrea, da cruel algema,
Martyr de seu inutil soffrimento
Suffoque as iras, cale e sinta e gema.

Porto—1817.

V

É dos olhos gentis da minha amada.

Um prodigio de encantos, de belleza
És, ó mãe dos ternissimos Amores,
Que em teus labios, seus aureos passadores
Hervam, seguros de acertar a prêza.

Fulge em teus olhos divinaes accesa
A tocha dos desejos seductores;
Em ti de seus esmeros, seus primores,
O thesoiro esgotou a natureza.

Mas oh, por mais que a arte divina estude,
Não te dá da innocencia a flor nevada
Que se não finge, nem fingida illude!

Esse dom virginal que tanto agrada
É só mimo da candida virtude,
É dos olhos gentis da minha amada.

Porto—1817.

VI

Nas froixas, debeis azas da saudade.

Esses muros que amor, razão despreza,
Que ergueu do fanatismo a voz trovosa,
Deixa, ó Nise gentil, deixa-os, vaidosa
De escutares a voz da natureza.

Crê no teu coração; não é fraqueza
Fugir aos males para ser ditosa:
Já nos meus braços a ventura anciosa
Espera, com amor, tua belleza.

Vem, não oiças conselhos fementidos,
Ouve amor, a razão, a liberdade,
E a virtude e o prazer verás unidos.

Farás minha cabal felicidade,
Nem teus votos verás sempre perdidos
Nas froixas, debeis azas da saudade.

Porto—1817.

VII

O CAMPO DE SANT' ANNA

Longe, hypocritas vis, longe, impostores,
O mentido apparato religioso!
Que um Deus de amor, o nosso Deus piedoso
Abomina, detesta esses horrores.

De atrozes Leis cruentos guardadores,
Vós curvaes ante o Despota orgulhoso,
E o sangue da patria precioso
Torpemente vendeis por seus favores.

Geme sem protector a humanidade:
E vós, juizes, vós, tigres humanos,
A immolaes sem remorso e sem piedade.

Ah! tremei, sanguinarios deshumanos;
Que ella hade vir, tremei, a Liberdade
Punir despotas, bonzos e tyrannos.

Coimbra—1817.

VIII

Virtude sem prazer não é virtude.

Deixa, eu t'o rogo, deixa, Annalia minha,
Duros preceitos de moral sombria;
Fingiu-os a traidora hypocrisia
Que detrás d'elles, a zombar, se aninha.

Leis de tartufos, invenção damninha
Que protege a impostura e o vicio cria,
O egoismo as dictou, funesta harpia
Que as horas de gosar nos amesquinha.

A mão da natureza, a mão sublime
O gran'sêllo forjou na eterna incude
Com que o signal de falsas lhes imprime.

O coração m'o diz, que não illude:
Crime sem dor, Annalia, não é crime,
Virtude sem prazer não é virtude.

Coimbra—1818.

IX

A FLOR SECCA

Vae, flor gentil, vae prenda suspirada,
Doce mimo de amor terno e fagueiro,
Vae, que elle mesmo grato e prazenteiro
Elle te hade levar á minha amada.

Cumpre a que ella te impoz, que é lei sagrada:
Se mudada te achar, sem côr, sem cheiro,
Se o viço, a gala do verdor primeiro
Em tuas pallidas folhas vir crestada,

Diz'-lhe que mais que a ti, mais me queimara
O intenso ardor d'aquella saudade
Que a ambos n'este estado nos deixara.

Oh! se um benigno influxo de piedade
De seus formosos olhos te o valhára...
Qual de nós ambos reviver não hade?

Porto—1819.

X

A CERTA TRAGEDIA

Mil parabens á Musa portugueza
Que do padre José fulgiu na penna!
Cae a velha Melpómene da scena,
Foi-se a Tragedia grega e a franceza.

Sóphocles poz-se a dar voltas d'Andreza,
Euripedes está de quarentena,
Corneille endoudeceu de inveja e pena,
Crebillon foi queimar o Atreu e a mesa;

Racine professou nos Mariannos,
Voltaire está a leites de jumenta,
Alfieri vae fazer sonetos de annos.

Victorioso o padre a *Branca* ostenta;
Só por vencer lhe restam dois maganos...
Mas temiveis rivaes—Paiva e Pimenta.

Coimbra—1819.

XI

MARIA E CAROLINA

Que hade brindar á amavel Carolina
Pelos seus annos a gentil Maria?
Tam franca de seus dons, ao dar-lhe o dia,
Não deixou que outorgar-lhe a mão divina.

Qual de ambas póde haver offerta dina
De quantas liberal natura cria?
Que gera o loiro sol ou que allumia
Que encha os desejos d'alma peregrina?

A amigas taes, ao par que me enamora
Já não tem que lhes dar a humanidade,
Por mais que seus thesoiros aprimora.

Amor, divino amor, doce amizade;
Numes do coração, valei-me agora:
Dae-lhes, pois deuses sois, a eternidade.

Porto—1819.

XII

SAUDADE

Seculos são, na vida que enfastia,
Estes dias de exilio amargurados;
Um por um, mágoa a mágoa, vão contados
Em lenta e cruelissima agonia.

Oh! roubemos-lhe ao menos este dia,
Ao padecer que todos trás roubados;
Sejam pela amisade consagrados
Ao casto amor instantes de alegria.

Tem prazeres tambem a desventura:
A propria carrancuda adversidade
Sorri co'a esp'rança que lhe luz futura.

Vem, amigo, no seio da amizade
Festeja a espôsa, sonha co'a ventura
Que um dia hade matar tanta saudade.

Londres—1828.

NOTAS ÁS FABULAS E CONTOS

Nota A

Um tal poeta lá da lua terra
Que faz *Orientes* e baptiza *Gamas*. .... pag. 109

Este verso, e um Soneto, que é o X na collecção do presente vol., são as duas unicas debilidades em que cahi mostrando má vontade satirica ao bem conhecido Padre José Agostinho de Macedo, homem de estudo e talento, mas o mais atrabiliario escriptor que ainda creio que tivesse a lingua portugueza. O rancor que toda a vida professou a quantos professaram as lettras no seu tempo, uma inveja impropria de talento tam verdadeiramente superior, o arrastou a desvarios que deslustraram o seu nome e mancharam a sua fama. Nem o furioso e sanguinario que foi em seu partido, nem a perseguição politica de que a mim proprio me fez victima, poderam mover-me a desacatar n'elle o homem de lettras que todavia honro ainda. Sei que no A. do RETRATO DE VENUS, no redactor principal do PORTUGUEZ, elle perseguia principalmente o ainda mais odioso A. do poema CAMÕES. Todas as suas offensas porém foram só politicas; litterariamente não me aggravou jámais. Perdoe-lhe Deus como lhe eu perdoei sempre. A posteridade não lhe perdoará decerto a sua stulta rivalidade com o auctor dos LUSIADAS: foi a essa que os versos annotados alludiram. Queimava-os se fôra a outra coisa. Meter as lettras nas nossas questões politicas e nas mesquinhas e soezes paixões individuaes que d'ellas nascem, é para a baixa villania dos *insultadores publicos*, despreziveis rans do charco stagnado da intriga que nem sequer para si coaxam, mas para quem os faz coaxar por sua conta.

Nota B

Conto academico.................................. pag. 110

Este conto é uma verdadeira gaiatice de estudante de Coimbra, que despede chufas á direita e á esquerda como pancadas de cego. Se o Diccionario da nossa Academia ficou no *Azzurrar*, a collecção de suas preciosas Memòrias cantou bem alto e sonoro: muito receio que fôsse cantar de cysne!

Nota C

O famoso direito de accrescer........................ pag. 115

O direito de *accrescer* é o que em qualquer sociedade resulta ao todo dos socios da renúncia tacita ou expressa que de seu quinhão faz um d'elles. No meu primeiro anno da Universidade era a explicação d'este romanismo um dos pontos mais graves do curso de Direito.

Nota D

O menino e a cobra................................ pag. 116

E' imitação esta fábula de uma composição alleman do seculo passado, não me lembra de que auctor.

Nota E

A Saude e a Medicina................................ pag. 116

Imitação, e quasi traducção em múita parte, da fábula de Pignotti do mesmo nome.

Nota F

Fui preso por Verdeaes.............................pag. 117

Até a côr das fardas dos archeiros da Universidade mudaram os fomentadores de 1834-5. Dizem que os pintaram de azul! Não tenho ânimo de ir a Coimbra, nem olhos com que tal veja. Os verdeaes azues! Que reforma!

Nota G

O Casquilho...................................... pag. 119

Imitação de um apologo inglez, cujo auctor me não lembra tambem.

SONETOS — **Nota A**

A certa tragedia................................... pag. 124

Vej. a nota A das Fábulas

ODES ANACREONTICAS

COMPOSTAS E OFFERECIDAS AO SR. FRANCISCO JOSÉ HOMEM RIBEIRO

Por J. B. S. L.

SEU MENOR CREADO

GRACIOSA (ILHA)

DEDICATORIA

Amei, senhor, é verdade,
Fui amado, podes crel-o;
Mas Venus, ferina Deusa,
Me tirou todo meu bem.
Auzencia, cruel auzencia
Minha Lilia me roubaste:
De Venus a companheira,
Por esta Deusa mandada,
Meu amor desunir veiu,
Roubou-me Lilia formosa!
Mas, senhor, eu te importuno
Eu volto já ao sentido
Estes versos desgraçados,
Partos da minha paixão,
Em tempos de mais ventura,
Vão buscar o teu amparo,
Em ti nome vão buscar.
Senhor, lê-os com piedade,
Consente magua e ternos
Suspiros de um terno amante
Ah, senhor, que importa grite
No peito razão forçosa?
Ao vêr-se um rosto galante
Que importa gema a razão?

ODE 1.[1]

Um dia, sonhando,
Vi o Deus vendado,
Que assim me fallava,
Com o rosto irado:

—Escolhe, mortal,
De dois um tormento
Morrer ou soffrer
Ciume um momento

Se a morte é cruel
Para um peito amante.
Mais fero é o ciume,
Cruel, penetrante.

«Oh! antes mil mortes,[2]
Disse eu ao Vendado,[3]
Que em tristes ciumes
Viver traspassado.»

Eis, subito acordo,
E, não te avistando,
O' vida d'esta alma,[4]
Fiquei suspirando.

Então conheci
Que a morte do amante,
E' quando da vista
Seu bem é distante

ODE 2.ª

A loura Venus,
Paphos deixando,
Assim clamava,
De quando em quando:

— Filho, aonde estás?
Quem viu Cupido?
Filho, aonde estás?
Perco o sentido.

1 Ciume n'um canto.

2 Antes mil mortes
3 Disse ao Vendado
4 Vida d'esta alma

Quem m'o trouxer
Co'as mãos atado, [1]
Eu lhe prometto
Premio avultado.

Um doce beijo,
Terá qualquer
Da branca Venus,
Se m'o trouxer.—

Louro Josino, [2]
Que isto escutou,
«Inclita Deusa,
Assim falou:

«O premio venha;
Que o teu Cupido,
Lilia nos olhos
O tem 'scondido.

— Lilia! diz Venus,
Lilia! Josino!
Quando a nomeio
Té perco o tino

Inda é mais bella
Do que eu, que queres?
É Lilia tua [3]
Se m'o trouxeres

Beijos? Tua Venus
Ella t'os dê,
Pois que lhe cede
Todo o que a vê.

ODE 3.ª

Cara Lilia, quem duvída
Seres tu d'esta alma a vida?
Sim, meu amor,
N'este meu peito
Vives, de Jove
Inda a despeito

O nosso tão puro amar
No mundo não é vulgar,
Não. Todos amam; [1]
Ai! mas ninguem [2]
Sabe os preceitos
Do querer bem.

De nós fuja amor impuro:
Quando um amor não é puro
Passa a torpeza,
Perde o esplendor,
E logo deixa
De ser amor

Insensatos só profanam
Terno amor: quanto se enganam!
As graças fogem,
Fogem-lhe os risos,
A fama perdem
De amantes lisos.

Amemo-nos, Lilia cara,
Apesar da mais amara
Contradicção
Do Deus cruel,
Té contra o vento
Corre o baixel.

Olha como desce Hym'neu
Do sacro côro do céu,
E os corações
Nos vem ligar,
E os ternos peitos
Incendiar.

Lilia gentil, meu bem,
Se amor unidos nos tem,
Esta ventura
Não a percamos,
Em quanto em cinzas
Nos não tornamos.

ODE 4.ª

Lilia, é por certo
Grande loucura
Querer amar
A formosura. [1]

Só por lhe vêr
Faces formosas,
Rosto galante,
As mãos mimosas.

Amor brutal
Só na apparencia;
Pois de paixão
Passa a demencia.

Lilia, és formosa,
Bem o conhece
O teu Josino;
Mas não merece

Dote do corpo
Minha paixão;
Amo-te, sim,
Não em razão

De formosura;
Mas por te vêr
Alma capaz
De bem querer.

1 Com as mãos atado
2 O louro Josino
3 Será Lilia tua
1 Todos amam
2 Mas ninguem

1 A uma formosura

ODE 5.ª

Cupido, cruel Cupido!
Assim ouvia aos pastores,
Sem me atinar o sentido,
O que era amores.

Ouvia de amor falar
Com susto, temor e espanto;
Mas nunca pensei obrar
Seu poder tanto.

Quando um dia em que cansado
Da caça, me recostei,
Me off'rece o fronteiro prado!..
Céus! que avistei!?

Sinto abrazar-se me o peito,
Estalar-me o coração,
E sem razão nem conceito,
Clamei então:

— Eis o fatal, triste dia,
Em que conheço Cupido;
Lilia, Lilia, assim dizia,
Perco o sentido.

N'isto Lilia me apparece,
E com o rosto choroso,
Como quem se compadece:
— Oh! horroroso

Que te é o nome de amor!
Eu te prometto, Josino,
Nunca esfriar meu ardor:
Recobra o tino!

— Surjo do lethargo então,
E conheci que Cupido
Faz a sua (maganão!)
Sem ser sentido.

ODE 6.ª

Aquella Deusa,
Que na esphera luminosa,
Qual astro fulge,
Resplandecendo airosa.
Mãe dos Amores,
E do oceano filha,
Que, na azul concha,
Entre as Nereidas brilha.
Apenas viu,
Sorrir Lilia formosa,
Que desatando
O cinto, leda, mimosa,
Lh'o põe no collo,
— Não te é, não te é, diz, preciso
Para attrahir,
Basta-te só um sorriso, [1]
Um gesto basta;
Mas toca-te, ó Nympha pura,
Como tropheo,
D'essa tua formosura; [2]
Pois que 'té Venus
Já te cede de gostosa,
Leda, dizendo
Que inda és mais formosa.

[1] Basta-te um sorriso

[2] De tua formosura

ODE 7.ª

Vinde, prazeres,
Que andaes brincando
Por entre as flores,
Despidas graças;
Vós, que, dansando,
Trinaes alegres
Doces canções;
Deusa dos gostos
Do amor, ó diva,
Dos teus filhinhos
O bando ajunta,
E vem nas azas
De almo favonio
Dar luz, dar força
A meus louvores.
Da meiga Lilia
Cantar pretendo
Natal ditoso;
Tu, por clemencia,
Deidade, inspira
Teu fiel cultor,
Faze mereça
Minha aurea lyra
Ternos sorrisos
Candido amor.

ODE 8.ª

Lilia, teus olhos
Gentis, tentadores, [1]
Unico repouso
São dos meus amores;

São esses teus labios [2]
Labios formosos
Onde se saciam
Desejos sequiosos.

A mi' vistas cegam [3]
Teus subtis cabellos.
E rendidos ficam [4]
Todos só de vel-os. [5]

Melindrosos dedos,
Alvos, se não rendem
Aos de Minerva;
Mil vontades prendem:

[1] Gentis, buliçosos
[2] São os teus labios
[3] Mil vistas cegam
[4] Rendidos ficam
[5] Todos de vel-os

Teus bellos costumes
Fomenta a candura,
A razão c'os brandos
Risos se mistura.

Formoso composto,
Que obrou a brilhante
Virtude e bellesa,
Alma rutilante.

ODE 9[illegible]

Tu podes acaso,
Franzino, contar.
Esses grãos de areia
Que cercam o mar

Contar poderás
As flores galantes,
Douradas espigas,
Estrellas brilhantes

Pois se isso não podes,
Não podes tambem
Contar as bellesas
De Lilia meu bem.

PARTE II — PERIODO ROMANTICO

FLORES SEM FRUCTO — FOLHAS CAHIDAS
POEMAS: CAMÕES — D. BRANCA — ADOZINDA
ROMANCES RECONSTRUIDOS (BALLADAS)

LYRICA

III

ADVERTENCIA

Das poesias lyricas do auctor de *Camões* e de *Dona Branca*, o público pouco mais possue do que a collecção impressa anonymamente em Londres em 1829 com o titulo de *Lyrica de João Minimo*. Ou não a conhecia, ou não lhe conhecia o auctor, a *Revista Estrangeira* de Londres quando, em 1832, lamentava não ter visto os ensaios poeticos do nosso insigne escriptor, a quem principalmente avaliou como a critico e historiador litterario. [1]

Achando-se extincta, ha muito, aquella edição, tratámos de a reproduzir conforme o promettido no programma d'estas obras: e tendo recorrido ao auctor, que a reviu e augmentou, e coordenou mais regularmente pela ordem dos tempos, houvemos d'elle juntamente a presente collecção, que é o complemento e continuação d'aquell'outra; pois que a *Lyrica de João Minimo* é a escolha das composições lyricas do Sr. Garrett desde seus mais tenros annos, começa em 1815, termina em 1823, isto é, dos dôze aos vinte, vinte e um annos do nosso auctor; e o presente livrinho comprehende tudo o que elle julgou dever deixar publicar do que tem escripto no mesmo genero d'aquelle anno em diante.

Feita esta preciosa acquisição, pareceu-nos que os desejos do público seriam melhor satisfeitos começando por ella a imprimir desde logo, e deixando a collecção antiga, já mais conhecida, para o depois.

Resta-nos dizer que, pela nova e melhor ordem que agora levam as collecções, duas ou tres peças que andavam, por incorrecção de datas, na *Lyrica de João Minimo*, tiveram de passar para a presente collecção, assim como n'aquell'outra se foram collocar muitas que lá faltavam.

Lisboa, 10 de Junho
1844

[1] *The Foreign Quarterly Review*, october 1831, pag. 467.—Ahi é censurado o collector Fonseca por não ter inserto no PARNASO LUSITANO algumas das primeiras composições do Sr. Garrett, cujo *Resumo da Historia litteraria de Portugal* vem á frente d'aquella collecção, Paris 1826.

FLORES SEM FRUCTO

Em quanto fui poeta affrontei-me que m'o chamassem; hoje tenho pena e saudade de o não podêr já ser. Era uma viciosa vergonha a que eu tinha, porque não ha melhores nem mais nobres almas que as dos poetas: agora o conheço bem, desde que o não sou, e que sinto as picadas das más paixões e dos acres sentimentos da baixeza humana avisarem-me que está commigo a edade da prosa; — como ao que teve folgazan e solta mocidade o avisam os primeiros latejos da gotta de que lhe está a velhice a entrar em casa.

Dieta, regularidade e moderação prolongam a juventude do corpo; mas quando a alma chegou a enrugar-se, não ha hygiene que a desfranza. A minha está velha; e a todos os achaques da velhice, junta essa fatal e matadora saudade do passado. Quanto dera eu por ver e sentir como via e sentia quando pensava pouco e sentia muito! Quem me dera ser o louco, o doido, o poeta que eu tinha vergonha de ser! E de que me serve a reflexão, a experiencia, a razão como lhe chamam, senão é para ver de outro modo as illusões da vida, para as ver do lado feio, torpe, baixo e vulgar, quando eu as via d'antes esmaltadas de todas as côres do Iris, bellas de toda a poesia que estava na minha alma, grandes de todas as virtudes que eram no meu coração!

Ora pois! não sou já poeta: podem-me fazer «almotacé do meu bairro», quando quizerem. Forte semsaborão ganhou a patria! E custou: que levaram muito tempo e muito trabalho para me despoetizarem; foram precisos annos de rudes luctas, centos de desenganos, milhares de desapontamentos para me fazerem conhecer o mundo tal como elle é, os homens, como elles são. Cheguei emfim a isso, e deixei portanto de ser poeta. O meu horto de flores tam queridas e mimosas, que não davam fructo, mas alimentavam a vida com seus aromas de benefica e nutriente exhalação, que eram como aquelloutras flores de que disse Camões:

> Contam certos auctores
> Que, junto da clara fonte
> Do Nilo os moradores
> Vivem do cheiro das flores
> Que nascem n'aquelle monte.

o meu horto vou plantal-o de luzerna e beterrabas. E arranquemos estas *flores sem fructo*, não as veja algum utilitario que me condemne de relapso, a ir, de carocha e sambenito poetico, arder n'algum auto-da-fé que por ahi celebrem em honra de Adam-Smith ou de João Baptista Say, ou dos outros grandes homens cuja sciencia é como a do Horatio de Shakespeare que não vê «mais coisa nenhuma entre o céu e a terra do que as que sonha a sua philosophia.»

Não as colhi pois, arranquei-as, estas pobres flores que aqui enfeixo n'uma triste e última capella para deixar dependurada na minha cruz; e ahi murche e seque ao suão ardente do deserto em que fica, até que me venham enterrar ao pé d'ella, aqui onde eu quero jazer junto das ultimas recordações poeticas da minha vida, dos ultimos sonhos que sonhei acordado, e que valem mais do que todas as realidades que depois tenho visto.

E não cuides, amigo leitor, que eu quero dizer n'isto que não fiz senão versos atégora, que não farei senão prosas d'aqui em deante. Por meus peccados, fiz mais prosas que versos, e ajudei a gastar com ellas a mocidade da minha alma e a frescura do meu coração; baixei de sobejo ao mundo das realidades, quando tinha azas para me remontar ao ideal, e pairar-me pelas regiões onde viçam as eternas flores do genio. Fiz, quando não devia, fiz prosa em annos de versos. Quem sabe se a stulta vaidade que m'o fez fazer então, me não levará tambem para o diante a fazer versos em annos de prosa?

Não é minha tenção, mas não o juro; que isto de ser poeta é como ser embarcadiço; um dia aperta a vontade, comem os desejos por tal modo que se vae um homem por esses mares fóra, e só no meio do temporal se lembra de que já não é para similhantes folias.

Isto porêm que nasce espontaneo d'alma, que vem, como ejaculação involuntaria de dentro, quando trasborda o coração de jubilo ou de pena ou de admiração; isto que é o falar do homem para Deus n'aquellas phrases incoherentes, inanalysaveis pelas grammaticas humanas, porque são reminiscencias da lingua dos anjos que elle soube

antes de nascer; isto que se entôa e se canta no coração, antes e muito mais bello do que o repita a lingua, d'esses versos não tornarei eu a fazer, porque não posso, porque era mister que Deus fizesse o milagre de me remoçar a alma: e não o fará.

São pois estas quasi absolutamente as últimas coisas lyricas que, por vontade e auctorisação minha, se publicarão d'entre tantissimas que fiz e que, pela maior parte, tenho destruido. Não faltará quem diga talvez que melhor fôra que o fizesse a todas. Mas não é essa a opinião nem a vontade das maiorias que consultei. E já se vê que, segundo a moda dos tempos, eu consultei as minhas maiorias, e não fiz caso das outras: ás quaes todavia — e não á moda do tempo — deixo o direito salvo para ralhar livremente e como quizerem.

Já se vê bem assim o porque ponho este titulo de FLORES SEM FRUCTO á pequena collecção de poesias que aqui vae. Nem todas são de primavera estas flores; ha de várias estações: fructo é que nenhuma deu. Deixariam de ser flores poeticas se o dessem.

O nosso Miguel Leitão chamou á sua *Miscelanea*, *Ensalada de várias hervas* — e esse principe allemão que é tanto moda, e que escreve com tam desgarrada elegancia, pôs a uma das suas collecções de rhapsodias criticas o titulo italiano de *Tutti-frutti*, que significa o mesmo quasi. E não cuidem que este principe que cito com ser principe prussiano tambem, é o aventureiro que aqui andou ha dous annos a rabiscar semsaborias a respeito da nossa terra, mettendo para o sacco toda quanta calumnia e mentira lhe deram os estrangeiros e estrangeirados que nos devoram e detestam, para as espalhar depois pela Europa, afim de que o mundo diga: «Muito favor lhe fazem os oppressores d'aquelle bruto e estupido Portugal em o governarem a pontapés e lhe tirarem o último cruzado novo de que elle não sabe usar!»

Bemdita seja a nobre e generosa princeza que tratou o bandoleiro como elle merecia, e que não tolerou deante de si o calumniador de sua familia e da nação que a adoptára! Assim fizessem os outros!

Não senhor; *Semi-lasso*, auctor de *Tutti-frutti*, é outra casta de principe: talvez o tratassem mal aqui se elle cá viesse. E não me peja de seguir o seu exemplo de longe, escolhendo o titulo que escolhi para esta miscelanea de reminiscencias poeticas.

Mas nem sómente são de várias estações, são tambem de várias e mui desvairadas especies estas flores. Ao pé do acantho da lyra antiga, vae o trevo e o goivo que enramavam o alahude romantico; o nardo, a mangerona e a mesma rosa da Palestina ousaram crescer entre o loto e os myrtos da Attica: e não em jardim symetrico, riscado a regua e compasso como os do seculo passado, mas de paizagem livre em que se aproveitaram os descuidos e accidentes da natureza e do terreno.

Algumas poucas peças politicas leva esta collecção; e d'ellas ha que nem eu já entendo bem; tanto mudaram em tam poucos annos, circumstancias e pessoas que a inspiraram. Mas não as podia tirar de um livro em que vae consignada a maior ou melhor parte das minhas sensações poeticas em toda uma epoca, e essa a mais aventurosa, a mais cheia e mais importante da minha vida.

Novembro 3 — 1843.

FLORES SEM FRUCTO

LIVRO PRIMEIRO

I

HYMNO Á POESIA

Præsidium et dulce decus meum.
HORAT.

Oh meu amparo, oh doce gloria minha,
Tu com quem me achei sempre,
Na desgraça, na mágua e nos pezares
Para me consolar;
Que me dás voz, suspiros, desaffógo
Quando a ventura é tanta
Que pésa n'alma—e o coração é cheio
A estalar se não fala!
Como te invocarei, que santo nome,
Filha do céu divina,
Te heide eu dar, ó Poesia, encanto, affago
Da minha juventude?
Nunca te chamo, que benigna, amavel
Não desças do céu puro
A mãos-cheias trazendo as magas flores
Que te viçam eternas
N'esses jardins de gloria e formosura
Vens—mas tam vária sempre!
E ora te vejo, no extasi sublime,
Nympha ligeira e bella,
Como as despidas graças, nua, ingenua,
De azues, rasgados olhos
Que ou já scintillam, vivos do desejo
As ardentes faiscas,
Ou serenos co'a posse, em gôso languido
Meigos, tranquillos brilham.
Ora, cahidas pelos hombros niveos
As longas, longas tranças
Te vão fiuctuando sôltas. Nas chorêas
Que em dansa alegre travas
Com os alados hymnos que te cercam,
E ao som da arguta lyra,
Formas, sem arte, desvairados passos,
Ou já rasteiros, lentos,
Ou tam altos que zephyro te espalha
As raras, leves roupas.
Já, accordando em modo altivo e nobre
A cythara canora,
Dos deuses, dos heroes ergues louvores
Aos sublimados astros;
Já maviosa, em canto mais singello,
Os dons da natureza,
Os tranquillos prazeres da virtude,
Os mimos da innocencia
E os serenos gosos da amizade
Suavemente entôas.
Já, no extasi d'amor, no rapto ardido
De amante enthusiasmo,
Sopras a chamma que a belleza atêa,
E avivas as delicias
Que o deus dos corações infundiu n'alma
De um par que elle juntára...
Como timida então pedes, supplicas
E com languido accento
Tenue favor imploras suspirando!
Mas logo ousada... roubas
D'entre o virgineo, recatado seio
Acre beijo que ha pouco
Mal inda ousavas supplicar modesta
Para o colhêr dos labios!
Toda és júbilo então. -Mas quantas vezes
Os olhos enturvados,
Pallida a frente, desgrenhada, em pranto,
Anciando de amargura,
Ais de angústia e de morte soluçando,
Gemes co'a lyra e choras!
Negras suspeitas, aridos ciumes,
Desleaes inconstancias
Te andam d'emtôrno esvoaçando em uivos.
E não és menos bella,
Menos gentil então! Das faces pallidas
As lagrimas, a fio,
A fio deslisando, cáem, batem
A espaços compassados
Na cava lyra—e uns ais sumidos, mortos,
De harmonia divina,
Vêm traspassar o coração de mágoa...
Mágoa!... prazer dos céus.

1823.

II

A JULIA

Seele rann in Seele
SCHILLER.

I

Oh, que suave foi este momento
Que dormir tam feliz, tam descuidado!
Andou me o pensamento
Voando nas delicias do passado,
Requintando o mais puro
Dos gosos que me déste,
Para formar esp'ranças de um futuro
Mais divino e celeste.

II

E tu, Julia querida, não dormiste?
Insensivel caiste
N'essa tristeza de doçuras cheia,
Que as almas como a tua
Tam brandamente enleia
Em acordados sonhos de ventura.

III

Ambos fomos ditosos.
E' só dado aos amantes venturosos
Dormir somnos tam doces:
Vêm depois os prazeres despertal-os;
Co'a alegre travessura
Amor vem acordal-os
Elle te chama, suspirada amante,
Pela voz da ternura,
Deixa a melancholia:
São tranquillos demais seus tenues gosos.
No seio da alegria,
Nos braços da ventura,
Vem commigo folgar por estes bosques.
Por entre esta espessura.

IV

Dêmos de mão a serios pensamentos.
Em quanto o sol dardeja
Para longe de nós raios de fogo,
Aqui, onde veceja,
Ás escondidas d'elle, a primavera
Com tam frescos verdores,
Gozemos nossos placidos amores.

V

As dryades sensiveis,
Que dentro d'esses troncos nos escutam,
Oiçam nossas conversas aprazíveis,
As expressões amantes
De dois peitos constantes
Em suas verdes cortiças escrevendo.
Como ellas vão crescendo,
Cresçam nossos amores:
E quando, pelas cópas remoçadas,
Brotarem novas flores
Nas árvores lembradas
De tam doces momentos,
Serão mais lindas as suas lindas côres,
Serão mais engraçadas

VI

Talvez que a mão de algum amante as colha
Para adornar o seio
Do seu querido enleio;
E esse amante dirá:—Julia a formosa,
Julia, tam adorada,
Aqui foi venturosa:
Seja feliz como ella a minha amada!'—

VII

Assim dirá; e as dryades lembradas
Rirão do voto uffano:
Que ellas bem sabem como o deus tyranno
Jurando promettêra
Que tanto, tanto amor como ao meu dera
Não o poria mais em peito humano.

182...

III

O MAR

He seized his harp which he at times could string...
While flew the vessal on her snowy wiug.
CHILD HAROLD.

I

Doce esperança, numen bemfazejo,
Vem enxugar-me as lagrimas saudosas
Que em fio d'estes olhos me deslisam:
Co'a ponta do alvo manto a meiga face
Que o acre ardor do pranto me ha crestado,
Vem consolar-me, vem; alenta o peito
C'um fagueiro sorrir d'esses teus labios,
Manda-me um raio teu de luz serena
Que o resfriado coração me aqueça.
Oh! dos amigos, do meu bem não quero
Que me apagues suavissima lembrança:
Dize-me só que tornarei a vêl-os,
Que dos p'rigos que em tórno me circumdam
Heide inda a salvo descançar com elles,
E já sem medo recontar fadigas
De procellas, de calmas acintosas,
Duras rajadas, furacões tremendos
Emquantos hora me rodeam males
Que olhos fitos em ti, vou supportando.

II

Vem, ó deusa, da vista ennevoada
Sopra-me a cerração d'atra saudade:
Deixa-me olhar pela extensão dos máres
E ver no immenso das ceruleas ondas
Affigurar-se a imagem do infinito
Oh! como é grande a mão da natureza!
Que vastos plainos d'ante mim se estendem,
E vão em de redor nos horisontes
Topar co'as bases da celeste abobada!

III

Vae-se acclarando agora o firmamento,
E azulando-se o mar co'a luz nascente
Do primeiro, tenuissimo crepusculo
Eil-a que assoma, despontando apenas
C'os roseos dedos, a formosa aurora
Vem brandamente a desparzir no polo
As roxas, lindas flores, rociadas
Do matutino, bemfazejo orvalho,
Talvez por mãos dos zephyros colhidas
Nos jardins ulysseos, nas brandas veigas
Ao remanso do placido Mondego
Talvez hontem ainda a minha amada
Lhe respirasse o lisongeiro aroma. .
Oh! recolhei-as, amorosas filhas
Do placido Nereu, ide nos collos
Dos Tritões namorados, ide ao Tejo
E ao manso rio que engrossaram prantos
Da malfadada Ignez, ide, levae-lh'as
Aos do meu coração, o amigo, a amante:
Dizei-lhes que eu, eu sou que vos envio,
Que depóz vós o coração me foge,
E que só vivo nas memorias d'elles.
Ide ligeiras, sim, correi, ó nymphas. .
Mas oh! do patrio meu Douro sombrio
Ai! não, não vades demandar as praias .
Amargosa e cruel me veda a sorte
Recordal-o sem dor.. Ferreas angústias
Lá misero soffri... lá n'este peito
Verteu perversa mão do deus dos males
Quanto fel espremeu do peito ás furias,
Quanto veneno lhe escumou dos labios.
A ingrata... Ah! nunca mais me lembre o Douro:
Suas riquezas para si que as guarde,
Suas aguas turvas impetuoso as role
Por entre as calvas penedias brutas
Que a lobrega torrente lhe comprimem:
Vá, que a mim saudades não m'as deixa:
Só tormentos me deu não posso amal-o . .

IV

Esqueçamos memorias que afadigam,
E o spectaculo augusto contemplemos
D'esse nascente dia. Com que pompa
Se ergue das ondas o astro luminoso,
Como nos raios se aviventa o lume!

Vae crescendo o fulgor á luz nascente,
Douram-se em de redor os horisontes,
O mar se espelha e reverbera o brilho...

V

Salve, imagem do Eterno! ôlho do mundo
Que a doce vida no universo esparzes!
Ao teu assômo as delicadas flores
Vão na hástea humilde endireitando as frentes.
Já pela cópa ás árvores frondosas
Os fechados botões se desabrocham,
Pulla na terra germinando e cresce
A encerrada semente, esp'rança e fito
Do lavrador cançado. O' terra, e quantos
Quantos encobres ávida mysterios
Que nos teus penetraes obram seus raios!
E mais - por muito tempo a nós vedal os
Não o imagines, não: vês essa deusa,
Pallido o rosto, os olhos encovados,
C'os ferros curvos que em teu seio embebe
Rasga, franqueia?—E' a sordida cubiça
Que por tuas entranhas laceradas,
As ricas veias dos metaes sangrando,
Lá vae cavar os crimes e flagicios
Que hãode infezar a triste humanidade...

VI

Oh! sol! quanto é sublime n'essa esphera
A magestade tua! com que imperio
Dardejas fogo nos aquosos plainos!
Tua vista só no coração cortado
Do triste viajante alenta a esp'rança.
E eu, pela espalda de viçoso outeiro
Não te vejo surgir, nem brandamente
Ir-se co'os raios teus dourando as messes,
Prateando o arroio, os campos esmaltando .
Não oiço pelos floridos raminhos
Modular philomena as doces queixas,
Nem pastora gentil vejo no prado
Ir conduzindo os alvos cordeirinhos.
Nada, nada descobres a meus olhos...
Só tu e o vasto mar... e a saudade.
Mas ha n'esta solidão tambem prazeres:
Para quem?... para o sabio?—O sabio préza
O fasto apparatoso das sciencias:
Não vêm soar-lhe aqui da fama os brados,
Nem tanger-lhe os clarins que os évos ganham.
O ambicioso? o avaro? — A todos esses
Esteril é de gôso a soledade.
Quem te ama pois, ó solidão dos máres?
O coração singelo, e nunca heivado
Do veneno do crime, nem pungido
Do assacalado espinho dos remorsos.
Por essa immensidão de céus e de aguas
Sua alma se dilata e desaffoga;
Doce dos olhos lhe devolve o pranto
Co'a lembrança dos candidos amigos,
Prazeres que gosou recorda, e folga,
Novos medita, e em medital-os gosa;
No seio se reclina á natureza,
E deixa ás vagas disputar-se o espaço.

VII

Insondavel mysterio! eu curvo a frente
Humilhosa ante o Sêr que te governa,
O' mar, alto pregão da voz do Eterno.
Teus rugidores sons na tempestade
Acclamam seu podêr; e o teu silencio
Na mudez magestosa testimunha
Sua grandeza immensa. O homem se perde
No arcano de tuas leis: e os sec'los passam,
Correm os annos, dias se appressuram,
Fogem as horas, os instantes, vôam,
E em de redor do circulo dos tempos
Suam, no curto espaço da existencia,
Um depóz outro, humanos sabedores
Sem o menor colhêr de teu segredos.

VIII

Qual te imagina o pae d'este universo
Que, agglomerando multiformes masas,
Lhe deras sêr primeiro; qual... — Mas onde,
Fraqueza de homens, não levaste o homem
Quando, luctando a mesquinhez do engenho
Co'a immensidão dos sêres, o desvaira!
E's élo da cadeia da existencia.
Pensador animal! a altiva fronte
Sôbre o pó do teu nada abate e humilha;
Vive essa vida, saborêa o favo
Que na vida te deu a natureza:
No instincto do teu bem segue a virtude,
Dentro do coração lá tens um livro;
N'esse cumpre estudar, esse apprendel-o...

IX

Que manso vae. co'as vellas infunadas
Do amigo sôpro do galerno vento,
O ligeiro baixel, varrendo as ondas!
Não cobre o manto azul do céu sereno
Nem o pardo menor de nuvem fusca;
E mal encrespa a superficie ás aguas
De amena viração doce bafejo.
Folgam d'emtôrno os mudos nadadores,
Em quanto sequioso o marinheiro
Ou no traidor anzol lhe esconde a morte,
Ou no farpão certeiro lh'a dardeja
E elle que mal vos fez? a natureza
Não lhe deu como a vós tambem a vida!
Oiço que me responde o despeitoso
Brado fatal do rispido britanno: *
—E teu estado, ó natureza, a guerra. .—
Cumpre a destruição ás leis da vida;
E na longa cadeia da existencia
Convêm... Que intentas desvairada musa?
Os que a divina mão sellou mysterios
Queres sondal-os? Apoucado e breve
Se estende além de nós o vasto mundo;
E mui perto os limites escaceam
Dos humanos curtissimos sentidos...

X

Como está leite o mar! Não, mais serenas
As namoradas vagas não folgavam.
Quando a meiga, bellissima Erycina
Do espumeo germen resurgiu formosa.
Mar, do teu seio a deusa dos amores
Veiu adoçar os fados do universo,
Dar a vida ao prazer, prazer á vida,
E o dulcissimo favo do deleite
Espremer, derramal-o na existencia.

XI

Que, mal a frente airosa ergueu das ondas
E as descuidadas tranças mal enxutas
Pelos hombros de neve debruçadas
Arredou co'alva mão dos olhos negros,
Do seio lindo voluptuosas chammas
Subito os máres rapidas lavraram:
Corre o fogo divino e delicioso,
E o reino inteiro de Neptuno abraza.
As bonançosas, accalmadas ondas,
Beijando as curvas praias, vem na terra
O incentivo depôr de ethereos gosos.

* Hobbes.

Voa a flamma subtil ao céu e aos astros;
Não sabido prazer no Olympo os numes
Sentem no coração banhar-lh'o em gosto

XII

Nasceu Venus gentil, folgae: com ella
Vêm os amores e as despidas graças,
As rosas do deleite desparzindo
Na alvoraçada sphera. Em bando alegre
Jocos, risos brincões d'emtôrno a cercam,
Avidos beijos, lúbricos revôam,
Correm alados soffregos desejos;
E as verdes roupas desprendendo ao vento,
D'alva amendoeira coroada a frente,
Ante elles toda a Esperança os guia.
Ferve o graniso das douradas settas
Que aligeros frecheiros vão tirando.
Nuvem de corações corre a entregar-se,
E nos laços gentis prender contente
A mui pesada, inutil liberdade.

XIII

Oh! que banhar de gosto delicioso!
Que affogar de prazer homens e numes!
Como derrete o gêlo da indifferença
Ante a divina abrazadora chamma!
Como se espraia pela vida o gosto!
Como á existencia os vinculos se estreitam!
Como nos élos da cadeia eterna
O sêr se allonga, reproduz e aviva!
Mar! que venturas te não deve o mundo!

XIV

Filha das ondas, Cytheréa bella,
Maga deusa de amor, oh! não consintas,
Oh! não consintas que o teu vate anceie,
Soffra em teu reino despregados Euros
Torcer-lhe o rumo, desvairar-lhe a proa,
E cravar-lhe d'emtôrno as grossas vagas.
E' teu imperio o mádido oceano.
E no mundo que ha que teu não seja?
Tu c'um sorriso as furias lhe assocegas,
C'um só fagueiro olhar as iras cruas
Lhe quebras docemente e lh'as abrandas:
Que esse que outr'ora pelo virgem pégo
Ousou primeiro confiar-se aos ventos
Teu amparo o salvou, teu meigo auxilio
Lhe abonançou as cérulas campinas...
. . . .

182...

IV

BELLEZA E BONDADE

(DE SAPHO)

Quando ávida contemplo a formosura,
Tam breve é meu prazer que foge co'ella;
Mas bondade e lisura,
Mas a innocencia, oh! essa é sempre bella

182...

V

O SACRIFICIO

(DE SAPHO)

Vem, Athis, coroar de infantes rosas
Essa frente engraçada, — e as tranças moveis
De teus aureos cabellos, deixa-as sôltas
Pelo collo de neve
Oh! que amavel pudor te anima e cora!
Vem, colhe com teus dedos melindrosos
Frescas boninas, doces violetas
De suavissimo aroma;
Que a victima de flores coroada
Sempre é mais grata aos deuses. Vem: teremos
E'stas selvas sisudas por altares,
Onde a minha ventura
Me hade elevar aos numes soberanos.
Enlaça emtôrno a mim essas grinaldas,
Reclina-te em meu seio, os olhos bellos
Para os meus olhos volve...
Que linda córas! que formosos labios!
Essa pulida tez não cede ás flores;
Não, que a viveza de sua côr brilhante
O esplendor não te offusca.

182..

VI

A LYRA

(DE ANACREONTE)

De gôsto cantára Atridas,
E a Cadmo erguêra louvor;
Porêm as cordas da lyra
Só sabem dizer amor.

Ha pouco, mudando-a toda,
Novas cordas lhe assentava,
E de Alcides os trabalhos
A cantar principiava;

Mas, contra as minhas tenções,
Em vez de marciaes furores,
De teimosa e como a acinte,
Sempre vae soando amores.

Adeus, heroes! adeus, glória!
Adeus guerreiro furor!
As cordas da minha lyra.
Só sabem dizer amor.

182..

VII

GOSO DA VIDA

(DE ANACREONTE)

De loto e de murtas
N'um leito virente,
Bebendo contente,
Me vou recostar:

E os cópos alegres
Me venha Cupido,
De gala vestido,
Aqui ministrar.

Qual roda de coche
No giro apressada,
A edade açodada
Nos vôa a fugir.

Desfeitos os ossos
Em van cinza leve,
Iremos em breve
Na campa jazer.

Porque hãode os sepulchros
Em vão ser ungidos,
E esses dons perdidos
A terra sorver?

Dá-me antes em vida
As c'roas de rosas,
E essencias cheirosas
Para eu me toucar.

Ou traz'me uma bella
Que com seus amores,
—Em quanto aos horrores
Do Orco não vou—

Me venha estes gostos
Dobrar melhorados,
E os negros cuidados
Todos dissipar.

182...

VIII

A FORÇA DA MULHER

(DE ANACREONTE)

Ao touro deu corneas pontas
A próvida natureza,
Deu á lebre a ligeireza,
E a dura pata ao corcel.

A voar ensina ás aves,
A nadar ao peixe mudo,
E deu ao leão sanhudo
O dente destruidor;

Aos homens deu a prudencia;
A mulher não pôde dal-a...
Acaso quiz desherdal-a,
Ou então com que a dotou?

Por armas e por defeza
Deu-lhe as fórmas engraçadas
Que o ferro, o fogo, as espadas,
Que tudo podem vencer.

1823.

IX

A ROSA

(DE ANACREONTE)

A rosa a amor consagrada
A Lyeu associemos;
Co'as folhas da linda rosa
Nossas frentes coroêmos,
Entre os copos a brincar.

A rosa é a honra das flores,
E' o amor da primavera,
E' dos numes o deleite;
E o menino de Cythera,
Quando aos córos vae das Graças,
Leva sempre as tranças bellas
Com delicadas capellas
De lindas rosas toucadas.

Eia pois! tu me corôa
Se me queres, ó Lyeu,
Cantando no templo teu
Doces hymnos a entoar.
Irei, de rosas coroado.
Com gentil donzella ao lado,
Eu mesmo as tuas corêas
C'o sacro thyrso guiar

1823.

X

A POMBINHA

(DE ANACREONTE)

De onde vieste,
Amavel pombinha,
Gentil avezinha,
Aonde é que vás?

De d'onde trouxeste
Arôma tam brando
Que esparzes, voando,
Por todo esse ár?

—Foi Anacreonte
Que ao seu bem amado
Com meigo recado,
Aqui me mandou:

Seu bem, que reparte
Dos lumes divinos
Ao mundo os destinos
N'um languido olhar

Da maga Cythera
O cego menino,
A trôco de um hymno.
Ao vate me deu:

Sou de Anacreonte
Agora o paquete,
E' d'elle o bilhete
Que vou entregar.

Prometteu-me cedo
De dar-me alforria,
Que eu antes queria
Sempre escrava ser...

Que gôsto é no mato
Andar pelas fragas,
Viver só de bagas,
Nos ramos dormir?

Da mão de meu dono
Como alvo pãosinho,
E só bebo vinho
Do que elle me dá.

Ás vezes alegre
Saltando, esvoaço,
E sombra lhe faço
Co'as azas a dar;

Ou quando me sinto
De somno pesada,
Na lyra doirada
Me deito a dormir.

Adeus! que me fazes
Ser mais palradeira
Que a gralha grasneira
Com o teu perguntar.

1823.

XI

O GENIO DE PINDARO

(DE HORACIO)

Quem atrevido quer luctar com Pindaro,
Fia-se em azas que pegou com cêra
A arte dedálea—e hade ir dar seu nome
Ao vitreo pégo.

Como esse rio que engrossou co'a cheia'
E vem do monte, as ribas alagando,
Tal ferve e corre da profunda bocca
Pindaro immenso.
Sempre dos louros appollineos digno:
Ou dithyrambos cante em novos termos,
E livre entôe numerosos versos
De regra soltos;
Ou cante os numes, ou reis sangue d'elles
Que justa morte deram a Centauros,
E horridas chammas apagar poderam
De atra Chymera;
Ou vá coroando com os dons das musas
Os que, vencendo na corrida ou lucta,
Ricos das palmas d'Elide que cingem
Aos céus se elevam;
Ou sôbre a espôsa abandonada chore
A quem roubaram o marido joven,
E aureos costumes e a virtude exalte,
Pragueje o inferno.
É forte a aura que, em subindo ás nuvens
O dirceu cysne, lhe propelle os vôos.
Eu, meu Antonio, como a abelha humilde
Que afadigada
Por bosque e prados, ás ribeiras humidas
Colhe do Tibur os tomilhos gratos,
Assim a custo meus lidados versos
Componho timido. .

1823.

XII

GLYCERA

(DE HORACIO)

Manda a mãe dos amores,
Da thebana Semele ordena o filho,
E a lasciva licença,
Que a já findos amores volva o ânimo
De Glycera que brilha
Mais pura do que o marmore de Paros
A nitidez me inflamma;
Grato me inflamma o garbo desenvolto.
E aquelle gesto lindo,
Tam tentador, tão lubrico de vêr-se.
Chypre desamparando,
Vem toda Venus sôbre mim de golpe:
Nem já cantar de Scythas
Nem do Partho esforçado e cavalleiro,
Que no corcel voltado,
Fugindo e plejando, se retira...
Nada que seu não seja,
Nada já me consente.—Aqui, mancebos,
Trazei-me aqui verbenas,
E ponde-me em altar de toiças vivas
Taças de vinho, incensos;
Que a victima será depois mais branda.

1823.

XIII

O HYNVERNO

(DE ALCEU)

Jupiter chove, pelo céu se enturva
Fremente o ár;
Turgidas crescem as torrentes grossas
Da agua a jorrar.
Frigido inverno! morra nas fogueiras
Do roxo lar
Corra-nos vinho, franco, de mão larga,
Vamos, virar!
Beba-se, e já; porque a luz havemos
Ainda esperar?
Rapido é o dia, lentos são pezares,
Maus de acabar:
Deu-nol-o, o vinho, de Semele o filho
Para os matar.
Válidos copos, um a um, cá dentro
Se vão juntar;
E aspera lucta travam na cabeça,
Que hãode quebrar.
Agua?. . mostrar-lh'a: duas vezes vinho
A tresdobrar!

1823

XIV

A ESPADA DO POETA

(DE ALCEU)

Eu coroarei de myrto a minha espada,
Como a de Harmódio, honrada,
E como a de Aristógiton, o forte,
Quando ao sevo tyranno deram morte,
E Athenas libertada
Foi á egualdade antiga restaurada.

Tu não morreste, Harmódio, oh não! tu gosas
N'essas ilhas ditosas
Serena vida c'os heroes que ahi moram,
E onde, cremos, demoram
Diomedes, o valente,
E Achilles, o veloz, eternamente.

De myrto a minha espada
Trarei como Aristógiton c'roada,
E como Harmódio o forte
Que á vingança a reserva,
Quando, nos sacrificios de Minerva,
Ao tyranno Hypparcho deram morte.

Em prezada memoria
Viverá para sempre eternamente,
Harmódio, a tua glória,
E a tua, Aristógiton valente,
Que o tyranno matastes,
E á liberta cidade
O usurpado direito restaurastes
Da primeira egualdade

1823.

XV

OSCAR

(IMITAÇÃO DE OSSIAN)

I

Arida emtôrno a mim a natureza
Só descalvadas penedias broncas,
Só crespo, alvo regêlo me descobre:
Dorme a vegetação nos troncos seccos,
Morre no leito congelado o rio. .
Toda repousa em lugubre silencio
A vida do universo,—em frio espasmo
Da existencia parou cansada a máchina.
Desabrida estação! quanto a minha alma
Se embebe na mudez de teus horrores!
Todo o vigor se me accolheu, do corpo,
Ao coração no peito;—a alma compressa
Resalta e pula ás regiões ethereas

II

Veloz imaginar, nas azas tuas
Eis-me librado! pelos áres vago
E espaços vingo de alongados máres,

Desço na terra e poiso .. Oh! qual me cérca
Enrevezada cerração confusa!
É mundo isto que vejo, é terra ainda
Esta que piso? . Não descobrem olhos
Mais que nuvens e horror, trevas e cahos..
Lá se adelgaça um pouco a névoa grossa:
Vejo ouriçar-se ponteagudas penhas
Hirtas de abrolhos a alvejar c'oa neve...
Lá cae de chofre em catadupa, e soa
Horrendamente, com fragor tremendo
Torrente immensa na soidão do valle;
Eil-a sombria se devolve e espraia
Pela extensão de um lago...

III

....D'além vejo
Vir pelos topes dos fronteiros montes
Grave e pausado silencioso velho
Em vagaroso passo caminhando.
Longa dos hombros ao talar lhe desce
Alva, comprida tunica; na dextra
Traz uma hástea de lança farpeada,
E pendente da esquerda uma harpa antiga
Onde o vento resôa em oucos eccos.

IV

Gemeu de os escutar o ancião dos tempos,
E de profunda mágoa lhe soluça
O peito descarnado. Eil-o que a toma
Nas mãos trementes, e lhe apalpa as cordas
Esbambeadas do vento, e desmontadas
Do longo correr de annos Já se affina,
Já troa altivos sons em modo lugubre
Mas desusado e novo. Oh, que de Thura
É este o vate, Ossian este é por certo.

V

Não me enganei; era de Ossian a sombra,
E assim cantou:
—Oscar, Dermid são mortos:
No flo·ecer de esperançosos annos,
Ceifou amor cruel tam caras vidas
Caruth é pae de Oscar, Caruth os chora,
E a morte dos mancebos infelizes
Conta ao filho de Alpin.—Porque, diz elle,
Porque abrir-me de novo a fonte ao pranto,
Porque outra vez o peito me laceras?
Filho de Alpin, porque a pedir-me volves
A triste narração d'aquella morte?
Oscar, Oscar, meu filho! . Ai, d'estes olhos
Já se affogou a luz no mar de lagrimas:
Só a memoria das desgraças minhas
Dentro no coração inda não morre!
Como heide eu outra vez voltar minha alma
Áquella historia funebre . a essa morte
Do maior dos heroes?—Chefe dos bravos,
Nunca mais te verei, Oscar, meu filho?

VI

Ah, desappareceu de sôbre a terra,
Qual no meio de horrenda tempestade
O astro da noite, como o sol brilhante
Quando pejada cerração de nuvens,
Que das aguas se elevam, se condensa,
E as crespas, fuscas rochas d'Ardanider
Co'o negro manto pallida rebuça.
E eu triste, eu só no solitario alvergue
Definho, a pouco e pouco, em mágoa e sécco,
Qual orme antigo da escabrosa Mórven
Que arido vento despojou dos ramos,
E que, ao mais leve sussurrar do norte,
Quasi vacilla e cae.—Chefe dos bravos.
Nunca mais te verei, Oscar meu, filho?

VII

Não cae, filho d'Alpin no campo o bravo
Como a herva do campo; a sua espada
Fuma primeiro, do inimigo sangue;
Antes de succumbir, tremendo rompe
Co'a morte ao lado, os batalhões cerrados
Das hostes orgulhosas. Mas, ó filho,
Mas tu, meu caro Oscar, mas tu morreste
Sem que inimigo algum fosse, a teus golpes,
Na região da morte annunciar-te
Tinta no sangue a tua lança, oh triste!
Do teu amigo foi...
Um só nos peitos
Oscar, Dermid um coração só tinham:
Juntos iam ceifar da guerra aos campos
E sua estreita amizade era mais forte
Que o aço da armadura que os vestia
Entre ambos sempre unidos nas batalhas,
Marchava a morte sempre; juntos ambos
Cahiam de rondão sôbre o inimigo,
Quaes dois rochedos que dos topes d'Árven
Se despegam e cáem na terra e jazem.
Suas espadas fumegavam sempre
Do sangue dos mais fortes gotejando;
E só de ouvir seus nomes, enfiavam
De pallido terror bravos guerreiros.
E quem, senão Dermid. a Oscar semelha,
E qaem, senão Oscar, Dermid eguala?

VIII

Dargo, o valente Dargo, a quem na guerra,
Ninguem nunca jámais não viu as costas,
Dargo a seus golpes succumbiu trendos.
Como o dia a nascer, mais bella ainda.
Era do morto heroe a bella filha,
Doce como o brilhar da branca lua.
Tinham seus olhos o luzir de estrellas
Que através de chuvosa nuvem fulgem;
Na primavera o suspirar da brisa
Mais suave não é que o seu bafejo;
Recem-geada nas manhans a neve,
Que se ondea alvejando nas estevas,
De seu candido seio é froixa imagem,
Viram-n'a os dois heroes, e ambos a amaram;
Adorava-a cada um como a sua gloria,
Possuil-a ou morrer ambos queriam.
Porém da bella o coração rendido
A Oscar ficou. a Oscar toda se entrega:
Já cega beija a mão que o pae matára
E não vê n'essa mão de Dargo o sangue.

IX

E Dermid disse a Oscar: — Ouve-me; eu amo,
O filho de Caruth, amo essa bella
Sei que o seu coração por ti só bate,
Mas a minha paixão nem isso a apaga:
Oscar, rasga esse peito, ó meu amigo,

Seja a tua espada que me livre d'ella.
«Quê ! tingir no teu sangue a minha espada!
—E quem se Oscar não for ha-de atrever-se,
E quem é digno de tirar-me a vida ?
Morrendo por tua mão, morro com glória,
E eu quero a morte, amigo, mas honrada.
«Pois bem, cruel Dermid, empunha o ferro,
E ás mão de seu amigo Oscar expire.

X

De Branno junto ás margens combateram,
Tingiu lhe o sangue as ondas fugitivas,
E sangue a relva que lh'as borda emtôrno.
Dermid cahiu... n'um último sorriso
De morte o doce amigo saudando.
«Filho de Diaran — Oscar bradava:
Fui eu que te matei, Dermid, eu, impio !
Tu que no mais ferido das pelejas
Não succumbiste nunca, agora, amigo,
Heide-te eu vêr assim morrer sem glória !. .

XI

Disse, e a mágoa quebrou-lhe a voz no peito;
Vagaroso se affasta, e ao triste objecto
Vae do seu triste amor; ella no rosto
Lhe leu a intensa dor que o atormenta,
E disse: —«Oscar, que nuvem tam pesada
Escurece a tua alma?
«A minha fama
Perdi-a hoje, apagou-se a minha glória.
Sabes, filha de Dargo, a nomeada
Que eu tinha entre os archeiros: ouve agora
De erguido tronco suspendido o escudo
Estava de Gondur, Gondur o bravo
Que n'um combate minha mão prostrára.
Tentei de o traspassar com minhas frechas.
E em vãos esforços se me foi o dia
—«Pois bem! tental-o-hei eu ?» lhe volveu ella
Sabem as minhas mãos tambem vibrál-o
Esse arco destruidor da tua glória.
Muitas vezes meu pae folgou de vêr-me
Sempre certas cravar as frechas no alvo.

XII

Partem. Traz do broquel Oscar se occulta.
Rapida a setta sibilando vôa
Das mãos da bella para o seio amante.
—«Arco ditoso !» moribundo exclama
Já todo em sangue o campeão dos montes:
«Oh adorada mão ! eu te agradeço.
Quem fôra digno de enviar-me ás sombras,
Ao filho de Caruth quem se atrevêra
Senão a filha do valente Dargo ?
Ah ! seja inteiro este favor, querida !
Leva-me ao pé do meu amigo e deixa me,
Que morrerei em paz.» —«Oscar, responde
A donzella: e eu não sou filha de Dargo ?
Eu sei tambem morrer como tu. — Disse,
E o bello seio atravessou n'um ferro:
Corre o sangue.. ella treme e caiu morta.

XIII

Juntos descançam do ribeiro á margem:
Cobre-lhe a campa a movediça copa
De um alemo frondoso Ao meio dia
Desce o gamo fugaz do alto monte
E ahi vem pascer á sombra, em quanto as chammas
Ardem no firmamento, e todo envolto
Nas alvas, longas roupas o Silencio
Em derredor dos proximos outeiros
Reina em toda a mudez da natureza.

XIV

Assim cantava o caledonio vate:
E de seu canto as derradeiras notas
Ainda em meu ouvido resoavam
Quando um raio do sol de luz creadora
No aposento me entrou—e a nevoa toda
De Escocia dissipou,—libertou-me alma
De não sei que oppressão, e me devolve
Aos doces climas da risonha Elysia

182...

XVI

A DOMINGOS SEQUEIRA

SAHINDO DE PORTUGAL

Fuge litus avarum
VIRG.

FILHAS da natureza, Artes divinas,
Que douraes a existencia,
Que o mimo sois da vida, o doce affago
Que abranda nossas penas,
Nem vós, candidas virgens, nem vós mesmas
Dos grilhões escapastes
Com que amarrou, aos argolões do averno,
A tyrannia, a terra.
O sôpro crestador do Despotismo
Vos murchou graça e flores;
Da escravidão o bafo pestilente
Da face pura e ingenua
Vos destingiu a candidez e o pejo;
A çáfara lisonja,
Co'a torpe mão, no rosto macerado
Vos pós fingida máscara.
Trasmudadas assim vos viu o mundo
Erguer com servil dextra
Padrões inglorios ao coroado vicio,
Monumentos á infamia.
Tal o cinzel que lavra insigne estátua
A Catões e a Titos,
Corta o busto de Nero e de Caligula;
Taes as divinas tintas
Que as augustas feições eternizaram
De Socrates, de Phócion,
No adulador pincel perdendo a glória,
De torpes Heliogábalos
Rosto envergonhador da humanidade
Criminosas conservam...
Bem vindo sejas, ó Sequeira illustre,
D'essa terra maldita
Onde crucificou a Liberdade
Povo de ingratos servos.
Tu que os louros de Vasco e de Campello
Reverdecer fazias
Por aquelle maninho preguiçoso
Que foi terra de Lysia,
Filho de Raphael, bem vindo sejas
A este asylo sancto.
Com o nobre pincel, não polluido
No louvor dos tyrannos,
Aqui celebrarás antigas glórias
Da que foi nossa patria,
Ou gravarás em lamina prophetica
O supplicio tremendo
Que a seus crueis algozes tem guardado
O Deus da Liberdade.

1824

XVII

A CAVERNA DE VIRIATHO

Yet came there the morrow
That shines [illegible] at last on the longest dark night
J. MOORE

I

SOBRE os eternos gelos
Que os picos annuviados
Do alto Herminio corôam,
Penteava a Aurora os fulgidos cabellos,
E dos anneis ondados
As auras matutinas
Sopravam brandamente
Viollas e boninas,
Que para lhe toucar a rósea frente
Colhêra a Noute nos jardins do Oriente.

II

Da precursora estrella
Alva amortece a luz languidamente,
Qual nos olhos expira
Da rendida donzella,
Quando em braços do amante amor lh'os cerra,
O espirito da serra,
Cujo é o sceptro das horridas montanhas,
D'essa luz indignado
Que seu throno de nuvens lhe dispersa,
O véo despregado
Co'as azas fuscas bate.

III

Sobre as aguas pairou do morto pégo
Onde vivente fol'go não demora,
E c'um sorriso negro,
Similhante ao que ri na fatal hora
O anjo do mal á cabeceira do impio,
Contempla na voragem
As antênas quebradas, rotas quilhas,
Tributo de homenagem
Que o genio lhe enviou da tempestade,
Por vias não sabidas de ôlho humano,
Dos sottoppostos reinos do Oceano

IV

Qual a seta desferida do arco d'ebano
Do archanjo da morte,
Desce de golpe o espirito da serra,
E mergulhou nas aguas. Treme a terra.
Os subjacentes máres
De abobada em abobada gemendo,
Do boqueirão tremendo
Mandam horrido som que estruge os áres.

V

Mas já co'a doce luz do sol infante
As nuvens accossadas
A frente da alta serra destoucavam.
Sobre a relva, no calice das flores,
Qual indico diamante,
Gottas acrysoladas.
Do puro orvalho brilham multicôres:
E as plantas acordadas levantavam
Para saudar a luz a hástea pendida
Do esfriado relento.
A toda a natureza
Vem do astro creador amigo alento,
Que remoça, que alegra e expande a vida.

VI

Glória dos altos montes,
Magnifico Herminio, a quem saúda
A portuguez loquella

XVII

L'ANTRE DE VIRIATHE

TRADUCTION DE M.LLE DE FLAUGERGUES

I

Sur les éternelles glaces qui couronnent les cimes neigeuses du haut *Herminio*, l'aurore avait déroulé ses cheveux éclatans, et dans ces ondoyans anneaux les brises matinales se jouaient, caressant de leur souffle amoureux les violettes et les amaryllis que, pour orner ce front vermeil, la nuit avait cueillies dans les célestes jardins de l'Orient.

II

De l'étoile son avant-courriere, l'aube amortissait la lueur qui s'éteignait languissamment. Ainsi s'éteint le jour aux yeux de la jeune beauté attendrie dont l'amour ferme la mourante paupière dans les bras frémissans d'un époux. Le génie de la *Serra*,[1] le génie à qui fut donné le sceptre de ces monts agrestes, furieux de voir cette lumière qui déchire et disperse le trône de vapeurs où menaçant il siégeait, le génie de la *Serra* déploie son vol, et, de ses noires ailes, il bat les airs dans son courroux.

III

Il plane sur les eaux du mort Océan, d'où jamais souffle vivant ne s'exhale. Il contemple l'horrible abime et rit d'un rire semblable à celui qui, à l'heure fatale, agite les lèvres de l'ange du mal au chevet de l'impie. Le génie du mont contemple l'abime avec joie; il voit flotter brisés et confondus les nefs, les quilles, les mâts, les vergues. C'est un tribut que le génie des tempêtes lui offre et lui envoie des empires sousmarins par des routes aux humains inconnues.

IV

Rapide comme le trait lancé par l'arc d'ébène de l'archange de la morte, le génie des montagnes descend et se précipite dans les flots. La terre frémit. Les mers inférieures gémissent, et du fond du gouffre ébranlé envoient de voûte en voûte[2] des sons horribles qui troublent les airs.

V

Mais déjà à la douce lumière du soleil naissant, les nuées se dispersent et découvrent le front de l'altiére Serra Sur la verdure, dans le calice des fleurs, les gouttes limpides de la roseé brillent et multiplient leurs lumineux reflets comme le diamant indien. Les plantes eveillées redressent, pour saluer le jour, leurs tiges penchées sous les vapeurs humides de la nuit.

VI

Gloire des monts altiers! superbe *Herminio!* toi que

[1] Chaine de montagnes. Le mot espagnol est *Sierra*.
[2] Abobada

Co o gentil nome da formosa Estrella
Com que tua fronte a topetar se atreve;
Nunca manhan mais bella
Por teus broncos penedos,
Tuas humidas grutas,
Teus altivos, giganticos rochedos,
Catadupas sonoras,
Torrentes gemedoras,
Viçoso, ameno prado
Jamais raiou no Oriente apavonado.

le langage portugais salue du nom de brillante Étoile que ton front ose toucher, superbe *Herminio*, jamais tes cimes brisées, tes humides cavernes, tes sourcilleux et gigantesques rochers, tes cascades sonores, tes mugissans torrens, tes charmantes prairies, ne virent une matinée plus belle colorer le radieux orient.

VII

Salve, berço do nome lusitano!
N'esta manhan solemne,
Que, em volver de anno e anno,
Jamais acabará que a apague o tempo
Da saudosa memoria;
N'esta manhan de glória
A ti venho, a ti venho, asylo santo
Da lusitana antiga liberdade.
Tuas lobregas cavernas
Me serão templo augusto e sacrosanto,
Aonde da Razão e da Verdade
Celebrarei a festa.
Ouça-me o val, outeiro,
Escute-me a floresta
Aonde do seguro azambujeiro
Seus cajados cortavam
Os pastores de Luso,
Que a defender a patria e a liberdade
N'esses tempos bastavam
De honra e lealdade.

VII

Salut, berceau du nom lusitain, salut! J'aime à te saluer en ce jour solennel, dont jamais la suite des années n'effacera la mémoire regrettée

Dans ce jour mémorable, je viens, je viens vers toi, asile saint de l'antique liberté portugaise! Tes cavernes profondes seront le temple auguste et sacré où je célébrerai la fête de la raison et de la vérité. Que les monts et les vallées m'entendent! Qu'ils écoutent ma voix, les bois où jadis les pasteurs de la Lusitanie coupaient leurs rustiques houlettes, en ces temps où, pour défendre la liberté et la patrie, il suffisait de l'honneur et du courage!

VIII

Hoje!...—Meu sacro rito
Aqui celebrarei n'esta caverna.
Teu sanctuario é toda a natureza,
Potestade superna,
Deus do homem de bem, Deus de verdade,
Immensa magestade
Que do nada tiraste a redondeza.

VIII

Aujourd'hui!... Eh! bien! je célébrerai mes rites sacrés en cette caverne Ton sanctuaire n'est-il pas toute la nature, ô puissance suprême! ô Dieu des hommes vertueux! Dieu de vérité, majesté éternelle qui tiras du néant l'universalité des choses!

IX

Ouve-me, ó Deus, recebe
Meu puro sacrificio.
No torpe maleficio
Da traição não manchei
Minhas mãos innocentes,
Nem sacrilego ousei,
Teu altar profanando,
Queimar o incenso vil da hypocrisia
Com a dextra parricida gotejando
Sangue da patria, lagrimas fraternas,
Suor da viuva e do orpham.
Escuta, ó Deus, nas regiões eternas
Minhas acções de graças n'este dia,
Dia que a resgatar-nos
Do captiveiro odioso
Estendeste o teu braço poderoso;
E a razão, liberdade,
Dons teus, do homem perdidos,
Restituiste á oppressa humanidade.

IX

Entends-moi, Dieu très-haut, et reçois mon pur sacrifice! La vile et infâme trahison ne souilla jamais mes mains innocentes. On ne m'a point vu, sacrilège et impie, profaner tes autels en y brûlant l'odieux encens de l'hypocrisie. Ce n'est point moi qu'on a vu lever vers toi des mains dégouttantes du sang de la patrie, des larmes de la veuve et de l'orphelin, de la sueur d'agonie de mes frères .. Oh! ce n'est pas moi!

Ecoute-moi donc, ô Dieu des régions éternelles, écoute et reçois mes actions de grâces! Qu'elles montent vers toi en ce jour ou, pour nous delivrer d'une servitude odieuse, tu étendis ton bras puissant! en ce jour oú tu daignas rendre a l'humanité si long-temps opprimée la liberté et la raison, ces dons sacrés que tu fis á l'homme et que l'homme avait perdus!

X

Mas que sinto! — Desvairam-me os sentidos?
E'stas cavernas tremem...
Emtôrno os áres fremem...
D'ecco em ecco medonhos estampidos
Reflectem pavorosos!
Do extremo fundo lá d'esse antro surde
(Visão estranha é esta)
Espectro, sombra..
— Manes gloriosos
Sois vós de algum heroe? — A lança, o escudo

X

Mais qu'entends-je! .. Mes sens se troublent. . Ces antres sombres mugissent. . L'air autour de moi, l'air frémit. D'écho en écho se répetent des sons mystérieux. Du fond de la caverne obscure, quelle vision se léve? quelle ombre?. . Mânes glorieux, êtes vous ceux d'un de nós héros? Mais la lance est dans sa main terrible, son bras soutient un bouclier, ses pieds triomphans foulent les aigles redoutables de Rome.. C'est toi, o Viriatho! ô guerrier magnanime! c'est toi!...

Embraça, empunha: aos pés Aguias romanas
Prostradas!... oh! Viriatho
És tu, sombra magnanima...

XI

Tua caverna é esta:
De tua gloria e teu nome é cheio ainda
O val, monte e floresta,
Libertador da antiga Lusitania,
Das regiões da morte
Vieste vêr raiar a doce aurora
Da nova liberdade
Sobre teus patrios montes?
Esconde, esconde a face, o varão forte,
Volve ao tumulo: a raça trahidora
Não acabou no vil que a preço indigno
Te vendeu aos tyrannos do universo:
O sangue d'esse monstro
Em quantos corações bate hoje á larga!
São mil por um perverso;
Covardes todos. — Ferros que empunharam
Os Lusos teus para salvar a patria,
Adagas de sicarios se tornaram
Em mãos de Portuguezes.

XII

Patria!... não temos patria.
Oh! não ha para nós tam doce nome.
Grilhões, escravos, carceres e algozes,
De quanto outr'ora fômos,
Isto só nos restou, só isto somos.

XIII

A SOMBRA DE VIRIATHO

«Não! sois mais que isso. O dia da justiça
Do Eterno chegará. Sua hora tarda,
Mas infalivel, soará n'altura;
E os eccos da planicie hãode annuncial-a.
Os impios buscarão onde esconder-se,
E a terra negará couto a seus crimes.
Mares de sangue cobrirão a terra,
E a morte folgará sobre as ruinas.

XIV

«Mas quem, quem desprendeu as cataractas
Do sangue, do castigo?
O impio que blasphemou
E de dizer ousou
No tredo coração:
—*Não ha Deus*; *abusemos*
Affoitos de seu nome
Para avexar os povos; escudemos
Co'esse phantasma vão nossos embustes.—

XV

«Cegos! nadae no pelago dos males,
Luctae com a ancia da morte: não ha tábua
Para vós, não, de salvação, de espr'ança.
—Uma arca só por esses mares voga,
Arca de alliança nova,
Santa, e sagrada é esta!...
Pacto de Deus co'os povos. Liberdade
Só restara do universal diluvio:
Da raça dos tyrannos,
Da fratricida guerra
Que ateara a oppressão entre os humanos.
Nem a memoria ficará na terra.»

1824.

XI

Cette caverne est la tienne, ton sauvage palais. Le mont, la plaine, les vallons, sont encore remplis de ton nom et de ta gloire. Libérateur de l'antique *Elysia*, des regions de la mort tu reviens pour voir briller sur tes monts paternels la douce aurore de la liberté nouvelle.. Détourne, détourne ton front auguste, o noble guerrier! Recouche-toi dans ton sépulcre! Elle n'est point anéantie la race perfide de ceux qui, pour un honteux salaire, te livrèrent, te vendirent aux tyrans de l'univers. Le sang de ces monstres, ce sang infâme, hélas! dans combien de lâches cœurs ne circule t-il pas aujourd'hui? Pour un pervers, on en compte mille. Lâches, ils le sont tout. O' Portugais! les glaives que vous saisites pour sauver la patrie, se sont changés dans vos mains en poignards tels qu'en aiguisent de lâches sicaires de la tyrannie.

XII

La patrie!.. ah! nous n'avons plus de patrie; pour nous n'existe plus un nom si doux Des fers, des esclaves, des cachots, des gêoliers, de tout ce que nous fûmes jadis, voilà ce que nous sommes

XIII

L'OMBRE DE VIRIATHO

«Non! vous êtes, vous serez quelque chose de moins indigne, Portugais! il arrive le jour de la justice de l'Éternel L'heure tardive mais infaillible va sonner sur les hauts lieux. Les échos de la plaine proclameront l'heure terrible. Alors les impies voudront cacher leur visage et leurs œuvres, mais la terre refusera de les soustraire aux regards et de couvrir leurs crimes. Une mer de sang couvrira au loin le sol tremblant. La mort planera sur des montagnes de ruines.

XIV

«Qui attira ces torrens de vengeances, dites, qui fait mugir ces cataractes de sang? Le tyran impie qui blasphéma, le monstre qui osa dire dans son cœur pervers: *Il n'y a point de Dieu; c'est un vain nom dont nous nous servons pour asservir les nations. C'est un fantôme que nous offrons aux peuples abusés pour leur dérober les pièges que nous dressons sous leurs pas.*

XV

«Aveugles vous-mêmes! niez Dieu maintenant! surnagez, si vous pouvez, sur cet océan de maux que vos crimes ont enflé! Luttez contre la mort!.... vous luttez en vain. Pour vous, désormais, point de planche de salut, point de secours, point d'espérance!

«Une nef solitaire vogue sur les grandes eaux; c'est une arche sainte et sacrée, l'arche d'une alliance nouvelle.

«C'est le gage du *pacte immortel de Dieu avec les peuples*. Liberté, celeste Liberté, seule tu survivras à ce naufrage universel. Et de la guerre fraticide que le despotisme alluma, et de la race des tyrans, aucun souvenir bientôt ne restera plus sur la terre.»

XVIII

O ANNO VELHO

Amara lemni
Temperat risu.
HORAT.

Vae-te, anno velho, vae-te, e nunca volvas
Dos seculos no giro;
Sumido sejas tu nas profundezas
Da immensidão do nada,
Anno parvo e poltrão, chôcho e sem prestimo,
Inutil como um conego.
Quem fez caso de ti? Nem praguejado,
Nem bemdito morreste,
Sem deixares legado ou testamento
A' desherdada historia.
Foram teus dias, dias de rotina,
Como as lições sabidas
Da encebada, suja caderneta
De um lente de Coimbra;
Tuas horas, as horas *marianas*
Da velha abbadessona
Que ha quarenta annos tem no mesmo sitio
O babado registo
Do santo favorito.—Vae-te, some-te,
Carunchoso anno velho:
Trague-te o olvido inteiro; mais memoria
De ti não fica á terra
Do que deixa um abbade de Bernardos,
Da Academia um socio

1824

XIX

A TEMPESTADE

Cœco carpitur igni.
VIRGIL.

I

Sobre um rochedo
Que o mar batia,
Triste gemia
Um desgraçado,
Terno amador.
Já nem lhe cáem
Dos olhos lagrimas;
Suspiros férvidos
Apenas contam
Seu triste amor.

II

Ondas, clamava o misero,
Ondas que assim bramaes,
Ouvi meus tristes ais!
Horrivel tempestade,
Medonho furacão,
Não é mais agitado
Do que o meu coração,
O vosso despregado,
Horrisono bramar!
Ancia que atropella
Meu languido peito,
É mais violenta
Que o tempo desfeito,
Que a onda encapella,
Que agita a tormenta
No seio do mar.

III

Mas, ah! se o negrume
O sol dissipára
Calmára,
Seu nume
O horror do tufão.
Assim á minha alma
A calma
Daria
De Armia
Um sorriso:
Um raio de esp'rança
Do paraizo
Traria
A bonança
Ao meu coração.

1828,

XX

TRONCO DESPIDO

Sine nomine corpus.
VIRG.

Qual tronco despido
De folha e de flores,
Dos ventos batido
No inverno gelado,
De ardentes queimores
No estio abrazado,
De nada sentido,
Que nada elle sente...
Assim ao prazer,
A' dor indiff'rente,
Vão-me horas da vida
Comprida
Correndo,
Vivendo,
Se é vida
Tam triste viver.

1828.

XXI

SOLIDÃO

Alonguei-me fugindo e vivi
na soedade.
ARRAES— DO PSALM.

I

Solidão, eu te saudo! silencio dos bosques, salve!

A ti venho, ó natureza; abre-me o teu seio.

Venho depôr n'elle o pêso abhorrecido da existencia; venho despir as fadigas da vida.

Quero pensar só commigo; quero falar a sós com o meu coração.

Os homens não me deixam; amparae-me vós, solidões amenas, abrigae-me, ó solidões deleitosas.

Franqueia-me, ó soledade, o thesouro das tuas selvas; abre-me o sanctuario das tuas grutas.

Eu perguntarei aos troncos pelas edades que viram correr; e os troncos me responderão, meneando as suas ramas: — Ellas passaram.—

Eu contarei aos prados os meus amores, e as boninas abrirão o calix para me dizer: —Tambem nós amâmos.—

Interrogarei os penhascos pelos eccos das vozes dos homens; e os penhascos mudos não ousarão repetir-me os sons falazes d'essa voz.

Eu direi ás ruinas:—Que é das mãos que vos construiram, que é das raças que vos habitaram?—

E as ruinas se calarão; mas a pedra de um sepulchro falará por ellas.

A pedra do sepulcro dirá:—A morte passou, e as suas pègadas ficaram impressas no caminho dos seculos.—

Solidão, eu te saudo! silencio dos bosques, salve!

II

Que doce não é fugir dos homens para viver com as plantas!

Que prazer não é deixar essas habitações alinhadas pelo prumo de sua pequenhez; e vir no desalinho dos campos folgar em liberdade com a natureza!

Nascentes que rompeis do seio das rochas! vós não sois comprimidas nos estreitos canaes que fabricou a arte:

Livres surgis da terra, livres jorraes das penhas; e livres correis dos montes a cobrejar nos prados por entre o matiz das flores.

Arvores frondosas, vegetae sem medo; a foice do jardineiro não vos despojará da rama para o monotono prazer do luxo contrafeito.

E vós, rochedos magestosos, repousae tranquillos nas elevações da terra: que não virá o cinzel do estatuario roubar-vos as fórmas da natureza:

Para transmittir ao neto degenerado as feições do avô ambicioso.

Solidão, eu te saudo! silencio dos bosques, salve.

III

Solidão, eu venho a ti; já me não quero senão no teu seio.

Trago o coração opprimido; uma mão de ferro m'o aperta.

O espinho da dor está cravado no meio d'elle; a angustia o torce sem piedade.

O affôgo lhe travou das arterias; todo o pêso da desgraça está em cima d'elle.

O meu sangue já não tem vida; e circula de máo grado pelas veias froixas.

Arde-me não sei que fogo no intimo do peito; queria chorar e não tenho lagrimas.

Travam-me na bôcca os azedumes do passado; a aridez do futuro secou os meus olhos.

O que foi e o que hade ser anda-me esvoaçando pela phantasia; são pensamentos de azas negras como o corvo agoureiro

O momento que é desapparece no meio d'elles; porque não é nada

O homem não tem senão o passado e o futuro; o passado para chorar, o futuro para temer

O presente não é nada; e é só o que elle sabe.

Já se esqueceu do passado, e o futuro não lh'o disse Deus.

Eu vivo no futuro por uma esperança mais tenue que o fio da aranha; existo no passado porque ainda se me não foi o amargor dos tragos que bebi.

O presente está no meio, como o ponto no centro do circulo; mas a sua existencia é chymera.

Os raios que partem para a circumferencia são reaes: tal é a minha vida.

D'aquelle ponto imaginario tiro linhas verdadeiras para o que fui e para o que heide ser; todas vão parar na desgraça.

Eu tive coração, amei; ainda o tenho, e amo.

Mas o meu amor fadou-o a desventura; bafejou-o o sôpro do mal.

Fui planta que só lagrimas a regaram; o sól da felicidade não se riu para ella.

Deu flores outoniças que não desabrocharam: o granizo as crestou, e a geada lhes queimou os germes.

Não houve esperança de fruto; só o prazer, mas tam louco! — de as colher sem ella.

Por isso está triste a minha alma; triste até á morte.

E os homens cuidam que eu sou feliz; e eu régo de noite o meu leito com as lagrimas dos olhos.

Porque a noite fez-se para chorar, quem tem que chorar: de dia o avisado mente e ri.

Por isso eu não quero viver mais com os homens; porque quero chorar de noite e de dia.

A cidade é para mim o deserto; a solidão é a minha patria.

Solidão, eu te saudo! silencio dos bosqnes, salve!

182..

LIVRO SEGUNDO

I

A VICTORIA NA PRAIA

Βη δακρεον παρα θινα πολυφλοισβοιο θαλασσης;
Πολλα δ' επειτ' απνντε κιου ηραθ...

Do mar ruidoso as praias mudo estava
E em taes imprecações desabafava

ILIAD. A.

I

Pelas vagas azues do largo oceano,
Co'as pandas azas ao galerno vento,
Vae nobre armada: — desdobrando ufano
O verde pavilhão nas altas pôpas
Treme ao sôpro da brisa, e a cento e cento,
O ecco repetido,
Reflecte pelas aguas o estampido
De cem canhões que trôam.
— E morre pouco e pouco o som nas vagas,
E a praia é só. A praia — onde inda eccôam
A celeuma dos nautas e o zumbido
De multidão confusa — só, calada,
Erma ficou; e nas alpestres fragas
Apenas se ouve a bulha compassada
Da ressaca, gemendo e murmurando,
Com que a maré das praias se despede,
Foge e volta queixosa recuando;
Qual amante em custosa despedida,
Que adeus já disse e adeus — e retrocede,
Nem partir sabe, que é partir co'a vida.

II

E a praia é só. — Não só: n'esse penedo
Que emtôrno tapeçou alga ramosa,
Um vulto vejo ainda; mudo, quêdo,
C'os olhos longos na planicie aquosa;
Disseras que o feriu c'o mago dedo
De Harpocrates a sombra mysteriosa,
Que n'uma estátua sua o transformára,
E só a vida nos olhos lhe deixára.

Como que lhe caíu desfalecida
A esquerda sobre uma harpa desmontada,
E, com a dextra longa e estendida
Para o extremo horisonte, aponta á armada
Que a velas cheias singra, e desferida
De amigo vento, corre empavezada:
Debuxa o rosto magoado peito,
De extranho menestrel é o trajo e aspeito.

III

Mas lá se move, e em pé sobre a alta roca,
Como inspirado subito
De espirito fatidico,
Com a trémula mão nas cordas toca
Da harpa, que em sons responde inda mais trémulos.
Que, alto e alto crescendo, agudos vibram,
E entre pena e saudade e glória e mágoas,
Assim coavam nas frementes aguas:

I

«Alva pomba de esperança,
Voga na arca mysteriosa;
Que no dia da bonança,
Quando a enchente procellosa
A' voz do Eterno parar,
Penhor da nova alliança,
Tu a nos hasde voltar.

Sobre a lodosa voragem
Que inda cobre meio mundo,
Deixa o corvo negro immundo
Sua sêde de carnagem
Em cadaveres fartar.

Para a pombinha mimosa
Hade chegar o seu dia;
E quando a flor da alegria
Na oliveira despontar,
C'o raminho de esperança
Penhor da nova alliança,
Tu a nós hasde voltar.

II

«Mas que altivo baixel vae singrando
Pelo esteiro da armada leal,
Nem as Quinas do Luso arvorando,
Nem a Cruz do paiz de Cabral?
Que annuncia esse infausto pendão,
Estandarte de morte aziago?
Foge, foge, ó Maria, á traição;
São as côres da nova Carthago.
Não o vês de cruor salpicado
Tremular co'essas nódoas fataes?
E o sangue á traição derramado,
E o sangue dos teus mais leaes.
— Não se lavam do Nilo na glória
Essas manchas de opprobrio e de horror;
E emmudece o clarim da victoria
Da Terceira ao gemido clamor.

III

«Carthago desleal, embalde atròam
Teus Hannons, teus Amilcares traidores
O incredulo fóro que povòam
Turba de vis, venaes declamadores,
E á tua plebe estupida os pregôam
Da republica os fortes defensores:
Essa nódoa jamais hasde laval-a,
E o universo em seu dia hade vingal-a.

«Seu dia hade chegar: já desvendados
Se espantam do tam longo soffrimento
Os povos opprimidos e ultrajados;
Já seguem com o ancioso pensamento
Ao Scipião do oriente, alvoraçados
O invocam contra Hannibal fraudulento,
E folga o mundo ao contemplar presago
Nas ruinas de Byzancio as de Carthago.»

IV

Assim cantava o peregrino vate
Nos rochedos do exilio; e as ermas praias
Da inhospita Carthago resoavam
C'os respeitosos sons que n'harpa trôa
Fremente indignação. Medonha emtanto
Em derredor a cerração crescia,
E as grossas gôtas raras que despedem
As tumescentes nuvens, os lampejos
Que a mais e mais, de perto e perto ameudam,
Annunciavam tremenda tempestade
Que a instantes vae desabar no pégo.

V

Eis subito, onde as nuvens mais opacas,
Mais pejadas do fluido se mostram
Que so a Fránklin subjugar foi dado,
Rompe e em golpes de luz no céu fulgura
Raio, que segue horrisono estampido
De trovão, d'ecco em ecco reboando
Por céus e máres, longo e longo... Os seios
Das nuvens se rasgaram; e entre o vivido,
Fluctuante clarão de mil relampagos,
Do atonito vate avulta aos olhos
Assombrosa visão. N'um corcel branco
Da côr da lactea-via lhe apparece
Um cavalleiro ancião; lucidas armas
De espelhado brilhante ferro o vestem;
Descem-lhe as alvas, venerandas barbas
Té ao peito, onde a cruz de ouro, pendente
Do equestre collar, sobre o aço fulge;
Na esquerda o Real pendão de Ourique ostenta,
E ponderosas chaves traz na dextra,
Que aperta, e cuidadoso olha e segura.
Tal ás margens do Tejo iria outr'ora
A Toledo em briosa romaria
Da lusitana lealdade o symbolo;
Tal Martim-de-Freitas nos figura
O vivo imaginar, aspecto e forma.

VI

«Suspende as notas do despeito iroso,
Brada o celeste cavalleiro ao vate:
«Cessa o funebre canto doloroso,
E n'harpa lusitana os sons antigos
Acorda da victoria:
Hymnos entôa de triumpho e gloria.
Inda ha sangue do meu por essas veias
Da gente portugueza; extincto ainda
Não foi o santo amor da liberdade
Que os lusitanos peitos incendia,
Nem o timbre da honra e lealdade
Que entre os povos da terra os distinguia.

«No meio d'esse pégo (e co'a bandeira
Apontou para o ultimo occidente)
N'uma isolada rocha, que a fogueira
Das subterraneas furnas sempre ardente
De continuo rescalda, a derradeira
Leal phalange intrépida e valente
Com sangue imigo e seu tinge o oceano,
E a nodoa lava ao nome lusitano.

VII

«Olha, e verão teus olhos o alto feito,
A alta gloria dos teus» — Disse, e brandindo
Na dextra a lança, para Oéste accena:
No concavo do escudo as ferreas chaves
Deram tremendo som. O ecco dos máres
O repetiu, e a negra tempestade
Emmudeceu ante elle; as nuvens fogem,
Os brados do trovão sumidos morrem,
E a derradeiro lampejar dos raios,
Como elles, des'parece o cavalleiro,
Um sulco d'alva luz té o horisonte
Descrevendo nos céus: — e qual nas scenas
Subito corre a tela, e ostenta aos olhos,
Por feiticeira maravilha de arte,
As terras longes e apartados povos
Que além mares, que além desertos jazem
Tal aos olhos do vate deslumbrados
O magnifico aspecto se descobre
De uma Ilha vicejante e pampinosa,
Que ante elle, qual Delos, se offerece,
Ou qual ao domador das iras cruas
Do fero Adamastor a dos Amores

VIII

Alcantis bravos derredor a cercam;
E nos erguidos cumes pictorescos
De seus montes vegeta em morna cinza,
De mal extinctas crateras emtôrno,
Todo o luxo de Flora e de Pomona,
Que ao lourejar de Ceres dá realce
E c'os thyrsos de Baccho se mistura.
O tempestuoso Atlantico lhe quebra
Nas ouriçadas pontas dos rochedos
Que em orla a cingem, onde em amplo seio
Mais á larga lhe é dado entrar na praia,
Sôbre a pallida areia em rolos bate
E em alva franja se desfaz de espuma.

IX

A espaços, e uns sobre outros torreando,
Baluartes avultam, e alto ondeia
Á matutina brisa, n'hástea erguido
Das nobres Quinas o estandarte antigo.
Rara nebrina cobre em parte o resto:
E á sombra d'ella, empavezada fróta
Vae na enseada penetrando a furto...
— Quinas tambem arvora; mas infame
Quebra de bastardia a meio parte
O glorioso escudo; e o sangue fresco
Na alvura da bandeira lhe resumbra.
— Que sudario de mortos a disseras
N'uma armada de sombra defraldado
O aziago vento nos pègões da Styge.

X

Deu sinal a atalaia n'alta torre,
E as negras boccas dos canhões romperam
O crebro fuzilar; os ares cortam,
Cruzam-se as pélas que de morte silvam;
E os eccos das pacificas montanhas
Pasmam dos sons de guerra que repetem.
Nas náos desaba o rapido granizo
Do saltante peloiro: e o crebo estalo
Da palpitante, trépida, granada
Ferve de terra e mar.

XI

Mas já baixando das erguidas pôpas
Das alterosas náos, leves esquifes
Armadas lanchas n'agua vão poisando,
E a enseada povôam: lentas descem
As phalanges dos bravos, que mal soffrem
Ir ao feito traidor co'as mesmas armas
Que leaes nos campos de Coruche e Prado
Tanta gloria ganharam... Instam cabos,
Blasphemos centuriões, a infames brados
De ameaças, os pungem .. Cede á força
O soldado fiel, mas n'alma leva
A tenção fixa de lavar a injuria
No sangue vil do chefe que o deshonra.
Movem-se os remos; e, entre o fogo e a morte
Audazes penetrando, á praia abicam;
E braço a braço, peito a peito, encontram
O cidadão c'o escravo; — trava a lucta
Da perjura traição c'o'a lealdade,
E investe a escravidão co'a liberdade.

XII

E quem são esses nobres defensores,
Que, em poder tam pequeno, fixos, quedos
Aguardam seus terriveis aggressores,
E immoveis sobre as pontas dos rochedos
Parecem desafiar seus vãos furores?
Ri-lhe a victoria ja nos olhos ledos,
Não bate o coração, tranquilla é a alma;
E a sorte esperam que lhes traga a palma.

A desmedida fôrça do inimigo
Não parecem contar; ou, se a contaram,
Suppõe-se cada qual n'este perigo
Que o ânimo ou os braços lhe dobraram;
A injúrias taes e tantas dar castigo
Os piedosos destinos lh'outorgaram
E só contam, só vêem co'a longa esp'rança
As delicias da proxima vingança

XIII

Quaes injúrias, que affrontas? Inda eccôa
Do disperso senado nas abobadas
Calumniosa voz que altiva sôa,
E de insultos cobriu a escolha impavida
Da lusa mocidade,
Que armas em vão pediu, e ás armas corre
Que lhe vedam *t*raidores,
Combate, vence, onde não vence, morre,
E ensina a seus covardes detractores
Que é mais fiel o cidadão que o escravo,
E que no peito do liberto bravo
A antiga lealdade
Remoça e cresce mais co'a liberdade

XIV

Tu o dize, ó magnanimo guerreiro.
Gloria da patria, em cuja nobre espada
Da afflicta Lysia o amparo derradeiro,
A derradeira esp'rança está firmada:
Dize-o tu, Villaflor, quando primeiro
Assomaste na altura alcantilada,
Que assombros de valor, de patriotismo,
Que milagres não viste de heroismo!

XV

Qual, através de insolito perigo,
Vae de soccorro a Diu o Castro forte,
Tal, entre a densa esquadra do inimigo.
O árdido Villaflor, sem medo á morte,
Villaflor, dos rebeldes o castigo,
E a quem domada não resiste a sorte,
Nas praias de Angra impavido surgira,
E com elle a victoria que o seguira.

E que pensaveis, desleaes traidores?
Encontrar só valor?—Têm chefe agora
Da patria liberdade os defensores:
Na tenda imbelle por Briseis não chora
O Achilles portuguez, e seus furores
Muito sangue leal inulto implora;
Não ha comvosco Heitor que vos defenda,
E Páris foge da marcial contenda.

XVI

Eil-os! eil-os, que estólidos correndo,
Cegos se appressam a encontrar seu fado:
—Matae, não deis quartel! com gesto horrendo
O chefe canibal brada ao soldado.
«Perdoae, perdoae; crime tremendo
«E o d'elles; (do heróe tal era o brado)
Mas não sigaes o exemplo do tyranno,
Poupae, poupae o sangue lusitano»

Trava a peleja: quaes leões feridos
Os renegados chefes accommettem,
E blasphemando em horridos bramidos,
Instam c'os seus, despojos lhes promettem;
De affrontosos supplicios, que aos vencidos
O vencedor prepara, lhes repetem
Fábulas mil com que o soldado excitam,
E a combater, máo grado seu, o incitam.

XVII

Mas não descança a espada que tempéra
Fogo que ardeu no altar da liberdade;
Nos gumes lhe poisou a morte fera,
E nas mãos da briosa mocidade
É raio que fulmina e reverbera,
Raio de honra, valor, de heroicidade,
Que nos rebeldes campeões desfeixa
E em negras cinzas sobre a praia os deixa.

XVIII

Um por um cáem na contenda ingloria,
Deshonrados cadaveres,
Trophéo ignobil que desdenha a gloria,
Que á corda do patibulo
Roubou com pejo a espada da victoria

Soprae do oceano tumido,
Soprae, ó ventos, derramae nos áres
Cinzas que a mão do algoz devia aos mares

E vós, illusas victimas
Da tyrannia perfida,
Vinde, acolhei-vos ao amparo amigo
Da bandeira leal
Soldados! já não ha mais inimigo,
Bradae:—Real, Real!
Por Maria, bradae, de Portugal!
«Viva Maria e viva a liberdade!»
Com lagrimas responde e a brados clama
O soldado corrido e envergonhado.
Nas fileiras da antiga lealdade
A' voz se uniram do heroe que os chama,
E bemdizendo a mão que os ha salvado,
Lavar promettem a manchada fama
No sangue d'esse monstro de maldade
Que a patria c'o roubado sceptro opprime
E involuntarios os forçou ao crime.

XIX

Vencidos, vencedores, abraçados,
Todos triumpham na ganhada gloria;
Da mesma causa todos são soldados,
E unidos cantam a commum victoria:
Os seculos por-vir lerão pasmados
Prodigio tal na lusitana historia...
O ecco dos máres que repete o canto
Nas vagas se ouve murmurar de espanto.

XX

Sonoros rufam trémulos tambores;
Os bravos batalhões, de Ourique entoam,
Em côro marcial, leaes clamôres;
E as alternadas coplas, que resôam
Como em respostas, se unem aos clangores
Das trompas.—dos clarins que agudo soam;
Brande-se a espada inda sanguenta e nua,
E a bandeira real no ar fluctua.

CÔRO DOS SOLDADOS

Real! real! real!
Real por Maria de Portugal!

UMA VOZ

Repita a Terceira as vozes de Ourique,
Que ao throno elevaram o filho de Henrique,
E a filha de Pedro ao throno alçarão.

CÔRO

Maria proteje a Constituição.

ALGUMAS VOZES

E viva Maria, viva a liberdade!
Miguel é tyranno,
Feroz, deshumano,
Que reinar não hade.

CÔRO

Real! real! real!
Real por Maria de Portugal!

UMA VOZ

Victoria cantemos, victoria, victoria!
Maria triumpha: — seu nome é de gloria,
Seu nome, que adora a luza nação.

CÔRO

Defende, protege a Constituição.

ALGUMAS VOZES

E viva Maria, viva a liberdade!
Miguel é tyranno,
Feroz, deshumano,
Que reinar não hade

CÔRO

Real! real! real!
Real por Maria de Portugal!

UMA VOZ

Sua mão delicada bordou a bandeira
Que altiva tremúla na heroica Terceira:
Cantemos, alcemos o invicto pendão.

CÔRO

Maria protege a Constituição.

ALGUMAS VOZES

E viva Maria, viva a liberdade!
Miguel é tyranno
Feroz, deshumano,
Que reinar não hade.

CÔRO

Real! real! real!
Real por Maria de Portuga

Lond 1829.

II

O JURAMENTO

CANTO PATRIOTICO

> Posuisti nos opprobrium vicinis nostris..
> Exurge, quare obdormis, Domine?
> PSALM, XLIII

I

Deus, que ouviste o juramento
Do teu Povo lusitano,
Oh rei dos reis soberano,
Ouve-o, que a ti vem bradar!
Nós jurámos: santa jura
Que ninguem fará quebrar.

II

Nossas armas humilhadas
Que abandonou a victoria,
Estes pendões já sem gloria
Depômos no teu altar.
Mas juramento que démos
Ninguem nos fará quebrar.

III

Já tua mão omnipotente
Sobre nós luz co'a esperança,
Já vem o Iris da bonança
No horisonte a raiar.
Juramento que lhe démos
Ninguem nos fará quebrar.

IV

Do nosso Libertador,
De dous mundos maravilha,
Eis do grande Pedro a filha
Que sobre nós vem reinar.
Juramento que lhe démos
Ninguem nos fará quebrar.

V

Nas tenras, ungidas mãos
A paterna magestade
Pôs a nossa liberdade
C'o proprio sceptro a guardar.
Juramento que lhe démos
Ninguem nos fará quebrar.

VI

Nós, invocando o seu nome,
E o teu nome, ó Deus de Ourique,
Do filho do grande Henrique
O pendão vamos hastear:
Jurámos— e o juramento
Ninguem nos fará quebrar.

VII

São tambem teus inimigos
Os crus inimigos seus,
Que renegaram de Deus
Antes de a patria negar
Nós, a jura que fazemos,
Ninguem nos fará quebrar

VIII

Vamos, a esses traidores
Que a tua lei desprezaram,
Que a lei do povo calcaram,
Vamos, senhor, castigar.
Este santo juramento
Não nol-o deixes quebrar.

IX

Confunda-os, Senhor, tua ira,
Desarme-os teu braço eterno;
Manda a confusão do inferno
Suas hostes baralhar:
Que nós jurámos—e a jura
Ninguem nos fará quebrar.

X

Jurámos livrar a patria,
A patria libertaremos;
E, no throno que lhe erguemos,
A rainha hade reinar.
Jurámos, sim; e ésta jura
Ninguem nos fará quebrar.

1829.

III

NO ALBUM DE UM AMIGO

Nos valles do destêrro são colhidas
Estas singelas, desmaiadas flores
Que por mãos da saudade vão tecidas
C'os acerbos espinhos de suas dores:
Mas doce esp'rança as leva offerecidas
Ao casto altar dos conjugaes amores;
E ahi, morta a Saudade na ventura,
Os espinhos cahirão—Amor o jura

Lond. 1831.

IV

NÃO CREIO N'ESSE RIGOR

Não creio n'esse rigor
Que nos olhos se desmente:
E' traidor
O deus d'amor,
Mas em teus olhos não mente.

Deixa pois tanto rigor,
E na verdade consente:
Que é traidor
O deus d'amor
E nos olhos te desmente.

Lond. 1831.

V

O RAMO DE CYPRESTE

A EX.^{ma} SR.ª D. ANNA LEITE DE [illegible]

A esta frente desbotada
De angústias e dissabores
Não cabe o louro da glória
Nem as rosas dos amores:
A triste fado votada,
Sem renome, sem memoria,
Nem terá piedosas flores
Sobre a campa abandonada.
Sei que do negro cypreste
Só me toca a palma obscura.
Mas nem essa rama escura
Que por tuas mãos colheste,
Nem essa quiz a ventura
Que me viesse coroar...
Tam cruel é minha estrella
Tam funesto é meu desar.

A' mão innocente e bella
Que o triste ramo colheu,
Por mui alto para meu,
Volta pois o dom fatal;
Mas fica, esse sim, o agoiro
Que prophetiza o meu mal.
—Oh! quando faminta espada
Ou sibilante peloiro
Houver emfim terminada
A amarga, penosa vida...
Ao menos—se, assim pedida,
Mercê tal é de outorgar—
D'esses teus olhos divinos
Uma lagrima sentida
Venha piedosa os destinos
Do proscripto vate honrar.

S. Mig. 1832.

VI

FLOR SINGELA

NO ALBUM
DE S. A. A. S. S. I. D. A. J. M

Linda flor que nos jardins
Fôrça de arte cultivou,
Tem dobrada a folha, o cheiro
Mas de fructo se privou.
Passa abelha diligente,
E admirou tanto primor;
Mas para os favos o nectar,
Vae buscál-o a outra flor.

Singelinha de tres folhas
Co'a musqueta deparou,
E em seu calix meio-aberto
Oh que thesouro encontrou!

Como a abelha diligente
Que busca a singela flor,
Um singelo coração
Tambem só procura amor

Paris, 1833

VII

RAMO SECCO

NO ALBUM DE UMA SENHORA BRASILEIRA

I

No paiz doce de Cabral nascida
Affeita áquella eterna primavera
Que perpetúa a vida
Na folhagem vivaz que não se altera,
Nem conhece as fadigas e a pobreza
De nossa lenta e velha natureza,
Porque, filha mimosa
Da Atlantida formosa,
Porque tam tarde vens, nos tristes dias
De nosso feio inverno,
Visitar estas praias tam sombrias,
Estas devezas horridas e frias,
Só povoadas pelo gêlo eterno?

II

Bem te quero brindar, que és boa e bella;
Mas confuso e corrido
Venho co'as mãos vazias,
Que por esse vallado desabrido
Nem bonina singela,
Que offertar-te, desponta.
A queimada vergonta
Da combatida estêva
Açoita o furacão; o alvor que neva
Pende entre os ramos sêcos do arvoredo
E escarnece com perfido arremêdo
Os seus mortos amores
Que tarde—ai, tarde!— volverão co'as flores.

III

E que culpa tenho eu que, esperdiçada
Em dons comtigo e com teu doce clima,
Tam pouco me deixasse a natureza,
Tam pouco e minguado?
—Vês: o pobre poeta estropeado,
Velho no coração, velho na rima,
Não tem, na sua pobreza,
Com que te pôr aqui outra memoria
De sua boa amisade,
Mais do que um sêco ramo de saudade,
Sem flor, sem folhas... todo o viço e gloria
Se lhe foi com o inverno d'esta edade,
Velhice d'alma... Oh! tam desconsolada,
Tam peior que a do corpo!—descontento
Perenne, tam pesado e sem confôrto,
E em que, por mór tormento,
Sente a alma ainda—e o coração é morto.

Bruxellas, 1836.

VIII

NUNCA MAIS

E o meu contentamento
Que eu cuidava que era meu,
Deu-me depois tal tormento
Qual nunca me deu.

CRISFAL.

I

Não, não creio nos teus olhos:
—Se eu já sei o que elles mentem!
Se conheço á minha custa
Que o que dizem não sentem!
Oh! quem me dera ignorál-o
Para ser feliz ainda..
Era feliz com mentira;
Mas se a mentira é tam linda!
... .
.. ..

II

Uma vez — ha quanto tempo!
Seis lentos giros no céu
A lua inteiros volveu,
E aquelle instante divino
Na memoria de contino,
Inda me não esqueceu!
— Uma vez, teu braço trémulo
No meu braço repousava,
De tua bocca celeste,
Anjo do céu que então eras!
Aquella voz desprendeste,
Que sumida e vacillante
Acceitou meu voto amante...
.. ..
— Mal o labio a proferiu,
Mal o ouvido a sentiu;
Mas ouviu-a o coração..
— Não que a ventura não mata,
Por isso ali não morri:
Mas foi peor do que a morte,
Mais fatal... — endoudeci

III

Lembra-te? Foi longa a noite.
Longa aos outros pareceu:
A mim vôou-me entre glórias,
Como os instantes do céu.
Lembra te? — O resto da noite,
D'esses olhos eloquentes
Que expressões tam vehementes
Sahiram de amor, de fé!
.. ..
Vivi um seculo inteiro
N'essa noite de ventura,
Vivi na illusão, no engano;
Mas êrro tam lisongeiro
Oh, porque inda não dura!
....

IV

Da cor da aurora que nasce,
Entre roxo e côr de rosa,
Vestida essa fórma airosa
Inda a vejo, que balança
Nos vagos giros da dança
Que ante mim se confundia!

E eu desvairado, eu sem tino,
Eu que a ti — a ti só via...
Hoje ainda, ainda agora
Vejo em teu rosto divino
Aquelle brilhar de aurora
Que tanto me prometia...
Oh! mas a aurora mentiu;
Que veiu importuno dia
E de nuvens se cobriu.
....

V

Sei que as apparencias culpadas
Estiveram contra mim..
Mas julgar, punir assim
E sem ouvir. ......
....
Oh! como eu então vivi!
Como de ancia e de amargura
N'esses dias não morri!
Foram seculos pesados,
Longos, lentos, — e contados
Hora a hora de tortura

VI

Via-te, e nem vêr-te ousava:
N'um tremor, n'um paroxismo,
De tua vista recuava
Como se fosse do abysmo.
Fugia de ti: — mesquinho!
Com te não vêr me matava..
Triste de mim! e era morte
Mais cruel se te encontrava.
Teus olhos, aquelles olhos
Onde bebi tanto amor,
Teus olhos, fugia d'elles,
Cobrei-lhes medo e terror.
....
E se os traidores, um dia,
Por cruel divertimento,
Renovando o engano antigo,
Me dessem novo tormento?..
Co'a só ideia do p'rigo
Todo eu estremecia,
E do horrivel pensamento
Como um covarde tremia.
Jurei, protestei mil juras.
—Para insensato as quebrar!
Bastou-te querel-o um dia,
E eu proprio—fui-me entregar.
....

VII

Espessa treva fazia
N'aquella solemne estancia,
E em pausada consonancia
A voz da oração se ouvia.
Interno presentimento
O coração me batia..
Mas era o fatal momento,
—Fatal, funesto, fadado..
E ninguem foge ao seu fado
Não fugi, fiquei,—perdi me.
E sem combater rendi-me..
Com um só de teus sorrisos
—D'aquelles que dás a mil!—
Em meu peito árido, morto
Mais esperanças nasceram
Do que flores tem abril:
Tristes flores, que vieram
Sem abrigo nem confôrto,
E açoitadas dos granizos,
Dos *varios* ventos, morreram!

VIII

Que novos sonhos sonhei
De amor, de felicidade!
Com que feia crueldade
Teus lindos olhos fingiam,
Tam expressivos diziam,
Crueis!... o que não sentiam!

IX

Ah! quebrou-se emfim o encanto,
Já me não torno a illudir;
Foi sonho de que acordei
E que não volvo a dormir:
Que d'esta vez entrou n'alma
Socegado desengano,
E, um por um, co' dedo experto
Os golpes do coração
Andou sondando sem dó:
Hade curar-se, elle diz,
Fica leso — e porque não?
De que me serve elle agora?
Para amar-te o tinha eu só,
Só para t'o dar o quiz...

X

Vae... de quanto coração
Em peito de homem batia
O mais valente quebraste,
Pois com tanto amor podia,
Todo o amor que lhe inspiraste.
Vae... como este coração
Não fez outro a natureza,
Formou-o co'a mesma mão
Com que fez tua belleza:
Unicos ambos! — Já agora
Brilharás entre os mortaes,
Reinarás, serás senhora,
Serás admirada. — Embora!
Mas amada... nunca mais.

1837.

IX

A MINHA ROSA

Quem, se uma vez pôz os olhos
N'aquella face tam bella,
Não viu n'ella — a sua estrêlla,
Rainha dos seus amores?
Em seus labios um sorriso
E' a luz do paraizo;
E o corar da face linda
E' desabrochar de rosa
Que a manhan, com a sua vinda,
Debruçou n'hástea mimosa
Para inveja das mais flores.
— Assim fôra ella — singela
A minha rosa tam bella,
Nem mudasse assim amores
Com as outras folhas e côres!

183...

X

SUSPIRO D'ALMA

Suspiro que nasce d'alma,
Que á flor dos labios morreu...
Coração que o não entende
Não n'o quero para meu.

Fallou te a voz da minha alma,
A tua não n'a entendeu:
Coração não tens no peito,
Ou é diff'rente do meu.

Queres que em lingua da terra
Se digam coisas do céu?
Coração que tal deseja,
Não n'o quero para meu

183...

XI

O EMPRAZADO

They seem'd... unto the last
To... forget the present in the past,
To share between themselves some separate fate
Whose darkness none besid should penetrate

BYRON, *Lara.*

I

No chão a hástea da lança está cravada;
E a luzente armadura
Em tropheu se encastella
De emtôrno da hástea dura.
Brilha, na cinzelada,
Ponderosa rodella,
O antigo emblema heraldico sabido,
Que o nome conhecido
Do senhor d'essas armas apregôa.
O elmo emplumado, que brilhante c'roa
O soberbo tropheu,
Ao vento baloiçando, ouco rebôa.
Vae socegada resvalando a lua
No puro azul do céu,
E nas fulgentes laminas
Cáem seus raios tremulos,
Como o vago lampejo
De luz que surde de encantado brejo,
O pendão enrolado,
Nas mysteriosas, variadas côres
Traz segredo de amores
A ninguem revelado:
Oh, se alguem o entendeu, não n'o dissera,
Que n'essa hora morrêra.

II

É a justa ámanhan, cavalleiros.
É a justa; acudi a brigar.
Quem ficar na tranqueira estendido,
É signal que era fraco no amar.

Pois venha já brigar, pois venha já morrer,
Quem diz que tem amor, quem n'o quer merecer!

Tropheu que ahi se ergue arrogante,
Um nobre senhor o arvorou:
Quer ser elle o mais fino amante;
Sua bella, a mais bella a jurou.

Quem se atreve a dizer-lhe que não?
Quem se atreve a tocar-lhe no escudo
Com a ponta da lança ou contão?
Quem se atreve? Ninguem. Ficou mudo
O tropel dos guerreiros então.

III

Arreda, arredar, fasta, affasta!
Que ahi vem, brida sôlta, correndo
Guerreiro de aspecto tremendo
Montado n'um negro corcel.

No escudo não tem mais quartel,
Tenção nem lettreiro que diga
A empreza de guerra que siga,
A dama que sirva de amor.

Da guerra d'el-rei Almançor
Virá co'essas armas sangrando,
Ou foi que na estrada algum bando
O quiz, por má traça, matar!

Não sabe ninguem decifrar
Mysterio de tanto segredo..
Chegou elle,—investe sem medo
O altivo tropheu do senhor:

Feriu-o no ponto d'honôr,
Do conto da lança lhe dava,
O escudo insolente voltava
Ao nobre, soberbo campeão..

IV

Em sua tenda de damasco
Bordado de oiro á porfia,
Alli junto ás suas armas,
O nobre dono dormia.

Ouviu o golpe atrevido
Que no escudo lhe batia;
Chamou pagens, escudeiros,
Muito á pressa se vestia.

No escudo das suas armas,
O coração lhe dizia
Que um homem só neste mundo
A tocar se atreveria.

Não quer lança nem cavallo,
Seus homens não requeria;
Co'a espada nua na mão,
Só, pela tenda sahia:

—«Aqui estou, diz, que me queres?»
E a forte voz lhe tremia..
—A tua vida, emprazado,
Que já passou anno e dia.

V

Não houve mais falas; o nobre emprazado
Montou na garupa do negro corcel.
Partiram por monte e vallado,
O estrondo fazendo d'um grande tropel...

D'alli a tres dias, tres noites contadas,
Sahiu saimento com grande primor

De além do castello de Penamacôr:
Duas tumbas levava pregadas, fechadas...
Juntava-se o povo de todo o arredor
A ver saimento de tanto primor.
Mas cruz nem caldeira, ninguem n'a levou:
Sem rezas nem frades, o enterro passou..

VI

N'aquelle castello dois irmãos viviam
Nunca mais os viam.
E a bella condessa
De Penamacôr
D'alli a um anno é freira professa
Em San Salvador.

1841.

XII

A ESTRELLA

Ha uma estrella no céu
Que ninguem vê senão eu:
Inda bem! — que a não vê mais ninguem

Como as outras não reluz;
Mas dá tam serena luz,
Que, inda bem! — não a vê mais ninguem

No cantinho azul do céu
Onde ella está, não digo eu
A ninguem! — sei o eu só: inda bem;

184...

XIII

L'ALCYON AU CAP

DE M.LLE DE FLAUGERGUES

This is so be alone, this is solitude

Chante et rase les flots d'une aile paresseuse!
Tel qu' un enfant riant sur sa couche bercé,
Chante, doux Alcyon, et par l'onde amoureuse,
Vogue mollement balancé!

Moi, je sens que je touche au terme du voyage,
Quelques douleurs encore: puis la paix du cercueil!
Ne me plains pas! long-temps sur moi gronda l'orage;
Mieux vaut dormir au port, que trembler sur l'écueil.

Mais, toi! rase les flots d'une aile paresseuse!
Tel qu'un enfant riant sur sa couche bercé,
Chante, doux Alcyon, et par l'onde amoureuse,
Vogue mollement balancé!

Heureux! tu n'as point fui ta famille chérie,
Tu n'es point triste et seul par la vague emporté,
Ton doux nid t'accompagne, et toute une patrie
Te suit et vogue á ton côté.

Loin, bien loin, de ma vue est le toit que j'implore;
Loin, bien loin de mon cœur tout ce qu'il a chéri.
Me sera-t-il donné de voir, d'entendre encore
Un regard, un accent ami?

Noble fille du ciel, amitié, pure flamme!
Partout où tu n'es point, est le froid du tombeau..
Eh! quoi, vivre et mourir sans révéler mon âme!
De ma pensée ardente éteindre le flambeau!.

XIII

O ALCYON NO CABO

TRADUÇÃO

Isto sim que é estar só.

Canta, e co'a ponta d'aza priguiçosa
Varre a onda serena!
Como o innocente que no berço embalam
Com branda cantilena,
Canta, suave Alcyon, e mollemente
Voga ao som d'agua amena!

Por mim, já da viagem chego ao termo.
Mais uma dôr talvez..
E o túmulo depois: ninguem me cuite!
Descançarei de vez.
Antes quero dormir no porto agora,
Que ir dar n'outro revés.

Tu canta, e varre co'a aza priguiçosa
Essa onda serena!
Como o innocente que no berço embalam
Com branda cantilena,
Canta, suave Alcyon, e mollemente
Voga ao som d'agua amena.

Feliz és tu, que nem os teus deixaste,
Nem vaes triste e sosinho
Das ondas tempestuosas arrojado
A ignorado caminho:
Comtigo a patria, aonde vaes, a levas
Boiando no teu ninho.

Longe, ai! tam longe, eu tenho o lar que choro;
Quanto á vida me liga
Tam longe me ficou... Oh! ser-me-ha dado
Que eu ainda consiga
O vêr um doce olhar, o ouvir ainda
Um som de voz amiga?

Nobre filha do céu, doce amizade,
Tua chamma não consente,
Tua chamma só, que ao gêlo do sepulchro
A vida se arrefente...
E eu heide assim viver, morrer, sumir-me
Com este facho ardente
A queimar-me alma — e eu a apagal-o á força,
Não me revele a mente!

Quoi! rien qu' un roc muet, rien, rien qu' un sable aride!
Une atmosphère lourde, un ciel tempêtueux!
Plus triste que la nuit, rien que ce jour livide
Qui blesse mes débiles yeux!

S'il était seulement sur ce morne rivage,
Un écho solitaire á ma voix s'éveillant,
Une fleur sans éclat, un arbre sans feuillage,
Si je voyais au ciel un astre vacillant.

Oh! j'aimerais l'écho plaintif, la fleur mourante,
L'étoile qui pâlit et l'arbre foudroyé!
Je leur dirais:—Rendez á mon âme souffrante
Sympathie et pitié!—

Oui, pitié: car je souffre et respire avec peine,
D'un fardeau meurtrissant mon cœur este oppressé,
Oui, pité; car je meurs, et la mouvante arène
Va, comme un blanc linceul, couvrir mon front glacé!

Je disais: tu passas sur l'onde frémissante,
De ton aile d'azur à peine l'effleurant.
Ton doux chant répondit à ma voix gémissante,
Comme les sons d'un luth entre mes doigts vibrant.

Reviens, réponds encore au cri de ma souffrance!
Tu plais à ma douleur, oiseau mélodieux!
Ton chant d'amour me semble un hymne d'espérance,
Et ta couleur brillante est la couleur des cieux!

Chante et rase les flots d'une aile paresseuse!
Tel qu'un enfant riant sur sa couche bercé,
Chante, doux Alcyon, et par l'onde amoureuse,
Vogue mollement balancé!

Que! só, n'este areal deserto e mudo,
Só, essa penedia!
Ar que se não respira, um céu pezado,
E esta má luz de dia .
Uma luz alvacenta que me cega
Mais que a noite sombria!

Oh! se encontrasse ao menos n'essa praia
Um ecco a minha voz!...
Se uma flor murcha, uma árvore sem folhas
Eu vira ahi tam sós!...
E trémula no céu, vira uma estrella
Entre o negrume atroz!...

A esse ecco gemedor á flor mortiça,
Oh, como lhe eu quizera!
Á estrella que desmaia, ao tronco sêcco
Oh, como eu dissera:
«Piedade, sympathia para uma alma
Que a mágoa dilacera!»

Piedade sim, porque eu padeço muito:
Um pezo que o matou,
Me opprime o coração; e já presinto
Na agonia em que estou,
Sudario alvo de areia ir-me cobrindo
A frente que gelou.

Eu dizia, e tu vinhas rente d'agua,
Ao som dos ais sentidos,
Roçando-a com as pennas azuladas.
Aos tristes sons carpidos
Teu canto respondeu, como o alahude
Que vibra estes gemidos.

Volta, responde ainda aos meus lamentos,
Que em vêr-te a alma descança!
O teu canto de amor nos meus ouvidos
É um hymno de esp rança,
E a tua côr brilhante a côr do céu
Quando ri na bonança.

Canta, e co'a ponta d'aza priguiçosa
Varre a onde serena!
Como o innocente que no berço embalam
Com branda cantilena,
Canta, suave Alcyon, e mollemente
Voga ao som d'agua amena!

184...

XIV

O PHAROL E O BAIXEL

Como está segura a tôrre
No meio d'agua! não vês?
No cimo a luz da esperança,
O escôlho da morte aos pés..
Assim luz amor na vida,
Que é pharol de salvação,
Assim tem aos pés traidores
O escôlho da perdição.
E' bonança, e junto á torre
Dorme tranquillo o baixel!
Mas quem pôs firmeza em ventos,
Quem teve o mar por fiel?

Na torre ardia o pharol,
A onda morta se espelhava
E o baixel já fatigado
Pela brisa suspirava

O baixel é novo e lindo,
Velha a torre e desdentada;
Ouvirás o que ella diz
Com a voz cava e rachada:

--Baixelzinho tam ligeiro,
Que essa calma impacienta,
Ai! não chames tanto a brisa,
Que póde vir a tormenta

«Tu és uma torre velha,
Ahi prêsa n'esse escôlho:
Cega todo o dia, apenas
Te accendem de noite um ôlho.

Que sabes tu do que vae
No immenso campo do mar?
Eu tenho mais fé na vida,
Quero vêr, viver e andar.»

—Sólta pois no mar da vida,
Lindo baixel, sólta as vellas;
Ventura te assopre os ventos,
Guie-te amor das estrellas!

Mas se ao voltar (na viagem
Da vida, o p'rigo é voltar)
Te vires perdido .. Oh! vem,
Vem a mim, que me has de achar

1842...

XV

SENTENÇA D'AMOR

NO ALBUM DE UMA JOVEN SENHORA

Tirou das azas a penna
E lavrou aqui Amor,
N'este livro de primor,
Sentença que já condemna,
Por sacrilego e traidor,
A todo o que a mão impura
N'estas paginas pozer,
Tomando, com falsa jura,
O seu santo nome em vão,
Para n'ellas escrever
O que impresso não tiver,
Bem fundo no coração.

184..

XVI

GRINALDA

Date lilia.
VIRG.

Andei pelo prado vagando, vagando
Em busca da flor
Que aqui heide pôr.
Grinalda tam bella, que se vae trançando
Com tanto primor.
Que flor lhe heide eu pôr?

Vou-me á borboleta, que n'esses vergeis
Anda a namorar,
Vou-lh'o perguntar...
Não: heide ir á abelha que mais sábias leis
Tem no seu gostar;
Ir-lh'o hei perguntar.

Mas a borboleta é doida, coitada,
Não sabe das flores
Senão viço e côres;
E a pobre da abelha sempre carregada,
Não vê no vergel
Senão o seu mel.

E eu n'esta flor quero da rosa a belleza,
Do lirio a candura,
Do nardo a doçura..
Diz-me o coração que nem natureza
Fez tal formosura,
Nem arte ou cultura.

Mas tambem me diz - e eu creio—oh! que sim:
Que o jardim d'amor
Produz a tal flor.
Mancebos, correi, correi lá por mim:
O que achar a flor.
Que a venha aqui pôr.

184...

XVII

JÁ NÃO SOU POETA

Eu queria apanhar uma rosa
De um rosal que já tive no céu,
Quando eu era poeta—e mimosa
D'essas flores que a tantos já deu,
Minha mão punha a c'roa ao valor,
E prendia em grinaldas amor.

Eu queria apanhar uma rosa
Do rosal que já tive no céu
Rosa pura, singela e mimosa,
Para a dar a quem tanto a mer'ceu,
A quem junta ao precioso valor
D'alma bella, as mais graças d'amor.

Mas não sou já poeta; cahiu-me
Da cabeça a corôa, o poder:
A innocencia do Eden fugiu-me,
Fructo amargo provei do saber...
Sei, perdi-me. e na triste memoria
Nem saudades já tenho da gloria.

Bem o vês, o alahude cahiu-me
D'estas mãos que não têem já poder;
E o som derradeiro fugiu-me
Do hymno eterno que ergui ao nascer.
Ai por ti, por ti só, á memoria
Vêm saudades do tempo da gloria!

184...

XVIII

LIVRO DA VIDA

NO ALBUM DO SR J. M. DO AMARAL

Vae o talento e a amizade
Nas folhas brancas pintando
D'este livro os seus primores.
Memorias de saudade
Aqui ficam retratando
As várias, dispersas flores

Que, no caminho da vida
Se vão colhendo e esfolhando...
E esta é a historia sabida
De toda a vida — e da flor
Que é, que foi, ou que fôr.

Eu deixo aqui só memoria
De uma sincera vontade,
De affeição, de lealdade:
Deve ter logar na historia
De que este livro é padrão,
Que é historia do coração.

1843.

XIX

AS MINHAS AZAS

Eu tinha umas azas brancas,
Azas que um anjo me deu,
Que, em me eu cansando da terra,
Batia-as, voava ao céu.

—Eram brancas, brancas, brancas,
Como as do anjo que m'as deu:
Eu innocente como ellas,
Por isso voava ao céu.

Veiu a cubiça da terra,
Vinha para me tentar;
Por seus montes de thesouros
Minhas azas não quiz dar.
—Veiu a ambição, co'as grandezas,
Vinham para m'as cortar,
Davam-me podêr e gloria;
Por nenhum preço as quiz dar.

Porque as minhas azas brancas,
Azas que um anjo me deu,
Em me eu cansando da terra,
Batias-as, voava ao céu.

Mas uma noite sem lua
Que eu contemplava as estrellas,
E já suspenso da terra,
Ia voar para ellas,
—Deixei descahir os olhos
Do céu alto e das estrellas...
Vi entre a névoa da terra,
Outra luz mais bella que ellas.

E as minhas azas brancas,
Azas que um anjo me deu,
Para a terra me pesavam,
Já não se erguiam ás céu.

Cegou-me essa luz funesta
De infeitiçados amores...
Fatal amor, negra hora
Foi aquella hora de dores!
—Tudo perdi n'essa hora
Que provei nos seus amores
O doce fel do deleite,
O acre prazer das dores.

E as minhas azas brancas,
Azas que um anjo me deu,
Penna a penna me cahiram...
Nunca mais voei ao céu.

184...

XX

KYRIELEISÃO

A senom Christeleijom
EGAS MONIZ?

Este é o hymno derradeiro
Que, no fim do seu caminho,
Cantava o triste romeiro:

No cansaço e desalinho
Do longo peregrinar
Não sabia já cantar;
Nem as cordas do alahude
Lhe podiam affinar..

Teimou, e pôz-se a cantar
Este cantar tosco e rude:

«A' porta santa de Roma
Eu bati c'o meu bordão;
O padre santo me abria
Dizendo: Kyrieleisão!

«Kyrieleisão! — por minha alma,
Que morro sem confissão,
Se não digo áquelles olhos
Que me dêem a absolvição»

—Absolvição! — aqui tendes;
Tomae-a com devoção:
E uma bulla cruzada
Que manda ter compaixão

«Compaixão! — minha senhora,
Tende-a de mim, que é razão
O que manda o santo padre,
Fazê-lo fiel christão.

Christão! — é este meu peito;
O vosso, infiel pagão!
As indulgencias que trago
Não sei se cá valerão..

Valer! — só Deus á minha alma,
Que morro sem confissão!
Senhora, vós, que a matastes,
Dizei-lhe: Kirieleisão!»

182...

XXI

OLHOS NEGROS

Por teus olhos negros, negros,
Trago eu negro o coração,
De tanto pedir lhe amores..
E elles a dizer que não.

E mais não quero outros olhos,
Negros, negros como são;
Que os azues dão muita esp'rança,
Mas fiar-me eu n'elles, não.

Só negros, negros os quero;
Que, em lhes chegando a paixão,
Se um dia disserem sim..
Nunca mais dizem que não.

184...

XXII

A UMA VIAJANTE

Que heide eu dizer á amavel estrangeira
Que lhe fique em memoria
D'esta terra onde viça a larangeira
Co'a doce flor d'amor
Junto ao louro da gloria?
Eu cantei como canta no verdor
Do bosque o rouxinol,
Sem saber o que faz—ledo co'a aurora,
E triste ao pôr do sol...
Deixei de ser poeta como o fôra,
Não sei porquê,—sei que o não sou j'agora.

184...

XXIII

ELLA

Oui, mon âme se plait à seccouer ses chaines:
Déposant le fardeau des miseres humaines,
Laissant errer mes sens dans ce monde des corps.
Au monde des esprits je monte sans efforts.
De LAMARTINE, *Méd.*

I

Eu caminhava só e sem destino
No deserto da vida,
N'alma apagada a luz, e o desatino
Na vista esmorecida:
E affastava de mim, que me empeciam
No caminhar adiante,
Os prazeres dos homens que sorriam,
E a turba delirante
De seus empenhos vãos. — Aos que gemiam
Sorria eu de inveja...

Quem podéra gemer!... mas arredava
Esses tambem: não seja
Traição a sua dor? — Eu caminhava
Só, triste, só, sem luz e sem destino,
A vista esmorecida,
A alma gasta, apagada, e ao desatino
No deserto da vida.

II

Olhava para o céu, não via estrella,
Nem eu buscava norte:
Que importava o guiar da luz mais bella,
Se das trevas da morte
Se ennevoavam meus olhos, que a não viam?
Morte d'alma que morre
De enfado e dissabor... e sêca e fria
Pezando jaz no coração! — ahi corre
O sangue com a vida
A vida que é da terra, a bruta, a grossa,
Que, da outra desprendida,
Cahiu n'essa existencia absurda, insossa,
Que é durar só, andar, cansar com ella
E eu ia d'esta sorte,
Olhava para o céu, nao via estrella,
Nem eu buscava norte.

III

A aurora para mim não tinha flores,
Nem o sol resplendores;
E a morte-luz da lua, que é tam bella,
—Lembra-me inda de vêl-a!—
Branquejava-me só como um sudario
Que ondeia ao vento vário,
Pendão de spectros que por noite fria
Vão a alguma aziaga romaria.
Os campos arrelvados,
Que de longe me riam, matizados
De viçosas boninas;
Em chegando, eram áridas campinas,
Gandras salgadas e ermas,
De uma areia alvacenta e nua — enfêrmas
E feias de avistar
Como terras malditas... — Oh! nem flores
Não tinha que esfolhar
A aurora para mim, nem resplendores
O sol que derramar.

IV

E sentei-me cansado n'um rochedo
Triste como eu e só,
No meio d'este valle de degrêdo,
De lagrimas e dó.
Caiu-me a frente sôbre as mãos pesada,
E meditei commigo:
«Não é melhor pôr fim a esta jornada
E poisar no jazigo?
Vagar, peregrinar sem fim, sem termo,
Sem causa, sem esp'rança,
Só nas cidades, abafando no êrmo,
Faminto na abastança,
Morto na vida, e só, só só!» — Quem dera,
Quem me dera uma dor
Das que eu sentia d'antes quando *era*,
Quando impio e sem temor
Bradava ao céu: «Fatal presente d'alma
Que tanto, tanto sente!»
Puniu-me Deus: coalhou-se em podre calma
O oceano fervente
Das paixões tempestuosas de meu peito;
As velas lassas batem,
Baloiça o baixel torpe e desconfeito,
E, nas cordas que latem
De impaciente priguiça, balanceia
A vida que me anceia,
Oh! quem já naufragára n'um rochedo
Êrmo como eu, e só
No meio d'estes mares de degrêdo
De lagrimas e dó!

V

Que é do anjo que, ao gerar da minha vida,
Recebeu a palavra proferida
Da bôcca do Senhor,
O verbo creador
Que me deu alma e sêr? o guarda, o guia
Que, desde esse momento,
Em fiel companhia
Habitar veiu o coração que enchia,
De minha mãe banhal-o de contento,
De amor e de ternura?
O que depois, na timida candura
De minha tam ingenua puberdade,
Quando os olhos sequiosos de ventura
Se ergueram a pedir felicidade
Á primeira mulher que viram bella,
M'os guiou com piedade
Para os olhos d'aquella
Que amei quasi co'a simplice innocencia
Com que amei minha mãe?.. Pobres amores!
Sem fogo, sem vehemencia,
Mas suaves e brandos como as flores...
Como ellas, desbotaram á luz viva
Com que, na quadra estiva,
Dardeja o sol—e a terra ha sêde, sêde
Que orvalhos não apagam;
Quer torrentes onde a agua se não mede,
E que, a aflogar, saciam quando alagam..
....
....
Ai! esse anjo onde está que a minha vida
Da bocca do Senhor
Recebeu na palavra proferida,
No verbo creador?

VI

Com um longo suspiro derradeiro,
Um longo, ultimo olhar de piedade
Elle me abandonou,
Quando ao festim grosseiro
Me viu sentar nas salas da impiedade,
Quando, ai Deus! blasphemou
Minha bôcca em palavras consagradas,
E jurou fé e prometteu verdade
A essas imagens vans, falsas, pintadas
Que a torpe necedade
Do mundo idolos fez d'amor.. —Que amores!
....
....
Ellas, como a saloia vende as flores
Que achou na horta ou no prado,
E as traz, em mólhos feitos, ao mercado,
Murchas no viço, pallidas nas côres,
Do atar, do repartir ..
Assim vendem, nos bailes e nas festas,
A preço de vaidades e mentir
De ambiciosas requestas,
O que só tem valor
Quando se dá — e que o dá amor...
....
Co' esse longo suspiro derradeiro,
N'um longo, último olhar de piedade
O anjo me abandonou

Quando ao festim grosseiro
Me viu sentar nas salas da impiedade.

VII

Eu corri-me, chorei, quebrei a fronte
Na lage dura que soava em ouco,
Quando acordei de meu sonhar tam louco,
E vi enlodaçada e sêca a fonte
D'esse impio templo—o do prazer.. Corri-me,
Bradei, chorei, carpi-me,
E tornei a vogar só, sem destino
No deserto da vida,
N'alma apagada a luz, e o desatino
Na vista amortecida.

VIII

E fui a erguer os olhos com despeito
Para o céu, ás estrêllas scintillantes
Queria perguntar se esta era a vida
Que me fadavam d'antes
Quando me entrou no peito
Esta ância, este desejo, esta incendida
Sêde fatal de amar ..
Olhei. . e vi o azul do firmamento
Só, sem nenhum brilhar
De estrêllas ou de lua. .
Mas logo se inundava n'um momento
De uma luz alva, doce e resplendente,
Que me entrou toda n alma A névoa crua
Da terra, mais e mais, se encruecia
E cerrava—que a vista já não via.
Mas tam suavemente
Elevada d'aquella doce luz
A alma subia, placida subia ..
....
Deve subir assim
Abraçada na Cruz,
A alma do justo no bemdito dia
Que ao martyrio da vida lhe põe fim.
.. ..
Já não erguia os olhos com despeito
Para o céu, ás estrêllas scintillantes
Não perguntava já se esta era a vida
Que me fadavam d'antes.

IX

Eu subia, subia .. O brilho, a alvura
Da luz mais requintava,
E como que o meu sêr compenetrava.
Então na immensa altura
Vi, claramente vista, a face pura
Da primitiva, etherea Formosura
De que á terra só vae reflexo baço,
Vislumbre froixo, escasso
Que um momento, revela
Na face virginal—e a faz tam bella!—
Esse mysterio da eternal Grandeza
Que desde a eternidade,
Antes de todo o sêr, fez a belleza.
... .
Disse a minha alma: «Esta é a Formosura
E o que eu sinto, Amor. »
E eram Que fiz eu pois téqui? A impura,
Falsa imagem de um idolo traidor
Trouxe a alma rendida,
E sem remorso prostitui a vida..

X

O meu amor primeiro,
Unico, derradeiro,
Achei-o pois: é Ella.—Ella, um mysterio,
Um sonho—um véo cahido
Sobre um symbolo! um mytho..
Mas é Ella. Oh! é ella! Eterno imperio
Lhe foi, desde o principio, concedido
Em meu sêr immortal Sou, fui. escripto
Está que sou: que fui, que era já d'ella,
Desde que ha sêr em mim.
Não tem começo, nunca terá fim
Este amor, que e do ceu:
Vida não n'o accendeu, morte o não gela,
Que não póde morrer—se não na ceu!
No sempiterno seio
Coexistiu c'o meu sêr:
N'este da vida turbulento enleio
Passará a gemer
Como eu gemo. Mas toda a eternidade
Será nossa, depois, co'a Divindade.

XXIV

NOVA HELOIZA

I

Junto á ribeira do Tejo
Ha um val escuso e quieto,
Que escolheu nova Heloiza
Para novo Paracleto.
Alli um doce batejo
De perfumes tem a brisa;
E n um longo, longo bejo
Flora e Zephyro esquecidos
Alli se ficam detidos
Em dobrada primavera;
Alli não murcham as flores...
Se hãode então murchar amores!

II

Onde a relva é mais mimosa
E a verdura mais viçosa.
De alto cume despenhado
Cae um lençol de agua pura
Nas brancas orlas franjado
De mais reluzente alvura.
Emtôrno da penedia
Cresce o jasmim, vive a rosa;
E a hera crespa e luzedia,
A madre silva cheirosa
Não deixam chegar do dia
Aquella estancia sombria,
Senão já meio perdidos,
Os raios amortecidos...
Luz querida dos amores
Que alli vivem sós co'as flores!

III

O nome d'aquelle valle
É mysterio... não o sei·
Mandado me foi que o calle...
O seu nome callarei.
Tambem querem que o esqueça. .
Esquecel-o é que eu não sei.
Quiz a sorte — e se era avêssa,
Se propicia, não direi —
Que um dia alli descuidado
Por acaso eu fosse ter.
E' um labyrinto encantado:
Quem lá for, se hade perder...
Que andam alli os amores
Escondidos entre as flores.

IV

Entre as flores — tantas eram
Vi uma, duas. . vi mais...
Que não sei nem qual nem quaes
O coração me prenderam.
Sei bem certo que o levava
Aqui no peito, ao entrar:
Aos baques que me elle dava
Milagre foi não quebrar!
Antes quebrasse .. perdi-o:
La me anda como um vadio,
Doido, doido, entre essas flores,
O louco! a sonhar d'amores..

V

Lindo valle escuso e quieto
Que banhas os pés no Tejo,
E floreces ao bafejo
Da suave aura d'amor,
Tu serás o Paracleto
Adonde se accoite a dor
Du nova, terna Heloiza
Tuas aguas a correr,
A suspirar a tua brisa,
Os teus bosques a gemer,
Vós todos lhe heisde dizer
Que alli no seio das flores
Não é que esquecem amores

VI

Se com lagrimas salgadas
Ella as tuas flores regar,
Tu bem sabes, valle umbroso,
Que t'as não póde queimar.
Tristes rosas desbotadas
Bem poderá desfolhar ..
E a tez ao jasmim cheiroso
Com os suspiros crestar...
Mas, por cada flor d'amor
Que assim matar sem piedade,
Verá crescer-lhe ao redor
Mais dobrada a — saudade.
Que a mate... não mata, não;
Que a queime... torna a florir.
Vegeta em toda a estação,
Sol e chuva a faz abrir.
Oh, mal vae viver co'as flores
Quem se quer deixar d'amores

VII

Mas vá a bella Heloiza,
Vá para o seu Paracleto,
E que tome por devisa
Triumphar de um doce affecto.
Vá com esse crédo vão
Que a condemna á solidão..
Vá com sua fortaleza
Desafiar a natureza
A duello singular .
Vá... que póde batalhar,
Póde, vá .. mas vencer, não:
Que no melhor da peleja,
Quando o contrario fraqueja
E' que cede o coração .
Verá então entre as flores
Como riem os amores!

184...

XXV

O NATAL DE CHRISTO

> Verbe incréé, source féconde
> De justice et de liberté!
> Parole que guéris le monde,
> Rayon vivant de vérite!
> LAMARTINE, *Harm*

I

O Cesar disse do alto do seu throno:
«Pereça a liberdade!
Quero contar os homens que ha na terra,
Que é minha a humanidade.»
E, cabeça a cabeça, como rêzes,
As gentes são contadas.
Proconsules e reis fazem resenha
Das escravas manadas,
Para mandar a seu senhor de todos
Que, um pé na Aguia romana,
Com o outro opprime o mundo. A isto chegára
A vil progenie humana.

II

E era noite em Bethlem, cidade illustre
Da vencida Judéa,
Que a domada cabeça já não cinge
Com a palma idumea:
Dois afflictos e pobres peregrinos
Cansados vêm chegando
Aos tristes muros, a cumprir do Cesar
O imperioso bando...
Tarde chegaram; já não há poisadas.
Que importa que elles venham
Da stirpe de Jessé, e o sangue regio
Em suas veias tenham?
Na geral servidão só uma avulta
Distinção — a riqueza;
Na corrupção geral só uma avilta
Degradação — pobreza.
Os filhos de David foram coitar-se
No presepe entre o gado,
E dos animaes brutos receberam
Amparo e gasalhado.

III

E alli nasceu JESUS... alli a eterna,
Immensa Magestade
Appareceu no mundo — alli começa
A nova liberdade
Cantam-na os anjos que no céu pregôam
Gloria a Deus nas alturas,
E paz na terra aos homens! — Paz e gloria,
Promessas tam seguras
Do céu á terra n'esta noite santa,
O que é feito de vós?
JESUS, filho de Deus, que alli vieste
Humanar-te por nós,
Tu que mandaste os córos dos teus anjos
Aos humildes pastores
Que dormiam na serra — ao pobre, ao povo,
Primeiro que aos senhores,
Que aos sabios e que aos reis, te revelaste—
Oh! que é d'ellas, senhor,
Que é das tuas promessas? Resgatados,
Divino Salvador,
Do antigo captiveiro não seriam
Os homens que fizeste
Livres c'o sôpro teu, quando os criaste,
Livres, quando nasceste,

Livres pelo Evangelho de verdade
Que em tua lei lhes déste,
Livres em fim pelo teu sangue puro
Que por elles verteste
Do alto da Cruz, no Gólgotha de infamia
Em que por nós morreste?

IV

Vê, ó filho de Deus! quasi passados
Dois millenios já são
Que, esta noite em Bethlem principiava
Tua longa paixão;
E o edicto do Cesar inda impera
No mundo avassallado.
Os Cesares, seu throno—e quantos thronos!
Têem cahido prostrados..
Embalde!—as leis iniquas, que destróem
A Santa liberdade
Que n'esta pia noite annunciaste
A' oppressa humanidade,
Essas estão em pé. Será que o pacto,
Será que o testamento
Celebrado na Cruz tu quebrarias,
Senhor no ethereo assento?..

V

Não meu, Deus, não: eterna é a Palavra,
Eterno é o Verbo teu
Que, antes do sêr dos seculos, nos deste
Que o mundo recebeu
N'esta noite solemne e sacrosanta.
Nós, nós é que o quebrámos,
Nós, sim, o novo pacto e juramento
Sacrilegos violámos;
Esaús do Evangelho, nós vendemos,
Com torpe necedade,
Por appetites sordidos, a herança
Da gloria e liberdade.
Por isso os reis da terra inda nos contam
Escravos, ás manadas;
Por isso, em vão, do jugo sacudimos
As cervizes chagadas.
Porque não temos fé, não temos crença'
E a Cruz abandonâmos.

D'onde sómente está, só vem, só fulge
A luz que procurâmos.
E os vãos sabedores, esses magos
Que a vaidade cegou,
Não olham para o céu, não vêem a estrella
Que hoje em Bethlem raiou.

184...

XXVI

O REDEMPTOR

SEQUENCIA

Ave apes unica.
HYMN

Tu morreste por nós na cruz da affronta,
E o sangue derradeiro
Derramaste do alto do madeiro,
Jesus, filho de Deus, Deus verdadeiro!

Aos crimes do homem não lançaste a conta
Innocente cordeiro,
Quando foste no alto do madeiro
Lavar, com sangue, o último e o primeiro

E n'aquella hora o mundo foi mudado:
A antiga, frouxa luz
Se apagou no Calvario ao pé da Cruz;
E agora é novo sol o que reluz.

Por deseguaes direitos, affrontosos
Para o pobre que lida,
Que trabalha, que súa pela vida
Andava a terra pelos reis regida.

Vãos sabedores, ricos poderosos
A tinham submettida
Ao êrro torpe que embrutece a vida
E que apaga a razão n'alma perdida.

Acabaram se as leis dos reis da terra;
E esta só lei ficou,
«O rei que está na Cruz nos libertou,
E com seu sangue a todos egualou.»

184...

AVULSA

DA VERSÃO DE CATULLO

ODE A FÁBULLO

Cedo commigo se lhe apraz aos numes
Mui lautamente cearás ó Fábullo
Se farta boa ceia, e generoso
Vinho, e mais galhofeiras bagatellas,
(Sem que alva moça apetitosa esqueça)
As trouxeres comtigo: sim, meu caro,
Se as trouxeres, terás mui lauta ceia:
Que o teu pobre, o teu misero Catúllo
Tem ás aranhas alugada a bolsa;
Em troca te darei pelos amores,
Ou se mais guapa, mais suave que elles,
Alguma coisa houver dar-t'a-hei contente:
Perfumes te darei, que á minha bella
Deram Graças, e Amor, Cupidos deram:
Taes, que ao provar-lhe o cheiro delicioso
Aos deuses pedirás, Fábullo amigo,
Que em nariz todo inteiro te convertam.

NOTAS AO LIVRO PRIMEIRO

Nota A

Cuja sciencia... não vê mais coisa nenhuma entre o ceu e a terra do que as que sonha a sua philosophia pag. 135

Shakespeare faz dizer esta sentença a um dos profundos pensadores que elle põe a falar n'aquelles seus dramas immortaes;

There are more things in heaven and earth, Horatio,
Than are dreamt of in your philosphy.

São justamente essas coisas de cuja existencia não sonha a philosophia humana, as com que não contou, em seus calculos, esta moderna sciencia da Economia politica; sciencia que hade estargar a civilisação e o mundo porque nos lançou no individualismo absoluto e exclusivo, consequencia inevitavel das doutrinas dos utilitarios.

Já se vae percebendo no coração da Europa, não tardará a sentir se em toda ella amargamente, a fatal verdade d'esta obeservação, que não é para aqui estender, mas que era forçoso apontar para se entender o texto citado.

Nota B

Esse principe allemão que e tanto moda... não cuidem que e... o aventureiro que aqui andou ha dois annos.. pag. 136

O principe Muskaw, engraçado auctor de «Tutti-frutti» das Viagens de Semi lasso e de outras rhapsoelegantes e desgarradas, é um escriptor bem conhecido e geralmente estimado. Receou-se porém que algum litterato de botequim o não confundisse com ess'outro apenas conhecico pela sua publicação sobre Hespanha, em que tam insultada é a memoria de D Pedro IV (de Portugal). Da brochura que elle ultimamente deu á luz sôbre a nossa terra. crê-se que o bom do principe não é senão o «editor responsavel.»

Nota C

Recontar fadigas
De procellas, de calmas acintosas............. pag. 138

Este fragmento foi escripto no mar em uma longa e penosa viagem de Lisboa á ilha Terceira. Em parte já tinha sido publicado no numero IV do jornal litterario *O Chronista*, que saia em Lisboa em 1827.

Nota D

Belleza e bondade (de Sapho)................... pag. 140

Na elegante collecçãosinha publicada nos fins do seculo passado em Paris com o titulo *Oeuvres de Sapho*. vem-lhe attribuida esta especie de epigramma, ou antes, apothegma poetico. D'ahi o traduzi como tal; mas procurei depois, em vão, o texto grego, tanto nos *Poetae graeci veteres*, como na rara collecção de Lyricos gregos de Henrique Stephano impressa em Paris em 1626.

O mesmo me succedeu com a peça seguinte a esta (V do Liv. I) que tem por titulo *O Sacrificio*.

Nota E

Foi Anacreonte
Que ao seu bem amado.................................. pag. 141

Eliminou-se, na traducção d'esta linda Ode, o nome de Bactylo, a quem no original é consagrada por Anacreonte, do mesmo modo que Virgilio dedicou a *Alexis* a sua segunda Egloga.

Salva esta infidelidade, que a decencia dos nossos costumes exige, em tudo o mais os presentes estudos sôbre Anacreonte são traducções tam severamente litteraes quanto o genio das duas linguas o permitte. O mesmo digo das de Alceu, Horacio, etc.

Nota F

Não me enganei; era de Ossian a sombra,
E assim cantou.................................. pag. 143

A especie de introducção que chega até estes versos não é de Macpherson, ou de quem quer que foi o auctor das «Poesias de Ossian»; fil-a eu para me exercitar n'um genero que, nos meus primeiros annos, me parecia o sublime dos sublimes—como elle já pareceu a Napoleão e a Cesarotti O epilogo, que se contêm nos ultimos oito versos do poemeto, tambem é da mesma lavra.

Nota G

Caverna de Viriatho .... pag. 145

Na que póde considerar-se como «a primeira parte» do que chamarei minhas «Poesias menores» a qual se publicou em Londres 1829, sob o titulo de *Lyrica de João Minimo*, vem já incluida esta ode ou canção a pag. 161. A melhor chronologia com que agora se ordenou, tanto aquella primeira parte como esta segunda, obrigou a collocar aqui a *Caverna de Viriatho*.

Mademoiselle de Flaugergues, no seu lindo livrinho *Au bord du Tage*, Paris, 1841, publicou a traducção franceza que aqui se dá aopé do texto, que foi o mais lisongeiro cumprimento que o auctor podia receber. Veja a nota I ao Liv. II da presente collecção.

Nota H

O anno velho.............................. pag. 148

Foram já impressos, por engano de data, estes versos na *Lyrica de João Minimo*. Veja nota antecedente (G ao Liv. I), e o que se diz no prologo da presente collecção.

NOTAS AO LIVRO SEGUNDO

Nota A

Desdobrando ufano
O verde pavilhão nas altas pôpas
Treme ao sôpro da brisa................ pag. 150

A joven Rainha de Portugal então de onze annos, e a joven Imperatriz do Brasil com poucos mais, partiram de Inglaterra em 1829 n'uma fragata brazileira, accompanhada por mais dois navios de Guerra da mesma nação. Horas antes da sua partida chegava a Inglaterra a noticia da victoria da Praia, nos Açores. Esta notavel coincidencia inspirou o presente poemeto, que primeiro se publicou em Londres no jornal portuguez intitulado *O Chaveco*, num. III de 23 de septembro d'aquelle anno, com o titulo: *A Lealdade, ou a Victoria da Terceira, canção*. D'ahi a pouco, no mesmo anno ainda, com estoutro titulo:—*A Lealdade em triumpho, ou a victoria da Terceira—Canção—ao general conde de Villaflor e ao valoroso batalhão da Senhora D. Maria II.—Londres—etc. etc. M DCCC XXIX*

Nota B

Estandarte de morte aziago...
São as côres da nova Carthago.......... pag. 150

Allude-se á fragata ingleza que seguia os navios brasileiros, e que, á vista do procedimento que o governo britannico tinha tido com a Rainha e com os portuguezes emigrados, com razão entendiamos todos que ia mais para a vigiar, do que para lhe fazer honra.

O mesmo sentimento, bem natural, inspirou muitos outros versos analogos n'esta peça. Até para a Russia, que então se achava com o seu exercito sobre Constantinopla, appellavamos nós, para vêr por alli começar a destruição do obnoxio podêr inglez que tanto nos avexava.

Commentar todo este poemeto seria quasi escrever a historia d'aquelle anno tam cheio—1829.

Nota C

Uma ilha vecejante e pampinosa................ pag. 151

A ilha Terceira, onde, poucos dias antes, as reliquias do partido liberal tinham ganho a célebre batalha da Praia, em 11 d'Agosto d'esse mesmo anno de 1829.

Nota D

E quem são esses nobres defensores?.......... pag. 152

O batalhão de Voluntarios da Rainha, que não eram soldados de profissão, foi o que ganhou a victoria da Praia.

Nota E

Quaes injúrias, que afrontas................ pag. 152

Na camara dos Pares em 1826-27 tinham-se dito e feito as maiores injúrias aos voluntarios, que, por amor da liberdade e do soberano, se armavam e pelejavam pela causa commum Pouco menos lhes tinha feito o governo. Elles desaffrontaram-se como o soldado de Vieira, que, em sua inimitavel linguagem, —*Morre... e vinga-se*.

Nota F

Cinzas que a mão do algoz devia aos mares.....Pag. 153

Este verso cuja barbara allusão é bem óbvia, sente-se da exaltação em que a guerra civil trazia os animos depois da contenda, que ninguem accusará nunca o auctor de que, em verso ou em prosa, em publico ou em particular, soltasse taes expressões, e menos ainda tivesse taes pensamentos. Nem o reclama como grande merito: é vulgar virtude a generosidade entre Portuguezes. Se não fosse meia duzia de más almas que ahi ha por desgraça, talvez se podesse escrever sem sangue toda ésta historia das desavenças politicas.

Nota G

A mão innocente e bella
Que o triste ramo colheu........................ Pag. 154

Na ante-vespera da nossa partida de San'Miguel com a expedição para o Porto, uma joven senhora —que hoje deve ser anjo no céu—colheu um ramo de cypreste e o deu ao auctor . no dia seguinte exigiu que elle lh'o restituisse; e o ramo voltou acompanhado d'estes versos É quanto basta para se elles entenderem; com o mais não tem nada o leitor.

Nota H

O emprazado.................................... pag. 157

Talvez não devesse collocar-se aqui esta composição, que pertenceria melhor ao Romanceiro —Romance é ella, mas não no estylo casto e singelo dos nossos romances antigos, como o auctor se lisongeia que são as suas outras composições da mesma natureza N'este quiz-se mais imitar a eschola de Schiller, e provar forças por todos ou quasi todos os metros que a nossa lingua comporta: por isto é que o não quiz incluir no Romanceiro a par d'ess'outros.

Penamacor só deixou de ser um titulo vago e um nome vão depois de impresso este livro; aliás, ter-se-hia mudado: agora é impossivel fazêl-o.

Nota I

O alcyon no cabo .... pag. 158

O texto de Mademoiselle de Flaugergues, que aqu, se dá ao pé da traducção, appareceu, a primeira vez em um jornal francez *L'Abeille*, que se começou a publicar em Lisboa em 1836. Residia então aqui a auctora d'estes lindos versos. Traduzi-os logo e sahiram impresos, n'esse mesmo anno, no *Portuguez Constitucional*. Nem a tradução foi esmerada nem a publicação correcta. Apesar d'isso, M.lle de Flaugergues teve a bondade de a incluir na sua collecção, já por vezes citada, *Au bord du Tage*. Mas ahi appareceu muito peior ainda, graças aos compositores francezes que decerto não entendiam o que compunham.

Agora não vae só restituida, vae refeita a tradução, porque realmente o merecia a belleza do original e a obsequiosa civilidade da auctora.(*)

Nota K

Não olham para o céu, não vêem a estrella
Que hoje em Bethlem raiou. ... pag. 1

Ponho uma só nota a este verso, a toda a ode, e serve tambem para a seguinte: -é em duas linhas mas vale um livro:

Onde a liberdade se não abraçar com a crnz, onde o povo não derivar os seus direitos immediatamente de Deus e do Evangelho —ahi, liberdade verdadeira, não a hade nunca haver. As theorias philosophicas valem para o espirito; e o espirito é o menos para os povos. O coração é tudo e ao coração só a religião pode chegar.

Appareceu a primeira vez impressa esta ode na *Revista universal Lisbonense* de dezembro 1844.

(*) Para illustração do que se diz n'esta nota I, transcrevemos n'este logar outra nota, que é a que Mlle. de Flaugergues poz á tradução portugueza do Sr. Garrett quando a publicou em Paris:

«Le poéte qui nous a fait l'honneur de traduire cette petite pièce est un des hommes plus marquans qu'il y ait aujour d'hui en Portugal, soit dans les lettres, soit dans la politique: le nombre de ses ecrits en divers genres est tres considèrable, et la tribune lègislative lui doit le plus grand éclat dont elle ait brillé en ce pays. Au nombre de ses œuvres poètiques est un recueil de *rimas* qu'il a publié sous le pseudonyme singulier de *João Minimo* (Petit Jean) Nous avons pris dans cet ouvrage la belle ode intitulée: *L'Antre de Viriate* dont nous nous hasardons à donner une traduction, en prose pour plus de fidélité. Si cet essai passe sous les yeux du poète et qu'il obtienne son approbation, nous oserons donner la version complète du recuell.

(*Nota dos Edit.*)

LYRICA

IV

ULTIMOS VERSOS

FOLHAS CAHIDAS

DOS EDITORES

Cumpre-se a promessa feita no primeiro volume d'esta collecção reunindo aqui, em segunda edição muito augmentada e correcta, as FOLHAS CAHIDAS.

Apezar de estarem no prelo desde 1851, o auctor tinha descuidado na primeira edição o seu habitual escrupulo de revêr e corrigir; e não teve paciencia para as augmentar com muitas peças que agora vão, e que então não estavam postas a limpo. Trabalhos mais serios o distrahiram durante os dois annos que levaram a imprimir tam poucas paginas.

Julgou-se agora melhor dividir em dois livros o que, assim augmentado, ficaria demasiado para um só.

Maio—1853.

ADVERTENCIA [1]

Antes que venha o inverno e disperse ao vento essas folhas de poesia que por ahi cahiram, vamos escolher uma ou outra que valha a pena conservar, ainda que não seja senão para memoria.

A outros versos chamei eu já as ultimas recordações de minha vida poetica. Enganei o publico, mas de boa fé, porque me enganei primeiro a mim. Protestos de poetas que sempre estão a dizer adeus ao mundo, e morrem abraçados com o louro ás vezes imaginario, porque ninguem os corôa.

Eu pouco mais tinha de vinte annos quando publiquei certo poema, e jurei que eram os ultimos versos que fazia. Que juramentos!

Se dos meus se rirem. têem razão: mas saibam que eu tambem primeiro me ri d'elles. Poeta na primavera, no estio e no outomno da vida, heide sel-o no inverno se lá chegar, e heide sel-o em tudo. Mas d'antes cuidava que não, e n'isso ia o erro

Os cantos que formam esta pequena collecção pertencem todos a uma epocha de vida intima e recolhida que nada tem com as minhas outras colleções.

Essas mais ou menos mostram o poeta que canta deante do publico. Das FOLHAS CAHIDAS ninguem tal dirá, ou bem pouco entende de stylos e modos de cantar.

Não sei se são bons ou maus estes versos; sei que gosto mais d'elles do que de nenhuns outros que fizesse. Porque? E' impossivel dizel-o, mas é verdade. E como nada são por elle nem para elle, é provavel que o publico sinta bem diversamente do auctor. Que importa?

Apezar de sempre se dizer e escrever ha cem mil annos o contrario, parece-me que o melhor e mais recto juiz que póde ter um escriptor, é elle proprio, quando o não cega o amor proprio. Eu sei que tenho os olhos abertos, ao menos agora.

Custa-lhe a uma pessoa, como custava ao Tasso, e ainda sem ser Tasso, a queimar os seus versos, que são seus filhos; mas o sentimento paterno não impede de vêr os defeitos das crianças.

Emfim, eu não queimo estes. Consagrei-os *Ignoto deo*. E o deus que os inspirou que os

[1] Do auctor na primeira edição.

anniquille se quizer: não me julgo com direito de o fazer eu.

Ainda assim, no *Ignoto deo* não imaginem alguma divindade meia-velada com cendal transparente, que o devoto está morrendo que lhe caia para que todos a vejam bem clara. O meu deus desconhecido é realmente aquelle mysterioso, occulto e não definido sentimento d'alma que a leva ás aspirações de uma felicidade ideal, o sonho de oiro do poeta.

Imaginação que porventura se não realisa nunca. E d'ahi quem sabe? A culpa é talvez da palavra, que é abstracta de mais. Saude, riqueza, miseria, pobreza, e ainda coisas mais materiaes, como o frio e o calor, não são senão estados comparativos, approximativos. Ao infinito não se chega, porque deixava de o ser em se chegando a elle.

Logo o poeta é louco, porque aspira sempre ao impossivel. Não sei. Essa é uma disputação mais longa.

Mas sei que as presentes FOLHAS CAHIDAS representam o estado d'alma do poeta nas variadas, incertas e vacillantes oscillações do espirito que, tendendo ao seu fim unico, a posse do IDEAL, ora pensa tel o alcançado, ora estar a ponto de chegar a elle — ora ri amargamente porque reconhece o seu engano — ora se desespera de raiva impotente por sua credulidade van.

Deixae-o passar, gente do mundo, devotos do poder, da riqueza, do mando, ou da gloria. Elle não entende bem d'isso, e vós não entendeis nada d'elle.

Deixae-o passar, porque elle vae onde vós não ides; vae, ainda que zombeis d'elle, que o calumnieis, que o assassineis. Vae, porque é espirito, e vós sois materia.

E vós morrereis, elle não. Ou só morrerá d'elle aquillo em que se pareceu e se uniu comvosco. E essa falta que é a mesma de Adão, tambem será punida com a morte.

Mas não triumphais, porque a morte não passa do corpo, que é tudo em vós, e nada ou quasi nada no poeta.

Janeiro—1853.

FOLHAS CAHIDAS

LIVRO PRIMEIRO

I

IGNOTO DEO

D. D. D.

Creio em ti, Deus: a fé viva
De minha alma a ti se eleva.
És: — o que és não sei. Deriva
Meu sêr do teu: luz... e treva,
Em que—indistinctas!—se envolve
Este espirito agitado,
De ti vem, a ti devolve.
O Nada, a que foi roubado
Pelo sôpro creador
Tudo o mais, o ha-de tragar.
Só vive de eterno ardor
O que está sempre a aspirar
Ao infinito d'onde veiu
Belleza és tu, luz és tu,
Verdade és tu só. Não creio
Senão em ti; o ôlho nu
Do homem não vê na terra
Mais que a dúvida, a incerteza,
A fórma que engana e erra.
Essencia! a real belleza,
O puro amor — o prazer
Que não fatiga e não gasta..
Só por ti os póde vêr
O que inspirado se affasta,
Ignoto Deus, das ronceiras,
Vulgares turbas: despidos
Das coisas vans e grosseiras
Sua alma, razão, sentidos,
A ti se dão, em ti vida,
E por ti vida têem. Eu, consagrado
A teu altar, me prostro e a combatida
Existencia aqui ponho, aqui votado
Fica este livro — confissão sincera
Da alma que a ti vôou e em ti só spera.

II

ADEUS!

Adeus! para sempre adeus!
Vae-te, oh! vai te, que n'esta hora
Sinto a justiça dos céus
Esmagar-me a alma que chora.
Chóro porque não te amei,
Chóro o amor que me tiveste;
O que eu perco, bem n'o sei,
Mas tu .. tu nada perdeste;
Que este mau coração meu
Nos secretos escaninhos
Tem venenos tam damninhos
Que o seu podêr só sei eu.

Oh! vae. . para sempre adeus!
Vae, que ha justiça nos céus
Sinto gerar na peçonha
Do ulcerado coração
Essa vibora medonha
Que por seu fatal condão
Hade rasgal-o ao nascer:
Hade sim, serás vingada,
E o meu castigo hade ser
Ciume de vêr-te amada,
Remorso de te perder

Vae-te, oh! vae-te, longe embora,
Que sou eu capaz agora
De te amar—Ai! se eu te amasse!
Vê-se no árido pragal
D'este peito se ateasse
De amor o incendio fatal!
Mais negro e feio no inferno
Não chammeja o fogo eterno.

Que sim? Que antes isso? — Ai, triste!
Não sabes o que pediste.
Não te bastou supportar
O cepo-rei; impaciente
Tu ousas a deus tentar
Pedindo-lhe o rei-serpente!

E cuidas amar-me ainda?
Enganas-te: é morta, é finda,
Dissipada é a illusão.
Do meigo azul de teus olhos
Tanta lagrima verteste,
Tanto esse orvalho celeste
Derramado o viste em vão
N'esta seara de abrolhos,
Que a fonte seccou. Agora
Amarás... sim, hasde amar,
Amar deves. . Muito embora...
Oh! mas n'outro hasde sonhar
Os sonhos de oiro encantados
Que o mundo chamou amores.

E eu réprobo... eu se o verei?
Se em meus olhos encovados
Der a luz de teus ardores...
Se com ella cegarei?
Se o nada d'essas mentiras
Me entrar pelo vão da vida...

Se, ao vêr que feliz deliras,
Tambem eu sonhar.. Perdida,
Perdida serás — perdida.

Oh! vae-te, vae, longe, embora!
Que te lembre sempre e agora
Que não te amei nunca .. ai! não;
E que pude a sangue frio,
Covarde, infame, villão,
Gosar-te — mentir sem brio,
Sem alma, sem dó, sem pejo,
Commettendo em cada beijo
Um crime.. Ai! triste, não chores,
Não chores, anjo do ceu,
Que o deshonrado sou eu.

Perdoar-me tu?... Não mereço.
A immundo cerdo voraz
Essas perolas de preço
Não as deites: e capaz
De as desprezar na torpeza
De sua bruta natureza
Irada, te hade admirar,
Despeitosa, respeitar,
Mais indulgente .. Oh! o perdão
É perdido no villão,
Que de ti hade zombar.

Vae, vae... para sempre adeus!
Para sempre aos olhos meus
Sumido seja o clarão
De tua divina estrella,
Faltam-me olhos e razão
Para a vêr, para entendêl-a·
Alta está no firmamento
Demais, e demais é bella
Para o baixo pensamento
Com que em má hora a fitei;
Falso e vil o encantamento
Com que a luz lhe fascinei.
Que volte a sua belleza
Do azul do ceu á pureza,
E que a mim me deixe aqui
Nas trevas em que nasci,
Trevas negras, densas, feias,
Como é negro este aleijão
D'onde me vem sangue ás veias
Este que foi coração,
Este que amar-te não sabe
Porque é só terra — e não cabe
N'elle uma idea dos ceus.
Oh! vae, vae; deixa-me, adeus!

III

QUANDO EU SONHAVA

Quando eu sonhava, era assin
Que nos meus sonhos a via;
E era assim que me fugia,
Apenas eu despertava,
Essa imagem fugidia
Que nunca pude alcançar,
Agora que estou desperto,
Agora a vejo fixar...
Para quê? — Quando era vaga,
Uma idéa, um pensamento,
Um raio de estrella incerto
No immenso firmamento,
Uma chymera, um vão sonho,
Eu sonhava — mas vivia:
Prazer não sabia o que era,
Mas dor, não n'a conhecia..
.. ..

IV

AQUELLA NOITE

Era a noite da loucura,
Da seducção, do prazer,
Que em sua mantilha escura
Costuma tanta ventura,
Tantas glórias esconder.
Os felizes .. e ai! são tantos!
— Eu por tantos os contava!
Eu que o signal de meus prantos
Do afflicto rosto lavava --
Os felizes presumpçosos
Iam nos coches ruidosos
Correndo aos salões doirados
De mil fogos alumiados,
D'onde em torrentes sahia
A clamorosa harmonia
Que á festa, ao prazer tangia.

Eu sentia esse ruido
Como o confuso bramar
De um mar ao longe movido
Que á praia vem rebentar:
E disse commigo: — «Vamos,
Os luctos d'alma dispamos,
Á festa heide ir tambem eu!»

E fui: e a noite era bella,
Mas não vi a minha estrella
Que eu sempre via no ceu:
Cubriu-a de espesso véo
Alguma nuvem a ella,
Ou era que já vendado
Me levava o negro fado
Onde a vida me perdeu?

Fui; meu rosto macerado,
A funda melancholia
Que todo o meu sêr revia,
Qual o atahude levado
A egypcio festim, dizia:
—Como vós fui eu tambem;
Folgae, que a morte ahi vem!—
Dizia-o, sim, meu semblante,
Que, onde eu chegava, o prazer
Cessava no mesmo instante;
E o labio que ia a dizer
Doçuras de amor, gelava;
E o riso que ia a nascer
Na face linda, expirava.
Era eu — e a morte em mim,
Que só ella espanta assim!

Quantas mulheres tam bellas
Ebrias de amor e desejos,
Quantas vi saltar-lhe os os beijos
Da bôcca ardente e lasciva!
E eu, que ia chegar-me a ellas...
Para logo a fronte esquiva
De recatos se envolvia
E, toda pudor, tremia.

Quantas o seio anhelante,
Nu, ardente e palpitante
Andavam como entregando
A cubiça mal desperta,
Gasta já e desdenhosa;
Dos que as estavam mirando
Com vaga luneta incerta
Que diz: — «Aquella é formosa,
Não se me dava de a ter
E ésta? É só baroneza,
Vale menos que a duqueza:
Não sei a qual attender.»

E a isto chamam prazer!
A grande ventura é ésta?
Vale a pena vir á festa
E vale a pena viver.
Como então quiz á tristura
Do meu viver isolado!
Fique-se embora a ventura,
Que eu quero ser desgraçado.

Levantei alto a cabeça,
Senti me crescer — e a frente
Desanuviar-se contente
Do feio negrume espesso
Que assustava aquella gente.
Logo os sorrisos cahiam
Para o meu lado tambem;
Já como um dos seus me viam
Que em mim não viam ninguem.
Eu, de olhos desencantados,
A ellas, como as eu via'
Meus enthusiasmos passados,
Oh! como eu d'elles me ria!

Frio o sarcasmo sahia
De meus labios descórados,
E sem dó e sem pudor
A todas falei de amor...
De amor bruto, degradante
Que no seio palpitante,
Na espadua nua se accende...
Amor lascivo que offende,
Que faz córar Ellas riam
E oh que não, não se offendiam!

Mas a orchestra bradou alta:
—Festa, festa! e salta, salta!—
Os seus guizos delirantes
Sacode a louca Folia...
Adeus, requebros de amantes!
Suspiros, quem nos ouvia?
As palavras meias ditas,
Meias nos olhos escritas,
Voavam todas perdidas,
Dispersas, rotas no ár;
Que se foram almas, vidas
Tudo se foi a walsar.

Quem é esta que mais volta,
Gira, gira sem cessar?
Como as roupas leves, sôltas,
Aérias leva a ondular
Emtôrno á fórma graciosa,
Tam flexivel, tam airosa,
Tam fina! — Agora parou,
E tranquilla se assentou.
Que rosto! Em linhas severas
Se lhe desenha o profil;
E a cabeça, tam gentil,
Como se fôra devéras
A rainha d'essa gente,
Como a levanta insolente!
Vive Deus! que é ella... aquella,
A que eu vi na tal janella,
E que triste me sorria
Quando passando me via
Tam pasmado a olhar para ella
A mesma melancholia
Nos olhos tristes — de luz
Oblíqua, viva mas fria;
A mesma alta intelligencia
Que da face lhe transluz;
A mesma altiva impaciencia
Que de tudo, tudo cansa,
De tudo o que foi, que é,
E na erma vida só vê
O raio da vaga esp'rança.

«Pois isto sim, que é mulher»
Disse eu —e aqui ha que vêr.»

Já vinha a pallida aurora
Annunciando a manhan fria,
E eu falava e eu ouvia
O que até áquella hora
Nunca disse, nunca ouvi. .
Toda a memoria perdi
Das palavras proferidas...
Não eram d'estas sabidas,
Nem quaes eram não n'o sei...
Sei que a vida era outra em mim,
Que era outro sêr o meu sêr,
Que uma alma nova me achei
Que eu bem sabia não ter.

E d'ahi? — D'ahi, a historia
Não deixou outra memoria
D'essa noite de loucura,
De seducção, de prazer ..
Que os segredos da ventura
Não são para se dizer.

V

O ANJO CAHIDO

Era um anjo de Deus
Que se perdêra dos céus
E terra a terra voava.
A setta que lhe acertava
Partira de arco traidor,
Porque as pennas que levava
Não eram pennas de amor.

O anjo cahiu ferido,
E se viu aos pés rendido
Do tyranno caçador.
De aza morta e sem splendor
O triste, peregrinando
Por estes valles de dór,
Andou gemendo e chorando.

Vi-o eu, o ânjo dos céus,
O abandonado de Deus,
Vi-o, n'essa tropelia
Que o mundo chama alegria,
Vi-o a taça do prazer
Pôr ao labio que tremia..
E só lagrimas beber.

Ninguem mais na terra o via,
Era eu só que o conhecia. .
Eu que já não posso amar!
Quem n'o havia de salvar?
Eu, que n'uma sepultura
Me fôra vivo enterrar?
Loucura! ai, cega loucura!

Mas entre os anjos dos céus
Faltava um anjo ao seu Deus;
E remil-o e resgatal-o,
D'aquella infamia salval-o
Só fôrça de amor podia.
Quem d'esse amor hade amal-o,
Se ninguem o conhecia?

Eu so.—E eu morto, eu descrido,
Eu tive o arrojo atrevido
De amar um anjo sem luz.
Cravei-a eu n'essa cruz
Minha alma que renascia,
Que toda em sua alma puz
E o meu sêr se dividia.

Porque ella outra alma não tinha,
Outra alma senão a minha.
Tarde, ai! tarde o conheci,
Porque eu o meu sêr perdi,
E elle á vida não volveu...
Mas da morte que eu morri
Tambem o infeliz morreu

VI

O ALBUM

Minha Julia, um conselho de amigo;
Deixa em branco este livro gentil:
Uma só das memorias da vida
Vale a pena guardar, entre mil.

E essa n'alma em silencio gravada
Pelas mãos do mysterio hade ser;
Que não tem lingua humana palavras,
Não tem letra que a possa escrever.

Por mais bello e variado que seja
De uma vida o tecido matiz,
Um só fio da telha bordada,
Um só fio hade ser o feliz

Tudo o mais é illusão, é mentira,
Brilho falso que um tempo seduz,
Que se apaga, que morre, que é nada,
Quando o sol verdadeiro reluz.

De que serve guardar monumentos
Dos enganos que a esp'rança forjou?
Vãos reflexos de um sol que tardava
Ou vans sombras de um sol que passou!

Crê-me, Julia: mil vezes na vida
Eu co'a minha ventura sonhei;
E uma só, d'entre tantas, o juro,
Uma só com verdade a encontrei.

Essa entrou-me pela alma tam fi...
Tam segura por dentro a fechou,
Que o passádo fugiu da memoria,
Do porvir nem desejo ficou.

Toma pois, Julia bella, o conselho
Deixa em branco este livro gentil,
Que as memorias da vida são nada
E uma só se conserva entre mil.

VII

SAUDADES

Leva este ramo, Pepita,
De saudades portuguezas;
É flôr nossa, e tam bonita
Não n'a ha n'outras devezas

Seu perfume não seduz,
Não tem variado matiz,
Vive á sombra, foge á luz,
As glorias de amor não diz,

Mas na modesta belleza
De sua melancholia
É tam suave a tristeza,
Inspira tal sympathia!...

E tem um dote esta flôr
Que de outra egual se não diz:
Não perde o viço ou frescor
Quando a tiram da raiz.

Antes mais e mais floresce
Com tudo o que as outras mata;
Até ás vezes mais cresce
Na terra que é mais ingrata.

Só tem um cruel senão.
Que te não devo esconder:
Plantada no coração,
Toda outra flôr faz morrer.

E, se o quebra e despedaça
Com as raizes mofinas,
Mais ella tem brilho e graça,
É como a flôr das ruinas.

Não, Pepita, não t'a dou...
Fiz mal em dar-te essa flôr,
Que eu sei o que me custou
Tratal-a com tanto amor.

VIII

ESTE INFERNO DE AMAR

Este inferno de amar — como eu amo!
Quem m'o pôz aqui n'alma... quem foi?
E'sta chamma que alenta e consome,
Que é a vida — e que a vida destroe —
Como é que se veiu a atear,
Quando — ai quando se ha de ella apagar?

Eu não sei, não me lembra: o passado,
A outra vida que d'antes vivi
Era um sonho talvez... — foi um sonho —
Em que paz tam serena a dormi!
Oh! que doce era aquelle sonhar...
Quem me veiu, ai de mim! despertar?

Só me lembra que um dia formoso
Eu passei... dava o sol tanta luz!
E os meus olhos, que vagos giravam
Em seus olhos ardentes os puz.
Que fez ella? eu que fiz? — Não n'o sei,
Mas n'essa hora a viver comecei...

IX

DESTINO

Quem disse á estrella o caminho
Que ella hade seguir no céu?
A fabricar o seu ninho
Como é que a ave apprendeu?
Quem diz á planta — Florece!
E ao mudo verme que tece
Sua mortalha de seda
Os fios quem lh'os enreda?
Ensinou alguem á abelha
Que no prado anda a zumbir
Se á flor branca ou á vermelha
O seu mel hade ir pedir?
Que eras tu meu sêr, querida,
Teus olhos a minha vida,
Teu amor todo o meu bem...
Ai! não m'o disse ninguem.

Como a abelha corre ao prado,
Com no céu gira a estrella,
Como a todo o ente o seu fado
Por instincto se revela:
Eu no teu seio divino
Vim cumprir o meu destino...
Vim, que em ti só sei viver,
Só por ti posso morrer.

X

GOSO E DOR

Se estou contente, querida,
Com esta immensa ternura
De que me enche o teu amor?
— Não. Ai! não; falta-me a vida,
Succumb -me a alma á ventura:
O excesso do gôso é dor.

Doe-me alma, sim; e a tristeza
Vaga, inerte e sem motivo,
No coração me poisou.
Absorto em tua belleza,
Não sei se morro ou se vivo,
Porque a vida me parou

É que não ha sêr bastante
Para este gosar sem fim
Que me inunda o coração
Tremo d'elle, e delirante
Sinto que se exhaure em mim
Ou a vida — ou a razão.

XI

PERFUME DA ROSA

Quem bebe, rosa, o perfume
Que de teu seio respira?
Um anjo, um sylpho? Ou que nume
Com esse aroma delira?

Qual é o deus que, namorado,
De seu throno te ajoelha,
E esse nectar encantado
Bebe occulto, humilde abelha?

Ninguem? — Mentiste: essa frente
Em languidez inclinada,
Quem t'a pôz assim pendente?
Dize, rosa namorada.

E a côr de purpura viva
Como assim te desmaiou?
E essa pallidez lasciva
Nas folhas quem t'a pintou?

Os espinhos que tam duros
Tinhas na rama lustrosa,
Com que magos esconjuros
T'os desarmaram, ó rosa?

E porquê, na hástea sentida
Tremes tanto ao pôr do sol?
Porque escutas tam rendida
O canto do rouxinol?

Que eu não ouvi um suspiro
Sussurrar-te na folhagem?
Nas aguas d'este retiro
Não espreitei a tua imagem.

Não a vi afflicta, anciada...
—Era de prazer ou dor?—
Mentiste, rosa, és amada,
E tambem tu amas, flor.

Mas ai! se não for um nume
O que em teu seio delira,
Hade matal o o perfume
Que n'esse aroma respira.

XII

ROSA SEM ESPINHOS

Para todos tens carinhos,
A ninguem mostras rigor!
Que rosa és tu sem espinhos?
Ai, que não te entendo, flor

Se a borboleta vaidosa
A desdem te vae beijar,
O mais que lhe fazes, rosa,
E sorrir e é corar.

E quando a sonsa da abelha,
Tam modesta em seu zumbir,
Te diz: - O' rosa vermelha,
Bem me pódes acudir:

Deixa do calix divino
Uma gotta só libar.
Deixa, é nectar peregrino,
Mel que eu não sei fabricar..

Tu de làstima rendida,
De maldita compaixão,
Tu á súpplica atrevida
Sabes tu dizer que não?

Tanta lástima e carinhos,
Tanto dó, nenhum rigor!
Es rosa e não tens espinhos!
Ai! que não te entendo flor.

XIII

ROSA PALLIDA

Rosa pallida, em meu seio
Vem, querida, sem receio
Esconder a afflita côr.
Ai! a minha pobre rosa!
Cuida que é menos formosa
Porque desbotou de amor.

Pois sim.. quando livre, ao vento,
Sôlta de alma e pensamento.
Forte de tua isempção,
Tinhas na folha incendida
O sangue, o calor e a vida
Que ora tens no coração.

Mas não eras, não, mais bella
Coitada, coitada d'ella,
A minha rosa gentil!
Coravam-n'a então desejos,
Desmaiam-n'a agora os beijos...
Vales mais mil vezes, mil.

Inveja das outras flores!
Inveja de quê, amores?
Tu, que vieste dos céus,
Comparar tua belleza
As filhas da natureza!
Rosa, não tentes a Deus.

E vergonha!.. de quê, vida?
Vergonha de ser querida,
Vergonha de ser feliz!
Porquê?.. porquê em teu semblante
A pallida côr da amante
A minha ventura diz?

Pois quando eras tam vermelha
Não vinha zangão e abelha
Emtórno de ti zumbir?
Não ouvias entre as flores
Historias dos mil amores
Que não tinhas, repetir?

Que hãode elles dizer agora?
Que pendente e de quem chora
É o teu languido olhar?
Que a tez fina e delicada
Foi, de ser muito beijada,
Que te veiu a desbotar?

Deixa-os: pallida ou corada,
Ou isempta ou namorada,
Que brilhe no prado flor,
Que fulja no céu estrella,
Ainda é ditosa e bella
Se lhe dão so um amor.

Ai! deixa-os, e no meu seio
Vem, querida, sem receio
Vem a frente recinar.
Que pallida estás, que linda!
Oh! quanto mais te amo ainda
Des que te fiz desbotar.

XIV

FLOR DE VENTURA

A flor de ventura
Que amor me entregou,
Tam bella e tam pura
Jámais a creou:

Não brota na selva
De inculto vigor,
Não cresce entre a relva
De virgem frescor;

Jardins de cultura
Não pode habitar
A flor de ventura
Que amor me quiz dar.

Semente é divina
Que veiu dos céus;
Só n'alma germina
Ao sôpro de Deus.

Tam alva e mimosa
Não ha outra flor:
Uns longes de rosa
Lhe avivam a côr;

E o aroma... Ai! delirio
Suave e sem fim!
E' a rosa, é o lirio,
E' a nardo, o jasmim;

E' um philtro que apura,
Que exalta o viver;
E em doce tortura
Faz de âncias morrer.

Ai! morrer... que sorte
Bemdita de amor!
Que me leve a morte
Beijando-te, flor.

XV

BELLA D'AMOR

Pois essa luz scintillante
Que brilha no teu semblante
D'onde lhe vem o splendor?
Não sentes no peito a chamma
Que aos meus suspiros se inflamma
E toda reluz de amor?
Pois a celeste fragrancia
Que te sentes exhalar,
Pois, dize, a ingenua elegancia
Com que te vês ondular,
Como se baloiça a flor
Na primavera em verdor,
Dize, dize: a natureza
Póde dar tal gentileza?
Quem t'a deu senão amor?

Vê te a esse espelho, querida,
Ai! vê-te por tua vida,
E diz se ha no céu estrella,
Diz-me se ha no prado flor
Que Deus fizesse tam bella
Como te faz, meu amor.

XVI

OS CINCO SENTIDOS

São bellas — bem o sei, essas estrellas,
Mil côres — divinaes têem essas flores;
Mas eu não tenho, amor, olhos para ellas:
Em toda a natureza
Não vejo outra belleza
Senão a ti — a ti!

Divina — ai! sim, será a voz que affina
Saudosa — na ramagem densa, umbrosa.
Será; mas eu do rouxinol que trina
Não oiço a mellodia,
Nem sinto outra harmania
Senão a ti — a ti!

Respira — n'aura que entre as flores gira,
Celeste — incenso de perfume agreste.
Sei... não sinto: minha alma não aspira,
Não percebe, não toma
Senão o doce aroma
Que vem de ti — de ti!

Formosos — são os pômos saborosos,
E' um mimo — de nectar o racimo:
E eu tenho fome e sêde... sequiosos,
Famintos meus desejos
Estão... mas é de bejos,
E' só de ti — de ti!

Macia — deve a relva luzidia
Do leito — ser por certo em que me deito;
Mas quem, ao pé de ti, quem poderia
Sentir outras caricias,
Tocar n'outras delicias
Senão em ti — em ti!

A ti! ai, a ti só os meus sentidos
Todos n'um confundidos,
Sentem, ouvem, respiram;
Em ti, por ti deliram.
Em ti a minha sorte,
A minha vida em ti;
E quando venha a morte,
Será morrer por ti.

XVII

ROSA E LIRIO

A rosa
E' formosa;
Bem sei.
Porque lhe chamam — flor
D'amor,
Não sei

A flor,
Bem de amor
É o lirio;
Tem mel no arôma, — dor
Na côr
O lirio.

Se o cheiro
É fagueiro
Na rosa;
Se é de belleza—mor
Primor
A rosa:

No lirio
O martyrio
Que é meu
Pintado vejo: — côr
E ardor
É o meu.

A rosa
É formosa,
Bem sei...
E será de outros flor
D'amor.
Não sei.

XVIII

COQUETTE DOS PRADOS

Coquette dos prados,
A rosa é uma flor
Que inspira e não sente
O encanto d'amor.

De purpura a vestem
Os raios do sol:
Suspiram por ella
Ais do rouxinol:

E as galas que traja
Não as agradece,
E o amor que accende
Não o reconhece.

Coquette dos prados
Rosa, linda flor,
Porquê, se não sentes,
Inspiras amor?

XIX

CASCAES

Acabava alli a terra
Nos derradeiros rochedos;
A deserta arida serra
Por entre os negros penedos
Só deixa viver mesquinho
Triste pinheiro maninho.

E os ventos despregados
Sopravam rijos na rama,
E os céus turvos, annuveados,
O mar que incessante brama...
Tudo alli era braveza
De selvagem natureza.

Ahi, na quebra do monte,
Entre uns juncos mal-medrados,
Sêcco o rio, sêcca a fonte,
Ervas e matos queimados,
Ahi n'essa bruta serra,
Ahi foi um céu na terra.

Alli sós no mundo, sós,
Santo Deus! como vivemos!
Como eramos tudo nós
E de nada mais soubemos!
Como nos folgava a vida
De tudo o mais esquecida.

Que longos beijos sem fim,
Que falar dos olhos mudo!
Como ella vivia em mim,
Como eu tinha n'ella tudo,
Minha alma em sua razão,
Meu sangue em seu coração!

Os anjos aquelles dias
Contaram na eternidade:
Que essas horas fugidias,
Seculos na intensidade,
Por millenios marca Deus
Quando as dá aos que são seus.

Ai! sim, foi a tragos largos,
Longos, fundos, que a bebi
Do prazer a taça:—amargos
Depois... depois os senti
Os travos que ella deixou...
Mas como eu ninguem gosou.

Ninguem: que é preciso amar
Como eu amei—ser amado
Como eu fui; dar, e tomar
Do outro sêr a quem se ha dado
Toda a razão, toda a vida
Que em nós se annulla perdida.

Ai, ai! que pesados annos
Tardios depois vieram!
Oh! que fataes desenganos,
Ramo a ramo a desfizeram
A minha choça na serra,
Lá onde se acaba a terra!

Se o visse... não quero vêl-o
Aquelle sitio encantado;
Certo estou não conhecel-o,
Tam outro estará mudado,
Mudado como eu, como ella,
Que a vejo sem conhecel-a!

Inda alli acaba a terra,
Mas já o céu não começa;
Que aquella visão da serra
Sumiu-se na treva espêssa,
E deixou núa a bruteza
D'essa agreste natureza.

XX

ESTES SITIOS!

OLHA bem estes sitios queridos,
Vê-os bem n'este olhar derradeiro...
Ai! o negro dos montes erguidos,
Ai! o verde do triste pinheiro!
Que saudades que d'elles teremos..
Que saudade! ai, amor, que saudade!
Pois não sentes, n'este ár que bebêmos,
No acre cheiro da agreste ramagem,
Estar-se alma a tragar liberdade
E a crescer de innocencia e vigor!
Oh! aqui, aqui só se engrinalda
Da pureza da rosa selvagem,
E contente aqui só vive Amor.
O ár queimado das salas lhe escalda
De suas azas o niveo candor,
E na frente arrugada lhe cresta
A innocencia infantil do pudor.
E oh! deixar taes delicias como esta!
E trocar este céu de ventura
Pelo inferno da escrava cidade!
Vender alma e razão á impostura,
Ir saudar a mentira em sua côrte,
Ajoelhar em seu throno á vaidade,
Ter de rir nas angústias da morte,
Chamar vida ao terror da verdade...
Ai! não, não... nossa vida acabou,
Nossa vida aqui toda ficou.
Diz lhe adeus n'este olhar derradeiro,
Dize á sombra dos montes erguidos,
Dize-o ao verde do triste pinheiro,
Dize-o a todos os sitios queridos
D'esta ruda, feroz soledade,
Paraizo onde livres vivemos,
Oh! saudades que d'elle teremos,
Que saudade! ai, amor, que saudade!

XXI

NÃO TE AMO

NÃO te amo, quero-te: o amar vem d'alma.
E eu n'alma — tenho a calma,
A calma — do jazigo.
Ai! não te amo, não.

Não te amo, quero te: o amor é vida.
E a vida — nem sentida
A trago eu já commigo.
Ai, não te amo, não!

Ai! não te amo, não; e só te quero
De um querer bruto e fero
Que o sangue me devora,
Não chega ao coração.

Não te amo. Es bella; e eu não te amo, ó bella.
Quem ama a aziaga estrella
Que lhe luz na má hora
Da sua perdição?

E quero-te, e não te amo, que é forçado,
De mau feitiço azado
Este indigno furor.
Mas oh! não te amo, não.

E infame sou, porque te quero; e tanto
Que de mim tenho espanto,
De ti medo e terror...
Mas amar!... não te amo, não.

XXII

NÃO ÉS TU

ERA assim, tinha esse olhar,
A mesma graça, o mesmo ár,
Córava da mesma côr,
Aquella visão que eu vi
Quando eu sonhava de amor,
Quando em sonhos me perdi

Toda assim; o porte altivo,
O semblante pensativo,
E uma suave tristeza
Que por toda ella descia
Como um véo que lhe envolvia,
Que lhe adoçava a belleza.

Era assim; o seu falar,
Ingenuo e quasi vulgar,
Tinha o poder da razão
Que penetra, não seduz;
Não era fogo, era luz
Que mandava ao coração.

Nos olhos tinha esse lume,
No seio o mesmo perfume,
Um cheiro a rosas celestes,
Rosas brancas, puras, finas,
Viçosas como boninas,
Singelas sem ser agrestes.

Mas não és tu. . ai! não és:
Toda a illusão se desfez,
Não és aquella que eu vi,
Não és a mesma visão,
Que essa tinha coração,
Tinha, que eu bem lh'o senti.

XXIII

BELLEZA

VEM do amor a Belleza,
Como a luz vem da chamma.
É lei da natureza:
Queres ser bella?—ama.

Fórmas de encantar,
Na tela o pincel
As póde pintar;
No bronze o buril
As sabe gravar;
E estatua gentil
Fazer o cinzel
Da pedra mais dura...
Mas Belleza é isso? — Não; só formosura.

Sorrindo entre dores
Ao filho que adora
Inda antes de o vêr,
Qual sorri a aurora
Chorando nas flores
Que estão por nascer —

A mãe é a mais bella das obras de Deus.
Se ella ama!—O mais puro do fogo dos céus
Lhe ateia essa chamma de luz crystalina:

E a luz divina
Que nunca mudou,
E' a luz... é a Belleza
Em toda a pureza
Que Deus a creou

XXIV

ANJO ÉS

Anjo és tu, que esse poder
Jámais o teve mulher,
Jámais o hade ter em mim.
Anjo és, que me domina
Teu sêr o meu sêr sem fim;
Minha razão insolente
Ao teu capricho se inclina,
E minha alma forte, ardente,
Que nenhum jugo respeita,
Covardemente sujeita
Anda humilde a teu poder.
Anjo és tu, não és mulher.

Anjo és Mas que anjo és tu?
Em tua frente annuveada,
Não vejo a c'rôa nevada
Das alvas rosas do céu.
Em teu seio ardente e nu
Não vejo ondear o véo
Com que o sôffrego pudor
Vela os mysterios de amor.

Teus olhos têem negra a côr,
Côr de noite sem estrella;
A chamma é vivaz e é bella,
Mas luz não tem.—Que anjo és tu?
Em nome de quem vieste?
Paz ou guerra me trouxeste
De Jehovah ou Belzebú?

Não respondes—e em teus braços
Com freneticos abraços
Me tens apertado, estreito!...
Isto que me cae no peito
Que foi?..—Lagrima?—Escaldou-me...
Queima, abraza, ulcéra.. Dou-me,
Dou-me a ti, anjo maldito,
Que este ardor que me devora
É já fogo de precito,
Fogo eterno, que em má hora
Trouxeste de lá.. De d'onde?
Em que mysterios se esconde
Teu fatal, estranho sêr!
Anjo és tu ou és mulher?

XXV

VIBORA

Como a vibora gerado,
No coração se formou
Este amor amaldiçoado
Que á nascença o espedaçou.

Para elle nascer morri;
E em meu cadaver nutrido,
Foi a vida que eu perdi
A vida que tem vivido.

LIVRO SEGUNDO

I

BARCA BELLA

Pescador da barca bella,
Onde vás pescar com ella,
Que é tam bella,
Oh pescador?

Não vês que a última estrella
No céu nublado se vela?
Colhe a veia,
Oh pescador!

Deixa o lanço com cautella,
Que a sereia canta bella ..
Mas cautella,
Oh pescador!

Não se enrede a rêde n'ella,
Que perdido é remo e vela
Só de vêl-a,
Oh pescador.

Pescador da barca bella,
Inda é tempo, foge d'ella,
Foge d'ella
Oh pescador!

II

A CORÔA

Bem sei que é toda de flores
Essa corôa de amores
Que na frente vaes cingir.
Mas é corôa — é reinado;
E a pôsto mais arriscado
Não se póde hoje subir.

N'esses reinos populosos
Os vassallos revoltosos
Tarde ou cedo dão a lei.
Quem hade conter, domal-os,
Se são tantos os vassallos
E um só o pobre do rei?

Não vejo, rainha bella,
Para fugir essa estrella
Que os reis persegue sem dó,
Mais que um meio — falo serio:
E' pôr limites ao imperio
E ter um vassallo só.

III

SINA

Por todas quantas estrellas
Tem o céu que possam mais,
Pelas flores virginaes
De que se c'roam donzellas,
Pelas lagrimas singelas
Que o primeiro amor derrama,
Por aquella etherea chamma
Que a mão de Deus accendeu
E que na terra allumia
Quanto ha na terra do céu!
Por tudo quanto eu queria
Quando eu sabia querer,
E por tudo quanto eu cria
Quando me era dado crêr!
Bem fadada seja a vida
Que por estas folhas brancas [1]
Sua historia hade escrever!
Que as dores lhe venham mancas
E com azas o prazer!

E'sta sina que lhe dou,
Bruxa não n'a adivinhou,
Nem duende m'a ensinou:
Li-a eu por meu condão
Em seus olhos innocentes,
Transparentes — transparentes
Até dentro ao coração.

IV

AI HELENA!

Ai, Helena! de amante e de espôso
Já o nome te faz suspirar,
Já tua alma singela presente
Esse fogo de amor delicioso
Que primeiro nos faz palpitar!..
Oh! não vás, donzellinha innocente,
Não te vás a esse engano entregar·
É amor que te illude e te mente,
É amor que te hade matar!
Quando o sol n'estes montes desertos
Deixa a luz derradeira apagar,
Com as trévas da noite que espanta
Vêm os anjos do inferno encobertos
A sua victima incauta affagar.
Doce é a voz que adormece e quebranta,
Mas a mão do traidor. . faz gelar,
Treme, foge do amor que te encanta,
É amor que te hade matar.

1 As folhas do album em que se escreveram estes versos.

V

THE ROSE — A SIGH [1]

If this delicious, grateful flower,
Which blows but for a little hour,
Should to the sight so lovely be,
As from it's fragrance seems to me,
A sigh must then it's colour show,
For that is the softest joy I know.
And sure the rose is like a sigh,
Born just to soothe and then — to die.

1 By a young lady born blind.

V

A ROSA — UM SUSPIRO [1]

Se esta flor tam bella e pura,
Que apenas uma hora dura,
Tem pintado no matiz
O que o seu perfume diz,
Por certo na linda côr
Mostra um suspiro de amor:
Dos que eu chego a conhecer
É este o maior prazer.
E a rosa como um suspiro
Hade ser; bem se discorre:
Tem na vida o mesmo giro,
É um gôsto que nasce e — morre.

1 Por uma menina cega de nascença

VI

RETRATO

(N'UM ALBUM)

Vh! despreza o meu retrato
Que lhe eu queria aqui pôr!
Tem medo que lhe desfeie
O seu livro de primor?
Pois saiba que por despique
Eu sei tambem ser pintor:
Co'esta penna por pincel,
E a tinta do meu tinteiro,
Vou fazer o seu retrato
Aqui já de corpo inteiro.

Vamos a isto — Sentada
Na cadeira *moyen-âge*,
O cabello *en chatelaines*,
As mangas sôltas. — E' o traje.

Em longas prégas negras
Caia o velludo e arraste;
De si com desdem regio
Com o pésinho o affaste...

N'essa attitude! Está bem:
Agora mais um geitinho;
A airosa cabeça a um lado
E o lindo pé no banquinho.

Aqui estão os contôrnos, são estes,
Nem Daguerre lh'os tira melhor.
Este é o ár, esta a *pose*, eu lh'o juro,
E o trajar que lhe fica melhor.

Vamos agora ao difficil:
Tirar feição por feição;
Entendel-as, que é o ponto,
E dar-lhe a justa expressão

Os olhos são côr da noite,
Da noite em seu começar,
Quando inda é joven, incerta,
E o dia vem de acabar;

Têem uma luz que vae longe,
Que faz gosto de queimar;
E uma especie de lume
Que serve só de abrazar.

Na bocca ha um sorriso amavel.
Amavel é... mas queria
Saber se é todo bondade
Ou se meio é zombaria.

Ninguem m'o diz? O retrato
Incompleto ficará,
Que n'estas duas feições
Todo o sêr, toda a alma está.

Pois fiel como um espelho
É tudo o que n'elle fiz;
E o que lhe falta — que é muito,
Tambem o espelho o não diz.

VII

LUCINDA

Ergue a frente, lirio,
Ergue a branca frente!
O astro do delirio
Já surgiu no oriente.

Vês o sol ardente,
Lá cahiu no mar;
A frente pendente
Ergue a respirar!

Alvo é o luar,
Teu alvor não cresta;
A hora de gosar,
De viver é esta.

Longa foi a sésta,
Longo o teu dormir;
Ergue a branca testa,
Tempo é de surgir!

Já se abre a sorrir
Tua bocca linda..
Despertar, sentir
Ou sonhar é ainda?

Sonho que não finda
Será o teu sonhar,
Se a dormir, Lucinda,
Te sentes amar.

VIII

AS DUAS ROSAS

Sobre se era mais formosa
A vermelha ou branca rosa,
Ardeu seculos a guerra
Em Inglaterra.

Paz entre as duas, jámais!
Reinar ambas as rivaes,
Tambem não; e uma ceder
Como hade ser?

Faltei eu lá na Inglaterra
Para acabar com a guerra.
Eil-as aqui bem eguaes,
Mas não rivaes.

Atei-as em laço estreito:
Que artista fui, com que geito!
E oh! que lindas são, que amores
As minhas flores!

Dirão que é cópia;—bem sei:
Que todo inteiro o roubei
Meu pensamento brilhante
Do teu semblante...

Será. Mas se é tam bello
Que lhe dêm esse modello,
Do meu quadro, na verdade,
Tenho vaidade.

IX

VOZ E AROMA

A brisa voga no prado,
Perfume nem voz não tem;
Quem canta é o ramo agitado,
O arôma é da flor que vem.

A mim tornem-me essas flores
Que uma a uma eu vi murchar,
Restituam-me os verdores
Aos ramos que eu vi seccar...

E em torrentes de harmonia
Minha alma se exhalará,
Esta alma que muda e fria
Nem sabe se existe já.

X

SEUS OLHOS

Seus olhos—se eu sei pintar
O que os meus olhos cegou—
Não tinham luz de brilhar,
Era chamma de queimar;
E o fogo que a ateou
Vivaz, eterno, divino,
Como o facho do Destino.

Divino, eterno!—e suave
Ao mesmo tempo: mas grave
E de tam fatal poder,
Que, um só momento que a vi,
Queimar toda alma senti...
Nem ficou mais de meu sêr,
Senão a cinza em que ardi.

XI

A DÉLIA

Cuidas tu que a rosa chora,
Que é tamanha a sua dor,
Quando, já passada a aurora,
O sol ardente de amor,
Com seus beijos a devora?
—Feche virgineo pudor
O que ainda é botão agora
E ámanhã hade ser flor;
Mas ella é rosa n'esta hora,
Rosa no arôma e na côr

—Para ámanhã o prazer
Deixe o que ámanhã viver.
Hoje, Délia, é nossa a vida;
A'manhã . o que hade ser?
A hora de amor perdida
Quem sabe se hade volver?
Não desperdices, querida,
A duvidar e a soffrer
O que é mal gasto da vida
Quando o não gasta o prazer.

XII

A JOVEN AMERICANA

D'onde é que te eu vi, donzella,
E o que eras tu n'esta vida
Quando não tinhas vestida
A fórma de virgem bella
Que ora te vejo trajar?

Estrella foste no céu,
Serias no prado flor?
Ou, no diaphano splendor
De que Iris faz o seu véo,
Estavas, Silpha, a bordar?

Não houve poeta ainda
Que te não visse e cantasse,
Mulher que não te invejasse,
Nem pintor que a face linda
Te não fôsse copiar.

Seculos tens. — E ah!.. já sei
Quem és, quem foste e hasde ser:
Bem te eu estava a conhecer
Quando primeiro te olhei
Sem te podêr estranhar.

Com Deus e co'a Liberdade
De nossas terras fugiste
Quando perdidos nos viste,
E te foste á soledade
Do novo mundo accoitar.

Pois que ora piedosa vens
E nos sentes resurgir,
Oh! não tornes a fugir,
Que melhor patria não tens
Nem que mais te saiba amar.

Teu natal celebraremos
Hoje e sempre: teus amigos
Somos na lealdade antigos,
E no ardor novos seremos,
No desvéllo em te adorar:

Porque tu és o Ideal
Da só belleza — do Bem;
Não és estranha a ninguem,
E de ti só foge o mal
Que te não póde encarar.

XIII

ADEUS MÃE

Adeus, mãe!, adeus, querida,
Que eu já não posso co'a vida
E os anjos chamam por mim.
Adeus, mãe, adeus!... Assim,
Junta os teus labios aos meus,
E recebe o último adeus
N'este suspiro. . Não chores,
Não chores: aquellas dores
Já sinto accalmar em mim.
Adeus, mãe, adeus!... Assim,
Junta os teus labios aos meus...
Um beijo—um ultimo . Adeus!

E o corpo desanimado
No collo da mãe cahia;
E ella o corpo... só pesado,
Só mais pesado o sentia!
Não se lamenta, não chora,
E quasi a sorrir, dizia:
—Que tem este filho agora,
Que tanto pèsa? Não posso...—
E uma a uma, osso por osso,
Com a mão trémula tenta
As mãosinhas descarnadas,
As faces cavas, myrradas,
A testa inda morna e lenta.
—Que febre, que febre! —diz;
E em tudo pensa a infeliz,
Tudo que ha mau lhe occorreu,
Tudo—menos que morreu.

Como nos gelos do norte
O somno traidor da morte
Engana o desfalecido
Que imagina adormecer,
Assim cansado, esvahido
De tam longo padecer,
Já não ha no coração
Da mãe força de sentir;
Não tem já lume a razão
Senão só para a illudir.

Acorda, ó mãe desgraçada,
Que é tempo de despertar!
Anda vêr a eça armada,
As luzes que ardem no altar.
Ouves? É a rouca toada
Dos padres a psalmear!..
Vamos, que a hora é chegada,
É tempo de o amortalhar.

E os anjos cantavam:
—Alleluia!
E os santos clamavam:
—Hossanna!

Ao triste cantar da terra
Responde o cantar do céu;
Todos lhe bradam:—Morreu!
E a todos o ouvido cerra.

E os sinos a tocar,
E os padres a rezar,
E ella ainda a accalentar
Nos braços o filho morto,
Que já não tem mais conforto,
Mais socego n'este mundo
Que o jazigo humido e fundo
Onde hade ir a sepultar.

Levae, ó anjos de Deus,
Levae essa dor aos céus.
Com a alma do innocente
Aos pés do Juiz Clemente
Ahi fique a santa dor
Rogando á Eterna Bondade
Que estenda a immensa piedade
A quantos peccam de amor.

XIV

AVE, MARIA!

Maria, doce mãe dos desvalidos,
A ti clamo, a ti brado!
A ti sobem, senhora, os meus gemidos,
A ti o hymno sagrado
Do coração de um pae vôa. ó Maria,
Pela filha innocente.
Com sua debil voz que balbucia,
Piedosa mãe clemente,
Ella já sabe, erguendo as mãos tenrinhas,
Pedir ao Pae dos céus
O pão de cada dia. As preces minhas
Como irão ao meu Deus,
Ao meu Deus que é teu filho e tens nos braços.
Se tu, mãe de piedade,
Me não tomas por teu? Oh ! rompe os laços
Da velha humanidade ;
Despe de mim todo outro pensamento
E van tenção da terra ;
Outra glória, outro amor, outro contento
De minha alma desterra.
Mãe, oh ! mãe, salva o filho que te implora
Pela filha querida.
De mais tenho vivido, e só agora
Sei o preço da vida,
D'esta vida, tam mal gasta e prezada
Porque minha só era ..
Salva-a, que a um santo amor está votada,
N'elle se regenera.

XV

OS EXILADOS

A SENHORA ROSSI-CACCIA [1]

Elles tristes, das praias do desterro,
Os olhos longos e arrazados de agua
Estendem para aqui. . Cravado o ferro
Da saudade têem n'alma ; e é negra mágua
A que lhes rala os corações afflictos,
É a maior da vida — são proscritos.

Dôr como outra não ha, é a dor que os mata !
Dizer eu: «Essa terra é minha . minha.
Que nasci n'ella, que a servi, a ingrata !
Que lhe dei . dei por ella quanto tinha,
Sangue, vida, saude, os bens da sorte..
E ella, por galardão, me entrega á morte!»

Morte lenta e cruel — a de Ugolino! [2]
Bem lhes quizeram dar...

[1] Cantando em um baile de subscripção que se deu em Lisboa em 29 de Março de 1845 a favor dos que n'esse anno estavam emigrados por fugir ás perseguições do Governo.
[2] Foi morto á fome com os filhos.

Mas não será assim: sôpro divino
De bondade e nobreza
Não o póde apagar
Nos corações da gente portugueza
Esse rancor de féra
Que em almas negras, negro e vil impera.

Tu, genio da Harmonia,
Tu solta a voz em que triumpha a glória,
Com que suspira amor!
Bella de enthusiasmo e de fervor,
Ergue-te, ó Rossi, tua voz nos guia:
A tua voz divina
Hoje um ecco immortal deixa na historia.
Inda no mar d'Egina
Sôa o hymno de Alceu;
E atravessaram seculos
Os cantos de Tyrteu,
Mais poderosa e válida
tua voz será;
A tua voz etherea,
Tua voz não morrerá.

Nós no templo da patria pendurâmos
Esta c'roa singela
Que de myrtho e de rosas entrançâmos
Para essa fronte bella:
Aqui, de voto, ficará pendente,
E um culto de saudade
Aqui, perennemente,
Lhe daremos no altar da Liberdade.

XVI

PREITO

É lei do tempo, Senhora,
Que ninguem domine agora
E todos queiram reinar.
Quanto vale n'esta hora
Um vassallo bem sujeito,
Leal de homenage e preito
E facil de governar?

Pois o tal sou eu, Senhora:
E aqui juro e firmo agora
Que a um despotico reinar
Me rendo todo n'esta hora,
Que a liberdade sujeito...
Não a reis!—outro é meu preito:
Anjos me hãode governar.

XVII

NO LUMIAR

Era um dia de Abril; a primavera
Mostrava apenas seu virgineo seio
Entre a folhagem tenra; não vencêra,
De todo, o sol o mysterioso enleio
Da nevoa rara e fina que estendera
A manhã sobre as flores; o gorgeio
Das aves inda timido e infantil...
Era um dia de Abril,
E nos iamos lentos passeando
De vergel em vergel, no descuidado
Socêgo d'alma que se está lembrando
Das luctas do passado,
Das vagas incertezas do porvir.
E eu não cansava de admirar, de ouvir,
Porque era grande, um grande homem de veras
Aquelle Duque alli maior ainda,
Alli no seu Lumiar, entre as sinceras
Bellezas d'esse parque, entre essas flores,
A qual mais bella e de mais longe vinda
Esmaltar de mil côres
Bosque, jardim, e as relvas tam mimosas,
Tam suaves ao pé—muito ha cansado
De pisar alcatifas ambiciosas,
De tropeçar no perigoso estrado
Das vaidades da terra
E o velho Duque, o velho homem d'Estado,
Ao falar d'essa guerra
Distante—e das paixões da humanidade,
Sorria malicioso
D'aquelle sorrir fino sem maldade,
Que tam seu era, que, entre desdenhoso
E benevolo, a quanto lhe sahia
Dos labios dava um cunho de nobreza,
De razão superior.
E então como elle a amava e lhe queria
A esta pobre terra portugueza!
Velha tinha a razão, velha a experiencia,
Joven só esse amor.

Tam joven, que inda cria, inda esperava,
Inda tinha a fé viva da innocencia!...
Eu, na força da vida,
Tristemente de mim me envergonhva.
—Passeavamos assim, e em reflectida
Meditação tranquilla descuidados
Iamos sós, já sem falar, descendo
Por entre os velhos olmos tam copados,
Quando sentimos para nós crescendo
Rumor de vozes finas que zumbia
Como enxame de abelhas entre as flores,
E vimos, qual Diana entre os menores
Astros do céu, a fórma que se erguia,
Sôbre todas gentil, d'essa estrangeira
Que se esperava alli. Perfeita, inteira
No velho amavel renasceu a vida
E a graça facil. Cuidei vêr o antigo
O nobre Portugal que resurgia
No venerado amigo;
E na formosa dama que sorria,
O genio da subida,
Rara e fina elegancia que a nobreza,
O gôsto, o amor do Bello, o instincto da Arte
Reune e faz irmãos em toda a parte:
Que affere a grandeza
Pela medida só dos pensamentos,
Do stylo de viver, dos sentimentos,
Tudo o mais como futil desprezando.

Pensei que a saudar o velho illustre
Em seus ultimos dias
E a despedir-se, até Deus sabe quando,
De nossas praias tristes e sombrias,
Vinha esse genio .. Tristes e sombrias,
Que o sol lhe foge, lhe esmorece o lustre,
E onde tudo o que é alto vae baixando...

O triste, o que não tem já sol que o aqueça
Sou eu talvez—que, á mingua de fé, sinto
O cerebro gelar-me na cabeça,
Porque no coração o fogo é extincto
Elle não era assim,
Ou, sabia fingir melhor do que eu!

—Como o nobre corcel que envelheceu
Nas guerras, ao sentir o aureo telim
E as armas sôbre o dorso descarnado,
Remoça o garbo, em juvenil meneio
Franja de espuma o freio,
E honra os brazões da casa em que foi nado.

Nunca me hade esquecer aquelle dia!
Nem os olhos, as falas, e a sincera
Admiração da bella dama ingleza
Por tudo quanto via;

O fructo, a flor, o arôma, o sol que os gera,
E esta vivaz, vehemente natureza,
Tóda de fogo e luz,
Que ama incessante, que de amar não cansa,
E continua produz
Nos fructos o prazer, na flor a esp'rança.

Alli as nações todas se juntaram,
Alli as várias linguas se falaram;
A Europa convidada
Veiu ao festim —não ao festim, ao preito.
Vassallagem rendida foi prestada
Ao talento, á belleza,
A quanto n'alma infunde amor, respeito,
Porque é devéras grande:—que a grandeza
Os homens não a dão;
Põe-na por sua mão
N'aquelles que são seus,
Nos que escolheu — só Deus.

Oh! minha pobre terra, que saudades
D'aquelle dia! Como se me aperta
O coração no peito co'as vaidades,
Co'as miserias que ahi vejo andar álerta,
A' sôlta, appregoando-se! Na intriga
Na traição, na calúmnia é forte a liga,
E fraca em tudo o mais.

Tu, socegado
Descansa no sepulchro; e cerra, cerra
bem os olhos, amigo venerado,
Não vejas o que vae por nossa terra.
Eu fecho os meus, para trazer mais viva
Na memoria a tua imagem
E a d'essa bella Ingleza que se esquiva
De nós entre a folhagem
Dos bosques de Parthenope. Cansado,
Fito n'esta miragem
Os olhos d'alma, em quanto que arrastado
Vae o tardio pé
Por este que inda é,
Que cedo não será, bem cedo—em mal!
O velho Portugal. [1]

XVIII

A UM AMIGO

Fiel ao costume antigo,
Trago ao meu joven amigo
Versos proprios d'este dia.
E que de os vêr tam singelos,
Tam simples como eu, não ria
Qualquer os fará mais bellos,
Ninguem tam d'alma os faria.

Que sobre a flor de seus annos
Soprem tarde os desenganos;
Que emtôrno os bafeje amor,
Amor da espôsa querida,
Prolongando a doce vida
Fructo que succeda á flor.

Recebe este voto, amigo,
Que eu fiel ao uso antigo
Quiz trazer-te n'este dia
Em poucos versos singelos:
Qualquer os fará mais bellos,
Ninguem tam d'alma os faria.

[1] Estes versos foram inspirados pela visita da celebrada Mrs. Northon a quinta do Lumiar, onde o fallecido duque de Palmella reuniu, para a festejar alguns poucos amigos escolhidos. Foi nos ultimos tempos de sua vida. Mrs. Northon reside actualmente em Napoles, a Parthenope de que fala o texto.

XIX

OS LUSIADAS

EPILOGO DE PAGGI

I

Co'a doce voz o Cysne lusitano
Assim as proprias féras abrandava;
Mas nem o Tejo, de seu canto ufano,
Nem as ingratas Tagides tocava:
De seu impio destino deshumano
Nunca as iras fataes, nunca domava;
Nem achou entre os seus humanidade
Quem moveria as pedras á piedade.

II

Ingrata patria, o engenho sublimado
Digno de um capitolio em Roma antiga,
Tu não o ergueste d'esse baixo estado
Em que só por tua glória se afadiga!
O engenho que te inveja mallogrado
Toda a nação de meritos amiga,
Tu na vida em miserias o deixaste,
E em leito vil á fome o assassinaste!

III

Vae! Sua glória é mais hoje a maravilha
Das gentes, porque mais o perseguiste;
Morre o teu nome quando o seu mais brilha,
Despojam d'elle a tua lingua triste;

XIX

LA LUSIADA

EPILOGO DI PAGGI

I

Cotal cantava il lusitano cigno
Molcendo con sue voce auco le fere,
Non che l'amato patrio Tago e'l Migno,
E le del canto suo Tagide altere:
Che pur del suo destino empio e maligno
Non puote unqua addolcir l'ire severe;
Non trovando fra suoi humanitade
Quei ch'i scelsi avria mossi anco a pietade.

II

Potesti, ingrata patria, un spirto degno
D'un campidoglio in una Roma antica,
Non sollevar da basso stato, indegno
Di cui fiè per te gloria ogni fatica?
Un spirto che t'invidia al maggior segno
Ogni altra nazion di mer'ti amica,
Veder soffristi vivo egro e scontento
Ed in vil letto di disagio spento!

III

Ma vanne pur che, quanto iniqua, austera
Fusti con lui, tanto fra l'altre genti
Sorgerá la sua gloria ove tua pera,
Fino a caciarne i tuoi nativi accenti.

Iberia o adoptou, França o perfilha,
Britannia o quer; e agora eterno existe,
Que n'um e n'outro italico idioma
Entre os seus vates o colloca Roma.

Adotteranlo la nazione ibera,
La franca, us· adottar spirti eminenti,
L'angla; ed ambe le italiche favelle
Vorran che viva fra suoi poeti anch'elle.

IV

Tu fica-te c'os ossos deshónrados
Que te accusam de ingrata ao céu e á terra;
Seu espirito, esse vae onde prezados
São virtude e talento, e onde impia guerra
Stulto o poder não faz aos mais honrados:
Mais de outros já que teu, já não se encerra
N'um canto do orbe sua altiva fama,
Que Augusto a ampara e um Alexandre a acclama.

IV

Tienti pur l'ossa inonorate ancora
Che t'accusan d'ingrata anco sepulte;
Che lo spirto di lui, gia di te fuora
Non errará, ne fien sue pene inulte;
Vedrailo accolto ove virtu s'onora:
Gia piu d'altri che tuo, fra le piu culte
Genti del orbe, e maturar sua speme
Sotto un Augusto e un Alessandro insieme

V

Lá onde surge de alto monte, e brilha
Sobre a escolhida grey de Deus a estrella,
E egual áquella antiga maravilha
Que os reis guiou a Deus, sobre os reis véla,
Lá onde ao merito o poder se humilha,
Beija a paz da justiça a face bella,
E de illustre carvalho á sombra amena
Descansa Roma no velar de Siena. [2]

V

La ve ad illuminar da eccelso monte
Astro di Dio, l'eletta gregia, sorge,
Che al par di quel che ad inchinar la fronte
Condussi i regi a Dio, i regi scorge,
La dove il merto abbatte sforzi ed onte,
La giustizia á la pace il labro porge,
E di quercia Feretria á l'ombre amena
Riposa Roma al vigilar di Siena.

VI

Lá vae, minha obra, e d'esta luz roubada
Tu leva á patria musa esses primores;
Em fala ignota estava sepultada,
Raios de extranho sol são seus fulgores.
Vae, viverás: tambem com luz furtada
Deu vida Prometheu. Se mais não fores,
Serás reflexo de belleza, lustre,
E de eterno splendor émula illustre. [3]

VI

Or la vanne, opra, ed á le patrie muse,
Quasi terzo cristal le luci rendi
Che sotto ignoto dir sepolte e chiuse
Da sol che altrove splende or furi e prendi.
Vanne, e qual gia Prometteo anima infuse
Con le luci non sue, tu vita attendi:
Spechio del altrui bello, emulo industre
E d'eterno splendor riflesso illustre.

1 Paggi esteve muitos annos em Lisboa, e aqui publicou duas edições da sua tradução dos LUSIADAS, que, se não tem o valor poetico da de Nervi, nem a fidelidade da de Briccolani, é todavia muito apreciavel. Este *epilogo* foi tirado da seg. ediç. de 1659 — que é a mais correcta, conservando-se-lhe a propria orthographia.

2 Cidade do gran-ducado de Toscana, patria do papa Alexandre VII, a quem a versão dos LUSIADAS foi dedicada.

3 Publicando-se a primeira vez esta tradução dos versos de Paggi no 2.º num. do vol. II do jornal a SEMANA, appareceu com uma introducção, da qual julgamos dever extractar alguns paragraphos:

«Um nome illustre e portuguez, germanado pela inspiração pelas tradições patrias com a gloria de Camões, associa-se hoje á nobre desaffronta que um estrangeiro soube, ha seculo e meio, escrever no fim dos LUSIADAS em honra das esquecidas cinzas de Camões. O estrangeiro foi Carlos Antonio Paggi, que na sua tradução italiana dos LUSIADAS accrescentou, como Epilogo, seis formosas strophes em honra do poeta que a patria, ou antes a côrte do seu tempo, votára a humiliação e á indigencia. O nome glorioso na historia contemporanea das nossas lettras é o de Almeida Garrett, que em bellissimos versos portuguezes trasladou a elegia melancolica com que o italiano Paggi apostrophou a indifferença, ou o despreso que foram em vida de Camões a tença mais avultada que os poderosos lhe destinaram no seu livro de mercês.

«Quem gravou mais estes versos na loisa de Camões, quemi lhe refrescou as cinzas com mais esta saudade, foi o poeta, que resume no seu nome, como n'um traço conciso, toda uma regeneração litteraria, o poeta que marca no stadio das letrras um repoiso ameno depois do servilismo, ou da inanição da poesia nacional-o mesmo que celebrou Camões em versos ungidos de sentimento e de saudade intima; aquelle que interrogou os portuguezes sobre o logar onde jaziam os ossos do maior genio da nossa terra; foi o proprio que em Portngal, onde só a opulencia tem monumentos, e a nullidade estatuas, levantou o mais clamoroso brado a favor d'aquella pobre ossada, perdida, profanada, pisada talvez sacrilegamente pelos filhos degenerados d'uma patria envilecida; foi aquelle mesmo que rematou tambem um dos seus mais graciosos e sentidos poemas, com esta apostrophe, temerosa e solemne, já tantas vezes citada por nacionaes e estrangeiros:

Onde jaz, portuguezes, o moimento
Que do immortal cantor as cinzas guarda?
Homenagem tardia lhe pagastes
No sepulchro siquer? Raça de ingratos!»

XX

O TEJO

AO SENHOR VISCONDE DE ALMEIDA-GARRETT

PELO CONDE DE CAMBURZANO

N'essas margens risonhas do Tejo
Não ha som que não cante de amor;
Em suas ondas azues o lampeio
Das estrellas, no albor, se espelhou.

Essa terra produz a violeta
Ao primeiro sorrir da manhã,
Vago Zephyro a flor indiscreta,
Sussurrando, lascivo beijou.

É loquaz este bosque sombrio,
Cheio ainda do canto dos bardos;
Aqui é Tempe, aqui o Ménalo frio,
E o Meandro que os cysnes produz.

Oiço uns eccos de magica lyra
Pela noite ir ao longo da praia...
Quem é esse tam fero que ahi gira
E do dia desdenha da luz?

É Catão, [1] — só a este não doma
Quem a terra fez muda a seu mando;
É Catão — a infamia de Roma
Na sua frente jámais não pesou.

Como geme alva pomba ferida,
Assim Mérope [2] geme e lamenta;
Sôam trompas guerreira alarida,
E a alegria ao seu peito voltou.

Nas cumiadas de Herminio [3] nevosas,
Que dos horridos gelos se c'rôam,
Vê a aurora coberta de rosas
De belleza em que pompa surgiu!

Na hastea debil as tenras florinhas
Vão o puro rocio bebendo,
Cada gota do céu, nas hervinhas,
Rica perola ardente luziu.

Mas o Genio do monte, que horrendo
Entre as sombras impera da noite,
Bate as azas, já foge e fremendo
No profundo do mar mergulhou.

Repentino lá surge um guerreiro,
Torvo o cenho, a armadura de ferro...
É Viriatho .. a seus pés--o primeiro!—
Cae as Aguias que o mundo adorou.

Da caverna que os ossos lhe encerra
Surde a voz.. Inclinae as cabeças
Ante o livre que impavido á terra
—Ou morrer — ou salval-a jurou...

Emmudece a harpa. —O nome adorado
Da sua Julia [4] as Dryades cantem!
Sôbre a fronte ao poeta sagrado
Phebo proprio os seus loiros poisou

1 Allude á tragedia Catão do Sr Garrett.
2 Allude á tragedia Merope do Sr. Garrett.
3 Do mesmo modo allude á Caverna de Viriatho, publicada ultimamente nas Flores sem fructo, com a tradução franceza por M lle de Flaugergues
4 Allude egualmente á ode ou canção II do livro primeiro — Flores sem fructo.

XX

IL TAGO

AL SIGNOR VISCONTE DE ALMEIDA-GARRETT

DAL CONTE DI CAMBURZANO

Sule sponde ridenti del Tago
Dice ogni eco canzone d'amore;
In que' flutti d'azzuro si vago
Ogni stella al mattin si specchiò.

Quella terra produce la viola
Al primiero dell' alba sorriso,
Zefiretto che lene trasvola
Susurrando quel fiore baciò.

Son loquaci le brune foreste,
Piene ancora del canto de' bardi,
Quivi è Tempe, quí Menalo agreste,
E'l Meandro che i cigni nutrì.

Odo un suono di magica lira
Lungo il lido sull' umida sera...
Chi é colui che si fiero s'aggira
E disdegna la luce del dì?

Egli é Cato, [1] lui solo non doma
Chi la terra fè muta á suoi cenni;
Egli é Cato, l'infamia di Roma
Sul suo capo giammai non pesó.

Come gemon le bianche colombe,
Cosi Merope [2] piange e lamenta;
Ma improviso squillare di trombe
Alta gioja id suo cuore versò.

Su le cime d'Erminio [3] nevose,
Cui fan gl'orridi ghiacci corona,
Ve' l'aurora cosparsa di rose
Qual fa pompa di rara beltà!

I floretti sul gracile stelo
Van bevendo la pura rugiada,
Ogni stilla caduta dal cielo
Fra l'erbette una perla si fa.

Ma lo Spirto del monte, che orrendo
Tiene impero fra l'ombre di notte,
Bate l'ali, gia fugge fremendo
Nel profondo dei mari piombó.

Um guerriero repente si desta,
Torvo il ciglio, rachiuso nell'arme,
É Viriato... un vessillo calpesta
Che tremante la terra miró.

Dallo speco che l'ossa ne serra
Una voce si parte — t'inchina
A colui che la libera terra
O far salva o perire giuró...

Tace l'arpa. . Di Giulia [4] ripeta
Ogni Driade il nome soave!...
Su la fronte del sacro poeta
Febo istesso l'alloro posó.

1 Idem.
2 Idem.
3 Idem.
4 Idem.

XXI

CANÇÃO DA DONZELLA FINLANDEZA

Oh! se o meu Bem me volver,
Se quem d'antes via, eu vejo,
Traga elle a bôcca a escorrer
De lobo em sangue, lh'a beijo;
E a mão vou-lh'a apertar,
Cobras lh'a andem a enroscar.
Ah! se o vento alma tivera,
Lingua o ár da primavera,
Fôra a sua voz bastante:
Novas levára e trouxera
Entre um e outro amante.
Desprézo finos guizados,
Deixo ao cura os seus assados;
Só quero amar, ser constante
A quem o verão me deu
E o inverno affez a ser meu.[1]

XXI

EYTON RUNO SUOMALAISEN

Jos mun tuttuni tulisi,
Ennen nähtyni näkyisi,
Sillen suuta suikkajaisin;
Jos olis suu suden weressä;
Sillen kättä käppäjäisin,
Jospa käärme kämmen-päässä.
Olisko tuuli mielellisnä,
Ahawainen kielellisnä:
Sanan toisi, sanan weisi,
Sanan liian liikuttaisi,
Kahden kaunihin wälillä.
Ennen heitän herkku-ruuat,
Paistit pappilan unohdan,
Ennenkun heitän herttaseni,
Kesän kestyteltyäni,
Talwen taiwuteltuani.[2]

XXI

CARMEN FENICAE PUELLAE

Ille si meus veniret,
Visus ante si veniret;
Illitum lupi cruore
Os libenter oscularer;
Si ter implicaret anguis,
At manum manu tenerem.
Si qua mens adesset austro,
Si qua lingua veris aurae;
Ferret aura, ferret auster,
Et referret usque verba,
Nuntians, amanti amantis.
Ni! moror dapes opimas,
Presbiter nihil quod assat,
Dum mihi meum reservem,
Quem mihi subegit aestas,
Bruma quem dedit domandum.

A. Hedner.
Praepositus Yariensis.

XXI

ΠΑΓΑΔΙΟΝ ΦΙΝΝΙΚΟΝ

Ὡς ἵκοιθ' ὁ προσφιλής μοι,
Τὸν πάλαι φανέντ' ἴδοιμι,
Τοῦδε κὰκ λύκου φιλοῖμ' ἄν
Αἱματοσταγῆ τὰ χεῖλη.
Ἐν χερσὶν αὐτοῦ δὲ φύσα
Ὄφιος οὐ ταρβοῖμ' ἑλιγμούς.
Εἰ γένοιτ' ἔμφρων μὲν αὔρα,
Εἰ πνοὴ δ' ἔναυδος ἦρος,
Σὺν τάχει πρόσω πάλιν τε,
Τοὺς ἂν ἀλλήλων ἐρώντων
Πιστέως λόγους κομίζοι.
Πλὴν λιχνεύματ' οὐ μένοιμ' ἄν,
Ὀπτὰ κρέα θ' ἱερέως ἔγωγε
Μᾶλλον, ἢ τοῦδ' ἐς λαθοίμην,
Τοῦπερ ἐν θέρει δανέντος,
Ἐν κρύει κατεκράτησα.

J. Spongberg
Professor Lingnae Graecae

[1] O original é phenicio ou finlandez.
Esta pequena Runa, canção em metro runico, é considerada no Norte como um d'esses raros exemplares da litteratura primitiva dos povos que a caracterizam. Como tal tem sido traduzida em muitas linguas com o auxilio das versões litteraes, que para isso se publicaram em Stokolmo.

[2] Por este modo se fez a portugueza: e creio ser a primeira que apparece nas linguas do Sul. Dou com ella as versões todas, poeticas e litteraes, que me chegaram á mão. Muito aproveitaria ao estudo das linguas e litteraturas da Europa se os nossos litteratos se dessem com o mesmo empenho ao estudo das runas e sagas do Norte com que alli se dão ao das nossas xacaras e solaos.

TRADUCÇÕES LITTERAES

I

ALLEMAN

Oh! wenn mein Geliebter[1] kommen würde,
Der früher gesehene, wenn er erschienne (erscheinnen würde)·
Sogleich würde ich einen Kuss auf seinen Mund drücken,[2]
Auch wenn er (der Mund) mit Wolfsblut besudelt[3] wäre!
Seine Hand würde ich zugleich auch warm (herzlich) fassen,[4]
Wenn auch eine Schlange sich um seine Finger schlängelt!
Ach! wenn der Wind Verstand hätte,[5]
Der frische Lenzeshauche, wenn er einer Sprache mächtig wäre[6]
Ein Wort würde er hinbringen,[7] ein Wort würde er zurückbringen:
Mit Nachrichten würde er schnell eilen[8]
Zwischen zwei Liebenden —
Lieber verschmähe ich die kostbarsten Speisen,[9]
Vergesse lieber den Braten auf des Priesters Tische,[10]
Als dass ich meines Herzens Geliebten verlasse,
Den, welchen ich im Sommer mir ergeben machte[11]
Den, welchen ich in Winter (an mich) befestiote.[12]

[1] Eigentl : mein Bekannter.
[2] Ganz wörtlich: ihm den Mund ich sogleich hinhalten würde, d. h. ihn küssen.
[3] Ganz wörtl.: wäre auch sein Mund in Wolfsblut, d. h. wäre er mit Wolfsblut befleckt.
[4] Wörtlicher: ich würde ihm einen leichten Handschlag geben.
[5] Ganz wörtlich: wäre der Wind als Verstand-besitzend.
[6] Oder: wäre als sprachmächtig.
[7] Eigentl.: holen.
[8] Ganz wörtl : ein Wolt zur Genüge, würde er (der Wind, der Hauch) in Bewegung bringen (rege machen), d. d würde er wechselweise bringen zwischen, etc. (Dieser Vers ist, wie man sieht, na Geist und Sinn, nur ein Parallelism zu dem nächst vorangehenden. Solche findet man nicht selten in der finnischen Runen-Dichtung.
[9] Überhaupt: Herrenessen.
[10] Ganz wörtl.: des Pfarrhauses Braten (Plur.) ich lieber vergesse.
[11] Oder: mit antockte, d. h. machte dass er sich an mich schloss.
[12] Oder: bändigte, d. h. nach meinem Sinne lenkte.

II

INGLEZA

Oh! if my beloved[1] would come,
The before seen, if he would appear ;
Instantly I should press a kiss on his mouth.[2]
Even though it (the mouth) were stained with the blood of wolf.
His hand I should at the same time warmly (cordially) seize,[4]
Even though a snake wound round his fingers!
Oh! if the wind had understanding,[5]
The fresh zephyrs of the spring, if they were capable of speech:
A word they would bring hither,[6] a word they would return,
With intelligence they would quickly hasten[7]
Between two lovers—
I should sooner give up the nicest dishes,[8]
Forget rather the roast-meat on the priest's table
Than I forsake my dear beloved,
Him, whom in the summer I made attached to me.[10]
Him, whom in the winter I captivated.[11]

[1] *Or:* intimate; *properly;* well-known.
[2] *Literally:* to him I should instantly offer my mouth, *that is to say:* kiss him.
[3] *Quite literaly:* even though his mouth were in the blood of a wolf; *that is to say:* if it were besmeared with the blood of a wolf.
[4] *More literally:* I should give him a light squeezing of the hand.
[5] *Quite literally:* if the wind were as if possessing understanding.
[6] *Properly:* fetch.
[7] *Literally:* a word which were sufficient, they (the winds, the zephyrs) would set a-going, *that is to say:* they would alternatively bring between, etc. (This verse forms, as it appears, in sense and thought, a parallelism with the preceding verse. Such are not seldom met with in the Finlandian runic poetry.)
[8] *Very-near:* the gentlemen's (the lord's) meat.
[9] *Quite literally:* forget rather the roast-meats of the priest's house.
[10] *Or:* attracted to me, *that is to say:* caused him to become attached *to me.*
[11] *Or:* tamed, *that is to say:* made him submit to my mind or will.

III

LATINA

O, si ille familiaris meus veniret,
Antea visus mihi appareret!
Statim ei os porrigerem,[1]
Etiamsi esset (os) lupi cruore maculatum.[2]
Manum ejus calide[3] premerem,
Etiamsi anguis digitos cingeret.[4]
O! si ventus esset ment praeditus,[5]
Si flamen[6] veris alacre[7] linguae esset potens;
Verbum huc ferret, verbum referret,[8]
Nuntium vicissim motu ageret[9]
Inter duos amantes. —
Rejiciam potius lautissimas cupedias,
Quin carnis assae de mensa presbyteri][10] obliviscar,
Quam meum ex corde amatum deseram;
Quem aestate mihi deditum reddidi,[11]
Quem hieme satis mansuefeci.[12]

[1] Eum mox oscularer.
[2] *Proprie:* etiam si in lupi cruore os esset, *i. e.* etiamsi lupi cruor in ore ejus esset.
[3] *Proprie:* facile.
[4] *Proprie:* etiamsi anguis in extrema manu (esset)
[5] *Sive:* O, si ventui esset intellectus!
[6] *Sive:* aura.
[7] Recreaos.
[8] *Sive:* verbum adduceret, verbum reportaret.
[9] *Proprie:* verbum plus quam sufficiens in motum ageret (moveret).
[10] *Proprie:* de villa presbyteri, *i. e.* quae in villa presbyteri solet esse. Carnis assae frustra presbyteri mensae apposita.
[11] *Sive:* quem aestate ita tractavi, ut se mihi dederet.
[12] *Sive:* quem hieme ita tractavi, ut mihi obediret

IV

FRANCEZA

Ah! si mon bien-aimé[1] voulait venir,
Celui que je voyais jadis, voulût-il reparaître!
A l'instant je presserais un baiser sur sa bouche,[2]
Si même elle était tachée de sang de loup.[3]
Je saisirais ardemment sa main[4]
Quand même un serpent fût roulé autour de ses doigts.
Oh! si le vent avait de la raison,[5]
La fraîche haleine du printemps, si elle savait une langue;
Elle irait chercher un mot, un mot elle rapporterait:
Vite elle se hâterait avec des nouvelles[6]
Entre deux amants. —
Plutôt je me passerais des mets les plus délicats,[7]
J'oublierais plutôt le rôti sur la table du pasteur,[8]
Que je n'abandonne le chéri de mon cœur,
Celui qu'en été je m'attachai,[9]
Celui que j'enchaînai pendant l'hiver.[10]

[1] Proprement dit: *mon bien-connu.*
[2] Litteralement: *je lui tendrais a l'instant la bouche*, c'est-à-dire: *je le baiserais.*
[3] Tout-à-fait littér.: *fût même sa bouche dans le sang d'un loup*, c.-à-d.: *fût-elle souillee de sang de loup.*
[4] Plus littér.: *je lui donnerais un leger serrement de main.*
[5] Tout-à-fait littér.: *si le vent etait possedant de la raison.*
[6] Plus littér.: *un mot, qui suffirait deja, elle le mettrait en mouvement*, c.-à-d.: *elle le porterait alternativement entre, etc. (Ce vers ne forme, comme il le paraît, qu'un parallelisme d'esprit et de pensee avec le vers precedent; on en trouve souvent dans la poésie runique finoise.)*
[7] A peu-prés: *nourriture des Messieurs.*
[8] Tout-à-fait littér.: *j'oublierais plutôt les rôtis du presbytere.*
[9] Ou: *attirai vers moi*, c.-à-d.: *fis qu'il s'attache a moi.*
[10] Ou: *apprivoisai*, c.-à-d.: *que je fis plier a ma volonte*

NOTAS

Nota A

Coquette dos prados........... .... pag. 177

A palavra *coquette* não é portugueza. Mas não ha remedio senão acceital-a e dar-lhe a carta de naturalisação desde que a coisa se afforou tanto entre nós.

Nota B

Voz e aroma.................................... pag. 182

Parece-me, e quero confessal-o, que estes versos são uma reminiscencia de Lamartine.

Nota C

No Lumiar.. pag. 184

Tinha promettido estes versos sobre a visita de Mrs Northon ao Lumiar, ha tres para quatros annos, ao nosso commum amigo S. de L. Perdôe-me elle se tam tarde cumpro a minha promessa. — Dezembro, 1871.

Nota D

O Tejo.. pag. 187

O Sr. Conde de Camburzano, secretario da Logação de Sardenha em Lisboa, foi aqui mui pouco conhecido da nossa sociedade, nem o seria com vantagem, porque dansar e jogar, jogar e dansar, de verão e de inverno, nossa occupação exclusiva e unica, não podia ser a de um homem de forte pensar e de vehemente sentir.

Manda-lhe aqui éstas saudades um dos poucos portuguezes que tiveram a fortuna de o conhecer.

Nota E

Deixo ao cura os seus assados.... . ... pag. 188

Este pequeno poema foi-me enviado de Stockolmo pelo illustre litterato o Sr. Zetterquist, com as traducções poeticas e litteraes que publíco juntamente com o texto, e que me serviram para fazer a traducção portugueza que com tanta instancia me pediram. Vem tudo acompanhado da seguinte explicação em francez, que aqui ponho textualmente tambem para melhor esclarecimento do assumpto:

REMARQUES DIVERSES SUR CETTE RUNA FINOISE [1]

Ce petit poëme, que l'on peut appeler une réminiscence de l'état d'innocence primitive des peuples et des langues, fut composé il y a peut-être quelques siècles, par une jeune paysanne finoise. Comme le chant l'indique, elle paraît avoir eu un amant auquel elle avait donné son cœur et son premier amour, mais qui, plus tard, pour une cause quelconque, l'abandonna, malgré les promesses de mariage qu'il avait jurées á sa fiancée. Une circonstance pareille n'a jamais été et ne sera jamais rien d'extraordinaire; c'est, nonobstant, le théme de ce chant si simple. Simple, il est vrai: mais il ne manque pas pour cela d'originalité, ni même de poésie, pareil en cela, du reste, á tous les vieux et sublimes chants nationaux du Nord. Je pourrais même á cet égard soutenir sans exagération que celui qui nous occupe est l'un des plus beaux produits de la poésie populaire Où trouver, par exemple, une pensée plus sublime que celle de la seconde stance, où cette Sapho, quoique n'étant pourtant pas de Lesbos, donne sous l'inspiration du moment, l'essor aux brûlants sentiments de son cœur: «*Oh! si le vent était doué de raison, et la fraiche haleine du printemps, si elle savait une langue: ils porteraient alors un mot d'amour et le rapporteraient entre deux amants.*» Mais que l'on n'oublie pas non plus que c'est l'amour, chez cette poéte toute d'inspiration naturelle, née et grandie dans un pays de forêts couvertes de neiges et de glaces, qui lui a mis sur les lèvres ces paroles d'une si douce poésie. Quant à la 3ème ou derniére stance, il me semble aussi nécessaire d'y fixer l'attention plus spéciale du lecteur. On pourrait, par aventure, regarder comme une espèce d'etrangeté les expressions suivantes: «*Plutôt je me passerais des mets les plus délicats, j'oublierais plutôt le rôti sur la table du pasteur, que je n'abandonne le cheri de mon cœur.*» Pour celui qui ne connait pas les particularités caractéristiques des pays ins finlandais, et leur appréciation des choses une image ou un objet concret pareil au *rôti sur la table du pasteur*, pourrait paraître quelque chose d'étonnant en poésie: mais cette pensée ou cette image ne présente par contre rien d'étonnant, lorsque l'on est initié á la vie nationale de la Finlande, et surtout, si l'on sait quelle profonde vénération les paysans finois avaient jadis pour leur prêtre, pour leur instituteur religieux: mais outre cette sainte vénération, que touchait presque á une adoration mystique, ils donnaient á ses biens matériels une valeur et leur montraient un respect non moins grands. La jeune fille, inspirée par le dieu de l'amour, n'aurait donc voulu pour les friandises les plus recherchées au monde, pas même pour les mets les plus délicats que la table du pasteur pût offrir, se départir de l'objet aimé. Cette strophe renferme aussi, en conséquence, une pensée tout aussi raisonnable que belle. — Et quoique ce petit morceau lyrique soit un modéle de style simple et naturel, il ne se fait, on vient de le voir, pas moins remarquer par un sentiment ardent, par sa force et surtout par de ces images hardies comme des poétes plus exercés et plus instruits on cherchent en vain.

J'ose dans tous les cas espérer qu'on ne m'imputera raisonnablement pas à blâme, d'avoir, comme base de mon entreprise, choisi de préférence ce simple chant antique, au lieu de prendre un morceau moderne d'une autre tendance. Un original de caractere religieux, n'aurait, par exemple, indubitablement pas convenu; d'autant plus que comme il s'agit ici d'obtenir le plus grand nombre possible de traductions, non seulement en langues écrites mais encore en idiomes provinciaux, le morceau que j'ai choisi

[1] *Runa* est un mot finois qui signifie *Chanson*. Les plus anciens caractéres des peuples germaniques et scandinaves, qu'ils employaient surtout dans le style lapidaire, portent, comme l'on sait, le nom de *Runes* d'où le terme *Runographie* pour désigner ce genre d'écriture.

me parait plus que tout autre propre à conduire à ce résultat

Si j'en viens maintenant au but même de mon travail, je crois pouvoir déclarer à ce sujet, qu'à tous égards, une collection polyglotte semblable doit indubitablement être fort intéressante pour les personnes possédant des connaissances philologiques plus ou moins grandes, et surtout pour celles qui s'occupent de linguistique comparée. Un résultat pareil dépend naturellement de la fidélité, de l'exactitude qui sera apportée à chaque traduction. L'on ne doit, en conséquence, pas considérer cette entreprise comme une affaire de curiosité, ni comme un simple amusement, mais comme un travail utile, autant que possible, pour l'histoire générale des langues.

Sous le point de vue de la réunion d'un si grand nombre de traductions, tant en dialectes qu'en langues écrites mortes et vivantes, elles seront rangées en ordre systématique basé sur leurs origines et leurs affinités. Le nombre d'idiomes dont cette *carte philologique* se composera, dépendra naturellement de la quantité de traductions que j'obtiendrai. Cependant, me fondant sur la bienveillance dont j'ai déjà été l'objet pendant le cours de quelques années, j'ose espérer que la collection se composera d'environ 200 ou 300 idiomes, dont je possède déjà un nombre assez considérable. Cet ouvrage sera encore augmenté de quelques appendices de musique, et d'une introduction philologico-historique. Ensuite, les traductions seront autant que possible imprimées avec les caractères particuliers à chaque langue

Enfin, que l'on me permette d'ajouter au sujet de cette Runa finoise, qu'avant moi déjá, diverses personnes l'ont remarquée avec intérêt; je dois nommer entr'autres le Conseiller d'État suédois S. E. Mr. *A. F. de Skjoldebrand*, lequel publia en 1810 à Stockolm une magnifique collection de gravures sur la Suede, la Finlande et la Laponie, suivie d'une description en langue française, et portant le titre de *Voyage pittoresque au Cap Nord*. La Runa que j'ai choisie se trouve dans cet ouvrage, tant en original, qu en traduction française en prose. L'auteur y annonce qu'elle lui fut communiquée par *Fr. Mich. Franzen* (alors professeur à l'Académie d'Abo) comme un des meilleurs échantillons de la poésie runique finoise, et l'un des plus propres à montrer à quel riche degré la nation finoise possede l'inspiration poétique. Mais la langue finoise est aussi sous le point de vue grammatical singulièrement flexible, elle est surtout fort mélodieuse, ce qui lui donne une certaine ressemblance avec le Grec antique.

A peu près vers le même temps que l'ouvrage de Mr. de *Skjoldebrand*, apparut en anglais, d'un certain *Joseph Arcebi*, une description de Voyage en Suède, en Finlande et en Laponie, dans laquelle se trouve aussi la même Runa, en traduction anglaise, faite toutefois assez librement. Cette description de Voyage, fort intéressante a été traduite en français et en allemand. Mais ces deux auteurs ne sont pas les seuls: le célèbre poète allemand *Goethe* a fait aussi de ce chant une traduction imprimée dans ses: *Poetische und Prosaische Werke*.

QUELQUES INDICATIONS PARTICULIERES POUR LES TRADUCTEURS DE CE CHANT

1.º MM. les traducteurs voudront bien suivre, *aussi fidelement que possible*, l'une des trois traductions verbales ci-dessous. 2.º Quant aux idiomes dans lesquels il serait difficile et peut-être même impossible de faire des traductions en vers, l'on devra, dans un tel cas, se contenter de les faire en prose, plutôt que de n'en point faire du tout. Je désire toutefois que ces traductions soient en *vers blancs* (non-rimés), comme les trois traductions verbales. 3.º Si le traducteur voulait communiquer quelques explications grammaticales sous forme de notes, elles seraient reçues avec la plus grande reconnaissance. 4.º De même, si quelqu'un voulait se charger, en cas que ce fût possible, de procurer de la musique à l'une des traductions, ce serait aussi une chose que je désirerais volontiers 5.º MM. les traducteurs sont priés d'écrire leurs traductions, *aussi distinctement que possible*, pour éviter les fautes typographiques qui pourraient s'y glisser. 6.º L'on ne doit pas oublier de traduire le titre: *Chant d'une jeune paysane finoise.* 7.º Chaque traducteur voudra bien signer sa traduction.

G. G. ZETTERQUIST.

CAMÕES

NA QUARTA EDIÇÃO

Concluimos emfim esta quarta edição authentica do poema *Camões* que ha tanto era desejada. Foi revista e augmentada pelo auctor ainda com mais escrupulo e esméro do que as antecedentes, que nenhuma d'ellas, e esta menos que nenhuma, se póde dizer reimpressão da antecedente: todas têem sido additadas assim no texto do poema como nas notas.

A nitidez e elegancia typographica da presente edição tambem é facil de vêr quanto excede as outras: homenagem de reconhecimento não menos devida pelos editores que pelo auctor á excessiva indulgencia e favor público com que esta obra tem sido universalmente accolhida.

Lisboa, 21 de Março de 1854.

NA TERCEIRA EDIÇÃO

Démos a segunda edição authentica do presente poema em mais de meado de 1839; e em menos de um anno estava extincta, quasi no só consummo da Europa, pois que as contrafeições brazileiras impedem o da America. Vem tam demorada ésta terceira edição porque o auctor a não queria consentir sem revêr escrupulosamente a obra, sem a corrigir e augmentar de novo, como é seu costume. Faltava-lhe vagar; mas resolveu se emfim a satisfazer ao empenho do público: e hoje sae outra vez o poema *Camões* mais perfeito e mais digno de sua popularidade, pela muita correcção, additamentos e melhorias que leva.

Entre as muitas homenagens que este bello poema tem recebido de nacionaes e estrangeiros, escolhemos, para lhe dar logar aqui e para mais illustrar ésta nossa terceira edição, a elegantissima Ode de M.lle Pauline de Flaugergues, publicada na sua bem conhecida collecção que tem por titulo *Au bord du Tage* (Paris 1841). Ao pé d'ella achará o leitor, no logar competente, a linda tradução que dedicou ao nosso illustre poeta um de seus mais distinctos admiradores, o Sr. J M. do Amaral, actualmente ministro do Brazil na Russia.

Lisboa, 8 de Julho de 1844.

NA SEGUNDA EDIÇÃO

A primeira edição d'este poema, que se concluiu em Paris em 22 de Fevereiro de 1825, extinguiu-se logo em dous annos pelo ingenuo favor do publico, que se não faziam então ainda em Portugal as reputações dos homens e dos escriptos a tanto por linha nas columnas de um jornal. Era, de mais a mais, obra de um proscripto: apenas se annunciava entre os amigos, ao ouvido. Só um anno depois de publicada e mais de meia extrahida a edição, é que d'ella se pôde fazer aviso nas folhas públicas de Portugal, quando restaurada a liberdade pela *outorga* da Carta. No fim de 1827 já se reclamava segunda edição do poema *Camões*. Mas primeiro as vicissitudes politicas do reino e occupações graves do auctor, depois o desejo de se mostrar grato ao favor publico, aperfeiçoando e corrigindo em edade de mais reflexão o que elle sinceramente entendia que só lhe fôra desculpado por verdura juvenil, foram addiando indefinidamente a execução d'este que era commum desejo do auctor e do público.

No entretanto contrafeições brasileiras produziram as primeiras edições d'esta assim como de outras obras do auctor; estimulo que principal e finalmente o resolveu a tirar ás horas do descanço de suas occupações para corrigir a obra e a entregar de novo ao prélo.

Muitas publicações litterarias nacionaes e estrangeiras tinham, no intervallo, examinado, censurado e louvado o poema *Camões*. Entre outros jornaes, o *Portuguez em Londres*, *O Padre Amaro*, o *Popular*, os *Ocios de los Españoles emigrados*, Mr. Kinsey no seu *Portugal Illustrated*, o *Foreign Quarterly Review*, e ultimamente, a *Revista* do Porto. Cada um a seu modo e gôsto notou o que lhe pareceu belleza ou defeito; todos porém o fizeram com urbanidade e indul-

gencia tal, que não só penhorou o auctor, mas produziu em seu ânimo o que infallivelmente produz sempre a censura bem criada — o contrario das invectivas grosseiras que hoje são moda — desejo e empenho verdadeiro de emendar os defeitos notados, e os muitos mais e maiores que por si proprio descobrira e de que se accusava.

N'este intuito releu o seu juvenil ensaio, e algum tempo hesitou se o renovaria dos fundamentos e trataria inteiramente em novo plano. Resolveu porém não o fazer, porque embora ficasse a obra melhor — quem sabe se ficaria? — era outra, não já a mesma: e entendeu ser quasi um crime de falso para com o público dar-lhe, com o mesmo nome e titulo, uma composição differente da que já merecêra, ainda que por insigne indulgencia, a sua incontestada approvação.

Sem alterar portanto a contextura original do poema, todo se deu a corrigir o estylo, a supprir algumas não poucas defficiencias no desenho de varios quadros, a aperfeiçoar as côres de todos, enriquecendo-o e augmentando o tanto, que, sendo indisputavelmente a mesma, é todavia uma nova obra a que n'esta edição se publica.

Algumas das notas exuberantes e em que se via o desejo de criança que queria brilhar de erudita, foram cortadas, muitas outras necessarias á intelligencia do texto, ou uteis para illustrar alguns pontos de archeologia e historia litteraria foram augmentadas. Repetimos que é inteiramente uma nova obra, e a mesma todavia.

Por parte dos editores houve todo o esmêro e cuidado: algumas pequenas incoherencias orthographicas são devidas á incerteza da medida legitima entre nós, que o auctor tanto tem forcejado por fixar afferindo a pelo seu unico typo verdadeiro, e possivel, a etymologia modificada pela pronúncia.

Lisboa, 30 de Setembro de 1839

NA PRIMEIRA EDIÇÃO

A indole d'este poema é absolutamente nova: e assim não tive exemplar a que me arrimasse, nem norte que seguisse

Por máres nunca d'antes navegados.

Conheço que elle está fóra das regras; e que se pelos principios classicos o quizerem julgar, não encontrarão ahi senão irregularidades e defeitos. Porém declaro desde já que não olhei a regras nem a principios, que não consultei Horacio nem Aristoteles, mas fui insensivelmente depós o coração e os sentimentos da natureza, que não pelos calculos da arte e operações combinadas do espirito. Tambem o não fiz por imitar o estylo de Byron, que tam ridiculamente aqui *macaqueiam* hoje os Francezes a tôrto e a direito, sem se lembrarem que para tomar as liberdades de Byron, e commetter impunemente seus atrevimentos, é mister haver um tal engenho e talento que, com um só lampejo de sua luz, offusca todos os descuidos e impede a vista deslumbrada de notar qualquer imperfeição. Não sou classico nem romantico; de mim digo que não tenho seita nem partido em poesia (assim como em coisa nenhuma); e por isso me deixo ir por onde me levam minhas idéas boas ou más, e nem procuro converter as dos outros, nem inverter as minhas nas d'elles: isso é para litteratos de outra polpa, amigos de disputas e questões que eu aborreço.

A acção do poema é a composição e publicação dos *Lusiadas;* os outros successos que occorrem são de facto episodicos, mas fiz por os ligar com a principal acção. Tam sabida é a fabula ou enrêdo dos *Lusiadas* e a vida de seu auctor, que nem tenho mais explicações que fazer a este respeito, nem será difficil ao leitor o distinguir no meu opusculo o historico do imaginado: mas não separará decerto muita coisa, porque das mesmas ficções que introduzi, têem sua base verdadeira as mais d'ellas.

Sobre orthographia (que é força cada um fazer a sua entre nós, porque a não temos) direi só que segui sempre a etymologia *em razão composta* com a pronuncia; que accentos, só os puz onde sem elles a palavra se confundiria com outra; e que de boamente seguirei qualquer methodo mais acertado, apenas haja algum geral e racionavel em portuguez: o que tam facil e simples seria se a nossa Academia e govêrno em tam importante coisa se empenhassem.

Paris, 22 de Fevereiro de 1825.

Ao Ill.^mo e Ex.^mo Sr.

JOÃO BAPTISTA DE ALMEIDA GARRETT

Son nom suffit á sa gloire.
J. J. ROUSSEAU.

Publicou-se ultimamente em Paris um opusculo que contém algumas poesias de M.^lle de Flaugergues. Entre essas poesias deparei com uma ao auctor do poema *Camões*. Tentei traduzil-a, e eis-aqui a minha tradução tal qual a pude fazer. Ella não aspira senão a ser recebida como uma pobre mas sincera homenagem ao chefe da moderna Litteratura portugueza, e a ser por elle corrigida.

O coração nunca offerece senão bagatellas; as dadivas sumptuosas são do amor proprio.

Lisboa, 26 de Fevereiro de 1842.

JOSÉ MARIA DO AMARAL.

A M. DE ALMEIDA-GARRETT

SUR SON POEME «CAMÕES»

Du chantre de Gama, chantre melodieux,
Que ta voix a d'éclat! que ton luth est sublime!
Sans doute à tes accents tressaille et se ranime,
Consolé, radieux,
Le barde mèconnu, d'un siècle ingrat victime,
Le grand homme venge par tes chants glorieux.

Dis, quand la nuit endort les vains bruits de la terre,
Dans le temple désert as-tu porté des voeux?
Du tombeau délaissé la lourde et froide pierre
S'ouvrit-elle à tes yeux?
Un chant sublime et doux, grave et mystérieux
Soudain a-t-il vibré, dans la nef solitaire?

Un souffle a t-il passé comme un éclair brûlant
Sur ton front pâlissant d'une terreur divine?
As-tu senti, dis-moi, haleter ta poitrine?
Fuir ton genou tremblant?
As-tu, comme celui qu'un songe ardent fascine,
Vu des feux se croiser dans l'air étincelant?

Est-il venu vers toi sur la nuée ombreuse!
Sur le char embrasé qui porte le soleil?
Ou dans la sainte horreur de la nuit ténébreuse,
Quand, fuyant le sommeil,
Tu chantais, attendant l'aurore au front vermeil.
Ou suivant dans son cours l'étoile lumineuse?

Planez d'un vol égal aux séjours éthérés,
Aigles! allez de front sur vos ailes géantes!
Dites vos fiers aieux au noir Cap des Tourmentes;
Bardes, vos chants sacrés
S'envoleront plus loin que leurs nefs triomphantes;
Ces nefs qu'un Dieu porta sur les flots azurés.

Astres d'un même ciel, vos harpes immortelles
Éclairent ces beaux lieux comme un phare éclatant;
Des fabuleux gémeaux tels les astres fidéles
Brillent au firmament.
Vos fronts sont couronnés de palmes fraternelles,
Même encens vous est dû, même autel vous attend.

P. DE FLAUGERGUES.

AO SR. ALMEIDA-GARRETT

SOBRE O SEU POEMA «CAMÕES»

CANTOR mavioso do Cantor do Gama.
Estro sublime em lyra alti-sonante!
Ao teu cantar se move e resuscita,
Ovante e já sem máguas,
D'ingrato sec'lo o bardo mal-prezado,
Heroe que os versos teus gloriosos vingam.

Vate! quem t'inspirou? — Fizeste votos
No silencio da noite, em ermo templo?
E em teu orar que viste? — Erguer-se a campa
Do desprezado tumulo?
Ouviste eccoar pela calada nave
Em graves sons cantar mysterioso?

Crestou-te a fronte, de pavor gelada,
Sôpro ligeiro, qual corisco ardente?
N'esse pavor faltaram-te, arquejante,
Os tremulos joelhos?
Viste, com esse que em delirios arde,
No ár coruscante scintillarem fogos?

Ergueu-se a ti Camões em nuvem densa?
Vinha do sol no carro flammejante?
Ou nas da noite pavorosas sombras,
Quando esquivado ao somno
Cantavas aguardando a rosea aurora,
Ou seguindo co'a mente a estrella d'alva?

Correi, correi de par, aguias gigantes,
Subi aos astros nas possantes azas!
Cantae vossos avós, os feros nautas
Do Cabo das Tormentas:
Longe Deus lhe guiou as náos ovantes..
Bardos, vosso cantar irá mais longe.

Astros de um mesmo céu, são vossas harpas
Faróes eternos que dão um brilho á patria;
Taes fulguram no Olympo essas, dos gémeos,
Fabuladas estrellas
Co'as mesmas palmas enramaes as frontes,
Reinaes no mesmo altar, co'o mesmo culto.

J. M. DO AMARAL

CAMÕES

CANTO PRIMEIRO

> Esta he a ditosa Patria minha amada,
> A qual se o céu me dá que eu sem perigo
> Torne com esta empreza ja acabada,
> Acabe-se esta luz alli commigo.
>
> LUSIAD.

I

Saudade! gôsto amargo de infelizes,
Delicioso pungir de acerbo espinho,
Que me estás repassando o intimo peito
Com dor que os seios d'alma dilacera,
—Mas dor que tem prazeres—Saudade!
Mysterioso numen, que aviventas
Corações que estalaram, e gottejam
Não já sangue de vida, mas delgado
Sôro de estanques lagrimas—Saudade!
Mavioso nome que tão meigo sôas
Nos lusitanos labios, não sabido
Das orgulhosas bôccas dos Sycambros
D'estas alheias terras,—Oh Saudade!
Magico numen que transportas a alma
Do amigo ausente ao solitario amigo,
Do vago amante á amada inconsolavel,
E até ao triste ao infeliz proscripto
—Dos entes o miserrimo na terra—
Ao regaço da patria em sonho levas,
—Sonhos que são mais doces do que amargo,
Cruel é o despertar!—Celeste numen,
Se já teus dons cantei e os teus rigores
Em sentidas endeixas, se piedoso
Em teus altares humidos de pranto
Depuz o coração que inda arquejava
Quando arranquei do peito malsoffrido
A foz do Tejo—ao Tejo, ó deusa, ao Tejo
Me leva o pensamento que esvoaça
Timido e acovardado entre os olmedos
Que as pobres aguas d'este Sena regam,
Do outr'ora ovante Sena. Vem, no carro
Que pardas rolas gemedoras tiram,
A alma buscar-me que por ti suspira.

II

Vem; não receies a acintosa mofa
D'esta voluvel, leviana gente:
Não te conhecem elles.—Eia, vamos!
Deixa o caminho da infeliz Pyrene:
Taes maguas, como ahi vão, poupa a meus olhos;
Assás tenho das minhas.—Largo! aos mares:
Livres corramos sobre as ondas livres
Do Oceano indomado por tyrannos,
Livre como sahiu das mãos do Eterno,
Sua feitura unica no globo
Que impias mãos d'homens não poderam inda
Avassallar, destruir Ahi dentre as vagas
Surge a princeza altiva das armadas,
Patria da lei, senhora da justiça,
Couto da foragida liberdade.
Salve, Brittania! salve flor dos mares,
Minha terra hospedeira, eu te saúdo!
Se ora pousando em tuas ricas praias,
Podesse ir abraçar fieis amigos
Que pelas ribas d'esse nobre Thâmesis
Vivem á sombra da arvore sagrada
De abençoada independencia a vida!
Não posso; mas sobeja-me a lembrança
Indelevel, e a voz não morredoura
Da amisade gratissima e sincera.

III

Certo amigo na angustia, que aos tormentos
Mirradores que a vida me entravavam,
Adoçaste o amargor, e com benigna
Dextra cravaste á roda do infortunio
Cravo que o giro barbaro lhe impeça;
A ti, a quem a vida, que se me ia
Em desalento, em desconfôrto, devo,
A ti minhas endeixas mal cantadas
Nas solidões do exilio, onde as repetem
Os ermos eccos de estrangeiras grutas,
A ti meus versos consagrei na lyra:
Quebrada sobre o escôlho da desgraça
Inda languidos sons desfere a medo,
Que a teu fiel ouvido vão memorias
Lembrar da patria e recordar do amigo.

IV

Ouves? Rija celeuma aos áres sobe
E fere os ventos que nas ondas folgam.
—Terra, terra! bradou gageiro álerta.
—Terra eccoa confusa vozearia
Da maritima turba:—Oh! voz querida,
Doce aurora de gôso e de esperança
Ao coração do nauta enfraquecido,
Do alquebrado sequioso passageiro,
Que a esposa, os filhos, ou talvez a amante,
N'essa voz doce e grata lhe alvejaram.

V

Terra, e terra da patria! Debuxada
Se vê pulando a magica alegria
Nos semblantes de todos. Já contentes,
Um se affigura surprehender o amigo,
Outro á esposa fiel cahir nos braços;
Este da velha mãe, que ha tanto o chora,
Ir enxugar as lagrimas afflictas;

Aquelle entre alvorôços e receios,
Não ousa de pensar se ao pae enfermo
Na descarnada mão rugosa e secca
Osculo filial lhe é dado ainda
Respeitoso imprimir, — ou se a ternura,
Se o amor do filho sobre a lage avara
Se irá quebrar de gelido sepulchro
Que em sua ausencia — tam longa — lh'o roubasse
Qual da amada, que sempre foi constante,
— Ou sempre, ao menos, lh'a pintou de longe
A namorada idéa — perto agora
Começa de temer que tal distancia,
Separação tamanha e tam comprida,
Novo amante mais perto... — Mas quem sabe?
Talvez... — E esse *talvez* é de esperança
Sempre querida, sempre lisongeira.

VI

Um só no meio de alegrias tantas
Quasi insensivel jaz: callado e quêdo,
Encostado á amurada, os olhos fitos
Tem n'este ponto que negreja ao longe
Lá pela prôa, e cresce a pouco e pouco.
Era esse o extremo promontorio
Que dos montes de Cynthia [1] se projecta
Sobre o fremente Oceano, que na base
Tremendo quebra as enroladas vagas.
No gesto senhoril, mas annuveado
De sombras melancholicas, impresso
Tem o caracter da cordura ousada
Que os filhos ennobrece da victoria:
Gesto onde o som da bellicosa tuba
Jámais a côr mudou, nem feito indigno
Tingiu de pejo vil. Na tez crestada
Honrada cicatriz que envergonhára
Adamados de côrte, dá realce
Ás feições nobres do gentil guerreiro.
D'esses olhos que a luz ateou do engenho,
Quem um dos lumes apagou? — A guerra
No campo das batalhas. Um que resta
Vivaz centelha, e ávido se alonga
Á recobrada patria. — «Patria» disse
Em voz tam baixa, que a tomáras antes
Pelos eccos do eterno pensamento
Falando ao coração sem vir aos labios,
«Patria, alfim torno a vêr-te.» — E laceran o
Entre os labios mordidos o ai sentido
Que as piedosas palavras lhe seguiu,
Recahiu na tristeza taciturna
De que a idéa da patria o despertára.

VII

Galerno e fresco o vento sussurrava
Pelas inchadas velas. Já na terra,
Que a olho se avisinha, as mal distinctas,
Diversas côres surdem; — logo o escuro
Dos pardos sulcos discrimina a vista
Dos arrelvados campos; depois vêem-se
As casas alvejando entre a verdura:
Eis claro o porto amigo. Tal observas,
Sob os pinceis de artifice divino,
Primeiro a incerta côr de varia tintas
Que aos toques mestres, n'esses cahos d'arte,
. e desenvolvem claras, se aviventam;
Azula o céu, altêa-se a montanha,
Copa-se o bosque, escarpam-se rochedos,
De amenas flôres se recamam prados
Que pisam nymphas bellas .. Pasma absorta,
Admirando-se n'arte a natureza.

[1] Os montes ou Serra da Lua, i. é. a de Cintra.

VIII

O sol descia rapido, já perto
De seu diurno termo, começava
A distinguir no verde-mar das aguas
A açafroada côr de que se adorna
No occaso derradeiro. Leves giram,
Do seguido baixel cruzando emtôrno,
Como um bando de loucas mariposas
Em derredor da chamma, — as destemidas
De férrea prôa rapidas muletas,
Grosseiros parabens em brado rudo
Dos leves barcos sôam: modulada
Ao rouco som das vagas nos cachópos,
A voz do pescador brama como ellas.
—«Piloto! gritam; e a um signal de bordo
Do alteroso galeão, de um salto pulla,
— Qual delphim namorado nas campinas
Do azul escuro-mar — o palinuro
Nos segredos do Tejo iniciado.
Rege a manobra fallador apito:
—«Ala. amaina!» Eis passada a estreita bôcca
Por onde seus tributos de agua e d'ouro
Leva ao Oceano o rio de Ulyssea.
Junto da torre antiga e veneranda,
— Hoje [1] tam profanado monumento.
Das glórias de Manoel — âncora desce;
E aos ingratos, inhospitos baloiços
Do longo velejar, succede o brando
Meneio da suavissima corrente,
Que no remanso de seguro pôrto
Tam doce é de sentir ao nauta exhausto
Dos repellões irados de Neptuno.

IX

A monotona grita compassada
Da festiva companha se ala o esquife
Ao bórdo erguido, d'onde desce ás aguas.
Alegres, — como a noiva que franqueia
O limiar da paternal morada
No risonho cortêjo que em triumpho
A leva ás casas do anciado espôso, —
Ao pintado escaler velozes saltam
Dos passageiros a ávida caterva.
Desce último o guerreiro pensativo.

X

—Rema! Da poppa, onde modera o leme,
Brada o mestre: obedece á voz o remo;
E ao golpe certo resvalou d'um pulo
Pela corrente lisa o leve esquife.
Um sentido clamor, como suspiro
De amargurado tom, vem da amurada
Do alteroso galeão. Volvem-se os olhos
Machinalmente ao sitio d'onde veiu.
Quem viram n'elle? Um pallido semblante,
Onde á malaia côr requinta o cobre
Viva expressão de angústia. Os olhos negros,
N'essas faces tostadas do sol d'Asia
Brilham por entre as nevoas de uma lagrima,
E parecem dizer na muda súpplica:
—Oh! não abandoneis o pobre escravo!

XI

Do homem, que é mau do berço á sepultura,
Uma só coisa á natureza deixam

[1] Em 1824. A Torre de Belem foi restaurada em 1843. Veja nota no fim.

Os habitos ruins que não pervertam:
Do coração é o primeiro impulso.
O gesto afflicto do Indio supplicante
Dos remeiros contrae as mãos callosas,
E involuntaria a compaixão se pinta
No parecer de todos. — Mas não tarda
A suffocar a debil voz do instincto
O que chamaram *reflexão* no mundo:
Melhor dirias *reacção* dos habitos
Que um instante vergou a natureza.
—Avante!—clama o torvo mestre. Avante!
Como que envergonhado do momento
Que involuntario ao coração cedêra.
«A' fé que não», gritou c'o accento austero
Que tam bem fica aos labios da virtude,
Quando ante a prepotencia ousam de abrir-se,
«A' fé que não» bradou, e em pé se erguia
O nobre, melancholico soldado,
Sem desfitar do humilde escravo a vista,
«Encontrae a tomal-o.»
—O quê emigo?
Por vida minha, o que quereis ao Indio?
N'este meu escaler d'essa fazenda
Não levo a terra.
«Tal fazenda é ella,
Que d'esse estôfo a não vereis a miude.»
—Gran valor é o do escravo!»
«E' meu amigo.
—Amigo! amigos taes trazeis ao reino!
Rico vindes da India.
«Rico!.. certo:
De feridas ao menos...»
Suspendeu-se,
Corrido das palavras que soltára
Deante de tal gente: a côr do rosto
Claro lhe indica o pejo que envergonha
O homem honrado se indiscretos labios
No calor da disputa lhe cahiram
Em reprehensivel gabo de si proprio.

XII

No gesto do guerreiro se fixaram
Os olhos circumstantes; e o respeito
Que uma acção generosa inspira ao vulgo,
Por aquelles semblantes se pintava.
Mas o grosseiro mestre não se corre
Do feito descortez: e os signaes tantos
Da desapprovação geral o irritam.
Rudas imprecações, que rudas sôam
Como os calabres que reger costuma,
De novo os remos a vogar excitam.
D'alta amurada do galeão suspira
O desprezado escravo. — Um movimento
De involuntaria colera e despeito
Leva a mão do guerreiro malsoffrido
Da espada ao punho. Olhou-o, e c'um surriso
Que parece dizer: «Quem sôbre as ondas
«Vida de p'rigos vive, não infia
«Aos lampejos da espada» — só responde
O carrancudo mestre. — N'esses tempos,
Que heroicos chama o enthusiasta ardente,
Barbaros o philosopho, e que ao certo
Foram pasmosa mescla de virtudes
E atrocidades, — de honra e de crueza,
Era o sangue juiz de taes pendencias,
E ao defeito da lei suppria a espada.
Barbara usança! .. porém nobre ao menos.
Hoje que hemos soffrido de covardes,
Sem pejo, que nos roube a prepotencia
Dos tribunaes as leis, das mãos a espada...
Degenerados netos, ousaremos
Nossos livres avós taxar de barbaros?

XIII

Víra o Tejo suas aguas crystallinas
Roxas alli de sangue; e o breve espaço
Do curvo esquife não tivera as iras
De mal-avença aos dois, se um poder alto,
Tam forte quanto é meigo, não viera
Intervir na disputa malferida.
N'um canto do escaler, humilde e absorto
Em pensamentos que não são da tarra,
Um velho, em que até'lli não attentaram
Indifferentes olhos, se assentára.
Alvejavam-lhe as cans das longas barbas
No burel negro que lhe cobre o peito.
O tempo, que tam longe tem passado
Pela acurvada frente, lhe ceifára
Messes em que talvez a mocidade
Viçosa lourejou: hoje o que resta,
—Raro respigo ao segador cahido—
Tira á côr baça do ligado argento.
Como que a humanas cousas retirados,
Se encovaram nas faces descahidas
Os olhos, onde a luz quasi assemelha
A lampada que ardeu no tabernaculo
Inteira a noite, e ao arraiar do dia
Falece á mingua de oleo A mão tremente
Em viageiro bordão arrima; e calçam
Nus os pés as sandalias costumadas
A sacudir o pó da terra do impio.
Rico de affrontamentos e trabalhos,
Vinha do longe Oriente á occidua praia,
Não ao repoiso placido á velhice,
Mas a solicitar novas fadigas
Em recompensa de outras. D'estes eram,
—Antes de se enredar em vans disputas
De orgulho e presumpção mais que mundana—
Os que n'Asia opulenta, Africa adusta
Levavam depós si nações inteiras
Ao culto de um só Deus, da lei mais santa,
Que—tirae-lhe o que os homens lhe hão mesclado—
Jamais na terra apregoaram homens.

XIV

Foi este o anjo de paz que em tal fermento
De azedas iras verteu mel suave
Da branda persuasão que as amacia.
—Cavalleiro, essa mão na cruz da espada,
Disse grave e solemne o missionario:
Quer dizer inimigo, á frente, na aze [1]
Da batalha, em pendencia generosa
Pelo rei, pela patria.. Aqui amigos,
Christãos, mercê de Deus, sômos nós todos
Quantos sômos aqui. E ao céu não praza
Que um cavalleiro portuguez arranque
Contra seu natural armas de sangue.
Perdoae as lhanezas de um soldado
Que cêrcos tambem viu, e jogou lanças
Co'os mouros e gentios:—n'este velho
Corpo nem sempre andou burel de monge;
Malha tambem vestiu... —mas uma espada
Ou na batalha em mãos de cavalleiros,
Ou fóra d'ella a rufiões só cabe.»
«Tam covarde não sou que a tal contrário..
Balbuciou, serenando o cavalleiro:
Mas—e de novo a voz se lhe animava—
Mas o meu Jáo fiel, o meu amigo,
Unico amigo!
—Honra-vos dizel-o,
Honra-vos, cavalleiro, torna o velho,
Que andrajos e pobreza vos não pejam,
E ousaes chamar amigo ao desgraçado.

[1] Ala

Mas; filho... mas senhor, não ha bom feito
Que justifique um mau.
Ao duro nauta
Voltando-se lhe diz:
—Amigo, é justo
O que pede este nobre cavalleiro
Duros de coração Deus não ajuda.
Que pésa o pobre escravo? Ir-me-hei a bordo,
E o meu logar lhe cederei com gosto.
Que tem? Filho de Deus como nós somos.
Mal enroupado? Corações bem nobres
Encobre a miude o saio remendado.
Se o cavalleiro te offendeu, seguro
Que não é elle de negar o justo
A quem devido for.
«Não sou por certo:»
O guerreiro accudiu; e mal pesada
Tirou pequena bolsa:
«Ahi tendes, mestre;
Poucos pardaus contêm... (menos me ficam,
Talvez nenhuns... em tom mais baixo e trémulo,
Quasi de não se ouvir; nem certo o ouviram.)
Porem d'aqui á praia não vae muito,
E a passagem do Jáo. .
—Guarda a tua bôlsa,
Ruda intrepôz a rouca voz do nauta,
—Cavalleiro orgulhoso; tanto quero
Os teus pardaus, como a tua espada temo.
Mas este padre fala como um anjo;
E o que elle disse, é dito Atraca a bórdo;
E abaixo o amigo Jáo.—Rema!
De um salto
O Indio na lancha; e a lancha em móres pulos
De oito nervosos braços compellida
Sobe do Tejo a limpida corrente

XV

Após o disputar veiu o silencio,
Que em finda altercação, mal repoisado
O animo pede,—e aos na contenda extranhos
Por sympathia natural se estende.
Era então noite: rapidos se esváem
Em nossos doces climas os momentos,
Que entre as trevas e a luz vacillam curtos.
A natureza, prodiga em beldades
Por tão risonhas terras, lhe ha negado
A magica illusão que os véos estende
N'essa hora de saudosos pensamentos
Sobre os campos boreaes:—hora tam triste,
Mas de tal suavidade melancholica!
—Não te hão formado o coração no peito
As maternaes entranhas, se não ouves,
N'essa hora mysteriosa do crepusculo,
Uma voz que te diz: *estes momentos*
Consagrou natureza a doces mágoas.
O amigo ausente, a solitaria amante,
O pae longe, o filhinho em terra extranha,
Imagens são que do vapor das terras
Amigas fadas no crepusc'lo formam,
E ante os olhos volteiam d'alma absorta
N'hora sagrada ao genio da saudade.
Oh! serei eu nos sonhos do sepulchro,
Entre o nada das cinzas,—quando a noute,
Qualquer que seja o angulo do mundo
Em que meus pés se poisem, me não traga
Lembranças dos momentos deliciosos
Que, n'esse intercalar de dia e noite,
Da nebulosa Albion gosei nos campos,
Quando no berço teu, bardo [1] sublime,
Inimitavel, unico, espraiava
Por infindas planicies de alvo gêlo
Os desleixados olhos, e topava,

1 Shakespeare,—Veja as notas no fim.

Ao cabo lá da vastidão, co'as cimas
Das elevadas grimpas que se aguçam
Sobre as arcadas simplices do templo,
Entre as choupanas da vizinha aldeia,
E se me affigurava á mente alheada
Ouvir o canto funebre das harpas
Que da sensivel Julieta ao tumulo
As nenias acompanham.

XVI

Mas quam longe
Me tornou a volver do Tejo ao Thâmesis,
Cortado de memorias que o confundem,
O pensamento vago!—Escura a noute
Suas roupas de dó tinha estendido
Pelas torres da inclita Ulyssea.
N'aquelle puro céu nem leve sombra:
Ausente era Diana e seu modesto,
Sereno brilho: mas, sem luz que as vexe
Com mais vivo fulgor, se esparze doce
O alvo lume das candidas estrellas,
Que em trémulos reflexos pelas aguas
Do crystallino rio se espelhavam;
D'onde consoladora se exhalava,
Como um sussurro de viçosas folhas,
A alma brisa da noite, refrescando
Os corpos então aridos das chammas
Com que o touro celeste em furia ardia.
Raras começam a brilhar nas trevas,
Pelas estreitas gothicas janellas,
As veladoras luzes: accalmava-se
O vivaz borborinho da cidade
E no socego placido da noite,
Pouco a pouco, insensivel se perdia.

XVII

Ésta se abria magestosa scena
D'ante os olhos dos nautas que surcavam
Aureos caudaes do Tejo. Silenciosos
Se derramavam de olhos satisfeitos
Por quadro tam magnifico, e buscava
Cada qual, pelas trevas mal cortadas
De froixo lume aqui, alli acceso,
Descobrir o paterno, amigo tecto,
E o leve fummo que do ár se eleva,
Onde a ceia frugal, que o não espera,
Aprompta a cara espôsa, mal cuidosa
Que hade aquinhoal-a o pae c'os tenros filhos.

XVIII

Tam vivas se pintavam nos semblantes
Estas ideas aos calados nautas,
Que lh'as leu n'elles quem taes pensamentos
Triste não participa.—Quem é esse?
O filho melancholico da guerra.
Leu-lh'as; e um sentimento quasi inveja ..
Não é tam baixo—e amarga, oh! mais do que ella!
Lhe trouxe do mais intimo do peito
Um suspiro que morre á flor dos labios,
E suffocado ao coração reflecte.
Aguda foi a dor, acerbo o espinho
Que esse ai lhe pungiu d'alma.—Quem soubera
Os mysterios d'esse ai! Quem revelára
Os segredos do incognito guerreiro!
Consome o acaso a heiva da doença?
De mal vingada affronta a injúria [illegible] rala?
Injustiças dos homens o perseguem?
Ou são penas de amor? — Silencio! deixa
Ao coração do triste o seu segredo,
Espreitar indeffrente os pensamentos

CAMÕES — CANTO I — O que fazeis, Senhor ! Sou eu mais barbaro PAG. 203

Que os labios do infeliz fecham no peito.
Curiosidade é van, mal generosa
E de ânimo insensivel: não exijas,
Se o pódes consolar, preço tam duro
Por teus confortos. Pouco vale a dextra
Que não enxuga as lagrimas do afflicto,
Sem lhe rasgar primeiro os seios d'alma
Para lhe esquadrinhar do pranto a causa.

XIX

O escaler abicou na praia amiga;
E a suspirada terra emfim pisaram
Os desaffeitos pés Quantas penurias,
Quantos perigos, desalentos, sustos
Em viageiras fadigas se hão penado.
Este momento só, esta alegria,
Oh quam sobejo as paga! O sentimento
Quasi devoto com que beija o nauta
As areias da patria, é porventura,
Na peregrinação da nossa vida,
—Se exceptuas a morte - o mais solemne

XX

Separam-se; e foi caminho usado
Cada um de seu lar. Ledos se foram .
Todos? — Não: tres diviso sobre a areia,
A quem parecem vacillar na mente
As ideas penosas que accommettem
O viajante isolado em terra alheia.
São estrangeiros? — Dois Que patria, longe
Do paiz lusitano, os trouxe ao dia?
—Entre as palmeiras do cheiroso Oriente
Um na infancia folgou: deu-lhe impia guerra,
Em trôco pela patria e liberdade,
Ferros de escravidão: — mas ha nos ferros
Vinculo ás vezes que té prende o ânimo.
Raro o caso verás; porém não chora
O Jáu pelos palmares do seu ninho:
Prende-o a amizade, não grilhões de escravo.
A seu senhor, amigo e companheiro.
—E ess'outro? — Deu-lhe o sêr matrona do Ebro,
E os pendões de Isabel hasteou nos muros
Da vencida Granada: mas a frente,
Hoje de raras cans mal povoada,
Nem só das murtas se corôou da Alhambra;
Capellas de magnolia em mundos novos
Lhe deram sangue e crimes . Crimes foram,
Que o socio de Cortez cobriu do sacco,
E humilhou nas cinzas a cabeça
Dos louros da victoria descingida.
Pardo burel lhe roça a penitencia
Nos membros que luziram de aço e de oiro.
Voto solemne e zêlo d'outra glória,
O levou d'além Cabo das Tormentas
Da aurora aos roxos seios. — Estes eram
Os que junto ao guerreiro silencioso
Mudos como elle e quêdos o fitavam.

XXI

Longo o calar não foi: com passo trémulo
Do joven se approxíma o ancião guerreiro:
—N'esta grande cidade ambos extranhos
Somos, ao que parece.
«Extranho eu? . Quasi.
Sou e não sou extranho.
—Não me é de uso
O metter mão curiosa nos segredos
De quem os tem.
«Segredos não n'os tenho:
Sou portuguez. e de ser tal me... prézo.
—Mas de Lisboa não?
«É minha patria.
Desejaes saber mais?
—Minhas perguntas,
Cavalleiro, não são de curioso.
Outra vez o repito: um pobre monge
Tem uma pobre cella e magra ceia,
Mas ambas offerece de alma e gôsto
É tarde; e se outro hospicio á mão não tendes,
Sereis bem vindo a um gasalhado humilde
De quem melhor a têl-o, o offerecêra.
Má noite passareis; mas um soldado
Não teme estrados maus nem leitos duros.
Soldado fui tambem: ser-me-ia a ventura
Em meus quarteis de inverno receber-vos
«A cortezia é de ânimo sincer ;
Nem sou homem, senhor, que a desvalie.
Mas um desconhecido, e porventura
D'ella não mer'cedor, deve acceitál a?
—E porque não, se lhe é mister e a préza?
«Conheço. .
—A noite passa. Horas são estas
Improprias de ir buscar outra pousada.
Se vos não peja de acceitar a minha,
Vinde. E pejo de quê? Mesquinha e pobre
E', já vos disse; mas senhores grandes
Em mais pobres mosteiros alvergaram.
«Ancião venerando, sou comvosco:
Honra-me, não me peja a offerta amiga.
Uma só cousa... Nada. Eu já vos sigo »

XXII

A' parte chama o escravo, e da pequena
Bolsa tirou porção pouco avultada
De seu modico haver: «Busca poisada
Para esta noite; e ámanhan bem cedo...
—O que fazeis, senhor! — acode ancioso
O velho que os intentos lhe percebe,
— O que fazeis, senhor! Sou eu mais barbaro
Que o mestre do galeão? Pude com elle
Que de um servo fiel não separasse
O senhor generoso, e havia agora
De fazer eu peior! envergonhaes-me...
Offendeis-me talvez Amigo, vinde,
Segui vosso bom amo: para todos
Em nossa humilde casa ha tecto e abrigo.

XXIII

Ao Jáu fiel cahiu de puro gôsto
Uma furtiva lagrima que havia
Rebentado de timido receio,
Magua de se vêr so, deixar seu amo,
E ir procurando por tamanhas ruas
A quem?. . Ninguem conhece o pobre escravo

CANTO SEGUNDO

> Assim como a bonina, que cortada
> Antes do tempo foi candida e bella,
> Sendo das mãos lascivas maltratada
> Da menina que a trouxe na capella,
> O cheiro traz perdido, a côr murchada,
> Tal está morta a pallida donzella,
> Seccas do rosto as rosas, e perdida
> A branca e viva côr co'a doce vida.
>
> Lusiad.

I

Que sons descompassados trôa o bronze
Nas torres do mosteiro? Que ais carpidos,
Que agudos uivos desgrenhadas gritam
Essas mulheres pallidas? Que funebres
Alas são essas de homens todos lucto,
De escuro vaso e longo dó vestidos?
Que hymnos de morte roucos murmurando
Vão esses cabisbaixos sacerdotes?
Que pompa é essa? Um atahude a fecha.
Orgulho do homem, dás o arranco extremo
Na vaidade da campa Que grandezas,
Que distinções queres pleitear ainda
Na egualdade terrivel do sepulchro?
Desengano da morte, és tu acaso
Outro sonho dos miseros viventes?
Quem desenganas tu? Viram de longe,
Caminho do mosteiro, os viajantes
Enfiar a porta maxima do templo
Ordem longa de tochas, baço lume,
Clarão triste de mortos Sons perdidos
Do psalmear monotono lhes trouxe
A gemedora viração da noute;
E o ár pelos ouvidos lh'estremece
Com o dobrar das campas desentoadas.

II

Ruim agouro! Um sahimento funebre
Ao regressar á patria! Não se póde
Contêr do involuntario pensamento
O portuguez viajante Mal conhece
A intrepidez dos bravos esse louco
Terror do vulgo que estremece á vista
De um gelido cadaver: costumados
A vêr a face pallida da morte,
As agonias roxas, e o tranzido
Suór do passamento, não se movem
Seus musculos tam facil. Mas ressumbra
Não sei que tam solemne e grave e augusto
De um funeral entrando a passo lento
As portas do jazigo, que essa pompa
Triumphal da morte, do mais duro peito,
Ao gesto mais tranquillo traz de força
Contracção impossivel de encobrir se.
Não lhe chamo terror, nome lhe assignem
Qual queiram mais; que o sentimento d'alma
A impressão natural é sempre a mesma.

III

D'esta commum fraqueza—se tal era—
Não foi isento o luzo;—e porventura
Um preságio de incognita desgraça,
Presentimento vago e mal distincto
De não sabido mal, se uniu áquella:
O Jau supersticioso, como é de Indios,
Fez claro um gesto de terror, a face
Volveu á esquerda, e co'a mão fria trava
Da curta capa ao amo:
—Á esquerda, á esquerda,
Meu senhor, não encares um finado
Em sua ultima viage: ha mal em vêl-o
Face por face.
«Deixa-me, ignorante,
Com teus medos ridiculos.
—Embora,
Embora: mas na India...
«Não prosigas.
—E que ha, disse, apontando para o feretro
Que entrava a egreja então, o missionario:
Que ha tam medonho e mau n'esses despójos
Da passageira vida? Um tronco sêcco;
Pelos ventos do outomno despojado
Do viço e folhas, tenda abandonada
Pelo viandante que voltou á patria.
Oh! seja-lhe piedoso o juiz eterno.

IV

Chegavam aos cancellos do convento,
E o missionario disse:—Cavalleiro,
Da casa do Senhor aberta a porta,
Não passarei sem ir ante os altares
Meu tributo de graças offerecer-lhe.
Cuido me seguireis: o humilde cantico
De nossa gratidão irá juntar-se
Com as preces dos mortos. Mas que importa?
Ouvirá Deus a todos. Se lh'o impedem
Surperstições e medo, fique embora
E nos aguarde o escravo. «Não! responde
O guerreiro, mas segue o ancião piedoso.

V

Fôsse terror, ou sentimento fôsse
De mais occulta origem, pelas naves
Do templo entrou com passos mal seguros,
Elle, que tantas vezes ha rompido
As cerradas fileiras,—que á guardada
Brecha se appresentou com rosto frio,
E a entrou sem vacillar!—Oh! que ente és, homem,
Incomprehensivel tu!—Do templo em meio,
Alto e funereo estrado se levanta,
Negro da côr dos tumulos. Emcima
Poisava um atahude. Alva capella
De quasi murchas desbotadas rosas

Indicava que a victima da morte
De hymeneu illibada succumbíra.
Pesados lutos e arrastrados fumos
Cubriam, perto, amigos e parentes
Funebre silenciosos. Arde emtôrno
Renque de brandões pallidos; e affumam
Do embalado thuribulo os vapores
Da resina sabêa. Eccoa o templo
Co'as tremedoras notas d'esses hymnos
Que, na solemne entrada do sepulchro,
Terrivel canta a Egreja,—quasi um ecco
Da profundez do abysmo, que reflecte
Pavoroso na terra. A ponto entravam
Os viajantes no templo, quando o côro:
—Tedio da vida concebeu minha alma;
E é força que desate a propria lingua
Contra mim mesmo, e desabafe o peito,
A amargura falando de minha alma.'
Direi a Deus: não me condemnes, ouve-me.
Porque assim me julgaste? Acaso é digno
De ti calumniares-me, avexar-me,
A mim que sou das tuas mãos feitura?

—São teus olhos de carne como os do homem?
Como elles vês e julgas? Porque ao dia,
Do carcere materno, me has trazido?
Oxalá que eu não visto perecêra
De ôlho nenhum vivente, e houvera sido
Como se nunca fosse, trasladado
Do ventre á sepultura!
—O escasso numero
Dos dias meus não será findo em breve?
Deixa-me pois chorar a minha mágua,
Gemer co'a minha dor antes que desça,
Para mais não voltar, á tenebrosa
Terra que a escuridão cobre da morte:
Terra de mingua e trévas, habitada
Pelas sombras da morte, onde mais ordem
Que o sempiterno horror ha hi nenhuma.[1]—

VI

As vibrações da musica, as palavras
Não menos fortes, o logar, a hora,
A grinalda de rosas sobre o tumulo,
Porventura ignoradas circumstancias
Que ás sombras d'este quadro dão relêvo
Com mais tortidão n'alma, tudo a um tempo
No predisposto cerebro, de embate,
Violento abalo deu ao lusitano.
Os cabellos na frente se ouriçaram,
Como selva de lanças se ergue subito
Ao grito alarma em dia de batalha
O coração parou-lhe, e o corpo turgido
Pesou sobre os joelhos, que vergaram
De golpe a terra. Do que sente ignaro,
E de sua fraqueza envergonhado,
Baixa o rosto, e se encosta á balustrada
Do côro que por caso tem deante.

VII

Ou não sentiu, ou de sentir não mostra
A turbação que o espirito aliena
Ao companheiro seu, o missionario:
Junto d'elle ajoelhou, e em voz submissa
Ao Deus dos vivos e dos mortos ora.

[1] Job, cap. x.

VIII

Findava o canto lugubre das preces:
Quatro enlutados cavalleiros sobem
Os degráos do moimento; da eça tomam,
Levam nos braços o atahude, e descem.
Todo o cortejo. murmurando os psalmos
Das rogações extremas, se encaminha
Em passo lento a lateral capella
Que ornam vasados, gothicos pilares
De marmore tam negro como as vestes
Dos enlutados vultos que os rodeiam.
Da procissão ao cabo, os anojados
Levam de uma das mãos o triste peso,
Co'a outra sobre os olhos segurando
O usado emblema de dorido choro [1]

IX

Junto ao guerreiro ajoelhado, passa
O insensivel objecto d'essa pompa,
Fôsse caso ou tenção, n'este momento
Alevantando a face descahida,
Co'a vista no visinho cavalleiro
Deu .. estremece... ao atahude os volve:
Já longe o levam; — mas viu inda escudo
De conhecido emblema no arremate.
Céus! que viu!... A corôa d'alvas rosas,
N'esse instante um baloiço descontrado
Dos cavalleiros, a desprende, — róla
Por terra, e junto d'elle pára...
Avante
Foram: ninguem n'essa grinalda attenta
Que desprendeu do feretro o acaso.
Acaso foi? — Mysterios ha na campa
Que em tradições de seculos fundados
Me travam da razão: crêl-os eu não ouso,
Mas desprezál-os... tambem não: — pensava
O atribulado, incognito guerreiro...

X

O cortejo passou... e a c'roa funebre
Ergueu convulsa mão, trémula a aperta;
E olhos, que desvairados a comtemplam,
Parecem perguntar-lhe: «Flor de morte.
Em que pallida frente has tu poisado?»
Quem lhe hade responder? Em breve a loisa
Se fechará, como os ferrados cofres
Do avaro, onde nem lagrimas de afflictos,
Nem suspiros de tristes lhes aventam
Luz da esperança minima. Seguil-o,
Antes que o cerre a campa, esse atahude
Em que talvez .. Oh barbara incerteza,
Terrivel, cruelissima! E terrivel
A verdade será... Mas antes ella.
Corre ao sitio onde viu encaminhar-se
O funeral; o som das vozes segue,
Entra a capella escura. — Escuro é tudo;
Nem uma luz, nem um vivente. O baço,
Triste clarão da lampada que ardia
Longe no mór altar, só lá reflecte
Tanto da claridade quanto as trevas
D'esse recinto funebre amostrasse.

XI

Foi sonho quanto viu! visão phantastica
Toda a funerea pompa, o canto, o féretro
E essa fatal grinalda!... Eil-a, na dextra

[1] Choradeiras: uso que ainda prevalece na côrte.

Segura ainda a tem. — Escuta: uns eccos
Soterraneos, como hymnos de finados
Por noite aziaga em cemiterios, se ouvem.
Inclina attento a orelha: um passo ávante...
Tropeça Em quê? N'uma revôlta loisa.
Aberta está a porta do sepulchro.
Um tenu bruxulear de luz descobre
Na profundez do abysmo; os degráos ultimos
De humida escada vê: descerá? Desce.
Na estancia entrou das gerações extintas.

XII

Terra esquecida ahi jaz, ahi moram cinzas
Porque em vão falam epitaphios, lettra
Sobre a face da terra que deixaste?
Que feitos de virtude ou de heroismo
Tua passagem n'ella assignalaram?
Nenhum? Inteiro ao tumulo desceste,
Traga-te o olvido todo. Ergue obeliscos,
Amontôa pyramides;—embalde!
Livra o marmore só do esquecimento:
É a memoria do prestante feito
Que as edades lembradas vão guardando
De geração em geração na terra

XIII

Eil-o vae, entre as tacitas phalanges
De enfileirados ossos caminhando
O atonito guerreiro;—ao cabo extremo
D'esse arraial de mortos, dá c'os olhos
No cortejo de dó que hospede novo
Traz á morada eterna. A ponto o féretro
Ia baixar ao perennal encêrro
D'onde o não moverá senão a tuba
Terrivel, quando o sol se erguer do oriente
A dar a extrema luz ao dia extremo.
Dobra o passo; inda é tempo. Argentea chave
Laçada em fumo negro, um cavalleiro
Tinha na mão: o mais illustre esse era
Ou o mais anojado: uso sabido,
E venerada prática dos nossos.
Pela vez derradeira olhos de vivos
Verão a face livida do morto
Que ao final poiso desce. Despedida
Solemne! E que expressão ha ni na terra
Em lingua d'homens, que traslade ao vivo
Todo esse accumular de sentimentos
Que em si de tal instante o adeus encerra!

XIV

Já vacillante mão abre o atahude...
Amortalhavam candidos vestidos
O corpo ainda airoso de uma dama
Não morta no botão de annos viçosos,
Mas na desabrochada flor da vida,
Tam delicada não, porém mais bella.
Velada a face tinha; mas conhece-a ..
Quem? o guerreiro... Quem? o seu amante.

XV

Céus! elle mesmo, elle!—Precipita-se
Sobre o cadaver. ergue o véo .. «Natercia!»
Natercia! d'ecco em ecco repetiram
Os eccos dos moimentos, acordados
Do somno sepulchral. Estremeceram
Os do cortejo, e atonitos contemplam
O incognito — É elle! uma voz disse,
—É elle! emtôrno remurmuram todos

XVI

O sangue ao coração atropelado
Recuou, estagna-se, e parou da vida
As funções todas ao guerreiro;—em terra
De mortos semimorto fica Emtanto
Deu a volta fatal e derradeira
A chave do atahude; cáe a lagem
Sobre a bôcca do tumulo. A existencia
Se esvaeceu... começa a eternidade

CANTO TERCEIRO

> Por meio d'estes horridos perigos,
> D'estes trabalhos graves, e temores
> Alcançam os que são da fama amigos
> As honras immortaes e graos maiores.
> LUSIAD.

I

Ah! meu senhor... bem o disse eu: mal trazem
Vistas de mortos
—Socegae, amigo;
Deixae-o repoisar: sommo propicio
Já lhe accalmou o sangue; e mais tranquillo
D'ânimo acordará. — Submissas vozes
Murmuravam assim em baixo accento
Junto do leito em que prostrado e placido
Por benigno Morpheu jaz o guerreiro.
De roxas violetas se toucava
No horisonte primeiro o alvor do dia,
E a claridade tenue da arraiada,
De estreita fresta os vidros penetrando
A' morredoura luz de exhausta lampada
Vinha juntar sua luz na humilde cella
Onde este curto dialogo passava.

II

Pranchas de escuro til, rudo lavradas,
Do aposento as paredes guarneciam.
Sobre uma banca de egual custo e obra
Poisava antiga cruz d'onde pendia
Agonizante o Christo: lavor fino
Que no indico dente a mão devota
De um neophyto d'Asia executára,
E fôra dom do grato cathecumeno
Ao que nas aguas mysticas do Ganges
Por novo rito e lei, lhe consagrara
Antigas abluções Unico um livro
De pesado volume ao pé do lenho,
O livro dos christãos: dois ferreos broches
As grossas pastas fecham Pende, a um lado
Da parede, enfumado, antigo quadro
Que os rudes traços do pincel recorda
De Perugino ou Vasco, á infancia da arte:
Em cujo parecer traslado brando
Deram tintas fieis d'essa virtude
Que o philosopho disse humanidade,
Caridade o christão. — Dispute em nomes
Quem de palavras cura: o homem sincero
Sem vaidades de lingua, obra e não fala
Pintado estava alli um nobre velho
Que a angelica belleza de sua alma
Toda tinha no rosto retratada
Alvo-negro saial o ancião vestia;
Junto d'elle, de pennas variegadas
Cingido a frente e rins, imberbe um homem
De bronzea tez, jazia malferido.
Convulsa a dor em contrações se exprime
No requeimado gesto; mas nos olhos,
Se é lagrima essa nuve imperceptivel
Que rara o cobre, — não lh'a choram dores,
Mas de sensivel gratidão desliza.
Lettra o painel não tem: mas claro amostra
Novo Tobias [1] no hemispherio novo.

III

Do habitador da cella amigo e mestre
Las-Casas fôra, quando guerra injusta
Seu braço de impio ferro outrora armado,
Levou cruel aos povos mal defesos
Que, ajoelhavam pavidos, devotos
Ante homens numes, dos trovões senhores. [1]
De tal amigo o commoveu o exemplo.
Pensada reflexão, não voto incauto,
Extorquido á fraqueza ou cega infancia,
Lhe trocou no burel o azero e malha.

IV

Mas já no leito o adormecido acorda.
Seus mal abertos olhos se descerram
Ao primeiro luzir do sol, que é nado
N'este momento. agora: froixamente,
Mas não turbados, derredor os volve
Pelo aposento. Como quem se afirma,
Um e outro dos dois que accompanham
Fita admirado, e a modo que procura
Reconhecer feições que ha visto algures;
Com vagarosa mão correndo a frente
Uma vez e outra vez, dá parecenças
De querer ajudar o envolto cerebro
A desligar idéas mal distinctas

V

Assim ao que tomou gelado spasmo
Toda a apparente vida, os membros rijos,
Sem côr os labios, preso o sangue .. é morto:
Ergue-se o carpir de orphans, da viuva...
Já no sudario envolto, já nas andas
Os doridos amigos o conduzem
A' morada dos findos.. Repentino,
Do coração começa o calor vivo
A devolver-se, manso e manso, ás veias;
Longes de esvaecida cor lhe tingem
Os beiços . pestaneja froixa a palpebra. .
Abre os olhos .. que atonitos duvidam
Se inda é mundo o que vêem. — Tal contemplava
Com pasmado semblante os que o rodeiam
Do castelhano cenobita o hóspede.

VI

Risonho e com socêgo apropriado
A socêgo inspirar, lhe disse o monge:
—Bons dias, cavalleiro ; em pobre cama
Ricos somnos se dormem — diz o adagio,
E hoje o provastes bem. O Sol já nado
Convida a erguer-vos; e este sino, que oiço,
A's preces matinaes me chama ao côro
De refeição tereis mister; sadia,
Se não mui exquisita, vou buscar-vos.
No emtanto levantae-vos; pouco tempo
Do vosso Jau fiel na companhia
Vos deixarei; não tardo.»
«E aonde. estamos?
Não me recordo...
Estaes em casa amiga.
A nossa cella é esta; socegae-vos.
Atribulado ha sido vosso espirito:
Inseparavel condição da vida

[1] Las-Casas

[1] Verso de Filinto Elysio.

Padecimentos são; todos pênamos.
Mas a constancia é a virtude do homem,
E a paciencia a do christão. Mais largo
Conversaremos logo: a dor do peito
Quer-se desabafada em peito amigo.
Por ora conservae tranquillo o animo:
Breve aqui sou.

VII

E cobre o manto, e parte.
O silencio o seguiu; e o tardo piso
Apenas se escutava das sandalias
No longo dormitorio resoando.

VIII

«Devo, dizia o incognito guerreiro,
Quando, á volta do côro, com seu hóspede
Leve repasto da manhan tomavam:
«Devo a tam bondadoso e terno amigo,
A's solícitas penas e cuidados
Que vos hei dado, confissão sincera...
Quero explicar-vos o successo estranho
Que hontem presenciastes; e do escandalo,
Se a meu pezar o dei, perdão vos peço.
— Demasiado avaliaes fracos serviços.
O segredo é a rica joia d'alma,
Que não se mostra assim a olhos de todos.
O coração é cofre precioso
De que, raro, confia homem prudente
A chave a seu mais intimo. Guardae-vos
De baratear assim o ouro cendrado
Da amizade fiel (confiança entendo)
A qualquer que sorrindo vos estende
Talvez curiosa mão, que não de amigo.
Em barda os achareis... — oh! perdoae-me,
Sou velho, e prompta sempre a dar conselhos
É minha edade, se prestar-vos pode
Este nada que valho, se ajudar-vos
De obra ou de aviso imaginaes que posso,
Ouvir-vos hei de gosto e de vontade.
Sou vosso amigo, sou: próvas nenhumas
De mim tendes; mas Deus, que une as vontades,
E a quem prouve no peito gravar do homem
Esse invisivel *quê*, essa lei mystica
Que attrae o coração de um ente ao outro,
Deus sabe se, de quando em Moçambique
Vos conversei primeiro, senti n'alma
Não sei que voz dizer-me: — Segue esse homem,
Deves amal-o, é infeliz e honrado.—

IX

Do lusitano ao descorado gesto
Esvaecido rubor assoma, — e foge,
Qual foge aos olhos o lampejo rapido
Da trovoada longinqua. — Um tanto a face
Descahiu sobre o peito amargurado,
E com voz, firme não, porém serena,
Disse: «Luiz de Camões tinha um amigo
Unico só na terra. Não te escondas,
Meu fiel companheiro: um feito honrado,
Generoso te peja? O pobre Antonio
Foi atéqui, senhor, o unico vivo,
Unico sêr na face do universo
Em quem meu coração achou abrigo.»

X

Pelas faces do escravo, baga a baga,
Enternecidas lagrimas cahiam,
E o peito suffocado comprimia
A custo grande o soluçar que o arfava,
Não pôde mais: aos pés se deita do amo,
E sem conter o chôro:

— Oh! não me digas,
Não me digas, senhor, que sou amigo.
«Não o diga! Porque?

—Porque isso parte
O coração do escravo. *Amigo* é falso.
Os de Macáu, de Goa e Moçambique,
Todos faltaram; e eu fui sempre...

Corta-lhe
Um mar de pranto a voz.

«Tu foste sempre
O meu fiel Antonio.

Humedeceram-se
Os olhos do guerreiro; e como a effeitos
De sympathico influxo, ao velho austero
Pelas rugas das faces deslisaram
Gotas de suave, enternecido pranto.

XI

Serena a reflexão commoções d'alma.
O lusitano continúa: «Certo
Que has dito bem, tam profanado e abjecto
De amigo o santo nome hão pôsto os homens,
Que mal sei eu se injúria ou honra é elle.»
Parou aqui, como assombrado n'alma
Da amarga observação. Depois, volvendo-se
Menos afflicto ao missionario, disse:
«Embora! pois que emfim tenho encontrado
Consolação tam doce a minhas mágoas.
O meu nome—inda mal! bem conhecido
Por esse novo imperio do Oriente—
É Luiz de Camões. Em tenros annos
Ancia ardente de gloria e de renome,
Porventura outra causa mais violenta,
Mais nobre... e mais funesta—me levaram
A's africanas praias, dura eschola
Da portugueza mocidade. Alegre,
Que me sorria então verde esperança
No enganoso porvir,—entrei os muros
Da veneranda Ceuta, insigne preço
De sangue regio e d'um martyrio illustre.
Paternas mãos as armas me cingiram.
Oh! pae tinha eu ainda... Honrado velho,
Na vereda da honra me puzeste,
Fui, como tu, caminho da desgraça.

XII

«Ah! se um filho que ha visto na batalha
O paterno valor, que ouve entre a grita
Aquella voz que o acariciou na infancia,
Bradar-lhe: — Avante! — aquelle braço amigo
Que o embalou nos dias da innocencia,
A apontar para a estrada da victoria;
Oh! se a tal homem covardia póde
Entrar no peito vil... Não é possivel.
Eu aprendi a combater com elle.
Lembra-me o dia, porventura o maximo
De minha vida, se hontem, se outro ainda
Nos de minha existencia não contára,
Quando no Estreito [1] a barbaresca frota
Nossas náos victoriosas derrotaram.
Era a minha primeira lição de armas,
Foi a primeira vez que o mauro alfange
Por d'ante os olhos me cruzou co'a morte.
Junto a meu pae—á frente o viram sempre...
Sobre o imigo baixel a panno cheio
Cahia a náo de seu commando... [2] Um silvo
De pelo iro soôu.—Mirado a elle
Certeiro Mouro tinha.—Estendo o escudo...
Movimento feliz! salvei-lhe a vida.
A bala resvalou,—e já sem força,
Leve aqui me feriu na sestra face,
E fria aos pés me cáe.»

1 De Gibraltar.
2 Historico.

CAMÕES — CANTO II obre o cadaver... ergue o véo... «Natercia!» PAG. 206

— Leve ferida
Que um dos olhos!...
«Oh! dous nos ha dado
Liberal natureza.—Que vale isso!
Salvei meu pae.

XIII

Voltei por fim á patria
Outra vez de esperanças illudido
Alguns serviços, por benignos chefes
Exagerados sim, mas não mentidos,
Nada obtiveram,—nem o esquecimento
D'um inimigo cru, jurado, injusto,
Que jámais o offendi, jámais — Se é offensa
Ter olhos para vêr a formosura,
Coração para amar, alma de fogo
Para mandar aos labios anhelantes
Faíscas d'esse amor; se o dom da lyra
(Dil-o-hei funesto ou chamar-lhe hei ditoso?)
Que me outorgára o céo, votei ás áras
D'esse amor que foi unica ventura
De minha vida,—unica innocente
Causa de meus acerbos infortunios,
E agora... »
Sobre o peito a dextra apperta
Como em chaga dorida a mão do enfêrmo
Para accalmar a dor; pendeu-lhe a frente
Para o seio agitado. Instantes breves
As mostras da afflicção se patenteiam.

XIV

«Se é crime, continuou, ter alma e vista,
Foi essa a unica offensa que lhe hei feito
Ao vingativo conde.[1] Por má sorte,
Laços fataes de sangue lhe prendiam
De meus suspiros o adorado objecto.
O nascimento egual a egual fortuna,
Tudo por mim, tudo por nós fallava.
Cubiça empederniu seu duro peito:
E o soldado só de honra herdeiro rico
Que podia esperar? Seu vão orgulho
Se envileceu, de baixo, a perseguir-me.

XV

«Nada na côrte obtive contrastado
Por tam forte inimigo, eu sem fortuna,
Sem arrimo, sem pae. Como eu, perdido
Entre o obscuro tropel dos desvalidos
Que o sangue pela patria hão barateado
Para perder á mingua o resto d'elle
Meu pae, de pura mágoa e de despeito,
Fenecêra em meus braços. — Só no mundo,
Que me restava? Perecer como elle,
Ou por um nobre feito despicar-me,
Vingar a affronta de uma patria ingrata.

XVI

«De taes ideas combatido o ânimo,
Um dia ás margens do formoso Tejo,
Curtindo acerbas dores, passeiava,
E os olhos desvairados estendia
Por essa majestade de suas aguas
Coalhadas de baixeis, que as ricas páreas,
Que os tributos do Oriente vêm trazer-lhe.
Andando, meu espirito agitado
Se enlevava nas glórias, nos prodigios
Que a tam pequeno canto do universo
Ametade da terra avassalaram.
Transportava-me o ardente pensamento
Aos palmares do Ganges envergados
De tropbéos portuguezes; via o nauta
Que ousou galgar o tormentorio Cabo,
E nos balcões da descoberta aurora
Hasteou as Quinas santas. Retiniam-me
Nos trémulos ouvidos os trabucos,
Que a golpes crebros, as muralhas prostra
Do rico Ormuz, da prospera Malaca,
E da soberba Goa, emporio novo
Do novo Imperio immenso. Ajoelhados
Via os reis de Siam e de Narsinga
Aos pés do vencedor depôr os sceptros,
E render, supplicantes, vassalagem
Ao ferro lusitano. Os nobres muros
Vi de Diu estalar, saltar aos áres
Por infernal ardil; e entre as ruinas
Dos inflammados bastiões, — dispersos
Os palpitantes membros d'esse filho
Por quem não correm lagrimas paternas;
Não, que martyr da patria é morto o filho.

XVII

«D'esse pae venerando — esse Fabricio
Da lusitana historia, renovando
Sob o arcos triumphaes da inclyta Goa
Altas pompas de Roma, e altas virtudes
Que só geraram Lusitania e Roma! —
De Vasco, de Pacheco, de Albuquerque
Inflammavam n'um extasi de rapto
Meu peito portuguez memorias grandes.
Quem taes milagres d'heroismo e de honra,
Quem tanta glória a tam pequeno berço
Foi tam longe ganhar? Quem a um punhado
De homens, á mais pequena nação do orbe
Deu máres a transpôr, veredas novas
A descubrir na face do universo:
Povos a subjugar, reis a humilhal-os,
Ignotos mundos a ajuntar ao velho,
E, a dilatar-lhe a superficie, a terra?
Elles—E a patria, por quem tanto hão feito,
Que digno premio lhes ha dado? — A fome
N'um hospital galardóou Pacheco;
A Albuquerque a deshonra ao pé da campa;
Castro a pobreza, que os socorros ultimos
Sôbre o leito da morte mendigava.

XVIII

«Ingrata... ingrata patria! — Fatigado
Como de tanta glória e tal vergonha,
Parei. Junto me achava então do templo[1]
Que a piedade e fortunas apregôa
De Manuel o feliz; padrão sagrado
De glória e religião, esmêro d'artes
Protegidas de um rei que soube o preço
—Alguma vez ao menos — ao talento,
A' lealdade, ao valor, ao patriotismo.
—Nem sempre; mas tam pouco de virtude
Basta n'um rei para esquecer-lhe os crimes!

XIX

«Aberta em par do templo estava a porta;
Entrei. N'aquellas pedras animadas
Por cinzel primoroso se pasciam
Meus olhos admirados: as erguidas
Columnas, as abobadas altivas,
As palmas, as cordagens enlaçadas,
E o signal santo que as remata e une
E que por toda a parte está marcando
As victorias do Lenho triumphante,
O vexilo da gloria portugueza,
Nunca, nunca tam alto me clamaram
Que sós sem Deus, sós pelo esfôrço humano
Não fariam jámais os portuguezes

1 O Conde da Castanheira: veja-se nota no fim.

1 Egreja do convento de Belem

O que hão feito no mundo. Dei c'o tumulo
De custoso lavor que ahi resguarda
As cinzas do monarcha afortunado
Afortunado em vida; a morte, fecha-lhe
Sello do Eterno os labios descarnados:
São segredos de Deus os do sepulchro.
Mais cansado que pio, ajoelhei-me
Sobre os degráos do tumulo: insensivel,
No recostado braço a frente inclino,
E descahi n'um languido deliquio,
Que nem morte, nem somno, mas olvido
Suavissimo e da vida Somno embora
Lhe chamaria, se as visões tam claras,
Mais rapto d'alma em extasi sublime
Que imagem van de sonhos, as não visse.
Talvez seria natural effeito
De agitados sentidos, porventura
Mui crédulo serei. mais alta causa
Do phenomeno estranho então a tive.

XX

«Oh! sonho não foi esse. — Affigurou-se-me
Vêr do moimento erguer-se um vapor leve,
Raro, como de nuvem transparente
Que mal embaça o lume das estrellas
No puro azul dos céos: — foi pouco a pouco
Condensando-se espesso, e longes dava
De humana fórma irregular — qual sóem
Ao pôr do sol phantasticas figuras
As nuvens debuxar pelo horisonte.
Logo mais certas, mais distinctas fórmas,
Qual mole cera em mãos d'habil artifice,
Tomando foi Já claro ante mim era.
Roupas trajava alvissimas e longas;
Seus braços de extensão desmesurada,
Um sobre o peito c'o indice appontava
Ao coração, que as vestes resplendentes
Transparecer deixavam. Viva chamma,
Como luz de carbunculo, brilhava
Na viscera patente; e em radiosas
Lettras lhe solettrei: *Amor da Patria.*

XXI

«Da maravilha como por encanto,
Sem receio ou terror a contemplava.
Quasi por tal prodigio enfeitiçado;
Quando estes sons, entre aspero e suave,
Mas solemnes ouvi: — «Joven ousado,
«Grande empresa te coube, acerba glória,
«De que não gozarás! Desgraças cruas
«Fadam teus dias. Mas a fama ao cabo.
«A patria, que foi minha, que amei sempre,
«Que amo inda agora, gram'serviço aguarda
«De ti. Um monumento mais duravel
«Do que as moles do Egypto, erguer-lhe deves.
«Pyramide será por onde os seculos
«Hão de passar de longe e respeitosos.
«Galardão, não o esperes. — Fui ingrato
«Eu, fui! Ingrato rei, ingrato amigo.
«E a quem! — Maiores de meu sangue ainda
«Ingratos nascerão Tu serve a Patria:
«E teu destino celebrar seu nome
«Os homens não são dignos nem de ouvil-as,
«As queixas do infeliz. Segue ao Oriente,
«Salva do esquecimento essas ruinas
«Que já meus netos de amontoar começam
«Nos campos, nos alcaceres de glória,
«Preço de tanto sangue generoso.
«Um dia. Em vão perante o excelso throno
«Do Eterno me hei prostrado; irrevogavel
«A sentença fatal tem de cumprir-se —
«Um dia inda virá que, envilecido,
«Esquecido na terra, envergonhado
«O nome portuguez. — Opprobrio, mágoa,
«Dura pena de crimes! tabua unica
«Lhe darás tu para salvar-lhe a fama
«Do naufragio. Tu só dirás aos seculos,
«Aos povos, ás nações: *Alli foi Lysia.*
«Como o encerado rolo sobre as aguas
«Unico leva á praia o nome e a fama
«Do perdido baixel.[1] — Parte. Salval-o!
«Salvál-o, em quanto é tempo! — Extincto... Infamia!
«Extincto Portugal Oh dor!...» — Rompeu-lhe
O derradeiro accento d'estas vozes
Em som de pena tal e tam tremendo,
De tam profunda mágoa, que inda agora
Nos cortados ouvidos me ribomba,
Estremeci, olhei; já nada vejo:
Ou acordei, ou a visão se fôra.

XXII

«Dir-vos-hei que serena a mente e placida,
Que as ideas distinctas conservava,
Não como é de uso ao despertar d'um sonho?
Fé me não prestareis: mas em minha alma
Tam claramente li como um reflexo
De inspiração maior que humana coisa,
Que, sem hesitar mais, sem um momento
De incerto duvidar, assentei firme
No presupposto de seguir meu fado,
E ás descubertas plagas do Oriente
Ir demandar essa escondida sorte,
Esse feito, essa gloria promettida
De engrandecer o ninho meu paterno.
Uma só coisa,—confessal-o é força,
Mas que dizêl-o peje—acobardava
A tenção resoluta. Ir mar em fóra
A terras lá tam longes, e deixal-a,
Deixal-a... e sem esp'ranças, nem ao menos
De inda a tornar a vêr! Sabeis quem digo;
Poupae-me a dor de proferir seu nome.
Dura e ferida n'alma se travavam
Batalha, amor e patria Amor vencia
Quasi... não triumphou...»

XXIII

Aqui chegava
O contar de sua historia, quando á porta
Da cella redobrados golpes batem.
O missionario abriu; um pagem moço
E de custoso dó ataviado
Uma carta fechada a fio negro
De seda traz.
—«Um cavalleiro busco
Hontem da India vindo.
«Hontem chegaram
Os galeões da frota: cavalleiros
Muitos viriam.
—«Santa-Fé se chama
O galeão; e o cavalleiro.. Lêde.»—
Do pagem se approxima o luzitano
Da inesp'rada mensagem curioso.
No sobrescripto leu que assim dizia:
A Luiz de Camões—logo *Escudeiro;*
Mais abaixo - *Em mão propria*
«Entregae, pagem:
Sou esse. De quem vem?
—«De quem não manda
Mais palavra que as lettras vos não digam»—
Corteja e parte logo.—Que será?

1 Veja nota a este verso, no fim.

CANTO QUARTO

> Já a vista pouco e pouco se desterra.
> D'aquelles patrios montes, que ficavam;
> . . . .
> Ficava-nos tambem na amada terra
> O coração, que as mágoas lá deixavam;
> E já, depois que toda se escondeu
> Não vimos mais emfim que mar e céu
>
> LUSIAD.

I

—QUEM não teme ir de encontro a seu destino,
E provar-se homem . . nas desertas rocas
Do Castello mourisco, sobre a Serra
Da Lua, achará premio, o maior premio!
E castigo tambem de sua audacia.
A'manhan no expirar da luz. A carta
Mais não dizia. — Qual estranho enigma!
Premio, castigo a mim! . . . A mim! Duvidam
Se tenho coração . . Exigem provas!
Quem? Para quê? . . Irei? Porque não? . . . Vamos.
Espera-me talvez a hora querida
Da vingança . . A'manhan? . . . A'manhan! . . . hoje.

II

«Irei, sim, rompe o vate, continuando.
Alto, o discurso que atélli na mente
Comsigo meditando revolvera:
Irei sim. Não achaes que devo amigo?
—Deveis o que?
«Ir.
— Onde?
«Onde é meu lado.
—Quereis dizer á côrte? Ouvi que a Cintra
Se fôra el-rei com o conselho e cabos
Principaes do exército. É voz pública
Que hãode ahi resolver graves projectos
D'alta valia: mas . .
«E que me importa
A mim côrte e conselho? Outros motivos
Tenho, outras razões . .
—Tenhaes embora.
Mas, já que estaes na côrte ou perto d'ella,
Avisado seria approveitar-vos
Da occasião. Por bôcca anda de todos
Que do joven monarcha se prepara
Nova jornada ás Costas africanas.
Em bem a fade o céu!
«Dizem-no! É certo?
Um mancebo inexperto, unica esp'rança
Do reino, que, inda mal! já tanto inclina
Da primeira grandeza! — Ah! confiança
Tenho que inda haverá n'esse conselho
Um portuguez que portuguez lhe fale,
E com a respeitosa liberdade
Que é nossa natural e um bom rei préza.
Preze ou não, deve ouvil-a: mau conselho
Dará sempre o que, ao dal-o, se arreceia
Da verdade que diz. — É tarde, é tarde;
Fomos, não somos já.» Continuaram
Em praticas eguaes os dois amigos;
Mas o luso, a quem n'alma se alevantam
Ideas que as da patria suspenderam,
D'est'arte diz: «Amigo, um dever triste
Me chama, a quê não sei: cobre-o mysterio
Com véo impenetravel. Minha vida
Toda ha sido de estranhas aventuras
Quem sabe? — acabará por esta agora
É de fracos temer, mas de prudentes
Acautelar-se é lei. Meu haver unico,
Todos os meus thesouros são um livro
Pouco valor, — nenhum tem porventura;
Mas de longas fadigas, do trabalho
Da vida inteira é fructo. Escripto em partes
Com lagrimas ha sido, e bem podéra
Com sangue em muitas. Sobre os calvos serros
Das montanhas, nos valles deleitosos,
No campo em tendas, na guarita em praças,
No mar entre o arruido das procellas,
Ao dos grilhões nos carceres, — contínuo,
Incessante, indefesso hei trabalhado
Para levar ao cabo a emprêsa ardida
D'este livro que tanto me ha custado.
Já naufrago nas aguas d'esse rio
Onde tudo perdi, de um braço a vida,
Nadando, ás ondas confiei revoltas,
Para no outro o salvar. Este depósito
Em vossas mãos confio. Se mais novas
Não houverdes de mim . . quem sabe? acaso
Util poderá ser á minha patria
Ella, e o seu amor, todo o inspiraram,
A' sua glória inteiro é consagrado.»
— Tam longa viagem, tam p'rigosa é essa?
«Longa não; perigosa . . Eu sei? Não, certo
— Quando entendeis partir?
«Eu? esta noite.
— Assim que, em nada mais servir-vos posso.
Nem já de vossa historia interessante
Ataremos o fio?
«Oh! sim; nem longo
Será elle.»
Suspenso alguns momentos,
Como buscando, entre outras, uma idea
No tumulo confusa, assim prosegue:

III

«Falei-vos, se a turbada phantasia
Me não engana, da tenção tomada
Por quasi inspiração — vão sonho acaso.
Com pensamentos taes sahi do templo:
Escondia-se o sol d'além dos montes
Da outra margem do Tejo: alva e sem lume
Parecia no azul dos céus tranquillos
Infante a lua, como o arco eburneo
Que ao numen que n'esse astro affiguraram,
Deram antigos vates. Mais sereno,
Mais bello pôr do sol jámais o hei visto
Nos desvairados climas decorridos
Em minha incerta vida. Ao longo vinha

Da solitaria praia respirando
A fresca viração que mal das aguas
Leve encrespava a superficie apenas;
Uma voz me chamou, voz que em meu peito
Ouve inda o coração, voz doce e meiga,
Que nunca mais .. oh! nunca mais na terra
Escutarei dos vivos . volvo o rosto:
De baixa gelosia me acenava
Com um candido véo, mais nivea e candida,
Formosa e breve mão. Fluctuando ao vento
O véo cahiu, e a dextra desparece.

IV

«Ergui-o palpitando; um nó o atava.
Trémulo o desabrocho — era oiro puro,
Oiro d'aquellas tranças tam queridas,
Rica joia de amor. Co'a doce prenda
Vinha um bilhete: abri-o, li: — «Roubado
Foi este instante a barbaros tutores.
«Insensatos! vigia mais do que elles
«Amor, que póde tudo. A minha glória,
«Pul-a em teu coração; minha ventura,
«Minha vida, o meu sêr em ti confio.
«Parte — é força partir .. — Ausencia dura.
«Separação cruel só póde unir-nos.
«Vae a frota ámanhan; vae alistar-te
«Campo no Oriente a grandes feitos se abre.
«Volta com nome tal que tudo vença.
«Eu viverei de lagrimas.. — Embora.
«Matar-me-hão saudades... — Não, não hãode.
«Vêr-me-has ainda; um anjo hontem m'o disse
«N'um sonho tam feliz! — Era eu vestida
«De riquissimas galas . e alva c'roa
«De rosas me toucava.. tu a um lado,
«Triste — não sei por quê, outros de luto:
«Não me admirou, que nosso amor não querem.
«E o anjo assim me disse. E mais, que um dia
«Tamanho se fará teu nome e gloria,
«Que encha o universo. Vae: adeus!... Terrivel,
«Amargo adeus é este... Não importa.
«Parte e jámais te esqueças.. —

V

«Uma lagrima
Delíra o mais das letras; — quente ainda
A senti no papel .. Mudo e sem vida
Horas longas fiquei parado, extatico,
No coração a carta, os olhos fitos
Na avara gelosia. Alta ia a noute;
Agua acima passava uma falua:
Bradei, accodem, a Lisboa volto,
E ao outro dia, na maré da tarde,
Da pópa de um galeão via fugindo
O Tejo, as suas ribas deliciosas,
Depois a terra; — Alfim o céu e as aguas
Sós com minhas tristezas me ficaram.

VI

«Próspero o vento foi. Por esses mares [1]
Que humana geração jámais abrira,
Seguindo fomos o atrevido esteiro
Do grande Vasco. Á sestra nos ficavam
As mauritanas varzeas tam regadas
De sangue luso. Vimos a frondosa,
Vecejante Madeira, a primogenita
De nossas Descubertas e a mais bella
De quantas pelo Atlantico dispersas
O generoso Henrique adivinhára.
Massylia esteril, e os queimados serros

1 *Lus.*, canto v, desde a est 3 ate 10.

D'onde o Sanagá negro se despenha,
Passámos, o Arsinario cabo vendo,
Que Verde em seu extremo appellidâmos.
Vimos tambem as Fortunadas [1] ilhas,
E entrando as que d'Hisperio o nome tomam [2]
As orientaes costas africanas
Rodeámos de Jalofo e de Mandinga,
D'onde o curvo Gambea ao Tejo manda
As ricas páreas do caudal luzente.
As Dorcadas [3] passámos, que dos silvos [4]
Das viboras na areia inda retinem:
Crespas tranças outr'ora que inflammavam
O cérulo Neptuno. Ao austro a prôa,
No immenso golpho entrámos, transcorrendo
A Leôa serra asperrima, e o cabo
Que dissemos das Palmas, e a frondente
Ilha que do incredulo discipulo
O appellido tomou. [5] Alli a fertil,
Vastissima região que lava o Zaire [6],
Ganha por nós á fé, e conquistada
Por armas só de paz. Assim transposto
O que divide o mundo, ardente término,
A' dextra nos ficava a plaga immensa
Não sonhada de antigos sabedores,
Por onde o velho Mundo dilataram
Os nossos e os que após dos nossos fôram:
Que ousar e perfazer tammanho feito
Fôra a humanos esforços impossivel
Se o braço portuguez não ajudasse.

VII

O astro novo, não visto de outra gente
Antes que o luso nauta lh'o amostrasse,
Já no hemispherio opposto nos brilhava.
Viamos-lhe essa parte menos bella
Onde raras estrellas pasce a polo:
Alli, pezar de Juno e de seus zelos [7],
Vimos banhar nas aguas de Neptuno
As inflammadas Ursas. Pelos topes
Dos mastros, e no horror da tempestade,
Claro avistàmos a azulada chamma
Do santo, vivo lume. Oh! recontar-vos
As maravilhas tantas, os prodigios
Que hei visto, longo fôra; e conhecidas
Serão ellas de vós que os largos máres,
Que as vastissimas plagas descubertas
Pela nobre ardideza lusitana
Corrido haveis tambem. D'estas paragens
Velas démos ao noto que soprava
Rijo, em vão, contra a fôrça descontrada
Da impetuosa corrente. Ia uma noite
Na cortadora prôa vigiando,
Quando atra cerração medonha e feia [8]
Nos fecha o claro céu; amaina o vento,
E em tanta escuridão batendo as velas
Em podre calma, a pavorosa scena
Dobram tremendo horror. — O mar ao longe
Dá longos, oucos brados que rebrammam,
Como se désse em vão n'algum rochedo.

VIII

«Eramos cêrca do famoso Cabo
A que mudou Boa esperança o nome
Que primeiro lhe démos, das Tormentas
Ao pensar em tam asperas fadigas,

1 Canarias
2 As de Caboverde.
3 Ilha do Principe etc
4 *Lus.*, canto v, desde a est 11 até 14.
5 Ilha de S. Thomé
6 Reino de Angola e Congo,
7 *Lus.*, canto v, desde a est. 15, até 25
8 *Lus.*, canto v, desde a est. 37, até 38.

Tanto sangue perdido, tanta morte,
Tanto naufragio cru, desgraças tantas
Que a dobrar esse Cabo nos custaram
Para ir edificar sublime imperio,
Novo reino entre gentes tam remotas,
Se me alargava o coração no peito,
Vendo-me portuguez. E é pois tal feito
Feito de homens? — Um vento repentino
Soprou, rasgaram-se as fechadas nuvens,
E retremeu nos mares o estampido
De um trovão temeroso. Alheada a mente
Na majestade da procella horrisona,
E em tammanhas idéas confundida,
No ár se me affigurou troar de irada
A potestade immensa d'algum genio
Que os cancelos do Oriente alli guardasse,
Cuidei vêr a grandissima estatura
De disforme gigante a quem as chaves
Confiára de Asia o árbitro do mundo,
E que de tanta audacia portugueza
Irritado, ao primeiro que franquear lhe
Assim ousou seu passo tam defeso.
Da bôcca negra, e pallido de cholera,
Fatidico dissesse :[1]—«O' gente ousada,
«Mais que quantas no mundo hão commettido
«Emprêsas grandes, não te basta o mundo
«D'homens sabido para tantas guerras,
«Taes e tam cruas, com que, tam pequenos,
«Fatigaes o universo? De tam longe
«Vindes quebrar meus términos vedados,
«A demandar em regiões ignotas
«Onde cevar essa ambição de glória,
«Essa implacavel sêde de conquistas
«Que no inquieto peito vos referve?
«Acabareis porfim co'a emprêsa ardida;
«Sim, vencereis; mas a victoria cara
«Tem de custar-vos. Inimigo eterno.
«Aqui em meu tremendo promontorio
«Vos espero; aqui áspera vingança
«De quem me descubriu tomarei. — Morte,
«Morte é o menor dos males que vos guardo
«Nem da beldade as lagrymas formosas,
«Nem suspiros de amor, nem ais carpidos
«De maternal ternura hãode amolgar-me...
«E não se acabará só n'isto o damno;
«Antes por vossas mãos o mór castigo
«Recebereis: do imperio cimentado
«Com tanto sangue e com virtudes tantas,
«(Breve as heisde perder) medonhos crimes
«Devassa tyrannia, infandos vicios,
«Superstição cruel minarão cedo
«Os nobres fundamentos. Aluido
«Baqueará por terra o solio altivo
«Que sobre as ruinas erguereis dos povos.
«Vis descereis pelos degráos do vício
«Do throno a que a virtude vos alçára.» —

IX

«Assim na extasiada phantasia
Um ecco mysterioso me soava:
Dil-o-hei preságio triste em já gran'parte
De seu fadar cumprido!...
«Emfim dobrado [2]
O immenso, procelloso promontorio,
Vogámos, longo, os máres interpostos,
Que do índico lago áquem separam
As requeimadas costas africanas.
Saudámos a dura Moçambique,
Porta do Oriente, que a Asia lusitana
Parece unir aos africanos dominios,
Por onde desde a Europa, ás partes quatro
Se dilatou o portuguez imperio.

1 *Lus*, canto v, est 41, até 48.
2 *Lus*, canto v, desde est. 62 até ao fim.

X

«Do longo navegar alfim ao termo
Desejado chegámos; da soberba
Cidade de Albuquerque os muros entro.
De sobresalto o coração batia-me
Ao pisar essas praias que o triumpho
Viram do forte Castro. — Aqui da guerra
No duro trato, ora ao Gentio rudo,
Ora ao perfido Mouro combatendo,
Longo continuei; porém do Marte
Portuguez quam diversa é hoje a sorte.
Não glória já, mas frivolas contendas,
Injustas oppressões nos arrancavam
A priguiçosa espada da bainha.

XI

«Cheia a imaginação do mysterioso
Sonho ou visão que, no moimento sacro
De Manuel, me incendiára a phantasia,
Embalde aos p'rigos, ao furor das ondas,
Ao mais cru das batalhas me arrojava.
Se era meu fado a glória, mais potente
Foi que o meu fado a inveja de inimigos,
Odios, persiguições. — Já malferido
De eiva de morte arqueja o imperio d'Asia
Os devassos costumes, a impiedosa
Sêde de mando, a sordida cobiça
Dos ministros da lei, e até — sincero,
Franco é meu discorrer, e em mal! bem certo
Dos que indignos, do altar, o altar profanam
Com sacrificios barbaros de sangue.
A um Deus so de paz e de bondade,
Em vez de puro incenso de virtudes,
Negro vapor de pallidos cadaveres,
Suspiros da viuva, ais do orpham triste,
Lagrimas, sangue e morte offerecendo.
Tudo, a golpes continuos, redobrados,
Vae prostrando o glorioso monumento
Dos Pachecos, dos Castros e Albuquerques
Qu'é d'esse esp'rito que animava os fortes?
Qu'é d'esse vivo ardor de fama honrada
Que faiscava em lusitanos peitos,
E arriscadas acções a emprêzas grandes,
A mais que humanos feitos os levava?
Extinguiu-se, acabou. Já fomos Lusos;
Fomos: — de nossa gloria o brado ingente
Breve será clamor que geme longe,
Como voz de sepulchros esquecidos
Balda soando no porvir que a ignora

XII

«Que me restava a mim, que me era dado
Em tal descahimento, em tal baixeza,
Commetter, perpetrar? — Inuteis p'rigos
Em guerras mais inuteis, cicatrizes
Mal prezadas de quem valia ignora
Do sangue desparzido em prol da patria,
Que podiam valer-me? De indignado
Ergui a voz, clamei contra a vergonha
Que o nome portuguez assim manchava,
Esconjurei as sombras indignadas
Dos heroes fundadores de um imperio
Que tam bastardos netos destruiam.
Em vão clamei; minhas verdades duras
Molle ouvido os tyrannos offenderam:
Puniu desterro injusto a minha audacia.[1]

1 Historico.

XIII

«Annos sete vaguei de terra em terra,
Ora vendo essas ilhas escaldadas
Do eterno fogo que as consumme e anima,
Ora os deliciosos habitantes
Da malaia peninsula. — Um repoiso,
Placido quanto o gosam desgraçados,
Encontrei na escalvada penedia,
Onde na roca esteril se alevanta
Macau, fertil agora das riquezas
Que o manancial do trafico lhe verte.
Alli, só com meus tristes pensamentos,
Livre ao menos dos homens, só commigo,
Co'as lembranças da patria, co'as saudades
Que lá me tinham coração e vida,
Se não vivi feliz, sequer tranquillo

XIV

«Nas penhas d'essa ilha abriu natura
Cava na rocha, solitaria gruta, [2]
Onde as nayades frias vão coitar-se
Do ardor da sesta: á entrada lhe vecejam
Recendentes arbustos, heras crespas;
E no vivo rochedo lhe entalharam
Mysteriosas mãos ignotas lettras
Talvez em longes éras meditasse
Solitario discip'lo de Confucio
N'essa caverna as eternaes verdades
Do grande *Tien*, do deus da Natureza,
Que ao Socrates da China se amostrára
Mais temporão, se lhes não mentem chronicas,
Que ao amante de *Phedon*. [3] — Vem quebrar-se
Perto o mar, que se espraia longo e longe,
Té se perder no extremo do horisonte.
Alli de soledade amarga e doce
Esquecidas passei horas ditosas:
Ditosas — se jámais fio de areia
Na voadora ampulheta me ha corrido
Horas que taes se chamem. — N'esse poiso
De suave tristeza me accudiam
A' memoria as lembranças do passado,
Magoadas co'as ideas do presente,
De envolta com receios do futuro;
E acaso de esperança verdejava
Leve folha dos ventos assoprada.

XV

«Patria, oh patria! — dizia — é pois um sonho
Essa visão, que por celeste a tive?
Teu nome eternizar dar brado á fama,
Que de ti digno, digno de Nathercia
As gerações passadas me acclamassem!..
Assim vos dissipaes, visões de glória,
Como fumo que se ergue da choupana
Para subir aos céus, — que Euros dispersam,
Quasi punindo-o de tenções tam altas!
Que póde em pró da patria um desgraçado,
Perseguido, no exilio immerecido?...

XVI

«Uma voz cá do intimo do peito
Cuidei ouvir que assim me respondia:
— Póde mais do que a espada, a voz e a penna;
Feitos de glória immortaliza o Canto,
Salvam do olvido as musas. Vive a fama
Que em versos divulgaram numerosos
Vates de Grecia e Roma. É menos digno
De eterno carme o Peito lusitano, [1]
A quem Neptuno e Marte obedeceram?
Um Nuno fero, um Egas, um dom Fuas
Não excedem os sonhos mal fingidos
De Orlandos falsos e de vãos Rogeiros?
Do incerto Enéas para si não tema
Fama e renome aquelle Gama illustre
Que ousado em p'rigos, firme e duro d'alma
Mais do que permittia esfôrço humano,
Commetteu e perfez acção tamanha?

XVII

«Na mente, como um impeto invencivel,
Me dava abalo o altivo pensamento.
Grande é o arrôjo, desmedida a altura
Onde me affoita de subir a ideia.
Embora, embora! seguirei meu fado.
As nymphas invoquei do Tejo ameno,
Que em mim creassem novo engenho ardente
Que a tam subida emprêsa se elevasse.
Commetti, persev'rei no ousado intento;
Trabalho de annos foi: e emfim completo,
Com elle á doce patria me voltava
No benigno favor esperançado
De meus concidadãos, no de um monarcha
Prezador das virtudes, do heroismo
Que em meus versos cantei. — Mais doce ainda,
De mais subido premio outra esperança
Me alentava... Ai de mim! um longo sonho
Minha existencia ha sido — E pois que nada,
Nada já'gora me ficou na terra...
Eil-o, senhor, o livro: apresental-o
Cuidei outr'ora á esperançosa prole
Do grande Manuel; cuidei depôl-o
Aos pés d'outro monarcha mais potente,
Que melhor galardão podera dar-me
Por quanto hei merecido. — Hoje.. »

XVIII

Suspenso
N'esta voz, som confuso e mal formado
Que vinha depós ella, se disperde
Em longo e cortadissimo suspiro.

1 Philippinas.
2 Chamada ainda hoje a Gruta de Camões
3 Socrates. Veja nota no fim.

1 *Lus.*, canto I, est. 3. ate 12

CAMÕES — CANTO III — «Um cavalleiro busco PA 212

CANTO QUINTO

Repousa la no céo eternamente.
E viva eu cá na terra sempre triste.
CAM., SONET.

I

Correi sobre estas flores desbotadas,
Lagrimas tristes minhas, orvalhae-as,
Que a aridez do sepulchro as tem queimado.
Rosa de amor, rosa purpurea e bella,
Quem entre os goivos te esfolhou da campa?

II

«O viço de meus annos se ha murchado
Nas fadígas, no ardor sévo de Marte;
Extranhas praias, ignoradas gentes,
Barbaros cultos vi; gemi na angústia,
Penei ao desamparo, em soledade;
Vaguei sósinho á mingua e sem confôrto
Pelos palmares onde ruge o tigre:
Tudo soffri no alento d'uma esp'rança
Que, no instante de vêl-a me ha fugido...
Rosa de amor, rosa purpurea e bella,
Quem entre os goivos te esfolhou da campa?

III

«Longe, por esse azul dos vastos máres,
Na soidão melancholica das aguas
Ouvi gemer a lamentosa Alcyone,
E com ella gemeu minha saudade.
Alta a noite, escutei o carpir funebre
Do nauta que suspira por um tumulo
Na terra de seus paes; [1] e aos longos pios
Da ave triste ajuntei meus ais mais tristes
Rosa de amor, rosa purpurea e bella,
Quem entre os goivos te esfolhou da campa

IV

«Os ventos pelas gáveas sibilaram;
Duras rajadas de escarceo tremendo
As descosidas pranchas semeavam
Pelas cavadas ondas... Feia a morte
Nos acenou co'as rôxas agonias
Malditas da esperança...—E eu só a via,
Eu só, na cerração da tempestade,
Via brilhar a luz da meiga estrella,
Unico norte meu. Por mar em fóra
Os duros membros negros estendia
Esse Gigante cujo aspecto horrendo
Primeiro eu vi, primeiro a seus amores
Corri o véo dos interpostos seculos:
Quiz-me punir do ousado sacrilegio
Com que os segredos seus vulguei na lyra
As iras lhe arrostei, ouvi sem medo
Os amarellos dentes a ranger-lhe
Por entre os furacões de atra procella.
Vi-o a esqualida barba, de despeito,
Arrepellar-se. e a côr terrena e pallida
Ao clarão dos relampagos luzir lhe
Da sanguinosa colera inflammada
Não me aterrou, que do almejado pôrto
Me allumiava o farol da luz amiga,
Lume consolador, fanal de esp'rança,
Quando na praia já, sem luz me deixas!
Engano lisongeiro da existéncia,
Que verdade cruel te ha dissipado?
Que impia mão te ceifou no ardor da sesta,
Rosa de amor, rosa purpurea e bella?

V

«Os eccos das soidões que lava o Ganges
As veigas onde cresce a palma do Indo,
Apprenderam teu nome E o meigo accento
De minha branda lyra repetindo,
No sussuro das folhas recendentes
A filha de Cyniras murmurava;
Seus perfumados troncos, entalhados
Por minhas mãos, embalsamado pranto
Ao receber teu nome derramavam:
A criminosa Myrrha parecia
De tam virtuoso amor envergonhar-se..
Rosa de amor, rosa purpurea e bella,
Quem entre os goivos te esfolhou da campa?

VI

«Oh gruta de Macáo, soidão querida,
Onde tam doces horas de tristeza,
De saudade passei! Gruta benigna
Que escutaste meus languidos suspiros.
Que ouviste minhas queixas namoradas.
Oh fresquidão amena, oh grato asylo
Onde me ia accoitar de acerbas mágoas,
Onde amor, onde a patria me inspiraram
Os maviosos sons e os sons terriveis
Que hãode affrontar os tempos e a injustiça!
Tu guardarás no seio os meus queixumes,
Tu contarás ás porvindouras éras
Os segredos de amor, que me escutaste,
E tu dirás a ingrato Portuguezes
Se portuguez eu fui, se amei a patria,
Se, além d'ella e de amor por outro objecto
Meu coração bateu, luctou meu braço,
Ou modulou meu verso eternos carmes
Patria, patria, rival tu foste d'*Ella!*
Tu me ficaste só, não desampares
Quem por *Ella* e por ti soffreu constante,
Quem por ti só agora o fio extremo
Tenue conserva da existencia afflicta..
Rosa de amor, rosa purpurea e bella,
Quem entre os goivos te esfolhou da campa?

1 Veja nota a este verso, no fim

VII

«Desamparou-me! — Triste e sem confôrto
Fiquei só, n'este valle de amargura.
Linda, mimosa flor, á sombra tua,
Rasteira grama vegetava apenas
Minha timida esp'rança. Amarelleço,
Desabrigada planta, ao sôpro ardente
Do norte queimador. — Quem te ha cortado,
Quem rainha das flóridas campinas,
Te decepou sem dó — que faz que espera,
Que não leva tambem, que não arranca
A humilde ervinha que sem ti falece?
Rosa de amor, rosa purpurea e bella,
Oh! leva-me comtigo á campa fria.»

VIII

Canção, canção de morte era esta sua,
Que em som carpido os montes repetiam
Da umbrosa Cintra. Sobre um calvo sêrro
Na pedregosa encosta da montanha
Que os mouriscos torreões inda corôam,
Assim cantava aos socegados ventos,
Qual moribundo cysne gorgeando
Pelas ribas do Eurotas Parecia
Que manso pelas auras suspirava
A enternecida Ignez, vendo o seu vate,
Seu immortal cantor gemer como ella.
Elle uma sêcca, emmurchecida c'roa
De desfolhadas rosas apertava
No anciado peito: a fio e fio as lagrimas
—Embalde ! — sôbre as flores resequidas
Corriam da grinalda; o acre do pranto
Mais lhe queimava a tez: não torna ao viço
Flor que poisou na loisa do sepulchro.

IX

Nascia o sol: a névoa que rebuça
De humido manto os cumes das montanhas
No alvorecer do dia, em véo ligeiro
Rara se adelgaçava; resplendiam
No socegado mar os doces raios
Da recem-nada luz. A amena veiga, [1]
Delicioso valle a quem de Tempe
Cede beldade e fama, se estendia
Pelas faldas da serra. As perfumadas
Arvores d'aureos pômos reluzentes
Que á veloz Athalanta o pé ligeira
Na apostada carreira retiveram,
E o tam ligado cinto desataram;
As verde-escuras, espinhosas plantas
D'onde virgineas têtas imitando.
Pende o cereo limão, — pendor não grato
No lindo pômo a que o semelha o vate —
Sobre a relva, inda fresco-rociada
Das lagrimas da aurora, se avistavam
Pela immensa campina recolhendo
A aura creadora nas lustrosas folhas
D'onde a vida nos troncos se derrama.
Toda se alvoroçava a natureza
A' vinda alegre d'essa luz benefica,
Remoçadora eterna da existencia,
Cujas são alma e vida do universo.

X

Em toda a pompa e luxo de suas galas
Cintra, a formosa Cintra se amostrava
Ao monarcha das luzes, — qual princeza
Do Oriente ao regio noivo se apresenta,
Voluptuosos perfumes exhalando
Das longas sedas com que brinca o zephyro.

XI

Oh! Cintra! oh saudosissimo retiro,
Onde se esquecem magoas, onde folga
De se olvidar no seio á natureza
Pensamentos que embala adormecido
O sussuro das folhas, c'o murmurio
Das despenhadas lymphas misturado!
Quem, descansado á fresca sombra tua,
Sonhou senão venturas? Quem, sentado
No musgo de tuas rocas escarpadas,
Espairecendo os olhos satisfeitos
Por céus, por mares, por montanhas, prados,
Por quanto ha hi mais bello no universo,
Não sentiu arrobar-se-lhe a existencia,
Poisar-lhe o coração suavemente
Sobre esquecidas penas, amarguras,
Ancias, lavor da vida? — Oh grutas frias,
Oh gemedoras fontes, oh suspiros
De namoradas selvas, brandas veigas,
Verdes outeiros, gigantescas serras!
Não vos verei eu mais, delicias d'alma?
Troncos onde eu cortei queridos nomes
De amizade e de amor, não heide um dia
Perguntar-vos por elle? Soletrando
Não irei pelas arvores crescidas
Os caractéres que, em tenrinhas plantas,
Pelas verdes cortiças lhe entalhára?
Oh! se inda eu vos verei! Se os robres duros,
Se me guardam fieis os seixos vivos
O humilde nome do esquecido vate
Que em dias de prazer—tam breves foram!
Dias de glória, ternas mãos gravaram!

XII

Ha corações ainda que o conservam
Esse ignorado, — mal sabido nome.
Oh! sim, que os ha! Salvae, salvae, ó musas,
De meus escuros versos estas linhas,
Não para a gloria — sonho vão de nescios!
Mas em memoria, doce de guardar-se
N algum sensivel peito. — Onde não gira
Meu sangue. . — E o sangue quam diverso corre
Por veias que esquecidas não palpitam,
Desleaes! c'o a memoria, mas que rara,
Do infeliz, cujo seio enfraquecido
Sangue, como esse, alenta... Onde não gira
Meu sangue—e o sangue quam diverso corre!
Peitos achei sacrarios de amizade,
Corações de homem...

XIII

Cintra, amena estancia,
Throno da vecejante primavera,
Quem te não ama? Quem, se em teu regaço
Uma hora da vida lhe ha corrido,
Essa hora esquecerá? Teu nome sôa
Eterno já nos hymnos enramados
De immorredouras flores. — Impotente
Ahi quebra a furia do fremente oceano
A' raiz de teu firme promontorio...
Mas que infrenes um dia as altas aguas
Soltas da voz que disse ao mar: *Suspende-te*,
Teu limite é ahi — galgal-o ousassem,
E levar os delphins enamorados
Folgar nos sitios em que geme a rôla,

[1] Collares.

E philomela modulou queixumes,
Suavissimo encanto da espessura;
Mas que prodigio tal novos trouxessem
Os seculos de Pyrrha, — inda o teu nome
Não o esquecêra transmudado o mundo.
Leva-t'o além das passadouras éras
Do bardo mysterioso [1] o eterno canto,
A harpa sublime agora pendurada
Nos louros do Pamyso,—onde um suspiro
De morte lhe quebrou a extrema corda
Que Eleutheria divina lhe affinára—
Do cantor que no alento derradeiro
Ouviram as cidades contendoras
Pelo berço de Homero, em canção ùltima
De moribundo cysne, o brado ingente
Alçar da gloria aos filhos acordados
De Leonidas que dorme... Não, não dorme;
Véla, c'o escudo e lança emtôrno roda
Da arvoresinha tenra que plantaram
Lanças dos bravos. Lanças mil a ameaçam:
Resistirá?— ou do consorcio adúltero,
Impia liga da Cruz e do Crescente,
Nascerá monstro que a devore, a trague,
E a queimada raiz lhe exponha ao vento
Da atra ambição dos reis?—Morrei ao menos,
Filhos d'Helleno, perecei com ella.

XIV

A vós já volvo, ó solidões de Cintra,
E ao vate que suspira melancholico
Entre esses que parecem dispersados
Tumulos de gigantes — ou ruinas
De algum primeiro templo cujos mythos
Esquecidos ahi jazem, desprezados
N'esses brutos lascões.— Ultimas notas
De sua triste canção inda zumbiam
Pelas azas dos placidos favonios,

1 Byron's *Child Harold's Pilgrim*

Quando uma voz:—Não é de ânimo grande
Succumbir aos revezes: gema embora
O coração ferido; mas um prazo
Deu a razão ás lagrimas. Segui-me.
«Onde? a quem?... Ah! sois vós?
— Sou eu, amigo
Cavalleiro, sou eu. Vinde; á justiça
Porta abrimos emfim: vêr-vos deseja
E ouvir-vos o monarcha.
«A mim!
—Poderam
Chegar ao throno as vozes da verdade.
Sabe quem sois el-rei; louvou com emphase
O amor da patria gloria que a alta empreza
De perpetuar seu nome ha commettido.
Dando aos heroes de Lysia eterna fama.
Vinde, que á hora nona vos aguarda
Impaciente.
«Mas o livro..
—A' côrte
Vim por elle e por vós; commigo o trouxe.
Ha muito o conhecia: amigos vossos
D'elle com grande preço me falaram
Em Goa e Moçambique.
«E como ao ouvido
Chegou d'elrei meu ignorado nome?'
— Sabereis tudo: dae-vos pressa; é tempo
De preparar-vos á solemne audiencia
Que havereis do monarcha

XV

Ambos desciam
A ingreme serra; abordoado o velho
Em seu cajado tosco, lhe dobrava
Tremulos passos caridoso empenho
Do officioso coração. Renasce
O ardor sopito no inflammado peito
Do guerreiro acordado do lethargo
De que o desperta esperançosa a gloria,

CANTO SEXTO

> Não tinha em tanto os feitos gloriosos
> De Achilles, Alexandre na peleja,
> Quanto de quem o canta os numerosos
> Versos; isso só louva, isso deseja.
>
> CAM. LUS.

I

O sceptro de Manuel, nas mãos já debeis
De Joanne[1] começado a desdourar-se
Do esmalte das victorias e triumphos
Com que tanta virtude o adereçára,
O sceptro que, nas mãos de outro Joanne[2]
Que ensinou a ser reis os reis do mundo,
Fôra vara de lei e de justiça.
Fiel de liberdade bem pesada
Na balança da pública ventura;
Ora na dextra de inexperto joven
Vergado a máos conselhos, vacillante
Por meneio indiscreto, mal dirige
A máchina do estado, que parece
Mover-se ainda pelo antigo impulso
De melhor regedor. O astro de Lysia
Do zenith de sua glória descrevia
Curva affrontosa a miserando occaso,
Que de Alcácer nas torridas areias
Erros, crimes, traições lhe estão cavando

II

Reinava Sebastião. — Se ânimo nobre,
Se valentia, amor de fama e de honra
Bastára a fazer reis, fôra um rei esse;
Mas.. — Sebastião reinava. Mal dormido
Sôbre os avitos louros, já corrêra
A segar palmas na affricana terra,
Que de nossas conquistas e victorias
Berço fatal ha sido e sepultura.
Do primeiro triumpho embriagado
Cuidou já da fortuna a vária roda
Ter fixada co'a espada de mancebo.
Armas, pelejas e victorias sonha
E emtanto sôbre as ondas mal seguras
Voga, á lei d'ellas, o baixel do estado.
Avidas mãos, do abandonado lême
Valídos travam, não a endereçál-o
Para o rumo perdido; mas cubiça
Treda, que os move, a syrtes, a naufragios
Desarvorada a náo presto arremessa.
Em suas íras de flagello aos povos
Um rei conquistador lhes manda o Eterno.

III

Do Escurial a onça refalsada
Os negros fios da ambição urdia
Que, por mãos de vendidos conselheiros,
Em labyrintho escuro enrevezavam
Os descuidados passos do monarcha.
Murmurava em silencio mal soffrido
Da nobreza leal o escasso resto
Que do antigo despejo lusitano
Os francos sentimentos conservava.
Impera o fanatismo, a hypocrisia:
No profanado altar, fogueiras, victimas,
Do oriente ao occidente lhes afumam
O incenso da cubiça, e o vapor negro
De sangue e morte que regala os monstros
Em taças de ouro, com prazer de tigres,
De lagrimas de viuvas se embriagam;
E os suspiros dos orphãos desvalidos,
Como deleite de suave musica,
Os damnados ouvidos lhes affagam

1 D. João III
2 D. João II

IV

Ecco antigo do nome lusitano,
Memorias de Pachecos e Albuquerques
Sós continham ainda os inimigos
Do vacillante imperio. Hallucinado,
Ignorante dos males que lhe encobrem,
Crê reinar sobre um povo affortunado,
Do Tejo ao Zaire, e do Amazona ao Ganges,
O mancebo infeliz: tam vastos reinos,
Que não governa, dilatar procura.
Cego! que triste fado, em mal, o aguarda!
Que triumphos, que glórias, que esperanças,
Que sec'los de victoria, que virtudes
Não vão, n'um dia, perecer com elle!
Sorvei, areias de Africa, essas cinzas,
Bebei todo esse sangue. — As azas mortas
Exânime enrolou, cahiu por terra
O temeroso Drago que amparára
As Quinas tanto sec'lo: então primeiro
O leão de Pyrene o olhou sem medo.

V

Um só de honrada fama, inda virtuoso
E portuguez ainda, conservava
No animo real leve influencia
Aio déra o avô ao joven principe
Dom Aleixo, estremado entre os mais nobres,
E em virtudes e letras illustrados
Cavalheiros da côrte. Não se atreve,
Comquanto o desejára, o rei mancebo
A affastar de seu lado este severo
Amigo, que as verdades lhe não doira,
Nem de lisonja vil empanna o lustre
Que em suas rectas palavras póz justiça.
Erros fataes, iniquos procederes,
Feios labéos de purpura—oh! e quantos
Tem prevenido o velho! Quantas vezes
Deante d'essa honrada singeleza
Tem recuado a intriga,—e despeitosa
Curvado a prepotencia a cerviz dura!
Os valídos, que o temem, que o detestam,
Arteiramente vão minando surdos
O favor do monarcha mal experto:
Mas não poderam inda Pura, ingenua,
Como a do homem de bem, era de Aleixo
A religião sincera; detestava
A hypocrisia, o orgulho dos ministros
De um Deus todo amor, todo humildade,
Que, sem commentadores, lhe mostravam
O Evangelho e a razão.[1] Poucos amigos,
Como é de vêr, contava o honrado velho,
Mas dignos d'elle todos. D'esse número
Era—e não muitos mais de seu estado,
O castelhano ancião a quem o acaso
Hóspede e confidente ao vate dera.

VI

Santo fervor que á lusitana côrte
Trouxera o venerando missionario,
Do Aio real na proteção confia
Para obter o que importa a seus misteres
Nas remotas regiões onde deixára
C'os neophytos seus alma e cuidados.
Versado nos antigos exemplares

1 Veja nota a este verso no fim

De Grecia e Roma, aos canticos sublimes
De Job e de Isaías se apprazia
De comparar, em horas mal folgadas,
Canções de Smyrna e Mantua: a miudo o viram
Sobre os prantos de Dido verter lagrimas,
Talvez sem o remorso escrupuloso
Do eloquente Augustinho. Recebendo
Em depósito um Poema de que ouvira
Falar já tanto, e de homem tam famoso
Por seu grande saber, talento e arte,
Avido o livro abriu, leu. Admirado
De vêr trajar alfaias lusitanas
As homéreas bellezas, aos apuros
Das virgilianas graças,—mais ainda
De originaes, de novas formosuras
Por antigos cantores não sabidas,
—Cantores que jámais cuidou possivel
Egualar, exceder por arte humana—
Seu generoso natural ardente
Se lhe inflammou de nobre enthusiasmo:
—E obra tal, (exclamou) tamanho engenho,
Tam nobre amor de patria, tam sublime
Ardua empreza, trabalho tam difficil
Não terá galardão? Quem ha mer'cido
Tanto da patria por espada e penna,
Ingrata a patria o deixará sem premio?
Irá mendigo, e supplice implorando
A chatim mercador de ganho avaro,
O humildoso favor de que lhe acceite
Tal obra e tanta, por mesquinho preço
Que, porventura, nem lhe mate a fome
Nem lhe cubra a nudez?—Oh!..' Resoluto
Toma o bordão, caminho vae de Cintra,
A Aleixo fala, expõe-lhe o triste caso,
Maravilhas que leu conta, e as virtudes
E assignalados feitos do homem grande
Que em vão apouca a sorte. Almas formadas
Para a virtude e nobres pensamentos,
Facil se entendem, facil communicam
De seu ardor sagrado o intimo fogo.

VII

Menezes disse ao rei:—Senhor, um velho
E fiel servidor de tantos annos
Que jámais vos pediu mercê nenhuma,
Hoje um simples favor pequeno e unico
Da bondade real—talvez justiça!—
Poderá esperar?

«Tudo: explicae-vos,
Tudo: que pretendeis?

—Pouco vos peço:
Que ouçais um infeliz.

«Onde está elle?
Venha, mas seja breve;\o tempo é curto:
E meus projectos . .

—Praza a Deus que sejam
Aos portuguezes e ao seu rei proficuos!
«Certo o serão: a gloria nos aguarda
Nas africanas praias impaciente.
A mim me tarda já de ir encontral-a,
E... Porém dom Aleixo não approva
As tenções do seu rei.

—Quando em conselho,
Franco ouvireis o meu; mas fóra d'elle,
Real senhor, respeito e obediencia
São os devêres unicos de um subdito.
«O homem que sois, Menezes, bem conheço:
Amei-vos desde a infancia, e inda vos amo.
Sois meu amigo, sei o, e tam sincero,
Tam leal o não tenho.

—O céu permitta
Que o cuideis sempre, e que infieis não sejam...
Senhor, o desgraçado por quem rógo,
Nada vos pede; é portuguez e altivo,
Como o são portuguezes: mas tal feito,
Tam gloriosa emprêsa em prol da patria
Commetteu e perfez, que já desaire
Real sería de a deixar sem premio.
«Quem é esse homem? Que fez elle? O Gama,
O Albuquerque egualou?

—Fez mais do que elles;
Que os tornou immortaes. Podem um dia
Erros nossos, baloiços da fortuna
Dar cabo d'essas glórias do Oriente,
D'essas conquistas de Albuquerque e Vasco:
Mas a fama das lettras não perece,
Nem a domina o fado. Tanta gloria
Do Portugal padrão eterno exige
Que lhe assegure dos vaevens da sorte
O porvir sempre incerto. Que souberamos
Das façanhas de Achilles, da piedade
Do fundador primeiro d'essa gente
Romana, cujo nome inda enche a terra,
Se de Virgilio e Homero não ficassem
Mais duraveis, seguros monumentos,
Que as vencidas nações, que os altos muros
Das erguidas cidades? Confessal-o
Nos é fôrça a nós outros cavalleiros:
Renome e glória, bem o ganha a espada;
Mas conserval-o, só o póde a penna.
«Assim m'o heis ensinado e o tenho certo
—Dos mais famosos principes o exemplo
Vol o dirá melhor. Vêde Alexandre
Chorar de inveja, não pelos triumphos
Do filho de Peleu, mas pelos cantos
Que immortal o fizeram: vêde Augusto
Premios, favores, honras dispensando
A quem de Roma as glorias celebrava.
Valem mais do que os feitos portuguezes
Os de Gregos, Romanos? Mais victorias,
Mais tropheos, mais virtudes nos reconta
Sua falada historia?

«Não, amigo,
Não; e eu farei que inda maior se exalte
O nome portuguez pelo universo.
—Assim apraza aos céus!

«Praz, sim. Ou morte
Honrada ou gloria egual a meus passados
Ganharei eu.

—A glória de um monarcha,
Nem sempre armas a dão. Diniz pacifico
Joanne [1] o justo . .

«Assás m'o tendes dito
Falemos, dom Aleixo, d'esse livro. .

VIII

E Aleixo quanto ouvira ao missionario
Breve lhe expõe: o merito da obra
O glorioso renome que lhe fica
De protector de letras; emfim tudo
Quanto para inflammar o ânimo ardente
Do mancebo real melhor convinha.
«Ouvil-o quero, disse o rei, chamae-o
Da minha parte: premio terá digno
D'elle e de mim, se o que dizeis é certo.

IX

O virtuoso Aleixo corre alegre
Com a resposta ao empenhado amigo,
Que de taes esperanças enlevado
Por devesas e grutas, por montanhas,
Da fresca Cintra em derredor discorre,
Té que o seu protegido alfim encontra.
Juntos desceram a escabrosa serra,
E de gratos futuros embalados
A hora aprazada para a audiencia aguardam.

[1] D. João II.

CANTO SETIMO

....Vereis um novo exemplo
De amor dos patrios feitos valorosos,
Em versos divulgado numerosos...
E julgareis qual e mais excellente
Se ser do mundo rei, se de tal gente.

LUSIAD.

I

Eu vi sobre as cumiadas das montanhas
De Albion soberba as torres elevadas
Inda feudaes memorias recordando
Dos Britões semi-barbaros. Errante
Pela terra estrangeira, peregrino
Nas solidões do exilio, fui sentar-me
Na barbacan ruinosa dos castellos,
A conversar co'as pedras solitarias,
E a perguntar ás obras da mão do homem
Pelo homem que as ergueu. A alma enlevada
Nos romanticos sonhos, procurava
Aureas ficções realizar dos bardos;
Murmurei os tremendos esconjuros
Do Scaldo sabedor; — falei aos eccos
Das ruinas a lingua consagrada
Dos menestreis; — perfiz solemnemente
Todo o rito; invoquei firme e sem medo
Os genios mysteriosos, as aérias
Vagas fórmas da virgem d'alvas roupas [1]
Que, as tranças de ouro penteando ao vento,
Canta as canções dos tempos que passaram
Ao som da harpa invisivel que lhe tangem
Os domados espiritos que a servem,
Como o subtil Ariel, [2] por invencivel,
Encantado feitiço.

II

— Ou mal ouvido
Foi o invocar do menestrel extranho,
Ou triste realidade dissipava
Phantasias de vates Nem setteiras
Me bruxuleavam namoradas côres
De bordado talim, sérica banda
Por mão furtiva de gentil donzella
Deitada em hora escusa ao cavalleiro
Que aventuras correr se vae ao Oriente
E a ganhar do infiel a Terra santa.
Nem, d'além vallos, nos corceis armados
Vi descidas viseiras, peitos de aço
Onde se espelha vacillante a lua,
Em quanto aguardam que da ameia sôe
Corno de anão que abata a erguida ponte.
Não vi quadrigas de vistosas justas
Nas praças d'armas á lançada viva
Disputar-se o collar de ouro macisso,
Premio do vencedor, por mãos bem lindas
Ao peito inda sanguento pendurado.

III

Nada!... Só pelos fossos entupidos
Do desfolhar do outomno, e bronco entulho
Dos muros derrocados, — soltas pedras
E immunda terra á vista affiguravam
Insepultos cadaveres, golpeados
Membros, inda cobertos de aço e ferro,
Dos que em contenda injusta pereceram
Pelo vaidoso orgulho ou vão capricho
Do castellão soberbo. Nas ameias
Se me antolhavam horridas cabeças
Hirta a grenha, co'as carnes laceradas
Do corvo — certo amigo dos tyrannos,
Que regalado o trazem. Tristes victimas!
Mais crime não teriam que a vontade
Do imperioso senhor, que a seus vassallos
Villões de sua terra — seus como ella —
Quiz do podêr que tem mostrar a alçada!

IV

Ao pé d'essas janellas recortadas,
Em que inda o tempo conservou resquicios
Dos já pintados vidros, frésta escassa
Dá luz medonha á escuridão sombria
De fétidas masmorras inda inteiras,
Mais duradoiras que os salões dourados:
Como se a edade, que destruiu palacios,
Memorias de prazeres, luxos, pompas,
Catasse mais respeito a taes vestigios
De atrocidade e crimes, — e escrevesse,
Ao passar, com a fouce enferrujada,
No limiar d'essas portas: *Escarmento*
Ás gerações porvir. — Doia-me alma
Na solidão das ruinas; e a lembranças
Mais gratas me fugia o pensamento,
Para os vergeis da patria esvoaçando.

V

Oh! nobres paços da risonha Cintra,
Não sobre a roca erguidos, mas poisados
Na planicie tranquilla,—que memorias
Não estaes recordando saudosas
Dos bons tempos de Lysia! Nem setteiras
Nem torreões nem barbacans nem fóssos.
E que havia mister d'esse apparato
Dado a tyrannos, que inimigos vivem
De inimigos cercados? Que soldados,
Que mercenarias hostes de Janizaros
Precisava um monarcha lusitano,
Que precedido vae por debeis cannas,
Symbolo da brandura e singeleza
De bom pastor de povos?—Santas éras!
Se podesseis voltar, dias ditosos!

VI

Alto o dia, horas oito: já nos átrios
Girava do palacio a vária turba
Que a audiencia do rei, ou do valído,
—Quantos do mais escuro sevandija
Que taes mansões infesta!—alli aguardam

[1] Scott's *poet. romanc*
[2] Shakspeare.

Fluctuando ao vento, o veu cahiu

Acovardados uns, esperançosos
Outros se amostram. Pretendente humilde
Timido se conchega a poore capa,
Porque não toque as rugedoras sedas
Do cortezão soberbo Altivo o grande
Com gesto protector alli corteja
O artifice coitado, que nem ousa
Recordar-se das dividas antigas
De tamanho senhor, tam dado e lhano,
Que tal honra lhe faz. O nedeo abbade,
Que engordou nas fadigas evangelicas,
Sem olhar, vae passando o triste cura
A quem a escassa congrua tanto abaixo
Na hierarchia pôs. Que requer este?
Do real padroeiro esmola tenue
Para uma caridosa albergaria
Que em seu pobre passal instituíra.
E o que pretende aquelle?—O episcopado,
A que tanto direito lhe conferem
Os trabalhos d'um pingue beneficio
Disfructado na côrte.

VII

—N'esta scena
Tam variada em actores e interesses,
Dois novos, que no gesto e ad'man bem mostram
Quanto esteiras do paço os desconhecem,[1]
Entravam; curioso alvo das vistas
Da turba pretendente: um velho monge,
Um guerreiro de aspecto altivo e nobre,
Mas de vaidade alheio —Vem da India
A requerer:—não trazem d'outra gente
Estas frótas de Goa.—Abriu se a porta:
Volvem-se os olhos todos Qual em Delphos
Devotos peregrinos, quando os quicios
Do mysterioso limiar se movem,
E o oraculo—terrivel ou propício?—
Vae por obscuros carmes explicar-se.

VIII

E dom Aleixo: no tropel confuso.
Que se apinha d'emtôrno, alguem procura
Quem será o invejado aventuroso?
O aio real aos dois desconhecidos
Cordial saúda; e conversando juntos
Poucos momentos,—eis dão os porteiros
O devido signal, menestreis tangem;
Elrei chega, no throno toma assento.
Breve a audiencia foi; não sobra o tempo
Para as santas funções de magistrado
A militares reis: ás armas cede
A toga mal prezada.—Audiencia é finda.

IX

E el-rei, como inquieto, ao aio antigo:
—Dom Aleixo, entre tantos pretendentes
O vosso protegido não n'o vejo.
«Eil-o, senhor, o nobre cavalleiro
Que desejaes ouvir.
—Sim, quero ouvil o,
Quero e desejo: não ignoro o preço
Das boas lettras, nem de um raro engenho
A estima desvalio: em prol da patria
Uns obramos co'a espada; cumpre a outros
Co'a penna honral-a.
«Se honra a minha penna,
Real senhor, a minha amada patria,
Dil-o-hão sabedores e letrados.

Para servil-a .. espada e braço tenho
Que por si falarão
– Digna resposta
De portuguez! Honrado sois, amigo
Por tal vos tenho e quero; e abonos vêjo
Em vosso rost que voltar não usa
Na face do inimigo.—E' este (disse,
Falando aos cortezãos) de quantos d'Asia
Aqui vêm, o primeiro que não fala
Em suas cicatrizes.
«Bastas eram,
Senhor, as de Pacheco, e...
—Eu não ignoro
Asperamente el-rei o interrompia
Os feitos de Pacheco.»

X

Olhos pasmados
Os cortezãos cravaram no soldado
Que tam crua verdade se affoitava
A proferir alli: algum já cuida
Que de escuro castello a torre o aguarda,
Ou que ao menos... Compondo um tanto o vulto,
Tornou el-rei:
—Iremos, para ouvir-vos,
Da Penha-Verde á fresquidão sentar-nos.
Calmoso vae o tempo; e ademais, prazem
Dobrado entre a verdura os dons das musas.

XI

Seguem todos o rei; a encosta sobem
Do monte; e pelos bosques onde o louro
Inda as glorias de Castro está c'roando,
Inda veceja co'as memorias d'elle,[1]
A real companhia vae entrando.

XII

Estavam d'altas arvores á sombra,
De avelludada relva em fresco assento.
Attento o joven rei fitava ancioso
O guerreiro cantor que o nobre aspeito
Tinha como de gloria resplendente,
E na divina inspiração acceso.
Qual devéras o imita, qual fingindo;
Mas todos se compõe do rei a exemplo.
O vate começou: pausado accento,
Respeitoso não timido, lhe alonga
Solemnemente o cadencear medido
Do metro numeroso. O heroico assumpto[2]
Primeiro expõe do Canto: armas e gloria
Dos barões lusitanos que fundaram
Do Oriente o Imperio novo; os grandes feitos
Dos reis, dos cidadãos de eterna fama
Que se hão da lei da morte libertado.
Logo as Tágides musas invocando
Porque alto som lhe dêm e sublimado,
Um estylo grandiloquo e corrente:
—«Dae me — com voz mais elevada clama —
Dae-me uma furia sonorosa e grande.
E não de agreste avêna ou ruda frauta,
Mas da tuba canora e bellicosa
Que o peito accende, e a côr ao gesto muda,
Um canto egual a meu erguido assumpto,
Se tam sublime preço cabe em verso.»

1 Expressão do elegantissimo D. Fran. Man. de Mello. *Guia de casados.*

1 Célebre quinta de D. João de Castro
2 *Lus.*, canto I.

XIII

Depois ao joven rei, segura esp'rança
Da lusitana, antiga liberdade,
Em versos de amor patrio scintillantes,
A ouvir cantar dos feitos portuguezes
Convida; pinta-lhe em vivazes côres
A grandeza do povo a que preside,
A lealdade, o valor; e recordando
De seus avós famosos as virtudes,
Digno exemplar de emulação lhe aponta.

XIV

Já da tuba a Calliope travando,
Em terso stylo, e não de inchada pompa,
Mas — qual fluente e magestoso rio
Por suas ribas magnifico se espraia —
Tal por seu grande assumpto o vate immenso.

XV

No largo oceano, em próspera bonança
As atrevidas náos vão navegando.
Dos céus o alto Poder sublime e dino
A conselho as menores potestades
Sobre tamanha emprêsa convocava.
Cuidas vêr, lá n'um throno de diamante,
Sentado o pae dos numes; por seus labios
Fulge o louvor da lusitana gente,
Pasmo e terror do mundo. É seu proposito
De mor gloria lhe dar no ignoto Oriente.
De Nysa o vencedor cioso impugna
A sentença do numen. Quem sustenta
A heroica Lysia? É Venus, Venus bella,
Afleiçoada a um povo, das romanas
Qualidades herdeiro, e cuja lingua
Com pouca corrupção crê que é latina;
Um povo tam zeloso de seu culto,
Tam devoto amador de seus altares!
O fado o decretou, Jove o confirma;
Abram-se as portas do Oriente aos Lusos.

XVI

Já surgindo na treda Moçambique,
Ao fementido mouro pune o Gama
Da perfida malicia. Eis lá Mombaça,[1]
Onde falsos Sinons a engano o levam,
Crú exicio lhe estava preparando,
Por artes do que sempre a mocidade
Tem no rosto perpetua, e foi nascido
De duas mães Tu, Erycina linda,
Que a assignalada gente andas guardando,
Tu do velho Nereu, co'as alvas filhas,
Pondo ao duro madeiro o brando peito,
Da cilada os salvaste— Aqui do vate
O stylo se embrandece, spira o canto
Suavissimos perfumes de Amathunta;
Rosas de Paphos e jasmins de Gnido
A namorada lyra lhe corôam,
Quando a bella Dione á sexta esphera
Segue enlevado —Está pelos semblantes
Dos que o escutam debuxado o gôsto
Que o deleitoso quadro accende n'alma.
O mimo dos pinceis tam delicados,
Não lh'o deu natureza, que o não tinha,
Deu-lh'o amor de seus cofres escondidos,
Que nem a Ticiano tam querido,
Tam gran' privado seu jámais abrira.

1 *Lus.*, canto I.

XVII

Marmores de Praxiteles, esmeros
De Phidias, de Canova. Oh! que beldades
Retrataes imperfeitas!—mas que os fados
Vos outorgassem a invejada sorte
Do venturoso Pygmalion obtida,
Quando o apuro do cinzel mais dextro
Taes mimos egualar? Aquelle gesto
Que as estrellas, o céu e o ár namora,
Aquelle affrontamento do caminho
Que a belleza lhe aviva? Como as graças,
Os espiritos vivos que inspiravam
Dos olhos onde faz seu filho o ninho?
Vel a diante do padre omnipotente
Como na selva do Ida se amostrára
Ao mui feliz troyano!... que, se a vira
Tal o que já por vista menos bella
Vulto humano perdeu, nunca seus galgos,
Barbara lei!—o houveram devorado,
Que primeiro desejos o acabaram.

XVIII

Os crêspos fios de ouro desparzidos
Pelo collo que a neve escurecia;
Lacteas tetas que andando lhe tremiam,
Com quem amor brincava e não se via;
As flammas que lhe sáem d'alva petrina;
Desejos que como heras enrolados
Pelas lisas columnas lhe trepavam...
Quem tal expressará, quem taes bellezas,
Na silice ou painel ou brandos versos,
Pintar já soube?—Não a viu tam bella
Graças pleitar pelo invejado pomo
O real pastor de Priamo.—Escondidos
Por delgado sendal outros encantos...
Escondidos só quanto mais o accenda
E redobre o desejo que penetra
O véo dos roxos lirios pouco avaro.

XIX

O omnipotente padre não resiste
Aos feitiços do angelico semblante,
Aquella doce nuvem de tristeza
Com riso misturada: - Qual a dama
Em amorosos brincos maltratada
Do incauto amante—que se ri, se aqueixa
E se mostra entre alegre e magoada.
Jove não resistiu—quem tal podèra?
Beijo accendido á súplica responde.

XX

Propicio o fado aos fortes navegantes
De sorrir-lhes começa. Já Melinde
Amigos braços lh'abre: já do Gama
Os lusitanos feitos recontados,
Terra e costumes são Pasma o rei barbaro
De ouvir dos povos da soberba Europa
As remotas regiões, ignotos nomes.
Pinta-lhe, quasi cume da cabeça[1]
Da Europa toda, o portuguez imperio,
Patria do esfôrço outr'ora e liberdade.
Diz o pastor que do ferrado conto
De seu cajado abate aguias romanas;
Henrique[2] o mauro jugo espedaçando,
E abrindo com sua espada triumphante

1 *Lus.*, canto III.
2 Conde D. Henrique,

CAMÕES — CANTO V Mas o livro...
— A' corte vim por elle e por vós

De Lysia o fundamento. Ao filho illustre[1]
Cabe gloria maior: de c'rôas cinco
No Ourique derrubadas, nova c'rôa
A victoria lhe tece; e as sanctas Quinas,
Por eterno brasão, dos céus recebe.
De Egas Moniz a lealdade e a honra
Aqui tambem refere. Olha, os filhinhos
Tenros, e a doce esposa vão descalços
A offerecer as innocentes vidas
Pela dada palavra —Mais se estende
Sob o primeiro Sancho o novo reino
Pelos vencidos, torridos Algarves.[2]
Vem outro Affonso,[3] o vencedor d'Alcácer,
Do mouro pertinaz exicio extremo.
Mas do segundo Sancho a molle inercia,
De privados regida não tolera
Nação altiva que outro rei não soffre
Que não fôr mais que todos excellente.[4]
Das impotentes mãos as rédeas toma
O Conde bolonhez:[5] á glória volvem
As armas portuguezas. Melhor sorte
Coube a Diniz, pacífico monarcha:
A's conquistas da espada deu cultura,
D'artes a ornou e ennobreceu co'as lettras,
E ás formosas campinas do Mondego
Fez do Hélicon descer as aureas musas.
Claros lumes da terra, sãos costumes,
Constituições e leis co'elle florecem,

XXI

Mal obediente o valoroso filho,
Domador das sobe bas castelhanas.
Do venerando pae empunha o sceptro:
Affonso,[6] que nos campos do Salado
As hostes granadís prostrou tremendas
Com pequeno poder. — Viçosos louros
De tamanha e tam próspera victoria
Caso triste murchou, crueza barbara
Que á bellissima Ignez deu morte injusta.
O proprio amor, cuja ferina sêde
Nem com lagrimas tristes se mitiga,
Inda ás saudosas margens do Mondego,
Junto á fonte que lagrimas formaram,
Verte sobre elle desusado pranto.
As nações do universo, que escutaram
As endeixas do vate, as vão cantando,
E do barbaro Neva ao culto Sena,
Desde o Thamesis frio ao Pado ardente,
Os lamentos de Ignez repete a lyra.

XXII

Brandas nymphas do placido Mondego,
Vós que o doce gemer, que os namorados
Ais do prazer ouvistes pela selva
Que encobriu tanto amor, tanta ventura
Em tempos de mais dita; que escutastes
Os maguados suspiros da saudade,
Quando ausente d'aquelle por quem vive
Só, gemedora rôla vae carpindo
A ausencia do seu bem, do seu amado,
E aos montes, ás hervinhas ensinando
O nome que no peito escripto tinha;
Que depois, memorando a morte escura,
Longo tempo das urnas crystallinas
Só lagrimas formosas derramastes,
E, por memoria, em fonte convertidas,
O nome lhe puzestes, que inda dura,
Dos amores de Ignez que alli passaram;
Vós ao vate os segredos recontastes,
Os mysterios de amor, e o pranto, as queixas
Da malfadada Castro.—A lyra anceia-l'e,
A voz carpe-se, os tons gemem tam meigos,
Mas tam cortados de uma dor tam viva,
Que é um partir-se o coração de ouvil-os.

XXIII

Ausente é o 'sposo: solitaria vaga
Pela varzea de flores recamada,
No pensamento alheado revolvendo
Ledos enganos d'alma, suavissimas
Lembranças do passado, e a mais suave,
Lisongeira esperança do futuro.
Oh! quaudo ella outra vez n'aquelles braços
O tornar a apertar, quando... Armas sôam
De cavalleiros, e corseis nitrindo
Nos átrios do palacio.. escuta. É elle,
O seu Pedro, oh ventura!--'Espôso, espôso!'
Mas pelo ausente espôso o pae responde.
O amante não vem: juiz severo
Pelos beijos de amor, lhe traz castigo
Que não merece amor, nem quando é crime.

XXIV

C'os filhinhos, em vão banhada em pranto,
Supplice implora os barbaros O ferro
Imbebem crus no peito crystallino;
E as vivas rosas, que das faces fogem,
Pela ferida a borbotões se esváem.
C'os innocentes filhos abraçada,
Não geme, não suspira; a beijos colhe,
Uma a uma, as feições que tanto ao vivo
As do querido amante lhe retratam.
Já pelos labios derradeira foge
A última vida, o último sôpro em osculos
Todos amor, todos ternura. Os olhos
Já da formosa luz se extinguem.. Trémula,
Inda co'a incerta mão procura os filhos,
Inda affagando imagens do seu Pedro,
Entre os amplexos maternaes.—«Espôso,
Espôso.. Espôso!» balbuciando, expira.

1 D. Affonso Henriques.
2 Veja nota a este verso. no fim,
3 D. Affonso II.
4 *Lus.*, cant. III, est. 93.
5 D. Affonso III.
6 D. Affonso IV.

CANTO OITAVO

> Em perigos, e guerras esforçados,
> Mais do que promettia a força humana,
> Entre gente remota edificaram
> Novo reino, que tanto sublimaram
>
> LUSIAD.

I

Aqui chegava o canto: houve crestadas,
Guerreiras faces que enrugou Mavorte,
E onde afflição, nem dor, nem transe d'alma
Jámais colheram lagrima, houve d'ellas
Mal enchutas do pranto involuntario
Que ais de amor, que enthusiasmo de virtude,
Patriotismo ou gloria distillar im
De olhos torvos por centos de batalhas.
Mas d'alma ao rosto vae canal aberto
Que só entupem vicios, ou fingido
Orgulho do homem vão. Porque te escondes
Na toga consular o vulto austero,
Libertador de Roma? Já suspensas
As segures estão... Tam firme peito
Que faz, que não sustenta o rosto ao golpe?
Roma é salva.. Mas elles são seus filhos;
E Bruto, o cidadão, tambem é homem.

II

Louvor ao vate insigne!—Pouco dizem,
Que sentem mais O joven rei applaude
Com franco enthusiasmo, e entre si pensa:
—Um dia offuscarei toda essa gloria,
E a mais altas canções darei assumpto.

III

Trazem no emtanto moços de pellote,
Em ricas salvas de ouro alto-lavradas,
—Páreas de avassallados reis do Oriente—
A casquinha gulosa e delicada,
Da selvosa Madeira arte e renome,
Luxo de lautas mezas; amplas jarras
De louçan, transparente porçolana,
Raro producto do Chinez longinquo,
—Raro na Europa ainda, e então condigno
Ornato de reaes copas.—Ali se enchem
Ao limpido jorrar de fresca fonte
Da fria agua de Cintra, e saborosa
Mais que o licor do Rheno, ou que as sulphureas
Lagrimas de Parténope[1]. Tomaram
Refeição leve a nobre companhia,
E o vate proseguiu.

IV

Está contando
O Gama ao rei amigo os mais famosos
Feitos dos nossos—Diz-lhe de Fernando[2]
Os amores adulteros, e o tibio,
Frouxo governo que indefeso o reino
Deixa ao furor imigo castelhano,
E de total destruição em p'rigo:
Que um fraco rei faz fraca a forte gente.

1 Lachrimachristi.
2 *Lus*, cant. III

V

Mas do lethargo vil em que o prostraram,[1]
A' voz de Nuno[2] o portuguez acorda
Com palavras mais duras que elegantes
Glória bradou e liberdade e patria
Nomes que outr'ora em peitos lusitanos
Eram de chamma electrica scintillas
Que os corações briosos lh'inflammavam.
Embalde o poder todo de Castella,
Por sustentar Beatriz, feroz se ajunta.
Joanne[3] por seu rei levanta o povo;
E o eleito do povo é digno d'elle.
Não curva a jugo extranho o collo altivo
A nação, indomavel quando livre.

VI

Campos de Aljubarrota, inda em vós sôa
O ecco da trombeta castelhana
Horrendo, fero, ingente e temeroso.
Guadiana, tuas aguas, de assustadas,
Vejo-as atrás volver.—Que anjo de morte
E' esse que discorre de ala em ala
Co'a fulminante espada? Jorra o sangue,
Treme a terra debaixo dos pés duros
Dos ardentes cavallos, sôa o valle,
Lanças escallam, os broqueis sonoros
Estalando retinem.—«San Thiago!»
—San'Jorge e ávante! cada qual rebrama
—«Victoria! A quem?—Ao lusitano, a Nuno.

VII

Já não cabe na Europa o ânimo grande
Dos Portuguezes: treme Africa adusta,
E a triumphada Ceuta abre suas portas
Aos infantes magnanimos.—Mas cara
Custa a victoria: vês, o novo Régulo
Só pelo amor da patria está passando
A vida, de senhora, feita escrava:
Fernando expira em tenebrosos carceres;
Vive porém seu nome e claro brilha
Para gloria da patria, e eterno opprobrio
De principes covardes que hão descido
A ignorado sepulchro em leitos de ouro.

VIII

Glorioso João, foi teu reinado
Alto comêço á lusitana gloria
Que, do extremo occidente, a longes terras,
A mundos novos, mares não sabidos
Triumphante correu.—Jámais no mundo
Se viu throno real assim rodear-se

1 *Lus.*, cant. IV
2 Nun'alvares Pereira.
3 D. João I.

CAMÕES — CANTO VI Quem é esse homem! Que fez elle? PA 223

De generosa prole. Não se accoitam
Mollemente na purpura paterna
Os filhos de João, nem se crêem grandes
Em torpe ociosidade vegetando
Á sombra do diadema que em suas frentes
Descuidadas não pésa:—Henrique o grande,
O sabio Henrique, o protector philosopho
Das sciencias que honrou; Fernando, o santo
Martyr da patria; Pedro, o virtuoso,
Legislador e justo, João o austero,
Alma romana em coração de Luso;
E Duarte, o pacifico, o piedoso
Que tam breve reinou.

IX

Tenro innocente
Vestiu manto real o quinto Affonso:
Nas virtudes de Pedro achou tutela
Sua edade inexperta. Ingrato e feio
Caso, digno das torres de Byzancio,
Viram de Alfarrobeira infames plainos
Roxos de sangue das civís discordias.
Toda a tua gloria, victorioso Affonso,
Esse appellido insigne que has tomado
Ao destruidor da desleal Carthago,
Nódoa tam negra á fama te não lavam.
Teu nome e o de teus perfidos valídos,
Todo o bom portuguez detesta —Esconde,
Esconde, Affonso, a purpura sanguenta
Tras a gloria immortal que resplandece
D'emtorno ao filho teu. Se ha hi rei justo,
Rei cidadão, monarcha magistrado [1],
Rei que obedeça á lei, que a guarde ao povo,
Que o sceptro, vara augusta de justiça,
Equilibre entre grandes e pequenos,
Puna oppressores, opprimidos erga,
Abata o orgulho vão, premeie o merito,
Busque a virtude em sotãos de humildade
Para a exaltar sobre arrasados paços
Do crime audaz e da suberba inutil;
Rei que o officio [2] de rei preencha e saiba;
João segundo o foi. Celebrem-te outros
Pelo valor que Toro inda pregôa,
Por domadas regiões, arados mares,
Por descubertos cabos,—esperanças
De futuras riquezas e conquistas:
Eu só coroarei teu sacro busto
Com a civica folha inmarcessivel
Do carvalho, mais nobre e mais glorioso
Que o louro dos heroes. Sanguineas gôtas
Mancham sempre a grinalda das victorias;
E o clamor da viuva, o grito do orphão
Quebra a harmonia dos clarins da fama:
Mas as benções de um povo agradecido
São melodia de suaves notas
Que por éras e éras se prolonga
A's gerações por vir. Um rei como este,
Dae-lhes um rei como João segundo:
E esquecido o tenaz republicano
De Brutos e Catões, ajoelha ao sceptro.
—Este fez explorar da aurora os berços
Com baldados trabalhos,—que essa dita
Ao feliz Manuel o céu guardava.

X

Então reconta o sonho mysterioso
Do venerando Ganges, do rei Indo
Que ao ditoso monarcha, ao romper d'alva,
Em visão bemfadada appareceram.
Diz a intentada, perigosa empreza [3]

1 Rei cidadão, rei homem, pae e amigo.—*Ferreira.*
2 Mon métier de roi; dizia Frederico o grande.
3 *Lus.*, canto v.

Que ousou de commetter, trabalhos, riscos
Na longa e lassa via supportados:
Moçambique, a traidora, castigada
Para escarmento e pena; e o temeroso,
Namorado Gigante em dura terra
Por seus atrevimentos convertido,
E, por dobradas mágoas, rodeado
De Thetys formosissima que amava;
Thetys que já cuidou de ter nos braços
Louco de amores, unica, despida,
Quando se achou c'um árido rochedo
De horrido mato e de espessura brava.

XI

Emfim chegado com ditoso auspicio
A's melindanas praias, aqui finda
O illustre Gama a narração pedida.
Já pazes firma e alliança amiga [1]
Com o africano rei; e alfim nos mares
Indicos vaga, demandando a terra
Que desejada já de tantos fôra. [2]

XII

Consummou-se a alta emprêsa; aberto é o Ganges
Aos galeões do Tejo. Em vão comprimem
Na treda Calecut traidores ferros
Ao Gama invicto os denodados pulsos: [3]
Tudo vence a constancia e nobre audacia
Do forte capitão. Co'a alegre nova
Do descoberto Oriente, á meta austrina,
Outra vez commettendo os duros medos
Do mar incerto, põe a aguda proa.

XIII

Agora os sons do canto embrandecidos [4]
Co'as delicias de Paphos e Amathunta,
Por namorados bosques, aguas limpidas,
Fresquidões deleitosas vão soando.
— Eis vês a filha das ceruleas ondas,
A bella Venus, que repoiso amigo
Delicioso lhes traz; ilha divina,
Onde quanto espalhou a natureza
Por mares, ceus e terra em formosura,
Tudo ajuntou alli: copados bosques,
Coutos da amena sombra; vecejantes
Relvas em que o primor de seus matizes
Esmerou Flora, e lh'as bordou mais lindas
Que o proprio leito onde com doces beijos
Zephyro lhe mitiga o ardor da sésta;
Murmurantes arroios, mansamente
Em seu correr, de amores conversando
Co'as dryades do bosque; os rubicundos
E dourados thesouros de Pomona..
Oh! que scena de languidos prazeres
Que paraizo de deleite, ó Venus!
Pelo travesso filho assetteadas
As esquivas nereidas suspirando,
Seguem a bella deusa, que promette
A suspirar tam doce um doce premio.

XIV

Mas em mar leite navegando alegre
Os esforçados nautas já descobrem
Entre a alva espuma das ambientes aguas

1 *Lus.*, canto VI.
2 *Lus.*, canto VII.
3 *Lus.*, canto VIII.
4 *Lus.*, canto IX.

Viçar a Ilha formosa: — qual no seio
Lacteo-tremente da modesta noiva
Puro verdeja o esponsalicio ramo.
Já prôa e rumo para alli apontam;
Eis chegam, eis do encanto e maravilha
Absortos pasmam... pela sombra amena
Se embrenham, caça agreste procurando.
Mas ferida lh'a tinhas, Erycina,
Menos aspera já, mais doce e linda.
Correndo vão apoz as nymphas bellas,
Que fogem, que se escondem, mas fugindo,
Nem tudo escondem; fogem, mas tam leve
Não corre o lindo pé que não tropece...
E cáem... Certa amor canta a victoria,
Se lhe cae sobre a relva o fugitivo.
Oh! que famintos beijos na floresta!
E que mimoso chôro que soava!
Que affagos tam macios!... Breve e rapido
No seio do prazer se esvae o dia.

XV

Harpa sublime que n'altura sôas
Das cumiadas da glória, harpa que os hymnos
Fatidicos nos eccos alongados
Do porvir ennublado, obscuro tanges,
D'onde só vagos sons confusos côam
Na terra esperdiçados por vulgares
Orelhas d'homens, — harpa mysteriosa!
Clara te ouvia o vate sublimado
Quando as notas propheticas repete
Na remontada lyra. — Etherea nympha.[1]
Os porvindouros feitos e virtudes
Dos heroes Lusos no domado Oriente
Ao céu com doce voz está subindo.

XVI

Já voadores lenhos povoando
O vasto oceano que lhe abríra o Gama,
O senhorio dos frementes máres
Victoriosos occupam. Reis que ousados
A orgulhosa cerviz não dão ao jugo,
Do braço provarão que, forte e duro,
Os faz render-se a elle ou logo á morte.
O gran'Pacheco, o lusitano Achilles,
No passo Cambalão soberbos nayres
Do Çamorim potente desbarata:
Por vezes sette em aspera batalha
Triumpha em terra e mar. Eia, as corôas,
Rei dos Lusos, os carros lhe prepara,
Que á patria volve com despojos cento
A humilhar a teus pés. Que vejo! é essa
A purpura que o cinge! é esse o templo
Onde em triumpho o conduzis, ingratos!
N'um hospital, de andrajos vis cuberto
Morre Pacheco do seu rei na côrte...

XVII

Almeida vem depois c'o nobre filho,
Que do índico oceano as aguas tinge
De sangue imigo e seu. Atroz vingança
Corre c'o iroso pae: Dabul, Cambaia,
Enseadas de Diu, eil-o no ferro
Destruidor vos traz exicio e morte.
Inveja vil de perfidos valídos,
Não é tua esta victima; seus ossos,
Não lh'os possuirás, ingrata patria.
Seu fado negro foi, mas antes elle;
Antes perder a vida ás mãos selvagens
Do rudo cafre na deserta areia,
Que á fome... á fome, e no seu patrio ninho!

XVIII

Mas oh! que luz tamanha que abrir sinto!
Luz é do fogo e das luzentes armas
Com que Albuquerque vence o altivo Persa.
Rende-te Ormuz, Gerum, Mascate e Goa.
Tu, Malaca opulenta, em vão te assentas
Lá no gremio da Aurora onde nasceste;
Em vão embebes venenosas settas
No arco certeiro, e os crizes refalsados
Com peçonhas mortiferas tempéras:
Malaios namorados, Jáus valentes,
Todos ao luso vencedor succumbem.

XIX

Medina abominavel, Meca tremem
C'o nome de Soares; as extremas
Praias de Abassia tremem. Cede a nobre
Ilha de Taprobana; hasteado impera
Luso pendão nas torres de Columbo.

XX

Sequeira, os dois Menezes, e tu, forte
Mascarenhas, depois vireis de gloria
Colmar, a mais e mais, o patrio nome.
Pelo famoso Heitor, Sampaio vence
Frotas arabias. Baçaím se entrega
Ao Cunha illustre. Ergue os altos muros
Sousa da insigne Diu; Castro o forte,
O honrado, o vencedor, o triumphante,
Castro os defende. Maior nome em gloria,
Em virtude inteireza e amor de patria
Jámais pronunciarão homens na terra.

XXI

Tágides bellas, que em meu verso humilde
Os eccos reflecti da voz celeste,
Das immortaes canções que lhe inspirastes,
Não mais, não mais, que me falece o alento.
Na extenuada lyra os sons se quebram,
Como suspiros de opprimido peito.
Diga Urania bella aos seus valídos
Que segredos lhe disse das espheras
Da vastidão dos orbes, do mysterio
Da creação inteira: eu vate humilde,
Que só de longe respeitoso sigo
O divino cantor, não ouso a tanto.

XXII

Da ilha namorada o Gama invicto
Singrando vem para o seu patrio Tejo;
E o Tejo recebeu do Indo e Ganges
Preito rendido e tributario feudo.

1 *Lus.*, canto x.

CANTO NONO

Mas quem pode livrar-se porventura
Dos laços, que amor arma brandamente?
LUSIAD.

I

Não sabia em que modo lhe mostrasse
Ao vate sublimado o rei mancebo,
O enthusiasmo, o vivo prazer d'alma
Que lhe inspiravam as canções divinas.
Louva a escolha do assumpto, a arte engenhosa
Que n'um só quadro magestoso e grande
Todos uniu da portugueza historia
Os memorandos feitos, varões dignos
De eternidade e fama: louva o stylo
Nobre e terso, de pompa ou singeleza,
Qual o pede a materia; o sacro fogo
Do patrio amor, de gloria de heroismo
Que, de um por um, nos versos lhe scintilla,
De cortezãos, applaudem c'o monarcha
Alguns; outros sinceros congratulam
O trovador moderno que descanta
Na doce lyra o que perfaz co'a espada.
Transborda em júbilo a alma generosa
Do honrado Menezes. Mas não faltam
Ao pé do solio nunca—inda mal! nunca—
Peitos vis, corações á gloria alheios.
Por esses lavrou logo a inveja, o odio
Ao cantor dos *Lusiadas;* não soffre
Vicio e ignorancia que virtude e merito
Apreciados sejam, conhecidos.
Fingem no emtanto, que fingir é a arte
Maxima de palacios...

II

—«Folguei muito»
Dizia o rei, e o gesto abrazeado
A verdade do dito affiançava:
«Folguei de ouvir-vos; nunca tal virtude
Em versos cri para exaltar o animo
Ao sublime enthusiasmo da virtude,
Aos feitos grandes. Sinto que me bate
Com mais vigor o coração no peito.
Alma terá pequena e bem mesquinha
O portuguez que não mover tal canto.»
Assim dizia o rei: caminho vinham
Dos paços, despediu-se o heroico vate;
E o mancebo real:—«Voltae a vêr-me,
E vos farei mercê, como é devido.»
Entrou a côrte pelos atrios regios.

III

Rapido ia o sol no céu descendo:
O guerreiro cantor volve a embrenhar-se
Pela espessura e bosques. Não esp'ranças
De melhor sorte, não lisonjas doces
De amor proprio, mais doces quando ouvidas
De labios de monarchas: não promessas
De merecido premio,—nada agita
O sangue do esforçado navegante.
Se ideas taes despontam, breve as sorve
Remoinho de encontrados pensamentos
Que do anciado espirito lhe travam.
A mensagem, a carta mysteriosa
Resolve, e as circumstancias; as palavras,
Interpretal-as quer.—Em vão; não podem
As conjecturas mais: força é do dia
Aguardar impaciente o lento occaso.

IV

No mais erguido cume da alta serra
Que disseram da Lua éras antigas,
De fabrica mourisca se alevanta
Castello hoje em ruinas derrocado.
Escassa ameia vês em pé suster-se
No escalavrado muro. Já trabucos,
Dos seculos depois vaevem mais duro
Pelas ingremes rocas dispersaram
As pedras que talhou a mão dos homens
Outr'ora d'essas rocas para alçal-as
Em torreões de morte:—impia fadiga,
Trabalho improbo e duro! A aza do tempo
Voando passa, e varre a obra do homem
De sobre a face da esquecida terra.

V

E disseras que de homens como os de hoje
Não poderam ser obra esses vestigios
Do immenso Babel que vês prostrado.
A braços de gigante sobrepôsto
Monte a monte parece; arrebatada
Por anjos infernaes a roca antiga
Que ao prumo a descahiram—e fixada
No encantado equilibrio, desafia
Forças da natureza e arte dos homens.
Mouro é o mais do que vês, e a doble cêrca
Do castello, e a cisterna que ás devotas
Abluções, alli perto da mesquita,
Suas aguas philtradas ministrava
E essa que, de tam longe a Meca olhando,
Ouviu as derradeiras coxas preces
Que ao surdo Allah mandava afflicto crente
Quando já sobre as azas da victoria
Cruz inimiga remontava á altura,
As humilhadas Luas arrojando
De precipicio em precipicio ao abysmo;
Essa inda em pé no meio das ruinas
Desmantelladas, seu fiel cimento,
Tenaz na antiga fé, guardando ainda,
No azul que em sua glória lhe vestiram,
As estrellas do Yeman e os enlaçados
Caracteres do Hedjaz!...

VI

Arabe é todo
O aspecto que estás vendo. Mas attenta
Ahi n'essas quebradas menos duras

Como a pique se tem negro, inteiriço
Celtico dolmen recordando o culto
Do sanguento Endovelico, o terrivel
Irminsulf dos ferozes Lusitanos.

VII

Talvez permitte AQUELLE que de tudo
É norma eterna e lei, assim durarem
Quaesquer memorias que o respeito, a crença,
Errada embora, dos mortaes levante
Em seu nome... Das fabricas dos homens
Morredouras como elle — estas resistem
Mais que nenhumas ao minar do tempo.

VIII

Alli, no mais solemne das ruinas
E no mais alto, alli n'um canto ainda
Solido da muralha fabricara
Solitario habitante d'esses ermos
Mansão tranquilla e só. Musgosas plantas
Crescem nas fisgas do cimento antigo.
Tapeçaria de heras verdejantes
Fórra a cortina da parede bronca,
E em cahidos festões se balancea
Sobre a entrada do lobrego retiro.

IX

Tradição é que nomeado vate,
De alta beldade mysterioso amante
Entre as fragas erguêra a mansão triste,
Onde cevou de tristes pensamentos
O coração cortado de saudades.
Saudade pelas pedras entalhada
Se lia em caracteres bem distinctos;
E o nome de *Beatriz*, tambem gravado
Na silice do monte, lhe responde,
Como ecco das endeixas namoradas
Do cantor da soidão. Sentado viram
O genio da montanha, alvas trajando
Roupas de nuvem, dar ouvido attento
Ás canções maguadas e suavissimas
De Bernardim saudoso e namorado. [1]
Bernardim, que das musas lusitanas
Primeiro obteve a c'roa d'alvas rosas,
Com que — em seu mal — romantico alaúde
Engrinaldou para cantar amores
Doces d'alta princeza, — inda mais doces
Favores, que indiscretos revelaram
Extasis d'alma em derretidos cantos.
Fragueiros inda [2] vivem que de vêl-o
Se acordam pela noite andar vagando
Por os picos da serra no mais alto,
Ora ternas caricias dando ao vento,
Ora imprecando com furor as rocas,
E a miudo suavissimas cantigas
De apaixonado assumpto modulando.

X

Subito um dia, de bordão na dextra,
Na opa de peregrino disfarçado [3]
Desce os montes da Lua, e mais erguidas
Serras demanda; em romaria aos Alpes
Parte, a levar o coração votado

1 Bernardim Ribeiro. Veja a nota a este verso, no fim.
2 No tempo da visita de Camões á serra
3 Veja nota no fim.

A quem talvez, na purpura, suspira
Pelos andrajos do mendigo amante.
Vêl-o-ha, o objecto de suspiros tantos,
De saudade tam longa, da romage
Devota; mas só vêl-o, — e adeus eterno,
E para sempre adeus!.. Crueis lhe vedam
Mais que esse adeus. Voltou á patria, e morre.

XI

Este foi da poisada solitaria
O fundador, e unico vivente
Que desde então as frias cumiadas
E ruínas habitou da antiga torre.
E este era o sitio que aprazava a carta
De incognita mensagem ao guerreiro.

XII

Alfim no oceano se mergulha a lampada
Do firmamento maxima. Descia,
Como um véo, a nebrina sobre a serra;
Já lhe toucava a frente, e ia ligeira
Pela espalda, insensivel devolvendo,
Té lhe poisar as orlas na planicie
No meditar profundo embevecido,
O guerreiro, que aguarda ha muito a hora
Lenta da noite, não deu fé da névoa
Que humida todo em derredor o fecha.
Despertou-o a frieza inesperada
Que no alto das montanhas vem co'a noite.
Como no seio envolto de uma nuvem
Mysteriosa se cuida—olha d'emtôrno.
Nada vê, tudo encobre a nevoa espessa.
Nada vê, mas distincta uma voz ouve:
—Cumprido é o sonho, mas quebrado o encanto:
Ainda a viste,—unica vez na terra!
Nunca mais a verás O véo, que é d'elle?
E a trança que, ao sepulchro sonegada,
Prenda foi de ternura?
«Eil-a commigo,
Sempre commigo. Restituil-a á campa,
Quando á campa descer, a mim só cabe.
Mas quem de meus segredos sabe tanto?
Quem de amor os mysterios e os da morte
Penetra assim? Do número dos vivos
És tu, ou do moimento ha suscitado
Podêr fatal as cinzas dos finados
Para me interrogar?
—Vivo eu, sou vivo:
Conhece-me, sou eu, teu inimigo.
Teu inimigo hei sido; e eterna a vida,
Se cruz, para tormento, os céus m'a dessem,
Toda a odiar-te, inteira a aborrecer-te
Pouca seria Tu só me roubaste
Aquelle coração: tu sim, tu foste.
Tu m'o roubaste, que, sem ti, meu fôra.
Em vida te adorou; na morte.. A morte.
Quem, se não tu, á ingrata lh'a ha causado?
Saudades a privaram da existencia.
Consola-me que ao menos não gosaste
Tanto amor, tanta fé, tanta belleza,
Que não mer'cias, não. Se digno d'ella
Houve mortal, a mim, que não a um .
«Conde?»
Bradou convulso, e a mão ao ferro leva
O insoffrido guerreiro. Mas tranquillo
O rival lhe tornou: — Sois offendido?
Desaffrontae-vos: ferro e braço tendes.
Nem vos fujo eu: porém a minha espada
Jámais demandará um peito que ella ..
Sim, que ella amou. Transviou-me a paixão d'alma;
Bebera o sangue que essas veias gira,
Que n'esse coração bate c'o a vida:

Mas veda-o juramento sacrosancto;
Guardal o-hei.—Maior é o sacrificio
Que prometti, maior.

XIII

Tira um retrato
Do seio: olhos sanguineos, arrasados
De despeitosas lagrimas, cravava
Na pintura;—com impeto os affasta
Logo, e diz: — Cumprirei o que hei jurado.
Houve-o de suas mãos este depósito
Nas derradeiras horas: confiada
A um rival generoso foi a extrema
Vontade sua; força é dar-lhe inteira
Execução, qual á minha honra cumpre.
Eil-o aqui, o legado precioso;
Pela mão do inimigo amor t'o entrega.

XIV

Commovido do intimo do peito,
Magoada vista punha no retrato
O guerreiro, em cuja alma combatiam
Paixões tam desvairadas, tam confusos
Sentimentos e affectos, que expressal-os
Não saberia o coração que os sente
«Prenda cruel d'amor, dadiva infausta...
Antes querida . Aqui parou cortado,
Co'as ideas, o fio das palavras
Mas continuou depois:
«Forçaes-me, conde,
Mais que admirar-vos: o odio que me tendes,
Generoso rival, não me é possivel
Abrir-lhe o peito, não. Odiae me embora,
Que vos amarei eu, maogrado vosso.
O retrato .. Oh! jámais não será dito,
Que em pontos de honra e generoso brio
Fique Luiz de Camões de outrem vencido.
Guardae-o vós, senhor, guardae-o; é vosso:
A um inimigo tal amor o cede.»

XV

Suspensos, mudos ambos se entr'olhavam
Os dois rivaes briosos, que alta próva
Assim do nobre peito heroica davam
Em magnanimo duello de virtude.
No rosto ao conde as rugas se alisavam
Que ciosos rancores lhe frangêram;
E bem se via que os jurados odios
Ao generoso feito se rendiam.
Luctaram todavia; mas victoria
Em peito bem nascido ha sempre o brio.
— Venceste, cavalleiro; as armas ponho.
Façanha heis feito de homem, que imitada
De muitos não será. Meu repto é nullo,
Por vencido me dou em leal batalha;
De mim disponde.
Avaliar o preço
De taes momentos, corações só podem
Grandes como esses dois tinham no seio.
O guerreiro estendeu os braços.—Cáe-lhe
Nos braços o brioso antagonista.
Palavras não disseram; onde ha lingua
Com proprios termos para instantes d'esses?

XVI

Como inimigos foram, são amigos.
Juntos choraram; juntos, esse objecto
Que em vida os desuniu, na morte carpem.
Separam-se alfim — Não deis ouvidos,
Disse o conde ao guerreiro, á despedida:
A louvaínhas tredas de palacios,
E a promessas de côrte. Hoje estivestes
Com el-rei; grande fama heis alcançado
E favor do monarcha: mas dobradas
Serão as malquerenças de inimigos,
Os odios da ignorancia, e vis colluios
Da inveja negra e má. Por dom Aleixo
Entraste a el-rei; mal acertada porta.
Contae c'o desfavor dos precatados
Validos que governam. Por honrado
Vos terão e virtuoso: abonos tendes
Em qualidades taes para seu odio.

XVII

Proximo o dia não tardou no oriente;
Volve ao paço o guerreiro. Era partida
Para Lisboa a côrte. Na poisada,
Cuidoso da delonga, o missionario
Com ancia o aguardava: ambos caminho
Da lusitana capital se foram.

XVIII

Corrêra a fama do louvor, do preço
Que dera o rei ao sublimado Canto.
Prompto se offerece quem germanas artes [1]
Em dar-lhe vida e propagal-o empregue.
Doutos e indoutos com geral applauso
Viram do novo Homero o Canto insigne
Que á patria gloria monumento augusto
Sublime erguia. Sôa o brado ingente
Já pela Europa; e o nome lusitano
Ao nome de Camões eterno se une.

1 Imprensa.

CANTO DECIMO

Que exemplos a futuros escriptores!
LUSIAD.

I

O Tejo ouviu no algoso de suas grutas,
E em despeitoso brado lhe responde.
Gemem as nymphas que o lidado Canto
Inspirado lhe haviam, e em suas telas
Com tristes, negras côres debuxaram
A injuria, o crime, a ingratidão tam feia
Que indelevel nos fastos portuguezes
É mancha horrenda e vil...

II

Arqueja exangue,
Definha á mingua, só, desamparado
Dos amigos, do rei, da patria indigna,
O cantor dos *Lusiadas* — Ah! como!
Que é das gratas promessas do monarcha?
Que é de tanta esperança lisongeira?
Perfidia baixa e crua, onde has pousado?
No coração da inveja e da ignorancia,
Do fanatismo barbaro. Soaram
Tremendos, nos ouvidos criminosos
Dos cortezãos hypocritas e astutos
Os livres sons do nobre patriotismo
Com que a treda impostura de impios bonzos, [1]
E a tyrannia infame de valídos
O guerreiro cantor asseteára
Nas cavernas do peito refalsado
Odio cego lh'entrou; os beiços roxos,
Aridos com a sêde da vingança,
Mordem convulsos. Nunca tam terrivel,
Nua a verdade lhes mostrou seus crimes,
Como na bôcca d'esse vate ousado.

III

Vingar-se é fôrça; mas vingança negra,
Feia e covarde a querem. — Sem amigos,
Sem protectores, pobre, sem arrimo,
A' indigencia, á miseria ahi succumba,
E de sua ousadia o crime expie. —
Assim no coração lhes fala o odio;
E o cumpriram assim. Todo no appreste
Da jornada fatal andava o ânimo
Do malfadado moço que em sua colera
Rei dera o céu ao povo lusitano.
Só armas cura, só victorias sonha:
Geme emtanto a nação, quasi presaga
Do desastre que a aguarda Em Cintra fôra
Resolvida afinal prompta partida,
Que o monarcha impaciente appressurava.

IV

De tal resolução ignaro o vate
A Lisboa chegára; o paço busca,
Ninguem o attende; o virtuoso Aleixo
Procura... No palacio já não vive:
Tam livre sustentou, tam nobre e firme
Seu parecer contra a jornada infausta,
Que irado Sebastião de si o aparta;
E triumphando da virtude a intriga,
Por traidor e revel, ao cego joven
Seus imigos infames o affiguram.

Triste deixou as casas venerandas
De seus reis, onde quasi um sec'lo o viram,
Não coitar-se na purpura, mas dar-lhe
Mais brilho e honra com leaes virtudes.

V

Ao guerreiro cantor foi esta nova
Triste preságio, córte de esperanças.
Corre audiencias em vão; — vasio é o throno.
Frio ministro em nome do monarcha
Ouve indifferente as súpplicas do povo.
Entre a ignorada turba é confundido
De tristes, desprezados pretendentes
O divino Camões...

VI

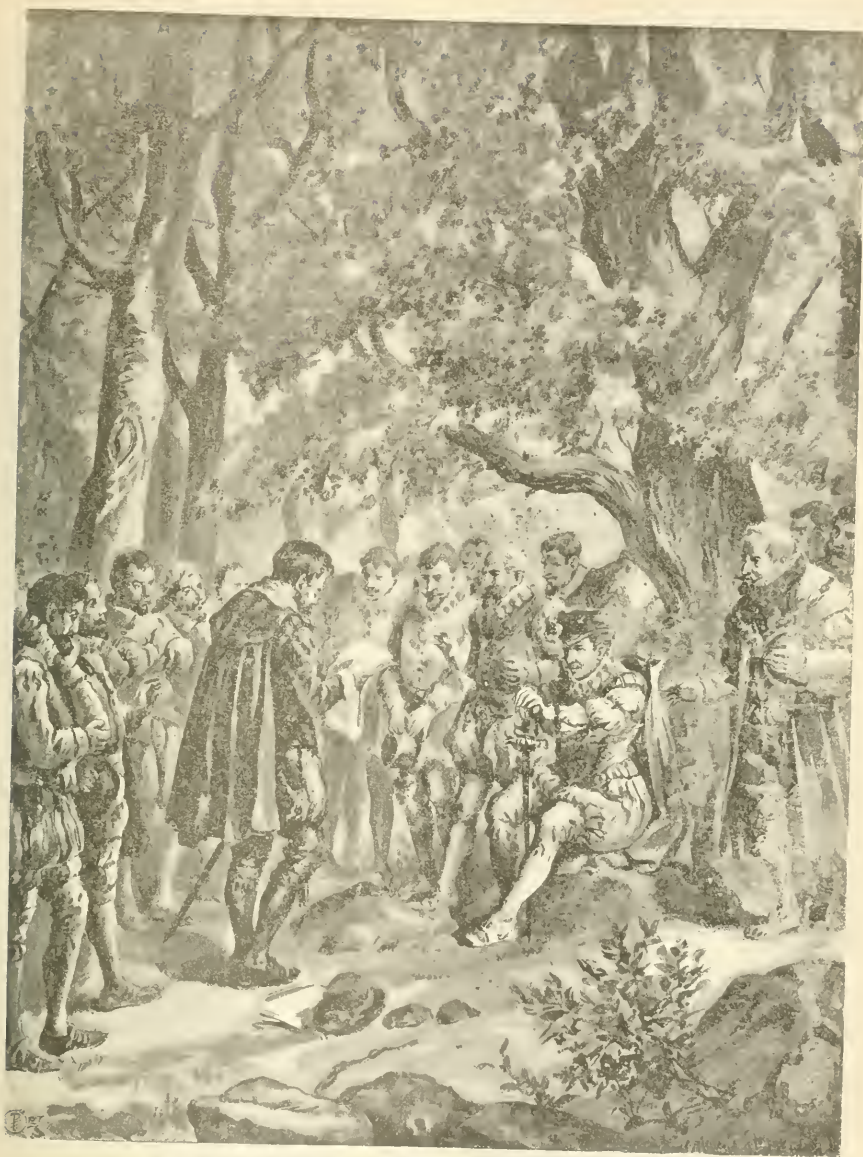
Emtanto as velas
Já pelo Tejo undivago branqueiam;
As phalanges de intrepidos guerreiros
Cobrem suas longas praias. Lamentando.
Estão de emtôrno as mães, estão espôsas
Os filhinhos nos braços amostrando
Aos paes, que o gesto angustiado voltam
Para os não vêr, que se lhes parte alma.

VII

Mas quem são esses dous, que ahi na praia
Tam estreitos se abraçam? Correm lagrimas
Por olhos que a vertêl-as não costumam;
Em peitos se reprime o adeus sentido,
Peitos que o não contêm.
— Adeus!.. A vida
É mais difficil, filho, do que a morte:
Supportae-a; mostrae-lhes que sois homem,
Que sois christão; perdoae..
«Perdoar eu!.. nunca.
Malvados que me roubam tal amigo!
Unico amparo só que me restava;
Que d'envolta co'a patria, co'as esp'ranças
De um povo inteiro, a vil sepulchro o levam!
Oh! perdoar-lhes, nunca: o derradeiro
Accento de meus labios moribundos
Será de maldição sobre essas frentes
Carregadas de crimes.
— Perdoae-lhes,
Perdoae: a affronta propria é juiz suspeito.
«A minha affronta, oh! essa, eu lh'a perdoo.
Mas a da patria...
— Adeus, adeus!
Chegava
El-rei então; signal de partir sôa:
E o vate e o missionario assim findaram
Sua triste despedida; — que mandado
Acompanhar a armada o monge fôra
Repentino, essa noute. O tredo fio
Descubrira o cantor da vil intriga;
Mas o paciente filho do Evangelho
Resignado se inclina á Providencia,
E seus decretos humilhado adora.

VIII

Fôra em effeito o ódio dos validos
Que ao infeliz Camões arrebatára

1 Veja *Lusiad.*, canto IX, est. 27 a 29, e canto X, est. 150.

CAMÕES — CANTO VII Estavam d'altas arvores á sombra PAG. 227

Protectores e amigos. Desterrado
Por elles o virtuoso e nobre Aleixo;
Por elles enviado á certa ruina
Que ao malfadado rei, á flor do exercito,
A' patria, nas areias escavaram
De Africa adusta, o missionario fôra.

IX

Já se movem as náos; e as altas pontes
Se ouriçam de belligeras phalanges,
Redobra o pranto:—âncora sobe, antenas
Se espandem... Lá te vás e para sempre!
Nas pandas azas dos traidores ventos,
Independencia, liberdade e glória.

X

«Que me resta j'agora?» os olhos longos
Para a frota que se perde no horisonte.
Comsigo o vate diz: «O que me resta
Sôbre a terra dos vivos? Um amigo,
Um amigo, n'este arido deserto
Da vida, me falece. Um bordão unico
A que me arrime na escabrosa senda,
Me não ficou. O número está cheio
De meus dias, contados por desgraças,
Marcados. um por um, na pedra negra
De fado negro e mau. Posso eu acaso
Nos corações contar dos homens todos
Uma só pulsação que por mim seja?
Posso dizer...» Gemido que houve perto,
O interrompeu: era o seu Jáo, que afflicto
O escutava: do humilde e pobre escravo
O coração fiel se retalhava
De ouvil-o assim queixar:—Ah! se eu não fôra
— Com os olhos e as lagrimas dizia;
Com os olhos, que os labios não ousavam:
—Ah! se eu não fôra um desgraçado escravo,
Que coração que eu tinha para dar-lhe!

XI

Tu, generoso amo, lhe entendeste
Seu fallar mudo, seu dizer de lagrimas.
«Tens razão; injustiça é grande a minha:
Inda tenho um amigo.»
Pausa longa
Seguiu éstas palavras; e no peito
Ao generoso Antonio desaffoga
O coração que lhe apertava a mágoa;
Nos olhos, rasos do chorar ainda,
A alegria lhe ri por entre o pranto
E o amo, a quem signaes de tanto affecto
Movem do intimo d'alma, sente um golpe
De balsamo cahir-lhe sôbre as chagas
Do coração lanhado: a dextra languida
Poisa no hombro fiel, o peito encosta
Sôbre o peito leal do amigo .. «Amigo
Direi, amigo sim: peja-te o nome,
Orgulho do homem vão, por dado ao escravo
E que és tu mais?» Era de vêr, e digno
Espectaculo adonde se cravassem
Os olhos todos d'essa raça abjecta
Que se diz de homens, a figura nobre
Do guerreiro, em que toda se debuxa
A altivez, a grandeza, a fôrça de ânimo,
Com o andrajoso, humilde e pobre escravo
Em attitude tal Rira-se o mundo:
O homem de bem, de coração, chorára.

XII

«Oh meu amigo, oh meu Antonio! disse,
No remendado sei o a face altiva
Escondendo, o guerreiro: Oh! esta noite
Aonde, em que poisada a passaremos?
«Meu bom senhor, um gasalhado tenho [1]
Achado já: que bem vi eu não ieis
Nunca mais ao mosteiro Digno, certo,
De vos não é; mas sabeis .
«Sei, amigo,
Que só tu, n'este misero universo,
E o sepulchro tambem, alfim me restam.

XIII

Juntos á margem vão do Tejo andando
A lento passo. A noite era formosa,
Clara e brilhante a lua. Oh! que memorias
N'alma do vate, esse astro, a hora, o sitio
Não suscitam amargas? Perto passa
D'aquella gelosia, aquella mesma [2]
D'onde os doces penhores, d'onde a carta
Recebêra fatal Quam demudada,
Quam differente está do que a já vira,
Essa praia tam placida e saudosa!
Um platano frondoso que ahi crescia,
Em cujo liso tronco tantas vezes
Se encostou, aguardando a hora tardia,
— Prazo dado d'amor, que é tardo sempre!
Cuja sombra, em luar pouco propício
A amantes, o occultou de agudas vistas
De curiosos profanos e inimigos. .
Ai! sêcca jaz em terra, e despojada
De viço e folhas a árvore querida.
Tudo, tudo acabou, menos a mágoa,
Menos a saudade que o consumme.

XIV

Sua pobre habitação os dous entraram;
E tristes horas, dias, mezes passam
Arrastados e longos,—qual o tempo
Para infelizes anda—sem que a sorte
Mais ditosos os visse, ou a amizade
Menos unidos. Mas a mão tremente,
Encarquilhada e sêcca já sôbre elles
Ia estendendo a pallida indigencia;
E a fome .. a fome alfim Clamor pequeno
Que de minhas endeixas tenue soa,
Se junte aos brados das canções eternas.
Com que o teu nome, generoso Antonio,
Já pelo mundo engrandecido eccôa.
Vêde-o, vae pelas sombras caridosas
Da noite, de vergonhas coitadora,
De porta em porta timido esmolando
Os chorados ceitís com que o mesquinho,
Escasso pão comprar. *Dae, Portuguezes,*
Dae esmola a Camões. Eternas fiquem
Estas do extranho [3] bardo memorandas,
Injuriosas palavras, para sempre
Em castigo e escarmento conservadas
Nos fastos das vergonhas portuguezas.

XV

Não póde mais o coração co'a vida;
E lenta a morte c'o enfezado sangue
Caminho vem do peito. O espaço mede
Que lhe resta na arena da existencia;
Perto a barreira viu.. Ahi jaz o tumulo
Chegado é pois o dia do descanso ..
Bem vinda sejas, hora do repoiso!
Com a trémula mão tenteia as cordas
D'aquella lyra onde trôou a glória,
Onde gemeu amor, carpiu saudade,
E a patria. . oh! e que patria os céus lhe deram!
Off'rendas recebeu de hymnos celestes:

1 Veja nota no fim.
2 Veja canto IV, no principio.
3 M. Raynouard, na sua Ode a Camões.

Pela ultima vez as cordas fere,
E este adeus derradeiro á patria disse,
Cortando-lhe o alento enfraquecido
Agora os sons, agora a voz quebrada:

XVI

«Terra da minha patria! abre-me o seio
Na morte ao menos. Breve espaço occupa
O cadaver de um filho. E eu fui teu filho...
Em que te hei desmer'cido, ó patria minha?
Não foi meu braço ao campo das batalhas
Segar-te louros? Meus sonoros hymnos
Não voaram por ti á eternidade?
E tu, mãe descaroavel, me engeitaste!
Ingrata... Oh! não te chamarei ingrata;
Sou filho teu: meus ossos cobre ao menos,
Terra da minha patria, abre me o seio.

XVII

«Vivi: que me ficou da vida, agora
Que baixo á sepultura? Não remorsos,
Vergonhas não. Para a corrida senda
Sem pejo os olhos de volver me é dado,
E tranquillo direi: *Vivi;* — tranquillo
Direi: *morro.* Não dormem no jazigo
Os ossos do malvado? Não: continuo,
Na inquieta campa estão rangendo.
Ao som das maldições, deixa de crimes,
Legado impio dos maus Eu socegado
Na terra de meus paes heide encostar-me

XVIII

«Já me sinto ao limiar da eternidade:
Véo que ennubla, na vida, os olhos do homem,
Se adelgaça; rasgado, os seios me abre
Do escondido porvir .. Oh! qual te has feito,
Misero Portugal! oh! qual te vejo,
Infeliz patria! Serva, tu, princeza,
Tu, senhora dos mares!... Que tyrannos
As aguas passam do Guadiana? [1] A morte,
A escravidão lhes traz ferros e sangue...
Para quem? Para ti, mesquinha Lysia.

XIX

«Que náos são essas que ufanosas surcam
Pelo esteiro do Gama? Pendões barbaros [2]
Varrem o Oceano, que pasmado busca,
Em vão! as pôpas descobrir as Quinas.
Em vão; da haste da lança escalavrada
Roto o estandarte cáe dos portuguezes.

XX

«Cinza, esfriada cinza é todo o alcáçar
Da gloria lusitana... uma faísca,
Esquecida a tyrannos, lá scintila: [3]
Mas quam debil que vens, sôpro de vida!
Um só momento com vigor no peito
O coração te pulsa. Exangue, enfêrma
Só te ergues d'esse leito de miseria
Para cahir, desfallecer de novo.

XXI

«Onde levas tuas aguas, Tejo aurifero?
Onde, a que mares, já teu nome ignora
Neptuno, que de ouvil-o estremecia.
Soberbo Tejo, nem padrão ao menos
Ficará de tua gloria? Nem herdeiro

1 O captiveiro castelhano dos 60 annos
2 Hollandezes, etc.
3 Veja nota no fim.

De teu renome? .. Sim: recebe-o, guarda-o,
Generoso Amazonas, o legado
De honra, de fama e brio: não se acabe
A lingua, o nome portuguez na terra.
Prole de Lusos, peja-vos o nome
De Lusitanos? Que fazeis? Se extincto
O paterno casal cahir de todo,
Ingratos filhos, a memoria antiga
Não guardareis do patrio, honrado nome?
Oh patria! oh minha patria!...»

XXII

A voz, que affroixa,
Interromperam sons desconhecidos
De voz de extranho que na estancia humilde
Entra do vate: —«Perdoae se ousado
Entrei, senhor, mas ..»
«Quem sois vós? Ha inda
Homem no mundo que a poisada obscura
De um moribundo saiba?
—«Cavalleiro,
Desde o alvor da manhã que vos procuro:
De Africa hoje cheguei
«Ah! perdoae-me.
Sois vós, conde? Voltastes? E que novas
Me trazeis?
—«Tristes novas, cavalleiro.
Ai! tristes. D'esta carta, que vos trago,
Sabereis tudo.»—Ao vate a carta entrega:
Do missionario era, que dos carceres
De Fez a escreve. Saudoso e triste,
Mas resignado e placido, lhe manda
Consolações, palavras de brandura,
De allivio e de esperança. — Extincto é tudo
N'esta mansão de lagrimas e dores»
—As lettras dizem,— tudo; mas a patria
Da eternidade, só a perde o impio.
Deus e a virtude restam: consolae-vos ..—

XXIII

«Oh! consolar-me» exclama, e das mãos trémulas
A pistola fatal lhe cae: Perdido
É tudo pois! . » No peito a voz lhe fica;
E de tamanho golpe amortecido
Inclina a frente... como se passára,
Fecha languidamente os olhos tristes.
Anciado o nobre conde se approxima
Do leito .. Ai! tarde vens, auxilio do homem.
Os olhos turvos para o céu levanta;
E já no arranco extremo: «*Patria, ao menos*
Juntos morremos...» — E expirou co'a patria.

Onde jaz, Portuguezes, o moimento
Que do immortal cantor as cinzas guarda?
Homenagem tardia lhe pagaste
No sepulchro sequer. . Raça de ingratos!
Nem isso! nem um tumulo, uma pedra,
Uma lettra singela!—A vós meu canto,
Canto de indignação, último accento [1]
Que jámais sahirá da minha lyra,
A vós, ó povos do universo, o envio.
Ergo-me a delatar tamanho crime,
E eterna a voz me gelará nos labios.
Lyra da minha patria, onde hei cantado
O lusitano—envilecido! nome,
Antes que n'esse escôlho, em praia extranha,
Quebrada te abandone, este só brado
Alevanta final e derradeiro:
Nem o humilde logar onde repoisam
As cinzas de Camões conhece o Luso.

1 Veja nota no fim.

NOTAS AO CANTO PRIMEIRO

Nota A

Saudade:

Mavioso nome que tam meigo sôas
Nos lusitanos labios.......................... pag. 197

A palavra *saudade* é porventura o mais doce, expressivo e delicado termo da nossa lingua. A idéa, o sentimento por elle representado, certo que em todos os paizes o sentem; mas que haja vocabulo especial para o designar, não o sei de outra nenhuma linguagem senão da portugueza. A isto allude o verso mais abaixo, quando lhe chama ignorado

Das orgulhosas boccas dos Sycambros:

o que particularmente se deve entender dos francezes tam presumidos de sua lingua tam apoucada. De que a denominação de Sycambros cabe justa a estes povos, bom testimunho é Boileau que, em um de seus opusculos latinos, de si proprio disse:

Me natum de patre sycambro.

A causa natural da falsa idéa que têem os francezes do seu idioma, é a universalidade que elle por toda a Europa obteve: por aqui tambem se explica o mui pouco ou quasi nenhum estudo que fazem dos alheios. Mais inexplicavel é, em verdade, o tom magistral e *tranchant* com que dos auctores e litteraturas estrangeiras ajuizam e decidem, ignorando, as mais das vezes, a menor syllaba dos originaes

Deixando outros de menor monta e nota, Voltaire, que todavia sabia o seu pouco de inglez e em Inglaterra havia demorado, diz blasphemias quasi incriveis quando se mette a traduzir as sublimidades de Milton ou as originaes e energicas altivezas de Shakspeare. Eguaes barbaridades commetteu pretendendo revelar os mysterios de Dante. E que injustiças não fez elle ao nosso Camões, de cujo poema tanto disse, sem de portuguez saber nem uma lettra! Conhecia sómente dos *Lusiadas* o poucachinho que era possivel vêr pelo infiel e baço reflexo da pessima traducção de Fanshaw em inglez, lingua que elle Voltaire pouco mais sabia.

Levou-me a penna mais longe do que eu queria a falar da vaidosa injustiça de M. de Voltaire De *saudæde* quizera eu dizer ainda alguma coisa. — Saudade, palavra, cuido que vem, por derivação obliqua, do latino *solitudo*. Obliqua digo, porque *direitamente* derivaram os nossos de *solitudo*, solidão, soidão, e depois soledade, soidade, finalmente saudade. De modo que, por esta synthese (ou pela analyse que é obvia) se vem a entender claramente que o verdadeiro sentido de saudade é—os sentimentos ou pensamentos da soledade ou solidão ou soidão; o desejo melancholico do que se acha na solidão, ausente, isolado de objectos porque suspira, amigos, amante, paes, filhos, etc. — E tanto por saudade se deve entender este *desejo de ausente e solitario*, que os latinos, á mingua de mais proprio termo, o expressavam pelo seu *desiderium*:

Quis desiderio sit pudor aut modus
Tam chari capitis?—

Já d'aqui mesmo se vê a insufficiencia do termo *desiderium* para vivamente pintar a idéa do poeta; mas para melhor se vêr a falta absoluta que de tal vocabulo padecem as outras linguas, basta comparar as versões que d'esta sublime ode de Horacio fizeram os diversos traductores.

Nenhum livro aqui [1] tenho de meu, nem onde refrescar memorias do que li, nem para adquirir o que não sei: por isso, e porque não tenho a feliz reminiscencia de Bocage nem o memorião do Padre Macedo, não posso citar o que n'outro tempo observei nos logares parallelos de Francis e Daru, os dois mais nomeados traductores do lyrico romano. Tambem me não lembra se o nosso Filinto—que porventura entre todos os poetas conhecidos melhor entendeu e profundou Horacio, como aquelle que melhor o imitou — verteu esta ode, e como a verteu. Parece-me que A R. dos Santos usou do termo saudade na sua — força é dizel-o — insipida versão. Mas o certo é que das linguas que sei, em nenhuma conheço palavra com que a idéa e a expressão (embora insufficiente á idéa) de Horacio se possa trasladar, se não fôr a saudade portugueza que lhe é superior. O *regret* dos francezes, além de differente coisa, mais para a angustia do remorso ou para o pesadume da amargura, que para a suavissima pena, termo e mavioso sentimento da saudade, se inclina. E ainda quê, segundo a observação de Girard, *regretter*, para a distincção de *plaindre*, se diga das coisas ausentes; todavia nos mesmos Synonimos de Girard se verá quanto acérto em arredar-lhe a significação para longe da nossa saudade.

Quizera eu tambem vêr como se traduzirá, a não ser em portuguez, aquelle tam bello e delicadamente voluptuoso pensamento de Catullo, ao pardalzinho da sua Lesbia:

Quum desiderio meo nitenti
Carum nescio quid lubet jocari,
Et solatiolum sui doloris
. . . .
Quando saudades minhas a angustiam
E acha não sei que gôso no folguedo,
Pequeno allivio para a dor que a punge.
(Nota da primeira edição.)

Amador Arraes traduzindo a bella e melancholica poesia do Psalmo 54:

Elongavi fugiens et mansi in solitudine,

verteu assim:

Alonguei-me fugindo e morei na soedade.

No que fez ainda outra variante de orthographia e pronuncia; mas descobre bem clara e positiva a origem da palavra, e não só n'esta tradução, mas no uso amiudado que da palavra faz em outros muitos logares; como: — «Seguro forte é a *soedade* para almas dedicadas a Deus;» — e n'outra parte: — «Bom foi a Lot fugir para a *soedade*.»

É fôro da lingua portugueza cosnervar todas estas variedades de escriptura e de sentido. Em prosa po-

[1] No cabo de Normandia, em França, onde se escrevia esta nota.

rém, eu diria sempre, n'estes casos *soledade*, e não *saudade*. *soidade* ou *soedade*, para designar a *situação do que está só*, assim como direi *solidão* em prosa, e *solidão* ou *soidão* em verso, para designar o *sitio solitario em que esse está*. Salvas todavia as liberdades poeticas: as quaes liberdades não são, inda assim, a anarchia das doudices romanticas exageradas. *(Nota da segunda edição)*

Nota B

Entre os olmedos
Que as pobres aguas d'este Sena regam........ pag. 197

Quasi todo este poema foi escripto no verão de 1824 em Ingouville aopé do Havre-de-Grace, na margem direita do Sena. Passei alli cerca de dois annos da minha primeira emigração, tam só e tam consumido, que a mesma distração de escrever, o mesmo triste gosto que achava em recordar as desgraças do nosso grande enio, me quebrava a saude e destemperava mais os nervos. Fui obrigado a interromper o trabalho: e dei-me, como indicação hygienica, a composição menos grave. Essa foi a origem de D. Branca, que fiz, seguidamente e sem interrupção, desde Julho até Outubro d'esse anno de 24, completando-a antes do Camões que primeiro começára, e que só fui acabar a Paris no inverno de 2, a 25. E quasi que tenho hoje saudades — tal nos tem andado a sorte! — das engelhadas noites de Janeiro e Fevereiro que n'uma agua furtada da rua do *Coq-St.-Honoré* passavamos com os pés cozidos no fogo, eu e o meu amigo velho o Sr J. V. Barreto-Feio, elle trabalhando no seu *Sallustio*, eu lidando no meu *Camões*, ambos proscriptos, ambos pobres, mas ambos resignados ao presente, sem remorso do passado — e com esperanças largas no futuro — Graças a Deus, de mim sei e d'elle creio, que estamos na mesma quanto ao passado e presente: mas o futuro!... — *(Nota da segunda edição)*

Nota C

Vem, no carro
Que pardas rollas gemedoras tiram............ pag. 197

Vali-me do exemplo de muito boa gente para personalizar e deificar assim affectos d'alma. Antiquissimo deus é o amor, a amizade. ainda a ira, a tristeza, a alegria: porque o não será tambem a Saudade? Beatifico-a eu, que n'este caso me tenho por tam bom como os meus predecessores, e principalmente gregos,

Que aviavam divindades
Qual nós paternidades.

Montaram de pavões o carro da soberba Juno, de borboletas o do inconstante Cupido, de pombas o da amorosa Venus: quem puxará o da terna Saudade se não forem as meigas, constantes e gemedoras rôllas? *(Nota da primeira edição.)*

Nota D

Deixa o caminho da infeliz Pyrene............... pag. 197

Quando se escreviam estes versos, todos os horrores da reacção absolutista de 1821 assolavam Hespanha: e em França era thema de todas as vaidades da Restauração o imbelle triumpho do Trocadero. D'ahi a seis annos estava vingada a injuria da liberdade peninsular, vingada, não, castigada: que ha um Deus e uma Providencia para os povos tambem. *(Nota da segunda edição)*

Nota E

Minha terra hospedeira, eu te saudo! ...... pag. 197

Na primeira edição le-se:

Eu te saudo, o terra hospitaleira.

E foi-me notado por pessoa em quem muito creio, que *hospitaleiro* n'este sentido podia ser taxado de gallicismo. Aconselharam me *gasalhoso*, por superiores abonos classicos. Mas gasalho, e seus derivados, parece-me significar um amparo amigo, íntimo, como de quem anima e conforta; é mais que *hospedar*, é o latino *fovere*. — A quem só é *hospedado*, dá-se-lhe um quarto, uma cama em qualquer parte de casa: o hospede *agasalhado* levam-n'o para o melhor e mais interior d'ella, como a filho querido e bem vindo.
Eu quiz designar aqui o couto e guarida que os perseguidos achámos sempre n'aquella ilha feliz: por mim pessoalmente não encontrei só isso, mas casas e corações abertos que me *agasalharam*, e em que me esqueci muita vez de que era estrangeiro e proscripto. *(Nota da segunda edição)*

Nota F

Certo amigo na angustia........................ pag. 197

O Sr. Antonio Joaquim Freire Marreco, a quem eu e tantos emigrados portuguezes somos deve ores de impagaveis obrigações, não só pelos muitos soccorros com que generosamente acudia até a desconhecidos, mas sobretudo pelo modo cavalheiro e nobre com que o fazia. Devi-lhe os meios de publicar a primeira edição d'este opusculo, e n'esta segunda folgo de ter occasião de estampar por inteiro o seu nome que, receioso de o comprometter alli encolhêra na só inicial de seu último appellido. *(Nota da segunda edição)*

Nota G

O extremo promontorio
Que dos montes de Cynthia se projecta......... pag. 198

A Roca ou Cabo-da-Roca, ponta extrema da serra de Cintra a que os antigos chamaram serra da Lua. *(Nota da primeira edição.)*

Nota H

Gesto onde o som da belliciosa tuba
Jamais a côr mudou........................... pag. 198

Inverti n'aquelles versos a ideia de Camões:

Mas a tuba sonora e bellicosa.
Que o peito accende, e a côr ao gesto muda:

não no contrario sentido, mas em outro differente. Camões fala do tremendo som do clarim, no principio da batalha, que muda a côr do rosto aos combatentes; eu quiz expressar a serenidade do gesto de um guerreiro veterano a quem já nem esse tremendo som póde fazer enfiar. *(Nota da primeira edição.)*

Nota I

A's feições nobres do gentil guerreiro.......... pag. 198

Não era Camões um homem formoso, mas gentil e nobre de feições, a não mentirem as descripções dos biographos e o retrato de Severim de Faria Além d isso, a palavra gentil nem sempre se refere ás qualidades do corpo e semblante. Os inglezes ainda hoje a usam para expressar attributos moraes; e entre nós, só de modernos tempos tem ella outra significação. Gentil homem não quer dizer homem bello; *gentileza de uma acção*, *gentileza de proceder*, claro não são phrases que tenham nada com o corpo ou suas perfeições. *(Nota da primeira edição.)*

Nota J

Já na terra,
Que a ôlho se avisinha, as mal distinctas
Diversas côres, etc.......................... pag. 198

Estes versos não podem ser intelligiveis para quem nunca embarcasse; nem, se n'elles ha alguma verda-

de de pintura, lh'a poderá achar quem ignore o prazer inexplicavel que sentem olhos cansados da monotonia dos céus e das aguas quando, ao cabo de longa viagem, se repoisam pela primeira vez no delicioso espectaculo da terra que pouco a pouco se avisinha. (*Nota da primeira edição.*)

Nota K

'Piloto!' gritam; e a um signal de bordo....... pag. 198

E' de vêr no riquissimo poema de Byron, o *Child-Harold*, a descripção da entrada de Lisboa, etc. O leitor portuguez encontrará ahi cousa que não é muito para lisongear o amor proprio nacional; mas tenha paciencia, que assim não é muito grande a injustiça do nobre lord. (*Nota da primeira edição.*)

Nota L

Torre antiga e veneranda,
Hoje tam profanado monumento
Das glorias de Manuel.................. pag. 198.

É o primeiro edital que está logo á entrada de Lisboa para dizer ao estrangeiro que chega — «Aqui moram barbaros!»

O bello monumento da Torre de Belem está com effeito litteralmente *desfigurado* pelas *superfetações* de moderna e vulgar architectura, do mesmo modo que estão viciadas e inintelligiveis todas ou quasi todas as antigas e venerandas reliquias da antiguidade em Portugal.

Da pequena peninsula em que hoje se acha a torre, lavrou o mal para o continente. a egreja e convento de Belem foram invadidos por estes iconoclastas de nova especie, barbaros estupidos e destruidores como aquelles monges da Meia Edade que raspavam dos pergaminhos romanos os textos de Cicero e Tito-Livio para escrever por cima as inuteis cenreiras de seus commentarios e summulas.

No templo magnifico de Belem, n'aquelle precioso exemplar de *gothico florido*, ou antes de um genero tam unico e especial que se deveria designar talvez *manuelino*,[1] as duas principaes capellas do cruzeiro estão cobertas, uma por um *presepe com bonecos de barro!* outra com cortinas de damasco e paineis d'estes de se dizer ao auctor: — *Põe por baixo o teu nome e estou vingado!* A frontaria da parte do convento que deita sobre a praia é toda tam recosida de remendos caiados no meio d'aquella pedra pulida e amarellada dos seculos, com tanta janellinha de agua furtada por entre aquelles veneraveis arcos da sua primitiva structura que alli só, está o verdadeiro emblema do triste Portugal de hoje: ruinas da grandeza antiga emplastadas da mesquinhez moderna, o triumpho do mau gosto e da ignorancia sobre a sciencia desprezada e proscripta. (*Nota da segunda edição.*)

A Torre de Belem foi desemplastada e restaurada em 1843 pelo bom gosto do meu nobre amigo o Sr. Duque da Terceira, seu illustre governador. A egreja de Belem limpou-se emtanto, e se pozeram vidros de côr em duas janellas, graças ao amoravel e illustrado zêlo de S. M. Elrei D. Fernando, a quem já tanto devem as artes e os monumentos de Portugal. Só ao convento é que não chegou limpeza nem restauração, e cadavez estão mais absurdos e mais clamam barbaridade os seus vergonhosos remendos.

Continuemos a bradar contra estes vandalos remendões. Os brados dos poetas não são como os do animal orelhudo, que não chegam ao céu. É certo que não atrôam, como este, os ouvidos dos nescios que nos governam e que só a zurros attendem; mas chegam á alma dos que a têem, e pouco a pouco vão callando na opinião, até que algum bem arrancam a esses mesmos papellões impotentes que erigiram a ignorancia farfalhuda e a impotencia presumpçosa em qualidades de homem de Estado (*Nota da quarta edição.*)

[1] Obteve porfim o indicado nome, hoje europeu, depois das últimas publicações do Sr. Conde de Rackzinski.

Nota M

Do homem, que é mau do berço á sepultura.... pag. 198

Não quiz, certo, enunciar a doutrina dos Hobesianos que não sou tam misanthropo como isso, nem creio que os homens sejam maus por natureza. Maus são, e por maus os tenho mas fructo de habitos ruins, e depravação que os degenerou: não que das mãos do Creador sahissem as bêstas ferozes, traidoras, refalsadas e vis que cobrem a superficie da terra (*Nota da primeira edição.*)

Nota N

Á fé que não, gritou c'o accento austero......... pag. 199

Bo'fé e Áté são interjeições portuguezissimas ambas, que valem: *por certo, por vida minha;* e são abreviatura de: *a fe de quem sou; por minha fe: por minha boa fé.* Bo'fé póde acaso ser taxado de archaismo, e não o usarei eu em escriptura seria: mas á fé, não. (*Nota da primeira edição.*)

Nota O

Por vida minha, o que quereis ao Indio? ...... pag. 199

Na minha primeira edição lê-se—«Por vida vossa:» o que agora, novamente reflectindo, me parece melhor e mais certo. (*Nota da segunda edição.*)

Nota P

Intervir na disputa malferida.............. pag. 199

O adverbio *mal*, quando anteposto a *ferido*, em legitimo portuguez, augmenta, que não diminue a força do participio. Um homem *mal-ferido* é um homem gravemente ferido. Mas *ferido* nem sempre vem na significação natural; amiudo se toma em sentido translato; pois dizem nossos bons escriptores: «batalha mal ferida» por «batalha mui travada e renhida» etc. (*Nota da primeira edição.*)

Nota Q

Rico de affrontamentos e trabalhos........ pag. 199

O affrontamento é o effeito do nimio trabalho; e o trabalho a causa do affrontamento ou cansaço: n'isto se distinguem. Advirta-se porém que o uso vulgar de affronta e derivados, por *injuria*, insulto, ou pena e afflicção que d'ellas resulta, é o sentido figurado e traslato, que não o proprio da palavra Um homem affrontado é um homem excessivamente cansado de qualquer fadiga, e tambem afflicto de qualquer aggravo. Mas *affrontamento* sempre se toma na acepção natural: *affrontoso*, ao contrario, nunca vem no discurso senão no sentido de grandemente injurioso, deshonrador e infamante. Morte affrontosa, castigo affrontoso, disseram os nossos auctores (*Nota da primeira edição.*)

Nota R

Poucos pardaus contêm—menos me ficam ...... pag. 200

Moeda da India que o commercio e conquista fez corrente em Portugal: este e os outros *mimos indianos.*

Vieram fazer-lhe os damnos,
Que Capua fez a Annibal.

O bom Sá-Miranda, que já d'isto se queixava n'aquelles versos, em outra parte dá testimunho da

muita abundancia com que a moeda circulava no reino até pelas mais sertanejas comarcas:

> Eu já vi correr pardaus
> Por Cabeceiras-de-Bastos.

(*Nota da primeira edição.*)

Nota S

Quando no berço teu, bardo sublime.......... pag. 200

Em Warwickshire, patria de Shakespeare, que na cidade de Warwick nasceu, passei á volta de seis mezes, não os mais satisfeitos, mas os mais socegados, e por ventura os mais felizes de minha vida Seja-me permittido assellar aqui os leaes sentimentos da minha estima e saudade a uma familia verdadeiramente respeitavel e *ingleza*, em cujo seio achei o que nem no meu sangue encontrei, verdadeira e desinteressada amisade. Se algum dia chegarem estas insignificantes folhas á abençoada e tranquilla pousada de Edgbaston, conheçam os meus amigos Hadleys que não ha um só pensamento no meu espirito em que se não misture a memoria da sua amizade, mais sagrada para mim do que nenhuma outra. (*Nota da primeira edição.*)

Nota T

E ess'outro ? — Deu-lhe o ser matrona do Ebro. pag 203

A idéa d'este missionario castelhano não é inteiramente de invenção, antes tem fundamento real e mui plausivel. Veja o que a este respeito diz D. J M. de Sousa na sua edição dos *Lus*, quando fala de um Fray Josepe Indio, proprietario que foi do famoso exemplar de lord Holland. (*Nota da primeira edição.*)

NOTAS AO CANTO SEGUNDO

Nota A

Que agudos uivos desgrenhadas gritam........ pag. 204

As carpideiras, mulheres cujo officio era preceder os cadaveres nos sahimentos, levantando sentidos prantos, arrepellando-se e fazendo outros varios tregeitos que n'aquelle tempo eram de uso. Este costume antiquissimo veiu-nos dos romanos ou mais de longe talvez. Provincias ha ainda na Europa onde subsiste todavia (*Nota da primeira edição.*)

Nota B

De escuro vaso e longo dó vestidos............ pag. 204

Que estôfos estes fossem de vaso e dó, ou lucto e vaso, que é o mesmo, não é facil dizer hoje ao certo. Conjecturo que *vaso* seria porventura o que agora chamamos fumo, raro e *vasado* tecido, emblema de tristeza e lucto que se traz no chapéo e espada, e que tambem no chapéo antigamente se trazia, mas tam comprido e arrastado que descia aos talares, como ainda agora se observa nos funeraes dos nossos reis Não sei em que se possa fundar o auctor do *Elucidario* para dizer que *vaso* era um capello. (*Nota da primeira edição.*)

Nota C

A gemedora viração da noute.................. pag. 204

Escrevo desvairadamente noute e noite, ouro e oiro, roxo, rouxo e roixo e similhantes, não só por conservar esses ricos fóros da lingua, mas porque n'esta variedade a poesia, e até a mesma prosa, ganham muita euphonia e belleza. (*Nota da primeira edição.*)

Nota D

Clarão triste de mortos. .... pag. 204

É phrase mui commum entre nós, mas que não deixa por isso de ser poetica e nobre, como são grande parte dos modos de dizer familiares Convem muito distinguir o que é *familiar* n'uma lingua, do que só é *vulgar:* aquelle é quasi sempre figurado e sublime, este rasteiro e muitas vezes vicioso. As figuras da dicção tocam mui de perto com os defeitos; e é mistér bom criterio e uso dos mestres para não confundir uns com outros, e extremar os tropos dos solecismos. —«Luz de mortos» dizemos de uma luz baça que tristemente acclara, como a tocha funebre á roda da eça, ou na procissão do enterramento. (*Nota da primeira edição.*)

Nota E

Ruim agouro! Um sahimento funebre............ pag. 204

Funeral, enterro, sahimento, enterramento, são palavras synonymas, i. e, são termos cuja significação e uso no discurso, em mais ou menos se approxima, não que seja identicamente a mesma. Vocabulos ha que em sua raiz, derivação (e essencia, para assim dizer) têem acaso o mesmo valor, mas que pelas regras e ainda pelos caprichos do uso — distingamos o uso classico e o uso popular, do abuso de tarelos e ignorantes — se classificaram em gradações e modificações distinctas. Força é tambem dizer que os nossos Quinhentistas nem sempre são infalivel norma n'este ponto, e de seguir-se ás cegas. Esta deficiencia dos classicos, a notou já o Sr. bispo titular de Coimbra, S. Luiz, nos seus Synonymos. A philosophia dos nossos tempos, que tem acclarado as mais remotas provincias da litteratura e das sciencias, a ella só é possivel o dar fio a este labyrintho, e mondar com regra e ordem as incultas devezas das linguas que sem ella se formaram, cresceram, e, com todas as qualidades para a obterem, carecem comtudo de perfeição. Não é minha opinião que vamos nós, que falamos uma linguagem solemne, rica e sonora, decepal-a, recortal-a, cercear-lhe o viço e primor de suas flores, para a pôr nu e descarnado esqueleto como a franceza: já não digo ingerir-lhe tanto vocabulo peregrino como a ingleza, que fique ella recozida manta de retalhos, bellos de per si, mas de estropeada e feia symetria quando vistos juntos. Não penso tal, por minha vida; mas direi sempre que sem um bom Diccionario de Synonymos, e outro de origens ou etymologico, nunca chegaremos a falar uma lingua perfeita e de nação civilizada. Quem se occupará d'isso? A Academia, que ficou no *Azurrar* em o primeiro e ponderoso volume do seu vocabulario?

As palavras notadas parece-me que se podem distinguir assim synonymicamente: *Sahimento* é a procissão que conduz o cadaver (o que em Francez se diz *convoi*): mas o restante e o antecedente da ceremonia do funeral já se não podem chamar sahimento. *Enterro* é mais lato, e comprehende, ainda além da procissão, as outras partes do funeral. *Enterramento* é a propria e privativa acção de *dar á terra* o cadaver. *Funeral* é o termo generico em que todos estes, e ainda mais, como especies, se comprehendem. Digo, ainda mais, porque *Exequias*, por ex., são funeral tambem e nada têem com o enterro, sahimento, etc. Assim aquellas quatro palavras parecidas no sen-

CAMÕES — CANTO X

«Patria... ao menos
Juntos morremos.. »

PAG. 244

tido e escriptura, e todas da mesma familia, têem comtudo entre si certas differenças que sendo matiz imperceptivel para o illitterato, são notaveis distincções para o que fala e escreve com exacção a sua lingua. (*Nota da primeira edição.*)

Nota F

Entravam
Os viajantes no templo........................ pag. 205

Diz-se por ahi em portuguez, *viageiro* ou *viajor*, ou *viajante* ou *viandante*, indistinctamente: mas é mister distinguirem-se estes vocabulos, porque ha entre elles marcadas linhas de separação. *Viajor*, que é abonado por Arraes, tamsomente se póde dizer da pessoa do que viaja; pois é da indole da nossa lingua que os nomes em *or*, formados dos verbos, sejam personalissimos: d'esta sorte *amador*, só se póde dizer da pessoa que ama, quando *amante* não é tam restricto. Dizemos um homem amador, assim como um homem amante; mas, podendo dizer coração amante, pensamento, expressão, ideia amante, nunca dizemos coração amador, ideia amadora, etc. Assim *viajor* é stricta e unicamente a pessoa que viaja; *viajante* não só a pessoa, mas tambem qualidades, circumstancias do que viaja. *Viageiro*, pelo contrario, é impessoal e só se refere a coisas, attributos. Trabalhos, encommodos viageiros, nunca viajantes ou viajores, se dizem. Agora *viandante*, que á letra quer dizer andador de caminho, tambem é pessoal; mas distingue se de todos aquelles, em que sómente se póde dizer do que viaja por terra. O marinheiro, o navegante são *viajantes* mas nunca *viandantes*. O viajante corre terras e mares; o viandante não passa da terra, nem troca as fadigas da estrada pelos perigos das ondas. (*Nota da primeira edição.*)

Nota G

'Natercia' d'ecco em ecco repetiram............ pag. 206

Camões nomeou sempre nos seus versos com este anagramma a D. Catharina de Athaide. — Maria, por exemplo, é muito mais bonito e poetico do que Marcia ou Marilia com que nos secavam os poetas e soneteiros da eschola que ultimamente morreu, *apunhalada* e *envenenada* pelos Antonys da aguda pêra e longas melenas. Até aqui, e muito mais alêm, vou eu com a *revolução*. Mas n'este logar conservei o anagramma em respeito ao meu heroe e mestre. (*Nota da segunda edição.*)

NOTAS AO CANTO TERCEIRO

Nota A

Pranchas de escuro til, rudo lavradas.......... pag. 207

O til é madeira escura e de pouco polimento que n'aquelle tempo se usava muito. Vêem-se ainda restos em casas antigas. (*Nota da primeira edição.*)

Na ilha da Madeira, cujo nome lhe vem da natural floresta que era, vegeta ainda, como indigena que é, ésta bella árvore. (*Nota da quarta edição.*)

Nota B

De Perugino ou Vasco, á infancia da arte...... pag. 207

Perugino floresceu na Italia á volta do seculo xv, infancia da pintura; Vasco, dito Gran'Vasco, pelo mesmo tempo em Portugal (*Nota da primeira edição.*)

Muitos escriptores nacionaes e estrangeiros tinham começado a duvidar da existencia de Gran'Vasco, a suspeitar que este nome querido dos Portuguezes não fôsse mais que um mytho. As viagens e escriptos do Conde de Rackzinski comprovam porfim a existencia de Gran'Vasco, a sua naturalidade que é Vizeu, e a excellencia de suas qualidades de artista. (*Nota da quarta edição.*)

Nota C

Virtude
Que o philosopho disse humanidade,
Caridade o christão.............................. pag. 207

Já dos versos citados no principio d'esta nota, e muito mais dos que se seguem, parece deprehender-se uma ideia e pensamento falso, inteiramente falso, que é necessario rectificar.

A philanthropia, ou o que assim se chama, é um como sentimento de egoismo, senão nos effeitos, no principio ao menos: deriva da regra social «faze aos outros o que queres que te façam.» Espera retribuibuição, vem do desejo e da precisão d'ella. A caridade nasce da sublime elevação d'alma a Deus, por Elle e para Elle obra, e nem espera nem precisa retribuição na terra, porque em Deus só reconhece o avaliador e premiador das suas acções.

A Caridade pois não é o mesmo que a Philanthropia: ou, mais exactamente, a caridade é uma philanthropia mais pura. Aquella é virtude de homens, esta de anjos. Ambas estão definidas nas sublimes palavras de Jesus Christo: «Amar os que vos amam é de todas as leis; eu mando-vos que ameis os proprios inimigos.»

Graças a Deus que ha quatorze annos, quando escrevia estes versos, pensava e sentia como hoje sinto e penso. Mas n'aquella edade nem o espirito reflecte tam fundo, nem o coração communga tam intimo em nossas ideas e sentimentos. D'ahi parece talvez agorentado pelo sarcasmo philosophico o pensamento ardente d'alma que se envergonhou de apparecer todo e como é. Reputo quasi uma fraude ao público alterar em segunda edição as feições da primeira, por isso corrijo sómente na nota o que não quiz emendar no texto. (*Nota da segunda edição.*)

Nota D

Do castelhano cenobita o hóspede.............. pag. 207

Nem uma só vez se achara em nossos escriptores a palavra «hespanhol» designando exclusivamente — o habitante da Peninsula não portuguez. Em quanto Castella esteve separada de Aragão, e já muito depois de unida a Leão, etc., nos e as outras nações das Hespanhas, Aragonezes, Granadiz, Castelhanos, Portuguezes e todos, eramos por extranhos e domesticos communmente chamados *hespanhoes*; assim como ainda hoje chamâmos allemão indistinctamente ao russiano, Saxonio, Hanoveriano, Austriaco: assim como o Napolitano e o Milanez, o Veneziano e o Piemontez indiscriminadamente recebem o nome de italianos. A fatal perda da nossa independencia politica depois da batalha de Alcacer-kebir, deu o titulo de reis das Hespanhas aos de Castella e Aragão, que o conservaram ainda depois da gloriosa restauração de 1640. Mas Hespanhoes somos, e de Hespanhoes nos devemos prezar todos os que habitâmos ésta peninsula. (*Nota da primeira edição.*)

Nota E

Veneranda Ceuta, insigne preço
De sangue regio e d'um martyrio illustre... .... pag. 208.

Todos sabem que o infante D. Fernando, irmão de elrei D. Duarte, tendo ficado de arrefens por Ceuta, em podêr dos Mouros, morreu no captiveiro por se lhes ella não entregar. Camões immortalizou— aliás celebrou esta immortal constancia do *Infante santo*, que, diz elle:

Só por amor da patria está passando
A vida de senhora feita escrava.

Mas devendo-se a Camões a popularidade de tam insigne feito, deve-se-lhe tambem o vulgarizar-se um erro commum—pois geralmente se crê pelos que não têem profundado a nossa historia (e quantos o fazem?) que por sua vontade unica o infante quízera antes passar a vida de senhora feita escrava, por se não dar aos Mouros a forte Ceuta; o que asssim não é. Nem foi o infante nem seu irmão elrei D. Duarte, mas sim as Côrtes que resolveram se não désse Ceuta pelo resgate do infante. O que elrei muito sentiu, mas não ousou contrastar. (*Nota da primeira edição.*)

Nota F

Ao vingativo conde........................ pag 211.

O primeiro conde da Castanheira, D. Antonio de Athaide, grande valído d'elrei D. João III. Veja o que a este respeito diz D. J. M. de Sousa na sua magnifica edição dos *Lus.*, Vida de Camões. Veja tambem *Memoria* do Sr. bispo de Vizeu, no tomo 7 das da Academia R. das Scienc. de Lisboa de 1821. (*Nota da primeira edição.*)

Nota G

O triumpho
Que a piedade e fortunas appregoa
De Manuel o feliz........................pag. 211.

O templo de Belem, em que me não canso nunca de falar, é o nosso Westminster; e o seu convento, desde que deixou de o ser, só devia applicar-se a um asylo de marinheiros invalidos. A sua historia, a sua fundação, o feito de que é monumento, a sua mesma posição, tudo o carateriza para esse destino. Collegio de rapazes, obrigado por tanto a alterar-se na fórma, na perspectiva toda, que mais parece hoje um casareo velho, remendado sem gôsto, do que o bello monumento antigo que é, isso é que elle nunca devia de ser.

Um nobre e precioso relicario de tudo quanto fôsse gloria do nome portuguez devera ser aquella bella egreja. Alli o verdadeiro Pantheon. Alli jazigo de reis — quanto melhor que n'um esconso recanto de S. Vicente! Alli todos esses tumulos e inscripções que desapparecem e se obliteram todos os dias por essas egrejas devastadas de Lisboa e de todo o reino. Quem sabe se Pedr' Alvares Cabral não será mandado sahir, um dia d'estes da egreja da Graça em Santarem pelo regedor de parochia? [1] Os ossos dos Velascos ahi andaram nas ruinas de Lisboa á vista de nós todos—em cima do monturo, roidos dos gozos da rua. João das Regras lá está á porta de S. Domingos de Bemfica, como quem vae para sahir: começaram os frades—acabará outro possuidor tam bom como elles. D. Diniz expulso pelas freiras de Odivellas para uma capellinha obscura, em ella cahindo—e que templo antigo e venerado ficará empé em Portugal com mais dez annos como estes ultimos cinco!—irá o monumento do nosso Numa fazer companhia ao do poeta que por elle nos pintou o reino esclarecido e florescendo,

Em constituições, leis e costumes
Da terra já tranquilla claros lumes!

Alli, digo eu, em Belem o nosso *Poets-corner*, para desaggravar os manes de Camões, para dar poiso honrado ás cinzas de antigos e modernos que, pobres e desprezados toda a vida, deviam ao menos ser acatados na morte. Mas em Portugal nem posthuma vem a justiça a ninguem.

No Diario do Governo n.º 103 d'este anno barbarico, ahi vem o *Paço-de-Sousa* a vender—por quanto? Um ministro portuguez que se atreve a mandar pôr em almoeda uma reliquia d'aquellas, não sei com que o compare. Com o prodigo sem vergonha que manda á Feira da Ladra os retratos de seus avós. Que tira d'ahi o miseravel? Com que comprar uma sardinha, talvez Viveu um dia mais, e deshonrou-se para sempre.

Mais outro capitulo de accusação contra o nosso beduíno Thesouro. A egreja do Carmo de Lisboa que não só é preciosa pelo fundador que teve, por ser memoria do que é, mas tambem por ser um dos mais bellos typos do gothico puro (ou assim dito) —aluga-se todos os annos por não sei quanto: e aquellas reliquias que deviam ter sentinellas á vista para se lhes não tocar, arrendam-se, digo, por uma somma que decerto hade cumular o deficit do nosso orçamento em muito poucos annos: — creio que são doze mil reis!—Que brilhante operação de finanças! Só excedida pela do serrador de madeira que alli habita e trabalha, e que a ferro e fogo de tal modo degradou já o interior da egreja, que está quasi na altura das ideas modernas. (*Nota da segunda edição.*)

Finalmente o Thesoiro teve vergonha e já não aluga a egreja de Nun'Alvares. Mas quem toma cuidado d'estes e d'outros que taes monumentos? Acho que ninguem: não vale a pena. Vejam o que diz de nós o barão Taylor de quando os andou vendo em 1837. (*Nota da terceira edição.*)

No memoravel anno de 1852 decretou o fomento que a egreja de Nun'Alvares fôsse convertida em sala de Exposição de Industria. Sempre é progresso; mas bem mal pensado e peior sentido Não póde ser senão templo o que é templo e de tal historia. Pasma como até os bons pensamentos sempre aqui andem pelo avêsso.

Um porém veiu emfim a direito; que foi a nomeação do meu illustre e nobre amigo, o Sr. Marquez de Loulé para provedor da Casa-Pia. Do illustrado zêlo e apurado gosto d'aquelle fidalgo se espera não só ver elevar o piedoso instituto ao grau de perfeição que elle merece e deve ter, mas tambem que restaurado o monumento, se desagrave a arte e a

[1] O Sr. Varnhagen copiou, o anno passado, 1838, do jazigo de Pedr'Alvares Cabral que é na Graça de Santarem, o singelo o curioso epitaphio do illustre descubridor do Brazil; diz assim:

Aquy jaz Pedral uares Cabral doe na Isabel de Castro sua molher, cuja he esta capella he de todos seus erdeyros aquell depois da morte de seu marydo foy camareyra mor da Infanta dona marya fylha del rey dõ João noso senõr hu ter ceyro deste nome.

Esta infanta D. Maria é a que nascêra em Coimbra a 13 de Outubro de 1527. Casou em Salamanca com D. Philippe, principe de Castella, a 15 de Novembro de 1513. Morreu de parto a 12 de Julho de 1545 em Valhadolid.—Jaz no Escorial.

D'onde se deduz que Pedr'Alvares Cabral se finou entre o anno de 1527, e o de 1545. (*Nota da segunda edição.*)

O mais que n'este logar se diz na nota H ao terceiro canto, pag. 244 da seg. ed. de Lisboa 1839, e agora supprimo é erro que proveio da pressa com que se extrahiu a inscripção e a noticia do um jornal litterato de Lisboa em que primeiro apparecêra. (*Nota da terceira edição.*

historia que n'elle estão vilipendiadas com tanto desacato. (*Nota da quarta edição.*)

Nota H

Como o encerado rôllo sobre as aguas
Unico leva á patria o nome a e fama
Do perdido baixel.............................. pag. 212

Succedeu mais de uma vez que, sossobrando galeões que vinham da India, lançava o capitão ao mar um rôllo encerado e bem fechado de folha-de-flandres em que incluia o nome do navio dia e anno em que se perdêra, para que, levado acaso a alguma praia, se soubesse o ultimo fim d'aquelle galeão. Veja *Hist. trag. mar.* (*Nota da primeira edição.*)

Nota I

Um reflexo
De inspiração maior que humana coisa.......... pag. 212

O pensamento verdadeiro e dominante d'este poema é ligar a vida e feitos todos de Camões como a um fado, a uma sina com que nasceu — a de immortalizar o nome portuguez com o seu poema. Seus amores, suas desgraças, suas viagens, seus estudos, suas meditações, tudo tem um fim predestinado — a composição dos Lusiadas. (*Nota da segunda edição.*)

Nota J

Uma carta fechada a fio negro
De seda....................................... pag. 212

Era o modo usual de fechar cartas. Muito tempo depois se usou ainda; e algumas côrtes o conservaram nas cartas de *faire part* que se escrevem entre reis e principes nas *grandes occasiões.* (*Nota da primeira edição.*)

Nota K

— «Santa-Fé se chama
O galeão.............................. ...... pag. 212

Na primeira edição sacrificou-se a verdade historica ao que pareceu mais poetico, lendo-se:

— O galeão Dom-Vasco
Se diz.

Assentei de restituir o nome exacto do galeão, que era Santa-Fé. N'elle embarcou em Sofala o nosso poeta com Diogo do Couto e os outros amigos que o libertaram das garras de Pedro Barreto. V. Couto, *Dec*, D. J. M. de Sousa, Faria-e-Sousa, etc. (*Nota da segunda edição.*)

Nota L

Corteja e parte logo. — Quem sera?............. pag 212

É verso agudo, accintemente agudo para marcar mais a suspensão, e quebra de ideas que a acompanha. (*Nota da primeira edição.*)

NOTAS AO CANTO QUARTO

Nota A

Por onde o velho mundo dilataram
Os nossos e os que após dos nossos foram....... pag. 214.

Julgava Christovam Colomb ou Colon que a Asia se prolongava para o oriente; e suppunha, com a maior parte dos sabios do seu tempo, que a circumferencia da terra era menor do que ella é na realidade. A este duplo engano, ás informações e papeis que, pela parentella de sua mulher, houve dos navegadores portuguezes, devêmos principalmente a descoberta da America.—Casára na Madeira Colomb com uma senhora Perestrello. Veja *Vida de Colomb* por seu filho Fernando Colomb, cap. v, Washington Irving, liv. 1 cap. 5.

Os celebres mappas da Cartucha d'Evora, (que não sei onde foram parar na geral confusão de 1834-35) dizem-me provar que em Portugal, antes de Colomb, havia já noções da America.

Colomb residiu algum tempo em Islandia, cujos navegadores, está hoje fóra de toda a dúvida, conheciam o norte da America muito antes d'elle.

E os famosos sibyllinos versos de Seneca:

Non erit terris ultima Thule!

quem o explicará?

Pedr'Alvares Cabral, por outro acaso—o de Colomb não fôra mais—completou a descoberta do Italiano. Mas este decerto se não guiou por nenhuma esteira de Colomb. Americo Vespucio, que nada descobriu, perpetuou o seu nome talvez para toda a duração do mundo. Assim é a gloria!

Que não haja um portuguez que revindique as usurpações que todos os dias nos fazem extranhos, e releve mais claramente o que já apontou o nosso Barros a este respeito! (*Nota da segunda edição.*)

Temos no Sr. Visconde de Santarem quem nos desforce de todas estas usurpações. (*Nota da quarta edição.*)

Nota B

O astro novo, não visto d'outra gente
Antes que o luso nauta lh'o amostrasse......... pag. 214.

Os Portuguezes só passaram o Equador em 1472. Então lhes appareceram novo céu e novas constellações; então viram os primeiros olhos europeus o pólo austral e as quatro estrellas últimas que lhe ficam ao pé. Mais de um seculo antes d'isso, Dante tinha adivinhado éstas quatro estrellas!

Io mi volsi a man destra; e posi mente
Al'altro polo; e vidi quatro stelle,
Non viste mai, furor che a la prima gente.
DANTE PURGAT., CANT. I.

Quem inspirou ao Dante estes pasmosos versos? —Certamente o mesmo *Ignotus Deus* que inspirou a Seneca o

Non erit terris ultima Thule

Valerá pois mais o *pensamento* exaltado do poeta do que a sciencia do erudito, o cálculo do sabio?

Em boa e singela prosa, o que me parece provavel é que alguma tradição scythica, ignorada ou talvez desprezada dos sabedores d'esse tempo, chegasse a Seneca, e por superior talento avaliasse elle o que outros escarneceram talvez Alguma Saga dinamarqueza ou islandica achou acaso no Dante o mesmo genio transcendente que valia e préza o que a vulgaridade tracta muita vez de absurdo e ridiculo. (*Nota da segunda edição.*)

Nota C

No ar se me affigurou troar d'irada
A potestade immensa d'algum genio
Que os cancellos do oriente alli guardasse..... pag. 215.

Parece-me muito provavel que realmente a vista d'aquelle immenso e terrivel promontorio suscitasse

a Camões a ideia magnifica da sua metamorphose: talvez a não houvera elle concebido se de Portugal não sahisse. (*Nota da primeira edição*)

Nota D

Ergui a voz, clamei contra a vergonha
Que o nome portuguez assim manchava...... .. pag. 215.

Allude á celebre composição—*Disparates na India.*—Que ella foi inspirada por este sentimento de probidade e amor da patria, são abono todos os biographos de Camões.

Faria-e Sousa, na segunda Vida do Poeta, n.º 18, não se atreve a desculpar a aspereza e vehemencia da satira. Na memoria do Sr. bispo Lobo parece provar-se que o destêrro para Macau fôra suavisado com o provimento no cargo de provedor mór dos defunctos que o governador Francisco Barreto, simultaneamente ou logo depois, lhe dera.

D. J. M. de Sousa nega que seja de Camões esta satira, fundando-se no nenhum talento poetico que lhe nota. Por mim adopto mais facilmente a opinião do erudito bispo que a do nobre morgado.

V. Ed. dos *Lus.*, por D J. M. de Sousa Botelho, Paris 1817; *Mem. da Ac.* R. das Sc. de Lisboa, tom. VII, 1821. (*Nota da segunda edição.*)

Nota E

Que ao Socrates da China se amostrara
Mais temporão, se lhes não mentem chronicas,
Que ao amante de Phedon.......... .... pag. 216

As chronicas dos Chins reduzem toda a nossa chronologia a coisa nenhuma; e se fossem verdadeiras, não sei como seria. Confucio não é inferior em bondade moral a Socrates; e quando os amores de Phedon fossem tam platonicos como os viu Mendelsohn, ainda assim não seria o Grego superior ao Chim. (*Nota da primeira edição.*)

Veja comtudo a eruditissima obra de Paw que reduz a seu justo valor as exagerações dos chronistas do *imperio celestial*, e as não menores exagerações dos padres Duhamel, Kircher, Couplet e dos outros Jesuitas das *Cartas edificantes.*

V *Recherches philosophiques sur les Egyptiens et les Chinois* Paris an III de la Rép. Franc. 2 vol (*Nota da segunda edição.*)

NOTAS AO CANTO QUINTO

Nota A

Alta a noite, escutei o carpir funebre
Do nauta que suspira por um tumulo
Na terra de seus paes.......................... pag. 219

Encontram-se no alto mar umas avesinhas que de noite dão sentidissimos e longos pios, ás quaes os marinheiros pozeram o nome de *almas de mestre*, crendo superstíciosamente que são as almas dos *mestres* ou capitães de navios que se perderam, e que andam n'aquelle fadario de pios emquanto seu corpo não chega a terra e obtem sepultura christã. (*Nota da primeira edição*)

Nota B

Esse gigante cujo aspecto horrendo
Primeiro eu vi............................... pag 219

O padre J A de Macedo pretendeu provar que a invenção do Adamastor era plagiato Assás foi refutada esta miseravel accusação que só a paixão cega de tão louca rivalidade podia fazer dizer a um homem aliás erudito e não sem engenho. (*Nota da segunda edição*)

Nota C

Na pedregosa encosta da montanha
Que os mouriscos torreões inda corôam........ pag. 220

A's abas d'essa encosta parece ter sido antigamente a principal parte da villa, ou primitiva povoação de Cintra. (*Nota da segunda edição.*)

Nota D

Do bardo mysterioso o eterno canto........... pag 221

Lord Byron, que em seu extraordinario e inimitavel poema, o *Child Harold*, fala de Cintra com o enthusiasmo que as bellezas da natureza excitam em genios como o d'elle. Este grande poeta, o maior do seculo presente, acabava de expirar na Grecia, onde o levára a nobreza de seus sentimentos, quando se isto escrevia; e á sua morte alludem os seguintes versos, que são imitados de uns de seu amigo e biographo, o suavissimo Anacreonte do norte, Th. Moore:

Onde um suspiro
De morte, etc.

(*Nota da primeira edição.*)

NOTAS AO CANTO SEXTO

Nota A

Africana terra,
Que de nossas conquistas e victorias
Berço fatal ha sido e sepultura.................. pag. 222

Era grande e altamente politico o pensamento dos nossos velhos que, vendo o resto da Hespanha reunido sob uma só corôa, conceberam que Portugal, para ser independente devéras, precisava de se alargar pelas fronteiras terras de Africa, os Algarves d'além

Mas foi sempre — talvez será sempre fado de Portugal não ter nunca idéa politica, systema constante de governo Variou-se, varia-se em tudo. O ouro da Mina, a especiaria e terras d'Asia, depois o ouro e diamantes do Brazil, fizeram desprezar as praças de Africa, onde era preciso gastar muito e perseverar muitissimo antes que produzissem para a alfandega e para o erario.

D. Sebastião e o seu projecto de se fazer imperador de Marrocos não eram tam loucos como a desgraça os fez sentenciar. Loucamente dirigidos, sim.

Esta mesma grande calamidade despopularisou a idéa. Tanto caso se fazia das praças de Africa n'aquelle tempo, que na revolução de 1640 esqueceu mandar aviso a Ceuta para que seguisse a causa commum da

nação. No emtanto meteram-lhe os Castelhanos guarnição e lá ficou d'elles.

O que são as coisas! Se tivessemos hoje as nossas praças de Africa, não seriamos poderosos e queridos alliados dos Francezes? Com sua boa visinhança em Argel, não estava segura a nossa dominação da outra banda do Algarve? A's portas do estreito, um pé n'Africa outro na Europa, seria Portugal o reininho das noventa leguas de quem todos escarnecem? Já não é só de hoje em Portugal este desprezar de quanto é velho, e correr para deante sem saber aonde. Sophisma que esqueceu a Jeremias Bentham. (*Nota da segunda edição.*)

Nota B

Dom Aleixo, estremado entre os mais nobres,... pag. 222

D. Aleixo de Menezes, aio d'el-rei D. Sebastião. (*Nota da primeira edição.*)

Nota C

De um Deus todo amor, todo humildade,
Que, sem commentadores, lhe mostravam
O evangelho e a razão............ pag. 222

Estes versos censuram a fastosa e pharisaica profissão dos hypocritas; mas não houve a minima tenção de inculcar os gabos do puritanismo protestante e de sua falsa humildade — aliás orgulho ridiculo e mal disfarçado.

Já havia Christianismo antes de se escreverem e serem lidos os Evangelhos. Era pois a tradição e o consenso da Egreja o que só regia a Egreja. — Este argumento de um Anglo-americano ha pouco voltado ao seio da Religião Catholica, é a morte do Protestantismo. (*Nota da segunda edição.*)

Nota D

Talvez sem o remorso escrupuloso
Do eloquente Augustinho.............. pag. 223

Veja as *Conf. de S. Aug.* (*Nota da primeira edição.*)

NOTAS AO CANTO SETIMO

Nota A

Oh! nobres paços da risonha Cintra,
Não sobre a roca erguidos, mas poisados
Na planicie tranquilla.............. pag. 224

A grande questão de jurisconsultos e historiadores sobre se houve ou não nas Hespanhas o systema feudal propriamente constituido, talvez em grande parte possa resolver-se pelo estudo e exame dos monumentos de architectura. Quem, descendo o Rhim e vendo aquelles tam ricos e pitorescos montes coroados de castellos senhoriaes ainda ouriçados d'ameias e bastiões — quem não dirá: «aqui dominou o Feudalismo em toda a sua plenitude?» — Mas o que visitar as aridas serranias, as florentes veigas de Portugal e Hespanha, e vir coroadas as suas alturas de esmoronadas fortificações moirescas, e o *paço* do nobre, o mosteiro do religioso, o casal do lavrador, a choupana do pegureiro todos egualmente espalhados pela aba da serra, ao longo do valle, e sem mais distincção, apenas differentes nas proporções ou no gosto do edificio — esse dirá necessariamente: «Aqui um povo de irmãos se uniu para expulsar o dominio africano; de um para outro não havia servidão nem senhorio, nem mistér de castellos e pontes levadiças: destruiram o inimigo commum e ficaram vivendo em paz, com muito o que muito tinha ou adquiriu, com pouco o que tinha pouco; mas não houve raça privilegiada e exclusiva de possuidores do seu — raça exclusiva de trabalhadores no alheio.»

O estudo das artes é de mais auxilio á sciencia, do que talvez ella cuida em seu orgulho. (*Nota da segunda edição.*)

Nota B

Que precedido vae por debeis cannas............ pag. 224

Os porteiros da canna, que ainda se conservam no acompanhamento real, eram antigamente os batedores dos nossos reis. Sá-Miranda na sua Carta a el-rei D. João III faz a este respeito uma comparação dos monarchas portuguezes com os das outras nações, sem exceptuar o papa, que é digna de que todos os soberanos do mundo a lêssem. (*Nota da primeira edição.*)

Nota C

Menestreis tangem.............. pag. 227

Nome que tinham no paço os musicos que ultimamente eram designados, creio eu, com o ignobil titulo de musicos das cavalherices. Dava-se-lhe ainda aquell'outro no tempo de D. João IV. (*Nota da segunda edição.*)

Nota D

E do barbaro Neva ao culto Sena,
Desde o Thamesis frio ao Pado ardente,
Os lamentos de Ignez repete a lyra........... pag. 231

As traducções dos *Lusiadas* começaram logo a espalhar-se por todas as linguas da Europa; e, segundo a reflexão do meu erudito amigo João Adamson, *Memoirs of Camoens*, este geral interesse e universal enthusiasmo quasi desde o momento que appareceu o poema, o adoptarem-n'o logo por seu tantos paizes e linguas differentes, é a mais clara prova de merecimento e valor real. Mas que infeliz tem quasi sempre sido o pobre Camões, observa o illustre litterato, com os seus traductores! A respeito de Mickle e Lord Strangford, diz o *Annual Review* para 1803: «*It is one of the curiosities of litterature that «two englishmen of considerable genius should have «employed themselves at different times in interpola- «ting a portuguese poet.*» — «E notavel curiosidade «litteraria que dois inglezes de consideravel talento «se empregassem, em differentes tempos, em inter- «polar um poeta portuguez.»

Mas Inglaterra e a sua litteratura, se alguma offensa ou injúria fez ao nosso poeta, todas as reparou com a elegante, erudita e zelosa publicação do meu prezado e particular amigo o Sr. João Adamson, cujas Memorias são, com a edição do morgado de Matheus, e a *Memoria* do Sr. bispo de Vizeu Francisco Alexandre Lobo, os mais dignos monumentos que ao nosso poeta se têem alevantado.

Sabem todos os que me conhecem quam pouco tenho procurado, e quam rara vez me tenho servido das relações de amizade estreita, de favor ou deferencia que, desde 1820, quasi sempre tenho tido com os ministros que nos têem governado sob o regimen constitucional. N'estas raras excepções entrou a mercê que empenhadamente solicitei do favor real para se dar, em nome da Nação e da Soberana, um testemunho de gratidão ao auctor das *Memorias de Camões*. O *Diario do Govêrno*, que tanta cousa nos publica que melhor fôra não dizer, nunca se dignou communicar á Nação, este honroso acto, feito, não menos em seu nome e para sua gloria, do que para glória, da Rainha. Julguei de serviço publico deixal-o trasladado aqui :

«Attendendo ao que me representou João Baptista d'Almeida Garrett, do Meu Conselho, e Meu Enviado Extraordinario, Ministro Plenipotenciario junto a Sua Magestade Catholica, e Querendo Dar ao Cavalheiro João Adamson um público testimunho do apreço em que Tenho o distincto serviço que fez a Litteratura portugueza na publicação das suas *Memorias de Camões*, que assim deram novo brilho á gloria toda Nacional do nosso primeiro Poeta: Hei por bem Fazer Mercê ao mencionado João Adamson do o Nomear Cavalleiro da Antiga e Muito Nobre Ordem da Torre e Espada do Valôr, Lealdade e Merito. O Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Reino assim o tenha entendido e faça executar. Paço das Necessidades, em 17 d'Abril de 1838 — RAINHA — *Antonio Fernandes Coelho*»

O episodio de Ignez de Castro é talvez a parte dos *Lusiadas* que tem sido mais popular na Europa, e mais vezes traduzida em todas as linguas cultas. Mas em todas ou quasi todas o foi já o poema inteiro.

O leitor folgará, creio eu, de achar aqui uma nota das traduções de que pude achar memoria, ou examinei eu proprio.

Traduções dos Lusiadas desde a primeira edição portugueza de 1572

I — 1580. — Tradução castelhana por Benito Caldera, com este titulo: — «*Los Lusiadas de Luiz de Camões* Traduzidos en octava rima Castellana por Benito Caldera residente en Corte Dirigidos al illustriss Señor Hernando de Vega de Fonseca, Presidente del Consejo de la Hacienda de su M. y de la Santa y general Inquisicion.—Con privilegio —Impresso en Alcala de Henares, per Juã Gracian. Año de M D LXXX.»

1 vol. em 4.to pequeno com uma gravura em madeira no principio, representando um soldado no acto de montar a cavallo, sem numeração de paginas ou de folios. — Antes do poema vem uma Epistola ao leitor por Pedro Laynes—sonetos ao A. pelo licenciado Garay—por um amigo—por Luiz de Montalvo —pelo mestre Vergara—por um amigo—e pelo mesmo Pedro Laynes.

Cada canto é precedido por um argumento: o volume termina assim: —En Alcala; — En Casa de Juan Gracian — 1580.

Conserva-se um exemplar d'esta rara traducção na bibliotheca d'elrei d'Inglaterra em Buckingham house

Veja Nic. Antonio, *Bibl. Hisp. Nova;* — Barbosa, *Bibl. Lus.*, tom. I, pag. 500; — De Bure 3547: — Brunet, *Man.*, pag 207, tom. I; — Duclos, *Dict* tom. I. pag. 231 — Osmont, *Dict. Typ.* tom. I, pag. 163.— Fournier, *Nouv. Dict. port. de Bibl.*— Bibl Croftsiana, n.º 4.633.—Bibl. Pinelliana, n.º 689 — Adamson's *Memoirs*, tom. II.

II.—1580.— Tradução castelhana por Luiz Gomes de Tapia, com este titulo: *La Lusiada de el Famoso Poeta Luis de Camoes.* Traduzida en verso Castellano de Portugues, por el Maestro Luys Gomes de Tapia, Vezino de Sevilla. Dirigida al illustrissimo Señor Ascanio Colona, Abbad de Sancta Sophia. — Con privilegio. — En Salamanca. — En casa de Juan Perier, Impressor de Libros, año de M D. LXXX.

1 vol. 4.to pequeno em 307 fol. Tem argumentos em prosa no principio, e annotações no fim de cada canto

Antes do poema contêm dedicatoria — versos latinos de Francisco Sanchez — um soneto em castelhano pelo auctor — versos latinos de Francisco Sanchez — versos latinos de Alvaro Rodrigo Zambano — um soneto em italiano por Diogo Vanegas — uma canção por D. Luiz Gongora e Pedro de Vega — sonetos em castelhano por D. Luiz de Valençuela e D. Antonio Peralta — *Catalogo dos Reis de Portugal.*

Um exemplar d'esta obra existe na bibliotheca d'elrei d'Inglaterra em Buckingham-house; outro em podêr do morgado de Matheus D. José Maria; outro no de M. Smith: Bibl. Smithiana, Venet. 1755, pag. 87. — Vej. Adamson's *Mem.*, tom. II.

III. — 1591. — Tradução castelhana por Henrique Garces; com este titulo: *Los Lusiadas de Luiz de Camões.* Traduzidos de Portuguez en Castellano por Henrique Garces. Dirigidos a Philippo Monarcha primeiro de las Españas, y de las Indias En Madrid Impresso con licencia en casa de Guillermo Drouy, impressor de libros.» Año 1591. 1 vol 4.to

H Garces, natural do Porto, viveu e escreveu no Peru, e enviuvando foi conego no Mexico, Vej. Nicolau Antonio *Bibl. Hisp. Nov* I — Barb. *Bibl. Lus.*, tom. II. — Reis *Enth. poet.* pag 150 — O titulo, privilegio, censura e quatro sonetos occupam oito pag. sem numeração; o poema 185 fol. — Um exemplar d'esta rarissima edição existe na bibliotheca do meu amigo o Sr James Gooden em Londres.

IV. — 1612. — (A' volta de) — Tradução franceza anonyma. Não foi possivel aos mais diligentes bibliographos modernos descobrir um exemplar d'esta traducção, de cuja existencia nos consta indubitavelmente todavia pelo testimunho de Nicolau Ant. *Bibl. Hisp.*; Fernandes ed. dos *Lus.* de 1609; Baillet; Mickle; Garcez-Ferreira que a attribue a um M. Scharon; Adamson's *Memoirs*, tom. II; e outros.

V. — 1613. — Tradução italiana anonyma: provavelmente Ms. pelo testimunho de Nervi. Vej. Manuel Correa que lhe assigna esta data de 1613; Adamson's *Memoirs*, tom. II.

VI. — 1622. – Tradução latina por D. Fr. Thomé de Faria bispo de Targa; com este titulo: «*Lusiadum Libri* X. Authore Domino Fratre Thoma de Faria, Episcopo Targensi, Ulissipone ex-officina Gerardi de Vinea» 1622. 1 vol. 8.vo

Reimprimiu-se no *Corpus Illustrium Poetarun Lusitanorum* etc. *Lisboa.* 1745.

Tive na minha pequena collecção um exemplar da edição original, adquirido na ilha Terceira; deve existir em podêr do Sr. José da Silva Carvalho a quem o dei em 1822.

Um exemplar d'ésta 1.ª edição foi vendido na venda de Crevena por 2 fl. 14 st Catal. Crev. tom. III pag 289.

Vej. Nic. Ant. *Bibl. Hisp.* vol. II; Barbosa *Bibl. Lus.* tom. III; Faria y Sousa; Severim de Faria; Adamson tom. II; e outros.

VII. — 163 . . . — Tradução latina por André Bayão com este titulo: «*Lusiada Indiæ Orientalis Argonautæ.*» Ms. actualmente existente na Bibliotheca Romana. André Bayão, natural de Goa, viveu principalmente em Roma, onde morreu 1639.

Vej. *Bibl. Hisp. Nov.* tom I; *Bibl. Lus.* tom. I: Montfaucon *Bibl. Mss.* vol I, pag. 179; Reis *Enth. poet.*; Adamson's *Mem.* tom. II.

VIII. — 16 . . — Tradução latina de Antonio Mendes com este titulo: «*Lusiaden Camonii Hispanorum vatum antesignani Poema latinis versibus redditum.* 4.to Ms.»

Vej. Barb *Bibl. Lus.*, tom. I, pag. 327.

IX. — 16. . . — Tradução latina por Fr. Francisco de Santo Agostinho Macedo, com este titulo: *Lusiada de Luiz de Camões traduzida em lingua latina.* Ms Macedo o encyclopedico nasceu em Coimbra, 1596, morreu em Padua 1681.

Esta traducção chegou a estar em poder do padre Reis para se imprimir no *Corpus Poetarum*, cujo sexto volume é todo occupado pelas obras do mesmo Macedo, e não veiu porfim a publicar-se por não ter recebido a ultima correcção do seu auctor, diz uma nota do editor no referido 6.º vol.

Deve existir hoje este Ms. na R. Bibliotheca das Necessidades onde foi preparada e dirigida a edição do *Corpus Poetarum*, creio eu.

V. Barbosa *Bibl. Lus.* tom. I e II; Adamson's tom. II.

X. — 1665. — Tradução ingleza por Sir. Richard Fanshaw, com o seguinte titulo: «*The Lusiade, or Portugal's Historical poem:* written in the Portingall language by Luis de Camoens, and now newly put into English by Richard Fanshaw Esq » — Dignum laude virum Musa vetat mori: — Carmen amat quisquis carmine digna facit. — HORAT — «London: printed for Humphrey Moseley, at the Prince's Arms; in St Paul's church yard. M. DC. LV. fol.»

Foi ministro, e logo embaixador, de Inglaterra em Lisboa, e n'este caracter residia quando se concluiu o casamento d'el-rei Carlos II com a infanta D. Catharina. Foi depois embaixador em Madrid. onde morreu em 1666.

É dedicada a tradução ao conde de Strafford. Antes do poema vem um extracto do «Satyricon» de Petronio com uma traducção do mesmo Fanshaw, e o Soneto de Tasso a Camões traduzido em verso inglez. Retratos de corpo inteiro do infante D. Henrique, de Vasco da Gama, de Camões.

A palavra «*newly*» no frontespicio d'esta edição parece inculcar que houvesse antes outra ou mais antiga tradução por auctor diverso. Mickle, «*Dissert. on the Lus*» em uma nota, resolve, cuido eu, toda a duvida, quando diz, citando o editor das cartas de Fanshaw: «During the unsettled times of our anar«chy some of his (Fanshaw's) Mss. falling by misfor«tune into unskilful hands, were «printed and publis«hed» without his consent or knowledge, and before «he could give them his last finishing strokes: such «was his translation of the Lusiads.»

Mickle, loc. cit ; Adamson's *Mem.* tom. II.

XI. — 1658. — Tradução italiana por Carlos Antonio Paggi, com o titulo: «*Lusiada Italiana* di Carlo Antonio Paggi, nobile Genovese, Poema Eroico del Grande Luigi de Camões Portoghese, Prencipe de'Poeti delle Spagne. Alla Santita di Nostro Signore Papa Alessandro Settimo. Lisbona Con tutte le licenze. Per Henrico Valente de Oliveira » 1658. 1 vol. 12.mo

Contém uma allegoria precedendo o frontespicio, gravada; duas dedicatorias a Monsig. Giacomo Franzoni e al Ill. Sign. Gio Georgio Giustiniano, em que relata a vida de Camões; — sonetos, elogios e licenças

Vej. Nicol. Ant. *Bibl. Hisp. Nov.*, tom. II: Adamson's *Mem.* tom. II.

A segunda edição, mui alterada da primeira pelo A., foi reimpressa na mesma typographia logo no seguinte anno 1659. — Ha exemplares no Mus. Britan, na collecção de M. Adamson, na minha, e não são raros em Portugal.

XII. — 1735. — Tradução franceza por Duperron de Castera, com este titulo: «*La Lusiade de Camoens*, poëme héroique, sur la *Découverte des Indes Orientales*. Traduit du Portugais, par M. Duperron de Castera » 3 vol. 12.mo Paris, 1735.

Com uma serie de estampas, e uma allegoria no frontespicio É dedicada a S. A. S. o principe de Conty. Contêm, além da dedicatoria e o verso francez, e da inscripção em verso latino da allegoria, um prefacio, a vida de Camões, licença do rei, notas no fim de cada canto, e indice de materias no fim de cada volume.

De Bure; Brunet, *Man. du Lib.* tom I, pag. 207; Duclos, *Dict. Bibl.* tom. I; Osmont, *Dict Typogr.* tom. I, pag. 163.

Ha uma ed de Paris 12.mo, outra de Amsterdam em 8.vo, ambas em tres vol. e no mesmo anno de 1835. — Outra ed. de 1768.

XIII. — 1762. — Tradução em verso allemão dos episodios de Ignez de Castro e de Adamastor por Meinhard na obra «*Den Gil. Beytr. zu den Braunschwig Antreigen.*» 1762. St. 25. pag. 193; St. 26. pag. 210.

XIV. — 1772. — Tradução em oitava rima italiana anonyma; com este titulo: «*La Lusiade o sia La Scoperta delle Indie Orientali fatta da'Portoghesi di Luigi Camoens*: Chiamato per la sua excellenza Il Virgilio di Portogallo. Scrita da esso celebre autore nella sua lingua naturale in ottava rima, ed ora nello stesso metro tradotta in Italiano da N. N. Piemontese, insieme con un ristretto della vita del medesimo autore, e con gli argomenti al Poeme da Gianfrancesco Barreto Torino 1772. Presso di fratelli Reycends Libraj in Principio di contrada nuova. — Multosque per annos — Errabant acti fatis maria omnia circum — ENEID. LIB. I.

1 vol. 12.mo de 301 pag. dedicada «al Nobilissimo ed ornatissimo cavaliere il Marchese D. Salvador Pez di Villamarina.» Argumentos em verso no principio de cada canto, e notas marginaes no decurso da obra. Ha um prefacio depois da dedicatoria.— Attribue-se geralmente ao conde Laurreanni, algum tempo residente em Lisboa

Um exemplar na Bibl. Real de Inglaterra em Buckingham-house; outro em podêr de M. Adamson.

XV. — 1772 — Tradução em verso francez por S. Gaubier de Barrault; com este titulo: «*La Mort d'Inés de Castro*; *et Adamastor*; morceaux tirés et traduits de la *Lusiade* de Camoens; pour servir d'Essai á une Traduction Françoise en vers et complette de ce fameux Poëme Portugais. Ouvrage dédié et présenté au Roi le VI de Juin M. DCC. LXXII. jour anniversaire de la naissance de Sa Magesté, par Sulpice Gaubier de Barrault. A Lisbonne De l'Imprimerie Royale Avec approbation » 1 folheto de 32 pag em 4.to com o texto ao lado

São unicamente os episodios de Adamastor e de Inez de Castro, traduzidos verso por verso, dedicatoria em prosa franceza a el-rei D José

Aquino, ed. de Cam. 1782; Adamson tom. II.

XVI. — 1776. — Tradução em verso rhymado inglez por Julio Mickle; com este titulo: «*The Lusiad; or the Discovery of India.* An Epic Poem Translated from the original Portuguese of Luis de Camoens. By William Julius Mickle.» — «Nec verbum verbo, curabis redere fidus—Interpres —HOR. ART POET.

«London — Oxford. — M DCC. LXXVI.» vol. 4.to

Muitas vezes reimpresso: o geral das edições contêm, antes dos *Lusiadas*, uma introducção; a historia da descuberta da India; a historia do crescimento e queda do imperio portuguez no Oriente; vida de Luiz de Camões; dissertação sôbre os *Lusiadas*; observações sobre a poesia epica.

Aquino ed. de Cam. 1782 tom. I; Adamson's *Mem* tom. II.

XVII. — 1776. — Tradução, em resumo, em prosa franceza por D'Hermilly, revista por La Harpe; com este titulo: «*La Lusiade de Louis de Camoens*; Poëme Héroique, en dix chants, nouvellement traduit du Portugais, avc des notes & la vie de l'Auteur. Enrichi de figures á chaque chant.» 2 vol. 8.vo Paris. 1776.

Precedem o poema uma advertencia do editor, uma vida de Camões: no principio de cada canto um argumento em prosa. Excellentes gravuras com explicações em prosa tambem

Aquino, ed. de Cam. 1782 tom. I: Mickle, *Diss.*; *Bibliotèque d'un Homme de goût*, tom. I, pag. 239 (ed de 1808); Brunet, *Man. du lib.* tom I; Fournier *Nouv. Dict. port. de Bibliog*

XVIII. — 7... — Tradução em verso francez por Florian, com este titulo: «Episode d'Ignez de Castro traduit de la *Lusiade* de Camoens—chant III »

Em todas as edições das obras de Florian.

XIX. — 1788. — Tradução anonyma em prosa franceza do episodio da Ilha dos Amores, na collecção intitulada: «*Voyages Imaginaires, Romanesques, merveilleux, allégoriques &c* Amsterdam, 1788 8.vo, com o titulo seguinte: «L'Isle enchantée.. Episode de la *Lusiade*, traduit du Camoens.» Tem uma bella gravura de Venus falando a Cupido.

XX. — 1807. — Tradução em oitava rima alleman por Frederico Kuhn e Carlos Theodoro Winkler; com o titulo: *Die Lusiad de Camoens. Aus dem Portugiesischen in Deutsche otavereime ubersetzt.* Leipzig in der Weidmannischen Buckhandlung 1807. 8.vo

É dedicada ao conde Carlos Boze secretario d'estado d'elrei de Saxonia: pretende-se na dedicatoria que é a primeira tradução dos *Lusiadas* em allemão.

XXI. — 1808 — Tradução allemã do primeiro canto dos Lusiadas, com o texto portuguez ao lado; com este titulo: *Probe einer neuen ub r setzung der Lusiade des Camões.* Hamburg bey Friedrich Perthes »

XXII. — 811. — Traducção em verso francez dos episodios de Ignez de Castro e da Ilha dos Amores, por Parseval Grand-maison, no poema rhapsodico intitulado *Les amours épiques.* 1 vol. 8.vo

A edição que cito é a segunda; não se pôde descubrir a data da primeira

XXIII — 1814 — Tradução em oitava rima italiana. por Antonio Nervi; tem por titulo: *Lusiada ai Camoens.* Transportata in versi Italiani da Antonio Nervi. Genova. Stamperia della Marina e della Gazzetta, anno 1814.» 8.ov

Um breve aviso ao leitor acompanha o poema sem mais notas ou illustrações.

XXIV. — 1818. Tradução castelhana de Dom Lamberto Gil; com o titulo seguinte: *Los Lusiadas,* Poema epico de Luis de Camoens, que tradujo al castellano Dom Lamberto Gil, Penitenciario en el real oratorio del Caballero de Gracia de esta Corte. Madrid. 1818. Imprenta de D. Miguel de Burgos.» 3 vol. 8.vo

O primeiro volume tem o titulo acima, e contém prologo — vida de Camões — juizo critico — relação da viagem de Gama — e os primeiros cinco cantos dos *Lusiadas.* — O segundo volume contém o resto dos *Lusiadas*; no terceiro ha prologo — e poesias varias que vem a sêr uma escolha dos poemas menores, notas, etc.

XXV. — 18... — Tradução ingleza de parte do IV.° canto dos *Lusiadas,* e d'algumas selecções das Rhymas por Lord Strangford; com o titulo *Poems from the Portuguese of Luis de Camoens,* London 18. . um pequeno vol. em 12.mo

XXVI. — 1825. — Tradução em prosa franceza por Millié, com este titulo: *Les Lusiades, ou Les Portugais* Poëme de Camoens, en dix chants — Traduction nouvelle, avec des notes. Par J. Bte. Jh. Millié. — «La découverte de Moçambique, de Melinde et de Calicut a été «chantée par le Camoens dont le poëme fait sentir quelque chose «des charmes de l'Odyssée et de la magnificence de l'Enéide.» MONTESQUIEU.

«Paris, Firmin Didot Père et Fils, Libraires, rue Jacob n.° 24. De l'imprimerie de Firmin Didot, M. DCCC. XXV.» 2 vol. 8.°

É dedicada a D. José Maria de Sousa Botelho (morgado de Matheus). Antes do poema um prefacio — vida de Camões — o soneto de Tasso e uma imitação franceza d'elle. No fim de ambos os volumes, notas — argumentos — conceitos dos litteratos sobre os *Lusiadas* — noticia sobre Camões e suas obras, por D. José Maria de Sousa Botelho, traduzida em francez por M. Millié.

XXVII. — 18... — Tradução em oitava rima alleman pelo Dr. C. C. Heise, com o titulo: *Die Lusiade Heldengedicht von Camoens, aus dem Portugiesischen uberzetzt von* Dr. C. C. Heise. — Hamburg und Altona bei Gottfried Volmer.» 2 vol. 12 mo — No frontispicio tem este dysthico allemão:

Halb Romer, stammt er dennoch von Germanen.

Contém, antes do poema, uma especie de *endereço* a Camões — argumentos nos principios — e notas nos fins de cada canto. Sem data de impressão. Conhece-se que é d'este seculo.

XXVIII — 1826. — Tradução em oitava rima italiana por Briccolani; tem o titulo: *I Lusiadi del Camoens recati in ottava rima* da A. Briccolani. Parigi 1826, co'tipi di Firmin Didot, via Giacobbe, n.° 24,» 1 vol. 32 mo

É dedicada a S. M. a Rainha D. Maria II, então de sete para oito annos. Tem no principio a mesma gravura da edição portugueza em 32 mo feita em Paris pela de 8.vo de Didot e na sua officina mesma, por J. P. Aillaud.

XXIX — 1826. — Tradução em verso solto inglez por Musgrave; com o titulo: *The Lusiad, An Epic Poem,* by Luis de Camoens. — Traslated from the Portuguese by Thomas Moore Musgrave». Primum ego me illorum dederim quibus esse poetis — Excerpam numero. Neque enim concludere versum — Dixeris esse satis: neque, si quis scribat, uti nos, — Sermoni propriora putes hunc esse poetam. — Ingenium cui sit, cui mens divinior, atque os — Magna soniturum, des nominis ujus honorem. — HORAT. *Sat.* I. I, 4.

«London: John Murray, Albemarle Street. M. DCCC XXVI.» 1 vol. 8.vo

Precede o poema, dedicatoria ao conde de Chichester — prefacio — seguem-se no fim notas.

XXX. — 1828. — Tradução dinamarqueza por Lundbye; com o titulo: Luiz de Camoen's *Lusiade oversat af oct Portugisiske* ved H. V. Lundbye. Kopenhagen. 1828. 2 vol. 8.vo

O A. era secretario da legação dinamarqueza em Tues.

XXXI — 1833 — Tradução em verso allemão por Donner, com o titulo: *Die Lusiaden des Luis de Camoens* verdentscht von J. J. C. Donner. Stultgard.» 1833. 1 vol. 8.vo

É uma bella edição em caracteres romanos. Auctor contemporaneo bem conhecido.

XXXII. — A tradução hebraica, referida por Mickle, e feita com muito engenho e elegancia por Luzzetto, um erudito judeu, auctor de varios outros poemas que morrêra na Palestina — trinta annos antes do tempo em que Mickle escrevia, — 1775.

XXXIII. — A tradução em prosa latina por Philippe José da Gama, tam louvada na ed. de 1779 das Obras de Camões, em Lisboa.

XXXIV — A tradução em verso latino por Manuel de Oliveira Ferreira com o titulo: *Lusiadum Libri VII.* Ms.

XXXV. — A tradução em verso francez pelo Sr. Duque de Palmella, que os particulares amigos do illustre auctor sabem estar muito mais adeantada, posto que d'ella só apparecessem amostras no *Investigador portuguez em Londres* de 18. . — Posso dar testimunho do muito que admirei, algumas das mais bellas e mais difficeis passagens dos *Lusiadas,* quando o nobre poeta (espero que se não offenda do nome) me fez a honra de m'as lêr, ha onze para doze annos em Londres.

XXXVI. — As duas traduções suecas que nos manifestou o Sr. Melin, illustre viajante d'aquelle paiz, que aqui vimos em Lisboa este anno de 1839

XXXVIII. — Os commentarios e tradução russa em 2 vol. 8 vo, que sabemos terem sido vistos por pessoa de confiança e intelligencia

XXXVIII Carrion-Nisas, Boucharlat, H. Lefebure tambem traduziram em Francez partes dos *Lusiadas.* (*Nota da segunda edição*)

XXXIX. — 1839 — Traducção sueca por Lovén, com este titulo: *Lusiaderne. Hjeltedikt af Luis de Camões Ofversati från Portugisiskan, J. originalets versform,* Af Vils Lovên. Stockolm, tryckt hos L. J. Hjerta,» 1839. 1 vol. 12.mo grande, de 224 pag., prefacio de IV pag., notas no fim, em XVI pag.

XL. — 1841. — Tradução em verso francez por Aubert; com o titulo: *Traduction de Lusiades de Camoens,* por Ch. Aubert.» Paris, 1841 1 vol. 12.mo

XLI. — 1841. — Traducção em prosa franceza por Ortaire Fournier et Desaules; com o titulo: *Les*

Lusiades de Camoens. Traduction nouvelle, par M. M. Ortaire Fournier et Desaules, revue, annotée et suivie de la traduction d'un Choix de Poésies diverses, avec une notice biographique et critique sur Camoens, par Ferdinand Denis» Paris 1841. 1 vol. 12.mo *(Nota da terceira edição.)*

XLII. — 1852. — Tradução em verso inglez dos primeiros cinco cantos, com o titulo: «*The Lusiade of Camoens*, Books I. to V. Translated By Edward Quillinan. With notes By John Damson, K. T. S and K C. of Portugal &c &c &c London 1853» 1 vol. 8.vo (*Nota da quarta edição.*)

NOTAS AO CANTO OITAVO

Nota unica

Louçan, transparente porçolana,
Raro producto do Chinez longinquo,
-- Raro na Europa ainda, e então condigno
Ornato de reaes copas.......................... pag 232

Rarissima era ainda a porçolana na Europa: é de vêr a admiração que em Roma causou o regalo de louça da India que fez o nosso santo arcebispo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres ao Papa, quando lhe aconselhava que deixasse as baixellas de ouro e prata como improprias de um successor de S. Pedro, e uzasse d'aquella que nem era tão cara nem tão fastosa Veja Fr Luiz de Sousa, *Vid. do Arc.* (*Nota da primeira edição*)

NOTAS AO CANTO NONO

Nota A

O trovador moderno que descanta............. pag. 237

O nome do trovador não foi privativo dos provençaes, porque portuguezes e castelhanos os houve. Toma-se aqui no sentido genuino da palavra, poeta guerreiro com o seu tanto de cavalleiro andante, e não no vulgar e vicioso de hoje, improvisador, versejador: digo vicioso, porque para isso temos nós *trovisto.* (*Nota da primeira edição.*)

Nota B

Arrebatada
Por anjos infernaes a roca antiga
Que a prumo a descahiram — e fixada
No incantado equilibrio, desafia
Fôrças da natureza e arte dos homens.... .. . pag. 237

Vistos de certo ponto e distancia, os rochedos primitivos e descarnados d'aquella serra parecem com effeito collocados alli por meios sobrenaturaes.

Não haverá n'elles algum que realmente seja o que ao poeta se afigurou n'est'outros versos:

Celtico dolmin recordando o culto
Do sanguento Endovelico, o terrivel
Irminsulf dos ferozes Lusitanos .... pag. 238

Dolmin, ou dolmen, é o singelo monumento celtico de uma pedra solitaria e a pique.

Celtas somos nós sem dúvida, além do genio, por sangue. Endovelico era deus celta, porventura tradução de Irminsulf, assim arredondada pelo *ore rotundo* lusitano

Aqui estão altas e profundas questões, cujo interêsse o poeta só indica: trate-as a sciencia, que o valem. (*Nota da segunda edição.*)

Nota C

Guardando ainda,
No azul que em sua glória lhe vestiram,
As estrellas do Yaman e os inlaçados
Caracteres do Hydjaz!.................... ... . pag. 237

Ainda agora — A. D. 1839 — se conserva em parte do tecto e de uma parede interior da mesquita quasi todo o estuque, e bocados d'elle com o azul vivo e animado, as estrellas, meias luas e letras arabicas bem distinctas, e luzindo ainda o dourado com que as debuxaram.

Veja, sobre a admiravel conservação d'estes frescos, as observações de Paw, «*Recherch. Philos*, Paris, an. 3 de la republ.»

Se alguem fizesse ao menos copiar e estampar estes curiosos e notaveis vestigios antes que de todo se obliterem! (*Nota da segunda edição*)

Nota D

Estas resistem
Mais que nenhumas ao minar do tempo......... pag. 238

É facto que póde cada um explicar a seu sabor, mas indisputavel para todos. — Na cidade habitada ainda por gerações que succederam a centenares de gerações — na que jaz abandonada e deserta já — os monumentos, os edificios publicos e particulares, ou renovados ou cahidos, ou sem deixar vestigio sequer, todos testemunham a fragilidade e instabilidade das coisas humanas

Porque será que as casas de oração, os templos parecem privilegiados entre as obras dos homens? A Philosophia responderá com um sorriso, a Piedade com um levantar d'olhos ao céu. Nenhuma te convence: talvez. Mas se heide crer sem entender, porque hade ser antes no que ri e zomba, do que n'esse que vive tam certo em sua fé! (*Nota da segunda edição.*)

Nota E

De Bernardim saudoso e namorado...... ...... pag. 238.

Bernardim Ribeiro, cujo romance da *Menina e Môça* é allegoria de seus altos amores do paço. Corre por verdadeiro o que aqui se diz a este respeito. A sua morada na serra de Cintra, a sua ida de peregrino aos Alpes, i. e. a Turim onde se achava a infanta D Beatriz casada com o duque de Saboia, são factos: o resto quem o póde afiançar? (*Nota da primeira edição.*)

No volume d'esta collecção em que se publica o *Auto-de-Gil-Vicente.* vem illustrado mais amplamente o ponto

Imprimiu se, na primeira edição do poema, Izabel em vez de Beatriz, por engano desculpavel em quem escreveu e imprimiu em terra extranha, quasi sem um só livro portuguez (*Nota da segunda edição*)

Nota F

Na opa de peregrino disfarçado
Desce os montes da Lua, e mais erguidas
Serras demanda.............................. pag. 238.

Os derradeiros dias da vida romanesca e aventureira do apaixonado Bernardim Ribeiro são a parte menos decifrada e decifravel do enigma de sua vida. Aqui seguiu-se a tradição mais vulgar. Houve quem me accusasse de ter seguido outra diversa no *Auto-de Gil-Vicente*. Não era erro quando tal tivesse feito, porque se ao poeta é permittido violar a historia, que liberdades não terá elle com a vaga e desvairada tradição de uma aventura romanesca?

Mas não foi assim, digo: Bernardim Ribeiro lança se ao mar, no *Auto-de-Gil-Vicente*; mas nenhum *nuncius*, nenhum χορος veiu fóra, como na comedia ou tragedia antiga, dizer ao público: — Bernardim Ribeiro affogou-se com effeito: *nunc plaudite*. (*Nota da segunda edição.*

Nota G

Façanha heis feito de homem, que imitada
De muitos não será........................... pag. 239.

Duarte Nunes do Lião define *façanha*, acção notavel em cavallaria, que se póde citar como aresto e caso-julgado do qual se argumenta para outro parecido. D. N. *Chron.* (*Nota da primeira edição.*)

Nota H

Prompto se offerece quem germanas artes
Em dar-lhe vida e propagal-o empregue........ pag. 239.

Camões chegou a Lisboa em 1569, e publicou os *Lusiadas* em 1572 na officina de Antonio Gonçalves. Fez logo segunda edição no mesmo anno, segundo demonstrou o Morgado de Matheus, e já Faria-e-Sousa tinha descuberto. Desde então, póde-se dizer que a imprensa ainda não descançou de multiplicar exemplares d'esta assim como das outras obras de Luiz de Camões. (*Nota da segunda edição.*)

Nota I

Soa o brado ingente
Ja pela Europa; e o nome lusitano
Ao nome de Camões eterno se une.............. pag. 239.

Mais de uma vez se tem feito allusão, a'este poema, á immortalidade que o nome de Camões affiança á nossa lingua e ao nosso nome. Poucos ha tam populares e europeus como o d'elle. N'estes derradeiros tempos quasi que não ha lingua em que a poesia e o romance não tenham celebrado o engenho e carpido as desgraças do Homero portuguez.

Lord Strangford com as suas *paraphrases*, de pouco merito aliás, concorreu muito para fazer da moda em Inglaterra o nome de Camões. O morgado de Matheus e o meu amigo o Sr Adamson generalizaram as sympathias despertadas talvez pelo litterario *dandy*.

O poemeto em prosa de M. Denis publicado na obra *Scenes de la Nature sous les tropiques*, appareceu pouco depois em França, 1825. Na primeira edição do meu *Camões*, que e d'esse anno, fiz a sem saboria de me pôr a dar explicações em como não tinha nada a minha composição com a do Sr. Denis. Consta-me que, entendendo provavelmente mal as minhas palavras, aquelle escriptor, que tambem tem merecido da nossa Litteratura, se offendêra d'ellas. Peço-lhe aqui solemne desculpa, e declaro a minha convicção intima de que, assim como eu não sabia da sua obra nem a vira antes de publicar a minha, o mesmo estou certo que lhe acontecesse.

Vi mais em francez, publicado em 1831-32? um pequeno drama em prosa, cujo assumpto é a volta de Camões a Lisboa. Não me póde lembrar o nome do auctor

Em allemão appareceu *Tod des Dichters*, romance por Ludwig Tieck, Berlim 1834. E' seguimento de uma publicação á maneira dos annuaes inglezes, intitulada *Novellenkranz*. 1 vol. 12.^mo de 347 pag.— Sahiram no vol. de 1835 as gravuras pertencentes a este. Tieck é hoje um dos primeiros litteratos d'Allemanha.

N'uma collecção de Poesias dinamarquesas que tem por titulo *Nye Digte, Af Schack Staffeldt* — Kiel 1808. 8.^vo a pag. 175 vem um poemeto intitulado *Camoens*, em versos de differentes medidas e a modo dramatico, sendo interlocutores Camões, um frade, o Jáo de Camões, e vozes de anjos. Contém 24 pag. (*Nota da segunda edição.*)

Li o anno passado dois dramas allemães cujo protogonista é tambem o nosso Camões; são impressos 183.. (*Nota da terceira edição.*)

Acabo de receber de Paris, hoje 12 de Março 1854, um elegante e precioso estudo litterario sôbre o mais interessante ponto da vida de Camões, pelo sr Adolpho de Circourt. Publicou-se primeiramente como artigo na *Bibliothèque universelle de Geneve*, e tem por titulo : *Catherine d'Atayde*. Genéve, imprimerie Ferd, Ramboz et C^ie. » 1852 Sinto que a já demaziada extensão d'estas notas me não permitta inserir por extenso todo este opusculo, bem digno do seu objecto. (*Nota da quarta edição.*)

NOTAS AO CANTO DECIMO

Nota A

A' indigencia, á miseria ahi succumba...... pag. 240

Seguindo a opinião do Morgado de Mattheus, na primeira edição do meu poema fiz carregar nomeadamente aos dous irmãos Camaras — Luiz Gonsalves e Martim Gonsalves — com toda a fealdade d'este crime que, realmente e sem paixão, se deve imputar a todos os que rodeavam el-rei, e que segundo diz Faria-e-Sousa, *eran en migos del poeta*. Com esta mais arrazoada opinião se conforma o Sr. Bispo de Vizeu, Lobo, quando ajudado da auctoridade e argumentos do mesmo Faria-e-Sousa, confunde a villania de Mariz que tam indignamente quiz desculpar a ingratidão da côrte á custa da reputação de Camões

Mas já que vae de fazer justiça a todos, façamol-a tambem ao govêrno d'aquelle tempo, absolvendo-o da accusação, tam repetida ha quasi tres seculos, de que a pensão de quinze mil réis que lhe davam era, inda em cima, tam mal paga «que o poeta dizia: que «havia de pedir a elrei que trocasse os quinze mil réis «por outros tantos açoites nos ministros por quem «corria o pagamento.»

A pensão foi mesquinha, indigna de quem a dava e de quem a recebia, mas pagou-se Dou por integra, em razão da novidade e interêsse do seu conteudo, os seguintes documentos, cujas authênticas me foram officialmente communicadas da Tôrre-do-Tombo. E fólgo de dar aqui público agradecimento á obsequiosa amizade do Sr. Guarda-mor e á diligencia de seus empregados, que tam zelosamente se prestaram a satisfazer ao meu pedido.

«Ill.^mo e Ex.^mo Sr. — Tenho a honra de passar ás mãos de V. Ex.^a (de ordem do meu Guarda-mor) as tres cópias junctas do Alvará e Appostillas de 15$000 réis de tença concedida a Luiz de Camões, podendo assegurar a V. Ex.^a não existir n'este Archivo outro algum documento (e muito menos autographo) que pertença ao dito Camões. — Deus Guarde a V. Ex.^a — Real Archivo da Torre do Tombo 27 de Julho de

1839.—Ill.mo e Ex.mo Sr. Chronista-Mór do Reino—*José Manoel Severo Aureliano Basto*, Official Maior.

«Eu elrei faço saber aos que este aluara virem que avendo respeito ao serviço que Luiz de Camões cavalleyro fidalgo de minha casa me tem feyto nas partes da India por muitos annos e aos que espero que ao diante me fara e a Informação que tenho de seu engenho e habellidade e a sufficiencia que mostrou no livro que fez das cousas da Indya ey por bem e me praz de lhe fazer merce de quynze mil reis de tença em cada hum anno por tempo de tres annos somente que começarão de doze dias do mes de março d'este anno presemte de mil quinhentos setenta e dous em diante que lhe fiz esta merce e lhe serão pagos no meu thesoureiro mor ou em quem seu cargo servir cada hum dos ditos tres annos com certidão de francisco de siqueira escrivão da matricola dos moradores de minha casa de como elle Luiz de camões reside em minha corte. E portanto mando a dom martinho pireira do meu conselho vedor de minha fazenda que lhe faça asentar no livro della estes quinze mil réis no titullo do thesoureiro mor para nelle lhe serem pagos cada hum dos ditos tres annos com a certidão acima decllarada e este allvara quero que valha como se fosse carta feita em meu nome sem embargo da ordenação do segundo livro que dispõe o contrario symão borralho a fez em Lisboa a vinte e oito de Julho de mil quinhentos setenta e dois e eu Duarte dias o fez escrever.—Está conforme ao livro 32 da Chancellaria do Senhor Rei Dom Sebastião fl. 86 v.º—Real Archivo 23 de Julho de 1839.—*José Manoel Severo Aureliano Basto.*»

«Trellado de huma apostilla que se pos ao pee de hum allvara de luis de camões que foi Registado no Livro de amtonio daguiar a folhas oitenta e seis E passou pela chancelaria a seis de Setembro de *setenta e dois.*—Ey por bem fazer merce a luis de camões dos quinze mil réis cada anno conteudos neste allvara por tempo de tres annos mais que começarão do tempo em que se acabarão os outros tres annos paguos no meu Thezoureiro mor asy e da maneyra que se lhe ategora paguarão com certidão do escrivão da matricolla de como Resyde em minha corte e com essa declaração se hasentarão no livro de mynha fazenda e se levarão no caderno do asentamento E esta apostilla se cumprirá posto que o efeyto della aja de durar mais de um anno symão borralho a fez em allmada a dois dagosto de mil quinhentos setenta e cinco E eu duarte dias a fiz escrever.—Está conforme ao Livro 33 da Chancellaria do Senhor Rei Dom Sebastião fl. 229. Real Archivo 23 de Julho de 1839—*José Manoel Severo Aureliano Basto*»

«Trelado de huma postilla que se pos nas costas de hum allvara de Luis de Camões.—Ey por bem de fazer merce a luis de camões contiudo no meu allvara escrito na outra meia folha atras que elle tenha e aja cada anno por tempo de tres annos mais os quinze mil reis que tem pela postilla que esta no dito allvara os quais tres annos começarão de dous dias do mes dagosto deste anno prezente de quinhentos setenta e oito em diante. E os ditos quinze mil reis lhe serão pagos no meu thesoureiro mór assy e da maneira que ategora lhe pagarão com certidão dayres de siqueira escrivão da matricola dos moradores de minha casa de como Reside em minha corte e com essa declaração se assentarão no Livro de minha fazenda E se levarão no caderno do assentamento E esta apostilla me praz que valha e tenha força e vigor posto que o effeito della aja de durar mais de hum anno sem embargo da ordenação em contrario gaspar de seixas a fez em lisboa a dois de Junho de mil quinhentos setenta e oito E posto que acima diga que o dito luis de camões comece a vencer os ditos quinze mil reis de dous dias do mes dagosto deste anno presente não os vencerá senão de doze dias de março passado do dito anno em diante que he o tempo em que se acabarão os tres annos que lhe foram dados pela dita apostilla=Jorge da costa a fez escrever.—Está conforme ao Livro 44 da Chancellaria de Senhor Rei Dom Sebastião fl. 119 v.º—Real Archivo 23 de Julho de 1839—*Jose Manoel Severo Aureliano Basto.*» (*Nota da segunda edição.*)

Os conscienciosos e infatigaveis desvellos do meu amigo o Sr. Visconde de Jeromenha sahirão breve a publico para esta e outras questões biographicas relativas a Camões. (*Nota da quarta edição*)

Nota B

«—Meu bom senhor, um gasalhado tenho
Achado ja........................ ... . pag. 243

Não sigo a opinião dos que fazem morrer o nosso Camões no hospital. O Sr. bispo de Vizeu, na memoria tantas vezes citada, claramente provou que «o fallecimento do poeta no hospital publico de Lisboa, se não é de todo falso, é pelo menos muito «duvidoso»

Vej. *Mem.* da Ac. R. das Sc. de Lisboa, tom 7, pag. 230. (*Nota da segunda edição.*)

Nota C

Uma faisca,
Esquecida a tyrannos, lá scintilla................ pag. 244

Esta é uma prophecia de poeta, cujo cumprimento póde ser explicado pelos successos de 1640, de 800 ou de 1820, ou segundo prouver aos crentes, como acontece com a maior parte de taes prophecias

Nota D

Junctos morremos... E expirou co'a patria...... pag. 244

É notavel coincidencia, e que muito lisongeia o meu pequenino amor proprio, que em quanto eu, humilde e desconhecido poeta, rabiscava estes versinhos para descrever os ultimos momentos de Camões, o Sr. Sequeira immortalizava em Paris o seu nome e o da sua nação com o quadro magnifico que este anno passado de 1824 expoz no Louvre, em o qual pintou a mesma scena. Valha-nos ao menos, descahidos e esquecidos como estamos, que haja ainda portuguezes como o sr. Sequeira que resuscitem, de quando em quando, o adormecido ecco da nossa antiga fama. (*Nota da primeira edição.*)

Nota E

Onde jaz Portuguezes, o moimento
Que do immortal cantor as cinzas guarda?....... pag. 244

Camões foi enterrado em sepultura humilde e raza ao lado esquerdo da porta principal da egreja do convento de Sanct'Anna, que então servia de parochia. Dezaseis annos depois, D. Gonçalo Coutinho, o mesmo que tam affeiçoado lhe fôra n'outro tempo, mas que parecia têl-o desamparado nos ultimos dias da sua atribulada vida e de todo olvidado depois de morto, D. Gonçalo Coutinho, agora com diligencia e cuidado procurou o logar quasi esquecido—em dezaseis annos!—da sepultura do poeta; achou-o, com não pequenas difficuldades, «por não haver indicio» diz o Sr. bispo de Vizeu, Lobo, «que o fizesse logo advertir;» mandou trasladar as cinzas para uma jazida particular no meio da egreja, e assentou sobre ella uma pedra em que fez gravar aquelle tam conhecido epitaphio de simplicidade eloquentissima:

Aqui jaz Luiz de Camões
Principe
Dos poetas do seu tempo:
Viveu pobre e miseravelmente:
E assi morreu
Anno M. D. LXXXIX.

Martim-Gonsalves da Camara, o famoso escrivão da puridade d'elrei D. Sebastião, ou que realmente não tivesse sido inimigo do poeta, ou lhe chegasse o arrependimento, tambem agora, com licença de Gonsalo Coutinho, lhe mandou gravar na mesma lapide

aquell'outro epitaphio em disticos latinos, composição do padre Matheus Cardozo jesuita, toda hyperbolica, engenhosa e de conceitos, que ou me engano muito ou, per si mesmos, esses versos latinos se denunciam hypocritas e fingidos, quanto a singela prosa portugueza da outra inscripção mostrava sinceridade d'alma, pena e saudade bem sentida do coração.

O chronista franciscano attesta ter visto e existirem ainda no seu tempo, A. D. 1700, uns azulejos que ornavam a parede da egreja no sitio onde fôra a primitiva sepultura do poeta, e alli foram postos em seu obsequio com emblemas e trophéos militares.

No terremoto de 1755 o tecto da egreja, que era de abobada, cahiu com todo o peso sobre o centro d'ella e completamente arruinou toda a linha média do pavimento: as paredes ficaram em pé, e o resto do pavimento de ambos os lados da egreja tambem não foi arruinado, segundo ainda hoje testimunha a existencia de muitas lapidas, inscripções tumularias, brazões, etc., com suas datas anteriores ao fatal dia primeiro de Novembro de 1755.

A egreja concertou-se; as freiras, que até alli não tinham tido senão côro de cima, fizeram côro de baixo tambem, tapando a porta principal da egreja que era fronteira ao altar-mór, e deixando uma lateral para o povo. Por onde, o jazigo de Camões,—em que esteve ou está a sua cinza, veiu a ficar exactamente no sitio em que a grade do côro de baixo agora parte a egreja quasi a meio.

Mas, depois d'estas obras, a ninguem le nbrou perguntar se se puzera ou não signal n'aquella sepultura; todos se contentaram desmazeladamente com dizer —«Perdeu-se com o terremoto.» E passou em julgado. Invergonhava-se a gente quando os estrangeiros nos perguntavam pelo tumulo de Camões; dizia-se que era um opprobrio, uma affronta nacional mas não se tratou nunca de vêr se era possivel reparal-a.

Só n'este seculo, um homem não suspeito de enthusiasmo por Camões certamente, antes bem pouco respeitador seu, o padre José Agostinho de Macedo, por vezes foi ouvido dizer, a varias pessoas inda vivas, que a sepultura não estava perdida, e que o terramoto só destruíra a loiza, não o jazigo.

Provavelmente não havia empenho no presumido rival de Camões em que se verificasse a sua crença, ou esta incúria geral portugueza se ficou priguiça de que nada parecia poder já despertar-nos.

Em 1825 quando imprimia em Paris a primeira edição do meu poema, eu ignorava absolutamente éstas circumstancias locaes, e não tinha nem o menor vislumbre de que fosse possivel virem a descobrir-se as cinzas de Camões A objurgação com que terminei o poema, a modo de *envoy* de provençal, ou com mais exacção de acre *servente* que fustiga um crime publico — em todo o caso era merecida; porque é certo que Nação, Rei e Governo, todos peccaram de culposa incúria em não ter feito a minima diligencia para descobrir o monumento de sua maior gloria. Volumes de *providencias* do marquez de Pombal, milhões de despezas em desentulhos, concertos e edificações novas; mas nem uma ordem dada, nem um cruzado gasto para se descobrir o jazigo de Luiz de Camões.

Estava reservado a um poeta, a um pobre poeta, cego e sem valimentos, o emprehender a desaffronta da nação e o desaggravo do seu grande genio.

Na sociedade que se formára em Lisboa em 8·5 com o titulo de *Sociedade dos Amigos das Lettras*, o Sr. Castilho propoz que se não désse toda a esperança por perdida, que elle tinha fé que ainda talvez se podesse achar a sepultura do nosso Camões, que ao menos se fizessem diligencias com zelo e empenho.

Nomeou se uma commissão; o Governo e o Sr. Patriarcha da Silva deram as licenças devidas, foi cuidadosamente e com todas as solemnidades explorada a egreja; achou-se o que acima referi do seu estado actual; e no proprio sitio em que, a existirem, devem ainda jazer os restos mortaes do immortal cantor dos Portuguezes, apparece com effeito uma lage comparativamente nova, sem letra nem divisa, cubrindo um vão argamaçado e ladrilhado, com dous ou tres degráos que a elle descem; vão não mesquinho para uma sepultura singular, mas insufficiente para um carneiro ou jazigo de familia, como outros que ha na mesma egreja. Dentro d'este vão uma ossada com alguma terra pouca.

Para mim, para todos os que, á mingua de *authenticas* formaes, podem crêr em reliquias authenticadas com probalidades tam vizinhas da certeza, para mim é moralmente certo, é provado, quanto humanamente se póde provar em casos taes, que alli estão as cinzas de Camões O logar é o da historia: de todos os signaes que ella nos dá para reconhecermos aquelle sepulchro venerado, só nos falta a loisa que o terremoto esmigalhou. Apparece uma nova, como é nova toda a linha média do pavimento da egreja. Não apparece, apezar das mais escrupulosas diligencias, memoria de jazigo, carneiro ou sepultura particular de nenhuma pessoa ou familia que depois do terremoto alli viesse enterrar-se. Estamos como no tempo em que D. Gonsalo Coutinho procurava a já esquecida primeira sepultura do poeta; acham-se *difficuldades* que fazem hesitar, mas que são muito venciveis: nenhuma razão se offerece contra a probabilidade, e todas a reforçam.

Pelas sabidas occorrencias de Setembro de 1836, tempo em que a commissão trabalhava, e quando, depois de alguns dias, chegava a este resultado, foram suspensos os seus trabalhos Um relatorio circumstanciado e documentado de todo o processo da exploração vae apparecer brevemente ao publico. [1]

O meu amigo o Sr Antonio Feliciano de Castilho, a cujo favor devo as preciosas informaçees que aqui resumi, está actualmente dispondo aquelle relatorio, de cuja publicação resultará certamente o generalisar-se a convicção de tam grande descoberta, e vir emfim a nação portugueza a recuperar o seu Palladio litterario. Dar-lhe-ha ella depois sanctuario mais digno, mais duravel, e tal que o não possam vir a esquecer seus ingratos filhos? Esperemol-o ao menos. *(Nota da segunda edição)*

Nota F

Canto de indignação, ultimo accento
Que jámais sahirá da minha lyra:................. pag. 241

O leitor dirá provavelmente que foram promessas de poeta, o *promitto tibi pater*. Engana-se. Realmente desde esta epoca não tornei a emprehender uma obra poetica, não tornei propriamente a fazer versos. A Canção á victoria da Terceira, assumpto que faria poeta a burra de Balaam do mais prosaico jornalista — com dois ou tres peccadilhos mais, se tanto, são os unicos de que me accuso Coisas velhas e anteriores, emendei e conclui muitas

Não é capricho nem vulgaridade baixa da que muitos têem, — que me julgue personagem grave de mais para fazer versos — ou aos versos coisa menos grave para qualquer grande pessoa — que eu não sou. Não é isso: é que já não *creio*; e para ser poeta é mister *crer*. Já não creio senão em Deus: e agora, só se fizer versos ao divino. Quem sabe?

Tomára eu poder commigo que os fizesse — meus ricos versos! Que me não façam *almotacé do bairro*, se fizer como dizia o Tolentino — regedor de parochia — ou não sei que outra coisa que é agora.

Quando me chamam poeta com *intenção*, lembrame sempre o caro M. Jourdain. Eu farei versos sem me sentir; elles, coitados, saberão elles que fazem prosa? *(Nota da segunda edição.)*

[1] Escrevia-se esta nota em 1839. Não me consta que nada apparecesse até hoje. Março de 1854.

DONA BRANCA

PROLOGO DA SEGUNDA EDIÇÃO

Publicando esta nova edição de DONA BRANCA, a primeira que se faz em Portugal depois de umas quantas francezas e brasileiras, pareceu-me dever pôr aqui alguma memoria, tanto da primeira composição do poema, como da presente fórma com que hoje se reproduz.

E consintam-me, antes de tudo, o desabafo de dizer que nenhum homem ainda fugiu tanto ao seu destino como eu; nenhum porém foi tam perseguido do «inevitabile fatum» que me não deixou. De criança me tentaram e namoraram as musas, e de criança lhes resisti sempre, com mais severo pudor do que o casto José, deixando-lhes por vezes nas mãos lascivas a capa virginal de minha pudicicia, e fugindo com merito e virtude verdadeira, porque fugia a deleites suspirados, ardentemente desejados de minha alma.

Imberbe ainda, na Universidade, macerei os desejos rebeldes com jejuns e cilicios; estudando muito direito romano, teimando no Euclides e no Bezout, fazendo impossiveis, e conseguindo, durante cinco annos quasi, affastar de mim a tentação. A maldita mania das Comedias particulares que alli appareceu de repente entre os estudantes, o enthusiasmo da Revolução de Vinte que me apanhou em flagrante, rodeado de Encyclopedistas, de Roússeaus e de Voltaires, deitaram a perder tudo... atirei com o gôrro por cima da ponte e fiz versos.

Durou-me pouco a embriaguez d'esta primeira paixão; porque entrando cedo no mundo e nas agitações politicas, o ocio das recreações litterarias me enfadou logo.

Por mais de dois annos as não vi as taes musas. Mas emigrei; e a solidão, a tristeza, as saudades do exilio me submetteram de novo a seu imperio. Foi então que fiz a DONA BRANCA; e de então data a lucta constante de minha vida em que, ora triumpho eu e a minha razão, occupando-me de coisas graves e uteis quanto posso e me deixam—ora vem o ocio e a descrença politica e me adormecem nos braços das traidoras Dhálilas que me tosquiam razo como Sansão, e recaio a fazer litteratura... aos Philisteus.

Assim me tentei a fazer a DONA BRANCA ha mais de vinte annos, quando emigrado e criança em paiz estrangeiro: assim me tento agora quando emigrado em minha casa — e homem maduro, que já devia ter mais juizo — a revêl-a e aperfeiçoál-a. Mas é fado: repito.

Direi de passagem que as criticas, de que foi objecto este poema, lhe foram uteis as mais d'ellas; porque, se nem todas acertaram com os defeitos, todas me fizeram reflectir, e achar talvez o que sem ellas não acharia.

Não fallo de certas accusações calumniosas e brutaes com que a mesquinhez de um ou outro sabichão de meia-tigella quiz aspergir de immoralidade o meu innocentissimo romance; tam recatado, o pobre, que até da infanta D. Branca — uma das mais despejadas «leoas» do seu tempo — fez a donzella timida e sem malicia que ahi pintei, mentindo bem descaradamente á historia. E os tartufos invocaram a historia para accusar o poeta de não respeitar a fama da senhora infanta!

Tinha vontade de dizer que até um meu particular amigo, cardeal da Santa Egreja Romana, entrou n'estas villanias... Mas Deus lhe perdoe, como lhe eu perdoei. Fraquezas do pobre homem! Eu sempre fui amigo d'elle, comtudo.» [1]

Vamos á presente edição.

Aproveitei este verão que passei no campo, e puz-me a reler a DONA BRANCA, marcando as incorrecções de stylo e as criancices de conceito que lhe fui achando; e vi

[1] Suppomos que este § quer alludir a certo artigo que appareceu no *Panorama* sobre a D. Branca
(*N. dos EE.*)

que para consentir com os editores das minhas Obras, que ha muito queriam completal-as com esta que faltava no mercado, era preciso revolvêl-a de alto a baixo. Fazêl-o sem fazer nova obra, era o ponto; e o mais difficil para mim. Resolvi-me porém a começar; e uma vez começado, acabei o trabalho. E' o que hoje se publica.

Dos sete cantos, em que andava mal dividido o poema, fiz dez. Tem poucos centos de versos mais do que tinha; mas o enrêdo e argumento da acção ficou mais claro, e os seus episodios mais ligados. Do stylo tirei muitas voltas de archaismo forçado que sabiam á reacção philintista em que estava a lingua quando primeiro o compuz. E muitos deixo ainda, em memoria de como algum tempo conseguiu passar por obra posthuma do Padre Francisco Manuel, este poemeto, que na primeira edição de 1826 trazia no rosto as iniciaes de F. E.: monogramma com que o auctor puerilmente se encobriu por medo das criticas — e do que era um pouco mais serio, a censura armada do paternal govêrno absoluto, que, se já não tinha a Inquisição, tinha ainda as suas Academias e litteratos a bradar que o Limoeiro e o Caes do tôjo eram a verdadeira lei de repressão dos abusos da imprensa.

Não se póde negar que era coherente ao menos aquelle paternal govêrno, e que não enganava ninguem.

Cruz quebrada, agosto 1848.

DONA BRANCA

CANTO PRIMEIRO

I

Aureos numes d'Ascreu, ficções risonhas
Da culta Grecia amavel, crença linda
De Venus bella, Venus mãe d'Amores
Brincões, travessos;—do magano Jove,
Que do septimo céu atraz das môças
Vem andar a correr por este mundo,
Já niveo touro, já dourada chuva,
Já quanto mais lhe apraz;—de Baccho alegre,
Do louro Apollo, e das formosas nove
Castas irmãs que nos vergeis do Pindo
Tecem aos sons da lyra eternos carmes;
Gentil religião, teu culto abjuro,
Tuas áras profanas renuncio:
Professei outra fé, sigo outro rito,
E para novo altar meus hymnos canto.

II

Não rias, bom philosopho Duarte,
Da minha conversão, sincera é ella:[1]
Disse adeus ás ficções do paganismo,
E christão vate christãos versos faço.
—Irão meus versos ao retiro mystico,
Adonde te escondeste procurar-te;
E ao levantar da nevoa matutina
Te hãode acordar para contar-te a historia
Dos bons tempos que foram. -Ouve, escuta
O alahude romantico, ouve as coplas
Do amigo trovador: á nossa terra
Vamos, amigo, vamos co'estes sonhos
Embalar as saudades, e dar folga
A's âncias d'alma co'as ficções do engenho.

III

«Em hora boa saia a nova espôsa
«Por caminho de flores! Saia a bella
«A casta filha de Sion sagrada
«Para os paços magnificos do espôso!
«Choremos nós, que ella se vae, choremos,
«Que nos deixa e se vae: outro rebanho
«A apascentar caminha em prados novos·
«De outras ovelhas cuidará solícita,
«Que não de nós: sua corôa mystica
«Outras mãos tecerão da rosa agreste,
«Do lirio das campinas para a frente
«Da pastora sagrada: o bago santo
«D'outro redil defenderá a entrada.
«Em hora boa saia a nova espôsa
«Por caminho de flores! Saia a bella,
«A casta filha de Sion sagrada
«Para os paços magnificos do esposo.»

1 Veja nota a este verso, no fim.

IV

Aberta estava a porta do mosteiro,
E as virgens do Senhor este cantavam
Hymno de saúdosa despedida
A' sua joven prelada que ora as deixa.
Formosa e em viço de florentes annos
A real Branca, de Lorvão senhora,
Alli despiu do seculo as grandezas
Na solidão do claustro: o nobre Affonso
Viu com lagrimas pias—não de mágua,
Trocar a linda filha a régia purpura
Pela estamenha austera. Môça e bella
O baculo empunhou, e o regeu digna
De seu santo mister A mais subido,
Mais alto gráo na hyerarchia a chama
Agora seu avô, ess'outro Affonso,
O sabio, o imperador, o rei poeta
Que as musas pôs no solio co'a virtude
E com ellas reinou, rei cavalheiro,
Poeta portuguez, que em nossa lingua,
Mais estreme da arabiga aspereza,
Mais goda e mais romana, preferia
Suas regias canções cantar do solio.
Como a sangue que é seu, e amada filha
De Beatriz muito amada, lhe queria
O bom do imperador á joven Branca:
Abbadeça a fez d'Holgas; a buscal-a
Vieram seus vassallos; e ora parte
Em pomposo cortejo a tomar posse
De seus grandes, riquissimos dominios.

V

Cavalleiros cinquenta armados d'aço
Lucidas cotas, duras malhas vestem:
Alva cruz nos broqueis ; e alvo pennacho
No elmo brilhante fluctuando ondeia.
Alta a viseira está, mas baixos olhos
O respeito lhes põe ; não fita ousada
A vista do guerreiro as virgens santas
Que o véo do templo separou do mundo.
Vassallos estes são que as ferteis varzeas
De Burgos têem, e d'Holgas ao mosteiro
Preito e homenagem dão : custou-lh'armados
A entrar assim por terras portuguezas;
Com muito campeão romperam lanças,
E em pontes e castellos de senhores
Houveram que brigar; nem lhes valeram
Salvos conductos do valente Affonso,
Que o portuguez cioso não tolera
O rival castelhano em terra sua.
Mas passaram alfim, e a sua bella,
Real senhora levam. Já fluctua
O pendão branco ao vento matutino,
Dá signal o clarim, viseiras descem,
Lança em punho.— Alva mula, ajaezada

Com ricos pannos de oiro e finas telas,
Monta a formosa infanta acompanhada
De suas damas. Soeiro e Lopo a seguem;
Soeiro e Lopo, venerandos padres,
Digno exemplar em lettras e virtudes
Dos filhos de Bernardo; a consciencia
Têem a seu cargo da gentil princeza;
E bulla especial do santo padre
Para acudir ao caso mais difficil.
D'estes de exame, d'estes que faziam
Ao proprio Camizão suar a testa,
Que nem o agudo Busembau sonhára
Nem o Larraga lhe mettêra o dente.
Mestre Gilvaz, que em Padua fez prodigios
E a Galeno e verroes deu sota e basto,
Em gorda, russa mula, — e não de physico,
De nédea que é — pesado de aphorismos,
Grave caminha junto aos reverendos.
Nuno, valente e guapo borda-d'agua,
Taful de escaramuças e ciladas
Contra arraianos, do Leonez e Mouro
Temido como duende que os persegue,
Nuno, mancebo experto, e cavalleiro
De nobres partes, por el-rei mandado
A' infante fôra a acompanhál-a a Holgas,
Como escudeiro seu. — «Tam bello pagem
A senhora tão môça não cumpria,»
Rosnava lá comsigo frei Soeiro;
Mas o mal que lhe quer, pelo respeito
De quem o manda, declarar não ousa.
Seguem mórdomos, escudeiros, moços,
Que, uns duzentos ao todo, cavalgando
Vão em marcha vistosa ás margens lindas
Do suavissimo e placido Mondego.

VI

Raro é o véo, alva a touca, e transparecem,
Pelo véo raro e pela touca alvissima,
As tranças loiras como o sol que nasce
Detrás do outeiro, como os raios d'elle
Luzem quando ligeira os cobre nuvem
Diaphana no céu. Quem ha-de os olhos
Debuxar! Como o azul do firmamento
Em noite pura? — Não, que são mais lindos.
Como a saphyra em relicario santo
A' luz das tochas adorada emtôrno
Em devota funçção? — Ah! que outro brilho,
Outra luz têem; e a devoção que inspiram,
— Bentas reliquias, perdoae-me o verso —
E maís fervente. Oh! sahem d'esses olhos
Languido-azues umas suaves chammas,
Um quasi effluvio d'alma, que transpira,
Que vem do coração, que doce mana,
E o ár, e o peito que o respira, embebe.
Seio... imagine o amor c'o olho atrevido
Do perspicaz desejo. Amor .. que disse!
Amor! virgem do altar não sabe amores.
Longe, atrevido cubiçar profano;
É vedado esse pômo: ai do que o toca!
Vela o espôso do céu, ao céu pertence,
Admire-o a terra; mas além é crime
Passar da admiração. Branca, a formosa,
A linda Branca, sangue real de Affonso,
Tam bella, tam gentil, fez de suas graças,
De seus encantos sacrificio ás aras.

VII

Leda caminha a nobre comitiva;
Mas o sol, que declina, lhe poz termo
Ao viajar: fadiga sente a joven
Princeza a tanto andar não costumada.
É mister de buscar poisada commoda
Para a noite — Onde? a luz já vae mingando;
Nem tarda o manto a se cobrir das trevas
Orpham do dia o céu. Dobrar o passo,
Que a poucas leguas jaz convento rico
De monges negros.
«Monges negros!» disse
Frei Soeiro com gesto de desprêzo:
«Pernoitar sua alteza em tal mosteiro!
Senhora, grande santo foi san'Bento,
(Meu padre san'Bernardo me perdôe!)
Mas para tam fidalga companhia,
Para vós, real senhora, sòbretudo,
Dos monges brancos honra, flor e nata,
Tal poisada buscar!.. De nossa regra
O mais santo preceito e veneravel,
Quereréis infringil-o? Antes mil vezes
Os votos todos tres. E vossa alteza
Me desculpe, porém uma só noite
Sem o cumprir! .. Não chega a tanto a bulla
Do santissimo padre: eu por mim digo,
E frei Lopo, que ahi'stá que me desminta;
Mas absolver não posso esse peccado!

VIII

— Que é, padre mestre? disse a infanta: eu tremo
De vos ouvir. Antes aqui na terra
Dura dormir, e ao relento frio,
Que tamanho peccado commettermos.
Porém qual é, dizei-me, esse peccado,
E que regra da Ordem nos prohibe
De ir poisar ao mosteiro de san'Bento?
Têem esses padres fama de virtude;
E não sei que lhes falta...
«O que lhes falta?»
Bradou com voz austera e tam medonho
Frei Soeiro, que a princeza de aterrada
Estremeceu na sella. . e se não fôra
O pagem que lhe accode a segurál-a,
Da excommunhão, que viu sobre a cabeça,
Fulminada cahira...
— «O que lhes falta?»
Repetiu, sem curar do mal que a afflige,
O abstinente bernardo enfurecido:
«O que lhes falta? o que?... falta a *Tremenda*.»[1]

IX

Riramos hoje nós, degenerados,
Tibios fieis, da emphatica resposta
Do rigido Soeiro; e tal magano
Haveria de espirito philosopho,
Que impio mofasse do zeloso padre,
E lhe ousasse dizer: «Fóra Bernardo!»
Porém n'aquelles tempos de fé viva,
Em que ao mais leve incredulo respiro
Tremenda excommunhão tapava a bocca,
E em caso de mais pôlpa, um bom milagre..
— Tempo santo, que nós não mais veremos;
Maldicta seja a ruim philosophia! —
N'aquelles tempos de saudosa historia,
Que responder a um venerando padre
Confessor, — confessor de sua alteza?

X

Indecisa parou a comitiva;
E, os olhos fitos nos dois santos filhos
De san'Bernardo, moços, escudeiros,
Cavalleiros, a propria infanta, aguardam

1 Veja nota a estes versos, no fim.

A decisão do caso de consciencia,
Que porventura a todos os condemna
A dormir ao relento, e mais sem ceia

XI

Sem ceiar! — Este negro pensamento
D'azas pesadas esvoaça n'alma
Ao theologo austero, anda, desanda,
Com todas as ideas se lhe entrava;
E a qualquer solução, que lhe desponta
No difficil problema, este se aggrega
Corolario fatal: Sem ceia! — A'parte
Os dois graves juizes se retiram
A conferenciar, e a voz primeira
Que unisonos soltaram foi: «Sem ceia!»
—«Sem ceia, padre mestre!
«E sem Tremenda
Carissimo!»
— «Assim é; porém mais vale
Pouco que nada.
«E a regra?»
—«A regra... O caso
Intrincado é.
«E tam arduo, que o não viram
Egual ainda os casuistas todos.
— «Caso é este, meu padre, que um capitulo
Não viera a cabo em decidil-o ao justo.
«Capitulo dizeis!... A ser eu papa,
A concilio chamára a christandade:
E nem assim.
— «Mas padre, se mandassemos
Alguem adeante a vêr se concertava
O caso co'esses negros monges? Negros
Sejam elles!
«Que raio de luz esse!
Inspirou-vos o céu, ou san'Bernardo.
Sim, padre, sim, vá vossa claridade,
E convenha com elles sobre o modo
De se cumprir a nossa santa regra.
Nós iremos emtanto a passo lento
Té que resposta da missão nos venha.»

XII

Assim se decidiu o grave caso
De consciencia; e assim a Deus prouvera
Se decidissem todos.—Deu d'esporas
A' nedea mula o sabio conselheiro;
E informada a princeza e seu cortejo
De accordam tam prudente, a passo tomam
O caminho do proximo convento.

XIII

Levam tempo disputas, e as fradescas
Mais que nenhuma. Escassa a luz incerta
Do crepusculo tenue, dubias côres
Ao vecejar dos campos dava ainda,
Ao lou ejo das messes, e ao verde alvo
Dos ferteis olivaes qne a estrada bordam.
Por entre elles ao longo, ao longo enfiados,
Ia a abbacial cohorte caminhando;
E na vasta planicie, onde começam
A pesar raras as nocturnas sombras,
Os olhos com delicia se estendiam.
Fecha a maga, saudosa perspectiva
Ao cabo lá, cerrada cordilheira
De outeiro, cujo verde tachonado
Co'a pallidez das urzes que desmaiam
No ardor do Sirio, ainda o véo das trevas
Permitte distinguir. Um só mais calvo,
Negro e todo de solido granito
N'esse animado quadro parecia
Em scena tam vivaz quasi esqueleto
De monte, e contraposta imagem funebre
Da morte, a tanto luxo e flor de vida.
Como atahude egypcio que entre os brindes
E prazer dos festins vem travar gostos
Co'a lembrança—terrivel!—do futuro.

XIV

Escarpado de duras penedias,
Isolado, só, árido, e de pontas
De vivo seixo agudas eriçado
Estava o cêrro: como em mar de areias,
Insoluvel theorema a sabios, se ergue
A obra dos Pharaós—Iam vagando
Pelo variado aspecto d'este quadro
Os olhos dos viandantes. . quando subito
No alto do escuro monte uma luz clara
Surdiu. desapparece, outra vez brilha.
E some-se.. a luzir volve tranquilla:
Como um phanal que em costa mal segura
Ao prudente baixel do perigo avisa.

XV

Maravilhou a todos o espectaculo
Inesperado: a timorata infante
Cuida já vêr de mouras encantadas,
De feiticeiras más, de lobishomes
Toda a caterva em pêso a vir sobre ella;
E não ousava rezar baixo o credo,
Nem *Vade retro Satanaz!* que dizem
Nem sempre coisas más se vão com rezas,
E ás vezes é peior, porque se assanham.

XVI

«Que será?» disse emfim um rumor surdo
De vozes dos que tremulos pararam,
E observam com terror a luz estranha,
—Deus nos acuda!» baixo diz a infante,
«E o padre San Bernardo antes de tudo:»
Frei Soeiro emendou.
—«Certo me espanta,
Volve D Nuno, o pagem da princeza:
Certo me espanta este signal estranho,
Que por velas[1] de mouros o tomára
N'outra paragem. Bem travado co'elles
Anda o mestre dom Paio, que os deixasse
Passar do Algarve aqui. Até vos digo
Que este é o proprio signal que usa em seu campo
Aben-Afan »
—«Aben-Afan!» repetem
Em côro a comitiva espavorida
Com frigido terror. O mais tremendo
E mais temido, acerrimo inimigo
Que tinha Portugal, era esse mouro
Pelos tempos de então. Valente, ousado
Era elle, e senhor de grandes terras:
Todo o Algarve d'aquem o reconhece
Como a principe e rei temido e alto.
Suas galés innumeras infestam
Entre as columnas d Hercules os mares.
Em vão com seus ardidos cavalleiros
Dom Paio, o mestre de Sanctiago o aperta:
Que do queimado Algarve nos castellos,
Firmes inda nas lanças musulmanas,
Profanas luas brilham—Como as sette
Aureas torres no escudo lusitano
D'emtorno ás santas Quinas se juntaram?

1 Veja nota a este verso, no fim.

Como a nobre Tavira abriu suas portas
Ao portuguez? Como ao singelo titulo
De rei de Portugal o augmento veiu
D'aquem e d'alem mar, que outros tam nobres
Trouxe depois? . Já nobres, tristes hoje
Que só memorias tristes nos recordam
Do tam caro ganhado, e tam barato
Perdido...

XVII

— Moiros são, dizeis, Dom Nuno?
Ao seu pagem a infanta pergunta.
— «Real senhora, talvez não... É certo
Que este signal.. Mas. .
—E que monte é aquelle
Tam negro onde elle está?
— «É o Monteagudo,
Senhora, nomeado n'estes sitios
Pelo seu ermitão que alli vivia
Inda ha pouco, e não sei se é morto ou vivo;
Mas ha bem tempo que o seu branco alforge
Não tem vindo a pedir pelas aldeias
Como vinha antes sempre; e eram disputas
A quem mais lh'o encheria entre as cachópas
E lavradeiras todas d'estas terras.
Têem-lhe uma devoção ..
— Não me recordo
De o vêr: e aqui tam perto do mosteiro
Lá iria alguma vez. Como se chama?
— «Hugo. . Frei Hugo é: e contam d'elle
Historias de pasmar; de que foi moiro
Ou com moiros vivêra largos annos
No Algarve; e era parente ou grande amigo
De um Garcia Rodrigues que lá anda,
Mercador muito rico e nomeado,
Homem de prol por certo e christão velho.
Mas Frei Hugo não sei...
— Pois quê?...
—«É fama
Que a rainha do Algarve, esta que é morta,
A mãe de Ben-Afan, a convertêra
Frei Hugo á fé de Christo, e que a princeza
Oriana á nascença baptizada
Fôra logo... mas dizem... É uma historia .»
— Que eu quero saber, que me interessa.
Dizem o quê?
— «Que a tal rainha moira
Tinha uns feitiços e uns taes olhos negros,
Que o frade; com ser frade ..
—Basta, basta:
Parece-me que já sei toda a historia.
—«Pois sim. E que d'ahi, arrependido
Quando lhe ella morreu, veiu a estes sitios
Em vez de ir ao convento, e em Monteagudo
Fez essa ermida, e em cruas penitencias
De cilicio e jejuns consomme a vida.
— Coitado! Deus se doia de sua alma!
E agora estou pensando que me lembra
De ter visto em Lorvão, na nossa egreja
Um ermitão rezando tam contricto,
Tam devoto. Quem sabe se era elle?
Mas se é morto, dizeis ..
— «Talvez não seja.
— «Ou seria sua alma que anda em penas...
Frei Lopo, dir-me-heis tres missas negras
Por uma alma que está no purgatorio
E eu quero despenar...»

XVIII

Mal proferíra
As piedosas palavras a princeza,
Surde, como visão de espectro ou sombra,
De armas negras armado um cavalleiro
E em corcel tambem negro — quaes os rege
A noite em carro d'ebano Passando,
Atravessou impavido as fileiras
Dos castelhanos, que tomados subito,
Como de espasmo frio, nem ousaram
A fazer-lhe a pergunta costumada
De «*Por quem, cavalleiro?*»—Ia já longe,
Quando acordados a bradar começam:
«*Por quem, por quem?*» — Mas elle, sem volver-se
Nem apressar o passo majestoso,
Em portuguez tornou: «Real, real
Por branca rosa, flor de Portugal!»
Deu d'esporas e a rapido galope
Despareceu. Tranquillos foram todos
Co'a resposta, e contentes — que d'amigo,
Certo era: só dom Nuno lá dizia
Entre dentes baixinho: —«Amigo!... Embora.
Porém, a fé, cavallo e cavalleiro,
Tam christãos elles são, como eu sou mouro.»

XIX

Andando vão caminho do mosteiro,
E andando a noite mais e mais desdobra
Seu véo negro de estrellas recamado.
Que, ausente, a lua sós no céu deixava
Alvas brilhar. — Qual o festivo bando
De donzellas louçans no prado á solta
Em horas de recreio, e longe de olhos
Sempre álerta, ligeiras dansas formam,
Travam jogos brincões; sorri-lhe esmalte
Do campo, e as flores tam gentis como ellas.

XX

Mas já cuidoso o rigido Soeiro
Co'a delonga do enviado reverendo,
Começa de assombrar-se-lhe a consciencia
Na ideia de quebrar o mandamento
Cardeal dos preceitos bernardescos.
Já entre a comitiva mal disposta
A acceder aos escrupulos do frade
Murmuravam alguns; e só continha
O respeito da infante, que assanhada
Não rompesse a questão entre os dous maximos
Podêres que este mundo entre si regem...

XXI

Eia! cobrae alento, animos fortes,
Que, vêdes, Lopo traz a medicina
Para escrupulos, fomes, e temores
De mal passadas noites, magras ceias
E o mais que agora em vossas almas pesa.
— «*Tremenda*, padre: e viva san'Bernardo!»
Gritava já de longe, esbaforido
Do galope em que vem. «Viva a *tremenda*!»
Soeiro volve; e vivas lhe respondem
Da companhia alegre co'a mensagem.
Dobra-se o passo; cada qual se apressa,
Com olhos e alma no tinello [1] bento.
Branca, a formosa Branca de annos tenros
A' tutoria monachal affeita,
E sem vontade sua onde é senhora,
Vae onde a levam, e rezando sempre,
Começa uma novena e tres rosarios
Que nos p'rigos da estrada promettêra,
A não sei quantos santos milagrosos,
Se á poisada esta noite a salvo chega.

[1] Refectorio

XXII

Correi, correi, ó nobres cavalleiros,
Correi, correi, san'Bento vos espera
Com farta ceia e regaladas camas.
Porém, como os escrupulos cessaram
Do rigido Soeiro? como poude
O destro enviado congraçar diff'renças
De monges brancos e de negros monges?
—«Facil não foi; travada houve disputa;
E a não ser o abbade, homem prudente,
Que o bago regedor metteu em meio
Da renhida contenda, hoje ao sereno
Ficáras linda Branca delicada;
E de tuas faces as purpureas rosas
A'manhan desbotadas não dariam
Inveja e zelos aos rubis da aurora.
Esses olhos tam puros, d'onde mana
Doce arroio de luz celeste e meiga,
Olhos, por quem amor dera o seu throno,
Dera um céu de prazer e de ventura,
Se outro céu, se outro amor já não tomára
Para si todo, todo esse thesouro;
Esses olhos pesados do relento,
Morna a luz, sem fulgor, do novo dia
Não brilhariam matutinos raios;
Qual sóe brilhar no céu a estrella d'alva,
Percursora do sol—tam radiante,
Tam majestosa não, porém mais bella.

XXIII

Eis os repiques nas sonoras grimpas;
Eis as tochas, e os canticos: «Bem vinda
«A filha de Sion, bem vinda seja
«A progenie dos reis, a casta esposa
«Eleita do Senhor. São os seus olhos
«Como os da pomba quando em terno arrulho
«Anceia...» Os padres bentos o cantavam,
Não sou eu que o inventei: — e outras mais cousas,
Excitantes imagens das delicias
Conjugaes d'alma: hymno exemplar e santo,
Extrahido do Cantico dos Canticos. [1]

1 Veja a nota a este verso, no fim.

CANTO SEGUNDO

I

Oh! formosura! oh doce encanto d'olhos,
Enlevo d'alma, para que no mundo
Te debuxou a mão da natureza?
Que vieste fazer do céu á terra
Ornato de anjos, divinal revérbero
Da face do Creador? -A luz da estrella
No firmamento azul, o alvor da lua
Frouxo-brilhante, e bello como a face
Da virgem que suspira por amores
Vagos, que em peito infante lhe despontam;
O sorrir meigo da rosada aurora
Que vem o dia annunciar com flores
Roxas, colhidas nos jardins do oriente:
E o sol, orbe de luz no céu, radiante,
Olho imagem de Deus, clarão e vida,
Sêr, existencia propagando eterno
Por innumeros orbes suspendidos
No espaço . oh! formosuras são condignas
Do edificio magnifico do mundo.
De taes encantos adornou sua obra
A mão que tudo fez.—A magestosa
Architectura do orbe foi traçada
Assim, n'um grande rasgo de belleza
Simples, sublime e grave como a idéia
Que o concebeu no seio á eternidade.

II

Mas, homem, tu miserrimo dos entes
Que se arrastam no espaço circumscripto
De um dos minimos globos do universo,
Insecto de um só dia, que nasceste,
Para continuar o élo da vida
Na cadeia dos sêres!... que apontaste
N'um angulo da scena resplendente
Para vel a, e... morrer; homem, quem póde
Comprehender teu fado mysterioso
Nos destinos do mundo! E como aprouve
A' natureza—liberal, e avara
Comtigo já mesquinha, generosa,
Já rica em dons, já pobre em faculdades,
Que te deu, te negou, e assim te ha feito
O mais raro phenomeno da terra,
Incomprehensivel, unico—homem, como
D'esta sorte lhe aprouve á natureza
De ajuntar em teu rosto a formosura
Toda pelo universo repartida!
Como tu, vidro obscuro e quebradiço,
Em ti só concentraste o prisma inteiro
Das bellezas no mundo repartidas!
Ou zombas d'elle, ou alto é teu segredo
Acêrca do homem, creadora Essencia.

III

E então da especie na porção mais debil,
Mais fragil foi cahir todo esse raio
De formosura! Então para compendio
De bellezas e encantos, escolhida
Foi a mulher!—De quem o cofre rico
De mimos e de graças, confiaram!
Nossos prazeres todos, nossos gostos,
Consolações, allivio em mágua, amparo
Na infancia, encanto em juventude, e arrimo
Na velhice, de ti, mulher, nos partem:
Concédel-os tu só, ou nol-os negas.
Negas, e quantas vezes!—Mas tyrannos
Não somos nós, injustos, oppressores?
De quantas privações, de quaes tormentos
Lhe não travamos duros a existencia!
Que sordidos harens, que vis eunuchos
Tem o Oriente, sepulchros tristes de oiro,
Onde geme a virtude, e amor corrido
Cede a brutal desejo o faxo e a venda!
—Culpas, Europa, o mulsumano barbaro?
E os teus carceres negros e traidores,
Onde á innocencia candida, á piedade
Arma perfido bonzo o laço astuto,
Laço, que, eterno, a vida, os gosos d'ella,
A ventura, o prazer d'um nó separa? [1]
Corta sem dó—crueis!—e até cerceia
O derradeiro bem d'um desgraçado,
A esperança?—Esperança! nem um viso,
Nem um só raio seu penetra os ferros
Da escravidão que só tem fim co'a vida;
Nem um só raio seu vae bemfazejo
Aquentar corações gelados, mortos!
Mortos, mas palpitando no sepulchro,
A que baixaram vivos—Homem barbaro,
Ingrato e desleal, qual é seu crime?

IV

Escrupulos, adrede fomentados
Por ignorancia interesseira e baixa,
Quanta victima cega hão conduzido
Ao altar profanado de holocaustos
Tam sanguinarios, crús! A patria, amigos,
Casa paterna, maternaes caricias,
Doces futuros de um espôso amavel,
De meigos filhos, santos gósos d'alma,
Dados de Deus—e tudo abandonado
Pela impia crença de que a Deus não prazem,
Que impureza os deturpa, o vicio os mancha,
E só do claustro para o céu ha estrada.
Dogma fatal, preverso, injurioso
A' divindade!—Oh! victima innocente,
Formosa Branca, de tal erro foste.
Devota, pia, timorata e fraca,
Temeste o mundo, escôlho de virtude,
E, sem o conhecer, fugiste o mundo.
P'rigos, cachópos tem o mar da vida,
Tredos baixos, procellas tempestuosas:
Mas o nauta que timido largasse
O baixel que o conduz á patria cara,
E dos riscos das ondas aterrado
Fôsse em algoso, ingreme cachópo,
Só, no meio dos mares accolher-se,
Onde nem doce esp'rança d'almo porto,
Nem confôrto da vida, nem uns longes
De melhor sorte, mas só êrmo triste,

1 Veja a nota a este verso, no fim.

Mas só a vasta solidão do oceano...
Prudente o chamarias?—Ai virtude,
Que homens, que leis dos homens te conhecem?

V

Trazei, filhos de Bento, as succulentas,
Largas postas do nitido cevado;
Correi devotamente ao dormitorio.
E em grosso pingue do toucinho gordo
Me affogae os escrupulos bernardos.
— Foi lauta a ceia e vasta, perus trinta,
Por cabeça os leitões, adens sem conto.
Não manjares opiparos, não brandas
Delicadezas de exquisito gôsto,
Mas fartura, abundancia illimitada
A' portugueza velha.—Comeu pouco,
De extenuada, a mui formosa infante;
Mas por ella e por si, por um convento
Comeram os dois padres confessores.
Nem tu, mestre Gilvaz, em tal apêrto
De tentações, podeste recordar te
Do fatal *Omnis indigestio mala:*
Texto que em teu systema te confunde,
Unico em toda a vasta Medicina,
Que interpretál-o bem não conseguiram
Tuas doutas vigilias —Já repletos
Com tam frugal repasto ao leito foram,
E no primeiro somno em paz descançam.

VI

E ora de cruz alçada, e ceruf'rarios.
Em procissão coristas se encaminham
Com ingente marmita ao dormitorio
Onde jazem os hospedes bernardos
Supinos jazem, e jazendo roncam,
Mas ao devoto cheiro da *tremenda*,
E ao conhecido canto acordam presto.
E assim a procissão andando entoava:

CÔRO

Sus, erguei-vos, irmãos, que esta é a hora,
Esta é a hora tremenda e sagrada:
Vinde, vinde fazer penitencia,
Levantae-vos, que a hora é chegada.

UMA VOZ

Macerae essa carne rebelde
Co'este gordo, tremendo boccado.
Sonhos maus, tentações do demonio,
Fique tudo em toucinho afogado.

CÔRO

Sus, erguei-vos, irmãos, que esta é a hora,
Esta é a hora tremenda e sagrada:
Vinde, vinde fazer penitencia,
Levantae-vos, que a hora é chegada.

OUTRA VOZ

Louvor seja ao glorioso Bernardo,
Que tam santo instituto vos deu:
Sem *tremenda* quem póde salvar-se?
Com *tremenda* ninguem se perdeu.

CÔRO

Sus, erguei-vos, irmãos, que esta é a hora,
Esta é a hora tremenda e sagrada:
Vinde, vinde fazer penitencia,
Levantae-vos, que a hora é chegada.

VII

C'o este hymno monachal annunciavam
Os irmãos bentos aos irmãos bernardos
A respeitavel hora da *tremenda:*
Uso antigo, sagrado, inalteravel
De monges brancos, e hoje por não vista
Exemplar tolerancia permittido
Nos claustros pretos, não sem muito escandalo
Dos padres-graves rigidos da ordem,
Que altamente em capitulo altercaram,
Assignaram seu voto em separado,
E protestaram n'acta. Mas o abbade,
Mais tolerante ou mais cortezão que elles,
Relaxou, em respeito da princeza
A monastica, austera antipathia,
E a liberdade franqueou de culto,
Por esta noite só, em seus dominios.
— «E que nos faz a nós que os bons bernardos
Comam toucinho, ou não?» argumentava
O philosopho abbade: «Ha hi peccado,
Ou offensa de Deus?» — «Quê, padre abbade!»
Torna enflammado em zêlo um reverendo:
«O que? Indiff'rentismo em taes materias
É dos peccados todos o mais grave.
O que nos faz a nós que comam pôrco!
E os Judeus, o que importa que o não comam?
Mas para esses ha boas fogueiras;
E então estes...» — «Basta, padre: á ordem!
Por santa obediencia vol-o mando.»
E decidiu-se que a *tremenda* fosse
Pontualmente repartida aos hóspedes
Com todo o ritual prescripto e usado
Entre os gordos bernardi-brancos monges.

VIII

A procissão fôra direita á porta
Da abbadessa gentil; mas tam cansada
Se achava da viagem, que impossivel
Lhe era cumprir co'este preceito santo
Da regra. Meiga voz disse de dentro:
—Dispensae-me hoje, que.. não posso.
«Como?
Não posso!» brada em cuecas acudindo
Gorda, cachaci-pansuda figura
Que da fronteira cella a correr veiu:
«Não posso! o quê Não chega a tanto a bulla
Dispensar! Com dispensas vae perdida
A egreja, e as ordens. Dispensar no caso
Mais grave, no preceito mais restricto.
De nossa regra! Não, senhora minha:
Heisde tomal-a, ou não sou eu frei Soeiro»
E atacava, dizendo, as descozidas
Bragas, que infiou á pressa arrebatado
De zêlo e rigidez.
—Esta só noite,
Esta só por mercê e por piedade.
Volve a sonora voz dentro da cella:
Todo me doe o corpo fatigado,
Meu sancto patriarcha San'Bernado,
Bem sabes tu se eu posso!
«Embora, embora
Mais acceita será a penitencia,
Quanto mais custe. Vamos: vossa alteza,
Como prelada que é, deve ao exemplo
Sacrificar seu cómmodo e vontades.
Só assim se mantem a disciplina
Da ordem.»
—Mas...
«Ver-me-hei pois obrigado
A fulminar da excommunhão os raios.
—Excommunhão!... não, não: eu abro, eu abro.
Misericordia! não, reverendissimo,

Oh! não me excommungueis: um pôrco vivo
Comerei antes... antes.»
Uma edosa,
Bem apessoada dona abriu a porta;
E o rigido Soeiro, inda em cuecas
Ponderoso facão na dextra empunha,
E em manta enorme atassalhando um naco
Tal, que a só vista d'elle affugentára
Synagogas inteiras, triumphante
Do alto podêr de sua auctorídade,
Com voz solemne e grave pronuncia:
«Approximae-vos, abbadessa d'Holgas»
E a timida innocente a passo lento,
Ao bruto sacrificio se encaminha.
C'os lindos olhos mede o desmedido.
Bronco pedaço que o brutal bernado
Para bôcca tam breve ousou talhar-lhe;
E c'um gesto de mágua tam afflicta,
Mas tam formosa, tam encantadora,
Que abrira compaixão em bronzeos peitos,
Peitos de tigres — que não fossem frades,
A' repugnante, injoosa penitencia,
Resignada e humilde se offerece.

IX

Scena era digna do pincel flamengo,
Da natural simpleza ingenuo filho,
Ésta que n'alma agora me debuxa
O acceso imaginar... Pinta-me o escuro
Fundo do quadro com um longo e funebre
Escasso-allumiado dormitorio.
Põe-me ahi, do painel na luz primeira
Timida e joven, candida beldade
Com alvas, longas roupas, e o véo alvo
Erguido, que descobre a face angelica,
Onde a amargura—não de paixões vivas
Que o rosto convulsivas desfiguram,
Mas a que o gesto juvenil risonho
Contrae á vista do pedante mestre
Brandindo austero a férula temida.
Essa, essa angustia de innocencia, altera
A suavidade das feições divinas.
Deante d'ella, a comica figura
Do fradalhão bojudo, encarniçado,
Co'as grossas, curvas e cevadas fórmas
Transparecendo das ligeiras cuecas;
Na mão, tremenda pósta de toucinho
Que rindo mostra com prazer maligno
A' timorata virgem. – Grupos negros,
Brancos de monges, de diversas côres,
Cavalleiros armados de armas brancas,
Brancas sobrepelizes de coristas,
Em derredor com arte collocados ..
Não fôra, se tal quadro executasse
Não fôra, entre os milhares de prodigios
D'essa eschola immortal, o menos bello.

X

Novo actor no meu quadro—nova, digo,
Figura, pois que falo a lingua d'arte;
Ou então novo actor, porém na scena:
Mestre Gilvaz, que acode ao arruido,
Despertando de um sonho affadigado,
Em que se viu, qual Tantalo *inter dapes*,
De pasteis, de perus, de trouxas d'ovos
Cercado emtôrno.. e a cada mão que estende,
A cada ávida bocca que escancara,
Um livido aphorismo em feia fórma
De alado espectro, co'aza do morcego
Lh'o arreda ácinte, e o cansa, o atormenta.
Tal o doutor de Sancho, no banquete
Da Insula bemdita, sem piedade,
Um depós de outro, os almejados pratos
Ao faminto escudeiro denegava.
—Acordou do terrivel pesadello,
A' bulha da *tremenda*, e mal lembrado
Da verdadeira causa do alvorôto,
Que a taes deshoras o socêgo quebra
Da habitação monastica, aturdido
Ao sitio corre onde o arruido escuta.

XI

Estavas, linda Branca, n'esse instante
Resignada á enjoativa penitencia
Que a teu cebento confessor, tam doce,
Tam deliciosa e branda parecia.
Eis bom messer Gilvaz entra esfregando
As enviscadas palpebras, e rouco,
Bocejando em hiatos tremendissimos,
De rebulicio tanto inquire a causa.
Viu-o a infanta, e cobrando em seu desmaio
Um alento de esp'rança, os meigos olhos
Com supplice expressão volve ao galeno:
E—Mestre Gil, oh! mestre Gil! exclama:
Valei-me por quem sois Ai! não, não posso,
Mestre Gil, vós sabeis que fraco eu tenho
O estomago, desde a ultima doença,
Que aquellas dez garrafas, trinta pilulas,
Tisanas, infusões, purgantes, tonicos,
E não sei que outros mais doutos remedios
Vosso muito saber me receitára;
Ai! acudi-me, senão d'esta morro»

XII

Os olhos magistraes de novo esfrega
Inda tonto de somno e mal desperto,
Chega á princeza, e quasi por instincto
Da doutoral natura, a mão estende,
E ao niveo pulso gravemente a applica.
—«Febre» disse: «febricula; está duro,
Intermittente, vivo, e com seu tanto
De Vejamos a lingua. E de appetite
Como vamos? Funcções segregaticias
Em regra? Bom: o caso é de importancia,
Mas não de p'rigo: a *historia morbi* é simples,
E a capitulação *tyronum minimo*
Perquam facilis Pôsto que nos diga
O grande mestre, o sabedor dos sabios:
Ars longa, vita brevis; invertido,
Com o favor de Deus, já muitas vezes,
Tenho o douto aphorismo: vida longa
Com arte breve E assim heide emendál-o
Na primeira edição *correctior auctior*:
Ubi ars brevior, erit longior vita
E que saiam a campo esses doutores
Da mula ruça, a pé firme os espero
C'um syllogismo *em barbara*, outro *ad hominem*,
E tres cornudos, bifidos dilemmas
Que lh' hão de extopetar as cabelleiras,
E fazer comer terra a faculdade.
Ignorantões! heide encovál-os»
— Vêde
Que é urgente...
— «Se é urgente!... Ah biltres,
Sevandijas de borla, vis insectos!
Pretender ensinar-me, a mim, ao mestre
Gilvaz, doutor pela alma academia
De Padua, que tres dias successivos
Sustentei a pé firme as minhas theses,
E esgremi c'os primeiros disputantes
De Bolonha e Paris! A mim, birbantes,
A mim!...» E no ardor da dialectica,
Com pés e mãos falava, e combatia
Imaginarios zoilos, atrevidos,

D. BRANCA — CANTO «O que lhes falta? o que?... falta a *Tremenda.*» PAG. 266

Petulantes, ignaros aristarchos
Que, ás lançadas de vivos argumentos,
Desmontava do arção; prostrava em terra
Na escholastica arena estatelados.
Embalde o implora, o chama a gentil Branca,
E a circumstante turba ás gargalhadas
Lhe responde aos somnambulos discursos
Que não entende: mais e mais irado
Lhes torna: «Ignorantões, a mim, birbantes!»
Não esquecendo assim, nem quando em sonhos,
Da faculdade a natural modestia.

XIII

Frei Soeiro, emtanto, co'a *tremenda* em punho,
Insta; Branca suspira, e encára o dóctor;
A fradalhada ri; Gilvaz redobra
De enthusiasmo; o confessor declama;
E em gritaria tal ninguem se entende.
Quando um leigo a correr esbaforido
Vem a gritar: «Misericordia! acudam...
Misericordia! Moiros no convento»
—Moiros!—repete unisona a caterva;
E os berros de Soeiro, os argumentos
De Gilvaz, as risadas dos coristas,
Tudo parou n'um gélido silencio.
Como n'harpa festiva os sons alegres
Do trovador que feriu setta imiga,
Quando animava co'as canções divinas
As danças dos zagaes no flóreo prado:
Mas o cruel archeiro d'alta tôrre
O mirou certo ao coração, e fria
Pára a mão, que as vibrou, sonoras cordas.

XIV

Moiros!... Com olhos fixos e pasmados,
De susto e medo atonitos se encaram
Uns aos outros, e como que perguntam
Em seu mudo falar: «O que faremos?»
Dos cavalleiros a mór parte dorme;
E os que velavam co'a função nocturna
Da orgia monachal, tomados subito
De terror imprevisto, acovardados,
Sem ânimo, sem força, irresolutos,
Em pavor frio como os outros gelam.
«Que faremos?» — As armas! gritou Nuno!
Animo? ás armas, e segui-me todos,
Que eu . — Não bem proferira estas palavras
Tremendo *Allá* sôou pelas abobedas
Agudas do comprido dormitorio,
E os alfanges nas trévas scintillaram
Mal acclaradas das nocturnas lampadas.
Luziram finas pedras nos doirados
Broches de alvos turbantes. — *Allá* sôa...
E os frades, o doutor e os cavalleiros
Se viram n'um instante sobre os peitos
Apontadas as duras cimitarras,
Cru terror de christãos. — Nem um suspiro,
Nem um ai: mãos atraz, e um nó valente
De rijo esparto. — Nuno só, que em tanta
Desordem conservou cordura e alma,
Das mãos do frade toma a cruz, que guiava
A procissão burlesca, e a golpes vivos
Co'a bandeira da fé a infieis combate.
Sobre elle alfanges cento a golpes chovem,
Se descarregam ponderosas hachas;
Mas o intrepido Nuno a um lado e outro
Fere, estrue, defende-se, e derruba
Inerme e só ao ismaelita armado.
Não lhe comporta o generoso peito
Perder, sem disputar, a liberdade,
E antes a vida, que a honra, barateia.
Caminho se abre entre as cerradas turmas
Das moiriscas espadas... Espantado
De tanto esforço, e como que vencido
De um poder superior, recúa o moiro;
E o intrepido mancebo, defendendo-se,
Retirando-se, emfim a escada alcança.
C'um desesp'rado golpe e furibundo
Aterra os que mais proximos o seguem;
A pulos desce, atravessou a crasta, [1]
— Como sulco de luz na tempestade,
Que as nuvens rasga, e some-se — na cêrca
Entre árvores e o escuro desparece.
— Deixai-o: disse entre os infieis um d'elles
Que o nobre ad'man, o rico dos vestidos,
E o respeito que os outros lhe catavam,
Seu chefe mostra ser: «quem tam valente
Assim defende a liberdade e a vida,
É digno de as gosar: ninguem o siga.»

XV

Quem é este inimigo generoso,
Que alma tam nobre em peito infiel encerra?
Quem é este guerreiro mussulmano,
Que tam gentil, tam magestoso brilha
Nas picturescas arabes alfaias
Que o talhe heroico, o altivo pórte, a graça
Esbelta, de marcial belleza arreiam?
Branca emtôrno da fronte em tresdobradas
Voltas o cinge estofa resplendente
Como a neve nos picos annuviados
Da serra das Estrellas. Puras virgens
A deduziram em lidados fusos,
De Alvor nos verdes plainos, e a teceram
Ao som das namoradas cantilenas
Dos romances do Oriente, que as memorias
Contam de avós nas terras apartadas,
D'onde vieram ao reclamo tredo
Do vingativo pae pela offendida
Honra da loira virgem —Encurvadas
Em demi-lunar circulo rebrilham
A esmeralda da côr dos verdes campos
E a saphyra que o azul do céu reflecte,
E as amethystas rôxas como a humilde
Violeta modesta, que se esconde
Do sol creador na flória primavera.
Olhos negros — tam negros como as tranças
Que, ao destoucar-se, a noite esparze longas
Pelas eburneas costas — vivo lume,
E o fogo da progenie do deserto
Do rosto baço, como tochas, lançam
Accesas no aguçado minarete
A' hora das preces, na mesquita. Baço,
Baço é o rosto — que o sol crestou as faces,
Ha longas gerações, da raça altiva
Dos filhos do êrmo, porém bello, e cheio
De animada expressão; e o vivo realçam
Carmim das faces crêspos fios d'evano,
Que em anneis romanescos lhe dividem
O bem fendido, nitido bigode,
Fórra-lhe o peito cóta de aço fino
Entalhada em lavor custoso de oiro.
Longo, pesado e curvo o alfange pende-lhe
Fiel á esquerda: a morte se ha postado
Nos gumes d'esse alfange, e d'ahi colhe
Ampla ceifa de vidas. Quantas lagrimas
De viuvas, de orphãos n'esses feros gumes
Corrido teem, sem lhe embotar os fios,
Sem lhe embaciar a lamina brilhante!

XVI

E este era o chefe da infiel cohorte,
Que o santo asylo a profanar se atreve

[1] Claustro.

Da monachal virtude. Preso o abbade
C'o resto de seus monges que dormiam,
Com os mais castelhanos cavalleiros,
A quem grilhões pesados despertaram
Do brando somno, todos manietados,
Excepto Nuno, quantos habitavam
O mosteiro essa noite malfadada,
Ao vencedor seus campeões os trazem

XVII

E de ti, linda Branca, de ti, bella,
Mimosa dama tenra e delicada,
Ai! de ti com horror meu canto foge.
Cortada a voz nas cordas do alahude
Teu destino cruel dizer não ousa
Virgem botão, que ao sol desabrochavas
Em jardim de virtudes, ai! colheu-te
Grosseira mão do salteador dos bosques,
Quem te defenderá? Tua virtude?
Ceus! a candida rosa da innocencia
Faltam-lhe espinhos que do vicio a guardem.
Irás, filha de reis, sangue de Affonso,
Ramo augusto d'essa arvore frondosa
Que germinou nos campos da victoria,
E co'as raizes no sanguento Ourique
Topeta os astros da estellada esphera.
Irás pois tu, que os thalamos doirados
Dos principes da terra desprezaste,
E repoisavas gemedora pomba
Nivea no seio do celeste amado,
Irás de immundo harem victima abjecta,
A prazeres infames, e ao capricho
De barbaro senhor jazer escrava?

XVIII

Correi, lagrimas tristes, deslaçae-vos
Do coração onde pezaes tenazes,
Dolorosos soluços; âncias cruas,
Sahi, terriveis apperturas d'alma,
Vinde em máres de pranto aos olhos turvos,
Espalhae-vos em nuvens de suspiros,
Desaffogae-lhe o peito comprimido:
Para um só coração é muita mágua.
— Chora, linda princesa, o teu destino,
Sobre teus dias malfadados chora;
Essa flor de belleza, essa virginea
Candura de innocencia... Oh!..
Mas na face
Da real donzella que expressão eu vejo?
E' aflicção, é dor? Não. — Quê! sem medo,
Sem horror encarar o gesto impuro
Do inimigo da fé! — Que olhar tam doce,
Que lhe ella lança! Crêras que um encanto
·cintoso de occulto malandrino
Lhe desvairou o coração e os olhos,
Que aos do moiro gentil rendidos tendem,
Qual tende, por incognito feitiço,
Do norte ao pólo a namorada agulha.
Não ha sorriso nos vermelhos labios
Não ha meiguice nos brilhantes olhos,
Mas ha não sei que pensamento languido
A ressumbrar de toda essa figura
Angelica, divina, que o desprezo
Junto, que as santas iras não souberam
Onde, em tanta belleza, debuxar-se,
Elle o joven traidor, elle o conhece:
E o que não adivinham cubiçosas
Vistas de gentil moço? o que não sabem
Lêr nos de virgem olhos de mancebo?

XIX

Quem se ajoelhou ante a real infante?
O bello moiro foi. Quem lhe protesta
Respeito e vassalagem? Tu, formoso
Neto de Agar. — Como o escutaste, ó bella
Filha de Affonso? — Murmurando as cordas
Da minha cetra... não, christan vergonha
Não a ousam dizer. As niveas azas
O anjo guardador desprende, e foge
Para o ceu d'onde veiu; a triste nova
Leva ao pastor de uma perdida ovelha.
Perdida! Sim: á torpe voz do moiro,
A's impuras palavras... Branca, a filha
Dos reis da terra, e do celeste espôsa,
Branca surriu, córou... e a surrir volve.
O atrevido imprimiu ósculo ardente
Na mão de neve, que se entrega ao beijo,
E — vergonha fatal de ceus e terra! —
Parece no contacto envenenado
Estremecer-lhe co'a impressão lasciva.
E no deleite infando entorpecer-lhe
Alma, sentidos, coração, e a.. honra!
Tal em cheiroso banho áspide amigo
Voluptuoso suicida applica ás veias;
Tal perde a vida em languido lethargo,
Que, não transe de morte, mas tranquillo
Adormecer de vida, e socegado
Antes dirás repoiso da existencia.

XX

Um brado o moiro deu: os seus o entendem,
Partem. — Voae, voae, correi ligeiros
Co'a rica joia que levaes roubada;
Correi, que atrás de vós vingança corre.
De exterminio e de morte vejo armadas
Lusas phalanges, denodadas hostes...
— Oh! defende-os, amor; pune-os, virtude.
E que merecem elles? — O castigo.
Mas castigar amor! O ceu tem raios,
E a crime tal nunca os mandou á terra

CANTO TERCEIRO

I

Que monta a rasão frigida, e o pesado
Calculo de medidos pensamentos
Pela bitola compassada, estreita
D'essa philosophia austera e sêcca,
Seva tyranna d'alma que em tam brando
Sonho nos acordou de illusões doces?
Phantasias embora... mas tam lindas,
Tam deleitosas! mas reaes prazeres,
Bens, verdadeiros bens, que os nós gosavamos.
E satisfeitos de sonhar dormiamos.
Despertos que encontrámos? Nossos olhos,
Cerrados á luz, que vêem, que acharam?

II

Triste realidade da existencia,
Esqueleto da vida descarnado,
Que és tu sem as ficções que a embellezavam?
Ficaste como a varzea requeimada
D'o ardor do muito sol, sem flôr, sem relva,
Arida, feia. Mas o sol é vida,
É a luz creadora do universo...
Sim; mas nem tanta luz que cegue os olhos,
Nem tanto sol que nos deseque o prado.
Rasão, que és d'alma o sol, gira em nossa alma,
Dá-nos dia e clarão ao pensamento;
Mas de teu carro a ardidos Phaetontes
Nas inexpertas mãos não ponhas rédeas:
Tocha que foi de luz, será de incendio
Facho terrivel — e o calor de vida
Labareda volcanica de morte.

III

Oh! magas illusões, oh! contos lindos,
Que ás longas noites de comprido inverno
Nossos avós felizes entretinheis
Ao pé do amigo lar, ao crebro estalo
Da assaltante castanha, e appetitoso
Cheiro do grosso lombo, que volvendo
Pinga e rechia sôbre a braza viva!...
Pimponices de andantes cavalleiros
Capazes de brigar c'o mundo em pêso,
Malandrinices de Merlim barbudo,
Travessuras de lépidos duendes,
E vós, formosas moiras encantadas,
Na noite de san'João ao pé da fonte
Aureas tranças com pentes d'oiro fino
Descuidadas penteando — emquanto o orvalho
Nas esparsas madeixas arrocia
E os lucidos anneis de perlas touca...
Oh! magas illusões, porque não posso
Crêr-vos eu co'a fé viva de outra edade,
Em que de bôcca aberta e sem respiro,
Sem pestanejo um só, de olhos e orelhas
No *Castello* escutava a boa Brigida [1]
Suas longas historias recontando
De almas brancas trepadas por figueiras,
De expertas bruxas de unto besuntadas
Já pelas chaminés fazendo víspere,
Já indo, ás duzias, em casquinha d'ovo
A' India de passeio n'uma noite...
E ai! se o gallo cantou, que á fatal hora
Encantos quebram, e o podêr lh'acaba.

IV

Não gosto de Irminsulfs, nem de Theutates,
Nem das outras theogonicas prosápias
De runica ascendencia. As alvas barbas
Do padre Ossian (Macpherson foi seu nome)
Tam prezadas do douto Cesarotti,
Tam favorita do Alexandre côrso,
Não me encantam a mim, não me embelecam,
Como aos outros cantores alamoda
Que a nossos doces climas transplantaram
Esses gelos do norte, esses brilhantes
Caramellos dos topes das montanhas...
Do sol do meio dia aos raios vivos,
Parvos! se lhes derretem; a brancura
Perdem co'a nitidez, e se convertem
De lucidos crystaes, em agua chilra.

V

Em beldades varía a natureza
Pelos paizes do orbe; vária a siga
Em suas fórmas gentis a arte que a imita.
Vês essa dama de doiradas tranças
Nas sempre verdes, arrelvadas margens
Do frigido Tamissa passeiando?
Vês? da mimosa face alva de neve
Transparecem-lhe as rosas, um suspiro
Concentrado no intimo do peito
Lhe anceia o coração; talvez a morte
Lhe cerceou dos gosos da existencia
A amizade, ou amor n'um caro objecto.
Maguada, mas sem lagrimas, — afflicta,
Mas sem as convulsões que a dor expressam
No desespêro, no delirio d'alma.
Que só tuas praias vêem, teus bosques ouvem,
Vecejante Pamyso, Tejo aurifero,
Manso Guadalquibir e flavo Tibre.
Vê-a? seus olhos côr do céu resplendem.
Mas como o céu resplende annuviado
De vapor leve e raro. — Essa belleza,
Essa dor, esses campos, todo o quadro,
Harmonizam co'a propria natureza,
Mas dá que inhabil mão teu painel pinte,
Que os olhos negros, vivos, scintillantes
Da formosura austral lhe désse ignaro;
Que n'esses labios, onde treme a furto
Suffocado soluço, debuxasse
Desaffogada a dor em pranto acerbo,
Em suspiros, gemidos agudissimos
Que vão ferir o céu com agras queixas:
Que essas tranças tão lindas, que são de oiro,
Sem arte não, mas com singelo alinho
N'alva frente enastradas, lh'as tingisse
Da côr que pôs a noite nos ondados
Expressasse, com arte monstruosa,
Cabellos das donzellas portuguezas,
E em feições que revelam pouco d'alma,
(Que a alma n'esses paizes regelados
Toda no coração, não vem ás faces)

1 Pequena quinta que foi da minha casa, na qual passei os primeiros annos da infancia, e ouvia as historias da boa Brigida, velha criada que tinha todo o geito e traça de bruxa, e era chronista mór de feitiços e milagres.

As paixões, cujo incendio em nossos climas
E' labareda que scintilla, estala,
E em chamma abrazadora aos céus se eleva,
Mas nas regiões do norte é fogo lento,
Que amortecido á vista arde e consomme,
Não chammeja, não brilha, mas intenso,
Occulto lavra, e no intimo devora...
A este meu quadro, *credite Pisones*,
Semelha a parte maxima dos quadros
Que assoalham por hi trovistas móres
N'essa feira da ladra de consoantes,
Que não encaixam cavallar pescoço
Em humana cabeça, mas caveira
Burrical orelhuda em corpo de homem.

VI

E eu em críticas, eu poeta humilde,
Cujo ignorado nome á sombra dorme
Do nada protector a que me abrigo,
Que não tenho, não quero. não procuro
Nem Mecenas a quem dedicar odes,
Nem Augustos de quem *pechinchar* tenças,
A dar preceitos eu!... Perdão vos peço,
ó aureados habitantes d'esse monte,
Onde c'o vosso Pégaso, irmão de armas,
(Armas terriveis que jogaes tam mestres!)
Pela dívina relva andaes pastando,
E á sacra fonte ides beber com elle:
Perdoae-me, que eu volto ao meu assumpto,
E a cavallos e a vós, e á mais companha
Quadrupedante deixo em paz no Pindo;
Em paz—e ás moscas—que assim vae o mundo.

VII

Vivam as fadas, seus encantos vivam!
Nossas lindas ficções, nossa engenhosa
Mythologia nacional e propria
Tome emfim o logar que lhe usurparam
Na lusitana antiga poesia
De suas vivas feições, de sua ingenua
Natural formosura despojada
Por gregos deuses, por espectros druídicos,
E com postiças, emprestadas galas
Arreada sem primor, rica sem arte.

VIII

Qual a innocente virgem das florestas,
Que as lindas tranças de grinalda simples
Da musqueta selvagem adornava,
Bella, tam bella como a luz que nasce
Alva no raiar de um puro dia
Do flóreo Abril; se habitador ocioso,
De corrupta cidade em tal brancura
De singeleza pôs nódoa de vicio,
E maculou c'o halito pestifero
Esse lirio que foi glória do prado,
Então brocados, então pannos de oiro,
Bordadas telas, cortezãos donaires,
Pelo perdido ornato da innocencia,
Se esforçam — preço vil, — de lh'os dar novos.
Mas ah! sob essa pompa os não affeitos
Membros definham, e nas faces pallidas
Arrebique impostor não suppre a rosa,
Nem os diamantes, que na fronte brilham,
Emprestam luz aos olhos 'mortecidos.

IX

Mas se ha paiz, se ha clima onde pareçam
As illusões de nossa prisca edade
Reaes nascer da propria natureza,
E co'a verdade unir-se tam estreitas,
Que as não distinguirás,—teus verdes bosques,
Teus palmares, teus áridos desertos,
Tuas rocas ermas, mas sós areias,
A' quem, alem de vargeas que vecejam,
De christallinas aguas marchetadas,
Ardente Algarve, são: tu não cantando
Téqui de nossos vates, em meus versos
Não insensiveis ás bellezas tuas,
Verás por ti um brado erguer-se á fama,

X

No mar que Europa de Africa divide,
Entra, como a explorar o seio ás ondas,
O saxeo promontorio que de Sagres
Tem hoje nome. Na moderna historia
Dos povos do universo, porventura
Não ha ahi ponto do orbe que assim lembre
Tanto feito de glória e de heroismo;
Nem ha padrão erguido por mãos de homens,
De alto custo e lavor, que outra recorde
Epoca tal aos seculos e edades.
D'alli Henrique aos astros perguntava
Da eternidade a estrada: e novos mundos,
Novos climas e céus lhe appareciam.
D'alli os curvos lenhos desprenderam
Primeiro o vôo audaz a ignotos máres.
Alli o berço foi da lusa glória.
Crêral-o hoje sepulchral moimento
D'essa glória defuncta. Ruinas tristes,
Esbroados pardieiros—oh vergonha!
São as tôrres de Henrique. Affasta os olhos,
Viandante, não vejas esse oppróbrio
Da nação que a primeira foi no mundo
Em nobrezas—outr'ora... hoje—em miseria.

XI

D'ahi se estende, ao longo pela costa,
Fertil porém inculto, agreste plaino.
Jámais pesado boi guiou arado,
Ou conduziu charrua egua ligeira.
Por tam bravia terra; inteira crêras
Guarda da creação a virgindade.
Mas seu aspecto não árido e bruto,
Não selvagem parece. Alli não moram
Lanosos cardos, sarças espinhosas;
Nem coroada de abrolhos eriçados,
Como em dominio seu sobre a calçada,
Amarellenta relva se divisa
Sêcca esterilidade passeiando.
De viço e fresquidão verdeja o prado,
E aqui, alli, tufados ramilhetes
Do recendente amargo rosmarinho
Do alecrim flóreo azul seu doce arôma
Com a brisa do mar na terra exhalam
Formosos pães cobertos de verdura,
Outeiros de palmeiras coroados,
Montes ao longe, alvos areaes a um lado,
Onde o próvido insecto, auxiliando
Trabalhos de arte e fôrças da natura,
A saccarina flor no botão pica,
E ás carregadas árvores augmenta
O dulcissimo pêso.—Lá n'um alto,
Entre arvores espêssas e copadas,
Entre gigantes palmas,—dobradiças
Olaias que os floridos ramos curvam
Descahidos, qual dama delicada
Os lindos braços n'um desmaio languido
De mimosa descae—roxos sycomoros,
E a larangeira que matiza os pômos
De oiro co a argentea flor—entre este luxo
De vecejo e fragrancia,—meio vista,
Meio encuberta de ramagem spessa,
Maravilhosa fábrica se erguia
De palacio, onde quanto o rico Oriente
Tem de brilho e de gemmas resplandece.

XII

Ligeira e leve é a fórma: quasi aéreo
Paço o crêras de fada enamorada,
Que o erguem com palavras mysteriosas
N'uma escondida nuvem, para estancia
De gentil cavalleiro que ha roubado
A amores de princezas.—Com sorriso
Desdenhoso observára a architectura
D'esse estranho edificio, o alumno rigido
Da antiguidade classica: nem jonio,
Nem dorio, nem italico, nem mixto,
De nenhuma ordem é; menos lhe viras
Os gothicos florões, os recortados,
Ou o grave da saxonica rudeza.
Não lhe descobriria o proprio Volney
Chaldeu vestigio ou nubico rastejo:
Nem tu, famoso Jones, conseguiras
De lhe dar scientifico interesse
Por indico, indostan, mogol, ou pérsico.
Nada d'isso é, e todavia é bello,
Em que lhe pez a sabios, mestres d'arte,
Doutores, antiquarios, dilettanti,
Virtuosi, amateurs e professores.
—Disputa sine fine travariam
Sobre elle as duas bellicas phalanges
Que ora na arena litteraria pugnam,
E aos grasnantes jornaes dão thema eterno
Para encher as politicas lacunas.
Já se vê que de *classicos, romanticos,*
Guelphos das lettras, gibelinos da arte,
Falar entendo: paz seja com elles,
Assim como c'os outros disputantes
D'este disputativo por essencia,
Inquieto mundo, aonde todos ralham
E ninguem tem razão. Eu por mim deixo
Jogar as cristas a essa gente toda.
Para mim só desejo a paz d'espirito,
A consciencia limpa, e as frugaes sôpas
Ganhas com suor honrado. Esta ventura
Góso eu, mercê de Deus, pezar de ingratos.

XIII

E a minha historia, e o meu lindo palacio?
Malditas reflexões! Torno ao meu conto;
E quem quizer achar a margarita,
Como o pinto da fabula esgravate.
Era pois o tal paço o mais formoso
Que se viu nunca; em pedras preciosas
Todo encravado, todo reluzente
De oiro e diamantes. Unica uma grade,
Tambem de oiro macisso, as portas fecha
Do paço e dos jardins: velam á entrada
Dois enormes leões, que noite e dia
Solicitos a guardam, nem se affoita
Mortal nenhum ao limiar terrivel
Certo é porém que ás vezes fatigados
Os leões adormecem: mas quem sabe
Quando elles dormem? — Muitos, outro tempo,
Vendo-os d'olhos fechados, se atreveram
A entrar a porta, e foram devorados
Pelas terriveis féras que dormidas
N'esse instante suppunham. Encantado
É este paço; e os leões de encanto
Os olhos, quando dormem, arregalam.

XIV

Quem o soubera! — Um só n'aquelles tempos
Sabia este segredo encantadiço;
Do Algarve d'áquem mar era o rei joven,
O bello Aben-Afan. Rumor havia
Entre o povo que um dia andando á caça,
Co'esses formosos paços deparára,
E ou fosse acaso, ou certo conhecesse
Quando os leões dormiam, penetrára
Sem p'rigo algum pelos jardins defezos;
E de condição que é ousado, e amigo
De aventuras correr, entrára ardido
No palacio e nas salas marchetadas,
Que dizem todos ser, de pedras finas
Com brilhantes recamos de oiro e seda.
Do que elle lá passou ninguem o sabe;
Mas sabe-se porém que sete dias
E sete noites demorou nos paços,
E ao septimo volveu triste e pensoso,
Pallido, melancholico, fallando
Amiude só. Por vezes, quando em sonhos,
Ou quando solitario passeiando
Do alcaçar nos eirados, alta noite,
Ou no alvor da manhan, ignotos nomes
Murmura estremecendo; e ora em batalhas,
Ora em reinos, victorias e conquistas
Discorre, e com o alfange denudado
Meio mundo ameaça... ora affinando
O moirisco alahude, em saudosos
Requebros, namoradas queixas sólta,
Com que parece dar allivio a máguas
Que em segredo no intimo o devoram.

XV

Desde então o terrivel inimigo
Dos portuguezes, hoje em guerra viva
A fogo, ferro e sangue os segue e accossa,
Entra por suas terras, leva a morte,
O pranto e a confusão por toda a parte;
E, sem causa ámanhan subitamente
Ao vencido inimigo a paz implora,
E em ocio vergonhoso inteiras luas
Passa, como embebido nas aérias,
Vagas ideas que lhe agitam alma.

XVI

Quasi vae a fechar segunda Egira
O circulo lunar, desde que o mestre
De Sanctiago, ousado cavalleiro,
E o mais valente portuguez que a espada
Jamais cruzou c'o mahometano alfange,
Pelas terras do Algarve se affoitára
Em correrias com seus nobres freires:
Já em Cacella, preço offerecido
Por Estombar e Alvor antes ganhadas,
Os pendões da conquista tremulavam:
E Aben-Afan com pouca resistencia
Indifferente os vê tallar seus campos,
Tomar suas villas, e arvorar a roxa
Cruz da Espada nas tôrres e castellos,
Que de seu preito são. Ferve-lhe o sangue
Co'a affronta aos indignados adalides...
D'elle não curam já, sua lei defendem,
Por suas terras acodem. Trava a guerra
A mais e mais, com furia entre os de Christo
E o mussulmano; mais o rei mancebo
Da antiga Silves no doirado alcaçar
Só, pensativo tristes dias passa.

XVII

Lá despertou agora... e silencioso
Eil-o que á pressa, á pressa as armas veste...
É noite, é noite escura, e o ceu tam negro.
Que nem estrêlla tem. Abre-te, porta,
Porta de zoia, ao teu senhor. Seguido
Eil-o vae de seus fortes cavalleiros,
Os mais fieis e os mais intimos d'elle,
Costumados, da infancia, a acompanhál-o
Em suas aventuras. Onde, aonde,
Rei do Algarve, onde vás assim montado

No teu corcel querido, cujas pretas
Clinas se entrançam com listões de purpura?
Onde assim vás de teus fieis cercado,
E a taes deshoras? Surpr'ender o imigo
Em cilada ardilosa? A dar soccôrro
A sitiado castello mal defeso,
Ou de violento golpe entrar nas tendas
Dos christãos, e acabar co'a raça impia
Dos jurados imigos do Crescente?
— Quem sabe aonde! Véo impenetravel
Do mysterioso principe os designios
Encobre a todos. Contra os portuguezes
Não foi elle, que as luas mahometanas,
Deante a roxa espada vacillando
De Sanctiago, seu fulgor perderam;
E o mestre, da victoria precedido,
Já de Tavira ás portas se appresenta.

XVIII

Já mais do que metade discorrêra
A lua de seu giro, e ninguem sabe
De Aben-Afan. Por onde o traz seu fado?
Oh! negra sina entrou n'essa familia
C'os feitiços da mãe! Ella, descrida
Nazarena morreu. A filha, a bella,
A discreta Oriana, desde o berço
Nas impias aguas dos christãos banhada
Por esse jugo traidor que a mãe perdêra,
Nunca o rosto volveu á santa Kaaba,
Nem jurou n'um só Deus e em seu propheta:
E fugiu d'entre os seus, e amaldiçoada
Lá se foi a adorar extranhos deuses
Em terras de infieis. Se a última esp'rança
Do Algarve, esse rei moço, tam querido,
Tam leal, tam gentil, tam cavalleiro,
Tambem assim, tambem por maus feitiços
Renegará da fé do Koran santo?
E a antiga corôa d'estes reinos,
Já tam vastos, aos pés ambiciosos
Arrojará d'esses monarchas de hontem?
Esses reis portuguezes em má hora
Vindos á Hespanha, confusão, ruina,
Perdição de Ismael!... Oh! impossivel:
Grande é Deus, e Mahomet é seu propheta,
E Aben-Afan seu servo. Animo e ávante!
Que elle a nós voltará. Sua espada é nossa.
Seu coração por nós, e Allá por todos.

XIX

Assim os adalides, deplorando
A falta de seu rei, se consolavam,
Co'estas esp'ranças fingem alentar-se:
Fingem, que o pobre reino dos Algarves
Aos pés dos cavalleiros de Sanctiago
Passo a passo fundia. Ganhar tempo
Demorar, esperar só lhes cumpria,
Já de puros cansados, a Dom Paio
Tréguas propõem; elle por breves dias
O pedido favor lhes concedia.

XX

Mas que phalange é essa de guerreiros
Que vão, longe do mar, nos corceis férvidos
Correndo á brida sôlta! Um que se eleva
Sobre os outros — qual se ergue no deserto
A palmeira coroada sobre a grama
Que á raiz se lhe accoita — e que montado
N'um formoso andaluz da côr da noite
A comitiva bellica precede,
Quem é elle? Será o rei do Algarve?
Aben-Afan será? E essa beldade
Que d'arção leva e que sustem nos braços?
Onde a conduz, e d'onde a traz roubada?
Roubada a traz! .. Mas no formoso gesto
Da bella não se pinta o desespero,
Cruel da dôr; sua nivea frente ingenua
Poisa no seio do gentil guerreiro,
E seus olhos do puro azul da esphera
Volve, de quando em quando, aos olhos negros
Do que a leva nos braços. Não afflicto,
Não é convulso o olhar, mas triste e languido:
Porém, se amor ou mágua lh'o embrandece,
Quem poderá saber?... Suas longas vestes
Alvas de neve, sua touca airosa
Como de christan virgem dedicada
Aos altares, parecem.—Mas na frente
Dos que a levam resplende a maura lua
No enroscado turbante!... Já do outeiro,
Onde o esplendido paço se divisa,
A costa sobem, á doirada grade
Se approximam... abriu-se per si mesma,
Como encantada que é, e os leões fulvos
A juba sacudindo, franca entrada
Ao guerreiro gentil e á bella deixam.
Mas quando os outros ao limiar vedado
Ousam de se affoitar, as portas fecham-se
Com terrivel fragor, os leões rugem,
E os corceis espantados, eriçando
De horror as crinas, voltam, e sem freio,
Sem governo, com furia partem, vôam,
E em pulvorosa nuvem desparecem.

XXI

Agora occulta mão tomou as rédeas
Do formoso ginete, e o leva ás fartas
Cavalharices, que reluzem de oiro,
E são mais ricas do que salas régias
Em paços de monarchas opulentos.
Agora, dando a mão á bella dama,
O cavalleiro sobe os degraus lucidos,
Escadas de diamantes que juncavam
Mais lindas flores do que a linda rosa,
Mais fragrantes que o oleo precioso
Dos vergeis do Thibet. Agora, entrando
Por galeria longa, taes prodigios,
Taes maravilhas que seus olhos viram,
Não ousarão meus versos descrevel-as.
Mas ao cabo, de solido carbunc'lo
Fechada porta jaz; lê-se em arabigo
No limiar da porta este lettreiro:

AO REI SEM REINO
Á ESPÔSA SEM MARIDO
ABEN-AFAN! AQUI JAZ O TEU FADO:
PENSA! PENSA OUTRA VEZ ANTES DE ENTRARES.

Ferem os olhos do guerreiro as lettras
Fatidicas; e a mão, que ora apertava
A delicada mão da linda dama,
Largou-a e frouxa cae: mudo e co'rosto
No chão, parece meditar profundo
Em penosas ideas concentrado.

XXII

«Sim, resolvi,» clamou, e a mão da bella
De novo toma, ao coração a leva,
E «Resolvi!» clamou: «perca-se tudo...
Oh! tudo, tudo... e seja Branca minha!»
Abre-se a porta, e o joven par é dentro.

D. BRANCA — CANTO II «Frei Soeiro, emtanto, c'o a *tremenda* em punho, Insta...» PAG. 275

CANTO QUARTO

I

Forravam ricas sedas o aposento:
No avelludado, persico tapete
Brando desliza o pé; cassoulas de oiro
Exhalam os arabicos perfumes,
Em vasos transparentes de alabastro
Vecejam raras, matizadas flores.
Tibia luz, temperada para amantes,
Frouxa allumia, e dá realce ao encanto
De tam mago deleite que hi respira.
Como um throno de amor jazia ao lado
Fôfo sophá, que a placido repoiso
(Se não a doce agitação) convida.
Entrava n'esta estancia o cavalleiro
Com a formosa dama: elle inflammado
De quanto amor, quanto desejo accende
O deus dos corações em jovens peitos;
Ella... como levada de um feitiço
A que não póde resistir, não sabe.

II

Convidava o sophá, insta a fadiga,
E a bella reclinou-se — não deitada,
Não assentada, mas n'essa indizivel
E dubia posição que toda é graças,
Desalinho, requêbro, enlêvo d'olhos
E talisman de lubricos suspiros.
Oh! suspirar, suspira o cavalleiro,
Que a seus pés jaz, que as niveas mãos lhe aperta,
E que lh'as beija com ardentes labios,
Por onde alma em delirio se evapora.
Ella tambem... ella tambem suspira,
E nos olhos azues alveja a lagrima
Precursora do languido deliquio,
Em que adormece a virgindade — e expira,
Como expira innocente passarinho
N'aza escondendo a languida cabeça.
Nos olhos do mancebo fuzilava
O raio do prazer; vivas faiscas
Saltavam a ateiar a chamma ardente
No altar que ao sacrificio se prepara.

III

Os vestidos da bella são grosseira
Estamenha, e o toucado um só véo liso:
Mas que diamantes, mas que telas de oiro
Tranças tam lindas, corpo tam formoso
Encobriram jámais? — Uma cruz pende-lhe
Entre o seio que trémulo palpita.
Uma cruz!... oh sacrílega beldade,
Não vejo eu reluzir moirisca lua
No turbante que envolve a baça frente
De teu cego amador?... Mas, ai fraqueza
Fatal de nossos miseros sentidos,
Que não vê mais que amor quem amor sente!

IV

Não falavam os dois, não; as palavras
Das linguagens dos homens são mesquinhas,
São pobres de expressões, quando alma inteira
Rompe do coração e accode aos labios.
Não falavam, mas diz tudo o silencio,
Diz mais que as falas; mudos se percebem,
Mudos se entendem, mudos se respondem,
Nem tem mór eloquencia a natureza,
Que a mudez, que o silencio dos amantes

V

Porém rompeu-se alfim: uma voz doce,
Langida como a frente da papoula
Que pende o ardor do sol, meiga e suave
Como o sussurro da aura matutina
Entre as flores de orvalho rociadas,
Uma voz disse: «Oh! tem de mim piedade,
Oh! de minha fraqueza não abuses
Sei que te amo, conheço que impossivel
Me é não te amar; mas meu amor é crime,
Mas esta cruz...» E a cruz chegou aos labios,
E os labios a beijál-a não ousaram.
«Oh! se ao menos sequer tu a adoráras,
Se convertido á fé, commigo eterna
Penitencia fizesses d'este crime
Que ambos, ai de mim! ambos commettemos...
Ai! não podéra ser crime tamanho
O que ganhasse uma alma como a tua
Para a fé verdadeira.»
Um ai profundo
Do mais intimo peito lhe responde,
E estas vozes o seguem:
—«Que disseste,
Oh! filha dos christãos, que me has proposto!
Eu que tudo perdi para alcançar-te,
Que abandonei por ti quanto homens prezam,
Quanto por valioso tem o mundo!
Inda exiges de mim mais sacrificios!
Desertar do meu culto e meus altares,
Renegar do meu Deus!
«Teu Deus é falso.»
—«Falso o meu Deus! E o teu é verdadeiro!
Quantos deuses ha pois na natureza?
Eu adoro o que fez este universo,
O que nos áres suspendeu magnifico
Esses orbes de luz que nos acclaram,
Que provê, nas areias do deserto,
De orvalho ao sequioso viandante,
Que tanto accende o sol, derrama a chuva
Para os cedros que se erguem sobre o Libano,
Como para a rasteira, humilde grama
Que vejeta nos plainos arenosos;
O Deus que me creou, que no teu rosto
Pôs o traslado da belleza etherea...
Este, este é o meu Deus: e falso é elle?»

VI

Os theologos sabem mil respostas,
Para sophismas taes; porém aos olhos
Do ignorante são verdades puras
Que sua pobre fé debil não ousa,
Nem sabe conmbater: [1] calou-se a bella,

1 Veja nota a este verso, no fim.

Mas suspirou, e com profunda mágua,
Lhe pende o rosto sobre o niveo seio,
E nas formosas mãos formoso o esconde.
As lagrimas que os olhos lhe arrasavam,
Por entre os roseos dedos deslisando,
A gotta e gotta cáem no regaço;
E debulhada em pranto assim parece
Alvo lirio do prado em cujo calix
Chorou a aurora ao despontar do dia.

VII

—«Oh! como te amei eu? Como ha nascido
Este amor no meu seio? Separados
Por um abysmo, que entre nós cavaram
Todas do céu e terra as potestades,
Quem nos uniu assim, que força?...»
—A minha.
Disse uma voz solemne e retumbante,
Que estremeceu nos timidos ouvidos
Da donzella christan, como estremece
O som do bronze conductor da morte
Na orelha do pastor que o seu rebanho
Pasce longe do campo das batalhas,
E acorda ao estampido inesperado
Que os eccos das montanhas lhe repetem.
—Uniu-vos meu poder—a voz dizia:
A quem submissos os destinos cedem,
E obedece a propria natureza.

VIII

Mais vivo aroma os vasos recenderam,
Animou-se nas flores côr mais bella,
E uma longinqua musica suave
Se ouviu com harmonias tam aéreas,
Tam doces e arrobadas de deleite,
Que aos dois amantes alma se estendia
A larga pelo peito de escutal-a
Approximou-se pouco e pouco a magica
Melodia suavissima: uma nuvem
Se condensou opaca no aposento;
A musica cessou, tudo é silencio,
Mas, breve estes sonoros hymnos se ouvem
Ao saúdoso som de accordes harpas:

I

Desabrocha, alva flor, linda murta,
Desabrocha que amor te bafeja:
Já tua folha lustrosa veceja,
Já vermelhos botões vêm a abrir.
Mas no loiro, onde o sangue negreja,
Salpicado dos golpes da espada,
Seque a folha, definhe esmirrada:
Foi a gloria vencida de amor.

II

Filha, filha do sangue real,
Real é teu amante; não chores.
Rosa Branca, flor de Portugal,
Brilha, brilha do Algarve entre as flores.
Appressae-vos que o tempo não poisa,
Foge a vida nas azas do vento,
Chega a morte, descae fria loisa...
Tudo acaba no triste moimento

III

Bem fadada, mal fadada,
O mancebo e a donzella!
Em que peze a Sanctiago,
Sanctiago de Compostella!
Fugir do dia aziago,
E do frade do condão,
E mais fugir dos orvalhos
Da noite de San'João!
Que se quebra o encantamento
Ao pino da meia noite;
Ao cantar do gallo preto
Se acaba o contentamento.
Bem fadada, mal fadada,
O mancebo e a donzella,
Em que peze a Sanctiago,
Sanctiago de Compostella!

IX

A's derradeiras notas d'este canto
Se adelgaçava pouco e pouco a nuvem,
Té que rara de todo se dissolve,
E um resplendor de luz na estancia brilha,
Que mais que humana coisa se amostrava.
Alados genios e ligeiras fadas
Abrem cortejo em dansa compassada
A uma que parece alta rainha
De todo o imperio do ár. Tunica longa
De transparente azul-celeste envolve
Mal recatadas fórmas, que revela
Em parte; e quanto ha bello no universo
É menos bello que essas magas fórmas
Alvo de neve um cinto dá realce
Ao torneio do corpo e á côr da veste
Sua estatura mais que humana se ergue
Em gentil proporção; fôra excessiva
Em beldades da terra, mas augmenta
O sobrenatural d'essa beldade
Que de mais altas regiões descende.
Flexivel, curta vara tem na dextra,
E um simples diadema d'aivas perlas
Lhe c'rôa a frente. O rosto... oh! quem lh'o ha visto?
Nenhum olho mortal: um véo espesso,
Um véo que não ergueu mão de homem vivo,
Nem erguerá jámais, lhe cobre o rosto.

X

Era Alina, a formosa fada Alina,
A rainha dos genios, e a senhora
D'esses paços magnificos.—N'um extasi
De pasmo e admiração era a donzella.
E a fada assim falou:
—Tudo perdeste,
Filho de Agar... na terra tudo, tudo:
Mas se te basta amor, um céu te fica,
Desde o dia em que puz na tua escolha
As venturas de amor e as da fortuna,
Tua livre eleição tenho aguardado;
E fiel á promessa que te hei feito,
A cumprirei á risca.—*Rei do Algarve*,
—Te disse eu, quando a este meu palacio
Te conduziu o fado,—*tu procuras*
A ventura na terra: eu t'a prometto;
Mas tem limite o meu poder na sorte;
É forçoso escolher. No orbe que habitas,
Felicidade inteira os fados negam.
Toma estes dois ramos encantados
Com magicas palavras, guarda-os sempre;
N'elles de teu futuro puz a sorte,
E ora t'os dou, e em tuas mãos a ponho.
De loiro é um, colhido á luz escassa
Do crepusculo pallido da noite
Co'a mão direita, e salpicado n'arvore
De sangue d'homem morto na batalha.
De murta é outro, ao pino da meia noite.
Em dia de San'João ao luar colhido,
Rociado de orvalhos, de formosas

Lagrimas de donzellas borrifado
Tres vezes tres, com tres suspiros d'alma
E cada uma das tres. Abotoados
Ambos estão e em viço; mas as flôres
Só as verás desabrochar n'um d'elles,
Quando no outro esmirrado e resequido
Folha e botão cahir. Volve a estes paços
Então, que o teu destino está cumprido,
E o encanto quebrado.—«Assim t'o eu disse,
Filho de Agar. Voltaste pois: os ramos
Do teu fado onde estão? qual d'elles sêcco,
Qual florido me trazes?»
De seu peito
Tira dois ramos o gentil mancebo,
E c'um gesto de alegre sobresalto:
—«Florece a murta, diz, e Branca é minha.»

XI

A fada lhe tornou: «Florece a murta,
Florece a murta, sim, e Branca é tua;
Mas sécca o loiro, e a tua gloria é extincta,
O teu throno cahiu, cessou teu reino,
A tua raça é proscripta, os teus altares
Fulmina o raio. Vence um deus estranho,
Vence o Deus dos christãos, e Allá succumbe.»
Emmudeceu a fada; o rosto bello
Do principe disti ge esmorecido
Descor'çoamento... após, vergonha o cora;
E em variada sezão sua alma anceia.

XII

Já na formosa e candida donzella,
Que extatica esta scena contemplava,
Os olhos crava, e todo o amor do peito
N'essa vista se expande, se dilata,
E a agitação do espirito lhe accalma.
—«E pois que escolhi» clamou, e toma
A mão da virgem: «o meu fado é este,
Ésta a minha ventura, a minha glória.
Oh! n'este coração reine eu sómente,
E o throno dos Kalifas não invejo,
Nem o sceptro d'Omar. N'aquelle peito
Impere eu só, e o imperio do universo
Disputem entre si os reis da terra.»

XIII

«Reinas» solemne a fada lhe responde:
«Reinas, imperas: Branca é tua, adora-te.»
Eu no seu coração pus tua imagem,
E a teus olhos rendi seu virgem peito
No momento em que a viste. Branca é tua;
E só a perderás, se hallucinado,
Teu florecido ramo abandonares,
E o deixares seccar. Então não póde
Guardar-t'a o meu podêr. O encanto é este;
E o encanto que eu fiz quebrar não posso.»

XIV

E inclinando á princeza a mysteriosa
Vara de seu podêr, em tom suave
De celeste doçura: «Filha» disse:
«Filha do rei christão, este é teu paço:
Eu vol-o cedo, amantes venturosos.
Nenhum ôlho mortal póde este alcáçar
D'ora ávante avistar, nem homem póde
Vivo na terra penetrar seus muros.
De nada receeis, gosae tranquillos
As delicias de amor. O vosso minimo
Desejo, no momento em que o formardes,
Vereis cumprido: dae rédeas folgadas
A' imaginação; riquezas, festas,
Adornos e manjares—quanto encobrem
As entranhas da terra, quanto as aguas
Têem no fundo dos máres sepultado,
Tudo ante vós será no proprio instante
Que o desejardes. Porém ai! se o ramo
Da murta definhar... ai! se o desejo
Te pede vêr florído o secco loiro!
Oh! ai de ti, filho de Agar: não póde
Valer-te o meu condão!» N'estas palavras
Fez leve aceno co'a varinha, e subito
A formosa visão desapparece.

XV

Ficaram sós os dois amantes. Cheia
De espanto ainda e admiração, olhava
Para o seu roubador a linda Branca
Com os olhos onde toda se lhe pinta
A confusão do espirito.—«Oh! explica-me»
Lhe disse alfim: «explica-me este enigma,
Ésta visão, e os mysteriosos ditos
Da fada, e as prophecias que te ha feito
De teu perdido reino. Por que modo
Me conheceste, como—e este mysterio
Por mais occulto o tenho—como póde
Assim meu coração ao teu render-se?
Como entre nossas almas, que nascidas
Foram para odiar-se e aborrecer-se,
Tam doce amor travou tam fortes laços?»

XVI

Ao dizer isto, os olhos derretia
Da namorada virgem o deliquio
De apaixonado amor: a mão de neve
Sôbre a querida mão poisou do amado,
Languidamente á face lhe pendia
Para o seio agitado, e um suspiro
Sussurrou desmaiado á flor dos labios:
Como quando nas aguas crystallinas
A viração da tarde brando encrespa
A lisa superficie.—Não cabia
No peito a Aben-Atan tam grossa enchente
De delicia, de gôso: accumulado
No coração tanto prazer dobrava-lhe
As pulsações incertas e appressadas.
Da formosa christan tomou nas suas
As delicadas mãos, e convulsivo
Lh'as aperta; acres beijos as devoram,
Vôam das mãos ás faces... e das faces
Descem—ao seio não, que a virgem bella
Do lubrico desmaio acorda o peijo,
E ao atrevido moiro não consente
O véo tenaz erguer d'esse fechado
Sacrario do pudor e formosura.

XVII

Cedeu o amante aos rogos da modestia:
E é tam grato ceder quando a certeza
Da victoria de perto nos acena!
Cedeu! poucos momentos, que retardam
O góso do prazer, mais vivo o tornam.

XVIII

Contou-lhe então como perdido, um dia,
Na caça, deparára co'estes paços
Da fada Alina, e entrára, sem que ousassem
Oppor-se-lhe os leões, que á porta os guardam.
Que os jardins encantados discorrêra,
Vira o brilhante alcáçar, e admirando,
Uma por uma, tantas maravilhas
Longo tempo estivera, até que a fada
Lhe apparecêra tal como hoje a vira.
E os dois mysticos ramos lhe entregára,
Onde encerrado estava o seu destino.

XIX

—«Assim foi» continuou dizendo o moiro:
«Assim fadada foi a minha sorte;
E eu descuidado entrei, cheio de esp'ranças
Pela vida que alegre se me abria
Deante de mim, como horisonte puro
Sem nuvens, sem negrume. Em breve ao throno
Subi de meus passados; e o diadema
Tam pesado! na frente descuidosa
Não me avexava, que minha alma, livre
De paixões, se espraiava toda ao largo
Pelo mar da existencia não picado
Das tempestades que no peito humano
Alevantam desejos, pensamentos,
Cubiças, ambições — solturas d'alma
Em que se não cravou fixa uma idéa.

XX

—«E essa tinha eu constante: os meus fadados
Ramos todos os dias contemplava,
E verdes sempre, mas sem flor, os via.
Começou a enfadar-me esta incerteza,
Este vago tardar de meu destino,
E solitario, só no meu retiro
Dias, noites passei, luas inteiras,
Suspirando sem causa de tristeza,
Melancholico, e quasi aborrecido
Da vida, que tão cheia de prazeres
Se me antolhava, e que ora tam insipida
Me appareceu. Travaram n'isto as guerras
Entre os christãos e os meus: nossas fronteiras
Pacificas télli, entrou o Mestre
De Sanctiago; e horrido theatro
Se fizeram de guerra sanguinaria,
Que não desafiámos. Sois vós outros,
Portuguezes, imigos do descanço
E delicias da paz, viveis no fogo
Ardente das batalhas, como vive
No fogo a salamandra. Acudi presto
Ao reclamo da guerra; e o meu alfange,
Sabem-n'o os teus se corta por arnezes
De christãos cavalleiros. Duvidosa
Vacillou a fortuna entre o estandarte
Da roxa Cruz, e entre as doiradas luas.
Dom Paio, que assolára nossos campos,
Entrára nossas villas precedido
Da victoria, parou sua marcha rapida,
E tropeçou na estrada da conquista,
Que tam facil e plana se lhe abrira.

XXI

—«C'o exemplo de seu rei cobraram ânimo
Os povos; e a antigua independencia
O Algarve sustentou. De nossas terras
Rechassado o inimigo, me occupava
Em guarnecer as praças arruinadas,
Outras edificar, e preparar-me
Contra nova invasão, que eu certa a tinha
De tam inquietos, buliçosos ânimos.

XXII

—«Por estes tempos, minha mãe, que ha muito
Separára de mim a crença extranha
Que abraçou, e em que fôra já nascida
Minha unica irman ..»
«Christans são ambas!»
Branca alegre exclamou: «Tua mãe? que esp'rança!
E uma irman tens? Oh! como será bella!
E como a heide amar eu!»
Os olhos tristes
Poz no chão o mancebo, e suspirando
Funda tristeza do intimo do peito:
—«Christan foi minha mãe .. Já não existe.
E Oriana, minha irman, que eu amei tanto,
Ai! tambem para mim é morta.»
«Morta!»
—«Sim, morreu para mim.. morta é de todo.»

XXIII

Pensativo ficou por longo tempo ..
E continuou depois—«Fatal me ha sido
Sempre a tua lei. Desgostos, malquerenças,
Dissenções entre os meus semeou funestas,
E abalou as ruinas já pendentes
D'este resto de imperio que em má hora
Herdei de meus passados. Convertida
A' fé de Christo minha mãe que eu tanto
Adorava. . oh! deixou-me aqui n'esta alma
Dúvidas .. Ai! que duvidar é o grande
Atormentar da vida. Presentidos
Meus vassallos da fé que vacillava
Em meu animo, froixo esmorecia
O amor n'elles. Pelejar constante
É a nossa existencia n'esta terra
De Hespanha, desque a tenda aqui plantámos
Os filhos do deserto. Espada e lança,
Se as poisármos um dia, é a nossa morte.
E os meus, remissos na perpétua lida
Cançavam já. Desceu á sepultura
Minha mãe; e Oriana, que em segredo
Sua lei guardava, um dia de má estreia,
Vil servo a denunciou á plebe irada.
Amotinaram-se, e a meu proprio alcáçar
Vieram insultar-me, a mim e a ella ..
E chegaram, de ousados, os infames
A cuspir na memoria venerada
De minha mãe!—A affronta foi lavada
Com os rios de sangue que correram...

XXIV

«Mas o sangue era meu, e costumado
A verter-se por mim na ardua defeza
Do mal seguro reino.. Eu combatido
De remorsos, tristeza e desalento,
Me encerrei dias, mezes, só, entregue
A um vago, melancholico desejo
De pôr termo a esta vida amargurada.
Oriana por vezes fez rogar-me
Que a ouvisse, que a attendesse. Não quiz vêl-a,
Nem ella nem ninguem. E a desgraçada,
Vendo-se a causa de pezar tamanho,
Resolveu de fugir. Poucas palavras
Escriptas me deixou . muitas as lagrimas
Que soubre ellas chorou. Era já tarde.
Quando o sube, corri por toda a parte,
Alvorotei castellos e cidades,
Devassei as fronteiras portuguezas,
Montes, valles andei... foi tudo embalde.
A algum mosteiro vosso, em terras longes,
Pôde chegar porcerto. Eu despeitado
Jurei então a Deus e ao seu propheta,
Jurei... Como cumpri meu juramento!
Guerra eterna, odio eterno aos do Evangelho
Que tudo me roubavam. Minhas armas
Jurei não despir mais, nem tirar freio
A meus cavallos, nem dormir a abrigo
De telha em povoado.—E longo tempo
Este foi meu viver: vida de cholera,
De agitado despeito!... que em meu sangue,
Que no meu coração outra não tinha.»

CANTO QUINTO

I

D'onde virá que, em nós prendendo a vida
A outra vida, sentimos dentro d'alma
A precisão forçosa de contarmos
O que foi atélli nossa existencia?
De lhe dizer quam mal perdida e gasta
Longe d'ella .. sem ella! a consumimos?
Não no sei: mas que o digam quantos amam,
Digam se não é assim quantos amaram.

II

E Branca devorava essas palavras
Em que o moiro sua vida lhe contava;
Devorava-as com ancia deliciosa:
Que é divino prazer — se não vêm zelos
Cravar seu ferro na querida historia,
E celeste prazer ouvir contál-a.
Gosa tu, bella infante, ouve e não temas;
Esse homem nunca amou, e toda inteira
A virgindade de sua alma é tua.

III

Aben-Afan, tomando nas mãos ambas
As da princeza, assim continuava
Sua apaixonada historia. —«Quem, oh Branca,
Quem me diria então, quando o meu peito
Todo em sanha e furor de guerra ardia,
Que tam breve mudado o meu destino,
E eu tam outro ia ser, todo eu? Escuta,
Uma noite quebrado de fadiga
Adormeci: era ventosa a noite
De outomno; e as folhas sêccas que cahiam
Sobre a tenda em que estava, o silvo agudo
Dos despregados ventos me embalavam
N'um somno mal tranquillo; mas pesado
De quebramento e lassidão. Dormia,
Dormia eu, mas escutava o ruido
Dos furacões e o som da tempestade:
De meus sentidos todos só desperto
O ouvido, que velava, os refletia
N'alma como rugir de brutas feras,
Sibilos de dragões, uivos de tigres,
Canticos de demonios malfazejos,
De genios maus, — descompassadas vozes
De mortos resurgidos n'hora aziaga,
E em banquete de horror sobre um sepulchro
Embriagando-se em sangue de parentes,
De amigos.. talvez filhos, que no berço
Deixaram quando a morte os tomou subito [1]

IV

—«O coração no peito comprimido
Me anceava afflicto, e o sangue accumulado
Sobre elle, me pesava como a barra
Do ferro sobre o peito ao criminoso.
Não era sonho este, era um estado
Indefinivel; mas não durou muito,
Nem, a durar, lhe resistíra a vida.
Senti coar-me um balsamo suave
Pelas veias, e o sangue dilatar-se
Brandamente por ellas: sôlto e livre
O coração bateu; e a phantasia
Se descobriu da cerração medonha
Que a ennegrecia —Leves, leves fórmas
Diaphanas, ligeiras como os áres,
Me giravam n'um quadro transparente
De incerta côr, mas bello, mas tam mago.
Tam delicioso como fresca aurora
Por estiva manhan. Vagas e frouxas
As fórmas eram, logo mais sensiveis
Se revelaram, pouco e pouco augmentam,
E um paraizo, um céu d'ante mim era.

V

—«Oh! como descrever-t'o! Um céu de glória,
Um transparente azul, de estrellas bellas
Marchetado — mil anjos de azas brancas
De stella em stella alegres revoavam,
Lirios de alvura candida espalhando
Pelo ár embalsemado de fragrancia.
Uma virgem, trajando roupas simples
Que em pureza e candura resplendiam,
Uma virgem no meio d'este encanto
Apparecer a vi como a rainha
D'esse paraizo, como a divindade
A quem os anjos todos se humilhavam,
E sôbre quem seus lirios e boninas
Com amor jubilosos desparziam.

VI

—«Sentia-me arrobar-se-me a existencia,
E o coração voar me, como os anjos,
Para a celeste virgem. De seu peito
Uma Cruz resplendente lhe pendia,
E essa Cruz. essa Cruz, como inimigo
Talisman, afastava da donzella
Meu coração que embalde forcejava
De approximar-se a tanta formosura.
Ella, a virgem, uns olhos compassivos
Punha em mim, e um sorriso parecia
De seus divinos labios consolar-me,
E ao coração, que já desanimava,
Alentál-o d'esp'ranças — Mas a fôrça
Do talisman vencia, a Cruz terrivel
Dardejava faiscas rutilantes,
Como a espada de fogo que fulmina
Nas mãos do guardador do Eden defeso.

VII

- «Eu suspirava, a angustia me opprimia,
E co'esta agitação se dissiparam
A celeste visão, o sonho. Acórdo,

[1] Allusão aos vampiros Veja-se nota a este verso, ao fim

Acórdo, mas metade da existencia
Não acordou em mim; ficou no sonho
A maxima porção da minha vida;
Ficou-me o coração após da virgem
Correndo embalde. *Embalde*, exclamo, *embalde*...
E não mais a verei, nunca mais... nunca!

VIII

—«Apenas a arraiada tenue vinha
Alvorecendo então no roxo Oriente;
Secreta inspiração — não sei quê d'alma
Que sente sem a ajuda dos sentidos,
E parece no intimo do homem
Ser coisa alheia ou mais que a humanidade,
Me fez pensar nos encantados ramos.
Brilhou-me d'ante os olhos a esperança,
Como um clarão de vida: corro a elles,
Observo-os... oh! no loiro resequidas
Se esmirravam as folhas, — mas na murta
Os botões, como perolas do Oriente
Em tranças de sereias alvejavam;
E já n'alguns leve signal de abrirem
Se divisava: — como em curvas praias
Ao subir da maré pintadas conchas
A medo o rico esmalte descubrindo.

IX

—«De alegria, de jubilo insensato,
O arraial despertei; tendas se levam,
Ordens á pressa dou, a Silves torno.
Quebro, esqueço o tremendo juramento
Que inda ha pouco fizera tam solemne,
E só no meu alcaçar longo tempo
Medito, e mil projectos desvairados,
A qual mais vago, a qual mais louco, formo
Sobre o meu sonho, os ramos e o destino,
Que Alina me fadára tam ditoso.

X

—«De lidar em lidar, emfim um dia,
Levado assim de impulso repentino,
Deixo a cidade só, e confiando
Á minha estrella o dirigir-me os passos,
Redeas sólto ao cavallo, e sigo a estrada
Que elle de si tomou. Certo caminho
Foi das fronteiras, correu noite e dia
Ás margens do Guadiana, e pelas terras
Da Andaluzia entrou; a Estremadura
Castelhana atravessa, e porfim chega
A um valle formosissimo, assombrado
De enzinhas altas; era já na Beira,
No coração da Beira portugueza;
Ahi parou. O sol no extremo occaso
Como n'um mar de luzes se affogava,
Mas no resto do céu já raras trevas
A estender-se começam: voz e esporas
Emprégo... não se move o corcel, fixo
No solo qual se fôra bronzea estátua
Em pedestal de marmore cravada.
Longo tempo insisti: cerrada a noite
Era já, desmontei; e n'um rochedo
Vizinho me assentei. Ahi na mente
A extranhez da aventura e do meu fado
Entre mil pensamentos resolvia.

XI

—«Aquelle sitio... O sitio inda hoje o viste;
É aquelle escuro monte, agudo e negro
D'onde um phanal nas trevas reluzia...»
«Oh! bem m'o disse o coração presago!
Branca lhe torna: «A luz que alli brilhava
Era tua? era a luz que estes meus olhos
Havia de cegar!... E o corcel negro
E o cavalleiro que por nós passava
Em mysterio e terror?
—«Eu era, Branca.
«E tu por mim brasdaste: Real, Real?»
—«Por quem senão por ti? Pressago dizes
Teu coração, e ainda m'o perguntas?»

XII

Aqui a narração se interrompia
Com esse interromper de namorados,
Que são beijos e beijos, longos, longos,
Prolixos, quaes os dá, a quem bem conta
Suas historias, fascinada ouvinte.
—«Se eu soubesse contar como o meu moiro!
Quê!... Voltemos a elle e á sua historia,
Como elle ia contando.
«Acaba» disse
Branca emfim: «estavas assentado...»
—«Estava, sim» Aben-Afan prosegue:
«No rochedo, pensando em meu destino,
Quanto uma luz bruxuleando escassa
Por entre os ramos de viçoso olmedo
Não longe descobri. Certo que humana
Habitação será... Approximei-me
Na intenção de pedir por essa noite
Gasalando, aguardar o desencanto
Do meu corcel, ou em diversos trájes,
Que a pêso d'oiro e joias hi comprasse,
Apé seguir a incerta romaria
De meu peregrinar mysterioso.

XIII

—«Chego; pequena ermida solitaria
Estava entre o arvoredo: a luz sahia
Pelas fisgas da porta mal fechada.
Entrei; um santo horror de meus sentidos
Se apoderou: — forravam toda a estancia
Ossos de homem, caveiras — brancas umas
Do tempo, outras ainda mal cubertas
A pedaços de pelle resequida,
De eriçados cabellos. Uma tumba
Negra jazia ao lado, e uma cruz tosca
No chão cravada: d'essa cruz pendia
Lampada que a luz funebre desparze
N'estes objectos funebres.

XIV

—«Absorto
Comtemplava terrivel monumento
Dos triumphos da morte, quando um fraco
Som quasi extincto ouvi de voz cerrada
Dizer: — *Filho das trevas, tu procuras*
A claridade; achal-a-has; mas guarda-te:
Abraza a luz a miudo.
—«*Quem me fala?*
Tornei eu, *quem aqui n'esta gelada*
Habitação de mortos me conhece?
— Um que é já no limiar da eternidade,
Um moribundo. Segue o teu destino,
Aben-Afan: outr'ora obedeciam-me
Os espiritos do ár, e poderia
Mostrar-t'o... mas é tarde; sinto a hora
Derradeira soar-me... expiro... fecha-me
Os olhos... veste o meu burel... e segue

D. BRANCA — CANTO III «E essa beldade... Que d'arção leva e que sustem nos braços?» PAG. 280

Avante... em Portugal... é perto... A morte
O colheu; roucos sons balbuciou inda,
E n'um arranco lhe fugiu a vida.

XV

—«Combatido de varios pensamentos
Passei a noite junto do cadaver
Mas alfim decidido e rosoluto
A correr todo o meu destino ás cegas:
Acceite se o legado, disse eu, *vista-se*
O burel do santão, [1] *e avante á sorte!*
C'o primeiro crepusculo da aurora
Já, em vez de turbante, me cubria
Capuz agudo a frente. Um nome escripto
Entre as prégas do saio achei... Que espanto!
Hugo, o nome fatal do nazareno
Que em nossas terras disfarçado entrára,
Que o respeitado alcaçar devassando
De meus antepassados, a discordia
Semeára entre os meus! Se era elle o morto?...
Se estava em meu destino que em seus trajos
Disfarçado eu agora, penetrasse
Pelo mais recatado, o mais zelado
Dos christãos?... Sorte! — Á sorte e á ventura!

XVI

—«Sahi da ermida e a caminhar me deito.
De noite o meu corcel desparecêra:
E eu, sem saber de estrada, sem vereda
Seguia mais que a do acaso, fui andando,
Andando, até que junto de um mosteiro
Grandioso e de fabrica soberba
Me achei. Que sons divinos que sahiam
De seus muros! Era um cantar celeste,
Vozes tam doces, como vozes de anjos
No alto das montanhas celebrando
As grandezas de Alláh. — Todo enlevado
No mago encantamento d'essas vozes,
Do templo estive á porta: franqueál-a
Não ousava .. e a vontade m'o pedia,
Mas retinham-me escrupulos. Ao cabo
Disse eu: Que importam nomes? Deus é o mesmo:
Christo [2] e Mahomet foram prophetas,
Mas Deus é o mesmo Deus. — Entrei na egreja.

XVII

—«Era um côro de candidas donzellas,
Que alternadas o cantico solemne
Entoavam. Sentia-me eu tomado
Da religiosa e santa majestade
Que enchia o templo. Os olhos repoisava
Com prazer innocente n'essas virgens
Que por Deus renunciaram a prazeres,
A delicias da terra, quando subito
Lá no fundo do templo a porta se abre
E uma virgem entrou: seu ár, seu gesto
A mostrava entre as outras a primeira,
E entre ellas parecia tão brilhante,
Como em capella de jasmins a rosa,
Ou como o lirio n'hástea debruçado
Sobre o campo arrelvado de violetas.

1 Veja nota a este verso, no fim.
2 É discorrer de um mahometano

XVIII

«Deu-me rebate o coração no peito:
Era essa imagem a que eu vira em sonhos,
Essa, essa propria; a mesma Cruz brilhava
Em seu peito... Perdi razão, sentidos,
N'um extasi de gôso indefinivel
Cahi como em deliquio — Longo espaço
Devia de durar, que só no templo
Acordando me achei: findara toda
A ceremonia, e as virgens retiraram-se.
Sahi então, e soube que o convento
Era Lorvão, e.. »
«Tu» interrompendo-o,
Branca lhe diz: «tu eras o eremita
Que em nossa egreja uma manhan entrava
E que tam enlevado parecia
Na oração?»
—«Era eu mesmo.
«Oh Deus! e eu propria
Com quanta devoção te comtemplava!
Tam joven, eu dizia, e tam deixado
Do mundo já!... Mas tu o ermitão eras?»

XIX

—«Eu sim, que extasiado em teu semblante
Ahi perdi o coração e a vida;
Ahi n'esse momento se cumpriram
Os meus destinos todos. O fadado
Ramo consulto: florecia o myrto.
Céus! clamei, é quebrado o meu encanto!
Mas que fazer! A noite veiu: a um proximo
Olival me levára incerto passo,
E na solidão, minha alma se entranhava
Em pensamentos vagos, em projectos
Mais vagos... Um corcel vejo pascendo
Embridado, e moirisca sella tinha;
Era o meu fiel Adir; chamei-o, corre
A mim alegre, estende-se abaixando
O alto costado, como convidando-me
A montál-o. — Hesitei .. mas dirigido
Por occulto poder não é meu fado?
Montei, partimos; trouxe-me a estes paços.
Não vi Alina, mas teu nome o sitio
Onde te encontraria em teu caminho
Para Castella, como libertar-te
De teus brutaes dervizes deveria,
Tudo li n'uma tarja transparente
De jaspe em letras de oiro. Outra vez parto
C'os mais fieis dos meus, fui emboscar-me
Detraz d'esse escarpado, negro monte
Onde o morto ermitão tinha encontrado,
Onde viste o phanal, que era a atalaia
Para os meus que dispersos rodeavam
Os caminhos de emtórno. Alli me viste:
E d'alli, passo a passo, te seguimos
Sem dar alarme aos teus — Sabes o resto;
E já teu coração me ha perdoado,
Branca... Pois quê? não perdoaste? Dize.»

XX

Os braços da donzella se enlaçaram,
Como um festão de candidas boninas,
Emtôrno ao collo do gentil mancebo.
— O propheta, se a vira n'esse instante,
Emendára o Koran, e não vedára
A um anjo tal do paraizo a entrada.

CANTO SEXTO

I

Toca o sino a completas, era noite
Em Cacella: seu branco sobrevestem
Manto co'a roxa Cruz sobre a armadura
Reluzente, e ao côro se encaminham
De Sanctiago os nobres cavalleiros.
As espadas, terror do mauro Algarve,
Depõem junto do altar, e vão devotos
Ante o Deus dos exercitos prostrar-se
Em humilde oração. Ha poucas horas
Guerreiros na batalha, agora simplices,
Silenciosos, austeros cenobitas
Rezam em côro—ámanhan, quem sabe?
Correrão aventuras namoradas,
E nos braços da languida beldade
Cumprirão o terceiro mandamento
Da muito nobre e respeitavel ordem
Da andante, singular cavallaria.

II

Oh! quem vê hoje na ponteada casa
De aperaltada, esguia casaquinha
Brilhar a mesma Cruz, symbolo d'honra,
De patriotismo e gloria, que pendêra
D'aureo collar em peitos de aço duro,
Peitos que sem pavor por entre selvas
De lanças, de azagaias se arrojavam;
Quem as vê hoje, a Cruz santa de Christo,
Pendão de gloria que guiou no Oriente
Castro, Albuquerque e Vasco— a roxa Espada
De Sanctiago que arvorou as Quinas
Nos castellos do Algarve—penduradas
Pelas librés da infamia e de injustiça...
Quem de sua nobre origem cogitando,
Ousará de dizer: «São cavalleiros,
São portuguezes cavalleiros esses?»

III

Tremulava a bandeira de Sanctiago
Nos muros de Cacella, que vencida
Aos fortes cavalleiros se rendêra.
Mas Tavira resiste: fatigados
Os de Christo e Mahomet formaram tréguas,
E da guerra continua repoisavam.
Já gran'parte do Algarve succumbíra
A's armas de dom Paio e dos seus freires,
Depois que Aben-Afan de seu alcaçar,
—Sem se saber adonde—se ausentára.

IV

Tavira a forte, Silves a maritima,
Firmes porém sustentam porfiosas
Ao moiro rei a vacillante c'roa.
As principaes então, e as mais famosas
Em valor e riquezas essas eram
Por todo o áquem dos áridos Algarves.

V

Findára o côro: a hora do repasto
N'um fresco eirado, á lua, passeando,
Os cenobitas campeões aguardam.
De batalhas e cêrcos falam velhos,
Das justas e torneios do bom tempo
Que foi; moços de amor e caçadas,
De aventuras, e coisas que mais prazem
A' edade em que veceja a flor da vida,
E fólga o coração no peito á larga.

VI

Era assumpto entre os jovens mais querido
Esse prazer de reis, essa arte nobre
Que Altanaria chamam. guerra propria
De ave com ave: não este covarde
Jogar da bésta, do arcabuz, do arco
Para indefeso surprehender no ramo,
No descuidado vôo o passarinho.

VII

—Sabeis» disse dom Alvaro «senhores,
Que os meus falcões, por certo os mais manhosos
D'el-rei de Leão não têem que vêr com elles.
Pena é que em terras nossas não ha caça
Com que enterter o tempo d'estas tréguas,
Senão verieis.
—«Gran'desejo tenho
De o vêr» Nem do valle respondia:
Que as minhas aves atégora as creio,
Em que pêze a dom Alvaro; as melhores
Que hei visto em vida minha. Mas, senhores,
Coisa vos direi eu que vos agrade,
Pois cavalleiros sois: p'rigoso é o caso,
Mas de gôsto será. Sabei que em Antas
E' a caça melhor de todo o Algarve:
Mister é de passarmos por Tavira;
Mas em paz, como estamos, de impedir-nos
Não ousarão os moiros: e se ousassem...
—Tanto melhor, que sua perda fôra»
Volvem á uma os jovens cavalleiros:
—«Vamos, e ámanhan já.»
Foram-se ao mestre,
E do que hão concertado lhe dão parte.

VIII

Com prudencia dom Paio e bom aviso
Lhes ponderou da emprêsa os contratempos:
Quanto ciosos eram de suas terras,
E mulheres os moiros. —«Nem por isso»
Accrescentou sorrindo o grave Paio:
«Lhes quero eu mal, que ha hi formosas damas,
E a vêr taes cavalleiros costumadas
Não estão ellas.» Rindo agradeceram
O cumprimento ao Mestre; e pois lhe dava
Cuidado a sua idea, promettiam

Irem de paz e guerra bem armados
Para quanto cumprisse... que era excesso
De prudencia, diziam. Atrever-se
Com seis de Sanctiago, os pobres moiros
Do Algarve!... quem havia de pensál-o?

IX

Mas grave e pensativo lhes tornava
Dom Paio: —«Não é bom folgar, mancebos,
Co'as agonias ultimas de um povo.
No derradeiro apêrto, muitas vezes,
Affoga o que zombou de o vêr prostrado,
Tréguas temos c'os moiros: mas o povo,
Descontente de vêr seu rei sumido
No alcaçar de Silves, descuidando
Reino, vassallos e a familia propria,
Que a irman se fez christan .. e é fama entre elle
Que lh'a roubámos nós — o povo em bandos
Anda á solta, sem lei por essas terras.
Tomae tento; que a plebe enfurecida
De guerra leal estylos não conhece
Nem os cata a ninguem.»
Tudo promettem
Os jovens a seu Mestre: e pressurosos
Assim no alvor do dia se partiram
Com suas aves e armas, cavalgando
Em andaluzes, relinchões ginetes.

X

Seis eram os mancebos;e tam guapos,
Tam gentis cavalleiros não vestiram
Nunca em terras de Hespanha arnez de guerra.
C'o denodo e despejo d'essa edade,
Em que os perigos são delicia e brinco,
Caminho vão direitos de Tavira;
A ponte passam a veloz galope,
E ás frescas margens da ribeira placida,
Onde Antas jaz, alegres começavam
Suas aves a soltar, seguir-lhe os vôos,
E a enterter-se em folguedos innocentes,
Disputas joviaes, e outros singelos
Passatempos de alegre confiança

XI

Mas o diabo, que jámais não dorme
Quando vê gente môça em bom caminho,
E que não pára sem fazer das suas,
E os metter em camizas de onze varas,
O diabo se deu aos diabos todos
De vêr seis rapazetes tão bem postos,
Tam galhardos e bellos, de sua regra
Cumpridores fieis, e mais honestos
Que o mais honesto monge da Thebaida,

XII

Ora, sabido é que o tal amigo
Lucifer, Belzebut, Satanaz, diabo,
Demonio, ou como quer que é sua graça,
Na minha terra as beatas o designam
C'o extravrgante nome de *Baètas*;
Nome a que nunca pude achar o furo
Da ethymologia; e desafio
O carmelita auctor do Diccionario
Que traduziu — triztriz — pratos quebrados,
Désse tamanhas voltas ao miolo
Como as que eu dei para encontrar com elle.
— O diabo pois, que emfim este é seu nome,
Tanto fez, que até santos de Thebaida
Com suas tentações voltou do avêço,
E se metteu sem medo á queima-roupa
Com cilicios, jejuns e agua benta.
Como lhe havemos de escapar nós outros,
Pobres e miseraveis peccadores!

XIII

E como pôde entrar este inimigo
Jurado da adamitica progenie
Os austeros limites da Thebaida?
— Com môças: môças são coisa do diabo,
Se é que o diabo não são ellas mesmas;
Que em quanto para mim, Deus me perdôe,
Por taes as tenho, ás tentações malignas,
Que sinto cá por dentro quando as vejo,
E me dão taes vontades... Abrenuncio!
O diabo ellas são, ou ellas d'elle.

XIV

Pois o pae da malicia, que bem sabe
O podêr de taes armas perigosas,
Assentou de apanhar n'uma das suas
Os jovens caçadores: vae, e enfia-se
— Que é mestre n'isso, e não lhe custa nada
Estender-se, agachar-se, encarquilhar-se,
Acaçapar-se curto e pequenino
Como um mosquito, ao alto alevantar-se
Como a Tôrre dos Clerigos [1] — enfia-se
No papo de um falcão dos da caçada,
E o falcão que ficou, como lá dizem,
C'o diabo no corpo, larga o pairo,
E desanda a voar por esses áres.
Vôou, vôou até que estacou mui longe,
E se pôs a pairar como quem mira
A caça, e a fita bem para empolgal-a.

XV

Acertou que o falcão dos dois gabados
De dom Alvaro era.—«Estranho vôo»
Mem do Valle lhe disse; «é o da vossa ave:
Nunca vi um falcão voar d'essa arte.
—Crêde, senhor» dom Alvaro lhe torna:
Que é fina caça a que elle paira agora,
E até não ha ahi ave em toda Hespanha
Que tal a avente, e tanta.
—«Ir-lhe-hei no encalce,
Volve o outro.—Ide embora, porém crêde-me,
Que a mim sómente e não a outra, a entrega.»

XVI

Mem do Valle picou, e por um trilho
Agreste e rudo, entre árvores e mato
Mette o corcel fragueiro, e costumado
A mais agros caminhos —Já chegava
A um valle estreito, que em redor fechavam
Ingremes, escarpadas serranias
Tam aridas, tam sêccas e escalvadas,
Quanto era amena, vecejante e bella
A varzea que á abrigada lhes ficava.

XVII

Um arroio sinuoso corta o valle
Despenhado do cume alto da serra
Com ruido, em cataracta picturesca,

[1] Tôrre formosissima no Porto.

Onde em brilhantes prismas concentrando
O matutino sol seus raios puros,
Ahi nas côres d'Iris se extremava.
A relva de boninas esmaltada
Amorosos perfumes recendia;
E áquem, além festões de verdes balsas
Prendiam com seus ramos enlaçados,
A's viçosas figueiras. Ramilhetes
De murta em flor brotavam pelo prado,
E na doirada areia da ribeira
Viçava o tenro, dobradiço arbusto
Que em nossas praias semeiou de perlas
Para enlêvo da infancia a natureza.
Oh! edade feliz em que as eu via,
As alvas camarinhas resplendendo
No limpido ceirão, e as cubiçava
Essas perlas mais finas a meus olhos
Do que as da bella egypcia mal pudica!

XVIII

Sôbre este ameno, delicioso valle
Paira a prumo o falcão: mas extasiado
Co'as bellezas do sitio, o cavalleiro,
Na maravilha que lhe encanta os olhos
Pensava só, nem ao falcão já attende.
Quando subito a ave—qual se vira
Saltar lebre fugaz de espessa moita—
Desce veloz, e atrás de arvores densas
A' vista se escondeu, desapparece.
Vel-á baixar, e correr prompto ao poiso
Que lh'a occultava—foi um só momento,

XIX

Facil era a entrada da espessura
Por um lado onde as arvores falecem.
Entra, e a caça que viu... Tenteio embalde
As cordas do romantico alahude
Que os genios das montanhas me afinaram
Para os singelos sons desalinhados
De meu simples cantar; falham-me as notas,
Desafina a canção. Que verso póde
Descrever os segredos da floresta
Do Almargem! onde encantos estupendos,
Nocturnas festas celebrar se hão visto
A's fadas e aos espiritos da noite!...

XX

Alli... alli jámais pé de homem vivo
Depois do pôr de sol entrar não ousa;
E só do alto da serra o pegureiro
Viu luzinhas—signal certo de bruxas—
A surdir e a esconder-se a um lado e outro,
Saltando como estrellas namoradas
Que via o grego antojador de favas
Ao brando som de harmonicas espheras
Bailar no azul do céu as tripècinhas. .
Ou perdido viandante arripiado
De medo, ouviu confusas gargalhadas,
Estranhos cantos e gemidos funebres!

CANTO SETIMO

I

Aqui do engenho, aqui da arte sublime
Do teu cantor, Angelica formosa!
Aqui d'aquelles versos descuidados,
D'aquelle donairoso seu capricho
Que damas bellas, monges impotentes,
Andantes cavalleiros e duendes,
Fadas e malandrins encantadores,
Tudo enreda na vaga, solta dansa
De seus divinos feiticeiros cantos.
Oh! quem podéra, quem soubera agora
Tecer, com elle, o enrevezado fio
D'essas lindas mentiras que enleiavam
A curteza bestial de um nobre duque!
Pérolas .. e que pérolas! deitaste,
Meu pobre Ariosto, ao coroado cerdo,

II

Mas não. Livre de mais, lascivo é o canto
Que as venturas nos conta do Medoro
E os furores de Orlando. Eu, pudibundo,
Austero vate, psalmear só quero
Em côro de donzellas innocentes,
E accender minha lampada na lampada
Das virgens sábias que poupar souberam
Para a vinda do espôso o santo azeite.
Simples é meu canto, meu contar singelo,
Dar-me-hão as mamans a lêr ás filhas. [1]

III

Jaz sobre a relva, á deleitosa sombra
Do espesso arvoredo adormecida
Joven beldade.—Se anjos, divagando
Acaso pela terra, adormeceram
Algum'ora em recinto delicioso
Que lhes fez recordar do Eden os bosques,
Seu formoso dormir como este fôra.

IV

Alva, ligeira tunica apertava
Pelo meio do corpo delicado
Cinta de verde côr; doiradas tranças,
Sem mais ornato que o gracioso ondado
De seus proprios anneis, se debruçavam
Por hombros, em que a força do alvo quebra
Ligeira côr de desbotada rosa.
Seus olhos! .. com as palpebras escuras
Fechado tem o somno esse thesouro
De brilho e de innocencia. Mas nos labios
A innocencia sorri. A um lado jaz-lhe
Pequeno livro. O atonito guerreiro
No rapto dos sentidos alheados
Longo tempo ficou absorto, mudo,
Como a quem maravilha tem cortado
Com a razão metade da existencia.

1 La mère en premettra la lecture á sa fille.

V

Que livro será este? Abre, e redobra
Seu pasmo: de orações e rezas santas
Era um livro christão, inluminado
Das vivas côres, do oiro reluzente
Com que a arte byzantina debuxava
No bento pergaminho essas imagens
Sem vida, sem acção, e que resplendem
De um brilho, de um matiz que é o desespero
Do moderno pintar.—Mas esse livro
Aquí, mas essa dama tão formosa
Que o lia na soidão d'esse deserto...
Mas tudo isto. . é mysterio incomprehensivel.

VI

E o agnusdei que pende ao lindo collo
Da bella, e c'o sereno movimento
Do seio brandamente se agitava?
Não ha que duvidar: é christan virgem
E em terras de moiros!—Oh! roubada
Foi de certo; e a seus barbaros deleites,
Seus infames prazeres a reservam
N'algum castello proximo.—Sem duvida.

VII

Mas como n'este sitio adormecida?
Baldam ahi de todo as conjecturas.
Fugiu talvez... acaso communica
Os bosques ahi com parte mais escusa
Do parque, ou cêrca de moiriscos paços,
Onde escrava a retêm. . Christan é ella.
E eu christão cavalleiro, que hei jurado
De defender a fé e a formosura,
Devo... o quê?—Libertal-a d'esses grifos,
Dos monstros que a innocencia se preparam
A devorar-lhe crus... devo, oh! sim devo.

VIII

D'est'arte reflectia o cavalleiro,
E levado de zelo—ardente zelo
Da fé .. Travesso duende me susurra
No ouvido menos puro sentimento.
Vae-te, espirito mau, não te acredito;
Era boa a intenção: que faz ao ponto
Se profanête [1] acaso, algum desejo
Na tenção se ingeriu? Vasos de barro
Somos nós, quebradiços e achacados;
E raro, a obra melhor do homem mais justo,
O oiro mais puro da virtude humana
De liga vil seu tanto não encerra.
—Levado pois *da fé*: «Salval-a» clama
«Salval-a é força, e já»—Mas, se a desperta,
Se receosa a timida virtude
D'essa dama, fugir assim não ousa
Sósinha com um joven cavalleiro?

1 Diminutivo necessario.

Saberá convencel-a. — E se no emtanto
Perdido o tempo?... Oh Deus! urge o perigo,
Cumpre deliberar... Toma nos braços,
Salta na sella, e parte, corre, vôa.

IX

No papo do falcão raivava o diabo,
Vendo tão mal sahir-lhe o estratagema,
E que o laço, onde creu ter apanhado
A virtude de santo cavalleiro,
Nova c'rôa de gloria lhe viçava
Na honesta frente.—Em tam escura sombra,
Tal formosura... occasião tam bella!...
Capacitar-se o diabo não podia
Que tanta força houvesse n'um mancebo,
Que resistisse a tal. — Mas onde a leva
Elle agora?—Sabido é que o diabo,
Que tudo sabe, só futuro ignora.
Deu a voar, e segue pelos áres
O joven par no rapido galope.

X

Nos braços apertando o doce peso,
Corria o cavalleiro, e lhe batia
O coração. —Surriu de ouvir-lh'o o diabo
Tam apressado, e disse lá consigo:
—Tu que bates assim, má tenção levas!
No entanto a donzella, mal desperta
Do somno ainda, que pensar não sabe
Do estranho successo que accordára:
Se vela ou sonha, se anjos a conduzem
A's regiões do céu, ou se o maligno
Espirito a arrebata ás profundezas
Do abysmo, duvidosa, nem se atreve
A abrir os lindos olhos: e tremendo,
Encolhendo-se toda, mui baixinho
Ao bento anjo rezava da sua guarda.

XI

Porém alfim curiosidade vence
Afinal sempre em feminino peito.
Quem a leva roubada? anjo, ou demonio?
Vêr-lhe a cara deseja. E se elle é negro?...
Credo!—Mas pouco a pouco vae abrindo
O cantinho do ôlho. Alta a viseira
O mancebo levava; e o bello rosto
—Que bello era e gentil—se descubria
Entre as luzentes armas de aço fino,
E sob o elmo emplumado—qual nos pintam
O triumphante archanjo aos pés calcando
Revel esp'rito que venceu nos plainos
Do céu em regular, campal batalha.

XII

Ao encarar com tam formoso gesto
O medo todo lhe fugiu do seio;
E a grata persuasão que em corpo e alma
A leva ao céu um anjo tão bonito,
Certeza foi que de prazer celeste
Lhe inunda o coração.—Mas será sonho?
Nunca elle acabe, sonho que é tam bello.
Com medo de acordar, seus lindos olhos
Fogem da luz do dia e só se entr'abrem
Para gosar da angelica presença
Do roubador gentil.—Emtanto o joven
Sente o doce calor do brando corpo
Os membros repassar-lhe e dar rebate
Ao sangue, que agitado já circula,
E em seu tropel e espirito envolvendo,
Sensações menos puras, logo ideas
Peccaminosas.. feios pensamentos,
E ao cabo tentações . Já não surria,
Mas dava pulo o diabo de contente.

XIII

Eis ao subir de pedregosa encosta
Agra e difficil, de alto da montanha
Vozes mil a gritar:—«Eil-os vão, eil-os!
O roubador infiel eil-o e a princeza.
Acudi, acudi, vingae no infame
Nossas injúrias todas.»—E redobra
O alarido das vozes tumultuárias;
E gritando corriam, e descendo
Dos lados todos, breve tem cercado
O cavalleiro multidão de moiros
Que em furia cresce, e emtôrno se amontôa

XIV

É povo mal armado e descomposto,
Gente soez, e sem valor nem brio,
Mas forte pelo numero, e terrivel
Na fanatica sanha que os excita.
Embalde o cavalleiro o corcel volta,
Embalde tenta de cescer de novo,
E salvar-se na fuga. a turba immensa
De toda a parte acode Atropelados
Do fogoso cavallo, a muitos prostra;
Mas outros, e outros vêm: ceder é força.

XV

Ceder! um portuguez, e um cavalleiro!
Oh! que pesado então lhe foi o leve,
O doce peso que a seu peito apperta!
Que fará? Lança e escudo lhe falecem.
Mas ceder! isso não: co'a esquerda abraça,
Defende a linda dama que estremece;
A dextra brande a espada formidavel,
A cujos golpes o infiel desmaia;
E cáem como espigas em calmosa
Sésta d'estio aos golpes do ceifeiro.

XVI

E a bella!—Oh! despertada alfim do sonho
Suas magas illusões se desvanecem.
Cruel realidade! Quem é elle?
Como a roubou, e aonde, onde é que a leva?
Porque assim a perseguem esses moiros?
Oh! isso entende, isso conhece a triste.
Claros os gritos são. Mau fado a espera
Se em suas mãos cahir. Oh Deus que susto!
Com o seu roubador, seu cavalleiro,
Seu defensor... Ou como hade chamar-lhe?...
Se abraça, e esconde o rosto delicado
No seio aspero e ferreo da armadura.
Mas é já tarde, já reconhecida
Foi da turba infiel. — Oriana! bradam:
«Oriana!» sôa emtôrna. Co'este nome
Cresce a raiva, o furor nos combatentes,
A quem resiste impavido um só homem.

XVII

«Oriana» repetindo, embravecidos
Investem; mas o nome que os incita,
Como se fôra magica palavra,

D. BRANCA — CANTO IV Era Alina, a formosa fada ; PAG. 284

Respeito lhes inspira: os golpes vibram,
E no meio do golpe a mão descae-lhes,
E o peito deixa aos botes desarmado
Da espada do christão. — Já da matança,
Já de tanto ferir lhe afroixa o braço;
E as forças pouco a pouco a falecer-lhe...

XVIII

Tem pois de succumbir. Pereça embora;
Embora... Mas á furia d'esses barbaros
Abandonar a victima innocente
Que elle insensato ao sacrificio trouxe!
Uma virgem christan! Céus! e tam bella!
Jámais. — Resta-lhe a esp'rança derradeira
De chamar pelos socios que lhe acudam:
Se o ouvirem, poderão valer-lhe
E ajudal-o a salvar a desgraçada.
O corno toca; os sons repete ao longe
O ecco das montanhas. Já o ouviram,
E o usado som de Mem reconheceram
Os socios que, não longe, começavam
A sentir o alarido da peleja.
O passo dobram: eil-os... oh ventura!
São a milhares a moirisca turba;
Mas seis de Sanctiago! — A'vante! e rompem.
Sanctiago e ávante! — Em roda estão do amigo.
Vidas como estas caro são vendidas;
E tarde, se a perderem, a victoria
Só coroará os lividos cadaveres
Do vencedor, a quem se deu mau grado.

XIX

O inimigo recúa. Seccos troncos
De figueiras, que ahi jazem, encastellam
Uns; em quanto outros á lançada viva
Seu trabalho defendem. Já completa
É a tranqueira, e a tempo, que os cavallos
De cançasso e feridas se abatiam.
A suas frageis muralhas se accolheram,
E da turba que os cerca se defendem,
Como leões á bocca de seu antro
Pelos filhos e esposa combatendo.

XX

Ai da formosa, incognita donzella!
Que ao deslaçar os braços delicados
Do corpo do mancebo, os lindos olhos
Cheios de amor e lagrimas levanta
Para o céu, para elle, e: «Adeus» lhe disse:
«Adeus! Que breve foi, e que amargurado
O prazer d'este abraço!» — Ai cruas vozes,
Tam meigas, tam crueis! abriu-se-lhe alma
Ao joven; e a paixão, que lhe escondiam
Suas chimeras vans, toda lhe avulta:
Co'esse golpe de morte lhe rebenta
O amor té'li no coração occulto.
Oh transe! amor travando o braço á morte!
A eternidade em meio da ventura!

XXI

Os olhos do mancebo se enturvaram,
O sangue que vertiam mil feridas,
Parou. Já n'esse instante a ultima vida
Do coração fugia... Suspendeu-lh'a
Co'a força do prazer, da dor o excesso.
Qual sóem suspender oppostos ventos
Ao lume de agua, em cabo procelloso
A soçobrada nau. — Anjo da morte
Porque retiras a aza côr da noite,
Que lhe estendias sobre a frente livida?
Doce é morrer assim; mas todo o calix
Do passamento, té ás fezes negras,
Bebel-o! — cruel és, anjo terrivel.

XXII

De novo jorra o sangue das feridas,
E exanime clamou: — «Oh Deus!» seus labios
Descorados na face da donzella
Osculo imprimem, o primeiro—e o ultimo!
A virgem não côrou: solemne, e augusto
E o extremo da vida; não ha pejos
Na despedida ás portas do sepulchro.

XXIII

—«E quem és tu, incognita beldade?»
«Eu?» volve a virgem: «eu? Sangue inimigo
Teu e da Cruz nas minhas veias gira;
Sangue de reis... sangue fatal! Raiou me
A fé por entre as trevas de seus erros:
Minha mãe foi christan, e a agua sem mancha
Do baptismo banhou meu corpo infante.
Este é o crime que a plebe amotinada
Persegue em mim. A seu rancor fugida
Tinha vindo accoitar-me n'estes bosques
Onde um velho ermitão, por caridade,
Em sua rustica choça dava abrigo
A' irman de Aben-Afan.»
— «Tu irman d'elle!
E eu fui que te perdi.. Ai! fui eu, triste.»
Toma a espada, e com impeto que mostra
Forças maiores já do que as da terra,
E sem mais proferir, dá sobre os moiros
Com furia tal, que innumeros lhe cáhem
Aos pés de um bote só. Porém foi esse
De Sansão moribundo extremo esfôrço:
Sôbre o montão das victimas que immola,
O sacrificador exangue accurva,
Sem vida cae. Não o vingueis, amigos:
Não cahiu bravo em campo de batalha
Mais gloriosa quéda; não deis lagrimas
A quem só derramou em vida e morte
Sangue inimigo e seu. Mem não existe:
Folgae, filhos de Agar, sobre o seu tumulo.

XXIV

Olhos formosos que lhe a morte déstes,
Chorae vós, sim chorae! .. Mas tanta perda
Ignora ainda a bella causa d'ella.
Não o viste cahir, gentil Oriana,
Que no meio dos fortes cavalleiros,
No chão prostrada, supplice invocavas
Ao céu perdão, do céu misericordia,
E gemes, como a rôla solitaria
Sobre o lascado ramo do pinheiro,
Quando os ventos do outomno tempestuoso
Da emigração a quadra lhe annunciam;
Ai! caçador cruel lhe ha morto o espôso,
E seu terno arrulhar o chama ainda.

XXV

Com a morte de Mem coragem ganham
Os infieis, e affroixa nos de Christo,
O ânimo não, mas esse mais que humano
Esfôrço gigantesco, enthusiasmo,
Que não só p'rigos sem pavor arrosta,
Mas a infalibil perda, a morte certa,

Sem lhe attentar no horror, com gôsto encara.
Lassos de combater, de sangue exhaustos,
Que a jorros corre dos golpeados membros,
Os que fortes exercitos venceram,
E são terror de bellicosas hostes,
Ante uma vil, desordenada turba
De alvoratada plebe já succumbem.

XXVI

Eis a correr do alto da montanha
De redea larga vem um cavalleiro
Ancião, de longas barbas venerandas,
Nem armado, nem seu trajar indica
Linhagem nobre; mas nobreza d'alma
Brilha em suas feições. Ao chegar perto
Dos combatentes, moderára o passo,
E grave se approxima do tumulto
Com semblante sereno. Erguendo a dextra:
—Suspendei» disse: «suspendei as armas;
Escutae-me um instante.»
A inesperada
Falla do velho á sanha da peleja
O furor suspendeu: pára o combate;
E curiosos da causa que o alli trouxe,
Attentos moiros e christãos o attendem.

XXVII

—Illustres cavalleiros, escutae-me,
Filhos de Agar, ouvi-me: injusta guerra
Fazeis todos: o sangue desparzido
N'este dia fatal ao céu bradando
Está vingança, e todo ha recahido
Sôbre minha cabeça. Eu a princeza
Oriana dos reaes paços de Tavira
Na fuga auxiliei, ao respeitado
Bosque d'Almargem a levei, e em guarda
A um eremita santo a dei eu mesmo.
Mas essa que buscaes ha tanto tempo,
Mas essa, por quem hoje heis combatido,
Não é já vossa, não: Oriana, a bella,
A real Oriana aos erros e mentiras
De vossa falsa Lei jámais deu culto.
Christan é, christan foi desde a primeira
Hora da vida.
«Ella christan!» exclamam
A maura turba com horror e espanto.

XXVIII

—Sim, christan sou, lhes diz, alevantando-se
A princeza gentil; e no ár, no gesto
Lhe brilhava um splendor de majestade,
Que, entre essa multidão de homens armados,
Sanguentos, golpeados, parecia
Anjo de paz que vem de ordem do Eterno
O cru flagello suspender da guerra.
—Sim, christan sou, e o Deus só verdadeiro,
Que á sua santa luz abriu os olhos
De minha mãe, que em sua glória é hoje,
Constancia me dará para o martyrio.
Para alcançar a immarcessivel palma
Que me espera no céu. Vinde; essas armas
Para meu peito dirigi; tormentos
Inventae novos; tudo com delicia
Receberei de vós, com prazer d'alma;
Tudo. . Piedoso Deus! que hei visto! — Pára-lhe
A voz e a vida; cae: no gesto livido
Véo de morte se estende. A malfadada
No cadaver de Mem, que jaz por terra,
Fixára acaso os olhos dsscuidados,
E do golpe fatal, que inda ignorava,
Repentino ferida, á dor succumbe.

XXIX

Alvaro e os mais christãos, que a viram subito
Desmaiar e cair — não suspeitosos
Da causa de seu mal, hallucinados
Em tanta confusão — de tredo golpe
Por mahometano archeiro a creem ferida.
De horror e indignação furiosos bramam;
E Alvaro lhes cla nou: —«Amigos, eia!
Este resto de sangue que inda gira
Em nossas vêias, pouco é, porém corra
Portuguez té á gotta derradeira.
Que nos sobra de vida? Escassas horas:
Seculos fossem ellas, á vingança
De crime tanto e tal votados sejam.
Sanctiago, e ávante! nossa é a victoria,
E triumphantes nos receba a morte.»

XXX

As fogosas palavras do mancebo
Nos corações que apenas palpitavam
Exangues, semimortos, vida e fogo
De enthusiasmo infundem Quaes rompentes
Leões, investem contra o moiro, em fúria.
A jorros corre o sangue; a vozeria
Dos combatentes, gritos dos feridos,
E o arrancar dos moribundos fórma
Consonancia medonha. Acostumado
Não era á guerra o venerando velho
Que, esperando salvar os cavalleiros
A' custa da sua vida, alli viera.
Conhece todo o Algarve o nome e a fama
De Garcia Rodrigues, o mais rico
E honrado mercador d'aquellas éras,
Que em seu tráfico honesto, recovando
Entre os moiros do Algarve e as portuguezas
Terras visinhas, grande accumulára
Haver de oiro e riquezas. Protegido
Da defuncta rainha, e intimo sempre
De frei Hugo, quando este disfarçado
Nos habitos e modos de moirisma
No palacio de Silves demorava,
Tam prudente e avisado andára sempre
Que nunca aos musulmanos fôra odioso.
Depois, morta a rainha, e Hugo partido
A fazer-se ermitão em Monteagudo,
Continuara em seu trato, a ir ao paço
Vender suas mercancias costumadas.
Co'a princeza Oriana alli fallava,
E em grande segredo lhe trazia
Livros, rezas christans, bentas reliquias
E outras consolações que a confortavam
No desamparo e susto em que vivia.

XXXI

No proprio dia a Silves era vindo
Que em torrentes de sangue se affogára
O tumulto da plebe amotinada
Contra Oriana; e vendo-a resolvida
A fugir para sempre as impias terras
Dos inimigos da sua fé — deixára
A mercantil, habitual prudencia;
Com grande risco de fazenda e vida
Elle proprio, uma noite bem fadada,
A levou nas recovas escondida,
Que o não sonhou ninguem. Passou as portas
Da alcaçova, e passou as da cidade.
Escapando a perigos infinitos,
Que só pensál-os faz tremer. Andando
A bom andar, chegou áquelle bosque
Do Almargem, e o seu furto precioso

Deu a guardar a um santo velho monge
Que alli vivia em solitario hospicio
Dos lá da Serra d'Ossa dependente.
Alli a vinha vêr o bom Garcia
Sempre quando pensava em seu continuo
Usual peregrinar. Caminho agora
Ia de Alvor, quando escutou o ruido
E a causa soube do fatal combate,
Que a apaziguar correu... em vão. «Salvál-os
É impossivel!... Pois» disse elle «morra-se
Como homem tambem.»—Impunha a espada,
E sobre os moiros deu como homem que era.

XXXII

Novas emtanto da fatal peleja
A Cacella chegaram. Parte á pressa
C'os seus o Mestre, esperançado ainda
De soccorrer os nobres combatentes.
Tavira passa; os moiros aterrados
Do furor com que vem, passal-o deixam.
Chega... ai!... tarde. Já lividos cadaveres
Sobre montões dos que immolou seu ferro
Jazem os sete heroes. Tropheus d'emtôrno
Seus imigos lhes são, que os precederam,
E ás regiões baixaram do sepulchro
A annunciar do vencedor a vida.

XXXIII

Mas os moiros do campo da batalha,
Em vendo o Mestre vir, se retiraram
Açodados c'o medo da vingança.
E elle, a quem no peito ância rebrama
De punir tam cruel aleivosia,
Os preciosos despojos recolhendo
Dos nobres cavalleiros e do honrado
Mercador, no alcance vae dos moiros,
Que em vão fogem. Cruento sacrificio
As sombras dos heroes alli recebem:
Milhares cáem. De Tavira as portas
Accossados os leva; e as portas, que abre
Para accolher os seus o musulmano,
Ao mestre foram triumphal entrada
Na capital do subjugado reino.

XXXIV

Do Algarve a capital cede a dom Paio.
Mas em Silves o rei no forte alcáçar
Crêem todos; e acabar c'o infame jugo
Dos infieis em terras portuguezas
Jurára o Mestre. Bem guardada e forte
Deixa Tavira, e sobre a antiga Silves
Vae com a flor dos seus, ebrios de gloria

CANTO OITAVO

I

Ai de ti, Silves, de tuas nobres torres,
Teu alcaçar tam forte! Quem resiste
A's espadas terriveis de Sanctiago?
Já de redor dos muros, que de lanças,
De frexas, de bésteiros se corôam,
Suas tendas assentou, suas azes posta
O invencivel Mestre. Já trabucos
Assestam, catapultas vêm de rôjo,
Machinas, ligneas torres; e se dobram
Acobertados couros, protectores
De escaladas e assaltos. Mas de dentro
Dos muros os cercados se apercebem
Para a defeza: ardentes alcanzias,
Duros cantos, ferradas longas varas
Que os incendiarios fachos arremessam
Ás inimigas fabricas. Redobra
Coragem em uns e outros o perigo,
Prégam no campo frades indulgencias,
Na cidade os imans novas promessas
Fazem de huris e paraizos: folga
Emtanto a morte, e para a ceifa crua
C'o um perfido sorriso a fouce affia.

II

Dom Paio suas tendas, rodeado
Dos cavalleiros principaes, com elles
Nos desenhos do assédio praticava,
E no mais que a seu cargo e posto cumpre.
Um homem d'armas entra, e ao conselho
Annuncia que ao campo um messageiro
Do rei de Portugal n'essa hora chega.

III

—Que novas traz?
«Sabê-lo-heis mui breve
Que não tarda comvosco; e sua messagem,
Diz só a vós dará.
—Embora venha:
E praza ao céu que do valente Affonso
Nos traga alfim o tam pedido auxilio.
Gran'mister hemos d'elle. Cavalleiro
E generoso é Affonso; a nenhum outro
De toda a Hespanha com mais gôsto déra
Preito do que hei ganhado: mas importa
Que a levarmos ao cabo ésta conquista
Nos ajude elle; senão... reis não faltam;
Deus proverá, e a nossa espada o resto.

IV

O arauto, com solemne e grave passo,
A dom Paio caminha, e volteando
Tres vezes no ár o seu bastão doirado,
Em som lento e pausado assim lhe fala:
—«Da parte do mui alto e poderoso
E temido senhor rei dom Affonso
De Portugal e Algarves, a dom Paio,
Mestre de Sanctiago, cavalleiro
Muito nobre e esforçado, vem dom Nuno;
Sua embaixada traz.
—Entrae.» Entraram.

V

De suas ricas armas cinzeladas
Vinha armado dom Nuno: por de cima
Da malha sobreveste d'oiro e seda
Orlada com franjões de fina prata,
Passamanes do mesmo, e sobre o peito
Bordada a Cruz azul, insignia antiga
Do reino, e embaixador que o representa,
Segundo usança é.
Este, inclinando-se
Ao Mestre, disse então:
—«Senhor dom Paio,
El-rei, e meu senhor, que a vós me manda,
Vos envia saudar, como a quem preza,
E muito estima vossas nobres partes,
E a respeitavel Ordem de Sanctiago,
Cujo sois digno Mestre. Sabei como
Prouve ao muito alto rei de Leão, Castella,
De Toledo, de Cordova e Sevilha,
Murcia e Jaen, imperador augusto,
Sempre feliz, a meu senhor e amo,
El-rei de Portugal, n'este seu reino
Investil-o do Algarve; e vos ordena
Que lhe entregueis castello e fortalezas
E logares e villas que heis tomado;
E preito lhe façaes e homenagem,
Como a senhor e rei. E mais vos trago
Que em marcha com sua gente a estes sitios
Vem El-rei meu senhor, com tenção firme
De ajudar-vos na santa empreza vossa
De libertar suas terras do pezado
Jugo de moiros: no que muito conta
Comvosco e vossos nobres cavalleiros,
A quem honra e mercês fará condignas.»

VI

—Venhaes embora, o Mestre respondia:
Sejaes bem vindo vós, e a vossa alegre
Mensagem que trazeis, senhor dom Nuno.
Portuguez sou, e portuguez me prézo
De ser do coração; e muito folgo
De entregar nossas praças e castellos
A rei tal e senhor. Em hora boa
Venha elle a tomar nossa homenagem,
E a conquistar o mais que no seu reino
Ainda infieis lh'o têem. Com mãos á obra
Nos achaes, cavalleiro; d'esta Silves,
Onde o moirisco rei temos cercado,
O resto da conquista está pendente;
E... Mas vêjo-vos rir! .. Não sei que o caso...»

VII

Nuno sorria, e em gestos se expressava
De quem do Mestre aos ditos fé não dera
—«Não tomeis, senhor meu para má parte
Este surrir:» contendo-se dom Nuno
Lhe tornava: De Aben-Afan dizeis
Que o tinheis ahi cercado... E sei eu certo
Que algures elle está, que não em Silves
—Sabeis?
—«Sim, sei.
—Muito sabeis! Contai-me»

VIII

Nuno então conta ao Mestre, que pasmava
Como, da Infanta em companhia, a Holgas
Indo, o rei moiro subito os tomára.
E elle só, por estranho caso, a vida
Salvára e liberdade;—que escondido
Na cêrca do convento, deparando
Com um moiro, o matára, e em seus vestidos
A' pressa disfarçado, Aben seguira
Té a uns formosos paços, onde a Infante
Só com Aben-Afan entrar poderam,
E que subito os paços se sumiram,
Que certo havia alli encantamento
Ficou elle; porém logar e sitio
Bem o conhece, e taes signaes tem posto,
Que hade com elle dar. D'ahi partido
A el-rei se fôra a lhe contar do roubo
E desacato da real Infante.
Que de vingar sua honra e a de sua filha
Jurára Affonso; e a Beatriz, sua esposa,
Mandára ao pae a lhe pedir do Algarve
Terras e senhorio, resoluto
A acabar d'esta feita co'a vil raça
De Mahomet. Em tudo consentira
O bom do imperador: e el-rei á pressa
Vem caminho do Algarve, a invicta espada
Jurando não depôr sem que no sangue
Do derradeiro moiro a injuria lave.»

IX

—Mas se encantada a Infante, diz dom Paio,
C'o moiro está, que vale guerra e sangue
Para a cobrar?—«A tudo se ha provido»
Nuno volveu: «com el-rei vem quem sabe,
E tudo póde em coisas taes de encantos,
Certo, que nomear tereis ouvido
Frei Gil de Santarem...
«Frei Gil!... Oh! valha-nos
Sanctiago!» á uma os cavalleiros dizem:
«Traz comsigo esse frade dom Affonso?»

X

—«E porque não?» dom Nuno respondia?
Sim traz; mas não sabeis quanto mudado
Está Frei Gil. Do diabo, a quem vendêra
A alma pelo poder da bruxaria,
O escripto cobrou que lhe fizera
De obrigação, lavrado com seu sangue.
E agora o diabo, a quem servira escravo,
Como a senhor o serve; e é maravilha
Ouvir casos e coisas que se hão feito
Por sua intervenção. Peça mais fina
Nunca santo a pregou a fino diabo,
Do que o padre Frei Gil; fal-o ir ao côro
Rezar c'os frades, ouvir missa inteira,
E confessar-se até.»
—Mas quem vê isso?»
—«Ninguem senão Frei Gil: boa era essa!
Se o vira alguem, forte milagre fôra.»[1]

XI

Riram os cavalleiros do bom lôgro
Que pregára ao demonio o santo frade.
E o Mestre, encarregando da ordenança
Do cêrco e mais governo que cumpria,
Ao commendador-môr, se foi, com parte
Do conselho da Ordem, ao caminho
De Selir, a esperar el-rei Affonso,
Que para ahi direito em marcha vinha.

XII

Já longo o cerco a parecer começa
Aos sitiantes; rapida a victoria
Té'li os precedeu: emfim o auxilio
Do monarcha porá termo ás delongas,
E acabará c'o o imperio mussulmano
Nos libertos Algarves.—Se podessem
Todavia vencer sem esse auxilio!
Veda-lh'o a ausencia do esforçado Mestre.
Sem elle aventurar-se a dar assalto
Não ousarão, nem devem. Surdas minas
Lavrando vão calladamente emtanto
Com direcção do alcaçar, que o mais forte
Lanço é da praça toda, e decisivo.

XIII

Segue de perto aos que trabalham, prompta
A escolha dos mais bravos e atrevidos
Na subterranea estrada, que já longa
Cresceu: prestes estão de peito e d'armas
A qualquer caso, ou contramina os cruze,
Ou, repentino, a bem guardada estancia
De inimigos os leve seu trabalho.

XIV

O ardido Nuno entre os primeiros sempre
É na gloria e perigos. Voluntario
Se off'rece a ir na subterranea emprêsa.
Por capitão de todos o pozeram
E a direcção da mina lhe entregaram.
Trabalhavam um dia, eis: «Vozes sinto»
Disse parando na obra um dos soldados
—«Escutemos: silencio!» Nuno accode.
E álerta ouvidos, e callado é tudo,
Vozes se ouviam, mal distinctos eccos,
Sons abafados, como uns ais perdidos
De infeliz a quem vivo sepultassem
Nas entranhas da terra, e que em lamentos
—Vãos!—conjurasse o horror de seu destino.

XV

—«Manso continuae vosso trabalho»
Diz Nuno: «Descubramos d'onde nascem
Estes estranhos sons.» Vão pouco e pouco
Leve e leve, minando a terra dura.
Já clara a voz se ouvia: femenino
Era o accento gemedor e afflicto,
E como supplicante: crebros golpes
Se ouviam c'os lamentos misturados,
E um rouco murmurar de voz sinistra.
—Supplicio, algoz, e victima parecem.
Tam proximos estão, que se distinguem
As falas já.
«Piedade! diz voz trémula:
«Piedade, eu desfaleço, eu morro...»
—«Amigos!
Bradou Nuno: «á uma os ferros, eia!
Salvemos essa victima innocente
Da mahometana barbara maldade.
Rompei de um golpe só o estreito espaço.»

[1] Veja a nota a este verso, no fim.

XVI

Mal dissera, aos alviões nas mãos robustas
Cede a terra, e cahindo patenteia
A' vista dos atonitos guerreiros
O lobrego recinto de medonho
Subterraneo, horrivel calabouço.
Uma lampada funebre, que ardia
Suspensa em meio, triste luz reflecte,
Clara porém, na profundeza do antro.
Em pé spadaúdo moiro como estátua,
De medo e pasmo está; seus olhos fixos,
Seu gesto horrendamente contrahido
O pavor, a crueza, o susto, o crime
Alternados debuxa. Tem na dextra
O instrumento de barbaro supplicio,
Azurrague sanguento. Junto d'elle
No chão prostrada uma mulher... Vergonha
Me abafa os sons nas cordas que estremecem:
A indecorosa posição... pintal-a
Meus versos ousarão?... Em terra os joelhos
Poisava, e em terra a face; co'as mãos ambas
Cobre-a, de pejo,—o seio encobrem vestes;
Mas o restante... oh! não as tem mais bellas
Nem mais patentes Callipygia Venus,
As fórmas immortaes que nome e fama
Dão ao cinzel e marmore divino.
Matizam crus signaes o alvo dos lirios,
Como sóe no vergel tulipa roxa
Entre as cecens brotar.—Mais se divisa
Outra flor... Caia o véo sobre o meu quadro.

XVII

Véo de pudor cobriu os olhos castos
Dos guerreiros christãos. Seu manto arroja
Nuno á infeliz, e co'a outra mão travando
Da barba hirsuta do algoz: — «Malvado!
Lhe brada: «mas que vejo! tu! É sonho,
Ou és tu mesmo? Como n'estes habitos
Co' esse turbante, infame renegado?
Eterno Deus!... Vil monstro de maldade,
Fala: quem é esta innocente victima
De teu furor cruel? porque a ferias
Tam despiedado? Fala, ou n'este instante
A merecida morte...»

XVIII

Um suor frio
Cobria o moiro, os dentes lhe batiam.
E os membros contrahidos lhe estremecem.
Qual ceifeiro robusto, a quem na messe
Tomou quartan violenta, co'a mão trémula
Aperta a foice, e em vão chamar os socios,
Bradar procura em vão; no aberto sulco,
Sobre os feixes de espigas que ha colhido,
Cáe opprimido de ancia e quebramento.

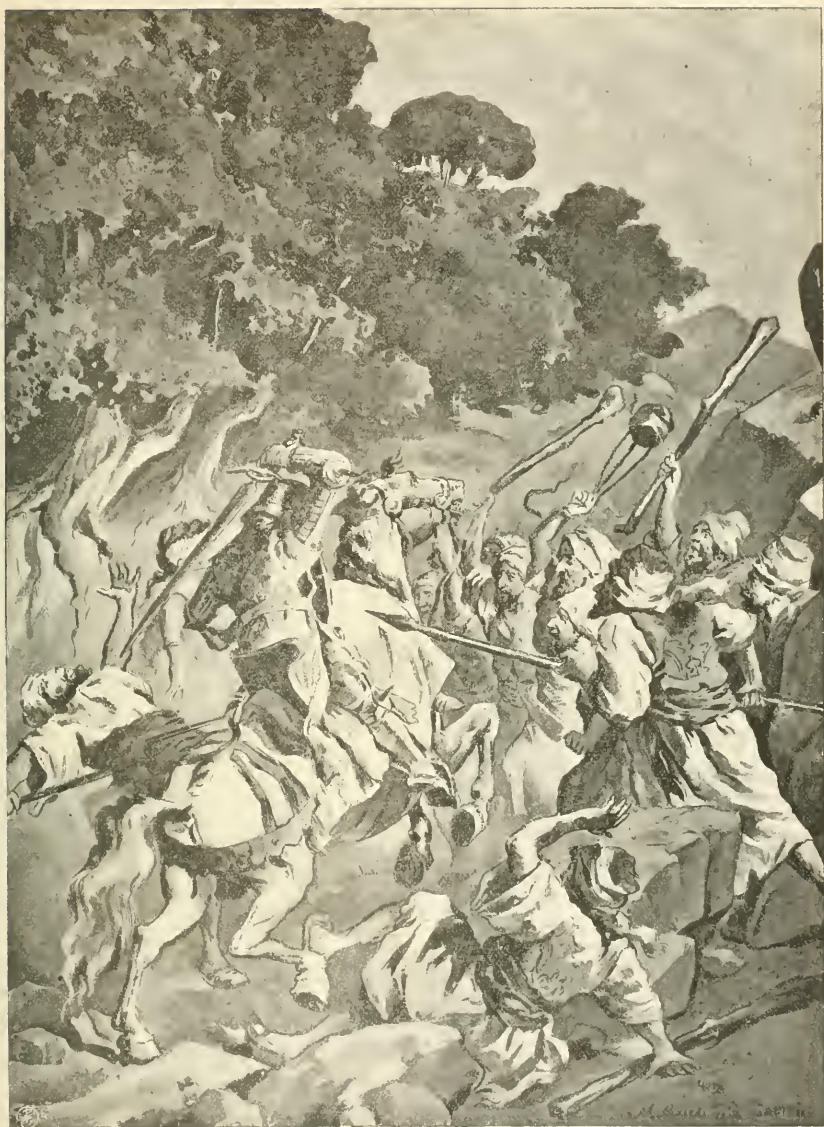
XIX

—«Malvado! exclama Nuno: «segurae-o,
Mas não toqueis, por Deus, n'essa cabeça
Ao cutello votada da justiça.
E vós, senhora, cobrae força e animo,
Que não estaes com barbaros: respeito
E piedade achareis. Auxilio e amparo
Por cavalleiros e christãos devemos
A's damas; nem nos veda a differença
De culto e religião...»
C'um gesto a dama,
Em que, apezar do pejo e abatimento,
Sobresáe dignidade e formosura
De nobreza e virtude, alevantando-se
Gravemente, o interrompe co' estas vozes:
«Meu culto e religião, senhor, é o vosso;
Christan sou, por christan hei padecido,
E de meu padecer uma só queixa
Tenho elevado ao céu—que lento e brando
Não me haja dado a suspirada morte»

XX

—«Nobre dama, comnosco ao regio Affonso
Vinde; e recebereis honra e justiça,
Qual se vos deve. Nome e sangue ignoro
De tam bella senhora, mas porcerto
D'alta progenie o tenho.
«Em mal! bem alta.»
—«E portuguez?...»
«Senhor, moiro é meu sangue,
Mussulmanos os meus, christã eu unica.
Não me pergunteis mais; eu vol o rógo
Por vossa cruz: levae-me presto ao campo
Onde os soccorros que ha mister minha alma,
Encontrar possa.»
Prompto, Nuno ordena
Ás guardas e vigias o que devem
Em sua ausencia fazer, e co'a formosa
Dama e c'o velho moiro ao campo volve.

XXI

Soavam atabales e trombetas,
Que tangem menestreis: todo um triumpho
O arraial parecia.—«Eil-o que chega,
Eil-o! Real, real por dom Affonso
Do Algarve e Portugal!» mil vozes clamam
E do Mestre e dos seus acompanhado
O magnanimo Affonso, n'um formoso
E suberbo andaluz montado, vinha
O campo entrando. Os vivas de alegria,
As saudações do povo e dos soldados
Benigno accolhe: mas profunda mágua
No rosto impressa traz; ri-lhe nos labios
Doce affabilidade, que os monarchas
Portuguezes outr'ora distinguia,
Mas a frente pesada de cuidados
Em vão se aliza, as rugas da tristeza
Sob o diadema de oiro se lhe encrespam.

D. BRANCA — CANTO VII A dextra brande a espada formidavel PAG. 296

CANTO NONO

I

O estandarte das Quinas tremulava
No pavilhão real; e essa alegria,
Que em deredor festiva se agitava
Na tenda do monarcha não penetra:
Pezado é tudo ahi. Seus ricos homens
Se compõem no silencio e na tristeza
Que da frente do principe reflecte
A mão no rosto pallido, e c'os olhos
Fitos no vago, Affonso meditava.
O que vae por essa alma, ó rei?... Memorias
De Bolonha serão? Lagrima a lagrima,
Estás sentindo as da infeliz Mathilde
No coração traidor cahir-te agora?
Se do vendido thalamo... vendido!
Porque o vendeste, rei; não foi cegueira
Perdoavel de amor, senão cubiça,
Fria crueza de ambição a tua ..
Se do vendido thalamo as saudades
Vingadouras talvez vêm perseguir-te?
Ou se—que é rico de remorsos e amplo
O teu quinhão de rei—se outro remorso
Te estará sollevando a lagem negra
Que em Toledo a outro rei... teu irmão era!
Deu extranha piedade por esmola:
Ai Affonso! E perdeste a filha, e choras
E accusas os céus! Os teus são crimes
Que a Divina justiça não espera
Para os vingar depois na eterna vida.

II

Foi este derradeiro pensamento
Que por certo o feriu. Turbado, afflicto
Fez signal que o deixassem. Nobres, pagens,
Tudo se retirou.—«E que me chamem.»
Disse «Frei Gil» E a Frei Gil chamaram;
E só entrou a el-rei; e a sós são ambos.

III

—Padre, torvo d'aspecto Affonso clama:
Padre, que heis descoberto? Que esperanças,
Que novas me trazeis?
«Tem confiança
Em meu podêr, ó rei dos portuguezes,
Tua filha verás, vêl-a-has. Mui cedo
E' para se cumprir a grande obra
Em que empenhadas tenho minhas artes,
Minha sciencia toda.
—Muito ha, padre,
Que o prometteis assim, e... Desculpae-me:
Sou pae; e nenhum pae nunca amou filha,
Como eu a minha Branca; nem mais digna
De amor e de ternura houve outra filha.
A meu pezar, confesso, que aos altares,
Inda mal! a cedi. Triste presagio
Me agourava seu fado.
«Rei, és homem
E como homem és fraco e miseravel.
Pêza-te o quê? da filha que has votado
A um Deus que reino a reino te accrescenta?»
—Oh! mas a minha filha, a minha Branca?...
«Tua filha verás: sou eu, Affonso,
Que t'o asseguro. Do immundo espirito,
Que hei forçado a servir-me e obedecer-me,
A resposta alcancei: não está longe
A Abbadessa d'Holgas d'estes sitios.»

IV

—Aonde, aonde está? bradou Affonso
Levando a mão á espada: Quero eu proprio,
Eu só por minha mão...
«Tua mão, tua espada,
A tua c'roa, o teu sceptro que empenháras,
Não são nada sem mim. Que sois vós outros,
Reis da terra, que fôra o vosso throno,
Sem o amparo do altar? Vae perguntál-o
A' campa de Toledo e aos deshonrados
Ossos de teu irmão...»

V

Acovardado
Tremia o Conde de Bolonha; o forte,
O ousado Affonso treme, e respeitoso,
Deante do humilde frade mais humilde,
Com submissão se inclina.
Relaxando
Na asperidão da voz, frei Gil prosegue
Com mais suavidade: «Ouve, liberta
Será Branca por mim; nem longe é o dia.
Quando o ramo de peste em talha de oiro
For escondido, quando o bento orvalho
Estender seu influxo a terras de impios,
Quando em noite mais clara do que o dia
Escurecer o céu sombra de mortos,
E o gallo preto annunciar a hora
Fatal a encantamentos e á possança
Dos espiritos do ár, liberta é Branca.
N'isto confia, ó rei: mas grande e forte
E' o podêr que a guarda, grande imperio
E' o do genio que a retem captiva.
De confiar-t'o duvidei té'gora;
Porém força ê que o saibas: protegido
Da rainha das fadas é o joven
Roubador de tua filha. Nem violenta
Em seus torpes abraços está ella:
Fatal encanto a cega, poderoso
Feitiço a enamorou ..»
—Oh Deus! que horrores!
Meu sangue, a minha filha? Que vergonha
Me annuncias!... Oh! venha a desgraçada:
Seu juiz, seu algoz serei eu mesmo!

VI

«Não o permitta o céu!» Gil o interrompe:
«Não o permitta o céu: altos decretos
São do destino eterno; adorar deves,
E conformar tua vontade humilde

Com a vontade summa Penitencia
De seu êrro fará; e hade applacar-lhe
A penitencia sua as iras justas
Do esposo e do céu. Mas a salvál a,
A quebrar seu encanto é necessaria
Uma difficil coisa.
—O quê?
«Tres gottas
Sem ferro havidas, e do sangue proprio
Do roubador.
—De Aben-Afan? Burlaes-vos,
Padre, zombaes de mim? Não me haveis dito
Que com ella no mesmo encantamento
Esse perfido moiro está?
«Sim disse.»
—E então!...
Fechando os olhos, e a mirrada
Não alçando, murmura com voz trémula
Frei Gil: «Perto de nós está seu sangue.»

VII

Mal estas vozes pronunciára o frade,
Da tenda o reposteiro alevantava
Um cavalleiro: é Nuno, acompanhado
D'aquella afflicta dama; a el-rei se chega
Ainda transtornado do despeito
E indignação:—«Perdoae minha ousadia,
Rei e senhor, lhe diz: «justiça venho
E piedade implorar. Horrendo crime,
Barbara affronta a Deus e á humanidade,
Clama por vós, senhor, a grandes brados.
A queixosa, a offendida é a bella dama
Que aqui vêdes; o réu... Interrogae-a,
E d'ella o sabereis.
—Formosa dama,
Justiça vos farei; tende bom ânimo.
E se de vossa affronta é tal o caso,
Que só a desaggrave espada ou lança
Em raso campo; cavalleiros tenho
Que por tam bella dama se apresentem
A defendel-a em cêrco ou estacada
Contra o proprio Amadis. Mas vossos trajos
A' usança moirisca me parecem;
E vós. senhora, sois?. .
—«Moira hei nascido;
E christã sou. Mas de meu triste caso
Vos dirá esse honrado cavalleiro.
Desculpae-me, senhor; longos discursos
Meu padecer e máguas não toleram.»

VIII

Nuno então conta da lavrada mina,
Do subterraneo carcere, e do encontro
Que ahi teve; refere o mais que ouvira
Dos cavalleiros que ao fatal combate
De Antas em tardo auxilio haviam ido,
E esta dama em poder da maura turba,
Quando fugia, a viram: e sabido
Tinha dos prisioneiros como a causa
Do combate ella fôra, e como filha
Era de regio sangue; e convertida
Sua mãe á fé de Christo, a baptizára;
Como por tal dos moiros perseguida,
O mercador Rodrigues lhe valêra
E a levára ao Almargem, onde occulta
Estivera em poder do santo monge
Que demorava alli Ao depois narra
De Antas a crua historia, e como havendo
Succumbido os christãos na fatal lucta,
Os infieis a Silves a levaram,
E n'um medonho, subterraneo carcere,
Por começo de tratos a arrojaram.

IX

—«Como foi minha dita libertal-a,
Já vos disse, senhor; Nuno accrescenta;
«Mas os tormentos crus, mas a impiedosa
injuria atroce que um perverso monstro
Lhe ha feito.. oh! não me atrevo a referil-a.
Concedei-me, senhor, que ante vós traga
O réu, e pasmareis de conhecel-o.
—Ide.
—«Perto elle está. Trazei, soldados,
A' presença d'el-rei essse malvado.»

X

Os soldados c'o velho moiro entravam;
El-rei com attenção fixo o comtempla...
—Approximae-o, disse: Um moiro é esse?
Um moiro, dizeis vós!... É frei Soeiro
—«Um christão!» volve a dama: «e um religioso!»
—Frei Soeiro! o confessor de minha filha?...
Miseravel! defende-te se podes;
Treme infiel das penas que te aguardam
Porque enormes peccados has chegado
A esse estado de infamia e de miseria?
Renegar do teu Deus, teus santos votos!
Como, infeliz, como chegas-te a tanto?»

XI

Atonitos emtôrno estavam todos,
E com horror ao renegado frade
Observa cada qual, attento ouvido
Para escutal-o dando. Mas callado,
Mudo, quêdo, c'os olhos esgaziados,
Como se não ouvira, immovel fica.

XII

—Cuidas salvar-te assim?» el-rei prosegue:
Pensas de me illudir com teu silencio?
Soldados, co'as espadas nas bainhas
Porque as não manche o vil, as duras costas
Lhe macerae com rija mão Veremos
Se lhe passa a mudez.» Executada
Foi a sentença.. em vão: nem signal leve
Da menor dor amostra; mudo, quêdo.
Immovel, impassivel como d'antes.

XIII

Pasma Affonso, e os que vêem todos se espantam,
Se benzem já. Então de um canto escuro,
D'onde, atélli callado, esta observava
Scena de maravilha, se approxima
Frei Gil, e com um brado tremebundo,
Erguendo a esquerda mão:—«Fala, eu t'o ordeno.»
O criminoso treme, e revolvendo
Com furia os olhos, n'um arranco horrivel.
«O que queres de mim» lhe disse: «mestre?
—«És tu frei Soeiro?
«Não.»
—Não és frei Soeiro!
Quem és tu pois?» clamava el-rei pasmado,
Frei Gil tornou:—«Responde.
«Sou o diabo.»
—«Zombas de mim, traidor?»
«Não zombo, Affonso:
Ouve. Escutae-me. todos, em silencio,
E não me interrompaes, por vossa vida.»

XIV

Da manga o frade tira gravemente
Curta varinha dobradiça e negra,
Que trez vezes no ár com pausa agita.
No chão depois um circulo descreve,
Emtôrno ignotos caractéres fórma.
Palavras caballisticas murmura,
E em silencio, os braços descahidos,
Eriçada na fronte a rara grenha,
Com os olhos fechados, como spectro
Que se ergue sobre a campa em hora aziaga,
Extatico, terribil permanece.

XV

Subito exclama com accento horrido:
—«Espirito infernal, anjo das trevas,
Que ao meu poder, rebelde, hei sujeitado!
Pelas sublimes artes, e execrandas
Palavras não sabidas de homem vivo,
Nem pronunciadas por humanos labios
Deante da luz do sol, eu te esconjuro,
Immunda creatura, que declares
O que pretendes d'esse immundo corpo
De frei Soeiro? como, e por que causa
A renegar da fé e de Deus santo,
Teu e seu creador, o compelliste?
E para quê, por suas mãos impuras,
Déste á bella Oriana crus tormentos?
Falla, e verdade, em que te pez, não mintas,
Ou as fataes palavras do castigo
Sobre ti, vil creatura, pronuncio.»

XVI

Fez-se mais negro o moiro, e assim responde:
«Essa Oriana é filha do peccado
E de nascença minha escrava e d'elle.
Mas um tal frade bruxo, meio frade
E mais que meio bruxo, que na manga
Trazia os sortilegios co'as reliquias.
Proprio fradinho o tal da mão furada,
O teu vivo retrato emfim. . .»
—«Adeante!»
Disse Frei Gil, doendo-se da graça.
Sorriu-se el-rei. E o démo proseguia:

XVII

«O tal frade. . frei Hugo era o seu nome:
Tanto me andou c'a mãe... que fina moira
Era a mãe!... embruxou, desembruxou-a,
E deu co'ella christan Já era velha
A esse tempo: e eu perder, não perdi nada.
Mas est'outra, da infancia m'a tiraram;
E picou-me no vivo. Fez-se linda,
E tam linda, que á fôrça de lisonjas,
De enfeites, galanteios e requebros,
—Bruxaria mais forte que nenhuma—
Estive certo de a apanhar á unha,
E a tornar a fazer mais minha que antes.
Roubou-m'a um tal tratante de Garcia,
Mercador que ahi jaz em Antas morto...
E foi se a tempo, que por nada o pilho
N'uma onzena em que quasi, quasi o empalmo.

XVIII

Custava-me a perder essa donzella;
E ao velho ermitão que a tinha em casa
Tentei, tentei debalde um anno inteiro:
Debalde, que o mofino, velho e trôpego,
Não tinha que tentar.—Quando vi juntos
Em Antas seis tão jovens cavalleiros,
Assentei de encaixar-me no mais moço
E mais gentil dos seis. Perto dormia
Essa Oriana; cuidei que a tinha feita;
Mas, por mau fado, os cavalleiros todos
Não se esqueceram de levar ao peito
Aquella coisa que adoraes vós todos
E que nós...»
—«Vae por deante, e não blasphemes.»

XIX

«Fiquei *desappontado*, — como dizem
Os inglezes; — não ha na vossa lingua
Com que o dizer; e venha ou não do diabo,
Tomem-n'a, que hão mister d'essa palavra.
N'um falcão me enganchei, voei de sorte,
Que o joven me seguiu té junto d'ella.
Dormia, e em tam formosa, tam lasciva
Postura estava, que eu á fé vos juro
De diabo que sou... arrependii-me
De pôr tam fino mel em bocca d'asno.
E, não fôra eu falcão n'esse momento,
Meu incubo podêr ..»
Corou a bella
Oriana; e indignado o interrompia
Frei Gil: —«Spirito immundo, não abuses
Da liberdade que te dei. Prosegue.»

XX

«Quem tal diria? o parvo do mancebo
Babado a olhar para ella uma hora inteira. .
E porfim.. e porfim... toma a nos braços,
E desanda a correr como um damnado,
Para a levar a terra de baptismo,
E fugir — dizia elle lá comsigo —
Da tentação. Sahiram-lhe ao caminho...
E o resto sabeis vós. Vi-os eu todos
Os seis e o mercador mui direitinhos
Ir com sendos palmitos e capellas
Para o céu. Eu tambem me fui direito,
Mas raivando e sem palmas nem palmitos,
A Silves onde a moça me levavam
Fui dar com tres dos meus alli cativos
Desde a historia da noite da Tremenda.
Em que tanto me ri e ganhei tanto...
Aquillo sim, que é môça de outra casta,
Desenganada, não d'estas piégas
Que não sabem se querem, se não querem,
Que estão morrendo por se dar ao diabo,
E rezando abrenuncios ..
—«Conta a historia,
Maldito: as reflexões nós as faremos.
«Melhor do que eu: bem sei. Os taes amigos
Eram Gilvaz, frei Lopo e este Soeiro.

XXI

O medico, judeu no fundo d'alma,
Está visto, custou-me pouca lida
A dar co'elle outra vez na synagoga.
O Lopo, namorei-o de uma velha
Beata de Mafamede, que o traz gordo,
Cevado de pilau e de badana:
Moiro se fez por chôcho namorado.
E a bella voz que tem! é o sino grande
Da mesquita maior, e chama o povo
Com tal graça a rezar, que nunca a teve
Tal a roncar no côro de Alcobaça.

O Soeiro, esse é velhaco mas ladino;
Custou-me a haver com elle: quer ser bispo
Ou geral, quando menos da sua ordem.
E tinha toda a manha e hypocrisia
De um fradre ambicioso. Foi preciso
Que o comprasse um villão fona e sovina,
Que o mettia á atafona, que o moía
Dia e noite de sóvas e trabalho,
E nem toucinho, seu manjar querido,
Nem nada mais, bastante a encher-lhe a pança,
Lhe dava. Renegou por fome o frade;
Não fui eu que o obriguei: já negra e moira
A alma tinha, quando eu lhe entrei no corpo,
Renegou; mas ninguem fez caso d'elle:
Moiro ou christão, ficou sempre *bernardo*.
Metti-me n'elle, e fez taes diabruras,
Taes tratos deu a outros christãos escravos
Que alguns fez renegar, deu cabo de outros:
E por zêlo da lei tomando-o os moiros,
Lhe encarregaram da princeza a guarda.
O mais que fiz, foi tudo bagatella:
Nada alcancei: ella ahi'stá comvosco,
E eu vou-me embora d'este sujo fradre,
Que nunca entrei em corpo tão immundo,
Nem temos lá no inferno lagartixa
De mais nôjo e fedor que este maldito.

XXII

—«Ainda não; espera: onde escondeste
A infanta Dona Branca?
«E' outro caso
Esse de dona Branca; não sei d'ella.
Cheguei a tel-a escripta em meu canhenho.
Mas tenho certas dúvidas agora.
Anda ahi mór podêr que o meu.
—«Alina,
A rainha das fadas?
«Sim.
—«E quando
Se lhe acaba o encanto?
«A' meia noite,
Em dia de san'João.»
—«Com sangue?
«Sangue.
Sólta-me, ou nada mais torno a dizer-te.
Maldito frade! affoga-me de gordo.»

XXIII

—«Vae-te, inimigo, sume-te!»
Um estoiro
Medonho retumbou por todo o campo;
E em negro boqueirão se abriu a terra.
Estremeceram todos, e aterrados
Se benzem.—Enxofrado fumo e cheiro
Exhala o boqueirão.—Com agua benta
Purificam o ár; e a terra fecha-se.

XXIV

Frei Soeiro despossesso—como um parvo
Olhava para tudo, e bocejando,
Se é hora de jantar pergunta a Nuno.

CANTO DECIMO

I

Caro és, prazer, quando remorsos custa!
Quanto mel de seu favo amor espreme
Na taça das delicias, se o tocaram
Labios impuros, negro fel se torna,
Que embriaguez de morte, e não suave
Devaneio de languido repouso,
N'alma agitada convulsivo excita.
—Gôso da vida, amor, tam breve passas!
Males que deixas são tam duradoiros!

II

Branca cedeu a amor. C'os olhos turvos
De ternura e deleite, o deus extremo
Deu suspirando á virgindade; e morta
De prazer e de amor . . cahiu nos braços
Do roubador gentil. As horas correm,
Os dias fogem—vôa o tempo a amantes:
E n'um seio de gloria adormecidos
Aben-Afan e Branca o mundo esquecem.

III

Eram fins d'esse mez festivo e bello,
Consagrado a João, santo o mais guapo,
Mais garrido e brincão do kalendario;
Santo do proprio moiro festejado,
Cujos orvalhos bentos dão saúde,
Ao corpo e alma, cuja noite, amiga
De amor e dos prazeres, tanto encobre
Gôsto furtivo, beijo namorado,
E o mais que vae por arraiaes, por feiras,
Pelas formosas margens de teus rios,
Muito devota Elysia, quando as môças,
Quando jovens tafues, pimpões da aldeia,
Na abençoada noite vão devotos
Ao milagroso banho!—Santo amavel,
Advogado das limpidas correntes,
Amigo protector das frescas fontes,
Para quem tece de gentis boninas
Recendente grinalda a mão mimosa
Da donzella innocente! Oh! lindo santo,
Qual ha ahi renegado iconoclasta,
Metaphysico, abstruso protestante,
Que ao vêr-te assim gentil c'o surrãosinho
Pastoril d'alvas pelles, e affagando
O cordeírinho que a teus pés nem bala,
Quem será que tal vista não converta?

IV

E então as agoureiras alcachofras,
Oraculos de amor, e as crepitantes
Fogueiras!—e a torneada, fina perna,
Que se mostra ao saltar, como a descuido . .
«Ai maman, que me viram quasi! . . Nada!
Não salto mais... Um só, um só.» E o medo
De crestar a orla crespa e bem franjada
Do tafulo vestido, o ergue mais alto;
E viu-se quasi. quasi tudo agora.
Bemdito san'João, tudo desculpas,
Tam bom que és, e santificas tudo!

V

Era pois a estação formosa do anno,
Em que todo o seu fasto em luxo e galas
Por nossos meigos climas pavoneia,
De rica esperdiçada, a natureza.
O sol, que tam benefico despende
Para tanto aderêce os raios de oiro,
Em seu zenith ás vezes dobra o fogo,
E a calma intensa aos ledos habitantes
De seu paiz dilecto a miudo offende.
Mas então vós, ó sombras deleitosas
Do annoso freixo, do álamo copado,
Que ao pé da porta respeitado cresce,
E ha gerações que é venerando abrigo
De pae e filhos no queimoso estio!
Mas a floresta espessa, que dá coito
No ardor da sesta ao ceifador cançado,
Ao caçador sequioso; e a gruta fresca
Ao pé do rio que salgueiros bordam;
E os regalados pômos saborosos,
Corados—como a face da donzella
Quando ao primeiro amor diz *não* modesta
C'os labios . . porque o *sim* lá ficou n'alma;
Ficou, se o não revelam olhos languidos,
Que o tem, só para cegos, escondido?

VI

Oh! Cressos de Britannia! oh! que vos vale,
Ricassos lords, tanto formoso parque,
Tanta gruta, de *libras* sumidouro,
Tam lindas relvas, tam gentis ribeiros?
Onde a calma que dê valor á sombra?
Que é do sol que dê preço a tanto esmêro
D'arte que em vão luctou co'a natureza?
Em vão:—humida nevoa, fumo negro
Pesam n'esse ar; e as urnas incessantes
Os pluviosos gemeos não descançam,
Quasi fixos no immobile zodiaco,
De as emborcar na terra apaulada.
Meu doce clima, sol da minha terra,
Quando te verei eu! quando á tua branda
Réstea me aquentarei, e ao suspirado
Limiar da minha porta as vestes humidas
D'estes gelos do exilio heide seccal-as!

VII

Abençoado protector de amantes,
Glorioso san'João que tudo alegras,
Que até descridos moiros te festejam
E canibaes pedreiros te veneram,
Teu santo dia, tua benta noite
Suspirada de amor, bem vinda a todos,
Tuas brandas orvalhadas, quem as foge?
Teu sereno saudavel, quem o evita?
Quem teme a vinda de tam fausto dia?
—Dois amantes.—João santo, advogado
Não és tu d'elles? teu amparo amigo
Negaste-lh'o? porquê?—Fadas o vedam;
E no tempo em que fadas e feitiços
(Antes que a Inquisição queimasse as bruxas)
Imperavam na terra, santo ou santa,
O mais pintado e milagroso—embalde
Se opporia ao poder de um bom feitiço.

VIII

A embriaguez de amor e dos prazeres
Ai! perpétua não é: o bello moiro
Da formosa abbadessa aos lindos braços
Já tam sedento de prazer não corre
Saciedade fatal! .. Em vão te esforças,
Delicado amador, por encubril-a.
Que amante ha hi, que os resfriados osculos,
Que o affroixar do apperto nos abraços,
O entibiar das caricias não descubra
N'aquelle a cujo amor a vida, a honra,
Tudo sacrificou, toda se ha dado?
Branca o percebe; miseral a seus olhos
Crédito não quer dar: suspiros nascem
No triste peito, que no peito affoga;
Lagrimas vêm aos olhos, e olhos bebem
Lagrimas .. que as não veja a causa d'ellas

IX

Oh sexo generoso! e ha tal ingrato
Que traia tanto amor?—Traidor não era
Aben-Afan: mas vós que haveis amado,
Dizei-o vós, quando a explosão primeira
Do faxo se exhalou, que amor o accende?
Culpa é do amante se em quieto fogo,
Mais tranquilla a paixão no peito lhe arde?

X

Do Algarve ao rei, de longe em longe, a gloria,
Esquecida télli, lhe dá lampejos
Na phantasia: acodem, pouco e pouco,
A' memoria que surge do lethargo
Em que o deleite a houve—ora de sceptro
O brilho, o resplendor do diadema ..
Ora a patria em perigo, ora a victoria
Cingindo-lhe na frente outro diadema
Mais refulgente c'os ganhados loiros...
Loiros!—«Ramo fatal do meu destino»
Exclamou o joven rei: «emmurcheceste,
Seccaste para sempre! Não ha gloria
Mais para mim! a inutil existencia
Arrastarei aqui n'estes doirados
Salões em ocio vil e affeminado!
Ramo fatal! se á custa de meu sangue
Reverdecer podesses!... Desgraçado,
Que proferi! E amor, e Branca?... oh sorte!»

XI

Mal os extremos sons dos labios rompem,
O sol se obscureceu; medonha noite
Cae sobre o céu, como um funereo manto
Sobre a urna cinerea; estala um raio,
Com vivido lampejo fende as nuvens,
E horrisono trovão nos áres brama.
—«Voto fatal!» estremecendo disse
O mancebo: seus ramos encantados
Observa: sêcco o myrtho, verde o loiro..
Oh vista!—esmoreceu. Sem voz, sem ânimo,
Entre a morte e a existencia suspendido
Desfalece, cahiu.—Sophá ditoso,
Que outros desmaios ha tam pouco viste,
Thalamo de prazer, da dor és hoje.

XII

Branca era longe; triste e solitaria
Pelos vergeis sosinha passeiava,
E pelo mais umbroso da espessura
Suas máguas entre as flores escondia.
Do escurecer do sol, do trovão subito
Assustada, a fugir aos paços vinha,
Vinha accolher-se onde alma lhe ficára,
E aninhar seu terror no seio amado.
O coração batia-lhe no peito,
O respirar violento e apressado
A suffucava. Uma lembrança acode:
—«Noite de san'João é ésta noite'»
Noite de san'João!..« E a prophecia
Da fada lhe sôou no intimo d'alma,
Como o funebre som descompassado
De sino, ao longe, que por mortos dobra

XIII

Noite de san'João!... Já mais, de meio
Seu giro o sol correu Prazo terrivel,
Quam perto estás! Affroixa o passo, teme
De o vêr, de lhe falar, de recordar-lhe
Os p'rigos d'essa noite que avizinha.
Mas que perigos são? Não disse a fada
Que emquanto o ramo florecer da murta,
Seguro é seu amor, sua ventura?
Animo cobra, novo alento, e voa
Nas azas da esperança ao doce amado

XIV

Triste! mal sabes que fatal desejo
No coração entron d'esse que adoras!
Mal sabes, infeliz, que agouros negros
Esse ramo de esp'rança te hão murchado.
Suas penas c'os sentidos recobrára
O mancebo real, chegar a sente,
E á pressa os ramos escondeu no peito;
O semblante compõe, serena os olhos,
E da illudida virgem ao encontro
Vem com tranquillo, socegado gesto.

XV

Estreitou-os amor em doce abraço,
Doce direi?... As lagrimas soffria
A linda infante... elle os tormentos todos
Do inferno padecia.
«O' doce amado,
E'sta noite!...
—Esta noite!...
«Tu receias!
O quê? Oh, não! não m'o encubras; falla.
Communiquemos nossas mutuas penas,
Nossos temores.
—Pois tu temes, Branca?
«Ai! d'esta fatal noite não recordas
O que nos disse a fada?
—Mas promessas
Tam seguras nos fez!
«Se os teus desejos
O sêcco ramo...
—Branca!... não profiras
A sentença fatal.
«De quê?
--Perguntas?
Queres sabêl-o?... Misera!... não queiras.
«Que não queira? Porquê?. . Só se... Mas, dize:
Se... Mas tu, doce amor, não desejaste?...
—Eu desejei... desejo só a morte.»

XVI

No chão os olhos de ambos se cravaram;
E, de todos os males do universo,
Incerteza, o mais cru, co'as azas fuscas
Lh'esvoaça dentro dos afflictos peitos.
Quanto o extremo prazer ou dor extrema
E' maior que a expressão! Silencio, a funebre
Eloquencia de mágua... com teu sêllo
Os descorados labios lhe cerraste.

D. BRANCA — CANTO VIII «Malvado! exclama Nuno segurae-o!... PAG. 304

—Emtanto o dia se perdeu nas trevas,
E a receada noite, dobra a dobra,
Estende sôbre a terra o véo de lucto

XVII

Tristes! seus dias de oiro estão fiados;
E na roca fatal já não ha fevra
Que ripar... Hora acerba, hora terrivel
Que nenhum antevê, que a todos chega,
E sôa como a tuba derradeira
Despertando os mortaes do último somno.
Ai! e para isto tantas âncias .. tanto
Padecer e esperar! E acabar n'isto!
Cortar-se assim este fio *eterno*,
Que prendia no céu, das mãos dos anjos,
E promettia de ir além da vida!
Oh! .. Deixál-os, deixál-os... e voltemos
A outras illusões, menos formosas
Não menos vans, as da ambição, da glória.

XVIII

Dizei-me, ó fadas que inspiraes meu canto,
Espiritos das lobregas cavernas,
Que á meia noite volteaes d'emtôrno
Dos tumulos co'as azas membranosas,
Dizei-m'o vós; com que fataes palavras,
Por que terriveis ritos se prepara
No arraial portuguez o formidavel
Encanto em que empenhou suas artes todas
O sabio Gil, de alta sciencia mestre.

XIX

São horas dez; a clara e doce a lua
Vae pelo azul do céu, como de gôsto,
Desafiando as cantigas e as fogueiras,
Com que tua noite festejar é de uso,
Milagroso João, aos teus devotos.
Mas a rôgo de Gil, de ordem de Affonso,
Arautos prohibiram pelo campo
Folias e cantares, qualquer mostra
De regosijo, quando, em tanto empenho
Da christandade contra infieis, só preces
E rogações deviam de fazer-se.
Isto o arauto pregôou: e ao regio mando,
Mas que não satisfeito, ob'dece o campo.

XX

Manso, frei Gil, na tenda real entrava,
E a Affonso diz: —«A hora se approxima,
Vão consummar-se os horridos mysterios
Que hão de volver-te a filha, e entregar-te
Nes mãos seu roubador, teu inimigo.
N'esta redôma já sem ferro havidas
Tres gottas levo de seu proprio sangue.
Com bebida encantada adormecida
Oriana foi por mim; do esquerdo braço
Com um vitrio cutello enfeitiçado
Lh'as extrahi por magicas palavras.
Vela em que o assalto, no momento proprio
Em que a lua no céu subitamente
Por esconjuros meus ha de esconder-se,
N'esse instante se dê: não arreceies.
Vae certo da victoria; a mesma hora
Que vir Silves em mãos de portuguezes,
Verá Branca liberta, e Aben punido.»
Sahiu; e Affonso, que a seus cabos todos
Ordens já deu e dividiu batalhas,
E prestes fez para o assalto as tropas,
Armado e prompto o prazo dado aguarda.

XXI

Cêrca dos muros da torreada Silves,
E á falda de um outeiro, curto valle
Se estende: *Val de-morte* lhe chamaram
Em tempo antigo; ahi por essas éras
Os seus mortos os moiros sepultavam
Porém o aspecto placido e sereno
Qual convém aos que somno eterno dormem,
Nem medonho, nem lugubre parece,
Triste sim, melancholico; mas doce
É a melancholia que hi respira.
No fim do valle brancas penedias,
Como acaso das mãos da natureza
Esquecidas alli, umas sobre outras
Em massa irregular se encastellavam.
Ha uma fenda estreita entre os penedos
Por onde uns degraus toscos, porém d'arte
Feitos, á profundez descem da terra
Longa caverna ahi jaz, dos reis do Algarve
Antiga, respeitada sepultura.

XXII

Negro manto cubrindo, e abordoado
Em nodoso cajado, atravessava
Frei Gil o Val-de-morte; á bócca chega
Da lobrega caverna, o manto poisa,
Tira da manga mão de infante, morto
Antes que em fontes baptismaes lavasse
A mancha original—ao dia septimo
Desenterrado á lua, e então cortada
Essa mão, que é a esquerda. Ignotas vozes
Murmurou baixo o frade, e a resequida
Mão se accendeu de si, luz baça e opaca,
Propria a feitiços dando. Co'ella desce
A escura estancia.—Longo, mas estreito,
O subterraneo vasto se estendia:
A um lado e outro pela rocha viva
Os tumulos cavados se enfileiram.

XXIII

Co'a enfeitiçada luz dia sombrio
N'essa estancia de morte se diffunde.
Ao cabo do carneiro, sobre a lousa
De um sepulchro poisando a tocha aziaga
Estas palavras diz —«Morto que dormes!
Lousa que o cobres! cinza que repoisas!
Ossos que vós mirraes! com esta gota
De sangue que desparzo, recobrae-vos,
E á minha voz se desencerre a campa.»
Da redôma que traz, um golpe verte,
E com rouco estridor os ossos rangem
Dentro da campa Já segundo entorna,
E a lousa se ergue. A terceira esparze,
E de dentro da campa um secco braço
Surde como buscando, sobre a borda
Do atahude, apoio para alçar-se.
A carcomida mão firmando a custo,
Se eleva em pé esqueleto descarnado,
Mal coberto de andrajos lacerados
Do sudario que, ha seculos, por ultimo
Vestido, trouxe á estancia dos finados

XXIV

—«Que pretendes de mim?» disse a voz ouca
Do esqueleto: «a que vens? Porque vieste
De meu eterno somno despertar-me?
Pésa-te a paz dos mortos, homem vivo?
Não tens assaz de guerra e de disturbios
Lá sobre essa inquieta superficie
Da terra que inda habitas? Acabadas
Entre os meus e os christãos pelejas foram?
Ou já meu sangue o sceptro dos Algarves,
Conquistados por mim, perdeu covarde?»
—«Sobeja-lhe uma hora de reinado
A' tua geração: mas da fadada
Ampulheta dos seculos o extremo
Bago de areia cáe; a derradeira
Hora chegou do Imperio de teus filhos.»
«E isso vens annunciar-me?
—«Isso.
«Com honra
Minha progenie acabará ao menos?»
—«De ti depende: ou perecer com gloria
Deve hoje o derradeiro rei do Algarve;
Ou longa vida em ocio vergonhoso
E criminaes deleites lhe é fadada.
«Pereça
—«Alto podêr em prisões doces
O prende e guarda; encanto que o defende
Só a ti não empece: da ignominia
Se desejaes salval-o, vem e segue-me.
Grypho alado acharás no Val-de-morte;
Sobre elle montarás: voal-o deixa.
No atrio pousará de uns bellos paços
Bate á porta tres vezes quatro .. O resto
Lá saberás.
«Irei. Porém se a lua
Clara é no céu, não posso: não consente
Sombra de mortos o clarão da lua.
—«Parte: cubrir-lhe-hei com esconjuros
A face, e a esconderei.»
A lento passo
O squeleto caminha; andando, os ossos
Se lhe deslocam e medonhos rangem.
Adeante o frade vae, e á bôcca apenas
Chega da cova, com fataes palavras
Impreca á lua que a sua face bella
Envolva em negro véo, nem interrompa,
Com a alva luz, das trevas os mysterios.

XXV

No céu se apaga o luminar da noite,
Trevas a face do universo cobrem,
E os áres negros negro fende o hipogripho
C'o finado guerreiro.—Emtanto aos muros
De Silves mansamente se approximam
As escadas, as gravidas balistas,
Catapultas que a morte ao longe atiram;
E as movediças torres lentas rodam.
Cada um dos chefes o seu lanço toma
Do muro; e divididas as batalhas,
A um signal dado o ataque se começa

XXVI

Já sobre o alto do muro os mais affoitos
Subindo chegam; já bradar Sanctiago
Ia Affonso mandar; vela de n oiros
Os descobre, e gritou: «Alarma, alarma!»
Os sitiados, que despertos sempre
Prestes estão, á defensão accodem.
Trava a peleja, lanças se arremeçam,
Ardentes alcanzias, duros cantos;
Nuvens de settas pelo escuro á tôa
Silvam pelo ár: do alto despenhados
Das escadas uns cáem, sem que aos outros
O animo de subir lhes acovarde.
Dobra co'as trevas o terror; augmenta
Com a grita confusa a sanha, a furia
De um lado e outro; e longo permanece
Entre tanto valor dubia a victoria.

XXVII

Lindos paços que tanta formosura,
Tanto lustre encerraes, tanto amor vistes,
E de tanto prazer theatro fostes,
Paços da maga Alina, a voz me volvo.
Velas tu, bella Infante?... e tu, formoso
Moiro, velas tambem, ou brando somno
Em repoiso falaz vos tem sopitos
Para cru despertar?—Triste! não dormem
Um c'o outro abraçados, a terrivel
Hora fatal da meia-noite aguardam.
—Tanto não poderão —Branca dizia,
E os soluços palavras lhe cortavam:
Tanto não poderão que dos meus braços
Te separem. A morte embora. .—Bate
Dura pancada n'esse instante á porta
Do paço, e vezes doze se repete
O mesmo rudo som lento e pausado.

XXVIII

—Ai! gritou a donzella, e embalde aperta
O seu amor n'esses formosos braços,
Em vão!—a hora fatal sôou: quebrou-se
O encanto. N'um momento os lindos paços
Desapparecem. Sós na ingreme roca
De calvo outeiro ficam. Abraçar-se
Inda c'o amante a misera se esforça:
Sêcca mão de um espectro arrasta e leva
Com invencivel fôrça o mauro joven ..
Em alado corcel com elle foge;
Já nos áres se perdem...
Branca, oh! Branca,
Baldado é teu chamar, baldado o choras;
Nunca mais o verás: leva-t'o... a Morte.

XXIX

C'os olhos longos para o grypho alado
Que se perde nos áres, ella, a triste,
De joelhos sobre o cume dos penedos,
Erguia para os céus as mãos tementes...
Mas sem uma oração; que é mudo o labio,
E mudo o coração da desditosa.
Abandonou-a a ultima esperança
Na terra; e Deus no céu a abandonára
Desde ha muito. Uma voz, austera e dura
Lhe brada, como a voz de seus remorsos,
E do morto deliquio a despertava:

XXX

«Teu execrando amor os céus puniram.
Segue-me: o Deus, que desleal trahiste,
Vem applacar com rijas penitencias,
Vem abjurar tua paixão nefanda;

Vem... ou n'este momento has pronunciado
Sobre tua cabeça criminosa
Condemnação eterna.
—Mis'ricordia,
Senhor meu Deus! Maior castigo ainda
A meu peccado tens?... maior do que este,
Deus de piedade?... separar-me...
—Cega!
Emmudece, blasphema.»

XXXI

—Da mão trava
A' donzella infeliz mão ruda e aspera.
Semimorta da dor n'um quasi espasmo
Que a vida lhe parou, languida a frente
Lhe descae, como ao lirio delicado
Que ardor do sol pendeu. Leva-a nos braços
Frei Gil—d'elle era a voz que lhe falava:
E por seus incantados poderios
Veloz caminha, e mais veloz que o vento,
Por atalhos já d'outrem não sabidos,
Por devezas, por bosques, por silvados
Illeso passa; e quando mór se ateia
O furor do combate e assalto, chega
Ante os muros de Silves.—Despontava
A arraiada no e tremo do oriente!
E a luz que nasce de mostrar começa
Os estragos da noite Mór se augmenta
Co'a vista horrivel, da peleja a furia.
Emtanto Gil co'a infanta á régia tenda
Invisivel entrava. - E sobre os muros
Da forte Silves o pendão das Quinas
O intrepido Nuno o pendão arvora.

XXXII

Aqui, aqui, ó nobres cavalleiros!
Aqui de Portugal! vêde: o estandarte
Lusitano caíu; precipitado
Das altas torres sobre os corpos róla
Exangues dos que ardidos o hastearam.
Aqui de Portugal, aqui! salvae-a,
A lusitana gloria que vacilla.
O moiro exulta e freme co'a esperança
Recem-nada de sangue e de victoria.
Quem lh'a inspirou? que subita barreira
Ao valor dos christãos se poz d'avante?
Fogem, vozes de cabos não escutam:
A fugir portuguezes!. . Fogem, tremem.
Quem é esse inimigo formidavel
Que tanto póde? Um só campeão. Armado
De enferrujadas armas, que parecem
Sobre a campa em tropheu haver jazido
De morto cavalleiro!.. É elle; o escudo
Sua divisa tem: de myrto e loiro
Dos ramos são; é Aben-Afan, que á porta
D'Azoia investe, e qual ferido tigre,
As batalhas dos lusos rompe, acossa,
Affugenta, dispersa. Morre o ousado
Que as costas não voltou: «Fugir, que é elle!»
Se ouve grito geral: «Fugir, que é elle!»

XXXIII

Do alto dos muros o infiel responde
Com brados de victoria aos sons covardes,
E a seu rei, que lh'a traz, ledos saùdam.
Porta de Azoia, que sahir o viste
Quando levou comsigo esp'rança e gloria
Do vacillante imperio, abre-te agora,
Abre te a recebel-o.—É tarde, é tarde;
Os seus dias e os teus estão contados,
Senhorio de Agar, em nossas terras.
A porta abriu-se, mas em vão; já deante
De Aben, o Mestre de Sanctiago em riste
A lança tem.—«Defende-te, lhe brada:
«Rei do Algarve, defende-te; a vergonha
Do nome portuguez lavo em teu sangue.»

XXXIV

Justaram lanças; lanças se quebraram.
Espadas nuas—e as espadas cruzam.
Golpe é mortal cada um; broqueis aparam
Os duros botes c'os espontões duros.
Nunca taes campeões juntou a guerra
Em próva singular de brio e força.
Cessa o assalto: na muralha os moiros,
Na esplanada os christãos as armas poisam;
E nos dois cavalleiros se concentra
O combate geral. Mas já das cottas
Roxeia o sangue, já desmantelados
Braceletes desprendem, ja partido
Do Mestre o escudo c'um tremendo golpe
Do joven rei, caiu. Brioso arroja
O moiro o seu; lealdade lhe não soffre
Com armas deseguaes peleja ignobil.
Sem defensão á espada fica o peito,
Fica a frente: os cavallos mal supportam
A fadiga, as feridas; pé em terra
Põem: de novo as espadas fogo e sangue
Ferem, redobram... Mas o alfange quebra
Ao mussulmano rei — não quebra o animo;
Ao seu competidor de arteiro salto
Corre, nos braços o travou membrudos;
E enlaçados os dois, de corpo a corpo,
De peito a peito, infatigaveis luctam.

XXXV

Fôras, sorte, imparcial — nenhum vencêra;
Neutros permanecei, fados da terra,
Nenhum succumbirá. Mas os destinos
Nas balanças fatidicas pesaram
A sorte das nações; e o mahometano
Imperio pende.—Aben-Afan succumbe,
Cae: embalde o inimigo generoso:
—«Cavalleiro, lhe diz, tua vida é minha:
Não queira o céu que a tal campeão a tire!
Em vão! nos olhos trémulos vacilla
A derradeira luz, nas faces pallidas
Ja mais sangue não ha que o das feridas.
Só morto cede; vivo se não rende
Quem jamais de estacada ou raso campo
Sem victoria sahiu.—«E' morto, é morto»
Clamam christãos, e ás portas se arrojaram.
De subito pavor cortado o moiro,
Sem resistir, ao jugo off'rece o collo.
De novo as Quinas nos torreões tremulam,
E no Algarve d'aquem Affonso impera.

XXXVI

Nas ameias da torre pendurada
Foi a cabeça do traidor Soeiro.
Em vão por elle supplicou Oriana;
Elrei não cede: atroz, horrendo é o crime,
Pune-o de morte a lei; e á lei não ousa
Para tal delinquente o rei magnanimo
Justo rigor embrandecer piedoso.

XXXVII

A's torturas da dôr resiste a vida
Da linda Branca, mas a razão lhe foge.
Por Aben clama, por Aben suspira,
De remorsos e amor ja ri, ja chora,
E c'os olhos no céu, a alma na terra,
Ora implora perdões, blasphema outr'ora
—A Holgas a levam. Oriana a segue:
Oriana que deixar um triste mundo,
Onde tudo perdeu, ao céu votara.
Unica a vista d'ella a dôr accalma
A afflicta Branca: seu formoso gesto
Muda, quêda contempla horas inteiras,
E, uma por uma, nas feições lhe colhe
O parecer d'aquelle que ainda adora.
Mas ah! consôlo misero e mesquinho!
Pouco e pouco se esvae o doce engano,
E a verdade fatal volve mais crua.

XXXVIII

Flor da existencia desfolhou-se n'hastea;
Ramos que amarellecem vão caindo;
Vejeta o tronco ainda:—mas é vida
Esse viver que se alimenta em lagrimas?

NOTAS AO CANTO PRIMEIRO

Nota A

Aureos numes d'Ascreu........................ pag. 265

Hesiodo de Ascra, a cuja *Theogonia* (geração dos deuses) aqui se allude. *(Prim. ed.)*

Nota B

Não rias, bom philosopho Duarte...... . .. .. pag 265.

Sera pouco intelligivel toda esta 11 estancia ou secção de versos a quem não souber que a *Dona Branca* foi escripta em França quando o auctor entrava apenas nos vinte annos, e, todo namorado das melancholias do romantismo, dirigia ao seu amigo Duarte Lessa, então em Londres, as saudosas aspirações da sua alma. O *Camões*, publicado um anno antes, 1825, foi todavia escripto depois. N'esse porém a natureza do assumpto obrigou o poeta a transigir de novo com a mythologia pagan que tinha abjurado. E a pezar d'isso, foram estes dois poemas que a baniram e desthronaram entre nós.

Nota C

Da minha conversão, sincera e ella. .... pag. 265.

Deve entender-se este verso e os dois subsequentes no verdadeiro sentido: a tenção do auctor foi impugnar as ficções gentilicas, além de absurdas, insossas para nós. E todavia não é propriamente *maravilhoso christão* o de que se serviu n'este poema: julga elle a religião muito sublime coisa para se fazer entrar em poemas cujo assumpto não seja ella mesma, ou um de seus dogmas, como no *Paraiso* de Milton, e no poema didatico de Racine. N'esta composição seguiu se visivelmente o exemplo de Wielland no *Oberon;* todo o seu maravilhoso é tirado das fabulas populares, crenças e preconceitos nacionaes.

(Prim. ed.)

Nota D

... seu avò, ess'outro Affonso .... pag. 265

D. Affonso de Castella e Leão, imperador eleito que veiu a ser d'Allemanha, cuja filha era D. Beatriz, mulher de D Affonso de Portugal o III, e mãe d'elrei D. Diniz, de D. Branca e outros infantes. D'essa filha D. Beatriz foi elle tam amante, que por seu respeito cedeu ao genro os direitos que reputava ter ao reino do Algarve: direitos que por de boa lei tinha, já em razão da dominação antiga, já porque de novamente o ia conquistando a Ordem de Sanctiago, cujo mestre, ainda que portuguez (e portuguezes quasi todos os cavalleiros que andaram na comquista) eram todavia elle e sua Ordem vassallos de Castella. Por amor d'esta mesma filha quitou depois D Affonso ao de Portugal a obrigação das cincoenta lanças que com a investidura do Algarve lhe impozera.

(Prim. ed.)

D. Affonso foi um dos maiores philosophos e philologos do seu tempo, e occupa um dos primeiros logares entre os trovadores da nossa peninsula. Estase actualmente (1850) fazendo em Madrid uma bella e custosa edição do seu cancioneiro. Escreveu n'aquelle mais antigo, menos arabe e mais romano godo de todos os dialectos hespanhoes que depois se estremou do nosso portuguez por um lado, e no inhospito gallego por outro.

Nota E

Vassallos estes são que as ferteis varzeas
De Burgos teem, e de Holgas ao mosteiro
Preito e homenagem dão........ .... pag. 265.

Quasi toda a varzea de Burgos era feudataria d'este célebre mosteiro.

O meu amigo Sr. Varnhagem, actualmente secretario da legação do Brazil em Madrid, visitou Burgos em 1846, e observou em estado de perfeita conservação o tumulo da Infanta-abbadessa.

Nota F

Ao proprio Camisão soar a testa,
Que nem o agudo Busembau soohara
Nem o Larraga........ .... pag. 265.

O Camisão foi celebre canonista e professor da Universidade de Coimbra, cuja proverbial estupidez não esquecerá tam cedo. Na casuistica era de uma agudeza comica todavia, e rival dos Larragas e Busembaums com quem o A. o emparelhou. Busembau diz o vulgo, e affectou dizer o poeta, por mais carregar.

Nota G

Mestre Gilvaz, que em Padua fez prodigios...... pag. 266

Aos physicos e doutores medicos chamavam d'antes em Portugal *mestres*, ou *messeres* á italiana E não só aos doutores em medicina, porém aos outros tambem, como é de vêr, nos espiritos do tempo ou que d'elle nos contam. Em Padua era a mais famosa Universidade para physicos, assim como em Bolonha para juristas e theologos. A de Coimbra não veiu a fundar-se senão no reinado seguinte.

(Prim. ed.)

Nota H

De monges negros.............................. pag. 266

Segundo as córes de sua cogula os monges bernardos ou de Cister eram os brancos, os benedictinos os negros. São vulgares, não só as rivalidades d'estas Ordens entre si, mas as chufas, dicterios e apodos com que se motejavam uns aos outros sobrnegros e brancos. por equivocos e joguetes que d'estas palavras formavam Em Inglaterra ha ainda hoje sitios, especialmente em Londres, denominados de *black*, e *white friars:* nem era só popular este appellido, que assim lhe chamam estatutos e canones antigos.

E não sei por que fado, sendo em toda a parte os monges negros dados ás sciencias, respeitados e dignos de o ser, os pobres bernardos vieram em Portugal a ser o objecto da mofa geral, que seguramente se não dirige a seu sagrado instituto, mas á crassa ignorancia que por abuso d'este instituto entre elles reina. *(Prim. ed.)*

Nota I

O que lhes falta? o quê? — Falta a *tremenda*..... pag. 266

Este verso não carecia de nota, quanto a mim, porque não suppunha que houvesse em Portugal quem ignorasse o uso venerando (por antigo) dos monges de san'Bernardo: uso conhecido pelo nome de *tremenda* Advertiram-me porém que assim não era, porque em Lisboa, por exemplo, muita gente e não sabia, como o sabemos nós provincianos, que

mais de perto lidâmos com aquelles padres, e lhes sabemos das... virtudes.

A certa hora da noite, depois de ceados, rezados, deitados, adormecidos, e roncados os reverendos padres iam pelos dormitorios, leigos, donatos, coristas ou moços, que tanto não sei eu, com uma enorme marmita, ou outra que tal vazilha, cheia de gordas, grossas e pingues póstas de cevado toucinho, cozidas e adubadas com seu môlho de vinagre, e não sei que mais ingredientes; e batendo ás portas das cellas, acordavam aquelles penitentes varões para tão frugal repasto, que suas reverendissimas mui devotamente, e por santa obediencia devoravam. A isto se chama *tremenda;* porquê e com que etymologia não pude ainda descobrir; mas o facto asseveram ser tam real como a existencia dos cachaços dos reverendos padres. Talvez d'aqui venha aquelle sabio anexim, que ás pessoas de juizo *bernardo* se applica:

Tens muito toucinho nos cascos.

(*Prim. ed.*)

Nota J

E em caso de mais polpa, um bom milagre....... pag. 266

Não interprete algum mal-intencionado que o auctor quizesse de maneira nenhuma atacar a pia crença da Egreja. Mas certo, que ha milagres de milagres, que tem havido impostores que abusaram da boa fé publica. Com esses é a ironia d'este e dos versos subsequentes. (*Prim. ed.*)

Nota K

Como atahude egypcio que entre os brindes...... pag. 267

Não commento este verso para explicar a allusão historica tam sabida de toda a gente, mas para dizer que a comparação não é minha: li-a, porém aonde não me posso lembrar. (*Prim. ed.*)

Nota L

Que por velas de moiros o tomára............... pag 267

Velas na linguagem d'aquelle tempo, quer dizer vigias, sentinellas. Vejam-se os classicos *passim*, e especialmente D. Nunes na *Chronica d'el-rei D Affonso Henriques*, pag. 108, ediç. de Lisboa de 1774; ahi:

«E quando veo ao quarto da alva, tempo em que entenderão que as *velas* estavão mais somnolentas.»

Rolda, ou *sobrerolda*, que alguns têem pelo mesmo, é todavia differente. Rolda é a ronda, ou vela que vigia sobre outras velas; como hoje ha official do dia que visita de noite as guardas e postos para vêr se tudo vae em ordem. Outro logar do mesmo D. Nunes, e logo na pag. seguinte, 109, authentica esta distinção: «N'isto a *rolda*, que andava pelo muro requerendo as *velas*, chegou perhi, e lhes falou.»

(*Prim. ed*)

Nota M

Bem travado co'elles
Anda o Mestre dom Paio......................... pag. 16.

D. Paio Corrêa, portuguez de nascimento, e Mestre de Sanctiago em Castella, que com seus commendadores e cavalleiros tomou aos moiros os mais dos logares do Algarve e depois se fez vassallo d'elrei de Portugal, a quem entregou todo o ganhado por motivo da cessão de D. Affonso de Castella Foi homem de singular valor e nomeada prudencia.

(*Prim. ed.*)

Nota N

Como as sete
Aureas tôrres no escudo lusitano...
Como ao singelo titulo........ .... pag. 16.

As sete tôrres do escudo portuguez são pelos Algarves, e *aureas* porque são amarellas, que em brazão é o mesmo que aureas ou de oiro. As quaes tôrres são em campo *vermelho*; e a razão d'isto referem os chronistas, foi *por os logares que erão tomados aos moiros, e por os que sperava tomar com spargimento do sangue d'elles.* Quanto ao número de sete, é elle mais moderno: vêem-se em lavores antigos, dôze e mais castellos nos escudos portuguezes.

Os primeiros nossos reis intitulavam-se sómente com a singela saudação de Ourique, em Lamego confirmada(?) de reis de Portugal, ou dos portuguezes. Depois da tomada do Algarve, accrescentaram — *e do Algarve* — no singular. O plural — *dos Algarves*, — com — *d'áquem e d'álem mar em Africa* — só o tomaram depois de haver estendido a conquista á outra parte do mar na Barbaria. Com effeito antigamente houvera este reino dos Algarves d'áquem e d'além maa em Africa unidos em um só imperio, e era mui grande estado, que da parte da Europa começava na cidade de Almeria, reino de Granada, e da parte de Africa, desde a bôcca do estreito corria até Tremecem, em que entra o reino de Fez, e as cidades de Ceuta e Tangere, ao que antigamente chamavam reino de Benamarim.

«Algarve *Algarb*, é a parte occidental ou poente. Assim chamam os moiros á antiga Turdetania. Não pude descubrir onde Duarte Nunes de Leão, Bluteau e outros auctores acharam a etymologia que dão a este nome, dizendo que Algarve na lingua arabica significa *terra plana*, e *cham fertil*, quando todos os auctores arabes, até o mesmo vulgo, o toma pela parte occidental

Algarb que nós corruptamente chamamos Algarve. Barros, Dec. 1. p. 1.ª — *Vestigios da ling. arab. em Portugal*, por Fr. João de Sousa. Lisboa, 1789.

(*Prim. ed*)

Nota O

A pergunta costumada
De — «*por quem cavalleiro?*..................... pag. 20.

Era o — *Qui vive?* — d'então. Ao passar por pontes, logares fortes, etc., ás entradas de terras e castellos, se fazia esta pergunta, que as continuas guerras e disputas feudaes faziam necessaria. Cavalleiros, ou gentes d'armas quando em qualquer parte se encontravam, mutuamente a faziam; e muitas vezes as respostas eram á viva lançada e amiudo acabou o interrogatorio com morte do perguntador, ou do outro, ou de ambos. (*Prim. ed.*)

Nota P

Hymno exemplar e santo
Extrahido do Cantico dos canticos............. pag. 24.

Voltaire, que foi tamanho impio como todos sabem, tentou mostrar que o *Cantico dos Canticos* era um poema lascivo oriental, e não inspirada canção do rei sabio: paraphraseou-o a seu modo para este fim, e com tal arte diabolica o fez, que parece que tem razão, a quem só em Voltaire o ler. O *Cantico dos Canticos* é um sublime trecho de inspirada poesia mas que não é para de todos ser lido e entendido.

(*Prim. ed.*)

D. BRANCA — CANTO X C'os olhos longos para o grypho alado PAG. 316

NOTAS AO CANTO SEGUNDO

Nota A

A ventura, o prazer d'um nó reparo........... . pag. 270

Tudo quanto aqui se diz a respeito dos votos religiosos não é sólta generalidade, nem invectiva contra os santos asylos que para o infortunio, para a virtude, para a fraqueza humana abre o claustro, e principalmente a um sexo que por si é destituido da fôrça, da energia que as difficuldades da vida precisam. Mas ninguem póde negar que terriveis e funestos abusos têem solapado estas instituições. É geralmente demasiado tenra e inexperta a edade da profissão: e muitos varões de grande doutrina e religião contra esse erro fatal têem clamado: êrro que priva a sociedade de tanta boa mãe, de tanta espôsa excellente, e atulha o claustro de tanta má religiosa.

A estes abusos, e só a elles se refere o que no poema é dito. (*Prim. ed.*)

Nota B

Largas postas do nitido cevado.................. pag. 271

Assim chamam na minha provincia ao porco engordado em casa, e na *cortinha* ou *eido*, como diz a nossa gente. Pingue é substantivo em dialecto minhoto, e significa manteiga de porco.

Nota C

E em manta enorme atassalhando um naco...... pag. 272

Manta, é de toucinho; e atassalhar, de qualquer carne. São vulgares expressões; mas para exprimir ideias vulgares, como se hade fazer sem ellas, ou sem cahir em gongorismos e elmanismos? — Não disse Virgilio: *Pars in frusta secant?* (*Prim. ed.*)

Nota D

Tremendo *Alla* sôou pelas abobadas............ pag. 275

Voz ou grito de accommetter e de guerra dos mahometanos. Em arabe é—*Alla acbar—Deus é todo poderoso.* (*Prim. ed.*)

Nota E

D'onde vieram ao reclamo tredo
Do vingativo pae pela offendida
Honra da loira virgem...................... pag. 275.

Allusão á entrada dos moiros nas Hespanhas, por ajuda e chamamento do Conde Julião, que para vingar a honra de sua filha, infamada por el rei D. Rodrigo, foi traidor á patria. Sir Walter Scott nas notas á *Visão de D. Rodrigo* parece dar algum pezo ás dúvidas de Voltaire (hist. gen.) sobre a authenticidade d'este facto, e talvez porque Gibbon lhes dera tambem valia. Certo é porém que uma tradição tam geral e constante não é para ser destruida com simples dúvidas, mas que sejam de grandes auctores. (*Prim. ed.*)

Nota F

Tal em cheiroso banho aspide amigo
Voluptuoso suicida.............................. . pag. 276.

O que se conta de Cleopatra, a este respeito, era frequente uso dos orientaes, até na morte voluptuosos—ou *diliciosos*, que é expressão do nosso Lucena. (*Prim. ed.*)

NOTAS AO CANTO TERCEIRO

Nota A

E vós, formosas moiras incantadas
Na noite de san'João ao pé da fonte
Aureas tranças.. pag. 277

É crença popular entre nós que na noite de San' João todos os encantamentos se quebram: as moiras encantadas, que ordinariamente andam em figura de cobras, tomam n'essa noite sua bella e natural presença, e vão pôr-se ao pé das fontes, ou á borda dos regatos a pentear os seus *cabellos de oiro.* Os thesouros sumidos no fundo dos poços vêem á tona d'agua, e mil outras maravilhas succedem em tam milagrosa noite. (*Prim. ed.*)

Nota B

Já indo, ás duzias, em casquinha d'ovo.......... pag. 277

Ainda hoje é superstição commum nas aldeias o quebrarem as cascas dos ovos depois de comidos, por temor, dizem e crêem, que d'elles se não sirvam as bruxas para ir á India, ou a outras partes longes, onde costumam de ir embarcadas em taes navios chupar sangue de meninos por baptisar, ou fazer alguma outra maldade do seu officio. Todavia é mister que se recolham cedo, e antes do cantar do gallo preto—que são os mais certeiros co'a meia noite—porque a essa hora acaba-se-lhe o incanto e poder: assim muitas têem morrido affogadas por esses mares de Christo. A isso allude o verso mais abaixo:

E ai! se o gallo cantou que á meia noite
Incantos quebram, e o poder lh'acaba.
(*Prim. ed.*)

Nota C

Não gôsto de Irminsulfs nem de Theutates....... pag. 277

São os deuses dos Druidas. Os poemas de Macpherson, que tantos annos correram mundo com o nome do Ossian, foram de tanta moda aqui ha tempos, que os phantasmas scandinavios, caledonios e todas as outras invenções e mythologia runica andavam na baila por versos e versinhos de toda a gente. Cesarotti, o erudito e profundo Cesarotti, quasi que da preferencia ao imaginario bardo escocez sobre o proprio Homero; e elle, que ambos os traduziu, certo que se tinha estudado. Bonaparte, cuja imaginação gigantesca se apprazia em tudo o que era d'este genero, foi grande prezador de Ossian, e o preferia a todos os poetas: n'esse tempo em França a torrente dos trovadores ia com o vento imperial. O elegante Lebrun, em uma gallante odesinha graciosamente combate e mette a ridiculo ésta preferencia.

Quanto a mim, tenho que as artes filhas da natureza devem andar a par d'ella e com ella. Essas phantasmagorias druidicas são bellas, são magnificas nas montanhas dos despenhadeiros da alta Escocia, nos gelos e neves das terras polares; mas nos nossos

dulcissimos e risonhos climas, não podem ter mais valor do que a impressão extraordinaria do primeiro momento; e repito que essas bellezas glaciaes

> Do sol do meio dia aos raios vividos
> Parvos!—se lhes derretem; a brancura
> Perdem co'a nitidez, e se convertem
> De lucidos christaes, em agua chilra.

(*Prim. ed.*)

Nota D

> O saxeo promontorio que de Sagres
> Tem hoje nome.................................... pag. 278

Para explicação de tudo o que vae dito até o fim da estancia IX, copiarei aqui um tracto de uma mui breve, porém mui bem escripta descripção d'este parte do Algarve, cujo auctor supponho ser um doutor Silva Lopes, medico e homem de muito saber e gôsto, de quem possuo alguns preciosos manuscriptos:

«Entrando na praça de Sagres, dois contrarios effeitos se observam; por uma parte admira-se um quasi isthmo composto de um enorme rochedo, onde tudo são bancos de *saxum*, ora horisontres, ora obliquos, ora verticaes, cuja revolução assás mostra a existencia de vulcões, testemunhada com os dois grandes hiatos que lá se encontram, por outra, vê-se com espanto o que fôra theatro das observações astronomicas do nosso famosissimo infante D. Henrique reduzido a ruinas, que, á excepção das baterias, mais inculcam uma praça abandonada que guarnecida: quanto mais se reflecte que d'este porto sahiram as expedições que abriram o primeiro caminho á descuberta das nossas colonias, cuja epoca faz figurar tam gloriosamente a nação portugueza no mundo, e que este mesmo porto é demandado como asylo de todos os navios que atravessam os nossos mares, tanto mais se mogôa todo o bom portuguez: porque se não accredita a origem de tanta honra que d'alli resultou á nossa patria, envergonhando-se de que o extrangeiro, esperando achar um padrão distincto de tam heroicos feitos, não encontre se não uma face cadaverica de fortaleza, sem viveres, sem cultura nas terras adjacentes, d'onde possa fornecer ás suas embarcações os generos de que necessitam, tanta é a penuria e depopulação d'aquellas pobres terras!...

«Na distancia de mil passos andantes do nordeste da praça, fica uma pequena lagôa... As plantas que crescem dentro d'aquelle recinto são a mór parte de *fragaria*, alguns ranunculos aquaticos, alguns juncos e poucos almeirões, azedas e grama... alecrim, rosmaninho, tojos e carqueja...»

(*Prim. ed.*)

Nota E

> Esbroádos pardeiros—oh vergonha!
> São as tôrres d'Henrique.................................... pag. 278

O Sr. Viscodde de Sá-da-Bandeira, no tempo da guerra civil em 1833, que governava o Algarve, occorreu-lhe á vista da peninsula de Sagres o desejo de reparar essa affronta á memoria do infante D. Henrique, levantando alli uma columna rostral que recordasse aos que passam por aquelle promontorio, o nome do illustre principe e as glorias navaes dos portuguezes. Mas estando depois no ministerio da marinha, não pôde mais, apezar de seus vivos desejos, do que fazer lavrar uma lapide que ao menos se collocasse alli. Levou-se a effeito esta determinação, porque estando feita a lapide em 1839, apezar de sahir o Visconde do ministerio, a obra progrediu—ao revez de nossas costumeiras—e se concluiu.

A lapide é de marmore, com um corpo de dez palmos e meio de altura, cinco palmos e meio de largura, dividido em dois planos. No superior, em meio relévo, o escudo das armas do infante; ao lado direito do escudo uma esphera armilar, á esquerda um navio á véla. No plano inferior duas almofadas no alto, n'uma d'ellas a inscripção latina, na outra a traducção portugueza, d'este modo:

INSCRIPÇÃO LATINA

Aeterni. Sacrum.
Hoc. Loco.
Magnus. Henricus Joan. I. Portugal. Reg. Filius
Ut. Transmarinas. Occidental. Africae. Regiones.
Antea. Hominibus Impervias. Patefaceret.
Indeque. Ad. Remotissimas. Orientis. Plagas.
Africa. Circumnavigata.
Tandem. Perveniri. Posset.
Regiam. Suae. Habitationis. Domum.
Cosmographiae. Scholam. Celebratissimam.
Astronomicam. Speculam. Amplissimaque. Navalia.
Propriis Sumptibus. Construi. Fecit.
Maximoque. Reipublicae. Litterarum. Religionis.
Totiusque. Humani. Generis. Bono.
Ad. Extremum. Vitæ. Spiritum.
Incredibili. Plane. Virtute. Et Constantia.
Conservavit. Fovit. Et. Auxit
Obiit. Maximus. Princeps.
Postquam. Suis. Navigationibus. Ab. Aequinoctial. Ad. VIII
Versus. Septemtrionem. Gradum.
Pervenit.
Quampluresque. Atlantici. Maris. Insulas. Detexit.
Et. Colonis. Ab. Lusitania. Deductis.
Frequentavit
XIII. Die. Novembr. An. Dom. MCDLX.
Maria. II. Portugal. Et Algarb. Regina.
Ejus. Consanguinea.
Post. CCCLXXIX. Annos.
H. M. P. J.
Curante. Rei. Navalis Administro.
Vice. Comite. De Sá. Da. Bandeira.
MDCCCXXXIX.

TRADUÇÃO

monum. consagrado. á. eternidade. o. grande.
infante. d. henrique. filho. de. el-rei. de. portugal.
d. João. I tendo emprehendido descobrir. as regiões.
até. então. desconhecidas de. africa. occidental.
e. abrir. assim. caminho. para chegar por meio.
da circumnavegação. africana. até. ás. partes. mais.
remotas. do. oriente. fundou. n'estes. logares. á. sua.
custa. no. palacio. da. sua. habitação. a. famosa.
escola. de cosmographia. o. observatorio.
astronomico. e. as. officinas. da. construcção.
naval. conservando. promovendo. e. augmentando.
tudo. isto. ate. o. termo. da sua vida. com.
admiravel. esforço. e. constancia. e. com.
grandissima utilidade. do. reino. das letras.
da. religião. e. de. todo. o. genero. humano. falleceu.
este. grande. principe. depois. de. ter. chegado.
com. suas. navegações. até o. 8.° gr. de. latitude.
septentr. e. de. ter. descoberto. e. povoado. de.
gente. portugueza. muitas. ilhas. do. atlantico.
aos XIII. dias. de. novembro. de. 1460. d. maria. II.
rainha. de. portugal. e. dos. algarves. mandou.
levantar este. monumento. á. memoria do.
illustre. principe. seu. consanguineo. aos. 379.
annos. depois. do. seu. fallecimento. sendo.
ministro. dos. negocios. da marinha. e.
ultramar. o. visconde. de. sa. da. bandeira.
1839

A inscripção foi composta pelo Cardeal-patriarcha San'Luiz. Em 24 de Julho de 1840 a lapide foi collocada na parede de uma tôrre que ainda alli existia, e que pareceu ser o mais antigo edificio da praça.

A estreiteza de uma nota não permitte alargar-me, segundo quizera, n'este assumpto.

Seja muito louvado o Sr. Visconde de Sá, e ao seu successor o Sr. Conde de Bomfim.

Nota F

> A sacarina flor no botão pica.................................... pag. 278

O insecto que se gera, ou desenvolve no figo de certa especie de figueiras, e que tomando corpo fura o figo em que nasceu e vae picar o das outras. É o que se chama caprificação. Plantam esta casta de figueiras entre as mais, porque o figo assim picado incha, augmenta de volume e melhora de sabor. Digo *sacarina flor*, porque é sabida decisão de botanicos não ser o figo fructo, senão flor, ou antes involucro de flores. (*Prim ed.*)

Nota G

> Não lhe descobriria o proprio Volney..
> Nem tu, famoso Jones.................................... pag. 279

Volney nas *Viagens do Egypto*, e Sir W. Jones *Essays on eastern Poetry and on the imitative arts*

(Lond. 1777), os mais intelligentes antiquarios, que de coisas orientaes escreveram. Não sei se me engano, mas tenho por mais profundo o inglez.

(*Prim. ed.*)

Nota H

As duas bellicas phalanges
Que ora na arena litteraria pugnam............. pag. 279.

Pelo tempo em que se compunha este romance, de 1824 a 25, era a grande lucta dos classicos e romanticos no continente, e principalmente em França. Pesava a censura prévia sobre os jornaes, e a questão era o que lhes valia para supprir os vazios que deixava a politica em suas columnas.

Nota I

Ja em Cacella, preço offerecido
Por Estombar e Alvor........... .... pag. 279.

D. Paio, Mestre de Sanctiago, e os seus commendadores e freires tinham tomado aos moiros do Algarve os logares de Alvor e Estombar; e estes lhes offereceram por elles a praça de Cacella, que apezar de mais consideravel, ficava proxima a Tavira, praça tambem forte e mui defensavel, dos moiros. D. Paio acceitou, e d'alli com mais força continuou e acabou a conquista.

(*Prim. ed.*)

Nota J

Abre-te, porta,
Porta d'Azoia................................ pag. 279.

Célebre porta de Silves, da qual fez mensão o citado Duarte Nunes no mesmo logar.

(*Prim. ed.*)

Nota K

Nunca o rosto voltou á santa kaaba............. pag. 280

A kaaba é um pequeno edificio quadrado que sempre se conserva coberto de seda preta, e que é uma especie de sancta-sanctorum do templo de Mecca, dentro do qual está collocado. Todo o bom mahometano, em qualquer parte em que esteja, deve volver o rosto á santa kaaba, quando reza as suas orações.

NOTAS AO CANTO QUARTO

Nota A

Falso o meu Deus!... E o teu é verdadeiro!. ...pag. 283.

Note-se que falla um infiel, dirigido pela falsa luz das suppostas verdades naturaes, e sem guia da revelação. Assim na estancia seguinte, a VI, se diz:

Os theologos sabem mil respostas...

(*Prim. ed.*)

Nota B

Flexivel, curta vara tem na dextra.............. pag. 284.

A celebre varinha do *condão*, ou *divinatoria*, insignia e instrumentos de fadas, encantadores, etc. etc.

(*Prim. ed.*)

Nota C

Sois vos outros,
Portuguezes imigos do descauço,
E delicias da paz............................... pag. 286.

São expressões de um rei, ou régulo da India, em carta ou falla a um de nossos capitães por aquellas partes, nos bons tempos da gloria da nossa gente.

(*Prim. ed.*)

NOTAS AO CANTO QUINTO

Nota A

Embriagando-se em sangue de parentes,
De amigos. .... pag. 287.

Superstição muito geral no Oriente, que veiu a prevalecer depois para o septemtrião da Europa. O nome de *Vampiro* é hoje célebre pela historia de Lord Byron, ou de qualquer que é seu auctor.

(*Prim. cd.*)

Nota B

Como a espada de fogo que fulmina
Nas mãos do guardador do Eden defeso........ pag. 287.

Os mahometanos citam, e dão credito a grande parte dos livros do Testamento-Velho, e fallam de Moysés, Abrahão, etc., com a mesma veneração que judeus e christãos.

(*Prim. ed.*)

Nota C

O burel do santão.. .. .. pag.291.

Nome que dão os mussulmanos a certos loucos ou fanaticos que por devoção se dilaceram. Catam-lhes grande respeito; e não é de admirar que um mahometano como Aben-Affan confundisse os seus miseraveis *santões* com os nossos santos ermitães.

(*Prim. ed.*)

Nota D

Christo e Mahomet foram prophetas,
Mas Deus é o mesmo Deus..................... pag. 291.

Tal é a impia fé e misero credo dos mahometanos Dizem elles em sua cegueira que, não sendo completa a missão de J Ch. porque o mundo, que Deus lhe mandou reformar, ficára peior do que estava, mandára Deus a Mahomet, que emfim acabára a obra começada por J. Ch.

(*Prim. ed.*)

Nota F

O propheta, se a vira n'esse instante,
Emendara o Koran............................ pag' 291

Todos sabem que Mafoma no seu *Koran*, ou Alkoran, negou a entrada do paraizo ás mulheres, e apenas concede por especial mercê ás mais virtuosas, obedientes e amantes dos maridos, que de longe estejam vendo a glória de seus antigos esposos

(*Prim. ed*)

NOTAS AO CANTO SEXTO

Nota A

Como estrellas namoradas.................................... pag. 294.

Allusão ás harmonias das espheras Pythagoras, cuja antipathia ás favas é bem conhecida.

(*Prim. ed.*)

NOTAS AO CANTO OITAVO

Nota A

Se o vira alguem, forte milagre fôra............. pag. 303

A Egreja reconhece os milagres, e a crença dos fieis se deve conformar com esta: mas não se segue d'ahi que não haja n'esse ponto muita superstição entre o vulgo, e sôbre tudo n'aquelles seculos ignorantes. Além de que, a bem entendida piedade nos deve fazer aguardar a decisão da Egreja antes de prestarmos fé; pois em verdade muitos falsos milagres têem havido, que para serem taes foi mister que ninguem os visse: com o que se dá gôsto e triumpho a hereges e inimigos de nossa religião.

(*Prim. ed.*)

NOTAS AO CANTO NONO

Nota A

Lagrima a lagrima.
Estás sentindo as da infeliz Mathilde........... pag 307

A condessa Mathilde de Bolonha, primeira mulher de Affonso III, que elle tam ingrata e cruelmente repudiára depois que se viu rei

Nota B

Que em Toledo a outro rei................... pag. 307

D. Sancho II que ahi morreu, e ahi foi sepultado a expensas e por caridade d'elrei de Castella.

Nota C

Quando o ramo de peste em talha de oiro...... pag. 307

Allusões a varias crenças populares sobre a noite e madrugada de San João.

Nota D

Meu incubo poder....... .... pag 309

Veja a respeito de *incubos* e *sucubos*, S. Clemente Alexandrino, Tertuliano e Lactancio, padres da Egreja que todos acreditaram n'este poder dos demonios. Veja tambem as notas do P. Pereira ao VI cap. do *Genesis*, e á I Epistola, XI, 10, *Cor.* de S. Paulo: dois logares da Biblia, que deram origem, por mal entendidos, áquella imaginação pouco decente

(*Prim. ed.*)

Nota E

Cevado de pilau e de badana.............. .... pag. 309

O pilau, especie de papas de arroz cozido, com carneiro quasi sempre, é a usual e favorita comida dos turcos e orientaes quasi todos. Badana é a mais vil carne de açougue que ha: ovelha velha, que, por inutil para mais nada, se mandou ao matadoiro.

NOTAS AO CANTO DECIMO

Nota A

Ahi por essas éras
Os seus mortos os moiros sepultavam......... pag. 315

Os mahometanos fazem sempre os seus cemiterios fóra das cidades, e escolhem para elles apraziveis e amenos, senão alegres sitios. Veja-se Volney, *Viag. ao Egyp.*—Chateaubriand, *Itinerario*, etc.

(*Prim. ed.*)

Nota B

Tira da manga mão de infante, morto......... pag. 315

Toda esta estancia é compilada das crenças vulgares e supersticiosas do nosso povo Todavia é isto commum em toda a parte, e não é só a nossa gente a *que cre em bruxas*. Veja-se *Dictionnaire infern.* etc.

(*Prim. ed.*)

NOTAS Á PREFACÇÃO

Nota unica

Conseguiu passar por obra posthuma........... pag, 264.

A primeira edição de *Dona Branca* trazia no rosto: —Obra posthuma de F. E. Com estas iniciaes mysteriosas, com protestação—que aqui transcrevo, como curiosidade litteraria que é—com certa imitação de stylo, ou mais exactamente de linguagem, muitos a tomaram por coisa de Filinto-Elysio: e é a maior lisonja que podiam fazer ao A. Eis-aqui a tal protestação:

«Protesto que todas as expressões de que fui obrigado a servir-me, fadas, encantamentos, etc, são puramente poeticas. Outro-si que ainda quando ataquei algum d'aquelles abusos a que tão propensa é a natureza humana, nunca tive a peccaminosa intenção de desacatar a veneranda crença de nossos paes. Antes foi meu principal fim n'esta obra mostrar o castigo do vicio, o curto e amargo dos prazeres mundanos, e o triumpho porfim da virtude e da religião. Se a calúmnia quizer lançar fel, ou a impiedade veneno em minhas ingenuas trovas, desde já as desminto, e d'ahi lavo minhas mãos. Ésta obra deixo em depósito ao quasi unico amigo que toda a vida tive: só depois da minha morte verá luz publica. Mas comquanto a essa hora já estarei a salvo, no sepulchro, de todas as malevolencias dos homens, desejo comtudo que a memoria (se alguma restar) do obscuro auctor d'estes versos seja bemdita dos bons Portuguezes, dos homens de verdadeira religião e temor de Deus. Nasci, vivi, e não tardarei a morrer no seio da Egreja catholica, apostolica romana; a ella sujeito meu humilde escripto; e se na minima coisa involuntariamente encontrei seus preceitos, do coração me desdigo e retracto.»

F. E.

«N B. Esta declaração estava autographa em um papel avulso entre a primeira e segunda folha do manuscripto (esse em letra que desconheço), o qual recebi de F. E poucos dias antes de sua morte.—O EDITOR.»

ADOZINDA

NA TERCEIRA EDIÇÃO

Publicamos emfim esta nova edição da primeira parte do ROMANCEIRO, que vae muito superior ás antecedentes, tanto pela correcção como pelos addicionamentos importantes que leva.

A de Londres de 1828 continha apenas a *Adozinda* e o *Bernal-francez*; a de Lisboa de 1843 já lhe accrescentou mais quatro romances; na presente ha oito, além das novas traduções em varias linguas que n'este intervallo se têem publicado pela Europa. Não são todas, porém, e já muitas das mais notaveis versões appareceram colligidas no appendice do terceiro volume da presente obra publicado em 1851; outras o tinham sido no segundo juntamente com os originaes portuguezes primitivos que o nosso auctor reconstruira.

A sua predilecção por estas reliquias da antiga poesia peninsular tem feito com que, desde a infancia até hoje, tenham ellas sempre sido a occupação das suas 'Horas de lazer' — *Hours of idleness*, segundo a frisante expressão de Lord Byron; um quasi mialheiro poetico em que por intervallos, mas sempre, se vão deitando pequenas quantias até que chegam a formar um thesouro. Este é já um verdadeiro thesouro para os que sabem avaliar a riqueza de uma lingua e de uma litteratura.

No meio dos trabalhos mais graves, das contrariedades mais apertadas da vida publica, o auctor não se tem esquecido do seu mialheiro, que, tornamos a dizêl-o, para nós é thesouro riquissimo. Se ainda assim o não julga Portugal, saiba ao menos que essa é a opinião da Europa.

Julho 8, 1853.

OS EDITORES.

NA SEGUNDA EDIÇÃO

Depois que publiquei em Londres, em 1828, o meu romancinho a *Adozinda* que aqui vae na frente d'este volume, cheguei a ter uma bastante collecção d'essas trovas e romances populares, xácaras e soláos — designações que, sinceramente confesso, não sei ainda quadrar bem nas diversas especies e variedades em que se divide o genero.

Eram uns vinte e tantos havidos pela *tradição oral* do povo, quasi todos colligidos nas circumvisinhanças de Lisboa pela industria de amigos zelosos, e principalmente pelo obsequioso cuidado de uma joven senhora minha amiga muito do coração.

Por voltas do anno seguinte, 1829, os tinha eu pela maior parte correctos, annotados — e collacionadas as principaes das infinitas variantes que todos trazem, porque cada rhapsodista d'estes que sabe a sua xácara, a repete a seu modo, e sempre differente em alguma coisa do que outro a diz.

Cresceram logo mais os meus haveres pela contribuição de outro amigo tambem muito particular e muito prezado, o sr. Duarte Lessa, homem de raras e prestantes qualidades que amenizava a constante applicação a mais graves estudos, cultivando a litteratura e as artes, cujas obras apreciava com tacto finissimo e zelava com fervor patriotico, porque entendia — e bem o entendia! — que ellas são o espirito, a alma, o *in ipso vivimus et sumus* de uma nação. Tinha elle adquirido em Londres varios livros e manuscriptos que haviam sido do celebre portuguez o Cavalheiro de Oliveira, aquelle que renunciou ao importante cargo de nosso ministro na Haya para abraçar a communhão protestante, na qual viveu em Inglaterra os ultimos annos da sua vida, quasi unicamente da caridade de seus novos correligionarios,

Havia entre esses livros um exemplar da *Bibliotheca* de Barboza, encadernados os tomos com folhas brancas de permeio, e escriptas estas, assim como as amplas margens do folio impresso, de lettra muito miuda, mas muito clara e legivel, com annotações, commentarios, emendas e addições aos escriptos do nosso douto e laborioso mas incorrecto abbade.

Via-se por muitas partes que o longo trabalho do Oliveira fôra feito depois da publicação das suas *Memorias*, porque a miudo se referia a ellas, confirmando e ampliando, corrigindo ou retractando o que lá dissera.

Nos artigos *D. Diniz*, *Gil Vicente*, *Bernardim Ribeiro*, *Fr. Bernardo de Brito*, *Rodrigues Lobo*, *D. Francisco Manuel*, e em varios outros que vinha a proposito, as notas manuscriptas citavam, e transcreviam como illustração, muitas coplas, romances e trovas antigas — e até prophecias, como as do Bandarra — fielmente copiadas, asseverava elle, de Mss. antigos que tivera em seu poder na Hollanda e em Portugal, franqueados uns por judeus portuguezes das familias emigradas, outros havidos das preciosas collecções que d'antes se conservavam com tão louvavel cuidado nas livrarias e cartorios dos nossos fidalgos.

Foi-me logo confiada a inestimavel descoberta; percorri com avidez aquellas notas, examinei-as com escrupulosa attenção, e, extractando uma por uma quantas coplas, cantigas e xácaras achei, completas e incompletas, accrescentei assim os meus haveres com umas cincoenta e tantas peças, d'ellas anonymas e verdadeiramente tradicionaes, d'ellas de auctor conhecido e que nas edições de suas obras se encontram, — taes como Bernardim Ribeiro, Gil-Vicente e Rodrigues Lobo — mas que differiam das impressas, consideravelmente ás vezes, muitas até na linguagem da composição, pois que algumas alli achei em portuguez, e manifestamente antigo e da respectiva epoca, as quaes só andam impressas em castelhano.

Com este auxilio corrigi de novo muitos dos exemplares que já tinha, e completei alguns fragmentos que já desesperára de poder vir nunca a restaurar. E tomando para modelo as estimadas collecções de Elis e do bispo Percy, e a das fronteiras de Escocia por Sir Walter Scott, comecei a dar novo methodo e mais amplos limites á minha compilação que ao principio intitulára *Romanceiro portuguez*.

O longo e mais serio trabalho que por esse tempo emprehendi no meu tratado geral *Da Educação*, cujo primeiro volume se publicou em Londres em 1829, me fez relaxar n'aquell'outro: depois os cuidados politicos e alguns officiaes, o complemento e impressão de outra obra de mais grave assumpto, o *Portugal na Balança da Europa*, que foi impresso no anno seguinte, 1830, — talvez alguma inconstancia de auctor, bem desculpavel n'aquella tarefa, tão tediosa ás vezes, de collacionar, estudar e explicar textos já viciados da ignorancia do vulgo por cujas boccas e memorias andaram, já de outra ignorancia mais confiada e mais corruptora ainda, a de copistas presumpçosos de lettrados e de castigadores do que elles suppõem vicio.

Comtudo, e apezar d'aquellas e de outras occupações e distracções, eu sempre voltava de vez em quando ao meu *Romanceiro*, e o tinha bastante adeantado, quando nos fins de 1831 abandonei tudo o que eram cuidados de sciencia ou recreações litterarias para me alistar no exercito da Rainha, e embarcar para os Açores. Em janeiro de 1832 sahi de Paris com praça de simples soldado, consegui por este modo tomar minha humilde parte n'aquella expedição, cujos avisados e cautelosos directores com tanto empenho afastavam toda a gente conhecida de verdadeira liberal, por todos os modos, por modos que hão de parecer incriveis, e que elles hoje negariam a pés juntos, se fosse possivel negar o de que ha tantas testemunhas e tantas victimas ainda vivas, tantos documentos que hão de durar mais que ellas.

A minha curta estada nas ilhas foi empregada quasi toda nos trabalhos de legislação e organização administrativa a que alli se procedeu, e de que me encarregou a amizade e confiança de um amigo particular, então em grande valimento, ao qual e á dura necessidade de me achar eu unico alli que tivesse estudado aquellas materias, teve de ceder forçosamente a ciosa malevolencia dos accaparadores que já na esperança estavam devorando as ruinas de Portugal a que almejavam chegar — pelos esforços e risco alheio — não por certo para meditar sobre ellas como outros Marios — oh que Marios! — mas para as revolver e basculhar como Alaricos...

Faziam-me a honra de me querer mal esses senhores: lisongeio-me de lh'o merecer: davam-se ao encommodo de me intrigar; e era desperdicio de tempo e de arte, porque não ha mister intrigas para tirar favor de principes a quem, como eu, os aprecia muito e se honra muito d'elles, mas não é capaz de fazer o mais leve sacrificio para os conservar; jámais soube, em tantas opportunidades, convertêl-os em nenhma *consequencia legitima*; nunca, nem o mais indirectamente que é possivel, tratou de os consolidar em nenhuma realidade utilitaria e de proveito pessoal.

Peço perdão da digressão: não a fiz eu mas as cousas,—que pelos tempos em que vivemos tam baralhado anda tudo, que até a historia litteraria e poetica se confunde com a dos successos e relações politicas.

D'esse tam pouco e tam occupado tempo permittiu comtudo o acaso que alguns instantes se podessem aproveitar em beneficio do pobre *Romanceiro*, que alli ia tambem, o coitado, na expedição, encolhido e amarrotado na mochilla de um triste soldado raso, sem se lembrar de aspirar á inaudita honra de seu illustre predecessor, o *Cancioneiro* de Resende, que serviu de Evangelho para jurar aquelle rei gentio. — Havia pouco por alli quem lhe importasse com Evangelhos e juramentos.

Foi o caso que umas criadas velhas de minha mãe e uma mulata brasileira de minha irman appareceram sabendo varios romances que eu não tinha, e muitas variadas lições de outros que eu sim tinha, porém mais incompletas. Assim se additou copiosamente o meu *Romanceiro*.

Mas este achado fez mais do que enriquecer, salvou-o: porque, ao partir para San-Miguel, o deixei em Angra com minha mãe que Deus tem em gloria, que desejava distrahir com essas curiosidades que ella entendia e avaliava com o tacto perfeito e a sensibilidade elegantissima de que era dotada, alguma hora das tantas em que já lhe pesavam duramente as molestias do último quartel da vida... Molestias aggravadas de muita afflicção e cuidado — nenhum que seus filhos voluntariamente lhe dessem — todos a adorámos e honrámos sempre — mas que lhe davamos, comtudo, pelas circumstancias fataes da epoca e das confusões politicas em que andavamos mettidos.

Os meus outros papeis, trabalhos de historia consideraveis, fructo de longas visitas ao Museu-real de Londres e á riquissima livraria portugueza do meu amigo o Sr. Goodeen; uma tragedia, que tinha sido julgada valer alguma coisa pelos que a viram — era o assumpto o Infante-Santo em Fez; — um largo poema com pretenções, antes desejos, de ser Orlando, já em trinta e tantos cantos — e promettia crescer! — cujo assumpto era o *Magriço* e os seus *Doze*; — o segundo volume do tratado *Da Educação* prompto a entrar no prélo: — quatro livros ou cantos de um romance ou poema — cabia-lhe uma e outra designação — a que dava thema a interessante e romanesca legenda da fundação da Casa de Menezes—pedido de minha boa irman que decerto não tinha vaidade, porque sempre lhe sobrou o juizo, mas gôsto sim, de que seus filhos se honrassem com o nome illustre de seu pae:—uma quantidade immensa de estudos e trabalhos sôbre administração pública; — tudo isso veiu commigo para S. Miguel e ahi o deixei ao embarcar, porque era defeso ao pobre soldado levar as suas malas, e o logar era pouco para as bagagens dos que só eram bagagem. D'ahi me vinha, com outros valores mais substanciaes, e se perdeu tudo em um navio que affundaram as balas inimigas á entrada do Porto nos derradeiros dias d'esse mesmo anno de 1832.

Descancem em paz no amigo lodo do meu patrio rio! N'outros lodaçaes peiores teriam de cahir talvez se escapassem: o da indifferença pública que porventura mereciam, o de muitos odiosinhos e invejasinhas tolas que não mereciam decerto, porque eram filhos de bom e innocente ânimo, como sempre têm sido os meus.

Assim fossem todos!

Desde 1834, que me voltou a Lisboa o milagrosamente escapado *Romanceiro*, ainda não passei verão que lhe não désse algumas das horas descuidadas que n'aquella quadra ou se hão de dar a estas occupações mais leves ou a nenhumas. E n'estes oito annos tem-se locupletado consideravelmente com as contribuições de muitos amigos e benevolentes, a alguns dos quaes nem posso ter o gôsto de agradecer aqui o favor recebido, porque incitados pela leitura da *Adozinda*, me remetteram anonymamente pelo correio o fructo de suas colheitas. A principal parte de um bello romance, um dos mais bellos que jámais vi em collecção alguma nacional ou estrangeira e que hoje enriquece o meu *Romanceiro*, assim me foi mandada, creio que do Minho. Outro fragmento que vinha nos respigos ajuntados n'esta ceara pelo nosso insigne poeta o Sr. A. F. de Castilho, e que elle teve a bondade de me confiar, veiu dar-lhe o complemento que faltava e restituir á perfeição em que hoje está. E' um romance de origem visivelmente franceza, se provençal ou normanda não me atrevo a decidir, em que se conta — um tanto diversa das chronicas antigas e do elegante poema de *Millevoix*, a historia do secretario Eginard e da muito bondosa filha de seu senhor e amo o poderoso imperador Carlos Magno. Os nossos Scaldos vulgares lêem hoje... não lêem tal, mas repetem *Gerinaldo*, corrupção do que ao principio foi Eginaldo, adoçados em *ll* os *rr* francezes, como se fez em Giraldo, Reginaldo, antigamente em Bernal e Bernaldo, e em outros muitos nomes que de lá vieram tam duros ou mais.

Mencionei este exemplo entre muitos por cahir em coisa notavel, e para se ajuizar dos outros.

Mr. Pichon, bem conhecido em Lisboa,

que foi ultimamente consul francez no Porto e agora creio que em Barcelona, tinha começado a formar em 1832-33 uma pequena collecção de xácaras portuguezas de que tambem me aproveitei. Mas o incançavel collector a quem mais obrigações devi em Portugal foi o meu condiscipulo o sr. dr. Emygdio Costa, advogado n'esta côrte e ha pouco falecido, que generosamente me confiou a sua larga collecção principalmente feita nas duas Beiras, n'aquelle verdadeiro coração e ámago do Portugal primitivo que occupa a região d'entre Lamego e Serra da Estrella.

O sr. Rivara, bibliothecario em Evora, o meu velho amigo o sr. M. Rodrigues de Abreu, bibliothecario em Braga, o meu antigo e fiel companheiro o dr. J. Eloy Nunes Cardoso, de Montemór-o-Novo, com assentamento dobrado, como diria um *bel esprit*, um *dos cultos* de Seiscentos, na Casa Real d'Apollo, por doutor e trovador tambem, — todos estes cavalheiros me têm ajudado com indicações, livros, folhetos antigos e copias laboriosamente escriptas sob o dictar dos rusticos depositarios das nossas tradições populares.

Os trabalhos e recopilações de D. Agustin Duran sobre os Cancioneiros e Romanceiros castelhanos, obra publicada em Madrid em 1832, mas que só por aqui chegou cinco ou seis annos depois, veiu illustrar-me em muita duvida e ajudar-me a classificar muita coisa difficil. A nova e augmentada edição do sr. Ochoa, impressa em Paris em 1838, e que mais depressa nos trouxe a mais habitual conversação e commercio litterario que temos com a França, algum tanto me auxiliou tambem. A traducção elegante de Mr. Lockart que n'aquella tam linda e fastosa edição de Londres de 1841 deu á lingua e á nação ingleza a mais poetica e romantica idéa que jámais será possivel dar a um povo extranho e em idioma extranho das immensas riquezas do *Nibelungen* peninsular, mais que nenhuma coisa me inspirou e animou no meu trabalho, porque é um documento, um monumento grandioso da extraordinaria importancia e valia que este genero de coisas está merecendo á Europa culta.

O sr. Herculano, bibliothecario da Real bibliotheca da Ajuda, com cuja provada amisade me honro tanto quanto a nação deve gloriar-se de seus escriptos, tambem me tem ajudado não pouco com os preciosos achados que, no seu incessante lavrar das minas archeologicas, tem encontrado e repartido commigo. Por seu favor tornei a examinar, no Ms. original, o famoso *Cancioneiro* dito *do Collegio dos Nobres*, hoje na bibliotheca real; e com estas e com as collecções allemãs e francezas, e creio que com quasi todas as dos povos do Norte, tenho collacionado as nossas rhapsodias populares, muitas das quaes, por este modo vim a conhecer visivelmente, que tinham a mesma commum origem. Os eruditos trabalhos de Mr. Raynouard sobre a lingua romance ou provençal me allumiaram muita vez n'esta obscura e enredada tarefa.

A interessante e conscienciosa memoria do dr. Bellermann impressa em Berlim em 1840, e o conhecimento de que a sociedade allemã para reimpressão dos livros raros estava publicando em portuguez o nosso *Cancioneiro* de Resende; o interesse geral que hoje se tem desenvolvido no mundo pela litteratura popular das nações modernas e especialmente das nossas peninsulares — interesse que, porfim e emfim, ha de vir a reflectir em nós tambem, e despertar-nos para abrir os olhos ás riquezas proprias, ainda que não seja senão pelas vêr tam prezadas de extranhos — os conselhos e rogos do meu particular amigo e quasi compatriota nosso, o sr. João Adamson, tudo isto me fez alargar mais o plano da minha obra e collecção.

Resolvi, sob nova denominação de *Romanceiro e Cancioneiro geral*,[1] reunir todos os documentos que eu pudesse para a historia da nossa poesia popular, desde onde memorias ou conjecturas ha, até á epoca actual, acompanhando-os de explicações e glossas, que vão servindo de nexo, que sejam como a liaça, o nastro que ate estes pergaminhos.

Quem não tem olhado senão á superficie da nossa litteratura, quem cego do brilho classico das nossas tantas epopêas, seduzido pela flauta magica dos nossos bucolicos, enthusiasmado pelo estro tam rico e variado dos innumeraveis poetas que, nos quartetos e tercetos sicilianos da elegia, da epistola e do soneto, rivalisam, e tantas vezes luctam de vantagem, com o proprio Petrarcha: quem, sobretudo — porque n'esse genero é a musa portugueza superior á de todas as linguas vivas — adora em Sá de Miranda, Ferreira, Diniz, Garção e Filinto o genio redivivo de Horacio e de Pindaro — não crê, não suspeita, ha de ficar maravilhado de ouvir dizer, como eu quero dizer e provar no presente trabalho, que ao pé, por baixo d'essa aristocracia de poetas, que nem a viam talvez, andava, cantava, e nem com o desprezo morria, outra litteratura que era a verdadeira nacional, a popular, a vencida, a

[1] Alterou-se este plano; só se trata por agora do *Romanceiro*.

tyranisada por esses invasores gregos e romanos, e que a todos os esforços d'elles para lhe oblitterarem e confundirem o caracter primitivo, resistia na servidão com aquella força de inercia com que uma raça vencida, com que a população aborigine de um paiz resiste a egual empenho de seus conquistadores que lhe usurparam a dominação, e que seculos e seculos depois, quando esses já não são, ou não cuidam ser, senão uma casta privilegiada e patriciana, reagem fortes aquell'outros com o que seus proprios senhores lhes ensinaram, regenerados por seu longo martyrio, e extirpam muitas vezes, mas geralmente se contentam de avassallar, os seus antigos oppressores.

E' a historia de todos os povos, e por consequencia de todas as litteraturas.

E' a historia litteraria de Portugal no segundo quartel d'este seculo; é o que foi esta reacção vulgarmente chamada *romantica*, mas que não fez mais do que trazer a *renascença* da poesia nacional e popular. Nenhuma cousa póde ser nacional se não é popular.

Aqui está o porquê, o como e o paraquê, fiz a collecção de que este volume é a primeira parte, ou mais exactamente a introducção, e que apenas contém o que eu, á mingua de melhor nome, designarei com o titulo de *Romances da renascença*: são os que resuscitei e como que traduzi das quasi apagadas e mutiladas inscripções que desenterrei da memoria dos povos.

Os textos originaes d'estes, restituidos quanto é possivel, os de muitos outros que appareceram menos imperfeitos na mesma excavação, muitissimos que se têm achado em livros e papeis desprezados hoje e em collecções Mss., estão promptos, classificados, annotados, e sahirão em seguimento d'este volume, apenas o permittam as difficuldades, sempre recrescentes em Portugal, de se publicar qualquer coisa.

Eu tenho posto termo, ou pelo menos suspensão indefinida a toda a occupação litteraria propriamente dita, para absolutamente me dedicar, emquanto posso e valho, á conclusão de um trabalho antigo, mas interrompido muitas vezes, que agora jurei acabar; são *Vinte annos da Historia de Portugal*, periodo que começa em 1820 e chega aos dias de hoje, mas que não sei se já anda mais enredado e confuso do que o dos mais antigos e obscuros seculos da monarchia.

Espero começar a publicál-o no fim d'este anno;[1] e nenhum tempo ou logar me sobrará portanto para mais nada. O *Romanceiro*, porém, e *Fr. Luiz de Sousa*, estão promptos a entrar no prelo e, quanto é por minha parte, não farão esperar o publico.

Lisboa, 12 de agosto de 1843.

[1] Dez annos são passados e a promessa nem começou a cumprir-se (1853). Suppomos o A receioso de arrostar com a audaciosa responsabilidade de historiador contemporaneo.

AO SR. DUARTE LESSA [1]

Eis-ahi vae, meu amigo, o romance em que lhe falei n'uma das minhas ultimas cartas de Portugal. Estava quasi todo copiado; e aqui nem paciencia nem tempo me chegavam para as muitas correcções e alterações que elle precisava; por limar lhe vae, e por limar irá para a imprensa: tanto melhor para quem gostar de dizer mal, que não lhe faltará de quê.

Creio que é esta a primeira tentativa que ha dous seculos se faz em portuguez de escrever poema ou romance, ou coisa assim de maior extensão n'este genero de versos pequenos *octosyllabos*, ou de redondilha como lhe chamavam d'antes os nossos. No meu resummo da historia da lingua e da poesia portugueza, que vem no primeiro volume do *Parnaso Lusitano* impresso ultimamente em Paris, — a só coisa minha que ha n'aquella collecção, porque assim na escolha das peças, como na ordem e systema da obra me transtornaram e me enxovalharam tudo com notas pueris, ridiculas, e até mal creadas algumas, n'esse resumo toquei de leve, e em tudo o mais, sobre a belleza d'estes nossos versos *octosyllabos*, que nos são proprios a nós hespanhoes, tanto portuguezes como castelhanos, e, para certos assumptos e certos generos de poesia, mais adequados do que nenhuma outra especie de rythmo. Boscan gaba-se de haver introduzido na Peninsula os metros toscanos: hoje está averiguado com certeza que não foi com effeito elle o primeiro que nas duas linguas cultas das Hespanhas compoz dos taes versos endecasylabos; mas é certo e além de toda a duvida que do tempo de Boscan e de Garcilasso em Castella, e logo de Sá de Miranda e Ferreira em Portugal, começaram aquelles nossos metros primitivos a cahir em mais desuzo, a não se empregarem senão em certo genero de poesia ligeira ou, segundo lhe os Francezes chamam, *fugitiva*, Francisco Rodrigues Lobo e muito depois D. Francisco Manuel de Mello ainda n'elles fizeram romances historicos; Violante do Céo muitas das suas lindas e agora tam mal aprecia-

[1] Serviu de prefacio á primeira ed. de Londres no anno de 1828.

das poesias; ainda se fizeram posteriormente eglogas, e o que os poetas da *Phenix-renascida* e os campanudos vates das mil e uma Academias do seculo XVII e XVIII chamavam *romances* — que certamente não era o que hoje estrictamente se entende por este nome. Em tempos mui posteriores, felicissimamente os reviveu o nosso grande e incomparavel Tolentino na Satyra, e no tão faceto e delicadissimo seu proprio e privativo genero da poesia *de sociedade*.

A nossa poesia primitiva e eminentemente nacional, a que do principio, e, para assim dizer, do primeiro balbuciar da nossa lingua, nos foi commum com todos os outros povos que mais ou menos tiveram communhão com a lingua provençal, primeira culta da Europa, depois da invasão septemtrional, foi seguramente o romance historico e cavalheresco, ingenua e ruda expressão do enthusiasmo de um povo guerreiro. Logo vieram esses trovadores de Provença e nos ensinaram modos mais cultos porém menos originaes e menos cunhados do sêllo popular: era coisa mais de côrte. E como tal não pode absorver, senão modificar, o que brotara espontaneamente do natural da terra. Mas as duas feições ficaram ambas, e deram assim á poesia portugueza um caracter talvez unico no mundo, — nas Hespanhas decerto.

Em geral a poesia da Meia-Edade, singela, romanesca, apaixonada, de uma especie lyrica-romantica que não tem typo nos poetas antigos, comquanto deixou seu cunho impressos no caracter das linguas e poesias modernas de todo o sul e occidente da Europa, não teve comtudo imitadores nem se cultivou e aperfeiçôou nunca mais, quasi desde o completo triumpho dos classicos, senão agora recentemente depois que as balladas de Bürger, os romances poeticos de sir W. Scott e alguns outros ensaios inglezes e allemães, mas principalmente os do famoso escocez, introduziram este gosto e o fizeram *da moda*. Fatigados do grego e romano em architecturas e pinturas, começamos a olhar para as bellezas Westminster e da Batalha; e o appetite embotado da regular formosuraa dos Pantheons e Acropolis, começou, por variar, a inclinar-se para as menos classicas porém não menos lindas nem menos elegantes fórmas da architectura e da esculptura gothica.

Succedeu exactamente o mesmo com a poesia; enfastiados dos Olympos e Gnidos, saciados das Venus e Apollos de nossos paes e avó, lembrámo-nos de vêr com que maravilhoso enfeitavam suas ficções e seus quadros poeticos nossos bis e tres-avós; achámos fadas e genios, encantos e duendes, — um estylo differente, outra face de coisas, outro modo de vêr, de sentir, de pintar, mais livre, mais excentrico, mais de phantasia, mais irregular, porém em muitas coisas mais natural. O antiquado agradou por novo, o obsoleto entrou em moda: arte mais fina, gosto mais delicado e de engenhos mais cultos o soube empregar habilmente, «declarar n'outra civilisação.» A poesia romantica, a poesia primitiva, a nossa propria que não herdámos de Gregos nem Romanos, nem imitámos de ninguem, mas que nós modernos creámos, a abandonada poesia nacional das nações vivas resuscitou bella e remoçada, com suas antigas galas porém melhor talhadas, com suas feições primeiras porém mais compostas. E' a mesma selvatica, ingenua, caprichosa e aéria virgem das montanhas que se appraz nas solidões incultas, que vae pelos campos allumiados do pallido reflexo da lua, envolta em véos de transparente alvura, folga no vago e na incerteza das côres indistinctas que nem occulta nem patenteia o astro da noite; — a mesma beldade mysteriosa que frequenta as ruinas do castello abandonado, da torre deserta, do claustro coberto de hera e musgo, e folga de cantar suas endeichas desgarradas á bocca de cavernas fadadas — por noite morta e horas aziagas. E' a mesma sem duvida: porém o gosto mais puro e fino de seus adoradores, sem alterar a liturgia, modificou os ritos e os accommodou para espiritos e ouvidos costumados aos hymnos, menos variados porém mais cadentes, da antiguidade classica. Não ficou menos natural nem menos nacional, porém muito mais amavel e encantadora a nossa poesia primitiva assim resuscitada agora.

Muito antes do nomeado escocez já tinha havido tentativas para nacionalizar a poesia moderna e a libertar do jugo da theogonia de Hesiodo: — mas a propria e verdadeira restauração da poesia dos trovadores e menestreis, sem questão nem disputa só W. Scott a fez popular e geral na Europa. — Com ella se restauraram tambem os metros simples e curtos que mais naturaes são ao estylo cantavel, essencial ás composições d'aquelle genero.

Depois de muitas tentativas, de exame longo e reflectido, eu por mim convenci-me de que o metro proprio e natural de nossa lingua para este genero de poesia, e para tôdos os generos populares, não era o endecasyllabo, o que dizemos vulgarmente heroico. Os portuguezes são uma nação poetica, a sua lingua naturalmente se presta e espontanea se offerece ás fórmas e cadencias metricas; os nossos mais rudos camponezes improvisam em seus serões e festas com

uma facilidade que deve de espantar os estrangeiros: mas observa-se que o metro d'estes improvisos é sempre sem excepção alguma, o de redondilha de oito syllabas, rara vez o da endecha; acaso farão os versos compostos visivelmente de dois metros, isto é, os alexandrinos ou ditos de arte maior. A causa é óbvia; aquella é a medição mais natural que lhe offerece a musica da lingua.

Entre as canções antiquissimas conservadas nos dois *Cancioneiros* o do *Collegio dos Nobres* (impresso por sir Charles Stuart em Paris) e o de Resende, ha muita variedade de metros; mas outras poesias mais antigas, os romances populares ou *xácaras*, que por tradição immemorial se conservam entre o povo, principalmente nas aldeias, todos são no metro octosyllabo ou em endechas. Logo direi aqui alguma coisa mais de vagar sobre estas curiosissimas, e tam desprezadas mas tam interessantes, reliquias da nossa archeologia.

O genero romantico não é coisa nova para nós. Não falo em relação aos primeiros seculos da monarchia: restam-nos ainda *specimens* das Canções que não serão talvez de Gonçalo Hermigues, de Egas Moniz, d'elrei D. Pedro Cru, mas são antiquissimos documentos de certo. As trovas dos *Figueiredos*, apezar do tam suspeito testimunho de Fr. Bernardo de Brito, creio, por convicção intima, que são das mais antigas composições poeticas da lingua que chegaram até nós. Não alludo porém a epocas tão remotas e incultas. Depois de introduzido o gosto classico por Sá Miranda, e Ferreira principalmente, depois de esquecidas as graças singelas de Bernardim Ribeiro pelos mais ataviados primores de Camões e Bernardes, ainda então houve quem de vez em quando deixasse a lyra de Horacio e a frauta de Theocrito para tocar o alahude romantico dos menestreis. O proprio auctor dos *Lusiadas* nas canções, que, depois d'aquella, são sua melhor composição, para meu gosto, n'essas canções tam bellas e tam profundamente sentidas, tão repassadas de melancholia suavissima, em alguns episodios dos mesmos *Lusiadas*, foi todo romantico, e felicissimamente o foi. Francisco Rodrigues Lobo, segundo já observei, em muitas das pequenas peças que se encontram dispersas pelo *Pastor peregrino*, pela *Primavera* e nos seus romances mouriscos e historicos, é eminentemente romantico. Tal é Jeronymo Cortereal no *Naufragio de Sepulveda*, quando o deixam com a natureza e lhe permittem ter *senso commum* as loucuras mythologicas com que perdeu tam bem escolhido assumpto, tam bellas scenas.

Deixando outros muitos, dos quaes o menor exame facilmente mostrará o mesmo, citarei aquelle romancesinho de *Gaia* e do *Rei Ramiro*, que V. descobriu em Londres com o precioso achado dos papeis e livros do nosso infeliz Oliveira.

Depois que, na extinção dos Jesuitas, e pelos esforços da benemerita Arcadia se restauraram as bellas lettras e a lingua, e o verdadeiro gosto poetico affugentou os *Acrostichos* e os *Labyrintos* seiscentistas, o genero classico resuscitou mais puro e tam bello nas odes do elegante e puro Garção, do altisonante Diniz, do sublime Filinto, do numeroso Bocage, do classico Ribeiro dos Santos, do ingenuo Maximiano Torres, do galantissimo Tolentino, do philosopho Caldas, mas o genero romantico injustamente envolvido na proscripção do seiscentismo, esse desprezado e perseguido, ninguem curou d'elle, julgaram-n'o sem o entender, condemnaram-n'o sem o ouvir.

No meu poemasinho do *Camões* aventurei alguns toques, alguns longes de estylo e pensamentos, annunciei, para assim dizer a possibilidade da restauração d'este genero que tanto tem disputado na Europa litteraria com aquell'outro, e que hoje coroado dos louros de Scott, de Byron e de Lamartine vae de par com elle, e não direi vencedor, mas tambem não vencido.

Dona Branca, essa mais decididamente entrou na lice, e com o alahude do trovador desafiou a lyra dos vates; outros dirão, não eu, se com feliz ou infeliz successo.

Não é portanto, em nenhum sentido, novo hoje para a litteratura portugueza o genero romantico, nem me appresento agora com este meu romancesinho ao publico portuguez a pedir privilegio de invenção ou patente de introducção. Se reclamo aqui prioridade é sómente em ter instaurado as antigas e primitivas fórmas metricas da lingua em uma especie de poesia que tambem foi a primitiva sua, e ao menos a mais antiga de que tradição nos chegou.

De pequeno me lembra que tinha um prazer extremo de ouvir uma criada nossa em torno da qual nos reuniamos nós os pequenos todos da casa, nas longas noites de inverno, recitar-nos meio cantadas, meio rezadas, estas xácaras e romances populares de maravilhas e encantamentos, de lindas princezas, de galantes e esforçados cavalleiros. A monotonia do canto, a singeleza da phrase, um não sei que de sentimental e terno e mavioso, tudo me fazia tam profunda impressão e me enlevava os sentidos em tal estado de suavidade melancholica, que ainda hoje me lembram como presentes aquellas horas de goso innocente, com uma sau-

dade que me dá pena e prazer ao mesmo tempo.[1]

Veiu outra edade, outros pensamentos, occupações, estudos, livros, prazeres, desgostos, afflicções — tudo o que compõe a variada teia da vida, — e da minha tam trabalhosa e trabalhada vida! — tudo isso passou; e no meio de tudo isso, lá vinha de vez em quando uma hora de solidão e de repouso — e as noites de minha infancia e os romances incultos e populares da minha terra a lembrarem-me, a lembrarem-me sempre.

Lendo depois os poemas de Walter Scott ou, mais exactamente, suas novellas poeticas, as *Ballads* allemãs de Bürger, as inglezas de Burns, comecei a pensar que aquellas rudes e antiquissimas rapsodias nossas continham um fundo de excellente e lindissima poesia nacional, e que podiam e deviam ser aproveitadas.

Em Paris fui ver o *Cancioneiro do Collegio dos Nobres* na defeituosa edição de sir Charles Stuart; depois voltando a Portugal tornei a percorrer o de Resende: no primeiro nada, no segundo pouco achei do romance historico ou narrativo. D'esta ultima especie não ha impresso mais que esses duvidosos fragmentos conservados por Fr. Bernardo de Brito e por Miguel Leitão.

Recorri á tradição: estava então eu fóra de Portugal: estimulava me a leitura dos muitos ensaios estrangeiros que n'esse genero iam apparecendo todos os dias em Inglaterra e França, mas principalmente em Allemanha. Uma estimavel e joven senhora de minha particular amizade — a quem por agradecida retribuição é dirigida a introducção do presente romance — foi quem se incumbiu de me procurar em Portugal algumas cópias das xácaras e lendas populares.

Depois de muitos trabalhos e indagações, de conferir e estudar muita cópia barbara, que a grande custo se arrancou á ignorancia e acanhamento de *amas sêccas* e lavadeiras e saloias velhas, hoje principaes depositarias d'esta archeologia nacional, — galantes cofres, em que para descobrir pouco que seja é necessario esgravatar como o *pullus gallinaceus* de Phedro,— alguma coisa se poude obter, informe e mutilada pela rudeza das mãos e memorias por onde passou; mas emfim era alguma coisa, e forçoso foi contentar-me com o pouco que me davam e que tanto custou.

Assim consegui umas quinze rhapsodias, ou, mais propriamente, fragmentos de romances e xácaras que em geral são visivelmente do mesmo estylo, mas de conhecida differença em antiguidade, todavia remotissima em todos. Comecei a arranjar e a vestir alguns com que engracei mais: e para lhe dar amostra do modo por que o fiz, adeante copio um dos mais curiosos,[1] ainda que não dos menos estropeados, e com elle o restaurado ou recomposto por mim, o melhor que pude e soube sem alterar o fundo da historia e conservando, quanto era possivel, o tom e estylo de melancholia e sensibilidade que faz o principal e peculiar caracter d'estas peças.

A minha primeira idéa foi fazer uma collecção dos romances assim reconstruidos e ornados com os enfeites singelos porém mais symetricos da moderna poesia romantica, e publicál a com o titulo de *Romanceiro portuguez*, ou outro que tal, para conservar um monumento de antiguidade litteraria tão interessante, e de que talvez só a lingua portugueza, entre as cultas da Europa, careça ainda; porque de quasi todas sei, e de todas creio, que se não póde dizer tal.[2]

Mas sobreveiu tanta interrupção, tanta distração de tão variado genero, mortificações, cuidados, trabalhos mais serios: emfim desisti da empreza.

Já tinha decorrido muito tempo, e voltado eu a Portugal, lembrando-me sempre de vez em quando este empenho tão antigo e tão fixo; e a occasião a fugir-me. Uma circumstancia fatal e terrivel me fez voltar ás minhas queridas antigualhas. Lançado n'uma prisão pela maior e mais patente injustiça que jámais se ouviu,[3] voltei me, para occupar minha solidão e distrahir as amarguras do espirito, aos meus romances populares, que sempre commigo têm andado, como uma preciosidade, que bem sei não avalia ninguem mais, de que muita gente rirá, mas que eu aprecio, e me ponho ás vezes a contemplar, e a estudar como um antiquario fanatico a quem se vão as horas e os dias deante d'um tronco de estatua, d'um capitel de columna, d'um pedaço de vaso etrusco, d'um bronze já carcomido e informe, desenterrado das ruinas de Pompeia ou de Herculano. Mas quantos Davids e Canovas não faz, quantos Raphaeis e Miguel Angelos não

[1] Sr. Duque de Ribas, bem conhecido na Europa hoje, tomou para epigraphe do seu *Moro esposito* este paragrapho da presente carta: não me desvanece por mim; mas dá-me gosto que precedessemos os nossos vizinhos na restauração da poesia popular das Hespanhas. *Ed. de 1843.*

[1] E' o do *Bernal Francez*, n'este vol.

[2] E' o pensamento que agora se realiza.

[3] O auctor esteve por espaço de tres mezes preso sem mais pretexto que o de ter tido parte em uma publicação censurada e impressa com todas as licenças necessarias. Não foi preso o censor, nem prohibida a publicação, nem no fim de tres mezes se achou materia de culpa! *Ed. de* 1828.— O jornal era o *Portuguez*, cuja moderação em doutrina, e urbanidade em estylo ainda não foram imitadas. *Ed. de* 1843.

fez o estudo d'esses fragmentos que despreza porque mais não entende o vulgo ignorante!

Assim passei muitas horas de minha longa e amofinada prisão, suavisando maguas e distrahindo pensamentos. — Tinha eu começado a ageitar outro romance que originalmente se intitula *A Silvana*, cujo assumpto notavel e horroroso exigia summa delicadeza para se tornar capaz de ser lido sem repugnancia ou indecencia. Era nada menos que uma nova Myrrha, ou antes o inverso da tragica, interessante, mas abominosa historia da mythologia grega; é um pae namorado de sua propria filha! — A filha joven, bella, virtuosa, santa emfim. — A difficuldade do assumpto irritou o desejo de luctar com ella e vencêl-a se possivel fosse. Dava larga o tempo, pedia extensão a natureza dos obstaculos; o que fôra começado para uma xácara, para uma cantiga, ou, como lhe chamam Allemães e Inglezes para uma *ballada*, sahiu um poemeto de quatro cantos, pequenos sim, porém muito maiores do que eu pensei que fossem, e do que geralmente são taes coisas. Mudei-lhe o titulo e chamei-lhe *Adozinda*, que sôa melhor e é portuguez mais antigo. O fundo da historia, as circumstancias do desfecho d'ella são conservadas do original; o ornato, o mechanismo do maravilhoso é outro mas accommodado, creio eu, ao genero e á indole do assumpto.

Mando-lhe aqui tambem uma cópia do romance original para vêr e combinar. E' dos mais mutilados e desfigurados, mas certamente dos que têm mais visiveis signaes de vetustade quasi immemorial.[1]

Ora eis aqui, meu amigo, a historia e origem da minha *Adozinda*, gerada no exilio, nascida entre sustos, criada na miseria e padecimentos de uma prisão. Entre tudo o que tenho rabiscado de prosas e versos este romancesinho é a composição minha a que tenho mais amor pelas memorias que me lembra, pelas affecções que me desperta.—Que de coisas passaram por mim durante o tempo que o compuz, os intervallos tão longos em que o deixei! — até o nascimento e a morte de uma filha unica, tão querida e para sempre chorada!...

Adeus, meu amigo: não sei o que ahi vae escripto, nem como. São idéas sem nexo, pensamentos desatados, coisas á tôa como o espirito de quem as escreve. Leia as assim, e assim se imprimam se porventura estão em termos d'isso, — do que muito duvido, porque eu por mim, nem que me dessem os louros de Camões, ou me fizessem apotheoses como a Homero, me punha a corrigir, nem sequer a revêr o que ahi vae escripto, quer prosa quer versos.[2]

Londres, 14 d'agosto de 1828.

[1] E' a *Sylvaninha*, n'este volume.

[2] Corrigiu-se comtudo agora esta carta para a presente reimpressão, porque escripta muito á pressa em Londres logo ao chegar de Portugal, não tinha agora essa desculpa, que então podia valer. *Ed. de 1843.*

A ELYSA

Campolide, 11 d'Agosto de 1827.

> Thus, while I ape the measure wild,
> Of tales that charmed me yet a child,
> Rude though they be, still with the chime
> Return the thoughts of early time;
> And feelings, roused in life's first day
> Glow in the line, and prompt the lay.
>
> WALTER SCOTT.

CAMPO da lide é este; aqui lidaram,
Elysa, os nossos quando os nossos eram
Lidadores por glória,—aqui prostraram
Soberbas castelhanas, e—venceram;
Que pelo rei e patria combatendo
Nunca foram vencidos Portuguezes.
—Este terreno é santo: inda estás vendo
Alli aquelles restos mal poupados [1]
Do tempo esquecedor,
Dos homens deslembrados;
Nobres reliquias são d'altas muralhas
Forradas já de lucidos arnezes,
De tresdobradas malhas.
Talvez fluctuava alli n'aquelle canto,
Soberbo e vencedor
Das Quinas o pendão victorioso;
E juntos ao redor
D'esse paladio augusto e sacrosancto,
Invencivel trincheira lhe faziam
Toda a flor dos mais nobres e esforçados;
Que á voz da patria (voz que nunca ouviam
Sem sentir redobrados
Do nobre coração os movimentos)
Heroes são todos, facil a victoria,
Faceis as palmas que lh'enfeixa a gloria.

Ah!—paremos aqui:—vê quaes na frente
As arterias violentas me rebatem:
Febril, descompassado corre e ardente
E me angustia o sangue...—Ah! sim paremos
Aqui... Não, aqui não; esse outeirinho
Depressa o desceremos.
Faz-me bem esta vista:—essas arcadas [2]
Soberbas, elevadas,
Que uniram monte a monte e serra a serra,
Acaso não serão
Tam illustres talvez,—não lembram guerra,
Gloria não lembram; nem com sangue livido
A morte da victoria companheira
Para o erguido padrão
O cimento amassou.
Um rei que amou as artes, rei pacifico,
A quem amor fadou
Que se eu fôsse e das musas,—que fugidas
Da patria ha tanto, á patria as volveria;
Do povo á utilidade
Este sublime monumento erguia
Para a posteridade
Isto só lhe apurou o nome e a gloria,
E lhe ganhou as paginas da historia

Inda é muita oppressão; inda me acanha
Tanta arte humana o coração no peito.
Tam grandes massas, fabrica tamanha,
Absorto deixarão—mas satisfeito
O ânimo, os sentidos? .. Não, Elysa,
Não satisfaz ao homem a arte humana:
Por mais que ella se uffana,
Que aos abysmos o centro opprime e pisa
C'os fundamentos de eternaes pyramides,
Ou c'os erguidos vertices
A's nuvens rasga o seio tempestuoso.
Nem assim:—á tristeza ou á alegria,
E áquelle estado de ineffavel gôso
Que entre a dor e o prazer a alma suspende
Brandamente e se diz *melancholia*,
Oh! nada d'isso o excita.
Oh! nada d'isso o coração entende!
Oh! nada d'isso o espirito nos move
Se a natureza, a pura natureza
Por sua ingenua attracção nos não commove.
Posso admirar o homem e a grandeza
De suas nobres feituras,
Mas sómente admirar;
Mais não póde excitar
Mesquinha creação de creaturas.

Vamos por essa encosta
Subindo—Eu gosto do alto das montanhas,
Dos picos das erguidas serranias,
O avaro á terra mãe abra as entranhas,
Cave oiro e crimes, com que encurte os dias
Seus e dos seus, e a sombra da virtude
Acabe de varrer da face d'ella.
Mas o que, em paz commigo e co'a existencia,
inda ama a innocencia,
Inda se apraz co'a natureza bella,
A seus quadros sorri, com seus dons gosa,
Oh! esse venha ao cume do alto monte,
Venha estender a vista saudosa
Pelo valle que á falda lhe verdeja,
A messe que loureja,
E a despenhada fonte
Que vae garrula e trepida saltando
Té que se junta em cava pederneira.
D'onde sae, o arco d'Iris imitando
Na espadana da férvida cachoeira.
Venha na solidão—e o só dos montes
É mais só que nenhum,—o silencioso
Mais augusto, solemne e magestoso!
Venha na solidão
Comsigo conversar, fallar um'hora
Com o seu coração.
—Quantos ha que annos longos hão vivido
C'os outros sempre, sempre c'os de fóra

[1] Ruinas de fortificações antigas em Campolide. V. nota no fim.
[2] Aqueducto das Aguas livres. V. notas no fim.

Sem viverem comsigo nem um dia,
Nem um momento só!
Tenhamos d'elles dó;
Viver não.. têem apenas existido.
Tua meiga companhia
É doce, Elysa; e sempre na minha alma
Foi teu brando fallar — e quantas vezes! —
Celeste orvalho que abrandou a calma
De paixões, que adoçou o agro a revezes:
Porêm a minha solidão querida,
De vez em quando, lá quando alma o pede,
Oh! não m'a tirem que é tirar-me a vida.
Agora conversemos: eu ignoro
A arte das vans palavras que bem sôam;
Oiço-as, e não demoro
No ouvido os sons que de per si se escôam.
O sol declina; — temos largamente
Hoje philosophado.
Na viva flor da edade e da saude
Nem de todos sería accreditado
Que tam suavemente
Em austeras conversas de virtude
Nos fôsse o tempo. — Crê-me, Elysa amavel,
Tem muito mais prazeres a amizade
E mais doces que amor:
Para tados os sexos, toda a edade,
Em todo o tempo a mesma, sempre affavel,
Sem o cancro roedor
Do ciume voraz que no mais puro
D'amor, no mais seguro
Suas raizes venenosas lança,
E co'a mais branda flor
Seus mordentes espinhos lhe entrança.

Detestemos, Elysa, essa funesta
Paixão brutal que a tudo e em tudo damna,
Da virtude a tyranna:
Não nos illuda a tam commum cegueira;
Detesta o crime quem amor detesta.
Crimes! — vê a amizade prazenteira,
Que nenhuns tem; — e amor, ai! quantos, quantos?
Honras perdidas, thalamos violados,
Os vinculos mais santos
Dos homens e de Deus, da natureza,
Da propria natureza — espedaçados
Por esse amor, que sua tocha accesa
Do vivo fogo traz do averno immundo
Para de crimes abrazar o mundo.

Honesto, justo, santo, consagrado,
Nada respeita: — o sangue, o altar em meio
De seus desejos não é termo ou freio,
Não ha pomo vedado
No Eden da virtude
Que a mão perversa e rude
Tocar não ouse, — árvore da vida
Que dos gryphos mordida,
Em peçonha de morte não converta,
E a seiva salutar já corrompida
Em lethal beneficio não perverta.
Lembra-te aquella historia
Que ingenuo o povo em seus trabalhos canta,
E de longa memoria
Entre elles perpetuada,
É singella legenda de uma santa,
Que por brutal amor sacrificada,
Desvalida virtude,
Só do crime escapou no seio á morte?
Eu a canção magoada
Em verso menos rude,
Mais moldado verti, dei novo córte
Ao vestido antiquissimo, á simpleza
Que ha seculos lhe deu
De nossos bons maiores a rudeza.
— Sereno está o céu,
Tranquillo o vento, a calma descahida;
E, pois que não te enfada
A singella toada
Do bardo alahude que sem arte sôa
E a rima desgarrada
Da popular canção rustico entôa,—
Aqui t'a cantarei; ouve: e se ao pranto
Te commover a saudosa endecha,
Na selvagem bonina,
Na campainha agreste d'esse mato
Arrociál-o deixa;
São lagrimas sinceras, propria fonte
Para regar as innocentes flores
Que arte não sabem nem conhecem arte;
Flores como os meus versos não variados
De refinadas côres,
Em que alma só e coração tem parte,
Não por classica musica mudulados
Ao graduado som de grega lyra,
De cithara romana.
A minha é melodia que só mana
Dos intimos accordes só do peito;
Nem ha corda que fira
Em meu alahude rustico
Tom menos natural, mais contrafeito.

Em soberbos canaes, alto empedrados
Por engenhoso hydraulico,
Vão d'arte subjugados
Os caudaes da torrente conduzindo
Riquezas de preciosa mercancia:
E o arroio, que serpeia entre pedrinhas
Pela relva macia,
Bordado em tôrno sinuosamente,
Que póde elle levar
Em sua doce e trépida corrente?
— Alguma folha de silvestre rosa
Que, ingenua divagando
Pastorinha formosa
Lhe foi acaso á margem desfolhando.

ADOZINDA

CANTIGA PRIMEIRA

> No, I'll not weep:
> I have full cause of weeping; but this heart
> Shall break into an hundred thousand flaws
> Or ere I'll weep.
>
> SHAKSPEARE

I

Onde vás tam alva e linda,
Mas tam triste e pensativa
Pura, celeste Adozinda,
Da côr da singela rosa
Que nasceu ao-pé do rio?
Tam ingenua, tam formosa
Como a flor, das flores brio
Que em serena madrugada
Abre o seio descuidada
A doce manhan d'Abril!
— Roupas de seda que leva
Alvas de neve, que céga
Como os picos do Gerez
Quando em Janeiro lhe neva.
Cinto côr de violeta
Que á sombra desabrochou;
Cintura mais delicada
Nunca outro cinto apertou.
Anneis louros do cabello
Como o sol resplendecentes
Folgam soltos; dá-lh'o vento,
Dá no véo ligeiro e bello,
Véo por suas mãos bordado,
De um santo ermitão fadado
Que vinha da Palestina;
Passou pelo povoado,
Foi-se direito ao castello
Pediu pousada, e lh'a deram
Porque intercede a menina:
Que o pae soberbo e descrido,
—N'essa gente peregrina,
Disse, quem sabe o que vem?—
Mas pede Adozinda bella,
Tam virtude e formosura,
Quem lh'o hade negar a ella?
Não póde o pae nem ninguem.

II

Mas o outro dia, á luz nada
Houve quem visse Adozinda
Debruçada em seu balcão
Haver pratica alongada
Co'aquelle velho ermitão
Quem sabe o que lhe elle disse?
Ninguem no castello ouviu:
Mas d'aquella occasião,
A alegria lhe fugiu
Dos olhos e do semblante:
Ficou triste, sempre triste;
Mas em seu rosto divino
Fez-se formosa a tristeza.
Como olhos d'amor quebrados
Disseras os olhos d'ella;
Mas não tem d'amor cuidados,
Que a ninguem conhece a bella.

III

Qual semente arrebatada
Da flor de vergel mimoso
Pelos furacões do outomno,
Vae no encôsto pedregoso
Cahir de serra escalvada;
Vem Abril, e a seu bafejo
Brota e nasce a linda flor,
De ninguem vista ou sabida,
Nem de damas cubiçada
Nem de pastores colhida,
E o vento da solidão
Lhe bebe o perfume em vão.

IV

Quinze annos tem Adozinda;
E desd'a vez que o romeiro
Do saio pardo e grosseiro
Lhe fallou ao seu balcão,
Faz trez para o San-João.

V

E Adozinda sempre triste
Vae sósinha pelo eirado,
Pelo jardim, pelo prado;
Nem já a divertem flores
Em que punha o seu cuidado
Pelos sombrios verdores
De sua espessa coutada
Vaga á tôa e derramada,
Como a novilha perdida,
Como a ovelha desgarrada

A quem o tenro filhinho
Lobo do mato levou:
— Desfaz-se a mãe em balidos,
Que de ninguem são ouvidos,
E o filhinho não tornou!

VI

Que tem Adozinda bella
Que em tal desconsôlo a traz?
Serão saudades do pae
Que anda co'os Mouros á guerra
Por defender sua terra
Mais a santa lei de Deus?
Tres annos ha que se foi;
E dois filhos que levou,
A cada qual sua espada
Com juramento entregou
De lh'a tornarem lavada
No sangue mouro descrido:
E assim cada um jurou.
Fizeram gente em suas villas,
(Que preito muitas lhe dão)
E guiaram seu pendão
Para terras de Moirama.
Já vejo chorar donzellas,
Vejo carpir muita dama,
Que onde chega Dom Sisnando,
Com sua espada portugueza,
Não ha lanças nem rodellas
Que sirvam para defesa.

VII

Mas não são do pae saudades,
Que sempre a lidar com armas
Como ellas duro se fez;
Mais lhe importam do que a filha
Seus ginetes, seu arnez.
E até—quem diria tal!—
Quando a mãe, por divertil-a,
Lhe fala do pae ausente
E lhe diz que hade voltar,
Parece que se lhe sente
O coração apertar
Suspira em silencio Auzenda,
Auzenda tam bella ainda
Que ao-pé da bella Adozinda
Mais irman que mãe parece
De filha tam môça e linda.
Suspira em silencio a triste,
Porque suspira não diz:
—Filha amante de seu pae
Conceder-me o céu não quiz!»
Ai! que sem razão se chora!
Ai! Auzenda malfadada,
Tem de vir minguada hora
Que á filhinha desgraçada
Darás mais razão que agora.

VIII

Que tropel que vae nos paços
De Landim ao-pé dos rios!
Sons de festa e sons de guerra
Em seus muros e alta tôrre?
Geme a ponte, treme a terra
C'o peso de homens armados.
Cavallos acobertados
Trotam ligeiros;—e corre
O alferes que tremulando
Vae guião de roxa cruz...
Já chegado é Dom Sisnando.

Entre os cavalleiros todos
Sua armadura reluz:
E o pennacho fluctuante
Das plumas alvas de neve
Sobre o elmo rutilante
De longe a vista percebe.

IX

—«Portas do castello, abri-vos,
Correi, pagens e donzellas,
Que é chegado meu senhor,
Meu esposo e meu amor!»
Auzenda bradava e corre.
Portas se abrem, sôam vivas,
E o ecco da antiga torre
Com o som festivo acordou.
«Viva, viva Dom Sisnando!»
E o tropel que dobra e cresce,
E ás portas que chega o bando
Dos guerreiros triumphantes.
Do corcel soberbo desce
E aos braços anhelantes
Da cara esposa vôou.
Doce amor que os apertou
Não lhes deixou mais sentidos
Que para se vêr unidos,
Ajuntar-se peito a peito,
E em laço tam brando e estreito
Longa saudade afogar.
A Auzenda goteja o pranto,
Pranto que é todo alegria;
E o rosto que nunca enfia
Do esforçado lidador.
Tambem sentiu—mais que a dor
Póde o gôso!—descuidada
Uma lagrima sensivel
De seus olhos escapada.

X

Mas as lagrimas de gôsto,
Como as de magoa, têem fim,
Dom Sisnando enchuga o rosto,
E tomando a mão á esposa:
—D'onde vem, lhe diz, senhora,
Que a joia mais preciosa
Não vejo d'estes meus paços,
D'onde vem que aos meus braços
Minha filha?...—A filha bella,
Pasmada, trémula, a um lado,
O rosto ao chão inclinado,
Parecia humilde estrella
Que ao primeiro raio vivo
Do sol que no alvor reluz
Não fica, não, menos bella,
Porém pállida e sem luz.

XI

Tres annos já são passados
Que Dom Sisnando a não via,
N'essa joven, linda dama
Sua filha não conhecia.
—«Eil-a aqui, senhor,» dizia
A mãe, que d'um braço a trava,
«Eil-a aqui»—Os olhos crava
O pae na formosa filha,
E de assombro e maravilha
Mudo, extatico ficou
Córa Adozinda, suspira,
E «Pae!» disse em voz tremente
Submissa...; languidamente

Ajoelha, osculo frio
Na paterna mão imprime:
Pranto que até'lli reprime,
Corre agora em sôlto rio.
—«Que tens tu, filha querida,
Que assim choras tam carpida?
É teu pae, que hade querer-te,
Que hade amar-te como eu te amo.»
E tomou a nos seus braços,
E a levanta Auzenda bella.
Pasma o pae, suspira ella;
E a custo os doces abraços
De pae, de filha se deram.

XII

Pouco alegre a companhia
Entrou nos paços brilhantes;
E os atabales soantes
Pregoaram festa e alegria
No castello de Landim.

CANTIGA SEGUNDA

But yet thou art my flesh, my blood, my daughter.
SHAKSPEARE.

I

Oh! que alegrias que vão
Pelos paços de Landim!
Que magnificos banquetes
Que sumptuoso festim!
Junto ao valente campeão,
A' cabeceira da mesa
Ficou a bella Adozinda.
A tam celeste belleza
Estão todos admirando;
E o embevecido Sisnando
Não se farta de abraçal-a,
De beijar filha tam linda.
Auzenda de gosto chora,
E abençôa a feliz hora
Em que tanto amor nasceu.
—«Inda bem» diz «que a rudeza
De tanto lidar com armas
A' innocencia, á belleza
Da amada filha cedeu!»
Ella ás caricias paternas
Já não ousa de esquivar-se,
Córa, mas deixa abraçar-se;
Vê-se que tantos affagos
A repugnancia venceram
Da timidez natural,
Ou, se outra causa fatal,
Mais encuberta ella tinha...
Ao menos lh'a adormeceram.

II

Já de exquisitos manjares
Os convivas saciados,
De folias e cantares
Pagens, donzellas cansados,
E dos brindes amiudados
Finda a primeira alegria,
Doce repoiso pedia
Quanto esta noite em Landim
Velou em baile e festim.
A seus nobres aposentos
Adozinda retirada,
Com permissão outorgada
A custo — do pae, se foi.
Auzenda, em grave cortêjo
De suas damas rodeada
Deixou ha muito o festêjo,
E em seu camarim deitada
Espera o momento anciosa
Em que a sós a amante e a espôsa
Nos braços de Dom Sisnando
Se hão de em breve confundir.

III

Como um tapete mimoso,
Junto ao paço de Landim
Se estende jardim formoso,
De boninas arrelvado
Da verde gramma e de flores:
Remata em bosque frondoso
Cujos opacos verdores
Eternas sombras accoitam
De pesados sentimentos
Oppresso o peito fremente,
A respirar livremente
O ár puro da noite fria
Entrou insensivelmente
Dom Sisnando em seu vergel
Jámais tam rico docel
De azul bordado de estrellas
Se estendeu por sobre a terra
Do estio nas noites bellas

IV

Alta a lua vae no céu,
E as sombras leves e raras
Não impedem ás florinhas,
Não tolhem ás aguas claras
De brilhar co'a luz nocturna,
Menos resplendente e fúlgida,
Porém mais suave e placida,
Mais amavel que a diurna.
Manso o vento, que murmura
Entre as folhas brandamente,
Convida suavemente
A respirar, a bebêl-a,
Essa fresca viração,
Das flores exhalação,
Tam doce como o bafejo
De dois amantes queridos
Quando por amor unidos
Se dão mútuo e doce beijo.

V

Na feiticeira belleza
Da noite, do céu, das flores
Varias de aroma e de côres,
Sisnando todo embebido,
No seio da natureza
Do resto do orbe esquecido,
Pouco a pouco a agitação
D'alma lhe foi abrandando,
E o pesado coração

Do affôgo desapertando:
Já póde gemer,—suspira,
E como que se lhe tira
Um pêso de sobre o peito,
Que a suspirar foi desfeito.

VI

Porque geme, porque anceia
Dom Sisnando, o lidador?
Sisnando, o triumphador,
Cujo alto pendão campeia
Victorioso e senhor
Por tanta soberba ameia
De nunca entrado castello,
De jámais vencida tôrre!
—Dor que lhe nasce no peito
É dor que no peito morre;
Ancia que lhe rala a vida
Não é para ser sabida.
—E desde quando? ha tam pouco
Feliz e ditoso ainda,
Com tanta alegria e júbilo
Festejada sua vinda!...
Vassallos, espôsa, filha...
Filha!... A filha é tam formosa!
Oh! essa Adozinda bella
Nos olhos encantadores
Tem com que matar de amores
A metade dos humanos!
Não, não é peito sensivel
Peito que lhe resistir:
Mas o pae! não é possivel.

VII

Não é, não é.—Mas Sisnando,
Sem saber onde caminha,
Melancholico e pesado,
Insensivel foi entrando
Pelo bosque emaranhado
Que ao jardim avisinha:
E o silencio, que o seguiu,
Que no espêsso coito habita,
Nem um verde ramo agita,
Nem uma folha buliu.
A' toa por entre as árvores
Sem seguir carreiro ou trilho,
Nem guiado de um só brilho
De froixa estrella que entrasse
Por tam medonha espessura,
Ora lento e vagaroso,
Ora os passos apressura,
Já por caminho fragoso,
Já por vereda macia,
Té que n'um claro onde os troncos
Escaceiam de repente,
E onde pallido e tremente
Seu reflexo a lua enfia,
Sem o saber, foi parar.

VIII

Agreste, não feio é o sitio,
Medonho, horrivel de vêr;
Porém tem a natureza
Horrores que são belleza,
Tristezas que dão prazer,
Mão d'arte alli não chegou;
A virginal aspereza
Ficou em toda a rudeza
Que a creação lhe deixou.
De um lado, choupos anciãos
Seus ramos lubregos pendem,
E o vivo seixo fendem
Crêspas raizes nodosas
Das sovereiras annosas
Que as cortiças remendadas
Têem dos estios lascadas
A pedaços a cahir.
Do outro, altivos rochedos,
Como do céu pendurados,
Diffundem pallidos medos
Que em funda gruta accoitados
De espectros a povoaram.
—Dil-o toda a vizinhança,
Que, ou são sombras de finados,
Ou de negras bruxas más
Alli ha nocturna dansa.
Redobra do sitio o pavor
Um jorro alto que despenha
Saltando de penha em penha,
E os eccos em deredor
Vae temeroso acordando.
Este unico som de horror
A' callada solidão
Da mudez quebra o condão.
Sisnando, o ardido Sisnando,
O do forte coração,
Sentiu sossobrar-lhe o animo:
Uma voz dentro do peito
Lhe diz que não passe ávante;
Mas outra voz mais possante,
Outra voz que é voz do fado,
Voz que ao mortal desgraçado
Não deixa força ou razão,
Lhe brada: *Persiste, segue*...
—Ai do que a ella se entregue,
Que se entrega á perdição!

IX

No seixo cavada gruta
Tem escassa entrada aberta,
Quasi de todo coberta
De festões d'hera lustrosa
Que cingindo a rocha bruta
Pende em grinalda ramosa
Entre as folhas, que meneia
Ligeiro sôpro de vento,
Viu Sisnando—e alma lhe anceia—
Um lampejar vago, incerto
De luz fraca,—ouve um accento
De voz doce mas gemente,
Voz que se ouve e que está perto,
Que entoa suavemente
Uma angelica harmonia,
Tam triste que faz chorar!
E esta voz assim dizia
Em seu languido cantar:

«Anjos do céu, acudi-me,
Valei-me, Santos do céu,
Que me rouba mais que a vida
Quem só a vida me deu.

«Santo ermitão, que me deste
Aquella esperança ainda
Que a desgraçada Adozinda
Viria a ser venturosa
Apóz de longo penar...
Sorte que vieste
Sobre mim deitar,
Sorte desastrosa
Vem vêr começar.

«Anjos do céu, acudi-me,
Valei me, santos do céu,
Que me rouba mais que a vida
Quem só a vida me deu.

Mas ah! tão negro crime,
Tam horrida paixão
De um pae no coração...
De um pae ..—Como é possivel!
Não, não, não hade entrar.»

X

—«Pois treme, infeliz, e sabe
Que essa horrorosa paixão
Aqui n'este coração. »
Sisnando, a quem já não cabe
No peito a angústia o tormento
De tão criminoso amor,
N'estas vozes de terror
Rompendo, a caverna entrou.

XI

Oh que pavoroso instante!
Os anjos todos cubriram
Seus rostos co'a aza brilhante;
Sem vento os troncos de emtôrno
A ramagem sacudiram;
A lua no céo mais pallida
Como de susto enfiou
E para traz da montanha
Foi correndo, e se eclipsou.

XII

Quem hade a filha chorar
Que está nos braços paternos!
Oh! quem se hade horrorizar
Dos beijos doces e ternos
Que o amor .. — Que amor é esse?
De ouvir tam medonho horror
O proprio inferno estremece,
E só lá... ha tal amor!

XIII

Oh! como heide eu cantar
Se no peito a voz me treme!
Historia que é de chorar,
Quem a diz não canta, geme.
—Só não gemia Adozinda,
Que toda morta, gelada,
Santo Deus! — mais bella ainda.
Na viva rocha, estirada
Como um cadaver ficou.

XIV

E o pae ousou levantál-a,
E apertar junto a seu peito
Aquella morta belleza!
—Repugnou a natureza
E, da paixão a despeito,
De si a affasta, vacilla...
O anjo da sua guarda
Inda um momento o resguarda .
Mas ha na terra ou no céo
Fôrça maior que a paixão,
Que subjugue um coração
Que de amor endoudeceu?
Se a ha, não lhe acudiu Deus,
Venceram peccados seus
Lembrou-lhe fugir... ficou:
Sim, lembrou-lhe a salvação..
E á sua condemnação
O infeliz se votou.

XV

Geme, chora; altos soluços
Do peito lhe vêm bradando;
Porêm fugir de Adozinda
Não pòde o triste Sisnando.
Ella acorda, e em voz sumida:
«Piedade, senhor, piedade!...
Só pôde dizer: perdida
Nos eccos da soledade
Vae suando e murmurando
A voz triste e condoida.
Ouve-a elle; e o coração
No peito lhe estremeceu;
Na execranda pretenção
Recúa, — mas não cedeu.

XVI

Palavras que lh'elle disse
Respostas que lh'ella deu,
Oh, não as contarei eu,
Não as contará ninguem...
Quiz que lh'ella promettesse
(E a terra alli não se abriu
Quando tal a um pae ouviu!)
Que para a noite seguinte,
Quando tudo em paz jazesse
Em seu leito o recebesse ..

XVII

Chora a infeliz, chora, geme,
De horror e de pasmo treme:
Insta o perigo imminente,
A esperança na demora...
Com voz cortada e gemente:
«Senhor, não insteis agora,
Deixae-me cobrar alento,
E ámanhan responderei »
— «Pois, solemne juramento
Farás de que ...» —«Sim, farei...»
—«Que ámanhan, antes que o dia
Do horisonte desappareça,
Darás resposta final
E ai de ti, ai do mortal
A quem ousasses!.. — Pereça
O infeliz n'esse momento:
Só a morte, só o inferno
De meu cru resentimento
O poderiam salvar »

CANTIGA TERCEIRA

I *must* a tale unfold whose lightest word
Will harrow up thy soul; freeze thy blood;
Make thy two eyes, like stars, start from their spheres.
SHAKESPEARE.

I

Que mau fado, que hora má,
Oh! qual agoirada estrella
Levou Adozinda bella
A' fadada gruta escura?
Que foi ella fazer lá?
No mais denso da espessura,
A tão aziagas horas,
Só, alta noite, a deshoras,
Sem donzella ou escudeiro,
Como o pedia a decencia,
Sem levar mais companheiro
Que sua debil innocencia,
Que seu joven coração!

II

Quem o sabe?—No castello
Nem a propria mãe, que a adora,
Que pela filha querida
Dera tudo, dera a vida...
Nem a propria mãe sabel-o!
E como é que Auzenda ignora,
Por que encanto ou maravilha,
Que ao pino da meia noite
Todos os dias a filha
O escuro parque atravessa,
E tenteando a treva espêssa
Vae sosinha áquella gruta
Que no mais claro do dia
Ninguem a entrar ousaria?
—Mas vae; não o sabe Auzenda:
N'este segredo fatal
Coisa sobrenatural,
Coisa medonha, tremenda
Ha por certo... oh! que inda mal!

III

Desde aquella madrugada
Que Adozinda em seu balcão
Falou c'o velho ermitão,
De noite á gruta fadada
Sempre vae. Sibile o vento
No bosque medonho e feio,
A's nuvens o pardo seio
Rasgue horrisono trovão,
Nada teme; a passo lento,
Só, para alli se encaminha
E em rezas, em penitencia
Horas longas jaz sosinha.
Talvez d'aquelle romeiro,
Por salutar providencia,
Seu fado lhe foi predito;
Talvez lhe fosse prescripto.
Por tam santo conselheiro
Que passasse em oração
N'aquellas medonhas fragas
Certas horas aziagas
Em que a fatal conjuncção
De um astro seu inimigo
Maior fizesse o perigo
Da terrivel maldição
Que a persegue,—ella innocente!—
Que tam injusta cahiu
N'aquella votada frente...
Mas diz que não ha condão
Peior que o da maldição!
E quantas não attrahiu
Sobre a familia inculpada
A soberba despiedada
D'esse orgulhoso Sisnando?
Quantas vezes o infeliz,
C'os filhinhos expirando,
A' porta do seu castello
Se viu gemendo e chorando,
E o desalmado senhor
Essa gentalha atrevida
Escorraçar a mandou!
Taes peccados não guardou
Para os punir na outra vida
O supremo Arbitrador.

IV

Mas já despontava o dia,
Que tam alegre hoje vem,
Tam risonho parecia,
Que não dissera ninguem
Senão que traz alegria:
—E tantas, tam negras mágoas,
Nunca as trouxe o sol nascente
Desde que assoma no Oriente
E se sepulta nas aguas.
Toda a noite longa, immensa,
Auzenda velou chorando,
De suas lagrimas regando
O leito viuvo e só;
A ninguem sua dor intensa
A desgraçada confia:
Ninguem da triste ouve dó,
Que do espôso em companhia
Todo o castello a julgou.
Porém a noite passou,
E porfim, do novo dia
Já o alvor vinha raiando,
Sem apparecer Sisnando.

V

E' manhan; — tenue ainda a luz,
Mas vê-se que é madrugada
Auzenda ainda acordada
Sente abrirem-lhe com tento
A porta do aposento,
E entrar...—«Será elle?... Oh vem!
E's tu, suspirado espôso?!
Disse ella em timida voz:
Não lhe responde ninguem.
Um suspiro doloroso
Lhe dissipou a illusão.
Oh quem se hade enganar
Com aquelle suspirar!
E' Adozinda, — voaram
Do maternal coração
Toda a mágoa e dissabores;
E os sentidos que ficaram
Foi para amargar as dores
Que n'aquelle *ai* a assaltaram.

VI

—«Filha, filha... a esta hora!
Que succedeu?. . que tens tu?»
Calada Adozinha chora
«Ai, não me chameis filha!»
Rompe em fim, a soluçar,
Nadando n'um mar de pranto,
Pasmo, terror, maravilha.
Susto, medo, horror, espanto
No peito da triste Auzenda
Em confusão estupenda
De tropel foram quebrar.
—Que será? — E esse tyranno
De todo o socêgo humano,
Dúvida, o monstro fatal.
Que até nos deixa a esperança
Para que do incerto mal
Seja maior a pujança,
Venha mais fino o punhal
Quando n'alma se nos crava,
Esse do peito lhe trava,
E ao cruel padecimento
Dobra angústias e tormento.

VII

Adozinda, ajoelhada
Junto ao leito onde convulsa
Jaz a mãe atribulada,
Do coração, que lhe pulsa
Como se fôra quebrar,
Traz de amargo pranto um rio,
Que dos olhos vem a fio
As maternas mãos banhar;
As mãos que ella aperta e beja,
E que o pranto que goteja
Já não sentem derramar.

VIII

Volve a ti, mãe desgraçada,
Volve, que o morrer agora
Tamanha ventura fôra
Que da sorte despiedada
Concedido não será
Vem ouvir tua sentença
De morte... peior que morte,
Vergonha horrorosa, offensa ..
E de quem!... de teu consorte,
Do pae monstro, monstro espôso .
Ai! para o tormento odioso,
Para tamanha afflição
Não tem força o coração.

IX

Tudo lhe conta Adozinda,
Tudo... tudo — interrompendo
A horrorosa narração
Ora as lagrimas fervendo,
Ora os soluços rompendo
Do rasgado coração,
Ora os labios descórados
De pejo e terror gelados,
Sem poder nem balbuciar
O que é fôrça revelar.

X

—«Irás» disse Auzenda emfim,
E a voz, que treme, assegura:
«Irás, a teu...» — *pae* não disse,
E um som rouco lhe murmura
Nos labios onde a meiguice,
Onde a maternal ternura
Procuram em vão sorrir:
«Irás, filha, a Dom Sisnando
E lhe dirás que...»
«Senhora!»
Interrompe ella chorando
—«Que» torna a mãe «quando a hora
Da meia-noite soar,
Em teu quarto o hasde esperar.
Não temas, filha, não tremas,
Não chores, minha Adozinda,
Querida filha, não gemas,
Que hasde ser feliz ainda.
No angustiado seio
Guardemos inda a esperança:
Do céu mandada me veiu
Uma ditosa lembrança
Que nos poderá salvar.
No teu leito de ouro fino
Sou eu que me heide ir deitar;
Tua camisa de hollanda
A meu corpo heide lançar:
E quando elle nos seus braços
Ter Adozinda julgar...
Ah! que o céu hade abençoar
Este engano virtuoso,
E a ser pae, a ser esposo
Dom Sisnando hade voltar.»

XI

O dia em rezas passaram
Em devotas orações;
Mas quando as trevas poisaram
Sobre as muralhas da tôrre,
Voltaram as afflições:
E o tempo—que leve corre
Para todos os viventes—
Só áquellas innocentes
Acintoso parecia
Que da ampulheta fadada
Bago por bago espremia
Cada hora minguada.

XII

Emfim meia noite sôa:
Dom Sisnando, aguilhoado
Do torpe amor—do peccado,
Impaciente ao prazo vôa
Que elle de amor julga dado.
Como louco, arrebatado
Corre ao leito de Adozinda,
Cego beija a face linda,
Que de certo não é d'ella,
Mas que não é menos bella;
Ao convulso peito aperta
Aquelle peito formoso ..
—Desgraçado, é tempo ainda,
Do cruel sonho desperta,
Que ao precipicio horroroso
Já te vae a despenhar!...

XIII

Dom Sisnando é criminoso
Quanto o podia ficar;
Do intento abominoso
Nada resta consummar.
Já tristemente acordou
De seu delirio fatal
E sorrindo amargamente,
A' infeliz assim falou:
—E era por isto... innocente!
Que tanto se recatava
Tua virtude fingida?

ADOZINDA — CANTIGA I

Pediu pousada, e lh'a deram
Porque intercede'a menina;

PAG. 338

Ah! essa alma corrompida
Mais do que teu corpo estava.
E tu.. »
Não pôde ouvir mais
A triste mãe; não lhe soffrem
As entranhas maternaes
Ouvir a filha adorada
De tal modo calumniada,
E por quem, e em que momento!
C'um suffocado lamento,
Que do peito rebentando
Trouxe aos labios alma e vida,
Quebra o silencio: — «Ah, Sisnando!
Ah, senhor, matae-me embora;
A desgraçada sou eu »
E a terra n'aquella hora
Rasgada não soverteu
O infeliz, que meio morto,
No abysmo do crime absorto,
D'este golpe inesperado
Á violencia cedeu!

XIV

Silencio largo, mortal
Foi a unica expressão
Que por longa duração
N'aquelle estado fatal
Entre esses dois foi ouvida.
Porém no perdido peito
De Sisnando atribulado
Foi a vergonha vencida
Pelo irritado despeito:
Dos remorsos avexado,
Porém mais pungido ainda
De seu crime mallogrado,
Brada em colera abrazado:
— Pereça a filha descrida
Que deshonrou seu...»
- *Pae* não,
Pae não ousa proferir.
A palavra, suspendida
Por fria, pesada mão
De remorso insubjugado,
Lhe voltou ao coração
A lacerar lh'o a vingar-se
Da mal-soffrida oppressão.

XV

—«Ouvi-me, senhor: culpada
Sou eu só...» a triste espôsa
Lhe diz; mas não ouve nada
Aquella alma furiosa,
Já n'este mundo ralada
De quanta pena horrorosa
No inferno está guardada
Para crimes como o seu.

XVI

Parte; corre; — o brado horrivel
Por todo o castello sôa
Tam medonho como trôa
Medonho trovão de outomno.
Despertos do brando somno
Todos são: — ordens que deu
São taes, que de horror tremeu
A gente absorta pasmada.
Tristemente obedecendo,
Co'a face ao chão inclinada
Se vão a medo, e mal crendo
Que não seja sonho vão
O que ouvindo e vendo estão.

XVII

Do castello para um lado
Uma antiga tôrre havia
Cercada de largos fossos,
Que é memoria haver fundado
Um rei mouro que vivia
Ha muito, de quando os nossos
Mourisca gente regia.
Alli uma espôsa sua,
Que elle achou ser-lhe infiel,
Sete annos e mais um dia
Fechada a teve o cruel,
Sósinha, a grilhões e nua;
E só pão sêcco lhe dava,
Mas agua não consentia
Que nunca ninguem lh'a desse
Para que á sêde morresse.
Valeu-lhe quem tudo póde,
Que ao infeliz sempre acode:
Vinha-lhe orvalho do ceu,
De que os sete annos bebeu.
E emfim o septimo anno
De tal milagre vencido
Foi o proprio rei tyranno,
Que a liberdade lhe deu,
E do crime commettido,
Se o havia, se esqueceu.

XVIII

Para esta tôrre deserta,
No verão ao sol exposta,
Que abrasado a queima e tosta,
No rigor do inverno aberta
A chuvas, á ventania,
Sisnando — quem tal diria!
Mandou a filhinha linda,
Que alli fechada gemesse,
A virtuosa Adozinda!..
E ai de quem agua lhe desse,
Lhe desse vestido ou cama,
Que da sêde á morte crua
— Qual o mouro a sua dama —
Alli quer que morra nua,
De todos desamparada,
De seu pae amaldiçoada,
Só da triste mãe chorada!

XIX

Sem dar sómente um gemido,
Sem se carpir, nem queixar,
Como a ovelhinha tremente
Que sem dar nem um balido
Se deixa á morte levar,
Vae Adozinda innocente
Para aquella feia tôrre.
Pranto que furtivo corre
De quantos olhos a viam,
A acompanha tristemente,
E o pae!... Ancias que o remordem
Ninguem as sabe nem vê.
N'um aposento encerrado,
Onde nem ao mais privado
Concedide é metter pé,
Só ficou, só permanece:
Só! — antes acompanhado
De quem os seus não esquece
Do remorso, — do peccado

CANTIGA QUARTA

You do me wrong, to 'ake me out o'the grave:—
Thou art a soul of bliss: but I am bound
Upon a wheel of fire, that mine own tears
Do scald like molten lead.

SHAKSPEARE.

I

Sete annos e um dia
Foi a sentença cruel
Que Adozinda cumpriria
N'aquella tôrre fechada.
E o tyranno bem sabía
Que nem tres dias sóment
Viver podia a innocente
Com a sêde, a denudez.
Uma semana é passada
Passado é um mez e outro mez,
Anno e annos decorreram;
E os sete annos feneceram
Sem que Adozinda formosa
Em tal mingua perecesse,
Sem que ao menos desmer'cesse
Em seu rosto uma só rosa.

II

Veiu um dia—n'esse dia
O cativeiro acabava —
No mais alto o sol ardia
E a terra toda abrasava,
Na tôrre uma voz se ouvia,
(E é esta a primeira vez)
Era uma voz que pedia,
Que supplicava piedade:
«Uma sêde, uma só d'agua,
Uma só por compaixão,
Que me abraso n'esta fragua,
Que me estalla o coração.»

III

A voz de Adozinda bella
Todos clara conheceram;
C'os olhos na alta janella
De toda a parte correram:
— Vive, inda vive! bradavam,
A innocente! vinde vêl-a
E uns aos outros recontavam
Das virtudes, da paciencia
D'aquelle anjo de innocencia
Que, ha muito, morta julgavam.
Outra vez se torna a ouvir
O mesmo clamor sahir
Da torreada prisão·
—Uma sêde, uma só d'agua,
Uma só por compaixão,
Que me abraso n'esta fragua,
Que me estalla o coração.»

IV

A todos se commoveu
O mais intimo do peito,
Mas não ousam a afrontar
Do pae o sevo despeito.
«Tem paciencia, anjo do céu!»
Com lagrimas responderam.
«Que já não póde tardar
O pae que te vem soltar.
Os sete annos decorreram,
O dia está a acabar;
Soffre mais este momento,
Que hoje acaba o teu tormento »

V

—Oh! como heide eu supportar,
Amigos meus da minha alma,
Se a vida sinto acabar,
Sinto abrazar-me da calma!
Sete annos me acudiu Deus,
Que por milagre vivi,
Dava-me orvalho dos céus,
De que sete annos bebi.
Do estio ardentes queimores
No meu corpo os não senti,
Do inverno os frios rigores
Tambem esses não tremi.
Mas ha tres dias que a mão
Do Senhor me abandonou.
Tudo, tudo me faltou...
Oh! tende de mim piedade!
Uma sêde uma só d'agua,
Uma só por compaixão,
Que me abraso n'esta fragua,
Que me estalla o coração!»
De novo alto chôro ergueram,
Lastimado pranto gemem;
Mas de seu tyranno tremem,
Só a chorar se atreveram.

VI

Sôa a nova no castello,
Vae correndo em derredor,
De que por fim fôra ouvido
Aquelle anjo soffredor
Soltar queixoso gemido,
Piedade emfim supplicar.
Só a Auzenda, que expirando
No leito da morte jaz,
Para que morresse em paz
Vão a notícia occultando.
Mas soube tudo Sisnando,
E no duro coração
Já vacilla a crueldade,
Já vislumbra a compaixão:
Dos seccos olhos covados,
Que inspiravam medo e espanto,
Como que da mão tocados
De algum anjo punidor,
Salta repentino o pranto.
Qual onda que estalla em flor
Sôbre o penedo ouriçado,
Todo em lagrimas sanguineas
O infeliz debulhado,
Para aquella infausta tôrre
Com incerto passo corre
Em altos gritos bradando:
—«Agua! trazei agua, vinde,
Acudi á desgraçada,
A uma filha malfadada
Que por mãos de seu pae morre!»

VII

Assim correndo e gritando
Chegava á horrivel prisão
Em que gemia Adozinda:
—«Filha, filha, é tempo ainda;
Perdão, ó filha, perdão
Para este algoz .» — Cortou-lhe
O excesso da paixão
Lingua e força; a voz quebrou-lhe,
E por morto cae no chão.

VIII

Oh! que povo se ajuntava
No Castello de Landim!
E com que horror que elle olhava
Para aquelle triste fim
De tamanho cavalleiro
Tam rico e grande senhor,
Tam esforçado guerreiro!
A Auzenda chega o rumor
Do successo inesperado,
Dá-lhe fôrça e vida amor;
O fio meio cortado
Da existencia lhe atou.
Eil-a se ergue, e em mal firmado
Passo corre — e lá chegou.

IX

E já por ordem de Auzenda
Co'a porta negra e tremenda
Investem da tôrre erguida:
Range o ferro, os gonzos gemem,
Parece que já rendida
Vae de todo;—á roda tremem,
Do fundamento aluida
A tôrre, os solidos muros.
Mas em vão de centenares
Dos mais rijos braços duros
Se movem os Instrumentos
Que em muralhas mais valentes
De castellos regulares,
De mais solidos cimentos
Têm a miudo triumphado.

X

Parece encanto: — será?
O povo maravilhado
Já por tal, tremende, o dá.
Cessam todos, encantado
É o negro portão ferrado...
E o povo desanimado
Da empreza desiste já.

XI

Arreda, arreda, infanções,
Cavalleiros, dae logar,
Com licença, nobre dama,
Que ahi vem um santo ermitão:
Com as suas orações
Este encanto hade quebrar,
Ou, se do demonio é trama,
Com o seu bento condão
Elle o hade desmanchar.
— Eil-o chega: — este semblante
Não é aqui desconhecido...
Esta barba, este vestido...
E' elle o mesmo ermitão
Que a noite de San'João
(Não ha dez annos ainda)
No castello pernoitou,
Que Sisnando o maltratou.
Mas, por a bella Adozinda
Pedir muito, lá ficou.

XII

Com a cabeça cuberta
Do seu agudo capuz,
Os olhos de côr incerta.
Pasmados, fixos. e a luz
Que d'elles sae é tam viva
Que a espaços da vista priva
Quem de perto os quer fitar!
As mãos cruzadas no peito,
Vagaroso seu andar,
Tam pesado e de tal geito
Que faz um ecco tremendo
Quando os passos vae movendo,
E como que a terra e o ár,
Com o pezo vão gemendo...
Foi seu caminho direito
Da tôrre á porta ferrada;
Sem attender a mais nada,
Sem olhar nem para Auzenda,
Que em lagrimas debulhada
Supplices mãos lhe estendia.
Chega á porta, e em voz horrenda
—«Abre-te!»—disse. Estalou
O ferro medonhamente,
E a porta se escancarou;
Mas elle subitamente,
Voltando-se para a turba,
Que alto alarido alevanta
E em derredor se perturba,
Com gesto que aos mais ousados
Todo o animo quebranta:
—«Emudecei!» lhes bradou.
Ficaram todos calados;
E—*emudecei*—revibrou
De eccos em eccos dobrados
Pelo castello e jardim,
Pelos soutos ao redor,
Pelos campos dilatados
Que a Dom Sisnando obedecem
E por senhor reconhecem
Ao rico-homem de Landim
Depois estendendo a mão
Ao logar onde jazia
Por morto no frio chão
O desgraçado Sisnando,
Estas palavras dizia
Que em ouco som vão soando:

—«Eu te esconjuro,
Alma perdida,
Volta-te á vida!

«Que o teu peccado,
Abominado
Do proprio inferno,
Só tem perdão
Com longa vida
De penitencia,
De contricção,
Que a alma perdida
Salve do inferno,
Da maldição.

«Eu te esconjuro,
Alma perdida,
Volta-te á vida!

«O anjo celeste
Na hora última
Te perdôou,
E ao Pae Eterno
A tua victima
Por ti rogou.

«Lazaro immundo,
N'esta grande hora
Volve-te á vida,
Vem, surge fóra!»

XIII

Em pé está Dom Sisnando:
Vivo está, morto parece,
Tam negro véo lhe ennoitece
O verde-pallido rosto,
Onde o seu sêllo já posto
Tinha o archanjo da morte.

XIV

De joelhos o ermitão,
Com a cabeça coberta,
A' porta da tôrre aberta
Faz breve e baixa oração
Eis violento repellão
A terra, tremendo, deu,
E d'alto abaixo a muralha
Largamente se fendeu.
Viram todos claramente
O interior patente
Em que jazia Adozinda,
D'onde ha poucas horas inda
Sua voz se ouviu clamar,
E por uma sêde de agua
Ao seu algoz supplicar.

XV

N'um leito de frescas rosas,
Que aromas do céu recendem.
Morta Adozinda jazia:
Suas feições mais formosas,
Mais angelicas resplendem.
Uma suave harmonia
Tam brandamente soava,
Que ao coração parecia
Que por piedade o affagava
A quem saudoso gemia.
--A alva frente, não tocada
Pela mão da morte livida,
De lirios do céu coroada
Brilhava com luz tam vivida
Que parecia toucada
De puros raios do sol.
As mãos postas sobre o peito
Para o céu se alevantavam,
E como que d'alma justa
Para a morada apontavam.

XVI

Oh! que vista, oh! que momento
Para a triste mãe!—Faltava
Só este último tormento.
A malfadada cuidava
Que nenhum padecimento
Para gemer lhe sobrava!
Era este. — E a dor ignora,
Não sabe o que é padecer
Quem o filhinho que adora
Não viu ainda morrer...

XVII

Levantou-se o Ermitão
E bradou: —«Ajoelhemos,
E a mão de Deus adoremos.»
Submissa resignação
Póde a voz tolher á dor,
Não tira do coração
Seu espinho pungidor,
Que em silencio é mais cruel,
Rasga mais, e na ferida
Mais acre derrama o fel
A paciencia soffrida
Da triste Auzenda cedeu;
Não exclamou, não gemeu,
E em tributo de respeito
Sua mágoa fechou no peito.

XVIII

E Sisnando? — O desgraçado
No pó da terra humilhado,
Só se lhe conhece a vida
Na agitação comprimida
Do convulso soluçar.

XIX

Para a ermida do castello
Emfim o corpo levaram
E n'um cofre de ouro fino
Como reliquia o guardaram
— Muito a não carpiu Auzenda,
Que a morte compadecida
Cedo a libertou da vida.
Porém a longa existencia
De remorso e penitencia
Sisnando foi condemnado:
Cuberto de horror e opprobrio
Cumpriu seu mesquinho fado;
Onde? — Ninguem mais o soube.
Do castello aquella noite
Com o Ermitão se sumiu:
Nunca mais d'elle se ouviu.
Mas á meia noite em ponto
Na capella de Landim
Se ficou sempre escutando
Gemer uma voz medonha,
Que pede perdão bradando:
E essa voz diziam todos
Que era a voz de Dom Sisnando.

NOTAS

Nota A

O romance em que lhe falei n'uma das minhas ultimas cartas de Portugal... .... pag 331

A *Adozinda* foi começada em Campolide, ao pé de Lisboa, no verão de 1827, concluida na cadeia do Limoeiro no fim d'esse mesmo anno, e publicada em Londres no outomno de 1828, em um vol., 12 º, sem nome do auctor, e com a seguinte breve Advertencia precedendo a carta ao sr. Duarte Lessa, que era o verdadeiro prefacio:

«Advertencia —O auctor d'este romance, animado pelo lisongeiro favor que outras publicações suas têm merecido ao publico portuguez e a distinctos litteratos estrangeiros, emprehende esta nova publicação, cujo assumpto é tirado da antiquissima tradição popular e se refere aos mais remotos tempos e costumes de nossas epocas heroicas e maravilhosas. Espera elle que não desagradará aos amantes de um genero que fez a colossal reputação de sir Walter Scott, e restituiu á antiga Escocia—na republica das lettras—o nome e independencia que ha tanto perdera na ordem politica.

«Ainda que em pouco habeis mãos, a lingua portugueza sahirá mais uma vez á próva singular de bisarria com as mais cultas e gabadas linguas da Europa: e será culpa do cavalleiro, não sua, se o premio da belleza e valentia lhe não fôr adjudicado por todo o juiz imparcial. (*Nota da segunda edição.*)

Nota B

Resumo da historia da lingua e da poesia portugueza que que vem no I vol. do PARNASO-LUSITANO....... pag. 331

Foi o meu primeiro ensaio de critica litteraria, e muito ha que devo ao publico reimprimil-o, emendando-o e additando-o, como tanto precisa. E' trabalho que demanda porém o vagar de outros cuidados e uma serenidade de espirito que não tenho tido. Hei de fazel-o e breve. (*Nota da terceira edição*)

Nota C

Boscan gaba-se de haver introduzido na Peninsula os metros toscanos .... pag. 331

A expressão é inexacta: os Toscanos houveram os metros endecasyllabos dos mesmos de quem nós os houvemos, dos trovadores. Vej. o *Cancioneiro do Collegio dos Nobres. (Nota da segunda edição.)*

Nota D

A lingua provençal, primeira culta da Europa,.. pag. 332

Generalizaram esta opinião no mundo os eruditos trabalhos de Mr Raynouard: eu duvido hoje muito d'ella, isto é, formulada d'este modo Estou inclinado a crêr que houve uma lingua romance, que teve por base o Romano-rustico falado, e que geralmente predominou nos paizes de dominação wisigothica desde a extrema Aquitania até o que hoje é Algarve; e que esta lingua quasi latina é o commum tronco do Provençal que morreu á nascença, do Aragonez que não passou da infancia, do Portuguez e do Castelhano que chegaram a perfeita maturidade, e de outros mais obscuros dialectos cujo desenvolvimento as circumstancias politicas e topographicas annullaram. Nem julgo difficil demonstral-o; mas não é aqui o logar, nem caberia no curto espaço de uma nota. (*Nota da segunda edição.*)

Nota E

Logo vieram esses trovadores de Provença....... pag. 332

A simples leitura dos nossos Cancioneiros mostra que aquella não era a poesia popular: os seus requebros, todos cortezãos e palacianos, desdizem da ruda singeleza e energica originalidade do trovar do povo. E comparados aquelles cantares de saraos com os fragmentos das xácaras e soláos que a tradição oral tem conservado, ainda que pervertidos e viciados como elles andam, vê se que estes é que são a primitiva e legitima poesia nacional. (*Nota da segunda edição*)

Nota F

As balladas de Bürger, os romances de Sir W. Scott............ .... pag. 332

Vej. na collecção intitulada *Minstrelsy of the Scottish border* (Cancioneiro das fronteiras da Scocia) a historia da renascença do genero popular na Gran Bretanha contada pelo mesmo W. Scott. (*Nota da segunda edição.*)

Nota G

Cancioneiro do Collegio dos Nobres............ pag. 333

Ha tempos que se designa com este nome o Cancioneiro do tempo de el-rei D. Diniz que se guarda na livraria do que hoje é Escola Polytechnica, e era então Collegio dos Nobres. Copiou-o quando esteve ministro em Lisboa Sir Charles (depois Lord) Stuart, e em Paris o imprimiu, 25 exemplares, creio eu, quando alli foi embaixador

Descubriram-se, ha poucos annos, na bibliotheca de Evora algumas folhas que faltavam no manuscripto de Lisboa, e com este additamento se reimprimiu em Madrid ultimamente pelo zeloso cuidado do Sr Varnhagem, ministro do Brasil n'aquella n'aquella côrte. (*Nota da terceira edição*)

Nota H

Canções que não serão talvez de Gonçalo Hermigues, etc....................................... pag. 333

Estas e todas as reliquias duvidosas do nosso romance irão todavia no logar e livro competente da actual collecção. (*Nota da terceira edição.*)

Nota I

Aquelle romancesinho de Gaia e do rei Ramiro. pag. 333

É um curioso e rarissimo exemplar, documento notavel da litteratura portugueza do seculo dezesete. Intitula-se *Gaia*, e é impresso no Porto em um folheto de 4.º, com 15 ou 20 paginas Tenho hoje grande pena de não ter tirado copia inteira d'elle antes de o restituir ao meu amigo o Sr. Lessa, em cujo es-

pólio deverá estar: mas não pude obter mais noticias d'elle; e outro exemplar não o vi nem sei de quem o visse. Começa com estas duas oitavas que agora encontro, incompletas, entre os meus apontamentos. Todo o poema é na mesma rima:

I

Cantemos de Ramiro rei d'Hespanha
E de el-rei Almançor de Berberia,
Quando por desventura tam estranha,
No mais de Hespanha então mouros havia,
Com ânimo cruel, com cruel sanha
Cada qual ao outro pretendia
Privar de sua fama, honra e estado,
Com todas suas forças e cuidado.

II

D'esse Ramiro, digo, o esforçado,
Que d'este nome tres com elle hão sido,
D'aquelle que com Gaya foi casado
Por quem tantos trabalhos ha soffrido...

(*Nota da segunda edição.*)

Possuo hoje um exemplar completo que devo ao obsequioso cuidado do Sr. N M de Sousa Moura, distincto e letrado official do nosso exercito, que, talvez por isso, não occupa n'elle o logar que lhe pertence. (*Terceira edição.*)

Nota K

Adeante copio um dos mais curiosos (o do Bernal-francez)........................ pag. 334

O romance d'este nome na primeira edição da *Adozinda* em Londres ia inserto na presente carta: por melhor classificação vae agora separado E o texto original, segundo o conservou a tradição dos povos, irá no logar competente do *Romanceiro*, mas muito mais correcto e melhorado agora pela collação das diversas versões que tenho obtido. (*Nota da segunda edição.*)

Nota L

Este terreno é santo: inda estás vendo
Alli aquelles restos mal poupados.............. pag. 336

Em Campolide e nas alturas que avizinham o celebre aqueducto das *Aguas livres* se encontram muitos restos de fortificações antigas e que parecem de diversas datas. O proprio nome de Campolide, abreviação de campo da lide, ficou a este sitio da batalha que alli se deu nas guerras da acclamação de D. João I. Vej. *Próvas genealogic.*, Duarte Nun. e quasi todos os nossos historiadores. (*Nota da primeira edição.*)

Nota M

...Essas arcadas,
Suberbas, elevadas............................ pag. 336

O aqueducto das *Aguas livres* é o mais nobre e util monumento de Lisboa: edificou-o D. João V, que nem sempre empregou tão bem os immensos cabedaes dos thesouros do estado, que então regorgitavam com o ouro das minas do Brasil e de outras possessões portuguezas. D. João V todavia amou, ao menos protegeu, as artes e as lettras; foi culpa não sua mas do seculo, se de tão máo gosto eram as lettras que protegeu. O crepusculo da nossa rehabilitação litteraria luziu em seu reinado. A isto alludem os versos:

Um rei que amou as artes, rei pacifico
A quem amor fadou
Que seu fôsse e das musas, etc.

Assim como alludem tambem a seus bem sabidos amores e espirito galanteador. D. João V tinha a ambição de querer imitar Luiz XIV, seu contemporaneo—até nas fraquezas. (*Nota da primeira edição.*)

Nota N

Lembra-te, aquella historia
Que ingenuo o povo nos seus trabalhos canta... pag. 337

É a xácara ou lenda da *Silvaninha*, cujo texto original vae no logar competente do *Romanceiro*. (*Nota da segunda edição.*)

Nota O

É singela legenda de uma santa,
Que por brutal amor sacrificada,
Desvalida virtude,
Só de crime escapou no seio á morte..... .... . pag. 337

A tradição popular attribue esta nefanda aventura a um rei que se namorou da sua propria filha, como a antiga Myrrha se namorára de seu pae — Provavelmente ambas as duas anecdotas têm seu fundamento historico na chronica escandalosa das familias de alguns regulos ou senhores das diversas epocas. O observador curioso notará o differente caracter de duas historias tam similhantes, e colherá o essencial ponto em que o nosso *maravilhoso* moderno differe da antiga mythologia, não tanto nos nomes dos deuses e deusas e outros agentes sobrenaturaes, mas principalmente no tom, na moral na sensibilidade, e n'um certo não sei quê de ternura e melancholia que nos mais rudes e imperfeitos ensaios da poesia nacional se acha sempre como principal e dominante côr do quadro A differença não está em chamar ao sol Apollo, ao amor Cupido, á guerra Marte; sim na maneira de conceber, de pensar, de pintar, de moralisar as mesmas idéas, as mesmas coisas por differente modo. (*Nota da primeira edição.*)

Nota P

Cantiga primeira....... .... pag. 338

Na primeira edição chamavam-se cantos as quatro partes d'este romance. Era dar-lhe uma pretenção de epopêa que o pobre não tinha. Demais, cantiga é o nome popular verdadeiro, e por isso lh'o mudei para elle. Os antigos menestreis inglezes chamavam *fitts* — como quem diria *accesos* — os francezes *lais* — como quem diz *ramos* — ás diversas secções em que partiam os seus romances mais longos. A partição fazia-se por causa do canto: e *cantiga* «o que se póde cantar de uma vez» parece portanto o mais proprio nome O Cancioneiro do Collegio-dos-Nobres diz *cantares*. (*Nota da segunda edição.*)

Nota Q

Como os picos do Gerez
Quando em janeiro lhe neva..................... pag 338

O Gerez é serra altissima na provincia do Minho, de alpestres alcantis, coberta de plantas alpinas de curiosissima *flora;* as summidades conservam quasi todo o anno resplandecentes massas de gêlo Ha nas faldas da serra as famosas aguas mineraes conhecidas pelo nome de Caldas do Gerez. (*Nota da primeira edição.*)

Nota R

Mas pede Adozinda bella
Tal virtude e formosura,
Quem lh'o hade negar a ella?
Não póde o pae nem ninguem.................. pag. 338

É uma occorrencia muito commum nos romances populares, e de sincera belleza homerica, esta de negar o senhor do castello a poisada ao peregrino, mas ceder depois ás intercessões da filha compadecida, donzella innocente e malfadada, que quasi sempre vem a ser victima de sua propria bondade Assim na lenda tam sabida e tam nacional de Santa Iria:

Pedia poisada,
Meu pae lh'a negava;
Mas eu tanto fiz
Que por fim entrava.

(*Nota da segunda edição.*)

Nota S

E guiaram seu pendão
Para terras de Moirama......................... pag. 339

Moirama, na phrase do povo, quer dizer terra de moiros. N'outro genero de poesia é certo que não ficaria bem o vocabulo, mas n'este quadra. (*Nota da primeira edição.*)

ADOZINDA — CANTIGA I

«Eil-a aqui.» — Os olhos crava
O pae na formosa filha.

PAG. 339

Nota T

Que tropel que vae nos Paços
De Landim aopé dos rios........................ pag. 339

Em minha imaginação puz a scena d'este romance em um dos sitios mais pittorescos da mais formosa provincia de Portugal, o Minho Landim (haverá mais terras do mesmo nome; esta é a que eu conheço) é uma povoação pequena em que houve, outro tempo, uma famosa casa e pingue possessão de Jesuitas: fica perto dos rios Ave e Vizella, que não longe d'ahi se juntam para correr unidos a desembocar em Villa-do-Conde e perder-se no mar. (*Nota da primeira edição*)

Nota U

Que ou são sombras de finados,
Ou de negras bruxas más
Alli ha nocturna dansa........................ pag. 341

Estas boccas de cavernas, e outros recéssos — assim de bosques, montanhas e que taes, são em todos os paizes, pela imaginação do vulgo, povoados de entes mysteriosos e ás vezes malfazejos. Sombras de finados cantando seus hymnos terriveis, bruxas celebrando os torpes mysterios do seu *sabbado*, são cosmopolitas. A nossa mythologia popular tem mais outra especie de entes sobrenaturaes, que é privativa nossa. — São as *Moiras encantadas*, que nem são bruxas, duendes nem fadas, mas lindas e amaveis creaturas que se divertem a encantar, a excitar os desejos dos pobres mortaes — e ás vezes, tam boas são! a satisfazêl-os.

Não é d'este logar o exame, que seria bem curioso, da mythologia nacional portugueza Basta dizer, como o A. de *Dona Branca*, que devemos explorar esta mina tam rica, e tam pouco lavrada, de bellezas poeticas originaes e novas que, sem emprestimo nem favor alheio, podêmos haver do nosso e de casa. (*Nota da primeira edicão.*)

Nota V

Se a ha, não lhe acudiu Deus,
Venceram peccados seus........................ pag. 342

O povo é geralmente fatalista; e o nosso portuguez o mais fatalista que eu conheço. *Tinha de succeder, era coisa que o perseguia*, e outras que taes razões. são a explicação de todo o phenomeno estranho que o surprehende.

Aqui a cegueira da ignorancia leva pelo mesmo caminho que os desvarios da sciencia. A coisa é a mesma ao cabo: vaidade e presumpção humana (*Nota da primeira edição.*)

Nota X

Mas diz que não ha condão
Peior que o da maldição........................ pag, 343

A maldição do pae desacatado, ou do pobre maltratado, passam entre o povo por ser as mais terriveis e inevitaveis. Atéqui a moral de accordo com a crença vulgar. Mas a maldição, hereditaria em seus effeitos, é outra parte d'este dogma popular que em verdade repugna.—É certo porêm que se é acaso, o acaso tem servido muito bem os fautores d'aquella crença (*Nota da primeira edição*)

Nota Y

Ah! essa alma corrompida
Mais do que teu corpo estava........................ pag. 347

O leitor verá n'esta passagem, no conselho de Auzenda á filha, em muitos logares d'esta e da cantiga IV principalmente, quanto fiz por me conservar perto do romance primitivo, assim no pensamento como até na phrase e stylo, tanto quanto o permittia a decencia, e outras vezes a correcção da phrase, e já tambem a indole do meu romance. (*Nota da primeira edição.*)

Nota Z

Sete annos e um dia
Foi a sentença cruel
Que Adozinda cumpriria........................ pag. 348

Sete annos e um dia é o periodo mysterioso de quasi todos os nossos Contos de fadas, encantamentos e coisas similhantes.

No mui galante romance do *Caçador*, que é um dos mais queridos do povo, se diz:

> Sete fadas me fadaram
> Nos braços de mi' madrinha,
> Que estivesse aqui sete annos,
> Sete annos e mais um dia.

O numero sete é mysterioso em todos os povos, mas esta expressão algebrico-neigromantica de 7+1 creio que é só portugueza. (*Nota da primeira edição.*)

É de toda a peninsula. Vej. os romanceiros castelhanos. (*Nota da segunda edição.*)

Nota AA

Arreda, arreda, infanções,
Cavalleiros, dae logar........................ pag. 349

Veja o glossario de Santa Rosa para ampla explicação do que eram *infanções* entre nós. Para intelligencia d'esta passagem basta saber-se que era uma especie de vassallos mais distinctos. (*Nota da primeira edição.*)

Nota BB

E por senhor reconhecem
Ao rico-homem de Landim........................ pag. 349

Sobre o *rico-homem*, veja o mesmo glossario. A dignidade de rico-homem, perfeitamente obsoleta em Portugal, ainda a mencionam os fidalgos castelhanos em seus titulos

Rico-homem, naturalmente, quer dizer magnata, da primeira aristocracia, *procer*, grande senhor. (*Nota da primeira edição.*)

Nota CC

E essa voz diziam todos
Que era a voz de Dom Sisnando........................ pag. 350

Esta especie de *vindicta-publica*, com que o povo stygmatisa a memoria dos malvados e grandes criminosos, é muito provavelmente a origem das almas do outro mundo, dos *revenants*, vampiros, etc., etc.

Se se procurar bem a fonte primitiva de todas as fábulas, vêr-se-ha que não ha credulidade mythologica que não tenha por base o instincto da moral e da justiça, commum a todos os povos. (*Nota da primeira edição.*)

ROMANCES RECONSTRUIDOS

(BALLADAS)

I

BERNAL-FRANCEZ

Este romance é tirado de uma das mais conhecidas e provavelmente mais antigas xácaras que o povo canta. Sua contextura simples mas forte, a scena tão dramatica com que abre, o fecho sublime com que termina dão-lhe todos os caracteres de poesia primitiva e grande de um povo heroico, de uma gente que tomava as coisas da vida ao serio, como a nossa era. Estou que é originariamente portuguez: não apparece em nenhum dos Romanceiros castelhanos, nem na vasta collecção de Ochoa.—O texto, como o conservou a tradição oral dos povos, dál-o-hei no logar competente, segundo lh'o talhei no prefacio d'este volume,[1] e demandava o systema da minha compilação: e ahi se vejam as conjecturas que tenho feito sobre esta preciosa reliquia da nossa poesia popular.

Mr. Southey, o famoso poeta e historiador inglez, tendo lido a *Adozinda* e o *Bernal*, quando os publiquei a primeira vez em Londres em 1828, escrevia ao meu amigo mr. Adamson, o biographo de Camões: «que estes eram dois monumentos de mais remota antiguidade talvez do que nenhumas d'aquellas canções irlandezas que elle até alli tivera na conta de serem os vestigios mais antigos de toda a poesia popular das nações do oéste da Europa.»

Communicando-me esta reflexão, tão lisongeira para um collector enthusiasta de antigualhas, mandou-me o sr. Adamson a tradução ingleza, que pela primeira vez agora sáe impressa, e o leitor achará logo adiante do texto portuguez.[1]

No verão de 1840, quando aprompteí para a presente edição esta parte do volume, dediquei o *Bernal Francez* a uma joven senhora, que juntava a outras admiraveis qualidades a de possuir, no mais eminente gráo que ainda encontrei, o sentimento do bello, do grande, do verdadeiro nas artes. Este romancinho era o seu valido d'entre todas as minhas escreveduras poeticas: consagrei-lh'o... Hoje é um monumento! bem pobre e mesquinho para memoria de tanta saudade!

Todavia o seu desejo e empenho era que eu fizesse uma verdadeira epopêa, e me deixasse d'estas coisas que nunca podiam passar de *bonitinhas*. A perda de D. Sebastião em Africa era o assumpto que me dava: dizia — e dizia bem — que devia ser o reverso da medalha dos *Lusiadas,* e que podia ser o mais popular e nacional de todos os poemas portuguezes depois d'aquelle. Ponho isto aqui para commentario dos versos que se seguem, e que aliás não seriam entendidos.

15 de outubro de 1842.

[1] Vid. adiante. Parte III Traduções populares portuguezas—Romances cavalheirescos.

[1] Vid. loc. cit. a nova tradução por M. Adamson, Lusitania illustrat, part. II. Newcastle 1846. Esta segunda versão ingleza vem adeante na parte III—Traducções populares — Romances cavalheirescos, bem como a tradução castelhana do sr. Isidoro Gil, já tão conhecida e apreciada entre nós

A ADELIA [1]

Tu queres, amiga, que eu deixe
Minha harpa no chôpo do monte,
Que nem sempre me chore e queixe,
Que seja poeta... a cantar!
Que da brava inculta deveza
Me não fique pasmado á fonte
A admirar só a natureza,
Sem um brado de glória alçar!
Na escarpada selvatica brenha
Não se colhem senão rudes flores,
Bem o sei—crescem lhe hirtas na grenha,
São singelas
De fôlha e de côres,
Não se toucam as bellas
Com ellas:
Não se enfeitem jardins de formosas
Com musquetas bravias e rosas!

—Vê o nobre, magnifico traço [1]
Do regrado edificio de Homero,
Do mavioso Virgilio, do Tasso!
(Dizes tu, maga musa de amor)
«E ora terno e mavioso, ora fero,
Ja sublime, ja doce - o cantor
De Ignez bella, feio Adamastor.
Como erguendo, campêa, a alta frente
Sôbre todos os vates do Pindo!»
—Vejo, oh! vejo, que esta alma ardente
Já nos vôos andou seguindo
Essas aguias mais remontadas...
Hoje é abelha, ahi anda zumbindo
Por entre agras, singelas flores,
Desalinhadas:
Mas são flores que nascem na serra
Onde todo o seu mundo se encerra,
Porque ahi tem—o seu bem—seus amores.

Bemfica, 12 de maio de 1840.

1 D. Adelaide Pastor. (Da revisão.)

1 Vid. a introducção ante. pag. 256.

BERNAL-FRANCEZ

I

Ao mar se foi D. Ramiro.
Galé formosa levava;
Seu pendão terror dos Mouros
N'alta pôpa tremolava.

Oh que adeus na despedida!
De saudades vae ralado;
Com tantos annos de amores,
Não tem um de desposado.

Nem ha dama em toda a Hespanha
Tam bella como é Violante;
Não a houvera egual no mundo
Se ella fôra mais constante.

Bate o mar na barbacan
Do castello alevantado,
Só a vela [1] na alta tôrre
Não cede ao somno pesado.

Tudo o mais repousa e dorme,
Tudo é silencio ao redor;
Dobra o recato nas portas
Com a ausencia do senhor.

Mas a certa hora da noite
Se vê luz n'uma seteira,
E logo cruzar por perto
Leve barca aventureira.

Muitas noites que passaram,
Manso esteja ou bravo o mar,
A mesma luz, á mesma hora,
A mesma barca a passar.

E isto ignora o bom Rodrigo,
Que tam fiel prometteu
De guardar a seu senhor
Juramento que lhe deu?

Saberá, não saberá:
Mas a c'ravella ligeira,
Que ao pé da torre varada
Jazia alli na ribeira.

Uma noite escura e feia
Na praia menos se achou...
Quem n'ella foi não se sabe,
Mas onde foi não tornou.

E o farol que no alto luz
A' mesma hora a brilhar...
Só a barca aventureira
Não foi vista hoje passar.

E d'um lado ao pé da rocha
Havia um falso postigo:
Só o sabem D. Ramiro,
Violante e o fiel Rodrigo.

Mas alta noite, horas mortas,
Gente que o postigo entrava,
E á porta de Violante
Manso bater se escutava.

«Quem bate á minha porta,
Quem bate oh! quem 'stá ahi?
—Sou Bernal-francez, senhora,
Vossa porta a amor abri.»

Ao descer do leito d'oiro
A fina hollanda rasgou,
Ao abrir mansinho a porta
A luz que se lhe apagou:

1 Vigia

Pela mão tremente o toma,
Ao seu aposento o guia:
«Como treme, amor querido,
Esta mão, como está fria!»

E com osculos ardentes
E no seio palpitante,
Que lhe aquece as frias mãos
A namorada Violante.

«De longe vens? —De mui longe.»
«Bravo estava o mar? —Tremendo.
«Armado vens!» Não responde.
Vae-lhe as armas desprendendo.

Em pura essencia de rosas
O amado corpo banhou,
E em seu leito regalado
A par de si o deitou.

«Meia noite já é dada
Sem para mim te voltares,
Que tens tu, querido amante,
Que me encobres teus pezares?

Se temes de meus irmãos,
Elles não virão aqui;
Se de meu cunhado temes,
Não é homem para ti.

Meus criados e vassallos
Por essa tôrre a dormir,
Nem de nosso amor suspeitam,
Nem o podem descobrir.

Se de meu marido temes,
A longes terras andou:
Por lá o detenham Mouros,
Saudades cá não deixou.»

—Eu não temo os teus criados,
Meus criados tambem são:
Irmãos nem cunhado temo,
São meus cunhados e irmão.

De teu marido não temo
Nem tenho de que temer.
Aqui está aopé de ti,
Tu é que deves tremer.»

II

E o sol já no oriente erguido
Da tôrre ameias dourava;
Violante mais bella que elle
Para a morte caminhava:

Alva tella aspera e dura
Veste o corpo delicado,
Por cintura rijo esparto
Em grosseiro laço atado.

Choram pagens e donzellas,
Que a piedade o crime esquece;
O proprio offendido esposo
Com tal vista se enternece.

Dá signal a campa triste,
O algoz o cutello affia...
«Meu senhor mereço a morte»
Amalfadada dizia.

«De joelhos, D. Ramiro,
Humilde perdão vos peço;
Perdoae-me por piedade...
A morte não, que a mereço:

«Da affronta que vos hei feito
Por minha triste cegueira,
Dae-me quitação co'a morte
N'esta hora derradeira:

«Mas só eu sou criminosa
Do aggravo que vos fiz,
Não tireis, senhor, vingança
D'esse misero, infeliz...»

Talvez ia perdoar-lhe
O espôso compadecido...
Renovou-se-lhe o odio todo,
D'aquelle rogo offendido:

O semblante roxo de íra
Para não vêl-a torceu;
E co'a esquerda mão alçada
O fatal acêno deu.

Sobre o colo crystalino,
Desmaiado, e inda tam bello,
De golpe tremendo e subito
Cae o terrivel cutello.

III

Oh! que procissão que sae
Da antiga porta da tôrre!
Que gente que acode a vêl-a,
Que povo que triste corre!

Tochas de palida cêra
Nas trevas da noite escura
Vão dando luz baça e triste,
Luz que guia á sepultura:

Cobertos com seus capuzes
Rezam frades ao-redor,
A dobrar desentoados
Os sinos causam terror...

Duas noites são passadas,
Já não ha luz na seteira,
Mas passando e repassando
Anda a barca aventureira.

Linda barca tam ligeira
Que nenhum mar sossobrou,
O farol que te guiava,
Já não luz, já se apagou.

A tua linda Violante,
O teu encanto tam bello,
Teve por ti feia morte,
Crua morte de cutello.

Na egreja de San'Gil
Ouves a campa a dobrar?
Vês essas tochas ao longe?
Ella que vae a enterrar.

Já se fez o enterramento,
Já cahiu a louza fria,
Só na egreja solitaria
Um cavalleiro se via;

Vestido de dó tão negro,
E mais negro o coração,
Sobre a fresca sepultura
De rôjo se atira ao chão:

—Abre-te, ó campa sagrada,
Abre-te a um infeliz!...
Seremos na morte unidos,
Já que em vida o céu não quiz.

Abre-te, ó campa sagrada,
Que escondes tal formosura,
Esconde tambem meu crime
Com a sua desventura.

Vida que eu viver não quero,
Vida que eu só tinha n'ella,
Recebe a, ó campa sagrada,
Que não posso já soffrel-a.—

E o pranto de correr,
E os soluços de estalar,
E a mão que leva á espada
Para alli se traspassar.

Mas a mão gelou no punho
Voz que da campa se erguia,
Voz que ainda é suave e doce,
Mas tam medonha e tam fria,

Do sepulchro tam cortada,
Que as carnes lhe arripia
E a vida deixou parada:

«Vive, vive, cavalleiro,
Vive tu, que eu já vivi;
Morte que me deu meu crime,
Fui eu só que a mereci

Ai, n'este gêlo da campa,
Onde tudo é frio horror,
Só da existencia conservo
Meu remorso e meu amor!

Braços com que te abraçava
Já não teem vigor em si;
Cobre a terra humida e dura
Os olhos com que te vi;

Bôcca com que te beijava
Já não tem sabor em si;
Coração com que te amava...
Ai! só n'esse não morri!

«Vive, vive, cavalleiro,
Viv , vive e sê ditoso;
E apprende em meu triste fado
A ser pae e a ser espôso.

Donzella com quem casares
Chama lhe tambem Violante;
Não amará mais do que eu ..
Mas que seja mais constante!

Filhas que d'ella tiveres
Ensina-as melhor que a mim.
Que se não percam por homens
Como eu me perdi por ti.»

VERSÃO INGLEZA

I

SEE, Don Ramiro's galley speeds
Across the heavy seas,
His pennant which the moor so dreads
Now flutters in the breeze.

Oh! when he went, his heart was moved
With grief that would not hide...
To part whith her he long had loved
Though lately called his bride!

Spain's loveliest maids or royal queen
In charms could not compare
With Violante, had she been
True as her form was fair.

Against the castle's flanking tower
Wild beats the surging deep,
And there a watch at midnight hour
Would not submit to sleep:

All else lulled by the breaker's jar
In slumber calm reposed.
And as it's lord was distant far
His castle gates were closed.

But lo! a bark at dead of night
Alone doth swiftly glide
Beneath the tower from whence a light
Shines glimmering on the tide.

And many a darksome night the bark,
As falls that hour, returns;
Through wind and wave it's path to mark
The signal torch-light burns.

Roderigo, rouse thee up from sleep;
The oath which thou didst swear
To thy good lord, how canst thou keep
When strangers come so near!

For knowest thou not, where softest swell [1]
The waves around thy strand,
Whith sail unstretched, a caravel
Remains upon the sand?

Ah! in a stormy night and dark
It reckless left the shore;
Who was it's pilot none could mark
But it came back no more.

Yet at the hour, the guiding light
On high began to burn,
«I was vain—no eye observed, this night,
The little bark return.

Far down the ruggedd rock that spread
Its masses round the tower,
Was placed a secret gate which led
To Violante's bower.

Within this postern, steps were heard
At night approaching near,
And on her door so firmly barred
A knock arroused her ear;

— «Oh! who can thus, unknown advance
And knock so boldy there?» —
— «Tis Bernal, lady, thine of France:
He seeks thy smile to share »

From couch of gold she reached the floor
And rent her vestment gay,
And as she gently opened the door
It quenched her taper's ray.

His clay cold hand she seized him by
And led him to her bower!
— «Love, tremble not: within our sky
No clouds of sorrow lower.»

1 Vide nota no fim.

Then on her fair and glowings breast
Th: t, heaving, throbbed the more
She pressed his hands: and fondly kissed
His cold lips o'er and o'er.

—«Far have you come!» —«Yes very far.
—«Rough was the raging sea?
—«It was.» —Why comme you armed for war?
Nay tell thy thoughts to me »

She doffed his armour, and the dew
Of roses, scenting wide,
In liquid drops she o'er him threw
And laid him by her side.

—«Twelve hours hath rung the castle bell;
To her, who loves thee, turn
Thy face, as thou wert wont, and tell
What gives thee cause to mourn.

Oh! if my brothers thou dost fear,
They will not come to me;
My husband's brother, were he here»
Can never cope with thee.

«My serfs and vassals, trough the halls,
Will sleep till morning light;
«Nor can they deem that, in my walls,
I welcome such knight.

«My husbad, fond of martial fray
To distant lands is gone,
And may the Moors prolong his stay
Regret here left he none.»

—They are my own, I need not fear
Those kneeling slaves of thine,
Nor brothers, for the badge they wear
Above their helms is mine.

«Nor do I dread thy husband's wrath;
Know... he reposes here,
Even by his lady, void of faith,
«'Tis she who well may fear.»

II

The sun dispelled morn's shadows dim,
And on the castle shone,
When Violante, more fair than him,
To meet her doom hath gone:

Her lovely form, a garment long
And coarse was wraped around,
A knotted rope, like cable strong,
Her graceful person bound

And gushing tear drops blind the eye
Of page and maiden fair;
Nor are Ramiro's lashase dry
Fresh moisture glistens there.

Pealed from the tower the signal bell,
The axe was lifted high
O'er Violante... Ere it fell
She saw her husband nigh

—«My lord» she cried «I merit death,
Yet on my bended knee,
Ere from my bosom parts my breath,
I pardon crave from thee.

«Tis not through blighted years to live
Lamenting o'er the past,
But my offense to thee, forgive,
This hour is now my last.

«On me, for I have wronged thy bed,
Alone let vengeance light,
Nor wreck thy rage upon the head
Of Bernal, hapless knight.»

To grant her wish, Ramiro's breast
With rising pity burned,
But when she urged her last request,
His former hate returned.

Dark lowered his brow, fierce flashed his eye,
As when his faulchion brave
Repelled the foe, — his left hand high
The fatal signal gave

Then on that neck of grace and love,
Whose blue veins shining tell
The pureness of the skin above,
The heads man's weapon fell.

III

Forth from the castle's ancient gate,
A dread procession slaw
Advanced, who mourned the happless fate
That laid such beauty low.

Above hem many a waxen torch,
In darkness of the night,
Shed to the chapel's gothic porch
A dim and mournful light.

And hooded closely many a friar
Sung prayers the bier around,
The massy bells within the spire
Rung forth an awful sound.

Two nights had passed, no torche's ray
Illumed the testless tide,
But fleetly o'er the castle bay
Again the skiff did glide.

Swift bark, thy pilot braved the wrath
Of ocean's wildest war,
But knows not how the damp of death
Has quenched his leanding star.

Alas the fair whose beauty lured
His path across the wave,
The headsman s stroke for him endured
To fill a bloody grave.

Within the chapel of Saint Gil
Intombed she slumbers low;
See, distant torches burning still.. »
Hark, bells are pealing slow!

All now is past — lies o'er the dead
The cold sepulchral stone;
And, see: a knight doth ceaseless tread
The echoing aisles alone.

His robes are black, but woe doth shroud
His form upon her tomb.
And lo he stretches, sobbing loud,
His form upon her tomb.

—«Oh! open, grave, my heart is riven,
I taste delight no more,
Let death unite us now, whom heaven
In life asunder tore.

«And her who calmly sleeps beneath
Again to me reveal,
That by her side, I may in death,
My crime with her conceal.

ADOZINDA — CANTIGA IV

«Emudecei!» lhes bradou
Ficaram todos calados;

PAG. 349

«It is not, torn with inward strife,
My wish to linger on,
And I ive, when shet, the very life
Of all my hopes, is gone.»

Then fell his tears; his hands were clasped
And moanings of despair
Burst from his heart, his blade he grasped
To still the conflict there.

But why inactive did he stand?
A voice unearthly rose
Out of the tomb, and stayed his hand
Till on the hilt it froze.

Like hollow gusts in winter drear,
That sound, appalling, came
So deep and sudden o'er his ear,
It deathlike thrilled his frame.

—«Live, cavalier, though I no more
Survive, let life be thine,
Since for my crime the stroke I bore
The fault alone was mine.

Cold horror dwells beneath this stone,
And all I knew above
Of glowing life from me is gone,
Except remorse and love.

«The arms shall clasp thy neck no more
Whose shape thou oft hast praised.
The eyes with earth are covered o'er
That kindly on thee gazed.

«The mouth whose lips did revel free
O thine, is senseless now:
But that fond heart wich beat for thee
Death cannot chill its glow.

«Live, live, Sir Knight; a soul lik thine
To honour should as ire;
Oh! learn to be, from fate like mine,
A husband and a sire.

«And name the maiden after me
Whose beart shall thee adore:
Than I, more faultless she may be,
But cannot love thee more.

«And oh! instruct her daughters young
That love may never sway
Their hearts to ill — think how I flung
For thee my life away »

II

NOITE DE SAN'JOÃO

Este romance é e não é da minha simples composição. Estavam-me na saudosa memoria as vagas reminiscencias d'aquelles cantares tam graciosos com que, na minha infancia, ouvia o povo do Minho festejar a abençoada noite de San'João; estavam-me as fogueiras e as alcachofas de Lisboa a arder tambem na imaginação: e eu era muito longe de Portugal, e muito esperançado de me vêr n'elle cedo: aqui está como e quando fiz esta cantiga.

Foi em San'Miguel, as antênas dos nossos navios já levantadas para sahir a expedição; — soltámol-as ao vento d'ahi a horas... Isto escrevia-se na quinta do meu velho amigo, o sr. José Leite, cavalheiro dos mais distinctos, e velho o mais amavel que produziu o archipelago dos Açores.

Tambem alli estavam, para inspirar o poeta, uns olhos pretos de quinze annos, que promettiam arder ainda tanta noite de San'João, fazer queimar tanta alcachofa por sua conta!... Já os cobriu a terra.

Faz hoje dez annos que aquillo foi; e ainda não envelheci bastante para o esquecer.

O romance é tam feito dos ditos e cantares do povo, que nem uma idéa nem talvez um verso inteiro tenha que seja bem e todo meu. Por este motivo, principalmente, lhe dei logar aqui.

Lisboa, 23 de junho de 1842.

Na collecção já citada, a LUSITANIA ILLUSTRATA, part. II, pelo sr. J. Adamson, appareceu a tradução ingleza d'este romance, que vae transcripta no appendice ao LIVRO II do presente ROMANCEIRO.

Sabe-se tambem de uma versão em italiano, e de outra em allemão, que não chegámos a vêr ainda.

Abril, 16 — 1853. OS EDITORES.

NOITE DE SAN'JOÃO

Té os moiros da Moirama
Festejam a San'João:
San'João, San'João, San'João
Dae-me pêras do vosso balcão.
CANTIG. POPUL.

I

Meia noite já é dada,
San'João, meu San'João,
N'esta noite abençoada
Ouvi a minha oração!

Ouvi-me, santo bemdito,
Ouvi a minha oração,
Com ser eu moira nascida
E vós um santo christão:

Que eu já deixei a Mafôma
E a sua lei do Alkorão,
E só quero a vós, meu santo,
Santo do meu Dom João.

II

«Como eu queimo esta alcachofa
Em vossa fogueira benta,
Amor queime a saudade
Que no peito me rebenta.

Como arde esta alcachofa
Na vossa fogueira benta,
Assim arda a negra barba
Do moiro que me atormenta.

Como esta fogueira abrasa
A minha alcachofa benta,
Ao meu cavalleiro abrase
A chamma de amor violenta.

III

«Sacudi do alto do céu
Vossa capella de flores,
Que n'este ramo queimado
Renasçam por meus amores.

Orvalhadas milagrosas
Que sáram de tantas dores,
N'este coração, meu santo,
Accalmem os meus ardores.

San'João, meu San'João,
Santo de tantos primores,
N'esta noite abençoada,
Oh! trazei-me os meus amores!»

IV

Já se apagava a fogueira,
Já se acabava a oração,
Ainda está de joelhos
A moira no seu balcão.

Os olhos tinha alongados,
Batia-lhe o coração:
Muita fé tem aquella alma,
Grande é sua devoção!

Ouviu-a o santo bemdito:
Que, por sua intercessão,
D'aquelle extasi acordava
Nos braços de Dom João.

III

O ANJO E A PRINCEZA

O celebre erro commettido pelos Setenta na tradução do *v.* 2 do cap. VI do *Genesis*, deu um poema inteiro a Thomaz Moore, *Os Amores dos Anjos (The Loves of the Angels).* E d'este partiu o palido reflexo da *Chute d'un Ange* que apenas animam as bellas pinturas de paizagem feitas do vivo e natural, e como de mão que as copiou nos proprios sitios: em tudo o mais o poema de Lamartine é inferior ao do Anacreonte d'Irlanda.

Hoje lêmos na *Vulgata:*—«Videntes filii Dei filias hominum quod essent pulchrae, acceperunt sibi uxores ex omnibus quas elegerant.»

O padre Antonio Pereira verteu:—«Vendo os filhos de Deus, que as filhas dos homens eram formosas, tomaram por suas mulheres as que d'entr'ellas lhes agradaram mais.»

O padre João Ferreira d'Almeida assim: —«Viram os filhos de Deus que as filhas dos homens eram formosas, e tomaram para si mulheres de todas as que escolheram.»

Mas os Setenta não tinham entendido assim o texto hebraico, e em vez de —*filhos de Deus*, traduziram—*anjos de Deus* (οἱ Αγγελοι του Θεου); erro, que ajudado pelos commentos poeticos de Philon, e pelas ficções do apocrypho *Livro de Enoch*, accendeu as imaginações meio pagans de Tertuliano, de Lactancio, e até de San'Clemente-Alexandrino. Seja dito com o devido respeito a estes padres da Egreja: nem Hesiodo nem Ovidio estenderam fábula alguma do polytheismo por maiores desvarios do que elles poetizaram ácerca d'esta ficção. Regeitou-a todavia a maior parte dos Santos Padres. Deplorou-a como absurdo San'João Chrysostomo, estigmatizou-a de loucura San'Cyrillo. Segundo elles as palavras —*filhos de Deus*— querem dizer: —os *descendentes de Seth por Enos*, porque foram os primeiros que invocaram o nome do Senhor. Assim por est'outras palavras —*as filhas dos homens*— devemos entender: —*as filhas da corrupta raça de Cain.* E' opinião seguida sem disputa, na Egreja catholica e em quasi todas as outras, desde Santo Thomaz até hoje.

O *Targum de Onkelos*, que é a mais antiga das paraphrases chaldaicas, e a versão de Symacho traduziram —*os filhos dos nobres ou grandes;* a versão samaritana diz— *os filhos dos juizes.*

E parece que a palavra hebraica, *Elohim*, admitte todas estas tam desvairadas interpretações.

Seja como fôr, d'aquelle desvio de texto e de imaginação nasceu muita poesia para os escriptores mysticos dos judeus e dos christãos primitivos e dos gnosticos e de todas essas seitas do Oriente, e porfim, em nossos dias, para os poemas de dois vates, ambos christianissimos hoje, ambos eminentemente catholicos —o francez talvez agora um tanto menos, —o inglez muito mais, principalmente depois d'essa ultima sua obra philologo-orthodoxa.

Eu porém não quiz fazer mais do que uma «lenda-romance» como a comporia um menestrel da Edade-média em cujas coplas os donairosos sonhos da mythologia, assim como os severos mysterios da crença, tomavam sempre os habitos sociaes do seu tempo. Jupiter era Dom Jupiter, rei de corôa na cabeça e barbas até á cinta, rodeado de condes e de pagens, servido por nobres donzellas de espartilho e toucas altas; San'Miguel e o proprio Lucifer dois cavalleiros de lança em punho e escudo embraçado, justando em mui leal batalha n'essas nuvens, com Legiões e Potestades por mantenedores do campo; —o Olympo era um castello feudal, e o Céu uma roca-forte. Em summa, sem princezas e cavalleiros não havia poesia para elles, nem a podia haver, porque essa era a vida que elles conheciam, o bello e sublime da vida que concebiam.

Por isto o tom biblico d'esta lenda ou legenda necessariamente é modificado e predominado do ár cavalheiresco ou romantico, proprio de um cultor da Gaya-Sciencia. Veja-se no *Cancioneiro* de Resende como, ainda no seculo XV, o nosso João Rodrigues de Sá e Menezes traduzia —não tanto do latim para portuguez, quanto do romano para romance, a epistola de Laodamia. Veja-se como o proprio Sá de Miranda na Egloga IV reconta as classicas aventuras de Cupido e Psychis, —verdadeira fonte tambem da muito romantica e trovada historia da Carochinha, *A Bella e a Fera*, que toda a gente sabe —ou soube quando era pequeno.

O fio da minha legenda é muito singelo. Era uma vez a filha de um rei, moça, linda, e unica herdeira do throno. Fugia das diversões e grandezas da côrte para se entre-

gar á meditação na soledade. Adoece mortalmente emquanto el-rei seu pae anda á guerra. Volta elle triumphante e vem n'a achar na derradeira agonia. O seu mal não o entendem os physicos. Lembra-lhes se será alguma secreta paixão de amor. El-rei está prompto a tomar para genro seja quem fôr, comtanto que lhe viva a filha. Nem assim. Morre a pobre da princeza, e morre de mal de amores. Mas como não havia de ser, se a sua fatal paixão é por um espirito — um gnomo, um sylpho, um anjo — quem sabe o quê! — talvez outro Bertrand que se apoderou d'esta Rosalia.— Ao menos, escapámos de segundo Roberto do Diabo, porque a boa da infanta era de consciencia, e morreu antes d'isso.

E d'ahi, quem sabe? seria anjo bom o que ella amava. Segundo San'Basilio, *De vera virginitate*, não póde ser; segundo Tertuliano e San'Clemente Alexandrino já se viu que podia ser.

Campolide, 5 de outubro de 1842.

A' Illustrissima e Excellentissima Senhora Marqueza de Fronteira

Esta lenda-romance foi escripta no seu Album, Minha Senhora, para cumprir uma promessa feita ha tanto tempo, e por cujo desempenho tam retardado V. Ex.ª teve a bondade de nunca ralhar commigo. Dedico-lh'a agora que sae impressa; e é a primeira vez na vida que offereço versos ou prosas minhas a pessoa que pudesse imaginar devêl-o á sua qualidade e grandeza. Será provavelmente a ultima, emquanto não fizer mais proselytos e imitadores o espirito verdadeiramente nobre e as maneiras verdadeiramente fidalgas que me obrigam a quebrar n'esta occasião o meu proposito tam firme e tam necessario n'esta terra.

De V. Ex.ª

Criado e fiel captivo

ALMEIDA-GARRETT.

Campolide, 20 de outubro de 1842.

O ANJO E A PRINCEZA

...Waft me hence to thy own sphere,
Thy heaven or—ay, even *that* wit thee.
MOORE, LOVES OF THE ANGELS.

OH que choros vão no paço
Oh que lutos, que tristeza!
Morre, morre a cada instante
A nossa linda princeza.

Os physicos não se entendem,
Vão-se uns e outros vêm;
Mas o mal que ella padece
Não lh'o descobre ninguem.

Nos olhos que se lhe enturvam,
Já treme a luz derradeira.
Resa o officio da agonia
Negro monge á cabeceira.

Se inda chegará a tempo
D'essas guerras d'além-mar
O bom do rei que, inda possa
A sua filha abraçar!

A filha que elle ama tanto,
Unica filha querida,
A menina dos seus olhos,
Bordão da cansada vida!

Pois chegou. Tanto captivo,
Tanto despôjo que traz!...
Com victorias o enganava
Fortuna, que acinte o faz

Pelas portas de palacio
O real cortejo entrava,
Olha o rei a um lado e outro.
Nem uma voz o acclamava...

Pela filha, que não via,
Não se atreve a perguntar,
Mas ao quarto da princeza
Foi direito sem parar:

—Minha filha, minha filha!
Que tens tu, filha querida?—
E ella abria os olhos turvos
Que já não têm quasi vida...

—Ametade do meu reino,
Da minha c'roa real,
A quem salvar a princeza,
Quem acertar c'o este mal.—

A estas palavras do pae
Meneia a palida frente,
Como quem diz: «Não o entendem,
Nem cura o meu mal consente»

—«São pezares...!não se sabe...»
Responde o physico-mór.
Outro mal lhe não descubro...
Só se for o mal d'amor.»

Um rubor desfalecido
Assomou na face lenta
Que já do suór da morte
Se cobria macilenta.

Os olhos que no pae tinha
Cravados desde que o viu,
Com mostras de pêjo e medo
Para a terra os descahiu.

—Não tenhas, filha, receio,
Levanta os olhos, querida;
Seja quem for, será teu:
Jurei-o por tua vida,

Seja elle ou rico ou pobre,
Seja fidalgo ou peão,
Desde já por genro o tómo,
E aqui lhe dou tua mão,—

Como quem o último esforço
De doce mágoa fazia,
Com ineffavel brandura
Os olhos ao pae erguia;

Suave longo suspiro
D'entre os labios lhe fugiu...
Era a vida que passava,
Que sem dor se despediu.

Foram para a amortalhar,
No peito um signal lhe achavam
De letras que ninguem leu,
Que estranhas fórmas tomavam.

Sete sabios são chamados
Para haver de as decifrar:
Cada-um sete linguas sabe,
Não as podem soletrar.

Só o mais velho dos sete,
Que andára na Palestina,
Disse:—«Outras letras como estas
Eu já vi n'uma ruina,

Junto dos cedros do Libano,
Já meio entre a terra e os céus,
Do tempo que ás filhas do homem
Falavam anjos de Deus.

Mas lêl-as não sei nem posso:
Nem que soubesse, o fizera:
Segredos são de outro mundo
Que, n'este, Deus não tolera.»

No alto d'aquelle monte
Um alto cedro nasceu;
Ou anjos o semearam,
Ou foram aves do céu.

Que alli cresceu de repente,
De uma noite para um dia;
E outro egual em todo o reino
Como aquelle não havia:

Foi a noite que a princeza
Alli veiu a sepultar:
Era um sitio seu querido
D'onde sohia de estar,

Aonde horas esquecidas,
Sósinha, de quando em quando,
Com as estrellas do céu
Parecia estar fallando;

E onde, uma noite sem lua
Que as estrellas mais brilhavam,
Houve quem visse nos áres
Umas roupas que alvejavam,

E descer a pouco e pouco,
E aopé da infanta parar
Um vulto... visão... ou sombra...
Mas sombra de luz sem par:

E foi desd'aquella noite
Que a não viu mais rir ninguem.
Anjo era o que lhe falava...,
Mas se de Deus... ou de quem?..

IV

O CHAPIM D'EL-REI OU PARRAS VERDES

Foi verdadeiramente reconstruida esta xácara dos fragmentos soltos da composição popular antiga, como hoje se reconstruiria das pedras cahidas de uma torre velha, — não exactamente o mesmo edificio, porque o cimento, e algum inchume novo aqui ou alli, seria mister empregar — mas quasi a mesma coisa; na fórma e nos materiaes a mesmissima.

Vieram-me de Evora os fragmentos por intervenção do sr. Rivara, o habil e zeloso bibliothecario d'aquella cidade: são parte em prosa, parte em verso, estado em que alguns d'estes fósseis se desenterram ás vezes. Verifiquei depois que pelas visinhanças de Lisboa se encontravam na mesma fórma e quasi os mesmos.

Deixei-lhe com mais seguridade o titulo de xácara que trazem muitos outros de nossos romances populares, porque effectivamente creio que quadra mais aos d'esta especie de narrativa que é feita dramaticamente pelos dizeres de um e outro dos seus personagens, emquanto o poeta pouco ou nada diz epicamente elle mesmo.

Nós temos, se me não engano, no genero narrativo popular, as tres especies, *romance*, *xácara*, *soláo*: no *romance* predomina a fórma epica, conta e canta principalmente o poeta; na *xácara* prevalece a fórma dramatica, diz o poeta pouco, ás vezes nada — falam os seus personagens muito: o *soláo* é mais plangente e mais lyrico, lamenta mais do que reconta o facto, tem menos dialogo e mais carpir; ás vezes, como no Soláo da Ama em Bernardim Ribeiro, não ha senão o lamento de uma só pessoa que vae alludindo a certos successos, mas que os não conta.

Apesar do que levo dito no principio d'estas linhas, como não posso negar que ha bastante do meu cimento no ligar e assentar das pedras velhas, e ellas eram tam poucas e tam soltas, escrupulisei de pôr esta peça no II livro do ROMANCEIRO para que me não accusassem de macaquear as imposturas de Macpherson ou de fr. Bernardo de Brito.

A anecdota, que eu deixei religiosamente como a refere o povo, parece dever ter sido algum facto que realmente acontecesse: — como, quando e aonde? Não pude encontrar vestigio. E' o que diz o pobre do conde, scismando:

> O chapim aqui o tenho,
> O chapim bem n'o topei:

mas cujo é, e a que pé serve, só se voltar do outro mundo o dito rei para nol-o dizer.

Lisboa, 27 de março de 1843.

No appendice ao II livro do ROMANCEIRO achará o leitor a versão ingleza d'esta xácara, publicada pelo sr. Adamson na sua LUSITANIA ILLUSTRADA, part. II.

Abril, 17 — 1853.

OS EDITORES.

O CHAPIM D'EL-REI OU PARRAS VERDES

I

VERDES parras tem a vinha,
Ricas uvas n'ella achei,
Tam maduras, tam córadas...
Estão dizendo «comei!»

«Quero saber quem n'as guarda;
Ide, mordomo, e sabei:»
Disse o rei ao seu mordomo.
Mas porque o dizia o rei?

Porque viu n'aquelle monte
— como elle o viu não sei —
Essa donna emparedada,
Não se sabe por que lei;

Que por seu mal é condessa,
Condessa de Valderey:
Antes ser pobre e villan,
Antes pela minha fei! [1]

Verdes parras tem a vinha:
Uvas que lhe víra el-rei
Tam maduras, tam córadas,
Estão dizendo «comei!»

II

Veiu o mordomo do monte:
— Boas novas, senhor rei!
A vinha anda bem guardada,
Mas eu sempre lá entrei.

1 Fe, fee, fei. Vid. nota no fim.

O CHAPIM DE EL-REI — Era uma tal formosura...
Ora que mais vos direi? — PAG. 371

O dono foi-se a outras terras,
Quando volverá não sei;
A porta é velha, e a porteira
Com chave de ouro a tentei.

Serve a chave á maravilha,
Tudo por fim ajustei:
Esta noite á meia-noite
Comvosco á vindima irei.»

«Valeis um reino, mordomo,
Grandes mercês vos farei:
Esta noite á meia noite
Ricas uvas comerei.»

A vinha tem parras verdes,
Madura a uva lhe achei;
E tam madura, tam bella,
Que está dizendo «comei!»

III

Ao pino da meia-noite
Foi mordomo e foi o rei:
Doblas que deram á velha,
Um conto que nem eu sei.

«Mordomo ficae á porta,
A porta que eu entrarei;
Não me saltem cães na vinha
Em quanto eu vindimarei.»

A porteira o que lhe importa
É o dá-me que te darei...
No camarim da condessa
Veis agora entrar o rei.

Levava um candil acceso;
Era de prata, sabei:
Não ha senão prata e oiro
Na casa de Valderey.

Da vinha as parras são verdes,
As uvas maduras sei,
São tão coradas, tão bellas ..
D'ellas — quando comerei!

IV

No camarim da condessa
Tudo andava á mesma lei,
Era o ceu d'aquelle anjo:
Que mais vos diga não sei.

Ricas sedas de Milão,
Toalhas de Courteney.
Tremia o rei — se era susto,
Se era de gôsto não sei.

Cortinas de seda verde
Vae ergo não erguerei...
Tal clarão lhe deu na vista,
Como não cahiu não sei.

Era uma tal formosura...
Ora que mais vos direi?
Outro primor como aquelle
Não vistes nem eu verei.

Verdes parras tem a vinha,
Ricas uvas lhe avistei,
Tam formosas, tam maduras,
Estão dizendo «comei!»

V

Dormia tam descançada
Como eu no céu dormirei
Quando for tam innocente..
Jesus! se eu lá chegarei!

De joelhos toda a noite
Alli fica o bom do rei,
Pasmado a olhar para ella
Sem bulir nem mão nem pei. [1]

E dizia: — «Senhor Deus!
Perdoae-me o que já pequei,
Mas este anjo de innocencia
Não sou eu que offenderei.

Tem verdes parras a vinha;
Lindas uvas que eu lhe achei,
Tenho medo que me travem..
D'ellas, ai! não comerei.

VI

Já vinha arraiando o dia,
E elle, como vos contei,
Ouve apitar o mordono ..
«Jesus, senhor, me valei!»

Era o signal ajustado
— Vindo o conde, apitarei —
Deixou cahir as cortinas
Dizendo: «Não vendimei!»

Lindas parras tem a vinha,
Bellas uvas n'ella achei;
Mas doeu-me a consciencia,
Das uvas não comerei.

VII

Deita a correr com tal pressa
Que voava o bom do rei:
«Ai que perdi um chapim ..»
—«Tomae, que um meu vos darei:

«Mas nem um instante mais,
Que o conde já avistei
Descendo d'aquella altura;
Se nos colherá não sei...»

Era o medo do mordomo:
Outro era o medo do rei.
Qual d'elles tinha razão
Agora vol-o direi.

Parras verdes viu na vinha,
Uvas maduras de lei;
Foi travo da consciencia,
Diz: «D'ellas não comerei.»

VIII

Chega o conde á sua tôrre,
O conde de Valderey,
Topou n'um chapim bordado...
Como ficou não direi.

1 Pé, pee, pei. Vid. nota no fim.

Vae-se ao quarto da condessa
—«Morrerá, matal-a-hei.»
Viu-a dormir tam serena:
—«Jesus! não sei que farei!»

Corre a casa ao derredor:
—«Deus me tenha em sua lei,
Que ou esta mulher é bruxa
Ou eu c'o chapim sonhei!

«O chapim aqui o tenho,
O chapim bem n'o topei...
Mas que durma assim tão manso
Quem tal fez, não n'o crerei.»

Entrou a scismar n'aquillo:
—«Valha me Deus! que farei?
Por menos fica homem doudo:
E eu como o não ficarei?»

Minha vinha tão guardada!
Uvas que n'ella deixei
Não é fructa que se conte. .
Da que me falta não sei »

IX

Foi-se fechar no mais alto
Da tôrre de Valderey:
—«Não quero comer do pão,
Nem do vinho beberei;

«Minhas barbas e cabellos
Tambem mais os não farei,
Que ésta verdade não saiba
D'aqui me não tirarei.»

Verdes parras d'essa vinha,
Uvas que eu não comerei,
Ficae vos sêcas embora,
Que eu já'gora—morrerei.

X

Por tres dias e tres noites
Que se guarda aquella lei;
Clama a triste da condessa:
—«Ao seu mal que lhe farei!»

De quem foi ella valer-se?
Agora vol-o direi.
Foi lastimar-se a innocente...
Onde iria?—ao proprio rei.

«Ide, condessa, ide embora,
Que eu remedio lhe darei;
O segredo do seu mal
Sei-o eu . Se o saberei?

«Palavra de cavalleiro
Em lealdade vos darei,
Que ou elle hade ser quem era,
Ou eu, quem sou, não serei.»

As verdes parras da vinha,
As uvas que eu cubicei,
Ellas a travar-me n'alma ..
E mais d'ellas não provei!

XI

Fôra d'alli a condessa,
Não tardou em ir o rei:
—«Quero ouvir o que elles dizem,
A esta porta escutarei.»

Ouviu uma voz celeste
Como tal nunca ouvirei,
Cantando em doce toada
Este triste vireley:

—Já fui vinha bem cuidada,
Bem querida, bem tratada:
Como eu medrei!
Ora não sou nem serei:
O porquê não sei
Nem n'o saberei!»

Com as lagrimas nos olhos
Foi d'alli o bom do rei:
«Oiçamos agora o outro,
E o que sabe, saberei!»

—«Minha vinha tam guardada!
Quando n'ella entrei
Rastos do ladrão achei;
Se me elle roubou não sei:
Como o saberei?»

Era o conde a lastimar-se.
Surrindo dizia o rei
(Se era de si ou do conde
Que elle se ria não sei):

«Eu fui que na vinha entrei,
Rastos de ladrão deixei,
Parras verdes levantei,
Uvas bellas
N'ellas—vi:
E assim Deus me salve a mim
Como d'ellas
Não comi!»

XII

A porta tinha uma fresta
Tirou o chapim do pei,[1]
Atirou-lh'o para dentro,
Disse-lhe: «Vêde e sabei.»

Do mais que alli succedeu
Para que vos contarei?
O conde soube a verdade,
E o rei soube—ser rei.

Verdes parras tem a vinha,
Ricas uvas lá deixei:
Quem m'a guardou foi o medo...
De Deus e da sua lei.

1 Vid. nota no fim.

V

ROSALINDA

E' verdadeiramente sublime, tem toda a frescura viçosa das imagens da poesia primitiva, a com que termina este romance. Tudo o que ha de asqueroso n'uma sepultura desapparece do tumulo em que amor desfolhou os seus goivos: alli não ha corrupção nem vermes: uma bella arvore, um rosal florido reproduzem em «novas e mudadas fórmas» os corpos de dois amantes. A vida não acabou, mudou só; e nem mudou tanto, que a vegetal seiva d'esses ramos não ferva ainda do mesmo ardor que já animou aquelle sangue. Tendem umas para as outras as apaixonadas vergonteas; cortam-n'as e ellas recrescem, e vão-se abraçar como duas palmeiras namoradas.

Sente-se aqui o BELLO, sente o qualquer porque é bello devéras. Assim se popularizou esta imagem e fez a volta da Europa, que a achâmos nos romances e soláos de quantos povos entraram na grande communhão romano-celtica, romano-teutonica, ou celto-teutonica: — talvez seja o modo mais exacto de dizer, este último.

O romance *Prince Robert*, publicado por sir Walter Scott, da tradição oral das raias d'Escocia, [1] remata com estas coplas:

> The tane was buried in Marie's kirk
> The tother in Marie's quair;
> And out o' the tane there spring a birk,
> And out o' the tother a brier.
>
> And thae twa met, and thae twa plat,
> The birk but and the brier;
> And by that ye may very weel ken
> They were twa lovers dear.

Cito estas coplas escocezas por serem as que mais se parecem com as do nosso romance: ha muitos outros parallelismos, mais ou menos approximados, nos romanceiros e cancioneiros de quasi todas as linguas. Não é possivel descobrir hoje onde nasceu a idea original; no portuguez é onde ella está mais lindamente expressada e com mais «sentimento.» Na famosa historia de *Dom Tristam*, apontada a este proposito por Sir W. Scott, occorre a mesma imagem.

«*Ores veitil que de la tumbe de Tristam yssait une belle ronce verte et feuilleuse, qui aleoit par la chapelle, et descendoit le bout de la ronce sur la tumbe d'Isseult, et entroit dedans.*» Tres vezes cortaram a milagrosa planta, mas, continúa o bom do historiador, Rusticien de Pise, «*le lendemain estoit aussi belle comme elle avoit cydevant été, et ce miracle estoit sur Tristam et sur Ysseult à tout jamais advenir.*»

E' um ponto luminoso para as indagações philologicas na historia das linguas modernas — ou da sua poesia, que é a mesma coisa. E' para mais ainda; porque a historia do homem, por aqui a hade começar a estudar quem verdadeiramente a quizer saber.

Eu fiz este romance de tres fragmentos diversos, tam fragmentos que nenhum d'elles por si se entendia bem. O primeiro appareceu-me inserido no de *Eginaldo, Reginaldo* — ou *Girinaldo*, como diz em muitas partes o povo. O segundo e terceiros envoltos com o de *Claralinda* ou Clara lindes, que os castelhanos chamam *Clara niña*, e ao romance o do *Conde Claros*.

No logar competente do Cancioneiro darei esses romances que hoje tenho restituidos pela collação de outros fragmentos e de melhores copias que depois me vieram. [1]

Campolide, 8 de Setembro 1843.

Tambem na LUSITANIA ILLUSTRATA vem a tradução ingleza d'este romance que vae copiada no appendice á II parte do LIVRO II do nosso ROMANCEIRO.

Aqui damos agora o bello estudo e versão franceza de M. Edouard Fournier sobre a *Rosalinda*, que se publicou em Paris em 1852.

Abril, 16-1853.

OS EDITORES.

[1] Minstrelsy of the Scottish border etc. by Sir Walter Scott, mihi, ed. de Paris-1838 — 2 vol. pag. 125.

[1] Vej. no livro II, part. I, o romance XIII, *Claralinda*; e na parte. II, o romance XVIII, *Conde Nilo;* ibid. o romance XX a *Peregrina*

ROSALINDA

Era por manhã de maio,
Quando as aves a piar,
As arvores e as flores,
Tudo se anda a namorar;

Era por manhã de maio,
A' fresca riba de mar,
Quando a infanta Rosalinda
Alli se estava a toucar.

Trazem das flores vermelhas,
Das brancas para a enfeitar;
Tam lindas flores como ella
Não n'as poderam achar:

Que é Rosalinda mais linda
Que a rosa, que o nenuphar,
Mais pura que a açucena
Que a manhan abre a chorar.

Passava o Conde almirante
Na sua galé do mar;
Tantos remos tem por banda
Que se não podem contar;

Captivos que a vão remando
A Moirama os foi tomar;
D'elles são grandes senhores,
D'elles de sangue real:

Que não ha moiro seguro
Entre Ceuta e Gibraltar,
Mal sae o Conde almirante
Na sua galé do mar.

Oh que tam linda galera,
Que tam certo é seu remar!
Mais lindo capitão leva,
Mais certo no marear.

«Dizei me, oh Conde almirante
Da vossa galé do mar,
Se os captivos que tomaes
Todos los fazeis remar?»

—Dizei-me, a bella Infanta,
Linda rosa sem egual,
Se os escravos que lá tendes
Todos vos sabem toucar?

«Cortez sois, Dom Almirante;
Sem responder, perguntar!»
—Responder, responderei,
Mas não vos heisde enfadar:

Captivos tenho de todos,
Mais bastos que um aduar;
Uns que mareiam as velas,
Outros no banco a remar:

As captivas que são lindas
Na pôpa vão a dansar,
Tecendo alfombras de flores
Para o senhor se deitar.

«Respondeis, respondo eu,
Que é boa lei de pagar:
Tenho escravos para tudo,
Que fazem o meu mandar;

D'elles para me vestir,
D'elles para me toucar.

Para um só tenho outro emprego,
Mas está por captivar...

—Captivo está, tam captivo
Que se não quer resgatar.
Rema, a terra a terra, moiros,
Voga certo, e a varar!»

Já se foi a Rosalinda
Com o Almirante a folgar:
Fazem sombra as larangeiras,
Goivos lhe dão cabeçal.

Mas fortuna, que não deixa
A nenhum bem sem dezar,
Faz que um monteiro d'elrei
Por alli venha a passar.

—Oh monteiro, do que viste,
Monteiro, não vás contar:
Dou-te tantas bolsas de oiro
Quantas tu possas levar.—

Tudo o que viu o monteiro
A el-rei o foi contar,
A casa da Estudaria
Onde elrei stava a estudar.

—«Se á puridade o disseras,
Tença te havia de dar:
Quem taes novas dá tam alto,
Alto hade ir... a enforcar.

—«Arma, arma, meus archeiros
Sem charamellas tocar!
Cavalleiros e piões,
Tudo á tapada a cercar.»

Inda não é meio dia,
Começa a campa a dobrar;
Inda não é meia noite,
Vão ambos a degolar.

Ao tópe de ave-marias
Foram ambos a enterrar:
A Infanta no altar-mór,
Elle á porta principal.

Na cova da Rosalinda
Nasce uma arvore real,
E na cova do Almirante
Nasceu um lindo rosal.

El-rei, assim que tal soube,
Mandou-os logo cortar,
E que os fizessem em lenha
Para no lume queimar.

Cortados e recortados,
Tornavam a rebentar:
E o vento que os encostava,
E elles iam-se abraçar,

El-rei, quando tal ouviu,
Nunca mais pôde falar;
A Rainha, que tal soube,
Cahia logo mortal.

=«Não me chamem mais rainha,
Rainha de Portugal...
Apartei dois innocentes
Que Deus queria juntar!»=

ÉTUDES SUR LA ROSALINDA

Les rapports entre la littérature française et la littérature portugaise, au Moyen-âge, furent plus grands et plus directs que l'éloignement des deux pays ne le donnerait á penser. M Raynouard a éte des premiers á le remarquer; il ne s'est même pas borné á une simple constatation du fait, il l'a appuyé de toutes sortes de preuves. Afin même de montrer complétement combien la langue portugaise se rapprochait de la langue romane il a été jusqu'a traduire dans la langue des troubadours une petite pièce du Camoëns. [1] Épreuve triumphante! car à quelques syllabes près, les deux pièces, l'original et la traduction, se sont trouvés les mêmes. Il n'y a pas plus complète identité contre les *Noei* en patois bourguignon et la très facile traduction française que tout le monde peut en faire. Qu'on en juge par la seconde des deux strophes:

PORTUGAIS	LANGUE DES TROUBADOURS
Melhor deve ser	Melhor deu esser
N'este aventurar	En est aventurar
Ver e não guardar	Vezer e no guardar
Que guardar e ver.	Que guardar e vezer.
Ver e defender	Vezer e defender
Muito bom seria,	Molt bon seria,
Mas quem poderia?	Mas qui poiria?

Dans tout cela, je le répète, il n'y a pas une syllabe qui ne soit sœur de celle qui la traduit.

Les mots qui servaint à désigner les diverses sortes de pièces de poésie étaient les mêmes pour les poëtes portugais et pour les poëtes de la langue romane. Ceux-ci, par exemple, avaient le *lai* qui correspondait directement au *lod* allemand et au *laoi* des Irlandais; ceux-là, Portugais et Espagnols, avaient le *loa*. La même chose sous le même mot. Une autre espèce de poëme s'appellait *dict* chez les trouvères, et les Portugais le connaissaient aussi sous un nom presque pareil Dans la *Carta del Marques de Santillana* [2] se lit cette phrase par laquelle se trouvent indiqués ces *dicts* en langue portugaise: «*Cantigas serranas,* e *decires Portugueses e Gallegos*» Pour exprimer la rime dans toute sa primitivité native, mais mélodieuse, nous avions le mot *assonnance* qui est resté, et le verbe *assonner* qui n'a malheureusement pas eu le même sort. Les Espagnols et les Portugais avaient de même le verbe *asonar* qu'ils étendaient jusqu'au sens de l'expression «*mettre en musique.*» [2] Enfin, il n'est pas jusqu'au mot *troubadour* qui ne se retrouve à peine modifié dans la langue portugaise. Tantôt c'est *trobar*, tantôt c'est *trobador* Le premier de ces mots se trouve dans ce vers des *Fragmentos de hum Cancioneiro inedito*: [3]

Et por que m'ora quitey de trobar,

et le second, aux fol. 91 et 101 du même recueil.

Ces similitudes ne se retrouvent pas seulement dans les idiomes, mais encore dans le génie des deux nations. On voit par les œuvres qu'ont laissées leurs poëtes que toutes deux puisent aux mêmes sources et se renvoient mutuellement l'inspiration. Mais elle vient surtout des troubadours, il faut bien le dire; et quand nous avons appris que le roi de Portugal Diniz prit pour maitre en l'art des vers le troubadour de Cahors, Aymeric d'Ebrard, qui lui apprit à faire même des vers provençaux, et qui reçut en récompense l'archevêché de Lisbonne où il fonda la fameuse Université transportée en 1308 a Coimbre; nous n'avons pas été surpris A' cette époque déjà, tous les bons maitres venaient de France.

Pour preuve de la communauté d'inspiration des poëtes portugais et des troubadours, nous citerons deux exemples. Une chanson portugaise que nous lisons au fol. 75 du recueil rarissime cité tout à-l'heure sera le premier On la trouva ainsi traduite dans les *Prolégomènes de l'Histoire de la Poësie scandinave*, par M. Edelestand Du Méril [1].

«Par Dieu! ô dame Léonor, notre Seigneur fut bien prodigue pour vous.

«Vous me semblez si belle, ó dame, que jamais je n'en vis d aussi belle et je vous dis une grande vérité, telle que je n'en sais pas de plus vraie. Par Dieu, ô dame Léonor, notre Seigneur fut bien prodigue pour vous.

«Et Dieu, qui vous tient en sa puissance, vous combla si généreusement de ses dons, qu'il n'est rien au monde qui puisse ajouter à votre mérite. Par Dieu, ó dame Léonor, notre Seigneur fut bien prodigue pour vous

«En vous créant, Madame, sa puissance montra tout ce qu'il était capable de réunir en une dame de mérite, de beaute et d'esprit. Par Dieu, ô dame Léonor. notre Seigneur fut bien prodigue pour vous.

«Comme brille le bon rubis au milieu des perles, vous brillez entre toutes celles que j'ai jamais vues, et c'est pour moi qui suis épris de tant d'amour que Dieu, vous a créée. Par Dieu, dame Léonor, notre Seigneur fut bien prodigue pour vous.»

Notre second exemple sera ce chant charmant de la *Rosalinda*. M. de Almeida-Garrett, avec ce tact exquis et cet haut goût archéologique qui le placent à la tête des poëtes les mieux inspirés et en même temps les plus érudits du Portugal, a retrouvé dans les vieilles traditions du pleupe lusitain, et reconstruit d'après trois differents fragments, les meilleures variantes de ce chant depuis si longtemps populaire. Le poëte se trouve à chaque vers de cette chanson telle qu'il l'a retablie, et l'érudit à chaque ligne de l'introduction historique dont il l'a fait précéder. Jámais en n'a mieux prouvé que dans cette préface savante, les rapports poétiques qui existèrent au moyen âge entre les races du midi et celles du nord. Où M. Garrett trouve-t-il, en effet, le premier germe de la poétique image qui couronne la ballade portugaise? Dans les chants écossais, dans la romance du *Prince Robert*, telle que la tradition orale l'avait transmise a Walter-Scott pour son *Minstrelsy of the scottish border* etc.; ou bien encore dans cette fameuse histoire de Tristam et de la belle Iseult, par Rusticien de Puise, dont il cite, d'après Walter-Scott, de trop courts fragments.

Ces détails miraculeux de l'histoire d'Iseult se retrouvent dans les dernières strophes de la *Rosalinda* [2] On le verra, du reste, par la traduction complète que nous en avons tentée. Elle est en vers souvent inélégants et mal rimés, mais exacts, je crois, et serrant du plus près qu'il est possible la strophe portugaise, bien que dans un rhythme différent. Pour nous excuser des rimes insuffisantes et des mots vieillis, nous dirons que s'ils sont de mise quelque part, c'est dans un chant populaire, et nous alléguerons, à qui ne nous le pardonnerait pas, l'enthousiasme du morose Alceste pour cette, vieille chanson du *Roi Henri*, qui cependant est pleine de ces mêmes défauts. Ce qu'il dit pour les excuser devra nous justifier nous-même, et c'est l'un des vers que Molière lui prête que nous servira d'épigraphe.

1 *Poésie des Troubadours,* tom. VI. pag. 385.
2 Ap. Sanchez, tom I, pag. LVIII.
3 Le manuscrit du *Cancioneiro* date du XIII siecle et les pièces qu'il contient semblent plus anciennes Il a été publié à Paris en 1823 por Sir Ch Stuart of Rothsay et tiré sealement à 25 exemplaires, dont aucun n'a été mis dans le commerce. Vid. a nova ed. do Sr. Varnhagen, Madrid 1851.

1 Pag. 339, note 1.
2 Vid. tomo II do MINSTRELSY etc. de Sir. W. Scott;

ROSALINDA

BALLADE PORTUGAISE

La rime n'este pas riche et le style en est vieux
MOLIÈRE, *Misanthrope*.

C'ÉTAIT un matin de mai
Quand l'oiseau dans la nuée,
L'arbre au bois, la fleur au pré,
Chantent l'amour réveillé.

C'etait un matin de mai,
Quand Rosalinda l'infante
Sur le rivage embaumé
Peignait sa tête charmante.

Bianches fleurs on lui portait,
Rouges fleurs avec leur branche;
Mais en grâce elle passait
Et la fleur rouge et la blanche.

Mieux que celle des épis,
Mieux que la rose nouvelle,
Le nénuphar et le lis
La belle infante était belle.

Le comte amiral passait
Avec sa galère sombre
Mainte rame s'y pressait
Tant, qu'on n'en sait pas le nombre.

Les captifs ses noirs rameurs
Il les prit au pays More.
Tous, ils sont de grands seigneurs,
Ou du sang royal encore.

Depuis Ceuta, pas un port
Qui ne redoute la guerre
Quand le comte amiral sort
Avec sa noire galère.

Voyez, comme elle fend l'eau
Comme on y rame en mesure!
Que son capitaine est beau.
Que sa main est forte et sûre!

—«Dites moi, comte amiral.
Pour ces captifs, votre prise,
Le labeur, est-il égal?
Rament-ils tous, sous la brise?

—«Vous que je vois se mirer,
Belle infante, fleur d'élite,
Savent ils, tous vous parer
Ces esclaves, votre suite?»

—«L'amiral est peu galant,
Pour réponse une demande!
Qu'il parle, il se peut pourtant
Que sa réponse on lui rende.»

—«Ainsi qu'un chef d'Adouar,
J'ai bien des captifs, madame,
Du travail tous ont leur part,
L'un manœuvre et l'autre rame.

«Les captives au beau front
Dansent, effeuillant la rose,
Et de fleurs jonchent le pont,
Pour que leur maitre y repose.»

—«Vous répondez, je vous dois,
Comte, égale politesse:
J'ai, dociles á ma voix,
Esclaves de toute espéce.

«L'un est lá pour m'atourner
Et cet autre me fait brave (belle.)

Un emploi reste á donner,
Oú manque encor un esclave...»

—«Cet esclave il est trouvé,
Il défend qu'on le libère;
Il ne veut qu'être arrivé,
Ramez vite, allons à terre!

Et Rosalinda partit:
Et le comte est avec elle,
Les fleurs leur prêtent un lit,
L'oranger sa verte ombelle.

Mais le sort,—'cest là sa loi—
Ne veut qu'un bien sans mal vienne
Lá, passe un veneur du roi ..
C'est le destin qui l'amène.

—«De tout ce qui tu vis là
Ne conte rien à personne,
Veneur, on te donnera
De l'or à payer un trône.»

Mais ce que le veneur sait,
Prés du roi vite il s'en vante,
Qui dans son palais était,
Et qui pensait á l'infante.

—«En honneur dis chaque mot
Tu recevras récompense
Mais qui dit haut, ira haut,
C'est-à-dire à la potence.»

«Vite, archers, vite clairons,
Sonnez, comme pour combattre
Nobles, cavaliers, piétons
Vite, allons la forêt battre.

Midi n'était pas frappé
Que sonne un glas mortuaire,
Minuit n'avait pas tinté
Que leur tête etait par terre.

Quand l'Angelus vint après
Dans leur fosse on les emporte,
Elle au maitre-autel, lui près
Des marches de la grand' porte.

Voilá qu'au premier tombeau
Nait un nobie et puissant arbre,
Quand un rosier grand et beau
Pousse auprès du second marbre.

—«Ça qu'on les lie en fagot
Pour en faire de la cendre,»
Cria le vieux roi, sitôt
Que la chose il put apprendre.

Mais on eut beau les raser,
Chacun á l'envi repousse:
Même, ils semblent se baiser
Sous la bise qui les pousse.

Au roi l'on a révélé
Cete aventure inouie.
Depuis, il n'a plus parlé;
La reine est évanouie.

D'elle on a pu retenir
Ces mots: «Je ne suis plus reine!
Dieu voulait les réunir,
Nous avons rompu leur chaine!»

1 Note pour la traduction.

VI

MIRAGAIA

E' a terceira vez que se imprime o romance MIRAGAIA; só agora porém vae restituido ao seu devido logar n'este primeiro livro do ROMANCEIRO. Publicou-se primeiramente no *Jornal das Bellas Artes*, [1] foi logo vertido em inglez não sei por quem, e não me lembra em que publicação appareceu, nem o acho.

Traduziu-o em francez um curioso; [2] e não me metto a apreciar a que elle modestamente chama «imitação» do meu romance; dou-a em appendice.

Tambem sei que existe uma versão castelhana pelo sr. Isidoro Gil, o mesmo que n'este idioma traduzira o *Bernal Francez*. Creio que se publicou em um jornal de Madrid, mas não a vi nunca.

Eu, quando dei esta bagatella aos Srs. editores do *Jornal das Bellas-Artes* para encherem algum vão que lhes sobrasse n'aquella sua linda e elegante publicação, escrevi, a um canto do proprio rascunho original que não tive paciencia de copiar, as seguintes palavras:

«Este romance é a verdadeira reconstrucção de um monumento antigo. Algumas coplas são textualmente conservadas da tradição popular, e se cantam no meio da historia 'rezada' ainda hoje repettida por velhas e barbeiros do logar. O conde D. Pedro e os chronistas velhos tambem fabulam cada um a seu modo sobre a legenda. O auctor, ou, mais exactamente, o recopilador, seguiu muito pontualmente a narrativa oral do povo, e sôbretudo quiz ser fiel ao stylo, modos e tom de contar e cantar d'elle; sem o que, é sua intima persuasão que se não póde restituir a perdida nacionalidade á nossa litteratura.»

O Postscriptum, servindo de nota ao commento, sahiu impresso no referido jornal, e foi ampliado com algumas observações por extremo lisongeiras dos Srs. editores, a quem muito desejei auxiliar como elles mereciam por sua gentil empresa que era a mais bella e das mais uteis que se têem commetido em Portugal.

Devo ao seu favor, não só o terem adornado a minha MIRAGAIA com as lindas gravuras em madeira que todos admiraram, mas o permittirem que se fizesse com ellas a pequena edição em separado com que quiz brindar alguns amigos, apaixonados, como eu, de nossas antigualhas populares.

Era uma folha avulsa do meu ROMANCEIRO, e n'elle vae reposta agora que se offerece tempo e logar conveniente.

Foi das primeiras coisas d'este genero em que trabalhei: e é a mais antiga reminiscencia de poesia popular que me ficou da infancia, porque eu abri os olhos á primeira luz da razão nos proprios sitios em que se passam as principaes scenas d'este romance. Dos cincos aos dez annos de edade vivi com meus paes n'uma pequena quinta, chamada «O Castello» que tinhamos áquem Doiro, e que se diz tirar esse nome das ruinas que alli jazem do castello mourisco.

Na ermida da quinta se venerava uma imagem antiquissima de Nossa-Senhora com a mesma invocação «do Castello» e com a sua legenda popular tambem, segundo o costume.

Com os olhos tapados eu iria ainda hoje achar todos esses sitios marcados pela tradição. Muita vez brinquei na fonte do rei Ramiro, cuja agua é deliciosa com effeito; e tenho idéa de me ter custado caro, outra vez, o imitar, com uma gaita da feira de San'Miguel, os toques da bozina de S. M. Leoneza, empoleirando-me, como elle, n'um resto de muralha velha do castello d'el-rei Alboazar: o que meu pae desapprovou com tam significante energia, que ainda hoje me lembra tambem.

Assim ólho para esta pobre *Miragaia* como para um brinco meu de criança que me apparecesse agora; e quero-lhe — que mal ha n'isso? - quero-lhe como a tal. Não a julguem tambem por mais, que o não vale.

Lisboa, 24 de Janeiro 1847.

[1] Jornal das Bellas-artes, Lisboa 1845, vol. I.
[2] Mr. Zanole, que foi depois, em 1848-1849, addido á legação franceza na China.

MIRAGAIA

CANTIGA PRIMEIRA

Noite escura tam formosa,
Linda noite sem luar,
As tuas estrellas de oiro
Quem n'as poderá contar!

Quantas folhas ha no bosque,
Areias quantas no mar?...
Em tantas lettras se escreve
O que Deus mandou guardar

Mas guai do homem que se fia
N'essas lettras decifrar!
Que a lêr no livro de Deus
Nem anjo pode atinar.

Bem ledo está Dom Ramiro
Com sua dama a folgar;
Um perro bruxo judio
Foi causa de elle a roubar.

Disse-lhe que pelos astros
Bem lhe podia affirmar
Que Zahara, a flor da belleza,
Lhe devia de tocar.

E o rei veiu de cilada
D'álêm do Doiro passar,
E furtou a linda moira,
A irman d'Alboazar.

A Milhor, que é terra sua
E está na beira do mar,
Se accolheu com sua dama...
Do mais não sabe cuidar.

Chora a triste da rainha,
Não se pode consolar;
Deixál-a por essa moira,
Deixál-a com tal dezar!

E a noite é escura cerrada,
Noite negra sem luar...
Ella sósinha ao balcão
Assim se estava a queixar:

—«Rei Ramiro, rei Ramiro,
Rei de muito mau pezar,
Em que te errei d'alma ou corpo,
Que fiz para tal penar?

«Diz que é formosa essa moira,
Que te soube enfeitiçar...
Mas tu dizias-me d'antes
Que eu era bella sem par.

«Que é môça, na flor da vida...
Eu, se ainda bem sei contar,
Ha tres que tinha vinte annos,
Fil-os depois de casar.

«Diz que tem os olhos pretos,
D'estes que sabem mandar...
Os meus são azues, coitados!
Não sabem senão chorar.

«Zahara, que é flor, lhe chamam,
A mim, Gaia... Que acertar!
Eu fiquei sem alegria,
Ella a flor não torna a achar.

«Oh! quem podéra ser homem,
Vestir armas, cavalgar,
Que eu me fôra já direita
A esse moiro Alboazar...

Palavras não eram dittas,
Os olhos foi a abaixar,
Muitos vultos acercados
Ao palacio viu estar;

—«Peronella, Peronella,
Criada do meu mandar,
Que vultos serão aquelles
Que por alli vejo andar?»

Peronella não responde;
Que havia de ella falar?
Ricas peitas de oiro e joias
A tinham feito calar.

A rainha que se erguia
Por sua gente a bradar,
Sete moiros cavalleiros
A foram logo cercar;

Soltam prégas de um turbante,
A bocca lhe vão tapar:
Tres a tomaram nos braços...
Nem mais um ai pôde dar.

Criados da sua casa
Nenhum veiu a seu chamar;
Ou peitados ou captivos
Não n'a podem resgatar.

São sete os moiros que entraram
Sete os esto a aguardar;
Não falam nem uns nem outros
E prestes a cavalgar!

Só um, que de arção a toma,
Parece aos outros mandar..
Juntos juntos, certos certos,
Galopa a bom galopar!

Toda a noite, toda a noite
Vão correndo sem cessar,
Pelos montes trote largo,
Por valles a desfilar.

Nos ribeiros — peito n'agua,
Chape, chape, a vadear!
Nas defesas dos vallados
Up! salto—e a galgar!

Vae o dia alvorecendo,
Estão á beira do mar,
Que rio é este tão fundo
Que n'elle vem desaguar?

A bôcca já tinha livre,
Mas não acerta a falar
A pasmada da rainha...
Cuida ainda de sonhar!

—«Rio Doiro, rio Doiro,
Rio de máo navegar,
Dize-me, essas tuas aguas
Adonde as foste buscar;

«Dir-te-hei a perola fina
Aonde eu a fui roubar.
Ribeiras correm ao rio.
O rio corre a la mar.

«Quem me roubou minha joia,
Sua joia lhe fui roubar...»
O moiro que assim cantava,
Gaia que o estava a mirar...

Quanto o mais mirares, Gaia,
Mais formoso o has de achar.
«Que de barcos que alli véem!»
—Barcos que nos véem buscar.»
«Que lindo castello aquelle!»
—É o do moiro Alboazar.

CANTIGA SEGUNDA

Rei Ramiro, rei Ramiro,
Rei de muito máo pezar,
Ruins fadas te fadaram,
Má sina te foram dar.

Do que tens não fazer conta,
O que não tens cubiçar!...
Zahara, a flor dos teus cuidados,
Já te não dá que pensar.

A rainha que era tua,
Que não soubeste guardar,
Agora morto de zelos
Do moiro a queres cobrar.

Oh! que barcos são aquelles
Doiro acima a navegar?
A noite escura cerrada,
E elles mansinho a remar!

Cozeram-se com a terra,
Lá se foram encostar;
Entre os ramos dos salgueiros,
Mal se podem divisar.

Um homem saltou na praia:
Onde irá n'aquelle andar?
Leva bordão e esclavina,
Nas contas vae a rezar.

Inda a névoa tolda o rio,
O sol já vem a rasgar,
Pela encosta do castello
Vae um romeiro a cantar:

—«Sanctiago de Galliza,
Longe fica o vosso altar:
Peregrino que lá chegue
Não sabe se ha de voltar.»

Na encosta do castello
Uma fonte está a manar;
Donzella que está na fonte
Pôz-se o romeiro a escutar.

A donzella está na fonte,
A jarra cheia a deitar:
«Bemdito sejaes, romeiro
E o vosso doce cantar!

«Por estas terras de moiros
É maravilha de azar,
Ouvir cantigas tam santas,
Cantigas do meu criar.

«Sete padres as cantavam
A' roda de um bento altar,
Outros sete respondiam
No côro do salmear,

«Entre véspera e completas,
E os sinos a repicar.
Ai triste da minha vida
Que os não oiço já tocar!

«E as rezas d'estes moiros
Ao démo as quizera eu dar.»
Ouvireis ora o romeiro
Resposta que lhe foi dar:

—Deus vos mantenha, donzella,
E o vosso cortez falar:
Por estas terras de moiros
Quem tal soubera de a[illegible]

Por vossa tenção, donzella,
Uma reza heide rezar
Aqui aopé d'esta fonte,
Que não posso mais andar.

Oh! que fresca está a fonte,
Oh! que sêde de matar!
Que Deus vos salve, donzella,
Se aqui me deixaes sentar.»

«Sente-se o bom do romeiro,
Assente-se a descansar.
Fresca é a fonte, doce a agua,
Tem virtude singular:

D'outra não bebe a rainha
Que aqui m'a manda buscar
Por manhanzinha bem cêdo
Antes de o sol aquentar.»

—Doce agua deve de ser,
Tem virtude singular:
Dae-me vós uma vez d'ella,
Que me quero consolar

«Beba o peregrino, beba
Por esta fonte real,
Cântara de prata virgem,
Tem mais valor que oiro tal.

—Dona Gaia que diria,
Que faria Alboazar
Se visse o pobre romeiro
Beber da fonte real?..

«Inda era noite fechada
Meu senhor foi a caçar:
Máos javardos o detenham,
Que é bem ruim de aturar!

Minha senhora, coitada,
Essa não tem que falar:
Quem já teve fontes de oiro
Prata não sabe zelar.

—Pois um recado, donzella.
Agora lhe heis de levar:
Que o romeiro christão
Lhe deseja de falar.

Da parte de um que é já morto,
Que morreu por seu pezar,
Que a hora de sua morte
Este annel lhe quiz mandar.»

Tirou o annel do dedo
E na jarra o foi deitar:
—Quando ella beber da agua
No annel ha de attentar.

Foi-se d'alli a donzella.
Ia morta por falar...
—«Anda cá ó Peronella,
Criada de meu mandar.

Tua ama morrendo á sêde
E tu na fonte a folgar?
«Folgar não folguei, senhora,
Mas deixei me adormentar,

Que a moira vida que eu levo
Já não n'a posso aturar.
Ai terra da minha terra,
Ai Milhor da beira-mar!

Aquella sim que era vida,
Aquillo que era folgar!
E em santo temor de Deus:
Não aqui n'este peccar!»

—«Cal'-te, cal'-te, Peronella,
Não me queiras attentar;
Que eu a viver entre moiros
Me não vim por meu gostar.

Mas já tenho perdoado
A quem lá me foi roubar;
Que antes escrava contente,
Do que rainha a chorar.

Forte christandade aquella,
Bom era aquelle reinar
Viver só, desamparada,
Ver a moira em meu logar!...»

Lembrava-lhe a sua offensa,
Está-lhe o sangue a queimar:
Na agua fria da fonte
A sêde quiz apagar.

A fonte de prata virgem
A' bôcca foi a levar,
As ricas pedras do annel
No fundo viu a brilhar.

—«Jesus seja co'a minha alma!
Feitiços me querem dar...
O fogo a arder dentro n'agua,
E ella fria de nevar!»

«Senhora, co' esses feitiços
Me tomára eu embruxar!
Foi um bemdito romeiro
Que á fonte fui encontrar,

Que ahi deitou esse annel
Para prova singular
De um reccado que vos trouxe,
Com que muito heisde folgar.

—«Venha já esse romeiro
Que lhe quero já falar:
«Embaixador deve ser
Quem traz presente real.»

CANTIGA TERCEIRA

Por Deus vos digo, romeiro,
Que vos queiraes levantar;
Minhas mãos não são reliquias,
Basta de tanto beijar!

O romeiro não se erguia,
As mãos não lhe quer largar:
Os beijos uns sobre os outros,
Que era um nunca acabar.

Ia a enfadar-se a rainha,
Viu que entrava a soluçar,
E as lagrimas, quatro e quatro,
Nas mãos sentia rolar:

—«Que tem o bom do romeiro,
Que lhe dá tanto pezar?
Diga-me las suas penas
Se lh'as posso alliviar.

—Minhas penas não são minhas,
Que aos mortos morre o penar;
Mas a vida que eu perdi
Em vós podia encontrar.

Minhas penas não são minhas,
Senão vossas, mal pezar!
Que uma rainha christan
Feita moira vim achar...

—«Romeiro, não tomeis cuita
Por quem se não quer cuitar:
Do que foi já me não lembro,
O que sou não me é dezar.

Deus terá dó da minha alma,
Que meu não foi o peccar;
E a esse traidor Ramiro
As contas lhe hade tomar.

—Pois não espereis, senhora,
Por Deus, que póde tardar:
Dom Ramiro aqui o tendes,
Mandae-o já castigar.

Em pé está Dom Ramiro,
Já não ha que disfarçar:
Aquellas barbas tam brancas
Cahiram de um empuxar.

O bordão e a esclavina
A terra foram parar;
Não ha vêr mais gentilezas
De meneio e de trajar.

Quem viu olhos como aquelles
Com que o ella está a mirar!
Quem passou já transes d'alma
Como ella está a passar?

Um tremor que não é medo,
Um sorriso de enfiar,
Vergonha que não é pejo,
Faces que ardem sem corar...

Tudo isso tem no semblante,
Tudo lhe está a assomar
Como ondas que vão e vêm
Na travessia do mar.

A vingança é o prazer do homem,
Da mulher é o seu manjar:
Assim perdôa elle e vive,
Ella não—que era acabar.

Vingar-se foi o primeiro
E o derradeiro pensar
Que entre tantos pensamentos,
Em Gaia estão a pular:

Logo depois a vaidade,
O gosto de triumphar
N'um coração que foi seu,
Que seu lhe torna a voltar.

E o rei moiro estava longe
C'os seus no monte a caçar,
Ella só n'aquella tôrre. .
Prudencia e dissimular!

Abre a bocca a um sorriso
Doce e triste—de matar!
Tempéra a chamma dos olhos,
Abafa-a por mais queimar.

Poz na voz aquelle encanto
Que, ou minta ou não, é fatal;
E com o inferno no seio,
Fala o céu no seu falar.

Já os amargos queixumes
Se embrandecem no chorar,
E em sua propria justiça
Com arte finge affrouxar.

Protesta a bocca a verdade:
—«Que não hade perdoar...»
Mas a verdade dos labios
Os olhos querem negar.

De joelhos Dom Ramiro
Alli se estava a humilhar,
Supplíca, roga, promette...
Ella parece hesitar.

Senão quando, uma bozina,
Se ouviu ao longe tocar. .
A rainha mal podia
O seu prazer disfarçar:

—«Escondei-vos, Dom Ramiro,
Que é chegado Alboazar,
Depressa n'este aposento ..
Ou já me vereis matar.»

Mal a chave deu tres voltas,
Na manga a foi resguardar;
Mal tirou a mão da cotta,
Que o rei moiro vinha a entrar:

=«Tristes novas, minha Gaia,
Novas de muito pezar!
Primeira vez em tres annos
Que me succede este azar!...

Toquei a minha bozina
A's portas, antes de entrar,
E não correste ás ameias
Para me vêr e saudar!

Muito mal fizeste, amiga,
Em tam mal me costumar;
Não sei agora o que fazes
Em me querer emendar . »

No coração da rainha
Batalhas se estão a dar
Os mais estranhos affectos
Que nunca se hão de encontrar:

O que foi, o que é agora ..
E a ambição de reinar...
O amor que tem ao moiro,
E o gosto de se vingar...

Venceu amor e vingança:
Deviam de triumphar,
Que era em peito de mulher
Que a batalha se foi dar.

«Novas tenho e grandes novas,
Amigo para vos dar:
Tomae esta chave e abride,
Vereis se são de pezar.»

Com que ância elle abriu a porta
Vista que foi encontrar!...
Palavras que alli disseram,
Não n'as saberei contar;

Que foi um bramir de ventos,
Um bater de aguas no mar,
Um confundir céo e terra,
Querer-se o mundo acabar

Vereis porfim o rei moiro
Que sentença veio a dar:
=«Perdeste a honra, christão;
Vida, quero-t'a deixar.

De uma vez, que me roubaste,
Muito bem me fiz pagar:
D'esta basta-me a vergonha
Para de ti me vingar.—

Sentia-se el-rei Ramiro
Do despeito devorar;
Com ár contricto e affligido
Assim lhe foi a falar:

— Grandes foram meus peccados,
Poderoso Alboazar;
E taes que a mercê da vida
De ti não posso acceitar:

Eu não vim a teu castello
Senão só por me entregar,
Para receber a morte
Que tu me quizeres dar;

Que assim me foi ordenado
Para minha alma salvar
Por um santo confessor
A quem me fui confessar.

E mais me disse e mandou,
E assim t'o quero rogar,
Que, pois foi publica a offensa,
Público seja o penar:

Que ahi n'essa praça d'armas
Tua gente faças juntar;
Ahi deante de todos
A vida quero acabar

Tangendo n'esta bozina,
Tangendo até rebentar;
Digam todos que isto virem,
E lhes fique de alembrar:

«Grande foi o seu peccado,
No mundo andou a soar;
Mas a sua penitencia
Mais alto som veiu a dar.»

Quizera-lhe o bom do moiro
Por força alli perdoar;
Mas se a pêrra da rainha
Jurou de á morte o levar!...

Veis na praça do castello,
Toda a moirama a ajuntar;
Em pé no meio da turba
Ramiro se foi alçar.

Tange que lhe tangerás,
Toca rijo a bom tocar;
Por muitas leguas á roda
Reboava o bozinar.

Se o ouvirão nas galés
Que deixou á beira-mar?
Decerto ouviram, que um grito
Tremendo se ouve soar...

CANTIGA QUARTA

Sanctiago!... Cerra, cerra!
Sanctiago, e a matar!
Abertas estão as portas
Da tôrre de par em par.

Nem atalaias nos muros,
Nem roldas para as velar ..
Os moiros despercebidos
Sentem-se logo apertar

De um tropel de leonezes
Já portas a dentro a entrar.
Deixa a bozina Ramiro,
Mão á espada foi lançar.

E de um só golpe fendente,
Sem mais pôr nem mais tirar,
Parte a cabeça até aos peitos
Ao rei moiro Alboazar...

Já tudo é morto ou captivo,
Já o castello está a queimar;
A's galés com seu despôjo
Se foram logo a embarcar.

—Voga, rema! d'além Doiro
A' pressa, á pressa a passar,
Que já oiço alli na praia
Cavallos a relinchar.

Bandeiras são de Leão
Que lá vejo tremular
Voga, voga, que além Doiro
E' terra nossa!... A remar!

D'aqui é moirama cerrada
Até Coimbra e Thomar.
Voga, rema, e d'além Doiro!
D'aquem não ha que fiar.»

A' poppa vae Dom Ramiro
De sua galé real
Leva a rainha á direita,
Como quem a quer honrar:

Ella, muda, os olhos baixos
Leva n'agua... sem olhar,
E como quem de outras vistas
Se quer só desaffrontar.

Ou Dom Ramiro fingia
Ou não vem n'isso a attentar;
Já vão a meia corrente,
Sem um para o outro falar.

Ainda arde, inda fumega
O alcaçar de Alboazar;
Gaia alevantou os olhos,
Triste se poz a mirar;

As lagrimas, uma e uma
Lhe estavam a desfiar,
Ao longo, longo das faces
Correm... sem ella as chorar.

Olhou el rei para Gaia,
Não se pôde mais callar;
Cuidava o bom do marido
Que era remorso e pezar

Do máo termo atraiçoado
Que com elle fôra usar
Quando o entregou ao moiro
Tam só para se vingar.

Com voz enternecida
Assim lhe foi a falar
—«Que tens Gaia... minha Gaia?
Ora pois! não mais chorar,

Que o feito é feito...»—«E bem feito!»
Tornou-lhe ella a soluçar,
Rompendo agora n'uns prantos
Que parecia estalar;

«E' bem feito, rei Ramiro!
Valente acção de pasmar!
A' lei de bom cavalleiro,
Para de um rei se contar!

A falsa fé o mataste...
Quem a vida te quiz dar!
A' traição... que de outro modo,
Não és homem para tal.

Mataste o mais bello moiro
Mais gentil, mais para amar
Que entre moiros e christãos
Nunca mais não terá par.

Perguntas me porque chóro!..
Traidor rei, que hei de eu chorar?
Que o não tenho nos meus braços,
Que a teu podêr vim parar.

Perguntas-me o que miro?
Traidor rei, que heide eu mirar?
As tôrres d'aquelle alcáçar,
Que ainda estão a fumegar.

Se eu fui alli tam ditosa,
Se alli soube o que era amar,
Se alli me fica alma e vida...
Traidor rei, que heide eu mirar!»

— «Pois *mira, Gaia!*» E, dizendo,
Da espada foi arrancar:
Mira, Gaia, que esses olhos
Não terão mais que mirar.»

Foi-lhe a cabeça de um talho;
E com o pé, sem olhar,
Borda fóra empuxa o corpo ..
O Doiro que os leve ao mar.

Do extranho caso inda agora
Memoria está a durar;
Gaia é o nome do castello
Que alli Gaia fez queimar:

E d'além Doiro, essa praia
Onde o barco ia a aproar
Quando bradou — «Mira, Gaia!»
O rei que a vae degolar,

Ainda hoje está dizendo
Na tradição popular,
Que o nome tem — MIRAGAIA
D'aquelle fatal mirar.

VERSÃO FRANCEZA

I

Nuit sombre, mais si belle encor!
Belle nuit, à travers ton ombre,
Oh! qui de tes étoiles d'or
Pourra jamais compter le nombre?

Compte-t'on les feuilles du bois?
Ou de la mer les grains des sables?
De l'Eternel telle est la voix
Écrite en lettres innombrables.

Hélas! dans ce livre divin
Nul ne peut espérer de lire!
Un ange l'essaierait en vain;
Son savoir n'y pourrait suffire.

Don Ramire, dans son palais
Vivait heureux avec la reine,
Un juif maudit troubla leur paix
Et brisa leur tant douce chaîne.

Il prédit au roi, trop flatté
Du beau destin qu'on lui devoile,
Que Zahara, fleur de beauté
Serait à lui! .. c'est son étoile!

Le roi, que l'amour tient au cœur,
Va, plein du feu qui le dévore,
D'Alboazar ravir la sœur
Et fuit avec la belle Maure.

A' Milhor, lieu rempli d'attraits,
Dont la mer baigne les rivages,
Tous deux sans soucis, sans regrets
Passaient leurs jours exempts d'orages.

La reine de ce coup affreux
Gémit et pleure et pleure encore:
Trahir ainsi ses chastes feux!
La délaisser pour une Maure!

Triste et rêveuse, à son balcon,
Seule, durant la nuit obscure,
Victime d'un lâche abandon
Elle succombe à sa blessure:

—«Roi Ramire! perfide roi,
Pourquoi me causer cette peine?
Mon cœur a-t'il trahi sa foi?
Je t'aimais tant!... pourquoi ta haine?

«On dit qu'elle a quelques attraits
Cette Maure, cette infidèle;
Tu m'as pourtant, quand tu m'aimais,
Dit cent fois que j'étais plus belle.

«On dit qu'elle a mille agréments,
Qu'elle est jeune, à la fleur de l'âge.
Moi, j'ai compté vingt trois printemps
Après mon triste mariage.

«Ses yeux sont noirs! ce sont des yeux
Si beaux, si fiers, si pleins de charmes!
Hélas! les miens ne sont que bleus...
Et puis toujours remplis de larmes!

«On nomme Zahara la *Fleur*...
Gaia c'est le nom qu'on me donne!
Gaia j'étais dans mon bonheur;
Plus ne le suis — l'on m'abandonne!

«Oh! que ne suis-je un homme, hélas!
Dans le transport qui me dévore,
J'irais moi-même de ce pas
Trouver Alboazar le more.»

Elle achevait ces mots: soudain
Tournant ses regards vers la terre
Elle aperçoit dans le lointain
Des chevaux, des hommes de guerre.

—«Peronelle, vois-tu là-bas
Ces armes qui brillent dans l'ombre?
Regarde .. ce sont des soldats;
D'où viennent-ils? quel est leur nombre?

La suivante, d'un air surpris
Paraît écouter ce langage;
Des joyaux, des bijoux de prix
De son silence étaient le gage.

Où sont ses autres serviteurs?
En vain la reine les appelle
Sept cavaliers, malgré ses pleurs,
Bientôt se sont emparés d'elle.

De leurs turbans les plis soyeux
Bandent ses yeux, ferment sa bouche;
Et trois dans leurs bras vigoureux
La soulèvent d'un air farouche.

Ils sont entrés sept au palais;
Sept autres en sentinelle.
Pas un mot.. tous semblent muets...
Et vite en selle!... ils sont en selle!

Un seul parait les commander:
Sur son coursier il tient la reine...
—«Allons!» dit il «il faut marcher!»
Tous au galop fendent la plaine.

Point de rèpit, point de repos,
Chacun stimule sa monture.
Ils courent par monts et par vaux,
Ils courent tant que la nuit dure.

Dans les torrents, poitrail dans l'eau
—A guè, marchons! que l'on avance!
Ailleurs, sur les flancs d'un côteau:
—Houp! en avant! que l'on s'élance!

Le jour se lève radieux,
Ils sont près de la mer profonde.
Quel est ce fleuve sinueux?
Qui vient s'engouffrer dans son onde?

La reine ouvre ses yeux enfin,
Sa bouche est libre, elle respire:
Lasse! elle songe à son destin
Et tout bas tristement soupire.

—«Douro, fleuve, aux perfides eaux,
Qui de dangers sème ta course,
Ne veux-tu donc pas de tes flots,
Me rèvéler qu'elle est la source?

«Je te dirai par quel moyen
Cette perle est en ma puissance:
A qui m'a dérobé mon bien
J'ai dérobé son espérance.

«C'est le sort qui le veut ainsi;
Tout suit cette pente sécrète.
Par les eaux du torrent grossi,
Le fleuve dans la mer se jette.

Ainsi chantait le ravisseur,
Et Gaia l'écoutait sans haine.
Bientôt de ton heureux vainqueur,
Gaia, tu porteras la chaine.

«Mais que font ces barques sur l'eau?»
—Elles viennent chercher la reine.
«Quel est ce superbe château?»
—D'Alboazar c'est le domaine.

II

Roi Ramire, roi malheureux,
A' ta naissance un noir génie
T'a jetté quelque sort fâcheux
Qui devait tourmenter ta vie.

Peu satisfait de ce qu'il-a,
A d'autres biens ton cœur aspire.
Ta fleur de beauté, Zahara,
Sur toi n'exerce plus d'empire,

La reine qu'on t'a vu chérir
Et qui par toi fut délassée..
Tu veux au more la ravir;
C'est là maintenant ta pensée.

Quelle est cette barque qui fuit,
Et du Douro va fendant l'onde?
Le bruit des rames, de la nuit
Trouble à peine la paix profonde.

Elle glisse sur les roseaux,
Elle est déjà près du rivage;
Les saules penchés sur les eaux
La cachent sous leur vert feuillage.

Un homme s'élance soudain;
D'un bond il a touché la terre,
Il tient un bourdon d'une main,
Et de l'autre porte un rosaire.

Bientôt le soleil du matin
Répand sa clarté sur la rive.
Près du castel un pélerin
Fait entendre sa voix plaintive.

—«Saint de Galice, qu'à genoux
Le pauvre pélerin implore,
Pour arriver au rendez-vous.
Que ton autel est loin encore!

Au pied de la tour du palais
Coule une source claire et vive:
Une jeune fille est auprès,
Elle est là, debout et pensive.

Elle écoutait d'un air rêveur
L'eau tombant de sa coupe pleine;
—«Oh! votre voix, bon voyageur,
M'a causé la plus douce peine.

«Sur cette terre de maudits
C'est pour moi bien grande merveille
D'entendre ces chants du pays,
Qui jadis frappaient mon oreille.

«Sept prêtres, autour de l'autel,
Chantaient alors cette prière,
Sept autres au chant solemnel
Répondaient d'une voix austère.

«Le chœur entier psalmodiait,
Tous priaient d'une âme fervente;
Et la cloche retentissait
Portant au ciel sa voix bruyante.

«Ce son qui vibrait dans les airs,
Que ne puis-je l'entendre encore?
Que ne puis-je au fond des enfers
Étouffer tous les chants du more!

—«Que le bon Dieu veille sur vous!
Qu'il vous bénisse, jouvencelle!
Une telle langage semble doux
Où règne en maitre l'infidèle,

«Je veux prier pour vous, hélas!
Je souffre et me soutiens à peine,
Il faut que s'arrêtent mes pas
Près de cette claire fontaine.

«Ah! qu'on est bien! quelle fraicheur!
Comme cette eau me semble belle!
Laissez asseoir le voyageur;
Dieu vous le rendra, jouvencelle.»

—«Asseyez-vous, bon pélerin,
Asseyez-vous sur cette pierre;
L'eau qui coule dans ce bassin
Est douce et fraiche, et désaltère.

La reine en boit à son réveil;
J'en viens chercher avant l'aurore;
Je viens, avant que le soleil
Ne l'ait pu réchauffer encore.»

—Cette eau si pure doit avoir
Une vertu particulière.
Ah! pour juger de son pouvoir,
Donnez-m'en, je vous prie, un verre.»

—«Buvez, buvez, bon pélerin,
A' la fontaine du roi more.
Tenez; ce vase d'argent fin
Vaut de l'or... il vaut mieux encore.»

—Mais que dirait votre seigneur?
Que dirait Gaia, votre reine,
S'ils voyaient l'humble voyageur
Boire à la royale fontaine?»

—«Alboazar, avant le jour,
A quitté ce lieu solitaire.
Il est dans les bois d'alentour,
Aux sangliers faisant la guerre.

Ma maitresse de ce trésor
Ne peut se montrer soucieuse:
Pour qui posséda vases d'or,
Cette coupe est peu précieuse.»

—De grace! Encore une faveur!
Dites-lui, bonne jouvencelle,
Qu'un pauvre chrétien voyageur
Désire étre conduit près d'elle.

Dites lui bien qu'un malheureux,
Mort de chagrin et de misère,
L'a de cet anneau précieux
Fait pour elle, dépositaire.»

Il tire de son doigt l'anneau,
Dans le fond du vase il le jette:
—Quand elle boira de cette eau
Sa surprise sera complète!»

Mais la jeune file a bientôt,
En courant, quitté la fontaine.
«Pourquoi ne pas venir plus tôt?»
Dit, d'un ton sévère, la reine,

«Joyeusement tu folâtrais,
Quand de soif mourrait ta maitresse?
—«Oh! non, tristement je songeais.
Car je songeais à ma jeunesse.

Que mon destin me semble amer!
Ici, pour moi quelle existence!
O' Milhor que baigne la mer,
Milhor, pays de mon enfance!

Là, chaque jour est un plaisir,
Gaiment se passe le bel âge;
C'est là qu'á Dieu l'on peut offrir
D'un saint amour le pur hommage!

«Tais-toi, Peronelle, tais-toi,
Ne réveille pas ma souffrance:
Tu sais bien que ce n'est pas moi
Qui désirais cette existence.

Mais à mon ravisseur enfin
J'ai pardonné, rendu les armes.
Esclave, je vis sans chagrin;
Reine, je vivais dans les larmes.

Ce vain titre était peu pour moi,
Trop peu pour tromper ma disgrâce.
Voir, auprés d'un époux sans foi,
Une more occuper ma place!»

A ce souvenir, de rongeur
Soudain son beau front se colore
Puisse cette eau, par sa fraicheur,
Calmer la soif qui la dévore!

Elle prend le vase d'argent,
Le porte à ses lèvres brûlantes.
Et voit luire au même moment
De l'anneau les pierres brillantes.

«C'est un sort, Jésus, mon sauveur!
Que l'on veut jetter sur mon âme:
Cette eau glace par se fraicheur,
Et dans le fond c'est de la flamme.»

—«Voilà ce charme merveilleux
Qui me tenait loin de la reine.
C'est au pélerin malheureux
Que j'ai vu près de la fontaine;

C'est lui qui dans le fond de l'eau
A voulu déposer ce gage:
De ses souhaits ce riche anneau
Devait servir de témoignage.

«Oh qu'il vienne ce voyageur,
Qu'il vienne ici! que je l'entende!
Car je veux voir l'ambassadeur
Qui m'apporte une telle offrande.»

III

«Ne baisez point ainsi ma main:
De grâce, je vous en conjure:
Cessez, cessez, bon pélerin,
Et quittez cette humble posture.»

Mais le pélerin à ses vœux
Résiste.. il devient téméraire,
Et ses baisers vont, deux à deux,
Tomber sur cette main qu'il serre.

La reine a pâli cette fois,
Dans son cœur le courroux fermente.
Soudain, elle sent sur ces doigts
Couler une larme brûlante...

«Qui peut causer, bon pélerin,
La douleur que je vois paraître?
Lá, contez-moi votre chagrin;
Je puis vous soulager peut-être.»

—«Oh! non, ce n'est pas mon chagrin;
La mort fait cesser la souffrance:
Mais en vous j'espérais enfin
Retrouver ma douce existence.

Oh! non; ce n'est pas mon destin,
C'est la vôtre que je déplore:
La compagne d'un roi chrétien
Devenir celle d'un roi more!»

«Ah! ne me parlez pas ainsi!
La pitié peut être indiscrète.
Du présent je n'ai nul souci,
Et du passé rien ne regrette.

Dieu m'accordera son pardon;
Ce n'est pas moi qui fus coupable.
De cette lâche trahison
Ramire doit être comptable.

—«Le ciel, jusqu'ici trop clément,
Doit en effet punir ce traître.
Ordonnez donc son châtiment,
Ramire á vos yeux va paraitre.»

Ramire se lève soudain,
Et laissant lá toute imposture,
De sa barbe de pélerin
Il a depouillé sa figure.

Le bourdon qu'il tient dans sa main
Prés de là va rouler á terre;
Et d'un geste plein de dédain,
Il jette á ses pieds son rosaire.

Qui pourrait dire de quels yeux
Le regardait la noble dame,
Quels sentiments impétueux
Troublaient en ce moment son âme?

Elle tremble, mais non de peur;
Sans gaîté, sa bouche est riante:
Elle est honteuse, sans pudeur;
Elle pâlit... elle est brûlante.

On voit ces sentiments divers
Se succéder sur son visage,
Comme les flots, au sein des mers,
Se heurter dans un jour d'orage.

A' l'homme la vengeance plait;
Pour la femme c'est un délice;
L'un pardonne, il est satisfait;
L'autre veut qu'elle s'accomplisse.

Sous le poids de ce souvenir,
Dont la reine a l'âme oppressée,
Ce fut là son prémier désir,
Ce fut sa derniére pensée.

Et puis, pour elle quel honneur!
Combien elle doit être vaine,
De pouvoir triompher d'un cœur
Qui revient reprendre sa chaine!

Mais dans les forêts d'alentour
Chasse en ce moment le roi more,
Elle est seule dans cette tour..
Il faut se taire et feindre encore.

Elle sourit, mais tristement,
De ce sourire qui fend l'âme,
Et voile son regard charmant
Pour mieux en tempérer la flamme.

De sa voix le son enchanteur
Séduit par son pouvoir funeste;
Et si l'enfer est dans son cœur,
Sa parole est tout céleste.

Elle parait près de fléchir,
Ses pleurs ont calmé sa colére;
Son âme feint de s'attendrir
Et sa douleur est moins amére.

Elle répéte, en sanglottant:
—«Pour pardonner, je suis trop fiére.»
Mais ses yeux, dans le même instant,
Semblent dire tout le contraire.

Don Ramire est à ses genoux;
D'une voix émue, il l'implore;
Il veut désarmer son courroux;
Il supplie... elle hésite encore.

Soudain, on entend retentir
Le bruit du cor, lá dans la plaine;
La reine se sent tressaillir
Bien plus de plaisir que de peine.

«C'est Alboazar, c'est le roi!»
Dit-elle: «cachez-vous, Ramire:
S'il vous voit, c'en est fait de moi;
Fuiez, ou, sous vos yeux, j'expire.»

A peine elle a, d'un air troublé,
Fermé la porte et par prudence,
Dans son sein déposé la clé,
Que vers elle le roi s'avance.

—«Tristes nouvelles, je le vois,
Nouvelles de mauvais augure!
C'est du moins, la première fois
Que m'arrive cette aventure.

Avant d'entrer dans cette cour,
J'ai sonné du cor dans la plaine.
Et sur les créneaux de la tour
Je n'ais pas vu venir la reine.

C'est mal à vous, ma chére enfant,
D'avoir manqué d'exactitude.
Me faudra-t-il donc maintenant
Renoncer á cette habitude?»

Une horrible perplexité
A troublé l'esprit de la reine;
Son triste cœur flotte agité
Entre l'indulgence et la haine.

Le souvenir de ses beaux jours,
De l'ambition l'influence,
Ici, de nouvelles amours,
Lá, le désir de la vengeance...

Bientôt la vengeance et l'amour
L'auront emporté dans son âme,
Ne devaient-ils pas, sans retour,
Triompher dans un cœur de femme?

«J'ai des nouvelles, en effet,
Et d'étranges à vous apprendre.
Entrez là, dans ce cabinet;
Vous verrez de quoi vous surprendre.»

Alboazar ouvre en tremblant,
Et recule, en voyant Ramire.
Ce qui se dit dans cet instant,
Point ne saurais vous le redire.

Ce fut comme un vent orageux,
Comme une tempête sur l'onde,
Comme si la terre et les cieux
Luttaient pour abîmer le monde

A' la raison enfin rendu,
Le roi prononce la sentence:
—«Chrétien, ton honneur est perdu;
Je veux te laisser l'existence.

J'ai pû me payer largement
Du mal dont m'as fait victime;
Ta honte suffit maintenant
Pour expier ton nouveau crime.»

Don Ramire sentait son cœur
Gonflé de dépit et de rage;
D'un air contrit, plein de candeur,
Il fait entendre ce langage:

—Bien grand, helas! fut mon forfait!
Envers toi je fus trop coupable;
Je ne veux pas d'un tel bienfait;
La mort me semble préférable.

C'est pour me mettre á ta merci,
Pour me livrer á ta vengeance
Que je suis venu seul ici;
Non pour implorer ta clémence.

C'est pour racheter mon erreur,
Sauver mon âme de l'abîme:
C'est d'ordre d'un saint confesseur
A' qui j'ai confessé mon crime.

Il faut, m'a-t-il dit justement,
Et c'est mon vœu, je te le jure,
Que public soit le châtiment,
Puisque public fut l'injure.

Ordonne ici de tes soldats
Que la troupe se réunisse,
Et que sous leurs yeux, mon trépas
Satisfasse enfin ta justice.

Vite! qu'ils entendent au loin
Le son du cor qui les apelle;
Que chacun, de ma mort témoin,
En garde un souvenir fidèle.

Qu'on dise, en me voyant mourir:
«Quelque bruit qu'ait fait, son offense,
«Un bruit plus fort va retentir,
«Et c'est celui de la vengeance!»

Le roi touché de son remords,
Lui veut conserver l'existence;
Mais la reine a juré sa mort;
Elle s'oppose à la clémence.

On voit les soldats accourir;
Le chateau prend un air de fête;
Ramire debout, sans pâlir,
Regarde la mort qui s'apprête.

—«Sonnez, trompettes et clairons,
Et qu'au loin ce bruit retentisse!»
Et l'ecco, répétant ces sons,
Annonçait l'heure du supplice:

On entendit près de la mer
Ce bruit, d'un sinistre présage;
Et soudain s'éléva dans l'air
Un long cri, parti du rivage.

IV

—«De par tous les saints, en avant
En avant, allons, du courage!»
Et bientôt la porte, en tombant,
Aux assaillants ouvre passage.

Sur les créneaux point de soldats,
Près des mures point de sentinelles;
Rien ne peut arrêter leurs pas,
Ils son maitres des infidèles.

Sur eux s'élancent soudain,
Comme des lions, pleins de rage.
Ramire prend un glaive en main,
Et par ses cris, les encourage.

D'un seul coup, d'un coup sur et prompt,
Que rend terrible sa colère,
Du More il coupe eu deux le front,
Et le jette sur la poussiere.

Déjà tous sont morts ou captifs;
Du feu terrible est le ravage;
Et les vainqueurs sur les esquifs
Ont abandonné le rivage.

—«Alerte! il faut quitter ces bords!
Allons, rameurs, plus de courage!
Alerte! et redoublez d'efforts;
J'entends des chevaux sur la plage.

Ce drapeau, qui flotte là-bas,
De Léon c'est bien la bannière,
Allons rameurs, force de bras;
Voguons, voguons vers notre terre!

Ce pays au More est soumis;
Jusqu'à Coimbre il règne en maitre.
Loin du Douro voguons, amis;
Je dois craindre ici quelque traitre»

On voit Ramire s'avancer
Vers la poupe où se tient la reine,
A' sa droite il la fait placer,
Comme marque d'honneur certaine.

Sans même détourner les yeux
D'un air pensif elle se lève,
Son front est resté soucieux,
Elle semble sortir d'un rêve.

Ramire parut n'en rien voir:
C'était peut-être par prudence
A' ses côtés il va s'asseoir,
Et tous deux gardent le silence.

Du malheureux Alboazar
Le château brûle et fume encore.
Gaia jette un dernier regard
Et voit le feu qui le dévore.

A' ce spectacle douloureux
Son cœur est brisé de souffrance.
Des larmes coulent de ses yeux;
Elle pleure, mais en silence.

Ramire, d'un air attendri,
La contemple et ne peut se taire;
Il croyait, le pauvre mari,
Que son remords était sincère.

Que c'était le seul souvenir
De sa honteuse perfidie,
Qu'elle pleurait de repentir
D'avoir au roi livré sa vie.

D'une voix pleine de douceur,
Oú se peint sa vive tendresse,
Il dit: —«Gaia, pourquoi ton cœur
Garde-t-il encor sa tristesse?

Calme, ma Gaia, ta douleur;
Notre vengeance est' satisfaite.»
Mais elle, redoublant ses pleurs:
«Oh! oui la vegeance est parfaite.

De ce grand coup applaudis-toi;
Il mérite bien qu'on l'admire.
Il est vraiment digne d'un roi,
D'un cavalier tel que Ramire.

Tu viens de frapper un rival,
Qui t'avait offert l'existence:
N'est-ce pas un trait bien loyal,
Une noble et belle vengeance?

Ta main a frappé, sans regret,
Le More le mieux fait pour plaire,
Des cavaliers le plus parfait
Que jamais ait porté la terre.

Tu demandes, perfide roi,
D'oú me vient ma vive souffrance?
Oh! que n'est il auprès de moi
Pour me soustraire à ta puissance!

Tu veux savoir oú mes regards
Cherchent à s'arrêter encore?
Contemple d'ici ces remparts,
Vois la flamme qui les dévore.

Là tout entière à mon bonheur,
De l'amour j'ai connu l'e.i pire;
C'est là que j'ai laissé mon cœur...
Comprends-tu bien ce que je *mire?*

—«Contente donc alors tes yeux;
Mire, Gaia, *mire*, infidèle.»
Et soudain d'un bras furieux,
Il lève son glaive sur elle.

Cèdant à d'horribles transports,
D'un seul coup, il tranche sa tête,
Et du pied repousse le corps ..
Dans la mer le Douro le jette.

De cet évenement cruel
Le souvenir se garde encore:
Gaia, c'est le nom du castel
Qui fut l'asile du roi more.

A' ce cri que jette bien haut
Le batier sur cette plage,
Mira Gaia! tout aussitôt
Se dresse une sanglante image.

Le peuple, dit-on, conserva
De ce fait la trace fidèle;
Et la place où Gaia *mira*
Mira-Gaia depuis s'appelle

Lisbonne, 10 janvier 1847.

VII

POR BEM

AS PEGAS DE CINTRA

Dou aqui logar a esta composição que, moderna, como é, e minha, toda é feita de coisas populares e antigas. A anecdota devêra ter sido celebrada pelos menestreis do tempo: não o foi, e eu procurei supprir o seu descuido. Não apparece pois em meu nome, senão no d'elles, embora de longe os rastreie.

Quando a primeira vez sahiu de minha carteira a presente ballada foi para se imprimir na *Illustração*,[1] jornal que se publicava em Lisboa em 1845-46. Reimprimirei com ella aqui tambem a carta que então escrevi ao redactor d'aquelle jornal, porque devéras contém a historia de sua composição.

Eis aqui a carta:

«Queria escrever-lhe um artigo, meu caro redactor, para a sua *Illustração*, que realmente faz milagres no meio d'esta escacez de tudo, e d'estes impedimentos para tudo que caracterizam a nossa boa terra. É promessa velha e que eu devia ter cumprido ha muito. Mas como, mas quando? É que ha de um homem escrever que se leia — que se leia por damas bellas e elegantes cavalheiros — quando lhe anda entallado nos bicos da penna o fatal fio da politica, que a fez espirrar e esgravatear em tudo o mais?

«Com as leis das eleições, e as questões da fazenda, e as organisações ministeriaes, e não sei que mais coisas taes, foi-se me de todo a derradeira reminiscencia litteraria que ainda por cá havia. Tenho saudade d'ella, mas foi-se, «morreu pela patria!»

«Não sei se morreu bem ou mal, se fez bem ou mal em morrer; mas é certo que morreu.

«Eu porém nunca prometti, que faltasse, a homem nenhum — nem a mulher, que mais é! O ponto está que me acceitem em pagamento aquillo que eu posso dar. Que, ás vezes, o máo pagador não é máo senão pelas absurdas e excessivas exigencias do crédor. Axioma de eterna verdade, especialmente quando applicado a tudo o que passa entre os representantes de nosso pae Adão e as representantas de nossa mãe Eva...

«Passemos adeante. Quer, senhor redactor, acceitar-me, em pagamento da lettra de minha promessa, este papel que achei embrulhado entre mil rabiscos de projectos de lei, tenções de autos, notas ao orçamento e outras coisas galantes do mesmo genero?

«Se quer aqui o tem, e disponha d'elle.

«Deixe-me só dizer-lhe o que é, e como foi feito.

«Estava eu em Cintra, foi em... Que importa lá quando foi? Basta saber que não era n'essa estação *fashionavel* em que a elegancia de Lisboa se vae enfastiar classicamente para o mais romantico sitio da terra. Era na primavera; passeavamos dois sós, ou quasi sós, n'aquelle Eden delicioso. Fomos vêr o palacio; chegámos á sala das pêgas. Pêgas são chocalheiras e linguarudas: eu detesto o bicho... e n'este tempo, estava-lhe com zanga de morte...

«Abominavel bicho! Isto já lá vae ha muito tempo, meu caro redactor, e ainda me faz ferver o sangue...

«Passemos adeante!

«Perguntaram-me a explicação d'aquellas pêgas da sala. Contei a historia popular que é tam sabida. Acharam-lhe graça, pediram-me que a pozesse em verso: fiz isto.

«É isto que é? Não sei. E' romance ou é apologo? E' fabula ou é cantiga? Nunca fui grande classificador d'essas coisas; que fará agora!

«O que lhe sei dizer é que no seculo XVI a XVII, segundo consta do *Fidalgo aprendiz* do nosso Francisco Manuel de Mello, se cantava em Portugal uma cantiga que começava assim como esta:

> Gavião, gavião branco,
> Vae ferido e vae voando.

[1] *Illustração*, vol. II, n.º 5, 1 de Agosto 1846.

«Nunca pude encontrar o resto, nem procurei muito por elle; mas engracei com este principio, e servi-me d'elle aqui. Acha mal feito? Eu não.

«Se soubesse, meu caro senhor, todas as circumstancias d'esta composição! Se soubesse de certa pêga ou pêgas que me perseguiram com seu maldito palrear, e me queriam, ainda em cima, assacar, a mim gavião, ellas pêgas, as manhas que só ellas têem!

«Mas ficou lograda a pêga e. .

«Adeus, meu amigo, outra vez, adeante! O gavião, e sobretudo o gavião branco — note — é animal nobre, de especie, genero e até de familia differente da pêga.

«Passe muito bem. Aqui estão os versos; eu vou salvar a patria.»

Julho, 22 — 1846.

POR BEM

AS PÊGAS DE CINTRA

Gavião, gavião branco
  Vae ferido e vae voando;
Mas não diz quem n'o feriu,
  Gavião, gavião branco!

O gavião é calado,
  Vae ferido e vae voando;
Assim fôra a negra pêga
  Que hade sempre andar palrando.

A pêga é negra e palreira,
  O que sabe vae contando...
Muito palra, palra a pêga
  Que sempre hade estar palrando.

Mas quer Deus que os chocalheiros
  Guardem ás vezes, falando,
O segredo dos sisudos
  Que elles não guardam calando.

Era uma pêga no paço
  Que el-rei tomára caçando;
Trazem n'a as damas mimosa
  Com a estar sempre affagando.

Nos paços era de Cintra
  Onde estava el-rei poisando:
A rainha e as suas damas
  No jardim andam folgando,

Entre assucenas e rosas,
  Entre os goivos trebelhando;
Umas regavam as flores,
  Outras as vão apanhando;

E a minha pêga com ellas
  Sempre, sempre palreando.
Vinha el-rei atraz de todos
  Com Dona Mécia falando.

Era a mais formosa dama
  Que andava n'aquelle bando;
No hombro de Dona Mecia,
  A pêga vinha poisando.

E zelosa parecia
  Que os andava espreitando...
Colhêra el-rei uma rosa,
  A Dona Mécia a ia dando,

Com um requebro nos olhos
  Tam namorado e tam brando.

Inda bem, minha rainha,
  Que adiante te vaes andando!

Pegou na rosa a donzella,
  Disfarçada a está cheirando...
Senão quando a negra pêga
  Que lh'a tira e vae voando.

Deu um grito Dona Mécia...
  E a rainha, voltando,
Deu com os olhos em ambos...
  Ambos se estão delatando.

—Foi por bem! — lhe disse o rei,
  Seu accordo recobrando:
«Foi por bem!»—«Por bem» repete
  A pêga em tôrno voando.

«Por bem, por bem!» grasna a tonta,
  De má malicia cuidando
Co'a chocalheira da lingua
  Andar o caso enredando.

Mas quer Deus que os chocalheiros
  Guardem ás vezes falando
O segredo dos sisudos
  Que elles não guardam calando.

Riu-se a rainha da pêga,
  E ficou acreditando
Que a innocencia do caso
  N'ella se estava provando

Da pêga mexeriqueira,
  Do bem que fez, mal pensando,
Nos reaes paços de Cintra
  A memoria está durando.

E eis aqui, senhora, a historia
  Da pêga que ahi vês palrando,
Da rosa que tem no bico,
  Da lettra que a está cercando.

A pêga é negra e palreira,
  O que sabe vae contando:
Mas quer Deus que os chocalheiros
  Guardem segredo falando.

O gavião, esse é outro;
  Vae ferido e vae voando:
Mas não diz quem n'o feriu...
  Gavião, gavião branco!

NOTAS

AO BERNAL-FRANCEZ

Nota A

«Quem bate a minha porta,
Quem bate, oh! quem 'stá ahi?»............. pag. 357

Por estes versos começa o romance original, tradicionalmente conservado na memoria do povo, e sómente impresso a primeira vez em Londres na primeira edição da *Adozinda*, em 1828. Já n'outra parte se deram as razões por que irá agora este texto no logar competente do *Romanceiro*, no segundo livro e segundo volume d'elle. (*Nota da segunda edição.*)

Nota B

For knowest thou not, where soltest ewell...... pag. 359

A versão ingleza, quasi sempre litteral, afasta-se aqui do texto sensivelmente, mas sem alterar as proprias idéas, sómente a fórma d'ellas. (*Nota da segunda edição.*)

A' NOITE DE SAN'JOÃO

Nota A

Tê os moiros da Moirama
Festejam a San'João .... pag. 364

E' uma cantiga popular do Minho ainda hoje cantada por toda essa noite de San'João, que n'aquellas terras ninguem dorme, como é sabido. A superstição da alcaxofa é toda do Sul, toda lisboeta, talvez coirman d'aquellas do dia de Maio, que o catholico senado municipal votou e prometteu a Nossa Senhora da Escada de acabar para sempre. Mas San'João fez-se um santo de exemplar tolerancia desde que lhe tiraram a cabeça por elle não poder vêr, sem ralhar, as desenvoltas pernas da bailadeira Herodias.

Não quero folgar com o que é serio: mas é notavel que a devoção quasi universal dos christãos tomasse para patrono e orago de seus mais livres folgares e festanças, e lhe consagrasse a mais risonha e lasciva estação do anno, ao austero precursor do Christo, o jejuador penitente do deserto, o severo censor da soltura cortezan, o protomartyr da moralidade evangelica.

Seria que a timida singelleza de nossos passados fosse de proposito buscar aquelle austero e invisivel inspector de seus ainda então innocentes brinquedos? *(Nota da segunda edição.)*

Como natural apendice e illustração aos dois precedentes livros, transcreverei aqui a traducção ingleza de alguns romances do primeiro, que o meu amigo Sir John Adamson publicou no segundo volume da sua *Lusitania Illustrata.*[1]

E aproveito esta occasião para agradecer publicamente ao illustre biographo de Camões a distincta honra que me fez associando o meu humilde nome ao do mais célebre homem d'estado de Portugal, o lamentado Duque de Palmella, quando nos dedicou os dois primeiros volumes d'aquella sua estimada collecção.

A versão ingleza tem o raro merecimento de ser em extremo fiel e quasi litteral, sacrificando muitas vezes a propria elegancia da linguagem á exacção do pensamento e até da propria phrase.

THE NIGHT OF ST. JOHN

Night reigns o'er Earth and Air—
O St. John, my St. John,
Ere fated hour speed on,
Hear thou my prayer!

Hear me thou, blessed Saint!
Christian Saint, hear my prayer,
Tho' my faith Moslem were,
Thine without taint.

Far from Mohammed gone,
Alkoran nought to me,
I bow my heart to thee,
Saint of Dom John!

As I consume this plant
In the fire made to thee,
Love glows anew in me—
Hear my heart pant!

As burns this plant on floor
In the fire lit for thee,
So let the black beard be
Of threatening Moor!

As burns the kindling light
This thy devoted flow'r,
So may Love's genial pow'r
Kindle my knight!

From height of heav'n amain
Scatter the garlands gay
That in this Love spell may
Spring forth again.—

Marvellous falling dews
That cure Love's burning grief,
My Saint! their cool relief
Do not refuse!

1 *Lusitania illustrata*, Part the second Newcastle-upon-Tyne, 1846.

Saint! whom soft pitie's move,
O St. John, my St. John,
«Ere glide this blest night on
Bring me my love!»

No more the fire you see —
Hush'd is the gushing pray'r
Yet still the maiden there
Bends on the knee.

Upraised her anxious eye
While throbs the glowing breast
Where Faith and Meekness rest
With Purity.

Kindly the Saint look'd on
And by his fav'ring aid
Bloms now that happy maid
Bride of Dom John!

AO CHAPIM D'EL-REI

Nota A

Nós temos, se me não ingano, no genero narrativo popular as tres especies, romance, xacara solão........... pag 368

Esta classificação é em part conjectural, ou para falar com mais propriedade, sim esta é a regra, mas com tantas excepcões que chegam a fazer duvidar d'ella. Os que escreviam e compunham n'aquelles tempos primitivos curavam pouco de cingir-se a regras ou classificações. D'ahi veiu uma certa anarchia, constituida e fundada no exemplo, ou na falta d'elle, que se prolongou por muitos seculos depois.

A respeito de soláos, por exemplo, temos para abonar a definição que d'elles se dá no logar annotado, a auctoridade immensa de Bernardim Ribeiro na *Menina e Môça:* ahi cap 21:

> Pondo-se a ama a pençar a menina sua criada como sohia, como pessoa agastada de algua noua dor, se quiz tornar ás cantigas, e começou ella entam contra a menina que estaua pençando, a cantar-lhe um cantar á maneira de solão, que era o que nas coisas tristes se acostumava n'estas partes: e dizia assi: etc.

Mas por outra parte, temos o não menos grave pêso de Sá-de-Miranda na Egloga 4:

> Que se os velhos soláos fallam verdade,
> Bem sabe ella por próva como Amor
> Magôa, e averá de mi piedade.

Da primeira citação parece concluir-se que o soláo é, como deixa dito, um cantor todo lyrico, de tristeza e lamentos: na segunda considera-se como narrativo e usurpando propriamente a provincia do romance. *(Nota da segunda edição.)*

Vej. o que a este respeito se escreve no liv. II do ROMANCEIRO. (*Nota da terceira edição.)*

Nota B

Antes ser pobre e villan,
Antes, pela minha fei........... .... pag. 368

Nas provincias transtaganas e em muitas das ilhas adjacentes pronunciam-se as palavras, *fé*, *pé* e similhantes—*fei*, *pei*, etc. Talvez seja devido á antiga orthographia que nas vogaes longas, *a*, *e*, dobrava as lettras em vez de as carregar com accento grave ou agudo. O povo, que sempre foge dos hiatos, preferiu mudar a última lettra, fazendo o som mais suave. (*Nota da segunda edição.*)

Nota C

Sem bulir nem mão nem pei..................... pag. 371

Vej. a nota antecedente. (*Idem.*)

A' ROSALINDA

Nota A

Era por manhan de maio
Quando as aves a piar........................... pag. 374

O mez de maio foi sempre o valído dos poetas populares de todas as nações: um sem numero de cantigas dos trovadores provençaes, dos menestreis normandos e saxonios, dos *minnesingers* allemães começam com estas alegrias do mez de maio Citarei dos minnesingers de que encontro apontamentos, por serem os menos conhecidos entre nós. Uma bella canção do tyrolez Steinmar começa:

> Ich will gruen mit der sat
> Dû so wunneklichen stat;
> Ich wil mit dien biuomen bluen,
> Und mit den vohelin singen:
> Ich wil louben so der walt,
> Sam dû heide sin gestalt: etc.

Outra do margrave Othon de Brandeburgo:

> Uns kumt aber ein liehter meie
> Der machet manig herze fruat, etc.

Estoutra do duque de Breslau é uma especie de drama lyrico entre o poeta, Maio, as flores, o bosque e o prado:

> Ich clage dir, meie, ich clage dir, sumer wunnel ecl.

Herzog Heinrich von Pressela, IV do nome, reinou de 1260 a 1299, e foi o objecto dos elogios de todos os poetas do seu tempo. A cantiga citada é uma das mais bellas e extraordinarias composições d'aquelles seculos. (*Nota da segunda edição.*)

ROSALINDA

It was the early morn of May Day,
When the song birds wake the grove,
And teeming trees and opening flowers,
Own the glow of kindling love;

It was the early morn of May Day
On the fresh bank of the wave
Sat the Infanta Rosalinda
Bent her flowing locks to lave.

Flowers they bring her red and rosy,
Flowers they bring her virgin white—
But on a blossom soft as she is
Questing eye may never light.

Softer far is Rosalinda
Than the rose that decks the thorn—
Purer than the purest lily
That opes to weep at dewy morn.

POR BEM

Colhêra el-rei uma rosa,
A Dona Mécia a ia dando,

PAG. 390

The Count High-Admiral passed by her
In his galley of the sea—
On each side so many rowers
Told aright they may not be.

Of the captive bands who row'd it —
All from Afric's bosom torn —
Some were proud and mighty nobles
Some of kingly blood were born.

Betwixt Ceuta and Gibraltar
If one Moor in safety be,
Ill at ease the Lord Count saileth
In his galley of the sea.

O! how gentle glides the galley
Answering well the guiding oar—
More gentle still he who commands it,
Skill'd to leave or gain the shore.

—«Count Lord Admiral tell me truly
From your galley of the sea,
If the captives that you conquer
All to row compelled be?

—«Fair Infanta! tell me truly
Without equal, Rose so fair!
The many slaves that glady tend thee
Tire they all thy flowing hair?»

—«Art thou courteous, Count! so lordly
Asking thus—not answering me?»
—«Anserw thou, and I will answer,
To me thou must not silent be.

Of the slaves who round me muster,
Each the allotted task doth know;
Some aloft the sails to manage,
Some upon the bench to row.

The lady captives soft and gentle
Twine on deck the mazy dance—
Deftly wearing flowery carpets,
Couch for Lord in drermy trance.»

—«Thou'st answer'd, and I answer thee—
For good the law that bids re-pay.
I have slaves for every purpose—
Slaves who all my will obey.

Some to fit my varied vestments
Some to tire my flowing hair—
For one I keep another office,
But him my toils must yet ensnare!»

—«He's ta'en-be's thine! So fully captur'd
That ne'er would he be ransom'd more!
Pull to lhe land—the land, ye vassals,
And drive the galley high ashore!»

Then sweet with fairest Rosalinda
And nobles Count the moments sped—
While orange groves her form o'er shahadow'd
And flowrets garlanded her head.

But crabbed fate, that will not suffer
Any good without allay,
Led the steps of the king's huntsman,
As he roam'd to walk that way.

—«What thine eyes have seen, O huntsman!
Hunstsman! prithee do not tell.
Purses fill'd with gold I give thee,
As much as thou can carry well.»

All the royal huntsman witness'd
Did he to the King make known,
On study bent in private closet
Thoughtful sitting and alone.

—Whisper low the news you bring me,
And we give thee guerdon rare;
Raise on high thy voice to sound it,
And we hang thee high in air.

To arms—to arms, my faithful Archers,
Without the rousing war pipes sound,
My Cavaliers, and trusty foot-men,
Haste the grove to circle round!»

It is not yet the glow of mid-day,
Loud and long the bell doth boom!
It is not yet gloom of midnight,
Walk they both to meet their doom!

To the sound of Ave-Marias,
Both are tomb'd in solemn state;
She before the altar holy,
He beneath the western gate.

Soon the grave of Rosalinda,
Did a Royal tree disclose,
Soon the grave of Count so noble
Show'd a bed of softest rose.

When the Monarch heard the marvels
Quick he bade them both destroy,
Giving to the ruthless flame each
Record of departed joy.

The trees they cut, and roses scatter,
Still the emblems thrive again;
E'en as the air which tkem embracing
Feeleth neither wound nor pain.

The King when be was told the story
Ceased he to speak for aye,
And when the Queen the wonder heard
Moan'd she thus her dying lay:

—«Call me not Queen!—a Queen no longer,
She who such dread deed hath done!
Two spotless souls I've rent asunder,
Whom heav'n would fain have joined in one!»

GREEN VINE LEAVES; OR, THE KING'S SLIPPER

Fresh green vine leaves hath the vineyard,
 There found I grapes both fine and sweet;
So ripe are they—so highly colour'd—
 They are saying «come and eat.»

—«I wish to know who» 'tis that guards them:
 Hast, Mordomo! hast and know»
Says the King to his Mordomo,
 But why did the king say so?

Because the king saw in that mountain,
 How saw he her I do not know —
That incomparable Dona. .
 My reading does not tell me kow.

Who to her sorrow is a Countess,
 Countess she of Valderey:
Rather would she, by my halidom,
 Rather—a poor peasant be.

Fresh green vine leaves hath the vineyard,
 Grapes which the king will go to greet:
So ripe are they, so highly colour'd,
 They are saying «come and eat.»

—

Comes the Mordomo from the mountain:
 —«Best of news to you I bring;
Though the vineyard is well guarded,
 Yet have I enter'd, Senhor King!

«The owner is in other countries,
 When come he back, I cannot say;
The gate is old—the yielding portress
 To key of gold gave ready way:

To a wonder that key serv'd me;
 All was soon adjusted so,
That this eve at hour of midnight.
 With you I'll to the vintage go.»

—«Your'e worth a kingdom»—my Mordomo!
 Grand reward I'll make to thee.
This eve then, at the hour of midnight
 Rich grapes shall be eat by me »

Fresh green vine leaves hath the vineyard,
 More grapes than I before did meet:
So beautiful and so ripe are they,
 They are saying «come and eat.»

—

In the dead of the midnight hour
 Went the Mordomo—went the king—
Of doblas to the portress giv'n,
 Tis not for me the account to sing.

—«Mordomo! stay you at the portal,
 The portal where I enter in,
Let not guard-dogs with me grapple,
 Whil'st the grapes I'm gathering.»

The portress now to meet his wish,
 Exchange for what he gave doth bring:
At the chamber of the Countess
 Behold there entereth the king.

She bore a lamp both rich and massy,
 It was of silver, I could see.
Nought buf of silver or of gold
 Is in the house of Valderey.

The fresh green leaves are in the vineyard,
 The grapes in it are ripa and sweet:
So beautiful—so warmly colour'd—
 Ah me, of them when shal I eat?

—

All in the chamber of the Countess
 Gold was with silver suited well,
It was the Heav'n of that Angel,
 No more hath my poor tongue to tell.

Rich silks were there of Millan,
 The towels were of Courtenay;
The King he trembled—if from terror
 Or from good faith, I cannot say

Green silk curtains hung before him,
 Still he ne'er essay'd to raise;
The vision brigth I may not sing,
 That daunted thus his baffled gaze.

It was a thing so passing lovely...
 What more to say I do not ween.
Dainties other such as this,
 You may not see, nor have I seen.

Fresh green vine leaves hath the vineyard,
 Saw I there grapes ripe and sweet:
So beautiful and so ripe are they—
 They are saying «come and eat.»

Slept she there so undisturb'd
 As I in heav'n above shall sleep—
Jesus! when I find thee there,
 If innocent thy law I keep.

On his knees then all the night
 Good did the King ill thought withstand;
Gazing, wond'ring thus to see her,
 Without moving foot or hand.

And thus he said—«Oh God, my sire!
 Pardon what I ask'd before:
This angel here so pure and bright
 It is not I will injure her »

The vineyard hath fresh green leaves in it,
 Grapes found I in it ripe and sweet;
But I fear to tamper whit them...
 Ah! of them I will not eat.

—

Now came on the shining morrow,
 Then it was, as goes the tale,
The Mordomo a whistle heard:
 —«Jesus Lord, now me avail!»

This was the appointed signal
 The mode the Count was us'd to take—
The king did not the curtains draw
 Saying: «I will not vintage make.»

Beautiful green leaves hath the vineyard,
 In it I found grapes lovely sweet;
But my conscience inward grieves me,
 Grapes like these I will not eat.

Mordomo ran with rapid vigour
In order that the king may flee.
—«Alas a slipper I have lost.»
—«Take one of mine I give to thee.»

They fled, but in another instant
Since the whistle they did hear,
Descends the Count from off the mountain.
—«If he shall catch us, woe and fear!»

One fear barass'd the Mordomo,
Other fear assail'd the King:
Which of them had reason greater,
Soon unto you will I sing.

Green leaves saw in the vineyard,
Grapes quite ripe and richly sweet;
But, by his tender conscience guarded,
Quoth the King:—«I will not eat.»

Seeketh now the Count his tower,
The valiant Count of Valderey;
He lit upon the broider'd slipper..
How it chanc'd I cannot say.

To the chamber of the Countess
Goes he. Will he strike the blow?
Serenely sleeping doth he see her:
—«Jesus! I know not what to do.»

In disorder is tke household...
—«God have me in his holy keep!
Either witch must be this woman,
Or this same slipper mock'd my sleep.»

«The slipper which I have before me,
The slipper it bespeaks no good:
Who could think that she could slumber
In so pure and gentle mood.»

Wild the doubts that rise within him:
—«Help me Heaven! with guiding light,
Baffling madness louring round
Forbids me see my path aright.

Oh! my vineyard so well guarded!
The precious grapes which there I left...
Were is the fruit on whinch I counted?
Tell me of which I am bereft?»

Straight the Count himself imprison'd
In highest tower of Valderey:
—«Ne'er shall bread assuage my hunger,
Ne'er shall wine my thirst allay.

Beard and hair grown rough and ragged,
Care from me shall ne'er receive;
Till the truth be plain before me,
Ne'er will I this refuge leave.

Oh! ye green leaves of the vineyard
Grapes that I no more may taste!
Quickly may ye pine and wither,
Quickly pine like me and waste »

Thrice the sun hath sunk and ris'n,
Still groaning thus he lonely sate,
While faithful Countess grieving utter'd:
«How shall I soothe his mournful state?»

Whither may she flee for succour?
Who shall aid and solaee bring?
Innocence may challenge pity.
Where shall she went? Unto the King!

—«That I some remedy may find thee,
Faithful Countess, quickly go:
The secret of his sad affliction
Be't mine or here or there to know.

On leal word of Cavalleiro
Troth and faith I plight to thee,
Pure you shall be found and spotless,
Or I myself shall recreant be.»

Oh! the green leaves of the Vine tree!
Grapes I sought with eager haste!
To the soul their beauty touch' me,
Bloom so pure I dar'd not taste.

Quickly thence the Countess hurried:
The king, he did not tarry more.
What they say I wish to hear,
So will I listen at the door.

Hist!—A voice of heavenly sweetness
Steals upon his ravished ears—
While this sad plaint the mourner sang
Mocking music of the spheres.

—«Once I was a Vine well guarded,
Taught by tending Love to grow:
Now I lack that fost'ring nurture...
Why—I scarce dare ask to know.»

Then shone out the Royal goodness...
Tears of pity dimm'd his eye:
—«Quick of the other side inform me,
That the truth I may descry.»

—«My fresh vineyard so well guarded,
When I enter'd it again,
Trace of plundering thief I noted...
What he stole I ask in vain»

Ceased the Count o'erwhelm'd with sorrow,
But then laughing said the King:
(Whether at self or at the mourner
Aim'd that laugh, I cannot sing.)

—«Twas I who did the vineyard enter,
Of plundering thief I left the trace;
Grapes I saw—but Heav'n so save me—
Not a grape did I displace.»

A fracture was there in the portal
The slipper from his foot he tore:
—«Need'st thou proof? behold it here »
Its fellow from within he bore.

Of the joy that followed after
Little need I more impart,
Glad the Count the truth admitted,
And the King play'd the kingly part.

Fresh green leaves hath the vineyard,
Richest grapes were those I saw;
It was fear that kept them safely,
Fear of God and of his law.

PARTE III — TRADIÇÕES POPULARES PORTUGUEZAS

ROMANCES CAVALHEIRESCOS
(VERSOES ORAES)
ROMANCES COM FÓRMA LITTERARIA

ROMANCEIRO

INTRODUCÇÃO

Pretendo supprir uma grande falta na nossa litteratura com o trabalho que intentei n'esta collecção. Não quero compôr uma obra erudita para me collocar entre os philologos e antiquarios, e pôr mais um volume na estante de seus gabinetes. Desejo fazer uma coisa util, um livro popular; e para que o seja, tornal-o agradavel quanto eu saiba e possa. As academias que elaborem dissertações chronologicas e criticas para uso dos sabios. O meu officio é outro: é popularisar o estudo da nossa litteratura primitiva, dos seus documentos mais antigos e mais originaes, para dirigir a revolução litteraria que se declarou no paiz, mostrando aos novos engenhos que estão em suas fileiras os typos verdadeiros da nacionalidade que procuram, e que em nós mesmos, não entre os modelos estrangeiros, se devem encontrar.

E' obrigação de consciencia para quem levanta o grito de liberdade n'um povo, achar as regras, indicar os fins, apparelhar os meios d'essa liberdade, para que ella se não precipite na anarchia. Não basta concitar os animos contra a usurpação e o despotismo; destruido elle, é preciso pôr a lei no seu logar. E a lei não ha-de vir de fóra; das crenças, das recordações e das necessidades do paiz deve sahir para ser a sua lei natural, e não substituir uma usurpação a outra.

Eu, que ousei levantar o pendão da reforma litteraria n'esta terra, soltar o primeiro grito de liberdade contra o dominio oppressivo e antinacional da falsa litteratura, dóe-me a consciencia de vêr a anarchia em que andamos depois que elle foi aniquilado; pêza-me vêr o bom instincto dos jovens talentos, desvairado em suas melhores tendencias, procurar na imitação estrangeira o que só póde, o que só deve achar em casa.

A revolução não está completa nem consolidada. E' preciso indicar-lhe o caminho natural e legal, pôl-a em marcha para os pontos a que lhe convém chegar; e ella se aperfeiçoará a si mesma no progresso regular que assim hade seguir para um norte fixo.

Fiz para isto esta collecção de exemplares, de documentos, de estudos e observações. Não respondo nem por sua exacta classificação, nem por uma certeza em todos elles acima dos escrupulos austeros da critica, e das desapiedadas negações da chronologia. Respondo pelo espirito, pela tendencia, pela verdade moral do trabalho. Sente-se muitas vezes, vê se clara a verdade e exacção moral de uma coisa cuja exacção material não póde provar-se por falta de documentos de indisputavel authenticidade.

Eu reuni, juntei, puz em alguma ordem muitos elementos preciosos. Trabalhadores mais felizes, e sobretudo mais repousados que eu de outras fadigas, virão depois, e emendarão e aperfeiçoarão as minhas tentativas. Tomára-os eu já vêr n'esse empenho. Então entenderei devéras que fiz um grande serviço á minha terra e á minha gente. Sem vagar de tempo nem de cuidados para coisas tanto de meu gosto e tão fóra de minha possibilidade, vou lançando no papel as observações que me lembram, as reflexões que me occorrem, sem curar ás vezes nem do fio que levam, nem do logar em que as ponho. Quizera poder fazer á lingua e á litteratura portugueza serviço egual ao que fez M. Raynouard á dos seus provençaes. Mas nem posso eu, nem o resultado seria tam prompto como elle hoje se precisa.

Tomára que estas paginas se fizessem lêr de toda a classe de leitores; não me importa que os sabios façam pouco cabedal d'ellas, comtanto que agradem á mocidade, que as mulheres se não enfadem absolutamente de as lêr, e os rapazes lhes não tomem me-

do e tedio como a um livro profissional. Eis aqui o que eu desejo, o em que puz fito, e o porque intersachei a prosa com o verso, a fábula com a historia, os raciocinios da critica com as inspirações da imaginação.

Tenho alguma esperança no methodo.

A primeira parte e volume do presente ROMANCEIRO deve ser considerada como a introducção d'esta segunda e das que se lhe seguirem.

Alli dei a tradução em lingua e estylo moderno de alguns dos nossos romances populares; aqui vão os proprios textos d'esses e de muitos outros romances.

Horacio, cuja arte poetica hade sempre ser para a poesia de todas as edades, de todas as escolas e de todas as nações, o que são para a moral os *Versos de oiro* de Pythagoras, um codigo eterno de regras inalteraveis — Horacio louva, sobre todos, aos poetas romanos que ousaram desviar-se do trilho batido dos gregos, e celebrar emfim as acções da sua propria gente, deixando em paz as Medeas e Jasons, a interminavel guerra de Troia e essa perpetua familia dos Attridas.

Os nossos primeiros trovadores e poetas, que mal sabiam talvez se tanto, o latim mosárabe dos bons monges de Lorvão ou de Cucujães, e que decerto nunca tinham lido Horacio — nem o entenderiam — seguiram comtudo melhor, por mero instincto do coração, as doutrinas do grande mestre que não conheciam, do que depois o fizeram os poetas doutos e sabidos que no seculo XVI nos transmudaram e corromperam todas as feições de nossa poesia.

Longe de mim a ingrata e presumpçosa vaidade de desacatar as venerandas barbas dos nossos dois Boileaus de Quinhentos, Ferreira e Sá de Miranda! E quem ousará pôr os olhos fitos no sol de Camões para lhe rastrear alguma leve mancha, se a tem? Todavia esses tres grandes poetas, grandes homens, grandes cidadãos e grandes philologos, são os que, cheios de Virgilio, de Ariosto e de Petrarcha, com os olhos cravados no antigo Lacio e na moderna Italia, de todo esqueceram e fizeram esquecer os t ns e os modos da genuina poesia da nossa terra.

Os nossos visinhos de Castella nunca chegaram, no seculo XVI, á perfeição classica da litteratura portugueza; mas por isso ficaram mais nacionaes, mais originaes; e por consequencia, maior e mais perduravel e mais geral nome obtiveram e conservaram no mundo.

Toda a Europa lê hoje os LUSIADAS: é verdade. E porquê? Será pelas fórmas virgilianas do poema, pelos deuses homericos do seu maravilhoso, pela belleza dos modos que só nós sentimos bem? Não, é pelo que alli ha de poesia original, propria, primitiva: porquanto, era o Camões poeta tam portuguez n'alma, que as mesmas harmonias homericas e virgilianas, os mesmos sons classicos se lhe repassavam debaixo dos dedos n'aquella sincera e maviosa melodia popular que respira das nossas crenças nacionaes, da nossa fé religiosa, do nosso fanatico — e inda bem que fanatico! — patriotismo, da nossa historia, meio historia, meio fábula dos tempos heroicos. Dominou-o, mas não póde pervertê-o a escola do seu tempo.

A poesia e a litteratura portugueza precisavam retemperadas nos principios do seculo passado; que estavam uma coisa informe e laxa: eram cordas castelhanas em segunda mão, cordas italianas de má fabrica, as unicas da lyra portugueza. Veiu o Garção, o Diniz, Francisco Manuel, depois o Bocage, com todos os satellites d'estes quatro grandes planetas, e restauraram a lingua e a poesia — a prosa não — mas nos antigos modos classicos, agora deduzidos pela reflexão franceza, bem como no seculo XVI o tinham sido pela reflexão italiana.

Falou portuguez e falou bem, cantou alto e sublime a nossa poesia; mas ainda não era portugueza.

Estava corrido o primeiro quarto d'este seculo, quando a reacção do que se chamou Romantismo, por falta de melhor palavra, chegou a Portugal.

Vamos a ser nós mesmos, vamos a vêr por nós, a tirar de nós, a copiar de nossa natureza, e deixemos em paz

«Gregos, romãos e toda a outra gente.»

Que se hade fazer para isto? Substituir Goëthe a Horacio, Schiller a Petrarcha, Shakspeare a Racine, Byron a Virgilio, Walter-Scott a Delille?

Não sei que se ganhe n'isso, senão dizer mais semsaborias com menos regra.

O que é preciso é estudar as nossas primitivas fontes poeticas, os romances em verso e as legendas em prosa, as fábulas e crenças velhas, as costumeiras e as superstições antigas: lêl-as no máo latim mosárabe meio suevo ou meio godo dos documentos obsoletos, no máo portuguez dos foraes, das leis antigas e no castelhano do mesmo tempo — que até bem tarde a litteratura das Hespanhas foi quasi toda uma. O tom e o espirito verdadeiro portuguez esse é forçoso estudal-o no grande livro nacional, que é o povo e as suas tradições, e as suas virtudes e os seus vicios, e as suas crenças e os seus erros. E por tudo isso é que a poesia nacional hade resuscitar verdadeira e legitima, despido, no

contacto classico, o sudario da barbaridade, em que foi amortalhada quando morreu, e com que se vestia quando era viva.

Reunir e restaurar, com este intuito, as canções populares, xácaras, romances ou rimances, soláos, ou como lhe queiram chamar, é um dos primeiros trabalhos, que precisavamos. E' o que eu fiz — é o que eu quiz fazer ao menos.

Para entrar com alguma ordem, e com algum nexo, ainda que seja apenas hypothetico, no ajuntar e examinar dos documentos, vejamos e resumamos em poucas palavras como, da litteratura da civilização velha se fez, na chamada Meia edade, a transição para a nova e imperfeita, mas muito mais original, muito mais creadora litteratura da sociedade christã, d'esta civilisação que é tam outra e tam distincta d'aquella, e, por forçosa necessidade, tam diversamente tem de formular-se em sua mais natural expressão, a poesia.

Roma e Grecia tinham cahido na segunda meninice, os barbaros do norte entravam em vigorosa juventude de entendimento. Chamou se a este periodo, tam notavel e interessante na historia do espirito humano, a Edade-média. Mas não foi elle, como ha tres seculos se escrevia, e se cria sem mais exame, não foi uma epoca de trevas em que toda a arte e sciencia pereceram, foi uma crise de transformação e regeneração em que os elementos da sociedade, purificados no fogo de um grande incendio, começaram a tender para ordem nova, para uma organisação que era extranha a todas as idéas e concepções antigas.

Observa um elegante escriptor contemporaneo que naturalmente são objecto da nossa curiosidade e nos excitam vivo interesse os costumes, os sentimentos, a litteratura de aquella epoca singular em que, passo a passo, vêmos o progresso do entendimento humano caminhando para a civilisação christã, essa que depois havia de confundir-se com as reminiscencias da antiga, desvairar-se em seu caminho, retrogradar, perder-se tantas vezes na senda, chegar a ser desconhecida e desconhecer-se ella a si mesma.

Abstractamente consideradas as maneiras e as instituições d'aquella edade, pouco ha n'ellas de louvar, muito que reprovar: e todavia as que mais pareciam deformidades na infancia dos povos, vieram a produzir resultados tam beneficos, a amadurecer em fructos de tanta bençáo, que hoje nos deleita e interessa contemplar e examinar essas mesmas aberrações.

Saudavel e reanimadora foi a influencia das tribus gothicas na politica e na litteratura da Europa. A antiga luz da civilisação velha ardia ainda na caliginosa atmosphera de Constantinopla: e a ascendencia que, de tempos a tempos, readquiria na Europa o crapuloso imperio do Oriente, por vezes fez sumir a luz nova e verdadeira que, sob o reinado de Theodorico, se tinha acendido na Italia, que depois, resurgindo de novo nas remotas regiões do norte, d'esses claustros da Islandia onde jazera latente, veiu propagando se até nós. Um soberano theutonico, Carlos Magno, suscitou o genio nacional que deu existencia, fórma e cultura á lingua vernacula no centro da Europa para substituir a corrupta algaravia das fezes latinas, em que mal se póde dizer que já falava, senão que gaguejava a nossa decrepitude. Um rei saxonio, Alfredo, formulou, com os primeiros elementos da lingua, a primeira civilisação ingleza. Os nossos reis godos, visigodos e asturianos crearam nas Hespanhas estas linguas e estas litteraturas, — hoje resumidas em duas irmãs gémeas — tam caracterisadas e originaes ainda, apesar dos longos e teimosos esforços de uma reacção de cinco seculos que por todos os modos as quiz des naturalisar e fazer renegar sua nobre e legitima ascendencia, para sómente as reconhecer bastardas e adulterinas de corrupção romana, quando ellas são legitimas filhas, havidas em um matrimonio, sim forçado pela conquista mas util e vantajoso aos contrahentes e á progenie que d'elles veiu.

Durante todo o undecimo, duodecimo e decimo terceiro seculo os elementos de civi lisação da Europa estiveram fermentando, separando-se e moldando se para receber nova fórma: os principios eram ainda crús e indigestos, mas os sentimentos fortes e vivazes. O fervor do zêlo religioso transviava a miudo o espirito e inflammava as paixões; mas essa religião era tambem o symbolo, e era o meio, o instrumento mesmo da civilisação; era o anjo Custodio que velava nos sanctuarios da sciencia, que os protegia contra o poder ignorante e desenfreado.

Offendem o senso commum aquelles sonhos da cavallaria andante; mas onde não havia mais lei que a força, n'ella só podiam os desvalidos achar protecção, só ella podia contêr os que outra lei não conheciam. D'essa instituição phantastica derivou todavia, modificado pelo tempo, este principio de cortezia, de honra e de civilidade, que é a base e o fundamento da sociedade moderna.

Aquelles rendimentos de adoração para com o bello sexo, a solemnidade com que se lhe prostrava todo o entendimento e vontade faz-nos hoje sorrir desdenhosamente; mas d'ahi nasceu a importante revolução social que veiu a fixar, nas firmes bases de uma

religiosa justiça, os destinos de metade da raça humana.

Hoje, certo, nos parece ridiculo vêr de repente transformar a mulher, de escrava abjecta, em divindade sublime, poderosa para salvar, omnipotente para destruir... E ainda assim as cadeias voluntarias, com que d'este modo se prendiam reis, imperadores e guerreiros, não os traziam em desagradavel captiveiro. Sentiram-se amansar e humanisar aquelles meio-selvagens; e sem saberem porquê nem como, aprenderam a respeitar-se uns aos outros; gradualmente vieram a acabar por se respeitar a si proprios.

Então começou a ter valor e importancia a opinião publica; até as «Côrtes d'Amor» concorreram para este grande fim, ajudando a curvar a prepotencia dos grandes e a submetter a anarchia dos poderosos aos regulamentos da disciplina social. Quando a poesia tinha tamanha influencia, que poderoso instrumento de civilização não devia de ser o energico escriptor de *Sirventes* que honesta e despejadamente seguia sem medo as lições e o exemplo do famoso trovador Pons Barba!

Sirventes no es leials,
S'om no i ausa dir l'os mals
Dels menors e dels communals,
E maiorment dels maiorals.

A Sirvente não é leal
Se não ousa home expor o mal
Dos menores do communal
E mormente do maioral.

Vê-se quanto era o poder de tal influencia pelo modo com que a animavam os politicos imperadores da Allemanha, oppondo-a de barreira á superstição dos ignorantes e ás pretenções da curia romana. A força com que ella operava poude avaliar-se pela resistencia de opinião publica que tantas vezes excitou.

Todos os elementos da sociedade, unidos assim por sympathias communs, tendiam simultaneamente a aperfeiçoar-se, temperando-se uns aos outros pela propria acção e reacção de suas forças. Principes, senhores e povo rivalisavam no campo das contendas poeticas; as desegualdades de condição eram mitigadas pela valia que se dava ao talento onde quer que elle apparecia. Então o Oriente patenteou as suas maravilhas. o mundo foi encantado e a historia se fez romance. Foi a primavera do espirito, a estação da florescencia d'alma. O coração do homem era mais arrojado, o seu braço mais firme do que nos dias da prosaica realidade. O espirito da aventurosa cavallaria abrandou-se em heroica gentileza e amoroso galanteio. A belleza da mulher foi estimada como thesoiro, exaltada como triumpho, adorada como divindade. Chegou a hora propria de despontar a flôr mais bella de toda a grinalda, a rosa que as corôa e domina a todas, aquelle espirito de poesia que desenferrujou e puliu o barbarismo accumulado das edades, que suscitou o espirito da emulação, que o preparou para as melhores cousas. Está aberto emfim o manancial dos sentimentos generosos e elevados, d'onde hade correr a civilisação pelo mundo.

A cavallaria e a poesia d'esses tempos foram pois inseparavelmente ligadas, são fructos de uma grande revolução moral, nasceram juntas, mutuamente se explicam e definem, os mesmos senões as maream, qualidades eguaes as illustram.

Mas, tendo-se discorrido tanto sobre uma, não se estudou ainda bastante a outra: e todavia n'essa poesia da Edade média está a melhor explicação do estado da sociedade que a creou, d'essa pasmosa mistura dos sentimentos fortes, das associações religiosas, e do galanteio metaphysico que revestia de uma fórma angelica o objecto da adoração do poeta, e em seus olhos punha as estrellas em que o homem lia o seu destino, que abria o céo aos amantes felizes, e fazia os bosques e os prados testemunhas e participantes de sua alegria. Com que expressão de terno contentamento começa aquella gentil canção do trovador Arnaldo de Merveil:

Oh que doce abril respira
Quando maio vê chegar!
Pelas noites socegadas
Se escuta o doce cantar;
E nas frescas manhãs puras
Brandas aves gorgeiar
Tudo em torno alegre folga,
Tudo ri, tudo suspira:
Como heide eu contêr no peito
Affectos que amor me inspira!

Que festivas alegrias não folgam n'essa outra canção do velho minnesinger, o conde Conrado de Kirckberg quando, ao voltar de maio, chama pelas festivas corêas que saiam ao campo:

Seus thesoiros de alegria
Todos maio derramou,
Pelas seves que florece,
Pelas sombras que copou;
Onde rouxinol amante,
Em cada ramo que pende,
Em cada flor que recende,
Sua doce melodia
Faz soar pela espessura.
Vinde, maio é o mez d'amor,
Da belleza e da ternura;
Cantemos, vinde, cantae-o:
Deus te salve, lindo maio!

A coincidencia de tom entre a sociedade e a poesia do tempo observa-se tambem nas

phantasticas instituições a que deu nascença a paixão reinante da galanteria. Aprazia-se, diz outro escriptor moderno, a sociedade, nova ainda, em formalidades ceremoniosas que então eram signal de civilisação e que hoje matariam de enfado: é o mesmo caracter que se acha na lingua provençal, na difficuldade e no enrevezado das suas rimas, nas suas palavras femininas e masculinas para expressar o mesmo objecto, até no infinito numero de seus poetas. Tudo o que era formalidade e alinhamento, coisa hoje tam insipida, tinha então toda a frescura e sabor da novidade.

Veja e examine com paciencia os exemplares que nos restam d'essa escola entre nós, o *Cancioneiro* dito *do Collegio dos Nobres*, o de Dom Diniz, o de Rezende, e conhecerá quanto é exacta a observação.

N'este periodo se observa tambem o fundamento de uma das mais caracteristicas distinções que separam a poesia moderna da antiga, a que vulgarmente se diz romantica, da que tambem vulgarmente se chama classica. Essa, a poesia grega e latina tinha um caracter essencialmente masculino, a todos os respeitos: em seus mais ternos desafogos a mulher sómente apparece como subserviente aos caprichos e aos prazeres do «sexo mais nobre». A nossa poesia, ao contrario, deve os mais de seus encantos ao suave caracter que lhe infundiu a differente posição da mulher na sociedade. Nos primeiros tempos este novo sentimento trasbordava extravagante e inculto; mas depois abrandando-se e cultivando se, veiu a aquietar-se n'essas tranquillas pinturas de affeição social, de felicidade domestica, de goso ora sereno ora apaixonado, de que pouco ou nada apparece na litteratura chamada classica.

A poesia dos trovadores ainda não foi imparcialmente avaliada nem sequer por aquelles (e poucos são) que a foram examinar nos proprios originaes. Os mesmos que se extasiam com as rimas de Petrarcha e de seus imitadores, esses mesmos a tractaram de resto. Os minnesingers da Allemanha, contemporaneos dos trovadores, apenas, se tanto, serão conhecidos de nome entre nós. De nossos vizinhos castelhanos, aragonezes e gallegos ha muito que se apagou a memoria já tam familiar á gente portugueza. Aos nossos proprios cantores e juglares só ficou fiel a saudosa recordação do vulgo, da plebe que, de geração em geração, foi transmittindo, mas corrompendo tambem suas composições, delicias outr'ora de damas bellas e de cortezãos cavalheiros, hoje entretenimento de alguma pobre velha d'aldeia qne as canta ao serão aos esfarrapados netos.

O maior senão de todas estas poesias primitivas é a sua uniformidade e monotomia. Responde a esta accusação, por parte dos seus minnesingers, o erudito e elegante F. Schlegel: a defeza serve para todos.

A accusação de uniformidade, diz elle, parece-me singular: é o mesmo que desdenhar da primavera pela multidão de suas flores. Certo é que em muita especie de ornatos, elles agradam mais separados do que amontoados em massas. A propria Laura não era capaz de lêr, sem fadiga e fastio, todos os seus louvores se lhe appresentassem de uma vez quantos versos inspirou a Petrarcha no decurso de sua vida. — A impressão de uniformidade nasce de vêrmos estes poemas reunidos em volumosas collecções que talvez não pensaram nem desejaram fazer seus auctores. Mas em verdade não é só canções d'amor, todo o poema lyrico, se elle realmente fôr fiel á natureza e não pretender mais do que expressar sentimentos individuaes, hade circumscrever-se a muito estreitos limites tanto de sentir como de pensar. A prova e exemplo está nos mais altos generos da poesia lyrica de todos os povos. O sentimento hade occupar o primeiro logar para podêr expressar-se com poesia e fôrça: e onde o sentimento predomina, variedade e riquezas de pensamento são de importancia muito secundaria. Grandes variedades em poesia lyrica não se acham senão nas epocas de imitação em que se capricha de tratar toda a casta de assumptos em toda a sorte de fórmas.

Os trovadores do sul da França foram decerto os primeiros inventores da nova arte e nova lingua poetica que em breve se diffundiu por toda a Europa e se popularizou de tal modo que o seu alahude fez calar as harpas dos bardos theutonicos e quebrar a última desafinada corda da lyra romana. Da brutal idolatria do norte, do profligado paganismo do meio dia, a sociedade européa fugia para o espiritualismo christão. Exagerados e falsos muitas vezes, os trovadores eram comtudo os poetas d'este culto, os formuladores d'essa ideia; d'aqui sua popularidade e supremacia.

De nenhum ponto na historia litteraria do mundo se falou e escreveu mais do que d'este. E todavia os documentos necessarios para julgar do verdadeiro merito e caracter da poesia dos trovadores eram, até ha pouco, tam mesquinhos que justamente observou Schlegel: «todo o mundo falava dos trovadores e ninguem os conhecia.» Os criticos francezes, e Millot especialmente, occultaram com empenho os poucos originaes que tinham consultado, manifestamente para que ninguem podesse ajuizar da fidelidade de suas

traducções e da justiça de seus conceitos.

Guinguené contentou-se com o trabalho que achou feito por Millot; rara vez se aventurou a traduzir por si, e algum fragmento original que por acaso apresenta, não o escolheu com o fim de mostrar o talento, o estylo ou o gôsto da escola poetica que examinava; foram tomados á sorte e offerecidos como simples exemplo de linguagem e de fórma metrica; certamente não conheceu, não avaliou nem a fôrça nem a belleza d'aquella lingua, que, se a não julgarmos, como entendeu M. Raynouard, continuada e revivente na lingua portugueza, se póde considerar uma lingua hoje morta.

Seria absurdo e injusto assentar juizo sôbre os trabalhos de um auctor que pouco ou nada leu das obras que se metteu a julgar, e que confessa, como este confessou, e Sismondi tambem, que nos manuscriptos em que se achavam as poesias dos trovadores não estava para as ir lêr, e se fiava descançadamente nos extractos e traducções de Millot.

Sismondi comtudo já na segunda edição da sua obra é mais extenso, e mudou de tom a respeito dos trovadores, porque tinha apparecido o primeiro volume dos trabalhos de M. Raynouard, que porfim veiu esclarecer esta tam obscurecida parte da historia litteraria.

Com effeito Raynouard[1] fixou o vago d'estes exames, reformou os antigos erros, suppriu as deficiencias de seus predecessores, formou a grammatica da lingua, imprimiu correctamente os originaes e reuniu os principaes monumentos da lingua e da poesia provençal[2] com diligencia, gôsto e critica.

Póde se dizer que só depois de apparecer o seu livro é que verdadeiramente começámos a conhecer a litteratura dos trovadores d'onde a nossa descende, ou com a qual se ligou estreitamente quasi desde o principio da monarchia e pouco menos que o comêço da lingua.

E viesse ella por Catalunha e Aragão, e, atravessando d'ahi a Castella, a *Gaia-sciencia* nos chegasse por Galliza, ou directamente nol-a trouxesse o conde D. Henrique, o certo é que nos primeiros reinados da monarchia nós trovavamos já á provençal; e ahi está a Carta do marquez de Santilhana para fazer fé, que primeiro e melhor que ninguem o fizemos em todas as Hespanhas, e que na mesma côrte de Castella o portuguez era a lingua da poesia culta.

Mas não acharia essa poesia provençal quando cá chegou e se aclimatizou tam depressa como em chão seu proprio, não acharia nenhuns restos da poesia indigena que já os romanos aqui acharam, que sempre foi vivendo com elles e adoptou a sua lingua, que não consta que morresse, assim como não morreu a nova lingua com o senhorio godo, nem era para acabar sob os arabes, - que antes esses lhe dariam da sua côr oriental e phantastica, segundo em tudo o mais nos fizeram?

Estou convencido que sim; e que os vestigios d'essa poesia indigena ainda duram, desfigurados e alterados pelo contacto de tantas invasões sociaes e litterarias, nos singelos poemas narrativos que o nosso povo conserva, que ama com tanto affinco, e que não são nem mais queridos nem mais vulgares em nenhuma outra parte das Hespanhas.

Como porém no seculo XIII começa a apparecer a lingua portugueza propriamente dita, e n'esse tempo já o estylo provençal tem o predomonio, as duas litteraturas da côrte e do povo vistas hoje d'esta distancia se confundem aos olhos inexpertos; mas o observador illustrado bem depressa as extrema logo

A's apalpadellas quanto aos periodos mais remotos, eu parece-me achar que a poesia original portugueza — comprehendendo n'esta designação a aborigene, a provençal e a mixta tem passado por oito phases differentes, cujas transições e duração constituem sete epocas naturaes.

Na primeira collocarei tudo o que, mais ou menos authentico, tem parecido ser anterior á predominação da escola provençal, quasi absoluta no reinado de Affonso III e D. Diniz; e comprehende portanto as poucas e incertas reliquias que se dizem existir dos seculos XI e XII. Na segunda epoca já pisâmos terreno historico, e sômos alumiados por um grande e inquestionavel documento, o *Cancioneiro* dito do *Collegio dos Nobres*, e o chamado *de D. Diniz* que ultimamente se imprimiu em Paris pelo manuscripto do Vaticano. Dura esta epoca até D. Pedro I. E alguma cousa portanto poderemos tambem já haver do *Cancioneiro* de Rezende. Mas certo e fixo tudo é lyrico, são canções ou cantares. O pouco de épico ou de romance narrativo que se attribue a esta epoca é a puro adivinhar, porque tudo é havido da tradição oral, nada escripto.

Começa a terceira epoca em D. Fernando com a introducção do gosto inglez, isto

[1] *Recueil des Poésies des Troubadours*, por M. Raynouard.

[2] O primeiro conhecido d'estes poetas é Guilherme, nono conde de Poitier, nascido em 1070 e morto em 1126. O elaborado de seu estylo e a symetria metrica de suas canções mostram claramente que muito antes se devia ter formado e cultivado a lingua para chegar a tal estado.

é, normando; e por consequencia com uma certa reacção a favor do genero narrativo.

Aqui triumpha a moda dos romances da *Tavola-redonda;* el-rei Arthur é o typo de toda a cavallaria e de toda a poesia; o Condestavel, o Mecenas d'esta escola, e D. João I o seu Augusto. Já na tradição oral apparecem muitos romances que, sem grande risco de errar, se podem attribuir a este periodo. Da rainha D. Filippa, de seu filho D. Duarte temos versos escriptos e authenticos; de seu neto, o outro famoso Condestavel, um *Cancioneiro* inteiro.

Nos reinados de D. Affonso V e D. João II predomina o genero germanico. No *Cancioneiro* de Rezende e em outras collecções temos exemplares bastantes no genero lyrico, algum raro porém do narrativo.

Reputo fechada a epoca com a terminação da Edade-média, que todos collocam por esta data, pouco mais ou menos, e que nós portuguezes positivamente devemos pôr no fim do reinado de D. João II.

A quarta epoca é aberta por Bernardim Ribeiro e Gil Vicente. Agora o *Palmeirim* e a litteratura normando-byzantina triumpham. Pouco depois já é menor o sabor normando nos nossos romances, e já começam a ganhar influencia os romancistas italianos. Parte do *Cancioneiro* de Rezende pertence tambem a esta epoca: é todo d'ella o mesmo Garcia.

Logo após vem a renascença da litteratura classica. A poesia culta e da côrte perpetuamente se separa da popular, toma as fórmas italianas e triumpha com Antonio Ferreira. Sá de Miranda fica no meio das duas escolas; Camões popularisa o genero classico repassando-o, quanto era possivel, do gosto nacional. Temos muitos romances, lendas e canções d'esta epoca, tanto escriptos como conservados pela tradição oral. Mas no reinado de D. João III a affectação bucolica invade o proprio romance, que despe a malha e depõe a lança para vestir o surrão e empunhar o cajado de pastor. O gosto popular, mal satisfeito com a escola classica, dominante, lança-se no romance castelhano, cuja sinceridade e rudeza epica lhe agrada mais. Muitos romances castelhanos se nacionalisam entre nós.

O genio cavalheiresco de D. Sebastião, a calamidade nacional da sua perda dão outra vez tom e vida ao romance historico e aventureiro. Conclue-se a quarta epoca com o fim do seculo XVI e da independencia nacional.

O dominio castelhano e a mais forte influencia da sua litteratura formam a quinta epoca. O genero moirisco tinha tomado posse da poesia popular de Castella, e agora invade a de Portugal. Apparecem ainda hoje na tradição oral imitações e traducções dos romances granadinos. Francisco Rodrigues Lobo e depois D. Francisco Manuel de Mello estão á frente d'esta escola. A Arcadia é comtudo mais forte do que Granada, os moiros são expulsos do romance e da canção popular, e o genero pastoril triumpha. O povo fica espectador desinteressado n'estas luctas; nem chorou pelos vencidos, nem sanccionou a victoria dos triumphadores. Nem uns nem outros fallavam ao seu coração, ás suas paixões, nem o consolavam em suas desgraças, nem lhe animavam as esperanças. Mas como nenhum povo vive sem poesia, o nosso povo foi achál-a onde nem os grandes nem os sabedores do tempo de certo imaginavam que ella estivesse, mas estava, a verdadeira, a unica nacional d'então, a das trovas e prophecias que lhe falavam de um libertador, de um vingador, de um salvador que a Providencia tinha reservado á nação portugueza, e no qual se haviam de cumprir as imaginadas e suspiradas promessas do Campo de Ourique.

São d'este tempo as *Prophecias do Bandarra* e outras que em si resumem quasi toda a poesia popular da epoca, se exceptuarmos as lendas de milagres e as canções ao divino de que agora apparecem mais exemplares do que nunca.

O romance porém não estava morto, só desconsiderado e sem popularidade. Na insipidez da vida pastoril, o povo desprezou-o, a côrte mostrou-lhe, ao principio, agrado e protecção, mas infastiou-se d'elle e abandonou-o. O infeliz recorreu ao expediente commum dos baixos *parvenus* e dos nobres degenerados: fez-se truão e bobo; os gracejos, os equivocos, as facecias burlescas foram as suas armas, e á força de ridiculo conseguiu reconquistar alguma attenção do publico. Tal o achamos no fim d'esta epoca, tal apparece nas volumosas collecções do tempo, de que na *Phenix renascida* ha alguns exemplares curiosos.

Sem melhorar ou talvez empeiorando de stylo, mas muito alterado o tom, torna o romance a rehabilitar-se na opinião nacional, volta a ser quasi popular, porque se inspira do genio redivivo da nação para cantar os seus triumpos e a sua gloria na expulsão dos castelhanos e nas continuas victorias que sobre elles alcança. O seu enthusiasmo porém é sem dignidade, sem nobreza; não é o povo que conta as suas victorias, são os poetas que querem cortejar o povo no dia da sua gloria e que o não sabem fazer senão com grosseiros motejos aos inimigos vencidos.

As prophecias e as legendas continuam a

ser a verdadeira poesia nacional. Tudo o mais é corrompido pelo máo gôsto dos *cultos*, que, arregimentados em uma infinidade de Academias dos nomes mais extravagantes e incriveis, conseguem tirar toda a côr á litteratura portugueza de todos os generos e fazer da lingua uma algaravia affectada e ridicula, vã de toda a expressão, assoprada em phrases tam descommunaes, em conceitos tam oucos, que nenhum sentido se lhe acha, se algum tiveram os que tam absurdas coisas escreviam.

E todavia ainda resurge, ainda brota, aqui alli, por entre estes matagaes, o antigo genio do romance peninsular inspirando alguma rara composição menos desnatural. Mas o gongorismo, a affectação, os conceitos presumidos incham, assopram, desfiguram tudo. Porfim até a metrificação natural e privativa é abandonada, o romance faz se a gralha da fabula para vestir as pennas do pavão da fórma endecassyllaba; e com este esforço de vaidade se torna absurdo, desprezivel, é apupado por todos os partidos litterarios, e morre esquecido e miseravel.

O triumpho classico foi completo: reina a Arcadia; o seu dominio academico obtem o consenso e o concurso geral: tamanho era o cansaço e fastio que os desvarios d'aquella anarchia sem sabor tinham causado. Popularizam-se de novo as fórmas latinas e italianas, o stylo e o pensamento francez por tal modo, que ninguem se lembrava já siquer de que tivesse havido ou podesse haver outra coisa.

Só o povo-povo, o povo dos campos, as classes menos illustradas da sociedade protestaram em silencio contra este injusto abuso de uma justa victoria, guardando na lembrança, e repettindo entre si, como os hymnos de uma religião proscripta, aquelles primitivos cantares das antigas éras que os doutos desprezavam e perseguiam, confundindo-os no anathema geral que só tinham merecido seus degenerados imitadores e corruptores.

No resto de Hespanha succedia o mesmo. Madrid e Lisboa rivalizavam a qual havia de proscrever e escarnecer mais a sua verdadeira poesia nacional. A falsa e ridicula imitação da antiguidade classica, amaneirada pelas regras francezas, dominava tudo. Os escriptores do grande rei e os seus alumnos reinavam absolutos. E não só á peninsula iberica se estendia a sua auctoridade: a Italia, a Allemanha, a propria tam ciosa Gran'Bretanha se deixaram avassallar d'estes novos Roldans e Oliveiros que, em singular mas pouco leal batalha, pareciam ter vencido a todos os paladins trovadores do mundo, juglares, menestreis, bardos, minnesingers e *tutti quanti*. A propria religião de Camões esfriava em Portugal; um máo Luthero —frade e graciano como o outro—chegou a ter a ousadia de proclamar o protestantismo contra a sua catholica auctoridade! Calderon era quasi esquecido, quasi desprezado ás margens do Mançanares; ao Dante não o entendiam já nem juravam por elle os seus; o proprio Shakspeare esteve a ponto de succumbir ás traições de Dryden, e de vêr Covent-Garden e Drurylane occupados exclusivamente pelas traducções e imitações dos clasicos de Luiz XIV; Goëthe nem Schiller não tinham erguido ainda bem desfraldado o estandarte da reacção; toda a litteratura da Europa era franceza, amaneirada, monotona, servil, e reduzida a uma esteril unidade rotineira que nada creava, nada sentia, e nada ousava dizer senão por aquellas fórmas pautadas que lhe impunha o fatal regimen da centralização absoluta.

Senão quando, a revolução se levantou no Norte; a Allemanha foi a primeira a sacudir o jugo; quasi ao mesmo tempo a Inglaterra; por fim a Italia; e até na propria França se levantou um grande partido contra esse despotismo que a não avassalava menos a ella do que ás nações estrangeiras.

Nós luctavamos então contra a usurpação franceza e a tutella ingleza que, ensinando-nos a combater mais regularmente e com mais certa fortuna, ao mesmo tempo comprimia o impulso popular em seus bons e máos effeitos; apagou o incendio que não queimasse, mas tambem o impediu de purificar e allumiar. A Arcadia já não existia, mas a sua sombra e o seu nome ainda reinavam. Bocage teria sido o poeta mais popular de Portugal, o verdadeiro restaurador da nossa poesia se elle e os seus discipulos, que poetica e litterariamente reinaram na segunda metade d'esta epoca, não fossem dominados d'aquelle temor, d'aquelle respeito, d'aquella deferencia com que se inclinavam deante dos preceitos e exemplos da Arcadia em que reconheciam a infallibilidade eucumenica.

Quasi se podia dizer destruida toda a nacionalidade, apagados os ultimos vestigios originaes da poesia, quando no fim do primeiro quartel d'este seculo essa influencia da renascença alleman e ingleza se começou a fazer sentir.

Não quero, por muitos motivos, e alguns d'elles personalissimos, não quero entrar aqui em disputas de preferencia, e prioridade com os nossos vizinhos e parentes mais proximos: direi sómente que em Hespanha portuguezes e castelhanos despertaram quasi ao mesmo tempo, e começaram a abrir os

olhos sobre a triste figura que estavam fazendo na Europa em renegar da fidalga origem de suas bellas linguas e litteraturas, prostituindo as em tam humilhante servidão franceza que por fins tinham chegado a nem já quasi ousar imitar os seus modelos: traduziam palavra a palavra; e da propria phrase, do genio de seu idioma se envergoahavam.

Despertámos porém; e commum nos foi o pensamento, quasi simultaneo o esfôrço, a castelhanos e a portuguezes; foi uma verdadeira reacção iberica; as duas lingnas cultas da peninsula appareceram unidas por um tacito pacto de familia, animadas do espirito redivivo de seus avós communs na causa da restauração commum.

Pede todavia a verdade historica, a justiça manda que se faça uma grande e notavel distinção no appreciar do respectivo contingente de esforços com que cada uma d'ellas contribuiu para esta guerra de independencia.

Assim como na resistencia ao dominio da espada franceza, os portuguezes foram mais ajudados pelos seus antigos alliados os inglezes, e o resto de Hespanha luctou mais de proprio marte e por singular esfôrço seu; tambem no sacudir o jugo academico estrangeiro e em proclamar a independencia da litteratura patria, os castelhanos foram poderosamente auxiliados pelos inglezes e allemães, especialmente e largamente pelos ultimos: a nós ninguem nos ajudou, ninguem combateu a nosso lado, ninguem nos ministrou armas, munições, soccôrro o mais minimo.

Seja-me permittido tomar aqui, n'este ponto de historia litteraria já contemporanea, a mesma liberdade de que para si usou, na historia politica, o illustre conde de Toreno. Historiador coévo, elle teve de falar de si e de seus feitos como soldado e como homem público n'essas honrosas lides da guerra peninsular: ou forçosamente tenho de falar de meus pobres trabalhos de escriptor, trabalhos quasi infantís, é verdade, mas com os quaes e por cuja voz timida e balbuciante, rompeu todavia a primeira acclamação da nossa independencia litteraria.

Desde 1825-26, que foi publicada a *Dona Branca* e o *Camões,* datam as primeiras tentativas da revolução; em 1828 com a *Adozinda* e o *Bernal-Francez* se firmou o estendarte da restauração. Separado logo depois e por mais de dez annos, pelos cuidados e lidas politicas, de quasi todo o trabalho litterario, tive comtudo a satisfação de applaudir aos muitos e illustres combatentes que foram entrando na lice; vi lavrar milagrosamente o fogo santo, e juntei o meu retirado clamor aos hymnos da victoria que derrotou para sempre os pretendidos classicos, os zangãos academicos, os estrangeiros de todas as côres e feitios.

Antes que, excitado pelo que via e lia em Inglaterra e Allemanha, eu começasse a emprehender n'este sentido a rehabilitação do romance nacional, já Grimm, Rodd, Depping, Muller e outros varios tinham publicado importantes trabalhos sobre as tam preciosas quanto mal estimadas antigas collecções castelhanas: já M.me de Staël e Sismondi tinham exaltado sua grande importancia litteraria. E todavia só muito depois d'isto publicou em França o sr. Duque de Rivas o seu *Moro exposito*, que foi o primeiro signal da reacção castelhana, e emfim em 1832 o sr. Duran o seu ROMANCEIRO, que a completou.

D'aqui por deante é geral e unanime em toda a peninsula o movimento litterario. Buscam se os codigos antigos, comparam se, estudam-se, reimprimem se.

O nosso Cancioneiro passou sempre por ser o mais rico; e é decerto o mais antigo, porque as citadas collecções de Rezende, do *Collegio dos Nobres*, e de D. Diniz vão até o seculo XIII e XIV. Romanceiro, torno a dizer não o colligimos nunca; mas na tradição oral do povo, e dispersos pelos livros de varios auctores e por alguns raros manuscriptos anda uma grande riqueza que ainda se não tratou de ajuntar e apurar como ella merece e como tanto precisamos.

Sobre isto trabalho ha muitos annos, conforme já o disse no primeiro livro d'esta collecção, o qual todavia, repito, só deve considerar-se como introducção a este que agora chamo segundo, mas que em realidade vem a ser o primeiro do ROMANCEIRO.

Não pude seguir a ordem chronologica, como era tanto para desejar, na collocação d'estas antigas e preciosas reliquias; porque havidas, na maior parte, da tradição oral dos povos, tudo quanto de suas datas se possa dizer é meramente conjectural. Tam pouco não julguei dever adoptar inteiramente a classificação por assumptos do sr. Duran, que à força de systematica lhe dá em falso muita vez, e o obriga a subdivisões tam minuciosas que, por muitas demais, confundem em logar de elucidarem.

Depois de muitas e variadas combinações que successivamente tentei e abandonei, resolvi por fim limitar me a uma divisão menos severa que a do sr. Duran, mas que me parece mais natural porque é mais simples.

Posta de parte por agora toda a idéa de Cancioneiro, não contemplei senão o que é estrictamente materia de romanceiro, e assim distribui por fim a minha collecção em cinco livros; a saber:

Livro I. *Romances da renascença*, imitações, reconstrucções e estudos meus sobre o antigo;

Livro II. *Romances cavalheirescos antigos de aventuras*, e que ou não têm referencia á historia, ou não a têm conhecida;

Livro III. *Lendas e Prophecias;*

Livro IV. *Romances historicos* compostos sobre factos ou mythos da historia portugueza e de outras;

Livro V. *Romances varios*, comprehendendo todos os que não são epicos ou narrativos.

Por de leve esbocei as delineações d'estas epocas. Nem os perfeitos limites d'ellas, nem a exacta classificação de todos os documentos e exemplares que ajuntei, pretendo defender com certeza, porque é impossivel têl-a em taes materias quem está de boa fé.

Tal é o methodo que segui. E taes são os principios, taes foram os sentimentos que me fizeram emprehender esta difficil tarefa, perseverar n'ella tantos annos apesar de tantas difficuldades, aborrecimentos e contrariedades sem numero.

Tenho, outra vez o digo, tenho a consciencia de fazer um grande serviço ao meu paiz, e de contribuir com um contingente não desprezivel para a illustração da historia das linguas e das litteraturas da Europa.

ROMANCEIRO

PARTE PRIMEIRA — DA TRADIÇÃO ORAL

I

BELLA INFANTA

Esta é sem questão a mais geralmente sabida e cantada de nossas xácaras populares, a *Bella Infanta*.

Os criticos e collectores da nação visinha e parente collocam alguns romances, que são visiveis fragmentos d'este, entre os seus mais antigos e mais populares, d'aquelles cuja vetustade se perde talvez nas trévas do decimo-terceiro seculo. E' sabido que os romances mais antigos e queridos do povo davam thema aos poetas para trovarem sobre elles, ou os applicarem aos factos do seu tempo. E' o que se vê nos referidos fragmentos[1] que se encontram entre os primeiros das vastas collecções de Duran e de Ochoa.

Digo que esta é uma verdadeira xácara, porque, feita a introducção, o poeta retira-se e deixa aos seus interlocutores contar a historia toda.

No quinto acto do *Alfageme* introduzi, com algumas alterações indispensaveis, esta xácara, fazendo-a cantar por um côro de mulheres do povo, á hora do trabalho; e observei o sensivel prazer que tinha o publico em vêr recordar as suas antiguidades populares, que nem ainda agora deixaram de lhe ser caras. Mas por mais que fizesse, não consegui que as cantassem a uma toada propria e imitante, quanto hoje póde ser, da melopêa antiga com que ha seculos andam casadas essas trovas. Ainda em cima, os cantores desafinavam e iam fóra de tempo na musica italiana e complicada que lhes puzeram. Apesar de tudo, os espectadores avaliaram a intenção e a applaudiram.

Não sei de outra alguma d'estas composições populares que tenha por assumpto um successo ligado com a guerra das Cruzadas: até por isso é interessante.

No corrigir do texto segui, como faço quasi sempre, a lição da Beira-Baixa, que é a mais segura. As poucas lições varias dignas de se notar vão apontadas.

Uma variante completa, que me enviou ha pouco uma senhora do Minho, merece comtudo ser transcripta por extenso; aqui a ponho juntamente com os fragmentos castelhanos, no appendice que vae no fim.

Na estimada collecção de antigas trovas e romances inglezes, pelo bispo Percy, vem uma ballada, que elle considera dos principios do seculo decimo sexto, em que ha visivel imitação d'esta. Sabe-se muito bem quanto a poesia ingleza, desde Chaucer até Shakspeare, andou correndo aventuras pela romantica e encantada terra das Hespanhas. A ballada ingleza é um dialogo entre um viajante e um romeiro; começa assim:

> —As ye came from the holy land
>   Of blessed Walsingham,
> O' met you not my true love
>   As by the way ye came?
> «Hew should I know your true love
>   That have met many a one?... [1]

D'esta preciosa collecção, disse um grande entendedor[2]: «O gosto com que foram escolhidos os materiaes, a extrema felicidade com que foram illustrados a riqueza de conhecimentos archeologicos, e de lição classica em que abunda a collecção, torna difficil imitar, impossivel exceder, uma obra que para sempre hade ser tida como a primeira da sua classe em merecimento.»

[1] *Tesoro de Romanceros*, ed. de Ochoa, Paris, 1838, pag. 2 e 9.

[1] Percy's *Reliques of ancient english Poetry*, Londres 1823, sect. II, bock I, pag 261.

[2] W. Scott, *Minstrelsy of the Scottish borders*

BELLA INFANTA

Estava a bella Infanta
No seu jardim assentada,
Com o pente d'oiro fino
Seus cabellos penteava.
Deitou os olhos ao mar
Viu vir uma nobre armada;
Capitão que n'ella vinha,
Muito bem que a governava.[1]
—Dize-me, ó capitão[2]
D'essa tua nobre armada,
Se encontraste meu marido
Na terra que Deus pisava?
«Anda tanto cavalleiro
N'aquella terra sagrada.
Dize-me tu, ó senhora,
As senhas que elle levava.
— Levava cavallo branco,
Sellim de prata doirada;
Na ponta da sua lança[3]
A cruz de Christo levava.
«Pelos signaes que me déste[4]
Lá o vi n'uma estacada
Morrer morte de valente:
Eu sua morte vingava.»
—Ai triste de mim viuva,
Ai triste de mim coitada!
De tres filhinhas que tenho,
Sem nenhuma ser casada!...
«Que darias tu, senhora,
A quem n'o trouxera aqui?
—Dera-lhe oiro e prata fina.
Quanta riqueza ha por hi.
«Não quero oiro nem prata,
Não n'os quero para mi:
Que darias mais, senhora,
A quem n'o trouxera aqui?
—De tres moinhos que tenho,
Todos tres t'os dera a ti;
Um móe o cravo e a canella,[5]
Outro móe do gerzeli:[6]
Rica farinha que fazem!
Tomára-os el-rei p'ra si.
«Os teus moinhos não quero
Não n'os quero para mi:
Que darias mais, senhora,
A quem t'o trouxera aqui?
—As telhas do meu telhado
Que são oiro e marfim.
«As telhas do teu telhado
Não n'as quero para mi:
Que darias mais, senhora,
A quem n'o trouxera aqui?
—De tres filhas que eu tenho,[7]
Todas tres te dera a ti:
Uma para te calçar,
Outra para te vestir,
A mais formosa de todas
Para comtigo dormir.
«As tuas filhas, infanta,
Não são damas para mi
Dá-me outra coisa, senhora,
Se queres que o traga aqui.
—Não tenho mais que te dar,
Nem tu mais que me pedir.[8]
«Tudo, não, senhora minha,
Que inda te não déste a ti.
— Cavalleiro que tal pede,
Que tão villão é de si.[9]
Por meus villões arrastado
O farei andar ahi
Ao rabo do meu cavallo.[10]
A' volta do meu jardim.
Vassallos, os meus vassallos,
Acudi-me agora aqui!
«Este annel de sete pedras
Que eu comtigo reparti...
Que é d'ella a outra metade?
Pois a minha, vêl-a ahi!
—Tantos annos que chorei,[11]
Tantos sustos que tremi!..
Deus te perdôe, marido,
Que me ias matando aqui.

VARIANTE PORTUGUEZA

QUE PARECE UMA VERSÃO MAIS MODERNA DO ORIGINAL ANTIGO

Dona Clara, Dona Infante[12]
Estava no seu jardim,
Penteando tranças de oiro
Com seu pente de marfim,
Sentada n'uma almofada
De veludo carmezim.
Botou os olhos ao mar
E avistou formosa armada:
Capitão que a governava
Que bem a traz preparada!
Saltou em terra elle só
Com a vizeira calada,
Vem saudar a dona Infante
Que assim triste lhe falou:
—Viste tu o meu marido
Que ha tempo que me deixou?

1 Que a guiava—*Lisboa.*
2 Dize-me ó cavalleiro,
Os signaes...—*Ribatejo.*
3 Nos punhos da sua espada.—*Extremadura.*
4 Pelos signaes que me déste,
Lá o vi morto ás lançadas,
Que a mais pequena que tinha
Era a cabeça passada.—*Varias*
Pelos signaes que me déste,
Lá morreu ás cutilladas,
Que a mais pequena que tinha
Era a cabeça cortada —*Varias.*
Estas variantes são ambas muito geraes, e talvez sejam melhores do que o texto que adoptei.
5 Este verso pelas suas allusões se vê que é moderno comparativamente; foi introduzido decerto por lição muito posterior ao romance; o que se encontra a miudo.
6 Gerzelim, em arabico *Jolzelin,* semente redonda e oleosa ou uma planta de que se faz doce, e d'ella moida tambem oleo que serve para o comer.
7 De tres filhas que eu tenho
Todas tres te hei de dar;
Uma para te vestir,
Outra para te calçar;
A mais formosa de todas
Para comtigo casar —*Extremadura.*
Esta variante assaz vulgarisada é comtudo uma *pruderie* moderna de linguagem que se introduziu visivelmente quando a hypocrisia pediu a decencia na fala que faltava nos costumes.
8 Quanto tinha offereci.—*Beira-alta.*
9 Que pede e torna a pedir —*Extremadura.*
10 Ao rabo do meu cavallo.—*Ribatejo.*
11 Os ultimos quatro versos faltam na maior parte das cópias, e talvez sejam postiços; precisos não são.
12 Infante no femenino é um latinismo dos seculos XV e XVI, que nunca foi popular, me persuado.

«Teu marido não conheço,
Diz-me que signaes levou.
—Levou seu cavallo branco
Com sua sella dourada,
Na ponta de sua lança
Uma fita encarnada;
Um cordão do meu cabello
Que lhe prendia a espada.
Se porém tu não viste,
Cavalleiro da cruzada,
Ó triste de mim viuva,
Ó triste de mim coitada!
De tres filhas que eu tenho
E nenhuma ser casada.
«Sou soldado, ando na guerra,
Nunca teu marido vi:
Mas quanto deras, senhora,
A quem o trouxera aqui?
—Dera-te tanto dinheiro
Que não tem conto nem fim;
E as telhas do meu telhado
Que são de oiro e marfim.
«Não quero oiro ou dinheiro,
Que me não pertence a mi:
Sou soldado, ando na guerra,
Nunca teu marido vi.
Quanto deras mais, senhora,
A quem o trouxera aqui?
—Dera-te as minhas joias
Que não têm pêzo e medida;
Dera-te o meu tear de oiro,
Roca de prata pulida.
—Não quero oiro nem prata:
Com ferro minha mão lida.
Sou soldado, ando na guerra,
Nunca teu marido vi:
Mas quanto deras, senhora,
A quem n'o trouxera aqui?
—De tres filhas que eu tenho,
Eu t'as dera a escolher,
São formosas como a lua,
Como o sol a amanhecer.
«Eu não quero tuas filhas,
Não me podem pertencer.
Sou soldado, ando na guerra.
Nunca teu marido vi:
Mas quanto deras, senhora,
A quem n'o trouxera aqui?
—Não tenho mais que te dar
Nem tu mais que me pedir.
«Inda tens mais que me dar,
Não estejas a mentir;
Tens teu leito de oiro fino
Onde eu quizera dormir.
—Cavalleiro que tal diz
Merece ser arrastado
Em roda do meu jardim,
Aos pés de um cavallo atado.
Vinde cá, criados meus,
Castigae este soldado.
«Não chames os teus criados
Que criados são de mi.
—Se tu és o meu marido
Porque me falas assim?
«Por vêr se me eras leal
É que disfarçado vim.
Lembras te, ó dona infante,
Quando eu d'aqui sahi,
O annel de sete pedras
Que comtigo reparti?
Se as tuas não perdeste,
As minhas eil-as aqui.
—Vinde cá, ó minhas filhas,
Vosso pae é já chegado.
Abri-vos, portão de jaspe
Ha tanto tempo fechado!
Folgae, folgae, meus vassallos,
Que é Dom Infante a meu lado.

FRAGMENTOS DE LIÇÃO CASTELHANA

I

Estaba la linda Infanta
A la sombra de una oliva,
Peine d'oro en las sus manos,
Los sus cabellos bien cria.
Alzó sus ojos al cielo
En contra do el sol salia,
Vió venir un fuste armado
Por Guadalquivir arriba:
Dentro venia Alfonso Ramos,
Almirante de Castilla.
—Bien vengais, Alfonso Ramos,
Buena sea tu venida,
Y ¿qué nuevas me traedes
De mi flota bien guarnida?
«Nuevas te traigo, señora,
Si me aseguras la vida.
—Decildas, Alfonso Ramos,
Que segura te seria.
«Allá á Castilla la llevan
Los moros de Berbería.
—Si no me fuese porque,
La cabeza te cortaria.
—Si la mia me cortases,
La tuy te costaria. [1]

II

«Caballero de lejas tierras,
Llegaos a cá, y pareis
Hinquedes la lanza en tierra,
Vuestro caballo arrendeis,
Preguntaros he por nuevas
Si mi esposo conoceis.
—Vuestro marido, señora.
Decid ¿de que señas es?
«Mi marido es mozo y blance
Gentil hombre y bien cortés,
Muy gran jugador de tablas,
Y tambien del ajedrez,
En el pomo de su espada
Armas trae de un marqués. [2]

1 *Romanceiro*, Ochoa, pag. 3.
2 *Romanceiro*, Ochoa, pag. 9.

II

O CAÇADOR

Os criticos de Allemanha e de Hespanha contam entre os mais antigos romances da Peninsula este que os nossos visinhos chamam da *Infantina* e nós do *Caçador*. Tambem me parece o mesmo. Lockhart, o elegante traductor inglez,[1] extasia-se na admiravel belleza de sua poesia tam original e tam simples. Mais pasmára se o visse no texto portuguez como nol-o conservou a memoria do povo, muito mais bello e muito mais original do que anda nas collecções castelhanas d'onde elle Lockhart o traduziu.

E todavia essas são dos meados do seculo dezeseis. Tres seculos depois, ainda a tradição portugueza o tem n'esta perfeição. Forçosamente ou foi escripto no nosso dialecto que, segundo o tantas vezes citado e não suspeito testemunho do Marquez de Santillana,[2] era o preferido para se trovar na mesma côrte de Castella, e fôra o primeiro em que se fizeram versos; — ou, o que me parece mais provavel, foi composto na linguagem ainda commum e pouco discriminada que prevalecia, ao principio da reconquista, na povoação christã das Hespanhas.

Accresce que o romance castelhano, propriamente dito, nunca se lançou no maravilhoso das fadas e encantamentos que a escola celtica de França e Inglaterra, e mais ainda a neo-grega de Italia fizeram depois tam familiar na Europa. Os severos descendentes de Pelaio não tinham mythologia nos seus poemas, cantados ao som da lança no escudo e a compasso das cutilladas. O sobrenatural d'esta historia parece-se mais com as crenças, e superstições, ainda hoje existentes no nosso povo, das moiras encantadas, das apparições da manhã de S. João e de outros mythos nacionaes, tam bellos, tam queridos da gente portugueza, e tam desprezados — ainda mal! — até agora pelos nossos poetas.

Seja porém como fôr, o romance do *Caçador* pertence á poesia popular portugueza, é de immemorial antiguidade; e como a tal lhe dou aqui logar entre as reliquias mais originaes da nossa primitiva litteratura.

Ponho, além das variantes, a versão ou lição dos romanceiros castelhanos, e a traducção ingleza, que é mais paraphrase ou imitação que traducção.

A moralidade da fábula — se permittem a palavra os escrupulosos — é a mesma que a da *maré do carvoeiro*; occasião perdida, occasião que não volta A historia do *Capote novo* e outras muitas do «Decameron popular», que é pena serem tam soltas e verdes que se não podem escrever, illustram a mesma sentença e rifão. Bocacio e Lafontaine achariam nos contos tradicionaes do nosso povo com que enriquecer muito as *Cem novellas novas* de suas gaiatas collecções.

[1] *Ancient spanish Ballads*, historical and romantie, translated with notes, by J. G. Lockhart Esq. London, 1851.

[2] Na collecção de Sanchez, Madrid, 1779.

O CAÇADOR

O caçador foi á caça,
A caça, como sohia[1]
Os cães já leva cançados,
O falcão perdido havia.
Andando se lhe fez noite[2]
Por uma matta sombria,
Arrimou-se a uma azinheira,
A mais alta que alli via.
Foi a levantar os olhos,
Viu coisa de maravilha:
No mais alto da ramada[3]
Uma donzella tam linda!
Dos cabellos da cabeça
A mesma arvore vestia,
Da luz dos olhos tam viva
Todo o bosque se allumia.

Alli falou a donzella,
Já vereis o que dizia:
—Não te assustes, cavalleiro,
Não tenhas tamanha frima.
Sou filha de um rei c'roado,
De uma bemdita rainha.
Sette fadas me fadaram
Nos braços de mi' madrinha,

[1] A caça de montaria—*Alemtejo*
A caça de altanaria—*Tras-os-Montes*

[2] Fez-se noite no caminho—*Beiralta*.

[3] *Ramada* pelo ajuntamento de ramos naturaes na mesma arvore, fazendo sombra e abrigo, é a significação classica e natural. No Minho chamam *ramada* aos parreiraes e latadas de vinha feitos com ramos, varas, cannas, etc.

Que estivesse aqui sete annos,
Sete annos e mais um dia;
Hoje se acabam n'os annos,
A'manhan se conta o dia;
Leva-me, por Deus t'o peço
Leva em tua companhia.
«Espera-me aqui, donzella,
Té ámanhan, que é o dia;
Que eu vou a tomar conselho,
Conselho com minha tia.
Responde agora a donzella,
Que bem que lhe respondia!
—Oh, mal haja o cavalleiro,
Que não teve cortezia:
Deixa a menina no souto [4]
Sem lhe fazer companhia!»
Ella ficou no seu ramo,
Elle foi-se a ter co'a tia...
Já voltava o cavalleiro
Apenas que rompe o dia,
Corre por toda essa mata,
A enzina não descobria.
Vae correndo e vae chamando
Donzella não respondia;
Deitou os olhos ao longe,
Viu tanta cavallaria,
De senhores e fidalgos
Muito grande tropelia. [5]
Levavam n'a linda infanta,
Que era já contado o dia.
O triste do cavalleiro
Por morto no chão cahia:
Mas já tornava aos sentidos
E a mão á espada metia:
«Oh, quem perdeu o que eu perco
Grande penar merecia!
Justiça faço em mim mesmo
E aqui me acabo co'a vida.

LIÇÃO CASTELHANA

A cazar va el caballero,
A cazar como solia;
Los perros lleva cansados,
El falcon perdido habia,
Arrimára-se á un roble,
Altos es á maravilla.
En una rama mas alta,
Viera estar una Infantina,
Cabellos de su cabeza
Todo aquel roble cubrian.
—No te espantes caballero,
Ni tengas tamaña grima,
Hija soy yo del buen rey
Y la reina de Castilla:
Siete fadas me fadaron
En brazos de un ama mia,
Que andase los siete años
Sola en esta montiña.
Hoy se cumplian los siete años.
O mañana en aquel dia:
Per Dios te ruego, caballero,
Llévesme en tu compañia.
Si quisieres por muger,
Si no, sea por amiga.
«Esperaisme vos, señora,
Hasta mañana aquel dia,
Iré yo a tomar consejo
De una madre que tenia.»
La niña le respondiera
Y estas palabras decia:
—¡O mal hay el caballero
Que sola deja la niña!»
El se va á tomar consejo
Y ella queda en la montiña.
Aconsejóle su madre
Que la tome por amiga.
Cuando volvió el caballero
No hallára la Infantina,
Vidola que la llevaban
Con muy gran cabelleria.
El caballero que la vido
En el suelo se caía:
Desque en si hubo tornado
Estas palabras decia:
«Caballero que tal pierde,
Muy gran pena merescia:
Yo mismo seré el alcalde,
Yo me seré la justicia:
Que me corten pies y manos
Y me arrastren por la villa [1]

TRADUÇÃO INGLEZA

The knight had hunted long, and twilight closed the day,
His bounds were weak and weary, bis hawk had flown away;
He stopped beneath an oak, an old and mighty tree,
Then out the maiden spoke, and a comely maid was she.

The knight had lift his eye the shady boughs between;
She had her aeat on high, among the oak-leaves green:
Her golden curls lay clustering above her breasts of snow,
But when the breese was westering, upon it they did flow.

—«Oh, fear not, gentle knight! there is no cause for fear;
I am a good king's daugther, long years enchanted here;
Seven cruel fairies found me —they charmed a sleeping child;
Seven years their charm hath bound me, a damsel undefiled.

«Seven weary years are gone since o'er me charms they threw;
I have dwelt here alone, — I have seen none but you.
My seven sad years are spent; — for Christ that died on rood,
Thou noble knight consent, and lead me from the wood!

«Oh, bring me forth again from out this darksome place!
I dare not sleep for terror of the unholy race.
Oh, take me, gentle sir! I'll be a wife to thee.»—
I'll be thy lowly leman, if wife I may not be!»

—«Till dawns the morning, wait, thou lovely lady, there;
I'll ask mother staight, for her reproof I fear.»
—«Oh, ill beseems thee knight!» said she, that maid forlorn
«The blood of kinghs to slight, a lady's tears to scorn!»

He came when morning broke, to fetch the maid away.
But could not find the oak wherein she made her stay:
All through the wild'rness he sought in bower and tree;—
Fair lordlings, well ye guess what weary heart had he!

There came a sound of voices from up the forest glen,
The King had come to find ler with all hir geetlemen,
They rode in mickle glee — a joyous cavalcade—
Fair in the midst rode she, but never word she said.

Though on the green he knelt, no look on him she cast —
His hand was on the train were past:
—«Oh, shame to knightly blood! Oh, scorn to chivalry
I'll die within the wood: no eye my death [1] hsall see!»

4 Deixa a menina no monte—*Beirabaixa.*
Souto parece mais minhoto; mas assim vem n'uma cópia da Extremadura

5 *Tropelia*, em portuguez casto e classico, é o tumulto que se faz em tropel; e tambem a injúria que se faz a alguem, a alguma coisa, *atropelando* direitos, posses, pessoas, razões ou conveniencias. Aqui está o derivado pelo original ou primitivo; e para mim o povo é tambem um classico.

1 Ochoa *Tesoro de Romanceros.*

1 Lockhart, *Anc. svan. Ballads.*

III

A INFEITIÇADA

E' claramente de origem franceza, e vir-nos-hia porventura com os cavalleiros e os troveiros do Conde D. Henrique, o lindo romance da *Donzella infeitiçada*. Foi talvez um *fabliau* na sua terra? Quem sabe?

Aqui é elle muito antigo; castelhanos e portuguezes o disputam por seu, e acaso nem uns nem outros terão razão. Em algumas das nossas provincias anda confundido, na versão oral, com o romance precedente do *Caçador* e custa a desenvencilhál-os.

Collacionando-o com a copia castelhana que adeante vae, notar-se-ha quanto é mais gracioso e mais chistoso o texto portuguez; conhece-se muito mais n'elle o tom e o sainete sempre picante do genio francez, que do principio foi o que é e ha-de ser, leve, facil e engraçado com donaire e agudeza.

Chamam-lhe em Castella *Romance de la Infanta de Francia*.

A anecdota não está nos nossos costumes nem nos de nossos visinhos, nem sequer nos costumes das éras cavalheirescas. Tambem não é ainda do cyclo da *Tavola-redonda*, de quando os nossos mesmos romancistas punham todas as suas scenas no paiz dos *Arthures* e *Amadizes*. Essa escola prevaleceu aqui mais tarde, e começou talvez a preponderar em tempos d'el-rei D. Fernando, em cuja côrte dominavam já muito as modas e gosto inglez, que depois triumpharam absolutamente no reinado de seu irmão e successor.

O ár d'esta pequena peça é muito mais antigo; e por tal a têm os criticos e collectores castelhanos.

A INFEITIÇADA

VAE correndo o cavalleiro,
A Paris levava a guia,
Viu estar uma donzella
Sentada na penha fria:
—Que fazeis aqui donzella?
Que fazeis ó donzellinha?
«Vou-me á côrte de Paris [1]
D'onde padre e madre tinha;
Perdi-me no meu caminho,
Puz-me a esperar companhia;
Cançada estou de esperar
Sentada na penha fria,
Se te praz, ó cavalleiro, [2]
Leva-me em tua companhia.»
Respondeu-lhe o cavalleiro:
«Pois que me praz, vida minha.»
Lá no meio do caminho
De amores a requeria;
A donzella muito enchuta [3]
Lhe disse com ousadia:
—Tem-te, tem-te, cavalleiro,
Não façås tal villania;
Que, antes que me baptisassem
Me deram feitiçaria:
Sete bruxas me embrucharam
Antes que eu fosse á pia;
O homem que a mim se chegasse,
Malato [4] se tornaria.»
Não responde o cavalleiro, [5]
Todo na sella tremia.
Lá para o fim do caminho [6]
A donzella que sorria.
«De que vos rides, donzella,
De que rides, donzellinha?
—Não me rio do cavallo
Nem da sua fitaria,
Riu-me do cavalleiro,
Mais da sua covardia;
Com a donzella á garupa
E catou-lhe cortezia;
Soube guardar-se das moças
E bruchas velhas temia.
«Atraz, atraz, ó donzella,
Atraz, atraz, donzellinha,
Que na fonte onde bebêmos
Deixo uma espora perdida.
—Cavalleiro, adeante, adeante,
Que eu atraz não tornaria.
Se a sua espora é de prata,
Meu pae de oiro lh'a daria;
Que ás portas de meu pae [7]
Se mede oiro cada dia.

1 Vou-me á côrte de França—*Extremadura*.
2 Quereis vós, ó cavalleiro,
Que eu vá em vossa companhia?»
Respondeu-lhe o cavalleiro:
—«Pois não quero minha vida!—*Ribatejo*.
3 A donzella mui sisuda,
Sem ter medo, lhe dizia—*Beiralta*.
4 Malato era o homem livre que descia á condição quasi de servo e villão. No sentido figurado — que parece ser o que domina — homem perdido, tolhido, envallicido?
5 O cavalleiro com medo
Tremendo lhe respondia —*Alemtejo*.
6 Passado largo caminho—*Beiralta*.
7 Que ás portas do meu palacio—*Extremadura*.

—Dizei-me vós ó donzella,
Dizei-me de quem sois filha.
«Sou filha d'el-rei de França
E da rainha Constantina.

—Arrenego eu de mulheres
Mais de quem n'ellas se fia!
Cuidei de levar amante,
Levo uma irman minha. [1]

VERSÃO CASTELHANA

De Francia partió la niña,
De Francia la bien guarnida;
Ibase para Paris,
Do padre y madre tenia:
Errado lleva el camino,
Errada lleva la via:
Arrimarase a un roble
Por esperar compañia.
Vió venir un caballero,
Que à Paris lleva la guia.
La niña desque lo vido
Desta suerte le decia:
«Si te place, caballero
Llévesme en tu compañia.
—Placeme, dijo, señora,
Placeme, dijo, mi vida.»
Apeóse del caballo
Por hacerle cortesia;
Puso la niña en las ancas
Y subiérase en la silla:
En el medio del camino
De amores la requeria.
La niña desque lo oyera
Dijole con osadia:
«Tate, tate, caballero,
No hajas tal villania:
Hija soy yo de un malato
Y de una malatia.
El hombre que á mi llegase
Malato se tornaria »
Con temor el caballero
Palabra no respondia.
Yá a la entrada de Paris
La niña se sonreia
—De que os reis, mi señora,
De que os reis, vida mia?
«Riome del caballero
Y de su gran cobardia.
Tener la niña en el campo
E catarle cortesia!»
Con verguenza el caballero
Estas palabras decia:
—Vuelta, vuelta, mi señora,
Que una cosa se me olvida.»
La niña, como discreta.
Dijo: «Yo no volveria,
Ni persona, aunque volviese,
En mi cuerpo tocaria:
Hija soy del rey de Francia
Y la reina Constantina,
El hombre que á mi llegase
Muy caro le costaria. [2]

1 Depois d'estes versos a lição do Minho accrescenta, em forma de moralidade que faz o trovador. o que aqui esta na bôcca do cavalheiro:

Arrenego eu de mulheres,
Mais de quem n'ellas se fia!

2 Duran, tomo IV, parte, I. Ochoa, *Tesoro de Romanceros*.

IV

CONDE YANNO

Sir Walter Scott diz, em alguma parte do *Cancioneiro das fronteiras da Scocia*, que os romances populares foram quasi todos em sua origem poemas mais longos e mais completos, que os menestreis depois encurtavam e truncavam para os poderem cantar em dous ou tres *lays* quando muito, como quem diz, em duas ou tres cantigas: o que na integra era impossivel. Que d'ahi ficaram assim pela memoria do povo, e assim vieram até nós.

Se tal é—e eu não defendo nem impugno agora a theoria—digo que este bello romance do *Conde Yanno* algum menestrel portuguez o accommodou ao gôsto popular, contrahindo-o do poemeto castelhano que alli se chama do *Conde Alarcos* e da *Infanta Solisa*.

Em algumas provincias nossas tambem lhe chamam *Conde Alarcos*, n'outras *Conde Anardos*; e até n'outras, por muito visivel rebaptisação heretica, *Dom Duarte*, e *Conde Alberto*. Tamsómente nos districtos mais sertanejos do reino e menos proximos do contacto castelhano apparece *Conde Yanno*.

Yanno é a mais antiga degeneração do grego e latino Ιωαννης, *Joannes*, — dos quaes tanto mais proximo está do que os modernos *Juan*, *João* dos dous dialectos cultos das Hespanhas.

Assim o nome como o modo de dizer *Conde Yanno* (Conde João) em vez de *Conde de tal* indicam já grande antiguidade. E tanta, que eu mais me inclino a que o trovador castelhano alargasse a obra do menestrel portuguez do que vice-versa. E ou ésta é uma excepção das muitas que tem a regra de Sir Walter, ou ella não é regra, absoluta pelo menos.

A verdade hade estar no meio, que é o costume.

Junto a composição castelhana, e a linda versão ingleza de Lockhart: ambas illustram o texto e a questão. Comparando-as com o romance portuguez, facilmente se dará a palma a este, assim no stylo como na invenção. Tem mais drama e mais peripecias, respira mais suave melancholia e mais casto, e porfim termina com um inesperado successo que dá prazer.

Lembra-me, em pequeno, a immensa alegria que eu tinha quando a minha Brigida [1] velha, criada que nos contava e cantava estas historias, chegando ao passo em que a condessa ia morrer ás mãos do seu ambicioso e indigno marido, mudava de repente de tom na sua sentida melopêa, e exclamava:

> «Tocam-n'os sinos na sé...
> Ai Jesus, quem morreria?...»

Morria a má infanta que descasava os bem casados, e a pobre condessa escapava. Que fortuna! Tirava-se um pêso do coração á gente, e a historia acabava como devia de ser.

As despedidas da condessa moribunda «a tudo que mais queria», ás suas flores, ao seu filhinho, são admiraveis aqui tambem e ommissas na lição castelhana.

Emfim, nascesse elle dentro das nossas fronteiras, ou viesse além d'ellas, cá se fez mais lindo o romance, muito mais.

Sismondi e Madame de Staël exaltam esta composição acima de todas as do romanceiro castelhano. Que faria se conhecessem a lição portugueza?

É geralmente sabido por todo o reino, muito popular, e as variantes numerosas.

Quasi todas as que valiam a pena as incorporei no texto, porque algumas eram complementares de outras, e muitas acclaravam o sentido e atavam o fio da narrativa. Das poucas que ficaram, se apponta á margem alguma que o merece.

[1] Ésta criada Brigida já foi cantada na *Dona Branca*.

CONDE YANNO

Chorava a infanta, chorava,[1]
Chorava e razão havia,
Vivendo tam descontente;
Seu pae por casar a tinha
Acordou el-rei da cama [2]
Com o pranto que fazia:
—Que tens tu, querida Infante.
Que tens tu, ó filha minha?
«Senhor pae, o que heide eu ter
Senão que me pésa a vida?
De tres irmans que nós eramos,
Solteira eu só ficaria.
—Que queres tu que te eu faça?
Mas a culpa não é minha.
Cá vieram embaixadas
De Guitaina e Normandia;[3]
Nem ouvil-as não quizeste,
Nem fazer-lhes cortezia...
Na minha côrte não vejo
Marido que te daria...
Só se fosse o conde Yanno,[4]
E esse já mulher havia.»[5]
«Ai! rico pae da minha alma,
Pois esse é que eu queria
Se elle tem mulher e filhos,
A mim muito mais devia,
Que me não soube guardar
A fé que me promettia»

Manda el-rei chamar o conde,
Sem saber o que faria:
Que lhe viesse fallar...
Sem saber que lhe diria.
—«Inda agora vim do paço,
Já el-rei lá me queria!
Ai! será para meu bem?
Ai! para meu mal seria?»

Conde Yanno que chegava,
El-rei que a buscar o vinha:
—«Beijo a mão a vossa alteza;
Que quer vossa senhoria?»
Responde-lhe agora o rei
Com grande merencoria:
—Beijae, que mercê vos faço;
Casareis com minha filha.
Cuidou de cahir por morto
O conde que tal ouvia:
—«Senhor rei, que sou casado
Já passa mais de anno e dia!
—Matareis vossa mulher,
Casareis com minha filha.
—«Senhor, como hei-de mattál a
Se a morte me não mer'cia?
—Callae-vos conde, callae-vos.
Não vos quero demazia;
Filhas de reis não se enganam
Como uma mulher captiva.
—«Senhor, que é muita razão,
Mais razão que ser devia,
Para me matar a mim
Que tanto vos offendia;
Mas matar uma innocente
Com tamanha aleivozia!
N'esta vida nem na outra
Deus m'o não perdoria
—A condessa hade morrer
Pelo mal que cá fazia;
Quero vêr sua cabeça
N'essa doirada bacia»

Foi-se embora o conde Yanno,
Muito triste que elle ia,
Adeante um pagem d'elrei
Levava a negra bacia
O pagem ia de luto,
De luto o conde vestia:
Mais dó levava no peito
C'os apertos da agonia.
A condessa que o esperava,
De muito longe que o via,
Com o filhinho nos braços
Para abraçál-o corria.
«—Bem vindo sejaes, meu conde,
Bem vinda minha alegria!»
Elle sem dizer palavra
Pelas escadas subia.
Mandou fechar seu palacio,
Coisa que nunca fazia;[6]
Mondou logo pôr a ceia
Como quem lhe appetecia.[7]

Sentaram-se ambos á mesa,
Nem um nem outro comia;
As lagrimas era um rio[8]
Que pela mesa corria.
Foi a beijar o filhinho
Que a mãe aos peitos trazia,
Largou o seio o innocente,
Como um anjo lhe sorria.

Quando tal viu a condessa,
O coração lhe partia;
Desata em tamanho chôro
Que em toda a casa se ouvia:
«—Que tens tu, ó querido conde,
Que tens tu, ó vida minha?
Tira me já d'estas âncias
El-rei o que te queria?»
Elle affogava em soluços,
Responder-lhe não podia;
Ella, apertando o nos braços,
Com muito amor lhe dizia:
«—Abre-me o teu coração,
Desaffoga essa agonia,
Dá-me da tua tristeza,
Dar-te-hei da minha alegria.»
Levantou-se o conde Yanno,
A condessa que o seguia
Deitaram-se ambos no leito;
Nem um nem outro dormia.
Ouvireis a desgraçada;
Ouvide ora o que dizia:
«—Peço-te por Deus do céu
E pela Virgem Maria,
Antes me mattes, meu conde,
Que eu vêr-te n'essa agonia.»

1 Chorava a infanta So isa,
Razão de chorar havia.—*Alemtejo*,
Chorava Dona Sylvana.—*Extremadura*
2 Despertou el-rei seu pae.—*Beir lta.*
3 De Leão e de Castilha.—*Traz-os-Montes.*
Guitaina é Aquitania, bem claramente
4 So se fosse o conde Albano.—*Minho.*
Só se fosse o conde Alarcos. *Beirabaixa.*
5 E esse tem mulher e filhas —*Beiralta, Lisboa.*

6 O que d'antes não fazia. *Minho*
7 Como quem comer queria.—*Lisboa.*
8 As lagrimas eram tantas
Que pela mesa corriam —*Varias*
Todas as versões lêm assim: só a de Lisboa como vae no texto.

— «Morto seja quem tal manda,
Mais a sua tyrannia!
«—Ai! não te entendo; meu conde,
Dize-me, por tua vida,
Que negra ventura é esta.
Que entre nós está mettida?
—«Ventura da sem ventura.
Grande foi tua mofina![9]
Manda-me el-rei que te mate,
Que case com sua filha.»

Palavras não eram ditas,
Inda mal lh'as ouviria,
A desgraçada condessa
Por morta no chão cahia.
Não quiz Deus que alli morresse...
Triste que alli não morria!
Maior dor que a da morte
A torna a chamar á vida.
«—Calla, calla, conde Yanno,
Que inda remedio haveria;
Ai! não me mates, meu conde,
E um alvitre te daria: [10]
A meu pae me mandarás,
Pae que tanto me queria!
Ter-me-hão por filha donzella
E eu a fé te guardaria.
Criarei este innocente
Que a outra não criaria;
Manter-te-hei castidade
Como sempre t'a mantia.
—«Ai como póde isso ser,
Condessa minha querida,
Se el-rei quer tua cabeça
N'esta doirada bacia?
«—Calla, calla, conde Yanno,
Que inda remedio teria.
Metter-me-has n'um convento
Da ordem da freiraria;
Dar-me-hão o pão por onça
E a agua por medida:
Eu lá morrerei de pena,
E a infanta o não saberia.
—«Ai! como póde isso ser,
Condessa minha querida,
Se quer ver tua cabeça
N'esta maldita bacia?»
«—Fecháras-me n'uma tôrre,
Nem sol, nem lua veria,
As horas da minha vida
Por meus ais as contaria.
—«Ai! como póde isso ser,
Condessa minha querida,
Se el-rei quer tua cabesa
N'esta doirada bacia?»

Palavras não eram ditas,
El-rei que á porta batia:
—Se a condessa não é morta,
Que então elle a mataria.
—«A condessa não é morta
Mas está na agonia.
«—Deixa-me dizer, meu conde,
Uma oração que eu sabia.
—«Dizei depressa, condessa,
Antes que amanheça o dia.
«—Ai! quem podéra rezar.[11]
Ó virgem Santa Maria!
Que eu não me peza da morte,
Peza-me da aleivozia:
Mais me peza de ti, Conde,
E da tua covardia.
Matas-me por tuas mãos,
Só porque el-rei o queria!
Ai! Deus te perdôe, Conde,
Lá na hora da contia. [12]
Deixar-me dizer adeus
A tudo o que eu mais queria;
A's flores d'este jardim,
A's aguas da fonte fria.
Adeus cravos, adeus rosas,
Adeus flor da Alexandria!
Guardae-me vos meus amores
Que outrem me não guardaria.
Dêem-me cá esse menino,
Entranhas de minha vida;
D'este sangue de meu peito
Mamará por despedida.
Mama, meu filhinho, mama
D'esse leite da agonia;
Que atégora tinhas mãe,
Mãe que tanto te queria,
A'manhan terás madrasta
De mais alta senhoria...»

Tocam n'os sinos na sé...
Ai Jesus! quem morreria?
Responde o filhinho ao peito, [13]
Respondeu — que maravilha!
«Morreu, foi a nossa Infanta
Pelos males que fazia;
Descasar os bem casados:
Coisa que Deus não queria.

LIÇÃO CASTELHANA

Retraída está la Infanta,
Bien asi como solia,
Viviendo muy descontenta
De la vida que tenia,
Viendo que ya se pasaba
Toda la flor de su vida,
Y que el rey no la casaba,
Ni tal cuidado tenia,
Entre si estaba pensando
A quien se descobriria,
Y acordó llamar al rey
Como otras veces solia,
Por decirle su secreto
Y la intencion que tenia.
Vino el rey siendo llamado,
Que no tardó su venida:
Vidola estar apartada,
Sola está sin compañia,

9 *Mofina*, substantivo, talvez por *mofina sorte*, é usado dos classicos alguma vez: e commum hoje ao povo das provincias quasi todas.

10 Um conselho te daria.—*Beirabaixa*.

11 No poemeto castelhano a condessa reza—e não é efia a sua *preghiera:* mais bonito e mais poetico é o pensamento do autor portuguez, que lhe não dá nem ânimo para rezar.

12 Na hora em que contar comtigo, em que te tomar contas. É a phrase expressiva dos inglezes: *In the hour of reckonning*.

13 Quasi todas as licções provinciaes ommitem os dois versos ultimos d'esta copla, e o pensamento que elles encerram Só uma licção da borda-d'agua os traz, e julguei que mereciam ser encorporados no texto. Este prodigio de falarem os innocentes ao peito das mães, nas grandes circumstancias publicas ou nas grandes crises domesticas, era mui favorito dos nossos Na acclamação de D. João I bem sabido é que uma criança tirou todas as duvidas bradando do collo da mãe: «Real Real, pelo mestre d'Aviz rei de Portugal» N'outro romance d'esta collecção, o de «Dom Beltrão», veremos falar o cavallo de um morto cavalleiro.

Su lindo gesto mostraba
Ser mais triste que solia.
Conociera luego el rey
El enojo que tenia.
—¿Qué es aquesto, la Infanta?
¿Qué es aquesto, hija mia?
Contadme vuestros enojos,
No tomeis malenconía,
Que sabiendo la verdad
Todo se remediaria.
—Menester será, buen rey,
Remediar la vida mia,
Que á vós quedé encommendada
De la madre que tenia.
Con verguenza os lo demando,
No con gana que tenia,
Que aquestos cuidados tales
A vos, rey, pertenecian.»
Escuchada su demanda,
El buen rey la respondia:
—Esa culpa, la Infanta,
Vuestra era, que no mia,
Que ya fuerades casada
Con el Principe de Hungria;
No quisistes escuchar
La embajada que venia,
Pues acá en la nuestra côrte,
Hija, mal recaudo habia,
Sino era el Conde Alarcos
Que hijos y muger tenia.
«Convidaldo vos, el rey,
Al Conde Alarcos un dia,
Y despues que hagais comido
Decilde de parte mia,
Decilde que si se acuerde
De la fé que del tenia,
La qual él me prometió,
Que yo no se la pedia,
De ser siempre mi marido
Y yo que su muger sería.
Yo fuí dello muy contenta
Y que no me arrepentia.
Si casó con la Condesa,
Que mirára lo que hacia,
Que por él no me casé
Con el Principe de Hungria:
Si casó con la Condesa
Dél es culpa, que no mia.»
Perdiera el rey en la oir
El sentido que tenia,
Mas despues en si tornado
Con enojo respondia:
—No son estos los consejos
Que vuestra madre os decia:
Muy mal mirastes, infanta,
Do estaba la honra mia.
Si verdad es todo eso,
Vuestra honra ya es perdida:
No podeis vos ser casada
Mientras la condesa viva.
Si se hace el casamiento
Por razon ó por justicia,
En el decir de las gentes
Por mala sereis tenida.
Dadme vos, hija, consejo,
Que el mio no bastaria;
Que ya es muerta vuestra madre
A quien consejo pedia.
«Pues yo os lo daré, buen rei,
D'este poco que tenia:
Mate el conde á la condesa,
Que nadie no lo sabria;
Y eche fama que ella es muerta
De um cierto mal que tenia,
Y tratarse-ha el casamiento
Como cosa no sabida.
Désta manéra, buen rey,
Mi honra se guardaria.»
De alli se salia el rey,
No con placer que tenia;
Lleno va de pensamientos
Con la nueva que sabia;
Vido estar al conde Alarcos
Entre muchos que decia:
—¿«Que aprovecha, caballeros,
Amar y servir amiga,
Siendo servicios perdidos
D'onde firmeza no habia?
No pueden por mi decir
Aquesto que yo decia
Que en el tiempo que servi
Una que tanto queria,
Si bien la quise entonces,
Agora mas la queria;
Mas por mi pueden decir:
Quien bien ama tarde olvida.»
Estas palabras diciendo,
Vido al buen rey que venia,
Y hablando con el rey,
De entre todos se salia:
Dijole el buen rey al conde
Hablando con cortesia:
—Convidaros quiero, Conde,
Por mañana en aquel dia,
Que querais comer comigo
Por tenerme compañia.
—«Que se haga de buen grado
Lo que su alteza decia:
Beso sus manos reales
Por la buena cortesia:
Detenerme he aqui mañana,
Aunque estaba de partida
Que la condesa me espera
Segun carta que me envia.»
Otro dia de mañana
El rey de misa salia,
Luego se asentó á comer,
No por gana que tenia,
Sino por hablar al conde
Lo que hablarle queria.
Alli fueron bien servidos
Como á rey pertencia:
Despues que hubieron comido,
Toda la gente salida,
Quedóse el rey con el Conde
En la tabla do comia.
Empezó el rey a hablar
La embajada que traia:
—Unas nuevas traigo, Conde,
Que d'ellas no me placia,
Por las cualas yo me quejo
De vuestra descortesia:
Prometistes á la Infanta
Lo que ella no os pedia,
De siempre ser su marido,
Y á ella que le placia.
Si á otras cosas pasaste
No entro en esa profia.
Otra cosa os digo, Conde,
De que mas os pesaria:
Que mateis á la Condesa,
Que asi cumple á la honra mia
Echeis fama de que es muerta
De cierto mal que tenia,
Y tratarse ha el casamiento
Como cosa no sabida,
Porque no sea deshonrada
Hija que tanto queria.»
Oidas estas razones,
El buen Conde respondia.
—«No puedo negar, el rey,
Lo que la Infanta decia,

Sino que es muy gran verdad
Todo cuanto me pedia.
Por miedo de vós el rey,
No casé con quien debia.
Ni pensé que vuestra alteza
En ello consentiria,
De casar con la Infanta
Yo, senor, bien casaria;
Mas matar á la condesa,
Señor rey, no lo haria
Porque no debe morir
La que mal no merecia.
—De morir tiene, buen Conde,
Por salvar la honra mia,
Pues no miráste primero
Lo que mirar se debia:
Si no muere la condesa,
A vos costará la vida.
Por la honra de los reyes
Muchos sin culpa morian,
Que muera por la condesa
No es mucha maravilla.
—«Yo la mataré. buen rey,
Mas no sea la culpa mia,
Vós os avendreis con Dios
En el fin de vuestra vida,
Y prometo á vuestra alteza,
A fé de caballeria,
Que me tengan por traidor
Si lo dicho no cumplia,
De matar a la condesa
Aunque mal no merecia
Buen rey, si me daes licencia
Luego yo me partiria.
—Vayais con Dios, el buen Conde,
Ordenad vuestra partida.»
Llorando se parte el conde,
Llorando sin alegria;
Lloraba tambien el Conde
Por tres hijos que tenia,
El uno era de teta,
Que la condesa lo cria,
Que no queria mamar
De tres amas que tenia,
Si no era de su madre
Porque bien la conocia;
Los otros eran pequenos,
Poco sentido tenian.
Antes que el conde llegase,
Estas razones decia:
—«¿Quién podrá mirar, condesa,
Vuesta cara de alegria
Que saldreis á recibirme
A la fin de vuestra vida?
Yo soy el triste culpado,
Esta culpa toda es mia.»
En diciendo estas palabras
Ya la condesa salia,
Que un page le havia dicho
Como el conde ya venia.
Vido la condesa al conde
La tristeza que tenia,
Vióle los ojos llorosos
Que hinchados los tenia,
De llorar por el camino
Mirando el bien que perdia.
Dijo la condesa al conde:
«—Bien vengais, bien de mi vida!
¿Que habeis, el conde Alarcos?
¿Porque llorais, vida mia?
Que venís tan demudado
Que cierto no os conocia,
No parece vuestra cara
Ni el gesto que ser solia;
Dadme parte del enojo
Como dais de l'alegria.
Decidmelo luego, conde,
No mateis la vida mia.
—«Yo lo diré bien, condesa,
Cuando la hora seria.'
«—Si no me lo decis, conde,
Cierto yo reventaria.
—-No me fatigueis, señora,
Que no es la hora venida.
Cenemos luego, condesa,
D'aqueso que en casa habia.
«—Aparejado está, conde,
Como otras veces solia.»
Sentóse el conde á la mesa,
No cenaba ni podia,
Con sus hijos al costado,
Que muy mucho los queria
Echóse sobre los hombros,
Hizo como que dormia.
De lágrymas de sus ojos
Toda la mesa cubria:
Mirandole la condesa
Que la causa no sabia,
No le preguntaba nada,
Que no osaba ni podia.
Levantóse luego el conde,
Dijo que dormir queria,
Dijo tambien la condesa
Que ella tambien dormiria,
Mas entre ellos no habia sueno,
Si la verdad se decia.
Vanse el conde y la condesa,
A dormir donde solian;
Dejan los niños de fuera,
Que el conde no los queria:
Llevároņse el mas chiquito,
El que la condesa cria:
El conde cierra la puerta,
Lo que hacer solia.
Empezó de hablar el Conde
Con dolor y con mancilla:
—« ¡O desdichada condesa,
Grande fue la tu desdicha!
«—No soy desdicha. conde,
Por dichosa me tenia
Solo en ser vuestra muger:
Esta fué gran dicha mia
—«Si bien lo mirais, Condesa,
Esa fué vuestra desdicha.
Sabed que en tiempo pasado
Yo amé á quien servia,
La cual era la infanta.
Por desdicha vuestra y mia.
Prometi casar com ella,
Y á ella que le placia.
Demándame por marido
Por la fé que me tenia.
Puédelo muy bien hacer
Por razon y por justicia:
Dijomelo el rey su padre
Porque della lo sabia.
Otra cosa manda el rey
Que toca en el alma mia:
Manda que muerais, condesa,
A la fim de vuestra vida,
Que no puede tener honra
Siendo vós, condesa, viva.»
De qu'esto oyo la condesa,
Cayó en tierra mortecida;
Mas despues en si tornada
Estas palabras decia:
«—Pagados son mis servicios,
Conde, con que yo os servia!
Si no me matais, el conde,
Yo bien os consejaria:
Enviedesme á mis tierras,
Que mi padre me ternia;

Yo criaré vuestros hijos
Mejor que la que vernia,
Y os mantendré castidad
Como siempre os mantenia.»
—«De morir habeis, condesa,
Antes que amanezca el dia.»
«—Bien parece, conde Alarcos,
Yo ser sola en esta vida,
Porque tengo el padre viejo,
Mi madre ya es falecida,
Y mataron a mi hermano
El buen conde Don Garcia,
Que el rey lo mandó matar
Por miedo que del tenia.
No me pesa de mi muerte,
Porque yo de morir tenia,
Mas pésame de mis hijos
Que pierden mi compañia:
Hacémelos venir, conde,
Y veran mi despedida.
—«No los vereis, mais, condesa,
En dias de vuestra vida
Abrazad ese chiquito
Que aqueste es el que os perdia.
Pésame de vos, condesa,
Cuanto pésar me podia.
No os puedo valer, señora,
Que mas me va que la vida;
Encomendaos a Dios
Qu'esto de hacerse tenia
«—Dejéisme decir, buen conde,
Una oracion que sabia
—«Decilda presto, condesa,
Antes que amanezca el dia.
«—Presto la habré dicho, conde,
No estaré un Ave Maria.»
Afinojóse en la tierra
Y esta oracion decia:
«En las tus manos, Señor,
«Encomiendo el alma mia:
«No me juzges mis pecados
«Segun que yo merscia,
«Mas segun tu gran piedad
«Y la tu gracia infinita.»
Acabada es ya, buen conde,
La oracion que yo sabia;
Encomendoos eses hijos
Que entre vos y mi habia;
Y rogad a Dios por mi
Mientras tuviéredes vida;
Que a ello sois obligado,
Pues que sin culpa moria.
Dédesme acá ese hijo,
Mamará por despedida.
—«No lo desperteis, condesa,
Dejaldo estar que dormia,
Sino que os pido perdon
Porque ya llegaba el dia.
«—A vos yo perdono, conde,
Por amor que vos tenia;
Mas yo no perdono al rey,
Ni á la infanta su hija,
Sino que queden citados
Delante la alta justicia,
Que allá vayan á juicio
Dentro de los treinta dias.»
Estas palabras deciendo,
El conde se apercebia:
Echóle por la garganta
Una toca que tenia,
Apretó con las dos manos
Con la fuerza que podia,
No le aflojó la garganta
Mientras que vida tenia.
Cuando ya la vido el conde
Trespasada y falecida,
Desnudóle los vestidos
Y las ropas que tenia,
Echola encima la cama,
Cabrióla como solia;
Desnudose a su costado
Obra de un Ave Maria;
Levantóse dando voces
A la gente que tenia:
—«Socorro, mis escuderos,
Que la condesa se fina »
Hallan la condesa muerta.
Los que á socorrer venian.
Asi murió la condesa,
Sin razon y sin justicia;
Mas tambien todos murieron
Dentro de los treinta dias.
Los doce dias pasados
La infanta ya se moria,
El rey á los veinte y cinco,
El conde ál treinteno dia.
Allá fueron á dar cuenta
A la justicia divina:
Acá nos dé Dios su gracia,
Y allá la gloria cumplida. [1]

TRADUÇÃO INGLEZA

ALONE, as was her wont, she sate,—within her bower alone
Alone and very desolate Solisa made her moan,
Lamenting for the flower of life, that it should pass away,
And she be never wooed to wife, nor see a bridal day.

Thus said the sad Infanta:—«I will not hide my grief,
I'll tell my father of my wrong, and he will yield relief:
The king, when he beheld her near:—«Alas! my child» said he,
«What means this melancholy cheer? Reveal thy grief to me.»

—«Good king,» she said, «my mother was buried long ago,
She left me to thy keeping, none else my grief should know;
I fain would have a husband, «t is time that I should wed;
Forgive the words I utter, with wide shame they «re said.»

It was thus the king mad answer:—«This fault is none of mine,
You to the prince of Hungary your ear would not incline,
Yet round us here where lives your peer? Nay, name him if you can,
Except the count Alarcos, and he is a maried man.»

—«Ask count Alarcos if of yore his word he did not plight
To be my husband evermore, and love me day and night;
If he has bound him in new vows, old oaths he cannot forsake.
Alas! I've lost a loyal spouse for a false lover's sake.»

The good king sate confounded in silence for some space,
At length he made his answer, with very troubled face:
—«It was not thus your mother gave counsel you should do;
You've done much wrong, my daughter; we're shamed, both I and you

«If it be true that you have said, our honour's lost and gone;
And while the countess is in life, remeed for us is none;
Though justice were upon our sid, ill-talkers would not spare.
Speak, daughter, for your mother's dead, whose counsel eased my crae.

—«How can I give you counsel?—but little wit have I;
But certes count Alarcos may make his countess die:
Let it be noised that sickness cut short her tender life,
And then let count Alarcos come and ask me for his wife.
What passed between us long ago, of that be nothing said;
Thus none should our dishonour know, in honour shall I wed.»

The count was standing with his friends—thus in the midst he spake!
—«What fools be men!—what boots our pain for comely woman's sake;
I loved a fair one long ago;—though I am a maried man,
Sad memory I kan ne'er forego, how life and love began.»

While yet the count was speaking, the good king came full there;
He made his salutation with very courteous cheer.
—«Come hither, count Alarcos, and dine with me this day:
For I have something secret, I in your ear must say.»

1 Ochoa, *Tesoro de Romanceros*, pag. 26.

The king came from the chapel, when he had heard the mass;
With him the count Alarcos did to his chamber pass;
Full nobly were they served there, by pages many a one;
When all were gone, and they alone,» t was thus the king begun.

—«What news be there, Alarcos, that you your word did plight,
To be a husband to my child, and love her day and night?
If more between you there did pass, yourself may know the truth.
But shamed is my grey head—alas!—and scorned Solisa's youth.

«I have a heavy word to speak,—a lady fair do the lie
Within my daughter's rightfull place, and certe! she must die.
Let it be noised that sickness cut short her tender life;
Then come an i woo my daughter, and she that be your wife.
What passed between you long ago, of that be nothing said,
Thus none shall my dishonour know—in honour you shall wed »

Thus spake the count Alarcos.—«The truth I'll not deny,
I to the Infanta gave my word, and broke it shamefully:
I feared my king would never consent to give me his fair daughter;
But oh! spare her that's innocent—avoi ! that sinful slaughter.»

—«She dies! she dies! the king replies;—«from thine own sin i springs;»
If guiltless blood must wash the blot which stains the blood of kings,
Ere morning dawn, her life must end, and thine must be the deed.
Else thou on shamefull block must bend: thereof is no remeed.

—«Good king, my hand thou may'st command, else treason blots my name!
I'll take the life of my dear wife—(God! mine be not the blame).
Alas! that young and sinless heart for other's sin should bleed!
Good king in sorow I depart » —«May God your errand speed!

In sorrow be departed, dejectedly he rode
The weary journey from palace unto his own abode:
He grieved for his fair countess, dear as his life was she;
Sore grieved he for that lady, and for his children three.

The one was yet an Infant upon his mother's breast,
For though it had three nurses, it liked her milk the best:
The others were young children, that had but little wit,
Hanging about their mother's knee while nursing she did sit

—«Alas!» he said, when he had come within a little space.
«How shall I brook the cheerful look of my kind lady's face?
To see her coming forth in glee to meet me in my hall,
When she so soon a corpse must be, and I the cause of all!»

Jus then he saw her at the door with all her babes appear,
The little page had run before to tell his lord was near:)
—«Now welcome home, my lord, my life!—Alas! you droop your head:
Tell, Count Alarcos, tell your wife, what makes your eyes so red?

—«I'll tell you all. I'll tell you all: it is not yet the hour;
We'll sup together in the hall... I'll tell it you in your bower.
The lady brought forth what she had, and down beside him sate:
He sate beside her pale and sad, but neither drank nor ate.

The children to his side were led (he loved to have them so),
Then on the board he laid his head, and out his tears did flow:
—«I fain would sleep... I fain would sleep,» the Count Alarcos said.
Alas! be sure, that sleep was none that night within their bed.

They came together to the bower where they were used to rest.
None with them but the little babe that was upon the breast:
The count had barred the chamber doors—They ne'er were barred till then:
—«Unhappy lady, he began, «and I most lost of men!»

—«Now, speak not so, my noble lord, my husband and my life!
Unhappy never can she be that is Alarcos wife.»
—«Alas unhappy lady, 't is but little that you know,
For in that very word you» ve said, is gathered all your woe.

«Long since I loved a lady,—long since I oaths did plight,
To be that lady's husband, to love her day and night:
Her father is our lord the king, to him the thing is known,
And now, that I the news should bring! she claims me for her own.

«Alas! my love!.. alas! my life!.. the right is on their side;
Ere I had seen your face, sweet wife, she was betrothed my bride;
But, oh! that I should speak the word! since in her place you lie,
It is the bidding of our lord, that you this night must die.

—«Are these the wages of my love, so lowly and so leul?
Oh, kill me not, thou noble Count, when at thy foot I kneel!
But send me to my father's house, where once I dwelt in glee.
There will I live alone chaste life, and rear my children three!»

—«It may not be: mine oath is strong; ere dawn of day you die!
—«Oh well 't is seen how all alone upon the earth am I;
My father is an old frail man, my mother's in her grave,
And dead is stout Don Garci... Alas! my broder brave!

«Twas at this coward king's command they slew my brother dear,
And now I'm helpless in the land. It is not death I fear,
But loath am I to depart, and leave may children so.
Now let me lay them to my heart, and kiss them ere I go.»

—«Kiss him that lies upon thy breast; the rest thou mayst not see.»
—«I fain would say an Avé.»—«Then say it speedly.»
She knelt her down upon her knee:—«Oh, Lord! behold my case;
Jodge not my deeds, but look on me in pity and great grace.»

When she had made her orison, up from her knees she rose;
—«Be kind, Alarcos, to our babes, and pray for my repose;
And now give me my boy once more upon my breast to hold,
That the may drink one farewell driok, before my breast be cold.»

—«Why would you waken the poor child? you see he is aslee p
Prepare, dear wife; there is no time, the dawn begins to peep »
—«Now hear me, count Alarcos! I give thee perdon free;
I pardon thee for the love's sake wherewith I' ve loved thee.

«But they have not my pardon, the king and his proud daughter!
The course of God be on them for this unchristian slaughter!
I charge them with my dying breath, ere thirty days be gone,
To meet me in the realm of death, and at God's awful throne!

He drew a kerchief round her neck, he drew it tight and strong
Until she lay quite stiff and cold her chamber floor along;
He laid her then within the sheets, and, kneeling by her side,
To God and Mary Mother in misery he cried.

Then called he for his esquires:—oh! deep was their dismay,
When they into the chamber came, and saw her how she lay.
Thus died she in her innocence, a lady void of wrong...
But God tok heed of her offence. his vegeance stayed not long.

Within twelve days, in pain and dole, the Infanta passed away
The cruel king gave up his soul upon the twentieth day;
Alarcos followed ere the moon had made her round complete:
Thee guilty spirits stood right soon before God's judgment-seat. 1

1 Lockhart, ANCIENT SPAN BALLADS.

V

O CONDE D'ALLEMANHA

O romance-xácara do *Conde d'Allemanha* tem um pensamento bello e moral, e o stylo d'aquella simplicade sublime e verdadeiramente antiga, que é o sêllo das composições originaes e primitivas, de quando a arte, espelho ainda rudo porém ainda ingenuo, não faz mais do que reflectir a natureza mas reflecte-a com toda a verdade.

Uma filha — uma infanta, pois quasi todos estes contos de «era uma vez ha muito» são de infantas e princezas — uma filha tem a desgraça de vir a descobrir a «criminal conversação» de sua mãe com um cavalleiro mancebo e estrangeiro, um certo «conde d'Allemanha» — *Allamanha*, ou tambem *Aramenha*, como em algumas partes diz a lição do povo. El rei anda á caça segundo é de uso usado n'estes reinos antigos — ao menos occupavam-se n'isso! - e a filha protesta dizer lhe tudo em elle chegando, apesar dos rogos e peitas com que a mãe a procura fazer callar. Chega o pae, a infanta vae resoluta a elle... Horroroso espectaculo! A tremenda accusação d'adulterio proferida pela filha contra a mãe! O terror chega ao seu auge, a peripecia é grande e sublime... A filha accusa o seductor, mas salva a mãe; accusa-o de um grande attentado que lhe deve custar a vida, mas outro, mas differente: o de lhe lançar mãos violentas, o de attentar contra a honra d'ella infanta!

A falsa querella leva o conde ao cadafalso; mas o crime verdadeiro fica punido e a honra do pae desagravada sem se revelar a infamia da mãe.

E' visivel que este romance foi composto para celebrar um facto real e historico, alguma d'essas negras e sanguinolentas tragedias, que tam frequentes se representavam nas escuras camaras de nossos antigos paços e solares. Nenhuma justiça ousava entender n'esses crimes dos grandes, nenhuma voz os denunciava; e apenas o trovador ou jogral em sua ronda de terra em terra, de tôrre em tôrre, ia repetir, longe n'uma, o que muito longe d'alli tinha ouvido n'outra: — eccos vagos e confusos da historia verdadeira que nem elle saberia nem ousaria contar toda, e que mais desfigurados e confusos ficavam no monotono trovar de suas cantadas coplas, cantadas ao som uniforme d'aquella triste melopéa que ainda hoje dura na memoria dos povos, d'onde toda se obliterou, se alguma houve nunca, a lembrança dos factos e nomes verdadeiros d'esta e de eguaes tradições.

Facto conhecido na historia de Portugal ou de outra parte de Hespanha, não sei que o memore este romance; mas inclino-me a crêl-o de origem portugueza, isto é, que originalmente fôsse composto no dialecto portuguez, ou legio-lusitano, porque ainda agora ha mais simplicidade e mais natural na *edição* (tambem mais completa) que d'elle nos dá a tradição oral do nosso povo, do que na lição escripta e impressa em que o conservaram os collectores castelhanos desde 1511 que se publicou o seu primeiro romanceiro geral.

Ainda no anno em que isto se escreve, 1841, é esta uma das xácaras mais validas, mais cantadas, e mais sabidas da gente dos campos. Assim de todas as provincias, até das de além mar, obtive cópias d ella; algumas visivelmente adulteradas com grosseiros *rifacimentos* modernos, addições e «melhoramentos» de algum presumido cantor de aldeia que pretendeu corrigir estas antigualhas como os nossos architectos de Lisboa corrigiram o convento de Belem, e apperfeiçoaram o frontispicio da Conceição velha.

Collecionando umas cóplas com outras e com a lição castelhana segundo Depping e Agustim Duran, apurei o que me parece o texto mais legitimo e verosimil.

Juntei no fim alguma variante mais notavel e que apparecia mais repetida, e tambem a versão castelhana.

O CONDE D'ALLEMANHA

Já lá vem o sol na serra, [1]
Já lá vem o claro dia,
E inda o conde d'Allemanha
Com a rainha dormia.
Não o sabe homem nascido
De quantos na côrte havia;
Só o sabia a infanta, [2]
A infanta sua filha.
—Não n'as chegue eu a romper [3]
Mangas da minha camiza,
Se em vindo meu pae da caça
Eu logo lh'o não diria.
«Call'-te, call'-te, lá infanta,
Não digas tal, minha filha,
Que o conde d'Allemanha
De oiro te vestiria.
—Não quero vestidos d'oiro; [4]
Máo fogo em quem n'os vestira!
Padrasto com meu pae vivo,
Nunca eu o consentiria.

Palavras não eram ditas,
El-rei que á porta batia
—Deus venha c'o senhor pae
E o traga na sua guia!
Tenho para lhe contar
Um conto de maravilha.
Estando eu no meu tear [5]
Seda amarella tecia,
Veiu o conde d'Allemanha
Tres fios d'ella me tira...

—«Call'-te d'ahi, minha filha,
Ninguem te oiça dizer tal:
Que o conde d'Allemanha
E' menino, quer brincar.»
—Arrenego dos seus brincos [6]
Mais do seu negro folgar!
Que me tomou nos seus braços,
A' cama me quiz levar.
—«Calla-te já minha filha,
Ninguem te oiça mais falar;
Que em antes que o sol se ponha
Vae o conde a degollar.»

Veis-lo conde d'Allemanha,
Veis-lo vae a degollar;
Ao rabo do seu cavallo
Lá o levam a arrastar.

—Venha cá, senhora mãe, [7]
Venha ao mirante folgar,
Veja um conde tão formoso
Que ahi vae a degollar.
«Mal haja, filha, o meu leite,
Mais quem t'o deu de mamar,
Que a um conde tam bonito
A morte foste causar.»

—Cal'-se d'ahi, minha mãe,
Ninguem lhe oiça dizer tal,
Que a morte que o Conde leva
Não lh'a faça eu levar. [8]

LIÇÃO CASTELHANA

A tan alta va la luna
Como el sol á medio dia,
Cuando el buen Conde Alleman
Con esa dama yacía.
No lo sabe hombre nacido
De cuantos en corte habia,
Sino solo la Condesa,
Esa Condesa su hija
Asi la dueña la hablára,
De esta manera decia:
—Cuanto viéredes, Condesa,
Cuando viéredes encobrildo,
Daros ha el Conde Alleman
Un manto de oro fino.
«Mal fuego le queme, madre,
El manto de oro fino,
Cuando en vida de mi padre
Tuviese padrasto vivo.»

De alli se fuera llorando.
Al Conde su padre ha visto.
—«Porque llorais, la Condesa?
Decid ¿quien llorar os hizo?
«Yo me estaba aqui comiendo,
Comiendo sopas en vino,
Entró el Conde Alleman
Y echólas por el vestido.
—«Calleis, mi hija, calleis,
No tomeis deso pesar,
Que el Conde es niño y muchacho,
Hacerlo ha por burlar.
«Cuando me tomó en sus brazos,
No me quizo respetar.
—«Si el os tomó en sus brazos
Y con vos quizo holgar
En antes que el sol saliese
Yo lo mandaré matar. [1]

1 Já o sol dá na vidraça—*Ribatejo*.

2 Sabia-o Dona Silvana—*Minho*.
Sabia-o Dona Bernarda—*Beiralta*.

3 Mangas da minha camiza,
Não n'as chegue eu a romper,
Se em vindo meu pae da missa
Logo lho não fôr dizer—*Minho*.

4 Não quero vestidos de oiro,
Pois os tenho de damasco:
Inda tenho meu pae vivo,
Já me querem dar padrasto—*Ribatejo, Traz-os-Montee, Beiralta*.

5 Estando eu no meu tear
Tecendo seda amarella,
Veiu o conde d'Allemanha
Tres fios me tirou d'ella—*Porto, e outras*.

6 Arrenego de tal conde—*Beirabaixa*.

7 Aqui as variantes são infinitas: é a passagem que todos os engenhos d'aldeia se comprazeram mais a paraphrasear e a fazer thema de seus floreados e variações, modernizando-a sem obedecer á rima certa do romance e quando menos ao seu toante ou assoante obrigado, cujas severas leis não permittem que se mude senão em espaços regulares, e nunca mais de duas ou tres vezes em todo o decurso do mais extenso d'elles.

Ponho aqui uma amostra d'estas que não são variantes, mas variações modernas.

Venha cá, senhora mãe,
Para a janella do meio,
Vêr o conde d'Allemanha
Enfeitado de vermelho.
Venha cá, senhora mãe,
A' janella do quintal,
Vêr o conde d'Allemanha
Como vae a degollar.

Venha cá, ó minha mãe,
Venha á janella do canto,
Venha vêr o senhor conde
Como lhe parece o branco.
Venha vêr, ó minha mãe,
A' janellinha do poço,
Venha vêr o senhor conde
Com uma corda ao pescoço.

8 Algumas cópias, especialmente as da Beiralta e Ribatejo, trazem no fim uma especie de conclusão ou rabo-leva; o que G. de Rezende chamaria *cabo* ou *fym* (vej. *Canc.* de Rez.: remate que todavia se encontra quasi pelas mesmas palavras em muitas outras xácaras e romances.

N'uma campa raza e triste
Já o deixam enterrado;
Pozeram-lhe á cabeceira
Um letreiro bem lavrado,
Para quem passar que diga:
—Aqui jaz o malfadado,
Que morreu de mal d'amores,
Que é mal desesperado.—

1 *Romancero* de D. Aug. Duran, tom. IV, pag. 1. Ochoa, *Tesoro*, pag. 9.

VI

DOM ALEIXO

Tem este romance um viço, um frescor de originalidade que recende. Todo elle respira a graça desaffeitada da poesia primitiva. E todavia é fino, elegante, cheira a um salão de castello da meia edade, aos perfumes do *boudoir* de uma nobre donzella do tempo da *Madre-silva* ou da *Ala-dos-Namorados*. Se o cantaria o condestabre á sua dama? Ou o Magriço áquellas misses de olhos azues que foi defender a Inglaterra? Ou se o traria de Normandia o conde de Abranches?

Sabemos que estas coisas eram já mais moda do que as inrevezadas trovas trovadas d'el-rei Dom Diniz e de seus donzeis e discipulos, pois temos nos chronistas a auctoridade de Nun'Alvares Pereira, que era o grande modelo de seu tempo, e preferia os romances d'el-rei Arthur e de sua Tavola, a todas as pieguices alambicadas da eschola provençal.

Não quero dizer que seja *Dom Aleixo* tam antigo como *Amadis* em sua linguagem e composição. Digo que a historia e o modo de a contar sabem a esses primitivos tempos. Vasco de Lobeira póde ser mais velho um seculo ou dous; mas o menestrel que disse este cantar, não o fez mais moderno, talvez menos. Na mesma montanha e na mesma estação do anno varía a temperatura, o clima e a vegetação por tal modo, que o viajante póde imaginar-se estar no mesmo dia, na primavera e no inverno, no estio e no outomno, segundo sóbe para a cumiada ou desce para a falda da serra. Ainda no mesmo ponto e no mesmo jardim florece em janeiro a planta que está no abrigo, exposta ao sol, livre da geada; emquanto sua egual e sua irman gela sem flor nem folha ao desabrido sôpro do nordeste. Será mais dobrada e mais brilhante a flor d'aquella; mas quando est'outra rebentar aos bafejos da primavera natural, o seu viço e perfume hãode ser mais vivos e de mais força.

Assim é com a poesia: na mesma geração o poeta lido e lettrado produzirá odes e sonetos que pareçam dous seculos mais modernos do que as incultas coplas do seu contemporaneo. N'aquelles a moda, a imitação dos modelos estimados do tempo, lhe estampará com todas as lettras o anno de sua composição: a originalidade d'estes não traz data, nem a tem, porque a natureza não varia com os seculos.

Não vêmos nós tambem a gente dos campos em muitas provincias da Europa trajar ainda hoje ás modas de ha seis ou sete centos annos, e de mais? As populações do Oriente, os povos pastores com especialidade, não vestem ainda hoje como nos mais remotos tempos de que saibamos?

Faço e escrevo estas considerações, porque ellas são precisas para avaliar conjecturalmente o que não tem livros nem monumentos nem documento outro algum por onde se estude ou se affira.

Dom Aleixo é dos nossos romances populares o que me chegou mais corrupto, interpolado, e de que menos lições provinciaes pude obter; só uns fragmentos da Beir'Alta e outros de Lisboa. Se não fôra a copia do cavalheiro de Oliveira - de que me não valho senão em extremos, porque lhe dou menos fé que ás tradições oraes do povo —tinha-me sido impossivel restituil-o. Ainda assim algumas raras palavras foram por mim conjecturalmente substituidas. Taes são na copia que diz:

> Ou se és alma que anda em penas,
> *Te farei encommendar.*

A tradição oral de Lisboa diz:

> Eu por ti menos daria,

o que não faz sentido algum; e devia de ser:

> Eu te encommendaria,

sendo alli a rima em *ia*, não em *ar* como na nossa.

O argumento do romance é gracioso e lindo, pôstoque remate bem tragicamente. De tres irmans que viviam juntas, a mais pequena era tam amiga de saltar e folgar, que uma noite se vestiu de pagem, e passeiando, rua abaixo rua acima ao pé de sua casa, fingia querer cortejar alguma das tres irmans que alli moravam, e que tam parecidas eram,

tam de *egualhar*, que ella dizia, em desprendido stylo leonino—e esse sim que é o mesmo em todos os tempos:

Das tres irmãs que aqui moram
A qual hei de eu namorar?

Dom Aleixo, seu apaixonado d'ella, sentado no poial ao pé da porta, e disfarçado em ermitão, viu com despeito as fanfarronices d'aquelle atrevido pagem que não reconheceu, e lhe quiz metter medo com uma supposta espera que lhe estavam fazendo. Mas a dama pagem tinha animos de cavalleiro, affrontou o perigo em vez de fugir. E quando Dom Aleixo reconhece a sua amada e lhe vae a deitar os braços, ella o fere mortalmente com um punhal. E' singela a historia. mas verosimil e interessante, como são todas estas que os nossos menestreis cantavam.

Não apparece vestigio algum d'este romance nas collecções castelhanas.

DOM ALEIXO

Nós eramos tres irmans,[1]
Todas tres de um egualhar;
Uma ensinava á outra
A cozer e a bordar.
A mais pequena de todas
Se foi, por noite, a tolgar[2]
Com duas tochas accesas
Á porta do laranjal.[3]
Vestiu vestido de pagem
Que lhe ficava a matar,
Seu punhal de oiro na cinta,
Seu borzeguim de alamar.
Foi-se pela rua abaixo,
Tornou acima a voltar:
—Das tres irmans que aqui moram,
A qual heide eu namorar?—
Nós de dentro do balcão,
A rirmos de seu brincar.[4]
As tochas tinha apagado,
Vinha sahindo o luar,
Passando junto da porta,
Que os olhos foi a baixar,
Viu estar um ermitão
Assentado no poial.
– Que fazeis aqui, meu padre,
Que fazeis n'este logar? -
O ermitão, sem responder,
Começou-se a levantar .
Tam alto em demazia,
Alto, alto de pasmar[5]
—Se tu és a coisa má,
Eu te quero esconjurar,
Ou se és alma que anda em penas,
Te farei encommendar.»[6]
«Eu não sou a coisa má
Que tenhas de esconjurar;
Tambem não sou alma em penas
Para tu me encommendar:
Sou a alma de Dom Aleixo,
Que aviso te venho dar:[7]
Sete te estão esperando
Na esquina, áquelle portal,
E juram por Deus sagrado
Que a vida te hãode tirar.

—Pois eu por esse lhe juro,[8]
E pela Virgem Maria,
Que outros sete que elles foram,
Eu atraz não tornaria.
Oh lá, oh lá, cavalleiros,
Não levem de covardia,
Puchem por suas espadas,
Que eu pucharei pela minha.
O que não trouxer espada,
Eu esta lhe emprestaria,
Que eu cá com meu punhal de oiro
Defenderei minha vida »

Palavras não eram ditas,
O ermitão se descobria;
Foi a tomál-a nos braços
Com sobeja demazia..
Ella com seu punhal de oiro,
Que na cintura trazia,
Tal golpe lhe deu nos peitos,
Que alli por morto cahia.
--Quem te mattou, Dom Aleixo.
Quem te matou, minha vida?
«Mataste-me tu, senhora,
Que outro ninguem não podia.»
Ergue-te, Dona Maria,
Bem calçada e mal vestida,
Agora, por mais que chores
Tua alma fica perdida.[9]

1 É visivel o erro e corrupção das lições qne, faltando á rima obrigada, lêm n'esta·

Nós eramos tres irmans,
Todas tres de um parecer;
Uma ensinava á outra
A bordar e a cozer.—*Beiralta*.

2 Andava pelo pomar.—*Lisboa*.
3 Ao redor do laranjal —*Beiralta*
4 Folgar.—*Beiralta*.
5 Que era coisa de pasmar.—*Lisboa*.
6 Farei encommendar a tua alma, rezar por ti, dizer missas, etc.
7 Que te venho avisar —*Lisboa*
8 Pois pelo mesmo te juro.—*Beiralta*.
9 Esta ultima copla, que em todas as lições apparece, pertencerá com effeito ao romance? ou será fragmento de outro que se lhe cozeu pela ignorancia do vulgo? As minhas conjecturas inclinam-se á segunda d'estas opiniões; mas conservei a copla no texto por não encontrar uma só lição em que ella nãn venha. Certo é porém que as lições aqui são todas fragmentos

VII

SYLVANINHA

A rudeza da linguagem, a descompostura do stylo, e a nudez, pôstoque innocente, de algumas expressões e imagens caracterizam o romance popular da *Sylvaninha* por uma das mais antigas composições que a tradição dos povos tem conservado, de tempo immemorial na nossa peninsula. Não dei com elle em nenhum romanceiro ou cancioneiro castelhano; mas não ha provincia de Portugal onde, mais ou menos completo, se não cante.

A cópia de que me servi quando pela primeira vez o publiquei em 1828, como fundamento e illustração da *Adozinda*, [1] tinha sido obtida em Lisboa pelo paciente zêlo de uma menina da minha amizade, que ia escrevendo no papel o que ora lhe cantava ora lhe rezava uma criada velha da provincia do Minho, ha muito anno aqui residente. Vae agora melhor restituido o texto com o auxilio de outras cópias que me mandaram da Beira do Ribatejo.

O assumpto d'este romance é feio e desnatural; mas são os que mais interessam o vulgo em toda a parte, e que preferiram sempre os poetas nas primitivas edades das nações. O coração aspero e cru, os sentimentos duros dos povos semibarbaros precisam d'esses violentos estimulos para vibrar — diz Sir Walter Scott [2] — o espirito ainda não está purificado bastante para fugir, como em tempos mais civilizados, de tam asquerosos meios de excitar interesse.

A vaidade de poeta moço fez-me escolher esta xácara para provar n'ella a mão quando me ensaiava a *traduzir* para a lingua e poesia de hoje, alguns dos antigos vestigios dos nossos obscuros Enios da meia edade, porque me irritavam essas mesmas difficuldades e me lisongeava de as vencer. Da *Sylvana* nasceu pois a *Adozinda*, e em tam boa hora que d'ahi data o gôsto da poesia popular entre nós: por onde não fui tam infeliz apezar dos escrupulos com que fiquei, assim da perigosa trama que escolhêra, como da timida urdidura com que a cubri.

[1] Vela prefacio e notas do 1.º vol. do *Romanceiro*, segunda edição (da *Adozinda*), Lisboa 1843

[2] *Minstrelsy of the scottish borders.*

Hoje seria affectação ridicula omittir aqui aquelle texto em toda a sua crua nudez. Boa é a maxima dos romanos: *Facinora ostendi dum puniantur, flagitia autem abscondi debent.* Mas não será da publicação pela imprensa de uma xácara velha, que anda na memoria dos povos, que ha de vir a pollução do espirito, e menos ainda o derrancar do coração, que é a verdadeira doença-mãe de todas as doenças moraes.

Quanto se póde julgar de uma coisa tam desbotada do tempo e das mãos por que tem passado, inclino-me a crêr que esta singela rhapsodia popular é anterior ou, se contemporanea, extranha á polida e estudada litteratura provençal do seculo XIII.

Que ja no tempo de D. Francisco Manuel de Mello ella era havida por coisa muito antiga, e de nenhum modo castelhana, temos bom documento no seu *Fidalgo aprendiz*, jornada segunda: [1]

Brites

Entoay, por meu prazer.
Qualquer coisa.

Gil

Sem guitarra?

Brites

Eylla; tomay.

Gil

«Passeava-se Sylvana
Por um corredor um dia...

Brites

Ay senhor! eu não queria
Senão lettra castelhana.

Gil

Cantarey algaravia,
Se mandays: pois que quereis?

Brites

Uma lettra nova quero...

O pensamento, o fundo das idéas, o primeiro desenho e, quando muito, o tom do colorido geral, é o que se deve examinar e considerar n'estes esbocêtos antigos, tantas vezes pintados e repintados por pinceis de cada vez mais grosseiros e ignorantes, e sobre tudo empenhados sempre em moder-

[1] Ed. de Leão de França, 1665, pag. 247.

nizar, pôr á moda e *fazer bonito* o que lhes parecia tosco e grosseiro, só porque era simples e original.

O stylo, as palavras, a fórma toda exterior de um d'estes romances parecerá muitas vezes, á primeira vista, de um seculo, e d'esse é com verdade, por que n'elle foi refeito já na sexta ou septima tradução oral; quando originalmente elle foi composto outros tantos seculos antes.

Não ponho senão as variantes mais notaveis; tem muitas outras, e infinitas quasi, este romance, por ser dos mais populares e espalhados em todas as provincias. N'um curioso exemplar da Beiralta, em vez de começar como aqui começa e geralmente se diz, o principio é est'outro, accrescentado decerto por mão ignorante e sem tacto:

O Conde de Villa-Flor,
Com ser o Conde maior,
Com ter já tres filhos homens,
Lindos como o mesmo sol,
A sua filha Sylvana
De amores accommettia:
—Bem podéras tu, Sylvana,
Commigo falar um dia.

No resto differe pouco da lição geral. A *Adozinda* feita sobre a *Sylvana* e em geral a poesia popular portugueza deram motivo a um interessante artigo que se publicou no num. XX do *Foreign Quarterley Review* de Londres, outubro de 1832. Copia-se aqui a parte respectiva, não só pelas curiosas observações do escriptor inglez, mas pelos tractos da tradução ingleza mais curiosos ainda.

We have already intimated that the long slighted *xacara* has at length found a cultivated admirer; and this admirer is the Senhor Almeida Garrett, whose attention seems to have been recalled to what formed the delight of his infancy, by the universal modern rage for old national legends and songs. He has collected the fragments of many mutilated *xacaras*, and in the introduction to *Adozinda* speaks of publishing them, with versions so far modernizing them as to render the language and stories intelligible. We are great lovers of such lore; and the Portugueze nature is so essentialy poetical, that we are satisfied Lusitanian lispings in numbers must be amongst the sweetest of early remains.

Adozinda is not exactly a specimen of what this work would be; in it the *xacara* fragments having grown into a poetical romance in four short cantos, and being altered, as well as dilated and completed. They could not else have appeared in these days of refinement; for the tale is founded on a passion revolting to human nature, and requires the utmost delicacy of management to render it endurable Our author has done much to soften its offensiveness; indeed, as much as in most parts of the continent will, we conceive, be thought sufficient. English readers are,[1] however, more fastidious; and there are parts of this poem which we could neither translate nor even insinuate confortably. We must therefore tell the story briefly in our own way; first giving the description of Don Sisnando's return home from the moorish wars, and concluding with extracts from the catastrophe. As usual we imitate the metre of the original, to which belongs the intermixture of unrhymed lines.

Lo! what crowds seek Landim palace
Were it towers above the river!
Sounds of war and sounds of mirth
Through its lofty walls are ringing!
Shakes the drawbridge, groans the earth
Under troops in armour bright;
Steeds, caparisoned for fight,
Onward tramp: — o'erhead high flinging
Banners, where the red cross glows,
Standard-bearers hurry near, —
Don Sisnando's self is here!
From his breastplane flashes light;
Plumes that seem of mountain snow
O'er his dazzling helmet wave;
'Tis Sisnando, great and brave!

«Open, open, castle portals!
Pages, damsels, swiftly move!
Lo! from Paynim lands returning
Gomes my husband, lord, and love!
Thus the fond Auzenda cries
Tow'rds the portal as she flies.
Gates are opened, shouts ring round;
An the ancient castle's echo
Wakens to the festive sound;
Welcome! welcome, Don Sisnando!»
* * * *
Weeps her joy Auzenda meek,
Streams of rapture sweetly flow;
Down the never-changing cheek
Of the warrior stout and stern,
Steals a tear-drop all unheeded —
Stronger far is joy than woe!

Recovering from his conjugal transports, Don Sisnando asks for his daughter:

At his side his daughter fair
Trembling stands with downcast air.
Like some modest star she seems,
In the hot and vivid beams
Of the sun, uprising bright,
Seen as beautiful as ever
But pale, dim, bereft of light.

Three long years had Don Sisnando
Fought against the Moorish crew;
And unknown in this fair dame
Now his daughter met his view —
«See her here!» the mother cries,
Round her waist and arm entwining;
«See her here, my Lord!» — What flame
Blazes in the father's eyes
Fixed upon his lovely daughter;
Wonder with delight combining,
Long he stands in rapture mute.
Adozinda sighs and blushes,
Whispers «Father!» tremblingly,
Bends in languid guise her knee,
And, on the paternal hand
Breathes with icy lips a kiss.
Whilst of tears a torrent gushes,
Tears she may no more command.

Our hint as to the revolting character of the story may, perhaps, have prepared the reader to perceive that the father has fallen in love with his own dau-

1 Esta vaidade da pruderie ingleza pavoneia-se aqui muito fóra de proposito. Nas collecções de Percy e de W. Scott ha coisas tam pouco confortaveis como esta, ou menos talvez Myrrha e Cannace, não a leem elles em Ovidio, sem fazer estes tregeitos de hypocritões que são, os nossos alliados?

ghter. Adozinda had been forewarned of the horrors awaiting her by a hermit, to whom she as a child, had persuaded her ungentle father to grant hospitality, and she has ever since habitually passed her nights in solitary prayer in a haunted grotto Here her father surprises her, and she only escapes the impetuosity of his loathsome passion by promizing to admit him to her chamber the following night. Her still beautiful mother takes her place; and the father, enraged at discovering the holy fraud, shuts up Adozinda, without clothes or drink, for seven years and a day, in a roofless tower, where a Moorish king had so imprisoned a faithless wife. He then retires to his chamber where none may intrude: —

And the father is alone.
He alone? With him remain
They that ne'er desert their own:—
Sin, remorse and gnawing pain
* * * *
Dawns at length th' appointed day;
Adozinda's years of doom,
Years and day, at eve expire.
Scorched i' th' sun's meridian ray
Seems the solid earth on fire.
From you prison's sullen womb
Hark! what accents force their way?
Accents seven long years unheard.
'Tis a voice that asks compassion; —
Hearken to each piteous word —
«Give, Oh give a draught of water!
One sole draught for mercy's sake;
Here unsheltered I am burning
And my very heart will break.»

That was Adozinda fair,
All her accents recognize;
To her prison throngs repair,
On the loop-hole fix their eyes,
And «she lives! she lives!» they shout,
«Lives the innocent oppressed!»
Then amidst the wond'ring rout
Stories of her patience spread;
All the virtues are confessed,
Of the Angel mourned as dead. —
Hark! again those sounds are heard!
Hark! again each piteous word
Seems the prison walls to shake.
«Give, Oh give a draught of water!
One sole draught for mercy's sake;
Here unsheltered I am burning
And my very heart will break »

Every breast was moved to grief,
But her father who might brave?
Weeping they this answer gave —
«Angel, yet a while endure,
Swift deliverance is sure,
He, thy Sire, must bring relief.
Now the seven long years are gone,
And the day is well nigh done;
Yet an hour' gainst death contend,
Then thy sufferings must end.»

Adozinda answers that she cannot hold out another hour. She tells how she has been supported against thirst, heat and cold, through the seven years by a continued miracle, but that the hand of God has been withdrawn from her for the last three days, and she can endure no more. She concludes by agan repeating her stanza of supplication The tidings reach Don Sisnando: —

And within his stony breast
Cruelty has died away,
Dawns of pily a faint ray;
From his parched, sepulchral eyes,
Terror, that on all impressed,
By the hand that will chastise
Touched, burst tears of human anguish
* * * * *
To the tow'r he rushes, shouting
«Water. quick, bring water here!
Hasten, hasten all to aid
Th' innocent ill fated maid,
Murdered by her father's hands!»
Shouting thus he hurries near;
And beneath the prison stánds,
Where sad Adozinda moans,
«Daughter! yet 'tis time — Oh live!
Daughter, daughter, Oh! forgive
This vile murd'rer!» — Passion's force
Choaks his accents, choaks his groans;
Voice, strenght, breath, have sudden failed him—
On the earth he lies a corse.

These events raise Auzenda from what was thought her deathbed She totters to the foot of the tower, and orders her daughter to be released But no exertions can burst the prison doors, till the Hermit who had forewarned Adozinda arrives. At his word the tower opens. — Adozinda is dead — and dead he leaves her But Don Sisnando he recals to life, that the sinner may, by long and painful penitence, atone his crime. The guilty father departs with the hermit, and is seen no more; but even to the present day,

Still at midnight's solemn hour
Underneath that ruin'd tow'r,
Through th' adjoining chapel, sound
Voices mingling words and groans —
«Pardon! pardon! echoes round. —
Those are Don Sisnando's tones.

SYLVANINHA

PASSEIAVA-SE a Sylvana
Pelo corredor acima; [1]
Viola de oiro levava,
Oh! que tam bem a tangia!
Melhor romance fazia.
A cada passo que dava,
Seu padre a commettia:
—Atreves-te tu, Sylvana,
Uma noite a seres minha?
«Fôra uma, fôra duas,
Fôra, meu pae, cada dia;
Ma' las penas do inferno
Quem por mim las penaria?
—Penal-as hei eu, Sylvana,
Que las peno cada dia

Foi-se d'alli a Sylvana,
Mui agastada que ia;
Foi-se encontrar com sua madre
Lá no adro da ermida: [2]
—«Que tens tu, minha Sylvana,
Que tens tu, ó filha minha?

1 Por seu corredor acima.—*Minho.*

2 Entre a sala e a cosinha.—*Minho, Extremadura.*

«Oh! quem tal pae não tivera,
Quem não fôra sua filha!
Que me accommette de amores,
O' minha mãe, cada dia.
—«Vae, filha, vae para casa,
Veste uma alva camisa,
Que o cabeção seja de oiro, [3]
As mangas de prata fina:
Deitar-te-has no meu leito,
Eu no teu me deitaria...
E hade valer-nos a Virgem,
A Virgem Santa-Maria.

Lá junto da meia-noite
Seu padre que a accommettia...
—Se eu soubera, Sylvana,
Que estavas tam corrompida,
Oh! las penas do inferno
Por ti las não penaria ..
—«Esta não é a Sylvana,
E' a mãe que a paria;
Tambem pariu Dom Alardos,
Senhor de cavalleria,
Tambem pariu a Dom Pedro,
Principe da infanteria, [4]
Tambem pariu a Sylvana
Que seu pae accommettia. [5]
—Oh! mal haja que haja a filha
Que seu padre descobria!
—«Oh! mal haja que haja o padre
Que sua filha commettia!»
Manda a metter n'uma torre
Que nem sol nem lua via:
Dão-lhe a comida por onça
E a agua por medida;
Ao cabo de sete annos
Veis a torre que se abria...

Assomou-se a Sylvana
A uma ventana mui alta,
Foi-se encontrar com su madre
Lavrando n'uma almofada: [6]
«Estejaes, embora, madre,
O' madre já da minha alma:
Peço-vos por Deus do céu
Que me deis um jarro d'agua;
Que se me aparta a vida,
Que se me arranca a alma.
—«Déra-t'a eu, filha minha,
Se a tivera salgada,
Que ha sete para oito annos
Que por ti sou mal casada.
Se teu padre tem jurado
Pela cruz de sua espada,
Quem primeiro te désse agua
Tinha a cabeca cortada »
Assomou-se a Sylvana
A outra ventana mais alta,
Foi-se encontrar c'os irmãos
Que estavam jogando as cannas:
«Estejaes, embora, irmãos,
Meus irmãos já da minha alma:
Peço-vos por Deus do céu
Que me deis um jarro d'agua,
Que se me aparta a vida,
Que se me arranca a alma!
—«Déra-t'a eu, irmã minha,
Se a tivera empeçonhada: [7]
Que nosso pae tem jurado
Pela cruz da sua espada [8]
Quem primeiro te désse agua
Tinha a cabeça cortada.»
Assomou-se a Sylvana
A outra ventana mais alta,
Foi-se encontrar com seu padre
A jogar a embocada:
«Estejaes embora, padre,
Padre meu jé da minha alma:
Peço-vos por Deus do céu
Que me deis um jarro d'agua,
Que se me aparta a vida,
Que se me arranca a alma...
E de hoje por deante
Serei vossa namorada.
—Alevantem-se, meus pagens, [9]
Criados da minha casa,
Uns venham com jarros de oiro,
Outros com jarros de prata;
O primeiro que chegar
Tem a commenda ganhada
O segundo que chegar
Tem a cabeça cortada.»
Os criados que chegavam,
Sylvaninha que finava
Nos braços da Virgem Santa,
Dos anjos amortalhada! [10]
—Vae-te embora, Sylvaninha.
Sylvaninha da minha alma:
Tua alma vae para o céu.
A minha fica culpada.

3 As camisas bordadas de oiro e prata eram uma das absurdas elegancias do luxo da Edade-média em que nada se da a aos commodos e tudo á ostentação.

4 *Principe* na significação do chefe á commum na linguagem dos seculos XI, XII e XIII.

5 Que de ti foi commetida.—*Beirabaixa*

6 Cosendo n'uma almofada—*Extremadura*.

7 Se a tivera salgada.—*Lisboa*.

8 Pelos cunhos da espada.—*Alemtejo*.

9 Alevantem-se, meus moços —*Minho*.

10 Dos anjos acompanhada —*Ribatejo*.

VIII

BERNAL-FRANCEZ

Desde que em 1828 publiquei em Londres pela primeira vez a interessante rhapsodia de poesia popular que leva este titulo, ella tem feito a volta da Europa, sendo traduzida em diversas linguas, já no proprio fragmento, já na reconstrucção ou imitação d'elle que ao mesmo tempo dei á luz.

Ultimamente recebi de Inglaterra, do meu amigo o cavalheiro João Adamson, [1] uma nova tradução ingleza, differente e mais acabada do que ess'outra que dei no primeiro volume do ROMANCEIRO; [2] de Hespanha chegou tambem ha pouco uma bella e elegante versão em castelhano.

Juntarei aqui uma e outra para satisfação do publico portuguez, e em demonstração tambem d'um grande e importante theorema que ainda me parece não ser tam geralmente demonstrado quanto precisa sêl o entre nós; vem a ser: Que quanto mais nacional, mais estrême e puramente nacional é uma obra, mais agrada aos proprios estrangeiros, mais segura está de se generalizar e ser conhecida no mundo litterario. O que não tem côr nacional, o que póde ser para todos, é o de que todos fazem menos caso.

Mas não só como obra litteraria. ou como coisa de imaginação e objecto de curiosidade são interessantes estas reliquias. Eu creio n'ellas como coisa historica. E tenho mais fé n'esses documentos que nos conserva o povo com toda a sua ignorancia, do que n'ess'outros que deixou escriptos a sapiencia dos lettrados. O povo altera, traduz, corrompe, mas não inventa.

Vou pôr aqui, restituido e apurado por longo trabalho de meditação e comparação de muitos exemplares, o texto original do *Bernal Francez*, segundo o conservou essa tradição.

E' este um dos mais bellos e seguramente mais antigos romances da nossa peninsula. Não apparece, como já n'outra parte disse, [3] em nenhum dos romanceiros castelhanos nem na vasta collecção de Ochoa; e denota todo elle mais antiguidade que os mais antigos que n'aquelles codices se acham. Os neologismos da dicção devem se ás causas já referidas tantas vezes, que todas estão no variavel e pouco seguro cofre da memoria popular em que têm andado guardadas estas reliquias, sem mais authentica do que essa mesma recordação immemorial, bastante em direito para outras posses; porque o não será para esta?

Além de não andar nas collecções da nação vizinha e irman, nenhum vestigio de idiotismo seu, nenhum resaibo castelhano se nota n'esta composição toda portugueza. As agudezas e artificio dos trovadores da côrte de Dom Diniz e de Affonso III tambem aqui são extranhas; é mais antiga e menos polida a civilização que a produziu.

Quando sobre esta simples tela bordei o pequeno poema que se publicou em 1828 com a *Adozinda*, o original de que me servi era muito mais imperfeito e cheio de lacunas, e unicamente fôra copiado da lição vulgar da Extremadura. A que dou agora, além de revista pelos manuscriptos do Cavalheiro de Oliveira, foi aperfeiçoada ainda pela collação com as diversas copias das provincias do Norte, especialmente da Beirabaixa, que são, em meu entender, as mais seguras, segundo já observei tambem. [1]

Chamei-lhe então xácara: duvido agora se a classificação foi bem feita; duvido até da mesma theoria da classificação que tenho procurado estabelecer ás apalpadellas. Acham-se, é verdade, estas variadas designações: *romance* ou *rimance, xácara, solão*, que parecem indicar especiaes; e ainda as que parecem ser mais genericas, de *trova*, *cantiga*, *cantar*, *canção:* mas o que ellas sempre designem ou quizeram designar não é facil determinal-o com segurança. Mais modernas cuido que são as denominações de *loa*, *barca*, *tenção*, *chacota*; e tambem estas não estão bem apuradas em suas distincções caracteristicas. Umas eram talvez determinadas pela fórma exterior metrica, outras pelo stylo ou tom, outras pelo objecto e assumpto, outras finalmente pelo uso, pela solem-

[1] Na *Lusitania Illustrada*, Part. II, Newcastle upon tine 1846, se publicou esta nova tradução.
[2] *Romanceiro geral*, I. Lisboa, 1843.
[3] Tom. I do *Romanceiro*, pag. 91.

[1] Veja o vol. cit. I do *Romanceiro*.

nidade a que eram consagradas, pela occasião para que eram compostas.

Já disse que o romance me parecia ser em sua origem um canto epico, isto é, todo narrativo, pouco ornado, pouco lyrico. Os romances pastoris, os satiricos, os facetos, os eroticos, os mesmos mouriscos do seculo XVII, são já aberrações visiveis, ou, pelo menos, novas especies produzidas pela cultura artificial da planta primitiva.

A *xácara* é toda dramatica; o poeta fala pouco ou nada, não narra elle, senão os seus interlocutores que apenas indica, e nem sempre claramente.

Mas estas duas especies, se o são, juntaram-se muitas vezes e produziram, ora o *romance-xácara*, em que predomina a narrativa epica sem exclusão do drama; ora a *xácara-romance*, em que o dialogo é auxiliado de breves, brevissimas indicações, quasi rubricas ou direções de scena, que faz o poeta a raros intervallos. O povo, em muitas das coisas que recita d'este genero, diz as falas em verso e cantando, e as indicações narrativas em prosa, sem restricção a texto positivo, e mais ou menos diffusamente, segundo o talento ou a verbosidade do recitador.

O *romance* e a *xácara* têm em geral a mesma lei metrica, do consoante ou assoante fixo e do numero octosyllabo [1] dos versos. O chamado romance hendecasyllabo dos fins do seculo XVII é degeneração completa; e assim foi que precedeu logo a morte d'elle.

O *soláo* será sempre cantar triste, como indica Bernardim Ribeiro? Narrativo é elle tambem pelo que tam claro nos diz Sá de Miranda. Mas uma coisa não exclue a outra. Eu inclino-me a crêr que o *soláo* é um canto epico ornado, em que as effusões lyricas acompanham a narrativa de tristes successos, mais para gemer e chorar sobre elles, do que para os contar ponto por ponto.

Cantiga deve de ser a expressão lyrica e improvisada de um sentimento.

Cantar é talvez o genero de todas estas especies.

A *trova* mais artificial, mais elaborada, *achou-a* o poeta com estudo, cingindo-se a regras mais severas de metro ou de stylo: trovar *(trouver, trovare)* é *achar;* e para achar, procura-se, trabalha-se.

Canção tambem é termo genero, mas inculca mais artificio do que a *cantiga* e o *cantar:* entre nós designa mais strictamente a ode romantica da Meia-edade com certas fórmulas de metro e divisões regulares de strophes.

Loa virá do latim *laus?* Póde ser; é um canto de louvor, mas por certo modo e regra. A loa *deita-se* ainda hoje nos cirios das provincias do Sul, recita-se nos presepes do Natal das provincias do Norte do reino. E' um cantar de anjos, de genios, de espiritos; mas dramatico, dialogado: é um côro hieratico que se entôa, que se *deita* do céo para a terra, que entes superiores cantam para ouvirem homens e deuses. Os Thespis do nosso theatro começaram talvez por aqui, antes que Gil Vicente e João da Encina subissem ao seu tablado de novos Eschylos. Na descripção das festas do casamento do principe D. Affonso, *Chronica de D. João II*, acho que algum tanto nol-o indicam as expressões de Garcia de Rezende; e mais claramente ainda o romance de Ayres Telles de Menezes — que n'esta collecção achará o seu logar respectivo. Ahi diz, descrevendo aquellas mesmas festas:

> Depois ledos tangedores,
> Aa vinda da princeza,
> Fizeram fortes rumores,
> Espanto da natureza;
> *Barcas* e *loas* fizeram,
> E outras *representações*
> Que a todos gran' prazer deram,
> Conforme suas tenções.

A *barca* (alguma coisa de barcarola veneziana?) era, creio eu, cantiga alternada tambem, e outra vez a vozes e côro, que o mar mandava á terra para tomar parte em seus regosijos. Navegantes, tritões, sereias, os habitantes reaes e os imaginarios do outro elemento, vinham a este, cantar e deitar suas loas, que apropriadamente tomavam n'este caso o nome de barcas. Tambem se acham vestigios de barcas *ao divino*, compostas sobre assumptos religiosos. Ao deante juntarei, em seu devido logar, um documento positivo e muito curioso exemplar d'esta galante variedade, tam natural de nascer em um povo navegante e marinheiro como o nosso foi sempre.

Tenção é a *tençon* dos provençaes, distico breve, em metaphora ou dito engenhoso, já acompanhando e explicando o symbolo heraldico de uma *empreza*, no escudo, na bandeira—já expressando, em mais pacifico ensejo, os sentimentos intimos e recatados do poeta que quer que o adivinhem sem elle se explicar de todo. A *tenção* é originariamente cortezan, e só tarde e degenerada se relaxou ao braço popular.

Da *chacota*, do que ella era pelo menos no seculo XV e XVI, nos dá muitos exemplos e claro conhecimento o theatro de Gil Vicente, precioso thesoiro de coisas populares, o mais

[1] Apparecem, por excepção, alguns romances que os nossos chamam *em endexas*, compostos, segundo uns, em versos alexandrinos de doze syllabas, segundo outros, em versos de seis syllabas, tomando o hemistychio por unidade.

rico e variado que temos e, em minha opinião, mais ainda que os proprios Cancioneiros, cujos collectores, homens só de côrte, desprezaram tudo o que não era alambicado pelas modas e polida affectação dos trovadores cortezãos; emquanto Gil Vicente, homem do povo no meio do palacio, divertia seus amos com os dizeres, os gracejos, os modos originaes, as superstições antigas, as tradições immemoriaes, os cantares rusticos mas cheios d'alma, tintos na côr fechada e forte que só o povo sabe dar e que não desbota.

A *chacota* era uma cantiga de rir e brincar, mas que mordia nos vicios, e nos ridiculos dos homens e dos tempos; uma especie de *sirvente* menos aspera e severa, nunca séria e grave como ella, e mais popular: cantava-se a vozes; muita vez era o remate, o côro final dos entremezes e das farças.

A mesma palavra *sirvente* ou *servente*, e a designação de versos *sirventesios*, não foi extranha aos nossos antigos, que houveram a palavra, e talvez confundiram a idéa dos provençaes. Sabe-se que a *sirvente* do trovador era amarga, satirica; por vezes foi o grito de guerra, o hymno revolucionario dos Alceus da Meia-edade contra a tyrannia real e sacerdotal: a *sirvente* nossa creio que era toda ascetica e religiosa, senão é que mystica.

Mas repito com sinceridade, que sim tenho consciencia de navegar para a verdadeira latitude, não tenho certeza da longitude: as observações são imperfeitas, e quasi todos estes calculos fundados em hypotheses vagas. Os nossos philologos, que elucidaram tanta coisa insignificante, desprezaram sempre a litteratura popular como indigna de seus classicos estudos. Faria e Sousa, e alguns poucos mais, que tinham o instincto da sua importancia, sacrificaram aos prejuizos do tempo: e, ou por credulidade ou por poúco escrupulo, fizeram-lhe fracos serviços, porque os fizeram sem verdadeira fé e lisura.

BERNAL-FRANCEZ

Quem bate á minha porta,
Quem bate, oh! quem 'stá ahi?
—Sou Bernal-Francez, senhora;
Vossa porta, amor, abri.
«Ai! se é Bernal-Francez,
A porta lhe vou abrir;
Mas se é outro cavalleiro,
Bem se pôde d'ahi ir.'

Ao saltar de minha cama
Eu rompi o meu frandil,[1]
Ao descer da minha escada
Me cahiu o meu chapim,[2]
Ao abrir a minha porta
Me apagaram o meu candil... [3]
Pegára-lhe pela mão
E o levei ao meu jardim,
Fiz-lhe uma cama de rosas;
Travesseiro de jasmins,
Lavei-o em agua de flores
E o deitei a par de mim...

«Meia noite já é dada
Sem te voltares para mim;
Que tens tu, amor querido,
Que nunca te vi assim?
Se téme'-los meus criados,
Não virão agora ahi;
Se téme-los meus irmãos,
Elles não moram aqui;
Se de meu marido temes,
Longes terras foi d'aqui,
Por má traça o matem moiros,[4]
E a nova me venha a mim!. .

—Não temo de teus irmãos
Que bem sei que são por mim,[5]
Não temo dos teus criados
Que mais me querem que a ti;
A teu marido não temo,
E d'elle nunca temi...
Teme tu, falsa traidora,
Pois o tens a par de ti!
«Ai! se tu es meu marido,
Quero-te mais do que a mim...
Oh que sonho, tam máo sonho,
Que eu tive agora aqui!
Ergamo nos ja, marido,
Deixa-me vestir d'ahi
—Calla-te, falsa traidora,
Que não me enganas assim.
Deixa tu vir a manhan,
Que eu é que te heide vestir:
Dar-te-hei saia de grana[6]
E gibão de cramezim,
Gargantilha de cutello,
Pois tu o quizeste assim.
—«Deixa-me ir porqui abaixo[7]
Co'a minha capa a cahir,
Vou-me ver a minha dama
Se ainda se lembra de mim.
«—Tua amada, meu senhor,
E' morta, que eu bem a vi:
Os signaes que ella levava;
Eu t'os digo agora aqui:

1 *Frandil*, ainda hoje usado em Traz-os-montes, significa *fralda* no sentido metonymico antigo, por camiza ou gibão branco de fralda.
2 Sapato, chinela.
3 Candeia, vela.
4 Má traça! moiros o mattem.
Novas me venham a mim—*Ribatejo*.
Más cutiladas o mattem—*Beiralta*.

5 Pois cunhados são de mim—*Alemtejo*.
6 Dar-te-hei saia de guarane—*Extremadura, Beiralta* e varias.
Se não é corrupção de *gran* ou grão estôfo, roupa tinta de gran, vermelha, só se for derivação do francez antigo *guare* (de duas côres) o *garanvaz* das nossas antigas leis sumptuarias Em quasi todas as copias vem *guarane* e não *grana:* d'onde me inclino a crer que talvez a verdadeira lição original seja *guarane* Eu adoptei grana por ficar mais óbvio o sentido.
7 Deixa-me ir porqui abaixo
Com minha capa cahida,
Quero ver a minha amada
Se é morta ou se inda é viva—*Minho, Ribatejo*.

Levava saia de grana [8]
E gibão de cramezim,
Gargantilha de cutello,
Tudo por amor de ti.
Os sinos que lhe correram
Por minhas mãos os corri;
As andas em que a levaram
Eu de negro lh'as cobri;
Caixão em que a amortalharam
Era de oiro e marfim;
Os frades que a accompanhavam
Não tinham conto nem fim;
Sahiram-lhe sette condes,[9]
Cavalleiros mais de mil;
As donzellas a chorar,
Os pagens iam a rir
Levaram-na a interrar
A' egreja de San'Gil.»

—«Palavras não eram ditas,
Por morto no chão cahi;
Passaram-se horas e horas
Quando me tornei a mim.
Fui-me áquella sepultura
Queria morrer alli:

—«Abre-te, ó campa sagrada
Esconde-me a par de ti!»
Do fundo da cova triste
Ouvi uma voz sahir [10]:
«Vive, vive, cavalleiro,
Vive tu que eu já morri:
Os olhos com que te olhava
De terra já os cobri,
Bôcca com que te beijava
Jà não tem sabor em si,
O cabello que entrançavas [11]
Jaz cahido a par de mim,
Dos braços que te abraçavam
As cannas vêl-as aqui!
Vive, vive, cavalleiro,
Vive tu, que eu já vivi:
A mulher com quem casares
Chamem-lhe *Anna* como a mim,
Quando chamares por ella
Hasdete lembrar de mim,
Conta-lhe os nossos amores,
Que apprenda na minha fim. [12]
Filhas que d'ella tiveres
Ensina-as melhor que a mim,
Que se não percam por homens,
Como eu me perdi por ti.»

TRADUÇÃO INGLEZA

Mais para fazer acceito ao commum dos leitores um estudo e um gôsto que infalivelmente hade regenerar a nossa poesia e com ella a nossa lingua e litteratura toda, revertendo-a á simplicidade bella de sua origem natural, de que tam affastadas andam pela imitação pesada e contra-feita dos estrangeiros, mais para esse do que para nenhum outro fim litterario, *traduzi* em linguagem e modos menos rudos o *Bernal-Francez* pela fórma que appareceu na primeira edição em Londres e depois com pouca differença, na de Lisboa.[1]

D'essa que talvez possa chamar-se com propriedade a «tradução litteraria do romance primitivo», ou mais exactamente ainda a «tradução de sala» é que se fez a primeira versão ingleza publicada na segunda edição do *Bernal-Francez* em Lisboa.[2]

Era essa tradução do meu amigo o sr. John Adamson que, não contente assim com ella, me enviou outra mais apurada e perfeita, da qual não devo privar os leitores: eil-a aqui:

BERNAL-FRANCEZ

Te the sea went Don Ramiro,
Galley fair the warrior bere,
From the poop his conquering pennon
Waved defiance to the Moor.

Sad th' adieus at his departing,
Pangs of anguish tack'd his breast;
Many a year an anxious lover—
Scarce twelve moons a husband blest

You may not find a Spanish maiden
As Violante fair to view—
Peerless she among earth's daughters,
Had the heart been leal and true!

Loud beats the sea against the basement
Of the castle's towering steep,
One only eye in that lone turret
Keeps the watch that knows not sleep.

All is deep repose and slumber—
All is silence—close the ward
Of jealous gate and stout portcullis
While away the warrior Lord!

Still, at witching hour of midnight,
Gleams on high a tiny spark;
And ever silent underneath it
Floats a swift and vent'rous bark—

And as night to night succeeded,
Smooth or rough might be the soa—
Still above the light would tremble
Still beneath the bark would be,

Knew'st thou this, good Roderigo?
Had'st forgot the sacred word?
With many a solemn pledge and promise
Plighted to thine absent Lord?

Aye! or nay! no man may answer—
Yet the vent'rous caraval
Still rocked beneath that guarded tower,
Silent still the warder's call!

One nigh at length full dark and drear, it
Parted from the wonted shore—
Whot it bore no man can tell us—
But it came again no more.

As returned the hour of trysting
Scft the ligh began to gleam—
But no swift advent'rous pinnace
Answer'd to the luring beam!

8 Veja nota e varian e 6.
9 Foram ao seu sahimento ou enterro
10 Uma triste voz ouvi—*Extremadura*.
11 As tranças com que folgavas—*Açôres*.
12 O povo, á maneira dos nossos antigos escriptores, ainda hoje faz *fim* ora masculino, ora feminino, mas não indifferentemente nem a toa. *Fim* como alvo, objecto, etc. é sempre masculino; como termo, acabamento da vida, ou de outro estado qualquer, sempre feminino, para elles.

1 ROMANCEIRO, tom. 1 Lisboa, 1843.
2 ibid.

Where the rock rebuts the billow
Ope'd a secret postern gate
Know alone to Don Ramiro,
Warder tried and loving male

But, at deadly hour of midnight,
Thro' that portal one hath gone;
Whe ere while stands gently knocking
At the Lady's Bower-alone!

—«Who without so rudely knocking
Slumber from mine eyes would move?
—«Bernal am I of France, fair Lady!
Open to your Knight and love!»

From her bed of gold descending,
Robe of flowing silk she tore—
And the gust her lamp extinguish'd
Gently tho' she ope'd the door.

By the trembling hand she led him
To her bower, this Leman bold:
—«How trembles all my bosom's treasure!
And this hand how chill and cold!

Then, with sighs and burning kisses,
In her palpitating breast
By the faithless Violante
Were those chilly hands caress'd.

—«Hast thou come from far» «Aye marry»
—«Rought the sea?»—«As rocks above.
—«Com'st thou arm'd?» Not waiting answer
Straight to loose each claspe she strove.

In essence pure of Arab roses
Quick the welcome form she bath'd,
And on her dainty couch she laid him,
All in folds of fragance swathed.

—«Fast the weary night is wasting,
Whisper none dost thou impart?
What ails my Love? let Violante
Share the woes of that lov'd heart?

Is't thou fears't my noble brothers?
Here their foot shall never fall.
Or doth Ramiro's kinsman daunt thee?
Feeble he to match Bernal.—

«Unconscious all my sottish vassals
Soundly sleep in cell and tower—
Safe our love, eye of mortal
Ne'er shall pierce this hidden bower?

«Fear'st Ramiro?—well thou know'st him
Gone o'er fields of fame to roam;
Long, O lusty Moor, detain him!
No regret shall haste him home.»

—«Fear I not thy sleeping vassals—
Since mine own these vassals be,
Fear I not or frere or kinsman—
Frere and kinsman both to me!

«Fear I never Don Ramiro
Injur'd Lord—behold him here!
Here beside thee—faithless Leman!
Thine the heart may quail with fear!

Fair the rosy sun new ris'n
Tips with gold each rock and tower—
Fairer still—to meet the Headsman
Violante leaves her bower.

Coarse and harsh the Sackcloth mantle
That those gentle limbs have on;
Rough and rude the rope hat binds her—
Rope in place of jewel'd zone.

Weep the pages—weep the maidens—
Pity bids forget the crime—
Down the beard of injured Husband
Rain the tears like melting rhime.

Deep and dull the death-bell tolling
Signal gives the axe to raise;
—«Welcome death, the death I merit:»
(Thus that erring Lady prays)—

«Low before thee, Don Ramiro,
In the dust a boon I crave—
Pardon for the soke of pity,
Pardon—not that life shall save—

«But for the deadly wrong I've done thee!
Wrong that made thy bosom bleed,
Assoil me as I cower before thee
In this my hour of bitter need.—

«Faithless—I alone am guilty—
Never let thy vengeance fall
On him my baneful charms deluded,
Spare the wretched Knight Bernal!»

Quick the husband's love was kindling,
Pardon trembled on his tongue—
But at name of hated Bernal
Ruth and pity far he flung—

Flush'd his face with vengeful anger,
As from her he fain would save,
He tore his glance—and arm uplifting
Mad the fatal signal gave—

On that neck so clear and crystal,
Beauteous yet, though deadly white—
With a vigour fierce and fatal
Did the Henchman's axe alight.

Oh what dense and long procession
From the ancient gate departs!
Gathering crowds in silence see it—
Gathering crowds with aching hearts.

Torches and pale waxen tapers
Thro'the darkness and the gloom
Cast a dim and mournful glimmer—
Glimmer guiding to the Tomb.

Closed, within their hooded mantles,
Friars a requiem chaunt around;
Throb all hearts with aweful terror
At the bell's appalling sound.

Twice the moon her course hath wander'd—
In that loophole all is dark—
Yet o'er the channel, swiftly passing,
Plies the swif advent'rous bark.—

Pretty bark so light and buoyant—
Bark each billowy sea could brave—
The beam, that erst was wont to guid thee,
Ne'er again shall tinge the wave!

Lo, thy gentle Violante,
Queen of eve y witching charm,
For thee a dismal death hath snffered,
Fall'n beneath the Headsman's arm.

From tower of St Gil resounding
Hear'st thou not the knelling boom
See'st thou not the torches glimmer
Slow they bear her to the Tomb.

And now the funeral rites are over
Fix'd the cold sepulchral stone
In those aisles, so lately crowded,
A cavalier is seen alone!

All of black is mournful raiment—
Blacker still his bosom's wound—
As by the new made grave despairing,
Flat he cast him on the ground.

—«Open, holy Tomb, thy portals-
Ope a broken heart to hide—
Ope and fix in death that union,
Life to hapless love denied!

«Open, holy Tomb, thy portals!—
Hiding charms so passing bright—
My dark crime, with her ill-fortune,
Bury in eternal night.

«Open, holy Tomb, thy portals!—
Take a gift that I disown—
Let me yield for Violante
Life that lived on her alone!»

Fell his tears—fell fast and freely—
Groans of anguish heav'd his breast—
Firm he grasp'd his trusty faulchion.
So to give his sorrows rest.

But on the hilt his hand was frozen!
From the dark sepulchral mould
Arose a voice, still sweet and tender,
But so fearful and so cold..

Cold as the clay from which it sounded,
Terror throug each nerve it spoke;
The pulse of life was all suspended,
Cramp'd as tho' by palsy stroke!

—«Live, Sir Knight, O live belov'di
Live tho' I no longer live—
Mine, alone' who have deserve'd it.
Be the death our crime should give.

«Alas, beneat this frozen marble
Where cold horror laps my corse,
All that seems to hint existence
Is my love and my remorse!

«Arms with wich I once embrac'd thee,
Fix'd and rigid lie compos'd—
Eyes, wich fondly gaz'd upon thee,
Clods of callous earth have clos'd:

«The mouth forsworn with wich I kiss'd thee,
Boast no more its honied dew—
The treach'rous hearth with which I lov'd thee!
Oh! would that that were senseless too!

Live, Sir Knight—O live belov'd!
Live and may'ts thou blessed be!
And oh, thy life as husband—father
Cuide by warning thought of me

«The happy maiden whom thou chou chooseth
Give her Violant's name—
Be she in love a Violante—
In love—but nought besides the same.

«The treasur'd children she may bear thee,
Purer than mine their culiure be,
That ne'er, they lose themselves in passion,
As I have lost myself for thee.» [1]

TRADUÇÃO CASTELHANA

A tradução castelhana do Sr. Isidoro Gil, ultimamente addido á legação de Hespanha em Lisboa, pessoa de muita intelligencia e gôsto, foi publicada no jornal de Madrid, *El Laberinto.* [2]

BERNAL-FRANCEZ

Al mar se fué Don Ramiro,
Rica galera llevaba;
Su pendon, terror del moro,
En la alta popa ondeaba.

Tierna fué la despedida!
Vá en sus recuerdos sumido;
Com tantos años de amores
Ni uno cuenta de marido.

Que no hay dama en toda España
Tan bella cual Violante;
Ni igual la hubiera en el mundo
Si ella fuese mas constante.

Bate el mar la barbacana
Del alto muro almenado,
Solo en su torre el vijía
No cede al sueño pesado.

Todo calla y duerme en torno,
Todo es silencio é pavor;
Redobla el celo en las puertas
Con la ausencia del señor.

Mas, allá entrada la noche,
Luz se vé en una tronera,
Y en la sombra deslizarse
Leve barca aventurera

Y vuelve á verse otras noches,
Ya esté en calma ó recio el mar,
La misma luz á igual hora,
La misma barca pasar.

¿Ignora esto el buen Rodrigo,
Que a su señor prometió
Cumplir fiel el juramento
Que entre sus manos prestó?

Ignóralo, ó no lo ignora;
Mas la barquilla ligera
Que al pié de la torre immóvil
Yacia allá en la ribera.

En noche triste y oscura
Del mar desapareció;
Que fué de ella no se sabe,
Mas si se fué, no volvió.

1 D'este e dos outros romances que formam o primeiro vol do meu ROMANCEIRO, impresso em Lisboa, 1843, fez o Sr Adamson o segundo vol. da sua LUSITANIA ILLUSTRADA, que me dedicou e foi publicada em Newcastle, 1846 Tambem deu depois outra edição das versões inglezas sem o texto portuguez com o titulo BALADS FROM THE PORTUGUEZE, TRANSLATED AND VERSIFIED BY J. A. and R. C. C.

2 Tomo II, n.º 3, março de 1844

Y la luz del torreon
Vióse á igual hora brillar .
Mas la barca aventurera
No llegó a verse pasar.

De la roca el pie escarpado,
Recela oculto postigo,
Solo le sabe Violante,
Su esposo, y el fiel Rodrigo.

Y un negro bulto en la noche
El postigo transpasava,
Y á la puerta de Violante
Blando llamar se escuchaba:

—«Quien asi llama a mi estancia?
Quien llama? Oh! quién es? decid.»
—«Soy Bernal-Francés, señora,
Al amor la puerta abrid.»

Al bajar del lecho de oro
La fina holanda rasgó,
Al abrir quedo la puerta,
La luz el viento apagó.

Con trémula mano asiendole
A' su aposento lo guia:
—«Cuál tiemblas, amor querido,
Cuál siento tu mano fria!»

Y con ósculos ardientes,
En el seno palpitante
Sus yertas manos calienta
La enamorada Violante.

—«De lejos vienes?—«De lejos.
—«Bravo estava el mar!»—«Tremendo.
—«Y estas armas!»—No responde.
Ella las va desciñendo.

En pura esencia de rosas
Al tierno amante bañó,
Y en su lecho regalado
A par de si le acostó.

—Media noche es ya pasada
Sin que hácia mi te tornáres,
Que tienes, querido amante,
Que me encubres tus pesares!

«Si temes de mis hermanos,
No han de venir hasta aqui;
Si de mi cuñado temes,
El no es hombre para ti.

«Mis criados é vasallos
A hora tal han de dormir,
Ni de nuestro amor sospechan,
Ni lo pueden descubrir.

«Si de mi marido temes,
A' luengas terras marchó,
Allá lo detengan moros,
Ningun recuerdo dejó.»

—«Yo ne temo a tus criados,
Juráronme sumision;
Cuñado ni hermanos temo,
Mi hermano y cuñados son.

«De tu marido no temo,
Ni tengo porqué temer ..
Junto á ti en el lecho se halla
Tu la que tiemble has de ser.»

Y alto el sol en el Oriente
La torre á medias doraba;
Violante mas que él hermosa,
A la muerte caminaba.

Alba tela, áspera y dura
Cubre el cuerpo delicado,
Recio esparto ciñe el talle,
En grosero lazo atado.

Lloran pajes y doncellas
Que el crime piedad merece;
El mismo ofendido esposo
Con tal vista se enternece.

Ya el tenir de la campana
La sena al verdugo envia...
—«Señor, merezco la muerte »
La sin ventura decia:

«De rodillas, don Ramiro,
Humilde perdon os pido;
No pido la vida, no,
Que la muerta he merecido.

«La affrenta que deslumbrada,
Por mi desdicha os hiciera,
Pido, señor que olvideis
En mi hora postrimera.

«Mas solo yo soy culpable
Del agravio que vos fiz,
No tomeis, señor, venganza
De ese mísero infeliz!»

Talvez iba a perdonarla
Compadecido el esposo;
En nuevas iras le enciende
Aquel recuerdo enojoso.

Rojo el semblante de cólera
Para no verla apartó,
Y su izquierda mano alzada
La fatal sena trazó.

Sobre el desmayado cuello
De transparente cristal,
Con golpe tremendo y súbito
Cayó el terrible puñal.

¡Oh! que procession que sale
Por las puertas de la torre!
Que de gente acude á verla,
Qué triste que el pueblo corre!

Teas de pàlida cera,
En medio la noche oscura.
Despiden luz vaga y triste,
Luz que va á la sepultura.

Cubiertos con sus capuces,
Rezan monges en redor;
El dobrar de las campanas
Hiela el alma de terror.

Dos noches son ya pasadas,
Ya no hay luz en la tronera,
Mas pasando y repasando
Va la barca aventurera

Linda barca tan ligera
Que en ningun mar zozobró,
El fanal que te guiaba
No luce, ya se apagó.

¡Ay! tu querida Violante,
Tu gloria, tu encanto bello,
Por ti sofrió horrible muerte...
¡Un sayon segó su cuello!

¿De la iglesia de San Gil
La campana oyes doblar?
Ves las hachas á los lejos?
Alli la van a enterrar —

Ya se concluió el entierre,
Ya cayó la rosa fria;
En la iglesia solitaria
Un caballero se via.

Vestido de negro luto,
Y mas negro corazon
Sobre la tumba de hinojos
Asi esclama en su afliccion:

—«Abrete, tumba sagrada,
Abrete a este desdichado.
Ahi nos unirá la muerte,
Si en vida nos fué vedado.

«Abrete, tumba sagrada
Que escondes tal hermosura.
Esconde tambien mi crimen
Al par de su desventura.

«Vivir no quiero esta vida
Que solo amaba por ella,
Vida que sufrir no puedo
Sin mi Violante bella.»

Y alli el llanto de correr,
Los sollozos de estállar,
Y ciego empuñar la espada
Para alli se traspasar.

Heló la mano en el puño
Voz que de tierra salia;
Voz aun suave y dulce,
Mas tan medrosa y tan fria.
Del sepulcro tan abogada
Que su eco estremecia,
Dejando la sangre helada:

—«Vive, vive, caballero,
Vive, que yo ya viví;
El castigo de mi crimen
Yo sola le merecí.

«En el fondo, ay! de esta tumba
Oscura mansion de horror,
Solo de viver conservo
Remordimentos y... amor!

«Brazos con que te abrazaba
No tienen vigor ya en si;
Cúbre tierra húmeda y dura
Los ojos con que te vi.

«Boca con que te besaba
Perdió su perfume aqui;
Corazon con que te amaba...
Ese siempre; ay! vive en mi!

«Vive, vive, caballero,
Vive, vive y sé dichoso:
Y aprende en mi triste historia
A ser padre y ser esposo.

«Si con doncella casáres,
llámale tambien Violante:
Nunca su amor será el mio...
Mas—que sea mas constante.

«Hijas que en ella tuvierdes
Crialas mejor que á mi,
Que no se pierdan por hombres,
Cual yo me perdi porti.» [1]

[1] E' interessante e digno de lêr-se o artigo que serviu de prefacio a esta publicação em Madrid, escripto pelo sr. Cueto, secretario que aqui foi e depois encarregado de negocios da sua côrte junto á nossa.

IX

REGINALDO

Será este *Reginaldo*, ou *Eginaldo*, o galante Eginard francez que os nossos traduziram assim, bem como de Bernard fizeram Bernal e Bernaldo, de Gerard Giraldo? E é este o celebrado secretario do imperador Carlos-Magno, de cujos muito romanticos, porém mui pouco platonicos, amores com a filha de seu augusto amo, estão cheias as historias da Meia-edade? Thema constante de trovadores e poetas até quasi aos nossos dias em que a suave e melancholica musa de Millevoye ultimamente o remoçou no seu mais admirado poema.

Se d este é que aqui se trata –e eu creio que sim—vêmos que o romance popular conta o caso mui differente do que os poetas e escriptores do norte o referem. E' bem sabido que, segundo esses, a namorada princeza, quando o feliz Eginaldo sahia da sua camara, um dia de madrugada de inverno e com a neve alta e recemgeada pelos atrios e jardins do palacio, o tomára ella aos hombros para que não ficassem impressas na neve as delatoras pégadas do amante. O que descubrindo por acaso o imperador, que se levantára antes do sol, por tal modo se enternecera com aquella prova de generosa dedicação, que logo lhes perdoára a ambos, casando o ditoso secretario com a namorada princeza.

Talvez o que primeiro contou a historia ao nosso povo e lh'a rimou para seus cantares, ommittiu a scena da neve por menos familiar e commum n'estes climas do sul; ou talvez a ignorasse, ou porventura não era ainda tam popular por lá como depois veiu a ser. Fosse como fosse, este Reginaldo parece ser o Eginard de Carlos Magno, esta infanta a princeza sua filha, este rei o imperador seu pae. A trôco da bella scena da neve que nos falta, temos a visita da mãe de Reginaldo á prisão, e o lindissimo soláo que lhe elle canta. O que tudo parece composto nos mais ternos e desgarrados modos de Bernardim Ribeiro, ou de Crisfal. E temos porfim o rei chamando a filha ao balcão para ouvir cantar o preso: scena verdadeiramente homerica e de uma graça tam simples e tocante como não ha outra que o seja mais.

Estou que nos veiu de França este romance: não se encontra nas collecções castelhanas; e entre nós é dos que andam mais desfigurados e corruptos. Eu tive de reunir varios fragmentos para o restituir. No Alemtejo chamam-lhe *Generaldo,* no Minho *Girinaldo*; *Eginaldo* diz uma cópia da Beira, e outra que me veiu do Porto trazia por titulo —*Girinaldo o atrevido.*

As variantes não são muitas, porque não pude considerar como taes as ligaturas absurdas com que partes do romance andavam cozidas a partes egualmente desconjuntadas de outros, dos quaes tive de o estremar para reunir o que felizmente achei que acertava e quadrava n'um todo completo.

São infinitas e mui disparatadas as variantes que desprezei na maior parte ao emendar conjecturalmente o romance. Tambem não valia a pena de as mencionar em nota. Fiz sómente excepção a favor de algumas que juntei por mais consideraveis.

Na citada collecção do bispo Percy [1] vem uma ballada ingleza que tem por titulo *Little Musgrave and Lady Barnard,* historía bastante differente d'esta, mas ha no principio uns dizeres tão semelhantes aos nossos, que mais me confirmam n'esta crença em que estou de que o verdadeiro romance antigo era de todos os paizes, como a todos pertencia o menestrel, o trovador, o cavalleiro andante, cuja patria era o mundo. Fosse onde fosse, era sua a terra ou o castello onde havia façanhas que fazer ou celebrar — aventuras para correr ou cantar. O romance inglez é dos que reconhecem por mais antigos os collectores d'aquella nação.

Em continuação do appendice, aqui junto egualmente, para illustração do romance IX d'este livro que leva por titulo REGINALDO, as duas lições castelhanas que d'elle apparecem

1 *Percy's Reliques*, XI sece. III, boock the first.

agora na ultima recente edição do ROMANCEIRO de Duran.

Na introducção áquelle romance disse eu que elle não apparecia nas collecções castelhanas, porque em nenhuma das anteriores a esta de 1849-51 o tinha podido encontrar.

Essa parte do texto, assim como a nota correspondente, precisam pois d'esta correcção.

REGINALDO

REGINALDO, Reginaldo,
Pagem d'elrei tam querido,
Não sei porquê, Reginaldo [1]
Te chamam o atrevido.
—Porque me atrevi, senhora,
A querer o defendido.
«Não fôras tu tam covarde
Que já dormíras commigo.
—Senhora zombais de mim
Porque sou vosso captivo.
«Eu não n'o digo zombando,
Que devéras te lo digo.
—Pois quando quereis. infanta,
Que vá pelo promettido?
«Entre las dez e las onze [2]
Que elrei não seja sentido.»

Inda não era sol pôsto,
Reginaldo adormecido:
As dez não eram bem dadas,
Reginaldo já erguido.
Calçou sapato de panno,
Que d'el-rei não fôsse ouvido,
Foi-se á camara da infanta,
Deu-lhe um ai, deu-lhe um gemido.
«Quem suspira a essa porta,
Quem será o atrevido?
—É Reginaldo, senhora,
Que vem pelo promettido.
«Levantae-vos minhas aias,
Que assim Deus vos dê marido!
E ide abrir mansinho a porta
Que el-rei não seja sentido.»
Vela o pagem toda a noite ..
Por manhan é adormecido;
Chamava o rei que chamava [3]
Que lhe desse o seu vestido:
—«Reginaldo não responde,
Alguma tem succedido!
Ou está morto o meu pagem
Ou grande traição ha sido» [4]
Responderam os vassallos [5]
Que tudo tinham sentido:
«—Morto não é Reginaldo,
De somno estará perdido.»

Vestiu-se el-rei muito á pressa,
E leva um punhal comsigo [6]
Vae correndo sala e sala,
Abrindo porta e postigo,
Chega ao camarim da infanta,
Dormiam tam socegados
Como mulher e marido.
De nada do que se passava
De nada davam sentido.
Acudiram os vassallos,
Que viram a el-rei perdido:
«—Nunca vossa magestade
Mate um homem adormecido» [7]
Tira el-rei seu punhal de oiro,
Deixa-o entre os dois mettido,
O cabo para a princeza.
Para Reginaldo o bico.
Ia-se a virar o pagem,
Sentiu cortar-se no fio:
—Acorda já, bella infanta,
Triste somno tens dormido!
Olha o punhal de teu pae
Que entre nós está mettido.
«Call'te d'ahi, Reginaldo, [8]
Não sejas tão dolorido;
Vae já deitar-te a seus pés,
Que el-rei é bom e soffrido.
Para o mal que temos feito
Não ha senão um castigo;
Mas se el-rei mandar matar-te,
Eu heide morrer comtigo.
—«D'onde vens, ó Reginaldo? [9]
—Senhor, de caçar sou vindo.
—«Que é da caça que caçaste,
Reginaldo o atrevido?
—Senhor rei, da caça venho,
Mas não a trago commigo;
Que o trazer caça real
A vassallo é defendido.
Só vos trago uma cabeça,
A minha: dae-lhe o castigo.
—«Tua sentença está dada,
Morrerás por atrevido.»
Vêdes ora o bom do rei
Dando voltas ao sentido:
—«Se mato a bella infanta,
Fica o meu reino perdido...
Para matar Reginaldo,
Criei-o de pequenino...
Metê-lo-hei n'uma tôrre [10]

1 A lição da Extremadura e muitas outras omittem estes seis versos, e completam a primeira copia com est'outros dois:

Bem podéras, Reginaldo,
Dormir um dia commigo.

A adoptada no texto é do Alemtejo.

2 Entre la uma e as duas
Quando el rei esteja dormindo.—*Alemtejo*.

3 Lá por sobre a madrugada
Pede el-rei o seu vestido.—*Alemtejo*.

4 Ou traição tem commettido.—*Extremadura*.
Ou traição me ha commettido.—*Beira ta.*

5 Accode d'alli um pagem
Que é de Reginaldo amigo:
—«Não é morto Reginaldo
Nem traição tem commettido.
—«Então está Reginaldo
Com a princeza dormindo»—*Beirabaxa*.

6 Leva um traçado comsigo.—*Extremadu*

7 Dê n'um home' adormecido—*Minho*.

8 Vae-te deitar, Reginaldo,
A seus pés muito rendido;
Que el-rei tem bom coração
E te'hade casar commigo—*Beirabaixa, Extremadura*.

9 Estas tres coplas são ommissas em todas as lições, salvo na do Alemtejo, e em uma das do Porto.

10 A lição do Alemtejo termina o romance aqui com ésta copla

—«Levanta-te, ó Reginaldo,
Reginaldo atrevido,
O castigo que te dou
É que sejas seu marido.»

Quereria o perfido menestrél pôr um epigramma na bôcca de sua real majestade?

Outra lição da mesma provincia continúa ainda depois:

Responderam os vassallos,
Que tudo tinham sentido:
—«Oh! quem teria a fortnna
Que Reginaldo tem tido!
Atéqui pagem d'el-rei,
Agora filho querido!—*Alemtejo*.

Por principio de castigo.
Dizei-me vós, meus vassallos,
Pois tudo tendes ouvido,
Que mais justiça faremos
N'este pagem atrevido?»
Respondem os condes todos,
E muito bem respondido:
«—Pagem de rei que tal faz,
Tem a cabeça perdido »

Já o mettem n'uma tôrre, [11]
Já o vão encarcerar.
Mas anno e dia é passado,
E a sentença por dar.
Veiu a mãe de Reginaldo
O seu filho a visitar:
=Filho, quando te pari
Com tanta dor e pezar,
Era um dia como este,
Teu pae estava a expirar.
Eu co'as lagrimas nos olhos,
Filho, te estava a lavar;
Cabellos d'esta cabeça
Com elles te fui limpar. [12]
E teu pae já na agonia,
Que me estava a encommendar:
Emquanto fôsses pequeno
De bom ensino te dar,
E depois que fôsses grande
A bom senhor te entregar.
Ai de mim, triste viuva,
Que te não soube criar! [13]
A el-rei te dei por amo,
Que melhor não pude achar:
Tu vaes dormir co'a Infanta,
De teu senhor natural!
Perdeste a cabeça, filho,
Que el-rei t'a manda cortar!...
Ai! meu filho, antes que morras,
Quero ouvir o teu cantar.
—Como heide eu cantar, mi madre [14]
Se me sinto já finar?
=Canta, meu filhinho, canta,
Para haver minha benção,
Que me estou lembrando agora
De teu pae n'esta prisão.
Canta-me o que elle cantava
Na noite de San'João;
Que tantas vezes m'o ouviste
Cantar c'o meu coração.

—Um dia antes do dia
Que é dia de San'João,
Me encerraram n'estas grades
Para fazer penação.
E aqui estou, pobre coitado,
Metido n'esta prisão,
Que não sei quando o sol nasce,
Quando a lua faz serão.» [15]

De suas varandas altas
El-rei estava a escutar;
Já se vae onde a Princeza,
Pela mão a foi buscar:

—«Anda ouvir, ó minha filha,
Este tão lindo cantar,
Que ou são os anjos no céu,
Ou as sereias no mar.
«Não são os anjos no céu,
Nem as sereias no mar,
Mas o triste sem ventura
A quem mandaes degollar.
—«Pois já revogo a sentença
E já o mando soltar;
Prende-o tu, Infanta, agora,
Pois comtigo hade casar.

VERSÃO CASTELHANA

GERINELDO

I

Levantóse Gerineldo
Que al rey dejara dormido:
Fuese para la Infanta
Donde estaba en el castillo.
—Abráisme, digo, señora,
Abráisme, cuerpo garrido.
—¿Quién sois vos, el caballero,
Que llamais á mi postigo?
—Gerineldo soy, señora,
Vuestro tan querido amigo.—
Tomárala por la mano
En un lecho la ha mettido,
Y besando y abrazando
Gerineldo se ha dormido.
Recordado habia el rey
De un sueño despavorido;
Tres veces lo habia llamado,
Ninguna le ha respondido.
—Gerineldo, Gerineldo,
Mi camarero polido,
Si mi andar en traicion,
Trátasmes como á enemigo.
O dormias con la Infanta,
O me has vendido el castillo.—
Tomó la espada en la mano
En gran saña va encendido:
Fuérase para la cama
Donde á Gerineldo vido.
El quisieralo matar;
Mas crióle de chiquito.
Sacara luego la espada,
Entre entrambos la ha metido,
Porque desque recordase
Viese como era sentido.
Recordado habia la Infanta,
Y la espada ha conocido.
—Recordados, Gerineldo,
Que ya érades sentido,
Que la espada de mi padre
Yo me la he bien conocido. [1]

11 Só as versões do Ribatejo trazem este episodio da tôrre.
12 Pensamento favorito dos menestreis populares, que se encontra repetido em muitos dos nossos romances e xacaras.
13 Ensinar—*Ribatejo.*
14 Mãe minha—*Ribatejo.*
15 Em uma lição ultimamente vinda da Beiralta vem o episódio da prisão com mais uma copla n'este cantar do preso. Aqui ponho a dita copla por sua singularidade, apezar de se conhecer n'ella visivel interpolação, e desharmonia de stylo e sentido. Imagino que será fragmento de outra xácara ou cantiga segundo tantos se encontram em muitas d'ellas:

Tenho aqui dois passarinhos
Que me trazem alcanfôres;
Elles vão e elles veem
Com novas dos meus amores.

Alcanfôres? e trazer alcanfôres? *quid?*

1 *Romancero general,* 1849-51, t. 1, pag. 175. Esta é a lição mais antiga, foi achada em um *pliego suelto,* folha volante impresso.

GERINELDO

II

Gerineldo, Gerineldo,
El mi page mas querido,
Quisiera hablarte esta noche
En este jardin sombrio.
— Como soy vuestro criado,
Señora, os burlais conmigo.
«No me burlo, Gerineldo,
Que de verdad te lo d go.
—¿A que hora, mi señora,
Comprir heis lo prometido?
«Entre las doce y la una,
Que el rey estará dormido.—
Tres vueltas da á su palacio
Y otras tantas al castillo;
El calzado se quitó
Y del buen rey no es sentido:
Y viendo que todos duermen
Do posa la Infanta ha ido.
La Infanta que oyera pasos
Desta manera le dijo:
«¿Quién a mi estancia se atreve?
Quién á tanto se ha atrevido?
—No vos turbeis, mi señora,
Yo soy vuestro dulce amigo,
Que acudo a vuestro mandado
Humilde y favorecido.—
Enilda le ase la mano
Sin mas celar su cariño;
Cuidando que era su esposo
En el lecho se han metido,
Y se hacen dulces halagos
Como mujer y marido.
Tantas caricias se hacen,
Y con tanto fuego vivo,
Que al cansacio se rindieron
Y al fin quedaron dormidos.
El alba salia apenas
A dar luz al campo amigo,
Quando el rey quiere vestir-se,
Mas no encuentra sus vestidos:
—«Que llamen á Gerineldo
El mi buen page querido.—
Unos dicen:—No está en casa.—
Otros dicen:—No lo he visto.—
Salta el buen rey de su lecho
Y vistióse de proviso,
Receloso de algun mal
Que puede haberle venido,
Al cuarto de Enilda entrara,
Y en su lecho halla dormidos
Á su hija y á su paje
En estrecho abrazo unidos.
Pasmado quedó y parado
El buen rey muy pensativo:
Pensándo-se qué hará
Contra los dos atrevidos.
—«¿Mataré yo a Gerineldo,
Al que cual hijo he querido?
¡Si yo mataré la Infanta
Mi reino tengo perdido!—
En tal estrecho el buen rey,
Para que fuese testigo,
Puso la espada por medio
Entre los dos atrevidos.
Hecho esto, se retira
Del jardin á un bosquecillo.
Enilda al despertar-se,
Notando que estaba el filo
De la espada entre los dos,
Dijo asustada a su amigo:
«Levántate, Gerineldo,
Levántate, dueño mio,
Que del rey la fiera espada
Entre los dos ha dormido.
—¿Adónde iré, mi señora?
¿Adónde me iré, Dios mio?
¿Quién me librará de muerte,
De muerte que he merecido?
«No te asustes, Gerineldo,
Que siempre estaré contigo:
Márchate por los jardines
Que luego al punto te sigo.—
Luego obedece á la Infanta,
Haciendo cuanto le ha dicho:
Pero el rey, que está en acecho
Se la hace encontradizo:
—«¿Dónde vas, buen Gerineldo?
¿Como estás tan sin sentido?
—Paseaba estos jardines
Para ver se han florecido,
Y vi que una fresca rosa
El calor ha deslucido.—
—«Miéntes, miéntes, Gerineldo,
Que con Enilda has dormido.—
Estando en esto el Sultan,
Un gran pliego ha recebido:
Abrelo luego, y al punto
Todo el color ha perdido
—«Que prendan á Gerineldo:
Que no salga del castillo.—
En esto la hermosa Enilda
Cuidosa llega á aquel sitio.
De lo que pasa informada,
Y conociendo el peligro,
Sin esperar á que torne
El buen rey enfurecido,
Salta las tapias lijera
En pos de su amor querido.
Huyendo se va á Tartaria
Con su amante y fiel amigo,
Que en un brioso caballo
La atendia en el egido.
Alli, ántes de casarse,
Recibe Enilda el bautismo.
Y las joias que lleva
En dos cajas de oro fino
Una vida regalada
A su amante han prometido [1]

1 *Romancero general*, 1849-51, tomo. 1, pag. 176.

X

DONA AUSENDA

A tradição visivelmente corrupta dá por titulo a este bello romance *Dona Ausencia*. Extremenhos e Alemtejanos estão concordes; mas nem assim me conformo com seu dizer, porque *Ausencia* não é nome proprio que jámais se usasse em nenhuma parte de Hespanha. *Ausenda* hade ser que por seculos se encontra em todos os documentos nossos da Meia-edade, e era dos mais geralmente usados e conhecidos.

Com ser tão graciosa esta xácara, é das que menos se vulgarisaram: duas provincias apenas a conservam em Portugal; e no resto da peninsula não consta que haja vestigios d'ella. Antiga é, e das mais antigas, porque esta *Dona Ausenda* e este Conde Dom Ramiro tem um sabor mosarabe que não engana. Mas a ponte da Alliviada de que aqui se fala é no Minho. Como é que a historia de seu ermitão se não conhece alli, e veiu ter e ficar-se nas duas provincias circatejanas? Caprichos e mysterios da migração das tradições humanas, mais difficeis de explicar que os de suas raças.

Encontram-se aqui varias reminiscencias — por me expressar na lingua musical da moda — de outros romances mais sabidos e populares. Indicará isto analogia na data?

DONA AUSENDA

A' porta de Dona Ausenda
Está uma herva fadada;[1]
Mulher que ponha a mão n'ella
Logo se sente pejada.
Foi pôr-lhe a mão Dona Ausenda
Em má hora desgraçada:
Assim que pôs a mão n'ella.
Logo se sentiu pejada.[2]
Vinha seu pae para a mesa,
Veiu ella muito apressada
Para lhe dar agua ás mãos,
Como filha bem criada.
Pôs-lhe elle os olhos direitos,
Ella fez se mui corada.
—Que é isso, Dona Ausenda?
Voto a Deus que estás pejada.
«Não diga tal, senhor pae,
E' da saia mal talhada;[3]
Que eu nunca tive amores
Nem homem me deve nada.»

Mandou chamar os dois xastres[4]
Que tinham mais nomeada:
—Vejam-me esta saia, mestres;
Adonde está ella errada?»
Olharam um para o outro:[5]
—«Esta saia não tem nada;
O êrro que ella tem
E' a menina estar pejada.
—Confessa-te, Dona Ausenda,
Que ámanhan serás queimada.»

«Ai triste da minha vida,
Ai triste de mim coitada!
Sem nunca ter tido amores,[6]
Vou a morrer deshonrada!»

Foram chamar o ermitão[7]
Da ponte da Alliviada;
Era um fradinho velho
Que o encontraram na estrada.
Mal o frade chega á porta,
Deitou-se á herva fadada,
Cortou-a pela raiz,[8]
Na manga a leva guardada.
—«Ajoalhae, Dona Ausenda,
Que a vossa hora é chegada:
Confessae vosso peccado
A Deus e á Virgem sagrada.»
«Padre, eu nunca tive amores,
Nem homem me deve nada;
Más artes são do demonio
Vêr-me eu donzella—e pejada![9]
—«Ha quanto tempo, senhora,
Vos sentis embaraçada?
«Os nove mezes faz hoje
Que alli n'aquella ramada
Na noite de San'João
Adormeci descuidada;
Sentia o cheiro das flores
E da herva rociada,
Sentia-me eu tam ditosa,
Tam feliz e regalada,

1 Cresce uma herva fadada—*Alemtejo*.
2 Sentiu-se logo prenhada—*Alemtejo*.
3 Reminiscencia do romance de *Dom Claros d'Alem-mar*, ou vice-versa. Veja adeante n'este volume.
4 Alfaiates.
5 Veja nota 3.
6 Sem nunca saber de amores—*Extremadura*.
7 Foram buscar confessor.
A ermida da Alliviada—*Extremadura*.
8 Arranca raiz e tudo—*Alemtejo*.
9 E prenhada—*Alemtejo*.

Que o despertar me deu pena
Quando veiu a madrugada.
—«Tomae agora esta herva,
Que é uma herva fadada:
Com a benção que lhe eu deito [10]
Ficará herva sagrada.
—«Ai! este cheiro meu padre,
E' o que eu senti na ramada.»
Não disse mais Dona Ausenda,
Do somno ficou tomada.
Virtude tinha aquella herva,
Outra virtude fadada:
Mulher pejada que a toque [11]
Logo fica despejada.
Alli, sem mais dor nem pena,
Em boa hora abençoada,
Pare uma linda criança
Bem nascida e bem medrada.
Metteu-a o frade na manga,
Foi-se sem dizer mais nada.
Já desperta Dona Ausenda,
Já se sente alliviada;
De tudo quanto passou
Apenas está lembrada:
Um máo sonho lhe parece
Que a deixou perturbada.
Chamou por suas donzellas,
Chamou por sua criada,
Vestiu suas galas mais ricas,
Sua saia mais bem talhada,
Foi-se encontrar com seu pae
Que estava na alpendorada [12].
Vendo armar a fogueira
Em que a queria queimada:
«Senhor pae, aqui me tendes
Já disposta e confessada;
Agora a vossa vontade
Seja em mim executada.»

O pae que a mira e remira
Tam esbelta e bem pregada,
O seu corpo tam gentil,
Sua saia tam bem talhada:
—Que feitiço era este, filha,
Com que estavas embruxada?
Como se desfez o encanto,
Que te vejo tão mudada?
«Fosse elle podêr de encanto,
Ou condão de herva fadada,
Quebrou-o aquelle fradinho
Da ponte da Alliviada.
—Metade de quanto eu tenho,
Ametade bem contada,
A esse bom ermitão
D'esta hora lhe fica dada.—
Palavras não eram ditas
O ermitão que chegava: [13]
—«Acceito a offerta, bom conde,
Se a metade é bem contada,
Se entra n'ella Dona Ausenda,
E m'a dais por desposada.»
Riram-se todos do frade;
Elle sem dizer mais nada,
Despe o hábito e o capuz,
Ergue a cabeça curvada;
Ficou um gentil mancebo,
Senhor de capa e de espada [14]
Era o conde Dom Ramiro,
Que d'alli perto morava.
Em boa hora Dona Ausenda
Pôs a mão na herva fadada!

10 Com as rezas que lhe eu rezo—*Extremadura.*
11 Mulher que ponha a mão n'ella,
Se está prenhe, é desprenhada—*Alemtejo*
12 Alpendre cuberto, á entrada da casa
13 Assomava—*Alemteio.*
14 Vestido de capa e espada—*Extremadura.*

XI

RAINHA E CATIVA

Nem os romanceiros castelhanos nem escriptor algum faz menção do bello romance da *Rainha e captiva*. Anda, como os precedentes, na tradição oral do povo, e parece não ser dos que mais alterações têm padecido, quer na fórma, quer no estylo, apezar da renovação de palavras por que deve de ter passado na insensivel mudança de lingua, para se encontrar hoje em phrase tam corrente.

E' geralmente sabido, e com poucas variantes se repete desde a Extremadura a Traz-os Montes; sêl-o ha tambem nas provincias transtaganas, mas não me veiu de lá cópia d'elle.

Pelas referencias a Galliza, a senhorio de moiros ainda perto e á «Terra de Sancta Maria», que, como todos sabem, é o districto d'Entre Douro e Vouga que hoje se chama «Terra da Feira», vê-se que a historia e epopêa, ambas são dos primeiros tempos da monarchia. E a circumstancia de «salto» por mar e «correria» por terra lhe dá uma forte côr do seculo XII.

Os poetas populares não compunham em geral as suas rhapsodias senão sobre factos recentes. O que passou da historia escripta para os versos é já feito pelos poetas lettrados de uma civilisação — superior não sei, porém mais adeantada.

O conto conta-se bem no romance, excusa explicado por argumento do compilador. E' dos mais romanescos, cheio de situações interessantes, de lances e de aventuras. Esta volta de cativos e renegados christãos para as suas terras, fugidos com as joias de seus senhores infieis, é uma feição muito sabida, e commum nas lendas populares.

N'esta ha toda a singeleza homerica, todo aquelle tom; até a repetição das mesmas palavras e dos mesmos versos quando occorrem as mesmas idéas: é a Aurora da *Iliada* que sempre abre o céo com os mesmos «dedos de rosa», os reis que são sempre «pastores de povos»; é Meneláo com a mesma «cabelleira loira», Juno com as mesmas «côxas pulchras», os mesmos «olhos de touro» sempre. A poesia primitiva é uma sempre, ás ribeiras do Pamyso ou ás do Douro.

A pintura da mãe baptizando a filha com as lagrimas de seus olhos, tem já por si só mais poesia grande e sublime do que poemas inteiros de grandes poetas.

RAINHA E CATIVA

A' guerra, á guerra, moirinhos,
Quero uma christan cativa!
Uns vão pelo mar abaixo,
Outros pela terra acima:
Tragam-m'a christan cativa,
Que é para a nossa rainha.
Uns vão pelo mar abaixo,
Outros pela terra acima:
Os que foram mar abaixo
Não encontraram cativa;
Os que foram terra acima:
Tiveram melhor atina,[1]
Deram com o conde Flores
Que vinha de romaria:
Vinha lá de Sanctiago,
Sanctiago de Galliza;
Mataram o conde Flores,
A condessa vae cativa.
Mal que o soube a rainha,
Ao caminho lhe saía:
«Venha embora a minha escrava,
Boa seja a sua vinda!
Aqui lhe entrego estas chaves
Da dispensa e da cosinha;
Que me não fio de moiras
Não me dem feitiçaria.[2]
—Acceito as chaves, senhora,
Por grande desdita minha...
Hontem condessa jurada,[3]
Hoje môça de cozinha!»
A rainha está pejada,
A escrava tambem o vinha:
Quiz a boa ou má fortuna
Que ambas parissem n'um dia.

1 Melhor fortuna, atinaram melhor. Algumas lições dizem *atima*: palavra que não sei interpretar. E opinião do meu amigo o Sr. Herculano que poderá ser *acima*, isto é, a velha palavra *cima* — complemento, conclusão, acabamento, resultado—com a explectiva *a* por causa do metro.

2 Que me não dem bruxaria—*Extremadura*.

3 Hontem condessa de Flores—*Ribatejo*.

Filho varão teve a escrava,
E uma filha a rainha;
Mas as pêrras das comadres,
Para ganharem alviçaras[4]
Deram á rainha o filho,
A' escrava deram a filha.

— Filha minha da minha alma,
Com que te baptizaria?
As lagrimas de meus olhos
Te sirvam de agua bemdita.
Chamar-te-hei Branca Rosa,
Branca-flor d'Alexandria,[5]
Que assim se chamava d'antes
Uma irman que eu tinha:
Captivaram-n'a os moiros
Dia de Paschoa florida,
Andando apanhando rosas[6]
N'um rosal que meu pae tinha.»
Estas lástimas choradas
Veis-la rainha que ouvia,
E co'as lagrimas nos olhos
Muito depressa acudia:
«Criadas, minhas criadas,
Regalem-me esta cativa;
Que se eu não fôra de cama,
Eu é que a serviria»[7]
Mal se levanta a rainha
Vae-se ter com a cativa:
«Como estás, ó minha escrava,
Como está a tua filha?
—A filha boa, senhora,
Eu como mulher parida.
«Se estiveras em tua terra,
Que nome lhe chamarias?
—Chamára-lhe Branca Rosa,
Branca-flor de Alexandria;[8]
Que assim se chamava d'antes
Uma irman que eu tinha:
Cativaram-n'a os moiros
Dia de Paschoa florida,
Andando apanhando rosas[9]
N'um rosal que meu pae tinha.
«Se vira'la tua irman,
Se tu a conhecerias?
—Assim eu a vira núa
Da cintura para cima;
Debaixo do peito esquerdo
Um signal preto ella tinha[10]
«Ai triste de mim, coitada,
Ai triste de mim mofina![11]
Mandei buscar uma escrava,
Trazem uma irman minha!»
Não são passados tres dias,
Morre a filha da rainha:
Chorava a condessa Flores
Como quem por sua a tinha;
Porém mais chorava a mãe,
Que o coração lh'o dizia.[12]
Deram á lingua as criadas,
Soube-se o que succedia:
A mãe, c'o filho nos braços,
Cuidou morrer de alegria.
Não são passadas tres horas,
Uma á outra se dizia:
=«Quem se vira em Portugal,
Terra que Deus bemdizia!»
Juntaram muita riqueza
De oiro e de pedraria;
Uma noite abençoada
Fugiram da moiraria.
Foram ter á sua terra,
Terra de Santa-Maria;
Metteram-se n'um mosteiro,
Ambas professam n'um dia.

4 Trocaram-n'as á nascida—*Beirabaixa.*
5 Rosa flor d'Alexandria—*Minho*
6 Quando andava a apanhar rosas—*Extremadura*
7 Eu é que a regalaria—*Extremadura.*
8 Rosa flor d'Alexandria—*Minho.*
9 Quando andava a apanhar rosas—*Extremadura.*
10 Um lunar preto ella tinha—*Extremadura.*
11 Triste de minha mofina—*Beiralta.*
12 Que o coração lh'o pedia—*Ribatejo.*

XII

DOM CLAROS D'ALEM-MAR

Dom Claros d'Alem-mar, que em muitas partes o povo corruptamente diz *Dom Carlos*, não sei se nasceu portuguez ou castelhano! propendo para a última origem, apezar de que, impresso nas antigas collecções dos nossos visinhos, o povo de Portugal todavia o canta bastante diverso, mas não peiorado decerto.

Do modo por que assim anda na tradição oral portugueza, faz lembrar no seu principio o romance francez do *Conde Ory*.

Creio que é das mais antigas composições d'este genero que temos em Hespanha; nas provincias portuguezas é muito vulgar e sabido, e portanto abunda em variantes.

Observa-se aqui ser indubitavel que certos versos e coplas de alguns primeiros romances, certos dizeres d'elles cahiram em graça geral, e ficaram sendo como *bordões* poeticos em todas as linguas.

D'isto apparecem continuas próvas e exemplos, não só entre provençaes, portuguezes, catalães e castelhanos, não só entre dinamarquezes, normandos, escossezes, allemães e inglezes, mas ainda de uma d'estas grandes familias para a outra.

Compare, no presente romance, os versos onde diz:

> Haverá por ahi um pagem
> Que o meu pão queira comer?. .

com est'outros do escossez *Prince Robert*, na collecção de Sir W. Scott já citada:

> «O where will I get a little boy,
> That will win hose and shoon,
> To rin sac fast to Darlington
> And bid fair Eleanor came?»
> Then up and spake a little boy,
> That wad win hose and shoon:
> «O I'll awav to Darlington,
> And bid fair Eleanor came.» [1]

[1] *Ministrelsy of the scottish Borders*, etc., tomo II, pag. 124, ed. Paris 1838.

Quero fazer uma aposta,
Ou eu não sei apostar:
Claralinda hade ser minha [1]
Antes do gallo cantar.
«Apostar, apostareis, [2]
Mas não haveis de ganhar;
Que é discreta a Claralinda,
Ninguem n'a póde enganar.»
Não quiz ali dizer nada,
Não quiz ali mais falar;
Vestiu trajos de donzella
E se poz a caminhar. [3]
Lá estava a Claralinda
De seu balcão a mirar:
—Que donzella tam bonita! [4]
Quem é, e o que vem buscar?
—«É a tecedeira, senhora, [5]
Que vem das praias do mar;
Tem a sua teia urdida,
E a falta [6] vem n'a buscar.
—Ahi tenho a falta, donzella,
Mas inda está por dobar. [7]
«—Senhora, que se faz tarde
E eu não posso esperar:
De noite pelos caminhos [8]
Donzellas não hãode andar.
—Para honra da donzella,
Aqui hoje hade poisar.
«—Tendes criados tam moços,
Tam atrevidos do olhar...»
—Para honra da donzella
No meu quarto hade ficar.

A donzella, de contente,
A' noite não quiz ceiar;
Tinha somno, tanto somno,
Que se quiz logo deitar.
Lá por essa noite adeante [9]

1 De dormir com Marianna—*Beiralta*.

2 —«Tal coisa não faças, filho,
Que a não hasde ganhar:
Marianna é mui sisuda,
E não se deixa enganar.»—*Beiralta*.
—«Não apostes, ó meu filho,
Não te mettas a apostar;
Que Marianna é discreta,
Não a pódes enganar.»—*Beirabaixa*.

3 Vestiu trajos de donzella,
Ao jardim foi passear—*Beiralta*

4 —«Quem é aquella donzella
Que além anda a passeiar?»—*Beiralta*.
—«Quem bate a minha porta,
Quem me vem importunar?»—*Minho*.

5 —«Tecedeira, sou, senhora,
De las areias do mar;
A têa tenho-a urdida
A seda venho-a buscar!»—*Tras-os-Montes*.

6 Falta de tela é o que apparece de menos na tecedura em desproporção com a urdidura.

7 «Essa falta eu a tenho
Mas não a posso dobar.»
—«Dobe-a já, minha senhora,
Trate de a mandar dobar.»—*Beiralta*

8 —«Dilate-se, ó menina,
Que ainda esta por dobar:
Donzellas pelo caminho
De noite parecem mal.»—*Beirabaixa*

9 Lá por essa noite velha
Marianna de queixar—*Minho*.

Claralinda de gritar ..
«—Calla-te, ó Claralinda,
Não te queiras diffamar,
Que eu sou de nobre gente
E comtigo hei de casar:
Fia-te n'esta palavra
De Dom Claros d'Além-mar » [10]

Passados são tantos dias,
Tam compridos de esperar:
Não voltou a tecedeira,
Mas a teia ia a dobrar
Aos sete para oito mezes
O pae á mesa a jantar: [11]
— Claralinda, Claralinda,
Que feio é o teu trajar!
—Não diga tal, senhor pae,
Ninguem lhe oiça tal falar:
Não sou eu, é da vasquinha
Que é mal feita e dá máo ár.»
Mandou chamar alfaiates [12]
Para se desenganar:
Disseram uns para os outros:
—Não tem falta a saia tal.

Não ha ali mais que dizer, [13]
Não ha mais que perguntar:
—Prepára-te, ó Claralinda,
Que ámanhan vaes a queimar.
—Não se me dá que me matem, [14]
Que me levem a queimar,
Dá-se-me d'este meu ventre
Que é de sangue real!...

Haverá por ahi um pagem [15]
Que o meu pão queira ganhar,
E que me leve esta carta
A Dom Claros d'Alem-mar?—
Apparece um pagemsito
Discreto no seu falar:
—«Aqui está um mensageiro
Que o recado quer levar.
—Se o meu pão queres comer,
A toda a pressa hasde andar,
E entregarás esta carta
A Dom Claros d'Alem-mar. [16]

—Que quereis, ó pagemsito,
Que vindes aqui buscar?
—«Trago uma carta, senhor,
Novas de muito pezar;
Novas lhe trago, más novas [17]
Da sua amiga leal:
Hoje se lhe ajunta a lenha,
A'manhan vae a queimar.
Elle pôz-se a lêr a carta,
Não a podia acabar;
As lagrimas eram tantas
Que o faziam cegar: [18]
—Oh lá, oh lá, escudeiros,
Os cavallos a ferrar;
Jornada de quatro dias
Esta noite se hade andar.

Chega a um convento de frades,
Estava o sino a dobrar:
—Por quem dobra o sino, padre,
Por quem está a tocar?
«E' a infanta Claralinda
Que se está a agonizar:
Hontem juntaram-lhe a lenha,
Hoje a levam a queimar.»
Era quasi manhan clara,
Mandou seus pagens deitar,
Vestiu-se em trajos de frade, [19]
Foi ao caminho esperar:
—Parem lá os da Justiça, [20]
Justiça de máo pezar,
Que a menina que ahi levam
Inda vae por confessar.

Deixaram-n'o ao bom do frade
Para a infanta confessar.
Mal se elle viu só com ella,
De amores lhe foi falar:

10 —«Aos sete para oito mezes
Se teu pae já reparar,
Mandarás uma cartinha
A Dom Claros d'Alem-mar.»—*Beiralta*.

11 Seu pae que a estava a mirar.
—«O que mira, senhor pae,
O que é que está a olhar?
—«Eu miro-te, minha filha,
E olho no teu dezar.»
—«Este enchume, senhor pae,
É da saia mal trajar »—*Coimbra*.
—«Que é isso, Marianna,
Que te faz assim estar?»
—«Não é nada, senhor pae.
E a vasquinha mal talhada.»—*Porto*

12 Mandou logo vir dois xastres
Cada um de sua casa:
Disseram um para o outro:
—'A vasquinha não tem nada,
E a menina está pejada.'—*Porto*.
—'Esta saia não tem nada;
Ao fim de nove mezes
Ella será abaixada'—*Coimbra*.

13 'Oh lá, oh lá, meus criados,
A lenha ao monte apanhar,
Que ámanhan por estas horas
Vae Claralinda a queimar.'—*Beirabaixa*.
'Confessa-te, ó Marianna,
Trata de te confessar,
Que hoje te ajuntam a lenha,
Amanhan te háode queimar.»—*Beiralta*.

14 «Não se me dá que me queimem,
Que me tornem a queimar.»—*Coimbra*.

15 «Não ha por ahi um pagem
Que se doia do meu mal.—*Ponte-de-Lima*.
Quem me dera aqui um pagem.
Que me fôra ao meu mandar,
Quem me levára esta carta,
A Dom Claros, de pezar.»—*Minho*.

16 «Se elle estiver a dormir,
Façam-n'o logo acordar,
Se elle estiver a comer,
Não o deixem acabar.»—*Beira baixa*.
—«Se o achares a passear,
Deixál-o-has assentar;
Se o achares a dormir,
Deixal-o-has acordar;
Se o achares a jantar,
Deixál-o-has alevantar.»—*Açôres*.
—«Se o achares a dormir,
Deixál-o-has acordar,
Se o achares acordado,
A carta lhe hasde entregar.»—*Beiralta*.

17 «Novas lhe trago, senhor,
Da sua amiga leal:
Dos sette para oito mezes
Seu pae a manda queimar.»—*Beiralta*.
—«A sua amada menina
Amanhan vae a queimar.»—*Açôres*.
—«Menina com quem dormiu
Vae ámanhan a queimar.»—*Beira-baixa*.

18 Desgraçada Marianna
Que te levam a queimar!
Malstreado do teu ventre
Que leva sangue real!—*Beiralta*.
Pouco me dá que a queimem
Que a tornem a queimar;
Dá-se-me, é do seu ventre
Que é de sangue real.—*Alemtejo*.

19 Vestiu-se em trajos de frade.
Ao caminho a foi esperar:
Em chegando ao pé d'ella
Aos criados foi fallar.»—*Beiralta*.

20 Parem lá com a liteira,
E façam-n'a já parar,
Que a menina que ahi levam
Ainda vae por confessar.»—*Beirabaixa*.
—«Oh da justiça d'el-rei,
Alto lá, façam parar.»—*Coimbra*.
A menina que ahi levaes
Ainda vae por confessar.—*Beiralta*.
«Diga-me, minha menina,
O porque vae a queimar?»
—«Porque dormi uma noite
Com Dom Claros d'Alem-mar.»—*Beiralta*

—Venha cá, minha menina, [21]
Que a quero confessar;
No primeiro mandamento
Um beijinho me hade dar.
—«Não permitta Deus do céu
Nem os santos do altar!
Onde Claros pôz a bôcca [22]
Não me hade um frade beijar.
—Venha cá, minha menina,
Que a quero confessar;
No segundo mandamento,
Um abraço me hade dar.
—«Vae-te na má hora, frade,
Que a mim não hasde chegar;
Que a mim nunca chegou homem,
Se não — inda mal pezar!
Senão só esse Dom Claros,
Dom Claros o d'Alem-mar,
Que, por meus grandes peccados,
Por elle vou a queimar!»

Dom Claros que tal ouviu,
Não póde o riso occultar.
—«Por esse riso que daes, [23]
Sois Dom Claros d'Alem-mar...
—Calla-te, ó Claralinda, [24]
Que te venho libertar;
Já está tecida a teia,
Vamol-a agora a curar.»

Tomou-a logo nos braços
Pozeram-se a caminhar:
Estava perto o convento,
Viram-n'os os pagens chegar.
Chegavam, não chegariam...
A Justiça de bradar.
—Nas ancas de meu cavallo,
Menina, haveis de montar.»
Assim foi livre a infanta
Por Dom Claros d'Alem-mar.

LIÇÃO CASTELHANA [1]

A caza va el emperador,
A san Juan de la montiña,
Con el iba el conde Claros
Por le tener compañia.
Contandole iba contando
El menester que tenia.
—No me lo digais, el conde,
Hasta depues la venida.
«Mis armas tengo empeñadas
Por mil marcos de oro y mas.
Y otros tantos debo en Francia
Sobre mi buena verdad.
—Llámedme mi camarero
De mi camara real;
Dad mil marcos de oro al conde
Para sus armas quitar;
Dad mil marcos de oro al conde
Para mantener verdad;
Dadle otros tantos al conde
Para vestir e calzar;
Dadle otros tantos al conde
Para las tablas jugar;
Dadle otros tantos al conde
Para torneios armar;
Dadle otros tantos al conde
Para con damas holgar.
«Muchas mercedes, señor,
Por esto y por mucho mas.
A la infanta Claraniña
Vós por muger me la dad.
—Tarde acordaste, el conde,
Mandada la tengo ya.
«Vós me la dareis, señor,
A cabo que no querais,
Porque preñada la tengo
De los seis meses ó mas.»
El emperador que esto oyera
Tomó de ello gran pesar,
Vuelve riendas al caballo
Y tornose á la ciudad:
Mando llamar las parteras
Para la infanta mirar.
Alli habló la partera,
Bien oireis lo que dirá:
—«Preñada está la infanta
De los seis meses ó mas.»
Mandola prender su padre
Y meter en escuridad;
El agua hasta la cintura
Porque pudriese la carne.
Caballeros de su casa
Se la iban á mirar:
—«Pésanos de vós, señora,
Quanto nos puede pesar,
Que de hoy en quince dias
El rey os manda quemar.»
«—No me pesa de mi muerte
Porque es cosa natural,
Pésame de la criatura,
Porque es hijo de buen padre;
Mas se hay aqui alguno
Que haya comido mi pan,

21 Diga-me, minha menina,
Verdade me hade fallar;
Se teve amores com clerigos,
Ou com frades, mal pezar»
—«Não tive amores com clerigos
Nem frades de mal pezar:
Tive amores com Dom Claros,
Por isso vou a queimar.»
—«Pois Dom Claros sou eu mesmo,
E comtigo heide casar.»—*Coimbra*.
Segundo esta lição de Coimbra acaba o romance aqui.

22 Que onde Claros pôz a bôcca
Não hade pôr nenhum frade.—*Beiralta*.
Que onde o meu bem pôz a bôcca—*Evora*.
Não me hade um frade beijar.—*Ponte-de-Lima*.
Venha um frade bafejar.—*Porto*.

23 Pelo sorriso que daes —*Beirabaixa*.

24 —«Sim, senhora, sou Dom Claros
Que vos vem libertar»
Tomou-a logo nos braços
Poseram-se a caminhar.
Correm d'alem os criados
E pozeram-se a gritar:
—«Senhor padre, deixe a moça,
Que a manda seu pae queimar.»
—«Pois vão dizer a seu pae
Que a venha cá buscar.»
Que eu co'este faim de prata
A alma lhe heide atravessar.»—*Beiralta*.
—«Eu Dom Claros, sou menina,
Sou Dom Claros d'Alem-mar:
Nas ancas do meu cavallo,
Menina haveis de montar.
Senhora das minhas quintas,
Rainha do meu caudal...
Agora dize a teu pae
Que te venha cá buscar.»—*Traz-os-Montes*.

N'estas duas lições da Beiralta e de Traz-os-Montes, acaba respectivamente assim o romance.

1 Esta variante tem entre os castelhanos o titulo de *Don Claros de Montalvan*.

Que me llevase una carta
A Don Claros de Montalvan?
Alli habló un page suyo,
Tal respuesta le fue a dar:
—«Escribidla vós, señora,
Que yo se la iré á llevar.»
Ya las cartas son escritas,
El page las va a llevar;
Jornada de quince dias,
En ocho la fuera a andar
Llegado habia a los palacios
A donde el buen conde está.
«Bien vengais, el pagecico,
De Francia la natural.
¿Pues que nuevas me traeis
De la infanta? como está?
—«Leed las cartas, señor,
Que en ellas os lo dirá.»
Des que los hube leeido
Tal respuesta le fue a dar:
«Uno me da que la quemen,
Otro me da que la maten.»
Ya se partia el buen conde,
Ya se parte, ya se va,
Jornada de quince dias
En ocho la fuera à andar,
Fuérase a un monasterio
Donde los frailes estan;
Quitóse paños de seda,
Vistió hábitos de frailes,
Fuérase á los palacios
De Carlos el emperante.
«Mercedes, señor, mercedes,
Queráismelas otorgar,
Que à mi señora, la infanta
Vos me dejeis confesar.»
Ya lo llevaban al fraile
A la infanta a confesar.
El cuando se vió con ella
De amores le fue a hablar.
—«Tate, tate,» dijo, «fraile,
Que á mi tu no hasde llegar;
Que nunca llegó a mi hombre
Que fuese vivo en carne,
Sino solo aquel don Claros
Don Claros de Montalvan,
Que por mis grandes pecados
Por él me quieren quemar.
No doy nada por mi muerte,
Porque es cosa natural,
Pésame de la criatura
Porque es hijo de buen padre.»
Ya se iba el confesor
Al emperador a hablar:
«Mercedes, señor, mercedes,
Quieráismelas otorgar,
Qui mi señora la infanta
Sin ningun pecado está.»
Alli habló el caballero
Que con ella queria casar:
—«Mentides, fraile, mentides,
Que nó decis la verdad.»
Desafianse los dos,
Al campo van a lidiar.
Al apretar de las cinchas
Conociólo el emperante;
Dijo que el fraile es don Claros,
Don Claros de Montalvan.
Mató el fraile al caballero,
La infanta librado ha,
En ancas de su caballo
Consigo la fue á llevar.[1]

[1] Duran *Romanceiro* Não vem no *Tesoro de Romanceros* de Ochoa

XIII

CLARALINDA

Ao revés do romance precedente, nós chamamos *Clarinda* a este, que os castelhanos têm muito mais extenso em suas collecções com o titulo de *Conde Claros.*

O tal *Dom Claros* ou *Conde Claros*, devia de ser o Don Juan d'aquelles tempos, á immensidade de aventuras e conquistas amorosas que os romanceiros lhe attribuem. E talvez é um mytho em que os trovadores moralistas resumiram todos os Lovelaces da Meia-edade.

O presente romance mui similhante, na lição portugueza, ao que leva por titulo *Rosalinda* na primeira parte d'esta collecção, [1] differe todavia essencialmente d'elle na côr local, e, para assim dizer, nas decorações da scena. O desfecho da aventura é inteiramente outro. E além d'isso, aquelle foi construido de tres fragmentos diversos: era este um d'elles.

Depois de publicado este primeiro tomo, obtive uma melhor e mais completa cópia; já lhe não cabe o nome de fragmento: é a que aqui dou com as suas variantes, e com a mais ampla lição castelhana.

[1] *Romanceiro*, tomo I. Lisboa, 1843, pag. 177.

Seriam os menestreis os que, segundo a theoria de Sir Walter Scott, que já n'outra parte mencionei, [2] contrahiram o romance escripto na xácara para contar? Ou seriam os poetas ou os collectores lettrados que da xácara popular fizeram o romance mais longo?

N'este caso especial não sei decidir; mas estou fortemente capacitado de que ora uma ora outra coisa succedia, e que é difficil dizer quando esta ou aquella se fez.

O saio de seda, a cintura de oiro e firmal, indicam a antiguidade na lição portugueza que não desce do decimo quinto seculo.

Em appendice ponho a lição castelhana. Que estudo na comparação dos dois textos! Como resalta o caracter das duas familias e das duas linguas, tam parentes e tam distinctas uma da outra! Como é reservado, como é natural o *finchado* portuguez! Como se exagera e intumece o castelhano! Mas é innegavel todavia que ha mais pompa e luxo de poesia n'este; assim como ha mais verdade e mais sentimento n'aquelle.

[2] Romance do *Conde Yano*, pag. 418 d'este volume.

Meia-noite já é dada,
Os gallos querem cantar,
O conde Claros na cama [1]
Não podia repousar.
Chamou pagens e escudeiros,
Que se quer já levantar;
Que lhe tragam de vestir,
Que lhe tragam de calçar.
Deram-lhe uma alva camiza.
Que el-rei a não tinha tal [2]
Deram-lhe saia de seda,
Cintura de oiro e firmal.
Trazem-lhe esporas douradas.
Para com ellas montar;
Cavalgou no seu cavallo,
Pôs-se logo a caminhar.

—Deus te salve, Claralinda,
Tam cedo estás a bordar?
«Salve-te Deus, conde Claros!
D'onde vaes a caminhar? [3]

—Aos moiros me vou, senhora,
Grandes guerras guerrear.
«Que bello corpo que tendes
Para com elles brigar!
—Melhor o tenho, senhora,
Para comvosco folgar...» [4]
Palavras não eram ditas
Um pagem que ia a passar;
—«As palavras que são ditas,
A el-rei vou já contar.»
—Palavras que ditas são,
A el-rei não vás levar:
Dar-te-hei de oiro e de prata
Quanto possas carregar.
—«Não quero oiro nem prata,
Se oiro e prata me heisde dar;
Quero guardar lealdade
A quem n'a devo guardar:
As palavras que são ditas,
A el rei as vou contar.»

Foi d'alli o bom do pagem [5]
Andando de bom andar

1 Conde Claros em seu leito—*Alemtejo*
2 Que elrei a não tinha egual—*Minho.*
3 Tam cedo a caminhar—*Lisboa.*

4 Para com damas folgar—*Beirabaixa.*
5 Foi d'alli o pagemzito—*Alemtejo.*

A' casa da Estudaria,
Onde el-rei estava a estudar:
—«Deus vos salve, senhor rei,
E a vossa c'roa real!
Lá deixei o conde Claros
Com a princeza a folgar.
—Se á puridade o dissesses,
Tença te havia de dar;
Mas pois tam alto fallaste,
Alto hasde ir a enforcar.»

Castigar os chocalheiros
Boa justiça real:
Mas o pobre conde Claros
Tambem vae a degollar!
—«Vinde, vinde, Claralinda...
Como estaes a descançar!
Vinde vêr o conde Claros
Que el-rei o manda matar.
«Accudi, minhas donzellas,
Vinde-me acompanhar
Que se el-rei lhe não perdôa,
Com elle quero acabar.» [6]

«Deus vos salve, senhor rei,
E a vossa c'roa real!
Que vos fez o conde Claros
Para o mandardes matar?
—«Se eu tivera outra filha
Para em meu reino reinar,
Juro-te, ó Claralinda,
Que o ias acompanhar.
Mas toma-o tu por marido,
Por genro o quero eu tomar;
E ninguem mais n'esta côrte
Se atreva a mexericar» [7]

LIÇÃO CASTELHANA

Media noche era por hilo,
Los gallos querian cantar,
Conde Claros por amores
No podia reposar:
Dando muy grandes sospiros
Que el amor le hacia dar,
Porque amor de Claraniña
No le deja sosegar.
Cuando vino la mañana
Que queria alborear,
Salto diera de la cama
Que parece un gavilan.
Voces dá por el palacio
Y empezára de llamar:
«Levantaos, mi camarero,
Dadme vestir y calzar»
Presto estaba el camarero
Para habérselo de dar.
Diérale calzas de grana,
Borceguis de cordoban.
Diérale jubon de seda
Afforrado en zarzanar.
Diérale un manto muy rico
Que no se puede apreciar,
Trescientas piedras preciosas
Al rededor del collar,
Tráele un rico caballo
Que en la corte no hay su par
Que la silla con el freno
Bien valia una ciudad,
Con trecientos cascabeles
Al rededor del petral;
Los ciento eran de oro,
Y los ciento de metal,
Y los ciento son de plata
Por'os sones concordar.
Ibase para el palacio,
Para el palacio real,
Y á la infanta Claraniña
Alli la fuera a hablar:
Trecientas damas con ella
La iban a acompañar;
Tan linda va Claraniña,
Que a todos hace penar.
Conde Claros que la vido
Luego va á descabalgar,
De rodillas en el suelo
Le comenzó de hablar:
—Mantenga Dios á tua alteza.
—«Conde Claros bien vengais»
Las palabras que prosigue
Eran para enamorar:
—«Conde Claros, conde Claros,
El señor de Montalvan:
¡Como habeis hermoso cuerpo,
Para con moros lidiar!»
Respondiera el conde Claros,
Tal respuesta le fue á dar:
—Mejor le tengo, señora,
Para con damas holgar.
Si yo os tuviera esta noche,
Mi señora, á mi mandar,
Quereria la outra mañana
Con cient moros pelear,
Y si á todos no venciese
Que me mandasen matar.
—«Calledes, conde, calledes,
Y no os querais alabar.
El que quiere servir damas
Asi lo suele hablar,
Y al entrar en las batallas
Bien se saben escusar.
—Si no lo creeis, señora,
Por las obras se verá:
Siete años son pasados
Que os empezé de amar,
Que de noche yo no duermo,
Ní de dia puedo holgar.
—«Siempre os preciastes, conde,
De las damas os burlar:
Mas déjadme ir a los baños,
A los baños a bañar;
Cuando yo sea bañada
Estoy á vuestro mandar.»
Respondiérale el buen conde,
Tal respuesta la fue á dar:
—Bien sabedes vós, señora,
Que soy cazador real;

[6] Com elle me hão de matar —*Minho*.

[7] A lição da Extremadure accrescenta aqui.
«Ganhaste, mexeriqueiro,
Com o teu mexericar!»
—«Ganhei a morte, senhora;
E a vida me podeis dar.»
«Se ella está na minha mão,
A vida não te heide dar.
Para outra não fazer's
Ja rás a degollar,
E ao rabo do meu cavallo
Te mandarei arrastar.»

Caza que tengo en la mano,
Nunca la puedo dejar.»
Tomárala por la mano,
Y para un vergel se van,
A la sombra de un cipr 's
Y debajo de un rosal

. . . .

Mas fortuna que es adversa
A placeres y a pesar,
Trujo alli un cazador,
Que no debia pasar,
Detraz de una podenca
Que rabia debió matar;
Vido estar al conde Claros
Con la infanta á lindo holgar:
El conde cuando lo vido,
Empezóle de llamar:
—Ven acá tú, el cazador,
Y Dios te guarde de mal:
De todo lo que as visto
Que nos guardes puridad;
Daréte mil marcos de oro,
Y si mas quisieres, mas;
Casarte he con una doncella
Que era mi prima carnal;
Darte he en arras y en dote
La villa de Montalvan.
De otra parte la infanta
Mucho mas te puede dar.—
El cazador sin ventura
No les quiso escuchar,
Vase para los palacios
Adonde el buen rey está:
«—Mantégate Dios, el rey,
Y á tu corona real:
Una nueva yo te traigo
Dolorosa y de pesar:
No te cumple traer corona
Ni el caballo cabalgar;
La corona de la cabeza
Bien te la puedes quitar,
Si tal deshonra como ésta
La hubieses de comportar,
Que he hallado la infanta
Con Claros de Montalvan,
Besándola y abrazándola
En vuestro huerlo real.»

. . . .

El rey con muy grande enojo
Mandó al cazador matar,
Porque habia sido osado
De tales nuevas llevar.
Mandó llevar aguaciles
A priesa, no de vagar;
Mandó armar quinientos hombres
Que lo hayan de acompañar
Para que prendan al conde,
Y lo hayan de tomar:
Y mandó cerrar las puertas,
Las puertas de la ciudad.
A las puertas de palacio
Allá le fueran á hallar:
Preso llevan al buen conde
Con mucha riguridad,
Unos grillos á los pies
Que bien pesan un quintal,
Las esposas á las manos,
Que era dolor de mirar,
Una cadena á su cuello,
Que de hierro era el collar;
Cabalganle en una mula
Por mas deshonra le dar:
Metiéronle en una torre
De muy gran escuridad:
Las llaves de la prision
El rey las quiso llevar,
Porque sin licencia suya
Nadie le pudiese hablar.
Por él rogaban los grandes
Cuantos en la corte estan
Por el rogaba Oliveros,
Por él rogaba Roldan,
Y ruegan los Doce Pares
De Francia la natural.
Y las monjas de Sant'Ana
Con las de la Trinidad
Llevaban un crucifijo
Para el rey poder rogar:
Con ellas va el arzobispo
Y un prelado y cardenal,
Mas el rey con grande enojo
A nadie quiso escuchar;
Antes de muy enojado,
Sus grandes mandó llamar:
Cuando ya los tubo juntos
Empezóles de hablar:
—«Amigos é hijos mios,
A lo que os hice llamar,
Ya sabeis que el conde-Claros,
El señor de Montalvan,
De niño yo le he criado
Hasta ponello en edad,
Y le he guardado su tierra,
Que su padre le fuera dar.
El que morir no debiera.
Reynaldos de Montalvan;
Y por hacello mas grande,
De lo mio le quiso dar.
Hicele gobernador
De mi reino natural:
El por darme galardon
Mirad en que fué a tocar,
Que quizo forzar la infanta,
Hija mia natural.
Hombre que lo tal comete
¿Qué sentencia le han de dar?»
Todos dicen á una voz
Que lo hayan de degollar;
Y así la sentencia dada,
El buen rey la fue á firmar.
L'Arzobispo qu'esto viera
Al buen rey fue á hablar,
Pidiéndole por merced
Licencia le quiera dar
Para ir á ver al conde
Y su muerte denunciar:
—«Pláceme, dijo el buen rey,
Pláceme de voluntad;
Mas con ésta condicion,
Que solo habeis de andar
Con aqueste pagecico
Que le va á acompañar.»
Cuando vido estar al conde
En su prision y pesar,
Las palabras que le dice
Dolor eran de escuchar:
«—Pésame de vós el conde,
Cuanto me puede pesar,
Que los yerros por amores
Dignos son de perdonar.
La desastrada caida
De vuestra suerte y ventura.
Y la nueva á mi venida,
Sabed que hace mi vida
Mas triste que la tristura:
De forma que no sé donde
Pueda yo placer cobrar.
Y como á vos no se esconde,
De vos me pesa, buen conde,
Porque asi os quieren matar.
Los como vós esforzados,
Para las adversidades

Han de estar aparejados,
Tanto á suffrir los cuidados,
Como las prosperidades:
Pues el primero no fuistes
Vencido por buen amar,
No temais angustias tristes,
Que los yerros que hecistes
Dignos son de perdonar.
Por vós he rogado al rey.
Nunca me quiso escuchar,
Antes ha dado sentencia
Que os hayan de degollar;
Y os lo dije bien, sobriño,
Que os dejásedes de amar,
Que el que las mugeres ama
A tal galardon le dan,
Que haya de morir por ellas
Y en los cárceles penar.»
Respondió presto el buen conde
Con esfuerzo singular:
—Calledes por Dios, mi tio,
No me querais enojar,
Quien no ama las mugeres
No se puede hombre llamar;
Mas la vida que yo tengo
Por ellas quiero gastar.»
Respondióle el pagecico,
Tal respuesta le fue a dar:
—«Conde bien aventurado
Siempre os deben de llamar,
Porque muerte tan honrada
Por vós habia de pasar:
Mas envidia é de vós, conde,
Que mancilla ni pesar:
Mas quisiera ser vós, conde,
Que el rey os manda matar,
Porque muerte tan honrada
Por mi hubiesse de pasar.
Llama yerro la fortuna
Quien no la sabe gozar,
Que la priesa del cadabalso
Vós, conde, la debeis dar;
Si no es dada la sentencia
Vós la debeis de firmar,
El conde cuando esto oyera
Tal respuesta le fue á dar:
—Por Dios te ruego, page,
En amor de caridad,
Que vais á la princesa
De mi parte á le rogar
Que suplico á su alteza
Que ella me salga á mirar,
Que en la hora de mi muerte
Yo la pueda contemplar:
Que si mis ojos la ven
Mi alma no ha de penar.»
Ya se parte el pagecico,
Ya se parte, ya se va,
Llorando de los sus ojos
Que queria reventar.
Topára con la princesa,
Bien oireis lo que dirá:
—Agora es tiempo, señora,
Que hayais de remediar,
Qua á vuestro querido el conde
Lo llevan á degollar.»
La infanta que esto oyera
En tierra muerta se cae;
Damas, dueñas y doncellas
No la pueden retornar,
Hasta que llegó su aya
La que la fue á criar:
—«¿Que es aquesto, la infanta?
Aquesto ¿qué puede estar?»
«¡Ay de mi triste mezquina,
Que no sé qué puede estar,
Que se al conde me matan
Yo abré de desesperar.
—«Saliésedes vós, mi hija
Saliésedeslo á quitar.»
Ya se parte la infanta,
Ya se parte, ya se va:
Fuese para el mercado
Donde lo han de sacar:
Vido estar el cadahalso
En que lo han d degollar;
Damas, dueñas y doncellas
Que lo salen á mirar.
Vió venir la gente d'armas
Que lo traen á matar,
Los pregoneros delante
Por su yerro publicar.
Con el poder de la gente
Ella no podia pasar.
«Apartaos, gente d'armas,
Todos me haced lugar,
Si no . por vida del rey
A todos mando matar.»
La gente que la conoce
Luego le hacen lugar,
Hasta que llegó al conde
Y le empezára de hablar:
«Esforzá, esforzá, el buen conde,
Y no querais desmayar,
Que aunque yo pierda la vida,
La vuestra se ha de salvar
El alguacil que esto oyera
Comenzó de caminar;
Váse para los palacios
Adonde el buen rey está:
«—Cabalgue la vuestra alteza
A priesa, no de vagar,
Que salida es la infanta
Para el conde nos quitar:
Los unos manda que maten,
Y los otros ahorcar;
Si vuestra alteza no acorre.
Yo no puedo remediar.»
El buen rey, de que esto oyera,
Comenzó de caminar,
Y fuese para el mercado
Adonde el conde fue á hallar:
—«¿Qué es aquesto la infanta?
Aquesto ¿qué puede estar?
¿La sentencia que yo he dado
Vós la quereis revocar?
Yo juro por mi corona,
Por mi corona real,
Que si heredero tuviesse
Que me hubiesse de heredar,
Que á vós y al conde Claros
Vivos os haria queimar.
«Que vós me mates, mi padre,
Muy bien me podeis matar;
Mas suplico á vuestra alteza
Que se quiera él acordar
De los servicios pasados
De Reynaldos de Montalvan,
Que morió en las batallas
Por tu corona ensalzar:
Por los servicios del padre
Lo debes galardonar;
Por mal querer de traidores
Vós no lo debeis matar,
Que su muerte será causa
Que me hayais de disfamar.
Mas suplico á vuestra alteza
Que se quiera consejar,
Que los reys con furor,
No beben de sentenciar;
Porque el conde es de linage
Del reino mas principal,

Porque él era de los Doce
Que á tu mesa comen pan;
Sus amigos y parientes
Todos te querian mal:
Revolveros han en guerra,
Los reynos se perderán.»
El buen rey, cuando esto oyera,
Comenzara á demandar:
—«Consejo os pido, los mios,
Que me querais consejar.»
Luego todos se apartaron
Por su consejo tomar:
El consejo que le dieron
Que lo haya de perdonar,
Por quitar males y bregas,
Y la princesa afamar.
Todos firman el perdon,
El buen rey lo fue á firmar;
Tambien lo aconsejaron,
Fueronle consejo á dar,
Pues la infanta queria al conde,
Con él haya de casar.
Ya desfierran al buen conde,
Ya le mandan desferrar
Descabalga de la mula
El arzobispo á desposar:
El tomólos de las manos,
Así los hubo de juntar.
Los enojos y pesares
Placeres se han de tornar. [1]

1 Ochoa, *Tesoro de Romanceros*, pag. 24: Duran, *Romancero general*, 1849-1851, tomo 1, pag, 218. N'esta ultima esplendida collecção, que só agora me chega de Madrid quando estou corrigindo as provas da presente obra, vem mais correcto o texto por um fragmento tirado do *Cancionero general* de 1511. Este é um dos romances que ficaram immortalisados pelas citações e allusões de Cervantes, *D. Quijote*, cap. 9, part. 2.

XIV

DOM BELTRÃO

Não é das menos interessantes para a historia da poesia popular na Peninsula, esta lição portugueza do romance de *Dom Beltrão*, que na castelhana se diz *De la Batalla de Roncesvalles*

A sua origem parece ter sido provençal ou navarra; nós de certo o houvemos pelos nossos mais proximos visinhos, os castelhanos. Em Portugal é elle arraiano, e não anda senão pelos extremos da Beira e Traz-os-Montes.

Com ser este um dos mais bellos que tem o romonceiro de Castella, eu acho-o mais bonito em portuguez, mais repassado d'aquella melancholia e sensibilidade que faz o caracter da poesia do nosso dialecto, e que principalmente o distingue dos outros todos de Hespanha.

O cavallo moribundo que se levanta diante do pae do seu senhor, para se justificar de seu procedimento na batalha, de como fez tudo para o salvar – é digno da *Illiada* e não desdiz do mais grandioso de nenhuma poesia primitiva.

Para que melhor se julgue, ponho em appendice a lição castelhana.

Variantes portuguezas não chegaram á minha mão, e este unico texto me veiu de Tras-os-Montes.

A novissima edição do *Romancero general* do sr. Duran, [1] obra de summo gôsto e trabalho, julga pertencer este romance ao ultimo terço do seculo xv.

[1] Em dois vol. grandes. Madrid, 1849–1851.

DOM BELTRÃO

Quedos, quêdos, cavalleiros,
Que el-rei os manda contar!—
Contaram e recontaram,
Só um lhe vinha a faltar:
Era esse Dom Beltrão,
Tam forte no batalhar;
Nunca o acharam de menos
Senão n'aquelle contar,
Senão ao passar do rio,
Nos portos [1] do mal passar.
Deitam sortes á ventura
A qual o havia de ir buscar:
Que ao partir fizeram todos
Preito, homenagem no altar,
O que na guerra morresse
Dentro em França se enterrar.
Sete vezes deitam sortes
A quem n'o hade ir buscar;
Todas sete lhe cahiram
Ao bom velho de seu pae.
Volta rédeas ao cavallo,
Sem mais dizer nem falar ..
Que lh'a sorte não cahira,
Nunca elle havia ficar.
Triste e só se foi andando,
Não cessava de chorar;
De dia vae pelos montes,
De noite vae pelo val;
Aos pastores perguntando
Se viram alli passar
Cavalleiro de armas brancas,
Seu cavallo tremedal [2]
—Cavalleiro de armas brancas,
Seu cavallo tremedal,
Por esta ribeira fóra
Ninguem não n'o viu passar.»
Vae andando, vae andando,
Sem nunca desanimar,
Chega áquella mortandade
D'onde fôra Roncesval:
Os braços já tem cançados
De tanto morto virar;
Viu a todos os francezes,
Dom Beltrão não pôde achar.
Volta atraz o velho triste,
Voltou por um areal,
Viu estar um perro moiro
Em um adarve a velar:
«Por Deus te rogo, bom moiro,
Me digas sem me enganar,
Cavalleiro de armas brancas
Se o viste por'qui passar.
Hontem á noite sería,
Horas de o gallo cantar.
Se entre vós está captivo,
A oiro o hei de pesar.»
—«Esse cavalleiro, amigo,
Diz'-me tu que signaes traz.»

[1] Portos ou passagens dos Pyreneus, e em geral toda a passagem entre altas cordilheiras.

[2] Cavallo tremedal, o que?

«Brancas são as suas armas,
O cavallo tremedal.
Na ponta de sua lança
Levava um branco sendal,
Que lh'o bordou sua dama
Bordado a ponto real.»
—«Esse cavalleiro, amigo,
Morto está n'esse pragal,
Com as pernas dentro d'agua,
O corpo no areal.
Sete feridas no peito
A qual será mais mortal:
Por uma lhe entra o sol,
Por outra lhe entra o luar,
Pela mais pequena d'ellas
Um gavião a voar.»
«Não tórno culpa a meu filho,
Nem aos moiros de o matar;
Torno a culpa ao seu cavallo
De o não saber retirar.»
Milagre! quem tal diria,
Quem tal podéra contar!
O cavallo meio morto
Alli se pôz a falar:
«—Não me tornes essa culpa,
Que m'a não pódes tornar:
Tres vezes o retirei,
Tres vezes para o salvar;
Tres me deu de espora e redea
Co'a sanha de pelejar,
Tres vezes me apertou cilhas,
Me alargou o peitoral...
A' terceira fui a terra
D'esta ferida mortal.»

LIÇÃO CASTELHANA

En los campos de Alventosa
Mataran á Don Beltran,
Nunca lo echaron menos
Hasta los puertos pasar.
Siete veces echan suertes
Quien lo volverá á buscar,
Todas siete le cupieron
Al buen viejo de su padre,
Las tres fueron por malicia,
Y las cuatro con maldad.
Vuèlve riendas al caballo,
Y vuèlveselo á buscar,
De noche por el camiño,
De dia por el jaral.
Por la matanza va el viejo,
Por la matanza adelante,
Los brazos lleva cansados
De los muertos rodear:
No hallaba al que buscava,
Ni menos la su señal.
Vido todos los franceses
Y no vido á Don Beltran:
Maldiciendo iba el vino,
Maldiciendo iba el pan
(El que comian los moros,
Que no el de la cristiandad):
Maldiciendo iba el árbol
Que solo en el campo nasce,
Que todas las aves del cielo
Alli se vienen á asentar;
Que de rama ni deshoja
No lo dejaban gozar:
Maldiciendo iba el caballero
Que cabalgaba sin page,
Si se le cae la lanza
No tiene quien se la alce,
Y si se le cae la espuela
No tiene quien se la calce:
Madiciendo iba la muger
Que tan solo un hijo pare,
Si enemigos se lo matan
No tiene quien lo vengar.
A la entrada de un puerto
Saliendo de un arenal,
Vido en esto estar un moro
Que velaba en un adarve;
Hablóle en algarabia,
Como aquel que bien la sabe:
—Por Dios te ruego, el moro
Me digas una verdad,
Caballero de armas blancas
Si lo viste aca pasar,
Y si tu lo tienes preso
A oro lo pesarán;
Y si tu lo tienes muerto,
Désmelo para enterrar,
Pues que el cuerpo sin el alma
Solo un diñero no vale.»
«Esse caballero, amigo,
Dime tú qué señas trae.»
—Blancas armas son las suyas,
Y el caballo es alazan.
En el carrillo derecho
El tenia una señal,
Que siendo niño pequeño
Se la hizo un gavilan.»
«Este caballero, amigo,
Muerto està en aquel pradal,
Las piernas tiene en el agua
Y el cuerpo en el arenal,
Siete lanzadas tenia
Desde el hombro al calcañal,
Y otras tantas su caballo
Desde la cincha al pretal.
No le des culpa al caballo
Que no se la puedes dar;
Siete veces lo sacó
Sin herida y ain señal,
Y otras tantas lo volvió
Com gana de pelear.»[1]

[1] Duran, *Romancero general*, 1849-51, tomo 1, pag. 263.—Não citarei mais outra collecção castelhana desde que possuo esta, a mais completa e ordenada de todas.

XV

DOM GAIFEIROS

Eis aqui uma verdadeira preciosidada litteraria, a edição ou lição portugueza de um dos mais celebrados romances da nossa peninsula, *Dom Gaifeiros*.

Tinha-o encontrado na collecção manuscripta do Cavalheiro de Oliveira, mas confesso que fiz injúria á sua memoria, suppondo, sem mais exame, que era pia fraude do bom do cavalheiro, e que elle não tinha feito mais do que traduzir dos romanceiros castelhanos o que lá tinha achado em muito boa lettra redonda. Não é assim; julguei de leve e julguei falso; o romance é corrente na tradição de Traz-os-Montes. Tenho em minha mão cópias authenticas do cantar do povo feitas por pessoas fidedignas e intelligentes d'aquella provincia. As cópias não differem no essencial; todas são mais curtas do que as lições castelhanas dos romanceiros, mas nenhuma as segue litteralmente; e o mesmo faz a do Cavalheiro de Oliveira, que é todavia a mais completa das portuguezas.

Apurei por todas ellas o texto como aqui o dou, recorrendo, nas frequentes difficuldades e duvidas em que me achei, á lição castelhana tal como a dá Duran, que assevera têl-a copiado, não do *Cancioneiro de Ambers*, nem da *Floresta de varios*, senão de um codice muito antigo que tinha á vista. Esta cópia,[1] diz elle e é certo, é a que mais quadra com a descripção de mestre Pedro no *Dom Quixote*, n'aquelle celebrado capitulo[2] da segunda parte que para sempre deixou immortal este romance.

Thomaz Rodd, o traductor inglez dos romances hespanhoes sobre Carlos-Magno,[3] diz a este respeito que não é capitulo aquelle que se cite, senão que se deve lêr e estudar na sua integra. E com effeito elle é o melhor argumento e o melhor commentario do romance que póde fazer-se. Transcrevel o-hei todo n'esta parte.

[1] Duran, *Romancero general*, 1849-51, tom 1, pag. 218.

[2] *Don Quijote*, parte 2, cap. 26.

[3] *History of Charles the Great and Orlando*, etc... With the most celebrated spanish Ballands, etc... London, 1812, 2 vol.

«Miren vuesas mercedes tambien como el emperador vuelve las espaldas, y deja despechado á Don Gaiferos, el cual ya ven como arroja impaciente de la cólera lejos de sí el tablero y las tablas, y pide apriesa las armas, y á Don Roldan su primo pide prestada su espada durindana; y como Don Roldan no se la quiere prestar, ofreciéndole su compania en la difícil empre-sa en que se pone; pero el valeroso enojado no la quiere aceptar; antes dice que él solo es bastante para sacar á su esposa, si bien estuviese metida en el mas hondo centro de la tierra, y con esto se entra á armar para ponerse luego en camiño. Vuelvan vuesas mercedes los ojos á aquella torre que alli parece, que se presupone que es una de las torres del alcázar de Zaragoza, que ahora llaman la Aljaferia, y aquella dama que en aquel balcon parece vestida á lo moro es la sin par Melisendra, que desde alli muchas vezes se ponia á mirar el camiño de Francia, y puesta la imajinacion en Paris y en su esposo, se consolaba en su cautiverio. Miren tambien un nuevo caso que ahora sucede, quizá no visto jamás. ¿No ven aquelle moro, que callandico y pasito á paso, puesto el dedo en la boca se llega por las espaldas de Melisendra? Pues miren como la dá un beso en mitad de los labios, y la priesa que ella se da á escupir y á limpiárselos con la blanca manga de su camisa, y como se lamenta, y se arranca de pesar sus hermosos cabellos, como si ellos tuvieran la culpa de maleficio. Miren tambien como aquel grave moro que está en aquellos corredores, es él rey Marsilio de Sansueña, el cual por haber visto la insolencia del moro, puesto que era un pariente y gran privado suyo, le mandó luego prender, y que le den docientos azotes, llevándole por las calles acostumbradas de la ciudad con chilladores delante y envaramiento detrás: y ves aqui donde salen á ejecutar la sentencia, aun bien apenas no habiendo sido puesta en ejecucion la culpa, porque entre moros no hay traslado á la parte, ni á prueba y estése, como entre nosotros.

Niño, niño, dijo con voz alta á esta sazon Don Quijote, seguid vuestra historia linea recta, y no os metais en las curvas ó traversales, que para sacar una verdad en limpio, menester son muchas pruebas y repruebas. Tambien dijo maese Pedro desde dentro: Muchacho, no te metas en dibujos, sino has lo que ese señor te manda, que será lo mas acertado: sigue tu canto llano, y no te metas en contrapuntos, que se suelen quebrar de sotiles.

Yo lo harè asi, respondió el muchacho, y prosiguió diciendo:

Esta figura que aqui parece á caballo, cubierta con una capa gascona, es la misma de Don Gaiferos, á quien su esposa esperaba, y ya vengada del atrevimiento del enamorado moro, con mejor y mas socegado semblante se ha puesto á los miradores de la torre, y habla con su esposo creyendo que es algun pasajero, con quien pasó todas aquellas razones y coloquios de aquell romance, que dice:

> Caballero, si á Francia ides,
> Por Gaiferos preguntad.

Las cuales no digo yo ahora, porque de la prolijidad se suele enjendrar el fastidio: basta ver como Don Gaiferos se discubre, y que por los ademanes alegres que Melisendra hace, se nos da á entender que ella le ha conocido y mas ahora que vemos se descuelga del balcon para ponerse en las ancas del caballo de su buen esposo Mas ¡ay sin ventura! que se le ha asido una punta del faldellin, de uno de los hierros del balcon, y está pendiente en el aire sin poder llegar al suelo. Pero veis como el Piedoso cielo socorre en las mayores necesidades, pues llega Don Gaiferos, y sin mirar si se rasgará ó no el rico faldellin ase de ella, y mal su grado la hace bajar al suelo, y luego de un brinco la pone sobre las ancas de su caballo á horcajadas como hombre y la manda que se tenga fuertemente y le eche los brazos por las espaldas, de modo que los cruze en el pecho, por que no se caiga, á causa que no estaba la señora Melisendra acostumbrada á semejantes caballerias. Veis tambien como los relinchos del caballo dan señales que va contento con la valiente y hermosa carga que lleva en su señor y en su señora Veis como vuelven las espaldas y salen de la ciudad, y alegres y regocijados toman de Paris la via. Vais en paz, ó par sin par de verdaderos amantes; llegueis a salvamiento á vuesa deseada patria sin que la fortuna ponga estorbo en vuestro feliz viage: los ojos de vuestros amigos y parientes os vean gozar en paz tranquilla los dias (que los de Nestor sean) que os quedan de la vida.

Aqui alzó otra vez la voz maese Pedro; y dijo: llaneza, muchacho, no te encumbres que toda afectacion es mala. No respondió nada el intérprete, antes prosiguió diciendo: no faltaron algunos ociosos ojos, que le suelen ver todo. que no viesen la bajada y la subida de Melisendra, de quien dieron noticia á el rey Marsilio, el cual mandó luego tocar al arma; y miren con que priesa, que ya la ciudad se hunde con el son de las campanas, que en todas las torres de las mezquitas suenan.

Eso nó, dijo á esta sazon Don Quijote; en esto de las campanas anda muy improprio maese Pedro, porque entre moros no se usan campanas, sino atabales, y un jénero de dulzainas que parecen nuestras chirimias; y esto de sonar campanas en Sansueña, sin duda que es un gran disparate. Lo cual oido por maese Pedro, cesó el tocar, y dijo; no mire vuesa merced en ninarias, señor Don Quijote, ni quiera llevar las cosas tan por el cabo, que no se le halle? No se representan por ahi casi de ordinario mil comedias llenas de mil impropriedades y disparates y con todo eso, corren felizissimamente su carrera y se escuchan no solo con aplauso, sino con admiracion y todo? Prosigue, muchacho, y deja decir, que como yo llene mi talego, si, quiera represente mas impropriedades que tiene átomos el sol. Asi es la verdad, replicó Don Quijote; y el muchacho dijo: —

Miren cuanta y cuán luzida cabelleria sale de la ciudad en seguimiento de los dos católicos amantes, cuantas trompetas que suenan, cuantas dulzainas que tocan y cuantos atabales y tambores que retumban: témome que los han alcanzar, y los han de volver atados a la cola de su mismo caballo, que seria un horrendo espectáculo. Viendo y oyendo pues tanta morisma y tanto estruendo Don Quijote, pareciole ser bien dar ayuda á los que huian, y levantandose en pie, en voz alta dijo: No consentiré yo que en mis dias y en mi presencia se le haga supercheria á tan famoso caballero y á tan atrevido enamorado como Don Gaiferos; deteneos, mal nacida canalla, no le sigais ni persigais, si no, conmigo sois en la batalla; y diciendo y haciendo, desenvainó la espada, y de un brinco se puso junto al retablo y con acelerada y nunca vista furia comenzó á llover cuchilladas sobre la titerera morisma, derribando á unos, descabezando á otros, estropeando á este, destrozando á quel, y entre otros muchos tiró un altibajo tal, que si maese Pedro no se abaja, se encoje y agazapa, le cercenara la cabeza con mas facilidad que si fuera hecha de masa de mazapan.

A nossa lição portugueza tem todos os caracteres de ser do seculo XVI.

DOM GAIFEIROS

Sentado está Dom Gaifeiros
Lá em palacio real,
Assentado ao taboleiro
Para as tabolas jogar.
Os dados tinha na mão,
Que já os ia deitar,
Senão quando vem seu tio
Que lhe entra a pelejar:
— Para isso és, Gaifeiros,
Para os dados arrojar;
Não para ir tomar damas,
Com a moirisma jogar.
Tua esposa lá têm moiros,
Não sabes ir buscar: [1]
Outrem fôra seu marido,
Já lá não havia estar.»
Palavras não eram ditas,
Os dados vão pelo ár.
A que não fôra o respeito [2]
Da pessoa e do logar,
Tavolas e tavoleiro
Tudo fôra espedaçar.
A seu tio, Dom Roldão,
Tal resposta lhe foi dar:

«Sete annos a busquei, sete
Sem a poder encontrar;
Os quatro por terra firme,
Os tres sobre aguas do mar. [3]
Andei por montes e valles,
Sem dormir, nem descançar;
O comer, da carne crua,
No sangue a sêde matar.
Sangue vertiam meus pés
Cançados de tanto andar;
E os sete annos cumpridos
Sem a poder encontrar.
Agora a saber sou vindo [4]
Que a Sansonha foi parar;
E eu sem armas nem cavallo
Com que a possa ir buscar:
Que a meu primo Montezinhos
Ha pouco os fui emprestar
Para essa festa de Hungria
Onde se foi a justar. [5]
Mercê vos peço, meu tio,
Se m'a vós quizereis dar,

1 Não és para a ir buscar—*Traz-os-Montes.*
2 Se ali não fora o respeito—*MS. de Oliveira.*
3 Os tres por cima do mar.—*Traz-os-Montes.*
4 Ella estava em Salsonha,
Lá em palacio real—*Traz-os-Montes.*
5 Onde foi a tornear—*MS. de Oliveira.*

Vossas armas e cavallo
Que m'os queiraes imprestar. [6]
—Sete annos são cumpridos,
Bem n'os deves de contar,
Que Melisendra é captiva
E a vida leva a chorar.
E sempre te vi com armas,
Com cavallos a adestrar;
Agora que estás sem elles
É que a queres ir buscar?
Minhas armas não te empresto
Que as não posso desarmar;
Meu cavallo bem vezeiro, [7]
Não o quero mal vezar.
«As vossas armas, meu tio,
Que m'as não queirais negar
A minha esposa captiva
Como a heide eu ir buscar?
—Em San' João de Latrão
Fiz juramento no altar,
De a ninguem não prestar armas
Que m'as faça acovardar.» [8]

Dom Gaifeiros, que isto ouviu,
A espada foi a tirar;
Saltam-lhe os olhos da cara
De merencorio a fallar:
«Bem parece, Dom Roldão,
Bem parece, mal pezar!
O muito amor que me tendes
Para assim me affrontar.
Mandae-me dizer por outrem
Que me las possa pagar,
Essas palavras, meu tio,
Que vos não quero tragar.»
Accode alli Dom Guarino,
O almirante do mar,
Durandarte e Oliveiros
Que os vêm a separar;
Com outros muitos dos Dôze
Que alli succedeu de estar.
Dom Roldão muito sereno
Assim lhe foi a fallar:
—Bem parece, Dom Gaifeiros,
Bem se deixa de mostrar,
Que a falta de annos, sobrinho,
Em tudo vos faz faltar.
Aquelle que mais te quer,
Esse te hade castigar:
Fôras tu máo cavalleiro,
Nunca te eu dissera tal,
Porque sei que és bom, t'o disse... [9]
E agora, armar e sellar!
Meu cavallo e minhas armas
Ahi estão a teu mandar,
E mais, terás o meu corpo [10]
Para te ir acompanhar.
«Mercês, meu tio, heide ir só, [11]
Só, tenho de a ir buscar.
Venham armas e cavallo
Que já me quero marchar.
De covarde a mim! ninguem
Nunca me hade appellidar.»
Dom Roldão a sua espada
Alli lhe foi intregar:
—«Pois só queres ir, sobrinho,
Esta te hade accompanhar.
Meu cavallo é generoso,
Não o queiras sopear;
Dá-lhe mais rédea que espora,
N'elle te pódes fiar.»

Andando vae Dom Gaifeiros,
Andando de bom andar.
Por essas terras de Christo,
Té a Moirama chegar.
Ia triste e pensativo,
Cheio de grande pezar:
Melisendra em mãos de moiros,
Como lh'a hade saccar?...
Pára ás portas de Sansonha [12]
Sem saber como hade entrar:
Estando n'este cuidado
As portas se abrem de par.
Elrei com seus cavalleiros
Sahia ao campo a folgar;
Mui galans iam de festa,
Mui ledos a cavalgar. [13]
Furtou-lhe as voltas Gaifeiros,
Pelas portas foi entrar;
Deu com um christão cativo
Que alli andava a trabalhar:

«Por Deus te peço, cativo,
E elle te venha livrar!
Assim me digas se ouviste
N'esta terra anomear
A uma dama christan,
Senhora de alto solar,
Que anda cativa entre moiros
E a vida leva a chorar.
—«Deus te salve, cavalleiro,
Elle te venha ajudar!
E assim me dê outra vida,
Que esta se vae a chorar.
Pelos signaes que me déstes,
Já bem te posso affirmar
Que a dama que andas buscando
Em palacio deve estar.
Toma essa rua direita
Que leva ao paço real,
Lá verás pelas janellas [14]
Muitas christans a folgar.»
Tomou a rua direita
Que no paço vae dar,
Alçou os olhos ao alto,
Melisendra viu estar,
Sentada áquella janella
Tam entregue a seu pensar,
Que as outras em redor d'ella
Não n'as sentia folgar.
Rua abaixo, rua acima
Gaifeiros a passeiar
—«Oh que lindo cavalleiro,
De tam gentil cavalgar! [15]
—Melhor sou jogando ás damas,
Com moiros a batalhar!»
Melisendra que isto ouviu
Começava a chorar:
Não já que ella o conhecesse,
Nem tal se podia azar,
Tam cuberto de armas brancas,
Tam diff'rente no trajar,
Mas por vêr um cavalleiro
Que lhe fazia lembrar
Aquelles Dôze de França,
Aquella terra sem par,

6 A minha esposa entre moiros,
Eu a quero ir buscar—*Traz-os-Montes.*
7 Bem vezado—*MS. de Oliveira.*
8 Por m'as não encovardar—*MS. de Oliveira.*
9 Por tu seres bom t'o disse—*MS. de Oliveira.*
10 E aqui tendes o meu corpo,
Para vos acompanhar.—*Traz-os-Montes.*
11 Só quero ir, meu tio, só,
Para melhor a tirar—*Traz-os-Montes.*

12 Salsonha diz sempre a lição de Traz-os-Montes.
13 Mui guapos—*MS. de Oliveira.*
14 Pelos Faleões—*MS. de Oliveira.*
15 —«D'onde é o cavalleiro
De tam lindo passear?
—«O cavalleiro é christão
Das bandas d'alem do mar»—*Traz-os-Montes*

As justas e os torneios
Que alli sohiam de armar
Quando por sua belleza
Andavam a disputar.
Com voz chorosa e sentida
Começou de o chamar:
—«Cavalleiro, se a França ides, [16]
Recado me heis levar, [17]
Que digaes a Dom Gaifeiros
Porque me não vem buscar.
Se não é medo de moiros,
De com elles pelejar,
Já serão outros amores
Que o fizeram olvidar...
Emquanto eu presa e cativa
A vida levo a chorar
E mais se este meu recado,
O não quiz acceitar.
Dál-o-heis a Oliveiros,
A Dom Beltrão o heisde dar.
E a meu pae o Imperador
Que já me mande buscar,
Pois me querem fazer moira
E de Christo renegar.
Com um rei mouro me casam
De além das bandas do mar,
Dos sete reis de Moirama
Rainha me hãode coroar.
—«Esse recado, senhora,
Vós mesmo lh'o haveis de dar; [18]
Dom Gaifeiros aqui o tendes
Que vos vem a libertar.»

Palavras não eram ditas, [19]
Os braços lhe foi a dar,
Ella do balcão abaixo
Se deitou sem mais falar.
Maldito perro de moiro
Que alli andava a rondar!
Em altos gritos o moiro
Começava de bradar:
«— Acudam á Melisendra,
Que a vêm os christãos roubar.» [20]
«Melisendra, minha esposa,
Como havemos de escapar?
—«Com Deus e a Virgem Maria
Que nos hãode acompanhar.
«Melisendra, Melisendra,
Agora é o esforçar!»
Aperta a cilha ao cavallo,
Affrouxa-lhe o peitoral,
Saltou-lhe em cima de um pulo
Sem pé no estribo poisar.
Tomou-a pela cintura,
Que o corpo ergueu por lh'a d[illegible];
Assenta a esposa á garupa
Para que o possa abraçar, [21]
Finca esporas ao cavallo,
Que o sangue lhe fez saltar.
Aqui vae, acolá vôa..
Ninguem n'o póde alcançar.
Os moiros pela cidade
A correr e a gritar;
Quantas portas ella tinha
Todas as foram cerrar.

Sete vezes deu a volta
Da cêrca sem a passar,
O cavallo ás oito vezes
De um salto a foi saltar.
Já os moiros da cidade
O não podem avistar:
Acode o rei Almançor
Que vinha de montear,
Com todos seus cavalleiros
Lá deitam a desfillar,
Sentiu logo Dom Gaifeiros
Como o iam alcançar:
«Não te assustes, Melisendra,
Que é fôrça aqui apear
Entre estas arvores verdes
Um pouco me hasde aguardar.
Em quanto eu volto a esses cães [22]
Que os heide affugentar.
As boas armas que trago
Agora as vou a provar.»
Apeou se Melisendra,
Alli ficava a rezar.
O cavallo, sem mais rédea,
Aos moiros se foi voltar.
Cançado ia de fugir
Que já mal podia andar,
Cheirou-lhe ao sangue maldito,
Todo é fogo de abrazar.
Se bem peleja Gaifeiros,
Melhor é seu pelejar;
A qual dos dois anda a lida
Mais moiros h[illegible] de matar.
Já cáem tantos e tantos
Que não têm conto nem par;
Com o sangue que corria
O campo se ia a alagar.
Rei Almançor que isto via,
Começava de bradar
Por Alá e Mafemede
Que o viessem amparar:
—«Renego de ti, christão,
E mais do teu pelejar!
Não ha outro cavalleiro
Que se te possa egualar,
Será este Urgel de Nantes,
Oliveiros singular,
Ou o infante Dom Guarim
Esse almiran e do mar?
Não ha nenhum d'entre os Doze
Que bastasse para tal...
Só se fosse Dom Roldão
O encantado sem par! [23]

Dom Gaifeiros que o ouvia,
Tal resposta lhe foi dar:
«Calla-te d'ahi, rei moiro,
Calla-te, não digas tal,
Muito cavalleiro em França
Tanto como esses val.
Eu nenhum d'elles não sou,
E me quero nomear:
Sou o infante Dom Gaifeiros,
Roldão meu tio carnal,
Alcaide-mór de Paris
Minha terra natural.»
Não quiz o rei mais ouvir
E não quiz mais porfiar,
Voltou rédeas ao cavallo,
Foi-se em Sansonha encerrar.
Gaifeiros, senhor do campo,
Não tem com quem pelejar;
Cheio de grande alegria
Melisendra foi buscar.

16 —«Se Christão sois, cavalleiro,
Recado me haveis levar.»—*Traz-os-Montes*.
17 Esta é a memoravel copla citada por Cervantes no *Don Quijote* e que d'ahi obteve sua celebridade europea.
18 Eu mesmo lh'o heide dar;
Pois Dom Gaiferos sou eu
Que vos venho a buscar —*Traz-os-Montes*.
19 A fala não era dita,
Puseram-se a caminhar;
Tirou-a pelo balcão
Por não haver mais logar.—*Traz-os-Montes*.
20 Que se vae para além-mar.—*Traz-os-Montes*.
21 Ella o foi abraçar.—*MS. de Oliveira*.
22 A esses perros.—*Traz-os-montes*.
23 Sem egual.—*MS. d'Oliveira*.

—«Ai! se vens ferido, esposo?
E que ferido hasde estar!
Eram tantos esses moiros,
E tu só a batalhar.
Mangas de minha camiza,
Com ellas te heide pençar;
Toucas de minha cabeça
Faxas para te apertar.[24]
«Calla-te d'ahi, infanta,
E não queiras dizer tal;
Por mais que foram n'os moiros,
Não me haviam fazer mal:
São de meu tio Roldão
Estas armas de provar;
Cavalleiro que as trouxesse,
Nunca pode perigar.»

Cavalgam, vão caminhando,
Não cessam de caminhar,
Por essa Moirama fóra
Sem mais temor nem pezar;
Falando de seus amores
Sem de mais nada pensar.[25]
Em terras de christandade
Por fim vieram a entrar.
A Paris já são chegados,
Já sáem para os encontrar,[26]
Sete leguas da cidade
A côrte os vae esperar.
Saía o Imperador
A sua filha a abraçar;
Palavras que lhe dizia,
As pedras fazem chorar.
Saíu toda a fidalguia,
Clerezia e secular,
Os Doze Pares de França,
Damas sem conto nem par.
Dona Alda com Dom Roldão
E o almirante do mar,
O arcebispo Turpim
E Dom Julião de Além-mar,
E o bom velho Dom Beltrão,
E quantos sóem de estar
Ao redor do Imperador[27]
Em sua mesa a jantar.

Grande honra a Dom Gaifeiros!
Os parabens lhe vão dar;
Por sua muita boudade[28]
Todos o estão a louvar,
Pois libertou sua esposa
Com valor tam singular.
As festas que se fizeram
Não têm conto nem par.

LIÇÃO CASTELHANA

Asentado está Gaiferos
En el palacio reale,
Asentado está al tablero
Para las tablas jugare.
Los dados tiene en la mano
Que los quiere arrojare,
Cuando entró por la sala
Don Carlos el emperante:
De que asi jugare lo vido
Empezóle de mirare;
Hablandole está, hablando
Palabras de gran pesare:
—Si asi fuésedes, Gaiferos,
Para las armas tomare,
Como sois para los dados
Y para tablas jugare,
Vuestra esposa tienen moros,
Iriadesla á buscer.
Pésame a mi por ello,
Porque es mi hija carnale.
De muchos fué demandada
Y á nadie quiso tomare:
Pues con vós casó por amores,
Amores la han de sacare;
Si con otro fuera casada
No estuviera en captividade.
Gaiferos cuando esto vido,
Movido de gran pesare
Levantóse del tablero
No queriendo mas jugare,
Y tomáralo en las manos
Para haberlo de arrojare,
Sino por quien con él juega
Que era hombre de linage:
Jugaba con él Guarinos,
Almirante de la mare.
Voces dá por el palacio
Que al cielo quieren llegare,
Perguntando va, perguntando
Por su tio Don Roldane.
Halláraie en el patin,
Que queria cabalgare.
Con él era Oliveros
Y Durandarte el galane,
Con èl muchos caballeros
De los de los Doce Pares.
Gaiferos desque lo vido
Empezóle de hablare:
«Por Dios os ruego, mi tio,
Por Dios os quiero rogare,
Vuestras armas y caballo
Vós me lo querais prestare,
Que mi tio el imperante
Tan mal me quiso tratare,
Diciendo que soy para juego
Y no para armas tomare.
Bien lo sabeis vós, mi tio,
Bien sabeis vós la verdad,
Que pues busqué á mi esposa
Culpa no me deben dare.
Tres años anduve triste
Por los montes y los valles
Comiendo la carne cruda,
Bebiendo la roja sangre,
Trayendo los piés descalzos,
Las uñas corriendo sangre.
Nunca yo hallarla pude
En cuanto pude buscare,
Ahora sé que está en Sansueña,
En Sansueña esa ciudad.
Sabeis que estoy sin caballo,
Sin armas otro que tale,
Que las tiene Montesinos,
Que es ido á festejare

24 Serão para te apertar.—*MS. d'Oliveira.*
25 Sem de outro al não pensar.—*MS. d'Oliveira.*
26 A Pariz a natural.—*MS. d'Oliveira.*
27 É sempre a idéa fixa da Mesa Redonda, do circulo formado pelos pares em torno do imperante.
28 *Bondade* é valor, e *Bom* valente em estylo do tempo.

Allá á los reinos de Hungria
Para torneios armare,
Y yo sin caballo y armas
Mal la podré libertare;
Por esto os ruego, mi tio,
Las vuestras me querais dare.»
Don Roldan de que esto oyó
Tal respuesta le fué á dare:
—«Callad, sobrino Gaiferos,
No querades hablar tale.
Siete años vuestra esposa
Ha que está en captividade;
Siempre os he visto con armas
Y caballo otro que tale,
Ahora que no las teneis
La quereis ir á buscare.
Sacramento tengo hecho
Allá en San Juan de Latrane,
A ninguno prestar armas
No me las hagan cobardes:
Mi caballo está bien vezado,
No lo querria mal vezare.»
Gaiferos que esto oyó
La espada fuera á sacare;
Con una voz muy sañosa
Empezára de hablare:
—Bien parece, Don Roldan,
Siempre me quisiste male.
Si otro me lo dijera
Mostrara si soy cobarde,
Mas quien á mi ha injuriado
No lo vais por mi á vengare:
Si vós tio no mi fuésedes,
Con vós querria peleare.»
Los grandes que alli se hallan
Entre los dos puestos se hane;
Hablado le ha Don Roldan,
Empezóle de hablare:
—«Bien parece, Don Gaiferos,
Que sois de muy poca edade,
Bien oistes un ejemplo,
Que conoceis ser verdad,
Que áquel que bien os quiere
Ese os quiere castigare,
Si fuerades mal caballero,
No os dijéra yo esto tale,
Mas porque sé que sois bueno,
Por eso os quise asi hablare,
Que mis armas y caballo
A vós no se han de negare,
Y si quereis compania,
Yo os querria acompanare.
—Mercedes, dijo Gaiferos,
De la buena voluntade;
Solo me quiero ir, solo,
Para haberla de sacare:
Nunca me dirá ninguno
Que me vido ser cobarde.»
Luego mandó Don Roldan,
Sus armas aparejare;
El encubierta el caballo
Por mejor lo encobertare.
El mismo pone las armas
Y le ayudaba à armare,
Luego cabalgó Gaiferos
Con enojo y con pesare.
Pésale á Don Roldan,
Tambien á los Doce Pares,
Y mas al Emperador
De que solo lo vió andare,
Y des que ya se salia
Del gran palacio reale,
Con una voz amorosa
Llamáralo Don Roldane:
—«Espera un poco, sobrino;
Pues solo quereis andare,
Dejédesme vuesa espada,
La mia querais tomare,
Y aunque vengan dos mil moros
Nunca los volvais la haze:
Al caballo dadle rienda
Y haja á su voluntade,
Que si el ve la suya
Bien os saberá ayudare,
Y si el ve demasia
Della os sabrá sacare.»
Ya le daba su espada
Y toma la de Roldane;
Da de espuelas al caballo,
Salése de la ciudad.
Don Beltran des que ir lo vido
Empezóle de hablare:
—«Tornad acá, hijo Gaiferos,
Pues que me teneis por padre,
Tan solamente que os vea
La condesa vuestra madre,
Tomará con vós consuelo,
Que tan tristes llantos hace,
Y dáraos caballeros
Los que hayais necesidade.
—Consoladla vós, mi tio.
Vós la querais consolare,
Acuerdese que me perdió
Chiquito y de poca edade,
Haja cuenta que de entonces
No me ha visto jamase,
Que ya sabeis que en los Doce
Corren malas voluntades,
Y no diren, vuelvo por ruego,
Mas que vuelvo por cobarde,
Que yo no volveré en Francia
Sin Melisendra tornare.»
Don Beltran, de que lo oyera
Tan enojado hablare,
Vuelve riendas al caballo
Y entrose en la ciudad,
Gaiferos en tierra de moros
Empieza de caminare,
Jornada de quince dias
En ocho lá fuè á andare.
Por las sierras de Sansueña
Gaiferos mal airado vae,
Las voces que iba dando
Al cielo quieren llegare,
Maldiciendo iba el vino,
Maldiciendo iba el pane,
(el pan que comian los moros,
Mas no de la cristandade),
Maldiciendo iba la duena
Que tan solo un hijo pare,
(Si enemigos se lo matan,
No tiene quien lo vengare);
Maldiciendo iba al caballero
Que cabalga sin un page,
(Si se le cae la espuela,
No tiene quien se la calce),
Maldiciendo iba el árbol
Que solo en el campo nasce,
Que todas las aves del mundo
En él van á quebrantare,
Que de rama ni de hoja
Al triste dejan gozare.
Dando estas voces y otras,
A Sansueña fué á llegare:
Viérnes era, en aquel dia
Los moros su fiesta hacen:
El rey iba a la mezquita
Para la zala rezare,
Con todos sus caballeros
Cuantos él pudo llevare.
Cuando allegó Gaiferos
A Sansueña, esa ciudade,

Miraba si veria alguno
A quien poder demandare:
Vido un cativo cristiano
Que andaba por los adarbes;
Desque lo vido Gaiferos,
Empezóle de hablare:
—Dios te salve, el cristiano,
Y te torne en libertade:
Nuevas que pedirte quiero,
No me la quieras negare.
Tú que andas con los moros
Dime si oistes hablare
Si ay aqui alguna cristiana
Que sea de alto linage.»
El cativo que lo oyera
Empezára de llorare:
«¡Tantos tengo de mis duelos,
De otros no puedo curare!
Que todo el dia caballos
Del rey me hacen pensare,
Y de noche en honda sima
Me hacen aqui aprisionare.
Bien sé que hay muchas cativas
Cristianas de gran linage,
Especialmente hay una
Qu'es de Francia naturale,
El rey Almanzor la trata
Como a sua hija carnale;
Sé que muchos reyes moros
Con ella quieren casare.
Por eso ides, caballero,
Por esa calle adelante,
Vereislas á las ventanas
Del gran palacio reale.
Derecho se va a la plaza,
A la plaza la mas grande.
Alli estaban los palacios
Donde el rey solia estare:
Alzó los ojos en alto
Por los palacios mirare,
Vido estar á Melisendra
En una ventana grande
Con otras damas cristianas
Qu'estan en captividade.
Melisendra que lo vido
Empezàra de llorare,
No porque lo conociese
En el jesto ni en el traje,
Mas en verlo con armas blancas
Acordóse de los Pares,
Acordóse de los palacios
Del Emperador su padre.
De justas, galas, torneos
Que por ella solian armare.
Con voz triste y muy llorosa
Le empezára de llamare:
—«Por Dios os ruego, caballero,
Queráisos a mi llegare;
Si sois cristiano ó moro,
No me lo querais negare
Daros he unas encomiendas,
Bien pagadas os serane:
Caballero, si á Francia ides,
Por Gaiferos preguntade,
Decidle que la su esposa
Se le envia á encomendare,
Que ya me parece tiempo
Que la debia sacare.
Si no me deja por miedo
De con los moros peleare,
Debe tener otros amores,
De mi no lo dejan acordare:
¡Los ausentes por los presentes
Ligeros son de olvidare!
Aun le direis, caballero,
Por darle mayor señale,
Que sus justas y torneos
Bien las supimos acae.
Y si estas encomiendas
No recibe con solace,
Daréislas á Oliveros,
Daréislas á Don Roldane,
Daréislas à mi señor
El Emperador mi padre:
Direis como estó em Sansueña,
En Sansueña, esa ciudade,
Que si presto no me sacan
Mora me quieren tornare;
Casarme han con el rey moro
Que está allende la mare,
De siete reyes de moros
Reina me hacen coronare;
Segun los reyes me acuitan,
Mora me harán tornare;
Mas amores de Gaiferos
No los puedo yo olvidare.»
Gaiferos que este oyera
Tal respuesta le fué á dare:
—No lloreis vós, mi señora,
No querais asi llorare,
Porque esas encomiendas
Vós mesma la podeis dare,
Que á mi allá dentro em Francia
Gaiferos suelen nombrare.
Soy el infante Gaiferos,
Señor de Paris la grande,
Primo hermano de Oliveros,
Sobriño de Don Roldane:
Amores de Melisendra
Son los que acá me traen.»
Melisendra qu'esto vído
Conosciólo en el hablare,
Tiróse de la ventana,
La escalera fué á tomare,
Salióse para la plaza
Donde lo vido estare.
Gaiferos cuando la vido
Presto la fué á tomare,
Abrázala con sus brzaos
Para haberla de besare.
Alli estaba un perro moro
Por los cristianos guardare,
Las voces daba tan altas
Que al cielo quieren llegare.
Al alarido del moro
La ciudad mandan cerrare.
Siete veces la rodean,
No hallan por do escapare.
Presto sale el rey Almanzor
De la mezquita rezare:
Vereis tocar la trompeta
A priesa y no de vagare,
Vereis armar caballeros
Y en caballos cabalgare:
Tantos se arman de los moros
Que gran cosa es de mirare.
Melisendra que lo vido
En una priesa tan grande,
Con una voz delicada
Le empezára de hablare:
—«Esforzade Don Gaiferos,
No querades desmayare,
Que los buenos caballeros
Son para necesidade:
¡Si désta escapais, Gaiferos,
Harto teneis que contare!
¡Ya quisiera Dios del cielo
Y Santa Maria su madre
Fuese tal vuestro caballo
Como el de Don Roldane.
Muchas veces le oi decir
En el palacio imperiale

Que si se hallaba cercado
De moros en alguno lugare,
Al caballo aprieta la cincha
Y aflojábale el pretale,
Hincábale las espuelas
Sin ninguna piedade!
El caballo es esforzado,
De otra parte va a saltare.»
Gaiferos de qu'esto oyó
Presto se fuera á apeare,
Al caballo aprieta la cincha,
Y aflojábale el pretale;
Sin poner pié en el estribo
Encima fué á cabalgare,
Y Melisendra á las ancas,
Que presto las fué tomare.
El cuerpo le da y cintura
Porque lo pueda abrazare:
Al caballo hinca la espuela
Sin ninguna piedade.
Corriendo venian los moros
A priesa y no de vagare;
Las grandes voces que daban
Al caballo hacen saltare;
Cuando fueron cerca los moros,
La rienda le fué á largare;
El caballo era ligero,
Púsolo de la otra parte.
El rey moro qu'esto vido
Mandó abrir la ciudade;
Siete batallas de moros
Todos de zaga le vane.
Volviéndose iba Gaiferos,
No cesaba de mirare;
De que vido que los moros
Le empezaban de cercare,
Volvióse á Melisendra,
Empézole de hablare;
—No os enojeis, mi señora,
Seráos fuerza aqui apeare,
Y en esta grande espesura
Podeis, señora, aguardare,
Que los moros son tan cerca,
De fuerza nos han de alcanzare.
Vos, señora, no traeis armas
Para haber de peleare,
Yo pues que las traigo buenas,
Quiérolas ejercitare.»
Apeóse Melisendra
No cesando de rezare,
Las rodillas puso en tierra,
Las manos fué á levantare,
Los ojos puestos al cielo
No cesando de rezare:
Sin que Gaiferos volviese,
El caballo fué á aguijare.
Cuando huia de los moros
Parece que no puede andare,
Y quando iba hácia ellos
Iba con furor tan grande,
Que del rigor que llebaba
La tierra hacia temblare:
Donde vido la morisma
Entre ellos fuera á entrare;
Si bien pelea Gaiferos,
El caballo mucho mase;
Tantos mata de los moros
Que no hay cuento ni pare;
De la sangre que salia
El campo cubierto se hae.
El rey Almanzor qu'esto vido.
Empezára de hablare:
«—¡Oh válasme tu, Alá!
¿Esto qué podia estare!
Que tal fuerza de caballero
En pocos se puede hallare:
Debe ser el encantado
Ese paladin Roldane,
O debe ser el esforzado
Renaldos de Montalvane,
O es Urgel de la Marcha
Esforzado y singulare:
No hay ninguno de los Doce
Que bastante hacer lo tale.»
Gaiferos qu'esto oyó,
Tal respuesta le fué á dare:
—«Calles, calles, el rey moro,
Calles y no digas tale,
Muchos otros hay en Francia
Que tanto como estos valen:
Yo no soy ninguno de ellos,
Mas yo me quiero nombrare:
Soy el infante Gaiferos,
Señor de Paris la grande,
Primo hermano de Oliveros,
Sobrino de Don Roidane »
El rey Almanzor que lo oyera
Con tal esfuerzo hablare,
Con los mas moros que pudo
Se entrára en la ciudade.
Solo quedaba Gaiferos
No halló con quien peleare,
Volvió riendas al caballo
Por Melisendra buscare:
Melisendra que lo vido,
A recibir se lo sale;
Vidole las armas blancas,
Tintas en color de sangre.
Con voz mui triste y llorosa
Le empezó de perguntare:
—«Por Dios os ruego, Gaiferos,
Por Dios os quiero rogare,
Si traeis alguna herida
Queraismela vós mostrare,
Que los moros eran tantos
Quizá os habran hecho male;
Con las mangas de mi camisa
Os la quiero yo apretare,
Y con la mi rica toca
Yo os la entiendo sanare »
—Calledes, dijo Gaiferos,
Infanta no digais tale,
Por mas que fueron los moros,
No me podian hacer male,
Qu'estas armas y caballo
Son de mi tio Don Roldane:
Caballero que las trujere
No podia peligrare
Cabalgad presto, señora,
Que no es tempo de aqui estare;
Antes que los moros tornen,
Los puertos hemos pasare »
Ya cabalga Melisendra
En un caballo alazane,
Razonando van de amores,
De amores, que no de al.
Ni de los moros han miedo,
Ni dellos nada se dane:
Con el placer de ambos juntos
No cesan de camiñar,
De noche por los camiños
De dia por los jarales,
Comiendo las yerbas verdes
Y agua si pueden hallare,
Hasta qué entraron en Francia
Y en tierra de cristandade:
Si hasta alli alegres fuéron,
Mucho mas de alli adelante.
A la entrada de un monte,
Y à la salida de un valle,
Caballero de armas blancas
De léjos vieron asomar:

Gaiferos desque lo vido
La sangre vuelto se le hae,
Diciendo á su señora:
—Esto es mas de recelare,
Que aquel caballero que asoma
Gran esfuerzo es el que trae:
Que sea cristiano o moro,
Fuerza sera peleare:
Apéaos vós, mi señora,
Y veni de mi á la pare.»
De la mano le traia
No cesando de llorare.
Lléganse los caballeros.
Comienzan aparejare
Las lanzas y los escudos
En son de bien peleare.
Los caballos ya de cerca
Comienzan de relinchare;
Mas conocióle Gaiferos
Y empezára de hablare:
—Perded cuidado, señora,
Y tornad a cabalgare,
Que el caballo que alli viene
Mio es en la verdad.
Yo le di mucha cebada
Y mas le entiendo le dar;
Las armas, segun que veo,
Mias son otro que tal,
Y aun aquel es Montesinos
Que á mi me vienen á buscar,
Que cuando yo me parti
No estaba en la ciudad.»
Plugo mucho á Melisendra
Que aquello fueso verdad.
Ya que se van acercando
Cuasi juntos á la par,
Con voz alta y crecida
Empiézanse de interrogar.
Conóscense los dos primos
Entonces en el hablar,
Apeáronse á gran priesa,
Muy grandes fiestas se hacen:
De que hubieron hablado
Tornaron a cabalgar:
Razonando van de amores,
De otro no quieren hablar;
Andando por sus jornadas
En tierra de cristandad,
Cuantos caballeros hallan
Todos los van compañar,
Y dueñas á Melisendra,
I oncellas otro que tal.
Al cabo de pocos dias
A Paris van a llegar;
Siete leguas de la ciudad
El Emperador les sale,
Con él sale Oliveros,
Con él sale Don Roldan,
Con él Infante Guarinos
Almirante de la mar,
Con él sale Don Bermudez
Y el buen viejo Don Beltran
Con él muchos de los Doce
Que á su mesa comen pan,
Y con él iba Doña Alda,
La esposica de Roldan.
Con él iba Julianesa,
La hija del rey Julian;
Dueñas, damas y doncellas
Las mas altas de linage
El Emperador abraza su hija
No cesando de llorar;
Palabras que le decia
Dolor eran de escuchar
Los Doce á Don Gaiferos
Gran acatamiento le hacen,
Tienenlo por esforzado
Mucho mas de alli adelante,
Pues que sacó á su esposa
De muy gran captividad:
Las fiestas que le hacian
No tienen cuento ni pare.[1]

1 Duran, *Romancero general*, 1848-51, pag. 218, tom. 1.

XVI

JUSTIÇA DE DEUS

A lição que principalmente aqui segui é a da Beiralta, por ser n'ella muito mais completo o romance. A de Traz-os-Montes chama-lhe *O Conde preso.*

Poucas coisas mais bonitas tem o romanceiro popular da nossa peninsula. Onde nasceu não sei; mas as collecções castelhanas não o trazem. A questão, porém, de se uma composição d'estas foi feita n'esse ou n'aquelle reino de Hespanha, além de ser mui difficil de resolver, é de bem pouca importancia. O que é verdadeiramente antigo e popular, o que foi obra do trovador ou do menestrel, nasceu talvez em Catalunha ou em Valença, talvez em Portugal ou em França, ou em Leão ou em Castella: quem sabe? Viajou e peregrinou com a harpa ou com a viola do cantor que o compôz ou que sómente o aprendeu de cór: espalhou-se por essas terras de differentes dialectos que mais ou menos tiveram de o traduzir para o conservar na tradição de seus povos. E hoje, ha muitos seculos a esta parte, quem póde dizer onde foi composto o romance que n'esta ou n'aquella provincia se encontra? E' d'aquella onde foi achado.

Já se vê que não applico esta theoria ao que traz visivel e marcado o sello de sua nacionalidade, como são os romances propriamente mouriscos ou granadinos, os que á imitação d'estes se fizeram em tamanha copia nos seculos XVI e XVII, nem tampouco aos historicos strictamente ditos.

Advertirei tambem, ao leitor pouco versado em nossas coisas, que lhe não faça peso, para julgar este romance castelhano por força, o vêr que n'elle se trata de San Thiago e de suas romarias e romeiros. Depois de Galliza, nenhum reino de Hespanha teve jamais tanto que fazer com o apostolo de Compostella, como o nosso Portugal, especialmente nas duas provincias do extremo Norte. Ainda lá vamos de romaria, e o temos por nosso em tudo... menos se formos a brigar, porque então vem «San Jorge e ávante», San Jorge e o seu dragão, que são dois terriveis mata-castelhanos, apezar de todos os pezares, e das heterodoxas doutrinas de desequilibrio europeu com que nos têm obsequiado ultimamente.

JUSTIÇA DE DEUS

Preso vae o conde, preso,
Preso vae a bom recado;
Não vae preso por ladrão,
Nem por homem ter matado,[1]
Mas por violar a donzella
Que vinha de San'Thiago:
Não bastou dormir com ella,
Senão dal-a ao seu criado!
Accommetteu-a na serra,
Mui longe do povoado:[2]
Por morta alli a deixára
Sem mais dó, sem mais cuidado.
Chorou tres dias, tres noites,
E mais teria chorado,
Senão que Deus sempre acode
A amparar o desgraçado.
Passou por alli um velho,
Um pobre velho soldado,
Suas barbas brancas de neve,
Em sua espada abordoado;[3]
Vieiras traz na esclavina,
O chapéo d'ellas cercado;
Chegou-se á pobre romeira
Com muito amor, muito agrado:
—Não chores mais, filha minha,[4]
Filha, demais tens chorado;
Que esse villão cavalleiro[5]
Preso vae a bom recado,»
Levou comsigo a donzella
O bom velho do soldado;
Vão á presença d'elrei,
Onde o conde era levado:
—Eu te requeiro, bom rei,
Pelo Apostolo sagrado,
Que n'esta sua romeira
O fôro seja guardado.
Da lei divina é casar-se,
Da humana ser degollado:
Que não valem fidalguias[6]
Onde Deus é o aggravado.

1 Nem por home haver matado—*Traz-os-Montes.*
2 Em logar despovoado—*Beiralta.*
3 Ao seu bordão encostado—*Beiralta.*
4 Donzella não chores mais—*Beiralta.*
5 Que preso vae esse conde—*Beiralta.*
6 Não ha fôro ou privilegio—*Beiralta.*

Disse elrei aos do conselho
Com semblante carregado:
«Sem mais detença, este feito
Quero já desimbargado.
—«Visto está o feito, visto,
Julgado está, bem julgado:
Ou hade casar com ella,
Ou se não... ser degollado »
«Pois que me praz» disse o rei:
O algoz que seja chamado:
Ou já casar co'a romeira
Ou aqui ser degollado.

—«Venham algoz e cutello.
Respondeu o accusado:
Mas antes morrer mil vezes [7]
Que viver envergonhado.»

Agora ouvireis o velho,
O bom velho do soldado:
—Fazeis, bom rei, má justiça,
Máo feito tendes julgado:
Primeiro casar com ella,
E depois ser degollado
Lava-se a honra com sangue,
Mas não se lava o peccado »

Palavras não eram ditas,
A espada tinha arrojado,
Despe insignias de romeiro, [8]
Despe as armas de soldado,
Nos trajos de um santo bispo
Apparece transformado;
Sua mitra de pedras finas,
De oiro puro o seu cajado:
Tomou a mão da romeira,
A mão do conde ha tomado,
Por palavras de presente
Alli os tem desposado
Choravam todos que o viam,
Chorava mais o culpado;
Chorando, pedia a morte
Por não ficar deshonrado. [9]
O santo bispo o absolvia
Contricto de seu peccado:
D'alli o levam por morto,
Que nem o algoz foi chamado.
Justiça de Deus foi n'elle,
Antes de uma hora é finado!
Mas acudiu áquella alma
O Apostolo sagrado,
Que outro não era o romeiro,
O bispo nem o soldado. [10]

7 Antes morrerei mil vezes—*Traz-os-montes*
8 Tira o gaivão do romeiro—*Belralta.*

9 Antes que ser deshonrado—*Traz os-Montes.*
10 A lição de Tras os-Montes supprime a intervenção de San Thiago, e tambem o casamento do conde que alli vae simplesmente a degollar, declarando a sua ultima vontade n'estas coplas:

—«Não me enterrem na egreja,
Nem tampouco em sagrado
N'aquelle prado me enterrem
Onde se faz o mercado
Cabeça me deixem fóra,
O meu cabello entrançado,
De cabeceira me ponham
A sella do meu cavallo.
Que digam os passageiros:
—Triste de ti, desgraçado!
Morreste de mal d'amores,
Que é um mal desesperado »—*Tras-os-Montes*

PARTE SEGUNDA

(ADVERTENCIA DA PRIMEIRA EDIÇÃO)

Por não fazer demazíado volume, dividiu-se o segundo livro d'esta collecção em duas partes, cadá uma das quaes fórma um tomo separado.

N'este segundo vão tambem em appendice as traduções inglezas de Sir John Adamson de alguns dos romances do primeiro livro.

O tomo quarto está destinado a conter o terceiro livro, que é o das *Lendas e Prophecias*. Se porém apparecerem no intervallo alguns romances ainda não descobertos que pertençam á classe do segundo livro, accrescentar se-ha uma terceira parte; e com ella começará, n'esse caso, o seguinte quarto volume.

Lisboa, 9 de Agosto, de 1851.

XVII

A ROMEIRA

Aqui vae outra romeira, e não sei se de Sanctiago tambem; mas creio que não, porque o diria algures o texto do romance: não é orago que deixasse de se nomear.

E' lindo, singelo, perfeito exemplar no seu genero. Não me consta que ande por mais terras nossas do que pelas do Minho e Traz-os-Montes. Só pelas duas versões d'estas provincias o tive de apurar; e sem muito custo, porqne é simples de si, e pouco o alteraram na tradição. Tem todo o sabor e ingenuidade antiga, conserva perfeitamente os costumes crus da edade barbara a que se refere. Tambem não occorre nos romanceiros dos nossos visinhos, e estou seguro que é esta a primeira vez que se vê escripto e impresso. As variantes que valem alguma coisa vão notadas á margem, e não são muitas.

A ROMEIRA

Por aquelles montes verdes
Uma romeira descia;
Tam honesta e formosinha
Não vae outra á romaria.
Sua saia leva baixa
Que nas ervas lhe prendia;
Seu chapelinho cahido
Que lindos olhos cubria!
Cavalleiro vae traz d'ella,
De má tenção que a seguia! [1]
Não a alcança por mais que ande,
Alcançál-a não podia
Senão junto a essa oliveira[2]
Que está no adro da ermida.
Á sombra da árvore benta
A romeira se accolhia:
—Eu te rogo, cavalleiro,
Por Deus e a Virgem Maria,
Que me deixes ir honrada
Para a santa romaria.»
Cavalleiro, de malvado,
Nem Deus nem razão ouvia;
Cego no desejo bruto,
De amores a accommettia.
Pegaram de braço a braço:
Lucta de grande porfia![3]
A romeira, por mais fraca,
Emfim rendida cahia ..[4]
No cahir, lhe viu á cinta
Um punhal que elle trazia;

1 Alcançal-a não podia—*Traz-os-Montes.*
2 Alcançou-a descançando
Debaixo da verde oliva—*Traz-os Montes.*
3 Qual debaixo, qual decima—*Traz-os-Montes*
4 Logo debaixo cahia—*Traz-os-Montes.*

Com toda a força lh'o arranca,
No coração lh'o mettia
O sangue negro saltava.
O negro sangue corria...
«Por Deus te peço, romeira,[5]
Por Deus e a Virgem Maria,
Que o não digas em tua terra,
Nem te vás gabar á minha
Da vingança que tomaste,
Da affronta que te eu fazia.
—Heide dizêl-o em tu'terra,
Heide me ir gabar á minha,
Que matei um vil covarde
Co'as armas que elle trazia.»
Tocou a campa da ermida,
A campa que retinia:
—Ermitão, por Deus vos peço[6]
Bom ermitão d'esta ermida,
Tenhaes dó d'essa má alma
Que inda agora se partia:
Dae terra benta ao seu corpo,
Que Deus lhe perdoaria.

5 Eu te peço, romeirinha—*Traz-os-Montes*

6 Eu te peço, ermitão,
Por Deus e santa Maria
Que enterres esse traidor
Lá na tua santa ermida—*Traz-os-Montes*

XVIII

CONDE NILLO

Só se encontrou este bello romancinho do *Conde Nillo* na provincia de Traz-os-Montes e nas ilhas dos Açores. Nas collecções castelhanas é ommisso. Não sei porquê, mas sinto que tem o ár francez ou provençal. Ou talvez normando? Da nossa Hespanha é que elle me não parece oriundo. Tudo isto porém é sentir; julgar não, que não tenho por onde.

Nillo não é nome portuguez, nem sei que fosse castelhano, leonez ou de Aragão. De donde será? Ou é corrupção, como tantas, de outro nome? Mas de que nome? Series e series de dúvidas e perguntas ás quaes confesso a minha completa inhabilidade de responder.

Seja como for, o romance é bonito, elegante e gracioso, tem todo o cunho antigo verdadeiro, e não parece dos que mais padeceram na sua transmissão até nós.

CONDE NILLO

Conde Nillo, conde Nillo
Seu cavallo vae banhar;
Em quanto o cavallo bebe,
Armou um lindo cantar.
Com o escuro que fazia
El rei não o póde avistar.
Mal sabe a pobre da infanta
Se hade rir, se hade chorar.
—Calla, minha filha, escuta,
Ouvirás um bel cantar:
Ou são os anjos no céu, [1]
Ou a sereia no mar.»
«Não são os anjos no céu,
Nem a sereia no mar:
E' o conde Nillo, meu pae,
Que commigo quer casar.
—Quem fala no conde Nillo,
Quem se atreve a nomear
Esse vassallo rebelde
Que eu mandei desterrar?
«Senhor, a culpa é só minha, [2]
A mim deveis castigar:
Não posso viver sem elle...
Fui eu que o mandei chamar.
—Calla-te, filha traidora,
Não te queiras deshonrar.
Antes que o dia amanheça [3]
Vel-o-has ir a degollar.
«Algoz que o matar a elle,
A mim me tem de matar;
Adonde a cova lhe abrirem,
A mim me têem de enterrar.»

Por quem dobra aquella campa
Por quem está a dobrar?
—«Morto é o conde Nillo,
A infanta já a expirar. [4]
Abertas estão as covas,
Agora os vão enterrar:
Elle no adro da egreja, [5]
A infanta ao pé do altar,
De um nascêra um cypreste,
E do outro um laranjal;
Um crescia, outro crescia,
Co'as pontas se iam beijar.
El rei, apenas tal soube,
Logo os mandára cortar.
Um deitava sangue vivo, [6]
O outro sangue real;
De um nascêra um pombo,
De outro um pombo torquaz
Senta-se el-rei a comer, [7]
Na mesa lhe iam poisar:
—Mal haja tanto querer,
E mal haja tanto amar!
Nem na vida nem na morte
Nunca os pude separar.

1 Mais outro exemplo do que era frequente nos antigos cantares repetirem, de uns para outros, certos dizeres que cahiam em graça. Veja no *Reginaldo* pag. 143.
2 Senhor pae, eu tenho a culpa—*Açores*.
3 Antes que não rompa o dia—*Açores*.
4 A infanta vae a expirar—*Açores*.

5 Veja o que a este respeito e sobre a repetição d'esta linda imagem, deixo escrito na *Rosalinda*, pag. 373.

6 Um, nobre sangue deitava—*Traz-os-Montes*.
7 Sentava-se el-rei a mesa.
No hombro lhe iam poisar—*Açores*.

XIX

ALBANINHA

Esta pequena xácara, curta, simples e que mais parece alludir a uma anecdota sabida, do que recontal-a, não a encontrei senão na provincia de Traz-os-Montes. Tres differentes, mas pouco differentes, versões d'alli me vieram: e, approveitando de todas, se restituiu o texto como aqui vae. Tem não sei que resaibo á sarcastica *sirvente* do trovador. E' mordaz, epigrammatica; e até se permitte fazer o seu *calimburgo*, quando a donzella requestada responde ao seductor:

«Pouco tempo são tres horas,
Mas vem depois o contar.»

Onde a graça do equivoco está em que o verbo *contar* tanto significa fazer *contas* como *referir o que se passou*.

Não ha variantes que mereçam a pena de se conservar, nem lição castelhana que se ache nos romanceiros.

ALBANINHA

ALBANINHA, Albaninha,
A filha do conde Alvar!
Oh! quem te vira Albaninha
Tres horas a meu mandar!
—Pouco tempo são tres horas,
Mas vem depois o contar.
«Usança de máos villões
Nunca a eu soubera usar.
Com esta espada me cortem,
Com outra de mais cortar,
Donzella que em mim se fie
Se eu d'isso me for gabar.»
Inda bem manhan não era
Já na praça a passeiar;
Aos tres irmãos de Albaninha
Se foi de braço travar:
«Esta noite, cavalleiros,
Sabereis que fui caçar;
Em minha vida não tive
Noite de tanto folgar.
Era uma lebre tão fina
Que nunca vi tal saltar:
Com tres horas de corrida
Não a cheguei a cançar!»
Disseram uns para os outros:
—«Bom modo de se gabar!
Será de vossas mulheres?
Das irmans nos quer falar?»
Responde agora o mais moço
Discreto no seu pensar:
—«Não vêdes que é Albaninha,
Que o traidor quer diffamar?»

Foram os tres para um canto,
Poseram-se a aconselhar;
Diziam os dois mais velhos:
—«Vamo'-lo nós a matar?»
E o mais moço respondia:
—Vamo'-la nós a casar?»
—«Sim! e o dote que ella tem,
Nós o temos de pagar.»

Vão ao quarto de Albaninha,
De voda a foram achar;
Duas aias a vestiam,
Duas a estão a toucar.
—«Albaninha, Albaninha,
A filha do conde Alvar!
As barbas de teu pae conde
Que bem lh'as soubeste honrar!»
«—As barbas de meu pae conde
Tratae vós de as honrar,
Pagando me já meu dote,
Que agora me vou casar.»

XX

A PEREGRINA

Não é dos que mais se cantam, nem tem a popularidade de outros muitos, o romance da *Peregrina*, que alguns tambem chamam *Princeza*.—A lição que principalmente segui veiu-me do Porto, e é a mais completa. Das outras provincias só obtive fragmentos muito interpolados. Comtudo approveitei bastante d'elles para restituir o texto e dar nexo e clareza á narrativa. O que se não utilisou para este fim, vae nas variantes.

O final, sublime e poetica idéa que tanta predilecção mereceu aos antigos menestreis, é o mesmo de outros romances. Já notei [1] que francezes e inglezes o usaram em suas composições. Entre nós apparece repetido muitas vezes. Fez-se um «logar commum» romantico assim como tantas coisas bellas dos poetas gregos e latinos se fizeram, por sua popularidade, logares communs classicos. Que Homero ou que Virgilio da Meia-edade foi o original inventor d'este? Não é possivel sabel-o. E sabemos nós se eguaes bellezas da *Iliada* ou da *Eneada* são ou não repetições, reminiscencias de outros poetas mais antigos cujas obras ou cujos nomes não chegaram até nós?

A *Peregrina* tem todos os caracteres de antiga e original. E' bella e simples e verdadeira. Nos romanceiros castelhanos não vem; nem se encontra nada parecido com a singella historia que ingenuamente narra. Mas d'estas historias houve tantas n'aquelles ditosos tempos da andante cavallaria! Mal haja o damninho talento de Cervantes que as fez acabar n'um *Dom Quixote* e na sua Dulcinea!

[1] *Romanceiro*, I. pag 181, ed. de 1843.

A PEREGRINA

Peregrina, a peregrina [1]
Andava a peragrinar
Em cata de um cavalleiro
Que lhe fugiu, mal pezar!
A um castello torreado
Pela tarde foi parar:
Signaes certos, que trazia
Do castello, foi achar.
«Mora aqui o cavalleiro? [2]
Aqui deve de morar.»
Respondêra-lhe uma dona
Discreta no seu falar:
—O cavalleiro está fóra,
Mas não deve de tardar.
Se tem pressa a peregrina,
Já lh'o mandarei chamar.»

Palavras não eram ditas,
O cavalleiro a chegar:
—«Que fazeis porqui, senhora, [3]
Quem vos trouxe a este logar?»
«O amor de um cavalleiro
Por aqui me faz andar.
Prometteu de voltar cedo,
Nunca mais o vi tornar,
Deixei meu pae, minha casa, [4]
Corri por terra e por mar
Em busca do cavalleiro,
Sem nunca o podêr achar.»
—«Negro fadairo, senhora,
Que tarde vos fez chegar!
Eu de vosso pae fugia
Que me queria matar;
Corri terras, passei máres,
A este castello vim dar.
Antes que fôsse anno e dia
(Vós me fizeste jurar)
Com outra dama ou donzella
Não me havia desposar.
Anno e dia eram passados
Sem de vós ouvir fallar,
Co'a a dona d'esse castello
Eu hontem me fui casar...»
Palavras não eram dittas,
A peregrina a expirar.
—«Ai penas de minha vida
Ai vida de meu penar!
Que farei d'esta lindeza
Que em meus braços vem finar?»

1 Anda atraz do cavalleiro
A princeza a bom andar —*Minho*.
Esta lição do Minho dá por titulo ao romance *A Princeza*.
2 Está em casa o cavalleiro
Que aqui deve de morar?—*Traz-os-montes*
3 Que fazeis porqui, princeza,
Que andais a procurar?—*Minho*.

4 Deixei meu pae, minha gente—*Traz-os-montes*.

Do alto de sua tôrre
A dama estava a raivar:
—Leval-a d'ahi, cavalleiro,[5]
E que a deitem ao mar.
—«Tal não farei eu, senhora,
Que ella é de sangue real...
E amou com tanto extremo
A quem lhe foi desleal.
Oh! quem não sabe ser firme,
Melhor fôra não amar.»
Palavras não eram ditas
O cavalleiro a expirar.
Manda a dona do castello[6]
Que os vão logo enterrar
Em duas covas bem fundas
Ali junto á beira-mar.
Na campa do cavalleiro
Nasce nm triste pinheiral;[7]
E na campa da princeza
Um saudoso canavial.
Manda a dona do castello
Todas as canas cortar;
Mas as canas das raizes
Tornavam a rebentar
E á noite a castellana[8]
As ouvia suspirar.

5 Leva-a d'ahi, cavalleiro,
E vae lançál-a no mar.—*Minho*.

6 De raivosa, a castelhana
Os mandou logo cortar —*Minho*

7 Nasceu um triste pinhal.—*Extremadura*
Noto esta variante para marcar o uso indistincto das palavras *pinhal* e *pinheiral* que a lingua consente.

8 E, por noite, a castellana—*Traz-os-montes*.
E alta noite, a castellana—*Minho*.
E, de noite, a castellana—*Traz-os-Montes*.

A lição que segui no texto é a que veiu do Porto, que Minho é; mas não a acho melhor do que qualquer das outras. Segui-a porque, no todo do romance, é a mais completa.

XXI

DOM JOÃO

O assumpto d'este romance é um casamento á hora da morte, uma d'aquellas tardias mas solemnes reparações que a religião, a honra, o amor tantas vezes têm arrancado á consciencia do moribundo.

Os preconceitos de nascimento luctam, poderosos ainda n'esse momento extremo, com os deveres da religião, com os sentimentos d'alma, com os mesmos dictames da verdadeira honra. Oiro é a primeira coisa que o fidalgo expirante se lembra de deixar á infeliz donzella,—*infelix virgo!*—em compensação da sua honra perdida. *Mil cruzados* lhe deixa: falta ahi villão que a queira, burguez que a requeste e cubra de seu nome vulgar a doirada fragilidade de uma menina tambem dotada por seu senhor e seductor?

«Mil cruzados não é nada»: lhe objectam. —Pois darei mais duzentos: regateia a suberba agonizante.—A honra não se paga aos cruzados.—«Pois, terras, villas, senhorios e castellos a quem casar com ella. Ha tanto escudeiro e cavalleiro pobre! Casar com a manceba de seu senhor, e senhor tam generoso, quem hade recusal-o? E para o que duvidasse .. argumento de rei velho e de republicano novo: Tenha a cabeça cortada!»

Forte é o orgulho que assim lucta, quando já na beira do sepulchro. Tenaz o preconceito que ainda agora fez mentir villanmente o cavalleiro pundonoroso, quando, n'uma derradeira esperança de vida, falsamente promettia á enganada donzella «as bençãos de um arcebispo e a estolla da santa egreja». Vivesse elle, e taes promessas se cumpririam tanto como as primeiras que a seduziram. Porém mais forte é a piedade, a honra verdadeira de quem, até o último, combate esse vão orgulho, esse falso pundonor. Era sua mãe; não a mãe da desgraçada, que o não ousaria se viva era—que por ventura foi morrer de vergonha a um canto.—Não, mas sua propria mãe d'elle, do moribundo. Verdadeira mulher de alma e de coração, tudo o mais lhe esquece e despreza, e não vê na infeliz, que alli está debulhada em lagrimas junto ao leito da agonia, senão uma mulher, uma mulher que é victima de seu amor, que tudo quanto era deu a quem tudo lhe quer pagar com tam pouco.

A mulher triumphou. As ultimas palavras do vencido são bellas:

> —«Pois fique esta mão já fria
> Na sua mão adorada.
> De Dom João é viuva,
> Condessa será chamada.»

Estes grandes quadros desenhados em poucos traços, vivos só de verdade e natureza, são—não me canço de o fazer notar—os que dão á poesia do romance este vigor que se não acha n'outras, este caracter que a distingue em todas as nações, em todas as linguas.

Mais adeantada civilização trará poetas que *illuminem*, que repintem a côres estes simples desenhos a lapis do menestrel. Mas crear não hão de elles nunca, se não fecharem os livros escriptos, para abrirem o do coração, para estudar por elle o homem, a natureza que o cria, e o Deus que o fez.

O presente romance veiu-me do Minho; variantes notaveis não me appareceram; nas collecções castelhanas não está; e não o creio—isto é, não o presinto mais antigo do que o seculo XV ou principios do XVI.

DOM JOÃO

Lá das bandas de Castella
Triste nova era chegada:
Dom João que vem doente,
Mal pezar de sua amada!
São chamados tres doutores
Dos que têm mais nomeada:
Que, se algum lhe désse vida
Teria paga avultada.
Chegaram os dois mais novos,
Dizem que não era nada;
Porfim que chega o mais velho,
Diz com voz desenganada:
—Tendes tres horas de vida,
E uma está meia passada;

Essa é para o testamento:
Deixar a alma encommendada!
A outra é para os sacramentos.
Que inda é mais bem empregada;
Na terceira as despedidas
Da vossa dama adorada »

Estando n'estas conversas,
Dona Isabel que é chegada.
Ergueu os olhos para ella
Com a vista já turvada:
—Ainda bem que vieste,
Minha prenda desejada,
Que tanto queria vêr-te
N'esta hora minguada!
—«Tenho fé na Virgem santa,
N'ella venho confiada,
Que me hade ouvir e salvar-te,
Que o teu mal não será nada.

—Oh! que se eu chegar a erguer-me
Minha rosa namorada.
No vaso d'este meu peito
P'ra sempre serás plantada,
Co'as bençãos de um arcebispo
E de agua benta regada,
Co'a estolla da santa egreja
Ao meu coração atada »

Estando n'estas conversas,
Sua mãe que era chegada:
«—Que tens tu, filho querido
D'esta alma amargurada?
—Tenho, mãe, que estou morrendo
Que esta vida está acabada;
Com só tres horas por minhas,
E uma já meio passada
«—Filho de minhas entranhas,
N'esta hora minguada
Lembra-te se algo deves
A alguma dama honrada.
—Minha mãe, que devo, devo...
E Deus me não peça nada!
Dona Isabel que em má hora
Por mim fica diffamada.
Mas deixo-lhe mil cruzados
Para que seja casada.
«—A honra não se paga, filho;
Mil cruzados não é nada.
—Já lhe deixo mais duzentos
E a cruz de minha espada.
«—A honra não se paga, filho;
Os cruzados não são nada.
—Deixo-a a estes tres doutores
Muito bem encommendada;
E a vós, minha mãe, vos peço
Que a tenhaes bem guardada.
O que com ella casar
Tem uma villa ganhada;
O que lhe disser que não
Tenha a cabeça cortada
«—A honra não se paga, filho;
Nem com terras é comprada:
Se a essa dama lhe queres,
Não a deixes deshonrada.
—Pois fique esta mão já fria
Na sua mão adorada:
De Dom João é viuva,
Condessa será chamada.»

XXII

HELENA

Se a Dona Izabel da xácara antecedente achou na mãe do seu amante todas as divinas compaixões de um coração feminino, Helena, a boa Helena d'este romance, não encontrou na mãe de seu marido senão a proverbial *sogra* de todos os rifões e ditados de todos os povos Enredadora, invejosa, má lingua, sogra emfim, sogra estreme, e puro sangue—como em estylo cigano do Jockey-club, manda a moda anglogalla que hoje se diga —a sogra excita com dicterios e mentiras a bruteza estupida de seu filho: faz com que elle vá arrancar da cama, e trazer de noite para sua detestavel casa, a infeliz mulher que, sentindo-se com dôres de parto, tinha ido para a de sua mãe buscar o aninho e confôrto que junto da odiosa sogra não podia achar. Cego de colera e despeito, o bruto a nada attende. E' a morte que lhe dá; bem o sabe, mas pouco lhe importa. A resignação angelica da victima, as suas despedidas ao filhinho recem-nascido, as deixas de seu testamento quando se sente finar nas desabrigadas alturas «d'aquella serra» por onde a levam n'aquelle cavallo andaluz que «anda mais que o luar» — tudo são bellezas de primeira ordem, poesia de coração e verdade.

Obtive este romance em Maio de 1843 de uma saloia velha das visinhanças de Lisboa. Outra lição veiu depois, da Beiralta, que não differe muito. Sempre noto porém alguma variante, pôsto que ellas valham pouco. Parece-me portuguez de nascença; não ha d'elle vestigio em collecção castelhana de que eu saiba.

HELENA

Ai! que saudades me apertam
Pela casa de meu pae!
Tambem me apertam as dores,
E minha mãe sem chegar!
—Se as saudades te apertam,
Bem n'as pódes ir matar;
As dores não serão muitas,
Toma o caminho — e andar!
«E á noite meu marido,
Quem lhe dará de cear?
—Da caça que elle trouver,
Eu lh'a farei amanhar.[1]
Do meu pão e do meu vinho
O que elle quizer tomar.
—«Onde está mi' esposa Helena
Que me não dá de cear?
—Tua esposa Helena, filho,
Foi-se para não tornar.
Que ia para sua casa,
Que nos não pode aturar.
Chamou-me a mim perra velha,
A ti filho de mãe tal.
—«O meu cavallo andaluz[2]
Já e já m'o vão sellar
Essa mulher, por Deus juro
Que ella m'as tem de pagar.»
«—As boas novas, meu genro,[3]
Que tenho para vos dar!
Filho barão, e tam lindo,
Um anjo de pôr no altar!
—«Novas me dão, boas novas;
Más as trago eu para dar:
Que a mãe que o pariu
Não é que o hade criar.
Ergue-te d'ahi, Helena,
Que me tens de acompanhar.
«—Paridinha de uma hora,
Onde a quereis levar?
—«Para perto, e bom caminho;
Não tem muito que penar,
Que o meu cavallo andaluz
Anda mais do que o luar.
«—Ande elle, que não ande,
Onde a quereis levar?
«Call'-se d'ahi, minha mãe,
Já se havia de callar;
Que a mulher que é bem casada,
O marido a hade mandar.
Que me dêm a minha cinta,
Para eu me conchegar,
E esse meu gibão forrado
Para melhor me abafar.
E agora dêm-me o meu filho,

1 Aprestar—*Beiralta*.
2 Que me sellem meu cavallo,
Depressa, não devagar—*Extremadura*

3 Alviçaras, meu irmão,
Que já m'as devias de dar—*Beiralta*

Que o quero abraçar.
Ai! d'estes beijos, meu filho,
Se te saberás lembrar?
Lembrae-lh'o vós, minha mãe,
Quando elle souber falar.
«—Que dizes, filha, que dizes?
«Minha mãe, isto é folgar;
Que é tam perto e bom caminho
Para onde temos de andar;
E o cavallo andaluz,
Anda mais do que o luar.»
O cavallo era andaluz
Andava mais que o luar;
O caminho era de pedras,
Elle ia a tropeçar.
Vão andando, vão andando
Sem um nem outro falar,
Ella já tem as mãos frias,
O corpo está-lhe a inchar;
Chegando ao alto da serra [4]
Deu um ai, quiz desmaiar.
—«Que ais são esses, Helena?
Porque estás a suspirar?
«É que se me acaba a vida,
É que me estou a finar:
Paridinha de uma hora,
Sinto-me em sangue alagar.»

Já se não tem a cavallo,
Alli a foi apear:
Era a agonia da morte
Que já lhe estava a apertar.
—«A quem deixas o teu oiro, [5]
Que t'o hajam de estimar?
«Deixo-o a minhas irmans,
Se tu lh'o quizeres dar.
—«A quem deixas essa cruz
E as pedras do teu collar?
«A cruz, deixo-a a minha mãe
Que por mim lhe hade rezar.
As pedras não as quer ella,
E bem n'as podes guardar:
Se a outra as deres, marido,
Melhor lh'as deixes lograr.

—«Tua fazenda a quem deixas,
Que t'a saibam grangear?
«Deixo-t'a a ti, marido;
Que t'a deixe Deus gosar!
—«A quem deixas o teu filho
Que t'o hajam de criar?
«A tua mãe — que Deus queira
Amor lhe venha a ganhar!
—«Não o deixes a essa perra,
Que é capaz de t'o matar.
Ai! deixa-o antes á tua,
Que bem n'o hade criar.
Com lagrimas de seus olhos
Bem n'o ella hade lavar;
Toucas de sua cabeça [6]
Tirará para o pençar.»
De ouvir aquellas palavras
A pobre quiz-se animar;
Mas a voz que vem do peito
A bocca não póde achar. [7]
Inda lhe disse c'os olhos
Que lhe estava a perdoar.
—«Não me perdões, Helena,
Que Deus te hade escutar.
Ai! as penas do inferno,
Já as eu começo a penar,
Que vejo subir ao céu
O meu anjo tutelar.»
Mal hajam linguas traidoras [8]
E ouvidos que lhe eu fui dar!
Que por amor das más linguas
Meu anjo vim a matar!
Sete annos e mais um dia
Me irei a peregrinar,
Á porta santa de Roma
Me quero ir ajoelhar.
E aqui um santo convento
Fundarei n'este logar,
Com sete missas por dia
Cada uma em seu altar;
Que digam todos que o virem:
Aqui foi seu mal-peccar,
E aqui fez penitencia
Para Deus lhe perdoar

4 La no mais alto da serra—*Extremadura*
5 *Oiro* em stylo camponez quer dizer—joias, ornatos de oiro de pessôa. O *meu oiro* é o oiro com que me adorno—como em stylo de cidade a *minha prata* é a prata de meu serviço de casa.
6 E as toucas da cabeça
Despirá para o pençar—*Extremadura*.

7 Não póde á bocca chegar—*Beiralta*.

8 Mal hajam as linguas taes
E ouvidos que lhe eu fui dar,
Que por amor das mas linguas
Meu amor vim a matar—*Extremadura*

XXIII

A MORENA

Este romance é vulgar na Extremadura e Beira e nas duas provincias d'alêm do Tejo. Seguiu-se principalmente o exemplar vindo de Castello-branco, que era o mais amplo; mas aproveitou-se de outras lições provinciaes o que foi necessario para lhe dar complemento. Transmittidas de bôcca em bôcca,—não me canso de o repisar—por tantas gerações, estas coplas foram-se alterando com mutilações e interpolações graduaes, mas não constantes nem uniformes. O rustico menestrel de uma aldeia tinha ás vezes pretenção de corrigir e enfeitar a singeleza dos primitivos cantares; outras, a avó velha que os recitava á lareira aos pasmados netinhos, cortava o que lhe parecia demais ou o que lhe esquecia; não poucas vezes, algum Macias namorado recorreu, na esterilidade de sua musa, ao bem parado d'este deposito commum, e, com mudanças de nomes e sitios, transformou a historia de uma antiga aventura em monumento moderno de suas glórias ou desgraças — como das mutiladas reliquias de um templo d'Isis se fazia nas eras byzantinas uma basilica de christãos; como de versos de Virgilio se compunham os celebrados *centões;* de pensamentos de Homero, de phrases de todos os poetas antigos, cozidos uns nos outros, se urdiam os poemas latinos de ha dois e tres seculos; como ainda até ha bem pouco tempo se escreviam tambem quasi todos os mesmos poemas vulgares. Dem desconto á simplicidade da obra e á inexperiencia do artista, e hãode achar a comparação exacta.

Fazia-se isto porém desvairadamente em epochas e logares differentes; e d'aqui a necessidade de collacionar as tradições de uma provincia, de um districto, de uma aldeia ás vezes, com as de outra.

No romance da *Morena* não parecem descobrir-se vestigios de mui remota antiguidade: assim a adivinhar, deitál-o-hia pelo seculo dezeseis. A elle sabe o mandar os escravos *á fonte buscar agua*, o *manteo de cochonilha*, e outras expressões que taes. Tem comtudo um certo sabor de originalidade no stylo, um tom familiar sem baixeza, um natural tam despido de todo o ornato, que lhe imprimem o cunho verdadeiro e inquestionavel da poesia primitiva de um povo. Quando quer que nascesse esta flor singella, foi na serra inculta, foi entre o mato virgem das florestas, longe das formalidades da arte, das fataes tesoiras e indigestos adubos do jardineiro.

O assumpto é uma vulgar aventura d'aldeia — d'essas que fez tam communs a devassidão dos mosteiros ruraes: isso mesmo a deixou porventura conservar na memoria dos homens como historia do que tinha sido, do que era e seria. Na última copla ha uma pincelada de mestre, dos mestres que faz a natureza, sublime de verdade e profunda de moral: ao encarar com a victima de sua profana leviandade, estendida n'uma tumba, o seductor *riu-se*, e o marido — diz o sincero trovador — *o marido é que chorava!*

Não se tomaram aqui liberdades de editor que restaura: é o quadro velho limpo, mas não repintado. Algumas camadas de côr postiça, que tinha por cima, cahiram ao lavar, e ficou mais claro o desenho original. Não foi preciso, como n'outros casos muitas vezes é, cozer a tella rasgada ou avivar o desenho summido: o fundo estava são e inteiro.

Nas collecções castelhanas não ha vestigio d'este romance; tenho-o por inteiramente portuguez e absolutamente popular.

A MORENA

Fui-me á porta da Morena,[1]
Da Morena mal casada:
«Abre-me a porta, Morena
Abre m'a por tua alma!»
—Como te heide abrir a porta,
Meu frei João da minha alma,
Se tenho a menina ao peito
E meu marido á ilharga?»
Estando n'estas razões,
O marido que acordava:
«—Que é isso, mulher minha,[2]
A quem dás as tuas falas?»
—Digo á môça do forno,
Que veiu ver se amassava,
Se amassasse pão de leite,
Que lhe deitasse pouca agua.»
«—Ergue-te, ó mulher minha,
Vae cuidar da tua casa;
Manda teus moços á lenha,
Teus escravos buscar agua.»
—Ergue-te d'ahi, marido,
Vae ao monte pela caça;
Não ha coelho mais certo
Do que é o da madrugada.»

O marido que sahia,
Morena que se enfeitava;
Seu manteo de cochonilha[3]
De dôze tostões a vara,
Meia de seda encarnada
Que na perna lhe estalava,
Sua bengalla na mão
Que mal no chão lhe tocava.
Foi-se direita ao convento,
A' portaria chegava
O porteiro é frei João[4]
Que pela mão a tomava;
Levou-a á sua cella,
Muito bem a confessava...
Penitencia que lhe deu
Logo alli mesmo a resava.

A' sahida do convento
O marido que a encontrava:
«—D'onde vens, ó mulher minha,
D'onde vens tão arraiada?»
—Venho de ouvir missa nova,
Missa nova bem cantada:
Disse-a o padre frei João,
Que assim venho consolada.»
«—Consolar-te heide eu agora
Com a ponta d'esta espada...»[5]
Deu lhe um golpe pelos peitos,
Deixou-a morta deitada.
—Não se me dá de morrer,
Que o morrer não custa nada
Dá-se me da minha filha,
Que a não deixo desmamada!»
«—Fôras tu melhor mãe que és,
Não fôras tam mal casada,
Não havias de morrer
D'esta morte desastrada.»

Levavam-n'a ao convento,
N'uma tumba amortalhada:
Surria-se o frei João,
E o marido... é quem chorava.

1 Em algumas lições provinciaes, designadameote nas da Extremadura, começa assim:
Ergueu-se frei Joanico
Um dia de madrugada,
Vestido de ponto em branco
E tangendo sua guitarra.
Foi-se á porta de Morena,
A morena etc.—*Extremadura*

2 Que é isso, Morenita—*Alemtejo.*
3 Com seu mantilho de lustro
Que o vento lh'o levava,
Seu sapatinho picado
Que no pé lhe rebentava—*Extremadura*
4 Frei João que a viu chegár,
Em vez de correr saltava —*Beiralta.*
5 Com o ôlho d'esta enchada.—*Beiralta.*

XXIV

DONZELLA QUE VAE Á GUERRA

Apezar de que se não encontra nas collecções impressas, sabemos, pelos nossos escriptores portuguezes, que este romance é de inquestionavel origem castelhana. Por fins do seculo XVI ainda se cantava na *sociedade*, por gentis damas e galantes cavalheiros; e, já se vê, em castelhano se cantava. D'esse tempo escrevia Jorge Ferreira na *Aulegraphia:* [1] «Não ha entre nós quem perdôe a hua troua portugueza, que muitas vezes he de vantagem das castelhanas que se tem aforado comnosco e tomado posse do nosso ouvido.» Bem ás vessas do que succedia dois seculos antes, em tempos do marquez de Santillana, que os castelhanos trovavam em portuguez para serem acceitos seus dizeres e cantares na propria côrte dos reis de Castella. [2]

Devia dar-se, ao menos entre nós, a este romance o seu titulo primitivo *O rapaz do Conde Daros*, porque assim lhe chama Jorge Ferreira em outra das muito curiosas scenas da já citada *Aulegraphia*, tam ricas todas de preciosa e rara informação para o estudo dos costumes e usos d'aquelle tempo E' na primeira do acto III, chistosa e desinfadada conversação entre dois galantes do paço, Dinardo Pereira e Grasidel de Abreu, que se divertem fazendo de *l'esprit* á moda do tempo com agudezas e requintes, em quanto não vem o jantar «que está para dois toques». Tracta-se entre aquelles fashionaveis da era de quinhentos, de fazer alguma coisa elegante: sonetos, por exemplo, trovas, ou quejandas galanices d'então—como hoje seria jogar um *ruber* (róber ?), experimentar uma walsa nova no piano etc. Não é o menos gracioso d'este quadro, o áparte dos dois criados Rocha e Cardoso, que á soccapa estão glosando e mettendo a ridiculo os alambicados conceitos dos amos. Dinardo, que é o mais prendado, resolve-se emfim pelo romance e a guitarra.

DINARDO

Ora poys que assi te tocarey: *O rapaz do Conde Daros.*

ROCHA

De prazer vem vosso amo, algum passarinho novo viu lá.

CARDOZO

Veria muyto má ventura, que sempre anda após estes...

DINARDO, *canta*

Pregonadas son las guerras
De Francia contra Aragone...

ROCHA

O que elle tem para seu remedio he gentil voz!...

DINARDO, continuando a cantar

Como las haria triste
Viejo cano y pecador?...
(Quebra se-lhe uma corda) Ah pezar de Mafoma!

CARDOZO

Quebrou-lhe a prima, inda bem!

DINARDO

Vedes este desar tem a musica, quando estaes no melhor, deixa-vos em branco uma prima falsa...[1]

Dei mais largas á curiosa citação por ser, como é, tam indubitavel e interessante documento para a historia do romance em Portugal, e porque tambem são já rarissimos os exemplares d'essa obra de Jorge Ferreira.

Assim andava pois este romance, extrangeiro, e por tal prezado na alta sociedade portugueza; até que, descendo dos salões para o terreiro, a popularidade o naturalizou. Era castelhano no paço, foi-se fazer portuguez na aldeia.

Vae em tres seculos que Jorge Ferreira nos deu as ultimas novas d'elle quando andava por casas de senhores; achamol-o hoje á lareira d'algum pobre abegão do Alemtejo,—que para ricos lavradores, com filhas que já contradançam talvez, senão é que walsam e polkam tambem—é o triste de muito má companhia já. Tambem das provincias do Norte vieram noticias e cópias d'elle; dos Açores é a mais completa ou a mais extensa que

[1] *Aulegraphia*, act. II, sc. 9, fol. 66, vers. da ed. de 1619.

[2] Carta do marquez de Santillana ao condestavel de Portugal: pag. LVII, tom. I da collecção de Sanches, Madrid 1779.

[1] *Aulegraphia*, act. III, sc. 1, fol. 84.

me chegou. Desvairados nomes traz das diversas provincias: aqui é *Dona Leonor*, além *Dom João*, n'outra parte *Dom Carlos*, etc.

Quando ha dez annos o erudito auctor de *Isabel ou a heroina de Aragão*, [1] o publicou sob o mesmo titulo e como illustração e fundamento do seu poema, era este o quarto romance tradicional que apparecia impresso em portuguez: contando o primeiro no suspeitoso «Figueiredo» de Fr. Bernardo de Brito, o segundo e terceiro na *Silvana* e no *Bernal-Francez* que eu publicára em 1828 em Londres.

Deixo-lhe por titulo, o que trouxe das ilhas, da *Donzella que vae á guerra*, porque lhe acho certa graça e simplicidade toda popular, bem propria sempre de taes rhapsodias.

São muitas as variantes, por ser este romance dos mais espalhados pelo reino, e mais favoritos do povo.

[1] *Isabel ou a heroina de Aragão* por J. M. da Costa e Silva, Lisboa, 1832.

DONZELLA QUE VAE A' GUERRA

JÁ se apregoam as guerras [1]
Entre a França e Aragão:
Ai de mim que ja sou velho,
Não nas posso brigar, não! [2]
De sete filhas que tenho
Sem nenhuma ser barão!...»
Responde a filha mais velha [3]
Com toda a resolução:
—Venham armas e cavallo
Que eu serei filho varão.
«Tendes los olhos mui vivos. [4]
Filha, conhecer-vos-hão.»
—Quando passar pela armada [5]
Porei os olhos no chão.»
«Tendes los hombros mui altos
Filha, conhecer-vos-hão.»
—Venham armas bem pesadas,
Os hombros abaterão.» [6]
«Tende'-los peitos mui altos
Filha, conhecer-vos-hão.»
—Venha gibão apertado, [7]
Os peitos encolherão.
«Tende'-las mãos pequeninas [8]
Filha, conhecer-vos-hão.»
—Venham já guantes de ferro, [9]
E compridas ficarão »
«Tende'-los pés delicados,
Filha, conhecer-vos hão.»
—Calçarei botas e esporas,
Nunca d'ellas sahirão.»

«—Senhor pae, senhora mãe,
Grande dor de coração;
Que os olhos do conde Daros [10]
São de mulher, de homem não.»
—«Convidae-o vós meu filho,
Para ir comvosco ao pomar. [11]
Que se elle mulher for,
A' maçan se hade pegar.» [12]
A donzella por discreta,
O camoez foi apanhar [13]
—Oh que bellos camoezes
Para um homem cheirar!
Lindas maçãs para damas
Quem lh'as podéra levar.
«—Senhor pae, senhora mãe,
Grande dor de coração;
Que os olhos do conde Daros [14]
São de mulher, de homem não.»
—«Convidae-o vós, meu filho,
Para comvosco jantar;
Que, se elle mulher for [15]
No estrado se hade encruzar. [16]
A donzella por discreta,
Nos altos se foi sentar. [17]
«—Senhor pae, senhora mãe,
Grande dor de coração;
Que os olhos do conde Daros [18]
São de mulher, de homem não.»
—«Convidae-o vós, meu filho,
Para comvosco feirar,
Que, se elle mulher for,
A's fitas se hade pegar.»
A donzella por discreta,
Uma adaga foi comprar. [19]

1 Pregoadas são as guerras
Entre França e Aragão.
Como as faria triste
Velho cano e peccador?—*Lição antiga em Jorge Ferreira.*
2 As guerras me acabarão.—*Lisboa.*
Triste de mim que sou velho
As guerras me acabarão.—*Alemtejo, Extremadura*
3 Responde Dona Guimar —*Lisboa.*
4 «Tendes las tranças compridas,
Filha, conhecer-vos-hão
—«Venham umas tesouras,
As tranças irão ao chão.—*Minho*
—«Tendes los olhos garridos.—*Açores.*
5 Pela hoste.—*Beiralta.*
Pelos homens.—*Minho*
6 Abaixarão.—*Lisboa*
Encolherei os meus peitos
Dentro do meu coração.—*Minho.*
7 Venha ja um alfaiate
Faça-me um justo gibão—*Extremadura, Alemtejo, Algarve.*
8 Delicadas—*Alemtejo, Beiralta*
Muito finas.—*Beirabaixa*
9 Mettel-as-hei n'umas luvas—*Extremadura.*
Calçál-as-hei n'umas luvas,
D'ellas nunca sahirão—*Alemteio Minho*
Venham manapolas de ferro—*Traz-os-montes.*
Os pés bem grandes serão.—*Minho, Beiralta.*

10 Dom João.—*Açóres.*
D. Martinho.—*Lisboa, Alemtejo*
D. Marcos.—*Extremadura.*
Dom Claros.—*Minho*
11 Jardim—*Minho, Açóres, Lisboa*
12 Co'as rosas se hade tentar.—*Lisboa*
Com as flores se hade armar.—*Minho*
As rosas o hãode buscar.—*Açóres*
13 Á lima se foi pegar:
—«Oh que bella lima esta»—*Lisboa*
Uma cidra foi mirar.—*Algarve, Minho*
14 As mesmas variantes respectivas.
15 Porque no partir do pão
Se virá a delatar:
Que se elle o partir no peito,
Por mulher se hade mostrar.—*Açores.*
16 Baixo assento hade ir buscar.—*Minho.*
17 O mais alto foi buscar.—*Lisboa.*
No mais alto quiz estar.—*Minho*
18 As mesmas variantes.
19 N'uma adaga foi pegar —*Lisboa*
Foi uma espada apreçar.—*Minho*
Oh que lindas fitas verdes
Para môças enganar!—*Açóres.*

—Oh que bella adaga esta
Para com homens brigar!
Lindas fitas para damas:
Quem lh'as podera levar!»
«—Senhor pae, senhora mãe,
Grande dor de coração;
Que os olhos do conde Daros
São de mulher, de homem não.»
—«Convidae o vós, meu filho,
Para comvosco nadar;
Que se elle mulher for,
O convite hade escusar.» [20]
A donzella, por discreta,
Começou-se a desnudar ..
Traz-lhe o seu page uma carta,
Pôz-se a ler, e pôz-se a chorar:
—Novas me chegam agora,
Novas de grande pezar:
De que minha mãe é morta,
Meu pae se está a finar.

20 Desculpa vos hade dar.—*Lisboa.*
Já se hade acovardar.—*Alemtejo.*

Os sinos da minha terra
Os estou a ouvir dobrar;
E duas irmans que eu tenho,
D'aqui as oiço chorar
Monta, monta, cavalleiro!
Se me quer acompanhar.
Chegavam a uns altos paços,[21]
Foram-se logo apear.
—Senhor pae, trago-lhe um genro,
Se o quizer acceitar;
Foi meu capitão na guerra,
De amores me quiz contar...
Se ainda me quer agora.
Com meu pae hade falar

Sete annos andei na guerra
E fiz de filho barão.
Ninguem me conheceu nunca
Senão o meu capitão;
Conheceu-me pelos olhos,
Que por outra cousa não.

21 Chegam juntos do castello.—*Lisboa.*

XXV

O CATIVO

Vendido no mercado de Salé pelos corsarios que o tomaram, um pobre captivo christão vae ser escravo de avarento e rico judeu, que lhe dá negra vida. E' o primeiro capitulo de uma historia sabida e commum: e naturalmente se espera já o segundo, que é namorar-se do interessante captivo a bella filha do mau perro judio, animál-o, consolál-o, querer fugir com elle de moirama. — Atéqui vamos pela estrada coimbran d'estas aventuras, que por seculos foram quasi quotidianas entre nós. Mas d'ahi por deante o caso sáe um tanto da marcha ordinaria. O cativo não renega nem foge com a bella judia; e ella apaixonada, rendida, perdida... conhece porfim que não é amada: nos molles braços da amante, o ingrato christão suspirava, chorava por sua terra talvez, por outros amores, quem sabe? Mas

«Chorava—que não por ella!»

Não se espera a vingança da bella judia: dá-lhe dinheiro para se resgatar, dinheiro do seu d'ella que sua mãe lhe deixára. Apertada pelo pae que suspeita a verdade, ella confessa tudo, mas defende o christão por innocente; e só de uma alta tôrre, contempla a última véla que lhe foge no horisonte com o ingrato amante.

O romance anda por Lisboa, Ribatejo e Extremadura fóra; não me chegou informação de que se internasse mais pelas provincias: não deve de ser mais antigo que o meado do seculo XVII se a copla em que se allude a Ceuta e a Mazagão não é *rifacimento* moderno, como tambem póde ser, e me inclino a crer que é, porque no resto, o sabor e o stylo é mais velho.

Não apparece nas collecções castelhanas; e se não foi originalmente escripto em portuguez, nacionalizou-se por tal modo, que se lhe não descobre vestigio bem auctorisado e certo de outra origem. Nem façam dúvida os artigos *lo*, *la* em vez de *o*, *a;* porque não só os escriptores antigos, mas o povo de hoje os substitue assim a miudo quando lh'o pede o mal soante do hyato. Tambem dizem *mi'* por *minha*, *padre* e *madre* por *pae* e *mãe*; e outros que parecem castelhanismos sem o serem. *Me' pae* diz ainda hoje, por euphonia, o alemtejano, como em tempos de Gil Vicente, se dizia e cantava *m' amor* por *meu amor*.

O CATIVO

Eu vinha do mar de Hamburgo[1]
N'uma linda caravella;
Captivaram-nos os moiros
Entre la paz e la guerra.
Para vender-me levaram[2]
A Salé, que é sua terra.
Não houve moiro nem moira
Que por mim nem branca dera;[3]
Só houve um perro judio
Que alli comprar-me quizera;
Dava-me uma negra vida,
Dava-me uma vida perra;
De dia pisar esparto,
De noite moer canella,
E uma mordaça na bocca
Para lhe eu não comer d'ella.
Mas foi a minha fortuna,
Dar c'uma patroa bella,
Que me dava do pão alvo,
Do pão que comia ella.
Dava-me do que eu queria,
E mais do que eu não quizera;
Que nos braços da judia
Chorava — que não por ella.

Dizia-me então:—Não chores,
Christão, vae-te á tua terra.
«Como me heide eu ir, senhora,
Se me falta la moeda?»
—Se fôra por um cavallo,
Eu uma egua te dera;[4]
Se fôsse por um navio,

1 Meu pae era de Hamburgo,
Minha mãe de Hamburgo era—*Ribatejo*.

2 Me levaram a vender
A Sale, que é má terra—*Extremadura*

3 *Ni blanca* é claramente castelhano, dizer; mas nos mais puros nossos escriptores se encontra. Dito familiar que se introduziu então, como hoje dizemos tanta palavra e phrase franceza ou ingleza, por termos com as coisas, livres e usos d'estas nações o mesmo trato que então tinhamos com castelhanos.

4 Eu te daria uma egua—*Ribatejo*.

Dera-te uma caravella.» [5]
«Não fôra por um cavallo,
Não fôra, senhora bella,
Que está longe Mazagão,
Ceuta tem voz de Castella.
Nem por navio não fôra,
Que eu fugir não quizera,
Que era roubar a teu pae
Dinheiro que por mim dera.»
—Toma esta bolsa, christão,
Feita de seda amarella; [6]
Minha mãe quando morreu
Me deixou senhora d'ella.
Vae-te, paga o teu resgate;
E ás damas de tua terra
Dirás o amor da judia
Quanto mais vale que o d'ellas

Palavras não eram ditas,
O patrão que era chegado.
«Venhaes embora, patrão,
E vinde com Deus louvado,
Que agora tenho recado
Que o meu resgaste é chegado.» [7]
«—Christão, Christão, que disseste!
Olha que é muito cruzado.
Quem te deu tanto dinheiro
Para seres resgatado?»
«Duas irmans m'o ganharam,
Outra m'o tinha guardado; [8]
E um anjo do céu m'o trouxe,
Um anjo por Deus mandado.»
«—Dize-me, ó christão, dize
Se queres ser renegado,
Que te heide fazer meu genro,
Senhor de todo o meu estado.»
«Eu não quero ser judio
E nem turco arrenegado,
E não quero ser senhor,
De todo esse teu estado, [9]
Porque trago no meu peito
A Jesus crucificado» [10]

«—Que tens tu, filha Rachel? [11]
Dize-me cá, filha amada,
Se é pelo christão maldito [12]
Que ficaste desgraçada»
—Meu pae deixe o christão, deixe,
Que elle não me deve nada;
Deve-me a flor de meu corpo,
Mas de vontade foi dada.

Mandou fazer-lhe uma torre
De pedraria lavrada;
Que não dissessem os moiros:
—«A judia é deshonrada.»
Violla, minha violla,
Fica-te aqui pendurada [13]
Que lá vão os meus amores
Por essa agua salgada.

5 Dar-te hia uma galera—*Lisboa.*
6 Com mil dobrões dentro d'ella.
Co'as mil doblas que estão n'ella—*Ribatejo.*

7 Este é um dos muitos exemplos de se faltar de vez em quando á forçada lei da redondilha, augmentando-a com dois versos no mesmo repisado consoante ou toante obrigado.
8 Que por mim estão a soldado—*Ribatejo.*

Esta phrase *a soldado* para dizer: estão servindo *a soldada, a soldo, como criados,* etc., foi nova para mim; vê-se porém que é legitima portugueza. Não aproveitei para o texto esta variante por causa da amphibologia.
9 De todo esse teu reinado—*Extremadura.*
10 Outro exemplo de accrescentar dois versos á redondilha, mas sem repetir o consoante senão em um d'elles
11 Anda cá, ó filha Angelica—*Lisboa.*
12 Se é pelo christão que choras.
Que te deixou deshonrada—*Ribatejo*
13 Aqui te deixo por mão,
Que os amores da judia
Pelas ondas do mar vão—*Ribatejo.*

XXVI

A NAU CATHRINETA

Não é para admirar que seja tam geralmente sabida e querida esta xácara. O que admira é que não seja mais commum entre nós o romance maritimo. Um paiz de navegantes, um povo que viveu mais do mar que da terra; que as suas grandes glórias as foi buscar ao largo oceano; que por não caber em seus estreitos limites da Europa, devassou todo o imperio das aguas para se extender pelo universo, — não póde deixar de ter produzido muito Cooper popular e muito Camões de rua e de aldea que, em seus pequenos Lusiadas, cantasse as mil aventuras de tanto galeão e caravella que se lançavam destemidos

Por máres nunca d'antes navegados.

Temos em prosa muita relação popular de naufragios que rivaliza em simplicidade antiga com os Chronicons da meia-edade, e cujos escriptores parecem discipulos do arcebispo Turpin, do auctor da *Formosa Magalona* ou da *Donzella Theodora*. Como elles, andaram muitos annos a cavallo em barbantes no logar do cego estacionario, ou no bornal do cego ambulante; e só em meios do seculo passado começaram a juntar-se em volumes na bem conhecida collecção intitulada *Historia Tragico-Maritima.* [1]

Algumas d'estas narrativas feitas por pessoas que tiveram parte na aventura, são palpitantes de interesse e de verdade, contêem descripções inimitaveis, desenhados do vivo, e taes que fazem empallidecer as mais animadas paginas do *Reddrover* e do *Pirata*.

Não cingrariam jámais com os nossos argonautas senão os Homeros das grandes Odysseas? Nunca um pobre menestrel do povo que dissesse na harpa ou na violla esses humildes cantares que não cabem na tuba epica, mas tambem não precisam dos caracteres de Gerardo da Vinha ou de Craesbeck, porque se gravam na memoria do povo e se perpetuam no livro vivaz das gerações?

E' impossivel: seus poetas tem, seus chronistas, seus historiadores; havia de ter seus menestreis e seus trovadores, a aventurosa vida de nossos mareantes.

Mas essas ingenuas rhapsodias, quem as apagou assim do livro popular? Que estupidos monges fizeram palimpsestes de suas páginas bellas? — que apenas hoje podêmos decyphrar a custo algum fragmento oblitterado como este!

Não é facil responder com precisão. Mas são certas as razões geraes e sabidas do orgulho monachal, e falso gôsto de nossos litteratos de universidade e de côrte. Se tirarmos Gil Vicente e Bernardim-Ribeiro, o mesmo ou peior diremos dos poetas, que todos ou quasi todos venderam sua alma aos classicos latinos, aos italianos da renascença, e desprezaram, por vulgares, as primitivas fórmas de seus cantores naturaes.

A *Nau Cathrineta* foi provavelmente o nome popular de algum navio favorito; diminutivo de affeição pôsto na Ribeira-das naus a algum galeão Sancta Catherina, ou coisa que o valha. Dar-lhe-iam esse appellido *coquet* por sua airosa mastreação, pelo talhe elegante de seu casco, por alguma d'essas qualidades graciosas que tanto apprecia o olho exercitado e fino da gente do mar. Ou talvez é o nome supposto de um navio bem conhecido por outro, que o discreto menestrel quiz occultar por considerações pessoaes e respeitos humanos. Entre as narrativas em prosa que já citei, ha uma, por titulo — *Naufragio que passou Jorge de Albuquerque Coelho, vindo do Brazil no anno de 1565* — que não está muito longe de se parecer com a do romance presente. Larga e difficil viagem, temporaes assombrosos, fome extrema, tentativas de devorarem os mortos, resistencia do commandante a esta bruteza, milagroso surgir á barra de Lisboa quando menos o esperavam, e quando menos sabiam em que paragens se achassem — tudo isto ha na prosa da narração; e até o poetico episodio de estarem a ver os monumentos e bosques de Cintra sem os reconhecer — como na xácara se viam, pela falsa miragem do demonio, as tres meninas debaixo do laranjal.

Fosse porém este, ou fosse outro o caso

[1] *Historia Tragico-Maritima*, em que se escrevem, etc. Por Bernardo Gomes de Brito. Lisboa occidental, 1735.

que celebra o romance, houve tantos similhantes n'aquelles tempos, que de alguns de elles, e no fim do seculo XV ou no XVI, se havia de compor. Mais antigo não é. Alêm de outras razões, é hoje averiguado que a poesia primitiva da nossa peninsula rarissima vez admitte o maravilhoso, o *Deus ex machina* para solução de suas ingenuas peripecias. Composição em que elle appareça, quasi sem hesitar, se deve attribuir a origem franceza, franco-normanda, ou mais seguramente ainda á dos bardos e escaldos que por essas vias se derivasse até nós. Depois é que a mythologia de todas as crenças se confundiu, e ainda a mais extranha é a que mais figurava entre nós.

Tem muitas variantes a *Nau Cathrineta*; as mais notaveis vão apontadas.

A NAU CATHRINETA

Lá vem a nau Cathrineta [1]
Que tem muito que contar!
Ouvide, agora, senhores,
Uma historia de pasmar.

Passava mais de anno e dia [2]
Que iam na volta do mar, [3]
Já não tinham que comer,
Já não tinham que manjar.
Deitaram solla de molho
Para o outro dia jantar;
Mas a solla era tam rija, [4]
Que a não poderam tragar.
Deitaram sortes á ventura
Qual se havia de matar;
Logo foi cahir a sorte
No capitão general.

—Sobe, sobe, marujinho,
A'quelle masto real, [5]
Vê se vês terras de Hespanha,
As praias de Portugal.
«Não vejo terras de Hespanha,
Nem praias de Portugal,
Vejo sete espadas núas
Que estão para te matar.» [6]
—Acima, acima gageiro,
Acima ao tope real!
Olha se enxergas espanha, [7]
Areias de Portugal.
«Alviçaras, capitão,
Meu capitão general!
Já vejo terras de Hespanha,
Areias de Portugal.
Mais enxergo tres meninas [8]
Debaixo de um laranjal:
Uma sentada a cozer,
Outra na roca a fiar,
A mais formosa de todas
Está no meio a chorar.»
—Todas tres são minhas filhas,
Oh! quem m'as dera abraçar!
A mais formosa de todas
Comtigo a heide casar.
«A vossa filha não quero.
Que vos custou a crear.»
—Dar-te-hei tanto dinheiro
Que o não possas contar.
«Não quero o vosso dinheiro,
Pois vos custou a ganhar.
—Dou-te o meu cavallo branco,
Que nunca houve outro egual. [9]
«Guardae o vosso cavallo,
Que vos custou a ensinar.»
—Dar-te-hei a nau Cathrineta, [10]
Para n'ella navegar.
«Não quero a nau Cathrineta,
Que a não sei governar.»
—Que queres tu, meu gageiro,
Que alviçaras te heide dar?
«Capitão, quero a tua alma
Para commigo a levar.»
—Renego de ti, demonio,
Que me estavas a attentar!
A minha alma é só de Deus;
O corpo dou eu ao mar. [11]

Tomou-o um anjo nos braços,
Não n'o deixou afogar.
Deu um estouro o demonio,
Acalmaram vento e mar;
E á noite a nau Cathrineta
Estava em terra a varar. [12]

1 Ora da nau Cathrineta
D'ella vos quero contar.—*Extremadura.*
2 Sete annos e um dia.—*Minho.*
3 Todas as lições dizem assim, menos a do Algarve que adoptei.
4 Mas a solla era tam dura,
Que a não podiam rilhar—*Minho.*
5 A'quelle tope real—*Lisboa.*
6 Todas para te matar—*Extremadura.*
7 Vê se vês terras da Hespanha,
Areias de Portugal—*Minho*
8 Tambem vejo tres meninas—*Lisboa*
... tres donzellas—*Beirabaixa.*
9 Para n'elle campear—*Ribatejo.*
10 A lição de Lisboa acaba aqui o romance por differente modo Deixando o sobrenatural da tentação do demonio, que toma a fórma de gageiro para tentar o capitão n'aquelle perigo, dá por verdadeira a apparição da terra, e conclue assim:

—Que queres tu, meu gageiro.
Que alviçaras te heide eu dar?
«Eu quero a nau Cathrineta
Para n'ella navegar.»
—A nau Cathrineta, amigo,
É d'el-rei de Portugal,
Mas ou eu não sou quem sou,
Ou el-rei t'a hade dar.

Outra lição tambem diz n'esta ultima copia.

Pede-a tu a el-rei, gageiro,
Que t'a não póde negar.

11 O corpo da agua do mar—*Ribatejo.*
12 A bom porto foi parar—*Ribatejo.*

XXVII

O CEGADOR

A edição arraiana d'este romance que me veiu de Traz-os-Montes chama lhe *A filha do Imperador de Roma*. Não a segui no titulo nem em muitas partes de texto, encostei-me antes á lição da Beiralta. E só estas duas me chegaram; não me consta que n'outras provincias do reino seja conhecido.

Que imperador será este? Teremos aqui algum episodio da crapulosa historia byzantina, ou é outro capitulo licencioso da chronica secreta de Carlos-Magno? O trovador, que a trovou n'essa meia-edade, cujo sêllo visivelmente lhe pende de todas as coplas, não pôz nomes nem datas, segundo o geral costume: e adivinhe quem quizer se este imperador de Roma era do occidente ou do oriente, do alto ou do baixo imperio, Cesar verdadeiro ou Kaiser de imitação germanica? Deve de ser d'estes ultimos pela menção do duque de Lombardia que no fim apparece.

A lição da Beira, que segui mais que a transmontana, tem muitas variantes obscenas que forçosamente deviam ser desprezadas. Nem as creio originaes, senão introduzidas pelo depravado gosto de algum *roué* d'aldeia.

Nos romanceiros castelhanos não se encontra, e para o sul de Portugal é inteiramente desconhecido. Todavia, assim restituida pela collação dos dois textos que obtive, esta ficou uma das mais completas reliquias da nossa poesia popular que possam encontrar-se.

O CEGADOR

O imperador de Roma
Tem uma filha bastarda
A quem tanto quer e tanto
Que a traz mui mal criada.
Pedem-lh'a condes, senhores, [1]
Homens de capa e d'espada;
Ella isenta e desdenhosa
A todos lhes punha tacha:
Um é criança, outro é velho, [2]
Este que não tinha barba,
Aquelle que não tem pulso
Para puchar pela espada.
Dizia-lhe o pae sorrindo:
—«Inda hasde ser castigada!
De algum villão de porqueiro
Te espero ver namorada.»

Por manhan de San'João,
Manhan de doce alvorada,
Ao seu balcão muito cedo [3]
A infanta se assomava,
Viu andar tres cegadores
Fazendo sua cegada;
O mais pequeno dos tres
Era o que mais trabalhava.
Fita que traz no chapeu
De oiro e seda era bordada;
Fina prata que luzia
A foice com que ceifava.
De seu garbo e gentileza
A infanta se namorava.
O ceifeiro vae ceifando. .
Bem sabe elle o que ceifava!

Alli estava a aia discreta
Em quem toda se fiava:
—Vês, aia, aquelle ceifeiro
Que anda n'aquella cegada?
Condes, duques, cavalleiros,
Nenhum que o ceifeiro valha.
Vae-m'o chamar em segredo,
Que ninguem não saiba nada.

«—Bom cegador, vem commigo,
Que te quer falar minha ama »
«Tua ama, não n'a conheço
Nem tam pouco a quem me chama.» [4]
«—Cegador de boa estrea,
Traze'la vista mui baixa:
Alça os olhos e verás
A estrella da madrugada »
«Vejo o sol que vem nascendo,
Não vejo a estrella d'Alva.»
«—Estrella ou sol, vens commigo?»
«Irei, pois quem póde, manda.»

Entraram por um postigo,
Que a porta inda era cerrada;

1 Pedem-lh'a duques e condes—*Traz-os-montes*.
2 A uns que não eram homens,
Outros que não tinham barbas—*Traz-os-montes*.
3 Subiram-se a uma ventana
Uma ventana mui alta—*Traz-os-montes*.
4 Eu não conheço a senhora
Nem tam pouco a criada—*Traz-os-montes*.

No camarim da princeza
O bom do ceifeiro estava.
«Senhora que me quereis?
Pois venho á vossa chamada.»
—Quero saber se te atreves
A fazer minha cegada?
«Atrever, me atrevo a tudo;
Trabalho não me acovarda.
Dizei vós, senhora minha,
Onde é a vossa cegada.»
—Não é no monte ou no valle,
No baldio ou na coitada;
Cegador, é nos meus braços,
Que de ti estou namorada.

Passou todo aquelle dia, [5]
O mais da noite passava,
Ceifando vae o ceifeiro...
Bem sabe elle o que ceifava!
—Basta, basta, cegador,
Feita está tua cegada:
Vae-te, que meu pae não venha,
Antes de ser madrugada.
Palavras não eram ditas,
O pae á cama chegava:
«—Com quem falas, minha filha,
Tam cedo de madrugada?»
—Falo com esta minha aia
Que me tem desesperada;
Uma cama tam mal feita
Que dormir me não deixava.
«—É forte aia essa tua
Que a barba tem tam cerrada!
Vista-se já a donzella,
Que, antes de ser madrugada,
Pelo barbeiro do algoz
A quero vêr barbeada.»
O cegador muito enchuto
Sua sentença escutava,
Com uma mão se vestia,
Com a outra se calçava.
Saltou no meio da casa
Como se não fôra nada:
—«Venha já esse barbeiro
Com a navalha affiada:
Ao Duque de Lombardia
Veremos quem faz a barba.»

O imperador mui contente
Depressa alli os casava.
Não quiz senhores, nem condes
Homens de capa ou de espada,
Senão só o cegador
Que andava em sua cegada.
Podia ser um porqueiro
Que a deixasse deshonrada...
Sahiu-lhe um Duque reinante,
Senhor de alta nomeada.
Pois tudo é sorte no mundo,
A sorte foi bem deitada.

---

6 Lá junto da meia noite
Ao cegador perguntava:
—«Dizei-me, bom cegador
De quem eu fico pejada.»
—«Eu sou filho de um porqueiro
E meu pae porcos guardava.»
—«Oh, triste de mim, oh triste,
Oh, triste de mim coitada!
Pediram-me condes, duques,
Homens de capa e d'espada:
E agora eis-me aqui
De um porqueiro deshonrada—*Traz-os-montes*.

N'esta lição de Traz-os-Montes que dá a Sr.ª Maria Joaquina do logar de Nantes, a xácara acaba com a variante citada.

XXVIII

A NOIVA ARRAIANA

Veiu de Almeida esta xácara; e de nenhuma outra parte do reino me chegou outra lição d'ella, nem vestigio. Bem antiga me parece. O fronteiro que mandou ao mar a armada do cavalleiro ausente, faz pensar que isto seja coisa do tempo das nossas emprezas de Africa. O logar da scena é inquestionavelmente na raia—e bem pôsto está ao romance o titulo de *Noiva arraiana*. Mas aqui ha mar, e armadas que vão ao mar: não póde pois ser outra a raia senão a do Algarve. O estylo da cantiga é ingenuo e purissimo; os costumes que descreve primitivos e patriarchaes; ha um sabor homerico n'este narrar e n'este falar, que ninguem póde confundir com o dizer estudado de trovadores mais modernos. Poetas de civilisação mais adeantada não sabem ou não podem chegar tanto a rés da natureza.

O facto é simples e mil vezes visto. Outra edição da *Lucia de Lamermoor*, outro cavalleiro de Ravenswood que apparece de repente no meio da voda de sua debil e mal constante namorada, quando ella, já desposada com outro, menos esperava tornar a ver o primeiro amante—o seu, o que ella unicamente quer. Quem se não lembra de Walter-Scott, e de Donizetti tambem, e do que vibram na alma as palavaras de um, as notas do outro, inspiradas por esta situação altamente dramatica, sublime de angustia e desesperação?

O nosso trovador arraiano tomou as coisas com mais tento e socêgo; não endoudeceu nem matou a sua Lucia; e nem d'ella nem do seu Ravenswood nos diz que matassem a mais ninguem. O cavalleiro portuguez faz justiça por outro modo nos que o tinham atraiçoado. Levou-lhes a noiva, e deixou-lhes ficar a voda e o jantar.

A NOIVA ARRAIANA

Deus vos salve, minha tia,
Na vossa roca a fiar!
«Venha embora o cavalleiro
Tam cortez no seu falar!»
—Má hora se elle foi, tia,
Má hora torna a voltar!
Que já ninguem o conhece
De mudado que hade estar.
Por lá o matassem moiros,
Se assim tinha de tornar!»
«Ai sobrinho de minha alma,
Que és tu pelo teu falar!
Não vês estes olhos, filho,
Que cegaram de chorar?»
—E meu pae e minha mãe,
Tia, que os quero abraçar?
«Teu pae é morto, sobrinho,
Tua mãe foi a enterrar.»
—Qu'é da minha armada, tia,
Que eu aqui mandei estar?
«A tua armada, sobrinho,
Mandou-a o fronteiro ao mar.»
—Qu'é do meu cavallo, tia,
Que eu aqui deixei ficar?
«O teu cavallo, sobrinho,
El-rei o mandou tomar.»
—Qu'é da minha dama, tia,
Que aqui ficou a chorar?
«Tua dama faz hoje a voda,
A'manhã se vae casar.»
—Dizei-me onde é, minha tia,
Que me quero lá chegar.
«Sobrinho, não digo, não,
Que te podem lá matar.»
—Não me matam, minha tia;
Cortezia eu sei usar:
E onde faltar cortezia,
Esta espada hade chegar.

—Salve Deus, ó lá da voda,
Em bem seja o seu folgar!»
«—Venha embora o cavalleiro;
E que se chegue ao jantar!»
—Eu não pretendo da voda
Nem tam pouco do jantar;
Pretendo falar á noiva,
Que é minha prima carnal.

Vindo ella lá de dentro
Toda lavada em chorar,
Mal que viu o cavalleiro,
Quiz morrer, quiz desmaiar.
—Se tu choras por me veres,
Já me quero retirar;
Se é os teus gastos que choras,
Aqui estou para os pagar.
—«Pagar devia co'a vida
Quem me queria enganar,
Quando te deram por morto
N'essas terras d'além-mar.
Mas que fiquem com a voda
E bem lhes preste o jantar,
Que os meus primeiros amores
Ninguem m'os hade quitar.»

—Venha juiz de Castella,
Alcaide de Portugal;
Que, se aqui não ha justiça,
Co'esta espada a heide tomar.

XXIX

GUIMAR

Dona Guimar—ou *Dona Agueda de Mexia*, como lhe chama a lição do Alemtejo, é um interessante romancinho que apparece na tradição d'aquella provincia e na de Extremadura. Por ambas se apurou o texto que aqui dou.

Nem por outras provincias nossas, nem pelas collecções castelhanas ha outro vestigio d'elle, que eu saiba.

Não é muito antigo o estylo. Mas o facto celebrado é o de uma morte apparente com a qual parece se julgou dissolvido o matrimonio: e d'isto houve exemplos em tempos remotos em que tinham por certa a morte, e por verdadeira resurreição o tornar a si o supposto defuncto.

Seja porém qual fôr a data d'esta composição, ha coplas d'ella que vão de par com o mais bello e original da poesia mais primitiva. Notarei especialmente a volta de Dom João á sua terra n'aquella manhan de maio, que os passarinhos cantavam, os sinos tangiam e o rir da natureza se misturava com o chorar dos homens. Tambem não creio que haja nada mais bello que est'outros versos quando a morta vae tornando a si e pondo os olhos no amante:

> Volta a vida que se fôra
> Com todo o amor que não se ia

GUIMAR

Era a menina mais linda [1]
Que n'aquella terra havia;
Tam formosa e tam discreta
De outra egual se não sabia.
Muito lhe quer Dom João,
Muito de mais lhe queria:
Seus amores, seus requebros
Não cessam de noite e dia.
Por fidalgo e gentil moço
Ninguem tanto a merecia;
Senão que o pae da donzella [2]
Outro conselho seguia:
Casál-a quer muito rica
Com um mercador que ahi havia,
Sem fazer caso de amores,
Sem lhe importar fidalguia.
Dom João, quando isto soube, [3]
Por pouco se não morria.
Foi-se d'alli muito longe
Sem dizer para onde ia.
Tres mezes por lá andou,
Tres mezes n'essa agonia;
A vida que lhe pesava
Soffrêl-a já não podia.
Mandou sellar seu cavallo
Sem cuidar no que fazia;
Deitou por esses caminhos
Sem saber adonde ia
O cavallo é quem mandava
Cavalleiro obedecia.
Passou por terras e terras,
Nenhuma não conhecia.
A' sua tinha chegado,
Onde estava não sabia.
Era por manhan de maio,
Todo o campo florecia,
Os passarinhos cantavam,
O prado verde sorria;
Lá de dentro da cidade
Um triste clamor se ouvia
Eram sinos a dobrar,
E era toda a clerezia,
Eram nobres, era povo
Que da egreja sahia...
Entrou de portas a dentro,
De rua em rua seguia,
Chegou á de sua dama, [4]
Essa sim que a conhecia
As casas onde morava,
Janellas aonde a via,
Tudo é coberto de preto,
Mais preto que ser podia. [5]
Mandou chamar uma dama [6]
Que ella comsigo trazia:

1 Era uma menina bella
Discreta e bem parecida,
Dom João a namorava,
Mil requebros lhe fazia—*Alemtejo*.

2 Mas o pae d'aquella moça
Por melhor conselho havia
Casal a com um mercador
Que áquellas partes vivia—*Alemtejo*.

3 Dom João quando isto ouviu
Fóra da terra se ia;
Por lá estivera tres mezes
Que sofrêl-os não podia—*Extremadura*.

4 Veiu-se a passear
A' rua de sua amiga—*Alemtejo*.

5 Do mais preto que havia—*Extremadura*.

6 Mandou chamar uma dama,
Por Deus e á cortezia:
—«Dize-me tu por quem trazes
Ausencias tam doloridas.»—*Alemtejo*.

—«Dizei-me por Deus, senhora,
Dizei-me por cortezia,
Esse luto tam pesado
Por quem trazeis, que sería?«
—«Trago-o por minha senhora,
Dona Guimar de Mexia, [7]
Que é com Deus a sua alma,
Seu corpo na terra fria.
E por vós foi, Dom João,
Por vosso amor que morria.» [8]
Dom João quando isto ouviu [9]
Por morto em terra cahia,
Mas a dor era tamanha [10]
Que á força d'ella vivia.
Os seus olhos não choravam,
Sua bocca não se abria.
Mirava a gente em redor
Para ver o que faria.
Vestiu-se todo de preto,
Mais preto que ser podia, [11]
Foi-se direito á egreja
Onde sua dama jazia: [12]
«Eu te rogo, sacristão,
Por Deus e Santa Maria,
Eu te rogo que me ajudes [13]
A erguer esta campa fria.»
Alli a viu tam formosa
Tal como d'antes, a via;

Alli, morta, sepultada,
Inda outra egual não havia,
Poz os joelhos em terra,
Os braços ao céu erguia,
Jurou a Deus e á sua alma
Que mais a não deixaria.
Puchou de seu punhal de oiro, [14]
Que na cintura trazia,
Para a acompanhar na morte
Já que em vida não podia.
Mas não quiz a Virgem santa, [15]
A Virgem Santa Maria,
Que assim se perdesse uma alma
Que só de amor se perdia.
Por juizo alto de Deus
Um milagre se fazia:
A defunta a mão direita
Ao seu amante extendia,
Seus lindos olhos se abriram,
A sua bocca sorria;
Volta a vida que se fôra,
Com todo o amor que não se ia.
Seu pae, o foram buscar,
Que já estava na agonia;
Véem amigos, véem parentes,
Todos em grande alegria.
Dão graças á Santa Virgem,
Cujo milagre seria;
E a Dom João dão a esposa,
Que tam bem a merecia.

7 Dona Agueda de Mexia—*Alemtejo.*
8 Por vós foi sua partida—*Extremadura.*
9 Palavras não eram ditas—*Extremadura.*
10 Mas a dor era tam forte—*Extremadura.*
11 Do mais preto que havia—*Extremadura.*
12 Onde a sua dama tinha—*Alemtejo.*
13 Que me ajudes a erguer
A campa de minha amiga—*Alemtejo.*

14 Puchou por um punhal de oiro
Por lhe fazer companhia—*Alemtejo.*
15 Permittiu a Virgem santa,
A virgem Santa Maria
Que se não perdesse uma alma
Por um perceito que tinha—*Alemtejo.*

XXX

O CORDÃO DE OIRO

Não parece esta uma d'aquellas *verdes* anecdotas que a prosa de Bocacio e os versos de Lafontaine immortalizaram? O estylo é menos licencioso, porque sincera e nua ás vezes, comtudo é sempre mais casta a poesia primitiva. O seu pudor é o da ingenuidade que se despe porque mal não pensa, não o da hypocrisia que por maliciosa se cobre. Comtudo os dois ultimos versos são um verdadeiro remate de epigramma que faria honra a um poeta da escola de Voltaire, e podia ser feixo de uma cantiga de vaudeville de Scribe. Entre portuguezes, só D. Francisco Manuel de Mello ou Nicolau Tolentino os faria tam naturaes e tam picantes ao mesmo tempo.

O CORDÃO DE OIRO

Lá se vae o capitão
C'os seus soldados á guerra:
Duzentos eram quintados,
Eram duzentos de leva. [1]
Se todos elles vão tristes,
Um mais que todos o era;
Baixa trás a sua espada,
Seus olhos postos em terra.
Lá no meio do caminho
O capitão lhe dissera:
—Porque vaes triste, soldado,
Essa paixão por quem era?
«Não é por pae nem por mãe,
Nem por irman que eu tivera, [2]
E' pela esposa que deixo
Lá tam só na minha terra.
Este cordão de oiro fino,
Que sete arrateis bem pésa,
Mais me pésa a mim levál-o,
Que ao partir lh'o não dera!»
— Soldado, tens sete dias
Para que voltes a vêl-a.
Se a encontrares chorando,
Ficas sete annos com ella:
Senão, nem mais uma hora
Terás de aguardo ou de espera.»
Quem saltava de contente
O meu soldadito era.

Deixou estrada direita,
Por atalhos se mettêra;
Inda não é mei-noite,
A' sua porta batêra.
«—Quem bate á minha porta,
Quem bate com tanta pressa?
«E' um soldado, senhora,
Que vos traz novas da guerra»
«—Mal haja a nova que trás,
E mais quem veiu trazêl-a!
Ergue-te tu, minha vida,
Assoma-te a essa janella;
Despede-me esse soldado
Que a tam má hora aqui chega.»
—«Amigo, vindes errado
Co'as vossas novas da guerra:
Deixae-nos dormir em paz,
Que bem precisamos d'ella.»

Foi-se d'alli o soldado
Mais prompto do que viera:
«Bem haja o meu capitão
Pelo bem que me fizera!
Com sete dias de aguardo...
Nem sete horas carecêra
Para me quitar saudades,
Livrar-me de toda a pena!
Tomae lá meu capitão
Os mimos da minha terra;
Este cordão de oiro fino,
Que agora inda mais me pésa.
Minha mulher não precisa,
Que os primos podem mantêl-a.
—Pois tua mulher tem primos,
E tu vinhas com dó d'ella! ..

1 Duzentos quintados eram—*Tras-os-montes.*
2 Nem por minha irman mais velha—*Tras-os-montes.*

XXXI

O CÉGO

Ha duas balladas escriptas em dalecto escocez por el-rei James V de Escocia, que ambas se parecem muito com esta. Uma especialmente, *The Gaberlunzie man*, até no metro e nas fórmas exteriores dá bastantes ares da nossa xácara. Começa assim:

> The pauky auld earle come ovir the lee
> wi' mony good-eens and days to mee,
> Saying: Goodwife, for zour courtesie,
> Will ze lodge a silly poor man?[1]

O rei James, que morreu de trinta e tres annos, em 13 de Dezembro de 1542, era um joven rei, tunante e maganão, que se disfarçava em trajos de mendigo, de adello, ou que taes, para andar correndo baixas aventuras pelas aldeias ou pelos bairros escusos das cidades. Cantor de seus proprios feitos, celebrava os depois em galantes trovas, a que não falta a graça nem o chiste do genero. A que se intitula *The Jolly Beggar*, e que por licenciosa e fresca de mais, a não admittiu o bispo Percy na sua collecção, talvez tenha ainda mais merito de arte.

O *Gaberlunzie man* da real ballada é porém todo inteiro o *Cego* da nossa xácara, menos em certos incidentes, que são mais poeticos e mais interessantes na composição portugueza.

Disfarçado em trajos de cego mendigo, um senhor de alta jerarchia falou de amores a uma donzella de muito inferior nascimento que vivia com sua velha mãe. Por accôrdo, mais ou menos expresso entre os dois amantes, se apresenta este por noite á porta da velha com a sua caramunha. A mãe dorme; e Anninhas, que responde ao cego, parece fazêl o ou com ironia ou em pique de ciumes, e por nenhum modo lhe quer abrir «porta ou postigo.»

Põe-se o cego a cantar lamentosamente a sua desgraça; e com a chorada cantilena se abranda ou finge abrandar-se o coração da rapariga. Desperta a mãe para que o venha ouvir; e quando esta condoida lhe manda dar esmola, o cego recusa, não quer senão que o ponham no caminho que perdeu. E' a propria velha, coitada, a que diz á filha que lh'o vá ensinar. E assim fogem os dois, com a maior tranquillidade com que ainda fugiram amantes.

Note porém a maestria do nosso poeta popular. A fugitiva sustenta sempre aquella tam perdoavel hypocrisia feminina, ultimo protesto do pudor moribundo. Fiando homericamente na sua roca, vae fingindo guiar o cego, vai parecendo acreditar que não sabe aonde nem a que vae. Senão quando, apparece um tropel de cavalleiros: é a comitiva do nosso rei encuberto, principe ou conde pelo menos. Adeus gaivão de cego, e andrajos de mendigo! A cavallo e trotar largo! Já o cego vê, já a donzella sabe onde vae. E com este seu fino e malicioso dito, conclue a trova:

> Um cego me leva, e vejo o caminho

Tal é o argumento da cantiga portugueza muito mais romanesco do que o das escocezas, pôsto que seja o mesmo o fundo da anecdota.

Não duvido suppor que talvez de Glasgow ou de Oberdeen trouxessem os nossos mareantes esta historia. e de Vianna ou do Porto se internasse pelo Minho onde ella é mais vulgar. Não lh'o pagariamos só em vinho e frutta aos nossos amigos do norte, porque em mercadorias d'aquelle mesmo genero para lá temos exportado bastante.

A fórma metrica é a do romance de Sancta Iria. O texto foi restituido com difficuldade, porque esta fórma se presta ainda mais á corrupção do que a outra, desafiando o prolifico talento dos nossos trovadores de aldeia a bordar seus pretenciosos floripondios sôbre a singela telagarsa do original.

Vão por ementa, apontadas algumas variantes menos absurdas.

---

1 Percy's *Reliques of ancient english poetry*, Series II, book I, 10

O CÉGO

Abre a porta, Anna, abre de mansinho,[1]
Que venho ferido, morto do caminho.
«Se vindes ferido, pobre coitadinho!
Ireis muito embora por outro caminho.»
—Ai! abre-me a porta, abre de mansinho,
Que tam cego venho, não vejo o caminho.
«Porta nem postigo não abro ao céguinho,
Vá-se na má hora pelo mau caminho.»
—Ai do pobre cégo que anda sósinho
Cantando e pedindo por esse caminho!

«Minha mãe acorde, oiça aqui baixinho[2]
Como canta o cégo que perdeu o caminho.»
«—Se elle canta e pede, dá-lhe pão e vinho;
E o pobre cégo que vá o seu caminho.»
—O teu pão não quero, não quero o teu vinho,
Quero só que Anninhas[3] me ensine o caminho.
«—Toma a roca, Anna, carrega-a de linho,
Vae com o pobre cégo, pôl-o a caminho.»

«Espiou-se a roca, acabou-se o linho,
Fique embora o cégo, que este é o seu caminho.»
—Anda mais, Anninhas, mais um boccadinho,
Sou um pobre cégo, não vejo o caminho.
«Ai! arreda, arreda para este altinho,
Que ahi véem cavalleiros por esse caminho.»
—Se véem cavalleiros, véem de vagarinho,
Que ha muito me tardam por este caminho.
A cavallaria passou de mansinho ..
Cégo, lo meu cégo já via o caminho.[4]
Montou-me a cavallo com muito carinho...
Um cégo me leva .. e vejo o caminho!

1 Abre a porta. Anna, abre o teu postigo.
Da-me um lenço, amores, que venho ferido.
«Se vindes ferido, vinde muito embora,
Porque minha porta não se abre agora.»—*Extremadura.*

2 «Minha mãe acorde do doce dormir,
Venha ouvir o cego cantar e pedir.»—*Extremadura.*

3 Diminutivo minhoto de Anna.

4 Este é um modo de dizer provinciano bastante usado do nosso povo em quasi todo o reino. *Filho, lo me. filho; madre, la mi madre* etc., occorre em muitas cantigas populares, romances e similhantes. São reliquias do antigo asturiano que o nosso dialecto conservou tanto e mais do que o castelhano. O mesmo fizeram os nossos vizinhos de Galliza I em sido tenaz n'estes bellos archaismos a poesia do povo, porque a salva dos hyatos que tanto lhe repugnam.

XXXII

LINDA-A-PASTORA

Quem desce Tejo abaixo, por esta margem do Norte onde está Lisboa. e tendo saudado o precioso monumento de Belem, a sua tôrre não menos bella, entra no fashionavel Pedroiços e d'ahi segue ás praias do Dafundo até á Cruz Quebrada, tem dado o mais bonito passeio que se póde dar nas vizinhanças da capital, e visitado os sitios que, depois de Cintra, mais frequenta a sociedade elegante da nossa terra. De fins de agosto a principios de novembro é que tudo alli corre, e que os banhos do mar povoam aquelles bellos ermos, nas outras estações desamparados.

Quem tiver porém o bom gôsto de resistir ao despotismo tarifeiro da moda, e se abalançar em maio ou junho a este largo passeio, que no estado dos nossos caminhos é antes uma pequena viagem, creia que hade ser pago de sua nobre ousadia. Não ha palavras que digam todas as bellezas d'aquella terra, d'aquelle ceo, d'aquellas aguas. A' esquerda o Tejo, os navios que entram e sahem, as frotas de barcos pescarejos, a areia alva juncto á beira d'agua, e logo pegada á salsugem, a prodigiosa vegetação das plantas que a amam e em que se pasce guloso e largo á vontade o gado. Perto, um saveiro que chegou á terra e cuja companha pucha ao longo da praia pela rede que arrasta os innumeraveis cardumes de peixes que logo virão saltar na areia. A' direita nas eminencias, as ruinas picturescas de conventos desertos, de moinhos abandonados, de fortes, de atalaias. E tudo isto encastoado na verdura viçosa e florida da primavera que ainda não queimou o sol do estio. No fim do verão quando vae todo o mundo, já não ha senão resteva nos campos, talos de hervas seccas nos montes, arvores sem folhas, poeira nos ares, e uma ventaneira despregada que não cessa.

Já me eram familiares de annos aquelles sitios; mas posso dizer que os não conheci bem e como elles são devéras, senão quando, haverá hoje tres annos, alli fui um dia primeiro de maio. Fui, como de maravilha em maravilha, por todos os pontos que tenho nomeado; mas chegando á ribeira de Jamor, parei extasiado no meio de sua ponte, porque a varzea que d'ahi se extende, recurvando-se pela direita para Carnaxide, e os montes que a abrigam em deredor, estava tudo de uma belleza que verdadeiramente fascinava. O trigo verde e viçoso ondeava com a viração desde as veigas que rega o Jamor, até os altos onde velejam centenares de moinhos. Arvores grandes e bellas, como rara vez se encontram n'esta provincia *dendroclasta*, rodeavam melancholicamente, no mais fundo do valle, a velha mansão do Rodizio. E lá, em prespectiva, no fundo do quadro, uma aldeia de Suissa com suas casinhas brancas, suas ruas em soccalcos, seu presbiterio ornado de um ramalhete de faias; grandes massas de basalto negro pelo meio de tudo isto, parreiraes, jardinzitos, quasi pensis, e uma graça, uma simplicidade alpina, um sabor de campo, um cheiro de montanha, como é difficil de encontrar tão perto de uma grande capital.

O logarejo é bem conhecido de nome e fama, chama-se Linda-a-Pastora. Porque? Não sei. Tem me jurado antiquarios de «meia tijella» que o seu nome verdadeiro é *Niña a Pastora*. Mas emquanto não achar algum de «tijella inteira» que me saiba dar a razão por que se havia de chamar assim, meio em portuguez meio em castelhano, um aldeote de ao pé de Lisboa — heide chamar-lhe eu, como os seus habitantes e toda a gente diz: Linda-a-Pastora.

Namorei-me do sitio por modo, que alli passei o verão todo: e d'alli fiz deliciosas excursões pelas vizinhanças, que todas são bonitas. Foi n'este proprio e appropriado sitio que a sr.ª Francisca, lavadeira bem conhecida do logar, me deu a última e, ao parecer, mais correcta lição que do presente romance tinha obtido. Em outras partes do reino traz elle o titulo de *Pastorinha*; aqui era justo e natural que se lhe désse o de Linda-a-Pastora, que assentei conservar lhe.

Na fórma é um romance em endeixas, mas o fundo é de uma verdadeira pastourella do genero provençal; nem a fariam mais graciosa Giraud Riquier ou Giraud de Borneill.

Tem muitas variantes, porque todo o reino a sabe e canta. Eu noto sómente as principaes.

LINDA-A-PASTORA

LINDA pastorinha, que fazeis aqui?
«Procuro o meu gado que por ahi perdi.»
—Tam gentil senhora a guardar o gado!
«Senhor, já nascemos para esse fado.»
—Por estas montanhas em tam grande p'rigo!
Diga-me, ó menina, se quer vir commigo.
«Um senhor tam guapo dar tam mau conselho[1]
Querer que se perca o gado alheio!»
—Não tenha esse medo que o gado se perca[2]
Por aqui passarmos uma hora de sésta.
—Tal razão como essa não na ouvirei,[3]
Já dirão meus amos que de mais tardei.»
—Diga-lhe, menina, que se demorou
Co'esta nuvem d'agua que tudo molhou.»
«Fallarei verdade, que mentir não sei:
A' volta do gado eu me descudei.»
—Pastorinha, escute, que oiço ballar gado..
«Serão as ovelhas que me tem faltado.
—Eu lh'as vou buscar já muito depressa,
Mas que me espedace por essa charneca.»

«Ai como vae grave de meias de seda!
Olhe não as rompa por essa resteva.»[4]
—Meias e sapatos,[5] tudo romperei[6]
Só por lhe dar gôsto, minha alma, meu bem.
«Eil-o aqui vem; é todo o meu gado.»
—Meu destino foi ser vosso criado.
«Senhor, vá-se embora, não me dê mais pena,
Que hade vir meu amo trazer-me a merenda.»
—Se vier seu amo, venha muito embora;
Diremos, menina, que cheguei agora.
«Senhor, vá-se, vá-se, não me dê tormento:
Já não quero vêl-o nem por pensamento.»
—Pois adeus, ingrata da Linda-a-Pastora!
Fica-te, eu me vou pela serra fóra.[7]
«Venha cá, Senhor, torne atráz correndo...
Que o amor é cego, já me está rendendo.»
Sentaram-se á sombra... tudo estava ardendo..[8]
Quando ellas não querem, então'stão querendo.

1 Não deve ser nobre quem dá tal conselho—*Minho, Beira-baixa*.
2 Eu não digo isso, que o gado se perca.
Mas que descancemos uma hora de sésta—*Beiralta Extremadura*.
3 Que dirão meus amos em que me occupei—*Beiralta*.
4 Por essas estevas—*Alemtejo*.

5 Meias e vestidos—*Ribatejo*.

6 Romperem—*Coimbra*.

7 Vae guardar teu gado pela serra fóra.—*Beiralta*.

8 Senta-te a esta sombra que está o mundo ardendo.
—«Eu bem não queria, mas estou querendo.»
—«Calla-te, pastora, não digas mais nada,
Que a aposta que eu fiz já está ganhada.»
—«Senhor, vou sentar-me não por má tenção.
Pois sabe a verdade, que sou teu irmão.—*Beiralta*.
—«Sente se a esta sombra, passemos a sésta,
Ja pouco me importa que o gado se perca.»
Oh gente da casa, accudi ao gado,
Que foge a pastora c'o seu namorado.—*Minho*.

ROMANCES COM FÓRMA LITTERARIA

XXXIII

DOM DUARDOS

O último conhecido dos nossos poetas populares antigos, o verdadeiro fundador do theatro de Hespanha, Gil-Vicente, não era só poeta comico, segundo vulgarmente se crê ás cegas, porque poucos abrem os olhos para o ler com attenção, para estudar n'elle, como todos deviam, lingua, costumes, estylo, côr e tom nacional da epocha: nenhum outro escriptor portuguez os teve tam verdadeiros, tam caracterizados e sinceros.

O romance heroico ou epico, isto é, o que celebrava grandes feitos e successos nacionaes, ou interessantes aventuras de guerras e de amores — que d'elle tomaram depois o appellido de *romanescas*, ou porque não *romancescas?* hoje mais inglezadamente *romanticas* — este que tambem rimou muitas vezes devotas legendas de santos e de milagres, os passos da historia sagrada de ambos os Testamentos, e até os proprios mysterios do dogma; o romance epico em toda a sua primitiva simpleza foi tambem cultivado por Gil Vicente.

Com elle e com Bernardim-Ribeiro creio que morreu, litterariamente falando nos fins do seculo XV, principios do XVI, para resuscitar depois, á primeira trombeta do seiscentismo, como todos os generos populares que por essa reacção resurgiram: mas rebicado e contrafeito, secante de metaphoras, pesado de conceitos, escripto emfim com a penna d'aza da *Phenix renascida*.

Quanto elle fôra estimado e cultivado entre nós em tempos de Gil Vicente, vê se de muitos logares de seus dramas. E ahi se vê tambem que promiscuamente compunham os nossos trovadores já no dialecto de Castella, já no de Portugal, e ainda o mesmo romance ou soláo ora se cantava em uma, ora n'outra linguagem.

Para exemplo e próva, leia-se com attenção o dialogo do feiticeiro com a ama de Cismena na scena II de Rubena.[1] Ahi vêem citados como portuguezes e em portuguez, apar de outras cantigas castelhanas, muitos romances que alguns passam hoje por legitimos filhos de Castella e em suas collecções se encontram; de outros nem por ellas ha memorias. Tal é o que começa:

«Eu me sam Dona Giralda

de que não achei outro vestigio nem nos romanceiros castelhanos, nem na nossa tradição oral. Tal é est'outro:

«En Paris está Donalda;»

que vem nos citados romanceiros, posto que differentemente escripto.

Tambem no Auto dos *Quatro tempos cantam estes «até chegar ao presepio»*, manda a rubrica,[2] *uma cantiga franceza que diz:*

«Ai de la noble
Villa de Paris!

E' claro que este é um romance; e romance conhecido, e que não era castelhano nem portuguez, mas francez. E d'aqui se deprehende tambem uma coisa que muitas vezes tenho julgado entrever, e de que tenho quasi uma consciencia intima, sem ousar dál-a por certa, porque não ha ainda todas as próvas documentaes que se precisam para uma asserção que hade parecer atrevida: e é — que os romances primitivos quasi que eram communs ás linguas *romanas*, e que nenhuma os vindicava exclusivamente: porque o trovador catalão ou provençal, portuguez,

[1] *Gil-Vicente*, edição de Hamburgo, 1834, tom. II, pag. 27.
[2] Ibid. tom. I pag. 92.

normando ou castelhano pertencia mais á *republica litteraria* e artistica de sua profissão, do que a nenhum reino ou nação, ou divisão politica do paiz. Cantava-se o romance para lá do Ebro? davam-se ás palavras desinencias mais curtas e contrahidas; dizia-se para cá d'elle? produziam-se mais arredondadas. Entre Portugal e Castella menos era preciso ainda, porque as linguas, já tam similhantes, ainda o eram mais então, e no especial dialecto do romance dobradamente.

Aponto isto aqui sómente como emenda, para mais devagar se reflectir e estudar no que indico. Ha grande verdade na indicação; mas até onde ella chega, não sei dizer por ora, nem saberei talvez nunca, porque me não sobra tempo nem paciencia para dar professadamente a estas coisas. Vou escrevendo o que me occorre como curioso. A sciencia fará o seu officio com o tempo. Eu não pretendo a litterato nem a critico, e n'estas coisas menos que em nenhuma. Occupo as minhas horas vagas com estes divertimentos innocentes; não faço mais nada.

Tornando ao nosso Gil-Vicente, na segunda scena — acto, jornada, ou parte II – da *Rubena*, canta a Cismena em portuguez outro principio de romance mui notavel pelo metro pouco usado na nossa lingua:

> «Grandes bandos andam na côrte,
> Traga-me Deus meu bonamore.»

Muitas outras próvas achará alli o leitor curioso de que este genero era o mais popular então entre nós. Como tal o cultivou Gil-Vicente; e assim o mostra o romance dos *Padres no Limbo* no Auto da *Historia de Deus*, o da *Barca dos Anjos* no auto do *Purgatorio*, o da *Infanta* no auto das *Côrtes de Jupiter*, e muitos outros dispersos por suas obras dramaticas, além dos dois bem conhecidos que expressamente compoz, um á morte d'el-rei Dom Manuel, outro á acclamação de Dom João III.

Este primeiro que aqui ponho é o de *Dom Duardos* que vem no fim da tragi-comedia (aliás drama cavalheiresco) do mesmo titulo. Em castelhano foi escripta a tragi-comedia, e em castelhano alli vem o romance; na collecção, que por vezes tenho citado, do cavalheiro de Oliveira, apparece em portuguez com declaração de se encontrar assim n'um antigo manuscripto do seculo XVI que visivelmente era contemporaneo do poeta. Eu dou-o em ambas as linguas. E pôsto que os nossos vizinhos o codificassem em seus romanceiros como proprio, fica assim evidente o ser elle de fabrica portugueza e do nosso Gil-Vicente, quer primitivamente o compozesse elle na nossa lingua, quer na d'elles.

Eisaqui o que, no fim da tragi-comedia, diz Artada, antes de cantar o romance:

> «Por memoria de tal trance
> Y tam terrible partida
> Venturosa,
> Cantemos nuevo romance
> A la nueva despedida
> Peligrosa.»

Acabado de cantar e findo o auto, diz o patrão, virando se para el rei — não o rei da comedia, mas o rei portuguez Dom João III, em cuja côrte e presença ella se representava:

> «Lo mismo iremos cantando
> Por esa mar adelante,
> A' las sirenas rogando;
> Y Vuestra alteza mandando:
> Que en la mar siempre se cante.»

Era pois novo o romance, por seu o dava Gil-Vicente, que não precisava nem usava de brilhar com o alheio, e a el-rei seu âmo e seu protector, como tal o endereçava. Não posso deixar de o crer e acceitar como seu.

A lição portugueza de Oliveira differe algum tanto da castelhana de Gil-Vicente; e esta não pouco da que vem no ROMANCEIRO GERAL de Duran e no TESORO de Ochoa.

Juntam-se aqui todas tres, para que as confrontem os curiosos, e se illustre assim a questão que, tórno a dizer, suscito, não resolvo.

DOM DUARDOS[1]

Era pelo mez de Abril,
De Maio antes um dia,
Quando lyrios e rosas
Mostram mais sua alegria;
Era a noite mais serena
Que fazer no ceo podia,
Quando a formosa infanta,
Flérida já se partia;
E na horta de seu padre
Entre as arvores dizia:
—Com Deus vos ficade, flores,
Que ereis a minha alegria!
Vou me a terras extrangeiras
Pois lá ventura me guia;
E se meu pae me buscare,
Pae que tanto me queria,
Digam-lhe, que amor me leva,
Que eu por vontade não ia;
Mas tanto atimou commigo
Que me venceu co'a porfia.

1 Lição portugueza, segundo *Oliveira*.

Triste, não sei onde vou,
E ninguem não m'o dizia!...'
Alli fala Dom Duardos:
«Não choreis, minha alegria,
Que nos reinos de Inglaterra
Mais claras aguas havia,
E mais formosos jardins,
E flores de mais valia.
Tereis trezentas donzellas
De alta genealogia;
De prata são os palacios
Para vossa senhoria;
De esmeradas e jacynthos
E oiro fino de Turquia,
Com lettreiros esmaltados,
Que a minha vida se lia,
Contando das vivas dores
Que me déstes n'esse dia
Quando com Primalião
Fortemente combatia:
Matastes-me vós, senhora
Que eu a elle o não temia...»
Suas lagrymas enchugava
Flérida que isto ouvia.
Já se foram ás galeras
Que Dom Duardos havia.
Cinquenta eram por conta,
Todas vão em companhia
Ao som do doce remar
A princeza adormecia
Nos braços de Dom Duardos,
Que tam bem a merecia

Saibam quantos são nascidos
Sentença que não varia:
Contra a morte e contra amor
Que ninguem não tem valia.

I

VERSÃO CASTELHANA DE GIL-VICENTE[1]

En el mes era de Abril,
De Mayo antes um dia,
Cuando lirios y rosas
Muestran mas su alegria.
En la noche mas serena
Quel el cielo hacer podia,
Cuando la hermosa infanta
Flérida ya se partia:
En la huerta de su padre
A los árboles decia:
«Quedaos adios, mis flores,
Mi gloria que ser solia:
Voyme á tierras estrangeras
Pues ventura alla me guia
Si mi padre me buscare
Que grande bien me queria
Digan que amor me lleba
Que no fué la culpa mia·
Tal tema tomó conmigo
Que me venció su porfia.
Triste nó se adó vó.
Ni nadie me lo decia.»
Alli habla Dom Duardos:
«No lloreis mi alegria,
Tua en los reinos de Inglaterra
Mas claras aguas habia,
Y mas hermosos jardines
Y vuesos, señora mia.
Terneis trecientas doncellas
De alta genealogia;
De plata son los palacios
Para vuesa señoria,
De esmeraldas y jacintos,
De oro fino de Turquia
Con lettreros esmaltados
Que cuentan la vida mia,
Cuentan los vivos dolores
Que me distes aquel dia
Cuando con Primaleon
Fuertemente combatia:
Señora vos me matastes,
Que yo a el no lo temia.
Sus lagrimas consolaba
Flérida qu'esto oia;
Fueron-se a las galeras
Que Don Duardos tenia.»
Cincuenta eran por cuenta,
Todas van en compañia.
Al son de sus dulces remos
La princesa se adormia
En brazos de Don Duardos
Que bien le pertenecia
Sepan cuantos son nacidos
Aquesta sentencia mia:
Que contra la muerte y amor
Nadie no tiene valia.

II

VERSAO CASTELHANA DE DURAN[2]

En el mes era de Abril,
De Mayo antes un dia,
Cuando los lirios y rosas
Muestran mas su alegria,
En la noche mas serena,
Qu'el cielo hacer podria,
Cuando la hermosa infanta
Flérida ya se partia;
En la huerta de su padre
A los árboles decia:
—Jamas en cuanto viviere
Os veré tan solo un dia,
Ni cantar los ruiseñores
En los ramos melodia.
Quédate á Dios, agua clara,
Quédate á Dios, agua fria,
Y quedad con Dios, mis flores,
Mi gloria que ser solia
Voime á las tierras estrañas,
Pues ventura allá me guia.

1 Obras de *Gil-Vicente,* ed. de Hambnrgo 1834 T. II, p. 249.
2 *Romancero general,* parte I.

Si mi padre me buscár,
Que grande bien me queria,
Digan que el amor me lleva,
Que no fué la culpa mia.
Tal tema tomó conmigo,
Que me forzó su porfia.
Triste nó sé donde voy
Ni nadie me lo decia.
Alli habló Don Duardos:
—«No lloreis mas, mi alegria,
Que en los reinos de Inglaterra
Mas claras aguas habia,
Y mas hermosos jardines,
Y vuestros, señora mia.
Terneis trescientas doncellas
De alta genealogia:
De plata son los palacios
Para vuestra señoria;
D'esmeraldas y jacintos
Toda la tapeçaria;
Las camaras ladrilladas
D'oro fino de Turquia,
Com letreros esmaltados
Que cuentan la vida mia,
Contando vivos dolores
Que me diéstedes un dia
Cuando com Tremaleon
Fuertemente combatia.
Señora, vós me matastes,
Que yo a el no lo temia.»
Sus lagrimas consolaba
Flérida qu'esto oia,
Y fueron se á las galeras,
Que Don Duardos habia:
Cincuenta eran por todas,
Todas van en compañia.
Al son de sus dulces remos
La infanta se adormecia
En brazos de Don Duardos,
Que bien le pertenecia.
Sepan cuantos son nascidos
Aquesta sentencia mia:
Que contra muerte y amor
Nadie no tiene valia.

XXXIV

A AMA

Bernardim-Ribeiro foi natural da villa do Torrão no Alemtejo, vivia por fins do XIV, principios do XV seculo; era moço fidalgo d'el-rei Dom Manuel e servia no paço, onde a belleza e perfeições da infanta Dona Beatriz lhe inspiraram uma paixão de verdadeiro «Macias namorado». Ainda não estava tam longe o tempo em que princezas e rainhas ouviam sem enfado e acceitavam sem desaire as homenagens dos trovadores. Bernardim era moço, talvez bem parecido, discreto decerto: ha toda a razão de crer que foi ouvido com sympathia e indulgencia. Toda a sua felicidade ficou por aqui, segundo elle diz:

> «Que para mais esperar
> Nunca me deram logar.»

E esta deve de ser a verdade; ou elle, de fino amante, no'la occultou: em qualquer dos casos devemos crêl-o sôbre sua palavra.

A infanta casou por procuração com o duque Carlos de Saboia, em Lisboa nos paços da Ribeira, a 7 de Abril de 1520;[1] e em Agosto seguinte partiu para Italia. As «Saudades»[2] do seu amante ficaram eternizadas no mysterioso livro que com esse titulo compôs. D'elle se extrahiu este romance, propriamente soláo. Tudo aqui é contado e dito por um modo de enigmas e allegorias inteiramente inexplicaveis para quem ignorasse os mysteriosos amores do trovador e da princeza. Tam sincero — e amiude grosseiro a podêr de sincero — é o modo de dizer dos antigos menestreis, quanto este é delicado por demais, e á força de o ser, obscuro

O argumento simplissimo diz-se em poucas palavras. Beatriz está retirada em sua camera. Sua paixão por Bernardim não é segredo para a boa ama que a criou e que tanto lhe quer. Canta-lhe esta um *cantar* a modo de *soláo* em que tristemente conta e lamenta a má ventura que desde a nascença tem perseguido a sua querida menina, e que maiores desgraças lhe faz temer no futuro.

O estylo tem toda a ingenuidade dos antigos cantares, todo aquelle perfume de bonina selvagem que só se encontra pelas devezas incultas da poesia primitiva. E todavia, se ainda são as flores singelas do monte, já se conhece arte no formar do ramalhete. Já não são as notas desgarradas, e asperas por vezes, do primeiro trovar asturiano ou leonez que tiniam á dureza de ferro dos descendentes de Pelayo. Já por aqui andam *modos* de trovador provençal. A melodia porém ainda é puramente romantica; as harmonias é que presentem fórmas mais classicas. Vê-se o antigo toante do romance peninsular cedendo á difficil e dura lei das complicadas rhymas provençaes. Ha mais ainda; ha uma perfeição no *numero* dos rhytmos que adivinha já as doçuras italianas. E' o trovador do seculo XV dando a mão ao poeta do seculo XVI. O que predomina todavia é o modo provençal; e este é, repito, um legitimo soláo.

[1] Garcia de Rezende, *hida da infanta*, etc.
[2] *Saudades de Bernardim-Ribeiro*, Lisboa 1795.

A AMA

Pençando-vos[1] estou filha,
Vossa mãe me está lembrando;
Enchem-se-me os olhos d'agua,
N'ella vos estou lavando.

Nascestes, filha, entre mágua;
Pera bem inda vos seja!
Pois em vosso nascimento
Fortuna vos houve inveja.

Morto era o contentamento
Nenhuma alegria ouvistes;
Vossa mãe era finada,
Nós outros eramos tristes.

Nada[2] em dor, em dor criada,
Não sei onde isto hade ir ter:
Vejo-vos, filha, formosa,
Com olhos verdes crescer.

1 No sentido de dar o penço á criança; com a qual significação o verbo se deve escrever com ç e não com s.

2 Nascida.

Não era esta graça vossa
Pera nascer em destêrro:
Mal haja a desaventura
Que poz mais n'isto que o erro!

Tinha aqui sua sepultura
Vossa mãe, e a mágua a nós!
Não ereis vós, filha, não,
Pera morrerem por vós.

Não ouvem fados razão,
Nem se consentem rogar;
De vosso pae hei mor dó,
Que de si se ha de queixar.

Eu vos ouvi a vós só
Primeiro que outrem ninguem;
Não foreis vós se eu não fôra:
Não sei se fiz mal se bem.

Mas não póde ser, senhora,
Pera mal nenhum nascerdes,
Com esse riso gracioso
Que tendes sob olhos verdes

Confôrto, mas duvidoso,
Me é este que tomo assi!
Deus vos dê melhor ventura
Do que tivestes téaqui

A Dita e a Formosura,
Dizem patranhas antigas,
Que pelejaram um dia,
Sendo d'antes muito amigas.

Muitos hão [3] que é phantezia:
Eu, que vi tempos e annos,
Nenhuma coisa duvido,
Como ella é azo de damnos. [4]

Nem nenhum mal não é crido,
O bem só é esperado:
E na crença e na esperança,
Em ambas ha hi cuidado,
Em ambas ha hi mudança.

3 Tem para si
4 De nenhuma coisa duvido, que seja azo de damnos.

XXXV

AVALOR

Este, que é verdadeiro romance na fórma assim como no estylo, parece ter sido feito á partida da infanta para Saboia, ou talvez por occasião da viagem que Bernardim-Ribeiro alli fez para a vêr.

Fôsse como ou quando fôsse, elle é admiravel. Ha menos artificio metrico, não menos belleza de poesia que nos outros, não menos sentimento. O estylo é mais desleixado, mais vago, mais de romance.

Em todas as vastissimas collecções castelhanas não ha nada tam bello de elegante simplicidade.

Já se vê que não faço a comparação no genero heroico ou historico, digo-o dos romances de amor e aventura.

AVALOR

Pela ribeira de um rio
Que leva as aguas ao mar.
Vae o triste de Avalor,
Não sabe se hade tornar.
As aguas levam seu bem,
Elle leva o seu pesar;
E só vae, sem companhia,
Que [1] os seus fôra elle leixar;
Ca quem não leva descanço
Descança em só caminhar.
Descontra d'onde ia a barca,
Se ia o sol a baixar;
Indo-se abaixando o sol,
Escurecia-se o ar;
Tudo se fazia triste
Quanto havia de ficar.
Da barca levantam remos,
E ao som do remar
Começaram os remeiros
Da barca este cantar:
—Que frias eram as aguas!
Quem as haverá de passar?
Dos outros barcos respondem:
«Quem as haverá de passar?»
Frias são as aguas, frias,
Ninguem nas póde passar;
Senão quem pôz a vontade
Donde a não póde tirar.
Tra'la [2] barca lhe vão olhos
Quando o dia dá logar:
Não durou muito, que o bem
Não póde muito durar.
Vendo o sol pôsto contr'elle [3]
Não teve mais que pensar;
Soltou redeas ao cavallo
A' beira do rio a andar.
A noite era callada
Pera mais o magoar,
Que ao compasso dos remos
Era o seu suspirar.
Querer contar suas mágoas
Seria areias contar;
Quanto mais ia alongando,
Se ia alongando o soar.
Dos seus ouvidos aos olhos
A tristeza foi egualar;
Assi como ia a cavallo
Foi pela agua dentro entrar.
E dando um longo suspiro
Ouvia longe falar:
Onde mágoas levam olhos,
Vão tambem corpo levar.
Mas indo assi por acêrto,
Foi c'um barco n'agua dar
Que estava amarrado á terra,
E seu dono era a folgar.
Saltou assi como ia, dentro,
E foi a amarra cortar:
A corrente e a maré
Acertaram-n'o ajudar.
Não sabem mais que foi d'elle,
Nem novas se pódem achar:
Suspeitaram que foi morto,
Mas não é pera affirmar:
Que o embarcou ventura,
Pera só isso aguardar.
Mas mais são as mágoas do mar.
Do que se podem curar.

1 Que, pois que
2 Trás a, após a.
3 Defronte d'elle.

XXXVI

CUIDADO E DESEJO

Todo este soláo—e creio que propriamente este é tambem um verdadeiro soláo—todo elle é allegorico dos mysteriosos amores do *poeta das saudades.*

Bernardim-Ribeiro vaga, triste e solitario pelas margens de um rio escuro e coberto de arvoredo. Apparece-lhe o seu *Cuidado* na figura de um velho encannecido que lhe mostra o seu fatal *Desejo* todo coberto de dó; chorando e pensativo declara-lhe que em má hora o viu porque nunca mais o hade esquecer. Some-se a visão: e elle caminha rio abaixo, até dar «antre uns medrosos penedos» (se será Cintra?) onde a *Phantasia* lhe apresenta sua triste *Lembrança* na figura de uma bella mulher de «loiros cabellos e olhos verdes», cuberta de um negro manto. E' Beatriz que elle ama, que o adora e que não póde ser sua! Escura noite lhe esconde a visão bemaventurada; e de um «alto oiteiro» lhe bradam (porque não dos Alpes, do Piemonte onde lh'a tinham levado?)—«Bernardim-Ribeiro, olha onde estás.»

Da demasiada altura onde subiram, seus atrevidos pensamentos lhe fazem recordar quam baixo o tinha pôsto a sorte para se atrever a tanto.—O namorado trovador cerra os olhos para nunca mais os abrir. Que lhe resta a elle que ver no mundo?

Este romance seria feito ao ordenar-se o casamento da infanta com o duque de Saboia? Não vem inserto nas *Saudades*, como o antecedente, da *Ama*, e o subsequente de *Avalor*: por isso aqui pôz claro o seu nome de Bernardim-Ribeiro, que no mysterioso livro de cavallarias, ora se disfarça em anagrammas de suas proprias lettras, ora sob as de outros se disfigura, para confundir e enredar a todo o que não tivesse a chave do querido segredo. O nome porém da infanta nem aqui, nem em parte nenhuma o expôz a ser decifrado pela mais remota inducção. N'este romance não ha nomes femininos; os que se encontram em tudo quanto escreveu assim podem ser Maria, Antonia, como Joanna, etc. Em nenhum ha lettras ou sons que se pareçam com os de Beatriz.

Nada digo do estylo, é o mesmo da peça precedente. As bellezas são infinitas; nenhum poeta portuguez escreveu tanto com o sangue de seu coração.

CUIDADO E DESEJO

Ao longo de uma ribeira
Que vae pelo pé da serra,
Aonde me a mi fez a guerra
Muito tempo o grande amor;
Me levou a minha dor:
Já era tarde do dia,
E a agua d'ella corria
Por entre um alto arvoredo,
Onde ás vezes ia quedo
O rio, e ás vezes não.

Entrada era de verão,
Quando começam as aves
Com seus cantares suaves
Fazer tudo gracioso.
Ao ruido saudoso
Das agua cantavam ellas:
Todalas minhas querellas
Se me puseram deante;
Alli morrer quizera ante
Que ver por onde passei.
Mas eu que digo—passei!
Antes ainda heide passar,
Em quanto hi houver pezar,
Que sempre o hi hade haver.

As aguas, que de correr
Não cessavam um momento,
Me trouxera, ao pensamento
Que assim eram minhas mágoas,
D'onde sempre correm aguas
Por estes olhos mesquinhos,
Que têem aberto caminhos
Pelo meio do meu rosto.
E já não tenho outro gôsto
Na grande desdita minha.
O que eu cuidava que tinha
Foi-se-me assim não sei como,
D'onde eu certa crença tómo
Que, para me leixar, veio.

Mas, tenho-me assi alheio
De mi o que alli cuidava,
Da banda d'onde agua estava

Vi um homem todo cam [1]
Que lhe dava pelo cham
A barba e o cabello.
Ficando eu pasmado d'ello,
Olhando elle para mi,
Falou-me e disse-me assi:
—Tambem vae esta agua ao Tejo

N'isto olhei, vi meu Desejo
Estar de trás triste e só,
Todo cuberto de dó,
Chorando sem dizer nada,
A cara em sangue lavada,
Na bôcca posta ũa mão,
Como que a grande paixão,
Sua fala lhe tolhia.

E o velho que tudo via,
Vendo-me tambem chorar
Começou assi a falar:
—«Eu mesmo são [2] teu Cuidado
Que n'outra terra criado,
N'esta primeiro nasci.
E ess'outro que está aqui
É o teu Desejo triste;
Que má hora 'o tu viste
Pois nunca te esquecerá!
A terra e mar passará
Trespassando a mágoa a ti»

Quando lhe eu aquisto ouvi,
Soltei suspiros ao chôro;
Alli clarante o fôro
Meus olhos tristes pagaram
De um bem só que elles olharam,
Que outro nunca mais tiveram
Nem o tive, nem m'o deram,
Nem o esperei sómente:
De só ver fui tam contente,
Que pera mais esperar
Nunca me deram logar.

E n'aquisto, triste estando
Com os olhos tristes olhando
D'aquellas bandas d'alêm,
Olhei e não vi ninguem.
Dei então a caminhar
Rio abaixo, até chegar
A cêrca de Montemór.

Com meus males de redor,
Da banda do meio-dia,
Alli minha Phantasia,
D'antre uns medrosos penedos,

1 Encanecido, de cabello branco.
2 Sou.

Onde aves que fazem medos
De noite os dias vão ter,
Me sahiu a receber
Com ũa mulher pelo braço,
Que, ao parecer de cansaço
Não podia ter-se em si,
Dizendo:—«Vês triste, aqui
A triste Lembrança tua»
Minha vista então na sua
Pus, d'ella todo me enchi:
A prima coisa que vi
E a derradeira tambem,
Que no mundo vão e vem!

Seus olhos verdes rasgados
De lagrimas carregados,
Logo em vendo os, pareciam
Que de lagrimas enchiam
Contino as sua faces,
Que eram, gran'tempo, paces [1]
Antre mi e meus cuidados.

Loiros cabellos ondados
Um negro manto cubria:
Na tristeza parecia
Que lhe convinha morrer.
Os seus olhos de me ver,
Como furtados, tirou,
Depois em cheio me olhou,
Seus alvos peitos rasgando
Em vóz alta se aqueixando,
Disse assi mui só sentida:
«Pois que mor dor ha na vida
Para que houve ahi morrer?
Callou-se sem mais dizer.
Eu de mi gemidos dando,
Fui-me para ella chorando
Para a haver de consolar...

N'isto pôz-se o sol ao mar,
E fez-se noite escura,
E disse mal á ventura
E á vida, que não morri...
E muito longe d'alli,
Ouvi de um alto oiteiro
Chamar:—«*Bernardim Ribeiro!*»
E dizer:—«Olha onde estás!»
Olhei de ante e de traz
E vi tudo escuridão,
Cerrei meus olhos então,
E nunca mais os abri,
Que depois que a perdi
Nunca vi tam grande bem.
Porêm inda mal, porêm!

1 Pazes.

XXXVII

O MARQUEZ DE MANTUA

Eil-o que se apeia de seu classico barbante em que tantos annos cavalgou, e despindo o papel pardo em que o embrulhavam os cegos e vendilhões de nossas feiras, vem o nobre *Marquez de Mantua*, tomar o seu logar entre os mais venerandos e antigos romances do cyclo de Carlos-Magno. Sua nobre origem bem sabida é e bem manifesta: franceza ou provençal. Se foi a lingua *d'oeil* ou a lingua *d'oc* a primeira que falou, não sei; quando atravessou os Pyreneus e veiu para nós, certo que era já familiar com ambas. Passou muito tempo em Hespanha por ser composição de Jeronymo Treviño; [1] hoje com razão se crê que o Treviño não foi senão o editor que em 1598 o imprimiu: sem duvida o romance é muito mais antigo que isso; só da lição portugueza me parece que posso responder que é dos fins do XIV, principios — quando muito — do XV seculo. E todavia a fórma em que elle apparece em portuguez não creio que fosse a primitiva que entre nós teve, e me inclino a que ella seja posterior á que teem os nossos vizinhos castelhanos em suas collecções. [1] Aqui é mais dramatico, já mais épico: nas multiplicadas edições dos cegos chegou a obter o nome de tragedia. Todavia, não deixarei de observar que revestidos d'esta mesma fórma ha romances muito mais antigos do que os narrativos. As rúbricas de *aqui fala o marquez*, *agora diz o imperador* etc., não são indisputavel próva de que a composição fôsse para se representar theatralmente.

Sem profundar nenhuma d'estas questões, contento me de sacar do lixo da «feira da ladra», esta bella reliquia da nossa litteratura popular e romanesca, e de restituir ao seu eminente logar o nobre marquez de Mantua, embora me criminem e escarneçam os superciliosos academicos de todas as academias reaes e não reaes d'este mundo.

[1] Pelicer, notas a *Dom Quixote*.

[1] *Cancioneiro de romances; Silva de varios romances: floresta de varios;* e ultimamente Duran, *Romanceiro general*, ed. de 1849-51, tom. I, pag. 207.

O MARQUEZ DE MANTUA

Na caça andava perdido
De Mantua o velho marquez,
E no peito presentido
O coração traz de envez;
Mais, não sabe o succedido!
Farto já de caminhar
Por tam fragosa montanha,
Cançado assim sem companha,
Sem ter onde repousar
N'essa terra tam extranha,
Vendo o mato tam cerrado,
Assentou de se apear
E o seu cavallo deixar
Porque estava de cançado
Que já não podia andar:

FALA O MARQUEZ

—Fortunosa caça é esta
Que a fortuna me ha mostrado,
Pois que, por ser manifesta
Minha pena e gran' cuidado,
Me mostrou esta floresta.
Nunca vi tam forte brenha
Desque me accordo de mi,
Eu creio que Margasi
Fez esta serra Dardenha,
Estes campos de Methli
Quero tocar a bosina
Por ver se algum me ouvirá;
Mas cuido que não será,
Porque minha gran' mofina
Commigo começou já.
Todavia quero ver
Se mora alguem n'esta serra
Que me diga d'esta terra
Cuja é para saber;
Que quem pergunta não erra.
Agora vejo-me aqui
N'esta tam grande espessura,
Que nem eu me vejo a mi,
Nem sei de minha ventura,
Nem menos será cordura.

DIZ VALDEVINOS

—Oh Virgem minha senhora,
Madre do rei da verdade,
Por vossa gran' piedade
Sêde minha intercessora

Em tanta necessidade.
Oh summa regina pia,
Radiante luz phebea,
Custodia animæ meæ,
Pois está na terra fria
A alma de pezar chea,
Pois és amparo dos teus,
Consola os desconsolados,
Rainha dos altos céus,
E roga a meu senhor Deus
Que perdôe meus peccados.

FALA O MARQUEZ

—Não sei quem ouço gemer
E chorar de quando em quando:
Alguem deve de aqui estar...
Segundo se está queixando,
Deve ter grande pezar.

FALA VALDEVINOS

—Domine, memento mei,
Lembrae-vos de minha alma,
Pois que sois da glória rei,
Nascido da flor da palma,
Remedio de nossa lei.

DIZ O MARQUEZ

—Segundo d'elle se espera,
Aquelle home anda perdido,
Ou por ventura ferido
De alguma besta fera.
Quero ver este mysterio,
Que a fala me dá ousadia,
Porque dois em companhia
Terão grande refrigerio
Para qualquer agonia.

DIZ VALDEVINOS

—Oh minha esposa e senhora,
Já não tereis em poder
Vosso esposo que assim chora,
Pois a morte roubadora
Vos roubou todo o prazer.
Oh vida do meu viver,
Resplandecente narciso,
Gran' pena levo em saber
Que nunca vos heide ver
Até o dia de juizo
Oh esperança por quem
Tinha victoria vencida!
Oh minha glória, meu bem,
Porque não partis tambem,
Pois que sois a minha vida?
Senão fôr vossa vontade
De haver de mim compaixão,
Mandae-me meu coração,
Minha fé e liberdade,
Que está em vossa prizão.
Madre minha muito amada.
Qu'é de o filho que paristes,
De quem ereis consolada?
Como se ha tornado nada
Quanta glória possuistes?
Já me não vereis reinar,
Já me não dareis conselho,
Nem eu o posso tomar,
Que quebrado é o espelho
Em que vos sabeis olhar.
Já nunca me haveis de ver
Fazer justas e torneios,
Nem vestir nobres arreios,
Nem cavalleiros vencer,
Nem tomar bandos alheios.
Já não tomareis prazer
Quando me virdes armado;
Já vos não virão dizer
A fama de meu podêr,
Nem louvar-me de esforçado.
Oh valentes cavalleiros,
Reinaldos de Montalvão,
Oh esforçado Roldão,
Oh Marquez Dom Oliveiros,
Dom Ricardo, Dom Dudão,
Dom Gaifeiros, Dom Beltrão,
Oh gran' Duque de Milão,
Que é da vossa companhia?
Duque Maime de Baviera,
Que é de vosso Valdevinos?
Oh esforçado Guarinos,
Quem comsigo vos tivera!
Meu amigo Montesinhos,
Já nunca mais vos verei;
Dom Alonso de Inglaterra,
Já nunca acompanharei
O conde Dirlos na guerra.
Oh esforçado marquez
De Mantua, teu senhorio,
Já não me poreis arnez,
Nem me vereis outra vez
Gozar vosso senhorio.
Já não quero o vosso estado,
Já não quero ser pessoa,
Nem mandar, nem ter reinado;
Já não quero ter corôa,
Nem quero ser venerado.
Oh Carlos imperador,
Senhor de mui alta sorte,
Como sentireis gran' dor
Sabendo da minha morte,
E quem d'ella é causador:
Bem sei, se sois informado
Do caso como passou,
Que serei mui bem vingado,
Ainda que me matou
Vosso filho mui amado.
Oh principe D. Carloto,
Quem, sendo tam desegual,
Te moveu a fazer mal
Em um logar tam remoto
A teu amigo leal?
Alto Deus omnipotente,
Juiz direito sem par,
Sôbre esta morte innocente
Justiça queiraes mostrar,
Pois morro tam cruelmente.
Oh Madre de Deus benigno,
E fonte de piedade,
Arca da Sancta Trindade,
De donde o Verbo Divino
Trouxe sua humanidade,
Oh Santa Domina mea,
Oh Virgem gratia plena
Em que a alma se recreia,
Dae remedio á minha pena,
Pois que morro em terra alheia.

FALA O MARQUEZ

—Senhor, porque vos queixaes?
Quem vos tratou de tal sorte,
E quem é o que tal morte
Vos deu, como publicaes,
Que assás é esta má sorte?
Não me negueis a verdade,
Contae me vosso pezar,
Que vos prometto ajudar
Com toda a força e vontade.

DIZ VALDEVINOS

—Muito me agasta, amigo,
Certamente teu tardar,
Dize se trazes comtigo
Quem me haja de confessar?

DIZ O MARQUEZ

—Eu não sou quem vós cuidaes:
Nunca comi vosso pão,
Mas vossos gritos e ais
Me trouxeram aonde estaes
Mui movido a compaixão.
Dizei me vossa agonia,
Que, se remedio tiver,
Eu vos prometto fazer
Com que tenhaes alegria.

DIZ VALDEVINOS

—Meu senhor, muitas mercês
Por vossa boa vontade!
Bem creio que me fareis
Muito mais do que dizeis,
Segundo vossa bondade,
Mas minha dor é mortal
Meu remedio só é morte,
Porque estou parado tal,
Que nunca homem mortal
Foi tratado de tal sorte.
Tenho, senhor, vinte e duas
Feridas todas mortaes,
As entranhas rotas, nuas,
E passo penas tam cruas,
Que não poderão ser mais.
Ha-me morto á traição
O filho do Imperador,
Carloto, a gran' sem razão,
Mostrando-me todo o amor,
Não o tendo no coração.
Muitas vezes requeria
Minha espôsa com maldade,
Mas ella não consentia
Pelo bem que me queria,
Por sua grande bondade.
Carloto com gran' pezar,
Como mais traidor do que forte,
Ordenou de me matar,
Cuidando com minha morte
Com ella haver de casar.
Matou-me com gran' falsia,
Trazendo cinco comsigo,
Sem eu trazer mais commigo
Que um pagem por companhia.
A mim chamam Valdevinos,
Sou filho de el-rei de Dacia,
E primo de el-rei de Grecia,
E do forte Montesinos,
Que é herdeiro de Dalmacia.
Dona Hermelinda formosa
Minha madre natural,
Sibylla minha espôsa
De graças especial,
Mas com primores famosa.
Esta nova contareis
A' triste de minha madre
Que em Mantua achareis,
E ao honrado marquez
Meu tio, irmão de meu padre.

FALA O MARQUEZ

—Oh desestrado viver,
Oh amargosa ventura,
Oh ventura sem prazer,
Prazer cheio de tristura,
Tristura que não tem ser!
Oh desventurada sorte,
Oh sorte sem soffrimento,
Desemparado tormento,
Muito peior do que a morte,
Morte de desabrimento
Oh meu sobrinho, meu bem,
Minha esperança perdida,
Oh gloria que me sustêm,
Porque vos partis de quem
Sem vós não terá mais vida?
Oh desventurado velho,
Captivo sem liberdade!
Quem me póde dar conselho,
Pois perdido é o espelho
De minha gran' claridade!
Oh minha luz verdadeira,
Trevas do meu coração.
Penas de minha paixão,
Cuidado que me marteira,
Tristeza de tal traição!
Porque não quereis falar
A este marquez coitado,
Que tio sohieis chamar?
Falae-me, sobrinho amado,
Não me façaes rebentar.

DIZ VALDEVINOS

—Meu tormento tam molesto
Me faz não vos conhecer
Nem na fala nem no gesto;
Nem entendo vosso dizer
Se não for mais manifesto.
Estou tão posto no fim,
Que não sei se sou alguem,
Nem menos conheço a mim;
Pois quem não conhece a sim,
Mal conhecerá ninguem.

DIZ O MARQUEZ

—Como não me conheceis,
Meu sobrinho Valdevinos?
Eu sou o triste marquez
Irmão de el-rei Dom Salinos,
Que era o pae que vos fez.
Eu sou o marquez sem sorte,
Que devêra rebentar
Chorando a vossa morte,
Por com vida não ficar
N'este mundo sem de porte,
Oh triste mundo coitado,
Ninguem deve em ti fiar.
Pois és tam desventurado,
Que o tens mais exaltado,
Mor quéda lhe fazes dar!

FALA VALDEVINOS

—Perdoa-me, senhor tio,
A minha descortezia,
Que a minha grande agonia
Me pôs em tanto desvio,
Que já vos não conhecia.
Não me queiraes mais chorar;
Deveis de considerar
Que para isso é o mundo.
Que dobraes meu mal profundo.
Para bem é mal passar:
E bem sabeis que nascemos
Para ir a esta jornada,
E que, quanto mais vivemos,
Maior offensa fazemos
A quem nos creou de nada.
Assim que, necessidade
Não tendes de me chorar,
Pois que Deus me quiz levar
No melhor de minha edade
Para mais me aproveitar.
Mas o que haveis de fazer,
É por minha alma rogar,
Porque o muito chorar
A' alma não dá prazer,
Mas antes mui gran' pezar.
Quero-vos encommendar
Minha esposa e minha madre.

Pois que não tem outro padre
Que as haja de amparar,
Senão vós, como é verdade,
Mas o que me dá paixão
Em esta triste partida,
E morrer sem confissão;
Mas se parto d'esta vida,
Deus receberá a tenção.

Vem o ermitão e o pagem

DIZ O ERMITAO

—A paz de Deus sempiterno
Seja comvosco, irmão!
Lembrae-vos de sua paixão
Que, por nos livrar do inferno,
Padeceu quanto a varão

DIZ VALDEVINOS

—Com coisa mais não folgára
Do que vêl-o aqui chegado,
Padre de Deus enviado,
Que se um pouco mais tardára,
Não me achára n'este estado.

FALA O PAGEM

—Oh que desestrada sorte,
Meu senhor Danes Ogeiro!
Olhae vosso escudo forte,
Olhae, senhor, vosso herdeiro,
Em que extremo o pôz a morte!
Oh desditoso caminho,
Caça de tanto pezar,
Que cuidando de caçar
A morte a vosso sobrinho
Vieste, senhor, buscar

DIZ O ERMITÃO

—A gran' pressa que trazia
Não me deu, senhor, logar
De conhecer nem falar
A' vossa gran' senhoria
N'este erro se ha culpa,
Peço-lhe d'ella perdão,
Ainda que a discrição
Sua me dará desculpa.

FALA O MARQUEZ

—Rogae a Deus, padre honrado,
Que me queira dar paciencia;
Que o perdão é escusado,
Porque vossa diligencia
Vos não deixa ser culpado.

DIZ O ERMITÃO

—O filho de Deus enviado
Vos mande consolação!
E pois que aqui sou chegado,
Quero ouvir de confissão
Este ferido e angustiado
Coisa é mui natural
A morte a toda a pessoa,
A todo o mundo em geral,
Pois que a nenhum perdôa
Não a tinhamos por mais,
Porque o peccado de Adão
Foi tam fero e de tal sorte,
Que não só foi perdição:
Mas Deus, que é salvação,
Quiz tambem receber morte.
E por tanto, filho meu,
Não se deve de espantar
Da morte que Deus lhe deu.
Pois em provimento seu
Lh'a deu para o salvar
Lembre-lhe sua paixão:
Veja este mundo coitado,
E não o engode o malvado,
Que não dá por galardão
Senão tristeza e cuidado.
Em quanto, filho, tem vida,
Chame a Madre de Deus,
Aquella que foi nascida
Sem peccado concebida,
E coroada nos céus.
Esta foi santificada
E visitada dos anjos,
E em corpo e alma levada
A gloria, onde exaltada
Lá está sobre os archanjos.
Assim, que ao Redemptor
E a esta Virgem sem par
Se hade, filho, encommendar
Depois que aos santos for
Sua vontade chamar.
As mãos levante aos céus,
Faça confissão geral,
Confessando-se a Deus
E á virgem celestial
E a todos os santos seus.

DIZ O MARQUEZ

—Oh bonancia aborrecida,
Oh desestrada fortuna,
De prazeres gran' tribuna!
Porque não desemparaes
A quem sois tam importuna?
Tristeza, desconfiança,
Porque não desesperaes
A quem não tem confiança?
Contae-me, pagem burlor,
O caso como passou,
Quem foi aquelle traidor
Que matou vosso senhor,
Ou por que causa o matou.

FALA O PAGEM

—Seria mui mal contado
Se a sua gran' senhoria
Não contasse o que é passado,
Eu sei certo que faria
O que não é esperado
Conta quem me deu estado,
E ha feito tantas mercês
Que nunca meu pae me fez:
Que é meu senhor amado.
E mais vós senhor marquez.
Estando pois em Paris
O filho do Imperador,
Mandou chamar meu senhor
Nos passos da Imperatriz:
Falaram muito a sabor;
O que falaram não sei,
Se não que logo n'essa hora,
E sem fazer mais demora,
Com quatro detraz de si
Foram da cidade fóra,
Armados secretamente,
Segundo depois ouvi.
Partimos todos d'ahi,
E Dom Carloto presente
Tambem armado outrosi.
E tanto que aqui chegaram,
N'este valle de pezar
Todos juntos se apearam
E fizeram-me ficar
C'os cavallos que deixaram.
E logo todos entraram
Em este esquivo logar,
Onde meu senhor mataram,
E depois de o matar,
Nos cavallos se tornaram.

Como eu os vi tornar,
Sentindo muito tal dor,
Temendo de lhe falar,
Não ousei de perguntar
Onde estava meu senhor.
Vendo-os assim caminhar,
Porque nenhum me falava,
Quiz a meu senhor buscar,
Porque o coração me dava
Sobresaltos de pezar.
Não o podia topar
Porque a grande espessura
E a noite medrosa, escura
Me fazia não o achar:
De que tinha gran' tristura.
Buscando-o com gran' paixão,
N'aquelle logar remoto
O achei d'esta feição.
Disse me como á traição
O matára Dom Carloto
Perguntei por que razão:
Tríste, cheio de agonias,
Disse-me com afflicção:
—«Vae me buscar confissão,
Já se acabaram meus dias.
Como taes novas ouvi,
Com grande tribulação
E pezar de vêl-o assi,
Me parti logo d'aqui
A buscar este ermitão.
Isto é, senhor, o que sei
D'este caso desestrado,
Quanto me ha perguntado:
Outra coisa não direi
Mais do que lh'ei contado.

DIZ O MARQUEZ

—Quando sua majestade
Justiça me não fizer
Com toda a rogaridade.
A' força do meu podêr
Cumprirei minha vontade.

DIZ O ERMITÃO

—Já o senhor se ha confessado,
E fez actos de christão;
Morre com tal contricção,
Que eu estou maravilhado
De sua gran' descrição.
Muito não pode tardar,
Segundo n'elle senti.
Acabei de lhe falar
Porque lhe quero rezar
Os psalmos d'el-rei David.

FALA VALDEVINOS

—Não tomeis, tio, pezar,
Que me parto de vos ver
Para nunca mais tornar,
Pois Deus me manda chamar
E não posso mais fazer.
Torno-vos a encommendar
Minha espôsa e minha mãe,
Que as queiraes consolar
E ambas as amparar,
Poisque não têem mais a quem.

ORAÇÃO DE VALDEVINOS

—Em as tuas mãos, Senhor,
Encommendo meu espirito;
Poisque és Salvador meu,
Meu Deus e meu Redemptor,
Não me falte favor teu:
Pois, Senhor, me redemiste.
Como Deus, que és de verdade,
Senhor de toda a piedade,
Lembra te d'esta alma triste
Cheia de toda a maldade.
Salve, Senhora benigna,
Madre de misericordia,
Paz de nossa gran' discordia,
Dos peccadores mezinha,
Vida doce e concordia,
Spes nostra, a ti invocamos,
Salva-nos da escura treva.
A ti, senhora, chamamos
Desterrados filhos de Eva,
A ti virgem, suspiramos,
A ti gemendo e chorando
Em aqueste lagrymoso
Valle sem nenhum repouso,
Sempre, Virge', a ti chamamos,
Que és nosso prazer e gôso.
Ora pois, nossa advogada,
Amparo da christandade,
Volve os olhos de piedade
A mim, Virgem consagrada,
Poisque és nossa liberdade.
Dá-me, Senhora, virtude
Contra todos meus imigos,
Poisque és nossa saúde,
Eu te rogo que me ajudes
Nos temores e perigos:
Roga tu por mim, Senhora,
Oh Santa Madre de Deus,
A quem a minha alma adora,
Pois és rainha dos ceus
E dos anjos superiora.

Aqui expira Valdevinos e

DIZ O MARQUEZ

—Oh triste velho coitado,
Oh cans cheias de tristura!
Oh doloroso cuidado,
Oh cuidado sem ventura,
Sem ventura desestrado!
Quebrem-se minhas entranhas,
Rompa-se meu coração
Com minha tribulação.
Chorem todas as campinas
Minha grande perdição,
Scureça-se o sol com dó,
Caiam estrellas do ceu,
As trevas de Faraó
Venham já sobre mim só.
Pois minha luz se perdeu
Na luz de mui claro dia,
Claridade sem clareza,
Minha doce companhia,
Onde está vossa alegria,
Que me deixa tal tristeza?
Oh velhice desestrada,
Sem glória e sem prazer,
Para que me deixaes ter,
Pois que sendo, não sou nada,
Nem desejo de viver?
Porque não vens, padecer,
Porque não vindes, tormentos,
Para que não soffrimentos
A quem os não quer já ter,
Nem busca contentamentos?
Para que quero razão,
Para que quero prudencia,
Nem saber, nem discrição?
Para que é paciencia,
Pois perdi consolação?

DIZ O PAGEM

—Oh meu senhor muito amado
Porque vos tornastes pó?
Porque me deixastes só
Em este mundo coitado

Com tanta tristeza e dó?
Levareis-me em companhia,
Pois sempre vos tive, vivo.
Oh minha grande alegria,
Porque me deixaes captivo,
Mettido em tanta agonia?
Meu senhor, minha alegria,
Dizei porque nos deixaes
Com tanta pena notoria?
Lembrae-vos, tende memoria
De quantos desamparaes.
Oh sem ventura Burlor!
De quem serás amparado,
De quem terás o favor
Que tinhas de teu senhor,
Pois que já te ha faltado?

FALA O ERMITÃO

—Não tomeis, filho, pezar,
Pois claramente sabeis
Que pelo muito chorar
Não cobraes o que perdeis.
Deveis, filho, de cuidar
Que nossa vida é um vento
Tam ligeiro de passar,
Que passa em um momento
Por nós assim como o ar.
Quem viu o senhor infante,
Tam pouco ha fazer guerra,
E ser n'ella tam possante,
E agora em um instante
Ser tornado escura terra,
Diria com gran' razão
Que este mundo coitado
Não dá outro galardão,
Senão tristeza e paixão,
Com a vós outros foi dado.
Olhae a el-rei Salomão
O galardão que deu;
A Amon e Absalão,
E ao valente Sansão,
E ao forte Macabeu
Em a Sacra Escriptura
Muitos mais podia achar
Se os quizesse contar;
Mas vossa grande cordura
Supprirá d'onde faltar.
E pois que não tem já cura
O mal feito e o passado,
Cesse a vossa tristura,
E demos á sepultura
Este corpo já finado.
Levemol-o onde convem
Para que seja enterrado;
E póde ser bem guardado
N'aquella ermida que vêem
Até ser embalsemado.

Aqui levam a Valdevinos á ermida. E entra o imperador, o conde Ganalão, e

DIZ O IMPERADOR

—Certo, conde Ganalão,
Muito gran' perda perdemos.
Pêza-me no coração,
Porque na côrte não temos
Reinaldos de Montalvão,
Nem o conde Dom Roldão,
Nem o marquez Oliveiros,
Nem o duque de Milão,
Nem o infante Gaiteiros
Nem o forte Meredião.

DIZ GANALÃO

—Muito alto imperador,
Muito estou maravilhado
Porque mostraes tal favor
A quem vos ha deshonrado
Com tanta ira e rigor,
Que, chamando-se Almansor,
Com o seu rosto mudado
Aquelle falso traidor
Com mui grande deshonor
Quiz deshonrar vosso estado:
Porquê, senhor, não sentis
Que este malvado ladrão
Vos prendeu de sua mão
Tomando-vos a Paris
Com muita grande traição?
Pondo-vos em Montalvão
Apezar do vosso imperio,
Onde com gran' vituperio
Estivestes em prizão,
Sem ter nenhum refrigerio?

FALA O IMPERADOR

—Verdade é isso, cunhado:
Porém deveis de saber
Que em Reinaldos me prender
Eu mesmo sou o culpado:
Isto bem o podeis crer
Se então me quíz offender
Não é muita maravilha,
Pois já me quiz guarnecer
Matando el-rei Carmeser,
Que me trouxe a sua filha.

DIZ GANALÃO

—Vossa real majestade
Dirá tudo o que quizer,
Mas eu espero a Beltrão...
Que se conheça a maldade
De quem se hade conhecer.

Aqui se vae Ganalão; e veem dois embaixadores mandados pelo marquez de Mantua, chamados Dom Beltrão e duque Amão: e virão vestidos de dó: e

DIZ BELTRÃO

—Gran' Cesar Octaviano,
Magno, augusto, forte rei,
Grande imperador romano,
Amparo da nossa lei,
Poderosa majestade,
Senhor de toda a Magança,
Da Gascunha e da França
Gran' patrão da christandade,
Esteio de segurança!
Pois sois senhor dos senhores,
Imperador dos christãos,
Somos vossos servidores,
Amigos leaes e sãos.

DIZ O IMPERADOR

—Eu me espanto, Dom Beltrão,
De vos vêr d'aquella sorte,
E a vós, forte duque Amão:
Não é esta disposição
E trajo da nossa côrte.

FALA O DUQUE

—Muito mais será espantado
De nossa triste embaixada,
E do caso desestrado
O qual lhe será contado,
Se seguro nos é dado.

DIZ O IMPERADOR

—Bem o podeis explicar
Sem ter medo nem temor.
Para que é assegurar?
Pois sabeis que o embaixador
Tem licença de falar.

DIZ O DUQUE Á EMBAIXADA

—Quiz, senhor, nossa mofina
Que o infante Valdevinos,
Primo do forte Guarinos,
Filho da linda Hermelinda
E do grande rei Salinos,
Fosse morto á traição
Na floresta sem ventura.
A tam grande desventura
Haverá quem não procure
De vingar tal perdição?

FALA O IMPERADOR

—É certa tam gran' maldade,
Que o sobrinho do marquez
É morto, como dizeis?

DIZ O DUQUE

—Pela maior falsidade
Que nunca ninguem tal fez.

DIZ O IMPERADOR

—Este caso é desestrado:
Saibamos como passou
E quem tam mau feito obrou:
Que o que tal senhor matou,
Merece bem castigado.

FALA O DUQUE

—Saiba vossa majestade
Que dez dias póde haver
Que o marquez foi á cidade
De Mantua com gran' vontade
A' caça que sohe fazer.
Andando assim a caçar,
Da companhia perdido
Foi por ventura topar
Com seu sobrinho ferido
Quasi a ponto de expirar.
Bem póde considerar
O gran' pezar que teria
De se ver sem companhia,
E a morrer em tal logar
A coisa que mais queria.
Perguntando a razão,
Sendo d'ella mui ignoto,
Disse com grande paixão
Que o matára á traição
Vosso filho Dom Carloto.
A causa que o moveu
Dar morte tam dolorosa
A tam grande amigo seu,
Não foi outra, senhor meu,
Salvo tomar-lhe a espôsa.
Matou-o á falsa fé,
Indo muito bem armado,
Com quatro homens de pé.
Quem mata tam sem porquê
Merece bem castigado.
O marquez Danes Ogeiro,
Lhe manda pedir, senhor,
Justiça mui por inteiro:
Que ainda que perca herdeiro
Elle perde successor.

DIZ DOM BELTRÃO

—Não deve deixar passar
Tam gran' mal sem o prover,
Porque deve de cuidar
Se seu filho nos matar.
Quem nos deve defender?
E mais lhe faço saber
Porque esteja apparelhado,
Se justiça não fizer,
Que o marquez tem jurado
De por armas a fazer.
O mui valente e temido
Reinaldo de Montalvão
Entre todos escolhido
Está bem apercebido
Como geral capitão,
Dom Chrisão e Aguilante
Com o forte Dom Guarinos,
E o valente Montesinos,
Primo do morto infante,
Primo de el-rei Dom Salinos,
E o mui grande rei Jaião,
De Dom Reinaldo cunhado,
E o esforçado Dudão,
E o gran' duque de Milão,
E Dom Richarte esforçado;
O marquez Dom Oliveiros,
E o famoso Durandarte,
E o infante Dom Gaiferos,
E o muito forte Ricardo,
E outros fortes cavalleiros,
Todos têem boa vontade
De ajudar ao marquez
Em essa necessidade;
Porque foi gran' crueldade
A que vosso filho fez,
Evitae, senhor, tal damno,
Pois que sois juiz sem par;
Não vos mostreis inhumano,
Acordae-vos de Trajano
Em a justiça guardar.
Assim que, alto, esclarecido,
Poderoso sem egual,
O que fez tam grande mal
Bem merece ser punido
Por seu mandado imperial.
E pois, senhor, hei proposto
A causa porque viemos,
E sabeis o que queremos,
Mandae-nos dar a resposta
Com que ao marquez tornemos.

DIZ O IMPERADOR

—O poderoso Senhor,
Que grande é o vosso mysterio!
Pois para meu vituperio
Me déste tal successor
Que deshonrasse este imperio.
Se o que dizeis é verdade,
Como creio que será,
Nunca rei na christandade
Fez tam grande crueldade
Como por mim se verá.
Por minha corôa juro
De cumprir e de mandar
Tudo que digo e procuro.
Ao marquez podeis dizer
Que elle póde vir seguro,
E todos quantos tiver,
Venham de guerra ou de paz,
Assim como elle quizer.
E pois que justiça quer,
Com ella muito me praz.

ENTRA DOM CARLOTO, E DIZ

—Bem sei que com gran' paixão
Está vossa majestade
Pela falsa informação
Que de mim, contra razão,
Deram com gran' falsidade
Porque um filho de tal home
E tão grande geração
Não deve sujar seu nome
Em caso tal de traição.
Por vida de minha madre,
Que se tam gran' deshonor

Não castigar com rigor,
Que me será cruel padre,
Não direito julgador.

DIZ O IMPERADOR

—Não vos queiraes desculpar
Pois que tendes tanta culpa,
Que se o mundo vos desculpa,
Não vos heide eu desculpar.
E portanto mando logo
Que estejaes posto a recado
Até ser determinado,
Por conselho do meu povo,
Se sois livre ou condemnado
Mando que sejaes levado
A' minha gran' fortaleza,
E que lá sejaes guardado
De cem homens do estado,
Até saber a certeza.

FALA DOM CARLOTO

--E como, senhor, não quer
Vossa real majestade
Saber primeiro a verdade,
Senão mandar-me prender
Por tam grande falsidade?

DIZ O IMPERADOR

—Não vos quero mais ouvir,
Levem-n'o logo á prizão
Onde eu o mando ir;
Porque tam grande traição
Não é para consentir.
Vós outros podeis tornar,
E contar lhe o que é passado
A quem vos cá quiz mandar;
Que o seguro que lhe hei dado,
Eu o torno a affirmar.

AQUI VEM A IMPERATRIZ E DIZ

—Eu muito me maravilho
De vossa grande bondade:
Que sem razão nem verdade
Trataes assim vosso filho
Com tam grande crueldade.
Olhe vossa majestade
Que é herdeiro principal,
E que toda a christandade
Lh'o hade ter muito a mal.

DIZ O IMPERADOR

—A mim, senhora, convem
Ser contra toda a traição:
E se vosso filho a tem
Castigal o-hei muito bem;
E essa é minha tenção.
E mais eu vos certifico
Que com direito e rigor
Heide castigar o iniquo,
Ora seja pobre ou rico,
Ou servo ou gran'senhor

FALA A IMPERATRIZ

—Como quer vossa grandeza
Infamar o nosso estado
Sem causa, com tal crueza?

DIZ O IMPERADOR

—Quem me cá mandou recado
Não foi senão com certeza.

DIZ A IMPERATRIZ

—Por tal recado, senhor,
Quereis tratar de tal sorte
Vosso filho e successor,
Que depois de vossa morte
Hade ser imperador?

FALA O IMPERADOR

Em eu o mandar prender
Não cuideis que o maltrato
Mas se elle o merecer,
Eu espero de fazer
A justiça de Troquato;
Porque pae tam poderoso,
Sendo de tantos caudilho,
Senão for tam rigoroso,
Nem elle será bom filho,
Nem será rei justiçoso
Que agora, mal peccado!
Nenhum rei nem julgador
Faz justiça do maior;
Mas antes é desprezado
O pequeno com rigor.
Todo o mundo é affeição;
Julgam com rara remissa
O nobre que, sem razão
Alguma, tem opinião
De lhe tocar a justiça...
Que conta posso eu dar
Ao Senhor dos altos céos,
Se a meu filho não julgar
Como outro qualquer dos meus?
Assim que escusado é
Buscar este intercessor;
Porque Deos de Nazaré
Não me fez tam gran'senhor
Para minha alma perder.

DIZ A IMPERATRIZ

Ai triste de mim coitada!
Para que quero viver.
Pois que sempre heide ser
Do meu filho tam penada
Como uma triste mulher?
Pois tam triste heide ser
Por meu filho muito amado,
Nunca tomarei prazer.
Senão tristeza e cuidado.

DIZ O IMPERADOR

—Não façaes tantos extremos,
Pois dizeis que tem desculpa,
Que antes que sentença démos.
Primeiro todos veremos
Se tem culpa ou não tem culpa.
Mostrae maior soffrimento,
Que o caso é desestrado;
E i-vos a vosso aposento,
Que elle não será culpado.

Aqui se vae a imperatriz; e vem a mãe e espôsa de Valdevinos,

DIZ A MÃE

—Oh coração lastimado,
Mais triste que a noite escura!
Oh dolorosa tristura,
Cuidado desesperado
E fortunosa ventura!
Oh vida da minha vida,
Alma d'este corpo meu!
Oh desditosa perdida,
Oh sem ventura nascida,
A mais que nunca nasceu!
Oh filho meu muito amado,
Minha doce companhia,
Meu prazer, minha alegria,
Minha tristeza e cuidado,
Minha sab'rosa lembrança,
Que serei eu sem vos ver?
Filho da minha alegria,
Oh meu descanço e prazer,
Porque me deixaes viver
Vida com tanta agonia?

Adonde vos acharei.
Consôlo de meu pezar?
Onde vos irei buscar,
Poisque perdido vos hei
Para jámais vos cobrar?
Filho d'esta alma mesquinha,
Dos meus olhos claridade,
Onde estaes, minha mezinha.
Filho da minha saudade,
Meu prazer e vida minha?

DIZ A ESPOSA POR NOME SYBILLA

—Que é de vós, meu coração,
Que é da minha liberdade,
Espelho da christandade,
Quem vos matou sem razão
Com tão grande crueldade?
Quem vos apartou de mim,
Meu querido e meu espôso?
Oh meu prazer saudoso.
Porque me deixaes assim
Com cuidado mui penoso?
Oh minha triste saudade,
Oh meu espôso e senhor,
Minha alegria e vontade,
Escudo da christandade,
Das tristes consolador!
Que farei pobre coitada,
Mais que nenhuma nascida?
Miseravel, angustiada,
Para que quero ter vida,
Pois minha alma é apartada?
Oh fortuna variavel,
Triste, cruel, matadora,
De prazeres roubadora,
Inimiga perduravel,
Mata-me se que's agora.

DIZ HERMELINDA AO IMPERADOR

—Se vossa gran'majestade
Não der castigo direito
A quem tanto mal ha feito
Nem sustentar a verdade,
Não será juiz perfeito.
Não olhe vossa grandeza
Sua madre dolorosa,
Nem sua tanta tristeza;
Mas olhe tam gran'princeza
Com esta sua espôsa.

FALA O IMPERADOR

—Faz-me tanto entristecer
Este tam gran' vituperio,
Que mais quizera perder
Junctamente meu imperio,
Que tal meu filho fazer.
Mas se a verdade assim é,
Como já sou informado,
Que tal castigo lhe dê
Que seja bem castigado.

DIZ SYBILA

—Seja justiça guardada
A ésta orphã sem marido.
Viuva desamparada,
Tam triste e desconsolada
Mais que quantas têem nascido.
Olhae, senhor, tam gran' mal
Como vosso filho ha feito,
E não queiraes ter respeito
Ao amor paternal.
Poisque não é por direito.

FALA O IMPERADOR

—Senhora, não duvideis,
Que eu farei o que hei jurado,
Se é verdade o que dizeis,
Porque cumpre a meu estado
De fazer o que quereis:
Que mais quero ter commigo
Fama de regoridade,
Que deixar de ter castigo,
Quem commetteu tal maldade.
Para que é ser caudilho
De tanto povo e tam grado,
E imperador chamado,
Se não julgasse meu filho
Como qualquer estragado?
Não cuidem duques nem reis
Que, por meu herdeiro ser,
Que por isso hade viver:
Que aquelle que faz as leis
É obrigado a as manter.
Assim que, por bem querer,
Amizade nem respeito,
Como agora sohem fazer,
Não heide negar direito
A quem direito tiver.
E bem vos podeis tornar,
Fazei certo o que dissestes
E não tomeis tal pezar,
Porque o bem que já perdestes
Não o cobraes com chorar.

DIZ HERMELINDA

—Senhor, nós outras nos pomos
Em mãos de vossa grandeza:
Olhae bem, senhor, quem somos,
E de que linhagem fomos,
Pois Deus nos deu tal nobreza.

DIZ SYBILA

—Olhae os serviços dinos
Que tanto tempo vos fez
Meu espôso Valdevinos,
Tambem seu tio marquez,
E como foram continos.

Aqui se vae Hermelinda e Sybila; e virá Reinaldos com uma carta que tomaram a um pagem de Dom Carloto, e

DIZ REINALDOS DE MONTALVÃO

—O summo rei dos senhores,
Que morreu crucificado
Em podêr dos pharizeus,
Accrescente vosso estado
E vos livre de traidores

FALA O IMPERADOR

—Mui valente e esforçado
Reinaldos de Montalvão,
Vós sejaes tam bem chegado
Como a sombra no verão.
Muito estou maravilhado,
Invencivel e mui forte,
De ver-vos assim armado,
Sabendo que em minha côrte
Nunca fostes maltratado.

FALA REINALDOS

—Senhor, não seja espantado
De ver-me assim d'esta sorte,
Porque com todo o cuidado
Ganalão, vosso cunhado,
Sempre me procura a morte.
Bem sabeis que sem razão,
Com vontade mui maligna
Fez matar com gran' traição
A Tiranes e Erocina,
E ao feito Salião,
E a mim já quiz matar
Muitas vezes com maldade;
E para mais me danar,

Fez á sua majestade
Mil vezes me desterrar,
O grande mal que me quer
De todo o mundo é sabido,
E por isso quiz trazer
Armas para offender.
Antes que ser offendido.
Mas deixando isto assim
Guardado p'ra seu logar,
Onde se hade vingar,
Vos quero, senhor, contar.
Notorio a todo o christão
É o pezar lastimoso
Do marquez Danes Ogeiro,
Que tem, com justa razão,
Pela morte do herdeiro.
N'esta nobre côrte estão
Muitos mui nobres senhores
Que sabem que Dom Beltrão
E o nobre duque Amão
Foram seus embaixadores:
Tambem este é sabedor
Das respostas que lhe destes
E mais de como prendestes
Vosso filho successor,
Do qual está mui contente
De tel-o pôsto em prizão;
E tem mui grande razão,
Porque na carta presente,
A qual fez de sua mão,
Confessa toda a traição.
E um pagem a levava
Para o conde Dom Roldão,
Que na cidade de Boava
Faz a sua habitação
E como não ha falsia
Que se possa esconder,
Tinha o marquez espia,
Porque queria saber
O que Dom Roldão faria.
Esse pagem embuçado,
Sem suspeita e sem revez,
Ia mui determinado:
Onde logo foi tomado
E levado ao marquez.
Lendo a carta Dom Guarinos,
N'ella contava a tenção
Porque o matára á traição.
Isto é, senhor, a verdade,
E o que vos manda dizer:
Se o que digo é falsidade,
(Que por isso a quiz trazer)
A letra é bom conhecer,
Que é este o seu signal.
Pois, quem fez tam grande mal
Bem merece padecer
Morte justa corporal.

DIZ O IMPERADOR

Se tal a carta disser,
Não se ha mister mais provar,
Nem mais certeza fazer,
Senão logo executar
A pena que merecer.
E portanto, sem deter,
Lea-se publicamente
Ante esta nobre gente;
Porque todos possam ver
Vossa verdade evidente.

CARTA DE DOM CARLOTO
A DOM ROLDÃO

Caudilho de gran' podêr,
Capitão da christandade,
Esta vos quiz escrever,
Para vos fazer saber
Minha gran' necessidade.
Porque o verdadeiro amigo
Hade ser no coração,
Assim como fiel irmão,
E não hade temer p'rigo
Por salvar quem tem razão
Porque sabereis, senhor,
Que me sinto mui culpado,
Como quem foi matador;
E temo ser condemnado
De meu padre imperador.
Eu confesso que pequei,
Pois com vontade damnosa
A Valdevinos matei
Amor me fez com que errei,
E o primor de sua esposa.
O imperador, meu padre,
Me mandou prêso guardar,
E nunca quiz attentar,
Os rogos de minha madre.
A ninguem quer escutar,
E o marquez tem jurado
De não vestir nem calçar,
Nem entrar em povoado,
Até me ver justiçar.
Tenho por accusadores,
Reinaldos de Montalvão,
E seu padre o duque Amão
E muitos grandes senhores;
O gran' duque de Milão
Com o forte Montesinos,
Que é primo de Valdevinos.
Assim que todos me são
ccusadores continuos.
Pois tantos contra mim são,
Eu vos rogo, como amigo,
Que vós queiraes ser commigo;
Porque, tendo Dom Roldão,
Não temo nenhum perigo.

DIZ O IMPERADOR

Antes que algum mal cresça,
Façamos o que devemos.
Pois o signal conhecemos,
E pois vemos que confessa,
De mais próva não curemos,
Nem vós façaes mais detença.
E, pois já tendes licença,
Podeis dizer ao marquez
Que venha ouvir a sentença

Ir-se-ha Dom Reinaldos, e vem a Imperatriz vestida de dó,

DIZ O IMPERADOR

Senhora, já não dirão
Que fui eu mal informado,
Nem que o prendo sem razão,
Pois por sua confissão
Vosso filho é condemnado.
Vêdes a carta presente,
Que foi feita da sua mão
Para o conde Dom Roldão:
A qual muito largamente
Declara toda a traição.

DIZ A IMPERATRIZ

Eu muito me maravilho
Do que, senhor, me ha contado;
Mas, pois elle ha confessado,
Melhor é morrer o filho
Que deshonrar o estado.
Mas a dor do coração
Sempre me hade ficar...
Peço-lhe com affeição
Que lhe busque salvação
E que o queira escutar

DIZ O IMPERADOR

Melhor é que o successor
Padeça morte sentida,
Que ficar o pae traidor:
Que será trocar honor,
Pela deshonra nascida.
Tambem eu padeço dor,
Tambem eu sinto paixão,
Tambem eu lhe tenho amor...
Mas antes quero razão,
Que amizade sem favor.

DIZ A IMPERATRIZ

Pois que não póde escapar,
Eu não consinto nem quero
Que vós o hajaes de julgar,
Porque vos podem chamar
Muito mais peior que Nero.

DIZ O IMPERADOR

Não vivaes em tal engano,
Que tambem foram caudilhos
O gran' Trocato, o Trajano;
E quizeram, com gran' damno,
Ambos justiçar seus filhos.
Pois que menos farei eu,
Tendo tam grande estado?
Quem é com razão culpado
Em maior caso que o seu?
E portanto eu vos rogo
Que não tomeis tal pezar,
Porque com vos enojar
Dá-se gran' tristeza ao povo.

DIZ A IMPERATRIZ

Eu cumprirei seu mandado,
Porque vejo que é razão;
Mas sempre meu coração
Tera tristeza e cuidado
E grande tribulação.

Aqui se vae a Imperatriz: e vem o marquez de Mantua vestido de do, e

DIZ O MARQUEZ

Bem parece, alto senhor,
Que vos fez Deus sem segundo,
E de todos superior,
Dos maiores o melhor,
Rei e monarcha do mundo.
Porque vós, senhor, sois tal,
Que com razão e verdade
Sustentaes a christandade
Em justiça universal.
A qual para salvação
Vos é muito necessaria,
Porque convem ao christão
Que use mais de razão
Que de affeição voluntaria:
Como faz vossa grandeza
Com seu filho successor.
Assim que, digo, senhor,
Que estima mais a nobreza
Que amizade nem favor.

FALA O IMPERADOR

Não curemos de falar
Em coisa tão conhecida;
Porque n'esta breve vida
Havemos de procurar
Pela eterna e comprida.
Para sentir gran' pezar
Vós tendes razão infinda,
E tambem de vos vingar,
Pois foi justa vossa vinda.
Bem vimos vossa embaixada,
E a causa d'ella proposta
Foi de nós mui bem olhada,
E não menos foi mandada
Mui convencivel resposta.
E vimos vossa tenção,
E soubemos vosso voto,
E vemos tendes razão
Pela grande informação
Do principe Dom Carloto.
E vimos a confissão
De Dom Carloto tambem,
E soubemos a traição,
Como na carta contêm,
Que mandava a Dom Roldão.
De tudo certificado,
Eu condemno a Dom Carloto
Em tudo o que hei mandado.

VEM UM PAGEM DA IMPERATRIZ DIZENDO

A imperatriz, senhor,
Está tam amortecida
De grande paixão e dor
Que não tem pulso nem cor,
Nem nenhum signal de vida.
Nenhum remedio lhe vem;
Está n'esse padecer
Sem lhe podêrmos valer:
E, segundo d'ella cremos,
Mui pouco hade viver.

DIZ O IMPERADOR

Eu muito me maravilho
De sua gran' discrição;
Mais sinto sua paixão,
Que a morte de meu filho .
Não te quero mais dizer,
Quero a ir consolar.
Pois tanto lhe faz mister.
Não sei porque é enojar
Por se justiça fazer!

Aqui se vae o Imperador; e vira Reinaldos com o algoz o qual trará a cabeça de Dom Carloto, e

DIZ REINALDOS

Jagora, senhor marquez,
Vos podeis chamar vingado,
Porque assás é castigado
O que tanto mal vos fez,
Poisque morreu degolado.
Fazei por vos alegrar,
Dae graças ao Redemptor,
Pois assim vos quiz vingar,
Sem nenhum de nós p'rigar
E com mais vosso valor.

NOTAS

Nota A

Infante no feminino e um latinismo dos seculos XV e XVI pag 412

Não é d'esta opinião um amigo meu cujo voto litterario tem muito pezo Diz elle que as terminações *ante*, *ente* e *inte* sempre foram invariaveis para ambos os generos; que sempre se disse «amante, enchente, pedinte»; que *infanta* portanto é uma excepção da regra geral, excepção só usada por alguns

Nota B

Fôra o primeiro em que se fizeram versos .... pag. 411

Esta é a opinião de Sarmiento: Sanchez, nas notas á citada *Carta do Marquez de Santillana*, a combate.

Nota C

Malato se tornaria .... pag. 416

O que, a este respeito, fica apontado na nota marginal é a opinião do Sr. Alexandre Herculano. Santa Rosa no *Elucidario* lhe attribue quasi a mesma significação No sentido porém de gafo, doente, etc., a usa Berceo muitas vezes no *Poema de Alexandre*. Na nova edição do *Romancero* de Duran [1] ha uma variante d'este romance, que elle attribue a Rodrigo de Reinosa, porque assim se diz em um folheto solto d'onde a transcreve, cuja linguagem parece mais velha, porém que é decerto menos singela que as outras, e sabe mais ao enrevezado das coplas dos provençaes. N'esta indisputavelmente se põe *malato* por gafo, leproso, infecto de mal contagioso.

Eis-aqui o logar parallelo:

Está quedo caballero,
Non fagas tal villania,
Figa soy de un *malato*
Que tiene la *malatia*,
Y quien a mi llegare
Luego se le pegaria.

É notavel que n'esta variante se acha o romance da *Infeitiçada* confundido com o do *Caçador*, do mesmo modo que o eu encontrei confundido na tradição oral de algumas de nossas provincias.

Nota D

Além de não andar nas collecções da nação vizinha pag. 433

No *Romancero* de Duran, nova edição, [2] ha um fragmento com o titulo *El Palmero*, tirado da collecção de Sepulveda, em que apparecem alguns eguaesa os do *Bernal*. Duran o julga semiallegorico, e d'aquelles que na nossa peninsula já começavam a imitar os provençaes no seculo XV. Não sou d'esta opinião.

Nota E

A xácara é toda dramatica........ .... pag. 434

Esta qualificação é exculsivamente portugueza: os nossos parentes castelhanos entendem por *jacara* um romance truanesco em stylo picaro e mais proximo do que nós chamâmos ou chamavamos chacota.

1 Madrid, 1849-51, tomo 1. n.º 285, pag. 152.
2 Madrid, 1849-51, tomo 1, n.º 202 pag. 158.

Nota F

Loa virá do latim *laus?*. .... pag. 434

Os castelhanos dizem hoje *loor* e *loar* por *laus* e *laudare* No *Cancioneiro do Collegio dos Nobres* fol. 58 v. acha-se *loado* por *louvado*. A diversidade que hoje se encontra, n'estas derivações, entre o portuguez e castelhano, é comparativamente moderna.

Nota G

Não se encontra nas collecções castelhanas ..... pag. 441

Na nova edição de Duran, tantas vezes e inda agora citada, [1] apparecem dois fragmentos, o primeiro até hoje conservado na tradição oral das Asturias, o segundo correndo impresso nos folhetos dos cegos ambulantes: ambos são inquestionavelmente reliquias dispersas do nosso romance Alli chamam-lhe *Gernaldo*. E o mesmo nome lhe dão em Andaluzia, onde o conserva de memoria a gente do campo nos seus *corrios*, *corrillos* ou *carrellilas;* que todas estas appellações teem as cantigas que o povo d'aquella provincia canta ou recita de immemorial tradição.

Nota H

E minha mãe sem chegar...................... pag. 479

O rigor do toante pedia aqui que se escrevesse *chegare* com *e* no fim, como pronuncia o povo de Lisboa e n'outras partes da Extremadura. Os antigos castelhanos tambem assim regularizavam os seus toantes

E não vá tam pouco sem notar-se que assim fica demonstrado não ser affectação de latinismo o escrever e pronunciar pae em vez de pai, mãe em vez de mãi. Aquella é a verdadeira e popular orthographia d'estas palavras.

Nota I

Na caça andava perdido.. .... pag. 509

O principio ou introducção d'este romance é conforme a collecção de Oliveira. No folheto dos cegos começa elle logo com toda a fórma scenica; e todavia differe bem pouco. Aqui se transcreve.

DIZ O MARQUEZ

Fingindo andar perdido na caça

Fortunosa caça é esta
que a fortuna me ha mostrado,
pois que, por ser manifesta
minha pena e gran'cuidado,
me mostrou esta floresta
Nunca vi tam forte brenha,
desque me accórdo de mi;
eu creio que Margasi
fez esta serra d Ardenha,
estes campos de Methli.
Quem tocar a bosina
por vêr se algum me ouvirá;
mas cuido, que não será,
porque minha grand' mofina
commigo começou já
Todavia quero vêr,
se mora alguem n'esta serra,
que me diga d'esta terra
cuja é, para saber;
que quem pergunta não erra.
Por demais é o tanger
em logar deshabitado,
onde não ha povoado,
nem quem possa responder
ao que lhe fôr perguntado.
Gran' mal é o caminhar
por tam fragosa montanha,
cançado assim sem companhia,
nem tendo onde repousar,
n'esta terra tam estranha.
Vejo o matto tam cerrado,
que fiz bem de me apear,
e meu cavallo deixar,
porque está tam cançado
que ja não podia andar.
Agora vejo-me aqui
n'esta tam grande espessura,
que nem eu me vejo a mi,
nem sei de minha ventura;
nem menos será cordura,
repousar n'este logar,
nem sei onde possa achar
descanço á minha tristura [2]

1 Tomo 1, pag. 175, 176, n.º 320 e 321
2 *Marquez de Mantua*, folheto de cegos, Lisboa, 1789.

SECÇÃO II — THEATRO

(PROSA E VERSO)

PARTE I — PERIODO ARCADICO

CATAO — MEROPE — IMPROMPTU DE CINTRA — CORCUNDA POR AMOR

CATÃO

PREFACIO DA QUARTA EDIÇÃO

O presente volume, phenomeno raro em Portugal, é uma quarta edição feita em vida do auctor, e, para as nossas proporções, dentro de mui breve tempo. A primeira edição do *Catão*, feita em Lisboa, extinguiu-se em poucos mezes; a segunda, de Londres, em dois annos; e a terceira — que foi a nossa primeira — em menos de tres annos tambem estava exhausta, apesar das contrafeições brasileiras.

Sempre mais correcto e progressivamente melhorado por seu escrupuloso e infatigavel auctor, o *Catão* sae, n'esta quarta edição authentica, tam perfeito quanto a uma obra humana é dado sêl-o.

Vê-se d'esta estatistica que o bom gôsto se não perde em Portugal, e que as monstruosidades da chamada escola moderna não fazem esquecer a arte verdadeira. O *Catão* lançou os fundamentos do theatro contemporaneo; *Gil Vicente*, o *Alfageme* e *Fr. Luiz de Souza* o vão edificando por um estylo que nos não deixa cahir nas extravagancias e exagerações d'esse romantismo ephemero que já vae passando na Europa, e que após si traz a inevitavel reacção que tambem já em França se sente. A litteratura portugueza não gastará os seus talentos n'esses dois excessos, graças ao nosso auctor, que, em meio de sérias e trabalhosas occupações da sua vida, tem sabido tirar algumas horas para dar a estes lavores que rara vez são tam avaliados dos contemporaneos, mas que a posteridade colloca sempre, depois, acima de todos os outros.

Mais feliz do que muitos, o auctor de *Catão* vê, ainda no verdor da edade, calar-se a inveja dos emulos, bradar alto pelo mundo a fama de suas obras já conhecidas de nacionaes e extrangeiros, e entrar, por seus esforços, a lingua e a litteratura portugueza no caminho do progresso, a par das outras nações que tanto atraz a tinham deixado.

Este ultimo resultado sabemos que o lisongeia, sabemos que é o seu principal fim, e por isso nos comprazemos de o consignar aqui quando lh'o vemos alcançado com tanta glória.

Lisboa, 15 de Julho de 1845.

PREFACIO DA TERCEIRA EDIÇÃO

Imaginaram algumas pessoas menos reflectidas que as successivas correcções que tenho feito a este drama lhe haviam alterado a contextura e caracter primitivo. Uns o julgam, sim melhorado na phrase e mais perfeito como obra litteraria, mas agorentado no sentimento, affroixado no terso e duro do pensar forte que o caracterizava, outros suppozeram que a primeira concepção do mancebo enthusiasta vira a grande questão politica que aqui se agita, com differentes olhos do que a vê hoje o homem maduro, experimentado — fatigado talvez, — desappontado, quem sabe?

Ambas estas observações foram feitas á segunda edição authentica do drama, a qual se concluiu em Londres em 15 de abril de 1830, e que de certo era mui differente da primeira, feita em Lisboa em 1822. E uns o diziam como censura, outros como louvor, segundo o partido, ou matiz do partido de cada um.

Nenhum me offendeu nem lisongeou, mas todos me julgaram mal em um ponto: as minhas opiniões, os meus sentimentos, as minhas sympathias como homem, como cidadão, como philosopho tal qual, como christão verdadeiro e sincero, não variaram desde que me conheço, — espero amortalhar-me n'ellas. Umas me entraram no primeiro sangue com o leite que mamei dos peitos de minha virtuosa e extremosa mãe: outras se me esculpiram no cerebro molle com a educação liberal, mas rigida e severa, em que fui duramente moldado desde a infancia,

por meu pae, um dos homens mais honrados e austeros que ainda houve n'esta terra, —por um tio, philologo, sabio e erudito d'aquelles que já não ha e que Deus sabe quando tornará a haver em Portugal.

De quinze annos entrei no mundo; tenho vivido muito em pouco; já creio que não ha circumstancia na vida—publica ou particular—por que não tenha passado; e todavia, quando hoje, nas horas de mais socêgo e paciencia, me applico a receita do Oraculo de Delphos, sinto-me a mesma tempera de espirito que me deram; o que padeceu foi só o corpo. Inda bem!

Releio as minhas primeiras composições,—rio de tanta criancice, divertem-me as puerilidades de estylo e conceito que já tomei por coisas tam cabaes... Mas nos sentimentos e nas crenças d'alma só lhes acho faltas, impropriedades e exaggerações de phrase—ignorancia, não erro. Sinto pois e penso como sempre senti e pensei; e bem,—ou me engana a consciencia. Muita vez escrevi e obrei diversamente, e por consequencia mal: quero emendar-me: faço-o.

Eis aqui a unica mudança que em mim acho, e a differença, portanto, que n'esta e nas outras minhas obras só póde achar o leitor sincero.

A segunda edição authentica de *Catão*, correcta e elaborada pelo estudo profundo e quasi teimoso dos auctores latinos e gregos que tractaram de coisas romanas, sómente n'isso differe da primeira, conforme se disse em seu prefacio que aqui vae reimpresso. E por satisfazer a amigos que m'o pedem bem como para desengano de algum incredulo, vão tambem, no fim do volume, as variantes da primeira para a segunda edição.

Esta terceira quasi que não altera da segunda; mas o leitor achará todavia egualmente notadas, no fim, as poucas e pequenas variantes que tem. Posso dizer que trabalhei conscienciosamente e com escrupulo no apperfeiçoar d'este drama, procurando sobretudo dar-lhe aquelle sabor antigo romano que até já nos derradeiros escriptores latinos estava perdido, e que tam raro é de achar em imitações modernas. Para esse fim sómente, para me familiarisar e pôr como se fôra de casa com os meus auctores, traduzi de Plutarcho as vidas de Catão (o menor ou uticense) e de Cesar. Pêza-me que os limites circumscriptos do volume me não deixem inserir aqui ao menos a primeira. Julgar-se-hia melhor da sinceridade e boa fé com que procurei transfundir, em succo e sangue para a verdade dramatica, a verdade e exacção historica de que aquell'outra vive, isto é, a dos costumes e caracteres.

A dramatica é uma litteratura nova para nós,—ou perdida, que tanto vale. Mas realmente é nova; pois que os primeiros cultivadores apenas semearam, por uns claros de deveza em terra crua, quatro ou cinco sementes que vegetaram á sombra, mal fornidas de corpo e seiva. Poucos as viram vivas; quando morreram, ninguem n'o soube; ficou a memoria vaga de uma pouca de semente que se perdêra—e nada mais. Mas esta mesma saudade atormentou a nação e os seus poetas; e para a enganar, illudiam se indo buscar estacas de arvores extranhas, criadas n'outras terras, affeitas a outro tracto, e metteram-n'as na nossa terra. A terra é boa, dá tudo; a estaca parecia pegar... mas não: esta é planta que só nascediça produz bem: vinham quatro flores desbotadas, duas fructas outoniças, e seccava.

E n'esta parabola está a historia do nosso pobre theatro. Não era mingua de talento nos poetas, era o mau methodo, o principio errado com que trabalhavam.

Antes do *Catão* já eu tinha feito muita tragedia, e comedias tambem; todas semsabores. Excepto a *Merope*—que talvez reveja e complete ainda—rasguei as outras: eram das taes inspiradas do reflexo estrangeiro. de portuguezas tinham as palavras; no mais pensadas em Grego, em Latim, em Francez, em Italiano, em Inglez—que sei eu!

No *Catão* senti outra coisa, *fui* a Roma; fui, e fiz-me Romano quanto pude, segundo o dictado manda: mas *voltei* para Portugal, e pensei de Portuguez para Portuguezes: e a isso attribuo a indulgencia e boa vontade do publico que me ouviu e me leu.

Foi uma regeneração para mim: foi cahirem me dos olhos as trevas de Tobias com os figados do peixe trazido de tam longe. Não está na fabula (ou entrecho), não está nos nomes das pessoas a nacionalidade de um drama. *Ignez de Castro* póde ser franceza,—e portuguez *Edipo*; tudo depende do *rito* com que os evocar, do jazigo para sobre o theatro, o sacerdote que faz os esconjuros.

Parece-me que esta convicção se vae generalizando. Um homem sem talento, mas de grande tino, juizo e erudição, a tinha já tido antes; foi o honrado Manuel de Figueiredo, de cujo volumoso theatro poucos sabem até que existe: lêl-o. isso é para exemplares paciencias. Pois ganha muito quem o fizer, que ha alli oiro de Enio com que fazer muitos Virgilios.

Estas *Guerras de Alecrim e Manjerona*. em que andaram classicos e romanticos por esse mundo, e que já socegaram em toda a parte, vão a começar agora por cá. E' como na politica e em tudo, não se aprende nos exemplos, nos erros alheios: triste condição da humanidade, que só de seus proprios desvarios escarmente cada um! Paciencia!

Quanto a isso, só quero aqui reiterar os meus antigos protestos de que não sou classico nem romantico: porquê? Porque tractei de saber o que era uma coisa e o que era a outra antes de me apaixonar por nenhuma. Succedeu-me o que me tem succedido em tudo, e o que a todos succederá que o fizerem: achei razão a uns e a outros, segui-os n'ella, e deixei-os brigar no mais,—que não vale a pena da briga. Assim é de tantas brigas d'este mundo! O classico rabugento é um velho teimoso de cabelleira e polvilhos que embirra em ser taful, e cuida que morrem por elle as meninas. O romantico desvairado é um peralvilho ridiculo que dança o galope pelas ruas, e toma por sorrisos de namorada o supercilioso olhar da senhora honesta que se riu de pasmo de o ver tam doudo e tam presumido — mas tam semsabor.

Lisboa, 19 de Novembro de 1839.

PREFACIO DA SEGUNDA EDIÇÃO

A extrêma indulgencia com que este drama foi recebido do publico impunha, ha muito, ao auctor a obrigação de o emendar, e tornar mais digno de tam lisongeiro favor, do que elle sahira na primeira edição. São todavia passados mais de quatro annos desde que ella se extinguiu, e só agora, na preguiçosa convalescença de longa enfermidade, appareceu breve remanso de mais serios trabalhos que se lhe podesse dar.

Sobre feíssima de erros de imprensa, sahiu aquella edição com todas as falhas de «primeiro molde», incorrecta no estylo, falta de natural e verdade na phrase. Além d'estes senões de colorido, accresciam alguns, e muitos, no desenho;—impropriedades na fábula ou enrêdo do drama, inexacções nos caracteres e similhantes. Todos estes defeitos nasceram dos vinte e tantos dias em que a tragedia foi composta, ensaiada e representada [1], — e dos vinte um annos que então doudejavam no sangue de quem a escrevia. A todos esses, e ao mais capital d'elles — a tibieza e pequenez do quinto acto, se pôz peito em evitar n'esta edição.

Sem escrava submissão aos facticios preceitos do theatro francez, nem revolucionario desprêzo das verdadeiras regras classicas (que hoje é moda desattender sem as entender); nem caminhando de olhos fechados pelo estreito e alinhado carreiro de Racine,—nem desvairando á toa pelas incultas devezas de Shakespeare,—procurou o auctor conciliar (e não é impossivel) a verdadeira e bella natureza com a verdadeira e boa arte.

O desanimador estudo do coração humano, o fatal conhecimento das humanas paixões, e de sua influencia e acção nas revoluções politicas, o habilitaram para entender agora melhor o seu Tito-Livio e o seu Plutarcho. Assim commentados pela experiencia de dez annos de revolução, estes dois grandes phanaes da historia antiga guiaram o auctor da tragedia nas reformas que n'ella fez, no desenho de seus caracteres, e no colorido de muitas scenas que, na primeira edição, visivelmente mostravam a mão inexperta do pintor que as traçava sem ter de onde copiar do vivo.

Estes exemplares o dirigiram e allumiaram em toda quanta emenda, correcção e augmento apparecer agora; a elles se reporta de toda a dúvida que na intelligencia de uma ou outra allusão houver, para elles appella de toda a construcção equivoca, a elles se aggrava de toda a interpretação malevolente que lhe derem.

Vinha n'aquella primeira edição uma carta do auctor sobre a imitação que n'este drama ha, ou havia, do celebrado *Catão* de Addison. Julgou-se escusado reimprimil-a aqui, por longa e de pouca monta. [1] Baste dizer em summa, que — fabula, interêsse, mechanismo dramatico, tudo é differente nas duas tragedias. A de Addison tem seis paixões ou namoros de tarifa, como lhe chama Schlegel; [2] e conclue, na catastrophe, com dois matrimonios: n'esta nem ha amantes nem casamentos nem mulheres. Um moderno viajante [3] inglez disse da tragedia portugueza: *Perhaps the happiest idea of our* (the portuguese) *poet is that contrast which he draws between the two characters of Cato and Brutus: both of which are wel sustained.* «A mais feliz idea do nosso poeta (o portuguez) é talvez o contraste que elle apresenta entre os dois caracteres de Catão e de Bruto, os quaes ambos são bem sustentados.»

Bastaria este ponto singular para distinguir perpétua a caracteristicamente uma da outra tragedia. Os raios do interesse dramatico, que, na ingleza, divergem para os intrinca-

[1] A sociedade de curiosos que primeiro a levou á scena, e que tanto applauso lhe grangeou do mais escolhido publico que ainda se junctou em theatro portuguez, recebia, pouco e pouco, as porções da tragedia ao passo que se iam compondo: e todos os membros d'essa sociedade (que, excepto um, estão vivos e sãos) presenciaram quantas vezes se compunha na véspera o que no outro dia se tinha de ensaiar. — *N. da seg. ed.*

[1] Vae reimpressa n'esta edição por satisfazer a muitas pessoas que manifestaram desejo de comparar em tudo as duas primeiras edições do *Catão*. — *Not. da terc. ed.*

[2] *Curso de litter. dramatica*: sobre Addison.

[3] Mr. Kinsey's *Portugal illustrated*.

dos amores de Porcio, e Marco, Sempronio, e Juba, e Marcia, e Lucia, — na portugueza convergem todos para o protogonista, em quem, e na patria e na liberdade que d'elle são parte e n'elle coexistem, todo quanto é, o drama se concentra, em acção, em meios, em incidentes, em interesse – desde a primeira linha da exposição até á ultima syllaba da catastrophe.

Os namoros de Addison tecem, movem, enredam e desatam todo o fio de seu drama. Os mais nobres affectos do coração humano, a amizade, o amor paterno e o filial, a devoção civica, o falso e o verdadeiro patriotismo, o enthusiasmo cego, e o illustrado zêlo da liberdade, com todas as paixões revolucionarias em seus variados graus e matizes, são o unico movel do Catão portuguez, de todos seus caracteres, scenas, — da fábula inteira.

E comtudo, apezar de tanta disparidade, tem elle expressões, versos inteiros imitados de Addison. E porque não, se ellas são boas e elles bellos? Contar-se-hão porém raros os logares imitados: e a similhança decerto mais a produziu a commum leitura de Plutarcho do que nenhuma outra coisa. E não lembra mais de que accusar n'este ponto. Se outras imitações descobrir o leitor, saiba que se lhe não quizeram occultar, e que em se não declararem, só ha culpa de memoria.

Representou-se esta tragedia, a primeira vez, em Lisboa, por uma sociedade de curiosos, em setembro de 1821. Outra sociedade de egual natureza lhe fez a mesma honra no anno seguinte, em Leiria, com permissão do auctor. Entregue, em certo modo pela impressão, ao publico, foi primeiro representada em publico theatro, em Santarem, no anno de 1826. Tambem exilada na geral proscripção de 1828, veiu apparecer em Plymouth, onde, se houvermos de crer os jornaes inglezes d'esse tempo, tam perfeitamente desempenhada foi por varios officiaes e outros distinctos emigrados portuguezes, — que até dos «espectadores britannos» se não poderá o auctor queixar, como o desterrado Sulmonense dos pouco menos duros Getas:

> Barbarus hic ego sum quia nec intelligor ulli,
> Et rident stolidi «verba latina» Getae.

Associado a grandes epocas nacionaes, — nacional pela adopção publica, o *Catão* portuguez, sae agora (se não foi vão o cuidadoso esmero e o longo trabalho do auctor) mais digno d'esse antigo fôro, que ainda ha de ser illustre e de honrar, por mui abatido e sevandijado que hoje o tenham.

O assumpto é o mais nobre, mais heroico e mais tragico de toda a historia antiga e moderna. Representando as ultimas agonias da mais solidamente constituida republica da antiguidade, — a *moralidade politica* do drama naturalmente reflecte muita luz sôbre a grande questão que ora agita e revolve o mundo: e mostra (talvez mais claro que nenhuns tractados) a superioridade das modernas fórmas representativas, e a excellencia da liberdade constitucional ou monarchica. O leitor, o espectador tirará sem esfôrço a conclusão do poeta:

> Nunquam libertas gratior extat
> Quam sub rege pio.

Onde a realeza legitima faz parte integrante da constituição, não ha medo que os dois elementos naturaes da sociedade, a democracia e a aristocracia, rompam o equilibrio em que as tem o sceptro, fiel, que deve ser, da balança do Estado: não ha temor de que ambicioso demagogo fatigue o povo com disturbios e excessos, para o colher exhausto e o açaimar então com a mordaça de tyrannia. Deem-lhe o nome que quizerem, chamem-lhe rei ou imperador, cesar ou czar, se as leis não estabelecerem uma realeza moderada e paternal para conter as paixões ambiciosas dos cidadãos, — a realeza illegitima da revolução, a tyrannia, virá sem leis, contra as leis, e as destruirá. D'este perigo só livra (quando livra) a oligarchia aristocratica e a negra bocca do Leão de S. Marcos. E qual dos flagellos será peior? — Nem o rei propheta saberia escolher. Ha um grande, mas solitario, documento contra esta doutrina, no Novo-mundo. Mas dura ha mui pouco tempo; e exemplos em politica precisam de ter cans para convencerem. [1]

Londres, 10 de abril de 1830.

PREFACIO DA PRIMEIRA EDIÇÃO [2]

Conheço perfeitamente a difficuldade de uma composição dramatica. Empregando a maior parte de minhas horas vagas – unicas que dou a versos e similhantes passatempos — n'este ramo de poesia que por inclinação amei sempre e por estudo cultivo, versando quasi desde a infancia, com *nocturna e diurna* mão, os theatros antigos e modernos,

[1] Em linguagem mais chan: — Os Estados-Unidos da America do norte não são ainda uma nação formada, solida, compacta, com caracter, costumes, genio e indole sua propria; e só quando o forem, poderemos ajuizar dos resultados do, por'ora tam novo, experimento.

[2] Lisboa 1822, na Impressão liberal, 1 vol 8.º–132 pag.

tenho de sua leitura constante colhido, quando menos, o conhecimento perfeito da difficuldade do genero.

Lendo Sophocles e Eschylo, Euripides e Aristophanes—ajudando-me no pouco conhecimento da lingua grega, das boas traducções latinas e francezas, e sobretudo da erudita e engenhosa obra do P. Brumoy—adquiri o gôsto do theatro classico e das bellezas grandes e simplices de Melpomene d'Athenas, com o do sal acre e travessos risos de sua galhofeira Thalia.

A tragedia grega, singela e vigorosa em Eschylo, majestosa e sublime em Sophocles, só em Euripides decae alguma coisa em certa affectação de *moralizar* que depois em Roma estragou Seneca,[1] e mais posteriormente em Paris *amaneirou* algumas vezes Voltaire.

Na comedia grega, simples *caricatura* ao principio dos caracteres contemporaneos, mais vaga e incerta no seu caminho de apperfeiçoamento, admirei a viveza dos ditos picantes, o engenhoso da imitação *ridicula;* porém mais nada. E não tenho outro escriptor senão Aristophanes, até pela fallencia de comparação, foi indeterminado o meu conceito.

Não conhecia eu estas differenças nos meus principios; e o sentimento da admiração era o unico da minha alma quando contemplava taes maravilhas.

A scena romana não me offereceu senão Plauto, Terencio e Seneca, ou, mais exactamente, algumas cópias desfiguradas dos originaes gregos que, tendo largado o *pallio* de Athenas, vestiram a *toga* do Lacio que se lhes desageitava nos hombros desaffeitos.

Voltei-me ao theatro das linguas modernas, que não só colheram o beijo ás bellezas e primores gregos, mas souberam creal-as novas. Na tragedia a *Sophonisba* de Trissino e a *Castro* de Ferreira, na comedia João da Enciña, Gil Vicente, Prestes e Ariosto com outros na Italia e Hespanha, apresentam as primicias da moderna scena, que, ora moldada no classico grego, ora no genero romantico, formaram uma terceira especie d'ambas participante e que tantos esmeros e prodigios veiu depois a dar ao theatro das linguas vivas.

Além de longa, fôra bem superior ás minhas fôrças a anályse das peças dramaticas do riquissimo theatro francez, dos não tam ricos mas quasi tam extensos inglez e hespanhol; e finalmente do novissimo, porém talvez superior a todos, o italiano.[2]

Ninguem ignora que a conservação e apuro do genero classico se deve á França, e principalmente a Racine, Voltaire e Crébillon: mas poucos quererão conceder que Maffei e Alfieri o sublimaram e apuraram ainda mais que todos elles. Todos sabem que o genero romantico, filho de Shakespeare, formou uma classe distincta e separada, que, supposto irregular e informe, tem comtudo bellezas proprias e particulares que só n'elle se acham.

Todas estas observações tenho eu encontrado nos philologos modernos, e em todos ou quasi todos os cursos de litteratura. Mas o que me não lembro de ler é que este genero romantico, combinando-se com o classico, dando-se e recebendo mutuos soccorros, formassem um genero novo, cujos caracteres são bem salientes e cuja belleza incontestavel. Segundo a minha opinião são classificaveis n'elle Corneille e Ducis em quasi todas as suas obras,[1] Schiller em muitas, e os modernos auctores inglezes e hespanhoes creio que em todas.

No que toca á especie comica, não se pode com exactidão dizer o mesmo. Pois decerto em França, desde o *Menteur* de Corneille até quasi ao nosso tempo (em que Diderot, os seus *dramas* e os seus imitadores, fazendo um como schisma theatral, confundiram algum tanto os generos) a comedia tem constantemente sido regular e classica. Não diremos porém o mesmo da Inglaterra e Hespanha, onde os generos tragico e comico, por muito tempo *amalgamados* e confundidos, começam a tomar seus distinctos e separados logares nas scenas das duas nações. Mais classica se conservou a comedia italiana, supposto seu maximo escriptor, Goldoni, muito propenda para o genero romantico.

Em Portugal, se passarmos os antigos, não sei contar senão J.-B. Gomes; pois dos outros todos creio que affoutamente se poderá dizer que não valem o trabalho de contál-os. Será isto defeito e falha nóssa? Não teremos nós *la tête dramatique*, como os Francezes *l'épique?* —Não sei responder, mas nem por isso deixo, ou deixei desde que me entendo, de forcejar por encher, quanto em mim fosse, o vazio do nosso theatro. Serão talvez baldados os meus esforços; paciencia:

> Eu d'esta gloria só fico contente,
> Que a minha terra amei e a minha gente.

Assim dizia um dos maiores poetas e philosophos portuguezes, e assim digo eu, o mi-

[1] Ou quem quer que é o auctor das tragedias d'este nome.

[2] Phrase dictada pelo enthusiasmo de Alfieri.

[1] O theatro allemão não fez escola sua: quasi todo elle é inglez, pouco n'este genero mixto, e porventura nenhum no classico.

nimo d'elles, mas não inferior em desejos e vontade ao grande e immortal Ferreira.

Começo a publicação dos meus ensaios dramaticos por uma tragedia e uma farça, [1] ambas feitas e representadas ultimamente. Outras tinha eu de mais antiga data; mas, sobre carecerem de grande emenda, e lh'a não poder eu fazer por agora, accresce demais a analogia d'estas com as presentes ideas, e o meu conceito, talvez errado, de sua melhoria.

A sociedade de curiosos que as levaram á scena, e que tanto applauso lhes grangearam do mais escolhido publico de Portugal, receberam pouco e pouco as porções da peça que se iam fazendo para os ensaios; e todos os membros d'essa sociedade sabem quantas vezes se compunha na vespera o que no outro dia se tinha de ensaiar.

O exito feliz d'uma empreza atrevida conduz sempre a novos atrevimentos. Assim a tragedia como a farça receberam na scena um acolhimento que eu não esperava nem podia nunca imaginar. Continuas instancias de amigos e conhecidos, e até de desconhecidos, me resolveram a final a publical-as. Porventura irei agora desenganar esse mesmo publico e, apresentando-lhe estes fracos ensaios sem o prestigio da scena, e desajudados da poderosa magia de actores excellentes, mostrar-lhes toda a pouca realidade de seu merecimento, e fazêl-os envergonhar de seus applausos!

Lisboa, 13 de Março, de 1822.

NOTA-BENE

O cru e mal digerido d'estas reflexões precedentes, e das que vão na seguinte carta, denunciam facilmente a edade em que se escreviam. Apenas algum erro de estylo corrigi, os outros não quiz de proposito, pelas mesmas razões que já dei no I vol. d'esta collecção, prefacio do *Camões*.

Os fundamentos de minhas opiniões litterarias ver-se-ha que eram os mesmos ha dezoito annos; desenvolveram-se, rectificaram-se, mas não mudaram. Mal, e como de criança, ahi vem comtudo já presentida a idéa de Goethe na ultima parte do *Fausto*, sobre a combinação do classico com o romantico que deve produzir e fixar a poesia moderna.

Foi o ultimatum, a derradeira sentença do grande oraculo da nossa edade: a união da arte antiga com a arte moderna, da plastica com o espiritualismo,—do bello das fórmas com o bello ideal, da Helena *homerica* com o *Fausto dantico*, de cujo consorcio tem de nascer o bello Euphormion, o genio, o principio, o symbolo da arte regenerada.

Lisboa, 12 de Dezembro de 1839.

CARTA A UM AMIGO [1]

Que conceito fórmo do meu *Catão?* E' a pergunta mais fóra do commum que se tem feito. —Se imitei muito o de Addison, e que juizo faço d'este drama? Menos difficil é que a primeira, porém não me custa porventura menos a responder a uma do que a outra. Tinha protestado conservar perfeito silencio sôbre este famoso auctor e sua mais famosa peça, porque não julgasse alguem que o severo dos meus reparos provinha de rivalidade ou presumpção. Mas emfim quebro o protesto e vou satisfazer-te. A tragedia já está no prelo, e cedo poderás combinar as minhas reflexões com ella; pois, supposto a viste representar, só com meditado estudo se póde bem decidir de coisas dramaticas, e a scena illude muito, e preoccupa demais com seus prestigios para nos deixar reflectir com a madureza e socêgo necessarios, que só no silencio do gabinete se pódem conciliar.

O que me parece do meu *Catão?*—Com toda a franqueza que me conheces, e sem a orgulhosa modestia de certos auctores que se humilham todos para que os louvem mais, com a sinceridade de amigo: *parece-me bem, e mal*. Gosto de algumas coisas, desgósto de outras.

Pelo que são regras principaes de *unidades*, *exposição*, *nexo e desfeixo*, cuido tel-as desempenhado. Emquanto ao resto não direi com tanta affouteza; e coisas ha de que muito desconfio.

Mui difficil me era, não só o desenho dos caracteres, mas a sustentação d'elles. Para apresentar uns poucos d'homens verdadeiramente romanos; e fazer no meio d'elles sobresahir o actor principal, era forçoso suar muitas vezes, e desanimar algumas. Bruto, Porcio e Manlio, todos virtuosos, e virtuosos como republicanos verdadeiros, a cada momento se me tornavam Catões, e faziam por consequencia divergir os raios do interesse dramatico, que eu só no unico protogonista

[1] A farça hade encorporar-se em um dos tomos seguintes da collecção.

(Alludia ao *Carcunda por amor*, que depois regeitou.) *Da revisão.*

[1] Esta carta nunca esperou sahir a lume, nem sahiria se me não constasse que algumas pessoas, attentando talvez simplesmente na similhança do titulo, haviam asseverado que a minha tragedia não era mais que uma tradução da de Addison.

Foi inserta na primeira edição de 1822

CATÃO — Tudo sei. — Que Roma é escrava... PAG. 536

Acto I — Scena I — Manlio — Marco-Bruto.

queria e devia concentrar. Distingui os quanto pude, esforcei-me em caracterizal-os por differentes temperamentos e genios; puz peito em separál-os assim, já que a historia e a verdade m os tinham unido tanto.

Como heide responder á tua segunda pergunta sobre Addison, na analyse succinta que de sua tragedia te faço, irei conjunctamente respondendo á primeira, segundo me lembrar, sem ordem nem systema, que, sobre improprios da familiaridade de uma carta, me dariam constrangimento e incommodo, que seguramente creio não quererás dar-me.

Desde que me entendo alguma coisa, e comecei a abrir livros de bellas lettras, ouvi sempre falar no *Catão* de Addison, como em um prodigio da scena, e porventura a primeira peça do theatro moderno.

Na Encyclopedia, formaes palavras, se diz: *Son Caton est le plus grand personnage, et sa piéce est la plus belle qui soit sur aucun théatre.* Cesaroti e infindos outros falaram pela mesma bocca. O proprio Voltaire, que lhe nega o fôro de *tragedia*, não deixa de chamar-lhe um *chef-d'œuvre.*

Ouvia eu e lia todas estas coisas, e de cada vez me dobrava o desejo de ver tam gabada peça, sem jamais a poder haver á mão pela summa raridade dos bons livros entre nós, e infinita escacez principalmente de todos os que não são francezes. Obtive emfim uma tradução franceza. meia verso meia prosa, mas tam má que o meu conceito então ficou cem vezes áquem do que havia imaginado. Li-a depois na versão do nosso Manuel de Figueiredo (bom homem, e de bastantes luzes, mas de nenhum talento poetico, e perfeitamente ignorante até das mais simples leis do metro) e fiquei peior. Consegui finalmente o original; e supposto mudei bastante do primeiro juizo, não foi absolutamente nem o podia ser, porque no contexto e fundo do drama, original e traducções eram a mesma coisa.

Antes de fazer as minhas reflexões, transcreverei as do eruditissimo Schlegel, que pela maior parte com ellas se combinam, e, com grande satisfação minha, até com as que, antes de ler a sua grande obra, eu havia feito. [1]

«Addison, que era mais *bel-esprit* do que poeta, metteu-se a expurgar a tragedia ingleza, e a submettêl-a ás pretendidas regras de Aristoteles. Dever-se-hia esperar que tam erudito homem, como elle era, necessariamente buscaria avizinhar-se á tragedia grega: não sei se teve algum'hora essas intenções; mas é certo porém que o fructo dos seus esforços não foi mais do que uma tragedia moldada e enfeitada á franceza. O *Catão* é uma obra fraca e de gêlo, quasi nua de acção, e que nunca toca o animo com a mais pequena fôrça.

«Addison, fazendo uma composição timida e acanhada, restringiu de tal sorte um grande quadro historico, que para encher o panno, houve mister de lhe introduzir coisas absolutamente extranhas. Recorreu aos amores da *tarifa*; e n'esta peça se contam seis *paixões* (ou namoros); a saber: as dos dois filhos de Catão, a de Marcia, de Lucia, de Juba e de Sempronio. Catão, como bom pae de familias, não póde ter-se a final que não arranje e conclua dois matrimonios; e entre tantos amantes não ha nenhum (sem exceptuar o mesmo Sempronio que é o *malvado* do drama) que não participe o seu pouco de simplesinho. Catão poderia talvez relevar tudo isto: mas quasi nunca obra nem entra em acção, apenas se mostra para se fazer admirar e morrer depois.

«Poder-se-ha pensar que a estoica resolução de um homem se matar, tomada assim sem paixão, e sem internos conflictos, não é favoravel assumpto para uma tragedia: mas não ha assumpto nenhum que por sua natureza seja desfavoravel, e tudo depende da maneira por que se tracta. Um vão escrupulo sôbre a unidade de logar forçou Addison a deixar de fóra a Cesar, unico caracter digno de fazer contraste ao de Catão: e n'esta parte muito melhor que elle, andou Metastasio.

«O estylo de Addison é simples e puro, mas sem fogo poetico. O *jambo* não rhymado [1] de que usa, dá ao dialogo mais liberdade, e uma fórma *menos de convenção* que se não acha na maior parte das tragedias francezas; mas essas têem ás vezes uma eloquencia firme e concisa, onde jámais não chega o *Catão* de Addison.

«Este celebre auctor, para preparar o feliz acolhimento d'uma obra que tanta fadiga lhe havia custado, pôz em armas toda a milicia do *bom gosto*, todos os criticos grandes e pequenos, e á frente de todos Pope. *Catão* foi por toda a parte acclamado por um *chefe d'obra* sem par. E em que fundaram elles taes asserções? Na regularidade da fórma? Mas os poetas francezes ha mais de um seculo que a ella se haviam sujeitado, e a despeito d'esse grilhão, tinham conseguido effeitos muito mais poderosos e patheticos.— No espirito politico? Um só discurso de Bruto ou Cassio em Shakespeare mostra mais alma romana, mais energia republicana, que toda a tragedia de Addison. Duvido que similhante peça produzisse jámais uma impressão viva e profunda».

[1] Curso de litteratura dramatica.

[1] E' o nosso verso sôlto ou branco.

Tal é o conceito de Schlegel sobre esta tam affamada obra. O meu, como levo dito, não differe muito do d'elle, mas alguma coisa differe. Schlegel tem o defeito de todos os escriptores que são escravos de suas proprias idéas, e do systema que elles mesmos fabricaram: o que muitas vezes os fórça a dizer coisas que n'outro reprovariam e de que não têem, nem dão, outra causa mais que a necessidade imperiosa de serem coherentes.

Lembrar-te-has que muitas vezes lamentámos isto em Madame de Stael e em Chateaubriand; e que pensámos ser muito principal origem do grande merecimento de Cicero e de Rousseau a sua incerteza ingenua — ou muito artificiosa — n'esta parte.

O que Schlegel diz sobre a *regularidade classica* mal entendida que Addison pretendeu e pensou dar ao seu drama, é exactissimamente certo. O genero *romantico*, de que Shakespeare foi o creador entre os seus, e que era o proprio da scena ingleza, tem grandes defeitos, mas grandes formosuras: falta lhe a belleza da simplicidade e regular elegancia, mas sobeja-lhe a do ornato e enfeites ingenuos, comquanto demaziados. O genero *classico* tem outras qualidades e caracteres, entre os quaes em primeiro logar, a regularidade e simplicidade. O *mixto*, que principalmente se deve a Voltaire e a Ducis, [1] participa das bellezas d'um e d'outro, sem cahir nos defeitos do *romantico*, aformoseia visivelmente o *classico*. *Zaira, Tancredo, Alzira, Othelo* e o *Rei Lear* (de Ducis) provarão, melhor que todas as theorias, esta verdade.

Em qual d'estes tres generos escreveu Addison? Em nenhum. A sua tragedia é um arremêdo infeliz do gosto francez, tem todos os defeitos do afeminado d'aquelle theatro, sem ter nenhuma de suas bellezas. Seis namoros! Racine e Crebillon, que foram os mais excessivos n'este ponto, nunca se atreveram a tanto. Mas Racine pelo menos soube ligal-os sempre, e fazel-os dependentes da acção principal, quando elles mesmos a não eram. Crebillon as mais das vezes o fez, supposto com muito menos arte, e essa, menos fina e delicada. Mas no Catão de Addison são verdadeiramente — verbos de encher; tanto têem elles com a acção capital, eomo os nossos antigos *graciosos*, das operas do Judeu com Medea e Jason. Demais a mais, têem a habilidade de occupar quasi sempre a scena, deixar raras vezes apparecer sobre ella o principal actor e acção. A traição de Sempronio e Syphax é motivada por namoro, as mortes de Sempronio e Marco por namoro, toda a *intriga* ou nexo do drama por namoro. Catão entretem-se tambem com todos estes namoros, e mata-se a final — depois de dormir o seu pouco na scena — sem se saber verdadeiramente porquê, pois não apparece uma causa immediata, a qual deveria ser a chegada de Cesar, mas simplesmente a da ruina geral da liberdade, que desde o primeiro acto existia e que portanto desde o principio devêra ter produzido o seu effeito; e morto Catão, que era a catastrophe, acabar logo a *peça*. Esta suspensão da catastrophe, que é o nexo da acção, uma das origens do interesse, e uma das mais difficeis regras tragicas na sua sua execução, falha e falta absolutamente na tragedia ingleza.

Eu não exigiria, como Schlegel, que Addison mettesse a Cesar no seu drama, nem farei depender d'essa circumstancia a belleza principal d'elle. Tambem li a peça de Metastasio e ahi o vi, mas não me agradou. Porventura, se hoje escrevesse a minha tragedia, o faria eu: mas não me lembrou então o verdadeiro modo de o fazer bem, e por isso o não fiz.

No que em grande parte discordo de Schlegel é no severo conceito que fórma do estylo de Addison. Convenho que sobejas vezes é frio e desanimado, porém muitas é sublime e elevado como ao genero cumpria. O monologo do quinto acto é uma obra prima de poesia, tanto nas idéas como no estylo: assim elle fosse dramatico e proprio da scena; mas infelizmente cáe-lhe ao justo a sentença de Horacio:

Sed nunc non erat his locus.

O muito que me afastei de Addison, da simples comparação d'estes reparos com o meu drama, o podes colher. A personagem de Bruto, que é a segunda na minha tragedia, não apparece na d'elle; eu não tenho dramas nem *namoricos;* a exposição, o nexo, a catastrophe da minha peça são outras absolutamente. Aproveitei-me porém d'alguns pensamentos felizes e sublimes, que não são poucos em Addison. Mas o numero dos que imitei não é excessivo· digo *dos que imitei*, porque tradução, não a fiz eu de um só verso inglez.

Para formares melhor ideia, transcrever-te-hei aqui os logares todos de que falo, com a tradução litteral; e combinando-os com os correspondentes no meu drama, poderás conhecer com exactidão o que digo.

Acto I, Scena I. (Addison's Cato)

The dawn is overcast, the morning low'rs,
And heavily in clouds brings on the day,
The great, th'important day, big with the fate
Of Cato and of Rome.

[1] Quando no prefacio d'este livro toquei egual materia, esqueceu nomear este grande tragico na frente dos que no genero mixto escreveram. Foi devido á pressa com que rascunhei aquellas linhas.

Coberta está a aurora, a manhan desce,
E pesada, entre nuvens traz o dia,
Dia grande e importante que pejado
Vem dos destinos de Catão e Roma.

O logar correspondente na minha peça é na scena V do I acto.

Acto I. Scena II.

Let us once embrace,
Once more embrace, white yet we both are free.
To morrow should we thus express our friendship
Each might receive a slave into his arms.
This sun, perhaps, this morning sun's the last
That e'er shall rise on Roman liberty.

Deixa que inda uma vez nos abracemos,
Mais uma vez, emquanto somos livres,
Nossa amizade se amanhan quizermos
D'esta sorte expressar, receberemos
Cada um de nós nos braços um escravo.
Este sol, porventura, este sol de hoje
E' já o derradeiro que se ergue
Sobre a Romana liberdade.

Corresponde a esta passagem a da scena V do I acto no meu drama.

Acto I. Scena II.

My father has this morning call'd together.
To this poor hall, his little Roman senate,
(The leavings of Pharsalia).

Meu pae em esta humilde, pobre sala
Seu pequeno senado de Romanos
(Reliquias de Pharsalia) hoje convoca.

D'estes versos são parallelos os da mesma scena V do I acto.

Acto I. Scena II.

Not all the pomp and majesty of Rome
Can raise her senate more than Cato's presence.
His virtues render our assembly awful,
They strike with something like religious fear,
And make even Cæsar tremble at the head
Of armies flush'd with conquest Oh, mi Portius!
Could I but call that wond'rous man my father!

Toda a pompa de Roma e majestade
Não poderia alçar tanto o senado,
Quanto a presença de Catão o eleva.
Suas virtudes tornam formidavel
Nossa assemblea, ellas quasi imprimem
Um medo religioso, e a Cesar fazem
Tremer á frente d'essas mesmas tropas
Soberbas de conquistas. Oh meu Porcio!
Pudesse eu chamar pae a tam grande homem!

A imitação d'esta passagem é no acto I, scena V do meu drama.

Acto II. Scena II.

Fathers, we once again are met in council:
Cæsar's approach has summond's us together,
And Rome attends her fate from our resolves.
How shall we treat this bold aspiring man?
Success stil follows him, and backs his crimes:
Pharsalia gave him Rome, Egypt has since
Receiv'd his yoke, and the whole Nile is Cæsar's.
Why should I mention Juba's overthrow,
And Scipio's death? Numidia's burning sands
Still smoke with blood. Tis time we should decree
What course to take. Our foe advances on us,
Ad envies us ev'n Lybia's sultrey desarts.
Fathers, pronounce your thoughts: are they still fix'd
To hold it out and fight it to the last?
Or are your hearts subdu'd at length, and wrougth
By time and ille success, to a submission?
Sempronius, speak.

Inda em conselho, ó padres, nos juntamos:
De Cesar a chegada nos reune
E Roma o fado seu de nós espera.
Como devemos nós tratar esse homem
Audaz, emprehendedor? Ainda o segue
E protege os seus crimes a fortuna
Pharsalia lhe deu Roma, o Egypto cede
Desde então ao seu jugo, e o Nilo é d'elle.
Porque mencionarei de Juba a queda,
A morte de Scipião? De sangue fumam
As queimadas areias da Numidia.
E' tempo de assentar qual mais devemos
Seguir estrada Sobre nós caminha
Nosso inimigo, e nos inveja ainda
Estes da Libya torridos desertos.
Padres, pronunciae os vossos votos.
Fixos em persistir são elles inda,
E em pelejar até o fim constantes?
Ou vossos corações já submettidos,
Cançados pelo tempo e desfortuna,
Estão á servidão? Sempronio, fala.

O logar em que imitei alguma coisa esta fala é no acto II, scena I.

Acto II. Scena II.

My voice is still for war.
Gods! can a Roman senate long debate
Which of the two to choose, slav'ry or death!
No, let us rise at once, gird on our swords,
And at the head of our remaining troops
Attack the foe, break through the thick array
Of his throng'd legions, and charge home upon him.
. . . .
. . . . The corpse of half her senate
Manure the fields of Thessaly, while we
Sit here delib'rating in cold debates...
Or wear them out in servitude and chains.
Rouse up, for shame! our brothers of Pharsalia
Point at their wounds, and cry a'oud To battle!
Great Pompey's shade complains that we are slow.

O meu voto está inda pela guerra.
Deuses! póde um senado de Romanos
Debater longamente sobre a escolha
De escravidão ou morte? Não, ergamo'nos,
D'uma vez, empunhemos as espadas,
E á frente d'essas tropas que nos restam
O inimigo ataquemos; pelo meio
Das espessas fileiras avancemos
De suas legiões amontoadas,
De golpe sobre elle carreguemos.
. . . .
Os corpos de metade do senado
Servem de adubo aos campos da Thessalia,
Emquanto aqui nós outros assentados
Em frias discussões deliberamos
Se á honra nossas vidas votaremos,
Ou se havemos de em ferros consumil-as.
Despertae; que vergonha! Os irmãos nossos
De Pharsalia as feridas nos apontam.
E altamente nos bradam—A' batalha!
A grande sombra de Pompeu lamenta
A nossa lentidão; e a nós d'emtôrno
Queixosa de Scipião volteia a sombra

Assemelha-se a esta, na minha peça, a fala de Bruto na scena I do II acto.

Acto II. Scena II.

Let not a torrent of impetuous zeal
Transport thee thus beyond the bounds of reason,
True fortitude is seen in great exploits
That justice warrants, and that wisdom guides:

. . . .

Are not the lives of those that draw the sword
In Rome's defence entrusted to our care!
Shoul we thus lead them to a field of slaughter,
Might not th'impartial world with reason say
We lavish'd at our deaths the blood of thousands
To grace our fall, and make our ruin glorious?

Não te deixes d'um zêlo impetuoso
Transportar da torrente além dos termos
Da razão O esforço verdadeiro
Nos grandes feitos que a justiça apoia,
Que a prudencia dirige, e que se mostra.

. . . .

D'aquelles que de Roma na defeza
Desembainharam as espadas suas,
Ao nosso cuidado confiadas
As vidas não estão? Se nós ao campo
Da mortandade assim os conduzirmos,
Imparcial não poderá o mundo
Dizer, e com razão, que nós de tantos
Co'a nossa morte o sangue esperdiçamos
Para ornar nossa queda, e mais gloriosa
Fazer nossa ruina?

Corresponde a esta passagem a do acto II, scena II.

Acto II. Scena IV.

. . . . .Bid him disband his legions,
Restore the commonwealth to liberty,
Submit his actions to the public censure,
And stand the judgement of a Roman senate.
Bid him do this, and Cato is his friend.

. . . .

. . . . . .Tho' Cato's voice was ne'er employ'd
To clear the guilty, and to varnish crimes,
Myself will mount the rostrum in his favour,
And strive to gain his pardon from the people.

As suas tropas despeça, á liberdade
Restitua a republica submetta
Suas acções á publica censura,
E a decisão aguarde do senado.
Obre assim, e Catão é seu amigo.

. . . .

Nunca a voz de Catão foi empregada
Em crimes palliar, ou salvar culpas,
E comtudo heide eu mesmo em favor d'elle
Subir aos rostos, forcejar, pôr peito
Para alcançar o seu perdão do povo.

Na minha tragedia, acto II, scena III, occorrem os versos parallelos.

Estes são, meu amigo, os logares que de Addison imitei; digo, que imitei de proposito. por que, se em alguns outros me encontrei com suas ideas e expressões, effeito foi do assumpto e não por determinada intenção. Não repares nos maus versos da tradução litteral que puz ao pé do original inglez: esforcei-me por ser exacto e fiel, e essa vontade me não deixou ser bom metrificador.

E aqui tens com toda a sinceridade quanto sei e posso responder ás tuas perguntas, remettendo te, sobre Addison, ao smuitos que d'elle e do seu *Catão* escreveram, e sôbre a minha peça a esses senhores sabichões do Mondego que tudo entendem, tudo sabem, de tudo mofam, mas nada fazem — Sou de todo o coração muito teu amigo, etc.

Lisboa, 13 de Março de 1822.

Á . MUITO . NOBRE . SEMPRE . LEAL . E . INVICTA

CIDADE DO . PORTO

PROPUGNADORA . FORTISSIMA . DA . LIBERDADE . CONSTITUCIONAL

ILLUSTRE . PELO . SANGUE . DE . SEUS . MARTYRES

O. D. C.

TESTEMUNHO . DE . AMOR . E . DEVOÇÃO

A'. SUA . PATRIA

J-B . DE . ALMEIDA . GARRETT

MDCCCXXX

CATÃO

Tragedia representada, a primeira vez em Lisboa, no Theatro do Bairro-alto, por uma sociedade de curiosos em vinte de septembro de MDCCCXXI

PESSOAS: Catão. — Marco-Bruto. — Manlio. — Porcio — Sempronio — Decio — Juba
Povo, senadores, lictores, libertos, soldados romanos e numidas. Logar da scena — Utica

PROLOGO [1]

HOJE, invocando as musas luzitanas,
Calçando co'a mão tremula o cothurno,
Venho timido expor nas scenas patrias
Um caso atroz da memoranda Roma.

Da Lybia ardente nos torrados plainos
Arquejando vereis a Liberdade,
Vêl-a-heis moribunda soluçando
Expirar sobre a areia, — e inda de longe
Volver o extremo olhar ao Capitolio.
Honra, valor, virtude, exfôrço e glória,
Tudo acaba com ella n'esse instante.
Algozes, ferros, asperas cadeias
Da miseranda Roma algemam pulsos...
Mas da patria infeliz o negro opprobrio,
Catão não o hade ver, — morre primeiro.
Vêl-o-heis, esse homem, o maior dos homens,
D'homem, de pae, de cidadão deveres,
Desempenhar romano, — e morrer homem.
Vêl-o-heis tranquillo desafiar a sorte,
E ainda nos momentos derradeiros
Fazer no solio estremecer tyrannos,
Pasmar a terra e envergonhar os numes.

Da malfadada Roma última esp'rança,
Bruto vereis tambem: n'alma agitada
Vêr-lhe-heis luctar co'a patria a natureza.
Mas a patria vencer. Odio implacavel,
Desesp'rado furor que avexa essa alma,
Lhe vem do coração bramar nos labios.
Um dia inda virá que o braço árdido
Quebre de um golpe os ferros do universo
Heroismo e valor, terror e espanto
Só vereis n'este quadro sanguinoso.
Envolta em negro luto a lyra austera
Só troa sons de morte: as cordas duras
Estremecidas fremem com o incerto
Palpitar da vingança; — e mal se escuta
Abafado suspiro de ternura
Em que amor filial, em que amizade
Timidos, receiosos se carpiram.

Meigos affectos de paixões mais brandas
Não espereis ouvir: — só fala a patria
Em corações que a patria só conhecem.
Romanos estes são, — mas vós sois Lusos:
E de Romano a Portuguez que dista?
Foram livres aquelles, — vós sois livres;
Cidadãos, — vós o sois; homens, — sois homens;
Pelos campos da glória e liberdade
Onde o Tibre correu, corre hoje o Tejo.

E Roma é escrava!... E a desgraçada Italia
Succumbiu, e nem geme! Em qual abysmo
De magua e de vergonha está sepulta
A patria de Catões, de Brutos, Cassios!
Oh nodoa nos annaes da humanidade!
Oh, quem podesse á historia do universo
Arrancar essa pagina d'infamia!
Amargo é recordar memorias cruas
De do, de pejo: — mas lembral-as cumpre:
A tempo sirvam de escarmento — e exemplo
Para atalhar o mal na origem d'elle.

E tu, sexo gentil, delicias, mimo,
Afago da existencia e encanto d'ella,
Oh, perdôa se a patria te não deixa
O primeiro logar em nossas scenas.
Não esqueceste, não, porém ciosos
São nossos corações de liberdade:
Onde impera a belleza amor só reina:
Foge onde reina amor, a liberdade.

E vós, vós todos, assemblea illustre,
Os erros desculpae do ingenuo vate
Foi só meu coração que fez meus versos:
Por elle julgae só. Louvor e applauso
Nem o quero de vós nem o supplico:
Vêde expirar Catão; dentro do peito
Guardae d'esse Romano alma e virtudes.

Se o conseguem meus versos, se me é dado
Esse premio alcançar de meus trabalhos,
Audaz, affoito, satisfeito e pago,
Ao resto irei da Europa — do universo —
Louvor, censuras desprezar sem medo.

[1] Recitado pelo auctor na primeira representação, a que [illegible] mente assistiram amigos e familias conhecidas.

ACTO PRIMEIRO

Praça: — Vestibulo e portico de antiga e ruda architectura romana, a um lado

SCENA I

MARCO-BRUTO, MANLIO *saindo do vestibulo*

Marco-Bruto

Sei tudo—e tudo ouvi sobejas vezes;
Nem posso ouvil-o mais. O ceu, que a Roma
Nos pôs columna extrêma em seus desastres,
Não quer prantos de nós. Valor, constancia,
Virtude são os unicos remedios
Para os males da patria. Lamentál-a,
Choral-a em ocio vil é ser covarde,
E' não ser cidadão,—não ser Romano.

Manlio

Mas ouve...

Marco-Bruto

Tudo sei.—Que Roma é escrava;
Que o senado traidor, que o povo indigno
Folgam nos ferros que lhe doira o crime;
Que Cesar coroado da victoria
Ao carro triumphal leva—execrando!
As romanas virtudes manietadas;
Que essa prole bastarda de Quirino,
Espurios filhos, infezado sangue
De Scipiões, de Fabios, Cincinatos,
Essa turba infiel vendeu contente
Braços e coração, virtude e glória
A trôco de oiro vil; – que impera ovante,
Que exulta Julio sôbre a patria em cinzas;
E que do deshonrado Capitolio
Ousa dictar os fados do Universo;
Emfim, do Povo-rei ser rei... Ah, Manlio,
O termo abominavel, execrando
Que mal cabe nos babios d'um Romano!
Sei tudo:—e tudo n'alma tenho impresso
Em fogo—que incessante m'a devora.
Mas ao pêso da sorte inda não curvo:
Tenho no peito coração romano;
E emquanto a espada do tyrano Cesar
M'o não souber varar, não cedo a Cesar.

Manlio

Tua nobre constancia admiro e louvo:
Romana é,—romana d'esses tempos
Que para sempre .. sempre se acabaram.
Oh, se ella nos salvasse, Marco-Bruto!
Se d'esse coração faiscar podesse
Scintilla que accendesse a morta cinza
Em que toda esfriou, de cosummida,
A virtude latina!—Mas tu mesmo,
Catão proprio o confessa; a nós e a poucos
A poucos mais, os deuses reduziram
Da triste liberdade os defensores.
Nos quasi abertos, derrocados muros
D'Utica só nos resta amparo debil,
Por suas brechas sem conto, a cada instante
Nos entra a escravidão, nos foge a patria.
Nossas legiões tam poucas, tam cançadas,
Fracos sobejos da fatal derrota
Do infeliz Pompeu...

Marco-Bruto

E d'esse nome.
Diz, não basta a memoria deshonrada
Para acordar o coração dormente
D'um senador romano? Oh santos manes,
Oh veneranda sombra, inulta ainda,
Nos sanguinosos campos de Pharsalia
Vagas não-propiciada e gemebunda .
E o vil que ousa Romano appellidar-se
Será, Manlio, será?...

Manlio

Será da patria
O tyrano oppressor.

Marco-Bruto

Elle!—Primeiro
Hade Catão morrer.

Manlio

Dous golpes juntos
No seio maternal soffrerá Roma

Marco-Bruto

Que soffra mil, e que não seja escrava.

Manlio

Ah, que aproveita, Marco, o sacrificio!
Tam quebrados, sem forças de que serve
Esta lucta de poucos moribundos
A pelejar por mais uma hora escassa
De vida incerta!—Engano, engano cégo!
Á patria agonizante e quasi extincta
Que podêmos fazer?

Marco-Bruto

Morrer com ella.

Manlio

Se o sacrificio approveitasse!

Marco-Bruto

Chamas
Sacrificio ao dever! — Este é o voto
De Catão: bem o sabes. E tu dizes-te
Amigo d'elle!... Sê digno do amigo.

Manlio

Oh!

Marco-Bruto

Basta, Manlio, basta: esses discursos
Serão prudentes, mas offendem-me a alma,
E o coração rebella-se de ouvil-os... (*pausa consideravel*)
Olha, vês tu a aurora? — despontando
Ella ahi vem no horisonte carregado;
Triste, pallida, a medo nos arrastra
O dia — o dia porventura extremo
De nossa liberdade. — Oh Roma, oh patria!
Céus que o raio guardaes, no mundo ha crimes
Que os de Cesar egualem? Que justiça
Fazeis na terra, omnipotentes Deuses! (*pausa breve*)
Manlio, este dia é o dia destinado
A decidir a sorte dos Romanos.
Por ordem de Catão solemnemente
Se congrega o Senado. Os teus receios,
Tua prudencia ahi pódes expor-lhe.
Encontrarás talvez quem te oiça e applauda;
Não eu, Manlio, não eu.

SCENA II

MANLIO *só*

Mancebo louco!
Cego corres apoz d'esses phantasmas
Que em teu ingenuo coração virtuoso

CATÃO — *Juba* — ... Não ha maior ventura
Que possam numes conceder na terra. — PAG. 541

Acto I — *Scena V* — Sempronio — Porcio — Juba.

Só hoje moram Terás cans, — e c'o alvo
Das cans te virá negra experiencia:
Então, então verás com que sonhaste,
Romano! Ideas vans! Já não existe
Essa glória, esse nome tam famoso,
Nem a feroz virtude d'este joven
Nem de Catão a rigida constancia
Erguem do tumulo a defunta Roma.
Nunca! -- O punhal das civicas discordias
Rasgou lhe o seio, quebrantou-lhe os membros;
Roma não vive já -- É Cesar, Cesar
Quem hoje é Roma, e que é senhor do mundo
Tudo lhe cede. -- E nos mesquinhos restos
Ao furor escapados de Pharsalia,
É que havemos de oppor-nos á torrente
Que arroja aos pés de Cesar o universo!
E por amor de quê? Da liberdade...
Liberdade! — Qu'é d'ella, a liberdade?
Quanta nos deram Mario, Sylla? -- Quanta
Nos daria Pompeu se triumphante
Com suas legiões volvesse ao Tibre!
Roma, Roma, os teus dias são contados;
Tu queres um senhor: tel o has. Os Quincios
Já não voltam Sem honra, sem virtude,
Sem aquella pobreza santa e livre
De Fabricio, onde vae a liberdade!
Marco-Tulio venceu a Catilina;
E hoje — mollemente passeiando
Em seus jardins de Tusculo, revendo-se
Em marmores de Athenas, manso e quêdo
Philosophando vae. — Que resurgissem
Os Gracchos; — bradariam liberdade
E patria, como os nossos Gracchos de hoje:
Mas só bradar: tyrannos ou escravos
Seriam como nós... -- Cortae nos vicios,
No orgulho, e então... —Quem é este? É Sempronio
Que ahi vem. Alma perfida e covarde!
Ide ouvil-o ás cohortes declamando:
Nem o proprio Catão tem mais no peito
Aquella devoção, aquelle zêlo
Da liberdade antiga. — Oh tempos, tempos!
E ainda quer Marco-Bruto de taes homens
Fazer Romanos -- com Romanos d'estes
É que se hade salvar a patria!

SCENA III

MANLIO, SEMPRONIO

Sempronio

Manlio

Falaste com Catão? Que te disse elle?
Seu nobre esfôrço, amigo, que medita?
Como intenta salvar-nos? Que defesa
Havemos de fazer n'estas ruinas
Contra esse immenso exercito que aperta
Sôbre nós de hora a hora? Que esperanças
Da moribunda -- morta liberdade
Conserva ainda?

Manlio

Ha de morrer com ella.
Incapaz de torcer, firme, indomavel,
Não vê, não ouve, não attende a nada!
E emtanto cresce o mal, e a cada instante
Foge o remedio.

Sempronio

Um resta.

Manlio

Qual?

Sempronio, *áparte*

Tentemos
Este velho. -- (*alto*) Seguir os teus conselhos
Moderados, prudentes.

Manlio

Meus conselhos!
Nunca t'os dei, nem... — O meu voto é logo
Para o senado: ahi o ouvirás franco
Sincero, leal.

Sempronio

Mas nós sebemos todos
Tua opinião. Eu, longo tempo, incerto
Duvidei: mas emfim não resta escolha.
O universo é de Cesar: honras, graças,
Mercês, riquezas—tudo elle dispensa;
E tudo perderemos se teimosos
Persistimos na lucta van, ingloria...

Manlio

Ingloria!

Sempronio

Ingloria sim, que a vida a fama
Esperdiçâmos loucos por chimeras.
Gloriosa foi a causa da republica
Quando o favor dos mobiles Quirites
Tinha Sédes curues, e tribunatos,
Consulados que dar: nobre, distincto
Era então ser campeão da liberdade.
Hoje que importa cortejar a plebe,
Lisongear-lhe a inconstancia caprichosa?
Que podem os ciosos cavalleiros,
Os suberbos patricios? De que valem
Seus suffragios? Voltemo'nos a Cesar.
A calva occasião é esta agora.
Corramos lhe ao encontro: generoso
E magnanimo é Julio: hade quebrar-lhe
As iras todas submissão tam prompta,
Tam resignada:—e nós salvos, bemquistos
Do senhor do universo, porventura
Quinhoaremos tambem nos seus despojos.

Manlio, *áparte*

Vil, indigno! Estes são os nossos Gracchos. (*Alto*)
E Catão?

Sempronio

Ah!... Catão —Esperas d'elle
Que attenda ao bem commum, que deixe os sonhos
De sua stoica, van philosophia,
Que sacrifique o orgulho de um systema?...

Manlio

Orgulho elle!—A tua alma não entende,
Não conhece aquella alma. Homem mais simples,
Mais singelo, mais chão, menos fastoso,
Que ostente menos, menos se conheça
E de suas virtudes saiba o preço,
Não crearam os ceus, nem o aureo tempo
Viu de nossos avós na antiga Roma.

Sempronio

Pois... eu tambem conheço... essas virtudes,
E as sei avaliar. Porém que importam,
Que nos podem fazer tantas virtudes?
Cesar, amigo, Cesar formidavel,
Cesar, que precedido da victoria
Marcha á frente de innumeras cohortes,
Que, á excepção d'este pouco da Numidia,
—De poucos palmos de torrada areia—
Vê curvado a seus pés o mundo inteiro,
Cesar não tarda sôbre nós; e é tempo
De resolver emfim.

Manlio

Toca ao senado
Deliberar: Catão para isso o ajunta:
E Catão bem conhece o nosso estado
E a possança de Cesar. Mas a sua alma
Da velha dura têmpera romana

Não vérga assim. Minha opinião (pois queres
Sabêl-a, e tua franqueza - tão notavel!
Me anima) é differente, opposta á d'elle.
E logo no senado heide impugnál-a,
Aberta e nuamente. Em vivas côres
Heide pintar o estado miseravel
Da patria, e o nosso; o abysmo a que a arrastâmos
Se, para não quebrar, nossa virtude
Não dobra um tanto ao pêso da fortuna.
Taes são minhas tenções E ha muito sigo
Repugnante esta lucta tam baldada,
Em que a alma de Catão, seu grande nome,
Suas virtudes são a unica força
D'um partido impotente, e lacerado
De facções, de traições, de odios, de invejas, *(pausa)*
De avarezas, cubiças.—Mas, Sempronio,
Tu que sempre no fôro, no senado,
No campo, em toda a parte declamaste
Contra mim, contra a facil indulgencia
Dos que julgam prudente, necessario
Tratar c'o vencedor, ceder um pouco
Para não perder tudo —tu da plebe
Idolo, oraculo, orador,—que ante ella
Bruto accusas de timido, e suspeitas
Soltaste a miudo da virtude austera
Do rigido Catão,—por que prodigio,
N'esta hora do perigo, em que a romana
Virtude, e toda a civica firmeza,
Constancia, devoção são necessarias,
Como, por que prodigio, tam diff'rente
Tam outro falas:—Certo, no senado,
Teu voto, de fraqueza não suspeito,
Muitos convencerá.

Sempronio

E pensas, Manlio,
Que ante esses homens cegos, illudidos,
Que em Catão vêem seu deus, que existem n'elle,
Que o falso brilho deslumbrou da glória,
Que o vão, que o louco amor d'uma chimera
A que chamaram patria e liberdade,
Antepoem aos proprios interésses,
A's honras, á ventura, á mesma vida—
Que ante homens taes minhas tenções exponha,
Que lh'alegue razões que elles não ouvem?
Fôra imprudente e de nenhum fructo o risco.
Antes ver-me-has, unindo-me a seu voto,
De suas illusões vestindo a mascara,
Enthusiasta orador da liberdade,
Clamar, bradar vingança, e guerra e sangue,
Ostentar marcio ardor, romana audacia;
E de mim afastar quaesquer suspeitas.
Sinceridade! — Pois tu não receias
Os impetos de Bruto?

Manlio

Não receio
Onde estiver Catão, violencia alguma
Contra quem livremente, e como é d'homem,
Dá seu voto e tenção.

Sempronio

Muito confias:
Eu não. — E só a ti, crê-me, a ti, Manlio,
A ninguem mais em Utica, me atrevo
A revelar meu intimo e secreto,
Verdadeiro pensar. Santa amizade,
Além do sangue, nos uniu ha muito:
Tu não me hasde trahir...

Manlio

Eu trahir!

Sempronio

Digo,
Não declares. .

Manlio

Sim, sim; fica-te embora.
Não te heide descobrir: segue no engano;
Illude, mais essa hora que te resta,
As desvairadas turbas. — E que importa
Acordar ora ou logo, se o terrivel,
O fatal despertar é sempre o mesmo!

SCENA IV

SEMPRONIO *só, (depois de consideravel pausa)*

Disse de mais; falei, fui muito claro:
E este velho, prudente, moderado...
Ama, adora Catão como os mais cégos
Que o têem por deus, por immortal. Embora!
Manlio é honrado, d'aquella honra antiga
D'outros tempos; e não me trae. — Honrado!
O miseravel, co'a alma incerta e vaga
Flutuando entre o medo e entre a esperança,
Nem sabe o que deseja. — E eu?.. Sou covarde,
Mais covarde do que elle: não me illudo.
Mas póde mais que a covardia o odio
N'este peito ralado da acre sêde
Da inveja. Meus projectos têem falhado
Com a estupida plebe: vis! adoram
O homem que eu aborreço, que detesto,
Esse Catão, esse idolo de nescios!
Oh, que raiva lhe eu tenho! Alma rebelde,
Tu me opprimes c'o pezo aborrecido
D'essas tuas virtudes. Quanto eu dera
E te podesse ver um crime n'alma!
Affrontoso supplicio! — E elle conhece-me,
Conhece-me e despreza-me. — Oh, vingar-me,
Vingar-me heide eu. Tua cerviz altiva
Hade criar vergão sob o apertado
Jugo de Cesar. Não te salva a morte,
Que vivo — vivo has de cahir no laço. *(Pausa consideravel)*
Eil-o aqui vem o principe dos Numidas.
Louco! A céga vaidade d'este barbaro
Hade ser instrumento proveitoso
De meus designios. Nem será difficil
O enganal-o. — Vem com elle Porcio.
Que nausea que me faz este mancebo!
Ambos, ambos de dois. — E como affectam
Do pae o tom sentencioso e grave,
A pomposa virtude, o olhar austero!
Mas o Numida é Numida; no sangue
Ardente do Africano a febre é facil
De inflammar prompta, e desvairar no cerebro
Essas lições romanas de prudencia.
Cumpre dissimular, fingir com elles.

SCENA V

SEMPRONIO, PORCIO, JUBA

Porcio

Oh meu Sempronio, oh firme, certo amigo
Da moribunda Roma, espirito, alma
Do vacillante povo, emfim te encontro!
Ha muito te buscava.

Sempronio

Salve, Porcio.
Do maior dos Romanos digno filho,
Esperanças da patria! — Meu amigo,
Eis-me aqui. N'estas horas de agonia,
Grata consolação é ver unidos
No funeral da patria os que inda podem
Carpil-a sem remorso e sem vergonha.

Porcio

Meu Sempronio, abracemo-n'os ainda
Por esta vez, que ainda somos livres.

Ai! talvez amanhan não poderemos
Fazel-o já — sem nos acharmos ambos
No vergonhoso amplexo d'um escravo.
Que disse eu! amanhan... ah, porventura
Este sol que ahi nasce é o derradeiro
Que luz sobre a romana liberdade.

Sempronio

Confias pouco nos supremos deuses.
Teu venerando pae, suas virtudes
Inda nos restam.

Porcio

Ah! meu pae como hade
Resistir só por si á conjurada
Fôrça de homens e fados? É só elle
Na terra, — e a terra toda é já de Cesar.
Suas nobres tenções hão de ir ao cabo,
Sua constancia ferrea não vacilla;
Morrerá, porém, livre. Mas nem todos
Com a alma de Catão os dotou Jupiter.

Juba

E quem tam vil será?

Porcio

Não sei: mas vagam
Entre as cohortes dissenções, murmurios...

Juba

Mas não entre os meus Numidas. — Se fosse...

Porcio

Não, principe; a villeza em nossos dias
Toda é romana. Ha traidor occulto
Que anda excitando esses quebrados restos
Das legiões de Pompeu á rebeldia.
Quem elle seja ignora-se...

Sempronio, *áparte*

A seu tempo
O saberás.

Porcio

Que dizes?

Sempronio

Nada: — indigna-me,
Custa-me a crer que exista um monstro...

Porcio

Existe.
E encoberto, inda mal! Porém que importa
Seu machinar, suas traições j'agora!

(Vão passando alguns senadores, que entram pelo portico)

Ahi vão concorrendo á humilde curia
Essas tristes reliquias de Pharsalia
A que ainda senado appellidâmos...

Juba

Appellidaes... que dizes! — Toda a pompa
Triumphal de Roma, todo o brilho antigo
De sua glória, ao senado nunca deram
Tam solemne realce e majestade
Quanto a presença de Catão. — Seu nome,
Seu nome só é como um sello augusto
Que a despeito dos numes, santifica
A causa que elle abraça: — é força ingente,
Antemural onde o impeto se quebra
De tantos, tam vaidosos inimigos.
Quem póde ouvil-o, vel-o só, e n'alma
Não sente um religioso terror santo,
Que opprime e eleva, humilha e exalta o ânimo
Como o aspecto de um nume? É Roma inteira,
É o terrivel deus do Capitolio,
O Genio de Quirino que está n'elle,
E deante do qual o proprio Cesar,
Cesar á frente de hostes invenciveis,
Suberbas da conquista do universo,
Cesar triumphador treme e vacilla.
Ah, se em vez de me dar barbara patria
N'estes sertões inhospitos da Libya,
Me outorgaram os ceus nascer Romano;
Se, como tu, podesse, ó caro Porcio,
Chamar-lhe pae!—Não ha maior ventura
Que possam numes conceder na terra

Porcio

Teu coração, amigo, te compensa,
Nova patria te dá. Nascer Romano
E' glória só quando estremados feitos,
Quando virtude austera desempenham.
Nome—que foi tam nobre... e hoje!—Principe,
Do vicio a nódoa, as máculas do crime,
Não as podem lavar do Tibre as águas.

Sempronio, *(áparte)*

Não posso ouvil-os mais. *(Alto)* Meu Porcio, deixo-te:
Não tarda que o senado se convoque.
D'esta sessão solemne e derradeira
Depende tudo. Adeus! E' necessario
Incitar uns, suster a vacillante
Virtude de outros.—Principe, o teu nobre
Esforço e coração Roma precisa
N'esta hora de perigo—extrêma..: a última
Talvez—porém amigos como Juba
N'esta hora é que se acham.

Juba

Não duvides
De mim, Romano. O sangue não vingado
De meu pae ainda ahi está revendo fresco
Deante de meus olhos. Na orphandade
Tua patria me adoptou; tua patria é minha.
Ao menos para dar por ella a vida,
Roma é tam minha como tua

SCENA VI

PORCIO, JUBA

Porcio

Juba,
Que tens, que tam severo respondeste
Ao senador? Tam triste e pensativo,
Fitas no chão os olhos carregados;
Em que meditas?

Juba

Eu?—Na mal-azada,
Pouca ventura minha, que me trouxe
A' situação penosa em que me vejo.
Porcio, tu—tu conheces a minha alma;
Mas elles não. Suspeitam-me, duvidam
Da minha fé: extranho sou, um barbaro
Entre vós.

Porcio

Entre nós, tu, Juba! - Enganas-te:
Amam-te, querem-te, honram-te. Não ouves
Meu pae como te fala, quantas vezes
Te chama filho?

Juba

Teu pae, sim: oh, esse
E' o maior dos homens, o mais nobre,
Mais generoso, mais leal. Mas Porcio,
Quantos Catões ha em Roma?—Este Sempronio
Desconfia de mim.

Porcio

Elle!

Juba

As palavras
Que me disse ao partir .. Não reparaste
Como falou de amigos, da arriscada'
Hora do p'rigo?

Porcio

Quê! interpretaste
O seu dizer assim?—Não dês, amigo,
A vans suspeitas attenção funesta.
Assás, principe, assás nos sobram causas
De dôr e de afflicção. Ai! todo o esfôrço,
Toda a virtude de Catão não bastam
Para suster o pêso do infortunio.
E que póde elle só contra a torrente
D'um povo inteiro, uma nação d'escravos
Que humildes correm a accurvar se ao jugo!
Em Utica encerrado, triste chefe
D'um exercito frouxo e destroçado,
O que hade elle esperar,—que nos sobeja
D'essa van sombra de senado e Roma?

Juba

Sobeja-nos Catão: e é muito ainda.

Porcio

E' muito:—porém quanto hade durar-nos!
Vamos, amigo, vamos, que a hora chega,
Vel-o entrar para a curia. Approveitemos
E'sta occasião de contemplar ainda
Mais uma vez aquella face augusta
Reverberando toda a majestade
Da extincta Roma,—e ouvir o som tremendo
D'aquella voz que, em meio do senado,
Troa como echo d'essa voz divina
Com que a nossos avós salvou da infamia
Jove Stator. —Como o severo aspeito,
Tam severo e tam placido!—me infunde
Respeito e amor!—Disseste bem, meu Juba:
Feliz a quem tal pae os deuses deram!
Mas... ai de mim! oh, que presagios negros
Me agoira o coração no sobresalto
Com que me anceia n'estes baques rijos,
Desencontrados que me dá no peito
Co'a só lembrança, a idea de perdel-o!
Prouvesse aos deuses immortaes que ao menos
Adeante eu vá,—nem veja o sacrificio
Que nas aras da patria.. Indigna, Roma,
E merécel-o tu?—Eternos deuses,
Como soffreis que o vicio, o crime, a infamia
Reinem sós, coroados do perjurio,
Na avassallada terra!—Amigo, vamos:
Seja maior que a mágoa o soffrimento;
De atormentar-nos se envergonhe o fado;
E se cumpre ceder, cahir co'a a patria,
Caiamos sim, mas homens, mas Romanos.

ACTO SEGUNDO

Interior delapidado do antigo edificio barbatico, preparado para a convocação do senado

SCENA I

CATÃO, MANLIO, MARCO-BRUTO, SEMPRONIO,

LICTORES, SENADORES

Vão entrando os senadores e tomando seus assentos, que estão dispostos em semi-circulo —Depois de breve espaço, Catão precedido de lictores. Os senadores se erguem para o saudar. Permanecem todos em silencio por algum tempo. Catão levanta-se para falar ao senado, e se lhe inclina.

Catão

Padres de Roma, augustos senadores,
Da patria moribunda unico apoio,
Quanto inda folgo de vos ver unidos,
De contemplar em vós esses Conscriptos
Que de sôbre o tremendo Capitolio
Repartiram os fados do universo,
E aos reis vencidos, ás nações postradas
Deram co'a espada leis, co'as leis virtudes!
Permitti que a minha alma se demore
N'estas ideas de passada glória:
Ah, quem sabe se é esta a vez extrêma
Que me é dado ante vós o recordál-as,
E a derradeira vez góso a ventura
De olhar-vos juntos e vos ver Romanos!
Sim, ó Padres, assás glória e renome
Coube a nossos avós; maior nos cabe,
(Não duvideis) maior nos cabe ainda.
N'este humilde logar, entre estes muros,
Quasi cercados de armas inimigas;
Sôbre nossas cabeças cada instante
Vendo troar da tyrannia os raios;
Sem accurvar ao pêso do infortunio,
Unidos inda pela voz da patria...
O senado de Roma é mais augusto.
—Esta patria, esta Roma o seu destino
De vós espera agora: a vós incumbe
Decidir de seu fado.—Cesar chega:
Um exercito.. , (sim, o horror do p'rigo
Dissimular não cumpre a vossos olhos,
Nem diminuir o pêso ao sacrificio)
Um exercito forte, victorioso,
Formidavel o segue. Escassas, debeis
São nossas fôrças, fracos os repairos,
Attenuados os muros.—Que nos resta!
Que nos convem fazer? Como devemos
Tratar esse homem temerario, ardido,
Ambicioso, insaciavel?—A fortuna
Tem coroado seus crimes com victorias.
—Desculpae-me o avivar chagas que sangram.
Recordar os horrores de Pharsalia!
Esse dia fatal lhe entregou Roma,
E a morte de Pompeu o Egypto e o Nilo.
Juba, Scipião cahiram por seu ferro ..
Inda fumma talvez a areia ardente
Da Numidia, ensopada em sangue fresco;
E no vasto silencio do deserto
Inda arquejam talvez corpos romanos.
Não ha sangue que o farte, não ha crime
Que o detenha: seu carro de triumpho
Não impeça nos montes de cadaveres
Que lhe juncam a estrada. Fique o mundo
Todo um sepulchro, um só moimento a terra...
Mas reine elle senhor sôbre esse tumulo.
—A cubiça de imperio que o devora,
Que lhe incha o coração, lhe rala o peito,
Té os mesquinhos areaes estereis,
Estes plainos torrados, infructiferos *(pausa)*
Da Lybia nos inveja.—Agora, ó Padres,
Dizei: qual é vossa alma, as tenções vossas?
Inda ousaes defender a liberdade?
Firmes em acabar primeiro que ella,
Inda ousaes preferir a morte honrada
Ao jugo, á escravidão?—ou já cançados

Fatigados do pêso do infortunio,
Baixos os corações, curvos á sorte, *(pausa)*
Dispostos vos sentis a?...—Bruto fale.

Marco-Bruto

Eu voto a guerra.—E guerra só nos cumpre.
Nada nos resta mais, bem sei, que o ferro,
Amontoadas legiões Cesar commanda;
Mas a espada que temos é romana,
Mas as legiões que o seguem são de escravos:
E póde um cidadão tremer ante elles?
Poucos somos: mas livres, mas ousados.
No furor da peleja, quantas vezes
Um só braço bastou a decidil-a?
E quantas foi um golpe venturoso
Longas victorias desmentir n'um dia?
Tem uma vida só, como os mais homens,
(Se homem podeis chamar-lhe) esse tyranno.
Cesar.. Ah! co'este nome em vossos peitos
Não ferve a indignação, não pulla o odio?
Não ouvis esses manes insepultos,
Cujos honrados, venerandos corpos,
Pasto deixado nos areaes da Lybia
Foram aos monstros do aspero deserto?
Não lhe ouvis os clamores de vingança:
Mais de metade do senado augusto,
De que vós só restaes, lá jáz com elles;
E este mesmo senado inda duvida,
Pausado agita, frio delibera
Sôbre a causa da patria... Ah, não, ó Padres,
Não vale em lances d'estes a prudencia,
Só produz enthusiasmo as acções grandes.
Eil-os, nossos irmãos, sagradas victimas,
Eil-os bradando de Pharsalia ainda!
Que as chagas rôxas do rasgado peito
Nos apontam, nos mostram, nos excitam!
Vêde-a, do gran'Pompeu a sombra inulta,
Vêde-a, como nos ficta despeitosa,
Como a troar da maldição os raios
Quasi prompta... Ah! mas vós, vós sois Romanos:
Em vossos corações já vejo a patria,
Já leio em vossos olhos a victoria.
Senadores! romanos senadores
Vós sois:—ávante, eia ávante, ó Padres!
Não aguardemos que o inimigo ousado
Venha em nossas muralhas atacar-nos;
Vamos nós mesmos, nós, o ferro em punho,
Por entre essas indomitas phalanges
Longa abriremos sanguinosa estrada...
Se não para a victoria que nos foge,
A' glória ao menos de expirar Romanos.

Catão

Bruto, esse furor não é romano.
Cumpre esfôrço, valor, constancia rigida,
E não temeridade. Co'as extremas
Do vicio intesta a raia da virtude:
Pôz-lhe eterna barreira a natureza;
Mas não a vê o que vendado corre
De paixões cegas;—passa, e não conhece
Os prescriptos limites;—confundindo
Vicios, virtudes, indiff'rente os segue
O espirito agitado; e em seu delirio
Crimes perpetra por acções de glória.
Discriminál-os e a face augusta
Da virtude estremar do vicio occulto,
Obra é só da razão, só ella o ensina.
O nobre enthusiasmo, o patriotismo
Que, audaz mas firme, ardido mas prudente,
P'rigos não busca—Mas não teme os p'rigos,
Raios não troa—mas não teme os raios,
Este valor, ó Marco, esta ousadia
Foi a dos Scipiões, era a dos Fabios,
Esta é só da Razão—e só romana.
—Esses nossos romanos companheiros
De tanta cicatriz ennobrecidos,
Que a espada tantas vezes empunharam,
Tanto sangue verteram por seguir-nos,
Por defender da patria a santa causa,
De suas vidas acaso a mesma patria
Não nos confiou a nós cuidado e guarda?
E iremos nós, mais barbaros que Cesar,
Arrojar-lhe ás suas hostes famulentas
Esses poucos fieis—como repasto
Dado a feras no circo!—Iremos impios
Dar-lhe a beber á fratricida espada
O puro sangue civico Romano!
E Roma que dirá?—com que justiça
Não clamará que, barbaros e insanos,
Só nos guiou phrenetico delirio;
Que prodigos do sangue de seus filhos,
Vaidosos, sem piedade o derramámos
Por fazer nossa quéda mais brilhante?
Que nossa morte—sacrificio inutil
De pompa van, de fasto esperdiçado,
A de mil cidadãos custou a patria?
Não, Padres, não vos cegue o falso brilho
D'esse heroismo vão: sejamos homens,
Que homens fomos primeiro que Romanos.
—Manlio, os teus sentimentos livremente
Expõe agora.

Manlio

A grandes desventuras
Nos reservaram despiedosos fados.
Infeliz quem, no choque tumultuario
De civis dissenções, o pôz a sorte
Ao mui difficil leme do govêrno!
N'esse arriscado, perigoso empenho
O menor dos desastres é a morte:
Das marulhosas vagas açoutada
Sossobra a nau do Estado; e é fôrça em breve,
Se lhe não accalmar contrário vento,
Nas sorvedouras syrtes affundir-se.
Embora empregue sabedoras artes
O piloto infeliz, que hãode imputar-lhe,
Hãode fazer-lhe das desgraças—crimes.
Erra de orgulho, cega de vaidade
Quem presume guiar com mão certeira
O tropel desvairado e tumultuario
D'uma revolução. Rebenta subito
Em turbilhões torrente impetuosa,
Que arrastara e leva planos e projectos,
E, co'o homem que os urdiu, os roja ao abysmo.
Confesso, ó Padres; timida a minha alma
Não ficta sem horror tam negras scenas.
Pela patria morrer sei que é virtude:
Mas pede Roma a nossa morte?
Póde-lhe ella atrazar um só momento
A inevitavel quéda? o nosso sangue,
No mar da escravidão gotta invisivel,
Adelgaçar-lhe os ferros que a agrilhoam
Derrubando as columnas vacillantes
Que o edificio ruinoso escoram
Da patria liberdade,—essas ruinas
Não desabam mais presto ao precipicio?
Co'a nossa morte Cesar satisfeito
Hade a espada embainhar, depor o sceptro?
Ser-lhe-hão degraus para descer do throno
Os cadaveres nossos? Não, ó Padres:
De taes futuros não me illude a esp'rança.
Pésa a severa mão d'alta justiça
Sôbre o orgulhoso collo dos Romanos:
Da nossa liberdade o altar cruento
Na alheia escravidão foi cimentado;
Livres, fomos lançar grilhões ao mundo,
E temerosas Aguias desferiam
O vôo assustador, do Capitolio,
Ao sôpro da ambição. São esses ferros
Com que os povos da terra agrilhoámos
Que hoje revertem para os nossos pulsos.
Tarde ou cedo reduz justo castigo

Povo conquistador a povo escravo:
E sempre... Mas, o horror de nossos crimes
Basta de recordar: cumpre ameigar-lhe,
E não exacerbar da patria as dores.
Cesar vence e triumpha; e ao mundo inteiro
Utica resta só. E Utica póde
Salvar o mundo? Não—Aligeirar-lhe
A certa escravidão? Sim: pode, e deve.
No naufragio geral, uma só taboa
Que se possa afferrar, conduz ás vezes
(Embora moribundo) á praia o nauta;
E o que fiou dos braços vigorosos,
Experto nadador, sua esperança,
Mais vezes inda, cança, esvae-se e morre.
Toca-vos escolher. Voto que a Cesar
Se envie legação, paz se proponha:
Vejamos se um tractado póde ainda
As reliquias salvar da liberdade,
Ou antes—embotar á tyrannia,
Pouco que seja, o gume assacalado
É morta Roma, sim, morta de todo:
Aos filhos orphãos, salve-se-lhe ao menos
Um retalho sequer da patria herança.

Marco-Bruto, (*Que tem dado signaes de grande impaciencia durante a fala de Manlio*)
Acabaste?

Manlio

Acabei.

Marco-Bruto, (*Tirando um punhal do seio*)
Vês este ferro!
Romanos como tu egual resposta
De mim só levam...

Catão, *Levanta-se e todo o senado*
Temerario! um ferro
Arrancas no senado! Este é o respeito
Que lhe guardas! Assim a majestade
Acatas da republica!—Lictores,
Expulsae o insensato que profana
Tam sagrado logar.

Manlio

Eu lhe perdôo...

Catão

Mas não perdôa Roma. Nas cohortes
Como raso soldado seja inscripto:
Sob o centurião, em dura 'schola
Milite e aprenda—emquanto, mais de espaço,
O castigo cabal dar a seu crime
A' curia não apraz.

Marco-Bruto

Humilde ob'deço
A's ordens de Catão.

Catão

A's do senado.

SCENA II

CATAO, MANLIO, SEMPRONIO, SENADORES, ETC.

Manlio

Impetos juvenis!—a alma de fogo
O cerebro lhe escalda.

Catão

Manlio, agora
Já nos não ouve Bruto...—Tu pretendes
A ti proprio illudir-te. Baloiçando
Do precipicio ás bordas escarpadas,
Não lhe vês todo o horror. Já vaes de rôjo
Pelo despenhadeiro, e cuidas inda
No meio da cahida segurar-te?
Enganas-te: deludem-te vãos sonhos
E' uma, é uma só a liberdade,
Indivisivel sempre: se um só ponto
Roubar-lhe intentas,—ella que te foge
Para mais a não ver. Roma, tu dizes,
Não quer a nossa morte. Não, por certo.
Porém que idéa formas tu da vida?
Vivem acaso em ferros os Romanos?
Não morre o homem quando vive o escravo?
E quem te diz que o orgulho do tyranno,
Que imagina um dom seu deixar viver-te,
Não hade n'algum hora de capricho
Enfastiar-se da dadiva? e a um aceno
Do ferreo sceptro está comtigo a morte.
E vida tal, aprecial-a podes?
Tam precaria, miserrima existencia
Vale o momento de morrer com honra?
Votas que a Cesar legação se envie:
Quero que a acceite, quero que inda possas,
Co'esse phantasma vão de um vão tratado,
Salvar isso que chamas as reliquias
Da nossa liberdade. Que cegueira!
Libras sobre a palavra d'um tyranno
De liberdade esp'ranças? Tu confias
Thesouros de valor nas mãos do avaro!
Que te póde guardar quem fés quebranta?
Que tractados manter quem leis despréza?
Roma não tinha leis quando Tarquinio
De cidadãos Romanos fez escravos?
Phantasmas esses são de liberdade
Que, nem phantasmas, mais do que horas duram:
Todo o véu da illusão se rasga em breve;
Cae-lhe o postiço manto mal seguro,
E em todo o horror da morte se descobre
Da escravidão o livido squeleto.
Não, de remedios taes eu não confio;
Ou liberdade, ou morte. — Este é o meu voto.

Sempronio

Ou liberdade ou morte! — é voto unanime
Do senado. Romanos somos todos:
E que Romano a discrepar se atreve
De tua sentença, de teu nobre voto,
O Catão? tu és a alma da republica,
O genio que preside a seu destino.
Tu, salvador magnanimo da patria,
Confusão de perversos, de traidores,
Flagello de tyrannos, tu decide,
Dispõe de nós: em tuas mãos se entregam
Estes poucos fieis, que irão contentes
Por ti, comtigo, té o extremo, á morte.
Tu faze, tu governa: em tua dextra
Poderosa o senado põe a esp'rança
E a auctoridade toda da republica.
Senadores, não é este o consenso,
O desejo, o voto último e concorde
De quantos somos pela patria ainda?

Catão

Não é o meu.

Manlio

Nem o meu.

Sempronio

E' o de nós todos.

Muitos senadores

Todos!

Catão

Padres, ouvi-me. Estes momentos,
Que temos de conselho, valem seculos,
Não são de esperdiçar. De dictadores
Temos sobejo por agora em Cesar.
Prouvesse aos deuses immortaes que a fôrça

CATÃO — *Bruto* (tirando um punhal) — Vês este ferro? — PAG. 544

Acto II — Scena I — Catão, Manlio, Marco-Bruto, Semptonio, lictores e senadores.

Dos que se oppõem á auctoridade illicita,
Usurpada de Julio, tal crescesse
E tanta, que mister nos fosse ainda
D'essa magistratura formidavel,
Que a miudo salvou, que salvar póde,
E póde destruir a liberdade,
Que a anniquilou emfim! Em nosso triste,
Desamparado, des'esperado estado,
Crear um dictador fôra.. de mofa,
De escarneo — e proprio objecto para o riso
De nossos inimigos, — do universo,
Que os olhos tem cravados n'estes muros,
N'estes rotos pardeiros que muralhas
Foram d'Utica. -- Fala, honrado Manlio:
Tua sentença não é a minha; oppostos
São nossos votos; serão sempre unidos
Nossos principios. — Tu não julgas inda
Necessario escolher entre os dois termos,
De morte ou liberdade Embora! oiçamos:
Expõe teu voto: um parecer contrario
Não offende a Catão; e é honra, é gloria
Ser contestado pela voz de Manlio.

Manlio

A minha voz, Catão, tu bem o sabes:
A minha voz, o meu sincero empenho,
Todo o meu coração é pela patria,
É pela liberdade. Ah! este braço,
Que ora treme de velho, já foi rijo
E pelejou por ella. -- Mario, Sylla,
Catilina me viram sempre á frente
De seus mais resolutos inimigos.
Esta lingua, que mal hoje articula
Ineloquentes sons, já deu mais forte
Brado na curia: nem se ouviu meu brado
N'outra causa senão da liberdade.
É trémula hoje a voz, trémulo o braço,
Mas em Pharsalia não tremiam... — Padres,
Desculpae, perdoae — um derradeiro
Lampejar de decrepita vaidade...
Que fiz eu? o que todos vós fizestes;
Menos, que menos arrisquei por certo.
Poucos dias de vida enferma e inutil,
Que me sobram na terra, é sacrificio
De preço vil e abjecto. Orpham de prole,
Só, deixado n'um êrmo ao pé da campa,
Que hostia sou eu para o altar da patria?
Serve assim mesmo o sacrificio? Prompto
Aqui está todo o sangue: pouco, frio
Sem vida é já, mas de vontade e facil,
Hade deixar as congeladas veias.
Cuidaes que por mim falo, que me importa,
Que me pêza das horas minguadas
Que hade cercear-me o ferro do tyranno?
Não, Padres: é por vós, é pela patria
Que falo, peço, que supplico, imploro:
Não pereçaes, em sacrificio inutil.
Vossos dias--e os teus, gloria de Roma,
Esplendor derradeiro de seu nome,
Catão, esses teus dias preciosos,
Oh, não os barateies tam sem fructo!
Cesar teme, respeita essas virtudes
Que adornam o mais digno dos Romanos.
Tu pódes inda ser o amparo, o abrigo
Da abandonada patria. A liberdade
Acabou, mas seus filhos desherdados,
Foragidos, caçados como feras
De serra a serra, e do povoado ao monte,
Hasde desemparál-os, quando pódes
Alliviar-lhes as penas, protegêl-os,
Ser-lhes pae?... Oh! não posso mais... succumbe
O coração tam velho á mágoa, ao.. (*Senta-se*)

Catão

Nobre
Coração é o teu--e generoso,
Que as nobres qualidades d'elle emprestas
A quem não sabe, nunca soube a têmpera
De que taes corações são fabricados.
Cesar não tem mais sentimentos n'alma
Que um só, — desejo de podêr. De affectos,
De paixões de homem, uma só lhe absorve
As outras todas--ambição. Virtudes,
Crimes, feitos de infamia ou de honra, o cego
Não distingue; nem crê o impio em deveres,
Em virtudes em leis de homens ou deuses.
Finge (e fingir sabe elle) esse respeito,
Esse amor de acções nobres e de glória.
Aonde viste que ao podêr supremo
Subisse usurpador sem o cortejo
Da hypocrisia?--Ama-me, diz elle;
Respeita-me, crês tu!--Quizesse o fado
Dar-me vivo em suas mãos...(vivo não hade)
E verias ao carro maniatado,
Jungido como um barbaro captivo,
Esse Catão cuja amizade o perfido
Tanto finge buscar.—Virá o dia
De seu triumpho: vêl-o-ha Roma: e o pejo
Fará suar no marmore as estatuas
Do Capitolio. Fabio, Cincinnato,
E' tu, ó gran'Censor!--mais que essas brutas
Pedras em que os Romanos se tornaram,
Vossas imagens sentirão a affronta,
Quando a minha--levada em pompa infame
Deante do vencedor... (*Silencio geral*)
Padres, viemos
A este conselho por mais alto empenho,
Para maior objecto. Desviaram
Prevenções generosas de amizade,
De mui cega amizade—para um tenue,
Inconsid'ravel, minimo interêsse.
Senadores, da patria é que se tracta,
Da liberdade, e do que nos incumbe
Fazer por ambas n'este caso extremo.
Falae:—Manlio e... Sempronio...

Sempronio

Guerra, guerra,
E liberdade, emquanto ha sangue a dar-lhe!
E Catão dictador: meu voto é este,
Foi e hade ser. Inutil embaraço
E' um senado aqui, deliberando
Entre armas e combates...

Manlio

E quem trouxe
Para aqui o senado? Quem, Sempronio,
Quem declamava mais entre as cohortes
Contra esse a quem agora generoso
A dictadura offreces? Quem bradava
Que estes poucos, dispersos senadores
Se deviam juntar, e pôr limites
A' auctoridade de Catão, que a ôlho
Dizias tu, crescida desmandada
E ameaçava a republica. Tu foste;
Tu Sempronio, e teus garrulos clientes
Convocou-nos esse homem suspeitoso,
Esse Catão que...

Catão

Eu te rógo, amigo;
Manlio, basta.

Manlio

Não temas: serei breve;
Conter-me-hei.—Viemos, consultámos,
Deliberámos; e o poder supremo
Quinhoámos entre nós; commum a todos
Nos foi a glória da tenaz contenda,
D'esta longa, porfiada resistencia
Que eterno hade fazer o nome de Utica.
Spontaneos, voluntarios, a nós proprios

Nos constituimos em senado e curia;
E á nossa auctoridade submettêmos
Milhares de homens!--Voluntarios, digo,
Viemos ao perigo--e, emquanto longe,
Governámos senhores, respeitados,
Como no Capitolio obedecidos.
E havemos agora--oh vil, indigna
Proposição, de proferir covarde,
Affrontosa de ouvir!—e agora havemos
Nós mesmos, nós, quando mais perto arrocha
O laço do perigo—o pêso grave
Que espontaneos tomámos, arrojál-o
Ao chão, sem pejo!—ou—que tanto vale,
Descahir co'elle todo sobre os hombros
Do Atlante a quem vaidosos não quizemos
Confial-o atéqui? Tal fôra a mancha
Da acção vil, que nem todo o nosso sangue
A deliria no porvir da historia.
Não, senadores; não cubraes de infamia
Os ultimos instantes do senado.
Minha opinião sabeis: persisto n'ella:
Se for possivel transigir com Cesar,
Pactuar sem desaire, e poupar sangue;
Faça-se. Mas fugir covardemente,
Desertar, como transfugas, do pôsto
Que escolhemos!. . Pereça a idea ignobil,
E pereçamos todos: reine Cesar,
Reine, — mas seja só por crimes d'elle.

SCENA III

CATAO, MANLIO, SEMPRONIO, PORCIO, SENADORES, ETC.

Porcio

As portas da cidade se apresenta
Um legado de Cesar: pede audiencia.

Sempronio

De Cesar!

Manlio

O' Catão, talvez nos traga
Honrosas condições de paz: attende-o.

Catão

Ou traga paz ou guerra, entre e se escute.

SCENA IV

CATAO, MANLIO, SEMPRONIO, SENADORES

Sempronio

Queres ouvil-o?

Catão

E porque não?

Sempronio

Discorda
Condescendencia tal de teus principios.

Catão

Principios meus! — Os da razão só tenho.
E' dever escutar os homens todos.

Sempronio

Um tyranno tambem!

Catão

O fanatismo
Está mais longe ainda da virtude
Do que todos os vicios. E se unida
A hypocrisia lhe anda...

Sempronio

Não mereço
Que tam feia suspeita...

Catão

Não mereces,
Tens razão, — não mereces nem suspeitas.

SCENA V

CATAO, MANLIO, SEMPRONIO, DECIO *com cortejo*, SENADORES, ETC.

Manlio

E' Decio o embaixador.

Catão

Quem? — Oh vergonha!
Decio, um homem equestre!... Vista indigna!

Decio

A Catão, saudar Cesar me envia.

Catão

Catão não vejo aqui, vejo o senado.
Eu Cesar não conheço.

Decio

O invicto, o grande
Triumphador do mundo a ti me envia.
Suas hostes em frente d'estes muros
O signal só aguardam da peleja...
Antes o da victoria. Mas tal preço
Tem Catão a seus olhos, tanto adora
O dictador magnanimo as virtudes
De seu grande inimigo, que estremece
Pela primeira vez, — e mal se atreve
A seguir a fortuna que o precede
Deante do teu, seu genio acovardado
Vacilla: — teme o vencedor da terra
De ficar vencedor! Tal é o zelo,
O empenho com que, á custa de seus louros,
Quer salvar os teus dias preciosos.
No rendido universo tu sómente
Lhe resistes: e a grande alma de Julio
Com tal competidor se ensuberbece.
Virtuosa vaidade, ambição nobre!
Triumphar de Catão, Cesar deseja,
Mas não co'a espada. Generoso outorga
Aos companheiros teus, por teu respeito,
Amnistia geral: dadiva tanta
Por condições só tem — «Catão amigo.»

Catão

Disseste?

Decio

Disse.

Catão

Julio nada envia
A dizer ao senado?

Decio

Nada.

Catão

Parte.

Decio

Catão, ouve um momento. Os teus amigos
Queres sacrificar? Queres tu mesmo
Desafiar do vencedor as iras?
Quando elle generoso vem propor-te
O santo bem da paz, nem ouvir queres
As condições?

Catão

As condições são estas:
Desarme as legiões, deponha a purpura,

Abdique a dictadura; á classe torne
De simples cidadão, e humilde aguarde
A sentença de Roma. — Então eu proprio,
Quanto inimigo fui, cordeal amigo,
Seu defensor serei. Jámais no fóro,
No senado se ergueu meu brado austero
Para defender crimes: — e a tal crime
Como o d'elle, Catão será patrono.
Sel-o-ha: por elle subirei aos Rostros,
E heide pedir, rogar, supplice, humilde,
Empenhar quanto sou e valho em Roma,
E alcançar-lhe o perdão, volvel-o á patria.

Decio

Mas vê que...

Catão

Nada vejo.

Decio

Acaso ignoras
Quem Cesar nomeou á dictadura?
Que o senado de Roma?...

Catão

Esse senado
E' vil rebanho dos mais vis escravos:
Nem ás margens do Tibre existe Roma
Eu e os que vês, nós somos o senado:
E em nossos corações é que está Roma.
Dizei, ó Padres: ao tyranno Cesar,
Guerra votaes ou paz?

Todos

Guerra.

Catão

Ouviste?

Decio

E vós, que vos dizeis os paes de Roma,
Os dias de Catão em nada os tendes!
Tam preciosa vida...

Catão

A minha vida
E' a vida de Roma; e os meus dias
Vincularam os céus aos dias d'ella.

Decio

E tu, Manlio, tu tambem!—Tu moderado,
Prudente, e cedes ao impulso louco
D'esta cegueira!

Manlio

Cega é a honra, Decio?
Que condições de paz trouxeste? Ignobil,
Indulto vil do vencedor soberbo.
Quaes crimes nos perdoa? O amor da patria,
A lealdade a Roma?—Que fianças
Da vida de Catão nos dá?—Fui sempre
Eu aqui o advogado da paz;—unico
Na curia fui, e persisti: mas hoje,
Agora, a minha voz foi a primeira
Que bradou guerra—e bradará constante
Emquanto houver de optar entre as desgraças
Da guerra—e a infamia de tal paz.

Decio

Embora!
Minha mensagem dei. Cesar perdoa,
Mas não a ingratos. Choral-o-heis já tarde.

Sempronio

E com que audacia tu, com que soberba
Contas assim tam certo co'a victoria?
Falas com tal despejo, tam seguro
Como se a todos nós já sôbre o campo
Viras extinctos, ou nos ferros torpes
De teu feroz senhor maniatados.
Já supplices nos crês aos pés de Cesar?
Já por escravos teus nos imaginas?
De nossas forças quem te disse o estado?
Temos armas, e braços de sobejo
Que essas temidas legiões rechassem.

Catão

Um Romano, Sempronio, nunca mente.
Decio, não temos nada: debeis, poucos
Moribundos soldados nos defendem.
Frageis muralhas entre nós e a morte
Intermeiam apenas. Pouco resta
Para a espada de Cesar. Mas não julgues,
Ainda assim, tam facil a victoria.
Emquanto a dextra segurar um ferro,
Emquanto a voz não fenecer nos labios,
Emquanto aqui não resfriar de todo
No sangue de Catão, de Roma o sangue..
—Terra e céus a abandonem!—desvalida
Não ficará de Roma a liberdade.

Decio retira-se acompanhado de seu cortejo, e de soldados romanos e numidas.—Depois de breve espaço, Catão precedido dos lictores, sai por outro lado: seguem-n'o os senadores todos.

ACTO TERCEIRO

Mesma vista do acto precedente

SCENA I

MARCO-BRUTO, DECIO

Marco-Bruto

Não aporfies mais: eu não recebo
Mensagens do tyranno.

Decio

Se souberas
O que encerra esta carta!...

Marco-Bruto

Encerre embora
Os thesouros do mundo. Não a acceito.

Decio

Marco, dá-me attenção—ao teu amigo...

Marco-Bruto

Amigo tu!

Decio

Outr'ora m'o chamavas.

Marco-Bruto

E quanto me enganei!

Decio

E eu que esperanças
Não concebi de tuas virtudes!

Marco-Bruto

Falas
Tu... falas em virtudes!.. tu!

Decio

E pensa
De Catão o discipulo orgulhoso
Que a avara natureza os seus thesouros
Só os gastou com elle,—e desherdados,
Para o enriquecer, deixa os mais homens?

Marco-Bruto

Homens!... Homens sois vós?

Decio

Mui falsa ideia
Fizeste da virtude: amena e doce,
Não aspera, selvagem, desabrida,
A crearam os céus; ao peito humano
Foi dadiva e mercê, não foi castigo.
Tua philosophia arida, abstrusa,
Não corrompe talvez—porém desseca
O coração, e ao natural impulso
De ingenuos sentimentos substitue
Compressão de phantasticos preceitos.
Artificiaes virtudes são as vossas,
Não as que o sôpro dos eternos deuses
Influiu n'alma do homem. Marco, Marco,
A virtude é mais bella, mais formosa
Do que teus vãos philosophos a pintam.
Não é esse esqueleto descarnado
Após o qual subis estereis montes
Por caminho de fragas, precipicios...
Chegaes ao cimo—que encontraes?—deserta,
Desabrigada solidão de rochas,
Sem uma flor, um verdejar de relva,
Nem um pallido musgo que dê vida
A' cumiada esteril! E essa é á meta
A que tendeis! é esse o Bem supremo
A que aspiram desejos, esperanças,
Trabalhos do homem!

Marco-Bruto

Decio, esperdiçaste
Em ruins ouvidos a arte parasita,
Essa arte insidiosa, enganadora,
Filha da escravidão e da baixeza,
Que servos alcunharam de eloquencia.
Eloquencia!—Não é:—os rebicados
Meretricios enfeites com que se orna
Seduzem, não convencem: cegam a alma,
Ao coração não chegam seus podêres.
—Quando nossos avós, austeros guardas
Da patria liberdade, se opposeram
A que artes gregas na severa Roma
Ousassem metter pé—esses Romanos
Bem lh'entreviam a peçonha occulta
Na apparente belleza. Adornos falsos
A formosura natural impannam
Da verdade,—da candida verdade,
Que é por si bella e não carece de arte.
Verdade era a eloquencia dos antigos
Oradores latinos. Nunca ouviram
Outra o senado, os turbidos comicios;
Jámais emquanto Roma foi .. romana.
A Grecia, d'onde houvemos n'outro tempo
Leis de ouro—a Grecia escrava e corrompida
Já não tem Aristogitons, Harmodios
Para Hipparcos romanos, nem Demosthenes
Para nossos Philippes: avexada
De proconsules crus (mercê latina,
Dom de ferro, por tanto aureo presente,
De sciencias, de leis, que houvemos d'ella!)
Vinga-se como escrava,—propinando
A seus senhores o veneno lento
Que impeçonhou o sangue de Leonidas,
E a cuja virulencia nem resiste
O de Fabricio e Cincinnato. Enxames
De garrulos sophistas, de grammaticos
Vieram corromper a incauta prole
De Roma: seus theatros e palestras,
Seus livros, seus poetas e oradores
Affeminaram o viril aspecto
Da virtude latina.. —Aos homens todos,
Deu-lhes um livro só a natureza,
O proprio coração.

Decio

E n'esse livro
Achas ferocidade uma virtude?

Marco-Bruto

N'uma palavra só—questões deixemos:
Essa carta é de Cesar? Não a acceito.

Decio

Vê o que fazes: libram n'esta carta
Os futuros destinos dos Romanos.

Marco-Bruto

Como!

Decio

Ouve: de Catão (bem o conheço)
Temes a rigidez? Pois bem: a elle
Vae tu mesmo levál-a: elle que a leia. (*Entrega-lhe a carta*)

SCENA II

MARCO-BRUTO, (*só*)

A Catão... esta carta...—E eu recebi-a!...
Não me illudes, escravo; eil-a, que a rasgo.
Que faço!... ella de Roma encerra os fados.
Que importa! encerre os fados do universo:
E' do tyrano, rasgo-a...

SCENA III

MARCO-BRUTO, CATÃO

Catão

Bruto?

Marco-Bruto

Oh deuses!

Catão

Que fazias aqui?

Marco-Bruto

Eu!—esta carta..
Não a quiz—resisti—foi quasi á fôrça
Começada a rasgar...

Catão

A estes sitios
Como ousastes voltar—com que licença?

Marco-Bruto

Ordens do centurião.

Catão

Que carta é essa!

Marco-Bruto

Decio...

Catão

Decio!

Marco-Bruto
De Cesar..

Catão
Que oiço!

Marco-Bruto
Ah...

Catão
Dá-m'a. (*Lê*)
Cesar a Bruto.—O coração não soffre
Occultar-te mais tempo o arcano (oh deuses!)
Dos vinculos... que me unem (ceus!) *a Bruto.*
Tu... és meu filho - Saberás o resto
Nos braços paternaes... Vem, vem, meu filho,
Ajudar-me a reinar sôbre o universo.
(*Silencio longo*)

Marco-Bruto
Perfido, mente. Eu filho do tyranno!
Este sangue?...

Catão
E' de Cesar. (*Silencio longo*)

Marco-Bruto
Eu succumbo
Ao opprobrio, á infamia.—Sangue este é de Cesar?
(*Tira a espada*)
Impossivel! Não é.—Todo aqui jorre
Na terra; e o coração desaffrontado
(*Em acção de ferir-se*)
Do sangue vil--romano expire ao menos.

Catão, (*desarmando-o*)
Filho! .. Tu és meu filho. (*Abraçam-se*)

Marco-Bruto
Pae! .. Não; outro,
Deuses, deuses crueis! não podeis dar-m'o.

Catão
Sim, sim; eu sou teu pae: de tenra infancia
Como a filho (e que filho!) te amei sempre.
Eu te formei essa alma de Romano,
Que lagrimas... oh, lagrimas de gosto
Me faz verter agora. De teus dias
Occultei o segredo emquanto pude...

Marco-Bruto
Quêl filho eu sou?...

Catão
De Cesar. (*Silencio.*)

Marco-Bruto
Dá-me o ferro:
D'este sangue uma gotta, uma só gotta,
Não, não deve ficar sobre o universo.

Catão
Basta; meu filho és, filho de Roma:
Teus paes são estes.

Marco-Bruto
Cesar..

Catão
É um monstro.

Marco-Bruto
Mas...

Catão
O acaso não é crime. Escuta.
Ninguem ao despontar da juventude
Annunciou talentos mais brilhantes
Do que Julio mancebo. Na sua alma,
De romana grandeza, de virtudes
Desenvolvia o germe esperançoso
Que tam mal prosperou, que tanto souhe
Illudir-nos, cegar-nos. O perverso
Só se valeu dos lucidos talentos
Que em dom fatal lhe dera a natureza,
Para os fazer servir a seus projectos
D'avareza, ambição, de tyrannia.
Emquanto a van grandeza de sua alma
Nos fascinava os olhos, entretanto
Que de suas virtudes mentirosas
Nos deslumbrava a candidez fingida,
Manhosa serpe no dobrado peito
A peçonha nutria de seus vicios;
No refalsado coração lhe ardia
A negra tocha de execraveis crimes.
Do popular favor já precedido,
Caro a patricios, a plebeus acceito,
O idolo de Roma era então Cesar.
Todos n'elle agouravam firme esteio
Da patria, que d'então já começava
A baixar de valor, cahir de gloria.
Confesso, eu proprio me ceguei com elle:
Amei-o —amei-o tanto como a filho.
Qual o meu coração, minha pousada
Franca sempre lhe foi—E o monstro... o monstro
Fingia amar-me; parecia ao vêl-o
Nomear-me seu pae tam docemente,
Que me adorava o perfido.--Servilia...
Oh lembrança... lembrança de tormento!
Servilia, minha irman, por essas eras
Dava mate ás bellezas mais faladas
Da capital do mundo Pura e simples,
Sua alma era mais candida do que ella.
O coração, que o rosto debuxava,
Era a mesma innocencia. Viu-a, o perfido;
Viu-a, attractivos tantos o prenderam:
Sem dó de mim, sem mágoa da innocente,
Intentou seduzil-a... deshonrál-a...
Marco. . ai de mim!. . A timida donzella
Inexperta cahiu no laço indigno .
D'esse horroroso amor tu foste o fructo;
E a victima infeliz nas ancias cruas
D'algoz remorso pereceu em breve

Marco-Bruto
E elle?

Catão
Abandonou-a.

Marco-Bruto
E tu?

Catão
Eu pude
Vencer commigo a não morrer de pejo.

Marco-Bruto
E esse monstro é meu pae?

Catão
Gerou-te.

Marco-Bruto
Oh deuses!

Catão
Deves-lhe o dom mesquinho da existencia,
Fui eu que te eduquei; tu és meu filho.
Com os foros de pae vêem mais encargos:
E quem os não cumpriu, pae não é esse.

Marco-Bruto
Mas... filho d'elle...

Catão

Filho és só de Roma.

Marco-Bruto

Devo...

Catão

Ser cidadão.

Marco-Bruto

E elle...

Catão

Um tyranno
E' algoz não é pae.

Marco-Bruto, *(em acção de partir)*

Oh Roma! oh Roma!

Catão

Aonde vaes?

Marco-Bruto

Aonde vou!... Aonde?
Vou desafiar de Cesar os furores,
Vou lançar-me por entre essas phalanges,
Procurál-o, buscar-lhe a ponta á espada,
Guiar-lh'a ao coração: o sangue impuro,
Que d'elle recebi, elle que o verta;
E, se o crime o fez pae, o crime apague
O titulo odioso e o nome horrivel.

Catão

E Roma?

Marco-Bruto

Ah! Roma...

Catão

Manda-te que vivas:
Ordena-t'o Catão em nome d'ella.
Adeus.— Aperta o tempo Nas muralhas
Vou confortar os raros defensores
Da agonizante liberdade —Marco!
Marco-Bruto, meu filho, olha o que deves
A Roma, a ti, a mim!

SCENA IV

MARCO-BRUTO *(só)*

Ordena-o Roma;
Viverei, sim:—manda-o Catão; eu vivo.
Mas este sangue... oh sangue abominavel!
Em sacrificio está votado.
Um de nós, Cesar!...—Gemes, natureza?
Quando a patria folgar—oh, geme embora.

SCENA V

MARCO-BRUTO, SEMPRONIO

Sempronio

Viste Decio?

Marco-Bruto

Oxalá que nunca o vira!

Sempronio

Porque?

Marco-Bruto

Não sei.

SCENA VI

SEMPRONIO *só*

Que enigma, que mysterio
Occulto encerra este dizer de Bruto?
Falou com Decio... — e «oxalá (diz elle)
Que nunca o vira!» — Decio prometeu-me
De não partir sem ajustarmos antes
Nossas condições todas .. — E tam louco
Seria elle que de Marco-Bruto
Fiasse... do mais cego enthusiasta
De Catão — o discipulo dilecto..
Nossos communs projectos de vingança?
Não póde ser: astuto, arteiro é Decio.
E quem sabe? — O mancebo é caro a Cesar,
Que o ama como a filho; — e rumor corre
De haver entre elles vinculo secreto,
Tacita intelligencia... Trahir-me-hia
Decio por amor d'elle? — Se tal fôra!...
Oh, se de tantas lidas e perigos,
Sustos, remorsos, (ai! tambem remorsos)
Que esta conspiração me tem custado,
Só me resta colher o fructo amargo
Que a miudo vêem traidores — o desprezo,
O castigo, e — inda mais acerbo! o escarneo
Do proprio ingrato que lucrou no crime!
Embora: mas sacie-se esta sede
De vingança, o entranhavel odio d'alma.
Depois — oh, depois venha oppróbrio e morte
Decio não chega! E o sol cae no horisonte
Precipitado já Decerto é ido
(Olhando para um lado da scena)
De Utica. — Oh, eil-o sae agora as portas.
Se me trahiu! . E que trahisse: o golpe
Hade dar-se; jurei-o pela Styge.
Orgulhoso inimigo, hasde prostrar-te
A meus pés! Ver-te-hei, com estes olhos,
Varrendo a Sacra via — não co'a toga
Negra, que tua stoica vaidade
Ostentava no fóro, no pretorio;
Não! mas com a vil tunica d'escravo,
No triumpho de Cesar — Pouco resta
De minha ardua tarefa. Juba, o cégo,
O presumpçoso Numida, está certo.
Esta noite, esta noite! — Mas, tranquillos
Serenemos o rosto, e componhâmos
A mascara: não veiu o tempo ainda
De a rasgar. — Approxima-se a hora, dada
De prazo a Juba para aqui nos vermos.
Não tardará. — Ahi vem: — e vem correndo
Agitado... sem côr. — Oh, se!...

SCENA VII

SEMPRONIO, JUBA

Juba

Sempronio,
Sempronio, é impossivel — impossivel!
Não esperes de mim... Sabe-se tudo.

Sempronio

Sabe-se tudo! — Barbaro, trahiste-me!...

Juba

Barbaro!... Eu sei, Romano, que sou barbaro;
Porque... não vim ao dia ao pé do Tibre.
E tu — nasceste na Cidade-eterna.
Porém esta alma, não a troco.. — Juba
Nunca trahiu ninguem, Romano.

Sempronio

Ah principe.
Trahir! Traição é crime que se roce

CATÃO *Bruto* (em acção de ferir-se) — ... e o coração desaffrontado PAG. 551
Do sangue vil — romano expire ao menos,

Acto III.—Scena III — Bruto — Catão.

Por corações como esse! E tu fizeste
Tal injustiça ao teu amigo! -- Barbaro!
Imaginaste que te chamei barbaro!
O barbaro sou eu: e n'ância d'alma
Barbaro me chamei, traidor, infame,
Que assim te expuz a perfidas suspeitas:
Que por meu zelo -- indiscreto, cego,
Demasiado talvez -- puz em perigo
A tua gloria, a não-manchada fama
Do mais illustre principe da terra.
Oh, que este louco amor da liberdade,
Esta cegueira por Catão me perdem!

Juba

Perdoa-me, Sempronio: essa virtude
Não se finge: venceste, convenceste-me.
Eu duvidava -- não de ti, amigo,
Mas de teus socios. Porcio -- tu bem sabes
Que alma é a de Porcio! -- não confia n'elles,
E em seu zelo não crê de liberdade.

Sempronio

Pois revelaste a Porcio?...

Juba

Já te disse
Que não sei atraiçoar, Romano. Extremo
E's em suspeitas!

Sempronio

É mais do que extremo,
Excessivo é meu timido receio
N'esta causa, meu principe. Covarde
O coração me bate a um rumor leve...
Se no inquieto leito em breve somno
Repoiso acaso -- descompostas larvas
Me pintam na convulsa phantasia
Catão no profanado Capitolio
Rojando ferros .. e os crueis motejos
Da soldadesca... e o mais cruel sorriso
De Cesar triumphando na sua victima ..
Ah!...

Juba

Não prosigas, que me rasgas alma.
Prompto estou para tudo. Avante! Salve-se
Catão. Pereça tudo, e salve se elle.
— Mas ouve: eu não confiei a Porcio nada
De teus projectos. Porém elle sabe
De sedições em que entram, são cabeças
Muitos de teus mais intimos amigos.
Falou-me em Decio, e occultas conferencias..

Sempronio

Decio!

Juba

Que entre elle e um senador houvera:
Mas não disse quem foi.

Sempronio, *fica algum tempo pensativo*

Ahi vês bem certo
Quanto te hei dito. Insidiosa trama
Em Utica se fórma. Esses malvados,
Do dia ao fenecer, querem as portas
Abrir ao dictador. Da vil perfidia
Os covardes auctores — bem ao certo
Não os conheço. Que imprudente fôra,
Em circumstancias taes, fazer patentes
Ao senado, a Catão minhas suspeitas·
Principe, bem o vês. Desconfianças,
Incerteza cruel acabariam
De desunir de todo os pobres restos
Da agonizante Roma. Tu conheces
De Catão a franqueza descuidada:
Nada teme e de nada se acautella.
Sua politica é aberta, simples
E tal como a sua alma; os seus projectos
Patentes sempre são Ignora, odeia
Essa que chamam arte de governo.
Mas ah, quam mal os deuses collocaram
N'este universo d'hoje homem tamanho!
Os seculos de crime, em que vivêmos,
Nem d'elle dignos são, nem elle é d'elles,
Cercada de artificios, de maldades,
E' força que a virtude lhe succumba,
Se artificios tambem (que os ha com honra)
Não souber cautellosa oppor-lhe a tempo.

Juba

Amigo, tens razão: por tua bocca
Fala a prudencia. Dize-me, aconselha-me
O que é mister fazer; de que maneira
Cumpre atalhar a desleal perfidia.
Minha espada, meu braço, os meus soldados,
Tudo está prompto: fala.

Sempronio

Antes de tudo,
Inviolavel segredo é necessario.
Nem Porcio, nem Catão, ninguem o saiba;
Ou baldâmos trabalho.

Juba

Mas...

Sempronio

Depende
Todo o exito d'aqui. Dá-me a tua dextra:
Ninguem ..

Juba

Morre commigo o meu segredo.

Sempronio

Pois bem. As portas velam do occidente
Soldados teus. Romano algum com elles
Não vigia esta noite. Mal comece
A engrossar-se o crepusculo da tarde,
Calladamente com tuas tropas marcha
A embuscar-te detraz d'aquelles combros
Que á esquerda vês, não longe da cidade.
D'alli, quando seguras avançarem
As legiões de Cesar, repentino
A retaguarda subito lhe cortas;
Emtanto nós á frente os commettêmos:
E a que julgam victoria indisputavel,
Ser-lhe-ha talvez miserrima ruina.

Juba

Amigo — oh, meu amigo, que ventura
Se Roma eu posso libertar, se um Numida,
Um barbaro resgata a escrava Roma!
E Catão — e salvar Catão! Oh gloria
Sem par! — Cesar, sou eu que heide punir-te.
Romano senador, atraiçoaste
A liberdade; e um principe, nascido
Entre escravos, senhor, hade arrancar-te
Da frente o diadema ensanguentado...
Que o calque o Povo-rei aos pés. — Sempronio,
Admiras-te de ouvir-me? Vê qual fôrça
Tem o exemplo, os dictames respeitados
De homens como Catão. Nasci, amigo,
No throno: mas se o throno hade custar-me
Uma só violencia, um só gemido
Dos infelizes que se crêem nascidos
Só para o sustentar — abjuro o throno.
Quanto mais prézo e quero o fôro augusto
De cidadão romano, que essa c'roa,
De tanto sangue e lagrimas banhada
Na frente de meu pae! .. . — Meu pae! vingar-te
E' só minha ambição. Vingar-te juro.

Co'este braço a teus manes venerandos
O tyranno de Roma heide immolar-te.
Oh meu pae, oh, dirige o golpe ardido,
Leva-lh'o ao coração da tua victima.
Cesar! Cesar! ás furias implacaveis
Da pallida vingança aqui te voto;
E sobre essa cabeça criminosa
Seu flagello conjuro. Atros poderes
Do Averno, ouvi a imprecação tremenda:
«Por vingativas mãos pereça o monstro.
Se ás minhas o negaes, seja o mais caro
Amigo seu,—seja seu proprio sangue
Que aquelle sangue em vosso altar derrame.
Oh, se um filho elle tem... Justiça eterna
Dos deuses immortaes, ao parricida
Da patria—puna emfim o parricidio!»

Sempronio, *áparte*

Estremeço de ouvil-o. (*Alto*) Juba, principe,
Modera-te: tuas vozes soam alto;
(*Olhando para dentro da scena*)
Podem ouvir-nos...—Vês? Porcio caminha
Para aqui.—Não te mostres n'esse estado
De tanta agitação. Disfarça, occulta;
Ou estamos perdidos...

Juba

Não te assustes.
Ferve-me sangue d'Africa nas veias;
E' o sangue de meu pae: mas a alma é filha
De Catão que a formou.—Vês o meu rosto?
Está sereno agora, e...

Sempronio

Porcio chega.

SCENA VIII

SEMPRONIO, JUBA, PORCIO

Porcio

Caro principe!

Juba

Amigo!

Porcio

Venho, Juba,
Despedir-me de ti. Ha longo tempo
Que te procuro em vão; e a noite vinha
Apertando,—e eu sem alma de ir-me embora,
Para dizer-te adeus.

Juba

Que dizes, Porcio.
Onde vás?

Porcio

Ao meu posto. Fui ditoso,
Que o melhor pude obter,—o de mais p'rigo;
Onde mais derrocadas as muralhas
Aos primeiros assaltos do inimigo
Hãode ficar expostas.--- Vou-me á morte,
Certa, meu Juba; vou...

Sempronio

E a grande alma
De Porcio desalenta assim no p'rigo?

Porcio, *olha para Sempronio, e sem lhe responder, volta-se a Juba*

Não me falta a coragem que o arrosta,
Mas fallece a esperança de vencêl-o.
Eu não temo,—temer é de covardes;
Mas desanimo. Roma está perdida;
E meu pae... e Catão não sobrevive
A' Republica.—Sou Romano, Juba;
E vejo, satisfeito, alçar-se o golpe
Que no altar da patria hade immolar-me.
Mas sou filho tambem: e a natureza
E mais forte que Roma. Oh resta ainda
O sacrificio ultimo!—meus olhos
Não te hão de ver, dia de mágoa e lucto!
Succumba-me a alma!... Não, estes meus olhos
Não o hão de ver no instante derradeiro
Fitar ainda a moribunda Roma...
Principe, um não sei-quê me diz no peito
Que este adeus é talvez o derradeiro
Que me é dado dizer-te. O meu amigo,
Cá te deixo inda mais do que a minha alma.
Um pae, Juba... e que pae! Não o abandones,
Oh, não o desampares um momento.
Tu conheces Catão: sua alma nobre
Não se deixa vergar: seus pulsos livres
Não soffrerão grilhões: e o braço firme
Primeiro ao coração... Adeus, amigo,
Principe, amigo, adeus!

Juba

Meu Porcio, escuta;
Não vejas de tam perto essas desgraças.
Eu tenho esp'rança ainda. E tu, Sempronio,
Não esperas tambem? (*Com ar de intelligencia*)

Sempronio, (*baixo*)

Principe!

Juba, (*para Porcio*)

Amigo,
Tambem um não-sei-quê me diz no peito
Que ésta sanha do fado hade acalmar-se...

Porcio

Oh, cega esp'rança!

Juba

Não é cega, Porcio.
Eu heide—eu posso...

Sempronio, *áparte para Juba*

Juba!

Juba

Vae, meu Porcio,
Vae; cedo nos veremos.

Porcio

E bem cedo.
A formidavel hora vem chegando;
E onde ha perigo, ahi certo está Juba:
Quem o ignora meu principe? Lá juntos
Nos veremos ainda—entre os cadaveres
Dos escravos de Cesar!—Minha esp'rança,
Minha consolação unica é essa;
Que heide morrer assim—livre e vingado.
Meus amigos, adeus! E tarde, e a noite
Já vae poisando em nossos tristes muros.
Vôo á minha estação. Oh, venha cedo
Esse temido e desejado instante!
Venha, que já me tarda; e acabe um'hora,
Termine de uma vez ésta agonia
Tam lenta, tam cruel.—Eu corro, amigo,
O coração me diz que á morte certa...
Mas, seja ella honrada!... Adeus. (*Abraçam-se*)

Juba

Oh Porcio!

ACTO QUARTO

Portas da cidade, do lado de dentro. — Noite

SCENA I

MANLIO, SOLDADOS

Manlio, *defendendo, só, a sahida da porta contra alguns soldados romanos*

Detende-vos, traidores.—Gente infame!
Heisde passar por cima do meu corpo.
E soldados romanos sois, indignos!
Soldados de Pompeu!—Eia, rebeldes,
(Os soldados param deante de Manlio)
Começae n'este velho, que em Pharsalia
Vos guiou contra as hostes do tyranno,
Começae vossos feitos gloriosos.
Aqui estou só, feri: que vos demora!
Oh, faltava-vos mais esta vergonha,
Esta vergonha derradeira!—Roma,
Ahi tens os teus heroes. Catão, são esses,
Eil-os, da liberdade os defensores!...

Os soldados mostram irresolução e parecem consultar entre si: mas afinal investem com a porta, e atropellam Manlio. Ao mesmo tempo entra de fóra Marco-Bruto guiando uma cohorte, e os repelle para dentro.

SCENA II

MANLIO, MARCO-BRUTO, etc.

Marco-Bruto

Perfidos!... Ah covardes! Tarde vinheis,
Em má hora.—Soldados, desarmae-os,
Ligae-lh'os pulsos... Já! loros d'escravos
N'essas mãos vis ficam melhor que a espada.

(Os soldados de Marco-Bruto desarmam e ligam os rebeldes)

Mas quê?... Tu, Manlio!—tu tambem com elles!
Nunca me enganei eu.—Erguei-o, amigos,
D'esse lodo em que jaz... enxovalhando
Em sangue e infamia as cans.. as cans traidoras
Do refalsado velho!—O que eu devia
Co'esta espada .. Não; vive miseravel,
E arrastra ao sepulchro essa vergonha.

Manlio, *Levantando-se ajudado dos soldados*

Impetuoso mancebo, onde aprendeste
A injuriar um velho que?... Perdôo-te
Mais esta vez: perdoar é para velhos.
—Marco-Bruto, a vergonha está comtigo
Que insultaste, sem causa, as cans honradas
D'um patricio romano—e d'um amigo.
Bruto, esse nome que te enleva tanto,
Não se illustrou assim. O ouro escondido
No baculo, era a imagem da prudencia:
E com essa é que Roma foi liberta.

Marco-Bruto

O gran'Censor não era mais discreto
Em seus conselhos. Manlio precisava
Defender-se primeiro...

Manlio

Defender-me!

Marco-Bruto

Pois não te vi agora?..

Manlio

Viste um velho
Só, desarmado, em.. —Não me justifico:
E' indigno de mim.

SCENA III

CATÃO, *precedido de lictores, e soldados romanos com fachos accesos.*
MANLIO, MARCO-BRUTO, etc.

Catão

Filhos de Roma,
Que é isto? que fazeis? que intento é o vosso?
Rebeldes vós, traidores os Romanos!
Manlio, Bruto, falae: que insania é esta?
O traidor onde está, quem é?—Dizei-m'o.

Marco-Bruto

O traidor?—Esse infame.

Catão

Quem!

Marco-Bruto

E' Manlio

Catão

Manlio!... Manlio eu conheço.—O que?... Observa,
Inexperto mancebo, aquelle rosto.
Vês um traidor alli?—Marco, meu filho,
O crime... o crime tem outro semblante.
Aprende a ler no coração dos homens
Pelas linhas da fronte.—Meu amigo,
Perdoa-lhe: seu zelo é cego ainda.

Manlio

Já lhe tinha perdoado.

Catão

Ouviste, Marco?
Arrepende-te e emenda-te, meu filho. *(Pausa)*
—Mas que mysterio de perfidia é este?
Sempronio... aonde está? Juba? o meu Porcio?

Marco-Bruto

Não sei. Eu no tropel embaralhado
De tropas fugitivas, de rebeldes,
De combatentes, mortos, de feridos,
Nada vi, nada sei. Só sei que o ferro
Sobejos immolou á liberdade:
Só vi, para os ferir peitos covardes.
A vingança, o furor, a sanha da ira
Só me deixaram olhos para a espada.
Foi tam cruento e rapido o conflicto!
Mas succedeu-nos bem. Os vis traidores,
E as legiões de Cesar que já vinham
Direito ás portas e a juntar-se co'elles,
Foram desbaratadas. As phalanges
Leaes cahiram, como raios vivos,
Sobre os montões de escravos que ameaçavam,
Esmagar-nos:— tam poucos que nós eramos!
Mas:—«Avante (bradamos) eia! morra,
«Pereça Roma com seus filhos todos!
«Foi menos glorioso o sacrificio
«Dos Fabios. Roma um dia hade vingar-nos,
«Como os vingou a elles. Eia, ávante!»

E ávante fomos; e vencêmos. Morre
Quanto não foge. Dispersou-se tudo.
Voltámos fartos de matar—cançados
Ainda não. Mas era força: os muros
Desguarnecidos, e o temor de nova
Traição, nos fez volver ás portas de Utica.

Catão

Manlio, mas tu .. tu emmudeces? Fala:
Mata-me esse silencio.

Manlio

O meu silencio...
Ah, deixa-m'o, Catão:—oh, não desejes
Vel-o quebrado.

Catão

Quê! Porcio.. meu filho....
Acaso?...

Marco-Bruto

Porcio vela do outro lado
Da cidade, no lanço da muralha
Mais expugnavel—onde se precisam
Defensores como elle.

Catão

E Juba?

Marco-Bruto

Juba...
Não me lembra de o ver.

Catão

Que escuto! Manlio,
O principe?...

Manlio

Não fales n'esse monstro:
Foi traidor como um barbaro.

Marco-Bruto

Elle!—O sangue
Não desmente das obras. Um tyranno,
Quando deixa de o ser, é sempre escravo.

Catão

Deuses, guardaveis-me inda o trago acerbo
Para o meu coração!—Fado inimigo,
Já não consegues abalar-me o peito,
Vi desertar da causa da republica
Seus mais strenuos fautores: vacillante
Pompeu,—e Marco-Tullio arrependido
De seguir nossas miseras fortunas,
Tergiversar, fugir porfim... e a purpura
Consular pela estrada de Tarento
Arrastando no pó, ir supplicante
Humilhar-se ao tyranno... Ah!—tudo hei visto,
Tudo: mas nada me feriu ainda
Tam vivo n'alma como Juba ingrato...

(*Silencio geral.—Catão dá algumas voltas, passeiando, como abstracto;—e logo prosegue:*)

E Sempronio?

Manlio

Pois quê! ignoras ainda
Que o auctor da traição foi esse indigno?

Marco-Bruto

Sempronio!—Ha poucas horas a mim mesmo
Se me gabou que ousára no senado
Desafiar a Decio, e que...

Catão

Apprende,
Marco, d'ahi a conhecer os homens.
O valor verdadeiro não se ufana,
Não blasona atrevido;—cinge a espada,
Mas só no campo de que a tem se lembra.

Marco-Bruto

Sempronio!... que—a Tiberio já não digo,
Mas nem a Caio-Graccho na vehemencia
Do orar cedia, que á mais leve idea
De servidão bramia mais terrivel!...

Catão

Desconfia onde vires tanto zêlo
Em palavras: discreto, parco d'ellas
É o verdadeiro amor da liberdade.

Manlio

Ah Catão! dize agora: que esperanças
De Roma tens ainda?

Catão

Eu tenho as mesmas.

Manlio

As mesmas!

Catão

Sim; as de morrer por ella

Manlio

Ai! nem já isso, amigo, nos é dado:
Nem um extremo esforço de agonia
Para expirar com glória! A moribunda
Loba do Capitolio não tem fôrças
Nem já para investir, no ultimo arquêjo,
Com seus brutaes senhores, e cravar-se,
N'um glorioso e nobre desespero,
Em suas lanças traidoras. Cahiremos
Como rêzes em torpe sacrificio...
Imbelle morte, inulta!...

Marco-Bruto

Inulta! Nunca:
Sem se vingar, sem vos vingar não hade
Perecer Marco-Bruto.— E o holocausto
Hade espantar, hade aterrar o mundo!..

Catão

Vingança! E para quê? Que dás á patria
N'esse holocausto inutil?

Marco-Bruto

Tu lhe chamas
Inutil! — O atro sangue d'um tyranno
Desparzido no altar da liberdade,
Inutil póde ser? — A mão ditosa
Que o ferro embebe no malvado peito,
Que lhe descose as perfidas entranhas,
E vae ao coração buscar-lhe a vida
Para cortar-lhe o fio negregado,
Não é mão d'um heroe? Ha sacrificio
Que apraza mais aos deuses justiçosos?
Oh, que ha vingança que tambem é numen!
Da liberdade a arvore não cresce,
Se a não regar dos despotas o sangue:
Embora a plantes; não lhe vês o fructo:
Hade-te ir definhando a pouco e pouco,
E da heivada raiz hão de brotar-lhe
As parasitas plantas, que mui breve
Gigantes crescerão, e hão de assombrar-te.
Vingança! — Eu sempre vi esses Romanos,
Raios da patria, exemplos de virtude
Imitados por ti, por ti citados,
Sempre os vi abrazados de ira santa
Ferir sem dó, e derramar sem pena
O sangue dos malvados que attentavam
A' majestade augusta da republica.

Mais nomes não direi que um só. — antiga
Honra dos meus, cuja tremenda imagem
Inda no Capitolio brande a espada,
Terror dos reis, e salvação de Roma:
Junio-Bruto...

Catão

E que sangue esparziu Bruto!
Que vingança tomou? — Da voz ingente
Aos brados formidaveis se ergueu Roma,
E fugiu pavorosa a tyrannia
Mas a voz que troou no Capitolio,
E que hade eterna resoar no mundo,
Os braços não armou, não alçou ferro
Para lavar dos despotas no sangue
As injúrias da patria. Sua espada
Só desembainhou para afastal-os
E não para feril-os. N'esses tempos
(Eras ditosas que não mais veremos!)
A romana altivez, o nobre orgulho
Perdoava generoso, e desdenhava
De enxovalhar o ferro em sangue immundo.
—Sangue correu então: mas qual? seu proprio,
Seu proprio ás mãos do algoz jorrou na terra
Quando os filhos indignos sacrifica
A' merecida pena, á morte justa.
Mas privado juiz não foi nem d'elles;
O cutello das leis é que os immola.
— Um tyranno é, sem duvida, na terra
O malvado maior: mas nem por isso
Te é licito punil-o. Magistrados
Que o julguem, leis que o punam — com algozes
Para as executar — tem a republica.
Usurpas tambem tu se em juiz privado
De publicas offensas te institues.

Marco-Bruto

Mas uma lei, ó pae, tu me ensinaste
Que sobre todas respeitar se deve:
Mais veneranda e antiga m'a dizias
Que todas essas leis, — que plebiscitos,
Que senatus-consultos, — em mais clara
Equidade fundada do que o Album
Do pretorio, — gravada n'outro bronze
Mais duravel que as tabuas dos decemviros;
Lei das leis, immutavel e suprema,
— A da salvação publica.

Catão

O difficil
E' conhecer, meu filho, quando a força
D'essa maxima lei quebra a das outras;
Quando o feito que é injusto, opposto a ellas,
A salvação da patria o revalida.
— Em meus primeiros dias, no ingenuo
Despertar de innocente puberdade,
Me levaram, ó Marco, aos sanguinosos
Paços de Sylla. — De meu pae amigo
Fôra o monstro! — Inda as carnes se arripiam
C'o presente spectaculo que tenho
Deante dos olhos, — do cruor esparso,
Dos palpitantes membros strangulados,
Dos tabescentes, lividos cadaveres
Nas cruzes pelos atrios; — a viuva
Gemendo além, carpindo o orpham; — e o torvo
Aspecto, o feroz riso dos ministros
Do tyranno, apupando com motejos
As sanguentas cabeças dos mais nobres,
Mais illustres varões que Roma tinha,
E que hasteadas em triumpho hediondo
De atroz pompa levavam... Vista horrivel!
E... inda mais de indignar! e mais ainda
As trementes entranhas me excitava,
O ver, o ouvir as turbas circumstantes
Devorando seus tremulos gemidos,
Disfarçando, — cobrindo a face pallida,
Que lhes não vissem a furtiva lagrima!
E a mão, que stringir devia o ferro,
E que talvez segura no mais rijo
Da batalha o brandira, — mal ousava
De ir, co'a orla da toga, a medo e trépida,
Aos olhos que a alma timida arrazava
De feminino pranto.. — O que é o povo!
O que são homens! — Hontem expulsastes
A Coriolano, porque ousou negar-vos
Os baldios communs: hoje, fugindo,
Abandonaes á furia dos patricios
Graccho que vol'-os dava! — E agora... O intimo
D'alma joven, ardente me anciava
C'o spectaculo feio e vil. — «E como
(Disse o meu pedagogo) como em Roma
«Não ha quem mate Sylla!» — «Não (me torna
Branco de medo o velho), não; detestam-n'o:
«Mas temem n'o inda mais.» — «E porque (cego
De ira lhe respondi) porque uma espada
«Me não dás, que o vou eu matar — e livro
«A patria?» — A grande custo me conteve,
E me levou d'alli o ancião prudente;
Nem lá voltámos — Vinha de bom ânimo
A tenção: mas que importa! Mario ahi estava
Para inutilizar o feito ardido,
Se meu infante braço o executára.
— Ah! que fructo da patria ao bem resulta
Com lhe ficar um despota de menos?
Vanglorioso do golpe que vibraste,
Cuidas que o monstro feneceu com elle?
Enganas-te: as cem frontes d'essa hydra
De seu proprio veneno reproduzem;
Por uma que decepas, mil te surgem;
Mal, que julgavas ter de todo extincto,
Então se aggrava mais.

Marco-Bruto

Quê! socegados
Veremos engolphar no abysmo a patria,
E tranquillos no meio da procella,
Vêl-a-hemos assim ir-se afundando
No mar da escravidão! Anciada embora
Supplices mãos estenda aos filhos caros;
Que os virtuosos filhos não se atrevem
A perpetrar o crime de salval-a...
E' virtude — confesso — que me admira,
Que jámais conheci.

Catão

Na tua edade
Respeitam-se os anciãos, ouve-se e aprende-se.
Mancebo, escuta: — Libertar a patria,
E dar pelo resgate a propria vida,
Não é mais que dever; grande heroismo,
Acções de gloria, n'isso não as vejo:
O homem que assim obrou foi homem de honra,
Cumpriu sua obrigação. Mas outros meios
Tem de empregar mais certos, mais seguros,
Quem se abalança a imprêsa tam difficil,
Se baldos não quer ver cuidado e riscos.
Desafogar a patria de um tyranno,
E' transitorio allivio: impeiora a miudo
C'o esse remedio o mal; tens cem tyrannos
Em vez de um: nem talentos nem virtudes
Occuparão, no Estado, o grau supremo
Entre vis demagogos repartido
Por facções, por subornos, peitas, crimes.
Tinta era em sangue a purpura, — era ferreo
O sceptro do tyranno: mas as togas
Dos decemviros!... tinge-as cruor negro,
E pallidos venenos as mosqueam
De nodoas que revêem torpeza, infamia,
Flagicios! — Que lucrámos na mudança
Perigosa? Os proconsules os mesmos
Peculadores; servos os tribunos
E facciosos; avara e perdularia

A questura, roubando o derradeiro
Sestercio ao povo, a ultima drachma ao Erario;
Os pretores vendendo em hasta publica
A justiça; — emfim todo o mesmo vicio,
A mesma corrupção, — mais desfaçada,
Mais clara só, mais despejada — E é esta,
E' esta a liberdade que nos déstes!
E são estas, decemviros, as tabuas
Da promettida lei, que tanto tempo
Levaram a gravar! —Veiu Apio-Claudio
Fazer chorar em Roma por Tarquinio... *(pausa)*
— Se queres libertar-nos, corta rijo,
Corta pela raiz a tyrannia,
Cerceando por abusos, profundando
Nas fistulosas úlceras do Estado,
E levando com o balsamo o cauterio
Ao mais solapado — onde a peçonha
Do arraigado cancro tem nascença.
Depois o facho da razão acende
Com mãos puras e limpas de interêsse...
Puras! — que em dextra sordida essa teia
E' labareda sem clarão, — que abraza
Sem dar luz — queima e rapida devora
Antes que um só vislumbre rompa as trevas,
Que, em vez de dissipar deixou mais crassas
— Com elle, co'esse facho luminoso
A teus concidadãos mostra a vereda
Que ao alcaçar conduz da liberdade,
Não coroado de spolios sanguinosos
Mas puro todo e candido como ella.
Salva-os das convulsões, da crise horrivel
Que as populares commoções arrastram;
Moderação e paz reine em teus labios;
Generoso perdôa, austero pune,
Mas pelo orgam da lei, mas só com ella.
Os pendões hastear da Liberdade
Nas ameias da horrifica discordia,
Grito amotinador alçar aos povos
Para os deixar no cahos da anarchia,
Mutuamente e á porfia destruir-se,
E' querer lacerar o seio á patria
Sem jámais a salvar.

Manlio

Homem como este,
Ceu, creaste-o jámais, tu viste-o, mundo?
(Ouve-se vozeria e tumulto de soldados de fóra dos muros.)

Marco-Bruto *(observa da porta)*

Oh! que tumulto é este? — Numerosa
Legião .. de peões e cavalleiros...
E de Cesar não são:—e nem Romanos
Tam pouco.—Ah! são Numidas... E Juba
Com elles. O traidor! Quê pensa o barbaro
Surprehender-nos já e vem?. .
(Desembainhando a espada e voltando se para os soldados)
Amigos
A elles!—Não sois vós os veteranos
De Pompeu? Co'esses barbaros em terra.
E seja—se ha do ser o derradeiro!
Um derradeiro feito de justiça,
—Castigar esses perfidos—o nosso.

Manlio

Quê! sahir lh'ao encontro com tam poucos
Homens de lança—a unica defesa
D'estes muros desertos!—E elles tantos
Os barbaros!—Não fôra mais prudente
Cerrar as portas e?...

Catão

Detem-te, Marco,
(Depois de observar o tropel dos Numidas que vem approximando, volta da porta e prosegue:)
E contêm esses bravos companheiros
De honrada desventura.—Abri mais amplas
As portas, retirae-vos a esse lado,
Deixae-me só c'os Numidas.

Manlio

Tu! nunca,
A ti é que elles buscam.

Marco-Bruto

Só com elles!...
Não te obedeço —Amigos, companheiros,
Defendâmos Catão; morramos todos...

Catão *(alçando a voz com severidade*

Soldados, eu govérno ainda em Utica
(Os soldados obedecem)
Manlio, Bruto, ide vós... ide e pejae-nos
Do exemplo que vos deram.
(Retiram se ambos para ao pé dos soldados; Catão prosegue com brandura:)
Filho, amigo,
Socegae: nem as barbaras cabildas
De Juba, nem as hostes ordenadas
De Julio teem podêr sobre esta vida.
Posso morrer aqui—não ás mãos d'elles.
(Desembainha a espada; abre as portas de par em par, e fica só no meio d'ellas.)

SCENA IV

CATAO, MARCO-BRUTO, MANLIO, JUBA, SEMPRONIO, SOLDADOS NUMIDAS, ROMANOS, ETC.

As legiões numidas param fóra das portas. Juba entra só com alguns soldados conduzindo Sempronio algemado.

Catão

Que é isto, Juba?—a que voltaste?

Marco-Bruto

Infames!

Catão

Não respondes?—Sempronio em ferros! fala,
Sempronio, explica-me este enigma. Voltas
Como um escravo a seu senhor:—escravos
São para Cesar; n'estes pobres muros
Não os ha.—Immudeces?—E tu, principe,
Tu callado tambem? Fala, não temas.
Teus soldados ahi estão.

Juba

Os meus soldados
São auxiliares teus e da republica.

Catão *(proseguindo sem o attender)*

Não tens que receiar: não és Romano,
Nem deveres de patria te obrigavam
A seguir nossos fados. Tomar parte
Na sorte do infeliz é pêso grave
Que a descontento amigos vão levando,
Levando—até que emfim já se não soffre;
Arrojál-o quizeste: não te culpo.
Os vinculos do alliado te prendiam...
Mas de taes allianças que proveito
Havias de tirar? Desgraças, p'rigos,
Talvez a morte.—Vae segue a ventura:
O ceu derrame sôbre ti mil bençãos.

Juba

Bem a mereço, a exprobração amarga
D'essa ironia.—Fiz-me abjecto, fiz-me
Vil a meus proprios olhos. Desprezae-me, *(pausa)*

Romanos: sou um barbaro.—Ah, não bate
Em vossos peitos coração mais puro
Que o do barbaro,—zêlo mais ardente
De liberdade não vos queima o sangue! (*pausa*)
Mas quil'-o o fado assim.—Cuidei ao menos,
O' Catão, que arguir-me te dignasses!
Esperava castigo de meu êrro,
E encontro oppróbrio só.—O teu desprezo,
O teu desprezo... não, não o mereço.
Juba foi cego, louco, arrebatado,
Foi desobediente a teus preceitos,
É criminoso, mas traidor não.—Ouve,
Ouve-me por piedade, e depois julga.

Catão

Fala, principe: ouvir-te é dever nosso.
Julgar-te! Quem, aqui?—Ja houve tempo
Em que Roma julgava os reis da terra.

Juba

Oh! oiça-me Catão, julgue-me;—e absolva-me
Se podér,—que eu não quero outra sentença.

(*Pausa consideravel*)

Sempronio, tu és senador romano,
Eu um chefe de Numidas selvagens.
Teu testemunho invoco, e me contento.
Só com elle.—Fui eu traidor a Roma!
Desmereci do titulo prezado
De amigo de Catão?—Tu não respondes,
E sorrís! Proprio é o riso: mofa e escarneo
Mereço eu—e de ti... com mais justiça,

(*Apontando para Sempronio*)

Catão, esse... esse perfido enganou-me:
Meu natural singelo e poucos annos
Cahiram facil no enredado laço
Que de vagar e ha muito anda tecendo.
Persuadiu-me—e algum numen inimigo
Me fascinava então! que a salvar Roma
Me fadavam os ceus, e a punir Cesar;
Que em Utica tramava poderosa
Conjuração occulta, que esta noite
Ao dictador as portas abriria,
E vivo em suas mãos ia entregar-te.
Estremeci de horror, perdi de todo
A razão; ajudou-o o meu enleio;
Tudo obteve de mim. Na hora aprazada...
Na hora que aprazada elle dizia
Pelos conspiradores, manso deixo
A porta do occidente, que eu guardava
Co's meus Numidas.—Saio; e mal, um tiro
De setta, me afastára das muralhas,
Conheço, mas já tarde, a vil perfidia.
Da porta, que eu deixára quasi inerme,
Seus socios na traição rompem,—e as hostes
De Cesar, que embuscadas o aguardavam,
Se juntam co'elles. Desmaiei de cholera,
De vergonha e despeito. Mas foi prompta
Minha resolução. Sem lhes dar tempo
A mais, envisto c'o podêr immenso
Do inimigo. Brado alarma; e alarma
Me respondem dos muros. Commandadas
—Não conheci por quem—fieis cohortes
Sahem a sustentar-me. Trava, ás cegas,
Pela treva o conflicto: ambos á uma
De oppostos lados, Numida e Romano,
Démos sobre o traidor e sobre as hostes
Do tyranno de Roma,—que engodadas
Das promessas do indigno, mal cuidavam
Encontrar tam porfiada resistencia,
Tanto contrario, aonde sem peleja
Contavam co'a victoria. Rechassadas
Foram completamente. Ia d'envolta
Na fuga o scelerado:—descubri-o,
Corri sobre elle;—e fomos longo espaço
No arriscado empenho os cavalleiros
Todos porém valia a pena e o p'rigo,
Valia tudo!—Segurei-o eu proprio
Co'estas mãos,—fiz lançar-lhe essas algemas,
E salvei para os golpes dos lictores
A torpe vida, que anhelavam todos
Arrancar-lhe á porfia.. Ah, nem tu sabes
Não... nem tu sabes inda quantos crimes
Tens que lavar no sangue do malvado!
Porcio...

Catão (*Interrompendo-o*)

Meu filho?...

Juba

Assassinou-o o infame.

Catão

Respiro, oh ceus! traidor não foi meu filho.
(*Silencio longo.*)

Marco-Bruto

Covarde, e como tanto ousou teu braço
Fraco?—tam fraco e vil como a tua alma.

Juba

Ousar!—Foi á traição.

Marco-Bruto

Monstro!

Manlio

Oh, eil-o,
Eil-o ahi, moribundo o veem trazendo.
Que miseranda vista—oh, que espectaculo
Para os olhos de um pae!

Porcio deitado em umas andas formadas de escudos e lanças, aos hombros de soldados numidas, e guardado por consideravel numero de cavalleiros numidas, vem lentamente approximando-se da porta da cidade; passa por entre as legiões de Juba, que lhe abrem alas. Ouvem-se gemidos e o lamentar discorde dos Romanos, de Numidas e do povo que vae acudindo.

SCENA V

CATÃO, MARCO-BRUTO, MANLIO, SEMPRONIO, JUBA, PORCIO, etc.

Catão (*Indo ao encontro do filho*)

Vem, vem, meu filho,
Nos braços de teu pae morrer com honra.
Vê dos olhos paternos, vê correr-me
Estas lagrimas—doces, não de pena,
Meu Porcio, não de dor, mas de saudade.

(*Abraçando-se com elle*).

Morres homem, meu filho, e morres livre.
Oh, não te peze de deixar a vida.
Que te fica na terra?—que perdeste?
Um mundo indigno, baldo de virtudes,
Farto de crimes—solidões juncadas
De mortos, muribundos—e assassinos.

Porcio

E.. o pae.. que eu deixo...—Adeus!
(*Põe os olhos no pae e expira*).

Catão

Morre, meu Porcio,
Que vives para a gloria! Oh caro filho,
Sóbe, alma venturosa, á eternidade!

(*Inclina-se sobre o cadaver, e fica algum tempo com a face escondida, soluçando baixo e como quem se*

comprime. — Longo silencio. — Levanta-se e prosegue:)

Meus amigos, chorei: não me envergonho

(Enchugando o rosto)

De ser homem. — Está pago o tributo
A' natureza. — Agora Roma.

(Dá alguns passos e encara outra vez com o cadaver)

Filho!
Meu filho, tu não hasde vêl-a escrava!
Deram-te abençoada morte os deuses. *(Pausa breve)*
Tu choras, Marco — e tu, Manlio — e vós todos,
Amigos? — Eu sou pae, e já não choro.
Animo! vinde, approximae-vos d'elle;
Contemos as feridas gloriosas
D'este cadaver. Nunca tam formoso
Me pareceste, meu querido Porcio...

(Beija-o uma e muitas vezes)

Beijo esta face pallida, esta fronte
Empastada de sangue, e estas mãos hirtas .
Ah, que!...

(Fica algum tempo abraçado com o cadaver e em silencio.)

— Levae-o amigos.

Marco-Bruto

Não; detende-vos.
Não hade ir a jazigo deshonrado
O corpo do heroe. Aqui o sangue
Do matador queremos. Pede-o Roma,
Pedimol'-o nós todos, e é devido
A seus manes. Soldados, companheiros,
Dizei-o: sofrereis tamanha injúria?

Povo e soldados

Morra, morra o traidor.

Catão *(com severidade aos soldados e povo)*

Basta.

(Depois de longa pausa, volta-se para Sempronio)

Sempronio,
Eu já fui pae — e sou Romano ainda.
Vês aquelle cadaver? — é meu filho:
Tu m'o roubaste... — Com algoz perfidia
Machinaste o exicio da republica;
E co'as mãos parricidas — impio! — foste
A' garganta da patria moribunda
Para afogar-lhe o derradeiro alento.
—Todos quantos ahi vês pedem tua morte;
Pedem teu sangue as leis e a natureza.
Mas eu posso perdoar... Roma não deve.
Malvado, treme: a espada da justiça
Sobre tua cabeça está pendente.

(Volta-se para os soldados)

Dos crimes ao maior, pena a mais crua,
Nós a devemos, filhos de Quirino:
Morra .. Sim, morra para sempre o perfido:
Tirae-lhe esses grilhões, abri-lhe as portas.
Peza-lhe a liberdade? aos ferros corra:
Para Roma expirou, — com Cesar viva.

Manlio

Oh virtude!

Juba

Oh sentença de Romano!

Sempronio

Triumphaste de mim: esta grandeza
Inda é maior. . maior do que o meu odio!

(Soltam-n'o os lictores, e o põem fóra das portas.)

SCENA VI

CATÃO, MARCO-BRUTO, MANLIO, SOLDADOS, ETC.

Manlio

Mas duvido que possas impedir-lhe
Que o furor dos soldados...

Catão

Um Romano
Em sangue tal não enxovalha a espada.
Lictores, de Sempronio o vil castigo
Annunciae ás cohortes; e intimae-lhe
Que é não ser cidadão, frustrar-lhe a pena.

Marco-Bruto

Oh meu pae! a teus pés deixa prostar-me;
Deixa adorar em ti...

Catão

Ergue-te filho;
Eu fiz o meu dever: não te acostumes
A admirar com espanto uma acção boa,
Faze habito da honra e da virtude,
E só te admirarás de ver um crime.

(Sahem todos acompanhando o cadaver de Porcio.)

ACTO QUINTO

Galeria aberta, com columnas. Os intervallos do peristyllo são tomados com cortinas corrediças.— Vê-se perto o mar e algumas naus romanas.—Do outro lado, parte das muralhas da cidade.— Vem amanhecendo.

SCENA I

CATAO, LIBERTOS

Os libertos estão em distancia, no fundo da scena. Catão apparece sentado e lendo. Sobre o abaco em que descança o livro, alguns rolos de pergaminho e uma espada núa. Depois de ler algum tempo, fecha o livro; péga na espada, examina-lhe o gume e a ponta, e torna a poisal-a sobre o abaco.

Catão *(reparando nos libertos)*

Ainda não é tempo.—Oh!... Ide a Manlio,
E chamae-m'o aqui logo.—Ide vós todos,

SCENA II

CATAO *(só, torna a pegar no livro)*

Consolaste-me, Socrates: não morre
Com este corpo o espirito que o anima.
Já me não prendem dúvidas; fujamos
Do vil carcere: a morte só é termo
Da vida,—de existencia não .. No intimo
D'alma o pôz Deus o sentimento vivo
Da eternidade. Este viver continuo
D'esp'ranças, este anceiar pelo futuro,
Este horror da anniquilação, e o vago

Desejo da outra vida mais ditosa,
O que são?—Indistinctas, mas seguras
Reminiscencias da perdida patria.
E saudades de voltar a ella (*Levanta-se*)
Ver te-hei, mansão dos justos!...—O sepulchro
Não é jazigo é estrada.—Convenceste
A minha alma, Platão: heide encostar-me
Tranquillo e repousado no atahude,
Como viajante reclinado á popa
Da galé que em bonança vae singrando
Com brandos ventos para o porto amigo.

(*Senta-se, lê breve espaço e torna a levantar-se.*)

Inda me resta que fazer na terra;
Deveres sacratissimos, restrictas
Obrigações.—Fiel e honrado é Manlio;
Vou confiar-lhe tudo... Oh, eil-o chega.

SCENA III

CATÃO, MANLIO

Catão

Manlio ouve-me attento. A tua dextra
Em penhor do segredo.

Manlio

Eil-a.

Catão

Romanas
São ainda estas mãos: não, meu amigo?

Manlio

E duvida-o Catão?

Catão

Não, não duvida.

Manlio

Pois bem, fala, eu te escuto.

Catão (*depois de breve pausa, chegando-se para ao pé da galeria*)

Que formoso
Vem arraiando o alvor tenue do dia!
Vês, Manlio?—Como é bello este universo!
Quanto mais bella não será a etherea
Região que de tam longe reverbera
Toda essa formosura! - Observa, amigo,
Aquella estrella pallida: é a ultima
Que ficou no luctar da luz co'as trevas
Do incerto crepusc'lo. Chega-lhe a hora
Emfim,—morre... Mas ámanhã c'roada
A verás de luz nova e mais brilhante
No firmamento azul. Não heide eu vel-a...
D'este lado da campa, ao menos...

Manlio

Como!
Não te percebo. Quê! - tu...

Catão

Descançado
Serei já a essa hora no jazigo.

Manlio

Tu!

Catão

Sim.

Manlio

Pois quê! perdeste já de todo
Aquellas esperanças?

Catão

Não; nem perco.
Vês esta espada? N'ella só as tinha:
Não me serviu a libertar a patria,
Serve para morrer.

Manlio

Tu!

Catão

Sim, amigo,
Eu.

Manlio

Nem assim! ai! nem assim... É inutil.
Foi tempo—já lá vae—em que o cadaver
D'um cidadão romano, gottejando
Sangue no fóro, incendiava as turbas,
E era como um vexillo formidavel
D'emtorno ao qual suas férvidas phalanges
A publica vindicta arrebanhava.
Mas hoje!... o callo da cerviz passou-lhes
Ao coração: nem ha...

Catão

Sôbre esses males
Só me resta gemer: assás contra elles
Luctei debalde.

Manlio

Então...

Catão

Co'a minha morte
Só este coração, só a minha alma
Quero salvar do crime.

Manlio

O crime é d'elle,
Do tyrano, e não nosso... ou é da sorte.
Se Deus Optimo Maximo o permitte,
O homem fraco...

Catão

Não faças tam pequeno
Nem tanto abatas o homem. Pouco vale
Se escravo das paixões, fraco se deixa
Ir ao sabor das ondas do destino.
Mas o homem que é digno de ser homem,
O varão forte, que o revez encara
D'avessos fados, que lhe apara os golpes
No adamantino escudo da virtude,
Que, arca por arca, lucta c'o infortunio
E consegue atterrál-o—oh, esse é grande,
Esse não teme, desafia a sorte.
Por certo não é crime ser escravo,
Só desventura grande, mas, podendo
Espedaçar os ferros vergonhosos,
Não o fazer é vil baixeza torpe,
E' covardia,—e a covardia é crime.
A natureza, que nos deu a vida...
A natureza—Deus Optimo Maximo,
Deu-nos co'a vida essenciaes direitos,
Inalienaveis, que são parte d'ella;
Deveres nos impôz strictos, sagrados,
Condições da mercê. Quem perde aquelles,
Posterga est'outros, e só préza e guarda
O dom da vida— offende a natureza
E ultraja o Creador.

Manlio

E póde o homem,
Com sua falha razão, acertar justo
N'este termo?... E se errar?—Porque não hade
O mesmo Sôpro Eterno que dá vida,
Distribuir a morte?

Catão

E eu morro, amigo,
Quando a minha alma eterna assim liberto
Dos vinculos do corpo? Se esta essencia
Que da vida ás funcções em nós preside,
Porção da Divindade, é pura essencia
De espirito immortal, não obro crime,
Não renuncio á dadiva celeste
Se a livro de baldões, e denodado
De opprobrio indigno a salvo. E se, ao contrario,
Combinação fortúita do acaso
Me formou a materia; se a minha alma
Morredoura e mortal como o meu corpo...

Manlio

Ainda então... — E essa doutrina abjuro...

Catão

Abjuro-a eu tambem Abhorrecido
Seja dos homens, e de Deus maldito
O impio que a propagar; — morra, e castigo
Lhe não quero maior! — crendo o que ensina.

Manlio

Pois bem. Mas ainda então, e se tal fosse
A triste realidade, outro motivo
Deveria prender-te.

Catão

Qual?

Manlio

A patria.

Catão

A patria.. patria — e agora!

Manlio

Sim. — Perdôa
O sincero falar, amigo, a um velho:
Quanto és, bem sei, por ella te has votado;
Catão só com sua espada e com seu nome
Defendeu a republica, e de Roma
Protegeu a orphandade, quando todos,
Vil! — a desampararam os seus filhos!
Mas agora no extremo, n'este afflicto,
Apertado momento da agonia,
Na hora do passamento é que a abandonas?...

SCENA IV

CATAO, MANLIO, JUBA

Juba

Catão, ao porto, ao porto! O vento serve,
Estão prestes as naus. Bruto me manda
Dizer-te que não tardes. As cohortes
De Cesar assaltaram de repente,
E por todos os lados nos envestem.
As muralhas esbroam-se a pedaços
Sob os golpes do ariete incessante:
Raros sobre ellas, a um e um, se contam
Da liberdade os tristes defensores:
Mas com elles é Bruto; disputadas
Hãode ser as ruinas palmo a palmo,
No emtanto, ao porto! Bruto assim t'o roga:
Nos muros basta elle: — e defender-nos
Muito tempo, é impossivel.

Catão

Bem: a hora
Chega emfim. — E os velhos senadores,
E o povo?

Juba

Esse tropel de gente inerme
Andam como alienados pelas ruas
Bradando, lamentando; — outros furiosos
Sobem aos muros de impeto e se arrojam,
A perecer, nas lanças inimigas.
Recresce a confusão com o alarido
Das mulheres que vão de templo a templo
Huivando espavoridas, desgrenhadas.
Velhos, crianças — miseranda vista!
As seguem com tristissimos gemidos:
E c'os nomes dos deuses, de mistura,
O teu invocam: por ti choram, clamam,
E ullulando «Catão» desatinados
Vagam áquem, além. — Escuta: ahi correm
Para este lado Ouvel-os? — Receio
Que se atrevam talvez.. Ha sediciosos
Entre elles: e é prudente...

(*Tira a espada e chega-se para as columnas: Manlio faz o mesmo.*)

Catão

Juba, Manlio,
Que pretendeis? Deixae para o tyranno
O acutillar o povo: o officio é d'elle
Que lhe tem medo, eu não.

SCENA V

CATÃO, MANLIO, JUBA, POVO

Povo (*de fóra*)

Catão, acode,
Catão, acode ao povo!

Catão (*corre as cortinas do poristyllo; e apparece a praia coberta de povo, o qual vem subindo a escadaria quasi até ao nivel da scena; Catão dirige-se a elles*)

Meus amigos,
Que quereis? Aqui estou. Quereis meu sangue?
Tomae-o.

Povo

Não, não, não!

Um do povo

Pereça o ingrato
Que de seu sangue té á ultima gotta
Por ti não der!

Povo

Pereça!

Catão

Povo de Utica,
Romanos—que vós sois Romanos ainda,
Que pretendeis? As legiões de Cesar
Estão já sôbre nós. Esse alvorôto,
Esse acclamar o nome d'um proscripto
Moverá sua cholera tremenda
Contra vós. Ide em paz, amigos, ide.
Meu coração trasborda agradecido
C'o esse applauso sincero e não suspeito...
Mas, Uticenses—não deis pasto ás iras
De Cesar: sua causa vencedora
Achou graça ante os numes. Ide, oh, ide;
E guardae d'este impeto primeiro
Os filhos, as espôsas. Não façamos
Mais victimas. Escape ao sacrificio
Algum sequer de quantos se atreveram
A ser amigos de Catão...

(*Gemidos e chôro geral entre o povo*)

Um do povo

Quem hade
Desamparar o bemfeitor, o amigo,
O pae do povo, o protector constante,
A nossa ultima esp'rança?

Povo

Ninguem.—Morra
Quem o desamparar.

Catão

Basta, meus filhos...
(*para Manlio*)
Eu não posso deixar de internecer-me
Com tanta devoção, Manlio,—e n'esta hora!
(*para o povo*)
Basta, que me rasgaes os seios d'alma.
Não as ouvis cahir, essas muralhas
De vossa forte patria? Raza em terra
C'os areaes será Utica em breve...
Olhae! não vêdes como vêem com ellas
Alanceados, partidos a pedaços,
A suverter-se no montão das ruinas
Os poucos, derradeiros defensores
Que nos restavam? Oh, tende piedade
De vós, de vós!

Um velho

A nossa vida é nada:
Somos velhos inuteis,

Uma mulher

E mulheres,
Quc não podemos defender a patria,
A liberdade.

Um velho

Mas queremos todos
Morrer por seu magnanimo caudilho.

Povo

Queremos!—por Catão!—morrer!

Catão

Oh Cesar,
Assim não triumphaste nunca!—Amigos,
É forçôso; curvêmo-nos ao fado.
Fizemos quanto humano esfôrço dava;
Mais não podêmos, que é tentar os deuses.
Concidadãos, não tenho mais que dar-vos:
Conselhos só;—ouvi-os, attendei-os.
Pae me chamastes?—Escutae a extrema
Vontade, o ultimo rôgo e mandamento
De um pae... e promettei-m'o aqui n'esta hora
Solemne,—n'este instante derradeiro
Da despedida—promettei cumpril-a:
Jurae-m'o, filhos!

Povo

Sim, juramos.

Catão

Ide;
Obedecei á vóz agonizante
De Roma que vos fala por meus labios.
Salvae-vos! Ahi estão naus apparelhadas
Para quantos não ousam confiar-se
Na clemencia de Cesar... A clemencia
De Cesar!—A seus lares socegados
Voltem os outros. Ide, foge o tempo:
Adeus!

Um do povo

Vem tu comnosco, iremos todos
Contentes inda além das portas d'Hercules.

Povo

Vem, vem comnosco, pae!

Um do povo

Sós onde iremos?
Sós, sem Catão, não vamos.

Povo

Não! não vamos.
(*Grande rumor entre o povo*)

Catão, (*a brados grandes*)

Perjuros! renuncio ao vosso affecto,
Desobedientes, vosso amor fingido
Lanço de mim; e impreco os santos deuses
Que sobre vós...

Povo

Catão, não nos maldigas:
Obedecêmos já. (*Começa a dispersar-se o povo.*)

Catão

Filhos de Roma,
Não meus,—filhos de Roma, e dignos d'ella,
Proteja-vos o Deus que a desampara
Por nossos crimes—e a vós vos salve,
Que innocentes sois d'elles.
(*Vae-se retirando o povo, parte para as naus, parte para o interior da cidade.*)

SCENA VI

CATÃO, MANLIO, JUBA

Catão

Vae, meu principe
Com a tua presença—que eu não posso,
Commoveu-me demais este spectaculo!
Pôr ordem n'esse embarque. Reservada
Das triremes fique uma: é para Manlio,
Para ti,—para aquelles que poderem
Escapar.

Juba

Mas...

Catão

Quê?

Juba

Oiço a cada instante
Redobrar o conflicto... E eu longe d'elle!
Que dirá de mim Numida e Romano?
—D'aqui... oh, d'aqui vejo Marco-Bruto
Só, impavido, e firme como o Atlante,
Em pé sobre um acervo de ruinas,
De pedras—cimentadas com cadaveres
E sangue!—d'aqui lhe oiço a voz ingente
A Romanos e a Numidas bradando,
Dando ordens; e co'a intrepida firmeza
D'aquella alma, só menor que a tua,
Sustentando, contendo o marte adverso...
—E a mim de tanto p'rigo e tanta gloria
Não me hade caber nada!

Catão

Nobre Juba,
O louro dos heroes custa mais sangue
E lagrimas, do que aguas leva o Tibre,
A cujas ribas cresce a fatal rama.
É mais bella, mais pura e digna do homem
A do carvalho civico. Vae Juba:
Salva esses cidadãos. Eu tambem tenho
Amor á minha gloria, e aqui estou.—Quanto
Póde inda Bruto sustentar-se?

Juba

Uma hora
Breve, escassa . (*Olha da galeria*)
Nem tanto porventura!
Oh, Catão, aproveita-a, que...

Catão

Não tarda
A minha hora... mas não veio ainda.
— Vae onde te pedi, vae: não descanço
Emquanto estas galés não desaferram.

SCENA VII

CATÃO, MANLIO

Catão

Manlio, em que pensas tão profundo?

Manlio

Penso
Na desgraça de Roma, — que, de todos
Abandonada, nem Catão lhe acode.

Catão

Outra vez t'o repito: meu amigo,
Eu — que posso eu j'agora?

Manlio

Pódes muito.
Teu nome e auctoridade é respeitado
Do dictador. Podes tentar ao menos
Um derradeiro esfôrço a pró de Roma:
Talvez ainda stipular com Cesar...

Catão

Com Cesar stipular! Entrar em pactos
Com o forte não póde o fraco: estala,
Antes de dado, o laço da alliança,
Da convenção, do nome que mais queiras
A taes convenios dar. — Amigo, é baldo,
E' louco esperar nada mais de Roma.
Eu resisti por honra, por estricto
Civico pundonor, — não que esperasse
Fructo da resistencia: fructo, digo,
Para o colhermos nós; que a resistencia
Do povo a seus tyrannos e oppressores,
Nunca é van, não se perde. Mallograda
A vemos hoje: e o coração fallece
A quem vê tanto sangue derramado,
Tanto infeliz, tanta miseria — e tudo
Em vão... — Mas não foi vão! — Virá um dia...
Quando, não sei; a Sempiterna Essencia
Em tabuas de diamante o tem marcado:
Virá um dia... — Mas é longe ainda
Esse dia de nós. — Ai! quantas vezes
O temos dito ambos! Inda agora
M'o repetiste, Manlio: Roma é serva
No coração, tem alma escrava ha muito,
Precisa de tyranno. Catilina,
Sylla, Mario cahiram de pouca arte,
De pouco expertos no mester difficil
De dourar os grilhões: foram lançar-lh'os
Rudos, negros ao collo inda lembrado
De antigas ufanias. Julio é outro:
Sobeja-lhe arte para ser tyranno
De sua patria decrepita.—Não mata,
Algoz que é só cruel, a liberdade:
O sangue não a affoga; reverdece
No martyrio.—Senhor, como esse, fôra
Uma benção de ceu sobre a republica
Emquanto ella tem fôrças para a cura,
Que, ja'gora, só póde dar lhe o ferro
D'um tyranno—que rasga, dilacera,
Estimula, espedaça,—mas, ás vezes,
Como a espada de Achilles fabulada,
Sara o que fere.—Porém Cesar!... Cesar
É tyranno mais dobre, mais astuto.
Esse é traidor algoz; não mata a ferro,
E só vae propinando lentamente
Venenos encubertos, disfarçados,
Que, sem travar nos labios levam morte
Ao coração, — e o derradeiro affogam
Desejo, idea, imagem da proscripta
Liberdade. . (*silencio longo*)
Oh!—Já vão sahindo o porto,
Já largaram as naus. Respiro: um pêso
Ferreo se me tirou de sobre o peito.
Estão salvos, e eu livre!—Meu amigo,
Tu vaes com elles.

Manlio

Eu?

Catão

Sim tu, meu Manlio,
E Juba vae comtigo.—E Marco-Bruto
Irá tambem: vou-lhe mandar que cesse
O combate, e que as portas abra a Cesar.

Manlio

Bruto não cede assim, nem te abandona.
E hei-de fazêl-o eu?

Catão

Sim, hasde.—Marco
Hade tambem obedecer-me. Ardente,
Arrebatado é o joven, mas sincero,
Probo, leal.—Perdoa-lhe, eu te rógo,
Perdoa-lhe, ama-o pelo amor antigo
De Catão, que t'o pede.—Bruto e Juba,
Ambos são filhos que adoptou minha alma;
E ora t'os lego, amigo.—Vae com elles
E esses poucos fieis que inda restarem,
Buscar asylo, ou seja na Numida,
Ou além nas indomitas Hespanhas,
Ou onde quer que amigos vos acoitem
Das proscripções de Cesar.

Manlio

E tu proprio
Porque não vens comnosco? Ó meu amigo,
O povo com justiça t'o pedia:
Vamos co'estas reliquias d'outra Cannas,
Vamos a demandar novo Cannusio,
D'onde talvez, comtigo, inda possamos
Volver a conquistar o Capitolio
E resgatar a patria.—Das Hespanhas,
Inda não subjugadas, nos convida
O filho de Pompeu, que entre esses povos
Fortes legiões instrue, e co'ellas jura
Vingar o pae... Sorris?—Talvez de incredulo.
Mais illustres proscriptos (não é elle
O primeiro) ahi acharam gazalhado,
Defensores e patria...—e patria, amigo,
Menos ingrata do que a nossa Roma.
E porque não iremos nós entre elles
Procurar as fortunas de Sertorio
Lá no extremo Occidente, n'esses montes
Ferozes de sua ingenua liberdade?
Depararemos por ventura ainda
Com algum Viriato que esquecido
Não tenha o amor da independencia antiga.
Deante d'eses feros Lusitanos,
D'esse nobre, indomado povo duro,
Já muita vez tremeram de assustadas
Aguias romanas, e...—Tu ris!

Catão

Sim, rio,
Manlio, e de ouvir-te. O cego enthusiasmo

De Bruto não se inflamma, não centelha
Com mais viva eloquencia, nem lhe rompe
Com tanta convicção do intimo peito.
Que seductora é a amizade, Manlio!
Tu, cuja razão clara e exp'rimentada
Ri das vans esperanças de mancebos,
Fez-te mais cego que elles a cegueira
Do amor que me tens. Não me quizeste
Inganar, bem o sei. não: o enganado
Foi o teu coração.—Meu caro Manlio,
Desillusões basta já: eu nada espero
(Nem o esperas tu; bem o conheço)
Do mancebo Pompeu ou de suas armas.
Esses barbaros sim—mas será tarde—
Os barbaros, que tanto desprezámos,
De quem nós, de quem Gregos, nossos mestres,
Mofaram tanto—esses hãode ainda
Os altares erguer da liberdade,
Que nós, impios, sacrilegos prostrámos.
Elles accenderão seu fogo santo
Para allumiar, purificar a terra.
Diz-m'o no peito um Deus: n'essa esperança
Morro:—essa esperança me consola.
No desamparo de morrer sem patria...
(Fica algum tempo em silencio e meditabundo;—levanta-se e prosegue:)
Oh! minha morte não será inutil!
Um dia inda virá que este meu sangue,
Hoje aqui derramado em sacrificio
Á liberdade santa—reverdeça
D'ante os olhos da oppressa humanidade,
E alce clamor com que tyrannos tremam,
E acordem povos...
(Depois de longa pausa, vem a Manlio, apertando-lhe a mão.)
Manlio, meu amigo,
Baste este adeus. Não mais: sejamos homens:
Adeus!—Parte, que é tarde.—Adeus!

Manlio

E é força,
E força... que este seja o derradeiro!
(Abraçam-se; Manlio retira-se lentamente.)
Obedeço-te.

Catão

Vae!—Oh, ver-nos-hemos
N'outra patria mais bella e mais ditosa...

SCENA VIII

CATÃO *(só)*

Quebrou mais este laço. Foi violento
O golpe .. E ha ainda onde fira um golpe
No coração que todo é chaga viva...
Antes callosa ulcera insensivel?
Oh, van philosophia! *(Pausa longa)*
É morta Roma!
É morta Roma... e eu sou vivo ainda!
Começa a envergonhar-me esta fraqueza.
Morrer!—Mas eu receio acaso a morte?
Não por certo; não vejo na minha alma
Nem a menor saudade da existencia.
Sinto no peito o coração tranquillo;
Pelas veias o sangue vae pausado...

SCENA IX

CATÃO, MARCO-BRUTO, JUBA

Marco-Bruto

Meu pae, estamos sós alfim... Não resta
Mais um Romano em Utica. Os escravos
Do tyranno innundaram a cidade.
Apenas esta casa se defende
Com um resto de Numidas.

Catão

E o passo
Que occulto leva ao porto e ás naus—seguro
E livre é ainda?

Juba

Sim, e guarnecido
Com cem frecheiros meus: o passo é estreito,
Facil de defender; nem o descobrem
Tam cedo

Catão

Bem está.—Ide, meus filhos;
Ide, que Manlio só por vós espera
Para levantar ancora. Adeus!—Marco
Respeita o honrado ancião—Juba... estremeces?
Medo não é.—Tu coras, Marco, e enfias
Ao mesmo tempo?—Filhos!.
(Deitam-se ambos aos pés de Catão e o abraçam).

Juba

I remo, e é medo
De te deixar, meu pae!

Marco-Bruto

Pae, não te deixo.
Não eu! Maldize embora o filho.

Catão

Filho!
E's cruel com teu pae.

Marco-Bruto

Impio me chama:
Não parto.—Fugir eu, salvar a vida
E abandonar Catão! Tal se não hade
Dizer de Marco-Bruto. Se forçosa,
Se a Roma necessaria é esta fuga,
Dá-nos o exemplo tu: vem.

Catão

Mui diff'rentes
São os nossos deveres: Bruto deve
Para a patria viver; mancebo é ainda,
Talvez um dia.. poderá servil-a:
Catão velho, cançado, e a Roma inutil...
Só lhe resta morrer.

Juba

Morrer!

Catão

Sim.

Marco-Bruto *(levantando-se)*

Morre:
Mas eu não vivo.

Catão

Vives, que eu t'o ordeno,
Que o manda Roma.

Marco-Bruto

Roma!—Que o decretem
Os soberanos deuses, Bruto deve,
Onde expirar Catão, morrer com elle.

Catão

Meu filho! Ha poucas horas inda eu tinha
Outro filho... Levou-m'o a patria. Embora!
Cahiu n'esta hecatombe derradeira...
Fiquei eu só das victimas marcadas!

— Mas tu, tu és tambem meu filho .. filho
Da minha escolha, mais querido ainda,
Que orpham te pôz o crime em meu regaço.

Marco-Bruto

E eu heide abandonar-te nas mãos d'elle!

Juba

Abandonál-o! Aqui morrêmos ambos
Comtigo: e mais gloriosa morte...

Catão

Juba,
Tuas obrigações são mais restrictas
Que as d'elle ainda. Onde o podêr supremo
Se tolera n'um só, — todo lhe incumbe,
E' responsavel pelo encargo inteiro
Da republica Deves-te a ella, principe;
Não és teu já.

Marco-Bruto

Meu pae, os téus preceitos
Foram, como os decretos soberanos
Dos deuses, para mim sempre. Mas hoje,
Não te obedeço. Eu d'aqui não saio.

Juba

Nem eu *(Silencio consideravel; Catão medita algum tempo.)*

Catão

Ficae embora: mas jurae-me
Que salvareis a vida.

Juba

Juro.

Marco-Bruto

Juro
Se... — Jurarei — se .. Ah! Mas tu...

Catão, *(tomando-o pela mão)*

Meu filho,
Marco-Bruto, meu filho... Oh, que este nome
E' de todos os nomes o mais doce!
Pela vez derradeira um pae te fala,
E tu não hasde ouvir as vozes d'elle!
Minha extrema vontade, hade o meu filho
Desprezar de seu pae! O último rogo
Já feito sobre a margem do sepulchro,
Hasde esquecêl-o tu? Catão supplica,
Pede Catão, e Bruto não o attende!
Meu filho, vem, recebe no teu peito
O longo, o saudoso adeus da campa,
Que só vae terminar na eternidade... *(abraçando-se)*
— Este abraço de morte inda é romano,
Estas mãos que te apertam não teem ferros!
Meu filho, adeus! Sê virtuoso sempre.
Não pódes ser Romano, — mas sê homem.
Roma acabou-se, — resta-te a virtude.
Já não tens patria, — mas tens honra ainda.
Vae — apenas o estado mais tranquillo
Das coisas o permitta, repousar-te
Nas avitas Sabinas: deixa o mundo
A Cesar, e tu vive socegado
Cultivando o teu campo. Glorioso
E' aquelle torrão que tantas vezes
O gran'Censor co'as proprias mãos lavrava.
Dou-t'o em dote da filha a quem mais quero,
A minha Porcia: pela antiga usança
Da boa e velha Roma foi criada:
Ama-a, que o vale. Eu t'a colloco e entrego
Digna esposa de Bruto. — E adeus, meus filhos,
(abraçam-se todos tres)
Recordae-vos de um pae que vos amava,
Para choral-o, não, que morreu livre;
Mas para vos lembrar de seus conselhos,
Para seguil-os sempre. Adeus!
(vae a tomar a espada de sobre o abaco, e não a acha)
Traidores!
Que fizestes! Quereis ir entregar-me
Escravo, servo com as mãos atadas,
Aos algozes de Cesar, ou á infamia
Peior, maior, de seu perdão? Ingratos,
Vós meus filhos não sois; eu vos abjuro,
Vos renego.

SCENA X

CATAO, MARCO-BRUTO, JUBA, MANLIO

Manlio. *(trazendo a espada embrulhada na toga)*
Fui eu, fui eu: perdôa-me;
Não pude resistir .. Cuidei .. — Occulto
(Apontando para uma porta interior)
Vigiava d'alli... Mas já é tarde.
Meu amigo, estão já n'esse atrio... Foge,
Foge, ou...

Catão

Fugir eu! Dá me essa espada.
(Manlio recua: Catão alça a voz tremendamente)
Dá-m'a! *(Manlio entrega a espada)*
Oh Roma, oh Roma! Oh minha patria,
(Fere-se)
Já não ha mais que a vida — eil-a: recebe-a:
Vamos, ao menos, juntos ao sepulchro...
(Cae: — tomam-o nos braços.)

Marco-Bruto

Meu pae!

Juba

Venceste, Cesar, o universo:
Não venceste Catão Dae-lhe esta gloria,
Iniquos deuses!

Manlio

Expiraste, ó Roma!

Catão

Amigos, estes ultimos instantes,
Não m'os façaes amargos. Por piedade...
Essa dor—a meus olhos—occultae-a...
Não me deis—morte... morte de... covarde ..
(Desfallece)

Marco-Bruto

Oh meu pae! *(Procuram estancar-lhe o sangue)*

Manlio

Meu amigo! Que velhice,
Que extremos dias me guardava o fado! *(Ouve-se alarido de soldados que se approximam: tiram as espadas)*

Juba

Morramos defendendo este cadaver.

Catão *(tornando a si)*

Impios!—o juramento ..

SCENA XI

CATAO, MARCO-BRUTO, MANLIO, DECIO *com legionarios de Cesar*

Decio

Paz! clemencia!
Paz em nome de Cesar! Honra e gloria

CATÃO　　Não respondes? — Sempronio em ferros! fala,　　PAG. 560

Acto IV — Scena IV — Catão — Marco-Bruto, Manlio, Juba, etc.

Ao seu nobre inimigo, ao homem grande
Que o dictador magnanimo respeita,
Ama e... *(dá com os olhos em Catão)*—Oh! que vejo! tu...

Catão *(esforçando se para falar)*

Já—na...da
Tenho.. que. . receiar... de. . suas. . iras...
Nem... de. . seus beneficios. .—Mas, amigos,
Vós trahis-me! Porque . vedar-me o sangue?...
Deixae-me—eu sei morrer. *(Mette as mãos ambas na ferida e, rasgando-a com ultimo esforço, exclama:)*

Oh... Roma! *(Expira)*

Manlio

É morto.
Com a patria nos labios,—Ai, que patria
Lhe fadaram os ceus! *(silencio longo)*

Marco-Bruto *(para Decio)*

Contempla indigno,
Contempla a tua obra. Lê, perverso,
No horror d'aquella chaga os teus delictos.
Colhe, escravo, esses louros sanguinosos,
Leva-os a teu senhor: dá-lhe, que o beba,
Na taça da ambição aquelle sangue. .
C'um parrícido mais orna-lhe a gloria.
Que mais quer, que lhe falta? Esse malvado
Porque não vem gosar do seu triumpho?
Venha, venha rever-se no seu crime:
Venha, venha folgar sobre o sepulchro
De Catão e de Roma... Quer mais sangue?
Resta lhe o meu...—Pois venha derramál-o:
Tome-o, dou lh'o:—resgate-me da infamia
De o trazer n'estas veias...—mate a sêde
Do coração atroz...

Decio

Lembra-te, ó Marco,
Da carta...

Marco-Bruto

Que vieste recordar-me! *(Pausa)*
Sabes o que disseste?—Mal conheces
Que sentença de morte proferiste.
Eu, elle não .—Porquê? O parricida
É elle, não sou eu. Se é d'elle o sangue,
Para que m'o legou com tantos crimes?
—Abominado sangue!...

(Depois de breve pausa, vae direito a Decio, trava-lhe da mão, e apontando para o cadaver)

Vês aquelle?
Aquelle sangue é que é o meu, escravo,
Sorvi-o, gotta a gotta, co'estes labios;
E entrou no coração, todo; aqui todo
M'o deixou a vingança enthesourado.

(Ajoelhando deante do cadaver, arranca-lhe o punhal, e levanta-se)

Este ferro, este ferro precioso
E' legado d'um pae... —Pae... oh! que nome!
Onde ha maldicção como esta minha?
Sou filho d'elle, sou:—e heide mostrar-me
Digno do pae no parricidio.. —Oh! tremes,
Covarde coração! Que horror! Eu filho
D'elle... d'elle!—Não sou: é falso: mente.
Sou filho só de Roma.—Pae já tive...

(Apontando para o cadaver)

Quem m'o roubou? —O mesmo parricida
Que matou Roma. E heide eu ter remorsos?
Remorsos!...—Ensinou-me a desprezál os
Esse a quem devo...—Devo só vingança.

Pronuncia as tres ultimas palavras com grande brado, e alevantando a espada para o ceu.—Cae o panno

NOTAS

AO ACTO PRIMEIRO

Nota A

Fracos sobejos da fatal derrota
Do infeliz Pompeu... Sc. I., pág. 536

Os defensores de Utica eram principalmente os restos do exercito de Cneu Pompeu que nas planicies de Pharsalia fôra completamente derrotado por Cesar. A este Pompeu, chamaram o grande por seus grandes feitos: era de nobre familia equestre; seus paes Pompeu Strabo e Lucilia. Seguiu, nas facciosas guerras de Sylla e Mario, as partes do primeiro; e não tinha mais de vinte e seis annos quando, já conhecido por sua eloquencia no fôro, foi ganhar pasmosa celebridade como general, conquistando e tirando do poder de Mario a Sicilia, e logo, em quarenta dias, a Africa toda. A victoria era por conta de Sylla; mas Sylla tremeu de seu proprio auxiliar, e o mandou voltar a Roma. Veiu elle, mas não contente do titulo de *Grande* com que foi saudado por seu patrono, quiz, exigiu e obteve por fim as honras do triumpho que a nenhum simples cavalleiro romano até então se tinham dado. Já não era o cliente mas o rival de Sylla; por sua propria conta logo, foi combater, e venceu o resto da facção de Mario commandada por Lepido; obteve novo triumpho, e foi nomeado consul. No seu consulado restabeleceu a dignidade do poder tribunicio, e em quarenta dias veiu a cabo dos piratas do Mediterraneo que perseguiu até suas extremas guaridas da Cilicia. O partido popular, que serviu sempre, com ser de habitos e inclinações aristocraticas, lhe fez dar o commando do exercito d'Asia na famosa guerra Mithridatica; venceu prompto os dois tremendos inimigos de Roma, Mithridates e Tigranes, e dispoz do Oriente como de coisa sua; deu, tirou corôas, e só de uma vez recebeu a homenagem de dôze reis. Conquistada a Syria, reduzida a Judea a provincia romana, voltou á Italia, e quando os Romanos tremendo curvavam já o collo ao novo senhor que n'elle esperavam, Pompeu desarma as legiões, e entra em Roma como simples cidadão. Valeu-lhe a modestia um novo triumpho e o amor dos verdadeiros republicanos, que já eram menos e mais corruptos, mas ainda poderosos. Entraram no thesouro, com os despojos que entregou, 20:000 talentos; e as rendas do erario cresceram de 50 a 85 milhões de drachmas. Mas Pompeu não amava sinceramente a liberdade, senão o poder; e só affectava humilhar-se e cortejar o povo, para dominar em seu nome. Logo o mostrou, formando com Cesar e Crasso aquelle primeiro triumvirato, que não só foi norma do segundo, mas de todas as ligas tyrannicas, que, sob diversos nomes e pretextos, teem avexado as nações e o mundo. A Crasso tocou a Syria, a Pompeu a Africa e as Hespanhas, Cesar ficou com o resto e com o governo da Gallia. — A liga quebrou-se logo com a derrota de Crasso por uma parte, — e por outra com a morte de Julia, filha de Cesar que, dada em casamento a Pompeu, era um dos penhores da união. Pompeu, fomentando a anarchia em Roma, queria tornar necessaria a dictadura que ambicionava. Cesar quiz o consulado, e obtivera-o se não fosse a opposição de Catão. Recusaram-lh'o, e marchou sobre Roma. Pompeu fugiu, com elle os consules e parte do senado que lhe deram o poder discricionario que desejava: a sua causa era popular pela assistencia de Catão a quem mettiam mais medo as declaradas intenções de Cesar contra a republica, do que os proprios vicios de Pompeu, — que todavia a minavam e destruiam do mesmo modo. Tudo porém cedeu ás disciplinadas legiões de Cesar, que perseguiu Pompeu até á Grecia, onde se deu emfim a celebrada batalha de Pharsalia, perdida a qual, Pompeu foi obrigado a fugir disfarçado e a ir buscar asylo no Egypto junto a el-rei Ptolomeu, que infamemente o trahiu, mandando-o matar apenas desembarcou. Cesar, a quem o indigno rei mandou a cabeça do seu amigo, fugiu horrorizado da vista atroz, e derramou muitas lagrimas. Foi morto Pompeu no 48 anno A. C. N., com 59 de edade. Catão, com os

Fracos sobejos da fatal derrota
De Pompeu,

foi juntar-se com Scipião em Africa; e, desbaratado tambem este pelas irresistiveis armas de Cesar, acolheu-se a Utica, na situação em que o presente drama o figura.

Veja Valer. Max. 2, *cap. 10;* Plut., *Vita Pomp.* Vel. Paterc. 2 *e* 29; Dio. Cass; Caes., *De Bell. civ.* Cic. Eutrop.; *ad Att c., orat. 68 etc.;* Flor. 4.

Nota B

...Qu'é d'ella, a liberdade?
Quanta nos deram Mario, Sylla? — Quanta
Nos daria Pompeu se triumphante
Com suas legiões volvesse ao Tibre! Sc. II., pag. 539

O que seria Pompeu se triumphasse de Cesar, e de Pharsalia marchasse vencedor sobre Roma, em vez de fugir vencido para Alexandria, bem se póde inferir de suas inclinações, que o proprio Catão conhecia muito bem, apezar de o patrocinar sempre contra Cesar, por principio de politica, esperando quebrar na opposição estas duas ambições rivaes que ameaçavam a liberdade. Na nota anterior se viu o resultado d'essa combinação, que não podia ser outro senão o triumpho de um dos dois tyrannos. A antiga constituição de Roma estava destruida, já se não podia restabelecer. Muito grande, muito rica, muito corrupta, era-lhe forçoso servir. As facções armadas dispunham sós, ha muito do poder que se dizia havido do povo, em quanto o povo passava da tyrannia de Mario para a de Sylla, da d'este para a d'aquelle, sem ousar tomar parte n'uma questão que só era sua, porque, vencesse qual vencesse, elle povo tinha de pagar o triumpho. Mario era um camponez rustico; das fileiras subiu a general, e seis vezes foi consul. Sylla, nobre e pulido, mas pobre, chegou a ser riquissimo, foi dictador e dominou o mundo. Aquelle á frente da facção popular, este da aristo-

cratica, ambos disputaram de tyrannia, de atrocidades e de crimes. Qual degollou mais cabeças, qual derramou mais sangue? Não sabe responder a historia, não o poderiam dizer nem os contemporaneos. Mario prezava-se de ignorante, do desprezo em que tinha as lettras, do odio que professava a seus cultores. Sylla foi splendido patrono das sciencias e das artes. Mas a um a ignorancia, a outro a instrucção levaram aos mesmos crimes e sepultaram nos mesmos vicios. De Mario sabemos que morreu na embriaguez; de Sylla, comido de piolhos pela corrupção em que sordidas crapulas lhe pozeram o sangue.

Nenhum amava a liberdade, nenhum a serviu: mas ambos a arvoraram em seus vexillos para capa de paixões, de odios, de ambições, de caprichos pessoaes. Mario, homem do povo, atirava ao povo com as cabeças dos senadores e cavalleiros romanos; e o povo tonto gritava: Viva a liberdade! — Sylla, nobre e cavalleiro, mandava espetar nas pontas das lanças dos seus as cabeças dos amigos de Mario; e as classes superiores gritavam: Viva a liberdade! — E todos diziam bem em seu sentido; porque, em *lingua facciosa*, LIBERDADE quer dizer a *dominação do meu partido sobre o contrario*.

Qual foi a consequencia? que os Romanos se cançaram por fim, e Cesar reinou absoluto.

Veja Cic. *In Verr etc*, C. Nep., *In Attic.*; Tit. Liv. 75 *etc.*; *Paus, 1*, c 20, *Val. Max* 12; *Flor* 3, c 5 e 1. 4 c. 7; Polyb. 5; Just. 37 *e* 38; Plut *in Vit;* Eutrop. 5, c. 2; Vel. Pat. 2, 17, Luc. 1; Virg *Æn.* 6, *etc.*

Nota C

......Os Quincios
Já não voltam...... Sc. 11. pag. 539

Lucio Quincio Cincinnato deixou o seu nome e glorioso desinterêsse em proverbio aos Romanos, e de perpétua accusação e vituperio aos falsos republicos de todas as nações para quem o enthusiasmo da liberdade não é senão capa de ambição e de inextinguivel sêde de dominio. Viveu á volta de 460 A. C. N. E' bem sabida a sua historia. Andava lavrando e com a mão á rabiça do arado quando lhe chegou mensagem do senado que o elegêra dictador. Deixou com pezar o sulco meio-aberto, mas correu ao campo; venceu os Volscos e Equos que cercavam o exército romano e entrou triumphante em Roma. Dezeseis dias depois da eleição, depôs a dictadura e voltou á sua lavoura. Outra vez foi chamado á dictadura quando já octogenario; venceu, e no fim de vinte dias tornou a depor o podêr supremo, recusando todas as recompensas que lhe queria dar o senado.

Veja Cic. *de Fin.* 4; Flor. 1; Tit Liv. 3.

Nota D

...Aquella Pobreza santa e livre
De Fabricio..... Sc. 11., pag. 539

Caio Fabricio é outro nome que as antigas virtudes romanas fizeram proverbial no mundo. Quatrocentos talentos (320:000$000 réis) entraram no thesouro, dos despojos das victorias que ganhou contra os Samnites e Lucanios em seu primeiro consulado; elle ficou pobre como d'antes. Dois annos depois, indo de embaixador a Pyrrho, recusou com indignação os presentes e offertas do attonito rei, que ainda mais o ficou quando o proprio embaixador lhe veiu denunciar a traição do seu medico que se offerecêra para o envenenar. Morreu e viveu na maior pobreza: foi enterrado a expensas publicas; e duas filhas que deixou, foi necessario que as dotasse o Povo Romano, como liberalmente fez.

Veja Plut. *in Pyrrh*; Val. Max. 2, 4; Cic. *De Off.*; Virg. *Æn.* 6; Flor.

Nota E

Marco Tulio venceu a Catillina;
E hoje--mollemente passeiando
Em seus jardins de Tusculo, revendo-se
Em marmores de Atheuas. manso e quêdo
Philosophando vae.—..... Sc. 11., pag 539

Cicero, depois da derrota de Pharsalia, accolheu-se para Brundusio; e amnistiado por Cesar, foi viver retirado no campo, com os seus livros e os seus marmores: gosto e paixão que sempre teve e de que o partido *irracional* lhe fazia crime, segundo costuma. Receioso dos projectos liberticidas de Julio Cesar, que já na questão de Catilina se tinha de sobejo denunciado, Cicero seguíra, sem se fiar n'elle, as partes de Pompeu; mas não amando menos a liberdade do que o proprio Catão, julgou todavia inutil o sacrificio de ir com elle para Africa; e dando por perdida, desde Pharsalia, a causa da liberdade, assentou de se abster, como homem de bem, de toda a participação em negocios publicos, e dar-se todo aos seus caros estudos da philosophia e das lettras.

Depois da morte de Cesar, voltado ao podêr o partido que se honrava de contar a Cicero entre os seus, o illustre orador recusou do mesmo modo os cargos publicos, e toda a sua influencia empregou em dissuadir de vinganças. Pagaram-lh'o, como costumam, os que dirigiram a reacção que depois veiu: no segundo triumvirato, o de Antonio, Lepido e Augusto, Cicero foi sacrificado á sanha de Antonio, e assassinado aos 63 annos, 11 mezes e 5 dias de sua edade, e 43 A. C. N, no caminho de Caieta para onde fugia n'uma liteira. Cortaram-lhe a cabeça que levaram para Roma e a penduraram no fóro. Aquella eloquentissima das linguas romanas foi ahi publicamente traspassada de uma agulha feminil pela propria mão da mulher do triumviro, a vingativa Fulvia.

Cicero era um verdadeiro *doutrinario*, no bom e leal sentido da palavra, sincero amigo da liberdade, mas contrario ás vinganças e crueis odios dos partidos: d'ahi o respeitavam e odiavam os mandões d'elles todos. O povo chorou-o, e a posteridade ainda não admirou ninguem mais.

Veja Cic *Orat.*; Flor.; C. Nep. *in Attic.*; Quintil.; Plut. *in vit.*; Dio. Cass.; Apian.; *etc.*

Nota F

......Que resurgissem
Os Gracchos..... Sc. 11., pag. 539

Tiberio e Caio Graccho eram filhos de T. Sempronio Graccho, duas vezes consul e uma censor, e de sua mulher Sempronia, da familia dos Scipiões, matrona de grande virtude, espirito e piedade, mãe exemplar no desvelo e amor com que os educou. Ambos foram eloquentes oradores, e exagerados propugnadores do principio democratico, ao qual queriam fazer subservientes todos os outros elementos da sociedade. Mas eram sinceros em suas opiniões, leaes e constantes em seu procedimento.

Tiberio quiz restaurar a lei agraria, e conseguiu pela violencia fazer decretar de novo esta antiga origem das maiores desordens e calamidades de Roma. Mas no meio de seu triumpho, rodeado da plebe toda, que ia reeleger tribuno, foi atacado em pleno fôro por P. Nasica, e assassinado vergonhosamente no meio do povo attonito que o abandonou de covarde.

Socegaram por algum tempo as desordens. Mas Caio, que tambem foi tribuno, e muito mais exaltado que seu irmão, fez em breve recrudescer todos os antigos odios; usurpou de facto a auctoridade suprema, em nome das *massas* (como hoje se diz) opprimiu as outras classes todas, e levou a tal ponto os vexames, que excitou uma reacção tremenda contra si. Tambem este foi abandonado pelo povo, obrigado a fugir, e emfim morto por ordem do consul

Opimio no templo de Diana onde se refugiára, A C. N. 121, á volta de treze annos depois de seu irmão Tiberio.

Lançaram-lhe o cadaver no Tibre, e prohibiram a viuva de tomar luto por elle!

Veja Plut. *in vit.*; Cic. *Cat.* 1; Luc. *Ph.* 6.

Nota G

Quando o favor dos mobiles Quirites
Tinha sédes-curues e tribunatos,
Consulados que dar... Sc. III., pag. 539

Ficou-se chamando *Quirites* aos Romanos desde que admittiram na sua cidade os Sabinos de *Cures*, d'onde derivaram *Quirites*.

Veja Varr. *de LL. l. 4 lib 1;* Ovid. *Fast.* 3.

Sédes Curues eram dadas só aos grandes magistrados ou altos funccionarios da republica, o dictador, os consules, os censores, os pretores e edis. Eram cadeiras de marfim em que nos actos publicos tomavam assento. Os senadores que tinham servido aquelles cargos conservavam as honras da cadeira de marfim, e n'ella eram levados ao senado por seus escravos. Tambem o triumphador subia ao Capitolio em séde curul.

O tribunato foi creado no anno U. C. 261, depois da celebrada dissensão do Monte-Sacro. Os tribunos, ao principio dois, subiram logo a cinco, e d'ahi a dez. Tinham o *veto* nos decretos do senado, convocavam as assembléas populares ou comicios, julgavam em muitos casos de crimes publicos. Annullou-os Sylla, cerceando-lhes as attribuições; restituiu-lh'as Pompeu. E de tal modo tinham usurpado porfim a auctoridade soberana da republica, que Augusto, para instaurar definitivamente a tyrannia, fez-se tribuno perpétuo.

Havia, além d'estes, os tribunos *millitum*, chamados *laticlavii* ou *augusticlavii*, do particular uniforme que traziam os de origem patricia ou equestre; e se diziam *rutuli* os nomeados pelo consul, *cumitiati* os nomeados pelos comicios.

Depois houve tambem os tribunos dos pretorianos: os tribunos de *œrarii*, especie de pagadores das tropas; e os *tribuni voluptatum* encarregados dos espectaculos publicos. Romulo tinha nomeado os capitães da sua guarda *tribuni celerum*.

O officio dos dois consules annuaes substituiu o dos reis expulsos em 244 A. U. C. — Eram ambos patricios até 388 A. U. C., em que se decretou que um fosse do povo, outro da classe patricia. A lei requeria, nos candidatos a este primeiro cargo, 43 annos de edade, e o ter servido os empregos de questor, edil e pretor. Mas pouco caso se fez d'esta, assim como de muitas outras leis constitucionaes, quando as facções democratica ou aristocratica desequilibravam o estado, até que veiu—forçosamente! a tyrannia. Depois, duraram de nome até o anno de 1294 A U. C. ou 541. A. D., em que Justiniano aboliu totalmente o simulacro d'esta auctoridade que só existia nominalmente desde Augusto.

Durante a republica eram eleitos pelo povo.

Nota H

Que podem os ciosos cavalleiros,
Os soberbos patricios? Sc. III., pag. 539

A ordem equestre era a intermédia entre os patricios e a plebe; foi talvez a que deu maiores homens á republica. Chama o texto *ciosos* aos cavalleiros, porque effectivamente o eram, e eternamente o serão todas as classes médias, collocadas, por sua posição, entre a preponderancia moral das dignidades e riqueza da aristocracia, e a fôrça material do numero das classes inferiores. O *ciume* será tanto maior quanto menos equilibrada fôr a constituição, por excesso democratico, ou aristocratico — ou monarchico

Nota I

Eil-o aqui vem o principe dos Numidas Sc. IV., pag. 540

O principe dos Numidas aqui introduzido é um caracter verdadeiramente historico. Seu pae Juba I, amigo de Pompeu, resistira a Julio Cesar até ser derrotado em Thapso, pelo que perdeu o reino e se deu a morte. O moço Juba tinha seguido o partido dos amigos de seu pae; nenhum extrangeiro foi nunca tam popular entre os Romanos nem se *romanizou* tanto. Captivo e levado por Cesar em triumpho depois da guerra, por tal modo ganhou a benevolencia de todos, grandes e pequenos, em Roma, que Augusto lhe veiu a restituir o reino entre os applausos geraes. Escreveu em Grego e Latim de diversos assumptos; historia, zoologia, grammatica, etc.

Veja Orosio, Strab., Suet. e Dion. Hal.

Nota K

O genio de Quirino que está n'elle, Sc. V., pag. 541.

Nome que os Romanos davam a Marte, seu principal padroeiro, e a Romulo, tambem que imaginaram filho d'aquelle.

Veja Ovid. *fast.* 2.

Nota L

Troa como echo d'essa voz divina
Com que a nossos avós salvou da infamia
Jove Stator... Sc. VI., pag. 542

Jupiter (ou Jove) *Stator* era adorado em Roma no templo que lhe levantára Romulo sob esta invocação, em memoria do milagre que alcançára, fazendo (*stare*) parar, sustar, os Romanos que fugiam dos Sabinos.

Veja Tit. Liv.; Flor. *etc.*

AO ACTO SEGUNDO

Nota A

... Lictores,
Expulsae o insensato... Sc. I, pag. 544

Os lictores eram officiaes que acompanhavam sempre os consules, ou as auctoridades que estavam *po testati consulari*, como Catão aqui em Utica.

Nota B

Roma não tinha leis quando Tarquinio
De cidadãos romanos fez escravos? Sc, II., pag. 544

A constituição de Roma foi livre desde Romulo e Numa: os ultimos Tarquinios fizeram-se tyrannos, e por taes cahiram e trouxeram a republica. E' a inevitavel e perpetua reacção da sociedade: os excessos monarchicos trazem a democracia, os desvarios demagogicos a tyrannia.

Nota O

Vossas imagens sentirão a affronta,
Quando a minha—levada em pompa infame
Deante do vencedor... Sc. II, pag. 547

No Capitolio estavam as imagens dos homens grandes da republica. Cesar com effeito levou, no seu triumpho, a imagem de Catão deante de si, já que o não pôde levar em pessoa. E o povo não se fartou de dar vivas ao triumphador!—Catão prophetiza aqui o que realmente veiu a succeder. Levar as imagens

dos mortos em triumpho, é como hoje diriamos enforcar em estatua.

Veja Plut. *Cat. min.*

Nota D

Decio, um homem equestrel...... Sc. v., pag. 548

Homo equestris—por cavalleiro, da ordem dos ca valleiros ou equestre.

Nota E

Deante do teu, seu genio acovardado
Vacilla:...... Sc. v., pag. 548

É como se hoje dissesse um piedoso christão : «O meu anjo da guarda treme deante do teu.» Tinham os Romanos—e os Gregos, e creio que todos os povos—que a cada homem era dado por Deus um genio, δαιμων, que d'elle tomava conta á nascença e só na morte o largava. A este, que os Romanos principalmente chamavam *Genius*, referiam o homem moral todo, o poder intellectual e dirigente do individuo.

Vencia Scipião uma batalha, era o *genio* de Scipião que a ganhava; predominava Augusto sôbre Antonio, era o genio de Antonio que succumbia ao de Augusto.

Assim Racine, tam propriamente e com tanto sabor romano, fez dizer a Nero, falando de Agrippina:

Mon génie étonné tremble devant le sien.

Britann. act. II., Sc. 2.

Veja Cicer, *Tusc.* 1.; Plut. *de gen. Socr.*

Nota F

......por elle subirei aos Rostros, Sc. v., pag. 549

Logar alto no fóro, ornado com as proas, ou espontões das proas das galés tomadas aos inimigos, e que d'ahi tirava o nome de *Rostri* os *Espontões* ou pontas ferradas dos navios antigos A este logar subiam os oradores, como a tribuna, para falar ás turbas.

AO ACTO TERCEIRO

Nota A

......nossos avós, austeros guardas
Da patria liberdade, se opposeram
A que artes gregas na severa Roma
Ousassem metter pé...... Sc. 1., pag. 550

Os austeros Romanos de têmpera velha tinham medo á civilização, e ás artes que da Grecia lh'a traziam. Catão censor, dito o velho ou *Cato major*, foi um d'esses.

A aristocracia republicana, que é sempre a mais dura de todas por necessidade de posição, era a que mais temia os progressos das luzes entre o povo. Por vezes expulsaram da cidade os philosophos e os grammaticos e *rhetores* que, diziam elles, corrompiam a mocidade. Avaliem-se por aqui os desvarios que a este respeito disse o democratico Rousseau, e fizeram os seus discipulos

M. Bruto, criado nas antigas austeridades, e fanatico sincero na santa causa da liberdade, imagina portanto que os Gregos, então já vassallos de Roma, se vingavam de seus senhores, mandando-lhes estes fataes presentes para a corromper.

Proconsules se chamavam ordinariamente os que iam governar as provincias sujeitas da republica. O que administrava a Grecia dizia-se proconsul da Acchaia.

Harmodio e Aristogiton foram dois celebrados athenienses que libertaram a patria do jugo dos Pisistratos, A. C. N. 510.

Vejam Plut. *Cat. maj.;* Paus. 1; Herodot 5, c. 55.

Nota B

Servilia minha irmau, por essas eras
Dava mate ás bellezas mais faladas
Da capital do mundo.. Sc. III., pag. 551

São historicos e authenticos os illicitos amores de Julio Cesar com Servilia, irman de Catão; e foi commum, quasi geral, a crença publica de que Marco Junio Bruto era filho d'elle e não do marido de sua mãe, distincto jurisconsulto que tambem se chamava M. Junio Bruto.

Na narrativa do texto só ha alguns ornatos de ficção; o fundo é real. Mas foi menos tragico; porque nem Servilia foi seduzida, e era já casada e esperta, nem parece que mulher de se deixar morrer porque a deixasse um amante.

Catão certamente levava a mal estas immoralidades, mas não com o sentimentalismo que aqui lhe dá o poema. Parece até, pelo que se deprehende dos historiadores, que Servilia é quem fizera a côrte a elegante Cesar, que foi grande *dandy* nos seus tempos.

Um dia lhe escreveu ella uma carta apaixonada e cheia de requebros com que lhe pintava o seu amor: mandou-lh'a ao senado onde estavam em sessão. Era no calor dos debates sôbre a conspiração de Catilina. Catão que viu entregar uma carta a Cesar, protestou que era dos conspiradores e exigiu que se fizesse leitura d'ella. Cesar não respondeu, e entregou a carta a Catão. Mal a correu com os olhos o austero senador, e indignado lhe atirou com ella, exclamando: *Toma, bebado.*

N'aquelle tempo diziam-se as coisas pelo seu nome.

Veja Corn Nep. *Att.;* Plut. *in Cic.*

Nota C

...Ver-te-hei, com estes olhos
Varrendo a Sacra via—não com a toga
Negra, que tua stoica vaidade
Ostentava no fóro,... Sc. VI., pag. 552

Catão trajava sempre de escuro: o que os seus inimigos attribuiam a affectação philosophica.

Veja Plut. *in. Cat. min.*

Nota D

... Eu sei, Romano, que sou barbaro Sc. VII., pag. 552

Gregos e Romanos chamavam barbaros a todos os outros povos. Só talvez a favor do Egypto faziam excepção, por d'ahi lhe terem vindo essas mesmas luzes com que tanto se desvaneciam, e por que se reputavam, e eram superiores aos outros povos da terra

Nota E

Quanto mais préso e quero o fôro augusto
De cidadão romano, que essa c'roa,
De tanto sangue e lagrimas banhada
Na frente de meu pae!... Sc. VII., pag. 555

No auge de grandeza e dominação da republica os reis solicitavam o fôro de cidadão romano, e se prezavam d'elle mais que de nenhum outro titulo. Quanto aos reis Jubas, pae e filho, veja para intelligencia d'este ponto, a nota I ao Acto I., Sc. IV.

Nota F

...ao parricida
Da patria... Sc. VII., pag. 556

Dizia-se parricidio, no sentido generico, todo o homicidio de proximo parente: ao matricidio, até ao que mais propriamente diriamos *filicidio*, se deu este nome. Parricidio e parricida da patria, é expressão exacta.

AO ACTO QUARTO

Nota A

Bruto, esse nome que te enleva tanto,
Não se illustrou assim. O oiro escondido
No baculo,... Sc. II., pag. 557

Fala-se aqui de Lucio Junio Bruto, ascendente d'este Marco Junio Bruto. Lucio era filho d'outro Marco e de Tarquinia, filha de Tarquinio Prisco, que ambos, com seu filho mais velho, mandou matar Tarquinio soberbo. Chamaram-lhe, por alcunha, *Bruto*, porque bruto e estupido se fingiu para escapar ás proscripções de Tarquinio soberbo. É muito sabida, e passou em proverbio, a allegoria do baculo ou bordão tosco de sabugo, que trazia na mão como simples que se fazia, com o ouro escondido no amago como fino que era Por morte de Lucrecia, 509 A. C N., Bruto mostrou deveras quem era

A alcunha porém tornou-se em appellido, e os da familia Junia todos se honraram, d'ahi em deante, do verdadeiro fidalgo nome de Brutos.

Veja Tit. Liv *I., e 56, II. c. 1 etc.;* Dion. Hal. *4 e 5;* Virg. *Æn. 6;* Plut. *in vit. Brut. et Caes.*

Nota B

«Foi menos glorioso o sacrificio
«Dos Fabios... Sc. III., pag. 557

Trezentos e seis valentes cidadãos compunham a poderosa e nobilissima familia dos Fabios quando se arrojaram a tomar sobre si, sem mais auxilio publico ou particular, a guerra de Veios. Fizeram prodigios, mas succumbiram na batalha campal de Cremera, ao desmesurado numero dos inimigos. Toda a familia alli pereceu com as armas na mão, excepto um que, por criança, ficára em Roma e do qual procedeu depois a illustre descendencia dos Fabios.

Vinham originariamente de honrados lavradores, cuja principal lavoura eram favas, *faba* em Latim, e d'ahi *Fabii*, faveiros.

Veja Tit. Liv. *II.:* Dion. Hal. *9.;* Virg. *Æn. 6.;* Ovid. *Trist.*

Nota C

...Marco-Tullio arrependido
De seguir nossas miseras fortunas.
Tergiversar, fugir por fim... e a purpura
Consular pela estrada de Tarento
Arrastando no pó, ir supplicante
Humilhar-se ao tyranno... Sc. III., pag. 558

Veja nota E ao acto I. e Plut. *in vit.*

Nota D

...a Tiberio já não digo,
Mas nem a Caio-Graccho na vehemencia
De orar cedia,... Sc. III , pag. 558

Veja a nota F ao acto I.

Nota E

...A moribunda
Loba do Capitolio... Sc. III., pag. 558

A loba, que aqui se diz moribunda em allusão ao estado das coisas romanas, era com effeito venerada no Capitolio em memoria da fabulosa ama de Romulo e Remo.

Veja Plut. *in Rumul.;* Ovid. *Fast.*

Nota F

Honra dos meus, cuja tremenda imagem
Inda no Capitolio brande a espada,
Terror dos reis, e salvação de Roma:
Junio-Bruto Sc. III., pag. 559

Veja nota A a este acto.

Nota G

... os filhos indignos sacrifica
Á merecida pena, á morte justa. Sc. III., pag. 559

É a sabida historia dos filhos de L. Junio Bruto sentenciados á morte por seu proprio pae.

Veja Plut. *in Vit.;* Tit. Liv. *etc.*

Nota H

Que todas essas leis,— que plebiscitos,
Que senatus-consultos,... Sc. III., pag. 559

Chamava-se plebiscito a lei que passava nos comicios, senatus-consulto quando a decretava o senado.

Nota I

... em mais clara
Equidade fundada do que o Album
Do pretorio,... Sc. III., pag. 559

O *Album* do pretor era uma especie de edital, proclamação ou manifesto em que, no principio da sua magistratura, annunciava o novo eleito o modo por que havia de proceder ao julgamento das causas de sua competencia. Creou-se este cargo no anno de Roma 388. — Primeiro era um só, chegaram a 64, depois fluctuaram entre 12, 16 e 18.

Veja Macrob. *Saturn. I., 16;* Sigon, *de Jud. I, 7; De off. Pretoris;* Heinec.

Nota J

... aos sanguinosos
Paços de Sylla... Sc. III., pag. 559

Veja nota B ao acto I.

Nota K

... Hontem expulsastes
A Coriolano, porque ousou negar-vos
Os baldios communs: hoje, fugindo,
Abandonaes á furia dos patricios
Graccho que vol'-os dava! Sc. III., pag. 559

Não é exacta a expressão — *baldios communs* de que se usou, com ser menos propria, só porque melhor entendido seria o pensamento.

O que é exactissimo é que a questão da lei agraria tam funesta foi a Coriolano que a impugnou, por occasião do trigo que mandava el-rei Gelo de Sicilia de presente aos Romanos, como veiu a ser a seus defensores os Gracchos por occasião do testamento d'el-rei Attalo que aos Romanos deixára as suas riquezas.

C. Marcio, appellidado Coriolano por haver tomado aos Volscos a cidade de Corioli, banído, por aquelle motivo, por sentença do povo, refugiou-se entre os Volscos e não tardou a vir com elles sobre Roma. Todos sabem que a rogos da mãe e da mulher, cedeu da vingança que já tinha na mão, e não entrou Roma já quasi rendida por suas armas.

Veja Plut. *in vit.;* Flor. *2;* e a nota F ao I acto.

Nota L

... Mario ahi estava
Para inutilisar o feito ardido, Sc. III., pag 559

Veja nota B ao acto I.

Nota M

... servos os tribunos
E facciosos; avara e perdularia
A questura, roubando o derradeiro
Sestercio ao povo, a ultima drachma ao Erario;
Os pretores vendendo em hasta publica
A justiça;... Sc. III., pag. 559-560

Veja, quanto aos tribunos, a nota G ao acto I., e quanto aos pretores, a nota I a este acto.

Os questores, cujo cargo foi creado A. U. C. 269, eram dois ao principio; depois em 332 se crearam mais dois: aquelles, ditos *urbanos*, eram os collecto-

CATÃO *Manlio* — Expiraste, ó Roma! PAG. 568

Acto V — Scena X — Catão — Marco Bruto — Juba — Manlio.

res, recebedores geraes e ministros do thesouro em Roma; estes ditos *peregrinos* eram como pagadores geraes das tropas, commissarios em chefe, e acompanhavam o consul quando commandava, exercendo juncto a elle estas e outras funcções fiscaes e politicas. Dilatados os limites da republica, e os do imperio ainda mais, cresceu o numero dos questores na proporção do das provincias que tinha cada uma o seu, e a estes chamavam por isso *provinciales*.

Eram senadores natos os questores; e quando os dictadores, depois os imperadores, queriam fazer esta mesma operação que hoje fazem os ministerios dos governos representativos monarchicos nomeando pares novos para segurar o voto da segunda camara,—nomeavam uma fornada de questores, e assim tinham a votação dos Padres-Conscriptos. Sylla creou vinte de uma vez, J. Cesar, de outra, quarenta.

Foram estes cargos originariamente da nomeação do senado, até que a usurparam, com todas as mais, os imperadores.

O *quæstor principis* ou *augusti*, (que tambem ás vezes se dizia *candidatus principis*) e o *quæstor palatii* eram o que hoje diriamos officiaes mores da casa imperial—ou talvez do imperio.

O sestercio era moeda antiquissima romana. Em 547, vinte sestercios eram eguaes a um scropulo de ouro.

O drachma era moeda grega do valor, pouco mais ou menos, de 1$300 réis portuguezes.

Nota N

... Veiu Apio-Claudio
Fazer chorar em Roma por Tarquinio... Sc. III. pag. 560

Apio-Claudio foi um dos decemviros que, a titulo de estarem fazendo as leis das doze tabuas—a constituição, para assim dizer, da republica—cumularam tres annos os poderes supremos do Estado com insupportavel tyrannia: é o Longo-parlamento de Roma, e a historia de quasi todas as assembleas constituintes. Sentiram-se tam vexados os Romanos por este congresso de tyrannos, que chegaram a suspirar pelo despotismo dos Tarquinios.

Começaram em 303 A. U. C., e acabaram com a odiosa e bem conhecida historia de Virginia que Ap. Claudio tentou violar, e que seu proprio pae matou para lhe salvar a honra.

Veja Tit. Liv. 3., *c.* 33.

Nota O

... Morre, meu Porcio,
Que vives para a gloria!... Sc. V., pag. 561

Não é expressão lançada ao acaso. A generosa e sublime ficção do direito romano suppunha vivos para os effeitos civis, os cidadãos mortos na defeza da patria.

Nota P

... filhos de Quirino: Sc. V., pag. 562

Quirino chamavam os Romanos a Marte, e a Romulo como filho de Marte.

AO ACTO QUINTO

Nota A

Consolaste-me, Socrates:...
... Convenceste
A minha alma, Platão... Sc. II., pag 562-563

Todos sabem que Platão, discipulo de Socrates, todas as suas obras as deu como reflexo das lições do mestre. A isto allude o primeiro verso citado.

Catão antes de se apunhalar, leu o dialogo de Platão sobre a immortalidade d'alma, para se confortar com a doutrina consoladora do philosopho pagão que mais se approximou do Christianismo, e certo, um dos que mais preparou os animos para as sublimes verdades do Evangelho.

Veja Plut. *in vita*; Luc. 1; Val. Max.

Nota B

A natureza—Deus Optimo Maximo, Sc. III., pag. 563

Com este titulo distinguiam os Romanos o Deus unico e verdadeiro, que o mesmo Pantheismo reconhecia superior a todas as outras influencias que poeticamente divinizára.

Nota C

Sob os golpes do ariete incessante Sc. IV., pag. 564

Ariete era machina de guerra, vaivem com forte cabeça de bronze affeiçoada á de um carneiro, e que servia para bater em brecha.

Nota D

... Esse tropel de gente inerme
Andam como alienados... Sc. IV., pag 564

Todas estas ciscumstancias aqui descriptas são absolutamente historicas.

Veja Plut. *Cat min.*

Nota E

... inda além das portas d'Hercules Sc. V., pag. 565

Por comlumnas d'Hercules, a entrada ou portas do estreito de Gibraltar—*o non plus ultra* dos navegadores antigos. De Hercules se diziam porque suppunham as tradições que quando alli chegára em suas viagens, puzera aquellas balizas que ninguem mais ousaria passar.

Nota F

....Reservada
Das triremes fique uma:... Sc. VI., pag. 565

A galé de tres pontes, ou tres ordens e bancos de remeiros chamavam os Romanos *trireme.*

Nota G

Como a espada de Achilles fabulada,
Sara o que fere... Sc. VII., pag. 566

Elegante ficção de Homero, provavelmente colhida das legendas populares que recopilou, a qual depois deu thema aos poetas para tanto dito engenhoso.

Veja Ovid. *Remed. Amor.*

Nota H

Vamos co'estas reliquias d'outra Cannas,
Vamos a demandar novo Canusio. Sc. VII , pag. 665

Os Romanos desbaratados por Annibal, junto a Cannas, logarejo da Apulia, na famosa batalha do dia 21 de Maio, 216 annos A. C N., acolheram-se a Cannusio, pequena cidade da mesma Apulia, em que pouco e pouco se foram recobrando da perda e do medo, até que tornaram a entrar em campanha.

Veja Tit. Liv. 22; Plutão *in Annib.*; Flor. 2.

Nota I

.... das Hespanhas,
Inda não subjugadas, nos convida
O filho de Pompeu,... ....
....
E porque não iremos nós entre elles
Procurar as fortunas de Sertorio
....
Depararemos porventura ainda
Com algum Viriato .... Sc. VII., pag. 566

As Hespanhas, e a nossa Lusitania especialmente, deram com effeito muitas lições de patriotismo, de amor de liberdade, de firmeza e de lealdade de caracter, aos proprios Romanos.

Nas Hespanhas foi que os filhos de Pompeu recrutaram principalmente o formidavel exercito que, morto Cneu na derrota de Munda, ainda sustentou a Sexto na Sicilia até á morte de Julio Cesar, e depois o habilitou a tractar com o triumvirato como de egual para eguaes.
Veja Paterc. 2; Plut. *in. Vit. Anton.*; Flor. 4.

Sertorio (Quinto) proscripto por Sylla refugiou-se na Lusitania, onde estabeleceu um governo livre com um senado a que presidia como consul. Pompeu e Metello, os invenciveis generaes romanos, foram assim como os outros, vencidos pelos Lusitanos que defendiam a Sertorio. Succumbiu á traição de Perpenna, official seu, que em um banquete o fez assassinar.
Veja Plut. *in. vit*; Apian. *de civ.*; Val. Max. 1.

Viriato de simples pastor chegou a ser o general e defensor, não só da Lusitania, mas das Hespanhas livres todas: venceu muitos generaes romanos, entre os quaes o mesmo Pompeu. Cæpio não poude livrar-se d'elle senão comprando a traição dos seus domesticos, que o assassinaram.
Veja Flor. 2; Val. Max. 6.

Nota K

Cahiu n'esta hecatombe.... Sc. IX., pag. 568

O grego εκατονβοια, de que os Latinos contrahiram *hecatombe*, significa á letra *cem toiros*; e dava-se este nome ao sacrificio d'esse numero e casta de victimas que os de Argos e Egina offereciam a Juno. Figuradamente diz-se de todo o sacrificio grande e numeroso.

Nota L

.... avitas Sabinas:....
.... Glorioso
E aquelle torrão que tantas vezes
O gran'Censor co'as proprias mãos lavrava.
A minha Porcia:............
..... Eu t'a colloco e entrego
Digna esposa de Bruto.... Sc. IX., pag. 568

Catão o Censor ou maior, ascendente d'este e famoso por sua austera frugalidade, lavrava no seu campo com as proprias mãos.

Porcia, filha de Catão Uticense, foi com effeito mulher d'este Marco Junio Bruto, e digna esposa d'elle pelas virtudes publicas e domesticas de que era modelo. Teve o animo de se dar um lanho terrivel n'uma perna, só para experimentar sua força no soffrer a dôr; e ao marido, que lhe perguntava a razão de tal estranheza, respondeu que quizera vêr se a mulher de Bruto, assim como era digna do seu leito, o era tambem de tomar parte em todas as suas coisas e segredos por mais perigosos que fossem. D'ahi por deante Porcia foi sabedora e tomava quinhão em quanto mais arriscado emprehendeu Bruto. Não lhe quiz sobreviver quando este morreu; e como propria filha de Catão, á mingua de outras armas, que todas lhe tiraram seus amigos, conseguiu matar-se engulindo carvões em braza—á volta de 12 annos A. C. N.
Veja Plut. *in Brut.*, e Valer. Max. que um tanto varia em alguma circumstancia d'esta historia.

Porcia era já viuva de Bibulo quando esposou M. Bruto.

Nota M

Deixae-me — eu sei morrer. Sc. XI., pag. 571

É historico o sentido d'este e dos proximos versos, e exactissimamente o que indica a rubrica.
Veja Plut. *in vita.*

Nota N

..... Mal conheces
Que sentença de morte proferiste. Sc. XI., pag. 571

Allude a ser elle, Marco-Bruto, filho de Julio Cesar, um dos que depois, em pleno senado, o apunhalaram. São bem sabidas as ultimas palavras do moribundo pae; quando viu M. Bruto entre os assassinos, cobriu o rosto com a toga, exclamando: *Tu quoque, Brute!*
Veja Suet. *in vit.*; Plut. *id.*; *Dio*; Apian. etc.

VARIANTES

Versos da primeira edição inteiramente supprimidos ou completamente alterados na segunda

PROLOGO

Depois do verso 26.

Desesperado horror na voz, nos labios
Lhe vem do coração troar vingança.

Depois do verso 33.

Se troa sons de morte e de vingança:
Em vez dos ais de amor pullulam, fervem
Os ais, filhos do horror, nas duras cordas.
Ternura, encantos de delicia e mimo,
Oh! não os espereis: só fala a patria...

Depois do verso 48.

Oh! que ideas de mágoa e de vergonha
Não excita este nome! Italia em ferros!

Depois do verso 54.

Mas não; não recordemos taes memorias:
Ou, se as lembrarmos, lembre-nos o exemplo...

Depois do verso 57.

O ferro de Catão... (não o de Bruto...)
Tambem sabem meneál-o os Portuguezes.

Depois do verso 68.

Oh! não; não attenteis do vate aos erros:
Arte engenhosa, lucidos talentos
No limitado espirito fallecem.

Depois do verso 74.

Não me levou a empreza tam difficil
O louco amor de passageira glória.

ACTO I—SCENA I

(*Manlio.*) E commigo o universo; mas tu mesmo
Bruto, o confessas; só a nós e a poucos...
(*M. Bruto.*) O esquecido valor a excitar n'alma?
Inultos manes, veneranda sombra,
Victima infausta da traição mais barbara!
....
(*Manlio.*) Ah! Bruto! e de que serve o nosso esforço?
Nós poucos, já sem forças que nos resta?
....
(*M. Bruto.*) Basta: aurora a despontar começa...
....
..................................Ah malvados
Cujo horror se emparelhe ao d'um tyranno?
Sim, Manlio, o dia chega; e junto em breve
O senado será: d'elle dependem,
Elle decidirá nossos destinos.
Teus receios ante elle, os teus temores...
....
Eu, simples cidadão, tenho um só voto:
Amigo, aconselhei-te a ser Romano;
Romano não te posso ouvir mais tempo.

SCENA II

(*Manlio.*) Tua ferroz virtude em balde intenta
Erguer das cinzas a defuncta Roma:
Punhal terrivel de civis discordias...
Potencia infausta lhe sustenta o throno;
Indomavel podêr o escuda, o ampara...
Insensatos ousamos... (Ah! debalde)
Pelo phantasma vão da liberdade
Sacrificar as preciosas vidas!...
Porém Sempronio chega. Alma insidiosa!
E inda fia Catão d'homens como este
Fazer Romanos, e salvar a patria?

SCENA III

(*Sempronio.*) Como pretende ás victoriosas tropas
De Pharsalia, do Egypto e do universo
Na impetuosa torrente oppôr barreiras?
(*Sempronio.*).............................. A Cesar
Ir ao encontro; suspender-lhe o ferro;
Salvar-lhe a propria vida, e junto ao throno
Seguir os fados do universo inteiro.
(*Manlio*)..............................É necessario
Expor com energia ante o senado
A crise perigosa em que hoje estamos...
Em breve aqui se ajunta; em vivas côres
Convém pintar-lhe o estado miseravel...
(*Sempronio.*) Nem mesmo aqui, nem mesmo a qualquer outro
Que tu não fosses, Manlio, a quem d'ha muito,
Além do sangue, uniu santa amizade,
Minhas ideas impudente ousára
Patentear descuidoso. Em ti confio
No segredo que exigem.
(*Manlio*).............. Nem duvides:
Minha prudencia ha muito te é notoria.

SCENA IV

(*Sempronio.*).......... .... Ah! não: taes homens
Nem de grandes acções, nem grandes crimes
Capazes fez a avara natureza.
Meus designos porém... Cesar... ah! cumpre
D'um homem que aborreço e que detesto
Vingar-me emfim. O plano está formado:
Executál-o resta.

SCENA V

(*Porcio.*) Entre os soldados, entre os chefes mesmos
Murmurios, dissenções Por esta causa
N'este humilde logar meu pae ajunta
Essas tristes reliquias de Pharsalia
A que ainda senado appellidâmos
(*Juba.*)........................ Sua virtude,
Sua virtude só torna sagrado,
Legítima, redobra em preço, em número
Esse pouco que resta dos Romanos.

Sua virtude só no peito, n'alma,
Dentro nos corações imprime e grava
Respeito, adoração; nutre, avigora
A constancia, o valor, a audacia nobre.
Ella só nos da patria moribunda
Inimigos crueis terror diffunde.
A seu rigido aspecto Cesar mesmo...
....
D'essas tremendas aguerridas hostes...
(*Sempronio.*) Antes que unidos venham nossos fados
Decidir de uma vez, que inflammál-os,
E, um por um, excitar suas nobres almas.

SCENA VI

(*Porcio.*) Por seus labios o ceu lhes fale ao peito.
Mas tu, Juba, calado, e pensativo...
(*Juba.*)................. Ah! Porcio, declarar-te
De minhas reflexões receio a causa.
Um secreto, cruel presentimento
Me faz desconfiar d'este romano.
Illudo-me talvez...
(*Porcio.*). . ... Grande virtude
É prudencia, amigo; mas não dêmos...
.... Em vão tentamos
Dissimular o horror de tantos males;
Em balde os olhos ao clarão fechamos
Do raio que fulmina, e que já troa
Sobre as nossas cabeças...
Quasi incapaz de merecer tal nome:
(*Juba.*) De teu Augusto pae recorda, ó Porcio,
A maxima sublime. E'-nos vedado
Dos decretos do ceu sondar o arcano.
Talvez... quem sabe!...
(*Porcio.*)............... Não, querido amigo;
O mais tenue vislumbre de esperança
N'alma não me entra já. Cada momento
Vejo esse monstro, que em sua ira os deuses
Nas entranhas de Roma produziram
Para rasgar-lh'as parricida filho,
Para no sangue maternal cevar-se;
Esse monstro, esse barbaro tyranno
Nossos muros entrar, e entrar com elle
Ferros, escravidão, ludibrio e morte.
Morte! Ah! não penses, Juba, que a receio.
Um filho de Catão, Porcio, um Romano
Olha contente alevantar-se o golpe
Que á patria o sacrifica, o faz eterno.
Mas, eu sou filho, Juba; e a natureza
E' mais forte que Roma. Ah! resta ainda
A coroar o horror de tantos crimes
A morte de Catão. Tam negra idea
Não, não me é dado sem terror fitál-a.
Como podeis juntar, supremos deuses,
Tantas virtudes com desgraças tantas?
Como soffreis que a barbara fortuna
Ouse . Mas, se o soffreis, se ao crime os raios
Retendes frouxos na tardia dextra,
Maior que ella e que vós seja a nossa alma...

ACTO II — SCENA I

(*Catão.*) De crimes té'qui protege a infamia
Desculpae-me se avivo as vossas chagas,
Se os horrores vos lembro de Pharsalia.
(*M. Bruto.*) Ah! corramos, amigos. Que mais resta?
Que temos a esperar? A gloria, ó padres!
(*Catão.*)........................ Entre as virtudes
E o vicio occulto que lhes veste a mascara...
Se a venda das paixões nos cega os olhos
Seus termos, seus limites confundindo...
E ousaremos assim por vão capricho
A nossa gloria van sacrificál-os
E entre as cohortes do feroz imigo
Ir nós mesmo, mais barbaros do que elle,
Tingir-lhe as lanças de romano sangue?...
Que mais de nossa gloria cubiçosos,
Do que fieis á d'ella, a nossa morte...
(*Manlio.*) Quem atropella as leis da natureza
Não deve os fóros seus gosar tranquillo.
(*M. Bruto.*) O senado?... Pois sim; que me castigue.
Tudo póde tirar-me, a mesma vida,
Menos do coração alma romana.

SCENA II

(*Catão.*).................. .... As razões tuas...
Eu tambem sou Romano... mas sou homem;
Responderei sem ferro...
.... é forçoso ás fauces d'elle,
Ou de salto atrevido além transpôr-se,
Ou sem recurso baquear-lhe ao centro.

SCENA III

(*Manlio.*) Eil-o a paz que vem pedir-nos.

SCENA IV

(*Catão.*) Enthusiasta não sou: e da virtude
Anda sempre mui longe o fanatismo.

SCENA V

(*Decio.*).......................... Mas prezando
De Catão as virtudes, Cesar treme
De ficar vencedor a vez primeira.
No accurvado universo és tu sómente
Quem ao podêr resiste do seu braço.
Por tal competidor de orgulho ufano
Teme acabar sua gloria n'um triumpho.
(*Catão.*).............. .... por elle em Roma
Minha voz, prompta sempre aos infelizes,
Heide erguer, supplicar; e de seus crimes
O perdão alcançar, volvêl-o á patria.
(*Catão.*) Emquanto os labios a bradar vingança
Me deixarem os ceus... só, desvalída. .

ACTO III — SCENA I

(*Decio.*) Nem é de fera o coração do homem.
(*M. Bruto.*) E eu porque homem sou, não quero ouvir-te...
Que eloquencia chamaes, ignoro-a, odeio-a;
Não a sei praticar, não quero ouvil-a.
Poetas, oradores destruiram ..

SCENA VI

(*Juba.*).................... Que enigma encerra
Este dito de Bruto? Ah! talvez ..
(*Sempronio.*) .... Tudo
Te faz desconfiar! Principe, deixa,
Deixa uma vez o genio suspeitoso.
Não; não vacilles mais: quanto te hei dito
E' certo, bem o vês...
.... E no tumulto
Catão assassinar...
(*Juba.*) Perdoa-me Romano: ah! de tua alma
Outr'ora eu duvidei. Tuas virtudes,
Injusto, appreciál-as não as soube.
(*Juba.*) Se os dias de Catão salvo ditoso;
Se esse monstro, esse horror da natureza,
Esse tyranno Cesar posso eu mesmo
Co'este braço immolar aos patrios manes!
Oh! meu pae! dirige o golpe ardido,
Leva-lh'o ao coração d'esse malvado!
Holocausto de asperrima vingança,
O' Cesar, eu te voto ás sombras negras

Do Averno... que os tormentos já prepara,
Das furias, que os açoutes já sacodem...
Vamos; amigo, vamos...
(*Sempronio.*). .... Mais prudencia,
Mais sangue frio é necessario, ó principe;
Porcio para aqui vem: disfarça, occulta;
Ou perdido verás...

SCENA VII

(*Porcio.*)............. Emfim os deuses
Decretaram de Roma; e o fado iniquo
Aos dias de Catão... idea horrivel!
Oh! não, não te verei, dia de magoa.
Não tenho coração que soffra tanto.
Antes que ouse attentar aos dias d'elle,
Primeiro n'este peito a morte crua
Hade ensaiar o golpe. Sim, primeiro...
Sim venerando pae; ao reino escuro
Eu te irei esperar: meus tristes olhos...
(*Porcio.*) Inutil esperança!
(*Juba.*)........ ....Os ceus são justos.
(*Porcio.*) São justos! Ah! são justos; e a virtude
Abandonam assim; assim do crime
Escrava a deixam soluçar nos ferros!
Oh deuses, se quereis que vos adorem,
Se incensos de mortaes, se humildes rogos,
Se victimas quereis, se altares, templos,
Fazei-vos conhecer, mostrae-vos numes:
Amparae a virtude, e aos vossos raios
O impio descore só, trema o malvado.

ACTO IV—SCENA I

(*Manlio.*) Oh cumulo de horror! oh gente indigna!
Restava ainda esta nodoa, esta vergonha
Para enxovalho nosso! Roma! oh Roma!

SCENA II

(*M. Bruto.*) Perfidos!... Ah covardes!... Mas tu, Manlio!
Tu com elles tambem!... Não me enganava.
Não me illudia eu. Indigno, agora,
Agora nós veremos se essa espada
Como a lingua tu sabes...
(*Manlio.*)................ Bruto, ainda
Esse louco furor não moderaste?
Impetuoso mancebo, enfreia as iras;
Sê homem uma vez.

SCENA III

(*Manlio.*) Manlio eu conheço: basta; não insultes
Com vil suspeita um senador romano.
Mas, Sempronio onde está? Juba? meu filho?
(*M. Bruto.*) Jaz socegado emfim: os vis traidores,
E de Cesar as tropas, que os seguiam,
Ou salvaram co'a fuga as torpes vidas,
Ou prezos jazem, ou no campo mortos.
(*M. Bruto.*) .... Porcio! Combateu commigo;
E combateu Romano. A sua espada
Ao meu lado mil golpes desferia
Que invejára Scipião.
(*M. Bruto.*) Mas primeiro immolar ao negro Averno
Em holocausto, perfidos, tyrannos.
(*M. Bruto.*) O cutello da lei brandindo ao crime...
(*Catão.*) Que os vis Tarquinios expulsou de Roma.
Te é livre de julgal-o e de puníl-o.
Tens magistrados, leis, e tens algozes.
Se d'aquelles usurpas os direitos,
Criminoso és tambem. E o negro officio
Do último assumir, julgal-o acaso
Acção condigna a um cidadão Romano?

SCENA IV

(*Catão.*)..................... Oh! ceus que vejo!
Sempronio em ferros! Juba...
(*Catão.*)........ .... Bruto!
Explicae-me este enigma: devo acaso
Ver um traidor n'um senador Romano?
Esses grilhões nos pulsos teus que indicam?
Tu emmudeces?—principe, que é isto?
(*Catão.*) Oh lá, soldados, de Numidia ao principe
As portas da cidade abertas ficam.
(*Juba.*).............. .... Sim; deixei-me
Seduzir d'esse monstro. Mas nem mesmo
Te dignas arguir-me, nem te abaixas
A castigar-me? Oh ceus! esta vergonha
Não, eu nunca a esperei. Pena tão rude
Merecer a Catão não pensei nunca.
Sou criminoso sim; porém, meu crime
E' filho só do erro. Esse perverso
Sob a côr da virtude, do heroismo
Perfido m'o encobriu, soube enganar-me.
Da patria minha na rudez selvagem,
São ignoradas da perfidia as artes.
A minha singeleza, e poucos annos
Facil foi de vencer a quem tam dextro
Em artificios taes, lhe sabe o enrêdo.
Para salvar teus dias ameaçados,
Para evitar que ao dictador abrisse
Conjuração occulta as portas d'Utica,
Me incitou que sahisse c'os meus Numidas
Do lado oriental para encontral-o.
Cahi no engano; e em tanto que eu deixava
Quasi inerme a cidade, elle e os seus socios
As portas do occidente a Cesar abrem.
Conheci, porém tarde, a vil perfidia;
Cahi sobre o traidor e sobre as hostes
Do tyranno de Roma; em tanto o alarma
Soa na praça, os muros se coroam
De intrepidos Romanos. Rechassada
Por elles, e por mim foi essa turba,
Pude na fuga descobrir o monstro...
(*M. Bruto.*) Infame! e ousaste ao meu amigo...

SCENA V

(*Catão.*) Este meu pranto... Não taxeis, amigos,
De fraqueza a minha alma: eu não me pejo
De mostrar que sou homem. Filho! oh filho!
Teu pae em breve... Adeus!... levae-o, amigos.
(*M. Bruto.*) Não; esse corpo do heroe não deve
Sahir de nossa vista, antes que o sangue
Corra do matador. Manlio, soldados,
Dizei, dizei-o vós.
(*Catão.*)......... Seduziste o principe,
Traidor quizeste com algoz perfidia
Impio acabar co'a patria moribunda. .
O pae perdoa, o cidadão não deve.

ACTO V—SCENA I

(*Catão.*)........... ....Oh lá! depressa
Manlio se chame aqui: alguns momentos
A sós me cumpre conversar com elle.
Ide.

SCENA II

(*Catão.*) Convém dizer-lhe os meus intentos,
Confiar-lhe as tenções minhas e projectos.
Timido sim, porém honrado, é Manlio,
Prudente e cauteloso. Sem receios
Descançarei tranquillo. Eil-o que chega.

SCENA III

(*Catão*)............. ....Ouviste agora
A voz da sentinella?

(*Manlio*)......... Ouvi; que importa?
(*Catão.*) Quando uma hora mais tiver corrido,
Ouvil-a-has outra vez; mas esse brado
Eu não o hei de ouvir.
(*Manlio.*)................ Não te percebo.
Porquê?
(*Catão.*) Porque terei morrido.
(*Manlio.*) .... E tu pretendes
Commetter esse crime!... Tu!
(*Manlio.*)..................... Por ventura
São os de Cesar, são os dos Romanos
Que a Cesar vendem liberdade e patria?
Morrendo, impedirás que se perpetrem?
Bem o sabes que não.
(*Manlio.*)............ A ti! Mas como?
Queres livre morrer como um Romano,
Foges a escravidão...
Mas homem. como tu, deixar cegar-se
De fanatismos taes! ..
.... do miseravel,
Que entre gemidos soluçando os roja?
Ou do fado serão? Crimes do fado,
Então nós é que havemos de levál-os?
Sem criminosos ser, punir-nos hemos?
Se os ceus o querem, se o consentem deuses.
(*Catão.*) Nem o póde mandar a natureza,
Nem do contrario os numes a aggravar-se.
(*Manlio.*) Mas dadiva do ceu nos foi a vida,
E o ceu ha de approvar? ..
(*Catão.*) Só para o mundo vive e só no mundo
Então mais livre ainda em dispor d'ella...

SCENA IV

(*Juba.*) Catão, accode, vem... subitamente
As cohortes de Cesar assaltaram,
Furiosas investem nossos muros.
Já tudo é confusão, tudo desordem.
Nossos poucos soldados cada instante
Aos golpes diminuem do inimigo.
Raros sôbre as muralhas já se avistam.
Do dictador as hostes bem conhecem
Nosso misero estado; audazes correm
Seguras da victoria. Ah! vem ao menos
Com a tua presença (se é possivel)
Animal-os ainda: vem, ou cedo
Em Utica verás...
(*Catão*)...................... Não verei nada.
(*Juba*). Como?
(*Catão.*)... Principe, vae; vê se apprestadas
Estão no porto as naus, se a levar ferro
Promptas como eu mandei. Faze que embarquem
Todos nossos amigos; vae, só resta
Este unico remedio; preciosos
Estes momentos são; parte.
(*Juba.*) .... Obedeço.
Mas...
(*Catão.*) Vae, principe: adeus, adeus,

SCENA V

(*Catão*).................... Não posso
Deixar de enternecer-me... a vez extrema
Que vejo os meus amigos sôbre a terra.
Manlio, tu sabes quanto te amei sempre...
Has de sobreviver-me; has de inda, amigo,
Ver Roma escrava... ver a nossa patria,
Essa patria que tanto me ha custado!
Vel-a-has em ferros, gemerás sôbre ella.
Oh! quando desparzires essas lagrimas
No sepulchro de Roma... então recorda-te,
Lembra-te de Catão .. (*Silencio*). É morta Roma
Porção da divindade, assaz viveste
No carcere d'este corpo; vae unir-te
A immensidão do ser na eternidade.
Catão .. a tua hora derradeira,
Eil-a, soou... amigo, adeus. (*Quer ferir-se.*)

SCENA VI

(*M. Bruto*) Oh meu pae! oh desgraça! oh fado! oh numes!
Dentro d'Utica já... foi-se a esperança.
Morreu quanto inda havia de Romanos:
Ficámos nós .. nós só. Tropel de escravos
Do tyranno a montões affluem, correm,
Inundam a cidade...oh pae! oh! dize
O que resta fazer.
(*Catão.*)Tu roubaste-me a espada: não venceste:
Inda tenho este ferro. (*Fere-se.*) oh Roma! oh patria!
(*Catão.*) Deixae-me ao menos... expirar... com honra...

SCENA VII

(*Decio.*) Salve-se Catão, se é tempo ainda.
Do imperador as ordens se executem;
Do amigo vencedor nos braços venha
Esquecer .. Mas, que vejo .. tu...
(*M. Bruto.*) Eis desarmado o peito... a sêde apague;
Eu!... Elle!... Não!... Porquê!... Sim, monstro, barbaro!
Sangue! Oh sangue de horror! Mas, vês aquelle?
Gotta a gotta cahiu sôbre este peito;
Aqui no coração, eil-o aqui todo.
Meu pae... aquelle foi .. matou m'o elle.
Mas vive o filho... e o filho ha de vingál-o.
Filho... do crime... já não temo crimes...
Roma!... patria!... Catão!.. meus paes são estes.

Versos da segunda edição inteiramente supprimidos ou muito alterados na terceira

ACTO I — SCENA II

(*Manlio.*) A potestade infausta, abominosa,
Que lhe alçou esse throno de cadaveres,
Não larga mão do escudo com que o ampara.

SCENA III

(*Manlio.*) E co'a patria exhalar o estremo alento.
(*Sempronio.*) De apparatosa, van philosophia.

SCENA IV

(*Porcio.*) Que ao jugo correm submetter-se humildes!

ACTO II — SCENA I

(*M. Bruto.*) Quê duvidar na escolha—inda um momento!
De morte ou servidão, glória ou ludibrio,
Homens, Romanos, senadores!—Nada...
(*Catão.*) O insensato expulsae: não mais profane...

SCENA IV

(*Sempronio*) A Catão a suspeita...

SCENA V

(*Decio.*) Mas...
(*Catão.*)... Já t'o disse: eu Cesar não conheço.

ACTO III—SCENA III

(*Catão.*) Para os foros de pae ha mais deveres...
(*M. Bruto*) Guiar-lh'a ao coração, mostrar-lhe o peito
Onde deve ferir ..

SCENA VIII

(*Porcio.*) Nem já por entre os labios descorados
Murmurando fugir da patria o nome!
. . . . Caros amigos,
Oh! se podeis, retende-lhe esse golpe!
Oh! lembrae-vos de Porcio n'esse instante;
Recordae-vos da Patria. .
(*Juba.*) Commigo não a tens?. .
Que hãode nossos destinos melhorar-se;
E que ainda de todo os santos deuses
De sôbre nós a dextra omnipotente,
Despiedados, crueis não retiraram.

ACTO IV—SCENA V

(*Sempronio.*) Inda é maior que o odio que te eu tenho

ACTO V—SCENA III

(*Manlio.*) Mas quaes são esses crimes que pretendes
Evitar com tua morte? Hade ella, amigo,
Póde ella impedir que se perpetrem?

Versos da terceira edição inteiramente supprimidos ou muito alterados na quarta

ACTO I — SCENA II

(*Manlio.*) Roma, Roma os teus dias são passados.

ACTO V — SCENA III

(*Manlio.*). . . . . Tul com tal crime
Hasde manchar tua glória!
(*Catão*) . . . . E julgas, Manlio,
Julgas tu crime o subtrahir-se a crimes?
(*Manlio.*) E quaes crimes evitas com tua morte?
(*Manlio.*) . . . . Heroismo e glória
Em animo vulgar sería o feito.
Mas em Catão!—Não é maior virtude
Padecer resignado, soffrer quêdo,
Contente—a teus Estoicos appéllo
Estas arduas provanças da virtude
A que Deus nos votou São crimes os ferros
Dizes tu; mas de quem? Serão do escravo? .
(*Catão*) C'o pavez da innocencia acobertado,
Firme no pedestal da fortaleza,
Caia o ceu, trema terra, immovel fica;
O universo vacilla, e elle não treme;
Desaba o mundo,—e impavido o contempla
Sem medo á quéda, reverter se ao cahos. . .
(*Manlio.*) Bem sei que taes principios abominas.

Versos que se podem supprimir n'esta tragedia para a encurtar na representação

TODO O PROLOGO

ACTO I

Versos 70—a 73.
» 77—a 84.
» 174—a 179.
» 188—e 189.
Da ultima parte do vers. 211—até ao fim da 1.ª parte do vers. 216.
Versos 241—a 246.
Da ultima parte do vers. 291—até ao fim da 1.ª parte do vers. 294
Versos 304—a 311.
» 320—a 322.
» 325—a 328.
» 346—e 347.
» 361—a 369.
» 431—a 435.
» 453—a 457
Da ultima parte do vers. 460—até ao fim da 1.ª parte do vers 464.

ACTO II

Versos 107—a 113.
» 139—e 140.
» 164—a 173.
Da ultima parte do vers. 239—até ao fim da 1.ª parte do vers. 249, *inclusivè* a palavra *ja*.
Versos 251.
» 258.
» 290—e 291.
» 358.
» 421—e 422.
Versos 471—a 480.
» 405—a 499.
» 562—a 565.
» 568.

ACTO III

Versos 44—a 56.
» 63—a 68.
» 215
Da ultima parte do vers. 303—até ao fim da 1.ª parte do vers. 313.
Versos 316—a 319
» 330—e 331.
Da ultima parte do vers. 436—até ao fim da 1.ª parte do vers. 439.
Versos 450—a 452.
» 455—e 456

ACTO IV

Versos 58—a 60.
Da ultima parte do vers. 130—até ao fim da 1.ª parte do vers 135.
Versos. 182.
» 191—a 196
» 201—a 206.
» 293.

ACTO V

Versos 68—a 72
» 81 e 82.
» 88—e 89
» 119—a 124.
Da ultima parte do vers. 307—até vers. 335.
Da ultima parte do vers. 412—até vers. 418.

MEROPE

Tinha dezoito annos quando fiz esta tragedia; foi nos meus ultimos tempos de Coimbra, tempos de memoria saudosa porque eram todos de innocencia e de esperança. Não sei se é por isso que ainda tenho amor a tam imperfeito ensaio, e me não atrevo a queimal-o, como fiz a tantos versos e a tantas prosas da minha criancice. Mas parece-me que não, e que só o conservo pela sincera vontade de mostrar como comecei a engatinhar na carreira dramatica com as andadeiras classicas e aristotelicas que a ninguem se tiravam ainda então em Portugal.

Romantismo, cá o houve sempre; essa molestia se tal é, esse andaço de bexigas, como já lhe ouvi chamar, nunca sahiu da nossa peninsula. Mas a vaccina, como a prepararam Goëthe e Scott, essa é que não havia; e creio que fui eu que a introduzi.

Deus me perdôe se fiz mal. Já começo a desconfiar que sim. Vejo tanta bexiga negra e maligna, vejo morrer d'ellas tanto rapaz de esperanças.

Ora! — ninguem morre senão quem tem de morrer. — Morriam a fazer odes pindaricas e sonetos de annos, que é a molestia mais nojenta, e a morte mais semsabor que ha. Ao menos este delirio da febre romantica faz dizer, com muito desvario, muita coisa d'espirito, sublimidades ás vezes.

Sempre foi bom vaccinal-os; nunca hão de morrer todos. E a molestia já nos andava no sangue. Eu sentia-a em mim; e agora que passei pelos olhos esta *Merope*, acho-lhe bem visiveis os symptomas.

De proposito a corrijo pouco, já que a dou ao publico, não como obra litteraria, senão como documento de historia litteraria.

Leiam n'a com indulgencia.

Digo que tinha dezoito annos quando escrevi a *Merope*. Mas tinha doze quando comecei a pensar n'ella. Estava eu na ilha Terceira, e cheio de presumpções de hellenista, porque um santo velho que alli havia, o sr. Joaquim Alves — excellente homem que usava do mais exquisito barrete e da melhor marmelada que ainda se fez — me tinha feito entender quatro versos de Homero. Tive a confiança de querer ler Euripides no original; e com o auxilio do Padre Brumoy, cheguei a conhecer soffrivelmente algumas das suas tragedias. Não cabia em mim de contentamento e de enthusiasmo. Euripides era o maior tragico do mundo: — já se vê porquê.

— E mais falta o seu melhor drama que se perdeu — me dizia o bom do velho — a *Merope* isso é que era tragedia!

Que pena perder-se a *Merope!* scismava eu noite e dia.

Havia alli tambem n'aquella minha saudosa ilha Terceira outro velho que me ajudou a criar, e a quem devo quasi tudo que sei: era meu tio D. Alexandre que não gostava de Euripides, — barbaro! — nem acreditava na minha sciencia hellenica, — incredulo! — e que, de mais a mais, um dia me fez perder as minhas tam caras e doces illusões, dizendo-me que no theatro inglez e no castelhano havia melhores coisas que nos classicos de Athenas.

— «Mas não ha uma *Merope* como aquella de Euripides que se perdeu». — «Não; mas ha em Italiano a de Maffei, que tem toda a simplicidade, elegancia e regularidade antiga, sem aquellas declamações tam seccantes do teu Euripides». — «Em Italiano! tomára eu lel-a». — «Pois tambem já tu sabes Italiano?» — «Sei, sim, senhor, li um volume inteiro de Goldoni e alguns tres de Metastasio».

Era verdade: não me lembra como achei, mas recordo-me que devorei logo uns tomos truncados d'aquelles theatros, e fiquei-me tendo por tam bom toscano como um academico da Crusca

Andava já dos oitenta por deante o honrado velho de meu tio; outras vaidades do mundo não lh'as conheci, era religioso verdadeiro, e digno successor dos apostolos;

mas em se falando em litteratura, valha-me Deus!

—«Pois em Italiano não o tenho, me disse elle, nem t'o dava se o tivesse, que o não entendias. Mas em Portuguez aqui tens: está traduzido fielmente».

E tirou, de uma estantesinha baixa que tinha ao pé de si, um pequeno volume manuscripto que eu me fui logo ler com toda a ancia.

A traducção era d'elle; não gostei, mas não lh'o disse. Nem gostei muito da tragedia: despida d'aquelle interesse que a difficuldade de as entender e o prestigio da antiguidade me fazia achar nas peças gregas, a admiravel e primorosa composição de Maffei não era para a avaliar e entender um fedelho como eu; não me fez impressão alguma: jurei que era um assumpto estragado. Mas o assumpto achei-o bello, e tive o atrevimento de imaginar que havia de aproveital-o eu.

Outras emprezas e projectos de não menos ridicula ousadia livraram por então a pobre *Merope* das minhas mãos. —Vim para a universidade: os primeiros dois annos não fiz versos nem li poetas; tive a coragem de pôr o meu espirito em dieta de direito romano, coisa utilissima; depois tomei uma indigestão de Filangieri e de todos os publicistas que então eram moda em Coimbra, coisa não só inutil, mas perniciosissima! — E o que mais é, a ninguem disse, ninguem soube que eu tinha a desgraçada manha de poeta.

Deus perdôe aos meus respeitaveis mestres, o sr. José Vaz que no primeiro anno. e o sr. Trigozo que no segundo, me não deram o premio qne eu decerto mereci. — Tinham feito um veneravel palheirão jurista de mais, e um jan-ninguem de um poeta de menos.

Tambem teve sua culpa o sr. Honorato quando, em meu despeito com as faculdades juridicas. me fui fazer mathematico. A algebra é bom contraveneno para os empeçonhados da poesia; mas ha-de ser dado com geito e tento. Quiz-me fazer engulir dózes muito grandes, não me poude o estomago com ellas. Zanguei-me, fiz-lhe um soneto, mostrei-o, acharam-lhe graça, — fiquei perdido. *Jacta est alea;* fui declarado poeta «em plenos Geraes», e destampei a fazer versos como um desalmado de dezeseis annos que eu era.

Mas pensam lá que o fedelho ia ao modesto soneto, ou se ficava na ode pindarica? Agora: calçou o cothurno sem mais ceremonia e poz-se a fazer tragedias que era uma lastima.

Os *Persas* d'Eschylo já eu tinha, havia mais de quatro annos embrulhado e desconjunctado em uma coisa de cinco actos que alcunhára de tragedia com o nome de *Xerxes*. Fui me a ella, inchei-lhe mais os versos, assoprei-lh'os á *bocageana*, e fiz um portento que algnns rapazes meus amigos representaram logo entre os applausos de toda a academia.

Perdeu-se essa obra prima em uma das muitas mãos por onde andou a copiar. (Todos queriam uma copia d'aquelle prodigio!) E é pena, que muito me havia de divertir agora!

Fiz uma *Lucrecia* — e representou se! oh que *Lucrecia!*—Fiz um *meio Affonso de Albuquerque*, um *quarto* de *Sophonisba*, uma *Atala* quasi toda, e não sei quantas coisas mais; mas foram muitas, as que eu *comceei* pelo menos.

N'isto li o Alfieri e Ducis.

O classico e severo italiano tinha sido mordido do romantismo em Inglaterra, que, sem elle o confessar nem o admittir, lhe transsuda nas proprias austeras feições da sua Melpomene toda romana.

O bom velho Ducis aspirava a ser romantico; poeta republicano queria abjurar o servilismo de Racine e philosophar mais que Voltaire; levantou-se com Shakespeare para revolucionar o theatro da França, e «tomar a Bastilha» de Aristoteles. Mas o throno de Luiz XIV era mais forte em litteratura que em politica; Ducis o mais que pôde fazer foi «rodeal-o de instituições republicanas». — A Convenção para as lettras só veiu ha poucos dias com os poetas *jeune-france*.

Mas aquelles dois tragicos transtornaram as minhas idéas dramaticas. Perdi toda a fé nas crenças velhas, e não entendia as novas nem acertava com ellas.

N'este estado compuz a *Merope*. Reminiscencias de Maffei e dos classicos antigos, aspirações a um outro modo de ver e de falar que eu presentia mas não distinguia ainda bem, saudades da escola de que fugia, esperanças n'aquella para que me chamavam, duvidas e receios, verdadeiras incertezas de uma transição, tudo isso trabalhou na *Merope*. As fórmas são classicas: eu não concebia outras; — ainda hoje me parece que são as melhores: — o resto não sei o que é, é uma coisa de criança em todo o sentido, e como tal deve ser avaliada.

Já disse que a corrigi pouco agora: esse pouco foi no estylo e na linguagem, no pensamento nada.

Não chegou a representar-se nunca: estavam ensaiados os primeiros tres actos quando veiu a revolução *de vinte*; poeta e actores e espectadores e o nosso theatrinho, tudo absorveu a excommungada politica.

D'ahi a pouco intentei e comecei o *Catão*.

Dedico esta obra de creança a minha mãe A pobre entrevadinha no seu leito de dôres está agora rezando por mim de certo. Muita lagrima e muita oração lhe tem custado este filho tam estremecido e tam mal aproveitado! Chegará ella a saber que sanctifiquei com o seu nome estas ociosidades? Minha mãe ainda foi d'aquellas senhoras portuguezas-velhas que já não ha. Lia, sabia, prezava as coisas de arte; mas não falava em livros senão comnosco; não brilhou nunca no mundo: *domun mansit, lanan fecit*. Governava a sua casa, cozia os filhos, ensinava-os de palavra e de exemplo: austera comsigo, indulgente com os outros, a sua virtude não dava nos olhos, mas entrava pelo coração.

Não sei porque desgraça, hoje n'este pegão de vicios em que andamos sumidos, alguma rara luz de virtude que apparece, assopram-n'a tanto que fere os olhos á gente e ainda nos cega mais. — Digo o principalmente do bello-sexo que é tanto mais bello com a virtude, — mas não hade fazer tregeitos...

Lisboa, 12 de Agosto de 1841.

A MINHA MAE

D. ANNA AUGUSTA DE ALMEIDA LEITÃO

DEDICO

ESTA TRAGEDIA, QUE FOI O MEU PRIMEIRO
PENSAMENTO DRAMATICO

MEROPE

TRAGEDIA

MDCCCXX

Pessoas: Merope. — Egistho. — Polyphonte. — Polydoro. — O Summo Sacerdote — Povo Sacerdotes, sacrificadores, soldados, sequito do rei. Logar da scena — Messenia

---

ACTO PRIMEIRO

No fundo um peristylo de templo cujas portas devem ser espaçosas de modo que. abertas, se veja claramente o interior do templo;
á direita um mausoleu; á esquerda o palacio real. — E' a mesma vista em todos os actos

SCENA I

O SACERDOTE

(*Abrem-se as portas do templo: por ellas sae e desce gravemente as escadas do peristylo ate meio da scena, antes de falar.*)

Emfim aprouve ao ceu colmar de todo
Nossas desditas já. — Prostrou-se o throno,
Succumbiram as leis, o altar vacilla,
E o crime triumphou.. — Os deuses justos
O quizeram assim! Oh, não me atrevo
A prescrutar seus eternaes decretos...
É culpado o mortal se o ceu castiga;
Sim, mas não veda ao triste o lastimar-se;
As lagrimas do afflicto não são crime,
Nem sacrilegio do infeliz os rogos.
Tu os ouves, suprema divindade,
E permittes que ao throno omnipotente
As coxas preces do infeliz que chora
Cheguem a apiedar tua justiça.
Ah! do teu sacerdote ouve hoje o rôgo,
Deus da terra e dos ceus, Deus meu, attende,
Por mim d'um povo inteiro ouve o gemido.
De Messenia infeliz escuta o brado,
Sobre ella estende a dextra poderosa,
Volve os olhos de pae a seus flagellos.
De sobejo correu o sangue a jorros,
A milhares as victimas cahiram
De tuas íras. — Misero Cresphonte!
Elle era nosso rei; mais que monarcha,
Foi tambem nosso pae terno e piedoso.
Nada o salvou das sanguinosas garras
De ingrata rebellião. Viu moribundo,
Por entre as sombras da vizinha morte,
Punhaes traidores a rasgar-lhe os seios
Dos filhinhos sem culpa... Viu — e a morte
Esperou com o golpe derradeiro
Que a vista horrivel lhe ferisse os olhos! —
Viu á frente dos subditos rebeldes
Polyphonte, o traidor, o ingrato, o monstro
A quem fizera grande entre o seu povo,
A quem de honras e dadivas colmára,
Lançar aos nobres pulsos da consorte
Affrontosos grilhões em vez do sceptro.
Oh rainha infeliz, misera esposa,
Mais desgraçada mãe, Merope... — Ai triste,
Eil-a ahi a mesquinha em seu fadario
De gemer e chorar — sobre esse tumulo
Do esposo, que, não sei por que milagre
Do ceu, ou por que engano de piedade
No tyranno, inda ahi lh'o deixam, inda
Essa ultima memoria das virtudes
Passadas, esse extremo monumento
Da realeza proscripta — o não sovertem
Na voragem que tudo o que era santo,
Illustre, nobre ahi tem devorado
N'esta votada terra de Messenia.
Ella chega. Deixemol-a á vontade
Desafogar suas maguas.

(*Retira-se para dentro do templo e cerra meia porta.*)

SCENA II

MEROPE

(*Entra cautelosamente, e não vendo ninguem, vae direita ao sepulchro.*)

Ai! ainda
Me ficou este ultimo refúgio!
Posso inda a furto vir aqui sósinha
Minhas maguas carpir, desabafál-as
Com estas frias lages, menos duras
Que o duro coração do meu tyranno!
Sulcadas estão já por minhas lagrimas,
Que, tres contínuos lustros, fio a fio,
Me tem corrido o pranto d'estes olhos ..
Sombra adorada do infeliz consorte,
Não te applaquei ainda... As tuas cinzas
Bem as sinto volverem-se no tumulo...
Ah sim, mais do que pranto exige o esposo.
Sangue? — Sangue terás — não de vingança:
Vedam-me esse prazer os ceus mesquinhos;
Mas o meu, o meu sangue n'este marmore,
Em sacrificio extremo derramado,
Hade ir em breve saciar-te os manes,
E unir aos teus meu fado eternamente.
Ha muito... mas sou mãe. Oh! tu, que foste
Tam estremoso pae, tu bem me entendes.

Sou mãe, e esta lembrança me conserva
O debil fio que me prende á vida.
Meu filho! minha esperança derradeira,

(*Assustada e abafando a voz*)

Meu filho!... Oh! se me ouvisse alguem agora...
Se Polyphonte .. oh ceus! Eu rodeada
De espias, delatores ando sempre.
Se me ouviriam?... vejo alli um vulto...
Um homem .. É um homem. Santos deuses,
Agora sim, que a minha hora extrema
De desgraça chegou!
(*Cahe de bruços sobre o tumulo.*)

SCENA III

MEROPE, O SACERDOTE (*caminhando para ella*)

Sacerdote

Não, ó rainha,
Socega, não te ouviram os espias
Do tyranno. Viuva de Cresphonte,
Tuas lagrimas cahiram no meu peito;
E n'este coração jazida eterna
Teus segredos terão, em quanto os deuses
Me não derem que possa quebrantal-os,
Que possa a este povo de Messenia
Liberdade bradar, mostrar-te a elles,
Mostrar-lhes o seu rei, teu filho...

Merope

Filho!
Filho meu! — Ah! ouviste-me, e conheces
O meu segredo.

Sacerdote

Sei-o ha muito, Merope.

Merope

Oh! mas tu és ministro dos altares,
Não hasde.. Bem o sei, sei que não hasde
Atraiçoar-me: oh! sei. — Tenho inda um filho,
É verdade, é verdade; existo ainda
N'esse último resto do meu sangue.
Oh, quizera encobrir este mysterio
De mim propria -- de mim, que tenho medo,
Medo de meu amor não me atraiçôe,
Não me revele n'um suspiro o filho.
Temo que os olhos do tyranno astuto
No pranto maternal m'o não descubram.
Oh! quantas vezes suffoquei no peito,
Nos olhos m'o enchugou a mesma causa
Que o fizera nascer! É o meu filho,
O ultimo, vês tu?—E o esposo, e os outros
Filhos, e tudo o que perdi... ai n'este,
Tudo tórno a perder se o perco agora.

Sacerdote

Tem bom animo, ó Merope, confia
Na clemencia dos deuses; sua cholera
Hade abrandar-se emfim; espera n'elles.

Merope

Ah, que posso esperar dos ceus ainda?
Persegue-me a sua íra injusta, ha tanto,
Sempre, sempre! Tiraram-me o esposo,
Os filhos!...

Sacerdote

Inda um filho te deixaram,
Ainda t'o conservam.

Merope

E é clemencia;
Da piedade do ceu são beneficios
Os males que não fez?

Sacerdote

Rainha, escuta.
Ouve a amizade candida e sincera
Que te fala sem vans hypocrisias.
Eu nunca fiz troar por minha bôcca
Os deuses, a quem sirvo na humildade
D'este meu coração onde não tenho
Menos o amor dos homens que o dos numes.
Mas no ceu, ó rainha, não se medem
Pela nossa medida os bens e os males.
Da eterna justiça não sabemos
Avaliar nós as razões. Soffre, geme,
Resigna-te, supplica, e tem bom animo:
Talvez não tarde seu favor celeste;
Porventura...

Merope

Oh! conservem-me o meu filho,
Não lhes peço mais nada.

Sacerdote

E já te ouviram:
Salvaram-t'o das garras do tyranno.
Foi um prodigio seu. Nem eu concebo
Como, no denso horror d'aquella noite,
Por entre os ferros da impia soldadesca,
Como pudeste subtrahil-o á morte.

Merope

Ah! que ainda o coração me estalla e sangra
Co'a lembrança de horror! Tenho presentes,
Volvem-me n'alma as pavorosas scenas
Inda tinctas no sangue d'essa noite.
Vejo-o. . E já trez lustros são passados,
Vejo em meus braços semimorto o espôso. .
Do peito inda a bulhões lhe salta o sangue...
Vejo das roxas, horridas feridas
A pouco e pouco a vida esvaecer-lhe,
Oiço-o balbuciar no ultimo arranco:
«Espôsa, os filhos...» E ao dizer que os salve,
Cortou-lhe a morte a voz.— Sôbre o cadaver
Que me esfria nos braços, e entre os tristes
Os lastimados beijos com que o cubro,
Queria alli morrer. Mas dentro n'alma
Me brada que sou mãe a natureza.
Corro aos filhos... Ai triste! sinto ainda
O que não podem nem dizer palavras
Nem conceber o espirito.—Impios ferros
Os membros infantis lh'atassalharam.
Abraço-os um e um. . Já não respiram.
Uma tinha ainda o punhal cravado
No seio. Arranco-lh'o... E já curvo o braço
Para morrer alli... Mas inda quero
Cevar os olhos outra vez, fartar-me,
No espectaculo horrivel. Fictos-os, vejo ..
Grandes deuses, que vi! Um de meus filhos
C'um gemido de dor me estende os braços.
Como aquelle gemido me entrou n'alma!
Como outra dor, tamanha mas diversa,
Me revirou o coração no peito...
Não sei; mas um apêgo tal á vida.
Um medo de morrer tamanho, nunca
O sentira jamais. Accudo ao filho;
Inda respira, fôra leve o golpe:
Penso-lhe a chaga pouco funda e tenue,
Co'elle em meus braços á ventura corro
Pelas desertas salas do palacio.
Guia-me um deus: encontro Polydoro,
Do meu Cresphonte o mais fiel amigo:
O tempo foge... eu debulhada em pranto
O precioso penhor nas mãos lhe entrego:
E: «Foge, foge (só lhe disse) longe
«De Messenia, vae, leva-o, corre, parte,
Guarda-o á triste mãe...» — Ia por deante,
Mas o amigo fiel já me não ouve;

Voava: protegeu-o o ceu propício,
Os passos lhe escudou, salvou-me o filho,
E em Élide ambos vivem. — Eu...

Sacerdote

Silencio,
Que ahi vem o tyranno. Vejo os guardas
E o numeroso sequito que sempre
O rodea.

Merope

Não posso já fugir-lhe.

SCENA IV

MEROPE, O SACERDOTE, POLYPHONTE, SEQUITO, GUARDAS

Polyphonte

Lá está junto ao sepulchro. E eu que inda soffro
Essa fatal memoria do meu crime
Ahi a recordal-o, e a suscitar-me
Os remorsos que affogo em vão no peito!
Eu tolero estes prantos de contínuo,
Este carpir de viuva inconsolavel
Que me affronta e me péza! — Acabou hoje
Minha longa paciencia.
(*Approxima-se de Merope*)
Merope, ouve
As palavras de paz com que hoje venho
Pela última vez ..

(*Vendo o Sacerdote*)

Tu que fazias
Aqui? — Para o teu templo, sacerdote,
E deixa-nos em paz. — Vós todos ide.

SCENA V

MEROPE, POLYPHONTE

Polyphonte

Pela última vez, dizia eu, Merope,
Venho a ti Basta em fim de inuteis prantos,
Deixa vãos preconceitos. Foste esposa,
Reinaste; e eu reino agora: tal do mundo
Foi sempre a sorte. Do meu novo imperio,
Fructo de tantas lidas tam cansadas,
E a que o sangue de Alcides me não dava
Menos direitos do que ao teu Cresphonte,
Do imperio a que me ergueu minha victoria
Bem vês que não abuso. Como outr'ora,
És respeitada e vives; livre o passo
A toda a parte tens. Já com justiça
Me poderás chamar tyranno?

Merope

Chamo.
E que és tu mais? Não vês este sepulchro?
Não vês n'elle gravado o teu delicto?
Não te diz que és um subdito rebelde?
Não vês n'aquellas lages esculpidos,
Um por um, teus nefandos attentados?
E aqui, n'este logar, aqui ousaste
Vir, sem pejo, ante mim fazer alarde
De teus horridos crimes! E um tyranno
Não és tu, monstro?

Polyphonte

Sou teu rei, ó Merope:
Basta para punir-te um meu acêno;
Posso prostrar d'um sôpro esse moimento
Em que aos manes do espôso cada dia
Trazes de off'enda imprecações inuteis
Contra mim, contra o ceu que te não vinga.
E sei-o e soffro-o. E sei que o sacerdote
Teu consocio no crime...

Merope

Que proferes!
Nem dos altares o ministro poupam
Tuas negras suspeitas?

Polyphonte

Eu conheço
Os ministros do altar Mas dos seus numes
Só imito a clemencia: perdoei-lhe.
E as tuas injúrias, e o contínuo
Machinar de teus cegos partidarios,
E tudo o mais que sei... tudo perdôo.
Talvez minha piedade excede os termos
Da justiça real... — Messenia sabe
Quanto á sua ventura sacrifico
Meu interêsse proprio; e quero dar-lhe
Hoje solemne prova de clemencia.
E' necessario, pede o bem do Estado
Que n'este imperio emfim se ponha termo
Aos bandos, aos partidos. Facil meio
Tinha na espada ou no rigor severo
Da bipenne das leis. .

Merope

Em leis tu falas!
Existem leis onde um tyranno impera?

Polyphonte

Socega as íras um momento; escuta:
Demos a paz aos povos; de nós ambos
Ella depende só. Esposo e reino,
Tudo perdeste, recupera tudo:
Consorte e sceptro te offereço.

Merope

O sceptro
Manchado por tuas mãos, torpe, calcado
Da plebe, a cujos pés o arremessaste
Quando eras seu escravo, e no delirio
Da popular soltura preparavas
Tua atroz tyrannia... guarda-o, guarda-o:
Está bem nas tuas mãos.— Ah! e em consorte
Falaste! — Esposo, a mim? e tu m'o off'reces!
Esposo a mim! — E quem é?

Polyphonte

Sou eu mesmo.

Merope

Tu!

Polyphonte

Eu, sim, eu, teu rei.

Merope

Deuses, faltava
Esta ultima injúria, esta ignominia
Derradeira á viuva de Cresphonte!
E ousaste pensal-o, e atreveu-se
Tua bocca a proferil-o? O assassino
De meu esposo? O monstro inda coberto
Do innocente sangue de meus filhos ..

Polyphonte

Teus filhos! — N'essa noite sanguinosa,
Em que eu tive de certo menos culpa
Do que tu me attribues, — n'essa noite
Teus filhos todos.. todos pereceram?
Um amigo fiel não pôde acaso
Salvar?...

Merope

Que dize tu?

MEROPE — *Polyphonte* — Para o teu templo, sacerdote,
E deixa-nos em paz. — PAG. 592

Acto I — Scena IV.

Polyphonte

Não digo nada.

Merope

Tu sabes?...

Polyphonte

Não...

Merope

Não sabes. E que havias
De saber tu? Morreram todos, todos.
Do sangue de Cresphonte já não resta
Quem te assombre. Que temes tu?...

Polyphonte

Não temo...
Nem tu deves temer. Mas ouve, ó Merope:
Se algum dos teus... dos teus fieis, precisa
Amparo e protecção, com pranto e lagrymas
Não é que lh'o hasde dar. Offereci-te
Metade do meu throno... Pensa, ó Merope,
Pensa e resolve.

SCENA VI

MEROPE, *depois* O SACERDOTE

Merope

Estou, estou trahida.
Quem foi, quem me perdeu?—Oh filho, filho!
Oh desgraçada mãe! Por toda a parte
Tem o barbaro espias, tem algozes.
Ai de mim! se o descobrem... santos deuses!
Resolve, o quê? morrer—só morte...

Sacerdote, (*abrindo as portas do templo, diz com voz solemne:*)

Vive:
É preciso viver.

Merope

Viver eu! como,
Para quê?

Sacerdote

Para o filho e para a patria.

ACTO SEGUNDO

SCENA I

POLYPHONTE, SEQUITO, GUARDAS

Já não duvido mais: Merope ainda
Tem um filho.-Um filho de Cresphonte!
Como escapou, aonde m'o occultaram?
Não sei; mas uma esp'rança nos seus olhos,
Aquelle suspirar como em segredo,
Me diz que não é só carpir de viuva
O seu carpir: não me enganei, é certo:
Vi-a ao nome de mãe esmorecer-se...
Eu sempre o supeitei; quasi em certeza
Minhas suspeitas se volveram hoje.
Mas onde existe o desgraçado resto
D'essa proscripta, misera progenie?

(*aos do sequito*)

Cumpre sabêl-o, e morra.—Oh lá, chamae-me
O sacerdote: é o confidente certo,
O movedor d'estas intrigas todas.
Vejamos se .. Dissimulado e astuto
É o sacerdote. Sim, mas não me excede;
Já reino ha muito.—Oh, abre-se a porta,
Elle chega; finjamos.

SCENA II

O SACERDOTE, POLYPHONTE,
SEQUITO, GUARDAS

Polyphonte

Venerando
Ministro dos altares, como amigo,
Não como rei, a ti venho. Merecem
Tuas virtudes esta deferencia.
Posso mandar...

Sacerdote

E eu hei-de obedecer-te:
Do podêr que te deixam sôbre a terra
Os deuses julgarão.

Polyphonte

Mas eu quizera,
Exijo... peço muito mais do que isso:
Quero a tua amizade.

Sacerdote

Eu amo os deuses.

Polyphonte

Não prohibem os ceus que os homens se amem.

Sacerdote

Antes o mandam.

Polyphonte

Bem: conheço agora
Que de teu ministerio augusto és digno:
Quero do teu amor hoje uma prova:
Merope .. tem ainda um filho.

Sacerdote, (*áparte*)

Um filho!
Oh ceus!—Filho de...

Polyphonte

Sim; já de que existe
Tenho certeza.

Sacerdote

Como! pois não foram
N'essa noite de horror extinctos todos?
Do infeliz regio sangue uma só gotta
Ficou por derramar?

Polyphonte

Esse mysterio
Sabes melhor do que eu. Fala.

Sacerdote

Encerrado
No sagrado recinto d'esse templo,
Do sanctuario á sombra veneranda
Vivo só, ignorado, e tam remoto
Do bulicio das côrtes, do tumulto

Dos homens e de seus tam vãos cuidados,
Que, indiff'rente a essas luctas e contendas,
Apenas ergo aos ceus supplices palmas
Rogando pelo bem da minha patria.

Polyphonte

Bem sei .. E que fazia hoje comtigo
Merope n'estes sitios?

Sacerdote

Soluçava,
Gemia, suspirava a desgraçada.
É o seu viver: clamava pelo esposo,
E bradava piedade aos ceus.

Polyphonte

Com ella
Eu bem te vi falar: que lhe dizias?

Sacerdote

Eu na sua afflicção a consolava,
E na chaga da dôr vertia o balsamo
Da santa religião.

Polyphonte

Ah! já não posso
Tanta impostura supportar. Um filho
Tem Merope; sei-o eu: onde está elle?
Fala.

Sacerdote

Não posso.

Polyphonte

Teme...

Sacerdote

Eu temo os Deuses.

Polyphonte

Morrerás.

Sacerdote

Não receia o justo a morte.

Polyphonte

Posso...

Sacerdote

Que mais do que tirar-me a vida?

Polyphonte

O templo prostrarei d'onde me insultas,
De d'onde, com teus perfidos sequazes,
Dogmas rebeldes pelo povo espalhas...
Teu sanctuario, fóco de discordias,
Patentearei á irrisão das gentes;
Cahirá sobre ti o altar e o templo;
E hãode ficar teus numes n'esse opprobrio
Sem incensos, sem aras, sem ministros...

Sacerdote

Templo é dos numes toda a natureza;
Nos corações virtuosos dos humanos
Teem victimas, altar, incenso e votos.
Extingue o lume da razão nos homens,
E o culto extinguirás do deus que odeias.

Polyphonte

Estremeço de raiva. Oh lá, soldados!
Ferreos grilhões aos pulsos d'esse perfido;
Ao mais horrendo carcere se arrastre...
E nas trevas de lugubre masmorra
Aprenda a obedecer.
(*Lançam-lhe os grilhões*)

Sacerdote

Eis-me, ó tyranno:
Que mais queres de mim? Olha os teus ferros,
Vê quanto podem! Sopear-me os braços.
Quam pouco sois, ó despotas da terra!
Tens para o coração tambem algemas?
Tens grilhões que a razão ferrolhem n'alma?
Debil punhado de coroada cinza,
Quem és tu?

Polyphonte

Apartae o de meus olhos.

Sacerdote

Corro, ó tyranno, satisfeito á morte:
Ha muito que aprendi a não temel-a.
Tu, despota, no throno mal seguro
Treme, que um vingador dos ceus não tarda,
Treme, perverso.

SCENA III

MEROPE, O SACERDOTE, POLYPHONTE,
SEQUITO, SOLDADOS

Merope

Augusto sacerdote,
Que vejo! agrilhoado! — Onde te arrastram?

Sacerdote

Á morte.

Merope

Oh ceus! porquê?

Sacerdote

Não sei.

Polyphonte

Não sabes?
Porque é rebelde.

Merope

A quem?

Polyphonte

Ao seu monarcha.

Sacerdote

Monarcha tu! Deliras, Polyphonte.
Rei quem te fez, quem te sentou no throno,
Quem nas malvadas mãos te pôz o sceptro?
O sceptro ainda torpe e maculado
Do regio sangue que esparziu teu ferro...
Basta para ser rei o crime, a intriga,
Os direitos dos povos nada valem,
As armas são as leis que ao solio chamam,
E...

Polyphonte

Levae-o.

Merope (*a Polyphonte*)

Ah, senhor, ah! tem piedade
De seus annos tam velhos, tam cansados.
Movam-te aquellas cans, respeita ao menos
No ministro do altar o altar e os numes.
N'elle venera o povo o Deus que adora;
Excitado talvez...

Polyphonte

Pois, que obedeça.

Sacerdote

Não posso.

Polyphonte
Parte.

Merope (*ao Sacerdote*)
Não: modera um pouco
Tua severa, rigida virtude:
Obedece; elle manda... elle governa...

Sacerdote
Soldados, ao meu carcere.

Merope
E mais duro,
Mais ferreo coração terás do que elle?
Não vês o triste estado em que nos deixas?
Que será d'este povo desgraçado?
Quem na sua affliçâo hade valer-lhe.
Quem as vozes do ceo?...

Sacerdote
O ceo e os numes
Dentro do coração terá, se é justo.

Merope
Movam-te ao menos minhas desventuras,
De mim tem dó.

Sacerdote
De ti!...—Sobejo o tenho.
Rainha, adeus.

Merope
Espera .. oh ceos! Quem hade
Ao meu triste...

Sacerdote, (*interrompendo-a vivamente*)
Que dizes, desgraçada! ..
Deixa-me.

Merope
Ah!... por piedade... E que motivo?
(a Polyphonte)
D'elle que exiges tu?

Polyphonte
Tenue serviço,
Mas importante a mim.

Sacerdote
Tenue, malvado?
Bem importante a ti?—Assaz o creio.
Ouve, ó rainha: quer esse tyranno...

Polyphonte
Suspende.

Merope
O quê?

Sacerdote
Que lhe descubra...

Merope
Oh deuses!

Sacerdote
Se um filho...

Merope
Um filho!

Polyphonte
Pára.

Sacerdote
Teu...

Merope
Meu filho!

Polyphonte
Perfido!

Merope
Um filho meu!—Tu m'os deixaste?

Polyphonte
Sim, tens um filho: suspeitei-o ha muito,
Sei-o agora. Se és mãe, inda te resta
Um meio de o salvar.

Merope
Qual?

Polyphonte
Inda ha pouco
T'o disse.

Merope
A infamia!

Polyphonte
Oh! quem se approxima?
Entre soldados preso um extrangeiro!
Mancebo é inda...

Merope
Um extrangeiro? Oh deuses!
Bate-me o coração.

Polyphonte
(*aos soldados que guardam o sacerdote*)
Soldados, eia,
Esse hypocrita longe de meus olhos;
Levae-o ao carcere: ide.

SCENA IV

MEROPE, POLYPHONTE, EGISTHO
SEQUITO, SOLDADOS

Polyphonte
Ah! e vós outros,
Quem é este mancebo? Que delicto,
Meu prisioneiro o fez? Falae.—Mas quero
Eu perguntal-o.—Tu quem és?

Egistho
Sou filho
De humildes, pobres paes, mas não escravos.

Polyphonte
O teu crime qual é?

Egistho
Juncto dos muros
D'esta cidade, e em defeza propria,
Tive a desgraça de matar um homem.

Polyphonte
E quem era esse homem?

Egistho
Extrangeiro
Parecia, e o trajar ao modo de Élide,
Era como este meu.

Merope
Élide!

Egistho

Ao menos
Assim se me antolhou.

Polyphonte (*áparte*)

De Élide ao nome
Estremeceu . Talvez .. Aprofundemos

(*alto a Egistho*)

Este mysterio mais.—Onde nasceste?

Egistho

Em Élide, te disse.

Polyphonte

Do teu crime
Conta mais por miudo as circumstancias.

Egistho

Ah tu queres, ó rei, dentro em minha alma
Renovar minha dor e os meus remorsos!
Apraz-te ouvir meu crime? Ouve-me e julga.
Verás n'esse delicto involuntario
Toda a minha innocencia.—Pelas margens
Do suave Pamiso caminhava;
E já do longo andar quebrado as forças,
No templo entrei do valoroso Alcides
Que em solitaria encosta d'ermo oiteiro
Junto ao rio se eleva; alli prostrado
Súpplices mãos tendia ao deus que adoro,
Que aprendi a implorar de tenra infancia.
«Protege, lhe dizia, ó grande Alcides,
«Protege o sangue teu.»—Tal de menino
Me ensinava meu pae...

Merope

Teu pae! Quem era?

Egistho

Um venerando ancião...

Merope

E o seu nome?

Egistho

Era...

Merope

Como?

Egistho

Cephiso se chamava.

Merope

Mas talvez.. — Continúa a tua historia.

Egistho

D'est'arte orava: e no fervor das preces
Eis me interrompem, subito me assaltam
Armados de punhaes dois assassinos:
«Quem és, clamaram, que tens tu, mendigo,
«Com o sangue d'Alcides?» —N'isto o ferro
Ja sôbre o peito me apontava um d'elles.
Algum deus me ajudou: de um bote rapido
Sôbre o braço traidor, lh'o quebro e talho,
Segundo o golpe, e lhe atravesso o peito.
Espavorido o companheiro foge:
Traidores são covardes.—Vi-me livre,
E attentei no infeliz que aos pés me expira.
Era a primeira vez que o sangue humano
Tingia minhas mãos: afflicto e triste
Chorou-me o coração, gemi sôbre elle.
Novo no crime, não sabia ainda
Os meios de occultal-o: arrastro ao rio,
E em suas aguas sepulto o corpo exangue.
Fugi; nem me lembrou minha inprudencia
De apagar na mesma agua o claro indicio
Do meu delicto. Incerto, horrorizado
Corro, inda em sangue esqualidos, fumando
O braço, as vestes; chego delirante
A's portas de Messenia, e os teus soldados
Me seguram, me arrastram.—Do meu crime
Ouviste as circumstancias e a verdade:
Não sei outra linguagem. Tu me julga,
Mas...

Polyphonte

Basta: saberás o teu destino.

(*A'parte*)

Grandes suspeitas em minha alma excita
Este mancebo; esclarecêl-as cumpre.

(*Alto*)

Adrasto, oh lá.

(*Fala em segredo com um do sequito; e depois continúa alto*)

Em segurança o tende.
Tu, Merope resolve. Adeus.

SCENA V

EGISTHO, MEROPE
SOLDADOS

Egistho

E' esta
A rainha, esta é Merope? Ah! senhora,
Tem piedade de mim: sou desgraçado.
Tu só podes valer-me; és compassiva.
Sempre o ouvi a meu pae.

Merope

Que te dizia
Teu pae? Conhece-me elle?

Egistho

De Messenia
Foi cidadão outr'ora.

Merope

De Messenia!
O seu nome!

Egistho

E' Cephiso; já t'o disse.

Merope

Talvez outro?...

Egistho

Só este lhe conheço.

Merope

E em Élide que faz? D'esta cidade
Por que fugiu?

Egistho

Ai, nunca em tal fugida
Nunca lhe ouvi falar sem que agro pranto
Pelas rugas das faces lhe corresse.

Merope

Chorava elle!... Porquê?

Egistho

Eu nunca pude
Penetrar de suas lagrimas a causa.
De teu esposo a acerba desventura
Muitas vezes chorando me contava.
E só de ouvir ou pronunciar teu nome
Se debulhava em pranto.

Merope

Que suspeitas,
Que lembranças na mente me revolvem!
Dize.. em Élide . nunca... em Polydoro
Falar ouviste,.. nunca o conheceste?

Egistho

Eu vivia no campo em pobre alvergue,
Sósinho com meus paes velhos e enfermos;
Ninguem mais que elles conheci.

Merope

De Egistho...
O nome... ignoras?

Egistho

Nunca ouvi tal nome.

Merope

E nunca... em tua mãe?...

Egistho

Ai, desgraçada!
Se ella me visse agora!...

Merope

Tu... conheces
Bem tua mãe?...

Egistho

Não heide conhecê-la!
Ella que tantas vezes me apertava
Em seus tremulos braços, que em suspiros
Me chamava o seu filho tam querido!
Misera mãe!

Merope

Oh fado, ah, não me deixas
Nem a doce illusão da minha esp'rança!
Quasi as vans apparencias me enganavam.
(*A'parte*)
Aquelle som de voz. . o mesmo gesto...
Parecia-me ver o meu Cresphonte.
(*Alto*)
Desgraçado, que queres, que procuras
N'estes sitios d'horror? N'esta cidade,
Aonde reina o crime e habita a morte,
A que vinhas?

Egistho

Sem fim; só conduzido
Do impeto juvenil, do vão desejo
De ver terras e gentes. Quantas vezes
Minha imprudencia amaldiçoei!

Merope

Mas dize:
Esse... esse infeliz a quem mataste
Era de Elide?

Egistho

Sim.

Merope

Joven?

Egistho

Sería
Do meu talhe, como eu, da mesma edade.

Merope

Procurava occultar-se?

Egistho

Sim, parece-me
Que buscava esconder o rosto.

Merope

E era
Nobre no porte?

Egistho

Nobre.

Merope

Altivo?

Egistho

Altivo.

Merope

Fugia?

Egistho

Sim, eu creio que fugia:
Vinha pallido...

Merope

E tu mataste-o, barbaro?

Egistho

Eu defendi-me.

Merope

E elle moribundo
Nada disse?

Egistho

Algum tempo junto d'elle
Chorando estive.—Já no arranco extremo...

Merope

Desgraçado!

Egistho

Ah sim: — lembro-me agora.
O triste nos suspiros deradeiros
Chamava por sua mãe...

Merope

Sua mãe! Malvado,
E tu mataste-o, tu!—E o corpo exangue
Sepultaste nas aguas!—Ceus!... Perdido,
Perdido e para sempre. .

Egistho

Ai miserando,
Que fiz! Em que te offende o meu delicto?
Oh, pune-me, sim pune-me de um crime
Que me faz detestar a propria vida.
A tua offensa vinga. . Eu offender-te!
Eu que te adorei sempre, que da infancia,
Nos braços de meu pae que m'o ensinava,
Tantas vezes por ti rogava aos deuses,
Eu offender-te ousei!—Bem desgraçado
Sou.

Merope

Que falar, que lagrimas, que accento!
Como ao meu coração seus ditos chegam,
Que invisivel podêr tem na minha alma!
Rege-a, mau grado meu, move-me, agita-me. .
Até me custa a separar-me d'elle.
Que perfida illusão!—Oh não é este:
É que por toda a parte a doce imagem
De meu filho me segue.—Ide, levae-o.

Egistho

Ah, tu me desamparas! O' senhora,
Se não rogas por mim .. Não abandones
Um desgraçado filho...

SCENA VI

MEROPE

Filho!... Ai filho
Ia quasi a chamar-lhe!—Malfadada!
Doce e triste illusão, suave engano,
Perseguidora imagem do consorte,
Saudades do meu filho tam querido,
Ah, que do coração, para illudir-me,
Aos olhos me vieram.—Não, não era
Para mim tal ventura.—E Polyphonte?...
Polyphonte! que horror!—Eu sua espôsa!
Mas o tyranno sabe do meu filho;
Polydoro não vem... e vae n'um anno
Sem noticias sequer... Oh, vem trazer-m'as,
Vem, Polydoro, vem trazer-me a vida,
Ou libertar-me a tempo com a morte.

ACTO TERCEIRO

SCENA I

POLYPHONTE, SEQUITO, SOLDADOS

Polyphonte

Tragam-me aqui o sacerdote. Ide.

(Falando com um ministro do sequito)

Adrasto, de sua rigida constancia
Vejamos se triumpho. Aos meus intentos
É necessario este homem: meios brandos
Talvez poderão mais que as ameaças.
Careço d'elle: para o povo rudo
Sempre é bom rei o amigo dos altares...

(Falando comsigo)

Demais, este mancebo e o seu delicto,
Não sei que pense d'elle. —Vinha de Élide;
Merope ao nome de Élide estremece,

(Torna a dirigir-se ao ministro)

Mil perguntas lhe fez...—Deram-se as ordens
Que mandei?

(O ministro inclina-se)

Um dos dois, ou este ou o morto,
É o filho de Merope: só resta
Saber qual. D'este modo o saberemos.
Mas oh, eil-o que chega o sacerdote.

SCENA II

O SACERDOTE, POLYPHONTE,
SEQUITO, SOLDADOS

Sacerdote

Que mais queres de mim, que me pretendes?
Porque roubar-me as trevas do meu carcere,
Porque arrastar-me ao dia e á luz que odeio,
Que infecta a escura névoa de teus crimes?

Polyphonte

Ouve-me.

Sacerdote

O quê, minha sentença? Oh, venha;
Venha a morte. Bemdito o deus que os rogos
Do seu servo escutou!

Polyphonte

Socega e julga.
Tirae-lhe esses grilhões.

Sacerdote

A mim! Que dizes?
Oh ceus! e por que preço?—E' novo crime
Que exiges?—Não, não quero a liberdade.
Volve-me ao carcere, os tormentos dobra;
Porém cumplice teu nunca hasde ver-me.
Victima posso eu ser de teus furores,
Ministro não.

Polyphonte, *(áparte)*

Sel o-has a teu despeito.

(Alto)

Ouve, e as minhs tenções verás quam puras,
Quam virtuosas são.—Do que é passado,
Como eu, te esquece: recupera tudo,
Torna ao teu sanctuario e aos teus altares.
De ti, só um serviço exijo agora;
Que a Merope...

Sacerdote

O quê? atraiçoál-a,
Ser-lhe infiel?

Polyphonte

Não.—Cumpre ao bem do Estado
Que ao throno de Messenia outra vez suba

Sacerdote

Ao throno!

Polyphonte

Ao throno, sim; quero que reine
Ao meu lado.

Sacerdote

Merope a teu lado,
De Cresphonte a viuva!

Polyphonte

Minha espôsa
Hade ser. Proveitoso a mim e a ella
Este consorcio é e a todo o imperio;
São justas as razões que o aconselham.
Necessarias me são suas virtudes,
E quero-lhe mostrar quanto as venero.
Desde hoje será lei sua vontade,
O seu menor desejo. Quero dar-lhe
Um documento já. Por meus soldados
Foi, como viste, ha pouco aprisionado
Um mancebo extrangeiro.

Sacerdote

Era extrangeiro?

Polyphonte

Sim, e ainda na ingenua flor da edade;
Homicida, mas nobre no seu crime,
Accusa-se e confessa-o. Viu-o Merope,
E tanto a commoveu sua candura,
Tanto se condoeu da sorte d'elle,
Que eu, por lhe comprazer, houve piedade

MEREPE

Merope — Sua mãe ! Malvado,
E tu mataste-o, tu !

PAG 599

Acto II — Scena V. — Merope, Polyphonte, Egisto.

Do Joven, e quizera perdoar-lhe.
Mas cumpre examinar as circumstancias
Que allega por desculpa de seu crime.
No emtanto, e em obsequio da rainha,
Á tua guarda entrego este mancebo.

Sacerdote

Á minha guarda. Para quê?

Polyphonte

Não sabes
Quanto se apraz de vel-o e de falar-lhe
Merope. Assim mais facil póde têl-a,
Essa consolação. Tomára eu, crê-me,
Dar maior lenitivo a seus pezares!
Mas desejo que, ao-menos n'este pouco,
Comece a ver em mim um rei benigno,
E n'estas complacencias reconheça
Um espôso...—Mas ella se aproxima.
Em paz vos deixo. Adeus! vê se tyranno,
Se da patria oppressor é Polyphonte.

SCENA III

O SACERDOTE, *depois* MEROPE

Sacerdote

Um criminoso á minha guarda entrega
Polyphonte... e de Merope aos desejos
Annue prazenteiro...—Oh, traições grandes,
Grande mysterio encerram de maldade
Desnaturaes bondades de um tyranno!

Merope, (*entrando*)

Santo ministro, ó meu unico amigo,
O' meu fiel amparo derradeiro,
Correndo apenas soube que eras livre,
Venho no seio teu depor meu pranto,
Desabafar comtigo os meus pezares.
Ai triste!—Pois não sabes que meu filho?...

Sacerdote

Que dizes n'estes sitios?... espiados
Somos por toda a parte...

Merope

O quê? escuta-nos
O tyranno? Ai de mim! que este segredo
Do meu amor já me não cabe n'alma,
E hade matar-me, hade.

Sacerdote

Descoberto
O' Merope, já foi o teu segredo.

Merope

Descoberto! Ora pois, chegou o termo
De tanto padecer. Eternos deuses,
Que tendes mais para me dar?

Sacerdote

Já sabe
Que tens um filho, mas...

Merope

(*interrompendo com ancia*)

Mas aonde existe
Não sabe o perverso! Não, nem hade
Sabêl-o nunca. Os ceos, os ceos m'o guardam.
Não é assim? Dize: são os ceos que o guardam;
Dextra invisivel lhe protege os dias.
Oh sim, meu filho: os deuses vingadores,
Os deuses justos—são justos os deuses—
A esta triste mãe, aos seus gemidos,
Ao pranto maternal, aos ais, ás preces

(*desanimando*)

Seu furor abrandaram...—Seus furores,
O meu pranto,—ai de mim! Salvou me o esposo
Um mar de minhas lagrimas? salvou-m'o
O fervor de meus rogos, de meus votos?
Confundido não vi,—lembrança horrivel!—
C'o sangue do consorte, o dos filhinhos?
E são justos os céus e são piedosos!...
Que profiro? ai de mim!—Tende piedade
De ũa mãe que fizestes desgraçada;
Conservae-me este só. . que me deixastes,
Deuses, e bemdirei vossas bondades.

Sacerdote

Sim, rainha infeliz, hãode guardar-t'o,
E salvál-o das iras do tyranno.
Encerra-se entre nós o alto segredo
De sua habitação. De mim conheces
Se poderá sabêl-o. Acautela-te,
Receia de ti só, teme as astucias
Do tyranno e suas perfidas bondades.
Tam generoso agora se nos mostra,
Que alguma traição má tem na alma negra.
Vês como os ferros me tirou dos pulsos,
E piedoso comtigo quer mostrar-se,
Entregando-me aqui esse extrangeiro
Por quem mostraste compaixão, diz elle.

Merope

Esse joven... ah, sim: muito o seu fado
Me commoveu por certo.

Sacerdote

E nada sabes
D'elle, quem é?

Merope

Um joven desgraçado;
Vinha de Élide.

Sacerdote

Como! e não disseste
Que ahi estava?...

Merope

Sim, disse... o meu filho...
E talvez, ai de mim. . Té parecia
O gesto, o som de voz, o de Cresphonte.

Sacerdote

Que escuto, oh ceos! Que dizes?—Ah corramos...

Merope

Não, não é para mim vêr o meu filho:
Os invejosos ceos m'o não consentem.

(*Fica algum tempo como afogada em dor, e depois continúa*)

E pensavas, amigo, que eu podia,
Que podia ũa mãe com taes suspeitas
Descançar um instante, um só momento?
Que mil indagações, que mil perguntas
Com ância escrupulosa não faria?
Que o mais tenue vislumbre de esperança
Não fôra um raio de prazer, de gloria
Que as nevoas do meu pranto dissipasse?
Ah! não: esse mancebo é um desgraçado
Que só veiu avivar as minhas dores
Com essa parecença enganadora
Que de certo não tem, mas que lhe acharam
Estes meus olhos cegos de saudades.

Sacerdote

Comtudo, esse extrangeiro...Ha n'este caso
O quer que seja de mysterio occulto
Que é razão profundar.—Quem era o morto?

Merope

Outro extrangeiro.

Sacerdote

Extrangeiro... E d'onde?
De que parte?

Merope

Era de E'lide.

Sacerdote

Que dizes!
São ambos extrangeiros, ambos vinham
De E'lide!—Ah! se um d'elles...

Merope

É verdade
E' certo; o coração bem m'o dizia.
Oh meu filho! —Ai de mim! qual será d'elles?
Corramos a indagar... Sim, sim, voemos.

SCENA IV

MEROPE, o SACERDOTE, e POLYDORO

(*no fundo do theatro em attitude de grande dor*)

Merope, (*indo a sahir encara com Polydoro*)

Mas um homem, oh deus! — Somos trahidos.

Sacerdote

Um homem! Certamente algum espia.

Merope

Quem és, que queres tu, a quem procuras ?
Que fazias aqui! Oh! quem te envia
E' Polyphonte? dize.—Por piedade
Não me percas, não, não...

Sacerdote

Sonho...ou me illudo?
E' elle mesmo, é Polydoro.

Merope

Deuses!
Polydoro! Que ouvi? E's tu? Meu filho
Onde está, que fizeste, onde o deixaste?
O que faz que não vem? Quem o demora?
E' vivo?—Já do pae conhece o nome?
Já lhe ensinaste a amar-me, a ser bom filho?
Assemelha-se muito ao meu Cresphonte?
Fala, dize.

Polydoro

Oh rainha!...

Merope

Quê?

Polydoro

Tu vives!
Posso ainda beijar a mão angusta
Da espôsa do meu rei! Podem meus olhos
Ainda ver-te, e os meus trementes labios
Falar te ainda, ainda bemdizer-te!
Posso...

Merope, (*com desabrimento*)

Podes falar-me de meu filho.
Vive?—Dize-me ao menos se ainda vive.

Polydoro

Sim.. vive

Merope

Vive?—Oh jubilo, oh prazeres
D'este meu coração!—Ai Polydoro,
Que amarga existencia ha sido a minha,
Que vida cruelissima hei vivido,
Que azedume, que fel tingiu meu sangue,
Que aperturas, que affôgo, que saudades,
Que duvida cruel peior que tudo!
Oh que agitados sustos, que temores!
Vida?... E vive ũa mãe sem ver seu filho?
Vida! .. Se eu tinha a morte dentro n'alma?
Mas dize-me: que é d'elle, onde o deixaste?
Que faz, quem o demora?

Polydoro, (*áparte*)

Oh sanctos deuses!
Como lhe heide dizer que não sei d'elle?

Merope

Immudeceste?—Acaso... oh!

Polydoro

E' seguro
Este logar? Ninguem aqui nos ouve?

Sacerdote, (*depois de olhar por toda a parte*)

Ninguem: fala, mas baixo.

Polydoro (*ajoelhando*)

Tem piedade
D'estas cans, d'estes annos tam cançados,
Minha velhice extenuada e debil
Não pôde, não bastou a segurál-o...
Forcejei, mas em vão.

Merope

O quê... que dizes?
Desgraçada de mim!... Pois quê!... meu filho!

Polydoro

Oh malfadado velho! Oh que não pude
Expirar eu de dor!

Merope

Que ouvi! Que escuto!
Barbaro! que me dizes? que fizeste?
O meu filho onde está?

Polydoro

Prouvera aos deuses
Que eu soubesse onde existe!

Merope

Quê! .. Não sabes?
Mas vive?

Polydoro

Vive... sim...

Merope

Ah desgraçado!
Levanta-te... Ai de mim!.. Sabes ao menos
Da sua vida de certo?

Polydoro, (*abraçando o tumulo de Cresphonte*)

O' campa augusta,
O' do melhor dos reis sagradas cinzas!
O teu filho, e o meu... (meu tambem era)
O teu filho... fugiu: no peito altivo
Não lhe cabia o coração, ha muito;
A nossa habitação era pequena
Para a sua grande alma. O despiedado
De mim não teve dó, nem dos meus annos:
Fugiu-me de repente.

Merope

Nem soubeste
Para onde os passos dirigiu?

Polydoro

Gran'tempo
Ha que por toda a Grecia o ando buscando,
Mas embalde corri.

Merope

Oh caro filho!
Ai! que será de ti sósinho e fraco;
Desgarrado no mundo, sem arrimo,
Sem mãe que te acarinhe, que te anime;
Talvez mendigo!...

Sacerdote

O espirito socega:
Em teu filho vigia deus piedoso;
Do alto dos ceos a dextra omnipotente
Os passos lhe dirige.

Merope

Ah! que aos meus rogos
Ao meu pranto contínuo, aos meus suspiros,
Se tam piedoso é o ceo, que m'o conceda.
Tantos dias passados, tantas noites
No amargor da saudade, nos tormentos;
De tudo receiando!... Olha, hoje ainda
Ao ver esse mancebo criminoso,
Ao ouvir-lhe contar da triste morte
Do infeliz extrangeiro...

Polydoro

Um extrangeiro
Morto! aonde?

Merope

Vizinho da cidade.

Polydoro

Justos deuses, que escuto! Hontem?

Merope

Sim, hontem.

Polydoro

Juncto do rio?

Merope

Submergiu nas aguas
O assassino cruel o corpo exangue.

Polydoro

Santos numes!

Merope

Mas quê? tu estremeces!
Dize... talvez... minhas suspeitas. . fala.
Desmaias!... desfalleces .. Que presinto!...

Polydoro, *(áparte)*

Mesquinho que farei, que heide dizer-lhe?

Merope

Que murmuras comtigo? fala, dize,
Fala commigo . fala... que receias?
Em que pensas? que sabes? quero ouvil-o.
Ah! tira-me de duvida.

Polydoro

Não posso...
Falar... a voz... me falta... eu morro...

Merope

Tremo...
Que aperturas... que horror... Já não me atrevo
A perguntar-te .. Não quero sabêl-o.
Mas quero: fala. A vida que me importa,
Se mãe eu já não sou... Que idéa horrivel!
Ah! tu sabes... o morto?...

Polydoro

Eu... não sei nada.

Merope

Fala, que mando eu.

Polydoro

Conheces... misera...
Tu... este... cinto?

Merope

Este...oh ceos! que vejo!
Que espectaculo horrivel! Tinto ainda
Em sangue fresco...Eu morro...eu...

Polydoro

Desgraçado!
Ah! quando lh'o cingi...quem me diria
Que em tal estado tornaria a vel-o?

Merope

Quem me diria que eras um infame,
Indigno do deposito sagrado
Que te entreguei por minha desventura.
Dize: que é de o meu filho ! dize, perfido:
Não t'o dei eu aqui? não me juraste
Guardar-m'o?—Foi aqui foi n'este sitio.
Qu' é d'elle? Qu'é de a fé que prometteste?
E ousaste apparecer-me, e ousaste, louco,
Apparecer á mãe sem dar-lhe o filho?
O meu filho... o meu filho é morto!—E eu vivo!
Vivo, heide viver para vingál-o.
Onde está esse perfido extrangeiro,
Esse barbaro onde é que se occulta?
Quero vingar-me, quero lacerar-lhe
As entranhas, banhar-me no seu sangue,
Quero...

Sacerdote

Rainha, vê que...

Merope

Nada vejo,
Nada mais quero já, senão vingar-me,
E depois expirar sobre esta campa.
(Partinao.)

Polydoro

Sigamol-a.

Sacerdote

Piedade, santos deuses!

ACTO QUARTO

SCENA I

POLYDORO

Que farei, desgraçado, n'estes sitios
Onde tudo o que vejo me atormenta!
E'stas mesmas columnas, este templo,
As mudas, frias pedras d'esta campa,
D'esta campa, ai de mim! onde se escondem
As preciosas, venerandas cinzas
Do melhor dos monarchas, de Cresphonte,
Tudo parece erguer-se a perguntar-me
Pela sua esperança derradeira
Que lhe eu perdi, eu malfadado, eu misero!

(Pausa)

Era aqui.—Vinha o povo alvorotado;
E á frente da impia soldadesca,
Polyphonte, vagando entre o tumulto,
Despiedado excitava á mortandade.
Passou alli, de sangue vai coberto...
Ainda o vejo á negra luz dos fachos;
Ouço o tenir dos ferros estridentes,
Escuto ainda, vejo-a aqui...oh vista!
A triste mãe, nos braços o filhinho
Todo escorrendo lagrymas e sangue,
Trémula a voz, os passos vacillantes,
Cortada de terror, balbuciando
Dizer-me: «Polydoro, corre, voa,
Leva-o longe d'aqui...salva-m'o, foge:
Lembre-te que é meu filho e de Cresphonte.
E eu—amaldiçoado!—eu recebi-o,
Fugi, pude salvál-o, pude...oh deuses!
Pude ser o maior dos desgraçados:
Perdi-o; sim: perdi-o...—Foram co'elle
As esp'eranças da mãe e as de um imperio.

(Pausa)

E vivo!—E esta velhice deshonrada
Não vem a morte que me livre d'ella!
(Cahe como desfallecido sobre o tumulo)

SCENA II

EGISTHO, POLYDORO

Egistho, *(sem o ver)*

Estará decidido o meu destino?
Ai, que será de mim, só desvalido,
E culpado n'um crime—deus! n'um crime
Por que todos me accusam, me detestam.
Se ainda uma vez ao menos eu podesse
Ver o meu triste pae! vêl-o, abraçal-o,
Oh uma vez sequer!—Porem diviso
Juncto áquelle sepulchro. .

Polydoro, *(sem o ver)*

Oh! caro filho,
Tu morreste e eu vivo!

Egistho

Ceos, que escuto,
Que som de voz!

Polydoro, *(sem ver Egistho ainda)*

Oh morte!

Egistho

E' elle mesmo.

Polydoro *(voltando-se)*

Oh velhice infeliz!

Egistho

E' elle...

Polydoro, *(vendo Egistho)*

Eu sonho!
(Ficam ambos algum tempo olhando-se com espanto; depois correm um para o outro)

Egistho

Meu pae...

Polydoro

Meu filho... *(Abraçam-se.)*

Egistho

Oh pae, tu n'estes sitios?

Polydoro

Filho, meu filho! E tu que infausto numen
Aqui te conduziu? Em que perigos,
Em que laço vieste enrevezar-te!
Tu és o criminoso que?...

Egistho

Sou esse,
Sou esse malfadado.

Polydoro

Ah, foge, foge,
Foge, infeliz: não sabes, não, que horrores
Te ameaçam aqui.

Egistho

Já nada temo.
Já te abracei, meu pae, agora venham
Sobre mim os castigos, os tormentos.
O mesmo rei não temo...

Polydoro

Ah não é d'elle
Que eu temo agora.

Egistho

Pois quê, da rainha?
Essa julguei que não me aborrecia,
Parecia-me...

Polydoro

Sim, mas foge, foge;
Ella só, ella quer a tua morte.
Talvez não tarde aqui—oh que destino!
Se ella soubesse... oh deus!... se tu soubesses,
Se... Mas o tempo corre... em breve... Ai foge,
Salva-te, filho, foge ás iras cruas
Da Rainha!

Egistho

Eu fugil-a, eu que a amo tanto,
Fugir sua vingança, o seu castigo
Quando ousei offendêl-a! — Não, não quero
Ajuntar novo crime ao meus delictos.

Polydoro

Foge, infeliz.

Egistho

Não fujo: venha embora,
E farte no meu sangue as suas iras,
Sacie o seu furor.

Polydoro

Que proferiste!
Malfadado, que dizes! tu não sabes
Que ella em ti quer vingar o filho.

Egistho

E era
O que eu matei o filho da rainha?
Tam impio fui, tamanho foi meu crime!

Polydoro

Não... tu és innocente.

Egistho

Eu innocente,
Eu coberto do sangue d'esse filho
Que...

Polydoro

Não era seu filho o que mataste.

Egistho

Mas... Não posso entender-te.

Polydoro, (*áparte*)

Por mais tempo
Ja não devo occultar-lhe o gran'mysterio.
(*Alto e abraçando-o a soluçar*)
Filho, recebe o derradeiro abraço,
O abraço paternal d'um triste velho
Que te chamou .. te amou como seu filho.
Filho... tam doce, tam querido nome
Pela vez derradeira inda t'o chamo.
(*Ajoelhando*)
Sim, e aos pés do meu rei me prostro agora.
Minhas lagrymas vê; correm de gôsto.
O primeiro sou eu que te appellido
Por tam sagrado titulo. — Tu foste
O meu filho... Ah, perdoa que me esqueço...

Egistho

Levanta-te: que fazes! de joelhos
Tu a meus pés, oh pae!

Polydoro

Já não sou esse,
Sou teu vassallo, és o meu rei agora.

Egistho

Quê!

Polydoro

Tu és filho do infeliz Cresphonte.

Egistho

E Merope?

Polydoro

É tua mãe.

Egistho

E Polyphonte?

Polydoro

Usurpador, rebelde.

Egistho

E eu?

Polydoro

E's Egistho,
E's de Messenia o rei.

Egistho

Se sou, qual dizes;
Sangue de Alcídes... Mas que o sou já creio;
Sinto nas veias, sinto aqui no peito,
E n'este ardor que o coração me inflamma...
Vamos a castigar esse rebelde,
Vamos.

Polydoro

Senhor, modera-te, ou perdido
Para sempre serás. Tua mãe...

Egistho

Sim vamos
Abraçál-a primeiro

Polydoro

Oh ceos; que intentas?
Quê, descobrir te a ella! E Polyphonte?...
Estás inerme e só .

Egistho

Tenho este braço,
O meu direito, e os deuses que o protegem.

Polydoro

Não, por deus, não; fujamos d'estes sitios,
Fujamos. .—Mas aonde, por que modo?
E a rainha que não tarda aqui... e a triste
Que julga morto o suspirado filho,
E vem vingál-o em ti!—Mas ouve: escuto
Ruido... E', é ella— Gente armada...
Que aperturas! Aonde heide esconder-te,
Como salvar-te ás íras despiedadas
De tua propria mãe?—Se lhe descubro
Se lhe digo ...perdido és para sempre
Se l'ho não digo, a desgraçada mata-te
Sem piedade.

Egistho

Vai, deixa-me com ella;
Deixa-me: eu dobrarei sua crueza.
Ou morrerei contente por seu braço.
Vae...Mas oh não te exponhas tu aos olhos
Dos sagazes ministros do tyranno;
Esconde-te.

Polydoro

Eu?—E tu n'este perigo?
D'aqui não vou.

Egistho

Esconde-te, ou eu mesmo
A Polyphonte corro e vou dizer-lhe,
Declarar-lhe quem sou.

Polydoro

Não, não, socega:
Eu me occulto detraz d'estas columnas,
E velarei por ti. Não lhe descubras
A Merope quem és.—E se outro modo
Não houver de abrandál-a, eu no perigo
Te accudirei.

SCENA III

MEROPE, EGISTHO

SOLDADOS, SACERDOTES, SACRIFICADORES, SEQUITO

Merope (*sem ver Egistho que está de traz de uma columna*)

Soldados, procurae-o,
Cumpri do vosso rei as ordens; ide.
E prepare-se o augusto sacrificio
Que aos não vingados manes de meu filho
Pretendo offerecer e aos do consorte.
O meu filho de lagrymas! a última
Esperança que os deuses me deixaram,

O despiedado m'a cortou.—Oh, heide
Sorver estas delicias da vingança
Com que me pula o coração tam soffrego.
Heide vêl-o tremente, de joelhos
Supplicar-me piedade...—A ti piedade.
Compaixão para ti monstro!—E o cutello
A brilhar-lhe nos olhos e a agonia
A apertar-lhe no peito desalmado.
Aquelle coração...Oh já me tarda.
Angustia-me a sêde da vingança:
Quero sacial-a! ide buscar-m'o;
Lançae-lhe ás mãos traidoras esses ferros.
Quero...

Egistho, (*adeantando-se gravemente para Merope*)

Arredae esses grilhões inuteis.
Para cumprir as ordens da rainha
Basto eu só. Dos soldados do tyranno
Não precisa a viuva de Cresphonte:
De sobejo meus braços manietaram
O seu pranto, as suas dores.
(*Ajoelha*)
De joelhos,
Mas sem tremer, aqui me tens; o peito
Descoberto aqui está. Fere; não peço,
Não supplico piedade; satisfaze,
Sacia n'este sangue malfadado,
Proscripto como o teu, a longa sêde
Da tardia vingança. Eia, fere;
Heide contente receber o golpe,
Como tu ninguem mais, só tu no mundo
Sôbre mim tens direitos tam sagrados.
Sim, vinga o filho, vinga-o no meu sangue,
Que eu heide abençoar a mão piedosa
Da mãe que me castiga...Uma só graça
Te imploro por mercê: é o derradeiro
Favor que pedirei já n'esta vida,
E não posso morrer sem que m'o outorgues.
Dá que possam meus labios moribundos
Beijar a régia mão que hade immolar-me;
Deixa imprimir-lhe o osculo da morte,
E que o suspiro extremo...
(*Vai a inclinar-se*)

Merope (*voltando-se para que a não vejam enternecer-se*)

Desgraçado!
A meu pezar o coração se amolga,
Enterneço-me... quasi, quasi o pranto
Dos olhos me desliza involuntario.
Que podêr tem seus ditos na minha alma!
Retem-me o pejo só que o não abrace.
Infeliz!

Egistho

Ah! se ao menos ó rainha,
Te podesse mover meu triste fado:
E que antes de expirar visse em teus olhos
O mais leve signal, um tenue indicio
De compaixão.. de amor...

Merope

Que encanto é este!
Oh que illusão, que voz, que gesto aquelle!

Egistho

Se uma vez, uma só vez...—Muito espero,
Muito ouso!—se uma vez o doce nome
Te podesse chamar de mãe...

Merope

Perverso!
Mãe!... Eu já não sou mãe .. e por teu crime.

Egistho

Se tu de minha sorte condoída,
Vendo-me assim tam só, tam sem amparo,
Longe dos meus, dissesses por piedade.
«Filho!...»

Merope

Que proferiste, desgraçado!
Filho... malvado!—Filho! eu tinha um filho;
E tu, tu foste que m'o assassinaste,
Tu de minha piedade agora zombas,
Ah! esse nome a furia me renova;
Tua sentença pronunciaste n'elle.
Morre.
(*Toma o cutello do sacrificio*)

Mas que podêr me affroixa o braço,
Qual invisivel mão suspende a minha,
Que gêlo pelas veias?...

Egistho

Ah que esperas?
Livra-me d'esta vida que me pésa;
E este sangue que é teu, que em teu serviço
Eu quizera verter—derrama-o, espie
O involuntario crime de meu braço.
Mas ouvir teus queixumes de orphandade,
Mas saber que sou eu a causa d'elles...
Oh poupa-me, rainha, esse tormento:
Melhor do que elle soffrerei a morte.

Merope

O que sinto, onde estou!

Egistho

Vinga o teu filho.

Merope, (*com esforço e resolução*)

Sim, o meu filho, sim o meu espôso
Vingados hão de ser.—Manes queixosos.
Innultos manes de Cresphonte e Egistho,
Vinde, vinde, accorrei ao sacrificio,
Vinde, sombras queridas, n'este sangue
Beber a longos tragos a vingança.
Este ferro guiae-o áquelle peito,
Avigorae-me o braço que fraquea.
Que treme...—Ah! já vos sinto, já não tremo.
Ei-los, sim: esperae.—Esposo, filho!
Filho!...—Tu foste, tu que m'o mataste;
Morre.

SCENA IV

POLYDORO, EGISTHO, MEROPE, etc.

Polydoro

Que fazes, misera! suspende.

Merope

Quem ousa interromper o sacrificio?

Polydoro

Desgraçada, que intentas?

Merope

Eu, vingar-me.

Polydoro

C'um parricido? .. oh ceus!

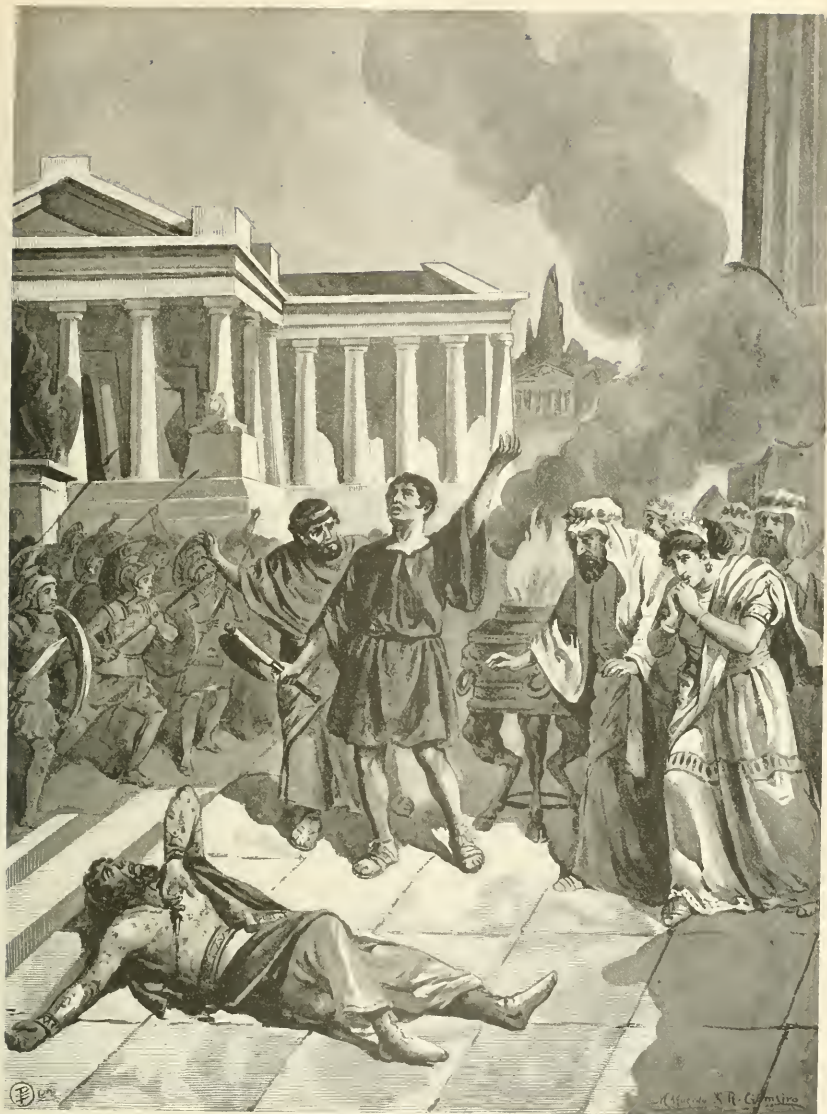
Merope

Um parricidio
Vingar meu filho!—Ah, não: morre, malvado.

Polydoro

Vingar o filho! .. o filho!... Este é o teu filho.

Merope

Que dizes!

MEROPE

Egistho—... e no sangue do tyranno
Lavo a affronta da patria.

PAG. 614

Acto V — Scena III.— Polyphonte, Merope, Egistho, etc.

Polydoro
Não morreu:—teu filho é este.

Merope
Meu filho! Egistho!—Sonho?... A dor, o pranto,
O prazer me suffocam...—Filho, corre
Aos meus braços.

Egistho
Oh mãe!—Posso chamar-te,
Já posso proferir tam doce nome.

Merope
Sim, és meu filho; n'este peito ha muito,
Batendo o coração m'o adivinhava.
Filho, querido filho!... Ah, não me cabe
O excesso do prazer já dentro n'alma:
Affogam mais as lagrimas de gôsto.
—Filho que tantas dores me has custado,
Filho por que hei vertido tanto pranto,
Filho, estás nos meus braços, no meu seio;
N'elles te aperto emfim...—Oh! venha a morte
Venha o tyranno, que o não temo agora...
Que disse!... Ai de mim, se elle viesse,
Se elle nos visse agora, se o malvado
Podesse descobrir que eras meu filho...
Oh que...

Polydoro
Senhora, Polyphonte chega.

Merope
Onde esconder-te? que farei...

Polydoro
Já perto
Chega...

Merope
Meu filho, filho meu!...

Egistho
Socega:
Não temas.

Merope
Não temer!

Polydoro
Finge, modera...
Talvez...—Não é já tempo: desgraçada!

SCENA V

MEROPE, EGISTHO, POLYDORO, POLYPHONTE, ETC.

Polyphonte
Estás vingada emfim, satisfizeste
No sangue do malvado os teus furores?
—Que? Vivo ainda o vejo!—e n'elle os olhos
Sem rancor me parece que já fitas.
Mudaste de tenção—ou meus soldados
Não foram diligentes em servir-te,
Em cumprir teus decretos?—Oh lá, prestes
Executae as ordens da rainha.
Segurae-o.

Merope
Eu... enganei-me com seu crime;
Illudi-me, pensei... Mas elle...

Polyphonte
Morra:
Tua muita piedade é que te illude.

Merope
Suspendei... Não sei, sei que não tem culpa.

Polyphonte
(*Aparte*) (*Alto*)
Já conheço o mysterio.—De teu filho
O matador cruel... é innocente?

Merope
Não.—Meu filho não era... o morto.

Polyphonte
Como!
O cinto, os signaes todos, e esse velho
Que a mensagem fatal veiu trazer-te,
Tuas lagrimas... foi tudo fingimento?
Oh! não te creio agora.—Oh lá, soldados
Feri.

Merope
Senhor!... meu filho... vive ainda
Este...

Polyphonte
É nova traição, é novo engano:
Morra.

Merope
Oh que aperturas, que agonia!
Senhor piedade...

Polyphonte
Para quem piedade?
Um malfeitor, um perfido assassino!
Pela vez derradeira vol-o ordeno,
Soldados!

Polydoro
Grande Deus!

Polyphonte
Feri.

Merope
Suspende.

Polyphonte
Não.

Merope
Compaixão... senhor!

Polyphonte
Em vão supplicas.

Merope
Elle é...

Polyphonte
Feri.

Merope
Malvado! elle é meu filho.
(Suspensão geral)

Polyphonte
Teu filho!—É vão fingir; já te não creio.
Morrerá, e...

Egistho
Seu filho eu sou, tyranno:
No furor que me anima o reconheço
Sólta-me os ferros, e verás.

Polyphonte
Insano,
Que ousaste proferir!—Não vês, não temes
Que...

Egistho

Desprezo-te; não temo.

Merope

Oh tem piedade

Desculpa-lhe, senhor..

Egistho

Não me desculpes

Eu não quero a piedade de um tyranno.

Polyphonte

Não a terás.—Feri.

Merope, (*abraçando-se com Egistho*)

Primeiro os ferros

Haveis de atravessar por este peito.
O coração de mãe rasgae primeiro
Para chegar ao coração do filho.
Barbaros, que vos fez este innocente?
E tu, cruel, que não fartaste ainda
De nosso sangue a insaciavel sêde,
Satisfaze-te em mim, em mim te vinga.
—Mas vingar-te de quê?... Senhor, perdôa:

(*Ajoelha a Polyphonte*)

Vês a teus pés prostrada uma rainha;
Minhas lagrymas supplices attende.
Escuta estes soluços lastimados,
Ouve os meus rogos; movam-te a piedade
De ũa mizera mãe as desventuras;
Oh leva tudo o mais, deixa-me o filho,
Deixa-me o filho, deixa-m'o; e eu te juro
Que, sem mais pretendr ao solio avito,
Iremos ambos longe de Messenia
Ignorados viver; iremos ambos
Ainda abençoar tua clemencia
Vive seguro tu sôbre o teu throno,
Vive e reina.

Egistho

Levanta-te, rainha.

Tu prostrada a seus pés! Com essa infamia
Queres comprar a vida de teu filho!
Oh minha mãe!

Polyphonte

Pois bem, se elle é teu filho,

Em tuas mãos está salval-o ainda.
Se o não é, se fingidos são teus prantos,
Já por tuas acções vou conhecêl-o.
Adrasto!

(*Adeantando-se um da comitiva a quem fala em segredo; depois dirigindo-se aos guardas*)

Vós levae-o em segurança.

Merope

Barbaro, e d'esta sorte é que?...

Polyphonte

Socega.

A minha fé te dou que está segura
A sua vida, e de ti só pende agora.

Merope

Mas como?

Polyphonte

Sabel-o-has em breve tempo.

SCENA VI

MEROPE, EGISTHO, POLYDORO, SOLDADOS

Merope

Justos deuses, que intenta este malvado?
Que será?—Oh meu filho!

Egistho

Oh mãe!

Merope

Oh filho!

Egistho

Consola-te.

Merope

Eu! eu consolar-me, filho,

Sem ti!

Egistho

Adeus!

Merope

Adeus filho!... meu filho!

ACTO QUINTO

SCENA I

POLYDORO, SACERDOTE, SACRIFICADORES, ETC.

(*Polydoro está ajoelhado e suplicante junto ao tumulo. O Sacerdote sae, acompanhado dos sacrificadores, pela porta principal do templo: pára no peristylio, e parece meditar profundamente. Polydoro, vendo-o ergue-se e vae para elle. Ambos se adeantam para o proscenio ristes e silenciosos.*)

Polydoro

Aqui n'este logar, aqui á face
D'aquelle monumento!

Sacerdote

Aqui.

Polydoro

Sem pejo

Dos homens, sem temor dos deuses, hade
Consummar-se o espantoso sacrificio!
E tu hasde erguer ao ceu as mãos piedosas
Para o abençoar?

Sacerdote

Heide.

Polydoro

E não temes

Que surja d'esta campa a formidavel
A despeitada sombra de Cresphonte;
Que a ti, ao filho, á espôsa, que a nós todos
De horriveis maldições cubra e fulmine?

Sacerdote

Não.

Polydoro

Que dizes!

Sacerdote

Que o filho de Cresphonte
E' preciso salvar, que hade ser salvo,
E que é pequeno todo o sacrificio,
Que por tal se fizer.

Polydoro

Supremos deuses!
Tu, que o conheces, ousas confiar-te
Nas dolosas promessas do tyranno!
Crês que n'aquella mão torpe de sangue
Cabe a mão virtuosa da rainha,
Que hade impedil-o que não trave logo
Do punhal traiçoeiro e despiedado
Para matar o filho?—Pura, e honrada
Do respeito dos povos, não a acata;
Pensas que hade temêl-a ou respeitál-a
Quando, cheia de oprobrio e vilipêndio,
A indigna viuva de Cresphonte
Se prostituir de seu algoz no leito?
—Co'a ignominia da mãe promette agora
Remir a vida do innocente filho.
Porquê? Porque ainda teme que esse povo,
Cançado de o soffrer, erga o terrivel,
O formidavel brado de cem vozes,
Que sempre anda no ouvido dos tyrannos
Inda nas horas de mais paz,—o grito
Que se ergue de repente e soa ao longe,
E faz tremer o justo, o rei piedoso,
O que fará o despota!—Não ousa,
Na presença do povo de Messenia,
Matar o filho de seus reis; não póde.
Mas o enteado vil de Polyphonte,
A esse hade impunemente assassinál-o.
Sabe que póde, e hade fazêl-o.

Sacerdote

E' certo.

Polydoro

E' certo! E então?...

Sacerdote

E então, como estas minhas
Não te dizem as raras cans de fronte
Que a prudencia e o conselho socegado
São o valor dos velhos, Polydoro?
Que queres, co'esse fogo de mancebo
No cerebro,—e o gêlo da velhice
Nas mãos caducas, fazer tu agora?

Polydoro

Quero cahir na cova sem oprobrio.
A vida sim, a honra não caduca.
Os teus conselhos de prudencia, guarda-os
Para ti. Bom conselho déste a Merope;
Que tu só a acceitar a resolveste
O infame consorcio do tyranno!
Pasmo...

Sacerdote

Não pasmes já, que não é tempo
Ainda. Vês aquelles que acompanham
Armados a rainha?

Polydoro

São soldados
De Polyphonte que, em fingida pompa
De cortejo, arrastada vem trazendo
A victima infeliz ao sacrificio.

Sacerdote

Mas veem armados?

Polydoro

Certo, veem.

Sacerdote

E sabes
Se aquellas armas não veem promptas hoje
A erguer-se contra quem as pôs na dextra
Dos que supôs escravos, e são homens?
Que ordenou e regrou essas phalanges
De tantos mil para uma só vontade,
Sem se lembrar que outra vontade póde
Mudar-lhe a direcção...

Polydoro

Pois tu!... Perdôa
Ao meu zêlo indiscreto—E sabe Merope,
Sabe o principe acaso que?...

Sacerdote

Não sabem.
Não o hãode saber senão no instante
Em que estoirar o brado da vingança,
Que eu ha tanto concentro n'este peito.
Silencio: chega Merope: um só gesto
Póde perder-nos.

SCENA II

MEROPE, SACERDOTE, POLYDORO
SEQUITO, SOLDADOS, ETC.

Merope

Eis-me resignada;
Cumpra-se em mim segundo for vontade
Dos soberanos deuses.—Sacerdote,
A victima aqui está,—e adornada
(Dá com os olhos no tumulo e volta-se para o outro lado)
D'estas galas fataes...Oh encobri-me,
Escondei-me esse marmore implacavel
Em que a minha vergonha se reflecte.
Ai! prometti—para salvar o filho,
Prometti—consenti n'esta vileza,
No infame sacrificio: mas já sinto,
Sinto de todo que me falta o ânimo;
Não posso. .

Sacerdote

Poderás, que a derradeira
Esperança da patria é em ti agora,
E em teu ânimo, o ânimo do povo.
Tem valôr, ó rainha, e salva o filho,
Salva o teu filho, deixa o resto aos deuses.

Merope

E elle onde está? Meu filho! Quero vêl-o.

SCENA III

POLYPHONTE, MEROPE, SACERDOTE, POLYDORO, EGISTHO, ETC.

Polyphonte

Aqui o tens, ó Merope, o teu filho.
E aqui, ó povos de Messenia, vêde
Que entrego á viuva de Cresphonte,
Com este dote, a minha mão—e a parte
Do meu imperio a chamo. Assim confundo
Os inimigos de meu throno, e apago
Os sanguentos vestigios das passadas
Dissenções, o pretexto derradeiro
De futuras discordias. Eia, o fogo
No altar accendei, e o sacrificio
Celebrae de concordia e paz.

(O Sacerdote sobe ao peristylio; deante d'elle collocam o altar. Merope a um lado, Polyphonte ao outro, Egisto ao pé d'elle.)

Sacerdote

Ouvi-me,
Supremos deuses; e, n'esta hora grande
E tremenda, acceitae o juramento
Que ante vossos altares venerandos,
E invocando o terrivel testemunho
Da vossa fé, o povo de Messenia
Aqui faz. Ser fieis jurâmos todos
Ao nosso rei.

Povo

Juramos!

Sacerdote

E o castigo
Do parricida, do perjuro caia
Sôbre quem não guardar seu juramento.

Polyphonte

Assim seja.—A tua mão, rainha, e firmem
Ésta alliança as bençãos...

Egistho

(*tomando de repente o cutello que esta sôbre o altar, e collocando-se entre Merope e Polyphonte*)

Não tem bençãos
O altar para o perjuro, o parricida.

Polyphonte

A mim, soldados, eia!

Egistho

A mim, soldados,
Que sou o vosso rei, e vos liberto.
E vos vingo...—e no sangue do tyranno
(*Fere a Polyphonte, que logo cae.*)
Lavo a affronta da patria, a minha e a vossa,

Sacerdote

E' o vosso rei, saudae-o!

Merope

Defendei-o:
E' o meu filho, o filho de Cresphonte.

Todos

Salve!

Merope

Meu filho!

Egistho

Minha mãe!

Polydoro

Oh dia
De triumpho! A teus pés, senhor, agora
Posso morrer em paz e satisfeito,
Porque viram meus olhos esta gloria.

Egistho

Vem a meus braços, pae: vem, tu que foste
Meu guia meu amparo na desgraça,
Não me abandones; em maior perigo
Estou agora: sou feliz—e reino,
Vem recordar-me—e vós lembrae-m'o todos
A todo o instante—que subiu ao throno
Precipitando d'elle a tyrannia.
Maior obrigação, dobrado encargo
Tenho de ser bom rei, maior castigo
Mereço, e mais atroz, se fôr tyranno.

O «IMPROMPTU» DE CINTRA

Composto e representado em 8 de abril de 1822 na Quinta da Cabeça, em Cintra

Actores: Os srs. José Miguel da Silva.—Diogo Folque.
—Carlos Pereira de Mello Vergolino.—Carlos Sá Vianna.—Antonio Peregrino Madeira
—J. B. da S. Leitão d'A. Garrett. Logar da scena—Cintra

SCENA I

Garrett

Que ar tam suave se respira em Cintra!
Que amenos prados, que gentis outeiros!
Que horisonte, que ceu, que estancia amavel!
Por entre esses esmaltes de verdura
Como é saudoso o murmurar das fontes!
Parece quasi ouvir que ellas suspiram,
E a suspirar os peitos nos convidam.

Ditosa habitação! que almo recôbro
Não dás aos corações affadigados
Do pezo da existencia trabalhosa,
Talvez aborrecida... amarga, ao menos!
Aqui longe do fasto e do tumulto,
No regaço da simples natureza,
Sem enfeites, sem arte, em desalinho,
Entermeiando a solidão fagueira
Com mais fagueira sociedade amena,
Aqui, se ha gozo, se ha prazer na terra,
Aqui se encontra, só aqui habita.

Mas que avara não é a natureza!
Porque não hade na estação das flores,
N'este de Cintra candido horisonte
Demorar por mais tempo o sol e as luzes?
Fazer que um dia succedendo ao outro
Não ousem trevas offuscar-lhe o brilho,
E o risonho espectaculo dos campos
Horas tão longas escondêl-o aos olhos?

SCENA II

GARRETT E SILVA

Silva

Ora ahi temos por fim chegada a noite,
Unicas horas, que aborrece em Cintra.
Jogos, passeios, acabou-se tudo.
E agora? Agora ficaremos todos
Muito frescos a olhar uns para os outros.

Garrett

Eram n'este momento, caro amigo,
Meus pensamentos esses: n'este instante,
Da avara natureza me queixava
Porque não fez na primavera, em Cintra,
Sem occidente o sol, sem noite o dia.

Silva

Oh! Se tu não havias vir co'as tuas!
Tu com essa cabeça de novella.
Sentimental, romantico, pateta,
E... olha que digo o mais... Queres?

Garrett

—Pois dize.

Silva

Enamorado.

Garrett

Essa é boa! Eu namorado!

Silva

Sim, senhor, namorado: pois que cuidas?
Esses teus sonhos em que andas sempre,
O tom sentimental de teus discursos,
E o mais, que eu calo agora...

Garrett

Mas, perdoa;
Antes eu, quando estou c'os meus amigos,
Sempre me exfórço em parecer alegre.

Silva

Convenho: n'isso mesmo é que te accusas.
Esse exforço, que fazes, é que prova,
Que não é natural tua alegria
E até...

Garrett

Sabes que mais?—Ouve, quero pedir-te,
Amigo, um favor grande, e é que deixemos
Esta conversa.

SCENA III

OS MESMOS, VERGOLINO, MADEIRA, SA' VIANNA E FOLQUE

Vergolino

Bom! Cá estão elles!
Bello encontro! Rapazes, um projecto,
Magnifico, estupendo, ideia grande,
Como a minha.

Silva

Oh! Então temos asneira

Garrett

Não entrem a embirrar. Silencio, ouçamos.

Vergolino

Nós todos, que aqui estamos... Quantos somos?
Um, dois, tres, quatro, e cinco, seis: bom, basta.
Vamos representar já uma farça.

Todos

Bravo!

Garrett

Mas quando?

Vergolino

Já, hoje.

Garrett

Impossivel.

Silva

Qual impossivel! Moços de talento,
Rapazes, como nós! Apoio, apoio
Vamos a ella, vamos! Já, já .. partes
Ensaios... tóca. Eu faço de...

Garrett

De doido.

Silva

A farça.. Não me lembra... Hade ser ella

Vergolino

O *Corcuuda por amor*.

Garrett

Que farça é essa?

Vergolino

Faça-se tolo! Aquella do Bairro Alto.

Garrett

Ora adeus! Uma cousa de tres dias,
Feita a brincar.

Vergolino

Para brincar são todas
Nem as queremos nós para outra cousa.
Se foi feita em tres dias, em tres horas
Havemos de ensaial-a hoje aqui mesmo,
Representál-a, et cætera.

Garrett

Pois vamos,
Quando chego a sahir de minha casa,
Deixo atraz da porta, sempre a vontade.

Silva

Vamos! O caso é este, venha a farça.

Garrett

Vem já: deixe ir buscal-a.
(Volta com a farça)
Ei-la aqui.

Silva

Bom! Muito bem! Vejamos as pessoas
(Lendo)
O Doutor Lapafurcio, lettrado
D. Carangueja, sua mulher
D. Carlota, sua filha
Eleuterio, amante de Carlota
Augusto, amigo de Eleuterio
Barrigudo, procurador de causas
Tu que papel fizeste n'esta peça?

Garrett

Eu? Eu fiz o de Augusto. Não te lembras?

Silva

Oh! lá! De bregeiro, maganão! Pois largue,
Que esse é cá para mim.

Garrett

Cedo com muito gosto,
Pois não: meu superior.

Vergolino

Velha, o Madeira

Madeira

Não quero, não quero.

Todos

Hade fazel-o.

Madeira

Eu nunca fiz de velha em minha vida.
Nada de empurrações. Lá os senhores
Escolhem para si faceis papeis,
Impingindo para os outros os de quesilia.

Garrett

Pois bem, haja uma lei que nos regule.
Hade um só distribuir os papeis todos;
E ninguem hade eximir-se.

Todos

Bravo

Garrett

Quem hade ser?

Vergolino

Tu mesmo

Todos

Apoiado.

Garrett

Então peço a palavra. Antes de tudo
Agradeço ao congresso honra tamanha.

Silva

Nada de phrases.

Garrett

Dois papeis, já estão dados
Resta quatro. Carlota, a Sá Vianna

Sá Vianna

Dama! Eu que nunca subi ás taboinhas...

Garrett

Ora vamos, ou bem se faz a cousa,
Ou...

Todos

Ordem, ordem.

Garrett

Pois silencio.
De Eleuterio, de amante apaixonado...
O Folque.

Folque

Eu! co' esta cara?

Garrett

Co' essa mesma.
Barrigudo, procurador de causas, Vergolino.

Vergolino

Eu! Eu, esse papel!

Garrett

Sim, meu senhor,
Hade fazel-o. Resta o doutor velho.
Farei eu. Sem sabor, mas não importa

Silva

Vamos, menino, nada de vergonhas.

Garrett

Vergonha, eu! É cousa que não tenho,
Vergonha fôra, se a tivesse agora.
(Para os espectadores)
Não; com franqueza, segurança e gosto,
Eu pelos socios meus, por mim, por todos,
Em nome da suavissima amizade,
Da amizade aos prazeres convido.
Ella só, nada mais, preside, e enfeita
Nossos brincos singelos. Só com ella,
Sem talentos, sem arte, sem prestigios,
A mal composta scena hoje subimos,
Passei comvosco as horas enfadonhas,
Que o veo da noite escassa envolve em trevas
De Collares e intra amenas vistas,
Sombras meigas, passeios deleitosos;
Das fontes o cristal, do prado o esmalte,
E todo o encanto d'este sitio amavel;
Onde entre as rochas alcantis que o cercam,
Seus thesouros esconde a natureza.

Silva

Ha muito tempo que sabemos isso.
Diz bem bonito, mas o caso é outro.
Vamos a ensaios, toca, já com elles.
Para nos arranjar estas caretas,
Para o theatro, vistas et cætera,
Temos cá o Schiopeta nosso amigo:
Vamos buscál-o.

Todos

Vamos.

Silva

E entretanto
Que nós nos ensaiamos e arranjamos
Com as suas modinhas engraçadas
De fino gosto e doce melodia
Póde elle ir entretendo a companhia.

O CORCUNDA POR AMOR

(COLLABORAÇÃO COM PAULO MIDOSI)

Farça representada pela primeira vez em Lisboa, no Theatro do Bairro Alto em 29 de Setembro. Anno I (1821)

Actores: O Doutor Lapafuncio, lettrado.— D. Carangueija, sua mulher.— D. Carlota, sua filha. — Eleutherio, amante da dita.— Augusto, amigo de Eleutherio.— Barrigudo, procurador de causas. Logar da scena — Lisboa.

SCENA I

Escriptorio de lettrado

DOUTOR LAPAFUNCIO (*sentado e remechendo papeis*)

Doutor — Emfim, não me entendo com estas coisas. Rapazinhos, rapazinhos! Cá gente de bem, gente do meu tempo, e da minha laia, não serve para isto. Peguem n'essa canalha, que ahi anda pelas ruas a gritar —Viva a Constituição, viva o diabo que os leve; peguem n'esses biltres todos, e façam lettrados do seu panno. Oh tempos do meu tempo! Santa chicana, que me enfiavas cruzios n'esta algibeira, como contas em rosario! Cotas, vistas, jure-jurando, estou doente, peço os dias da lei... Oh, que boa coisa! E entretanto corria a chelpa, dormia a demanda, e as pares pingavam. Ora digam-me, senhores reformadores do mundo; que hade ser da dignidade do fôro, sem a grande arte da *chicana?* Nada de férias; causas todas summarias, jurados, e sobre tudo... Isto é que eu não posso levar á paciencia!... querer compôr as partes amigavelmente!

SCENA II

DOUTOR, BARRIGUDO (*entrando*)

Doutor—Amigavelmente!... amigavelmente senhor Barrigudo! e os libellos, as contraditas, as... senhor Barrigudo, acabou-se a justiça; está tudo perdido, perdido. Amigavelmente, homem!...

Barrigudo—Está, está o mundo perdido. Foi-se a justiça. Pois não me deitaram fóra do meu emprego?

Doutor—A V. m.? o procurador mais honrado que viram as audiencias d'esta côrte! V. m. que nunca vendeu as suas partes por menos de tres mil e duzentos! Então, diga-me, porque?

Barrigudo—Era porque? por uma ninharia. Por sumir uns documentositos de cacarácá, que, a fallar a verdade, não me deram de interesse mais que quinze moedas.

Doutor—Quinze moedas! E por quinze moedas se deita a perder um homem de bem! Patifes... Quantos conheço eu, que pela ridicularia d'uma sentençasita injusta têem levado mil cruzados? Ora isto! E então, se um pobre homem chucha os seus pintetes assim por coisa de mais polpa, aqui d'el-rei que é ladrão! Ora, pois, senhor Barrigudo, console-se; tenha fé nos Austriacos.

Barrigudo—O' senhor doutor, que é isso dos *Estrickios?*

Doutor—Eu tambem não o sei lá muito bem; parece-me que são os *Alamões*; mas ahi n'esses jornaes ..

Barrigudo—Jornaes! Pois V. m. consente essa peste em sua casa?

Doutor—Eu! Deus me livre! E' o meu amigo, o senhor D. Gargamilho, que os lê, e me dá as novidades; que eu, cá por mim, appello eu! Periodicos! nada, Se fosse a nossa Gazeta antiga! Isso sim; isso é que era papel!

Barrigudo—E de *mata-mcrrão.*

Doutor—Sim senhor; mas que papel! que papelão! Que novidades de mão cheia!

Barrigudo—E é verdade; que até trouxe a do *homem das botas.*

Doutor—A do homem das botas? Isso é nada, meu amigo, Mas as dos morangos no mez de Maio em Copenhague, com as mais frescas noticias da Laponia, da Scandinavia, e do isthmo de Panamá! Que gôsto, que erudição! E aquella immortal folha do dia 10 de Septembro! Oh meu rico senhor Barrigudo! estes infames papeluchos de agora, cheiram-me a um desaforado libertinismo. Mas que quer V. m.? E' bem feito: deram-lhe a liberdade de imprensa, agora peguem-lhe com um trapo quente.

Barrigudo—Isso é o menos, meu doutor. Mas a lei dos *ceraes!* De sorte que eu não sei lá muito bem o que isto é; mas não me cheira; ha de ser coisa má por força.

Doutor—Eu estou na mesma, senhor Barrigudo, Nunca achei no *Pegas* similhante nome. Modernices, modernices! Alguma pouca vergonha, encoberta, alguma heresia rebuçada contra a nossa santa religião!

Barrigudo—Tem carradas de razão. meu doutor. Tudo está perdido. Mas, vamos ao que serve. Tenho a propôr-lhe certo arranjo, que me parece que lhe ha de servir.

Doutor—Diga, e em poucas palavras, que tenho que sahir.

Barrigudo—Certo rapaz, meu vizinho, moço de bom porte e de muito juizo, chegado ha pouco da *novercidade*, e formado cá nas *defficuldades* do escriptorio, pretende vir praticar com V. m.

Doutor—Convenho, más primeiro que tudo, é elle cá dos nossos?

Barrigudo—Se é dos nossos! Está claro que sim. Aliás como me atreveria eu a propol-o. E' um moço guapo: ainda não lhe ouvi fallar uma só vez em Constituição; e tem uma zanga decidida a tudo quanto cheira a isso. Olhe, meu doutor; aquillo por lá não está tão máo como o pintam. Dizem-me que na *noverci ade* temos muita gente boa, e cá da sucia.

Doutor—Bom: n'esse caso póde dizer-lhe que appa-

reça logo. Está visto; o moço tem juizo. Adeus, amigo.
Barrigudo—Adeus, meu doutor.

SCENA III

DOUTOR, CARANGUEIJA, CARLOTA

Carangueija—Eis aqui, senhor Lapafuncio, o fructo da sua condescendencia. A senhora sua filha está louca, e louca varrida.
Doutor—Que dizes, mulher? Que é isso?
Carangueija—Pois não encontrei esta descarada lendo no *Lastro da Lusitana*, e decorando uma *odia* ao 24 de Agosto, que vem no *Portuguez refregerado!* Olha, meu Lapafuncio, quando tal vi, fiquei de raiva intanguida com um faniquito, que não sei como a não esganei.
Carlota—Por piedade, meu papá, digne-se ouvir-me.
Doutor—Não lhe posso conceder vista, senhora Lambisgoia. Com que, V. m. atreve-se a lêr similhantes papeletas! Pobre de mim! Oh vergonha d'estes cançados annos! Diga: quem lhe deu esse infame papel?
Carlota—Meu papá, eu não julgava que a minha curiosidade era criminosa. André, nosso moço, muitas vezes me tem trazido estes, e outros escriptos, cuja leitura me instruia e recreava.
Carangueija—Que te disse eu, meu Lapafuncio? A rapariga está perdida; já sabe *retholica*, tem muita *falsofia*, e até se quer metter a *plitica*.
Doutor—Senhora Carlota, venha cá; seja dito uma vez para sempre. Você de hoje em deante está prohibida de lêr escriptos, sejam de que natureza forem. Se se quizer divertir, aqui tem na minha livraria a collecção completa da nossa santa mãe *Gazeta* de feliz memoria. Tem a *Navalha de Figaro*, a *Atalaio contra Pedreiros livres*, o *Segredo revelado*, os *Sebastianistas*, e as obras de *Melgaço*.
Carangueija—Mellaço á rapariga, que é tão quente!
Doutor—Qual mellaço, senhora Carangueija? Você parece-me que tambem perdeu o juizo. Melgaço, senhora, era um escholastico peripatetico.
Carangueija—*Inclesiastico pateta*! misericordia, senhor! Bem mostra que foi estudante: se V. m. não tivesse ido á *nobrecidade*, trataria a religião de outra maneiru, e teria mais respeito aos *inclesiasticos*.
Doutor—Mulher, você faz-me perder a paciencia.
Carangueija—Cale-se, cale-se. Trate de dar melhores *inxemplos* a sua filha. Já é tempo de tomar juizo, seu velho potrozo.
Doutor—Sim, senhora, serei, serei potroso: eu lhe farei o dito verdadeiro. O' Gertrudes, Gertrudes? De hoje em deante, a minha cama para o quarto da livraria.
Cerangueija—Ande, ande, metta-se n'isso, e depois queix-se. Olhe, senhor Lapafuncio, isso vinha do céo
Doutor—Cale-se, tonta: lembre-se que está deante de sua filha.
Carangueija—Veja se me tapa a bocca. Heide fazer publicos os seus desafôros. Ah, meu tempo, meu tempo! As coisas andavam de outro modo: um bom capellão governava a casa, cuidava de tudo, arranjava as cabeças, dirigia as consciencias, etc., etc. Agora! pois não? Os bons costumes foram-se, e o respeito perdeu-se a tal *incessio*, que o bom do nosso confessor, Fr. Patricio de S. Mamede (aquelle santinho) entra e sae n'esta casa, sem que ninguem lhe beije coisa alguma.
Carlota—Mamã, permitta que me retire ao meu quarto. São horas de vir o mestre de musica; e eu ainda não estudei a lição.
Carangueija—Sim, sim; retira-te, e avisa-me quando elle chegar; quero fallar-lhe e advertil-o que não continue a ensinar-te aquelle maldito hymno *construcional*. Que peste de musica! que nojenta composição. (*Affecta d'entoar o hymno*).

SCENA IV

CARANGUEIJA, DOUTOR

Doutor—Senhora D. Carangueija, tratemos dos nossos arranjos; eu pretendo que Carlota case com o meu amigo o doutor Pancracio, homem chão, e cá dos da minha tempera, verdadeiro pé de boi. Convem que V. m disponha a rapariga; e eu vou concluir os ajustes. Avise Carlota, que logo que chegue o meu amigo doutor, não comece com os seus costumados destemperos, nem abra a bocca sobre acontecimentos politicos. O meu futuro genro é homem de mão cheia, e tem odio a tudo quanto cheira a *jacobinice* e *pedreirada*.
Carangueija—Sim, senhor, sim senhor; tudo se ha de fazer. Mas, diga-me meu queridinho: (*pondo-lhe a mão pela cara*) inda estamos arrufados? Inda quer ir dormir para a livraria? ande, (*chega-se para elle*) diga, meu doutorsinho?
Doutor—Leva rumor, senhora D. Carangueija! Basta de tolices; vamos ao que serve: trate de fazer o que lhe disse; e quanto ao resto, cá lhe fica *pirolo a vencer*. (*áparte*) Safa com a tal aventesma!

SCENA V

Rua

ELEUTERIO, AUGUSTO

Eleutherio—Aquelle que acolá anda a passear... Eu já vi aquella *lata*, E' o Augusto... mesmo como quem o vê. Oh Augusto! olé!
Augusto—Quem diabo me chama? Oh maldito! olha que *gita*, com que eu venho embarrar?
Eleutherio—Ora, tu em Lisboa! Quando chegaste? com quem vieste? que tal foi a patusca da jornada?
Augusto—Optima; grasinou-se por essa estrada, que foi tudo c'os diabos: então que tens por cá feito?
Eleutherio—Por cá! (*rindo-se*) Lisboa, isto está *pinaarico*! Moças, touros, theatros, Marrare, sucia, e mais sucia.
Augusto—Oh Eleutherio, dize-me; que sobre escripto é esse que trazes no chapéo? já hoje, quando desmontei, vi d'essas quizilias ahi pela rua. Que peta é essa?
Eleutherio—Isto? isto é o *Laço da Constituição*
Augusto—Pois sim: nunca me *cabularão* no tal laço. Isso é laço, com que toda a corcundage hade enganar a boa gente. Então como vamos de *petiscos*? Já pilhaste namôro? *Pimpa-se ou não se pimpa*?
Eleutherio—Ora valha-te os diabos. Pois não ando embeiçado com um *peixão*, mesmo *peixarrão*!
Augusto—Tu? ahahaha! Demais a mais namorante! Sabe-o ella? Apósto que não; que tu sempre tiveste esse bom costume.
Eleutherio—Se o sabe! essa é boa! Tu não sabes que as moças de Lisboa entendem pelo ár isto de namôro, mesmo antes de elle começar? Ha quinze dias que trabalha o telegrapho.
Augusto—E dá ella *cavaco?*
Eleutberio—*Cavaquissimo*.
Augusto—Bem entendido; para *honra* e *casamento*.
Eleutherio—Ora embirro; hade ser o que der o jôgo.

Augusto — Não: tu, pelo que vejo, é que estás cahido mesmo como um pato. Vamos, vamos, confessa, meu *pingoleta*.
Eleutherio — Gósto, gósto: lá isso é verdade; morro pela pequena.
Augusto — *Morro pela pequena*, (*arremedando-o*) Fóra, tolo! morro pela pequena. Estou a vêr que já lhe fizeste a tua declaração *em fórma*... A proposito, quantas grosas de sonetos lhe ferraste já?
Eleutherio — Sonetos! versos a moças! Pois julgas-me tão asno?
Augusto — Ora, anda lá; isto de poetas, em estando namorados, vae tudo raso com versalhada. Mas olha, Eleutherio, lembra-te d'aquelle conselho do Tolentino:

> Vale uma vara de fita,
> Mais que a *Illiada* de Homero.

Eleutherio — Deixa te de asneiras, vamos ao que importa. Tu has de servir-me no meu namôro.
Augusto — Muito boas noites, senhor Eleutherio; assim em ár de brincadeira — *Alcovitantibus nobis*.
Eleutherio — Não é isso; não te faças camello. O caso é este. Eu namóro uma rapariga bella, esbelta, e galante; e o que mais é, rica.
Augusto — Rica! rica! Oh que formosura, que divindade? Ai, meu Eleutherio! parece-me que vou ser teu rival. Que pechincha para um senhor estudante! Dize-me: quem é essa Tagide gentil? Quem é o ditoso papá?
Eleutherio — Ahi é que está o *busilis!* O pae é o mais encarquilhado ginja, o mais embirrento casmurro que tem Lisboa. E' um lettrado velho, um doutor da Universidade que deus haja, d'antes da reforma, e demais a mais, corcunda como todos os diabos.
Augusto — E a menina tambem padece de tal *intumescencia dorsal?*
Eleutherio — Nada: antes é liberalissima.
Augusto — Liberalissima! salve Deus tal logar. Mulher liberalissima! E tu queres casar com ella?
Eleutherio — E porque não?
Augusto — Pobre homem! não sabes que mulher liberal faz o marido corcunda? quando não seja por traz... não sei se me percebes?
Eleutherio — Deixa-te de graças; vamos ao que importa.
Augusto — Sim: que isto que eu digo é um páo por um ôlho. Bagatellas, bagatellas.
Eleutherio — Adeus! não me *repiniques* a conversa. O velho, a mãe, toda a gente da casa, e toda a gente que vae á casa, são corcundas, corcundissimos; menos a rapariga. Ora eu, rapaz, vindo de Coimbra ha pouco tempo, com fama de liberal, como hei de introduzir-me em similhante casa? Para isto é que eu quero o teu conselho?
Augusto — Bom remedio: vae praticar com o doutor.
Eleutherio — Isso já eu tentei fazer. Até untei as mãos a um *cabula*, procurador de causas, que conheço, para me introduzir com o ginja. Mas o maldito antiquario, em sonhando que eu sou liberal, põe-me pela porta fóra, e então fico peior que d'antes. Ora dize tu: em elle olhando para esta *lata*, em sabendo que me formei este anno...
Augusto — O muito que poderá dizer é que és *Pedreiro livre*, *Jardineiro*, *Carbonario*, ou tudo junto, que inda é melhor.
Eleutherio — Mas, homem, que hei de eu fazer?
Augusto — Ande cá, *su* toleirão: sempre lhe quero mostrar que sou seu amigo. Emfim andámos ambos com a roupeta: va. Você faça-se corcunda. Tire-me essa garatuja do chapéo... Mas não; deixe-a estar, que nos é precisa. Com o velho sempre corcundissimo; diga-lhe a tudo que sim; e deixe correr a demanda. Agora eu hei de immortalizar-me na farça; aqui ninguem me conhece; vou despir esta casaca, e farei de teu creado. O mais fica por minha conta. Mãos á obra, e toca a espatifar o negocio.
Eleutherio — Oh meu caro Augusto, que obrigações te não devo eu!
Augusto — Cale a bocca, *su* pedaço d'asno. Com que eu faço isto para o servir a você, ou para me divertir a mim! E' bem camello: ande d'ahi; vamos.
Eleutherio — Vamos.

SCENA VI

Escriptorio

Carlota (*só*) — Ora a livraria de meu pae sempre è bem curiosa coisa. Boa leitura para aconselhar a uma rapariga de dezoito annos! Mas este meu novo amante, quem será elle? Pelo geito parece-me coisa de Coimbra. O caso é que eu gósto d'elle. São estudantes, são atrevidos, são peti-mêtres; todas dizem o mesmo, mas todas gostam do seu estudantinho.

SCENA VII

CARLOTA, ELEUTHERIO, AUGUSTO

Augusto (*defóra, batendo á porta*).
Carlota — Quem é?
Augusto — Um servil creado d'esta illustre casa.
Carlota — Quem procura?
Augusto — O sapientisimo senhor doutor Lapafuncio Geba Simões da Boa morte.
Carlota — Não está em casa.
Augusto — Não importa: temos ordem de esperar por elle.
Carlota (*abrindo*) — Entre.
Augusto — Liberalissima prole do mais corcundissimo progenitor, meu liberalissimo, e agora, por seu respeito, encorcundizado amo, o senhor...
Carlota — Que vejo! E' o mesmo. Senhor, V. m. n'esta casa? Onde se vem metter...
Eleutherio — Adorada Carlota, amor é quem me aqui traz; e amor nada receia. Os sentimentos, que ha muito te consagro, me fizeram buscar este estratagema para poder . sim, para que nós .. que vós .. e que...
Augusto (*arremedando-o*) — E que elles... Minha senhora, o rapaz, *quer dizer amor* e *não lhe chega a lingua*; eu lhe ponho tudo em pratos limpos. Este moço morre pelos seus bellos olhos; as suas vistas são puras, e innocentes; é morgado na sua terra. Ora olhe-lhe para aquella veronica. Não lhe acha cara de morgado, e demais a mais mesmo assim de sujeito que quer casar? Pois ahi o tem todo inteiro: está dito tudo. O senhor seu pae, segundo consta, não gosta muito de *liberalidades*. Meu amo, que é mesmo liberal dos da gemma, receava pedir abertamente a sua mão, o que seria aliás bem recebido, attendendo ás suas grandes *propriedades sem fundo* e *fundos sem propriedade*. Mas achou melhor servir-se d'uma piedosa alicantina para facilitar o expediente do negocio. Ora, como lhe ia dizendo, formou-se este anno, e vem praticar com o senhor seu pae no seu escriptorio: já se sabe, finge-se corcunda com elle, e procurará ser sempre liberal com a menina, ficam-lhe as abertas para fallar com V m... (*aqui d'el-rei!*) com V. S.ª... E o mais, Deus o fará, ou o diabo lh'o ensinará.
Carlota — Senhor, diga-me o que devo pensar do que diz o seu creado?
Eleutherio — Tudo aquillo é verdade, bella Carlota,

são estes os innocentes e desculpaveis artificios, a que me obrigou a mais violenta paixão.
Carlota—Mas, como devo acredital-o?
Eleutherio *(ajoelhando)*—Bella Carlota, as tuas graças..
Augusto *(áparte arremedando-o)*—O teu dinheiro...
Eleutherio—A tua divina belleza...
Augusto—A tua celestial riqueza...
Eleutherio—Justificam.
Augusto—Espanificam...
Eleutherio—O meu atrevimento...
Augusto—O meu descaramento...
Eleutherio—E a avidez...
Augusto—O desejo...
Eleutherio—De gosar dos teus encantos.
Augusto—De sangrar a burrinha do senhor seu pae.

SCENA VIII

AUGUSTO, ELEUTHERIO, CARLOTA, CARANGUEIJA

Carangueija *(de dentro)*—Carlota, Carlota?
Carlota—Ai de mim, que ahi vem minha mãe!
Augusto—Não se assuste, menina, que eu aqui estou. Senhor amo, pegue n'aquelles feitos, e ponhase assim em ár de quem anda a *pescar á chicana.* A senhora D. Carlota põe-se á janella com um d'esses cartapacios fingindo que lê; e eu aqui fico com esta cara de chicote. Vamos, a seus postos; deixem o medalhão da velha por minha conta.
Carangueija *(sahindo)*—Oh Carlota, Carlota! Irra! tenho as guelas esfrangalhadas de gritar por esta rapariga! Temos namorico filado? Pois não: assoese; bem sabe quaes são as vistas de seu pae e que o doutor Pancracio. . *(dando com os olhos em Eleutherio e Augusto, estes a cortejam)* mas quem são estes melcatrefes? Que fazem eiles aqui? Anjo bento! E a rapariga sósinha com dois homens, quando para a perder bastaria um; e então um dos da *tempra* de hoje, que vale por uma duzia dos de algum dia, *(puchando a luneta, e encarando-os)*, Ai meus peccados! E demais a mais um d'elles parece-me estudante. Que lambertino que não ha de ser! De certo é peior que Satanaz, *(chega-se a elles)*. Olá meus senhores? O que querem Vv. mm.? Quem procuram n'esta casa?
Eleutherio—Eu, minha senhora, venho aqui para praticante do senhor doutor Lapafuncio.
Carangueija—Maroto! Insolente! *Traficante* o senhor doutor Lapafuncio, a honra da lettradice! O Benjamim do fôro? Meu marido *traficante!* Ponhase-me já no ôlho da rua.
Carlota—Minha mãe. Este senhor entrou n'este momento, e procura meu pae, que, segundo elle diz, lhe deu ordem de o esperar aqui.
Augusto—(Irra com a centopeia!) Minha senhora, não se allucine; meu amo vem apprender com o senhor doutor Lapafuncio a grande arte da *cabola judicial.*
Carangueija—*Cavalla!... Cavalla* será elle, grandesissimo mariolla. Patifes! Virem a minha casa procurar *Cavallas*, como se aqui fosse a Ribeira do peixe! Insolentes!

SCENA IX

CARANGUEIJA, CARLOTA, ELEUTHERIO, AUGUSTO, DOUTOR

Doutor—Que algazarra é esta?
Carangueija—O que ha de ser? São estes meliantes que te vieram insultar aqui mesmo ao teu escriptorio. Um chamou-te *traficante;* e o outro quer que eu lhe venda *cavallas.* Atrevidos...
Doutor—Então que pretendem os senhores? Que é isto?
Eleutherio—Que ha de ser, senhor doutor? E' esta senhora, que, sem nos ouvir, nos condemnou á revelia. Eu sou aquelle bacharel, por quem lhe fallou o seu amigo Barrigudo das Toupeiras; e elle é quem aqui me mandou, assegurando-me que estava admittido a praticar no seu escriptorio. A' vista do exposto, deferirá em termos.
Doutor—Como pede; sim senhor, muito bem vindo, meu caro senhor Eleutherio Já me dava muito cuidado a sua tardança. Julguei que tinha, por desgraça, cahido em alguma de essas enxovias de que ha tanta abundancia n'esta capital: são umas verdadeiras ratoeiras de armadilha aos ignorantes pataus. Forte lastima seria, se depois de tão boas informações do meu amigo Barrigudo, tal infortunio lhe acontecesse! V. m. ficava perdidinho de todo para nunca mais levantar cabeça! Em que mãos, meu Deus! Em que mãos ia cahir! Rábulas, rabulas modernos, que apenas (e nem ainda apenas) sabem arranhar a Ordenação! Olhe, senhor Eleutherio, depois da vinda *dos do Porto*, entrou ahi uma matilha de garraios novos, que dão conselhos até por um copo de capilé! Porém... Senhora Crangueija, trate de prevenir Carlota do que lhe disse.

SCENA X

DOUTOR, ELEUTHERIO, AUGUSTO

Doutor—Oh senhor Eleutherio, quem é este rapaz que vem na sua companhia?
Eleutherio—Este rapaz é um *garoto* que tomei em Coimbra ao meu serviço. E' um pobre diabo, *orphão de pae e mãe*, fiel, e capaz de se lhe confiar qualquer empreza, ou obra de desempenho.
Augusto—Sim senhor. sim senhor; é verdade senhor doutor. Sou garoto, sim senhor. O senhor Eleutherio tambem, sim senhor. De Coimbra, sim senhor, de Coimbra. *(Para Eleutherio ápar.e)* Deixa estar, patife, que logo te direi.
Doutor—Parece-me um pobre selvagem. Isto de certo não tem malicia. Estes creados lá da provincia são melhores que os cá da cidade, que são todos uma canalha: confiados, larapios, e muito liberaes das algibeiras alheias.
Eleutherio—Tem razão, senhor doutor. Isto por cá está cada vez peior. D'aqui a pouco já não ha creados; todos são amos
Doutor—Que quer V. m., senhor Eleutherio, se tudo é uma anarchia? Todos dão o seu conselho, todos mettem a sua colherada; e o que é mais sério, já todos são lettrados, e decidem de cadeira, como se fossem doutores de capello. E' uma lástima; o melhor conselho da nossa profissão não vale hoje uma de doze. A proposito, senhor Eleutherio, que novidades temos?
Eleutherio—Poucas, porém boas. Dizem que vamos a ter outra *Alliança angelica* nas margens do Sena. Trata-se de abrir os olhos aos habitantes das trevas peninsulares. Acabará a escravatura, dando liberdade aos negros, e escravizando os brancos. Tolerancia absoluta, concedida pela nova refórma da Santa Inquisição; segurança plena de propriedade affiançada por trezentos mil dos protectores da Italia, que querem arranjar as coisas como manda Deus e a Egreja, sem derramar uma só gota de sangue, á excepção do de tres, ou quatro milhões de impios, e incredulositos, que não querem accreditar em suas bemfazejas intenções.
Doutor—Isso é santa gente, que ha de ensinar estes maganões. Diga-me, senhor Eleuterio, leu a *Gazeta universal da Europa?*
Eleutherio—Não senhor, não a li hoje, porque a

não pude obter pela affluencia de compradores Era tanta a gaiatada á porta do distribuidor, que vôou o tal papelucho. Verei logo se posso apanhar alguma ahi por essas lojas, ainda que o pague a pêzo Não me admira a extracção: é papel universal, e basta. Consta-me que até em Constantinopla se gasta como canella. O Grão Turco é com que accende o seu cachimbo. Voltemos porém ao ponto: que traz elle hoje interessante?

Doutor (*com ár mysterioso*)—Duas *conspirações e meia* descobertas a noute passada á luz da candeia. Metade de um sermão sobre a instabilidade das coisas d'este mundo, cá n'este valle de lagrimas. E o que mais interessa; a marcha de um exercito de mais de quatrocentos mil bemfeitores da humanidade... Diz-se que em dias claros já da Serra da Estrella se avistam as avançadas. Isto ainda não é nada Olhe, senhor Eleutherio, tambem se falla em quatro esquadras que se apromptam a toda á pressa. De certo, tudo está combinado: o negocio, decide-se por estes quinze dias. Ora, diga-me: V. m. ouviu fallar n'essas grandes desordens da provincia.

Eleutherio—Ouvi, sim senhor; isso anda tudo revolto; e elles a teimarem com a gente; ninguem quer isto, á excepção de meia duzia de meliantes, que não têem que perder: elles se desenganarão. Veja, meu doutor, se isto agrada a ninguem: todos eguaes perante a lei; tolerancia, liberdade de imprensa, segurança de propriedade, abolição da sancta Inquisição, extincção de caudelarias, coitadas, direitos banaes, etc., etc.

Doutor—E que me diz á das ordenanças? Homem. Os Capitães móres, que eram a consolação e abrigo dos povos: veja se ha maior desafôro. Está visto aonde tudo ia dar, se os do Norte se não lembrassem de vir arranjar as coisas. (*em segredo*) Ouvi dizer que os turcos tambem dão o seu contingente de tropa?

Eleutherio—Se dão! Obrigaram-se por este ultimo tratado secreto, a dar 30 mil assyrios, 50 mil egypcios, 10 mil janisaros, e 20 mil medas; gente terrivel, e que fazem uma guerra assoladora. Servem-se de animaes ferozes, e trazem uma cáfila de leopardos, pantheras, ursos, tigres, elephantes, hypopotamos, leões, onças, e camellos dos que mordem; além de uma quantidade de piruas, e gallinhas bravas, cuja picadura é venenosa.

Augusto—Oh senhor meu amo, isso tudo será para o pateo dos bichos?

Eleutherio—Cala-te, tolo; que entendes tu de politica? Altas combinações da nigromancia, a que não podes chegar com os teus rombos talentos.

Doutor—Não faça caso, senhor Eleutherio; hoje todos querem metter a sua colherada em politica, em leis, em finanças, em commercio; todos fazem planos, projectos, e memorias; basta saberem lêr as gazetas para se pôrem a decidir a sorte das nações Deixe, deixe estes amigos; não lhes tarda o seu S. Martinho; verá, senhor Eleutherio, as noticias do primeiro paquete; leia a Gazeta de França, o Observador austriaco; e deixe o mar que ronque. Vamos porém principiar o nosso trabalho, que são horas.

Eleutherio—Caro senhor doutor, o meu desejo é ajudal-o nas suas laboriosas tarefas. Diga em que me posso occupar?

Doutor—Ainda que o rendimento é pouco, temos ahi obra de sobejo. Aqui não ha mãos a medir. Ha quinze dias que a grande affluencia de trabalho apenas me dá tempo de pedir os dias da lei, e jurar que estou doente. Se isto continúa, vejo-me obrigado a dar p rte de morto, bem entendido com o juramento do estylo para não faltar á verdade. (*Chegando-se á banca*). Veja esses autos, senhor Eleutherio.

Eleutherio—Eu vou, senhor doutor: permitta-me dizer duas palavras ao meu rapaz. Oh garoto, anda cá.

Augusto—Sim senhor, anda cá. Lá vou, sim senhor.

Doutor—Senhor Eleutherio, se lhe parece, em quanto trabalhamos, póde ir lá para dentro sentar-se na cozinha.

Eleutherio—Acceito o offerecimento, até porque não gósto que elle ande só por essa cidade. (*aparte a Augusto*). Ouves, Augusto? trata de prevenir Carlota do que ajustámos. Esta noite tudo deve ficar arranjado. Não é assim, meu Augusto? (*affagando-o*). Ora tu não has de deixar ficar mal o teu Eleutherio.

Augusto—Fallemos claro: levo ou não levo rasca na assadura? Olha que a tua sorte depende de mim.

Eleutherio—Sim, meu querido Augusto, tudo quanto quizeres; anda, vae.

Augusto—Bom: n'esse caso, conta que a pequena fica hoje mesmo disposta, e informada de tudo.

SCENA XI

BARRIGUDO, DOUTOR

Doutor (*batem á porta*)—Quem é póde entrar.

Barrigudo—Deus seja n'esta casa. Como passou o meu amigo? Senhor Eleutherio, fólgo de vêl-o já empapelado.

Doutor—Bem vindo, senhor Barrigudo, (*levantando-se*). Estou muito contente com o tal bacharel; parece-me um moço de muito proposito. (*Eleutherio folheando papeis*).

Barrigudo—Não lhe dizia eu, meu doutor; aquillo é uma joia.

Doutor—Não ha duvida, meu caro amigo; é bom moço, porém tem certa quezilia, que me desagrada Oh senhor Barrigudo, porque não lhe diz V. m, que tire aquella cataplasma do chapéo?

Barrigudo—Ora senhor doutor, essa não me parece sua. (*mostra-lhe o chapeo e aponta para o laço*) Olhe para isto; não vé? Com isto é que nós o comemos.

Doutor—Então, tambem vou tratar de comprar um laço; que lhe parece, senhor Barrigudo? devo pôl-o.

Barrigudo — Senhor doutor, este sobreescripto é muito necessario cá aos da nossa opinião. Vamos porém ao que serve. Apanhei agora um supplemento extraordinario: isto vem hoje muito bom, é papa fina. (*pucha pelo supplemento*).

Doutor (*esfregando as mãos*)--Sim, vejamos. Oh senhor Eleutherio, chegue-se para cá, e ouça as noticias de hoje.

Eleutherio—Prompto. (*chega-se*). Hão de ser boas por força; a fonte é optima.

Barrigudo—Se o é! (*pucha pelos oculos e lê*). «Napôles 12 de Julho. A entrada dos *Estrikios*, foi «annunciada com *repiniquios* de sinos, salvaram as «fortalezas, e embarcações *surdas* no porto. Os «habitantes manifestaram a maior alegria para «com os seus libertadores. O espirito publico é o «melhor. Os nossos alliados, querendo dar uma «decisiva prova das suas boas intenções, levanta«ram uma pequena contribuição de dois milhões de «ducados.

Doutor (*interrompendo-o*)—E' preciso dinheiro; sim, levaram lá muita gente, que deve ser sustentada pelos habitantes.

Barrigudo — Pois que! (*continuando*) «Mandaram «prender coisa de cinco mil perversos, que contri«buiram para as ideias *jacovinas*, proclamando a «Constituição hespanhola». Hein, senhor doutor! que lhe parece? E' bico, ou cabeça? Ah bons tafues dos taes *estrikios!* elles é que hão de ensinar esta canalha.

Doutor—Olé! como canta. Sancta gente, deus os livre de alguma camada de febre amarella.

Barrigudo—Meu doutor, continuemos; ouça este artigo da Galliza que está frizante. «*Fonte verde* 2 «de Julho. A Junta denominada *Apostoliqua* foi «constrangida a fugir d'esta cidade; e consta-nos «acaba de se installar em *Tuy*, principiando logo «os seus trabalhos por um protesto contra a Con«stituição... (Bem bom!)... A auctoridade local «julgou dever oppôr-se á segunda reunião, e hon«tem foram presos»... Presos! patifes, sempre são gallegos; prenderem tão sanctos varões.

Eleutherio—Eis ahi porque os bons temem de apparecer.

Doutor—Mais claro Qual será o homem de juizo que queira falar, ou escrever na presença de similhantes prepotencias? Basta, senhor Barrigudo; não leia mais; o redactor asneou ahi n'esse artigo.

Barrigudo—Camellou, camellou. Pois olhe é contra seu costume. Eu tenho este jornal em muito boa conta, é o unico que se póde lêr.

Doutor—Isso é verdade; é o unico que escreve bem: os mais, é uma corja sem moral, e sem religião; este, senhor Barrigudo, este sabe o que diz.

Eleutherio (*áparte*)—Oh se sabe! Mas ignora o que dizem d'elle.

Barrigudo—Meu doutor, é preciso tratar agora do util. Tenho certo arranjosinho que vale a pena.

Doutor—Diga lá, senhor Barrigudo: V. m. sabe que sou seu amigo.

Barrigudo—Necessito que me acompanhe á casa d'aquelle meu amigo, o conego. Deus tenha a sua alma em gloria. Espichou como sabe, e é preciso fazer-lhe o testamento para não dar trabalhos aos seus.. coitadinhos... afilhados .. não sei se me percebe?

Doutor—*Optime*! Percebo, e mais que percebo E' justamente uma excellente occasião. Senhor Eleutherio, eu volto já. Se vier o fiel d'esses autos de libello crime, diga-lhe que ámanhã estão promptos e que rendem pitança,

Eleutherio—Póde ir descançado.

SCENA XII

Eleutherio (*só*)—Augusto. Oh Augusto? Oh maldito, está surdo! Querem Vv. mm. ver que o patife excedeu os poderes da procuração? Augusto, Augusto? Oh excomungado, tu ouves?

SCENA XIII

ELEUTHERIO, AUGUSTO

Augusto (*de dentro*)—Eu vou, eu vou, senhor bacharel; estou na ultima *ademão;* eu lhe fallo.

Eleutherio—Que tal é o logro? O maroto pregou-m'a. Estou vendo que me assopra a dama. E eu fico chuchando no dedo como um pateta. Ah patife! eu te irei ao gallinheiro.

Augusto (*entrando*)—Que diabo de algazarra é esta? Então que temos?

Eleutherio—Oh maldito! não ouvias? Esganei-me, gritei, berrei; e tu, nem palavra.

Augusto—Ouvi, sim; e então que queria? não sabe, senhor pateta, que estava occupado? Queria vêr se arranjava tambem a creada para acompanhar o farrancho.

Eleutherio—Mais! Chalaça á parte, o caso é serio. O ginja sahiu, e é necessario pôr mãos á obra, e já.

Augusto—Porém, como ha de isso ser? Carlota já está informada de tudo; mas logo me disse que antes da noute era impossivel.

Eleutherio—Qual impossivel Aqui não ha tempo a perder, e devemos agora mesmo aproveitar a occasião, que tão propicia se nos offerece. Anda, meu Augusto, chama Carlota.

Augusto—Vamos lá com mais essa, temos maroteira; e eis-me disposto. Nunca tive coração de dizer que não, principalmente a obras pias. Senhora dona Carlota, senhora D. Carlota? O *papá* chama.

SCENA XIV

AUGUSTO, ELEUTHERIO, CARLOTA

Carlota (*de dentro*)—Eu vou, eu vou. (*entrando na scena*) Então aonde está meu pae?

Eleutherio—Bella, e adorada Carlota, perdôa a um amante estremo apaixonado, este innocente estratagema. Sei que teu pae nunca consentirá na nossa alliança; e forçoso será o separar-nos para sempre. Um unico meio resta: é o consentires em seguir me. Facil então será obter o consentimento de teu pae

Carlota—Eleutherio, eu amo-te, porém não devo annuir a tal proposta. Conheço os meus deveres, e se os devo infringir para possuir-te, prefiro renunciar a um louco e inconsiderado amor, que faria o continuo tormento da minha existencia.

Eleutherio—Ah cruel, e falas em amor! Tu o desconheces; o amor quando é verdadeiro, não deixa logar a frivolas considerações. Está bem; conheço agora a minha loucura em te ter amado; queres a minha morte? Pois sim, cruel; em breve a verás; em breve saberás qual foi a triste sorte do mais infeliz dos amantes. (*finge querer partir*).

Carlota—Eleutherio, por piedade não me atormentes mais. Ouve-me...

Augusto—Meu amigo, constancia, e valor; não te deixes succumbir. Senhora D, Carlota .. (*fingindo que chora*), tenha dó d'elle; o pobre moço vae-se enforcar, ou pelo menos, deita-se do arco grande abaixo. Ora.. Ora... por quem é? Faça o que lhe pede o rapaz. Isso é ter um coração de bronze. Eu já não posso .. (*chorando*).

Carlota—Eleutherio, um cruel presentimento me deixa perplexa; não sei o que deva fazer. Tu conheces quanto é fragil uma desgraçada mulher, quando tem o infortunio de amar, confio na tua honra, confio nos teus juramentos. Eis me disposta a seguir-te, oxalá que algum dia não deva arrepender-me...

Eleutherio—Adorada Carlota, as minhas tenções são puras. Augusto te acompanhará a casa de minha tia, onde ficarás em todo o recato. Eu escrevo a teus paes; e elles, sabendo da tua fuga, por certo annuirão ao nosso casamento, no emtanto convem que te disfarces com um capote, para evitar qualquer encontro.

Carlota—Eu corro a buscar o da minha creada, e volto.

Eleutherio (*beija-lhe a mão*).

Augusto—Vá, sim, minha senhora, e nada receie do seu Eleutherio, que é mesmo uma pomba sem fel. Alli não ha malicia. Nas nossas empresas coimbrenses foi sempre o beijinho da patusca.

SCENA XV

AUGUSTO, ELEUTHERIO, (*e depois*) CARLOTA

Eleutherio—Augusto, basta de caçoada, que o caso é sério Gosto da pequena, e ha de ser minha mulher, dê por onde der.

Augusto—Pois não; isso ha de ter que vêr! ah ah ah! (*rindo*) *gósto da pequena;* e então das loiras

do ginja nada? Hein? Não ajustam a conta, senhor Eleutherio?

Eleutherio—Toca a escrever ao ginja: deixemos-lhe carta sobre esta carteira; e *mósca* quanto antes. (*Eleutherio escreve*).

Augusto—Approvo a politica; sempre me pareceu bem. Oh Eleutherio, não te esqueças de lhe dar algumas boas noticias politicas na carta; consola o tal leopardo com quatro corcundices; sequer ao menos faz-lhe a bocca doce com essas toleimas, já que lhe azedaste o estomago, empalmando-lhe a pequena. Eil-a que chega. Oh Eleutherio! como vem boa com o tal capote! Oh diabo! estou quasi tentado a tirar-lh a do lance. Digam o que quizerem: o tal trastinho do capote é chistoso, e está-lhe a matar: bom, se ha de estar? E' traje nacional, e basta. (*Eleutherio levanta-se, deixa a carta, e approxima-se. Augusto olhando e mirando Carlota*).

Eleutherio—Querida Carlota, eu sou o mais feliz de todos os mortaes; permitte que a teus pés...

Carlota—Meu amado Eleutherio, convem não perder tempo, minha mãe não tarda.

Augusto—Vamos, vamos; nada de demoras.

Eleutherio—Oh dia venturoso!

Augusto—Ande, *su* camello.

SCENA XVI

Carangueija (*entrando*)—Carlota, Carlota? Onde está o demonio da rapariga? Carlota, Carlota? (*procurando*) Sumiu-se. O' doutor, doutor? Menos. Senhor *traficante charamel*? Senhor *Charamel*? Tambem não. Esta casa está endemonhada. Ninguem fala, ninguem responde, ninguem apparece. Ui! a porta está aberta! Querem Vv. mm. apostar que estes patetas foram vêr as descargas ao Rocio com aquella corja de tolos que para lá vão gritar, viva a *construção*, viva o general *Sepulchro*, viva o diabo que os leve. Sim é o que foi... Porém, Lapafuncio nunca tal fez na sua vida... mas quem sabe? O tal traficante metteu-lhe talvez isso na cabeça; e o doutor perdeu a bola... Não ha que duvidar, é o que foi... São rapazes *açougados*.

SCENA XVII

CARANGUEIJA, DOUTOR

Doutor—Que diabo de bulha é esta, senhora Carangueija? Então que temos? Onde está Eleutherio?

Carangueija—Bonita pergunta! Eleutherio fugiu, desappareceu. Em cata d'elle ando eu; e sem duvida Carlota seguiu-o. Mulheres, mulheres! Sempre se agarram ao peior. Está visto, acceitou as *liberalidades* do tal marotão.

Doutor—Que dizes mulher. Nada, nada: não posso accreditar tal. Eleutherio que era uma mosca morta, incapaz de quebrar um prato; um moço tão sizudo, de tão bons sentimentos! Nada, nada, com aquelle não me engano eu. Conheço-os pela pinta; não póde ser, está dito. (*chega s á cadeira e põe o chapéo em cima*) Olá! uma carta para mim! Vejamos. (*abre e le*) «Senhor doutor Lapafuncio Ge«ba Simões da Boamorte. Sirvam-lhe estas duas «regras de desengano, e de ensino. Cá me safo com «a senhora sua filha, para lhe dar gôsto.—Fingi-me «corcunda para lhe cabular a moça. Agora já sou «liberal como d'antes, e muito ao seu dispôr. Des«culpe esta pequena logração. Assim quizera eu «ensinar todos os corcundas; mas não faltará «quem o faça.—Se quizer remediar o negocio, ve«nha dinheiro, e far-se-ha o casamento.—Cá me «vou esgueirando com o petisco para a hospeda«ria da Lacombe. Se se resolver, endireite as cos«tas e appareça! Seu creado *O Corcunda por «amor*». Ah patife! que me soubeste enrabichar! Eis aqui o que fazem as gazetinhas!

Carangueija—Os periolicos... os periolicos!—E o outro bregeiro do creado? Apposto que tambem era estudante.

Doutor—Pois você inda o duvida, grandesissima tola? Vamos, vamos; não ha outro remedio; vamos a essa maldita hospedaria. E' preciso casar a rapariga.

Carangueija—Casal-a! Essa é boa! casal-a com similhante velhaco?

Doutor—Toleirona! Se o matrimonio a esta hora já está consummado; você inda quer demorar os esponsaes?

SCENA XVIII

DOUTOR, CARANGUEIJA, BARRIGUDO

Barrigudo—Aqui estão estes feitos, senhor doutor.

Doutor—Quaes feitos, *su* procurador de causas perdidas; feitos tenho eu cá com que me divertir. Forte maroto me metteu você em casa. Vá-se c'os diabos despachar feitos para o inferno; que eu vou alli aviar uns ao Loureto.

Barrigudo—Pois que é isso?

Doutor—O que é? é o diabo que o carregue. Fugiu a rapariga com o tal patifão do praticante, que sem esperar pelo *accordam*, venceu a demanda, e safou se. Ah maldita corcunda! agora é que eu fico desempenado. Mas pelo menos, na corcunda da burra não me ha de metter a plaina.

Barrigudo—Senhor doutor, ôlho vivo com estes liberaesinhos. Não ha melhor petisco para esta canalha, que a disfructa de um corcunda.

Doutor—Corcunda, sim, corcunda! Não quero sel-o mais, que tenho muito medo aos logros.

Carangueija—Sim, meu Lapafuncio, construção, e mais construção.

Barrigudo—Se a rapariga já lhe fez jurar as Bases, que lhe hão de Vv. mm. fazer?

Doutor—Vamos, senhora Carangueija, antes que se faça mais publica a nossa vergonha. E que risadas, que risadas não terá dado o velhaco á minha custa!

SCENA XIX

Hospedaria

AUCUSTO, ELEUTHERIO, CARLOTA (*sentados*)

Augusto—Então que tal foi o mono, que pregámos ao ginja?

Eleutherio—Augusto, sempre tens vontade de gracejar. Considera o estado de Carlota, e vê quanto soffre a sua timidez; quanto me tem arguido d'este passo.

Augusto—Ora isso ha-de lhe passar: tudo faz o costume.

Carlota—Não pense, senhor, que por ter tido a ligeireza de commetter uma imprudencia, eu não saiba quanto devo a mim mesma.

Eleutherio—Tranquilisa-te, bella Carlota, de ora em deante, serei o amante mais submisso, e o mais respeitoso. Não tarda que teu pae preste o seu consentimento; e a cada momento espero que... (*batem fortemente á porta*).

SCENA ULTIMA

AUGUSTO, ELEUTHERIO, CARLOTA, CARANGUEIJA, DOUTOR, BARRIGUDO, (*de fóra*)

Augusto—Eis ahi sem duvida a resposta acompanhada com artilharia grossa e cartuxame emballado. (*continuam batendo*) Quem diabo está ahi?

Doutor—Abra essa porta, seu patifão, indigno, perfido, traidor; ou bem depressa lhe mostro quem é o doutor Lapafuncio Geba Simões da Boa-morte.

Carlota—Meu pae! estou perdida:

Eleutherio—Não receies, Carlota; teu pae ha de attender aos meus peditorios, aos meus rogos ha-de .. (*batem com mais força*).

Carangueija—Oh filha *matricidia*! Oh filha indigna! Senhor *traficante*, abra a porta ou grito aqui d'el-rei.

Augusto—Esperem, meus senhores; mais prudencia. Ahi vae, ahi vae; eu vou, eu abro já. (*abre-se e entram*).

Doutor—Com que, filha indigna, é este o fructo da educação que te dei? Eis aqui o que produziu a minha condescendencia criminosa!

Carangneija—Nada, nada, meu doutor; vamos embora. Vamos buscar a policia para metter esta indigna em um recolhimento: e quanto ao senhor *traficante*, e á boa joia do criado, já já para as galés.

Carlota—Meu pae, minha mãe, a minha conducta, è verdade, tem sido culpavel; mas a seus pés imploro o perdão. (*ajoelhando*).

Eleutherio (*ajoelhando*)—A minha conducta para o futuro lhe mostrará o meu arrependimento. Carlota me ama; e para completar a minha felicidade só falta o consentimento ..

Augusto—Ora por quem são, não deixem ficar o rapaz no meio do caminho. Senhora D. Carangueija, olhe para aquella veronica de lamuria: ora abrande essa colera, por quem é.

Barrigudo—Meu doutor, isto não tem outra cura; é preciso remediar o mal, que já está feito; e não sei se me percebe... quanto antes.

Doutor—Levantem-se, meus filhos; e de ora em deante, assim lhes chamarei; casem, e sejam felizes, servindo-me de consolação na minha avançada edade. Senhor Eleutherio, eu lhe entrego o meu cartorio: as minhas molestias já não me permittem uma vida laboriosa. Saibam todos que de hoje em deante, nada mais de corcundices.

Todos—Viva o doutor Lapafuncio!

Carangueija—E viva a Carangueija das infuzas, que se até aqui carangueijou, foi por mais não entender; e protesta séria emenda.

Eleutherio—Seja este dia consagrado ao prazer; e faça um tal exemplo abrir os olhos áquelles, que por ignorancia ou perversidade, querem ser cegos á *verdadeira luz*, e surdos aos clamores da justiça.

Barrigudo—Não ha que deferir. Toca a ser procurador *construcional*, e mesmo dos da gemma. Viva a *construcção*! E ficam citados para a primeira audiencia d'este juizo todos os que trazem marran, ou marreta *publica*, ou *encoberta*.

Todos—Apoiado, apoiado!!!

PARTE II—PERIODO ROMANTICO

UM AUTO DE GIL VICENTE —PHILIPPA DE VILHENA.—ALFAGEME DE SANTAREM TIO SIMPLICIO.—FALLAR VERDADE A MENTIR. —AS PROPHECIAS DO BANDARRA —UM NOIVADO NO DÁFUNDO—O CAMÕES DO ROCIO (Collaboração)

UM AUTO DE GIL-VICENTE

INTRODUCÇÃO [1]

Em Portugal nunca chegou a haver theatro; o que se chama theatro nacional, nunca: até n'isso se parece a nossa litteratura com a latina, que tambem o não teve. A scena romana viveu sempre de emprestimos gregos, nunca houve renda propria; a nossa andou fazendo «operações mixtas» com a Italia e Castella, até que, fatigada de uma existencia difficil, toda de privações e sem gloria, arreou a bandeira nacional, que nunca içára com verdadeiro e bom direito, e entregou-se á invasão franceza.

Napoleão mandou á conquista de Portugal um dos seus generaes mais brilhantes. Mas a gente que, bons trinta annos antes d'isso, tinha vindo, em nome das perfeições francezas, apoderar-se do nosso theatro, era bicha réles — algum troço de guarda-barreiras de provincia.

O que se traduziu, o que se traduziu, e como?

E todavia Gil-Vicente tinha lançados os fundamentos de uma escola nacional. Mas foi como se a pintura moderna acabasse no Perugino. Os alicerces da escola eram solidos como os do «erario novo» á Cotovia; mas não houve quem edificasse para cima, e entraram a fazer barracas de madeira no meio, e casinholas de taipa, que iam apodrecendo e cahindo, até que vieram os reformadores, como é moda agora, destruiram tudo, alicerces e tudo, fizeram muitos planos, e não construiram nada, — nem sequer deixaram o terreno limpo.

A causa d'esta esterilidade dramatica, d'esta como negação para o theatro em um povo de tanto engenho, em que outros ramos de litteratura se teem cultivado tanto... não se póde explicar, dizem todos, e eu tambem o tenho dito. Mas é que nada se acha sem procurar. Ora vamos a vêr.

O theatro é um grande meio de civilisação, mas não prospéra onde a não ha. Não têem procura os seus productos emquanto o gosto não fórma os habitos e com elles a necessidade. Para principiar, pois, é mister crear um mercado facticio. E' o que fez Richelieu em Paris, e a côrte de Hespanha em Madrid; o que já tinham feito os certames e concursos publicos em Athenas, e o que em Lisboa tinham começado a fazer D. Manuel e D. João III.

Depois de creado o gosto publico, o gosto publico sustenta o theatro; é o que succedeu em França e em Hespanha; é o que teria succedido em Portugal, se o mysticismo bellicoso d'el-rei D. Sebastião, que não tratava senão de brigar e rezar,—e logo a dominação estrangeira que nos absorveu, não tivessem cortado á nascença a planta que ainda precisava muito abrigo e muito amparo.

A restauração veiu melancholica e ascetica. O Senhor D. João IV era musico excellente, mas de egreja. Seus dois filhos, nem eu sei se elles tinham gosto por alguma coisa: acho que não. Cada qual por seu modo, mas ambos foram bem tristes e infelizes reis.

O Senhor D. João V, esse teve paz e fortuna, e era magnifico e grande amigo das artes e dos livros — mas livros em folio, muito grandes, muito pesados, com muita nota marginal, como se faziam n'aquella sua sancta Academia de Historia, que deitava cada volume em papel imperial — e tam bellas edições!

Dizem que queria imitar Luiz XIV de França: que pena que o não imitasse em proteger e animar o theatro! Talvez foram escrupulos de consciencia ou beaterio estupido de alguma Maintenon bastarda...

Mas com o gosto que então dominava a litteratura, quasi que foi fortuna abandonarem o theatro. Havia de ter que vêr um drama laureado pela Academia dos *Singulares* — ou pela dos *Humildes e Ignorantes!* [1]

O marquez de Pombal, sobretudo depois que travou lucta de morte com os Jesuitas, com a côrte velha — e com toda a sociedade velha — quiz servir-se do theatro; mas o es-

[1] Do auctor.

[1] Duas mais notaveis das infindas Academias d'aquelle tempo, cujo gosto era o mais refinado e insupportavel gongorismo. (*)

(*) Alludia Garrett á Academia dos *Generosos*, porque *Academia dos Humildes e Ignorantes* é titulo de um livro. (*Da revisão.*)

tado de guerra social era já muito violento de mais, andava no ár muito furacão de philosophias abstractas que não deixavam medrar o que se plantava, e a terra não se revolvêra ainda bastante para lhe dar substancia nova.

N'este primeiro começar das transições sociaes não se cria nada.

Como se hade então crear hoje? Hoje o estado é outro; já se revolveu a terra, já mudou todo o modo de ser antigo; não está completa a transição, mas já leva um seculo de começada — que a principiou o marquez de Pombal.

Drogas que se não fazem na terra, que remedio ha senão mandal as vir de fóra! O marquez de Pombal mandou vir uma Opera italiana para-el-rei.

O povo compôz-se a exemplo do rei: traduziam em portuguez as operas de Metastasio, mettiam-lhes graciosos, — chamava-se a isto *accommodar ao gosto portuguez*; — e meio rezado, meio cantarolado, lá se ia representando. Vinha o *Entremez* da *Castanheira* no fim, ou outro que tal: e que mais queriam?

O povo antes queria as *Operas* do Judeu. — Tinha razão; mas queimaram-lh'o e o povo deixou queimar.

Coitado do pobre povo!

Com o dinheiro que elle suava para as operas italianas, para castrados, para maestro e maestrinos, podia ter quatro theatros nacionaes: e o Garção que lhe fizesse comedias que haviam de ser portuguezas devéras, porque o Garção era portuguez ás direitas.

Tinham-lhe queimado o Antonio José porque diz que não comia toucinho; mataram-lhe o Garção n'uma enxovia por escrever uma carta em inglez. [1]

E o povo deixou matar. Por isso ficou sem theatro. Não seja tôlo.

E eram duas calumnias atrozes, ambas ellas: o Antonio José comia um prato de torresmos como qualquer christão velho, e o Garção nunca escreveu tal carta em inglez. Com o primeiro foi vingança ignobil de algum frade fanatico; com o segundo foi mais ignobil vingança ainda, a de um ministro que blasonava de philosopho!

No reinado seguinte era peccado subirem mulheres á scena. Façam lá *Zairas* ou *Iphigenias* para representarem barbatolas!

De mais a mais, a invasão litteraria franceza, de que fallei, veiu por este tempo.

Completa ella, já não era possivel haver theatro: a litteratura dramatica é, de todas, a mais ciosa da independencia nacional.

[1] Veja nota no fim do volume.

Estas poucas e deslavadas tragedias que se fizeram, — classicas puritanas da gemma, — eram francezas na mesma alma, não tinham de portuguez senão as palavras... algumas — uma ou duas, apenas o titulo e os nomes das pessoas.

E a Academia das Sciencias a offerecer premios aos dramas originaes! E escriptores de bom talento a traduzir Racine, Voltaire e Crebillon e Arnaud! Nada; não renascia; ou propriamente, não nascia o theatro nacional.

Nem elle tinha onde nascer, o pobre: que só a humildade da Eterna Grandeza escolheu para nascer um presepe. Havia ahi duas arribanas, uma no Salitre, outra na rua dos Condes, onde alternada e lentamente agonizava um velho decrepito que alguns tafues de botequim alcunhavam de theatro portuguez; e iam lá de vez em quando ouvir o terrivel estertor do moribundo: — que atroz divertimento!

O povo não; esse não ia lá. Conhecia o estrangeiro, não lhe tinha amor nem odio, mas deixava-o morrer e berrar com dôres e com fome. Não ia lá.

O povo tinha razão.

E mais razão teria se fosse pôr d'alli fóra o velho e os tafues, e queimasse as arribanas que eram um insulto e uma deshonra para elle povo que não tinha culpa.

Tinha; mas em soffrer.

Fizeram-se revoluções; as primeiras sem o povo saber: eram desavenças entre frades, fidalgos, desembargadores e soldados, sobre quaes haviam de governar. E o povo a vêr.

Cahiram uns, levantaram-se outros; disputaram muito dos direitos do homem, depois do throno e do altar; cada um puchava para a sua banda pela velha machina social, até que ella desabou toda e quebrou a cabeça á maior parte dos disputantes.

O povo começou a levantar a sua.

«Vamos vêr o que isto é» disse porfim a Nação. Aquellas conclusões magnas que as suas oligarchias tinham estado defendendo e arguindo durante bons vinte annos, não as entendia bem o povo: mas começavam-lhe a agradar algumas palavras.

D'ahi, quiz as coisas que essas palavras significavam.

Aqui é que são ellas. Os utopistas, os theoristas eram liberaes de palavras. Coisas nem as queriam muito fazer, nem sabiam fazel as.

Glosavam o mote de Junot; «estradas, canaes, commercio, industria, artes — um Camões para o Algarve:» é a summa de todas as proclamações de ha quarenta annos a esta parte—que as assignem reis ou demagogos, principes ou tribunos.

O povo riu-se das proclamações. Mas tanto

teimaram com ellas, que principiou a murmurar.

— Vamos a fazer alguma coisa, não ha remedio: disseram os poetas.

— O quê?

— O que sahir: deitar a baixo, destruir por ahi essas coisas, que é o que tem menos que saber e que fazer.

Porfim, foram-se embora os frades, pozeram-lhe os deputados em San'Bento. Foram-se os fidalgos, entraram os agiotas; acabaram-se as procissões, vieram as logeas dos pedreiros.

E o Camões e as estradas? Estavam a fazer em Londres, creio eu, e a contrahir se um emprestimo *muito favoravel* para os trazer — quando veiu a revolução de Setembro, que desarranjou tudo.

Coitada da pobre revolução, como se ella se fizesse a si, e não fosse a tal gente das estradas e do Camões os que a fizeram! — os taes poetas que em perenne outeiro têem estado sempre a glosar o inexhaurivel mote de Junot.

E tudo isso que tem com o theatro? — Tem; que houve ahi tres mezes, ou coisa que o valha, um governo que era nacional, embora fosse extra-legal — que errou em muita coisa sem duvida, mas que desejava acertar, e que, sobretudo, *não mentía.*

Glosou o mote... oh, isso é de rigor; não se dispensa a ninguem n'esta terra. Glosou o mote tambem; mas quiz, mas começou a pôr muito verso em prosa, muita palavra em obra.

Fizeram se Escholas e Academias, decretou-se o *Pantheon*...

Foi poesia; mas não da glosa sediça dos taes poetas de outeiro que nos trepanam a cabeça ha tantos annos. — Mofaram d'elle os semsaborões: pois deviam-se envergonhar, que era um pensamento nobre, nacional, util, exequivel, necessario, que podia salvar tanto monumento para a historia, resuscitar tantas memorias que se apagam, levantar tanto animo baixo que decáe, fazer renascer talvez o antigo enthusiasmo portuguez pela gloria, que morreu afogado nas theorias utilitarias. — Cá n'esta pobre terra nem sequer de theorias passaram!

Decretou-se tambem o *Theatro Nacional* e o *Conservatorio Dramatico.* — «Foi o irmão gemeo do *Pantheon*:» disse ainda o outro dia um dos taes. — Seria, foi, e fizeram-lhe a mesma chacota a mesma gente, — os poetas do outeiro perpetuo, que nunca fizeram, nem podem, nem sabem, nem hão de fazer nada, — mas não querem que ninguem o faça.

Elles ahi estão outra vez a glosar o seu mote, a fazer promessas e proclamações. Vejam as estradas que macademisam, os canaes por que navegam — e os Camões que os cantam!

Ora eu, que sou um pobre homem, gostei do *Pantheon* e do *Theatro Nacional* e do *Conservatorio:* mas não cria muito n'elles — não por elles em si que são muito possiveis e faziveis — mas porque sei onde vivo e com quem.

Acanharam-se, recuaram com o *Pantheon*; fizeram mal. E' preciso ter animo para affrontar até com o ridiculo: é o peior inimigo que ha, mas é necessario encarar com elle de olhos direitos, e não lhe ter medo, quem quer fazer qualquer coisa util e boa, em terras pequenas sobretudo, e onde ha tanta gente pequena.

E' o que eu fiz com o *Conservatorio* e o *Theatro.* Fui por deante, não fiz caso dos semsaborões, e levava-os de vencida.

Mas tem máos figados a tal gentinha. Quebrou-se-lhes a arma do ridiculo, tomaram sem escrupulo a da calumnia. Veiu a religião, veiu a economia, chamou-se tudo para anathematisar um pobre instituto innocente cuja despeza é insignificante, cujo proveito é tamanho.

— Que proveito?

— O de crear um theatro nacional que não temos.

— Como?

— Dirigindo a censura theatral, como faz; encaminhando os jovens auctores na carreira dramatica, como fez a tantos: formando actores, como está fazendo — devagar, que isso é o mais difficil de tudo — edificando uma casa digna da capital de uma nação culta, como tambem já principiava a fazer.

Se ha defeitos na instituição, emendem-n'os, mas não destruam, que é de bárbaros; não calumniem, que é de villões.

Ora, quando me encarregaram d'este que, em meu conceito, era mui grande empenho nacional, disse eu a Sua Magestade a Rainha que se dignára mandar-me consultar: [1]

«Entre as joias que da corôa portugueza nos levou a usurpação de Castella, não foi a menos bella esta do nosso theatro. Como o senhor rei D. Manuel deixou pouco vividoura descendencia, tambem o seu poeta Gil Vicente deixou morredoiros successores. Outros pendões foram fazer a *conquista, navegação e commercio* dos altos mares que nós abandonámos; outras musas occuparam o theatro que nós deixámos. E d'esta ultima gloria perdida, nem sequer memoria ficou nos titulos de nossos reis.

«Mas tudo nos tem sempre assim ido em

[1] Por portaria de 28 de setembro, a que satisfiz em 12 de novembro de 1836.

Portugal, cujo fado é começar as grandes coisas do mundo, vêl-as acabar por outros — acordarmos depois á luz—distante já—do facho que accendêramos, olhar á roda de nós,—e não vêr senão trevas!

«Com effeito, desde aquella epoca nunca mais houve theatro portuguez. Todos os povos modernos foram, um de-pós o outro, pelo caminho que nós encetáramos, adeantando-se na carreira dramatica; nós voltámos para traz, e perdemos o tino da estrada, que nunca mais acertámos com ella.

«Alguns esforços, algumas tentativas se teêm feito, assim por individuos como pelo governo; todos infructuosos, porque se não deu impulso simultaneo aos tres elementos, que é preciso crear, porque nenhum d'elles existe.

«Nem temos um theatro material, nem um drama, nem um actor. Os Autos de Gil-Vicente e as Operas do infeliz Antonio José foram nossas unicas producções dramaticas verdadeiramente nacionaes. Umas e outros, inda que por motivos differentes, são obsoletos e incapazes da scena.

«Mas em Portugal ha talentos para tudo; ha mais talento e menos cultivação que em paiz nenhum da Europa!

«Basta que Vossa Magestade se digne evocar do cahos os elementos que ahi luctam, e uma creação bella e grande surgirá á sua voz; tal que Vossa Magestade se comprazerá na sua obra, e alcançará na opinião do mundo um dos mais illustres titulos com que a historia honra os principes—o de protector das boas artes.»

Mas para fazer a casa era preciso muito dinheiro, e eu sou pobre; para formar actores, muito tempo, e eu tenho pouco; para fazer um repertorio, a isso posso eu ajudar (em terra de cegos), e apenas tive um instante de descanço puz-me a fazer um drama.

Foi em junho de 1838.

O que eu tinha no coração e na cabeça — a restauração do nosso theatro — seu fundador Gil-Vicente — seu primeiro protector elrei D. Manuel — aquella grande epoca, aquella grande gloria — de tudo isto se fez o drama.

Não foi sómente o theatro, a poesia portugueza nasceu toda n'aquelle tempo; crearam n'a Gil-Vicente e Bernardim-Ribeiro, engenhos de natureza tão parecida, mas que tam diversamente se moldaram

Gil-Vicente, homem do povo, cubiçoso de fama e de gloria, todo na sua arte, querendo tudo por ella e persuadido que ella merecia tudo, viveu independente no meio da dependencia, livre na escravidão da côrte; e fiado na protecção dos reis, seus amos e seus amigos, fustigava de epigrammas e *chacotas* [1] quanto fidalgo se atrevia a desprezal-o, quanto frade ou desembargador—e não lhes faltaria vontade—vinha com intrigas e hypocrisias para o mortificar.

Original e atrevido em suas composições, sublime por vezes, o seu estylo era todavia de poeta cortezão: conhece-se. Os cynismos que hoje lhe achâmos, ou não soavam taes nos ouvidos d'aquelle tempo, ou permittia a singeleza dos costumes mais liberdade no rir e folgar, porque havia mais estreiteza e pudor nas coisas sérias e devéras.

Bernardim-Ribeiro, ao contrario, nobre e cavalheiro, cultivava as lettras por passatempo, e a côrte por officio. Mas a poesia, que em casa lhe entrára como hospeda e convidada, fez-se dona d'ella e tomou posse de tudo. Foi poeta não só quando escrevia, mas pensou, viveu, amou — e amar n'elle foi viver—amou como poeta.

Taes são os dois caracteres que eu quiz pôr defronte um do outro.

D'esta comparação fiz nascer todo o interesse do meu drama; foi o pensamento d'elle: fixei-o n'um facto notavel, cujas circumstancias exteriores minuciosamente nos deixou descriptas [2] uma testimunha respeitavel, e de cujos particulares mysteriosos apenas se adivinha alguma coisa confusamente por um livro de enigmas e allegorias [3] que não entendia talvez nem quem o escreveu. Já se vê que falo da partida da infanta D. Beatriz para Saboya—facto á volta do qual se passa o drama.

Para a parte intima d'elle as *Saudades*, de Bernardim Ribeiro; a memoria de Garcia de Rezende para a parte material e de fórma; o Gil Vicente todo, mas especialmente a tragi-comedia [4] que n'aquella occasião compôz e foi representada na côrte, para o estylo, costumes e sabor da epoca. —Taes foram as fontes d'onde procurei derivar a verdade dramatica para esta que ia ser a primeira composição nacional do genero.

Digo *verdade dramatica*, porque a historica propriamente, e a chronologica, essas as não quiz eu, nem quer ninguem que saiba o que é theatro.

O drama de Gil Vicente que tomei para titulo d'este não é um episodio, é o assumpto mesmo do meu drama; é o ponto em que se enlaça e do qual se desenlaça depois a acção; por consequencia a minha fabula, o meu enrêdo ficou, até certo ponto, obrigado. Mas eu não quiz só fazer um drama,

[1] Especie de cantigas satiricas e jocosas —talvez o que em sua origem foi o *vaudeville* francez.

[2] Garcia de Rezende.—Veja notas no fim.

[3] Veja o livro: *Saudades*, de Bernardim Ribeiro.

[4] Cujo titulo é:—*As Côrtes de Jupiter.* Veja notas no fim

sim um drama de outro drama, e resuscitar Gil Vicente a vêr se resuscitava o theatro.

Os caracteres de Gil Vicente e da infanta estão apenas delineados; não podia ser mais: tive medo do desempenho.

E o desempenho todavia foi muito além de minhas esperanças. Os actores fizeram gosto de cooperar n'este primeiro impulso para a libertação do theatro, e obraram maravilhas.

O publico entrou no espirito da obra e applaudiu com enthusiasmo, não o auctor, mas certa e visivelmente, a ideia nacional do auctor.

Aqui têem o que é o *Auto de Gil Vicente*; e nunca pretendeu ser mais.

Foi uma pedra lançada no edificio do nosso theatro, que já chamou outras muitas.

Tenho fé que ha de ir crescendo o monte e se ha de vir a rematar o edificio.

Parou tudo com a perseguição do *Salvaterio*: a casa com o terreno e parte do material já comprado—e boa somma de contos de réis já assignada — o repertorio com um bom par de dramas, em que ha alguns com muito merito, tudo parou.

Consummará esta gente, com effeito, a sua obra de vandalismo brutal e estupido?

Creio que sim. O povo que lh'o agradeça.

E' a quinta crise do theatro portuguez.

A primeira trouxe-lh'a o fanatismo d'el-rei D. Sebastião e a perda da independencia nacional.

Na segunda queimaram-lhe o pobre Antonio José.

A terceira veiu com a Opera italiana e a perseguição do Garção.

A quarta foi a invasão das macaquices francezas.

Esta quinta é a do Salvaterio.

E toda a gloria pertence a...

— Não quero ainda dizer a quem pelos seus nomes. Por pouco que vivam estes meus livrinhos, sempre hão de viver mais alguma coisa do que elles: não lhes quero dar mais esses dias de vida.

E talvez ainda se envergonhem. — Duvido. —[1]

Pois viva o Salvaterio!

Bemfica, 24 de agosto de 1841.

PREFACIO DOS EDITORES

A apparição d'este drama fez uma epoca na historia litteraria de Portugal. De então verdadeiramente é que se começou a pensar que podia haver theatro portuguez. Toda Lisboa foi á Rua dos Condes applaudir Gil Vicente; todos os jovens escriptores quizeram imitar o Gil Vicente. Toda a imprensa periodica celebrou este acontecimento nacional com enthusiasmo. Se ladrou algum zoilo, foi de modo que se não ouviu; latido que se perdeu entre as acclamações geraes. Dois escriptos, entre tantos que este drama fez apparecer, sobresahiram avantajadamente pela superioridade do estylo e dos pensamentos, e fórmam, para assim dizer, o relatorio do seu processo, são documentos que devem conservar-se, e que julgamos indispensavel collocar aqui ao pé do drama. O primeiro appareceu no *Diario do Governo*, o segundo na *Chronica Litteraria*, de Coimbra.

[1] Veja nota no fim.

I

A restauração das artes é impossivel sem o auxilio do genio; e o genio não é a imitação. Felizmente, um drama original portuguez, engenhosa producção de um talento que assás avultava já na nossa litteratura, veiu trazer-nos a aurora da verdadeira restauração do theatro portuguez, e marcar uma epoca em nossa historia dramatica.

O pensamento d'este bello drama do sr. Garrett é o mesmo do seu poema *Camões*; celebrar a nossa gloria litteraria, reanimar a memoria dos patriarchas e fundadores da nossa litteratura, recordar o nosso antigo esplendor.

Gil Vicente, o pae do nosso theatro — e do hespanhol todo, — o Plauto nacional, o que obrigou Erasmo a aprender portuguez só para gostar o sal de suas comedias, o poeta da côrte e da sociedade, apparece em scena formando gracioso contraste com Bernardim Ribeiro, o trovador, o poeta ideal, o cantor da solidão, e tambem o primeiro que ao alaúde romantico dos menestreis juntou uma corda da lyra grega, uniu as duas poesias e imprimiu na litteratura nacional este cunho de melancholia e *abandono* que ainda hoje a caracterisa.

Estas são as duas grandes figuras do drama. Paula Vicente, a filha do poeta comico, de quem sabemos quanto o ajudava em suas composições, e que grande genio tinha, fica entre os dois ligando a acção das duas figuras, e formando o capital grupo do quadro, aquelle em que bate a principal luz. Tudo o mais é accessorio.

Bernardim Ribeiro, collocado em uma posição social mui superior, tinha cortejado levianamente a Paula (suppoz o auctor do drama) por mero capricho e sem affeição verdadeira. Paula, honesta e orgulhosa, o repelliu. Cessou o galanteio, mas Paula ama secretamente o poeta.

Todavia, creada e valida no paço, a filha de Gil Vicente tem sincera devoção pela infanta D. Beatriz, princeza de grande talento, como sabemos, e de grande virtude, segundo nos diz o auctor da peça, que, captivada dos versos e do engenho de Bernardim, tem por elle uma occulta, e tanto mais violenta paixão, quanto é uma paixão honesta e virtuosa, que as conveniencias sociaes, o seu proprio caracter e nobres sentimentos lhe não deixam nem a esperança de satisfazer jámais. Paula Vicente protege esta paixão com sacrificio de seus mais caros sentimentos. Situação muito dramatica, e de que o auctor tirou grande partido.

O auctor escolheu a vespera da ida da infanta para Saboya, para levantar o panno do seu drama. Ha uma grande funcção na côrte, de que Garcia de Rezende nos conservou os mais minuciosos detalhes. Existe ainda o proprio Auto que Gil Vicente compôz para as ditas festas, e que foi representado no paço em plena côrte. Este auto velho faz realmente todo o entrecho da peça moderna. Uma figura que falta, e que Bernardim Ribeiro, de concerto com Paula, se offerece a fazer para ter occasião de falar á princeza, precipita a catastrophe. O namorado poeta, em vez de dizer o seu papel, improvisa uns versos que só Paula e a infanta entendem, mas que sobresaltam e espantam a todos. O terror comico de Gil Vicente n'esta occasião é do melhor effeito.

Uma figura secundaria, e que, por falar no stylo de Victor-Hugo, forma antes a moldura do quadro, do que parte d'elle, é a d'el-rei D. Manuel. Comtudo parece-nos excellente. Como pintura historica, elle é realmente o que nol-o descrevem seus biographos; e como caracter do drama, habilmente desenhado e com finura. El-rei sabe da inclinação da infanta, sabe que são amores de creança, innocentes e faceis de desvanecer, se imprudentemente lhe não derem importancia com procedimentos que só podem motivar escandalo. Como rei e como pae, o seu procedimento é perfeitamente regulado. Dissimula sem fechar os olhos — reprehende e admoesta sem dar escandalo—e salva talvez do opprobrio, não merecido por um crime (pois que a princeza apparece sempre em toda a rigidez da virtude e em toda a pureza da innocencia), mas até certo ponto incorrido por levezas de pouca edade—a fama de sua filha e o decôro de sua familia e casa.

Apezar, comtudo, da grande e finissima politica d'el-rei, da virtude e resplandecente innocencia da princeza, da vigilante, zelosa e *interessada* guarda de Paula, D. Beatriz, sem um atomo de crime em sua consciencia, ficaria, comtudo, diffamada se não fosse a generosa devoção de sua criada particular, e a heroica resolução do homem que ousou amal-a.

Já a bordo do navio que vae levantar ferro, Bernardim-Ribeiro tinha conseguido ir fazer suas ultimas despedidas á infanta. Esquecidas as horas em um terno e honestissimo, mas extremamente apaixonado adeus,—el rei chega que vem dar o derradeiro abraço a sua filha. Tudo está perdido, não ha remedio. Duas mulheres innocentes, victimas da irreflexão e leviandade propria do seu sexo, vão ficar cobertas de infamia, como se fossem rés do mais detestavel crime. — Que fará Bernardim-Ribeiro, o poeta meio doudo, e agora tresvariado de todo?—Fugir, não póde; esconder se, aonde que, mais tarde ou mais cedo, o não achem?—Apunhalar-se?—Ahi fica o seu cadaver para denunciar a apparente culpa d'aquella que ama com tanto excesso como respeito.—N'este extremo de perigo sua razão lhe volta toda: — «Não tenhaes receio», diz elle; e beijando pela ultima vez a mão da princeza—salva de um pulo as varandas da náo e se arremessa ao Tejo. — A infanta desmaia, Paula fica extatica— el-rei entra, e attribue a outra causa o desmaio da filha: e o drama termina com esta situação bella e original.

Não nos diz nem podia dizer o auctor se Bernardim Ribeiro morre, ou não, afogado nas aguas do Tejo. O que elle queria era tiral-o d'alli, e tiral-o bem. — Conseguiu-o, e não se importou com mais nada.

Pela tradição, mais que pela historia, sabemos, ou suppômos, que o auctor da *Menina e môça* sobrevivera á partida da infanta para Saboya, e até dizem, que lá fôra ter com ella, esperando outro accolhimento que não teve, e que, voltando offendido e desencantado a Portugal, morrera nas brenhas de Cintra. Outras conjecturas o dão esquecido dos seus extremos e casado pouco depois.

O livro das *Saudades*, em que, debaixo do disfarce de cavallarias, contou a historia de seus amores, decerto appareceu depois.— O auctor do drama, com todo o tacto, faz bem entender que a copia do dito livro que pôz nas mãos da princeza é *manuscripta*, e que ainda não foi multiplicada por essa *nova arte que veiu da Allemanha*, a imprensa, nova ainda na Europa e novissima em Portugal.

Em summa, o drama tem suas partes extra-historicas, mas nenhum anachronismo. E ainda extra historico é elle muito menos que nenhum outro d'este genero.

Achámos feliz o desenho do caracter de Gil-Vicente; mas notámos que só nol-o mostrou do lado comico: convinha que vissemos alguma cousa tambem do reverso triste e

melancholico que estes caracteres têm sempre, como tinha Molière, e como sabemos, até por suas obras, que o tinha Gil-Vicente. —E' boa, mas talvez imperfeita esta figura, perdôe nos o nosso illustre litterato. [1]

Bernardim Ribeiro; D. Beatriz, D. Manuel são completos cada qual no seu genero. O secretario da embaixada de Saboya, excellente. Sentimos, porém, o pouco, antes nenhum, desenvolvimento que o auctor deu a dois interessantes caracteres que pôz em scena e em presença.—Garcia de Rezende, o chronista, —e o conde de Villa Nova de Portimão: a côrte nova e a côrte velha. Estão tanto no fundo do quadro estas duas figuras importantes, chega-lhes tam pouca luz, que faz pena não os vêr quasi. Admirámos que tendo posto na scena o eminente litterato e profundo archeologista Rezende, [2] lhe fizesse a *desfeita* de o collocar entre as pessoas mudas. — N'estas *côrtes litterarias*, que celebrou no palacio de nossos reis, seu antigo berço e tambem seu capitolio, apparecem os representantes de todo o saber e gosto da feliz éra de Quinhentos. Porque havia o nosso auctor de *dar* sómente a *palavra* ao poeta erotico e romantico, e ao poeta dramatico? O historiador apenas fala, o antiquario e moralista nem abre a bocca; o navegador diz duas phrases, e os mathematicos só indirectamente ouvem citar o nome de Pedro Nunes!

Ainda que lhe custasse um anachronismo, o auctor de uma composição tam nacional, tam quinhentista, tam calculada para celebrar e reviver aquella grande epocha, parece que devia pôr-nos alli na scena, vivos, animados e falando, os *deputados* de todas as artes e sciencias que se reuniram em torno do grande rei D. Manuel para fazer de seu reinado o mais brilhante da historia portugueza. [3]

Perdôe-nos o auctor esta censura, que lhe não fazemos por desmerecer em sua bella, util e portugueza obra, mas porque desejavamos que fosse ainda melhor, que fosse perfeita.

O estylo é correcto e classico, e sómente antiquado quando a verdade e fidelidade dos caracteres o demandam. Haverá talvez duas ou tres phrases que nos deixaram alguma duvida de sua legitimidade assim ouvidas no theatro. Temos muita confiança no auctor de *Camões* e *Adozinha* e do severo *Catão*, e de muito peso julgamos o seu testimunho quanto á linguagem. Mas, a não ser que os actores as estropiassem, repetimos que nos ficam

[1] Veja nota no fim.
[2] Veja nota no fim.
[3] Veja nota no fim.

escrupulos das taes phrases, e que o auctor deve a seu estabelecido credito de purista da lingua o fazel-as justificar. [1]

Tal é o nosso candido e imparcial juizo d'esta peça, que é a primeira verdadeira nacional toda, no assumpto, nos ornatos, no estylo, em tudo inteira e plenamente portugueza. O genero pertence ao que talvez se possa chamar *classico-romantico*, ou romantico moderado; é um meio termo entre a *absoluta* e *republicana* independencia poetica de Shakespeare—e os servis regulamentos do *pautado* Racine e de seus imitadores.— Está nos principios da moderna escola anglo-allemã; mas seguramente se não parece com as tão engenhosas quanto depravadas producções da novissima e exagerada escola franceza.—Comtudo algumas scenas alegres são affinadas pelo tom das do *D. João de Austria* de Delavigne que, assim como o nosso compatriota, tem desprezado os asquerosos, ainda que fortes, effeitos da orgia tragica e das bacchanaes de cothurno. Por isto, sobretudo e mais que tudo, devemos sinceros elogios ao auctor do *Auto de Gil-Vicente*, em nos mostrar que era possivel crear e sustentar um grande e vivo interesse no delirio das paixões mais cegas, sem nos dar crimes e horrores; que póde haver amor, amor apaixonado, delirante, infeliz e que excite profundamente a alma, sem os incestos, adulterios, envenenamentos, parricidios, infanticidios que a moderna escola nos quer fazer acreditar como elementos indispensaveis da tragedia e do grande drama.

Esta é d'aquellas obras de que se póde dizer com razão:

La mère en permettra la lecture à sa fille.

Seja-lhe muito louvor ao nosso distincto litterato por haver entrado na grande reacção moral a que se prepara a litteratura moderna para expurgar de seu seio os seductores e meretricios enfeites da devassidão em que ia cahindo por outra reacção inevitavel a que tinha feito a natureza sobre a affectada e falsa litteratura hypocrita dos dois ultimos seculos.

Não será a litteratura portugueza a ultima a entrar n'esta grande confederação moral, em que Walter-Scott, Crabbe, Chateaubriand e Lamartine tam nobremente levantaram seus nobres escudos, e estão combatendo contra os Victor-Hugos, os Byrons e outros engenhos não inferiores áquelles certamente, e portanto do mais damnoso exemplo.

Por isso, repetimos, lhe votamos os lou-

[1] Veja nota no fim.

vores que tanto merece, e não menos tambem por nos dar o exemplo — tam raro entre nós, quanto é commum em nações civilisadas — de um homem entregue a graves cuidados, e utilmente occupado de serios negocios, dando suas horas de descanço ao trato ameno das bellas-lettras, e não se envergonhando de vir ao theatro instruir e deleitar aos seus concidadãos. Criticál-o-ha o orgulho estupido e a vaidade brutal dos ignorantes, soberbos da sua elevação social, que devem ao acaso ou á intriga. Os que prezam o merito real dir-lhe-hão sempre que prosiga pela estrada que lhe apontam os Addisons, os Cannings, os Chateaubriands e os Martinez de la Rosa; que já lá vae — até entre nós! — o tempo da bruta e presumpçosa ignorancia de que dizia um dos nossos bellos engenhos:

Almotacé que queiras ser d'um bairro,
Excluido serás, sendo poeta.

Hoje os poetas *sobem* á tribuna para a illustrar, *descem* á administração para a honrar, e servem a patria sem abandonar as musas.

Se a eminente capacidade do illustre auctor o habilita para servir utilmente o seu paiz n'esses graves e difficeis encargos, nem por isso deve elle deixar de seguir a vocação dos seus brilhantes talentos; e pela nossa parte muito desejamos que afaste de si toda a idéa que o embarace de continuar a nova e *regenerada* carreira que o *Gil-Vicente* nos promette d'elle.

Se o censurarem e calumniarem, que se ria e zombe de seus detractores, que a nação tomará a sua causa: — no actual estado da civilisação, a posteridade começa ainda na vida dos sabios. Desgraçados os Camões que morreram de fome n'um hospital sem a ver nem em esperança! — os Tassos, que expiraram de desgosto na vespera de seu triumpho! — os Chéniers em quem a guilhotina republicana puniu o crime atroz do talento, a *escandalosa aristocracia* do genio![1]

II

N'esta epocha de transição, em que até a sciencia e a litteratura soffreram tamanho abalo, não era possivel que sómente a arte dramatica permanecesse estacionaria, que resistisse ao desejo de mudança e melhoria, espirito do seculo presente. A revolução e progresso universal tambem devia tocar-nos, força era que seguissemos o exemplo que nos fôra dado, e que da luz do nosso aperfeiçoamento social reflectisse algum clarão sobre o theatro portuguez. E na verdade, se no resto da Europa a arte dramatica sempre acompanhou o andamento da civilização, sendo talvez difficil de determinar qual d'ellas abriu caminho á outra, não é certamente em Portugal que a experiencia falece.

Emquanto jaziamos na ignorancia e barbaridade, nenhuns passatempos conheciam nossos avós; se pouco a pouco se foram introduzindo alguns recreios, n'estes se espelhava ao vivo o espirito d'aquelles tempos cavalheirescos; e as justas e torneios não eram mais do que uma similhança dos combates e das batalhas, tam frequentes no décimo terceiro e décimo quarto seculo. Com os progressos da civilisação tiveram bom acolhimento novos divertimentos que nos trouxeram os mouros e os judeus; e com a dança e canto, com mômos, entremezes, touras e guinolas, D. Affonso V e D. João II abrilhantaram os saráos da sua côrte. Por este tempo começaram-se a compôr algumas comedias; o espirito religioso havia succedido ao genio guerreiro, e as Escripturas deram o assumpto aos primeiros auctores; farças ridiculas, em que não duvidavam pôr em scena os mysterios mais sagrados da religião, foram os primeiros passos da arte ainda sem força.

Foi Gil-Vicente nosso primeiro poeta dramatico, e afóra o conhecimento do latim, hespanhol, francez e italiano, era-lhe extranha a litteratura; nem rastos apparecem nos seus dramas das obras dos antigos dramaticos, e d'aqui vem a falta de actos e d'unidade com que deparámos em seus Autos; a Biblia era o seu livro, os entes mais sagrados os seus actores. E se acaso declamassem hoje em algum theatro esses dramas, poucos haveria que entendessem a linguagem, mistura de castelhano e portuguez, ou estimassem em muito as scenas soltas e sem nexo que tanto promoveram o riso de nossos avós. Mudámos, e talvez para peior; pois que eu não sei qual seja preferivel, se aquelles antigos Autos extravagantes no enrêdo, mas ricos de admiraveis lances comicos e cuja linguagem era verdadeiramente nacional, se estes modernos entremezes escriptos em phrase incorrecta e chula, recheados de chocarrices que não podem agradar a ouvidos delicados.

E com acêrto diz o sr. Trigoso n'uma Memoria sobre o Theatro portuguez, falando das obras de Gil-Vicente: «Quando julgamos «os antigos dramaticos, apesar das lições «dos sabios e do fructo da experiencia de «muitas edades, não somos talvez de todo «isemptos de prevenções; conhecemos mais «a inverosimilhança d'aquelles dramas que

[1] Do *Diario do Governo* n.º 214, de 10 de Setembro de 1838.

«eram destituidos das tres unidades, do que «conhecemos o que quasi sempre se segue «da escrupulosa observação das mesmas uni«dades, e sabemos melhor vestir os nossos «actores com os trajes proprios de seu paiz «e do seu seculo, do que representál-os com «os seus verdadeiros costumes e com a sua «propria maneira de vida.» Parece que o illustre academico antevia a necessidade da nova escola dramatica.

Na arte dramatica nunca Portugal pôde hombrear com os mais paizes; tal sempre tem sido seu triste fado! Se enumeramos insignes poetas nos outros ramos de poesia, n'este é-nos preciso abater bandeiras. Assim como descobrimos nova derrota para ganhar aquelles paizes da Asia, e d'este achado sómente se aproveitaram os estrangeiros, assim em tempos remotos appareceu um Ferreira, que fez surgir na Europa civilizada o genio da tragedia; e nós satisfeitos com abrirmos novo caminho aos poetas das mais nações, parámos no que devêra de ser o incentivo da cultura e aperfeiçoamento da nossa litteratura dramatica. Se um Gomes, um Xavier ainda enriqueceram nosso theatro, são quaes scintillantes estrellas em céo nebuloso; não temos uma serie de auctores dramaticos, como possue a França, a Allemanha e a Inglaterra. Ficámos por muito tempo sepultados em noite escura, saciando nosso máo gosto com entremezes ridiculos e comedias em que eram desprezados todos os preceitos do gosto.

Onde as armas imperam as lettras não dão saborosos fructos; e esta talvez seja a causa da principal decadencia do nosso theatro de 1820 até agora. Entregues todos aos negocios publicos, não havia quem cultivasse as artes; tudo quanto não tinha relação com a politica era votado ao esquecimento, e d'est'arte foi-se empobrecendo o nosso theatro, ao passo que os estranhos se aperfeiçoavam. Não havia bons actores, porque ninguem queria seguir uma profissão envilecida pelas prevenções d'quella epocha; a muito custo ainda pisavam o palco scenico homens que passavam o dia trabalhando com o martello ou sentados na tripeça. E quem haveria que compozesse dramas para taes actores? quem se sujeitaria a ver recitada por elles alguma obra filha de muitas noites de trabalho e de estudo? Ninguem. Algumas traducções toscas e mal feitas eram as unicas composições de que vivia o nosso theatro, e cujas funestas consequencias foram a introducção de uma linguagem bastarda e mesclada de portuguez e francez.

E n'este misero estado jazia o nosso theatro quando teve logar a restauração; n'estes poucos annos que a seguiram, varias foram as tentativas para restituil-o a seu antigo explendor, mas foram baldados todos os esforços; foi continuando a incorrecção no falar e a má escolha dos dramas. Os poucos que eram originaes portuguezes melhor fôra que nunca os tirassem a publico, pois que não eram mais do que um triste reflexo dos medonhos successos da nossa guerra civil. O theatro do Salitre era o unico regular de Lisboa, e este mesmo, que mais se assimilhava a uma baiuca do que a um logar de recreio publico, só era frequentado pela classe infima da sociedade; alli as graças mais obscenas eram unicamente applaudidas, os ditos mais deshonestos os que melhor soavam áquella platea. No bello theatro de São João da cidade do Porto não era mais feliz a arte dramatica. A selecção dos dramas estava a cargo de homens indoutos, a execução d'essas mesmas peças era confiada a uma companhia que mais do que uma vez apresentou em scena actores embriagados. Parecia que o nosso theatro já estava arquejando nos ultimos arrancos, e que para finar-se o misero só esperava pela morte d'aquelle que ainda o presenteára com uma obra prima, qual ultimo canto do cysne. Mas a este nosso grande poeta tambem estava reservada a gloria de resuscital-o, e levantar aquelle antigo e já arruinado edificio das nossas glorias litterarias.

Entre a alluvião de leis que desde o começo da nossa revolução inundou Portugal, uma passou desapercebida, talvez taxada ainda de injusta e despotica, e todavia ella salvou a arte dramatica da sua completa ruina; falo da lei que estabeleceu a Inspecção dos theatros. Este cargo só podia ser commettido ao auctor de *Catão;* e grandes louvores devemos dar nós os amadores d'esta arte, a quem fez tam acertada escolha.

O sr. Garrett entendeu o mandado com vistas mais largas; só lhe haviam encarregado inspeccionar os theatros, elle resolveu dar-lhes vida; havia sido nomeado para conservar restos que ainda existiam, elle determinou formar com estes mesquinhos cabedaes um novo edificio, começar nova era theatral. E não foi sómente com preceitos que trabalhou para tal reforma; mas sim deitou mãos á obra, abrindo caminho que ha muito ninguem se atrevia a trilhar, pois que ao genio maduro e confiado em suas forças cumpre sacudir o jugo inveterado das preoccupações. Lançou mão de alguns actores ainda mal ensaiados que um estrangeiro havia amestrado a recitar mal pessimas traducções, e lhes entregou, como victima para o sacrificio, um drama composto por elle. A impaciencia e genio do poeta dobrou o cantor de Camões a ensaiar pessoalmente a linda comedia, *Um*

Auto de Gil Vicente; a delicadeza do homem cortez forçou elle a soffrer submissa as intrigas de bastidores, que só avalia quem de perto as conhece. Mas tantos trabalhos teve por bem empregados quando universaes applausos amostraram ao auctor de *Catão* o apreço em que todos tinham aquella nova obra, e os cuidados que lhe devera a sua execução.

Seja-me perdoado querer eu, mesquinho engenho, juntar mais uma folha aos louros que ha muito cingem a fronte d'este nosso poeta; mas estes ainda são poucos para quem foi de tanta valia á scena portugueza. Da representação do *Auto de Gil Vicente* data uma nova epocha theatral; é a méta que separa o nosso theatro antigo do começo da sua restauração. As palmas dadas a esta comedia, repercutidas em muitos corações, foram uma faisca que despertou no peito da juventude portugueza o estro dramatico; muitos exclamaram:

Anch'io son pittore

e levantando a luva, que lhes fôra lançada, acceitaram o desafio, e quizeram ter seu quinhão na gloriosa justa que lhes abrira o cantor de *Dona Branca*.

Quem escrupulosamente analysasse o *Auto de Gil Vicente*, talvez encontraria alguns defeitos, depararia com algumas scenas menos dramaticaa, com falta de nexo e ligação entre estas; mas quanto acima d'estes pequenos descuidos transluz a pureza do estylo e a linguagem tão limada e portugueza; melodiosa musica soando a nossos ouvidos quasi esquecidos d'ella! Quanto não são para admirar os pensamentos finos e delicados, os ditos jocosos que esmaltam esta comedia! Não tem a força dos conceitos, o explendor das idéas de Victor Hugo; carece talvez do enredo forte e arrebatador de Alexandre Dumas, porém enxergamos n'este drama a perfeição e interesse de Casimir Delavigne, a agudeza e engenhosa critica de Molière. Não é raio lançando um clarão que cega e desapparece, mas sim mimoso brilho, placida luz em que os olhos descançam gostosos.

A. B.[1]

[1] Da *Chronica Litteraria* de Coimbra, n.º 2, de 1840. —Este artigo é da elegante e esperançosa penna do sr Anselmo Braamcamp Junior.

UM ÁUTO DE GIL-VICENTE

Drama representado pela primeira vez em Lisboa, no theatro da Rua dos Condes, em 15 de Agosto de MDCCCXXXVIII

Pessoas: El-Rei Dom Manuel —Infante Dona Beatriz.—Bernardim-Ribeiro.—Gil-Vicente.—Paula-Vicente. —Pero-Çafio.—Conde de Villa Nova.—Garcia de Rezende. —Barão de St Germain.—Dr. Jofre-Passerio —Chatel —Bispo de Targa —Mordomo-mór d'El-Rei —Um pagem d'El-Rei —Dona Ignez de Mello.—Joanna do Taco.
Quatro actores e duas actrizes de Gil-Vicente, damas, cavalleiros, escudeiros, falcoeiros, moços-fidalgos, moços do monte, reis d'armas, arautos, passavantes, menestreis, archeiros, remeiros marinheiros, pagens, escravos indios, pretos e chins. Logar da scena — Lisboa e Cintra.

ACTO PRIMEIRO

O pateo ou largo dos paços de Cintra com a antiga escadaria descoberta e praticavel, fontes e tanque. A' esquerda o palacio real, á direita e no fundo montes e arvoredos. Começa o crepusculo da madrugada. Pelo meio da tereeira scena terá amanhecido.

SCENA I

Pero-Çafio

Traz um papel de solfa meio enrolado, na mão e passeando lentamente como quem decora, canta por entre dentes.

> Niña la casó su padre,
> Muy hermosa a maravilla,
> Con el duque de Saboya
> Que bien le pertenecia...

Pertenecia!...—Pertenecia, diz cá o castelhano do romance: em portuguez tem mais que se lhe diga... —Pschiu! que as paredes têem ouvidos e paredes de palacio ouvidos e bôccas. *(Deita os olhos á roda de si como quem se acautelta; e torna a cantar.)*

> Niña la casó su padre...

Ora onde foi este mal-aventurado de Gil-Vicente buscar solfa tam encatarrhoada como esta para uma funcção de vodas—e vodas reaes!—Pois as coplas? semsabores. -Se lettra e musica as não animar cá a brilhante e donosa garganta de uma certa pessoa... (*affagando o pescoço*) d'esta feita perdes tua fama e nome, Gil-Vicente, meu amigo e mestre, compositor mór de mômos e chacotas, comedias, tragi-comedias e autos por el-rei meu senhor que Deus guarde. (*Canta.*)

> Ya se parte la Ifanta,
> La Ifanta se partia
> De la mui leal ciudad
> Que Lisbona se decia;
> La riqueza que llevaba
> Vale toda Alejandria...

SCENA II

PERO-ÇAFÍO, BERNARDIM-RIBEIRO, PAULA-VICENTE

Emquanto Pero-Çafio canta os ultimos versos, Bernardim-Ribeiro embuçado na capa, o chapeu sôbre os olhos, apparece com Paula-Vicente no patim da escadaria á esquerda. Paula faz signal a Bernardim de que alli está Pero Çafio.

Paula—Olhae quem alli está.

Bernardim—Pero-Çafio, vosso devoto. Receaes que tenha ciumes?—Não me conhecerá.

Paula—Receio que... Não quizera que elle soubesse tanto como sabe.

Bernardim—Antes elle que outro --E deixae-o commigo. (*Desce as escadas pé-ante-pé, que o não sinta Pero-Çafio Paula fica immovel contemplando Bernardim com ternura e anciedade até lhe parecer que está fóra de risco de ser visto.*)

SCENA III

PERO-ÇAFIO, BERNARDIM-RIBEIRO

Bernardim vae-se retirando cautelosamente, mas no momento de passar por traz de Pero, este se volta e dão face a face um com outro.

Pero—Oh, não se esconda senhor embuçado, que já o desembuçou a minha perspicacia.

Bernardim, (*tirando a espada*)—Arreda, que heide passar.

Pero—Passareis, passareis, senhor das Saudades; passareis como quizerdes, mas não sem vos eu conhecer. Que por éstas madrugadas por aqui, e tam recatado... só um homem que eu conheço—um louco de atrevidos pensamentos e desmesurada confiança... só elle e ninguem mais—Ide, ide, que este último capitulo de *Menina e Moça* não está para durar muito... e Deus queira que não acabe mal!

Bernardim, (*desembuçando-se e embainhando*)—Amigo, pois que me conheceste,—que me não posso encobrir de ti—amigo, tem compaixão, não me percas Confio da tua lealdade que m'a guardarás a mim desgraçado e desvalido, a mim o mais infeliz... (*Dá com os olhos n'um annel que traz no dedo, beija-o repetidas vezes e prosegue em tom differente:*) antes o mais afortunado homem que hoje vê nascer aquelle sol radioso, destoucarem-se de nevoeiros aquellas serras, viçarem esses arvoredos tam bellos—tam bellos e tam verdes como as minhas esperanças!...—Pero, meu amigo, eu sempre em ti descobri, com toda essa tua galhofa e zombaria, uma alma elevada, um pensamento grande, capaz de comprehender as coisas altas.—Conhecem-te por cantares nos Autos de Gil-Vicente e em similhantes mômos, não sabem de ti mais que os tregeitos e ledices com que tanto ri essa côrte sem alma, essas damas sem espirito, esses fidalgos sem coração. Mas o teu é para muito, Pero: tu

és capaz de me entender. Para mais é a poesia da tua alma que para a do teu mestre Gil-Vicente... que o tenho em muito, e muito vale; mas pêsa-me que se avalie elle em tam pouco.—Pero, tu sabes que ninguem é por mim, que me não posso fiar de ninguem; que só, isolado no mundo... vivo com minha saudade, e para ella e por ella. . Pero, eu preciso de um amigo: queres sêl o tu!

Pero—Precisas de um amigo, de um amigo que te entenda, com uma alma grande, capaz... não sei de quê—de subir, de trepar até á tua, aos teus pensamentos, á alteza de tuas sublimes inspirações—e não sei que mais coisas de versos e trovadores, que ahi embrulhaste em prosa, mas que sôam como cascaveis de coplas!—Assim costumaes sempre.—Ora traduzamos isto em romance; *id est*, em lingua vulgar, e vem a dizer:—Bernardim-Ribeiro, homem de prol e cavalleiro de ousadas emprezas, metteu-se em camisa de onze varas por certos amores que lh'o diabo meteu na cabeça; andou a sonhar—ou a trovar que é o mesmo— por essas serras de Cintra, falou com as mouras encantadas do Castello, encommendou se á Senhora da Pena, esconjurou a lua em verso, as estrêllas em prosa... Ninguem lhe acudiu. E vendo se extraordinariamente entallado, em vez de tomar a unica resolução prudente e de siso que em tal caso podia tomar...

Bernardim—Qual era?

Pero—Ir de passeio por Collares fóra, esperar maré propicia,—e atirar comsigo da *Pedra d'alvidrar* abaixo—unico termo verdadeiro de seus phantasticos e desvairados amores.

Bernardim, (*com impaciencia*)—Ah!

Pero—Sim, senhor. O deus do amor, e todas aquellas nymphas e deusas que nos mostra cá, em seus autos e comedias famosas, o amigo Gil-Vicente, viriam recebêl-o; e passaria vida alegre e ditosa em terra... terra não, que a coisa era no mar—mas entre gente da sua egualha, coisas do outro mundo; que trovadores e poetas não são naturaes d'este nem andam correntes por cá.

Bernardim—E bem certo o dizes, amigo. Um mundo de vaidades e fingimentos, um mundo árido e falso, em que a fortuna cega, os sordidos interêsses, as imaginarias distincções corrompem, quebram o coração:—cujas leis iniquas fazem violencia á liberdade natural das almas;—em que a amizade é um trafico—e o proprio amor, o mais nobre, o mais sublime affecto humano, é mercadoria que se vende e troca pelas vis e mesquinhas conveniencias da terra... Oh?...

Pero, (*arremedando-o com emphase ridicula*) Oh! este mundo está inhabitavel desde que as donzellas nobres deixaram de fugir com os escudeiros de seus paes,—e que os reis entraram a usar da tyrannia de casar as infantes suas filhas com principes de sua liança, sem esperar que algum Amadis de Gaula ou de Grecia, ou...—Como se chama aquelle vosso, aquelle famoso cavalleiro do vosso livro das *Saudades?* Bimnardel—Narbimdel? coisa assim parecida—ou qualquer outro, lh'as safe pelas setteiras do castello, e vão fazer vida sancta para uma choupana á borda de um ribeiro, já que fortuna injusta não deu ao guapo cavalleiro

> Nem tôrre em que hastêe sua nobre bandeira,
> Nem porta de villa que lhe encha a caldeira.

(*Muda para tom serio*) Senhor Bernardim-Ribeiro, tomae conselho de um fraca figura,—Pero do Porto ou Pero Çafio, segundo mais vos praza, que ambos os nomes tenho,— vosso servidor, moço da capella d'el-rei, e uma das principaes figuras dos Autos e comedias do poeta Gil-Vicente—espôso que espera ser da senhora Paula-Vicente, sua filha e minha dama, môça de espantoso saber e aviso, mas ingrata se as ha, e desdenhosa como as que o são. I-vos em paz, que só eu, por hora, vos vi sahir d'aquella aziaga porta. Paula guardará segredo, e eu tambem. Assim i-vos com Deus para vosso esconderijo da serra conversar com as fadas e duendes do castello velho—em que, tam louco sois que estaes vivendo como um anachoreta.—Olhae: a côrte vae ámanhan para Lisboa. Depois d'ámanhan se recebe a infante com Messer de Balaison barão de Saint Germain em nome do Duque seu amo. A' noite saráo, e o nosso Auto, (ou tragicomedia, segundo se diz agora por moda)—no qual eu Pero de Porto—ou Pero-Çafio, como me chama o excommungado de Gil-Vicente...—E pegou a alcunha que até el-rei meu senhor—e as Senhoras, já não ha se não:«anda cá, Pero-Çafio—canta lá, Pero-Çafio—vae-te d'ahi. Pero Çafio...»—Só nunca tal me chamou Paula-Vicente, minha dama!... Ora' ainda heide averiguar a razão d'esta cortesia. . Será que me não queira dar confiança?—Cachopa é ella para tanto, que a não vi nunca mais sôbre si.— Veremos.—O caso é que depois d'ámanhan saráo, dança e Auto. E ao outro dia. . acabou-se tudo.—Entendeis-me?— cabou-se tudo: porque a muito illustre e muito excellente senhora infante D Beatriz, filha do muito alto e poderoso rei e senhor, o senhor D. Manuel, rei de Portugal e Algarves d'aquem e d'além mar, etc., e, agora depois que voltou Vasco do Gama—da conquista e navegação da Ethiopia, Arabia, Persia, India...Ah! não ouvis o que vos digo! (*Vae atraz d'elle repetindo com muita pausa*) A senhora infanta Dona Beatriz—Dona Be-a-triz parte no alteroso e soberbo galeão de teca, Sancta Catharina do Monte Sinay, obra-prima da Ribeira das Naus de Goa, feita por calafates nayres, carpinteiros çamorins e mestres-velas çabaíos.—Que Deus nosso senhor a leve a porto e salvamento.—E acabou-se tudo. Entendeis-me, senhor D. Bernardim ou D. Bimnaidel... como quereis que vos chame? (*Bernardim, que tem estado distrahido quasi todo o tempo que falou Pero Çafio, repara apenas em uma ou outra palavra que o faz estremecer, inquieto e passeando á toa, e Pero-Çafio atraz d'elle falando sempre: agora estaca de repente.*)

Bernardim—Mofino de mim! que farei em tanta desaventura! Quem se viu já tam feliz e tam desgraçado! (*Repara no annel que traz no dedo e torna a beijal o muitas vezes.*) Doce penhor de uma esperança que mal eu via em sonhos; que me começa a parecer realidade, oh se é verdade o que promettes... Mas quê! Não foi este o signal da despedida—última, derradeira! Que ventura póde haver para mim se não tórno a vêl-a! Que me fazem as memorias do prazer onde me não ficam senão máguas! Fez-se-me o prazer mágua maior; e já me pesa mais do bem que tive que do mal que me aguarda. Oh pensamento de minha alma, porque tam alto subiste! E se tanto ousaste, por que não morres ahi que te não torne a vêr a terra!

Pero—Essa é minha opinião e voto em côrtes. Que morra já que para viver não é.

Bernardim—Amigo Pero, tu sabes o meu segredo, o segredo da minha vida, o mysterio ineffavel de minhas divinas tenções. . Ha segredos que matam: sabes? Que trazêl-os na memoria, é trazer a morte comsigo—que deixál-os vir aos beiços é como sorver peçonha com elles. Entendes-me? Vêr-nos-hemos em Lisboa ámanhan.

Pero—Sempre ao vosso dispôr.(*A'parte*) Maldito seja elle e o seu segredo! (*Alto*) De manhan Pero-Çafio vosso captivo; á noite, Marte, deus da guerra que vou ás *Côrtes de Jupitér*, no Auto assim intitulado de meu digno mestre Gil...

Bernardim—Basta com esse bobo de Gil Vicente e

seus Autos, que já me enfadam elle, tu e vossas comedias, que assim trazem embellecada esta côrte de comediantes, que de mais não cuidam. Oh sublime inspiração dos anjos, ardente linguagem de cherubins, vida, fogo, amor, luz—cantico de seraphins que amam e adoram, divina poesia! e por villancetes de salões, por coplas de jograes, saltimbancos te trazem prostituida! E assim, só assim te conhecem e te entendem,— que em tua singela e severa belleza não é para taes comprehender-te!— Bem me chamam louco: deve de o parecer: não ha duvida. E até eu me tenho já por tal. Que importa? —Uma só vez tornar a vêl-a; uma só vez ainda o céo cá na terra; e para que quero eu mais a vida!

Pero—Oiço vozes.—Hão de ser os Italianos; costumam madrugar aqui em Cintra para andarem embasbacados por essas devezas.—Deve de não haver pedras nem despenhadeiros em Italia, para fazerem tanto espanto d'estes quebra-costas de Cintra. Bom será que o não vejam no pateo a esta hora.—(*A'parte*) Aqui estou eu, sem querer: feito confidente e protegedor da mais perigosa aventura ... que me póde custar ..(*Affagando a garganta*) uma affinação de gorgomillo que nunca mais desentôe.—E que lhe heide eu fazer?—(*Alto*) Senhor Bernardim, vem gente: creio que são os Italianos, os embaixadores de Saboya. Vá-se, por Deus, se não quer ser causador de grandes desgraças, se é que tem em alguma conta a fama, a vida, a honra de quem... de quem...

Bernardim—De quem não é para teus labios nomear— para os de nenhum homem que queira viver minuto mais .(*Lança mão ao punhal que traz no seio: Pero estremece, e elle continúa*) Eu vou-me, Pero.—A que horas é o Auto?

Pero—A's oito horas começará

Bernardim, (*como quem lhe acode de repente uma lembrança*)—Levam máscaras as figuras?

Pero—Máscara?...Só se for a moura—a moura encantada que vem no fim. E' verdade, sim, de máscara hade ir a moura Taes, a que entrega o annel á infante duqueza.

Bernardim—Como disseste? um annel?

Pero—Pois não sabeis o enredo do Auto das *Côrtes de Jupiter*, composto para este casamento e festas reaes? As Côrtes de Jupiter, coisa magnifica, são os deuses todos principaes que se junctam em côrtes no céo para avisarem e concertarem no melhor modo e mais grandioso de ir ao botafóra do galeão, e acompanhar a infante duqueza por esses máres abaixo; fazer-lhe léda e prospera a viagem, e a levar san e salva a terras de Saboya. (*Bernardim suspira, Pero continúa*) Suspiraes? Tambem eu; mas é porque ainda não sei de cór todo o maldito papel de Marte que me arrumaram. E Paula que faz a Lua! E eu ao pé d'ella! Temos eclypse, e perco-me; estou vendo.

Bernardim—Aviae já, e concluamos.

Pero—Agora, agora mano da minha alma. Hoje por vós ámanhan por nós: chegou-me a minha vez de ternura —Mas isto commigo passa depressa. —Já lá vae—Vêm então os Deuses a côrtes por ordem de Jupiter. Gil-Vicente é o Jupiter d'esta feita; eu Marte, como já vos disse; Garcia-Peres o Sol; Paula tambem já vos contei...

Bernardim—A lua, bem sei, bem sei. Por vida tua acaba, homem. Juntam-se as côrtes; fallam muito, não fazem nada. Esse é o costume; sabemos.— Não me enfades mais.

Pero—Pois fazem alguma coisa d'esta vez as côrtes (e não fique de máo exemplo:) distribuem os logares para o cortejo da partida—e por fim desencantam a famosa moura Taes, filha do antigo rei do Algarve, magica afamada: a qual moura tem um annel de condão que adivinha tudo; e o annel é obrigada a moura por Jupitér, creio, eu, a entregal-o á infanta minha senhora. Com o quê acaba o Auto; e nós todos cantando e dançando co'a linda chacota

Por el rio me llevad,

bailando e folgando, nos vamos cada um a seu poiso. Senhores e damas ficam dançando no sarão. E eis-aqui como ámanhan á noite se diverte e passa o tempo o muito alto e poderoso rei D. Manuel de Portugal, e toda a sua côrte.

Bernardim, (*impaciente*)—Bem, bem. Quem faz a moura?

Pero—A moura! Oh isso é a mal entrouxada de Joanna do Taco. Aquelle demonio, Deus me perdôe e eira má a tome—que é tal como a Maria Parda das trovas de mestre Gil. Nunca tal papel fará em termos: se ella está sempre De profundis!

Bernardim—Folgaria bem o meu amigo Gil Vicente que outrem lhe apparecesse para a figura da moura?

Pero—Se folgaria!

Bernardim—Bem: não lhe digas nada.

Pero—Que lhe heide eu dizer se vos não entendo?

Bernardim—Não digas que falámos n'isto. Calla-te que é o maior serviço que me pódes fazer.

Pero—E acha que é pouco!

Bernardim—Não acho, não. Bem sei quanta te hade custar. E mais será se falares, que a vida te custará. É grande o papel da moura?

Pero—Nada. Tres ou quatro coplas *pronunxiadas á moirixca* com muitos *axxes* e *exxes*. É o mais soez e ranço que ainda compoz Mestre Gil.

Bernardim—Embora.—Canta a moura?

Pero—Não.

Bernardim—Optimo.—Feliz, feliz lembrança!

Pero—Alegre estaes! Tam pezado e triste ainda agora!—Dar-vos-hia no miolo ser comediante? Olhae que acertaveis: escorreito de tristezas vos prometto eu que ficarieis. É a mais bella, mais ditosa profissão.

Bernardim—Tens razão amigo: e a melhor, a mais util que ha. Oh minha vida, que ainda uma vez te viverei. Uma só e derradeira! Mas que importa!

Pero—I-vos já, que realmente oiço vozes, e devem de ser os Italianos. (*Vae ver*)—Elles são Por vida vossa que não fiqueis mais aqui.

Bernardim—Até ámanhan, meu Pero. (*Abraça-o.*)

SCENA IV

PERO-ÇAFIO

Até ámanhan! E dia de juizo seja esse ámanhan para ti, mofino poeta namorado, que tam dolorido e saudoso és. E mais, saudades me não deixas: assim eu viva e com minha senhora Paula me case.—O peior é que elle tem razão. Eu sei,—inda mal!— o terrivel segredo que o atormenta. Maçan de sciencia que se me atravessou no gorgomillo como a nosso pae Adão. Serpente que entraste no paraizo que tentaste Eva, quem me mandou a mim vêr-te a falar-te? Se houve maçan que comer, não tive eu quinhão n'ella, que Pero sou, e não é de pêros roer maçans. Mas cá a tenho engasgada todavia. Tomára-me eu ver fóra d'isto—ou fóra d'aqui, e para bem longe quem causa tudo isto.—Vamos, vamos: casarás, amansarás. Seu marido de Saboya que se avenha lá com esses debuxos. Que tenho eu com isso? O negocio é de Sua Alteza Ducal, não meu.—Oh! ahi vem Monseor Chatel. Refinado sonso de Italiano, vem, que em boa hora vens. Não hasde ser tu, com toda a tua italianisse ou saboiysse, que me hasde apanhar.—Sentido na lingua, de Pero-Çafio, meu amigo, que é o teu fraco, e o forte d'estes meninos embaixadores e de seus secretarios. O tal Monseor Chatel cuida que os Portuguezinhos

são umas creanças. Em quanto lá os embaixadores do duque—o senhor barão de Saint-Germain todo galante e cortezão, o senhor doutor Passerio, todo grave como um Bartholo, andam intrigando com os condes e marquezes e desembargadores do paço —vem o senhor secretario espreitar cá por baixo, e tirar lingua pela sala da Tocha. Cuida que é a sala das Pêgas alli dentro! Pois esta não hade ser palreira, que capaz sou eu de me comer a lingua se me ella comer muito—com a sua comichão costumada.

(*Faz cortezia a Chatel que se vem chagando.*)

SCENA V

PERO-ÇAFIO, CHATEL

Chatel--Bello dia, bella madrugada, senhor Pero! E já a aproveitaste bem. Tendes gosado a frescura da manhan n'este delicioso sitio, creio eu. São de uma formosura sem egual as manhans em Cintra. Na nossa Italia tam bella não ha coisa que rivalize com este oasis, este jardim de delicias.—Tendes ahi um papel que vos dá muito que fazer.

Pero, (*que tem estado a fingir muita attenção ao seu papel*) É o meu papel de Marte para o Auto de ámanhan. Estudo a solfa.

Chatel--Ah! tambem admitte o canto o theatro portuguez! Verdadeiramente não se imagina em Italia, nem em França, como os Portuguezes estão adeantados nas artes. O vosso Gil-Vicente é um prodigio: prodigio natural—e tambem pouco cultivado. Se elle conhecesse os classicos; se, como o nosso Ariosto, soubesse imitar Terencio e Aristophanes; se aprendesse as regras de arte!...

Pero--Havia de ser um semsaborão insulso e insipido segundo a arte; havia de marear seu engenho natural, e...

Chatel - Póde ser, póde ser. O Dante tambem desprezou as regras,—ou fel-as novas ..--Comquê, vamos ámanhan até Lisboa. Vae toda a côrte; não é assim? E o sarão hade ser esplendido. El rei, a rainha, os senhores todos costumam dançar n'estas occasiões, ouvi eu. Mas é impossivel que não haja—hade haver um certo resguardo, escolha nas pessoas... Nós somos amigos cá sem ceremonia: (*Pero-Çafio parece enfadar se*) e entre amigos é que a gente fala n'estas coisas ..--Dizei-me. Estas damas que vão com a duqueza minha ama .. são da primeira fidalguia, sem duvida; e gentis são, bem vejo;—galantes e avisadas... Muito cortejadas haviam de ser por tanto mancebo illustre, tanto guapo cavalleiro que anda na côrte. Não é verdade?

Pero--Peguntae-me por Autos e comedias, senhor secretario; que eu criado sou d'el-rei, mas não curo senão d'este meu mister de musico que Sua Alteza tanto estima.

Chatel—E com razão, amigo Pero, com razão. El-rei D. Manuel é um Augusto, um Leão Décimo: bons exemplos segue.

Pero—El-rei de Portugal não é para tomar, senão para dar exemplos. E ainda nenhum principe lhe tomou a elle o de mandar descobrir mares e terras ao cabo do mundo.

Chatel—Bem dizeis, amigo, bem dizeis. Nenhum principe fez tantos serviços á Christandade! Assim elle não recusasse admittir o sancto tribunal da Inquisição, que tam preciso lhe é. Mas tempo virá...

Pero--É o tribunal que queima a gente?

Chatel—Os herejes, e os Judeus, meu amigo; não é a gente.

Pero—Boa vae ella!—E então el-rei não o quer?

Chatel--Não se resolve.--Oh, se fosse o principe D. João! Sancto principe!

Pero--Abençoado seja el-rei nosso senhor! Deus o conserve!

Chatel—É uma excellente e exemplar familia a Real Casa de Portugal.--Que formosa e avisada não é a senhora infante D. Beatriz, que ámanhan será duqueza de Saboya e minha ama!—O duque meu senhor hade amál-a e respeitál-a como nunca o foi princeza alguma. E' a joia mais preciosa que vae ter a corôa ducal de Saboya.

Pero, *aparte*—E para engaste da joia não leva máo oiro no dote.—Que nos levem estrangeiros, a trôco de palavrinhas doces, o que tanto custa a ir desenterrar na Mina—a lavrar ás espadeiradas na India!

Chatel--Dizieis?...

Pero—Nada —Repetia o meu papel de Marte.

Chatel—E' muito môça a infante; e tem comtudo um cabedal de instrucção que admira. Lê muito—folga com livros de... cavallerias e cancioneiros... protege muito os homem de lettras...--A proposito, que é feito do seu mestre de litteratura e poesia? Homem de gôsto; não era? E raro talento. Um tanto enthusiasta, cuido eu --E poeta? Não? Conheceisl-o—creio que ainda o não vi na côrte. Não vem ja ao paço.—Era moço, ouvi dizer e gentil homem, mas deixou-se do mundo, e foi viver como ermitão para a serra.—Dizei me, Pero amigo, conheceis este tal Bernardim Ribeiro, de cujos versos e prosas tanto se fala?

Pero--Conheço-o de o vêr com Gil-Vicente, a quem muito conversava.

Chatel, (*com vivacidade*)—Ah! eram amigos?

Pero, (*aparte*)—Querem ver que disse alguma! O diaxo te açaime a lingua, Pero de uma figa —(*Alto*) Hum! amigos... amigos... como homens de letras —já se sabe—officiaes do mesmo officio.

Chatel—Mas Bernardim é pessoa de nascimento, cavalleiro...

Pero--Sim é, mas dado e lhano; e nunca se correu de ser nosso amigo, e de nos tratar como seus eguaes.—As letras .. (*A'parte*) Cala-te, maldito.

Chatel--As letras, dizeis bem, são uma republica em que não ha distincções.—Mas, senhor Pero, este nosso literato ou poeta Bernardim, dizem que é homem de altivos pensamentos, orgulhoso...

Pero—De seu merito, devia sêl-o; mas não é.

Chatel—Bem, bem: tanto melhor...(*Ouvem-se as charamellas e sacabuxas dos menestreis d'el-rei*) Que musica é esta?

Pero—El-rei que sáe.—Já por ahi senti os falcoeiros; mas não me parece dia para caçar. E' passeio talvez.

SCENA VI

EL-REI DOM MANUEL, INFANTE DONA BEATRIZ, BISPO DE TARGA GIL-VICENTE, BARÃO DE SAINT-GERMAIN, DOUTOR JOFRE-PASSERIO, PAULA-VICENTE, GARCIA DE REZENDE, CHATEL, PERO-ÇAFIO, CONDE DE VILLA-NOVA, DAMAS, FIDALGOS, ESCUDEIROS, MOÇOS DO MONTE, FALCOEIROS, ETC.

Dom Manuel--Não tornarás a vêr tam cedo—talvez nunca mais— estes bellos montes, esta verdura tam viçosa, estas aguas tam frescas, Beatriz. Dize-lhes adeus, que bem t'o merecem, filha.

Dona Beatriz—Ai que saudades levo d'ellas, meu pae! Oh! ninguem é capaz de as sentir como eu.

Dom Manuel—As saudades queremos nós para nós, eu e teus irmãos, e a rainha que tanto te quer.—Oh! e por saudades—(*Com intenção, e observando os embaixadores de Saboya*) o nosso Bernardim-Ribeiro, o homem das Saudades, que é feito d'elle? Não te vem beijar a mão, Beatriz; despedir-se de sua ama, que deixa partir tam despegadamente. . Ora creiam em affeições de poetas! Bellamente escreve de saudades e amores. Ninguem o fez me-

lhor em nossa lingua.—Não é assim Garcia de Rezende, (*Garcia de Rezende inclina-se*) que depois que a elle tratou, parece outra? Mas estes escriptores costumam-se a sentir e pensar com o papel e a penna; tirados d'ahi, não são já os mesmos.—Se elle quizesse ir para a India, far-lhe-hia mercê. Carecemos de quem faça chronica de tantas gentilezas que por lá se obram.—Serás contente, Beatriz, que desenterremos o teu apaixonado, d'essas brenhas por onde anda, e o tornemos ao mundo?

Dona Beatriz—(*que suspira e estremece por vezes durante a fala d'el-rei.*) Meu senhor e meu pae, já que de mim dispozeste, e pois que Vossa Alteza me dá a outrem, não devo ter, nem tenho, pensamento ou empenho senão para minhas novas obrigações.

Dom Manuel—Obrigações, vamos, e prazeres tambem: que hasde ser uma ditosa e festejada noiva: espôsa de um galante principe, senhora de grande estado, e feliz como merece a minha adorada Beatriz.—Não é assim, barão? (*A Saint-Germain que se inclina*)—Doutor Passerio,(*o doutor inclina-se*) a duqueza, vossa ama que hade ser ámanhan, é grande devota de letras e lettrados: na vossa Italia, onde estão em tanta honra, hade achar-se como em terra sua.

Passerio—Todos receberão das inspirações de tam excelsa musa o incentivo para serem dignos d'ella.

Chatel—(*baixo a Saint-Germain*) El-rei que falla assim.

Saint-Germain—(*baixo a Chatel*) Não ha nada do que se pensava. A infante é virtuosa e sisuda.

Chatel—(*áparte*) Será; mas aquelles olhos são de namorada—ou eu não sou genovez

Dona Beatriz—(*baixo a Paula-Vicente*) Paula, eu sinto morrer-me. Se me não deixam, se continúo n'este passeio, com este tormento — aqui ficarei de vez em Cintra — morro. Oh! se o permittisse Deus!

Paula—(*baixo a D. Beatriz.*) Animo, senhora! vêde el-rei que parece conversar com Garcia de Rezende— e que não tira os olhos de nós.

Dom Manuel—Doutor Jofre-Passerio, respondido como digno poeta italiano — sempre brilhante, tambem fazeis traição a Bartholo — cá me disse Garcia de Rezende. Heide-vos denunciar ao reverendo Bispo de Targa que presente se acha, e a quem tambem ás vezes succede trocar-se-lhe o breviario pelo Virgilio. Não é Virgilio, meu digno prelado?

Bispo de Targa—O exemplo de Santo Augustinho...

Dom Manuel—Bem sei— e que era bispo africano como vós—mas cançava-se um tanto mais com as suas ovelhas gétulas e numidas.—Não é assim, Garcia de Rezende? (*Garcia de Rezende inclina-se*) Lá ides para Italia, senhor bispo; e o sancto padre que componha essas coisas. Sua Santidade folga com versos latinos. Se lh'os não quereis fazer, ahi tendes André de Rezende que vol-os fará como qualquer poeta pontificio.—E André que os faz em todas as linguas, cuido eu. —Mas perdôem-me todos, que para mim ninguem compõe trovas que tam bem me saibam como o nosso Gil-Vicente nos seus Autos — que são meu unico refrigerio e distracção de tantos cuidados e trabalhos.—Gil-Vicente, vinde cá, homem, não vos escondaes, que sois homem para se mostrar em qualquer parte. Todos aqui são vossos amigos. Receaes que o Auto das *Barcas* vos puzesse em máo cheiro para além dos Alpes? Estes cavalheiros são de Saboya e não mandam dizer nada para Roma.

Gil-Vicente—Vossa Alteza bem sabe que não sou medroso. Quando eu fiz o *Clerigo da Beira*...

Dom Manuel—Essa é a melhor farça que nunca fizeste.

Gil-Vicente—Nunca me escondi de priores nem de conegos, e mais...

Dom Manuel—E mais não lhes faltaria vontade de te ensinar.

Gil-Vicente—E no dia depois do *Juiz da Beira* jantei com dois desembargadores dos aggravos. Tudo póde o exemplo de tolerancia e liberdade com que Vossa Alteza nos ensina a todos.

Dom Manuel—Barão, podeis dizer em Italia que nem só de marfim e especiarias se trata na côrte de Lisboa. Trazemos guerra, e mandâmos nossos galeões a pelejar e traficar, nas quatro partes de que hoje—graças aos nossos pilotos!—se compõe o mundo; mas em casa cultivâmos as artes da paz.

Passerio—Os soberanos de Portugal são a admiração do universo. Mas Vossa Alteza não se digna permittir que os nossos pilotos genovezes reclamem alguma parte na gloria maritima de suas descobertas?

Dom Manuel—Por Deus! que bem pouca lhes poderemos conceder, Micer Jofre. Aqui esteve Christovam Colon; e a fallar a verdade, grande navegador era e homem de altos pensamentos e ânimo grande. Mas os nossos cosmographos não entendiam (e tinham razão) que fossemos commetter tamanhos riscos para ir encontrar terras do Tartaro. Que a essas ia, e essas cuidou descobrir o vosso Colon, que suppunha o nosso globo mais pequeno do que lhe elle sahiu. — E assim mesmo, se não fossem os papeis de Perestrello que levou para Castella, não seriam hoje tam augmentados os Estados do imperador meu cunhado.—Nós não fomos perguntar a Genova ou a Veneza como se dobrava o Cabo das Tormentas,—nem Pedr'alves descobriu a terra de Santa-Cruz pelos roteiros de Colon e Vespucio. —Mas isto é tarde. A manhan não está para gaviões. Daremos uma volta passeando.—A'manhan em Lisboa não faltarão negocios. Monteiro-mór, mandae embora os falcoeiros

(*Dona Beatriz senta-se em um poial de peara como quem astá angustiada. Todos a rodeiam*)

Dom Manuel—Que é isso, Beatriz? Cançamos-te com tanta conversa aqui parados. Não é assim?

Dona Beatriz—Não estou boa; passei muito mal a noite Se Vossa Alteza me permitte, ficarei em casa Não é nada: estou fraca, e custa-me ir passeiar.

Dom Manuel—Fica embora. Deixar-te-hei o conde de Villa Nova ..ou o bispo para te fazerem companhia.

Dona Beatriz—Não, meu pae, não preciso de tanta gente. Paula ficará commigo, e é quanto basta.

Dom Manuel—Senhor bispo capellão-mor, ficae com vossa ama. Adeus, filha; não tardaremos.

SCENA VII

DONA BEATRIZ, PAULA-VICENTE, BISPO DE TARGA

Dona Beatriz (*levantando-se*)—Senhor bispo capellão-mor, é nossa real vontade ficarmos aqui sós com Paula-Vicente, nossa criada. Vossa Reverencia hade ter provavelmente as suas devoções...

Bispo de Targa—Tenho, minha senhora; e obrigações tambem: agora principalmente a de obedecer a Vossa Alteza. (*Beija-lhe a mão, e parte.*)

SCENA VIII

DONA BEATRIZ, PAULA-VICENTE

Dona Beatriz—Eu abafo, Paula, estallo!—Sinto que se me esmaga o peito debaixo d'este pêso —Ai meu Deus!—Tu ouviste o que aquelle homem me

disse esta noite? Ouviste tudo?—Que homem, que louco; mas que amor! Mas que alma, mas que coração aquelle!—Sabes que mais, Paula? eu amo-o como elle me ama.
Paula—Já o sabia.
Dona Beatriz—Quem t'o disse? Não eu.
Paula—Não.
Dona Beatriz—Nem elle, que o não sabe.—Espera, adivinha... E eu que lh'o encubro, Paula!
Paula—Muito bem, dando-lhe um annel em signal de fidelidade e ..
Dona Beatriz—E amizade, Paula: pois não ha fidelidade entre amigos tambem? Tomára-lhe eu dar a minha vida, o meu sangue, e tudo quanto sou e valho.—E mais ainda lhe ficava devedora. Oh como aquelle infeliz me ama!
Paula—Mas casaes-vos ámanhan.
Dona Beatriz—Meu Deus, meu Deus, Paula, que lhe heide eu fazer?—Que farias tu no meu caso?
Paula—Oh! cá eu é muito differente. Quem não é princeza...
Dona Beatriz—Que faz, Paula?
Paula—Morre.
Dona Beatriz—Morrer! tomára eu. Mas meu pae...
Paula—Aquelle homem era digno de melhor fortuna.
Dona Beatriz—Fortuna, fortuna! Que me importa a mim com a fortuna, ou a elle? Amor, amor é que nós precisâmos... Paula, minha querida amiga, se eu podesse vêl-o outra vez. Se tu quizesses....
Paula—Eu!
Dona Beatriz—Tu; que não temos outro ninguem que nos valha; tu que juraste proteger-nos, tu que...
Paula—Eu que sou ..
Dona Beatriz—A minha amiga, a minha verdadeira amiga. Paula, quero vêl-o. Aquella despedida de hontem não me basta. A'manhan serei italiana; hoje sou portugueza ainda, pertenço-me a mim. Que me póde succeder? Morrer, matarem-me?
Paula—Diffamar-se, perder a honra!
Dona Beatriz—Isso nunca. Sou filha d'el-rei Dom Manuel, sou uma infante de Portugal, sei o que devo a mim e aos meus.
Paula—A maledicencia não poupa os principes.
Dona Beatriz—Porquê? Já o vi, já lhe fallei alguma vez que não estivesses tu ao pé de mim? Não ouves quanto me diz, não lês quanto me escreve?
Paula, (*áparte*)—Inda mal!
Dona Beatriz—Ha maledicencia, ha calúmnia que possa manchar amores tam innocentes?
Paula—Innocentes! Vossa Alteza é desposada, e elle é...
Dona Beatriz—Não digas, Paula, não digas, que me matas. Tem dó de mim. Vamos, minha amiga, vamos ao meu quarto, e concertaremos... Oh meu Deus, que eu não resisto; morro, morro d'esta angústia!

ACTO SEGUNDO

Os paços da Ribeira. Grande salão no estylo de Belem: é gothico florido inclinando fortemente á renascença. Tochas e placas com luzes.

SCENA I

PAULA-VICENTE *só*, GIL-VICENTE *de dentro*, *depois um* PAGEM MOURISCO

Paula vestida de tunica e manto roçagante está sentada ao pé de um bufete e como absorvida em profunda meditação Sobre o bufete corôa e sceptro,—alguns papeis

Paula—E aqui está a minha vida! O que eu sou, o que eu valho, o para que me querem—uma comediante!...E' o meu destino, vivo para isto, n'isto se gasta uma existencia.—E deu-me Deus alma para comprehender a vida! Sente-me o coração, concebe-me o espirito quanto podia, quanto devia ser alta e sublime a minha missão na terra—e pobre, e sujeita, e humilde, e mulher sôbretudo...até èstas aspirações me são vedadas, heide affogál-as; heide affogal-as, heide enterrál-as no peito antes que ninguem saiba que nasceram, e cobril-o de leviandades e abjecções para não ser criminosa ou ridicula!
Gil-Vicente, (*dentro*)—Paula!
Paula—Meu pae!
Gil-Vicente, (*dentro*)—Ouve cá, filha.
Paula (*levantando-se.*) Eu vou, meu pae.—Mais algum aborrecimento com esta maldita comedia! Comedia, comedia! Tudo é representar e fingir n'esta vida de côrte. Que fosse para os grandes em quem é natureza, não lhes custa. Mas para os pequenos tambem... é supplicio.—Aqui está a minha corôa, omeu sceptro: vou ser rainha meia hora; vou ser grande, vou ser admirada, applaudida, festejada meia hora. (*Pegando na corôa*) E' de ouripel o meu diadema: os outros de que são?—Acabada a comedia valem mais do que este?—Oh vida, vida!
Gil-Vicente, (*dentro*)—Paula, que é tempo de começar o ensaio.
Paula—Estou estudando a minha parte.
Gil-Vicente—(*dentro*) Pois avia.
Paula — Quem tivera aquella paixão d'arte que o domina, aquelle enthusiasmo pela belleza ideal d'esse mundo de ficções que se creou e em que vive; aquella cegueira ditosa que lhe não deixa ver a miseravel realidade que o cérca! Meu pobre pae, como elle vive enganado! Inda bem.—Cuida que o avaliam, que o entendem. As sublimes creações do seu engenho, as graciosas pinturas de seu estylo, applaudem-n'as, como, porquê? — Por que é moda, porque os fazem rir ás vezes. Sem o salvo-conducto de bobo e chocarreiro, morria de fome o grande poeta.—Não o conhecerá elle? A's vezes desconfio que sim: quer-me parecer que de proposito busca illudir-se, e foge da realidade porque a teme —Assim fizera ess'outro infeliz, ess'outro espirito elevado que de suas imaginações tam altas ahi se despenhou agora.—Que duas almas tam similhantes e tam diversas!

(*Entra um pagemzito mourisco e entrega-lhe um bilhete*)

Um bilhete! De quem? (*O pagem faz signal de não saber*)—Agora verei. (*Abre e lê*) Ah! sim.— Já me admirava, desde esta manhan que chegámos de Cintra, não ter novas d'elle.—Veiu, está aqui. Isso esperava.—Está bom (*Ao pagem que logo se retira*) podes-te ir. — Que me quererá elle ? A mim deseja falar por caso de vida e de morte... e a meu pae tambem! E não se esconde de Pero; antes parece...(*Affirma-se na carta*) que d'elle faz confidencia Grande estranheza!—(*Torna a olhar para a carta*) Não assignou o prudente cavalleiro. Nem era preciso; bem sabe como lhe conheço a lettra Oh! e quem se havia de enganar com este teor de

escrever! Mas que viesse de outra mão, só Bernardim-Ribeiro podia escrever assim. (*Lê*) «Se me não desamaes já tanto, que me queiraes ver morto de paixão e angustia, fazei com que vos possa falar, já n'esta hora, e a sós com vosso pae.—Não é segredo para o nosso bom Pero. — Sabeis que vos amo... *quanto quereis*, e que vos mereço compaixão.» (*Fala*) Que vos amo quanto quereis!—Porque engeitei seu galanteio atrevido, porque eu, Paula-Vicente, a filha do comediante, do jogral, do chocarreiro, como lhe elles chamam ao maior poeta que ainda teve esta nação de barbaros—porque eu, eu filha do poeta pobre, não quiz acceitar o cortejo do poeta senhor e cavalleiro....—Cuida que o não amo, o louco!—Que mal entendem o coração da mulher estes homens dos livros— e elles todos!—Que o não amo, que não quero o seu amor, que me contento d'esta amizade que fingimos entre nós, elle para cobrir sua indiffirença, eu para enganar minha paixão!- Eu, que daria a vida para ser amada (*mas amada*—requestada, não) por um homem como Bernardim!—Que o não amo! Eu que me sinto ralar de ciumes cada vez que penso ..—É bella, é grande dama. Não representa nas comedias de seu pae—n'outras o fará—não diverte o público -é senhora, rica e poderosa...Mas quem lhe deu alma para entender aquella alma? Ah!—Ahi vem meu pae e toda a caterva do Auto. Dissimulemos.

SCENA II

PAULA-VICENTE, GIL-VICENTE, PERO-ÇAFIO, JOANNA DO TACO, ACTORES *e* ACTRIZES *uns ja vestidos para o Auto, outros acabando de se preparar*.

Gil-Vicente—Se t'o digo, Joanna, desastrada Joanna, que em má hora me metti a fazer-te moura.

Joanna do Taco—Tam boa christan sou eu?

Gil-Vicente—Não era-má, não. Judia serás tu por malpeccados, que assim judias commigo. Mas o que tu não hasde nunca ser, é uma moura capaz que se mostre, moura que falle mourisco, que saiba o seu papel, que possa apparecer n'um Auto, que possa dizer com graça e chiste:

> Exte annel de condon
> Perguntalde box a el,
> Y el dará a box razon
> De quantos xacretos xon.

Ora anda lá, malamanhada, repete isto.

Joanna do Taco (*repete muito semsabormente*)

> Exte annel de condon
> Perguntalde box a el

Não sei; não me lembra. Dae-me outro papel, que me não avenho com este.

Gil-Vicente—Oh excommungada mulher, negregada Joanna do Taco, (que um taco de Belzebuth te carambolle n'alma!) pois a esta hora, nós já vestidos, a côrte ahi junta toda, el-rei que não tarda a apparecer—a esta hora te daria eu outro papel!—Que vos parece, mana, que estou tonto?—E como, e que papel te havia de eu dar, mal entrouxada?

Joanna do Taco—O de *Providencia*, que é para que eu tenho geito. Coisa heroica e grande. Isto de fazer rir não sei. Alli está Paula, que fazia a *Lua* e que não descansou em quanto não apanhou a *Providencia*.—Paula que faça este papel. Eu não quero; tenho dito.

Gil-Vicente—Mofino de mim! Em que dia! n'estas vodas reaes!—E os italianos, que é o que me dá mais cuidado, queria-lhes mostrar que coisa é um Auto portuguez—que vissem quem é Gil-Vicente. Castigo de Deus!—Paula?

Paula—Já vou, meu pae.—Estou aqui... (*Torna a ler a carta.*)

Pero—Oh, bilhetinho! que curiosidade tamanha!

(*Anda á roda de Paula a ver se percebe o que é, e rosnando a cantiga*)

> A minha dama lhe escrevem
> Os galantes cada dia;
> Ella, que a mim só queria,
> A mim só me respondia.
> Tra le, la re.

Paula—E mais a este tambem.—E sois vós, Pero que lhe ireis levar a resposta.

Pero—Beijo-vos as mãos pela mercê.—Assim me encartaes em officio de boa lotação!

Paula—E não menos honra:—correio-mór de minhas cartas e alviçareiro de meus favores.—Olhae, dizei a meu pae que venha cá, que deixe essa pasmaceira. Temos que fallar todos tres aqui em segredo. Ide já.

(*Pero-Çafio vae para Gil-Vicente e lhe fala ao ouvido.*)

Gil-Vicente, (*meio enfadado*)—Então que queres? filha? que quer este homem com os seus segredos? ha uma hora que quero começar o ensaio geral, e é sempre isto. Uma vez faltas tu, depois é este, logo aquelle..—Agora temos negocios particulares.—Que é, que é? É o vosso casamento? Já disse que sim: não me apoquentem mais; não estou agora para casamentos.

Paula—É isso, é!

Gil-Vicente—Queres este semsabor, tu?—Dou-t'o; lá te avem, e acabemos com isto. (*Olha para Pero-Çafio com complacencia.*) Representou como um homem o papel de Ayres Rosado. Entendeu-me o magano. Desde esse dia fez de mim quanto quiz.—Mas agora, aqui, a estas horas...

Paula—Bem cuidâmos d'essas frioleiras agora.—Meu pae, está alli fóra no caes Bernardim-Ribeiro que me escreve este bilhete. (*Dá-lh'o*) Mandae retirar essa gente, e Pero o irá buscar, que venha já.

Gil-Vicente—Filha da minha alma, mas tu não sabes que este homem está doudo? varrido, perdido! E não o vês n'esta carta?—Queres que nos ponhamos agora a palestrar com doudos a estas horas?—Todos ahi fóra á espera do Auto. El-rei que não tarda a mandar-me recado A infante—quero dizer, a senhora duqueza que hoje é, e que não está nada boa—que se quer accommodar cedo e que o sarau não deite a muito tarde. E eu perdido, perdido sem uma moura! Joanna do Taco não sabe o papel—e parece-me que está borracha, Deus me perdôe!

Paula—Deixae; que em peiores nos temos visto, e sempre nos sahimos bem.

Gil-Vicente—Não hoje, Paula, não hoje: tenho cá uma coisa que me diz, uma coisa que me agoura mal d'este Auto da infante. Desde Cintra que ando co'esta freima. Gil-Vicente, hoje ficas mal, meu amigo.

Paula—Então, meu pae?

Gil-Vicente—Que eira-má tolhesse os doudos, mais quem...

Paula—Mandae agora buscar esse homem, que á fé de quem sou, não farei eu de *Providencia* se lhe não falo, e já.

Pero—A peito o tomaes, senhora Paula!

Paula—Tomo-o como quero e é minha vontade.—Ide vós já ao caes, ahi achareis um homem de capa cahida e chapéo de romeiro; trazei-m'o aqui afforado, que o não conheçam os moços do monte e escudeiros que ahi estão fóra. Ouvis?—È uma figura que vem para o Auto, se perguntarem.

(*Pero-Çafio parte de má vontade.*)

Gil-Vicente—Assim o quer a senhora minha filha, assim o manda: seja feito.—Vão-se, vão-se embora.

(*Retiram-se os actores todos*)

SCENA III

GIL-VICENTE, PAULA-VICENTE

Gil-Vicente—El-rei que fique sem Auto.
Paula (*passeiando com enfado*)—Tem Auto de mais.
Gil-Vicente—A senhora infante-duqueza que se amofine.
Paula—Amofinada seja ella!—Pelo bem que lhe eu quero...
Gil-Vicente—Paula, Paula, a ingratidão é a coisa mais feia que ha.—Heide fazer um Auto da ingratidão... (*Pensando*) em que hade figurar... o Diabo, pae da Mentira... com sua neta D. Ingratidão... Dor a, sim, com dom,—que é vicio mais azado de andar pelos grandes.—Mas tu bem pequena és, Paula, e por essa parte tinhas serviços decretados para condessa—pelo menos.
Paula—Condessa, condessa—duqueza...—Que são ellas mais que eu?
Gil-Vicente—Boa vae ella!—Estás nos teus dias, Paula—Ora vem cá: pois aquelle anjo da infante que te trata como sua egual, que não póde viver sem ti—que tu és a sua maior amiga?...
Paula—Amiga!
Gil-Vicente—A confidente de seus segredos...
Paula—E quem lh'os pede os seus segredos? Quem lh'os quer saber os seus Reaes segredos, os seus segredos de princeza?—Que os diga ás da sua egualha ..
Gil-Vicente—Que todavia não são mais que tu ..
Paula—Não por certo;—nem tanto:—que eu sinto, penso, entendo—sei—vivo!—E ellas existem para ahi
Gil-Vicente (*com enthusiasmo.*)—Oh! tu és a minha Paula, o meu braço direito, a minha musa. Sem ti que fôra da reputação de Gil-Vicente que já assombrou João da Enciña, que já não tem a quem temer para cá dos Pyreneus, e depressa irá desafiar esses poderosos de Roma e de Florença.—De ti me vem quanta inspiração grande tenho tido, por ti tem brilhado na scena. O' minha Paula!—Assim te quero eu...
Paula—Como á vossa melhor comedia.—Não falemos hoje de amizades ou de amores, que não estou em veia de amar.
Gil-Vicente—Oh Paula, Paula, como me dirás tu aquelles versos da *Providencia!*...
Paula, (*seccamente*)—Que eu fiz.
Gil-Vicente, (*resentido*)—Que fizeste, não ha dùvida, foste tu; quem t'o nega?—Fizestel-os—para gloria de teu pae—Que te criou (*com as lagrimas nos olhos*)—que te trouxe ao collo— que te serviu de pae e de mãe...—Levou-nol-a Deus, tua mãe—eu fiquei para velar as noites ao pé do teu berço, roendo nas unhas muita noite de inverno, e fazendo trovas em quanto dormias, acalentando-te quando rabujavas.—Fizeste, Paula, são teus os versos: e eu que em ti puz minhas esperanças, ensinei-te quanto soube, dei-te mestres de tudo. Poucos letrados sabem tanto em Portugal: d'isso presumes e tens razão: mas eu é que te fiz o que és, minha filha; cuidei que te lembravas mais d'isso que dos versos que compunhas..
Paula (*chorando, e abraçando-o,*)—Perdoae-me, meu pae, perdoae-me; que não sei ora o que digo. Devanea-me esta pobre cabeça de tanto padecer e soffrer.
Gil-Vicente—Pois que tens tu, minha filha, minha querida filha?—Tudo está perdoado. Eu sei quanto te devo; e nunca me esqueço, Paula, nunca.—Mas hasde representar logo. Não?
Paula—Sim, meu pae.
Gil-Vicente—Hasde-me entrar por aquella sala dentro, de sceptro na mão, corôa na cabeça—a tunica roçagante—a cauda sobraçada.—E os italianos embasbacados—corridos, mettidos n'um chinelo de mouro.—E tu bella—mais bella de teu espirito e formosura de expressão e alma que... (*abaixando a voz*)—que essas condessas—princezas e infantas todas.—E quando tu dizes (*Declama com emphase*)

> Jupiter hade fazer
> Côrtes logo em um momento;
> Porque Deus me deu a mim
> Que o fizesse rei do mar
> E dos ventos outrosi,
> E dos signos. Venha aqui
> Para logo começar.

(*Falando*)—Bravo, bravo! Que o façam melhor em Florença ou em casa do Papa.

SCENA IV

GIL-VICENTE, PAULA-VICENTE, PERO-ÇAFÍO, E BERNARDIM-RIBEIRO, (*que entra embuçado e de chapéo desabado, como no 1.º acto.—Paula estremece, Gil-Vicente impacienta-se: observam-se todos alguns segundos.*)

Gil-Vicente, (*indo para elle como quem descobriu alguma coisa*)—Meu amigo, já adivinhei o que querieis. Ver o Auto: hein? Andaes arredio da côrte—não sei porquê: tanto vos querem todos—e a nossa infante, a nossa querida infante, que isso era por demais!—Princeza e trovador... É o que vale, que não fica mal, senão tinham que falar linguarudos.—Mas em fim é geito que tomastes, fugis de todos.—Ora pois, quereis ver o Auto, e não quereis que vos vejam. Sou o vosso homem. Proprio tenho um logar d'amigo para um escudeiro embuçado e encapellado, que pode ver tudo, e não o ver ninguem a elle.—Vá por santo Apollo e suas manas.—Vós sois quasi do officio, que tambem rimaes, senhor cavalleiro: (*Canta*)

> Trovador; por minha dama
> Me fiz trovador.
> Que não fará quem ama
> Por seu amor

Rimaes, e como os mestres. Assim, a proposito, vêde-me estas coplas, este romance da partida da infante, que logo se hade cantar...
Paula (*significantemente para Bernardim.*)—E chorar; que ..
Gil-Vicente—E são para isso as coplas. Por menos tenho visto mais. (*Repete com animação:*)

> Niña era la infanta,
> Doña Beatriz se decia,
> Nieta del buen rey Hernando,
> El mejor rey de Castilla,
> Hija del rey Don Manuel
> Y reyna Doña Maria,
> Reyes de tanta bondad
> Que tales dos no habia.
> Niña la casó su padre
> Mui hermosa a maravilla
> Con el duque de Saboya
> Que bien le pertenecia,
> Señor de muchos señores,
> Mas que rey es su valia...

Paula, (*com impaciencia e olhando para Bernardim*) —Basta, meu pae: logo nos fartaremos d'isso. Agora vejo que *enfadam* e estão *mortificando* essas vossas coplas.
Gil-Vicente, (*áparte a Paula*)—Porque não são tuas estas, Paula.—Valha-te não sei quê, rapariga.
Paula, (*a Gil-Vicente*)—Sim: n'isso pensava eu agora; é o que me dá cuidado. (*A Bernardim*) Ja vêdes que tendes logar para ver o Auto.
Bernardim, (*desembuçando-se e levantando o chapéo*) —Não é ver o Auto que eu quero, é entrar n'elle.
Gil-Vicente—Como assim!
Paula—Praz-lhe ao senhor Bernardim-Ribeiro zombar de nós e de nossa humilde profissão.
Bernardim—Não sei d'ella mais nobre, meus amigos. Sois criados d'el-rei, d'um principe que sabe a valia das artes, que estima e cultiva as lettras...
Pero—E premeia como vemos aos seus cultivadores...
Bernardim—Mesquinharias de ruins conselheiros e de suberbos invejosos. El-rei é liberal, e o será comvosco. Cultivaes uma gentil arte...
Pero—Já é gentil!
Bernardim—Sempre e quando quer que se não prostitue, como todas as artes, como todas as coisas d'este mundo.—Vós, digo, cultivaes uma gentil arte, honraes e aformoseaes a lingua; sereis a glória dos nossos e a inveja dos extranhos: que mais é preciso para ser nobre e grande -maior que ninguem na sua terra?
Paula—Adular os grandes e opprimir os pequenos...
Bernardim—Paula, a bella e a desdenhosa Paula está de uma severidade,—que lhe fica bem de certo—que lhe dá expressão...
Pero—Satanica...
Bernardim—Energica ..
Paula—Dá-lhe a que me praz dar a boa ou a má cara que Deus me deu, e de cujas feições se não trata agora.
Bernardim (*a Paula, galanteando,—que lhe volta a cara*)—Mil perdões se...—Amigo Gil-Vicente, peço-vos um papel no vosso Auto. Alguns tendes com máscara, dae-me um d'esses. Verei assim tudo, sem me verem ou me conhecerem; e tenho o gôsto, porque sempre suspirei de vos ajudar em vossa bella empreza. Dae-me já o papel e o vestido.
Gil-Vicente—Que capricho é este? Estaes devéras?
Bernardim (*ao ouvido de Paula*)—A' fé que estou. Não tenho outro modo de a ver, de lhe fallar. Juraste ajudar-me, prometteste ainda hontem ser fiel a ambos. É preciso que me dêem o papel da moura, que seja eu quem lhe entregue o annel...
Paula (*afastando-se um pouco, áparte e com impaciencia*)—E quer a sorte mofina que seja eu quem por minhas proprias mãos me esteja dilacerando assim!—(*A Bernardim*) Farei como quereis. (*Alto*) Meu pae, temos um bom achado. Joanna do Taco vos perderia o Auto: daremos o papel a este cavalheiro, que o fará á maravilha.
Gil-Vicente—Oh! se elle quizesse!
Bernardim—Como vos hei de dizer que quero?—Venha máscara e vestido.
Gil-Vicente—E o papel? Inda o não vistes.

(*Pero-Çafio lhe traz uma especie de opa larga, um turbante e uma máscara.*)

Bernardim (*enfiando a opa e cingindo-se*)—Já sei tudo o que hei de dizer.
Gil-Vicente—Quem vol-o ensinou?
Bernardim (*ainda vestindo-se e destrahido*)—Não se ensina, não se aprende—sente-se... Louco que eu sou! (*Olha para Gil Vicente que está pasmado*) —Ensinou-m'o Paula.
Paula—Estaes enganado: reflecti no que dizeis... Não é commigo.
Bernardim—Pois então foi Pero.—Pero foi, Pero Çafio. Por signal que tem muito *xe*, *xe* mourisco, muito tregeito.—Farei tudo.
Gil-Vicente—Optimo! Assim é, assim é. Vesti-vos pois, que é tarde.—E vamos. Oh lá dentro! Ensaio geral.

SCENA V

Os MESMOS *e os* ACTORES *todos entrando*

Gil-Vicente—Cada um a seu logar. Acolá está el-rei, a rainha, os infantes—os embaixadores—alli a côrte.—Tocam os charameis.—Silencio geral. Vamos.—Porte, dignidade,—um ár magestoso e grande. *As Côrtes de Jupiter* é o titulo da nossa comedia. Deuses e deusas: não ha d'outra gente aqui. —Paula, tu sabes que és a *Providencia*, que vaes ordenar a Jupiter que chame a côrtes os regidores de todas as coisas, o deus do mar, o dos ventos, da guerra, sol, lua, estrellas.
Bernardim—Providencia! De molde lhe vae a esta altivez natural e genio sobranceiro.—Dizia-me Pero que ereis a lua.
Paula—Não me contento de luz emprestada, senhor cavalleiro.
Bernardim—Porque da propria sabeis quanto brilha.
Pero (*áparte*)—Em quarto minguante me sahiu a tal lua.—(*Alto*) Juraria que esse era o papel da senhora Paula. Nos primeiros ensaios em Cintra...
Bernardim—Fostes Dianna em Cintra?...
Paula—Para castigar Acteon.
Bernardim—E sois a Providencia em Lisboa?...
Paula—Para o salvar de seus proprios mastins.
Bernardim—Sempre bella e discreta!
Paula—Deixemos este tom de galanteria, senhor cavalleiro. Não vos fica bem a vós, e sabeis que me não agrada a mim.
Bernardim, (*áparte*) Porque não havia de eu amar esta mulher!
Paula, (*áparte*)—Meu Deus! se este homem me amasse!
Gil-Vicente—Assim foi, Pero; dizes bem. Mas em Cintra ainda eu não tinha pensado no prologo. O prologo—vês tu—é a exposição e clareza de tudo. Para estas grandes entradas quer-se majestade, desembaraço, um não sei quê solemne na voz e no gesto. Só a minha Paula. Paula, minha filha, vamos pois. (*Tomando a attitude e declamando.*)

Eu Providencia chamada
Sou por Deus ora enviada...

Paula—O meu papel todo agora! Oh! isso e impossivel. Tirava-me o ânimo de o repetir logo. Demais o tendes ouvido todos. Fazei de conta que está dito.
Gil-Vicente—Bem, bem: como quizeres;—Jupiter? venha Jupiter... Ah! sou eu mesmo. (*Em attitude como quem entra na scena.*)

Eis-me aqui, alta senhora;
Que quer vossa majestade?

Paula—Que passemos ávante. De vós estamos certos—O mar?
Gil-Vicente—Mar, ventos, Norte e Nordeste? (*Acodem varios actores.*)
Primeiro actor—Aqui estou.
Segundo actor—E eu.
Terceiro actor—Prompto.
Gil-Vicente—Sol?
Quarto actor—Aqui nasço, ou aqui me ponho segundo mandardes.
Gil-Vicente—Nascei, homem.—Nada de occasos.—Lua, Venus?

Primeira actriz—Eis-me.
Segunda actriz—Prompta.
Gil-Vicente — Excellente!—Bellas, galantes estaes. Que viva toda a côrte celestial! Como vêm guapos!—Marte?—Oh! Marte, o nosso Pero-Çafio.
Pero, (*entrando em scena e declamando*)

Humilho-me a vós, sagrado
Jupiter. Que me mandaes?

Gil-Vicente, (*do mesmo modo*)

Vós sejaes mui bem chegado
A estas Côrtes Reaes.
Manda el-rei de Portugal,
Senhor do mar Oceano,
Sua filha natural
Per conjuncção divinal
Pelo mar Meio-Terrano.

Pero, (*como acima*)

E mais eu tenho cuidado
D'este reino lusitano:
Deus me tem dito e mandado
Que lh'o tenha bem guardado
Porque o quer fazer Romano...

Paula (*interrompendo-os e parodiando o tom da declamação*)—E a Providencia divina, que está seccadissima de ouvir as conversas semsabores d'estes deuses pagãos, ordena que vos calleis já, e guardeis isso para logo.
Pero—Pois nem sequer heide repetir o meu romance:

Niña era la Infanta,
Niña la casó su padre
Con el duque de Saboya?...

Paula—Não.
Pero—É que no fim d'elle é que entra a moura.
Paula—A moura que estude o seu papel. O papel é curto: vêde, são duas palavras. (*Busca no bufete um papel, e o dá a Bernardim*) E que o diga o melhor que podér. Vamos; e acabemos com isto antes que nos acabe a paciencia a todos.

SCENA VI

UM PAGEM D'EL-REI, *os* MESMOS

Bernardim-Ribeiro põe a máscara em vendo o pagem

Pagem—El-rei meu senhor entra para a sala do docel. Manda o mordomo-mor que se appromptem as figuras, e que sáia o Auto.
Gil-Vicente—Vamos.

Sahem todos alvoroçados, precedidos de Gil-Vicente e do pagem. Paula depois de todos. Bernardim-Ribeiro fica como suspenso.

SCENA VII

BERNARDIM-RIBEIRO, *depois* PAULA-VICENTE

Bernardim, (*tirando a máscara*)—Incrivel! incrivel o que está passando por mim.
Paula (*tornando a apparecer.*)—Se vos arrependeis, ainda é tempo.
Bernardim—Nunca. Se de outro modo a não posso vêr!—Oh querida Paula, tu és decerto a minha Providencia. Bem te acertaram o nome n'esta noite. Que seria de mim sem a tua protecção!
Paula—O mesmo que com ella. A'manhan parte a frota ao romper d'alva. E que fareis?
Bernardim—Que me importa ámanhan? Eu vivo para hoje, vivo para esta hora. Que se me dá a mim que acabe o mundo depois!
Paula, (*áparte*)—Muito a ama!
Bernardim—Paula, minha Paula, tu assististe á fatal ceremonia?
Paula—Fomos todos á sé. Casou-os o arcebispo El-rei estava muito commovido. .
Bernardim—E ella? Não viste se?... Não pareceu sentir?... Não observaste?...
Paula—Observo que perdemos aqui o tempo. Vamos, vêde o que fazeis, vêde a quanto me arrisco por...

SCENA VIII

BERNARDIM-RIBEIRO, PAULA-VICENTE
PERO-ÇAFIO

Pero—Providencia, Providencia? Paula! Meus peccados! ainda de conversa!—(*A'parte*) Se não soubera o que sei, era capaz de ter ciumes da moura—e como um mouro.
Paula—Ahi vou.—(*A Bernardim-Ribeiro*) Lembraevos do que vos disse.

SCENA IX

BERNARDIM-RIBEIRO *só, depois* UM ACTOR

Passeia, lendo o papel que tem na mão; depois de consideravel silencio:

E eu hei-de dizer isto! — Fazer estes tregeitos... Eu, deante de tanta gente!—E para estudar isto de cór? Impossivel. Quem me deu cabeça agora?...
Actor — Senhora moura, senhora moura Taes—depressa, depressa, que estaes a entrar por instantes.
Bernardim —Vamos. Animo; e succeda o que succeder. A'vante com a empreza.

SCENA X

Apenas sae Bernardim-Ribeiro, levanta-se o panno do fundo e apparece a sala do throno, ricamente adereçada e illuminada

EL-REI DOM MANUEL *á direita sentado em cadeira alta de espaldar, sobre um estrado;* SAINT-GERMAIN, JOFRE-PASSERIO *e* CHATEL *á direita d'el-rei; á sua esquerda o* MORDOMO-MOR, O BISPO DE TARGA, CONDE DE VILLA NOVA, GARCIA DE REZENDE *e mais senhores da côrte.—No fundo, e quasi tocando na esquerda da scena, a infante* DONA BEATRIZ *em outro estrado e em cadeira alta; á esquerda do estrado da infante, em almofadas,* IGNEZ DE MELLO *e todas as damas da côrte. Onde convier,* PAGENS, MENESTREIS, ARAUTOS, REIS D'ARMAS E PASSAVANTES. *Os* ARCHEIROS *estão distribuidos pela sala. A' esquerda da scena, defronte d'el rei, e ao pé do estrado da infante, está estendido um tapete e, sobre elle, em semi-circulo, as figuras todas do Auto, que está quasi no fim.*—PERO-ÇAFIO, *vestido de Marte, no meio do tapete, em attitude de representar.—No momento que corre o panno el-rei applaude; toda a côrte o imita.*

Dom Manuel—Gentil romance! E bem cantado. Não dirás que não deixas saudades, Beatriz: todos estão como eu, co'as lagrimas nos olhos, só de ouvir n'este romance o que ámanhan, minha querida filha, ha de ser realidade. Mas não são para agora tristezas. Animo e alegria, senhores! Continue o Auto.
Mordomo-mór (*chama um pagem e diz:*) — Manda el-rei, meu senhor, que continue o Auto.
Pagem (*indo para Gil-Vicente, repete:*)—Manda el-rei, meu senhor, que continue o Auto.

Gil-Vicente (*áparte*:)—Só falta a moura. Teremos alguma?—Capaz é elle de fazer das suas.—Não; eil-o ahi vem.

SCENA XI

BERNARDIM-RIBEIRO *e* DITOS

Bernardim, em trajo de moura, entrando gravemente, encara com a infante, fica suspenso algum tempo, põe a mão na fronte, depois no coração, e logo começa:

> Quebrado está meu encanto
> Por outro poder mais forte;
> Tórno outra vez á vida
> Para mais sentir a morte.

Gil-Vicente—Perdeu-se, perdeu-se: não é aquillo (*Chega-se a Bernardim, e aponta-lhe baixo.*)

> Mi no xaber que exto estar
> Mi no xaber que exto xer.

Que diabo de versos são aquelles?

Bernardim (*sem o attender, e enthusiasmando-se*):

> Viver que não era vida,
> Sempre o mesmo, sem mudança,
> Os desejos vivos sempre,
> E sempre morta a esperança...

Gil-Vicente (*áparte a Pero-Çafio*:)—Endoudeceu. Estou perdido. E o meu Auto, o meu nome! E os italianos! Deus se compadeça de mim. Vou empurral-o d'alli para fóra.

Pero—Deixal-o, já'gora: não vos deis por achado Vejamos em que isto pára.

Dona Beatriz parece inquieta, e olha significativamente para Paula, que encolhe os hombros.

Bernardim (*depois de estar algum tempo, como quem reflecte*:)

> Cuidei que maior tormento
> Não mandava á terra o céo:
> Ha mais, ha peior ainda,
> E em sorte me coube: é meu.
> —D'este annel, que o talisman
> De minha fortuna encerra,
> Já que eu gosar não podia,
> Não gosava outrem na terra.
> —E agora, entregal-o assim,
> Agora obrigar-me o fado...

Gil-Vicente — Já não ha remedio: estou perdido. Pero, Pero, vê com que cara está el-rei!

Pero — Animo, mestre Gil, que, n'estes casos, acobardar é o peor. Interrompei-o com vossa auctoridade de Jupiter, e acabae já com esta comedia, que me cheira que trezanda a ir desabar em tragedia.

Gil-Vicente—Dizes bem: deixa-o commigo. (*Adianta-se em caracter e estendendo o raio a Bernardim.*)

> Presentae isso á senhora
> Infanta e nova duqueza.

Bernardim (*como cahindo em si*)—A' duqueza!

Paula (*baixo a Bernardim*—A' infante. Ide já, ou tudo está perdido, e nós todos

Bernardim (*ajoelha deante da infante, que está ao pé, e, tomando o annel, diz baixo:*) — Duqueza de Saboya, este annel deu a infante D. Beatriz de esmola a um desgraçado. O povo queria-lhe mais que á vida; mas desde hoje lhe não pertence já. Cuidava ter n'elle uma promessa, uma esperança... A duqueza de Saboya que lhe leva tudo, tome-lhe tambem o annel. (*Mette-lhe o annel no dedo Toca a musica; dão palmas ao Auto; os actores retiram-se.*)

Dona Beatriz (*interdicta e baixo*:) — Desgraçado, não vês que me matas?

Bernardim, (*do mesmo modo*:)—Que disseste, Beatriz?

Dona Beatriz (*do mesmo modo*:) — Que me matas, —que te não mereço—que te... (*Desfallece.*)

Bernardim-Ribeiro levanta-se, sem perceber que Beatriz está desfallecida. Pero-Çafio trava-lhe do braço e o leva para dentro. — El-rei, com ar enfadado, levanta-se. Todos o imitam. — Parece haver alguma confusão, mas ninguem se apercebe do estado da infante.

Dom Manuel — O nosso Gil Vicente não foi feliz d'esta vez na conclusão do seu Auto. Costuma acabar mais alegre e gracioso. Passemos á outra sala; e alegrem-nos danças e folgares, já que nos deixou tam triste a comedia. Barão de Saint-Germain, a duqueza, minha filha, espera o braço de seu noivo para a conduzir ao baile, emquanto eu lhe não dou a mão para o rompermos ambos.

Tocam os menestreis. El-rei sáe precedido dos reis d'armas, etc. O barão de Saint-Germain fica ao pé de Dona Beatriz. Chatel em distancia. — Paula entra, já em traje ordinario, pela mesma porta por que sahira o Auto. Chatel se approxima d'ella cortejando. Paula corresponde friamente. Vão continuando a sahir as damas e senhores da côrte.

SCENA VIII

DONA BEATRIZ, SAINT-GERMAIN, CHATEL, PAULA, IGNEZ DE MELLO, DAMAS, etc.

Saint-Germain — El-rei, que já está na outra sala, me concede a honra de conduzir a Vossa Alteza..

Dona Beatriz (*acordando*)—Para onde? Já embarcar? oh! não, por piedade! Ainda não.

Saint-Germain — Embarcaremos quando mandar Vossa Alteza... Agora só tomo a liberdade de lhe lembrar que el-rei a espera.

Dona Beatriz (*cahindo em si*) —Tendes razão. Vamos. Paula, vinde commigo. (*Paula inclina-se duvidando.*) Vinde, que mando eu.

Paula, inclinando-se com respeito, obedece. Olham uma para a outra significativamente, e proseguem

Chatel (*áparte*)—Aqui ha mysterio! E eu hei-de descobril-o.

ACTO TERCEIRO

Recamera do galeão Santa-Catharina, ricamente tapeçada de velludo carmezim com franjas de ouro. No fundo as varandas de pôpa abertas.—A um lado a porta que leva ao camarim da Infante com reposteiro egual á tapeçaria, e n'elle as armas partidas de Portugal e Saboya.—Do outro lado vê-se o principio da ponte ou communicação de pranchas que une o galeão ao caes.—A um canto almofadas com a tapeçaria formando uma especie de divan.

SCENA I

BISPO DE TARGA, CONDE DE VILLA-NOVA, GARCIA DE REZENDE, SAINT-GERMAIN, JOFRE-PASSERIO, CHATEL. *Os* REIS D'ARMAS *e* ARAUTOS *postados á porta do camarim da Infante;* ARCHEIROS *no prnicipio da ponte. Os* SENHORES DA CÔRTE *formam grupos e conversam entre si.*

Conde de Villa-Nova—Sabereis, senhores, que lhe obedecem os astros ao nosso Gil-Vicente, como se fôra a Pedro Nunes que se entendia com elles. —A lua cumpriu a palavra que inda agora nos deu, lá no Auto. Ella ahi está bella e radiante para acompanhar a armada. E Jupiter quasi que não brilha menos. Como elle bate n'estas aguas do Tejo com seu raio de prata!—Deliciosa noite! (*Entra para dentro*) E a alvorada não promette ser menos.

Passerio—E é de servir o vento, senhor conde almirante?

Conde de Villa-Nova—Optimo. Teremos uma monção de rosas—Ora deixe-me vêr: a maré da uma ás quatro. Isto é meia noite.—D'aqui a tres horas começarei a manobrar... não mandando Sua Alteza Ducal o contrario; que o meu pendão de almirante não se alla senão por baixo do estendarte partido de Portugal e Saboya.

Garcia de Rezende, (*fallando com o bispo de Targa*) —Quando el-rei Dom João—o principe Dom João que então era—foi á jornada de Africa, levava...

Conde de Villa Nova—Eram fortes viagens essas! Agora vamos a Malaca como então se ia a Ceuta, e bordejâmos alli no Mar-Vermelho como então se bordejava aqui no Restello.

Garcia de Rezende—Sois para muito, e muito se faz agora, senhor conde: mas de lá vem, de lá vem. —Lembrae-vos que foi el-rei Dom João quem vos pôs a caminho da India; e se lá chegastes, a elle o deveis. Fostes mais felizes, elle trabalhou mais.

Conde de Villa-Nova—Não me parece isso de leal vassallo, senhor Garcia de Rezende: desmerecer assim na glória d'el-rei nosso senhor! tam criado sois d'elle como fostes d'el-rei Dom João.

Garcia de Rezende—Perdoareis, senhor conde de Villa-Nova: sou mais criado d'el-rei que Deus guarde do que fui de quem está em glória.—Lá creio firmemente que descança aquella grande alma!—Esse chamava-me *seu amigo*.—Mrs nem a memória do defuncto nem a presença do que reina me farão dizer o que não é.—O felice reinado do senhor Dom Manuel é o tempo da colheita; seu primo gastou a vida a semear Vamos, senhor conde, que a ambos devemos muito.—Isto é achaque de velhos estar sempre com o passado. Não sei se fazem melhor . os moços que se esquecem d'elle.

Conde de Villa-Nova, (*olha com desdem para Garcia de Rezende e vae para Saint-Germain que está interitdo com Chatel*)—El-rei demora-se bastante, senhor barão. Ha mais de uma hora que alli está fechado com a senhora infante no seu camarim. E' natural. A ambos lhes custará separarem-se. Mas faz-se tarde e..

Saint-Germain—Dizeis bem: é uma longa intervista, senhor conde; mas devemos respeitar o motivo.

Conde de Villa-Nova—Certamente.

Um Arauto—El-rei!

Levantam-se todos e se compõem em attitude de respeito

SCENA II

Os MESMOS, DOM MANUEL, *saindo do camarim*, DONA BEATRIZ, *que fica á porta*, IGNEZ DE MELLO, *etc.*

Dom Manuel—Basta, não venhas cá fóra.—Outro abraço, (*abraça-a*) minha Beatriz. E não saias da tua camara, que está muito fresco aqui. Filha! (*Volta para traz outra vez, e fala-lhe ao ouvido*) (*Alto*) Toma sentido, lembra-te do que me prometteste. Vê se t'o mereço, Beatriz.

Dona Beatriz (*soluçando*)—Meu querido pae! ..

Dom Manuel—Bem, bem: estou satisfeito: não falemos mais n'isso. Se puder, ainda te irei vêr ao Restello... Nossa Senhora de Belem quero que lhe chamem agora. Verás que bella figura já fazem do mar as arcadas da minha egreja — a memoria que levantei a este grande feito, em que Deus foi servido que eu tivesse minha pequena parte De ha muitos seculos é o maior acontecimento do mundo, senhor barão. E' o monumento da descoberta da India, a nossa egreja de Belem — que já vistes mas que vos parecerá melhor do mar. Ha de ser o nosso jazigo, meu e de meus filhos. A Batalha é de outra magnificencia: não ha duvida. Mas deixei-me das capellas que alli comecei, porque me quero aqui ao pé do mar. Somos gentes do mar nós agora.

Saint-Germain—Reinam vossos pendões sobre elle, senhor: justo é que Vossa Alteza esteja perto para receber a vassallagem.

Dom Manuel—Adeus, minha filha!

Dona Beatriz—Meu pae!

Dom Manuel (*abraçando-a*)—Não é a ultima despedida, filha. Até logo.—Senhores, os que somos de terra deixemos repousar os navegantes; que já pouco lhes fica para isso. Conde de Villa-Nova, escuso encommendar-vos cuidado: sempre fostes bom servidor.—Vamos, senhores.—Minha filha, adeus!

Dona Beatriz beija a mão a el-rei: o mesmo faz o conde de Villa-Nova, bispo de Targa, damas e senhores da casa da infanta.

SCENA III

DONA BEATRIZ, CONDE DE VILLA-NOVA, SAINT-GERMAIN, JOFRE-PASSERIO, BISPO DE TARGA, CHATEL, IGNEZ DE MELLO, DAMAS, *etc.*

Dona Beatriz deixa cahir-se sobre as almofadas que estão a um canto da recamara, e fica como absorvida em seus pensamentos.

Conde de Villa-Nova—As ordens de Vossa Alteza Ducal são?

Dona Beatriz—Que ordens, conde?

Conde de Villa-Nova—Para a partida, para levarmos ferro.

Dona Beatriz—Que se cumpram as ordens d'el-rei meu senhor.

Conde de Villa-Nova — Então começaremos a suspender á volta das tres; e ás quatro desceremos com a maré.

Dona Beatriz — Sim, sim: o que el-rei mandou. E ide descançar, que o haveis mister. Esperae, conde. Mandar-me-heis esta carta já para o paço

Saint-Germain e Chatel deitam olhos suspeitosos á carta. O conde a mette nas pregas do saio; beija a mão á infanta e parte

SCENA IV

Os MESMOS, *menos o* CONDE DE VILLA-NOVA

Chatel (*áparte a Saint-Germain*) — Vistes, senhor barão?

Saint-Germain (*áparte a Chatel*) -- E' uma carta: não se segue que...

Chatel (*falando comsigo*)—Para mim segue-se muito. Parece-me que ainda temos grande tormenta antes de começar viagem. Estarei álerta.

Dona Beatriz—Podeis retirar-vos. Estaes dispensados de todo o serviço por agora.

Beijam-lhe todos a mão e sáem, menos Ignez de Mello.

SCENA V

DONA BEATRIZ *e* IGNEZ DE MELLO

Dona Beatriz--Ide repousar, que é tarde. Ignez de Mello, encostae-vos ahi no meu camarim, para se eu chamar: que n'estas almofadas fico por ora, quero respirar este ár puro—é da minha terra ainda. Esperae, Ignez: dae-me d'aquelle cofre que ahi ha de estar dentro, aquelle que me trouxe da China Fernão Pires, a viagem passada--um livro que tem papeis dentro. (*Ignez de Mello sae e volta com um livro de quarto, grosso, com broches de prata.*) Esse é: acertastes.

Ignez — Vossa Alteza não lê por outro: tinha-o á mão para lh'o dar

Dona Beatriz—Bem está. Ide descançar.

SCENA VI

Dona Beatriz — Este livro!... São nossos tristes amores contados por um modo que os não entenderá ninguem. E aqui está a verdade toda -- mas posta por elle com aquella alma que sabe dar a tudo! E de tudo o que me fica é este livro. Nada é já do que foi: está em historia como as coisas passadas! Se vierem a escrevel-o por esta invenção que agora veiu da Allemanha, e que chegue ás mãos de todos, quantos não chorarão sobre nossas desgraças! Eu sei! Carpil-o-hão talvez a elle, accusar-me-hão a mim. A mim não, que bem delicadamente encobertos deixou os nomes todos--menos o seu. Generoso coração de homem! (*Levanta-se.*) Oh! que tem o mundo para me dar que me compense o que perco aqui! Ah, meu pae e meu senhor, o soldado que por vós vae morrer nas areias d'Africa, ou nos palmares da India, não vos faz tamanho sacrificio. (*Torna a recostar-se*) SAUDADES! Que titulo lhe pôz! Adivinhava que d'ellas haviamos de morrer. (*Lê:*) «Sobre um verde ramo, «que por cima da agua se estendia, veiu pousar «um rouxinol; começou a cantar tão docemente «que de todo me levou apoz a si o meu sentido de «ouvir; e elle cada vez crescia mais em seus quei-«xumes, que parecia que como cançado queria «acabar; senão quando, tornava como que come-«çava; então--triste da avezinha!--que estando-se assim queixando, não sei como se cahiu morta so-«bre aquella agua.. »

SCENA VII

DONA BEATRIZ *e* CHATEL

Dona Beatriz (*erguendo os olhos de repente do livro, dá com Chatel que a estava espreitando e que não póde fugir sem ser visto. Levanta-se com dignidade*)—Que fazeis ahi, senhor secretario? Não mandei eu a todos que fossem repousar?

Chatel—Tinha sahido alli—a tomar ár.. Pareceu-me ouvir que Vossa Alteza chamava.

Dona Beatriz — Quando o fizer não será por vós. Não chamei ninguem agora. Obrigaes me a ir fechar-me no meu camarim para estar livre de... Bem. Ficae, pois, ahi. Alguem virá do paço em minha procura: chamae logo Ignez de Mello... Mandae-a chamar. (*A'parte.*) Importuno de italiano!

SCENA VIII

Chatel (*só*)—Offendeu-se minha augusta ama. Poh! Mas aquella historia do Auto tem segredo que é preciso penetrar E se eu chego a ser bem senhor d'elle... que farei? Deitar a perder a infanta, declarar tudo ao duque? Tam louco sou eu! Nada. Basta que a duqueza saiba que eu sei o que ella não quer que se saiba: está feita a minha fortuna. Quem temos? Oh! a bella Paula. Esta é do conselho intimo, como dizem os tudescos. E' fina como um flamengo de Carlos V. Mas vejamos sempre se pesco alguma coisa n'estes mares

SCENA IX

CHATEL, PAULA-VICENTE

Chatel—Por aqui, formosa e discreta Paula?—Não vi o vosso nome na lista: de que muito me pêsa. —Mas sabeis que foi el-rei de Portugal quem nomeou os officiaes, damas, cavalleiros e todos os que hão ser da viagem.—Para mim já ella será triste com a falta de uma pessoa ..

Paula—Sei muito bem que não tenho a honra de ser da viagem da senhora infante-duqueza. Nem aqui venho a estas horas senão porque me ordenou que lhe viesse beijar a mão, de última despedida.

Chatel—Póde ser...

Paula—E é.

Chatel—E' certamente: basta affirmál-o bôcca tam formosa.—Mas é muito mais de meia noite. El-rei já se retirou. A senhora duqueza fechou-se no seu camarim Não tardará a começar a manobra da náo. E não sei, bella Paula, se é possivel...

Paula—Nem eu. Mas sei que ha um quarto de hora, e já depois de el-rei estar de volta no paço, me mandou a senhora infante recado, por lettra de sua mão, para que viesse logo e sem detença.--Eu obedeci: vós fazei como quizerdes.—Mas... não me irei d'aqui sem que Sua Alteza me mande. (*Sentando-se nas almofadas.*)

Chatel—O meu desejo é servir-vos como mereceis... —Vou mandar vêr se a senhora Dona Ignez ..

Paula--Avisae a quem quizerdes O nosso costume das que somos criadas é entrar sem essas formalidades—Eu, ainda que humilde, sou criada de Sua Alteza, e sempre mereci a minha ama..

Chatel — Bem, bem; tudo mereceis. — E porque não havieis de ser d'esta viagem, bella Paula? Queria que as nossas italianas, tam presumidas de

seus olhos pretos, vissem uns olhos portuguezes que as matassem de inveja.

Paula, (*seccamente*)—Sois galante

Chatel—De galantes vos verieis vós perseguida em Turim. Sabeis lá que terra é Italia para galantes!

Paula—Inda bem que não vou: é raça que muito me enjôa, a dos galantes.

Chatel—Como assim! tam bella e tam discreta, e galantes vos enfadam!—Percebo. (*Com finura*)—A *Providencia* dispoz já talvez de seu coração... Lá me pareceu que n'aquellas *Côrtes de Jupiter*, n'aquelle parlamento celeste havia oradores inspirados por um sentimento mais vivo... Eram tam poderosos, tam irresistiveis os feitiços e esconjuros d'aquella moura..

Paula, (*aparte*)—Confirmemol-o n'este engano: duvida ainda. Oh meu Deus, quem me diria! Até a verdade precisa fingida, e se engana com ella! (*Alto*) Vejo que sois penetrante, senhor secretario. E bem dizem que não ha esconder nada da finura de vossa nação.—(*A'parte*) Com italiano, italiano e meio.—(*Alto*) Pois bem; confessar-vos-hei tudo, já que sabeis tanto —Estou em grande ância e apertura. Era um homem o que fez de moura no Auto; um homem que me amou, que... endoudeceu de puro amor.—Ia-nos perdendo hoje a meu pae e a mim.. fez um estranho alvorôto na côrte. Misturou os seus loucos amores com o papel do Auto...—Verdadeiramente ainda não estou em mim com o susto que tive.—Mas se eu o amo; se apezar de tudo, não posso deixar de amál-o! (*Com enthusiasmo*)—Se para o adorar e servir—nem a morte nem a infamia deante de mim... Oh meu Deu!

Chatel, (*aparte*)—Não era com a outra,—está visto: assim não se finge, vem-lhe do coração.

Paula—A senhora infante que me protege—(*A'parte*)—ou eu a ella; horrorosa situação a minha! (*Alto*) quer...

Chatel—Interessar-se por vossas coisas... Entendo: negocio de casamento, é a madrinha...

Paula, (*áparte*)—Sou eu, eu é que sou a madrinha...

Chatel—Cousa tam natural, tam louvavel.—E' um anjo a senhora infante.—Vou já fazer chamar Dona Ignez...—(*A'parte*) e tranquillizar de todo os escrupulos do barão.—Enganei-me com effeito; perdi o meu tempo: vou vêr se o reparo, dormindo um pouco antes que comece a maldita algazarra da manobra.

SCENA X

PAULA-VICENTE, IGNEZ DE MELLO

Paula, apenas Chatel se retira, corre com os olhos rapidamente a camara, palpa as tapeçarias,—sente que uma do lado opposto ao camarim da infante está em vão, levanta-a. Immediatamente chega ao lado com que communica á ponte do caes, e faz signal com um lenço.—Bernardim-Ribeiro acode.—Paula, sem lhe dizer uma palavra, o toma pelo braço e empurra violentamente para o vão da tapeçaria, que deixa cahir; e diz pondo o dedo na bôcca: Silencio!

No mesmo instante se abre a porta da infante, e sae

Ignez—Manda a senhora infante-duqueza que aguardeis um instante, e já vos falará.

SCENA XI

PAULA-VICENTE

E eu . eu é que assim arrisco a minha vida, minha fama para lhes valer em seus amores!—Todas as delicias d'este adeus derradeiro—a mim m'as devem! A mim que o amo,—que a detesto... Oh, não detesto, não.—Pobre Beatriz, tam boa, tam innocente, tam timida!... Tu amas, desgraçada, e muito! D'elle te apartam, para longe te levam aos braços de outrem!—Reclinada no peito do estrangeiro, mesquinha!—tu estremecerás com as aborrecidas caricias de um espôso indifferente; e o as co dos beijos de um marido que não amas, que em teu coração trahiste já—te arripiará os cabellos, te engulhará como peçonha!—Mas vaes... E vives! E acabarás por te acostumar.—Cintra e suas árvores tam verdes, Collares e suas relvas tam viçosas, tam estrelladas de flores—te parecerão como um sonho de infancia — singelo de mais, innocente que enfada, para quem passeia pelos recortados florões de teu magnifico jardim italiano... Costumar-te-has á natureza affectada e facticia; e a natureza verdadeira te parecerá impôssivel.—E que importa!—As grandezas, o poder, a fortuna, a ambição, ahi estão para compensar o perdido.—Mas aquelle infeliz, que não tem outra glória, outros desejos, outra existencia, outra vida mais que esse funesto amor que o mata—desgraçado!—oh, para esse é que todo vae o dó do meu coração.—Inexplicavel martyrio que é o meu!—Amo-o; e já não é possivel que eu ame outro homem senão elle. Amo-o; e assim me empenho em seus amores com outra,—com uma rival que devia detestar, e não detesto—quero-lhe antes, sirvo-a, deixo calumniar a minha para salvar a sua honra!.. (*Longo silencio*) E se alguem disser:—«Paula-Vicente, filha do comediante, tu fizeste como os chocarreiros do palacio; serviste os amores de tua ama—e pelo pão com que matavas a fome, vendeste a uma princeza o teu amante.»—Dil o hão, meu Deus!—dil-o hão:—e eu ficarei infame... (*Reflecte; e já resoluta*)—Que o digam. Vil seria eu a meus olhos, se, para servir a este ciume que me rala as entranhas, que me confrange os ossos—negasse a dois infelizes o amparo que só eu posso dar-lhes... (*Fica por muito tempo com os braços cruzados, olhando fita para o sitio em que está escondido Bernardim-Ribeiro.*) Eil-o alli está, alli que, escondido e protegido por mim, conta os instantes que espera . — E não é por mim que elle espera. Oiço-lhe quasi as pulsações impacientes do coração que lhe bate d'ância... E não é por mim que elle bate.—Vel-a-ha, e a mim m'o deve. — Protestar-lhe-ha de seu amor eterno... e eu serei testimunha do juramento que todas minhas esperanças destroe.—Ouvirá que é amado... saberá . receberá... — E eu, eu...—(*Com amarga alegria*) Mas em poucas horas este pavimento hade começar a mover-se, estes lenhos tomarão azas e fugirão por máres a fóra com todos esses votos de fidelidade e ternura... Oh! quem não suspiraria pelo dia de ámanhan!—Eu.—Eu que sei que elle hade ser mais negro ainda que o de hoje.—Eu, a orgulhosa filha do comediante, eu, que de frente ousaria luctar com minha poderosa rival, eu não heide valer-me da sua ausencia—não me aproveitarei de seus despojos—O mundo que fale. A filha do comediante é grande a seus olhos.

SCENA XII

PAULA VICENTE, DONA BEATRIZ

Dona Beatriz, (*abrindo a porta do camarim*)—Paula minha boa Paula, venho eu mesma abrir-te, que não quero ninguem entre nós n'estas horas derradeiras de nossa despedida.—Meu Deus, eu não tinha senão esta amiga: mandam-me desterrada, e até d'ella me privam!—Entra, Paula, que se me arromba o peito se não desabafo comtigo de tanta mágoa que aqui está. Vem: tenho muito que te dizer.

Paula—A mim, senhora!—a mim tendes que dizer! Se fosse a...

Dona Beatriz—Não, Paula; já agora não! Depois do que meu pae me disse, depois do que lhe eu prometti...

Paula—Pois el-rei?. .

Dona Beatriz—Sabe tudo:—não que m'o dissesse, Paula; mas falou-me de um modo... deu-me uns conselhos . Oh que se me partia a alma de o ouvir! Não me reprehendeu, não me quiz envergonhar; chorou commigo... Tam bom pae!—Oh, que mocidade a minha!—Não, não quero vêr mais aquelle homem. E que lhe havia de eu dizer se o visse! Que lhe havia de eu dizer áquelle infeliz que me ama tanto, e que eu devo esquecer para sempre... (*Ouve-se ruido detraz da tapeçaria. Beatriz estremece*) Que seria isto?—Não estamos bem aqui, Paula:—Entra. São decerto boas duas horas A's quatro dizem que sahiremos: Ai! d'aqui a duas horas começará a mover-se isto tudo;—e a minha terra a fugir para sempre—a minha terra, e quanto n'ella me prendia a esta vida... vida que já agora não sei para que me serve.—Oh Paula, Paula, que noite a de hontem para ser a última!—Que terrivel surpreza aquella do Auto! E o annel, o fatal annel.. —Pois não m'o entregou o insensato! Não me restituiu o annel que lhe eu dera!—Não me disse!... Oh! queimam-me ainda aqui no ouvido as terriveis, as desdenhosas palavras que me disse aquelle louco.—E eu que me sentia morrer!—E meu pae alli, e todos... Tremo ainda quando me lembro que o podiam descobrir.

Paula—Certo que maior imprudencia se não fez ainda. Accuso-me a mim mesma de ter concorrido para vos pôr em tamanho perigo.

Dona Beatriz—O meu perigo!—Bem pensava eu em mim n'aquelle instante. Ai! por elle é que eu tremia, Paula. Se o descobrissem, meu Deus!—Mas que amor, que força de amor não é necessaria para commetter ousadia tal—Dir-lhe-has, Paula, tu que o has de ver ainda, tu que és tão afortunada...

Paula—Eu!

Dona Beatriz—Que has de tornar a vêl-o—dir-lhe-has que...

Paula—Que muito lhe estranhaes seu atrevimento?

Dona Beatriz—Estranhar-lh'o! Se prazer como eu tive então—misturado, é verdade, de pena tão cruel!—Se eu nunca senti o que senti então—se aquelle transe...

Paula—Grande apertura seria, senhora: não a quizereis tornar a passar...

Dona Beatriz—Oh Paula, a minha vida por outro instante como aquelle.

SCENA XIII

DONA BEATRIZ, PAULA-VICENTE, BERNARDIM-RIBEIRO (*sahindo*)

Dona Beatriz—Ai! (*Desfalece: acode-lhe Paula.*)

Bernardim—E eu que não soube morrer n'aquelle instante! Fui um covarde: não merecia viver até este: não merecia ouvir de teus labios que morro amado, que morro ditoso. Beatriz, Beatriz, eu venho morrer a teus pés. (*Ajoelha e toma-lhe as mãos*)—Tenho padecido o que nenhum homem soffreu ainda; tenho levado uma vida... que,—se eu fôra amaldiçoado de Deus... se n'este mundo me começára o inferno por meus crimes—não a podia ter peior nem outra. —Oh Beatriz, foi dura a provança, longa a expiação.—Mas este céo, mas esta bemaventurança não tinham preço —Oh Beatriz, deixa-me que te beije estas mãos, que te adore aqui, que de joelhos deante do anjo que me vem buscar, que me despena—que me remiu—eu viva estes minutos de extasi, de felicidade que não é, não póde ser, não é da terra.—Tu és princesa, —eu sou um pobre trovador. Mas esta corôa de gloria, não a têem os reis. De donde a houveste! —Do céo, anjo, do céo que te manda a este baixo mundo confortar uma alma que se perdia, que descria já de Deus,—que ia quasi blasphemar!—Estive, estive a ponto de blasphemar de ti!—Oh Beatriz, eu sou um monstro, eu não te mereço.—E mais, olha se não for eu, nenhum outro homem te merece. —Tu és uma princeza, bem sei; eu sou um triste menestrel, já t'o disse. Mas, sabes tu? Aquella formosa rainha de Inglaterra beijou o trovador que dormia...—Meu Deus, dormirei eu, sonharei eu!—Oh deixem-me morrer antes de acordar.—Deixa-me aqui morrer a teus pés, Beatriz, —Beatriz, não te peço senão que me deixes morrer aqui a teus pés

Dona Beatriz—E qual outra esperança ha para nós Bernardim? Era piedade da sorte que nos matasse aqui a ambos.

Paula (*aparte*)—Não posso ouvir isto. Parte-se-me a alma: e já não sei que sentimento é o que tenho no coração, se é paixão se é dó,—ou se ainda tenho zelos! (*Vae precipitadamente para a varanda*).

Bernardim—Ouve: a flor dos meus annos murchou-se na tristeza e no desconsolo,—mirrou-se na esterilidade; sacudiu-lhe o vento do deserto as folhas desbotadas e seccas —Que a hástea espere pelas aguas do inverno que a apodreçam,—ou que a cegue já a foice do ceifeiro... importa alguma coisa?—Nunca vivi até agora; tive estes instantes para avaliar a mercê do Creador em me dar o sêr. Morrer, para mim, é necessidade. Não sou eu que o quero, que o desejo; é que por força ha de ser assim.—Poeta, dizes tu agora, — perdeste o juizo a phantasiar,—enlouqueceste.—Não, Beatriz, nunca me subiu a phantasia tão alto. (*Ouve-se o apito de bordo*).

Dona Beatriz—Que será isto?...

Paula (*friamente entrando da varanda*)—O apito do mestre.—E' mais tarde do que suppunhamos: vae começar a manobra.—Senhora, eu tive dó d'este homem: prometti-lhe de fazer com que vos visse um instante.—Deve a mim, a si proprio, e a Vossa Alteza sobretudo, não abusar agora.—Se nos demoramos um momento mais, estamos perdidos todos...

Segundo apito prolongado. Sente-se grande ruido de manobra e vozearia da tripulação que trabalha.

Dona Beatriz—Santos do céo! que já o galeão se move.

Paula—Ainda não; ainda é possivel escapar. (*Olha para o lado respectivo*) Ainda está fixa a ponte que toca do galeão no caes —Senhora, adeus! Não sabereis nunca tudo o que fiz por vós. Adeus, lembrae-vos alguma vez da pobre Paula.

O ruido cessa: Paula vae beijar a mão da infante.

Bernardim (*em desvario afastando a com violencia e pondo-se em pé*)—Desgraçado do que tocar n'esta mão.—São duques, são reis, são principes?—Eu sou Bernardim Ribeiro, o trovador, o poeta, que tenho maior corôa que a sua.—O sceptro com que reino aqui, ganhei-o, não o herdei como elles.—Beatriz e minha (*Ouve-se musica de charameis.*)

Paula—Nossa é a deshonra e a morte

Dona Beatriz—Paula, Paula, que é?

Paula—El-rei que chega.—Já não ha remedio—(*Vae ver*) Já la vem ao principio da ponte.

Bernardim—Quem?

Paula—El-rei, que vem achar a infante sua filha com um homem escondido em sua camera—Devaneae agora á vontade: já completastes a vossa obra.

Bernardim (*cahindo em si, e com tranquilidade*)—Não tenhaes receio. Estou perfeitamente em meus entidos.—Beatriz, um derradeiro adeus, um adeus

até ao céo!--A rôla que perdeu o companheiro, deixa-se morrer de mingua sobre o ramo lascado da arvore em que lh'o mataram . —Estas aguas, em que já baloiça o navio em que te levam--Beatriz!... (*Ajoelha e esconde o rosto entre as mãos da infante*) estas aguas que me roubam tudo.. (*Ouve-se grande alarido.*)

Paula--El-rei que entra..

Bernardim—Que tomem tambem a minha vida (*Arremeça-se pela varanda do galeão, ao mar.*)

Dona Beatriz—Ai! (*Cae sem sentidos*)

Paula, (*olha para o rio, e volta em desespero*)—Já vae seguido o galeão!

SCENA ÚLTIMA

DONA BEATRIZ, PAULA-VICENTE, EL-REI DOM MANUEL e SEQUITO.

Paula ajoelha junto á infante estendida no chão, e lhe beija a mão muitas vezes, leva-a ao coração, e levanta-se precipitadamente. —N'este mesmo instante entra el-rei

Dom Manuel—O último adeus, minha filha, um abraço ainda! (*Todos rodeiam a infante*) Já o galeão vae navegado! Tomou-a o susto.—Filha! (*A'parte*) Eu constrangi sua vontade .—Meu Deus, se eu matei a minha filha!

NOTAS

Nota A

Mataram-lhe o Garção n'uma enxovia por escrever uma carta em inglez.............................. pag. 628

Contam que certo Lovelace alfacinha da amizade do Garção, querendo escrever a uma menina ingleza a quem galanteava, pedíra ao poeta que lhe trasladasse para a lingua da bella insular os seus «lusos namorados requebros». Pamella não era para graças, ou não engraçou com o auctor da missiva, e foi mostral-a ao papá, que a foi mostrar ao marquez de Pombal, que mandou prender o pobre eremita de Aguas-sanctas, cuja lettra conheceu ou lh'a denunciou alguem. Não faltou quem esclarecesse o caso e mostrasse a innocencia do poeta; mas o supposto delicto era pretexto e a causa verdadeira o odio do Pombal pela famosa «Fala do duque de Coimbra, recusando a estátua» que o Garção compuzera para fustigar a vaidade com que o marquez se esculpíra em bronze no pedestal doTerreiro-do-Paço.

Foi prêso em 9 d'Abril de 1771, sem processo; oito mezes esteve no segredo, e só expediram, pela secretaria d'estado dos negocios do reino, a ordem de soltura, muito d'antes promettida por el-rei á desconsolada esposa, em 10 de Novembro de 1772, algumas horas depois de o saberem morto.

Morreu no Limoeiro, nem o deixaram vir expirar em sua casa e pôr os últimos olhos moribundos na luzidia calva do padre Delphim! — o mais que se passou na prisão não pude sabel-o. Acaba-nos a historia do Garção na sua entrada para os ferros d'el-rei. Se elle era homem de bem, de engenho e portuguez!—Elle e a sua historia deviam ter este remate.

Nota B

Para fazer um Repertorio, a isso posso eu ajudar pag. 630

A formação de um Repertorio nacional é a mais urgente das tres grandes necessidades do nosso theatro, e cuja satisfação mais hade facilitar a das outras duas. A experiencia de todas as nações—todas, todas sem excepção alguma—tem mostrado que, por mais e melhor que se traduza, não se consegue formar com traducções o theatro de um paiz onde o não ha, nem sequer additar o que já exista. Não ha um só drama inglez que se sustente nas scenas de París Os Inglezes traduziram todo o repertorio francez de Luiz XIV; e não foram quaesquer traductores, até Dryden metteu mãos á obra; e de nem um só d'esses ricos trabalhos hoje ha memoria em Drury-Lane ou em Covent-garden. O mesmo se está vendo em Hespanha.

Entendi, e estou firme, que formar o repertorio nacional era uma grande missão civilisadora, que todos, que a Nação, que o govêrno—onde ha govêrno—deviam, não só auxiliar e proteger, mas promover e stimular. Esta convicção me fez provocar o decreto de 12 de Outubro de 1838 que facilitou os premios do Conservatorio Real para as peças originaes, e me fez aturar com paciencia os despeitos e malquerenças que d'esa instituição resultaram. Todos os que, levados do impulso que effectivamente se tem dado a este genero de litteratura, ahi têem escripto para o theatro, experimentaram a desinteressada vontade, e quasi abnegação propria com que procurei auxilial-os.

Para os animar e proteger, propuz, e consegui fazer passar, na Camara dos Deputados, a lei da propriedade litteraria, que lhes segurava o razoado premio de seus trabalhos; e se passar na outra camara, estou crente que basta ella para nos dar um theatro nacional. Infelizmente a lei tem-se demorado quatro annos. Quiz supprir a sua falta formando uma especie de associação de *seguro-mútuo* entre os auctores para se protegerem contra as duras e *proverbiaes* tyrannias dos emprezarios E communicando o plano aos meus amigos, os Srs. A Herculano e A. F. de Castilho, que por tantos motivos eu desejava se puzessem á frente da associação, chegou ella a estar, se póde dizer, formada; e por duas vezes, em 1838 e 1839, tive quasi arranjadas com a empreza do theatro as estipulações necessarias.

Não só falharam as minhas diligencias e esforços; mas d'ellas quiz tirar pretexto a má fé acintosa e para me arguir do espantoso crime de querer tirar grossos proveitos de minhns composições theatraes. E se eu tivesse essa pretenção, forte peccado!—Mas não tive. Estão vivos e são os distinctos litteratos que sabiam, approvavam e cooperavam nos meus projectos, que sabem e testimunham o desinterêsse (quasi ridiculo n'estas éras utilitarias em que vivemos) com que os emprehendi e promovi.

Levei o meu louco escrupulo—certamente louco—ao ponto de entregar na caixa do Conservatorio real, para se applicar ás despezas das escolas, o producto dos honorarios que recebêra do theatro o meu drama *O Auto de Gil-Vicente.* [1]

Digo escrupulo louco, porque é falsa e viciosa vergonha em um homem de lettras, o não querer tirar proveito d'ellas. É assim, é máo exemplo, dá áres de uma especie de fidalguice tola; mas eu tinha tomado a minha posição de mais alto, e entendi que descia, se fizesse de outro modo. E o que eu chamo *posição* aqui e chamei inda agora *missão*, não cuide alguem que era o tal cargo de Inspector geral dos theatros, de que me fizeram tanto favor em me aliviar; era uma coisa que eu sinto melhor do que sei explicar, e que desde que me entendo me fez sempre olhar para a restauração, ou antes fundação, do nosso theatro como para um objecto santo e sublime, uma questão de independencia nacional, um ponto de honra para este paiz em que nasci.

Póde haver pois fanatismo, não ha affectação no meu desinterêsse. Algum proveito tenho tirado da publicação pela imprensa de meus trabalhos litterarios; e não me peja nem pêza d'isso

Amigos, que eu sei que o são, exigem ha muito tempo que eu désse ao publico estas explicações. Repugna-me occupar as columnas dos jornaes com coisas minhas tam pessoaes e particulares; mas aqui não são tam mal cabidas. Cedo pois e faço-lhes

[1] Do que tenho em meu podêr recibo em fórma, do thesoureiro.

a vontade, por lhes fazer a vontade: não que eu creia em que a mais clara verdade empeça de mentir quem faz gôsto ou tem interêsse em mentir ou em crêr mentiras.

A calúmnia é como as trevas, quanto mais grossas são, *menos se vê.*

Nota C

Um facto notavel, cujas circumstancias exteriores minuciosamente nos deixou escriptas uma testimunha respeitavel .... pag. 630

E' um dos opusculos de Garcia de Rezende, por titulo *Hida da infanta Dona Beatriz pera Saboya*, que anda com as suas obras. Ahi se verá que o saráo do paço, o Auto, o galeão Sancta Catharina e tudo o mais de que me servi, são perfeitamente historicos.

Nota D

A tragicomedia que n'aquella occasião compôs e foi representada na côrte. .... pag. 630

Veja a nota antecedente: Garcia de Rezende, log. cit., fol 90, ed. de 1752; Gil-Vicente, tom. 2.º, pag. 295 e seg., ed. de 1834.

Nota E

E talvez ainda se envergonhem.................. pag. 631

No momento que se escreveu isto, ainda me eu affligia com destemperos: agora para quê? Ou rir-se a gente, ou olhar com indifferença para tudo o que por ahi vae por essa terra, é o que se póde e deve fazer sómente.

Nota F

E' boa, mas talvez imperfeita esta figura......... pag. 633

A razão por que se não desenvolveu mais amplamente o caracter de Gil Vicente já se deu no prologo.

Nota G

A desfeita de o collocar (André de Rezende) entre as pessoas mudas... O historiador (Garcia de Rezende) apenas fala, o antiquario e moralista nem abre a bôcca, etc......... .... pag. 633

Se o auctor fosse a fazer a vontade ao elegante e urbano censor, era preciso fazer uma comedia maior que as de Jorge Ferreira. E' evidente porque se não fez.

Nota H

O auctor deve ao seu estabelecido credito de purista da lingua o fazel as (certas phrases) justificar... pag. 633

Não diz o censor quaes fossem· alguem quiz adivinhar que a principal d'estas phrases suspeitas era —«que o fará á maravilha» porque este *á maravilha* se parece com o *à merveille* francez. E assim é que se parece, mas é ligitimo portuguez comtudo.

Agora accrescentarei, por esta occasião, que não creio em puritanismos exaltados de nenhuma especie. Em linguagem, em tudo, a sinceridade é indulgente e franca e inimiga de affectados rigorismos.

Nota I

Niña la casó su padre................ .... pag. 637

Estes versos, os das pag 637, 643, 644, 645 e 646, são textualmente do drama *Côrtes de Jupiter* de Gil-Vicente, que n'esta occasião se representou, como aqui se diz.

Nota J

Este livro!...São nossos tristes amores contados por um modo que os não entendera ninguem... .... pag. 278

No rigor historico é certamente anachronismo suppôr já na mão da infante o livro das *Saudades* de Bernardim-Ribeiro, cujas primeiras linhas logo indicam ter sido composto depois de sua partida.— «Menina e môça a longes terras me levaram» diz o enamorado trovador. Mas não se fazia aqui uma historia, senão um drama. Nem é absolutamente impossivel que, desde que se tratou definitivamente da partida de D. Beatriz, o apaixonado romancista a d'esse por ida e perdida para elle, em suas lastimadas queixas. Em vez das poucas linhas que do mesmo livro lê a infante n'esta scena, podéra-se ter posto alguma coisa que imitasse os perdidos *Eccos* de Bernardim-Ribeiro, um dos quaes começava— «Ecco, pois pelo meu mal.» Assim o aconselharam ao auctor, mas elle imaginou, porventura com razão, que valia mais a prosa original de Bernardim Ribeiro, do que os versos imitados seus,—que só imitados podiam ser.

Nota K

Arremeça-se pela varanda do galeão, ao mar (rúbrica) pag. 298

Em a nota E ao canto nono do poema *Camões* no 1.º vol. d'esta collecção, pag. 250, se promette illustrar o ponto d'estes amores de Bernardim-Ribeiro e de sua romanesca vida. Mas não me atrevo por ora a cumprir tal promessa. Aqui atirei com elle ao mar porque me era preciso: e o publico disse que era bem atirado. E' o que me importa. Se elle foi ou não a Saboya depois, como eu já cuidei averiguado, se andou doido pela serra de Cintra, tambem me não atrevo a certificar.—O que parece mais certo é que *não morreu de paixão* porque depois foi feito commendador da ordem de Christo, e governador de San-Jorge da Mina, onde talvez morresse de alguma carneirada: materialissimo e mui prosaico fim de tam romantica, saudosa e poetica vida.

Aprendei aqui, ó Beatrizes d'este mundo!

PHILIPPA DE VILHENA

Contém este volume, que é o quarto do Theatro do nosso auctor, tres comedias; uma das quaes é historica, e as outras duas de costumes. Todas são perfeitamente portuguezas, e portanto valiosa contribuição para o nosso repertorio dramatico, porventura ainda mais carecido n'este genero do que nos outros.

O Catão como obra completa, a Merope apezar de ensaio, fixaram o estylo da tragedia classica portugueza, precedendo em muita parte a reforma que este genero ultimamente obteve em França dos auctores de Virginia e de Lucrecia.

O Auto de Gil Vicente e o Alfageme não menos se póde dizer que deram norma ao desmandado drama romantico. Frei Luiz de Sousa está reconhecido como typo da tragedia nova.

Os tres exemplares que enchem o presente volume são considerados pelo auctor como meras tentativas. Esperamos dar, no tomo immediato do theatro, coisa mais completa: será a Sobrinha do marquez, comedia historica do seculo passado que, não obstante estar composta ha muitos annos, elle tem demorado publicar.

O mais famoso e popular episodio da revolução de 1640, que elevou ao throno a serenissima casa de Bragança, deu argumento a esta comedia, que muitos caracterisaram de *drama* no sentido estricto e singular que actualmente a este nome se dá, mas que é uma verdadeira comedia historica, tanto ou mais do que o celebre *Pinto* de N. Lemercier.

A condessa de Atouguia, D. Philippa de Vilhena, armando seus dois filhos para a revolução, é o historico e é o principal; tudo o mais accessorios. Não se quiz pintar a acção exterior de uma revolução, como em tantas composições modernas, nem todo o seu movimento interno, como no citado *Pinto* e em muitas outras. E' uma scena tam sómente, um áparte d'esse grande drama.

Foi um improviso esta comedia, e a sua historia é quasi como a do Catão: ia se compondo e ensaiando, acabou se e representou-se.

Tratava-se de fazer apparecer em publico os pobres alumnos do Conservatorio, e fôra escolhido o dia do nome de S. M., seu presidente e protector, que se queria festejar. Todas as escolas organisaram os seus exercicios com composições originaes e feitas expressamente para a occasião por socios ou professores do estabelecimento. Faltava a Escola de Declamação, e quiz se-lhe accudir para que não ficasse atraz das outras. Tomou a auctor este assumpto pela sua belleza e conveniencia, riscou o traçado geral, collocou as figuras, esboçou as primeiras scenas e deu-o aos professores da escola para arranjarem o resto.

O peso dos trabalhos sérios que então lhe carregavam e a urgencia do tempo fizeram adoptar esse expediente, cujas imperfeições elle bem antevia; mas não tinha outro. Com effeito o seu pensamento, mal explicado e á pressa, não podia ser bem comprehendido nem o foi.

Obrigado a trabalhar n'uma idéa não sua nem facil, para um estrangeiro especialmente, o director da escola mereceu muito louvor pela dedicação e zêlo com que se sujeitou a fazer tal. Mas o auctor teve de refazer todo o trabalho que lhe trouxeram, deixando apenas alguma coisa d'elle no segundo acto por ser o mais aproveitavel.

Assim se representou e anonymamente a comedia; mas agora que se resolve a deixal-a imprimir com o seu nome, tudo foi refundido de novo, e não ficou nada de mão alheia.

Assistiram a esta representação SS. MM. Fidelissimas e Imperial, o Principe herdeiro e hoje reinante de Saxe-Cobourgo-Gotta, o corpo diplomatico, toda a côrte e um publico escolhidissimo. A peça obteve muito applauso na representação, e a imprensa lhe não fez menos favor.

Eis aqui o juizo que d'ella dá um jornal litterario do tempo. Escolhe se este entre varios, por ser o que mais visivelmeate foi escripto sob as primeiras impressões do momento:

«O drama, ou comedia historica em tres

actos, segundo com mais exacção se intitula, foi expressamente composto para esta occasião, é verdadeiramente original e portuguez no assumpto, nos caracteres, nos costumes, no sabor da linguagem e no estylo.

«O enredo é simples e facil.—Terminava o anno de 1640, e acabava-se aos portuguezes a paciencia velha de sessenta annos com que tinham soffrido o jugo castelhano. Os tumultos de Evora e de Braga já não podiam deixar no engano o governo intruso, e assaz lhe diziam o estado da opinião publica. Todos tinham os olhos no duque de Bragança. Ordens repetidas de Madrid o mandam ir áquella côrte. Se vae, todas as esperanças dos portuguezes estão perdidas. E' necessario que a revolução rebente, e que Portugal proclame, alto e forte, a sua liberdade e os seus reis legitimos.

«N'este estado de coisas começa a primeira scena da comedia. Estamos em casa de um certo Ruy Galvão, nobre portuguez degenerado, que sordidamente se vendeu ao partido castelhano, vil satelite de Miguel de Vasconcellos, o secretario da duqueza regente.

«Ao levantar do panno apparece-nos um mordomo velho da casa, bom portuguez da tempera antiga que, occupado de seus quefazeres domesticos, vae resmungando, como em sua edade e caracter é natural, sobre o que vae por aquella casa e pelo reino. Chama-se elle o sr. Custodio Peres, é rabujento e *frondeur*, não póde já aturar aquella casa, e só alli pára porque a verdadeira dona d'ella é a sua querida D. Leonor, que elle criou de pequena, e cujo pae, honrado fidalgo portuguez, *estalara* de pena de se ver escravo, mas que não imaginando que tanto podesse corromper-se o nobre sangue de seu irmão, á hora da morte o instituira tutor d'esta sua filha, herdeira riquissima e unica de sua poderosa casa. O tutor porém delapidou a herança, e, para não dar contas, fez-se exaltado do partido dominador, trata o casamento da sobrinha com um tal Correia, irmão do secretario Miguel de Vasconcellos, e obtem de Madrid um aviso real que o absolve de toda a responsabilidade e lhe dá por boas e lidimas suas contas *como de seus leaes sentimentos se esperava*.

«De tudo isto, e do estado do reino e de como vão as coisas de casa de D. Leonor, e dos dois partidos que estão em presença em Portugal, nos informa, mui natural e circumstanciada, postoque rapidamente, a viva e animada exposição do velho mórdomo e de um seu joven amigo, que logo entra, o primo de Leonor, o amigo de sua infancia, o esposo que seu pae lhe destinára do berço, a quem ella ama, e que está desesperado com o atroz projecto do tutor.

«E' este mancebo D. Jeronymo de Athayde, o filho mais velho da celebre condessa de Atouguia D. Philippa de Vilhena, que, por um espirito e coração muito superiores á sua tenra edade, foi admittido ás conferencias dos generosos conspiradores de 640, trata e vive com João Pinto Ribeiro, mas no meio de tudo isso é uma criança, esquece-se ás vezes do supplemento de edade que lhe deram, e doido de amores e de ciumes, está a ponto, em varias occasiões, de perder tudo com a idéa de salvar a sua Leonor.

«Já ides vêr esta prima Leonor por quem tanto se revolve aqui tudo. Ella que entra e com seu espirito, seu juizo, seu enthusiasmo de amor patrio, justifica todos os sentimentos que inspirou.

«N'um galantissimo dialogo com o primo, acaba de nos informar cabalmente do estado das coisas; e póde-se dizer exposta a acção, quando o mórdomo velho, que tem estado de vigia emquanto os primos conversam, acode assustado bradando-lhes que se retirem porque o velho acordou. Eram horas da sésta, Ruy Galvão dormia no classico repouso peninsular da sua meridiana, emquanto estas coisas se passavam na ante-sala ou salão grande do palacio.

«D. Jeronymo de Athayde vae-se ás ultimas conferencias da conspiração... porque nós estamos em 30 de novembro de 1640... D. Leonor retira-se á sua camara, e tudo isto á pressa, porque já se ouve tossir o tutor. Eil-o ahi vem... fica só Custodio para proteger a retirada dos dois amantes quasi surprehendidos.

«Ruy Galvão é um typo do seu genero. Sem paixão nem enthusiasmo politico, partidario por interesse, mais vicioso do que criminoso, é um verdadeiro e *feliz* caracter de comedia politica. N'elle estão personalisados os vis portuguezes d'aquella epoca, na qual, como em todas,

Alguns traidores houve algumas vezes.

«A scena entre Galvão, que suspeita vagamente as intelligencias da sobrinha com o mórdomo, e este que, sem as confessar, lhe vae dizendo, a seu modo, verdades duras e como quem já se não póde contêr: —é cheia de naturalidade, e tem um colorido local, um sabor aos costumes da epoca, certamente notavel e pouco visto nas nossas composições dramaticas.

«A segurança com que, na vespera de sua total ruina, este representante do partido dominador escarnece das que elle chama miseraveis tentativas de uns poucos de *fidalgos*

pobretões e de quatro taberneiros de Lisboa, é caracteristica, e denuncia, no quadro, as pinceladas de quem conhece os homens e o mundo, sem o quê se não podem fazer comedias nem dramas, nem coisa nenhuma talvez.

«Galvão tem resolvido casar aquella noite mesma a sobrinha, e manda fazer todos os preparativos; quando a chegada de um d'estes parasitas que entram em toda a parte, o vem confirmar ainda mais em seus projectos.

«Um tal Barnabé Fulgencio «homem que merenda sempre seja a que hora fôr», segundo o descreve o nosso amigo Custodio Peres, vem fazer a sua visita a Ruy Galvão que lhe pucha pela lingua, e com alguns copos de vinho, o põe em estado de dizer quanto sabe. Não é muito, mas basta para dar pretexto ao máo tio de vexar a innocente sobrinha e despedir o obnoxio mórdomo.

«Isso se faz. Leonor, offendida das suspeitas indignas do tio, diz-lhe toda a sua alma, protesta que não acceitará o esposo que lhe querem dar por força. Galvão está forte com o seu decreto real assignado *Yo el Rey*, e parte com o noivo para acabar de dispôr tudo com o seu protector, o renegado Miguel de Vasconcellos.

«Mas emquanto isto se passa em casa do Galvão, os conspiradores não dormem. O sacrificio de Leonor está decretado para aquella noite; e para aquella noite tambem está preparado, pelos libertadores da patria, o dos seus algozes communs.

«No segundo acto, achamo-nos em casa da condessa de Atouguia D. Philippa de Vilhena. E' alta noite, e a desvelada mãe está á espera de seus filhos, que foram a casa dos Almadas á ultima conferencia dos conjurados. Resolvida ao sacrificio, ella vae expôr a vida dos filhos... mas a boa portugueza tambem é mãe; estremece-lhe o coração, e não póde contêr as lagrimas involuntarias que a immensidade d'aquelle grande sacrificio lhe arranca do peito.

«Os filhos chegam, a reunião de amigos e parentes junta se, D. Philippa no meio da vasta sala do docel do antigo palacio dos Atouguias, com a espada de seu marido na mão, invocando a memoria de seus antepassados, chamando pelo nome do Salvador, cujo auxilio implora, D. Philippa, verdadeira heroina portugueza dos tempos antigos, exclama com voz solemne: «Meus filhos, vos«sos avós foram armados cavalleiros nos «campos de batalha, por braços de reis com «as espadas de grandes capitães. A vós, «criancinhas, é vossa mãe que ainda hontem «vos accalentava, vossa mãe que lhe treme o «braço, que lhe rebenta o choro dos olhos, «que aqui está sustida de uma força sobre«natural que ella mesma não comprehen«de... Arma-vos vossa mãe, filhos; e sereis «tam bons cavalleiros como os que vos pre«cederam... porque eu tenho fé, porque «chamo por Deus e vos digo: D. Jeronymo «de Athayde, D. Francisco Coutinho, em «nome de Deus e de vossos avós, eu vos ar«mo cavalleiros. Tomae esta espada e não «vos sirvaes d'ella senão para defender a re«ligião, a patria, a liberdade do povo e os «vossos legitimos reis!»

«E por milagre de patriotismo, e de amor maternal, as duas criancinhas se levantam homens feitos e cavalleiros.

«Esta aurora traz liberdade, meus amigos» — brada D. Jeronymo — «corramos a encontral-a!» — E partem todos. E n'este enthusiasmo, e com os corações dos espectadores sobresaltados todos de quanto ha nobre, grande e bello nas sensações e pensamentos do homem, cáe o panno no fim do segundo acto

«Voltâmos, no terceiro, a casa do traidor Galvão e de sua generosa sobrinha D. Leonor, que estamos quasi certos de ir vêr sacrificar em um matrimonio aborrecido e odioso. D'aqui a duas, tres horas, será salva a patria... e ella, ella que tanto tem chamado, com seus votos, com sua influencia, com tudo quanto póde e vale, por esse dia de gloria — e é muito o que póde e vale uma conspiradora moça e formosa — ella será condemnada a vêr raiar essa bella aurora nos prantos e na infamia!

«D'aqui, d'esta artificiosa suspensão que o auctor habilmente collocou entre o segundo e terceiro acto, como de *rémora* á catastrophe, d'aqui, dizemos, o interesse do ultimo acto, que aliás o não poderia excitar, porque todos contamos com o desenlace feliz da *parte politica* do enredo, que de todos é sabida.

«Em casa de Galvão, agora, vemos o partido contrario, gente de Castella. Está-se aos ultimos brindes de uma ceia esplendida: d'alli para a capella. Pobre Leonor! — E' inutil resistir, clamar, appellar para a piedade d'aquelles homens sem coração. Vão casál-a... Um recado do paço, que a toda a pressa chama Galvão e os seus amigos ao gabinete de Miguel de Vasconcellos, suspende a cerimonia. Que será? Partem todos tremendo. Leonor tem um momento de respirar. Deixam-lhe por guarda o parasita do primeiro acto — o Barnabé, que está quasi cego e surdo de embriaguez, e que parte não vê, parte não quer vêr o que se passa. Custodio aproveita este momento, para vir confortar a sua querida ama e trazer-lhe salvação. A salvação é o primo, é D. Jeronymo

em pessoa que a vem buscar para casa de sua mãe para a pôr em recato.

«Escapará a pobre Leonor: inda bem!... Mas que arruido é este? vem gente. Tristes de nós! E' o tio que volta. Já não é possivel: Leonor está perdida, e D. Jeronymo de Athayde nem sequer poderá morrer combatendo nobremente no meio das ruas de Lisboa pela liberdade da patria. Ahi morrerá assassinado pelos rufiões de Ruy Galvão. Já se ouvem rebates de sinos, tiros de mosquetaria «Foge, D. Jeronymo» (lhe brada Custodio que conhece os cantos da casa) foge por aquella escada particular que dá não sei em que bêcco, foge e váe com essa espada para onde ha gloria que ganhar.»

«D. Jeronymo, que ouve o signal de revolução, cede do desejo de castigar o traidor que em sua colera de amante alli queria partir de meio a meio, e vae para a grande acção.

«Rui está como tocado do raio. Que é isto? Que audacia a d'esta gente?—Mas a todo o instante agora chegam noticias de toda a parte. Os sinos redobram, o canhão trôa, os brados do povo vão-se approximando. *Viva D. João IV, viva a nossa liberdade!* resôa de toda a parte. Portugal é Portugal outra vez.

«A condessa de Atouguia, Custodio, todos vêm acudindo a celebrar e informar do que vae. Está salva a patria, está salva Leonor. Rui fica como morto; até o parasita Barnabé o vem insultar em sua desgraça, e dar-lhe o coice do asno, emquanto de fóra o povo brada: *Morra o traidor Galvão!*

«Acodem-lhe os generosos vencedores: D. Philippa suspende as iras populares, e D. Jeronymo dá asylo aos vencidos

«Triumphante, cheio de gloria, chega D. Jeronymo, que é para nós, os espectadores do drama, o representante de todos os heroes da restauração. N'esta *concentração* eminentemente dramatica, que nos faz assistir a todo o movimento de uma revolução, sem a vermos, seguramente está o principal merito do drama. Batalhas, revoluções e coisas similhantes só assim devem vir ao theatro.

«E' felicissimo o pensamento com que a peça conclue. D. Jeronymo, abraçado com sua mãe e com sua esposa, ouve as acclamações do povo que da rua o victoreia e sauda: «Viva D. Jeronymo de Atahide!» dizem elles—«Viva a patria, meus amigos!» lhe responde o mancebo chegando á janella, «viva a liberdade! Viva a casa de Bragança que nos restitue a santa monarchia de Ourique, em que o povo sempre ha de amar os seus reis, porque os seus reis sempre hão de amar a liberdade!»

«Não é facil descrever a explosão de applausos e enthusiasticos bravos com que foi accolhido este final do drama; nem seria possivel tampouco dizer a parte que o auctor ou os actores da peça poderão tomar d'elles para si. Vibraram todas as cordas sonoras do coração portuguez em confusa melodia; não se extremavam sons. Contentem-se o poeta e os seus artistas de saberem que assim o fizeram: e não é pouca satisfação.

«O drama é, pois, uma verdadeira comedia historica; no pequeno ponto episodico do grande quadro da revolução de 1640, em que o auctor se collocou, faz reflectir toda a acção, todo o movimento d'ella. Mais feliz n'essa parte, segundo nossa opinião, do que Mr. Lemercier no seu *Pinto*, sem arriscar os grandes caracteres conhecidos da historia, nas feituras da sua imaginação, recopilou todos, e nol-os deu concentrados em typos de grande naturalidade. Nota-se a arte com que nos preparou para fazer de D. Jeronymo de Atahide, que é uma creança, um mancebo capaz de tamanhas emprezas. Tem o defeito, *absolutamente falando*, de ser pequena a comedia; apenas são esboçados os caracteres; mas vê se que foi feita para um *estudo de alumnos*, e não para uma representação de actores consumados. Desenvolvida nos seus cinco actos naturaes, deve ficar muito melhor e mais completa.

«Continúa a ser segredo o nome do auctor. Não ousaremos nós revelal-o. Só repetiremos que não é de pessoa extranha ao Conservatorio. Quem quer que é, sabe a lingua, os costumes e os modos da sua terra e da epoca que tratou.

«Não tem *maldições*, nem *infernos*, nem *ferros em braça*, commove sem berros, excita sem gritarias, faz rir sem obscenidades, indigna sem torpeza: *La mère en permettra la lecture à sa fille.* N'esta parte não duvidamos dal-a por modelo aos nossos jovens escriptores dramaticos. E' classica esta peça? Não sabemos; tem coisas d'isso. E' romantica? A espaços nos parece ter vehemencia de acção e de dicção que o não cede aos mais atrevidos da escola.

«Quem sabe se o auctor será *ordeiro* entre os dois partidos litterarios? Goethe, que fôra um romantico exaltado, morreu abraçado com a *fé ordeira:* deve de ser boa religião litteraria.

«Da execução pouco diremos. Todos os alumnos, sem excepção, mostraram capacidade e estudo, em gráos diversos porém, e com imperfeições diversas, que todos tinham as suas; nem outra coisa era possivel na *mais difficil de todas as artes*.

«Não ha arte mais difficil, tornamos a dizel-o, nem a da musica. Os Roscios, os Clai-

rons, os Talmas, as Mars, os Keans, as Sydons, contam se um a um por meios seculos. Por cada cem artistas distinctos, nas outras artes, apparece um na dramatica, se tanto. Assim como nas mais ricas litteraturas são poucos os auctores dramaticos de primeira ordem, tambem o são os actores. E em Portugal, que não tem ainda um *repertorio* nacional para o seu theatro, é mais difficil ainda o fazer actores. Onde estão os modelos, onde estão os papeis das comedias, das tragedias, dos dramas em que se hajam de fundir *plasticamente* o rosto, os modos, os habitos do actor? Cuidam que o hão de conseguir jámais com traducções, que, por optimas que sejam, sempre terão de ser pessimas, porque as não pensou um portuguez com ideias portuguezas para actores portuguezes, com estylo, côr, naturalidade, tom e sabor que o artista comprehenda bem, e o publico sinta e se veja viver n'ellas?

«Enganam-se. Os actores fórmam os espectadores e os espectadores áquelles: mas não o fazem uns nem outros sem dramas seus de ambos: uma coisa traduzida nunca é sua. Por mais bem lavradas que sejam as cartas de naturalisação, não nasceu cá; póde ter a *protecção* das leis civis (por me servir de uma comparação que não é despropositada), os *fóros todos politicos* do theatro, não.

«Como alumnos, pois, e calculadas ainda a êsmo as pasmosas difficuldades que venceram, os da Escola de Declamação do Conservatorio fizeram prodigios, e dão largas esperanças.

«Apollo e suas bemaventuradas irmãs os livrem do máo olhado de exaltada e furiosa bruxa romantica, que, á força de *maldições*, de *infernos*, de *diabos*, de gritarias abominaveis, os façam cahir n'esse monotono psalmear de blasphemias e improperios que nos vêm cá dizer que é moda em Paris, quando tal não é, quando todo o mundo escarnece o máo gosto da gente bruta que ainda vae ao theatro da *Porte Saint Martin* assistir a esses espectaculos de cannibaes. Vamos nós antes aos touros, que é o mais nobre e mais portuguez passatempo, ainda que não muito civilisado, do que a essas orgias, em que não se sabe qual é mais grosseiramente violada: se a intelligencia ou a moralidade.»

PHILIPPA DE VILHENA

Comedia Representada, a primeira vez, no theatro do Salitre, pelos alumnos do Conservatorio real de Lisboa, em trinta de Maio de MDCCCXL

Pessoas: Dona Philippa de Vilhena.—Dom Jeronymo de Atahyde.—Dona Leonor.—Rui-Galvão.—Luiz Corrêa.—Custodio Peres.—Barnabé Fulgencio.—Frei João de Las Alpujarras.—Dom Francisco Coitinho.—Tabellião.

Damas, fidalgos, povo, soldados, pagens e creados. Logar da scena — Lisboa.

ACTO PRIMEIRO

Salão antigo com reposteiros, em casa de Rui-Galvão. Duas portas, uma a cada lado da scena, outra no fundo duas janellas.

SCENA I

CUSTODIO *só, depois* D. JERONYMO

Custodio (*arrumando alguns trastes, e falando por intervallos comsigo*)— Boa casa está esta! Já me não serve, não paro aqui muito tempo. Ai casa, casa! quem te conheceu em vida de meu amo! Quem te viu e quem te vê, casa! E quem te viu e quem te vê, reino de Portugal, que tão reino és tu, como isto é casa! Cachôrros de castelhanos! E mais perros estes portuguezes sem vergonha que se lhes venderam, que... (*Batem de vagar á porta de fóra*). Quem bate agora ahi?—(*Falando comsigo*) Temos algum sécca! (*Para a porta*) Espere. (*Falando comtigo*). Algum d'estes leva e traz, que aqui andam sempre com mexericos ao tio da menina. Já se sabe: «Fulano disse mal da duqueza. «Beltrano não é affecto ao senhor Miguel de Vas«concellos. Este é traidor por aqui, aquelle é con«spirador por acolá...» Oh Senhor, prendam o reino todo de uma vez, que é melhor, e ficam descançados. (*Batem*). Ahi vae: espere. (*Falando comsigo*). Por bom não vens tu, que tanta pressa tens. (*Falando junto da porta*) Meu amo... Qual (*A'parte*). Qual amo! Minha ama é a senhora dona Leonor, mas vá: (*Alto outra vez junto da porta*). meu amo está a dormir: ouve? Está descançando, dormindo a sésta. A esta hora não fala a ninguem!

D. Jeronymo (*de fóra*)—Bem sei, tanto melhor; por isso mesmo abre, Custodio.

Custodio—Abre, Custodio!—Que é lá isso? (*Abrindo*). Ai os meus peccados! Que vem aqui fazer, senhor D. Jeronymo) Valha-me Deus! Menino, está doido? Onde se vem metter! Não sabe quem mora n'esta casa?

D. Jeronymo—Sei muito bem: a minha rica prima D. Leonor.

Custodio—Pobre Leonor, coitadinha! Essa é a dona da casa, é, é, pobre menina! e de tudo quanto aqui ha, e de mim, e...

D. Jeronymo—De ti que és um bom velho e de mim que sou um bom rapaz, e de..

Custodio—E de tudo, menos da sua liberdade: que aqui quem governa é o tio. E o menino já se esqueceu de quem é o tio?

D. Jeronymo—Não esqueci, não, meu Custodio: é o traidor de Rui Galvão, que vendeu a sua alma ao diabo, a sua honra a Castella, e quer vender a sobrinha a...

Custodio—Ao excommungado do Luiz Corrêa, sobrinho d'aquelle grande renegado do Miguel de Vasconcellos.

D. Jeronymo—Mas a alma está em boas mãos, e os merca-honras que fiquem logrados.—Agora a sobrinha, a filha de teu amo! ..

Custodio—Ai meu santo amo! Aquelle nobre coração de portuguez ás direitas, que estalou de se vêr escravo! E dizer que este irmão é irmão d'elle! —Ah senhor D. Jeronymo! Aquillo era um fidalgo. Elle a morrer, e este sujeito cá. Este Judas d'este irmãosinho a fingir que chorava; e eu secco, secco com estes olhos mais mirrados. . assim como quem cegou de pasmo... E elle: Custodio, tu não choras? Não tens saudades de mim!»—Palavras não eram ditas, que nunca mais lhe ouvi outras, desfechei n'um choro de soluços, que nem eu sei o mais que passou. Mas o irmão prometteu-lhe que havia de ser outro pae para a menina, e ficou por tutor d'ella. Pobre menina! para lhe estragar a casa, como tem feito .. E agora, para não dar contas, vae vender a sobrinha aos castelhanos... peior, antes a um castelhano honrado, se é que os ha; pois elle haverá castelhanos honrados, senhor D. Jeronymo?

D. Jeronymo—Lá na sua terra é de fé que sim, muitos e muitos honrados, meu Custodio; aqui na nossa...

Custodio—Aqui na nossa terra são uns ladrões; e mais ladrões os que os ajudam a roubar. Isso é que é falar portuguez direito e que se entende. Sangue de Vilhena e de Atahide! que este não degenera. (*Abraçando D. Jeronymo*).

D. Jeronymo—Não, meu amigo, antes se derrame todo no patibulo. Olha, Custodio, eu já não sou creança: não sou, não; sinto que já sou grande, tenho aqui um braço que já póde com a espada de meu avô. E é uma tal espada! Até minha mãe diz que já posso com ella! Vês tu.—Pois, meu Custodio, quero falar á prima. (*Fazendo-lhe meiguices*).

Custodio—Que diz, menino! Vá-se, va-se embora, que já me fez palrar aqui demais. Se elle acorda, o senhor Rui Galvão, estamos perdidos. Pois a menina! Pobre menina. Fechava-a a pão e agua! Não sabe o odio que lhe elle tem; e á sua familia

toda. Para elle, vêr um Vilhena ou um Atahide, é vêr o seu castigo. Eu, que por fim de contas, não sou senão o mórdomo d'esta casa, eu mesmo lhe faço sombra e lhe metto medo, porque sou portuguez honrado. Tomára-me elle deitar a perder. Vá-se d'aqui, menino, vá-se.

D. Jeronymo (*logrativo e animando o*)—Para que estás tu com essas cousas? Se tu por fim hasde ir tomar conta n'elle que não acorde, e vigiar emquanto eu falo á prima? Vae fazer a tua sentinella do costume, anda.

Custodio—Hoje não senhor, hoje não vou, hoje não póde ser: vá-se embora.

D. Jeronymo—Vae dizer á prima, anda.

Custodio—Hoje não senhor. Desde os tumultos de Evora, andam damnados. De todo o tempo, que nos governam os Philippes, não houve tão ruim tempo ainda n'esta pobre terra. Prendem, roubam, matam por um nada. Cá por mim, que me importa? mas a minha rica menina...

SCENA II

D. JERONYMO, CUSTODIO, D. LEONOR

Entrando pé ante-pé e risonha

D. Leonor — A tua rica menina tambem lhe não importa, nem tem medo. Não sabes de quem sou filha? Põe-te de sentinella a esse reposteiro. (*Indica uma porta interior*) avisa em presentindo que acorda meu tio; e não tenhas cuidado. (*Custodio hesita, mas por fim vae resmungando metter-se detraz do reposteiro.*)

D. Jeronymo—Não te disse eu que por fim havias de ir fazer a sentinella do costume?

Custodio—Deixe-me, menino, deixe-me, que isto ainda hade acabar mal.

D. Jeronymo—Querida prima!

D. Leonor—Primo, esta vida não se póde soffrer!

D. Jeronymo—Não, Leonor, não se póde. E eu estou resolvido; mato o Vasconcellos, caso comtigo, e acclamâmos o nosso rei D. João IV.—Viva o nosso rei D. João IV! Morram os Philippes! Portugal e San'Jorge! Hein! Como se dizia em Aljubarrota. Não é assim Leonor?—E o tio Rui?... Não, mal não lhe havemos de fazer: mandâmol-o governador para Bissau. Hade ser um bom governador de Bissau, o tio Rui! Lá que venda os pretos, se quizer; mas não hade estar aqui a vender os portuguezes... e a vender a minha Leonor ao excommungado do Miguel de Vasconcellos.

D. Leonor—Vendida, e não sei se já paga, primo.

D. Jeronymo—Paga o quê?—Faço a revolução já, não espero por mais nada. Vae tudo com a fortuna.—(*Gritando, e atirando com o chapéo*) Viva a nossa liberdade: Morram os castelhanos. Mata estes ladrões! E Miguel de Vasconcellos primeiro que todos, que me quer tirar a prima Leonor!

Custodio (*acudindo*)—Jesus, nome de Jesus! Menino, que acorda o senhor Rui.—Estamos perdidos. E Jesus!

D. Leonor, (*rindo, mas querendo falar serio*)—Primo, tenha juizo.—Ahi está o grande conspirador, o grande homem de prudencia. Olhem João Pinto Ribeiro se ouvisse isto, o que diria! Não o tornava a deixar assistir ás conferencias, havia de lhe chamar criança, que é o que o menino é, com todas as suas presumpções de homem grande.—Oiça, e tenha juizo. O contracto está feito, meu tio vendeu-me!...

D. Jeronymo, (*interrompendo-a*)—Já não vae para Bissau: *Pedras-Negras*. . Pedras... outras pedras peiores ainda.—Mas não ha: para as negras. Para as Pedras-Negras: não lhe posso valer.

D. Leonor—Oiça, e tenha juizo.—Venderam-me, e hoje me querem entregar...

D. Jeronymo—Pois antes de hoje, a revolução. Viva!...

D. Leonor—Se diz mais uma palavra, vou-me embora e não lhe digo nada.

D. Jeronymo—Não, prima, não: estou callado, prometto, faço tudo o que a prima mandar.

D. Leonor—Olhe o que diz!

D. Jeronymo—Pela espada de meu avô!...

D. Leonor, (*zombando*)—Com que o menino não póde.

D. Jeronymo, (*picado*)—Ora prima, essa!... Tanto posso, que...

D. Leonor, (*affagando-o*)—Pois veremos.—Agora vamos vêr se ainda é criança, ou se já póde com a espada de seu avô. Escute. Querem que eu assigne as escripturas esta noite, e que logo sem mais detença...

D. Jeronymo, (*perdido*)—E então eu heide?...

D. Leonor, (*ameaçando-o*)—Primo!

D. Jeronymo, (*resignando-se*)—Estou callado.

D. Leonor—Eu resisto, não cedo, ainda que me matem.

D. Jeronymo, (*beijando-lhe a mão*)—Querida prima!

D. Leonor—Vamos!—Não cedo. Eu tenho só dezoito annos..

D. Jeronymo, (*com pena e inveja*)—E eu que ainda não tenho senão dezeseis... Sempre é uma vergonha!

D. Leonor—Tenho só dezoito annos, mas o sangue de meu pae hade supprir a edade. Não cedo, D. Jeronymo. Que me mettam n'um canvento... vou com muito gôsto. Que me confisquem a casa... que me importa! Fico pobre..

D. Jeronymo, (*como quem descobriu coisa que o salva*) E' verdade, façamos esse contracto com elles. O Corrêa que leve a casa. e eu fico com a prima.

D. Leonor—Ahi vae o requinte da tyrannia: querem o sacrificio completo, e córar com apparencias honestas a sua infamia. Mas elles sabem que o nosso amor, que nasceu quasi no berço, que nos braços de meu pae nos ajuntou desde a infancia, que é parte da nossa vida, da nossa fé, que é tudo para nós... elles bem sabem que este amor é o principal obstaculo á execução dos indignos projectos que sobre mim e sobre a casa de meu pae têm feito. Por isso tenho mais cuidados pelo primo do que por mim mesma.

D. Jeronymo—Deixe-os: deixe-os: que venham, eu lhes direi..

D. Leonor—Eu lhes direi o quê? Prendem-n'o, mettem-n'o n'uma torre, mandam-n'o para Madrid.—Não vê o que elles têm feito a outros, não vê o que querem fazer ao duque de Bragança?

D. Jeronymo—Ao duque de Bragança! Pois sim! Se a prima soubesse...

D. Leonor—Sei, sim senhor.—Não hade ir: está resolvido, bem sei; e havemos de apressar a revolução por causa d'isso.

D. Jeronymo—Então sabe?

D. Leonor—Sei tudo?—E sei mais (*Fala-lhe em segredo*)—Vá o menino, vá já, já, dizer a João Pinto Ribeiro que os nossos inimigos ainda estão crentes em que o Duque parte; que estão descuidados e que este é o momento—Vá, vá, não perca tempo.

D. Jeronymo—E o casamento, e a prima?

D. Leonor—Vá. A mim eu me defenderei—E oiça: antes do romper d'alva venha ao jardim; Custodio lhe abrirá a porta... e então lhe direi o mais.

D. Jeronymo—Oh prima, prima do coração, hoje não fica um castelhano vivo.

D. Leonor—Vá-se! E torno-lhe a dizer: tenha juizo. Lembre-se do que me tem promettido, do que prometteu a sua mãe, e do que o espera esta noite.

D. Jeronymo—Esta noite?... Ah! é verdade Oh! é esta noite que minha mãe prometteu de me en-

tregar a espada de meu pae. Adeus, adeus, rica prima! —E olhe, prima, se eu... se eu morrer...

D Leonor (*sorrindo*)—Tem medo?

D Jeronymo (*picado*)—Medo, eu! Pois para lhe mostrar se tenho medo, só por amor d'isso hei de morrer, hei-de fazer com que me matem. Veremos então o que a prima diz.

D. Leonor—Creança! Venha cá, tenha juizo (*Da-lhe a mão que elle beija*).

Custodio (*sahindo de traz do reposteiro, assustado*) —Fóra, fóra, já, já, que acordou o bucentauro.

D. Jeronymo —O bucentauro é um navio, Custodio queres dizer o Minotauro

Custodio — Bucentauro ou Minotauro, acordou. Safa, safa!

D. Jeronymo—Prima!

D. Leonor—Adeus! prudencia e firmeza.

D Jeronymo—Até... até á morte!

Custodio—Para a sua camera, senhora, para a sua camera, que elle ahi vem. Já, já...

SCENA XIII

CUSTODIO, RUI GALVÃO

Rui Galvão (*chambre de primavera*, [1] *barrete de fôlhos na cabeça, espreguiçando-se*) — *La niña bailava, y el viejo tañia*... Estava a bella infanta no seu jardim assentada, e o meu D. Mórdomo contando-lhe historias da carochinha. As lamurias do costume! Cuida que eu não ouvi, senhor Custodio?

Custodio (*áparte*)—Não ouviste, não: aviados estavamos se ouvises!

Rui Galvão—Cuidam que me embaçam, a mim . raposa velha! *Dame la mano, gitana.* Sou seu criado, senhor D. Custodio, e da minha nobre sobrinha, a senhora D. Leonor, que é uma rapariga de esperanças!—Ora, com que estavam aqui, emquanto o pobre velho dormia, a bella pupilla e o fiel escudeiro praguejando o negregado tutor, e carpindo a sua triste vida .. Conspirando o seu pouco tambem? Não é assim?

Custodio (*ápart*)—Mal sabes tu que é verdade.

Rui Galvão—Diga, homem, diga: eu sou de segredo... e patriota devéras. Hade levar a breca estes castelhanos, que hão de vir os levantados de Evora por alli fóra e talvez el-rei D. Sebastião da sua ilha encantada—E o senhor D. Philippe nosso senhor (*tira o barrete*) rei de todas as Hespanhas, e de todas as Indias, e de meia Allemanha, e de meia Italia, e de Sicilia, e de Jerusalem.—E... tudo isso vae como pó do gato, porque quatro pobretões de quatro fidalgos portuguezes, com meia duzia de taberneiros, juraram um dia á noite, que havia de voltar el-rei D. Sebastião, ou não sei que outro rei tão real e verdadeiro como elle... Forte miseria!

Custodio—Na miseria estamos nós, senhor, isso é verdade; só nos falta ser herejes, como os de Flandres, que menos são que nós, e não soffreram tanto. (*A'parte*) Chucha!

Rui Galvão—Ah! tu queres ser hereje, Custodio? Bonito!

Custodio—Deus me defenda senhor! Mas Deus nosso Senhor, que foi pelos herejes flamengos, bem podia ser por estes pobres catholicos portuguezes.

Rui Galvão—Ta, ta, ta Já nós lá vamos! A coisa está mais...

Custodio—Está, que se nos governassem bem, senhor, ninguem pensava em taes coisas. senhor Rui Galvão. Mas estes vexames, estas violencias!... Vossa senhoria bem sabe que eu, que sou criado fiel d'esta casa, que nasci dentro d'estas paredes, que aqui me passou a mocidade e aqui me colheu a velhice, tenho cá minhas idéas que não são como as de vossa senhoria. Mas primeiro que tudo está a lealdade a meu amo Vossa senhoria não faz bem· este governo castelhano opprime muito o povo, e o povo portuguez tem muitas saudades dos seus reis. Isto é que é a verdade; não ha cá outros conspiradores. Quem conspira é o partido que nos vexa, em havendo justiça em quem manda, já ha obediencia em quem serve. Isto de tudo para um e nada para o outro, este fazer escravos uns e senhores outros, é que não póde ser.

Rui Galvão—Bravo, bravo, meu Custodio! Estás um estadista completo; hei de te arranjar votos para procurador em côrtes: na primeira occasião hasde ir pelo braço... dos caturras. Sempre és muito pateta! Pois tu não vês o poder d'el rei D. Philippe nosso senhor, que em elle dando um aceno, cobre-se este cantinho de terra chamado Portugal, de mais homens armados do que cáem gafanhotos nos campos de Andaluzia? Deixa-os falar, deixa-os andar. Está alli a forca para uns, e as torres para os outros. E então! Deixal-os ir, mais fica para nos. Conspirem, conspirem, meus amigos, que é o que nós queremos, nós os leaes, que chupamos como taes. E viva o senhor D. Philippe! Grande soberano, munificentissimo, prestantissimo, omnipotentisimo! Dá cá aquella pasta —(*Custodio faz o que lhe manda; Rui tira um papel grande, e lê*) «Tal, tal, tal... (*Com solemnidade*) E' «minha real vontade que para logo sejam rece«bidos por palavras de presente, havendo por «desobrigado o dito tutor de dar mais contas de «sua tutella, que havemos por boa e fiel, como de «seus leaes sentimetos é notorio. Dado em Madrid «tal tal, tal, tal. Yo el Rey.» (*Beija o papel e o põe na cabeça*). Sereis obedecido, real senhor. Vossa Magestade é senhor, e manda. Custodio hoje temos sarau em casa... Sarau! Não. São quatro amigos dos bons, dos verdadeiros.—Parentes, nada: isso é tudo dos taes... Fr. João de las Alpujarras, esse que entre logo; Luiz Corrêa já se sabe, o irmão do senhor Secretario, gente da minha. Percebes? Agora Vilhenas, Atahydes, esses parentes degenerados ..

Custodio (*áparte*)—Degenerados, por que ficaram portuguezes?

Rui Galvão—D'isso nada; já não são meus parentes: renego-os á face do céo e da terra.

Custodio (*áparte*)—De Christo renegarás tu se te pagarem, pêrro!

Rui Galvão—Não os conheço: ouviste? (*Batem á porta*) Oh, ahi batem; vê se é algum dos nossos.

Custodio (*vae ver e volta*)—E' aquelle homem de... o senhor Barnabé Fulgencio... (*sorrindo*) aquelle que merenda sempre seja a que hora fôr.

Rui Galvão—Diz-lhe que não estou em casa. (*Depois de reflectir*) E d'ahi; espera: não digas. Elle é muito de casa dos Villhenas... quero saber o que por lá dizem d'estas cousas. e de...—Que entre.

Custodio (*áparte*)—Póde entrar.

SCENA IV

BARNABÉ, RUI GALVÃO, CUSTODIO

Rui Galvão—Ora entre cá, senhor Barnabè. Então como vae isso hoje?

Barnabé—Vive-se, vive-se, meu senhor. E' tudo quanto a gente póde fazer, e custa. Tempos muito apertados, muito apertados! Se houvesse uma duzia de fidalgos como vossa senhoria, em Lisboa, outro gallo me cantára Mas não ha, não ha. Hoje

[1] Estofo antigo de se la de ramagens, com este nome.

depois da missa em S. Roque, chocolate com o padre perfeito dos Estudos... e nada mais em todo o dia! Só umas empaditas em casa de D. Antão ao Rocio, e uma ou outra bagatella pelo dia adeante... mas cousa de pouco luzimento...

Rui Galvão—Custodio, a merenda para o senhor Barnabé.

Barnabé—Oh, meu fidalgo, por quem é...

Rui Galvão—D'aquelles paios revolucionarios do Alemtejo, azeitonas leaes de Sevilha, e uma boa garrafa de... do que te parecer: portuguez ou castelhano, o *espirito* é o mesmo em toda a peninsula iberica... ah, ah, ah! (*Custodio sae.*)

SCENA V

BARNABÉ, RUI GALVÃO

Barnabé—Sempre galante, sempre o mesmo chiste, meu senhor! Eu dizia hontem na academia dos *Taciturnos falantes*...

Rui Galvão—Taciturnos falantes! D'essa academia não sabia eu.

Barnabé—E' uma nova: começou hontem na cella do padre mestre Aranha, em S. Domingos. Disseram-se coisas divinas, sonetos, d'um conceito, romances d'um pico! logo lhe repetirei o que fez Manuel Telles a um Cupido de coquilho: é a coisa mais galante! Havemos de encovar os *Genorosos* e os *Singulares*, todas as outras academias.

SCENA VI

RUI GALVÃO, BARNABÉ, CUSTODIO (*voltando e mais dois creados com a merenda que dispõem n'um bufete*)

Barnabé (*pondo-se á mesa, e começando a comer*)—Mas hontem, dizia eu na nossa academia: «O fidalgo mais singular em ditos galantes é Rui Galvão». Perdôe, que assim se diz na ausencia.

Rui Galvão—Oh senhor Barnabé, essa é boa! não faça cerimonia.

Barnabé—Eu cerimonia, meu fidalgo! Detesto-a, abomino-a, conspurco-a. E' uma expressão latina de Fr. Manuel Garrido que muito me agrada: conspurco-a! não lhe parece?—A' sua saude meu fidalgo! (*Bebe*)

Rui Galvão—Viva, senhor Barnabé!

Barnabé—Oh senhor Custodio, faz-me favor de aquelle prato. Tenho uma gana damnada hoje. E' que andei, andei!. . Muito bom está este paio, estas azeitonas! Com isto me mate Deus! mas a tal olha podrida...

Rui Galvão—E' um prato muito da casa dos Vilhenas, heim!

Barnabé—Ao contrario! E' coisa de que não gostam. Isso de cozinha hespanhola para elles..

Rui Galvão—Bem sei.

Barnabé — Pois não têm razão aquelles senhores: ha cousas admiraveis na cozinha castelhana, desde o refrigerante gaspacho até... A' sua saude, meu fidalgo! (*Bebe.*)

Rui Galvão—Viva, senhor Barnabé! Com que então os Vilhenas, heim! guizados de Castella nada?... E o mesmo são os Almadas, e todos esses amigos por ahi com quem vossa mercê anda, senhor Barnabé.

Barnabé—Eu, meu senhor! Eu andar com elles! Nada. Elles é que andam commigo.—Quem? Barnabé-Fulgencio andar com gente que! .. O que eu disse inda agora da olha podrida foi brincadeira. A olha podrida! Eu adoro a olha podrida. E' a mais perfeita, a mais sublime de todas as preparações culinarias. O que ha na antiga ou na moderna cozinha que se lhe compare? Falar-me-hão nas cebollas do Egypto, no caldo negro dos Lacedemonios, nos rabanos assados de Fabricio ou no fricassé de linguas de Lucullo? Desprezo todas essas banalidades, e sustento que a olha podrida é o manjar real dos deuses, a verdadeira ambrosia de que fala Homero!. . Assim como... assim como este Carcavellos é o proprio Falerno de Xenophote. (*Bebe.*)

Rui-Galvão—De Xenophonte!

Barnabé—De Xenophonte ou de Horacio: tambem agora não farei d'isso uma questão academica. Mas é de qualquer d'esses grandes homens—que os grandes homens todos gostam muito bem da pinga.

Rui-Galvão—Tem razão, senhor Barnabé, e faça-lhe justiça ao meu Falerno, não o poupe. Ora diga-me: e que dizem por lá d'estas cousas?.. lá por casa dos Vilhenas... como tomam esta ida do Duque?

Barnabé—Pois o Duque vae?

Rui-Galvão—Vae: não havia de ir!

Barnabe—Ah! o Duque vae? (*A'parte*) Então estão elles perdidos. (*Alto*) Eu sempre lh'o disse

Rui-Galvão—O que disse o senhor Barnabé!

Barnabé—Que não podia deixar de ser, que o senhor Duque de Bragança havia de ir para Madrid, que cá a menina por fim havia de casar com o irmão do senhor Secretario, e que D. Jeronymo não era senão uma criança. Não é verdade, Custodio, que ainda hontem lh'o disse a elle mesmo na sua cara, aqui, n'este casa?

Rui-Galvão—N'esta casa! Como assim, Custodio?

Custodio—Senhor?

Rui-Galvão—Que quer isto dizer? Pois D. Jeronymo atreveu-se a pôr os pés aqui? Temos traidores dentro d'estas paredes, Custodio?

Custodio—Se os ha, não sou eu, senhor.

Rui Galvão—E quem senão tu, indigno, quem?—Barnabé! senhor Barnabé Fulgencio!...

Barnabé—Que manda, meu senhor?

Rui-Galvão—Aqui, n'esta, casa, hontem viu vossa mercê a D. Jeronymo de Atahyde, o filho de D. Philippa?

Barnabé—Aqui?... Eu parece-me... talvez me eu enganasse...

Rui-Galvão—Fale a verdade ou n'este momento o faço caminhar para uma tôrre, como traidor. Fale: viu aqui D. Jeronymo? Estava com a minha sobrinha? Diga ou...

Barnabé—Eu, senhor, eu... eu creio que o vi ..

Rui-Galvão—Aqui?

Barnabé—Aqui... foi não posso negál-o já'gora. Mas peço-lhe que .

Rui-Galvão—Basta. Custodio, agradeça á memoria de meu irmão e á consideração que ainda quero ter com esses cabellos brancos não lhe dar outro castigo. Dentro de uma hora fóra de minha casa.

Custodio—Esta casa, senhor Rui-Galvão, é de minha ama, e. .

Rui-Galvão—E n'esta casa govérno eu, e el-rei nosso senhor n'esta terra, senhor Custodio. Dentro de uma hora, tenho dito. Esta noite minha sobrinha hade ficar casada.

SCENA VII

CUSTODIO, BARNABÉ

Custodio — Estamos-lhe muito obrigados, senhor Barnabé, minha ama e eu.

Barnabé—Oh Custodio, meu Custodio, um lapso fatal: *lapsus linguæ!* Valha-me Deus! Mas Rui-Galvão é um homem terrivel! Jesus, que fui eu dizer! —Porém, Custodio meu, quem vos manda a vós, sendo *custos pecudis?*...—Olhae, eu não sei o que digo...

Custodio—Não sabe, não; por isso nos deitou a perder.

Barnabé—A perder! Oh ingrato Custodio! Salvei-os. Salvei D. Leonor, salvei-te a ti proprio, desagradecido Custodio Os Atahydes estão em terra, elles, e toda a sua adherencia. O Duque parte para Madrid, a cousa não se faz, e portanto, é bem claro que...

Custodio—A cousa... (*A'parte*) Ai meus peccados, porque bôcas anda isto já! (*Alto*) A cousa! O quê... o casamento?

Barnabé—Não, esse faz-se e deve se fazer; não ouviste! A outra cousa... aquella... (*Com ar mysterioso*) E ainda bem que se não faz! Os castelhanos têm muita fôrça, e el-rei D. Philippe é adorado... Ora isso! O melhor dos principes, (*delicias patriæ.*) O nosso Tito, o nosso Vespasiano!—Meu Custodio, é ter paciencia, e deixar ir o mundo por onde elle quer ir. Eu vou-me preparar para voltar logo á voda d'esta noite. E deixae estar: eu valho alguma coisa com Rui-Galvão; o negocio hade se compôr, e ainda haveis ficar mórdomo. Hein, senhor Custodio! A pechincha era boa, custava a largar. Pois não a haveis de largar; fica por minha conta

SCENA VIII

CUSTODIO, *e logo* LEONOR

Custodio—Bobo miseravel, infame egoista! Aqui está a que se reduziram os portuguezes, em que se tornou essa gente tam nobre, tam valente!—Vamos! Veremos esta noite. Póde ser... E a minha rica menina! vou avisal-a do que se passa.

Leonor, (*sahindo*)—Já sei tudo. Vae ter com D. Jeronymo, dize-lh'o. E dize-lhe que não receie, que eu estou resolvida a morrer portugueza e livre. Va;

ACTO SEGUNDO

Sala antiga em casa de D. Philippa de Vilhena.—As paredes são adornadas de retratos grandes em corpo inteiro de guerreiros, donas, bispos, frades. A um lado um docel com um bufete coberto, e uma cadeira de espaldar, como é stylo nas casas dos grandes do reino. Debaixo do docel pende uma grande moldura dourada, que em vez de painel tem um panno preto.—No fundo uma larga porta fechada, ou aberta com tapeçarias.

SCENA I

D. Philippa, *só, trabalhando na sua almofada de renda.*—E meus filhos, que não chegam! E' tam tarde!... Jesus! faria eu bem em consentir n'isto? Tam crianças, tam sem experiencia. . Jeronymo! Ai, Jeronymo principalmente .. E' mais velho, mas aquella cabeça... Meu Deus, que muito custa... (*Ouve-se dentro ruido*) Que é?... Ah, são elles. Meus ricos filhos! (*Corre para o lado da porta da entrada.*)

SCENA II

D. JERONYMO, D. PHILLIPPA

D. Jeronymo, *apressurado.*—Minha mãe!

D. Philippa—Meu filho, meu filho, que é?... Qu'é de teu irmão?

D. Jeronymo—Está bom. Tudo optimo, tudo vae bem. Socegue. Mas eu... Minha mãe, oiça. .

D. Philippa—Teu irmão aonde está, onde o deixaste? E tu porque vens tam tarde? Filho, não sabes a impaciencia em que eu vivo?... Dize-me...

D. Jeronymo—Meu irmão ficou em casa de Antonio Telles com Fr. Luiz da Cunha, com os Almadas, com toda aquella gente. Ahi vem já. Eu vim adiante, porque...

D. Philippa—Que tens tu? Estás tam inquieto .. tam sobresaltado? Tu enganas-me, Jeronymo; alguma coisa succedeu. Dize a verdade. Descobriram-nos? Prenderam alguns dos nossos? Houve traição? Dize, dize a verdade; quero antes saber a verdade do que isto...

D. Jeronymo—A verdade, minha mãe, é que tudo vae bem, ás mil maravilhas. Estamos certos, certos de acabar esta noite com os castelhanos, e com o Vasconcellos, o mais maldito e esconjurado d'elles todos .. Dou-lhe a minha palavra, socegue. Agora alli em casa dos Almadas se acabou de vêr e decidir tudo. Está tudo, tudo prompto. João Pinto Ribeiro fez uma falla, oh! que falla. Minha mãe, elle não é fidalgo, mas sempre é um homem!

D. Philippa—Fidalguia ou nobreza não está no sangue, meu filho, está na creação, está nos sentimentos d'alma. O que está no sangue é a obrigação de ser nobre. Quando se diz de um homem, de uma familia que é muito nobre, muito illustre, quer dizer: que tem obrigação de o ser. E tanto maior é a obrigação, quanto é mais honrada a fama d'aquelles de quem vimos.

D. Jeronymo—Assim diz o João Pinto; e o outro dia saltou com aquelle pateta do D. Abbade, e disse-lhe — que foi bonita palavra! — «Tem razão, «senhor D. Abbade; a minha nobreza é o menos «antiga que é possivel: começa justamente agora «em mim quando acabou em vossa senhoria.»

D. Philippa—Assim é, filho. Mas não se desavenham elles com essas coisas.

D. Jeronymo—Nada, nada, não tem perigo

D. Philippa—E da ida de Vasconcellos a Setubal, que dizem?...

D. Jeronymo—Elle foi .. foi para mandar vir tropas do Alemtejo. Mas não chega a tempo.

D Philippa—E o Duque?

D. Jeronymo—O Duque fingiu que se punha a caminho para Madrid, e que queria obedecer ao chamamento d'el-rei Philippe; mas não parte e está d'accordo.—Não ha duvida, minha mãe. Olhe: Jorge de Mello, Estevam da Cunha, Antonio de Mello e Castro são bastantes, com a sua gente, para segurar as tropas castelhanas; Miguel de Almeida, a guarda allemã do paço...

D. Philippa—E então é?...

D. Jeronymo—Esta madrugada;—ao romper d'alva tudo ha de estar acabado.

D. Phillippa—Oh meu Deus!

D. Jeronymo—Cada um de nós tem os seus logares assignalados. Oh que dia, que dia amanhã, minha querida mãe!

D. Philippa—Ai meu filho! mas que noite esta! Deus te abençoe, meu filho. . (*Abraçam-se; D. Pilippa esconde algumas lagrimas involuntarias que lhe arrazam os olhos*).

D. Jeronymo—Minha mãe ..

D Philippa—Meu filho...

D Jeronymo—Se eu...

D. Philippa—Se tu quê, filho?

D Jeronymo—Se eu não chegasse a vêr... o nosso triumpho...

D. Philippa—Tambem eu o não vejo... (*Com resignação—e com lagrimas na voz*). Bem do coração vos offereço, filhos... no altar da patria: mas

FILIPPA DE VILHENA — É a espada de teu pae, meu filho!... PAG. 668

Acto II — Scena VI.

se ha um que caia no sacrificio... não lhe sobrevivo eu... não, não de certo...

D. Jeronymo—Não diga tal, minha mãe. Mas se fôr eu, se Deus tiver disposto da minha vida... Oh mãe, bem sabe o que eu cá deixo... Minha prima Leonor...

D Philippa (*com ternura e como quem dá a sua palavra.*) — Hade ser minha filha... sim... sim... Não falemos n'isso.

D. Jeronymo — Falemos antes, minha mãe. Sabe o perigo em que ella está? sabe que mau parente que é o tio, o tutor, que é um tyranno, que tem jurado perdel-a...

D. Philippa—Sei, mas não hade ser assim, filho. Deus hade permittir que vençamos, e que tu vivas. Oh! eu tenho confiança, tenho fé, meu filho... Pensemos só n'isto e animo!—Eu vou cuidar do que aqui é mais necessario. São horas. Não podem tardar os nossos amigos... Não é assim?

D. Jeronymo—Hãode estar a chegar.

D Philippa—Bem. Oh lá! (*Bate as palmas, e entram criados.*) Accendam as luzes todas... na capella tambem. Já venho, meu filho.

SCENA III

D. JERONYMO, CRIADOS

D Jeronymo—Minha querida mãe!

Criado, (*entrando com luzes*)—Senhor D. Jeronymo, um criado, que não quiz dizer o seu nome (mas é cara conhecida) que lhe quer falar com muita pressa...

D. Jeronymo—Eu vou.

SCENA IV

CUSTODIO, D. JERONYMO E DITOS

Custodio (*entrando*)—Vou entrando, não ha tempo a perder. Senhor D. Jeronymo...

D Jeronymo —Custodio, tu aqui! que é, que novidade?... que succedeu?—Retirem-se. (*Aos criados, que se vão.*)

Custodio—Despediu-me o senhor Rui-Galvão, expulsou-me de casa.

D. Jeronymo—Tens esta: fica, emquanto eu viver ou minha mãe...

Custodio—D'isso estou eu certo. Oh sim!—Mas não é isso.

D. Jeronymo—Então que é?

Custodio—A minha rica menina, sua prima D. Leonor...

D. Jeronymo—Que é? dize.

Custodio—Esta noite, a querem...

D. Jeronymo—A querem o que?... Esta noite... (*Sorrindo.*) hãode elles...

Custodio—Hãode casál-a por fôrça —Já lá está padre... Padre! Eu sei cá, algum scismatico! Um maldito excommungado d'um frade castelhano!... E padre, e capella prompta, e o noivo não tardará.—E esta noite a casam, oh, sem remedio... pobre menina!

D. Jeronymo (*perturbado*)—Casam-n'a esta noite, dizes tu?.. sim, sim... com quem?

Custodio—Com quem hade ser! Com o irmão do Vasconcellos: pois então?...

D. Jeronymo (*inquieto*)—Maldito (*Passe a pensativo; e depois com resolução*) Custodio, tu tens amor, tens amizade como de pae, a minha prima: não é assim?

Custodio—Trouxe-a n'estes braços, menino!

D. Jeronymo—Sabes que nos amâmos desde o berço, que seu pae, teu amo, nos destinou um para o outro, que ella é já como minha mulher deante de Deus, que, por nos vêr ambos crianças o infame do tio zombou de nós, e para seus vis interêsses me quer roubar a mim a espôsa, e vender a sobrinha aos renegados a quem já vendeu a alma?

Custodio—Tudo assim é. Mas que lhe havemos de nós fazer agora.

D. Jeronymo—Havemos de salval-a.

Custodio—Como, quando, se esta noite,—d'aqui, eu sei!... d'aqui a tres, quatro horas, estará casada?

D Jeronymo—D'aqui a tres horas?

Custodio—Para o romper da manhan é que estão dadas as ordens todas. Não sei se tardará tanto. Isto são...

D. Jeronymo (*indo ao bastidor*)—São tres horas da noite n'aquelle relogio. Amanhece ás...

Custodio—A's cinco e meia é quasi dia, d'aqui a duas, tres horas o mais tardar.

D. Jeronymo—Antes d'isso. D'aqui a uma hora, heide eu.. Vae para casa.

Custodio—Para que casa, senhor?

D. Jeronymo—Para casa de Leonor. Dize-lhe que. .

Custodio—O quê, senhor!... Não lhe disse? ..

D. Jeronymo—E' verdade, que te despediram. Bem sei. Não importa. Os outros criados conhecem-te, e têm-te respeito. Vae, introduze-te em casa, e abrir-me-has a porta do jardim. D'aqui a uma hora lá estou.

Custodio, (*offendido*)—Menino!...

D. Jeronymo—Não ha outro modo. E' alli defronte: eu n'um instante me avio d'aqui, e estou lá... ás quatro.

Custodio—Lá aonde, senhor? Entrar em casa occultamente de noite! Pôr em risco a honra de sua prima, diffamál-a!...

D. Jeronymo—Olha, Custodio, eu sou uma criança, mas adivinha-me o coração que Deus me deu, que em lances apertados, como este, não se attende a essas coisas. Só eu a posso salvar, só tu me pódes ajudar. Vae, se lhe tens amor, se te lembras de teu amo e do que prometeste, vae, vae já. E se não...

Custodio—Vou, senhor, tem razão. Mas...

D. Jeronymo—Ouve. (*Fala-lhe ao ouvido*) E então agora, ainda tens escrupulos?

Custodio (*doudo de alegria*)—Nenhum —Esta noite, ao mesmo tempo?

D. Jeronymo (*com enthusiasmo*)—Sim. Ambas ao mesmo tempo, a espôsa e a patria.

Custodio (*cahindo de joelhos*)—Quero beijar estes pés! Deixe-me.

D. Jeronymo (*levantando-o*)—Um abraço do coração, aqui, no meu peito. (*Abraçando-o*) Meu Custodio!

Custodio—Senhor D. Jeronymo!

D. Jeronymo—Adeus.—Vae-te. (*Vae-se Custodio, depois de olhar muitas vezes com enthusiasmo e ternura para D. Jeronymo.*)

SCENA V

D. JERONYMO (*só, pensativo alguns instantes*)

Oh! meu Deus, meu Deus, a tua mão está sôbre nós! Como eu cresci, como me achei homem de repente! Hontem era uma criança, hoje muito em mim, sinto n'este corpo, n'esta alma como um sêr novo e de homem feito as grandes coisas, e capaz d'ellas. E' um milagre teu, oh meu Deus! são as orações de minha mãe. O espirito de meu pae desceu do céo e veiu unir-se ao meu, trazer-lhe toda a fôrça e virtude que faleciam n'uma criança chamada pela divina providencia a tomar parte em tamanhas acções. Oh! que havemos de vencer! Quem não vencerá com tal auxilio—Minha Leonor, minha mãe, como as eu heide abraçar! E eu a dizer: «Então Jeronymo é uma criança! hein! Não póde com a espada do pae?» Oh! meu Deus!—Ah! elles ahi vêm todos... minha mãe, e todos elles!...

SCENA VI

D. FRANCISCO *que vem abraçar a* D. JERONYMO. D. PHILIPPA, DAMAS, CAVALHEIROS, CIDADÃOS *e* HOMENS DO POVO, PAGENS, *etc.— Correm se as cortinas do fundo, vê-se um altar com luzes. Sobre o altar espadas, a um lado peças d'armadura, etc.*

D. Philippa—Meus amigos e meus parentes, eu sou uma pobre viuva a quem Deus privou de toda a fôrça e amparo n'este mundo. E sou mãe, e tenho estes filhos, tam tenros ainda, que proteger; e a memoria e o nome de meu marido que honrar. Mas Deus, que me deixou a fé para crêr, e a esperança para confiar n'elle, que me deixou este coração de mulher portugueza aqui no peito, não me hade faltar com outro amparo e fortaleza que não é d'este mundo, e vale mais, e póde mais. Não se dirá que uma Vilhena faltou aos encargos de honra que lhe impunha o nome dos Atahydes a quem está ligada, e que a prematura morte de seu marido lhe deixou sôbre os hombros A patria precisa, de todos Sacrifiquemos todos, tudo. Eu dou mais do que ninguem. Aqui estão os meus filhos. Não tenho mais nada. . (*Levanta-se e toma os filhos pela mão*)—Meus filhos! (*Abraça-os*) ajoelhae. Aqui estão no altar de Deus e da Patria .. victimas innocentes e puras! Acceitae-as, meu Deus!... e dae-nos a victoria! .. Vão banhadas com algumas lagrimas, que se não podem contêr no coração .. Perdoae-m'as, Senhor. Sou mãe, e estes são os meus filhos... (*Péga na espada que está sôbre o altar, e volta-se para o ajuntamento*) Senhores. é uma espada na mão de uma mulher que mal póde com ella. Mas amparam-me estes retratos que me estão vendo; e aquella Cruz, d'onde nos está abençoando o auctor de toda a fôrça, o dispensador de todo o podêr, anima o braço e o coração da fraca mulher.—Ajoelhae, meus filhos. Vossos avós foram armados cavalleiros nos campos de batalha por braços de reis, com as espadas de grandes capitães. Vós, criancinhas, (*tremendo-lhe a voz com chôro*) e vossa mãe que ainda hontem vos accalentava, vossa mãe que lhe treme o braço, que lhe rebenta o chôro dos olhos, que aqui está sustida d'uma fôrça sobrenatural que ella mesma não comprehende... Arma-vos vossa mãe, filhos, e sereis tam bons cavalleiros como os que vos precederam, porque eu tenho fé, (*com fôrça*) porque chamo por Deus em cujo nome vos dou estas armas, e vos digo—D. Jeronymo d'Atahyde, D Francisco Coutinho, em nome de Deus e de vossos avós, eu vos armo cavalleiros. Tomae esta espada, e não vos sirvaes d'ella senão para defender a religião, a patria, a liberdade do povo e os vossos legitimos reis. (*Dá-lhes com a espada no hombro; os pagens lhes calçam as esporas, e D. Philippa lhes cinge depois as espadas. A mãe abraça-os, dizendo com lagrimas na voz*) Abraçae-me, meus filhos.

D. Jeronymo—E'sta espada! . .

D. Philippa—E' a espada de teu pae, meu filho!... Mal podes com ella ainda. (*Revendo-se no filho*)

D. Jeronymo (*com o maior enthusiasmo*)—A espada de meu pae!... Posso. (*Brandindo-a*) Vêde se posso. Deus bem sabe que eu sou o mais velho dos Atahydes, que era preciso dar-me fôrça mais cedo. —Tyrannos da minha patria tremei.—Meus amigos, a victoria hade ser nossa Oh minha mãe, se eu voltar, heide vir digno d'esta espada.

D. Philippa—Não façaes caso das minhas lagrimas, filhos.—Vencei, vencei, e se a vossa glória não for d'este mundo, oh! ir-nos hemos abraçar no céo!

D. Jeronymo e D. Francisco, tomando-se dos braços, e com as espadas na mão, vêm ajoelhar-se deante de D. Philippa, a quem beijam solemnemente a mão. Levantam-se, ficam no meio da scena sempre abraçados e alçando as espadas.

D. Jeronymo—Meu irmão, já somos homens. Minha mãe, a nossa infancia acabou: esta hora valeu por muitos annos de vida. Amigos, estas duas crianças a quem despiram quasi as mantilhas para lhes vestir a armadura, os dois filhos de D. Philippa de Vilhena hãode ficar na historia de Portugal em memoria e exemplo ás edades futuras. Nós o jurâmos: oh! por vós minha mãe, por vós retratos de nossos antepassados que nos estaes vendo, por esta espada de meus avós, por essa Cruz do Salvador, vivos ou mortos, os filhos de D. Philippa de Vilhena hãode triumphar.—Ao romper d'alva, meus amigos! ao romper d'alva. Esta aurora traz liberdade, vamos encontral a.

Todos—Vamos.

ACTO TERCEIRO

A mesma vista do primeiro acto

SCENA I

Ninguem na ante-scena: pouca luz. Por uma porta, que está aberta, se vê uma mesa de banquete ricamente adereçada e allumiada; sentados á roda RUI GALVÃO, D. LEONOR, FREI JOÃO, BARNABÉ, LUIZ-CORRÊA, *e os convidados em alegre conversação: o* TABELLIÃO.

Barnabé (*dentro*).—A' saude dos preclarissimos esposos e do illustre tutor—e da tutella e mais da curatella!.. E viva el-rei nosso senhor.. el-rei D. Philippe ou el-rei D. João? Porque não hão de viver ambos? O mundo é para todos! Paz e concordia entre os principes christãos. (*Todos no proscenio.*)

Rui-Galvão—Levem d'aqui esse homem, que está indecente, está embriagado...

(*Levantam-se todos: os creados querem levar Barnabé, que resiste*)

Barnabé—Estou perfeitamente bom. Deixem-me...

Rui-Galvão—Vamos a este acto solemne.

Barnabé—E augusto.

Rui-Galvão—Cale-se, ou faço-o pôr no meio da rua.

Luiz-Corrêa (*a meia voz*)—E' melhor atural o aqui do que deixal-o ir para a rua no estado em que elle está. Do modo que anda o povo, basta a voz de um louco, de um homem embriagado como esse, para fazer uma desordem.

Rui-Galvão—Senhor tabellião, vamos ás escripturas.

Tabellião (*pegando em papeis, e folheando*)—Já todos ouviram e approvaram; só falta a senhora D. Leonor, a quem vou dar conhecimento do acto...

Dona Leonor—Ha de estar perfeito, não preciso vêr ..

Tabellião—Então assigna?...

Dona Leonor—Não.

Rui Galvão—Leonor.

Luiz-Corrêa—Senhora!

Dona Leonor—Cortada tenha eu a mão com que tal assignar.

Rui-Galvão—Quer assigne quer não, Leonor. O se-

nhor Luiz-Corrêa já assignou as contas da tutella, que por ordem superior estão approvadas e correntes. Não me importa que assigne a escriptura. A capella está prompta, as testimunhas aqui estão. Fr. Juanito, los nobios estan impacientes Vamos! (*Quer dar a mão a Leonor; todos se encaminham para os acompanhar.*)

Dona Leonor — Deixe-me, meu tio. Já lhe declarei que não consentia n'este casamento; á face de todos estes senhores que me ouvem, na presença de um que se diz ministro do altar, protesto solemnemente que não quero, que não posso, que não heide consentir nunca em similhante consorcio.

Barnabé (*aparte*)—Chucha! Que tal é a menina!

Rui Galvão — Minha querida sobrinha, o seu consentimento era uma formalidade agradavel que nós desejavamos dar a este acto; mas engana-se se cuida que é essencial e indispensavel para elle. As ordens de Sua Magestade supprem todos os defeitos canonicos.—Não é assim, padre Fr. João?—E a minha auctoridade de tutor basta para o mais.—Meus senhores, para a capella. Leonor, a sua mão.

Dona Leonor—Meu tio, meu tio, repare bem na infamia que quer fazer! Reflicta bem na vilania d'esse procedimento! Não sabe que... infelizmente, meu tio!... o meu sangue é o seu, e a sua familia a minha? E com a sombra, com o phantasma de uma ceremonia van de casamento, que é nullo, nullo, porque eu não consinto, não heide consentir nunca — quer entregar sua sobrinha, a filha de seu irmão, á deshonra, á infamia, porque eu não quero ser, não heide ser jámais a mulher do senhor Luiz-Corrêa.. E meu tio quer?... Senhores, e vós todos, que aqui estaes presentes a este acto de vergonha e de opprobrio—vós consentireis que assim se violente, assim se deshonre uma donzella nobre e honesta? Tendes ahi espadas á cinta, sois cavalleiros, presumis de fidalgos, e não vos correis do vil papel de rufiões que estaes fazendo? Muito é o poder da tyrannia, que assim acobardou e envileceu o generoso animo dos portuguezes!

(*Ha um rumor entre os convidados, como de quem se consulta e hesita.*)

Rui Galvão—Ora, pois, minha sobrinha é uma Donzella Theodora de discrição. Cautella, meus amigos, que nos não hallucinem esses discursos tam bem falados! Parece que não ha que responder áquillo... Não é assim... (*Signal de assentimento em quasi todos: Rui-Galvão continúa, arrastando as palavras.*) Vejamos: tenho aqui um certo pergaminho que me chegou hontem de Madrid... (*Signal de temor e submissão em todos*) e que é assignado (*Faz uma reverencia*) Yo el Rey. Ora creio que este pergaminho...

SCENA II

DITOS *e* UM CRIADO, *entrando apressurado*

Criado—Senhor, senhor... um porteiro d'acavallo, que chega do paço, e vem a toda a pressa...

Rui-Galvão—O quê?... O que é?... Que traz?

Criado — Vem avisar a vossa senhoria, e ao senhor Luiz Corrêa, e a todos os senhores, que sem mais detença corram logo, logo ao gabinete do senhor Secretario ..

Rui-Galvão—Que será... Meu Deus!

Luiz Corrêa—Partamos!

Todos—Vamos! (*Vão-se todos.*)

SCENA III

DONA LEONOR, *e depois* RUI-GALVÃO, *que volta*

Dona Leonor (*aparte*) — Santo Deus, se estará descoberta a!...

Rui-Galvão—Leonor, dá-me a sua palavra?...

Dona Leonor—Nenhuma palavra.

Rui-Galvão — De que emquanto não volto, não hade...

Dona Leonor—Não heide o quê?...

Rui-Galvão—Fazer coisa alguma... que... que... que lhe fique mal?

Dona Leonor—Precisa da minha palavra para isso? Faz-me vergonha devéras, meu tio.

Rui Galvão—Não é que eu duvide...

Dona Leonor — Vá, senhor, vá; e agradeça a Deus que lhe dê tempo para reflectir na sua cegueira. Vá, e... (*Como quem lhe sobreveiu uma ideia repentina, que a enternece.*) Meu tio, olhe o que faz... não se acabe de perder. .

Rui-Galvão—Que queres tu dizer, que significam essas palavras ditas de um modo?...

Dona Leonor (*aparte*) — Meu Deus! não posso, não devo dizer-lh'o... (*Alto*) Adeus, meu tio!

SCENA IV

RUI-GALVÃO, BARNABÉ *e* DONA LEONOR

Rui-Galvão — Adeus!... Que mysterio ha aqui... Barnabé?

Barnabé (*sahindo de dentro*)—Meu fidalgo...

Rui-Galvão—Oiça. (*Fala-lhe ao ouvido.*)

Barnabé—Vá descançado, que aqui fica um homem.

Rui-Galvão—Sentido!

Barnabé—Cinco sentidos!

SCENA V

BARNABÉ, DONA LEONOR

Barnabé — Cinco sentidos são elles. O primeiro é vêr, que não vejo senão candeias ás avessas. O segundo é ouvir, que tenho uma zoada n'estes ouvidos, como se me estivessem a emborcar um tonel de batoque destapado aqui pelas orelhas abaixo. Cheirar, cheirar é—pois não é o terceiro?—cheirar-me tudo a .. poh, poh! a camoezas do termo. O quarto... o quarto é apalpar; e eu apalpo, apalpo... bojos de garrafão... collos de... nedeos collos de garça de botelhas... Pois está dito; não estou lá muito forte nos primeiros quatro. Mas o quinto, isso então... o quinto é gostar... oh, se gósto! (*Mascando*) gósto.. (*Vae buscar uma garrafa á meza*). Está apurado o gostar, tam apurado, que é mesmo... Senhora D. Leonor... viva vossa, vossa exce .. excellencia; é a Excellente Senhora mesmo ao proprio, que assim andou casa não casa, e por fim não casou nem teve casa, que é o que me parece que hade succeder a vossa .. A' sua saude, minha senhora!

Dona Leonor (*olhando para elle com desprezo*) — E' o guarda que me deixaram! Felizmente.

SCENA VI

DONA LEONOR, BARNABÉ, CUSTODIO
Entrando embuçado e devagar

Custodio—Sahiram todos... ficou só este ridiculo. Inda bem! Senhora D. Leonor...

Dona Leonor (*sobresaltada*) - Quem é? Affaste-se. Não estou só. Barnabé?... miseravel glutão!... levante-se. Não vê? ..

Barnabé—Vejo, vejo tudo, mas faço que não vejo: póde continuar. Marotos de castelhanos! Pois que pensavam? Sou patriota, sim, senhor... Viva, viva .. quem vencer!

Custodio—Menina, deixe-o, deixe-o n'esse lethargo em que por fortuna o pozeram.

Dona Leonor — Ai, és tu, Custodio? Inda bem!...

Como entraste, e a que vens?... Oh! acode-me, leva-me d'aqui; seja para onde fôr... Leva-me d'aqui, por alma de meu pae, Custodio! Oh, e dize-me: D. Jeronymo, D. Jeronymo, que é feito d'elle? Sabes que vieram agora chamar meu tio do paço a toda a pressa, e a todos os que aqui estavam, para me violentar ao infame casamento? Foram-se n'este instante, deixaram-me respirar. Mas em que terrores fiquei! Não foi senão mudar a causa do susto; e não sei se é maior este. Descobririam elles... saberiam? Ai, meu Deus!...

Custodio—Não sabem nada. Deus véla sobre nós.

Dona Leonor—Mas que chamamento seria este?

Custodio — Estão desconfiados, e com medo: mas não sabem de quê. Têem determinado prender muita gente logo de manhan; e o chamamento é para concertar os modos e distribuir as ordens. Mas a manhan hade nascer com outra côr differente, se Deus quizer.

Dona Leonor.—E D. Jeronymo, meu primo, sabe o aperto em que eu estou? E poderá valer-me a tempo?

Custodio—Vamos a vêr (*Abre uma porta ao lado e entra D. Jeronymo*).

SCENA VII

DOM JERNYMO (*armado*), DONA LEONOR, CUSTODIO, BARNABÉ

Dom Jeronymo—Querida prima!

Dona Leonor—Primo, primo! (*Abraçam-se.*)

Barnabé — Que é lá isso! Vão-se-me dobrando os vultos... Por modo que já vejo tres. E oiço, oiço tambem não sei quantos. Bem dizia eu: cinco sentidos, não póde ser; só de vêr e ouvir, tenho eu mais da conta. Pois adeus! é que a erraram os padres da Companhia, que foi quem me ensinou a doutrina christan. Não me importa cá com isso.

Dom Jeronymo—Vamos! vem, vem commigo, Leonor; já, não percamos um instante; vem!

Dona Leonor—Que diz? Vamos!... Para onde? Eu fugir de minha casa, da casa de meu pae!

Dom Jeronymo—Não é a casa de teu pae, emquanto a devassarem traidores e rufiões. Já não tens pae, nem casa, Leonor. Tens só mãe, que é a minha, a minha querida mãe, que será d'ora em diante a tua. Vem.

Dona Leonor—Meu Deus, que lance este!

Dom Jeronymo — Se hesitas mais um momento estás perdida. Não tardam que não voltem, e...

Custodio—Parece-me que já os sinto.

Dona Leonor — Tambem tu, Custodio!.. tambem tu me aconselhas?

Custodio—E porque não, menina? E' sua tia, sua virtuosa tia; e esta casa é um covil de...

Dona Leonor — Tens razão. Mas para quando é a grande empreza?

Dom Jeronymo—D'aqui a minutos. Talvez não falte meia hora. Vamos!

Dona Leonor — E se Deus não abençoar as nossas armas, se os traidores vencerem, já previste, Jeronymo, o que este passo vae trazer sobre ti, sobre a tua familia? Oh, que me aterra esta ideia! Se elles vencerem, a casa onde me eu refugiei, tua mãe que me deu asylo...

Dom Jeronymo—Leonor, Leonor! minha mãe está disposta e resolvida a tudo. Minha pobre mãe, que teve animo para sacrificar seus filhos, que por sua mão nos armou ainda agora, e nos mandou a vencer ou a morrer .. que lhe importa minha mãe com mais esse compromettimento! Oh!. . se nós succumbirmos, Leonor, que importará?... Mas não havemos de succumbir... Deus é por nós, tudo por nós. Vamos, Leonor... Vou-te entregar a minha mãe, e corro a unir-me aos meus camaradas. Os instantes fogem, vamos!

Dom Leonor—É assim. Tambem eu tenho fé: Deus está comnosco; vamos, D. Jeronymo.

Barnabé—Vamos, D. Jeronymo! Isso agora já é sério. Alto lá! d'aqui ninguem passa.

(*Levanta-se com uma garrafa na mão, que brande como se fôra uma espada.*)

Dom Jeronymo—Arreda, sevandija.

(*Dá-lhe com o pé; cae Barnabé, que se agarra ás pernas de D. Jeronymo, o qual se esforça pelo sacudir de si. Ouve-se n'isto ruido de gente que entra.*)

Custodio—Estamos perdidos.

Dona Leonor—Os creados talvez, que despertaram!

Custodio—Dos creados estou eu seguro; todos nos ajudam. Mas este arruido é de...

Dona Leonor—São os passos de meu tio. Salva-te, D. Jeronymo.

SCENA VIII

DITOS, RUI-GALVÃO, *e logo mais gente que o acompanha*

Rui-Galvão, (*com a espada na mão*)—Vil seductor, morre!

Custodio, (*atravessando-se no meio e segurando-lhe o braço*)—Salve-se, D. Jeronymo; fuja.

Dona Leonor—Foje.

Dom Jeronymo (*desembainhando a espada*)—Fugir de quê? A mim, traidor; a mim, infame renegado!

Dona Leonor (*mettendo-se em meio*)—Meu tio, meu primo, por Deus! Primo, fuja...

Custodio—Senhor! (*Ouvem-se os sinos tocar de repente a rebate.—Custodio continua.*) Senhor D. Jeronymo, pela sua honra, pelo seu nome, por sua mãe, senhor, sáia d'aqui, vá com essa espada para onde ha gloria que ganhar com ella.... vá, por Deus, vá!

D. Jeronymo—Tens razão, vou.—Prima, adeus! Senhor Rui-Galvão, até já... Leonor, Leonor!..

Custodio—Por aquella porta, por alli.. A escada particular, a porta que dá para o becco está aberta. Corra!

SCENA IX

RUI-GALVÃO, CUSTODIO, BARNABÉ, etc

Rui-Galvão—Será sonho isto? Custodio aqui!. . Leonor, esta é a sua palavra?—Onde foi aquelle atrevido criançola? Que significa esta traição toda?... E estes sinos! (*Ouve-se tocar a rebate.*)

D. Leonor—Significa. . meu Deus! (*Ouvem-se tiros de mosqueteria.*) Quer dizer,—meu tio, meu tio, caia em si!... quer dizer que Portugal é Portugal outra vez, que acabou o reinado da tyrannia.

Rui-Galvão—Ah!... desgraçados!... (*A alguns soldados que entram*) Prendam esta gente á ordem de Sua Alteza, a Duqueza Regente, prendam estes traidores!... Miseraveis conspiradores que assim ..

SCENA X

LUIZ CORRÊA *e* DITOS; POVO, *de fóra*

Luiz-Corrêa—Está tudo perdido: fuja, ponha-se a salvo. O paço foi assaltado pelos conjurados. D. Miguel d'Almeida,—o traidor! chegou á janella com a espada n'uma mão, e a bandeira de Portugal na outra, gritando: «Viva o duque de Bragança!»

Barnabé, (*levantando a voz*)—Viva o duque de Bragança!

Criados, (*acudindo*)—Viva o duque de Bragança!

Rui-Galvão—Vil canalha!
Luiz Corrêa—Vil canalha será... é... mas assim lhe respondeu o povo todo...
Povo, (*de fóra*)—Viva o duque de Bragança, viva a nossa liberdade, viva o senhor D. João quarto!
Luiz-Corrêa—Ouve? Fujamos. O povo anda alevantado, esta casa hade ser das primeiras assaltadas Fujamos!
Rui-Galvão—E o castello? (*Ouve-se uma salva de artilheria.*)·
D. Leonor—Elle que lhe responde, meu tio, com as suas vozes de alegria.
Rui-Galvão, (*desanimado de todo*)—Estamos perdidos
Povo, (*de fóra*)—Morreu, morreu! Viva, viva!
D. Leonor, (*chegando á janella*)—Meu Deus, quem seria! Quem morreu, quem morreu, meus amigos?
Um do Povo—O traidor mór, Miguel de Vasconcellos, o secretario!
D. Leonor—Quem o matou?
Um do povo—Matou o quem o devia matar, nós todos.
O povo—Nós todos! Viva! Matámol-o nós. Viva!
Rui-Galvão—Não ha dúvida, estamos perdidos.
D. Leonor (*da janella*)—Dos nossos quem morreu?
Um do povo—Sois castelhanos ou portuguezes?
Outro do povo—E' a sobrinha do Galvão, de Rui-Galvão.
Povo—Morra o traidor! morra Rui Galvão!
D. Leonor—Sou filha de Pedro Gutterres, sou a espôsa de D. Jeronymo de Atahyde!
Povo—Viva D. Jeronymo de Atahyde.
Um do povo—Que é dos nossos... e um fidalgo portuguez ás direitas!
Povo — Vivam os Athaides, vivam os Vilhenas, vivam os portuguezes leaes! Morram os traidores!

SCENA XI

DITOS, D. PHILIPPA *e* DOM JERONYMO, *de fóra*

Dona Philippa — Minha sobrinha, minha filha.. abracêmo-nos, filha!
Povo (*de fóra*)—Morram os traidores!
Dona Philippa (*indo á janella*) — Aqui não ha traidores .. só se fôr eu. Eu, Dona Philippa de Vilhena, que por minha mão armei os meus filhos para os mandar morrer por vós.
Povo—Viva Dona Philippa de Vilhena!
Um do povo—Viva Dom Jeronimo de Athahyde.
Povo—Viva!
Dom Jeronymo (*de fóra*)—Viva a patria, meus amigos, viva o duque de Bragança, viva o nosso rei Dom João IV, viva a nossa liberdade! Leonor, Leonor! Minha mãe!
Dona Leonor (*abraçando-se com Dona Philippa e falando da janella*)—Oh, minha mãe! E' elle, está vivo, está vivo! Não posso resistir a esta alegria. (*Entra e senta-se.*)

SCENA XII

DITOS *e* DOM JERONYMO *entrando, seguido de cavalheiros e homens armados*

Dom Jeronymo — Minha mãe, minha querida mãe! (*Cae de joelhos deante da mãe, beijando-lhe a mão.*)
Dona Philippa (*depois de o abraçar e beijar, toma a mão de Dona Leonor e lh'a dá a beijar*)—E esta mão não se beija, Dom Jeronymo?
Dom Jeronymo—Oh, minha mãe! Oh, Leonor!
Barnabé, *que apparece armado de uma farruncha velha, põe-se de sentinella a Rui-Galvão e faz continencia a Dom Jeronymo*—Meu capitão, meu general, meu mestre de campo! que ordenaes d'estes prisioneiros?
Rui-Galvão—Faltava este derradeiro coice do asno!
Dom Jeronymo—Arreda-te, sevandija. Aqui está o patriotismo e o valor de tanta gente que eu conheço... Depois do perigo... é isto que se vê.— Meus senhores, os inimigos acabaram—estão vencidos. Descançae, em minha casa tereis asylo seguro emquanto o povo alvorotado não póde comprehender que a generosidade depois da victoria é a maior prova da justiça da causa que venceu. Mas o povo portuguez é naturalmente generoso e leal; na febre do seu enthusiasmo, podem illudil-os os falsos aduladores que para seus fins o excitam, mas o delirio não dura. Resignae-vos, e obedecei á vontade da nação, que é a de Deus, porque é justa e é forte.
Povo (*de fóra*) — Viva Dom João IV! Viva a nossa liberdade!
Dom Jeronymo — Minha mãe! Minha Leonor! Senhores, ouvis estes bravos? Vêdes como andam juntos na bocca e no coração dos portuguezes o amor do seu rei e da sua liberdade? não se encontra um sem o outro, um se augmenta com o outro. Meus amigos, viva a casa de Bragança que nos traz os nossos reis naturaes, e que nos restitue a santa monarchia de Ourique, em que o povo sempre ha de amar os seus reis, porque os seus reis hãode amar a liberdade. E senão...
Todos—Senão, não.
Dom Jeronymo — Senão, não. Viva a casa de Bragança! Viva a nossa liberdade!
Todos—Viva!

O ALFAGEME DE SANTAREM

Quiz-se pintar n'este quadro a face da sociedade em um dos grandes cataclysmos por que ella tem passado em Portugal. O pintor isolou-se de todo o sentimento e sympathia — paixões politicas, não as tem — para vêr e representar, como elles foram, são e hão de sempre ser, os dois grandes elementos sociaes, o popular e o aristocratico. Tomou para primeira luz do quadro as principaes figuras da interessante anecdota da espada de Nun'Alvares Pereira e da prophecia do alfageme de Santarem, tão sinceramente contada n'aquelle ingenuo estylo patriarchal da primeira *Chronica do Condestabre,* d'onde passou depois para os historiadores e poetas que a repetiram.

O fundo e accessorios do quadro têem o mesmo caracter de desenho e de côres.

Em Fernão Vaz, o alfageme, e na sua gente, Gil Serrão, Braz Fogaça, etc., estão os populares com todos os sabidos defeitos e com todas as inquestionaveis virtudes da classe. Nun'Alvares Pereira é o bello-ideal da nobreza. Mendo Paes o typo de seu abastardeamento. No ultimo está a prosa torpe das revoluções, nos outros a poesia d'ellas.

Froilão-Dias é o homem sincero do passado, e o ministro da paz e da verdade, porque é verdadeiro ministro de Deus. Risonha com os pequenos, austera com os grandes, a sua voz clama sempre no deserto; — que não ha deserto mais surdo, nem mais cego tambem, do que a tumultuaria praça da revolta.

O amor é essencial parte do drama, porque o drama é a vida, e o amor a essencial parte da vida. Em Alda está o amor puro, e estrême de vaidade, muito menos raro na mulher que no homem, mas sempre raro. Em D. Guiomar o commum dos amores vulgares, cuja base de composição é a vaidade, e que segundo o temperamento ou o acaso deixam de preponderar mais ou menos o instincto sensual, assim se chamam depois criminosos ou virtuosos na estupida e falsa linguagem do mundo convencional.

Delineou-se este drama em meados de 1839, e effectivamente se compoz agora.

Bemfica, 1.º de Outubro de 1841.

O ALFAGEME DE SANTAREM

DRAMA

Pessoas: O Alfageme (Fernão-Vaz). — Nun'Alvares Pereira. — Froilão-Dias. — Alda. — Mendo-Paes — D. Guiomar. — O Alcaide. — Joanna. — Seraphina. — Côro das donzellas do Alfageme — Gil Serrão. — Braz Fogaça. — Côro dos serralheiros do Alfageme. — Povo
Damas e Cavalheiros de Santarem, Cavalleiros, pagens e homens d'armas de Nun'Alvares, aguazis do Alcaide
Logar da scena — A Ribeira de Santarem. — 1383-1385

ACTO PRIMEIRO

É no suburbio de Santarem, dito A Ribeira. *A' esquerda uma casa antiga, apalaçada, com vestigios de grandeza senhorial, mas muito arruinada, com escada exterior de pedra, descoberta e praticavel, e collocada de modo que os actores, quando descem, ficam com a face para o espectador. No alto da escada, patim com parapeito, e coberto com uma parreira.—A' direita uma casa abarracada mas vasta e bem reparada, em que estão os armazens e serralharias do Alfageme, cujas forjas accesas e trabalhando são visiveis para o espectador; a parte mais posterior da casa é mais antiga e acanhada, com só duas janellinhas agudas e porta no meio. No fundo Marvilla ou parte alta de Santarem. — Em baixo corre o Tejo. — Da esquerda vem a estrada de Lisboa pela direita se sobe para Santarem. — No meio da scena, entre as duas casas, alguma arvore.— E' de inverno. — A mesma vista em todos os actos.*

SCENA I

ALDA e GUIOMAR *no patim, encostadas ao parapeito;* o ALFAGEME *ás portadas de sua casa.* Coro de serralheiros e donzellas *do Alfageme, dentro.*

Ao levantar do panno, continúa a introducção na orchestra acompanhando o tinir das bigornas e o assoprar das forjas.

Alfageme (*dando a ultima demão a uma espada, canta estylo de romance popular antigo*)

Já lá vem o sol na serra,
Já lá vem o claro dia,
E inda o Conde de Allemanha
Com a... (*tosse*) hum, hum, hum!... dormia.

A trova diz: Allemanha;
Eu digo: Gallegaria...
Onde chegou Portugal
Mais a sua bisarria!

Côro

Onde chegou Portugal
Mais a sua bisarria!

Alfageme —

Mangas da minha camisa.
Não n'as chegue eu a romper,
Se em vindo...
Se em chegando o nosso infante,
Não ha aqui muito que vêr!

Côro

Deus nos traga o nosso infante
Que tem muito que fazer!

Alfageme (*falando*)—Muito que ver e muito que fazer! Ha como nunca houve, Gallegos, Castelhanos, scismaticos apossados de tudo... Estrangeiros senhores do reino... do reino e da rainha! E para nós, tributos não faltam.—Veremos, veremos, que isto não está para muito, e não tarda o dia de juizo. (*Canta*)

Quem não deve, não deve, não teme:
Espadas e lanças faz o Alfageme.

Côro

Quem não deve, não deve, não teme;
Espadas e lanças faz o Alfageme

Alfageme—E vamos a ellas, rapazes; fazer bem espadas, bem lanças, bem hachas, azevans e partazanas, que hão de ser muito feiradas, e cedo. Anno de safra para o alfagemes, meus amigos. Do modo que isto anda revolto!—E' trabalhar, rapazes.

Alda (*áparte para Guiomar*)—Tambem m'o adivinha o coração, que cedo havemos de ter grandes alterações n'esta terra. Quanto ha que el-rei falleceu, senhora D. Guiomar?

Guiomar—El-rei D. Fernando? Haverá... Estamos a 8 de dezembro. Elle morreu a 22 de outubro—é pouco mais de um mez. E já como esta gente anda sôlta e revolta!—A rainha D. Leonor por boccas do povo d'este modo! Não ha villão ruim que se lhe não atreva.—Ah! Ah! quem podéra...

Alda—E' villania. Uma mulher, uma senhora—rainha que ella não fosse—andarem-lhe com a vida por trovas e motetes! E Deus sabe quantos aleives, quantos falsos testemunhos por ahi não andam... (*O Alfageme entra para a sua casa.*)

SCENA II

ALDA, GUIOMAR

Guiomar—Lá isso!... Aquellas amizades com o conde Andeiro não ha negal-as; e muito mal lhe fazem a ella e a todos nós que seguimos seu partido Mas emfim ella é a regente do reino, que lh'o deixou el-rei no seu testamento e o reino é de sua filha.

Alda—N'essas coisas me não metto eu, que não entendo...—Vamos para baixo que está a manhã tam bonita. Mas afflige-me ouvir diffamar uma pobre mulher, talvez innocente. (*Vão descendo e falando, e ficam em baixo*). Ha de ser innocente.—E vêr andar revolvendo o povo com estes aborrecidos cantares... E este nosso visinho que me parecia homem serio e de outros pensamentos ajudando tambem... Não o esperava d'elle. Dizei-

lhe alguma coisa, senhora; fazei-lhe vergonha com isso, que vos ha de attender de certo; é homem que foi criado em vossa casa... que vos deve tanto...

Guiomar—Aonde isso vae!—Aqui foi nado e criado certamente; aqui o teve meu pae como a filho, que por tal lhe queria; e com meu irmão se criou, que é seu collaço, e ao trato e usos de cavalleiro se acostumou. Ninguem teve mais altos espiritos. Mas des que Deus levou meu pae, começou a enfadar-se da vida que levava e a dizer que não era para cavalleiro quem cavalleiro não nascera; que seu pae fôra alfageme, e elle alfageme havia de ser; que mais queria fazer armas para senhores e vender-lh'as como mercador, do que vender-se elle a si, para lh'as deixarem tratar como escudeiro e em dependencia de senhores;—que era pobre e queria ser rico, para não comer o pão de ninguem, mas o seu. E um dito d'elle de todos os dias era que - villão por villão, antes em sua casa, que na de seu sogro não.

Alda—Nobres espiritos tem.—Que pena!

Guiomar—Pena de quê? A sua fortuna foi essa teima em que persistiu. Foi-se ás forjas e ferramentas do pae, deixou todo o uso e trato de cavalleiro, começou a trabalhar por seu officio, e tanto lidou, que entrou a ganhar freguezia e credito, e hoje é o mais perfeito, e tambem o mais rico alfageme de Portugal.

Alda—Inda assim!

Guiomar—Vês aquellas casarias todas, com tanta forja a trabalhar, tanta gente occupada, tantos armazens cheios de armas de toda a sorte e valia?—Pois tudo isso tem elle feito. A casita do pae era só aquillo que se vê lá no canto, no fim, com a portinha baixa e duas janellas estreitas, que o filho não quiz mudar, nem pôr á feição do resto da casa, por honra e memoria do pae, diz elle.—E' um homem muito fóra do trilho dos outros; faz soberba e vaidade do que a mais gente se envergonha.

Alda—Já o vejo com outros olhos. Parecia-me de um trato tam...

Guiomar—Grosseiro... não?—E' fingido. Diz elle que para viver com os da sua egualha assim precisa. Não sei. Mas quado elle queria, não tinha a côrte d'el-rei D. Fernando mais guapo cavalleiro; nem se assenta, nas almofadas do estrado da rainha D Leonor, dama a quem seu galanteio não agradasse e desvanecesse.

Alda—Maravilhas me contaes do alfageme. Cuidei que lhe querieis mal: nunca lhe falaes, e elle apenas vos saúda de longe.

Guiomar *(estremecendo e corando)*—Eu! ..—Elle d'antes vinha aqui mais vezes. Mas... é um homem muito ás vessas dos outros; já te disse.—Desde que meu irmão... a nossa casa entrou a cahir de fortuna...

Alda—Por isso foge de vós?...—E tam brioso o dizieis?

Guiomar—Como não conheço outro.—Meu irmão que está em Lisboa, como sabes, em requerimento de serviços de nosso pae ha tantos annos, tem consumido, sem fructo, na dependencia da côrte o pouco resto de fazenda que nosso pae não perdêra no serviço d'el rei... que assim o tem pago a seus filhos!... Entrou a valer-se d'elle meu irmão... hoje devemos-lhe muito, uma quantia que nem eu sei. De protegido passou a protector. E se ainda moramos n'esta casa e lhe chamamos nossa, é mercê do alfageme, Alda. Teu tio, quando para aqui veiu para Santarem, que teu padrinho D. Alvaro lhe deu esta capellania de Santa Iria, por nos ajudar veiu morar comnosco. As rendas d'essa pobre capellania (abençoadas são ellas que para tanto chegam!) são quasi o unico rendimento de que hoje se sustenta esta casa, que já teve tanto e tanto deu. Tu estás aqui ha poucas semanas, cuidavas talvez...

Alda—Não cuido nada senão em vos servir, em vos agradecer de todo o meu coração, o amparo que achei n'esta casa quando, por morte de meu senhor D. Alvaro Gonçalves, o meu santo padrinho que está em gloria, fiquei tam sósinha, tam sem abrigo.

Guiomar—Pois que? Da Flôr-da-Rosa, d'aquella casa tam bemfazeja e tam rica, verdadeira casa de Hospitaleiros, te lançariam os filhos do Prior? Pedro Alvares Pereira, que é hoje o prior, em vez de seu pae, e todos elles, que são cavalleiros de tanto nome e de tam principal nobreza, te haviam de abandonar?

Alda—N'aquella casa em que nasci, morreria contente e satisfeita de minha situação humilde, alli passaria toda a vida sem desejar mais nem mais pretender, se .. se... mas como havia de eu ficar n'uma familia de mancebos, gentis homens, e que o mais velho não tem trinta annos? Não os terá Pedro Alvares, o prior, não.

Guiomar—O mais moço é D. Nuno: não é? que edade tem?

Alda—Dois annos mais que eu.—Bem vêdes que não podia ficar n'aquella casa. Em quanto viveu o santo Prior,—eu era criada em casa, filha do seu mórdomo, ninguem reparava em que vivesse alli entre os bons cavalleiros do Hospital uma pobre orphã a quem o mesmo D. Alvaro Gonçalves tratava por filha, e todos os seus filhos, todos os seus cavalleiros por irmã; mas depois que elle morreu, era outra coisa; senão fosseis vós e meu tio ficava sem abrigo—a triste orphã desvalida e dependente...

Guiomar—Dependente, filha! de quem? Já te confessei, com toda a sinceridade, que aqui não ha senão as paredes velhas d'esta casa, a que ainda chamámos nossa por mercê de Fernão Vaz o alfageme, de quem já tudo é, Alda; de quem e dos seus populares em breve será tudo quanto era da gente nobre d'esta terra, que elles crescem e nós minguamos. Toda a riqueza vae passando a mãos de villões...

Alda—Se elles trabalham tanto...

Guiomar—E nós ficaremos a pedir.—Meu irmão custa-lhe a dever estas obrigações .. péza-lhe estar em divida com um homem que já foi seu dependente.—Elle percebe-o, foge de o vexar, e por isso aqui não vem—Eis ahi está.

Alda—Honrado homem!

Guiomar—Bem o pódes dizer.

SCENA III

ALDA, GUIOMAR, ALFAGEME

Côro de donzellas do Alfageme, dentro.

Alfageme *(chegando á porta da sua casa vem cantando)*:

Quem não deve... não deve...

(Vê-as, pára de cantar e tira o barrete com muito respeito)

Deus vos salve, senhoras. *(Guiomar corteja com a cabeça.)*

Alda—Bons dias, visinho.—Muito occupado estaes hoje.

Alfageme—Hoje e sempre: é o meu officio, é a minha vida, é o para que vim a este mundo—para trabalhar. Já que é sina, quero cumpril-a alegremente.

Alda—Bem alegre, que tanto cantaes.

Alfageme—Cantar!... Musica de alfageme, solfa de ferreiro: é acompanhar o tinir da bigorna. Que hade a gente fazer?

Alda—Bem me agrada a musica e a toada; é singela e de folgar.—As letras que hoje cantastes é que...

Alfageme—As letras! Nem eu sei o que foi: algum romance velho que já se não usará de cantar por saráos de senhores—cousas cá da gente do povo; é o que nós sabemos.

Alda--Quereis que vos diga o que tenho no coração?

Alfageme—Para que.—Bem o sei.

Alda—Como sabeis?

Alfageme—Assim o não soubera!

Côro, (*dentro*)

Só se for o Conde Alarcos,
E esse tem mulher e filha!

Outras vozes

Ai rico pae da minha alma,
Esse é o que eu queria!

Alda (*perturba-se e córa, disfarçando e encaminha-se para a escada*)—E' um descante continuo n'esta visinhança... Não se póde.

Alfageme (*em acção de voltar para dentro*)—Já as farei callar...

Alda (*com enfado e subindo a escada*)—Para que? Que me importa?—Mas valha-me Deus! meu tio sem chegar! Vou vêr se...

Alfageme—Ahi vem elle descendo aquella encosta: não tardará aqui cinco minutos. Então não me dizeis o que tendes no coração?

Alda (*do meio da escada*)—Se o sabeis...

Alfageme—Dizei embora.

Alda—Outra vez será.—Meu pobre tio! Como elle ha de vir tolhido com tanto frio que faz! vou tratar de ter tudo prompto para o seu jantar (*Entra para casa; Guiomar a segue, mas fica no meio da escada.*)

SCENA IV

GUIOMAR, *do meio da escada*; ALFAGEME *de baixo*

Guiomar—Fernando?

Alfageme—Senhora D. Guiomar.

Guiomar—Sempre me haveis de falar assim?

Alfageme—Trato-vos como quem sois, com o respeito que vos devo.

Guiomar—Já me não deveis senão respeito?

Alfageme — Tudo quanto sou vos devo, e a vosso pae, senhora, e á vossa familia, d'isso me não esqueço um instante.

Guiomar—D'antes, Fernando, eram outras dividas as que vos pesavam mais no coração.

Alfageme — D'antes era outro tempo, senhora.— Aquelle Fernão Vaz que se atrevia a levantar os olhos para... para onde não devia, aquelle pobre escudeiro que tam mal cabido andava entre senhores tam altos e damas tam esquivas, morreu: —nem memoria d'esse louco deve ficar.—Vós, que tanta vez vos esquecieis d'elle em vida... para que vos lembra agora que está defuncto?—D'esse não sei nem eu já: agora só conheço o alfageme.

Guiomar—Se tam esquecido quereis estar do que fostes e da creação que tivestes — e tanta gala fazeis do trato grosseiro em que só vos daes por feliz, como vos deixaes tomar assim do amor de uma donzella que, se não é nobre, como tal foi creada e viveu sempre—rica só em prendas e donaires de senhora, feita para dama, e como tal havida e tratada sempre em uma das mais nobres e mais poderosas familias do reino, que ainda hoje a protege e tem por sua?—Alda é...

Alfageme—Alda é tudo o que dizeis, e muito mais ainda: é um anjo, um anjo de innocencia, de singeleza e bondade... Foi creada, como dizeis no meio d'essas tentações da grandeza—e da vaidade; mas não a desvairaram. Alda é do povo como eu; o meu amor não póde envergonhal-a. Quem me ha de impedir de a amar, de ser feliz em amal-a, de esperar, de procurar que ella acceite o meu amor? Um amor sem paixão para que dure—sem remorsos para que nunca amargue —Quem m'o hade impedir?...

Guiomar—Quem?—Se eu me quizera vingar de vós e d'ella com uma palavra podia.

Alfageme—Dizei-a por vossa vida.

Guiomar—Merecieil-o.

Alfageme—Dae-me o que mereço.

Guiomar—Não quero.

Alfageme—Porquê?

Guiomar—Porque ainda não é tempo. (*Sobe e entra.*)

SCENA V

Alfageme, *só*.—Esta mulher é má.—Agora conheço que nunca a amei, nem ella a mim.—E' má e vaidosa: queria-me para escravo de seus caprichos, detesta-me porque eu o não quiz ser. — Quer-se vingar... de quê? .. se foi ella a que... me desprezou, que antes quiz a vergonha de... do que degradar-se a ser a mulher de um homem do povo .. Não me accusa a consciencia: adeus!—Oh! mas ahi vem o santo velho do nosso capellão. Isto é que é um honrado clerigo. Uma virtude alegre que não pesa, que chama a gente. (*Falando para dentro das officinas*) Raparigas, ahi vem o nosso padre Froilão. — Morrem por elle todas. — Elle ahi vem de dizer a sua missa, e de rezar o officio da manhã. Coitado, como elle vem cançado! Estamos em dezembro, e o sol queima como de verão. Mas já elle vem a rir. E' sempre aquella santa paz, aquella alegria do céo.

SCENA VI

ALFAGEME, FROILÃO DIAS, JOANNA, SERAPHINA *e côro de donzellas do Alfageme, que sáem correndo de dentro das officinas ao encontro do padre.*

Côro

(Musica simples imitando um estylo popular portuguez)

Padre capellão,
Casae-me, meu padre, pela vossa mão,
Que eu já não tenho nem pae nem irmão,
E quero casar-me, padre capellão.

Froilão *arremedando-as*—Casae-me, casae me, padre capellão! Não ha mais senão casae-me, casae-me. E' com que ellas sonham Raparigada!—Então que queres tu, Joanna? um noivo?—Hade-se achar um noivo. E tu, Seraphina? O mesmo, hein! Pois tambem Seraphina hade ter.—E estas todas, Anna, Magana, Rebeca, Suzanna... Hade haver para todas. (*Cercam-n'o as raparigas todas, dando as mãos e dansando á roda d'elle, cantam*):

Côro

Viva o nosso padre, padre capellão,
Que é o nosso santo de mais devoção!

Joanna —
Que me hade casar.

Seraphina —
E a mim porque não?

Côro

A todas, a todas, quer queira, quer não.

Froilão, (*arremedando-as*)

A todas, a todas, quer queira, quer não?

(*Falando*) Que! eu sou aqui San'Gonçalo de Amarante, que é o santo casamenteiro?

Joanna—

San Gonçalo d'Amarante,
Bem lhe reza minha tia;
Casamenteiro é de velhas,
Vá para outra freguezia,

Côro

Vá para outra freguezia.

Froilão (*falando*)—Quê, quê! Ai que eu excommungo isto tudo...

Todas (*falando*)—Excommungadas as velhas! As velhas, hu, hu, hu, surriada!

Froilão—E os velhos tambem; não é assim? Então n'esse caso...

Côro

E os velhos tambem, menos frei Froilão,
Que é o velho das moças, velho de feição.
As moças donzellas
Casa Dom Froilão:
Quer feias, quer bellas...

Froilão—

Só as que são bellas...

Côro

A todas, a todas, que elle é de feição,
E é o nosso santo de mais devoção.

Froilão (*arremedando-as a dansar e a cantar*)

E eu aqui estou feito San'Paschoal Baillão.

Côro

E' o nosso santo de mais devoção.

Froilão (*do mesmo modo*)

E' um fresco santo San'Paschoal Bailão!.

(*Falando*) Apage com ellas, que dão cabo do pobre velho. Dá cá d'ahi um banco, alfageme, que me não posso já ter nos pés. (*Correm as raparigas todas a buscar um banco, trazem-lh'o; senta-se: e ellas, umas se sentam no chão aos pés do padre, outras ficam em pé.*) Toda a manhã no côro a rezar psalmos, e a cantar antiphonas .. e esta raparigada agora sae-me com jaculatorias... para me descançar, não é assim?—Ora vão, minhas filhas, vão que bom é rir e folgar, e cantar e dansar, que não offende a Deus nem ao proximo, alivia do trabalho e alegra a vida, que nos não fez Deus para tristes e pezarosos. Triste ande o peccado e as más tenções. Mas quem tem o coração folgado, folgue-lhe o rosto, que é de razão O santo temor de Deus não mette medo, antes alegra e dá conforto.—Ora vão, vão trabalhar, filhas.

Alfageme (*áparte*)—Isto é que é padre. Não houvera mouro nem judeu, nem d'esses herejes que agora se diz que ha, se todos os padres fossem como este.

Joanna—A sua benção, padre capellão!

Seraphina—A sua benção!

Todas (*em chusma, e umas depois das outras, ajoelhando deante d'elle.*)—A sua benção, a sua benção, a sua benção!

Froilão (*enternecido*)—Minhas filhas, Deus vos abençõe a todas, e vos faça mulheres honradas para serdes felizes, que não ha uma coisa sem a outra. Coitadinhas! — Então o pobre do velho trôpego que mal serve para se zombar d'elle...

Joanna—Não diga isso, padre capellão, não diga isso!

Todas—Não diga isso!

Froilão—O pobre clerigo velho e brincalhão, pois que lhe quereis?

Joanna—Que nos abençoeis, padre, que nos deis a vossa mão a beijar: tudo nos corre bem quando levamos a vossa benção.

Froilão (*estendenbo as mãos sobre cllas e com as lagrimas nos olhos*)—Em nome de Deus vos abençôo, filhas.—Minhas filhas, coitadinhas! (*Beijam-lhe todas as mãos*) Ora vão trabalhar, vão — Fóra d'aqui, pequenada, safa! (*Bate as palmas, e todas as raprigas voltam pulando para dentro das officinas.*)

SCENA VII

FROILÃO DIAS, ALFAGEME

Alfageme—Que feitiço daes a estas moças, que assim morrem por vós, nem ha mais alegria para ellas do que vêr-vos e folgar comvosco?—Nem vos respeitam menos: que uma palavra que lhe digaes, é Evangelho para ellas... e para nós todos. Ha tres annos que aqui estaes n'esta capellania, e já todo o povo vos quer como a pae, já nos tendes a todos por filhos.

Froilão (*levantando-se*)—Menos tu, que, se és filho, és máo filho.

Alfageme—Eu!

Froilão—Tu, sim.—Anda cá, anda cá, alfageme, que me não importam as tuas alfagemias... Anda meu armeiro, meu espadeiro, que as tuas armas e as tuas espadas dou em todas com um trinco ao demo... Dize-me cá: tu não sabes que eu sou o pae d'estas raparigas todas?

Alfageme—Sei.

Froilão—Que ha tres annos, como ainda agora disseste, que estou n'esta capellania que me deu o prior do Hospital, meu senhor, que Deos tem, e que já sou o tio Froilão, o mestre Froilão, o papá Froilão de toda esta pequenada? E que não soffro que ninguem m'as desencaminhe,—e ou me hãode casar honestamente com ellas, ou ninguem m'as hade endoidecer com tontarias, senão vae tudo com trezentos milheiros de belzebus?

Alfageme—Sei. Mas que tendes que me dizer a mim n'esse ponto? Mais de vinte moças de todas as edades ahi trabalham n'essas serralherias, e em minha vida não tive uma palavra leviana que dizer a uma d'ellas. Antes sou tam rigoroso e severo com os meus officiaes, como sabeis. Com vossa ajuda e conselho, estas minhas officinas cheias de gente rude e popular, podiam servir de exemplo... e de confusão a muita casa de senhoras presumidas que nos olham com desprezo. . e upa, upa, ao mais alto!... E falam, que a quem as ouvir...

Froilão—Deixemos lá essas contas: cada um faz o que deve, e deixa falar os outros Má lingua que muito fala, com sua vergonha por fim se cala. Não me caias, homem, no vicio do tempo, que é andar a assoalhar as fraquezas do proximo.. e sem se lembrarem que o sol que n'ellas dá tambem dá em quem as põe ao soalheiro... Vamos a outro conto.—Pois sabeis que eu sou cá a meu modo cavalleiro andante de donzellas desvalidas... cavalleiro de garnacha sim—mas, por esta cruz de San'João de Jerusalem que trago ao peito, que sou cavalleiro tambem! Por cima d'esta armadura negra visto, em logar da sobreveste de paladim, uma sobrepelliz de clerigo; mas com ella vou destemido

por esse mundo a endereçar *tuertos* de quanta dona dolorida e de humilde condição por mim chama...

Alfageme—Sei que muita mulher de bem vos deve honra e estado, muito homem feliz o socego e quietação da vida em que vive; que a rir e a folgar tendes ganho mais almas para Deus e desviado mais peccadores da má vida, e feito mais felizes n'este mundo do que todos os prégadores de São Domingos e todos os...

Froilão—Adeus, adeus! Deixemo-nos de comparações: cada um préga como sabe Eu sou o padre Froilão, de meu natural folgazão, que não sei senão rir e brincar, e a rir e a brincar vou prégando. Se faço algum bem, é porque Deus me abençôa. E adeante.—Pois sabeis tudo isso, meu dom Alfageme da má morte, e dizei-me cá, homem de grevas e arnezes, ruim cabide de ruins armas, meu estafermo de não sei que diga, dizei-me cá, homem: que maldito demo vos apertou o gorgel do pescoço, que vos fez arregalar os olhos para a minha Alda, a menina dos meus olhos, a filha do meu coração?—A minha Alda, sô alfageme remendão de más armas ferrugentas? (*O alfageme fica confundido e cabisbaixo.*) Anda cá, anda cá; que te heide aqui correger e esfregar, como tu correges uma durindana emplastada de escudeiro velho.

Alfagome—Eu, senhor, confesso que .. Mas era...

Froilão—Era o quê, sô Vulcano d'aldeia? não sabe que a minha Alda foi creada como senhora entre senhoras, com mais prendas que ellas todas, com mais virtudes que nenhuma d'ellas? Que é filha de paes honrados e limpos? Já não falo em ser minha sobrinha.—Que meu senhor D Alvaro lhe queria como a filha, que com seus filhos se creou n'aquella honrada e virtuosa casa da Flor-da-Rosa? Que meu chorado amo só a morte o pôde apartar de sua querida afilhada? E que agora ha umas semanas que veiu para a minha companhia, depois que elle morreu, e aqui está commigo em casa d'estes nossos primos? primos arredados..

Alfageme—Tam arredados d'antes quando eram ricos, e tam chegados agora que não têm.

Froilão—Quem lhe pergunta por isso? Vou-me eu agora casar com elles, para saber o gráo de parentesco de que heide tirar dispensa? Cale-se, e ouça. Sabe tudo isto, vê tudo isto,—vê como a trata meu senhor D. Pedr'alv'res Pereira, seu irmão D. Nuno, que aqui esteve ainda outro dia e aqui hade voltar cedo... D. Nuno, moço tam fidalgo e tam bizarro, não vê como a trata? Como irmã sua...

Alfageme—E' o peior parentesco que lhe conheço.

Froilão, (*à parte*)—Meu Deus, já aqui andará a calúmnia! (*Alto*) Que dizeis, homem, que dizeis! D. Nuno Alvares Pereira!

Alfageme—O senhor D. Nuno Alvares Pereira é o mais gentil e mais bemquisto cavalleiro moço que tem hoje Portugal. Assim elle seja pela boa causa! Mas isto cá...

Froilão—Que falaes vós de boa causa, e que sabeis vós de qual é a boa causa, homem dos meus peccados?

SCENA VIII

FROILÃO-DIAS ALFAGEME, e ALDA

que chega ao alto da escada, sem a presentirem

Alfageme—A boa causa é a do povo e a do seu legitimo rei.

Froilão—Valha-te Deus por estadista, homem; que assim te perderás, alfageme, e as tuas alfagemias, se te metteres n'esses dibuchos. Deixa isso para senhores.

Alfageme—Demais lh'o temos deixado; por isso tam arrastados andâmos, e tam soberbos elles nos trazem o pé no pescoço.

Froilão—Ai, meu Deus, meu Deus! Santa Maria da Alcáçova nos accuda, que deu em fazer politica o alfageme em logar de fazer espadas!

Alfageme—Com espadas se faz ella, padre, a boa, a devéras. E se nós, que fazemos o que com ella se faz, nos desenganarmos a trabalhar por nossa conta ..

Froilão—Tem te lá, Portugal; arreda, Castella, que aqui vae el rei alfageme meu senhor!—Cerra, San'tiago!

Alfageme—Tem-te Portugal, que te não caias em Castella: digo eu, que não sou rei alfageme: mas alfagemes e outros que taes, a podêr que possam, hão de fazer rei a quem de direito é, e não a estrangeiros e schismaticos. Lá está o infante D. João em Toledo...

Alda—Desejaes para rei esse máo infante que está coberto de sangue innocente! Por de melhor coração vos tinha, Fernão-Vaz.

Froilão—Oh! ahi estavas tu, minha Alda?

Alda—Agora cheguei para vos dizer que venhaes a comer alguma coisa. Achei-vos a fazer tanta algazarra com essas questões d'estado que não entendo, que me vou já muito depressa.—Mas não vireis comer alguma coisa, meu tio?

Froilão (*tomando o alfageme pelo braço, e baixo para elle*)—Vêde-me aquelle anjo, alfageme. Sabeis que é um anjo, um anjo do paraiso?

Alfageme—Por anjo o adoro.

Froilão—Com fé?

Alfageme—Fé viva e pura.

Froilão—Ora pois, tende esperança.

Alfageme—Com a fé e a esperança por minha parte haverão caridade commigo?

Froilão—Tu és um homem honrado, que eu bem o sei, alfageme. Dá cá um abraço. (*Abraça-o.*) Deixa-te de politicas, governa a tua vida e não queiras governar o mundo. Vae trabalhar, e falaremos. Falaremos: adeus!

(Sóbe pelas escadas e pára em cima ao pé de Alda.)

Alda—Parece-me que já eram horas, tio?

Froilão—São horas e mais que horas de te eu dar um beijo, Alda, que ainda hoje não abracei a minha querida filha. (*Abraça-a e beija-a; e tendo-a ainda abraçada, diz para baixo ao alfageme que os está contemplando.*) Alfageme, alfageme, que estás tu ahi a olhar? Vae-te para a forja (*Voltando-se para Alda.*) Alda, olha que aquillo trabalha em ferro, mas é ouro de lei... como uma dobra de D. Pedro.

SCENA IX

FROILÃO-DIAS, ALDA

Alda—Ai, meu querido tio!

Froilão, (*arremedando-a*)—Meu querido tio! Não sou o seu querido tio; sou uma figa para você, se não tiver juizo.

Alda—Pelejaes commigo?

Froilão—Não pelejo, nem tu o mereces, filha. Mas olha, Alda; amores são amores... isto é, amores não são amores tal, quando... Sabes tu como diz a trova?

(Canta por entre dentes)

Flores que não dão fructo, flores,
Não regues, jardineiro, não,
Que perdes o tempo em vão
Com essas flores.

Alda—Que quereis dizer!

Froilão—Que leio em ti como em breviario aberto, Alda: sei o que tens n'esse coração que o atormenta. Mas sei que, ao pé d'essa desgraçada paixáo que lá está, tambem está muita virtude e muita honra. E são as que hãode vencer. Não é assim, filha?

Alda, (*com firmeza*)—Sim, meu tio; decerto.

Froilão—Pois é ajudal-as com tempo, que são fortes batalhadoras ambas, mas querem auxiliadas com a firmeza da vontade e com... Sabes tu, Alda, como se diz entre o povo, que a mordedura do cão com o pêllo do cão se cura?—Pois alegria, minha filha, que tristezas para nada aproveitam Já tu reparaste como este nosso vizinho alfageme fez da sua forja uma capella de musica, que até os foles lhe assopram a compasso, e a bigorna lhe afina em *ut la sol re*, como o hymno de San'João? Pois ólha que é bonito. Adeus que eu já venho. (*Vae para dentro entoando o hymno latino.*)

Ut queant laxis—resonnare fibris
Mira gestorum—famuli tuorum,
Solve polluti—labii reatum,
Sancte Joannes!

(Torna para fóra e diz)

Quer dizer, que o bem cantar
Nas cordas do coração
Tem a sua affinação,

SCENA X

ALDA *no patim*, ALFAGEME *em baixo*, CÔRO DE SERRALHEIROS E DONZELLAS *do Alfageme*, *dentro*

Alfageme, (*sahindo de sua casa e caminhando para junto do patim da escada*)—Por aquellas regras do breviario de D. Froilão, não vos póde agradar a minha musica, que a não sei affinar por essa entoação... Não sei ou não me atrevo, que tenho medo.

Alda—De quê?

Alfageme—De quebrar as cordas todas ao pobre instrumento, grosseiro e mal construido, tosco e sem harmonia. E porfim para quê?... para se rirem das minhas vans pretenções.

Alda—Rir! .. A mim nunca me faz rir a musica. Nenhuma toada, por mais alegre, me causou nunca senão tristeza.

Uma voz, (*dentro*)—

(O mesmo stylo antigo)

Assomae-vos, minha mãe,
A essa janella do mar,
Vinde ver o Conde Alarcos
Que ahi vae a degollar,

Coro, (*dentro*)

Conde Alarcos .. conde Andeiro,
Que ahi vae a enforcar.

Alda, (*descendo*)—Que feias lettras! É pena, Fernão Vaz, que ha por ahi tam bonitas coplas, tam gentis vilancetes, e vós e vossa gente, ha dias a esta parte, desseis em cantar esses mal agourentos romances que não resam senão de feias mortes e feios peccados que as trouxeram!

Alfageme—Que quereis, senhora! O cantar do povo anda com as acções de seus amos. O povo é como as crianças. Quando lhe cheira a guerra entre a gente grande, já vereis os rapazes pelas ruas a cavallo em cannas e arrodelados de papel, gritando arma e guerra, e fingindo em seu folguedo os combates que devéras adivinham. O povo canta de mortes e castigos quando os espera da justiça de Deus, porque vê os grandes fazer por elles.

Alda—Dobra-se o mal assim a esperar por elle, a antecipal-o.

Alfageme—Quando o mal vem por castigo, é justiça.

Alda—Pois deixae a Deus fazel-a quando e como lhe prouver; não tomeis em vossa mão vingar aggravos de que elle vos não fez juiz.—Sabeis vós, Fernão Vaz, que ha muitas apparencias falsas n'este mundo; que o maior innocente passa ás vezes por criminoso; que um erro involuntario, uma fraqueza leve e muito perdoavel nas mãos da calúmnia se erige em crime atroz? Sobretudo comnosco, pobres mulheres, a quem uma palavra basta para perder, que um volver d'olhos diffama, um dito inconsiderado póde deshonrar!

Alfageme—Sei, Alda.—Mas sei tambem que a virtude e o merito de uma mulher são a coisa mais difficil de offuscar quando são verdadeiros. Querieisme ainda agora dizer o que tinheis no coração. Vou dizer-vos eu o que tenho no meu. Vós sois um anjo, Alda, em quem eu creio como n'uma coisa do céo. Que me dissessem de vós quantas infamias póde inventar a calúmnia mais negra, não as cria.

Alda—Não?

Alfageme—Não.

Alda—Olhae bem o que dizeis.

Alfageme—Não.

Alda—Porquê?

Alfageme—Porque vos tenho estudado e vos conheço.

Alda—Quem sabe?

Alfageme—Sei eu. Eu que vos amo na singelleza de meu coração, que toda a minha ventura seria fazer a vossa; eu que, se não receasse, se não visse que o trato grosseiro e humilde de um homem do povo desdizia tanto das vossas prendas e costumes...

Alda—Tamanha senhora sou eu! Creio que zombaes de mim, senhor Fernão Vaz: não vol-o mereço, que sou vossa amiga devéras. Basta o que meu tio Froilão vos quer e o bem que de vós diz, para vos eu estimar.—Eu sou uma pobre orphan desvalida que amparou a caridade de meu senhor e padrinho; em cuja casa me criei com mais mimo, é verdade, com mais regallo do que a minha condição cumpria... mas por caridade. Sabeis o que valem estas palavras?

Alfageme—Não sei? Oxalá que o não soubera, e tam bem, e por mim!

Alda—E agora não tenho outra protecção senão este meu pobre tio velho e enfêrmo...—E dizeis-me vós que! .

Alfageme—Digo-vos uma coisa só: podeis vós casar com um homem que não amaes?

Alda—Que não amo?

Alfageme—Que não amaes.

Alda—Ama-me elle a mim?

Alfageme—Como o entendeis?

Alda—Se me tem amor?

Alfageme—Amor?... (*hesita*) não. Tem-vos amizade de pae, de irmão, tem por vós uma devoção, uma...

Alda—Posso.

Alfageme—Imaginaes que podereis vir a amál-o?

Alda—Crê elle que poderá chegar a amar-me?

Alfageme—Se não tendes outro amor...

Alda—Eu!...

Alfageme—Vós.

SCENA XI

ALFAGEME, ALDA, NUN'ALVARES

CAVALLEIROS

Nun'Alvares—Alda!

Alda—Nuno! (*Desmaia. Nuno corre a ella e a sustem nos braços.*)

Alfageme (fica pensativo e com os olhos cravados nos dois por algum tempo; depois, cruzando os braços e olhando para o céo, diz amargamente:)

Meu Deus, meu Deus! Mais outra que me enganava...

ACTO SEGUNDO

SCENA I

JOANNA, SERAPHINA, *em côro com as outras donzellas do Alfageme que estão ás portas e janellas da casa, mostrando as varias peças d'armadura, espadas, montantes, etc., aos cavalleiros em côro, que de fóra as examinam e falam para dentro como quem apreça e quer comprar.*

Côro dos Cavalleiros—
Oh que ricos arnezes brilhantes,
Oh que bellas espadas cortantes!
São lindas, lindas!

Joanna—
Meus nobres senhores,
Feirae, feirae, feirae;
São lindas, lindas, comprae

Côro das Donzellas—
Feirae, feirae, meus nobres senhores:
São lindas armas.

Côro dos Cavalleiros—
Feiremos d'amores,
Que mais lindas são.

Seraphina—
Pois este montante?

Um Cavalleiro—
Cortante!

Joanna—
Este morrião

Outro Cavalleiro—
Brilhante!

Côro dos Cavalleiros—
Mais brilham, mais cortam no meu coração
Armas d'esses olhos.

Côro das Donzellas—
Feirae, meus senhores.

Côro dos Cavalleiros—
Feiremos d'amores.

Côro das Donzellas—
Não ha d'esse trato aqui, não, não, não.

Joanna—
Ha lanças e espadas,
Cotas e pavezes,
Grevas e celladas
E os peitos que temos...

Tocando nos peitos d'armas.

Não têm coração;
São de aço...

Alguns Cavalleiros (*querendo abraçal-as*)—
Provemos!

Algumas Donzellas (*repellindo-os*)—
Provados estão.

Côro dos Cavalleiros—
Oh que ricos arnezes brilhantes,
Oh que bellas espadas cortantes!
São lindas, lindas!

Côro das Donzellas—
Meus nobres senhores
Feirae, feirae!

Côro dos Cavalleiros—
Feiremos d'amores

Joanna e Seraphina—
Lindas armas!

Dous Cavalleiros—
Lindos mercadores!

Côro das Donzellas—
Pois feirae.

Um Cavalleiro—
Feiremos d'amores;
Dar-vos-hei em troca o meu coração

Côro das Donzellas—
Não ha d'esse trato aqui, não, não, não.

As donzellas vão recolhendo as armas; alguns dos cavalleiros se vão dispersando, outros galanteiam ainda com as donzellas; mas estas desapparecem de todo, e os cavalleiros se dispersam e retiram por fim.

SCENA II

O ALFAGEME *apparece á porta ultima da sua casa no alto da scena*, NUN'ALVARES *vem descendo a escada da casa de Mendo;* FROILÃO DIAS *atraz d'elle, mas fica no alto da escada; côro das donzellas do Alfageme, dentro.*

Froilão (*ajoelhando*)—Senhor, meu senhor.
Nun'Alvares (*parando no meio da escada, e voltando-se para traz*)—Que fazeis!
Froilão—Estou de joelhos deante de vós, senhor, pedindo misericordia. Tende dó d'estas cans: lembrae-vos que ainda o outro dia as arrepellaveis ao pobre clerigo velho quando vos trazia ao collo. Lembrae-vos de vosso pae, D. Nuno! Lembrae-vos ..
Nun'Alvares—Não vos basta a minha palavra?
Froilão (*erguendo-se*)—Dae-m'a, e fico descansado.
Nun'Alvares—Dou... dou a minha palavra.
Froilão—Fé e palavra de homem de bem?
Nun'Alvares—Fé e palavra de homem de bem.
Froilão—De que nunca mais?...
Nun'Alvares—De que nunca mais.
Froilão—Tornareis a falar-lhe?
Nun'Alvares—Falar-lhe, falar-lhe...—Entendamonos, meu bom Froilão, meu velho amigo Froilão. A minha palavra, dei-a, está dada: sou filho de quem sou, heide cumpril-a. Que me custe a vida... custe o que custar, heide cumpril-a. De hoje em deante, Alda é minha irmã, minha irmã como se nascesse da mesma mãe, como se nos gerasse o mesmo pae.
Froilão (*correndo pela escada abaixo com os braços abertos*)—Meu filho, meu querido filho, meu Nuno?... D. Nuno Alvares Pereira, filho d'aquelle grande homem que... (*No alvoroço em que vae, ao chegar a Nun'Alvares quasi que o faz cahir e ambos se precipitariam se Nun'Alvares se não firmasse de repente no guarda mão da escada, segurando ao mesmo tempo a Froilão*).
Nun'Alvares—Tomae tento, Froilão, que ambos iamos cahindo. Estaes louco? (*Descem de todo a escada e vêm para o meio da scena.*)
Froilão—Louco! Doido, doido varrido de contente. Quero saltar, quero bailar, quero cahir, e quebrar as pernas se fôr preciso... e a cabeça—e tudo... —Salta Froilão, baila, Froilão. (*Cantando e dansando.*)

Que é um grande santo San'Paschoal Bailão.

O ALFAGEME DE SANTAREM *Alfageme* — Não é nada, senhor, vêde.

Acto III — Scena XII.

Côro das Donzellas (*dentro*)—

E' o nosso santo de mais devoção.

Nun'Alvares — Estaes alvoroçando a vizinhança: vêde.

Froilão—Não é nada, não é nada.—As pequenas alli do alfageme. Isso é santa gente. (*Falando para as janellas da casa do alfageme*) Raparigas, logo; logo saltaremos e dançaremos e cantaremos. Agora quietas.

Côro das Donzellas (*dentro*)—

Casae-me, meu padre, pela vossa mão
Que eu já não tenho...

Froilão (*para dentro*)—Então? Quietas. — (*Para Nun'Alvares*). Mas como a trova diz bem:

Que eu já não tenho nem pae nem irmão!

Côro das Donzellas (*dentro*)—

E quero casar-me, padre capellão.

Froilão—Agora fui eu o culpado, que lhes dei o alamiré—(*Falando para dentro*). Acabou-se; vejamos! (*para Nun'Alvares*). Então, meu rico D. Nuno da minha alma? ..

Nun'Alvares—Já vos disse: é minha irmã. Fé e honestidade de irmão lhe guardei sempre. Deshonradas veja eu mulher e filhas, quando as tiver, se a honra e a fama de Alda me não foram sempre mais caras do que a propria vida!

Froilão (*chorando*)—Nuno, meu querido Nuno!—Senhor D. Nuno, meu amo (*ajoelha e beija-lhe as mãos muitas vezes*) meu nobre amo!

Nun'Alvares—Basta, homem; catae respeito a essa loba que arrastaes pelo chão. Estas mãos não são ungidas como as vossas.

Froilão (*erguendo se direito e com solemnidade*)—D. Nuno Alvares Pereira, vosso pae foi meu amo e meu bemfeitor. O pão que como, este hábito que visto, o alto ministerio que tão indignamente exerço, tudo lhe devo; e sei que é muito. O pobre velho tonto e folgazão sabe o alto logar a que, por auxilio de vosso pae e mercê de Deus, foi subido.—E quando está deante do altar na presença do Senhor, na cadeira do Evangelho, ou no tribunal da Penitencia... que appareçam ahi os grandes do mundo, os reis da terra... Heide-lhes dizer: «Ajoelhae-vos deante do sacerdote do Deus vivo, humilhae-vos, beijae estas mãos, onde desce o cordeiro immaculado.» — (*Com humildade*). Mas fóra d'ahi, meu filho, o sacerdote de Christo é o servo de seus servos, deve ser humilde, submisso e manso de coração como seu divino Mestre. — Já vos disse, que devi muito a vosso pae, senhor D. Nuno: desde hoje muito mais é o que vos devo a vós. Não quereis que vol-o agradeça?

Nun'Alvares—Não: faço o que manda a honra, não o que me pede a vontade.—A honra!... Eu sei... mais honra seria...

Froilão (*com anciedade*)—O que, senhor?

Nun'Alvares (*com enthusiasmo*)—Não me deixar violentar de vãos respeitos humanos, de preconceitos ridiculos e mesquinhos; buscar a felicidade onde o coração me diz que ella está, tomar nos braços a minha Alda, e dizer-lhe: «Alda, vem, vem ser...

Froilão (*com mais anciedade*)—Vem ser?...

Nun'Alvares (*resoluto*)—Minha mulher.

Froilão (*enternecido*)—Quereis matar-me.—Que mal vos fez este pobre velho, Senhor? (*Encosta se a uma arvore, como não podendo com o sentimento que se apoderou d'elle*).

Nun'Alvares (*accudindo-lhe*)—Meu amigo, meu bom Froilão .. então, então!—Em que vos offendi?

Froilão (*rompendo a chorar*)—Oh senhor, senhor.. Não sei se agora, se quando me offendestes mais. —O filho de meu amo, o filho de D. Alvaro Gonçalves, as ricas esperanças de uma familia tam nobre, para quem nada ha tam alto, n'esta terra a que não possa aspirar, por sangue, por virtude, pelos altos espiritos que Deus lhe deu e que tanto medraram na boa criação que tiveram!... E eu havia de consentir?... Antes morrer, antes.—Mas vós não haveis de fazer tal, senhor: estaes desposado com aquella rica-dona de Entre-Douro e Minho com quem vosso pae tanto gôsto tinha de vos ver casado; senhora tam formosa, tam fidalga, tam rica dos bens da fortuna... Oh, senhor D. Nuno, e destes-me a vossa palavra.

Nun'Alvares — Dei-vos palavra que de hoje em deante Alda seria para mim uma irmã—querida e adorada sempre!—mas sagrada como irmã até para o meu pensamento. Esta palavra heide cumpril-a se...

Froilão—Se!—Condições ainda, D. Nuno?

Nun'Alvares—Uma só.—Se ella não quizer ser... minha mulher.

Froilão—Acceito. A vossa mão.

Nun'Alvares (*dando-lhe a mão*)—Aqui está.

Froilão—Victoria!—Sei quem tenho na minha Alda; hade recusar. O seu nascimento, a sua pobreza, o mesmo amor que... a generosidade da sua alma!... Hade recusar.

Nun'Alvares—Ella!

Froilão—Ella.

Nun'Alvares—Veremos.

Froilão—Não temos que vêr: já vimos.

Nun'Alvares—Mas não haveis de usar da vossa auctoridade.

Froilão—Não.

Nun'Alvares—Não a haveis de prevenir, de lhe metter medos.

Froilão—Nem uma palavra.

Nun'Alvares—Deixar-me-heis falar com ella á vontade.

Froilão—Deixarei.

Nun'Alvares—Aqui n'este logar, eu aqui, Alda n'essa escada.

Froilão—E eu em cima no patim.

Nun'Alvares—Concedido.

Froilão—Podéra não!

Nun'Alvares—Se recusar... partirei só, esta mesma noite.

Froilão—E ireis cumprir a vossa palavra, ireis ao Minho receber D. Leonor d'Alvim que vos está esperando.

Nun'Alvares—Irei... irei, se...—Primeiro me espera o Mestre d'Aviz em Lisboa, onde não falta que fazer. antes que ..—Mas tudo isso é se eu fôr como dizeis. Mas sei que não heide ir.

Froilão—E eu sei que haveis de ir.

Nun'Alvares—Veremos.

Froilão—Veremos.

Nun'Alvares—Pois veremos Mas se Alda fôr fiel ao que... se ella não recusar, esta madrugada nos recebereis logo, ahi n'essa capella, e por noite partirei para Lisboa a servir meu amo, mas já esposo da minha Alda, já feliz e socegado d'este coração.

Froilão—Prometto. Mas sei que não teremos d'essas alvoradas.

Nun'Alvares—Ora muito me heide eu rir do meu Froilão velho!

Froilão—Dito e concluido. Até á noite, meu senhor

Nun'Alvares—Dito e concluido. Até á noite. (*Froilão sobe a escada e vae para dentro da casa*.)

SCENA III

NUN'ALVARES *encaminha-se para as janellas do Alfageme em que estão os moradores com as armas; o* ALFAGEME *sae da sua porta ao alto da scena, e vem á roda para o meio do proscenio.*

Alfageme (*áparte*)— Que animada pratica tiveram!... e que extranha devia de ser!—O padre ria e chorava, e foi-se tam contente! (*Reparando em Nun' Alvares*). E Nun'Alvares está triste! — Oh Alda, Alda!... Mas quê! Eu sou o alfageme — A' tua forja, alfageme. (*Encaminha-se para sua casa.*)

Nun'Alvares (*vendo o alfageme*)—Bellas espadas e bem corrigidas, por santa Maria!—Maravilhas tinha ouvido do alfageme de Santarem; mas vejo que ainda não diziam nada para o que é.—Quereis-me correger esta espada velha? Pôr-m'a-heis tam guapa e tam bem guarnecida como essas que ahi tendes?

Alfageme (*olhando com attenção e lentamente, ora para a espada, ora para Nun'Alvares*) — Espada tam velha para cavalleiro tam moço!

Nun'Alvares—Era de meu pae; não a trocára pelo melhor damasco.

Alfageme (*provando a no chão*)—E' uma bella folha, da melhor tempera.—Como um espelho vol-a porei, se quizerdes.

Nun'Alvares — Quando?

Alfageme — Estaes com pressa?

Nun'Alvares — Como quem tem de partir por horas.

Alfageme — Por horas?

Nun'Alvares — Esta madrugada irei para Lisboa.

Alfageme — Tam depressa!

Nun'Alvares — Tam devagar é elle: já eu lá devia estar com meus cavalleiros e a minha gente a servir o Mestre d'Aviz.

Alfageme —Boas novas me daes, cavalleiro: tereis de alviçaras a mais bem guarnecida espada que ainda appareceu em batalha ou torneio. Dar-lhe-hei um fio!... — Não a poupeis, que tendes folha para muito; e com o fio que lhe eu heide dar, cortará, sem fazer bocca, por armaduras de ferro... quanto mais que... hollandas e setins são faceis de cortar.

Nun'Alvares — Que dizeis? Não vos entendo.

Alfageme (*olhando para a espada e como quem fala comsigo*)—A espada do Prior do Crato, D. Alvaro Paes, o mais honrado fidalgo que teve esta terra, cingida por cima das armas do Mestre d'Aviz com que foi armado cavalleiro—aqui em Santarem, e foi um dia de prazer e de bom agouro!—D. Nuno Alvares Pereira em presença d'el-rei D. Fernando, a quem Deus perdôe, e pelas proprias mãos.. lindas mãos... oh! lindas são ellas—de certa rainha que...

Nun'Alvares—Sabeis a minha vida toda, pelo que vejo, senhor alfageme.

Alfageme — E por tal signal, que nenhumas armas serviram ao joven escudeiro senão as do Mestre d'Aviz que a dita rainha lhe mandou pedir. Ora bem se vê que já andava fado n'estas coisas, e que o que tem de ser, tem de ser.—E assim ides agora para o Mestre d'Aviz?

Nun'Alvares—E para quem havia de eu ir?

Alfageme—E o Mestre, senhor cavalleiro, não hade ser por seu irmão, pelo filho de seu pae, o nosso rei verdadeiro, o infante D João que está em Castella?

Nun'Alvares—Perguntaes me por coisas, senhor alfageme!. . E' materia tam delicada que não sei, em verdade, o que vos responda.

Alfageme—Não sabeis!—(*Com enthusiasmo*) Mas é que não podeis dar senão uma resposta: a que daria o mesmo Mestre, a que dá toda a gente honrada d'este reino, a que hade dar todo o povo quando...

Nun'Alvares—Quando lh'o perguntarem.

Alfageme —Ou quando elle quizer falar sem que lh'o perguntem.

Nun'Alvares—Bravo estaes!

Alfageme—Braveza chamaes á justiça, á razão... de quem não quer vêr em mãos de estrangeiros este reino que é nosso, que tanto sangue custou a nossos paes para o resgatar de mãos de mouros?

Nun'Alvares (*com lhaneza*) — Enganaes-vos, meu amigo.

Alfageme (*desabrido*)— Não sou vosso amigo.

Nun'Alvares—Sereis, quando souberdes que o meu empenho é o vosso, que o mesmo ardor nos inflamma.

Alfageme—Talvez.

Nun'Alvares—De certo. Que ambos temos o mesmo amor ..

Alfageme—Inda mal!

Nun'Alvares -- Inda mal!—Estranho homem sois. Pois o mesmo amor á causa?. .

Alfageme—A causa! Ah!—a causa, a causa...

Nun'Alvares—Como assim? Estareis jogando commigo? Sabeis que me chamo Nun'Alvares Pereira?

Alfageme (*tranquillamente*)—Sei.

Nun'Alvares—Que sigo o Mestre d'Aviz?

Alfageme—Agora o dissestes.

Nun'Alvares—Sereis do partido da rainha?

Alfageme—Eu!... de uma mulher que... que não tem nome para se dizer deante de gente?

Nun'Alvares—Então não vos entendo.

Alfageme—Nem podeis entender. Vós sois D. Nuno Alvares Pereira, o homem do Mestre de Aviz; eu sou Fernão Vaz, o alfageme, o homem do povo. A vossa causa é a do vosso principe cujo sois, a minha a da terra em que nasci. Bem vêdes que differentes andâmos.—E comtudo, por diversos que sejam nossos fins... Deus faça triumphar o mais justo!

Nun'Alvares—Amen!

Alfageme—Amen! — Por differentes que sejam em uma coisa nos entendemos e trabalharemos juntos: em castigar esse estrangeiro que nos opprime e nos deshonra, em libertar o reino d'esta insupportavel tyrannia.—Contae com o povo, senhores cavalleiros. E pelo de Santarem vos respondo eu

Nun'Alvares— Sois um homem de honra e de primor, Fernão Vaz. (*Offerecendo-lhe a mão*) Dae-me a vossa mão.

Alfageme (*fugindo com a sua*)—A minha mão, senhor D. Nuno! Já vos disse que não era vosso amigo.

Nun'Alvares—Mas sou-o eu vosso; e em penhor d'esta amizade sincera vos peço que acceiteis a minha mão. (*Offerecendo-lh'a outra vez.*)

Alfageme—Não posso acceital-a.

Nun'Alvares—Porquê?

Alfageme—Porque não dou a um homem, em testemunho de amizade, esta mão que talvez, antes de muito, tenha de pegar n'uma espada para lhe atravessar o coração.

Nun'Alvares – Pois não são meus contrarios os vossos? Na hora do combate não estaremos ambos do mesmo lado?

Alfageme—Sim, contra o inimigo commum, e até que elle seja destruido; mas... Não me peçaes mais explicações, senhor D. Nuno... A vossa espada estará prompta esta noite. E o alfageme estará prompto sempre, elle e os seus, todo este povo de Santarem, para defender a liberdade do reino. Que mais quereis? — Tendes os vossos segredos, e eu os meus: cada qual guarde o que é seu. —Olhae: (*apontando para o fundo esquerdo*) vêdes

aquelle homem que ahi vem correndo a toda a brida?

Nun'Alvares (*olhando para o mesmo lado*)—Vejo. E se me não engano, é, é...

Alfageme—E' Mendo Paes, meu collaço, que ainda antes d'hontem d'aqui partiu.

Nun'Alvares—Como elle vem açodado!

Alfageme — Mendo Paes, o irmão de D Guiomar d'alli defronte? (*Apontando para a casa defronte.*) E torna de Lisboa já. Grande caso de e de ser.— —Lá dá a volta, lá entra no pateo. Apeia-se. Eil-o aqui vem.

SCENA IV

NUN'ALVARES, o ALFAGEME e MENDO PAES

Mendo—Alviçaras, alviçaras! Ganho-as eu? dizei-me. Não sabeis ainda as novas?

Nun'Alvares—Quaes?

Mendo—Ah! Não sabeis; já vejo —A rainha... o Mestre... (*Reparando em Nun'Alvares*)—Oh! senhor D. Nuno, perdoae que vos não conhecia com o alvorôço, perdoae.—O senhor D. João, vosso amo, aquelle grande principe, verdadeiro filho de el-rei D. Pedro, sangue de Pedro Justiceiro!...

Nun'Alvares—Que lhe succedeu? Dizei, por vossa alma.

Mendo—Eu fui logo offerecer-me ao serviço do Mestre, que me deu esta carta para vós, senhor D. Nuno.

Nun'Alvares — Dae, dae depressa (*Toma a carta e abre.*)

Mendo — Oh que grande princepe! Aquelle infame conde Andeiro...

Alfageme—O conde Andeiro?...

Mendo (*reparando no alfageme*)—Oh! Fernão Vaz, meu collaço, tambem vos não tinha visto Se eu ainda não estou em mim. Parabens, homem. Tinheis razão, Fernando: eu é que.. Mas, bem vos haveis de lembrar .. não podia crêr, parecia-me impossivel. Emfim...

Alfageme—Emfim explicae-vos. O conde Andeiro?

Nun'Alvares, (*levantando os olhos da carta que está lendo*)—O Mestre?...

Mendo—Morto, morto vilmente como...

Nun'Alvares e **Alfageme**, (*a um tempo*) — Quem? quem?

Mendo—João Fernandes Andeiro, o conde d'Ourem.

Alfageme—Victoria, victoria! A justiça de Deus que por fim começa.

Nun'Alvares, (*tristemente*)—Começado está. Quando acabará agora?

SCENA V

NUN'ALVARES, *continuando a lêr a carta*; ALFAGEME, MENDO-PAES, FROILÃO-DIAS, JOANNA *e mais* DONZELLAS, BRAZ FOGAÇA, GIL SERRÃO *e mais* SERRALHEIROS *do Alfageme que acodem aos brados d'este.*

Alfageme—Vinde; vinde, acudi todos a ouvir a boa nova. Morreu o traidor. Viva Portugal! Morreu o conde Andeiro.. (*Voltando-se para Mendo*) E dizei, Mendo: ás mãos do povo?

Mendo—A's do mestre d'Aviz, que no paço mesmo, e quasi aos olhos da rainha, o cravou de punhaladas.

Alfageme (*descontente*)—Paciencia: foi só meia justiça. — Mas contae-me: que succedeu depois? A rainha?...

Nun'Alvares—O Mestre?

Mendo—Pouco mais sei do que isto. No instante que succedeu o que vos contei, logo o Mestre me deu essa carta: sahi de Lisboa e pouco descanço tomei no caminho, corri sempre até aqui chegar. Pelas ruas que passei já andava tudo alvorotado. Esperavam-se grandes coisas.

Alfageme—E grandes coisas haverá: eu vol-o prometto.

Nun'Alvares (*aos cavalleiros que o rodeiam*)— Senhores, estae prestes, que esta alvorada partimos para Lisboa.

Alfageme (*com intenção*)—E por que não já, D. Nuno Alvares Pereira?

Nun'Alvares — Porque... po que .. (*A'parte a Froilão*) Esta madrugada parto; não vos esqueçaes.

Alfageme (*com intenção*)—Perdereis todo este tempo d'aqui até ámanhan?

Nun'Alvares — São as ordens do Mestre, que saia d'aqui ao romper d'alva ámanhan, para estar em Lisboa, ás portas de Santo Antão, a... (*pegando na carta como quem se affirma e lendo*) Eis aqui o que me diz o Mestre: «O honrado povo de Lisboa abraçou a nossa causa...»

Alfageme—Porque o Mestre d'Aviz tomou a d'elle. E em quanto o Mestre nos fôr fiel...

Nun'Alvares — Pois quem é o Mestre d'Aviz, homem? De quem é a liberdade que elle defende, senão do povo?

Alfageme – Todos juram pela liberdade do povo quando precisam d'elle.

Nun'Alvares—Sois desconfiado

Alfageme—Sou.—Não era; fizeram-me.

Nun'Alvares – Guardae para vós — ao menos por agora — essas desconfianças. A todo o tempo é tempo para ser ingrato.

Alfageme—Ingrato! Já! Cedo começa a accusação do costume.

Nun'Alvares—Homem, por Deus, o que precisamos agora todos é de confiança e união para vencermos. Se nos desunimos já, vencerá o estrangeiro.

Alfageme—Boa palavra disseste. Venha d'onde vier a razão é sempre razão. (*Para a sua gente*) Viva a nossa liberdade e o infante D. João!

Serralheiros e **Donzellas** — Viva a nossa liberdade e o infante D. João!

Nun'Alvares—E viva o Mestre d'Aviz!

Cavalleiros—Viva o Mestre d'Aviz!

Alfageme (*friamente*)—Viva!

Nun'Alvares (*tornando a lêr a carta*)— «O povo de Lisboa nãa deixou acclamar el-rei D. João de Castella. Investiu com a cavalgada que sahiu dos paços do concelho para a acclamação, e o conde de Cea D. Henrique Manuel, que levava a bandeira, custou-lhe muito a escapar das mãos do povo amotinado.»

Alfageme -- O povo de Santarem não hade ficar atraz. Esta tarde querem acclamar aqui tambem o tal rei de Castella. Nós lh'o diremos logo —Agora cantar, raparigas, e folgar, que este é dia de grande alegria.—Jornal dobrado a todos.—Joanna, Seraphina, então, raparigas, vamos a isto.

Joanna—Que trova quereis que cantemos?

Alfageme—Dizei a canção do Alfageme.

Todos—A canção do Alfageme.

CANÇÃO DO ALFAGEME

Uma voz

Assopra, assopra, ó alfageme,
E não descanses de assoprar:
A quem tem alma, a quem não teme
Não póde este fogo queimar.

Côro

A quem tem alma, a quem não teme
O nosso fogo não póde queimar.

Voz

É o fogo que a espada tempéra
Que tempéra nosso coração:

O Alfageme, se a patria o espera,
Se ella arvora seu nobre pendão,
Deixa a forja—e á patria, que espera,
Leva a espada!—leva o coração!

Côro

Alfageme, a patria te espera
Deixa a forja!—leva o coração.

Voz

O Alfageme, que faz a espada
Com que a glória se vae ganhar,
Tambem lhe póde a mão crestada
Levál-a ao campo a triumphar.

Côro

Oh! póde, póde a mão co'a espada;
Levemol-a ao campo a triumphar!

Voz

O Alfageme, que espadas tempéra,
Queima o braço, calleja-lhe a mão.
Pela patria que a vida lhe dera,
Como a forja, lhe arde o coração;
O Alfageme, se a patria o espera,
Deixa a forja, leva o coração.

Côro

Alfageme, a patria te espera;
Deixa a forja, leva o coração!

Gil Serrão—Viva o Alfageme!
Todos—Viva!
Braz Fogaça—Morram os schismaticos!
Todos—Morram!
Alfageme—Viva a nossa liberdade!
Todos—Viva!
Alfageme—Os nossos vereadores estão vendidos; os nossos mesteres são uns covardes; hoje querem acclamar rei estrangeiro,querem-nos dar por senhor a el-rei D. João de Castella: havemos de soffrêl-o?
Todos—Não, não
Alfageme—Puzeram as armas de Castella no pendão da nossa villa, e as de Portugal... as nossas Quinas, as santas Chagas de Christo por baixo!
Todos—Traidores!
Alfageme—Pois a elles, meus amigos que (*ouve-se um sino ao longe*) o bando não tarda a sahir dos paços do concelho. Não ouvis o sino da torre das Cabaças. E' o sino das Cabaças; é o bando que vae sahir. Não lhes deixemos acclamar o rei estrangeiro, um excommungado. A elles, e viva a nossa liberdade!
Todos—Viva! Viva!

(Continúa a dobrar o sino ao longe. O Alfageme toma de seu armazem uma enorme hacha de armas; todos os trabalhadores se armam, cada um com a primeira coisa que acha; fica tudo em grande desordem, armas pelo chão, etc. Sáem em tumulto, dando vivas e repetindo o estribilho da canção do Alfageme.

Alfageme, a patria te espera;
Deixa a forja, leva o coração!

ACTO TERCEIRO

As forjas do Alfageme estão apagadas

SCENA I

FROILÃO DIAS encostado á varanda do palim no alto da escada, olhando tristemente para os serralheiros e donzellas do Alfageme que entram aos dois e aos tres, e como que vêem muito cansados. Depois de algum espaço que dura esta scena muda, o ALFAGEME entrando com a sua hacha d'armas ás costas.

Alfageme—Tornem para cá a acclamar rei estrangeiro ás barbas de portuguezes!—Inda que o mais povo do reino se deixe quebrantar, aqui está o de Santarem para pôr pé atraz pé de boi, portuguez velho—que não ha movêl-o!—Foi como em Lisboa, foi melhor que em Lisboa; não o acclamaram e fugiram com a cabeça quebrada alguns dos taes fidalguinhos!
Froilão—Valha-me Deus!
Alfageme, (*reparando em Froilão*)—Que é isso? estaes triste! Não vos alegraes de nos ver contentes, não tomaes parte na nossa alegria?
Froilão—Meu amigo, Deus vol-a conserve,—e as não faça mudar em tristezas essas alegrias! Em toda a sinceridade do meu coração lh'o peço: mas quando ellas vêm tam alvoroçadas, não duram.
Alfageme—Pois quê! achaes que fazemos mal em renegar dos estrangeiros e punir por nossos direitos?
Froilão—Se fosse isso só!
Alfageme—E metter medo aos traidores para que nos não vendam?
Froilão—Andae, andae. Deus, que o permitte, bem sabe por quê: altos são os seus juizos. Mas eu gósto de alegrias mais quietas e pacificas Ha muito tinir de espadas n'essa solfa: não me agrada, não sei affinar por ella Sou homem de paz, filhos, sou muito de paz.
Alfageme—A paz já não é possivel. Sobre quem accendeu a guerra, caia todo o mal que d'ella vier, todo o sangue que se derramar! Nós somos innocentes.
Froilão—Oh Fernão Vaz! na guerra civil não ha innocentes nem culpados. E' um flagello da ira divina que desafiam os peccados dos reis—e dos povos tambem. Todos são executores e todos são victimas: os que vencem porfim, são ás vezes os que perdem mais. Mas... seja feita a vontade de Deus. Já que as coisas chegarem a isto!...—Para mim... acabou o rir e o folgar.
Joanna—Pois não! E nós que havemos de fazer, sem o nosso padre capellão, sem o nosso bom Froilão? Venha para baixo, venha o nosso...

(Cantando)

Venha o nosso padre, padre capellão.

Côro das Donzellas, (*querendo dansar, mas tibiamente*)—
Que é o nosso santo de mais devoção!

Froilão, (*tristemente e descendo a escada*)—Vou, filhas, vou, mas é rezar por vós, e pedir áquelle Senhor em cuja mão está o coração dos reis—e dos povos—que a todos o assocegue, e nos mande paz e quietação.
Alfageme—E justiça.
Froilão, (*já em baixo*)—E justiça e justiça—que nunca andou senão abraçada com a paz. E' verdade, é verdade.
Alfageme—Bem, bem. Deus disporá como fôr sua vontade: nós ponhamos de nossa parte. Que bem sabeis. Quem se fia na Virgem e não corre ..

Emfim, tenho dito: o povo de Santarem não hade ficar atraz do de Lisboa!

SCENA II

FROILÃO *vae-se encaminhando para sahir; o* ALFAGEME *como para entrar em casa;* NUN'ALVARES.

Nun'Alvares—Froilão, o dito, dito.
Froilão—Ah! sois vós, senhor D. Nuno?
Nun'Alvares—Venho de estar com meus irmãos. O prior—quem tal diria!—o prior, meu irmão Pedro, está por Castella!—Paciencia, deixál-o. Diz que tem medo do povo; que isto que não póde sahir bem. Veremos.—Diogo Alvares não; meu irmão Diogo: lembras-te? que sempre foi muito meu amigo...
Froilão—E' guapo mancebo, é E D. Pedro tambem, e vós todos, vós todos.—Oh, que vivesse eu para vos vêr armados uns contra outros!
Nun'Alvares, (*reflectindo*)—E' verdade.—Mas Diogo, resolvi-o: vae commigo para Lisboa.—Assim vêde: parto ao romper d'alva. E antes de partir...
Froilão—Justaremos as nossas contas: está dito.
Nun'Alvares—Eu vou ter com meu irmão Diogo, que está esperando por mim alli em baixo.

SCENA III

FROILÃO DIAS, *o* ALFAGEME
á porta da sua casa, com a espada de Nun'Alvares, depois GIL-SERRÃO.

Froilão—Uma palavra, Fernão Vaz.
Alfageme—Já sou comvosco: deixae-me dar ordem a esta espada que prometti de ter prompta esta noite, e já não sobra tempo. (*Falando para dentro*) Oh lá, Gil Serrão! (*Apparece Gil Serrão á janella*) Vós, que já não sois para reboliços e que ficastes em casa, e não estaes estropiado de saltar e gritar como essa gente toda que ahi entrou agora, —vós ide-me trabalhar no corregimento d'ésta espada, que d'aqui a duas horas tereis prompta de vosso trabalho. Eu por minha mão lhe virei depois dar o último fio:—que é obra de primor, e para quem... (*como quem duvida e depois se resolve*) para quem a merece; é verdade; merece.
Froilão, (*chegando-se e pegando na espada*)—Ou eu já estou tonto de todo, ou estou conhecendo esta espada.
Alfageme, (*dando-lh'a*)—Vêde lá, vêde lá.
Froilão—E' a mesma: não ha outra em todo o Portugal como esta. De Rhodes a trouxe quando la foi servir suas commendas meu senhor D. Alvaro que Deus tem em glória, com ella foi ao Salado quando em suas victoriosas mãos levava hasteado o lenho da Véra Cruz, com ella voltou triumphante.—Oh espada de meu santo amo, raio de Deus que tanto brilhaste n'aquellas mãos bemaventuradas! deixa-me te beijar, espada invencivel, symbolo de glória e de justiça que nunca defendeste senão a honra e a virtude, deixa-me beijar a tua santa cruz por cuja causa triumphaste sempre!—Reliquia preciosa de meu santo amo!—E como veiu ás tuas mãos este thesouro, alfageme?
Alfageme—Deram-m'a a correger e guarnecer.
Froilão—D. Nuno?
Alfageme—Esse foi.
Froilão—Providencia de Deus! a espada querida do pae tocou ao filho mais querido!—Honrados são todos e cavalleiros; mas o do coração era este. Inda bem que lhe cahiu em partilha.—Meu Deus, meu Deus, tenho fé que com esta espada ninguem ferirá sem justiça, ninguem poderá defender uma causa má e reprovada de vós.—(*Para o alfageme*) Ter lh'a-heis prompta logo?
Alfageme—Para esta noite lh'a prometti, e não faltarei. (*Dá a espada ao official para dentro de casa.*)

SCENA IV

FROILÃO DIAS, ALFAGEME, GUIOMAR *e* MENDO PAES *chegando ao alto da escada*

Froilão—Ora vinde cá.
Alfageme—Dizei o que quereis.

(Conversam em voz baixa para um lado)

Guiomar, (*a Mendo*)—Fica tu, Mendo; que eu vou vêr a doente. Logo me explicarás tudo isso, e eu te acabarei tambem de informar do que por cá vae. —Mas apezar do pouco bem que lhe quero, não posso deixar de a ir vêr.
Mendo—A quem, a Alda? Pois tam mal está?
Guiomar—Não: é coisa que logo lhe passa. E' sujeita a esses estremecimentos que dizem—mal de coração. Na verdade o que é, é que está derrancada da boa vida em que a criaram para fidalga.—A filha do mórdomo de Alvaro Gonçalves, com effeito!
Mendo—Nossa prima ainda.
Guiomar—Mas que prima! já nem se lhe sabe o gráo. —Como é delicada aquella Senhora! Só de vêr o mano...—Está forte mano! o mano Nuno, lhe deram aquelles enturvamentos de cabeça.—Boa mulher de casa para um homem de trabalho, que precisa de lidar!
Mendo—Sim, que tu n'outro tempo... Mas isso já lá vae.—Pois com effeito, Fernão Vaz?
Guiomar—Logo te direi tudo; e avisaremos no que se hade fazer.
Mendo—E Nun'Alvares?
Guiomar—Chegou hoje do Alemtejo, poucas horas antes que tu chegasses de Lisboa; encontrou-a em requebros com o alfageme—e d'ahi é que foram aquelles desmaios.—O amor dos manos ainda é o mesmo de parte a parte. Mas ahi ha coisas. Froilão, Froilão é que anda tecendo isto. Vês? Elles alli estão a cochichar. (*Apontando para onde está o alfageme com Froilão*)—Olha se percebes alguma coisa, e logo falaremos.

SCENA V

FROILÃO DIAS, ALFAGEME, MENDO PAES
no patim da escada

Froilão, (*como continuando a conversação e tomando calor*) E' a vossa última palavra?
Alfageme—A derradeira.
Froilão—Estaes determinado?
Alfageme—E'uma resolução firme, inalteravel, como são todas as minhas.
Froilão—Que esperaes ganhar com isso?
Alfageme—Nada—perder muito talvez.
Froilão—E' o certo.
Alfageme—Embora. Resolvi, não mudo.
Froilão—Paciencia!... Perdi a mais doce, a mais querida esperança da minha vida.
Alfageme—Pois que esperaveis de mim? Que chegado o ensejo de obrar, vinda a hora do perigo e do trabalho, eu desamparasse os do meu partido, os meus populares, e aqui me ficasse a amolar espadas, emquanto outros as vão dar ao vento das batalhas?—Nunca.
Froilão—Um homem como vós, abastado, independente... lançar-se no remoinho da guerra civil, renunciar ao socêgo, á paz da sua casa, á felicidade tranquilla que podia gosar com uma esposa querida!
Alfageme—Padre, essa ventura não a creou Deus para mim... Deixae-me: para infeliz basto eu, a

minha negra sina hei-de correl-a eu só... (*prosegue como quem diz involuntariamente o que não queria dizer*) E quem vos diz, homem, que não é o desespêro que me arremeça na voragem?—que não é o vêr-me fechadas para sempre as portas d'esse paraizo com que sonhei, o que me arroja ao terrivel abysmo?... abysmo espantoso, mas em cuja tremenda agitação só póde haver socego, vida para um coração desatinado, para uma alma perdida, como a minha! Quem sabe se o desejo, se a esperança de satisfazer a unica paixão, o unico prazer dos desesperados, a vingança?...

Froilão—Vingança, Fernando! de quem?

Alfageme—De quem!... de quem?—De um homem que sou obrigado a estimar, a respeitar, cujas qualidades e espirito superior me acovardam e humilham, de um homem que... Não me pergunteis quem é, Froilão; não vol-o direi. E nunca lhe perdoarei a elle, nem quando nas agonias do passamento, abraçado com a cruz do Redemptor.

Froilão—Calae-vos, calae-vos, Fernando; tende dó da vossa alma.—Oh meu Deus, meu Deus, e este era o homem que eu tinha escolhido para meu herdeiro, para lhe deixar o precioso thezouro que a nenhum outro confiára! Este era o homem virtuoso, sem ambição, e quebrado nas paixões do mundo, a quem eu queria entregar a minha Aida!...

Alfageme (*com ironia amarga*)—Alda me daveis vós a mim?

Froilão—Dava sim, porque te não conhecia, homem de soberbas e vinganças, que em teu coração de republico tens mais requintados e violentos todos os vicios de que tanto accusas a esses que Deus pôz acima de ti na ordem do mundo. (*Com tristeza e desconsolação*) Ah Fernão, Fernão, Deus te perdôe o mal que me fazes—e Deus te pague o desengano que ainda me dás a tempo!

Alfageme (*com violencia crescente*)—Desengano-vos eu?... Será.—Mas quem, pelo sangue de Christo, quem é que me enganava a mim?

(N'estas ultimas palavras aperta com tanta força a mão de Froilão, que o faz desfalecer e curvar-se.—E logo, como cahindo em si, o ampara e faz sentar no banco ao pé das arvores.)

Froilão—Quereis... matar-me?... Começaes por mim vossas bizarrias de campeador?

Alfageme (*meio ajoelhado*)—Oh perdoae-me, perdoae-me por quem sois. Estou louco, estou perdido. Perdoae-me, que não sei o que faço nem o que digo.

Froilão (*sem olhar para elle, fazendo lhe signal com a mão*) Pois sim, sim, estaes perdoado; mas deixae-me, por caridade, deixae-me...

Alfageme (*indo-se pelo fundo da scena*)—Agora sim, que sou um homem reprovado e maldito de Deus!

SCENA VI

FROILÃO DIAS, MENDO PAES, (*que se vem chegando.*)

Froilão (*sem vêr Mendo*)—Minha filha, minha rica filha, que hade ser de ti!—ou a vida ou a razão estão por pouco; bem o sinto. Mas antes seja aqui que se acabe (*pondo a mão no coração*) do que aqui, meu Deus! (*batendo na testa*)—Oh! seja... seja feita a vossa vontade sobre tudo. (*Silencio longo: Froilão está todo absorto em seus tristes pensamentos*)

Mendo (*chegando-se a elle como quem o quer consolar*)—Não vos afflijaes assim, meu velho Froilão: não hade ser nada. Alda está melhor: agora me disse minha irmã que já estava boa, que não é nada.

Froilão (*sem olhar para elle*)—Não é nada?

Mendo—Não; não é para vos affligirdes assim.

Froilão—Não é para me affligir!—(*Levantando-se e olhando para elle*) Senhor Mendo Paes, vós sois moço, cheio de vida e de esperança: não sabeis o que isto é; não sabeis o que é ser velho, sentir-se com um pé já frio dentro da cova, e as mãos ainda apegadas a este mundo—e o coração a vaziar-se de esperanças e a encher-se de saudades... Deixae-me, deixae-me ir abraçar a minha filha, que preciso... preciso.

Mendo—Se é Alda que vos dá cuidado, padre...

Froilão—Pois que hade ser, homem! Que outro apêgo tenho eu a este mundo! Tam bello é elle?

Mendo—Estou pasmado de vos ouvir. Vós tam alegre de vosso natural, que sempre nos prégaes que a tristeza e a desconfiança em Deus é peccado,—que, seja qual fôr a nossa sorte, devemos estar contentes com ella e viver satisfeitos!... Vós, Froilão!

Froilão—Eu, Froilão, eu, aquelle velho alegre e descuidado que, zombando com elles, venci os trabalhos da existencia, que, a rir e a folgar, passei, cantando, as ruas da amargura d'esta vida, e cheguei ao calvario da velhice, tremendo com os annos, mas sem penas nem remorsos... eu n'este derradeiro termo da decrepitude, onde cuidei adormecer sem sobresalto, expirar sem agonia, mais abraçado com a minha cruz do que pregado n'ella... oh! a minha esperança era uma esperança impia e descrida. Castigou-me Deus: tenho na bocca a esponja do fel e do vinagre;—nem o justo passou sem ella, como passaria o peccador!—Oh meu Deus, meu Deus, para que vivi eu até esta hora!

Mendo—Socegae. Pois é Alda que vos dá cuidado, aqui está com minha irmã, commigo...

Froilão (*andando e sem olhar para elle*)—Sim, sim.

Mendo—Que lhe queremos como parentes.

Froilão (*ao mesmo modo*)—Sim, sim.

Mendo—Nunca lhe faltará abrigo nem protecção; e do que tivermos repartiremos com ella sempre.

Froilão (*parando e voltando-se para elle*) — Sim, sim. Deus vol-o pague, Mendo.—Deus vol-o pague.—Mas lá disse o Evangelho que nem só de pão vive o homem. E o maior desabrigo e desconforto de uma alma é não ter outra alma a que se encoste. E a minha Alda, a minha Alda quando eu não estiver cá para a amar, quem hade amal-a como ella merece, como aquelle coração precisa, se não fôr um esposo... um esposo que saiba o que ella vale?

Mendo—Tambem... se quereis que vos diga, meu amigo, não sei que amisade era aquella do prior do Crato, do vosso D. Alvaro Gonçalves, que nem um triste dote soube deixar á sua rica afilhada por quem tanto morria.

Froilão (*com vehemencia*)—Não lhe deixou dote! Quê? As prendas, a criação que lhe deu, aquella innocencia, aquelle juizo, aquella virtude... Bem digo eu que me não entendeis, Mendo. Inda bem que ella não tem outro dote.

Mendo—Porquê?

Froilão—Porque não faltariam cubiçosos, e... quem sabe? Talvez vos cahisse nas mãos. (*Sóbe pela escada acima depressa e entra.*)

SCENA VII

MENDO-PAES

—E não se engana, que para eu morrer de amores por ella, para a eu preferir a todas as mulheres d'este mundo, não lhe falta senão essa virtude que todas as outras realça: um dote honesto e decente.—Belleza, graças, donaire, tudo me arrebata na rica priminha. Mas casar... minha pobre Alda, isso agora!... Virtude... virtude tem ella de mais! e fraca esperança posso eu ter...—E d'ahi, quem sabe? ella não tem dote.—Se a quererá mesmo assim o

alfageme ?--Quer, quer, que não é homem de reparar n'essas coisas. Elle tambem, com o cabedal que elle tem, póde fazer o que quizer.--Um villão rico como um senhor! E eu pobre, miseravel e devendo-lhe uma somma que nem eu já sei.--E' preciso livrar-me d'elle e da divida. Veremos: estes tempos de alterações são optimos para a gente se arranjar. (*Olhando para o fundo da scena.*) Ahi vem Nun'Alvares Pereira. Vou-me antes que me veja, que tenho medo d'elle. Não sei o que tem nos olhos aquelle moço que parece lêr no coração da gente. Desconfio que me conheça, que perceba que me finjo tão affeiçoado ao Mestre d'Aviz porque assim me faz geito para servir melhor o meu partido--O partido da rainha! Sou do partido da rainha, sou. Por quem havia de eu ser? Sou pela rainha, porque ella tem os exercitos d'el-rei de Castella atraz de si, e por fim é quem hade vencer, deixál-os andar.

SCENA VIII

MENDO PAES; GUIOMAR *do alto da escada*

Guiomar—Mendo!

Mendo—Quê?

Guiomar—Vem cá, vem já, que tenho muito que te dizer com pressa.

SCENA IX

NUN'ALVARES, *embuçado na capa, e com o chapeirão cahido sobre os olhos.—E' quasi noite.*

São horas; é noite, noite quasi fechada, escura já—e cada vez escurece mais—como a pede o meu desejo.—Oh Alda, vou desenganar-me do teu amor; vou-te dar tal próva do meu coração, que se tu. . (*Encosta-se a uma arvore e fica como absorvido em seus pensamentos.*)

SCENA X

O ALFAGEME *e* NUN'ALVARES, *sem se verem um ao outro*

Alfageme (*entrando*)—Não é possivel! Este alvorôto, estes tumultos que tanto excitei, já me não podem excitar a mim. Este favor do povo, que por toda a parte me accolhe, que era o alvo de todos os meus desejos, já me não move, já me não satisfaz, não me distrae d'este fatal, d'este insupportavel tormento que se me apossou d'alma.—O povo que faça o que quizer, que sirva aos Castelhanos ou ao Mestre d'Aviz. Que me importa! Que reine D. João o legitimo ou D. João o bastardo, D. Leonor ou D. Beatriz, catholicos ou schismaticos, que se me dá a mim! Quebrou-se-me o pulso para a espada, quebrou-se-me o coração para o odio.—Mattaram-te, alfageme... Pois mattaram um homem! —Disputae entre vós esta pobre terra de Portugal... combatei á vontade, que o terreiro é vosso. —Por mim já agora... (*Entra para sua casa sem vêr Nun'Alvares, e atira violentamente com a porta.*)

Nun'Alvares, (*ouvindo bater a porta*)—Quem vae ahi! quem é?—Enganei-me, não é ninguem (*Corre a scena observando*). Está tudo só.

SCENA XI

NUN'ALVARES, *que voltou a encostar-se á arvore*; ALDA *e* FROILÃO DIAS, *apparecendo no alto da escada.*

Froilão, (*baixo para Alda*)—Parece-me que é elle que alli está encostado áquella arvore.

Alda, (*sem olhar*)—E'

Froilão—Vês bem?

Alda—Não vejo, sinto.

Froilão, (*aparte*)—Coitadinha! (*Alto*) Vae, desce até meia escada: eu aqui fico; não tenhas receio, se vier alguem, a minha presença aqui te salva de toda a calumnia.—Mas não virá ninguem; é tarde, em casa todos estão accommodados, e ahi defronte tambem não percebo.. (*Observando*) Está tudo quieto e só.—Minha filha, sou eu que auctoriso, fui eu que ordenei esta explicação entre vós:—era indispensavel, mas deve ser a ultima.

Alda—Sim, meu tio.

Froilão—Tenho plena confiança em ti, Alda. Tudo o que fizeres dou por bem feito e approvo já. Tudo, menos continuar n'este fatal galanteio.

Alda—Galanteio, meu tio!

Froilão—Pois seja paixão, sejam esses requintados amores que imaginaes.

Alda—Tam innocentes, tam puros!

Froilão—E que por isso mesmo te desacreditam mais, porque não tens malicia para os encobrir.—Emfim vae, vae, e acabemos com isto. (*Esconde-se*).

Alda, *descendo lentamente a escada, e parando de degráo em degráo*—Meu Deus! tremo toda... Desço esta escada como quem... Creio que não custa mais a subir a do patibulo! (*Tomando resolução*) Meu Deus, dae-me força; Virgem do Amparo, sêde commigo. (*Desce apressadamente uns poucos de degráos, pára como quem ficou muito cansada, põe a mão no coração, e depois, olhando para onde está Nun'Alvares*). E' elle que alli está decerto. (*chama*) Nuno!

Nun'Alvares, (*sobresaltado*)—Quem me chama?

Alda, (*chamando outra vez*)—Nuno!

Nun'Alvares—E's tu, Alda? (*Correndo para ella.*) Oh! és: não ha outra voz que sôe assim.

Alda—Sou eu, Nuno; sou eu que venho falar-te .. que te venho dizer... Ai, Nuno! não ha remedio, é preciso. Isto havia de acabar. Bem m'o advinhava o coração. Eu fechava os olhos para não vêr a realidade, para não acordar d'este sonho de creanças em que temos vivido... eu, ao menos, eu... e que se desvaneceu porfim.—Um sonho, um sonho, Nuno, mas em que eu era tam... tam feliz: para que o heide negar? Não sabes tu?

Nun'Alvares—Sei, minha Alda, sei. Que tens, que pódes ter tu n'esse coração que eu não veja?

Alda—Inda bem, Nuno, que assim o crês: não duvidarás nunca de mim?

Nun'Alvares—Duvidar de ti!

Alda—E hasde acreditar tudo o que eu te disser?

Nun'Alvares—Tudo

Alda—Pois quero-te confessar uma coisa, quero-te dizer.. —Faço mal n'isto; não se deve dizer; uma donzella honesta, assim na cara de um homem... —Mas tu és meu irmão, Nuno.

Nun'Alvares—Sou, dize: que me queres confessar?

Alda (*depois de breve silencio*)—Lembras-te dos nossos primeiros annos, dos nossos innocentes brinquedos de creanças, na Flor da-Rosa, quando tu, pouco mais velho do que eu, terias dez annos...

Nun'Alvares—E tu oito.

Alda—Te chamavas o meu cavalleiro, e me sentavas ao pé da fonte da Moira no fim da quinta, debaixo d'aquelles castanheiros tam altos... E fazia uma calma! mas alli era tam fresco.—E eu era a Bella Infanta, dizias tu, no meu jardim assentada, e tu eras o cavalleiro que vinhas da Terra Santa perguntar-me pelo annel de sete pedras, de que me tinhas deixado metade...

Nun'Alvares, (*mostrando-lhe a mão esquerda, e fazendo acção de tirar um annel*)—Pois a minha eil-a aqui.

Alda—Bem sei.—E vinha teu irmão Diogo disputar-te

o direito... E brigaveis ás lançadas... de canna; tu para defender a tua dama, que era eu,—e elle, mais velho que tu, ficava sempre vencido. E depois, tu vinha a mim e... e...
Nun'Alvares—E beijava-te...(*Quer abraçal-a.*)
Alda (*dando-lhe a mão*)—A mão, cavalleiro.
Nun'Alvares, (*tomando-lhe a mão e beijando lh'a*)—E' verdade, era só a mão d'essa vez.
Alda—E teu irmão, desesperado...
Nun'Alvares—Ah! assim é que era: quando elle se desesperava muito, muito,—então, para o fazer raivar ainda mais, o beijo era... (*Quer beijal-a na face.*)
Alda, (*evitando o*)—Não está aqui teu irmão agora, Nuno...
Nun'Alvares, (*resignando-se*)—E' verdade.
Alda—E eu tinha oito annos!—(*pausa*) E lembras-te quando teu pae nos vinha achar n'estes innocentes folguedos, como elle ria, e me tomava no collo, e dizia:—«Ora basta de brincadeira, que me parece que a bella infanta vae tomando o caso a serio.» —E eu, d'aquella edade!... eu corava, Nuno.
Nun'Alvares—Coravas, porquê?
Alda—Porque teu pae dizia... a verdade.—Já não tinha outro prazer senão estar comtigo, já me aborrecia onde tu não estavas, já te amava... como agora te amo.
Nun'Alvares—E eu! Se os nossos corações nasceram assim, se já Deus nos creou um para o outro!
Alda—Deus, póde ser; não sei. Mas desde então até agora, e á proporção que fomos crescendo, se foi alargando—n'este mundo em que temos de viver—a immensa distancia que hoje nos separa.—Amo-te ainda, Nuno... Sabe a Virgem do céo com quantas lagrimas lh'o tenho confessado, que lhe tenho pedido que me ampare, que me defenda.
Nun'Alvares—De quê, Alda?—O meu amor, com ser apaixonado e violento, deixou jámais, ao pé de ti, de ser timido e recatado, innocente como o amor de um irmão? E tu pedias á Virgem que te defendesse!... de quem?
Alda, (*abaixando os olhos*)—De mim, Nuno.
Nun'Alvares (*com enthusiasmo*)—Oh Alda, esta noite é o primeiro dia da minha vida!
Alda (*tristemente*)—E o derradeiro da minha.
Nun'Alvares—Que disseste!
Alda—O que é verdade, o que hade ser, o que é tam certo e resoluto na minha alma, como é certa a crença, a confiança que tenho em Deus que me ha de ajudar, que me hade salvar.
Nun'Alvares—Oh Alda!
Alda—Este amor nasceu antes da razão e tomou o logar d'ella: quando a edade a trouxe, já não achou onde caber: mas tambem nasceu sem esperanças, elle! Innocente creancinha como eu era quando nasceu, bem vi que as não tinha. Nasceu...—cresceu sem ellas, que é maior prodigio!—mas já vês que não podia ser vividouro: traz a morte em si. E o termo fatal chegou; está na agonia, bem vês. Deixa-o morrer em paz, meu irmão.
Nun'Alvares—Morrer! Este amor que nasceu comnosco, que é parte da nossa vida! Não o deixarei morrer; não eu, Alda, que ainda quero viver.
Alda—Tambem eu quero... Não queria, mas agora preciso viver. E Deus e a Virgem, e o sentimento de minhas obrigações, e a satisfação de as ter cumprido me hãode dar animo para affrontar com a vida e soffrel-a.
Nun'Alvares (*com despeito*)—Bem dizes que nasceu fraco o teu amor, Alda, que assim pódes ser tam valente com elle. Eu não.
Alda—Tu não! Porquê?—Porque me tens mais amor do que eu a ti?—Oxalá que o acreditasses! Mas não o crês. Esta valentia por que me motejas, d'onde vem ella por fim senão do mesmo excesso do meu amor?—Nuno, eu sei quanto te amo; e tu tambem o sabes. Assim como sei todo o amor que me tens: com elle contei. Nuno, meu querido irmão, ajuda-me, salva me de mim mesma. Tem dó de mim, meu irmão!
Nun'Alvares (*tristemente*)—Irmão! (*Resoluto*) Sou Alda, sou teu irmão Que queres tu que eu faça?
Alda—Que partas já.
Nun'Alvares—Jurei partir ao romper d'alva...
Alda (*com sobresalto*)—Tam cedo!
Nun'Alvares (*enternecido e pegando-lhe na mão*)—Oh Alda!
Alda—Oh Nuno!

(Ficam algum tempo assim como em suspenso e cahindo-lhe as lagrimas.)

Alda (*esforçando-se para serenar o rosto*)—Bem: partirás ao romper d'alva.. e irás para muito longe, para muito longe... aonde te espera.. (*Quer tirar a sua mão da d'elle.*)
Nun'Alvares—Quem?
Alda—Meu Deus, que força é preciso!... onde te espera a tua espôsa.
Nun'Alvares (*largando-lhe a mão*)—Nunca! Jamais... Nunca!
Alda—Prometteste.
Nun'Alvares—Prometti.. fizeram-me prometter. Assignei, sim, uma escriptura que está nulla, nulla.
Alda—Meu irmão, tu queres-me perder? De que me serve a minha innocencia de que Deus e tu são testemunhas, se tu atiras assim com a minha fama, com a minha honra ás esfaimadas bôccas da calumnia! Que dirá o mundo, que dirá essa poderosa familia que assim vaes injuriar? A tua propria familia o que hade dizer?—Que o criminoso amor de uma donzella que não póde ser tua mulher... e que tu fizeste... que tu abaixaste a tua... (*Com grande afflicção e desconsôlo*) Oh Nuno, Nuno! tua irmã, a tua Alda com similhante nome pelo mundo! (*Desata a chorar.*)
Nun'Alvares (*tomando lhe as mãos*)—Por Deus que está no céo, Alda, pela alma de meu pae, pela sua espada que aqui... (*Vae com a mão ao lado da espada e não a acha*) Que é da minha espada?.. Ah sim.—Mas pela santa cruz d'aquella santa espada te juro que tal esposa não tomarei por mulher se tu...
Alda (*cobrindo o rosto com as mãos*)—Se eu o quê?
Nun'Alvares—Se tu queres ser minha esposa, minha mulher.
Alda (*com enthusiasmo e alegria*)—Meu Deus, meu Deus!—Que disseste, Nuno?
Nun'Alvares (*resoluto*)—O que hoje, hoje mesmo, agora, n'este mesmo instante quero cumprir. Tenho a palavra de teu tio.
Alda (*incredula*)—De meu tio?
Nun'Alvares—Sim, de teu tio, que logo, aqui, n'essa capella nos receberá. Eu tenho de partir ao romper d'alva, que me chama o Mestre a Lisboa; mas partirei teu esposo (*com jubilo*), teu marido, Alda, teu para sempre, teu á face do céo e da terra. (*Quer abraçal-a.*)
Alda (*evitando-o*) Ainda não, Nuno.—(*Fazendo esforço para se tranquillizar*) Ouve. Tu vaes para Lisboa a chamado do Mestre?
Nun'Alvares—Vou: que tem?
Alda—Não te apartarás de sua companhia, de sua casa, não o abandonarás nos perigos, nas arriscadas emprezas que já começou...
Nun'Alvares—Não por certo; nunca, antes morrer mil vezes.
Alda—Viverás na côrte, no paço, com os teus eguaes, com os teus parentes, entre essas damas tam nobres e tam desdenhosas... cercado de...
Nun'Alvares—Que importa. Alda? Na côrte ou no campo, rico ou pobre, grande senhor ou obscuro cavalheiro, serei teu sempre, teu.
Alda (*vacillando*)—Não digas mais, Nuno, não digas

mais. (*Enternecida e tristemente*) Deus te hade pagar a consolação que me deram as tuas palavras. Fizeram-me um bem. . —Oh Nuno! eu tinha vergonha, tinha remorsos do meu amor; já não tenho —Eu, uma pobre orphã, sem nome e quasi sem parentes... tu D. Nuno Alvares Pereira... Como havia de eu aspirar?... Havia não sei quê n'este amor, que me degradava, me envillecia a meus proprios olhos. Agora faço gloria d'elle.—D. Nun'Alvares Pereira queria-me para sua esposa! (*Com agradecimento*) Oh meu Nuno!

Nun'Alvares — Não eras tu minha irmã, Alda? Tirando-te esse nome que te foi dado por meu pae, qual te havia de dar eu?

Alda — Obrigada, Nuno; Deus t'o pague! Deus t'o hade pagar —Até aqui tive eu força, mas agora...

Nun'Alvares—Agora o quê?

Alda (*resoluta*) — Agora que medi toda a generosidade d'esse coração, agora que te devo mais que a vida, mais que a honra—porque a meus proprios olhos me elevaste e ennobreceste—agora que vejo, Nuno, que sou obrigada a confessar que o teu amor ainda excede o meu... Excede? — Excede, sim: eu não tinha senão a minha honra, e não t'a dava... não; prezava mais o meu nome que a tua felicidade.—E tu! tu sacrificavas-me nome, grandeza, esperanças do mundo... quem sabe se a honra tambem?—Pois quê, Nuno! Reflecte bem: que haviam de elles dizer?—«D. Nuno Alvares Pereira, coitado!... aquillo foram escrupulos de consciencia... era uma pobre de Christo, teve dó d'ella... Elle tambem não é rico; e depois já não havia outro remedio...» E hão de te apontar ao dedo, e hão de sorrir quando tu passares...

Nun'Alvares—E tu não sabes que com tres polegadas de ferro da minha espada cravo, na bocca do infame, a lingua que se atrevesse a... e calo para sempre os faladores todos?... se taes houvesse, que não ha; enganas-te, Alda: fazes-te injuria a ti propria.

Alda—Bem sei que o farias como dizes, que os havias de calar. Mas a fama de tua mulher... de tua mulher, Nuno! A tua fama, a tua honra seria feita á ponta da espada. E ella, a mal-agourada, em continuos transes, em sustos sempre pela vida de quem lhe dava a honra!—(*Com resolução*) Tal não será, Nuno! não has de ser mais generoso do que eu; não me amas mais do que eu te amo.

Nun'Alvares (*enternecido*)—Alda!

Alda—Não posso, não devo, não hei de ser tua mulher.

Froilão (*apparecendo*) — Bem, minha filha, bem! — que vos disse eu, Nuno? (*Desce.*)

Nun'Alvares (*Olhando para cima*)—Oh! Froilão... Já me não lembrava; agora entendo porque... (*Para Alda com vehemencia*) Isso não vem do teu coração, Alda; não póde ser. Foi elle.—Pois juro o sangue de Christo que...

Froilão—Não jureis, D. Nuno, que é falso.

Alda (*com brandura*)—Nuno, em tam pouco me estimas que me não julgas capaz de uma acção boa por mim?

Nun'Alvares (*perdendo a cabeça*)—Não sei, não sei. Já não creio em ninguem, já não creio em nada... —E que farás tu, Alda? Que fareis vós d'ella, Froilão? Vós, no fim da vida, ella que mal a começa agora!... Já vejo. — Oh Alda, Alda! uma prisão perpetua... tal será o premio do meu amor e da tua virtude... um mosteiro!

Froilão—Não por certo.

Nun'Alvares—Então o quê?—Ousareis? ..

Froilão—Casal-a com um homem honrado, da sua egualha, que tenha um coração para avaliar o que lhe dou, e fazenda para a poder estimar.

Nun'Alvares—Alda, Alda casada com um villão! A minha Alda! Aquella flôr, tam mimosa de outro trato, criada em jardins de senhores, hão de lançál-a na courella de um labrego. . Oh Alda! (*Passeia agitado pela scena: pára no meio, como ferido de uma idéa subita, e diz áparte:*) Disfarcemos para saber, (*Alto e voltando para os dois*) Não consinto, não hade ser... Só se ..—Bem, Alda, bem: eu, pelo menos, sou teu irmão, e tenho direito de saber quem é o meu... o esposo que me preferes.

Alda—Disseste bem, Nuno: que te prefiro.

Nun'Alvares—A mim!

Alda—A ti, meu irmão: porque tu não pódes ser.. senão meu irmão.

Nun'Alvares—E é?

Froilão—Este honrado visinho que aqui mora defronte, homem de...

Nun'Alvares—O alfageme?

Froilão—Esse.

Nun'Alvares—Um homem grosseiro.

Alda—Não é, Nuno.

Nun'Alvares—Com que olhos o vês já!

Alda—Com os da razão: bem vês que o não amo.

Nun'Alvares (*para Froilão*)—Um cabeça de motim!

Froilão—Cabeça não, D. Nuno: este motim, todos os motins começam por mais alto.—Mas descançae, que ou elle hade assocegar e deixar-se d'esses bandos, ou Alda não hade ser sua mulher.

Nun'Alvares—E tu queres, e tu consentes, Alda?

Alda—Quero, sim, meu irmão. E' um homem de bem, de bom coração, honrado, generoso; teve uma criação muito acima do seu estado... como eu, Nuno;—para cavalleiro estava, mas teve a nobre resolução de voltar a seu estado natural... como eu hei de ter, meu irmão.

Froilão—Tem dos bens da fortuna, é laborioso e honesto, adora-a...

Nun'Alvares, (*inquieto*)—Adora-te?

Alda—Não.

Nun'Alvares—E tu queres casar com um homem que te não ama?

Alda—E eu tenho-lhe amor?

Nun'Alvares—Mas se... se elle te vier a amar?—E hade, oh! hade. Hade amar-te. Alda! — Um villão hade amar a minha Alda?--Hade amar te, elle hade amar-te... e tu... tu?

Alda, (*com firmeza*)—Meu irmão, eu heide fazer a minha obrigação; heide...

Nun'Alvares, (*interrompendo-a*)—Hasde o quê, Alda?

Alda, (*com serenidade*)—Heide amar a meu marido.

Nun'Alvares—Voto a Satanaz. .

Alda—Nuno!

Nun'Alvares—Que tal não será.—Tu, Alda, tu amarás outro homem, vivo eu! Santo Lenho da Vera Cruz que .. (*desvairado e resoluto*) Para amante não me queres... nem eu queria. Por esposo não me acceitaste... Pois será o que escolheres; mas uma das duas coisas hade ser. (*Toma-a de repente nos braços e vae a fugir com ella. Alda desmaia.*)

Froilão—Nuno, D. Nuno!—Acudam, acudam. (*Gritando a brados*). Aqui del. .

Nun'Alvares, (*arrojando Froilão de si*)--Deixae-me, eu juro pela espada de meu pae...

SCENA XII

O ALFAGEME, *saindo de sua casa com a espada na mão*; NUN'ALVARES; FROILÃO DIAS, *caindo como desmaiado*; ALDA.

Alfageme, (*tomando-lhe o passo*) — Não jureis em vão, senhor D. Nuno. A espada de vosso pae, tenho-a eu aqui: (*brandindo-a*) tomae-a primeiro, depois jurareis.

Nun'Alvares—Quem és tu? (*Recuando e reparando n'elle*) Oh! o alfageme. (*Vae depôr Alda ao pé do tio, e volta com ira concentrada*) Obrigado, meu

amigo! A ponto vindes. Hoje é dia de bom agouro. (*Deita a mão ao lado da espada, e não a achando, diz amargamente e por entre os dentes*) Oh fatalidade, sina má, não tenho espada!

Alfageme, (*abatendo a espada e tranquillamente*) — Entrae n'aquelle armazem e escolhei.

Nun'Alvares — Vae tu mesmo; e dá-me essa que é minha.

Alfageme—Era de vosso pae. Está para vêr se sois digno d'ella.

Nun'Alvares, (*enfurecido*)—A mim, a mim, alfageme! Caro pagarás tudo. (*Corre a casa do Alfageme e volta com uma espada.*) Não dou esta honra a todos. Mas comtigo...

Alfageme, (*tranquillamente e com dignidade*)—Por ora tenho na mão esta espada, e sou mais digno de lhe pegar do que vós. — Brigaes com a espada de vosso pae, senhor D. Nuno, não com o villão que a tem no punho.

Nun'Alvares (*mais enfurecido*)—Defende-te, homem, por Christo, que já me peza a tua vida mais que a minha. (*Investe furioso com o Alfegeme, que se defende com todo o sangue frio, e procura desarmal-o sem lhe fazer mal.*)

Alda, (*acordando com o tinir das espadas*) — Nuno, Nuno, meu irmão, meu!...

(Nuno cae.)

Alda—Ai! (*Acode-lhe e abraça-se com elle.*)

Froilão, (*levantando-se*)—Que fizeste, homem!—Oh meu querido amo! (*Vae-lhe acudir tambem.*)

Alda, (*erguendo a cabeça, sem olhar para o Alfageme, mas levantando a mão para elle*)—Fernão Vaz, que vos não tornem a vêr os meus olhos.

Alfageme, (*com um sorriso amarello*) — Não é nada, senhor; vêde. Foi um leve bote no hombro, que lh'o não pude evitar por mais que fiz.

Nun'Alvares, (*tornando a si e sentando-se*)—Alda!—Foi a espada de meu pae: a justiça era por ella. (*Levantando-se em pé*) Não estou ferido: o poder d'aquella espada me derribou e me fez cahir em mim Sois um homem honrado, alfageme.—Alda perdôa-me, perdôa a teu irmão, a teu irmão... que não é já... que hade vir a não ser... mais que teu irmão.—A minha espada, Fernão Vaz.

Alfageme—Eil-a aqui, senhor cavalleiro.

Nun'Alvares, (*beijando-a muitas vezes*)—Espada de meu pae, que tam bem começas a servir-me! tu serás na minha mão...

Alfageme, (*com enthusiasmo*)—Um raio de gloria!

Alda, (*do mesmo modo*)—Um symbolo de honra!

Alfageme—A defensão de Portugal!

Froilão—A victoria de Christo!

Alfageme, (*como em extase*)—Sereis o primeiro homem de Portugal, D. Nuno Alvares Pereira! Não vos pese, não vos pejeis de ser vencido do pobre alfageme. Foi essa espada que tem o condão de dar sempre a victoria a quem a empunhar pela virtude. Essa espada é de encanto. Nunca vi lamina assim. Boas fadas a fadaram; ou antes, no rio Jordão por mãos de anjos foi temperada. Tenho feito, tenho corregido muita espada, nunca vi faiscar scentelhas como de fogo do céo, quaes essa deita. Essa espada vos fará grande, vos dará titulos, honras, vos fará... conde, Condestavel do reino... e digno de tudo isso!

Nun'Alvares, (*olhando a espada com complacencia.*) Que brilhante está! (*Torna a beijal-a; depois co alfageme*) Ainda vos devo o preço...

Alfageme, (*sorrindo*)—Não me paguei já por minhas mãos?

Froilão, (*sorrindo*)—Fez de moleiro o alfageme.

Nun'Alvares, (*com bondade*)—Embora.—Esta bolsa contém mil dobras: será o dote de minha irmã (*entregando a bolsa a Froilão, e depois sorrindo para o Alfageme*), e o preço da correcção... da espada.

Alfageme, (*tomando a bolsa das mãos de Froilão e tornando a pol-a nas de Nun'Alvares*)— O dote de Alda é aquelle coração. Alda, eu ouvi tudo o que dissestes.

Froilão—Ouvistes!

Alfageme — Ouvi, e fiquei sabendo o thesouro que me daes.—Senhor D. Nuno, o preço da *correcção*... da espada dar-m'o-heis quando fordes Condestavel do reino.

Nun'Alvares, (*rindo*)—Quereis zombar. Eu Condestavel!

Alfageme—E' uma inspiração que Deus me deu, uma visão que tive quando a estava affiando. Vel-a heis cumprir, de certo; e então me pagareis. — Agora (*apontando para Alda*) que mais me quereis dar?

Nun'Alvares — Tendes razão. — Alda, a tua mão. (*Toma a mão de Alda e lh'a põe na do Alfageme*). Alfageme, esta mulher é minha irmã; dou-t'a eu.

Froilão, (*estendendo as mãos sobre elles*)—E eu vos abençôo.

Nun'Alvares, (*com um suspiro*) — Adeus, Alda... adeus!

Alda—Nuno!

Alfageme—Não abraçaes vosso irmão, Alda?

(Alda olha para o Alfageme como quem o admira, Nuno faz outro tanto; abraçam-se.)

Nun'Alvares—Adeus, Alda!

Alda—Adeus, meu irmão!

SCENA XIII

NUN'ALVARES, ALDA, FROILÃO DIAS, ALFAGEME. *Côro dos Cavalleiros*

Nun'Alvares, *para os Cavalleiros*—A cavallo, meus senhores, e para Lisboa! (*Para o Alfageme*) Por Deus, que sois o villão mais cavalleiro!...

Alfageme—Se ha tanto cavalleiro villão...

(Os Cavalleiros rodeiam Nun'Alvares e se dispõem para partir.)

Côro dos Cavalleiros

(Musica guerreira)

Partamos!
Corramos;
Partamos que a espada
Por sangue já brada!
Corramos!
Na ponta da lança
Flammeja a esperança
Da gloria!
A victoria
Nos quer coroar.
Partamos,
Corramos!
Galopa, galopa a bom galopar,
Que a gloria,
A victoria
Nos quer coroar!

ACTO QUARTO

É muito de madrugada: tudo fechado em casa do Alfageme; a de Mendo-Paes está illuminada, e ouve-se dentro musica festiva: ha toda a apparencia possivel de um sarão sumptuoso que se prolongou até de manhã.

SCENA I

D. GUIOMAR, *Damas e Cavalheiros*

Um Cavalheiro (*dentro*)—Por despedida, a canção d'el-rei Arthur e da sua Tavola-redonda.
Uma Dama (*dentro*)—Já rompe a manhã.
Guiomar (*chegando á varanda*)—E' dia, dia já claro, e este infernal festim sem acabar!—E meu irmão que ainda não voltou? Que terá succedido!
Um Cavalheiro (*dentro*)—Traição! a bella Guiomar que nos deixa, a rainha da festa que nos desampara, a nossa rainha Ginebra!
Vozes (*dentro*)—A rainha para o seu throno!

Sáem varios cavalheiros e damas ao patim, que levam D. Guiomar para dentro

Todos—A rainha da festa, e vamos á canção.

(Alguns Cavalheiros e Damas ficam de fóra no patim)

Uma voz (*canta*):

Copla I

El-rei Arthur—o coitado!
El-rei Arthur de Inglaterra,
C'os seus doze cavalleiros,
Vêdel-o, vae para a guerra.
Vão pagens, vão escudeiros,
Tudo vae por seu mandado;
Que el-rei Arthur de Inglaterra
Vae para a guerra—coitado!

Côro

El-rei Arthur de Inglaterra,
Deixal-o ir para a guerra!

Copla II

Fica a rainha Ginebra,
Fica a Tavola-Redonda...
Deixal-o ir com seu primor!
Lá de sangue espuma a onda,
Aqui ferve almo licôr.
Suas glorias elle celebra,
Nós a Tavola-Redonda
E a rainha Ginebra.

Côro

Suas glorias elle celebra,
Nós a rainha Ginebra.

Um Cavalheiro—Guapa canção! E a proposito: o Mestre de Aviz e os seus valentões que o têm a elle pelo rei Arthur e a si por outros tantos Galaazes e Lancelotes! Pois que batalhem elles, e nós ficaremos com a Tavola-Redonda e. .
Todos (*cantando:*)

E a rainha Ginebra.

Outro Cavalheiro (*saindo ao patim com o copo na mão*)—A' bella rainha Ginebra! E a virar.
Todos (*bebendo*)—A' bella rainha Ginebra!
Alguns—Outra copla, outra copla.

Copla III

Pela Tavola-Redonda
Tambem vae rija a batalha,
Rija, rija de matar.
Nem capacete, nem malha
Valem n'este pelejar:
Que a taça que gira á ronda
E' quem traz esta batalha
Pela Tavola-Redonda.

Côro

Gire, gire a taça á ronda
Pela Tavola-Redonda!

Copla IV

Pela rainha Ginebra
Aqui só se ha de justar;
E el rei Arthur—o coitado!
Por lá que ande a brigar.
Cada qual tem o seu fado:
Emquanto elle escudos quebra,
Nós os cópos—e a justar
Pela rainha Ginebra.

Côro

Lança e cópo aqui se quebra
Pela rainha Ginebra.

Entram para dentro os que estavam de fóra e ouve-se musica festiva e tinir de cópos. etc.)

SCENA II

MENDO-PAES *ricamente vestido; depois* D. GUIOMAR, *Damas e Cavalheiros*

Mendo—Ainda por cá dura a festa!—E' mister que acabe agora para começar a outra. Estão furiosos os populares contra elle, e não tardarão aqui. (*Vae a subir a escada.*)
Guiomar (*Saindo ao patim*) — E's tu, Mendo? Inda bem! Que ha?
Mendo—Que está a entrar el-rei de Castella, o meu, o nosso rei.
Guiomar (*descendo a meia escada*)—Ao menos, graças a Deus, acabou isto.—Deixas-me aqui com esta gente ha mais de tres horas. E' dia e ainda se não vão; eu já não posso ..
Mendo—Agora se irão, espera: em lhe dando a noticia. Que queres? Não havia remedio senão festejar este grande dia com os amigos, os bons, os nossos.
Guiomar—Bons, nossos!—Serão.
Mendo—Pois não são? Os principaes cavalheiros de Santarem — Espera que já te livro d'elles—E temos que falar. (*Sóbe e diz para dentro da porta*) Meus cavalheiros, el-rei D. João que chega.—El-rei D. João de Castella e Portugal.
Vozes, *dentro*—Vamos-lhe ao encontro. Vamos.
Mendo—Ide, que eu já vou.

(Sáem damas e cavalheiros)

SCENA III

MENDO-PAES *torna a descer*;
D. GUIOMAR *o segue*

Mendo—Estamos salvos, Guiomar. Custou. Dois annos de lidas e perigos. Dois annos quasi. Vejamos. Em 6 de dezembro foi a morte do conde de Ourem. A 8 cheguei eu aqui, e foi...

Guiomar—Aquella famosa aventura da espada do Condestavel.
Mendo—Já tu lhe chamas tambem Condestavel.
Guiomar—Se todos lh'o chamam !
Mendo — Mas nós não, que é reconhecer um titulo illegitimo. Quem deu ao Mestre d'Aviz o direito de fazer Nun'Alvares Pereira Condestavel do reino que não é seu ?
Guiomar — Pois sim: que me importa a mim com isso.
Mendo—Oh! importa-me a mim.—Mas vamos: 8 de Dezembro... passou todo o anno seguinte; estamos a 8 de Agosto d'este anno. Ha justamente vinte mezes—inda não ha dois annos; é verdade. Mas o que se tem psssado! Ora vence o Mestre, ora el-rei de Castella. E um homem de bem sem saber por quem se hade resolver —Emfim agora estou seguro.
Guiomar—Porquê ? Estás certo que vencem os Castelhanos ?
Mendo—Creio que sim; mas nunca fiando. Para descargo de consciencia e pelo que póde succeder, tenho servido a um e a outro, e com ambos tenho ganho. E quanto cá ao nosso Alfageme e á enorme divida que lhe devêmos, que é o mais importante—aqui estão os alvarás ambos, *(mostra dois pergaminhos com sellos pendentes, um de fita azul, outro encarnada)* Provavelmente hade servir este, o vermelhinho. Mas se não servir, cá está o outro que tambem não é feio. E' azul: linda côr, boa côr egualmente! Todas as côres são boas, a falar a verdade.
Guiomar — Oh Mendo, Mendo, que não sei que te diga !
Mendo—Pois não digas nada, que é o melhor. Agora o caso é resolver o alfageme a partir. Elle detesta os Castelhanos—e isso bom é para nós;—mas está irresoluto na causa do Mestre, e é preciso decidil-o.—Nun'Alvares e D. João estão em Abrantes: e se elle se resolver a ir para lá... tudo está feito. —Tenho arranjado cá uma coisa que me parece que não falha. Deixa estar.
Guiomar—Coitado !
Mendo—Isso! vê agora se te chega a compaixão; a boas horas —Mulheres! Já te não lembra a injuria que soffreste de um villão, Guiomar! Já te não lembra que a presença d'elle aqui, a sua vida, seja onde fôr, é um insulto, uma affronta para ti, para teu irmão... obrigado a devoral-a em silencio por não diffamar o nobre sangue da nossa familia !
Guiomar (*córando*)—E' verdade, meu irmão...—Mas porque não mataste tu esse homem antes... antes de elle casar ?
Mendo—Mulher, mulher!... ciumes!—O nome, a fama, a honra da sua gente, a sua, nada a moveu... e o ciume, esse...
Guiomar—Que te importa o motivo, se eu consinto na infamia de tam baixa vingança?—que é o que tu queres.—O indigno, o hypocrita, tenho-lhe odio; a ella, á presumida da mulher, aborreço-a quasi tanto como ao marido... parece-me que mais. E ha dois annos que ahi estão casados e vivendo felizes...—Feliz elle! oh não, que eu bem conheço Fernando. Ralam-n'o os ciumes como a mim.... Inda bem... Mas não basta: preciso mais solemne vingança.—Dizes tu que por esse modo, e partindo elle para o Mestre d'Aviz?...
Mendo—Ficarás vingada.
Guiomar—Villanmente.
Mendo—Com villão, villão e meio. Querias tu casar com elle?
Guiomar (*hesitando*)—Eu!... Bem sabes que não quiz. Um homem que se deshonrou, que se fez mechanico, podendo ser...
Mendo—Um cavalheiro pobretão. Pois bem, não quizeste. Que lhe havia de eu fazer? Matal-o, sabendo todos quanto lhe devo?—Como ficava eu? Perdido no conceito publico e sem me livrar da divida.—Assim é patriotismo, é lealdade; foi um sacrificio que fiz das minhas mais caras affeições no altar da patria.—O partido que vencer—o meu partido hademe acclamar um heroe, que é o costume.
Guiomar—Podias têl-o provocado a um duello por qualquer pretexto—e matal-o honrada e lealmente.
Mendo — Um villão! Um duello com um baixo mechanico! Mendo Paes reptando a Fernão-Vaz, cruzar a sua espada com a do alfageme !
Guiomar—Não teve esse escrupulo o Condestavel.
Mendo—Nun'Alvares Pereira ? E achas que fez muito bem? Não sabes como Fernando joga a espada ? —O que lhe valeu a Nun'Alvares foi que elle o não queria matar.
Guiomar—Ah!... entendo.
Mendo—Nada; isto assim é melhor.—E a minha bella Alda, a minha desdenhosa priminha .. Ella é a nossa prima, arredada sim, mas... E agora é preciso valer-lhe, amparal-a.
Guiomar--Mendo, esqueces-te que eu sou uma senhora e tua irman ?
Mendo--Não: nem de que essa senhora me deu o direito de a expulsar de minha casa, é declarar a todo o mundo...
Guiomar—Mendo, és um covarde.
Mendo--Sou
Guiomar—Um espia, traidor...
Mendo--Sou.
Guiomar (*desatando a soluçar e a chorar derepente*) --Meu irmão, perdôa-me pelo amor de Deus--deixa-me ir, deixa me ir já para um convento .. o das Claras...
Mendo--E o dote?
Guiomar -- Oh meu irmão, por alma do nosso pae; serei freira conversa, serei tudo... Mas vamos e já, já, senão morro... (*Está de joelhos.*)
Mendo--Guiomar!... (*D Guiomar levanta-se*)--Vamos. Um dia heide fazer uma acção boa. Irás para as Claras. Está resolvido; mas primeiro, havemos de resolver est'outro arrependido a partir para melhor destino.--Oh eil os ahi vêm por fim. (*Ouve-se tumulto dentro.*)
Guiomar--Quem ?
Mendo--Agora verás Vêm optimos; bons tostões e boas canadas de vinho me custou.

(Sóbem ambos a escada)

SCENA IV

D. GUIOMAR e MENDO-PAES no alto da escada. O povo entra em magotes e amotinado; entre elles como chefes GIL SERRÃO, BRAZ-FOGAÇA e mais serralheiros do Alfageme e JOANNA, SERAPHINA e outras mulheres com elles

Côro do povo
Traição, traição, traição!

Gil Serrão--
Quem nos perdeu!

Braz Fogaça--
Quem nos vendeu !

Côro
Traição, traição, traição !

Gil-Serrão--
E' não ter alma.

Braz Fogaça--
Não ter coração.

Côro
Traição, traição, traição !

Guiomar (*para Mendo*) -- São capazes de o matar, Mendo.

Mendo—E se fossem, a perca!—Mas não, não é nada; deixa estar.
Guiomar—Então o que é, que tem esta gente?
Mendo—Tem o que ainda agora te disse; que está el-rei de Castella perto da villa, que ahi vae subindo a calçada da Atamarma; e agora estão com medo do castigo que merecem. E' o costume: chega-lhe tarde, mas chega-lhe devéras. Até aqui, o Alfageme era o seu homem, o seu capitão; agora hão de querer pendurar o caudilho á porta do Sol para vêr se lhes escapa a garganta d'elles, e hãode gritar que ainda bem que se livraram do Alfageme, que era quem os obrigava a fazer as maldades e as cruezas que fizeram.
Guiomar—Mas todos nós vimos o contrario; e a ti mesmo por duas vezes te salvou elle a vida, escondendo-te do povo e defendendo-te quando esses amotinados gritavam por esta escada acima: «Morra o castelhano, o scismatico, o traidor, o espia!
Mendo—E' verdade: e é a mesma coisa agora, a mesma gente, agora querem no matar a elle por não ser castelhano nem scismatico.
Guiomar—Pois sim; mas acode-lhe tu, e salva-lhe a vida ao menos, que bem sabes quanto lhe devemos.
Mendo—Devemos, devemos; e para lhe não dever é que...
Guiomar—Anda, vae.
Mendo—Se elles estiverem pelo que lhes eu disser... (*Começa a descer lentamente a escada.*)

Côro
Traição, traição!

Joanna—Meu pae!
Gil Serrão—Minha filha!
Seraphina—E tu, meu irmão!

Côro
De nós que será?

Gil Serrão—
Ai quem nos perdeu!

Braz Fogaça—
Ai quem nos vendeu!

Gil Serrão—
Foi elle.

Côro
Foi elle, foi elle.

Braz Fogaça—
Pois já,
Pois hoje por todos aqui pagará.

Côro
Pois hoje por todos aqui pagará..

SCENA V

GIL SERRÃO, BRAZ FOGAÇA, JOANNA, SERAPHINA *e mais amotinados;* o ALFAGEME *abrindo a porta de casa e saindo; atraz d'elle* ALDA, FROILÃO DIAS *e* MENDO PAES; D. GUIOMAR *no patim da escada.*

Alfageme—Quem é que hade pagar por todos? Se sou eu, aqui estou. Em que moeda quereis que vos pague?
Alda, (*abraçando se com o Alfageme*)—Fernando, Fernando, lembra-te de teu filho?
Alfageme, (*desembaraçando-se d'ella*)—Deixa-me, Alda: estas coisas não são para mulheres. Vae para ao pé de teu filho, deixa-me.
Guiomar (*para Mendo*)—Então, vae, olha que... (*Impaciente e levantando a voz*) Foge, Fernando, que te matam.

(Rumor entre os amotinados, que todos se voltam para onde está Guiomar.)

Alda—Ella tem razão, foge, Fernando.
Mendo (*chegando-se ao pé d'elle*)—E' o mais prudente, Fernando. Essa gente está furiosa e com medo; por consequencia capazes de tudo. Sae pela porta de traz da tua casa que deita para o rio Eu terei mão n'elles por aqui. Nun'Alvares .. a quem chamam o Condestavel, lá entre a gente do Mestre—está em Abrantes
Alda—Em Abrantes, tam perto d'aqui! Vae para elle, vae que te hade accolher bem. Oh! de certo! E escaparás d'esta má gente... Máos! coitados, estão loucos.
Froilão—E espicaçados de más moscas anzoneiras, de ruins agulhas ferrugentas que aqui andam tecendo mentiras e desgraças. (*Olha para Mendo; depois querendo affastar o Alfageme.*) Deixae-me falar com elles.
Alfageme (*seguindo o*) Com estes aqui? Que quereis fazer? Pedir-lhes que me perdôem! A mim! Pelo Santo Milagre de Santarem que ajustarei minhas contas com elles, eu, em propria pessoa e sem mais ninguem.
Alda—Fernando!
Alfageme—Deixa-me, já te disse. (*Adiantando-se para os amotinados*). Que me quereis vós, que vos devo eu? Falae.—Appellidastes me de traidor: em que vos atraiçoei, quando, por quem?—Que vos vendi... Eu, Fernão Vaz, eu, o Alfageme de Santarem! Por que preço? Dizei.—Olhae para essas officinas! Abandonadas, desertas. Essas forjas!... ha dois annos apagadas! Esses armazens! .. vazios. A minha fazenda!.. gasta, consummida. Em quê?—Em vos sustentar com essas armas na mão. Essas armas que eu vos dei... para quê? Para defenderdes a vossa propria causa. A vossa causa que vós desertastes... que nunca defendestes; porque é ruim sina do povo que nunca a sua causa soube defender,—precisa de um homem, de um nome, de um phantasma—da sombra de qualquer cousa, comtanto que não seja a sua, para tomar calor por ella. Qual foi o meu crime? Pretender tirar vos d'essa cegueira!—Não quericis a rainha para não servir a estrangeiros; tinheis razão. Mas é força servir alguem?
Gil Serrão—O Mestre d'Aviz é pelo povo, é-nos leal.
Alfageme—E' leal o Mestre d'Aviz! E passeou pelas ruas de Lisboa com aquelle pendão em que estavam pintados seus dois infelizes irmãos, o infante D. João e o infante D. Diniz, os verdadeiros, legitimos herdeiros d el rei D. Pedro e da corôa d'estes reinos, para depois...
Braz Fogaça—As côrtes já decidiram o contrario.
Alfageme (*com escarneo*)—As côrtes... as côrtes... Meia duzia d'homens que lá mandou o seu bando d'elles!
Gil Serrão—Traição, traição!
Todos—Traição, traição!

(Mendo Paes anda por entre os grupos dos amotinados, fingindo que os accommoda, e excitando-os mais)

Alfageme (*levantando a voz*)—Traição é para traidores. Eu sou o Alfageme de Santarem. Digo-vos eu que o Mestre d'Aviz não foi leal com o povo, não foi leal com seus irmãos. Fizemol-o Defensor do reino, elle fez-se rei a si. Protestou guardar a corôa para seu irmão, e guardou-lh'a.. pondo-a na cabeça.—O mais povo de Portugal que faça o que quizer: o de Santarem... não acclamou o Mestre, e emquanto eu fôr vivo não o ha de acclamar.

Braz Fogaça—O Mestre foi acclamado nas côrtes de Coimbra: é o rei de Portugal.—Viva el-rei D. João! Viva o Mestre d'Aviz.

Mendo (*a um grupo de amotinados*)—Lembrae-vos que a vanguarda d'el-rei de Castella está já ás portas de Santarem.

Gil Serrão—El-rei D João de Castella que vem ahi, e todo o poder do seu reino com elle.

Braz Fogaça—Está um forte rei! Eu quero o nosso rei natural. Viva o Mestre d'Aviz!

Gil Serrão—Pois esse é que está um fresco rei! Não o quero para mim.

Alguns—Nem para mim.

Outros—Nem para mim.

Gil Serrão—Ninguem o quer. Tem razão o Alfageme.

Todos—Tem razão o Alfageme.

Alfageme—Ah! elle é isso?—Pois agora o tomaria eu para meu se me elle quizesse, homens sem coração, máos Portuguezes! O Mestre d'Aviz enganou o povo e foi mão irmão. Enganou o povo, menos a mim, que sempre vol-o disse.—Gritaveis-me que elle era pela nossa liberdade, que era pelo reino. E' por si: dizia eu, e acertei.—A corôa era do infante D. João, ou do infante D. Diniz. Não faltou quem lh'o dissesse até lá em Coimbra. E' o que vos eu dizia aqui: «O nosso rei natural é o infante D João; a bandeira do Mestre é falsa.»—Mas agora que o poder todo de Castella vem sobre elle, e sobre nós...—rei ou não rei, antes seguir o pendão d'Aviz e morrer com elle... mil vezes!

Mendo (*approximando-se do Alfageme com hypocrisia*)—Mas, a falar a verdade, alguma razão dou ás queixas d'esta gente, Fernando. Porque não acclamastes vós o Mestre d'Aviz direitamente, como fez Affonso Eannes, o tanoeiro de Lisboa?

Alfageme—Bom pago teve.

Froilão—O pago que sempre têm todos os sinceros defensores de qualquer causa.

Alfageme—Os que se mettem com principes.

Froilão—Com os povos não. E' vêr!

Mendo—Mas emfim era uma coisa que se entendia, era um partido, um bando declarado.

Todos—E' verdade, é verdade.

Gil Serrão—Nem por Castella, nem pelo Mestre de Aviz, nem por ninguem.

Alfageme—Eu era só por vós: dizeis bem que não era por ninguem.

Gil Serrão—Trouxe-nos sempre em suspensão; que esperassemos, que ainda não era tempo, que viria o infante D. João...

Todos—E' verdade, é verdade.

Mendo (*baixo a Gil Serrão*)—Foi traição.

Gil Serrão—Foi traição.

Alguns—Foi traição.

Alfageme—Quem fallou outra vez aqui em traição? Sois vós, senhor Mendo Paes!

Mendo—Eu!

Alfageme—Pareceu-me .. Mas não podieis ser vós; —é impossivel.

Alda—Oh Fernando, meu Fernando!

Gil Serrão—A verdade é que, desde que casastes, sois outro do que d'antes ereis.

Braz Fogaça—D'antes andava com a gente; era um popular devéras; um bom matalote, o verdadeiro rei dos Alfagemes D'ahi para cá, e mal que se casou com essa tal senhora que é tam fidalga e tam prendada... marido e mulher era o mesmo, só nos davam conselhos.

Froilão—E quanto tinham de seu, que ninguem mais vos sustentou, ha dois annos que não trabalhaes.

Gil Serrão—Isso é verdade, lá isso!...

Alfageme—Aconselhei-vos que trabalhasseis: não quizestes nunca. Já não querieis fazer espadas, senão trazel-as á cinta... E eu...

Braz Fogaça—E vós.. vós é que sois a culpa. Se tomámos este officio e deixámos o outro, quem nol-o ensinou senão vós?

Alfageme (*convencido*)—Tendes razão, meus amigos; ahi, tendes razão.—Soltei da mão a pedra e quando a quiz parar, não pude. Foi peior, foi peior querel-a parar. E' verdade, é verdade. (*Humilhando-se deante dos amotinados*). Perdoae-me, meus amigos.

Froilão—Boa razão, alfageme; és um homem de bem e de verdade.—Ora pois, tende paciencia, que não sois o primeiro, nem sereis o ultimo a quem tal succede. Com a melhor fé e a melhor vontade se começam quasi sempre, quanto pelo povo, estas alterações: rara vez os que sopram a labareda desejam que se ateie o incendio destruidor que depois vem.—Pois bem, meus amigos todos, não fallemos mais n'isso: o que lá vae, la vae. Ide para vossas casas, para vossas familias, e assocegae.—Dizeis que está entrando na vossa villa el-rei...

Alfageme (*acudindo*)—De Castella.

Froilão—De Castella, sim.—E que o outro... o outro está em...

Mendo—Em Abrantes Cedo teremos uma batalha decisiva.

Froilão—Pois bem. Deus é grande, e dará a victoria a quem fôr de razão.—Vós não tendes feito mal a ninguem... graças ao Alfageme; não haveis que receiar de um ou de outro. Socegae e aguardaremos que Deus decida entre ambos.

Mendo—A decisão é facil de antevêr: el-rei D. João... (*para o Alfageme*) de Castella, como vós dizeis... traz vinte e tantos mil homens de peleja, a mais luzida gente de toda a Castella e Leão, afóra tantos senhores portuguezes que com elle andam... (*para Alda*) entre os quaes o prior de Rhodes, D. Pedr'alvares Pereira, irmão de Nun'alvares, meu senhor. (*Inclinando-se com reverencia ironica*) São dois irmãos um tanto differentes!

Alda—São. Mas ambos honrados, ambos seguiram *um partido só*. (*Arrastando estas ultimas palavras.*)

Mendo (*áparte*) — Cuida que me faz móça! (*Alto*) Toda esta gente vem com el-rei... de Castella, Sem falar n'esses engenhos de fogo, n'essas novas machinas de guerra que pela primeira vez agora nos vêm a Portugal aterrar com seu espantoso bramido.

Gil-Serrão—O que será aquillo? Alguma diabolica invenção dos scismaticos.

Mendo—Catholicos ou scismaticos, é uma coisa terrivel a tal invenção dos trons de fogo, que estoiram como bramido de trovoada e ferem como raio.

Braz-Fogaça—Senhor Deus, misericordia!

Mendo — E D. João, o Mestre d'Aviz, o que tem? Seis mil e quinhentos homens, gente bisonha, feita de hontem, sem armas—gente de chuço e varapáo a mór parte d'elles.

Braz-Fogaça—Vamos esperar el-rei de Castella.

Alguns—Vamos.

Froilão—E a espada do Condestavel, não a contaes tambem? Quantos mil homens vale essa gente sem fé?

Gil-Serrão — Eu vou para Abrantes, que lá está o Condestavel.

Froilão—Ide para vossas casas; tomae o meu conselho, filhos; deixae-vos de mais alterações e desordens. Não estaes ainda ensinados, — não aprendestes já bem á vossa custa?—Pobres, estragados de saude e de fazenda!

Mendo—El-rei D. João está entrando: deixae-vos de mais conselhos. Não faltará quem vos denuncie por seus inimigos se lhe não ides ao encontro. Ide se quereis escapar.

Braz-Fogaça (*friamente*) — Pois viva el-rei D. João de Castella!

O ALFAGEME DE SANTAREM *Alfageme* — Alfageme, a patria te espera, PAG. 701
Deixa a forja, leva o coração !

Acto IV — Scena IX.

Mendo—E de Portugal.
Alguns (*friamente*)—Viva!

(Braz-Fogaça e mais alguns trabalhadores sáem, dando vivas froixamente — Gil-Serrão e os outros olham para o Alfageme, que está com os braços cruzados encostado á sua porta e como quem não vê nem ouve o que se passa, com os olhos fitos em Alda, que tambem immovel o contempla. O Alfageme não repara n'elles, que, fazendo signaes uns aos outros, por fim se retiram e seguem os primeiros)

SCENA VI

O ALFAGEME, ALDA, FROILÃO-DIAS, MENDO-PAES, AO PÉ DA CASA DO ALFAGEME, D. GUIOMAR NO ALTO DA SUA ESCADA

Alfageme (*depois de consideravel silencio*) — Aqui está o que é o povo! Fiae-vos em seu favor: tomae a peito suas coisas: fazei-vos caudilho, defensor da multidão, mettei-vos a guial-a!
Mendo—Que vos dizia eu, Fernando? Villões pagam como quem são.
Alfageme—Que me importa a mim como elles pagam! Servi-os eu para que me pagassem?—A causa do povo é a causa dos pobres, Mendo: — que recompensa hade esperar quem a serve?
Mendo — Oh homem! Vós não viveis n'este mundo. Ahi andam com o Mestre d'Aviz tantos servidores do povo que o outro dia não tinham um saio velho com que se cobrir, e hoje são senhores grandes e poderosos.
Alfageme—Bem sei; esses não serviam o povo, serviam-se d'elle
Mendo — Mas são esses os que o povo segue e em quem se fia; e vós, com toda a vossa independencia e devoção desinteressada, ficaes pobre, estragado de saude, malquisto de todos os partidos, e pelos vossos proprios alcunhado de...
Alfageme—De traidor, de corrupto, de vendido, de scismatico. — Que se me dá a mim de estar mal com todos, se estou bem commigo?—Fico pobre? Trabalharemos: não é assim, Alda? Mal me querem os meus? Terras tem esse mundo de Christo para onde ir viver. E para quem vive do trabalho de suas mãos, toda a terra é patria.
Alda (*deitando lhe os braços*)—Sim, meu Fernando, vamos para muito longe d'aqui, para onde não haja d'estes alvorôtos, d'estes sustos.
Froilão — Desterrar-vos, homem! Queres deixar a terra em que nasceste, ir mendigar o pão do estrangeiro! Homem, tu sabes o que é sentar-se um foragido nas ribeiras da terra estranha, a olhar para aquelles campos que não são seus, a vêr aquelles rostos que não conhece, a ouvir aquellas falas que não entende, e sentir se... sentir-se cahir o coração de desapêgo e desconforto? — Oh! antes morrer; morrer só, abandonado... desamparado de seus proprios filhos, como eu aqui morrerei... (*Rebentam-lhe as lagrimas. Alda e o Alfageme o abraçam; elle rompe a soluçar.*)
Alda—Não, meu tio, não vos deixaremos, não, nunca.
Mendo (*fingindo-se commovido*)—Ora pois, isso não é vosso, Froilão: estaes aggravando o mal sem o remediar. A necessidade aperta, e é preciso tomar uma resolução. El-rei de Castella está perto da villa. Um podêr immenso—e não exagero—todo o podêr de Castella vem com elle. (*Olhando para o fundo*) Vêdes além aquella gente que passa? — São os nossos sete vereadores com a bandeira da Camara, e a Casa dos Vinte-e-Quatro com os seus balsões, que o vão esperar e entregar-lhe as chaves da villa. (*Ouve-se dobrar o mesmo sino do terceiro acto*) Oh! lá toca o sino na nossa torre das Cabaças. O poder d'aquella torre em Santarem é invencivel; bem sabeis. E maior é o da torre Albarran, que tambem soôu por nós nas consciencias patrioticas dos bons santarenos. Ora, uns por ôcos, como as cabaças de barro de uma torre, outros por cheios, como as arcas da outra; em conclusão, temos por Castella clero, nobreza e povo. (*Ouvem-se vivas e vozearia*)
Alfageme—O povo, o povo!
Mendo—Que ha de ser, se elle traz um exercito de vinte mil homens! Não ha nada que faça um rei amado e querido como um bom exercito; todos o adoram.—D'aqui a pouco vereis como triumpham por ahi os mais timidos e indecisos, os que mais duvidam da legitimidade da rainha D. Beatriz. Vereis os vossos populares submissos e leaes...—E não faltará entre elles, principalmente nos que mais violentos foram e mais atrocidades commetteram, quem, para se salvar a si, vos vá denunciar como o mais perigoso cabeça de motim.
Alda—Elle, que se oppoz sempre a essas violencias, que, por sua moderação, perdeu todo o ascendente que tinha no povo!
Mendo—Por isso mesmo. Conheceis bem mal os homens, minha bella Alda.
Alda—Não os conheço, não: inda bem! nem desejo.
Alfageme—E' assim o que elle diz: moderações me perderam. Metti-me a querer ordenar o que não tem ordenação; destrui a minha propria força... E agora todos zombam de mim, escarnecem-me e detestam-me!
Mendo—Eu bem t'o dizia.
Froilão—Eu bem t'o dizia, eu bem t'o dizia!.. De que serve agora o que vós lhe dizieis ou o que eu lhe dizia?—Bom é dar conselhos antes do mal succedido. Eu tambem dei os meus e não me louvo d'elles, que não foram os melhores.—Em verdade, em verdade, se fôrmos a ajuizar pelo que está succedendo, o maior culpado aqui sou eu que sempre préguei: «Nada de partidos, nada de bandos; deixa averiguar isso a quem toca, e não te mettas a fundo n'essas coisas»—Muito bom, muito bom, excellente... mas impossivel. Em as coisas chegando a estes pontos, é forçoso ser por alguem para não ficar sem ninguem... e vêr todos contra si!—Mas emfim o que passou não tem remedio. O que é preciso agora é salvar dos Castelhanos... e dos máos Portuguezes que ainda são peiores.—Mendo Paes, vós deveis a vida a este homem que duas vezes vos tirou das mãos do povo amotinado. Não falo nas mais obrigações em que lhe estaes...
Alfageme—Froilão, Froilão, callae-vos: nem mais uma palavra, se não quereis que eu me vá já entregar a el-rei de Castella.
Froilão—Pois bem, não digo mais nada. Mendo sabe que ..
Mendo—Sei... E se eu pudesse mostrar...
Froilão—Não podeis!... Vós, homem d'el-rei de Castella, vós hoje rico e poderoso!...
Mendo—Rico! Tu sabes, Fernando como eu sou rico.—O meu valimento é muito menor do que suppondes. Para vos eu esconder em minha casa, bem vêdes que...
Alda—Ai, isso não, Fernando, não!
Mendo—Eu por mim... Mas não tardavam a descobril-o...
Alfageme—Não vos canceis com desculpas: não irei para vossa casa.
Mendo—Tomae o meu conselho. Já sabeis que Nun' Alvares Pereira está em Abrantes: ide para elle. Tomae um dos meus cavallos. Por acaso .. foi mero acaso... (*confundindo-se*) alcancei por um homem do Mestre que aqui passou afforrado, um salvo-conducto para entrar em Abrantes; dar-vol-o-hei: tomae. (*Tira um papel da bolsa e da-lh'o*) Aqui estamos fóra de portas, ainda podeis ir sem perigo; eu tomarei cuidado que vos não embaracem. —Bem vêdes que sou generoso: mando um soldado como vós aos meus... aos meus contrarios

Alfageme—Obrigado, Mendo, agradeço-vos a boa tenção.
Froilão—Sois cavalleiro, D. Mendo: perdoae-me que vos não fazia justiça.
Mendo—E vós, Alda, se vós me não dizeis uma palavra de...
Alda—De agradecimento, senhor Mendo Paes?
Mendo—Não digo tanto, mas de...
Alda—De quê?
Mendo—De.. de...—Ao menos pela boa vontade.
Alda—A vontade! Oh! essa ficae certo que a conheço, e que a não hei de esquecer nunca
Mendo (*retirando-se confuso, e indo ao pé da escada onde está D. Guiomar*)—Esta conhece-me, mas não me descobre; tem vergonha.
Guiomar (*para o irmão*)—Então já se resolveu?
Mendo (*para Guiomar*)—Ainda não. Mas ha de partir: digo-t'o eu. Deixemol-os agora. (*Sobe.*)

SCENA VII

ALFAGEME, ALDA, FROILÃO DIAS

Alfageme (*fallando comsigo*)—Eu soldado do Mestre d'Aviz! Eu servir o principe ingrato que enganou o povo! Eu apresentar-me deante do... do seu Condestavel, e dizer-lhe... o quê?
Alda—O quê, Fernando!—O que te pede o coração, o que eu n'elle estou lendo, porque o conheço, Fernando; o que uma falsa, uma viciosa vergonha te não deixa vir aos labios.
Alfageme—Que dizes tu, mulher?
Alda—O que é verdade, Fernando.—Cuidas que eu sou ainda uma criança, aquella donzella fraca e timida que, só de ouvir fallar n'estas coisas, se assustava?—Já sou mãe, Fernando, e já sou tua mulher ha dois annos; e de dia a dia aprendo cada vez mais a estimar-te como devo, a amar-te como me pede o coração.—Agora amo-te, Fernando, ouve-me, amo-te como nunca amei.
Alfageme (*abraçando-a*)—Bem vinda sejas, desgraça, que tamanha felicidade me trouxeste!
Froilão—Ora pois, chorem ahi um boccado; despeçam-se á vontade, que eu vou vêr o pequeno e já venho.

SCENA VIII

ALDA, ALFAGEME

Alfageme—Oh Alda, se tu soubesses como essas palavras, essa voz do coração com que as disseste, me entraram aqui n'alma, e o bem que me fizeram!—Oh! venha a pobreza agora, venha a morte, a ignominia.
Alda—Pois quê, Fernando! tu duvidavas de mim?
Alfageme—De ti, não, Alda. De ti, da tua virtude, nem um momento. Mas o teu amor... oh! se eu o soubera, se o eu adivinhasse.. —Dil-o hei?... Digo.—Alda, esta aversão, esta repugnancia invencivel que eu tinha ao Mestre d'Aviz, não adivinhas o que m'a inspirava?
Alda—Não.
Alfageme—Era o ciume; ciume que me ralava as entranhas, que me consummia a vida, que me seguia por toda a parte como a minha sombra, que era uma voz d'agouro que nos instantes mais felizes, quando te abraçava—ainda quando te via tam alegre e satisfeita a cuidar da tua casa, a tratar do nosso querido filho... a funesta voz me dizia: «E' resignação, é virtude, mas não te ama!»—Se um instante te via triste, logo eu dizia: «Suspira por elle»—Se fallavas na tua vida passada: «Eram saudades!»—Se não fallavas: «Era disfarce, era por me não afligir!»—Oh que tormento, Alda!
Alda—Porque m'o não dizias tu, porque me não abrias o teu coração, esposo? Ha muito viverias socegado.—Mas ainda bem que o não fizeste! A tua confiança, a firmeza que em mim punhas, a mesma ignorancia em que eu estava do teu funesto duvidar, plantaram em meu coração este amor fervoroso com que agora te amo, e que apagou até a derradeira imagem d'essa inclinação de infancia que todos nos comprazemos a exagerar tanto, que tu mesmo cuidavas que ainda podia reverdecer no coração de tua mulher... Ah Fernando, tinha vontade de te não perdoar.—Eu amei a D. Nuno, e amei-o muito ..
Alfageme (*com ancia*)—Amaste?
Alda (*com serenidade*)—Amei; e cuidei que me fosse impossivel amar outro homem. Cuidei-o sempre até áquelle momento—lembras-te?—que me disseste: «Alda, não abraças a teu irmão?» Foram palavras magicas, de encanto, reviraram-me o coração. Não sabes o poder que tem n'uma mulher a generosidade e a confiança.
Alfageme—Basta, Alda: vou para o Mestre d'Aviz. Já sei o que hei de dizer ao Condestavel.
Alda (*com gentileza*)—A vêr se eu adivinho?
Alfageme (*sorrindo*)—Dize.
Alda (*com solemnidade*)—O alfageme de Santarem tem coração de portuguez: não queria servir o rei estrangeiro, nem o natural que não era legitimo. A sua causa não era... não é a vossa, senhores cavalleiros. Elle queria os fóros e as liberdades do povo; vós quereis sim a liberdade do reino, mas com a grandeza e o poder, o poder todo para vós. O alfageme não vos queria ajudar.—Hoje porém que os estrangeiros vêm com tanta arrogancia sobre vós, que a vossa causa parece desesperada, a vossa causa é a minha, é a do alfageme, é a do povo. Sêde grandes embora; nós vimos ajudar-vos a vencer, ajudar-vos a morrer...—E morrer sabemos nós, podemos nós melhor, que menos temos por que estimar a vida... Morreremos por vós, que ao menos sois portuguezes.—(*Mudando de tom e graciosamente*) Adivinhei, Fernando? (*Com seriedade e paixão*) Conheço o teu coração; amo-te eu devéras que assim leio n'elle?
Alfageme—Sim, Alda; sim, minha mulher, minha esposa adorada!
Alda—Parte, Fernando: não tenhas cuidado em mim. Já vês que a minha alma está temperada pela tua.—O nosso querido filho, o nosso bom tio ficam com a minha protecção... A minha protecção! pois? Não sou eu a mulher do Alfageme?—Vae que hasde vencer: diz-m'o o coração. Outros te aconselham que partas porque n'isso vêem a tua perdição: mas Deus confundirá os projectos dos máos. Vae e vence.

SCENA IX

ALDA, ALFAGEME, GIL-SERRÃO, BRAZ-FOGAÇA *e os mais* SERRALHEIROS *que voltam*

Gil-Serrão (*lagrimejando*)—Mestre, os castelhanos estão entrando pela porta de Atamarma.—Partiu-se-me alma, mestre, de os vêr entrar tam senhores de si pela nossa villa dentro.—Estes rapazes todos foi o mesmo. Sem dizermos nada uns aos outros, voltámos todos a cara para não vêr tanta vergonha.—Mas até aqui vá, inda vá... Mas quando a gente viu entregar as chaves ao rei schismatico, as chaves da nossa terra, onde está aquelle Santo Milagre da hostia de Christo com o seu purissimo sangue derramado por nós—que este foi só pelo povo catholico de Santarem, não é para todos como o outro... Oh mestre! quando a gente viu tal, não houve mais que fallar, saltaram-nos as lagrimas pelos olhos fóra, e viemos muito depressa correndo. Já está tudo de um concerto: vamos para Abrantes ter com o Condesta-

vel; e acabou-se.—Quereis vós vir comnosco? Sois o nosso mestre, sereis o nosso capitão.—Se d'esta vez tem de acabar Portugal, acabemos nós tambem com elle. Mas já agora quem começou a obra tem obrigação de a rematar, ou de acabar em cima d'ella. E, salvas as más palavras, vós, mestre, que nos mettestes n'isto, não vos fica bem...

Alfageme — Meus amigos, meus honrados amigos! (*enternecido*) — (*Para Alda*) Fui injusto para com elles, assim como fui comtigo, Alda!—E elles perdôam-me como tu me perdoaste: voltam para mim!—Alda, as minhas armas. (*Aos trabalhadores*) Vamos para Abrantes, amigos. (*Alda vae buscar as armas, volta com ellas e ajuda-o a armar-se*) Alda, vou pedir ao Condestavel de Portugal a divida de Nun'Alvares Pereira.

Alda—Qual?

Alfageme—A da espada. E hade pagar-m'a...

Alda—Como?

Alfageme—Quero um emprego, um logar.

Alda—Tu! qual? aonde?

Alfageme — Na vanguarda do exercito de D. João I de Portugal.

Alda—Oh meu Fernando!

Alfageme—Adeus, Alda!—Um abraço derradeiro, e adeus.—Este beijo ao nosso filho... ao nosso Alvaro... (*enternecido*) Então, Alfageme! E o nosso velho Froilão! — Pschiu! que não oiça elle: está muito velho para estes transes de despedidas, — Dar-lhe-has um abraço por mim, Alda.

Alda—Que é d'elle o abraço?

Alfageme (*abraçando-a*) — Aqui está... E adeus, adeus!

(Sae cantando)

Alfageme, a patria te espera,
Deixa a forja, leva o coração!

Todos os SERRALHEIROS seguindo o Alfageme

Vamos!

(Cantam)

Alfageme, a patria te espera,
Deixa a forja, leva o coração!

SCENA X

ALDA FROILÃO-DIAS

Froilão (*sae, entoando, com o breviario na mão*) — *Nunc dimittis servum tuum in pace; quia viderunt oculi mei...* (*Repara na falta do Alfageme*) Que é do Alfageme?

Alda (*tristemente e apontando para o fundo*)—Vêde-o: elle acolá vae com a sua gente toda que lhe voltou, que lhe veiu pedir perdão, que o leva em triumpho.

Froilão—E onde vae elle, onde é que vão agora?

Alda—Para o Condestavel, meu tio, para o exercito do mestre d'Aviz.

Froilão—Foi, resolveu-se?—Elle é verdade que já agora... Mas, e Jesus! não sei o que me diz o coração. Ai filha, filha!

Alda—Receiaes que vençam os Castelhanos?

Froilão — Espero em Deus que não.—Mas elles parece que são tantos!

Alda — Que imporia; não hão de vencer: tenho fé.

Froilão — Tambem eu. Mas o peior agora é que tu estás aqui só—porque eu... eu sinto-me .. (*Cae tomado de paralysia, nos braços de Alda, que o senta em um banco e lhe fica amparando o corpo.*)

Alda—Meu querido tio! tornae a vós.—Não me ouve. —Ouvis? (*Froilão acena que ouve*) Não se póde mover.—Oh Virgem bemdita! que mal o tomou de repente! E eu só... só... — Fernando que partiu sem lhe tomar a benção!—Ai Jesus! e ninguem que me ajude, ninguem que me acuda!

Côro (*ouve-se ao longe o estribilho da canção do Alfageme*)

Alfageme, a patria te espera,
Deixa a forja, leva o coração.

Alda — A patria, a patria... Ah! (*Ajoelha deante de Froilão que lhe põe a mão sobre a fronte: ella abraça o tio.*)

ACTO QUINTO

SCENA I

FROILÃO-DIAS está sentado em uma cadeira de braços antiga, com os pés sobre um banquinho; ALDA concertando-o e arranjando-o com muito carinho; JOANNA e SERAPHINA sentadas no chão aos pés do padre, fiando em rocas; côro de Donzellas do Alfageme que fazem o mesmo; algumas estão ainda em pé, outras vêm chegando.

Joanna (*canta*)—

Padre capellão!
Casae-me, meu padre, pela vossa...

(Froilão faz signal de que o afflige esse cantar)

Alda—Afflige-vos?—Coitado, lembra-se de...

Joanna—Então não, não: cantaremos outra coisa para o divertir. (*Canta.*)

Quem não deve, não deve, não teme;
Espadas e lanças...

(Signal mais expressivo ainda de impaciencia em Froilão)

Alda — Tambem a mim me afflige essa canção; faz-me saudades. (*Froilão acena que sim*) Cantae outra coisa.

Joanna — Outra coisa! Que hade ser?—Ah sim; d'esta haveis de gostar. A chacara do *Conde Alarcos*.

Alda—Como é essa?

Joanna—E' a do rei que mandou chamar o conde, que matasse a mulher e casasse com sua filha; e que depois...

Alda—Ai, credo, que feia coisa!

Seraphina—Então a da *Bella Infanta*. Sim? (*Froilão faz signal de que approva*) Pois vá a da *Bella Infanta*.

Alda (*para Froilão*)—Tambem me lembra saudades do outro tempo, mas que estão bem apagadas por estas mais vivas e que entraram mais fundas na alma. Não me importa avival-as: já não tem perigo. (*Para as Donzellas*) Deixae-me ir buscar o meu Alvaro, e as minhas coisas todas (*Entra em casa, traz um berço com uma criança, depois uma roda de fiar, senta-se em um banquinho ao pé de Froilão e diz áparte*) Estou n'uma inquietação, n'um dessocêgo! Não sei como heide encobrir. (*Para Froilão*) Já sabeis que hontem veiu um homem das bandas de Aljubarrota, que dá os dois exercitos a encontrar-se um com o outro? No dia treze d'este mez d'Agosto; foi antes de hontem... véspera de Nossa Senhora, estavam em termos de dar batalha.

(Froilão levanta as mãos para o céo e como que diz: *O que Deus quizer!* — Alda fia em sua roda e emballa o berço.)

Seraphina — A cantiga da *Bella Infanta* é como a nossa gente que foi para a guerra E quando elles voltarem que lhe havemos de perguntar: (*Entoando*)

Dize-me, ó cavalleiro...

Joanna—Tal e qual. E a Bella Infanta no seu jardim assentada que é esta; e nós, como quem diz, as suas donzellas que estão á roda —Vês como te eu dizia: «Ella está só, a nossa patrôa que é tam boa para nós: vamos-lhe fazer companhia a fiar para ao pé d'ella, e cantaremos.»—Então vês como é bonito?

Seraphina—Isso é.—E mais vamos aprendende para quando elles voltarem. Diz que ha na nossa gente, no exercito do nosso rei, uns senhores, — não sei se é companhia se é terço, mas são muitos que se chama a *Ala dos Namorados* e outros da *Madresilva*... Que lindos nomes tomaram! — E diz que cantam e concertam elles mesmos as mais lindas cantigas de aventuras e de amores e de princezas encantadas, que é um feitiço ouvil-os. —(*Para Alda*) E' verdade, senhora?

Alda -E' sim.

Joanna—O' senhora, então aqui a senhora D. Guiomar que está no convento das Claras? Que foi aquillo, senhora?

Alda—Foi servir a Deus, filha: mais socegada estará que nós.—Canta a tua canção

Joanna — Então vamos. (*Froilão esfrega as mãos como quem é contente de ouvir e anima Joanna no rosto como para lhe agradecer*) Gostaes? Inda bem, coitado! (*Para Seraphina*) Vamos: quando chegar ás falas da infanta com o cavalleiro, eu sou a infanta e tu és o cavalleiro.

Seraphina—Pois sim

Joanna

(Toada popular bem conhecida)

Estava o bella Inlanta
No seu jardim assentada,
Com o pente de ouro fino
Seus cabellos penteava.

Deitou os olhos ao mar,
Viu vir uma nobre armada;
Capitão que n'ella vinha
Muito bem que a guiava.

Côro

Capitão que n'ella vinha
Muito bem que a guiava.

Joanna

Dize-me, ó cavalleiro,
Pela cruz da tua espada,
Se encontraste meu marido
Na terra que Deus pisava?

Côro

Encontraste meu marido
Na terra que Deus pisava?

Seraphina

Anda tanto cavalleiro
N'aquella terra sagrada!
Mas dize-me tu, senhora,
Os signaes que elle levava.

Côro

Dize-me tu, ó senhora,
Os signaes que elle levava.

Joanna

Levava cavallo branco
Selim de prata doirada,
No seu peito de aço fino
A cruz de Christo levava.

Côro

No seu peito de aço fino
A cruz de Christo levava.

Seraphina

Pelos signaes que me déste
Lá o vi n'uma estacada...
Morrer morte de valente;
Eu sua morte vingava.

Alda (*estremecendo*)—Boas novas vieram á pobre da infanta.

Joanna — Esperae, tende paciencia, que ouvireis agora o resto: nem sempre o peior é certo.

Alda (*suspirando*)—Mas do susto já ninguem a livra.

Joanna—Esse teve ella muito grande; e entrou-se a carpir e a lastimar que fazia dó ouvil-a, e vêl a arrancar seus loiros cabellos. e maguar suas lindas faces, e dizia com muitas lagrimas: (*Canta*)

Ai triste de mim coitada,
Triste que tudo perdi!
Tres filhas que me deixaste,
Como as casarei sem ti!
Ai, esposo da minha alma,
Ai triste de mim sem ti!

Côro

Ai, esposo da minha alma,
Ai triste de mim sem ti!

Seraphina (*falando*) — E então o cavalleiro da armada, meio sorrindo, meio com dó d'ella, lhe tornou: (*Canta*)

Que darias tu, senhora,
A quem n'o trouxera aqui?

Joanna

Dera-lhe ouro e prata fina,
Quanta riqueza ha por hi.

Seraphina

Não quero ouro nem prata,
Não n'o quero para mi'.
Que darias mais, senhora,
A quem t'o trouxera aqui?

Joanna

De tres moinhos que eu tenho;
Um móe cravo e gergeli,
Outro...

Seraphina

Os teus moinhos
Não n'os quero para mi'.

Côro

Que darias mais, senhora,
A quem n'o trouxera aqui?

Joanna

As telhas do meu telhado
Que são de ouro e marfi'...

Seraphina

As telhas do teu telhado
Não as quero para mi'.
Que darias mais, senhora,
A quem l'o trouxera aqui?

Joanna

De tres filhas que eu tenho,
Escolherás para ti:
Uma é loira como o sol,

Outra alva como o al-héli;
Tem quinze annos a mais velha,
Córada como um rubi'.

Seraphina—Não é assim, não é assim. A Eyria Martins do pé do rio, que sabia essa xácara como ninguem, sempre lh'a ouvi cantar d'outro modo. E reza assim :

De tres filhas que eu tenho,
Todas tres te déra a ti ;
Uma para te calçar,
Outra para te vestir,
E a mais formosa de todas
Para comtigo...

Joanna—As cachópas do rio cantam como tu dizes; mas a trova verdadeira é como a eu cantei, que m'a ensinou Mestre Froilão: e é como ella se canta entre senhores, e é mais bonita assim.—Não é, padre capellão ?

(Froilão faz signal que sim e bate com mimo na face de Joanna)

Alda—Tens razão, Joanna; é como tu dizes. E que não fosse, era mais bonito: assim se deve dizer.—Como foi a resposta do cavalleiro, Seraphina ? Se elle recusa tambem essa offerta !...
Seraphina—Oh se recusa ! — Não que elle... Ora escutae: (*Conta*)

As tuas filhas, infanta,
Não são damas para mi':
Dá-me outra coisa senhora,
Se queres que o traga aqui.

Joanna
Não tenho mais que te dar,
Quanto tinha offereci...

Seraphina
Tudo, não, senhora minha,
Que inda te não déste a ti.

Joanna
Cavalleiro que tal pede,
Que tam villão é de si...
Por meus villões arrastado
O farei andar ahi
A' cauda do meu cavallo,
A' roda do meu jardi'.

Côro
Por meus villões arrastado
A' roda do meu jardi'.

Seraphina
Olha lá os teus vassallos
Se estão bem certos por ti,
Que eu, erguendo esta viseira,
Me não obedeçam a mi'.

Côro
Se eu tirar esta viseira
Hãode obedecer-me a mi'.

Seraphina
Este annel de sete pedras
Que comtigo reparti...
Que é d'ella a outra metade,
Pois a minha está aqui ?

Côro
Do annel de sete pedras
Minha metade está aqui.

Joanna
Tantos annos que chorei,
Tantos sustos que tremi...
Deus te perdôe, marido,
Que me ias matando aqui !

Joanna e Seraphina
Tive mais medo á ventura,
Não sei como não morri.

Côro
Assustou-se co'a ventura
Que a ia matando aqui !

Alda—Linda xácara !
Joanna—Oh senhora, o Condestavel diz que gosta tanto de romances, que está sempre a lêr n'um livro que trata dos Cavalleiros da Tavola-Redonda. Se nós lhe cantarmos este romance quando elle por aqui vier depois da batalha ?
Alda—Pois hade vir, Joanna ?
Joanna—Hade sim, senhora; tenho fé que hade vir triumphante e com toda a nossa gente.
Alda—Deus te oiça, filha ! — Podes-lhe cantar a tua xácara que é linda. E que linda acaba !

SCENA II

FROILÃO-DIAS, ALDA, JOANNA, SERAPHINA *e as outras* DONZELLAS ;
MENDO-PAES *entrando ; depois* POVO *dentro*

Mendo—Se elles acabassem todos assim os romances, bem bonitos eram !
Alda (*assustada*)—Que quereis dizer, senhor? Mendo, que é o que succedeu ? —Vindes com cara de caso... e de máo caso! —Que novas ha do exercito de ?... — Por vossa vida, dizei .. seja o que fôr—Más novas ?
Mendo—Más... más! Más para uns, boas para outros; que é a volta do mundo.
Alda—Santa Maria da Amieira nos accuda, que venceram os Castelhanos!—Se elles eram tantos, e os nossos...
Mendo—Cada um para dez Castelhanos: é verdade.
Alda—Ai meu Deus, meu Deus! que será feito de...
Mendo—De quem?
Alda—De meu marido, senhor.
Mendo—Vosso marido... vosso marido.—Bem se trata agora de vosso marido.—O caso é que elles não venceram, o caso é que os ensinámos, que lhe démos uma lição mestra.—Ah bons Portuguezes, ah gente leal e destemida, que nunca me enganei comvosco ! Só aquella *Ala dos Namorados !* Só aquella companhia da *Madresilva !* Pois com gente d'aquella, por força havia de ser.—Eu sempre o disse, sempre o esperei. Que victoria, que victoria! Não tornam cá
Alda (*suspensa*)—Não tornam cá! — Em nome de Deus, explicae-vos. Quem?—Vencemos! Quem são os que venceram?
Mendo (*com grande enthusiasmo*)—Os nossos, Alda, os nossos.
Alda—Mas quem são os vossos?- Ha tempos a esta parte que não sei.
Mendo (*picado*)—Não sabeis, Alda... minha senhora D. Alda! Não sabeis quem são os meus! Com que eu sou como certa pessoa que não queria os Castelhanos, porque eram Castelhanos, não queria o Mestre d'Aviz... porque era... nem eu sei o quê... Não queria nada! Eu quero, quiz e hei de querer sempre o que ..
Alda—O que vencer.
Mendo—O que vencer, sim, o que tiver justiça para vencer, porque a justiça é a força, isto é, a força

é que dá a justiça... Não é assim: quero dizer que a justiça é que dá a força.

Alda—Por caridade, Mendo, que me digaes... Vós?...

Mendo—Eu sou um Portuguez leal e honrado, graças a Deus! Não quero ser escravo de estrangeiros, não quero ..

Alda (*ajoelhando e pondo as mãos*)—Louvado seja Deus que venceram os Portuguezes!

Mendo—Assim foi. A bandeira do Campo de Ourique, a sagrada bandeira do Campo de Ourique. (*Fazendo por se excitar*) O pendão da honra e da lealdade!...

Povo (*que grita dentro*)—Victoria, victoria!

Alda (*erguendo-se*) — O meu Fernando! Inda bem que o resolvemos!

Mendo—Inda bem!—E custou. (*A'parte*) Mal sabes tu porque eu digo ainda bem.

Alda—Mas dizei, contae...

Mendo—Contar o quê? Dizer o quê?—Foi uma coisa como nunca se viu. Castelhanos, ficou tudo em postas. El-rei D. João de Castella.. o tal rei schismatico—veiu correndo a bom correr toda a noite, e esta madrugada entrou em Santarem; ahi esteve em Marvilla mettido. Deus sabe com que medo; e logo de madrugada... (*Olhando para o rio*) Olhae para acolá; vêdes aquellas galeotas sem pendão nem bandeira? E' elle que vae pelo rio abaixo, com vento e maré de feição, metter-se na sua armada que está á foz do Tejo, para se pôr a bom recado em terras de Castella, que estes áres de Portugal não se dão bem com elle.

Alda (*affirmando-se*)—E' verdade; são as galeotas castelhanas.—Oh meu Deus, que alegria!—E onde foi a batalha?

Mendo—Entre Aljubarrota e Leiria, nos campos ao pé de Aljubarrota... (*A'parte*) E o alcaide sem chegar, e a minha gente!... Oh! eil-os ahi vêm.

Povo (*de dentro*)—Victoria, victoria pelo nosso rei D. João I... — Morram os Castelhanos! Fóra os Castelhanos!

Mendo—Fóra os Castelhanos!

Alda (*áparte*)—Que vil homem! Faz-me córar. (*Para Mendo*) Pois vós, senhor Mendo Paes, não ereis?..

Mendo—Era o que?—Esperae que já vol-o digo o que eu era.—Graças a Deus que já se póde falar; (*bradando*) que já temos a nossa liberdade!

SCENA III

ALDA, FROILÃO, JOANNA, SERAPHINA, *e as outras donzellas e aguazis*, MENDO PAES, *o* ALCAIDE, *povo*.

Um do povo—Viva o Mestre d'Aviz!

Povo—Viva!

Um do povo—O nosso rei D. João I, que o fizemos nós; não queremos outro.

Povo—Viva!

Mendo—Viva, viva!—E estes pêiros d'estes estrangeiros que nos têm avexado, que nos têm opprimido... fóra com elles!

Um do povo—E os estrangeirados que ainda são peiores, muito peiores.

Povo—Muito peiores.

Mendo—Fóra tambem.

Povo—Fóra!

Mendo (*áparte*)—Está a opinião preparada, a opinião publica!—(*Alto*) Senhor alcaide, tende a bondade de me lêr este alvará. (*Tira das prégas do saio um rôlo de pergaminho e o entrega ao Alcaide, que o desenrola, e ao abrir cae-lhe o sêllo pendente com uma grande fita encarnada. Mendo deita-lhe a mão de repente, e diz áparte*) Olha o que eu ia fazendo! E' o d'el-rei de Castella este. (*Alto, escondendo o pergaminho no saio d'onde tira outro*) Enganei-me, não era aquelle. (*Abrindo o segundo pergaminho de que pende uma fita azul com sêllo*) Este é: é este, senhor Alcaide,—Lêde alto e bom som, para todos ouvirem. E desde já, e na melhor fórma de direito—parece-me que assim é que se diz—vos requeiro e demando execução plena e inteira de todo o conteudo n'esse alvará d'el-rei nosso senhor.

Alcaide (*lendo*)—«Eu el-rei (*descobre-se*) faço saber «a todos os que o presente virem como, havendo «respeito, ao que me representou Mendo Paes da «villa de Santarem e fidalgo da minha casa e aos «muitos serviços que n'essa villa se têm feito, «dentro e fóra d'ella, e durante o vexame e occu«pação da dita villa pelas gentes de D. João que «se chama rei de Castella, dando-me secretamen«te aviso e parte de muitas coisas que eram do «meu serviço e que...

Mendo (*corrido interrompendo-o*)—Passae adeante, passae adeante. Tambem não sei para que era preciso, porém, ahi tudo tam explicado no alvará! —Vamos á conclusão.

Alcaide (*continuando a lêr*)—«E por quanto sou in«formado que é de justiça e razão direita, me praz «fazer-lhe mercê e doação, para todo o sempre e «sem reserva alguma, de todos os haveres e al«faias, bens moveis e immoveis que na referida «villa possuia um dos mais encarniçados inimigos «da minha Real pessoa, o qual por este alvará, «com força de sentença, como se na mesma casa «do Civel da dita villa de Santarem fôra passado, «Hei por bem declarar traidor e revel, e que por «nome não perca, Fernão Vaz...

Alda—Meu Deus, que perfidia, que aleivosia infame! —Senhor Alcaide, ouvi-me, ouvi-me, por quem sois. Isso é falso, isso é..

Alcaide (*impassivel e continuando a lêr*)—«Mais co«nhecido pelo nome de Alfageme de Santarem.

Froilão (*pondo-se de repente em pé e como soltando-se-lhe a voz pela grande paixão*)—Mente!

Todos—Oh! oh! oh!

Alcaide (*gravemente*)—Padre Froilão, isto é um alvará d'el-rei.

Froilão—Rei!... Rei que faz d'esses papeis...

Alda (*com exaltação*)—Não merece ser rei.

Froilão faz signal de approvar com violencia, quer continuar a falar e não póde. Senta-se.

Mendo (*contente*)—Ora ainda bem que os ouvis, senhor Alcaide. E' gente d'este lote.

Alda—Oh Mendo, Mendo! Vós, vós, Mendo?...— Traidor meu marido, Fernão Vaz traidor!

Alcaide (*continuando tranquillamente*)—«Portanto, «mando, etc., etc«. As mais palavras do estilo. Está em boa e devida fórma, não lhe falta nada

Mendo—Em nome d'el-rei nosso senhor (*descobre-se o alcaide*) e em virtude do alvará que tendes na mão, vos requeiro que immediatamente me deis posse do que é meu, de tudo o que foi do traidor. (*Para o povo*) Morram os traidores! Não fique nada dos traidores!

O povo investe com a casa do Alfageme e começam a quebrar portas e janellas com grande furia. Alda e Joanna tomam o berço e se juntam ao pé de Froilão com as outras donzellas do Alfageme, como amparando-os.

Alda—Meu filho! meu tio!

Mendo (*ao povo*)—Não é isso, meus amigos. Tomaes tudo ao pé da lettra. Quando era d'elle, podia ser; agora é meu.

Um do povo—Destruir tudo! Hade tudo ficar arrazado.

Mendo—Alto lá! (*para o Alcaide*) Senhor Alcaide, acudi pela minha fazenda, restabelecei a ordem.— Onde está a auctoridade publica? (*O Alcaide consegue fazer cessar os amotinados.*)

Alda—Oh senhor Alcaide, meu marido, meu marido

traidor! E viver eu para ouvir esta palavra... e escripta n'um alvará d'el-rei D. João I!... Não póde ser.

Alcaide (*mostrando-lhe o pergaminho*)—Lêde.

Alda (*depois de lêr*)—E' verdade; cá está «Traidor... revel... (*lendo*) E' verdade.—«O Alfageme de Santarem!»—E esta é a justiça que temos que esperar do nosso rei natural por quem tanto padecemos! Para isto combatêmos, e sangrámos tanto sangue e chorámos tanta lagrima!

Alcaide—A falar a verdade, vosso marido... nunca se soube bem... Fernão Vaz era um tanto... Não se sabia...—E agora onde está elle?—A sua ausencia confirma...

Mendo—Confirma: está claro.

Alda—Confirma o quê, Mendo!—Mendo—Que está no exercito de Portugal, que ha oito dias d'aqui se foi para Abrantes, para o Condestavel—Não se sabia, senhor Alcaide! Não.—Meu marido é verdade que duvidou da justiça do Mestre d'Aviz.

Alcaide—Então confessaes?

Mendo—Que remedio se não confessar.

Alda—Que vergonha me fazeis, Mendo Paes!—Confesso, confesso que duvidou emquanto não viu o poder de Castella prestes a destruil-o a elle e ao povo:—então fez como verdadeiro portuguez; tomou o partido do mais fraco, declarou-se pela liberdade do reino.

Alcaide—Mas por onde consta isso, que documento, que prova?

Alda—Prova! Digo-vol-o eu.

Alcaide (*sorrindo*)—Ah, ah! Não basta; é preciso outras testemunhas...

SCENA IV

O ALFAGEME, *todo coberto de poeira e com a sua hacha d'armas;*
ALDA, FROILÃO, MENDO PAES,
ALCAIDE *e* AGUAZIS
JOANNA, SERAPHINA *e as outras* DONZELLAS
Povo

Alfageme—E eu serei bastante?

Mendo (*A'parte*)—Estou perdido.

Alda—Fernando!

Froilão (*erguendo-se e balbuciando*)—Meu...

Alfageme—Alda, Froilão .. (*Mal os abraça, arredando-os.*) Quem me accusa aqui? Qual é o meu crime? Onde estão os meus juizes? E o meu accusador, o meu accusador quem é?—(*Silencio geral.*) Ninguem responde! Eu sou o reu e todos se calam deante de mim! (*Murmurios entre o povo*) Quem murmura lá? Quem é o covarde que só se atreve a murmurar baixo, a calumniar pelas costas?—Levante a voz e olhe bem para mim; levante a voz e diga:—«Sou eu que accuso o alfageme de Santarem.»

Alda (*estendendo-lhe os braços*)—Oh meu esposo, meu querido esposo! mão imaginas o que esta gente...

Alfageme—Alda, minha adorada Alda!...—Oh! e o nosso filho? (*Alda mostra lhe o berço, elle abaixa-se e beija o filho*) Deixa-me primeiro... (*Repara em Froilão*) Oh meu bom Froilão, dae-me a vossa benção. (*Toma-lhe a benção, depois repara no Alcaide*) Vós aqui, senhor Alcaide! E de vara na mão! Vindes em diligencia do vosso officio?

Alcaide (*confuso*)—Fui requerido; é minha obrigação... E muito me custa...

Alfageme—Custa-vos fazer vossa obrigação! Como assim, senhor alcaide?

Alcaide—O senhor Mendo Paes apresenta aqui...

Alfageme—Mendo!—Senhor Mendo Paes, vós—pois vós é que?..

Mendo (*fazendo por mostrar resolução*)—Sou eu que vos accuso, é verdade. (*Levantando a voz*) O vosso procedimento duvidoso tem escandalisado todos os leaes habitantes d'esta villa. Desde o principio d'estas alterações fostes aqui o cabeça de motim; alvorotastes o povo contra os nobres e fidalgos, favorecendo assim a causa de Castella de que vos dizieis contrario,—e não seguistes as partes do Mestre d'Aviz (*levantando a voz*), do nosso legitimo e victorioso rei, o senhor D. João I! Privastel-o do auxilio dos honrados homens d'esta villa que, por suggestões vossas, se não reuniram á sua sagrada bandeira.—Accuso-vos d'isto eu e todo o povo de Santarem. (*Para o povo*) Não é assim, meus amigos?

Povo—E' assim, é assim.

Um do povo—Podiamos estar ricos e fidalgos como todos os mesteres e homens d'officio de Lisboa e do Porto.

Povo—E' verdade, é verdade.

Alfageme (*que tem estado com os braços cruzados deixando os dizer, e olhando ora para Mendo, ora para o povo*)—E se o Mestre não vencesse?... Enforcados.

Um do povo—Lá isso tambem é verdade.

Alfageme—Calae-vos vós outros do povo, e deixae ouvir este fidalgo... o meu nobre accusador!

Mendo—Não tenho mais que dizer.

Alfageme—E não dissestes já pouco por certo.—Vós, Mendo, meu collaço!... Ia quasi dizendo meu irmão! Meu senhor D. Mendo Paes, o filho do meu nobre protector, o companheiro da minha infancia .. Ah!—E vós todos, o senhor Alcaide tambem!—Estaveis-me aqui julgando á revelia pela mera accusação d'este fidalgo?

Alcaide (*confuso*)—Ausentaste-vos da villa n'uma occasião...

Alfageme—E' verdade; sahi de Santarem na propria hora em que vós, senhor Alcaide, com os vereadores e mesteres, estaveis á porta da Atamarma entregando as chaves da nossa villa a el-rei de Castella.

Alcaide (*confuso*) Estavamos coactos.

Alfageme—E eu, para o não estar, fui com a minha gente—com todos esses que arredei do serviço do Mestre, senhor Mendo Paes—apresentar-me em Abrantes ao Condestavel do reino.—Não o sabieis vós, Mendo? Não será verdade isto?

Mendo—É. Mas assim que lá chegastes, logo vos levaram, por espia, para o castello de Abrantes, e....

Alfageme—Ah! sabieis vós isso! (*A'parte*) Já sei quem fez a denuncia falsa para Abrantes. E o empenho que elle tinha em que eu fosse!

Alda—E' verdade, aquillo, Fernando?

Alfageme—E' verdade.

Alda—Prenderam-te a ti por espia... a ti?

Alfageme—Por espia, a mim: não ha dúvida (*Amargamente*) E não quizeram attender aos meus rogos, insultaram as minhas lagrimas!... De joelhos e com as mãos postas os suppliquei, pedi-lhes que me deixassem ir morrer o primeiro na vanguarda das batalhas portuguezas...—Chamaram-me castelhano, schismatico, traidor, rebelde... espia!...—E eu não morri, Alda! e tive força para os ouvir, tive animo para supportar tantas injurias... e para esperar ainda em Deus e na justiça!

Alda—Justiça?... Oh Fernando, justiça não torna a haver n'esta terra.

Alfageme—Quando a houve entre os homens, filha?—Mas Deus ainda está no céo.—E se homens me julgassem...

Mendo—Já estaes julgado, e sem appellação. Aggravae-vos para Deus, se quizerdes; que da sentença

que aqui está (*tocando no pergaminho que está na mão do Alcaide*) para outro tribunal não podereis. —Senhor alcaide!

Alcaide—O senhor Mendo Paes tem razão: nem eu nem justiça alguma do reino tem poder para..

Alfageme—Para quê, senhor alcaide?

Alcaide—Para embargar a execução d'este alvará.

Alfageme (*arrebata o papel das mãos do alcaide, lê com grande commoção, ora baixo ora alto, algumas palavras truncadas*) — O zêlo .. os serviços... de Mendo Paes .. fidalgo de minha casa... — revel, traidor... o Alfageme... — (*Fallando*) Eu!.. Sou eu.—Este alvará é de...

Alcaide (*tirando a gorra*) — De el-rei nosso senhor.

Alfageme—Do Mestre d'Aviz? De el-rei D. João?... —El-rei... mandou passar este alvará!... E assignou *Rei* n'este papel infame... que o deshonra!... O Mestre d'Aviz por quem eu, eu ..—Mentes, Alfageme, que não foi por elle. — Não foi, é verdade: mas nem por isso me deve elle menos. —El-rei assignar esta vilania...— Eu desaggravo assim a honra d'el-rei. (*Rasga o alvará e o calca aos pes.*)

Alda—Que fizeste, Fernando!

Povo—Oh! Oh!

Mendo—Traição, nova traição! O alvará d'El-rei!... Traição!

Povo—Traição!

Alcaide—Fernão Vaz; este crime foi publico, e commettido na minha presença, deante de todo este povo. Entregae-vos ás justiças d'El-rei.

Mendo (*áparte*)—Estou salvo.

Alcaide—Entregae as vossas armas.

Alfageme—As minhas armas!—Esta que ainda está tinta no sangue de... A vós, a nenhum dos que aqui estão!—Não sois vós que lhes poreis as sujas mãos. — Esta arma (*quebra nas mãos a hacha e a atira com grande arremessão para longe*) ficará de trophéo no fundo do Tejo sobre a sepultura da nossa Santa protectora. Calumniada como ella, martyr, pura e immaculada como ella, tambem não hade cahir em mãos de infieis

Alcaide (*para os aguasis*)—Prendei esse homem.

(Os aguasis não se atrevem)

Alfageme—Fazei o que vos mandam. Não me vêdes desarmado? Nem assim vos atreveis!

Alcaide—Levae-o ao Castello, para Marvilla; que o mettam na torre de menagem.

Alfageme — A mim me levarão elles? — Nobre e justiceiro Alcaide, o Alfageme de Santarem não se leva assim Vae elle quando quer e porque .. quer.

Alda—Oh Fernando, Fernando!—E eu, eu é que sou a culpada, a causadora de tudo isto! Se te eu não resolvesse a ir. . Antes tu não fôras.

Alfageme—Tal não digas, Alda; tu foste o anjo da minha guarda: ainda bem que segui a tua inspiração, que fui, que adquiri o direito de os desprezar, de lhes chamar ingratos, de...

Alda—Pois tu foste, alcançaste por fim?.. Não ficaste no castello de Abrantes?... O Condestavel?...

Alfageme—O Condestavel...

Mendo (*ao povo*)—E este homem hade estar aqui a zombar de nós todos, do povo?

Um do povo — Prendam o traidor. Viva o nosso rei D. João.

Povo—Viva!

Alfageme—Qual d'elles é hoje, meus bons amigos— o de Portugal ou o de Castella?

Mendo—Insultou o povo.

Um do povo—Insultou o povo, o traidor! Morra.

(Querem apedrejal-o: Alda abraça-se com o marido)

Povo—Morra!

SCENA V

Os mesmos; NUN'ALVARES e cavalleiros *entrando*

Alcaide—O Condestavel!

Povo—Viva o Condestavel, viva!

Alda—Nuno!

Mendo (*áparte*)—Estou perdido!

Nun'Alvares—Alda, Fernando! (*com os braços abertos*) Falta-me aqui .. ah!. . vós, Froilão, (*Observando a expressão dos circumstantes*) Que é isto? Voltaes-me o rosto! Ninguem me falla, ninguem me vem abraçar!... Alda, minha irmã .. e tu, meu velho Froilão, tu tambem! — Triumphos, acclamações por toda a parte, e só aqui esta frieza, este...

Mendo—Senhor Condestavel, senhor conde d'Ourem, dignae-vos acceitar os sinceros emboras, os parabens do coração. .

Nun'Alvares—Ah, Ah! Vós aqui, Mendo! E só vós me recebeis com. .

Mendo (*com enthusiasmo*)—Bem sabeis que ..

Nun'Alvares—Oh sei, sei...—Parece-me que começo a perceber isto —Fernando, vós estaes?...

Alfageme—Preso.

Nun'Alvares—Preso! Vós! Quem vos prendeu?

Alcaide—Fui eu, senhor...

Nun'Alvares — Um samarra preta, um alcaide, um homem de vara atrever-se a um dos meus! Como foi isto, dizei-me.—Porque o prenderam, por?...

Froilão (*fazendo um grande esforço*)—Por traidor..

Alda—Meu tio, socegae, por quem sois, lembrae-vos do estado em que estaes.

Froilão — Deixa-me, já estou bom, já estou bom. Soltou-me o despeito a falla... o despeito, a vergonha... (*Andando desembaraçadamente para Nun'Alvares, e pegando-lhe na mão com força*)—Ouvis bem, Nuno Alvares Pereira?—Por traidor o Alfageme de Santarem, o marido de tua irmã!... E por ordem d'esse rei, que vós fizestes rei para nos libertar, para nos catar nossos fóros, para nos guardar justiça! — Ouves isto, Nuno Alvares Pereira!—Ouvis senhor Condestavel do reino, senhor conde d'Ourem?... Quantos mais titulos e honras e senhorios e mercês e grandezas tendes, para vos eu chamar por elles todos, e vos dizer.. para te envergonhar com elles todos, Nuno, e te dizer: «E's tudo isso, Nuno, D. Nuno; olha agora o Alfageme, o homem do povo, e vê o que lhe fizeste.

Nun'Alvares—O que eu fiz?

Froilão — Tu ou os teus, tu ou teu rei: que importa?

Nun'Alvares — Froilão, meu velho Froilão, tu abusas do direito que te dá...

Froilão — O quê, senhor Condestavel? Este habito, esta cruz (*apontando para a cruz da Ordem que traz no peito*), esta edade?—Não vos prendaes com isso, valentes cavalleiros de D. João I. O que é isso para os vencedores, para os libertadores da patria. — Eu não fui a Aljubarrota; não tinha pés que lá me levassem, nem mãos que podessem com uma partazana... heide ser traidor como este. (*Apontando para o Alfageme.*)

Nun'Alvares—Este Fernando?

Froilão — O marido de tua irmã, o homem que ..

Nun'Alvares—O alfageme que me temperou esta espada, que lhe deu este fio que nunca embotou.

Froilão — E lembraes-vos d'isso, senhor! E nem sequer é esquecimento!

Nun'Alvares — Esquecer-me eu! — de uma divida que ainda não paguei!— (*Indo para o Alfageme com os braços abertos*) Fernando, meu Fernando... meu irmão. . . nos meus braços.

Alcaide—Um traidor!
Povo—Um traidor!
Nun'Alvares (*levantando a voz*)—Traidor! O Alfageme de Santarem!—Quem se manchou com essa vil calumnia?
Froilão—O teu rei.
Nun'Alvares—Mentes.
Froilão (*sentido*)—A mim, D. Nuno, a mim essa palavra!
Nun'Alvares (*com deferencia*)—Perdôa-me, meu velho amigo... Oh, perdôa-me: bem sabes como te estimo, como respeito essas cans tam honradas.—Mas dizes taes coisas...—Foste enganado.—El-rei, el-rei D. João I! ..—Mas tu não sabes, Froilão, que este homem, (*pegando na mão do Alfageme*) teu marido, Alda. . o marido da tua escolha—este homem foi o nosso triumpho, a nossa gloria? Estava preso, sem o eu saber, no castello d'Abrantes, por falsas informações que d'aqui mandaram traidores: (*olha significativamente para Mendo Paes*) mas conseguiu evadir-se da prisão...
Alda—Oh meu Fernando! (*Abraça-o.*)
Nun'Alvares—E chegando a Aljubarrota, quando o exercito castelhano já tinha rompido o centro da nossa linha, elle com os seus homens, com esta gente d'aqui das suas officinas, de repente cahiram sobre o inimigo e o aterraram, e o fizeram retroceder.
Froilão (*rindo e chorando*)—Fernão Vaz, Fernão Vaz, deixa-me te abraçar, quero-te abraçar, quero chorar, quero rir, quero morrer de contente.—Deixa-os agora; que te prendam, que te confisquem, que te infamem se quizerem...—Despreza-os, meu alfageme, que é o que elles merecem.
Nun'Alvares—Mereciam, se não confessassem o que lhe devem. Mas...
Froilão—Mereciam'—Bem, muito bem.—Ora... (*Começa a juntar os boccados rasgados do alvará que estão pelo chão*) Ajuda-me, Joanna, Seraphina; ajudae-me a apanhar.. (*Ajudam-n'o ellas, e Froilão vae dando os boccados a Nun'Alvares*) Ide lendo, ide lendo.
Nun'Alvares (*lendo-os, como lh'os dão*)—«Traidor, schismatico, revel. .»
Froilão (*affirmando-se em um dos pedaços que não pode ler, e dando-o a Alda*)—Toma, toma, lê aqui, Alda
Alda (*lendo*)—«Todos os seus bens e haveres...»
Froilão (*repetindo*)—Todos os seus bens e haveres (*Tira o pedaço de pergaminho das mãos de Alda e o dá a Nun'Alvares*) Lêde vós.—Pagam assim os reis?
Alfageme—Sempre.
Nun'Alvares—Fernando!
Alfageme—Sempre.
Nun'Alvares—Aqui ha mysterio que eu não entendo.—Esperae, deixae-me vêr.
Froilão—Não tem que vêr, é como os principes pagam as suas dividas.
Nun'Alvares—Nem todos.
Froilão—Nem *a todos*: quereis dizer; aos senhores, aos fidalgos é n'outra moeda; bem sabemos; mas aos crédores que são do povo...
Alfageme—Não lhes devem nada a esses.
Nun'Alvares—Não digaes isso, homem, porque a vós...
Alfageme—A mim não me devem nada.
Nun'Alvares—A vós, a quem el-rei deve!...
Alfageme—Nada.
Nun'Alvares—Por quem fizestes!...
Alfageme—Por elle, nada. O que fiz—se alguma coisa é... quatro golpes de cimitarra, puchados d'alma, n'esses estrangeiros que vinham devassar a minha terra... Se eu nasci aqui!
Nun'Alvares—Homem, dá-me um abraço, e vae descançar. Depois averiguaremos o que isto é; e ficae certo que havereis satisfação e reparo.—Alda, este homem foi quem tomou o estandarte real de Castella, e escondeu-se da acção como de uma vergonha,—e foi pôr o estandarte onde o achou Antão Vasques que o trouxe a el-rei...
Froilão (*sorrindo com desprezo*)—Dizendo que fôra elle que o tomára?
Nun'Alvares—Não, homem descrido, não disse tal; disse que não sabia, e disse a verdade. Sabia-o eu, mas não o pude dizer a el-rei, porque Fernando exigiu de mim...
Alfageme (*atalhando-o com vehemencia*)—E exijo
Nun'Alvares—Basta.
Alcaide — Senhor Condestavel, permitti que vos diga.
Nun'Alvares (*seccamente*)—Dizei.
Alcaide (*tossindo e com importancia*)—As formalidades da justiça são a mais segura fiança das liberdades ..
Nun'Alvares (*interrompendo-o seccamente*)—Basta, senhor Alcaide; sabemos essas coisas. Vamos ao que eu não sei.—Por que auctoridade prendestes a Fernão Vaz?
Alcaide—Primeiramente apresentaram-me um alvará d'el-rei nosso senhor, em que o declarava traidor e revel e mandava confiscar seus bens; eu ia dar-lhe devida execução, quando...
Nun'Alvares—Onde está esse alvará? Vejamos.
Alcaide—Onde está, meu senhor?—Ahi é que vae o crime maior, o crime de lesa-magestade de primeira cabeça.—Acreditareis, senhor, que teve a ousadia?...
Nun'Alvares—Quem?
Alcaide—O alfageme.
Nun'Alvares—De quê?
Alcaide—De m'o rasgar na cara.
Nun'Alvares—Vós, Fernando!
Alfageme (*com serenidade*)—Eu.—Estamos quites.—Serviço e desserviço de parte a parte—offensa contra offensa.—Agora já lhe não fica mal: póde-me mandar enforcar cada vez que quizer
Nun'Alvares—Vós... rasgastes esse papel?
Alfageme—Eu.—Como quereis que vol-o diga?

(Silencio longo e geral)

Nun'Alvares (*depois de meditar, alçando a voz*)—Fez muito bem o alfageme
Todos (*com grande espanto*)—Muito bem!
Mendo—Um alvará d'el-rei!
Nun'Alvares (*firme*)—Era falso!
Alfageme—Falso!
Alda (*baixo a Nun'Alvares*)—Tu és o que mentes, Nuno.
Nun'Alvares (*baixo a Alda*)—Minto: mas que ninguem o saiba senão tu. (*A'parte*) Ah principes, principes?—Nunca te fiz tamanho sacrificio, rei D. João: pela primeira vez na sua vida mentiu Nuno Alvares Pereira para te não deshonrar!—(*Alto*) Era falso: eu conheço a rubrica d'el-rei.—(*Para Mendo significativamente*) Mendo Paes, vós... vós. . O alvará e falso, Mendo: disse-o eu e basta (*Mendo vae a falar*) Nem mais uma palavra.—Levae-o já preso para a Alcaçova.—(*Mais baixo a Mendo*) Já vêdes que sei tudo: ámanhã verei se vos posso castigar sem infamia (*Vae preso Mendo Paes*)—(*Para o povo*) O alvará era falso: tam falso que eu trago plenos poderes d'el-rei meu senhor para declarar solemnemente a Fernão Vaz de Santarem benemerito da patria, e digno de toda a sua real contemplação—E como a tal, eu, em seu nome (*tira a espada*) com esta espada. . E' aquella Fernando—é a que está por pagar, Froilão—é a de meu pae, Alda!—com esta espada... Ajoelhae, Fernão Vaz, escudeiro.
Alfageme—Ajoelhar para que?

Nun'Alvares—Para te eu armar cavalleiro, D. Fernando.

Um do povo (*murmurando para os outros*)—E' o que elle queria. Não verão o senhor D. Fernando! São todos o mesmo não ha que vêr.

Alfageme (*sem affectação*)—Cavalleiro eu, senhor!. . um alfageme!

Nun'Alvares—O Alfageme de Santarem.—Quantas casas nobilissimas começaram por mais baixo?

Alfageme—Muitas—E muitas mais ainda são as que mais baixo vieram cahir.—Senhor D. Nuno, vós sois um honrado e digno fidalgo, não descereis do que nascestes; não vós.—Eu sou filho d'alfageme... d'um alfageme honrado... e tambem não subirei, porque não quero descer.

Um do povo—O homem é capaz. Nunca cuidei. Este sim, isto é que é homem.

Outro do povo—Viva o Alfageme!

Povo—Viva!

Nun'Alvares (*commovido*)—Meu irmão!

Alfageme (*enternecido e correndo a abraçal-o*)—Irmão! Oh senhor! Esse titulo sim: esta-vos bem dar-m'o, e não me peja a mim acceitál-o.—Quanto ao mais fiquemos como estamos que estamos bem, senhor.

Nun'Alvares—Recusar o que tantos ambicionam! —Ahi anda tambem muito orgulho, meu alfageme.

Alfageme—Ha algum! confesso.—Não vêdes que eu assim sou o primeiro dos meus... e que ficava o derradeiro dos vossos?

Nun'Alvares—Ah populares, populares!

Alfageme—Temos as nossa vaidades. E vós! Não tendes as vossas?—Desculpemo'-nos, respeitemo'-nos uns aos outros e poderemos viver em paz

Vozes (*fóra*)—Viva El-rei D. João I! Viva o Alfageme!

(Ouve-se dentro marcha guerreira)

Nun'Alvares—E' a tua gente que entra.

Alfageme—Os meus companheiros, os meus bravos companheiros!—Alda, vamos abraçal os.

SCENA ULTIMA

OS MESMOS E CÔRO DE SERRALHEIROS DO ALFAGEME

Os cavalleiros de Nun'Alvares formam, e vão ao encontro dos serralheiros que entram em fórma militar, com seus aventaes de coiro e machados ás costas. Por uma evolução rapida, cada um dos corpos fica a seu lado da scena. Tudo isto deve ser feito em um momento.

CÔRO FINAL

(Marcha guerreira)

Cavalleiros—

Erguei essas Quinas, o pendão da gloria,
Que ahi vem a victoria!
Já foge o inimigo, de raiva já freme,
Que ahi vem o Alfageme!

Cavalleiro, ávante,
Co'a espada—cansada!
A'vante, segura a espada, o montante,
Firmeza na sella, no estribo que geme,
Que ahi vem o Alfageme!

Serralheiros—

Foi o Alfageme; foi e não tremia,
Que a morrer só ia.
Mas ao cavalleiro de nobre pujança
Renasce a esperança.
Nobre cavalleiro,
A'vante—o montante!
A'vante co'a espada, meu nobre guerreiro:
Já morrer não quero, que vejo a esperança
Brilhar n'essa lança.

Todos—

Alcemos as Quinas, o pendão da gloria,
Que é nossa a victoria.
Já foge o inimigo, de raiva já freme.

Serralheiros—

Viva o cavalleiro!

Cavalleiros—

Viva o Alfageme!

TIO SIMPLICIO

Se a nacionalidade de uma peça dramatica está principalmente no estylo, nos caracteres, nos costumes, é perfeitamente original portugueza a pequena comedia que aqui damos, e que o auctor compoz sobre um enredo imitado do theatro francez moderno.

Como são latinos, e como são de Plauto e de Terencio os dramas que com nome d'elles nos chegaram, assim nos pertence este; ou talvez mais, por que n'aquelles não é só a fábula, os mesmos costumes são gregos; e aqui tudo é portuguez menos a urdidura.

O *Tio Simplicio* foi composto para abertura do elegante theatro da Sociedade denominada de *Thalía*, onde concorrem como actores e espectadores as primeiras pessoas e as principaes familias do reino. O auctor é vice-presidente d'aquella esplendida sociedade, e como tal a quiz brindar com uma composição nova. Representou-se com naturalidade e primor, obteve geral applauso, e repetidas vezes alli tem ido á scena. E' tempo que desça dos circulos exclusivos da nobreza para a exposição popular, e que o reportorio do nosso theatro nacional adquira, como tanto precisa, mais uma composição do auctor de *Gil Vicente*.

TIO SIMPLICIO

Comedia representada, a primeira vez em Lisboa, no theatro Thalia, pela sociedade particular do mesmo nome, em onze de Abril de MDCCCXLIV

PESSOAS: Manuel Simplicio.—Luiz de Mello.—Dona Candida.—Dona Lucia —Dona Thereza.—Doutor Simões.—Vicente. Logar da scena — uma quinta na provincia

ACTO UNICO

Sala ornada com elegancia. Portas no fundo, e portas lateraes. Uma caixa de costura sobre uma mesa á direita, á esquerda outra banca com escrevaninha.

SCENA I

DOUTOR SIMÕES, VICENTE; *depois* D. THEREZA

Vicente—Faz favor de entrar, senhor doutor; eu vou chamar o senhor Manuel Simplicio.

Simões—Porquê, ainda está na cama?

Vicente—Não, senhor, ha mais de duas horas que anda por esse palacio com os armadores e os pintores, toda essa gente que elle mandou vir da cidade.

Simões (*áparte*)—O palacio! Chama-se agora o palacio! Fidalguias da senhora D. Thereza. (*alto*) Deixa-o estar, não o incommodes. Aqui vem a senhora D. Thereza (*Vicente sáe.*)

D. Thereza—Oh! é o senhor Simões. .

Simões—As minhas homenagens respeitosas e humildes á madame la belle-mère.

D. Thereza—Deu em se fazer desejar o senhor doutor: ha um seculo que o não vejo.

Simões—Não se queixe, minha senhora, é bom signal! Quando o medico falta, é que não falta a saude. Que noticias temos das Caldas? Desde que foi a senhora D. Candida, não tenho que fazer n'esta casa, senão é vir de vez em quando perguntar se volta .. se já voltou...

D. Thereza—Ainda não: ámanhã partimos nós, eu e seu marido, para a irmos buscar.

Simões—Hade estar impaciente o nosso Manuel Simplicio, morto de saudades pela sua rica noiva.

D. Thereza—Oh! essa justiça lhe faço eu; estremece-a, adora-a, é louco por ella.

Simões—Cada vez me glorío mais de ter feito este casamento.

D. Thereza—E' verdade, acertou. E é o seu forte: por isso dizem que os doentes do doutor Simões são mais os que casam do que os que saram

Simões—Assim é, convenho. A minha medicina é toda philosophica e moral, é a verdadeira homeopathia transcendente; curo os contrarios com os contrarios. São os meus principios Manuel Simplicio era meu amigo e meu doente; sujeitei-o á minha clinica, fil-o casar. Pobre Simplicio! não tinha a menor ideia de fazer tal.

D. Thereza—Pois deve-lhe estar muito obrigado, elle...

Simões—Tambem me parece que pela sua parte a senhora D. Thereza não tem de que se queixar. Manuel Simplicio tinha-se deixado estar solteiro um par de annos... um bom par de annos, a falar a verdade... voltou do Brasil millionario e sexagenario ou muito perto d'isso:—eram habitos velhos. Olhae que com todo o amor que lhe inspirou a senhora D. Candida, resistiu muito tempo... Tinha aquella idea fixa de não querer desherdar um certo sobrinho que Deus lhe deu, e que é o unico parente que tem. Desde lá do Cantagallo, ou do Ouro Preto, ou do Jacaré Açú, ou não sei de que bentas terras de Minas Geraes, d'onde esteve cavando essa riqueza toda que trouxe, vinha com o projecto feito de comprar esta quinta, e de fundar aqui no caro sobrinho uma dynastia de fidalgos d'aldeia que perpetuasse a memoria dos Simplicios por essas gerações adeante.

D. Thereza—Bem sei... um tal sobrinho a quem elle quer muito .. Felizmente que não é senão sobrinho .. que estes solteirões velhos ás vezes...

Simões—Esteja descansada; o meu amigo Manuel Simplicio tem um caracter fraco, a dizer a verdade, mas lá n'isso...

D. Thereza—Sim, é o que se chama um bom homem.

Simões—Bonissimo. E d'alli não ha que desconfiar.

D. Thereza—Não, não, e o peior é que ha dezoito mezes que estão casados e... e nada! Bem vê que tenho razão de receiar, doutor: se meu genro viesse a fallecer sem filhos...

Simões—Hade têl-os, hade têl-os. . Um marido de sessenta annos! isso é infalivel.

D. Thereza—Bem o desejo; mas Candida ha dois mezes que está nas Caldas, e parece-me longa de mais esta ausencia. Eu não estava aqui quando ella foi, estava em Lisboa por causa d'aquella maldita demanda que me demorou até agora: não cheguei senão ha tres dias; quando não, tinha-me opposto a esta viagem, ou pelo menos havia de acompanhar eu minha filha.

Simões—Bom seria; mas a senhora D. Candida está muito bem acompanhada. Em primeiro lugar levou comsigo a prima Lucia....

D. Thereza—Lucia! Está bom . E' quasi da edade d'ella.

Simões—E ambas as primas foram na companhia aqui da senhora D. Joanna Pacheco, e de seu marido o nosso governador civil, pessoas de todo o respeito... E' outro casamento que eu fiz tambem.

D. Thereza—Mas para que havia de ella sahir de casa, ir agora para as Caldas? Estava doente?

Simões—Pois emfim já que é precizo dizer-lh'o, estava... estava doente .. aborrecia-se, tinha hystericos, tinha nervos, tinha vapores... Eu já não sabia o que lhe havia de receitar, mandei-a para as Caldas.

D. Thereza—O que me admira é o marido deixal-a ir assim... Mas calemo-nos que elle ahi vem.

SCENA II

MANUEL SIMPLICIO E DITOS

Simplicio *(entra, recuando, da esquerda, e falando para o bastidor)*—Olhem lá aquella commoda que não está direita... deixem descahir mais o espelho... as cortinas mais tomadas. . Sacode a franja... Agora sim, ah! bom! assim. (*Virando para a scena*) Como passou a noite, senhora D. Thereza? Bella mamã... Não é assim que se deve dizer, doutor?

Simões—Parfait! á moda de Paris Está outro, está guapo, amavel como um estrangeiro o nosso Simplicio. E a saude excellente sempre?

Simplicio—Quanto á saude .. Espere, dê-me licença. (*Torna a virar-se para a porta da esquerda*) O toucador á esquerda... a jarra do Japão no canto, alli ao pé da janella.

Simões—Então que é isso? mobilâmos de novo estes quartos para aqui?

Simplicio—E' o quarto particular de minha mulher .. o boudoir, bella mamã: não é assim que se chama?

D. Thereza—Sim, é

Simões—Agora que tudo vem de França, modas, palavras, idéas...

Simplicio—Algumas... das palavras são mais bonitas sem duvida. Por exemplo, bella mamã, para não dizer sogra, que é uma palavra tam feia.

Simões (*áparte*)—Como a coisa: e já é dizer.

Simplicio—Mas outras, a falar verdade... esta de boudoir, nem eu sei bem o que isto quer dizer, mas não me agrada.

D. Thereza—E' uma expressão bonita, e para pessoas de bem, senhor Simplicio; não ha senhora nenhuma na côrte que não tenha o seu boudoir.

Simplicio—Ah! se as fidalgas da côrte tem o seu boudoir, isso é outro caso, tambem minha mulher hade ter o seu; e por isso é que eu... (*Tornando-se a virar para a porta)* O sophá e o vis a vis á direita.. defronte do espelho; o apparelho de Saxonia em cima da mêsa. Vão devagar e aviem-se.

D. Thereza—Em se tratando da mulher anda aquella cabeça. .

Simplicio (*voltando para a scena*)—Agora aqui me tem, meu doutor.

Simões—Então já sei que vae buscar a sua bella metade.

Simplicio—Vou, meu amigo, e já era tempo; pesa-me esta viuvez. Minha mulher é tam alegre, tam divertida, tam viva; nem eu sei como tenho podido viver estes dois mezes tam compridos, sem a vêr.

Simões—Mas porque não foi com ella?

Simplicio—Isso queria eu, mas ella é que não quiz pela muita amizade que me tem: entendeu que me fazia mal as Caldas. Coitada! é tam minha amiga!...

Simões—E' um anjo.

Simplicio—E além d'isso aproveitei esta ocasião para reedificar este lado esquerdo da casa . do meu palacio .. era um gôsto que ella fazia; achava-o triste, gothico; e eu, obras é a minha paixão.

Simões — Tambem d'ahi não se segue mal nenhum... uma pequena ausencia aviva mais a ternura conjugal.

Simplicio—A minha não precisava d'isso, doutor. Mas, emfim, já lá vae: agora em ella voltando fica a minha felicidade quasi completa; digo quasi, porque verdade seja... completa, completa não é. . quando penso n'aquelle pobre rapaz meu sobrinho...

D. Thereza—Sempre com este sobrinho!

Simplicio—Sequer, se elle soubesse do meu casamento...

Simões—Pois quê, não lhe deu parte?

Simplicio—Não, ainda não; elle está lá para Lisboa, tam longe... e este casamento, como sabem, fez-se com tanto segredo e tam depressa...

D Thereza—Com effeito, meu genro, a sua fraqueza faz afflicção, e uma coisa que nunca se viu, um tio que tem medo que o sobrinho lhe ralhe.

Simplicio—E' que a falar a verdade, elle tinha razão se ralhasse, se me dissesse o que eu me digo a mim mesmo. A minha posição é mais delicada do que cuidam. Luiz é filho de minha irmã, irmã querida e unica, excellente creatura, mas que não tinha nada de seu: foi casar com um cavalheiro muito illustre, muito fidalgo, creio eu, mas que nunca passou de tenente do regimento de... e morreu deixando-lhe... este filho. Achei-a viuva quando voltei do Brasil, e quasi morta.. Com toda a minha riqueza mal pude adoçar-lhe os ul-

timos instantes da vida. Parece-me que a estou vendo ainda, moribunda, apertando-me a mão, e recommendando-me o filho; jurei-lhe que o tomava por meu, que lhe havia de servir de pae, e emfim deixar-lhe toda a minha fazenda. Renovei o juramento trinta vezes em cartas, em conversas com Luiz quando elle aqui veiu estar commigo ha dois annos; e decerto que tinha firme intenção de o não quebrar. Não sei como foi que se metteu o diabo n'isto...

D. Thereza—Senhor Simplicio!

Simplicio—Não foi o diabo, não, minha senhora, perdôe me por quem é... Mas como hei de eu dizer a meu sobrinho que o enganei, que lhe faltei á palavra, que sou um máo tio, que cahi em... que... emfim que estou casado?

D. Thereza—Por fim de contas é preciso acabar por lh'o dizer

Simplicio—Sim, d'aqui a algum tempo, veremos... Mesmo agora seria difficultoso porque não sei o que é feito d'elle.

D. Thereza—De seu sobrinho?

Simplicio—Já me dá cuidado. Ha coisa de um mez, ou mez e meio, que recebi uma carta d'elle, avisando-me que saia de Lisboa, e que vinha passar algum tempo commigo. Imaginem o meu susto; andei quinze dias com febre... mas não veiu, e de então para cá não soube mais d'elle.

D. Thereza—Excellente occasião de lhe escrever, deixando cahir duas palavras sobre o casamento.

Simplicio—Acha?... Hade affligil-o muito, coitado!

D. Thereza—Olhem a grande desgraça! E' muito amor de mais para um sobrinho, senhor Simplicio, é uma ternura desarrazoada e fóra de todo o termo, que não diz com o seu novo estado. Dá-lhe tudo quanto elle quer... deixa-lhe fazer despezas exorbitantes...

Simplicio—Pudéra! se lhe eu não mandasse dinheiro, vinha-o elle cá buscar.

D. Thereza—Pois sim, mas é preciso acabar com isto... uma carta pelo correio e adeus! não se pensa mais n'isso, e fica feito.

Simões—Siga o parecer da senhora D. Thereza; não se póde viver n'esse desassocego, é preciso tranquillisar-se

Simplicio—Então querem por força.

D. Thereza—E se se demora, escrevo-lhe eu.

Simplicio—Não se altere, bella mamã, já o vou fazer.

D Thereza—Pois é já, aqui.

Simplicio—N'este momento.

D. Thereza—Ora graças a Deus!... E no entretanto vou eu á cidade a casa do governador civil: elle vae ámanhã comnosco buscar a mulher; combinaremos a hora da partida.

Simões—Quer que lhe offereça o meu braço, minha senhora?

D. Thereza — Com muito gosto. Senhor Simplicio, olhe agora se se esquece.

Simplicio—Bem sabe que quando eu prometto uma coisa...

SCENA III

SIMPLICIO, só

Ora vamos a isto... já que não ha remedio, (*Põe-se á mesa e prepara-se para escrever*) Maldita carta! Se eu sei por onde heide principiar... O Luiz é muito bom rapaz... mas fica furioso... E então um tio... uma pessoa de respeito... ter de se accusar deante de seu sobrinho... ter de lhe confessar!.. quasi que é pedir lhe perdão .. Tem que se lhe diga, é de exame... Mas quem manda é minha sogra; vamos. (*Escreve*) «Meu sobrinho... meu rico Luiz...

SCENA IV

SIMPLICIO, VICENTE, e depois LUIZ

Vicente (*no fundo*) Senhor?...

Simplicio — Vêm-me interromper... inda bem!— Que queres tu, Vicente?

Vicente—Senhor, um senhor, um rapaz novo que lhe quer falar.

Simplicio (*levantando-se*)—Um rapaz novo!... Quem é? Conhecel-o?

Vicente—Não senhor; não quiz dizer quem era, diz que lhe queria apparecer de repente para lhe dar um alegrão.

Simplicio—Ai, meu Deus! Que suóres frios!...

Vicente—Mando entrar?

Simplicio—Pois sim... certamente... (*Vicente sae*) Oh! que tolice estar-me eu a assustar! Não póde ser. (*Vae vêr ao fundo*) Jesus! é elle, é o Luiz... Tremem-me as pernas, não me posso ter...

Luiz (*olhando muito para o tio sem o conhecer*)—Oh senhor, perdôe! o seu criado enganou-se, eu procuro o senhor Manuel Simplicio.

Simplicio (*abrindo os braços*)—Luiz, meu sobrinho!

Luiz—Meu tio! (*Abraçam-se.*)

Simplicio—Então já me não conhecias?

Luiz—Minha palavra de honra que não E se o tio se não visse a si desde o tempo que eu o não vejo, ha dois annos, aposto o que quizer que não era capaz de se reconhecer a si mesmo. Jesus! como está mudado!

Simplicio (*assustado*)—Achas?

Luiz—Mas dou-lhe os parabens, tio, está outro, não tem comparação: anda direito, está fresco e bello... e então tafulo!... não tem que vêr, é uma transformação completa.

Simplicio—Ah! isso é outra coisa.

Luiz—E tanto que, se vamos n'este andar, em poucos annos está mais moço que eu.

Simplicio — Sim, eu agora ando bom .. E tu, meu Luiz, como va nos de saude? E a respeito de?... vamos: diverte-se a gente?

Luiz—Assim, assim, meu tio... Mas aqui está o que é ser homem solteiro! O tio vive sem pezares, sem cuidados...

Simplicio (*áparte*)—Está bom.. não desconfia de nada... estou mais socegado (*Alto*) Tu hasde estar moído da viagem, homem?

Luiz—Não; tio.—Ora o que me fez mais barulho logo assim á primeira, foi o seu modo de vestir: eu que o tinha visto sempre de calça justa por baixo da bota, e com aquella sua casaca, vil-o agora achar de penteado moyen-age, frac á ingleza!...

Simplicio—Sabes tu que já me davas cuidado?

Luiz—Oh! meu querido tio, mas é que realmente está um petimetre. Ai, Deus me perdôe! pois foi-se tambem? coitado!

Simplicio—Quem?

Luiz—Aquelle rabichinho tam galante, tam travesso, que o tio trazia, e que realmente era...

Simplicio—Era um incommodo, pegava-se á gola da casaca...

Luiz—Que metamorphose! Pois eu por mim gostava mais do outro tio d'antes.. Este, a falar a verdade, parece-me um tio virado.

Simplicio—Então! não me acabas de analysar dos pés á cabeça.

Luiz—Porquê? Deixe-me gosar da minha admiração. Até a quinta e esta casa toda está que ninguem a conhece. Era tam triste! e agora tem um ár de opulencia, de animação. Não parece senão que andou por aqui alguma fada boa.

Simplicio (*áparte*)—Está insupportavel com as suas reflexões. (*Alto*) Então que queres? Aborreci-me

da vida de ermitão que levava, comecei a viver com gente... por aqui os visinhos... pessoas muito de bem... bem vês... para os receber em casa era preciso...

Luiz—Fez muito bem, tio... isso é que eu acho de juizo. Quantas vezes lh'o tenho dito?... que não sabe gosar da sua fortuna... gaste... divirta-se... não se apoquente por amor de mim.. Comtanto que me deixe o que lhe sobrar, ainda me hade ficar bastante.

Simplicio (*aparte*)— Pobre rapaz!. . Está me enterrando punhaes no coração ..

Luiz—Não é que eu despreze a riqueza .. por certo não; e muito sinceramente lhe digo se me não dá de ser rico. Mas graças a meu tio, nunca me faltou nada. E particularmente ha um anno a esta parte, ou dezoito mezes... tem fervido os cartuxos de peças, as notas do banco... de modo que para as poder gastar foi-me preciso emprehender esta pequena viagem.

Simplicio (*aparte*)—E eu que cuidei que assim é que o impedia de vir!

Luiz—Faz favor de me dar uma pitada, tio!

Simplicio—Uma pitada! .. pois tomas tabaco?

Luiz—A's vezes, da caixa dos outros.

Simplicio—E' um máo vicio... Eu deixei-me d'elle.

Luiz—Mais outra mudança... E' extraordinario!

Simplicio —Tu hasde precisar de tomar alguma coisa. Deixa-me chamar Vicente. (*Toca a campainha.*)

Luiz—Vicente?... E' um dos creados novos? A' entrada dei com uma quantidade de lacaios, todos moços tafulos... de librés novas... A proposito que caminho levou a Gertrudes. . a sua ama velha que era tam sua amiga?

Simplicio—Coitada! estava bem velha.

Luiz—Pouco mais ou menos da sua edade.

Simplicio—Aposentei-a... estabeleci-lhe uma pensão... mas não se fala n'isso... que foi ás escondidas.

Luiz—Como, ás escondidas? Pois meu tio não é senhor do que é seu? Quem é que tem direito de?...

Simplicio—Não, certamente... ninguem tem direito de. . mas é que, bem vês... ha sempre más linguas... podiam entrar a suppôr... E este diabo d'este Vicente sem vir! (*Toca com violencia a campainha, depois duas ao mesmo tempo.*)

Luiz—Devagar, meu tio, não se impaciente... dá-me tanto gosto estar aqui a conversar...

Vicente (*entrando*) — O senhor quer alguma coisa?

Simplicio—Em te chamando estás sempre uma hora primeiro que venhas. . Vae preparar de almoçar o mais depressa possivel.

Vicente—Vou já, senhor. (*Sae*)

Luiz (*aparte*)—O que é que elle tem este meu tio?

Simplicio—No entretanto, meu amigo, conversemos um pouco a teu respeito... dos teus negocios... que a minha amizade não é como o mais, essa é sempre a mesma.—Agora quando tu chegaste, te estava eu a escrever.

Luiz—Devéras?

Simplicio—E' verdade. Para saber novas tuas... davas-me cuidado... Escreveste me ha dois mezes que sahias de Lisboa . .

Luiz—E com effeito parti... mas demorei-me no caminho... fiz uma voltasita para chegar aqui.. E succedeu-me uma aventura interessantissima. . Heide-lh'a contar.

Simplicio—Ah maganão! madama no caso?

Luiz—Nada, nada. D'esta vez é uma menina... uma menina solteira... um anjo!

Simplicio—Melhor, melhor, porque emfim tu não tens nada que te empeça... de... casar.

Luiz—Casar!... não tenho pressa... na minha edade... quando a gente se diverte... que é feliz...

Simplicio—Ah. . maroto... com quê casar... para você, é como o tomar tabaco? Não quer senão da caixa dos outros...

Luiz—Se visse como ella é bonita? Disse-me que ia para Lisboa... Eu não quiz passar tam perto d'aqui sem lhe vir dar um abraço, tio; mas a falar a verdade. . se não fosse ..

Simplicio—Dize, explica-te.

Luiz—Tenho medo de o desgostar.

Simplicio—Não importa... anda, dize.

Luiz—Pois a verdade é... que estou morrendo por ir atraz d'ella... e queria-lhe pedir licença para me logo pôr a caminho.

Simplicio—Faze o que quizeres filho... eu antes queria ter-te aqui algum tempo commigo... mas uma vez que é impossivel...

Luiz—Impossivel não; se o tio quer...

Simplicio—Não, não te encommodes... Queres partir hoje?

Luiz—A'manhã de manhã... que lhe parece?

Simplicio—Cae mesmo a proposito... tinha-me esquecido de t'o dizer; tambem eu parto ámanhã... uma digressãosita pequena.

Luiz—Para a banda do Porto... ou para Lisboa?

Simplicio—Não, o contrario.

Luiz—O contrario!

Vicente (*no fundo*) — Senhor, o almoço está na mesa.

Simplicio—Vae almoçar, anda, rapaz... desculpa-me, que te não posso fazer companhia... almóço muito mais cedo.

Luiz—Era o que faltava, que fizesse agora ceremonia commigo.

Simplicio—Vicente?

Vicente (*chegando-se*)—Senhor.

Simplicio—Ouve. (*Fala-lhe ao ouvido.*)

Vicente—Basta, senhor, esteja descançado.

Simplicio—Luiz?... Ensina-lhe o caminho, Vicente.

Luiz—E é preciso; está tudo tam mudado, tam grandioso... não sei se eu acertaria com a casa de jantar.

SCENA V

Simplicio (*só*)—Ah! respiremos... Umas poucas de vezes me ia perdendo... que fortuna estar minha mulher fóra de casa!... Emfim como elle parte ámanhã, d'aqui a alguns dias lhe escreverei. Por hoje, tomando as minhas precauções... acautelando-me e tal, posso-me ainda livrar... A Vicente recommendei-lhe segredo, e que advertisse os outros criados... O caso agora é prevenir minha sogra... tarda bem! (*Vae ao fundo*) Parece-me que a oiço... Eil-a ahi com effeito... Que senhoras são estas que vêm com ella? Santo Deus!... minha mulher... Candida! E a prima Lucia... Está tudo perdido.

SCENA VI

SIMPLICIO, D. THEREZA, D. CANDIDA, D. LUCIA

Simplicio—Minha querida filha... Como ella vem bonita! (*Abraça a mulher.*)

D. Lucia—Então, e a mim, primo, não me diz nada?

Simplicio—Adeus, minha rica Lucia.

D. Thereza—Quando eu entrava em casa do governador civil, chegava a caleça d'estas senhoras.

D. Lucia—Não me esperavam tam cedo?... Não cabe em si de contente o primo

Simplicio — De certo... Estou n'uma alegria... Mas o que estava ajustado era irmol-as nós lá buscar.

D. Lucia—Foi Candida que quiz vir por força; andava aborrecida, n'uma melancholia...

Simplicio—E é verdade... não reparei ao principio Tu que eras tam alegre, tam...

D. Thereza—Saudades do marido, da sua mamã... Não é assim, minha filha?
D. Candida—Sim, mamã, sim.. já não podia estar sem os vêr, precisava de vir para aqui, de... Eu não tenho andado boa.
Simplicio—Doente! Oh! já, já chamar o doutor.
D. Lucia—Não é preciso, encontrámol-o, e não tarda ahi de certo... é uma visita mais que se conta.
Simplicio—De que serve ir ás Caldas para vir doente? Então vocês não se divertiram?
D. Lucia—Nada, não! Divertimo-nos immenso; todos os dias bailes, funções, passeios.
Simplicio—Espera... não ouviram passos aqui por este lado?
D Thereza—Não...
Simplicio (*socegando*)—Ah! então iam ao baile... tinham funções?...
D. Lucia—Não faz idéa, primo; era uma delicia. E sabem? Candida e eu passavamos por meninas solteiras.
Simplicio—Ah?... Candida tambem!..
D. Lucia—Tambem: foi uma brincadeira que muito nos divertiu. Maria do O, a mulher do governador, é que fazia de mamã: foi concertado com ella. Era um gosto vêr como todos nos queriam fazer a côrte... á Candida mais, porque andava mais tafula, mais rica.. Muito rimos nós com vêr os rapazes que queriam casar com ella.
Simplicio—Sim?... tinha sua graça.
D. Lucia—Era o que lhe eu dizia: é pena que não possas casar duas vezes... tinha muita graça.
D. Thereza—Muito pouca gravidade n'esses brinquedos, Lucia; cada vez me pesa mais não ter eu ido com vocês.
. Lucia—O' tia, posso-lhe affirmar que a gente não fazia caso nenhum d'elles... dos nossos rendidos. Pela minha parte, só um ou dois é que poderiam assim...
Simplicio (*sobresaltado*)—Oiçam!... parece-me que senti abrir uma porta ..
D. Thereza—E então!... creio que está a sonhar
Simplicio—Não fale tam alto... Tem um metal de voz esta senhora!
D. Thereza—Então que é isto? Aqui ha coisa extraordinaria.
Simplicio—E' verdade, ha: então que quer?... estou n'um lance, n'um apperto...
D. Thereza—Porquê? diga.
Simplicio—Porquê?... porque está alli elle... chegou.
D. Candida—Elle quem?
Simplicio—Meu sobrinho.
D. Thereza—Seu sobrinho está aqui?
D. Lucia—Aquelle que era seu herdeiro, e de quem se escondeu este casamento?
Simplicio (*fazendo-lhe signal que fale baixo*)—Esse mesmo... Está resolvido a partir ámanhã, e eu quero vêr se faço com que elle parta hoje
D. Thereza—Tem razão... seu sobrinho hade ser rapaz galante, certamente: se ficasse aqui... podia haver receio...
Simplicio—Receio .. medo de tudo!... Mas já agora não ha outro remedio senão este, é não lhe apparecer. Vão para os seus quartos e deixem-se estar até... até á tarde, não é muito tempo.
D Thereza—Tambem sou d'esse voto.
D. Lucia—Que pena! Uma casa tam só como esta, e onde quasi nunca se vê uma figura humana!
D. Thereza—Minha sobrinha!
D. Lucia—Eu não disse isto pela tia.
D. Candida—Não façam caso do que ella diz. Hade-se fazer como querem: a mais interessada n'isso sou eu. Seu sobrinho não póde ter gosto em me vêr: hade-me ter por sua inimiga; eu estimo muito mais não o encontrar... Além d'isso, basta que seja sua vontade...
Simplicio—E' um anjo, um genio de pomba... Ora isto... isto! Têl-a eu aqui ao pé de mim, depois de uma ausencia tamanha, e vir este diacho d'este Luiz...
D. Lucia—Luiz!
D. Candida—Luiz!
Simplicio—Sim, é o nome d'elle.—Então promettem estar em segredo todas tres!
D. Lucia (*aparte*)—E mais eu tinha bem curiosidade...
Simplicio—Perdôa-me, Candida, separar-me de ti... O que era melhor era irem-se fechar na casa do café no jardim... está mais longe, mais só.
D. Candida—Pois sim, como quizer.
Simplicio—Vão por dentro dos quartos, que não sinta elle...

SCENA VII

SIMPLICIO e depois LUIZ

Simplicio (*áparte, da esquerda, seguindo com os olhos a mulher*)—Que pena! Nunca a vi tam boa commigo, tam mansinha, tam... Adeus, adeus! (*Atirando-lhe beijos.*)
Luiz (*entrando da direita*)—Apre, senhor meu tio.
Simplicio (*fechando a porta de repente*) Hein! Então que é isso?
Luiz—Digo-lhe, meu tio, que a sua cosinha sempre está! seguiu a marcha da civilisação; é d'este seculo o seu cosinheiro, é um homem de luzes, não tem dúvida.
Simplicio (*áparte*)—Pregou-me um susto!...
Luiz—Agora, meu tio, estou prompto a correr os seus estados: venha-me mostrar as mudanças, os melhoramentos, todas essas coisas novas... Leio-lhe nos olhos que está morrendo por isso, e eu tambem estou com minha curiosidade de saber...
Simplicio (*áparte*)—Como hade ser para o resolver a partir já?
Luiz—Primeiro vamos ao jardim se quizer... Parece-me de longe uma casa de fresco nova... e linda... E' um kiosque... ou é?...
Simplicio (*áparte*)—Tem um instincto para me atormentar, este meu sobrinho!... (*Alto*) Com muito gôsto eu ia... mas estou n'um cuidado...
Luiz—Coisa que o afflige, tio?
Simplicio—E' verdade; e não sei como t'o heide dizer.
Luiz—Alguma noticia desagradavel?
Simplicio—Muito desagradavel! (*Aparte*) Bom! chegámos a ellas. (*Alto*) Uma carta de Lisboa, que recebi n'este instante, em que me avisam que uma casa em que eu tinha bastante dinheiro, cem mil cruzados, está a falir.
Luiz—Diacho! E' terrivel essa.
Simplicio—Agora o ponto era não perder um instante... Bem vês que a mais pequena demora... Eu tinha-me lembrado que talvez tu... se te não désse ..
Luiz—De partir hoje? Em casos taes não se olha a coisa nenhuma: estou á sua disposição.
Simplicio—Queres? Não esperava menos de ti Vou escrever depressa duas palavras, e trazer-te os papeis necessarios... Tratarás de te entender com o meu correspondente.
Luiz—Em o tio acabando monto a cavallo.
Simplicio—Meu Luiz! Ninguem tem um sobrinho como eu. (*Aparte*) Estou livre d'elle (*Alto*) Espera aqui, eu venho já. (*Vicente atravessa o theatro do fundo para a esquerda com uma caixa de chapéos, um challe e um guarda-sol de senhora.*)
Luiz—Tio Simplicio!
Simplicio—Hein!
Luiz—O que é aquillo que alli vae? o seu criado com um challe... um guarda-sol de senhora?

Simplicio (*áparte*)—Bonita a fez Vicente! tem um juizo!
Vicente—Chama-me, o senhor?
Simplicio—Não, não; vae-te.
Luiz—Então tem senhoras em casa o tio, e não m'o dizia?
Simplicio—Senhoras... Ah! sim... é que nem já me lembrava... E' uma pessoa... uma senhora d'aquella quinta no alto... Vae para o Porto... e ..
Luiz—Ah! vae para o Porto! anda tudo por aqui a viajar, pelo que vejo.
Simplicio—Teve medo de descer na liteira lá d'aquellas alturas... offereci-lhe que viesse aqui esperal-a... e...
Luiz—E' mais commodo... E é moça a tal senhora?
Simplicio—Está bom! Uma edade respeitavel. Querem vêr que já tu cuidavas?... Oh! está socegado, não tenhas medo. Quando me acontecesse... Adeus! não tardo aqui dez minutos.

SCENA VIII

Luiz de Mello (*só*)—Senhor meu tio, senhor meu tio! aqui ha coisa, seja ella qual fôr. Por modo que se quer ver livre de mim. Já esta manhã não instou commigo para ficar E agora de repente esta casa de Lisboa que quebrou assim como se encommenda... Aqui ha mysterio... Eu já tinha minhas suspeitas .. Este casarão velho todo arranjado de novo... meu tio deixado de tomar tabaco... com o rabicho cortado... E este luxo, estes trastes elegantes... E esperem; eu ainda não tinha visto aquillo... uma caixa de costura... isto não póde ser. (*abre a caixa*) Tal e qual Bordados .. lãs!... Que maganão que é o tio Simplicio! Demittiu a Gertrudes velha, e deu o logar a alguma criadinha moça e tafula, meia ama, meia criada... O costume! E' o flagello dos solteirões velhos. Pobre tio Simplicio! Mas onde a tem elle escondida? Se terá ciumes de mim? Oh isso agora é que me faria rir,

SCENA IX

LUIZ *e* D. LUCIA

D. Lucia— (*entrando pé-ante-pé*)—Não posso resistir. Por força heide vêr este sobrinho que mette medo a toda a gente.
Luiz—Esta não é má! Eu lhe prometto que heide descobril-a... Vou revolver a casa toda. (*vae a sair.*)
D. Lucia (*dando de repente com os olhos n'elle*)—Ai!
Luiz—E' possivel!
D. Lucia—Pois é o senhor?
Luiz—A senhora D. Lucia aqui? Conhece meu tio Simplicio?
D. Lucia—Seu tio!... Então o senhor é que é o sobrinho?
Luiz—Que feliz acaso! Tenho tantas cousas que lhe perguntar! .. E primeiro que tudo, aquella menina que andava em sua companhia nas Caldas . . sua prima, creio eu. . onde está, que é d'ella. Aqui . estou vendo. Não se separaram ..
D. Lucia—Pois separamo-nos, e bem sabe o senhor.. Porquê? ella não lhe disse que voltava para Lisboa?
Luiz—E' verdade, e foi tudo quanto me disse... Mas a senhora D. Lucia conhecer meu tio? De onde o conhece? Dar se-ha o caso que sejamos parentes? Não veiu sósinha para esta quinta... de certo. Fica aqui muito tempo?
D. Lucia—Não, não senhor, foi um acaso. . de passagem...
Luiz—Ah! vae para o Porto?
D. Lucia—Dê-me licença que me retire.. Se nos vissem aqui a conversar...
Luiz—Que quererá dizer isto?... Temos outro mysterio...

SCENA X

DITOS *e* SIMÕES

Simões—Ah! senhora D. Lucia! Venho correndo com uma pressa... O senhor Simplicio diz que viesse, que viesse... quer que lhe eu veja immediatamente a mulher.
Luiz—Sua mulher!
Simões—Certamente.
D. Lucia— (*áparte*)—Vamos já dar parte a minha tia. (*Escapa se pelo fundo.*)
Luiz—Então meu tio é casado?
Simões (*áparte*)—Ai, que é o sobrinho!... Fil a bonita.
Luiz—E' horrivel... é indigno isto! Casar-se, e occultar-me o seu casamento! Nunca cuidei que fosse capaz de me enganar assim...
Simões (*áparte*)—Vejamos se o socego (*Alto*) Venha cá, senhor; a coisa não é tam feia como lhe parece.
Luiz—Mas emfim como se fez este casamento?... que tempo ha.. com quem? Hade sabêl-o o senhor... creio que é seu amigo.
Simões—Sou .. isto, é sou o seu facultativo.
Luiz—Não vem a ser bem a mesma coisa... mas não importa .. Quem é que lhe metteu na cabeça similhante loucura? Não foi coisa d'elle... é que abusaram da sua fraqueza.
Simões—Permita-me que lhe diga que os meus principios me não deixam metter em negocios de familia; todo o meu tempo é dos meus doentes... Ha-de permittir... (*Querendo partir.*)
Luiz—Por quem é, senhor, responda-me... Quem é esta mulher?... Está aqui na quinta? Não poderei sequer ao menos vêl-a?...
Simões—Torno a repetir-lhe, senhor... Mas espere... olhe: aqui vem uma senhora que lhe póde explicar tudo isso muito melhor do que eu. (*Apparece D. Thereza no fundo.*)
Luiz—Uma Senhora!
Simões—Safa! lá se avenham como poderem. (*Vae-se pela esquerda.*)

SCENA XI

LUIZ, D. THEREZA

Luiz (*áparte*)—Querem ver que é esta? Com a fortuna!... E tem-me cara de o ser...
D. Thereza (*áparte*)—Hade estar desesperado... mas eu o farei entrar na razão.
Luiz—Minha senhora... acabo de saber n'este instante...
D. Thereza—Que seu tio está casado?... Sim senhor, é verdade; e fez muito mal em lh'o encubrir... por meu voto não foi; e se elle tomasse os meus conselhos, ha muito que seu sobrinho o saberia.
Luiz (*áparte*)—Bem n'o dizia eu!... E' minha tia. Vamos... o doutor não deixa de ter razão... o mal não é tamanho como se cuidava.
D. Thereza—Seu tio tem lhe muita amizade; e eu espero que o senhor não hade procurar, nem pelas suas palavras nem pelo seu procedimento, destruir a felicidade de um parente que o tem enchido de beneficios.
Luiz—Assim é, minha senhora.
D Thereza—E se assim não fosse... eu bem sei como me heide haver .. desde já lh'o declaro.
Luiz (*áparte*)—Parece-me extremamente amavel a tal minha tia. (*Alto*) Confesso-lhe, minha senhora, que no primeiro momento... não pude ser senhor

de mim... Bem vê que era natural... eu não sabia que este casamento tinha sido tam acertado, tam egual .. em todos os sentidos.
D. Thereza (*áparte*)—Que quererá elle dizer com isto?
Luiz—E não posso deixar de louvar a meu tio o ter escolhido uma espôsa cujas qualidades amadurecidas pela edade e pela experiencia...
D. Thereza (*áparte*)—Isto é mangação, ou?...
Luiz—E pela minha parte... eu tambem espero que me não hão de alienar o coração de meu tio; e que em vez de perder a sua amizade, antes heide merecer a da minha respeitavel tia. (*Faz-lhe uma inclinação profunda.*)
D. Thereza (*áparte*)—Pois então!... não está persuadido que!... Não me atrevo a desenganál-o.
Luiz (*áparte*)—Meu pobre, desgraçado tio! .. Foi mesmo de quem estava abandonado de Deus.

SCENA XII

DITOS e SIMPLICIO

Simplicio (*entrando*)—Luiz, aqui tens a carta e os papeis... (*Parando*) A sogra! Justos céos!
Luiz (*dando lhe a mão*)—Toque, meu tio, toque. (*A'parte*)—Coitado!
Simplicio (*admirado*) — Com muito gôsto, meu Luiz... mas dizes-me isso com um modo..
Luiz (*chamando-o de parte*)—Já sei a desgraça que lhe succedeu.
Simplicio (*em voz baixa*)—A desgraça?
Luiz—Caluda!
D. Thereza (*áparte*)—Deus queira que me não vá elle agora desmentir!
Luiz (*compungido*)—Diga-me se é feliz, tio; preciso saber se é feliz, tio Simplicio.
Simplicio—Ora esta! Que pergunta! Tu conheces-me, sabes que não me amofino facilmente... E de mais, quando a gente é livre, quando é...
Luiz—Quando é casado. .
Simplicio—Hein! Que dizes tu... (*Assustado.*)
Luiz—Eu sei tudo, meu tio.
Simplicio (*áparte*) — Deus do céo, que horrivel sogra! Foi ella que me deitou a perder.
Luiz—Não receie das minhas queixas, tio, não; realmente é um casamento muito rasoavel.
Simplicio (*muito animado*) — Não é verdade? Parece-me que é muito rasoavel... Entretanto ha pessoas que notam a desproporção da edade.
Luiz—N'essa parte têm sua razão. Meu tio é muito moço de mais para ella, mas...
Simplicio—Estás zombando?
D. Thereza (*áparte*)—Que estarão elles dizendo?
Luiz—Salvo, comtudo, se é inclinação antiga, de outros tempos... e de...
Simplicio—Antiga!... O quê?... como?
Luiz—Então? algum amor de infancia... a sua primeira paixão... Porque não seria?
Simplicio (*aparte*)—Que me mellem se eu entendo o que elle diz.
Luiz—No seu tempo havia de ser bella mulher... E examinando-a bem inda agora...
Simplicio — Hein? Examinando quem? (*Olha para todos os lados.*)
Luiz—Veja o profil (*Apontando para D. Thereza*) E' classico... Veja... e como dizem agora os jornalistas, é plastico... Eu não sei bem o que é, nem elles... mas não importa.
Simplicio — Sim, sim; ainda tem os seus restos... (*áparte*) Começo a desconfiar.
Luiz—Ora vamos, já sei; é alguma paixão do seu tempo... Mas fale com ella: é exquisito estarmos nós assim a conversar para aqui sós, á parte...
Simplicio—E' verdade... (*A D. Thereza*) Minha se... minha querida, pelo que vejo já informou... tu já informaste meu sobrinho...
D. Thereza — O acaso fez tudo... E eu assentei que não devia negar...
Simplicio (*áparte*)—Que excellente invenção! (*Alto*) Olha... não sabes quanto sou feliz; e se conhecesses tua tia... é um anjo, um seraphim. (*Beija a mão de D. Thereza.*)
Luiz (*áparte*)—Ainda bem que a vê com tam bons olhos!
Simplicio—Quanto a ti, meu caro Luiz, este casamento pouco te deve assustar... a edade da minha mulher...
D Thereza—Senhor!...
Simplicio (*a D. Thereza*)—Cale-se : é para o persuadir mais.
Luiz (*áparte*)—Não é muito amavel com a noiva o tal meu tio Simplicio.
Simplicio—Podes ficar descansado, não tens que receiar de outros herdeiros..
D Thereza—Basta, senhor, basta.
Luiz—Meu tio!...

SCENA XIII

DITOS e SIMÕES

Simões (*áparte*)—Estão juntos, e tiveram já tempo de se explicarem,
Simplicio (*áparte*)—O doutor? Sempre vem fóra de proposito.
Simões—Andava á sua procura, senhor, Simplicio porque queria dizer-lhe que se não falham certos indicios, a cara esposa não está muito boa.
Simplicio (*áparte*)—Oh meu Deus!
Simões—Ainda não posso definir o que é... mas tem alguma coisa .. parece-me que não ha duvida: tambem já era tempo...
D. Thereza—Está louco, doutor, não é possivel... e pelo menos... Eu nunca me senti tam bem.
Simões—A senhora D. Thereza?. .
Simplicio—Certamente: basta vêl-a, aquella côr... aquella frescura.
Simões—Então, então, entendamo-nos.
D. Thereza(*baixo ao doutor*)—Cale-se doutor.
Simões (*áparte*)—Ah! isso é outro caso; pelos modos commetti outra imprudencia.
Simplicio—O doutor queria assustar-nos. (*A'parte*) Pobre Candida, e eu sem estar ao pé d'ella.
Simões—Em todo o caso eu voltarei outra vez, preciso estudar os symptomas.
Simplicio—E' isso, venha jantar comnosco, verá que appetite que ella traz... E tu, meu sobrinho, pódes voltar para Lisboa, sem o menor cuidado na saude de tua tia. (*Sae o doutor e D. Thereza.*)

SCENA XIV

SIMPLICIO, LUIZ

Luiz—Partir? então sempre quer que parta?
Simplicio—Que remedio? Aquella quebra... os meus dez contos de réis! ..
Luiz—Tinha-me dito cem mil cruzados.
Simplicio—Cem mil cruzados, é verdade... Maior motivo para te apressares... Toma: aqui está a carta e os papeis.
Luiz (*pegando-lhe*)—Basta, meu tio. (*A'parte*) Cuidas que me enganas?...
Simplicio—A malla está no teu quarto onde tu costumas ficar.
Luiz—Sim senhor, meu tio. (*Vae-se.*)

SCENA XV

Simplicio (*só*)—Ah! d'esta vez ainda eu escapei. Safa, que medo! Mas a pobre Candida que está á

minha espera... Se eu fosse... emquanto meu sobrinho está no seu quarto arranjando-se... E' arriscado, mas não importa: vou. (*Toma para a porta da esquerda.*)

SCENA XVI

SIMPLICIO, D. CANDIDA

D Candida—Está só?

Simplicio—E's tu, querida? Então vieste só para me vêr, anjinho? (*com pieguice.*)

D. Candida — Tenho que lhe dizer... e é coisa séria. Está certo que ninguem nos ouve?

Simplicio — Meu sobrinho foi para o seu quarto apromptar-se para partir.

D. Candida — Seu sobrinho já sabe tudo: disse-m'o Lucia. Descobriu o nosso casamento e diz que me quer vêr.

Simplicio—Qual! não fazes idéa que engano tão gracioso. Pois não foi cuidar o pateta do rapaz que tua mãe era a minha mulher?

D. Candida (*com ironia*) — Ah!... Sim?...

Simplicio—E' ratão... não achas? Pobre rapaz! Pois digo-te que tenho remorsos de o enganar d'esta maneira! Mas eu o recompensarei quando se casar, que me parece que hade ser cedo.

D. Candida—O quê? Pois pensa!...

Simplicio—Penso!... Elle contou-me certos segredos...

D. Candida (*com vivacidade*) Quaes? Diga, não posso sabel-os eu?

Simplicio—Por ora não ha nada positivo .. Uma menina que elle adora... que espera encontrar em Lisboa... Mas que tens tu? Estás agora peior: que sentes?

D. Candida — Bem sabe que a minha saude... O doutor havia de lhe dizer...

Simplicio — Ora o doutor não sabe o que diz. Eu acho-te melhor do que antes da jornada... O teu rosto tomou uma expressão... (*Quer abraçal-a.*)

D. Candida—Vou-me embora... Jesus, se seu sobrinho!...

Simplicio — Por modo que ainda tens mais medo d'elle do que eu?

D. Candida — Confesso-lhe que emquanto elle aqui estiver...

Simplicio—Não receies... por um momento que estou só comtigo... (*Quer abraçal-a.*)

SCENA XVII

DITOS e D. LUCIA

D Lucia (*do fundo*)—Meu primo... senhor Manuel Simplicio?

Simplicio (*áparte*) — Agora é a prima... Que diabo de parentella!

D. Lucia—Tu aqui, Candida?

Simplicio—Vamos, priminha, que quer?

D. Lucia—E' que seu sobrinho, andava eu a passear no jardim .. e... elle viu-me da janella...

Simplicio — Imprudente! Para que sahiu? Tinha-me promettido de não sahir?... (*Ouvindo bulha*) Ahi vou, ahi vou depressa. Temos ainda outra historia que arranjar.

D. Lucia—Com tanto que elle me não seguisse.

Simplicio — Andem, entrem ambas para aquelle quarto, e não me saiam d'alli.

D. Lucia — Veja se nos deixa fechadas até ámanhã.

Simplicio—Vamos, que eu as avisarei quando elle tiver partido. Tomem sentido; quando esta campainha tocar, que é signal... Maldito sobrinho! não o torno a largar emquanto o não vir a cavallo. (*Vae-se.*)

SCENA XVIII

D. CANDIDA, D. LUCIA

D. Candida—Lucia, vamo-nos d'aqui.

D Lucia—Ora! pois não. O tio que o prenda para elle cá não vir.

D. Candida—Tu fizeste mal em lhe apparecer.

D. Lucia—Sim! havia de estar todo o dia fechada! E de mais, eu não sei para que mandam o rapaz embora.

D. Candida—Então! é a vontade de meu marido.

D. Lucia—Tu não lhe disseste que o tinhamos encontrado nas Caldas?

D. Candida—Não. E faze-me o favor de o não dizeres a ninguem... Lembra-te que m'o prometteste.

D. Lucia—Porquê? Talvez isso fizesse com que elle ficasse. . E sabes que mais?... olha, falando a verdade, este é um dos dois que se me não dava...

D. Candida — O quê? pois tu... Dar-se ha caso que tu?...

D. Lucia—Decerto... E elle... pareceu-me lêr-lhe nos olhos... quando dansava-mos ambos... Adeante! Eu cá me entendo.

D. Candida—Talvez te enganes...

D. Lucia—Sim, bem sei o que queres dizer, que tambem a ti te fazia a côrte... Póde ser, não digo que não. Homens! E' sabido Mas eu bem vi que elle dansava comtigo por tu seres minha prima, nada mais. De sorte que bem sei que para ti, Candida, que elle fique que não fique, é a mesma coisa, porque já estás casada. Agora eu... se elle aqui se demorasse algum tempo... Quem sabe... tem-se visto coisas mais extraordinarias.

D. Candida—Deixa te d'isso, Lucia... não penses em tal.

D. Lucia—Mas, porquê?

D. Candida—Porque te cansavas debalde... Este rapaz não te faz conta...

D. Lucia—Se eu já te disse que me fazia conta...

D. Candida—Lembra-te que elle se vae embora... que d'aqui a uma hora estará muito longe d'aqui... e é provavel que nunca mais o vejas...

D. Lucia (*vendo Luiz*)—Nada, não! Olha, elle ahi vem.

D. Candida—Ah!...

SCENA XIX

DITAS e LUIZ

Luiz (*a D. Candida*)—Que vejo! Ah! tinham-me enganado ambas.

D. Lucia—Onde está o senhor Manuel Simplicio?

Luiz—Não tenha receio, fechei o á chave no meu quarto.

D. Lucia (*rindo*)—Ah! ah! ah! Tocou-lhe a sua vez de ficar preso.

D. Candida—Anda, Lucia, vamos-nos embora... Vamos já, vamos.

Luiz (*segurando a*)—Não, não me escapa segunda vez, desengane-se.. Cuidava ir encontral-a em Lisboa, e venho achál-a aqui. Que mysterio é este? E' perciso explicar-m'o, senhora D. Candida.

D. Candida—Explicar-lhe, o quê?

Luiz—Heide sabêl-o, quero sabêl-o.

D Lucia- Para que é máo! que tem o senhor com isso? faz favor de me dizer.

D Candida—Lucia, faze-me o favor de ir soltar o senhor Simplicio. Eu não devo consentir que...

D. Lucia—Tens medo que elle se aborreça de estar fechado?

Luiz — Sim, minha senhora vá... vá por caridade

soltar o meu pobre tio... Eu não me atrevo a fazel-o... Hade estar n'um accesso de colera contra mim!

D. Lucia—Como ambos querem, lá vou.

Luiz—Vá... (*A'parte*) que a chave está aqui.

D. Lucia (*áparte*)—Ai, ai! parece-me que o que elles querem é ficar sós. (*Alto*) Eu vou; eu vou. (*Sae.*)

SCENA XX

LUIZ, D. CANDIDA

Luiz—Estamos sós... agora explique-me, responda-me.

D. Candida—E se me fosse impossivel fazêl-o? Por quem é não inste mais... Por bem do meu socêgo lhe peço que não inste... que não pergunte nada a ninguem... e que não procure mais vêr-me...

Luiz—Não tornar a vêl-a!... Porquê? Duvida da minha ternura... do meu amor? Socegue: os seus parentes conhecem decerto meu tio, e em eu lhe contando tudo .. em elle sabendo do nosso amor... de...

D. Candida (*vivamente*)—Ah! que diz? Quer-me deitar a perder?

Luiz—Perder!

D Candida—Por quem é não fale em tal a seu tio... que tanto o estima... e que tamanha affeição me tem...

Luiz—A quem? A ti, Candida? como? porque titulo?

D. Candida—Que lhe importa?... a minha sorte depende d'elle E elle tam sincero, tam generoso! Ah, que não saiba elle nunca... Eu morria, morria, decerto

Luiz—Que oiço? Então que é isto? Pois meu tio?... Que lhe vem elle a ser, meu tio Simplicio? Diga.

D. Candida—Não m'o pergunte, trema de o saber... Luiz... Em nome do céo, se me tem ainda algum amor, parta já... não o devo tornar a vêr... Seja esta a ultima vez.

Luiz—A ultima vez!

D. Candida—Assim é preciso Adeus .. adeus! (*Sae pela esquerda.*)

SCENA XXI

Luiz (*só*)—Fugiu... Que será isto? Ella depende de meu tio... meu tio é... Oh santo Deus! e este receio de o affligir... Não ha dúvida, é sua filha; não póde ser outra coisa.

SCENA XXII

LUIZ, SIMÕES

Simões (*entrando pelo fundo como quem procura alguem*)—Oh meu Deus! E' o sobrinho... safa!...

Luiz (*segurando-o*)—Espere, senhor doutor, foi o céo que o trouxe aqui.

Simões—Não, meu senhor, foi a hora do jantar. Mas aonde está seu tio? Tenho-o procurado por toda a parte...

Luiz—O senhor doutor tem relações com meu tio ha muito tempo?

Simões—Ha mais de dez annos, meu senhor.

Luiz—Está bem: ninguem póde servir-me melhor... Eu espero que me não recusará um favor que lhe vou pedir.

Simões—Está doente? talvez a mudança de ár... Vejamos o pulso.

Luiz—Não doutor, por'ora não; depois veremos... póde ser, não perca a esperança: mas agora o que eu lhe peço é que se empenhe com meu tio para...

Simões—Senhor Luiz de Mello, eu tenho por principio de me não intrometter...

Luiz—Já m'o disse... Mas trata-se de uma coisa tam simples... tam natural... Eu sei tudo, doutor, sei a razão porque meu tio se casou. E eu que o criminava por isso, agora acho que fez o que devia... Fez bem, fez muito bem: comtudo a sua culpa para commigo sempre é a mesma; e não ha senão um meio de a reparar.

Simões—Qual é esse meio?

Luiz—Dar-me a sua filha em casamento.

Simões—E, esta!. . Que é o que diz?

Luiz—Bem, bem, meu doutor! guarde o seu segredo, ninguem lh'o pergunta... o que se quer é que fale a meu tio por mim, e lhe peça a mão de sua filha.

Simões—De sua filha? Qual filha?

Luiz—Porquê? quantas tem elle?

Simões—Quantas! Eu realmente não sei aonde estou.

Luiz—Não vou eu mesmo fazel-o já, porque não tenho animo de ir lançar no rosto a meu tio uma falta... uma fraqueza de outro tempo... Não quero que elle córe deante de seu sobrinho... O doutor é outra coisa . um amigo velho...

Simões—Como! Pois está certo de que elle tem uma filha? (*A'parte*) O caso não é impossivel.

Luiz—Diga-lhe que assim fica tudo arranjado... tudo se remedeia. Os seus deveres para com ella, e as promessas que tantas vezes me fez.

Simões—E vossa senhoria pretende estabelecer-se... ficar morando n'estes sitios?

Luiz—Tenho essas tenções, não ha duvida.

Simões (*áparte*)—Bem... mais uma casa... um partido certo...

Luiz—Encarregue-se de a pedir, que eu arranjarei o resto.

Simões—E que dirá madame Simplicio?

SCENA XXIII

DITOS, SIMPLICIO

Simplicio (*de fóra*)—Maldito sobrinho! nunca, nunca lh'o heide perdoar.

Luiz—Ouve-o? elle ahi vem contra mim. (*A'parte*) Alguem o soltou. (*Alto*) Meu doutor, ahi lh'o deixo.

Simões—Espere .. oiça...

Luiz (*correndo*)—Nada... nada, safo-me...

SCENA XXIV

SIMÕES, SIMPLICIO, D. THEREZA

Simões—O rapaz tem um fogo... E eu que nada sabia!... Não se fiaram de mim.

Simplicio (*entrando da esquerda, seguido de D. Thereza*)—Aonde está elle? aonde está? Não está aqui...

D Thereza—Fechar seu tio á chave! Ainda bem que eu tinha outra.

Simplicio—Terá elle partido sem esperar a reprehensão?

Simões—Nada, não partiu; agora sáe elle d'aqui.

Simplicio—Sahiu agora d'aqui? Falou-lhe, doutor?

Simões—E' verdade, e encarregou-me de uma commissão bem delicada.

Simplicio—Bom, temos outra.

Simões—Mas não sei se devo falar deante da senhora D. Thereza.

D. Thereza—Porquê? elle tem segredos com seu tio... era o que faltava.

Simplicio—Socegue, bella mamã, socegue. Vamos, doutor, não se faça rogar.

Simões—Pois bem, eu creio que o senhor é homem de bem, e não hade encobrir nada em um caso tam melindroso

Simplicio—Tam melindroso! O doutor quer-me assustar.

D Thereza—Explique-se, explique-se, doutor.

Simões—Então ahi vae em duas palavras. O senhor seu sobrinho rogou-me que lhe pedisse para elle a mão de sua filha...

D. Thereza—Sua filha!... Ahi está, ahi está o que eu receiava.

Simplicio—Minha filha! Quem julga elle então que é minha filha?
D. Thereza—Uma filha! Meu Deus, que indignidade, que infamia!... Vejam que fortuna espera a minha pobre Candida.
Simplicio—Ora, senhor doutor, sabe que a graça que me não vae agradando?
Simões—O quê .. pois a senhora não sabia?..
D. Thereza—Não, doutor, enganou-me! enganou minha filha. . Isto... isto é o cumulo do desafôro.
Simões—Ah! senhor Manuel Simplicio, senhor Manuel Simplicio!
Simplicio—Tambem o doutor! Então hoje anda o diabo á solta contra mim!
Simões—Acredite, minha senhora, que eu ignorava absolutamente... aliás nunca teria coadjuvado ..
D. Thereza—Pobre Candida... victima desgraçada!
Simplicio (*ironicamente*)—Desgraçada!
D Thereza—Ha muito que eu desconfiava quem o senhor Simplicio era! Mas creia que o caso não fica assim. Ha leis n'esta terra, ha tribunaes...
Simplicio—Sim, bella mamã?
D. Thereza—Cale-se, seductor!...
Simplicio—Sabe, senhora sogra, que me vae fugindo a paciencia?
Simões—A falar a verdade, senhor Simplicio, o seu procedimento... é...
Simplicio—Vá para o diabo, senhor doutor.
D Thereza—O senhor é um velho libertino!
Simplicio—E a senhora uma velha tonta!
D Thereza—Accuda-me, doutor. Ai! que tenho o meu ataque de nervos. (*O doutor vae a sahir.*)

SCENA XXV

DITOS e LUIZ, (*entrando quando o doutor sae*)

Luiz—Então, doutor?
Simões—Meu caro, fale por si, que eu não costumo intrometter-me .. Até logo. (*Sae pela esquerda.*)
Simplicio—Meu sobrinho! Senhora, peço-lhe que... que se modere deante d'elle.
Luiz—Meu tio, o doutor não lhe falou?
Simplicio—Falou sim senhor. E com as suas graças foi vossa mercê causa de eu... de eu ter um desgosto muito grande em minha casa... E' verdade: pois vaes dizer a esse medico falador que eu tinha uma filha, para elle m'a vir pedir para casar, deante da senhora, d'esta querida mulher... que por um pouco se não encolerisou...
Luiz—Talvez eu devesse primeiro dirigir-me á senhora.
D. Thereza—A mim!
Luiz—Sem dúvida, pois não é sua mãe?
D. Thereza (*não se podendo con è*)—Justo céo! Veja, senhor, veja ao que me expõe.
Simplicio—Eu endoudeço! palavra de honra.
Luiz—Julga talvez que o meu amor é um capricho, um d'estes namoricos?... Não, meu tio, essa joven senhora de quem lhe falava esta manhã, que lhe disse que tinha encontrado nas Caldas...
D. Thereza—Nas Caldas?
Luiz—Sim, meu tio; e não sei por que ella me disse que ia para Lisboa. Julgue qual seria o meu gôsto encontrando a aqui n'esta casa. Ignorava que fosse sua filha: ella é que ha pouco m'o deu a entender, apezar do terror que lhe inspirou o meu titulo de sobrinho... porque estou certo que a haviam de prevenir...
Simplicio—E' verdade, é verdade.
D. Thereza (*áparte*)—Será minha sobrinha?
Luiz—Parece-me que o tio tinha passado palavra a todos, mesmo a sua prima, que eu egualmente aqui vi, e que é muito galante tambem Lá nas Caldas fiz a côrte a ambas, a falar a verdade, mas...
Simplicio—Ah! tu fazias a côrte a ambas?
Luiz—Mas uma só é que amo devéras; e parece-me que agora nada obsta á satisfação dos meus desejos.
Simplicio—Sim, sim, quando voltares da tua viagem, veremos.
Luiz—Não, meu tio, quero agora mesmo uma resposta decisiva.
Simplicio—Eu sei, meu Luiz! fala com tua tia.
D. Thereza—Primeiro que tudo parece que deveriamos consultar...
Luiz—Sua filha? E' justo... comtudo eu preferiria... E' talvez uma criancice... mas não fazem idéa do terror com que ella ficou quando lhe falei em a pedir a meu tio.
D. Thereza (*áparte*)—Meu Deus! se eu me enganaria .. se Candida?...
Simplicio (*áparte*)—E' singular! Não sei por que razão Lucia...
Luiz—Talvez que o tio seja muito severo de mais com ella. Eu supponho que a tyranniza o seu tanto. A prova d'isso é que nas Caldas fugia de mim ao principio, não me queria ouvir, evitava-me.
D. Thereza—Ao principio? e depois?
Luiz—Depois um amor violento e sincero como o meu... bem sabe ..
D. Thereza (*áparte*)—Estou em ancias.
Simplicio (*reflectindo*)—Na verdade custa-me a acreditar.
D. Thereza — O que acaba de dizer resolveu-me .. Eu não dou o meu consentimento.
Simplicio (*áparte*)—Ella recusa!
Luiz—Pois bem, senhora; a minha felicidade e a sua talvez dependam do seu consentimento, porque ella .. ama-me e... tenho provas d'isso.
Simplicio — Tu vial-a todos os dias, ias a sua casa?
Luiz — Não... Ao principio, já lhe disse, fugia de mim, não me queria apparecer: rigor que mais me apaixonava ... até que emfim...
Simplicio—Emfim?...
Luiz—Uma noite... n'um baile alcancei uma confissão...
D. Thereza (*áparte*) — Como heide eu interromper esta conversação maldita?
Simplicio—Mais uma palavra... Tu não nos disseste qual das duas primas...
D. Thereza—Basta, senhor, esta conversa afflige-o . Não está bom, está...
Simplicio—Não é nada... deixe-me...
Luiz—Com effeito, meu tio, está alterado!
Simplicio—Vamos, tu deves saber os nomes: responde-me.
D. Thereza—Está pallido! Eu vou chamar alguem (*Corre á campainha e toca com muita força.*)
Simplicio—Espere, senhora. (*A'parte*) Já não é tempo, ellas ahi vêm.
Luiz (*áparte*)—Como elle está fóra de si!
Simplicio—O seu nome... o seu nome?... dize-m'o.
Luiz—Mas que é isto, meu tio, que tem?
Simplicio—O seu nome? pergunto-te o seu nome. (*N'este momento D. Lucia e D. Candida apparecem no fundo*).

SCENA XVI

DITOS, D. LUCIA, D. CANDIDA

D. Thereza—Venha cá, senhora.
D. Lucia—Aqui estou... quer-me alguma coisa?
D. Candida (*áparte*)—Ainda elle aqui está?
D. Lucia—Como a tia está zangada!
D Thereza—E tenho razão para isso, senhora... mas é inutil recordar coisas que...
Simplicio—Não é inutil, não é inutil: eu quero esclarecer este negocio.
D. Thereza—Ora, senhor!
Simplicio—Nada! Eu tenho as minhas razões... Lucia... responda-me: em nome de sua tia e no meu lhe pergunto qual foi o seu procedimento nas Caldas?

Luiz (*áparte*)—Ora esta! elle engana-se.
D. Lucia—O que eu fiz nas Caldas?... Dansei, não é assim, Candida? . passeei...
D. Candida (*áparte*)—Eu morro.
Luiz—Mas meu tio...
D. Thereza—Silencio, senhor, não a defenda.
D. Lucia—Defender-me! de quê?
Simplicio—Não se recorda de certo baile... de um passeio... de?...
D. Candida (*áparte*)—Meu Deus!
Luiz (*áparte olhando para D. Candida*)—Que suspeita!
D. Lucia—Um passeio? Lembras-te d'isso, Candida?
Simplicio—Nada de rodeios, senhora; meu sobrinho contou-nos tudo.
D. Candida (*áparte*)—Elle!
D. Lucia—Foi elle, o senhor que disse? Eu não me atrevo a desmentil-o; mas ou eu me esqueci, ou... Candida talvez se lembre melhor.
Simplicio—Então, Candida... já que sua prima nada quer dizer, fale, recorde-se.
D. Thereza (*áparte*)—Isto é morrer ..
Simplicio—Não responde?
D. Candida—Senhor...
D. Lucia—Avia te, responde a teu marido.
Luiz (*estupefacto*)—Seu marido! Meu Deus... que fui eu dizer! (*Tomando resolução.*)
D. Thereza (*que o percebe*)—Já era tempo.
Luiz (*áparte*)—E' preciso valer-lhe. (*Alto*) Meu tio, para que está com esses interrogatorios? A senhora D. Cand... ella ignorava esta aventura, e quando a soubesse, é tam amiga de sua prima, não a quer accusar.
D. Thereza—Tem razão, diz muito bem.
Luiz (*a D. Lucia*)—Quanto á senhora D. Lucia, peço-lhe que não dissimule por mais tempo a indiscripção que eu commetti de falar dos nossos amores a meu tio...
D. Lucia—Sim? E esta!
Luiz—O erro é imperdoavel, convenho; mas tome o meu conselho, o meu exemplo, imite a minhe franqueza. (*Baixo a D. Lucia*) Não me desminta, que eu caso.
D. Lucia—Não é possivel!
Luiz—Sim, adorada Lucia, é preciso confessar tudo; assim poderemos esperar que...
D. Lucia (*áparte*)—Isto é um sonho.
Simplicio (*tornando a si e alegre*)—Então é verdade, Lucia, que meu sobrinho te fez a côrte, que tu lhe correspondeste nas Caldas?
D. Lucia—Ora, meu primo..
D. Candida (*áparte*)—Ella confessa!
Simplicio—Foste tu que n'aquelle baile passeiaste com elle?
Luiz (*baixo*)—Animo!
D. Lucia—Espere... parece-me que sim... Sim, agora me lembra.
Simplicio—Vejam lá a santinha!... E como ella negava com uma serenidade!...
D. Lucia—No meu logar todas fariam o mesmo.
Simplicio—Sim, lá isso é verdade... E tu, Candida, minha querida, perdôas-me?
D. Candida—O quê?
Simplicio—Nada, nada. (*A'parte*) E' o mesmo; mas antes quero que Lucia seja a mulher de meu sobrinho do que a minha...
D. Thereza—Ah! até que emfim respiro...

SCENA XXV

DITOS e SIMÕES

Simões—Meus senhores, venho dizer lhes que o jantar está na mesa.
Simplicio—Venha cá, doutor, ha casamentos por aqui, venha.
Simões—Sim! então arranjou se tudo?...
Simplicio—Meu sobrinho casa com a priminha...
Simões—Ah! apósto que essa era a tal filha que elle cuidava?
Simplicio — Pobre Luiz, deves estar muito contra mim.
Luiz—Meu tio, acredita que eu penso em tal! E então agora! tam feliz, tam...
Simplicio — Sim, hasde sel-o: e para começar a tua fortuna dou-te vinte contos de réis.
Luiz e D. Lucia - Meu tio!
Simplicio—E se querem ficar comnosco, esta casa é grande, os jardins tambem... (*A D. Candida*) Não é assim querida? Aqui podem passear sós .. á noite... para se lembrarem ..
Luiz—Não, meu tio; eu volto para Lisboa com minha mulher. . sempre preferi a capital.
D. Lucia—Decerto! nós preferimos a capital.
Simões (*áparte*) — Ah, se eu tal soubesse! E' uma casa de menos.
Simplicio — Então, meu amigo, não te arrependes? Estás contente?
Luiz—Sim, meu tio, e muito. (*A'parte*) Era minha tia!
Simões—Como todos estão contentes, vamos jantar.
Simplicio—Dá o braço a tua tia. rapaz.
Luiz (*indo a dar o braço a D. Candida, para e vae offerecel-o a D. Lucia*) — Meu tio!... não: agora começam as minhas obrigações de marido.
D. Lucia (*baixo, por um lado, a Luiz*) —Muito bem!
D. Candida (*baixo, por outro lado*)—Muito bem!
D. Thereza—Vamos jantar.
Todos—Vamos!

FALAR VERDADE A MENTIR

Completâmos este quarto volume do theatro do Sr. Garrett com a graciosa composição *Falar verdade a mentir:* é uma pequena comedia do bom, franco e jovial caracter antigo, mas nos costumes actuaes. A idéa geral tambem é do reportorio francez, como a antecedente; mas a idéa é o menos aqui, apezar de galante e engenhosa. O estylo, os modos, a phrase, o tom do dialogo, a verdade dos costumes são tudo. Este é um verdadeiro e *portuguezissimo* quadro de *genero,* como se diz, em que não ha caricatura, mas tam naturaes similhanças que ninguem deixa de conhecer os originaes e de rir com elles. Os originaes porém são typos genericos bem conhecidos, sem de nenhum modo ser individuaes; são as feições de uma parte da sociedade, mas não as de nenhuma pessoa d'ella.

Egualmente foi escripta esta peça para o Theatro de *Thalia*, e n'elle representada com muita acceitação e applauso.

FALAR VERDADE A MENTIR

Comedia representada, a primeira vez em Lisboa, no theatro Thalia, pela sociedade particular do mesmo nome, em sete de Abril de MDCCCXLV

PESSOAS: Braz Ferreira. — Amalia. — Duarte Guedes. — O general Lemos. — Joaquina. — José Felix
Um lacaio, um criado sem libré. Logar da scena — Lisboa

ACTO UNICO

Sala de visitas elegante. Porta ao fundo e lateraes. A' esquerda, mesa com escrevaninha

SCENA I

JOAQUINA, JOSÉ FELIX

Joaquina—Entre, senhor José Felix, entre. Isto são umas madrugadas!... Para uma pessoa como o senhor José Felix, o criado particular de um fidalgo da côrte! Lá por fóra ainda mal são nove horas.

José Felix—Nove horas... e fidalgo da côrte! .. Recolha o seu espirito, senhora D Joaquina. Meu amo é general, estamos de accordo; nove horas deram ha muito. Mas cá em Lisboa contam-se as horas e os fidalgos por outro modo. Lá na provincia, minha querida Joaquina...

Joaquina—Ai, como tu estás tolo! A provincia, a provincia... Ora isto! Saiba que eu que venho do Porto, senhor José Felix, que é a segunda capital do reino, e a cidade eterna, como dizem os periodicos Provincia será a sua terra de você, que ha-de ser a Lourinhan, ou a aldeia de Pai-Pires, ou coisa que o valha. E então?...

José Felix—Basta, Joaquina, basta; recolhe o teu espirito, que já aqui não está quem falou. Soube inda agora que tinham chegado hontem á noite no vapor, que estavam aqui n'esta hospedaria, que é pegada quasi com a nossa casa; e vim logo, minha adorada Joaquina, reclamar o premio de onze mezes de eternas saudades.

Joaquina—E você, vamos a saber, você tem sido constante, fiel?..

José Felix—Horrivelmente fiel! Maldição, Joaquina, maldição!..

Joaquina—Que diz elle?

José Felix—Se tu vens da... da provincia não. Não, Joaquina, tu não vens da provincia, vens da cidade eterna.... Virás Maldição eterna sobre quem o duvidar! Mas vens, vens d'onde ainda se não sabe a lingua das romanticas paixões, dos sentimentos copiados do nú da natureza como nós cá a temos na rua dos Condes, e nos folhetins das folhas publicas, que são o orgam da opinião incommensuravel dos seculos.

Joaquina—Se te eu entendo...

José Felix—Ah! tu não entendes? Bem, Joaquina, bem. Nem eu: nem ninguem. Por isso mesmo, Joaquina. A moda é esta. Deixa: em tu estando aqui oito dias, ficarás mais perfeita do que eu; porque a tua alma de mulher é feita para comprehender o meu coração de homem. E então, vês tu? Oh Joaquina, anjo, mulher, sôpro, sylpho, demonio! eu amo-te! amo-te, porque....

Joaquina—Cruzes!

José Felix—Não me interrompas, não me interrompas, deixa ir. Sylpho, anjo, sôpro, mulher! amo te, porque o meu coração está em braza, e tenho umas veias, e estas veias... têm umas arterias... e estas arterias têm.... não têm.... as arterias não

têm nada; mas batem, batem como os sinos que dobram pelo finado na hora do passamento, que é morrer, morrer, morrer.... oh Joaquina, morrer! E que é a morte? E' a vida que cae nos abysmos estrepitosos da eternidade, que é, que é...

Joaquina—Isto é comedia, ou tu estás a mangar commigo?

José Felix—Isto é o drama das paixões, que o sentimento, a verdade...

Joaquina—Pois olha: tinha uma coisa muito séria que te dizer; mas como tu estás doido, adeus!

José Felix—A poesia da vida é esta, Joaquina. Mas... mas passemos á vil prosa dos interêsses materiaes do paiz, se é preciso. Vá. Far-te-hei mais esse sacrificio. Que exiges tu de mim?

Joaquina—Que deixes essas patetices agora e oiças. Meu amo, o senhor Braz Ferreira, que é um ricasso como tu sabes, um d'aquelles negociantes do Porto que têm dinheiro como milho, vem de proposito a Lisboa para casar a menina. E' uma filha unica e morre por mim, coitada! E' um anjo! Prometteu-me que no dia que se assignassem as escripturas tinha eu o meu dote.

José Felix—Dote! Céos! um dote... Oh Joaquina, pois tu tens um dote?... Não quero saber de quanto. Quem eu! Maldição sobre mim!

Joaquina—Cem moedas.

José Felix—Oh! seja o que fôr, que me importa! O amor, o amor verdadeiro não conta os pintos do objecto amado.. Não... E é em dinheiro de contado, sonante, Joaquina?

Joaquina—Sim senhor.

José Felix—Melhor: porque bem vês, com a minha educação, um rapaz que emigrei, estive em Paris, e hoje sou criado particular de um general... habilitado para ser mórdomo de um club dos de primeira ordem — a Galocha já eu recusei — bem vês, não podia formar uma alliança que me não désse os meios de sustentar a posição social em que me acho collocado. Mas tu tens dote; acabou-se. Recolho o meu espirito e estendo a minha mão.

Joaquina—Ai, José Felix! mas o casamento de minha ama ainda não está feito.

José Felix—Pois que ha... que impedimentos?

Joaquina—Não sei... quando vinhamos no vapor pareceu-me, vi que havia transtorno. O pae e a filha tiveram suas coisas a esse respeito e a menina anda triste, desassocegada. Estou certa que ha impedimento grande, ha obstaculos...

José Felix—Obstaculos! Não ha, não os póde haver. A minha paixão, a nossa felicidade, cem moedas sonantes, mil pintos c'os diabos! absolutamente não póde deixar de ser, hade-se fazer este casamento, Joaquina... A honra, a delicadeza, tudo lhe ordena, senhora Joaquina, que vá já desenganar o papá. E se é preciso que eu tome parte na questão...

Joaquina—O caso era saber a gente o que é, e onde a coisa péga... Mas espera; olha, ahi vem a senhora D. Amalia: deixa-te tu estar e... Mas não vás tu fazer falta em casa a teu amo.

José Felix—Meu amo! Toma. Tu estás muito atrazada, Joaquina. Meu amo é um cavalheiro, um general, uma pessoa da primeira sociedade, portanto costumado a fazer esperar os outros, e a esperar elle pelos seus criados, que é a regra. Além d'isso eu tenho licença por todo o dia, que houve lá uma coisa em casa... A senhora chorou, o senhor ralhou. Eu te contarei n'outra occasião, que hasde rir. O caso é que hoje tenho o dia por meu. Ella ahi vem, a tua ama. Vem triste, coitada! Firme, Joaquina! Olha que a coisa é seria para ti, um dote e um marido!

SCENA II

DITOS *e* AMALIA

Amalia—Joaquina! Joaquina! ando á tua procura. O senhor Duarte ainda não veiu?

Joaquina—Não, minha senhora.

Amalia—Que homem é esse com quem tu estavas a falar?

José Felix—Anda, apresenta-me como gente.

Joaquina—Minha senhora, é aquelle rapaz de quem lhe eu dizia no Porto...

Amalia—Ah! já sei: o senhor José Felix. Tens bom gosto, Joaquina. O peior é que se vocês não têm de casar senão quando o meu casamento se fizer, tenho muito medo que ainda esperem bem tempo.

Joaquina—Então porquê, minha senhora?

Amalia—Ora, estou desesperada, transtornou-se tudo; meu pae quer quebrar com elle.

Joaquina—Com o senhor Duarte?

Amalia—Sim: pois com quem?

José Felix (*áparte*)—Meu Deus! e as nossas cem moedas!

Joaquina—Não é possivel: a mesma familia, a mesma riqueza, um casamento tam egual, tam acertado... Seu pae não se hade atrever.

Amalia—Nada, não! Veiu a Lisboa—agora é que o eu sei bem—só para achar pretexto de o desmanchar.

Joaquina—Pois não o hade achar. O senhor Duarte é um rapaz como ha poucos. Juizo não lhe falta: suas doidices... não é, é pancada da mocidade. Isso passa depressa. Bom coração... não o ha melhor. Quer a senhora saber? O mal que elle faz é por moda... todos assim são... e o bem que elle faz, que é muito, esse, minha senhora, não é moda que pegue.

Amalia—Pois sim; mas já que falamos nos seus deffeitos, sempre te digo que elle que tem um, que se meu pae o vem a descobrir... Tenho-lh'o encoberto até agora, mas se elle o chega a conhecer, acabou-se, nunca mais lhe perdôa. Meu pae é um negociante dos antigos, que leva a honra e probidade, a lisura e a verdade no trato, a um ponto de severidade que é quasi rudeza... e Duarte é muito bom rapaz, não ha duvida; mas não sei se é distração se é doidice, tomou o costume de nunca dizer uma palavra que seja verdade.

José Felix—Percebo: tem viajado muito...

Joaquina—Não, mas é morgado, e de raça quasi castelhana...

José Felix—Entendo, entendo: échelas usted mas blandas.

Joaquina—E de mais a mais, ha seis mezes que está em Lisboa ..

José Felix—Onde todos os talentos se aperfeiçôam.

Amalia—Emfim, meu pae declarou que a primeira mentira bem clara, bem provada em que o apanhasse, tudo estava acabado.

José Felix—Ora adeus! O senhor seu pae com effeito... elle ainda é parente, bem se vê, hade ter sua costella hespanhola... O seu projecto é outra hespanholada tambem... Querer impedir que um rapaz de tom, da moda pregue a sua peta!... Isso é mais do que formar castellos em Hespanha, é querer metter o Rocio pela Bitesga

Amalia—Meu pae é que o não entende assim: e eu não sei como heide avisar a Duarte.

Joaquina—Vou eu pôr-me á espera d'elle. Não tarda a vir por ahi; e antes que entre e que fale com seu pae, heide avisál-o que tome conta em si, e que não dê noticias senão as que fôrem officiaes... a ser possivel.

Amalia—Calla-te: oiço falar no quarto de meu pae; é a voz de Duarte.

Joaquina—E' que entrou pela outra escada.

Amalia—Está tudo perdido! Se elle falou com meu pae... apósto que já... Nunca vi: é que não póde, mente por habito e sem saber o que faz.

Joaquina—Então agora o que se podia. . o que era de mestre, era fazer que o senhor Braz Ferreira o não conhecesse. Por fim de contas, a nós que nos importa que elle minta, comtanto que seu pae o não perceba?

José Felix--Ella tem razão, a Joaquina. E é mais facil isso. Se a senhora D. Amalia se confia em mim, e me auctoriza...

Amalia—Oh meu Deus! Se vocês encobrem aquelle defeito a meu pae, fico-lhes n'uma obrigação. . Depois em nós casando, eu o emendarei. Que se não fosse isso...

José Felix—Está claro, minha senhora. Mas agora é preciso que o senhor Duarte me não veja. Eu é que se pudesse ouvil-o, e fazer assim idéa do seu modo.

Joaquina (*apontando para uma alcôva, á direita*)—Ora!. . aquella alcôva... e tem uma porta que dá direita na escada... Elles ahi vêm: entra depressa, esconde-te.

SCENA III

JOAQUINA, AMALIA, BRAZ FERREIRA, DUARTE

Braz Ferreira—Agora essa é demais!... Cem mil cruzados de renda!

Duarte--Pois é tal e qual como lh'o digo... uma senhora brasileira—marqueza, que é o menos que lá ha, a marqueza de Paraguassú. Engenhos de assucar a moêr, trezentos e seis; pretos... entre pretos, mulatos, cabras e cabritos, é uma conta que mette medo; sem falar em cajús, bananas, farinha de páo, papagaios e periquitos, que isso anda a rôdo pela casa—pois a mesma em pessoa é que me pediu, a mim.

Braz Ferreira—Uma marqueza devéras!

Duarte—Marqueza devéras. E eu recusei: escuso de dizer porquê... (*olhando para Amalia.*)

Braz Ferreira—E que caminho levou essa fidalga? Tomára vêl-a.

Duarte—Vêl-a, coitada! Apenas lhe dei o fatal desengano, saiu d'aqui no primeiro navio para Pernambuco, de Pernambuco á Bahia, da Bahia para Nitheroy, de Nitheroy—que desgraça!—passava para o Rio de Janeiro n'aquelle vapor que arrebentou... morreu escaldada a pobre da marqueza.

Braz Ferreira—Que pena!

Joaquina (*áparte*)—Que fortuna!

Braz Ferreira—Se ella vivesse, queria saber...

Joaquina (*áparte*)—Por isso Deus a levou: inda bem!

Braz Ferreira—Sempre lhe acontecem coisas a este rapaz!

Duarte—Inda isto não é nada—Mas deixa-me falar com esta querida Amalia. Que gosto que eu tenho de a tornar a vêr! Mas chegou hontem, e não me manda dizer nada! Se eu tal soubesse, não tinha ido a S. Carlos, onde me succedeu, comtudo, uma aventura, á saida do theatro... Queriam roubar esta prima dona que chegou ha pouco .. roubál-a... levál-a a ella n'uma sege .. Accudo eu, duas bengalladas no bolieiro, deito a mão ao cavallo das varas, o da bolêa espanta-se, quebra os tirantes, foge... os meliantes fogem tambem e... Mas que é isso, que tem? Que tristeza é essa? Então não sabe que seu pae consente emfim em nos unir hoje? hoje mesmo!...

Amalia—E' possivel!

Duarte—Sim, deu-me a sua palavra que esta noite, depois do jantar, se assignavam as escripturas; mas com uma condição sómente que me não quiz dizer qual era. Disse-lh'a, não disse?

Amalia—Disse, Duarte, disse; e bem medo tenho que já não esteja no seu poder cumpril-a.

Braz Ferreira—Pelo menos hade-lhe custar, me parece. Mas quero ser justo, e não heide condemnar sem provas. Por desgraça estou bem persuadido que te não hasde ver afflicto por me dar quantas eu queira d'aqui até á noite.

Duarte—O que a mim me parece é que no Porto deram em falar por enygmas, porque eu não entendo nada. Mas seja o que fôr: o que eu entendo bem é o amor que lhe tenho, Amalia, a affeição tam verdadeira que me inspirou, e que me persuado merecer-lhe tambem. Estou tam contente de a vêr... Separados ha seis mezes!

Braz Ferreira—Queira Deus que tu tenhas aproveitado este tempo, que adquirisses amigos, boas relações, protectores. Nas tuas cartas nunca me falavas no general Lemos, o melhor amigo de teu pae. Dar-se-ha caso que o não fosses visitar, ou que deixasses de frequentar uma casa que?...

Duarte—Ao contrario, vou lá todos os dias. E' a casa mais agradavel de Lisboa: uma senhora extremamente amavel... O outro dia compuz eu uma modinha para ella... uma lettra que não ficou feia. . hoje tinha ficado de lhe ir levar a musica.

Joaquina (*a Amalia*)—Jesus! que medo que eu tenho! José Felix, que está em casa do general, tinha-m'o dito decerto, se fosse verdade.

Duarte—O meu general, coitado! o meu santo general Lemos tem-me obsequiado e tem-me feito serviços... interessou-se por mim de uma maneira... O caso é que hoje tenho eu á minha disposição, para escolher, tres logares de primeira ordem, recebedor geral em Evora, Santarem...

Braz Ferreira—Escolho eu: Santarem. E vamos já, já d'aqui sem demora a casa do general.

Duarte—Ora! inda agora chegou, se póde dizer, e hade ir já tratar de negocios! Não senhor, cuidemos dos divertimentos primeiro. Quero eu fazer as honras da capital a esta senhora. Ha hoje beneficio em S. Carlos, toca o Listz: mandei-lhe tomar uma friza. Depois vamos ao baile do club: temos quantos bilhetes quizerem; eu sou director.

Braz Ferreira—Tu és director, tu!

Duarte—E' verdade: eleito por duzentos votos.

Braz Ferreira—Duzentos votos! pois quantos socios tem o club?

Duarte—Duzentos e um. Não perdi senão um voto; e mais foi cá por certa coisa que eu sei.—E' verdade, e como se arranjam n'este hotel? E' o melhor de Lisboa. Os quartos não são grandes, não... Mas eu móro nos outros de cima, e então... foi egoismo da minha parte...

Braz-Ferreira—A falar a verdade, eu gostava mais do Caes do Sodré.

Duarte—Ora se eu tal soubesse, mandava arranjar um quarto da minha casa que é mesmo no fim da rua do Alecrim.

Amalia—A sua casa!

Braz-Ferreira — Pois tu tens uma casa em Lisboa?

Duarte—E que me não custou cara. Assignei por trezentos contos na Companhia-monstro, vendi, ganhei dez por cento sem desembolsar cinco réis .. bagatella! trinta contos de réis: não sabia o que lhe havia de fazer, comprei aquella casa.

Braz-Ferreira—Com a bréca! é fortuna.

Duarte—Uma casa linda, nova: sahida por tres ruas —e tenho quasi tudo alugado:—tudo, inda assim! menos o segundo andar que é o melhor, e para onde podiam ir se eu soubesse. Mas emfim sempre era um segundo andar.

Braz-Ferreira—Que me importa! Os segundos andares em Lisboa é o mais habitavel das casas. Vou para lá morar eu para a tal casa.

Duarte—Que pena que eu tenho! Se tal adivinhasse, não a tinha vendido hontem.
Braz-Ferreira—Pois já a vendeste?
Duarte—E' verdade, trinta e tres contos; e inda ganhei... uma bagatella é certo; mas sempre é melhor que perder. E havia seus concertos, suas despezas que fazer.
Braz-Ferreira—Concertos n'uma casa nova?
Duarte—Eu lhe digo: é que as aguas-furtadas tinham sido feitas de empreitada, e bem sabe... Emfim, vendi e não fiz mal. Trinta e tres contos é mais certo, e não paga impostos e tal...
Braz-Ferreira—E o comprador é pessoa segura?
Duarte—Oh! segurissima. Um homem de uma fortuna immensa, um negociante retirado, Thomaz José Marques... hade conhecer...
Braz-Ferreira—Não conheço: admira-me.
Duarte—Tem estado quasi sempre no Brasil e em Inglaterra, veiu estabelecer-se aqui agora. Compra tudo qaanto apparece em bens de raiz. Esta manhã ficou elle de me trazer aqui o dinheiro. Não me dá cuidado nenhum.
Joaquina (*áparte*)—Nem a mim.
Amalia (*baixo a Joaquina*)—Ai Joaquina, que esta parece-me que é...
Joaquina (*baixo a Amalia*)—Tambem a mim.

SCENA IV

DITOS, UM CREADO DA HOSPEDARIA

Creado (*trazendo uma carta*)—Para o senhor Braz Ferreira, do Porto.
Braz Ferreira—Sou eu: dá cá. (*Abre*) Ah! é para o tal pagamento. (*O criado sae*) Vejamos as minhas contas: quanto tenho eu em dinheiro?... Dá-me licença, Duarte; tenho uns papeis que arranjar. Conversa com minha filha. (*Tira a sua carteira e vae sentar-se á esquerda*).
Amalia (*baixo a Duarte*)—Não se emenda, está visto.
Duarte—De a adorar? não, decerto.
Amalia—Não é d'isso, é do seu maldito vicio, que nos deita a perder: meu pae jurou que desfazia o nosso casamento se d'aqui até á noite o apanhasse n'uma mentira.
Duarte—Oh! meu Deus, o que fiz eu.
Amalia—Pois que é, Duarte? Tudo quanto tem estado a dizer?...
Duarte—E' verdade no fundo; accredite: agora os detalhes... os pormenores... eu não sei como isto é... não é com má tenção... mas a maior parte das vezes, as coisas contadas taes quaes como ellas são... ficam d'uma semsaboria tal...
Amalia (*com ironia*)—Que não póde resistir ao desejo de as enfeitar, e de mostrar a riqueza da sua imaginação.
Duarte—Não torno mais. Juro-lhe que nunca mais.
Amalia—Calle-se, que póde ouvir meu pae.
Duarte—Não me importa, não tenho medo; estou emendado e para sempre. Amalia prometto, heide ser o modello dos maridos, leal, sincero, verdadeiro. sempre...
Amalia—Sempre! Se meu pae ouvisse essa palavra, desfazia logo o nosso casamento.
Duarte—Amalia, isso tambem é demais!...
Braz Ferreira (*chegando com um papel*)—Não tenho dinheiro que chegue. E eu sem me lembrar! Duarte, hasde-me fazer um favor.
Duarte—Qual? estou prompto.
Braz Ferreira—Uma lettra de tres contos de réis para descontar.
Duarte—Em bem má occasião, co'a fortuna! não tenho um pinto.
Braz-Ferreira—Não tens!... e aquelle dinheiro?
Duarte—Qual dinheiro?
Braz Ferreira—O da tua casa.
Duarte—Da minha casa?... Ah sim, é verdade. E' que actualmente...
Braz Ferreira—Já dispozeste d'elle?
Duarte—Não, não, isto é, decerto modo já; mas propriamente...
Amalia (*baixo a Duarte*)—Vê o que é mentir.
Duarte—Em summa, porque lhe não heide dizer francamente o que é, meu tio?... Eu tinha minhas dividas...
Amalia—Outra, Duarte?
Duarte—Não, esta não; é verdade purissima. Um rapaz não póde viver sem isso. Ora succedeu, por uma coincidencia exquisita, que o comprador da minha casa, o tal senhor José Marques...
Braz-Ferreira—Inda agora disseste Thomaz...
Duarte—Thomaz José Marques, um fino agiota da gemma.
Braz Ferreira—Tinhas-me dito um negociante.
Duarte—Negociante, porque negoceia em papeis e descontos por atacado, e faz uzura em grôsso. Emfim, o meu honradissimo homem, que já é commendador e sáe conselheiro um dia d'estes, era o que me tinha emprestado o dinheiro. De sorte que na compra da casa, feitas bem as contas...
Braz Ferreira—E tu devias ao comprador?
Duarte—Uns dez a doze contos de réis.
Braz Ferreira—Então vendeste por trinta e tres: tem de te dar ainda de tornas vinte e um contos.
Duarte (*atrapalhado*)—Vinte contos de réis. . E' o que lhe eu dizia... (*Aparte*) Como heide eu sahir d'esta?
Braz Ferreira (*olhando para elle*)—Dar-se-ha caso que tu me pregasses uma das tuas... que tal comprador não exista?

SCENA V

DITOS, JOSÉ FELIX *disfarçado em negociante velho*, JOAQUINA

Joaquina—O sr. Thomaz José Marques.
Duarte (*pasmado*)—O senhor!...
Braz Ferreira (*idem*)—Como?
José Felix (*a Duarte*)—Peço-lhe desculpa meu caro senhor Duarte, de o perseguir assim pelas casas alheias; mas a obrigação, como lá dizem está primeiro que a devoção. E aqui, parece-me que todos parentes os senhores, não quer dizer nada... O senhor seu pae, creio eu?... E estas senhoras, suas manas? Tenho a honra de as cumprimentar. Custa-me vir importunál-o... mas são duas palavras e já me retiro.
Duarte (*áparte*)—Que historia será esta?
Amalia—Estes senhores querem tratar dos seus negocios... Meu pae dá licença, eu retiro-me.
Duarte—Para quê?... Eu por mim, não tenho segredos nenhuns...
José Felix—A falar a verdade, para uma senhora não é divertido ouvir tratar de titulos, registos, termos de posses, escripturas... ainda se fossem de casamento—vá, tem a gente paciencia, recolhe o seu espirito, e...
Braz Ferreira—Vae, minha filha, vae: nós não tardamos tambem.

SCENA VI

DITOS, *menos* AMALIA

José Felix—Então meu caro senhor! eu venho acabar com isto: fazemos ou não fazemos o negocio da sua casa?
Duarte (*admirado*)—Da minha casa?
José Felix—Da sua casa... inda assim! da que vossa senhoria vendeu e eu comprei: não se trata

senão de entrar de posse... E' verdade: que cabeça a minha! Muitos recados da senhora D. Jacintha Marques, minha mulher, uma creada de vossa senhoria. Já me ia esquecendo. E' que eu em se tratando de negocios, a respeito de tudo o mais recolho o meu espirito.

Duarte—Ah! então o senhor vem?... (*a Braz*) A mim sempre me succedem coisas! Esta é a mais extraordinaria...

Braz Ferreira—Que lhe achas tu extraordinario? Vendeste a casa...

Duarte—Está claro... pois isso é o que me admira. Mas se o tio soubesse!...

José Felix—O contracto não está assignado, mas é como se o fosse. Oh! bem entendido: décima e impostos annexos, por este anno ainda lhe pertence a vossa senhoria pagál-os.

Duarte—Esta agora é melhor! não me faltava mais nada. Comque eu hei de pagar?... eu! a décima da tal dita casa que... que vendi ao senhor... senhor...

José Felix—Thomaz José Marques, um creado de vossa senhoria.—Pois, meu senhor, é como se tudo tivesse assignaturas e signaes em publico e razo. Eu sou um homem de dizer e fazer. E o dinheiro está prompto; quando quizer.

Duarte (*áparte*)—E' uma pulha de entrudo; está visto. Mas deixa, que eu já te apanho. (*Alto*) Então como o dinheiro está prompto, meu caro senhor Thomaz José Marques, o dito dito, faz favor de m'o entregar...

José Felix—Essa é boa! certamente. (*procurando nas algibeiras d'onde, por fim, tira a caixa do tabaco*) Assignado o contracto e certidão tirada do registo das hypothecas...

Braz Ferreira—Tem razão.

José Felix—Além d'isso, o senhor Duarte bem sabe, aquellas continhas velhas... não lhe venho a restar senão...

Duarte (*áparte*)—Não sei como se póde mentir com aquelle desembaraço...

José Felix—E já está em poder do tabellião o saldo...

Duarte—Pois é pena! tinha vontade de vêr as cruzes ao seu dinheiro, senhor Marques... E por causa d'este senhor meu sogro, mais por outras razões particulares... se me podesse dar aqui já algum ao menos (*áparte*) tinha mais graça a mangação.

José Felix—Faço idéa: na sua posição, hade-lhe ser preciso realisar .. ainda que não seja senão para as suas fianças.

Duarte—As minhas fianças.

José Felix—Então! a recebedoria geral de Santarem.

Braz Ferreira—O que? pois elle será verdade?... O que tu me disseste inda agora de um emprego?...

José Felix—O decreto está assignado: não ha ninguem que o não saiba... O general Lemos tem uma influencia com os ministros... Inda esta manhã estive com elle. E' um bello sujeito o general... e olhe que é seu amigo, senhor Duarte, seu amigo devéras... E então a senhora D. Mathilde, a mulher do general? não falemos n'isso. E' verdade: tenho que ralhar com vossa senhoria da sua parte. Isso não é bonito; prometteu, deve cumprir. Aquella musica, não se lembra? para aquella modinha, que lhe fez a letra—e que hade ser linda... mas não ha musica onde caiba.

Duarte (*áparte*)—Irra! isto já é descôco de mais... é já muita caçoada junta. (*Alto*) Oh lá senhor... sabe que mais?..

José Felix—Aos pés de vossa senhoria, senhor recebedor geral!—Um logar magnifico! verdadeiramente dos rendosos e pouco trabalhosos! Com um poucochinho de geito e de *savoir-faire*—quaesquer boas relações no thesouro, um amigo seguro nas companhias-monstros... póde-se andar muito caminho em pouco tempo. Hão de gritar, é o costume—hão de gritar: o recebedor geral para aqui, o recebedor geral para acolá!... Deixál-os gritar; ri-se a gente, e vae arranjando a sua vida. A minha regra, a minha regra, que é: em ouvindo tolices recolho o meu espirito. E com isto não enfado mais. Creado e fiel captivo .. (*Vae-se*).

SCENA VII

DUARTE, BRAZ FERREIRA, JOAQUINA

Duarte—Com effeito, sempre é o maior falador!

Braz Ferreira—Tenho que te pedir perdão, meu Duarte: confesso-te que tinha desconfiado, estava em duvida...

Duarte—O que! pois meu tio?...

Braz Ferreira—Mas acabou-se com isto, acabou se. Vamos já immediatamente a casa do general, e apresenta-me como teu sogro, quero-lhe agradecer

Joaquina (*áparte*)—Está perdido!

Duarte (*atrapalhado*)—Hoje é... domingo... hoje está elle na Outra banda na sua quinta da Lameda. E' um sitio delicioso a Lameda, á borda do Tejo, uma vista, uns áres.. Vamos lá, uma, duas vezes na semana: sempre lhe digo, senhor Braz, que ha alli um bilhar em que eu tenho feito as bolas mais espantosas... O outro dia carambolei... eu lhe digo como a negra estava...

Braz Ferreira—Sim, sim; mas não é hoje que o general hade jogar no tal bilhar, porque ainda agora este Thomaz José Marques me disse que tinha estado com elle esta manhã. Assim, como eu não estou para ir só, vamos.

Duarte—A'manhã, cada vez que quizer; mas hoje é-me impossivel.

Braz Ferreira—Então porquê?

Duarte—Tenho uns amigos á minha espera esta manhã—um pequeno almôço de rapazes... mas contamos com o meu caro sogro.

Braz Ferreira—Eu não posso: prometti de ir almoçar com o barão da Granja.

Duarte—Ahi está! E eu que tinha mandado fazer um almôço magnifico, um verdadeiro *ambigu*. Champagne, já se sabe. Um cerceal da Madeira que bate quantos hocs e johannisbergs tem o Rhim—torta de camarões e ostras, e dois faisões que me chegaram hontem de Inglaterra pelo vapor, coisa preciosa! (*Joaquina parece tomar sentido na lista dos pratos.*)

Braz Ferreira—Ora vá—pois seja... Mas ainda não são senão dez horas; o teu almoço hade ser como o meu, para o meio dia: e d'aqui lá, temos tempo de sobejo para ir a casa do general. Assim, anda, vem... Então que é isso!

Duarte (*áparte*)—Está teimoso com a tal visita.

Joaquina (*áparte*)—O pobre rapaz não sabe com que santo se hade pegar.

Braz Ferreira—Então! que tens tu? Que pasmaceira é essa? Não pódes sahir de casa por meia hora?

Duarte—Pois emfim, meu tio, já que não ha outro remedio, vou dizer-lhe... já que lhe não posso occultar o que eu tanto desejava... saiba que não posso sair de casa esta manhã nem um minuto. (*Baixo*) Tenho um desafio, e estou á espera do meu adversario.

Braz Ferreira—Oh meu Deus!

Joaquina—Bem n'o dizia eu: aqui temos outra.

Braz Ferreira—E então aquelle almoço que tu me dizias ainda agora?

Duarte—Lá está... lá está o almôço, posto lá, á espera... Um dos rapazes que ahi vem almoçar é que me hade servir de padrinho.

Braz Ferreira—Isso! outra cabeça doida como a tua: haviam de fazel-a bonita... Não senhor, tóca-me a mim: eu é que heide arranjar esse negocio.
Duarte—Ora, não se metta n'isso, deixe cá a gente. Póde comprometel-o... nós somos rapazes, é outra coisa.
Braz Ferreira—Nada, nada! quero saber como isso é, como isso foi, senão adeus casamento.
Duarte (*áparte*)—Que diacho de homem! (*Alto*) E o seu almoço em casa do barão da Granja?...
Braz Ferreira—Importa-me cá almoço nem meio almoço! que espere o almoço. Trata-se da tua vida, da tua honra... Tu, filho do meu maior amigo, e agora meu filho, que és quasi como se o fosses já! Vamos fala, conta-me lá como isso foi, quero saber tudo por meudo.
Duarte (*áparte*)—E' um homem capaz, por fim de contas o meu sogro (*alto*) Ora pois ouça, senhor Braz, e não tome estas coisas em ponto de admiração... é um caso como ha tantos, um *mal-entendu*, uma brincadeira por fim.
Braz Ferreira—Não está má brincadeira! pôr em perigo a sua vida, a de um amigo! Assim é que vocês o entendem...
Duarte—Primeiro que tudo, é um inglez.
Braz Ferreira—E' o mesmo... E para que hasde ir tu logo ás do cabo, logo com as mãos á cara?...
Duarte—Eu não lhe toquei.
Braz Ferreira—Ou com palavras?
Duarte—Eu não lhe falei.
Braz Ferreira—Então?...
Duarte—Eu lhe digo como a coisa se passou. Fui hontem jantar fóra, a Bemfica... uma casa linda á Beira da estrada... O dia estava bello, um dia de verão. Depois de jantar viemos tomar café para um terraço delicioso que fica mesmo rente com a casa... E' uma especie de kiosque... uma lindeza! faça ideia... e pouco elevado do chão. A casa fez-se este anno, ainda lhe não puzeram grades no terraço... repare bem n'esta circumstancia... note. .
Braz Ferreira—Noto, noto, e faz-me estremecer. Querem vêr que succedeu alguma?
Duarte—Oiça; a dona da casa, senhora extremamente amavel... e moça ainda... uns olhos pretos!... a dona da casa pergunta-me se quero mais assucar... Eu tinha a chicara na mão, o café soberbo e a ferver .. Eu entretido a olhar para a senhora e a dizer lhe algumas coisas agradaveis... o tio bem sabe... não reparei na chicara que estava muito cheia a deitar por fóra... e eu de sapatos... Sinto escaldar-se me um pé, de repente, dou um pulo á retaguarda, empurro um sugeito que estava por traz de mim... para a borda do terraço... e com a fortuna ..
Braz Ferreira *e* Joaquina—E Jesus!
Duarte—Perigo nenhum!... cinco ou seis palmos de altura... Mas a desgraça foi que justamente n'esse momento passava um official inglez da nau... viria de Cintra ou das Larangeiras, mas vinha a pé... para um inglez é indifferente; e o meu sujeito cahe-lhe mesmo em cima dos hombros.
Joaquina (*rindo*)—Ah! ah! ah! Já não posso mais.
Braz Ferreira—O' Joaquina, pois ris-te?...
Joaquina (*contendo o riso*)—Oh! senhor, é que eu já não posso... não me pude conter.
Duarte—O mesmo succedeu a toda a companhia. O inglez desesperado embirra commigo, teima que eu o fiz de proposito, que lhe atirei com o homem... eu procuro acommodar a coisa; offereço-lhe a desforra, dando-lhe até um primeiro andar de partido, isto é, que o atirem a elle do segundo sobre mim... Recusa tudo... não houve remedio senão dar-lhe a minha *adresse*; elle dá-me a sua... E lord Coockimbroock ahi vem logo buscar-me com um par de pistolas.
Braz Ferreira (*abanando a cabeça*)—Confesso-te que a tal historia sempre me parece bem extraordinaria... Mas não importa, eu não te largo, e quero ser o teu padrinho.
Duarte (*áparte*)—E' cabeçudo ou não é? (*Alto*) Mas, senhor Braz, eu faço escrupulo de lhe pregar uma maçada... E se elle não vier?... Não era a primeira que succedia. Ha por ahi sujeitinho que, á mais pequena coisa, tem logo na bocca «A sua *adresse*?» Cuidam que é para a gente lhe não escapar? Não senhor, é para se escaparem elles.
Braz Ferreira—Pois bem, se elle não vier, iremos nós ter com elle.

SCENA VIII

DITOS, JOSÉ FELIX (*de inglez*), UM CREADO

Creado—Milord Coockimbroock!
Braz Ferreira (*espantado*)—O quê?... pois devéras?...
Duarte (*admirado*)—Temos outra! Esta agora ainda é melhor.
Joaquina (*áparte*)—Bravo!... vou dizer a minha ama, e advertil-a...

SCENA IX

JOSÉ FELIX, DUARTE, BRAZ FERREIRA

José Felix—Sinhórr, eu vem tomar vóssinhórrie pôr o pequena diverrtissemente de .. to exchange, querr dizerr, trrócar dois tirras de pistol entrre nós ambas amiguevolmente.
Duarte (*áparte*)—A' pistola, c'os diachos!
Braz Ferreira—Pois quê, milord! o caso de hontem?...
José Felix—Essa foi muito disagrréavel! E ésto foi por guarrdarr todo o cólerra que me tem causade, que eu guarrdarr meu sombréro—em porteguiz, meu chapello—como elle esteve hontem. (*Mostra o chapeu com o fundo dentro*) Vê vóssinhorrie? Oh! eu vem pedirr satisfáxion in fórrma.
Duarte (*áparte*)—Agora é que eu já não entendo Estou a vêr se por acaso... Não fosse eu dizer a verdade?
José Felix—Oh, yess! foi um brincadeiro muito má. Eu não impedir vossinhorrie de atirrar com homem, se faz-lhe prazer, *if you please;* mas é estylo de suo capital gritar primeirra de janella: «*homem vae!*»—Eu trazia meu umbella, podia ter abrrido, como faz quando dizem: «*aguo vae*»—que é sempre um grande peto em Lisbon, este de dizer: «*aguo vae*»—Oh, yess! não é aguo, vóssinhorrie... (*Sorrindo.*)
Duarte (*áparte*)—Irra! Chegou-me a mostarda ao nariz, com o tal engraçado tolo que apostou de mangar commigo: heide saber quem elle é. (*Alto*) Pois senhor, uma vez que veiu para se bater, havemo-nos bater, e já.
Braz Ferreira—Essa é que é a moderação que tu me dizias?...

SCENA X

DITOS *e* AMALIA

Amalia (*accudindo*)—Oh meu Deus! que é isto?
José Felix (*baixo a Amalia*)—Separe-nos, ande... (*Alto*) Eu não bato a mim.
Duarte—Mas mim bate a ti. Agora o verèmos.
Braz Ferreira—E eu mando-te que te calles. Que tal está! Ai que eu!... (*A'parte*) E eu que cuidava ao principio que era uma brincadeira!... e o jogo é a valer. (*A José Felix*) O senhor é o offendido...
Duarte—Não senhor, o offendido sou eu.

Braz Ferreira—Tu! tu que o ias matando, aleijando pelo menos!
Duarte—Não é verdade.
José Felix—E' verrdade.
Braz Ferreira—E' verdade sim senhor: a culpa é sua, não ha que duvidar.
Duarte—Se meu tio o diz, não tenho remedio eu senão acreditál-o.
Braz Ferreira—Ora graças a Deus! que confessou a sua culpa, e entrou na razão emfim. Da sua parte, milord, espero que desista, que se esqueça...
José Felix—Se o senhor está muito triste, *very sorry*, se não tinha intenxion ..
Braz Ferreira—Não tinha, não.
Duarte—Não tive.
Braz Ferreira—Então vamos! esqueça-se tudo; e em signal de reconciliação, milord, hade almoçar comnosco.
Amalia—Inda bem! respiro.
Duarte (*áparte*)—Verdade, verdade, não tenho muito de que me queixar. Inda eu lhe sou obrigado ao tal maganão que embirrou a fazer-me este serviço. (*Alto*) Oh lá! Joaquina, Izidoro! algum de vocês... E' preciso mandar arranjar depressa alguma coisa...
Braz Ferreira—Para quê?
Duarte—Pois o senhor almoça comnosco...
Braz Ferreira—Almoça: e então? tu tens almoço em casa para um principe. Já te esqueceste?
Duarte—Ah! sim... decerto... Mas talvez um almoço de garfo... sem chá preto... sem manteiga fresca... não será de gosto de milord...
José Felix—Eu peço o seu perdão, vóssinhorrie. O meu estomago é cosmopolitana, e entende todos linguas; janta em francez, portuguiz... não importa; almoça com *Turquia* se e preciso, e ceia sobre *Peru*, se vóssinhorrie dá prazer.

SCENA XI

DITOS *e* JOAQUINA

Joaquina—O almôço está na mesa.
Duarte (*espantado*)—O almôço!. .
Joaquina—Venha cá vêr como está bonita a mesa. (*Leva-o á porta do fundo*) Garrafas de Champagne, fructas, pastelão, tudo tam bem posto... hein?
Duarte—Não ha duvida: o almôço alli está. Acabou-se, já me não deixam mentir... é escusado.—Agora posso dizer o que eu quizer. (*Alto*) Amalia! (*Dá-lhe o braço.*)
Braz Ferreira—Milord! (*Conduzindo-o para a porta do fundo—Saiem todos menos Joaquina.*)

SCENA XII

Joaquina (*só*)—Pobre rapaz! ficou como pateta! Se elle não está costumado a isto... Condemnado a falar verdade vinte e quatro horas a fio... Tambem olhe que nos dá um trabalho! porque mente com um desembaraço e sem a menor consideração... Já se tinha esquecido da pêta do almôço. Felizmente que nós estamos prevenidos, e graças ao bolsinho de minha ama e á visinhança do Manuel Hespanhol, em poucos minutos se fez da pêta verdade... E José Felix! Não verão o meco sentado á mesa com meus amos como se fosse gente, o pedaço de lacaio!... Mas deixem estar que o tratante tem um ár, sabe tomar uns modos, que quem o não conhecer!... Em que elle se deita a perder decerto, é que aquillo é um comilão... O que lhe vale é fazer de inglez... não se repara.—Agora que mais falta? Vejamos. A tal visita de agradecimento ao general Lemos: essa não se póde evitar. Só se... E' verdade; o general Lemos que venha cá... como têm vindo os outros. Vou avisar José Felix que se avie de almoçar e nos represente mais esse figurão. Não lhe hade custar muito... é seu amo.—Ai! que é isto, que quer este senhor?

SCENA XIII

JOAQUINA *e o* GENERAL

General—O senhor Duarte Guedes está aqui, não é assim?
Joaquina—Está sim senhor, foi agora para a mesa almoçar com o senhor Braz-Ferreira, seu sogro que está para ser.
General—Um almoço de familia, almoço de noivos... Não permitta Deus que eu tal perturbe. Esperarei.
Joaquina—Se faz favor de dizer o seu nome.
General—Não é preciso.
Joaquina—Não é para saber... é que se fosse coisa que ..
General—E' coisa que eu lhe quero dizer sò a elle ou a seu sogro.
Joaquina—Como queira.

SCENA XIV

BRAZ FERREIRA, GENERAL, JOAQUINA

Braz Ferreira (*de guardanapo na mão falando para dentro*)—Eu venho, milord, eu venho: quero ratificar o nosso tratado de alliança com uma garrafa especial do meu Porto, é da fundação da Companhia, trouxe-o eu commigo.
Joaquina (*para o general*)—Aqui vem o senhor Braz Ferreira.
Braz Ferreira—O que é isso
Joaquina—Um senhor que lhe quer falar, ao senhor Braz Ferreira ou a seu genro. (*A'parte*) Vamos ensaiar José Felix no novo papel que tem de representar.

SCENA XV

GENERAL *e* BRAZ FERREIRA

General—Creio que é o senhor Braz Ferreira, do Porto, a quem tenho a honra de falar? Muita satisfação de vêr a vossa senhoria em Lisboa. Conheço-o ha muito de nome, e quasi que posso dizer somos amigos sem nos termos visto. O meu antigo camarada o coronel Luiz Guedes sempre me encarece por tal modo a amisade que lhe tem! Nas suas cartas quasi que me não fala de outra coisa senão de seu filho e de vossa senhoria.
Braz Ferreira—Luiz Guedes! Então vossa senhoria é?...
General—O seu mais antigo e melhor amigo, o general Lemos.
Braz Ferreira—Ah! vossa excellencia perdôe, por quem é. Mas porque se incommodou, senhor general? Eu é que devia ir aos seus pés.. e hoje mesmo tencionava fazel-o—para lhe agradecer todas as bondades que tem tido com meu genro... que está para ser.
General—Bondades! eu não sei .. de certo não tem nada que me agradecer... mas é sua culpa. Eu ignorava absolutamente...
Braz Ferreira—O quê, general?
General—Que Duarte estivesse em Lisboa.
Braz Ferreira—Que me diz, senhor? Ha tres mezes
General—Ainda o não vi uma só vez. Antes de hontem recebi eu uma carta de seu pae, que me pareceu um enigma: queixa-se de que o filho não ti-

nha ainda obtido a recebedoria de Santarem que tanta conta lhe fazia .. Mas que diacho! quem quer alguma coisa, pede-a. Eu não podia adivinhar, e vinha de proposito ralhar com elle.
Braz Ferreira—Ralhar, tenho eu que ralhar com o tal menino por outras muito peiores. Mas como é isto, senhor? Pois Duarte não vae habitualmente a sua casa?
General—Não senhor.
Braz Ferreira—Não digo em Lisboa, mas á sua quinta?
General—A minha quinta? E' coisa que não tenho.
Braz Ferreira—Pois não digo quinta.. não seja... mas a linda casa que tem da Outra banda com uma vista magnifica, um bilhar ..
General—Sou tão desastrado que não jogo o bilhar.
Braz Ferreira—Estava visto... Faça ideia, general, que é o systema de mentiras mais complicado que nunca vi, e combinado de modo que ainda não sei... Mas deixál-o: vossa excellencia está aqui, hade-me ajudar a confundil-o... Com toda a certeza não lhe dou minha filha.
General—Por quem é! Eu que vinha com tanto gosto trazer-lhe a minha prenda de casamento...
Braz Ferreira—Não hade ser meu genro.
General—E a sua palavra?
Braz Ferreira—Retiro-a: e elle não tem direito de se queixar... Avisei-o de que, á primeira mentira em que o apanhasse, tudo estava acabado. Inda bem que o encontrei, general: vamos a vêr com que cara o maldito do rapaz. . Oh! elle ahi vem: peço-lhe que não diga o seu nome.
General (*aparte*)—E esta! Eu que vinha para obsequiar o pobre do rapaz, e a seu pae de quem sou tam amigo!

SCENA XVI

DITOS, DUARTE, AMALIA, JOAQUINA

Duarte—Ora com effeito! forte companhia fazem os taes senhores!—O senhor meu sogro levanta-se no meio do almôço, e d'ahi a um instante milord desapparece á segunda garrafa de Champagne.
Joaquina—Vieram procurál-o.
Duarte—Não duvido... algum pobre rapaz que se achou em apêrto... Que é preciso confessar... o tal sujeito é a creatura mais serviçal... E então sem nenhum interesse!—Diga-me uma coisa, amabilissimo sogro, que fazemos nós esta manhã?
Braz Ferreira—Eu tinha vontade de sair; mas temos aqui uma visita, um amigo da familia...
Duarte—Perdôe... eu não tinha tido o gosto de vêr este senhor... E' do Porto?
Braz Ferreira—E' verdade.
Duarte—Ia jurál-o... Nós os das provincias do norte temos um ár de franqueza, um aberto de physionomia... Se vossa senhoria se demorar em Lisboa, terei muito gosto de o acompanhar, de lhe servir de guia. . Não faça cerimonia commigo... sinceramente lh'o peço .. um amigo de meu sogro!...
General—Dou-lhe os parabens, senhor Braz Ferreira: o seu genro parece um rapaz extremamente amavel.
Braz Ferreira (*baixo ao general*)—Espere, espere, e depois falará. (*A Duarte*) E' preciso que saibas, meu caro amigo, que este senhor vem a Lisboa para negocios que tem na secretaria da guerra, e precisa muito do valimento do general Lemos.
Duarte—Melhor... Dizem que é um homem justo e imparcial; e toda a gente o estima.
Braz Ferreira—Pois sim... mas tu que tens relações de intimidade com elle, não podias pela tua influencia?
Duarte—Ah! certamente .. terei a honra de lh'o apresentar. Hade gostar d'elle, verá: um homem agradavel e que, sem basofia, é meu amigo.
Braz Ferreira (*rindo*)—Hein!
General (*baixo a Braz Ferreira*)—Até aqui, acho que diz a verdade.
Duarte—E alegre!... Olhe. á mesa me não deixava elle só, como aqui me fizeram. Ainda hontem almoçámos nós juntos em sua casa.
Braz Ferreira e General—Em casa d'elle?!
Duarte—Sim, juntos, ao pé um do outro.
Braz Ferreira—Então muito mudado está elle de hontem para cá.
Duarte—Porquê?
Braz Ferreira (*apontando para o general*)—Porque elle aqui está, e tu não o conheceste.
Duarte (*surprehendido*)—O general Lemos!
Joaquina (*aparte*)—Estamos perdidos.
Amalia—Tudo, tudo está perdido.
Duarte (*tornando a si logo*)—O quê! pois este é o senhor general Lemos? Muito sinto... não tenho a honra de o conhecer.
Braz Ferreira—Não duvido... mas nem por isso deixa de ser elle em pessoa.
Duarte—Hade-me perdoar, meu tio: eu não digo o contrario; mas não foi com este senhor que eu almocei hontem... a verdade pura é esta. Como isto foi é que eu não sei; mas a não ser que haja outro general Lemos em Lisboa...
General—Em Lisboa, do appellido de Lemos nem eu conheço senão meu primo o coronel Francisco de Lemos.
Duarte—Exactamente. Pois foi em casa d'elle, decerto, que hontem me apresentaram, e provavelmente com elle é que eu almocei.
General—Não teria duvida nenhuma em o acreditar, se não fosse uma pequena difficuldade: e é que ha tres mezes que está em Inglaterra.
Duarte (*aparte*)—Co'a breca! (*Alto*) E' que voltaria ha pouco, sem se saber... porque elle hontem estava em Lisboa.
Braz Ferreira—Não estava.
Duarte—Estava tal.
Braz Ferreira—Pois bem, rapaz, esqueço-me de tudo... se me provares essa.

SCENA XVII

DITOS, UM CREADO, JOSÉ FELIX
com farda de brigadeiro, etc.

Creado—O senhor Lemos.
José Felix (*affectando desembaraço*)—Então que é isto? que é isto?
General—Que vejo! E' o meu brejeiro do meu Felix.
José Felix—Ora vivam meus senhores... Adeus meu Duarte.
Duarte—Oh meu querido protector! Confesso que d'esta vez já não contava com o seu auxilio... Ainda bem que veiu... Vou apresental-o a meu sogro e a meu primo.
José Felix (*indo para elles com ár chibante reconhece de repente o general*)—Santo Deus, meu amo!. .
General (*aparte*)—E com a minha farda, o maroto!
Braz Ferreira (*espantado*)—Conhecem-se! (*Duarte, Braz Ferreira, José Felix e Amalia ficam todos immoveis de admiração.*)
General—Que painel! Enterraram-se todos até ao joelho. Ora vamos a dar-lhes a mão, que elles por si não se levantam. (*Para José Felix*) Então senhor meu primo...
Todos—Seu primo!
General—Que espanto é esse? Pois queria esconder de mim a sua volta a Lisboa?

Duarte—O quê? Pois este senhor é seu primo, o coronel Francisco de Lemos que voltou de Inglaterra?
General—Sim senhor. Porquê?... não lhes faz conta?
Duarte—Certamente que faz—Mas é que isso hoje parece mesmo um acinte... não invento senão verdades.—Pois não è minha a culpa, senhor Braz; mas em consciencia, está obrigado a dar-me sua filha.
General—Não ha duvida senhor Braz Ferreira; é preciso consentir n'este casamento. Já não tem mentiras de que o accusar.
Braz Ferreira—Excepto a da recebedoria de Santarem.
General—Aqui está o decreto. E' a prenda de casamento que lhe eu trazia.
Amalia—Pois é possivel!
Duarte—Apósto que é verdade.... tudo é verdade hoje. Assim, meu caro sogro, consinta, não ha remedio...
Braz Ferreira—Estou certo que me enganaram.
José Felix—E eu tambem.
General—E eu tambem... Apezar d'isso, vamos, consinta...
Braz Ferreira—Que lhe heide eu fazer? Inda que não seja senão por curiosidade e para saber esta adivinhação.
José Felix *(atirando com o chapéo)*—Viva! A palavra do senhor Braz Ferreira é lettra que não tem desconto. Eu *ritorno al mio mestiere* e ponho aos pés da minha cara Joaquina... o senhor Thomaz José Marques... milord Coockimbroock, e sôbre todos, o seu fiel José Felix, criado particular do excellentissimo general Lemos.
Duarte—O' maroto, pois eras tu!
Braz Ferreira—Faze-te de novas.
Duarte—Juro-lhe que eu não sabia nada, e que nem sequer o conheço...
Braz Ferreira—Continuâmos?... Não faltava senão esta que é a mais difficil de engulir!
Amalia—E comtudo é verdade, meu pae. Eu lhe explicarei como isso foi.
Duarte—Protesto-lhe que hoje foi o último dia da minha vida que me deixei cahir n'este maldito vicio... E nem eu sei como foi; queria-me defender... vinham umas atraz das outras... porfim... não sei... Mas acabou-se: não tórno mais a mentir; custa muito, dá muito trabalho. Vi-me em âncias! Juro que me heide emendar... já estou emendado.—José Felix, nunca me heide esquecer da lição que me déste, e prometto pagar-t'a.
José Felix—Devéras?
Amalia *(dando-lhe uma bolsa)*—E eu pago-t'a já.
José Felix—Melhor ainda. *(Apalpando a bolsa)* Isto sim que são verdades puras... e não deixam mentir ninguem.

AS PROPHECIAS DO BANDARRA

Comedia escripta no anno de MDCCCXLV

PESSOAS: Thomé Chrispim, sapateiro. — Pantaleão, boticario. — Catharina, filha de Pantaleão — Anna da Troixa, contrabandista. — Sebastião, sobrinho de Pantaleão — Procopio, tabellião — Lazaro, praticante da Botica.
Praticantes, Velhos, amigos de Pantaleão, Meninas, amigas de Catharina, criados, etc.
Logar da scena — Lisboa.

ACTO PRIMEIRO

Rua na cidade velha ; á esquerda um vão de escada com todo o necessario para o estabelecimento de um remendão ; no fundo uma botica antiga com duas portas praticaveis, meias portas, etc.

SCENA I

LAZARO, *e outros* PRATICANTES *da botica pisando em almofarizes, etc., e cantando*

Côro

Na nossa botica
Ha tudo, ha tudo como na botica.
Só opio é que não ;
Que todo o que havia tomou-o o patrão.

Lazaro—Cheo, que ahi vem o sr. Procopio !
Praticantes — Deixal-o vir, vamos cantando: elle não percebe.
Lazaro—Pois vamos lá. (*Canta*)

Cá no receituario
Ha um electuario,
Que o não tem egual outro boticario.

Côro

Que o não tem egual outro boticario.

Lazaro (*apontando para Procopio que vem sahindo*)

O nosso xarope,
Xarope de ginja
Não ha quem o imite, não ha quem o finja.

Côro

Não ha quem o imite, não ha quem o finja.

Lazaro (*apontando para Procopio*)

E o de tartaruga ?
Não ha coisa tal.

Côro

Em toda a Lisboa, do Grillo a Bemfica,
A nossa botica
Não tem outra egual.

Lazaro

Ha tudo, ha de tudo na nossa botica
Só opio é que não.

Côro

Só opio é que não ;
Que todo o que havia, tomou-o o patrão.

SCENA II

PROCOPIO, LAZARO *e* PRATICANTES

Procopio—Já vocês começam logo de manhã cedo? E uma philarmonica esta rua. E o outro, o vizinho sapateiro, inda não deu o seu descante do costume? Por modo que lhe vejo a porta fechada...
Lazaro — Havia de ser grande pirua a que elle tomou hontem, que são estas horas e inda as Trovas do Bandarra se não ouvem.
Procopio — Ah ! este é que é ?... Percebo. Então ceou lá hontem em casa ?
Lazaro — Ceou por tres, e cantou... oh que peccados !
Procopio—E o patrão ?
Lazaro — Sahiu, mal era dia, por amor do grande jantar que dá hoje. V. m.cê é dos convidados? Ha-de ser.
Procopio -- Sou, mas queria falar com elle antes de....
Lazaro—Agora não póde tardar. Espere: lá se meche o nosso vizinho; agora o verá.
Procopio — Mettam-se vocês para dentro que eu quero observal-o á minha vontade. (*Entram todos para a botica, mas ficam de observação.*)

SCENA III

DITOS, THOMÉ *abre a porta e sae esfregando os olhos, espriguiçando-se e começando a preparar-se para o trabalho*

Thomé—Hum, que preguiça !... Não, que o vinhito era do Porto, e de boa edade!.. e então de môfo! Puhuhuf! Sabe-me a bocca a ferros velhos. Ferros velhos! mas sempre são d'outros ferros velhos mais finos. Os que a gente traz do Manuel-Zoina ou do Pilho—e mais são armazens de consciencia!

e o que elles dizem que é carregado carrega devéras, o Barra-a-barra é um barra: digo-lh'o eu, que não sou nenhum côdea com todas estas côdeas que me vêem, sei da coisa. Mas, dizia eu, são outros ferros velhos os que a gente de lá traz e que sente na bôcca ao outro dia: mais saburra na lingua... (*Masca*) e quero mesmo dizer—que já digo, sei da coisa—quero mesmo dizer, outra casta de saburra, assim grossa, entrapada, carrascôa. E isto hoje... (*Mascando com gosto*) isto hoje qu'eu sinto na bôcca, inda sabe bem, home! Forte pinga! E como eu a chucho, e o mais que hade vir! viva o *Encuberto* e santa paz co'a sua alma! Qual alma nem meia alma? Tam asno sou eu que creia em tal?

Procopio—O homem... elle não me tem cara de tal. O nosso Pantaleão parece-me que d'esta vez que sincou.

Thomé—Alma!... Nem alma nem esp'rito. Só se for o esp'rito d'aquelle vinhote que ainda por aqui me anda a alma d'elle a pedir missas pelas goelas. Alma o *Encuberto!* Não n'a tem, juro eu. Não é tal alma, é corpo vivo e são... Não, que assim é que m'elle rende. Oh, senhores! vêr que eu que era um lastimado remendão, que em tres dias não tinha um par de tombas que deitar n'umas chancas suadas d'um gallego, e que agora já faço botas e sapatos para a fidalguia do bairro.. e não tardarei a ter uma logea minha, com officiaes e aprendizes meus!... (*Como falando com outros*) «Senhor official, aquelles remontes estão feitos? Rapaz bate aquella sola.. «Marmanjo, vae levar estas botas ao tal senhor da hospedaria. mas dinheiro para a mão... eu sei cá se elle é deputado ou o que é: que pague e veremos pelas cruzes do seu dinheiro que casta de pessoa vem a ser». Sempre é a delicia da vida uma logea da gente mesma! Ella virá, ella virá. Nunca o pensei, mas agora digo que vem.

Procopio, (*para dentro da botica*)—E Pantaleão sem apparecer! Eu vou-me: tenho muito que fazer. (*A'parte*) O sapateiro é... é um sapateiro, um remendão e nada mais.

Thomé—Digo eu que faço obra para a fidalguia do bairro... E faço. Pois que é aqui o meu bemdito vizinho, o sr. Pantaleão? (*Aponta e olha para a botica: vendo Procopio*) Oh, lá está outro ginja... mas não me tem boa cara aquelle. Lá o rei dos ginjas é o meu boticario, o meu Pantaleão. Que aquillo é mesmo um fidalgo; modos, tratamento, acções d'um fidalgo. Como elle diz: «Thomé, para uma pinga... Thomé, quero que jantes bem hoje... Thomé, anda cá... Thomé, toma lá...» E é sempre o pinto, a de doze .. e mais, e mais! Se não houvesse umas terras n'este nosso reino de Portugal, chamadas Lavradio, Chamusca e outras que taes.. que estou certo que são as verdadeiras terras de Pantana onde me vae ter tudo quanto tenho e não tenho... co'a fortuna! já eu estava rico. Mas se o homem começa agora a dar-me de cear como hontem... onde houver vinho do Porto—vinho do Porto eu!... eu, Thomé Chrispim, remendão de escada, a falar em vinho do Porto—sem vergonha d'esta cara besuntona—onde houver vinho do Porto, digo eu, fica-te em paz, carrascão. Que o beba o Pilho, maroto! que tem goelas de villão ruim. E o cachorro do Manuel Zoina que o tome em mèzinhas se lh'o não quizerem beber os freguezes. Ah, ah, ah, (*Rindo*) Pois então? Tambem os meus patacos me ficam na algibeira, e mais callo-me: que se callem elles se lhes ficar o vinho no tonel.

SCENA IV

THOMÉ, PROCOPIO *e* PANTALEÃO

Pantaleão—Guarde-o Deus ao sr. Procopio, nosso amigo velho? Então, hein, sr. Procopio? (*Apontando para Thomé*) viu-o?

Procopio—E' aquelle?

Pantaleão—Aquelle mesmo.

Procopio—Pois homem... (*Conversam mais baixo.*)

Thomé—Oh! já elle lá está. Trabalhar e cantar, que tanto rende uma coisa como... Alto lá! mais rende uma do que a outra, e custa menos. (*Escarra grosso, como quem limpa a voz. Cantando e cozendo:*)

> Eu faço obra de dura
> E não ando pela rama;
> Conheço bem a courama
> Que convem á criatura.

Procopio—Ah! isto agora...

Pantaleão—Não lh'o disse eu? As proprias Trovas do Bandarra como as eu tenho n'aquelle manuscripto precioso que é unico em Portugal... no mundo, meu amigo!

Thome (*cantando e cozendo*)—

> Sei medir e sei talhar,
> Sem que vos assim pareça,
> Tudo tenho na cabeça,
> Se eu o quizer usar.

Pantaleão—Então é ou não é! As palavras, a unção com que elle as repete, aquelle ár inspirado...

Thome (*fingindo que não vê Pantaleão á porta*)—Espera que já te metto a sovella pelas viras d'alma, pateta. Hoje parece-me que chucho nota. (*Canta batendo sola.*)

> Comvosco falo estas coisas
> Como com grande letrado.
> As umas são perigosas;
> E as outras duvidosas
> Inda não hão começado.

Pantaleão (*enthusiasmado*)—Não ha duvida nenhuma, agora já não ha duvida nenhuma, é elle. Mettam-se para dentro, (*a Procopio e aos aprendizes que accodem a ouvir cantar*) mettam-se para dentro, que eu vou aqui aviar uma coisa, e depois quero ir falar com elle E hoje, hoje heide acclarar este negocio e concluir o que tenho determinado. (*Entram todos na botica.*)

SCENA V

THOMÉ *só*

Thomé—Se eu sei o que isto quer dizer, estas cantarollas que me ensinou o barbeiro da minha terra, meu pae frade! Diz que n'isto, n'estes cantigorios que eu não entendo, que está claro e promettido com'o verbo d'um anjo que hade vir o *Encuberto*... Como lh'o elles lêem n'esta lettra, é o que eu não sei. Mas que hade vir, que hade vir... Pois venha. Por ora vae-me rendendo, é o que eu não sei. Apprendi a sapateiro com tanto trabalho, nunca me deu o officio com que matar a fome Apprendi estas babozices a brincar, têm-me dado!... E' verdade que é só depois que vim para esta rua, inda não ha dois mezes... mas... Oh eil-o ahi vem, o meu fidalgo do meu boticario...

SCENA VI

PANTALEÃO E THOMÉ

Pantaleão—Ora guarde-o Deus, sr. vizinho!

Thomé (*levantando-se e tirando o bonet*)—Muito bons dias, meu fidalgo! estou ás ordens de vossa...

Pantaleão—Cala-te, homem, cheo! não te oiça alguem. Inda não é tempo que se saiba... por ora encoberto! Tudo encoberto! Senta-te, senta-te, rapaz; bate a tua sola, coze as tuas viras... Mette a sovella nas viras... hein!... Deixa lá, deixa lá: eu fico aqui assim em pé disfarçando.

Thomé—Pois vossa?...

Pantaleão—Vossa uma figa: tem juizo. Tu bem sabes ter juizo... Oh se sabes! Cuidas que eu que te não conheço?

Thomé—Que me conhece o quê, sr. Pantaleão!

Pantaleão—Isso! faze-te de novas; anda. Commigo que ha cincoenta annos ando n'isto! que não me escapa nada! que ainda não houve manhã de nevoa que eu não fosse para o alto de Santa Catharina espreitar para a barra! que ainda não veiu cartinha em bucho de pescada que eu não lêsse; que as gallinhas com ovo de lettras m'o vêm mesmo pôr aqui na mão!... Commigo, hein! Sô Thomé Chrispim!—Thomé Chrispim .. maroto, maganão, olha que sempre és...

Thomé (*assustado*)—Eu sou o quê, sr. Pantaleão?

Pantaleão—Não te assustes, homem, que cahiste em boas mãos, deixa estar. Mas olha que sempre és um tal menino, anda. Como diz lá a trova d'estas coisas que por ahi vão, estas embrulhadas novas de eleições e Constituições, que ninguem se entende? Dize:

Vejo tanta misturada...

Canta, homem.

Thomé (*receiando*)—Canto?

Pantaleão—Canta.

Thomé (*cantando*)

Vejo tanta misturada
Sem haver chefe que mande;
Como quereis que a coisa ande
Se a f'rida está damnada?

Pantaleão (*esfregando as mãos*) É isso, é a tal, é a tal que só o meu livro a traz. Ah Thomé, Thomé! —E damnada está, está damnada a ferida; mas nós a curaremos, hein, Thomé! Thomé, forte magano! Mas dize-me, Thomé... diga-me sr. Thomé Crispim, diga-m'o a mim que lh'o peço. Olha que sou eu, Thomé, eu Pantaleão... (*Com gravidade*) Pantaleão de Sá.

Thomé—Sr. Pantaleão de Sá!

Pantaleão—Pantaleão só, Pantaleão só para todo o bairro, para toda a gente, para todo o mundo. Fala baixo, homem; Pantaleão de Sá para ti! só para ti... e para o outro (*tirando o chapeu e fazendo uma reverencia profunda*) e para o outro que hade vir.

Thomé—Pois, sr. Pantaleão, eu não sei o que vocemecê quer que eu diga.

Pantaleão (*zombando*)—Emfim estás... estás!... nem eu sei o que te diga. (*Sério*) Ouve cá, homem, tu desconfias de mim?

Thomé—Oh senhor, eu!

Pantaleão—Acreditas que eu sou um fiel, um zeloso, um devoto, um verdadeiro Sebastianista?

Thomé—Pois não heide crer, senhor? Creio, sim senhor, creio firmemente.

Pantaleão—Sabes que tenho fé viva, esperança certa?

Thomé—Pois caridade!

Pantaleão—Todas tres são precisas para fazer um Sebastianista bem feito. Mas a fé sobre todas. Sabes que eu tenho fé, Thomé? Thomé...

Thomé—Capaz de engulir...

Pantaleão—De engulir como?

Thomé—De engulir um camello pelo fundo de uma agulha... (*áparte*) Parece-me que é assim que se diz

Pantaleão (*sentido*)—Isso! isso mesmo é que é. Bonito! Finge que não sabes a parábola.

Thomé—Parábola, senhor! Eu sei cá...

Pantaleão (*reflectindo*)—Tens razão. Olha como é: não pódes encobrir... é assim. Quem sabe, por mais que disfarce, conhece-se. Tens razão, não é parábola, foi uma simples figura de expressão... e nem vinha para o caso. Tu sempre és!... Como logo deu no êrro! Ou elle não fôra quem é... Vamos, basta de brincadeira; falemos sério. Tu tens andado a experimentar-me, a vêr, a examinar... tens andado a mangar commigo.

Thomé—Eu senhor!... (*áparte*) O homem perceberia que eu que não sei nada d'isto, e que o logro?

Pantaleão—Sim tu, tu. Pois vem cá homem: tu és isso que mostras?

Thomé—Eu, senhor, que heide eu ser, senhor?

Pantaleão (*rindo e como quem se esforça para falar sério*)—Como te lembraste tu de tomar esse nome de Thomé.. ah ah ah!... de Thomé... Thomé Chrispim? Ah ah ah!

Thomé—Não o tomei, senhor, já o achei tomado e dado por meu pae e minha mãe, que foram sapateiros antes de mim, e por meu padrinho, que era sapateiro como elles, e todos devotos do nosso San'Crispim d'o pé das Quingostas no Porto, onde eu fui nado e criado, e me puzeram Thomé porque era Thomé o meu padrinho. Thomé Palmilha lhe chamavam por alcunha, que d'outro nome lhe não sube nunca; e o Chrispim foi pelo santo da nossa bandeira... quando havia bandeiras. Forte pena foi tiral-as!

Pantaleão E foi: mas deixa estar, deixa estar, que não tarda quem vem. Em *elle* vindo... Mas a quem o digo eu!... Em *elle* vindo, bem sabes, tudo hade tornar ao direito outra vez Mas a quem... a quem o digo eu!—Está bom, está bom: não queres? Pois não digas. E, a falar a verdade, não é muito prudente esta conversa aqui. Tu... tu! Se tu és quem és! Porque me não havias de advertir logo que isto não era logar para taes explicações? Não lh'o mereço, sr. Thomé? Mas tens razão, homem, tens razão: não é aqui logar para isto. Mudemos de assumpto. Como te soube hontem a ceia? Passaste bem a noite?

Thomé—Oh sr. Pantaleão! pois um pobre jagodes como eu...

Pantaleão—Como tu!

Thomé—Como eu, sim senhor, um pobre remendão d'escada que em chegando á pescadinha frita com seu rabo na bocca...

Pantaleão—Symbolo da eternidade!

Thomé—A's vezes é, sim senhor, é uma eternidade, de tres e quatro dias de frita... Mas o Pilho, essa justiça lhe heide eu fazer, o Pilho nunca tem petisco sédiço. Já do Manuel-Zoina não digo eu o mesmo... mas elle tem-se n'uma conta! Deixal-o ter, o Pilho é outra casta d'homem. Pois, senhor, um pobre como eu que, já uma ceia do Pilho já era regalo de principe para elle—principe sapateiro, está claro—e que bem trezentas, das trezentas e sessenta cinco bentas noites do anno, as ceia com cruzes na bocca... uma ceia d'aquellas! Lombo de porco, sallada com ovos, doces não sei quantos—que eu não entro lá muito por isso—e vinho do Porto! Eu que mal me atiro nos dias grandes pelo rastro do Lavradio!... oh senhor! então eu, havia de me fazer mal! Só se fosse por bom de mais. Mas não fez. Dormi como um lapuz, que sou. Assim pela manhã, inda agora, senti assim pela lingua um envernizado... mas bom! Sabia-me a ferro velho—dizia eu commigo—sabia, mas ferro velho bom!... Ora o sr. Pantaleão é que está a mangar com um pobre.

Pantaleão—Meu amigo, a pobreza é propria dos grandes espiritos como o teu

Thomé—Espirito de quê, senhor? O tal do Porto tinha, tinha-o devéras.

Pantaleão—Não te faças Thomé, não te faças André commigo, Thomé! Digo dos espiritos como o teu. E bem sei o que digo. Dá-vos esse dom, não vos póde dar os outros — não deve ser tudo para

uns — ella bem sabe o que faz, a Providencia.

Thomé—A minha providencia tem sido vocemecê, sr. Pantaleão. Eu heide dizer a verdade; e ingrato não sou, isso não. Se não fosse cahir-lhe em graça, estava hoje...

Pantaleão—Estavas o que havias de estar e estiveste sempre desde... desde que... Deixa-me vêr... D. João terceiro... mil quinhentos... mil quinhentos e... Não quer dizer nada: é uma boa conta d'annos. Emfim, Thomé—já que Thomé hasde de ser—queres vir jantar commigo hoje? É ao meio dia em ponto. Cá não se muda a hora em que se jantava no tempo... no tempo em que havia gente n'esta terra, e portuguezes em todas, e todos a tremer d'elles.—Vens jantar commigo?—Vem, e depois falaremos. Lá sim, que se póde falar á vontade. Minha filha é boa rapariga e de segredo. Temos outros amigos que hasde gostar de vêr. O brejeiro do primo, meu sobrinho Sebastião—mal empregado nome!—despedi-o hontem de casa; não torna lá; estamos á nossa vontade. Hein? E a minha filha, a minha Catharina... olha que é boa rapariga.

Thomé—Isso é ella, oh se é!

Pantaleão—Hein?

Thomé—Que é muito boa menina: pois então?

Pantaleão—E das nossas, Thomé, das nossas, homem. E é... Tinha cá uma idéa. Que tal achas tu a minha Catharina? Dize, não tenhas vergonha nem acanhamentos commigo. Agrada-te?

Thomé—A sr.ª D. Catharina?

Pantaleão—A sr.ª D. Catharina, sim senhor, minha filha Catharina. Não lhe agrada?

Thome—Não me agrada? Elle é...

Pantaleão—Está dito, logo, logo, falaremos. Adeus, Thomé! Tho... mé (*rindo*) Thomé Chrispim! (*ao ouvido*) Adeus Gonçalo! (*chega á botica faz signal a Procopio e sahem ambos pela direita.*)

SCENA VII

THOMÉ, LAZARO *e outros* PRATICANTES *espreitando da botica*

Côro

Na nossa botica
Ha tudo, ha de tudo como na botica.
Só opio é que não;
Que todo o que havia, tomou-o o patrão.

Thomé—Que diacho de cantiga é aquella dos basalicões? Dar-se-ha caso? Eh! deixál-os. Mas eu sempre estou mettido n'uma... Gonçalo! Chamou-me Gonçalo em segredo... que quererá dizer isto? Eu endoideço. Quem serei eu com a fortuna? Oh quem quer este patóla d'este velho que eu seja? Oh home. Pois elle dar-se-ha caso que de verdade, haja o tal D. Sebastião escondido e encuberto lá na tal Ilha ou onde quer que é? E que ainda tenha de vir? Elles são tantos a crêr n'isto e a esperar por elle... A mim me melem se a coisa me não parece ás vezes que .. eu sei cá? Pois elle tinha que rir se estas traponas d'estas cantigas—trovas, dizia o meu amigo barbeiro do Bomjadim que m'as ensinou.—Trovas! que diacho será trovas?... Trovas... Trovar, que é como quem diz: fazer versos... que hade ser isso... Ah, ah, ah! que é (*rindo*) Agora me rio eu. Sou poeta, sou poeta!... que essa é que é a historia. Boa historia! E então porque não heide eu ser poeta? e trovar com os outros? Hein! Sim, senhor. Não são meus os versos... as trovas? Deixal as não ser. Sou eu o primeiro que figuro com o alheio? Como faz o meu visinho deputado, como fazia o padre fr. João que tão bons sermões que fazia? que era uma contricção d'alma ver esbofetear aquelle mulherio todo, quando elle começava:—«Pêzame!!...» E eu a rir, porque era o meu patrão—o primeiro patrão que eu servi—quem lhe fazia os Pezames e os sermões; assim com'ó meu vizinho deputado não lhe falta quem lhe faça os—«Agora, senhor presidente»—E os outros—Apoiado, apoiado!—E eu a rir... Pudéra não! Este mundo sempre é uma tal historia! O caso é que, seja eu poeta ou trovista, ou o quer que seja, tenho hoje regabofe de jantar de grande e de môfo. Viva o *Encuberto* e o meu grande Pantaleão! Pantaleão de Sá que é náo é, que é boticario e é fidalgo—e não quer que se saiba—mas quer que o saiba eu! Com a fortuna, que diacho serei eu? E que tenho eu que haver com D. Sebastião ou com D. Pantaleão? Serei eu tambem algum encuberto? Mas que encuberto sou eu então? Dar-se-ha caso? ... Não póde ser. Eu sei?... Se serei eu o proprio D. Sebastião em pessoa? Hein, o caso era... Mas elle faz-me tantas festas, o Pantaleão... Elle por modo que me falou na filha assim por um modo .. Vamos, sr. Thomé, não se faça pateta de todo. Mas o que heide eu dizer hoje ao Pantaleão? O homem hade querer mais trovas que é o seu pratinho... e eu, vão-se-me acabando as que eu sei... Fazel-as não posso... Verêmos: d'algures hãode vir. Ai! meus peccados, que ahi vem a minha. . minha... Eu que lhe heide fazer? Ella é minha mulher j'agora. Encuberto ou não... Home, tudo isto vae de encubertos. Pois vá.

SCENA VIII

THOMÉ CHRISPIM *e* ANNA DA TROIXA

Thomé—Ora chegue, sr.ª Anna da Troixa, chegue, flor, que já me tardava.

Anna—Que alegrias, que contentamentos!! Vocemecê cheira-me hoje a festa: que é isso?

Thomé—Anna da minha alma, Troixa da minha vida, pois não me hade cheirar, se te eu cheiro a ti, flor, (*áparte*) tolhida seja ella... Rosa, flor dos meus pensamentos!

Anna—Olha tu, tu, meu remendão não sei de quê! ... cuidas que estás c'o teu pateta do teu boticario? Faze-lhe lá esse verso a elle, que eu quero outros contos. Venha dinheiro, venha dinheiro, senão, digo tudo.

Thomé—Tudo, mulher! Pois ainda tu queres dizer mais, falar mais? Já tu falas!...

Anna—Ah! eu falo?...

Thomé—Não... não digo que falas. Tu és lá mulher de?... Mas eu é que não tenho dinheiro: d'onde me hade elle vir? E então isto! Ora, mulher: isto não é a lei de Deus. Nós somos casados, é verdade, mas o ajuste foi de se não saber e de ficar isto entre nós. Tu andas lá co'as tuas troixas, eu cozo cá as minhas tombas... Eu morro de fome, tu ganhas a vida... bem e honradamente; não sou homem que diga o contrario, mas...

Anna—Não, dize, dize! (*ameaçando-o com a mão aberta*)

Thomé—Agora digo eu! Nunca andou troixa de contrabandista mais honrada debaixo de capote, do que a da minha Anna da Troixa: basta vêr a freguezia que ella tem. Mas o certo é, minha rica Annica, que tu por lá te andas e eu por cá me estou ... E que tu, emquanto a troixa dava muito e os remendos não davam nada... puh! quem se ha de dar por mulher do sapateiro remendão? Nem vêl-o. Começa o remendão a ganhar seus vintens ...já somos duas almas n'um corpo, tens ciúmes de mim que te pellas, e sobretudo, queres que te eu dê quanto tenho e quanto não tenho... já te queres declarar por minha mulher, já não queres que eu figure de solteiro...

Anna—Cala-te, cala-te d'ahi, que és um tonto! Eu tenho sido com'a Providencia comtigo, palerma, que havias de morrer por ahi como um lazarento que és, se não fôra eu. Nanja pelo teu officio que ganhasses cinco réis, tu, que não és capaz d'isso. E' a patetice do nosso boticario que te tirou da miseria. Mas quem lhe metteu na cabeça a elle que tu que adivinhavas e que sabias d'essas tonterias de prophecias e do Bandarra e de tudo isso, senão eu, parvo? Quem lhe traz os ovos com letras que dizem D. Sebastião? As pescadas com as cartas no bucho, quem lh'as manda vender á porta? Quem lhe traz a cabeça tresvaliada toda, que nem elle já vê nem ouve nem sabe o que diz nem o que faz? Eu, tonto, eu!

Thomé—Pois tu! Oh mulher, pois tu é que és? Eu me benzo de ti, mulher.

Anna.—Benze-me agora com dois pintos, que os preciso, e deixa o mais por minha conta. E nem por sonhos que o velho saiba que nós que somos marido e mulher... senão era capaz de desconfiar... isto é: desconfiar... inda assim! quando aquelle desconfiar... Dá cá os dois pintos.

Thomé.—Essa agora!... Pois eu tenho cá?.. (*Aparte*) Chupa-me tudo, meus peccados! (*Desembrulha uns farrapos que tira do fundo de uma arca, e umas aparas de coiro, e por fim de muito desembrulhar tira dois cruzados novos que lhe dá*) Um, dois... dois dentes da bocca! Eram duas noites de suciata no Pilho..

Anna.—Inda assim... Olha lá: tu hontem á noite estavas muito asno á ceia. «Anna, dá cá, Anna, toma lá,» como se fosses alguem que viesse d'algures, e como se eu fosse tua criada. Nem tua nem d'elles, dos Pantaleões, ouviste? Eu se vou alli áquella casa, e sirvo assim ás vezes a dar uma demão ao trabalho, é porque quero, e pela boa gente que elles são, quant'ó mais! E tu meu papelão a fazeres de lord commigo...

Thomé—Mas mulher, se tu queres, se tu é que queres, se tu é que me estás sempre a dizer, a recommendar: «não digas nada, não dês a entender... que ninguem perceba que somos casados... faze que me não conheces?»

Anna.—Pois sim, sim: assim deve ser, assim é preciso; mas tudo com termos E você.. olhe lá; você sabe os olhos que me deitava para a filha da casa! A fazer-se tolo, o velho! Olhe que sou capaz de lhe tirar as ganas do comer...

Thomé—Eu! Essa agora... Pois eu!... E ella por modo que... Hem! Ella sempre é uma moça guapa.

Anna.—Tolo, tolo! Ora isto! Não verão?

Thomé—O que eu sei senhora Anna, o que lhe posso dizer é que... Mas, cheo!

Anna—Paspalhão, parvo!

Thomé—La grande moça é ella.

Anna—E' é: e o primo um mocetão que te hade arrombar as costas, pateta, se tu te atreveres a levantar os olhos para ella. O sr. Sebastião, forte rapaz! E o tio mal com elle, que o despediu de casa! Tenho uma pena de vêr duas almas que mesmo foram feitas uma para a outra... Ora pois, Deus os fez, Deus os hade juntar. Paciencia! Não importa: tomei-os eu debaixo da minha protecção..

Thomé—Ah! tomaste-os tu debaixo da tua protecção?... então...

Anna—Tomei, sim senhor, e heide casal-os Que cuida?

Thomé—Cuido que... Nada, não cuido nada. Adeus, Anna! minha Annica! Sabes que mais, ó Anna? Vou jantar hoje com elles.

Anna—Vaes!

Thomé—Vou.

Anna—Oh maldito, e estavas calado! Então são horas: prepara-te já. E Jesus! E o besuntão que tu estás. Vae-te arranjar... (*Desfazendo a troixa*) vae, toma lá esta camisa de fólhos.

Thomé, (*pegando na camisa*)—Esta camisa de folhos... E és tu, Anna, por tuas proprias mãos, Anna!... Oh força do destino! Pois tu queres?.. (*Aparte*) E dizer que é ella, ella mesma, a infeliz! que me quer fazer irresistivel, que me põe os matadores todos! (*Alto*) Anna, com esta camisa, eu lavo as minhas mãos...

Anna—Não, hasde leval-as antes de a vestir, porcalhão, e bem esfregadas! Uma camisa de senhor... era para o José Rodrigues, o caixeiro alli do... Mas não importa: que espere, que isto é de mais pressa. Anda, vae, vae-te vestir.

Thomé—Vou, Anna, vou... (*Aparte*) Corta-se-me o coração de vêr a innocencia d'esta minha Anna... (*Alto*) Anna, Anna! em quanto é tempo, Anna, minha pobre Annica! refléte... tu sabes as consequencias que póde ter... olha que...

Anna—Vae, tolo, vae-te vestir. Ora o pateta!... Sempre és um parvo! (*Thomé vae dentro ao seu buraco, e sae com a camisa vestida, uns enormes collarinhos sahidos, etc.*)

Thomé—Aqui estou.

Anna—Anda cá: deixa-me-te pôr isso em termos, endireita essa cabeça. Assim. Dá cá o pente. Não tens um pente? Olhem que miseria! E quer isto ser gente, quer!... (*Tira o pente da cabeça, penteia-o*) Quero-te pentear estas farripas. O colete... (*Thomé vae tirando da arca os varios artigos que Anna lhe pede, todos extremamente ridiculos*) a casaca. (*Está vestido*) Ora adeus! Sempre estás menos nojento alguma coisa. Agora vou-me, que tenho que fazer. Ouviste? Logo lá em casa nem signal de me conheceres.

Thomé—Vae descançada. Mas oh mulher, então eu estou menos máo assim? Parece te!

Anna—Estás, estás um rico feitio. Adeus!

SCENA IX

THOME só; DEPOIS CATHARINA

Thomé—Máo! Qual máo? Estou famoso (*Vae buscar um bocado de espelho quebrado e mira-se a elle*) Estou... Oh Anna, Anna, mal sabes tu... Adeus! isto é sorte e hade cumprir-se. (*Reparando nas mãos*) O diacho é estas mãos. Maldito serol! Puhu? Se eu tivesse umas luvas... umas luvas amarellas, que é a moda... custa um pinto, pelo menos, umas luvas. . e um pinto é uma moafa de truz. (*Apparece Catharina á janella*) Oh! lá está á janella a filha do meu homem. Hein! Sempre quero que me vá vendo já n'estes atavios. (*Escarra: Catharina olha para o lado d'elle; Thomé faz-lhe uma cortezia peralvilha*) Viva minha senhora! Sempre é uma moça... se eu não fôra remendão... e casadão! Casadão e remendão, é muito peccado junto. E a tal sr.ª D. Catharina sempre me tem uns olhos... como duas garrafas de... de bastardinho. Ella por modo que olha para mim d'um modo... Oh diacho! Dar-se-ha o caso? Hein? (*Dando-se ares*) Ora eu a falar a verdade hoje não pareço... Se ella me tomará por outro?... Está-me a fazer signaes?... Isso está ella.. Anna, oh Anna!... eu bem queria, Anna, bem queria ser superior, mas não posso...

Catharina—Psiu, mestre, psiu!

Thomé—Mestre!... Oh mestre!... Mestre é coisa de... E d'ahi são gostos ás vezes.

Catharina—Psiu!

Thomé—Está claro: a rapariga quer... quer conversa. Menina!

Catharina—Olhe, mestre... se vir o primo Sebastião, diga-lhe...

Thomé, (*áparte*) — Sempre sou bem asno! é um recado para o primo Sebastião...

Catharina—Se vir o primo Sebastião, diga-lhe que hoje vem cá gente de fóra jantar, e que no fim da mesa que venha á escada e que... (*Vendo Pantaleão, fecha de repente a janella.*)

SCENA X

THOMÉ, PANTALEÃO E SEBASTIÃO

Thomé, (*pasmado para a janella*) — Então que é isto?

Pantaleão, (*sem ver Sebastião*) — Bom, bom! meio caminho andado. (*Entra para a botica esfregando as mãos.*)

Sebastião, (*deixa entrar o velho para a botica e vem direito a Thomé com a bengalla levantada*)— Ah sô biltre de sô remendão atrevido! você em cochichos e colloquios com minha prima! Diga-me já para alli que pouca vergonha é esta, senão...

Thomé, (*com gravidade ridicula*)—Mocidade estragada e sem sentimentos, mocidade de fumaças e de periodicos! geração de hymnos constitucionaes e de ponches queimados! raça ingrata de lambisqueiros que palra e não bebe!. qu'é das tuas virtudes, mocidade perdida? Sebastião! inaudito e prospero Sebastião, quando eu ia derramar sôbre ti o balsamo da consolação, da...

Sebastião—O balsamo da melhor taberna ou armazem de vinhos que haja em Lisboa...

Thomé—E' o Pilho: lá isso ninguem lh'o póde negar; diga o que disser o Zoina... que se rale, que se vá ralando... lá com'o Pilho... aquelle vinhote de Torres que elle tem!...

Sebastião—Pois sim; o melhor que elle tiver é para ti; heide-te encher essa carcassa do tal vinhote que tu dizes, até arrebentares, e aqui está dinheiro já, se me dizes com verdade que tramoia é esta que aqui anda entre ti e meu tio e minha prima. Senão o balsamo hade ser outro. (*Mostrando-lhe a bengala*) Vamos e nada de trovas, das com que tu enganas o velho, que isso commigo não péga. Já, e sem os teus palanfrorios, já em portuguez claro e razo, senão descozo-te aqui a alma como tu descozes uma sola velha, remendão maldito.

Thomé—Venha o balsamo

Sebastião, (*dando-lhe dinheiro*)—Aqui está.

Thomé, (*áparte*)—Bom! Dois cruzios para supprir o que me levou a borrachona da minha espôsa querida; (*alto*) Bem, sr. Sebastião! V. mercê é um rapaz de prestimo. Pois deixe estar, que eu e minha... quero dizer eu e a Anna arranjaremos a coisa.

Sebastião—Eu e a Anna? Qual Anna? Catharina, minha prima Catharina, é que eu quero saber...

Thomé—Qual Anna! Pois a Anna da Troixa é uma mulher bem conhecida e como ha poucas. E que o diga eu!—Sua prima Catharina... a senhora D. Catharina: ai, é verdade, a senhora D. Catharina, que tem hoje gente a jantar—uma pessoa de respeito, um cavalheiro d'esta côrte (*Dando-se áres*) talvez o não conheça ..

Sebastião—Um cavalheiro! Bem o dizia eu .. Quem é elle, remendão infernal?

Thomé—Esse mesmo tu o nomeaste. E' o proprio, menos a alcunha, que não dá por ella

Sebastião—Ah! tu estás a mangar commigo! Estás-me logrando, maroto? Toma. (*Dá-lhe*)

Thomé—Não me dê, sr. Sebastião! não me dê, que lhe vou falar a verdade. (*Atrapalhando-se*) Diz ella que no fim de jantar... que eu vou lá...

Sebastião—Tu vaes! Oh atrevido! leva. (*Dá-lhe*)

Thomé—Qual vou! não sou eu que vou... Isto é, vou, mas...

Sebastião—Ah! tu vaes... Leva, maroto. (*Dá-lhe*)

Thomé—Aqui d'elrei! Sr. Pantaleão, sr. Pantaleão! Aqui d'elrei! Aqui d'elrei D. Sebastião! Aqui do Encuberto!

SCENA XI

DITOS, PANTALEÃO *accudindo, depois* LAZARO *e os* PRATICANTES

Pantaleão—Que é isto?... Ai, meu sobrinho ás pancadas em Thomé!—Thomé, Thomé segura esse bréjeiro. Oh maldito, oh excommungado, tu impondo mãos violentas no ungido do cerol da prophecia, no homem dos seculos, no escolhido para preparar as viras d'aquelle que hade vir! Amaldiçoado sejas tu! Eu te renego de sobrinho...— (*Para a botica*) Lazaro, rapazes, accudam! Tragam balsamos, unguentos, ether, tragam fios, ligaduras... tragam tudo, que tudo é pouco!

Côro dos Praticantes

(*que trazem diversas garrafas*)

Acudamos já depressa!
Venha toda a medicina,
N'estes casos apertados
E' que brilha a arte divina.

Lazaro—Que tens tu?

1.º Praticante—Os emolientes.

Lazaro—E tu lá?

2.º Praticante—Os adstringentes.

Lazaro—Os tonicos?

3.º Praticante—Eu.

Lazaro—E os apperitivos?

3.º Praticante—Este.

Lazaro—Venham cá. E os sedativos? E o balsamo, o ether? Os excitativos?

Côro—Tudo quanto havia na nossa botica...

Já nada lá fica,
Já tudo aqui está.
Só o San'Miguel é que ficou lá.

Lazaro—E o laudano liquido?

Côro

Isso é que não ha;
Só ópio é que não:
Que todo o que havia tomou-o o patrão.

Pantaleão, (*tomando uma garrafa das mãos de Lazaro e dando a beber a Thomé*—Bebe, bebe, homem, que é cerveja preta.

Thomé—Cerveja! bebida d'herejes, que a bebam elles os excommungados. Abrenuncio! D'aquelle balsamo de hontem, sr. Pantaleão, aquillo sim!

Pantaleão—Chegue já um de vocês a casa, e traga uma garrafa do meu Porto velho.

Sebastião—Oh meu tio, que cegueira! este sevandija é a vergonha da sua casa, a deshonra das suas cans. Abra os olhos senhor.

Pantaleão—Tomára-os eu ter de bazilisco para os arregalar sobre ti, malvado, que te fulminassem ahi morto! Não sei onde estou que... (*Chega-se a Thomé, e apalpando-o*) Estás ferido, homem? estás mal? Sentes-te?...

Thomé—Sinto as hordoadas que me arrumou o sr. seu sobrinho...

Pantaleão—Indigno, salteador, sacrilego! nem tu sabes o crime que commetteste, bandoleiro!

Sebastião—Sei, sim senhor: commetti o crime de castigar um insolente e de lhe ensinar a olhar para uma menina de bem.

Pantaleão—Que menina? que menina, tolo.

Sebastião—Que menina?... Eu é que sou o tolo... A menina é minha prima, sua filha, para

quem esse vil sevandija se atreve a levantar os olhos.
Pantaleão—Deixal-o levantar... que levante. Quero eu que os levante... Hade levantal-os, póde levantál-os, deve-os levantar. E V. mercê abaixe, abaixe, torne a abaixál-os, e safe-se-me d'aqui antes que eu...
Sebastião—Oh senhor, será com os meus ouvidos que o eu estou ouvindo? Meu tio, meu tio repara bem, sabe bem quem é esse homem?
Pantaleão—Sei, sim senhor, sei muito bem, sim senhor. Assim o souberas tu, meu patarata. Vae, vae, vae para o botequim lêr os periodicos, vae votar no regedor da parochia, vae, que d'essas coisas entenderás tu, mas d'isto não pescas.—Meu Thomé, meu pobre Thomé! deixa estar que eu te despicarei.
Sebastião—Mas, meu tio...
Pantaleão—Não sou seu tio, já não sou seu tio, não lhe sou nada, não lhe quero ser nada.
Sebastião—Mas, senhor, minha prima...
Pantaleão—Sua prima... sua figa! Só não sei quê, que o parta...
Sebastião—Esse homem, senhor...
Pantaleão—Este homem é um homem... a quem tu não és digno de desatar as corrêas dos sapatos... um homem como já os não ha... como nunca houve outro. E minha filha, minha filha... tem mais juizo do que tu, e sabe apreciar... Vae-te, safa-te, desapparece, tira-te da minha presença.
Sebastião—Vou, vou, meu tio... e Deus queira! Mas olha tu, remendão indigno, olha bem para mim e lembra-te...

SCENA XII

PANTALEÃO, THOMÉ, LAZARO
e PRATICANTES

Pantaleão—Deixa-o ir, deixa-o ir; não tenhas medo d'elle. Eu tomarei conta em ti Ah India, India! Ah boas náos da India para me levarem estes brejeiros e limpar a cidade! Deixa estar que.. Vamos, meu Thomé, vamos d'aqui, que temos muito que falar, muito, muito!—Rapazes levem isso, tomem conta na botica, que eu hoje não sáio mais de casa. Anda, Thomé.
Thomé *(áparte)*— Não ha duvida; sou um grande homem, sou coisa muito grande devéras... Mas quem diacho sou eu?

Côro

Vá toda a futrica,
Vá para a botica!
E toca a brincar,
A rir e a cantar;
Que hoje a dôze d'opio que toma o patrão,
Dá em grande funcção.

ACTO SEGUNDO

Sala em casa de Pantaleão. Portas ao funda; e entre ellas o retrato de D. Sebastião de corpo inteiro, armas brancas, grandeza natural. Velas accesas deante. Portas lateraes.

SCENA I

ANNA *sahindo pé ante pé do fundo*, (CÔRO *dentro*)

Anna—Elles já estão bons... têm-lhe bebido! Póde vir el-rei D. Sebastião quando quizer, ou quem quizer em vez d'elle, que não é Pantaleão nem nenhum dos que com elle estão que já sabe de que côr é esta linha. Olhem o que lá vae!

Côro, (*dentro*)

Hade-se chamar Gonçalo
Já que n'esta casa entrou.

Anna—E aquella teima do nosso Pantaleão, que o meu homem não é Thomé que é Gonçalo! Hade ser das taes sebastianices... mas esta não entendo eu, tomára quem m'a explicasse!

SCENA II

DITOS *e* SEBASTIÃO *sahindo da esquerda com um grande embrulho debaixo do braço*

Sebastião—Explico-t'a eu.
Anna—Ai, credo! que medo que me metteu, sr. Sebastião, menino! Por onde entrou?
Sebastião—Pela porta... inda que eu saiba de sahir pela janella; que meu tio se me pesca...
Anna—Não hade pescar; tem a minha protecção. Mas a porta estava aberta?
Sebastião—Abri-a com a chave de trinco que tu me déste inda agora.
Anna—E' verdade... já nem me eu lembrava. Se esta cabeça... Então traz tudo?
Sebastião—Tudo.
Anna—Dê cá (*Tomando o embrulho*). Deixe-me ir guardar isto onde hade ser preciso. E esteja ahi quieto que eu vou chamar a menina. Mas primeiro diga-me, já que diz que sabe; porque é esta teima do seu tio de chamar ao Thomé, Gonçalo?
Sebastião—Dize-me tu outra coisa antes. O teu Thomé far-se-ha Thomé commigo, ou André ou Barnabé?... olha que eu...
Anna—Já lhe disse o que lhe havia dizer; fie-se em mim, que tudo hade ir bem.
Sebastião—Então queres saber do Gonçalo?
Anna—Oiça, oiça o que elles cantam.

Côro (*dentro*)

Hade-se chamar Gonçalo
Já que n'esta casa entrou:
A tripeça do propheta
Com elle resuscitou.

Sebastião—Gonçalo, Gonçalo. . A dizer-te a verdade, eu não me lembra já bem d'estas tonterias que meu tio me fazia lêr quando era pequeno. Mas ai! espere, é isso. A tripeça, as prophecias... E' a historia do Bandarra: querem vêr? Pois é; é que se chamava, por signal, Gonçalo Annes Bandarra, o tal sapateiro que fez as trovas, as prophecias, estas nigromancias em que meu tio tem tanta fé. Pois é isso.
Anna—Então hade ser; não é outra coisa. E como o Thomé sabe muitas das taes trovas, como lhe elles chamam, de que seu tio gosta tanto... é isso... é que lhe chama Gonçalo, como quem diz que elle é outro Bandarra.
Sebastião—Não tem que vêr.
Anna—Inda bem!
Sebastião—Inda bem porquê?

Anna—Porque é muito melhor para o nosso caso. Verá.

Sebastião—E o que têm elles estado a fazer lá dentro?

Anna—Ai menino! não faz ideia. Estão todos vestidos como um bando para as luminarias, de capas cahidas, chapéos com plumas... é um riso. O pobre do Thomé arranjaram-no como o neto dos touros de colleira teza de folhos e capinha, com laçaréos encarnados nos sapatos. Estão uns ricos feitios todos que é morrer. E as filhas do sr. Procopio, a sobrinha de fr. Bernardo, todas vestidas de galla... mais a nossa menina tambem, sua prima, por mais que ella não queria, não houve remedio: estão de plumas e flores na cabeça; parecem umas princezas. Diz que assim é que eram os noivados n'outro tempo, no tal bom tempo que elles dizem que era e que hade tornar. Emfim, o oratorio prompto, as escripturas lavradas. O tabellião póde-se dizer que é de casa, ora, o sr. Procopio! só o nome do noivo é que está em branco na escriptura, pela tal teima que o Thomé não é Thomé. Eu muito me rio, porque, o menino bem sabe, Thomé ou não Thomé tanto póde elle casar como eu. Mas sabe quanto lhe dá de dote o sr. Pantaleão á nossa menina? Trinta mil cruzados. E não é lá em papeis, nem n'esses trapos de notas azues e verdes e encarnadas que por ahi andam desde que tudo é pêta n'esta terra, até o dinheiro... não senhor, é em peças, peças amarellas, amarellinhas de cegar o olho, menino! .. e bem contadas n'um saquinho de velludo encarnado, que é um amor d'um saquinho... faz gosto e alegra o coração de vêl-o.

Sebastião—Pois o dito, dito, minha Anna, tens certa a logea de capellista, em a coisa se arranjando, e leve a breca a troixa!

Anna—Entrouxado seja o démo n'ella, menino, que já estou cansada de a trazer debaixo da capa! Mas deixa-me ir, deixa-me ir, que é tempo.

Sebastião—Pois vae.

SCENA III

SEBASTIÃO *depois* CATHARINA

Sebastião—Se eu me saio bem d'esta! A carta é arriscada, mas não tinha outra que jogar. Meu tio é um homem que não entende razão...

Catharina—Primo, primo, eu não tenho ânimo; desdigo-me do que disse. Busquem outro modo.

Sebastião—Já não póde ser, querida prima: está tudo arranjado, e agora é impossivel tornar atraz.

Catharina—Pois eu heide fazer similhante coisa... casar-me com um .. Jesus! com um remendão d'escada?

Sebastião—Mas se a Anna nos assegura que não tem perigo, que não chega a esse ponto, que basta que a menina diga que sim a seu pae, que está prompta a obedecer-lhe, que finja que é muito Sebastianista... e que o mais tudo se arranja?

Catharina—Eu sei, eu sei!...

SCENA IV

ANNA, CATHARINA *e* SEBASTIÃO

Anna—Saia, saia, já, já, que elles não tardam ahi. Vá e fique-se quieto ahi na escada que eu lá o irei buscar pela porta da cosinha quando for tempo.

Sebastião—Querida prima, ânimo! Então?

Catharina—Pois eu prometto, eu farei quanto podér... mas tenho medo...

Anna—Medo de quê? Não verá! Deixe-a commigo, menino, vá, vá, e vá descansado. (*Fal-o sahir e fecha-lhe a porta.*)

SCENA V

CATHARINA E ANNA

Catharina—Meu pae está como nunca o vi... pateta, pateta de todo, Deus me perdôe!

Anna—Inda bem! Isso é o que nós queremos.

Catharina—Inda bem!

Anna—Inda bem, sim senhora; e não lhe posso dizer mais nada agora; logo verá, descance. Ai menina! que comedia, que comedia! Se soubesse o que por lá vae! ..

Catharina—Já sei demais; fingi que me doía a cabeça e levantei-me da mesa para não vêr aquillo. Faz-me dó ver meu pae com aquellas tolices... meu pae, um homem serio e sizudo a cantarollar, a beber .. elle que nunca bebe um calix de vinho...

Anna—Deixe-o beber... quanto mais elle beber, melhor... Eu cá me entendo. Espere, não ouviu bater mansinho? Hade ser o Lazaro... (*Chega á porta*). E's tu, Lazaro?

Lazaro, (*de fóra*)—Sou eu: cá vou para a cosinha e tudo fica prompto n'um quarto de hora. (*Canta*)

Só opio é que não;
Que todo o que havia tomou-o o patrão.

Anna—Calla-te, maldito. (*Falando para a scena*) E' um demonio o Lazaro; sem elle não se arranjava tudo tam bem.

Côro, (*dentro*)

Já o tempo desejado
É chegado,
Segundo o firmal assenta.

Anna—Parece o côro das Trinas do Mocambo. Para que lhes havia de dar aos patetas dos ginjas! Para se pôrem a cantar d'aquella edade, com as vozes a tremer. Mas oh menina, elles cuidamde certo que o Thomé que é el-rei D. Sebastião?

Catharina—Não sei bem o que elles cuidam; uma vez me parece uma coisa, outra vez outra. Mas o que eu sei bem é que meu pae que está firmemente persuadido que o Thomé é uma grande personagem encuberta, e que por força me quer casar com elle.

Anna—Ai que riso! Ah, ah, ah! (*rindo*).

Catharina—Ri-te, ri-te, cá estou eu para chorar. E' que tu não sabes o que é meu pae, em se lhe mettendo uma coisa d'estas na cabeça.

Anna—Não, não sei: se eu o não soubera, e se assim não fosse, bem estavamos nós! Ora o Thomé, o mono!

Catharina—Deante d'elle m'o disse, e deante dos seus amigos todos, que approvaram; e tiveram a confiança—o animal de fr. Bernardo é que mais zanga me faz—tiveram o descôco de me dar os parabens!

Anna—E o Thomé—diga, menina: o parvo do remendão o que dizia?

Catharina—Eu sei cá o que elle dizia? Pôz-se-me a fazer olhos e visagens, que eu córava de raiva e de vergonha. Até me parece—espera—até me parece que me chegou a dizer finezas... Meu pae sempre me faz passar por coisas!

Anna (*áparte*)—Tu m'o pagarás, tratante! (*alto*) Ah! elle dizia-lhe finezas!

Catharina—Creio que sim. E de uma vez—agora me lembra—parece-me que me disse assim baixo: «Fale com a Anna, a Anna da Trouxa... A trouxa que nos valha!»

Anna—Isso então é outra coisa; deixe a menina estar; tudo hade acabar em bem.

Catharina—Hade sim! Pois não? Meu primo Sebastião, que já meu pae o não podia vêr, foi-lhe hoje dar pancadas no Thomé...

Anna—E não foram mal dadas: tudo isso nos ajuda. Olhe, menina, elles veem ahi com a sua mascarada de procissão áquelle retrato. Deixe-os vir, e faça-se tola como elles.

Catharina—Já eu estou n'este trajo que vês, estou quasi mascarada.

Anna—Pois isso; ponha de conta que é entrudo, que entra n'uma comedia, e faça o seu papel.

Catharina—Mas qual é o meu papel, e se o poderei eu fazer?

Anna—Enthusiasme-se, seja-me Sebastianista exaltada. A quantas loucuras elles disserem, applauda. A tudo o que lhe perguntarem, diga que sim.

Catharina—Que sim! Pois quando me perguntarem se eu quero casar com?...

Anna—Diga que sim.

Catharina—E depois?

Anna—Depois... veremos quando lá chegarmos.

Catharina—N'essa não caio eu. Casar me!

Anna—Deixe-se casar.

Catharina—Com elle?

Anna—Com o proprio D. Sebastião que lhe appareça. Deixe-se casar, o tudo é casar... o caso é casar. Depois...

Catharina—Depois?

Anna—Depois.. Já lhe disse: veremos. Em uma palavra, fia-se em mim ou não se fia?

Catharina—Fio-me, minha Anna, fio, que só tu me podes valer.

Anna—Ora pois então, faça o que eu lhe digo, e deixe o mais por minha conta Olhe, menina, elles a representar a sua comedia que cuidam que é devéras...—E o que é esta vida toda senão uma comedia?. . valha-me Deus!—deixe-os representar a sua comedia. Mal sabem elles que eu é que sou o ponto, ou o contraregra, ou como é que se diz?

Catharina—Dizes bem, contraregra: é o que está detraz dos bastidores e que manda sahir e entrar os outros.

Anna—Sem ninguem o ver de fóra?

Catharina—Sem ninguem o ver de fóra.

Anna—Pois é como é. Eu é que sou o contraregra n'esta comedia: eu é que os faço sahir, eu é que os faço entrar. Verá como lh'a eu acabo, a comedia. Prometti-lh'o á menina e a seu primo: hoje se hade desfazer esta troixa

Catharina—Elles ahi vêem.

Anna—Que venham em boa hora. Eu vou lá dentro e aqui estou já.

SCENA VI

CATHARINA, PANTALEÃO, *de capa e volta com uma especie de guião branco como o da camara*, THOMÉ *ridiculamente vestido no trajo de D. Sebastião*, PROCOPIO *e varios outros ginjas de capa e volta*, FR. BERNARDO *de samarra*, *varias senhoras moças vestidas de gala*, LAZARO *e os* PRATICANTES *com tochas, etc.*, *tudo perfeitamente caricato*; *e vêm em fórma de procissão. Inclinam-se deante do retrato de D. Sebastião e formam alas*, *Pantaleão e Thomé ficam no meio. O côro vem cantando.*

Côro de damas

Já o tempo desejado
É chegado.
E el rei D Sebastião,
Que ao leão corta a garra,
Já levanta o seu pendão.

Côro todo

Viva el-rei D. Sebastião
E o seu propheta Bandarra!

Pantaleão (*com solemnidade ridicula*)—Eil-o aqui, meus amigos; achei-o eu, e não me custou pouco. Estava-me reservada esta glória; e creio que posso dizer sem vangloria que esta glória que a merecia a minha lealdade, a minha fé, a minha constancia.

Todos—Muito bem, muito bem! oiçam, oiçam.

Pantaleão—Não me agradam essas palavrar peralvilhas, meus amigos. Acceito a expressão do vosso enthusiasmo, da vossa approvação, mas rejeito... Rejeito tambem é... não quero: desaprovo a fórma. Não estamos aqui n'isso que elles chamam as côrtes!. . Mas estamos, quasi se póde dizer, na côrte do maior e melhor dos reis...

Todos—Apoiado!

Pantaleão—Não apoiem, não apoiem, que não digo mais palavra.

Todos—Fale, fale!

Pantaleão—Peior, peior, peior! Tal e qual como elles. Emfim, senhores, oiçam e callem-se que assim era d'antes, e assim hade tornar a ser se Deus quizer—e quer.—Falar, falo eu; e os outros é para ouvir.—Sim meus amigos. Já o tempo é chegado. Já não são os fatidicos buchos de pescada em que nós, como os antigos augures, iamos estudar os segredos do futuro. Já não é o cacarejar prophetico da gallinha que nós espreitavamos com anciedade para ver se sahia ovo com lettra, e se a lettra dizia: «Viva o encuberto!» Já não são os amarellos calhamassos do pretinho do Japão, da madre Leocadia, as proprias trovas emfim do grande Bandarra! (*Inclina-se a Thomé*) do grande, immortal e immorredoiro Gonçalo Annes Bandarra! (*Inclina-se mais profundamente.*) Não, não é já essa escriptura mysteriosa e symbolica a que precisâmos decifrar para saber a quantas andamos, e quando será o dia, o dia feliz em que, por entre a nevoa e a cerração, hade resurgir outra vez o sol de Portugal, a sua glória antiga, o seu rei verdadeiro, o imperador da quinta monarchia! Não, meus amigos, já nada d'isso precisâmos. Os incredulos vão ser confundidos, e os fieis premiados. Acabaram-se as duvidas e as incertezas, hoje vamos saber tudo. *Ecce homo*, eis aqui o homem!

Côro

Baile Fernando e Constança!
E pois que tudo já vemos,
Pelo bem que lhe queremos,
Seja elle o mestre da dança!

Pantaleão—O mestre da dança hade ser... e que dança!—Este é o mestre, sim, meus amigos, o mestre! o homem dos seculos, o homem que não morreu nem podia morrer. Sim, porque o nosso rei, o nosso libertador está vivo. Não o acreditaes? Falae; agora que é preciso, podeis falar. Acreditaes firmemente que está vivo?

Todos—Firmemente.

Pantaleão—Bem! Pois eu digo, e pela mesma razão, que tambem o seu propheta não podia morrer.—O propheta Elias foi arrebatado n'um carro de fogo, e não deixou n'este mundo senão o seu manteo. O propheta Bandarra não sei o que deixou nem em que foi arrebatado, mas n'alguma coisa havia de ser... O caso é que o foi. Não o acreditaes?

Todos—Por certo! assim seria.

Pantaleão—E assim foi, nem podia deixar de ser. Por onde elle tem andado estes tres seculos, não sei, mas hade ser por bons e honestos sitios, que não é homem para menos. Não sei por onde andou até agora; elle o dirá se quizer, o grande homem; mas sei que voltou; que está entre nós, que está perto de nós, que está aqui... aqui n'esta casa, inda mais—que jantou hoje comnosco!

Procopio—E' possivel!

Todos—E' possivel!

Pantaleão—Que restituido a uma vigorosa e gentil mocidade, hoje me vae fazer a honra de celebrar esponsaes com minha filha Catharina. Filha ditosa,

filha de bençam, vem minha filha predilecta, e sejas tu a primeira a saudar o grande propheta, o precursor immortal da nossa felicidade, o excelso Gonçalo Annes Bandarra que aqui vos apresento senhores. (*Vae buscar a filha e a traz para o pé de Thomé.*)
Thomé—Com que... eu sou?...

SCENA VII

DITOS e ANNA *que entra pelo fundo e se approxima de Thomé*

Anna (*áparte*)—E's, és o Bandarra; e adeante!
Thomé (*aparte a Anna*)—Adeante? Sempre até o casorio?
Anna (*áparte a Thomé*)—A tudo.
Thomé (*do mesmo modo*)—Bem! agora o verás: espera (*Alto*) Sim, vassallos fieis e illustres cidadãos... (*A'parte*) Oh diacho! cidadãos não é d'aqui, é lá das eleições. (*Alto*) Vassallos, fieis, fieis... independentes... (*Aparte*) Independentes tambem é dos eleitores, com a bréca! (*Alto*) Sim eu sou... (*áparte*) Porque não heide eu sel-o) (*Alto*) Sou o Bandarra! O proprio Bandarra em pessoa, que era sapateiro como eu, remendão como eu... e cuja tripeça não tinha senão tres pés como a minha. Podéra! Se elle era eu, e se eu sou elle! Muito tempo o neguei, nem eu sei porquê... Ah! sei. E ainda digo mais—cidadãos... quero dizer, fieis vassallos, ainda digo mais para ser franco e sincero comvosco, que este é o logar da franqueza, o templo da sinceridade...
Pantaleão—O templo da sinceridade... Sublime, sublime!
Anna (*baixo a Cathcrina*)—Vem ahi asneira muito grossa, menina.
Catharina (*baixo a Anna*)—Se elles desconfiam!...
Anna (*do mesmo modo*)—Não tem perigo: estes sim!
Thomé—Este, digo, é o logar da franqueza, senhor presidente.. quero dizer, senhor Pantaleão, Pantaleão de Sá, que presidís a esta illustre assembleia...
Pantaleão—Eu, meu senhor, eu!
Thomé—Presidís que mando eu.
Pantaleão—Ah! Se mandaes é outro caso: presidirei e falarei...
Thomé—Fareis favor, primeiro que tudo, de me mandar buscar um copo d'aquelle vinhote cerceal da madeira, que ainda ficou lá na mesa uma garrafa quasi cheia. E' um vinho secco e são, proprio para estas seccuras de garganta, que se me pregaram desde que estive n'aquella maldita ilha encoberta.
Pantaleão—Maldita!
Thomé—Quero dizer, abençoada! E abençoado seja tudo o que d'ella vem e está para vir, que a mim nunca de lá me veiu senão bem e fortunas e... Mande buscar o vinho, senhor Pantaleão, que se me sécca de todo a garganta, e a prosa tambem. (*Pantaleão sae e volta logo com uma salva com a garrafa e copo, dizendo primeiro*).
Pantaleão—Vou, vou já meu senhor (*áparte*) Forte homem é o propheta, e muito bebe!
Thomé—Bem! vá... aliás, ide, e tornando ao meu caso, ou ao meu ponto, que eu não faço obra senão ponteada ou pespontada e tambem de vira; e lá diz a trova, a minha trova lá digo eu:

Metto a sovella nas viras.

Tornando ao meu ponto, digo que neguei por muito tempo quem eu era, e neguei-o com boa razão... é que eu mesmo o não sabia.
Procopio—Não sabia!
Thomé—Não o sabia, não. E foi preciso... (*Toma o copo da mão de Pantaleão e bebe*)—Ah Pilho, Pilho, d'este nunca tu viste, nem o Zoina! Foi preciso que o meu amigo Pantaleão, este grande homem. (*Pantaleão faz reverencias profundissimas*) este vassallo fiel, qual outro Epaminondas...
Pantaleão—Eu Epaminondas, senhor! oh!...
Thomé—E's Epaminondas, Pantaleão, és; sou eu que o digo, e fica dito: és mais que Epaminondas, és um verdadeiro (*A'parte*) pedaço d'asno é pouco! (*Alto*) és um verdadeiro Rhadamanto.
Pantaleão—Rhadamanto! o grande juiz da antiguidade!
Thomé—Juiz (*A'parte*) Ah! elle era juiz, o tal Rhadamanto! deixál-o ser. (*Alto*) Juiz! E que maior, que melhor juiz do que tu, que logo ajuizaste que eu era o grande Bandarra, e que te não deixaste embaçar por quatro tombas que me viste deitar, por quatro asneiras que me ouviste dizer, e logo disséste: Aquelle é o Bandarra?
Pantaleão—De alguma coisa me havia de servir o meu profundo estudo que ha sessenta annos, tenho feito das vossas obras immortaes! oh sancto propheta.
Thomé—Propheta sou, dizes bem: e a ti te prophetiso, ó Pantaleão, e á tua filha Pantasilea. .
Pantaleão—Minha filha elevada á cathegoria de Pantasilea! Isto é honra de mais; eu não merecia... Agradece, filha.
Thomé—A ti e a ella prophetiso eu que na hora em que chegar el rei meu amo, haveis de ficar ambos... patetas.
Pantaleão—Se eu já o estou, só de vos vêr a vós, ó grande homem, que fará?...
Anna—Oh senhor Bandarra, senhor Bandarra, e a mim que me prophetisa v. ex.ª?
Pantaleão—Tu déste-lhe excellencia, Anna?
Anna—Então que lhe havia de dar. Senhoria hoje em dia tem os gatos.
Thomé—Dá o que quizeres, mulher, que nós tomamos o que nos dá gosto. E principalmente dá-me vinho (*Anna dá-lhe vinho que elle bebe*) Ah Pilho, Pilho, (*Baixo*) que d'este... vou bem, mulher?
Anna (*baixo*)—Vaes; mas avia-te, que já vae sendo massada. E são horas: tudo está prompto.
Thomé—Pois sou, meus senhores, sou eu o Bandarra. E as minhs trovas, as minhas prophecias, sou eu que as venho cumprir e fazer cumprir. Attenção!
Pantaleão—Attenção!
Todos—Attenção!
Thomé—

> Oh quem tivéra podêr
> Para dizer
> Os sonhos que um homem sonha!
> Mas hei medo que me ponha
> Gran'vergonha
> De m'os não quererem crer.

Isto quer dizer que se não espantem de nada do que virem e ouvirem.
Pantaleão—E' claro, clarissimo. E eu que nunca tinha entendido aquella!
Thomé—Callae-vos Pantaleão.
Pantaleão—Estou mudo.
Thomé—

> Este será o primeiro
> Que porá o seu pendão
> Na cabeça do dragão:
> Derrubál-o-ha por inteiro.

Isto quer dizer que el-rei D. Sebastião que não tarda, que ahi vem. Mas quando vem, a que hora vem...
Lazaro—De madrugada muito cedo. Até ahi sei eu.
Pantaleão—Calla-te ignorante.
Thomé—Calla-te infimo bazalicão. Esse era o credo velho, pateota, quando vocês iam para o alto de

Santa Catharina esperar por mim e por meu amo, em havendo cerração na barra; quando tu, honesto Pantaleão, enganado por traidora pescada, foste alli á Pampulha, onde te correram os gaiatos á pedrada... Mas não falemos mais n'isso: o que lá vae, lá vae. Vejam que horas são.
Procopio—São onze horas e meia.
Thomé—Onze e meia! Bem. Chega a hora. A' meia noite em ponto, hoje, aqui, n'esta casa o vereis.
Todos—Quem?
Thomé—O original d'este retrato, el-rei meu augusto amo, o sr. rei D. Sebastião.
Pantaleão—N'esta casa!
Todos—N'esta casa!
Thomé—N'esta mesma casa, d'aqui a meia hora.
Pantaleão—Que gloria, que fortuna! Eu endoudeço. É possivel? Oh senhor .. Mas como heide eu? .. Valha-me Deus! Como hade isto ser? Não ha aqui ninguem que saiba, que possa...
Thomé—Homem de pouca fé, observa e attende. Sr. Procopio vocemecê é ou foi escrivão, e hoje?
Procopio—Tabellião de notas, é o meu officio.
Thomé—Bem: está nomeado notario regio, e escrivão da puridade. É uma especie de secretario d'estado: não se admire: hade chegar a todos. Sente-se e escreva. (*Procopio faz o que lhe dizem, Thomé prosegue dictando*) Usando e abusando ..
Procopio—Zando.
Thomé—Dos poderes que me são concedidos...
Procopio—Didos.
Thomé—Em nome do Encoberto...
Procopio—Berto.
Thomé—Nomeio mordomo mór a Pantaleão de Sá...
Procopio—Taleão de Sá.
Thomé—Que o tenha assim entendido!
Procopio—Dido.
Pantaleão—Senhor!
Thomé—Acceita ou não acceita?
Pantaleão—As minhas molestias, senhor... mas o serviço d'elrei e o desejo...
Thomé—Bem: é a cantilena do costume. Dê-a por dita e vamos adeante. Tome o seu logar. Vá lavrando os outros decretos. Para estribeiro mór Braz Fagundes. É o senhor?
Pantaleão—O meu compadre que tem seges d'aluguel.
Thomé—E vocemecê que tem? Implastos e vomitorios. É o que elles são! Em subindo já os outros lhe parecem... Pois hade ser alguma coisa mór o Fagundes, seja o que fôr, logo veremos. O padre fr. Bernardo, esmoler-mór, ninguem lh'o tira Falta-lhe o habito; mas o habito não faz o monge, como todos sabem e vossa Reverendissima ficava fr. Bernardo inda que lhe pozessem uma albarda. Damas, todas estas senhoras; camaristas, tudo isso. A minha Anna açafata, e que deixe a troixa. Tenho concluido o despacho, e el-rei que venha quando quizer. Estaes satisfeito, Pantaleão?
Pantaleão—Tanta bondade, senhor! Mas permittame sómente que lhe observe. Alguns d'esses empregos... ha pessoas com direitos adquiridos a elles...
Thomé—Não quero saber de direitos nem de tortos. Estou a organizar o paiz.
Pantaleão—Ah! se isso é organizar o paiz!
Thomé—Pois organizar o paiz o que é, pateta, senão repartir a gente por si e pelos seus amigos?... Está bom; não me façam falar. Lembrem-se que eu que sou propheta, e não me puxem pela lingua.
Pantaleão—E o consorcio, senhor? Minha filha a quem estava promettida a honra...
Thomé—Não me esqueço; não cuide: mas ahi é que bate o ponto, ahi é o... Sr.ª D. Catharina?...
Catharina—Thomé!
Pantaleão—Qual Thomé, rapariga? Estás louca. Gonçalo, sr. Gonçalo...

Côro

Hade-se chamar Gonçalo
Já que n'esta casa entrou.

Thomé (*áparte*)—Entrar, entrei eu Gonçalo, agora como heide sair?... Adeus! animo, e adeante, D. Catharina?
Catharina—Que determina, sr. Gonçalo?
Thomé—Gonçalo!... E porque me não chamas Gonçalinho, o teu Gonçalinho, objecto dos meus cuidados, pespontada biqueira do meu coração, obra da medida da minha alma?
Catharina—Ai que coisas que diz! E tudo cheira a serol.
Pantaleão—Catharina!
Thomé—Mas que serol! O serol da prophecia, como diz seu pae, menina! Serol que unge e consagra, e que me dá a gloria de unir esta mão besuntona (*Dá-lhe a mão*) á delicada mão da minha... (*Baixo a Catharina*) Calle-se e aguente que é preciso. Anna não lhe disse?
Catharina (*baixo a Thomé*)—Disse, disse: mas vae sendo tam comprido isto!
Thomé (*baixo a Catharina*)—Agora, agora: não se impaciente. (*Alto*) Deixa-me, ó Catharina, apertar na minha a tua mão, e...
Catharina—Tire para lá, não quero.
Pantaleão—Catharina, rapariga, que fazes? Apertae, apertae, ó illustre Gonçalo: vossa é a mão de Catharina. Dá a mão, mulher, dá...
Thomé—Esta mão que beijo (*Aperta e beija a mão de Catharina*). (*Dão tres pancadas solemnemente detraz do retrato de D. Sebastião.*)
Todos—Jesus!
Pantaleão—Foi o retrato d'el-rei.
Todos—Misericordia!
Thomé—O retrato! Se fosse o retrato... (*A'parte*) E' o outro que se zanga; tenha paciencia. (*Alto*) Esta mão, ó Pantaleão, não póde ser minha.
Pantaleão—Que oiço!
Thomé—Isto mesmo. E ouvistes aquellas solemnes e tremendas pancadas? Não foi retrato... foi... não posso encobril-o mais... foi o original.
Pantaleão—O original!
Thomé—Sim, callae-vos e attendei. Sim, o original. Aquellas tremendas pancadas querem dizer...
Pantaleão—Querem dizer?
Thomé—Querem dizer que el-rei não está contente commigo, e que incorrerei no seu real desagrado se já, já não executo as ordens que recebi ao partir da ilha encoberta. Dizei-me, Pantaleão, ou antes que direis vós se o genro que vos está destinado, em vez de ser o propheta, fosse... em vez de ser a sombra fosse?...
Pantaleão—Que dizes, homem? Eu tremo, eu quasi que... Eu caio n'esse chão por morto.
Thomé—Pantaleão, attenção! Attenção, todos. Procopios e Procopias, Annas da troixa e Annas sem troixa.

Todos quantos aqui estaes
E que patetas ficaes
De ver e ouvir os signaes
D'estes casos immortaes,
Pasmae, pasmae,
E por terra vos prostrae.

Os ginjas ajoelham todos

E tu, ó Catharina
(*A'parte*) Vamos! dê-me a mão, menina.
Tu só, pelo teu pé, que teu nome é,
Tu vem, chega-te e vê.

Real senhor, apparecei. (*Desapparece o retrato e apparece um homem tal e qual como elle, mas com a viseira descida*) Eil-o ahi, o encuberto já descuberto.—Real senhor, esta é a esposa que desde tantos seculos vos estava destinada nas minhas prophecias. Eu as fiz e eu as cumpro. Se todos os prophetas fizessem outro tanto, não haveria quem duvidasse d'elles.—Acceitae-a da minha mão, esta esposa, senhor, por quem tendes desprezado filhas de reis e de imperadores, sobrinhas de papas, netas de sultões e a propria viuva do Preste João das Indias.—Que me dizes a isto Pantaleão? (*A'parte a Anna*) Péga a coisa, mulher?

Anna (*baixo a Thomé*)—Vae optimo. Péga, péga. Anda para deante.

Thomé—Pantaleão, eis aqui o premio de teus longos serviços. (*Põe a mão de Catharina na do homem armado e diz baixo para elles*) Animo! a coisa está feita. Agora não larguem (*Alto*) Procopio, lavrae as escripturas, eu assigno de cruz.

Pantaleão—Será possivel! São os meus olhas que vêem, os meus ouvidos que ouvem?—Real senhor, será certo que vossa magestade?...

Thomé—Silencio Pantaleão. Ninguem, senão eu, póde dirigir a palavra ao Encuberto: é contra a etiqueta.

Pantaleão—Ah! se é contra a etiqueta...

Thomé—Fr. Bernardo, sr. esmoler mór, vamos ás bençãos ao oratorio. Pantaleão, ide buscar o dote.

Pantaleão—Pois el-rei quer?...

Thomé—Nada, não quer! Tão rico vem elle com trezentos annos, ou quantos é que é, de estar mettido na tal ilhazinha!

Pantaleão—Trinta mil cruzados, é o mais que eu posso...

Thomé—Venha para as urgencias do estado.

Pantaleão—Real senhor!

Thomé—Não lhe fale, já lhe disse, nem elle o ouve nem lhe responde emquanto não fôr manhã bem clara... quero dizer, bem cerrada... ao meio dia em ponto.

Pantaleão—Pois não me disse inda agora que á meia noite é que era?

Thomé—Pantaleão, não me seja incredulo, meia noite para chegar, meio dia para falar. Verá como elle fala ámanhã.

Pantaleão—Bem, bem! Já me callo eu.

Thomé—E vá buscar o dóte.

Pantaleão—Vou.

Thomé—Tome cada um o seu logar e saia a côrte. Sem cerimonia, meus senhores. Está dispensada a etiqueta. Toquem as charamellas. Isto vae em ar de procissão, visto que vamos para a capella. Tudo adeante, eu e el-rei e a esposa no coice. Vamos! (*Vão sahindo todos pouco a pouco*).

Thomé (*canta*)—

Já o tempo desejado
E' chegado;
E el-rei D. Sebastião,
Que ao leão corta a garra,
Já levanta o seu pendão.

Côro

Viva el-rei D. Sebastião
E o seu propheta Bandarra!

Thomé (*baixo a Catharina*)—Conhece-o?

Catharina (*do mesmo modo*)—Conheço.

Thomé *do mesmo modo*)—E' Sebastião ou não é?

Catharina (*do mesmo modo*)—Oh se é. E'sta prophecia sahiu bem certa.

Thomé—Ora casem, vão-se deitar, e ámanhã explicarão as prophecias ao velho. (*Para o publico cantando*)

E vós todos que me ouvis
E assistís
A esta grande funcção,
Fazei todos algazarra
E applaudí a acclamação.

Côro

D'el-rei D. Sebastião
E o seu propheta Bandarra.

O NOIVADO NO DÁFUNDO

O Noivado no Dáfundo, ou *Cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso*, foi publicado pela primeira vez em 1857 pela empreza *Theatro moderno;* fôra o sr. Francisco Palha de Faria Lacerda que, competentemente auctorizado, lhe offerecêra o manuscripto.

A sua carta que acompanhára o offerecimento, sendo a historia do *Proverbio*, pedimos-lhe licença para aqui a transcrevermos.[1]

O ED. C. G.

---

[1] «O *Proverbio* que, com auctorização competente lhe envio para ser publicado, é o auxilio mais valioso que posso prestar á empreza do *Theatro moderno*.

«Se ella não vingar á sombra do nome illustre do Visconde de Almeida Garrett, não seriam de certo os meus fracos serviços, e muito menos os meus obscuros e humildes escriptos, que haviam de ir animal-a.

«A estas poucas scenas, esboçadas em tres ou quatro horas para serem ensaiadas e representadas n'uma sala, e em familia não dava importancia alguma o seu auctor; porém os assignantes da sua collecção, meu amigo, é que lh'a hãode dar, porque—ainda que o Visconde de Almeida Garrett conversava ao mesmo tempo que estava delineando e escrevendo essas paginas — nem por isso lhes falta a graça e elegancia d'aquella penna immortal.

«Para mim, sei eu que este *Proverbio* tem immenso valor;—é a recordação de um tempo alegre — passado em companhia de pessoas que eram muito queridas á minha alma, e algumas das quaes já não existem; — é a memoria viva da amizade com que me honrou o grande poeta, a quem paguei, e heide pagar sempre, com muito respeito, e muito enthusiasmo pelo seu peregrino talento.

«E para me ficar completo este monumento de saudade, publique-se tambem a carta que veio acompanhando o *Noivado no Dáfundo*. O original de tão preciosa reliquia conserval-o-hei toda a minha vida com o entranhavel amor que merece um thesouro de tão grande preço.»

F. PALHA.

EPISTOLA ROMANTICA

Caxias, 9 de setembro de 1847.

Oh tu que as praias do Dáfundo habitas
E abertos olhos na ventura fitas—
Como a aguia fita o sol—eu te saúdo
De um saudar invejoso e quasi rudo.
Porque... porque... O que é saudar? É um brado,
Uma voz ôca e van, um som coado
Por labios de homem... E o homem? Um segredo,
Um mysterio de duvida e medo,
Uma coisa que fez a natureza
Como a luz faz a sombra — sem despeza
De calor — e até...
Joven das praias,
Não me digas que divago e me dês vaias,
Que isto é puro romantico elevado,
Sublime, philosophico, exaltado,
E sobretudo novo... Maldição!
Maldição sobre quem disser que não!

Ora, pois, n'este dia que entre os dias
Da vida do universo está marcado
Para o mais triste dia de Caxias,

Eu te envio os meus Anjos [1] que guardado
Atégora me têm na soledade,
E por quem este ermo era abençoado.

Ambos de negra côr da saudade
Trajados vão—que as roupas alvejantes
Ficaram a engommar na Eternidade.

Demais a mais, as maguas penetrantes
De um tio velho que morreu ha dias,
Lhes impedem as vestes roçagantes,
Tambem não levam azas, que em Caxias
São poucas para mim todas as penas:
«É calemburg» —mas sério: não te rias.
....

.... N'este ponto sublime e quando iam saír as mais lindas coisas d'esta epistola —sáe a carroagem e os anjos. Assim, adeus. Remetto o nosso *Proverbio*.

A. GARRETT.

[1] D Helena Fêo Aranha e sua irmã.

O NOIVADO NO DÁFUNDO

OU

CADA TERRA COM SEU USO, CADA ROCA COM SEU FUSO

PROVERBIO N'UM ACTO

MDCCCXLVII

PESSOAS: Adelia, noiva de — Augusto. — Anna Maxima, mãe da noiva. — Pantaleão, esposo de Anna. — Antunes, caixeiro de Pantaleão. — Ezequiel, taverneiro. — Genoveva, criada Côro de convidados e parentes da noiva.—A scena é no Dáfundo

SCENA I

ESEQUIEL, GENOVEVA, CÔRO *dentro*

Uma voz (*ao longe*)
Dáfundo!

Côro
Dáfundo!

Esequiel—São elles, são elles. Avia-te, Genoveva.

Côro (*dentro*)
Ventura como esta não ha n'este mundo!
Dáfundo!

Genoveva—Ai, senhor, a bulha que elles fazem ainda no mar! Que fará em cá entrando!—Deus nos accuda.

Esequiel—Anda, rapariga, minha Genoveva, que hoje é dia grande, pequena. (*Pondo-lhe a mão pela cara.*)

Genoveva—Tire-se para lá,--deixe-me, se quer que me avie.

Esequiel—Genoveva, rapariga, não percas a tua fortuna, não me trates com rigor;—olha que eu hoje que me sinto capaz d'uma asneira.—Genoveva, tu sabes quem eu sou?

Genoveva (*A'parte*)—E's um mono d'um velho, que eu heide fazer rabiar. (*Alto*) — Está bom, senhor, está bom:—não me desinquiéte, que eu sou uma pobre rapariga, orphan de pae e mãe que quero ganhar a minha vida honradamente. O senhor é um homem que tem de seu e não lhe falta nada.

Esequiel—Falta, sim, Genoveva: dêsque morreu quem Deus tem; falta. (*Derretido*)—Pois tu não vês o que me falta?

Genoveva (*A'parte*)—Vejo, vejo;—é o juizo, pateta. (*Alto*) Olhe, senhor, mudemos de conversa, e diga-me: que gente é esta que aqui vem hoje passar o dia, e que tomou a casa toda,—que encommendou um jantar tamanho?

Esequiel—São uns fanqueiros ricos de Lisboa, gente muito capaz e que paga bem.

Genoveva—E o que vêm elles cá fazer... que diz que é?...

Esequiel—Um noivado, rapariga.—Sabes o que é, minha Genoveva? Olha:—se tu quizesses, tambem nós um dia cêdo...

Genoveva—Ai deixe, senhor: isso não é para mim, que sou pobre.—E diga-me: pois então vêm fazer aqui um noivado n'uma taverna?

Esequiel—Taverna, Genoveva!—Bem digo eu que tu não sabes o que dizes nem o que fazes—Pois a Casa de Pasto do Dáfundo é uma taverna!? Uma casa conhecida em toda a parte pelas suas caldeiradas, e os seus patos com arroz!

Genoveva—Mas emfim, seja o que for, é uma casa pública: e então esta gente não tem casa sua para casarem como os outros fazem?

Esequiel—Nada não têm! Um famoso quarto andar com varanda e janellas rasgadas.—Mas é uma moda de França que veiu agora, esta de ir fazer os casamentos para as casas de pasto.

Genoveva—Então em França ninguem se casa em casa?

Esequiel—Nada.—Nem na egreja tampouco,—parece—Em sahindo de casa do regedor, ou do juiz eleito, ou de quem quer que é, toca tudo para a casa de pasto, e é comer e beber e dançar, noivos, padrinhos, parentes e convidados, até ao outro dia—Alguns sempre diz que vão depois á egreja, mas só por cerimonia.

Genoveva—E então agora vae-se cá usar isso?...

Esequiel—Pelo que vejo: inda bem! Estes que aqui vêm hoje diz que dispensaram com o prior, ao menos por emquanto: que fazem cá o noivado e que só ámanhan é que vão á freguezia para não dar muito que ralhar.

Genoveva—Pois, senhor, eu dos taes casamentos á franceza—não entendo; não queria... Cada terra...

Esequiel—Com seu uso. Mas este é bom, e póde servir para cá muito bem.

Côro (*dentro*)
Dáfundo!

Uma voz
Dáfundo!
Ventura como esta não ha n'este mundo!

Côro
Dáfundo!

SCENA II

DITOS, ANNA MAXIMA, ADELIA, AUGUSTO PANTALEÃO ANTUNES, *convidados e parentes de ambos os sexos.*

Antunes (*cantando*)
Ulisses que tinha andado
Por este e pelo outro mundo,
Quando quiz fundar Lisboa,
Veiu ás praias do Dáfundo.

Côro
Veiu ás praias do Dáfundo.

Antunes

E ao cimo da Cotovia
Não foi grego facundo
Sem parar aqui primeiro
N'estas praias do Dáfundo!

Côro

Oh! que praias do Dáfundo!

Anna—Muito bem, muito bem! Isto sim que é um casamento, isto é que são modas e usos agradaveis e civilisados.—Oh sr Pantaleão, no seu tempo sempre eram muito brutos, muito selvagens os nossos portuguezes!—Nem casar sabiam.
Pantaleão — Eu não sabia decerto o que fazia. — Lá isso é verdade.
Anna — Silencio; não diga asneiras, Pantaleão! Lembre-se a figura que hoje faz, e não me envergonhe; — considere bem o que representa n'este dia solemne.
Pantaleão — Eu represento... Pois eu represento?
Anna—De meu marido, sim senhor, e de...
Antunes (*áparte*) — E de tolo.
Anna—E de pae da noiva, senhor!
Pantaleão—Ah! sim, é verdade.—Não me lembrava.
Anna—Meu genro?
Augusto—Senhora!
Anna—Deixe-me vêr o seu ramilhete.—Bom.—Endireite essa gravata, puxe esse colete para baixo. — Está bem, — está melhor assim. — Ora vamos, sr. Augusto, faça-se amavel, seja galante!— Jesus! parece que nunca esteve em Paris.
Augusto—Pois estive.
Anna—E então fazia lá esta mesma figura? Credo! — E ia assim com essa cara triste e desconsolada ao Palais-Royal, ás Tulherias, á Bastilha?
Augusto (*Sorrindo*)— Não; á Bastilha nunca eu fui. Graças a Deus! E' coisa muito nova, não era ainda do meu tempo.
Anna — Não é do seu tempo? Não verão o velho. Mas olhe: a falar a verdade, velho parece pelo seu modo.—Sr. Antunes, tome conta no seu amigo, e veja se o alegra. — E oiça: venha cá, sr. Antunes.
Antunes — «Je suis à vous, madame Pantaleão.» — Deixe-me arranjar a corôa da noiva. (*Para Adelia*) Então dona Adelia! Este véo cahido com mais graça.—Bem, assim! (*Em voz baixa*) Nada de lagrimas agora. Na egreja fica bem; é bom genero; em Paris é de rigor chorar no acto; mas aqui, agora é como se estivessemos no «Cadran bleu», ou «chez Grignon»—que é mais fino—«plus cousu»: — aqui é rir, brincar e dançar.
Adelia (*Baixo a Antunes*)—Não posso.—Quando me lembro que me casam com um homem, que mal conheço, que não gosta de mim,—que é um contracto todo de dinheiro...
Antunes—Não me seja portuguezona.—Vamos!
Anna—Antunes!
Antunes—Senhora! aqui estou,—aqui estou.
Anna—Vamos a isto.—Então que fazemos? Senhor Antunes, divertimo-n'os, ou não nos divertimos! Faça-nos rir,—ande.—diga-nos das suas, que tanta graça tem o mofino do rapaz.—Ora pois, em Paris como se faz quando a gente chega? (*Em voz baixa*) Ouviu — deixe-se estar ao pé de mim: não se faça tolo. — Modas de Paris, modas de Paris... mas em termos.—Percebe-me? Olhe que se o apanho n'alguma, atiro com as francezias ao diacho, e hade ver uma portugueza devéras.
Antunes (*A'parte*)—Em boa estou eu mettido. A velha por uma banda, a filha pela outra... Quem me manda a mim?... Mas adeus! Animo, e subamos á altura da situação «En avant et vive Paris!» (*Alto*) Ora pois, meus senhores e senhoras, «Messieurs et dames.»—que em França, paiz classico da galanteria, começa-se pelos homens.—Mas isso não faz nada. Minhas senhoras e meus senhores, vimos aqui hoje fazer este noivado ao Dáfundo, atirando para traz das costas com os velhos usos rabujentos dos nossos Affonsinhos, e dispostos a divertirnos e a brincar e dançar á moda de Paris. — Portanto, emquanto se não põe o jantar na mesa, vamos á primeira contradança. — Eu na minha qualidade de «garçon de noce», e pelo privilegio que me dá este ramilhete...
Anna—Antunes... sr. Antunes!
Antunes—Madame Pantaleão!
Anna (*Em voz baixa a Antunes*)—Sabe quem é o seu par para a primeira contradança?
Antunes (*A'parte*)—Na primeira logo! (*Em voz baixa a Anna Maxima*) Isso é dar muito nos olhos. —Prudencia, madame Pantaleão,—prudencia.
Anna (*Baixo a Antunes*)—Prudencia! Tambem é moda de Paris, essa? Ora não seja pateta; ouviu? —offereça-me já a mão e com graça —Vejamos...
Antunes (*A'parte*)—O diabo leve Paris, e quantas modas de lá vêm. O mono da velha já está mais parisienne que Santa Genoveva. (*Arranja-se a contradança.—Adelia dança com Augusto. Antunes vae collocar-se defronte com Anna Maxima.*)
Anna—Vis-á-vis' de minha filha! Não quero —Para alli. (*Muda de logar—levando Antunes comsigo.*)
Antunes (*A'parte*)—Ah diacho! que a velha pareceme que tem faro.—Que faria se eu não tivesse sido tam timido, tam pouco exigente!... (*Dançam*)
Anna (*Acabando a contradança*)—Bem «la contredanse est finie» Agora vamos passeiar á praia. E então a musica? Sahimos assim monos e semsabores?—Antunes!
Antunes—Madame!
Anna—Não se canta?
Antunes—Já, já: vamos a isso. (*Canta*)

Oh! que lindos amores que eu tenho!
Oh! que noivos de tanta feição!

Côro

Oh! que lindos amores que eu tenho!
Oh! que noivos de tanta feição!

Antunes

N'estas praias do Dáfundo
Hoje veja todo o mundo
Como as modas de Paris
Entre nós tomam raiz.

Anna

E os janotas deixál-os falál-os
Que por fim, elles se callarão.

Côro

Oh! que lindos amores que eu tenho!
Oh! que noivos de tanta feição. (*Sahem.*)

SCENA III

PANTALEÃO, AUGUSTO

Pantaleão—Então, Augusto, não vae, fica ahi sorumbatico?...
Augusto—Doe-me a cabeça.
Pantaleão—Pois então conversemos um boccado, e deixál-os—Tambem a gente não casa para andar sempre atraz das mulheres.—E que me diz a estas modas de Paris? Eu, que nunca lá estive, acho lindo. Anna Maxima, que tambem nunca sahiu de Lisboa... Inda assim! não lh'o diga, olhe que desespéra: fala no Palais-Royal e nas Tulherias e em tudo aquillo, como se lá andasse tres annos. Coitada! é o seu fraco. Mas Anna Maxima é que fez tudo isto, bem vê. Eu queria casar minha filha como toda a gente casa; mas a mãe nada. E eu, por

lhe fazer a vontade... não é que ella me governe... isso não!—Mas emfim, visto ser moda... Lá ella e Antunes é que arranjaram tudo. Eu nem fui ouvido, nem sei nada do que elles fizeram... Mas parece-me isto bonito.

Augusto—Pois com effeito, sr. Pantaleão, deixa o seu caixeiro mandar em casa por esse modo?

Pantaleão—Eu que lhe heide fazer, homem? Elle esteve em Paris, sabe todas essas modas, todos estes usos que eu não sei.—E d'ahi ellas tapam-me logo a bocca—que em França que é assim, que se faz assado, que eu que não sei viver, que os envergonho, que os nossos costumes e usos velhos que são para jarretas...

Augusto—Os nossos usos! Mas cada terra...

Pantaleão—Com seu uso.

Augusto—E cada roca...

Pantaleão — Com seu fuso. Mas eu creio que isso era quando as mulheres tinham roca.—Agora...

Augusto—São os homens: bem vejo.

Pantaleão—Olhe, Augusto: ouça uma coisa: e não diga nada, que minha mulher é capaz de me esganar se souber. Mas tome o meu conselho. Deixe-os andar, deixe-os fazer o noivado á franceza como elles quizerem, e depois .. faça ás avéssas do que eu fiz.

Augusto—Como assim?

Pantaleão—Eu explico. Quando me casei.... caseime á portugueza devéras, o mais portuguezmente que é possivel. No dia do meu casamento houve arroz doce, e vitella assada e peru recheiado: comeu-se muito, bebeu-se lhe melhor. E depois, qual danças nem meias danças! Jogou-se o voltarete a real, eu tirei uma remissa formidavel! e foi-se tudo embora, e ficámos muito bem casados. Não é assim? Pois eu lhe digo.—D'ahi a tempos vieram umas visinhas para o segundo andar, que tinham estado em Paris não sei quanto tempo, fizeram amizade comnosco; minha mulher começou a falar *franciu* e logo começou a andar tudo n'uma bolanda. Anna Maxima enthusiasmou-se pelas modas francezas, e influiu-se por tal modo que eu nunca mais me entendi em casa.—Emfim quando Antunes veiu para a logea, que tambem tinha estado em Paris e é um moço com geito para tudo—lá isso é verdade—é que eu comecei a ter descanço, porque elle lá se entende com ellas—com as mulheres—e eu deixo-os.

Augusto—Entendo: não diga mais. Portanto o seu conselho é que me deixe eu casar á franceza, e que viva depois á portugueza.

Pantaleão—Isso, isso; ás avéssas do que eu fiz.

Augusto—Essa era minha tenção. Bem sabe que este casamento foi arranjado entre meu pae e vosemecê e que eu... Emfim para não contrariar a senhora D. Anna Maximo tenho deixado ir as coisas... á vontade d'ella. E o meu plano era, se visse que sua filha... Mas parece-me...

Pantaleão—Parece-lhe o quê! Não lhe parece nada. —A minha Adelia é um anjo. Aquillo não tem mais fel... A mãe... oh! se fosse a mãe... Se fosse a mãe não digo... Mas ellas ahi veem; calluda! (*Falando muito alto*) Pois como lhe eu ia dizendo, Augusto, minha mulher, madama Pantaleão, que é o modelo das senhoras casadas, e que sabe governar a sua casa como ninguem, uma senhora que dá o tom na galocha e n'essas philarmonicas todas — uma senhora emfim que até os officiaes da fragata franceza dizem que é mesmo uma parisiense...

SCENA IV

DITOS, ANNA MAXIMA, ADELIA

Anna—Saia, senhor Pantaleão! «Sortez Panta» Que nome tam vulgar que este homem tem que nem sequer se póde pronunciar em francez!—Saia, que temos de falar nós tres Vá-se não é aqui o seu logar. Vá á cosinha ver como vae o jantar.—Ande.

Pantaleão (*baixo a Augusto*)—Cautella. (*Alto*) Eu vou.

SCENA V

ANNA MAXIMA, ADELIA, AUGUSTO

Anna (*sentando-se*) — Anda cá filha:—senta-te aqui ao pé de mim e descança sobre este coração maternal. (*Adelia senta-se*) Assim não, não me chifones as minhas blondas, rapariga! Espera. Ai, o meu vestido de tarlatana novo! E da Lavalhan que este é, que me levou um dinheiral por elle. E' muito cara a elegancia em Lisboa. E' impossivel que custe tanto dinheiro em Paris ser elegante. —Assim, agora assm, filha, encosta-te ao peito materno,—mas com geito —Olha, filha, até no sentimento é preciso ter elegancia. Bem,—assim... Faze grupo.— Contemple este quadro, senhor Augusto, contemple, e diga-me, se tem a menor particula de romantismo n'esse coração, diga-me: viu já espectaculo mais... mais... «moyen âge» do que este?

Augusto—Com effeito, minha senhora, eu...

Anna—Na exposição das Bellas-Artes havia uma mãe e uma filha que estavam assim. E' como quem vê no mesmo ramo o botão e a...

Augusto—E a rosa.

Anna—Ora graças a Deus que já da sua bôcca sahiu uma palavra de geito.—Eu bem t'o dizia, filha; elle esteve em Paris, e mais dia menos dia se lhe ha de conhecer. Olhe, Augusto, eu tenho tomado a sua defeza contra todos.—Eu e Antunes somos os unicos...

Augusto—Ah! Antunes tambem?

Anna — Antunes, sim; que é seu amigo verdadeiro. Não é, Adelia?

Adelia—Não sei, mamã.—Creio que...

Augusto—A' moda de Paris?

Anna—Pois que queria o senhor que fosse? Um semsaborão, d'estes portuguezes velhos ralhentos e massistas, que não sabem viver, como os amigos do meu Pantaleão? os taes amigos que elle tinha quando eu casei... quando me casaram—pobre innocente victima que eu fui! mas adeante... uns monos que não sabiam senão jogar o gamão, comer como uns ursos, e ir passeiar ao Terreiro do Paço! Não, senhor; a minha filha, a minha Adelia que aprenda na infelicidade de sua triste mãe, e que vá gosando a sua mocidade, já que eu a não gosei .. isto é, a primeira mocidade, que eu graças a Deus ainda não sou...

Augusto—Velha!

Anna—Porquê, acha?...

Augusto—Não lhe disse ainda agora que era uma rosa?

Anna—E' verdade que disse; e foi o que lhe valeu, essa palavra; que a fallar a verdade eu vinha disposta a. . Pois isto são termos sr. Augusto? N'um dia como este—o dia mais feliz da sua vida—'le plus beau jour de ma vie',—como se diz em França, quando nós vimos aqui a estas bellas praias do Dafundo celebrar como gente civilisada a sua ventura, o sr. Augusto massado e mono põe-se a um canto, ainda não disse uma palavra á sua noiva, e deixa os outros?

Augusto—A' moda de Paris. Pois um marido...

Anna—Um marido é um marido, e um noivo é um noivo. Quando lá chegarmos fallaremos.—Agora faça-se amavel que é a sua obrigação.

Adelia—Ai, mamã! deixe-o. Eu já agora...

Anna—Já agora o quê, filha?

Adelia—Nasci para ser incomprehendida. .

Anna—'La femme incomprise'; é isso. Não me faltava mais nada. Oh! Adelia, Adelia, junta as tuas

lagrimas ás minhas, filha. Oh! Tu serás «Adelina» e eu serei «Consuélo». Duas mulheres de George Sand, como diz Antunes.—Oh! sr. Augusto, sr. Augusto, que se eu tal soubesse!

Adelia—Mamã? a mamã bem sabe que elle... nunca gostou de mim.—Isto foi...

Anna—Foi uma desgraça, filha; agora é que o eu vejo.—Triste de mim! Vês tu, filha? Começas a ser interessante desde o primeiro dia, quando ordinariamente antes de quatro ou seis mezes não é costume.—Eu fui ao segundo anno.—A civilisação sempre tem andado muito.

Augusto (*A Adelia*)—E que mais quer, minha senhora? Sua mãe põe as coisas no seu verdadeiro ponto de vista. Nós começámos no primeiro dia o que os outros começam mais tarde.

Anna—Calle-se, monstro!

Adelia (*Chorando*)—Este homem ha-de-me matar, mamã.

Anna—Tens tua mãe, filha.

Augusto (*A'parte*)—E' uma scena completa, e das mais regulares. (*Alto*) Parece-lhes, minhas senhoras, que fazermos aqui esta scena tambem será á moda de Paris?

Anna—Monstro, assassino!

Adelia—Minha maman!

Anna—Calla-te, filha; disfarcemos, e mostremos caracter (*Aparte.*)—Eu o ensinarei, deixa passar mais alguns dias.

Augusto (*A'parte*)—Olhem o que me esperava!

SCENA VI

DITOS e ANTUNES

Antunes—Madame Pantaleão! Par ditoso, então que é isto? «Le dernier mot de la mère à son enfant chèrie? Allons donc!» Ainda temos muito tempo para isso.—Vamos jantar que está na mesa.

> En avant! marchons
> Contre leurs jambons...

«Par exemple» o «jambon» é delicioso, o pato com arroz—perfeito, a caldeirada de rigor, fabulosa. Não temos «suprêmes», nem «filets», nem «glacés», nem «soufflés», mas adeus! «A la campagne comme à la campagne! Et vive la joie!» Madame Pantaleão, o braço ao noivo.—E eu, na minha qualidade de «garçon de noce», bella noiva, aqui estou para vos conduzir. (*Sae Augusto e Anna Maxima*)

Adelia—Augusto sabe tudo, ou desconfia pelo menos. Isto vae mal. Lembre-se do que me prometteu,—do que me jurou.

Antunes—Animo, e deixar correr.—Tudo hade ir ás mil maravilhas.

Adelia—Mas se elle...

Antunes—Ande, ande, que ahi vem gente.

> En avant! marchons
> Contre leurs...

(*Vem sahindo os convidados—dois a dois. Os homens dão o braço ás senhoras.*)

Antunes (*que ia sahindo, torna atraz*)—Oh lá, senhores! Vamos; «la barcarolla: Amis, la matinée est belle.» Como é que nós dizemos em portuguez? Lembrem-se dos ensaios. (*Canta*)

> Vamos, amigos; vamos á mesa!
> Vamos: e toca, toca a beber!
> Cuidados, e a negra tristeza
> Tudo em saudes hade morrer!

E que tal é o «calembourgo J'en fais aussi, moi!» Saudes! Hein? morrer em saudes! (*Canta*)

> Tudo em saudes hade morrer.
> E viva! E toca, toca a beber!
> Beber! E a virar!
> Que um só com juizo não hade ficar.

(*Grande algazarra.—Saem todos.*)

SCENA VII

ESEQUIEL *só*, *depois* AUGUSTO

Esequiel—Disse-me que ficasse eu aqui: fiquemos.—Que me quererá elle? Seja o que fôr: paga, e paga bem, estamos á sua ordem.

Augusto (*entrando*)—Quanto se lhe resta? Diga depréssa.

Esequiel—Não sei nada; conforme o que beberem.

Antunes—Faça de conta que bebe por tres cada um, e diga quanto é, senão...

Esequiel—Espere, espere, deixe-me vêr.—Deu-me quatro moedas de signal—uma nota. Era boa a nota, não era?

Augusto—Maldito homem! Se a não quer...

Esequiel—Não senhor, eu creio que é boa; mas sempre o perguntar não faz mal.—Pois, senhor, dando-me tres mil e duzentos.—bem entendido a rapariga que serviu e os moços... é áparte.

Augusto—Ahi tem tres moedas. Está satisfeito?

Esequiel—Oh! meu senhor v. s.ª perdôe, eu...

Augusto—Chame o bolieiro, chame o bolieiro depressa,—o que eu para aqui mandei esta manhan.

Esequiel—Sim senhor. (*Aparte*) Que diabo de noivo este! Isto é que é casar á franceza; agora entendo. (*Alto*) Bolieiro! Bolieiro! Elle ahi vem.

Augusto—Está prompta a sege?

Esequiel—A' porta já.

Augusto—Bem.—Tome lá esta carta, sr. Esequiel; em elles dando pela minha falta entregue-lh'a; antes não.

Esequiel—Sim senhor; vá descançado. (*Augusto sae.*)

SCENA VIII

ESEQUIEL *e depois* ANTUNES

Esequiel—Se os eu entendo, os taes noivos e a tal festança...

Vozes (*deentro*—)Vivam os noivos! A' saude dos noivos.

Anna (*dentro*)—E o noivo que é d'elle? Antunes, vá ver onde está o noivo.

Vozes (*dentro*)—Venha o noivo! O noivo!

Antunes (*Entrando em scena*)—Augusto, Augusto! Senhor Augusto! Onde está este noivo? Oh senhor patrão viu por aqui o noivo?

Esequiel—O noivo? Pois aquelle é que era o noivo

Antunes—Aquelle, qual?

Esequiel—Um que partiu agora a galope n'uma sege para Lisboa é que era o noivo!

Antunes—Partiu n'uma sege! como? Que diz, homem? Você está louco?

Esequiel—Não sou eu que o estou, não senhor.—Partiu agora mesmo, e por signal que me deixou esta carta para entregar aos senhores—não sei a qual.

Antunes—Deixe ver. (*Lê*) «Ill.mo sr. Ricardo Antunes.» (*Falando*) Sou eu mesmo. Vejamos. Que diacho quer isto dizer? Dar-se-ha caso... (*Le*) «Meu caro amigo. Devo-te a maior obrigação por teres arranjado que o meu casamento se fizesse á franceza Como a cerimonia da egreja, coisa, segundo tu dizes, de muito pouca importancia, ficou para ámanhan, tive tempo de reflectir—e estou convencido que é melhor supprimil-a de todo, pelo que me toca.—É provavel que tu arranjes isso melhor e em todo o caso, hasde arranjál-o sem o teu—

amigo do c.—Augusto.» Bonito! o casamento desmanchado! Um rapaz tam rico, que fazia tanto a conta! (*Lendo*) «É provavel que tu arranjes isso melhor.» Descubriria elle? Adelia adivinhou.—Forte asneira foi o tal noivado á franceza. Começo a crêr que o ditado tem razão. Cada terra com...

SCENA IX

ANNA MAXIMA, ANTUNES

Anna—Então que é isto? que é do noivo?
Antunes—Aqui o tem por traslado.—Leia. (*Dá-lhe a carta*)
Anna (*depois de ter lido*)—Que quer dizer? Antunes, Antunes, esta carta... aqui ha coisa. Ha. Ha.—Oh! meu Deus que já começo a abrir os olhos! Antunes, você faz a côrte a Adelia, Antunes.
Antunes—Eu!
Anna—Você, sim. Ingrato! D'ahi é que vinham os seus escrupulos, a sua fidelidade ao patrão Ah malvado que não sei onde estou... Ai, ai, ai! que me vou achar mal—que desmaio...
Antunes—Accudam, accudam, que deu um faniquito em madame Pantaleão.

Côro (*dentro*)
N'este dia
De alegria
As tristezas vão ao fundo,
Vão as maguas!
E nas praias do Dáfundo
Em vez de aguas
Sem sabor,
Corra o vinho, e viva amor!

Antunes—Viva a bréca que os leve! Que gritaria! —Não ouvem. E eu aqui só. Se me ella estoira nas mãos! E está desmaiada devéras. (*Dá-lhe um beliscão*) Está.—Accudam, accudam!

SCENA X

DITOS, ADELIA, PANTALEAO, (*convidados e parentes—saindo e cantando*)

Côro
N'este dia
De alegria...

Antunes—Forte dia e forte alegria? Suspendei esses harmoniosos cantos, e comtemplae este espectaculo.—Pantaleão, honesto Pantaleão, aqui tendes a vossa Pantaleoa, posto que em estado de perfeito faniquito, que d'esta vez—coisa rara mas verdadeira—não é fingido.—Adelia, vosso esposo foi-se,—evaporou-se—e só deixou de si memoria n'esta conceituosa carta que vêdes pendente do chispe materno. O noivado feito está, mas o casamento...
Pantaleão—Pois ainda não estavam casados?
Antunes—Meu caro patrão, como se não quiz metter n'isto—tinhamos nós assentado de deixar a cerimonia da egreja para ámanhã... e...
Pantaleão—Ai meus peccados?
Antunes—Ora a tal cerimonia não é grande coisa em França; mas cá—a nação está tão atrazada que parece...
Pantaleão—Parece?
Adelia—Não estavamos casados, não, meu pae, inda bem. Eu casava por lhe fazer a vontade; mas a falar a verdade nós não nos podemos vêr um ao outro.
Pantaleão—Tam bom rapaz e rico!
Adelia—Que importa? E' um secante.
Pantaleão—E que hade dizer a visinhança, os parentes, toda esta gente! Que vergonha!
Anna (*tornando a si*)—Pantaleão! Panteleão! Anda cá, meu Pantaleão, deixa-me depor no teu seio...
Pantaleão (*áparte*)—Que quererá ella depor?
Anna—Dá-me os teus braços, Pantaleão. Assim: faze grupo, Adelia! Approxima-te filha.—Bem—sinto-me melhor. Deve ser um bello quadro!—Ouvi-me n'esta hora solemne—entre a morte a vida. Oh! Pantaleão! Eu abri os olhos.. quando... os fechei!
Antunes—Coisa extraordinaria, mas succede.
Pantaleão—Tudo me succede,—a mim!
Anna—Cada terra com seu uso, e cada roca... dize.
Pantaleão—Com seu fuso. E' o que te eu dizia d'antes.
Anna—Dizias, dizias, respeitavel Pantaleão, e eu cega que te não ouvia.
Antunes—Se fosse surda...
Anna—Cale-se, valdevinos, e respeite as scenas intimas do grande drama da natureza.—Pantaleão. meu esposo, ámanhã de manhã muito cedo e muito depressa esta rapariga e esse Antunes para a egreja, e casem-n'os bem á portugueza com dois padres em vez de um, se fôr possivel.
Pantaleão—Antunes o meu caixeiro!
Anna—Tenho dito: é a minha ultima vontade, Pantaleão...
Pantaleão—A tua ultima... Pois tu devéras tam mal te sentes! (*áparte*) Não é anno de fortuna para mim.
Anna—Sinto, sinto.—O corpo está são mas não póde com o espirito que morreu.—Oh!... Oh! Ah! Ah!
Antunes—Tal e qual como na rua dos Condes. Ah! Oh! Oh! Ah!
Anna—Senhor Antunes!
Antunes—Amavel Pantaleão, «chère madame Pantaleon!»
Anna—Tire para lá essas tolices.—Eu sou Anna Maxima, sem mais nem menos...
Antunes—E que mais hade haver além de «maxima?» Oh Maxima, longa—breve é que não póde ser sem faltar á...
Anna—Não me faça rir, Antunes, que isto é muito serio. Ouça.—Inda bem que estas tonterias que me metteu na cabeça não passaram de brincadeiras ridiculas.—Case com minha filha, e tenham ambos mais juizo do que... eu. Senão, bem sabe...
Antunes—Com juizo ou sem elle ..
Anna—Cale-se: não seja tolo.—Pantaleão, abençôe estas novas nupcias, que hãode ser á portugueza devéras. Porque emfim, cada...
Antunes (*cantando*)

Cada terra com seu uso
Cada roca com seu fuso.
Estas modas de Paris
Por cá não deitam raiz.

Côro
Oh! que lindos amores que eu tenho!
Oh! que modas que vem de Paris!

O CAMÕES DO ROCIO

COMEDIA EM 3 ACTOS

De collaboração com Ignacio Maria Feijóo

PERSONAGENS: O Desconhecido.—O Camões, corregedor do Bairro do Rocio.—Diniz Homem, estudante da Universidade de Coimbra, debaixo do nome de Gregorio. —Sebastião d'Arruda, lavrador, juiz de vintena do Almargem. —Lourenço Gameiro, capitão de ordenanças —Manuel Esteves, procurador da Irmandade da Senhora do Amparo.—Bartholomeu, sapateiro —D. Antonia do Menino Deus, proprietaria.— Marianna, filha de Sebastião.—Uma criada, que não fala Homens e mulheres do campo, officiaes de Justiça.
O primeiro acto no Almargem; o segundo e terceiro em Lisboa.

ACTO PRIMEIRO

O theatro representa a casa de um lavrador; porta no fundo, que é a entrada principal; duas portas lateraes; uma grande meza no meio da casa; uma arca antiga á direita; cadeiras com assentos de coiro. No fundo, de um e outro lado da porta, cabazes, enxadas, ansinhos etc., a meza está guarnecida com pratos de estanho, dois cangirões, garfos e colheres de ferro, tijelas pequenas de loiça grosseira, etc., bancos e outros cangirões s bre a arca.

SCENA I

SEBASTIÃO, MARIANNA, GREGORIO, CRIADOS e CRIADAS DO CASAL

Estão todos assentados á mesa, e acabando de jantar. O vestuario de Marianna é mais proprio da cidade que do campo; o vestuario de Gregorio é pouco melhor que o dos outros criados, a quem imita nos gestos e modo de falar.

Sebastião *(A Marianna)*—Então, Marianna, já vaes gostando d'esta vida cá de fóra?

Marianna—Nunca me desagradou, e sempre suspirei por estar na companhia de meu pae.

Sebastião—Bem sei, bem sei; mas se tua madrinha não qu'ria, que lh'havia de eu fazer. Quando Deus levou tua mãe, que lá está em gloria, não eras mais alta do qu'isto, tinhas uns tres annos, e minha comadre, a senhora D. Antonia do Menino Deus, (boa alma!) quiz por força levar-te comsigo, e nunca mais consentiu que viesses cá á terra que te viu nascer; que por fim sempre é a nossa terra. —Boa vontade tinha eu, quando te vi crescida, que viesses tomar conta d'esta casa mas nunca me atrevi a falar claro a minha comadre, porque mal lhe dava alguns entenderes, punha-se logo lá nos carrapitos da lua, e então ella que tem a venta retorcida. Vae senão quando eu menos o esperava, manda chamar-me e dá-me de conselho que te traga em minha companhia p'ro casal.

Marianna *(A meia voz olhando para Gregorio)*—Não sei se fez bem.

(Movimento de Gregorio que disfarça comendo)

Sebastião—Assim á primeira, cuidei que'estava descontente comtigo, mas certificou-me que não, e só me dando a entender que receava que tu... queria lá dizer na sua que Lisboa era uma terra muito grande... e que uma rapariga da tua edade...

Marianna *(A meia voz olhando para Gregorio)*—A's vezes ainda ha maiores perigos no campo.

(Movimento de Gregorio)

Sebastião—Seja lá o que fôr; o certo é que te apanhei em casa, e que se minha comadre te quizer agora outra vez, póde esperar que de mim te não largo... P'ra que tenho eu uma filha e p'ra que lhe quero eu tanto?

Gregorio *(Levantando-se)* — Se noss'amo dá licença, vamos fazer uma saude á nossa patroa nova.

Sebastião—Com muito gosto, mas não hade sêr com este vinho... vae buscar um cangirão do melhor.

Gregorio—Isso bem via eu; e já alli está.

(Vae buscar o cangirão acima da arca e deita vinho nas tijelas)

A' saude de nossa ama nova!

Côro

Se gostaes de flores,
Em nossas campinas,
Achareis boninas,
E tambem amores.

Gregorio

Deixando os tectos doirados,
Tereis a sombra das faias;
Em vez de ricas alfaias,
O matiz de nossos prados.

Côro

Se gostaes de flores, etc.

Gregorio

Aqui o sol é mais puro,
Tem os raios mais brilhantes;
São fieis sempre os amantes,
Não tem coração perjuro.

Côro
Se gostaes de flores, etc.

Sebastião—Vês tu, minha filha, esta alegria da nossa gente? Não ha vida como a nossa vida do campo; eu não a trocava, (e então agora que tenho cá a minha filha!) pelas grandezas do maior fidalgo da côrte do nosso rei o senhor D. João V.
Gregorio — Pela sorte d'el rei me não trocava eu se... se estivesse no seu caso.
Sebastião—Alto lá! tanto não digo eu. (*Vendo que os camponezes têm acabado de comer.*) Parece-me que ninguem tem mais vontade de comer. Demos graças a Deus. (*Levanta-se e os mais todos depois d'elle. Momento de silencio; abençoando-os*) Deus vos abençôe, meus filhos.

(Os camponezes arrumam a mesa no fundo, esquerda, e pegam nos diversos utensilios de lavoira:)

Côro
Não haja demora,
Aos campos corramos;
Prazer, abundancia
N'elles encontramos.

Gregorio
No meio de seus thesoiros
O rico está descontente;
Na sua humilde choupana
Vive o pobre alegremente.

Côro
Não haja demora, etc.

(*Saem pelo fundo.*)

SCENA II

SEBASTIÃO *e* MARIANNA

Sebastião—Agora estamos sós, e podemos fallar á nossa vontade: vamos a tratar do teu casamento. Tu estás uma mulher e eu dei a minha palavra a Manuel dos Pégões, lavrador do Alemtejo, homem capaz, sim senhor; tem muita terra e muito vintem.—E' verdade que tua madrinha não queria que se marcasse já tempo certo p'ra isto se fazer: um dia era uma razão, outro dia outra, por que não queria separar-se de ti; mas agora que podemos fazer o que quizermos, vamos nós aqui ambos assentar quando se ha de fazer este casamento.

(Todas as indicações são da esquerda do espectador para a direita)

Marianna (*Tristemente*) – Quando meu pae quizer.
Sebastião—A modo que ficaste triste... Dar-se-ha caso que te não agrade este arranjo?
Marianna—A mim agrada-me tudo o que fôr da sua vontade.
Sebastião—Dizes isso de um modo que me fazes desacorçoar. E' verdade que não perguntei o teu gosto, e que nem sequer viste ainda o noivo; estavas com tua madrinha lá em Lisboa, e ella não quer calções em casa; mas como este casamento fazia conta, ajustei-o e acabou-se. Já se sabe que ficou a condição, que lhe puz, de virem ambos para minha casa; quero que meus filhos me fechem os olhos quando eu morrer... Oh rapariga! a modo que ficas sempre tam triste, em se falando n'isto, que estou quasi arrependido de ter feito este ajuste... Fala-me claro; se tens alguma coisa a retrucar, ainda estás a tempo de te arrependeres; e mais bem me custará andar p'ra traz com a minha palavra de lavrador honrado, mas primeiro está minha filha, e o muito qne lh'eu quero.

Marianna (*A'parte*)—Que hei de eu responder? Não tenho uma unica desculpa. (*Em voz alta*) Meu pae... fiada na sua bondade... só lhe peço que demore por mais algum tempo ..
Sebastião—Com muito gosto; queres que demore por um mez, por tres, por seis...?
Marianna—Pois seja por seis mezes; quero-me costumar primeiro á vida de lavradora.
Sebastião—E tens muita razão; nem tal me alembrava. Sejam seis mezes, e no entretanto vou escrever a teu noivo, a dizer-lhe que venha p'ra cá estar co'a gente; quero que tomem confianca um c'o outro ..verás que mocetão tam bem estreado!
Marianna—Meu pae... peço-lhe que não escreva por ora...

SCENA III

SEBASTIÃO, MARIANNA *e* GREGORIO (*entrando apressadamente pelo fundo*)

Gregorio—Sôr meu amo, sôr meu amo, vi agora o capitão Lourenço Gameiro pela azinhaga do Porto abaixo, e parece-me que vem p'ra cá.
Sebastião—Oh diabo! que virá elle cá fazer? Se vem p'ra argumentar comigo, não estou de pachorra p'ro aturar.
Gregorio—Ha de vir com alguma das suas, mas tenha-se-me co'elle; não se me faça mole, mostre que é um digno juiz da vintena.
Sebastião—Oh Gregorio! valha-te a paixão de Christo! Eu quero, sim puxar pelas minhas autoridades, mas ja estou de candêas ás vessas com toda essa gente, e tenho medo que me armem alguma carrapata.
Gregorio—Qual carrapata nem meia carrapata; faça o sôr Sebastião d'Arruda o que lhe digo e deixe o mais por minha conta.

(Durante esta scena Gregorio tem olhado continuamente para Marianna; esta mostra-se cada vez mais séria)

Marianna—Meu pae ha de dar licença que me retire (*Sae pela esquerda.*)
Sebastião—Como quizeres —Mas, meu Gregorio, é bem verdade que te acho muita, muita razão, e por isso tenho tomado os teus conselhos para ir de encontro ás injustiças d'esses homens, mas elles são poderosos e podem dar alguma queixa de mim.
Gregorio—E o sôr meu amo póde dar vinte queixas d'elles. Haviam d'estes malvados beber o sangue cá á gente do campo sem se lh'ir á mão! ora essa havia de ser bonita!
Sebastião—Tu discorres bem, mas onde diacho foste tu aprender essas coisas?
Gregorio—O sôr meu amo não sabe? não lh'o tenho dito? Em casa d'um desembargador que eu servi em Lisboa. Aprende-se muito no serviço d'aquelles senhores,
Sebastião, (*olhando para o fundo.*)—Sinto passos... elle comigo... oh Gregorio! não me desampares

SCENA IV

LOURENÇO, SEBASTIÃO, *e* GREGORIO

Lourenço—Deus seja n'esta casa.
Gregorio (*A'parte*)—E o diabo na tua.
Sebastião—Sou um seu creado, sôr capitão Lourenço.
Lourenço—V. m. sabe o que me traz a esta casa?
Sebastião—Se v. m. ainda m'o não disse como o hei d'eu saber!
Lourenço—Pois sôr juiz da vintena, é necessario que nos entendamos por uma vez.

Sebastião—Estou ás suas ordens.
Gregorio (*A meia voz a Sebastião.*)—Isso mesmo, muita cortezia e nada de condescendencia.
Lourenço—Ora sabe você que tenho o meu milho todo por sachar?
Sebastião—Pois já era tempo; ha mais d'oito dias qu'eu acabei a minha sacha.—Porque não mette gente?
Lourenço—Porque a não acho; todos querem ganhar jornal.
Sebastião—E tem muita razão.
Lourenço—Oh sô Sebastião d'Arruda! pois você atreve-se-me a dizer que tem muita razão! Bem digo eu que se elles não querem amanhar as minhas terras, como é pratica e costume, é por que tem as costas quentes co'a sua protecção.—N'outro tempo resmungavam, sim senhor, mas sempre iam; porém agora dizem redondamente que não querem. O anno passado não gastei eu cinco réis no amanho das minhas terras, e ainda este anno fiz a cava e semeei o milho em paz e quietação, como os meus antepassados faziam, e como fazem ainda hoje todos os capitães de ordenanças.—Contava meu pae, que era capitão como eu, que os moradores do logar deixavam de amanhar as suas terras para ir amanhar as d'elle. Mas o sôr juiz da vintena põe agora outras leis! Metteu-se-lhe lá na cabeça que eu que heide gastar dinheiro na minha sacha, e gastar dinheiro em fazer a vendima?... Pois engana-se de meio a meio: heide fazer a sacha, heide fazer a ceifa, heide fazer a debulha, heide fazer a vendima sem gastar uma de cinco, quer o sôr Sebastião d'Arruda queira, quer não queira... heide-lhe pregar uma lição que o hade pôr mais macio que um veludo, heide. .
Sebastião—Alto lá, sôr Lourenço Gameiro, dê as suas razões mas não me grite ; olhe que está na casa alheia e deante d'uma autoridade,
Gregorio (*A meia voz.*)—Não s'esquente.
Lourenço—Uma autoridade! ora não verão esta autoridade!—Eu lhe mostrarei em pouco tempo que você é menos que ninguem... eu lhe farei ver o que é um capitão de ordenanças offendido na sua honra!
Sebastião—Essa agora é melhor ! pois é tocar-lhe lá na sua honra aconselhar aos moradores do logar que não trabalhem de graça? Qual é a lei divina ou humana que tal manda?
Lourenço—Pois você tambem entende de leis?! Com quem as aprendeu? aprendeu-as com os seus carneiros?
Sebastião—Oh sô Lourenço Gameiro, ou Lourenço do diabo, não m'esquente mais a cabeça, olhe que tenho aqui um fueiro... (*Pega n'um fueiro delgado.*)
Lourenço (*Levando a mão á espada sem desembainhar.*)—Oh sôr Sebastião d'Arruda, você ameaça!... Não sei aonde estou que o não racho de meio a meio! (*Fugindo sempre.*)
Gregorio (*Rindo-se, e vindo ao meio d'elles.*)—Haja prudencia!

SCENA V

GREGORIO, SEBASTIÃO, MANUEL ESTEVES *e* LOURENÇO

Esteves—Tenha lá mão!... Então que é isto?
Lourenço—Foi aqui o sôr Sebastião d'Arruda...
Sebastião—Foi lá o sôr Lourenço Gameiro...
Esteves—Ora soceguem.—Pouco mais ou menos já sei o motivo d'esta desordem; e tenho cá de mim p'ra mim que não foi o sôr capitão o culpado.
Sebastião- Pois está muito enganado o sôr Manuel Esteves; foi o sôr capitão que veiu arcar comigo de proposito e caso pensado.
Lourenço—E' porque o sôr juiz da vintena tem feito levantar contra mim todos os moradores do Almargem.
Esteves—Isso lá não admira, que eu tambem estou muito quêxoso do mesmo.
Sebastião—Então de que se quêxa o sôr Manuel Esteves?
Esteves—Pois inda você o prégunta? depois de me ter prohibido a festa da Senhora do Amparo, de que eu sou o précurador?...
Sebastião—Quem é que lhe prohibe a festa? O que eu não quero é que o arruido do arraial entre pela noite dentro.—Tenho dito; a festa hade acabar com o dia, em escurecendo hade-se deitar a foguetada, e um quarto d'hora despois não consinto mais ninguem no arraial, para evitar as desordens e os desafôros que tem havido estes annos atraz. Assim o mandei, e assim hade ser.
Esteves—Visto isso que ahi diz, não reconhece a auctoridade do senhor patriarcha, que deu licença para esta festividade?
Lourenço—Que tal está o herege!
Sebastião—Ora vocês não me dêxarão com um milheiro de demonios!
Gregorio (*Vendo Esteves puxar por um papel*)—Que será aquillo?
Esteves—Veja isto; examine bem; olhe que não é ahi a licença d'um qualquer, é do sôr cardeal patriarcha, que tem quasi tanto poder como o papa.
Gregorio (*A meia voz a Sebastião*)—Não esmoreça!
Sebastião—Antão você, sôr Manuel Esteves quer-me metter a mim os dedos pelos olhos? O sôr patriarcha deu a sua licença p'rá festa, mas não p'rás patifarias que se fazem de noite no arraial.
Lourenço—Este homem é um impio!
Esteves—E' o que diz o nosso Padre cura; até se oppõe ás decisões da Santa Madre Egreja, e não dêxa pagar as premicias. O padre está banzando; o folar da Paschoa. este anno, não lhe rendeu mais do que seis mil e quatro centos, quando inda o anno passado lhe rendeu p'ra riba de trinta mil réis.—Alembrou-se o sôr Sebastião d'Arruda, de dizer por ahi que dê cada um aquillo que quizer ou pudér.
Sebastião—Tenho dito isso, é verdade, por que assim o entendo em minha consciencia. A Egreja não póde mandar que eu dê o que o padre cura quizer, por que então podia elle, quando cá veiu este anno, pedir-me os bois com qu'eu andava lavrando, o que seria uma asneira muito grande, e eu estou bem certo que a Egreja não manda asneiras.
Lourenço—Jesus! Santo Nome de Jesus! que blasphemia! (*Benze-se.*)
Esteves—Por isso você hade ir parar á inquisição.
Sebastião (*Rindo-se*)—Isso lá não me mette medo.
Esteves—Ah! você ri-se; pois mal sabe o qu'está p'ra lh'acontecer.
Gregorio (*A' parte*)—Oh diacho!
Sebastião—Que diz lá o sôr Manuel Esteves?
Esteves—Digo-lhe que a festa hade durar até pola manhã, e que você não hade assistir a ella.—Ah! tinha-se-lhe encaixado lá n'esses miolos qu'isto havéra de ficar assim. . pois está muito mal enganado: a minha irmandade tem grandes protectores que hãode vingar a Mãe Santissima e os seus devotos.
Gregorio (*A' parte*)—Os homens já lhe armaram alguma.
Lourenço—Hade comer pés e mãos n'uma cadêa.
Esteves—Hade ser queimado vivo como um herege.
Lourenço—E' um malvado!
Esteves—E' um impio!
Sebastião (*Deitando a mão ao fueiro*)Bem pódem ambos despejar-me a casa, quando não... (*Arremette com elles; fogem para o fundo; Lourenço*

leva a mão á espada, mas não desembainha, Gregorio ri ás gargalhadas.)

Esteves—Ah! você levanta um fueiro para o précurador d'uma santa irmandade!

Lourenço—Faz o desacato de ameaçar um capitão d'ordenanças!... Deixe estar que nós o ensinaremos.

Esteves (*Fugindo pela porta do fundo*)—E' um herege!

Lourenço (*O mesmo*)—E' um judeu! (*Saem ambos pelo fundo.)*

SCENA VI

SEBASTIÃO *e* GREGORIO

Sebastião (*Deitando fóra o fueiro*)—Graças ao fueiro que se foram embora; mas de certo fico mettido em trabalhos.

Gregorio—Ora deixe-se d'isso.

Sebastião—Que me deixe d'isso! Cuidas tu que os não entendo; os homens queriam capote; vieram de proposito árcar commigo p'ra m'entalarem, e vão agora por hi armar-me algum capitulo.

Gregorio (*A'parte*)—Já elle estará armado. (*Em voz alta*) Sôr meu amo, não tenha medo; eu cá estou.

Sebastião—Olha que te digo qu'estou arranjado com o teu valimento e com os teus conselhos! Mais me valêra a mim continuar a fazer como d'antes; ver e calar. E' bem verdade que me custava ver as violencias que elles faziam, mas não abria bico. Vieste servir n'este casal, e entraste-me a dar conselhos que puxasse pelas minhas autoridades; assim o fiz, porque já tinha disposição para a coisa; e agora ahi tens o fructo.

Gregorio—Ora sôr meu amo, não tome o caso tanto a peito... não se afflija, e deixe tudo isso por minha conta.

Sebastião—Estou bem servido com a tua protecção, não tem duvida. (*Péga no chapeu que está sobre a arca, e sae pelo fundo*).

SCENA VII

Gregorio (*só*)—E diz elle muito bem; que protecção lhe heide dar?... Estamos ambos entalados, e elle muito mais do que pensa; persuade se que os homens vão agora fazer-lhe a cama e ella já está feita. Os taes sujeitos ligaram-se com o cura, e gabam-se de ter dado do pobre homem uma conta que poderá muito bem leval-o ás galés... Está desgraçado, e eu tambem... Os actos d'este anno bolavérunt; desde as férias do Natal que não appareço na universidade... e já estamos em maio! Nem minha familia, nem meus professores sabem de mim... E tomava o grau de bacharel se acabasse este anno com boa fortuna!... tomei o grau de saloio; fica uma coisa pela outra... Mas que tenho eu alcançado no fim de tantos trabalhos? Nada, pela palavra nada... Ah! já me esquecia; apanhei uma estocada de uma mão de ferro .. Foi boa historia essa!—Nem sei mesmo como Marianna tem consentido que eu esteja ha um mez n'esta casa! debaixo d'estes trajos!—Já agora é uma teima... Mas o peior é ter eu envolvido o pobre lavrador n'uma meada de que já o não posso livrar... Para ganhar ascendente sobre o seu espirito, dei-lhe os funestos conselhos que hoje o deitam a perder!... Quanto estou arrependido da minha imprudencia!... mas o amor que tenho a sua filha... (*Olhando para a esquerda*) Está alli... se eu podesse falar-lhe? .. mas como, se ella foge sempre de se encontrar commigo?... Oh! ella ahi vem... isto é grande novidade!...

SCENA VIII

MARIANNA *e* GREGORIO

Gregorio—Minha senhora, tenho a honra de ..

Marianna (*Interrompendo-o*) — Não se cance com cumprimentos, e tenha a bondade de me ouvir: Tivemos a infelicidade de nos encontrar na primeira oitava do Natal passado.. (*Movimento de Gregorio*) Digo infelicidade, porque a tem sido para mim e egualmente para o senhor Diniz, (julgo que é este o seu nome?)

Gregorio — Sim minha senhora; esse é o nome do seu amante respeitoso e apaixonado...

Marianna (*Interrompendo-o*)—Desde esse dia começou a nossa desgraça; o senhor não voltou para os seus estudos quando acabaram as ferias; comprometteu-se com a sua familia; interrompeu talvez a carreira da sua fortuna. .

Gregorio—E que importa tudo isso? eu só pretendo agradar-lhe, merecel-a...

Marianna—E os desgostos que por sua causa tenho tido?

Gregorio—Ah! senhora!...

Marianna—Quando estavamos em Lisboa, o senhor Diniz era a minha sombra: para qualquer parte que eu fosse...

Gregorio—Eu nunca a segui senão á egreja.

Marianna—Porque minha madrinha não me levava a outra parte. Dia e noite não cessava de passear pela nossa rua...

Gregorio—E como sabe a senhora isso?

Marianna—Porque o via por dentro das adufas.

Gregorio—Ah!

Marianna—E minha madrinha tambem... mas ella ia disfarçando, ou talvez não percebesse; porém havia na visinhança pessoas mais espertas ou mais curiosas que tinham observado e percebido. (*Movimento de Gregorio*) Finalmente aquelle encontro que houve uma certa noite defronte das nossas janellas acabou de abrir os olhos a minha madrinha.

Gregorio—Era mais de meia noite e suppunha que já estaria recolhida.

Marianna—Despertámos com o tinir das espadas... chegámos á janella e tudo vimos. Minha madrinha mandou-me para casa de meu pae, e eu fiquei certamente desacreditada no espirito de muita gente.

Gregorio (*Afflicto*)—Que me diz?!

Marianna — Digo-lhe que estou desacreditada, porque toda a visinhança ficou persuadida que fôra despedida d'aquella casa por ter dado occasião a essa briga... e o senhor vindo a este casal de baixo d'esses trajos, quer acabar de me perder.

Gregorio — Ah Senhora! as minhas intenções são de um homem de bem, e se me dá licença vou já falar com seu pae.

Marianna—Nada conseguiria; ha mais de um anno que estou promettida a um rico lavrador do Alemtejo... homem que eu não conheço, mas...

Gregorio (*Aterrado*)—Oh meu Deus! meu Deus!

Marianna (*Afflicta e approximando-se d'elle affectuosamente*)—Que tem, senhor? torne a si.

Gregorio — Dê-me alguma esperança; diga-me que hade oppôr-se a esse casamento que lhe querem fazer.

Marianna — E' impossivel; por muito que me custasse nunca me havia de oppor ás determinações de meu pae, e peço-lhe que hoje mesmo saia d'este casal, aliás vou declarar tudo.

Gregorio—Então não tem compaixão de mim?

Marianna (*A'parte*) — Tenho de mais. (*Alto*) Não heide desobedecer a meu pae.

(Entrada de Camões pelo fundo)

Gregorio—Mas...

Marianna (*Que sentiu gente á porta*)—Silencio!

SCENA IX

MARIANNA, *o* CAMÕES, GREGORIO, *dois* OFFICIAES DE JUSTIÇA (*no fundo*)

Gregorio (*Olhando*)—Oh! com a fortuna! é o corregedor do bairro do Rocio.
Camões—Julgo ser esta a morada do senhor Sebastião d'Arruda, juiz da vintena do Almargem? (*A'parte*)—Que rapariga tão bonita!
Marianna—Sim senhor, que pertende sua mercê.
Camões—Pretendo falar-lhe—Onde está elle?
Marianna—Está no seu trabalho, mas eu vou já chamal-o. (*A'parte*) Que será isto? (*Sae pelo fundo.*)
Camões (*Assentando-se á esquerda*)—Tu és criado d'esta casa?
Gregorio (*Affastando-se e fazendo-se rustico*)—Sou sim senhor.
Camões—Que se diz de teu amo na terra?
Gregorio—Que se diz de meu amo?... diz-se... diz-se munta coisa.
Camões—Mas o que? bem ou mal?
Gregorio (*A'parte*)—O homem quer puxar-me pela lingua. (*Em voz alta*)—Uns dizem bem, outros dizem mal.
Camões—Quaes são os que dizem bem?
Gregorio—Nós outros que o servimos, e todos os pobres do logar.
Camões—E os outros?
Gregorio—Os oitros... esses não o podem enxergar com dois olhos que tem na cara: os lavradores porque é mais rico do que elles; o capitão da ordenança porque meu amo não consente que lhe vamos amanhar as terras sem nos pagar p'ra cá o jornal; os menzarios da Senhora do Amparo porqu'elle não quer festas lá por alta noite; o cura, porque o sôr Sebastião diz aos pobres que lhe não dêem tudo qu'elle quer, e... e oitros muntos dizem mal porque o ouvem dizer a estes. (*A'parte*) Vamos a vêr se posso salvar o pobre homem.
Camões (*Que o observou com o sobrolho franzido*)—E's um rustico, porém estás bem ensaiado... aprendeste bem a tua lição.
Gregorio—Que diz sua mercê?
Camões—Que vás procurar teu amo, e dizer-lhe que estou á sua espera.
Gregorio—E quem direi que é sua mercê?
Camões—E' escusado.
Gregorio—Sua mercê manda mais alguma coisa?
Camões—Por ora não.
Gregorio (*A'parte*)—O homem está perdido; ficarei perto a vêr se lhe posso valer. (*Faz cortezias ao Camões e aos officiaes de justiça. Sae pelo fundo.*)

SCENA X

O CAMÕES *e os dois officiaes* (*no fundo*)

Camões—Eis-me aqui pois no Almargem para prender um lavrador. Parece-me que não valia a pena de me incommodar para uma diligencia de tam pouca monta; porém, manda el-rei, não ha remedio senão obedecer. (*Reflectindo*) Que quererá dizer estar elle com uma cara tam prasenteira quando me deu esta ordem?!... Ha mais de um mez que o não via rir; e para isto tam folgazão!... (*Reflectindo*) Dar-se-ha caso que a sua tristeza e a sua alegria tenham que vêr com a prisão d'este homem?... Não póde ser.—O certo é que se fôr verdadeira a conta que d'elle deram a el-rei, e que eu vi, deve de ser um faccinoroso!... Vamos de vagar, que estas queixas, as mais das vezes, são obra de inveja e de maldade... serão; mas elle vae sempre gemer para a cadêa, emquanto não fôr justificado... e depois, se os accusadores são poderosos, vá lá haver-lhe os damnos.—Assim anda o mundo; os mais fortes pesam sobre os mais fracos... e ás vezes esmagam-n'os, sem lhe valer a justiça.. Justiça! anda tão encarquilhada a pobre de Christo como uma velhinha de cem annos... Muita coisa vejo eu que lhe devia dar remedio, muitos crimes que se poderiam evitar ou punir rigorosamente .. mas eu não nasci para reformar o mundo, nasci para me divertir com elle... E tenho cá de mim para mim que mais vale ser corregedor em Lisboa do que ouvidor em alguma capitania da costa d'Africa... pessimo clima, moças muito negras... gente mais apaixonada de cachaça que de versos e boa sucia... que ia eu lá fazer?... Vamos fechando os olhos, e vivendo regaladamente no nosso Portugal velho, que é boa terra.—Muito me arrisco eu ás vezes, confiado na boa feição d'el-rei; mas d'isso mesmo é preciso emendar-me. Tem seus dias de má catadura! Se vae a gente lá n'uma occasião d'essas, dizer-lhe alguma verdade... Principes não morrem por ellas. (*Olhando para o fundo e levantando-se*) Chega o tal marmanjo... não tem muito má cara... mas a da rapariga ainda é melhor.—O homem viria por aqui á caça? Capaz é elle d'isso... Oh diacho!... se eu soubéra!... Pois ainda t'a prégo se pudér, que te devo uma divida.—Vejamos o que isto é.

SCENA XI

O CAMÕES, SEBASTIÃO, MARIANNA, GREGORIO (*afastado*), *os dois officiaes* (*no fundo*)

Sebastião—Sou um creado de sua mercê. Manda alguma coisa do seu serviço?
Camões—Sou o corregedor do bairro do Rocio, e venho intimar-lhe da parte d'el-rei que se recôlha ás cadêas da côrte.
Marianna (*Afflicta*)—Oh meu Deus!
Sebastião—Eu senhor?! qual é o meu crime?
Camões—Não sei; mas foi presente a el-rei uma queixa que deram de v. m.
Sebastião (*Afflicto, olhando para Gregorio e a meia voz*)—Ah Gregorio! Gregorio!
Gregorio (*Aterrado áparte*)—Que volta lhe heide eu dar? Estou tam embaçado que nada me lembra.
Camões—Portanto dê ordem á sua casa, e prepare-se para me acompanhar.
Sebastião—Que remedio tenho eu?
Marianna—Ah meu pae!
Sebastião—Socega, rapariga; cá a minha consciencia está limpa, e isto não hade ser nada com o favor de Deus. (*Ao Camões*)—Sua mercê hade dar licença que eu vá vestir-me com mais alguma limpeza, e dêxar cá as ordens pr'ós trabalhos do casal.
Camões (*Assentando-se*)—Pois não! arrange-se a seu gosto. (*Sebastião encaminha-se para a porta da direita e Camões dirigindo-se aos dois officiaes*) Sigam esse homem.
(*Sebastião sae pela direita, seguido de Gregorio e dos officiaes.*)

SCENA XII

O CAMÕES *e* MARIANNA

Marianna—Ah senhor Corregedor! compadeça-se de meu pae, que está innocente; não o leve preso para Lisboa.
Camões (*Que não tem tirado os olhos de Marianna levantando-se*)—Oh minha rica menina! muita pena tenho de lhe não poder fazer o que me pede;

é uma ordem d'el-rei e hade executar-se; mas conte com a minha protecção em tudo e por tudo.

Contae commigo; sou, sou todo vosso...
Dedos mimosos, feces de setim,
Loiros cabellos, dentes de marfim!
A taes encantos resistir não posso.

Marianna (*Que não prestou attenção aa que elle diʒia* —Hei de acompanhar meu pae a Lisboa, hei de ir com minha madrinha deitar-me aos pés d'el-rei.
Camões—Aos pés d'el-rei! oh menina! não se lembre de similhante coisa; só se... A menina conhece o nosso .. digo, já beijou a mão a el-rei?
Marianna—Eu! aonde?... Não senhor.
Camões (*A'parte*)—Então enganei-me: não é a coisa. (*Em voʒ alta*) Pois minha flor, meu suspiro branco, não se metta n'isso, olhe que póde fazer o caso peior. E' muito bonita e não convêm... (*Emendando*) não convem que fale por ora a el-rei que está como uma furia contra seu pae... Lá a madrinha... (ella provavelmente é velha) essa sim, essa póde ir sem perigo.—Mas o melhor é deixar tudo por minha conta; hei de ser o juiz do processo, e já lhe disse que podia esperar de mim todo o favor. (*A'parte*) Como ella é boa!
Marianna (*Chorando*)—Oh meu Deus!
Camões (*Pegando-lhe na mão que ella retira*)—Ora, minha linda menina, não chore; ha quem seja mais desgraçado que seu pae; a sua prisão poucos dias poderá durar, mas eu... prso pelos seus formosos olhos, toda a vida chorarei o meu captiveiro. (*Quer pegar-lhe outra veʒ na mão que ella retira*)
Marianna (*Afastando-se*)—Senhor?! que quer isto dizer?
Camões—Quer dizer que a amo, que a adoro, que...
Marianna (*Indignada.*)—Senhor corregedor, deixe-me! Lembre-se do seu caracter, do seu officio. .
Camões—O meu officio é prender gente, e a menina prendeu-me agora a mim: aonde se fazem ahi se pagam.—Mas eu peço vista, requeiro alvará de fiança, para o que entregarei um memorial que tenha... que tenha peso e valor ao relator do feito; e espero...
Marianna—Se el-rei soubesse os ministros que tem?...
Camões—El-rei!! Ora menina, el-rei sabe o que são as fraquezas do proximo; a justiça tempera-se com... (*Sentindo rumor no fundo.*) Oh diabo! que ahi vem gente...

SCENA XIII

O CAMÕES, LOURENÇO, ESTEVES *e* MARIANNA

Esteves, (*Entrando pelo fundo a Lourenço.*)—Olha meu Loirenço, lá está o ministro que vem prender o nosso patife... e a lambisgoia da filha hade estar pedindo misericordia.
Lourenço—Elle tem mangado com a tropa, mas hoje mangamos nós com elle.
Camões (*Já muito serio, a Marianna que se afastou d'elle*)—Que gente é aquella?
Marianna—São os accusadores de meu pae.

(*Os dois faʒem do fundo muitas corteʒias a Camões*)

Camões—Que taes elles são!
Lourenço (*Approximando-se*) — Sou um reverente creado do sôr doitor corregedor.
Esteves (*Approximando-se*)—Muito gosto tenho em conhecer sua mercê; e desejo que Deus o ajude em todas as suas obras.
Camões (*Friamente*)—Sou seu criado. Os senhores pretendem alguma coisa de mim?
Lourenço—Não senhor. Soubemos que sua mercê estava no Almargem, e vimos fazer-lhe os nossos cumprimentos.
Camões—Muito obrigado.—O senhor, pelo que vejo, é da tropa?...
Lourenço—Sou capitão d'ordenanças, á falta d'elles, para servir a sua mercê.
Camões—E foi á guerra nos seus tempos?
Lourenço—Não senhor, nunca veiu a geito.
Camões—Pois é pena, porque lhe acho a catadura de um homem valente.
Lourenço—Muito agradecido a sua mercê.
Camões (*a Manuel Esteves*)—O senhor provavelmente tambem é pessoa de consideração cá no logar?
Esteves—Sou o précurador da irmandade da Senhora do Amparo, e um criado do senhor corregedor.
Camões—Ah! é procurador!... tem um bom officio se souber usar d'elle.
Esteves—Faço-lhe a diligencia.
Camões—Isso creio eu... procura bem? não é assim?
Esteves—Que diz sua mercê?
Camões—E' cá uma coisa... Ora diga-me; cá pelas festas e arraiaes ha muitos oiteiros?
Esteves—Isso lá muitos; estamos cercados d'elles; não se faz um quarto de légua que não ande a gente a subir e a descer.
Camões (*Rindo-se*)—Não lhe falo n'esses oiteiros; pergunto-lhe se apparecem poetas por estes sitios? Não ha por aqui perto algum convento de freiras?
Lourenço—Freiras não senhor; mas por festas vêm por ahi alguns meliantes de Lisboa, e glosam alguma coisa ás raparigas, mas os rapazes da terra não gostam muito que façam versos ás moças do logar.
Camões—Isso que têm? não lhe façam elles outra coisa... (*Sentindo rumor e olhando para a direita.*) Bravo que tafularia! o tal juiz da vintena vem de ponto em branco!

SCENA XIV

O CAMÕES, SEBASTIÃO, LOURENÇO, ESTEVES, MARIANNA, GREGORIO (*com um grande chuço conduʒindo oito criados com chuços e cajados*) *e os* DOIS OFFICIAES DE JUSTIÇA.

(Os dois officiaes entram adiante de Gregorio; vêm assustados e dirigem-se logo para a porta do fundo. Sebastião traz casaca. chapéu armado, vara debaixo da portinhola direita, e espada. Gregorio fórma a sua gente no meio da scena)

Camões—Que quer isto dizer?
Sebastião—Eu lh'o explico: Da parte d'el-rei, dou a voz de preso a sua mercê.
Camões—Eu preso!?
Sebastião—É como lh'o digo: e hade fazer favor de me acompanhar até Lisboa.
Lourenço—Isto é o cumulo da...
(Gregorio ameaça Lourenço com o chuço.)
Sebastião—Sôr Loirenço Gameiro, sôr Loirenço Gameiro! ..
Camões—Ora v. m. sabe que isto que faz não tem pés nem cabeça, e que se hade arrepender do seu procedimento!
Sebastião—O senhor não sabe que se acha no districto cá da nossa jurisdição e que...
Camões—Sei muito bem, pois vim aqui de proposito para o prender, e já effectuei a minha diligencia.
Sebastião—Esse acto está nullo.
(Gregorio ri durante esta scena; Marianna olha para elle admirada.(
Camões—E porque?
Sebastião—Porque não me apeou primeiro, que é por onde devêra ter começado. Portanto encon-

trando um homem que não conheço, e que nem sei se é corregedor se não é, fazendo por aqui diligencias, eu juiz d'esta terra que me acho com todas as minhas autoridades, prendo sua mercê á ordem d'El-rei.

Camões (*Rindo*)—Ganhou, senhor juiz da vintena; póde lavrar seis tentos. Ora o certo é que debaixo de uma ruim capa se acha ás vezes ...

Sebastião—Um bom bebedor, não é assim? Pois é para que veja que nós cá para fóra tambem sabemos o nome ós bois.

Camões (*Rindo*)—Isso sabem vocês melhor que os de Lisboa.

Gregorio (*Rindo. A'parte*)—Tornou-se o feitiço contra o feiticeiro.

Marianna (*A meia voz*)—Ainda não estou em mim!

Esteves (*A'parte*)—O homem tem pacto com o diabo.

Lourenço (*A'parte*)—Eu mesmo já me não julgo aqui muito seguro.

Sebastião—Portanto, quando sua mercê determinar?

Camões—Estou ás suas ordens. (*Pega no chapéo que tinha posto sobre uma cadeira, A'parte á bocca da scena.*) Que formidaveis gargalhadas não dará el rei... e então elle!

Côro

Para a côrte de Lisboa
Sem demora caminhemos,
E vamos ali mostrar
O grande juiz que temos.

Camões

Que m'importa esta prisão?
Faz-me rir, não vale nada;
Mas que grande surriada
Elles todos me darão!

Côro

Para a côrte de Lisboa etc.

Sebastião

Se conselho não tivera,
Hoje ficava mamado.

Gregorio (*A'parte*)

Elle veiu buscar lã,
Mas vae mui bem tosquiado!

Lourenço (*A Esteves*)

Quem havia de pensar
Que o saloio tal faria?!

Esteves (*A Lourenço*)

Eu não sei o que te diga,
Mas parece brucharia.

Camões

Vamos pois, não ha remedio;

Sebastião

A's suas ordens estou.

Marianna

N'um momento o céo piedoso
A minha sorte mudou.

Côro

Para a côrte de Lisboa etc.

(Movimento de saida)

ACTO SEGUNDO

O theatro representa a antiga rua dos Cavalleiros. Janellas com adufas de um e outro lado. A' direita, no primeiro plano, uma porta praticavel, com um pequeno alendre; pé a loja de um sapateiro remendão ; do mesmo lado, no plano mais acima, a entrada de uma travessa. A' esquerda, no segundo plano, janella de adufa praticavel; porta praticavel no terceiro plano, debaixo de outra janella de adufa.

SCENA I

BARTHOLOMEU, *depois* GREGORIO

(*Bartholomeu está trabalhando á sua porta, debaixo do alpendre*)

Bartholomeu (*só*)

Um velho zoupeiro,
E muito mesquinho,
Tinha por visinho
Um bom sapateiro;

Mas não descansava,
Que o mestre batia,
E cantarolava
De noite e de dia.

O tal camafeu,
P'ra que se calasse
E não martellasse,
Dinheiro lhe deu.

Eu que sempre velo
Que canto e martello,
Não acho um diabo
Que me dê um chavo!

Dizem que quem canta seus males espanta, pois não é verdade... O officio não rende... não ha uma alma damnada que queira uns sapatos da minha mão; só apparecem concertos, e de mais a mais querem que lh'os faça pela hora da morte... no entretanto a barriga padece.—Entretenho-me a cantar e divirto-me em espreitar a visinhança.. mas que importa! não posso disfarçar o meu mal.—O que me vale é a criada da D. Antonia que me dá ás escondidas alguns restos que por lá lhe ficam... boa rapariga! mas tem a mania de querer casar, e eu estou muito escaldado de casamentos. — Ora que eu tenha tido dois officios, e que em ambos elles tenha sido infeliz!... Já quando era barbeiro, ninguem queria barba que eu fizesse... isto é sina!... (*Emquanto fala nunca deixa de correr os olhos por todos os lados.*) Oh! lá sae o maloio, criado do compadre de D. Antonia.

Gregorio (*Entrando pela porta da esquerda*) — Guarde-o Deus, sô mestre!

Bartholomeu — Deus o guarde, senhor lavrador... Que tem por cá?

Gregorio—Nada.—Não tenho que fazer lá em riba, venho cá p'ra baixo conversar um boccado.

Bartholomeu — Faz muito bem.—Ora diga-me, seu amo já se livrou d'aquelle crime que lhe puzeram?

Gregorio — Porque! meu amo fez algum crime? Se fosse criminoso não andava solto.
Bartholomeu—Isso lá são coisas... tem protecção, e de certo não vae á cadeia.
Gregorio—Então que protector tem elle?
Bartholomeu Você é um homem boçal, e não tosca essas coisas.
Gregorio—Lá isso é verdade; mas como ainda não vi pessoa alguma que o protegesse...
Bartholomeu—Bem digo eu, que você está por conquistar... Pois mette-se-lhe na cabeça que sem protecção, e protecção graúda, elle se havia de livrar solto de dois crimes tamanhos? A' uma, que o mandou El-rei prender pelo Corregedor do Rocio; á outra, que não foi pequena a desfeita que elle fez ao mesmo Corregedor, trazendo-o preso p'ra Lisboa, no meio d'uma chusma de phariseus.
Gregorio (*Rindo*) — Obrigado pelo elogio, que eu tambem era dos phariseus —Alembra-me agora que talvez seja sua protectora a sôra D. Antonia do Menino Deus.
Bartholomeu—Quem! a beatorra da velha? .. ora deixe-se d'isso. Quem o protege é a filha.
Gregorio (*Indignado*)—A filha! Marianna!? Que diz, sô mestre?
Bartholomeu—Digo-lhe isto; e eu que o digo é porque o sei. Você nunca ouviu falar lá em casa n'uma briga que houve, aqui ha dois mezes, defronte das janellas de D. Antonia?
Gregorio—Eu não. Conte-me lá isso.
Bartholomeu (*Levantando-se*) -- Ah! você não sabe... pois eu lhe vou contar toda essa historia, e e uma obra de misericordia que lhe faço, que é bom para os creados saberem o viver dos amos.— (*Olhando para as janellas de D Antonia.*) Esta sua patrôa moça (isto sabe vccê) foi creada, aqui na rua dos Cavalleiros, em casa da madrinha, a tal D. Antonia do Menino Deus; casa em que nunca houve que arranhar. Mas pelo Natal passado..
Gregorio (*A'parte*)--Por modo que sabe do negocio.
Bartholomeu (*abaixando mais a voz*)--Sim, se não foi pelo Natal, foi alli por pé, começaram-me a rondar por aqui dois mirones. . porém rondavam mais de noite que de dia... Um nunca eu pude saber quem era. . mas o outro!... oh! o outro... esse é muito meu conhecido.
Gregorio--Pois conhece algum?!
Bartholomeu—Como conheço as minhas sovellas... era eu... era um sugeito com quem tive n'outro tempo umas historias, quando eu era barbeiro.
Gregorio—Ah! o sô mestre já foi barbeiro! bem o parece pelos vastos conhecimentos que tem... da visinhança.—Então que historia teve com o tal sugeito? e quem é elle?
Bartholomeu—Espere, homem; eu lhe digo: era eu então barbeiro, (officio para o qual nunca tive muito geito) e trabalhava na loja de Antonio Guitarra, lá p'rá rua Fresca. Era n'um sabbado á noite; entrou na loja um homem embuçado na sua capa e assentou-se n'um canto.—Os freguezes que estavam foram-se aviando e sahindo; entraram outros e sahiram .. falou-se muito nas vidas alheias e até mesmo em pessoas de pôlpa alta.—Por duas ou tres vezes perguntou o mestre ao tal embuçado se queria fazer a barba, e elle: moita. Deram as onze e já não havia na loja senão o tal freguez. —O mestre sahiu para ir cear, e eu fiquei só com o individuo.—Com o engodo de ganhar um desgraçado vintem, perguntei-lhe se queria barbear-se.—«Que tal é a sua navalha, mestre?» me perguntou elle. Muito boa, lhe respondi eu.—«E a mão?»—Muito melhor ainda.—«Pois vamos a isso, disse elle.—Desembuça-se, e vejo um homem bem apessoado e bem parecido. Assenta-se na cadeira do meio, e eu fiquei passado quando vi uma cara mimosa, e com a barba feita da vespera. Sempre fui tomando animo, e comecei a barbeal-o; mas logo aos primeiros talhos fiz-lhe sangue na cara. —Que tal está a navalha? lhe perguntei eu.— «Muito boa,» me respondeu elle. Bom, disse eu commigo mesmo: o homem não é dorido.—Continuei com mais algum desafogo, e elle muito contente da sua vida, sem tugir nem mugir, e mais já tinha a cara que nem um santo sudario. Por fim acabei, e perguntei-lhe se estava satisfeito —«Muito,» me respondeu elle, com um ár de riso. E pondo a capa e puxando pela bolsa que estava rebentando com ouro, tirou um cruzado que deitou em cima da mesa, e com a mesma mão com que me deu o dinheiro... oh Virgem Sagrada! desanda-me um murro nos dentes que me quebrou a frontaria toda. . Ora veja esta miseria!
Gregorio (*Rindo*)—Então já vejo porque se desgostou do officio de barbeiro?
Bartholomeu—E' verdade.
Gregorio--Mas quem era o do murro?
Bartholomeu—Quem era?... quem era?... isso lhe não digo eu.
Gregorio (*Agitado*)--E porquê?
Bartholomeu—Porque... porque... porque tenho medo de outro murro ou de mais alguma coisa.
Gregorio (*Agitado, ápart*e)—Oh meu Deus! tenho uma desconfiança... desgraçado de mim se ella se realiza. . (*Em voz alta*) Pois bem; não quer dizer o nome do homem, não importa; mas que tem essa historia com a da briga?
Bartholomeu—Espere, que já lá vamos. Como lhe ia contando: haverá dois mezes, era mais de meia noite, um dos taes mirones, (não o meu conhecido, o outro) zangado de vêr passear aquelle vulto por defronte das janellas da rapariga, que elle tambem namorava, lembrou-se de se fazer pimpão, e n'uma das voltas em que o meu conhecido vinha para baixo, atravessa-se-me no meio da rua, e diz-lhe com alma: «Por aqui ninguem passa!» O tal desconhecido, (que é aquelle que eu conheço pelo murro, mas não digo quem e, tão tolo era eu!) o tal desconhecido, como ia dizendo, que é um grande espadachim e morre por estes encontros, mette mão á espada e o outro tambem.—Agora o verás; esgrimiram mais de um quarto de hora... mas o meu conhecido, que é forte de pulso, deu uma estocada no pobre diabo e deixou-o.—O golpe, supponho eu, que não foi de morte, porque o melro foi andando pelo seu pé, porém nunca mais tornou a apparecer até agora.
Gregorio—Ora vejam o que o sô mestre sabe de coisas!—Mas quem lhe disse que os taes dois mirones (como lhe chama) andavam namorando minha patrôa?
Bartholomeu—Quem m'o disse? Ninguem Para que tenho eu dois olhos n'esta cara? E ainda digo mais, a rapariguinha por modo que se inclinava para o que levou a estocada.
Gregorio (*Com satisfação*)—Como sabe você isso?
Bartholomeu—Via-o eu muito bem: quando passava o meu conhecido, estava a adufa inteiramente fechada; mas quando passava o outro, logo se abria um bocadinho, e em elle virando as costas, era de todo, para o vêr melhor, já se sabe.
Gregorio (*A'parte*)—E eu que nunca percebi similhante coisa!
Bartholomeu (*Indo arranjar o seu trem*)—Mal ella voltou para Lisboa, começaram logo outra vez a rondar dois rebuçados: um d'elles é o meu conhecido, e a respeito do outro tenho cá uma desconfiança...
Gregorio—Ora diga lá essa desconfiança.
Bartholomeu (*A meia voz*)—Parece-me... parece-me que é o Camões do Rocio.
Gregorio (*Fingindo-se admirado*)—Ah!! o tal Cor-

regedor que meu amo trouxe preso para Lisboa!

Bartholomeu—Esse mesmo.

Gregorio—Mas porque me não hade dizer o sôr mestre o nome do seu conhecido, já que não teve duvida em me dizer o nome d'este. Ou é pessoa de maior consideração, ou muito medo tem você d'elle.

Bartholomeu — E' uma coisa e outra. (*Voltando á scena)* — Ora venha cá; você nunca ouviu contar casos d'El-rei?

Gregorio—Eu não. (*A'parte*) Vão crescendo as minhas suspeitas.

Bartholomeu — Pois eu lhe conto alguns que sei. Este nosso rei o senhor D. João V é um grande jogador de espada preta, e gosta de andar passeando pela cidade, disfarçado e de noite (já se sabe) Entra n'uma loja, entra n'outra e ouve o que se diz d'elle e do seu governo para depois se regular. Tambem namora a sua rapariguinha e tem por ahi suas brigas, coisas de que elle gosta muito, e quasi sempre dá. Comtudo já achou uma vez um saloio que, sem saber o jogo, e dando a torto e a direito, apertou de tal modo com el rei, que este foi obrigado a apitar para lhe acudirem, quando não o saloio dava cabo d'elle.

Gregorio—Não está máo divertimento!

Bartholomeu—N'outra occasião entrou na loja de uma pobre mulher que vendia lenha. Os parceiros para a conversa eram a dita mulher, e tres criados de servir, que estavam alli fazendo horas. El-rei armou logo palestra com elles, e de que se havia de lembrar? de dizer mal de si. Os tres criados, que parece que eram gallegos, riram muito, e não se escandalisaram... mas a boa da mulher, que era portugueza nos ossos, offendida de ouvir injuriar o seu rei, sae-me muito surrateira para fóra do balcão com uma acha de lenha escondida... toma-lhe a porta e desanda-me no rei tres formidaveis arrochadas, segundo dizem, que eu não vi. — O certo é que a mulher nunca mais tornou a vender lenha, e tem hoje uma tença muito boa e muito mal paga, pos causa da obra de Mafra.—Então que lhe parece, sô lavrador!

Gregorio—Que me hade parecer? que quem faz isso, podia muito bem quebrar com um murro os dentes a um máo barbeiro.

Bartholomeu — Hein!! A modo que você não é tão lôrpa como parece (*Olhando para o fundo, e vendo um vulto embuçado que apparece á esquerda e vem descendo pela rua abaixo, fica espantado)* Adeus! Adeus! temos conversado os farrapos. (*Mette com precipitação a tripeça e a alcofa para dentro de casa e fecha a porta*).

Gregorio — Que tem elle?! (*Olhando para o fundo*) Ah!!! Agora é preciso representar bem de saloio, quando não estou perdido.

SCENA II

O DESCONHECIDO, *e* GREGORIO

(*O desconhecido traz chapéo desabado e vem embuçado*)

O Desconhecido (*A Gregorio, que está na extrema direita)*—Anda cá!

Gregorio—Quem? eu!. .

O Desconhecido—Approxima-te.

Gregorio (*Sem tirar o chapéo*)—Antão que me quer?

O Desconhecido—Quero que me faças um recado.

Gregorio—Um recado?!

O Desconhecido—Hasde levar uma carta a tua ama, mas com muito segredo.

Gregorio—Essa é boa; é p'rá senhora D. Antonia... dê cá isso.

O Desconhecido—D. Antonia! não, lôrpa; é para entregar á senhora Marianna.

Gregorio—E de quem é a carta.

O Desconhecido—Isso não é da tua conta?

Gregorio—Pois antão não lhe pego.

O Desconhecido (*Com imperio*) — Mando eu!... (*caindo em si*) Anda, anda que te heide dar para umas botas. (*Apresenta lhe a carta.*)

Gregorio—Como dá alguma coisa... vá feito. (*Acceita a carta*)

O Desconhecido—Toma bem sentido; olha que hasde entregar a carta em particular.

Gregorio—Sem que ninguem veja, sim senhor.

O Desconhecido—Isso mesmo; e se trouxeres resposta terás o que quizeres. Em fechando a noite estarei á tua espera no cimo da rua. Adeus!

Gregorio—Adeus lá! e sempre obrigado.

(O Desconhecido embuça-se e vae pela rua acima. Desapparece pe'o ultimo plano á esquerda.)

SCENA III

Gregorio (*Só. Olhando para a carta que tem na mão*) —Ah carta! carta!... Quem me dera saber o que ella contém... mas abril-a era arriscar-me a muito... Guardal-a-hei fechada, pois talvez possa servir para alguma coisa. (*Guarda a carta*) Eis-me aqui pois feito mensageiro de um e outro... O tal Camões não póde tardar... hade vir buscar a resposta, e já está preparada.—Esse é que hade pagar por ambos; hade levar uma lição que o escarmente para sempre de andar a corrrer aventuras d'amores. Protesto que hade ser bem castigado... Mas o outro?... o homem da carta?... esse... (*Reflectindo*) Verêmos... Eu sou tão feliz, e elle gosta tanto de gracejar... mas o que eu não sei é se gosta que se graceje com elle... (*Reflectindo*) Vá á sorte! preso por mil, preso por mil e quinhentos: tambem levará a sua lição. Dar, não me dá elle porque já sei o seu golpe da mestre, que o diga este hombro que ainda não está curado de todo .. O caso sempre é muito melindroso!... Ora com effeito, metti-me n'uma tal embrulhada, que se sair bem d'ella, levo as palmas a todos os estudantes passados, presentes e futuros. — (*Olhando para o fundo*) Oh! ahi vem o Camões; como elle hade ficar contente com a resposta que lhe vou dar! (*Tira o chapéo e faz-lhe muitas cortezias*)

SCENA IV

CAMÕES *e* GREGORIO

Gregorio (*Subindo a scena e levantando a voz*)—Sou um seu creado sôr doitor Corregedor!

Camões—Nada de comprimentos; vamos ao que importa: que resposta me trazes do recado que mandei a tua ama? Respondeu por escripto?

Gregorio—Não senhor: de palavra. O sôr doitor Corregedor não lhe escreveu, tambem ella não.

Camões—Então que manda dizer?

Gregorio (*Levantando a voz*)—Manda dizer...!

Camões—Oh diabo! fala mais baixo que nos podem ouvir.

Gregorio (*Abaixando muito a voz*) — Manda dizer ó sôr doitor Corregedor que lhe não pode falar das janellas de sua madrinha.

Camões (*A'parte*)—Tenho entendido; é por causa d'elle. (*Em voz alta*) E é a resposta que trazes? Olha que te digo que és forte embaixador.

Gregorio—Se o sôr doitor corregedor toma o recado na escada!...

Camões—Pois avia-te!

Gregorio (*Levantando a voz*)—Diz ella...!

Camões—Fala mais baixo!

Gregorio (*Abaixando muito a voz*)—Diz ella que vae esta noite com a madrinha a casa de D. Francisca d'Albuquerque que mora no Postigo de Santo An-

dré, e que em sendo dez horas falará a sua mercê a uma das janellas rentes da rua.

Camões—Oh que bella ideia!... (*Refflectindo*) Mas as taes janellas têm grades?

Gregorio—Isso lá não sei eu.

Camões—Está bem; sahiste melhor do que eu pensava. Tens teu geito para o officio, e se puxares por ti hasde fazer fortuna em Lisboa. Ora toma lá .. (*Vae a puxar pela bolsa, sente-se o sapateiro mexer na porta.*)

Gregorio—Oh sôr Corregedor! pelo amor de Deus, não me dê dinheiro na rua; sinto o sapateiro mexer na porta, e meu amo póde estar por dentro das adufas.

Camões—Pois então passa lá por casa quando quizeres.

Gregorio—Munto obrigado sôr doitor Corregedor. (*Fazendo muitas cortezias e sempre de chapéo na mão afasta-se para o fundo.*)

Camões (*So*)—Isto vae bem; a filha hade pagar pelo maroto do pae.—Não me importa a desfeita; o que me faz desesperar é o gosto que tiveram os meus inimigos, e a caçoada que tenho soffrido dos amigos, principalmente d'El-rei que não póde olhar para mim que não dê uma gargalhada... E quando elle me pergunta muito sério se quero ir fóra da terra a uma diligencia?—E cuidar eu que o tal marmanjo não havia de ir á cadêa, e havia de alcançar d'El rei o poder-se livrar solto!... isto é o que eu não posso levar á paciencia!... Mas não importa, como a rapariga não é arisca, eu me pagarei por minhas mãos, e o saloio não se hade ficar rindo de mim. Mas elle?... elle que tambem arrasta a aza á minha Marianna!... se o vem a saber temos historias .. porém alguma coisa lembrará para metter o caso á bulha, e heide escapar como de outros mônos que lhe tenho pregado. Ainda hoje lhe preguei eu um, e não sei como tomará o negocio. (*Reparando no sapateiro que durante o soliloquio abriu mansamente a porta, e está arranjando o seu trem*) Oh! está alli um remendão... não me conheça elle! (*Sae pelo fundo, direita.*)

SCENA V

GREGORIO e BARTHOLOMEU

Bartholomeu (*A'parte, antes de Gregorio ter descido a scena*)—Vamos a vêr se lhe metto medo, para elle repartir commigo o porte das cartas. (*A Gregorio*) Quando eu disse que você não era tam lôrpa como parecia, não me enganava eu.—Com que então você, com esse ár de innocencia, faz jogo para ambos os lados?

Gregorio--Que diz lá o sôr mestre?

Bartholomeu—Digo que você, para saloio, não é dos mais pêcos... leva a sua cartinha...

Gregorio—Qual cartinha!?

Bartholomeu—A que lhe entregou aquelle sugeito; cuida que o não vi? Tenho ali uns buraquinhos n'aquella porta, e nada me escapa.

Gregorio (*Aparte.*)—Oh que maroto!

Bartholomeu—E tambem percebi o seu negocio com o Camões do Rocio; você é tão fino que lhe não quiz acceitar o dinheiro na rua...

Gregorio—Ora o sôr mestre sabe que assim como ficou sem dentes, pode muito bem ficar sem olhos?... se o souber o sugeito do murro...

Bartholomeu—Oh senhor Gregorio, pelo amor de Deus!... olhe que estou gracejando, e isto não passa d'aqui. (*Aparte.*) O diabo do saloio já o conhecerá? (*Em voz alta.*) Não desconfie commigo.

Gregorio—Eu não; mas veja o que faz; ao depois não se queixe.

Bartholomeu—Não tenha medo, senhor Gregorio; d'aqui não sae nem uma palavra...Mas você sempre paga uma pinga.

Gregorio—Isso lá sim... e mais alguma coisa.

Bartholomeu—Oh rapaz! toma lá um abraço. (*Abraça Gregorio.*)

Gregorio—Está bom; não me aperte tanto que me amolga as costellas.

SCENA VI

D. ANTONIA, GREGORIO, BARTHOLOMEU, UMA CRIADA (*que segue D. Antonia,*) DEPOIS SEBASTIÃO (*sahindo de casa á esquerda, e fica em num 2:*) MARIANNA (*á janella.*)

(D. Antonia vem vestida como as beatas d'aquelle tempo, traz manto, assim como a criada, que fica atraz d'ella; mas depois vae passando para a direita para se aproximar do sapateiro.)

D. Antonia (*Com máo modo, a Gregorio.*)—Então que fazes tu por fóra?

Gregorio—Estava ajustando uns tacães aqui c'o mestre.

Bartholomeu—E verdade. (*Vae assentar-se.*)

D Antonia (*Idem.*) E se teus amos precisarem de ti lá em cima?

Gregorio—Elles deram-me licença.

D. Antonia—Ah! isso então é outra coisa.—Porém já que tinhas uma hora vaga era melhor que a aproveitasses em ir ao sagrado Lausperenne; olha que a gente n'este mundo vive dois dias e no outro...

Gregorio—Eu já tinha essa tenção, mas. .

D. Antonia—Pois não a percas. Sabes onde está?

Gregorio—Está... nos Martyres (*Aparte*) Ouvi-lh'o dizer esta manhã.

D. Antonia—Pois vae, meu filho, e bem podes estar com muita devoção; não faças como tantos que mais valia que lá não fossem.

Gregorio—Sim senhora.

(Abre-se a primeira adufa e apparece Marianna á janella.)

Sebastião (*Sahindo de casa.*)—Já voltou, senhora comadre?

(Durante esta scena Gregorio e Marianna fazem signaes de intelligencia, que não escapam ao sapateiro, que tambem está de intelligencia com a criada.)

D. Antonia—Cheguei agora, senhor compadre... Mas muito me admira sahir v. m. para fóra, e deixar só em casa uma menina donzella?!

Sebastião—Oh sôra comadre, pois eu cá havia de suppôr... nós lá p'ra fóra não somos tam desconfiados.

D. Antonia—Lá fóra é uma coisa e na cidade é outra. O senhor compadre não sabe o que por cá vae, que está sempre mettido no seu casal. É tanta a maganagem em Lisboa, que todos os olhos são poucos para vigiar as raparigas. Mas que hade ser se os grandes dão o exemplo! Deus tenha compaixão de nós! os costumes estão estragados... e então o luxo? isso Deus nos acuda, não trajam senão sedas bordadas... e se uma pessoa de alguns têres não anda como as mais, fazem logo escarneo d'ella. Nossa Senhora do Monte do Carmo se lembre de nós. (*Olha para traz e não vendo a criada, procura-a com os olhos, e muito arrenegada faz-lhe signal para que se afaste de Bartholomeu.*)

Sebastião--Com effeito, sôra comadre, não sabia que isso estava tam máo.

D. Antonia—O que eu digo ainda não é nada; os escandalos não têm fim; o que vale é a muita indulgencia que vem de Roma... isso então, nunca houve tanta! E reliquias, breves e bullas, que é mesmo uma consolação! Dizem que tudo isto custa muito dinheiro... deixál-o custar... (*Com ironia*) era melhor gastál-o em touros e cavalhadas como d'antes? Não senhor; dotam-se conventos,

fazem-se basilicas, e temos duas Sés em Lisboa... Mal empregado dinheiro que se foi na obra livre; para que é toda aquella arcaria? Fazia-se outra Mafra com aquelle cabedal, e que rebentassem os invejosos... Nunca houve tanta festa d'egreja, e diz um cereeiro, meu conhecido, que tudo isto parece mais obra dos anjos que dos homens... E as grandes esmolas que vão para Roma? Só isso levaria ao céo a El rei nosso senhor, por muitos peccados que elle tivesse; que eu estou persuadida que os não tem .. é muito bom senhor... o que por ahi se diz tudo é mentira, e eu tal não acredito. (*Durante esta scena, D. Antonia que traz um grande rozario na mão, vae sempre passando as contas e conversando*)

Sebastião—Ah sôra comadre! hade perdoar; mas já tem passado para baixo mais de tres mysterios.

D. Antonia—Ah! senhor compadre! se os passei é porque os rezei; estou costumada a falar e a rezar ao mesmo tempo.

(Gregorio e Bartholomeu riem-se. D. Antonia reparou no sapateiro que está fazendo signaes á criada)

Sebastião—Pois isso póde fazer-se?!

D. Antonia—Ai! tudo vae do costume... (*Ao sapateiro*) Ora diga-me, senhor visinho, porque não trabalha? Não sabe que a ociosidade é a mãe de todos os vicios, e que a preguiça é um peccado mortal...

Bartholomeu—Estava ouvindo com tanta devoção a senhora D. Antonia do Menine Deus, que me não lembrava o trabalho. (*A'parte*) Muito atrevidas são estas beatas! (*Pega na pedra, sola e martello, e começa a bater.*)

D. Antonia (*A Sebastião*)—Mas com tudo isso ha muita gente, (e mal de nós se assim não fôra!) que ainda présa os bons costumes... verbi gratia, a nossa casa. (*D. Antonia encommodada com a bulha, olha varias vezes para o sapateiro*)—Quer me creia, quer não; desde a morte de meu marido, que Deus haja em gloria, nunca mais entrou sombra d'homem d'aquella porta para dentro.

Gregorio—E então nós, sôra D. Antonia?

D Antonia—Pois ainda tu ahi estás?

Gregorio—Agora diz que sou preciso lá em riba.

D. Antonia—Pois sóbe, não estejas ahi com as mãos debaixo dos braços.

Gregorio—Pois sim senhora. (*Sae pela esquerda.*)

Bartholomeu (*A'parte*)—E diz ella que lhe não entra sombra d'homem em casa... ah toleirona! (*Fica rindo.*)

Sebastião—A sôra comadre hade dar licença; é quasi noite, e eu quero falar ainda hoje com o procurador p'ra saber em que altura vae o meu negocio.

D. Antonia—Pois vá, senhor compadre, e Nossa Senhora do Monte do Carmo lhe dê tudo á medida do seu desejo. (*Bartholomeu bate mais forte, D. Antonia olha para elle com raiva*) Ora o senhor visinho não deixará de fazer tanta bulha... não póde pegar n'outro trabalho?

Bartholomeu—Já não vejo para cozer, e emquanto não accender a luz... (*Bate com mais força.*)

D. Antonia (*Muito arrenegada, e benzendo-se*)—Nunca as almas estão livres de tentações! Jesus esteja commigo!... Adeus, senhor compadre! vá aonde tem de ir e recolha-se cedo, parece mal um homem da sua edade recolher-se fóra d'horas. (*Sebastião sae pelo terceiro plano á direita. D. Antonia olha com rancor para Bartholomeu que continua a bater.*) O senhor visinho é capaz de tentar um santo. (*Para a criada, que quando ella se volta abaixa os olhos e a cabeça.*) Vamos lá, grandissima não sei que lhe disséra! você cuida que a não tenho percebido? (*Dá-lhe um empuxão.*)

(D. Antonia sae pela esquerda, a criada segue-a e diz adeus ao sapateiro antes de fechar a porta, Marianna recolhe-se e fecha a adufa)

SCENA VII

(Vae escurecendo)

Bartholomeu (*Só, e rindo*)—A bruxa da velha vae desesperada commigo, mas não importa... (*Começa a recolher o seu trem*) E' quasi noite... vou acender a candêa e fechar a porta.—O serão não hade ser muito comprido, que as noites são pequenas e a obra pouca. (*Vendo o Desconhecido no fundo á esquerda*) Oh! lá está um vulto parado no cimo da rua... que será aquillo?.. já faz escuro e não distingo bem.. (*Observando*) Mas se me não engano, é o meu homem... Toca a recolher que de dentro ainda espreito melhor. *Entra em sua casa, mas não fecha de todo a porta e fica espreitando.*)

SCENA VIII

(Noite)

GREGORIO, BARTHOLOMEU (*entre portas*) O DESCONHECIDO (*no fundo*)

Gregorio (*Tendo entrado pela esquerda e olhando para o fundo*)—Oh! lá está elle (*Vae ao fundo e fala em vós baixa com o Desconhecido.*)

Bartholomeu (*Com a cabeça fóra da porta*)—Lá está o saloio (se é que o é) a cochichar com o embuçado .. Quem me dera ouvir o que elles estão dizendo, mas não me atrevo a chegar-me, não me succeda o que disse o tal Gregorio, que eu fique sem olhos assim como fiquei sem dentes.

(O Desconhecido separa-se de Gregorio e desapparece pela esquerda; Gregorio desce a scena. Bartholomeu recolhe-se, mas espreita de vez em quando.)

Gregorio—Este tambem está arrumado. Tenho tudo disposto, agora mãos á obra e fortuna me valha. (*Olhando para a direita.*) Vejo um vulto... parece-me que é o pae de Marianna. (*Vae para casa e fecha a porta.*)

SCENA IX

SEBASTIÃO, BARTHOLOMEU (*entre portas,*) *depois* LOURENÇO *e* ESTEVES.

Bartholomeu—Lá entrou para casa o saloio (se é que o é.)

Sebastião (*Atravessando a scena*)—A conversa de minha comadre fez-me demorar, e não achei o procurador em casa. (*Bate á porta da esquerda.*)

Gregorio (*Fóra*)—Quem é?

Sebastião—Podes abrir, que sou eu. (*Abre-se a porta e Sebastião entra.*)

Bartholomeu (*Apparecendo*)—O lavrador pouco se demorou; poderá ter medo de andar de noite... (*Escutando para a direita fundo.*) A modo que sinto gente. (*Esconde-se.*)

Lourenço (*Vindo do fundo direita com Esteves*)—O nosso patife está em casa do seu précurador... e fui avisar-te para me ajudares a dar-lhe uma esfregada.

Esteves—Vê lá no que te mettes. (*Descem.*)

Lourenço—Isto não tem outra cura. Nós ámanhã não temos provimento no aggravo e pagamos as custas; mas o maroto não se hade ficar rindo de nós.

Bartholomeu (*A'parte*)—Isto certamente é com o lavrador; mas vem tarde porque já está recolhido.

Esteves—Pois dê-se-lhe uma maçada; tu não lhe tens mais gana do que eu... Porém se chegam a saber que somos nós ficamos perdidos.

Lourenço—Não tenhas medo; hoje em dia cá em Lisboa dá quem quer, ou quem póde.

Esteves—Está dito, eu estou prompto... mas o

peior é que não trago outra arma senão esta bengala.
Lourenço—É quanto basta, que nós não havemos de dar a matar; é sómente um lembrete... e de mais não tenho eu aqui a minha espada?
Bartholomeu (*A'parte*)—Que taes são os marotos!
Esteves (*Olhando para a esquerda*)—A modo que sinto abrir uma porta?...
Lourenço—Pois vamo-nos safando por esta travessa. (*Saem ambos pela direita.*)

(Bartholomeu fecha a porta em quanto elles passam, e abre-a logo que elles sáem —Gregorio, vestido convenientemente, embuçado e com chapéo derrubado, entra pela esquerda, fecha a porta e guarda a chave. Atravessa o theatro e sae pelo fundo direita.)

Bartholomeu (*Apparecendo*)—Quem será aquelle embuçado que saiu agora de casa de D. Antonia? E diz ella que não vae lá sombra d'homem... Coitada!—Tomára já que a minha deusa me fizesse signal para ir receber a pitança do costume... já tenho vontade de cear. (*Olhando para o fundo esquerda.*) Ahi vem gente... toca a recolher. (*Recolhe-se e fecha a porta como acima.*)

SCENA X

O DESCONHECIDO, CAMÕES, e BARTHOLOMEU (*escondido*)

Vem do fundo esquerda, ambos embuçados e com chapéos derrubados. Descem em silencio até á bocca da scena. O Desconhecido olha de passagem para as janellas de D. Antonia.)

O Desconhecido (*Indicando a direita*)—A's onze horas estarás com a tua gente n'aquella travessa, e vem encontrar-te comigo n'este sitio.
Camões—E nada mais?
O Desconhecido—Mais nada... Ah! dize me: prendeste com effeito aquelle homem?
Camões—Não senhor.
O Desconhecido (*Colerico*)—Como assim! tenho toda a certeza de que estava em casa quando o foste prender.
Camões—Ora diga-me, meu senhor; El-rei governa de telhas a baixo, ou de telhas a cima?
O Desconhecido—A pergunta é ociosa; de telhas a baixo.
Camões—Pois meu senhor, não prendi o homem porque fugiu para o telhado.
O Desconhecido (*Rindo-se*)—Ora esta!... é das tuas... Deixaste escapar o homem porque o julgas innocente?
Camões—Sim senhor; mas agora está em meu poder prendel-o quando quizer.
O Desconhecido (*Depois de ter reflectido*)—Não. Esse homem tem serviços e El-rei está melhor informado. . Fizeste bem, Camões, fizeste bem; salvaste El-rei de fazer uma injustiça, e elle t'o saberá agradecer.
Bartholomeu (*A'parte*)—Lá está o desconhecido que eu conheço.
Camões—Determina mais alguma coisa?
O Desconhecido—Não. Pódes retirar-te. (*Sobe alguma coisa e olha para as janellas da esquerda.*)
Camões (*A'parte, rindo*)—Cuida que Marianna está em casa, e ella lá em cima á minha espera. (*Corteja respeitosamente o Desconhecido, e sae pelo fundo direita.*)
O Desconhecido (*Passando por defronte das janellas de D. Antonia, olha para cima e tosse.—Momento de silencio.*) Ainda é muito cedo (*Torna a tossir e a olhar para cima; espera um momento e sae pelo fundo, esquerda.*)
Bartholomeu (*Em scena*) -Agora eu. (*Tosse com força, e olha para a janella:—momento de silencio.*) Não apparece... não estarão ainda os amos recolhidos.—Emquanto D. Antonia tiver esses hospedes em casa, não podemos conversar á nossa vontade... pois gosto da conversa; a rapariga tem seu tino... mas quer casar, e eu viuvo de duas não me metto com terceira que me hade mandar para o cemiterio. (*Tosse com força: abre-se a adufa, e correspondem-lhe de cima tossindo.*) Até que afinal appareceu. (*Vae collocar-se debaixo das janellas.*)
O Desconhecido (*Que n'este intervallo tornou a apparecer no fundo á esquerda.*) Que será aquillo? Vejo um vulto debaixo da janella de Marianna!... (*Desce precipitadamente no momento em que da janella deitam por um cordel um guardanapo atado pelas pontas, tendo dentro um prato com comer e um pão.—Deitando a mão á gola de Bartholomeu*) Que faz ahi debaixo d'essa janella?
Bartholomeu (*Atemorisado*)—Ah!
(*De cima deixam cahir o atado e fecham a adufa*)
O Desconhecido—Que é isto?
Bartholomeu (*Reconhecendo-o, e cahindo de joelhos*) —Ah, meu senhor! tenha compaixão de mim!... que eu... eu... eu digo a verdade toda .. sou um sapateiro que moro alli defronte... e a criada d'esta casa .. (que é uma rapariga de muita caridade) costuma dar-me alguma coisa de comer... Esta é a verdade pura... e mande-me enforcar se assim não é.
O Desconhecido (*Rindo*)—Está bom; cuidei que era outra coisa. Póde-se recolher.
Bartholomeu (*Levantando-se atemorisado e fazendo muitas cortezias*)—Muito obrigado, meu senhor, muito obrigado.

(O Desconhecido embuça-se e sobe a scena)

Bartholomeu (*Apanhando o que pode aproveitar*)—Ainda não estou em mim... Hoje não torno a sair á rua que me cheira a trovoada... Vou fechar a minha porta e não quero espreitar mais. (*Olhando para o fundo direita*) Eil o ahi vem outra vez; safa!. . (*Recolhe-se, mas não fecha a porta de todo.*)

SCENA XI

GREGORIO e BARTHOLOMEU (*escondido*)

Gregorio (*Descendo, e vindo do fundo direita; traz duas espadas na mão, uma com bainha outra sem ella*) O Corregedor já levou a sua lição. Não é de perigo que só lhe apanhei o braço da espada, mas foi preciso dar-lhe duas vezes para a largar.—O homem não deixa de saber o jogo, e é valente, mas coitado!... tem que andar alguns dias de braço ao peito, e hade perder a vontade de fazer festa á minha Marianna... Vamos para casa que não poderá tardar muito o outro; avisei-o para a meia-noite... (*Mette a chave na fechadura, entra e fecha a porta.*)
Bartholomeu (*Com a cabeça fóra da porta*)—Aquelle não é o Camões nem o meu Desconhecido, é já outro... parece-me que é o mesmo que de lá saiu ind'agora .. Olhem se os outros dois tal soubessem... (*Escutando para a direita*) Sinto passos pela travessa... será talvez a ronda. (*Recolhe-se e fecha a porta.*)

SCENA XII

ESTEVES, LOURENÇO, BARTHOLOMEU (*escondido*), *depois* O DESCONHECIDO; GREGORIO (*á janella com a adufa pouco aberta.*)

Esteves (*A Lourenço, entrando pela direita*)—O homem já não póde estar em casa do procurador; isto é muito tarde, e certamente já está recolhido.
Lourenço—Oh Manuel Esteves! não me digas tal; elle ainda não veiu para casa, e logo verás se tenho razão ou não... Vamos esperar aqui por elle.

Esteves—Pois vá feito.
Gregorio (*Da janella, áparte*)—Se me não engano é o capitão Lourenço com Manuel Esteves.
Lourenço (*Olhando para o fundo esquerdo*)—Parece-me que vejo lá em cima... é elle certamente... prepara lá a bengala.
Esteves—Vamos a elle; dá-lhe p'ra valer, Lourenço Gameiro.
Bartholomeu (*Abrindo alguma coisa a porta, e á parte*)—Mal sabem os tolos com quem se mettem!
Gregorio (*A'parte*)—E então! não vinham elles fazer uma espera ao pobre velho! Felizmente ha muito tempo que está dormindo a somno solto.
Lourenço—Oh Manuel Esteves! não me esmoreças.
Esteves—Conta commigo.

(O Desconhecido apparece no fundo esquerda)

Gregorio (*A'parte*)—E' noite de aventuras para o meu competidor.

(Os dois caminham para o Desconhecido, que desembainha a espada)

Lourenço (*Recuando*)—O homem traz chanfalho!... por esta não esperava eu.
Esteves (*Recuando*)—Puxa pela espada e vamos a elle!
O Desconhecido—Quem vem lá?!
Lourenço (*Levantando a bengala*)—Sór Sebastião, se é homem largue a espada.
Gregorio (*A'parte*)—O caso é divertido!
O Desconhecido—Puxa pela tua! de que te serve essa roca á cinta?
Lourenço (*Recuando*)—Eu não brigo com espada.
O Desconhecido—Puxa por ella, quando não!...
Esteves (*A Lourenço*)—Oh diabo! que foste fazer? esse homem não é Sebastião d'Arruda.
Lourenço (*Affirmando-se*)—E dizes bem. (*Ao Desconhecido*) Queira perdoar; o caso não era com sua mercê.
O Desconhecido—Visto isso, era uma espera que estavam fazendo?...
Esteves—Não senhor; era uma brincadeira.
O Desconhecido (*Investindo com elles*)—Ah canalha vil!...

(Os dois fogem pela travessa, o Desconhecido segue-os sem correr. Um momento depois ouve-se o apito.)

Bartholomeu (*Deitando a cabeça*)—Aquelles têm casas pagas; não é mal feito.
Gregorio (*Da janella áparte*)—A noite é brilhante!
O Desconhecido (*Entrando pela direita, e embainhando a espada*)—Corriam bem, mas sempre foram presos. (*Olhando para cima*) Parece-me que são horas. (*Tosse.—Gregorio tosse tambem com o som muito fino; Bartholomeu fecha a sua porta mansamente*) Está ahi, senhora D. Marianna?
Grégorio (*Com voz de mulher*)—Estou, sim senhor.
O Desconhecido—Muito tempo ha, que suspirava pela feficidade de lhe falar.
Gregorio (*Como acima*)—Mas quem é sua mercê?
O Desconhecido—Não lhe mandei dizer na minha carta que era um fidalgo da côrte?
Grégorio—Mas o seu nome?
O Desconhecido—Não julgo conveniente dizel-o em voz alta, que poderão ouvir-me; mas eu lh'o direi em particular.
Gregorio (*Idem*)—Em particular não posso eu falar com sua mercê, que estou em casa de minha madrinha como n'um convento de freiras.
O Desconhecido (*A'parte*)—Convento de freiras! A quem o vem dizer! (*Em voz alta*)—Mas podemos encontrar-nos em alguma outra parte... Ora diga-me: quaes são as casas que sua madrinha frequenta na côrte?
Gregorio (*Idem*)—Nós só vamos visitar algumas vezes a senhora camareira-mór.
O Desconhecido—Nada, nada... gente do paço! nem pensar n'isso é bom. (*A'parte*) Ella diz bem; é peior do que se estivesse n'um convento; antes fosse freira de Odivellas.
Gregorio (*Idem*)—Ah senhor! .. tenha a bondade de se retirar... Parece-me que se levantou meu pae ou minha madrinha.
O Desconhecido—Pois até já, minha senhora!
Gregorio (*Idem*)—Até logo! (*Fecha a adufa.*)

(O Desconhecido sobe a scena e desapparece pelo fundo esquerda).

Bartholomeu (*Deitando a cabeça*)—O meu conhecido conversou com a tal rapariguinha, mas desgraçadamente não pude pescar uma unica palavra... falavam muito baixo... (*Sentindo abrir a porta de D. Antonia*) Oh! lá se abre a porta da beata. . (*Vendo Gregorio*) E' o mesmo homem que entrou ha pouco... que historia será esta?! (*Vendo que Gregorio vem para a direita, recolhe-se e fecha a porta de vogar.*)

N'este intervallo Gregorio embuçado, com chapéo derrubado, tem aberto a porta que torna a fechar, e vem para a direita collocar-se na boca da travessa. Já traz a espada desembainhada na mão O Desconhecido apparece no fundo á esquerda. Gregorio caminha para elle.)

Gregorio—Por aqui ninguem passa!
O Desconhecido—Oh! outra vez! (*Desembainhando*) Muito caro te custarão já essas palavras... levarás nova lição.
Gregorio (*Já brigando*)—Hoje espero eu tomar a minha desforra.
O Desconhecido—Agora o verás.

(Durante a briga Gregorio passa para cima)

Gregorio (*Já de cima*)—Se não sabe outro, esse já eu conheco.
O Desconhecido—Apprendeste á tua custa. (*Continúa a briga por um momento*) E este?
Gregorio (*Caindo mortalmente ao meio da scena para o fundo*) Ai que me matou!...
O Desconhecido—Fatalidade!... A espada mal lhe tocou... (*Examinando a espada*) Não tem signal de sangue... (*Examinando o corpo*) Porém o desgraçado está sem movimento!... (*Afflicto*) Foi certamente no coração!... e Camões sem apparecer...

SCENA XIII

O DESCONHECIDO, CAMÕES E GREGORIO
(*estendido no fundo.*)

Camões (*Entrando pela direita*)—Aqui estou meu senhor.
O Desconhecido—Sabes o que me aconteceu ? matei um homem!
Camões—Pois paciencia!
O Desconhecido (*Irado.*)—Se viesses ás horas que te determinei, talvez que isto não tivesse acontecido; teria chamado e o infeliz estaria vivo.
Camões (*Mostrando ao Desconhecido a mão direita que traz ligada*) A minha desculpa, senhor, é o estado em que me acho: estou ferido no braço e mão direita.
O Desconhecido (*Colerico.*)—Como foi isso?! atacaram a ronda?!
Camões—Não senhor; foi uma briga que tive por causa de uma certa menina a quem ia falar esta noite, ás dez horas. Fiquei ferido, e estive até agora em mãos de cirurgião—E' o fructo que se tira d'estas aventuras nocturnas; mas o que me consola é ter tantos companheiros.
O Desconhecido (*Afflicto*)—O que te aconteceu é uma bagatella; o meu caso é mais sério... uma morte!... eu!... Esse homem tinha já brigado comigo n'este sitio, ha dois mezes, e ficou ferido no hombro direito... o desgraçado tinha de morrer... oh meu Deus! e por minhas mãos! (*Fica consternado.*)

Camões—Já agora é mandar-lhe dizer missas por alma. (*Indo examinar o corpo.*) Vamos tirar d'aqui este corpo.
O Desconhecido—Que remorsos para o resto da minha vida!... que vergonha se isto se divulgar!
Gregorio (*A'parte, levantado a cabeça depois de Camões o examinar.*)—O que mais me tem custado é representar o papel de defunto!
Camões (*Depois de ter descido*)—E que dirá quando souber que é o mesmo que me feriu esta noite?
O Desconhecido—Que dizes?
Camões—A verdade; é elle mesmo... muito bem o reconheço.
O Desconhecido—E' caso bem extraordinario!
Camões—Até incomprehensivel!
O Desconhecido—Manda levantar esse corpo.
Gregorio (*A'parte*)—Querem vêr que me mandam enterrar! isso não consinto eu.
Camões (*depois de ter apitado á bocca da travessa.*) Aonde quer que seja conduzido?
O Desconhecido (*Afflicto.*)—Aonde te parecer. (*Fica na extrema esquerda consternado e encostado á espada.*) Que desgraça! que fatalidade! (*Entram seis homens pela travessa a direita.*)
Camões (*Aos homens*)—Levantem aquelle corpo, e conduzam-n'o ao hospital de Todos os Santos. (*Os seis homens estão na direita baixa.*)

Côro

Seu preceito cumprido
N'um momento será;
E d'este triste caso
Ninguem saberá.

(Dirigem-se para o fundo. Gregorio levanta-se ligeiramente e foge pela rua da esquerda. Todos ficam estupefactos. O Desconhecido e Camões olham um para o outro e desatam a rir.)

ACTO TERCEIRO

O theatro representa a sala de D. Antonia. Porta no fundo que é a entrada principal. Duas portas á direita. duas janellas á esquerda. Trastes antigos: uma mesa á esquerda no primeira plano.

SCENA I

MARIANNA *e* GREGORIO

Gregorio (*Rindo*)—Ah! ah! ah!
Marianna (*Sorrindo-se*)—O senhor Diniz está rindo? pois eu não tenho motivo para isso; todos esses acontecimentos não pódem deixar de ser funestos para a minha reputação.
Gregorio—Hoje mesmo espero reparar todas as minhas extravagancias; mas entretando deixe-me rir da peça que lhes preguei a ambos.
Marianna—Diga-me: ficaria o Camões perigosamente ferido?
Gregorio—Não senhora; mal lhe toquei duas vezes com a ponta da espada... mas o outro! (*Rindo*) Ah! ah! ah! esse levou uma lição muito maior.
Marianna—A quanto se tem exposto!
Gregorio—Ambos são homens de boa feição, e estou certo que afinal hãode rir ainda mais do que eu.
Marianna—Mas não me contará qual foi o resultado da sua briga com elle?
Gregorio—O resultado foi muito comico: fingi que tinha cahido morto; (a espada mal me tocou no fato.) Cuidou que me tinha ferido; affligiu-se, disse mal á sua vida... e chamou o Camões.—Ora imagine como este ficou quando reconheceu ser o mesmo que o tinha ferido pouco tempo antes. Nova admiração de parte a parte... Fnalmente o Corregedor apitou, veiu a sua gente e mandou levantar o morto. (*Rindo*) Vinham para me levantar, mas levantei-me eu muito ligeiro, fugi pela rua acima e desappareci—Julgo que foi tal o espanto que lhes causou a minha ressurreição que nem sequer me seguiram. (*Rindo*) E não quer que eu ria? Parece-me que os estou vendo a olhar um para o outro, a principio muito sérios, e depois soltarem ambos uma grande gargalhada.
Marianna—Talvez não rissem tanto como pensa; é mais provavel que ficassem furiosos, e que façam diligencia para descobrir quem os escarneceu.
Gregorio—Tem que procurar. Não imaginam decerto que n'esta mesma casa é que está o seu defunto.
Marianna—Estou bem arrependida da minha condescendencia!...
Gregorio—Ah senhora!...
Marianna—E muito arrependida. E' verdade que o amo, e mal o poderia negar... porém certifico-lhe que se não fôsse o perigo em que vi meu pae, e a necessidade que elle tinha do senhor Diniz para se livrar, não teria consentido que estivesse em nossa casa.—Ainda que a sua empreza seja coroada por um successo feliz, já não evito o desdoiro que de tudo isto me resulta.
Gregorio—Não se afflija; o marido fará esquecer todas as loucuras do amante.
Marianna—Mas, como ha de vencer a opposição de meu pae, e talvez de minha madrinha?
Gregorio—Assim como tenho vencido tudo o mais.
Marianna—Silencio! ahi vem gente.

(Gregorio disfarça limpando as mesas e cadeiras.)

SCENA II

D. ANTONIA, MARIANNA *e* GREGORIO (*no fundo*)

(D. Antonia vem pela primeira porta da direita.)

D Antonia (*A Gregorio*)—Ainda esta casa não está limpa?! (*A Marianna*) Minha afilhada ainda não pegou em trabalho?!
Marianna—Ia agora principiar.

(D. Antonia assenta-se á esquerda ao pé da mesa, Marianna do outro lado da mesa e começa a trabalhar. Gregorio continúa por um momento a limpar a mobilia e sae pela ultima porta á direita.)

D. Antonia

O trabalho, minha filha,
Livra de máos pensamentos
Se os tivesse passaria
Mil desgostos, mil tormentos
Ave Maria!
A mulher e o vidro
Sempre estão em perigo.

Atraz da vida ociosa
Chegavam logo os amores;
Só com festas sonharia,
Noivos e coisas peiores;
Santa Maria!
A mulher e o vidro
Sempre estão em perigo!

Eu, que as ciladas do mundo
Té'gora tenho evitado,
Não sei mesmo o que faria
Se me lembrasse um noivado.
Ave Maria!
A mulher e o vidro
Sempre estão em perigo.

Que tem, afilhada, que está hoje tam triste?

Marianna—Eu não estou triste, minha madrinha.

D. Antonia—Não me diga isso; não negue a verdade reconhecida por tal, que é um peccado contra o Espirito Santo.—E então que lhe parece o que contou agora a visinha tecedeira? Que bonitos casos aconteceram a noite passada n'esta rua! Louvado seja Deus! o mundo está todo perdido! O que mais me desespera é acontecerem estas coisas debaixo das minhas janellas.

Marianna (*Agitada*)—E que culpa temos nós do que se passa na rua!

D. Antonia—Não sei, minha afilhada, não sei. A briga que houve n'este sitio ha dois mezes tambem deu muito que falar... A afilhada tem muito juizo, aé muito honestasinha, isso é verdade; mas quem sabe se esses homens que andam por ahi ás estocadas uns aos outros são seus apaixonados?

Marianna — Oh madrinha! pois v. m. pensaria que...

D. Antonia—Já da outra vez eu tive essa desconfiança, e por isso mandei chamar o meu compadre para a levar. Emquanto lá esteve andou isto por aqui muito socegado... agora já tornam a apparecer embuçados... não me dirá o que quer que eu pense?

Marianna—A madrinha póde pensar o que quizer; mas parece-me que nunca dei motivo...

D. Antonia—Eu tambem ainda não disse que deu motivo; mas as coisas acontecem e as más linguas afiam-se... Ninguem se livra de falsos testemunhos, e eu mesma, n'esta edade, não estou livre d'elles. Quantas pessoas haverá por essa visinhança que me tenham abocanhado... sou uma senhora viuva, e hade haver muito quem os acredite.

Marianna—Deus permitta que meu pae ultime hoje o negocio que o detem em Lisboa, para voltarmos para o casal.

D. Antonia—Ah ingrata! você quer-me deixar?... quer abandonar sua madrinha que a creou de pequena, e a quem deve tantas obrigações!... Está muito enganada, hade ficar em Lisboa.

Marianna—Mas a madrinha já me mandou para casa de meu pae... e em que occasião!... Olhe; não me pareceu da sua prudencia...

D. Antonia (*Levantando-se colerica*)—Oh atrevida! você chama-me imprudente!...

Marianna (*Levantando-se e com humildade*) — Minha senhora!...

D. Antonia—Bem digo eu que está o mundo perdido; a gente moça já se levanta contra seus paes e seus superiores.—Cuida que a não entendo? quer ir para o Almargem para estar á larga, para fazer o seu casamento com o tal *salvage* do Alemtejo. Tão pouco juizo tem meu compadre como a minha afilhada.—A creação que lhe dei não era para ser mulher de um labrêgo; destinava-a para um cavalheiro, filho de um parente meu... mas seu pae entendeu lá outra coisa, e eu não quero desmanchar prazeres.

Marianna—Pois madrinha, se quer que lhe diga a verdade, tenho a maior repugnancia ao tal casamento; e se dependesse da minha vontade...

D. Antonia—Pois de que depende senão da sua vontade e da minha?

Marianna—Ah senhora! porventura tem uma filha o direito de se oppôr ás determinações de seu pae?!

D. Antonia—Sim senhora, quando são injustas. E visto que a afilhada confessa ter essa repugnancia, tornarei ás minhas tenções antigas, e hade casar com o meu parente.

Marianna—Mas senhora, eu não conheço esse cavalheiro ..

D. Antonia—Que importa! basta que o conheça eu. E' verdade que o não vejo ha muitos annos; mas dizem que está um moço perfeito... e como a afilhada diz que...

Marianna—Ah minha senhora! eu ainda não disse nada; ainda não concordei...

D. Antonia—V. m. tem obrigação de concordar comigo em tudo, porque estou em logar de sua mãe. (*Indicando a mesa á direita*) Dê cá aquelle tinteiro... Vou immediatamente escrever a meu primo que está em Coimbra a olhar pelo filho, que anda na Universidade... Não, que elle não é como os paes do tempo presente, que abandonam a mocidade á discreção; não senhora, esse é cá dos meus, e por isso me empenho tanto n'esta união. (*Assenta-se á mesa e passa as contas para a mão esquerda.*)

Marianna (*Depois de ter posto com muita impaciencia o papel e a escrevaninha sobre a mesa da esquerda*)—Porém a madrinha não sei o que faz... sem dar parte a meu pae...

D. Antonia (*Estimulada*)—Não sei o que faço!! A afilhada é que não sabe o que diz. (*Escreve, e sempre passando as contas.*)

Marianna (*A'parte*)—Não ha desgraça egual á minha!... dois casamentos ao mesmo tempo, e ambos contra minha vontade... que hade ser de mim?!

D. Antonia (*Ditando a si mesma*)—«Por tanto es«pero que meu primo venha a Lisboa para con«cluirmos este negocio.—Sua prima, amiga e muito obrigada—D. Antonia do Menino de Deus.» (*Fechando a carta*) Chama lá o Gregorio para ir deitar esta carta no correio. (*Acaba de a fechar.*)

Marianna (*Indo á ultima porta á direita*) Senhor Gregorio!... minha madrinha que o chama!

SCENA III

D. ANTONIA, GREGORIO *e* MARIANNA

Gregorio—Aqui estou.

D. Antonia—Venha cá... vá deitar esta carta no correio.

Gregorio (*Olhando para o sobrescripto fica espantado*) Então a senhora quer que eu leve esta carta ao correio?

D. Antonia—E muito depressa.

Gregorio—(*A'parte*)—E' uma carta para meu pae!...

D. Antonia—Então, não me ouviu bem?... Não sabe que não gosto de dar um recado duas vezes?

Gregorio Eu vou, senhora D Antonia. (*Passando ao lado de Marianna, a meia voz*)—Declarou tudo a sua madrinha; quer a minha desgraça... pois bem! eu lhe farei a vontade! (*Sae precipitadamente pela ultima porta da direita*)

Marianna (*A'parte*)—Que diz elle?! (*Em voz alta*) Ah madrinha!... não sei o que me diz o coração... parece-me que hei de ser muito infeliz.

D. Antonia—A sua felicidade, minha afilhada, corre por minha conta... (*Olhando para o fundo*) Parece-me que sinto meu compadre.

(Marianna vae ao fundo recebel-o)

SCENA IV

D. ANTONIA, SEBASTIÃO, *e* MARIANNA

Sebastião (*Entrando pelo fundo muito alegre.*)—Ora venha de lá esse abraço, sôra comadre. (*Abraça a*

velha que recúa, e depois a filha.) Bem podem darme os parabens; a sentença sahiu na Relação a meu favor, e os taes individos hamde pagar as cusa tas e as percas que lhe hamde cheirar a esturro. Agora estou eu como quero,

D. Antonia—Muito estimo, senhor compadre... Mas sempre lhe dou de conselho que nunca mais se torne a metter com gente da Egreja. (*Movimento de Sebastião.*) Ora pois, saberá que tenho justo o casamento de minha afilhada com um parente meu, e..

Sebastião—Que diz, sôra comadre? Não se alembra que está promettida a um lavrador como eu, o meu amigo Manuel dos Pégões; que dei a minha palavra e que não haverá coisa alguma n'este mundo...

D. Antonia—Que me importa a mim a sua palavra!

Sebastião—Oh sôra comadre!

D. Antonia—Já disse que me não importam os ajustes que fez; entendeu-me, senhor compadre?

Sebastião (*Escandecido.*) Não me diga isso, sôra D. Antonia do Menino Deus!... pois eu havera de negar a minha palavra de lavrador honrado!?

D. Antonia—O que! casar sua filha contra vontade d'ella!

Marianna—Minha madrinha, eu disse-lhe que estava prompta a obedecer a meu pae.

Sebastião—Antão ouve, sôra comadre?

D. Antonia—Ouço muito bem, que não sou tam velha que já esteja surda... mas se minha afilhada lhe obedece é á viva força, e contra o preceito de Deus.

Sebastião—Eu tambem consultei a rapariga, e ella não se mostrou descontente.

D. Antonia—Em uma palavra, senhor Sebastião d'Arruda, não quero que Marianna case com o seu alemtejão... não hade casar senão com o meu parente.

Marianna—Minha madrinha...

Sebastião—Como quer minha comadre que eu me desculpe com o homem? Como póde isso ser?

D. Antonia—Desculpe-se lá como quizer. Eu já escrevi ao pae do noivo, e em poucos dias tudo ficará concluido.

Sebastião—E a rapariga está por isso?

Marianna—Eu, meu pae? tanto conheço um como o outro.

D. Antonia—Então ouve o que ella diz?

Sebastião—Do qu'ella diz não se entende outra coisa senão que está prompta a obedecer.

D. Antonia—Eu tambem assim o entendo.

Sebastião—Por esse dizer julga antão minha comadre que tem mais poder sobre ella do que eu mesmo?

D. Antonia—Agora acertou; a mim é que me pertence tratar do casamento de Marianna, porque estou em logar de sua mãe; e faça favor de me não quebrar mais a cabeça; pois desde que começou a altercar commigo, ainda não pude resar um mysterio (*Sente-se rumor na rua e no fundo*) Mas que bulha é esta?... parece-me que vem gente pela escada acima.

Marianna (*Chegando a uma das janellas*)—Estão muitos homens parados na rua, e outros vêm entrando.

Sebastião—Que será isto?

SCENA V

D. ANTONIA, SEBASTIÃO, GREGORIO (*vindo pelo fundo*) e MARIANNA

Gregorio—Sôr meu amo, sôra D. Antonia... ahi vem a justiça.

D. Antonia e Sebastião—A justiça!

Marianna—Oh meu Deus!

Gregorio—Não s'assustem; julgo que andam em diligencia de encontrar o espadachim que fez essas desordens a noite passada.

Sebastião—Essa é boa! pois aqui é que o vêm procurar?!

SCENA VI

D. ANTONIA, SEBASTIÃO, O CAMÕES MARIANNA, GREGORIO, O DESCONHECIDO, UM ESCRIVÃO E CINCO OFFICIAES DE JUSTIÇA

(O Desconhecido fica no fundo embuçado com a cabeça descoberta entre os officiaes de justiça.)

Camões (*Ainda no fundo, a meia voz ao Desconhecido*)—Já disse, quero perder a minha vara, se não lhe apresentar hoje o tal fradinho da mão furada.

O Desconhecido (*A meia voz*)—Veremos isso.

Camões (*Descendo, a D. Antonia*)—Sinto muito, minha senhora, dar-lhe este incommodo, mas venho da parte d'El-rei fazer uma averiguação.

D. Antonia—Então que vem cá averiguar o senhor Corregedor?

Camões—Muita coisa... mas a senhora ha de dar licença... (*Para o fundo*) Senhor escrivão, assente-se a esta mesa.

(O Escrivão, que traz um grande rolo de papel, abre-o sobre a mesa, e assenta-se da parte de cima. D. Antonia assenta-se á esquerda da mesa no logar que occupou no principio do acto; o Camões na cadeira que occupava Marianna.)

Gregorio (*Em voz baixa, a Marianna*)—Não esteja aqui, retire-se.

Marianna (*A meia voz*)—Que vem a ser isto?

Gregorio (*A meia voz*)—Logo o saberá.

(Marianna sae pela segunda porta á direita *—Gregorio fica no fundo á esquerda, e examina tudo.)

Camões (*Já assentado*)—Principiarei tomando o depoimento á senhora D. Antonia do Menino Deus.

D. Antonia—O meu depoimento! para quê?

Sebastião (*A'parte*)—Que trapalhada será esta?

Camões—A senhora terá a bondade de declarar quaes são as pessoas que frequentam a sua casa?

D. Antonia—Além de meu compadre, que é meu hospede, não entra aqui outra pessoa senão a nossa visinha tecedeira e o aguadeiro.

(O Escrivão escreve.)

Gregorio (*A'parte*)—O caso está intrincado.

Camões—Pois não vem outras pessoas a sua casa?

D. Antonia—Não senhor... a não ser alguma amiga minha que me vem visitar de tempos a tempos.

Camões—E a senhora D. Antonia não tem desconfiança que pessoa da sua familia introduza alguem de dia... ou de noite?...

D. Antonia (*Benzendo-se*)—Jesus! Santo Nome de Jesus! Que está ahi dizendo, senhor Corregedor?

Camões—O que digo não deixa de ter algum fundamento. (*Para o fundo*) Mandem entrar o sapateiro.

Gregorio (*A'parte*)—Vae-se embrulhando o caso.

(Um official de justiça sae por um momento, e torna a entrar com Bartholomeu.)

SCENA VII

OS MESMOS, E BARTHOLOMEU **

(O Desconhecido que está a meia scena, á direita, volta as costas a Bartholomeu quando elle passa. Bartholomeu corre tudo com os olhos, desce e fica em pé á esquerda do Corregedor.)

Camões—Chegue, senhor mestre!

Bartholomeu (*Descendo e fazendo cortezias a todos*)—Estou ás ordens de sua mercê.

Camões (*A Bartholomeu*)—Consta-lhe que a casa

* D. Antonia, o Camões, Sebastião; os mais no fundo

** D. Antonia, o Camões, Bartholomeu, Sebastião; os mais no fundo.

d'esta senhora seja frequentada por algum homem estranho, principalmente de noite?

(Bartholomeu mastiga.)

D. Antonia — Ah senhor Corregedor! isto é uma grande injuria que se me faz; n'esta casa não entra sombra d'homem.

O Desconhecido (*Descendo alguma coisa*)—A sombra não decerto.

Camões (*A Bartholomeu*)—Diga o que sabe.

Bartholomeu (*Mastigando, e coçando-se*)—E' bem verdade que até hontem nunca vi entrar n'esta casa pessoa alguma que fizesse desconfiança; mas a noite passada... (*Mastiga.*)

Sebastião—A noite passada... o quê? (*A'parte*) Estou tremendo; mais valêra que a rapariga estivesse no casal.

Camões—Então, mestre! fala ou não fala? Você já fez o seu depoimento; agora queremos vêr como o ratifica!

Bartholomeu (*Coçando-se*)—Hontem á noite, antes das dez horas... vi sahir d'esta casa um vulto embuçado n'uma capa, e de chapéo derrubado .. fechou a porta da escada... e guardou a chave n'algibeira ..

Sebastião—Era eu que sahi para ir a casa do meu précurador.

D Antonia—E' verdade, que havia de ser o compadre.

Bartholomeu (*Com a voz pausada*)—O senhor Sebastião d'Arruda não ia de capa, nem de chapéo derrubado: sahiu ao anoitecer, e ainda eu estava trabalhando... por signal que estava batendo a sola, vejam se se lembram bem... e o sugeito que eu digo sahiu muito depois das nove horas.

Gregorio (*A'parte*)—Maldito espreitador!

Sebastião—O mestre está enganado nas horas.

D. Antonia — Valha-me a Senhora do Monte do Carmo!

Camões—Vamos ao resto!

Bartholomeu—Pouco antes da meia noite, vi o mesmo vulto abrir a porta e entrar...

Sebastião—Era eu quando vim de casa do précurador.

Bartholomeu — O senhor Sebastião sahiu ás Ave-Marias, e não se demorou meia hora... não tinha chave da porta como o outro, e foi preciso bater para que lh'a abrissem.

D. Antonia (*Benzendo-se*)—Jesus! Santo Nome de Jesus! para que eu estava guardada!

Gregorio—Oh que patife! quem pudéra arrancar-lhe a lingua!

D. Antonia—Que se faça similhante injuria a uma casa tam honrada como a minha!...

Camões—Mas que diz a isto, minha senhora?

D. Antonia—Que esse homem não têm dito senão mentiras... é um máo visinho! é um calumniador!

Camões (*A Bartholomeu*)—Retire-se (*Bartholomeu vae para o fundo fazendo muitas cortezias.—A D. Antonia*) Socegue, minha senhora... Uma dona de casa não pode vêr tudo o que se passa dentro d'ella; e talvez alguma pessoa da sua familia ..

D. Antonia—Em minha casa não se passa coisa que eu não saiba... E de mais, nem minha afilhada nem minha criada eram capazes...

Camões—Ora diga-me: a que horas veiu hontem de casa de D. Francisca de Albuquerque?

D. Antonia—Que diz, senhor?! pois eu ponho lá os pés em similhante casa! D Antonia do Menino Deus não vae a casas de saráos... Foi tambem o sapateiro que levantou essa mentira?

Camões (*A'parte*)—E que tal é a afilhadinha, que avisou o amante para me fazer uma espera!... como ella me enganou!! (*Fica pensativo.*)

O Desconhecido (*A'parte*)—O Camões vae perdendo o fio á meada.

Sebastião—Ora o sôr Corregedor hade perdoar, mas parece que não quer outra coisa senão tirar a boa fama a esta familia. Qual é a fé que merece uma só testemunha, e de mais a mais uma testemunha d'aquella qualidade?

Camões—Pois persuade-se o senhor doutor d'aldêa que importa ás justiças d'El-rei que entre qualquer homem n'uma casa, quando os familiares d'ella lhe dão faculdade para isso? O caso é outro: ha toda a probabilidade que o homem, que tem uma entrada tam franca n'esta habitação, é o mesmo que hontem á noite teve uma briga n'essa rua, e deu duas estocadas n'uma personagem d'esta capital.

Gregorio (*A'parte*)—Estou salvo! pois cuidei que estava perdido de todo.

Camões (*Depois de um momento de reflexão, para o fundo*)—Chegue esse criado!

Gregorio (*Descendo para a direita e fazendo cortezias*)—Eu, sôr doitor Corregedor!?

Camões—Sim, tu. Sabes... se de noite ou de dia entra n'esta casa algum homem extranho?

D. Antonia (*Levantando-se*)—Homem extranho! que quer isso dizer? Saiba o senhor doutor Corregedor que nem quando solteira, nem depois de viuva tenho dado que fazer ás más linguas!

Sebastião (*A'parte*)—Eu não estou em mim!

Camões (*A Gregorio*)—Então que respondes?

Gregorio—Eu cá nada sei do que me prégunta; nunca vi entrar ninguem n'esta casa ás escondidas.

Camões—Vê lá o que dizes... Olha que se não falas verdade, vaes d'aqui mesmo para a cadêa.

Gregorio—Se ameaça lá com a cadêa, antão digo tudo o que o sôr Corregedor quizer... veja lá o que quer qu'eu diga?

Camões—O que eu quero?!... a verdade.

Gregorio—Antão já disse.

Camões (*Medindo-o com os olho*)—Está bom, senhor. (*Gregorio retira-se para a direita.—A Sebastião levantando se*) Tenho alli um requerimento e uma representação que v. m. fez a El-rei sobre a accusação de que hoje ficou absolvido... Desejo saber quem lhe fez uma e outra coisa?

Gregorio (*Que ficou á direita, áparte*)—O homem vae aprofundando muito o caso.

Sebastião (*Indeciso*)—Esses papeis... são feitos por mim.

Camões—Escriptos pela sua mão, sim senhor; mas que v. m. os fizesse, isso não é verdade.—Pretendo saber quem lh'os ditou?

Sebastião (*Indeciso, e olhando para Gregorio*)—Já disse ao sôr Corregedor que são obra cá da minha cabeça e da minha mão.

Camões—Fale verdade; v. m. não tem o talento necessario para escrever d'aquella sorte... Tambem não são feitos por lettrado de profissão, porque lhe faltam as palavras do estylo e os termos da pratica. Mas quem os fez sabe soffrivelmente direito civil, e mesmo direito canonico.—Senhor juiz da vintena, não me venha deitar poeira nos olhos; quaes são os conhecimentos que v. m. tem para poder citar tantos paragraphos da Ordenação, Concilios e Santos Padres? V. m. sabe que pena tem quem mente a El-rei?

Gregorio (*A'parte*)—Eil-os commigo; mas não tem duvida. (*Chegando-se a Sebastião, a meia voz*)—Diga a verdade: que fui eu... não importa.

Sebastião (*Que ficou atemorisado*)—Pois sôr Corregedor, como era obra caseira, cuidei que podia dizer que era minha; mas na verdade, quem m'os fez escrever foi este meu criado. Elle é que me tem aconselhado em tudo.

O Desconhecido e Camões—Ah!!

O Desconhecido (*A'parte*)—Ambos fômos enganados... quem será o sujeito? (*Desce para a bocca da scena, á direita*)

Camões (*A'parte*)—Já vejo que não perco a minha

vara. (*Em voz alta*) Venha para cá, senhor saloio, e diga-nos onde aprendeu direito civil, e direito canonico? V. m. é um prodigio; tem feito maravilhas!

(Gregorio approxima-se)

Sebastião—Elle diz que aprendeu essas coisas lá em casa de um Desembargador do Paço a quem serviu.

Camões (*Aos officiaes*)—Vão dar busca a essas casas. (*O Escrivão levanta-se, e entra com quatro officiaes pelas portas da direita.—A Gregorio*) Então que me diz?

Gregorio—Meu amo já respondeu por mim.

D. Antonia—Estou pateta de tudo quanto vejo!

Camões—Pois com effeito aprendeu de ouvido todas aquellas coisas? Muito bem, muito bem!... Ora quem tal diria!—(*Ao official que ficou em scena*) Chame essa senhora moça que se retirou lá para dentro.

(O official entra na segunda porta á direita)

Gregorio (*A' meia voz*)—Senhor Corregedor, peço lhe que faça isto de maneira que Marianna não fique desacreditada.

Camões—Até que finalmente descobri o coelho. (*Aproximando-se do Desconhecido, e a meia voz*) E' com effeito o nosso homem; e é um maroto de muito bom gosto.

O Desconhecido—Quem será elle? (*Tem subido alguma coisa á scena.*)

Camões (*A meia voz*)—Breve o saberemos. (*Rindo*) Pelo que vejo foi o que deu o conselho para eu vir preso entre oito varapáos... (*Voltando para a scena, á parte*) E estava de portas a dentro em quanto nós andavamos a rondar ao frio.

SCENA VIII

D. ANTONIA, SEBASTIÃO, GREGORIO, O CAMÕES MARIANNA, O DESCONHECIDO *e o* OFFICIAL (*que fica no fundo*)

(Marianna vem atemorisada, e entra pela ultima porta á direita; o Desconhecido que já tem subido a scena diz-lhe quando ella passa por elle:)

O Desconhecido (*A meia voz a Marianna*)—Negue tudo. (*Torna a descer.*)

(Marianna olha para elle admirada e vem descendo a scena.)

Camões — Venha cá, minha senhora; faça favor de me dizer se conhece este homem?

Marianna (*Olhando para o Desconhecido, e depois para Camões*)—Conheço, sim senhor; é um creado do casal de meu pae.

O Desconhecido (*A'parte*)—Esta voz!... então não era ella que conversou hontem á noite commigo da janella abaixo. (*Rindo*) Que tal está a peta!

Camões (*Depois de ter reflectido*)—E está com effeito persuadida que o senhor não é senão o que figura?

Marianna (*Depois de ter olhado para o Desconhecido*) —E então que hade elle ser?

Camões—Está bem. (*A Gregorio*) Ora, meu amigo, tenha a bondade de nos dizer quem é?

Gregorio (*Rusticamente*)—Sou o Gregorio, moço do casal aqui do sôr Sebastião d'Arruda.

O Desconhecido (*A'parte, rindo-se*)—Que tal é o sugeitinho!

Camões (*Imitando as maneiras de Gregorio*)—Pois com effeito ainda quer continuar a figurar de saloio!

(Entram os quatro officiaes com o Escrivão pela direita, trazendo uma capa, um chapeo derrubado, uma espada com bainha, outra sem ella, que põem em cima de duas cadeiras á esquerda. Camões vae examinar.)

Sebastião—Que me diz a isto, sôra comadre?

D. Antonia—Que me diz a isto, senhor compadre?

Camões (*A'parte*)—E' a minha espada. (*Descendo outra vez, e em voz alta*) * Alli está o trem com que sua mercê anda correndo as ruas, e dando a sua estocadasinha. Sempre o pilhei; pois já lhe ia perdendo as esperanças, e perdia uma apósta de bastante valor.

Gregorio (*Com voz e gesto naturaes*)—Então foi o interesse da apósta que obrigou o senhor Corregedor a fazer tam bem a sua diligencia?

Camões—Ah! v. m. está gracejando, senhor espadachim; não sabe que feriu a noite passada (*Engrossando a voz comicamente*) um homem de muita consideração.

Gregorio—Eu, senhor?!

(O Desconhecido faz signal aos officiaes, que se retiram para a direita fundo).

Camões—V. m. conhece-o muito bem: alli está a espada com que o senhor lhe ficou depois de o desarmar.

Gregorio—Então briguei eu com elle em leal desafio e não me pódem criminar de assassino?

Camões—Tem razão, sim senhor; mas sempre o vou autoando, e d'aqui marcha para a cadêa. (*Procura com os olhos o escrivão.*)

Gregorio — Mas o senhor Corregedor é o proprio queixoso .. (*Inclinando-se profundamente para o Desconhecido*) Appello para quem alli está embuçado; elle decidirá se a Ordenação permitte que um homem possa ser juiz em causa propria?

El-Rei (*Largando a capa*) *—Não!

D. Antonia, Sebastião *e* Marianna—(*Curvando o joelho*)—El-rei!

(Camões e Gregorio tambem se inclinam, Bartholomeu egualmente.)

El-Rei (*fazendo signal para que se ergam.*)—*A Gregorio*)—Quem és?

Gregorio—Perdoe-me vossa magestade as minhas extravagancias... (*Indicando Marianna*) Eis alli a desculpa... Sou um estudante da Universidade, e chamo-me Diniz Homem.

D. Antonia (*A meia voz a Marianna*)—Diniz Homem! E' o noivo que eu te queria dar.

Marianna—Ah!

Camões (*A'parte*)—E o mais é que está salvo, e eu com um braço aleijado.

El-rei—Com effeito, senhor Diniz Homem, tem v. m. rido muito á custa de muita gente. (*A meia voz.*) Já sei quem me falou hontem á noite da janella abaixo.

Diniz (*Affectando muito respeito.*)—Peço perdão a vossa magestade.

El-rei (*A meia voz*)—E a minha carta?

Diniz (*Apresentando-lh'a.*)—Eil-a aqui, meu senhor.

El-rei (*Recebendo-a, e a meia voz*)—Não cahiu na tentação de a abrir... Pois é o que lhe vale. (*Em voz alta.*) Ha coisas que não precisam muita explicação. (*A D Antonia e a Sebastião.*) Diniz Homem pretende casar com D. Marianna, eu sou o padrinho... julgo que todos consentem?...

Sebastião—Vossa magestade manda

D. Antonia—Com muito gosto, real senhor; era o noivo que eu lhe destinava. E verdade que é muito extravagante, mas já seu pae assim era; eu que o diga!

El-rei (*Rindo.*)—Pois com effeito! (*A Diniz.*) Que estudava na Universidade?

Diniz—Direito civil, meu senhor, e estava no ultimo anno; mas infelizmente não posso fazer os meus actos, porque as faltas são muitas.

El-rei (*Voltando-se para o Camões.*)—Camões, julga que se poderão dispensar os actos a um resuscitado?

* D. Antonia, Marianna, Sebastião, Gregorio, O Desconhecido, Camões, Bartholomeu; e os mais no fundo.

Camões—Pois não, meu senhor; e elle que está prompto... Que mais havia de ir aprender a Coimbra?
El-rei—Pois bem; está vago um logar de juiz de fóra perto de Lisboa, e...
Diniz (*Como acima.*)—Beijo as mãos a vossa magestade... mas se podesse ser para mais longe?...
El-rei (*Rindo.*)—Bem o entendo; irá para uma das provincias do norte... Será longe bastante?
Diniz—Nunca de mais, meu senhor.

Côro
(*Apontando para os actores*)

Se o pintor d'estes retratos
Com perfeição os não fez,
Tende indulgencia com elle,
Fará melhor outra vez.

D. Antonia

E ter eu dentro de casa
(Ora quem tal pensaria!)
O fogo perto da estôpa;
Tudo a arder! Santa Maria!

Sebastião (*A'parte*)

Ora se os grandes da terra
D'estes exemplos nos dão,
Que esperam estes senhores
Que faça um pobre peão?

Bartholomeu
(*Apparecendo na extrema direita*)

Quem não espreita não sabe,
Meu mestre assim o dizia;
E do que tenho espreitado
Forte livro se fazia!

Camões

Coimbra tem produzido,
Apezar dos verdeaes,
Heroes de fama preclara

(*Indicando Gregorio*)

Elle, e eu, e outros que taes.

Diniz

No quadro da vida humana
Não se encontra muito sizo;
A'quelle que é menos louco
Chama-se homem de juizo.

Côro

Se o pintor d'estes retratos
Com perfeição os não fez,
Tende indulgencia com elle,
Fará melhor outra vez

Cópia da sentença exarada a fl. 177 do original do drama em tres actos «O Camões do Rocio»

Tendo-se resolvido em conferencia geral do Conservatorio do primeiro do corrrente, que a comedia em tres actos, *O Camões do Rocio*, merecia ser admittido ás provas publicas, aconselhando-se ao autor mais alguma vivacidade no estylo, digo, no dialogo, e alguns toques mais caracteristicos na personagem que dá o titulo ao drama; mando que a dita peça seja entregue ao empresario do Theatro nacional normal de Lisboa para que se represente. Lisboa, Inspecção geral dos Theatros e espectaculos publicos, em quatro de Dezembro de mil oitocentos trinta e nove.—*J. B. de Almeida Garrett.*

Está conforme.—Secretaria da Inspecção geral dos Theatros e espectaculos do reino, em 9 de Maio de 1842.

Cópia da sentença definitiva exarada a fl 119 do mesmo drama

Tendo-se resolvido, na conformidade do artigo cincoenta e tres, capitulo quinze, titulo segundo dos Estatutos, em sessão plena e publica do Conservatorio Real de vinte seis de Março de mil oitocentos quarenta e dois que, entre os dramas admittidos ás provas publicas nos annos de mil oitocentos trinta e nove a mil oitocentos e quarenta e de mil oitocentos e quarenta a mil oitocentos quarenta e um, deviam obtêr o premio definitivo os seguintes: a saber:—*Os Dois Renegados*— *O Camões do Rocio*— *Os Dois Campeões*—e *O Captivo de Fez*,—immediatamente se procedeu á abertura das cedulas, havendo-se por dispensado o que determina o artigo cincoenta e quatro dos Estatutos, em attenção á extrema demora que este processamento havia tido; e foram proclamados por autores das ditas peças: a saber: dos *Dois Renegados* o sr. José da Silva Mendes Leal Junior—do *Camões do Rocio* o sr. Ignacio Maria Feijóo—dos *Dois Campeões* o sr. D. Pedro de Costa de Souza de Macedo—e do *Captivo de Fez* o sr. Antonio Joaquim da Silva Abranches. Portanto, mando que se expeça a favor de cada um dos ditos autores, ou de seus cessionarios, ordens de pagamento pela somma complementar do premio sobre o empresario que é, ou era, do Theatro nacional normal a quem, na forma das escripturas, incumbe satisfazel-o. Conservatorio Real de Lisboa e Inspecção geral dos Theatros e espectaculos do reino em trinta de Março de mil oitocentos quarenta e dois.— O vice-presidente do Conservatorio e Inspector geral dos Theatros—*Joaquim Larcher.*

Está conforme.—Secretaria da Inspecção geral dos Theatros e espectaculos do reino em 9 de Maio de 1842.—O Secretario, *Antonio Gomes Lima.*

PARTE III — PERIODO UNIVERSALISTA

FREI LUIZ DE SOUSA
— A SOBRINHA DO MARQUEZ

FREI LUIZ DE SOUSA

Não havia a minima tenção de entregar nunca á scena *Frei Luiz de Sousa*, nem tam cedo á imprensa, quando se acabou de compôr nos fins do inverno passado. Resolveu, porém, o auctor apresental-o ao Conservatorio, com a memoria que adeante vae transcripta, em testemunho de consideração por aquelle estabelecimento que fundára.

Lida a memoria em conferencia, segundo o costume academico, e deposta na mesa com o drama, foram geraes as instancias para que este se lêsse tambem. O auctor não se fez muito rogar, porque bem desejava observar o effeito que produziria em auditorio tam escolhido a sua nova tentativa.

Se o não illudiu a cegueira de poeta, nem o quiz enganar a benevolencia dos muitos amigos que alli estavam, o effeito foi maior do que nunca se atreveriam a prevêl o as mais sanguineas esperanças do escriptor mais seguro de si e do seu publico.

A imprensa fez ecco ao favoravel juizo do Conservatorio; e o drama teve a boa estreia de começar a ser bemquisto do publico antes ainda de lhe ser apresentado.

Foi isso causa de lhe pedirem, e o auctor fazer com muito gosto, outra leitura d'elle na sociedade intima de uma familia que préza como sua e á qual o prendem de sincera e estreita amisade—não só, nem tanto, as relações de algum contraparentesco, mas muito mais as de affeição verdadeira, de estima bem fundada e experimentada em qualidades que se vão fazendo cada dia mais raras n'esta terra.

Em tudo e sempre —excepto n'uma coisa que não vem para aqui — se póde e deve ter mais fé, nas mulheres que nos homens: em coisas d'arte o seu voto é decisivo. Desde aquella leitura o auctor começou a acreditar na sua obra como composição dramatica, pois até então ingenuamente a reputava mais um *estudo* para se examinar no gabinete, do que proprio quadro para se desenrolar na exposição publica da scena.

Resolveu-se alli logo, e na excitação do momento, representar o drama em um theatro particular. Distribuiram-se as partes, começaram os ensaios, e em poucas semanas, apesar de todas as difficuldades, subiu á scena na quinta do Pinheiro, a cujos amaveis donos não ha obsequio nem fineza que não deva o auctor e a peça.

O theatro é pequeno, mas accommoda muita gente; e encheu-se do que ha mais luzido e brilhante na «sociedade». As lagrimas das senhoras e o applauso dos homens fizeram justiça ao incomparavel merito dos actores, principalmente das damas, a quem, sem a menor sombra de lisonja, nem sequer de cumprimento, o auctor póde dizer que deve a mais apreciavel corôa litteraria que ainda recebeu.

Na tribuna e no fôro, nos theatros e nas academias, nas assembleias do povo e nos palacios dos reis, em toda a parte lhe têm cortado d'essas palmas que verdejam um dia, que hoje dá o favor, que ámanhã tira a inveja; que, emquanto estão no viço, fazem curvar o joelho ao vulgo dos pequenos, e ao vulgo — muito mais vulgo — dos grandes; mas que em seccando, no outro dia, são açoite que empunha logo a vileza d'esses covardes para se vingarem nas costas do que os humilhou, e a quem não perdôam o tempo que estiveram de joelhos... Coitados! pois não é essa a sua vida, a sua posição natural? E'; mas querem fingir, de vez em quando, que não, e que podem estar direitos como a gente de bem. O auctor de *Frei Luiz de Sousa* avalia isso no que isso vale; e só pendura d'est'outras corôas no templo singelo da sua memoria, onde o fasto nunca entrou nem foi adorada a vaidade.

Para lembrança d'aquella noite de satisfação tam pura, se escrevem aqui os nomes dos amaveis artistas que verdadeiramente foram os que realisaram e deram vida ás vagas concepções que o poeta esboçára

n'este drama. Eram distribuidos os papeis d'este modo:

Ex.^mos Srs.
D Emilia Krus de Azevedo....... *Magdalena.*
D. Maria da Conceição de Sá.... *Maria.*
Joaquim José de Azevedo........ *Manuel de Sousa.*
Antonio Pereira da Cunha....... *Frei Jorge.*
Duarte Cardoso de Sá........... *Romeiro.*
Antonio Maria de Sousa Lobo.... *Prior.*
Duarte de Sá, Junior............ *Miranda.*

O auctor suppriu, no papel de *Telmo*, a falta de um amigo impossibilitado. Ponto, córos, e os mesmos comparsas, tudo eram parentes ou amigos intimos.

Faz gosto recordar todas estas circumstancias: é roubar uma pagina á monotona historia da semsaboria do tempo.

Lisboa, 31 de dezembro de 1843.

AO CONSERVATORIO REAL [1]

SENHORES:

Um estrangeiro fez, ha pouco tempo, um romance da aventurosa vida de Frei Luiz de Sousa. Ha muito enfeite de maravilhoso n'esse livro, que não sei se agrada aos extranhos; a mim, que sou natural, pareceu-me empanar a singela belleza de tam interessante historia. Exponho um sentimento meu; não tive a minima ideia de censurar, nem sequer de julgar a obra a que me refiro, escripta em francez, como todos sabeis, pelo nosso consocio o sr. Fernando Diniz.

E' singular condição dos mais bellos factos e dos mais bellos caracteres que ornam os fastos portuguezes, serem tantos d'elles, quasi todos elles, de uma extrema e estreme simplicidade. As figuras, os grupos, as situações da nossa historia — ou da nossa tradição — que para aqui tanto vale — parecem mais talhados para se moldarem e vasarem na solemnidade severa e quasi estatuaria da tragedia antiga, do que para se pintarem nos quadros, mais animados talvez porém menos profundamente impressivos, do drama novo — ou para se interlaçarem nos arabescos do moderno romance.

Ignez de Castro, por exemplo, com ser o mais bello, é tambem o mais simples assumpto que ainda trataram poetas. E por isso todos ficaram atraz de Camões, porque todos, menos elle, o quizeram enfeitar julgando dar-lhe mais interesse.[2]

Na historia de Frei Luiz de Sousa — como a tradição a legou á poesia, e desprezados para este effeito os embargos da critica moderna — a qual, ainda assim, tam sómente allegou mas não provou — n'essa historia, digo, ha toda a simplicidade de uma fabula tragica antiga. Casta e severa como as de Eschylo, apaixonada como as de Euripides, energica e natural como as de Sophocles, tem, demais do que ess'outras, aquella uncção e delicada sensibilidade que o espirito do Christianismo derrama por toda ella, molhando de lagrimas contrictas o que seriam desesperadas ancias n'um pagão, accendendo até nas ultimas trévas da morte, a vela da esperança que se não apaga com a vida.

A catastrophe é um duplo e tremendo suicidio; mas não se obra pelo punhal ou pelo veneno: foram duas mortalhas que cahiram sobre dois cadaveres vivos: — jazem em paz no mosteiro, o sino dobra por elles; morreram para o mundo, mas vão esperar ao pé da Cruz que Deus os chame quando fôr a sua hora.

A desesperada resignação de Prometheu cravado de cravos no Caucaso, rodeado de curiosidades e compaixões, e com o abutre a espicaçar-lhe no figado, não é mais sublime. Os remorsos de Edipo não são para comparar aos exquisitos tormentos de coração e de espirito que aqui padece o cavalheiro pundonoroso, o amante delicado, o pae estremecido, o christão sincero e tementе do seu Deus. Os terrores de Jocasta fazem arripiar as carnes, mas são mais asquerosos do que sublimes; a dor, a vergonha, os sustos de D. Magdalena de Vilhena revolvem mais profundamente no coração todas as piedades, sem o paralysar de repente com uma compressão de horror que excede as forças do sentimento humano. A bella figura de Manuel de Sousa Coutinho, ao pé da angelica e resignada fôrma de D. Magdalena, amparando em seus braços interlaçados o innocente e mal estreado fructo de seus fataes amores, formam naturalmente um grupo, que se eu podesse tomar nas mãos o escopro de Canova ou de Torwaldsen — sei que o desentranhava de um cêpo de marmore de Carrara com mais facilidade, e decerto com mais felicidade, do que tive em pôr o mes-

[1] Foi lida esta Memoria em conferencia do Conservatorio Real de Lisboa em 6 de Maio de 1843.

[2] Profunda observação de Mr. Adamson, citando um critico allemão, a respeito das causas por que entre tantas tragedias de *Ignez de Castro*, portuguezas, castelhanas, francezas, inglezas e allemãs, nenhuma tinha sahido verdadeiramente digna do assumpto. Vej. *Memoirs of Camoens* by John Adamson.

mo pensamento por escriptura nos tres actos do meu drama.

Esta é uma verdadeira tragedia — se as póde haver, e como só imagino que as possa haver sobre factos e pessoas comparativamente recentes. Não lhe dei todavia esse nome porque não quiz romper de vizeira com os estafermos respeitados dos seculos que, formados de peças que nem offendem nem defendem no actual guerrear, inanimados, ôcos e postos ao canto da sala para onde ninguem vae de proposito — ainda têm comtudo a nossa veneração, ainda nos inclinamos deante d'elles quando alli passamos por acaso.

Demais, posto que eu não creia no verso como lingua dramatica possivel para assumptos tam modernos, tambem não sou tam desabusado comtudo que me atreva a dar a uma composição em prosa o titulo solemne que as musas gregas deixaram consagrado á mais sublime e difficil de todas as composições poeticas.

O que escrevi em prosa, podéra escrevel-o em verso; — e o nosso verso solto está provado que é docil e ingenuo bastante para dar todos os éffeitos d'arte sem quebrar na natureza. Mas sempre havia de apparecer mais artificio do que a indole especial do assumpto podia soffrer. E dil-o-hei porque é verdade — repugnava-me tambem pôr na bocca de Frei Luiz de Sousa outro rythmo que não fosse o da elegante prosa portugueza que elle, mais do que ninguem, deduziu com tanta harmonia e suavidade. Bem sei que assim ficará mais clara a impossibilidade de imitar o grande modelo; mas antes isso, do que fazer falar por versos meus o mais perfeito prosador da lingua.

Contento-me para a minha obra com o titulo modesto de drama: só peço que a não julguem pelas leis que regem, ou devem reger, essa composição de fórma e indole nova; porque a minha, se na fórma desmerece da cathegoria, pela indole hade ficar pertencendo sempre ao antigo genero tragico.

Não o digo por me dar applauso, nem para obtêr favor tampouco, senão porque o facto é esse, e para que os menos reflectidos me não julguem sobre dados falsos e que eu não tomei para assentar o problema que procurava resolver.

Não sei se o fiz: a difficuldade era extrema pela extrema simplicidade dos meios que adoptei. Nenhuma acção mais dramatica, mais tragica do que esta; mas as situações são poucas: estender estas de invenção era adelgaçar a força d'aquella, quebrar-lhe a energia. Em um quadro grande, vasto — as figuras poucas, as attitudes simples, é que se obram os grandes milagres d'arte pela correcção no desenho, pela verdade das côres, pela sábia distribuição da luz.

Mas ou se hade fazer um prodigio ou uma semsaboria. Eu sei a que empreza de Icaro me arrojei, e nem tenho mares a que dar nome com a minha queda: ellas são tantas já!

Nem amores, nem aventuras, nem paixões, nem caractéres violentos de nenhum genero. Com uma acção que se passa entre pae, mãe e filha, um frade, um escudeiro velho, e um peregrino que apenas entra em duas ou tres scenas — tudo gente honesta e temente a Deus — sem um máo para contraste, sem um tyranno que se mate ou mate alguem, pelo menos no ultimo acto, como eram as tragedias d'antes — sem uma dansa macabra de assassinios, de adulterios e de incestos, tripudiada ao som das blasphemias e das maldições, como hoje se quer fazer o drama — eu quiz vêr se era possivel excitar fortemente o terror e a piedade — ao cadaver das nossas platéas, gastas e cacheticas pelo uso continuo de estimulantes violentos, galvanisal-o com sós estes dois metaes de lei.

Repito sinceramente que não sei se o consegui; sei, tenho fé certa que aquelle que o alcançar, esse achou a tragedia nova, e calçou justo no pé o cothurno das nações modernas; esse não acceite das turbas τραγος consagrado, o bode votivo; não subiu ao carro de Thespis, não bezuntou a cara com bôrras de vinho para fazer visagens ao povo, esse atire a sua obra ás disputações das escolas e das parcialidades do mundo, e recolha-se a descansar no septimo dia de seus trabalhos, porque tem creado o theatro da sua epoca.

Mas se o engenho do homem tem bastante de divino para ser capaz de tamanha creação, o poder de nenhum homem só não virá a cabo d'ella nunca. Eu julgarei ter já feito muito se, directamente por algum ponto com que acertasse, indirectamente pelos muitos em que errei, concorrer para o adeantamento da grande obra que trabalha e fatiga as entranhas da sociedade que a concebeu, e a quem peja com affrontamentos e nôjos, porque ainda agora se está a formar em principio de embryão.

Nem pareça que estou dando grandes palavras a pequenas coisas: o drama é a expressão litteraria mais verdadeira do estado da sociedade: a sociedade de hoje ainda se não sabe o que é, o drama ainda se não sabe o que é: a litteratura actual é a palavra, é o verbo ainda balbuciante de uma sociedade indefinida, e comtudo já influe sobre ella; é, como disse, a sua expressão, mas reflecte a modificar os pensamentos que a produziram.

Para ensaiar estas minhas theorias d'arte,

que se reduzem a pintar do vivo, desenhar do nu, e a não buscar poesia nenhuma nem de invenção nem de estylo fóra da verdade e do natural, escolhi este assumpto, porque em suas mesmas difficuldades estavam as condições de sua maior propriedade.

Ha muitos annos, discorrendo um verão pela deliciosa beira-mar da provincia do Minho, fui dar com um theatro ambulante de actores castelhanos fazendo suas recitas n'uma tenda de lôna no areal da Povoa de Varzim, além de Villa do Conde. Era tempo de banhos, havia feira e concorrencia grande; fômos á noite ao theatro: davam a *Comedia famosa* não sei de quem, mas o assumpto era este mesmo de *Frei Luiz de Sousa*. Lembra-me que ri muito de um homem que nadava em certas ondas de papelão, emquanto n'um altinho, mais baixo que o cotovello dos actores, ardia um palaciosinho tambem de papelão... era o de Manuel de Sousa Coutinho em Almada!

Fosse de mim, dos actores ou da peça, a acção não me pareceu nada do que hoje a acho, grande, bella, sublime de tragica magestade. Não se obliteram facilmente em mim impressões que me entalhem, por mais leve que seja, nas fibras do coração: e as que alli recebi estavam inteiramente apagadas quando, poucos annos depois, lendo a celebre Memoria do sr. bispo de Vizeu D. Francisco Alexandre Lobo, e relendo, por causa d'ella, a romanesca mas sincera narrativa do padre Frei Antonio da Encarnação, pela primeira vez attentei no que era de dramatico aquelle assumpto.

Não passou isto, porém, de um vago relancear do pensamento. Ha dois annos, e aqui n'esta sala, quando ouvi lêr o curto mas bem sentido relatorio da commissão que nos propoz admittir ás provas publicas o drama, o *Captivo de Fez*, é que eu senti como um raio de inspiração nas reflexões que alli se faziam sobre a comparação de aquella fabula engenhosa e complicada com a historia tam simples do nosso insigne escriptor.

Quizeram-me depois fazer crêr que o drama portuguez era todo tirado, ou principalmente imitado, d'esse romance francez de que já vos fallei e que eu ainda não tinha lido então. Fui lêl-o immediatamente, e achei falsa de todo a accusação; mas achei mais falsa ainda a preferencia de ingenuidade que a esse romance ouvia dar. Pareceu-me que o assumpto podia e devia ser tratado de outro modo, e assentei fazer este drama.

Escuso dizer-vos, Senhores, que me não julguei obrigado a ser escravo da chronologia, nem a regeitar por improprio da scena tudo quanto a severa critica moderna indigitou como arriscado de se apurar para a historia. Eu sacrifico ás musas de Homero não ás de Herodoto: e quem sabe, por fim, em qual dos dois altares arde o fogo de melhor verdade!

Versei muito e com muito afincada attenção, a Memoria que já citei do douto socio da Academia Real das Sciencias o sr. bispo de Vizeu; e collacionei todas as fontes de onde elle derivou e apurou seu copioso cabedal de noticias e reflexões; mas não foi para ordenar datas, verificar factos ou assentar nomes, senão para estudar de novo, n'aquelle bello compendio, caracteres, costumes, as côres do logar e o aspecto da epoca, aliás das mais sabidas e averiguadas.

Nem o drama, nem o romance, nem a epopêa são possiveis, se os quizerem fazer com a *Arte de verificar as datas* na mão.

Esta quasi apologia seria ridicula, Senhores, se o meu trabalho não tivesse de apparecer senão deante de vós, que por intuição deveis de saber, e por tantos documentos tendes mostrado que sabeis, quaes e quam largas são, e como limitadas, as leis da verdade poetica, que certamente não deve ser oppressora, mas tambem não póde ser escrava da verdade historica. Desculpae-me apontar aqui esta doutrina, não para vós que a professaes, mas para algum escrupuloso mal advertido que me pudesse condemnar por infracção de leis a que não estou obrigado porque as não acceitei.

E todavia cuido que, fóra dos algarismos das datas, irreconciliaveis com todo o trabalho de imaginação, pouco haverá, no mais que ou não seja puramente historico, isto é, referido como tal pelos historiadores e biographos, ou implicitamente contido, possivel, e verosimil de se contêr no que elles referem.

Offereço esta obra ao Conservatorio Real de Lisboa, porque honro e venero os eminentes litteratos, e os nobres caracteres civicos que elle reune em seu seio, e para testemunho sincero tambem da muita confiança que tenho n'uma instituição que tam util tem sido e hade ser á nossa litteratura renascente, que tem estimulado com premios, animado com exemplos, dirigido com sabios conselhos a cultura de um genero que é, não me canso de o repetir, a mais verdadeira expressão litteraria e artistica da civilisação do seculo, e reciprocamente exerce sobre ella a mais poderosa influencia.

Eu tive sempre na minha alma este pensamento, ainda antes—perdoae-me a innocente vaidade, se vaidade isto chega a ser—ainda antes de elle apparecer formulado em tam elegantes phrases por esses escriptores que alumiam e caracterisam a epo-

ca, os Victor-Hugos, os Dumas, os Scribes. O estudo do homem é o estudo d'este seculo, a sua anatomia e physiologia moral as sciencias mais buscadas pelas nossas necessidades actuaes. Colligir os factos do homem, emprego para o sabio; comparál-os, achar a lei de suas séries, occupação para o philosopho, o politico; revestil-os das fórmas mais populares, e derramar assim pelas nações um ensino facil, uma instrucção intellectual e moral que, sem apparato de sermão ou prelecção, surprehenda os animos e os corações da multidão, no meio de seus proprios passatempos — a missão do litterato, do poeta. Eis aqui porque esta epoca litteraria é a epoca do drama e do romance, porque o romance e o drama são, ou devem ser, isto.

Parti d'esse ponto, mirei a este alvo desde as minhas primeiras e mais juvenis composições litterarias, escriptas em tam desvairadas situações da vida, e as mais d'ellas no meio de trabalhos serios e pesados, para descansar de estudos mais graves ou refocilar o espirito fatigado dos cuidados publicos—alguma vez tambem para não deixar seccar de todo o coração na aridez das coisas politicas, nas quaes é força apertál o até endurecer para que nol-o não quebre o egoismo duro dos que mais carregam onde acham mais brando, ferem com menos dó e com mais covarde valentia onde acham menos armado.

Eu tinha feito o meu primeiro estudo sobre o homem antigo na antiga sociedade: pul-o no expirar da velha liberdade romana, e no primeiro nascer do absolutismo novo, ou que deu molde a todos os absolutismos modernos, o que vale o mesmo. Dei-lhe as fórmas dramaticas, é a tragedia de Catão.

O romance de Dona Branca não foi senão uma tentativa encolhida e timida para espreitar o gosto do publico portuguez, para vêr se nascia entre nós o genero, e se os nossos jovens escriptores adoptavam aquella bella fórma; entravam por sua antiga historia a descobrir campo, a colher pelas ruinas de seus tempos heroicos os typos de uma poesia mais nacional e mais natural.

O Camões levou o mesmo fito e vestiu as mesmas fórmas.

Os meus ensaios de poesia popular na Adozinda vê-se que prendem no mesmo pensamento — falar ao coração e ao animo do povo pelo romance e pelo drama.

Este é um seculo democratico: tudo o que se fizer hade ser pelo povo e com o povo... ou não se faz. Os principes deixaram de ser, nem podem ser, Augustos. Os poetas fizeram-se cidadãos, tomaram parte na coisa publica como sua; querem ir, como Euripedes e Sophocles, solicitar na praça os suffragios populares, não como Horacio e Virgilio, cortejar no paço as sympathias de reaes corações. As côrtes deixaram de ter Mecenas; os Medicis, Leão X, Dom Manuel e Luiz XIV já não são possiveis; não tinham favores que dar nem thesouros que abrir ao poeta e ao artista. Os sonetos e os madrigaes eram para as assembléas perfumadas d'essas damas que pagavam versos a sorrisos:—e era talvez a melhor e mais segura lettra que se vencia na carteira do poeta. Os leitores e os espectadores de hoje querem pasto mais forte, menos condimentado e mais substancial: é povo, quer verdade. Dae-lhe a verdade do passado no romance e no drama historico, —no drama e na novella da actualidade offerecei-lhe o espelho em que se mire a si e ao seu tempo, a sociedade que lhe está por cima, abaixo, ao seu nivel,—e o povo hade applaudir, porque entende: é preciso entender para apreciar e gostar.

Eu sempre cri n'isto; a minha fé não era tam clara e explicita como hoje é, mas sempre foi tam implicita. Quiz pôr a theoria á prova experimental e lancei no theatro o Auto de Gil Vicente. Já escrevi algures, e sinceramente vos repito aqui, que não tomei para mim os applausos e favor com que o recebeu o publico; não foi o meu drama que o povo applaudiu, foi a idéa, o pensamento do drama nacional.

Esta academia real deante de quem hoje me comprazo de falar, e a quem, desde suas primeiras reuniões, expuz o meu pensamento, os meus desejos, as minhas esperanças e a minha fé, vós, Senhores, o entendestes e accolhestes, e lhe tendes dado vida e corpo. Directa ou indirectamente o Conservatorio tem feito nascer em Portugal mais dramas em menos de cinco annos do que até agora se escreviam n'um seculo.

O anno passado, quando publiquei o Alfageme, aqui vos disse, Senhores, a tenção com que o fizera, o desejo que tinha de o submetter á vossa censura e os motivos de delicadeza que tive para não o fazer entrar a ella pela fieira marcada nas nossas leis academicas. Os mesmos motivos me impedem agora de apresentar Frei Luiz de Sousa sob a tutella do incognito e protegido pelas fórmulas que haveis estabelecido para o processamento imparcial e meditada sentença de vossas decisões.

Mas nenhuma delicadeza, nenhuns respeitos humanos podem vedar-me que eu venha entregar como offerenda ao Conservatorio Real de Lisboa este meu trabalho dramatico que provavelmente será o ultimo, inda que Deus me tenha a vida por mais tempo; porque esse pouco ou muito que já agora terei

de viver está consagrado, por uma especie de juramento que me tomei a mim mesmo —a uma tarefa longa e pesada que não deixará nem a sésta do descanso ao trabalhador — que trabalha no seu, com a estação adeantada, e quer ganhar o tempo perdido. Incita-o esta idéa, e punge-o, demais, o amor proprio: porque hoje não póde já deixar de ser para mim um ponto de honra desempenhar funcções de que me não demitti nem demitto — escrevendo, na historia do nosso seculo, a Chronica do ultimo rei de Portugal o Senhor Dom Pedro IV.

Assim quasi que dou aqui o ultimo vale a essa amena litteratura que foi o mais querido folguedo da minha infancia, o mais suave enleio da minha juventude, e o passatempo mais agradavel e refrigerante dos primeiros e mais agitados annos da minha hombridade.

Despeço-me com saudade; —nem me peja dizel-o deante de vós: é virar as costas ao Eden de regalados e priguiçosos folgares, para entrar nos campos do trabalho duro, onde a terra se não lavra senão com o suor do rosto; e quando produz, não são rosas nem lyrios que affagam os sentidos, mas plantas—uteis sim, porém desgraciosas á vista; fastientas ao olfacto — é o real e o necessario da vida.

FREI LUIZ DE SOUSA

Drama representado, a primeira vez, em Lisboa, por uma sociedade particular, no theatro da Quinta do Pinheiro em quatro de Julho de MDCCCXLIII

PESSOAS: Manuel (Frei Luiz) de Sousa. — Dona Magdalena de Vilhena. — Dona Maria de Noronha. — Frei Jorge Coutinho. — O Romeiro. — Telmo Paes. — O Prior de Bemfica — O Irmão Converso. — Miranda. — O Arcebispo de Lisboa. — Dorothéa. Côro de Frades de San'Domingos. — Clerigos do Arcebispo, Frades, criados, etc. Logar da scena — Almada.

ACTO PRIMEIRO

Camara antiga, ornada com todo o luxo e caprichosa elegancia portugueza dos principios do seculo dezesete. Porcelanas, xarões, sedas, flores, etc. No fundo duas grandes janellas rasgadas, dando para um eirado que olha sobre o Tejo e d'onde se vê toda Lisboa: entre as janellas o retrato em corpo inteiro, de um Cavalleiro moço vestido de preto com a cruz branca de noviço de S. João de Jerusalem — Defronte e para a bôcca da scena um bufete pequeno coberto de rico panno de velludo verde franjado de prata; sôbre o bufete alguns livros, obras de tapeçarias meias-feitas, e um vaso da China de collo alto, com flores. Algumas cadeiras antigas, tamboretes razos, contadores. Da direita do espectador, porta de communicação para o interior da casa, outra da esquerda para o exterior.—É no fim da tarde.

SCENA I

MAGDALENA só, sentada junto á banca, os pés sobre uma grande almofada, um livro aberto no regaço, e as mãos cruzadas sobre elle, como quem descahiu da leitura na meditação.

Magdalena (*repetindo machinalmente e de vagar o que acabava de ler.*)

«N'aquelle engano d'alma ledo e cego
Que a fortuna não deixa durar muito...»

Com paz e alegria d'alma... um engano, um engano de poucos instantes que seja... deve de ser a felicidade suprema n'este mundo.—E que importa que o não deixe durar muito a fortuna? Viveu-se, póde se morrer. Mas eu!... (*Pausa*) Oh! que o não saiba elle ao menos, que não suspeite o estado em que eu vivo... este medo, estes continuos terrores que ainda me não deixaram gozar um só momento de toda a immensa felicidade que me dava o seu amor.—Oh que amor, que felicidade... que desgraça a minha! (*Torna a cahir em profunda meditação: silencio breve.*)

SCENA II

MAGDALENA, TELMO PAES

Telmo (*chegando ao pé de Magdalena que não sentiu entrar.*)
A minha senhora está a ler?...

Magdalena (*despertando*)—Ah! sois vós, Telmo... Não, já não leio: ha pouca luz de dia já; confundia-me a vista:—E é um bonito livro este! o teu valido, aquelle nosso livro, Telmo.

Telmo (*deitando-lhe os olhos*)—Oh, oh! Livro para damas—e para cavalleiros... e para todos: um livro que serve para todos; como não ha outro, tirante o respeito devido ao da Palavra de Deus! Mas esse não tenho eu a consolação de lêr, que não sei latim como meu senhor.. quero dizer como o sr. Manuel de Souza Coutinho—que lá isso! .. acabado escholar é elle. E assim foi seu pae antes d'elle, que muito bem o conheci: grande homem! Muitas lettras e de muito galante prática—e não somenos as outras partes de cavalleiro: uma gravidade!... Já não ha d'aquella gente.—Mas, minha senhora, isto de a Palavra de Deus estar assim n'outra lingua que a gente... que toda a gente não entende... confesso-vos que aquelle mercador inglez da rua Nova, que aqui vêm ás vezes, têm-me dito suas coisas que me quadram .. E Deus me perdôe! que eu creio que o homem é hereje d'esta seita nova d'Allemanha ou de Inglaterra. Será?

Magdalena—Olhae, Telmo; eu não vos quero dar conselhos: bem sabeis que desde o tempo que .. que...

Telmo—Que já lá vae, que era outro tempo.

Magdalena—Pois sim... (*Suspira*) Eu era uma criança; pouco maior era que Maria.

Telmo—Não, a senhora D. Maria já é mais alta.

Magdalena—E' verdade, tem crescido de mais, e de repente n'estes dois mezes ultimos...

Telmo—Então! Tem treze annos feitos, é quasi uma senhora, está uma senhora... (*A'parte*) Uma senhora aquella .. pobre menina!

Magdalena (*com as lagrimas nos olhos*)—És muito amigo d'ella, Telmo?

Telmo—Se sou! Um anjo como aquelle... uma viveza, um espirito!... e então que coração?

Magdalena—Filha da minha alma! (*Pausa:—mudando de tom*) Mas olha, meu Telmo, tórno a dizer-t'o: eu não sei como heide fazer para te dar conselhos. Conheci-te de tam criança, de quando casei a... a... a primeira vez—costumei-me a olhar para ti com tal respeito: já então eras o que hoje és, o escudeiro valido, o familiar quasi parente, o amigo velho e provado de teus amos.

Telmo (*enternecido*)—Não digaes mais, senhora, não me lembreis de tudo o que eu era.
Magdalena (*quasi offendida*)—Porquê? não és hoje o mesmo, ou mais ainda, se é possivel? Quitaram-te alguma coisa da confiança, do respeito — do amor e carinho a que estava costumado o aio fiel de meu senhor D. João de Portugal, que Deus tenha em gloria?
Telmo (*A'parte*)—Terá. .
Magdalena—O amigo e camarada antigo de seu pae?
Telmo—Não, minha senhora, não, por certo.
Magdalena—Então?...
Telmo—Nada. Continuae, dizei, minha senhora.
Magdalena—Pois está bem.—Digo que mal sei dar-vos conselhos, e não queria dar-vos ordens. . Mas, meu amigo, tu tomaste—e com muito gosto meu e de seu pae,—um ascendente no espirito de Maria... tal que não ouve, não crê, não sabe senão o que lhe dizes. Quasi que és tu a sua donna, a sua aia de criação.—Parece-me .. eu sei... não fales com ella d'esse modo, n'essas coisas.
Telmo—O quê? No que me disse o inglez, sôbre a sagrada Escriptura que elles lá têem em sua lingua, e que?...
Magdalena—Sim... n'isso decerto... e em tantas outras coisas tam altas, tam fóra de sua edade, e muitas do seu sexo tambem, que aquella creança está sempre a querer saber, a perguntar—E' a minha unica filha: não tenho... nunca tivemos outra... e, além de tudo o mais, bem vês que não é uma creança... muito... muito forte.
Telmo—E'... delgadinha, é. Hade enrijar E' têl-a por aqui, fóra d'aquelles ares apestados de Lisboa: e deixae, que se hade pôr outra.
Magdalena—Filha do meu coração!
Telmo—E do meu.—Pois não se lembra, minha senhora, que ao principio, era uma creança que eu não podia...—é a verdade, não a podia ver: já sabereis porquê... mas vel-a, era ver... Deus me perdôe!... nem eu sei...—E d'ahi começou-me a crescer, a olhar para mim com aquelles olhos... a fazer-me taes meiguices, e a fazer-se-me um anjo tal de formosura e de bondade, que — vêdes-me aqui agora que lhe quero mais do que seu pae.
Magdalena (*sorrindo*)—Isso agora!...
Telmo—Do que vós.
Magdalena (*rindo*)—Ora, meu Telmo!
Telmo—Mais, muito mais. E veremos: tenho cá uma coisa que me diz que antes de muito se hade ver quem é que quer mais á nossa menina n'esta casa.
Magdalena (*assustada*) — Está bom; não entremos com os teus agouros e prophecias do costume: são sempre de aterrar... Deixemo-nos de futuros...
Telmo—Deixemos, que não são bons.
Magdalena—E de passados tambem...
Telmo—Tambem.
Magdalena—E vamos ao que importa agora.—Maria tem uma comprehensão ..
Telmo—Comprehende tudo!
Magdalena—Mais do que convem.
Telmo—A's vezes.
Magdalena—E' preciso moderal-a.
Telmo—E' o que eu faço.
Magdalena—Não lhe dizer...
Telmo—Não lhe digo nada que não possa, que não deva saber uma donzella honesta e digna de melhor... melhor...
Magdalena—Melhor quê?
Telmo—De nascer em melhor estado.—Quizeste ouvil-o... está dito.
Magdalena—Oh Telmo! Deus te perdôe o mal que me fazes. (*Desata a chorar*).
Telmo (*ajoelhando e beijando-lhe a mão*) — Senhora... senhora D. Magdalena, minha ama, minha senhora... castigae-me... mandae-me já castigar, mandae-me cortar esta lingua pêrra que não toma ensino—Oh! senhora, senhora!... é vossa filha, é a filha do senhor Manuel de Sousa Coutinho, fidalgo de tanto primor, e de tam boa linhagem como os que se teem por melhores n'este reino, em toda a Hespanha .. A senhora D. Maria... a minha querida D. Maria é sangue de Vilhenas e de Sousas; não precisa mais nada, mais nada, minha senhora, para ser .. para ser...
Magdalena — Calae-vos, calae-vos, pelas dôres de Jesus Christo, homem.
Telmo (*soluçando*)—Minha rica senhora!...
Magdalena (*Enchuga os olhos, e toma uma attitude grave e firme*)—Levantae-vos, Telmo, e ouvi-me. (*Telmo levanta-se*) Ouvi-me com attenção. E' a primeira e será a ultima vez que vos falo d'este modo e em tal assumpto.—Vós fostes o aio e amigo de meu senhor... de meu primeiro marido, o senhor D. João de Portugal; tinheis sido o companheiro de trabalho e de gloria de seu illustre pae, aquelle nobre conde de Vimioso, que eu de tamanhinha me acostumei a reverenciar como pae. Entrei depois n'essa familia de tanto respeito; achei-vos parte d'ella, e quasi que vos tomei a mesma amizade que aos outros... chegastes a alcançar um poder no meu espirito, quasi maior... — de certo, maior—que nenhum d'elles. O que sabeis da vida e do mundo, o que tendes adquirido na conversação dos homens e dos livros — porém, mais que tudo, o que de vosso coração fui vendo e admirando cada vez mais — me fizeram ter-vos n'uma conta, deixar-vos tomar, entregar-vos eu mesma tal auctoridade n'esta casa e sobre minha pessoa... que outros poderão extranhar...
Telmo—Emendae-o, senhora.
Magdalena — Não, Telmo, não preciso nem quero emendal-o. — Mas agora deixae-me falar. — Depois que fiquei só, depois d'aquella funesta jornada de Africa que me deixou viuva, orphan e sem ninguem... sem ninguem, e n'uma edade .. com dezesete annos!—em vós, Telmo, em vós só, achei o carinho e protecção, o amparo que eu precisava. Ficastes-me em logar de pae: e eu... salvo n'uma coisa!—tenho sido para vós, tenho-vos obedecido como filha.
Telmo—Oh minha senhora, minha senhora! mas essa coisa em que vos apartastes dos meus conselhos...
Magdalena — Para essa houve poder maior que as minhas forças... D. João ficou n'aquella batalha com seu pae, com a flor da nossa gente. (*Signal de impaciencia em Telmo*). Sabeis como chorei a sua perda, como respeitei a sua memoria, como durante sete annos, incredula a tantas provas e testimunhos de sua morte, o fiz procurar por essas costas de Berberia, por todas as sejanas de Fez e Marrocos, por todos quantos aduares de Alarves ahi houve... Cabedaes e valimento, tudo se empregou; gastaram-se grossas quantias; os embaixadores de Portugal e Castella tiveram ordens apertadas de o buscar por toda a parte; aos padres da Redempção, a quanto religioso ou mercador podia penetrar n'aquellas terras, a todos se encommendava o seguir a pista do mais leve indicio que podesse desmentir, pôr em duvida ao menos aquella noticia que logo viera com as primeiras novas da batalha de Alcacer. Tudo foi inutil; e a ninguem mais ficou resto de duvida..
Telmo—Senão a mim.
Magdalena — Duvida de fiel servidor, esperança de leal amigo, meu bom Telmo! que diz com vosso coração, mas que tem atormentado o meu... — E então sem nenhum fundamento, sem o mais leve indicio... Pois dizei-me em consciencia, dizei-m'o de uma vez, claro e desenganado: a que se apéga esta vossa credulidade de sete... e hoje mais quatorze... vinte e um annos?

Telmo (*Gravemente*) — A's palavras, ás formaes palavras d'aquella carta escripta na propria madrugada do dia da batalha, e entregue a Frei Jorge que vol-a trouxe.—«Vivo ou morto»—resava ella—vivo ou morto... Não me esqueceu uma letra d'aquellas palavras; e eu sei que homem era meu amo para as escrever em vão:—«Vivo ou morto, Magdalena, hei-de vêr-vos pelo menos ainda uma vez n'este mundo.»—Não era assim que dizia?

Magdalena (*aterrada*)—Era.

Telmo—Vivo não veiu... e ainda mal!—E morto... a sua alma, a sua figura. .

Magdalena (*possuida de grande terror*)—Jesus, homem!

Telmo—Não vos appareceu de certo.

Magdalena—Não: credo!

Telmo (*mysterioso*) — Bem sei que não. Queria-vos muito; e a sua primeira visita, como de razão, seria para minha senhora. Mas não se ia sem apparecer tambem ao seu aio velho

Magdalena—Valha-me Deus, Telmo! Conheço que desarrasoaes, comtudo as vossas palavras mettem-me medo . Não me façaes mais desgraçada.

Telmo—Desgraçada! Porque? não sois feliz na companhia do homem que amaes, nos braços do homem a quem sempre quizestes mais sobre todos? Que o pobre de meu amo... respeito, devoção, lealdade, tudo lhe tivestes, como tam nobre e honrada senhora que sois .. mas amor!

Magdalena—Não está em nós dal-o, nem quital-o, amigo.

Telmo — Assim é. Mas os ciumes que meu amo não teve nunca — bem sabeis que têmpera d'alma era aquella — tenho-os eu... aqui está a verdade nua e crua . tenho-os eu por elle: não posso, não posso vêr. . e desejo, quero, forcejo por me acostumar... mas não posso. Manuel de Sousa... o senhor Manuel de Sousa Coutinho é guapo cavalheiro, honrado fidalgo, bom portuguez... mas — mas não é, nunca hade ser, aquelle espelho de cavallaria e gentileza, aquella flôr dos bons... Ah meu nobre amo, meu santo amo!

Magdalena—Pois sim, tereis razão... tendes razão, será tudo como dizeis. Mas reflecti, que haveis cabedal de intelligencia para muito:—Eu resolvi-me por fim a casar com Manuel de Sousa; foi do apprazimento geral de nossas familias, da propria familia de meu primeiro marido, que bem sabeis quanto me estima; vivemos (*com affectação*) seguros, em paz e felizes... ha quatorze annos. Temos esta filha, esta querida Maria que é todo o gôsto e ancia da nossa vida. Abençôou-nos Deus na formosura, no engenho, nos dotes admiraveis d'aquelle anjo... E tu, tu, meu Telmo, que és tam seu que chegas a pretender ter-lhe mais amor que nós mesmos...

Telmo—Não, não tenho!

Magdalena—Pois tens: melhor.—E és tu que andas, continuamente e quasi por accinte, a sustentar essa chimera, a levantar esse phantasma, cuja sombra, a mais remota, bastaria para ennodoar a pureza d'aquelle innocente, para condemnar a eterna deshonra a mãe e a filha. . (*Telmo dá signaes de grande agitação*). Ora dize: já pensaste bem no mal que estás fazendo? — Eu bem sei que a ninguem n'este mundo, senão a mim, falas em taes coisas... falas assim como hoje temos falado. . mas as tuas palavras mysteriosas, as tuas allusões frequentes a esse desgraçado rei D. Sebastião, que o seu mais desgraçado povo ainda não quiz acreditar que morresse, por quem ainda espera em sua leal incredulidade! — esses continuos agouros em que andas sempre de uma desgraça que está iminente sobre a nossa familia... não vês que estás excitando com tudo isso a curiosidade d'aquella criança, aguçando-lhe o espirito — já tam perspicaz!—a imaginar, a descobrir... quem sabe se a acreditar n'essa prodigiosa desgraça em que tu mesmo... tu mesmo... sim, não crês devéras? Não crês, mas achas não sei que doloroso prazer em ter sempre viva e suspensa essa duvida fatal. E então considera, vê: se um terror similhante chega a entrar n'aquella alma, quem lh'o hade tirar nunca mais?... O que hade ser d'ella e de nós?—Não a perdes, não a matas .. não me matas a minha filha?

Telmo (*em grande agitação durante a fala precedente, fica pensativo e aterrado: fala depois como para si*) — E' verdade que sim! a morte era certa. E não hade morrer: não, não, não, tres vezes não. (*Para Magdalena*) A' fé de escudeiro honrado, senhora D. Magdalena, a minha bocca não se abre mais; e o meu espirito hade fechar-se tambem... (*A'parte*) Não é possivel, mas eu heide salvar o meu anjo do céo! (*Alto para Magdalena*) Está dito, minha senhora.

Magdalena—Ora Deus t'o pague.—Hoje é o ultimo dia de nossa vida que se fala em tal.

Telmo—O ultimo.

Magdalena — Ora pois, ide, ide vêr o que ella faz: (*levantando-se*) que não esteja a lêr ainda, a estudar sempre. (*Telmo vae a sair*) E olhae: chegae-me depois alli a San'Paulo, ou mandae, se não podeis...

Telmo—Ao convento dos Dominicos? Pois não posso!.. quatro passadas.

Magdalena—E dizei a meu cunhado, a Fr. Jorge Coutinho, que me está dando cuidado a demora de meu marido em Lisboa; que me prometteu de vir antes de véspera, e não veiu; que é quasi noite, e que já não estou contente com a tardança. (*Chega á varanda e olha para o rio*) O ár está sereno, o mar tam quieto, e a tarde tão linda!... quasi que não ha vento, é uma viração que afaga .. Oh e quantas falúas navegando tam garridas por esse Tejo! Talvez n'alguma d'ellas—n'aquella tam bonita—venha Manuel de Souza.— Mas n'este tempo não ha que fiar no Tejo, d'um instante para o outro levanta-se uma nortada... e então aqui o pontal de Cacilhas!—Que elle é tam bom mareante... Ora, um cavalleiro de Malta! (*Olha para o retrato com amor.*) Não é isso o que me dá maior cuidado. Mas em Lisboa ainda ha peste, ainda não estão limpos os áres... e ess'outros áres que por ahi correm d'estas alterações publicas, d'estas malquerenças entre castelhanos e portuguezes! Aquelle caracter inflexivel de Manuel de Sousa traz-me n'um susto continuo.—Vae, vae a Frei Jorge, que diga se sabe alguma coisa, que me assocegue, se puder.

SCENA III

MAGDALENA, TELMO, MARIA

Maria (*entrando com umas flôres na mão, encontra-se com Telmo, e o faz tornar para a scena*)—Bonito! Eu ha mais de meia hora no eirado passeando—e sentada a olhar para o rio a vêr as falúas e os bergantins que andam para baixo e para cima — e já aborrecida de esperar .. e o senhor Telmo, aqui posto a conversar com a minha mãe, sem se importar de mim!—Que é do romance que me prometteste? não é o da batalha, não é o que diz:

> Postos estão, frente a frente,
> Os dois valorosos campos;

é o outro, é o da Ilha encuberta onde está el-rei D. Sebastião, que não morreu e que hade vir um dia de névoa muito cerrada... Que elle não morreu; não é assim, minha mãe?

Magdalena — Minha querida filha, tu dizes coisas! Pois não tens ouvido, a teu tio Frei Jorge e a teu

tio Lopo de Sousa, contar tantas vezes como aquillo foi? O povo coitado imagina essas chimeras para se consolar na desgraça.

Maria—Voz do povo, voz de Deus, minha senhora mãe: elles que andam tam crentes n'isto, alguma coisa hade ser. Mas ora o que me dá que pensar é vêr que, tirado aqui o meu bom velho Telmo, (*chega-se toda para elle, acarinhando-o*) ninguem n'esta casa gosta de ouvir falar em que escapasse o nosso bravo rei, o nosso santo rei D. Sebastião. —Meu pae, que é tam bom portuguez, que não póde soffrer estes castelhanos, e que até ás vezes dizem que é demais o que elle faz e o que elle fala... em ouvindo duvidar da morte do meu querido rei D. Sebastião... ninguem tal hade dizer, mas põe-se logo outro, muda de semblante, fica pensativo e carrancudo: parece que o vinha affrontar, se voltasse, o pobre do rei.—O' minha mãe, pois elle não é por D. Filippe; não é, não?

Magdalena—Minha querida Maria, que tu hasde estar sempre a imaginar n'essas coisas que são tam pouco para a tua edade! isso é o que nos afflige, a teu pae e a mim; queria-te vêr mais alegre, folgar mais, e com coisas menos...

Maria—Então, minha mãe, então!—Vêem, vêem?... tambem minha mãe não gosta. Oh! essa ainda é peior, que se afflige, chora... ella ahi está a chorar .. ella ahi está a chorar... (*Vae-se abraçar com a mãe que chora.*) Minha querida mãe, ora pois então!—Vae-te embora, Telmo, vae-te; não quero mais falar, nem ouvir falar de tal batalha, nem de taes historias, nem de coisa nenhuma d'essas.—Minha querida mãe!

Telmo—E é assim: não se fala mais n'isso. E eu vou-me embora. (*A' parte, indo-se depois de lhe tomar as mãos*) Que febre que ella tem hoje, meu Deus! queimam-lhe as mãos... e aquellas rosetas nas faces... Se o perceberá a pobre da mãe!

SCENA IV

MAGDALENA, MARIA

Maria—Quereis vós saber, mãe, uma tristeza muito grande que eu tenho?—A mãe já não chora, não! já se não enfada commigo?

Magdalena—Não me enfado comtigo nunca, filha, e nunca me affliges, querida. O que tenho é o cuidado que me dás, é o receio de que...

Maria—Pois ahi está a minha tristeza: é esse cuidado em que vos vejo andar sempre por minha causa. Eu não tenho nada, e tenho saude, olhae que tenho muita saude.

Magdalena—Tens, filha. . se Deus quizer, hasde ter; e hasde viver muitos annos para consolação e amparo de teus paes que tanto te querem.

Maria—Pois olhae: passo noites inteiras em claro a lidar n'isto, e a lembrar-me de quantas palavras vos tenho ouvido, e a meu pae... e a recordar-me da mais pequena acção e gesto,—e a pensar em tudo, a vêr se descubro o que isto é—o porque tendo-me tanto amor... que, oh isso nunca houve de certo filha querida como eu!...

Magdalena—Não, Maria.

Maria—Pois sim; tendo-me tanto amor, que nunca houve outro egual, estaes sempre n'um sobresalto commigo?..

Magdalena—Pois se te estremecemos!

Maria—Não é isso, não é isso: é que vos tenho lido nos olhos... Oh, que eu leio nos olhos, leio, leio!. . e nas estrellas do céo tambem—e sei coisas...

Magdalena—Que estás a dizer, filha, que estás a dizer? que desvarios! Uma menina do teu juizo, temente a Deus... não te quero ouvir falar assim. —Ora vamos: anda cá, Maria, conta-me do teu jardim, das tuas flôres. Que flôres tens tu agora? O que são estas? (*Pegando nos que ella traz na mão.*)

Maria (*abrindo a mão e deixando-as cahir no regaço da mãe*)—Murchou tudo .. tudo estragado da calma... Estas são papoulas que fazem dormir, colhi-as para as metter debaixo do meu cabeçal esta noite, quero-a dormir de um somno, não quero sonhar, que me faz vêr coisas... lindas ás vezes, mas tam extraordinarias e confusas...

Magdalena — Sonhar, sonhas tu acordada, filha! Que, olha, Maria, imaginar é sonhar: e Deus poz-nos n'este mundo para velar e trabalhar—com o pensamento sempre n'elle sim, mas sem nos extranharmos a estas coisas da vida que nos cercam, a estas necessidades que nos impõe o estado, a condição em que nascemos. Vês tu, Maria: tu és a nossa unica filha, todas as esperanças de teu pae são em ti...

Maria—E não lh'as posso realisar, bem sei.—Mas que heide eu fazer? eu estudo, leio...

Magdalena—Lês demais, canças-te, não te distraes como as outras donzellas da tua edade, não és...

Maria—O que eu sou... só eu o sei, minha mãe... E não sei, não: não sei nada, senão que o que devia ser não sou ..—Oh! porque não havia de eu ter um irmão que fosse um galhardo e valente mancebo, capaz de commandar os terços de meu pae, de pegar n'uma lança d'aquellas com que os nossos avós corriam a India, levando adeante de si Turcos e Gentios! um bello moço que fosse o retrato proprio d'aquelle gentil cavalleiro de Malta que alli está. (*Apontando para o retrato.*) Como elle era bonito meu pae! Como lhe ficava bem o preto!... e aquella cruz tam alva em cima? Para que deixou elle o habito, minha mãe, porque não ficou n'aquella santa religião, a vogar em suas nobres galeras por esses mares, e a afugentar os infieis deante da bandeira da Cruz?

Magdalena—Oh filha, filha!... (*Mortificada*) porque não foi vontade de Deus: tinha de ser d'outro modo. — Tomára eu agora que elle chegasse de Lisboa! Com effeito é muito tardar... valha-me Deus!

SCENA V

JORGE, MAGDALENA, MARIA

Jorge—Ora seja Deus n'esta casa!

(Maria beija-lhe o escupulario e depois a mão; Magdalena sómente o escapulario.)

Magdalena—Sejaes bemvindo, meu irmão!

Maria—Boas tarde, tio Jorge!

Jorge—Minha senhora mana! — A benção de Deus te cubra, filha! — Tambem estou desassocegado como vós, mana Magdalena: mas não vos afflijaes, espero que não hade ser nada —E' certo que tive umas noticias de Lisboa...

Magdalena (*assustada*)—Pois que é, que foi?

Jorge—Nada, não vos assusteis; mas é bom que estejaes prevenidas, por isso vol-o digo. Os Governadores querem sair da cidade .. é um capricho verdadeiro... Depois de aturarem mettidos alli dentro toda a força da peste, agora que ella está, se póde dizer, acabada, que são rarissimos os casos, é que por fôrça querem mudar de áres.

Magdalena—Pois coitados!...

Maria—Coitado do povo!—Que mais valem as vidas d'elles? Em pestes e desgraças assim, eu entendia, se governasse, que o serviço de Deus e do rei me mandava ficar, até á ultima, onde a miseria fosse mais e o perigo maior, para attender com remedio e amparo aos necessitados.—Pois, rei não quer dizer pae commum de todos?

Jorge—A minha Donzella Theodora!—Assim é, filha; mas o mundo é d'outro modo: que lhe faremos?

Maria—Emendal-o.
Jorge (*Para Magdalena, baixo*)—Sabeis que mais? Tenho medo d'esta creança.
Magdalena (*Do mesmo modo*)—Tambem eu
Jorge (*Alto*) — Mas emfim, resolveram sair; e sabereis mais que, para côrte e «buen-retiro» dos nossos cinco reis, os senhores Governadores de Portugal por D. Philippe de Castella, que Deus guarde, foi escolhida esta nossa boa villa d'Almada, que o deveu á fama de suas aguas sadias, áres lavados e graciosa vista.
Magdalena—Deixal-os vir.
Jorge—Assim é: que remedio! Mas ouvi o resto. O nosso pobre convento de San'Paulo tem de hospedar o senhor arcebispo D. Miguel de Castro, presidente do Governo.—Bom prelado é elle; e, se não fosse que nos tira do humilde socego da nossa vida, por vir como senhor e principe secular... o mais, paciencia. Peior é o vosso caso...
Magdalena—O meu!
Jorge—O vosso e de Manuel de Sousa; porque os outros quatro Governadores—e aqui está o que me mandaram dizer em muito segredo de Lisboa—dizem que querem vir para esta casa, e pôr aqui aposentadoria.
Maria (*Com vivacidade*)—Fechamos lhes as portas. Mettemos a nossa gente dentro—o terço de meu pae tem mais de seiscentos homens—e defendem'o-nos. Pois não é uma tyrannia?...—E hade ser bonito!... Tomára eu vêr seja o que fôr que se pareça com uma batalha!
Jorge—Louquinha!
Magdalena—Mas que mal fizemos nós ao conde de Sabugal e aos outros Governadores, para nos fazerem esse desacato? Não ha por ahi outras casas; e elles não sabem que n'esta ha senhoras, uma familia... e que estou eu aqui? ..
Maria (*Que esteve com o ouvido inclinado para a janella*) — E' a voz de meu pae! Meu pae que chegou.
Magdalena (*Sobresaltada*)—Não oiço nada.
Jorge—Nem eu, Maria.
Maria—Pois oiço eu muito claro. E' meu pae que ahi vem... e vem affrontado!

SCENA VI

JORGE, MAGDALENA, MARIA, MIRANDA

Miranda — Meu senhor chegou: vi agora d'aquelle alto entrar um bergantim que é por força o nosso. Estaveis com cuidado; e era para isso, que já vae a cerrar-se a noite... Vim trazer-vos depressa a noticia.
Magdalena—Obrigada, Miranda.—E' extraordinaria esta creança; vê e ouve em taes distancias. .

(Maria tem sahido para o eirado, mas volta logo depois)

E' verdade. (*A'parte*)—Terrivel signal n'aquelles annos e com aquella compleição!

SCENA VII

JORGE, MAGDALENA, MARIA, MIRANDA, MANUEL DE SOUSA *entrando com varios creados que o seguem — alguns com brandões accesos.—E' noite fechada.*

Manuel (*Parando junto da porta, para os creados*) Façam o que lhes disse. Já, sem mais detença! Não apaguem esses brandões; encostem-n'os ahi fóra no patim. E tudo o mais que eu mandei.—(*Vindo ao proscenio*) Magdalena. Minha querida filha, minha Maria! (*Abraça-as*) Jorge, ainda bem que aqui estás, preciso de ti: bem sei que é tarde e que são horas conventuaes; mas eu irei depois comtigo dizer a «mea culpa» e o «peccavi» ao nosso bom prior.—Miranda, vinde cá. (*Vae com elle á porta da esquerda, depois ás do eirado, e dá-lhe algumas ordens baixo.*)
Magdalena—Que tens tu? nunca entraste em casa assim Tens coisa que te dá cuidado... E não m'o dizes? O que é?
Manuel—E' que... E' que... Senta-te, Magdalena; aqui ao pé de mim Maria. Jorge, sentemo-nos, que estou cançado. (*Sentam se todos*) Pois agora sabe as novidades, que seriam estranhas se não fosse o tempo em que vivemos. (*Pausa*) E' preciso sahir já d'esta casa, Magdalena.
Maria—Ah! inda bem, meu pae!
Manuel—Inda mal! mas não ha outro remedio. Sahiremos esta noite mesmo. Já dei ordens a toda a familia: Telmo foi avisar as tuas aias do que haviam de fazer, e lá anda pelas cameras velando n'esse cuidado Sempre é bom que vás dar um relance d'olhos ao que por lá se faz: eu tambem irei por minha parte —Mas temos tempo: isto são oito horas, á meia noite vão quatro; d'aqui lá o pouco que me importa salvar estará salvo... e elles não virão antes da manhã.
Magdalena—Então sempre é verdade que Luiz de Moura e os outros Governadores?...
Manuel—Luiz de Moura é um vilão ruim, faz como quem é: o Arcebispo é... o que os outros querem que elle seja. Mas o conde de Sabugal, o conde de Sancta Cruz, que deviam olhar por quem são, e que tomaram este encargo odioso... e vil, de opprimir os seus naturaes em nome de um rei estrangeiro!. . Oh que gente, que fidalgos portuguezes!... Heide-lhes dar uma lição, a elles e a este escravo d'este povo que os soffre, como não levam tyrannos ha muito tempo n'esta terra.
Maria—O meu nobre pae! Oh, o meu querido pae! Sim, sim, mostrae lhes quem sois e o que vale um portuguez dos verdadeiros.
Magdalena — Meu adorado esposo, não te deites a perder, não te arrebates. Que farás tu contra esses poderosos? Elles, já te querem tam mal pelo mais que tu vales que elles, pelo teu saber — que esses grandes fingem que desprezam .. mas não é assim, o que elles têm é inveja! — O que fará se lhes deres pretexto para se vingarem da affronta em que os traz a superioridade do teu merito! —Manuel, meu esposo, Manuel de Sousa, pelo nosso amor. .
Jorge — Tua mulher tem razão. Prudencia, e lembra-te de tua filha.
Manuel—Lembro-me de tudo, deixa estar.—Não te inquietes, Magdalena: elles querem vir para aqui ámanhã de manhã; e nós forçosamente havemos de sahir antes d'elles entrarem. Por isso é preciso já.
Magdalena—Mas para onde iremos nós, de repente, a estas horas?
Manuel—Para a unica parte para onde podemos ir: A casa não é minha .. mas é tua, Magdalena.
Magdalena—Qual?... a que foi?... a que péga com San'Paulo?... Jesus me valha!
Jorge — E vão muito bem: a casa é larga e está em bom reparo, tem ainda quasi tudo de trastes e paramentos necessarios; pouco tereis que levar comvosco —E então para mim, para os nossos padres todos que alegria! Ficamos quasi debaixo dos mesmos telhados.—Sabeis que tendes alli tribuna para a capella da Senhora da Piedade, que é a mais devota e a mais bella de toda a egreja.. Ficamos como vivendo juntos.
Maria — Tomára-me eu já lá. (*Levanta-se pulando.*)
Manuel—E são horas, vamos a isto. (*Levantando-se.*)
Magdalena (*vindo para elle*)—Ouve, escuta que tenho que te dizer; por quem és, ouve: não haverá algum outro modo?

Manuel — Qual, senhora, e que lhe heide ou fazer? Lembrae vós, vêde se achaes.

Magdalena—Aquella casa... eu não tenho animo... Olhae: eu preciso de falar a sós comvosco — Frei Jorge, ide com Maria ahi para dentro; tenho que dizer a vosso irmão.

Maria — Tio, venha, quero vêr se me accommodam os meus livrinhos; (*confidencialmente*) e os meus papeis, que eu tambem tenho papeis: deixae que lá na outra casa vos heide mostrar... Mas segredo?

Jorge—Tontinha!

SCENA VIII

MANUEL DE SOUSA, MAGDALENA

Manuel (*passeia agitado de um lado para o outro da scena, com as mãos cruzadas detraz das costas; e parando de repente*)—Hade saber-se no mundo que ainda ha um portuguez em Portugal.

Magdalena—Que tens tu, dize, que tens tu?

Manuel — Tenho que não heide soffrer esta affronta... e que é preciso sahir d'esta casa, senhora.

Magdalena—Pois sahiremos, sim: eu nunca me oppuz ao teu querer, nunca soube que coisa era ter outra vontade differente da tua; estou prompta a obedecer-te sempre, cegamente, em tudo. Mas oh! esposo da minha alma... para aquella casa não, não me leves para aquella casa. (*Deitando-lhe as mãos ao pescoço*)

Manuel — Ora tu não eras costumada a ter caprichos! Não temos outra para onde ir: e a estas horas, n'este aperto... Mudaremos depois, se quizeres. . Mas não lhe vejo remedio agora.—E a casa que tem? Porque foi de teu primeiro marido! é por mim que tens essa repugnancia? Eu estimei e respeitei sempre a D. João de Portugal; honro a sua memoria, por ti, por elle e por mim; e não tenho na consciencia por que receie abrigar-me debaixo dos mesmos tectos, que o cobriram. — Viveste alli com elle? Eu não tenho ciumes de um passado que me não pertencia. E o presente, esse é meu, meu só, todo meu, querida Magdalena... Não falemos mais n'isso; é preciso partir e já

Magdalena—Mas é que tu não sabes... eu não sou melindrosa nem de invenções: em tudo o mais sou mulher e muito mulher, querido; n'isso não... mas tu não sabes a violencia, o constrangimento d'alma, o terror com que eu penso em ter de entrar n'aquella casa. Parece-me que é voltar ao poder d'elle, que é tirar-me dos teus braços, que o vou encontrar alli... — Oh perdôa, perdôa-me, não me sáe esta idéa da cabeça ..—que vou achar alli a sombra despeitosa de D. João que me está ameaçando com uma espada de dois gumes... que a atravessa no meio de nós, entre mim e ti e a nossa filha, que nos vae separar para sempre... —Que queres...? bem sei que é loucura; mas a idéa de tornar a morar alli, de viver alli comtigo e com Maria não posso com ella. Sei de certo que vou ser infeliz, que vou morrer n'aquella casa funesta, que não estou alli tres dias, tres horas sem que todas as calamidades do mundo venham sobre nós.—Meu esposo, Manuel, marido da minha alma, pelo nosso amor t'o peço, pela nossa filha... vamos seja para onde fôr, para a cabana de algum pobre pescador d'esses contornos, mas para alli não, oh! não.

Manuel—Em verdade nunca te vi assim; nunca pensei que tivesses a fraqueza de acreditar em agouros. Não ha senão um temor justo, Magdalena, é o temor de Deus; não ha espectros que nos possam apparecer senão os das más acções que fazemos. Que tens tu na consciencia que t'os faço temer? O teu coração e as tuas mãos estão puras; para os que andam deante de Deus, a terra não tem sustos, nem o inferno pavores que se lhes attrevam. Rezaremos por alma de D. João de Portugal n'essa devota capella que é a parte da sua casa; e não hajas medo que nos venha perseguir n'este mundo aquella santa alma que está no céo, e que em tam santa batalha, pelejando por seu Deus e por seu rei, acabou martyr ás mãos dos infieis.—Vamos, D. Magdalena de Vilhena, lembrae-vos de quem sois e de quem vindes, senhora... e não me tires, querida mulher, com vans chymeras de creanças, a tranquilidade do espirito e a força do coração, que as preciso inteiras n'esta hora.

Magdalena—Pois que vaes tu fazer?

Manuel—Vou, já te disse, vou dar uma lição aos nossos tyrannos que lhes hade lembrar, vou dar um exemplo a este povo que o hade alumiar...

SCENA IX

MANUEL DE SOUSA, MAGDALENA, TELMO, MIRANDA, *e outros* CREADOS *entrando apressadamente.*

Telmo—Senhor, desembarcaram agora grande comitiva de fidalgos, escudeiros e soldados que vêm de Lisboa e sobem a encosta para a villa. O Arcebispo não é de certo, já cá está ha muito no convento: diz-se por ahi...

Manuel—Que são os Governadores? (*Telmo faz um signal affirmativo.*) Quizeram me enganar, e apressam-se a vir hoje.. parece que adivinharam... Mas não me colheram desapercebido. (*Chama á porta da esquerda*) Jorge Maria! (*Volta para a scena.*) Magdalena, já, já, sem mais demora.

SCENA X

MANUEL DE SOUSA, MAGDALENA, TELMO, MIRANDA *e outros* CREADOS, JORGE *e* MARIA *entrando*

Manuel—Jorge, acompanha estas damas. Telmo, ide, ide com ellas.—(*Para os outros creados.*) Partiu já tudo, as arcas, os meus cavallos, armas e tudo o mais?

Miranda—Quasi tudo foi já; o pouco que falta está prompto e sahirá n'um instante... pela porta detraz, se quereis.

Manuel—Bom; que saia. (*A um signal de Miranda sáem dois creados.*) Magdalena, Maria, não vos quero vêr aqui mais. Já, ide; serei comvosco em pouco tempo.

SCENA XI

MANUEL DE SOUSA, MIRANDA *e os outros* CREADOS

Manuel—Meu pae morreu desastrosamente cahindo sôbre a sua propria espada; quem sabe se eu morrerei nas chammas ateadas por minhas mãos? Seja. Mas fique-se apprendendo em Portugal como um homem de honra e coração, por mais poderosa que seja a tyrannia, sempre lhe póde resistir, em perdendo o amor a coisas tam vis e precarias como são esses haveres que duas faiscas destróem n'um momento... como é esta vida miseravel que um sôpro póde apagar em menos tempo ainda! (*Arrebata duas tochas das mãos dos creados, corre á porta da esquerda, atira com uma para dentro; e vê-se atear logo uma lavareda immensa. Vae ao fundo atira a outra tocha; e succede o mesmo. Ouve-se alarido de fóra.*)

SCENA XII

MANUEL DE SOUSA *e* CREADOS; MAGDALENA, MARIA, TELMO *e* JORGE (*accuaindo.*)

Magdalena—Que fazes... que fizeste?—Que é isto oh meu Deus!

Manuel (*tranquillamente*) — Illumino a minha casa para receber os muito poderosos e excellentes senhores Governadores d'estes Reinos. Suas excellencias podem vir quando quizerem.

Magdalena — Meu Deus, meu Deus!... Ai, e o retrato de meu marido!... Salvem-me aquelle retrato.

(Miranda e o outro criado vão para tirar o painel; uma columna de fo o salta nas tapeçarias e os afugenta.)

Manuel—Parti, parti. As materias inflammaveis que eu tinha disposto vão-se ateando com espantosa velocidade. Fugi.

Magdalena (*cingindo-se no braço do marido*)—Sim, sim, fujamos.

Maria (*tomando-o ao outro braço*)—Meu pae, nós não fugimos sem vós.

Todos—Fujamos, fujamos...

(Redobram os gritos de fóra, ouve se rebate de sinos; cae o panno.)

ACTO SEGUNDO

E' no palacio que fôra D. João de Portugal, em Almada, salão antigo de gosto melancholico e pesado, com grandes retratos de familia, muitos de corpo inteiro, bispos, donas, cavalleiros, monges: estão em logar mais conspicuo, no fundo, o d'El-rei D. Sebastião, o de Camões e o de D. João de Portugal. Portas do lado direito para o exterior, do esquerdo para o interior, cobertas de reposteiros com as armas aos condes de Vimioso. São as antigas da casa de Bragança, uma aspa vermelha sobre campo de prata com cinco escudos do reino, um no meio e os quatro nos quatro extremos da aspa; em cada braço e entre os dois escudos uma cruz floreteada, tudo do modo que trazem actualmente os duques de Cadaval; sobre o escudo corôa de conde. No fundo um reposteiro muito maior e com as mesmas armas cobre as portadas da tribuna que deita sobre a capella da Senhora da Piedade na egreja de San'Paulo dos Dominicos d'Almada.

SCENA I

MARIA *e* TELMO

Maria (*sahindo pela porta da esquerda e trazendo pela mão a Telmo, que parece vir de pouca vontade*) — Vinde, não façaes bulha, que minha mãe ainda dorme. Aqui, aqui n'esta sala é que quero conversar. E não teimes, Telmo, que fiz tenção e acabou-se.

Telmo—Menina!...

Maria—«Menina e moça me levaram de casa de meu pae:» é o principio d'aquelle livro tam bonito que minha mãe diz que não entende: entendo-o eu. — Mas aqui não ha menina nem môça; e vós, senhor Telmo Paes, meu fiel escudeiro, «faredes o que mandado vos é.»—E não me repliques, que então altercamos, faz-se bulha, e acorda minha mãe, que é o que eu não quero. Coitada! Ha oito dias que aqui estamos n'esta casa, e é a primeira noite que dorme com socego. Aquelle palacio a arder, aquelle povo a gritar, o rebate dos sinos, aquella scena toda... Oh! tam grandiosa e sublime, que a mim me encheu de maravilha, que foi um espectaculo como nunca vi outro de egual magestade!... á minha pobre mãe aterrou-a, não se lhe tira dos olhos: vae a fechal-os para dormir e diz que vê aquellas chammas ennoveladas em fummo a rodear-lhe a casa, a crescer para o ár, e a devorar tudo com furia infernal... O retrato de meu pae, aquelle do quarto de lavor tam seu favorito, em que elle estava tam gentil homem, vestido de Cavalleiro de Malta com a sua cruz branca no peito—aquelle retrato não se póde consolar de que lh'o não salvassem, que se queimasse alli. Vês tu? ella que não cria em agouros, que sempre me estava a reprehender pelas minhas scismas, agora não lhe sae da cabeça que a perda do retrato é prognostico fatal de outra perda maior que está perto, de alguma desgraça inesperada, mas certa que a tem de separar de meu pae. — E eu agora é que faço de forte e assizada, que zombo de agouros e de sinas... para a animar, coitada!.. que aqui entre nós, Telmo, nunca tive tanta fé n'elles. Creio, oh se creio! que são avisos que Deus nos manda para nos preparar.—E ha... oh! ha grande desgraça a cahir sobre meu pae .. de certo! e sobre minha mãe tambem, que é o mesmo.

Telmo (*disfarçando o terror de que está tomado*) — Não digaes isso... Deus hade fazel-o por melhor, que lh'o merecem ambos. (*Cobrando animo e exaltando-se.*) Vosso pae, D. Maria, é um portuguez ás direitas. Eu sempre o tive em boa conta; mas agora, depois que lhe vi fazer aquella acção,—que o vi com aquella alma de portuguez velho, deitar as mãos ás tochas, e lançar elle mesmo o fogo á sua propria casa; queimar e destruir n'uma hora tanto do seu haver, tanta coisa do seu gosto, para dar um exemplo de liberdade, uma lição tremenda a estes nossos tyrannos... Oh minha querida filha, aquillo é um homem. A minha vida que elle queira é sua. E a minha pena, toda a minha pena é que o não conheci, que o não estimei sempre no que elle valia.

Maria (*com as lagrimas nos olhos, e tomando-lhe as mãos*)—Meu Telmo, meu bom Telmo! . E' uma gloria ser filha de tal pae: não é? dize.

Telmo—Sim é: Deus o defenda!

Maria—Deus o defenda! amen. E elles, os tyrannos Governadores ainda estarão muito contra meu pae? Já soubeste hoje alguma coisa das diligencias do tio Frei Jorge?

Telmo—Já, sim. Vão-se desvanecendo—ainda bem! —os agouros de vossa mãe... hão de sahir falsos de todo. O Arcebispo, o conde de Sabugal, e os outros, já vosso tio os trouxe á razão, já os moderou. Miguel de Moura é que ainda está renitente; mas hade-lhe passar. Por estes dias fica tudo socegado. Já o estava se elle quizesse dizer que o fogo tinha pegado por acaso. Mas ainda bem que o não quiz fazer; era desculpar com a vilania de mentira o generoso crime por que o perseguem.

Maria—Meu nobre pae!—Mas quando hade elle sahir d'aquelle homizio! Passar os dias retirado n'essa quinta tão triste d'além do Alfeite, e não poder vir aqui senão de noite, por instantes, e Deus sabe com que perigo!

Telmo—Perigo nenhum; todos o sabem e fecham os olhos. Agora é só conservar as apparencias ahi mais uns dias, e depois fica tudo como d'antes.

Maria — Ficará, póde ser, Deus queira que seja! — Mas tenho cá uma cousa que me diz que aquella tristeza de minha mãe, aquelle susto, aquelle terror em que está — e que ella disfarça com tanto trabalho na presença de meu pae (tambem a mim m'o queria encobrir, mas agora já não póde, coitada!) aquillo é presentimento de desgraça grande... — Oh! mas é verdade .. vinde cá; (*leva-o deante dos tres retratos que estão no fundo; e apontando para o de D. João*) de quem é este retrato aqui, Telmo?

Telmo (*olha e vira a cara de repente*) Esse é... hade ser... é um da familia, d'estes senhores da casa de Vimioso, que aqui estão tantos.

Maria (*ameaçando-o com o dedo*) — Tu não dizes a verddae, Telmo.

Telmo (*quasi offendido*) — Eu nunca menti, senhora D. Maria de Noronha.

Maria—Mas não diz a verdade toda o senhor Telmo Paes, que é quasi o mesmo.

Telmo—O mesmo!.. Disse-vos o que sei, e o que é verdade; é um cavalleiro da familia de meu outro amo que Deus... que Deus tenha em bom logar.

Maria—E não tem nome o cavalleiro?

Telmo (*embaraçado*)—Hade ter: mas eu é que...

Maria (*como quem lhe vae tapar a bocca*)—Agora é que tu ias mentir de todo... cala-te.--Não sei para que são estes mysterios: cuidam que eu heide ser sempre creança!—Na noite que viemos para esta casa, no meio de toda aquella desordem, eu e minha mãe entrámos por aqui dentro sós e viemos ter a esta sala. Estava alli um brandão acceso, encostado a uma d'essas cadeiras que tinham posto no meio da casa; dava todo o clarão da luz n'aquelle retrato... Minha mãe, que me trazia pela mão, põe de repente os olhos n'elle e dá um grito, oh meu Deus!... ficou tam perdida de susto, ou não sei de que, que me ia cahindo em cima. Pergunto-lhe o que é; não me respondeu: arrebata da tocha, e leva-me com uma fôrça... com uma pressa a correr por essas casas, que parecia que vinha alguma cousa má atraz de nós.—Ficou n'aquelle estado em que a temos visto ha oito dias, e não lhe quiz falar mais em tal. Mas este retrato que ella não nomeia nunca de quem é, e só diz assim ás vezes: «O outro, o outro...» este retrato, e o de meu pae que se queimou, são duas imagens que lhe não saem do pensamento.

Telmo (*com anciedade*)—E esta noite ainda lidou muito n'isso?

Maria--Não; desde hontem pela tarde, que cá esteve o tio Fr. Jorge e animou com muitas palavras de consolação e de esperança em Deus, e que lhe disse do que contava abrandar os Governadores, minha mãe ficou outra; passou-lhe de todo, ao menos até agora.--Mas então, vamos, tu não me dizes do retrato? Olha: (*designando o d'El-rei D. Sebastião*) aquelle do meio, bem sabes se o conhecerei; é o do meu querido e amado rei D. Sebastião. Que majestade! que testa aquella tão austera, mesmo d'um rei môço e sincero ainda, leal, verdadeiro, que tomou ao serio o cargo de reinar, e jurou que hade engrandecer e cobrir de glória o seu reino! Elle alli está... E pensar que havia de morrer ás mãos de mouros, no meio de um deserto, que n'uma hora se havia de apagar toda a ousadia reflectida que está n'aquelles olhos rasgados, no apertar d'aquella bôcca!... Não póde ser, não póde ser. Deus não podia consentir em tal.

Telmo--Que Deus te ouvisse, anjo do céo!

Maria--Pois não ha prophecias que o dizem? Ha, e eu creio n'ellas. E tambem creio n'aquell'outro que alli está; (*indica o retrato de Camões*) aquelle teu amigo com quem tu andaste lá pela India, n'essa terra de prodigios e bizarrias, por onde elle ia... como é? ah, sim ..

«N'ua mão sempre a espada e n'outra a penna...»

Telmo—Oh! o meu Luiz, coitado! bem lh'o pagaram. Era um rapaz, mais moço do que eu, muito mais... e quando o vi a última vez... foi no alpendre de San'Domingos em Lisboa--parece-me que o estou a vêr--tam mal trajado, tam encolhido... elle que era tam desembaraçado e galan... e então velho! velho alquebrado,--com aquelle ôlho que valia por dois, mas tam summido e encovado já, que eu disse commigo: «Ruim terra te comerá cedo corpo da maior alma que deitou Portugal!»—E dei-lhe um abraço... foi o ùltimo... Elle pareceu ouvir o que me estava dizendo o pensamento cá por dentro, e disse-me: «Adeus Telmo! San'Telmo seja commigo n'este cabo da navegação... que já vejo terra, amigo»--e apontou para uma cova que alli se estava a abrir.—Os frades resavam o officio dos mortos na egreja... Elle entrou para lá, e eu fui-me embora. D'ahi a um mez, vieram-me aqui dizer: «Lá foi Luiz de Camões n'um lençol para Sant'-Anna.» E ninguem mais falou n'elle.

Maria--Ninguem mais!... Pois não lêem aquelle livro que é para dar memoria aos mais esquecidos?

Telmo--O livro sim: aceitaram-n'o como o tributo de um escravo. Estes ricos, estes grandes, que opprimem e desprezam tudo o que não são as suas vaidades, tomaram o livro como uma cousa que lhes fizesse um servo seu e para honra d'elles. O servo, acabada a obra, deixaram-n'o morrer ao desamparo sem lhe importar com isso... quem sabe se folgaram? podia pedir-lhes uma esmolla—escusavam de se incommodar a dizer que não.

Maria (*com enthusiasmo*)—Está no céo, que o céo fez-se para os bons e para os infelizes, para os que já cá da terra o adivinharam! Este lia nos mysterios de Deus; as suas palavras são de propheta. Não te lembras o que lá diz do nosso rei D. Sebastião?... como havia de elle então morrer? Não morreu. (*Mudando de tom*) Mas o outro, o outro... quem é ess'outro, Telmo? Aquelle aspecto tam triste, aquella expressão de melancholia tam profunda... aquellas barbas tam negras e cerradas .. e aquella mão que descança na espada como quem não tem outro arrimo, nem outro amor n'esta vida...

Telmo (*deixando-se surprehender*)—Pois tinha, oh se tinha...

(Maria olha para Telmo, como quem comprehendeu, depois torna a fixar a vista no retrato; e ambos ficam deante d'elle como fascinados. No entretanto e ás últimas palavras de Maria, um homem embuçado com o chapéo sôbre os olhos levanta o reposteiro da direita e vêm, pé ante pé, approximando-se dos dois que o não sentem.)

SCENA II

MARIA, TELMO e MANUEL DE SOUSA

Manuel--Aquelle era D. João de Portugal, um honrado fidalgo, e um valente cavalleiro.

Maria (*Respondendo sem observar quem lhe fala*) — Bem m'o dizia o coração.

Manuel (*Desembuçando-se e tirando o chapéo com muito affecto*) — Que te dizia o coração, minha filha?

Maria (*Reconhecendo-o*)—Oh meu pae, meu querido pae! já me não diz mais nada o coração senão isto. (*Lança-se-lhe nos braços e beija-o na face muitas vezes*)—Ainda bem que vieste.—Mas de dia!... não tendes receio, não ha perigo já?

Manuel--Perigo, pouco. Hontem á noite não pude vir; e hoje não tive paciencia para aguardar todo o dia: vim bem coberto com esta capa...

Telmo—Não ha perigo nenhum, meu senhor; podeis estar á vontade e sem receio. Esta madrugada muito cedo estive no convento, e sei pelo senhor Frei Jorge que está, se póde dizer, tudo concluido

Manuel—Pois ainda bem, Maria. E tua mãe, tua mãe, filha?
Maria—Desde hontem está outra...
Manuel (*Em acção de partir*)—Vamos a vêl-a.
Maria (*retendo-o*)—Não que dorme ainda.
Manuel—Dorme? Oh, então melhor.—Sentemo-nos aqui filha, e conversemos. (*Toma-lhe as mãos; sentam-se*) Tens as mãos tam quentes! (*Beija-a na testa*) E esta testa, esta testa!... escalda.—Se isto está sempre a ferver! Valha-te Deus, Maria! Eu não quero que tu penses.
Maria—Então que heide eu fazer?
Manuel—Folgar, rir, brincar, tanger na harpa, correr nos campos, apanhar as flores...—E Telmo que te não conte mais historias, que te não ensine mais trovas e soláos. Poetas e trovadores padecem todos da cabeça... e é um mal que se péga.
Maria—Então para que fazeis vós como elles?... eu bem sei que fazeis.
Manuel (*Sorrindo*)—Se tu sabes tudo! Maria, minha Maria. (*Amimando-a*) Mas não sabias ainda agora de quem era aquelle retrato...
Maria—Sabia.
Manuel—Ah! você sabia e estava fingindo?
Maria (*Gravemente*)—Fingir não, meu pae. A verdade.... é que eu sabia de um saber cá de dentro; ninguem m'o tinha dito; e eu queria ficar certa.
Manuel—Então adivinhas, feiticeira. (*Beija-a na testa.*)—Telmo, ide vêr se chamaes meu irmão: dizei-lhe que estou aqui.

SCENA III

MANUEL DE SOUSA *e* MARIA

Manuel—Ora ouve cá, filha. Tu tens uma grande propensão para achar maravilhas e mysterios nas cousas mais naturaes e singelas. E Deus entregou tudo á nossa razão, menos os segredos de sua natureza ineffavel, os de seu amor, e de sua justiça e misericordia para comnosco. Esses são os pontos sublimes e incomprehensiveis da nossa fé! Esses crêem-se: tudo o mais examina-se.—Mas vamos: (*sorrindo*) não dirão que sou da Ordem dos Prégadores? Hade ser d'estas paredes, é uncção da casa: que isto é quasi um convento aqui, Maria... Para frades de San'Domingos não nos falta senão o habito...
Maria—Que não faz o monge...
Manuel—Assim é, querida filha! Sem habito, sem escapulario nem correia, por baixo do setim e do veludo, o cilicio póde andar tam apertado sobre as carnes, o coração tam contricto no peito... a morte—e a vida que vem depois d'ella—tam deante dos olhos sempre, como na cella mais estreita e com o burel mais grosseiro cingido. Mas emfim, chega-te aos bons... sempre é meio caminho andado. Eu estou contentissimo de virmos para esta casa—quasi que nem já me peza da outra. Tenho aqui meu irmão Jorge e todos estes bons padres de San'Domingos como de portas a dentro.—Ainda não viste d'aqui a egreja? (*Levanta o reposteiro do fundo e chegam ambos á tribuna*) E' uma devota capella esta. E todo o templo tam grave! dá consolação vêl-o. Deus nos deixe gosar em paz de tam boa visinhança. (*Tornam para o meio da casa.*)
Maria (*Que parou deante do retrato de D. João de Portugal, volta-se de repente para o pae*)—Meu pae, este retrato é parecido?
Manuel—Muito; é raro vêr tam perfeita similhança; o ár, os ademanes, tudo. O pintor copiou fielmente quanto viu. Mas não podia vêr, nem lhe cabiam na tella, as nobres qualidades de alma, a grandeza e valentia de coração,—e a fortaleza d'aquella vontade, serena mas indomavel, que nunca foi vista mudar. Tua mãe ainda hoje estremece só de o ouvir nomear; era um respeito... era quasi um temor santo que lhe tinha.
Maria—E lá ficou n'aquella fatal batalha!...
Manuel—Ficou.—Tens muita pena, Maria!
Maria—Tenho.
Manuel—Mas se elle vivesse.. não existias tu agora, não te tinha eu aqui nos meus braços.
Maria (*Escondendo a cabeça no seio de seu pae*)—Ai meu pae!

SCENA IV

MARIA, MANUEL DE SOUSA, JORGE

Jorge—Ora alviçaras, minha dona sobrinha; venha-me já abraçar, senhora D. Maria. (*Maria beija-lhe o escapulario; e depois abraçam-se.*) Inda bem que vieste, meu irmão! Está tudo feito: os Governadores deixam cair o caso em esquecimento; Miguel de Moura já cedeu.—O Arcebispo foi hontem a Lisboa e volta esta tarde. Vamos eu e mais quatro religiosos nossos buscal-o para o acompanhar, e tu has-de vir comnosco para lhe agradecer; que não teve parte no aggravo que te fizeram, e foi quem acabou com os outros que se não resentissem da offensa ou do que lhes prouve tomar como tal... deixemos isso. Volta para o convento e quasi que vem ser teu hospede! é preciso fazer-lhe cumprimento, que nol-o merece.
Manuel—Se elle vem só, sem os outros ..
Jorge—Só, só: os outros estão por essas quintas d'aquem do Tejo. E nós não chegamos aqui senão lá por noite.
Manuel—Se entendes que posso ir...
Jorge—Pódes e deves.
Manuel—Vou decerto.—E até eu preciso de ir a Lisboa: tenho negocio de importancia no Sacramento, no vosso convento novo de freiras abaixo de San Vicente; necessito falar com a abbadessa.
Maria—Oh meu pae, meu querido pae, levae-me por quem sois, comvosco. Eu queria vêr a tia Joanna de Castro; é o maior gosto que posso ter n'esta vida. Quero vêr aquelle rosto .. De mim não se hade tapar...
Manuel—E tua mãe?
Maria—Minha mãe dá licença, dá. Ella já está boa... oh, e em vos vendo fica boa de todo, e eu vou.
Manuel—E os áres maos em Lisboa?
Jorge—Isso já acabou de todo: nem signal de peste.—Mas emfim a prudencia...
Maria—A mim não se me péga nada.—Meu querido pae, vamos, vamos.
Manuel—Veremos o que diz tua mãe, e como ella está.

SCENA V

MARIA, MANUEL DE SOUSA, JORGE; MAGDALENA (*entrando*)

Magdalena (*Correndo a abraçar Manuel de Sousa*)—Estou boa já, não tenho nada, esposo da minha alma, todo o meu mal era susto; era terror de te perder.
Manuel—Querida Magdalena!
Magdalena—Agora estou boa: Telmo já me disse tudo e curou-me com a boa nova.—Maria, Deus lembrou-se de nós: ouviu as tuas orações, filha, que as minhas... (*Vae a recahir na sua tristeza.*)
Jorge—Ora pois, mana, ora pois!... Louvado seja Elle por tudo. E haja alegria! Que era sermos desagradecidos para com o senhor, que nos valeu, mostrar-se hoje alguem triste n'esta casa.
Magdalena (*fazendo por se alegrar*)—Triste porquê? As tristezas acabaram. (*Para Manuel de Sousa*) Tu ficas aqui já de vez. Não me deixas mais, não saes d'ao pé de mim?—Agora, olha, estes primeiros dias

ao menos, has-de-me aturar, has-de-me fazer companhia. Preciso muito, querido.

Manuel—Pois sim, Magdalena, sim; farei quanto quizeres.

Magdalena—E' que eu estou boa... boa de todo mas tenho uma ..

Manuel—Uma imaginação que te atormenta. Havemos de castigal-a, ainda que não seja senão para dar exemplo a certa donzella que nos está ouvindo e que precisa... precisa muito.—Pois olha: hoje é sexta feira...

Magdalena—Sexta feira! (*aterrada*) ai que é sexta feira!

Manuel—Para mim tem sido sempre o dia mais bem estreado de toda a semana

Magdalena—Sim!

Manuel—E' o dia da paixão de Christo, Magdalena.

Magdalena (*Cahindo em si*)—Tens razão.

Manuel—E' hoje sexta feira; e d'aqui a oito... vamos—d'aqui a quinze dias bem contados, não saio de casa. Estás contente?

Magdalena—Meu esposo, meu marido, meu querido Manuel!

Manuel—E tu, Maria?

Maria (*amuada*)—Eu não.

Manuel (*para Magdalena*)—Queres tu saber por que é aquelle amuo? E' que eu precisava de ir hoje a Lisboa...

Magdalena—A Lisboa... hoje!

Manuel—Sim: e não posso deixar de ir, sabes que por fins d'esta minha pendencia com os Governadores, eu fiquei em divida—quem sabe se da vida? Miguel de Moura e esses meus degenerados parentes eram capazes de tudo!—Mas o certo é que fiquei em muita divida ao Arcebispo. Elle volta hoje aqui para o convento; e meu irmão, que vae com outros religiosos para o acompanharem, entende que eu tambem devo ir. Bem vês que não ha remedio.

Magdalena—Logo hoje!... Este dia de hoje é o peior... se fosse ámanhã, se fosse passado hoje!... E quando estarás de volta?

Jorge—Estamos aqui sem falta á bôcca da noite.

Magdalena (*fazendo por se resignar*)—Paciencia; ao menos valha-nos isso. Não me deixam aqui só outra noite... esta noite, particularmente, não fico só...

Manuel—Não, socega, não; estou aqui ao anoitecer. E nunca mais saio d'ao pé de ti. E não serão quinze dias; vinte, os que tu quizeres.

Maria—Então vou, meu pae, vou?—Minha mãe dá licença, dá?

Magdalena—Vaes aonde, filha? que dizes tu?

Maria—Com meu pae que tem de ir ao Sacramento, de caminho.—E bem sabeis, querida mãe, o que eu ando ha tanto tempo para ir áquelle convento para conhecer a tia D. Joanna...

Jorge—Soror Joanna: assim é que se chama agora.

Maria—E' verdade. E andam-me a prometter, ha um anno, que me hão de levar lá... D'esta vez hão de m'o cumprir .. não é assim, minha mãe, (*acarinhando-a*) minha querida mãesinha!—Sim, sim, dizei já que sim.

Magdalena (*abraçada com a filha*)—Oh Maria, Maria... tambem tu me queres deixar!—tambem tu me desamparas... e hoje!

Maria—Venho logo, minha mãe, venho logo.—Olhae; e não tenhaes cuidado commigo: vae meu pae, vae o tio Jorge,—levo a minha aia, a Dorothea... E, é verdade, o meu fiel escudeiro hade ir tambem, o meu Telmo.

Magdalena—E tua mãe, filha, deixa-la aqui só, a morrer de tristeza? (*aparte*) e de medo!

Manuel—Tua mãe tem razão, não hade ser assim, hoje não póde ser. (*Maria fica triste e desconsolada*).

Jorge—Ora pois; eu já disse que não queria vêr hoje ninguem triste n'esta casa—Venha cá a minha donzella dolorida, (*pegando-lhe pela mão*) e faça aqui muitas festas ao tio frade, que eu fico a fazer companhia a sua mãe. E vá, vá satisfazer essa louvavel curiosidade que tem de ir vêr aquella santa freirinha que tanto deixou para deixar o mundo e se ir enterrar n'um claustro Vá, e venha... melhor de coração, não póde ser—que tu és boa como as que são boas, minha Maria—Mas quero-te mais fria de cabeça: ouves?

Maria (*áparte*)—Fria!... quando ella estiver ôca!—(*Alto*) Vou-me aprompar, minha mãe?

Magdalena (*sem vontade*)—Se teu pae quer...

Manuel—Dou licença: vae. (*Maria sae a correr.*)

SCENA VI

MANUEL DE SOUSA, MAGDALENA, JORGE

Manuel—E' preciso deixál-a espairecer, mudar de logar, distrahir-se: aquelle sangue está em chammas, arde sobre si e consome-se, a não o deixarem correr á vontade.—Hade vir melhor: verás.

Magdalena—Deus o queira!—Telmo que vá com ella; não o quero cá.

Manuel—Porquê?

Magdalena—Porque... Maria... Maria não está bem sem elle—e elle tambem... em estando sem Maria—que é a sua segunda vida, diz o pobre do velho,—sabes? Já treslê muito... já está muito... e entra-me com scismas que...

Manuel—Está, está muito velho, coitado! Pois que vá: melhor é.

SCENA VII

MANUEL DE SOUSA, MAGDALENA, JORGE, MARIA *entrando com* TELMO *e* DOROTHEA

Maria—Então vamos meu pae.

Manuel—Pois vamos.

Jorge—E são horas, vão. A' ribeira é um pedaço de rio; e até ás sete, o mais, tu precisas de estar de volta á porta da Oira, que é onde irão ter os nossos padres á espera do Arcebispo.—Eu cá me desculparei com o prior. Vão.

Maria—Minha mãe! (*Abraçando-a*) Então, se choraes assim, não vou.

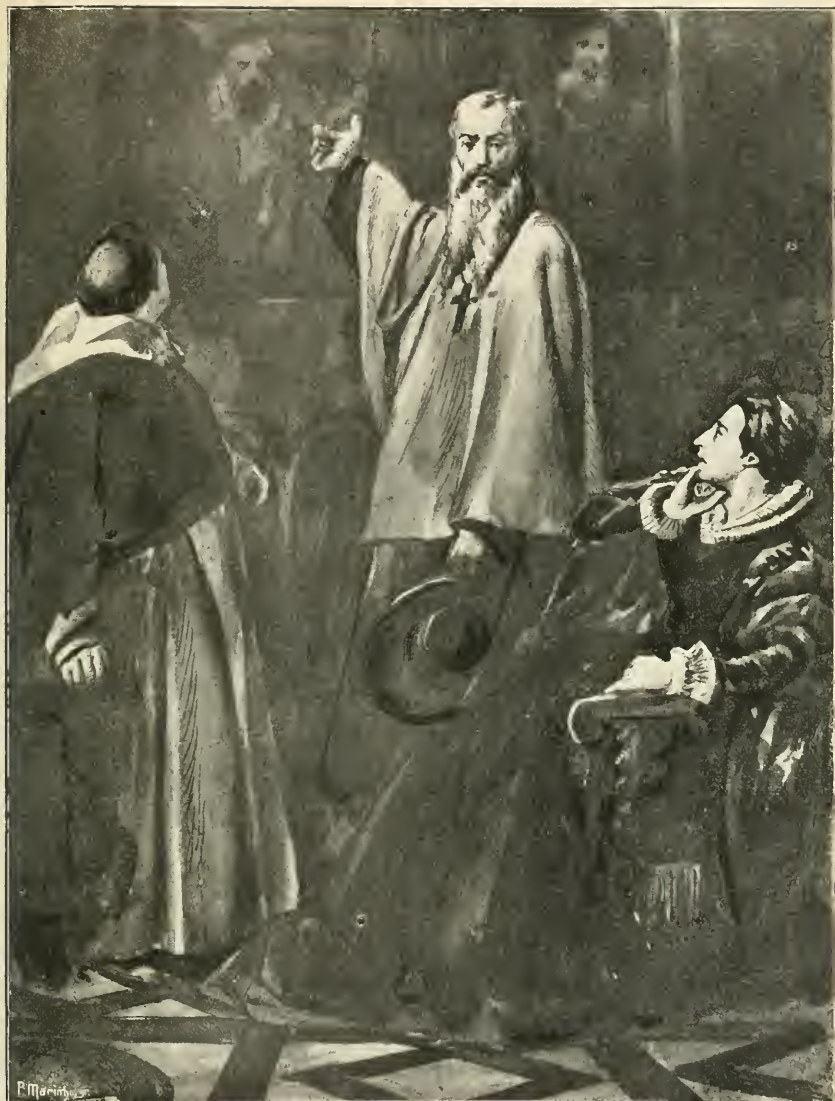
Manuel—Nem eu, Magdalena. Ora pois! Eu nunca te vi assim.

Magdalena—Porque nunca assim estive...—Vão, vão... adeus!—Adeus, espôso do meu coração!—Maria, minha filha, toma sentido no ár, não te resfries. E o sol... não saias debaixo do tôldo no bergantim Telmo, não te tires d'ao pé d'ella.—Dá-me outro abraço, filha.—Dorothea, levaes tudo? (*Examina uma bolsa grande de damasco que Dorothea leva no braço.*) Póde haver qualquer coisa, molhar-se, ter frio para a tarde. . (*Telmo examinando a bolsa.*) Vae tudo: bem!—(*Baixo a Dorothea*) Não me apartes os olhos d'ella, Dorothea Ouve. (*Fala baixo a Dorothea, que lhe responde baixo tambem: depois diz alto.*) Está bom.

Manuel—Não tenhas cuidado; vamos todos com ella (*Abraçam-se outra vez; Maria sae apressadamente, e para a mãe não vêr que vae suffocada com choro,*)

SCENA VIII

MANUEL DE SOUSA, MAGDALENA, JORGE

Magdalena (*Seguindo com os olhos a filha, e respondendo a Manuel de Sousa.*)—Cuidados!... eu não tenho já cuidados. Tenho este medo, este horror de ficar só... de vir a achar-me só no mundo.

FREI LUIZ DE SOUZA — *Romeiro* — Ninguem! — PAG. 788

Acto II — Scena XIV

Manuel—Magdalena!

Magdalena—Que queres? não está na minha mão.—Mas tu tens razão de te enfadar com as minhas impertinencias. Não falemos mais n'isso. Vae. Adeus!—Outro abraço. Adeus.

Manuel—Oh querida mulher minha, parece que vou eu agora embarcar n'um galeão para a India... Ora vamos: ao anoitecer, antes da noite, aqui estou—E Jesus!.. Olha a condessa de Vimioso, esta Joanna de Castro que a nossa Maria tanto deseja conhecer... olha se ella faria esses prantos quando disse o ultimo adeus ao marido...

Magdalena—Bemdita ella seja! Deu-lhe Deus muita força, muita virtude. Mas não lh'a invejo, não sou capaz de chegar a essas perfeições.

Jorge—E' perfeição verdadeira; é a do Evangelho: Deixa tudo e segue-me.

Magdalena—Vivos ambos .. sem offensa um do outro, querendo-se, estimando-se .. e separar-se cada um para a sua cova! Vêrem-se com a mortalha já vestida—e... vivos, sãos... depois de tantos annos de amor... e convivencia .. condemnarem se a morrer longe um do outro—sós, sós!—E quem sabe se n'essa tremenda hora... arrependidos!

Jorge—Não o permitirá Deus assim... oh, não. Que horrivel coisa seria!

Manuel—Não permitte, não.—Mas não pensemos mais n'elles: estão entregues a Deus... (*Pausa.*) E que temos nós com isso? A nossa situação é tam differente... (*Pausa.*) Em todas nos póde Elle abençoar.—Adeus, Magdalena, adeus! até logo, Maria já lá vae no caes a esta hora... adeus?—Jorge, não a deixes. (*Abraçam-se; Magdalena vae até fóra da porta com elle.*)

SCENA IX

JORGE (*só*)

Eu faço por estar alegre, e queria vêl-os contentes a elles... mas não sei já que diga do estado em que vejo minha cunhada, a filha... até meu irmão o desconheço! A todos parece que o coração lhes adivinha desgraça... E eu quasi que tambem já se me pega o mal. Deus seja comnosco!

SCENA X

JORGE, MAGDALENA

Magdalena (*falando ao bastidor*)—Vae, ouves Miranda? Vae e deixa-te lá estar até vêres chegar o bergantim; e quando desembarcarem, vem-me dizer para eu ficar descançada. (*Vem para a scena.*) Não ha vento, e o dia está lindo. Ao menos não tenho sustos com a viagem. Mas a volta... quem sabe? o tempo muda tam depressa...

Jorge—Não, hoje não tem perigo.

Magdalena—Hoje... hoje! Pois hoje é o dia da minha vida que mais tenho receado... que ainda temo que não acabe sem uma grande desgraça... E' um dia fatal para mim: faz hoje annos que... que casei a primeira vez—faz annos que se perdeu el-rei D. Sebastião—e faz annos tambem que... vi pela primeira vez a Manuel de Sousa.

Jorge—Pois contaes essa entre as infelicidades da vossa vida?

Magdalena—Conto. Este amor—que hoje está sanctificado e bemdito no céo, porque Manuel de Sousa é meu marido—começou com um crime, porque eu amei-o assim que o vi... e quando o vi—hoje, hoje... foi em tal dia como hoje!—D. João de Portugal ainda era vivo. O peccado estava-me no coração; a bôcca não o disse... os olhos não sei o que fizeram, mas dentro d'alma eu já não tinha outra imagem senão a do amante... já não guardava a meu marido, a meu bom... a meu generoso marido... senão a grosseira fidelidade que uma mulher bem nascida quasi que mais deve a si do que ao esposo. Permittiu Deus... que sabe se para me tentar?... que n'aquella funesta batalha de Alcacer, entre tantos, ficasse tambem D. João...

SCENA XI

MAGDALENA, JORGE, MIRANDA

Miranda (*Apressado*)—Senhora... minha senhora!

Magdalena (*Sobresaltada*)—Quem vos chamou, que quereis—Ah! és tu, Miranda. Como assim! já chegaram?... Não pode ser.

Miranda—Não, minha senhora; ainda agora irão passando o pontal. Mas não é isso...

Magdalena—Então que é? Não vos disse eu que não viesseis d'alli antes de os vêr chegar?

Miranda—Para lá torno já, minha senhora: ha tempo de sobejo.—Mas venho trazer-vos recado... um estranho recado, por minha fé.

Magdalena—Dizei já, que me estaes a assustar.

Miranda—Para tanto não é, nem coisa séria, antes quasi para rir. E' um pobre velho peregrino, um d'estes romeiros que aqui estão sempre a passar, que vêm das bandas d'Hespanha...

Magdalena—Um captivo... um remido?

Miranda—Não, senhora, não traz a cruz, nem é; é um romeiro—algum d'estes que vão a Sant'Iago; mas diz elle que vem de Roma e dos Santos Logares.

Magdalena—Pois, coitado! virá. Agasalhae-o; e dêem-lhe o que precisar.

Miranda—É que elle diz que vem da Terra Santa, e...

Magdalena—E porque não virá?—Ide, ide, e fazei o accommodar já.—E' velho?

Miranda—Muito velho—e com umas barbas!... Nunca vi tam formosas barbas de velho, e tam alvas.—Mas, senhora, diz elle que vem da Palestina e que vos traz recado..

Magdalena—A mim!

Miranda—A vós; e que por força vos hade vêr e falar.

Magdalena—Ide vêl-o, Frei Jorge. Engano hade ser; mas ide vêr o pobre do velho.

Miranda—E' escusado, minha senhora: o recado que traz, diz que a outrem o não dará senão a vós, e que muito vos importa sabel-o.

Jorge—Eu sei o que é: alguma reliquia dos Santos Logares—se elle com effeito de la vem!—que o bom do velho vos quer dar... como taes coisas se dão a pessoas da vossa qualidade... a troco de uma esmola avultada. E' o que elle hade querer: é o costume.

Magdalena—Pois venha embora o romeiro! E trazei-m'o aqui, trazei.

SCENA XII

MAGDALENA, JORGE

Jorge—Que é precisa muita cautella com estes peregrinos! A vieira no chapéo e o bordão na mão, ás vezes não são mais que negaças para armar á caridade dos fieis. E n'estes tempos revoltos...

SCENA XIII

MAGDALENA, JORGE *e* MIRANDA *que volta com o* ROMEIRO

Miranda (*da porta*)—Aqui está o romeiro.

Magdalena—Que entre. E vós, Miranda, tornae para onde vos mandei; ide já, e fazei como vos disse.

Jorge (*chegando á porta da direita*)—Entrae, irmão, entrae. (*O Romeiro entra de vagar*) E' esta a senhora D. Magdalena de Vilhena.—E' esta a fidalga a quem desejaes falar?

Romeiro—A mesma.

(A um signal de Frei Jorge, Miranda retira-se)

SCENA XIV

MAGDALENA, JORGE, ROMEIRO

Jorge—Sois portuguez?
Romeiro—Como os melhores, espero em Deus.
Jorge—E vindes?...
Romeiro—Do Santo Sepulchro de Jesus Christo.
Jorge—E visitastes todos os Santos Logares?
Romeiro—Não os visitei; morei lá vinte annos cumpridos.
Magdalena—Santa vida levastes, bom romeiro.
Romeiro—Oxalá! — Padeci muita fome, e não soffri com paciencia: deram-me muitos tratos, e nem sempre os levei com os olhos n'Aquelle que alli tinha padecido tanto por mim... Queria rezar, e meditar os mysterios da Sagrada Paixão que alli se obrou... e as paixões mundanas, e as lembranças dos que se chamavam meus segundo a carne, travavam-me do coração e do espirito, que os não deixava estar com Deus, nem n'aquella terra que é toda sua — Oh! eu não merecia estar onde estive: bem vêdes que não soube morrer lá.
Jorge—Pois bem: Deus quiz trazer-vos á terra de vossos paes; e quando fôr sua vontade, ireis morrer socegado nos braços de vossos filhos.
Romeiro—Eu não tenho filhos, padre.
Jorge—No seio da vossa familia...
Romeiro—A minha familia.. Já não tenho familia.
Magdalena—Sempre ha parentes, amigos...
Romeiro—Parentes!... Os mais chegados, os que eu me importava achar... contaram com a minha morte, fizeram a sua felicidade com ella; hão de jurar que me não conhecem.
Magdalena—Haverá tam má gente... e tam vil que tal faça?
Romeiro—Necessidade póde muito.—Deus lh'o perdoará, se poder!
Magdalena—Não façaes juizos temerarios, bom romeiro.
Romeiro — Não faço. — De parentes, já sei mais do que queria: amigos, tenho um; com esse, conto.
Jorge—Já não sois tam infeliz.
Magdalena—E o que eu puder fazer-vos, todo o amparo e gasalhado que puder dar vos, contae commigo, bom velho, e com meu marido, que hade folgar de vos proteger...
Romeiro—Eu já vos pedi alguma coisa, senhora?
Magdalena—Pois perdoae, se vos offendi, amigo.
Romeiro—Não ha offensa verdadeira senão as que se fazem a Deus.—Pedi-lhe vós perdão a Elle, que não vos faltará de quê.
Magdalena—Não, irmão, não decerto. E elle terá compaixão de mim.
Romeiro—Terá...
Jorge (*cortando a conversação*)—Bom velho, dissestes trazer um recado a esta dama: dae-lh'o já, que havereis mister de ir descansar...
Romeiro (*sorrindo amargamente*) — Quereis lembrar-me que estou abusando da paciencia com que me têm ouvido? Fizestes bem, padre; eu ia-me esquecendo... talvez me esquecesse de todo da mensagem a que vim... estou tam velho e mudado do que fui!
Magdalena — Deixae, deixae, não importa, eu folgo de vos ouvir: dir-me-heis vosso recado quando quizerdes... logo, ámanhã...
Romeiro—Hoje hade ser. Ha tres dias que não durmo nem descanço, nem pousei esta cabeça, nem pararam estes pés dia nem noite, para chegar aqui hoje, para vos dar meu recado .. e morrer depois... ainda que morresse depois; porque jurei... faz hoje um anno... quando me libertaram, dei juramento sobre a pedra santa do Sepulchro de Christo ..
Magdalena—Pois ereis captivo em Jerusalem?
Romeiro — Era: não vos disse que vivi lá vinte annos
Magdalena—Sim, mas...
Romeiro—Mas o juramento que dei foi que antes de um anno cumprido, estaria deante de vós e vos diria da parte de quem me mandou..
Magdalena (*aterrada*) — E quem vos mandou, homem?
Romeiro—Um homem foi,—e um honrado homem... a quem unicamente devi a liberdade .. a *ninguem* mais. Jurei fazer-lhe a vontade, e vim.
Magdalena—Como se chama?
Romeiro—O seu nome nem o da sua gente nunca o disse a ninguem no captiveiro.
Magdalena—Mas emfim, dizei vós...
Romeiro—As suas palavras, trago-as escriptas no coração com as lagrimas de sangue que lhe vi chorar, que muitas vezes me cahiram n'estas mãos, que me correram por estas faces. Ninguem o consolava senão eu... e Deus! Vêde se me esqueceriam as suas palavras.
Jorge—Homem, acabae
Romeiro—Agora acabo; soffrei, que elle tambem soffreu muito.—Aqui estão as suas palavras: «Ide a D. Magdalena de Vilhena, e dizei-lhe que um homem que muito bem lhe quiz... aqui está vivo... por seu mal... e d'aqui não póde sahir nem mandar-lhe novas suas de ha vinte annos que o trouxeram captivo.»
Magdalena (*Na maior anciedade*)—Deus tenha misericordia de mim! E esse homem, esse homem... Jesus! esse homem era... esse homem tinha sido... levaram-n'o ahi de d'onde!... de Africa?
Romeiro—Levaram.
Magdalena—Captivo?...
Romeiro—Sim.
Magdalena—Portuguez?...captivo da batalha de?...
Romeiro—De Alcacer Kebir.
Magdalena, (*espavorida*)—Meu Deus, meu Deus! Que se não abre a terra debaixo dos meus pés?... Que não cáem estas paredes, que me não sepultam já aqui?...
Jorge—Callae-vos, D. Magdalena: a misericordia de Deus é infinita; esperae. Eu duvido, eu não creio.. estas não são coisas para se crêrem de leve. (*Reflecte, e logo como por uma ideia que lhe accudiu de repente*) Oh! inspiração divina... (*Chegando ao Romeiro*) Conheceis bem esse homem, romeiro: não é assim?
Romeiro—Como a mim mesmo.
Jorge—Se o vireis... ainda que fôra n'outros trajes... com menos annos— pintado, digamos—conhecêl-o-heis?
Romeiro—Como se me visse a mim mesmo n'um espelho.
Jorge—Procurae n'estes retratos, e dizei-me se algum d'elles póde ser.
Romeiro (*sem procurar, e apontando logo para o retrato de D. João*)—E' aquelle.
Magdalena (*com um grito espantoso*)—Minha filha, minha filha, minha filha!... (*Em tom cavo e profundo*) Estou... estás .. perdidas, deshonradas... infames! (*Com outro grito de coração*) Oh minha filha, minha filha!... (*Foge espavorida e n'este gritar.*)

SCENA XV

JORGE, e o ROMEIRO, que seguiu Magdalena com os olhos, e está alçado no meio da casa com aspecto severo e tremendo.

Jorge—Romeiro, romeiro! quem és tu?
Romeiro (*apontando com o bordão para o retrato de D. João de Portugal*)—Ninguem.

(Frei Jorge cae prostrado no chão, com os braços estendido deante da tribuna. O panno desce lentamente.)

ACTO TERCEIRO

Parte baixa do palacio de D. João de Portugal, communicando, pela porta á esquerda do espectador, com a capella da Senhora da Piedade na egreja de San'Paulo dos Dominicos d'Almada: é um casarão vasto sem ornato algum. Arrumadas ás paredes, em diversos pontos, escadas, tocheiras, cruzes, ciriaes e outras alfaias e guizamentos d'egreja de uso conhecido. A um lado um esquife dos que usam as confrarias; do outro uma grande cruz negra de tábua com o letreiro J. N. R. J., e toalha pendente, como se usa nas ceremonias da Semana santa. Mais para a scena uma banca velha com dois ou tres tamboretes; a um lado uma tocheira baixa com tocha accesa e já bastante gasta; sôbre a mesa um castiçal de chumbo, de credencia, baixo e com vela accesa tambem,—e um hábito completo de religioso dominico, tunica, escapulario, rosario, cinto, etc. No fundo porta que dá para as officinas e aposentos que occupam o resto dos baixos do palacio.—E' alta noite.

SCENA I

MANUEL DE SOUSA (*Sentado n'um tamborete, ao pé da mesa, o rosto inclinado sobre o peito, os braços cahidos e em completa prostração d'espirito e de corpo; n'um tamborete do outro lado* JORGE, *meio encostado para a mesa, com as mãos postas, e os olhos pregados no irmão*)

Manuel—Oh minha filha, minha filha! (*Silencio longo.*) Desgraçada filha, que ficas orphan!... orphan de pae e mãe... (*Pausa*)... e de familia e de nome, que tudo perdeste hoje .. (*Levanta-se com violenta affiição.*) A desgraçada nunca os teve.—Oh Jorge, que esta lembrança é que me mata, que me desespera! (*Apertando a mão do irmão, que se levantou após d'elle e o está consolando do gesto.*) E' o castigo terrivel do meu erro... se foi erro... crime sei que não foi. E sabe-o Deus, Jorge, e castigou-me assim, meu irmão.

Jorge—Paciencia, paciencia; os seus juizos são imperscrutaveis. (*Accalma e faz sentar o irmão: tornam a ficar ambos como estavam.*)

Manuel—Mas eu em que mereci ser feito o homem mais infeliz da terra, posto de alvo á irrisão e ao discursar do vulgo?... Manuel de Sousa Coutinho, filho de Lopo de Sousa Coutinho, o filho do nosso pae, Jorge!

Jorge—Tu chamas-te o homem mais infeliz da terra... Já te esqueceste, que ainda está vivo aquelle...

Manuel (*Cahindo em si.*)—E' verdade. (*Pausa; e depois, como quem se desdiz.*) Mas não é, nem tanto: padeceu mais, padeceu mais longamente, e bebeu até ás fezes o calix das amarguras humanas... (*Levantando a voz.*) Mas fui eu, eu que lh'o preparei, eu que lh'o dei a beber, pelas mãos... innocentes mãos!... d'essa infeliz que arrastei na minha queda, que lancei n'esse abysmo de vergonha, a quem cobri as faces — as faces puras e que não tinham còrado d'outro pejo senão do da virtude e do recato... cobri-lh'as de um véo de infamia que nem a morte hade levantar, porque lhe fica, perpétuo e para sempre, lançado sobre o tumulo a cobrir-lhe a memoria de sombras... de manchas que se não lavam! — Fui eu o auctor de tudo isto, o auctor da minha desgraça e da sua deshonra d'elles .. Sei-o, conheço-o; e não sou mais infeliz que nenhum?

Jorge—Vê a palavra que disseste: «deshonra»: lembra-te d'ella e de ti, e considera, se podes pleitear miserias com esse homem a quem Deus não quiz acudir com a morte antes de conhecer ess'outra agonia maior.—Elle não tem...

Manuel—Elle não tem uma filha como eu, desgraçado... (*Pausa.*)—Uma filha bella, pura, adorada, sobre cuja cabeça—oh, porque não é na minha!—vae cahir toda essa deshonra, toda a ignominia, todo o opprobrio que a injustiça do mundo, não sei porquê, me não quer lançar no rosto a mim, para pôr tudo na testa branca e pura de um anjo que não tem outra culpa senão a da origem que eu lhe dei.

Jorge—Não é assim, meu irmão; não te cegues com a dôr, não te faças mais infeliz do que és. Já não és pouco, meu pobre Manuel, meu querido irmão! E Deus hade levar em contas essas amarguras. Já que te não póde apartar o calix dos beiços, o que tu padeces, hade ser descontado n'ella, hade resgatar a culpa.

Manuel—Resgate! sim para o céo: n'esse confio eu.. mas o mundo?

Jorge—Deixa o mundo e as suas vaidades.

Manuel—Estão deixadas todas. Mas este coração é de carne.

Jorge—Deus, Deus será o pae de tua filha.

Manuel—Olha, Jorge: queres que te diga o que eu sei decerto, e que devia ser consolação... mas não é, que eu sou homem, não sou anjo, meu irmão—devia ser consolação, e é desespêro, é a corôa de espinhos de toda esta paixão que estou passando... é que a minha filha... Maria... a filha do meu amor—a filha do meu peccado, se Deus quer que seja peccado—não vive, não resiste, não sobrevive a esta affronta.

(Desata a soluçar, cáe com os cotovelos fixos na mesa e as mãos apertadas no rosto: fica n'esta posição por longo tempo. Ouve-se de quando em quando um soluço comprimido. Frei Jorge está em pé, detraz d'elle, amparando-o com o seu corpo, e os olhos postos no céo.)

Jorge (*chamando timidamente*)—Manuel!

Manuel—Que me queres, irmão?

Jorge (*animando-o*)—Ella não está tam mal; já lá estive hoje...

Manuel—Estiveste?... oh! conta-me, conta-me; eu não tenho... não tive ainda ânimo de a ir vêr.

Jorge—Haverá duas horas que entrei na sua camera, e estive ao pé do leito. Dormia, e mais socegada da respiração. O accesso de febre, que a tomou quando chegámos de Lisboa e que viu a mãe n'aquelle estado,—parecia declinar... quebrar-se mais alguma cousa. Dorothea, e Telmo.. pobre velho coitado!... estavam ao pé d'ella, cada um de seu lado... disseram-me que não tinha tornado a... a..

Manuel—A lançar sangue?... Se ella deitou-o do coração!... não tem mais. N'aquelle corpo tam franzino, tam delgado, que mais sangue hade haver?—Quando hontem a arranquei d'aopé da mãe e a levava nos braços, não m'o lançou todo ás golfadas aqui no peito? (*Mostra um lenço branco todo manchado de sangue.*) Não o tenho aqui... o sangue... o sangue da minha victima?... que é o sangue das minhas vêas... que é o sangue da minha alma—é o sangue da minha querida filha! (*Beija o lenço muitas vezes.*) Oh meu Deus, meu Deus! Eu queria pedir-te que a levasses já... e não tenho ânimo. Eu devia acceitar por mercê da tuas misericordias que chamasses aquelle anjo para

junto dos teus, antes que o mundo, este mundo, infame e sem commiseração, lhe cuspisse na cara com a desgraça do seu nascimento.—Devia, devia .. e não posso, não quero, não sei, não tenho ânimo, não tenho coração. Peço-te vida, meu Deus (*ajoelha e põe as mãos*) peço te vida, vida, vida... para ella, vida para a minha filha!... saude, vida para a minha querida filha!... e morra eu de vergonha, se é preciso; cubra-me o escarneo do mundo, deshonre-me o opprobrio dos homens, tape-me a sepultura uma loisa de ignominia, um epitaphio que fique a bradar por essas éras deshonra e infamia sobre mim!... Oh meu Deus, meu Deus! (*Cae de bruços no chão... Passado algum tempo, Frei Jorge se chega para elle, levanta-o quasi a pêso, e o torna a assentar.*)

Jorge—Manuel, meu bom Manuel, Deus sabe melhor o que nos convem a todos: põe nas suas mãos esse pobre coração, põe-n'o resignado e contricto, meu irmão, e Elle fará o que em sua misericordia sabe que é melhor.

Manuel (*com vehemencia e medo*)—Então desenganas-me... desenganas-me já?... é isso que queres dizer? Fala, homem: não ha que esperar?... não ha que esperar d'alli, não é assim? dize: morre? morre?... (*Desanimado*) Tambem eu fico sem filha!

Jorge—Não disse tal. Por caridade comtigo, meu irmão, não imagines tal. Eu disse-te a verdade: Maria pareceu-me menos opprimida; dormia...

Manuel (*variando*)—Se Deus quizera que não acordasse!

Jorge—Valha-me Deus!

Manuel—Para mim aqui está esta mortalha: (*tocando no habito*) morri hoje... vou amortalhar-me logo; e adeus tudo o que era mundo para mim! Mas minha filha não era do mundo... não era, Jorge; tu bem sabes que não era: foi um anjo que veiu do céo para me acompanhar na peregrinação da terra, e que me apontava sempre, a cada passo da vida, para a eterna pousada d'onde viera e onde me conduzia... Separou-nos o archanjo das desgraças, o ministro das iras do Senhor que derramou sobre mim o vaso cheio das lagrimas, e a taça rasa das amarguras ardentes de sua cólera... (*Cahindo de tom.*) Vou com esta mortalha para a sepultura... e, viva ou morta, cá deixo a minha filha no meio dos homens que a não conheceram, que a não hãode conhecer nunca, porque ella não era d'este mundo nem para elle... (*Pausa*)—Torna lá, Jorge, vae vêl-a outra vez, vae e vem-me dizer; que eu ainda não posso. . mas heide ir, oh! heide ir vêl-a e beijál-a antes de descer á cova... Tu não queres, não podes querer...

Jorge—Havemos de ir... quando estiveres mais socegado... havemos de ir ambos: descansa, hasde vêl-a.—Mas isto inda é cedo.

Manuel—Que horas são?

Jorge—Quatro, quatro e meia. (*Vae á porta da esquerda e volta*) São cinco horas, pelo alvor da manhan que já dá nos vidros da egreja. D'aqui a pouco iremos; mas socega.

Manuel—E a outra... a outra desgraçada, meu irmão?

Jorge—Está — imagina por ti — está como não podia deixar de estar: mas a confiança em Deus pode muito: vae-se conformando. O Senhor fará o resto.—Eu tenho fé n'este escapulario (*tocando no hábito em cima da mesa*) para ti e para ella. Foi uma resolução digna de vós, foi uma inspiração divina que os allumiou a ambos Deixa estar; ainda pode haver dias felizes para quem soube consagrar a Deus as suas desgraças.

Manuel—E isso está tudo prompto? Eu não soffro n'estes habitos, eu não aturo, com estes vestidos de vivo, a luz d'esse dia que vem a nascer.

Jorge—Está tudo concluido. O arcebispo mostrou-se bom e piedoso prelado n'esta occasião: e é um santo homem, é. O arcebispo já expediu todas as licenças e mais papeis necessarios. Coitado! o pobre do velho velou quasi toda a noite com o seu vigario para que não faltasse nada desde o romper do dia. Mandou-se ao provincial. e pela sua parte e pela nossa tudo está corrente. Frei João de Portugal, que é o Prior de Bemfica, e tambem vigario do Sacramento, sabes, chegou haverá duas horas, noite fechada ainda, e cá está: é quem te hade lançar o hábito, a ti e a Dona... a minha irman. —Depois ireis, segundo vosso desejo, um para Bemfica, outro para o Sacramento.

Manuel—Tu és um bom irmão, Jorge: (*Aperta-lhe a mão*) Deus t'o hade pagar. (*Pausa*) Eu não me atrevo... tenho repugnancia... mas é forçoso perguntar-te por alguem mais. Onde está *elle*... e o que fará!...

Jorge—Bem sei, não digas mais: o romeiro. Está na minha cella, e de lá não hade sahir — que foi ajustado entre nós — senão quando... quando eu lh'o disser. Descansa: não verá ninguem, nem será visto de nenhum d'aquelles que o não devem vêr. Demais, o segredo de seu nome verdadeiro está entre mim e ti—além do arcebispo, a quem foi indispensavel communicál-o para evitar todas as formalidades e delongas que aliás havia de haver n'uma separação d'esta ordem—Ainda ha outra pessoa com quem lhe prometti—não pude deixar de prometter, porque sem isso não queria elle entrar em accôrdo algum—com quem lhe prometti que havia de falar hoje e antes de mais nada.

Manuel—Quem? será possivel?... Pois esse homem quer ter a crueldade de rasgar, fevra a fevra, os pedaços d'aquelle coração já partido? — Não tem entranhas esse homem: sempre assim foi, duro, desapiedado como a sua espada.—E' D. Magdalena que elle quer vêr?...

Jorge—Não, homem; é o seu aio velho, é Telmo Paes. Como lh'o havia de eu recusar!

Manuel—De nenhum modo: fizeste bem: eu é que sou injusto. Mas o que eu padeço é tanto e tal... —Vamos; eu ainda me não entendo bem claro com esta desgraça: dize-me, fala-me a verdade: minha mulher...—minha mulher! com que bôcca pronuncio eu ainda estas palavras!—D. Magdalena o que sabe?

Jorge—O que lhe disse o romeiro n'aquella fatal sala dos retratos... o que já te contei. Sabe que D. João está vivo, mas não sabe aonde; suppõe-n'o na Palestina talvez; é onde o deve suppôr pelas palavras que ouviu.

Manuel—Então não conhece, como eu, toda a extensão, toda a indubitavel verdade da nossa desgraça. Ainda bem! talvez possa duvidar, consolar-se com alguma esperança de incerteza.

Jorge—Hontem de tarde não; mas esta noite começava a raiar-lhe no espirito alguma falsa luz d'essa van esperança. Deus lh'a deixe, se é para bem seu.

Manuel—Porque não hade deixar? não é já desgraçada bastante?—E Maria, a pobre Maria!... Essa confio no Senhor que não saiba, ao menos por ora...

Jorge—Não sabe. E ninguem lh'o disse, nem dirá. Não sabe senão o que viu: a mãe quasi nas agonias da morte. Mas o motivo, só se ella o adivinhar.—Tenho medo que o faça...

Manuel—Tambem eu.

Jorge—Deus será comnosco e com ella!—Mas não: Telmo não lhe diz nada por certo; eu já lhe asseverei—e acreditou-me—que a mãe estava melhor, que tu ias logo vêl-a... E assim espero que até lá por meio do dia, a possâmos conservar em completa ignorancia de tudo. Depois ir-se-lhe-ha

dizendo, pouco a pouco, até onde fôr inevitavel. E Deus... Deus acudirá

Manuel—Minha pobre filha, minha querida filha!

SCENA II

JORGE, MANUEL DE SOUSA, TELMO

Telmo (*Batendo de fóra á porta do fundo.*)—Acordou.

Manuel (*Sobresaltado.*)—E' a voz de Telmo.

Jorge—E'. (*Indo abrir a porta.*) Entrae, Telmo.

Telmo—Acordou.

Jorge—E como está?

Telmo—Melhor, muito melhor, parece outra. Está muito abatida, isso sim ; muito fraca, a voz lenta, mas os olhos serenos, animados como d'antes e sem aquelle fusilar de hontem. Perguntou por vós. . ambos.

Manuel—E pela mãe?

Telmo—Não: nunca mais falou n'ella.

Manuel—Oh filha, filha!...

Jorge—Iremos vêl-a. (*Pega na mão do irmão.*) Tu promettes-me?...

Manuel—Prometto.

Jorge—Vamos.—(*Chamando a Telmo para a bocca da scena.*) Ouvi, Telmo : lembraes-vos do que vos disse esta manhan?

Telmo—Não me heide lembrar?

Jorge—Ficae aqui. Em nós sahindo, puchae aquella corda que vae dar á sineta da sachristia: virá um irmão converso; dizei-lhe o vosso nome, elle ir-se-ha sem mais palavra, e vós esperae. Fechae logo esta porta por dentro, e não abraes senão á minha voz Entendestes?

Telmo—Ide descançado.

SCENA III

TELMO, *depois o* IRMÃO CONVERSO

Telmo (*Vae para deitar a mão á corda, pára suspenso algum tempo e depois*)—Vamos: isto hade ser. (*Ouve-se tocar longe uma sineta: Telmo fica pensativo e com o braço alevantado e immovel.*)

Converso—Quem sois?

Telmo (*Estremecendo.*)—Telmo Paes.

(O Converso faz venia e vae-se.)

SCENA IV

Telmo (*só.*)—Virou-se-me a alma toda com isto: não sou já o mesmo homem. Tinha um presentimento do que havia de acontecer... parecia-me que não podia deixar de succeder... e cuidei que o desejava em quanto não veiu.—Veiu, e fiquei mais aterrado, mais confuso que ninguem!—Meu honrado amo, o filho do meu nobre senhor está vivo... o filho que eu criei n'estes braços... vou saber novas certas d'elle — no fim de vinte annos de o julgarem todos perdido — e eu, eu que sempre esperei, que sempre suspirei, pela sua vinda...—era um milagre que eu esperava sem o crêr! Eu agora tremo... E' que o amor d'est'outra filha, d'esta ultima filha, é maior, e venceu... venceu, apagou o outro. Perdôe-me Deus, se é peccado. Mas que peccado hade haver com aquelle anjo? Se me ella viverá, se escapará d'esta crise terrivel!—Meu Deus, meu Deus! (*Ajoelha.*) Levae o velho que já não presta para nada, levae-o por quem sois! (*Apparece o Romeiro á porta da esquerda, e vem lentamente approximando-se de Telmo que não dá por elle.*) Contentae-vos com este pobre sacrificio da minha vida, Senhor, e não me tomeis dos braços o innocentinho que eu criei para vós, Senhor, para vós... mas ainda não, não m'o leveis ainda. Já padeceu muito, já traspassaram bastantes dores aquella alma: esperae-lhe com a da morte algum tempo!...

SCENA V

TELMO *e o* ROMEIRO

Romeiro—Que não oiça Deus o teu rôgo!

Telmo (*sobresaltado*)—Que voz!—Ah! é o Romeiro. —Que me não oiça Deus! porquê?

Romeiro—Não pedias tu por teu desgraçado amo, pelo filho que creaste?

Telmo (*A'parte*)—Já não sei pedir senão pela outra. (*Alto*) E que pedisse por elle, ou por outrem, porque me não hade ouvir Deus se lhe peço a vida de um innocente?

Romeiro—E quem te disse que elle o era?

Telmo—Esta voz... esta voz!—Romeiro, quem és tu?

Romeiro (*tirando o chapéo e levantando o cabello dos olhos*)—Ninguem, Telmo; ninguem, se nem tu já me conheces.

Telmo (*deitando-se-lhe ás mãos para lh'as beijar*)—Meu amo, meu senhor .. sois vós?—sois, sois.—D. João de Portugal, oh, sois vós, senhor?

Romeiro—Teu filho já não?

Telmo—Meu filho!... Oh! é o meu filho todo; a voz, o rosto... Só estas barbas, este cabello não... Mais branco já que o meu, senhor!

Romeiro—São vinte annos de captiveiro e miseria, de saudades, de âncias que por aqui passaram. Para a cabeça bastou uma noite como a que veiu depois da batalha d'Alcacer; a barba, acabaram de curar o sol da Palestina e as aguas do Jordão.

Telmo—Por tam longe andaste!

Romeiro—E por tam longe eu morrêra!—Mas não quiz Deus assim.

Telmo—Seja feita a sua vontade.

Romeiro—Péza-te?

Telmo—Oh, senhor!

Romeiro—Péza-te?

Telmo—Hade-me pezar da vossa vida? (*A'parte.*) Meu Deus! parece-me que menti...

Romeiro—E porque não, se já me péza a mim d'ella, se tanto me péza ella a mim?—Amigo, ouve... Tu és meu amigo?

Telmo—Não sou?

Romeiro—E's: bem sei. E comtudo, vinte annos de ausencia, e de conversação de novos amigos, fazem esquecer tanto os velhos!... Mas tu és meu amigo? E se tu o não fôras quem o seria?

Telmo—Senhor!

Romeiro—Eu não quiz acabar com isto, não quiz pôr em effeito a minha ultima resolução sem falar comtigo, sem ouvir da tua bocca...

Telmo—O que quereis que vos diga, senhor?—Eu...

Romeiro—Tu, bem sei que duvidaste sempre da minha morte, que não quizeste ceder a nenhuma evidencia; não me admirou de ti, meu Telmo. Mas tambem não posso—Deus me ouve—não posso criminar ninguem porque o acreditasse: as próvas eram de convencer todo o ânimo; só lhe podia resistir o coração. E aqui... coração que fosse meu... não havia outro

Telmo—Sois injusto.

Romeiro—Bem sei o que queres dizer.—E é verdade isso? é verdade que por toda a parte me procuraram, que por toda a parte... ella mandou mensageiros, dinheiro?

Telmo—Como é certo estar Deus no céo, como é verdade ser aquella a mais honrada e virtuosa dama que tem Portugal.

Romeiro—Basta: vae dizer-lhe que o peregrino era um impostor, que desappareceu, que ninguem

mais houve novas d'elle; que tudo isto foi vil e grosseiro embuste dos inimigos de... dos inimigos d'esse homem que ella ama .. E que socegue, que seja feliz.—Telmo, adeus!

Telmo—E eu heide mentir, senhor, eu heide renegar de vós, como ruim vilão que não sou?

Romeiro—Hasde, porque eu te mando.

Telmo (*Em grande anciedade.*)—Senhor, senhor, não tenteis a fidelidade do vosso servo. E' que vós não sabeis... D. João, meu senhor, meu amo, meu filho, vós não sabeis...

Romeiro—O quê?

Telmo—Que ha aqui um anjo... uma outra filha minha, senhor, que eu tambem criei...

Romeiro—E a quem já queres mais que a mim; dize a verdade.

Telmo—Não m'o pergunteis.

Romeiro—Nem é preciso. Assim devia de ser Tambem tu!—Tiraram-me tudo (*Pausa*) — E têm um filho elles?...—Eu não ..—E mais, imagino... Oh passaram hoje peior noite do que eu. Que lh'o leve Deus em conta e lhes perdôe como eu perdoei já.—Telmo, vae fazer o que te mandei.

Telmo—Meu Deus, meu Deus! que heide eu fazer?

Romeiro—O que te ordena teu amo.—Telmo, dá-me um abraço. (*Abraçam-se.*) Adeus, adeus até...

Telmo (*Com anciedade crescente.*)—Até quando, senhor?

Romeiro—Até ao dia de juizo.

Telmo—Pois vós?..

Romeiro—Eu...—Vae, saberás de mim quando fôr tempo. Agora é preciso remediar o mal feito. Fui imprudente, fui injusto, fui duro e cruel. E para quê?—D João de Portugal morreu no dia em que sua mulher disse que elle morrêra. Sua mulher honrada e virtuosa, sua mulher que elle amava .. oh Telmo, Telmo, com que amor a amava eu! — Sua mulher que elle já não póde amar sem deshonra e vergonha!?.. Na hora em que ella acreditou na minha morte, n'essa hora morri. Com a mão que deu a outro riscou-me do numero dos vivos. D. João de Portugal não hade deshonrar a sua viuva. Não: vae; dito por ti terá dobrada força: dize-lhe que falaste com o romeiro, que o examinaste, que o convenceste de falso e de impostor... dize o que quizeres, mas salva-a a ella da vergonha, e ao meu nome da affronta. De mim já não ha senão esse nome, ainda honrado; a memória d'elle que fique sem mancha.—Está em tuas mãos, Telmo, entrego-te mais que a minha vida. Queres faltar-me agora?

Telmo—Não, meu senhor; a resolução é nobre e digna de vós. Mas póde ella approveitar ainda?

Romeiro—Porque não?

Telmo—Eu sei!—Talvez...

SCENA VI

ROMEIRO, TELMO; e MAGDALENA (*de fóra á porta do fundo.*)

Magdalena—Espôso, espôso! abri-me, por quem sois. Bem sei que aqui estaes: abri.

Romeiro—E' ella que me chama. Santo Deus! Magdalena que chama por mim...

Telmo—Por vós!

Romeiro—Pois por quem?... não lhe ouvis gritar: —«Espôso, espôso?»

Magdalena—Marido da minha alma, pelo nosso amor te peço, pelos doces nomes que me déste, pelas memorias da nossa felicidade antiga, pelas saudades de tanto amor e tanta ventura, oh! não me negues este ultimo favor.

Romeiro—Que encanto, que seducção! Como lhe heide resistir!

Magdalena—Meu marido, meu amor, meu Manuel!

Romeiro—Ah!... E eu tam cego que já tomava para mim!...—Céo e inferno! abra-se esta porta .. (*Investe para a porta com impeto; mas pára de repente.*) Não: o que é dito, é dito. (*Vae precipitadamente á corda da sineta, toca com violencia; apparece o mesmo irmão converso, e a um signal do Romeiro ambos desapparecem pela porta da esquerda.*)

SCENA VII

TELMO, MAGDALENA; *depois* JORGE *e* MANUEL DE SOUSA

Magdalena (*Ainda de fóra.*)—Jorge, meu irmão, Frei Jorge, vós estaes ahi, que eu bem sei; abri-me por caridade, deixae-me dizer uma unica palavra a meu .. a vosso irmão:—e não vos importuno mais, e farei tudo o que de mim quereis, e... (*Ouve-se do mesmo lado ruido de passos apressados, e logo a voz de Frei Jorge.*)

Jorge (*de fóra*)—Telmo, Telmo, abri, se podeis... abri já.

Telmo (*abrindo a porta*)—Aqui estou eu só.

Magdalena (*entrando desgrenhada e fóra de si, procurando, com os olhos, todos os recantos da casa.*) —Estaveis aqui só, Telmo! E elle para onde foi?

Telmo—Elle quem, senhora?

Jorge (*vindo á frente*)—Telmo estava aqui guardando por mim, e com ordem de não abrir a ninguem em quanto eu não viesse.

Magdalena—Aqui havia duas vozes que fallavam:

Telmo (*aterrado*)—Ouviste?

Magdalena—Sim, ouvi. Onde está elle, Telmo? onde está meu marido. . Manuel de Sousa?

Manuel—(*que tem estado no fundo, em quanto Magdalena sem o vêr, se adiantara para a scena, vem agora á frente*)—Esse homem está aqui, senhora; que lhe quereis?

Magdalena—Oh que ár, que tom, que modo esse com que me falas!...

Manuel (*enternecendo-se*)—Magdalena... (*Cahindo em si e gravemente*) Senhora, como quereis que vos falle, que quereis que vos diga?—Não está tudo dito entre nós?

Magdalena—Tudo! quem sabe? Eu parece-me que não. Olha: eu sei?... mas não dariamos nós, com demasiada precipitação, uma fé tam céga; uma crença tam implicita a essas mysteriosas palavras de um romeiro, um vagabundo... um homem emfim que ninguem conhece? Pois dize...

Telmo (*á parte a Jorge*)—Tenho que vos dizer, ouvi. (*Conversam ambos áparte.*)

Manuel—Oh Magdalena, Magdalena! não tenho mais nada que te dizer. -Crê-me, que t'o juro na presença de Deus: a nossa união, o nosso amor é impossivel.

Jorge (*continuando a conversação com Telmo, e levantando a voz com aspereza*)—E' impossivel, j'agora.. —e sempre o devia ser.

Magdalena (*virando-se para Jorge*)—Tambem tu, Jorge!

Jorge (*virando-se para ella*)—Eu falava com Telmo, minha irman.—(*Para Telmo*) Ide, Telmo, ide onde vos disse, que sois mais preciso lá. (*Falalhe ao ouvido; depois alto*) Não m'a deixes um instante, ao menos até passar a hora fatal

(Telmo sae com repugnancia, e rodeando para vêr se chega ao pé de Magdalena. Jorge, que o percebe, faz-lhe um signal imperioso; elle recúa, e finalmente se retira pelo fundo.)

SCENA VIII

MAGDALENA, MANUEL DE SOUSA, JORGE

Magdalena—Jorge, meu irmão, meu bom Jorge, vós, que sois tam prudente e reflectido, não daes nenhum pêso ás minhas duvidas?

Jorge--Tomára eu ser tam feliz que podesse, querida irman.

Magdalena--Pois entendeis?. .

Manuel—Magdalena... senhora! Todas estas coisas são já indignas de nós.—Até hontem, a nossa desculpa, para com Deus e para com os homens, estava na boa fé e seguridade de nossas consciencias. Essa acabou. Para nós já não ha senão estas mortalhas, (*tomando os habitos de cima da banca*) e a sepultura de um claustro.—A resolução que tomámos é a unica possivel; e já não ha que voltar atraz... Ainda hontem falavamos dos condes de Vimioso... Quem nos diria... oh incomprehensiveis mysterios de Deus!... Animo, e ponhamos os olhos n'aquella cruz!—Pela ultima vez, Magdalena... pela derradeira vez n'este mundo, querida... (*Vae para a abraçar e recúa*) Adeus, adeus! (*Foge precipitadamente pela porta da esquerda.*)

SCENA IX

MAGDALENA, JORGE; (*Côro dos frades dentro*)

Magdalena—Ouve, espera; uma só palavra; Manuel de Sousa!... (*Toca o orgam dentro.*)

Côro (*dentro*)--De profundis clamavi ad te, Domine; Domine, exaudi vocem meam.

Magdalena (*indo abraçar-se com a cruz*)--Oh Deus, senhor meu! pois já, já? nem mais um instante, meu Deus?—Cruz do meu Redemptor, oh cruz preciosa, refugio de infelizes, ampara-me tu, que me abandonaram todos n'este mundo, e já não posso com as minhas desgraças... e estou feita um espectaculo de dôr e de espanto para o céo e para a terra!--Tomae, senhor, tomae tudo...—A minha filha tambem?... Oh! a minha filha, a minha filha... tambem essa vos dou, meu Deus--E agora, que mais quereis de mim, Senhor? (*Toca o orgam outra vez.*)

Côro (*dentro*)—Fiant aures tuae intendentes; in vocem deprecationis meae.

Jorge--Vinde, minha irman, é a voz do Senhor que vos chama. Vae começar a santa cerimonia.

Magdalena (*enchugando as lagrimas e com resolução*)--Elle foi?

Jorge--Foi sim, minha irman.

Magdalena (*levantando-se*)—E eu vou. (*Sáem ambos pela porta do fundo.*)

SCENA X

Corre o panno do fundo, e apparece a egreja de San-Paulo: os frades sentados no côro. Em pé junto ao altar-mór, o PRIOR DE BEMFICA. *Sôbre o altar dois escapularios dominicanos.* MANUEL DE SOUSA *de joelhos com o habito de noviço vestido, á direita do Prior*, o ARCEBISPO *de capa magna e barrete no seu throno, rodeado dos seus clerigos em sobrepelizes. Pouco depois entra* JORGE *acompanhando* MAGDALENA *tambem já vestida de noviça e que vae ajoelhar á esquerda do Prior.— Toca o orgam.*

Côro—Si iniquiiates observaveris, Domine; Domine, quis sustinebit?

Prior (*tomando os escapularios de cima do altar*)—Manuel de Sousa Coutinho, irmão Luiz de Sousa, pois em tudo quizestes despir o homem velho, abandonando tambem ao mundo o nome que n'elle tinheis!—Soror Magdalena! Vós ambos, que já fostes nobres senhores no mundo, e aqui estaes prostrados no pó da terra, n'esse humilde habito de pobres noviços; que deixastes tudo até vos deixar a vós mesmos. . filhos de Jesus Christo, e agora de nosso padre San'Domingos, recebei com este bento escapulario...

SCENA XI

O PRIOR DE BEMFICA, *o* ARCEBISPO, MANUEL DE SOUSA, MAGDALENA, etc. MARIA (*que entra precipitadamente pela egreja em estado de completa alienação; traz umas roupas brancas, desalinhadas e cahidas, os cabellos soltos, o rosto macerado, mas inflammado com as rosetas ethicas; os olhos desvairados; pára um momento, reconhece os paes, e vae direita a elles.—Espanto geral: a ceremonia interrompe-se.*)

Maria—Meu pae, meu pae, minha mãe! levantae-vos, vinde (*Toma-os pelas mãos: elles obedecem machinalmente, vêm ao meio da scena: confusão geral.*)

Magdalena—Maria! minha filha!

Manuel—Filha, filha!... Oh, minha filha... (*Abraçam-se ambos n'ella.*)

Maria (*separando-se com elles da outra gente, e trazendo os para a bocca da scena*)— Esperae: aqui não morre ninguem sem mim. Que quereis fazer? Que cerimonias são estas? Que Deus é esse que está n'esse altar, e quer roubar o pae e a mãe a sua filha?—(*Para os circumstantes*) Vós quem sois, espectros fataes?... quereis-m'os tirar dos meus braços?... Esta é a minha mãe, este é o meu pae... Que me importa a mim com o outro? Que morresse ou não, que esteja com os mortos ou com os vivos—que se fique na cova ou que resuscite agora para me matar?... Mate-me, mate-me, se quer, mas deixe-me este pae, esta mãe que são meus.—Não ha mais do que vir ao meio de uma familia e dizer: ‚Vós não sois marido e mulher?... e esta filha do vosso amor, esta filha criada ao collo de tantas meiguices, de tanta ternura, esta filha é...—Mãe, mãe, eu bem o sabia. . nunca t'o disse, mas sabia-o: tinha-m'o dito aquelle anjo terrivel que me apparecia todas as noites para me não deixar dormir... aquelle anjo que descia com uma espada de chammas na mão, e a atravessava entre mim e ti, que me arrancava dos teus braços quando eu adormecia n'elles... que me fazia chorar quando meu pae ia beijar-me no teu collo.—Mãe, mãe, tu não hasde morrer sem mim... Pae, dá cá um panno da tua mortalha... dá cá, eu quero morrer antes que elle venha: (*Encolhendo-se no habito do pae.*) Quero-me esconder aqui, antes que venha esse homem do outro mundo dizer-me na minha cara e na tua—aqui deante de toda esta gente: ‚Essa filha é a filha do crime e do peccado!... Não sou; dize, meu pae, não sou... dize a essa gente toda, dize que não sou. (*Vae para Mgdalena*). Pobre mãe! tu não podes... coitada!... não tens animo...—nunca mentiste?... Pois mente agora para salvar a honra de tua filha, para que lhe não tirem o nome de seu pae.

Manuel—Misericordia, meu Deus!

Maria—Não queres? Tu tambem não, pae?—Não querem. E eu heide morrer assim... e elle vem ahi...

SCENA XII

MARIA, MAGDALENA, MANUEL;
o ROMEIRO e TELMO *que apparecem no fundo da scena sahindo detraz do altar-mór*

Romeiro (*para Telmo*)—Vae, vae; vê se ainda é tempo; salva-os, que ainda podes. . (*Telmo dá alguns passos para deante.*)

Maria (*apontando para o Romeiro*)—E' aquella voz, e elle—Já não é tempo... Minha mãe, meu pae, cubri-me bem estas faces, que morro de vergo-

nha... (*Esconde o rosto no seio da mãe*) morro, morro... de vergonha... (*Cae e fica morta no chão. Manuel de Sousa e Magdalena prostram-se ao pé do cadaver da filha.*)

Manuel (*depois de algum espaço, levanta-se de joelhos*)—Minha irman, rezemos por alma... encommendemos a nossa alma a este anjo que Deus levou para si. Padre Prior, podeis-me lançar aqui o escapulario?

Prior (*indo buscar os escapularios ao altar-mór e tornando*)—Meus irmãos, Deus afflige n'este mundo áquelles que ama. A corôa de gloria não se dá senão no céo.

(*Toca o orgam; cae o panno*)

NOTAS

A Memoria ao Conservatorio

Nota A

Todos ficaram atraz de Camões, porque todos o quizeram enfeitar (o assumpto de Ignez de Castro) julgando dar-lhe mais interêsse .... pag. 770

Ignez de Castro, o mais bello e poetico episodio do riquissimo *romance* da historia portugueza, está por tratar ainda, ou eu muito me engano. Camões fez o que fizeram todos os grandes poetas nacionaes chamados por sua augusta missão a enfeixar, n'um magnifico e perpetuo monumento, todas as glorias, todas as tradições poeticas de um povo: este é o caracter da sua epopeia e de todas as verdadeiras epopeias; fixam as crenças e a historia maravilhosa de uma nação, são ellas mesmas parte consubstancial, typica e quasi hieratica d'essa nacionalidade que consagraram pela religião da poesia. Taes foram para os gregos os dois poemas de Homero, para os persas o *Scháhnámeh* (Livro dos Reis) de Firdusi, para os povos do norte o *Niebelungen*, para as nações christans do meio dia o *Orlándo* de Ariosto. E por isto nos mais antigos se duvída ainda hoje de seu verdadeiro auctor, que alguns não querem que seja senão collector, como o nome de rhapsodias, dado aos cantos de Homero, parece inculcar.

Nem eu nem o logar somos proprios para se decidir a questão. O que para mim é decidido é que o nosso Homero portuguez deu ao seu poema o cunho e caracter de epopeia nacional quando n'elle reuniu todas as nossas mais queridas memorias e recordações antigas, desde Viriato, o vencedor dos Romanos, até D. João de Castro o triumphador romano. Assim juntou todas as rhapsodias do romance portuguez, e fez a *Iliada* dos Lusitanos. Ignez de Castro entrou no quadro como elle a achou nas tradições populares, e nas chronicas velhas, que pouco mais eram do que as tradições populares, escriptas,—ou como então se diria, «postas por escriptura.» A pintura é rapida, e bella da simplicidade antiga dos grandes pinceis, como só os sabe menear a poesia popular; não pécca senão nos ornatos classicos do máo gôsto da Renascença a que por vezes sacrificou o grande poeta; tal é a fala de Ignez a el-rei ..

O romance de Garcia de Rezende não tem esse defeito: tem menos d'elle a tragedia de Antonio Ferreira, apezar de tam moldada pelos exemplares gregos. Mas estas são as tres composições sôbre Ignez de Castro que verdadeiramente se approximaram do assumpto. O mais tudo que produziu a litteratura portugueza e castelhana, e que reproduziram tam descorado as extranhas, está abaixo da craveira.

Exceptuemos todavia as Chronicas antigas, que são mais poeticas na sua prosa tam sincera, do que a maior parte dos poetas que as traduziram para a affectação das suas rhymas.

Não haverá um portuguez que se affoite a competir por este grande premio, o maior que a litteratura patria tem levantado no meio da arena poetica? Precisa, é verdade, ser um Shakspeare ou um Schiller: sobretudo precisa esquecer todos os exemplares classicos e romanticos, não querer fazer á Racine ou á Victor Hugo, á maneira d'este grego ou d'aquelloutro latino ou d'est'outro inglez, e «crear-se a si» para o assumpto. O que principalmente falta é esta resolução.

Nota B

Se eu podesse tomar nas mãos o scopro de Canova ou de Torwaldsen.. pag. 770

Não escrevi esta phrase á tôa: é uma convicção minha que na poesia da linguagem o genero parallelo á Estatuaria é a Tragedia: assim como a Epopeia á grande architectura: e os outros generos, especies e variedades litterarias aos seus correspondente na Pintura: ode á alegoria, idylio á paizagem, epigramma á caricatura, romance e drama ao quadro historico, e assim os mais. A Musica segue as divisõas da Poesia falada, cuja irman gemea nasceu. Ao cabo, ARTE é uma só, expressada por variados modos segundo são variados os sentidos do homem. Em vez de tantos mestres de rhetorica e poetica, ou de litteratura como agora creio que se chamam, um só que desenvolvesse esta doutrina tam simples como verdadeira, aproveitava no curso de um anno o que elles perdem e têm perdirdo em muitas dezenas.

Nota C

Esta é uma verdadeira tragedia—se as póde haver, e como só imagino que as possa haver sobre factos e pessoas comparativamente recentes.................... ... pag. 771

Racine desculpa-se de ter posto na scena tragica um assumpto tam moderno como Bajazet, julgando supprido o deffeito da edade com a distancia do logar, a diversidade dos costumes e o mysterio das coisas do serralho. Nos assumptos nacionaes, porém, ao menos para nós, ha um termo além do qual a scena não supporta o verso. D. Sebastião é talvez o último caracter historico a quem ainda podessemos ouvir recitar hendecasyllabos: d'ahi para cá duvido. Do tempo de Frei Luiz de Sousa póde ser que ainda se ature o verso em assumpto ou bem tragico ou bem heroico: dependerá porém muito do modo por que os fizerem, e os declamarem, os taes versos.

Nota D

O nosso verso sôlto está provado que é docil e ingenuo bastante para dar todos os effeitos d'arte sem quebrar na natureza.................... .... pag. 771

Todavia o rythmo dramatico está ainda por afferir entre nós. Nem os Gregos nem os Latinos nem os Inglezes nem os Allemães escreveram as suas tragedias no mesmo metro que as suas epopeias. Fazem-n'o os Francezes porque mais não podem, com a mofina lingua que Deus lhes deu. Os Castelhanos tambem não punham no theatro quasi outro verso mais que a redondilha popular. Gil Vicente usou de todos os metros possiveis em portuguez, mas rarissima vez do endecasyllabo. E todavia este é quasi o unico a que a prosodia da lingua dá harmonia e força bastante para soar bem sem rima. Que se hade fazer? Variar-lhe o rhytmo, quebrar-lhe a monotonia da cadencia, como fez Alfieri, a quem todavia o toscano faltou com as desinencias fortes que não tem, e que no portuguez abundam tanto.

Quando para a tragedia, creio que é este o unico expediente; n'outros generos de drama entendo que se póde tentar o exemplo dos Castelhanos.

Ainda hoje o Sr. Breton-de-los-Herreros e o proprio Sr. Martinez de-la-Rosa estão metrificando comedias, puramente comedias, em verso de redondilha, o octasyllabo que não menos popular e natural é n'esta nossa que n'aquell'outra lingua das Hespanhas.

D'esta e de outras coisas que taes é que se devia occupar a nossa Academia e o nosso Conservatorio.

Nota E

Ao cadaver das platéas gastas e cacheticas pelo uso continuo de stimulantes violentos, galvanisál o com sós estes dois metaes de lei (o terror e piedade.)........ pag. 771

N'este ponto sou mais classico do que Aristoteles, mais estacionario que o velho Horacio, e mais orthodoxo do que Racine. Na tragedia e no drama tragico não podem entrar outros affectos. O horror, o asco, serão bons—não sei se são—para o drama a que, por falta de melhor nome talvez, chamam grande. Este ultimo genero porém, que muitos querem que não seja senão uma especie hybrida ou uma aberração, este genero, digo, tem sobretudo provado a sua incapacidade para exercer o predominio na scena, pela desmoralisação artistica com que tem corrompido o publico. Symbolo e reflexo da anarchia, não põe limites aos desejos, devassa e franqueia tudo: em pouco tempo gasta-se, com ella, sobre si mesmo.

Não lhe fica mais que dar nem que esperor. A tendencia natural do publico, depois das saturnaes da escóla Ultra-romantica, é portanto toda para a ordem, para as regras, para o regimen da moderação... Felizmente na litteratura não ha oligarchias, á espreita d'estes cansassos e tendencias populares, para as grangear fraudulentamente em proveito do privilegio e do absolutismo.

Nota F

Não subiu ao carro de Thespis, não bezuntou a cara com bôrras de vinho para fazer visagens ao povo.... pag. 771

A escóla romantica foi tam manifesta reacção contra os vicios e abusos dos ultra classicos, tal e tam perfeita como a do liberalismo contra a corrupta monarchia feudal. Ambas cahiram na anarchia pelo forte impulso que traziam, ambas destruiram muito porque podiam, e edificaram pouco porque não sabiam; ambas têm de oscilar ainda muito, antes que se ache o verdadeiro equilibrio das coisas sem voltar ao impossivel que acabou, nem ir para o impossivel que nunca hade ser. N'estas duas questões anda o mundo: questões que estão mais ligadas e dependentes do que cuida o vulgar dos patetas—chamados homens d'Estado, porque outra coisa não sabem ser—e o vulgar dos timidos litteratos que, ou *non bene relicta parmula* nos campos das disputas civis, se condemnam a soneteiros de bastardos Mecenas, ou abdicam a augusta corôa de poeta popular que em nossos tempos, como nos de Alceu e de Sophocles, e como nos de Dante, tem espinhos debaixo dos loiros e precisa tanta coragem como talento para se trazer com dignidade.—E a vida da carne é tam curta para o homem de lettras!. . a da gloria não lhe põem termo os homens.

Nota G

A litteratura actual é a palavra, é o verbo ainda balbuciante de uma sociedade indefinida, e comtudo já influe sobre ella.................................... pag. 771

Esta continua e reciproca influencia da litteratura sobre a sociedade, e da sociedade sobre a litteratura, é um dos phenomenos mais dignos da observação do philosopho. Quando a historia fôr verdadeiramente o que deve ser—e já tende para isso—ha-de falar menos em batalhas, em datas de nascimentos, casamentos e mortes de principes, e mais na legislação, nos costumes e na litteratura dos povos.—Quem vier a escrever e a estudar a historia d'este nosso seculo nem a entenderá nem a fará entender decerto, se o não fizer pelos livros dos sabios, dos poetas, dos moralistas que caracterizam a epoca, e são ao mesmo tempo causa e effeito de seus mais graves successos.

Nossos barbaros avoengos não conheciam outro poder senão a força—a força material; d'ahi não historiaram senão d'ella. As rhapsodias de historia legislativa e litteraria que algum adepto redigia, mais por curiosidade ou por espirito de classe do que por outra coisa, não eram obras populares, nem foram nunca havidas por taes, nem por quem as escrevia, nem por quem as lia. Assim tam difficil é hoje o trabalho de ligar e comparar umas historias com outras para poder achar a historia nacional. Mas deve ser muito estupido o que não vir melhor a historia de D Manuel em Gil Vicente do que em Damião de Goes, e a d'el-rei D. José nas leis do Marquez de Pombal e nos escriptos de José de Seabra do que nas gazetas do tempo, ou ainda nas proprias memorias mais intimas de seus amigos e inimigos

Nas obras de Chateaubriand e de Guizot, de Delavigne e Lamartine, nas de Victor Hugo e até de George Sand, nas de Lamennais e de Cousin está o seculo dezenove com todas as suas tendencias indefinidas e vagas, com todas as suas timidas saudades do passado, seus terrores do futuro, sua desanimada incredulidade no presente. Falo da França porque é o coração da Europa: de Lisboa a San'Petersburgo, d'ahi ao rio de Janeiro e a Washington, os membros todos do grande corpo social d'alli recebem e para alli refluem os mesmos accidentes de vida.

Nota H

A Comedia famosa não sei de quem, mas o assumpto era este mesmo.. pag. 772

Revolvi muitas collecções de *Comedias famosas*, que são bastantes e volumosas as que temos em Lisboa, e não pude achar aquella que vi na Povoa em 1818. É tam difficil ter aqui informações litterarias dos nossos visinhos d'aopé da porta, que abandonei a empreza de a descobrir, apezar do vivo interesse que n'isso tinha.—E' mágoa e perda que duas litteraturas que tanto ganhariam em se entender e ajudar reciprocamente, como é a nossa e a castelhana, estejam hoje mais extranhas uma á outra do que talvez nenhumas conhecidas na Europa.

Nota I

Que me não julguem sobre dados falsos e que eu não tomei para assentar o problema que procurava resolver.. pag 771

Uma obra d'arte, seja qual fôr, não póde ser julgada pelas regras que á critica lhe apraz estabelecer-lhe, senão pelas que o autor invocou e tomou para sua norma. De não entenderem ou não quererem entender este principio de eterna verdade e justiça, os encontrados anathemas com que, vae n'um seculo, se estão fulminando classicos e romanticos uns aos outros. O theatro inglez era uma galeria de monstruosidade repugnante para Voltaire e para toda a Academia franceza; as mais suaves modulações da musa de Racine pareceram *trilos* de capados da capella do papa a Schlegel e a toda a escóla shakspeareana d'além do Rhin e da Mancha.

Qual tinha razão? Nenhum.

Nota J

O drama, o *Captivo de Fez*.......... .... pag. 772

O relatorio da commissão do Conservatorio Real é datado de 18 de Dezembro de 1840.

Nota K

Eu sacrifico ás musas de Homero não ás de Herodoto. pag. 772

Herodoto dividiu a sua Historia, como todos sabem, em nove livros ou secções, cada uma das quaes tem o nome ou titulo de uma das nove Musas. A historia, assim como a poesia, eram para os antigos coisas sagradas e religiosas que não tratavam senão debaixo da invocação dos deuses. E as Musas, filhas da memoria, não eram o symbolo nem a inspiração dos bellos fingimentos, mas da verdade bellamente narrada. Quantas fábulas tem a *Iliada* e a *Odysseo*, não as houve por taes o poeta; senão por tradições e crenças respeitadas e respeitaveis no seu tempo. Herodoto tam pouco imaginava entrar nas provincias da poesia quando narrava as incriveis maravilhas que elle e os seus contemporaneos tinham por historia.

Nota L

O primeiro nascer do absolutismo novo, ou que deu molde a todos o absolutismos modernos, o que vale o mesmo.. peg. 773

O despotismo asiatico antigo era o principio, era a regra; o absolutismo europeu moderno é o facto, a excepção, a deviação. Os despotismos da Asia, como então eram e ainda hoje são, nascem da exageração do governo patriarchal do chefe da familia, da tribu, da nação. O absolutismo europeu é a usurpação dos direitos do povo: lá a coisa publica formou-se pelo principe e com elle; aqui é o principe que se impoz á republica. Desde Julio Cesar até agora, a origem de todas as monarchias absolutas na Europa, a fundação de todas as suas dynastias tem sido a usurpação mais ou menos violenta, mais ou menos flagrante, mais ou menos astuciosa, dos direitos da nação por um homem.

Nota M

Para vêr... se os nossos jovens escriptores... entravam por sua antiga historia a descobrir campo, a colher pelas ruinas de seus tempos heroicos os typos de uma poesia mais nacional e mais natural.................... pag. 773

Por muitos defeitos que se possam notar na nossa litteratura actual, ninguem poderá todavia asseverar que ella não seja mais natural e mais nacional, do que a sua immediata predecessora. Os sonetos, as eglogas, as odes pindaricas e os dithyrambos que, até o primeiro quarto d'este seculo, eram a glória dos Arcades da segunda camada, os *Jonios* e os *Josinos*, os *Elmiros* e os *Belmiros*, teriam talvez—e creio que tinham—menos erros de linguagem e menos faltas de estylo do que têm os romances e os dramas de tantos rapazes de muito e de pouco talento que por ahi se deitam hoje a escrever. Mas tambem não tinham um pensamento, uma idéa, quasi uma phrase que não fosse copiada, imitada servilmente. Quem cantava um assumpto nacional, quem descrevia um sitio da sua terra, quem recorria a outro maravilhoso que não fosse o do Olympo? Toda a nossa litteratura era franceza com o reflexo grego e latino; ainda quando os assumptos eram nacionaes, não passava a nacionalidade dos nomes dos heroes, ou dos titulos dos poemas. O Garção, o Tolentino e Francisco Manuel vê-se que sentiam a falsidade do tom em que estavam afinadas as suas bellas e riquissimas lyras, mas certamente lhes faltou a coragem para romper com os preconceitos academicos ainda muito poderosos então. Bocage teria podido fazêl-o; mas aquelle pasmoso talento nunca reflectiu no que era e podia, nem na alta missão a que o chamavam, tanto o seu genio como a sua popularidade.

Não me atrevo a dizer que já temos uma litteratura nacional, nem sequer sei se chegaremos a isso; mas é sem duvida que para lá caminhâmos, e com mais largos e mais certos passos do que nunca, desde os *Lusiadas* para cá.

Ao Drama — Acto primeiro

Nota A

Todo o luxo e caprichosa elegancia portugueza dos principios do seculo dezesete...................... pag. 775

Citarei o interessante Ms. descoberto pelo Sr. Alexandre Herculano na bibliotheca real da Ajuda, e do qual alguns extractos já foram publicados no PANORAMA de 1843.

«Postoque Lisboa seja tamanha e tam nobre povoação, não tem palacio algum de burguez ou de fidalgo que mereça consideração quanto á materia; e quanto a architectura, são edificios muito grandes. Ornam os porém de tal modo, que na verdade ficam magnificos. Costumam forrar os aposentos de razes, de damascos e de finissimos razes no inverno, e no verão de couros dourados mui ricos que se fabricam n'aquella cidade.»

(*Ms. da Bibl. d'Ajuda.*)

Nota B

N'aquelle engano d'alma ledo e cego.
Que a fortuna não deixa durar muito............ pag. 775

Os *Luziadas* eram de certo então, no principio do seculo dezesete, um livro da moda e que devia andar sobre o bufete de todas as damas elegantes. Hoje está provado que só no primeiro anno da sua publicação se fizeram em Lisboa duas edições, que por sua grande similhança confundiram muito tempo os criticos e bibliophilos. Até o anno de 1613, epoca da separação de Manuel de Sousa Coutinho e D. Magdalena de Vilhena, as edições dos *Luziadas* eram já nove, desde a primeira de 1572 até á do referido anno de 1613, que é a dos celebres commentarios de Manuel Correia, feita por Pedro Crasbeeck. Das *Rhymas* contam-se tres edições no mesmo periodo, a quarta fez se no seguinte anno de 1614. Dois Autos tinham sahido na collecção do Prestes.

Nota C

E assim foi seu pae antes d'elle................. pag. 775

Lopo de Sousa Coutinho, pae de Frei Luiz de Sousa, era natural de Santarem, filho de Fernão Coutinho, e bisneto do segundo conde de Marialva, D. Gonçalo Coutinho. Serviu na India com muita distinção desde a edade de dezoite annos, no governo de Nuno da Cunha. Voltando ao reino, foi muito estimado de D. João III, que lhe deu o governo da Mina. D'alli tornou com a merecida reputação de honestidade e zêlo; e succedendo na casa a seu irmão mais velho, Rui Lopes, que falecera, casou com D. Maria de Noronha, dama da rainha D. Catharina, de quem teve os seguintes filhos: Rui Lopes Coutinho, Lopo de Sousa Coutinho, Gonçalo Vaz Coutinho, Manuel (depois Frei Luiz) de Sousa Coutinho, João Rodrigues Coutinho, André de Sousa Coutinho, N... (que foi provincial dos Gracianos) e Jorge Coutinho, depois Frei Jorge de Jesus.—Barbosa dá-lhe mais tambem uma filha, D. Anna de Noronha, freira nas Donas de Santarem.

Era Lopo de Sousa grande cultor das lettras e das sciencias, sabia a physica e as mathematicas, foi profundo na litteratura antiga e professava, como todos os bons espiritos do seu tempo, a poesia. «Uniu com tudo isto» diz o Sr. Bispo de Vizeu «grande religião, pureza de costumes e tal isenção no serviço do rei e da patria, que nunca solicitou premios, nem pediu compensações da fazenda que despendera largamente quando visitou os logares d'Africa, e *exercitou* o posto de capitão mór da armada da côrte. Tam nobres prendas e tamanhos serviços o faziam digno de respeito, a que obrigava ainda mais a sua presença veneravel; de tal sorte que até el-rei, se refere que «lhe não falava sem indicios de grande consideração.»

A phrase de Frei Antonio da Encarnação é mais mimosa e portugueza: «A presença e gravidade da pessoa era tal, que dizem que o mesmo rei se *compunha* quando falava com elle »

Escreveu varias obras, que aponta Barbosa: dois livros do *Cêrco de Diu*, Coimbra por João Alvares 1556, fol.;—um livro da *Perdição de Manuel de Sousa de Sepulveda*, 4.º;—varias obras poeticas no *Cancioneiro geral* de Anvers 1570;—traducções do Lucano e de Seneca tragico; e *Emprêsas de illustres Varões portuguezes na India*. Ms.—Frei Antonio da Encarnação menciona tambem escriptos mathematicos, provavelmente Ms. de que não ha outra noticia.

V. Prologo á II parte da *Hist. de S. Domingos*; Fr. José da Natividade, *Agiolog. Domin.*; *Histor. Genealog.* t XII; e *Bibliothec. Lus*; *Memor. da Academ. R. das Sc*, de Lisboa, t. VIII, p. I. 1823.

Nota D

Aquelle mercador inglez da rua-Nova, que aqui vem ás veves, tem-me dito suas coisas que me quadram. pag. 775

A rua-Nova era o Chiado de então, a *rue de La-Paix*, o *Regent street* da Lisboa, capital d'aquella immensa monharcia que D. Sebastião ainda deixou. Cito outra vez a Ralação ou viagem dos Venezianos Tron e Lippomani:

«Quando as ruas em geral são más e incommodas para andar, assim a pé como em coche, tanto é facil, deleitosa e bella a rua Nova pelo seu cumprimento e largueza, mas sobretudo por ser ornada de uma infinidade de lojas cheias de diversas mercadorias para uso de nobre e real povoação »

(*Ms. da Bibl. real d'Ajuda.*)

Nota E

Herege d'esta seita nova d'Allemanha ou de Inglaterra. pag. 775

Até em Portugal, o paiz mais exclusivamente catholico da terra, não deixou de fazer sua impressão a lucta pela liberdade religiosa que no seculo XVI tanto amotinou o norte da Europa. Até aqui a reforma teve, se não proselytos determinados, pelo menos seus admiradores que sympathisavam com certos principios proclamados pelos christãos dissidentes. Um dos caracteres mais illustres da epoca, e que mais illustravam então na Europa o nome portuguez, Damião de Goes, foi suspeito e accusapo—cuido que não sem algum fundamento—de sua intelligencia com os reformistas de Allemanha.

Nota F

O escudeiro valido. o familiar quasi parente, o amigo velho e provado de teus amos........................ pag 775

D'estes antigos familiares das casas illustres, ou que viviam a lei de nobreza, ainda na minha infancia conheci alguns representantes. Nas provincias, e principalmente nas do norte, até o comêço deste seculo, o escudeiro não era um criado, era um companheiro, muitas vezes nem inferior em nobreza, e só dependente pela fortuna. Foi o ultimo vestigio do pouco que havia de patriarchal nos habitos feudaes, O escudeiro é uma figura caracteristica no quadro dos costumes portuguezes, emquanto os houve; e hoje mais interessante depois que se apagou toda a physionomia nacional com as modas e usos extranhos, nem sempre mais elegantes que os nossos.

Nota G

E' a minha unica filha: não tenho... nunca tivemos outra.. pag. 776

D. Magdalena de Vilhena, filha herdeira de Francisco de Sousa Tavares, capitão-mór do mar da India a das fortalezas de Cananor e Diu, e de D. Maria da Silva, sua mulher, foi casada em primeiras nupcias com D. João de Portugal, neto do primeiro conde de Vimioso, e filho do celebre D. Manuel de Portugal, que immortalizaram os versos de Camões; teve d'elle um filho que morreu moço, e duas filhas D'estas, uma casou com D. Pedro de Menezes, da casa dos coudes de Linhares, e não teve successão; outra, por nome D. Joanna de Portugal, casou com D. Lopo d'Almeida, avô do primeiro conde de Assumar, em cuja successão veiu a reunir-se depois a descendencia das duas casas, Portugal e Sousa Coutinho, pelo casamento de D. Diogo Fernandes d'Almeida com D. Joanna Thereza Coutinho. Singular coincidencia! observa com razão o Sr. bispo de Vizeu na sua Memor. cit.

Do segundo marido, o nosso Manuel de Sousa Coutinho, não teve senão esta filha, que Francisco de Santa Maria chama D. Anna, e eu D. Maria de Noronha, fundado na grande auctoridade de meu tio D. Fr. Alexandre, que assim o tinha emmendado no exemplar de seu uso, e era homem de escrupuloso rigor em todos os pontos.

Nota H

Tam bom linhagem como os que se têm por melhores n'este reino, em toda Hespanha................ pag. 775

Do que fica dito na nota C a este acto, pag. 775, se vê que não ha amplificações n'estas expressões. Oiço aos praticos em genealogias que esta illustrissima familia dos Sousas Coutinhos, tam distincta por armas, lettras e virtudes, se extinguira completamente; e que os que hoje usam juntar os dois nobres appellidos ao seu nome têm muito pouco direito verdadeiro para isso — Dirão os genealogicos quanto ao sangue, e a opinião do publico quanto ao mais.

Nota I

Por todas as sejanas de Fez e Marrocos, por todos quantos aduares de Alarves ahi houve.............. pag. 776

Todos os nossos chronistas e escriptores de memórias do tempo chamam *sejanas* áquelles bairros ou districtos fechados das cidades de Berberia em que viviam os judeus, e aonde foram geralmente alojados e guardados os portuguezes captivos que esperavam seu resgate.

Nota K

Os embaixadores de Portugal e Castella tiveram ordens appertadas de o buscar por toda a parte..... pag. 776

Não só no breve reinado de D. Henrique, o cardeal rei, mas ainda durante o do primeiro Phillippe, II de Castella, estiveram lidando constantemente no resgate e protecção dos captivos christãos em Berberia, os dois agentes de Portugal e de Castella, que rivalizavam de zêlo e generosidade em seus nobres esforços.

Todos os escriptos do tempo dão testemunho d'este facto tam honroso para as duas côrtes de Hespanha.

Nota L

Mas não se ia sem apparecer tambem ao seu aio velho. pag. 777

Não é de invenção minha este argumento, que convence tam fortemente o bom do aio velho, e que me lisongeio de ser uma das coisas mais caracteristicas e originaes que o observador não vulgar encontrará talvez n'esta composição. Tirei-o de um precioso thesouro d'onde tenho havido quasi tudo o que em meus escriptos litterarios têm tido a fortuna de ser mais applaudido. O thesoiro são as reminiscencias da minha infancia, e o estudo que incessantemente tenho feito da linguagem, do sentir, do pensar e do crêr do nosso povo, que é o mais poetico e espirituoso povo da Europa.

Quero contar como me lembrou de pôr aquellas palavras na bôcca de Telmo Paes. Eu passei os primeiros annos da minha vida entre duas quintas, a pequena quinta do Castello, que era de meu pae, e a grande quinta do Sardão que era, e ainda é, da fami-

lia de meu avô materno, José Bento Leitão; ambas são ao sul do Douro, ambas perto do Porto, mas tam isoladas e fóra do contacto da cidade, que era perfeitamente do campo a vida que alli viviamos, e que ficou sendo sempre para mim o typo da vida feliz, da unica vida natural n'este mundo. — Uma parda velha, a boa Rosa de Lima, de quem eu era o menino bonito entre todos os rapazes, e por quem ainda chóro de saudades apezar do muito que me ralhava ás vezes, era a chronista mór da familia, e em particular da capella e da quinta do Sardão, que ella julgava uma das maravilhas da terra e venerava como um bom castelhano o seu Escurial. Contava me ella, entre mil bruxarias e coisas do outro mundo que piamente acreditava, que tambem n'aquellas coisas «se mentia muito;» que de meu avô, por exemplo, diziam que tinha apparecido embrulhado n'um lençol passeiando á meia noite em cima dos arcos que trazem a água para a quinta: o que era inteiramente falso, porque «ella estava certa que, se o Sr. José Bento podésse vir a este mundo, não se ia embora sem apparecer á sua Rosa de Lima.» — E arrazavam-se-lhe os olhos de agua ao dizer isto, luzia-lhe na bôcca um sorriso de confiança que ainda agora me faz impressão quando me lembra.

A poesia verdadeira é esta, é a que sae d'estas suas fontes primeiras e genuinas; não são arrebiques de phrases tiradas de gregos ou latinos, de francezes ou de inglezes segundo é moda; nem *rifacimentos* exaggerados—hoje, da semsaboria descorada da escola *passigraphica* que destingiu a nacionalidade de todas as litteraturas no fim do seculo passado e principios d'este — ámanhan de quanto ha mais obsoleto e *irrevocavel* no stylo enrevezado, nas idéas confusas, nos principios indeterminados dos chroniqueiros velhos. A litteratura é filha da terra, como os Titans da fabula, e á sua terra se deve deitar para ganhar forças novas quando se sente exhausta.

Nota M

Esse desgraçado rei D. Sebastião, que o seu mais desgraçado povo ainda não quiz accreditar que morresse, por quem ainda espera em sua leal incredulidade. pag. 777

A incredulidade popular sobre a morte d'el rei D. Sebastião começou logo com as primeiras noticias que chegaram ao reino da derrota de Alcacer Kebir. Querem alguns que as esperanças do povo fossem adrede sustentadas pelos que mais haviam instigado aquella triste jornada, para evitarem a responsabilidade de seus fataes conselhos. O facto é que no público nunca se acreditou bem na morte d'el-rei. E nenhum, de tantos que escaparam, nenhum disse nunca que o vira morrer. No epitaphio de Belem pozse a resalva *si vera est fama*. Os varios impostores que em diversas partes appareceram tomando o nome de D. Sebastião, em vez de destruirem, confirmaram as suspeitas nacionaes. O verdadeiro ou falso Sebastião que foi entregue em Veneza e atormentado em Napoles, deixou duvidas profundas nos animos mais seguros.

Menos bastava para dar côr e crença á multidão de fábulas romanescas e poeticas de que se encheu logo Portugal e que duraram até os nossos dias. O sebastianista é outro caracter popular que ainda não foi tratado e que, em habeis mãos, deve dar riquissimos quadros de costumes nacionaes. O romancista e o poeta, o philologo e o philosopho acharão muito que lavrar n'este fertilissimo veio da grande mina de nossas crenças e superstições antigas

Nota N

O (romance) da batalha... que diz:
Postos estão, frente a frente,
Os dois valorosos campos.................. pag. 777

Este romance que se cantava, diz Miguel Leitão, ao som de uma melodia simples e plangente, de que elle na sua *Miscellanea* nos conservou as notas, vem alli em castelhano; achei-o em Portuguez nos Apontamentos do cavalheiro de Oliveira, e tambem o publicou em portuguez A. L. Caminha, na sua *Collecção de Ineditos*.

No logar competente do meu *Romanceiro* o dou em ambas as linguas, sem me atrever a decidir em qual d'ellas fosse originalmente composto.

Nota O

D. Sebastião... que hade vir um dia de névoa muito cerrada.. pag. 777

Era opinião firme e corrente entre os derradeiros sebastianistas, e talvez ainda hoje o seja, porque me dizem que alguns ha ainda, que el-rei D. Sebastião havia de vir n'um dia de névoa muito cerrada. Assim rezavam certas Prophecias populares.

Outro thesoiro de poesia nacional são estas Prophecias que ainda ninguem examinou philologicamente como ellas merecem. No meu *Romanceiro* procurei restituil-as ao logar e categoria litteraria que estou convencido lhes compete.

Nota P

Pois não tens ouvido, a teu tio Frei Jorge e a teu tio Lopo de Souza, contar como aquillo foi?............. pag. 777

Lopo de Sousa, irmão de Frei Luiz de Sousa, ficou captivo na batalha de Alcacer. *Hist. Geneal.*, t. XII. —Frei Jorge, estou persuadido que foi frade graciano—postoque as conveniencias dramaticas me fizessem adoptar a opinião de Touron e Echard, dando o aqui por dominico.

Entre os que se renderam ás promessas de Castella para entregar Portugal foi, com bastante probabilidade, Rui Lopes Coutinho, o irmão mais velho de Frei Luiz de Sousa: d'onde, não se dariam muito irmãos de tam differentes sentimentos. Por isso aqui não é apontado o seu nome, ainda que se achasse, como sabemos, na jornada de Africa.

V. Faria e Sousa, *Europ.*, t. III. p. I.; e a *Mem.* cit. do sr. Bispo de Viseu.

Nota Q

Elles que andam tam crentes n'isto, alguma coisa hade ser.. pag. 778

Veja a nota M a este acto. E consulte o dizer de todos os escriptores do tempo: vêr-se-ha que o engano popular, se o era, recahia com effeito em muito grandes e fundadas suspeitas. Nunca uma pura falsidade chega a obter credito geral; é preciso que tenha algum fundameuto: a imaginação do povo não é creadora, augmenta, exagera, mas não tira do nada.

Nota R

Elle não é por D. Philippe........................ pag. 778

«Se é como parece, somos obrigados a admittir com lastima este labéo (de se ter vendido a Philippe de Castella) na descendencia de Lopo de Sousa Coutinho, e a confessar que muito desdisse do desinteresse e dignidade de um pae tam illustre, e muito desprezou as lições da primeira edade o seu mesmo primogenito. (V. not. P a este acto.) Comtudo, á vista da mágoa profunda com que Manuel de Sousa Coutinho fala da fatal jornada d'Africa em tantos logares, e do patriotico enthusiasmo de que a cada passo nos offerece argumentos, é muito de presumir que o contagio nem tocou levemente o seu delicado pundonor.»

Memor. cit. do Sr. Bispo de Vizeu.

Nota S

Para que deixou elle o hábito... porque não ficou n'aquella santa religião.......................... pag. 778

Manuel de Sousa foi a Malta, pouco mais ou menos, no anno de 1576, para noviciar n'aquella religião.

Duvidam Frei Antonio da Encarnação e Frei Lucas de Santa Catharina se effectivamente elle seria já noviço quando o aprisionaram os Argelinos em uma galé da ordem, poisque o deixaram resgatar; e é sabido que tal não permittiam nunca aos cavalleiros maltezes A opinião mais geral dos escriptores é porém que elle chegou a noviciar. E é certo que no anno de 1577 (segundo elle proprio escreve na P. I, Liv. VI, cap 3 da *Hist. de S. Domingos*) estava captivo em Argel. D'ahi computa o sr. Bispo de Vizeu que seria captivado pelo anno de 1576. Tomaram-n'o sahindo de Sardenha, conforme refere no prologo ás obras de Jayme Falcão.

Qui in Melitensi triremi adversa tempestate pene eversa a piratis ad Sardiniam capti, Algerium que in Africa trajecti.

Ahi «achou entre os captivos,» diz Barbosa, «o celebre Miguel Cervantes Saavedra, com quem contrahiu muito estreita amizade.» Ficou-nos testimunho d'esta amizade na linda novella de Cervantes, *Trabalhos de Persiles e Sigismunda.*

Nota T

Agora que ella (a peste) está, se póde dizer, acabada... é que por fôrça querem mudar de áres.......... pag. 778

A peste começou no fim de Outubro de 1598, estava quasi extincta pelos fins de Agosto do anno seguinte; mas no Outubro immediato *começaram a picar* novos *rebates*, *não acabando de levantar de todo até Fevereiro de 1602.*

Hist. de S. Domingos, P. III, L, VI, Cap. 10.

Nota V

A minha donzella Theodora.................. pag. 778

Ainda hoje, na phrase commum, a *Donzella Theodora* é o typo da sabedoria feminina mais superior. Todos conhecem o romance provençal, de genero e stylo byzantino, que, traduzido em portuguez, obteve egual acceitação e popularidade ao *Roberto do Diabo*, á *Formosa Mangalona* e seus pares.

Nota X

Para côrte e «buen-retiro» dos nossos cinco reis. pag. 779

«Quinqueviratus ille invidiam sibi non levem conflavit, mihi inopinatum exilium peperit.»

Prologo de Fr. Luiz de Sousa ás *Obras* de Jayme Falcão.

Nota Y

O terço de meu pae tem mais de seiscentos homens. pag. 779

«Praefecturam mihi imposuerat rex septimgentorum peditum, equitum ferme centum.»

Prolog. ás *Obras* de Jayme Falcão.

Nota Z

O conde de Sabugal, o conde de Santa Cruz..... pag. 779

Quando Philippe II sahiu de Lisboa em 1583, deixou por governador o Archiduque Alberto, auxiliado pelo arcebispo de Lisboa D. Jorge de Almeida, Pedro d'Alcaçova, e Miguel de Moura, secretario. Em 1594, chamado o Archiduque para o Arcebispado de Toledo, deu o governo a D. Miguel de Castro, novo arcebispo de Lisboa, aos Condes de Portalegre, de Santa Cruz, do Sabugal, e a Miguel de Moura.

Nota Aa

A (casa) que foi de?... a que péga com San'Paulo. pag. 779

D. João de Portugal, primeiro marido de D. Magdalena de Vilhena, tinha bens e casas do lado d'Almada. E não foram decerto estas as que incendiou Manuel de Sousa parn resistir á prepotencia dos Governadores do reino: todas as probalidades são que a scena do romeiro se passaria em uma casa que tivesse sido de D. João, pois estava alli o seu retrato. Ser ella pegada com a egreja e convento de San'-Paulo, é que sómente foi probabilidade poetica ou dramatica.

Nota Bb

Meu pae morreu desastrosamente cahindo sôbre a sua propria espada: quem sabe se eu morrerei nas chammas ateadas por minhas mãos?..................... pag. 780

Succedeu isto na villa de Povos em Janeiro de 1577. V Frei Antonio da Encarnação, Prolog á P. II da *Hist. de S. Domingos*

Nota Cc

Illumino a minha casa para receber os muito poderosos e excellentes senhores Governadores d'estes reinos. pag. 781

«Cum vehementer animo commotus essem, nova et inaudita metamorphosis indignantes parietes injuriae subduxit, in fummum et cineres abiere...»

Prolog. ás *Obr.* de Falcão.

O epigramma latino do mesmo Frei Luiz de Sousa, segundo o refere Barbosa, ainda é mais vehemente e elevado:

Quos flamma absumpsit reddet mihi fama Penates,
Ponet et æternam, non moritura, domum.

Acto segundo

Nota A

As armas dos condes de Vimioso. São as antigas da casa de Bragança.................................. pag. 781

V. Memorias dos Grandes de Portugal por D. Antonio Caetano de Sousa.

Nota B

E o principio d'aquelle livro tam bonito........ pag. 781

São effectivamente estas, que Maria cita gracejando, as primeiras palavras do mysterioso livro das *Saudades* de Bernardim Ribeiro, que tam popular foi entre nós, apezar, ou talvez pela mesma obscuridade, de seus enigmas e anagrammas. Na rara edição, que agora alcanço, de 1559, têm alguma differença.

Nota C

Faredes o que mandado vos é.................... pag. 781

E' o antiquado de «fareis», que Maria aqui emprega com graciosa affectação, para falar em estylo de donzella romanesca dando ordens ao seu escudeiro.

Ponho isto aqui porque sei que me notaram o archaismo como improprio do tempo; era-o com effeito no seculo XVII em que ahi estamos, se não fôra trazido assim.

Nota D

A ousadia reflectida que está n'aquelles olhos rasgados, no apertar d'aquella bocca........................ pag. 782

De todos os retratos de D. Sebastião que sei existirem, creio que o mais authentico é o que está, ou estava pelo menos até 1832, em Angra na ilha Terceira, no palacio do governo que antigamente fôra Collegio dos Jesuitas. E' tradição ter sido para alli mandado por el-rei mesmo em sua vida. Muitas vezes contemplei longamente aquelle retrato na minha mocidade, e por elle é feita a descripção que puz na bocca de Maria.

Nota E

Pois não ha prophecias que o dizem?.... ...... pag 782

Veja a nota O ao primeiro acto, pag. 798.

Nota F

Quando o vi a ultima vez .. foi no alpendre de San Domingos em Lisboa .... pag, 782

E' sabido que o nosso illustre poeta passou os ultimos tempos da sua vida na conversação e intimi-

dade dos bons padres de San'Domingos de Lisboa, e que reviu e alterou em muitas coisas o seu poema pelo conselho e aviso de alguns varões doutos que abundavam n'aquella ordem, e de quem era tam estimado quanto foi mal visto e perseguido dos Jesuitas. O alpendre de San'Domingos é dos sitios mais historicos de Lisboa. Alli se passaram muitos dos memoraveis successos das nossas revoluções, alli se fizeram e desfizeram reis, alli levaram os povos muito engano e desengano. Era logar de commum frequencia para ociosos e negociosos, que o habito geral e a popularidade dos padres alli attrahia.

Nota G

San'Telmo seja commigo n'este cabo da navegação pag. 782

San'Telmo (San'Pedro Gonçalves Telmo, da ordem dos dominicos) é o advogado dos mareantes. Todos sabem o que é o fogo de *San'Telmo* em que a nossa gente do mar não quiz nunca vêr o phenomeno natural, senão o annuncio da protecção do seu santo.

Nota H

Lá foi Luiz de Camões n'um lençol para Sant'Anna pag. 782

A egreja de San'Anno, hoje do convento de freiras do mesmo nome, era então parochia. Veja o que a este respeito escrevi nas notas ao poema *Camões*, 1 vol. d'esta collecção.

Nota I

Não te lembras o que lá diz do nosso rei D. Sebastião? pag. 782

A invocação a D. Sebastião, nos *Lusiadas*, parece escripta depois da primeira jornada d'el-rei a Africa; não é um tributo de van lisonjaria, como a do *Orlando* ou a de *Jerusalem* e as de quasi todas as outras epopêas modernas; mas o enthusiasmo ardente do guerreiro, a offerta sincera do patriota que põe á disposição do seu rei mancebo e emprehendedor «o braço ás armas feito» e «a mente ás musas dadas.»

D. Sebastião era talvez homem para sentir o valor da offerta; mas tinha uma côrte, como são todas as côrtes, em que só tem valia e valimento a baixeza covarde e a intriga sem merito: Camões foi tratado como devia ser.

Nota J

Então para que fazeis vós (versos) como elle?.... pag. 783

Além do bello epigramma que já citei na nota Cc ao primeiro acto, pag. 790, restam-nos alguns outros fragmentos de poesias de Frei Luiz de Sousa que bem mostram quanto era intimo no commercio das musas. Alguns versos do seu poema *Navigatio antarctica* conservados por Barbosa, e em que elle encarece as saudade da mulher e da filha, são dignos de se recordarem:

Quin et curarum fluctu contundor acerbo
Dum, procul a patria, toto jam dividor orb,
Et subeunt conjux, et natae dulcis imago.

No prologo ás *Obras* do seu amigo e mestre, Jayme Falcão, assim descreve elle Almada e a vida poetica e descuidosa que alli vivia antes que o obrigasse a emigrar a prepotencia dos Governadores. *Locus Ulyssiponi imminet brevi freto interfluente Tago, saluber cœlo, fontibus exuburans*, musaram otiis commodissimus.

Mas que não tivessemos nenhum d'estes documentos na suave melancholia, nas sinceras bellezas da prosa de Frei Luiz de Sousa, tinhamos segura próva de que, na mocidade e no seculo, devia ter sido grande poeta quem, na velhice e na religião, escrevia d'aquella prosa. Ha, na *Vida ao Arcebispo* e na *historia de San Domingos*, trechos de poesia descriptiva—de drama—aspirações de quanto ha mais sublime e elevado no coração humano—que são modellos perfeitissimos d'arte, verdadeira reverberação do ideal em que unicamente está, e esteve sempre, a genuina poesia.

Nota K

E' raro ver tam perfeita simiihança.............. pag. 783

Devia de ser extremamente parecido um retrato que pôde ser immediatamente reconhecido pelo peregrino que apenas tinha visto a D. João em Jerusalem no fim de tantos annos e depois de tantos trabalhos. E assim é como a historia se conta pelos biographos de Frei Luiz de Sousa. No presupposto do presente drama, a explicação é mais facil e podia ser outra.

Nota L

O vosso convento novo de freiras abaixo de San Vicente... pag. 783

Este convente, instituido por causa do religioso divorcio dos condes de Vimioso, D. Luiz de Portugal e D. Joanna de Castro Mendonça, esteve interinamente, desde 1607, n'umas casas que foram do morgado, dos campos abaixo de San' Vicente de Fóra e sobre o bairro de Alfama. Só em 1616 é que se mudaram as freiras em solemne procissão para a nova e propria casa *sobre o rio, junto a ponte de Alcantara.*

V. *Hist. de S. Dom.*, T. III, Cap. XV.

Nota M

Sexta feira! ai que é sexta feira..................... pag 784

Em algumas partes do reino a terça é mais aziago dia ainda do que a sexta feira. Esta porém, não só entre nós mas em quasi todo o mundo, é havida por dia nefasto e de máo agouro.

Nota N

Olha a condessa de Vimioso, esta Joanna de Castro, que a nossa Maria tanto deseja conhecer................. pag. 787

E' altamente interessante ver como o mesmo Frei Luiz de Sousa narrou depois a historia d'esta separação, que fôra o exemplar da da sua.

V. *Hist. de S. Dom.*, P. III, Cap. XV.

Nota O

Um captivo, um remido? — Não, senhora: não traz a cruz.. pag. 787

Os remidos traziam um escapulario branco com a cruz da ordem das Mercês ou da Redempção, que entre nós se chamou da Trindade. São frequentes nos nossos escriptores as descripções da solemne procissão em que davam como a sua entrada publica no seio da christandade a que eram restituidos os captivos. Com aquelle signal, que a todos inspirava respeito e sympathia, esmolavam depois pelas terras e muitos ajuntaram quantias avultadas.

Acto terceiro

Nota A

Frei João de Portugal, que é o prior de Bemfica, e tambem vigario do Sacramento........................ pag. 790

«Frei João de Portugal foi prior de Bemfica, vigario do convento do Sacramento, inquisidor da mesa grande, e ultimamente bispo de Viseu de 1625 até 1629, em que acabou uma carreira de bom exemplo.»

Memor, do sr. bispo de Vizeu; V. *Fr. Luc. de S. Cath.* P. IV. L. I; *Collecção dos Doc.*, da Acad R. de Hist. etc.

Nota B

O segredo do seu nome verdadeiro está entre mim e ti.. pag 790

Seja verdadeira ou não a historia da apparição do peregrino em casa de D Magdalena, ella foi geralmente acreditada até ás judiciosas duvidas do sr. bispo de Vizeu, que não passam de duvidas comtudo. Fazer do peregrino o proprio D. João de Portugal, foi supposição poetica, todavia bem provavel e possivel, e que mais facilmente explicaria todas as circumstancias mysteriosas d'aquella apparição e das suas consequencias.

Nota C

Para a cabeça (encanecer) bastou uma noite como a que veiu depois da batalha d'Alcacer................ pag. 791

Ha muitos exemplos de encanecerem gentes de repente por grandes medos ou desgostos. São justamente celebrados os versos de Lord Byron que se referem a este notavel phenomeno, no *Prisioneiro de Chillon.*

My hair is gray, but not with years,
Nor grew it white
In a single night
As men's have grown from sudden fears.

Nota D

Diz-lhe que tudo isto foi vil e grosseiro embuste dos inimigos d'esse homem................a........... pag. 792

Talvez assim fosse, com effeito. Nem o padre Encarnação, nem nenhum dos outros que referem a historia do peregrino, dizem o que foi feito d'elle: e a explicação mais plausivel que a tam estranho successo achou o bom do padre, foi que seria talvez um anjo mandado por Deus para chamar aquellas duas almas ao céo, pelo caminho do claustro. E' quasi uma sahida dramatica, das que tanto incorreram na censura de Horacio: *nec Deus ex machina.*

Nota E

E têm um filho elles?... Eu não.................. pag. 792

D João de Portugal teve, de D. Magdalena de Vilhena, os filhos que vão enumerados na nota G do acto I, pag, 797. Não designando Telmo o sexo filho de Manuel de Sousa, fica natural e possivel a reflexão de D. João aqui.—Além d'isso, ao drama e á posição das suas pessoas, como o auctor a concebeu, e ao interesse que elle queria concentrar todo n'esta unica filha de Manuel de Sousa, não convinha considerar por nenhum modo os filhos da primeira união de D. Magdalena de Vilhena.

Nota F

Todas estas coisas são ja indignas de nós,....... pag. 793

As palavras que Frei Antonio da Encarnação põe na bocca de Manuel de Sousa, n'esta occasião, merecem appontar-se aqui:

«Chegando elle (Manuel de Sousa) de fóra, ella lhe relatou tudo o que tinha passado com o peregrino, e o mais que tinha visto seu irmão, o mestre Frei Jorge, e assim, que visse o que na materia se devia fazer. Não se suspendeu, mas respondeu logo, dizendo: Até agora, senhora, vivi em boa fé comvosco; e creio de vós, que na mesma fé vivestes commigo; porque fio de vós que não casarieis outra vez senão tivesseis por certa a morte do vosso primeiro marido... O que convem mais, é fugir para o sagrado da religião... etc.»

Prologo á II P. da *Hist. de S. Dom.*

Nota G

De profundis clamavi ad te, Domine............. pag. 793

Tive conselhos para não pôr em latim estes bellos versetos do Psalmo penitencial que faço cantar aos frades. Não cedi, porque era faltar á verdade, e diminuir a solemnidade da impressão que a lingua latina inquestionavelmente produz nas cerimonias da egreja. Mostrou me a experiencia que eu é que tinha razão.

N'um poema narrativo, teria feito como fiz no segundo canto do *Camões*, que traduzi os versos de Job: em drama, o que se representa deve ser o mais proximo possivel do que effectivamente se passou, ou devia de passar.

APPENDICE

JUIZO CRÍTICO SOBRE FREI LUIZ DE SOUSA

Advertencia dos editores

Extrahimos da *Revista Universal*; publicação litteraria bem conhecida, e damos aqui, em appendice, o juizo critico de *Frei Luiz de Sousa*, que alli appareceu, e que obteve geral acceitação, tanto pelos profundos conhecimentos d'arte que o joven escriptor n'elle desenvolveu, como pela concisão com que tratou as mais vastas questões estheticas e moraes que o assumpto suscitava, e sem as quaes não podia ser dignamente examinado. O sr. Luiz Augusto Rebello da Silva mostrou que era capaz de subir á altura das grandes considerações em que hoje está envolvida a litteratura; e com os francos e justificados louvores que lhe tributa, associou o seu nome á gloria litteraria do nosso auctor.

FREI LUIZ DE SOUSA

A ideia progressiva que revolve a sociedade actual, na expressão litteraria, creou uma critica sua: já se não sabe, nem que se soubesse, se podia moldar o *bello* moderno pelos baixos relêvos de Pompeia: o pincel de David, correcto e verdadeiro na copia, era todo romano como os Horacios,—quebrou-se deante de *Meduza*:—a estatua no quadro sahia grandiosa e sublime nos traços do mestre, mas sempre estatua: e hoje a poesia hade retratar a vida em todos os seus aspectos—no interno, o mysterio intimo do coração e da alma nas suas luctas e tormentos—no externo, todas as côres e matizes, todas as attrações, todas as antinomias, laços umas vezes claros, outras quasi invisiveis—invisiveis de todo, que ligam o Prometheu á sociedade, que o põem d'alvo ao espectaculo tristissimo; á profunda tragedia da humanidade em todas as suas variadas fórmas de vêr, sentir e padecer.

Antigamente custava pouco o ser Frazon: estendiam o escriptor no leito do Procusto, e o afferiam desapiedadamente por uma medida herdada de Stagyra ha dois mil annos; desconjuntavam-n'o até dar a altura requerida n'aquelle bemaventurado codigo penal de Aristoteles; e para lhe tapar a bocca no meio das intoleraveis dôres d'estes tratos inquisito-

riaes em vez de fel, faziam-lhe engulir, em doses enormissimas, centos de paginas copiadas da *Pratica de Theatros*, do reverendo Aubignac, mil vezes mais custosas de tragar do que o absynto mais amargo. Tudo isto tinha seus laivos de similhança com a vara legal do recrutador; os infézados afugentavam-n'os com um par de golpes puxados da alma; os gigantes ficavam a marcar o passo e a fazer exercicio pelos doze tempos prussianos.—Era delicioso.

Esta existencia, que deixou saudades, foi dura de vida: chegou-lhe a sua hora extrema; chamaram-lhe indecente e aristocratica, e morreu no garrote de revolução, ás mãos do velho Ducis, como hecatomba sagrada aos manes do honrado Shakspeare.

E era justiça. A academia de Richelieu, atrazada um seculo, como todas as academias, tinha afogado o *Cid* logo á nascença; La Harpe cravára de settas o poeta inglez e a scena hespanhola—andaram a levantar um calvario, onde depois a philosophia de Kant e a critica allemã pregou na cruz adoradores e idolos: trocou-lhes a regalada festa do banquete olympico em desconsolado desterro; emparedou-os nos armarios sepulchraes das bibliothecas; correu-se o véo que escondia Borgia, acabou o *ipse dixit*, miraculoso santelmo dos lances apertados. Partidas aos pedaços as andadeiras e muletas classicas, já os invalidos greco-romanos não podiam nem ousavam dar passo: pararam e foram-se sentar ao soalheiro da praça, de cabeça pendida e olhos chorosos, a vêr as turbas derribar e arrastar pelo lodo a estatua de Pasquino—o povo não entendia ainda o *post fata, quiescit!*

Mas as actas do concilio classico estão registadas no *Spectador* do secretario do conde Wharton; do virtuoso Addison, aquelle mimoso poeta do *Catão*, que nos offerece o exemplo da maior atrocidade humana na teima de tentar á força empalmar as notas da opera *Rosemunda*, com a mesma semcerimonia com que os seus amabilissimos conterraneos mettem o braço até ao cotovello pelas bolsa dos outros reinos. Deus lhe perdoe, aonde quer que está, os artigos e a furia musicante.

Felizmente agora, outras ideias de arte demandam outro escalpelo critico; em tudo, mas no romance e no drama especialmente.

Aqui falâmos só do drama.

Raro se desata robusto e viçoso o theatro com as primeiras flores da litteratura de qualquer nação; tem aquella lyra cordas mui subtis, delicadezas melodicas mui altas para soffrer que a ensaiem dedos inexperientes. O frontão do harmonioso templo das musas gregas levantou-o a tragedia de Eschylo; ornaram-n'o as creações de Euripedes, mais puras e sentidas; completou-o a Melpómene tam casta e reflectida de Sóphocles.

A scena hespanhola veiu depois de Cervantes, que mal a antevira; mas purificou-se debaixo dos dedos de Calderon, das impurezas de Lope da Vega, dos choutos de Gongora Shakspeare tirou a ingleza do pégo da semsaboria do mais estragado gosto euphoistico, peor cem vezes do que o tumido castelhano, que tinha muita coisa boa para resgatar a sua intoleravel affectação.

Ainda hoje a hesitação da poesia n'este ramo está provando que a arte vacilla incerta; a esthetica ainda não assenta em bases solidas.—Esta arvore quer a terra já revolvida para deitar bons fructos, quer o ár livre de furacões que a não desarreiguem á nascença, só pega bem em terra propria; é como a sensitiva, encolhe e fecha, se lhe falta o sol da patria, se lhe negam o céo e as nascentes do clima onde nasceu; nas estufas murcha e morre.

E' que nenhuma ha mais nacional: e deve-o ser, ou não é nada.

O theatro é quem retrata, a côres fieis, as feições moraes de uma nação, que aponta o caminho que ella leva andado na estrada legitima da civilisação quem firma as raias do seu progresso intellectual em todas as relações variadas com o mundo externo; porque o drama, que é devéras, pinta a vida d'alma, da epoca e da arte. E' o espelho do estado social, e que revê todos, até os mais imperceptiveis traços do grande vulto chamado povo.

No fundo do quadro está o pensamento: a ideia una da actualidade, no seu aspecto multiforme. — Pensamento, ideia profunda sempre, que se enlaça como o invisivel pelas aspirações religiosas, com o interno pelos fios da tradição, dos costumes e das crenças do passado, porque a eternidade não é negativa, mas absoluta; não significa termo de tempo, significa plenitude indivisa. Deante da arte, na sua expressão symbolica, na sua fórmula philosophica que é a eternidade? a morte! Se a arte é imagem da creação! a vida? A vida, sim, mas essa vida immensa, amplissima e mysteriosa, composta do que foi e do que é; vida em que o passado se transfunde no presente, em que o presente se enriquece com os elementos das edades mortas, para legar uma herança doirada de esperanças, de lições, de futuros; herança que passa em deposito das gerações que hoje se revolvem da terra ás que não viram ainda o *fiat lux* do verbo de Deus. A arte encerra em si o passado e o presente; tem nas mãos o talisman do futuro, o pômo da vida ou o pômo da morte; é já do que hade vir pela sua aspiração etherea, está entre o mundo externo e o mundo invisivel. Gera-se da fé do que é sublime, na admiração do que é grandioso na sua belleza vive pelo amor. O amor intrinseco, intimo, indivisivel, que tirou da natureza o symbolo, que assentou aos umbraes do tumulo a esperança para receber o suspiro extremo do que morre na terra, para trocar nas vestes candidas da pureza o lucto da desesperação, para ferir com a vara a rocha, e brotar da aridez da amargura a fonte da consolação suprema. Aonde acabava a arte antiga começa a nova. Na fronte do que expira rompe o sêllo do nada. e com os olhos nas myriadas de espectaculos divinos, quebra a loisa e os grilhões, e aponta para a aurora da glorificação, que vem rompendo sobre a immobilidade das trevas interiores.

D'este ponto maximo deve a critica alongar a vista até á perfeição secundaria dos meios plasticos; já não representa o papel do povo romano nas luctas do circo, não é para medir com a vista a elegancia do rosto, a ardileza e porte engraçado do gladiador, que ella se fez; não é para se ficar imbellecada deante da formosura das fórmas e apuros das côres; mais se lhe requer; tem maiores brios hoje, maiores responsabilidades. A fórmula sensual e terrena do pagão morreu no dia em que a primeira gotta de sangue do martyr se embebeu nas areias do amphitheatro para consummar o sacrificio—que renascia o mundo novo das cinzas do mundo velho, que infundia no coração humano outro paraizo intellectual, esperançoso e santo, que este seculo, herdeiro dos desvios e experiencias de mil e oitocentos annos, hade encarnar na poesia, e desenvolver até o completar na sua ultima e ainda desconhecida expressão.

Rasgou-se o véo do templo, e veiu a regeneração da arte a par da regeneração do homem. Nasceu a poesia saudosa, chorada n'alma, sentida do coração, inspirada e espiritual; poesia variada nas fórmas mas una na expressão intellectual; caminhando umas vezes da fé para o mundo, como Dante, Milton e Klopstock; atirando-se outras do mais agro da peregrinação aos braços da religião a verter-lhe no seio uma lagrima ardente, que na procella dos affectos abrazados fica sellada no sepulchro da existencia material, além da qual o espirito vôa solto nas suas dores mais espinhosas, a buscar o nardo, o balsamo que lhe ameigue as chagas cortadas n'alma — como nos suaves canticos de Lamartine, no melancholico e pro

fundo Chateaubriand, no puro e mavioso Schiller.

Só o bello que é eterno sempre, da natureza e da humanidade soffre este painel, o invisivel do mundo superior e espiritual não se póde tomar para primeira luz do quadro, sem descahir muitas vezes nos erros dos que o tentaram já: foge ao pincel, retrae-se da imagem o abstracto puro. Mas o fim da poesia é enlaçal-o, traval-o com a vida terrestre, nas suas aspirações e varias tendencias. O presente, que só por si destroe as mais das vezes, pela approximação, todo o ideal, funde-se no quadro, se o recuarmos com o esplendor vicejante das crenças, com o clarão das paixões nobres ou tremendas, com a reflexão da actualidade em todos os seus aspectos até um passado rico e glorioso; se entertecemos o matiz de côres vivas, e cambiantes acertados, com as lendas e tradições, com o thesouro poetico da nação, assim visto de longe, quando no frouxo e esbranquiçado crepusculo dos seculos apenas resplandecerem no horisonte os vultos colossaes dos grandes feitos e dos grandes nomes. A arte revê mais livre a sua idealidade, fica mais arte e mais e mais poesia, afastada da imitação mediata e quasi sempre servil do que palpamos com os dedos, do que o habito tornou raso e prosaico. Tem-se feito, mas poucas vezes com felicidade.

D'esta relação do tempo com a poesia nos dá Homero exemplo: o passado nos seus versos revê o presente palpitante e formoso, sem resvalar no commum da copia.—Em Ossian, no *Niebelungen*, nas tradições poeticas do norte apparece o mesmo, sempre o mesmo.

D'esta altissima theoria d'arte filha da meditação allemã, nasceu o drama *Fr. Luiz de Sousa*. O nosso poeta tomou a base terrena para d'ahi alargar os traços: as memorias saudosas, as glorias, o viver e sentir e crêr do tempo offereceram-lhe o colorido magestoso, que realça n'esta sua obra, a mais profunda e portugueza de quantas excellentes e primorosas temos já da sua penna.

E' o que veremos na analyse mais attenta e miuda que tentamos, receiosos comtudo de desfigurar a belleza e perfeição de uma creação dramatica, original na fórma e no pensamento, fundamental para a eschola de um theatro que deveras seja nosso, e não copiado sem pudor dos reportorios estrangeiros.

A historia tam sabida de Fr. Luiz de Sousa parecia entre as nossas tradições, propria a resolver um grave problema d'arte: os atavios com que um estrangeiro a quiz ornar, não sei se despindo-a do singelo antigo, lhe estragaram a ingenua belleza, em vez de a realçar: se compararmos o romance de Mr. Denis com o drama portuguez, fica, a nosso vêr corrente esta opinião de leve esboçada no prologo do sr. Garrett. O assumpto que á primeira vista se affigura o mais dramatico, olhado de perto é insufficiente para se fundir n'uma peça: a não o carregarem de côres postiças, de traços falsos, que necessariamente hãode desmentir a verdade, que é o seu maior enfeite; o nosso Poeta, das entranhas do facto, tirou a sublime creação que liga e enriquece a obra, conservando-lhe o mimo, o ideal e a riqueza lyrica, depurados de matizes extranhos, que cabem mal, quasi sempre, que sempre lhe desfeiam as feições severas, prostituindo-lhe a nobreza a requebros fingidos e fóra do natural.

N'aquella edade em que os affectos e as paixões, sem se apagarem, vão mais fundos, e saltam menos á superficie, a linguagem arrebatada e as pompas de amores gastos, ridiculos já, se os pintarem com o fervor proprio de annos verdes servem só de remendar com retalhos inviusados a tela da vida: de roubar á tragedia a formosura graciosa, séria compostura, para lhe substituir as lantejoilas, as bordaduras de ouropel, com que alguns bobos cegam os olhos de longe, á força de copiar as dobras variegadas do seu manto de histriões.

Estes assumptos, que requerem a simplicidade do antigo theatro, se lhes mudam a natureza, ficam contrafeitos, sem poesia, sem verdade: e d'esses aleijões não se curam. Galas de peralvilho, espartilho hygyenico, que, em se desatacando, larga tudo a rir, por pouco enganam; vê-se logo o estafermo torto e desenxabido que alli anda entalado; uma coisa parecida com a resurreição truanesca: cada almofada, cada atacador a voar da mumia, e a ossada nua que vem surdindo: depois um quasi esqueleto de Mathusalem! eis em que param os taes arrebiques, as bellezas de emprestimo!

Ora havia ter que vêr e muito que rir, andados tantos annos de casamento, o serio Manuel de Sousa Coutinho, tam reflectido, tam sabedor, e a virtuosa e casta D. Magdalena de Vilhena, sós, dentro de um casarão neogothico, a declamar, em cantochão de frades, sediços galanteios, furias apaixonadas de namoricos imberbes! Deus o levaria em conta ao auctor, que o reino do céo é dos pobres de espirito. Tinha já o passaporte para lá.

O sr. Garrett, com o seu gosto apurado e alto engenho, deu de mão a estas molas enferrujadas, cansadas de todo, viu que a melancholia resignada, a uncção religiosa, não sei de que suave e triste, que chega logo dentro a quem lê uns trechos do melhor prosador portuguez, deviam de revelar, transparecer algum reflexo das agonias occultas d'aquelle coração robusto, d'aquella alma inteira que se não abalou com o furacão repentino do temporal; que o affrontou de pé, fugindo nos braços da religião á maior, á mais acerba dor de quantas cortam chagas vivas dentro do peito.

Esta resignação quasi sobrehumana com que se consummou o sacrificio, com que o coração curtiu, sem estallar alli, as maiores angustías, os espantosos tratos moraes que a cada hora crescem e o dilaceram, podia parecer demasiado sublime no theatro, se a não precedesse um painel, onde se pintassem ao natural as feições historicas d'aquelle nobre caracter; se o poeta não adivinhasse esta duvida, e lhe não respondesse com a maior acção que viram aquelles tempos de lodosa e torpe covardia civica.

Representar o generoso e severo Manuel de Sousa Coutinho, erguendo-se recto e firme no meio de tanto arbusto infezado que levantara a copa ousadamente, e se vergava agora servil ao sôpro lisongeiro do Escurial; mostral-o a pegar á sua custa a divida honrada de um reino inteiro, com a maior lição que nunca um homem só dera a uma terra, e a uma gente degenerada, a estrangeiros e a estrangeirados ainda peiores cem vezes; pôl-o deante do mando absoluto dos governadores, a resistir-lhe, ao passo que o celebre defensor de Diu, D. João Mascarenhas, com os pés dentro da cova, estendia a mão para acceitar o preço da infamia por que vendera Portugal a Castella; e fechar o quadro com aquellas palavras tam portuguezas, tam verdadeiras, no meio do incendio; largar-lhe de corrida os tristes presentimentos de D. Magdalena deante do retrato a arder; aquelles sustos e agoiros tam proprios de mulher que se teme, sem poder dizer de quê, tudo falado em dialogo singelo, natural, sem poesia de emprestimo nas palavras, sem as imagens altisonantes que só apparecem para esconder a pobreza lyrica das situações, do pensamento e do fundo do drama; tudo isto prova que o auctor, e já o tem mostrado assás, conhece profundamente os mysterios do coração humano, das contradições perennes dos affectos; — é vêr de muito alto as combinações mais sublimes da arte, encarnal-as na natureza, olhal-as á luz da epoca, e correr-lhe um pincel facil, delicado e gracioso como o do Corregio, que deita, a fugir, os toques magicos, quasi sem ostentar que os sabe. E' possuir, até nos relêvos me-

nos apparentes, nos que só aventuram com felicidade grandes engenhos, a verdadeira perfeição, que não faz gala do primor, dos esmeros embellezados de correcção miope, que não são, nunca podem ser de mestre.

Na desgraçadissima batalha de Alcacer Kibir, em que os areaes d'Africa beberam o sangue da flor da nossa nobreza, cahiu tambem D João de Portugal, primeiro marido de D. Magdalena de Vilhena: as diligencias e indagações, que sua esposa arriscou, por aduares de moiros, por bazares de escravaria, para descobrir se acaso gemia captivo e perdido entre tantos e nobilissimos cavalleiros que se disfarçaram por não accrescentar o resgate, provaram claramente que o alfange dos filhos do Islam cortára, com o cedro real, um dos mais robustos guerreiros que o defendiam, n'este duello entre duas crenças,—entre a velha Europa e a soberba Africa!—O cadaver de D. João lá ficara a par do rei, como penhor da victoria, exposto ao sol abrazador dos sertões. Pelo menos todos o acreditaram: já não era crime o amor ardente que D. Magdalena tinha a Manuel de Sousa Coutinho, amor sumido dentro da alma, calado sempre, e que então, só então, se revelou: casaram, e nunca, por largos annos, um vislumbre de suspeita lhes envenenou as alegrias d'este viver tam innocente e socegado.

A volta de D. João ao reino, e a separação dos dois esposos, sendo, como é, um lance essenciamente tragico, não basta só por si para dar um drama: entertecer-lhe lavores extranhos, correr-lhe tres passes de espada preta, especie de embrocata ou punto-riverso, com que os modernos Vicentios Saviolas da esgrima theatral cortam as difficuldades, deitar-lhe por cima uns enredinhos á Lope da Vega, era estragar o assumpto e crear uma pessima obra. O sr. Garrett apartou-se sem cerimonia dos sans-culotes do romantismo tonto, e dos estafermos classicos, que para tudo têm promptas as suas dóses hemœpathicas; voltou-se para a simplicidade da tragedia grega. Sem beaterio e com as situações moraes, com os santos affectos, com a virtude singela, e limpa de arrebiques, alcançou o maior triumpho.—O terror e a compaixão, a lyrica mais profunda, os grandes lances das paixões reaes da existencia, repassaram-se-lhe debaixo dos dedos de um ár, de uma côr, de um natural tam portuguez, tam verdadeiro e tam do coração, que n'aquelle auditorio escolhido, aonde leu a sua peça, nem um rumor nem um lançar de olhos se percebia. A tragedia moderna, á vista do seu *Fr. Luiz de Sousa*, já ninguem dirá que é impossivel: achou-a, é sua. Schlegel, Antonio Allegri, Schiller, e ultimamente um poeta francez de fama, já tinham demonstrado que se podia fazer: mas, e não se estranhe á conta de vangloria o que os entendidos sabem que é justiça rigorosa, aquelles escriptores parece que se dão mais á imitação das fórmas, do que a sondar, com o prumo da boa critica, o fundo da poesia grega: o nosso poeta entendeu-a e soube transplantal-a. Os presentimentos, os agoiros, a tradição e as glorias nacionaes, que aproveitou com tanto primor, dão-nos um retrato mais fiel do sentido da arte antiga do que a copia mais ou menos livre do seu theatro na parte plastica. Foi por isso que, tomando para primeira luz do quadro, não a separação dos dois esposos pela volta de D. João, mas as consequencias que d'ahi resultavam a uma filha unica, criada entre tanta meiguice, e tam estremecida de ambos, suppriu, com o interesse d'esta situação sublime, a falta de acção do facto principal. Disseram ahi que era meio velho, usado já no theatro grego! Desde que ha mundo, ha amor de pae; mas a expressão, as circumstancias, o nó que este desaperta, é o mais perfeito, mais original, mais profundo que até agora nos apresentou o theatro.

Aquella filha, pura rosa virginal ainda em botão, traz já no seio a morte: vae murchando a pouco e pouco nos braços da mãe, deante dos olhos do pae; e não o percebe a innocente: a febre devora-a lentamente: cada dia desprende uma folha, e adeanta um passo tremendo para o tumulo. Aos treze annos, em que a vida se desata tão florida de esperanças, em que se alarga descuidada por futuros doirados ella vê a campa a vacillar erguida, ao despedir da estação das flores; mais esta flôr irá dormir com as outras no frio berço da morte. E todavia nem o suspeita: como acontece na tysica tem uma fé viva de que não padece, adivinha coisas que espantam na sua edade, solta uma ligeira ironia de criança, um riso que despedaça, um talento, um acêrto, uma agudeza que é como o ultimo lampejar da lampada quasi extincta. N'este caracter tão novo e difficil, o sr. Garrett copiou a natureza, estudou, sentiu profundamente esta contradição que punge, que dilacera; a vida quasi apagada que se abraça com o mundo e não descobre o sepulchro que a chama.—O contraste é mais lyrico, mais melancholico e commove mais do que as tristezas e os suspiros do que se despede da terra, porque já antevê a morte.

E sobre a dôr dos paes, que a vêem caminhar para lá, a realidade, que se levanta entre elles para os arremessar do meio da existencia amena que levavam, para a solidão do claustro, aquella separação, aquelle ferrete de infamia que a sociedade vae pôr na fronte candida da filha dos seus amores! São as scenas mais tragicas que conhecemos, as do III acto do sr. Garrett, em que o pae tam estremoso sente uma alegria horrenda ao contar os instantes que medeiam entre o cahir da ultima folha do lyrio, e a hora em que tem de se consumar o seu suicidio moral: aquella hesitação, aquella lucta cruelissima, que remata na capella com o ultimo suspiro do anjo que vôou para o regaço dos outros anjos.

Que nos digam se ha lances mais sublimes do que este padecer de horas, que comprehende todos os supplicios possiveis; exemplo maior de resignação, poesia mais intima do que as ultimas palavras que fecham o drama, sahidas da alma deante do cadaver da filha e ao pé da triste mãe! Todo este acto é o maior esforço dramatico de que temos noticias. Os affectos, os contrastes, a scena de Telmo Paes com o Peregrino, o equivoco d'este ao ouvir as vozes de D. Magdalena, as esperanças e apêgo que ella tem a seu esposo; a força de animo de Manuel de Sousa, são bellezas que rara vez sáem tam perfeitas da mesma mão. A ultima scena que resume o drama, que o moralisa, a scena em que a victima vem morrer de vergonha e de dor, não se imita nem se pinta; escreve-se só uma vez.

L. A. Rebello da Silva.

A SOBRINHA DO MARQUEZ

Esta lucta continua em que anda a humanidade — e a que parece não haver termo na duração dos seculos — varía comtudo de objecto e de contendores segundo as epocas.

Nossos paes e avós travaram a guerra da classe-média com a aristocracia, e tiveram os reis de sua parte. Durava inda a peleja aqui ou alli, quando viémos ao mundo quasi todos os que hoje vivemos: assistimos portanto á victoria dos burguezes; e vimos a monarchia, sua auxiliar e protectora assustada e vacillante no campo da batalha, tremer de seu proprio triumpho, porque se viu e sentiu na dependencia dos mesmos a quem tinha ajudado a vencer.

Elles, com effeito, tiraram para si o forte dos despojos, e pouco deixaram – ou pouco tempo o deixaram — á corôa. Fizeram mais: substituiram-se aos vencidos em quanto poderam, que foi em tudo, menos no respeito popular, porque o povo, que se inclinava ao 'coronel' dos duques e dos marquezes feudaes, que olhava com veneração para os arminhos e cottas d'armas das familias historicas, nunca tomou a sério os brazões dos novos condes, e ria ás gargalhadas da economica pelle de gato branco que o poupado burguez punha aos seus hombros de villão para arremedar a nobreza antiga, e se vestir baratinho de gran'senhor.

Certare pares!

Ainda combatiam para ser pares dos outros, mas já era só n'isto.

Não falo dos abusos, dos erros, dos crimes de ninguem, de nenhuma classe: digo o que foi e o que é, mais nada.

E como estamos em pontos de comedias, menciono o que é mais saliente no ridiculo da epoca.

A classe-média, vencedora, foi para as suas delicias de Capua, e amolleceu n'ellas, Hoje quer defender o que ganhou, e a monarchia com quem o ganhou — e cujas fórmas lh'o mantem — dos novos contendores que lhe surgiram, e com que não contava em sua orgulhosa cegueira de *parvenu.*

Hade-lhe custar: não tem no solo, não tem nas crenças, não tem no material nem no moral do paiz, força nenhuma que se pareça com a que tinham seus antigos contrarios, que tantos annos combateu, que hoje quer em vão fazer seus alliados, seus pares.

Podiam ter creado outra ordem de coisas, podiam ter-se organisado.. Talvez! Não sei. Mas sei que o não fizeram, e que tudo o que n'esse sentido tentaram, foi absurdo, foi inconsequente, e o que mais importa aqui agora — porque é da provincia da arte — ridiculo.

Ridiculo, tam ridiculo que dava assumpto a novo *Bourgeois-gentilhomme.* E' uma comedia que está por fazer.

A que eu fiz nem pertence a este genero nem a esta epoca: é de duas ou tres gerações mais atraz, é do tempo da outra lucta.

A' frente d'essa, esteve entre nós o marquez de Pombal. E' ocioso mencionar que teve por contrarios os Jesuitas e a alta nobreza; mas é muito necessario recordar que, para os combater, suscitou, se não creou elle, a classe média; que a separou do povo; que a arregimentou sob o commando da corôa; que reinou com ambas, dominando uma e outra, erguendo-as e contendo-as com a mesma mão.

Aniquilar de todo a aristocracia, ou deixar triumphar completamente a burguezia — que fôra o mesmo — era abdicar nas suas mãos; e o ministro d'el-rei D. José tudo queria, menos abdicar.

Tal foi o pensamento e tal foi a epoca do marquez de Pombal.

Para fazer bem sentir tudo isto, colloquei o meu drama nos ultimos dias, nas derradeiras horas d'aquelle celebre reinado. Os antigos dominadores proscriptos, os nobres, os Jesuitas, levantam a cabeça com a primeira agonia d'el-rei, mas ainda a levantam a medo. Apezar da elevação que lhe deve, que sabe dever-lhe a elle, a classe-média te-

me o marquez de Pombal, não o ama, e detesta a disciplina e subordinação em que a tem,— embora seja para sua vantagem d'ella; aborrece-a, incommoda-a como uns sapatos novos á recruta nos primeiros dias de marcha.

Demais, reagem os antigos habitos da clientella aristocratica e da submissão jesuitica. Em todo o modo de ser social, que durou longamente, ha vantagens por força: e quando elle se destroe, lembram mais essas do que os inconvenientes. Saudades do bem que se teve, duram mais do que o aborrecimento dos males que o acompanhavam. Embora fosse muito maior o mal, que o bem. Fez-nos assim a natureza.

Este era o estado dos animos de Portugal ao expirar D. José I, e ao sentir-se cahir do poder o seu grande ministro. Pareceu-me que esse dia supremo devia, melhor que nenhum outro, pôr em evidencia as paixões, os interesses, as acções e reacções todas de uma epoca tam memoravel.

Estou certo que as figuras, as roupas, o desenho e o colorido todo do meu quadro, são de exactissima verdade. Só e apenas nas attitudes da arte, e menos por usar d'ellas, do que por evitar personalidades desagradaveis aos netos que ainda vivem, se lhes representassem individualmente os avós.

Assim, tirado o marquez de Pombal—typo de si mesmo, e que sómente por si, podia ser representado—todos os outros personagens são typicos; e cada um d'elles figura, não um individuo que existisse, mas uma classe de que é representante.

No padre Ignacio, claro é que se personalisam os proscriptos Jesuitas, movendo surdamente e por todos os meios, sua implacavel vingança; em D. Luiz a antiga fidalguia descahida; na familia do mercador da rua Augusta a burguezia vacillante, incerta ainda do presente, com terrores e saudades do passado.

Agora nos dois caixeiros de Manuel Simões balbuciam as primeiras aspirações do povo que ainda não entra em nada, que assiste á contenda das duas classes superiores sem poder nem saber decidir bem ainda nem as suas proprias sympathias, que ora tendem a uma, ora a outra.

Mas, vença uma, ou vença a outra, o que ha para elle na victoria?

Quando o poder muda, seja para quem fôr, applaude, porque o instincto lhe diz que n'essas mudanças descansará elle.

Dei-lhe dois caixeiros ao Manuel Simões, um do norte, outro do sul do reino, porque, além de ser essa a verdade material dos factos e dos costumes, a verdade topographica, para assim dizer, do bairro commercial de Lisboa—tambem se caracterizam assim melhor as tendencias e instinctos, não tam claras como hoje, mas já então visiveis, das duas principaes divisões do povo portuguez.

Se alguem queria vêr outra coisa n'uma comedia do tempo do marquez de Pombal, esse alguem, perdôe-me a sua ausencia, é tolo; e tanto sabe o que é o Portugal em que vive, como aquelle em que viveu seu pae e seu avô.

Lisboa, Abril de 1848.

A SOBRINHA DO MARQUEZ

Comedia representada, a primeira vez, em Lisboa, no theatro de Dona Maria Segunda em 4 de abril de MDCCCXLVIII.

PESSOAS: Marquez de Pombal.—Padre Ignacio.—D. Luiz de Tavora.—Manuel Simões.—Tia Monica — D. Marianna de Mello.—Zephirino.—Zé Braga.—Secretario do Marquez.—Povo. Dragões do Marquez, caleceiros, gallegos. Logar da scena—Lisboa.

ACTO PRIMEIRO

Sala, meia escriptorio meia armazem; mobilia dos meados do seculo dezoito. Ruma de fazendas a um lado carteira alta de escrever, com seu mocho. Portos ao lado e no fundo.

SCENA I

SIMÕES, MONICA, ZEPHIRINO, ZÈ-BRAGA

Simões (*Sentado á carteira, chapéo na cabeça.*) — Está bom, tia Monica, está bom. Vá cuidar no mais. Minha sobrinha póde chegar de um instante para outro; é uma menina delicada, que vem do convento costumada a todo o melindre, não quero que estranhe.

Monica (*A'parte.*)—Sobrinha, sobrinha!... Será. E muito me dá que fazer a tal sobrinha! (*Alto.*) Pois então lá vou. Elle está tudo prompto, mas emfim...

Simões—Vá, vá.

SCENA II

SIMÕES, ZÉ-BRAGA, ZEPHIRINO

Simões (*Distrahido, áparte.*)—A sobrinha do marquez em minha casa, e vir aqui passar por minha sobrinha!... E têl-a eu em casa, ter de a tratar deante de gente como tal! Grande honra, Manuel Simões, grande honra!... mas... E o padre-Ignacio sem vir! Não sei como me heide sahir d'esta embrulhada. (*Levanta-se, vem ao meio da scena, e repara em Zephirino e Zé-Braga.*) Esses droguetes para baixo... Dez peças na prateleira da esquerda, uma peça no banco da amostra á porta. Entendem? (*Outra vez distrahido.*) Que eu sou pelo marquez... Quem não hade ser por elle? E' meu compadre... e tam pouco lhe devo eu!... Mas aquelles gritos em Belem... aquellas crueldades... aquella pobre marqueza de Tavora... (*Reparando nos caixeiros que fazem o que lhes mandou.*) Não lhes esqueça de regarem o passeio adeante da porta. (*Falando comsigo.*) E o duque... Oh! aquillo foi por demais. (*Torna a reparar nos caixeiros.*) Sacode essas capas, rapaz: hade estar bonito aquelle panno encarnado se vocês o deixam assim... (*Comsigo.*) E' verdade: mas tambem quem lhes mandou atirar aquelles tiros?... (*Aos caixeiros.*) Não sacudas assim, bruto, que tiras a flor ao panno. Ai, que te mando outra vez para Villa-nova-de-Famalicão para andar atraz dos bois, gallego!...

Zé Braga—Num sou gallego, sô patrão, nem sou lá de Famalicão, sou de Vraga nado e criado: canté o tio avade vem n'o save.

Simões—Sejas tu de Vraga ou de Voiças, cala-te, que não estou para te aturar. (*Comsigo.*) Mas quem sabe se foram elles por fim? e fosse como fosse, fosse quem fosse que désse aquelles tiros, nunca eram as pobres senhoras que pucharam o gatilho. (*Para os caixeiros.*) Agora tu, hein! meu alfacinha não sei de quê? Isso! endireita o pescocilho e riça o topete, em vez de ires medir aquelle baetão que já veiu ha dois dias, e nada! Não sei como não trazes polvilhos, meu papa... pa... paparrotão. Ai que eu!... Um brutamontes, outro peralvilho: um minhoto cerrado, outro deslavado alfacinha! estava aviado eu se não fosse o Sr. Luiz (*A'parte*) Pobre D. Luiz, quem te diria! (*Alto.*) Qu'é do Sr. Luiz, madraços? Ainda está no seu quarto?

Zephirino—Nós é que semos os madraços, sim senhor... São oito horas, e o Sr. Luiz ainda está no seu quarto... mas para nós é que andem serem os... Aqui vem o Sr. Luiz. (*Olhando ao bastidor.*)

Simões—Calem-m'a a bocca! Xó d'aqui ambos! Para a logea, olhar pelos freguezes: e fechem-me essa porta. (*Vão a sahir os caixeiros.*) Oh! e oiçam cá: (*Voltam os caixeiros.*) Em vindo o padre-Ignacio...

Zephirino (*Rosnando.*)—O padre-Ignacio é um famoso jesuita!

Simões—Que rosnas tu lá?

Zephirino—Nada: é que ouvi por modo de uma carruagem... Se fosse o Sr. marquez...

Simões—Papalvalhão mettido a esperto! como te lembraste do marquez a estas horas?... Sete horas.. sete e meia, o muito.

Zephirino—Que elle não esteve aqui hontem ás oito! E mais a carreira que deu o Sr. Luiz mal que o avistou?

Zé-Braga—An que lh'o démo corresse atraz, num podia correr mais! Deu-m'um pincho para traz do valcão e foi-se metter na locha de traz...

SCENA III

SIMÕES, ZEPHERINO, ZÉ-BRAGA; LUIZ
(parando a porta do quarto)

Zé-Braga (*continuando sem vêr Luiz*)—Que é isso, que l'eu dixe, sor Luiz? qu'o nosso marquez que num mette medo senão ós xesuitas. Bocencê é cá dos que elle faz festa, da sua chente...

Simões (*que viu Luiz, tira o chapéo com disfarce*)—Cala a bôcca Boiças, e marcha já para a logea.
Zephirino—Então em vindo o padre Ignacio?
Simões—Que entre logo para aqui. Vae-te.
Zephirino—Inda que esteja o Sr. marquez?
Simões—Quem te fala agora no marquez, babau d'alfacinha?
Zephirino—É que o padre Ignacio... já por ahi dizem pelo arruamento...
Simões—Dizem... dizem. (*Encolerisando-se*) O que é que dizem, tolo?
Zephirino—Que é um refinado...
Simões (*pegando no covado*)—Um refinado o quê?...
Zephirino (*fugindo com o corpo*)—Não dizem nada, senhor; está bom.
Zé-Braga—Digem, sim senhor, digem: eu cá num tenho medo, digo-lhe a berdade. Digem que é um xesuita disfarçado.
Simões (*contendo-se*)—E não dizem mais nada, marotos?
Zé-Braga—Oitros digem que é ai alma do padre Malagrida que ianda im penas. E mais que fagem grande aquella e pasmachão, os mercadores e capellistas todos, por ber o nosso patrão bindo a xer coma é, compadre do sor marquez...
Simões—Caixeirada!
Zephirino—E os patrões tambem, senhor, que por ahi falam bem n'isso. É que lh'o não dizem na sua cara... mas por traz, tomára eu que os ouvisse. Que se admiram como o marquez vem a sua casa, e se fia tanto no seu compadre .. Que vocemecê é pelos fidalgos que foram a justiçar.
Simões (*'Aparte*)—E não se enganam de todo.
Luiz (*A'parte*) —A justiçar, meu Deus!... a assassinar. Chamam áquillo justiçar!
Zé-Braga—Que num acredita qu'os xesuitas tibessem patto c'o démo...
Zephirino—Que está que santo Ignacio foi santo devéras...
Zé-Braga—Que fez uma nobena, mai'la tia Monica, muito em xegredo...
Zephirino—A'quella imagem do santo...
Zé-Braga—Que é de prata moxixa...
Zephirino—Que tem escondida no seu oratorio ao-pé da cama.
Simões—Tolos!
Luiz—Impios, servis!
Zephirino (*vendo Luiz*)—Ah! ahi está o Sr. Luiz. Elle que diga. Mas é que tambem deante d'elle não falam, não sei porquê... E olhe, Sr. patrão... Mas é que vossemecê... (*Apontando para o covado.*)
Simões (*retorcendo o covado na mão com impaciencia*)—Dize, dize. (*Para Luiz*) Muito bons dias, senhor... Muito bons dias, Luiz! (*Para Zephirino*) Anda tu, fala... j'ágora quero saber tudo o que dizem.
Zephirino—E o covado?
Simões—Não te vae o covado, alfacinha reles. (*Atira o covado*) Dize o que quizeres, tudo o que ouviste...
Zephirino (*abaixando a voz*)—Pois dizem que a sua fazenda, toda a sua riqueza que vossemecê diz que deve á protecção do marquez... e as suas fábricas, e tudo tal não é seu, nem lhe veiu d'ahi: que tudo lhe vem pelo padre Ignacio, e que era dinheiro que ficou escondido nas profundezas do Collegio novo, á Cotovia—E que hoje querem chamar dos Nobres—E que o dinheiro que é dos Jesuitas, e que a principal parte dos lucros que vae para Roma; que vossemecê que acceita mais lettras de Genova e Liorne do que o seu trato pede com aquellas terras... Que assim o disse o outro dia no meio da praça, deante de muita gente, o Sr. José Gramicho.
Simões—Bisbilhoteiros!
Luiz (*ao ouvido de Simões*)—Meu Simões, sou eu que te deito a perder.
Simões (*do mesmo modo*)—Cale-se, senhor!
Zephirino—E o que todos scismam mais, em tudo isto é a amizade do marquez com vossemecê, e o que lhe elle quer, e as visitas que lhe faz, e o que elle enche a bôcca, sendo tamanho fidalgo. .
Luiz (*A'parte*)—Fidalgo! onde nós chegamos!
Zephirino (*Olhando para Luiz*)—Pois sendo tamanho fidalgo, o que enche a bôcca com o seu compadre Simões! E mais que, estando lá pelo Brasil o afilhado de quem nós eramos compadres—o seu filho de vossemecé—ficasse sempre a mesma amizade.
Simões—Invejosos!
Zephirino—Mas que, se o marquez souber—e que o hade vir a saber, mais dia, menos dia—que vossemecê que fez, inda o outro dia a titulo de ser por alma de sua mulher, mas, mas que não era—que fez um officio de defuntos em San'-José-de-Ribamar por alma e tenção do duque de Aveiro que já não é duque...
Simões—Não, coitado! que lhe ficou o ducado no patibulo...
Zephirino—E mais por aquella bruxa da marqueza de Tavora que tinha enfeitiçado a el-rei ..
Luiz—Villões ruins! atrevida canalha! quem lhe deu a confiança de pôr sua nojenta bôcca em minha... em minha madrinha?
Zé-Braga—Sim, sim! Mais cá o sor Luiz que tal sovrinho num é de bossencê que lhe biesse da terra, mais que é ..
Luiz—Quem sou eu, miseravel, para me conheceres tu ou elles?
Zephirino—Ah! ve, ve? Mesmo esse ár, que é o que elles dizem; que é um dos mortos que não ficou bem morto em Belem, e que o patrão que o trouxe para casa de noite ás escondidas; e que lhe deu vida o padre Ignacio outra vez por suas malajartas de jesuita... Deus lhe perdôe!
Simões (*compondo-se e affectando seriedade*)—E não dizem mais nada?
Zephirino—Dizem, sim senhor. Que em o marquez vindo a saber tudo isto, um dia, quando menos se espere, desapparece d'aqui da rua Augusta a famosa logea de pannos, baetas e bactões de Manuel Simões e Companhia; e elle e a sua firma e os seus pobres caixeiros... E que, se ficar a tia Monica para contar do terremoto...
Simões (*benzendo-se*)—Como tu falas em terremotos, bruto!
Zé-Braga—É a tia Monica: a tia Monica é que está sempre a falar n'isso; e a contar das tôrres da Sé que dansavam; e a casa alli de Santo Antonio que avriu como uma belancia pela xésta...
Simões—Cala te, e faze o signal da Cruz, brutinho, quando falares n'esses terrores de Deus. O senhor Jesus seja comnosco. Sanctus Deus! Sanctus fortis! Minha pobre mulher! .. (*Põe as mãos na cara e vae encostar-se á carteira.*)
Zé-Braga—Quem? cá a sôra patroa que ficou mesmo esmagada devaixo da casa... a com'assim, com'a?..
Luiz—Não fales n'isso, José; não vês como affliges o patrão?
Zé-Braga—A tia Monica é que conta assim com'a ella ficou... Stá vom, stá vom: xá me calo.
Zephirino—Coitado do patrão! em lhe lembrando o terremoto, tudo o mais lhe passa. Vamos para a logea, Zé Braga. Ajuda a estes fardos, Sr. Luiz, olhe que é verdade o que a gente disse. Não se fala n'outra coisa por ahi; o patrão que se acautelle, e vossemecê tambem. O marquez é bom cá para nós do povo, dizem... que eu sempre duvido: os tantos esquartejádos do Porto bem do povo eram. Mas cheo! Seja elle por uns ou seja por outros, todos lhe têm muito medo.
Luiz—Medo!

Zephirino—Medo, medo: podéra não! Não que elle, sem mais tir-te nem guar-te, nem juiz nem letrado, nem procurador que te valha, agarra-me n'um homem, enforca-m'o, entaipa-m'o esquarteja-m'o... E se depois pelos autos se vê que era innocente...

Luiz—Trancam-se os autos.

Zephirino—Oh! mas não tira que não seja um grande marquez, e que faz muito pela nação.

Luiz (*A'parte.*)—A sangue tudo, a ferro nos quer emendar! com o algoz por mestre, e a violencia por ensino! (*Alto.*) Sim, meu amigo, sim, o marquez não é tam máo como nós o fazemos. Deixa-me-te ajudar. (*Lança mão a um fardo.*)

Zé-Braga—Ajudar! Ora isto! com esses braxinhos de louba-a-deus... Olhe os seus punhos de renda não se rasguem. (*Tira-lhe o fardo, e com a ajuda de Zephirino, o deita para as costas.*) Vá lá, homem, upa!

SCENA IV

SIMÕES, LUIZ

Luiz (*Chegando-se a Simões que ainda está na mesma attitude.*)—Meu Simões, meu amigo, meu verdadeiro amigo!...

Simões (*Levantando-se e tomando uma attitude respeitosa.*)—Meu amo, Sr. D. Luiz, perdôe V. Ex.ª...

Luiz—A que vêm essas excellencias, homem? Cuidas que eu preciso d'isso ou que posso com isso? —Aqui sou teu sobrinho e teu caixeiro. As outras honras e titulos estão enterrados acolá nos fortes da Junqueira. Esses tristes pergaminhos que não deliu tanto sangue... lá estão a apodrecer no lodo, n'agua encharcada d'aquelles subterraneos. E eu, eu aqui ha dois annos em tua casa para quê? Pondo em risco a tua vida, fazendo-te passar os dias na anciedade, as noites no terror; porquê? meu velho Simões, e para quê?—Para vêr se acudo a meu pae, se lhe valho... E ha dois annos que voltei de Inglaterra, que aqui estou a empecer-te e a dar-te cuidados e trabalhos... e ainda não pude nem saber se meu pae era vivo ou morto! ..

Simões—Hoje, meu senhor, hoje é o dia grande, a noite de alegria que hade pagar tantos sustos e trabalhos.

Luiz—Hoje!... Ha quantos mezes me dizes tu *hoje* todos os dias? E passa-se hoje, ámanhan e outro dia e outro dia... semanas, mezes, annos... e não sei se meu pobre pae já expiou com a morte o abominavel crime de lhe correr nas veias o proscripto sangue dos Tavoras... Viver meu pae? não póde ser... ha quinze annos! E' impossivel. Quinze annos n'aquella horrorosa prisão! E' uma esperança van, uma criancice minha. Mas porque m'o não hade dizer este perseguidor da minha familia, este verdugo de quanto havia nobre e independente n'esta terra que ha tantos annos tyranniza? Hontem á noite, dize-me: — hontem á noite que elle aqui esteve comtigo mais... Oh! foi mais de tres horas... perguntaste-lhe por meu pae! Deu-te alguma resposta?

Simões—Perguntei, meu senhor: e a resposta foi a do costume.

Luiz—Qual? a infamia do casamento?

Simões—Sempre o mesmo.—«Não sei; se quer casar, verá seu pae; senão não. Sei que tu tens escondido esse filho do meu inimigo; sei que voltou «de Inglaterra, sei por onde veiu, que desembarcou «em Galliza, no Ferrol, em trajos de mercador, no «dia... tal, a tantas horas.» Sabe tudo o maldito do homem! «Que atravessou a fronteira com pas«saporte que lhe arranjou o consul inglez; que es«teve no Porto de noite a... taes horas.» Sempre a data, a hora, com o relogio e a folhinha na mão!... «Que passou pela Cordoaria, e que, ao vêr certo «espectaculo, certas penduras que ainda lá estavam «pelas arvores, fechou o punho e exclamou: *Ah «tyranno!* .. E o tyranno sou eu .. porque fiz «castigar aquelles republicanos tripeiros que me «queriam ensinar como se faz o negocio dos vi«nhos, e que el rei meu senhor.. » tirando o chapéo: tira sempre o chapéo em falando d'el-rei.

Luiz—A si se corteja, o hypocrita; porque el-rei bem sabe elle que não é nada.

Simões—«Eu sei tudo» continuou elle «sei tudo, «compadre Simões; e por amor de ti finjo que não «sei. E o rapaz é bello rapaz, é instruido: appren«deu muito nas suas viagens. A mim m'o deve: «não sahia d'aqui do canto do mundo esta gente «se os eu não fustigasse.. »

Luiz—Malvado!

Simões—Será, sim senhor; mas lá isso, faz-lhe justiça a V. Ex.ª Ainda foi mais o que elle disse hontem, muito mais: eu estava pasmado. «Tem real«mente muito merecimento o teu protegido, Si«mões» Suas proprias palavras: «Não se peja de «sêr industrioso; com o pouco que lhe escapou do «sequestro, sei que tem negociado, que é teu so«cio ..» Fiquei a tremer quando tal ouvi. Elle: «Não tenhas medo, tolo: é um serviço que fizeste «a el-rei meu senhor» barretada «e ao Estado. Es«se dinheiro de fidalgos ia-se em toiros e cavallos: «confiscaste tu, para a industria e civilisação do «reino, o que escapou ao fisco real. Tanto melhor! «por um ganhas cento, e mais elle. Não lhe quero «mal, ao contrario: o rapaz não tem as ideas de «aristocracia feudal d'estes ferrabrazes que eu puz «a direito...»

Luiz—Infame!

Simões—«Que eu puz a direito,» dizia elle «com «sua dureza, é verdade: mas não havia outro re«medio. Porém o que lá vae, lá vae: o rapaz tem «juizo: estou prompto a ser seu amigo, que case «com minha sobrinha. Marianna é formosa, tem «espirito, e é um bom partido... leva-lhe em dote «a liberdade do pae, e a casa que lhe eu mando «logo entregar...»

Luiz—Indigno! Antes a barra de ferro no peito, como...

Simões—E' verdade, é verdade: V. Ex.ª tem muita razão Mas... e seu pae?

Luiz—Meu pae, meu desgraçado pae! Oh!...

Simões—«Diga elle que sim» foram as ultimas, formaes palavras do marquez—«diga elle que sim, fi«ques tu por seu fiador; e eu farei por elle e por «ti o que ainda se não fez por ninguem, desde que «eu... desde que el-rei meu senhor governa. Abrir«se-hão os calaboiços da Junqueira, e verá seu «pae.» Eu tremendo com muito medo, mas sempre lhe disse: «Talvez para não tornar a sahir.»—Elle muito irritado: «A minha palavra, Manuel Si«mões! Atreve-se a duvidar da minha palavra?»

Luiz—Atrevo eu. Mas não importa: deixe-me elle entrar, e que eu abrace, ao menos uma vez ainda, o meu pobre pae!... Oh! mas o preço...

SCENA V

SIMÕES, LUIZ, PADRE-IGNACIO

Ignacio—O preço é de quem sabe o que vende, e o freguez que tem. A bençam de Deus seja comvosco, meus filhos. Luiz, D. Luiz, coitado! Attribulados nos vemos, meu filho... Ora paciencia, paciencia! Deus dará remedio.

Luiz—A meu pae, só se fôr no céo padre.

Ignacio—E mais na terra, e mais na terra. Ora pois —Seu pae está vivo, D. Luiz.

Luiz—Vivo!... Oh! padre, Deus lhe pague essa nova. Vivo, meu pae?—Mas como sabe?... Não póde saber.

Simões—Sabe, sabe; se elle o affirma, é porque é

assim. (*A'parte*) O que eu ainda ando para saber é qual dos dois adivinha mais cá n'esta terra, se o marquez, se o padre Ignacio.

Ignacio—Que rosnaes vós lá, Simões?

Simões—Eu nada, padre. (*A'parte*) Vêem o outro com os seus oiros e velludos, este com aquella loba velha e safada... a mim me melem se este o não enfia.

Ignacio—Simões?

Simões—Senhor.

Ignacio—Vós pensaveis, Simões, e...

Simões—Eu!...

Ignacio—Vós, sim, Simões! (*Pausa*) Manuel Simões, vós fostes criado entre os padres; d'ahi, vos puz eu em casa do Sr... do pae de D. Luiz, Simões; e d'ahi, por meu respeito e da Companhia, vos fizestes gente. Ora a Companhia já lá vae, Simões... mas eu fiquei.

Simões (*tremendo*)—Vossa paternidade...

Ignacio—Irmão Simões, de joelhos, e diga a culpa! (*Simões ajoelha com grande humildade*) Irmão Simões, eu sei o que passou por vossa fraca e chôcha cabeça, e o peccado contra Deus e a Companhia que vossa caridade commetteu agora por pen samentos. D'isso vos accusaes e pedis perdão a Santo Ignacio e aos seus padres?

Simões—Peço, meu padre, com toda a humildade do meu coração. Perdoae-me, que eu prometto...

Ignacio—Levante se, irmão.

Luiz (*á parte*). — Que obediencia, que espanto! Verdadeiramente estes padres ou são inspirados ou possessos.

Ignacio—Está pasmado, D. Luiz! Bem sei o que pensa. Engana-se. Tudo isto é natural e simples.

Luiz—E porque o não faz ninguem mais?

Ignacio—Porque não estudam os homens, porque não cuidam de sua educação, porque de todo o sempre se tem pensado que os vinculos materiaes, sós, podiam ligar os homens. A Companhia de Jesus fez o contrario. A regeneração da especie operada sem crimes nem sangue, sem violencias, obrada só pela intelligencia, era o seu empenho... empenho já meio conseguido. Os reis tiveram medo de nós e do nosso systema. Seja proscripta a Companhia! carreguem-se-lhe mais crimes do que se carregaram aos Templarios. Sejam immoraes, corruptos, regicidas, sacrilegos... bruxos e lobis-homens se quizerem .. Não falta quem crêa. Acabemos com elles antes que elles acabem e consigam que o mundo se povôe de homens. Seu poder é a intelligencia, e a intelligencia é a nossa inimiga grande. O fanatismo disse amen á tyrannia. A ignorancia tola applaudiu, e o mundo ficou para os hypocritas .. Para os hypocritas da monarchia, e para os hypocritas da philosophia. Por quantos annos, marquez de Pombal? Esperem pelos recados de França que hãode chegar um dia cedo. A especie humana está a caminho. A civilisação, guiada e contida por nós, vinha lenta e suave. Quebraram-nos as mãos no cepo do algoz; ella ficou á solta: hade doudejar, que é môça... Lá fica o cepo do algoz, e o seu cutello tambem... Veremos contra quem se volta agora. A cruz de Jesus Christo era arvore de sciencia, era bandeira de progresso quando nós a tinhamos na mão... Agora formaram-se dois campos... e vós fostes hastear a cruz nos arraiaes da ignorancia... Lá estão os philosophos do outro lado. São poucos? Elles crescerão. O povo não os entende? Elle entenderá... E que não entenda, é preciso entender para ser proselyto? Veremos quem vos vale agora, veremos d'onde hade vir a paz ao mundo; veremos quem tem mão na Cruz de Christo pregada n'esse Calvario de ignorancia e de cubiça.

Luiz—Este homem é anjo, ou?...

Ignacio—Ou demonio? queria dizer. Nem uma coisa nem outra D. Luiz. Sou um pobre clerigo velho, um triste proscripto da Companhia de Jesus, um d'esses homens tam calumniados porque tiveram a desgraça de preceder o seculo, porque sentiram o caminho que levava o mundo; porque viram a especie humana atormentada do desejo de melhorar, da ancia das reformas, e conceberam o louco projecto de a salvar das violentas crises que a esperam. Tentaram—e a tentativa era bella!—regenerar a obra da creação sem a precipitar primeiro no cahos. O nosso empenho foi calumniado, foi proscripto: outro systema prevaleceu. Alguma geração futura o bemdirá talvez; mas duas ou tres hãode ser victimas antes... e os paes e avós têm de comprar, a peso de lagrimas e sangue, essas fortunas—bem duvidosas! dos filhos de seus netos cujos paes estão ainda por nascer. (*Pausa*) Pois bem! os Jesuitas são os inimigos do altar e do throno .. Lá está a *Deducção chronologica* que o diz... E o seu auctor nas pedras d'Angoche!... Pagaram-lhe bem... como costumam. Emfim, vamos: depois de perdida a batalha, cuidar dos feridos e resgatar os prisioneiros! D. Luiz, seu páe está vivo, sei-o eu, affirmo-lh'o eu. Podemos salval-o, e é preciso fazêl-o.

Luiz—Como, padre? Diga o quê, que estou prompto. Esse resto de fazenda, a minha vida que seja preciso sacrificar... Meu querido pae, meu desgraçado pae! se o torno a vêr!...

Ignacio—Nada d'isso: nem vida nem cabedaes aproveitam aqui. Precisamos de sacrificio maior.

Luiz—Ha outro maior?... faz-se.

Ignacio—Maior... é... é... E' para quem, como o geral dos homens, arreda os olhos da grandeza dos fins, para se occupar das pequenezes dos meios.

Luiz—Não o entendo, padre.

Ignacio—E' preciso acceitar esta proposta de casamento.

Luiz—Esta... proposta... de... casamento!

Ignacio—Da sobrinha do marquez.

Luiz—A sobrinha do!... Eu!... com a sobrinha d'elle!... O filho de!... Luiz de!... o filho de meu pae com uma!... E é conselho do padre Ignacio, do amigo e director de todos os meus?... de um?...

Ignacio—De um Jesuita! acabe. Mas quem lhe diz que vá já solemnisar essa alliança?

Luiz—Alliança do lobo com o cordeiro!

Ignacio—E' verdade; mas quem lhe diz que a faça, que vá já?..

Luiz—Então não percebo. Pois como heide eu?...

Ignacio—Acceitar uma proposta de casamento não é já assignar as escripturas, não é caminhar logo para a egreja. D. Luiz, saiba o que pouca gente sabe hoje em Lisboa. A doença d'el-rei é mais grave do que se diz. Espalham que vae para Salvaterra... mas a sua mais proxima jornada hade ser a San'-Vicente-de-Fóra

Simões (*aterrado e olhando para as portas*)—Estes meus caixeiros que são tam curiosos... Se elles. .

Ignacio — Não ouvem, Simões; não tenhas medo. (*A'parte*) E que ouvissem, já não ha tempo de...

Luiz—E como quer o padre Ignacio que eu acceite, que dê a minha palavra para... para quê?... para faltar a ella?

Ignacio—Faltar! Não é faltar, é...

Luiz—Quebrál-a, ser um indigno, um villão-ruim!... Meu padre, esse homem tirou-nos bens, titulos, grandeza, a liberdade, a vida. Uma só coisa nos deixou... uma coisa que elle mais que todas quizera tirar-nos, mas não chega lá o seu podêr. A minha honra, quer que lh'a vá eu entregar?

Ignacio—Não, D. Luiz; dê-lhe a vida de seu pae. De

seu pae que está agonizando... que, se hoje o não tirarem dos calaboiços da Junqueira, alli morrerá ao desamparo... sem uma voz de amigo que o conforte... sem uma mão que lhe aperte a mão que esfria .. sem a piedade dos homens, sem o auxilio da egreja... sem um filho que lhe vá cerrar os olhos!...

Luiz—Padre, padre, não é isso tentação, não é isso forçar-me?. . Não é d'isso que accusam a Companhia! Como se combinam com isto, oh meu Deus! as sublimes doutrinas, os generosos principios que ainda agora escutei, que me arrebataram?...

Ignacio—Esperava a reconvenção, filho; e não me offende. Conselhos de Jesuita! E' o que quer dizer... moral de Jesuita! Estamos affeitos a ouvir isso todos os dias, a lêl-o em quanto mascavado folheto de papel pardo por ahi se imprime. Entre dois males forçados, necessarios, inevitaveis, optar pelo menor é a nossa doutrina.

Luiz—E perder a honra, padre Ignacio?...

Ignacio (*sahindo*)—Não, filho honrado, perca seu pae.

Luiz (*correndo atraz d'elle*)—Padre, padre, por compaixão, padre Ignacio! tenha dó de mim... Meu pae, meu pae, meu pobre pae!—Simões que heide eu fazer? Vamos atraz d'elle, vamos... Não, vae tu, Simões, traze-o. Quem sabe! póde ser... vejamos. Se se podesse achar algum meio? Meu pae agonizando... diz elle, elle que sabe tudo! Vae, Simões, vae, faze com que volte; traze-o por fôrça se é preciso; mas que venha. Vae, vae tu. Oh! meu Deus!

Simões—Vou, vou, meu senhor... Mas se elle não quizer...

SCENA VI

Luiz (*só*)—Não hade querer... não me hade acudir n'este apêrto? Será possivel! Oh! e que lhe importa a elle, o Jesuita? Jesuitas! Será pois verdade quanto dizem d'estes padres? E todas aquellas bellas e sublimes cousas que ha pouco lhe ouvi, não seriam senão?... Não quero, não posso, não devo crêl-o. Mas meu pae?... meu pae que morre por meu capricho! Capricho não é. Quereria elle, meu honrado pae, acceitar a vida por tal preço? Uma infamia! Meu Deus, meu Deus, que isto é endoudecer... a minha honra, a da minho familia! É verdade, é... mas... Mas se . . mas esta repugnancia que eu sinto para similhante casamento, não virá ella tambem de outro motivo que eu mal me atrevo a confessar a mim mesmo?... Oh! aquella visão celeste que me appareceu em Santa Joanna d'Aveiro... aquella imagem que aqui anda no meu coração, e que todas as dores, todos os cuidados, todas as desgraças da minha vida não têm podido apagar!... Apagar, só a morte!... mas nem diminuir-lhe a viveza!... Meu pae, meu pae! ai, este meu coração, que tenho medo de entrar n'elle...

SCENA VII

LUIZ, TIA-MONICA

Monica (*Falando comsigo.*)—Está tudo prompto; cama feita, quarto perfumado, os lençoes de esguião com seus folhos .. E' um palmito o quarto da senhora minha sobrinha que eu nunca vi... nem sabia que a tinha, que ainda é mais! Mas diz meu irmão que é; seja. Vamos, vamos, que aqui ha outro parentesco, seja elle qual fôr... (*Vendo Luiz.*) Oh, sr. Luiz! boas novas venham a mim: toca a alegrar-me esse rosto sempre triste, que se vae remoçar esta casa. Até eu me sinto outra. Com gente môça me mate Deus, que para velha basto eu!

Luiz—Bons dias, tia Monica!

Monica—Tia Monica: diz bem. Hoje é que eu começo a ser tia Monica devéras. E que festas que a rapaziada hade fazer á tia Monica!... Já se sabe porquê.

Luiz—Não a entendo. Muito alegre está hoje! (*A'parte.*) E Simões sem voltar! Se iria devéras o padre e que não queira tornar? E' impossivel. (*Alto.*) Pois olhe, tia Monica, estou hoje mais triste do que nunca.

Monica—Sabe que mais, Sr. Luiz? tome o meu conselho, e deixe se de cuidados. Um rapaz da sua edade, com esse ár e sua figura...

Luiz—Tam rapaz sou eu? Ai tia!

Monica—Isso: faça-se velho: não lhe falta mais nada... Que vergonha, sempre triste, sempre melancholico! valha-o Deus! Divirta-se, gose da vida, olhe que a mocidade acaba cedo.

Luiz—Eu não tive mocidade, minha boa Monica; saltei, do berço quasi, para os cuidados de homem feito; tem-se-me ido a vida a esperar e a soffrer... e estou quasi velho.

Monica (*Rindo.*)—Não verão o velho! Ora não seja criança. Olhe: tenho um segredo que o não hade saber o boiças do Zé Braga nem o bonifrate do Zephirino... e ao senhor heide-lh'o dizer, que é um rapaz de juizo, e que me cahiu em graça pelo seu bom modo. (*A'parte.*) Parece um fidalgo o diacho do caixeiro, com aquelle ár de gente que tem... Deus me perdôe!

Luiz—Ora venha lá o segredo, tia Monica. E é só para mim, este?

Monica—Só. E cuidado com o mano Simões, e mais o padre Ignacio... que se elles sabem que eu falei. .

Luiz—O padre Ignacio! (*A'parte.*) Que será isto? (*Alto.*) Diga, diga: bem sabe que falo pouco de meu natural.

Monica (*Com mysterio.*)—E' uma rapariga linda e rica... e com um dote!...

Luiz—Uma rapariga?... quê... como?

Monica—Dezesete a dezoito annos... vá que sejam dezenove!... E que fossem vinte!... se ella é môça, se é formosa como um anjo: dizem elles todos?... Lá de cima, do Porto ou da Beira, d'essas terras lá de Traz-os Montes. Só moios de milho, parece que são mais de vinte. Quanto é vinte moios de milho, Sr. Luiz?

Luiz (*Aborrecido.*)—E' uma figa, tia Monica: sabe o que é?

Monica—Essa palavra agora é que não foi sua!... o Sr. Luiz, que era o meu valido?

Luiz—Tem razão, tia Monica; perdôe... Mas é que ...Se soubesse como eu estou hoje!—Ora vamos: o segredo então é?...

Monica—Eu lh'o digo. Hontem á noite, era já muito tarde, ia-me eu deitar; tinha sahido n'aquelle instante o sr. marquez, que esteve cá com o mano até alta noite: chama-me elle do seu quarto, e diz: «Monica!»

Luiz—Quem, o marquez?

Monica—Ora, sr. Luiz!—Não senhor, o mano Simões: o marquez já se tinha ido. Vou-me eu ao quarto d'elle, e quem havia de eu lá achar?

Luiz—O marquez?

Monica—Não senhor: valha-me Deus! se o Marquez já se tinha ido... não lhe disse? Nada, não: sabe quem? o padre Ignacio muito agachadinho.

Luiz—O padre-Ignacio! Então tinham estado todos tres juntos, em conferencia. O padre Ignacio com o marquez de Pombal!... Ah Jesuitas...

Monica—Sempre é muito bom rapaz, muito simples! Lá ia o padre-Ignacio mostrar a sua carinha de frade da Companhia—que ficou tal qual como era, menos a roupeta, o mais é o mesmo! —o padre-Ignacio ao marquez de Pombal! Essa faz-me rir. Mas olhe: (*Muito em segredo*) em o mano Simões estando no quarto, fechado com o

marquez, conte certo que está o padre-Ignacio por perto. Como elle o faz é que eu não sei. Mas é um bom padre. . lá isso é. Elle confessor, elle tudo. Não, se todos eram como este!...

Luiz (*áparte.*) O caso começa a ser grave. (*Alto*). Com quê então estava lá o padre-Ignacio?

Monica—Como lhe digo: com aquella sua carinha composta e risonha. E o mano triste... E diz-me o mano: «Monica, ámanhã ha de preparar o quarto grande que era de...» Era o da defuncta... de minha irmã... Nunca fala n'ella, o pobre do Simões, sem se lhe arrazarem aquelles olhos.—«A melhor roupa de casa, as commodas inglezas, as cadeiras de damasco azul, tudo o que houver mais fino em casa; que vem minha sobrinha, disse elle. — «Sobrinha» resmunguei eu cá commigo: d'onde vem e aonde estava esta sobrinha? Mas a elle não lhe disse nada, que lhe tenho um medo ... O sr. Luiz bem sabe.—E sae de lá o meu padrinho Ignacio, todo sopinhas de mel, guardasteme d'ellas; E' a Marianninha, bem sabe, aquella rapariga linda e rica que estava em Santa Joanna d'Aveiro; a tia Monica bem sabe.» Pois não sei! Nunca em tal ouvi falar.

Luiz—Em Santa Joanna.

Monica — «Santa-Joanna» disse eu «não póde ser, «pois se eu nunca...»—«Em Santa Joanna d'Aveiro, tornou-me o bom do padre; «a tia Monica bem sabe.»—«Sei, sim senhor; pois não sei?» sei muito bem.»—«E' a sobrinha cá do nosso Simões» disse elle mais «vem cá para casa! é preciso pôl-a á moda, dar-lhe o ár da côrte, e vêr se a casamos cedo.»

Luiz (*áparte*).—Que estranho mysterio ha em tudo isto!

Monica—O mano Simões encolheu os hombros, e com aquelle bello modo que Deus lhe deu quando fala commigo: «Vá, Monica, vá; ámanhã «quero tudo prompto. A' volta do meio dia chega minha sobrinha, e tudo hade estar feito. E Deus a livre, Monica, de que alguem n'esta casa sonhe... Sonhar só! entende? Vá-se deitar.» E eu vim... qual deitar-me! puz-me a lidar, andei com os bahus ás voltas, bati colchões, sacudi roupas ... Eram nove horas, esta manhã, já o quarto estava prompto. Veiu vêl-o o padre-Ignacio em pessoa hoje, haverá uma hora...

Luiz—Uma hora!

Monioa—Sim, não ha mais: esteve-o vendo muito bem, e disse-me: «A tia Monica é uma pessoa de primor.» Mesmo assim m'o disse.—«Está o quarto de uma condessa.» Eu andei á roda d'elle, a vêr se lhe pescava... se percebia... Mas o padre é fino! Só me disse dos vinte moios de milho e dos dezeseis, dezesete annos. Que eu sempre lhe deito pelos vinte para me não enganar... —E então, não é um segredo de dizer a um amigo, hein? não se me alegra esse rosto com a noticia?

Luiz—E' um segredo, tia Monica, um verdadeiro segredo... e bem extraordinario!—E então seu irmão tinha essa sobrinha em Santa-Joanna d'Aveiro?

Monioa—Diz elle que sim... E verdade seja, o mano Simões é lá d'essas bandas. Elle é certo que já cá estava ha muito em Lisboa quando casou com minha irmã... mas Deus sabe as sobrinhas e sobrinhos que por lá tinha deixado. Isso é certo... mas nunca lhe tinha ouvido falar em tal. Tambem porque não hade ser?

Luiz — Será, será. E porque não hade ser? diz bem.

SCENA VIII

LUIZ, MONICA, ZÉ-BRAGA

Zé Braga—Tia Monica, tia Monica! uma liteira que parou á porta da cassa, e pergunta se é acá que móra o sôr Manuel Simões e Companhia. E eu dixe-le que sim, que era acá: que num estaba em cassa o sôr Manuel Simões, mas que estaba a Companhia. E sahiu uma rissadinha de dentro da liteira, uma rissadinha fina e assucarada, e uma bósinha de seraphim que perguntou: «Qu'é d'ella a Companhia?» —«Que sou eu minha senhora.»—E' uma senhora que está dentro: xá perceveu, tia Monica? N'um perceveu? Ora se habia de percever! Quem, a tia Monica que é mais final... «Mas bai'dixe l'eu. «Que sou eu, minha senhora. o Zé Braga, que assim «me chamam por cá, e o Zephirino que ahi bem, «e o sôr Luiz e a tia Monica que estão lá em xima «para serbir a bossinhoria.» Num respondi vem, tia Monica?

Monica—Para um boiças, não foi mal. — E' ella, senhor Luiz: vamos lá: o mano não está em casa...

Zé Braga—E beem duas, tres, quatro, num sei quantas vestas de carga—mullas hãode ser, com tantos guissos... e fagem uma vulha! Estão os caigeiros todos ás portas pasmados a olhar, e toda a xente pelas xanellas... E tudo é chismarem quem será, d'onde birá? E ninguem save, nem xiquer eu! O Zephirino lá ficou, e eu bim dar-lhe parte... Mas espere, espere, querem ber que é ella? E ail-o o Zephirino; o que é que elle traz, o Zephirino?

SCENA IX

MARIANNA, *em trajes de viagem*; ZEPHIRINO *com um regallo n'uma mão, um sacco de damasco na outra;* UM CALECEIRO E GALLEGOS *com bahus, malas, etc.* MONICA, LUIZ, ZÉ BRAGA.

Marianna—Ai! que graça que elles têm! Esperavam um bicho, aposto eu Estão pasmados de me vêr com cara de gente. Já vejo que me heide divertir muito em Lisboa. Então onde está este senhor *meu tio* Manuel Simões?... e Companhia, como elles dizem... (*Vendo Luiz*) Ah!...

Luiz (*Vendo Marianna*)—Ah!

Marianna — Aqui... Pois?... Não é esta a casa do senhor... (*Tira uma carta e repara na sobrescripto*) do senhor Manuel Simões e Companhia, rua Augusta á esquina de?...

Luiz—Esta, minha senhora, esta mesma... e eu que tenho a honra de ser seu... seu...

Marianna—Seu?...

Luiz—Seu principal caixeiro e guarda-livros.

Marianna—Seu principal caixeiro e guarda-livros? o senhor!... de Manuel Simões!... de *meu tio* Manuel Simões... mercador na rua Augusta?

Luiz—Sim, minha seuhora; e na sua ausencia prompto a receber as ordens da senhora sua sobrinha.

Marianna—E' verdade... é notavel.

Zé Braga—E aqui está tamvem o Zé Braga que xá tebe o gosto...

Marianna—Ah! o senhor Zé Braga—galante nome! O senhor Zé Braga é!...

Zé Braga—Camarada aca do sôr Luiz, caixeiro do valcom, e de fóra tamvem...

Marianna—Oh! muito bem. E esta senhora?

Zé Braga—A tia Monica

Marianna—A tia Monica?

Monica—Monica Benavides, uma sua criada. (*A'parte*). Criada! Pois ella não é quasi minha sobrinha?... Mas tem um ár. . Nunca hei de tomar geito de lhe chamar sobrinha. (*Alto*) Monica Benavides, irman de quem Deus tem, que era a mulher do mano Simões que...

Marianna—Excellente companhia! (*A'parte*) Estou n'um sonho;isto não póde ser devéras, Luiz de... aqui!... caixeiro do tal senhor meu tio! Eu sobrinha da tia Monica! E' uma comedia, e parece-me que hade ser divertida: façamos o nosso papel... (*Alto*) Minha querida tia Monica...

Luiz (*A'parte*)—E' sobrinha, não ha duvida... Que pena!
Monica (*A'parte*)—Pois desdigo-me: é minha sobrinha, não ha engano. Só aquelle lindo modo!
Marianna—Se eu soubesse, querida tia, onde era a minha camera ..
Monica (*A'parte*)—A sua camara! uma sobrinha da provincia, e as falas que tem! Estou vendida. (*Alto*) Vou já mostrar-lh'a, estou morrendo que a veja, minha...
Marianna—Sobrinha, diga sobrinha. Então não sou sua sobrinha?
Monica—Pois sobrinha: seja. Não tinha geito, mas logo o tomo: deixe estar. Com uma sobrinha tam linda, com tam bonito modo! Faz gosto ter uma sobrinha assim... Não é verdade, sr. Luiz?
Luiz — E' verdade, é.... mas parece-me um sonho!
Marianna—Tambem a mim! Faz favor, tia Monica, de mandar buscar... Eu não trouxe os meus criados... de mandar buscar a minha bagagem, essas coisas...
Monica (*A'parte*)—Os seus criados!
Luiz (*A'parte*)—Não trouxe os seus criados!
Marianna—Preciso de me vestir, toucar-me, cuidar um pouco em mim...
Monica—Já, já. Forte descuido meu! Zé-Braga, vamos! tudo para cima. Vou preparar, vou arranjar... Verá que lindo quarto é, e como eu o puz, que palmito! Vamos Zephirino! tudo no seu logar.

SCENA X

LUIZ, MARIANNA *e* ZEPHIRINO

Zephirino (*Tornando a traz, e baixo a Luiz*)—Oh sr. Luiz, ella sempre é linda, a sobrinha do patrão!
Luiz (*Baixo a Zephirino*)—Achas?
Zephirino (*Baixo a Luiz*)—Porque? Oh sr. Luiz!... ai! Eu cá vou-me já pôr de fato novo, riçar este topete... Quem sabe? um rapaz da côrte... Ellas lá por cima não vêem d'isto...
Luiz—Faze-lhe as diligencias: está ao talhar para ti.
Zephirino (*Baixo a Luiz*)—Devéras, acha?
Luiz—Acho.

SCENA XI

MONICA, MARIANNA, LUIZ, ZEPHIRINO

Monica (*Voltando*)—Vamos, venha, minha... minha sobrinha. O toucador está prompto, a cama feita...
Marianna—Não me quero deitar.
Monica—Ai! é verdade, o que me esquecia!... O caldo de gallinha que tambem está feito. Não me descuidei, deixe estar. Sr. Luiz, faça um boccadinho de companhia a esta senhora, que eu já venho. Pobre menina! ainda não jantou .. querem vêr? Vou já buscar o caldo de gallinha.
Marianna—Não; antes no meu quarto.
Monica—Pois então espere aqui um nadinha. Anda d'ahi, Zephirino.
Zephirino—Senhor Luiz!
Luiz—Hein?
Monica—Senhor Luiz, converse-me com esta menina, mostre que é da côrte. Jesus, que rapaz! E dizer que andou por França, por essas terras... e acanhado assim! Oh! rapazes do meu tempo!
Zephirino (*Baixo a Luiz*)—Senhor Luiz, metta assim uma palavrinha na conversa a meu respeito, diga que a gente cá que...
Luiz—Não será preciso... mas se fôr...
Zephirino—Sempre é bom, sempre é bom. Ande-me com ella.

SCENA XII

MARIANNA, LUIZ

Luiz (*A'parte*) — Estava quasi indo-lhe já falar no amor caixeiro... era o melhor despique... Mas não, desenganemo-nos primeiro. (*Alto*) Será verdade, minha senhora, isto que eu estou vendo com os meus olhos, ouvindo com os meus ouvidos? D. Marianna de Mello, a secular da Santa Joanna d'Aveiro, aquella menina que eu vi com sua tia... duas vezes só, é verdade... mas que nunca mais pude esquecer!...
Marianna—O caixeiro é galante.
Luiz (*A'parte*)—O caixeiro! tem razão. Que mais sou eu, e que direito tenho! (*Alto*) Aquella menina tam espirituosa, tam gentil, e que tam... tam...
Marianna—Tam fidalga lhe pareceu... Não é isso? Ora veja; pois não era senão a sobrinha do senhor Manuel Simões. Ha enganos n'este mundo. Tambem eu, quando vi em Aveiro um rapaz que se dizia...
Luiz—Que simplesmente se dizia o amigo e recommendado do padre Ignacio.
Marianna—E' verdade: mas que se deu áres...
Luiz—Ares, minha senhora! A gente como eu...não precisa...
Marianna — Muito bem, muito bem; não falemos mais n'isso. O que está visto é que, sem querer talvez, nos enganámos um ao outro. Em Lisboa e n'esta casa, a sobrinha de Manuel Simões... e o guarda-livros de Manuel Simões... Creio que este é o seu logar na familia...
Luiz—Tenho outro mais importante ainda: sou sobrinho tambem.
Marianna—Oh! sobrinho tambem? Melhor. Somos uma especie de primos. Que delicioso parentesco! não acha?
Luiz (*Aparte*)—Como me trata, inda em cima!
Marianna—Pois bem, senhor primo, e senhor guarda-livros .. (*A'parte*) Que ridicula historia! Estou corrida e desesperada! (*Alto*) Aqui em Lisboa devemos ambos esquecer-nos do que se passou ha dois annos em Aveiro. Creio que posso contar...
Luiz (*Fazendo uma profunda cortezia*)—Com o respeito e discreção de um... homem de bem.

SCENA XIII

SIMÕES, PADRE IGNACIO, MARIANNA, LUIZ

Simões—Cá está ella. Como é guapa! Oh! e só aqui com D. Luiz, e em conversação tam animada! Saberão elles! .. Não é possivel. (*Alto*) Minha senhora, esta honra, este gosto...
Marianna—O senhor Manuel Simões?... meu tio não é assim?
Simões—Certamente, esta casa é de seu tio, minha senhora, e...
Luiz (*Baixo ao Padre Ignacio*)—Padre, padre, estou resolvido, tomo o seu conselho, mudei inteiramente de opinião. Vamos soltar meu pae.
Ignacio—Ah, cahiu em si? depois que o deixei, encontrou razões?... (*Olhando para Marianna.*)
Luiz—Sim, padre: razões que abalaram toda a minha fé, que destruiram todas as chimeras do meu espirito, que desvaneceram todas as illusões do meu coração. Não vivo já, não quero viver senão para meu pae. Casarei com essa mulher que nunca vi, que detesto já sem a conhecer... Mas não importa... eu...
Ignacio (*A'parte*)—Que enigma é este? Aqui anda enredo grande que nem eu entendo. . Ah!... ah!... já percebo. Bem: melhor é assim. (*Alto*) Foi Deus que lhe tocou o coração, filho. Agradeça-lh'o e dê-se por feliz.
Luiz (*Baixo ao padre-Ignacio*)—Feliz eu! Ah! se soubesse...

Ignacio (*Baixo a Luiz*)—Sei.
Luiz (*Baixo ao padre-Ignacio*)—Sabe?
Ignacio (*Baixo a Luiz*)—Sei... O que é que eu não sei, meu filho?

SCENA XIV

MONICA, SIMÕES, PADRE-IGNACIO, MARIANNA, LUIZ

Monica—Ora emfim, minha rica senhora, agora vamos Mano, deixe esta pobre menina, que ha meia hora que aqui está enfadando-se.
Marianna—Meus senhores...
Ignacio (*Baixo a Luiz*)—Que lhe parece, D. Luiz? E' gentil, é uma dama perfeita: não é?
Luiz (*A'parte, e cortejando D. Marianna*)—Sobrinha d'elle!
Marianna (*A'parte cortejando a Luiz*)—Um caixeiro!
Ignacio (*Baixo a Simões*)—Como vae a coisa?
Simões (*Baixo ao padre-Ignacio*)—Mal.
Ignacio (*A'parte*)—Vae bem, bem, optimamente!

ACTO SEGUNDO

Outra sala mais reservada em casa de Manuel Simões que se vê communicar com a do primeiro acto. Porta ao fundo, e portas aos lados.

SCENA I

MARQUEZ, SECRETARIO

Marquez (*Ao bastidor*)—Que não entre ninguem aqui! (*Na scena*) São oito horas da noite: tenho tempo ainda. (*Para o secretario*) Ponha essas pastas ahi, e vamos a isto: prepare-se para escrever. Fazemos hoje gabinete em casa de meu compadre Manuel Simões. E' mais seguro do que no paço... Oh! o paço... do que na secretaria d'Estado. Ah! estão montados os meus dragões?
Secretario—Sim, meu senhor, e promptos á primeira voz.
Marquez—As tropas em armas nos quarteis?
Secretario—Tudo está como V. Ex.ª ordenou: a guarnição toda em armas, artilheria de morrão accêso.
Marquez—E o espirito da tropa?
Secretario—Os commandantes respondem dos soldados; e se o povo...
Marquez—O povo!... Oh! o povo... Que dizem hoje os meus agentes secretos? Extractou toda essa papelada?
Secretario (*Que se sentou a uma banca revolvendo as pastas*)—Pela maior parte. Mas ha algumas cartas aqui que V. Ex. hade desejar vêr na sua integra talvez...
Marquez—Pois quê?... temos conspiração, temos Jesuitas, temos?... Deixe vêr. (*Pega nas cartas e abrindo uma*) Da bella e puritanissima condessa. (*Lê*) «Aprinceza sabe tudo... estamos perdidos.» (*Fala*) Sabe tudo! não sabe tal. (*Lê*) «Veiu o Jesuita falar com ella, e estiveram muito tempo em conferencia.» (*Fala*) Ah meu padre-Ignacio, cuidavas tu que eu?... (*Lê*) «O principe está furioso, e prometteu... (*Fala*) Prometteu? Que havia de elle prometter? Uma novena a algum dos registos dos santos que traz dentro da cabelleira. Coitado! Para prior do Crato excellente .. mas para rei!... Que viva mais oito dias D. José I, e eu lhe direi se o seu successor precisa de fazer mais nada do que accrescentar um ponto ao seu nome.
Secretario—Esta outra carta...
Marquez (*Tomando-a*)—Do meritissimo corregedor dos Romulares. *La robe et l'épée*: todos cá estão no livro preto... ou livro de ouro, que é mais exacto. (*Lê*) «Esta tarde, da uma para as duas, chegou a casa do mercador da rua Augusta Manuel-Simões, casa notada lettra C... (*Fala*) Ah! ah ah! Manuel-Simões! meu compadre!... O corregedor é esperto. Casa notada! (*Lê*) «Chegou a casa do mercador... tal, tal... uma liteira com uma senhora moça, e grande trem de bagagem!» (*Fala*) E' minha sobrinha, minha sobrinha que chegou. (*Levanta-se*) Oh! isto é mais sério... A' uma para as duas da tarde! São oito horas!—e Manuel-Simões sem me apparecer... eu sem saber nada! Seis horas, seis horas perdidas? Ah meu compadre! (*Ao secretario*) Toque essa campainha... (*Toca-se a campainha*) toque mais, mais forte. (*Toca-se*) E chego eu aqui, Manuel Simões fóra de casa... E os estupidos dos caixeiros não me dizem nada. E ella, minha sobrinha, onde estará ella? Aqui ha de estar... Toque outra vez a compainha. (*Toca-se*) Como assim! não ouvem, ou será?... Ai Simões, Simões!

SCENA II

ZEPHIRINO, MARQUEZ, SECRETARIO

Marquez—Oh! finalmente, Manuel Simões onde está, teu amo?
Zephirino—Saberá V. Ex.ª que elle... elle...
Marquez—Elle o quê, pateta?.. Onde foi, quando volta?
Zephirino—Não sei dizer, meu senhor. Mal chegou a menina, esta senhora que é sobrinha cá da casa, sahiu logo.
Marquez—Sahiu quem, a sobrinha?
Zephirino—Nada, não senhor, pobre menina! pois ella havia de sahır?
Marquez—Então explica-te, vejamos, e fala claro.
Zephirino—Sahiu foi o patrão, desde que ella chegou, e ainda não voltou; ha bem tempo. E mais sahiu na mulinha por signal.
Marquez—De mais a mais, sahiu a cavallo.
Zephirino—Elle sim, a cavallo! (*Rindo*) O sr. marquez está brincando... O patrão a cavallo!...
Marquez—Pois não disseste?...
Zephirino—Na mullinha, senhor, na mullinha.
Marquez—Pateta!... E então a minha... a senhora... essa senhora que chegou, está deitada já?
Zephirino—Deitada, não sei; mas ha de estar descançando. Ora, uma viagem tamanha! mais ella não parecia muito cansada. Vinha tam perfeita, benza-a Deus! Bem se póde gabar o patrão que tem uma sobrinha...
Marquez (*Zombando*)—Com effeito! Agrada-te? hein?
Zephirino—Se me agrada! E dizer que é lá da provincia, que nunca esteve em Lisboa, e o modo que ella tem! Cá nos arruamentos não ha quem se lhe ponha ao pé.
Marquez (*rindo*)—Muito me contas! Com quê, bonita, hein?
Zephirino—Bonita! Aquillo é... Ora Sr., V. Ex.ª está-me fazendo falar para... mas não importa. Eu digo-lhe a verdade: é uma rapariga qu'a gente .
Marquez—Que a gente o que?
Zephirino—Qu'um homem... E' Jesus!
Marquez—Pelo que vejo gostas d'ella.
Zephirino—Ah senhor! Se o patrão... Elle tem-se visto coisas mais extraordinarias. Inda que eu não

sou senão segundo caixeiro, e o senhor Luiz!... Oh, lá o sr. Luiz é outra coisa; mas esse! esse sim!
Marquez—Esse?...
Zephirino—Esse não quer... esse quer lá!
Marquez—O que é que não quer o senhor Luiz?
Zephirino—O senhor Luiz não é cá como a gente. Não é que elle a não ache bonita, que eu bem vi.
Marquez—Ah! tu viste!.. O que é que viste? Dize-me.
Zephirino—Ora o sr. Marquez quer rir.
Marquez—Protesto-te que nunca falei tam serio; interesso-me devéras por... por essa sobrinha do meu compadre. Com quê, tu viste?
Zephirino—Ora, o que vi não é nada. Mas sempre vi o nosso querido senhor Luiz que lhe deitou uns olhos... mas por outra parte, elle mesmo me disse: «Anda Zephirino que está ao talhar para ti»
Marquez—Ah! elle disse isso?
Zephirino—Disse; mas eu bem n'o entendo. Era como quem dizia: «Cá eu ..»
Marquez—Cá eu?...
Zephirino—Ora senhor!
Marquez—Fala, homem, explica-te.
Zephirino—Não senhor, lá isso não digo.
Marquez (*severo*)—Não dizes!.. perguntando eu!
Zephirino (*resoluto*)—Não senhor. V. Ex.ª póde fazer de mim o que quizer, estou nas suas mãos; mas atraiçoar eu os meus camaradas!...
Marquez (*A'parte*)—*Où la vertu va-t'elle se nicher!* O caracter e a honra refugiaram se atraz do balcão. (*Alto*) Muito bem, Sr. Zephirino, não lhe quero mal por isso; guarde o seu segredo. Mas para outra vez guarde-o de quem o não souber: para o marquez de Pombal não ha segredos. Entende? O sr. Luiz julga-se muito alta personagem para minha... para a sobrinha do patrão... Bem Cuidavas tu que eu não sabia quem era o sr. Luiz!...
Zephirino—Oh senhor!... eu não é que o disse. Misericordia! eu não disse nada. Sr. Marquez, por compaixão! (*A'parte*). Pobre senhor Luiz, coitado! (*Alto*) Oh senhor, não o mande para as Pedras-Negras, não o... (*A'parte*) não o entaipe...
Marquez (*rindo*)—Vae descansado: juro-te que lhe não succede mal nenhum, ao contrario. Vae, vae, e vae-me buscar Manuel Simões, que venha logo aqui. (*Zephirino sae.*)

SCENA III

MARQUEZ, SECRETARIO

Marquez (*passeando*)—O medo que elles têm de mim todos! Triste coisa é o poder, fatal missão a minha! Mas sem este poder, que tantas vezes é obrigado a ser cruel, como se havia de regenerar esta nação perdida, refazer este povo degenerado! Ah! se a posteridade me fará um dia justiça? (*Péga nos papeis*) Oh? a parte do senhor Corregedor! Não acabei de a lêr... (*Lê*) «Uma senhora com grande trem de bagagem... tal, tal, tal... não se sabe quem é, mas suspeita-se... (*Fala*) Que suspeitará o animal do Corregedor? (*Lê*) «por vêr para lá entrar, logo depois, um certo clerigo mal conceituado que dizem ser Jesuita...» (*Fala*) Ora aqui tem em que mãos anda a policia! O padre Ignacio, Jesuita em corpo e alma, que me serve, coitado! cuidando servir se a si e aos seus, mas que eu deixo na pia crença de que me engana—porque assim me convem—aqui tem o senhor corregedor que apenas o suspeita de Jesuita! (*Lê*) «Que dizem ser Jesuita...» (*Atira com a carta*)—Ai que gente, que gente! Pobre Portugal se eu!.. E somos chegados á crise emfim. El-Rei... (*Para o secretario*) Saia, senhor, e em vindo meu compadre, que me chamem logo.

SCENA IV

Marquez, (*só*)—Estou perdido... perdido sem recurso, «V. Ex.ª não é camarista» me disse hoje aquelle insolente, e não me deixou entrar na camera d'el-rei E agora morre, não ha duvida e a reacção é infallivel... reinado de frades e beatas! Que me farão elles a mim?—A mim que hãode fazer? Tremer deante de seu senhor, escravos! não me perdem assim o medo, não.—E quem sabe?... Degradam-me, confiscam-me... enforcam-me talvez.. Sim? pois até á ultima carta jogaremos... E quem perder pagará.—Oh! e meus filhos! e esta casa que tanto custou a fazer... e tudo isto perdido!... Não póde ser, não hade ser. Ainda ha muito recurso, ainda tenho muitos amigos, ainda posso conceber algum meio. Este casamento é preciso fazêl-o, já, já, e hoje... Hoje hade ser, hoje. Oh se el-rei!... mas el-rei está muito mal; não ha tempo a perder. Silencio, animo! que ahi vem o Simões. (*Senta-se.*)

SCENA V

MARQUEZ, MANUEL SIMÕES

Marquez—Ora venha, sr. compadre, venha, aqui estou ha uma hora á sua espera. Então como chegou minha sobrinha, como a acha, que me diz? E por onde anda o sr. compadre desde as duas horas da tarde que ella chegou?
Simões—Meu senhor, tenho corrido tudo á sua procura, fui á Ajuda, fui ao seu palacio; tenho andado, que se não fosse a minha mullinha...
Marquez—A mullinha do meu compadre é prudente e pausada como elle, meu amigo. Mas emfim Marianna chegou. E' preciso, já já, mandar chamar modistas, costureiras, cabelleireiro... pôr-m'a á moda. Já sei que é bonita, bom é. E' esperta, tem juizo?
Simões—Sobrinha de V. Ex.ª...
Marquez—Bravo! Estás um cortezão perfeito, Simões. E querias ser d'aquella estupida Mesa do Bem-commum, tam reles e villan! Vê lá, desde que te fiz da Junta do Commercio, se não tens outro ár. (*Fica pensativo, levanta-se depois, e passeando*). Com estes é que eu os mato devéras, os meus fidalgos. Elevar a classe média, tirál-a do nada do povo, desligal-a dos interesses d'elle! riqueza, saber, força tudo fica no centro. E para aqui o throno, que é o seu logar. (*Chegando familiarmente a Manuel Simões*). Em Inglaterra, não é assim, meu Simões: a nobreza e o povo são muito lá, que ha liberdade. Cá temos a sciencia certa, o poder supremo... havemos de ir mais depressa e melhor. Tu... (*zombando*) ainda tens teus ressabios d'aquella roupeta... hein! Vamos, vamos: não tenha medo, compadre. Foste jesuita mas isso já lá vae. E aprendiz só... tu foste só aprendiz de Jesuita... Quantos votos fizeste tu? (*Simões aterra-se*). Bom, bom! não te afflijas: não falemo mais n'isso. Acabou-se.—Ora pois: e o teu protegido?
Simões (*Confuso*)—Quem, meu senhor?... qual?
Marquez.—Qual? D. Luiz.—Mas é verdade, ambos; que ambos entram no negocio; D. Luiz e o padre.—Então! casa o rapaz? Ajuda-nos o outro devéras, ou cuida que me hade lograr?
Simões.—D. Luiz está resolvido, senhor. Convencemo'l-o hoje: e foi o padre-Ignacio que principalmente o decidiu.
Marquez (*reflectindo*).—Sim? notavel!—Será que.. não póde ser.—Diga-me, compadre, que se diz cá pela Baixa da doença d'El-rei?
Simões.—D'el-rei nosso senhor... não se diz... não

se diz nada... Que se hade dizer?—Em minha casa nada.
Marquez—Em tua casa! que me importa a mim o que se diz em tua casa? Na cidade, nos arruamentos.
Simões—Oh! por ahi... dizem . dizem... que S. M. que está melhor, e que... que como V. Ex.ª tem saude e o despacho não parou ..
Marquez—Não parou, não, que a previdente sabedoria d'el-rei meu senhor antecipou instrucções e ordens para todos os casos emergentes —Mas deixemos isso. El-rei está melhor, o seu incommodo não é nada. Falemos de minha sobrinha. Está justo o casamento: dizes tu Vamos a isso já; hoje as escripturas feitas e assignadas. El-rei meu senhor, por sua real benignidade, manda entregar a D. Luiz a administração de todos os vinculos, capellas, commendas e bens livres que foram sequestrados a seu pae por suspeita de crime de alta traição. São as nossas condições: bem sabes. Cumpro fielmente o que prometti. (*Toca a campainha; apparece o secretario.*)

SCENA VI

MARQUEZ, SIMÕES, SECRETARIO

Marquez — Senhor secretario, aquelles papeis que hontem trouxe o meu tabellião?
Secretario—Aqui estão, meu senhor.
Marquez (*Folheando*)—Escripturas. Hoje mesmo ás... —seja ás onze da noite—estará em minha casa o tabellião, as testemunhas e os nossos parentes. A essa hora apparecerás tu lá com... Póde retirar-se, senhor secretario. (*Retira-se o secretario*) Estarás lá com minha sobrinha. Virá aqui uma carruagem da Casa buscal-os. Em outra irá o padre Ignacio com meu... com meu sobrinho... Meu sobrinho! Ah! eis aqui como elles são. Por traz, cobrem-me de maldições... deante de mim, ajoelham para beijar a mão que os flagella! Cada vez desprezo mais os homens.—Vamos! tens entendido bem as minhas ordens! Tu com Marianna por um lado, o padre com D. Luiz por outro: ás onze horas em minha casa todos. Está dormindo ella?
Simões—Não sei, meu senhor; mas creio que não. Eu vou saber.
Marquez—Não é preciso: se dorme deixal-a dormir; que descanse. Basta que nos vejamos logo. — Os vestidos estão promptos?
Simões—Sim, senhor, em casa tudo.
Marquez—O cabelleireiro de aviso?
Simões—Tudo se fez como V. Ex.ª mandou.
Marquez—Bem. Não se me dava de a vêr, mas... (*Puxa o relogio*)—não tenho tempo. (*Repara em Simões que está triste*) Que é isso, Simões? que estás tu com essa cara tam triste, esse ár tam abatido? que queres? fala?
Simões—Senhor...
Marquez—Dize, não tenhas medo. Temos mais algum empenho dos teus, algum fradinho da mão furada, algum dos teus Jesuitas que eu tenha de proteger. Eu! Olha que tu sempre me fazes fazer coisas, Simões? Eu, o marquez de Pombal, protector de Jesuitas?
Simões—Meu senhor, não é nada d'isso; mas V. Ex.ª esqueceu-se...
Marquez—De que?
Simões—Da principal promessa que fez a D. Luiz, a que mais o moveu, a que seguramente tem mais valor a seu olhos...
Marquez—Promessa! Qual? Pois não lhe mando entregar a casa, tudo?...
Simões—Oh senhor! e seu pae?
Marqhez—Seu pae, seu pae... Isso tem mais que se lhe diga: um preso d'Estado, suspeito de crimes...
Simões — Senhor, senhor! mas V. Ex.ª prometteu senhor, por quem é, lembre-se ..
Marquez—Estás certo que prometti?
Simões—Certissimo; e em nome de V. Ex.ª o assegurei a D. Luiz.

SCENA VII

MARQUEZ, SIMÕES, SECRETARIO

Marquez (*Toca a campainha, entra o secretario*) — Sr secretario aquelle aviso para o governador do Forte da Junqueira ?
Secretario—Aqui está a sêllo volante.
Marquez (*Severo.*)—Quem lhe disse que o fechasse a sêllo volante ?
Secretario—A natureza da ordem: eu...
Marquez—A natureza da ordem? Pois Vm. mette-se a conhecer da natureza das ordens que eu dou? Sr. secretario, quando se escreve a segunda linha de um Aviso no meu gabinete, já deve estar esquecida a primeira. Tem entendido? Lacre esse Aviso já. (*O secretario lacra o Aviso.*) Bem! dê cá. Mande chamar o padre-Ignacio.
Simões—Eu creio que hade estar ahi. Quando eu entrei de fóra, entrava elle tambem: hade estar com minha irman Monica.
Marquez—Ah ! está por cá ? Logo vi que não havia de andar longe. Vá chamál-o Sr. secretario, desça com essas pastas, metta-se na carruagem, e espere-me.

SCENA VIII

MARQUEZ (*Só*)

A rainha quer que soltem todos. Perdôe S. M.; não póde ser. E o bispo de Coimbra? Oh! esse menos ainda. Est'outro não tem duvida, o pae de D. Luiz. E' uma clemencia que não tem perigo e que me faz bem a mim. Ah! se el-rei melhorasse... Aqui vem o Jesuita.

SCENA IX

MARQUEZ, PADRE-IGNACIO

Marquez—Entre, padre, entre, e deixe-se d'essas humildades hypocritas commigo. Bem sabe que o conheço... que nos conhecemos. O padre é meu inimigo.
Ignacio—Eu, senhor! quem sou eu para ?...
Marquez—É um dos reverendos padres da Companhia de Jesus a quem eu fiz tirar a maldita roupeta, mas que ficou tam Loyola, tam solipso, tam jesuita como d'antes; que me tem por mais excommungado que o proprio Calvino, mas que acha, como o nosso amigo Tartufo—sabe?—que *Il y a avec le ciel des accommodements.*
Ignacio—Para fazer uma obra boa. .
Marquez—E' verdade: consignam-se os fins, sejam os meios...
Ignacio—Quaes forem. O marquez de Pombal Jesuita. Hade haver Jesuitas em quanto houver homens. O fim aqui é salvar uma familia illustre, honrada e infeliz. Os meios são fazer um serviço a V. Ex.ª—Tam deshonesto lhe parece o meio, Sr. marquez?...
Marquez—Bravo, padre! A resposta é feliz, e eu dou tudo por um bom dito. Ora pois: assim é que eu quero. Máscara fóra e tratemos como de potencia a potencia... Que a sua ainda é uma potencia... descahida, é verdade: vossas reverencias são uns reis desthronados — desthronados por mim — mas ainda podem bastante. (*Com intenção*) Ainda ha muita casa de commercio que gira com enormes sommas, cujos verdadeiros senhores eu conheço: e, o que mais é, sei onde elles estão e as

A SOBRINHA DO MARQUEZ *Marquez*—Oh padre, padre!... Vamos, a sua mão.

Acto III — Scena XII.

suppostas firmas que os cobrem. Entende-me, padre?
Ignacio—Entendo o que V. Ex.ª quer dizer; mas sei que está enganado.
Marquez—Eu nunca me engano, padre.
Ignacio—Nem com a doença d'el rei?
Marquez (*turva-se*)—El-rei!... (*Serenando*) El-rei está melhor. Quem lhe disse?...
Ignacio—Ninguem me disse nada, Sr. marquez; mas el-rei está muito mal hoje, muito peior, sem esperanças de vida. Talvez ámanhan...
Marquez (*Assustado*)—A'manhan o quê?
Ignacio—Talvez ámanhan sentada no throno de Portugal a Senhora D. Maria I tenha de julgar...
Marquez—Julgar.
Ignacio—Ou de perdoar a quem lhe queria tirar a corôa, para a dar a seu filho...
Marquez—Padre!
Ignacio—V. Ex.ª exigiu que eu depuzesse a humildade do meu estado, que lhe falasse...
Marquez—Bem, bem! Mas el-rei meu senhor ainda respira, eu ainda sou seu ministro...
Ignacio—E póde... continuar a sel-o da filha... Quem serviu tam bem o pae... (*A'parte*) N'esta caes tu por isso mesmo que é mais grossa.
Marquez—Certo é que, se a princeza, minha senhora, quando chegar esse fatal dia que Deus affaste... isto é, esse dia feliz em que para gloria do throno e da nação...
Ignacio (*A'parte*)—Em que ficamos? é fatal ou feliz o tal dia?
Marquez—Se S. A., herdeira das augustas virtudes de seu augusto pae, quizer continuar o glorioso reinado que toda a Europa admira...
Ignacio—Deve conservar o ministro a quem toda essa gloria se deve.
Marquez—A gloria não é minha, é d'el-rei meu senhor...—Padre, falemos claro, e deixemo-nos...
Ignacio—De humildades hypocritas.
Marquez—Sim, senhor.
Ignacio—Nós sômos uma potencia cahida, e V. Ex.ª uma potencia que está para ..
Marquez—Para cahir! Talvez. Entendamo-nos pois.
Ignacio—E' possivel. E' difficil, mas é possivel.
Marquez—Estipulemos.
Ignacio—Estipulemos.
Marquez—Primeiro que tudo, este casamento hoje.
Ignacio—Concedido.
Marquez—Responde-me d'elle?
Ignacio—Respondo.
Marquez—D. Luiz já viu minha sobrinha?
Ignacio—Já.
Marquez—Sabe que é a noiva que lhe destinamos?
Ignacio—Não, nem convem que o saiba por ora.
Marquez—Mas d'aqui a duas, tres horas se hão de assignar as escripturas.
Ignacio—Então o saberá.
Marquez—E o pae?
Ignacio—O pae ha de fazer o que lhe eu mandar, e o filho tambem.
Marquez—Aqui está a ordem para o governador do Forte deixar entrar a V. Reverencia e a D. Luiz. Logo a dou a Simões.
Ignacio (*A'parte*)—Perdeste a partida, marquez de Pombal!
Marquez—Fechemos aqui o protocolo. O resto, depois de assignadas as escripturas. Continuaremos as negociações no meu gabinete. Tenho muito que fazer agora.
Ignacio—Tem, bem sei. A guarnição está toda em armas, as intrigas fervem.
Marquez—Como sabe?
Ignacio—Eu sei tudo.
Marquez—Sabe, sabe. Padre, até logo. D'aqui a uma hora hão de estar duas carruagens a essa porta; metta-se n'uma com D. Luiz, vão á Junqueira; e depois ás onze em ponto em minha casa.
Ignacio—V. Ex.ª será obedecido.
Marquez (*tocando a campainha*)—Alguem d'ahi!

SCENA X

SIMÕES, MARQUEZ, PADRE IGNACIO

Simões—Senhor?
Marquez—Faze o que te ordenei, e adeus até logo.
Simões—Zephirino! Zé-Braga! as tochas.
Marquez—Fica tu, e vae cuidar do que tens que fazer. Toma. (*Dá-lhe o Aviso lacrado que traz na mão.*)

SCENA XI

SIMÕES, PADRE IGNACIO

Ignacio—Onde está D. Luiz?
Simões—No seu quarto.
Ignacio—Tornou a falar com ella?
Simões—Não; Monica disse-me que não.
Ignacio—Bem. Eu volto d'aqui a meia hora. D. Luiz que me espere.
Simões—Digo-lhe que temos a ordem? (*Mostrando o Aviso.*)
Ignacio—Póde dizer. Mas não diga. Eu lh'o direi.

SCENA XII

SIMÕES, *depois* MONICA

Simões—Meu amo, meu pobre amo! que alegria, que felicidade! Ora vamos a isto, que são horas. Monica! Monica!
Monica (*De dentro*)—Ahi vae, ahi vae. (*Sahindo*) Jesus! como esta casa anda! Estou sem cabeça. Uns a entrar, outros a sahir; este que me chama, o outro que me ralha! modistas, cabelleireiros! que desordem... Oh Senhor! haverá algum noivado hoje n'esta casa, ou que é isto!
Simões—E' um noivado: adivinhou, Monica.
Monica—Um noivado! E quem se casa? não sou eu...
Simões (*Rindo*)—Não, por ora ainda não. Outro dia será. Hoje é minha sobrinha.
Monica—Sua sobrinha! O mano está a brincar.
Simões—Estou a falar serio.
Monica—Então para quando é, e com quem a quer casar? Pobre menina!
Simões—E' para hoje.
Monica—Para hoje?
Simões—E já.
Monica—Ora, mano!
Simões—Não é — ora mano, nem ora mana. E' que se casa hoje, já, e que d'aqui a pouco se assignam as escripturas, e que é preciso que se vista. Ahi está tudo prompto, ahi estão as modistas com os vestidos, o cabelleireiro... Vá fazel-a vestir.
Monica—Oh senhor do céo! pois a estas horas! a pobre criança estafada da jornada, e que ainda não dormiu! temos estado a conversar toda a tarde. Ai! e que ricas coisas que ella sabe, e que me contou do convento, e de!...
Simões—Fez bem, e continue; converse com ella, entretenha-a. E sobretudo, que ninguem mais lhe fale; caixeiros, gente de fóra, seja quem for. Tome sentido. Eu vou sahir; d'aqui a hora e meia, duas horas, volto: quero achar D. Marianna prompta para me acompanhar.
Monica—D'aqui a duas horas! misericordia, e a Senhora a Grande me acuda n'estes trabalhos. D'aqui a duas horas! e ainda agora o cabelleireiro começou.
Simões—O cabelleireiro é Monsieur Frisone, homem

capaz e desembaraçado, francez de mãos e inglez de palavras, que fala pouco e trabalha muito. Já estava prevenido, em poucos minutos ficará prompta de suas mãos.

Monica—Poucos minutos, senhor! Esta gente não pensa no que diz: este homem realmente nunca hade saber o que é vestir uma senhora. Oh mano, pois só os sinaes, o pôr dos sinaes! o recortar do tafetá!

Simões—Patetice! Sr. D. Marianna, minha sobrinha, é já formosa bastante por si, não precisa d'esses arrebiques. Que vá sem sinaes.

Monica—Sem sinaes, ih Jesus! Aquelles olhos, tam lindos, mortos sem um sinal preto que lh'os avive! Oh mano, realmente diz coisas... Pobre menina!

Simões—Pois que leve quantos sinaes quizer, com tanto que esteja prompta á hora dada. (*O cabelleireiro atravessa a scena.*) Ahi foi o cabelleireiro: vê? não lh'o disse eu? Ora vá, vá fazer entrar as modistas. Que m'a vistam, que m'a calcem, que m'a ponham de ponto em branco. E adeus! Outra vez, Monica, outra vez lh'o repito, e sentido commigo! n'esta sala, aqui, n'em n'essa camera, nem d'aquella porta para dentro, ninguem mais senão eu. (*Reflectindo.*) Só se for...

Monica—Quem?

Simões—O padre Ignacio. Esse... esse não é ninguem.

SCENA XIII

MONICA (*Só.*)

Não é ninguem o padre Ignacio! Eu quero endoidecer com isto. E o pobre do Sr. Luiz, coitado! Que eu inda tenho os meus olhos; não me digam que não; e bem vi os que lhe elle deitava! Parecia-me outro homem! que animação, que!... E ella? Ella por modo que... E dizer que m'a vão casar assim de repente! Deus sabe com quem? Algum malaventurado que a não saiba estimar... Eu que já cá tinha feito os meus planos tam bem feitos! nada, não! que são mesmo ao talhar um para o outro. Como *Carlos e Rosaura* por uma penna. Ella toda senhora, toda filagrana, toda gentilezas, que ninguem dirá senão que nasceu para andar na côrte. Elle com aquelle ár de gravidade que parece mesmo um embaixador! Ai! Deus os fez, e bem feitos que os fez; mas para os juntar, não póde, não, que se metteu no meio o Jesuita. E Deus me perdôe, que aqui anda elle, o mofino do padre Ignacio, por mais que me digam, n'este enrêdo do casamento. Ora vamos lá, vamos vêr a pobre da menina, minha sobrinha—que eu em tal sobrinha não creio ainda, apezar de tudo. Sobrinha aquillo, de Manuel Simões! Está bom.

SCENA XIV

MONICA *Indo a sahir encontra-se com* LUIZ

Monica—Misericordia! O Sr. Luiz aqui...

Luiz—Tia Monica!

Monica—Não sou tia Monica.

Luiz—Por caridade, oiça-me.

Monica—Não tenho caridade, não tenho ouvidos, não tenho senão mêdo. E Jesus! vá-se, vá-se já, ande senhor, não me perca, deixe-me, vá-se.

Luiz—Que é isso, tia Monica, que tem, que lhe fiz eu?

Monica—Não me fez nada: vá-se. Não tenho nada: deixe-me. Jesus, se o mano vem!...

Luiz—Não vem.

Monica—Quem lh'o disse?

Luiz—Sei-o eu. Foi-se e não torna tam cedo. Assim ouça, escute. E' um caso de vida e de morte... de morte só, porque eu estou resolvido a morrer

Monica—Jesus á minha alma, Sr. Luiz! morrer, morrer! como esta gente moça fala em morrer! Bem se vê que é de longe. Quem se sente já perto d'ella, da morte, como eu, oh! fala com mais respeito... Mas tudo isto é serrar madeira para nada, Sr. Luiz. O tudo é que o mano não quer que entre aqui ninguem esta noite. Vá-se, vá-se já: fico perdida se elle chega e o encontra aqui. Vá-se.

Luiz—Já lhe disse que elle não vem. E oiça-me, Monica. Dou-lhe eu a minha palavra que a não comprometto em nada. Fia-se na minha palavra?

Monica—Fio, fio; mas por outra parte desconfio. Ai senhor Luiz, pois não sabe como é o mano?

Luiz—Sei: mas a seu irmão, que aqui estivesse, lhe diria o mesmo que agora lhe digo. Monica, eu não sou de muitas palavras, nem leves: bem o sabe.

Monica—Sei: pois então diga. Quantas palavras?

Luiz—Duas só. Eu morro.

Monica—Ai menino! diga tres, diga vinte; mas não diga essas duas que são tam feias.

Luiz—Pois está na sua mão dar-me vida.

Monica—Na triste mão da velha! Tome-a e viva. (*A'parte*) Enfeitiça-me com aquelle ár de senhor, o mofino. Manuel Simões que faça o que quizer, eu não posso resistir a isto. (*Alto*) Diga, diga, ande e avie-se.

Luiz—Tia Monica, eu heide falar já, já, com... com sua sobrinha.

Monica—Com minha... sobrinha? Está doido, senhor. Pois não sabe?

Luiz—Sei.

Monica—Tudo?

Luiz—Tudo.

Monica—Então?

Luiz—Então?

Monica—Então vá-se e deixe-me: tenha juizo (*A'parte*) Que pena! Duas almas que se querem... está visto... adoram-se. Diz que morria. Já sei o que elle morre... é que...

Luiz—Duas palavras só, mas heide dizer-lh'as a ella.

Monica—Como as que me disse a mim ainda agora?

Luiz—Como... sim .. as mesmas.. Não sei... Pois sim... Deixe-me: heide dizer-lh'as, heide. E' este o quarto, vamos.

Monica (*pondo-se deante da porta*)—Que faz senhor, que é isto? Ai se o mano tal visse! Ih Jesus! senhor, pense no que faz, lembre-se...

Luiz—Não me lembro de nada: heide entrar.

SCENA XV

MARIANNA, *abrindo a porta do fundo*, LUIZ, MONICA

Marianna—Não hade. Sou eu que saio, e d'esta casa já para sempre, se não heide ser respeitada n'ella.

Monica—Bem vê que não é minha culpa: eu queria... eu não queria...

Marianna—Queria e não queria: ha muita gente assim; bem o sei.

Monica—Eu era...

Marianna—E não era. Tambem assim ha muitos (*A Luiz*) Não lhe parece?

Luiz—Nem todos podem ter a presença de espirito, o sangue frio...

Marianna—Que eu tenho. Exactamente. E' o meu forte, o tal sangue frio. Tia Monica, o Senhor... o Senhor... o Sr. Luiz... de?...

Luiz—Luiz só...

Marianna—O sr. Luiz só... quer-me falar; e com tal empenho, bem vê, com o sangue tam quente. (*A Luiz*) não é isto?... que lhe subiu á cabeça, e o perturbou a ponto de querer violar o sagrado da minha camera. Não permitta Deus que por tam pouco se arrisque tanto. Eu estou penteada e quasi

vestida. Traga para aqui o resto das minhas coisas, o espelho, o mais que é preciso. (*Monica sae*) Póde falar o senhor... o Sr. Luiz.

Luiz (*áparte*)—Dá-me vontade é de lhe virar as costas, e não tornar a vêl-a. Que mulher! que indifferença, que frialdade!... ai! (*Volta Monica trazendo o que se indicou.*)

Marianna (*assentando-se, e começando a mirar-se ao espelho*)—Fale, senhor; estou disposta a ouvil-o: Bem vê.

Monica—O mano tinha dito..

Marianna—O mano disse que eu era sua sobrinha... e este senhor tambem Sômos primos portanto, bem o vê, e temos que falar. Entre primos não ha nada mais natural. Deixe-nos um instante sós, tia; eu tomo toda a responsabilidade sobre mim. Vá, vá. E que responsabilidade! E' ridiculo isto. (*A Luiz*) Pois não é? diga...

SCENA XVI

MARIANNA, LUIZ

Luiz—E' muito sério, minha senhora; muito mais serio do que cuida.

Marianna—Assusta-me devéras. Que ár tam solemne!

Luiz—Solemne sim, e grave: trata-se da minha vida, da minha honra.

Marianna—E' um desafio: querem vêr? á espada, ou?...

Luiz—Prouvéra a Deus que eu tivesse com quem jogar a vida assim, e que a morte a que caminho, fosse...

Marianna—A morte! Oh! não zombe com essas palavras. Merecia-me o conceito de valer mais alguma coisa do que os dizedores vulgares d'essas banalidades que... que já não são moda.

Luiz—Eu não sei o que é moda, sei o que é verdade.

Marianna—Na côrte, para zombar de uma provinciana, tudo é permittido: não é assim! Diga. Pois diga.

Luiz—Digo-lhe o que tenho no coração, o que n'outro tempo lhe disse, o que sabe que é verdade.

Marianna (*Confusa*)—E', bem o sei, mas não lh'o quero ouvir, Ai! já de mais o fiz! Bem sei que me ama; mas eu não posso nem devo... Eu não sei, n'esta confusão em que estou, o que é verdade, nem o que não é Nem pretendo sabel-o. Se o objecto d'esta (*solemne e grave*) conferencia é repetir-me essas coisas que lhe ouvi n'outro tempo, quando...

Luiz—Quando?

Marianna—Quando eu era livre.

Luiz—E agora?

Marianna—Agora não o sou, e não as quero ouvir, mais. Emfim, não falemos serio no que é só para brincar. Meu tio Manuel Simões bem sabe, nosso tio, Manuel Simões e Companhia...

Luiz—Senhora, deixemos enigmas e zombarias. Eu não sou sobrinho de Manuel Simões.

Marianna—Ah! não é sobrinho? .. Pois sou eu.

Luiz—Não é.

Marianna—Sou

Luiz—Basta. Eu tinha jurado conservar este incognito...

Marianna—E que bem guarda os seus juramentos!

Luiz—Marianna, Marianna, por quem é, não abuse da minha situação, lembre-se...

Marianna—E' justamente o que eu não quero, é lembrar-me. Preciso esquecer-me, oh! sim! esquecer me... e heide esquecer-me.

Luiz—Quem podéra ser assim!

Marianna—Póde sel-o quem quer, quem tem obrigações de cumprir, deveres sagrados a que obedecer. Eu...

Luiz—E eu não os tenho?

Marianna—Quaes?

Luiz—Os de um homem condemnado a morrer para salvar a vida a seu pae.

Marianna—Que diz?

Luiz—A verdade: vou morrer.

Marianna—Como?

Luiz—Dando a minha mão a uma mulher que detesto, casando-me com um monstro...

Marianna—Casando! (*A'parte*) Ai que dôr! não cuidei que custava tanto. Que diz elle? (*Alto*) Pois vae?... Pois é verdade?... Pois assim se esqueceu?...

Luiz—Não me disse ainda agora?...

Marianna—Disse... que disse eu? Eu disse? Ah! sim; mas eu é differente. E eu não disse. . eu não faço... eu não posso.—Luiz, D. Luiz, que enigmas são estes, que mysterios, que enrêdos fataes andam aqui? Eu prometti, é verdade, a meu tio . a meu tio, sim.. meu tio verdadeiro .. a meu tio que não é... que é.. que... E não tenho já outro parente no mundo senão elle—prometti lhe obediencia cega, prometti acceitar o esposo que me destinou; mas... Oh meu Deus! ..

Luiz—Mas?...

Marianna—Mas, se é verdade que as nossas promessas são mais antigas, e que as acceitou Deus antes .. Que digo eu! eu estou louca. Não oiça o que eu digo, deixe-me, deixe-me por compaixão. D'aqui a uma hora, ai!—Mas não me disse que seu pae, a vida de seu pae?...

Luiz—Depende, sim, disse e é verdade, do infame casamento a que estou condemnado; da minha morte certa, porque eu não sobrevivo á deshonra de acceitar por mulher a .. a detestavel creatura que me destinam. Não, não sobrevivo á perda de todas as minhas esperanças, ao acordar d'este sonho que nós sonhámos ambos, Marianna, quando...

Marianna—Quando horas e horas nas grades d'aquelle convento nos estavamos devorando com os olhos, jurando eterna fé, jurando morrer antes do que ..

Luiz—Do que pertencer a outro, e eu pertenço ao algoz!...

Marianna—Meu Deus!... que diz este homem? Este homem está louco.

Luiz—Estou.

Marianna—Isso não é verdade: diga...

Luiz—E' oh! é Marianna: a minha estrella fatal não se desmente, não desvia um instante d'esta perseguição funesta que é o meu destino.

Marianna—E se meu tio Manuel Simões?...

Luiz—O que?

Marianna—Não fôr meu tio devéras, se?...

Luiz—Maior é a minha desgraça, mais profundo é o abysmo em que me vou lançar, em que me arrojam! E quem sabe, oh meu Deus! se por fim meu pae?... E' capaz de me enganar, o malvado homem, de me trahir, o Jesuita... Quem sabe se meu pae vive? Quem sabe se m'o restituirão, se?... Marianna, Marianna, por Deus que está no céo, promette-me?... (*Arrebatado, toma-lhe a mão e vae a ajoelhar,*)

SCENA XVII

PADRE IGNACIO, LUIZ, MARIANNA

Ignacio—Não prometta nada, sr.ª D. Marianna. E a loucos ainda menos. Este homem não sabe o que quer, nem o que pede. Seu pae está agonisando, e elle aqui! Aqui em requebros o filho, e o pae lá... O homem a cuja sombra elle escapou ao patibulo, á infamia, á miseria—esqueceu-se de tudo o que lhe devia, e em sua propria casa, n'este asylo a que se accolheu, aqui vem seduzir-lhe a donzella do seu sangue, a filha de seu irmão, transtornar-

lhe as suas esperanças, fazer... Oh! se me contassem esta acção de outro, mas de...

Luiz—Padre!... padre, repare bem no que diz. Perdôo-lhe porque não sabe...

Ignacio—Sei tudo.

Luiz—Não sabe.

Ignacio—Sei; e tambem sei que tenho aqui esta ordem por escripto, e que seu pae nos espera. (*Mostra um Aviso fechado.*)

Luiz (*lendo o sobrescripto*)—E' a minha sentença de morte. Se será o resgate da vida de meu pae? Marianna; Marianna, pela ultima vez e para sempre.. Oh! para sempre adeus!

Ignacio—Coitados!—Deus fará tudo por melhor. Vamos, senhor.

SCENA XVIII

MARIANNA (*só*)

Partiu! vae ser de outra, tem animo para m'o dizer, para sahir de deante de mim e ir... salvar seu pae, o infeliz! Oh! que agora é que eu sei o que lhe quero, agora sim que eu conheço o que amo. Santo Deus! e d'aqui a pouco tambem eu ajudarei por minha parte a levantar entre nós um muro de separação eterna. Tambem eu... Oh meu tio, meu tio! que me importam as tuas grandezas, os teus planos, a tua fortuna? E quanto melhor não era que me deixasses na minha obscuridade? Bem o não queria eu abandonar, o meu querido convento. Oh! antes alli perpetuamente reclusa, antes morrer alli de uma vez para o mundo, do que ter de agonizar assim toda a vida no meio de suas pompas e de seus enganos.—Quem vem ahi?

SCENA XIX

MARIANNA, SIMÕES, *depois* MONICA

Simões—Monica, Monica, não ouve? Já, já, venha.. Oh! minha senhora, perdôe, não a via, não a suppunha aqui. A carruagem está á porta: são mais que horas de partir. V. Ex.ª bem sabe...

Marianna—Sei, partâmos. (*A'parte*) E' morrer isto; mas se elle tem força para o fazer, tambem eu heide tel-a. (*Alto*) Vamos, senhor

Monica—Menina, menina, minha senhora, o lenço, as luvas, o leque. Ih Jesus, olhem como ia! ai. (*Baixo a Marianna*) O mano não sabe nada do senhor Luiz?

Marianna (*Baixo a Monica*)—Não; socegue, e se souber, é por minha conta.

Monica (*Baixo*)—Ai! ainda bem. (*Alto*) Rapazes. Zephirino, Zé Braga, sr. Luiz, venham vêr a nossa menina. Como ella vae linda! ai que amor de rapariga! Deus a fade bem! Oh mano, mano. Olhe lá, mano, se... Ih Jesus! casarem-m'a assim!

Simões—Monica, tenha juizo um dia.

Monica—Juizo, juizo! elles é que o têm, os homens, e tudo fazem assim... ás véssas!

ACTO TERCEIRO

Sala livre do Forte da Junqueira. Bancos e cadeiras velhas. Luzes. E' noite.—Porta praticavel no fundo e outra ao lado.

SCENA I

PADRE IGNACIO, SECRETARIO

Secretario—São as ordens de S. Ex.ª

Ignacio (*lendo um papel*)—As ordens de S. Ex.ª?... repita-me isso, senhor secretario. Tenha a bondade; não percebi bem. Estes meus ouvidos—como tudo o mais aqui—não regulam. Determina o sr. marquez?...

Secretario—Disse-me que viesse a toda a pressa para o Forte da Junqueira, que entregasse este papel a vossa paternidade que cá havia de estar; e que lhe dissesse de viva voz que... que era preciso que o esperassemos aqui todos, porque elle não tardava.

Ignacio—Isso é o que está escripto n'este papel. Não trouxe mais nada o sr. secretario?

Secretario—Trouxe uma ordem para o governador do Forte.

Ignacio—Ora acabe com isso: custou-lhe! Trouxe ordem ao governador do Forte para me retêr a mim e a D. Luiz, e para...

Secretario—Não, senhor, não diz isso a ordem.

Ignacio—Então o que diz, sr. secretario?

Secretario—As ordens do sr. marquez...

Ignacio—São todas secretas e mysteriosas: bem o sabemos. Altos mysterios para quem não está iniciado n'elles, para os profanos. Commigo inuteis, perdidos todos esses segredos!—e podem ser prejudiciaes, muito prejudiciaes, a alguem. Entende-me?

Secretario—Perfeitamente. Mas a verdade é esta: o sr. marquez vem ahi já, e não queria desencontrar-se ..

Ignacio—De nós? Porque? E para que? S. Ex.ª esperava-nos em casa, mandou-nos ir ao seu palacio das Janellas Verdes, onde, a esta hora, devia estar reunida toda a sua familia; Manuel Simões tambem já lá deve ter chegado, e com elle a sobrinha... a senhora D. Marianna, que é uma gentil menina, verdade seja! E' pena, é pena que se desarranjem estas coisas que estavam tão bem arranjadas. Não acha, senhor secretario?

Secretario—Não sei o que me quer dizer.

Ignacio—Mas sabe que tudo estava determinado assim, e que D. Luiz, depois de vêr seu pae—de vêr emfim seu pae ao cabo de tantos, tantos annos—devia ir d'aqui commigo, d'aqui d'estes horrorosos calabouços, para o magnifico palacio do sr. marquez de Pombal, e... Hein? pois não era isto?

Secretario—Sim senhor: mas apenas entrava em casa o senhor marquez para os esperar, quando recebeu uma carta, creio que coisa de muita pressa; expediu logo um correio a Manuel Simões. mandou-me a mim para aqui... e elle foi...

Ignacio—A' Ajuda: bem sei.

Secretario—Quem lh'o disse?—Eu não sei... não creio.

Ignacio—Crê e sabe: e tambem o sei eu. Foi á Ajuda—E el-rei? diga, el-rei?... Diga, senhor secretario: el-rei?

Secretario—Não está melhor... Sua Magestade .. Sua Magestade parecia...

Ignacio (*Erguendo a voz*)—Sua magestade está a esta hora na presença de outra magestade, senhor, da tremenda magestade de outro rei, d'aquelle rei que não morre, d'aquelle rei que é o rei e o juiz de todos os reis. Oh! D, José I deixou de reinar. Que

Deus faça, que Deus tenha... ah! Que Deus tenha misericordia com a sua alma! (*Ajoelha e reza.*)

Secretario (*A'parte*)—Que lhe pedirá elle a Deus, o Jesuita? Pobres de nós todos se aquellas orações são ouvidas. (*Ignacio levanta-se*) Mas, senhor, el-rei, nosso senhor...

Ignacio—El-rei, nosso senhor... nosso senhor?.. Não minta, senhor secretario, que já é tarde para mentir. E de que lhe serve? El-rei está morto.

Secretario—Quando Deus fosse servido chamar á sua glória...

Ignacio—Deus chama á sua glória os que o servem, os que o honram, os que deram glória ao seu nome na terra. Mas diga, diga essas phrases banaes que apprendeu com os reposteiros do gabinete; diga o que quizer agora, que a mim o que me importa é.., (*Chama á porta da esquerda para dentro*) D. Luiz. D. Luiz! venha, D. Luiz.

SCENA II

LUIZ, PADRE IGNACIO, SECRETARIO

Luiz—Que me quer, padre? Aqui estou! Oh! não sabe? meu pae está melhor, muito melhor, padre. Que fortuna! foi uma crise nervosa o que elle teve, diz o doutor; e de certo foi, mas terrivel. Cuidei que me morria nos braços. Alegria, pasmo de me vêr! Não queria acreditar os seus olhos, os seus debeis olhos desacostumados da luz, ha tanto, tanto tempo. Ai! o que tem padecido aquella alma n'aquelle corpo! Emfim passou-lhe, está melhor, e o medico responde por elle. Mas, esta noite, já o não podemos tirar d'aqui: é preciso esperar pelo dia, e ámanhan il-o habituando gradualmente ao ár livre.

Ignacio—Pois o meu conselho agora, D Luiz...

Luiz—Que bem me aconselhou, padre, que bem fez em me salvar de mim mesmo! Restitui a vida a meu pae... Oh! todo o sacrificio é pequeno. Vamos quando quizer, vamos já, vamos assignar essas terriveis escripturas, vamos levar ao tyranno o preço da vida de meu pae. (*A'parte*) Ai Deus! ai minha alma! ai meu pobre coração! (*Alto*) Não importa, vamos já: estou prompto, estou resoluto. (*A'parte*) Marianna... Marianna, adeus, oh para sempre adeus! Perdôa-me, Marianna; é meu pae, meu pae. Adeus! (*Alto*) Elle está socegado agora, padre; dorme profundamente; o medico promette não sahir d'aopé d'elle, e affiança que dormirá umas poucas de horas seguidas. Aproveitemos esta occasião, vamos: não se arrependa o nosso inimigo da sua generosidade.

Ignacio—Não tenha medo, D. Luiz, socegue. O marquez de Pombal é tam fiel ás suas promessas é tam generoso, tam leal, que, para dissipar a mais leve sombra de receio, acaba de nos intimar...

Luiz—De intimar... o quê? Faz-me tremer, padre...

Ignacio—De nos intimar, aqui pelo senhor secretario que presente se acha, que nos dispensa da visita promettida... exigida para esta noite em sua casa, e que...

Luiz—E que? ..

Ignacio—E que ficâmos nós á sua ordem n'este Forte...

Luiz—Presos?

Ignacio—Presos... litteralmente presos, não. Que diz, senhor secretario? Retidos, retidos até que... (*Secretario inclina-se em sinal d'assentimento.*)

Luiz—Devéras? Oh providencia divina! Bemdito sejaes, meu Deus! E abençoado sejas tu um dia por uma coisa emfim na tua vida, marquez de Pombal! Oh meu Deus, meu Deus, que vos dignastes acceitar o sacrificio terrivel a que eu me submettia! Oh padre, padre! Deus é pae por fim. Então prendem-me aqui, fico aqui com meu pae—E o infame casamento?

Ignacio—Inutil j'agora, desnecessario.

Luiz—Será verdade?... meu Deus! E' possivel? que fortuna! Oh adorada Marianna!

Ignacio—Adorada Marianna! O rapaz está louco.

Luiz—Estou louco, estou;—doido furioso de contente. Ai! se soubesse, padre...

Ignacio—Não sei; agora não sei, confesso. Pela primeira vez não sei e não entendo. Pois D. Marianna?...

Luiz—Marianna, ou D. Marianna, chame-lhe como quizer: sobrinha ou não sobrinha, Marianna é um anjo, é a minha vida, é a minha alma, é a parte da existencia que me faltava, e que em vão tenho buscado no mundo. Achei-a, e... Oh! o padre não comprehende isto.

Ignacio—Lá me custa, a falar a verdade. Mas póde ser que... Diga, diga.

Luiz—Achei-a, ai! encontrei-a emfim. E quando eu começava a acreditar que a Providencia se tinha compadecido de mim, quando principiava a crêr na misericordia divina, quando esta alma—tam contristada sempre—se abria á primeira felicidade que viu luzir... Oh padre, então vinha este sacrificio tremendo que era necessario para salvar meu pae, vinha cortar-me para sempre toda a esperança. Bem sabe que não hesitei, bem viu que estava prompto. Mas o que não sabe, o que não viu, o que ninguem mais saberia na terra ou no céo, é que pela vida de meu pae eu dava mais do que a minha vida, do que a minha liberdade, do que a minha honra. Amando... oh! amando como só sabem amar os desgraçados—o amor dos felizes é um prazer de mais—sentimento, sentimento profundo, só no coração do desgraçado!—amando, amando como eu amo a Marianna...

Ignacio—Marianna! Mas qual Marianna, com Deus?

Luiz—Marianna! a minha Marianna. Pois qual? a minha. Aquelle anjo de bondade, aquelle coração de oiro, aquelle espirito celeste que só eu sei o que vale—e ninguem mais; ninguem, porque ninguem é feito para a conhecer senão eu.

Ignacio (*A'parte*)—O rapaz endoideceu de todo, de todo.

Luiz—Pois veja, padre; amando eu assim, certo de ser amado, e quando a sorte, por um mysterio que ainda não comprehendi, nem me importou entender, parecia trazel-a aos meus braços depois de longa e desesperada ausencia. . veja qual seria a minha desgraça conhecendo que devia renunciar a ella, e ir entregar a minha mão, a minha vida a esse monstro... que não póde deixar de ser um monstro, é d'aquelle sangue maldito, é d'aquella raça de tigres que beberam todo o meu, que destruiram a minha familia, que... Oh! bemdito sejaes mil vezes, meu Deus! eu ia como Isaac para a montanha levando a lenha para o proprio sacrificio; e Deus contentou-se com a minha resignação. Deus é pae, oh! é: agora o vejo, padre. Ficarei preso aqui: não importa: ficarei com o meu pobre pae, a ajudál-o, a servil-o—e sobretudo a gosar da minha liberdade n'estes ferros.

Ignacio—Sim, sim, lá me parece que aqui a liberdade hade ser...

Luiz—Pois quê? o que são essas grades, esses ferrolhos, os grilhões que me possa lançar aos pés, ás mãos, comparados com as ignominiosas cadeias que me esperavam, esta noite, no palacio do tyranno? Eu com esta mão, eu assignar tal papel! Eu, esta mão, ir levar-lh'a a elle! Eu, esta mão, ir dál-a a essa mulher!...

Ignacio—Qual mulher?

Luiz—Qual mulher! mas essa mulher que me estava destinada, essa que...

Ignacio—A sobrinha?

Luiz—A sobrinha, sim.

Ignacio—Então?... Pois?... Agora percebo: é que

não sabia que a sobrinha de Manuel Simões era a mesma que...

Luiz—A' sobrinha de Manuel Simões! (*Rindo*) É muito fino o nosso padre Ignacio, sabe tudo, mas...

Ignacio—Mas o quê?

Luiz (*Rindo*)—Mas ha algumas certas coisitas que escapam á sua penetração e perspicacia.

Ignacio—Sim?

Luiz—Sim, senhor, sr. padre Ignacio.

Ignacio—Com effeito? Ora veja.

Luiz (*Em ar de confidencia*)—A sobrinha do nosso Manuel Simões, da tia Monica... (*rindo*) a sobrinha da tia Monica! Que famosa historia! E o padre Ignacio cahir n'esta!—A sobrinha não é sobrinha tal: disse-m'o ella, sei-o eu.

Ignacio—Ah! disse-lh'o ella? Então sabe tudo. Então ainda entendo menos .. Então sabe... e sabe portanto que a sobrinha do marquez?...

Luiz—Sei, padre, sei: pois não m'o disse ainda agora? que essa maldita sobrinha do marquez, essa com quem me ia casar esta noite, já não quer elle que case; que mudou de tenção, e que meu pae...

SCENA III

ZEPHIRINO, PADRE IGNACIO, LUIZ, SECRETARIO

Zephirino—Senhor patrão, senhor patrão! Está aqui o meu patrão? não está? Senhor patrão, senhor Manuel Simões?

Luiz—Que é isto? Zephirino, aqui!

Ignacio—Como o deixaram entrar?

Luiz—Que é isso, homem!

Secretario—Como entraste aqui? as guardas...

Zephirino—Quaes guardas? Bem me importam a mim as guardas! Onde está, onde está o patrão, sr. Luiz? Ai meu Deus! este não é o sr. Luiz. O sr. Luiz tam bordado, tam tafulo? Onde está o outro?

Luiz—Qual outro?

Zephirino—O outro sr. Luiz?

Ignacio—Estás pateta, rapaz? Este é o sr Luiz; falla. Que succedeu, que é isso? Como vieste aqui ter? Como te deixaram entrar?

Zephirino—Ai senhor! Deixe-me tomar fôlego.

Luiz—Socega, Zephirino, descança, vamos.

Zephirino—Jesus! que não sei onde estou. E é devéras o sr. Luiz? Será. E é; eu é que não sei, que não vejo. Ai sr. Luiz, ai sr. Luiz, ai sr. padre Ignacio, não sabe o que vae. Vm., que sabe tudo, não sabe de certo, não póde saber. Acaba-se hoje o mundo, é outro terremoto, ou que será, senhor? Eu fui ao palacio do sr. marquez... mas qual marquez! Fui á Ajuda... peior!... Tudo alvorotado por ahi, tudo cheio de povo. Na Baixa então isso, lá pelos arruamentos, isso é então uma assuada! Pois não sabe? Queriam deitar fogo á nossa casa. E porquê, senhor! porquê? que é o que eu dizia á tia Monica, porque nós somos pelo marquez. Vá que fossemos pelo marquez; era o patrão, está visto. Mas nós que sômos os caixeiros, e a tia Monica? A tia Monica então! a das novenas de Santo Ignacio. O padre bem sabe; ella, hein! Mas não senhor; que tudo vae na mesma firma... Elle é de rasão: Manuel Simões e Companhia. Mas companhia nas perdas sem ganhos! que acha, sr. Luiz? Pois queriam-nos deitar fogo á casa! E andam aos magotes pela rua a gritar «Abaixo o marquez de Pombal!» «morra o marquez de Pombal!» E a tia Monica disse-me: «Vae, Zephirino, vae vêr se encontras o patrão, e dize-lhe que não tenha medo, que ninguem cá hade entrar na casa nem na logea; mas que venha elle sempre o mais depressa que podér.» E lá ficou a tia Monica, mais o Zé Braga —que esta a rir, o maldito boiças e não tem medo. Faz mesmo vergonha aquillo, faz saltar o sangue, vêr que não tem medo nenhum, o patéta. Está tam fresco, de páo na mão, e rindo-se: diz que até vinte alfacinhas que basta elle... tolo! Pois emfim, eu vim, e aquella gente a gritar, e foram ao Terreiro do Paço para arrancar a medalha—aquella que está ao pé do cavallo: sabe?

Ignacio—E sempre a arrancaram?

Zephirino—Não, porque diz que hade de ir á camara, o senado, para vêr como a coisa se faz, e que hade ser de dia, com foguetes. Bem sabe que em Lisboa sem foguetes...

Ignacio—Não se faz nada.

Zephirino—Sim, senhor. Pois ahi está. Eu vim ás Janellas Verdes; mas já disse, nem marquez nem meio marquez. Muito povo a gritar á porta: «Abaixo o marquez!» E eu vim á Ajuda. Lá é que encontrei um criado do senhor marquez disfarçado em povo.. Bom povo aquelle! mas eu bem o conheci. E elle é que me disse que o senhor marquez e mais o patrão que vinham aqui ter: que viesse cá se a coisa era de pressa. Nada, não era de pressa! Deitei a correr; mas o povo é tanto por ahi, e tropas pelas ruas—as carruagens não podem chegar cá tão cedo. Mas ainda agora deram vivas outra vez ao senhor marquez, porque elle diz que vem aqui para soltar os presos por ordem da nossa rainha, porque el-rei...

Luiz—El-rei?

Ignacio—El-rei é morto, D. Luiz.

Zephirino—D. Luiz! Bem o dizia eu, e não me enganava. Oh! sr. Luiz, sr. D. Luiz, e o nosso patrão agora que hade ser d'elle e da nossa casa?

Luiz (*Meditando*)—El-rei, el-rei D. José! morto!...

SCENA IV

LUIZ, PADRE IGNACIO, ZEPHIRINO, SECRETARIO, POVO, *de fóra*

Povo—Viva a nossa rainha! Soltem-se os presos. Queremos vêr os presos.—Viva a nossa rainha!

Luiz—Que é isto?

Ignacio—Não ouve o que é, D. Luiz? E' o povo que acclama a nossa rainha, e a liberdade de seu pae, a sua, a nossa.

Luiz—Meu pae, meu pae livre, e eu tambem!

Ignacio—E a tyrannia d'esse homem sem Deus e sem lei que acabou emfim.—Ah marquez de Pombal, marquez de Pombal.—D. Luiz, vamos d'aqui! Seu pae está entregue a pessoas de confiança. Deixemol o descansar, e vamos nós, que é preciso.

Luiz—Padre, deixe-me respirar... deixe-me entender esta fortuna que me espanta. Estranho-a, não a comprehendo, e não me comprehendo a mim ella. Não sei porquê, no meio de tamanha alegria, sinto uma tristeza inexplicavel que me aterra... sinto como um remorso da minha felicidade. Parece-me que offendo a Deus com o meu contentamento, que falto não sei a quê, que traio não sei a quem... Ai! que terei eu n'alma e de que será feito este coração para me atormentar assim como tudo! Vá, padre, vá; eu aqui ficarei com meu pae até que o possa fazer conduzir a casa. . A casa! nós já não temos casa. A minha casa, a antiga habitação de meus antepassados foi arrazada e salgada por mãos de algoz; nem herva cresceu nas suas ruinas que ficaram malditas! iremos para casa de algum amigo. Oh! sim, o meu Simões, o meu Simões, o meu bom Simões me acudirá como sempre: para sua casa iremos. Vá, padre, vá animal-o. Pobre Simões! em que sustos elle estará! Se o povo realmente .

Zephirino—Para isso lá está o Zé Braga: não senhor, lá a casa não vão elles; não, que o Zé Braga... E sabe que mais, sr. Luiz? Eu desconfio que

o Zé Braga por fim que está com elles e que não é muito pelo nosso marquez.

Luiz—Sim?

Zepherino—Eu cá me entendo.

Luiz (*A'parte*)—E Marianna, e Marianna! Oh meu Deus! (*Alto*) Padre, agora me lembrou de repente. Tem razão, devemos voltar a Lisboa já... ambos. O caso de Manuel Simões é sério: quem sabe o que póde acontecer? E meu pae... diz bem, padre... está entregue em boas mãos. E tambem nós podemos ir, e tornar logo. Mas agora vejo que é preciso ir. Vamos. Venha, padre.

Secretario—Perdôe-me, senhor, mas não tenho ordem.

Luiz—Ordem! Que ordem! Eu heide sahir ..

SCENA V

SIMÕES, MARIANNA, PADRE IGNACIO, LUIZ, ZEPHIRINO, SECRETARIO, ZÉ BRAGA

Simões—Luiz, D. Luiz, padre Ignacio! Oh! cá estão ambos. Estamos salvos. Santo Deus! respiro. Oh que susto! Oh! estamos salvos. Ainda não entro em mim.

Luiz—Marianna aqui! Oh! Simões, e tu? Que é isto?

Simões—D. Luiz, D. Luiz, o povo.. o povo... ai que gente! valeu-nos a sege da casa em que vinhamos... e valeu-nos correr á desfilada. Abençoadas mulas! Oh! padre, padre, que não sei ainda onde estou. D. Marianna, senhora D. Marianna, não lhe succedeu nada? Está boa, não tem nada? Diga, minha senhora, Jesus! que animo de menina! uma senhora d'aquella edade, e não ter medo assim!

Marianna—Medo de quê?

Simões—De quê! Senhor Jesus dos Terremotos! Dos gritos d'este povo, das ameaças, do que elles nos diziam...

Luiz—Onde estão os villões ruins? Quem são, onde estão elles? (*Querendo sahir.*)

Ignacio (*Contendo-o*)—D. Luiz!

Marianna (*A'parte*)—D. Luiz, com effeito! Oh! não é caixeiro. Bem m'o dizia o coração.

Luiz—Marianna, Marianna, o que foi? diga-me por Deus, que aconteceu?

Marianna—Aconteceu unicamente... Faz favor de me dar uma cadeira, uma d'essas coisas.

Luiz (*Chegando-lhe um assento*)—Oh minha senhora!

Marianna (*Sentando-se*)—Aconteceu que chegando nós ao palacio do marquez de Pombal para onde iamos, eu e... e meu tio, o sr. Manuel Simões...

Luiz—Iam para casa do marquez!

Marianna—Iamos, sim; mas quiz Deus que não podessemos entrar.

Luiz—Como assim! Pois?...

Marianna—Não podémos entrar, porque era immenso o tumulto do povo, e uma vozeria: «Abaixo o marquez! Viva a rainha!»

Luiz—E então?

Marianna—Então, mudámos de caminho, e viémos para aqui, onde Simões... onde o sr. Manuel Simões diz que tinha... que vinhamos encontrar o marquez.

Simões—E' verdade, quando sahiamos de casa, da rua Augusta, recebi aviso d'elle que, se o não encontrassemos no palacio, que viessemos aqui ter.

Ignacio—Providentissimo e previdentissimo sempre o nosso marquez?

Zephirino—Oh sr. patrão, e o Zé Braga! que terá féito o Zé Braga! Elle que era tanto contra o sr. marquez!...

Simões—Deixa-me, tolo: que me importa a mim?...

Zephirino—E' que o Zé Braga é capaz por fim de andar mettido nos magotes. Eu que o conheço!

Simões—Ai a minha casa! E a pobre Monica! Mas tu, que fazes tu aqui? Eu endoideço: este é, é o dia de juizo, hoje.

Luiz (*A'parte.*)—Marianna que ia para casa do marquez á mesma hora que eu devia ir!... que mysterio!... (*Alto.*) Padre, quem é esta senhora?

Ignacio—A sobrinha do nosso amigo Manuel Simões e Companhia.

Luiz—Impossivel!

Ignacio—Se lhe repugna vêl-a sobrinha do nosso Simões... veja lá de quem quer que o seja. De quem mais estimaria? Diga. A gente hade ser sobrinho de alguem, hade ter os seus tios por força...

Luiz—Padre, veja o que diz! não zombe commigo, padre Ignacio. Eu não estou, eu não posso... D. Marianna, por Deus lh'o peço, desenrede este enigma. Oh, diga, diga por quem é... diga que não é... que não é sobrinha d'elle, diga que...

Marianna (*Levantando-se.*)—Que não sou?..

Luiz—Sobrinha d'elle, senhora.

Marianna—E não sou. Já não ha para que fingir agora, meu Simões: não sou.

Luiz—Não é? Santo Deus, que felicidade!

Ignacio—Com effeito, D. Luiz, o nosso Manuel Simões muito agradecido lhe deve estar. Pois custava-lhe mais, senhor... Sr. D. Luiz, que esta menina, esta bella e gentil senhora fosse do sangue do seu bemfeitor, do seu amigo, do que lhe salvou a vida, do que tem arrostado perigos e terrores para o defender?

Simões—Padre, que está a dizer? Padre Ignacio, por quem é...

Ignacio (*Com severidade.*)—Cale-se, Simões, e não me interrompa. Que sabeis vós o que dizeis, Simões, ou que entendeis vós do que eu digo? (*Para D. Luiz.*) Custava-lhe isso mais, Sr. D. Luiz de Tavora, do que achar n'ella o sangue do seu implacavel inimigo, do verdugo dos seus! ..

Luiz—D. Marianna, D. Marianna, pois não me disse agora, não acaba de me dizer que não é?...

Marianna—Que não sou sobrinha de Manuel Simões.

Luiz—Ai! não era d'esse que eu falava, que com tanta anciedade lhe perguntei. Bem sabia já que não, bem o sentia. Oh! do outro, do outro é que eu pergunto, do outro...

Ignacio—Esta senhora, D. Luiz, a Sr.ª D. Marianna de Mello, é sobrinha de Sebastião José de Carvalho e Mello, conde de Oeiras, marquez de Pombal.

Luiz—Meu Deus, meu Deus! (*Silencio geral.*)

Zephirino—Ai! e eu! que pateta que eu sou! O que eu disse esta manhan ao Sr. marquez!... Olha se elle não cae tam depressa, o que seria de mim! entaipado pelo menos, entaipado o pobre do Zephirino! Sr. patrão, Sr. patrão, viva a nossa rainha! abaixo o marquez de Pombal!

Simões—Cala-te, pateta.

Zephirino—Pois se elle já lá vae, agora póde a gente...

Simões—Que sabes tu de quem lá vae ou de quem lá torna?

Ignacio—Simões, deixe o rapaz. Grita, rapaz, grita, que já temos liberdade...

Zephirino (*A'parte a Zé-Braga.*)—Liberdade! não lh'a quero a sua liberdade. Já não tenho vontade de gritar O marquez era um grande marquez por fim, homem que fazia muito pela nação Eu é que me não fio n'estes Jesuitas. Vae-te, vae-te, Jesuita, deixa que... hasde ficar logrado, porfim, eu t'o prometto, com tudo isso...

Zé-Braga (*A'parte a Zephirino.*)—Tu és tolo, Zephirino, mas a modos que num és pateta de todo.

Marianna (*Que tem estado pensativa e sem vêr nada do que se passa*)—Sr. D. Luiz de Tavora, agora sei que este é o seu nome, e nunca o tinha ouvido antes. Deus me é testemunha. Não o sabia em Aveiro quando o vi a primeira vez, não o sabia hoje

quando nos encontrámos em casa do nosso supposto tio.—Agora me explico, agora comprehendo o invisivel e invencivel podêr que nos separava, quando os nossos tam cegos sentimentos pareciam querer unir-nos. Fatal, funesta sympathia que se tinha apoderado de nossos corações... porque nos não conheciamos! Nenhum de nós sabia quem era o outro; e desde que o sabemos... tudo está dito... Que mais póde haver entre nós?... Ou o soubessem ou o ignorassem (*Olhando significativamente para o padre Ignacio*) os que decidiam de nossos destinos, vejo, conheço tambem agora... vejo que, uns de boa, outros de má fé, tinham determinado unir-nos. Laço impossivel, união abominavel, D. Luiz! não é verdade? Este sacrificio que lhe exigiam, e de que a liberdade, a vida de seu pae era o preço, creia, D. Luiz, acredite-me que lh'o mereço—não teria nunca o meu consentimento... Oh! jámais. Que o não teve, bem vê. Eu sabia que me casavam com uma pessoa desconhecida, com um homem que eu suppunha não ter visto nunca, um homem que eu sentia que não havia de amar nunca, oh! nunca, nunca... porque o meu coração...

Luiz—Marianna! oh Marianna!

Marianna—Basta.—Esse perigo passou, estamos livres ambos. Meu tio, meu tio verdadeiro, esse ministro tam detestado... esse homem caiu; e seu pae já não precisa do sacrificio D. Luiz, eu volto para o meu convento... e volto mais feliz do que...

Luiz—Do quê, Marianna?

Marianna--Do que se chegasse a ser espôsa de um homem que me detesta... que tam profundamente me aborrece.

Luiz--Eu! Ah! eu? Pois assim se esquece?...

Marianna—Não me esqueço de nada. Oh! quem podera esquecer! Sei que em Aveiro, sei que no meu convento, ignorando quem eu era...

Luiz--Amei com todas as forças da minha alma; com uma adoração que me fez esquecer ..

Marianna--Tudo, menos a supposta baixeza do meu nascimento quando me julgou a sobrinha do seu bemfeitor.

Luiz—Oh! D. Marianna.

Marianna—Tudo, menos o odioso do meu sangue quando me soube parente do homem que abomina. Já vê, D. Luiz, que se enganou: é um pobre sentimento, uma debil affeição, a que não resiste nem á vaidade nem ao odio!

Luiz—Ah! se soubesse...

Marianna--Sei que esse homem tam detestado póde ser tudo menos infame, que tudo será, menos máo portuguez, que é ..

Luiz--Que é um grande homem, D. Marianna! E que sou eu, eu que o confesso, eu a quem a sua grandeza tanto sangue e tantas lagrimas tem custado.

Ignacio--D. Luiz, D. Luiz de Tavora!

Luiz--Sou Luiz de Tavora, sou, e bem sei as obrigações que nos impõe o meu nome.

Simões (*Ajoelhando e beijando-lhe a mão*)--E' o meu amo, o filho do meu bom amo. Oh meu senhor, isso é que é ser cavalheiro, ser fidalgo devéras. Ah! se todos fossem assim!

Luiz--Deixa-me, Simões; sou Luiz de Tavora, mas não sou... (*Ouve-se ruido dentro.*)

Simões (*A'parte*)--O marquez! Acudamos a isto depressa.

Luiz--Mas não sou, não...

SCENA VI

MARQUEZ, LUIZ, MARIANNA, PADRE IGNACIO, ZEPHIRINO, SECRETARIO

Marquez—Mas não é Jesuita. Pelo menos não tem o quarto voto. Professe, professe, e verá que o Evangelho é uma chimera, o temor de Deus um sonho, que é licito mentir, fingir, trahir, vender e vender-se .. Não é assim, padre Ignacio? tudo é licito, menos perdoar as injurias, menos ser fiel ás suas promessas. Sr. D. Luiz de... Sr. D. Luiz, eu tenho estado áquella porta, ha alguns minutos e ouvi tudo.—Seu pae estava livre, livre por minha propria e espontanea vontade. O preço que eu parecia exigir, não era para mim, D. Luiz; era para a tranquillidade d'esta terra que é nossa, de nós todos. Ai! quantas acções parecem más, quantas motivadas por vís interesses, e que têm origem nos mais nobres sentimentos! Mas oh! é muito tarde já... ou antes, é muito cedo ainda para eu me justificar. O meu poder acabou, ou como se acabasse está; o nosso contracto de sua natureza se rompeu. Não me queira mal pelas tenções que tive. Assás motivos tem de me detestar, D. Luiz--para desprezar-me, nenhum—e ninguem os tem, bemdito seja Deus! ninguem, não. Concebi este projecto quando fui informado da sua inclinação para Marianna, informado por este amigo... o nosso padre Ignacio...

Ignacio--Eu disse... eu julguei... eu não queria senão...

Marquez--Não sei o que vossa paternidade queria—mortificar-me talvez, ter-me na sua dependencia: que sei eu! Por mim, o meu principal desejo era acabar com estes odios fataes, esquecer estas funestas severidades que a dureza dos tempos...

Ignacio--A dureza d'esse coração, marquez de Pombal, a maldita crueldade d'essa alma, Sebastião José de Carvalho!—Quem hade esquecer...

Luiz—Padre Ignacio, eu estou aqui; e sou eu...

Marquez—Deixe-o, deixe-o dizer...

Luiz—Não deixo, não soffro... Eu que sou...

Ignacio—Que sou o quê, D. Luiz? O sobrinho, o filho de alguns imbecis que esse homem estrangulou sobre o patibulo? O que é isso, o que significa isso? Quem lhe diz que esse homem não fez... que não tinha direito, que não tinha razão, que não tinha obrigação talvez de o fazer?

Luiz--Ah!

Marquez--Com effeito! E então?

Ignacio—Sim... talvez: não sei. Perdôe-lhe se quer, perdôe lhe se póde. Que me importa a mim, que importa a Deus e ao mundo? Mas a fé de Christo que esse homem perseguiu, a Companhia de Jesus que elle destruiu, a Egreja catholica que não póde sustentar-se sem ella?... d'esse attentado monstruoso nem Deus nem os homens podem absolvel-o; por esse a maldição eterna cahirá sobre o impio.

Marquez--Se deixassemos essa bella tirada para outra vez, padre Ignacio? Para quando concluissemos aquelles ajustes começados esta manhã?

Ignacio--Sr. marquez .. eu ..

Marquez--Sr. padre Ignacio, eu ainda sou ministro de S. M., e vossa reverendissima ainda não é provincial da Companhia—nem Deus tal permittirá—porque eu posso cahir, padre; (*A'parte*) e cahido estou! (*Alto*) mas a Companhia não se levanta.—D. Luiz...

Ignacio--D. Luiz, vamos d'aqui, vamos, senhor, deixemos...

Luiz--Eu não deixo meu pae, não saio d'aqui agora, senhor.

Ignacio (*Sahindo*)—Bem, sr. D. Luiz, muito bem!

SCENA VII

MARQUEZ, LUIZ, MARIANNA, ZEPHIRINO, SECRETARIO, POVO (*fóra*); *depois* ZÉ BRAGA

Povo—Soltem-se os presos! viva a rainha! abaixo o marquez!

Marquez--Sr. secretario, que não façam mal ao po-

vo, mas que o contenham! Dê ordem aos meus dragões que ahi estão. Oh! veja que gente é essa que grita. E' a mesma de ainda agora?

Secretario (*depois de ir vêr*)—E' a mesma, senhor. Rapazes pela maior parte, e gente de pouco.

Marquez—Convidem da minha parte o cabecilha, o chefe d'essa gente, a vir-me falar. Um tribuno do povo deve ter animo para encarar face a face o tyranno! Quero ouvir, quero entender bem essas queixas do povo de Lisboa contra mim: hão de ser curiosos os capitulos. Venha, venha o coice do asno.

Zé Braga (*de fóra*)—Deixem-me, soltem-me; eu sei ir por meu pé. Sim, senhor; conheço muito vem o marquez; num n'o habéra de conhecer? Quem, eu! Cuidam que eu que sou Zephirino? num lhe tenho medo, num senhor, nenja eu.

Zephirino—Que rapaz, que Zé Braga este!

SCENA VIII

MARQUEZ, LUIZ, MARIANNA, ZEPHIRINO, ZÉ BRAGA *conduzido por* SECRETARIO E DRAGÕES

Zé Braga—Está aqui o sor marquez? Pois sim senhor: eu lhe direi tudo o que tenho que dizer. E hade oibil-as voas. Deixem-me.

Marquez—Soltem o rapaz, o meu amigo Zé Braga. Não é este o seu nome, Zephirino!

Zephirino—Saberá v. ex.ª...

Zé Braga—Ai! o Zephirino aqui tamvem!

Marquez—Ora venha o sr. Zé Braga, venha em nome do povo de Lisboa, e diga de sua justiça, que aqui estamos para o ouvir.

Luiz (*A'parte*)—Que animo de homem, que admiravel sangue frio! Oh! porque havia de este homem ser meu inimigo. Oh meu pae!—D. Marianna?

Marianna—Sr. D. Luiz?

Luiz—Se nos não tornarmos a vêr...

Marianna—Adeus, D Luiz!

Luiz—Oh! E' impossivel isto, impossivel! ..

SCENA IX

MARQUEZ, MARIANNA, ZEPHIRINO, ZÉ BRAGA, SECRETARIO

Marquez—Com que então, até o meu amigo Zé Braga se declarou contra mim?

Zé Braga—De sorte qu'eu, sor marquez, eu... não era pelo tanto... E' que lá os rapazes da Vaixa, bista a coisa estar feita... sim.. de estar tudo já com'aquella... com'a quem diz... emfim que elrei nosso senhor que estaba ido, e que o sr. marquez já num intaipaba a chente—dixeram elles: «Bamos então lá, e bá tudo com ceiscentos demonios! E' o que elles diciam. E d'ahi quiceram deitar fogo a nossa cassa, não mais senão só por ser a chente—cá o patrão—compadre do sor marquez. E eu sempre lhe digo, quando tal bi, quizme ir a elles. Mas a tia Monica que não, que não, que os lebasse por vem. Que lhe hoibera de eu fazer! Fui-me de por bem com elles, porque nos não queimassem a cassa e tanto panno fino que lá temos e tudo aquillo. D'ahi ó despois...

Marquez—Depois?

Zé Braga—O' despois, a berdade, berdade, é que entrou a chente a gritar, a correr as ruas—e tomei-lhe gosto á cousa. E' que elle é vom, vom debéras. Lá isso é! nem rondas, nem patrulhas, nem corregidor, nem juiz do crime; e a chente senhora das ruas. Biba este, morra aquelle! E' com'a quem diz...

Zephirino—Ah Zé Braga, Zé Braga, que nos cobriste de vergonha para sempre!

Zé Braga—Tamvem tu! Pois elle é o que faltaiba. Ora isto, o alfacinha!

Zephirino—Ah boiças, boiças!

Marquez—Basta! (*Aparte*) E d'isto quiz eu fazer gente! (*Alto*) Marianna, minha querida sobrinha, perdôa-me. E vamos d'aqui, filha. Em má hora me lembrei de te tirar o socego do teu convento. Quiz-te engrandecer, cuidei fazer-te feliz, e não consegui senão envolver-te na minha ruina! Vamos, filha, vem apprender como se deixam as honras e as grandezas, e como na desgraça se póde ser grande, muito maior que na felicidade.—D. Luiz! (*Não o vendo*) Onde está D. Luiz!

Marianna—Senhor, elle..

Marquez—Ah! assim devia ser. Elles têm razão, filha. E ainda foi generoso este. Verás os outros—já os estás vendo—os que me devem tudo quanto são, a quem eu nunca fiz senão favores, que os tirei do nada... vêl-os-has.—Oh! e Manuel Simões tambem aqui? Bem.—Marianna, vamos. Sr. secretario, as ordens da rainha, minha senhora, que se cumpram; todos os presos d'Estado estão livres. Começa a tremenda reacção: como acabará ella? Se eu fui talvez mais longe do que a justiça e a razão pedia?... Póde ser.—Vamos, Marianna. Mas tu estás triste, filha? Pobre menina! vieste assistir a este grande naufragio, vêr a ruina dos teus, e quem sabe? tomar tambem parte—ai! temo que muito grande parte n'ella... porque tu... não era possivel... oh! que fiz eu! é certo, é certo, bem o vejo... tu tinhas-lhe muita affeição, Marianna?

Marianna—Tinha, meu tio; e não sei se tenho ainda. Mas creia, senhor, que a filha de sua irmã não hade envergonhar, nem desmentir a fortaleza d'essa alma que hoje se mostra maior que nunca. Ninguem sabe ainda que estou em Lisboa: voltarei sem que o saibam. Esta boa gente não falará; e os seus inimigos não hão de ter o gôsto de se divertir com uma aventura quasi .. quasi ridicula. (*A'parte*) Oh! que me importava a mim o ridiculo, se não fosse!... (*Alto*) Por essas poucas horas que tenho de estar em Lisboa—e que já me parecem seculos—tornarei a ser sobrinha da tia Monica...

SCENA X

MARQUEZ, MARIANNA, ZEPHIRINO, ZÉ-BRAGA, SECRETARIO, MONICA, SIMÕES

Monica—Ella aqui a tia Monica. Ai! que noite esta, que noite, minha querida sobrinha! ai filha! que a tórno a vêr. Mas aonde, aonde, meu Deus! n'esta feia casa... Abrenunciol E dizer que o marquez aqui tinha presa aquella boa gente! Ai o sr. marquez aqui! Deus me perdôe! Eu não o dizia por isso, sr. marquez; mas vêr aqui a minha pobre sobrinha ..

Simões (*Baixo ao marquez*)—Sr. marquez, eu fui buscar Monica, e sei que fiz bem. A sr.ª D. Marianna póde ir com ella e tornar para aquella casa, que—V. Ex.ª bem o sabe, não póde duvidar, sr. marquez—é mais sua do que minha.

Marquez (*Apertando-lhe a mão*)—Meu Simões, perdôa-me; eu não te conhecia.

Zephirino—Oh Zé Braga, Zé Braga, ella então torna a ser sobrinha do patrão, hein?

Zé-Braga—Deixa-me, homem. Sabes tu que o nosso marquez que era um grande homem porfim?

Zephirino—Oh se era! bem grande. Mas deixal-o estar assim pequeno, que sempre a gente dorme mais socegada.

Zé Braga—Apparece-me que tu que tens razão, Zephirino.

Marquez—Pensaste bem, Simões. Assim é, e assim deve ser, meu compadre. Marianna volta com a tia Monica...

Monica—Pois com quem havia de voltar a pobre menina? Deixemos passar estes barulhos e vêr em que isto pára: depois falaremos. Oh sr. marquez, pois com esta cara quem fica sem achar casamento? Lá sem falar nos taes vinte moios de milho, que eu ainda não sei bem quanto é. Aquelle sr. Luiz aquelle sr. Luiz, que me disse uma palavra! ainda me não esqueceu: «Uma figa, tia Monica!» Uma figa a mim!

Simões (*com aspereza*)—Monica, então?

Monica—Basta, senhor do céo! basta; já não digo nada.

Marquez—E' tarde, vamos. Adeus filha, até ámanhã. Falaremos. Agora é preciso que eu appareça, que não digam os meus inimigos que o marquez de Pombal abandona o campo. Oh! o marquez de Pombal não succumbe assim, meus senhores. A lucta hade ser longa. E quem sabe? Elles não podem, elles não sabem governar isto. Este já não é o Portugal dos frades e das beatas. E o que eu semeei n'esta terra—seja elle flores ou abrolhos—já lh'o não arrancam, já o não extirpam. Oh! eu por fim sou o marquez de Pombal!... e elles o que são? Que sabe d'elles o mundo, e que hade saber a historia dos seus feitios? A historia, a historia! vaidade, orgulho dos nescios... (*Pausa*) Vamos, Marianna, não me estejas triste.

Monica—Qual triste! ella está lá triste com a sua tia Monica!

Marianna—E é, oh! é a minha querida tia Monica.

Marquez—E depois, quem sabe? nem todos hãode ser tam vis, tam...

Marianna—Ai! meu convento, ai quem me déra...

Monica—O convento! não verão? Não hade ir para o convento, não senhora; hade ficar alli na nossa rua Augusta, que é a mais divertida rua de Lisboa. Tomára que a visse n'um dia de procissão, armada de dasmascos, e que...

Simões (*Ralhando*)—Monica, Monica!

Monica—Monica! está calada a Monica. Pois vamos então.

Marquez, (*A'parte)*—Para ceder sempre é tempo: eu quero, eu posso ainda... (*Alto a Simões*) Vão, vão. Simões, eu conto comtigo. Marianna, até ámanhã.

SCENA XI

MARQUEZ, LUIZ, MARIANNA, SIMÕES, MONICA, ZEPHIRINO, ZÉ-BRAGA SECRETARIO.

Marquez—D. Luiz!

Marianna—Oh! ainda aqui estava?

Luiz—Aqui estou Que pensava de mim? Outra injustiça, oh!—Sr. marquez de Pombal, eu venho, em nome de meu pae, a cujos pés me lancei, de meu pae que foi seu inimigo e que o não é já... venho, com licença de meu pae, pedir-lhe em casamento a Sr.ª D. Marianna de Mello. E que seja esta mão, Sr. marquez (*Indo a tomar a mão de Marianna*) esta mão... (*O marquez enternecido colloca a mão de Marianna na de Luiz que a beija*) esta mão que apague emfim a derradeira memoria de tantas... de tantas desgraças!

Marquez—Ah! D. Luiz! eu não soube, não soube fazer nem amigos nem inimigos.

Zephirino—Que te dizia eu, Zé-Braga? Eu bem t'o dizia, que elle que era um, mas que eu que bem sabia que elle que era outro.

Zé-Braga—E tu nem és nem um, nem outro, és só ametade de um.

Zephirino—Porquê?

Zé-Braga—Porque és um pedaço d'asno

Monica—Eu estou pateta. Pois elle?...

Simões (*A'parte*)—E o padre Ignacio? Que dirá elle a tudo isto? Estou lhe com medo.

Marquez—D. Luiz! Marianna! oh se podessem acabar assim as nossas discordias civis!

SCENA XII

MARQUEZ, LUIZ, MARIANNA, SIMÕES, MONICA, ZEPHIRINO, ZÉ-BRAGA, SECRETARIO, PADRE IGNACIO

Ignacio—Não acabam, não, marquez de Pombal, porque n'esse coração, porque em nenhum coração d'esses hade morrer nunca a ambição.

Luiz—Oh padre, aqui n'este... (*Apontando para o coração*)

Ignacio—N'esse ainda ella não nasceu. Veremos com o tempo.

Luiz—Eu não vejo, eu nunca heide ver senão a ti, Marianna.

Ignacio—Por'ora.

Luiz—Para sempre!

Marquez—Que Deus o oiça, D. Luiz, e lhe não dê nunca a provar o que eu sei.

Ignacio—E eu.

Marquez—Oh padre, padre!... Vamos: a sua mão (*Dão-se a mão.*) De amigo?

Ignacio—Veremos... E a Companhia?

Marquez (*Soltando a mão do padre.*)—Jámais!

Ignacio—Pois guerra!

Marquez—Sim.

Ignacio—Até á morte!

Marquez—Seja. Eu cahirei, mas...

Ignacio—Hade cahir.

Marquez—Mas os Jesuitas não se levantam.

Ignacio—Veremos.

FIM DO PRIMEIRO VOLUME

INDICE GERAL

INDICE GERAL

DAS

OBRAS CONTIDAS N'ESTE VOLUME

SECÇÃO I — POESIA

PARTE I—PERIODO ARCADICO: RETRATO DE VENUS (POEMA) —HISTORIA DA PINTURA—FRAGMENTOS DE POEMAS INEDITOS – LYRICA: PRIMEIROS VERSOS: LYRICA DE JOÃO MINIMO — FABULAS E CONTOS — ODES ANACREONTICAS

RETRATO DE VENUS

ENSAIO SOBRE A HISTORIA DA PINTURA

FRAGMENTOS DE POEMAS INEDITOS

LYRICA

PARTE II — PERIODO ROMANTICO: FLORES SEM FRUCTO — FOLHAS CAHIDAS — Poemas: CAMÕES — D. BRANCA — ADOZINDA

Romances reconstruidos (BALLADAS)

FLORES SEM FRUCTO

FOLHAS CAHIDAS

CAMÕES

DONA BRANCA

ADOZINDA

ROMANCES RECONSTRUIDOS

ROMANCEIRO

SECÇÃO II — THEATRO

(PROSA E VERSO)

PARTE I — PERIODO ARCADICO: CATÃO — MEROPE — IMPROMPTU DE CINTRA — CORCUNDA POR AMOR

CATÃO

MEROPE

IMPROMPTU DE CINTRA

CORCUNDA POR AMOR

PARTE II — PERIODO ROMANTICO: UM AUTO DE GIL VICENTE — PHILIPPA DE VILHENA. — ALFAGEME DE SANTAREM. — TIO SIMPLICIO FALAR VERDADE A MENTIR. — AS PROPHECIAS DO BANDARRA — UM NOIVADO NO DAFUNDO. — O CAMÕES DO ROCIO (Collaboração)

UM AUTO DE GIL-VICENTE

PHILIPPA DE VILHENA

ALFAGEME DE SANTAREM

TIO SIMPLICIO

FALAR VERDADE A MENTIR

AS PROPHECIAS DO BANDARRA

O NOIVADO NO DAFUNDO

O CAMÕES DO ROCIO

PARTE III — PERIODO UNIVERSALISTA: FREI LUIZ DE SOUSA — A SOBRINHA DO MARQUEZ

FREI LUIZ DE SOUSA

A SOBRINHA DO MARQUEZ